







2^o Volume
Anno de 1886

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 3 DE JANEIRO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 53.

REDACÇÃO E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, N. 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

SUMMARIO

Expediente.....	
Leia-se.....	A EMPREZA.
Historia dos sete dias.....	V. MAGALHÃES.
O nosso 1 ^o anniversario..	
O inimigo.....	L. DE MENDONÇA.
Carta á minha filha.....	G. JUNQUEIRO
A arte (Canção sem metro)...	RAUL POMPEIA.
Vendo-a passar.....	LUIZ MURAT.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Queda do Sapho.....	A. MENDES.
Bolos.....	C. FERULA.
Fervet a nor.....	H. DE MAGALHÃES.
A vida elegante.....	LORNON.
Os Diabretes de D. Anna.	LUIZ DELFINO.
Theatros.....	P. TALMA.
Parnaso alegre.....	M. HENRIQU.
Receitas culinarias.....	CABRION.
Factos e noticias.....	
Correio.....	
Recebemos.....	

EXPEDIENTE

GERENTE

F. D'ALMEIDA

SECRETARIO DA RED.

ARTHUR MENDES

ASSIGNATURAS

CÔRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

Com o proximo numero distribuiremos aos Srs. assignantes do anno pasado um indice alphabetico das materias contidas no primeiro volume d' *A Semana* e uma folha de frontispicio.

Por esta forma, encadernados os 52 numeros do primeiro anno da nossa folha, ter-se-á um bello volume, de commodo e elegante formato e de facil consulta.

Aos Srs. assignantes em atrazo que até o fim d'este mez não satisfizerem a importancia de suas assignaturas, será irremissivelmente suspensa a remessa da folha.

Os senhores que tomarem uma assignatura d' *A Semana* por todo o proximo anno de 1886 terão direito a um dos seguintes premios, á sua escolha:

VINTE CONTOS, por VALENTIM MAGALHÃES.

—Este livro, que se está imprimindo nas officinas d' *A Semana*, foi expressamente feito para ser distribuido como premio aos assignantes d'esta folha. Conterá mais de duzentas paginas em superior papel, com uma capa de fantasia.

NÃO SERÁ POSTO Á VENDA.

Assim, os que tomarem uma assignatura d' *A Semana* por um anno, e sómente esses, terão direito a um exemplar d'essa obra, que, a ser vendida não o seria por menos de 3\$000, o volume.

AURORAS, versos, por Alfredo de Souza; encadernação de luxo.

A CAVEIRA DA MARTYR, celebre romance de Camillo Castello Branco, em 3 volumes.

MARGARITAS, poesias da distincta poetisa D. Adelina Amelia Lopes Vieira; um bello volume.

Aos senhores assignantes de seis mezes daremos como premio UMA MUSICA, inedita, especial e expressamente composta para esse fim; QUATRO POEMAS, por Luiz Murat, um exemplar das AURORAS, brochado, ou TRÊS EM PROSA E VERSO, de A. Lopes Cardoso.

N. B.— Os senhores que assignaram *A Semana* por um anno, a terminar em Dezembro de 1885, receberão, segundo promettêmos, um exemplar dos VINTE CONTOS.

O Sr. Leonel Guerra é a unica pessoa por nós encarregada de agenciar assignaturas nas provincias.

Tem todos os poderes para representar esta folha.

LEIA-SE

Para o n. 26 d' *A Semana*, ultimo do primeiro semestre do anno passado, escrevemos o artigo abaixo transcripto que fez um verdadeiro successo e produziu magnificos resultados, chegando a ser um acontecimento digno de nota... e de notas.

Todos os nossos assignantes, ou quasi todos, satisfizeram o nosso pedido, tal o espirito que resaltava das suas palavras.

Porisso, e esperando o mesmo feliz resultado, o transcrevemos hoje, 1^o numero do segundo anno d' *A Semana*, para gaudio dos nossos leitores e goso nosso:

Aos Srs. assignantes

« Com o presente numero enviamos a cada um dos nossos assignantes um

prospecto d' *A Semana* com todas as explicações, condições de assignatura, vantagens que têm os assignantes, relação dos premios que offerecemos, etc.

Ora acontece que esse prospecto tem no verso uma LISTA DE ASSIGNATURAS. Se alguns dos nossos amáveis assignantes quizerem propôr aos seus amigos, ou mesmo ao seu amigo, que seja assignante d' *A Semana*, nós lhes protestamos a nossa gratidão eterna por seis mezes se o assignante novo for de um semestre, e por doze mezes se for de um anno.

Note-se que *A Semana* é, modestia á parte, o mais interessante e o mais espirituoso jornal de todo o Imperio, e que o preço da assignatura é tão diminuto que chega a commover a gente.

Os srs. assignantes que receberem o referido prospecto, desde que hajam inscripto os nomes dos seus amigos, terão a bondade de reenvial-o a esta redacção, pelo que lhes ficará immensamente grata

A EMPREZA.»

HISTORIA DOS SETE DIAS

O maior acontecimento da semana transacta foi o primeiro anniversario d' *A Semana*.

O maior, sim, mas para *A Semana*; retrucará o leitor ou a leitora.

Desculpem-nos, leitores amáveis, desculpem-nos, amáveis leitoras, a expansão sincera dos sentimentos que neste momento (solemne, já se vê) nos animam e estimulam a falar.

Se dissessemos o contrario, mentiriamos.

Por mais que nos interessassemos pelos factos que occuparam os sete ultimos dias: a insurreição dos escravos em S. Paulo; o aviso-circular com que o ministro da agricultura mandou tornar effectiva a liberdade concedida pela lei de 28 de Setembro (placa) aos escravos maiores de 60 annos; a séria questão do *habeas-corpus* aos recrutados de Ilhéos; a especulação cada vez mais escandalosa e crescente dos alugueis de criados; o caso tragico do vapor *La France*; a invenção de uma nova espingarda pelo Sr. Chuchú, da Bahia; a nova e tremenda fornada de médicos, e outros casos importantes da semana finda; por mais que nos esforcássemos por achar esses acontecimentos interessantissimos não houve meio: acima de todos e de tudo—*super omnia!*—pareceu-nos e appareceu-nos—o anniversario d' *A Semana*.

Haverá, porém, desalmado que nos condemne por esse facto á execração dos seculos vindouros e á excommunição maior do Vaticanozinho cá da travessa, em que pontifica S. Sanctidade Miguel Um e se professa a sancta religião do Altruismo?

E' provavel, mas não cremos.

Afinal, por mais *miguelemista* que um homem seja e por mais preparadinho

para ir, d'aqui a algumas duzias de annos, adornar o calendario na qualidade de sancto-martyr, é impossivel amar o proximo mais do que a nós mesmos. Nem tanto exigem os mandamentos da lei de Deus. Ora se estes apenas mandam que o amemos *tanto como a nós mesmos*, não é cousa para arripiar epidermes de santarrões lembrar-nos mais de nós do que do proximo, pois que por mais proximo que de nós seja o Proximo, nós, mais do que o Proximo, sempre estaremos mais proximos de nós mesmos.

Não receiamos que nos reduzam á pouco appetitosa posição de Santo Estevam por tão bradante peccado.

E se não, que nos atire o primeiro parallelipêdo quem, na intima franqueza da sua consciencia, não tiver a pesarlhe sobre ella—o mesmo horripilante peccado.

Foi, portanto, o primeiro anniversario d'esta folha o principal acontecimento dos sete dias historiandos.

Eu não sei mas desconho que todo o Brazil, desde o Amazonas ao Prata—inclusive a ilha das Cobras e outras adjacentes—esteja neste instante boquiaberto em desmandibulado pasmo, deante d'este phenomenal e nunca sonhado successo:—uma folha que não é nem mercantil nem pornographica, que não explora a rua do Mercado nem o becco do Fisco, uma folha que desde o seu primeiro vagido teve a impudentissima ousadia de ser litteraria (*litteraria, ô bacalhoeiros!*), uma tal folha conseguiu...

— O que? Não morrer logo que acabou de nascer?

— Peior, meu caro commendador; conseguiu, depois de ter vivido um anno folgadoamente, como o villão em casa do sogro, apresentar-se com vontade e forças para continuar a viver por ahí alem, um *ror* d'annos!

Tem razão o meu caro Brazil em se escancarar formidavelmente em exclamativas de assombro.

O facto é mais do que excepcional: é unico!

Eu, palavra d'honra! sou o primeiro a lamentar que se elle tivesse realisado; e lamento-o porque nem de leve desejaria desagradar ao café, ás cebolas, aos algodões, ao toucinho, aos queijos e aos vinhos do Porto desta heroica e leal cidade essencialmente litteratophoba.

Que me perdõem todos esses meus alimenticios amigos; mas que lhe havemos nós de fazer—eu e os meus queridos companheiros d'*A Semana*?

Nós estamos todos consternados, cebolas; acredite-nos.

O Filinto d'Almeida, então—coitado!—não lhe deixando os assignantes tempo bastante para chorar o « caso triste »—acaba de alugar o chafariz do Lagarto para chorar por elle.

Infelizmente, nesta quadra de choradeira cá dentro e de seccuras lá fóra, só elle, o chafariz do Lagarto, não pôde chorar porque, como a pobre filha do Sertorius, na *Dalila*, só elle não tem lagrymas!

Resignae-vos, cebolas; consolae-vos, batatas! Nem só de vós e de pão vive o homem!

Já expuzemos, em nosso numero passado, as causas desta *desgraça* que exaspera e entisica de pura raiva quanto juravam a morte da nossa folha porque ella, em vez dos preços da « carne de primeira » e da « farinha de segunda », dava unicamente a cotação intellectual dos talentos da moderna geração litteraria, offerecendo magnificas amostras da *fazenda*—em critica litteraria e artistica, contos, poesias, pilhérias, aneddotas e outros *artigos* em prosa e verso.

Dispensando-nos, pois, de mais uma vez explicar as causas do *milagre*, contentamo-nos com verificá-lo.

Hoje, que entramos victoriosamente em nosso segundo anno, abrandamos a rigorosa recommendação que fizemos aos nossos companheiros de trabalho e que consistia em não dizer nem escrever nunca que *A Semana* era e é uma folha litteraria.

Este adjectivo tem o poder de exercer sobre o nosso publico o mesmo effeito da cruz sobre o diabo.

Calando-o, o publico, iria como de facto o foi—habituaudo-se, afeiçãoando-se á folha, sem presentir, muito longe de desconfiar que era *litteratura* o que ella lhe dava todos os sabbados a ler... Porque o que assustava, o que repugnava, o que indispunha não era o *genero*, era o *nome*:—*litteraria*, folha *litteraria*, que horror!

Hoje, porém, já que se commetteram indiscrições e pois que o publico se convenceu de que a *litteratura* não é diabo tão feio como o pintam os commendadores, actuaes e futuros, já se pode *lâcher le mot*, soltar aos quatro ventos a fatidica palavra.

Será difficil prejudicar-nos d'ora avante.

Mas, agora reparamos: só nos restam tres tiras a encher e dos acontecimentos da semana apenas tratamos do mais importante.

Emendamos a mão, agradecendo, mais uma vez—não a ultima—a todos quantos bondosamente animaram e auxiliaram a nossa modesta folha, e com especialidade aos illustrados collegas da capital e das provincias, aos quaes devemos em grande parte a aceitação e a sympathia que de todos os lados temos recebido; aceitação e sympathia que *A Semana* espera continuar a merecer.

Falemos agora do *segundo* acontecimento da semana: a morte do 1885.

Todo o anno novo é forçosamente *bom*—porque é *novo*, e a esperança—consoladora filha do céu!—faz-nos crer que o que ha de vir será melhor que o que já foi.

Saudemos, pois o recém-nascido como um portador celestial de venturas, como o mais risonho dos annos. E elle que se vá regalando com as festinhas e tagatês com que o recebem no berço, pois que, á proporção que se for adiantando em dias, elles lião de ir-se transformando em maldições e descomposturas.

Rosado, ingenuo e adorado anno novo, tu que, ao nascer viste as barbas do teu *papá* a arder, atufando-se na voragem do Tempo, põe o teu queixinho imberbe de molho, e trata de desmentir o proverbio—*Tal pae tal filho*. Esforça-te por ser amavel e bondoso.

Não nos tragas a febre amarella, nem deputados eguaes aos que nos deu teu pae; revoga a vergonhosa 28—*placa*—, substituindo por lei de homens essa lei de cães de caça; dá juizo á Camara Municipal, compensando em criterio o que lhe sobra em vaidade; não repitas a gracinha da *preferencia*, poupando-nos o spectaculo de homens que se cançam de dar dinheiro a vereadores para terem direito á matança de gado; faze-nos esquecer o escandalo do Quixadá, a vergonha do encalhe do *Almirante Barroso* e a boia evadida; varre-nos a cidade dos *Guayamús*, dos *Nagóas*, dos *Secretas* e mais bandos de capoeiras; inspira ao Sr. desembargador chefe de policia um pouco mais de piedade pelos desgraçados escravos e um pouco menos de amor pela navalha; dá juizo ao Dr. Luiz Escaravêlo e um pente fino á *Musa do Povo*;

extermina as agencias de alugar criados, as loterias e as carroças mecanicas de varrer as ruas empocirando os pulmões; resolve sem *casus belli* o desastroso incidente do *La France*; faze que o *habeas-corpus* não mais sirva para legalizar illegalidades; dá-nos pouco calor, muito dinheiro e muitissimos assignantes á *Semana*.

Amen!

VALENTIM MAGALHÃES.

O nosso primeiro anniversario

Gratos á gentileza e ao favor com que varios collegas se dignaram de noticiar o nosso primeiro anniversario, transcrevemos as palavras com que o fizeram, protestando-lhes o nosso reconhecimento.

« A SEMANA »

Publicou hontem o seu 52º numero, ultimo do primeiro anno de sua existencia.

Em longo artigo faz *A Semana* o historico do seu primeiro anno de vida contando-nos interessantes particularidades acerca das suas primeiras difficuldades e dos triumphos que tem alcançado sobre a habitual indifferença do nosso publico para com cousas de arte e litteratura.

E' realmente admiravel, é quasi *milagrosa* a victoria d'*A Semana*.

Agora que o Rubicon está transposto, que o já importante hebdomadario entrou um pouco nos habitos do publico, é licito augurar-lhe facil e ampla estrada de felicidades, coberta de rosas.

Parabens á *Semana* e especialmente ao seu director e proprietario, o nosso collega dr. Valentim Magalhães. Do n. 52, cujo summario transcrevemos em seguida, recommendamos os bellos versos e artigos dedicados ao Natal e ás crianças.

(Da Gazeta de Noticias.)

O n. 52 d'*A Semana* vem, como sempre, escripto de modo a fornecer uma leitura amena, interessante e variada.

O mesmo numero nos annuncia a entrada do collega no 2º anno de sua existencia, o que para nós é um prazer e para os redactores daquelle jornal facto de bastante alcance, que lhes indica que o publico tem sabido reconhecer o merecimento de que é possuidora *A Semana*.

Nossas felicitações, e agradecidos pelo exemplar que recebemos.

(Da Gazeta da Tarde.)

Distribuiu-se hontem o n. 52 do apreciavel semanario, tão habilmente redigido e dirigido por Valentim Magalhães.

Com elle completou a *Semana* um anno de existencia próspera e feliz, graças ao modo por que soube impor-se ao indifferentismo existente entre nós pelas publicações litterarias do genero desta e pelos esforços do seu principal director, alliados á boa vontade dos seus companheiros de cruzada.

Damos parabens a Valentim Magalhães e ás crianças que tiveram como festas o n. 52 da *Semana*, repleto de contos e poesias referentes ao dia de Natal.

Que a *Semana* continue a prosperar proporcionando-nos ensejo para, de anno em anno repetirmos-lhe as nossas saudações.

(Do Diario de Noticias.)

Eloy, o heróe, o espirituoso e estimado escriptor do *De Palanque*, do *Diario de Noticias*, no engraçadissimo retrospecto em verso do defuncto anno de 1885, teve a bondade de nos contemplar tambem, nos seguintes chistosos versos:

« *Appareceu A Semana*
E olha o mundo a se espantar
Quando em Pantana
Não a vio dar.
Toca a *Semana* a rebate,
E o mundo inteiro lhe diz
Que o melhor vate
D'este paiz
Foi a gloria de Caxias,
A gloria do Maranhão:
Gonçalves Dias...
Pudera não!
Que eu saiba, ninguém contesta
Que elle é o poeta mellhor;
Mas saber resta
Qual o peor.
P'ra que os dois vultos eu case,
Bom e mau, grande e ratão,
Semana, faze
Nova eleição!
Antes que m'o notem, noto
Que, se a eleição tem logar,
Eu muito voto
Devo apanhar... »

O *Diario Mercantil*, de S. Paulo, honrou-nos e confundiu-nos com o seguinte artigo, cujas amistosissimas palavras agradecemos, sinceramente reconhecidos:

NOTAS DIARIAS

Ha um anno que um rapaz, cujo talento e illustração só podem ser comparados á sua actividade á elevada consciencia com que fez da penna de escriptor publico uma força impulsora do nosso desenvolvimento intellectual, acordou uma manhã decidido a publicar, na Corte, um periodico exclusivamente destinado a estimular e educar o gosto litterario e artistico d'este paiz sem arte nem litteratura.

Ao certo o primeiro a quem elle expoz o seu projecto duvidou do exito da temeraria tentativa, e o melhor dos seus argumentos para dissuadi-lo de uma tal empresa foi encontrado na historia de todos os periodicos creados com semelhantes intuitos, historia triste e desoladora, onde, da primeira á ultima pagina, deparam-se esforços de egual natureza, esmorecidos, annullados, mortos pela indifferença desdenhosa com que foram accollidos.

Outro qualquer, que não aquelle rapaz audacioso, teria desanimado e dado de mão á idéa combatida por tão solidos arrasoados.

Elle não. Incredulo como S. Thomé, quiz vér com os proprios olhos e sentir com a propria alma de que forma e de que genero eram os perigos que salteavam os periodicos litterarios, transformando-lhes os primeiros vagidos em suspiros derradeiros...

Abençoada teima!

Se não fora ella, Valentim Magalhães não seria o festejado proprietario e director d'*A Semana* e nem nós teriamos n'essa esplendida revista o unico brilhantissimo escriptor da critica, da arte e da litteratura nacional.

Ao joven e laborioso escriptor deve o paiz a gloria de possuir uma publicação por onde pôde avaliar-se o seu movimento e progresso nas letras e nas artes.

Redigida com a maxima intelligencia e admiravel criterio, *A Semana* ha sabido manter-se na altura do elevado conceito em que é tido o seu director, uma das mais vigorosas e salientes phy-

sionomias da moderna geração de escriptores brasileiros.

Por si e pelo concurso dos delicados talentos que lhe prestam a sua valiosa e assidua collaboração, Valentim Magalhães conseguiu fazer dessa folha uma publicação interessantissima, merecedora de ser procurada e lida por todos os que presam os primorosos productos do espirito.

A despeito disso, entretanto, muitas e poderosas foram as difficuldades com que luctou *A Semana* para se conservar no seu posto de honra.

Mas que soube-as desviar do seu caminho e que ha de afinal vencel-as, dil-o eloquentemente o facto de atravessar incolume e altiva o primeiro anno, o temeroso Rubicon das emprezas jornalisticas, dilatado periodo a que jamais conseguiu attingir nenhum dos periodicos litterarios que, antes della, tentaram captar os favores do publico.

Commemorando o seu anniversario, a sympathica redacção d'*A Semana* assignala a circumstancia de que ás provincias deve o melhor agasalho que recebeu...

Não nos sorpreheende isto.

Por mais philauciosa que seja a pretensão da corte, dando-se os fóros de centro luminoso das artes e da litteratura nacionaes,—é incontestavel que melhor do que ali cultivam-se e florescem aquellas duas forças do espirito embevecido na contemplação do Ideal...

E a prova está no desamor com que ella tractou a sua excellente revista litteraria, ao passo que as provincias receberam-na de braços abertos, como a uma adoravel representante do que as boas letras encerram de admiravel.

Ignoramos como este nosso S. Paulo se está portando na hospitalidade offercida pelas suas irmãs á magnifica folha de Valentim Magalhães.

Seria pasmoso que a esta terra, a que muita gente chama—*Athenas brasileira*, não coubesse o maior quinhão nos gentis agradecimentos fidalgamente dispensados pela redacção d'*A Semana* aquelles que bem e dignamente a acollheram.

O *Diario Mercantil* saúda Valentim Magalhães e o brilhante grupo dos seus collaboradores pelo primeiro anniversario de tão notavel revista litteraria e artistica.

UMA SAUDAÇÃO

Completo um anno de existencia a *Semana*, o scintillante hebdomadario, o periodico litterario mais bem feito que vê a luz entre nós.

Dous moços de talento tomaram a si sustentar um jornal assim n'uma cidade como o Rio de Janeiro onde logram incontestada importancia as letras... de cambio.

Para nós, o sustentar-se ha um anno esta folha affigura-se nos prodigio maior que a chuva de maná no deserto arido da Judéa.

Os filhos de Israel precisavam de pão e tiveram-no; a corte, que pouco se dá a letras, além das já mencionadas, tem superior maná espirital sem fome d'espirito!

Curioso e raro!

Mas tambem que provas de indifferença na terra em que o capoeira é figura obrigada e em que a policia é capoeira!

Advogados, engenheiros, gente em que se suppõe algum saber e correlativa educação, ou devolviam a folha, ou não pagavam a assignatura, meio

indirecto de angariar uma boa designação de larapio!

Entre furtos e dissabores, foi a *Semana* seguindo o seu luminoso caminho, com ja collaboração mais selecta que pôde ambicionar um periodico deste genero.

Valentim Magalhães, um talentoso rapaz de cujo nome nunca nos esqueceremos como digno de sympathia e admiração, junctou-se a Filinto de Almeida, um incorrigivel bohemio fascinado pelas bellas letras que o foram arrancar ás outras de cambio.

Desta companhia resultou ser a *Semana* o que é, e a continuação da sociedade muito promette, se os advogados e engenheiros fizerem como qualquer mortal honrado—pagando o que devem.

Um leal aperto de mão aos dous e mil prosperidades á *Semana*.

(Do *Correio de Campinas*.)

Está magnifico o numero 52 da *Semana*.

A Historia dos Sete dias occupa-se com o Natal, em excellentes versos assignados por Henrique de Magalhães.

Traz um bonito conto de Julia Lopes e outros artigos firmados por varios escriptores de nota.

Com o presente numero esta interessante folha realisa o seu primeiro anniversario.

(Do *Tymburibá*, de Rezende.)

A *Semana*, n. 52, com o qual passa esta importante revista o Rubicon das publicações litterarias no Brazil: o fim do primeiro anno de existencia. Rara é a que tão longe vae. Parabens, pois.

(Do *Pharol*, de Juiz de Fora)

« A SEMANA »

Acaba de completar o seu primeiro anno de existencia o apreciado periodico litterario *A Semana*.

No curto espaço de tempo decorrido, sob a providente direcção do sr. dr. Valentim Magalhães, collaborada pelas mais dissertas pennas da nova geração, a interessante folha hebdomadaria constituiu-se um verdadeiro escriptorio de preeiosidades litterarias.

Não é necessario ter muito o saber aruspicio para antever no futuro a longa e prospera vida que ha de gozar a *Semana*.

Felicitemo-la pelo seu anniversario.

(Da *Gazeta de Campinas*.)

« A SEMANA »

Completo o 1º anno da sua existencia esta magnifica folha litteraria, dirigida por Valentim Magalhães.

E' com o maximo prazer que consignamos o facto de haver feito carreira um periodico litterario, genero exotico que até ao presente não se conseguira acclimatar no Brazil, sem impór sacrificios extraordinarios aos cultivadores.

Felizmente *A Semana* nasceu tão bem constituida que tem arrostado com as inclemencias, e já agora não perecerá de mal de nascença.

Que perdure e por largos annos, são os votos que fazemos ao enviar-lhe as nossas felicitações pelo seu 1º anniversario.

(Do *Diario de Campinas*.)

O INIMIGO

E' a maior celebridade actual : fallase mais delle que de tudo mais reunido, mais que da febre amarella e das insurreições d'escravos, mais que de Luiz Guimarães que ahí vem chegando á hora em que isto se escreve, mais que das revistas theatraes do anno que está a cahir e as quaes estão a subir—á scena.

E isto é o que principalmente me afflige, que este ignobil canalha esteja a intrometter-se em todas as conversas com a sua banalidade irritante, que provoque as maldicções dos honestos cidadãos laboriosos e os graciosos gestos arredondados, os meneios de leque, os arrufos gentis das meninas galantes. E' extraordinario e revoltante que lhe prestem a mesma attenção, que simultaneamente se preocupem com elle, a avó que dormita a um canto e a neta que deita sentimentalismo á janella, o gordo burguez que cultiva o seu volta-rete e bufa pela ausencia da espadilha — e o esbelto romantico saudoso da valsa.

Se quizessem dar-me todos a gloria da sua adhesão a esta idéa vingadora —ninguem, nunca, a nenhum pretexto que seja, referir-se ao inimigo coimmum!...

Talvez que com o despréso o vencessemos um pouco e se resolvesse a poupar-nos, um nadinha ao menos, alguns instantes por dia. E' uma idéa a aproveitar; ahí fica proposta aos meus correligionarios na religião do odio ao verdugo.—*Vermelhugo*, lhe chamaria o *Caipira*, se vivesse ainda, allegando que de verde é que elle não tem nada.

Commigo é uma perseguição maior, uma apoquentação superior a toda a paciencia possivel em organismo de gente: é desde que o triste de mim se levanta, moido de o aturar, até que se recolhe ao valle dos lenções, agitando inutilmente no ar, sobre o corpo vencido, e com fenderço ao perverso, como branca bandeira de paz, o liah mais fresco do guarda-roupa domestico.

Depois, apenas entro na circulação da cidade, sinto-o que me salta aos hombros, que me bafeja ao pescoço com o seu halito de fofalha acesa; o collarinho volta ao estado anterior de panno ensopado em gomma, e, para o poder manter com certa decencia, começa uma mudança bohemia dos meus botões—das casas do peito para a casa da parte posterior da golla da camisa, donde cahem, como gottas de suor, pelas costas e pelas pernas abaixo até se irem reunir todos—juncto aos atilhos das ceroulas: é de lá que, ao cabo de algumas horas, retiro toda a guarnição dos meus botões postiços—para reconeçarem a mesma viagem pictoresca de estrada do Corcovado ao longo do meu eu.

Ah! eu bem conhecia o rigor e a sanha deste cão! Vivi annos felizes a fazer-lhe foscas de longe, da grata frescura da roça; lá mesmo chegava-me, ao pino dalgum mau dia, a longinqua injúria do seu odio; mas passava em pouco e ia-se vivendo, iam-se adquirindo carnes para o tremendo supplicio d'agora!

Hoje estou mettido inteiro entre as garras da fera; constringe-me, abafa-me, suga-me — fogoso polvo — pelas suas cem mil boccas invisiveis, colladas por toda a extensão do misero corpo, já quasi exausto, quasi cadaver já!

E ainda tem alma para se rir da gente o Arthur Azevedo, espirito de salamandra que saltita e folga neste ambiente de inferno!

Piedade, Valentim! nem mais uma linha! contenta-te com esta seusaboria, admiravel ainda se, neste tempo, conseguisse, ao menos, ser fresca.

Ah, Calor, ah, carrasco! se continuas, daqui a nada, só acharás em mim, para derreter em suor,—os ossos.

Acho melhor—para nós ambos—que não continúes.

Rio, 30 de dezembro.

LUCIO DE MENDONÇA.

CARTA Á MINHA FILHA

Eu desejava, assucena,
Para te escrever a ti,
Que alguém me dêsse uma penna
Da aza d'um colibri,

E fosse uma cotovia
Por essa amplidão sonora
Molhar-m'a, ao romper do dia,
Na tinta fresca da aurora.

Tinta vermelha e doirada,
Com que Deus fez de improviso,
Ha seculos, a alvorada,
E ha mezes,—o teu sorriso.

Depois, quando á tarde o sol
Mergulha na immensidade,
Pediria a um rouxinol
Da minha antiga amisade,

A um rouxinol, que em junho
Vem sempre aqui, de visita,
Que me escrevesse um rascunho
D'uma carta tão bonita,

Tão mimosa e tão saudosa,
Que tu julgasses, ao lel-a,
Que era d'um anjo a uma rosa,
Que era d'um lirio a uma estrella!

Ah, como a palavra zomba
Da idéa! Désisto, amor!
E' o mocho a escrever á pomba,
E' o verme a escrever á flor.

Quizera palavras cerulas,
Com a innocencia infantil,
E o mimo doce das perolas,
E a graça tenra d'abril;

Quizera versos, harpejos,
E rimas d'ouro a cantar,
Como um trinado de beijos
N'um jasmineiro ao luar;

Quizera expressões e phrases,
D'um sentimento extra-humano,
Cheirando a orvalho, a lilazes
E a rosas de todo o anno,

Expressões d'uma innocente
Candura intacta d'arminho,
Virgens como a agua corrente
E azues como a flor do linho.

Mas não ha verso nem rima,
Nem arte alguma, Mimi,
Que do fundo d'alma exprima
O amor que eu te tenho a ti.

Pois como hei de eu encerrar
Esta saudade, esta magua
N'um vaso?... como ha de o mar
Caber n'um gotta d'agua?...

Oh, é tal esta saudade
E é já tão grande o desejo
De te ver, que, na verdade,
A toda a hora eu te vejo.

Quando no azul transparente,
Envolta em candido véu,
Assoma divinamente
A aurora—o pudor do céu,

Lembram-me essas setinosas,
Mimosas faces vermelhas,
Que dariam sangue ás rosas
E mel doirado ás abelhas.

Quando vou pelos caminhos,
Verdes como madrigaes,
E oiço o murmurio dos ninhos
Gorgeiando entre os sinceiraes,

Eu cuido que és tu, Maria,
E essa illusão não me espanta:
Um berço que balbucia
E' igual a um ninho que canta!

Se vejo (cabeça louca!)
As frescas rosas singelas,
Confundo-as com a tua bocca,
E vou-me aos beijos a ellas.

Quando passa uma criança,
Contradição singular!
Vens-me tu logo á lembrança,
E fico a rir... e a chorar.

Entre as silvas e os abrolhos
Ha myosotis de setim,
Que en julgo serem teus olhos
Que estão a olhar para mim.

Nunca de ti me separo,
Quer ande longe, quer perto:
Tu és o sol sempre claro
E eu sou o olhar sempre aberto.

Trago n'alma o teu retrato,
Filha; nunca de lá saes...
Nem ha photographo exacto
Como o coração dos paes!

Toda a minh'alma se enleva
Só n'esta recordação...
Pois como havia de eu—treva,
Não pensar em ti—clarão?!

Ah! que abençoada innocencia,
Ah! que porvir crystalino,
Vendo o azul d'essa existencia
A rir sobre o meu destino!

Em tudo quanto nos salva
De tudo o que é baixo e vil,
No horisonte—a estrella d'alva,
Nos campos—a flor d'abril,

Em tudo o que a amar convida,
Em tudo que nos seduz,
Na infancia—aurora da vida,
Na aurora—infancia da luz,

Em tudo eu vejo disperso
O teu retrato, Mimi:
Deus espalhou no Universo
O amor, e reuni-o em ti!

GUERRA JUNQUEIRO.

A ARTE

(Canção sem metro)

A V. MAGALHÃES E F. DE ALMEIDA

Qui travaille de ses mains, pense,
 parle et écrit, tout à la fois; et si,
 dans la république de l'esprit, il existe
 des places réservées pour les in-
 telligences supérieures, l'homme de
 style doit céder la place à l'homme
 d'action.

PROUDHON.

A realidade é um círculo de trevas;
 esquece-la é consolar-se.

Desvairado pelas derrotas da reali-
 dade, o espirito evade-se para a em-
 briaguez. A arte é a grande embriaguez
 do bello consolador.

Cantou com os pastores da primitiva
 Humanidade, suavizando-lhes os traba-
 lhosos dias; educou-se nas montanhas
 do Oriente e emigrou para a Europa.
 Engrandecida pela força do genio, gan-
 nhou mil formas, expandiu-se em todas
 as direcções, estrella immensa! clare-
 ando o orbe inteiro e o recesso dos
 espiritos, confortando, com o divino
 enlevo, as almas abatidas,

Semelhante ao fogo, o extase consom-
 me-se no proprio urdor. Passa a em-
 briaguez dos sentidos, passa o enthu-
 siasmo intelligente da investigação;
 ficam:—a saciedade, a descrença, a fadiga
 e a morte. Extincta a chamma, cinzas.

Os transportes do bello, não.
 A floresta das illusões, assallada pelo
 inverno, perde uma por uma todas as
 flores, todas as folhas; a arte persiste.
 Desfere ainda, em pleno extermínio das
 energias, a nota triumphal do seu en-
 thusiasmo!

Pharol immortal e culminante,
 domina impavido o naufragar das eras.
 Feliz quem pode abysmar-se no
 tempo, ao clarão deste sol!

RAUL POMPEIA.

VENDO-A PASSAR

Todo este espaço freme ao vel-a e ouvil-a,
 Porque ella tem dos astros o fulgor,
 E se eu a vejo placida e traquilla
 Arrancar uma flor,

Eu receio que a tenue flor de neve
 Inveja a alvura da mãosinha della,
 Pois em todo este céu nada ha mais leve
 Que esta pequena estrella.

Estrella sim, que timida recua
 Se a minha mão a colhe de improviso,
 Que é como a concha na onda que fluctua,
 E ama aza d'anjo pendurada a um friso.

Medrosa, inquieta, tremula, e bravia
 E' como a rola que deixou o ninho.
 N'um raio o sol a doira e acaricia
 E vêm-lhe ao encontro as flores no caminho.

E a borboleta doida por local-a
 Vai desse astro gentil seguindo a luz,
 E diz à rosa que o perfume exhal-a:
 « Quem me dera esta cruz!

Quem me dera em sua mão crucificar-me
 E com ella do céu romper as gazas,
 Deixar a prado, ás nuvens remontar-me
 Suspensa ás suas azas. »

E a rosa respondeu: « Ah! quem me dera
 Deixar pr'a sempre esta deserta alfombra,
 Eu trocaria o sol e a primavera
 E a aurora d'ouro pela sua sombra. »

E tu, vaidosa, e tu nem te voltavas
 Para dizer à borboleta, « rem. »
 Como uma deusa aos pés a flor calcavas,
 Tu que soffres tambem.

LUIZ MURAT.

Caxangá, 29 de Outubro de 1885.

SPORT

Realisaram-se no ultimo domingo as
 corridas do Hippodromo Fluminense. Foi,
 apesar do calor, muito grande a con-
 currencia, tendo sempre reinado a me-
 llhor ordem e todos os pareos tendo sido
 brilhantemente disputados.

No 1.º pareo (1,020 metros) *Vampa* foi
 o vencedor em 72 segundos, mas deveu
 a victoria a haver cahido *Nicoafi*, o que
 tambem atralhou *Druid*. O jockey de
Nicoafi ficou bastante maltratado.

No 2.º pareo, sendo muitos os animaes,
 a directoria entendeu dividil-os em
 duas turmas; na 1.ª sahio vencedor *Cri-
 chani* e na 2.ª *Barbara*, tendo sido de
 800 metros o tiro e de 60 segundos o
 tempo.

No 3.º pareo *Druid* fez uma esplendida
 carreira e em 1,350 metros conseguiu,
 em 95 segundos, bater *Aymoré*. Foi um
 pareo muito bem disputado, e a victoria
 de *Druid* mostrou a pericia de Alfredo
 Toon.

No 4.º pareo foi facil a *Aymoré* a victo-
 ria por se haverem retirado os melho-
 res competidores.

No 5.º pareo *Saphira*, montada por
 Baleiro, fez uma boa corrida e mostrou
 estar bem aligeirada, nada podendo fa-
 zer seu competidor *Jaguary*, apesar de
 montado pelo excellent jockey *Hinds*.

Finalmente, no 6.º pareo *Sirodio*, fez
 uma boa corrida em 60 segundos (800
 metros) chegando logo atraz e embo-
 lados *Conde*, *Orione*, *Crichani* e *Bar-
 bara*.

Estão annunciadas para o dia 6 do
 corrente as proximas corridas do mes-
 mo Hippodromo Fluminense, e é de espe-
 rar um programma importante, grande
 concurrencia e a costumada boa or-
 dem.

L. M. BASTOS.

QUEDA DE SAPHO

A ALBERTO DE OLIVEIRA

Nunca tão bella foi a fulgurante estrella
 Do já passado tempo, a Sapho magestosa!
 De pé, a lyra ás mãos, cançadas de tangel-a,
 No cimo do penhasco, o olhar tinha anciosa

Em todo o firmamento, Iria Deus contel-a?
 Deus, quem sabe? atravez de nurem cor de rosa
 Que bordasse o horizonte, extatico de vel-a,
 Tudo olvidara ante ella esplendida e assombrosa!

Puchava-lhe o cabelo o vendaval e a lyra
 Rugindo sons tirava e mais talvez pedira,
 Se não medisse o abysno a desvairada, a l'uca.

Tombou: Deus, nuvem, céu, penhasco, espaço, tudo
 Quedou-se de repente, o mundo estava mudo
 E Sapho tinha, morta, um sorriso na bocca.

ARTHUR MENDES.

BOLOS

Nos saracoteamentos bombardeantes
 do seu estylo archi-gongorico, desdo-
 brando a peça de chita de ramagens da
 sua prosa boreal, veio ha dias o Sr. E.
 Salamonde, pela *Gazeta de Noticias*, thu-
 riferar o nosso poeta Luiz Guimarães,
 á chegada.

Se fosse apenas para isso que o Sr.
 Salamonde interrompesse a leitura do
 seu romance querido, nós nada tinha-
 mos que vir dizer agora e ficaríamos
 d'aqui a bater as palmas ao thuriferado
 e ao thuriferario. Mas o Sr. Salamonde
 aproveitou a occasião e esvurmou o fo-
 runculo de não sei que despeito que lhe
 punha na alma pruridos de vingança
 miuaz, dirigindo sobre nós o esguicho
 da sua bilis ha muito represada pela
 prudencia.

Elle não se dirige directamente a nós
 nem a ninguém; refere-se, em phrase
 dura, á geração moderna: ora como a
Semana se julga legitima e immediata
 representante d'esta geração, não so
 porque uma boa parte d'ella é nossa
 collaboradora, mas porque especial-
 mente aos moços temos offerecido as
 nossas columnas, com a maxima fran-
 queza e facultando a maxima liberdade
 de pensamento—nós vamos responder
 ao hyperbolico Sr. Salamonde.

Ponhamos por ordem os pontos con-
 trovertiveis:

1.º—« Luiz Guimarães é o mais par-
 nasiano de todos os lyricos brasileiros.
 Depois de Gonçalves Crespo aiula
 nenhum teve a mesma nobreza aristo-
 cratica de verso, a mesma estrutura
 solida de estrophe, a mesma instrumen-
 tação de rimas, a mesma opulencia de tons:
 Eu sei que a geração moderna não afirma
 estas cousas. A opinião da geração mo-
 derna circula simplesmente desde o
 largo de S. Francisco até o becco das
 Cancellas, não constando mesino assim
 que converta muito sclerado rebelde,
 nesta zona de popularidade, em que os
 grandes idolos são impostos mais como
 uma impertinencia de Igreja do que
 com uma superioridade de critica. »

2.º—« Não se fala absolutamente de
 Luiz Guimarães, e, quando algum plu-
 mitivo sacode a penna, não é para tra-
 balhar uma phrase sobre o seu nome,
 é para deixar cair um borrão sobre a
 sua gloria. »

3.º—« Mas fóra das *cotteries*, fóra dos
 templosinhos litterarios dos gremios de
elogio mutuo, etc., etc. »

4.º—« Chegando hoje ao Rio de Ja-
 neiro, elle não vai de certo *estranhar a
 frieza litteraria da recepção*, acostumado
 como está a esta *docilidade das turbas*, de
 vez em quando *sacudidas do seu torpor
 sonnambulo pela imposição de um deus*. »

Sem negar ao Sr. Luiz Guimarães
 um logar entre os melhores poetas bra-
 zileiros da actualidade, discordamos
 das affirmativas do primeiro ponto.
 Não ha entre nos nenhum poeta *parna-
 siano* na accepção que os francezes dão a
 esta palavra. Todavia, para nós, o mais
parnasiano de todos os poetas brazi-
 leiros é o Sr. Machado de Assis; seria o
 Sr. Raymundo Corrêa depois do bello
 livro das *Symphonias* se a sua *fôrma* não
 se voltasse um tanto mais para os clas-
 sicos e se não houvesse naquelle vo-
 lume uns poucos de sonetos em que os
 quartetos deixam de rimar entre si.

Não comprehendemos muito clara-
 mente o que seja *nobreza aristocratica de
 verso* nem *estrutura solida de estrophe*,
 mas, emfim, estamos de accordo. Agora,
 no que discordamos é na *instrumentação
 das rimas* e na *opulencia de tons*: *Exami-*

ne-se com cuidado o volume dos *Sonetos e Rimas*:—ver-se-á que o poeta possui todos os segredos da melodia parcial do verso, mas descarta da harmonia do conjunto, jogando em um soneto, por exemplo, com duas rimas de igual tonalidade, tendo a accentuação predominante sobre a mesma vogal—erro grave, que nenhum *parnasiano* é hoje em dia capaz de commetter.

Isto prova-se: no soneto—*O Filho*—as rimas são estas: *gargalhada, chorava, matava, enfumaçada, doirada, cava, resvalava, nevada*; o 2º terceto do soneto—*Natal*—tem estas: *alegria, dia, Cecília*; o primeiro do soneto *A avó*—tem estas: *chora, implora, conforta*. Este mesmo defeito se nota nos sonetos—*O Danubio azul, O arsenal, Idade media, O piano*;—isto só na primeira parte do volume dos *Sonetos e Rimas*.

Outro defeito que os *parnasianos* nunca admitiram nem admitirão é o tal que consiste em deixar de rimarem entre si os dois quartetos de um soneto, como acontece nos sonetos do Sr. Luiz Guimarães de paginas 27, 37, 44, 54, 56, 59, 86, 91, 112 e 113, também só da primeira parte.

Até aqui a *orquestração de rimas*.

Agora quanto à *opulencia de tons*, diremos ao Sr. Salomonde que fez mal em escrever o seu artigo sem ter presente o livro do poeta.

E' exactamente a *pobresa de tons* que torna um tanto ou quanto enfadonho o livro do Sr. Luiz Guimarães.

O poeta dispõe apenas d'estas quatro rimas: *ada, osa, ura e ora*, mudando a letra final conforme a palavra é masculina ou feminina e está no singular ou no plural.

A primeira, que é a mais pobre da nossa lingua, encontra-se em 33 sonetos dos 64 que ha na primeira parte do livro, unica que observámos detidamente; a segunda em 25 e as mais num pequeno decrescimento de numero; as outras rimas de que se serve com notavel frequencia o poeta são:—*ella, ante, ente, ia e ava*. Nem signal de rima peregrina em todo o livro, nem sombra de capricho *parnasiano* na tonalidade rithmica dos consoantes.

Não tendo, pois, nem boa *orquestração de rima*, nem *opulencia de tons*, e tendo os defeitos apontados e provados, não pôde ao Sr. Luiz Guimarães ser dado com justiça o titulo de «o mais *parnasiano* de todos os lyricos *brazileiros*.» Isto é o que negamos; mesmo porque os defeitos que apontámos só são defeitos para os *parnasianos*; os outros poetas, que não estão alistados em nenhum batalhão rotulado especialmente, esses rimam com liberdade, pouco se importando com os preceitos tyrannicamente rigoristas do grupo dos *parnasianos*, que são precisamente os que possuem a tal «*correção affectada, pretenciosamente inexpressiva... os taes «rendilhadores que fazem do verso uma coisa soberba como uma esculptura, equilibrada, geometrica, primorosa...»* o que, devemos confessal-o, já não é pouco.

Está claro, pois, que a geração moderna não podia afirmar aquellas cousas.

No mesmo primeiro ponto fala o terrível, o assustador Sr. Salomonde, na imposição de idólos, feita pela mesma geração... moderna: «os grandes idólos são impostos mais como uma impertinencia de igreja do que com uma superioridade de critica».

Aqui, como na «imposição de um deus» do 4º ponto, o formidando *estylista* refere-se ao facto de haverem affirmado dois ou tres rapazes da *nova geração* que Luiz Delfino era o primeiro poeta nacional.

Mas, Deos clemente! quando foi que á livre manifestação de um juizo se chamou com justiça—*imposição*?

Entre nós não existe o pontificio litterario; Castilho não deixou successores no Brazil. Os rapazes que affirmam ser Luiz Delfino o primeiro poeta nacional, affirmam-n'o porque estão d'isso convencidos, e têm procurado demonstral-o com boas rasões e argumentos que ainda ninguem contestou com vantagem; mas não o impõem como um dogma—porque não são pontifices das letras nem estão para massadas de caracter liturgico.

Entre a affirmação e a imposição ha um abysmo. Sejam prudentes; affastemo-nos do cairrel: o encarregado de caminhar para o abysmo é o paiz. Resa a chapa.

Direita, volver...

(Continúa.)

CHICO FÉRULA

FERVET AMOR

(A R. PORCIUNCULA)

*Na granja humilde a gente desvallida
De amor delira; na amplidão sonora,
P'ra o festivo consorcio, de corrida,
Pombos trocazes vão passando agora.*

*Os peixes, na lagoa adormecida,
Saltam; nos tiorios a orvalhada rora;
Cipós abraçam da arvore florida
A verde cinta; a flor o mel dissora,*

*Que o colibri recolhe em beijo ousado;
Gathos palpitam, beijam-se os insectos;
Procura a femea o tigre mosqueado...*

*Eneste espaço cheio de rumores,
De sensações, de idyl'ios e de affectos,
—Só eu não tenho ao lado os meus amores!*

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

À VIDA ELEGANTE

E' o meu maior desejo, um desejo mesmo enorme, que tivesse boas festas, querida leitora, que o 86 lhe traga para ahi um milhão de felicidades, nada menos, e que possam ver ainda muitas series de trezentos e sessenta e cinco dias os grandes olhos de V. Ex. que neste momento derramam sobre esta pallida secção uns scintillantes reflexos, capazes de dar vida áquellas floresinhas que sobre o negrume das suas tranças rescenderam por ahi em algum salão em festa.

Talvez mesmo, quem sabe? o *Grupo Familiar* de Nitheroy, que me traz hoje á sua presença, teve a grande fortuna de recebela nos seus magnificos salões naquelle sabbado do mez de Dezembro do anno passado, que se sepultou ha dois dias no vasto e insondavel tumulo do Tempo. Talvez V. Ex. assistiu á bella festa do *Grupo Familiar*, onde não havia vestidos de seda de grandes caudas, nem casacas; mas onde, a par de uma extrema attenção para com todos da parte da digna directoria, havia muita ordem, cousa que não se nota ás vezes em algumas sociedades.

O concerto foi habilmente organizado pelo pianista, Sr. Cruz Ferreira e nelle tomaram parte as Exmas. Sras. D. D. Eliza Rosa de Andrade, Maria

Eliza de Andrade e Rita Duarte; e os Srs. Cruz Ferreira, Raphael de Agostini, Gregorio do Couto, Eduardo Hervey e J. Boisson, executando-se o seguinte programma:—*Sento una forza indomita*, duetto do *Guarany* para soprano e tenor; *Melodia*, de Poppe, para flauta; *Le Mulletier de la Tarragone*, de Paul Henrion, para barytono; *Danse des Sylphes*, solo para harpa, de F. Goddeffroid; *Delirio del cuore*, romance para canto, com acompanhamento de piano e violino, de Guido Papini; *Velocité*, estudo de concerto para piano, composição do Sr. Cruz Ferreira.

Ao amanhecer, depois de muita alegria, muitas polkas, valsas e quadri-lhas, todos se retiraram satisfeitos, e eu voltei com o coração ralado de saudades e... as pernas fatigadas.

LORGNON.

THEATROS

POLYTHEAMA

Teve lugar neste theatró, no dia 27 do passado, a primeira representação do drama militar de grande espectáculo, «A guerra da Italia.»

E' no genero um dos melhores, tendo o enorme attractivo de apresentar em scena, a pé e a cavallo, o legendario Garibaldi, arengando ás tropas e sonhando com a unificação da Italia, o seu pensamento de todos os instantes.

Instrucção de recrutas, marchas, emboscadas, combates, musicas marciaes, lances patheticos, tudo isso se encontra no novo drama, montado—e, ao que parece, em boa hora—pela empresa Montedonio.

O desempenho foi, como é costume, muito satisfactorio. Montedonio mais uma vez provou os seus altos merecimentos de artista provector e consciencioso. Representou com immensa graça e perfeita naturalidade o seu papel de Manz, que já foi aqui desempenhado, ha annos, por Antonio Pedro.

D. Felicidade portou-se com toda a galhardia na sua parte de «vivandeira de Novara», Pestana egualmente na de «cabo instructor»; Sepulveda, Bellido, Gil, e as sras. dd. Adelina e Amelia de Bellido pouco deixaram a desejar. O sr. Gama apresentou um bello typo de Garibaldi, bastante fiel e que soube sustentar dignamente. Pena foi que tão mal soubesse o seu papel; e sabia-o tão mal que uma vez toda a sala o escutou dizer ao ponto: «Mais alto!»; o que deu vontade á gente de, por seu turno, dizer ao sr. Gama: «Mais baixo!» O drama foi montado com todo o esmero, e quanto á *mise en scène*, nada deixou a desejar.

Os espectadores, entre os quaes havia muitos compatriotas de Garibaldi, applaudiram viva e repetidamente a peça e os actores.

Desejamos que a «Guerra da Italia» se demore muito tempo no palco do Lucinda, proporcionando a Montedonio e á sua companhia a prosperidade a que têm direito.

O actor Primo da Costa vae, com a sua nova empresa, desencaiporando a *Phenix Dramatica*. Puderá! se as cadeiras continuarem a ser vendidas a mil réis e as peças que a empresa monta são, além de bem representadas, attractivas e cheias de situações commovedoras como o *Pirata Negro*, por exemplo.

Continúe, Sr. Primo da Costa, continue, que brevemente a *casa* será pequena para as *encomendas*.

Depois d'amanhã, fido corrente, verificar-se-á no Polytheama o espectáculo em benefício do habil e deslitoso actor Mauro de Bellido, que crudelissima enfermidade inutilisou para a arte.

O programma é variado e muito attraente. Alem da engraçada comedia *Scenas burguezas*, cantará Mlle. Rose Merys a novissima cançoneta *Amor de artista*, musica de Miguel Cardoso, letra de Aluizio Azevedo, D. Pepa cantará o *Grumele da Guanabara*, o impagavel Mattos fará o chistoso *Fuzileiro Apaixonado*, Montedonio recitará uma scena comica inteiramente nova para esta cidade, e outros artistas de nomeada farão cousas do arco da velha. Mesmo sem a circumstancia de ser o espectáculo em benefício do nosso pobre Mauro, deve elle chamar enorme concurrencia, pois que o programma, como se acaba de ver, é de fazer agua na bocca..

Queremos ver se na noite de 4 haverá no Polytheama logar para a cabeça de um alfinete. Queremos ver isso!

LUCINDA

Fausto Junior na noite de 31. Grande successo.

Villiot adoravel; encantadora, terrivel Peixoto um Valentim soberbo, pyramidal, unico! Bravos, Braga Junior!

PARNASO ALEGRE

SER E NÃO SER

(Modelo de soneto camoneano)

*Este amor que a existencia me affeição,
Cam ser não é, mas fóra, su não fosse;
E com ter acabado, elle acabou-se,
Qual sino que soou mas já não soa.*

*Comquanto má não sejas, não és boa,
Pois deste causa ao meu soffrer atroce:
Causa sem causa, doce mas não doce.,,
Não quero o teu perdão, mas, oh! perdoa!*

*Vii-te e não vi-te; vira-te, se visse
Que, em me vendo, me rias, te não vendo;
Fugiras, se algum dia eu te fugisse,*

*Não fugindo, temendo e não temendo,
Eu me morrêra, amor, se algo sentisse
Que não este morrer que vou vivendo.*

MARCOS HENRIQUE.

RECEITAS CULINARIAS

CASTANHAS DE ANNO BOM

(MARRONS GLACÉS)

O preço dos marrons glacés no Rio de Janeiro é de oito a dez mil réis o kilo! Com a receita que abaixo publicamos poder-se-á ter pelo mesmo preço uns quatro a cinco kilos desse precioso e aristocratico bombom.

Julgamos prestar um real serviço ás amáveis leitoras d'A Semana dando aqui

a receita dessas fructas crystalisadas que no dia de anno bom devem sempre apparecer em uma meza que se prese.

Tomem-se boas castanhas, tire-se-lhes a primeira casca, tenha-se uma panella d'agua fervendo na qual se hajam dissolvido duas colheres de farinha de trigo, mergulhem-se nella as castanhas, e quando entre a segunda casca e a castanha se puder introduzir a cabeça de um alfinete, devem ellas ser retiradas da panella.

Tire-se-lhes a casca vermelha e ponham-se as castanhas em agua morna; em seguida despeje-se a agua morna e deite-se agua bem fresca, lance-se fora esta agua e ponham-se as castanhas em assucar bem clarificado, façam-se ferver duas ou tres caldas, ás quaes se addicionará um pouco de sumo de limão. Retire-se do fogo a panella e deixe-se-a sobre o forno, fora do fogo, ou na fornalha, não estando esta muito quente, e deixe-se ali ficar até o dia seguinte. No dia seguinte retirem-se as castanhas do assucar, faça-se ferver um pouco o assucar, retirando-o do fogo, logo que esteja morno, colloquem-se nelle as castanhas, que devem ser mexidas ao calor do forno durante uma ou duas horas, conforme a espessura do assucar, esgote-se a calda definitivamente e deixem-se as castanhas secar separadamente depois de se as ter polvilhado de assucar.

E ahí vos dou, minhas senhoras, uma sobremeza deliciosa e barata para as vossas festas de anno bom.

Estou certo que, executando a receita, abençoareis

CABRION.

Os diabretes de d. Anna

Temporis et prixi facta referre...
TIBULLUS.

*Quem não teve, entre os seus, uma velha africana,
Que embala o berço, e canta, e acarinha, e vigia?
Que com historias, que valem pérolas, grana
Chimeras d'oiro, e as lança em nossa fantasia?*

*A nossa, tinha atraz do morro uma cabana,
Vegetando agarrada à bronca penedia;
Juncto della o moital, no moital a alegria
De uma agua, que cantava ao vér chegar D. Anna.*

*Dizia a agua a saltar: — a D. Anna já veio!... —
E à meia noite a velha, o rosario no seio,
Feito o signal da cruz, ia à ponte espiar.*

*Riam-lhe d'agua então grupos de diabretes,
Davam pulos no ar, jogavam-lhe os barretes...
Lindos!... feitos de prata, em nesgas do luar!*

LUIZ DELFINO.

FACTOS E NOTICIAS

Recebemos um exemplar da *Theoria elemental das funcções*, para servir de introdução ao estudo da algebra por Licinio Athanasio Cardoso.

A «theoria elemental das funcções» revela talento da parte do seu aucto; o sr. dr. Licinio Athanasio Cardoso pensamos, porém, que S. S. polia ter evitado muitas lacunas essenciaes que não nos é permittido apreciar nos limites desta noticia.

Citaremos para exemplo a sensível

falta de não ter S. S. tratado do principio fundamental do methodo dos limites para chegar à noção de derivada, dando desta funcção uma definição que, sobre ser pouco intelligivel, não é rigorosamente exacta. E' assim que a derivada ficaria com um caracter de indeterminação que não tem.

Em mathematica o methodo vale tanto como a doutrina, e conquanto S. S. se filiasse à mais methodica das escholas, não o foi na sua obra.

Tratando do dominio objectivo, e subjectivo, o auctor parece não se ter comprehendido de sua verdadeira noção.

E' provavel que nos occupemos, mais tarde, desta obra com o desenvolvimento que pede a sua importancia.

Recabemos um exemplar da these inaugural do sympathico e intelligentissimo dr. José Ribas Cadaval, que escolheu, para dissertação, o seguinte importante puncto: — *Da alimentação nas primeiras edades; estudo critico sobre os differentes methodos de aleitamento.*

Serviram como arguidores desse recommendavel trabalho os illustrados lentes drs. Benicio de Abreu, Cypriano de Freitas, Domingos Freire e Martins Costa, que não pouparam elogios ao distincto doutorando e puderam em saliencia o estylo facil, extrema clareza e boa argumentação, sustentados desde principio até o fim dessa mesma dissertação.

E' uma these que deve ser lida pelas mães de familia e por todos que se preoccupam com a prosperidade physica das crianças, e seu auctor mostra claramente na prefacção, que teve sempre isso muito em vista. Transcrevemos suas textuaes palavras:

«Devem trabalhos desta ordem poder aproveitar aos leigos na materia, ás mães e a todos que se interessam pela vida e regular desenvolvimento das crianças.

«São numerosos os exemplos de illustrados medicos que se põem dado ao trabalho de escrever precisamente nesse humanitario fim, isto é, o da divulgação dos melhores preceitos conquistados pela observação e experimentação scientificas.»

O dr. Ribas Cadaval conseguiu brilhantemente seu desideratum e cumprimentando-o pela justiça que lhe fizeram seus mestres, recommendamos sua these, como uma das melhores sobre tão delicado quanto utilissimo assumpto.

«OS CRICHANÁS»

O Sr. Olympio de Niemeyer acaba de publicar OS INDIOS CRICHANÁS, *noticia ethnographica.*

Esta util obrinha não é mais do que a série de artigos pelo seu auctor publicada na *Gazeta da Tarde*, e a sua edição em volume tem o duplo intuito de «commendar áquelles que se derem ao trabalho de folhear essas paginas um dos mais sympathicos e notaveis nomes de brasileiros—o Dr. João Barbosa Rodrigues, e prestar uma sincera homenagem á memoria da Mãe daquella, a quem devendo o auctor o ser, deve, por consequencia, a maior somma de beneficios».

De muito tempo ligado ao illustre botânico brasileiro por amistasas relações e dedicando-lhe sincera estima, propoz-se o laborioso e digno moço a descrever as arriscadas e proveitosas excursões feitas pelo Dr. Barbosa Rodrigues, a *Mauahú* e ao rio *Jauapery*, para indo encontrar em suas malocas, nunca dantes visitadas, os temiveis *Crichanás*, reduzil-os á civilisação por meios brandos e com expedientes engenhosos de pacificação.

Todos os episodios dessa bemdicta campanha civilisadora são narrados pelo Sr. Nicmeyer em linguagem agradável e fluente, com despreocupação e estylo colorido e pittoresco.

Recomendamos a leitura do seu livrinho: ella deleita e instrue.

Chegou de Lisboa, no dia 31 do passado o illustre poeta brasileiro Luiz Guimarães Junior. Comprimntamos-o com toda a cordialidade, satisfeitos por ver o nosso laureado confrade restituído, embora temporariamente, ao seio da patria que tanto o admira e a que elle tanto honra e ama.

Estão na Corte Léo d'Affonseca e Fontoura Xavier, aquelle vindo de S. Paulo, onde redige com Gaspar da Silva o magnifico *Diario Mercantil*; o segundo vindo do Rio Grande com destino ao seu consulado de Baltimore. Comprimntamos-os cordialmente.

Está na Corte com sua Exma. familia o nosso estimado e distinctissimo collaborador dr. Lucio de Mendonça, advogado em Va'ença. Teremos talvez o prazer da sua companhia durante as férias forenses.

Realisaram-se ultimamente, na villa de Sapucaia, os exames de fim de anno lectivo no collegio de meninas fundado ha seis annos e dirigido pela Exma. Sra. D. Amalia Drummond de Mendonça Moreira, irmã do nosso collaborador dr. Lucio de Mendonça.

A' noite houve, antes do baile, uma magnifica exposição de trabalhos de agulha, crivo, crochet, a frôco, massa, missanga, lã, etc.

A folha local refere-se a esses exames e ao collegio *Primeiro de Julho* com grandes louvores.

Lucio de Mendonça promette-nos para muito breve mais um capitulo das suas *Horas do bom tempo*, que tanto agradaram.

Nesse capitulo se occupará com um dos mais famosos typos de rua que teve S. Paulo nos seus aureos e saudosos tempos de cidade dos estudantes.

A MINHA SOGRA!

Os Srs. J. Cypriano & C., estabelecidos com arazem de louça á rua da Quitanda n. 85 B, offereceram-nos, como presente de festas, uma bella chicara de porcelana, com o respectivo pires, tudo de uma grande simplicidade, mas de feitto elegante. Na chicara, a bellas letras doiradas, vê-se este terrivel distico:

«A minha sogra!...»

Sem querermos nem de leve desvendar os fundos arcanos que levaram o incognito genro a inscrever tão audaciosa dedicatória, nós calamos-nos prudentemente, protestando em silencio que a nossa sogra não apanhará o presente do Sr. Cypriano. Isso é que não.

Era em eguaes vasos que as Borgias e as Braviliers ministravam toxicos... aos genros do seu tempo!...

Em todo caso, os nossos agradecimentos aos Srs. Cypriano & C. pelo delicado presente.

Com o numero de 30 do mez passado completou *O Apostolo* o seu 20.º anno de existencia. Por menos que sympathisemos com as idéas do nosso veneravel collega, não podemos deixar de comprimental-o pelo festivo anniversario; e fazemol-o, reconhecendo com todo o prazer que o nosso collega tem «clamado sem cessar», apezar de todos os pezares, em prol dos principios que desde o seu começo tem sustentado.

OS IRMÃOS DE JOSÉ CASTILHO

Para a subscrição que abrimos em favor dessas infelizes crianças, recebemos mais o seguinte donativo:

Exma. Sra. D. S. de M. 10\$00

No proximo numero daremos conta das informações que a respeito do paradeiro e estado d'essas crianças pudemos obter.

CORREIO

—*Sr. Ali Memour*. O seu sonetinho, não obstante não conideral-o inteiramente condemnavel, não é, contudo, o que se chama um primor artistico; não é tão pouco um aleijão, mas, o que é innegavel é que se encontra o seu tanto ou quanto de fraqueza nas articulações deste soneto, salvo seja.

Submetta-o a um rigoroso regimen analectico: duchas de boa metrificação, acompanhadas de algumas doses de pó da Inspiração, que elle com certeza ficará restabelecido; e, convalscente, poderá vir dar um passeio pelas columnas da collaboração, onde será recebido com prazer.

—*Sr. Nessuno*. Pois s. s. que vive como a flor das ermas praias (a chorar pitangas, talvez), segundo confessa nas suas *Tristezas á beira mar*, quer ter entrada n' *A Semana*, essa encantada gruta enxada pelos pampans da esperança, habitada por uma mocidade que nunca foi atacada pelas maleitas da *melancholia*, e pelo marasmo do desalento, nessa gruta onde não cocitam os mochos da *sorumbancia*, mas, sim, som ruidosamente e festivamente os cristais da alegria e despreoccupação? Pois é mesmo aqui que o sr. quer entrar com as suas charradeiras, na idade, talvez, em que só se deve rir e atirar o ridiculo de pança para o ar com o tabefe de uma chufria? Ora, meu amigo, esqueça-se disto! Alem do mais vem-me o senhor com manto de seda, arinar uma calunnia á estafada bocheleta azul! que ella, diz-me vossa mercê lá na sua, é a amante das verdes samambaias! Nada, meu amigo, não posso publicar o seu soneto! Assim, não!

—*Sr. G. Ossoffa*. Vossa mercê, já pelo seu pseudonymo, começa a desgostar-nos horivelmente. Um poeta que se presa nunca se vira pelo avesso! Só os poetastros de meia ligeira é que procedem por esta forma! Então a gente é tão cata-cega que não esteja a bispar pelas rupturas da mascara do pseudonymo que vocemecê é o Affonso?! Ora, tire o seu cavallo da chuva! Emquanto ao seu *Desejo*, nada temos feito. Demais a gente querendo d'isto, vae á estante, escancarar o Casimiro d'Abreu, e encontra ahi cousa papa-fina no genero piegas! Não posso, porém, concluir sem confessar que ninguem lhe leva a palma como patusco jubilado! Senão, vejam:

«Frio não hei de padecer!
Teu beijo
Virá risonho me aquecer
Com um beijo!...»

Maganão! Com capotes desta ordem tomara eu sempre agasalhar-me das rajadas do inverno! Emfim, meu amigo, contente-se com a inserção da estrophe acima... e laiba o beijo.

—*Sr. Antonio Carlos Mayrink*. Com verdadeira magia o digo: nunca *A Semana*, poderá, em toda a sua vida, publicar o *Noivado no Sepulcro* em segunda mão. Se nós tivéssemos

um necroterio n' *A Semana* nelle collocariamos a sua preia que tem por idéa um morto: E com que graça imitativa morreu este illustro morto:

«Cahi exhausto na mansão da morte
Onde campeia solitaria a cruz!...»

Que a terra lhe seja leve. O mais que podemos para lhe sermos agradaveis, é pedir ao pianographo do botequim cá de baixo, que martelle ao piano o *Era no outono* e entrarmos nós, cá de cima, a recitar, com a compuncção que o caso solicita, as suas inspiradas estropes. Quanto á publicação della, n'est pas de possibilidade.

RECEBEMOS

—*Revista da Secção da Sociedade de Geographia de Lisboa*, no Brazil. 2.ª serie n.º 2. E' s u director o illustado Dr. Zeferino Candido.

—*A Estação*, que vem, como sempre, recheiada de figurinos mirabolantes, capazes de tresloucar o cerebro feminino mais asiado.

—*Catalogo da Bibliotheca da Associação «Gremio Litterario»*.

—*Philologia Portuguesa*, (notas de leitura). «Da negação intensiva», pelo acreditado professor Lameira de Andrade. Daremos noticia proximaemente.

—*União medica*, revista mensal, religida pelos Drs. Mancorvo, Silva Araujo e Vieira de Mello. Anno V, Fasc. 12.

—*Tropicaes*, poesia e prosa de João Duarte Filho e Gaspar de Barros Falcão. Daremos depois a nossa opinião.

—*Pensées*, recetelies par Draumor (Fernando Schmid). Diremos depois.

—*O Diabrete*, jornal bahiano. Uma verdadeira cocada. Ns. 11, 12, c 13.

—*O sol, ether, manchas e erupções solares, magnetismo*, etc. Importante preleção feita em 18 de novembro de 1885, na Escola Polytechnica, pelo Dr. Castro Lopes.

—*These do Dr. José Ribas Codaval*. Dizemos d'ella na secção *Factos e noticias*.

—*O Gaturamo*, passaro multi-côr, sob a forma de um jornal, que gorgeia em Sapucaia. Ns. 7 e 8.

—*Revista Illustrada*, n. 423. Sempre a distillar espirito e bom humor.

—*O Mequetrefe*, com as habituaes diabru-ras e optimos desenhos. N. 394.

—*Correio da Europa*, n. 24 e 25. Tido o elogio que se lhe faça é pouco; por isso não lhe fazemos nenhum.

—*O Domingo*, o scintillante e amabilissimo collega de S. João d'El-Rey que a cada numero mais attrahente se torna.

—*Chronica Franco-Brazileira*, n. 4. Confor-me o costume, traz artigos esplendidos. Ora já se sabe, redigida por Lopes Trovão...

—*O Palinuro*, órgão litterario, de Todos os Santos. N. 1. Traz poesias que é um nunca acabar. Mil felicidades ao colleguinha.

—*Revista dos novos*. Publicação mensal de S. Paulo. N. 5. Traz na lista dos seus colaboradores os synpathicos e festejadissimo; nomes das distinctas escriptoras e nossas collaboradoras as Exmas. Sras. DD. Julia Lopes e Adelina Vieira. E' bastante isto para se lhe poder augurar brilhante futuro.

—*Distracção*, N. 64.

—*O Chic*, jornal reclamo e de grande espirito, publicado em Nitheroy. Proprietario Queiroz Moço. Que o *Chic* desmintá o appellido do seu proprietario.

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 9 DE JANEIRO DE 1886
DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 54.

REDACÇÃO E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, N. 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

SUMMARIO

Expediente.....	V. MAGALHÃES.
Historia dos sete dias.....	
O nosso 1º anniversario..	
Victor Manoel.....	
Decepções.....	C. DE AZEVEDO.
Lendo a Iliada.....	O. BILAC.
Bolos.....	C. FERREIA.
«A Encyclopédia das Encyclopedias».....	
Contos a premio.....	Concurrente n.º 9
O retardatario.....	
Vantagens dos assignantes d'A Semana.....	
Sport.....	L. M. BASTOS.
Theatros.....	P. TALMA.
Tratos á bola.....	FR. ANTONIO.
Factos e noticias.....	
Correio.....	
Recebemos.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

GERENTE

F. D'ALMEIDA

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

ASSIGNATURAS

CÓRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

Somente com o proximo numero poderemos distribuir aos Srs. assignantes do anno passado o indice alfabético das materias contidas no primeiro volume d'A Semana e a folha de frontispicio que haviamos prometido para o numero de hoje.

Os senhores que tomarem uma assignatura d'A Semana por todo o proximo anno de 1886 terão direito a um dos seguintes premios, á sua escolha:

VINTE CONTOS, por VALENTIM MAGALHÃES.—Este livro, que se está imprimindo nas officinas d'A Semana, foi expressamente feito para ser distribuido como premio aos assignantes d'esta folha. Conterá mais de duzentas paginas em superior papel, com uma capa de fantasia.

NÃO SERÁ POSTO Á VENDA.

Assim, os que tomarem uma assignatura d'A Semana por um anno, e somente esses, terão direito a um exemplar d'essa obra, que, a ser vendida não o seria por menos de 3\$000, o volume.

AURORAS, versos, por Alfredo de Souza; encadernação de luxo.

A CAVEIRA DA MARTYR, celebre romance de Camillo Castello Branco, em 3 volumes.

O HOLOCAUSTO, romance de Pedro Americo de Figueiredo.

MARGARITAS, poesias da distincta poetisa D. Adelina Amelia Lopes Vieira; um bello volume.

Aos senhores assignantes de seis mezes daremos como premio UMA MUSICA, inedita, especial e expressamente composta para esse fim; QUATRO POEMAS, por Luiz Murat, um exemplar das AURORAS, brochado, ou TYPOS EM PROSA E VERSO, de A. Lopes Cardoso.

N. B.— Os senhores que assignaram A Semana por um anno, a terminar em Dezembro de 1885, receberão, segundo promettemos, um exemplar dos VINTE CONTOS.

Leiam-se em outro lugar desta folha as «Vantagens dos assignantes d'A Semana.»

O Sr. Leonel Guerra é a unica pessoa por nós encarregada de agenciar assignaturas nas provincias.

Tem todos os poderes para representar esta folha.

A SEMANA

Somente em principios de fevereiro poderá ficar concluida a impressão da obra VINTE CONTOS, original do director d'esta folha, e por ella destinada aos seus assignantes de anno. A todos que tenham pago a sua assignatura,—mas somente a esses— será enviada a obra, a seu tempo, pelo correio, ou entregue no escriptorio a quem exhibir o respectivo recibo.

Roga-se a remessa de um sello de 200 reis. ou da sua importancia, para o porte.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Começa o novo anno a discorrer pacato e semsaborão.

Oxalá não represente esta paz varsoviana os pés de lan com que o fedelho intende preparar-nos desagradaveis surpresas.

Antes a chulra choclice dos dias monotonos, vãos, sem novidades nem espectativas febris, do que a agitação e o ruído produzidos por escandalos e desgraças. Sacrifique-se a desejavel animação das chronicas e o gaudío dos chronicistas em fome de assumpto á tranquillidade publica e á felicidade particular.

Aqui estou eu, o ultimo dos historiadores semanaes, a dar o grande exemplo da resignação e do desprendimento heroico de possiveis laureis.

Faça eu dormir embora os meus leitores—se algum ainda resta em vigilia—com a taboa rasa da minha prosa historiographica; mas que não rúa sobre a população incanta o edificio de chocolate da Camara Municipal ou nova avalanche de candidatos verborrhagicos, delirantes de patrio amor; nem tampouco encareçam novamente os repolhos e as aboboras ou se multipliquem... as sogras. Antes isso!

Passei em revista as sete magras espigas da semana finda e nellas só encontrei—além da remessa do *Almirante Barroso* para o Norte, com tropas armadas e fins occultos, eleitoraes ao que parece,—ocurrencias de rua, «barbeiradas policiaes», muitas, muitissimas capoeirices; alguns obitos lamentaveis, alguns avisos do Sr. ministro do imperio para louvar, dois ou tres disparates de boa marca e... mais nada.

Não, esquecia-me um facto, pequenino mas grandemente caracteristico. Foi este:—O projecto *Pachiderme do Comercio*, noticiando hontem o fallecimento do Barão de Coromandel, depois de haver referido alguns dos mais nobres actos da vida do illustre finado, escreveu: «A elle coube a honra de hospedar Suas Magestades Imperiaes na sua visita á provincia de Minas Geraes.» E' o cumulo da bajulação ao throno! O Sr. barão de Coromandel, entre e sobre todos os seus actos de magnanimidade e heroismo, praticou este: hospedou Suas Magestades Imperiaes! Que grande, que extraordinario, que sancto homem! Posteridade—abyssma-te!

Vemos com grande prazer agitar-se na imprensa a abandonada e importantissima questão da «Propriedade litteraria». Foi a *Gazeta de Noticias* quem a levantou, escrevendo no dia 7 um artigo sobre esse assumpto, artigo muito criterioso e bem pensado.

Deu-lhe oportunidade a recusa por parte do governo brasileiro de se fazer representar nos congressos litterarios realisados na Europa, e ultimamente no de Amsterdam.

Essa recusa—é geralmente sabido—tem sido pertinazmente opposta pelo

Imperador que não quer nenhum accordo entre o seu e os paizes estrangeiros sobre direitos internacionaes de propriedade litteraria.

O Imperador não quer: está tudo acabado. Escusado é discutir a imprensa o assumpto, desentranhando-se em arrazoados eloquentes e em demonstrações logicas, para o fim de conseguir que o Brazil perca um pouco a lisongeira fama de mendigo—ladrao que, em cousas litterarias, gosa na Europa e em todo o mundo onde tenha a honra de ser conhecido.

Ah! o Imperador não quer? Pois não se fala mais nisso.

E' esta a razão maxima que nos faz não entrar no debate, com o modesto mas valente regimento dos nossos raciocinios e com o fervor das nossas aspirações. Seria gastar inutilmente munições, tempo e trabalho; visto que nem um instante alimentamos a vaidosa esperança de levar ao Imperador a nossa convicção, desagarrando-o do lamentavel proposito em que se acirra.

Todavia, fazendo nossas as palavras da *Gazeta*, dizemos:

« Sem esperança de ver mudada a questão para terreno mais racional, é nosso dever, comtudo, voltar á carga todas as vezes que somos humilhados no estrangeiro, e nos fazem passar como barbaros, muitas vezes, é verdade, sem razão alguma, mas em ontras, como no caso presente, com sobejos motivos. »

E' por isso que levantamos o nosso protesto, registrando com elle um brado de dô e de indignação por vermos que é exactamente do nosso « primeiro homem de letras » (é a opinião da Europa, ao que se tem visto), d'aquelle que por essas *Estranjas* gosa da fulgente aurea de rei-sabio, de rei-poeta, de Luiz XIV cá dos *Brazis*, que é d'elle que parte a encampação da pirataria litteraria, a opposição formal e ferrenha a que o Brazil deixe de fazer no Estrangeiro o papel miseravel de esfarrapado comparsa, de infimo trapeiro litterario.

O *Paiz*, entre criteriosos assertos, escreveu:

« Será difficil, será talvez impossivel reduzir o formidavel — Não — que se acastella lá nas soberanas alturas. Mas o dever e o patriotismo da imprensa não se devem apavorar e nem desanimar, quaesquer que sejam os seus adversarios. »

Por nossa parte não nos apavoramos nem desanimamos. Contem conosco, pequeninos e fracos como somos, os nossos illustrados collegas. Sempre nos encontrarão na estacada; ao menos, para entoar agradecidas e unctuosas lóas ao nosso Imperador pelos esforços desesperados e incessantes que continuamente emprega para exaltar a Litteratura e a Arte brazileiras na Europa. Esta, no emtanto, que continue a repetir, como disse o *Paiz*:

« E' indigno de comprar e vender livros o paiz que vende e compra homens. »

Ora adeus! Que o repita a Europa; o que ella tem—é inveja!

VALENTIM MAGALHÃES.

O nosso primeiro anniversario

No dia 3 do corrente teve logar no escriptorio d'esta folha uma pequena festa commemorativa do seu primeiro anniversario.

Festa intima e modestissima, dispensou convites. Tiveram, no emtanto, a amabilidade de nos vir felicitar os Srs. Quintino Bocayuva, Pereira da

Silva e Urbano Duarte, nosso estimado collaborador, representando o *Paiz*; Ernesto Senna e Arthur Azevedo—o *Diario de Noticias*; Alfredo Gonçalves—o *Gazeta de Noticias*; Luiz Murat, tambem nosso collaborador—o *Gazeta da Tarde*; os Srs. Machado de Assis, Henrique Chaves, S. Sebrão e Pereira Netto este em nome do *Mequetrefe*), enviaram-nos cartões de comprimento.

Estiveram presentes, além d'esses, os Srs. Dr. Lucio de Mendonça, Aluizio Azevedo, Belmiro de Almeida, Paula Ney, Figueiredo Coimbra Ulysses Cabral, Cordovil, Dias de Mello, Silva, (*Gazeta de Noticias*), Léo d'Affonseca (*Diario Mercantil*) Fontoura Xavier, Luiz Braga, Dr. Lutterbach, e ainda outras pessoas cujos nomes nos escapam.

Toda a gente de casa estava a postos, fazendo como lhe era possivel as honras d'ella.

Durante o lanche trocaram-se muitos brindes amistosos e entusiasticos, sendo saudadas esta folha e por ella todos os collegas presentes.

Paula Ney fez um eloquente e sentido discurso, saúdando *Timtim*, o filhinho do director d'esta folha a cuja festa viéra tambem assistir.

A todos os collegas e ás mais pessoas que naquelle dia, festivo nos honraram com a sua visita mais uma vez agradecemos lenhoradissimos, tantas e tão altas provas de sympathia e distincção.

Continuaremos no proximo numero a transcrever as noticias dadas pelos collegas acerca do primeiro anniversario d'esta folha e da pequena festa com que o celebrámos.

VICTOR MANOEL

Completam-se hoje oito annos que falleceu *il rè-galantuomo*, o unificador da Italia, o amigo de Garibaldi. A' sua memoria gloriosa e veneranda prestamos, com quantos conhecem a historia do grande rei-cidadão, a homenagem do nosso respeito e da nossa sympathia.

DECEPÇÕES

Nenhuma promessa de ventura publica deve trazer o novo anno.

Não desaparecem tão depressa as grandes mazellas do governo de um povo, e o anno transacto, bem se poderia nomear um martyrologio da honra nacional.

Novas decepções antevejo, e vem de molde a descrença, pois os levitas que nos tem governado, desde o supremo chefe do synhedrio ao menor dos officiantes, provaram ineptia e cobriram-se de crimes e ridiculos.

E' impossivel lentejoular escriptos alviçareiros para entrada do anno, quando o espirito obedecendo á influencia necessaria, vela-se em tristuras, ao ver que a um passado de erros e mizerias hade unir-se futuro desconsolador.

Má temporada essa de transição, de um paiz envelhecido e arruinado, em vespas de ensaiar mellhor vida e mais honrado governo!

O escriptor politico ou vai pedir emprestada a deprimente malicia de Aristophanes, ou embruma-se em pensa-

mentos merencorios; ou lamenta, e com geito, para não accordar ironias, ou sahe em folia á ridicularisar em veia de luxuria homens e instituições.

Não dá bem o riso com a formal declaração de fallencia por parte do governo. E sem parecer atrevida a nova, reproduz o tristissimo acontecimento de poucos dias atraz:

Credores do estado mourejavam para obter pagamento do que representava o esforço, o dispendio de energia e talento de dinheiro e tempo de vida; a historia dessa divida encerrava a peripecia luttulenta do sacrificio de uma existencia, do desespero louco de um caracter puro, quando repentinamente surge á pondencia—solução inesperada e incrível.

Todo aquelle esforço de cobrança teimosa e esperta contrapondo-se ao desbrío, ás manhas do devedor relapso, quebrou-se de encontro á ordem do governo, correspondendo a uma declaração de fallencia.

Assim tivemos o spectaculo de vir o credor do paiz confessar ao mundo, que o governo impuzera-lhe o recebimento de menos de metade da divida, com a ameaça de renovar demanda e empecer o pagamento, se o indecoroso ajuste não fosse aceito.

Não se tracta de um boato formado de farrapos da malicia anonyma, houve um protesto assoalhado nos jornaes, e o reclamante historiou o acontecido promettendo documentos.

Em presença de um facto que indica um estado pathologico impossivel de ceder á vritude dos prophylaticos usados, não posso trazer esperanças de ventura, com a chegada do anno novo.

Quando o pão escassá, quando a miseria se aproxima, não ha folganças e risos.

E já que somos forçados a assistir ao enterro da horra da patria, á ruina de sua fortuna, vamos! bandeiras a meio páu:—calem-se as musicas.

CYRO DE AZEVEDO.

LENDO A ILLIADA

Eil-o o poeta de assombros—céu cortado
De relampagos—onde a alma potente
De Homero vive, e vive eternizado
O espantoso poder da argiva gente.

Arde Troy!... De rastos passa atado
O hroe ao carro do rival, e ardente
Bate o sol sobre um mar illimitado
De capacetes e de sangue quente.

Mais que as armas, porém, mais que a batalha,
Mais que os incendios, brilha o amor que atã
O odio e entre os povos a discordia espalha:

— Esse amor que ora activa, ora serena
A guerra, e o heroico Páris encadêa
Aos curvos seios da formosa Helena.

OLAVO BILAC.

BOLOS

(Continuado do n.º 53)

O segundo poncto é absolutamente falso. Para se fazer em publico uma tal affirmação é necessario ignorar-se completamente o que se escreve no Brazil, ou levar a mentira até á impudencia.

Se ha escriptor, se ha poeta brazilei-

ro que tenha sido louvado, elogiado, thuriferado e glorificado neste paiz, esse poeta é o Sr. Luiz Guimarães. Quando elle aqui está, quando elle aqui chega ou quando elle d'aqui parte, toda a imprensa se estende como um enorme tapete para que s. s. passe.

A sua posição diplomatica dá-lhe em prestigio litterario o que aos outros collegas seus da diplomacia dá em walsas. Elle é o poeta aristocratico, perfumado, sentimental e ideal, que leva sempre atraz si, como um pelotão garrido e vermelho, uma enorme restea de corações feridos pelo darlo assucarado dos seus versos. E eis-o que passa ovan-te, enramala a fronte em loiros virentes e immarcessiveis, sempre atufado em nuvens de incenso, como um archanjo bemdicto e benquistado, entre as palmas ruidosas do jornalismo nacional, e entre o «hosana!» entusiastico e concertado das familias fluminenses.

Nunca, que o saibamos, a sua delicada e alvissima epiderme litteraria foi, siquer, arranhada por alguma penna rebelde aos hymnos, ou avessa ao concertante dos elogios.

E' certo que o Sr. Luiz Guimarães merece muito, mas tambem é certo que tem tido tudo.

Vir dizer, pois, que não se fala absolutamente do illustre poeta e que, quando se fala é para se lançar um borrão sobre a sua gloria, é uma falsidade somente digna de quem se não presa nem respeita o seu nome.

O terceiro poncto vem com as phrases estafadissimas e saudias:—*colteries*—templosinhos litterarios e *gremio de elogio mutuo*.

Sancto Deus! Pois ainda ha neste paiz um pedaço d'asno sufficientemente ingenuo e tapado para escrever semelhantes disparates?

Ainda ha, e, d'esta vez, infelizmente, não é um pedaço d'asno quem o vem dizer—é o Sr. Salamonde, que tem talento!

Pois para vir dizer parvoices de tal jaez dispensava-se muito bem o *fogo sagrado*; qualquer desses idiotas que por ahí boquejam litteratura barata é muito capaz de dizer o mesmo... e dil-o.

Entretanto, se se quizesse declarar os motivos que levam esses sujeitos a atacarem o *templosinho litterario*, muita gente teria de corar.

O Sr. Salamonde sabe, melhor do que ninguém, que para entrar para os taes *gremios do elogio mutuo* o que principalmente se requer — é caracter. Quem o não tiver pôde entrar por engano, mas não se demora...

Parte do quarto poncto (*imposição de um deus etc.*) já ficou commentada.

E a tal *frieza litteraria de recepção* foi a que se vio. As folhas noticiaram com os mais escovados e brunidos adjectivos a chegada do Sr. Luiz Guimarães. Fazendo, como fazemos, justiça ao bom gosto do festejado poeta, acreditamos que elle ainda hoje nada em jubilo por ninguem lhe haver recitado sonetos nem oitavas congratulatorias pela sua feliz chegada, e por não ter visto em rechinos de foguetes a arrebenção do enthusiasmo patrio.

A *docilidade das turbas sacudidas do seu torpor somnambulo pela imposição de um deus*, tambem foi a que se vio, ainda ha pouco tempo, na *Semana*: o deus imposto, com ser deus, teve 74 votos para o lugar eterno de maior poeta do Brazil, e Gonçalves Dias, simples mortal não imposto, teve 146.

Está provado, pois, que as turbas não

são tão doces como pensa o Sr. Salamonde, a menos que S. S. não acredite que as turbas entrassem na votação.

Agora outra cousa.

Ha por ahí uns tantos jovens, em cujo numero podemos incluir agora o Sr. Salamonde, que de vez em quando se arremangam e vem a publico vociferar contra a *nova geração*. Não consta, entretanto, que elles pertençam à *geração velha*. E, se quizermos ser inteiramente francos, havemos de confessar que a velha geração está no seu periodo de mansuetude e de quietismo, e já não vem a campo degladiar-se pelos seus idolos, se é que os tem. Os escriptores do periodo inicial do romantismo e do lyrismo brasileiro, os que ainda vivem e que têm mercimento, ou que o tiveram no tempo da sua actividade, são ainda louvados e respeitados pelos moços; a prova mais eloquente que d'esse facto se pode offerrecer é a propria *imposição* do Deus que tanto irrita o Sr. Salamonde e outros transeuntes constantes e indefectivos da rua do Ouvidor, mesm dentro da zona tão habilmente demarcada no estylo mata-ratos do panegyrista de Luiz Guimarães.

Com a ligeira analyse que fizemos dos *Sonetos e Rimas*, foi nosso intuito provar apenas que o Sr. Luiz Guimarães não é—o mais parnasiano de todos os lyricos brasileiros, como afirma o Sr. Salamonde. Isto ficou provado, cremol-o.

Temos pelo notavel poeta sincera admiração e grande respeito, e, como dissemos no principio deste artigo, achamos que elle occupa um logar entre os melhores poetas brasileiros da actualidade. E' uma questão de classificação e nada mais.

O Sr. Luiz Guimarães nada perde com o não ser *parnasiano*, como nós nada ganharíamos em o negar, se elle o fosse. Poeta lyrico de primeira ordem; metrificador correcto embora pouco variado, sentimental, cheio de docuras e louçanias; alma sensível e accessivel a todos os bons sentimentos, vibrante e apaixonada; talento variado e fecundo; espirito sempre voltado para o bem; um tanto magoado pela dor e pela saudade, — o Sr. Luiz Guimarães pode ser apontado entre os mais distinctos escriptores brasileiros do seu tempo, sem precisar do rotulo posticho de *parnasiano*, nem de panegyristas que arranquem a dos outros os raios para a sua gloria, nem de titulos illegitimos que nada acrescentam á radiação intensa do seu nome.

Notaremos ainda ao Sr. Salamonde o seguinte facto, para terminar:

Cumprimos o nosso dever, noticiando, conforme então nol-o permittiu o espaço de que dispunha-mos no primeiro numero do nosso segundo anno, a chegada do Sr. Luiz Guimarães.

Pois bem. O Sr. Luiz Guimarães teve para com os nossos collegas diarios, todos mais ou menos mercantis, a gentileza de os ir visitar, ou de lhes enviar o seu bilhete de visita, — e para conosco — unico jornal litterario da capital — o Sr. Luiz Guimarães procedeu de modo inteiramente inverso, ou fosse porque se lhe acabassem os bilheses, ou fosse porque S. S. já se fatigara em visitar os outros.

Diga-nos agora o Sr. Salamonde qual de nós é mais gentil e qual parece o diplomata habituado a todos os requintes da cortezia e da delicadeza.

CHICO FÉRULA.

A Encyclopedia das Encyclopedias

Recebemos o n. 85 desta importantissima publicação. O «Diccionario Universal Portuguez» é uma obra colossal, que, concluida, constituirá um dos maiores commettimentos litterarios d'este seculo, immortalizando o nome do seu fundador e director, o Sr. commendador Henrique Zeferino de Albuquerque, operosissimo edictor e livreiro portuguez. Somente extraordinario poder de vontade e excepcional amor ao trabalho, posto ao serviço de uma intelligencia robusta, perspicua e pratica poderiam apprehender e levar por diante obra de tão gigantesco folego e de tão numerosas e rijas dificuldades. O Sr. Albuquerque, é, sem duvida, digno de igual admiração — senão de maior á que merece Larousse, pois que a sua obra, sendo mais completa, mais vasta, e trabalhada em um meio muito mais ingrato do que o meio em que o foi a de Larousse — representa muito maior somma de esforços e de sacrificios de toda sorte.

O n. 85, de que damos noticia, trata das letras B e M simultaneamente, sendo que completa o primeiro tomo d'esta ultima.

Nella occupa-se com o director d'esta folha em um longo e minucioso artigo de critica e biographia, artigo devido á penna do director do «Diccionario Universal Portuguez» o illustre escriptor Fernandes Costa, segundo sabemos por comunicação do proprio edictor.

Das obras do director d'esta folha a que mais mereceu a attenção e o estudo do abalizado critico foi *A vida de seu Juca*, parodia á *Morte de D. João*, executada com a collaboração de Henrique de Magalhães.

Na impossibilidade de para aqui trasladar tudo quanto escreveu sobre ella Fernandes Costa, fazemol-o quanto a uma parte d'esse estudo.

«Esta composição, sem ser um trabalho litterario de primeira ordem, é, contudo, uma obra de relevante mercimento, principalmente nos pormenores descriptivos, na belleza de alguns trechos, no humorismo de muitos conceitos e na despreocupação e modo desafectado com que toda ella é conduzida. E' uma produção poetica de dous rapazes de talento, na qual muitas vezes revelam aptidões litterarias nada inferiores ás do auctor cuja obra se lembraram de parodiar.»

CONTOS A PREMIO

(Vide *Semana* n. 47)

Chega-nos um novo concorrente. Assigna-se:—O *concorrente n. 0*. No conto que nos remetteu (*O retardatario*) conseguiu aproveitar com excepcional felicidade para assumpto todos os seis prolóquios offercidos por esta folha. Tão interessante nos pareceu esse conto que resolvemos publical-o. Nenhum inconveniente poderá advir d'esse facto ao concurso, por que o auctor occultou seu nome sob impenetravel pseudonymo, e nós,—nem que nos rachem?—seremos capazes de trahir o incognito de quem escreveu—O *retardatario*.

O RETARDATARIO

1

Mais vale tarde que nunca.—Quem não ama, não vive.—O perdão é a mais nobre e a mais completa das ringanças.

— Cincoenta annos e cincoenta contos!... não é o peor dos casos: um algarismo compensa o outro. Cabeça grisalha, mas coração moço. Ainda me conheço homem para tornar feliz a mulher que me accete e que me estime. Caso-me. E' tarde! murmura-me cá dentro uma voz, que pretende ser a da consciencia, mas que, eu bem percebo, é a da desconfiança, minha perseguição constante. Calle-se dahi, maldicta! Mais vale tarde que nunca, e não é tão tarde assim. Caso e caso! já o disse tres vezes, duas vezes mais do que se devem dizer as coisas resolvidas.

Este era o soliloquio do Antunes, na sua casa da rua do Rezende, uma manhã de domingo, depois da barba feita para a missa, deante da gazetilha do *Journal do Commercio*, onde se lia, em duas linhas, o fallecimento do dr. Medeiros.

Que tinha agora o fallecimento do dr. Medeiros com a resolução enérgica do Antunes? Queria a viuva? Querere, pode muito bem ser que a quizesse, lá no intimo recesso da alma, onde viviam ainda, em segredo tão austero que para elle proprio eram quasi inconscientes, antigas, antiquissimas lembranças, de vinte annos antes! Mas nem a si mesmo o confessava, e talvez nem discernisse que os sentimentos que lhe vinham generosos e o legitimo projecto de amparar a orphãu pobre eram perfumes daquella occulta flor, que tantos annos não marcharam.

La o Antunes pela altura dos trinta annos,—altura lavada em sol, festejada pelas nuvens da illusão,—quando, quasi a um tempo, conheceu e amou a bella Marianna, filha ambiciosa de uma hispanhola equivooca. Elle era, nessa epocha, o allênim da secretaria da agricultura, em gentileza e dotes pessoais, e muito viçoso de esperanças, pois tinha talento e cahia sempre em graça aos superiores, com os seus bons modos de rapaz sério. Mas Marianna puulha a mira muito acima de um empregado subalterno; preferiu-lhe o dr. Medeiros, seduzida pelo titulo e pelo futuro do titulo, que lhe parecia infallivel e brilhante. Qual brilhante nem infallivel! não dava, sequer, para a vida folgada que a preguicosa queria; no primeiro anno, comeram á fidalga uns restos de herança que sobejaram da formatura recente do medico; depois, como não veio a clientela, que era o manancial esperado, chegaram a ver o fundo [do cofre e o chão duro da realidade; turvou-se a onda da vida clara, e lá foram esconder, nas sombras dum arrabalde modesto, o curso dos dias obscuros; entrou o tempo, das longas esperas no consultorio vazio e dos grandes suspiros arrependidos na mesquinha sala de jantar, onde arrastava a costura, no calor da sesta, amodorrada pelo borborinho das moscas.

O Antunes tragou a preterição e, como não se retirou das relações de Marianna, soffiu tambem o que se mostrava das primeiras felicidades conjugaes do outro. Quando chegou para o casal a tristeza dos máus dias, amidou as visitas e afervorou-se na amizade. Mais de uma vez, quando a solidão do consultorio era completa, chegava-se á secretaria da agricultura antes de tomar o *omnibus* para casa—e o armazem da esquina, lá no arrabalde, não suspendia o fornecimento.

Uma occasião, uma unica—uma tarde inolvidavel, em que ficaram a

sós na sala de visitas, enquanto o doutor ia acudir a uma congestão na visinhança, só essa vez chegou a haver entre elle e Marianna palavras de intenção mais profunda que o texto expresso.

Elle aconselhou meigamente que não casasse nunca,—era um desencanto amargo,—não era vida aquillo que levava. Retorquiu-lhe agitado e parvo, tão parvo que para lhe contestar só encontrou a razão de um prologoio:

— Não diga isso! A senhora é que vive. Quem não ama, não vive.

— O senhor não vive, então?... perguntou-lhe a moça, com o olhar mergulhado no delle.

Sentiu no coração um calor delicioso, mas conteve a expansão que ia romper: sorriu com tristeza e respondeu-lhe pausado e nobre:

— Paz aos mortos!... Pensa então que sou um miseravel?

Ella, escondendo nas mãos a face lacrymosa, soluçou com amargura:

— E' o mais nobre dos homens: vingasse perdoando!

Ergueu-se meio hallucinado de a ver chorar, ia levantar-lhe a cabeça, beijar-lhe as lagrymas, perder-se; mas, na sala silenciosa, á luz do lampeão pacifico, numa instantanea subversão do seu ser religioso, viu na amante a mãe proxima, cuja maternidade sagrada annunciava-se na amplitude do roupão desatado; tomou o chapéu, tomou-lhe a mão de sobre o rosto afogueado, apertou-lha francamente, com honrado desembaraço:

— Dê lembranças ao doutor. Eu hei de ser sempre o mesmo amigo.

Na rua, accommetteu-o outra vez a vertigem, sentia ainda na mão o voluptuoso calor da mão de Marianna, pensou em voltar—ora adeus! era ella a culpala!—, pensou depois em atirar-se ao mar, acabar a estúpida vida; mas lá foi machinalmente para casa, acalmou-se, dormiu, habituou-se e foi vivendo.

Viu nascer a filha da antiga namorada, a pequenina Lulú; viu-a crescer, brincava com ella, dava-lhe confeitos e joias; viu-a tornar-se moça e linda, mais do que a mãe tinha sido, duma grande formosura ingenua, de flor virgem.

Cumpria os dezoito annos sem accitar nenhum dos noivos que atralira; o pae queixava-se, alguns eram casamentos muito razoaveis, entre elles um dono de armarinho, quasi rico.

E agora morria-lhe o pae, pobre, até com dívidas; que ia ser da triste?

Em mais de uma conferencia, nos ultimos tempos, o dr. Medeiros insinuára o seu desejo de a ver casada com Antunes, o amigo certo. Elle escusárase sempre, que já não estava em idade disso, que era abusar da affeição da menina. A mãe o approvava, mas com diverso fundamento: que a filha era uma tolinha, incapaz de lhe dar a felicidade rara no casamento, que elle escolhia tanto.

Mas agora, defuncto o medico, tendo de ser na sociedade o protector da viuva e da orphãu, parecia-lhe urgente, ao solteiro, legitimar com titulo mais respeitavel que o de amigo a sua posição juncto dellas. Tres mezes depois do soliloquio inicial deste conto, pediu a mão da Lulú. O pedido era uma generosidade, que a menina accitou sem escrupulo. Marianna hesitou, relictou, oppoz-se formalmente; por fim, não pôde deixar de ceder á necessidade fatal; cedeu, sem concordar. Extremos de mãe, que não queria sacrificar a mocidade da filha?... Deheadeza d'alma, antes zelosa da felicidade do antigo noivo?... Ciumes,

monstruosos ciumes da filha?... Tudo podia ser: tudo pôde ser no eterno mysterio do coração feminino.

II

Com teu amo não jagues as pernas

Em Petropolis, no hotel Bragança, fóra a lua de mel, a exigencia da Lulú e contra todo o gosto de Antunes, que preferia o ninho de amor em Sancta Theresza, a poucos passos de casa, na commodidade pedida pelos seus solidos annos de bom-senso.

Lua de mel nunca se viu tempestuosa e funesta para o noivo qual foi essa. A Lulú era perdida por bailes, e a alta sociedade de Petropolis naquella estação bailava quasi todas as noites. Quantos vestidos custosos, alem de tantos do enxoval! Nos dous mezes de licença, que tomara para o casamento, viu o empregado publico escoar-se o rico ordenado de muitos mezes, a economia de alguns annos. Precipitou-se, impellido e atordado, no sorvedouro da vida elegante.

Nem era só a bolsa que soffria e com ella a prudencia do burguez economico; era o coração tambem, o velho e bom coração, que logo e logo se desilludiu para sempre. A mulher deixava-o, com o mantelete, na antesala, e não se lembrava mais d'elle; e, a bem dizer, na alta classe era ella quem tinha entrada, com a belleza fascinante que dispensava outros titulos; elle ficava á porta, obscuro e humilde, a vê-la passar dos braços dum aos braços doutro, com desgarrro que accendia o olhar cubitoso dos homens e mais de um maligno sorriso entre as mulheres; e o desgraçado sentia toda aquella injúria calir-lhe, gottas de sal, na timidez do coração.

Entre os hospedes do Bragança estava um rapaz de familia poderosa, o qual, depois de bacharel, fora a Pariz fazer o seu estagio e logo ao voltar achára, na gaveta de pae, um diploma de deputado; com poucos mezes de camara, numa reorganisação de gabinete, coubera-lhe a pasta do Imperio. Era, aquelle anno, o triumphador de Petropolis, saciado de homenagens.

Uma noite, deu escandalo com a Lulú; valsou com ella muitas vezes a fio, com insistencia atrevida, com phrenesis de satyro possesso; na ultima valsa, o corpo da moça abandonou-se num deliquio sobre o peito d'elle. O marido foi recebê-la dos braços do cavalheiro, recobrada mas ainda vacillante.

— Desmaio, mesmo? ouviu cochichar a um lado, com escarneio.

— Ou descarol! opinou a meia voz uma velha viscondessa, que estava para ser sogra do ministro.

Essa noite, nos seus aposentos, onde a Lulú já se declarava, como sempre, morta de somno, Antunes perguntou-lhe, com amargura, se não era tempo de voltarem para a Corte.

— E' tempo, édisse-lhe a mulher com despreço; já lhe estou custando muito caro.

Quiz acalmá-la com brandura; a licença estava a esgotar-se, precisava voltar; tinham alguma coisa de seu, mas não que bastasse para a independencia; não fallava por si, que era velho e acostumado á parcimonia, mas por ella mesma, a bem do seu futuro. E a coitada da mamãe, que escrevia sempre, já não podia com as saudades, chamava-os para casa, para a sua bonita casinha arranjada de novo.

A volta foi triste; a Lulú vinha intractavel; era o pino do verão, o auge da estação em Petropolis, e lá ia para a fornalha da Corte e para o tédio da casa. Que mesquinha sorte lhe cou-

bera! porque não havia de ser casada com o ministro, distincto moço, alegre sanguineo, digno, esse, da fortuna de a possuir? E o seu destino a vendera àquelle burguez decrépito, encolhido para alli, macilento das noites mal dormidas, sommando talvez, no bestunho riscado ás linhas vermelhas, as centenas de mil réis que lhe custára o passeio!

Mulheres! mulheres! entenda-as quem puder! pois não é que Marianna fez cara de riso ao vê-las voltar amaldiçoadas? O riso tinha ainda a graça outonal, o sabor e o cálido perfume do pomo sazonado; não tinha, Antunes?

Semanas depois, houve em casa alegria mais geral; Antunes fora promovido a um dos primeiros logares da sua repartição; tinha merecimento proprio, ninguém dizia o contrario, mas o ultimo accesso era ainda tão recente! Também, para alguma coisa ha de prestar a intimidade dum ministro, e o Sr. ministro do Imperio honrava com a sua familiaridade gloriosa o cidadão Antunes; chegava ao extremo captivante de lhe aceitar o chá, uma ou outra noite.

Foi por esse tempo que a mulher do ministro, uma idiotasinha muito boa pessoa, convidou a Lulú para uns quinze dias em Petropolis; como recusar o favor de semelhante companhia? A Lulú foi, mas só; o marido ficou preso por uma commissão rendosa, para a qual, coincidentemente, o requisitára o ministro do Imperio.

O diabo é que o *Corsario* não dormia; ali veio, sobre a commissão e o passeio a Petropolis, uma dura remessa á testa do empregado publico. Expunha minuciosidades boccacianas, quadros dum colorido mythologico, em gabinetes particulares e até—o requinte de lascívia burocratica!—em aposentos reservados da propria secretaria ministerial. «Para ficar bem certo que é a amante *official*», commentava o paquim. E rematava neste teor: «Mas que ha de fazer o pobre diabo do responsável editor, se é empregado demissível e a avareza lhe repete ao ouvido o conselho do servilismo: *Com teu amor não jogues as peras?*»

III

Donde não se espera, d'ahi é que vem... — Casamento e mortalha no céu se talha...

Antunes leu o *Corsario*, ao sahir da repartição, e teve uma surpresa quasi fulminante. Como! pois não sabia? Não, não sabia. Voltou em tilbury para casa, onde a sogra ficára a tomar conta durante a ausencia da filha, e não encontrou felizmente ninguém até metter-se no escriptorio, onde desatou a chorar como uma criança, com o rosto cahido nos braços cruzados sobre a mesa. Assim esteve horas; anoiteceu; não tinha animo nem para mudar de attitude, num desfallecimento total d'alma e corpo, que já lhe ia parecendo a atonia da morte; mas sentiu que entrava alguém, de manso, e trancava por dentro a porta; ergueu a face desfeita; Marianna estava deante d'elle, com uma ternura inexprimível no semblante. Pousou na mesa o castiçal que trazia, veio para mais perto d'elle, poz-lhe no hombro a mão levemente trémula.

— Julga-se muito desgraçado? inquiriu com avelludada meiguice, numa voz que elle nunca mais lhe ouvira, desde muito, desde o passado.

— Ah! diga-me! pois eu merecia isto? exclamou com lagrymas o infeliz.

— Merecia, volvem-lhe ella, com um brilho estranho nos olhos; e, pondo-se deante d'elle, num borbotão de phrase tumultuosa, como uma reprêsa que

rebenta:—pois não sabia que era eu quem o amava, que o amei vinte annos, com desespero e com martyrio? Não viu, não comprehendeu, homem cruel e cego, que foi o remorso de o haver desconhecido que me subverteu a vida toda, e esterilizou-me para o amor a entranha materna, onde só a inconsciencia dos primeiros dias gerou a mulher que é hoje sua? E quando me vi outra vez livre pela virgez, livre para ser sua segundo a sociedade, achou-me velha, não é assim, e não viu que os seus cincoenta annos já não lhe permitiam por esposa a criança que escolheu?! Ah! deixei que que o fizesse, e sabia que o seu castigo era certo! Acha que sou um monstro? Ainda não sabe até que ponto o sou: essa rapariga que é sua mulher, e que nasceu de mim por uma brutalidade da natureza, é filha de minha carne, não do meu amor: é filha do outro!... não a amei nunca; depois que se casou com ella, odeio-a como uma rival! ahi está. Odeio-a em silencio... espreitando-a... impellido-a para os desvios do seu coração, que eu não formei para a virtude; perdeu-se, havia de perder-se, fui eu que assim o quiz, para ganhar-lhe o marido, para o reconquistar, que devia ser meu! Não o esperava demin, não? Pois sou como lhe digo; faça agora o que entender; bem vê que devo ter previsto tudo, eu que ha vinte annos aguardava este momento!

Callou-se, offegante. Antunes ouviu-a mudo e attonito. Não era então um sonho? não era uma loucura do cerebro fulminado?! Não: ali estava deante d'elle a unica mulher que verdadeiramente amára, que não deixára de amar nunca, via-o agora bem claro; ali estava na magnifica belleza da paixão, descobrindo para elle, em plena luz, a alma arlente, com abysmos de ternura no gesto humilde de corça vencida.

Levantou-se de um impeto, estreitou-a nos braços, beijando-a doidamente, na bocca, no pescoco, no cabello...

Quando pôde fallar, disse-lhe toda a verdade, obscura até então para a sua propria consciencia: que so, por uma timidez estúpida não se atrevêra a pedir-a por esposa; que também não a comprehendêra bastante, posto que a tivesse amado sempre, ou talvez por isso mesmo. Mas, agora?... era horrivel! Que haviam de fazer agora?...

Quando a Lulú regressou de Petropolis, apeando do carro do ministro á porta de casa, achou-se em frente só da criada, a qual, sem mais prologo, lhe foi mettendo nos ouvidos toda a historia: a Sra. d. Marianna sahira, numa madrugada, com o Sr. Antunes, e o criado, que os acompanhou com as malas, apenas sabia dizer que tinham embarcado para bordo de um paquete.

A Lulú teve um momento de agudo espanto; depois, lentamente, veio vindo á realidade, percorreu as salas e o seu quarto, onde nada faltava, excepto o retrato do marido, á cabeceira do leito; por ultimo, sorriu com perversidade, e disse para as rendas do seu cortinado branco:

— Ainda fica-me a casa e a minha mocidade—e as minhas relações. Deus é grande!

Quando a noticia do desaparecimento espalhou-se e chegou á imprensa, Lulú Senior, da *Gazeta de Noticias*, teve um frouxo de riso:

— Raptar a sogra!... ora o diabo não tem sono!

Mas o *Corsario* voltou á maroteira e disse que, na primeira conferencia de ministros, *alguem* estendeu ao do Imperio um exemplar da folha com o artigo assignalado á margem por traços vermelhos do *lapis fatidico*.

O ministro entendeu e adietou-se: rompeu absolutamente com a Lulú; indo-lhe a moça á casa, voltou despedida do vestibulo; teve ainda a temeridade de o procurar na propria secretaria, mas alli a ameaçaram com cadeia e parece que até com deportação, se se atrevesse a comprometter pessoas de tão alta esphera.

Então, uma manhã, noticiaram os jornaes que a ambiciosa fora procurar ministros ao outro mundo, ingerindo phosphoro em dose elevada.

O *Apostolo* poz os olhos, e na esmerada noticia do caso, em estylo sacerdotal, unctuoso e espesso, discreteando acerca dos «infortunios do desigual matrimonio e suicidio da joven peccadora», lá embutiu a *chapa fatalista*:

Casamento e mortalha no céu se talha.

CONCURRENTE N. O.

Vantagens dos assignantes d'«A SEMANA»

Além dos premios respectivos, têm os Srs. assignantes as seguintes vantagens, não proporcionadas ainda por nenhum jornal:—Tem direito á inserção gratuita de qualquer annuncio ou reclamação que não exceda de tres linhas, uma vez por mez.

—Além d'isso,—e esta é a principal vantagem,—tem qualquer dos Srs. assignantes o direito de consultar a folha, por carta assignada, uma vez por mez, sobre qualquer questão, duvida ou emergencia juridica, medica, commercial, litteraria ou de qualquer natureza, que se revista de character serio, e cujo objecto for importante. Obrigase a relacção a responder-lhes por carta nos casos de urgencia, e pela folha nos outros. Para esse fim tem a folha advogados, medicos, commerciantes, em summa:—pessoas competentes, encarregadas de responder a todas as consultas, assumindo a responsabilidade dos seus conselhos. Outrosim promptifica-se a folha a ministrar aos Srs. assignantes todas as informações de que necessitarem. Este serviço, a que tem direito os Srs. assignantes, e igualmente gratuito. **A SEMANA** é o primeiro jornal que o apresenta no Brazil.

N. B.—Todas as consultas devem vir acompanhadas do respectivo sello, ou da sua importancia, para a resposta.

SPORT

Realisa amanhã o *Hippodromo Guanabara* uma das suas melhores corridas, constando de um excellent programma, em que se acham inscriptos muitos animaes e todos elles muito bons. Fazemos votos para que o tempo não interrompa a execução d'esse programma e que reine a boa ordem durante o divertimento.

No 1º pareo acham-se inscriptos onze animaes; d'esses os melhores são *Savana*, *Conde*, *Eucharis* e *Barbara*. Onde palpitam com um tiro de 800 metros? Ainda pela *Eucharis*.

No 2º pareo, 10 0 metros, ganhará *Nicoafi* ou *Druid*?

No 3º, 1800 metros, um dos melhores pareos, que deveria ser ganho por *Naná*, esta retirou-se, e assim *Sophira* deve ganhar.

No 4.º pareo, 1450 metros, palpito em *Boyardo*, apesar que *Druid* sempre é melhor da segunda vez.

No 5.º pareo, amadores, 1000 metros, ganha com certeza e esbarrado o *Sirodio*, por ser montado por um amador que não é de brincadeiras.

No 6.º pareo, 1000 metros, entre *Gazida* e *Diomede*? Escolham o que quizerem.

Finalmente chegamos ao ultimo pareo, 1450 metros; ainda a valente *Eucharis* vae mostrar a *Savana* que tem pernas e proprietario... Nada de conversas.

Desejamos a felicidade de todos aquelles que, seguindo esses palpites, voltem satisfeitos e bem divertidos, visto sempre acertarmos.

L. M. BASTOS.

THEATROS

LUCINDA

Antehontem foi representada pela companhia Braga Junior, pela primeira vez nesta Corte, a popularissima opera-comica—*Os Sinos de Corneville*.

Enchente real.

Dir-se-ia que o publico estava com saudades dos Sinos, mas é de acreditar que o unico movel de tal enchente fosse a grande curiosidade de ver o papel de *tio Gaspar* desempenhado pelo actor Gama, que, conforme o annuncio da empresa, alcançara em Portugal grandes triumphos nesse papel.

A impressão que nos deixou o actor Gama foi das mais lisongeiros, com quanto não houvesse podido rivalisar com o Guilherme de Aguiar, unico que até hoje tem feito este papel a contento geral.

Não queremos dizer com isso que o *tio Gaspar* seja um grande papel; pelo contrario: é um papel feito. Qualquer actor de talento pode desempenhalo acceitavelmente; mas é por isso mesmo que admiramos, e com rasão, o realce que lhe foi dado pelo grande actor Guilherme de Aguiar. Gama tem contra si duas grandes desvantagens:—voz dura, rouquenha, sem modalidades, de poucas inflexões, e physionomia de pouca mobilidade. Ora o papel de *tio Gaspar* exige essas duas grandes qualidades artisticas em alto grão.

Villiot foi uma *Germana* ainda melhor que a de outr'ora, se é possível.

Herminia foi bem no seu papel de *Rozalina*, com quanto o exaggerasse um pouco e dissesse umas tantas *liberdades* que não estavam no papel.

Oyanguren (que nome!) deu-nos um *Gastão* muito... muito... enfim: muito.

Peixoto, já se sabe não fez peixotadas no seu *Bailio*; o mesmo não podemos dizer do actor Colás, no *Nicolau*, que esteve muito caipora.

Os outros artistas fizeram o que estavam em suas forças para realce dos seus papeis.

Da *Mulher-Homem* damos hoje o seguinte trecho do primeiro quadro do primeiro acto:

«OS CANDIDATOS

Respeitaveis eleitores!...

CANDIDATO LIBERAL

Liberações!

CANDIDATO CONSERVADOR

Conservadores!

OS CANDIDATOS

Eis a nossa circular:

Salvar o paiz do abysmo,

Perseguir o filhotismo

E o subsidio abiscoitar.
Sendo todos democreatas,
Somos abolicionistas
E somos escravocratas,
Porém nunca escravagistas!
Rigorosa economia
Na dinheirama do Estado,
Pois só tem um deputado
Cincoenta mil reis por dia:
Só de hotel doze mil reis,
Bebedorias, cigarros,
Charutos, bondes e carros:
Pelo menos dezeseis;
Dois vintens para a *Gazeta*,
Um tostão para o *Jornal*;
Calando a verba secreta
Por modestia e por moral;
Roupa lavada e engomada:
Dois mil e quinhentos; sellos,
Barba e corte de cabellos,
Pomada, muita pomada!
Trinta mil reis ou quarenta.
Por tanto é pouco cincoenta
Pra o paiz representar.
Concluindo, pois, diremos:
O que primeiro faremos
E' o subsidio augmentar.»

Ensaia-se no *Recreio* a hilariante comedia de H. Raymond e J. de Gastyne—*Les petites voisines*; traducção de Figueiredo Coimbra. Subirá a scena no dia 22 do corrente.

P. TALMA.

TRATOS Á BOLA

E' em verso que vou fallar-vos.
Tratistas da actualidade,
Que nada tendes de parvos
E broncos, valha a verdade.

E hei de o t'pete suar para em metros
Diversos, dizer-vos os meus sentimentos,
Saudando-v'istodos, e som dos meus plectros
No anno que surge, com chuvas e ventos.

Victor. Odivo, Fricival Vassico,
Pépe, seu Niro, Josephina B.,
Manoel das Malgas, Alfonsina Souza,
E tal e cousas, Eugenio P. C..

E mais Guayajara,
X. Toso. Conrado,
O' gente proclara,
Exercita amado,

Atenção, meus amigos sympathicos,
Vou soltar o meu verbo caonico,
E vos dai logogryphos emphaticos,
Mas num rythmo, que é esplendido, euphoni-
co.

Quem tem luzidias.
Eu quero ver,
Garrafas vazias
Para vender.

Gente amada,
Boa gente,
Na tratada
Mette o dente.

Mas antes quero alegre um forte shak-hands,
Dar-vos, amigos meus, num rasgo estapa-
furdio,
E atirarvos depois ao ouvido, ó grandes
Paladins da charada, o logogrypho esturdio,

E a bella charadaneia,
Que e sempre dou de sobra,
Que decifraes com aucia
Enthusiasmo e fervor, agora la vae obra:

PARENTHESIS

(Antes de logogryphonetisar-vos os ouvidos já de ha muito afeiçãoados ás cousas enygmaticas não posso deixar de declarar, com aquella graça que me distingue dos demais collegas tão bisonhos e insulsos quanto tonsurados e obesos, quaes as pessoas que decifraram as charadas ultimas.

Foram ellas os benemeritos devotos:

1.º o Sr. Pépe e 2.º o Sr. Frissinal Vassico.

As decifrações são as seguintes:

Do logogrypho: *Guerra Junqueiro*.

Das novissimas: — 1.ª *Procellaria*.

« — 2.ª *Novidade*,

« — 3.ª *Januario*.

Da charada logogrypho: — *Valentes paladinos portugueses*.

Como tivesse sahido erra-lo o enyigma alphabetico (pois em vez de adverbio, como estava declarado abaixo, o que se devia formar era um proverbio) deixo de dar aqui a sua decifração e passo a reproduzil-o correctamente.

MICROSCOPICA

— Pa—o —

5

Elle veio donde eu vim;
Por isso amo esse maráu.

ACTUAES

Pertenço ao... — 2 — Sou de barro,
— 1 — na musica, — das casas. Tenho
9 letras e 4 syllabas: transparente.

BISADA

3—E' amigo dos velhos; repare: tem

— ba —

2—Empregue-lhe giz que trabalhará.

BENEDICTINAS

I

3—E' droga. Mate o gato e a pata.

II

3—Tem boca. A lata ao pagem e piro.

ENYGMA ALPHABETICO

A	C	D	E	I	M	N	O	P
1	1	2	4	1	3	1	4	2
G		R	T	U				
1		2	3	3				

Formar um proverbio com as letras acima, repetidas tantas vezes quantas os algarismos designam.

LOGOGRYPHO

Pois não se vê que isto é tinta, 11, 1, 2.
Seja embora um mão irmão? 1, 2, 4, 5.
Todos o desejam, todos, 11, 10, 9, 8.
Este peccado turrão. 10, 9, 2,
Que é typo desengraçado,
Ninguém duvide, ninguém! 7, 8, 9, 6, 2.
Se elle aqui se metta, viva!
Fica escondido mui bem. 3, 8, 1, 2.

O pobre

Cobre

E cobre o nobre.

INVERTIDA

2—Esta fita, ao avesso é esperta.

ANTIGA

Esta palavra vasia,
Não tem forma verdadeira.—1.
Quem passa a noite em vigia—2.
Leva sempre a dianteira.

PREMIOS

Aos 2 primeiros decifradores dois magnificos premios.

FREI ANTONIO.

FACTOS E NOTÍCIAS

O «CORREIO DE CAMPINAS»

Completo no dia 1 do corrente o seu primeiro anno de existencia aquelle excellente diario publicado em Campinas sob a direcção de Henrique de Barcellos. E' este um nome já laureado nas lides do nosso jornalismo provinciano e que no da Corte occuparia um logar de honra. A maneira porque tem redigido e orientado o *Correio* é um documento valiosissimo dos seus provados talentos e da sua variada illustração. Sob o pseudonymo *Hendebat* escreve diariamente no *Correio* um artigo de critica litteraria, politica, artistica ou de costumes, e sempre com grande elevação de vistas e fino espirito de observação, aliado a um estylo despretencioso, nitido e scintillante.

No artigo de fundo do dia 1 lê-se o seguinte:

«Compulsando a collecção d'esta folha do anno de 1885, verificamos que só deixou de sahir artigo editorial em tres numeros, em consequencia de nos vermos na necessidade occasional de publicar projectos de lei.

Não se imagina o esforço preciso para dar um jornal n'estas condições em uma terra como Campinas, onde é diminuto o movimento social.

Nisso só, revela-se a prova mais patente de quanto nos esforçamos para collocar o *Correio de Campinas* a par dos nossos mais acreditados collegas da provincia.»

... e da Corte; podemos accrescentar sem benevolencia.

Felicitemos Henrique de Barcellos, saudando cordialmente o *Correio de Campinas* pelo seu primeiro anniversario.

O Sr. Lourenço Ferrelra, um rapaz intelligente e trabalhador, levou, com a paciencia de um chim, a fabricar pelo espaço de cinco annos um objecto que sendo uma cadeira, fosse tambem mesa, cama, lavatorio, conversadeira, baraca, escrivania etc.

Uma cousa impossivel! dirá o leitor..

Pois não é; o Sr. Lourenço levou a effeito a sua ideia, e no dia 5 do corrente convidou-nos para assistir á inauguração d'esse maravilhoso traste, que é uma *cadeira-mobília*.

Ficamos admirados, admiradissimos! Parabens, Sr. Lourenço Ferreira, muitos parabens.

Acha-se felizmente melhor dos seus graves incommodos de saúde a sympathica maestrina D. Francisca Gonzaga.

A *Gazeta de Noticias* vae publicar no dia 20 do corrente o seu segundo supplemento litterario. O primeiro, publicado no dia de anno bom, foi uma bella surpresa.

Tem a *Gazeta* todos os elementos para brindar frequentemente os seus muitissimos leitores com supplementos litterarios de primeira ordem. Damos á *Gazeta*, damos-nos tambem a nós sinceros parabens por este importante melhoramento por ella introduzido na imprensa da Corte, tão poucodada a cousas de arte e litteratura.

Entrou para a redacção d' *O Paiz* o nosso estimado collaborador Urbano Duarte. Jornalista fecundo, criterioso e de finissimo espirito, o ex-redactor do *Globo* é um auxiliar precioso em uma redacção. Felicitemos sincera e cordialmente *O Paiz*.

OS IRMÃOS DE JOSÉ CASTILHO

Poucas informações pudemos colher. De um parente da infeliz criança sabemos que ella tinha cinco ou seis irmãos, que estes residem no Realengo, em um logar denominado *Macaco* e em condições mais que precarias. Esperamos poder no proximo numero informar completamente a tal respeito os nossos leitores.

CORREIO

— Sr. *Tranquillo Vellozo*. Na sobre-capa dos seus «Dez contos» lê-se isto: *Questões a premio*. Que quer dizer isto? *A Semana* não tem presentemente nenhuma questão a premio. Serão para o concurso de contos os seus «dez» ditos? Em tal caso não poderá ser aceite o seu trabalho porque occupa sete tiras escriptas de ambos os lados, quer dizer: quatorze tiras; o que excede no dobro o maximo por nos estabelecido.

RECEBEMOS

- *O Zugui*, n. 4.
- *L'Etoile du Sud* n. 81. Reapparece depois de uma longa interrupção, occasionada pela enfermidade do seu director. Publicar-se-á quinzenalmente. Este numero está variado e magnifico. Cumprimentamos o seu illustrado director.
- *Echo das Damas* n. 3. Muito bom.
- *O Domingo*, n. 16. Digno de leitura, como os demais numeros.
- D'esta vez, alem de varios e scintillantes artigos, dá-nos um bello soneto firmado por Jorge Rodrigues.
- *O Gaturamo*, n. 9.
- Do Dr. *Francisco Viveiros* a sua these apresentada á Faculdade de Medicina. Versa sobre *Symptomas psychicos da ataxia locomotora, suas cousas e sua pathogenia*.
- Do Dr. *Maximiano de Lemos*, a sua these apresentada á Faculdade de Medicina. Versa sobre *Estudo clinico das boubas*.
- Do Dr. *Manoel A. Gonçalves Bastos*, a sua these apresentada á Faculdade de Medicina Versa sobre o *Aborto*.
- *The Graduated English Reader*; esrada suave para o perfeito conhecimento da lingua ingleza, por James Hewitt.
- *Presente de Festas*. E' este o titulo de uma polka do Sr. Julio Reis. Vamos dançal-a, pois o nosso maestro tocou-a no seu piano e disse-nos que era saltitante.
- *Almanach das Horas Romanticas*, para 1886. Tem boas anedoctas, boas pilherias, boas estampas e poucas poesias boas. Para o anno traga-nos versos melhores. E' o que desejamos.
- *O Cherubim*, n. 17. Delicado e mimoso, este numero. Parabens aos seus re-lactores.
- *Le Sud-Américain*, n. 27. Como sempre muito variado e criterioso.
- Um prospecto d' *O Seculo* revista poly-thechnica que apparecerá brevemente.
- Dos Srs. *Fernandes Ribeiro & C.*, duas bellas folhinhas de desfolhar:—uma enorme, singella, de ver a meia legoa de distancia, outra em forma de leque, com calendario, muito *chic*.
- Do cirurgião-dentista *Alcibiades*, inventor da *Alcibiadina*,—magnificos pos dentrillcios,—um pequeno calendario de algibeira.
- *O Mequetrefe*, n. 395. Triz na pagina de honra um bom retrato de Quintino Bocayuva, nas paginas centraes uma allegoria do anno novo e na ultima uma *réclame* illustrada da *Mulher-Homem*, com os retratos do empesario e dos auctores.
- *Historia de Gil Braz de Santilhana*, fasciculos ns. 16, 17.
- *Bibliotheca do Povo e das Escolas*, ns. 116 e 119.
- *Cadastro da Policia*, fasciculo n. 43.
- *Revue Politique et litteraire*, ns. 22 e 23, de 28 de Novembro e 5 de Dezembro; distribuida pela importante casa *Au Petit Journal*.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Portuguez, francez e Inglez
— Professor Rodolpho Porciuncula. Recal-os nesta folha.

COLLEGIO MENEZES VIEIRA

Jardim de crianças—Curso primario

SECÇÃO DE PREPARATORIOS

Hoje abre-se a matricula geral para o 12º anno lectivo, cujos trabalhos devem começar segunda-feira 11 do corrente.

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBARO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

PROSPECTO

DO

ALMANACH MUSICAL

Da Corte e das provincias da Bahia, Pernambuco, Ceará, etc.

Honrado com a photographia de S. A. a Serenissima Princesa Imperial, muito distincta amadora e protectora da arte em nosso paiz.

Contendo todos os nomes e residencias de todos os maestros e regentes de orchestras e concertistas, artistas-cantores, theatros, egrejas, coristas, sociedades musicas, clubs, etc., etc. Com o horario das aulas do Imperial Conservatorio de Musica e seu respectivo pessoal. Oruado de bellas poesias, anedoctas, contos e uma interessante parte litteraria collaborada por distinctos escriptores. Com o numero e rua dos estabelecimentos de musica, casas de concertos, de instrumentos, afinadores de piano, gravadores, impressores de musica, copistas e tudo, enfim, que diz respeito á arte musical.

Grande lista dos distinctos amadores que têm tomado parte em concertos, nesta Corte. Noticias das operas dos maestros brasileiros e das obras musicas da Bibliotheca Nacional

POR

DOMINGOS MACHADO

Recebem-se assignaturas e annuncios.
Annuncios 1 pagina..... 58000
» 1/2 » 38000

O auctor deste almanach, não podendo ir pessoalmente á residencia de todas as distinctas amadoras, pede a graça de remetterem á rua do Hospicio n. 103 seus nomes e todos os dados para serem incluzos no mesmo almanach.

THEATRO SANT'ANNA

EMPRESA HELLER

TERÇA-FEIRA, 12 DE JANEIRO DE 1886

PRIMEIRA REPRESENTAÇÃO

DA GRANDE REVISTA COMICO-PHANTASTICA DOS ACONTECIMENTOS DE 1885

A MULHER-HOMEM

Original de Valentim Magalhães e Filinto d'Almeida; em um prologo, 3 actos e 14 quadros, ornada de musica dos conhecidos compositores D. Francisca Gonzaga, maestros cavalheiros Henrique Alves de Mesquita, Carlos Cavalier, Mignel Cardoso e do Sr. Henrique de Magalhães.

PERSONAGENS

Opinião Publica.....	Sr. Vasques.	Um espectador, 2º Su-	A actriz Duse.....	Mlle. Rose Moryss
Diogenes.....	Sr. G. de Aguiar.	geito, 3º Municipal e	A Gazeta de Noticias.....	Mme. Delmary.
Rei Carapetão 1882.....	Sr. Foito.	Tenor da Companhia	A Sciencia e A Gazeta da	
Abolicionismo.....	Sr. Phebo.	Lyrica.....	Tarde.....	D. Isabel Porto.
Reporter e Dr. Cajiro....	Sr. Mattos.	O Suicidio, Um continuo,	A Pintura, A Grammatica	
O Theatro, Joaquim Maria,		Conselho Joã Arthur,	Portugueza e a 28(placa)	D. M. Caminha.
O Cavaignac e 1º hortali-		2º Deputado, Um	A Policia, Um redactor	
ceiro.....	Sr. Areias.	Doutor, Malagueta, B-	d'A Semana e A Vespa...	Mlle.M.Picherron
Chefe conservador, 1º Me-		rao de Caiapoeira e O	A Musica, Um sujeito,	
dico e 1º Sugeito.....	Sr. Lisboa.	empresario Jacintho...	O Diario de Noticias, A lei	
A Poesia, Chefe liberal,		O Vicio, Dr. Francez Fi-	de 28 e Um banhista...	D. Athayde.
Um redactor da Gazeta,		lho, 3º Sugeito, O Meq-	A Verdade, 2º Eleitor, 3º	
Dr.Mastro e Alfere Ubá	Sr. Pinto.	treffe, 3º Municipal e 1º	Vendedor de bilhetes,	
Centro Positivista, Candi-		Mineiro.....	A Folha Nova e Mulatinha	
dato conservador,Pinto		O commercio, 1º capanga	do varoço.....	D. Eufrazia.
Morreira, O Paiz, 1º Mu-		e Um policial.....	A Lavoura, 2º Vendedor	
nicipal e Zé Dias.....	Sr. Mesquita	1º Esculapio, 2º Pintor e	d. bilhetes.....	D. T. Santos.
O actor Andó.....	Sr. Polero.	3º Medico.....	A Esculptura e L'Avenir du	
O crime, 1º eleitor, Um		2º Esculapio, Um depu-	Brazil.....	Mme Solange.
conselho, Diario do		tado e O Diario Portuguez	Uma Illusão e A Vanguarda	D. Geralda.
Brazil, Um barraqueiro		O Patriotismo.....	1º Vendedor de bilhetes	
e Mme Manzaroni.....	Sr. Maclado.	Um Homem do Povo....	e A Estação.....	D. R. Bergmann.
Maranhã-mór, O Tempo,		2º Mineiro.....	Le Sud-Americain.....	D. Auéle.
Candidato liberal, 1º		Rainha Caraminhola....	La Voce del Popolo.....	D. R. Santos.
Pintor, 2º Municipal e		Imprensa.....	L'Italia.....	D. Theres.
Actor nacional.....	Sr. Silva.	A Pilheria e A Semana....	A Revista Illustrada.....	Um Menino.
2º Capanga e O orçamento	Sr. Cesar.			

Petas, Mentiras, Illusões, Araras, Logros; o Credito, o Cambio, a Industria, a Religião, a Inmigração; jornaas: O Brazil, O Apostolo, A Distracção, a Gazeta Suburbana, The Rio News, Deutsch Zeitung, Programma Avisador; povo, pretos velhos, hortaliçeiros, bahistas, bahianas, eleitores, capangas, policiaes, manifestantes, urubias, inlios Coroados, etc., etc.

TITULOS DOS QUADROS E DESCRIÇÃO DOS SCENARIOS

PROLOGO

1º QUADRO.—**Quinze annos de somno.** O reino da Carapetonia, paiz phantastico; deslumbrante scenario do distincto scenographo italiano Sr. CARRANCINI.

2º QUADRO.—**A Partida,** fundo entre nuvens, o balão Santa Maria de Belem; do mesmo Sr. CARRANCINI.

ACTO I

3º QUADRO.—**As Eleições.** Trecho da rua do Sacramento. Scenographia do Sr. CARRANCINI.

4º QUADRO.—**As Manifestações.** Trecho da rua do Ouvidor, de dia; do distincto scenographo Sr. COLIVA.

5º QUADRO.—**A Caridade.** O grande bando precatorio, esmolando em favor das victimas dos terremotos da Hespanha. Trabalho do Sr. CARRANCINI.

ACTO II

6º QUADRO.—**Uma visita real.** Templo da Imprensa. Trabalho do distincto scenographo Sr. FREDERICO DE BARROS.

7º QUADRO.—**Virar casacas!** Outro trecho da rua do Ouvidor, á noite, terminando com um grande incendio ao fundo. Trabalho do distincto scenographo Sr. COLIVA.

8º QUADRO.—**Salva! Salva!** O mesmo scenario do quadro 6.º

9º QUADRO.—**Gloria ao genio!** Esplendida apothese a Victor Hugo. O Arco do Triumpho, de Pariz, na occasião da exposiãõ do corpo do grande poeta, copiado fielmente das photographias francezas. Trabalho feito com todo o capricho pelo Sr. COLIVA.

ACTO III

10º QUADRO.—**O Poder das nabijas.** Praça das Marinhas, copiada com a maxima exactidão pelo Sr. FREDERICO DE BARROS.

11º QUADRO.—**O Rei-Palhaço.** O palco do theatro S. Pedro de Alcantara. Scenario do Sr. CARRANCINI.

12º QUADRO.—**Sagração de um artista.** Uma sala da Academia das Bellas-Artes; lindissimo quadro vido.

13º QUADRO.—**A Emboscada.** Parte do Parque da Acclamação; ao fundo a cascata. Trabalho do Sr. FREDERICO DE BARROS.

14º QUADRO.—**O rapto da Opinião.** Esplendorosa apothese. Magnifico trabalho do Sr. CARRANCINI.

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 16 DE JANEIRO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 55.

REDACÇÃO E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, N. 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

SUMMARIO

Expediente.....	
O nosso 1º anniversario..	
O Jury da Morte.....	C. DE AZEVEDO.
A «Revista Popular»....	V. M.
Dúlla, poesia.....	A. DE SOUZA.
A vida elegante.....	LORGNON.
Contos a premio.....	
Um soneto Inédito.....	J. BONIFACIO.
O Retardatario.....	Concurrente n.º 0
A Trança.....	PAULA NEY.
Sport.....	L. M. BASTOS.
A idade do Papá.....	ADELINA VIEIRA.
Aqui, ali, acolá.....	ALFINETE.
Theatros.....	P. TALMA.
O Carreiro.....	A. FURTADO.
Factos e Noticias.....	
Instrução publica.....	
Recebemos.....	
Correio.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

GERENTE

F. D'ALMEIDA

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

ASSIGNATURAS

CÔRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

Somente com o proximo numero poderemos distribuir aos Srs. assignantes do anno passado o indice al phabetico das materias contidas no primeiro volume d'A *Semana* e a folha de frontispicio que haviamos prometido para o numero de hoje.

Os senhores que tomarem uma assignatura d'A *Semana* por todo o proximo anno de 1886 terão direito a um dos seguintes premios, á sua escolha:

VINTE CONTOS, por VALENTIM MAGALHÃES.—Este livro, que se está imprimindo nas officinas d'A *Semana*, foi expressamente feito para ser distribuido como premio aos assignantes d'esta folha. Conterá mais de duzentas paginas em superior papel, com uma capa de fantasia.

NÃO SERÁ POSTO Á VENDA.

Assim, os que tomarem uma assignatura d'A *Semana* por um anno, e sómente esses, terão direito a um exemplar d'essa obra, que, a ser vendida não o seria por menos de 3\$000, o volume.

AURORAS, versos, por Alfredo de Souza; encadernação de luxo.

O HOLOCAUSTO, romance de Pedro Americo de Figueiredo.

MARGARITAS, poesias da distincta poetisa D. Adalina Amelia Lopes Vieira; um bello volume.

Aos senhores assignantes de seis mezes daremos como premio QUATRO POEMAS, por Luiz Murat, um exemplar das AURORAS, brochado, ou TYPOS EM PROSA E VERSO, de A. Lopes Cardoso.

N. B.— Os senhores que assignaram A *Semana* por um anno, a terminar em Dezembro de 1885, receberão, segundo promettêmos, um exemplar dos VINTE CONTOS.

Leiam-se em outro logar desta folha as «Vantagens dos assignantes d'A *Semana*.»

O Sr. Leonel Guerra é a unica pessoa por nós encarregada de agenciar assignaturas nas provincias.

Tem todos os poderes para representar esta folha.

O nosso primeiro anniversario

«A SEMANA»

Os nossos collegas, redactores d'este periodico, festejaram no dia 3, o primeiro anniversario de sua fundação, offerecendo aos seus collegas de imprensa e a alguns amigos um delicado e profuso lunch, que foi servido no escriptorio da folha sobre as proprias mesas de trabalho.

Da imprensa diaria fizeram-se representar o *Paiz*, o *Diario de Noticias*, a *Gazeta da Tarde* e esta folha. Estiveram presentes muitos homens de letras e trocaram-se numerosos brindes.

Mais uma vez saudamos a sympathica e brilhante *Semana* pela sua esplendida victoria, comprimentando o seu director o nosso collega Dr. Valentim Magalhães. Por todas as razões é digna de prospero e glorioso futuro a unica folha que possuímos com caracter essencialmente litterario.

Durante o lunch distribuiu-se entre os convidados o n. 53, primeiro do segundo anno: além de magnificamente escripto, apresenta varios aperfeiçoamentos materiaes dignos de nota.

Parabens á *Semana*.

(Da *Gazeta de Noticias*.)

«Exuberante de vitalidade, animada pelas mais auspiciosas esperanças de longo e brilhante futuro, entrou hontem A *Semana*, com o n. 53 ora distribuido, no seu segundo anno de existencia. Em um bem lançado artigo explicativo, o seu talentoso e indefesso director assim se exprime: (Seguia-se um trecho da *Historia dos sete dias*.)»

(D'O *Paiz*.)

«A SEMANA»

Hontem, ao meio-dia, reuniram-se no edificio da redacção d'A *Semana*, a convite do seu director, quasi todos os redactores e collaboradores da mesma, assim como diversos representantes das folhas diarias e periodicas da côrte, afim de festejarem o 1º anniversario da criação d'aquelle orgão litterario, inquestionavelmente a mais bem elaborada e a mais futura de quantas folhas exclusivamente litterarias têm apparecido entre nós durante estes ultimos annos. Esta prospera carreira e justo prestigio são devidos, muito principalmente, aos indefessos e constantes esforços do seu talentoso director, o dr. Valentim Magalhães, e bem assim aos demais companheiros de trabalho, no mister glorioso mas ingrato de levar por deante um empreendimento d'aquelle ordem, em um meio tão infenso ás cousas da litteratura e da arte.

Ao sympathico collega desejamos cordialmente todas as venturas.

(D'O *Paiz*.)

Os nossos collegas da *Semana*, para solemnizar o seu 1º anniversario, reuniram na sala de sua redacção os representantes d'O *Paiz*, *Gazeta de Noticias*, *Gazeta da Tarde* e *Diario de Noticias* e lhes offereceram um delicado lanche onde se trocaram os mais entusiasmaticos brindes.

O *Diario de Noticias* cumprimenta os seus illustres collegas da *Semana*.

(Do *Diario de Noticias*.)

A *Semana*, importante hebdomadario que, sob a direcção do distincto litterato dr. Valentim Magalhães, se publica na Corte, completou e seu primeiro anniversario.

Á sua illustrada redacção enviamos as nossas felicitações por tão auspicioso acontecimento.

(Da *Provincia do Rio*.)

«A SEMANA»

Completo seu primeiro anno de existencia esta primorosa revista litteraria, de que é director o nosso illustrado e distincto collega Valentim Magalhães. Para nós, que conhecemos de perto as mil difficuldades, os numerosos obstaculos que se oppõem ás empresas d'esta ordem, esforçando-se por condemnal-as a uma vida ephemera, os 52 numeros d'A *Semana* representam a resultante de esforços energicos e constantes, contra os quaes nada pode conseguir a resistencia dos espiritos estacionarios, e de que bem poucos dos nossos litteratos se mostrariam capazes. Valentim Magalhães, porém, pertence ao numero d'essas naturezas varonis que, tendo se proposto a uma empresa, hão de leva-la a effeito; e dizer qual tem sido o resultado por elle obtido seria registrar aqui o sem numero de triumphos, de esplendidas victorias que, *au jour le jour*, alcança A *Semana*, impondo-se á admiração dos que sabem avaliar as bellezas de que a aureola uma pleidade de escriptores distinctos.

Enviando ao collega nossos cordiaes parabens, agradeçamos-lhe as amaveis expressões que generosamente nos dispensou em seu ultimo numero, e desejamos-lhe vida prospera e longa.

(D'O Domingo.)

«A SEMANA»

Com o numero 52 encerrou o seu primeiro anno, esta magnifica revista hebdomadaria que se publica na Corte sob a direcção do illustrado jornalista dr. Valentim Magalhães.

Felicitando o estimavel collega pelo seu primeiro anniversario, fazemos sinceros votos para que, passados longos annos, hajamos de o felicitar pela vigesima vez.

Aproveitamos a occasião para agradecer de novo a pontualidade da permuta que se digna fazer conosco.

(D'O Tempo, de S. João do Rio Claro.)

O JURY DA MORTE

Em mez do anno recém-morto contaram jornaes de França o processo contra Louis Desprez, um rapazola de talento, auctor de um bello estudo sobre escriptores naturalistas.

Accusado de offensa á moral publica, por haver desenhado em romance de sua lavra factos da vida, sem os arrebiques dos litteratos a Vatteau, engendrando cousas boas e mundos de ideal ventura e pureza, antes narrando o observado com o colorido honesto da realidade, o desventurado auctor vio-se condemnado por meia duzia de pantafaçudos burguezes, enfardados na tolice a mais profunda, a mais besta possivel.

A ira da banalidade, representada por um grupo de microcephalos, atirou-se sobre a misera creança, e, em nome da lei, prendeu-a em carcere de ladrões e bebados.

Fraco de corpo, de uma saude delicada e carecedora de mimos, o talentoso mancebo ganhou em pouco affecção pulmonar que o levou á cova.

E deu-se em Pariz o que venho contando; e ainda naquella terra de liberdade se mata gente por escrever o visto e ouvido!!

Comprehendo agora a cholera desenfreada, o odio biblico, demoniaco, publicado por Zola, no seu esplendido grito de combate—*Mes haines*. É justa

aquella furia contra a indifferença lorpa dos bem jantados e dos peraltas sem brio accusando a litteratura de mister de ocioso; é cabida a cholera relampejante contra a virtude fragil e beata que se arreceia da verdade escripta com intuitos educadores, obra de talento orientado, nota de temperamento litterario.

Saracoteie de gaudio bacchico a virtude social symbolizada pelos juizes de Desprez; morreu na enxovia o ousado cavalleiro das letras, infanção de boa nobreza em desperdicio de coragem.

Mande a moral illuminar as ruas e em véus de estrellejada e rosea gaze envolver o Arco do Triumpho, não ha muito adereçado de crepe por morte de Victor Hugo.

Grande tolice humana, immortal adversaria de todas as manifestações do talento, vamos! escancara a bocca no teu sorriso mais expressivo, e goza, bebeda; empunha o thyrsos e dansa sobre a cova d'essa creança valente que se afundiou na morte por tua culpa.

E como pôde caber na escuridão da cova a aurora inteira de uma intelligencia ousada? E como não explodiu em louca ira, de sob a terra, esse outro volcão, o cerebro do romancista e do critico?

Está contente a Moral; as enodoadas vestes limpou zelosa, e Deus, esse producto da cobardia e da ignorancia humana, deve agora sorrir de satisfeito, alisan-to a longa e prateada barba.

Eu sinto dentro em mim o tumultuar do odio, e sinto a instinctiva necessidade de injuriar esses assassinos, que, em nome de uma collectividade, em nome de um povo heroico e intelligente, bondoso e tradicionalmente bravo, atiram com uma creança a uma enxovia imunda e deixam-na morrer... e deixam-na morrer!...

Desprez teve o heroismo de não supplicar o perdão do presidente da republica, por desconhecer capacidade nos seus juizes, justiça no *verdictum*, legitimidade no processo.

Desgraçada virtude social essa que vinga injurias por meio de crueza de burguezes atoleimados!

O unico tribunal para o livro é o publico leitor; o unico juiz da obra do talento é o consumidor litterario ou scientifico.

Se o livro não presta; se a preocupação luxuriosa foi a determinante do trabalho; se a ancia de exito rebuscou motivos de sensualidade e trouxe a gamma inteira do nú e do indecente; despreze o publico essa mercadoria avariada, varra-a do mercado pelo seu desprezo; deixe morrer á mingua o escriptor corrompido ou estulto.

Mas quando a produção emana de um talento honesto, observador e leal; quando a vida é agarrada em flagrante pelo litterato, e a natureza transmittida pelo prisma do seu temperamento, trazendo o cunho da sua compleição mental, guarde o publico respeito ao producto, embora rejeite o producto.

Arvorar uns tantos idiotas em guardas da honra social; atirar esses gafeiros contra um livro, cujo valor elles não podem apreçar; crear penas contra o litterato, condemnal-o á cadeia, e tudo isso em nome da lei, com o auxilio da força, com o prestigio do direito, é praticar infamia desmarcada.

Sou naturalista convencido, por estudo e não por moda.

Ganhei na meditação e na leitura compassada de tudo o que se tem escripto, romance e critica, sobre naturalismo, o ardimento para essa confissão, já anteriormente lançada em artigo, na *Gazeta de Noticias*, e que me vae agora trazer novos odios. E estimando a litteratura como o partidario a politica e o crente a sua fé, atiro o grito de assanhada cholera contra essa infamia de um assassinato legal.

Dou remate ao meu indignado protesto reproduzindo as palavras de Zola, colhidas em um jornal d'esta Corte; « Neste momento não quero mais saber se nesse assassinato houve um tribunal, jurados, um prefeito de policia; sinto apenas necessidade invencivel de bradar: — Aquelles que mataram essa creança são uns miseraveis!

Côrte, 4 de Janeiro de 1886.

CYRO DE AZEVEDO.

A «REVISTA POPULAR»

Com este titulo começou na capital da Bahia a existencia de uma publicação hebdomadaria sob a principal redacção do Dr. Benjamin Franklin.

Acabamos de ler os quatro numeros vindos a lume e apressamo-nos a dar conta das impressões que nos deixou a sua leitura, para corresponder á amabilidade da visita do recém-nato collega.

Não podiam ser melhores essas impressões. Tão boas foram que começamos logo por felicitar a capital da adeantada provincia pela excellente publicação com que acaba de dotal-a o illustrado Dr. Benjamin Franklin e a este pela idéa da criação dessa revista, pelo excellente plano sob que a organisou e pela admiravel direcção que lhe vae imprimindo.

A *Semana* impoz-se desde o seu inicio, como um dever sagrado—exaltar o merecimento e auxiliar a propaganda de todas as publicações que como a *Revista Popular* — tendo um fim de elevada utilidade, representam o consorcio destas duas gigantesas forças: — talento e trabalho.

Mais uma vez cumprimos hoje, contentissimos, esse grato dever.

Quaes os intuitos da *Revista Popular* dil-o em poucas palavras o seu artigo inaugural:

« A *Revista Popular* vem tomar na arena jornalística do paiz um lugar que parece estar vazio.

Temos jornaes religiosos, politicos, noticiosos, illustrados e não illustrados, temos quasi que em todos os generos; falta-nos, porém, uma publicação de *doutrinação pela sciencia applicada á vida individual ou civica*, uma publicação que possa concorrer para o aperfeiçoamento dos costumes nas relações particulares ou publicas por meio da unica força proficua: a instrucção.

« O nosso fim procurando instruir é: melhorando o estado individual, *melhorarmos o da Patria*; esse é o nosso objectivo final.

« Queremos, pela diffusão de conhecimentos uteis, elevar tão alto a mentalidade dos nossos concidadãos que o patriotismo latente no peito de quasi todos surja impetuoso e fecundo para o progresso nacional.»

E' levada a *Revista Popular* a trabalhar para a realização desse nobilissimo e urgente *desideratum* pela convicção verdadeira de que « o nosso maior mal é a falta de patriotismo e de conhecimento exacto dos factos.»

Lamentamos que nos impossibilite a escassez de espaço a trasladacção integral desse criterioso e eloquente artigo.

Não resistimos todavia, á necessidade — mais que desejo — de repetir os seguintes assertos, ricos de observação e bom senso:

« Onde está a Patria
« Quem cuida do Brazil ?

Alguem cuida, cuidam alguns pensadores no recesso do seu gabinete, esses em cujo coração não apagou-se a santa scintilla do amor patrio; mas são poucos, e só de longe em longe é que o seu esforço patriótico pôde balouçar um pouco as náus em que navegam descuidados os que tem tomado a seu cargo dirigir os destinos do Paiz. Dizemos: *tomado a seu cargo*, e dizemos *propositamente*, porque é sabido que as massas, as directoras naturaes dos destinos da Patria, porque representam a maioria da Nação, estão immersas no cahos da maior insciencia, e ou escravizadas, ou alheias ao movimento politico, que faz-se exclusivamente por conta de uma minoria duplamente incompetente.

« Livral-as desse estado, instruil-as é o unico meio de fazer a *revolução* necessaria ao nosso progresso.

« Instruindo, não ha quem não ame com delirio esta grande terra em que nascemos, e com tanto maior exaltação quanto maior for o conhecimento que for adquirindo de que ella só é pequena por culpa de seus filhos.»

Este bello programma tem sido fielmente e brilhantemente executado. A *Revista* tem sido abundante de artigos sobre finanças, hygiene, agricultura, industria, artes, sciencias, etc., etc.

Recomendamos com empenho os que se inscrevem:

« O trafico e os trabalhos abolicionistas no Brazil », « A situação financeira da Bahia e os meios de remedial-a », « As loterias », « Receitas e processos uteis » etc.

A parte material da *Revista* casa-se perfeitamente com a mental. E' impressa em magnifico papel, typo elegante e novo, impressão nitida; 12 paginas, em duas columnas.

Esta publicação honra a Bahia e o paiz, e a este como aquella está destinada a prestar importantissimos servicos.

Saudamos seu fundador e director — Dr. Benjamin Franklin, desejando á *Revista Popular* gloriosa e proficua longevidade.

V. M.

DULIA

Para falar-te de amores tenho
Todas as flores;
Pois os amores...
Para cantal-os rimas engenho!

Rosas e beijo, lyrios e cravo
Dão-me a lembrança
Desta esperança
De ser e sempre eu teu escravo.

Basta um olhar, chega um sorriso,
P'ra dominares
Os meus olhares
E os meus affagos, se for preciso!

Vejo-te em sonhos, e a cada instante
Vejo-te bella!
Sacode, estrella,
Por sobre mim tua luz brilhante!

Quero-me dentro d'esses teus olhos;
E lá no fundo
Achar um mundo
Onde não haja sombra de abrolhos!

Teu coração todo se veste,
Que encantamento!
Num só momento,
Num só minuto de azul-celeste.

E os sonhos todos e as esperanças
— Aves doiradas,
Enamoradas
Vivem lá dentro lepidas, mansas!

No teu semblante, Deus que formou-te,
Oh, que alegria!
Pousou o dia
E em teus cabellos pousou a noite!

Fez-se uma vida das nossas vidas!
E como as plumas,
Como as espumas,
Nossas caricias vivem unidas.

O' meu conselho! O' miulha santa!
Se hoje te vejo
Dou-te num beijo
Toda a minh'alma que exulta e canta!

Toda a minh'alma que olha o universo!
Doida, solerte,
Para trazer-te,
Para encerrar-te dentro de um verso!

Deus que te fez mais que as formosas
Formosa e boa;
Deus, que perdoa
A mão do infante que fere as rosas;

Deus, do seu throno todo azulino,
O' meu conselho!
Deus—o bom velho,
Ha de guardar-uos um bom destino!

Não te arreceis!. seguindo vamos
Pelo caminho...
Olha este ninho
Que delicia gosa entre os ramos!

Se suprender-nos a noite escura
Da estrada em meio,
Oh, sem receio
Nós dormiremos na sepultura!

E ao despertarmos á claridade
Que revigora,
Por nua aurora
Tu tomarás a Eternidade!

Não te arreceis!. seguindo vamos
Pelo caminho...
Olha este ninho
Que delicia gosa entre os ramos!

1886.

ALFREDO DE SOUZA.

À VIDA ELEGANTE

Principio de anno e abundancia de festas: bailes a dar com um pau; os confeiteiros não têm mão a medir e as caixinhas multicores de saborosas amendoas andam ahi por essas casas para regalo das crianças e das moças.

O *Club de S. Christovão* deu nada menos de duas esplendidas *soirées*, na quinta-feira da semana passada e na terça d'esta, as quaes corri pressurosas, despedindo-me assim com ares de quem lá queria passar a vida inteira, apezar de já ter fruido os bons momentos de duas noites feericas.

Quantas moças vi eu, Deus do céu, quantas estrellas fulgentes passavam ante meus olhos, deixando-os extaticos!

E essas noites infelizmente já lá se vão por esse passado fora para nunca mais voltarem.

Realmente é doloroso ir a gente a uma festa, sacrificar o seu coração diante de umas tranças negras d'um rosto angelico de alabastro e ter afinal de contas, de retirar-se e entristecer sob o peso de uma grande saudade. Valha-me ao menos a esperança de poder voltar ainda muitas vezes e sentir reviver essa ventura de estar ao lado de tantas bellezas excepcionaes que levam a alma do mais pacato burguez ás regiões perigosas mas delicias do lyrisimo.

Agora que já falei do principal attractivo do *Club de S. Christovão* passo a dizer que esteve magnifico o concerto realizado na primeira reunião, o qual foi precedido da distribuição de premios aos Srs. J. D. Nogueira, Luiz, Indig. Alexandre Baptista, Luiz Guerra, Julio Mallet, Eusebio Vianna, Joaquim de Mendonça, Gusmão Filho, Antonio H. Barata e Honorio Lobo, vencedores no torcico de bilhar que se realizou antes das festas.

Ao *Club de S. Christovão* mil felicitações pelas suas bellas *soirées* e que ellas se reproduzam é o que deseja o

Ego sum qui sum.

Eu sou quem sou. Tenho pernas p'ra todas as *soirées* de quantas sociedades dançantes ha por este mundo.

E' afinal de contas ninguem melhor do que eu sabe comprehender este orbe cheio de lagrimas e sorrisos! E' elle uma bola a rodar, a rodar, e ahi vou eu dançando á proporção que ella vira, at-que chegue o fatal momento de ajustar contas com aquella sujeita de garras aduncas que não é p'ra graças e que tem uma aversão de todos os diabos aos bailes.

Mas o melhor é fallar da partida do corrente mez do *Grupo Familiar* de Nitheroy.

Toda a noite passei eu dando que fazer aos olhos e ás pernas; e quando o sol rasgava as roseas cortinas do levante, eu—triste mortal, cerrava as do meu leito e escondia-me no delicioso poente do dito, depois de ter assistido a uma festa esplendida, a um magnifico concerto em que tomaram parte as Exmas. Sras. DD. Maria Eliza de Andrade e Francisca Soares de Freitas, que cantou um trecho de *La forza del destino* de Verdi, e os Srs. Dr. Julio Faria, Horacio Lemos (que me fez ouvir uns bons pedaços de musica em clarinete e saxophone), Eduardo Kervey, na melodia *Si tu m'aimais*, de L. Denza, Cruz Ferreira, Genaro Arnaud, Rossi, F. Martins e Raphael Agostini.

A' digna directoria do *Grupo Familiar* mil agradecimentos pelo convite que dirigiu á *Semana* para a sua bella festa.

LORGNON.

Um soneto inedito de José Bonifacio

Confiou-nos um amigo o seguinte soneto inedito de José Bonifacio. Chamamos para elle a attenção dos leitores.

QUÊ

*Um quê de brando e um não sei quê de altivo
No rubro labio crespo de carmim,
Um quê de fina mofo, e assim, assim
Nos olhos seus um não sei quê de vivo;*

*Um quê e um não sei quê que em traço esquerdo
Na mobil graça me diz—não—e—sim—
Um quê d'entre o coral, vindo o marfim,
De um não sei quê de voz ou som festivo;*

*Um quê de leve aragem no sorriso,
De leve borbuleta um não sei quê
No aéreo passo que subtil diviso;*

*Traquinando, menina, escuta e creê:
De todos estes quês do Paraíso
Se não ha para quê de diz porque.*

JOSÉ BONIFACIO.

« O RETARDATARIO »

O amavel escriptor do *Boletim do Paiz*, dando noticia do ultimo numero da *Semana*, referiu-se ao conto de concurso publicado com o titulo que levam estas linhas; referiu-se com palavras de louvor, que sorprendenderam pela attenção que mereceu a um organ da imprensa diaria aquelle modesto ensaio de litteratura amena; mas ao louvor accrescentou uma censura, que não parece justa.

Lastima « que o final da terceira parte encerre uma idéa, que, sendo aliás desenvolvida com chiste, nem porisso deixa de inspirar certa repugnancia »; acha pouco verosimil o facto, que considerará como aberração da perversidade ou da corrupção.

Cuido que o distincto relator do movimento da imprensa diaria, no *Paiz*, applica este conceito ao typo de mãe delineado no conto. Se assim é — e parece que não pôde ser outra coisa, — a censura é, como já disse, injusta, e a restricção que se lhe poz, dizendo que a idéa foi desenvolvida com chiste, se não é ironica, é inteiramente descabida.

Comecemos por este ultimo ponto a breve resposta que temos de oppor ao illustrado critico.

Nunca foi proposito do auctor do conto dar tom chistoso ao amor que Marianna nutre pelo genro e ao odio que vota á filha e que fazem explosão no ultimo capitulo. Se, em obra d'arte, se preocupasse com a moralidade dos sentimentos expressos, — o que não julga que seja dever seu, — podia dizer que aquelles desordenados affectos legitimam-se exactamente pela apaixonada vehemencia que os exalta: a paixão é um dos maximos humanos, como o genio ou como o heroismo: como tal, vale pelo que é, como uma das supremas energias da alma, não precisa justificar-se — impõe-se. Isto tudo, já se vê, no ponto de vista da arte, que é muito mais vasto que o da moral.

Assim, pois, notar chiste onde houve exaltação sincera, não pode acceitar-se como louvor de bom quilate, se é que, na intenção do critico, foi louvor e não graciosa ironia.

Agora, o ponto principal: ao auctorrisado censor affigurou-se inverosimil, aberrativo, teratologico, o typo de Marianna: pensa que não deveria entrar

«em um ligeiro conto alegre e gracioso». E' ponto a discutir se o conto pôde reivindicar o direito de tractar assumptos graves como os que hoje são do incontestavel dominio do romance. Eu penso que pôde, e gente melhor do que eu, Zola e Daudet, por exemplo, assim têm entendido e praticado.

Outro ponto interessante para a discussão: se só o que obedece ao estalão da mediocridade, se só o que não transcende da média observavel, da linha comum, deve ser colhido, como documento humano, para assumpto da obra d'arte, romance ou conto; ou se devem, pelo contrario, preferir-se as excepções.

Não me responsabilizo pela fidelidade da citação, que é feita de memoria, mas creio que foi Dumas Filho quem escreveu que só das excepções valia a pena tractar no drama.

Seja como for, sustento que o caracter de Marianna, se não é vulgar, — e isto é mérito, — é humano. Se é bello — quer dizer, se tem legitimidade artistica, — não sou eu, e a critica quem o deve dizer.

Repugnou ao meu amavel critico; mas porque? Porque é mãe monstruosa, segundo a propria confissão della? Triste razão! Mais monstruosa mãe foi Medea, que, na furia do ciúme, trucidou os filhos que houvera de Jason; e a sinistra irmã de Circe não foi indigna de iuspirar o genio de Euripides e o estro de Corneille.

Não a offereci como exemplo ás mães de familia, como modelo de mãe.

Presumo que Flaubert, o excelso mestre, nunca entendeu, para legitimar a concepção da Bovary, que ella pudesse ser acceita como o typo das esposas.

Nada disto, amavel confrade; nem eu visei a ser chistoso, — e se o consegui, neste episodio, foi completo desastre, — nem cullei, tão pouco, de mostrar a mãe typica, ou, sequer, mãe acceitavel. Estou apenas convencido de que não a fui procurar fora da natureza, nem fora da nossa propria sociedade.

Reclamo para o meu humilde ensaio a verosimilhança, porque, em minha consciencia pelo menos, não escrevi conto phantastico.

Emfim, muito obrigado ao *Boletim do Paiz* pelo favor de sua attenção.

Rio, 13 de janeiro de 1885.

CONCURRENTE N. O.

A TRANÇA

AO MEU AMIGO RODOLPHO PORCIUNELA

Esta sancta reliquia immaculada
Do teu saudoso amor; esta lembrança
Da vida que fugio, arrebatada,
Ligeira, como um sonho de creança,

Nos sonhos de uma noite de bonança...
— Eu guardo juncto a mim, ó noiva amada,
Emquanto minha vista não se cança,
De vel-a e de adoral-a extasiada...

Com os fios d'esta trança, tão escura,
Tão negra, sim, que até minh'amargura
Invejara-lhe a côr, e tão macia...

Qual petalo de rosa!... eu teço á noite,
Da viração sentindo o brando açoitio,
— O epitaphio da minha campã fria!

Bahia—1883.

PAULA NEY

CONTOS A PREMIO

(Vide *Semana*, n. 47)

Temos mais dois concorrentes: J. Bar, Silva Claudio e R. Octavio.

Lembramos aos senhores que desejem concorrer que o prazo para recebimento dos contos encerrar-se-á no dia 14 do proximo mez de Fevereiro. Apressem-se, pois.

SPORT

Com regular concurrencia e na melhor ordem realisaram-se no ultimo domingo as corridas do *Hippodromo Fluminense*, que tiveram o resultado seguinte:

Correram no 1.º pareo (1020 metros) *Mandarim* e *Aurelia*, ganhando aquelle com facilidade.

No 2.º pareo *Savana* bateu perfeitamente *Barbara* e *Chrichaná*, sendo o tiro 800 metros e 60 segundos o tempo da corrida.

Correram no 3.º pareo (1350 metros) *Boyardo* e *Douro* ganhando aquelle em 95 segundos.

No 4.º pareo, deixando de correr *Frisca*, *Saphira* sahiu victoriosa de *Jaquary*.

Coube a victoria do 5.º pareo, contra a expectativa geral a *Mandarim*, que bateu *Garibaldi* e *Boyardo* (1350 metros) em 93 segundos.

No 6.º pareo (1.100 metros) *Africa* em 82 segundos venceu os competidores e firmou seus creditos de conhecer aquella raia.

No ultimo pareo fizeram um triste *embrulho* para ganhar *Orione*, mas a digna directoria, que não está disposta a endossar patotas, annullou a corrida, no meio de geraes applausos. Foi o caso que os jockeys de *Conde* e de *Barbara* não tractaram de ganhar, mas de atrapalhar *Savana*, protegendo escandalosamente *Orione*.

Os *bilontras* perderam o seu latim. Viva a distincta directoria e continue o *Hippodromo Fluminense* a proceder com seriedade e independencia.

CANTER.

O *Hippodromo Guanabara* effectuou no ultimo domingo mais uma corrida sendo bem regular a concurrencia, apesar do publico ter sido forçado a dividir-se.

A directoria foi incansavel em obsequiar a todos os seus convidados e se o divertimento não foi melhor a culpa foi de alguns proprietarios retirarem seus animaes o que tornou os pareos menos importantes e mais faceis para os *conchavos*.

De 11 animaes inscriptos no 1.º pareo (850 metros) apenas correram *Rubim*, *Eucharis*, *Cruzeiro*, *Didi* e *Tchang*. Sahio victoriosa *Didi* em 64 segundos, mas o culpado foi o jockey da *Eucharis*. Não sei em que pensava o *innocente* rapaz quando fez a corrida. Depois de tomar a ponta e tendo animal duro, não pulchou por elle, deixou *Rubim* passar e logo depois *Didi* e foi ficando, ficando, sem reparar que *Didi* ia sendo posta no freio. Ora...era impossivel na pequenina recta fazer milagres e *Didi* ganhou esbarrada. Toca o hymno, rapaziada! Viva D. Quixote. (Poule.....678300.)

No 2.º pareo havendo empate entre *Druid*, e *Vampa*, correram ambos de novo os 1000 metros e *Druid* folgadoamente venceu em 71 segundos. Dos animaes inscriptos só tomaram parte *Nicoaffi*, *Schalchi*, *Araby*, *Druid* e *Vampa*.

No 3.º pareo correram *La Linda*, *Guzida* e *Coralia*, que fez victoriosamente

os 1800 metros em 1:35 segundos. A pobre da *Gazida* com um jockey tão pesado e que puchou-a desde o começo acabou cedendo terreno a *Coralia* que foi perfeitamente corrida pelo joven Gustavo.

No 4.º pareo..... tenham a paciência de esperar que ainda não appliquei o binoculo..... Enfim lá vae o que vi com estes que a terra ha de comer. Vi na taboa *Vampa* vender 122 poulas quando devia vender 22 e comecei a ficar intrigado. Bacorejava-me um palpite de que o *Druid* ia caçar com o meu cobre. Subi para a archibancada e só embirrei com o *Vampa* não enfileirar, querer sahir feito, o os jockeys de *Nicoaji* e de *Druid* parecendo achar isso muito bom e sem farofa. E o facto é que *Vampa* acabou sahindo feito e sem que os competidores em 1450 metros se lembrassem de esticar. So na recta e depois que era impossível vencer, *Druid*, que vinha preso, levou duas chicotadas de amigo. (Poule... 328:300).

No pareo de amadores (1000 metros) o abaixo assignado não podia dar pernas ao bucanarte *Sultão* e com a pessima sahida que houve, por um triz fica na mais triste bagagem. Ganhou facilmente *Serodio*, montado pelo habil amador dr. Daniel, chegando em 2.º lugar o Snr. Pelagio, que montou o *Bilontra*, obrigando-o a fazer uma boa corrida apesar de se haver arrebetado um estribo.

No 6.º pareo (1000 metros) *Gazida*, montada por Manoelzinho bateu com vantagem *Bella Alliança* que, aliás, não é mau animal e promete para o futuro.

Correram no ultimo pareo *Foscal*, *Zizaina*, *Didi*, *Serodio* e *Eucharis*. O jockey de *Eucharis* não quiz (desta vez) fazer do chicote um canço de pescaria e quando viu *Didi* na frente, foi buscal-a, bateu o couro na *Eucharis* e dentro de pouco tempo a *Didi* ficava para traz como uma criança desmamada.

A's 6 1/2 terminou o divertimento e na barca via-se a figura radiante dos Jucas..... e dos Manducas..... tambem.....

Ainda uma vez não me cançarei de fazer um appello para que todos os pareos sejam corridos com maior lisura. O publico, que tanto ama esse divertimento, não pode estar á mercê de *mds inspirações* dos jockeys, que por vezes compromettem seus patrões.

Os primeiros a soffrer serios embaraços com isso são os proprietarios, visto que de dia para dia o publico vae ficando retrahido e já começam os pareos a dar prejuizo aos cofres das sociedades, que serão dali obrigadas a reduzir cada vez mais a importancia dos premios.

Na verdade é tudo que ha mais significativo o annunciarem a venda para um pareo e o publico conservar-se quieto e só se esforçando para ver se descobre qualquer *marosca*.

L. M. BASTOS.

A EDADE DO PAPÁ

(LUIZ RATISBONNA)

— Que idade tens, papá ?

— Trinta annos. — Mas então tens a idade acabada.

— Como acabada ? ! Tu queres que eu morra já ?

E' cedo, espero em Deos vel-a muito augmentada.

— Que tempo falta mais ?

— O tempo, meu amor, que um filho inda menino

precisa sem cessar cuidados paternaes,

emquanto, — entendes bem ? — tu fores pequenino.

— Depressa crescerei, pões ficar tranquillo !

.....

E o pae beijou sorrindo o ingenho crocodilo.

ADELINA LOPES VIEIRA.

AQUI, ALI, ACOLÁ

Pois que tanto se tem fallado nos ultimos tempos do infeliz rei Affonso XII, de Hespanha, não virá fora de proposito a seguinte anedocta:

«Era em 1869, á partida do balão monstro de Nadard, o *Geant*.

Terminaram os viajantes os seus preparativos. Tudo estava disposto na barquinha e pouco tardaria a voz de: *Larga!*

De repente, uma creança de uns doze annos, que se achava com o seu preceptor no recinto reservado, poz-se a saltar na barquinha que só esperava os aeronautas. Um d'elles Wilfrid de Fenvielle, que receiava que o intruso lhe inutilisasse os instrumentos, aproximou-se d'elle encolerizado:

— «Tirem-me d'aqui este *petiz!* disse para um dos seus ajudantes.

— E' um principe! disse-lhe baixinho um dos assistentes.

— Aqui não ha principes! replicou elle. Anda meu garoto, trata de te por lá fora. E pegando-o pelo braço pol-o fora da barquinha. O garoto era o futuro rei de Hespanha.

Um nigromante, que estudára a mão de V. Hugo, acaba de apresentar o resultado de suas observações. E' este:

Pela mão que o poeta possuia deveria elle fatalmente obedecer ao impulso de duas forças não equilibradas, impellido-o, atirando-o alternativamente ás profundezas do ideal ou ás asperezas da realidade.

Pelos delos compridos, ponteagudos, a mão é *psychica*: pertence ella ao «primeiro mundo». Pela palma que é larga, forte e mais comprida que os delos; pelo *nó de ordem material* que existe entre a segunda e terceira phalange, e faz o dedo nodoso; pelo volume das tres phalanges, a mão é *material*: pertence ao terceiro mundo.

Esta concordancia entre a forma da mão e a disposição das linhas confirma do um modo cathgorico a dupla impressão de que V. Hugo deveria ter soffrido a influencia contradictoria.

Obedecendo ao impulso do primeiro mundo, foi elle o patricio, o aristocrata, o realista, o poeta religioso e mystico que cantou Deos e o Rei.

Obedecendo ao impulso do «segundo mundo», foi elle o plebeu, o democrata, o republicano, o homem popular que viveu da alma das multidões, que lisongeou as paixões do povo e que se embriagou com os seus louvores.

Em resumo a mão de V. Hugo diz que elle não possuia nenhum dos elementos de ponderação e de equilibrio que dá o mundo intermediario, segundo diz o *mundo philosophico* ou *material*: As poderosas influencias antagonistas dos dois mundos extremos o *Divino* e o *Material* explicariam sufficientemente a originalidade do seu talento, os desvios e as excentricidades do seu genio e as fluctuações em que alguns viram um crime.

Como um balão sem lastro, em corrida desigual, apparece irregularmente ao povo maravilhado como estrela perdida nas profundezas do ceo ou qual monstro gigante rastejando pelo solo. Assim—conforme a sciencia Hermetica—V. Hugo pelas duas faces de seu incomparavel genio *desquilibrado* deve apparecer aos olhos deslumbrados da multidão que o idolatra, e, se ousasse levar mais longe a antithese tão amada pelo divino poeta, diria com a Negromancia, que elle foi um louco sublime!

ALFINETE.

THEATROS

LUCINDA

Com um bom numero de espectadores deu-nos a companhia d'este theatro, na noite de 11 do corrente, a engraçada e popularissima parodia de Arthur Azevedo—*A Filha de Maria Angú*.

O desempenho não se pode dizer que foi mau.

Rosa Villiot no seu papel de *Clarinha* esteve como sempre—magnifica.

O actor Colás fez o que poudé para dar-nos um bom *Bitú*; e conseguiu por vezes comquanto a sua voz não o ajudasse em certas occasiões.

Peixoto no papel de *Barnabé*, Martins no de *Subdelegado* e a actriz Blanche Grau no de *Chica Walsa* portaram-se perfeitamente.

Santos Silva deu uma bella interpretação ao seu vaporoso *Sotta e Az*. O mesmo não diremos do actor Germano que esteve infelicissimo no papel de *escrivão*.

Ah! como nos recordamos do Lisbóa que no Sant'Anna faz um *Escrivão* ás direitas: engraçado como todos os diabos.

Os demais artistas mantiveram-se na altura dos seus papeis embora de segunda ordem.

A orchestra é que teve uns cochilos... que com certeza não se repetirão, pois o maestro Cardim tem batuta, nem quer que a sua *troupe* faça uma cousa que o bom Homero já fez e que o Snr. D. Pedro II ajuda faz... nas conferencias da *Gloria*.

A MULHER HOMEM

Subiu á scena do Theatro Sant'Anna, na noite de 13 do corrente, como estava annunciado, a revista dos acontecimentos de 1885, escripta pelos redactores d'esta folha Valentim Magalhães e Filinto de Almeida.

Constituindo essa circumstancia motivo de absoluta suspeição, eximimo-nos de tratar da peça.

O que é e o que vale dil-o-ão os nossos collegas e, em ultima instancia julgará o publico. A concluir pela primeira representação, *A Mulher-Homem* alguma cousa vale, pois foi ouvida com inequivocas mostras de agrado e applaudida com enthusiasmo.

Ha bastante tempo não se via no «Sant'Anna» uma *casa* como aquella, (não havia um unico logar vazio em ponto nenhum do theatro!) nem tão francos e tão ruidosos applausos.

Se foi, no entanto, verdadeiro successo não o podemos dizer; encarregar-se-á d'isso o nosso amigo—*O Respeitavel*—se durante muitas e muitas noites fór ao «Sant'Anna» appaudir a *A Mulher-Homem*.

Fallaremos, pois, unicamente do desempenho.

Vasques, o incomparavel e estimadissimo Vasques, deu ao seu trabalhoso papel de Opinião Publica uma interpretação admiravel, acima de todo elogio. Teve graça ás pilhas, graça a valer; do principio ao fim da peça conservou a plateia em constante hilaridade. Reproduziu magnificamente o typo dubio, versatil, peixe-carne, vario e voluvel da *Mulher-Homem*. Recitou de modo impecavel, espirituosissimo, os versos em que se define:

« Eu me explico num momento,

« E ha de entender-me afinal:

« Na forma e no pensamento

« Sou um ser insexual, etc.

Nos quadros das eleições, dos theatros e da Praça do Mercado, especialmente, Vasques foi inexcédível de *verte* e de alegria.

Guilherme de Aguiar fez o seu papel de Diogenes como costuma fazer todos elles: irreprehensivelmente. Caracterisação, gestos, voz, olhar, dicção—rigorosamente correctas, concorrendo harmonicamente para a criação de um typo engraçadissimo e sympathico. A sua entrada no prologo:

« Sou Diogenes, o cynico,
« O phylosopho immortal, etc.

é de um comico irresistivel. No terceiro acto, quando, influenciado pelo *Cavaignac*, apparece de bigode e pera, acompanhando uma mulatinha, Guilherme de Aguiar fez rir os espectadores longamente, em gostosas risadas que parecia não acabarem mais. Em uma palavra—magnifico.

Phébo, esse joven actor, tão intelligente e trabalhador quanto modesto,—revelou mais uma vez a abundancia e riqueza dos seus recursos artisticos. Representava o Abolicionismo na figura do seu principal propugnador; e com tão flagrante verdade e tão minuciosa felicidade o representou, que aos espectadores parecia estar ali no palco, o proprio abolicionista celebre, esforçando-se vivamente para obrigar a Opinião a interessar-se pelas idéas abolicionistas e apressar-lhes a victoria. Bravos, Phébo!

Pinto apresentou-nos uma hilariante « Sapho... de suissas » e um principe Ubá maravilhosamente parecido.

Polero apresentou um bom typo do actor Ando e fez muito bem a parodia da scena do 4º acto da *Dama das Camélias*.

A Sra. Dolores Phebo disse com grande firmeza, correcção e gentileza o seu papel de Impronsa, a que teria dado mais brilho e maior realce se o houvesse desempenhado com mais vivacidade e de: e. n. b. a. r. a. ç. a. o.

A Sra. Rose Meryss, foi e com justiça applaudidissima no papel de actriz Duse-Chechi, cujas inflexões vocaes e gesticulação languida imitou com grande felicidade.

Mlle. Delsol fez com toda a elegancia e muito graciosamente os papeis da *Pilheria* e da *Semaa*, cujas coplas cantou deliciosamente.

Foito mostrou mais uma vez que é um actor distincto e de grandes recursos. Fez um *Carapetão 1002* burlesco a valer; e no ultimo acto mettido na caracterisação de Frank-Brown, parecia o proprio clown da Companhia dos Irmãos Carlo, em carne, osso e vestimenta de folhos, com caretá á rectaguarda.

Mattos deu um excellente *Reporter* e um engraçado *Cajiró*. Areias, Lisboa, Mesquita, Silva, Nino, e DD. Felicidade, Delmary, Isabel Porto, Athayde, Adeliño, etc. com o bom desempenho dos seus respectivos papeis muito concorreram para o bello exito da peça.

Infelizmente André e Machado não trataram dos seus papeis com o cuidado e o esforço que lhes deviam merecer.

Os scenarios agradaram muito com especialidade os da apothese a V. Hugo, de Coliva, os do prologo e ultimo acto, de Carrancini, e o da praça das Marinhas, de Frederico de Barros.

A musica agradou em geral, tendo feito grande successo o «jongo dos sexagenarios», que foi bisado e muito applaudido, e o catereté das quitandeiras que não foi repetido, como pedia o publico, por não dar tempo a rapidez da mutação de quadro. Estes dois numeros são do nosso collega Henrique de Magalhães.

Parece-nos que não é arrojado augurar á *Mulher-Homem* longa e prospera carreira.

Amem!

PRINCIPE IMPERIAL

Realizou-se ante-hontem neste theatro com um numero regular de espectadores, a *premiere* da engraçada opereta *Mam'zelle Nitouche*.

Por falta de espaço deixamos de contar aos nossos leitores o enredo aliás simplissimo e interessante d'esta opereta. Que nos perdoem.

O desempenho foi muito bom. A intelligente e distincta actriz-cantora Pepa interpretou e disse admiravelmente o seu papel de Dionizia, mais tarde *Mam'zelle Nitouche*.

O actor Machado foi felicissimo no papel de Constantino. Corrêa nada deixou a desejar no Major. Foi um verdadeiro militar.

Manarezzi sustentou com talento o papel de Superiora do convento das Andorinhas; o mesmo aconteceu com o Peixoto no de furriel Lorient que muito nos fez rir.

Sepulveda deu-nos um Visconde tenente muito regular. O diabo é a sua voz que desafina muito e muito.

Os demais actores concorreram habilmente para o bom desempenho da peça.

Os côros foram caprichosamente en saídos.

Souza Bastos que aceite os nossos parabens e o publico que lhe dê boas casas todas as noites.

E' o que desejamos.

Está annunciada para o dia 28 do corrente a primeira representação d'*O Bilontra*, a revista do anno de 1885, escripta por Arthur Azevedo e Moreira Saampaio. Esperamol-a anciosamente, preparando-nos para applaudir *totis viribus* a nova peça e certo triumpho dos applaudidos comediographos.

O CARREIRO

*Tanta vez nos levou este carreiro aonde
Dorme o açude sombrio, que nenuphar infesta;
Cançados, tanta vez abrigou-nos à fronde
Mangueira secular, orgulho da floresta.*

*O chocalho dos bois a espessura responde;
Trautê a lavadeira, aos ardores da sesta,
Muito recesso ahí teus segredos esconde,
Muito trepido arroio a fronte deo-te mesta.*

*Rotas e sabiãs a aura sonorizando,
Prenhe da nostalgia idéal dos olores
Mais de um choram-me ao seio idyllico velho e brando*

*E a saudade a seguir, acalentando as dores,
Aquella alma de outr'ora encontro-a soletando
Antigas iniciaes em tronco ebrio de flores.*

RECIFE

ALCIBIADES FURTADO.

FACTOS E NOTICIAS

Com o titulo *Chromos e Filigranas* deve sair brevemente das acreditadas officinas dos Srs. Moreira Maximino & C. um novo livro de contos devido a penna do Sr. José Felipe Pestana.

Comquanto já nos fossem mostradas algumas paginas desse interessante trabalho reservamos o nosso juizo para quando o livro sair do prelo. O nome do auctor dos *Chromos e Filigranas* não é o de um desconhecido no mundo lit-

terario. Já publicou duas-obras: — *Miniaturas em prosa* (duas edições) e *A escravidão*, Esperamos anciosamente o seu terceiro livro que virá certamente consolidar de modo brilhante a sua reputação de escriptor.

Pelos srs. Laemmert & C. foi-nos offerecido um exemplar do *Almanak administrativo, mercantil e industrial do Imperio do Brazil*, para o corrente anno.

O *Almanak*, fundado em 1841, tem percorrido o longo periodo de 43 annos—sempre em progressivo desenvolvimento e é hoje, no seu genero, um dos primeiros, senão o primeiro, da America do sul.

Ao sr. Arthur Sauer deve actualmente o commercio, o grande desenvolvimento dado ás secções que se prendem com os seus interesses; esse desenvolvimento, devido a uma pertinacia inexcedivel, a uma lucta constante para a colheita de informações, tornam o *Almanak* uma obra recommendavel porque representa o cumulo do esforço.

O *Almanak de Laemmert* foi distribuido no dia 1º do corrente; nos annos anteriores, só era entregue aos assinantes em Abril ou Maio:—prova isto que o Sr. Arthur Sauer não poupa esforços para corresponder ao acolhimento que o seu trabalho tem tido.

No *Almanak* ha algumas lacunas como geralmente acontece em obras d'este genero; a parte relativa a escriptores publicos, por exemplo, é mais do que incompleta. Não é isso, no entanto, um defeito irremediavel e quem tanto tem conseguido hade conseguir igualmente corrigir estes ligeiros senões.

Agradecemos a offerta.

Falleceu em Rezende a Exma. Sra. D. Maria Blandina da Fonseca Frões, mãe do Sr. Americo Froes, empregado no *Gazeta de Noticias* e irmã do nosso estimado collega Dr. Dermeval da Fonseca, redactor d'aquella folha.

A ambos os nossos sinceros pezame s

INSTRUÇÃO PUBLICA

Publicamos em seguida a relação das approvações obtidas pelos alumnos do acreditado «Collegio Pujol», estabelecido em Mendes, localidade servida pela E. F. Pedro II, perante as commissões da Instrução Publica, no anno lectivo de 1885.

Por ella se verificará o grau de importancia a que attingiu aquelle estabelecimento de educação. Eis a referida relação:

Portuguez

PROFESSORES, O DIRECTOR E O SR. P. CALDEIRA

Approvados plenamente:

- 1 Alceste Pujol (Mendes).
- 2 Alzira Pujol (Idem).
- 3 Alvaro C. Couto (Turvo do Pirahy).
- 4 João Pedro da Silva (Córte).
- 5 Raul Lopes da Silva (S. João do Principe).
- 6 Eurico de Lemos (Barra Mansa).
- 7 Edmundo Mariano e Silva (idem).
- 8 Antonio Oliveira Lomeu (Lage do Muriahê).
- 9 Manoel Kuewitz Braga (Ipiabas). Approvados.
- 10 Affonso Veiga Cabral (Pirahy).
- 11 Victor Gonçalves Barbosa (Pinheiros).

- 12 Alderano Freitas Crissiuma (Barra Mansa).
 13 Renato Pegado (Mendes).
 14 Alvaro M. Moura e Mello (Barra Mansa).
 15 Antonio Clemente Duarte (Ubatuba).
 16 Octavio Teixeira de Carvalho (Cantagallo).
 17 Leopoldo da Silva Santos (Mangaratiba).
 18 Osorio Barbosa Salgado (Tres Ilhas).
 19 Joaquim Gomes Pereira (Dores do Pirahy).
 20 Honorio Pereira Mello (Queimados).
 21 Manuel Teixeira Araujo (Passa-Tres).
 22 Manuel Caetano Oliveira Guimaraes (S. João do Principe).
 23 Julio Brandão de Magalhães (S. Paulo de Murialhe).
 24 Herculano Fernandes Pereira (Sant'Anna de Palmeiras).

Francez

PROFESSOR O DIRECTOR

- Approvados plenamente:
 25 D. Angelina Ferreira (Macacos).
 26 Pedro Luiz d'Almeida (Barra Mansa).
 27 João Rodrigues Cardoso (Pelotas).
 28 José Pedro da Silva (Córte).
 Approvados:
 29 Lucio Pereira de Mello (Queimados).
 30 Tancredo de Carvalho (Parahyba do Sul).
 31 Jorge Marques Dubouchet (Córte).
 32 Emilio Gama Lobo d'Eça (Corumbá).
 33 Victor Gonçalves Barbosa (Pinheiros).
 34 João Lopes Oliveira Souza (S. João da Barra).

Inglez

PROFESSOR, O SR. LEVINDO LAFAYETTE

- Approvados plenamente:
 35 Arthur Baptista Campos (Córte).
 36 Lauro Teixeira Campos (Pirahy).
 Approvados:
 37 Gastão Camara Barreto (Cantagallo).
 38 Americo Barbosa dos Santos (Pirahy).
 39 João Lopes de Oliveira e Souza (S. João da Barra).
 40 Victor Gonçalves Barbosa (Pinheiros).
 41 Olintho de C. M. de Carvalho (Campos).
 42 Luiz Francisco da Silva (Pirahy).
 43 Valentim Coelho Portas Junior (Pirahy).

Latim

PROFESSOR, O DIRECTOR

- Approvados plenamente:
 44 José Antunes Moreira (S. João da Barra).
 45 Theophilo de Souza Lima (S. Paulo).
 Approvado:
 46 Arthur Mexias (Mendes).

Geographia

PROFESSOR, O DIRECTOR

- Approvado com distincção:
 47 Luiz Francisco da Silva (Pirahy).
 Approvados:
 48 Arthur Baptista Campos (Córte).
 49 Antonio Teixeira Lazzarini (Vassouras).

Aritmetica

PROFESSOR, O DR. CLEMENTINO DE ARAUJO

- Approvados plenamente:
 50 Henrique Coelho (Corte).
 51 Valentim Coelho Portas (Pirahy).
 52 Emilio Gama Lobo d'Eça (Corumbá).

- Approvados:
 53 Arthur Baptista Campos (Córte).
 54 Francisco Eugenio Bath (S. João da Barra).
 55 Elpidio Garcia (Barra).
 56 João Rodrigues Cardoso (Pelotas).
 57 Oribes da Silva Castro (Campos).
 58 Lauro Teixeira Campos (Pirahy).
 59 José Antunes Moreira (S. João da Barra).

Algebra e geometria

PROFESSOR, O DR. CLEMENTINO DE ARAUJO

- Approvados plenamente:
 60 Henrique Eichenberg (Pelotas).
 61 José Dias Moreira (Cantagallo).
 62 Alfredo Pujol (Mendes).
 Approvados:
 63 Antonio P. Souto (Algrete).
 64 Francisco Eugenio Bath (S. João da Barra).
 65 Tancredo Carvalho (Parahyba do Sul).

Rhetorica.

PROFESSOR, O DIRECTOR

- Approvado plenamente:
 66 Francisco Eugenio Bath (S. João da Barra).

Historia.

- Approvado plenamente:
 67 Antonio Teixeira Lazzarini (Vassouras), sendo sua professora de historia e geographia a Exma. Sra. D. Otilie Mantueñel.

Philosophia

PROFESSOR, O DIRECTOR

- Approvado com distincção:
 68 Henrique Coelho (Corte).
 Approvados plenamente:
 69 J. D. Moreira (Cantagallo).
 70 Henrique Huch (Pelotas).

Rhetorica e litteratura nacional no collegio

Pedro II (exame vago)

- Approvado com distincção:
 71 Henrique José Coelho.

Resumo

Approvados com distincção.....	3
Approvados plenamente.....	26
Approvados.....	42
Total.....	71
Reprovados.....	11

Nota.—A frequencia d'este anno foi de 106 alumnos, sendo 102 internos dos quaes 4 gratuitos e 4 externos. D'esses, 54 frequentaram unicamente o curso primario.

O alumno Antonio Teixeira Lazzarini não é alumno do collegio, teve apenas attestado do director.

O resultado apresentado por este collegio é, pois, o mais lisonjeiro possivel. O director agradece aos seus distinctos companheiros de trabalho, os professores Paulo Caldeira, Clementino de Araujo, Levindo Lafayette, Luiz da Rosa, Bazilio Magno e José Joaquim Pereira a dedicacão com que desempenharam seus encargos.

As aulas reabrem-se a 8 de janeiro de 1886, entrando o collegio no 18º anno de sua existencia.

O director.

HYPPOLITO G. PUJOL.

Mendes, 20 dezembro de 1885.

RECEBEMOS

- *O Espectador*, N. 2. Anno II.
 — *Estatutos do Centro Catharinense*. Sociedade que se dedica ao desenvolvimento moral e intellectual dos seus socios e dos catharineses residentes na Côte.
 — *Correio da Europa* (de Lisboa). Revista quinzenal. n. 26, anno VI.

- *A locomoção* pelos accumuladores electricos por Oliveira de Menezes.
 — Do Sr. José de Mello o fasciculo n. 46 do *Cadastro da Policia*.
 — Dos Srs. Lachaud & C. um exemplar do *Rio de Janeiro* por Emile Allain. Vamos lê-lo.
 — *Le Sud Americain*, n. 28, 2º anno. Magnifico!...
 — *Memoria sobre um apparelho photo-electrico* para a exploracão de torpedeiros pelo 2º tenente Carlos Victorio Accioli Lobato.
 — *O Cherubin*, n. 18.
 — *La Voce del popolo*, anno VI, n. 231. Muito bom.
 — O n. 17 da *Le Revolté*. Traz a data de 19 de Dezembro ul imo.
 — *A monarchia ou a politica do rei*. do dr. Joaquim Saldanha Marinho.
 — *Estatutos do Gremio Litterario Victor Hugo*.

CORREIO

— Sr. Afonso Mello. O seu *Devaneio* (soneto, já se sabe) seria lindissimo se fosse metrificado convenientemente e se em todo elle o senhor observasse os preceitos da arte. Portanto, meu caro senhor, tenha paciencia, mas... não é possivel.

— Sr. Sergio Ademar. A sua poesia, filha, como diz, da impressão de uma leitura, não pôde ser publicada, unica e simplesmente por ser um pouquinho extensa. Tambem como não é precisamente isto o que o senhor quer, mas sim a nossa sabia opinião, dir-lhe-emos que é... boa, ou melhor: que não é má. Gostou?

— Sr. Honorato Faustino. Creia que ficamos com o peito varado pela amargura por não poder publicar o seu soneto—«Dias da infancia». Sim senhor aquilo é que é soneto e o mais são historias! Fechadinho com chave de ouro, que é mesmo uma delicia!

Que é d'ella a chave? Perguntarão os leitores. Eil-a abi vae; pasmae, poetas de todos os tempos:

Para pagar-me o desejado ninho
 Que eu punha sorrindo em tuas mãosinhas.

— *Meu caro poeta d'um dia*. Em tua carta, ó tu quem quer que s'jas, disseste que nós diriamos: «nunca pensámos que tu, oh bacharel, desses para poeta.» Realmente assim fallámos com os nossos botões, que, de admirados, quasi cahiram das casas, vendo que tu sempre eras mais alguma coisa que tolo. Os teus versos intitulos: *O enterro do anno de 1885* podem ser quando muito o enterro da arte poetica, mas do anno, esta é que não pega!

— Sr. Bento Magalhães Coelho de Sampaio. Pois quem tem um nome d'estes vae lá cair na asneira de fazer versos?! ai! Deos de misericordia! Emfim... A sua poesia: «A patria e o cidadão» peca por ser muito guerreira: Isto de cousas marcadas, não é comnosco; tenha paciencia!

— Sra. D. Lina dos Santos. O seu soneto *Na roça* é lindo! Nós dissemos lindo? Sim é mesmo lindo o nome que lhe cabe. Talvez não tão lindo como os olhos da auctora, mas... O que elle não tem é orthographia, mesmo nada de orthographia! Mas é lindo! Lá isso é elle... Lindo... fresco; tem uma moça que se vai banhar na ribeira á terceira cantada do gallo; tem mais um rapasola que vae tomar abença (é boa!) ao pae... em camisa... Emfim frescura não lhe feita. Tambem com o calor que atravessamos... E sobretudo é lindo; sim, se isto não é lindo, não sei de mais nada em que se possa applicar este adjectivo. Ai! mas que pena temos nós em não poder publicar uma tão bella peça poetica! Que pena! Que é lindo, ninguem duvide, mas... é impossivel! Desculpe-nos minha senhora.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Portuguez, francez e Inglez
 — Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

Dr. Henrique de Sá, especialista de syphilis e molestias das crianças. — Rua Primeiro de Março, 22 (consultas do meio-dia ás 2 horas) — Residência: Rua de S. Clemente, 165 A.

Dr. Cyro de Azevedo, Advogado. Das 10 ás 4 horas. — Beco das Cancellas n. 2.

TYPOGRAPHIA

A typographia d'A SEMANA, ultimamente montada, dispondo de uma boa escolha de typo inteiramente novo, aceita quaesquer encomendas de obras, poesias, annuncios, etc. etc.

PREÇOS BARATISSIMOS

TRATA-SE NO ESCRITORIO DA EMPREZA

36 Travessa do Ouvidor 36

Esquina da rua do Ouvidor

QUEM QUER RIR-SE?

COMPREM O

BISBILHOTEIRO FAMILIAR

DE

A. XAVIER DE ASSIS

A' venda em todas as livrarias a 1\$000

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBARO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

Collegio Universitario Fluminense

NO FIM DA RUA DO BARÃO DE ITAPAGIPE

(Antiga da Bella Vista)

No alto do Engenho Velho, logar onde nunca houve epidemia de especie alguma, funciona em edificio e com dependencias expressamente construidas para o fim a que se destina.

Deseja a visita dos interessados, tanto nacionaes como estrangeiros, da corte ou do interior.

Remettem-se prospectos pelo correio a quem os solicitar á directoria.

O COLLEGIO PUJOL

ESTAÇÃO DOS MENDES

(E. F. D. PEDRO II)

reabre-se a 10 de Janeiro de 1896, entrando no 17º anno de sua existencia.

Curso completo de preparatorios e especial de noções de sciencias physicas e naturaes.

Nota — Não admite alumnos maiores de 15 annos.

Os estatutos encontram-se na livraria Faro & Nunes e no escriptorio desta folha.

OBRAS

à venda no escriptorio desta folha:

DE VALENTIM MAGALHÃES

QUADROS E CONTOS

por 2\$000.

COLOMBO E NENÊ

poemeto, 1\$000.

DO MESMO E FILINTO D'ALMEIDA:

O GRAN GALEOTO

tradução do drama de Echegaray, 1\$000.

DE ALFREDO DE SOUZA

AURORAS

versos, 2\$000.

DE L. MURAT:

QUATRO POEMAS

versos, 1\$500.

DE AMERICO LOBO:

EVANGELINA

tradução do poema de Longfellow, 2\$000.

DE PEDRO AMERICO

© Holocausto

romance, 2\$500

PROSPECTO

DO

ALMANACH MUSICAL

Da Corte e das provincias da Bahia. Pernambuco, Ceará, etc.

Honrado com a photographia de S. A. a Serenissima Princeza Imperial, muito distincta amadora e protectora da arte em nosso paiz.

Contendo todos os nomes e residencias de todos os maestros e regentes de orquestras e concertistas, artistas-cantores, theatros, egrejas, coristas, sociedades musicas, clubs, etc., etc. Com o horario das aulas do Imperial Conservatorio de Musica e seu respectivo pessoal. Ornado de bellas poesias, anedoctas, contos e uma interessante parte litteraria collaborada por distinctos escriptores. Com o numero e rua dos estabelecimentos de musica, casas de concertos, de instrumentos, afinadores de piano, gravadores, impressores de musica, copistas e tudo, enfim, que diz respeito á arte musical.

Grande lista dos distinctos amadores que têm tomado parte em concertos, nesta Corte. Noticias das operas dos maestros brazileiros e das obras musicas da Bibliotheca Nacional

POR

DOMINGOS MACHADO

Recebem-se assignaturase annuncios.
Annuncios 1 pagina..... 5\$000
" 1/2 " 3\$000

O auctor deste almanach, não podendo ir pessoalmente á residencia de todas as distinctas amadoras, pede a graça de remetterem á rua do Hospicio n. 103 seus nomes e todos os dados para serem inclusos no mesmo almanach.

DR. ARAUJO FILHO

MEDICO PARTEIRO

RESIDENCIA

Rua do Visconde do Rio Branco n. 36.

DR. GONZAGA FILHO

CONSULTORIO E RESIDENCIA

Rua Visconde de Inhaúma, 61

CONSULTAS DE 12 ÀS 3 DA TARDE

Especialidades:

Febres em geral, molestias pulmonares e do coração.

CHRONICA FRANCO-BRAZILEIRA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

EM PARIZ

REDACTOR—CHEFE: Lopes Trovão.

ADMINISTRADOR: F. Castelli.

ASSIGNATURAS PARA O BRAZIL

Um anno.

10\$000

Seis mezes

6\$000

Tomam-se assignaturas e annuncios no escriptorio d'A SEMANA.

COLLEGIO NEVES

Instrução Primaria e Secundaria

Estabelecido em vasto predio, com grande chacara, offerece as melhores condições hygienicas.

Recebe internos, externos, e meio pensionistas.

Leccionam habéis e zelosos professores.

Rua Barão de S. Felix n. 98

DR. F PESSANHA

CLINICA MEDICA

CHAMADOS A QUALQUER HORA

Consultorio e residencia

28 Qua da Alfandega 28

RECADOS—QUITANDA 86

JUVENATO OURO-FINENSE

INSTRUÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA

NA

Provincia de Minas

A CINCOENTA E QUATRO KILOMETROS DA PENHA DE MOGY-MIRIM, DE S. PAULO

Ensino pratico das linguas, intuitivo das sciencias.

Preparo das faculdades pelas (LIÇÕES DE COUSAS).

Anno lectivo de 10 mezes.

A matricula em qualquer epoca; só é pagavel o tempo da frequencia de cada alumno.

O 2º anno lectivo começa a 3 de Novembro proximo.

Ouro-Fino, Minas, 19 de Outubro de 1885.

O DIRECTOR.— Antonio Francisco Furtado de Mendonça Filho.

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 23 DE JANEIRO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 56.

REDACÇÃO E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, N. 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

SUMMARIO

Expediente.....	V. MAGALHÃES.
Historia dos sete dias.....	L. DE MENDONÇA.
As eleições.....	O. BILAC.
O nosso 1º anniversario..	F. D'ALMEIDA.
Messalina.....	Z.
Bolos.....	L. DE MENDONÇA.
Gazetilha litteraria.....	R. MONIZ.
Horas do bom tempo.....	Concurrente n.º 0
Amor platónico.....	BIBIANO.
Ao «Boletim» do «Paiz»...	L. M. BASTOS.
Cofre das grúças.....	P. TALMA.
Sport.....	FR. ANTONIO.
Theatros.....	LAURO DE SOLIS.
Tratos á bola.....	
Collaboração, Dolores,	
poesia.....	
Factos e Noticias.....	
Recebemos.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

GERENTE

F. D'ALMEIDA

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

ASSIGNATURAS

CÔRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

Somente com o proximo numero poderemos distribuir aos Srs. assignantes do anno passado o indice alfabético das materias contidas no primeiro volume d'A *Semana* e a folha de frontispicio que haviamos prometido para o numero de hoje.

Os senhores que tomarem uma assignatura d'A *Semana* por todo o anno de 1886 terão direito a um dos seguintes premios, á sua escolha:

VINTE CONTOS, por VALENTIM MAGALHÃES.—Este livro, que se está imprimindo nas officinas d'A *Semana*, foi expressamente feito para ser distribuido como premio aos assignantes d'esta folha. Conterá mais de duzentas paginas em superior papel, com uma capa de fantasia.

NÃO SERÁ POSTO Á VENDA.

Assim, os que tomarem uma assignatura d'A *Semana* por um anno, e somente esses, terão direito a um exemplar d'essa obra, que, a ser vendida não o seria por menos de 3\$000, o volume.

AURORAS, versos, por Alfredo de Souza; encadernação de luxo.

O HOLOCAUSTO, romance de Pedro Americo de Figueiredo.

MARGARITAS, poesias da distincta poetisa D. Adalina Amelia Lopes Vieira; um bello volume.

Aos senhores assignantes de seis mezes daremos como premio QUATRO POEMAS, por Luiz Murat, um exemplar das AURORAS, brochado, ou TYPOS EM PROSA E VERSO, de A. Lopes Cardoso.

N. B.— Os senhores que assignáram A *Semana* por um anno, a terminar em Dezembro de 1885, receberão, segundo promettêmos, um exemplar dos VINTE CONTOS.

Leiam-se em outro lugar desta folha as «Vantagens dos assignantes d'A *Semana*.»

O Sr. Leonel Guerra é a unica pessoa por nós encarregada de agenciar assignaturas nas provincias—

Tem todos os poderes para representar esta folha.

HISTORIA DOS SETE DIAS

O primeiro acontecimento d'esta semana foi o ultimo da semana transacta: — as eleições. Ah! não se assustem: não embarafustarei por esse assumpto, e por duas razões: — primeira, que me agrada muito mediocremente; segunda, que d'elle trata hoje um dos mais distinctos collaboradores d'A *Semana*.

Embiquei a *piróga* da chronica para o recife daquelle assumpto unicamente para poder formular uma pergunta aos meus possiveis leitores e, em falta de leitores, á patria. A pergunta é singela mas de resposta difficil. E' esta:

— Em que mundo, em que estrella, em que buraco se escondeu, se metteu, se sumio aquelle ser colectivo e incomprehensivel que dava, outr'ora, pelo nome de partido liberal? Que é d'elle?

— Gato comeu; responderia uma criança a quem fosse tal pergunta dirigida.

E essa resposta ingenua seria a unica possivel para explicação do esquisito e inesperado phenomeno.

Nem foi outra cousa — palavra! se o partido liberal não concorreu ás eleições, se não compareceu no pleito não foi por desanimo, por medo, ou por patriótico intuito de protestar ausentando-se; foi unicamente por que «gato o comeu.»

Neste momento os seis ou oito Luiz Blanc, que temos a honra de possuir — incubados, já devem ter registrado o estranho e tragi-comico successo, notando-o no rascunho de suas futuras historias com estas palavras, ou outras, mas, enfim, com esta observação:

— «15 de Janeiro de 1886. Eleições para deputados geraes; primeiras que se realizam no dominio do partido conservador. O partido contrario, liberal chamado, que estivera sete annos no poder e que chamou *golpe de estado* á assumção dos conservadores porque se julgava representante da opinião nacional com forças para atravessar meia duzia de seculos, o tal partido liberal, no dia das eleições geraes, menos de seis mezes depois de haver desmontado o poder—desappareceu silenciosamente da face da terra que tem palmeiras, onde canta o sabiá. Não houve combate — como naquella tragedia celebre—por falta de combatentes.»

Eu é que não queria estar na pelle do governo. Afinal, o coitado precisa de um partido que finja de adversario para poder realizar-se o jogo politico tão engenhosamente imaginado pela nossa Constituição. Uma das pontas da gangorra do nosso systema representativo está desoccupada. Como ha de então funcionar a dita gangorra? Grave problema.

Mas eu salvo a situação, suggerindo a S. Magestade um meio infallivel.

Annuncie, Imperial Senhor, annuncie pelo *Jornal do Commercio* que precisa de alguém que se preste a fazer de partido contrario. Olhae, Imperial Senhor, para poupar-vos trabalho e tinta, aqui vae o annunciosinho já prompto. E' só mandal-o ao balcão do *Pachiderme* com pataca e meia para a publicação:

PRECISA-SE de um grupo de homens politicos de boa vontade e melhor garganta que se preste a fazer de «partido contrario» visto haver sido comido pelo gato o partido liberal que até o dia 15 do corrente desempenhava aquelle papel. Se o grupo fór de mais de um, isso então será ouro sobre azul. Paga-se bem. Cartas no escriptorio d'esta folha com as iniciaes: D. P. de A. »

Tão calamitózos como a dissolução dos liberaes, foram quasi todos os assumptos dos sete dias decorridos.

Vão vendo:

Calor, falta d'agua, cães damnados, já se vê—capoeiras (*idem*), febres, gatumos, espancadores, fabricantes de sellos, de vinhos e de aguas mineirae tudo falso, cortiços empestados, chin-

frins na Edilidade, desastres em bonds, casas de feitiçaria, *C. de L.*, o piano do *Café da Imprensa*, um bigamo e outras muitas que taes calamidades publicas.

Para tratar de todas faltam-me gosto e espaço e sobra-me calor. Tratarei apenas das menos funestas; fica entendido que não direi da falta d'agua, nem de *C. de L.*, nem do feroz piano cá debaixo, do *Café da Imprensa*.

Homem de espirito o Sr. Julio Augusto de Saraiva Pinheiro!

Decidio de si comsigo, um bello dia, que havia de ser D. Barba Azul II, naturalmente por haver visto a peça no Sant'Anna; e se bem o decidio melhor o fez. Tendo casado em 18 de Janeiro de 1873 com D. Carolina Condé Saraiva, de quem teve tres filhos, casou de novo em S. João d'El-Rey, com uma senhora distincta, directora de um collegio, no dia 7 do corrente.

No dia 8 chegou a esta Córte com a sua segunda cara metade, provavelmente sem haver avisado a primeira, que reside em Nichteroy.

E aqui temos nós uma unidade—Saraiva—com tres metades, todas caras; absurdo canonico-mathematico que deve ter horrorisado egualmente o Sr. D. Pedro de Lacerda e o Sr. Dr. Paulo de Frontin.

Mas que intento diabolico teria levado o Sr. Saraiva a contrahir segundas nupcias, em vida da sua primeira consorte? A paixão? Uma paixão tempestuosa, levada de seiscentos diabos? O amor? Um amor immaculado e casto como seiscentas pombas?

A vingança? Uma vingancasinha mysteriosa e feroz, inexplicavel, shakspeareana?

Talvez uma excentricidade, a mania, por exemplo, de fazer collecção de sogras?

Nada disso. O dinheiro, unicamente o dinheiro foi o movel que levou o bom do Sr. Saraiva a ter neste momento sobre a cabeça — na imminecia assustadora da enferrujada espada de Damocles, o artigo 249 do nosso Codigo Penal.

Soubêra o homem que a pobre senhora D. Augusta Moreira possuia uma pequena fortuna e, como se lhe afigurasse o casamento o unico meio de abiscotar-lh'a, illudio-a, desposou-a, obrigou-a a liquidar os seus poucos bens e veio com ella para aqui, certamente na intenção de lh'os comer socegradamente, com honesta e pacata sobriedade.

Creio mesmo haver lido que, apenas chegado, havia remettido dinheiro da sua segunda á sua primeira cara metade. Excelente pae de familia! Que decepção, que magua e que vergonha não sentiram as duas infelizes senhoras ao encontrar-se na policia! E que cara a do bigamo ao ver-se ante as suas duas legitimas esposas, vivinhas ambas e de perfeita saude!

Onde iria esse Barba Azul bisborria parar na carreira matrimonial que levava, se a policia lhe não dêsse com o basta?

Ahi está um sugeito muito mais adiantado em questões de celibato do que o snr. Conselheiro Martim Francisco. Se elle fosse deputado não proporia um imposto, sobre os que se conservassem solteiros, mas sim sobre todos aquelles que não casassem... duas vezes—pelo menos.

São muitos os factos, pouco o espaço e muitissimo o calor. Fiquemos, portanto por aqui. Forneça-me o *Pachiderme* a piada final. Noticiando o roubo de joias na rua Sete de Se-

tembro, escreveu elle sem o grypho, que é meu:

«Esta autoridade (referencia ao 3.º delegado) deu hontem buscas em varias casas onde residem *gatunos* e em uma d'ellas apreendeu uma pulseira e uma bengala que fazem parte do roubo.»

Biblica simplicidade essa, com que se diz que a auctoridade varejou varias casas em que residem — *gatunos*!

Tal como se dissesse — onde residem negociantes, medicos ou advogados!

N'este andar leremos em breve que tal auctoridade fez hontem uma visita á casa em que reside o «honrado assassino snr. Antonio Estripa», ou que escreveu uma cartinha ao conhecido moedeiro falso snr. José Chelpa.

Ah! decididamente, como diz Diogenes na *Mulher-Homem*, o Brazil é um paiz muito divertido!

VALENTIM MAGALHÃES.

—
Não ha ninguem mais susceptivel de corrupção do que o proprio corrupto.

URBANO DUARTE.

As eleições

Grande surpresa para todos, a começar pelo governo, estão sendo as eleições de deputados; até o momento em que escrevemos, por 67 conservadores ha apenas 10 liberaes eleitos em 1º escrutinio.

Que os liberaes estão recebendo o merecido castigo de suas imperdoaveis culpas, é o primeiro commentario que acode a todo o espirito justo.

Mas, diante deste resultado que nem os proprios vencedores esperavam, que se ha de pensar e dizer do eleitorado que a ultima reforma tão laboriosamente gerou? Que conceito bastante energico se ha de formar dessa diminuta fracção privilegiada da população nacional, e que, segundo a presumpção dos nossos legisladores, é a parte mais independente e mais esclarecida do nosso povo? Pois, pelos votos dos mesmos delegantes, passa-se de uma consideravel maioria liberal na camara temporaria a uma representação insignificante do mesmo partido, o qual, entretanto, no intervallo desta para a ultima eleição anterior, não teve outro erro senão cahir das alturas do poder e da confiança imperial?!

Pois é já certo que, para esta nação de nescios ou de cynicos, o favor ou o desdem do imperante são os criterios unicos do merecimento politico e os signaes certos da condemnação ou do triumpho?

Mas o partido liberal abstem-se em muitos districtos, dizem, e a abstenção é um protesto energico, um symptoma revolucionario.

Triste ou voluntario engano, dos que não sabem vêr ou querem dissimular a escandalosa verdade cuja evidencia offusca.

Como protesto, a abstenção parcial apenas, não passaria de um erro pueril, pueril demais para que o commettesse um partido politico experimentado na lucta como é, afinal de contas, o liberal.

O que a abstenção, de parte das forças liberaes, significa, é desanimo e canção, é inercia, é cobardia, se não, peor que tudo isso, interesseiro cálculo para a colheita das condescendencias do adversario mais forte.

Revolução e protesto! mas suppõe-se ainda que haja no Brazil alguém tão ingenuo, de tão obstinada credulidade, que ainda creia em revolução liberal?!

Protesto! protesto contra que?! Pois os liberaes protestam contra a nova situação a que o imperador atira o paiz, protestam contra a ascensão conservadora, e ligam-se, na provincia de S. Paulo, aos mesmíssimos conservadores—para lhes garantirem a victoria de um seu ministro, o Sr. Antonio Prado, a tróco do auxilio conservador para a eleição do Sr. Martim Francisco contra o republicano Campos Salles, no 7º districto?!

Farçantes! e a quererem passar por gente séria, capaz de manifestações respeitaveis e de sérias resistencias.

Uma observação nos alegra, entre as scenas de baixo servilismo que as ultimas eleições desenrolam: é a estrondosa quêda do liberalismo, que parece morrer para sempre, e em boa hora, nesta terra a que não soube ser util. Veja-se, ainda entre os poucos liberaes que vêm á camara, que especie de liberaes! Um Lourenço de Albuquerque, alma de negreiro, com incompreensiveis escrupulos de se confessar conservador, e o grupo Zé, a mais triste celebridade ridicula da ultima situação parlamentar. Pois de tão poucos que emergem da derrota, ainda alguns trazem o *visto* do governo!

Tristissimo!

Outro grave symptoma da decadencia liberal é a attitude que assumem, em S. Paulo, os dous vultos proeminentes daquelle partido: José Bonifacio e Bernardo Gavião.

Que esplendidas promessas para o futuro democratico desta terra ha na rebeldia partidaria daquellas duas altas cabeças!

E como não ha de a gente torcer-se de riso quando vê que a José Bonifacio— a José Bonifacio!—sahe-se a responder, em carta publicada, o sr. Pedro Ayres dos Reis! Conhecem? quem é que conhece o sr. Pedro Ayres dos Reis, de Campos Novos? Não, decididamente, aquella gorda notoriedade não conseguiu ainda vencer os limites daquelles campos!

E é esse sujeito quem assigna publicas affrontas ao grande orador e eminente democrata! é quem põe o seu nome de anonymo abaixo de um paralelo grotesco em que se pretende elevar

acima de José Bonifácio— o sr. Martim Francisco!

Misero partido liberal, e venturosa patria, que o vé desaparecer para sempre!

LUCIO DE MENDONÇA.

Rio, 21 de janeiro.

A virtude por calculo é a virtude do vicio.

JOUBERT.

O nosso primeiro anniversario

« A SEMANA »

Est interessante folha commemorou no dia 3 o seu primeiro anniversario.

Além de todos os seus redactores e collaboradores quasi toda a imprensa fluminense se fez representar naquella festa de homens de lettras.

Depois lo brinde levantado pelo redactor-chefe de *A Semana*, seguiram-se outros que tinham por fim exprimir a sympathia e o prazer que todos sentiam por vér que *A Semana* demonstrava que neste paiz já ha logar para uma folha exclusivamente litteraria.

O Sr. Valentim Magalhães, agradecendo os brindes que eram endereçados ao seu jornal, briudou por sua vez a *Gazeta da Tarde* com palavras que muito a honram.

Comprimentando *A Semana*, comprimentamos ao mesmo tempo o illustre homem de lettras, que não tem poupado esforços para dar a sua folha um caracter accomodado a todas as intelligencias.

(Da *Gazeta da Tarde*.)

Ricorreva ieri il primo anniversario della gentil e simpatica *Semana*.

Tessere gli elogi della *Semana* sarebbe, per dirla, come dicevano gli antichi: «portar vasi a Samo e notte ad Atene».

La *Semana* corse, nell'opinione pubblica, in un anno di tempo, quello che ad altri sarobbero necessari lustri e lustri; e noi presentiamo, per questo fatto, i nostri più vivi e sinceri complimenti ai nostri cari e simpatici colleghi; che seminano i loro fioretti litterari, le loro arguzie salate, e i frutti dei loro eletti ingegni nelle colonne della *Semana*, a cuse la luce é luce, e se il buono é buono ed utile, é riserbato un avvenire di rose.

Per solennizzare la fausta ricorrenza, il direttore della *Semana*, Sig. Dr. Valentim Magalhães, riuniva domenica nella sala di redazione alcuni colleghi ed amici, a cui offriva una geniale refezione.

Noi approfittiamo l'occasione per presentare i nostri auguri di felicitá ai nostri colleghi, e mille anni di vita alla *Semana*.

(Da *Sezione Italiana*, do *Diario de Noticias*.)

« A SEMANA »

Entrou este distincto collega no seu segundo anno de existencia e, prazenteiro, pujante de vida e esperançoso no futuro, promete continuar sempre dedicado todo ás lettras.

Comquanto sua illustrada redacção, se admira de ter ella chegado ao 2º anno, attenção á indifferença do publico para

as publicações litterarias; para nós é facto natural, quando sempre rica de bons escriptos, e pelas bem aparadas pennas que nella escrevem se impõe ao bom gosto das pessoas que se entregam á litteratura entre nós.

Comprimentamos o collega e fazemos votos pela continuação de sua existencia.

(D'O *Apostolo*.)

MESSALINA

A ***

Recordo, ao ver-te, as epochas sombrias Do passado. Minh'alma se transporta A' Roma antiga, e da cidade morta Dos Cezares reanima as cinzas frias.

Corre triclinios, entra em luzidias Vivendas; pára de Suburra á porta, E o confuso clamor escuta, absorta, Das desvaizadas, das febris orgias.

Então ubi, num throno, sobre a ruína De um povo erguido, tendo á frente impura O diadema imperial de Messalina,

Vejo-te bella—estatua da loucura— Erguendo no ar a mão nervosa e fina, Tincta de sangue, que um punhal segura!

OLAVO BILAC.

BOLOS

O Sr. C. de L., que ennodôa semanalmente o roda-pé do *Jornal do Commercio* com uma verrina em oito columnas, intitulada *Microcosmo*—além das pessimas qualidades moraes que todos lhe admiravam, revelou agora ao mundo boquiaberto mais uma:—O Sr. C. de L. é um escriptor covarde.

Saibam todos quantos este publico instrumento de suplicio virem que Arthur Azevedo, ha menos de um mez, mordido nas; canellas pelo folhetinista do *Jornal*, aneaçou-o com uma bengala; disse mesmo, creio poder affirmar-o, que, se não corrigia o referido C. de L. como devia, era porque lhe tinham ensinado que era feio dar bengaladas em velhos, em bebados e em crianças.

A' vista da attitude energica de Arthur Azevedo, o energumeno desandou e não deu mais latido.

Agora, o infeliz aproveita a occasião que se lhe offerece para ser agradavel ao Arthur, e vem dizer grosseiramente, impudentemente, que a revista *A Mulher-Homem*—«é certamente inferior ao *Mandarim* e á *Cocota*.»

Não me cabe a mim, co-auctor da *Mulher-Homem* discutir o seu merito nem defendel-a da accusação de C. de L.; mas tenho o direito, como escriptor e como jornalista, de censurar acremente a brutalidade injustificavel do bilioso folhetineiro.

Atravez d'aquella phrase vejo claramente, eu que já lhe conheço a materia do character, o desejo de ser agradavel ao Arthur, uma especie de perdão impetrado numa lisonja, uma parodia do que faz o cão que vai lambar a mão que o espanca. Não, que o Arthur disse-lhe que tinha bengala!

Eu não ameaço com a minha bengala este pac virtual do *Corsario* porque não quero que elle me elogie.

Desejo conservar-me limpo dos seus louvores, que mancham aquelles a quem são dirigidos, e deixo em paz as bengalas.

O espirito de intriga é a feição predominante d'este moineiro assalariado pelo *Jornal do Commercio* para vir de quando em quando arregar contra os transeuntes os colmilhos que lhe restam. Procura intrigar-nos com o Arthur e procura desgostar a Sra. Rose Meryss e o Sr. Polero que trabalham na *Mulher-Homem*.

Duvido muito que o consiga.

Mas não é principalmente para defender a revista que eu traço hoje estas linhas; é, sobretudo, para protestar contra a insinuação torpissima, armaudo á intriga, que elle inserio no *Postscriptum* do ultimo *Microcosmo*.

Diz elle:

«Os ultimos numeros, (da *Semana*) contou-me um redactor da *Gazeta*, estão ferozes com... ora com quem? Com o até agora estimadissimo e sem desaffectos Luiz Guimarães!»

Sempre a prova da covardia, sempre o circumloquio: o desgraçado não leu *A Semana*—contou-lhe um redactor da *Gazeta*.

Pois se não leu os ultimos numeros d'*A Semana*, leia-os e verá que escreven uma calumnia; verá que nelles se elogia e se respeita o Sr. Luiz Guimarães e que apenas se lhe nega o titulo de *parnasiano* com que, tentando amesquinhar outros poetas, o concedorou um pobre rapaz na *Gazeta de Noticias*.

Mas a má fé e o espirito de intriga transparecem em tudo que escreve este critico de cácará, este Planche de *Cavaignac*. O seu intento é dar o nosso artigo por offensivo ao Sr. Luiz Guimarães.

O que, porém, é mais provavel é que C. de L. tenha lido o precitado artigo; se assim é, C. de L. mostra ser um jornalista sem dignidade litteraria, porque mentio escandalosa e ostensivamente.

FILINTO D'ALMEIDA.

O amor de uma mulher, chegado a um certo grau, incendeia-se com tudo o que deveria extinguil-o.

EDMOND ABOUT.

GAZETILHA LITTERARIA

Uma noticia de sensação: José do Patrocínio está escrevendo um poema épico.

Intitula-se: *A mocidade de Deus*, e contrastará com a *Velhice do Padre Eterno*. Sabemos que está escripto o primeiro canto, do qual se nos recomendou muito a parte relativa ao apparecimento de Christo. Do inspirado poeta das *Lentejoulas*, arrebatado ás Musas pela Política e pelo Jornalismo, ha direito de esperar um trabalho poetico de primeira ordem.

A *Gazeta de Noticias* publicou a 20 do corrente o seu segundo supplemento litterario. E' digno de todos os encomios e nosso mais popular e adeantado jornal por este melhoramento importante que denota a boa vontade com que a sua illustrada redacção deseja e tenta im-

primir no jornalismo da nossa terra uma feição nova, menos mercantil e mais civilisadora. Dos trabalhos insertos neste supplemento nem todos nos pareceram na altura da importancia da folha, nem tampouco, que correspondessem ao esforço e aos intuitos do louvavel tentamen.

A *Gazeta* tem todos os elementos para nos dar supplementos litterarios de primeira ordem, collaborados pelos nossos mais notaveis escriptores. Não deve, portanto, prestar-se a servir de arena para o ensaio de primeiros passos a litteratos incipientes, nem de folha de tolerancia, em que — por bondade, se admittam *cacetes* com presumptuos castões de sciencia, nodosos de enfatuada erudição e com ameaçadora ponteira de formidoloso — *Continúa.*

Seríamos, no entanto, injustos se não dissessemos que são bons em sua maioria os trabalhos insertos no 2º supplemento litterario da *Gazeta*. Destacaremos o bello conto de Machado de Assis — *Trio em lá menor* — bello, original e entristecedor como todos os seus contos; a interessante carta do saudosissimo Arthur de Oliveira a Mme. Judith Goutier; os versos de Lucio de Mendonça, Castro Fonseca, Alfredo de Souza e o canto 33º do *Inferno*, de Dante, traduzido por Xavier Pinheiro.

O conto do Sr. Coelho Netto revela talento mas de estreante; o seu estylo é pretencioso, superabundante, sobre-carregado; abusa do descriptivo, fatigando. Vejam este periodio:

«Bois ao longe espapavam-se na frescura aromal das hervas rorejadas, um ao lado dos outros, a cauda em jogo, o pello fino accendido, bufando pelas narinas dilatadas, rubras e cobertas de fios, esmoendo com calma mirando-se seismadoramente no crystallino ribeirão cantante.»

Cautela, Sr. Coelho Netto, cautela! Não imite o estylo mata-ratos e espantaboiadas do Sr. Salamonde, *esse aurorial talento, que com ensolações irisantes e melódicas põe delineaamentos geniaes de caudas de cometas rutilos na azulina tranquillidade casta da... tollice.*

A *Chibata* é um conto escripto com vigor e colorido, mas é frequentemente incorrecto e não tem originalidade; lembra mesmo certo conto ha tempos publicado nesta folha. Ao poeta Sr. Julio recommendamos a leitura do soneto *Ser e não ser*, publicado do nosso n. 53. Leia-o e deixe-se de *camonear*.

Eis francamente a impressão que nos deixou a leitura do 2º supplemento litterario da *Gazeta*. Se essa folha tem, como nenhuma, elementos para brindar os seus leitores com excellentes paginas litterarias, porque não fazel-o? Bem sabemos que Roma não se fez em um só dia. Por isso mesmo esperamos que o 3º supplemento, que se publicará no dia 2 de Fevereiro, não dará motivo a que façamos observações semelhantes ás que deixámos feitas.

No dia 1º de Fevereiro deve apparecer na cidade de Vassouras uma revista litteraria bi-mensual, que será redigida por Alfredo Pujol e Jorge Pinto, dois moços de muito talento, que no jornalismo provinciano fizeram com brilhantismo as suas primeiras armas. A publicanda revista terá por modelo *A Semana*, segundo nos communicam seus redactores; distincção essa que muito nos desvanee e penhora.

No corpo de seus collaboradores figurarão os Drs. Raymundo Corrêa, Lucindo Filho, Carlos Perdigão, Americo Lobo, Valentim Magalhães e os Srs. Alberto Brandão, Luiz Murat,

Henrique de Barcellos, Filinto d'Almeida, Henrique de Magalhães e outros conhecidos poetas e prosadores. Esperamos anciosamente o novo collega, que ainda não tem nome. Cá estamos para applaudil-o.

Sob o modesto titulo *Notas de leitura*, recebemos um exemplar de uma importante monographia do Sr. Lameira de Andrade, que nella colleccionou numerosos e variados exemplos de *negação intensiva*.

Negação intensiva equivale a negação reforçada, e o illustre philologo, depois de percorrer as combinações do dominio aryano, espraia-se no grupo das linguas romanicas e nos apresenta um trabalho que, na justa apreciação do Dr. Lucindo Filho, só «quem se dedica a essa ordem de estudos pôde avaliar quanta perseverança, quanta boa vontade precisou ter o auctor, não só para vencer o tedio e o cansaço que muitas vezes resultam do insano manusear de alfarrabios, como para arcar com o indifferentismo do publico.»

Desde a simples repetição similar até o capitulo XIII, em que tracta da negação intensiva seriaria ou periodica, o Sr. Lameira de Andrade mostra uma erudição especial, que lhe confere diploma de auctoridade em taes assumptos.

Cumprimentamol-o cordialmente.

O Congresso Litterario Gonçalves Dias realizou no dia 20 uma assembléa geral, ás 12 horas da manhã, para eleição da nova directoria, que ficou composta do seguinte modo:

Presidente, Americo Guimarães; vice-presidente, Tiburcio Caribé da Rocha; 1º secretario, Bráulio Cordeiro Junior; 2º secretario, Carlos Guimarães; Thesoureiro, Polybio Garcia; procurador, João Diogo Ferreira de Souza; bibliothecario, Carlos Muniz Cordeiro; commissão de redacção, relator, Alberto Barbosa; commissão de syndicancia, Joaquim de Carvalho Bastos Junior.

Z.

Um homem de Estado, que não saiba tratar com homens de letras, que abra e mantenha conflictos com elles, prejudica ao governo, que pretende servir.

H. FOUQUIER.

HORAS DO BOM TEMPO

(A Valentim Magalhães)

VI

TRES TYPÔES

Martins Guimarães, padre Bacalháu, Domingos Cae-cae, — trindade estupenda, sufficiente, por si só, para determinar o incrível gráu de perfeição na troça e na pulllice a que chegára a cidade que eu alcancei em S. Paulo.

Não sei se ainda os tres alli coexistem; duvido: productos de um meio patusco, de uma civilisação bohemia, que desapareceu da cidade d'agora, hão de se ter sumido na voragem que sorveu todas as velharias do *bom tempo*.

Pois não ha quem vos tenha conhecido, ó grandes typos, que não encontrem ainda, ao lembrar-se disto, a um canto obscuro da memoria, uma quasi risonha saudade, o que quer que seja como uma perdida estrophe das canções da juventude entre esgares comicos.

Cada um delles tinha sua feição especialissima. Começemos pelo poeta — em honra das letras.

Martins Guimarães é dos tres o que apanhou mais larga fama: seu nome trascendeu dos limites da Paulicéa e chegou á Corte, sem fallar de outros pontos do imperio a que o levou a imprensa.

Foi poeta muitas vezes publicado e criticado algumas. Salvador de Mendonça, com toda a sua grande seriedade de escriptor selecto, um dia, no *Ypiranga*, votou um folhetim inteiro, rico de bom-humor, ao typo do Martins Guimarães.

Exultou o vate e com as pandas azas da vaidade arrojou-se, de orelhas em riste, á immensidade da asneira; descobriu lá regiões inexploradas, Colombo da san-lice, Montgolfier do despropósito.

Ainda hei de brindar os leitores da *Semana* com excerptos de um poema heroi-comico de Martins Guimarães á congregação dos lentes da academia de S. Paulo, e que eu penso que conserve entre os meus papeis daquelle tempo. Hão de ver que engenho de cachorro!

Martins Guimarães era uma figurilla magra e enlabusada de portuguez naufragado no commercio; via-se sempre á porta da loja dalgum patricio menos original e mais bem estabelecido na cidade, ainda que não na fama.

A's vezes deixava-se conduzir ao jantar duma ou outra republica, onde ia alegrar a sobremesa, recitando versos já impressos, em jornal ou em livro, ou lendo no manuscripto borrado que sacava do sebo da algibeira. Este grande artista do disparate não improvisava nunca, quero dizer, não improvisava de palavra, mas, sentado a escrever, a catadupa da bestialogia brotava-lhe precipite da penna, que esfusiava com febre em larga letra escarranchada.

Nos logares publicos, nos passeios e theatros, via-se logo rodeado de rapazes, inflammado de aclamações, urgido de convites para que recitasse alguma coisa das suas.

Não se fazia rogar muito, e em pouco, do alto do primeiro banco á mão, e ás vezes erguido aos hombros de dois pandegos, lá estava a bombardear o auditorio com versos incriveis.

A ultima vez que me recordo de o ter visto em publico, foi na inauguração do theatro Provisorio, em 1873.

Era espectáculo de gala, com o salão todo ornado; esperava-se grande discursão academica; o novo theatro abria-se com a representação da *Calumnia*, drama original de Carlos Ferreira

e Felizardo Junior; estava cheio a deitar fóra.

No primeiro intervallo, assoma a um camarote da primeira ordem, occupado por estudantes, o busto de Martins Guimarães. Vasta aclamação na platéa. O poeta abre a bocca, e, ó sorpresa! não emite versos: percebe-se, depois de uns dez minutos, que dessa vez está falando em prosa! O Provisorio quasi vem abaixo com os tripudios da hilaridade.

—... todo este povo de cocoras deante deste edificio! berrava o homem com enthusiasmo transcendente.

Mas, no mais accêso da declamação, bateu-lhe no hombro a mão de um braço fardado. Bateu o tornou a bater; o orador proseguia imperterrito: foi preciso que o braço o agarrasse e puxasse para dentro do camarote. Era o braço da policia; o Sr. chefe mandava atalhar o verbo hilariante e chamava o orador á sua presença.

Martins Guimarães foi á força, indignado, clamando, citando um artigo da Constituição que um estudante lhe assoprara em caminho.

Appresentou-se ao chefe da policia com a dignidade antiga de um tribuno ante um despota.

Cruzou os braços, estufou o peito, onde a indignação borbullava d'envolta com os restos do discurso estrangulado, e com a solemnidade de uma interpellação revolucionaria, ejaculou com brio, que só um falsete dos diabos estragava:

— Então, já não se pôde fallar ás massas?! E o direito de manifestar livremente os pensamentos da Constituição?!...

Ia ser de novo arrastado na torrente declamatoria; mas outra vez o braço do poder publico o susteve.

— Não, não digo isso! atalhou, com jovialidade mal disfarçada, o chefe de policia.—Pôde fallar em publico, sim, mas para isso ha de primeiro obter licença minha.

Martins Guimarães teve um rasgo de genio. Despiu os ares de grande revoltado, estendeu o braço direito recurvo, com o chapéu a tremelicar-lhe eloquente na mão, e vergando a espinha e adeantando um passo para a cadeira do chefe, disse-lhe com toda a ingenuidade de sua alma:

— Pois então peço licença a V. Ex. para continuar o meu discurso.

O chefe de policia teve o pouco espirito de não consentir, o que lhe rendeu uma bella assuada dos rapazes.

O padre Bacalháu...

Não, senhores, o padre Bacalháu ha de ser em outro artigo.

Icarahy, 20 de Janeiro.

LUCIO DE MENDONÇA.

AMOR PLATONICO

Ha que tempo me attraes e te acompanho por to la parte, espirito jucundo!
Que lucha em mim para esconder do mundo
—no culto intimo d'alma—amor tamanho!

Não sei se perco em ti, não sei se ganho,
quanto mais me escravisio e me confundo.
Da inspiração, qual és, o goso oriundo,
em longo olhar, no pensamento o entranhc

Manso lago, que agitam frescas brisas,
assim, apenas te ouço, iman sonoro,
todo o meu ser de subito electricas.

Se passas junto a mim, qual meteoro,
tenho ciume até do chão que pisas,
e não quero que saibas que te adoro.

ROZENDO MONIZ.

AO BOLETIM DO "PAIZ"

Nas observações que oppoz á resposta dada á sua primeira noticia acerca do conto *O retardatario*, o escriptor do *Boletim do Paiz* declara que foi a sério que disse achar desenvolvida com chiste a terceira parte do conto.

Agradeço, pois, o elogio, mas peço permissão para o não acceitar, pelas razões que constam do meu anterior artigo.

Da ultima vez que tracta do assumpto, o *Boletim do Paiz* falla em moral esthetica ou artistica. Como é dever de quem quer que introduz em uma discussão um termo novo, defini-o, quando o interlocutor o não conhece, peço ao meu espirituoso critico a fineza de explicar o que se deva entender por moral esthetica ou artistica. Não conheço.

CONCURRENTE N. O.

COFRE DAS GRAÇAS

— Sabes qual é o melhor isolador da electricidade?
— E' o vidro.
— Qual! E' minha sogra.
— Como assim?
— Pois tu não vés que não ha raios que a partam!?

* * *

Um actor pretencioso estava na platéa de um theatro, assistindo attentamente á peça que se representava.

— O actor F, observou alguém que o via, errou a vocação:—daria um excellento... espectador.

Aphorismo:

E' bem feliz o jornalista X em ser besta, pois se tivesse espirito perceberia que o não tem.

Reflexão gramatical:

Morre um homem, enterram-no, cobrem-no com seis pés de terra...

E dizem depois que elle deixou a terra!

BIBIANO.

SPORT

Realizaram-se a 20 do corrente as corridas do *Hippodromo Fluminense*, perante uma concurrencia numerosa.

No 1º pareo não tendo sahido *Vampa*, *Mandarim* tendo cahido e não tendo havido propriamente sahida, a directoria attendeu aos reclamos do povo e não confirmou a victoria de *Aurora* que galopou sósinha. Os proprietarios deste ultimo animal incomodaram-se sem razão e retiraram os outros animaes que haviam inscripto nos seguintes pareos.

No 2º pareo correram *Almirante*, *Conde*, *Bucho*, *Quem diria*, *Zizaina*, *Savana*, *Barbara* e *Serodio*, sahindo vencedora *Barbara* e tendo cahido desastrosamente o cavallo *Almirante*, que ficou inutilisado, e ferido o jockey *Fiusa*.

O 3º pareo não se realizou e no 4º *Jaguary* apesar de optimamente montado por Toon fez ainda peor figura do que quando foi corrido por *Hinds*, com injusto descontentamento dos proprietarios. *Saphira* ganhou de boca aberta em 117 segundos os 1.600 metros e ainda deu mais uma volta de lambugem, não consentindo que aquelle bacanarte rocasse pello.

No pareo suplementar *Savana* em 1.100 metros bateu *Conde*, *Serodio* e *Barbara*.

Correram apenas no 5º pareo *Bonita*, *Africa*, *Boyardo* e *Garibaldi*, sahindo vencedor este ultimo. O tiro foi de 850 metros.

No ultimo pareo tornaram a lutar em 1.020 metros *Conde*, *Barbara*, *Serodio* e *Savana*, ganhando esta por uma cabeça.

O divertimento terminou ás 6 horas da tarde sem haver nenhum serio tumulto e apenas uma ou outra reclamação injusta.

Devem realizar-se amanhã as corridas do *Hippodromo Guanabara*. O programma é excellento, sendo de esperar que haja uma verdadeira enchente.

L. M. BASTOS.

THEATROS

Uma das cousas que mais têm agradado na *Mulher-Homem* tem sido a entrada de Diogenes no prologo, entrada de um comico irresistivel, que sempre vale ao insigne Guilherme de Aguiar uma grande roda de palmas. Satisfazendo o pedido que por varias pessoas nos foi feito, publicamos hoje esses versos tão esdruxulos como hilariantes.

E', pois, pela seguinte forma que faz sua entrada na Carapetonia o grande

DIOGENES

Sou Diogenes—o cynico,
O philosopho immortal;
D'almas sou um grande clinico
Dou remedio a todo mal.

Ha muito percorro lepidio
Todo este mundo sem fim,
E cada vez mais intrepido
O mundo me encontra a mim.

Sêca e Mêca percorrendo,
Sempre um homem procurando,
Assim como me estaes vendo,
Fui, pouco a pouco, ficando

Hypocondriaco,
Monomaniaco,
Pouco elegiaco,
Mas nada orgiaco.

Cá o rapaz,
Cá o rapaz,
Além de tudo, além de tudo,
Ficou mais:

Terrestre e nautico,
Quasi magnetico,
Circumcisflautico,
Peripathetico;

Archi-socratico,
Sempre synthetico,
Mas sempre practico,
Nada apopletico.

Melancholico,
Analytico,
Nada alcoolico,
E nem mythico,

E até mesmo (não é fabula)

Rabula
Solido,
Cabula
Stolido;

Humido,
Callido,
Tumido,
Pallido;

Rhetorico,
Pathetico;
Pletorico,
Phoneticico;

Pyrronico,
Sympathico;
Plutonico,
Lunatico;

Pilherico,
Bucolico,
Feérico,
Mongolico;

Ventriloquo,
Nevrótico,
Grandiloquo,
Despotico;

Satyrico,
Titanico,
Não lyrico:
Satanico;

Hellenico,
Rachitico,
Hygienico,
Sumitico;

Atlantico,
Sulphurico,
Romantico,
Mellurico,
Lucifero,
Mamifero;

Accusam-me de mystico,
Mas eu sou cabalístico;
Querem que eu participe do
Oraculo symbolico,
Mas eu sou parabolico,
Sou parallelepipedo!

A MULHER-HOMEM

Vae fazendo gloriosa carreira no Sant-Anna. As enchentes contam-se pelas representações: dez representações, dez enchentes. Este successo... de bilheteria (a nossa modestia impede-nos de classificar-o por outra forma) tem consternado o pobre empresario e os desditosos auctores da peça! Todas as noites, um e outros, com os corações precipites, anciosos, esperam ver o theatro... às moscas; sim, porque o que elles desejam é que ninguém vá ver a *Mulher-Homem*, convencidos, como ficaram, pelas apreciações de parte da nossa imprensa, de que a sua revista, d'elles, é a peor de quantas se tem aqui representado.

Mas qual! ás 8 horas já não ha mais bilhetes no *guichet*, e é só gente a entrar, a entrar... Em uma das noites compungio-nos ver uma pobre cabeça de alfinete que tendo ido ao Sant'Anna vér a *Mulher-Homem*, teve de voltar tristemente para a sua casa por não haver no theatro um logarzinho para ella!

Não se descreve a indignação e o dô dos referidos auctores e empresario ante as consternadoras enchentes.

— Esta! Você já viu? Como é que ha ainda quem venha ver isto?

— E' verdade! Uma peça que o *Jornal do Commercio* fulminou com doze linhas de excommunição pachidermica! Uma peça que o Dr. José Avelino acha— *infamante!* Oh!

— Mas então este publico do Rio de Janeiro não tem gosto, não tem intelligencia, não sabe o que é bom nem o que é máu!

Esse colloquio reproduz-se, mais ou menos, todas as noites, com explosivos *ohs* e *ahs!* de desespero.

Mas afinal, que não de elles fazer? Resignar-se. E' o que fazem. E' realmente biblica, jobiana, a resignação com que assistem ás consecutivas enchentes e a paciencia com que esperam sem um ai, nem uma lagrima— o centenario da *Mulher-Homem*.

Coitados!

LUCINDA

Depois dos applausos collidos pelo *Sino do Eremita*, a empresa Braga Junior deu-nos esta semana uma nova edição da popularissima opera-comica *D. Juanita*,

Escusado será dizer que o papel de protagonista d'esta peça de Suppé foi confiado á distincta actriz-cantora Rosa Villiot, que poz em jogo todos os seus recursos artisticos e voaes, toda a sua graça e talento para realce da interpretação do seu papel. Villiot fez uma *D. Juanita* simplesmente esplendida. Nada deixou a desejar e pode, sem receio algum, guardar no escritorio dos seus triumphos scenicos mais esta joia de subido valor.

Blanche Grau disse e cantou com expressão o seu papel.

Herminia é que podia fazer melhor a sua parte de Olympia. Não lhe faltam recursos e tem talento para muito mais. Por isso não lhe perdoaremos este pequeno *descuido*.

Martins e Peixoto mantiveram-se perfeitamente nos seus papeis e não procuraram imitar quem quer que os tenha feito com applausos.

Pelo que lhes enviamos nossos parabens.

Colás não esteve *caipora* no D. Riego. Fez o que pôde, já que o fizeram tenor...

Eugenio Oy... (Ui! deixemos o resto do appellido para outra vez) não foi mal no seu papel é cantou sem gritos o duetto com Blanche no 3º acto.

Os demais artistas fizeram o que as forças lhes permittiam para o bom desempenho da peça.

Notamos apenas que os côros careciam de mais ensaios, pois por diversas vezes a batuta do maestro Cardim teve que chamal-os ao... compasso e com alguma difficuldade.

Desejamos que o Braga Junior tenha com a *D. Juanita* boas casas enquanto não nos dê o *Bilontra* que deve ser um successo e uma *mascotte*.

« AS VIZINHAS »

Fez hontem vizinho no Recreio Dramatico o actor Joaquim Maia, um dos mais estimados e applaudidos do publico. Representou-se a comedia de H. Raymond e J. Gastine — *As vizinhas* (*Les*

petites voisines), traducção do joven poeta Figueiredo Coimbra, o esperancoso auctor da *Carta anonyma*. D'esta comedia dizem-nos cousas muito agradaveis; entre outras, que tem graça a valer, pilherias de fazer rir *d ventre deboutonné*. Por todo elogio basta dizer que foi um estrondoso successo pariziense, que deu receitas fabulosas ao *Palais Royal*. Infelizmente só no proximo sabbado poderemos conversar com as *Vizinhas*, ou melhor: com o leitor a respeito das *Vizinhas* do Recreio.

O BILONTRA

Ao que parece irá definitivamente á scena no dia 28 do corrente, no theatro Lucinda, a nova revista de Arthur Azevedo e Moreira Sampaio. O Braga Junior anda numa dobadoura infernal, que não consegue, no entanto, desgastar-lhe os abundantes chorumes.

Tudo prenuncia ao *Bilontra* seguro e estrepitoso successo.

Temos, como todo o publico, immensa curiosidade de conhecer o *Bilontra* e prévia certeza de que applaudiremos com fervor a auspiciosa revista dos dois espirituosos collegas, que já não são marinheiros de primeira viagem.

Realizár-se-á, no dia 27 do corrente, na Phenix Dramatica, o espectáculo em beneficio da intelligente e linda actrizinha Corina. Além de trabalhar em uma excellenté comedia, recitará a pequenina beneficiada umas singelas quadrinhas para esse momento escriptas pelo nosso collega Henrique de Magalhães.

Desejamos á gentil Corina—uma *casa* repleta.

No Principe Imperial continúa a representar-se a graciosa e agradabilissima *Mam'zelle Nitouche*, em que a Pepa tem magnifico papel; alternando-se as representações com as do *Periquito*, ao qual seguir-se-ão *Os Sinos de Corneville* (hoje) e a *D. Juanita*.

A empresa Souza Bastos é digna a todos os respeitos do favor publico.

Na Phenix Dramatica continúa a trabalhar, a preços reduzidos, a empresa dramatica de que fazem parte Galvão, Flavio, Monclar e DD. Fanny, Gilda, Adelaide Amaral, etc. Representam *O homem da mascara negra*, *D. Ignez de Castro*, o *Recrutamento na aldeia* e preparam activamente o *Rocambole*. Ahi boa e bella rapaziada da tempera antiga! Que o *Respeitavel* a não desampare.

P. TALMA.

TRATOS Á BOLA

O tempo urge; portanto deixemo-nos de preambulos e toca a dizer quaes foram os decifradores dos *tratos* ultimos. Foram os senhores:

Oidivo, *Valerius Madilena* e *Pépe*; deixam, porém, de receber os premios porque não decifram todas as charadas.

Deixaram todos de acertar com o enygma alphabeticico. O Sr. Oidivo errou tambem na «antiga», bem como o Sr Pépe não decifrou as «benedictinas». As decifrações são as seguintes:

Da microscópica—*Compatriota*.
Da actual—*Claraboia*.
Da bisada—*Tabaco*.
Das benedictinas—*Ceroto e Garrafa*.
Do logogrypho—*Catimplorio*.
Da invertida—*Liga, agil*.
Da antiga—*Vanguarda*.

Ali vão charadas. Começo por dar-
vos estas *tratices* que me foram manda-
das pela benemerita Sra. D. Josephina
B.:

PERGUNTAS

Qual o numero que junto a outro
forma um numero?

Qual a fructa que ás avessas dá
cheiro?

Qual a ave que ás avessas é a mesma
ave?

ANTIGA

Fallei com uma moça, assim ella era—²
Mandou-me o dever assim a tratar,—²
Mas este remedio que vés só ahi
Bem pode depressa um mal lhe curar.

EM QUADRO

Tens fortuna adversa,
Nome proprio muito bello,
Nos altares vive immersa,
Estofa de lã sem pello,

TIBURCIANA

1—2 Move e voa esta preciosidade.
Josephina B.

MICROSCOPICA

—To—da—
E qualquer briga apasigna
Quer em funcções quer em boda.

PREMIOS

Duas bellas cousinhas aos dois pri-
meiros devotos de topete que puzerem
em pratos limpos a *tratologia* toda. E...
até breve.

FREI ANTONIO.

COLLABORAÇÃO

DOLORES

(A MARCOS VALENTE)

Soffria... e muito! Anemica, abatida,
presa talvez de um intimo desgosto,
na alma a tristeza, a pallidez no rosto,
era-lhe enorme sacrificio a vida.

E sem poder dormir, ella passava
os dias em torturas indiziveis,
e as noites... muito longas e terriveis
a pobre moça achava:

Dolores tomou tido quanto havia
de insipidos narcoticos... coitada!

E tanto padecia,
que aos medicos, pediu, desesperada,
mais de uma conferencia.

Tudo se fez em vão. Foram baldados
os recursos e todos os cuidados
da prodiga sciencia!

Mas um dia, (ó acaso inesperado!)
no leito, insomni; e fraca, aborrecida,
ella tirou, nervosa e distrahida,
de uma mesinha, ao lado,
ao alcance da mão crispada e ardente,
entre outros livros e papeis dispersos,
um livro... e apenas leu um ou dois versos
Nem dois!...

E adormeceu profundamente.

O medico, que, attonito, a espreitava,
afastando ligeiro,
o pesado e comprido reposteiro,
atriz do qual se achava,
de ver o livro emfim tendo desejos,
pé ante pé se aproximou do leito.

.....
(Era um livro amarello,
formato regular, uma brochura,
no mesmo estado em que saiu do prélo.)

.....
Com um gesto brusco e avido o segura.
Tinha nas mãos... (e riu-se satisfeito...)
os —« Ultimos Harpejos. »—

LAURO DE SOLIS.

FACTOS E NOTICIAS

Parte hoje com sua Exma. familia
para a cidade de Valença, onde reside,
o nosso estimadissimo collaborador e
illustre collega Dr. Lucio de Mendonça.
Como cartão de despedida, deixou-nos
os dois magnificos artigos que hoje
abrilhantam *A Semana*. Recordar-nos-
emos sempre com saudades dos poucos
dias em que tivemos ao nosso lado, no
trabalho da redacção, esse incompara-
vel companheiro, tão precioso pelo seu
auxilio litterario como pelo encanto da
sua companhia. Desejamos-lhe boa via-
gem e que não se demore em voltar.

Acha-se felizmente restabelecido de
grave accesso de febre amarella, que o
prostou no leito por muitos dias, o
nosso sympathico e talentoso collega
de *L'Italia*, o Sr. Giovanni, filho do Dr.
Fogliani, proprietario e director d'a-
quella folha.

Felicitamol-o e a seu digno pae.

Partio no dia 20 para Saquarema o
nosso companheiro Henrique de Maga-
lhães, auctor de muitos numeros da
musica da *Mulher-Homem*, dos quaes o
jongo tem obtido real successo. Regres-
sará brevemente.

Casou-se em Porto Alegre no dia 2
do corrente o Dr. Argymiro Galvão,
conhecido escriptor, com a Exm.^a Sr.^a
D. Leopoldina Chaves Galvão. Para-
bens.

O excellente «Club do Engenho-Ve-
lho» realizará no dia 30 do corrente
o seu 37.^o saráu-concerto, que ha de
ser, como todos quantos ali se rea-
lisam,—deslumbrante.

O Sr. Carlos Bertini encontrou em
Buenos Ayres um ovo que tinha em
uma das pontas, em relevo sobre a
casca, uma pequena cobra enrolada,
com grande cabeça; a forma é perfei-
tamente a de um pequeno ophidiano.

O Sr. Bertini offereceu ao Sr. Dr. Ca-
minhoá uma photographia d'esse ovo
singular. E' um caso scientifico digno
de estudo.

FALLECIMENTOS

Falleceu ante-hontem, em Nictheroy,
o Dr. Antonio Martins Torres, irmão
do integro juiz da 2.^a vara civil da Corte,
Dr. Manoel Martins Torres. Nossos pe-
zames a S. Ex. e a toda a sua familia.

Sepultou-se no dia 16, o Sr. João An-
tonio Ferreira Vianna, antigo negoci-
ante d'esta praça e que exerceu o cargo
de director do Banco do Brazil. Era
irmão do Dr. Antonio Ferreira Vianna.

Falleceu no dia 20 e foi sepultado a
21 o Dr. Adolpho de Carvalho Mello
Mattos, primeiro official da repartição
das terras e colonisação. Era um dis-
tincto cavalheiro, tanto estimavel pe-
las qualidades de seu espirito como
pelas de seu coração.

A' sua Exma. irman, esposa do Dr.
Bittencourt Sampaio, e a este illustrado
collega—as nossas condolencias.

RECEBEMOS

— «*Principios de politica*», introdução ao es-
tudo scientifico das questões politicas da ac-
tualidade; pelo Dr. Franz von Holtendorff,
professor na Universidade de Munich, tradu-
ção da 2.^a edição allemã pelo Dr. A. H. de Sou-
za Bandeira, advogado nos auditorios da Côr-
te. Edictores Laenmert & C. Vamos ler atten-
tamente este importante livro e sobre elle
externaremos o nosso juizo proximoamente.

— Dos Srs. H. Nicoud & C. os ns. 24 e 25 da
Revue Politique et Litteraire.

— *A Estação*, anno XV, n.^o 1. Excellentes
figurinos, magnificas gravuras e engraçada
chroniqueta de *Eloy, o heroe*. Parabens pelo
seu 15.^o anniversario.

— *Revista do Observatorio*, Anno I. N. 1.

— *A Semana* (Porto.) Anno 1. Numero-p ros-
pecto. Revista moderna de Sciencia e Litter-
atura e Artes. E' seu director o distincto
poeta Alberto Bessa.

Desejamos á nossa homonyma collega de
além-mar todas as prosperidades possiveis.

— *A Epoca*, Anno VIII, N. 384, orgão do
partido conservador. Publica-se na provin-
cia do Piahy.

— *O Gaturamo*, N. 11. D'esta vez vem publi-
cado em papel amarello e traz bons arti-
guinhos e um soneto já conhecido, do nosso
collaborador Raymundo Corrêa.

— Do Sr. José de Mello, um exemplar per-
tencente a bibliotheca do povo intitulado—
Silvicultura.

— *La Semaine Illustrée*, Journal populaire
de la Suisse Romande. Aparece aos sabba-
dos, em Genebra, Suissa.

— *Revista de Engenharia*, Anno VIII, N. 129.
Bem escripta.

— *Guia Pratico* do compositor typographico.
Traducção de J. G. Oliveira Silva.

— *L'Etoile du Sud*, N. 82. Anno V. Brillhante.

— *Estatutos da Companhia Locadora de
Consumo Economico*.

— *Methodista Catholico*, Vol. I. N. 2. Publica-
ção quinzenal da igreja methodista episcop-
pal no Brazil.

— *O Cherubim*, Anno II, N. 19. Muito chique e
interessante. Traz na primeira pagina uma
poesia inedicta de Luiz Delino.

— *Vinte oito de Novembro*, (Portugal.) N. 1.
Orgão da commissão eleita no comicio po-
pular de Guimarães, em 29 de Novembro
de 1885.

— *A Nova Política*, ns. 1 e 2: Proprietario e editor Domingos Luiz dos Santos; redactor politico Araujo Filgueiras Junior. A primeira cousa que se lê na folha *A Nova* (sem calemburgo) é isto:

« Aceitam-se assignaturas, não se solicitam. » e a ultima é esta:

« Prevenimos aos leitores da—*A Nova Política*, que a sua publicação, quando os dias fataes forem santificados, será feita no primeiro dia util immediato. »

E' preciso que o collega explique quaes são os dias—*fataes*.
Muitas prosperidades.

— *Revista Illustrada*, n. 425 (16 de Janeiro). Magníficos desenhos cheios de espirito e mordacidade. Com este numero entra a *Revista* no 11º anno de sua existencia. Felicitamol-a.

— *O Mequetrefe*, n. 396. Engraçados desenhos « a propósito das eleições. » Traz a data de 10 de Janeiro, o que obrigou o texto a vir com um atrazo de mais de oito dias.

— X..., jornal publicado por *D. Pepito*, *Dr. Seringa e Falstaff* para commemorar o 18º anniversario do Club dos Democraticos. Edição de luxo, impressa em bello papel-cartão preto com tinta co. de prata. Muito luxuoso, mas muito funebre. Parece órgão da Empresa Funeraria. Além disso, ha cousas neste X... de fazer arripiar as calvas as mais deshonestas. E' triste que moços inteligentes e cortezes se occupem com escrever futilidades e grosserias das que se tem nos órgãos dos clubs carnavalescos e nos seus annuncios das folhas diarias. Esse genero de publicações seria agradavel e util se os seus redactores, em vez de procurarem descompôr os collegas e dar livre curso a pilherias fradescas, buscassem por meio da imprensa aproveitar as suas habilidades mentaes, aperfeicoando-as no estudo da litteratura e exercitando-se no seu cultivo. Não vejam os bravos e sympathicos *Democraticos* nem os outros carnavalescos nestas palavras outra cousa que não o vivo desejo de poder annunciar o recebimento das suas folhas com palavras de elogio ao talento e ao progresso litterario de quem as escreva.

— « *A João de Paiva—Seus irmãos* », elegante folheto, esplendidamente impresso, com uma linda capa colorida, muito *chic*, com o retrato do Sr. João de Paiva. Os auctores do folheto são irmãos do brindado. E' uma tocante e gentil manifestação de amizade fraternal a um irmão amado e ausente. A edição foi limitadissima.

— *Historia de Gil Braz de Santilhana*, fasciculo n. 19, com um bello chromo e finas gravuras no texto.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã às 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Portuguez, francez e Inglez
— Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

Dr. Henrique de Sá, especialista de syphilis e molestias das crianças.—Rua Primeiro de Março, 22 (consultas do meio-dia às 2 horas).—Residencia: Rua de S. Clemente, 165 A.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 às 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

QUEM QUER RIR-SE?

COMPREM O

BISBILHOTEIRO FAMILIAR

DE

A. XAVIER DE ASSIS

A' venda em todas as livrarias a 1\$000

TYPOGRAPHIA

A typographia d'A SEMANA, ultimamente montada, dispondo de uma boa escolha de typo inteiramente novo, aceita quaesquer encomendas de obras, poesias, annuncios, etc. etc.

PREÇOS BARATISSIMOS

TRATA-SE NO ESCRIPTORIO DA EMPREZA

36 Travessa do Ouvidor 36

Esquina da rua do Ouvidor

DR. GONZAGA FILHO

CONSULTORIO E RESIDENCIA

Rua Visconde de Inhaúma, 61

CONSULTAS DE 12 ÀS 3 DA TARDE

Especialidades:

Febres em geral, molestias pulmonares e do coração.

OBRAS

à venda no escriptorio desta folha:

DE VALENTIM MAGALHÃES

QUADROS E CONTOS
por 2\$000.

COLOMBO E NENÉ

poemeto, 1\$000.

DO MESMO E FILINTO D'ALMEIDA:

O GRAN GALEOTO

traducção do drama de Echeagaray, 1\$000.

DE ALFREDO DE SOUZA

AURORAS

versos, 2\$000.

DE L. MURAT:

QUATRO POEMAS

versos, 1\$500.

DE AMERICO LOBO:

EVANGELINA

traducção do poemo de Longfellow, 2\$000.

DE PEDRO AMERICO

Holocausto

romance, 2\$500

Instrucção Primaria e Secundaria

PIANO E CANTO

D. Maria José de Albuquerque Camara

Tem ainda algumas horas disponiveis para o ensino d'aquellas materias.

RECADOS NESTE ESCRIPTORIO

CHRONICA FRANCO-BRAZILEIRA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
EM PARIZ

REDACTOR—CHEFE: Lopes Trovão.
ADMINISTRADOR: F. Castelli.

ASSIGNATURAS PARA O BRAZIL

Um anno. 10\$000
Seis mezes 6\$000

*Tomam-se assignaturas e annuncios no escriptorio d'A SEMANA.

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBARO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

CURSOS DIURNOS E NOCTURNOS

DIRIGIDOS POR

LUIZ M. DE SOUZA RAPOSO

E

H. VIEIRA DE CASTRO

DIURNOS: instrucção primaria, portuguez, francez, inglez, allemão, latim, philosophia, arithmetica, geometria, algebra, geographia e historia.

NOCTURNOS: portuguez, francez, inglez, caligraphia, musica e escripturação mercantil.

Estes ultimos cursos são especialmente dedicados á classe commercial.

Corpo docente

DR. JOAQUIM VIEIRA FERREIRA
LUIZ ANTONIO BAPTISTA
ARTHUR ANDRADE MARTINEZ DE LA ROZA
LUCIO GONÇALVES
LUIZ M. DE SOUZA RAPOSO
H. VIEIRA DE CASTRO
JOSÉ F. PESTANA

RUA D'AJUDA N. 27

(1.º ANDAR)

F. L. STRONG

CIRURGIÃO DENTISTA

RUA SETE DE SETEMBRO, 51

O COLLEGIO PUJOL

ESTAÇÃO DOS MENDES

(E. F. D. PEDRO II)

reabre-se a 10 de Janeiro de 1886, entrando no 17º anno de sua existencia.

Curso completo de preparatorios e especial de noções de sciencias physicas e naturaes.

Nota—Não admite alumnos maiores de 15 annos.

Os estatutos encontram-se na livraria Faro & Nunes e no escriptorio desta folha.

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 30 DE JANEIRO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II-N. 57.

REDAÇÃO E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, N. 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

SUMMARIO

Expediente.....	
Historia dos sete dias.....	V. MAGALHÃES.
O nosso 1º anniversario.....	
Bolos.....	F. D'ALMEIDA.
Faça de vinho.....	L. MURAT.
Invectivas.....	J. F. PESTANA.
A vida elegante.....	LORGNON.
Flores de Java.....	?
O Caipora.....	GALPI.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Depois de vel-a.....	A. MENDES.
Theatros.....	P. TALMA.
Paginas esquecidas.O Re- belde.....	L. DE MENDONÇA.
Factos e Noticias.....	
Receitas culinarias.....	CABRION.
Tratos á bola.....	Z.
Recebemos.....	
Anuncios.....	

EXPEDIENTE

GERENTE

F. D'ALMEIDA

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

ASSIGNATURAS

CORTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

Os senhores que tomarem uma assignatura d'A *Semana* por todo o anno de 1886 terão direito a um dos seguintes premios, á sua escolha:

VINTE CONTOS, por VALENTIM MAGALHÃES.—Este livro, que se está imprimindo nas officinas d'A *Semana*, foi expressamente feito para ser distribuido como premio aos assignantes d'esta folha. Conterá mais de duzentas paginas em superior papel, com uma capa de fantasia.

NÃO SERÁ POSTO Á VENDA.

Assim, os que tomarem uma assignatura d'A *Semana* por um anno, e somente esses, terão direito a um exemplar d'essa obra, que, a ser vendida não o seria por menos de 3\$000, o volume.

AURORAS, versos, por Alfredo de Souza; encadernação de luxo.

O HOLOCAUSTO, romance de Pedro Americo de Figueiredo.

MARGARITAS, poesias da distincta poetisa D. Adelina Amella Lopes Vieira; um bello volume.

Aos senhores assignantes de seis mezes daremos como premio QUATRO POEMAS, por Luiz Murat, um exemplar das AURORAS, brochado, ou TYPOS EM PROSA E VERSO, de A. Lopes Cardoso.

N. B.— Os senhores que assignaram A *Semana* por um anno, a terminar em Dezembro de 1885, receberão, segundo promettêmos, um exemplar dos VINTE CONTOS.

Leiam-se em outro logar desta folha as «Vantagens dos assignantes d'A *Semana*.»

O Sr. Leonel Guerra é a única pessoa por nós encarregada de agenciar assignaturas nas provincias.

Tem todos os poderes para representar esta folha.

O indice e frontispicio d'A SEMANA pertencentes ao anno passado, e por nós promettidos, não foram ainda distribuidos aos Srs. assignantes não só por causa das difficuldades inherentes a esse trabalho, como por outras que sempre apparecem em começo de anno. Mas com o proximo numero nos desobrigaremos d'esse compromisso, pois que já estão a imprimir-se os referidos— indice e frontispicio.

Acha-se muito adeantada a impressão do livro de Valentim Magalhães— Vinte Contos—destinado por esta folha a ser offerecido como premio a todos os seus assignantes de anno, quer de 1885, quer d'este anno.

Partiu no dia 26 do corrente, para S. Paulo, onde vae a negocios e donde deve regressar brevemente o nosso excellentissimo collaborador Sr. José Felipe Pestana.

Este cavalheiro presta-se a, durante a sua viagem, angariar assignaturas para A *Semana* e vae por nós authorisado a tratar de tudo que tenha relação com esta empreza.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Semana bacchica, de cabo a rabo; semana boa para ser historizada por Noé ou Falstaff, pelo *Mal das Vinhas* ou por qualquer dos famosos adeptos do latino conceito—*In vino veritas*.

Governo, imprensa e população não trouxeram, durante a semana, no pensamento e na bocca senão—vinho; involuntario mas estrondoso preito ao viteconado Lieu.

Nas secretarias de Estado e nas tavernas, nos dourados salões fidalgos como nas espeluncas sordidas, todas as conversações foram abeberar-se no mythologico, no fabuloso licor, a que o Christo deu a honra de chamar—seu sangue.

O assumpto subio á cabeça de todos, conturbando vistas e espiritos; embriagou de entusiasmo as pennas dos jornalistas e a loquella d'esses jornaes vivos que, nas charutarias, nos bondes e nas calçadas tudo commentam e condimentam.

E, porfim, a questão dos vinhos embebedou inteiramente a cidade.

D'ahi, naturalmente, ninguem vê claro, e não haver quem a si proprio se entenda.

O governo foi o primeiro a dar o má exemplo de se exaltar, demittindo, em massa, a Junta de Hygiene, no momento em que ella mais se empenhava por levar a cabo a caridosa obra de limpar a cidade d'essa horrifica e velha praga de vinhos sem uva; na occasião mesma em os representantes de uma das mais importantes fabricas de taes drogas protestavam contra a Junta, que lh'as queria analysar, acoimando os seus membros de suspeitos.

Máu momento era esse para medida tão grave e radical como a demissão desfechada. Mas a posição do Governo aggravou-se quando se reconheceu que os membros da nova Junta pensavam e queriam, acerca da vinhosa questão, exactamente o contrario da sua antecessora; pois esse facto confirmava com apparencias de verdade os displicentes boatos assoglhados acerca das intenções do Sr. ministro do imperio,

Ao passo que o demittido Dr. Freire bradava guerra mortal, sem tréguas nem compaixão a todos os vinhos que só de nome são, o Sr. barão de Ibituruna, presidente da nova Junta, pensa que não se pôde condemnar absolutamente e desde já o commercio dos vinhos artificiaes que não contiuerem substâncias nocivas á saúde, e que, a ser insufficiente a produção dos paizes vinhateiros para o provimento das necessidades de todos os povos— e S. Ex. julgou-a insufficiente— não é inconveniente que se permitta a fabricação de vinhos artificiaes.

Nestas condições e proceder do zeloso e illustrado ministro, que tanto tem trabalhado em bem da saúde publica, não fica infelizmente a coberto de algumas censuras. S. Ex. porém, já ordenou a analyse dos vinhos artificiaes nas amostras apprehendidas, e estamos certos de que ha de dirigir e resolver a grave e embrulhadissima questão com o critério e o patriotismo que tem sabido imprimir em seus actos anteriores.

Quanto á nossa opinião sobre ella, resumimol-a nas palavras com que a *Gazeta de Noticias* synthetizou a sua, no ultimo dos sensatos e energicos artigos que sobre o assumpto deu á estampa. Este modo de julgar a questão é um meio termo prudente, precavido e energico, sem violencia, de que todos auferirão proveitos.

Diz a *Gazeta*:

« Vigiasdas na cidade as fabricas de vinhos e as casas que os vendem a retalho; analysados na alfandega os vinhos estrangeiros, sendo absolutamente prohibida a entrada aos que contiuerem substancias nocivas, e fortemente taxados os artificiaes que se pretendem importar; teremos como primeiro resultado a diminuição de importação de vinhos maus.

« Teremos então no mercado unicamente vinhos naturaes, bons, puros, o que não quer dizer que sejam todos caros; e teremos vinhos artificiaes, sem substancias nocivas e com procedencia declarada, e mais a produção, que já vaé tendo desenvolvimento, do vinho de uva nacional.

« Posto o commercio nestas condições, vendendo gêneros de procedencia e qualidade conhecidas, a produção do vinho nacional de uva agmentará, augmentará a importação de vinhos bons estrangeiros, e as fabricas de vinhos artificiaes, que a nova Junta entende que não devem ser prohibidas desde já, ficarão vencidas pela concurrencia, salvo se lutarem ainda no unico terreno em que a luta é licita:—no do preço.»

Oxalá que nestas idéas se inspire o honrado ministro do imperio.

Não podemos dar parabens ao Sr. desembargador chefe de policia pela idéa de mandar ás empresas theatraes dar começo aos seus espectaculos ás 8 horas da noite.

Fora melhor ter deixado a dormir no esquecimento e na poeirada dos archivos o tal artigo de caduco regulamento que tal disparate prescreve. Aquella ordem, alem de violenta, é insensata, e—o que é um pouco peor—inutil.

E' violenta porque não é a policia que sabe qual a hora em que mais convenha ao publico ir ao theatro, mas o proprio publico. Elle que tem ido sempre ás 8 e meia, que nunca protestou contra essa hora, é porque gosta d'ella, porque a julga conveniente e commoda. Em que perturba ou affecta esta hora a tranquillidade publica? Com que direito e porque principio de or-

dem publica impõe a policia aos empresarios que dêem começo aos espectaculos ás 8 horas?

Seria comprehensivel que ella lhes impuzesse uma hora—a meia noite—para terminar as representações, (note-se que apenas dissimos—*comprehensivel*) mas que comecem ás 8 horas—é medida absurdamente despotica.

E' insensata porque, alem do mais, neste tempo calmoso em que anoitece depois das sete horas, é quasi impossivel vir tão cedo para o theatro.

E é, finalmente, inutil porque os empresarios encontram meio de burlal-a inteiramente fazendo preencher o tempo das oito ás oito e meia horas com a representação de qualquer comedieta banal, um *lever de rideau* impletivo, ou prolongando desmesuradamente a *ouverture*, que é ás vezes uma interminavel quadrilha a *ouverture* do Tanhauser ou qualquer coisa longa como um discurso do Instituto Historico.

Por esta forma o publico, sabendo que a peça annunciada só começará a ser representada ás oito e meia horas, somente a essa hora chegará ao theatro.

E a tal ordem da policia ficará reduzida a qualquer coisa muito parecida com—coisa nenhuma.

Bem feito!

Honra aos briçosos e dignos estudantes da Escola Polythecnica que dirigiram á *Gazeta de Noticias* a carta em que pedem o auxilio da imprensa para que seja erigido a Jozé Bonifacio de Andrada e Silva, um mausoléu no cemiterio de S. Vicente, em Santos, removendo-se os seus venerandos despojos da modestissima sepultura que lhe foi dada na igreja do Carmo pela piedosa mão obscura do gymnasta brasileiro Antonio Carlos do Carmo.

E' vergonhosissimo para todos nós, sem exceptuarmos o Imperador, esse ingrato e doloroso abandono, em que ha tantos annos, desde 1869, foram deixados os restos mortaes do patriarcha a quem, no entanto, prestou-se a homenagem vaidosa do bronze.

Uma estatua no largo de S. Francisco de Paula e os ossos em abandono, em Santos!

Patria, ó boa mãe, é assim que pagas as tuas dividas!

E' essa a tua justica para com aquelles quem já não precisos senão para alimento da tua vaidade!

Se não fora o humilde patriotismo de um pobre aerobata, nem mais saberias hoje do paradeiro dos ossos d'aquelle filho que tanto te servio e cuja memoria tanto te honra, ó Patria!

« S. M. o Imperador—escreveram os referidos moços—achou em José Bonifacio um segundo pae.

Entretanto, o Imperador não se lembrou ainda do feretro coberto de pó da igreja do Carmo.»

Dispensam commentarios estas eloquentissimas palavras.

Honra aos distinctos rapazes Alexandre Góes, Bento de Queiroz o Roberto Lutz.

Gratidão, respeito e sympathia á memoria de Antonio Carlos do Carmo.

E agora, tu ó Patria, vé se ainda é preciso que algum dos mais humildes de teus fillos venha concluir a lição começada por aquelle, ensinando-te a cumprir, tardiamente embora, o mais sagrado dos teus deveres.

VALENTIM MAGALHÃES.

O nosso primeiro anniversario

« A SEMANA »

Este interessante periodico, unico litterario que se publica na Corte, habilmente redigido pelos distinctos jornalistas Srs. Dr. Valentim Magalhães e Filinto d'Almeida, acaba de entrar no segundo anno de sua publicação.

Nós, os mais humildes collegas, menos competentes, porém admiradores da *Semana*, cordialmente a felicitamos pelo seu brilhante successo.

(Do Rio Branco, de Pirassununga.)

« A SEMANA »

Esta magnifica revista litteraria, que se publica na Corte sob a direcção do distinguido escriptor Dr. Valentim Magalhães, completou no dia 3 do corrente o primeiro anniversario do seu tirocinio jornalístico. Para uma folha litteraria um anno representa já uma grande somma de esforços e sacrificios, porque o gosto abastardado do nosso povo prefere á litteratura sadia e robusta a litteratura anemica e chilra, que anda por alti a arruinar os espiritos e o bom senso.

E' verdade que ainda nenhum jornal soube como *A Semana*, reunir tão brilhante e activo corpo de collaboração, e sustentar com tanta galhardia aquella *verve* scintillante que é o mais poderoso antidoto que conhecemos contra a hypochondria. Bem merece por isso todo o auxilio dos que ainda se interessão pelo engrandecimento intellectual d'este paiz.

Felicitando a gentil collega, fazemos votos para que conte largos annos de existencia e um grande numero de assignantes, em que não entre a terrivel classe dos assignantes... honorarios.

(Da *Gazeta da Comarca*, de S. Fidelis.)

A SEMANA »

Com o numero 53, que acabamos de ler, encetou *A Semana* o seu segundo anno de existencia, promettedora e futura, tendo vencido essa formidavel aversão, ou, para melhor nos exprimir, esse incalculavel horror á litteratura, o qual é em nosso paiz doença a que poucos espiritos escapam.

Felizmente para as lettras patrias, conseguiu, *A Semana* fazer o escabroso caminho de um anno; e agora tão cheia de vida e convicta da sua força apresenta-se, que nos vem dizendo: «Será difficil prejudicar-nos d'ora avante.»

Felicitando ao seu digno director e proprietario, Dr. Valentim Magalhães, fazemos votos para que a sua magnifica revista litteraria continue por longos annos a prestar os serviços que já a fizeram credora para com a litteratura e a arte nacionaes.

(Do *Jornal de Noticias*, da Bahia.)

BOLOS

Já agora dirigir-me-ei ainda ao barbeiro de C. de L..

A' vista da attitude verdadeiramente desgraçada que o famigerado inofineiro chronico do *Jornal* assumio nas respostas aos meus artigos, eu nem precisava

de occupar-me ainda com elle; mas como encarreguei o barbeiro de lhe contar o que lhe havia de responder pela *Semana* de hoje — sempre escreverei alguma coisa.

Figaro illustre. Lastimo a tua sorte, honrado barbeiro! Deves estar profundamente envergonhado do teu freguez, que em tão má hora te arrancou á doce penumbra do teu officio para te fazer representar o triste papel de *gato morto*.

Mes é bem feito que soffras o vexame de te ver escorrido pelos bicos da suja penna do teu freguez. Tu tens tido muitas vezes em tuas mãos a vassoura que lhe serve de *cavaignac* e tens commettido a imprudencia de lh'a deixar molcume no mento.

Toda a raiva e toda a peçonha que elle estilla no *Microcosmo* procede d'aquelle *cavaignac* quasi incrível. Se tu lh'o honvesses aparado nos veriamos o homem, de então por deante, macio como um velludo. Não é por mim que eu falo; não.

Eu sempre o achei muito insignificante e muito pulha; mas todos me diziam que elle era o terror dos plunivistas incipientes e mesmo dos jornalistas consumados e provecos; isto levou-me a não lhe perdoar nenhuma ousadia e a rebater-lhe sempre, com uma certa vehemencia, os desaforos semanaes. Mas o parvoeirão tem tanto de insolente como de covarde: recuava sempre, accossado, e ia ganhar para a casota a dor da pancadaria.

Commigo assim tem acontecido, mas aos outros sempre elle mostrava os colmilhos, rosnando.

Ultimamente, porém, tantas canellas assultou, que estas, revoltadas, resolveram tocar-lhe a pelle um Zé l'ereira infernal. Lá fui tambem com a minha vaqueta rufar-lhe uma variação em *si-bi-duro*. Recalcitron, é verdade que recalcitron, mas foi aquella lastima que tu viste.

Figaro da miudatuna! Tenho-me escangalhado de riso.

Já agora não levarei para a covil nem sombra de melancholia. Afinal, os *Lacts* são necessarios á vida, pelo menos tanto como os drasticos.

Sem estes enxovados, sem os macacos e sem as pantomimas este mundo seria de uma insipidez mortal. Eu não sou muito dado ás tristezas, confesso, mas vendo deante mim um sujeito annunciado a esganicar-se improbamente em guinchos de raiva, fico alegre como um canario ao sol, e não ha riso que me baste. Agora não necessito de mais desopilantes. Por muito que viva, quando a molestia de algum possivel bisnetto me entristecer, bastar-me-á alongar os olhos para este passado patusco, e logo a ridente alegria virá redoirm-me em luz a massa das derradeiras sombras.

E não é para menos, o meu caso. Armado da verdade e abroquellado pela justiça, eu disse áquella parodia de homem, a C. de L., que elle era um escriptor covarde e que, dada certa circumstancia, era um jornalista sem dignidade.

C. de L. vasculhou com o *cavaignac* o meu passallo e foi encontrar-me, ha oito annos, caixeiro de uma papelaria; foi a unica vergonha que me encontrou, e teve o despejo de a vir assoalhar ao mundo pasmo.

E' verdade que, em lugar de caixeiro, eu poderia ter sido — gatuno, por exemplo, — ha muita gente honrada que já o foi — mas enfim, fui caixeiro e tive de aturar a affronta de C. de L.

Se algum dia eu tornar a occupar-me em profissão tão aviltante, pedirei ao patrião que guarde segredo, senão o L. é capaz de se ir empenhar com a policia para o fim de me obrigar a assignar

termo de bem viver. Patusco L.! paudogo C!

Depois da resposta que por teu intermedio, o Figaro, lhe dei pela *Gazeta* de 27, appareceu outra vez o homunculo pelo *Jornal* com dez linhas dirigidas ao Sr. Dr. Luiz Delfino, em cuja casa até hoje não entrei ainda. Mas esta segunda resposta é um mixtiorio por tal maneira guizado, que não ha meio de achar quem o comprehenda. Hei de remettel-o a uma assembléa da praça do Mercado, a ver se apparece quem o decifre. Pode muito bem ser que haja ali dentro grandes coisas; a questáo é encontrar-se um hortaliçeiro que lhe applique a hermeneutica á gerungona.

Eu é que me não quero dar a esse trabalho.

Mesmo porque tenho interesse em não lhe bulir mais. Se eu lhe fizer uma *péga de cara*, elle é capaz de vir logo lambem-me as mãos — e eu quero sahir d'este mundo sem a baba dos seus elogios...

Porque o patife, quando lhe doe o lombo, começa a incensar a gente, e isso é que é uma espiga de todos os demonios! No tempo do *Corsario* o maior vilipendio que podia cahir sobre um homem era ser elogiado por elle; agora acontece o mesmo com o C. de L.

Olha, meu Figaro, vou mostrarte-mais um traço do character e da consciencia jornalística do teu freguez: Lembra-te que elle, no ultimo *microcosmo* falou contra a «*villissima legião do anonymo*»? Pois bem, este que assim fala da tal legião, tem sido na imprensa sempre e exclusivamente um anonymo. O proprio folhetim em que vem a phrase está assignado apenas — C. de L., iniciaes que tanto podem significar Carlos de Laet, como cara de lapuz, como character de lama.

Isto parece-me significativo.

Mas como já deves estar cansado, além de muito aborrecido com esta questáo, eu vou-te dar o ultimo conselho:

Podes fazer uma troca com o teu freguez — tu vaes escrever as chronicas semanaes do *Jornal* e elle vae para a tua loja rasoírar os queixos do paiz.

Com a troca tem tudo a lucrar tanto a imprensa como as barbas nacionaes.

Adeus, mestre, obrigado e desculpa esta estopada ao teu admirador

FILINTO D'ALMEIDA.

TAÇA DE VINHO

Tu tens a luz do sol nesses teus othos, filha;

Tens o aroma da flór

Na tua bocca; em tu'alma, onde uma estrella brilha,

Esse perfume — o amor.

Perfume, que a razão allucina e embriaga,

Vinho de entontecer;

Quem me dera afogar-me inteiro nessa vaga,

— Vaga que ao céu vae ter.

Teu beijo ardente, filha, aos meus labios trazido

Nessas noites sem calma,

Como um passaro no ar pelos ventos batido,

Pois-me dentro d'alma.

Deus poz em teu othor a mais bella das noites!

Como a luz nelle brilha!

Se tu foges porque não tens onde te abrites,

Olha o meu peito, filha.

Faze d'elle o teu ninho, um ninho de esperanza

E de fé e de paz.

E dorme e sonha ahí e sem temor descança,

Sem remorsos, sem ais.

Que a dor não arrebate aos meus labios sequosos,

Os teus beijos, que acendem

N'alma sonhos crueis, desejos mysteriosos,

Loucuras que me prendem

Amoramento e ao prazer — inferno em céu profundo

Ardendo sem cessar;

Mas que é a luz que nasce, o arrebol de outro mundo,

A vaga de outro mar.

Oleito que te espera é mais alvo que o linho

E um novo aroma echala.

E' uma taça o teu corpo e está cheia de vinho...

Eu preciso esgotal-a.

LUIZ MURAT

INVECTIVAS

EXCERPTO DE UM LIVRO INEDITO

(A Valentim Magalhães)

O HOMEM

Esconde-te para sempre meu passado! Para que has de vir escaldar-me a fronte com a terna lembrança de um tempo que não volta?! Para que trazer-me á memoria os bellos dias da minha meninice, os alegres sorrisos francos do meu tempo de creança?

O PRESENTE

A recordação dos teus dias de ventura constitue um momento de felicidade na tua vida. Ojeias o passado? Se, no teu labutar incessante a imagem do que foste se reflete na tua intelligencia como o sol sobre as aguas limpidas do oceano, para que ter asco ao que se perdeu para sempre na bruma dos tempos? Sabes tu, por acaso, o que é o passado? Pergunta-o á Historia, a depositaria fiel do que fizeram os que te antecederam. Acaso valerá mais a tua infancia do que tudo o que o passado te legou?

O HOMEM

Envelheceu-me a luta constante com o Trabalho; as gerações que findaram — umas corruptas, outras vis —, obliteraram-me o ser. O meu corpo fragil soffre as consequencias dos erros dos meus avos.

Eu sou uma entidade bem mesquinha! Corpo coberto de chagas comprehendendo que a impureza do meu sangue faz de mim a mais abjecta e repugnante das materias!...

O PRESENTE

Tu definhas sob a pressão dos teus proprios vicios; a tua ruina nasce da tua propria fraqueza. As gerações tem-se succedido e tu tens sido sempre o mesmo Homem. O luxo, a vaidade e a crapula não são só do dominio do passado. Hoje mais do que nunca se desenvolvem nas modernas Babilonias, á picua luz da Civilisação, essas chagas que te corroem os membros.

A HISTORIA

Eu sou a alma do passado; tu, oh Homem, és o symbolo da injustiça. A quem deves tu as conquistas da sciencia, os melhores modelos d'arte, os bellos monumentos que te extasiam? Tudo revive nesses bellos attestados que as minhas paginas descrevem e que tu não queres ler. A' minha sombra repousam os enormes vultos que te ensinaram a conhecer as constellações, a comprehender a grandeza da enorme curva azulada que se estende sobre a tua cabeça; eu guardo em letras de fogo as palavras scintillantes de Cicero e Mirabeau; possuo as lyras de Homero e Virgilio; desenrolo deante de teus olhos a vida das nacionalidades; transmitti-te epopéas. Don-te nas palavras de Christo a idéa grandiosa do Passado que invectivas; transmitti-te em caracteres de ouro a palavra — Liberdade!

O HOMEM

Sim! Tu ensinaste-me que Heráclito ha já bastantes seculos chorava as vicissitudes das cousas do mundo; as leis que me transmittiste parecem as de Draco, escriptas com sangue; infundiste-me tambem a duvida de Pyrrho e viciaste-me com a torpe severidade de Zollo.

A Liberdade! Essa conquistou-a a Consciencia Humana, mais forte ha um seculo do que hoje; conquistou-a para uma parte da humanidade porque a outra ainda jaz obscurecida e escravidada. Caberá por ventura ao Presente a responsabilidade d'essa mancha que enodóa algumas das tuas paginas?

A HISTORIA

Queixa-te da tua propria ambição. Christo já havia dito á humanidade que todos eram iguaes quando os pulsos de teus irmãos foram algemados. Lava com a esponja da redempção a nodoa que tanto te acabrunha. Quando tiveres feito isso, o Futuro te fará justiça e as gerações que te succederem, ao contrario do que tu fazes agora, bendirão o nome dos seus antepassados.

J. FELIPPE PESTANA.

A VIDA ELEGANTE

Os salões do Congresso Brasileiro illuminaram-se no sabbado á noite, abriram-se de par em par as suas portas, e as mais elegantes e formosas *demoiselles* da nossa sociedade lá estiveram scintillando, como num céu esplendoroso intinidade de fulgidas estrellas.

Era de ver-se aquelle vasto e sumptuoso paraíso, repleto de luzes e de olhares que a gente encontrava a cada momento, a reflectir-se nelles — espelhos negros e azues! Inolvidaveis, — todos aquelles seres celestiaes que arrastavam sedas e valsavam e polkavam inquietos, sorridentes!

E, além de tudo isso, um concerto, composto das melhores peças, veio augmentar o eucantamento d'este vosso criado. Exunas leitoras, e obrigo-o a dar que fazer ás mãos, applaudindo os seus executantes, que foram: as Eximas. Sras. DD. Maria Corrêa de Azevedo, Rosina e Elvira Schroeder dos Santos, Amelia Favares, Alexandrina e Gui-

hermina Philipps e os Srs. Angelo Marenja, João Xavier e L. Rossi.

O Congresso Brasileiro não poupa esforços para que as suas festas deixem sempre saudosas recordações a todos os seus convidados, que, decerto, devem estar anciosos pela proxima reunião.

Parabéns á directoria do Congresso Brasileiro.

CLUB ATHLETICO FLUMINENSE

Esta sociedade, uma das mais elegantes e das mais uteis que possuímos, teve a boa lembrança de transferir a hora das suas corridas que dantes eram ao meio dia e que são agora de tarde e á noite. Effectivamente era uma barbaridade sugerir crianças ao medonho calor do sol do meio dia, um calor de assar chapéus, e era quasi um martyrio para os espectadores o assistir ás corridas.

Agora sim, passa-se no recinto do Club Athletico um boa noite, de uma frescura relativa, vendo-se correr os socios e as crianças e assistindo-se aos trabalhos de gymnastica.

A ultima festa d'esta distincta sociedade, foi magnifica, sendo a melhor parte e a mais animada a distribuição dos premios á criança. A concorrência foi regular e a directoria, como sempre, portou-se com a maior gentileza para com os convidados. Felicítamol-a.

LORGNON.

FLORES DE JAVA

Amor... não sei se amou ou se toucou,
Esse poder, então, que desconheço,
Prende-me a vida á tua vida escura,
E a ti, a ti somente hoje apettoço.

As delicias cruéis com que padeço,
O soffrimento atroz d'esta ventura,
A duvida em que vivo e desfalleço,
Todo este goso e toda esta amargura

Leubram-me as bellas e terriveis flores!
Fascinantes e toxicas, de Java,
De tenra polpa e aroma delicado.

Bem vés: a minha vida é tua escrava;
Envenuem-me embora os teus amores:
Quero d'elles morrer envenenado!

O CAIPORA

Foi meu contemporaneo, na academia, um originalissimo rapaz de quem se não de recordar ainda todos os que o conheceram.

Era um d'esses typos academicos, que fazem epocha cujos feitos e nomes atravessam diversas gerações de estudantes, lembrados sempre e sempre applaudidos.

A vida accidentada, cheia de peripecias infelizes, que o destino lhe preparara fel-o ser appellidado — o *Caipora*.

Por outro nome, que não esse appellido, ninguém, á excepção dos amigos, o conhecia. O *Caipora*, porem, não

havia em todo S. Paulo academico, *bicho*, *cascabulho*, e *futrica*, que deixasse de o conhecer e... temer.

Temer, sim, que por todos era elle temido, por causa das suas diabruras e farçadas ou mais brásileiramente falando: por causa das suas molecagens!

A fama d'elle era tal e tamanha! que só lhe polera resistir a de um actual grave dezembargador ou ministro do Supremo Tribunal de Justiça. Essa não se eclipsara á luz do novo sol.

O nosso ministro fora o predecessor do Caipora. E ainda hoje ha de em S. Paulo ser narrada, como faço agora, a raiva, que ao frenetico boticario Rosa causara a descoberta de estranha raiz, que o meritissimo juiz achara e levava ao exame do pharmaceutico paulistano, apesar de prevenidissimo este contra as gaiatices do implacavel estudante.

Tivera o peralta a pachorra de seccar a ponto de dar-lhe rigidez quasi granitica um phenomenal fructo *das suas entranhas* e privar-o de tudo, que pudesse denunciar-lhe a origem: forma, cor e principalmente aquillo que o faria facilmente conhecido, mesmo de um cégo.

O boticario, empenhado em manter bem alto os seus creditos de botanico (do que muito se presumia) entrou no estudo e indagação do objecto apresentado, com a gravidade do sabio.

Torcendo os labios, agitando a cabeça para um e outro lado, a proporção que aceitava ou repelia esta ou aquella hypothese, o Rosa olhou a principio attentamente para a raiz, á sombra, á media luz, á luz mais viva da porta! Apalpou, cheirou: nada; tirou com esforço um fragmento, olhou-o, cheirou a parte quebrada; nada. Triturou boa porção da raiz entre os dedos, reduzio-a a pó, de novo cheirou-a, encostando as ventas á palma da mão, onde se achava o curioso deposito; o mesmo resultado: nada! Por fim estendeu a lingua para fora e com a ponta recolheu boa quantidade da substancia moída, provou-a, dissolvendo-a na bocca, lambou os beiços, franziu o sobr'olho, e com o ar concertado do erudito e sabio abstractação disse aos circumstantes e ao apresentador da raiz, que, sisudo, esperava o resultado do exame:

— Isto é... *aquillo*.

— E, adivinhou; respondeu o garoto com a mesma gravidade.

A raiz voou do balcão á cara do fructuz, mas este já estava longe.

Esta e outras eguaes do nosso dezembargador serviam de confronto ás do Caipora. Mas d'este é que tratamos e não d'aquelle, que ainda está vivo e que talvez queira repudiar o seu passado e dar nos alguma bordoadada coim a sua *vara* de juiz.

Os gaiatos não gostam de graças consigo!

O Caipora era assim. E na palavra do seu appellido via sempre insulto. Subia á serra com qualquer brincadeira e era de extrema susceptibilidade!

Ainda me lembro que passando em companhia d'elle pela ponte do Piques, de um sobrado uma senhora, mostrando-o a um cavalheiro com quem se achava á janella, disse — tão baixo que eu mesmo não ouvi — aquelle é o Caipora.

Ai! Deus do Céu! O homem invadio a casa e quiz levar tudo a cacete. E eu tolamente o acompanhei.

Disse ha pouco que foi sempre encaiporada a sua vida. Não o podia ter sido mais!

Muito criança ficou orfão de pae, que legou á vinva mais dividas do que bens.

* Designações academicas de estudantes de preparatorios, collegial interno e gente alheia á vida de estudantes.

A fatalidade da morte do pai, sendo uma das maiores desgraças para o Caipora, foi de todas a que menos magua lhe causou; nenhuma outra a não ser a estranheza, que causa a uma criança de dois annos a ausencia paterna.

Correram os tempos e com elles foi-se manifestando a triste sina do Caipora.

O padraço (Teve-o tambem: segundo caiporismo), homem distinctissimo, mas de character severo, quiz fazel-o padre. Padre! elle que daria um soberbo D. Juan! Depois veremos.

O seminario recebeu o menino, mas em pouco tempo, o diabinho foi transformando as aulas e dormitorios d'aquella santa casa em palco grego, digno das comedias de Aristophanes. Se o demônio era a alegria dos *farmigões*, era o terror dos padres-mestres!

O Seminario não pôde aturar aquella droga e a cuspiu para o mundo.

O padraço, como é de presumir, cerrou-lhe as cordas da bolsa (novo caiporismo) e vio-se o Caipora em papos de aranha.

A sua aptidão para a musica era notavel. No seminario aprendera o canto-chão e um boçadinho de órgão, o que lhe foi um salvaterio.

A musica nunca lhe levava caiporismo, e d'ella serviu-se como meio de vida ensinando-a em collegios, depois da crueldade dos padres e do rigor do padraço. E se em vez do *missal* e das *Ordenações*, elle tivesse estudado musica talvez não morresse com o appellido de — Caipora.

S. Paulo, porém, attrahia-o como cobra á rã, e um bello dia, auxiliado por alguem, tomou uma passagem para Santos, subiu o Cubatão e entrou na Paulicéa.

A alegria e animo brincalhão, com que a natureza o dotara, e que fizeram de sua vida um tecido de dores, tornaram-no logo popular entre os *veteranos*.

A moradia e a subsistencia foi-lhe facil e nos seus oito ou nove annos de S. Paulo residio em umas dez ou doze *repúblicas*, desrespeitando a constituição de todas ellas.

As *laveleiras*, os *futricas*, os *caloiros* os *vinagres* votavam-lhe odio mortal, mas concentrado, mudo pelo temor das *satyras* e *caçoadas*.

Pela rua do Meio passava elle todos os dias, e assim que apontava em um dos extremos, as janellas povoavam-se de mulheres, (detestaveis rameiras) que trovejavam improperios de todo genero a que elle respondia com gestos e dictos, que as enfureciam ainda mais e obrigavam-nas a bater-lhe á cara as portas e janellas.

Amolava os *canivetes* (cavallos magros de aluguel) do Capitão, a quem não pagava e quando sobrava-lhe tempo prateava moedas de cobre com aço de espelho e engendrava meios de piratear á noite nos mares lodosos da prostituição paulistana, dando caça ás *barcas*.

Quando o pirata de amor referia as suas caças, usava sempre de tecnologia nautica. E era um gosto ouvi-lo, á nos que eramos rapazes: ora bolinava, ora corria a todo panno, mudando frequentemente de bandeira (borla postica ou outro disfarce.)

A consequencia d'essa vida irregular foi um rheumatismo, que o punha em tormentos e com o qual *caceteava* os companheiros de casa.

Tempo houve de moderação em seu viver e este tempo foi consagrado á composição de um romance.

O romance era um bacamarte, que assustava aos que viam o grosso manuscrito e um *cacete* formidavel, com que foi a minha paciencia posta á prova.

Não era com certeza uma obra de arte; nem quanto á invenção, nem quanto ao estylo.

O auctor achava-lhe, porém, especial sabor e ha emphaticamente paginas e paginas, enternecendo-se com certos episodios, enquanto a leitura de outros faz-o rir a bandeiras despregadas.

De um me recorde eu que era para ellé o melhor, o mais picaresco.

Descrevia uma caravana de estuantes descendo a serra do Cubatão. Um dos cavalleiros calhe do animal, que passarinha:— *Levanta-te, filho de Ulysses!* grita outro. Isto, que não tem graça alguma, excitava-lhe riso suffocante.

A biographia do Caipora encheria volumes; o nosso fim, porém, não é escrevel-a, mas simplesmente narrar um facto, que se deu com elle e um padre, seu communicante e tambem outro caipora.

Eis o facto. Bem poucos setão os que não tenham assistido a festas no campo. Mesmo os senhores da Corte que as não tiveram visto poderão fazer d'ellas idéa aproximada pelas romarias da Penha e Copacabana.

Uma pequena igreja, muita gente agglomerada, muita barraca, muito foguete e muita cachaça.

Pois bem. Assim eram as festas que se faziam em Jacarahy, pauperrima freguezia de Mangaratiba.

Um anno após a criação da freguezia a festa foi maior do que todas as anteriormente feitas e não so o povo do lugar, como muita gente de outras freguezias e do proximo municipio de Angra dos Reis, gente que muito gosta de festas de igreja, accedeu ao convite do padre Reis e de um negociante italiano, cidadão naturalizado e grande politico.

A casa do negociante mal chegava para a familia, que era numerosissima e as duas ou tres outras casas da freguezia estavam atopetadas.

O pavilão ergueu barracas feitas de ramos e nellas se accommodou. Uma grande multidão, porém, que não tinha barracas, acampou na propria igreja. Tomou conta da nave, foi-se espichando pelos degraus do altar-mor, coro, corredores, sacristia e sem grande respeito ás sagradas imagens, começou cochilando e acabou dormindo, acalentada pelo monotonio ruido de uma chuva que *preinava*.

O padre caaiporado e o Caipora deitaram-se na sacristia, ao lado um do outro, e ferraram no sonno.

A luz da alampada allumiava um grande Christo crucificado, que dominava o altar, e por baixo d'este, occulto apenas por uma cortina roxa, estava um *Senhor Morto*.

O padre, homem gordo, pardo, de boas guelias e melhores ventas, com o estomago carregado de leitões, perús e grandissima dose de vinho da venda do italiano. — mais agoa de cappeche, apesar de *primeira*, do que vinho — lá pela uma hora da noite começou a soprar na cara do Caipora. Do sopro passou ao assobio, d'este ao ronco e por fim em sonho poz-se a entoar o *canto-chão*.

O Caipora, apesar do seu sonno pesado, começou a mecher-se até que encostou o ouvido na bocca do padre cantor, no momento em que elle soltava uma d'as mais fortes notas.

O som da voz e a coega, produzida pelo ar expirado acordaram ao Caipora que estremunhado, abriu os olhos, e estranhou o padre, o lugar e a imagem, que á luz baça e vacillante da alampada pareceu-lhe descer da cruz.

Ergueu-se, sentando-se na esteira e ardeou com o rumor e o brusco movimento do padre, que arregalou os olhos vermellos, abrindo muito a bocca sem o menor lembrança d'aquelle estranho

companheiro que fez-lhe por sua vez a mesmissima careta: — arregalar os olhos e abrir a bocca!

Essas caretas eram effeitos do pavor, que lhes supprimira a voz.

Dominados por panico ergueu-se ao mesmo tempo! *Toutos* pelo somno chocam-se, agarram-se e cahem ambos, arrebatando com a quebra a cortina do *Senhor Morto*. Encaram-no e nelle viram um assassinado!...

E o Senhor crucificado a dançar na cruz!...

Tal era o terror que não adquiriram a voz e com as gargantas presas dispararam em longa corrida, perseguindo-se quando ambos instinctivamente desejavam evitar-se, fugindo!

No primeiro arranco da carreira, não distinguiram, nem podiam distinguir, tal foi o impeto, o corredor, e foram de encontro á parede. Caubaleiram... aguentaram-se nas pernas... encaram-se horrorisados... e dispararam de novo para o corpo da igreja, fugindo-se e julgando-se perseguidos.

A igreja estava cheia, não havia um ponto desoccupado. E logo que os *assombrosos* transpozeram a porta tropeçaram e cahiram sobre os que dormiam.

Ergueram-se estes espantados tambem e agora... já não eram dois..., eram seis phantasmas, que despertaram e assombravam outros seis, e atraz desses... outros, mais outros; até que todos gritando horrorisados... loucos... delirantes empurravam-se, esmurravam-se rodopiavam em uma polka infernal!

Dir-se-hia a companhia toda dos demônios em revolta contra Deus, assí tando-lhe a morada!

As portas deram por fim sahida a grande numero de espantados e so no campo da igreja, refrescadas as cabeças pela chuva, é que poderam comprehender o que era e o que tinha havido.

Para omittos tar le veio á calma.

O Padre tinha as ventas em nrisero estado e o Caipora o nariz torto!

Dizem que o caiporismo é semelhante ao *tamanduá*: quando agarra num pe'iro diabo não o larga senão com muita dificuldade, ou nunca o deixa!

Assim aconteceu ao Caipora, que mesmo depois de morto, não deixou de sel-o.

Falleceu moço; aos trinta annos; longe dos seus e em terra estranha... em uma fazenda.

O cadaver devia ser transportado para a villa... e... fazia um tempo medonho.

Quatro escravos receberam ordem para o desempenho da penosa missao. Cumpriram-na! Ao transportar um rio, a torrente arrebatou o cadaver!

Piedoso dever, mais que a obediencia humana, transformou os quatro escravos em quatro heroes!

Salvaram o cadaver!

Parecia sorrir.

Seria de gratidão para com os seus salvadores; ou de escarneo para o mundo?

Não sei, mas aposto, que o Caipora ao transportar os penetracs da morada de Deus; pois que elle foi sempre generoso e bom, havia de fazer cocegas na calva de S. Pedro e dirigir uma pilheria a S. Paulo...

GALPI.

SPORT

Ante numerosa concurrencia realizaram-se no ultimo domingo as corridas do *Hippodromo Guanabara*.

Os animaes menos favoritos foram os vencedores e d'ahi as pontes geralmente altas em quasi todos os parcos.

No 1º pareo *Didi* em pouco tempo tomou a ponta e manteve-se até o final de 850 metros, mostrando a sua velocidade ser maior que a de *Barbara*.

No 2º pareo *Dinorah* pregou uma furiosa peça em seus admiradores, visto que desgarron dando livre passagem a *Aurora*. Gustavo aproveitou-se perfeitamente da ocasião e tocando *Aurora* conseguiu fazel-a ganhar a corrida, sendo o tiro 1000 metros.

No 3º pareo *Jaguary* fez triste figura com seu novo jockey. *Neva* apesar de montada por Alfredo Poon não pôde mostrar as suas habilidades: de sorte que a victoria de *Saphira* foi facil, apesar de haver maior numero de palpites do lado de *Neva*.

No 4º pareo *Africa*, com a qual muito poucos contavam, tomou a ponta e bateu *Regalia*, *Guanaco* e *Bruid*.

No 5º pareo *Bella Alliança* fez uma bonita corrida em 1000 metros e ainda uma vez ficou em evidencia a grande habilidade do jovem Gustavo, que soube aproveitar a favoravel sahida que lhe deram.

No ultimo pareo, *Savana* e *Eucharis* fizeram ambas muito boa corrida e se ganhou *Savana* acreditamos que foi isso devido à grande differença de peso; na verdade *Eucharis* levava uns 10 kilos mais do que a sua competidora.

A 27 do corrente effectou-se a Assembléa Geral da sociedade *Jockey-Club* para proceder-se à votação do conselho administrativo e do conselho fiscal da mesma sociedade.

Fazemos votos para que o *Jockey-Club* continue a sua vida de glórias.

A 7 de Fevereiro o Prado Villa Isabel deve effectuar a sua primeira corrida d'este anno.

L. M. BASTOS-

DEPOIS DE VEL-A

Depois que a vi jamais pnte esquecer-a !
Esquecel-a, jamais! Dandido rosto,
Tal como o seu, acaso hei de o desgosto
Ter de olvidar por não sentil-a ou vel-a?

Embora occulte myvem, que o sol posto
Deixou no céu a perpassar, a estrella,
-- A Venus por exemplo --, hei de perdel-a
Da mente, que a des ja, á qual imposto

Foi pela Natureza o bello extremo?
— Peze-me embora á mão o tosco reno
D'este barco da vida perigoso :

Uubram-me cans o dorso recurvado ;
Hei-de lembrar-te sempre, archanjo amado,
Dês que te vi, ditoso ou desditoso :

Janeiro, 1896

ARTHUR MENDES.

THEATROS

O *Sant'Anna* já fez quasi que o bi-centenario dos *Sinos de Corneville*, uma das operetas que maior successo tem alcançado no Rio de Janeiro; e quasi que toda a população d'esta cidade conhece a suavissima musica de Planquette tem assistido ao esmerado desempenho que dá Guilherme de Aguiar ao importante papel de velho Gaspar.

Assisti no sabbado à primeira representação dos *Sinos de Corneville*, no *Principe Imperial*, pela companhia Souza Bastos.

No papel de Gaspar, Machado fez-se applaudir.

Fez bem o Souza Bastos levando os *Sinos de Corneville* e a actriz Pepa encarregando-se do papel de Rosalina, com que decerto ha-de o publico regalar-se durante muitas noites, não poupano applausos à distincta atriz.

O Corra deu-nos um Marquez bastante supportavel; Oulin, estreando no papel de Germana, desempenhou-o acriticavelmente, e, apenas o tenor Moulin, creio que devido ainda a estar convallescente de grave enfermidade, não conseguiu agradar.

Córos, muito afinados, orchestra, briosa e boa; *mise en scene* decente.

Asseguramos ao *Sinos* do Souza Bastos numerosos repiques... na bilheteria.

AS VISINHAS

Em beneficio do actor Maia subio á scena do Recreio, no dia 22, a comedia em 3 actos, de H. Raymond e J. de Gastine — *As Vizinhas*, muito bem traduzida pelo jovem escriptor Figueiredo Coimbra.

Esta comedia é do repertorio do Palais Royal, de Pariz, e do genero creado por Hannequin. Dicto isto quasi que está dicto tudo. Antes farea do que comedia, ninguém deve nas *Vizinhas* procurar verosimilhança, nem estudo de caracteres, nem logica de accão. Entrecho absurdo, situações forçadas, typos burlescos, *charge*; eis tudo.

Todo o merito d'estas peças está na graça das situações, nos qui-pro-quós, e nos dictos picantes. D'isto *As Vizinhas* têm á farta. O publico ri-se com os disparates, e ri-se a valer, porque o riso lhe é arrancado á força, com a maior violencia e o maior atrevimento. E' o que os auctores querem; conseguem-no: — prompto.

Do desempenho apenas podemos destacar o actor Maggioli, que deu uma bella feição comica ao seu papel e o conduziu com graça e naturalidade, tanto quanto a comedia permite.

O beneficiado não foi feliz nem na interpretação nem no desempenho do seu typo. O mesmo se pode dizer dos seus collegas, se exceptuarmos a Sra. Balbina, que teve algumas scenas felizes, principalmente uma entrada no terceiro acto. O Sr. Marques caracterisou-se muito bem.

A peça está muito bem montada e os scenarios são novos e muito bons. Deve, portanto, continuar a agradar como na primeira noite. E' o que desejamos á empreza e ao talentoso traductor.

A empreza da *Phenix Dramatica* levou quarta-feira a sempre applaudida comedia de Franca Junior *Como se fazia um deputado*, secundando-a com a espi-rituosa comedia em 1 acto *As campanhas*.

Tudo isso, já se sabe, a preços modicos...

Souza Bastos prepara para estréa no Principe Imperial das actrices Estephania e F. Salles e dos actores Montedonio e Portugal a conherilha e apparatusa magica *As tres rocas de crystal*.

A empreza do *Sant'Anna* parece que encontreu n' *A Mulher-Homem* uma nova California. Conta as enchentes pelos espectaculos.

Vae ensaiar *A toulinegra do templo*, opera comica traduzida pelo Garrido e *A Princesa Theodora*, libretto de Arthur Azevedo, musica do Dr. Milanez.

Hontem o Braga Junior deu-nos, no *Lucinda a premiere d'O Bilontra*, revista de Arthur Azevedo e Moreira Sampaio.

No proximo numero daremos a nossa opinião sobre esta peça, tão ansiosamente esperada. Por ora podemos somente dizer que ha alguns trechos de musica muito agradaveis, que as scenographias são boas, destacando-se, por serem magnificas e de grande effecto, as que representam o salão do palacio dos theatros, o incendio do Monte-Pio e a sala do S. Pedro de Alcantara.

Enté sabbado, seu *Bilontra*.

P. TALMA.

PAGINAS ESQUECIDAS

O REBELDE

A ARTHUR DE OLIVEIRA

E' n' u lobo do mar; umu espeluca
Mora, á beira do oceano, em rocha alpestre.
Ira-se a onda, e, qual tigre sylvestre,
De mortos vegetaes a praia juca.

E elle, alhando, como um velho mestre,
O revoltoso que não dorme nunca,
Recurva o dedo, como garra adunca,
Sobre o cachimbo — nuico amor terrestre

Então assoma-lhe um sorriso amargo...
E' um rebelde tambem, — cerebro largo,
Que odeia os reis e os padres excommunga.

A' noite dôrme sem rezar. Que importa?
Enorme cão feroz guarda-lhe a porta;
— O velho mar soturno que resmunga.

LUCIO DE MENDONÇA

1878.

FACTOS E NOTICIAS

Os leitores devem estar lembrados de uma questão de *casamento tumultuario* que muito se debateu na imprensa, o anno passado. Essa questão acaba de ser resolvida na Relação d'esta Corte, que mandou ao juiz da 1ª vara de orphãos que, reformando o seu despacho, dê-se licença para o casamento da orphan. Não podia ser outra por parte do collendo tribunal a solução d'aquella desagradavel questão.

Em Nova Friburgo effectou-se no sabbado o consorcio do distincto lente da Escola Polytechnica, Dr. Arthur Getulio das Neves, com sua prima, a Exma. Sra. D. Maria Sophia das Neves. No hotel Salusse foi offerecida, como prova de *sympathia* ao joven par, uma esplendida *sopée*.

Sob a denominação *Externato Bithen-court da Silva* fundaram os illustrados srs. L. M. de Souza Raposo e H. Vieira de Castro um estabelecimento de ensino primario e complementar; compõe-se de varios cursos, e entre elles salientam-se os de preparo para as escolas superiores e para o commercio.

O corpo docente, composto de cavalleiros ha muito conhecidos no magisterio, sufficiente garantia para aquelles que desejarem illustrar-se.

Recomendamos o *Externato Bithen-court da Silva* como digno do apreço publico.

RECEITAS CULINARIAS

Cabrion, o nosso *Trompette*, enviou-nos a receita de um prato *inedicto*, puramente de sua invenção, que teve a gentileza de baptisar com o nome da revista de 1885, actualmente em scena no Sant'Anna, e ao qual, prato, auguramos successo igual, pois deve ser delicioso.

Recomendamos-o com grande empenho ás leitoras donas de casa. Façam-no, que aos encantos de uma tal petisqueira não haverá *papí* nem maridinho que resista.

Tem a palavra *Cabrion*.

MACARRÃO À (MULHER-HOMEM)

Antes de tudo, faça-se frigir em uma caçarola um pouco de cebola cortada miúdo, quando ella apresentar uma cor de ouro junte-se-lhe uma boa porção de tomates. Faça-se frigir, á parte, um bom pedaço de *filet*, e, depois de prompto, metta-se-o no molho de tomates, com o qual se deixará coser durante cerca de uma hora, juntando-se-lhe um pouco de caldo de cosido.

Pouco antes da hora do jantar, faz-se cozer o macarrão em caldo de cosido, escorre-se-o, juntando-se-lhe, ainda quente, uma porção de manteiga. Depois toma-se um prato de tamanho conveniente e arruma-se a petisqueira por esta forma: — primeiro, uma camada de queijo Gruyère (suíço) bem ralado, depois uma camada de macarrão, em cima uma porção de molho de tomates, por sobre esta uma camada de fatias de *filet*, mais outra camada de queijo, outra de macarrão, mais molho de tomates etc., mas de modo a que a camada superior seja de macarrão.

Modo de servir-o: Corta-se o « macarrão à *Mulher-Homem* » verticalmente, alim de que a todos os convivas caiba egual quinhão de macarrão, queijo, *filet*, etc.

Este prato de macarrão, sem offensa ao italiano, não causa dyspepsias. Ao contrario: facilita a digestão não só d'elle proprio como dos outros pratos.

CABRION,

TRATOS Á BOLA

Decifraram as *tratices* ultimas os Srs. *Fricinal Vassico, Penedo, Gayo, O Paiz, Oidiro, Boccacio e Alberto Azamor.*

Eis as decifrações:

Das perguntas: — *Dezaito, Amora e Arava*; da antiga — *Belladonna*; da em quadro — *Asar, sara, aras e rasa*; da tibureiana — *Perolu* e da microscopica — *Autoridade*.

Podem *O Paiz* e o Sr. *Oidiro* vir receber os seus premios que, como disse *Frei Antonio*, são duas bellas conzinhas.

E já que fallamos em *Frei Antonio* temos a dizer aos nossos queridos *traticistas* que o bom do frade partio para o Tanguá com o unico fim de revigorar-se, pois no pouco tempo que aqui esteve enfraqueceu-se tanto, tão anemico ficou que andava a sonhar com caboclos, caçiques, tupinambás e com o diabo. Um horror!

Á vista d'esta ausencia resolvemos dar férias aos nossos *traticistas* até á vinda que será proxima, do impagavel, do reverendo, do immerso, do glorioso, do beneditino *Frei Antonio*.

Z.

RECEBEMOS

— *O Domingo*, ns. 18 e 19 Este excellenté periodico litterario melhora de numero em numero. O n. 18, que temos á vista, traz um energico e bem lançado artigo de Jorge Rodrigues sobre as eleições, alguns conto-bem escriptos, um gracioso soneto de R. Corrêa, um artigo de polêmica litteraria, sensato e cortez, uma longa e bonita poesia de J. Rodrigues, que infelizmente tem este verso errado: « que en live, sim, confesso, tive cames d'ella »

— O n. 19 tambem é muito interessante. Cada vez melhor — *O Domingo*. Continue, collega, que sempre o acompanharão os nossos applausos.

— Da casa David Corazi, por intermedio do Sr. José de Mello:

— *Buffon*, obra illustrada com 9 gravuras, pertencente á collecção « Biographias de homens celebres dos tempos antigos e modernos »;

— *Historia de Gil Braz de Santilhana*, fasciculo n. 20.

— Dos S. Henri Nicoud & C. *Revue politique et litteraire*, n. 26, ultimo do 5º anno. Recomendamos mais uma vez ao publico esta magnifica publicação e a casa *Au Petit Journal* onde se tomam assignaturas d'aquella como de todas as revistas e jornaes francezes.

— « Thèse de concurso á cadeira de portuguez do 2º ao 5º anno do Externato do Imperial Collegio de Pedro II », apresentado por Luiz Leopoldo Fernandes Pinheiro Junior. Um folheto de 65 paginas, edictado pela casa Garnier. O nome de seu auctor é a sua melhor recommendação.

— Prospecto do *Cosmos Litteraire*, que, como nos diz o seu redactor — Sr. Drammor, deve ser um apanhado internacional de fragmentos poeticos em traducções e imitações. A primeira série do *Cosmos* será composta de poesia: brazileiras, diversos trabalhos de Goethe, Schiller, Uhland, Skakspeare, etc., etc.

Que appareça muito breve. Havemos de recebê-lo com todas as honras.

— *Calungazinho*, n. 1. Como orgão do novo club *Terpsychore* é bem bom.

— O operoso e distincto republicano Sr. Anísio Fialho remetteu-nos os seguintes livros devidos á sua infantiga el pena: — *O Libello do povo por Timandro, A conferencia dos divinos, Um terço de seculo e o Processo da monarchia brazileira*. Todas estas obras fazem parte da *Collecção Fialho*. Vamos lê-las.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Portuguez, franceze e Inglez — Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

Dr. Henrique de Sa, especialista de syphilis e molestias das crianças. — Rua Primeiro de Marco, 22 (consultas do meio-dia ás 2 horas) — Residencia: Rua de S. Clemente, 165 A.

Dr. Cyro de Azevedo, Advogado. Das 10 ás 4 horas. — Beco das Cancellas n. 2.

QUEM QUER RIR-SE?

COMPREM O

BIBLIHOTEIRO FAMILIAR

DE

A. NAVIER DE ASSIS

Á venda em todas as livrarias a 1\$000

CHRONICA FRANCO-BRAZILEIRA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
EM PARIZ

REDACTOR—CHIEFE: Lopes Trovão.
ADMINISTRADOR: F. Castelli.

ASSIGNATURAS PARA O BRAZIL

Um anno. 10\$000
Seis mezes 6\$000

Tomam-se assignaturas e annuncios no escriptorio d'A SEMANA.

TYPOGRAPHIA

A typographia d'A SEMANA, ultimamente montada, dispondo de uma boa escolha de typo inteiramente novo, accita quaesquer encomendas de obras, poesias, annuncios, etc. etc.

PREÇOS BARATISSIMOS

TRATA-SE NO ESCRIPTORIO DA EMPREZA

36 Travessa do Ouvidor 36

Esquina da rua do Ouvidor

JUVENATO OURO-FINENSE

INSTRUÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA

NA

Provincia de Minas

A CINCOENTA E QUATRO KILOMETROS DA PENHA DE MOGY-MIRIM, DE S. PAULO

Ensino pratico das linguas, intuitivo das sciencias.

Preparo das faculdades pelas (Lições de cousas).

Anno lectivo de 10 mezes.

A matricula em qualquer epoca; só é pagavel o tempo da frequencia de cada alumno.

O 2º anno lectivo começa a 3 de Novembro proximo.

Ouro-Fino, Minas, 19 de Outubro de 1885.

O DIRECTOR.— Antonio Francisco Furtado de Mendonça Filho.

DR. ARAUJO FILHO
MEDICO PARTEIRO

RESIDENCIA

Rua do Visconde do Rio Branco n. 36.

CHRISTY'S? YES

Legítimos, modernos, muito leves, e qualidade superior, são os chapéus que recebeu a CAMISARIA AMERICANA, expostos por oito dias ao preço de 12\$000 cada um

TITANIA

Guarda-chuva SUI GENERIS, um primor de elegancia que só a CAMISARIA AMERICANA sabe receber. Ora veja voce!

115 RUA DO OUVIDOR 115

Externato Bethencourt da Silva

DIRIGIDO POR
LUIZ M. DE SOUZA RAPOSO

E
H. VIEIRA DE CASTRO

Cursos diurnos de preparatorios;
cursos nocturnos especialmente para o
commercio.
Preparação para exames na Instruc-
ção Publica.

RUA D'AJUDA N. 27

OBRA S

à venda no escriptorio desta
folha:

DE VALENTIM MAGALHÃES

QUADROS E CONTOS
por 2\$000.

COLOMBO E NENÊ

poemeto, 1\$000.

DO MESMO E FILINTO D'ALMEIDA:

O GRAN GALEOTO

tradução do drama de Echegaray, 1\$000.

DE ALFREDO DE SOUZA

AURORAS

versos, 2\$000.

DE L. MURAT:

QUATRO POEMAS

versos, 1\$500.

DE AMERICO LOBO:

EVANGELINA

tradução do poemeto de Longfellow,
2\$000.

DE PEDRO AMERICO

○ Holocausto

romance, 2\$500

IMPERIAL  FABRICA

DE

CERVEJA

E

AGUAS MINERAES

DE

AUG. KREMER & C.

Membros da Academia manufactu-
reira de Pariz e premiados pela mesma
com a medalha de prata. Premiados
com a medalha de prata na Exposição
Agricola, com a medalha de bronze na
Continental de Buenos-Ayres, com o
diploma de merito na Industrial de
1881 e com o diploma de progresso na
Sciencia de 1884.

Juiz de Fora

TEM SEMPRE

GRANDE SORTIMENTO

DE

CERVEJA

DUPLA, BRANCA, PRETA

Igualada á ingleza

I E

MARCA BARBANTE

QUE VENDEM POR

ATAcado E A VAREJO

LIMONADAS GAZOZAS

AGUA DE SELTERS

EM BOTIJAS

VINHO DO PORTO

BORDEAUX

COGNAC, LARANGINHAK, RONENCENCIA

Vermouth, Genebra, Bitter
e Kummel.

Vendem todos os artigos concernentes
a fabrica de cerveja

SEU UNICO DEPOSITARIO NA CORTE

JOÃO BOTELHO

Rua de S. Francisco de Assis n. 52

(Antiga da Carioca)

MOLESTIAS DA PELLE E SYPHILIS

ESPECIALISTA

DR. SILVA ARAUJO

RUA DA URUGUAYANA. 57

de 12 ás 3 horas da tarde

DR. GONZAGA FILHO

CONSULTORIO E RESIDENCIA

Rua Visconde de Inhaúma, 61

CONSULTAS DE 12 ÁS 3 DA TARDE

Especialidades:

Febres em geral, molestias pulmonares
e do coração.

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer
hora. Estatutos em todas as livra-
rias e na estação do Plano Incli-
nado.

O COLLEGIO PUJOL

ESTAÇÃO DOS MENDES

(E. F. D. PEDRO II)

reabre-se a 10 de Janeiro de 1886, en-
trando no 17º anno de sua existencia.

Curso completo de preparatorios e
especial de noções de sciencias physi-
cas e naturaes.

Nota - Não admitte alumnos maio-
ros de 15 annos.

Os estatutos encontram-se na livraria
Faro & Nunes e no escriptorio desta
folha.

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 6 DE FEVEREIRO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 58.

REDACÇÃO E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, N. 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

SUMMARIO

Expediente.....	
Historia dos sete dias.....	FILINDAL.
A colcha de casamento.....	V. MAGALHÃES.
As duas dores.....	A. A. L. VIEIRA.
Industria nacional.....	F.
Contos a premio.....	
Velho thema.....	A. PARAISO.
Horas do bom tempo.....	L. DE MENDONÇA.
A vida elegante.....	LORGNON.
Poesia e poetas.....	A. DE SOUZA.
No trem de ferro.....	L. DE MENDONÇA.
Theatros.....	P. TALMA.
Factos e Noticias.....	
Recebemos.....	
Anuncios.....	

EXPEDIENTE

GERENTE

F. D'ALMEIDA

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

ASSIGNATURAS

CÓRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

Os senhores que tomarem uma assignatura d'A *Semana* por todo o anno de 1886 terão direito a um dos seguintes premios, á sua escolha:

VINTE CONTOS, por VALENTIM MAGALHÃES.—Este livro, que se está imprimindo nas officinas d'A *Semana*, foi expressamente feito para ser distribuido como premio aos assignantes d'esta folha. Conterá mais de duzentas paginas em superior papel, com uma capa de fantasia.

NÃO SERÁ POSTO Á VENDA.

Assim, os que tomarem uma assignatura d'A *Semana* por um anno, e sómente esses, terão direito a um exemplar d'essa obra, que, a ser vendida não o seria por menos de 3\$000, o volume.

AURORAS, versos, por Alfredo de Souza; encadernação de luxo.

O HOLOCAUSTO, romance de Pedro Americo de Figueiredo.

MARGARITAS, poesias da distincta poetisa D. Adelina Amelia Lopes Vieira; um bello volume.

Aos senhores assignantes de seis mezes daremos como premio QUATRO POEMAS, por Luiz Murat, um exemplar das AURORAS, brochado, ou TYPOS EM PROSA E VERSO, de A. Lopes Cardoso.

V. B.— Os senhores que assignaram A *Semana* por um anno, a terminar em Dezembro de 1885, receberão, segundo promettémos, um exemplar dos VINTE CONTOS.

Leiam-se em outro logar desta folha as «Vantagens dos assignantes d'A *Semana*.»

O Sr. Leonel Guerra é a unica pessoa por nós encarregada de agencia assignaturas nas provincias.

Tem todos os poderes para representar esta folha.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Principiarei a triste historia d'estes sete dias declarando penalizado até ás lagrymas que o meu figadal inimigo José do Egypto está prostrado no bem conhecido leito da dor, atacado de uma preguicite aguda complicada com uma terrivel malandrite muscular chronica. Aquelle demonio adoece de proposito para não escrever a *historia*.

Isto, que é uma felicidade para os leitores, é uma desgraça para mim: tenho que levar esta cruz ao calvario da oitava tira de almagão, pelo menos. Felizmente, resta-me a consolação de conhecer quem tenha ainda soffrido mais. Christo morreu para nos salvar. Eu, comquanto tenha muito desenvolvido os meus sentimentos altruistas, talvez não fosse capaz de fazer o mesmo... Mas tambem é preciso que fique entendido de uma vez para sempre que eu não sou o Christo.

Preambulada a historia, tenho o dever de me congratular com os meus co-municipes-neutros pela chuva que ante-hontem começou a cahir sobre a cidade e que, infelizmente, não espantou de todo o formidando calor que nos tem abrazado este anno. A Providencia resolveu afinal amerceiar-se de nós espontaneamente, visto que tem feito ou-

vidos de mercador ás reiteradas preces que os crentes lhe tem dirigido. Tambem, já era tempo de sylvar as batatas.

As hortaliças, que ainda ha pouco fizeram o seu fei, têm detinhado espantosamente. No meu quintal já não ha couves nem alface para os meus canários. Um horror!

A questão dos vinhos artificiaes continúa a agitar os *paizes*—nação e jornal. A redação do segundo descobrio em um manifesto da alfandega não sei quantos volumes de cavacos de madeira consignados a Fritz Mack & C., os Marie Brisard da rua do Passeio. Descubril-os e dizer que eram venenosos foi tudo como vel-a e amal-a—obra de um momento.

Os donos da droga alegam que aquillo é Faia, que entra na fabricação do vinagre. No meio de toda esta gritaria apenas os cavacos se têm conservado silenciosos. Veremos quem os apanha, se a nova Juncta de Hygiene se os Srs. Fritz Mack & C.

Mais um escandalo policial veio beliscar nesta semana a indignação dos chronistas. Foi o caso da prisão do preto Honorio, de Sepetiba, a requisição do seu *senhor* e que foi brutalmente espancado pelos agentes da ordem publica e depois remettido, amarrado amordacado, para a fazenda do *senhor*, apesar de haver quem depositasse na Policia até vinte contos para pleitear a liberdade do desgraçado. A comprehensão que a nossa policia tem da moralidade, do decoro e do respeito ás leis é espantosa. Ninguem dirá que aquillo é um pinho de bachareis em direito, e de homens de sentimentos elevados.

Muito tem que rir de nós a Hottentotia e a Cafraria!

O' Puder! empresta-nos o teu véu!

Agora é que estamos perdidos: a febre amarella já invadiu a Tijuca, o bairro salutar por excellência, a excellentissima Tijuca, o refugio dos inglezes do alto commercio! O mal foi exportado para lá entre os trapos que d'aqui vão para uma fabrica de papel. E' uma febre de trapos... *para inglez vér.*

Agora e pegar-lhe com um trapo quente.

O *Jornal* trouxe no dia 4 esta terrivel noticia:

« Ha dias appareceu no Engenho Novo um urso, que tem percorrido varias chacaras, onde tem comido algumas gallinhas e inutilizado plantas.

O Sr. Jorge Naylor, subdelegado do 2º districto d'aquella freguezia, teve conhecimento do facto e deu as providencias necessarias para a captura do animal.»

Um urso! No Engenho Novo!

Não se incomode em capturar nem em matar o bicho, Sr. Jorge Naylor. Aquelle urso era — o Castro. Não podia ser outro.

E' tambem do mesmo jornal esta noticia:

«Manoel de Oliveira, muito conhecido entre os ratoneiros pela alcunha de *Dente de Brillante*, tentou illudir ante-hontem um transeunte, na freguezia de Santo Antonio. Não conseguiu, porém a sua intenção, por ser muito conhecido.»

Quasi todos os dias os jornaes dão noticias semelhantes.

Ora estas noticias são fornecidas pela propria policia, como todos sabem.

Isto não se comprehende bem.

De quem é que o gatuno é muito conhecido? Da policia, naturalmente, que é quem o diz.

Mas se elle é muito conhecido, porque o deixam andar á solta?

Porque no caso contrario teriam que o sustentar. Mas ha uma objecção. Os gatunos não são dignos de consideração; desde que não ha meio effcaz de corrigil-os, e quando elles são conhecidos como o Sr. Manoel de Oliveira, a policia o que deve fazer é rotulal-os: uma placa de metal pregada nas costas, com o seguinte distico: *Gatuno conhecido*. Por esta maneira simples ficariam os relogios dos transeuntes a coberto da audacia dos Oliveiras e dos Pamplonas Cortes Reaes.

E' uma idéa. A policia se quizer que a aproveite. Somente lhe observaremos que as idéas nesta epoca não andam por ahí a rodo.

Veja-se o partido liberal, por exemplo. Nem sombra de idéa! Veja-se ainda o folhetinographo C. de L. Uma miseria de bigode e pera, oculos e *quinhentismo!*

Não lhes digo o costumado «até sabado», porque vou proenrar um meio de sacudir o José do Egypto. Se não achar outro, digo-lhe que foi nomeado membro do Instituto Historico.

FILINDAL.

A COLCHA DE CASAMENTO

Não restava nenhuma esperança: dentro em pouco tempo a pobre senhora estaria morta.

Bem o sabiam todos; dissera-o o medico, respondendo a alguém que lhe pedia voltasse a ver a enferma.

— Para que?

Demais, a agonia começara...

Eu não disse, comtudo, a verdade, generalizando a triste certeza.

Das pessoas da familia havia uma que não tinha ainda perdido a esperança de ver salva a doente. Era Amelita, a sua filha mais nova, a *cassula*, como se diz familiarmente. Essa esperava ainda...O que? De quem? O milagre de ver a sua querida mãesinha restituida á vida, falando-lhe, sorrindo... De quem esperava esse milagre? De Deus, está visto.

Ao seu coração amantissimo—ninho de sonhos, de illusões e de affectos—parecia aquillo a cousa mais facil e mais natural... A Deus nada é impossivel, e sua *mamãe* era tão boa, tão sancta!...

Não, ella não estava perdida, o medico havia-se enganado...

Ora, têm-se visto tantos d'esses casos... E acudiam-lhe logo á memoria dois, tres, em que as sentenças molicas foram desmentidas totalmente pela natureza dos enfermos ou por outra força occulta.

Se ella até lhe estava achando havia algum tempo a physionomia mais serena, um ar de grandes melhóras...

Pobre criança! Que rude golpe se preparava ao teu coração de 15 annos, virgem ainda da dor como deto do mal!

Ver a esperança a sorrir nos olhos da menina, ver-lhe a cega confiança em ignoto poder, que forçosamente havia de vir disputar á morte aquella vida preciosa e idolatrada, era o que mais compungia; era isso, talvez mais do que a propria morte da velha, o que enchia de soluços e gritos a alcova, dentro em breve—mortuaria.

Amelita, ajoelhada á cabeceira do leito, enlaçava nos braços a cabeça escaveirada da moribunda e ia dizendo-lhe mil coisas consoladoras e dulcissimas, que ella já não podia ouvir, a misera!

Ponderando alguém que não convinha aquillo, que aquelles beijos, soluços e palavras deviam incomodar a doente, e (mais baixo—que Amelita não ouvisse!) não a deixariam morrer em paz, a menina respondeu, abraçando-a mais estreitamente, que não, que os seus beijos e as suas lagrimas haviam de auxiliar o milagre, que a vehemencia do seu amor venceria a molestia. E, no entanto, ella proseguia na sua marcha fatal, levando-a aos poucos, com pequenos empurrões successivos, aos braços da morte, que a esperava tranquillamente, com a paciencia do tigre que calcula o bote mortal e senta-se pacientemente defronte da victima, á espera...

Tém certo momento, amoribunda, que até ali se havia conservado inerte, entrou a mover as mãos por sobre as roupas que a cobriam com gestos tremulos e vagos; primeiro, como se procurasse conhecer a fazenda da colcha, depois tentando tiral-a de sobre o corpo.

E' sabido que esse gesticular incoherente e molle dos enfermos graves é indicio terrivel da approximação da morte; por isso espalhou nos circumstantes um frio glacial, seguido logo de soluços e prantos suffocados, violentos.

Amelita, porém, que não desfitava o rosto da mãe, vio-a volver-lhe os olhos desvairados, engrandecidos, e nelles pareceu-lhe ler uma supplica instante e dolorosa, mas indefinida, incomprehensivel...

E o movimento das mãos continuava, mais afflictivo, mas sempre o mesmo; e o estertor pavoroso da agonia augmentava.

— Oh! meu Deus, que quererá ella?

perguntava-se a pobre menina, torcendo as frias mãos com desespero, enquanto que pelo rosto pallido, contrahido pela afflicção, cabiam-lhe as lagrimas aos pares.

Todos então comprehenderam que a velha pedia, supplicava o que quer que fosse, e que sem se lhe dar o que desejava mais penoso e demorado seria a passamento.

Amelita enchugou os olhos, fitou-lhos, concentrando sobre a mãe toda a sua attenção, buscando adivinhar-lhe o intimo pensamento nos olhos quasi sem luz, na bocca já sem voz e nos gestos afflictos e insensatos.

Comprehenleu que a mãe não queria aquella colcha; tirou-lh'a aos poucos, delicadamente: — no rosto cada-vérico vio lampear uma alegria fujaz.

Mas não era tudo; os olhos continuavam a supplicar, e as mãos erguidas, agitando os dedós em movimento de chamar, parecia pedirem outra coberta, talvez outra colcha. Foi o que entendeu a filha mais velha da infeliz viuva; mas esta, quando vio a nova colcha, repetio os gestos do começo, pedindo que lh'a tirassem. Tiraram-lh'a. Soffria horrivelmente; a impossibilidade de se fazer comprehender centuplicava as torturas da agonia... De repente, fez um supremo esforço: chamou com um leve movimento da cabeça a sua adorada *cassula* e regougou-lhe os ouvidos, com uma voz estranha, que parecia arrancada ao tumulo:

— A...outra...lá...do...casa...

A menina ergueu-se de um salto, com um grito, e correu para o quarto contiguo; ouviu-se o ruido de um gavetão abri-lo-se, e pouco depois Amelita entrou, trazendo nos braços uma pesada colcha vermelha de damasco lavrado.

Apenas vio-a, ineffavel contentamento espalhou-se nas feições decompostas da viuva; os olhos humeeceram-se-lhe, e nos beijos pergaminhaccos e brancos bosquejou-se um leve sorriso.

Amelita estendeu-lhe a colcha sobre o corpo.

A moribunda, então, ergueu o tronco e, levantando as mãos, alongou-as, no alto, por sobre a colcha, num gesto solenne e commoventissimo de bençãam...

E nessa attitude expirou, com um profundo suspiro de alivio e de despedida.

Fora aquella a colcha que lhe adornára o leito nupcial. Quizera morrer envolvida na colcha de seu casamento como um general na sua bandeira.

Ella representava a sua mocidade e a sua velhice, o amor do homem de quem fora companheira trinta annos, os prazeres de noiva e as dores de mãe; ella era, em summa, o symbolo sagrado do casamento, invejalo na terra e abençoado no céu.

VALENTIM MAGALHÃES.

As Duas Dores

(Drama em 1 acto, em verso, de François Coppée)

EXCERPTO

Seria para elle essa feliz chimera?
Mas o papel de esposa, a um tempo irmã austera
e mãe, de anjo da guarda amante e velador,
tinha-m'o reservado outr'ora com amor.
Não sabeis o nome á triste desposada
que elle tinha por vós deixado abandonada?
Se este escrúpulo ess'alma um dia entristeceu,
se pensastes que lá elle acharia um céu,
devíeis ter, senhora, a sublime energia,
vendo o pobre rapaz morrer de nostalgia,
de dizer: Parte, vai, não voltes, sé feliz!

RENATA

Devia de o dizer? Quem sabe se o não quiz?
Rides? Talvez julgueis que invento uma desculpa;
mas não posso soffrer que ponham tanta culpa,
que façam tão cobarde o meu immenso amor!
Sabereis o que fiz. Uma noite de horror
elle soffria mais... (não me sae da memoria
o seu tão triste olhar! a pallidez marmorea...)
trouxeram-lhe uma carta; em viva commoção
leu-a, falava em vos, falava de perdão,
e que, julgando já completo o rompimento,
supportaveis, sorrindo, o amargo soffrimento,
com a resignação que tem no doce olhar
do marinheiro a viúva ao contemplar o mar.
Dá-me essa carta, sim? disse eu, ardendo em zelo;
elle estendeu-m'a, e eu vi do seu olhar tão bello
a limpidez divina o pranto perturbar
Foi a ultima vez, meu Deus, que o vi chorar!
Compreendi, bradei: — E' tempo ainda hoje;
esquece-me... és amado... ai, sem demora, foge,
espera-te a saúde, o descanso, o amor!...
O pranto, em seu olhar tinha-o seccado a dor;
para elle a illusão morrera dia a dia,
roçou-lhe o labio, o olhar mais languido ficou,
e respondeu: — Não posso, é tarde já, não vou;
obrigado. Isto em tom que não pode exprimir-se...
Foi a ultima vez, meu Deus, que o vi sorrir-se! —
Que vejo eu? Ha pranto em vosso olhar também?
Que tendes vós, senhora?

BERTHA

Este chorar faz bem.

(Bruscamente e com grande emoção)

Levae o cofre e não temas nenhum vexame;
Esquecei, perdoae uma ameaça infame...
Eu deshonrar-vos, eu fazer-vos algum mal!
não, soubestes amal-o e fostes-lhe leal.
Na verdade fui louca e cruel um momento!
Vos o amaveis, soffri com este pensamento.
De tudo quanto disse oh não vos assusteis,
vos o amaveis, soffri... os zelos... bem sabeis.
Sinto que o vosso amor era sincero, terno!
Perdoae-me se eu tive um instante de inferno
que me fez tresloucar com o ciúme atroz!
Para que elle perdôe, oh! perdoae-me vós.
Pois que?! nossa razão a tal ponto dormia
que, sendo irmãos na dor, tal dor nos desunira?
Se o soubestes amar até á abnegação,
serrae ao fel da injuria o vosso coração.
Vamos pensar, lançando as vistas ao passado,
em quem sem orações morreu, christão culpado!
e por elle á Clemencia eterna, offerecer
vos — o arrependimento, e eu — este soffrer.
Por orgulho peccou: vamos orar por elle.
Talvez agora mesmo o vosso olhar revele
a estranheza que causa a piedade bretã;
no entanto orar por elle é pensar nelle, irmã.
Se nos liga do pranto um fraternal amplexo —
é mellhor que chorar, obter-lhe o eterno ingresso.
Assim como quem morre é exposto ao limiar,
com duas tochas só, seu corpo a alumiá,
nossas dores irão, sobre a campã espargidas,
— levar para o Céu as almas confundidas,
e, como as pombas vão rasgando o azul dos Ceus,
nossa dupla oração irá subindo a Deus.

RENATA

Assim, vós desejaes, ... vós, de um passado illezo...

BERTHA

A vossa mão.

RENATA

Oh! não, ainda me desprezo
porque não disse tudo; ouvi-me attenta, sim,
a miíha punição ha de chegar ao fim.
Tudo o que eu calaria á rival despidosa
devo contar a quem me salva, affectuosa.
Por vós, será bem grato o meu arrepender.
Do mesmo modo atroz que se expõe a morrer
quem arranca o punhal que em dores o tortura,
eu aqui, ante vós, p'ra que fiqueis segura
que me quero punir com o maximo rigor,
vou do peito arrancar este immenso amargor.
— Vamos, erguei-vos, cia, o pobre alma opprimida,
pois que por elle, ai Deus! não fui a mais querida.
Aquelle a quem amei, aquelle que morren,
mesmo quando o beijava, oh não vos esqueceu!
Sim, sim, vós fostes sempre o seu e o meu tormento;
porque o antigo amor não cessára um momento
e as saudades que tinha e que odiei em vão,
elle amava-as assim como um canto bretão.
Supportou meu amor por piedade sómente,
mas nunca dominei seu coração doente;
antes sempre senti, mais intenso, crescer
o nostalgico amor que o fez talvez, morrer.

BERTHA

Que nos importa a flor por elle mais amada,
o lyrio branco e puro, ou a rosa encarnada,
se nos deixou por ter aspirado de mais,
na ebriedade do amor, seus perfumes lehaes?
Vossas lagrimas são, como as minhas, legitimas.
Guardemos a doçura angelica de victimas
ativas por ter sido o oasis sideral
do seu enganador, prismático ideal.
E' que o poeta, irmã, exilado na vida,
tem a sede do amor, incessante, insoffrida!
Martyr delicioso, é-lhe preciso amar,
do primeiro vagido ao derradeiro olhar.
A immensidade o attrae, o infinito o algema;
o desde que alcançou ou mulher ou poema,
o sonho, pelo qual luctou, vé desmaiar
qual borboleta audaz que a chamma quiz beijar.
E soffre até que morre, e nós somos as lyras
que a sua mão quebrou, nessas divinas iras,
e em nossas cordas d'ouro ouvimos a chorar
harmoniosa e doce, a sua alma vibrar.

RENATA

Screis até ao fim generosa. Obrigada.
Talvez possaes partir já menos desgraçada,
mesmo um tanto feliz, por ter vindo saber
que elle guardou de vós, (era talvez dever)
uma saudade, igual áquella que um herege
tem da prece de amor que a innocencia protege,
e que elle enviava ao Céu no aconchegado lar
sobre os joelhos do pae. Eu, só devo olvidar...
Matar-me-á lentamente o soffrimento occulto;
hei-de corar da estima, hei-de corar do culto
de que me rodearão, ó ironia! os meus.
E' preciso aprender a não corar, meu Deus!
e do meu desespero a dominar o açoite,
para o pranto esperando o silencio da noite.
Agora... adeus!... Eu sinto... eu prevejo, talvez,
que falo d'elle assim, a derradeira vez.
Ideis partir. Ao longe o vosso pensamento
tomará sem esforço o habito um momento
interrompido: haveis de orar por quem morreu,
e quem sabe? talvez por quem vos offendeu,
mas cujo ardente amor, ao vosso semelhante,
poude obter perdão. Ouvi mais um instante.
Cumpriria melhor o meu fatal dever
se pudesse alcançar o tornar-vos a ver.
Depois... eu voltarei á dor amargurada,
anceiando esquecer, mas em vão, desgraçada!
o quanto elle foi bello, e nobre e bom amigo.
Então? Quando?

BERTHA

Amaldiã e sobre o seu jazigo.

ADELINA A. LOPES VIEIRA.

INDUSTRIA NACIONAL

A grande fabrica de moveis dos Srs. Moreira, Carvalho & C. abriu-se no dia 2 a enorme numero de convidados. Celebrava-se a grande festa annual d'aquelle importante estabelecimento e estava preparado um banquete de 300 talheres.

A antiga e acreditada casa Moreira Santos tem hoje completas as officinas necessarias para o fabrico dos moveis mais aperfeçoados e mais modernos, e os seus artefactos podem competir com os melhores que se fazem na velha Europa. Officinas de marcenaria, de empilhão, de pintura, de ferreiro, de torneiro, de obras de marmore e de mosaico etc., etc., attestam a intelligencia, a actividade e o criterio com que é dirigido o estabelecimento. Cerca de duzentos e cincoenta operarios encontram ali trabalho constante e bem remunerado.

A fabrica possui osapparelhos e maquinismos mais aperfeçoados, todos movidos a vapor, e alguns fabricados na propria casa, de invenção dos proprios operarios, como uma simples e engenhosa maquina de recortar madeira para marchetão e embutidos, inventada pelo operario Francisco Suscasaus. As officinas são todas dirigidas pelo socio Bernardo de Carvalho, um artista de grande merito, a quem a fabrica deve principalmente o seu extraordinario adeantamento e progresso sempre crescente, para o qual muito tambem concorreu o Sr. Manoel Diego Santos, o conhecido industrial que ha quatro annos organisou a nossa primeira exposiçãõ de Industria Nacional.

O banquete, no qual tomaram parte todos os empregados da fabrica, foi servido no salão principal, em seis mesas de 50 talheres. Havia muitas senhoras entre os convidados e toda a imprensa se fez representar. A festa começou por um bello *hymno do trabalho* cantado por um grupo de operarios acompanhados pela excellente banda de musica do corpo policial de Nietheroy; em seguida o Sr. João Elias da Cunha, mestre da mesma banda, offereceu aos Srs. Moreira, Carvalho & C. um *hymno-marcha* de sua composiçãõ que foi tocado pela banda e ruidosamente applaudido. O Sr. Carvalho cedeu a presidencia da festa ao Sr. Quintino Bocayuva, que proferio uma brilhante allocuçãõ relativa ao acto. Oraram varias pessoas; depois o operario Francisco Maria Calvosa leu um discurso impresso, que foi em seguida distribuido pelas pessoas presentes.

Trocaram-se muitos brindes, entre os quaes o do Dr. Campos da Paz aos operarios, do Sr. Baldomero Fuentes à nação brasileira, do Dr. Ramos de Queiroz ao Sr. Bocayuva, do Sr. B. de Carvalho ao mesmo: a imprensa, de Filinto d'Almeida, representante desta folha, às familias dos operarios presentes, do Sr. Lemos Braga, estimavel e intelligente guarda-livros da fabrica, aos operarios etc., etc.

Foi deslumbrante esta grande festa do trabalho, que sempre deixa nos corações dos assistentes uma profunda e grata commoçãõ.

Felicitemos aos Srs. Moreira, Carvalho & C. e agradecemos-lhes o amavel convite que nos dirigiram.

F.

Todos os homens em Inglaterra tem o mesmo cheiro, que é composto de sabão windsor, tabaco maryland, agna de Colonia e carvão.

EÇA DE QUEIROZ.

CONTOS A PREMIO

(Vide n. 47 d'a Semana)

Por enquanto sobem apenas ao numero de 11 os contos recebidos para o concurso.

Lembramos aos senhores que ainda pretendam concorrer que o prazo para recebimento dos contos encerrar-se-á improrogavelmente no dia 11 d'este mez.

Além dos já annunciados, recebemos os dos Srs: — José de Souza Teixeira Filho, Tranquilino Velloso e Susano Platino.

VELHO THEMA

Eu fui pedir ao mar que desse abrigo
Ao meu immenso e immaculado amor
No fundo do seu seio honesto e amigo.

Eu velho e gigantesco lutador,
Erguendo aos céus o seu olhar, commigo
Espremeceu e soluçou de dor.

Na azul sereno e luminoso, então
Surgiu a luz abençoada e calma,
E o seu doce clarão
Mostrou-me o oceano da tua alma...

— 86 — Porto

ALBERTINA PARIZO

HORAS DO BOM TEMPO

(A Valentim Magalhães)

VI

TRES TYPÕES

(Continuado do n. 56)

Raro terá encontrado o genio popular tão vivo pictoresco, tão espelhante alcunha, como o de *padre Bacalhão*.

Photographa o individuo, desde as pontas—dos proprios pés, pois não as tinham os sapatos cambados—até o alto da cabeça calva, que se ajanellava entre as paredes do chapéo sem fundo.

D'uma sordidez suina, d'alma e corpo, sujo e vicioso, com farrapos pelos hombros e andrajos de latim escolastico pelo meio do discurso, pequenino, magro, acalcanhado, tinha a desfaçatez necessaria para ser, na cidade academica, um typo ouvido e chamado, em vez de ser um mendigo commum.

Dizem que um dia appresentou-se ao bispo de S. Paulo, que já era o Sr. D. Lino; ia cabisbaixo e compungido, como se sentisse a acaçapal-o todo o peso do seu armazem de peccados.

D. Lino já conhecia—desde o dia da chegada, sem duvida—o triste padre suspenso d'ordens que se convertêra naquella caricatura de Gavarni. Recebeu-o com bondade, mas, como as cir-

cumstancias pediam, sem descerrar de todo os sobrolhos.

— Então, que pretende de mim o seu senhor?

— Eu, meu senhor, queria voltar ao seio da Igreja...

— E sabe quanto arrependimento precisa para ser ainda recebido?

— Sei, senhor, e trago todo o arrependimento que é possível haver em uma creatura *Panitet me peccati*.

— Pois bem! *miseret me tui*, respondeu-lhe, quasi risouho, o principe da Igreja, que houve por bem mostrar-se não menos lembrado do Novo Methodo. Agora, ha um preliminar indispensavel, a que tem de subjeitar-se: precisa recolher-se, em retiro espiritual, a algum dos conventos d'esta cidade. Deixo-lhe livre a escolha. Vá, e, quando tiver escolhido, volte cá, para eu providenciar definitivamente.

O padre Bacalhão pediu-lhe então algum dinheiro, para manter-se com decencia enquanto não voltava ao palacio.

Deu-lhe o bispo, com uma boa esmola, a sua bengam, e sahio-se d'ali o typo, muito sério até á escada e depois, na rua, lépido e saltitante como um peixe que volta para dentro d'agua.

Esgotado o cobre episcopal, lá se appresentou de novo o homem ao bispo da diocese.

— A minha escolha está feita.

— Então, que convento prefere?

— O de Santa Thereza.

Era, como já se vê, um convento de freiras.

A fôrça, e depois de tão longa e cara encenaçãõ, pareceu de pessimo gosto ao principe da Igreja paulistana, o qual, sem mais, voltou as costas ao garoto.

Era d'esta fôrça o padre Bacalhão.

Mas dos tres typões de rua a que se consagra este rapido estudo, o mais original era, com certeza, o Domingos Cae-cae,

Seu Domingos Cae-cae
Pa-rra ran,

como se dizia num estribillo celebre entre os estudantes do tempo.

Nunca se viu homem que possuísse em mais alto gráu a devoçãõ da cortezia, o culto da polidez, a preoccupaçãõ das boas maneiras.

Era, de profissãõ, andador da irmandade da Misericordia. O seu pedido a cada porta não variava d'esta formula, nem que viesse o céo abaixo:

— Senhor, ou senhora d'esta casa, pede-se uma esmolinha para a Sancta Casa da Misericordia, se puder ser.

Ainda tenho nos ouvidos a toada monotonica, arrastada, de uma pronunciaçãõ accentuadamente portugueza, com que era feito, á porta da republica, todas as semanas, o invariabilissimo pedido.

Tão invariavel que quando se ouvia a conhecida voz do Cae-cae proferir:

— Senhor.
já, de dentro, accrescentavamos em coro:

— ... ou senhora desta casa, pede-se uma esmolinha pará a Santa Casa da Misericórdia, se puder ser.

E então elle, de lá, sem alterar-se, confirmava:

— E' verdade, meus senhores.

Se se lhe recusava o obulo, o que, valha a verdade, succedia quasi sempre quando não estava presente o meu collega Jacyntho, que nunca negou esmola, fosse para o que fosse, o Sr. Domingos applicava est'outra formula sacramental:

— Está bem, meus senhores, será para outra vez.

Esta regularidade chronometrica de phrases chegou a exasperar-me.— Ora deixa-te estar, meu typo, disse com os botões da minha camisola de andar por casa, deixa-te estar, que eu te estrago o formulario!

E da primeira vez que o Domingos começou a sua cantiga: *Senhor, ou senhora desta casa...*, surgiu-lhe inopinado, em ceroulas, com ares de entranhada indiluação:

— Olá, seu patife! então que pensa você da seriedade d'esta casa? Sabe que é uma republica de estudantes e sahe-se ainda com esse desaforo de— senhor, ou senhora d'esta casa! Então que pensa de nós, grandissimo atrevido?

— Não foi por atrevido, meu senhor, foi...

— Foi por burro, então! *Senhora d'esta casa!* Cachorro!... canalha!... rato de egreja!... salteador de opa!...

A esta avalanche de invectivas furibundas, o Domingos abaixou a cabeça e respondeu com uma mansidão de metter inveja ao proprio Job:

— Não ouvi, meu senhor.

E ia retirar-se, fazendo-me ainda uma grave zumbaia, quando desembocaram no corredor os compauheiros de casa, já a postos, para reforçar a descompostura.

Esgotámos sobre a cabeça do pobre diabo todo o vocabulario da injúria desbragada; elle ia recuando para a rua, sem voltar-se, para não commetter a incivildade de nos dar as costas, e nós o iamós acossando com a grazinada infernal. Tal era a coisa que a vizinhança, tendo acudido ás janellas, teve de retirar-se espavorida ante a excessiva frescura dos vocabulos. O Domingos Caecae, correcto e heroico, lá continuava a recuar, na rua, para a calçada fronteira, sempre de frente para o nosso grupo.

Final, esgotada a veia da descompostura, o grave andador levantou solennemente a dextra, e, apontando para os lados da Gloria, arrabalde onde ficava o pio instituto, arremessou-nos, como quem dançasse uma bomba mortifera, esta phrase:

— A Sancta Casa lá os espera, meus senhores!

E retirou-se, com uma sahida theatral.

Foi a unica vez, em toda a sua vida, que discrepou do formulario!

Valença, 1886.

LUCIO DE MENDONÇA.

A VIDA ELEGANTE

Realisou no sabbado o Club do Engenho Velho a sua primeira *soirée* do corrente anno, com tolo aquelle esplendor do costume e trazendo aos seus salões as mais *chics* representantes do bello sexo fluminense.

As leitoras, se lá não estiveram nessa noite, podem torcer as orelhas de arrependimento e preprar-se para a proxima partida.

Que magnifico concerto, que bons momentos nos proporcionou o Club do Engenho Velho, além de nos deslumbrar com a pompa de seus salões e de nos fazer dançar algumas das melhores walsas e polkas! Ora veja você, leitor:

A Exm. Sra. D. Celsina Rolli cantou as arias *Delirio del Cuor*, de Papini; e as do *Roberto do Diabo* de Meyerbeer; o Sr. V. Cernicchiaro executou no violino *Le Streghe* de Paganini; o Sr. Rossi cantou dois trechos para *basso* (sem calimburgo). *L'exule*, de Gurjão, e *Jesus Nazareth*, de Gounod; a Exma. Sra. D. Violante Quintal fez-se ouvir numa paraphrase de concerto Liszt, sobre a opera *Rigoletto*, e a Exma. Sra. D. Amelia Mesquita na *Sonata* de Beethoven.

Os executantes tiveram entusiasmicos e merecidos applausos.

Mais uma vez receba o Club do Engenho Velho, na sua digna directoria, felicitações d' *A Semana*, que lhe agra lece o convite.

LORGNON.

PÔESIA E POETAS

Sob o titulo *Canções da Aurora* chegamos de Ouro Preto um pequeno volume de versos do Sr. Francisco Lins. Prefaciou-o o conhecido escriptor Randolpho Fabrino.

Publicar versos nesta epoca em que ha o maior culto pela forma e a mais profunda sympathia pelo ideal; em que o amor do bello toca ao delirio, vae á allucinação; é verdadeiramente uma temeridade, um arrojão.

Uma estréa é hoje em dia um perigo. Muitos têm sido os candidatos ao Parnaso. Poucos têm conseguido um logar. A poesia de hoje é uma aristocrata, uma princeza do oriente. Vive e veste-se como Cleopara, e so percorre na sua trireme de ouro e pedrarias, o lago deliciosamente azul do ideal, envolvido pela trama finissima e transparente de um luar estranho e mysterioso como o coração humano. Muitos julgam-na pequena e amesquinhada porque ella vac tanger, para cantar um sapato velho, a custossissima lyra de François Coppé, arrancando notas cêneas de encanto e de uma suavidade consoladora. Outros julgam-na loureira por que a encontram nos braços da Imperia recebendo os beijos de D. Juan. Alguns, menos exigentes, acceitam-na como uma miseravel que para viver jha de

bater ás portas da sciencia pedindo o pão da verdade.

Todos a calunniam; poucos a comprehendem.

Os românticos não supportam e seus filhos dilectos — os parnasianos, — por que não os entendem.

Coitados! pensam que a alma do verso é só o sentimento e a lagrima, e não falam, porque não ouvem, com, certeza da musica da rima, da harmonia do metro, da variação das vogaes, da escolha dos vocabulos, de tudo enfim que seria longo dizer e que, dando ao verso som, forma, movimento, cor, vida real, mais que humana, crea essa cousa ineffavel e sublime que se chama — Poesia.

Estas palavras foram-nos suggeridas pela leitura que fizemos das *Canções da Aurora*.

O Sr. Francisco Lins é um principiante. As suas canções, comquanto não sejam joias de subido valor, são dignas de apreço, pois o seu auctor deixa-nos ver nos seus versos vocação decidida para a arte.

Não lhe falta inspiração nem veia.

As *Canções da Aurora* têm defeitos como tolo livro de estréa; defeitos estes que o Sr. Francisco Lins mais tarde reconhecerá.

Os trabalhos que mais nos agradaram são os que se intitulam — *Judeu Errante*, *Defronte da estante* e *Ella*.

Da poesia *Tempestade* desagradou-nos, entre outras cousas, esta quadrinha:

Soára no longo espaço
A voz do louco trovão.
Voára fero estilhaço
Na planície, sobre o chão

Chamar o trovão — louco e ao estilhaço *féro*... é uma impropriedade de mão gosto.

O Sr. Lins deve fugir d'estas cousas como foge do verso errado. Seja correcto na idéa como o é na forma.

Terminando, esperamos que o auctor das *Canções da Aurora* trabalhe e estude e venha aliar-se como deve ao grupo que mais brillantemente representa a litteratura no nosso paiz.

ALFREDO DE SOUZA.

NO TREM DE FERRO

A FILINTO DE ALMEIDA

Vinha sentido gravemente, mudo,
D'olhos baixos, ob-so e venerando,
Mãos cruzadas no ventre, ruminando
Velhas rezas ou sancto e duro estudo.

Ergue o olhar, taciturnoolhar, comtudo
E' paternal e bon; de quando em quando
A' ceu o volve, ao céu que vae passando
Pelis vidraças, empoeirado. Tu lo

Nelle respira a fé e cheira a egreja.
Partidos os seus póros Deus p'reja.
Do seu breviario agora pasta as folhas.

Pio varão! para este já começa
O reino do Senhor... mas sae á pressa
E cabe-lhe da batina — um saca-roilhas.

1886.

LUCIO DE MENDONÇA.

Este soneto foi publicado no supplemento litterario da *Gazeta de Noticias*; como, porém, um dos versos appareceu incorrecto, reproduzimos-o hoje, satisfazendo pedido do seu auctor.

V. da R.

THEATROS

O CABOCLLO

Vae entrar em ensaios no Sant'Anna, para beneficio do Vasques. *O Caboclo*, drama em 3 actos, original de Aluizio Azevedo e Emilio Rouéde. Tivemos o prazer de assistir á leitura d'*O Caboclo*, feita pelo Vasques e vamos adiantar as impressões que nos deixou.

E' uma peça sobretudo — forte.

Tem grandes qualidades: além da força, sobriedade, muito sentimento dramático e grande simplicidade.

O entredo é singelo e natural, desenvolvendo-se com verosimilhança e lógica; dal-o-eu em um dos proximos numeros.

A peça pertence ao numero d'essas escriptas especialmente para fazer realçar o talento de um artista, e por isso — pode-se dizer que verdadeiramente só tem um papel: o do *Caboclo*, que tem de ser interpretado pelo Vasques.

Nelle encontrará o nosso grande artista largas ensanchas para patentear e expandir o seu vigoroso talento e os seus preciosos recursos artisticos; pois que tem dois abundantes veios — a explorar — a comedia e o drama, ou melhor: a farça e a tragedia.

Typo bonacheirão, ingenuo, profundamente bondoso e crédulo, alegre e brincalhão como quantos possuem essas qualidades é o *Caboclo* dotado de temperamento impetuoso, tendo da hora o mais elevado e escriptuloso culto e capaz, para laval-a de uma affronta, dos mais lamentaveis excessos.

Imagine-se um homem d'estes sabendo se enganado, tendo a prova visual e auricular do crime da esposa e poder-se-á imaginar o partido que de tal personagem, em tal situação, tiraram os auctores, no drama, e que partido ha de tirar na scena um talento complexo, lucido e potente como o do artista Vasques.

Agradou-nos extremamente a nova peça dos auctores dos *Veunos que curam* porque reúne a originalidade e a grandeza simples da concepção, a naturalidade, a sobriedade e a força na execução.

Teremos ainda de nos occupar com o *Caboclo*, antes que se represente; o que faremos com summo prazer.

O BILONTRA

Representou-se no dia 29 do passado, e tem continuado a representar-se com muito exito, *O Bilontra*, revista de 1885, dos distinctos escriptores Arthur Azevedo e Moreira Sampaio, dois mocos já amestrados e applaudidos neste difficil genero de trabalhos.

O Bilontra é uma peça bem feita, muito espectacular, como convem que sejam as revistas, e onde se apresentam bem ligados e concatenados nas malhas de um enredo simples, e de alguma maneira logicamente desenvolvida, todos os acontecimentos do anno passado. Os commentarios feitos pelos auctores aos factos occorridos durante o anno são em geral leves, predominando antes a critica do que a satyra no lo de ver que não sabemos se será o mais efficiente mas que é com certeza o menos perigoso. Mais um pouco de audacia não prejudicaria a peça, parece-nos, e estaria em muitos casos de accordo com a justiça. Isto, porém, não constitue um defeito, senão uma divergencia do nosso ponto de vista critico.

As scenas são em geral muito animadas e os quadros tem muitissimo movimento. Ha factos apañados e reproduzidos com felicidade notavel e com-

mentados com muito espirito. O quadro dos theatros, por exemplo, é completo, e parece-nos o melhor da peça; foram aproveitados brilhantemente todos os ocontecimentos theatraes do anno e as personalisações dos diversos generos tem muita propriedade e muita graça. E' de um bonito effeito comico o duetto da *Gicconda* applicado á briga da Opera com a Opereta.

A musica é em geral bem escolhida e ha trechos originaes do maestro Gomes Cardim que muito honram o seu auctor. Exceptuaremos d'este numero o *jongo* dos sexagenarios, encaixado a martello na revista, como muito bem diz o Sr. Joaquim Nunes.

Alguns scenarios são de grande effeito, como o que representa o salão do theatro S. Pedro em noite de espectáculo, o que representa o terraco do mesmo theatro, ambos do Sr. Coliva, e o que representa o salão do palacio do Jogo, que é muito bem imaginado e teve uma execução primorosa; o Sr. Frederico de Barros tambem reproduzio fielmente o Derby-Club e as barraquinhas do Campo da Aclamação.

A peça está montada com bom gosto e tem uma boa *mise-en-scene* de Adolpho de Faria.

O desempenho dos principaes papeis foi confiado a Rosa Villiot, Colás, Martins e Gama, que, se nada fizeram de notavel, tambem em nada os comprometteram; é, comtudo, digna de menção a entrada da princeza Jogatina (Villiot) no palacio do Jogo.

Peixoto encarregou-se de seis ou oito papeis pequenos e conseguiu sem esforço representar alguns notavelmente. A caracterisação de Joaquim Nunes e do esqueleto são de uma grande felicidade.

Herminia tambem teve varios papeis pequenos, entre os quaes o de *Semana*, representando todos com habilidade e graça. Germano e Santos Silva tambem fizeram bem alguns personagens.

Muito elegantes e de bom gosto os vestuarios, figurinos de Aluizio Azevedo.

Resta-nos agradecer aos amaveis auctores a bonita parte que fizeram a *Semana* representar no movimento jornalístico do anno.

Comprimntamos cordialmente Arthur Azevedo e Moreira Sampaio, auctores, e o Braga Junior, empresario, desejando que *O Bilontra* continue na carreira prospera em que vae.

PRINCEPE IMPERIAL

A empreza d'este theatro deu-nos sabido passado mais uma *reprise* da popularissima e sempre applaudida opereta de Suppé — *D. Juanita*.

Não foi máu o numero de espectadores; cousa que nos admirou verdadeiramente, pois nesta noite o Sant'Anna com a sua *Mulher-Homen* e o Lucinda rom *O Bilontra* seduziam a *tout le monde*.

O desempenho por parte das actrices Mauzoni (*D. Juanita*), Oudin (*Pedrita*), e dos actores Machado (*Alcide*), Peixoto (*Coronel Inglez*), Correia (*Estabancillo*) e Moulin (*Gastão*), agradou muito e a todos, a julgar pelos geraes applausos.

Couberam as honras da noite á actriz Pepa, que se apresentava pela primeira vez no papel de *Olympia*.

Pepa exhibio talento, voz, graça, meiguice, docilidade; emfim todos os seus recursos de distincta actriz, para o bom desempenho e realce do seu papel. Deu-nos uma *Olympia* leve como um floco, tentadora como um balero e capaz de *fazer uma revolucion*.

Nos os parabens.

Os nossos collegas Valentim Magalhães e Filinto d'Almeida vão escrever para o Sant'Anna uma comedia de costumes nacionaes, em 3 actos, ornada de musica, que será composta por Henrique de Magalhães.

Como estava annunciado, realisou-se no dia 4 a recita dos auctores da *Mulher-Homen*.

O theatro estava todo enfeitado e embandeirado e os auctores foram chamados á scena varias vezes e muito applaudidos.

Depois de bisado o *jongo* dos pretos, bella composição original de Henrique de Magalhães, foi este chamado á scena, em meio do acto, e ruidosamente victoriado pelo publico.

A empreza do Recreio, enquanto não nos dá a *Nossa Senhora de Paris*, que deve ser uma *great attraction*, tem levado á scena *O Conde de Monte Christo* e *As Visinhas*.

No Sant'Anna continúa a *Mulher-Homen* a dar boas casas. Podéra! se alem de todos os pezares o Vasques faz diabruras e o Diogenes não deixa de morrer de amores pela mulatinha do ca-roço...

O *homem da mascara negra* (Horror!) *D. Iquez de Castro* (Uff!) *Recrutamento na aldeia* (Ui!) e *O fogo do céu* (Ai!) têm apparecido e reapparecido no palco da Phenix Dramatica com verdadeiro successo para os seus admiradores, na maior parte, amigos do que é bom e... barato.

A empreza do Principe Imperial promette-nos para a semana que começa depois da amanhã a grande magia *As tres rocas de crystal*. O diacho é a Pepa, uma rapariga graciosa e de talento, ter cahido... doente. Não lhe perdoamos esta falta.

Cahir doente! ? Ora isso na verdade não é digno de uma actriz, distincta e talentosa... Levante-se, D. Pepa, porque a senhora é fuso d'essas tres rocas, e deve saber que não ha rocas sem fuso...

P. TALMA.

FACTOS E NOTICIAS

EMILIO ROUÉDE

Acaba de nos dar uma nova mariinha. Ligeira, graciosa, facil e, como todos os trabalhos do Rouéde, impregnada desse porfame de verdade que é o melhor ornamento de seus quadros.

A mariinha representa a Ponta do Cajú e a Ilha dos Ferreiros; é uma bella combinação de planos que se casam maravilhosamente e perdem-se de vista, até o ultimo tocar no horisonte que se esbate, ao fundo, num pittoresco deslumbramento de cores sideraes.

O quadro foi vendido pouco depois de ter sido exposto. Parabens ao Rouéde e ao publico; a este principalmente.

Partio para Friburgo, onde se vai demorar algum tempo, o Sr. Joaquim Lacerda, um dos bons amigos d'*A Semana*. Saude e... regresso breve.

Sob a direcção da distinctissima escriptora portugueza a Exma. Sra. D. Albertina Parizo, acaba de apparecer no Porto o *Almanach das Senhoras Portuenses* para o corrente anno.

De leitura amena e variada, é este almanach um dos melhores que nos tem vindo de além-mar. Encontram-se nelle numerosos e escolhidissimos trabalhos em prosa e verso, firmados por escriptoras e escriptores de reconhecido merito.

Agradecemos á sua distinctissima directora a delicadeza e expontaneidade da offerta do exemplar que recebemos e desejamos ao seu almanach dilatada e prosperrima existencia.

FALLECIMENTOS

Falleceu e foi sepultado ante-hontem o Sr. Henrique Dias da Cruz, empregado na redacção da *Gazeta da Tarde* desde os seus primeiros tempos. Era um moço intelligente e de uma pasmosa actividade.

Nossos pezames á sua desolada familia.

Falleceu em dias da semana transacta a Exma. esposa do Sr. Dr. Sylvio Romero. Ao conhecido escriptor as condolencias d'A Semana.

Está de luto o nosso companheiro de trabalho, Arthur Mendes, pelo fallecimento de sua tia, D. Maria Clara Corréa Mascarenhas. Ao nosso companheiro e á familia da finada—sinceros pezames.

RECEBEMOS

—A *Estação*, n. 2, do 15º anno. Em figurinos, moldes, gravuras e tudo quanto diz respeito a um jornal de modas, não é a *Estação* inferior aos seus congéneres europeus; prova-o a cada numero que publica.

No supplemento litterario d'este que temos á vista, fulguram os nomes de Machado de Assis, Alberto de Oliveira e Eloy, o heróe, que assigna uma espirituosa chroniqueta.

—*Revista Illustrada*, no. 426—Além das cousas da actualidade que illustram as paginas primeira e ultima, traz este numero, na pagina central com bons desenhos e muito espirito a continuação da *Influencia do balão Julio Cezar sobre os destinos politicos do paiz*.

Texto muito bem escripto e scintillante.

—*Relatorio da companhia da E. de Ferro do Rio das Flores*, apresentado pela sua directoria á assembléa geral dos accionistas.

—Do Sr. José de Mello o fasc. n. — *do O Cadastro da Policia*.

—A *Distração* n. 69.

—O *Cherubim* n. 21—Interessante.

—*Revista de Eugenharia*—n. 130.

—*Cancões da aurora*—Poesias do Sr. Francisco Lins. Vid. *Poesia e poetas*.

—O *Ensaio* n. 1—Periodico litterario e scientifico do Lyceu de S. Christovão. nosso colleguinha diz: *O Ensaio, como todos os seres contingentes, terá de lutar pela existencia: é lei fatal; esperamos por quem que a sua vida se prolongue...*

Perfeitamente; é este o nosso maior desejo.

—*Volunté e tres*—n. 4—Organ do gremio litterario Victor Hugo. Muito bom.

—*Sergipe Agradecido*. É esse o titulo de uma folha especial, publicada em Aracajú a 17 de Janeiro, em homenagem ao capitão Joaquim Alonso Moreira de Almida.

—*L'Avenir du Brésil* n. 5.

—*Almanak das Senhoras Portuenses* para 1886. Foi-nos delicadamente remittido por sua Directora D. Albertina Parizo, distinctissima escriptora portugueza.

—A *Semana* n. 4. (Porto) Esta nossa homonyma collega de além-mar vem d'esta vez scintillante e variada. Traz bons versos e boa prosa.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Portuguez, francez e Inglez — Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

Dr. Henrique de Sá, especialista de syphilis e molestias das crianças.—Rua Primeiro de Março, 22 (consultas do meio-dia ás 2 horas)—Residencia: Rua de S. Clemente, 165 A.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

QUEM QUER RIR-SE?

COMPREM O

BIBLIHOTEIRO FAMILIAR

DE

A. XAVIER DE ASSIS

A' venda em todas as livrarias a 1\$000

CHRONICA FRANCO-BRAZILEIRA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
EM PARIZ.REDACTOR—CHEFE: Lopes Trovão.
ADMINISTRADOR: F. Castellí.

ASSIGNATURAS PARA O BRAZIL

Um anno. : 10\$000
Seis mezes : 6\$000

Tomam-se assignaturas e annuncios no escriptorio d'A SEMANA.

TYPOGRAPHIA

A typographia d'A SEMANA, ultimamente montada, dispondo de uma boa escolha de typo inteiramente novo, aceita quaesquer encomendas de obras, poesias, annuncios, etc. etc.

PREÇOS BARATISSIMOS

TRATA-SE NO ESCRIPTORIO DA EMPREZA

36 Travessa do Ouvidor 36

Esquina da rua do Ouvidor

Externato Bethencourt da Silva

DIRIGIDO POR

LUIZ M. DE SOUZA RAPOSO

E

H. VIEIRA DE CASTRO

Cursos diurnos de preparatorios; cursos nocturnos especialmente para o commercio.

Preparação para exames na Instrucção Publica.

RUA D'AJUDA N. 27

DE
CERVEJAE
AGUAS MINERAESDE
AUG. KREMER & C.

Membros da Academia manufacteira de Pariz e premiados pela mesma com a medalha de prata. Premiados com a medalha de prata na Exposição Agricola, com a medalha de bronze na Continental de Buenos-Ayres, com o diploma de merito na Industrial de 1881 com o diploma de progresso na Sciencia de 1881.

Juiz de Fora

TEM SEMPRE

GRANDE SORTIMENTO

DE

CERVEJA

DUPLA, BRANCA, PRETA

Igualada á ingleza

E

MARCA BARBANTE

QUE VENDEM POR

ATACADO E A VAREJO

LIMONADAS GAZOZAS

AGUA DE SELTERS

EM BOTTJAS

VINHO DO PORTO

BORDEAUX

COGNAC, LARANGINHAK, BONENCENCIA

Vermouth, Genebra, Bitter
e Kummel.

Vendem todos os artigos concernentes a fabrica de cerveja.

SEU UNICO DEPOSITARIO NA CORTE

JOÃO BOTELHO

Rua de S. Francisco de Assis n. 52

(Antiga da Carioca)

JUVENATO OURO-FINENSE**INSTRUÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA**

NA

Provincia de MinasA CINCOENTA E QUATRO KILOMETROS DA
PENHA DE MOGY-MIRIM, DE S. PAULOEnsino pratico das linguas, intuitivo
das sciencias.Preparo das faculdades pelas (LIÇÕES
DE COUSAS).

Anno lectivo de 10 mezes.

A matricula em qualquer epoca; só é
pagavel o tempo da frequencia de cada
alumno.O 2º anno lectivo começa a 3 de
Novembro proximo.Ouro-Fino, Minas, 19 de Outubro
de 1885.O DIRECTOR.-- Antonio Francisco Fur-
tado de Mendonça Filho.**OBRA S**à venda no escriptorio desta
folha:

DE VALENTIM MAGALHÃES

QUADROS E CONTOS

por 2\$000.

COLOMBO E NENÉ

poemeto, 1\$000.

DO MESMO E FILINTO D'ALMEIDA:

O GRAN GALEOTO

tradução do drama de Echegaray, 1\$000.

DE ALFREDO DE SOUZA

AURORAS

versos, 2\$000.

DE L. MURAT:

QUATRO POEMAS

versos, 1\$500.

DE AMERICO LOBO:

EVANGELINAtradução do poema de Longfellow,
2\$000.

DE PEDRO AMERICO

Holocausto

romance, 2\$500

COLLEGIO NEVES**Instrução Primaria e Secundaria**Estabelecido em vasto predio, com
grande chacara, offerece as melhores
condições hygienicas.Recebe internos, externos, e meio pen-
sionistas.Leccionam habéis e zelosos profes-
sores.

Rua Barão de S. Felix n. 98

DR. F PESSANHA**CLINICA MEDICA**

CHAMADOS A QUALQUER HORA

Consultorio e residencia

28 Qua da Alfandega 28

RECADOS—QUITANDA 86

F. L. STRONC

CIRURGIÃO DENTISTA

RUA SETE DE SETEMBRO, 51

DR. GONZAGA FILHO

CONSULTORIO E RESIDENCIA

Rua Visconde de Inhaúma, 61

CONSULTAS DE 12 ÀS 3 DA TARDE

Especialidades:

Febres em geral, molestias pulmonares
e do coração.**COLLEGIO INTERNACIONAL**

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO**PALACETE DO CURVELLO**

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer
hora. Estatutos em todas as livra-
rias e na estação do Plano Incl-
nado.**Instrução Primaria e Secundaria**

PIANO E CANTO

D. Maria José de Albuquerque Camara

Tem ainda algumas horas disponiveis
para o ensino d'aquellas materias.

RECADOS NESTE ESCRIPTORIO

O COLLEGIO PUJOL**ESTAÇÃO DOS MENDES**

(E. F. D. PEDRO II)

reabre-se a 10 de Janeiro de 1886, en-
trando no 17º anno de sua existencia.Curso completo de preparatorios e
especial de noções de sciencias, physi-
cas e naturaes.Nota.— Não admitte alumnos maio-
ros de 15 annos.Os estatutos encontram-se na livraria
Faro & Nunes e no escriptorio desta
folha.**DR. ARAUJO FILHO**
MEDICO PARTEIRO

RESIDENCIA

Rua do Visconde do Rio Branco n. 36

MOLESTIAS DA PELLE E SYPHILIS

ESPECIALISTA

DR. SILVA ARAÚJO

RUA DA URUGUAYANA, 57

de 12 ás 3 horas da tarde

A PROVINCIA DO ESPIRITO SANTOFOLHA DIARIA, CONSAGRADA AOS IN-
TERESSES PROVINCIAES

Redactores:

Moniz Freire e Cleto Nunes

Tiragem 1500 exemplares

Assigna-se a 12\$000 por anno (sem
sello) e 15\$000 com sello.Por sua elevada circulação, até agora
não attingida no Espirito-Santo por
outro qualquer jornal, *A Provincia* re-
commenda-se á preferencia dos Srs. ne-
gociantes, industriaes, etc., para inser-
ção de annuncios, reclames, avisos, etc.

Correspondente em Paris

PARA ANNUNCIOS E RECLAMES
O Sr. Alberto Lorette—Rua de
Ste. Anne, 51 bis. No Rio de Janeiro
Dr. Deolindo Maciel, rua da Alfandega
n. 155 (2º andar) e B. T. Magalhães Bas-
tos, rua do Rosario 125.

EScriptorio DA REDACÇÃO:

Rua do Commercio 31 (1º andar)

VICTORIA

Collegio Universitario Fluminense

NO FIM DA RUA DO BARÃO DE ITAPAGIPE

(Antiga da Bella Vista)

No alto do Engenho Velho, logar onde
nunca houve epidemia de especie al-
guma, funciona em edificio e com de-
pendencias expressamente construidoe
para o fim a que se destina.Deseja a visita dos interessados no
nacionaes como estrangeiros, e i.oertas
ou do interior.Remettem-se prospectos para a pelotora
quem os solicitar á dia reo cr, r

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 13 DE FEVEREIRO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 59.

REDACÇÃO E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, N. 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

SUMMARIO

Expediente.....	
Historia dos sete dias.....	FILINDAL.
Octaviano Hudson.....	V. M.
Vergonhas patrias.....	F. DE A.
Sociedade bibliographica	J. S. MONTEIRO.
O tumulo do Rossinante..	M. VALENTE.
Jornaes e revistas.....	
Contos a premio.....	
Correio litterario «As Me-	L. DE MENDONÇA.
ridionaes».....	ALFINETE.
Aqui, ali, acolá.....	A. MENDES.
A noiva.....	E. ROEDEL.
A questão dos viuhos....	L. M. BASTOS.
Sport.....	LONGNON.
A vida elegante.....	P. TALMA.
Theatros.....	
Collaboração «Morte de	E. DE BARROS.
Siphio».....	
Factos e Noticias.....	
Recebemos.....	
Anuncios.....	

EXPEDIENTE

GERENTE

F. D'ALMEIDA

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

ASSIGNATURAS

CÔRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

Os senhores que tomarem uma assignatura d'A *Semana* por todo o anno de 1886 terão direito a um dos seguintes premios, á sua escolha :

VINTE CONTOS, por VALENTIM MAGALHÃES.—Este livro, que se está imprimindo nas officinas d'A *Semana*, foi expressamente feito para ser distribuido como premio aos assignantes d'esta folha. Conterá mais de duzentas paginas em superior papel, com uma capa de fantasia.

NÃO SERÁ POSTO Á VENDA.

Assim, os que tomarem uma assignatura d'A *Semana* por um anno, e somente esses, terão direito a um exemplar

d'essa obra, que, a ser vendida não o seria por menos de 3\$000, o volume.

AURORAS, versos, por Alfredo de Souza; encadernação de luxo.

O HOLOCAUSTO, romance, de Pedro Americo de Figueiredo.

MARGARITAS, poesias da distincta poetisa D. Adelia Amelia Lopes Vieira; um bello volume.

Aos senhores assignantes de seis meses daremos como premio QUATRO ROMANOS, por Luiz Murat, um exemplar das AURORAS, brochado, ou TYPUS EM PROSA E VERSO, de A. Lopes Cardoso.

N. B.— Os senhores que assignaram A *Semana* por um anno, a terminar em Dezembro de 1885, receberão, segundo promettemos, um exemplar dos VINTE CONTOS.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Mais uma vez venho substituir nesta interessante seção o collega que deixou a capa nas unhas da esposa de Putiphar.

Eu podia encobrir esta calamidade, mas não quero. Esta *historia* vae-me sair tão má, que se eu deixasse de assignal-a todos os meus dois leitores pensariam que era escripta pelo outro.

Tambem, é preciso levar em conta que o chroniqueiro nem sempre é culpado da chochice deploravel da chronica. *Semana* ruim, chronica ruim. Isto é fatal.

Ora nesta semana, além da nomeação patusca de dois barões, ainda não assignalados em oitavas épicas, só houve de chroniceavel uma historia de troca de cadaveres em uma casa de saude.

O hilariante caso dos barões já foi expremido e commentado pelo Lulú Senior, da *Gazeta*, um demonio que tem quasi tanta graça como eu, e que tem sobre mim (Salvo seja! que o homem é gordo.) a vantagem de ser collega dos nomeados e de lhes conhecer os millimetros do ambito intellectual.

Ambito intellectual! Dou esta phrase immortal por cinco tostões a quem não for leitor d'A *Semana*.

No caso da troca de cadaveres, caso na verdade triste porque não ha alegrias na morte senão para certos generos, eu tenho receio de bulir. Esta é a triste contingencia de quem tem alfai-

ate... ou alfaiates. Sempre que se tracta de cadaveres o plural é perigoso. Acutelemo-nos.

Mas, pensando bem, deve ser muito desagradavel ir a gente a um hospital reclamar o alfaiate... perdão!—o cadaver de um parente ou de um amigo e ver que lhe apresentam um cadaver qualquer, sem documento de idoneidade nem certidão de vaccina, assim como quem quer impingir gato por lebre.

Desle que nos hospitaes não haja o maior cuidado neste triste serviço da entrega dos mortos, estes casos podem ser muito frequentes. Só ha um recurso: Appellar para os mortos. Que o Sr. morto A tenha piedade dos vivos e, quando o quizerem sepultar em vez do morto B faça, o favor de declarar, alto e bom som, que elle é o A e não o B. Deste modo simples evitar-se-ão os enganos e o publico não será nunca obrigado a sepultar os primos... dos outros.

Uma das mais revoltantes scenas da escravidão foi ante-hontem presenciada pelo publico. O nosso collega José do Patrocínio andou apresentando ás redacções de todos os jornaes duas pobres pretas menores horrivelmente seviciadas pela sua *seuhora*, uma tal Sra. Francisca da Silva Castro, mulher de José Joaquim de Magalhães Castro, e moradora á praia de Botafogo. Pedir para semelhante fera a execração publica não seria muito, mas, como o facto está em mãos do poder judiciario, é licito esperar justiça. Esperemos, pois.

Em outro logar encontrarão os leitores um artigo especial sobre este facto.

Foi inaugurado no dia 9 o ins...o ins...ins...ti...ti...tu...tu...to, o instituto dos ga...ga...gos. E' fun...fun...fun...d...o se...se...se...nhor L.R. Cher...cher...vin Ju...ju...ju...ni...or, que e apre...pre...presentou cin...cin...cin...co do...do...do...entes, que pro...pro...pro...me...me...me...teu por...bons em quin...quin...quin...ze dias.

Pa...pa...pa...rabens aos se...se...se...nhores ga...ga...ga...gos.

A sociedade protectora dos anima s tem continuado a reunir-se no palacete da gloria, o temido recinto das conferencias.

Felizmente, esta util associação começa a fazer alguma cousa. D'aqui a algum tempo já se poderá ser animado neste paiz: aviso aos C. de L.

Olhe, Sr. ministro do imperio, eu não tenho por costume dar parabens aos homens da governação publica por dá cá aquella palha.

Soa tão sóbrio nisso como em pagar contas.

Mas d'esta vez não me contenho; dou-lhe parabens, em nome da Moralidade do Ensino (vae com maiusculas para ver se assim crescerá) por haver mandado suspender nas provincias de Ser-

gipe e Rio-Grande do Norte a execução do decreto que estabeleceu os exames de preparatorios em todas as provincias e recommendado aos presidentes de quasi todas as outras « que, rigorosamente inspecionada a execução do referido decreto, somente se instituaem mesas para os exames que versarem sobre materias leccionadas de modo regular e que apreciem os actos com severidade comissões compostas de pessoas que offereçam garantia de idoneidade moral e intellectual. »

Muito bem! Aquillo já era mais do que escandalo: era pouca vergonha! Os examinandos não sabiam nada e os examinadores ainda menos do que os examinandos. Aquillo era só o rapaz chegar, abrir a bocca (se tinha somno) e... não dizer nada. Resultado:

Approvedo com distincção.

E' força confessar que não eram (e ainda não são) difficeis os exames em quasi todas as provincias.

O sr. barão de Mamoré vai acabar com isso.

Nos meus braços, Excellencia!

Apresentou-se ha dias na policia um pardo ainda moço, que declarou chamar-se José Innocencio Poncio da Silva, e que parece que tem no corpo o Centro Positivista ou a sociedade spiritica Deus, Christo e Caridade. O infeliz diz constantemente que o diabo e os máus espiritos tomáram conta do seu corpo.

Até aqui nada de espantoso: um alienado, um maniaco.

Mas o *jornal*, que deu a noticia, diz que o desgraçado foi recolhido ao Asylo de Mendicidade!

Parece natural que, desde que ha um hospicio para o tratamento dos loucos, era a esse estabelecimento que o infeliz deveria ser recolhido.

Pois estamos todos enganados.

Neste interessante paiz das palmeiras onde canta o sabiá e tudo ás avessas. En não sei como a gente não tem no Brazil a mão esquerda do lado direito! O caso é que o pobre louco, em vez de ir para o Hospicio foi para o Asylo.

Agora, razoavelmente, quando apparecerem por ahí mendigos desoccupados, recolhel-os-ão ao Hospicio.

E viva o partido da *ordem*!

FILINDAL.

OCTAVIANO HUDSON

Fallecen hontem ás 10 horas da noite, de uma lesão cardiaca, o Sr. Octaviano Hudson, empregado na redacção do *Jornal do Commercio*. A hora adelantada em que fomos surprehendidos por esta tristissima nova permite-nos apenas registral-a com profundo pezar.

VERGONHAS PATRIAS

A capital do imperio está proporcionando ao paiz e a todo o mundo civilizado o mais degradante e lamentavel espectáculo.

Quem o considere com espirito calmo e coração limpo de rancores chegará a duvidar se esta cidade é, com effeito, a capital de um imperio — que não o do Meio.

E' quasi incrível o que se está passando.

Depois de tantos annos de reunida luta contra a escravidão, depois de haver a terrivel questio — a mais grave e mais importante que tem assoberbado o paiz — subido pelo braço de um estadista, digno deste nome, ás altas regios do Poder; depois de ter feito uma dissolução de camaras e uma eleição especial, impondo-se ao Parlamento como problema unico que elle devia resolver; depois da larga e fervorosa propagação abolicionista; depois de tantas lutas, tantos sacrificios, tantas victorias parciais, tantas lagrimas e tanto sangue, o resultado a que chegámos é este: — uma policia que caça, agarra, algema, rapa e sova escravos, mandando-os aos seus *senhores* como se fossem porcos para uma festa de arraial, com destino à faca e ao forno; e senhores — oujantes, o que é peor: — *senhoras*! — que exercem sobre escravos o seu direito de propriedade absoluta torturando-as a corda, ferro e fogo!

Temos realmente progredido muito!

Ante-hontem teve esta capital civilizada e heroica o inesperado prazer de assistir a uma procissão de novo genero, de uma originalidade completa e pavorosa, capaz de espivitar a sensibilidade mais *blasée*: — vio passar deante de si duas desgraçadas mulheres negras e escravas, cobertas de roupas esfarrapadas e tintas de sangue, com os rostos e os braços contunhidos, retalhados, grossos de inflammation e empastados de sangue. Ambas menores de 20 annos; quasi duas értangas. Que infancia e que mocidade a d'essas infelizes!

Quem as reduzio áquelle heliondo estado foi sua senhora, D. Francisca da Silva Castro, esposa do Sr. José Joaquim de Magalhães Castro, moradores na Praia de Botafogo, o bairro aristocratico e elegante, o bairro da riqueza e do bom gosto.

A primeira d'ellas, Eduarda, tinha conseguido fugir e ir implorar protecção á *Gazeta da Tarde*. Os Srs. José do Patrocínio e João Clapp levaram-na á presença do Dr. Monteiro de Azevedo, juiz do 11º districto criminal, afim de promover a sua libertação e intentar accão criminal contra o auctor ou auctores de taes barbaridades.

Ahi declarou Eduarda ter ficado em casa de sua senhora outra rapariga, escrava, de nome Joanna, ainda mais maltratada do que ella. O juiz expedio mandado de apresentação, e ás 4 horas da tarde passavam as duas victimas pela rua do Ouvidor, entre os Srs. Patrocínio, Clapp e outros muitos cavalheiros distinctos e acompanhados por grande massa de povo, afim de serem apresentadas ás redacções de todos os jornaes.

Não estando presente o director d'esta folha, desceu á rua, afim de receber os apresentantes das escravas e verificar o

seu miserriimo estado, nosse compariheiro Alfredo de Souza.

Hontem foi unanime a imprensa, noticiando o facto, em prolligal-o energicamente, com o dó e a vergonha que taes espectaculos forçosamente despertam em corações não empedernidos por maldade innata ou por sordido interesse.

A *Semana* junta ao côro de protestos e de exclamações de horror da imprensa a sua voz, tremula de indignação e de piedade, confiando que a nossa Justiça não deixará impunes os algozes d'essas mulheres só porque ellas são escravas.

Lembrem-se os juizes de que os cães e os burros já têm aqui uma sociedade que os proteja.

E, por commentario, perguntamos unicamente: — Até quando julgará o povo brasileiro *conveniente* a continuação d'estas vergonhas patrias?

V. M.

SOCIEDADE BIBLIOGRAPHICA

O Sr. Felix Ferreira, um trabalhador incansavel e tenacissimo das lettras, enviou-nos um exemplar do seu folheto — *A reforma da Bibliotheca Fluminense; considerações e projectos de uma Sociedade Bibliographica Brasileira*.

Começa o folheto por um bem elaborado resumo historico da Bibliotheca Fluminense, em que se demonstra a esterilidade d'esta associação e a curteza de vistas das administrações que tem tido.

No correr do folheto, faz o auctor varias considerações geraes sobre o nosso movimento litterario, sobre as difficuldades de publicação ou edição de obras entre nos, sobre o atrazo das nossas artes graphicas e sobre a questio da propriedade litteraria.

Sobre este ultimo poncto sentimos estar em desacordo com o illustrado auctor do folheto.

O direito de propriedade litteraria é tão razoavel e justificado como outro qualquer. Isto parece-nos incontraverso. A necessidade de um tractado com as nações productoras, especialmente com a França e Portugal, é evidente. Sejamos justos: o asserto de que as contrafacções portuguezas é compensado pelas contrafacções brasileiras — é erroneo. O auctor cita seis obral brasileiras edictadas em Portugas, sendo que algumas, como *Os Suspiros Poeticos*, de Magalhães, devem ter sido impressas lá por ordem dos e conta auctores, ou mesmo de edictores nacionaes frequentemente mandam fazer na Europa o trabalho da impressão por ser que muito mais barato do que aqui.

A contrafacção de obras portuguezas, já originaes, já traduzidas, é incalculavel. O auctor cita muito poucas.

Auxilialemos neste poncto:

Podemos, sem nenhum esforço de memoria e sem recorrer ás livrarias, citar, entre outras, as seguintes contrafacções:

Varias edicções do *D. Jayme*, de Thomaz Ribeiro; uma da *Morte de D. João*, de Guerra Junqueiro; uma do *Mysterio da Estrada de Cintra*, de Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz; duas do *Eurico*, de Herculano; grande quantidade de obras didaticas e de obras theatraes.

Além d'estas ha ainda as contrafacções disfarçadas e os plagios: podemos

JORNAES E REVISTAS

apontar uma traducção de Pinheiro Chagas da *Mlle. Girard na femme*, de Bellot, a que o traductor deu o titulo de *Amigas e Peccadoras* e que foi aqui publicada com o titulo de *Esposa e Virgem*, sem nome de traductor; outro do livro de Serpa Pinto—*Como eu atravessei a Africa*, que foi publicada com o titulo *Como o Sr. Serpa Pinto atrevesou a Africa*, e outras e outras muitas de que não nos lembramos ou de que não temos noticia. Até os primeiros fasciculos das *Farpas* de Ramalho Ortigão alguns panphletos de Canillo foram aqui reproduzidos.

Isto quanto á justiça. Agora pelo lado da consciencia e do interesse material dos escriptores nacionaes, o tratado é ainda mais necessario e mais urgente.

Para a litteratura dramatica, principalmente, a falta de uma legislação e de um tractado é dos mais perniciosos effeitos.

Se o illustrado Sr. Felix Ferreira escrevesse para o theatro, veria como são prejudicados os auctores nacionaes pela invasão das peças estrangeiras, e notavelmente pelas traducções portuguezas. A falta d'essa legislação especial é, com certeza, a causa efficiente do atraso da nossa litteratura dramatica.

Agora, porém, não é occasião para se discutirem estes assumptos: com a reforma da Bibliotheca pretende o Sr. Felix Ferreira organizar a Sociedade Bibliographica Brasileira que discutirá com superior vantagem todas as questões tendentes a melhorar a sorte dos homens de letras do paiz.

O folheto termina por um bem pensado projecto de estatutos para a referida associação, que é uma grande necessidade para nós todos, escriptores e jornalistas, a quem, por isso mesmo, corre o dever de auxiliar o Sr. Felix Ferreira na realização immediata da sua feliz idea.

Amparada por uma associação já estabelecida e arreditada, a sociedade que se projecta fundar será em breve uma realidade, se para isso concorrerem nós todos que temos interesses e direitos que só poderão ser garantidos e reivindicados pelo esforço da collectividade.

Saudamos cordialmente o auctor do util folheto e affirmamos-lhe d'aqui os protestos da nossa adhesão e da nossa sympathia pela sua idea.

L. DE A.

O TUMULO DO ROCINANTE

Fôra um poeta, um seismidor potente;
alma de luz, de amor embriagada.
Olhos fitos no azul, nunca em seu dente
soffrera o tacto vil da vil cedava.

Passou; não n'o applaudiu tropel framente
Fitou-o o mundo: não lhe disse nada.
Morreu. E fôra a Augusta e não ossida
apodrecer num charco immundamente.

se de um deus vingador a força occulta
nas almas de ideal a não sepulta,
formando o ser humano em vasta lou-a...

Assim é que na voz dos pensadores,
nos hymnos immortaes, nas grandes dores,
nitro, espuma, escoumba, agra na cousa.

J. DE SOUZA MONTEIRO.

O n. 6 da *Chronica Franco-Brazileira*, a excellente revista dirigida em Pariz por Lopes TROVAO, traz muitas cousas dignas de ler-se.

No artigo *Pela politica franceza* analysa o nosso saudoso collega a reacção da padraria franceza contra os republicanos, por occasião das ultimas eleições e profliga severamente as manobras infames dos clericos. Para que se imagine que taes foram transcrevemos o seguinte expressivo trecho:

« Nas suas predicas religiosas disseram:— o cura de Roux que *cos republicanos eram nus bandidos*; o cura de Saint-Louis-la-Nonche que *as instituições vigorantes eram o caso de terem sido assassinados na Tonkin vinte e cinco mil christãos*; o cura de Fabras que *as republicanos eram mais perniciosos do que os prussianos que seriam condemnados ás penas eternas os electores que os suffragassem*; o cura de Maisonneuve que *cos legisladores que submeteram os seminaristas ao servico militar obrigatorio eram uns porcos-suos*; um padre de Saint-Antoine-de-Luglares que *a era mais perdoavel estrangular uma criança do que votar pela Republica*; o vigario de Pysac que *nas mulheres deviam obrigar os moridos a eleger os conservadores, só lhes dando sob essa unica condição*, exclamou elle com a mais piedosa unção, *aquillo que ellas ben sabiam*... A taes arengas calumniosas, ultrajantes, obscenas, subversivas, estes, e os seus congeneres que tiveram a mesma linguagem, juntaram a acção positiva, brutal, criminosa, arrancando das paredes dos edificios publicos as deliberações mandadas affixar pelas auctoridades, espancando carteiros por entregarem circulares republicanas, como o cura de Vaudevaix; finalmente, como o cura de Garnache, forçando os electores a aceitar os boletins reaccionarios.

Mas a republica está bastantemente enraizada no sólo gaulez e tem sobeja força vital para zombar dos ataques do clero: « Não, a republica não pode retroceder; ella não retrocederá no caminho de reformas por onde enveredou, e que a levará á emancipação do povo e á unidade da patria pela instrução scientifica » e, terminando: « Não é possível, portanto, entre ella e a igreja, servida, como está, por sacerdotes que sacrificaram a sua missão divina aos seus odios p-olíticos, uma reconciliação sincera, fecunda e duradora. »

Pelos summarios deste numero se induz facilmente o quanto é util, interessante e agradável. No primeiro summario incluem-se os artigos relativos á Franca e á Europa, e são escriptos em portuguez; no segundo—os relativos exclusivamente ao Brazil e são escriptos em francez; o systema proficuo e muito racional de servir simultaneamente os interesses francezes no Brazil e os brazileiros em Franca.

Eis os summarios:

Pela politica franceza LOPES TROVAO.
Pela politica européa ALFRED MARC.
Pela sciencia..... NUNES VIEIRA.
Por todo Pariz..... LUIGI BASCULO.
As Nugas..... L. T.
Por toda parte..... Y. Z.

Préoccupations actuelles..... ALFRED MARC.
Atravers la Province ***
La littérature Brésilienne..... SYLVIO ROMERO
Avis au lecteur..... ***
Nouvelles diverses... ***
FEUILLETON -- L. Guarany, par Jose d'Alencar..... ALFRED MARC.

Da magnifica *Revista popular*, que ha pouco tempo se publica na capital da Bahia, sob a direcção do Dr. Benjamin Franklin, temos os ns. 6 e 7.

Mais do que o agradável, visa esta revista o util; da leitura de qualquer dos seus artigos ha sempre a colher um ensinamento, um conselho, uma elucidação proficua.

Mas isso ministrado simplesmente, em estylo claro, conciso e ameno. Que maior elogio poderia fazer-se-lhe?

Do criterioso artigo sobre as ultimas eleições trasladamos a seguinte observação, strictamente verdadeira:

« Quando se trata de chamar o cidadão ao cumprimento do seu dever politico, esse mesmo que ainda hontem só tinha nas palavras raios com que verberava o governo (abstracção contra a qual se voltam esses patriotas, sem tentarem em que o governo são elles mesmos que o fazem) esse mesmo, diziamos, que tão apaixonado se mostrava pelas nossas finanças, que se afundam, pelo progresso material, que é vagarosissimo, pelo estylo intellectual, que visivelmente retrograda, pela moralidade, que segue o mesmo caminho; esse mesmo, solicitado pelo candidato pedinte, acouado com um emprego em perspectiva, ou corrompido pelo dinheiro, vae levar o seu voto em contrario á sua consciencia.

Dura veritas, sed veritas...

Sob a direcção e redacção do illustre engenheiro E. C. de Araujo Vianna, acaba de apparecer nesta Corte um hebdomadarto intitulado *Revista dos Constructores*.

Como se vê do seu titulo, a *Revista dos Constructores* se occupará simplesmente com os themas relativos á sciencia das construcções, com as questões practicas e apresentará o resultado dos trabalhos projectados ou executados no Brazil, em materia de construcção civil.

As suas columnas, diz o nosso collega, estão franqueadas ao estudo e á discussão de assumptos que interessem exclusivamente ao seu programma e por tanto muito espera da collaboração dos Srs. engenheiros e constructores.

A julgar por este numero, onde ha varios e bem lançados artigos, a *Revista dos Constructores* que (uzemos da *chapa* veio preencher uma laruna no jornalismo nacional, promette ser, já pela elevação com que encara os seus assumptos, já pela lucidez com que delles trata, em artigos habilmente feitos, uma das mais importantes revistas consagradas, como a *Revista de Engenharia*, ao movimento scientifico do nosso paiz.

Ao seu digno e illustrado redactor enviamos os nossos sinceros cumprimentos, desejando á *Revista dos Constructores*, além de uma vida longa e luminosissima, todas as prosperidades de que é merecedora.

M. VALENTE.

CONTOS A PREMIO

(Vide o n. 17 d'A Semana)

Recebemos até agora 18 contos para este certamen.

Os ultimos foram os dos Srs. W, Alexandre Gasparoni, J. Campos Porto e Sylvio Livio.

Attendendo aos muitos pedidos que nos têm sido feitos, prorogamos o prazo para recebimento dos contos até o ultimo dia d'este mez.

CORREIO LITTERARIO

«SONETOS E POEMAS», DE ALBERTO DE OLIVEIRA, 1 VOL. DE 272 PAGS.—RIO DE JANEIRO.—1885.

O novo livro de Alberto de Oliveira não precisava ter vindo, como veio, depois de tão pobres companheiros como os versos dos Srs. Encas Galvão ou Valerio da Silva, para destacar, com vigoroso relevo, d'entre as nossas recentes publicações litterarias:—desde as *Symphonias*, de Raymundo Corrêa, é o nosso livro mais notavel.

Com os *Sonetos e Poemas*, Alberto de Oliveira tentou, evidentemente, transplantar para cá a escola da poesia *impassível*, de Leconte de Lisle e de Théophile Gautier. São os seus mestres directos.

Do segundo segue tambem o conselho de preferir a forma estricte, resistente e aspera, que se ha de reluzir e vencer como se doma um poldro bravo:

«Oui, l'œuvre sort plus belle
D'une forme au travail
Rebelle,
Vers, marbre, onyx, émail.

Fi du rythme commode,
Comme un soulier trop grand,
Du mode
Que tout pied quitte et prend!

Lutte avec le carrare,
Avec le paros dur
Et rare,
Gardiens du contour pur.

Sculpe, lime, cisèle;
Que ton rêve flottant
Se scelle
Dans le bloc résistant!

Estes versos podem vir transcriptos, como epigraphe e como profissão de fé artistica, na primeira pagina dos *Sonetos e Poemas*.

E' certo que lá se encontra, no corpo do livro, no poemeto dos *Olhos doirados*, esta analogia declaração:

— Que os mais os trombões insuflam
Do poema. Não quero tal;
Mas lestas rimas, que rullein
A aza ideal.

— Exiguos clarins do verso,
Que nellas, aliveloz,
Em metro escandido e terso
Cante a voz.

E' boa ou má a escola a que o poeta se filia? Parece hoje ponto assente em boa critica excluir-se de sua alçada semelhante inlagação: não ha boas, nem más escolas, em absoluto; o que ha, são bons e más livros, em todas e quaesquer escolas.

Não fosse a declinatoria de competencia, com que o poeta e o leitor podiam logo tolher-me o passo, e eu diria que a poesia *impassível* é a redução da mais rica e poderosa das bellas-artes ás condições de uma das mais pobres— a estatuaria. *Esmaltes*, *Camaféus*, *Poemas Barbaros*, *Poemas Antigos* são nomes de esplendidas colleções para figurarem, como obras primas—sem dúvida, mas em museus artisticos, em salas

d'armas, pendentes das paredes ou sobre lomas de vidro; ninguém, deante de taes maravilhas, lembra-se de as por em um raio de estante.

Ora, nesta difficilima e tão pouco seguida escola, vejamos,—tal é o nosso circumscripção dever,—o que conseguiu Alberto de Oliveira.

Temos que conseguiu alguma cousa, o que é já muito; mas, com inteira certeza, alcançaria muito mais,—tudo que era licito esperar do seu grande talento e consciencioso estudo, se se deixasse arrastar pela emoção artistica,—não direi se para cima, ou para baixo, para evitar a discussão entre escolas, mas para fóra, em todo caso, d'esse culto deshumano, ou extra-humano, se prefere, de linhas rigiditas, porém mortas.

Eis aqui um livro magnificamente trabalhado, ainda com enorme abuso do *enjambement*, da passagem do sentido oracional de um verso para outro, como querendo definitivamente quebrar o molde metrico.

Isto, que é um recurso da poesia humoristica, habilmente explora lo por Th. de Banville, pôde tambem seguir-se, com belleza e agrado, na poesia lyrica, mas com a conlção de guardar-se parcimonia, como practica um dos nossos melhores poetas novos, o primoroso cantor das *Symphonias*.

Outro ponto, que, em materia de forma, não passa despercebido a nenhum leitor das *Sonetos e Poemas* é a constante preocupação de riqueza de vocabulario. Ora, toda riqueza que se ostenta, desmerece. Cumpre que um rico saiba ser para que antes se não mostre enriquecido.

Nos *Sonetos e Poemas* ha superabundancia, nem sempre feliz de vocabulos novos: lembra vagamente o salão, exuberante, embragaço de preciosidades, de um *parvenu*;—simile deploravel, porque Alberto de Oliveira occupa muito legitimamente, á custa dos mais honrados e honrosos esforços, o seu devalto logar em nossa litteratura.

Para nos despedirmos d'este capitulo de reparos quanto á forma do livro, deixemos consignado que o complemento—de *ouro* encontra-se repetido trinta e quatro vezes!—que ha no volume um verso errado:

«Sob disfarce calculado enganias»

no poemeto *Per tenebras*, conta lo como decasyllabo, figurando como syllaba a consoante *b* de *sob*;—que no verso.

«Sua mão de jaspé, sua mão de neve»

no soneto *Empin*, em decasyllabos, a mesma palavra *sua*, em casos perfeitamente identicos, ora é contada como duas syllabas, ora como uma só:—que no, aliás bellissimo, soneto que começa assim:

«Que me quer esta lagryma?...»

ha, logo no segundo verso do primeiro quarteto, uma amphibologia extremamente desgraciosa;—que ha falta de symetria na construcção do setimo terceto do soneto. *L'entra da primavera*, onde as longas *aqui e ali* não são autorizadas por nenhuma correspondente no terceto que precede;—que, finalmente, no soneto immediato a esse, esta estranha impressão do poeta

«Havia, no ar, do sol a immensa magua»

parece: pro luzida somente pela necessidade de rima para *aqui*, imperdoavel culpa em to esmero lo cultor da forma e ampeiro da rima.

E eis-nos, felizmente, chegado, á parte para todos nós mais agradavel—ás bellezas do livro e ás boas qualidades do poeta. Umás e outras são numerosas. D'entre as ultimas avulta e predomina a sua paixão da arte, tão enraizada e absoluta que, por si só, bastaria para lhe remir todos os peccados, muito mais graves que fossem! Alberto de Oliveira é, com toda a sinceridade d'alma, artista, e feliz com este invençivel amor.

Se é embaraçoso preferir entre os thesouros poeticos do opulento livro, parece-me, comtudo, facil distinguir, como mais bem acabados productos da escola que o poeta adoptou, como dignos do alto mestre, Leconte de Lisle, o poema *O anachoreta* e o soneto *Vaso grego*.

A *cruz da montanha*, *A enchente*, a bellissima descripção que se encontra nas estrophes 1^a, 5^a, 8^a e 11^a d'esse poema, o radiante soneto *Mazeppa*, *Lendo os antigas*, *De volta do circo*, *Noé*, *Pobre mãe!*, *Só*, *Syrinx*, *Mortos para sempre*, são paginas admiraveis, que merecem e hão de ter longa vida gloriosa em nossa litteratura.

Por falarmos em nossa litteratura... a essa tão respeitavel quão anemica senhora, que vive agora requestada, em finas palestras, pelo imperial poeta... de balas d'estalo, tomo eu, o seu mais obscuro amigo e criado, della, a temeraria liberdade de lhe recordar, muito amigavelmente, que está a dever os cabellos da cabeça ao maguanimo rapaz Alberto de Oliveira, que lhe fez as *Cancões Romanticas*, depois as *Meridionaes* e agora estes ricos *Sonetos e Poemas*.

E' pagar: e se não pole, não esteja, pelo menos, a desmoralisar-se em más companhias, se não quer tambem perder o credito.

Valença, 6 de Fevereiro.

LUCIO DE MENDONÇA.

AQUI ALI E ACOLÁ

Falleceu ultimamente em Pisa, em casa da Marqueza de Spinola, a Condessa de Mirafiori, viuva morganatica de Victor Manoel.

Conta-se que ao vel-a Victor Manoel, então ainda menor, ficára apaixonadissimo por ella, desejando mesmo fazer della sua esposa.

Carlos Alberto, seu pae, comprehendeu que, embora fosse mais uma de suas aventuras, esta apresentava-se sob caracter mais sério e tratou logo de casillo com uma Archiduqueza da Austria, não impedin lo este casamento que a fallecida Condessa fosse sempre para elle a esposa do coração.

Um barbeiro, em casa de quem costumam a barbear-se e cortar cabellos muitos senadores e deputados, fez, ha dias, a seguinte reflexão:

—Tenho reparado que nas épocas de crises ministeriaes todos os homens politicos que tenho a honra de contar no numero dos meus freguezes, levam mais tempo a serem barbados, são mais impertinentes; parece que estes senhores, prevendo que lhes pode ser confiada uma pasta, tratam de arranjar a cabeça.

São quatro as calceiras vagas na Academia Franceza: as que foram occupadas por Noailles, Et. About, Victor Hugo e Falloux.

ALFINETL.

A NOIVA

Via a depois que os annos se passaram,
Depois da tenzencia, mais formosa ainda;
Sua boca e seus labios u e falaram,
Falou-me a sua voz sonora e linda;

Ví seus cabellos, que já vira outr'ora.
Longos e pretos, soltos e cahidos
Por sobre os hombros feitos d'uma aurora,
E aquelles olhos seus, que enlan quecidos

Me fitaram, aquelles negros olhos
Que viram tantos mundos, tantos mares
E desertos e céos, sem que os abrolhos
Vissem da minha vida e os meus pezares.

Até talvez em horas de procella,
A sós, alegre, descuidada e calma,
O mar flutando, a rir, essa donzella,
No oceano não viu tambem minha alma!

Agora volta e triste então recorda
Do passado florido os mortos dias;
E tudo aviva e um só momento acorda
Pra sempre adormecidas alegrias.

Chora... Pois eu sou noiva! diz chorando...
Outro na sua face immaculada
Mil osculos dará, talvez a amando
Tanto como ella foi por mim amada!

— Hoje, querida, eu sou como uma abelha
Que vóa junto á flór, para beijal-a;
E sempre a flór, que a ti bem se assemelha,
Teme o insecto, que teme envenenal-a.

ARTHUR MENDES.

Fevereiro de 1886

QUESTÃO DOS VINHOS

...E, no entanto eu havia promettido
a mim mesmo nunca tratar d'esta *espirituosa* questão.

Mas que querem-se sou feito de tal
modo que sempre me parece que falta
uma corda á rabeça do Padre Eterno e
que sou eu o encarregado de concertal-a? Sempre julguei ter algumas moléculas do Christo e que existiam no meu organismo alguns átomos do Redemptor. Isto é mais forte do que eu: sou incorrigível; de mais, julga-o vós mesmas, minhas queridas leitoras. Ha, pouco mais ou menos, quinze annos eu mal começava a viver e já me julgava indispensavel á sociedade...

Estava na Hespanha, paiz das revoluções e dos *pronunciamentos*; e parecia-me impossivel que não me mettesse naquelles chinfrins; e por isso, a torto e a direito, atirei-me nelles.

Nunca pude bem saber o que ganhou a Humanidade com a minha activa intervenção em taes coisas; ignoro mesmo se a rabeça, de que vos fallei, ficou ou não concertada... Mas do que nunca duvidei foi—que apanhei na *safarrascada ibérica* uma ferida na cabeça, que, pondo-me fora de combate, não me ponde contando curar da mania.

E vós bem o védes, errei a vocação: nascera para os grandes sacrificios; digo-vol-o sinceramente. Descobrida-vos este segredo, faço tudo quanto ha de mais *Pelicano*, que rasga o seio para alimentar os filhos.

E' preferivel julgal-o;

E o que nles fazer.

Digam o que quizerem, ha no Rio de Janeiro vinho bom, e eu bebo d'esse bom vinho.

Se vos disser como me arranjo para obtel-o pelo mesmo preço do falso, que bebeis, é evulente que, bebendo-o entre nos, carissimos leitores, esgotal-o-emos mais cedo do que se eu fosse o unico a bebel-o.

— Vinho de uva?!
Com todo o respeito que eu devo á Junta, chamada de Hygiene, não conheço outro.

— Perdão; temos o vinho artificial que, com a differença apenas de uma colica, é quasi igual ao natural.

— E' verdade; entretanto observar-vos-ei que ha notas de mil réis quasi eguaes ás que saem dos lagares do governo, e, no entanto, quando se apanha um dos que as fabricam mais ou menos artificialmente faz-se-o passar um máu quarto de hora.

Ora vejam o que é julgar as cosas de diverso ponto de vista: mil réis artificiaes fazem menos mal ao estomago da Humanidade do que uma garrafa d'essa triaga que de inoffensivo só tem a agua que lhe puzeram.

Mas, pois que me decidi a abrir mão de meu segredo, basta de parolagem e vamos ao facto. Eis a

MANEIRA DE OPERAR

Primeiro que tudo é preciso, — ah! é indispensavel! — encontrar uma *venda* velha.

Para conseguil-o passeae pelos logares mais afastados da cidade; e quando encontrardes uma casa que tenha na frente arvores antigas, de bellas proporções, entrae nessa casa; ha de ser com certeza uma venda, e será tanto mais velha quanto maiores forem as arvores; e isso pela razão de que antigamente quando um humilde *secco-molhadista* inaugurava a sua tasca, plantava-lhe na frente uma ou mais arvores para dar sombra á porta.

Isso posto, supponho-vos, caro leitor ante o balcão de uma d'essas vendas protegidas por gigantescos sicomoros. Uma vez ali, observae as garrafas arrumadas nas prateleiras como livros nas estantes de uma bibliotheca. Não demoreis os olhos sobre as garrafas enfeitadas de bellos rotulos: são garrafas de vinho do Porto... do Rio de Janeiro. Não deis igualmente importância ás que estiverem nas prateleiras inferiores: é *cerveja marca barbante*; ergui mais acima os olhos, passae as lufas de sardinhas de Nantes... hespanholas e as azeitonas sevilhanas... de Lisboa; chegae aos ultimos raios da *estante*, ás regiões apenas accessiveis com o auxilio de uma escada de mão. Lá, junto ao tecto, vereis deitadas, sujas, empoeiradas, esquecidas mesmo, garrafas que, para a *galeria*, passam por garrafas que «não se vendem» por que ninguem as quer; enfim: garrafas de Bordeaux, que moram naquellas alturas desde o tempo da plantação das supralictas arvores. O vendeiro comprou-as—posso jural-o!—em lote, de uma só vez a um collega fallido, vinte ou trinta annos antes. Sabei finalmente que o tal Bordeaux lá está, engarrafado desle a epocha barbaresca em que a industria nacional não estava ainda inventada. Compral-o todo, todo, o dir-me-eis depois se vos enganai.

Eis ali como, desde que estou no Rio de Janeiro, me arranjo para beber vinho bom e... barato.

E... *consummatum est*

N. B. Tenho algumas centenas de garrafas vastas d'esse tal vinho, realmente esplendidas; ellas estão cobertas

de uma espessa camada de veneravel poeira, por fora, e forrados de uma forte muralha de tanino, por dentro;— verdadeiros monumentos prehistoricos, ein? Desejando tambem contribuir, por meu lado, para o progresso da industria d'este paiz, decidi-me a desfazer-me d'aquellas preciosas garrafas.

Ponho-as á disposição do fabricante que tenha a especialidade dos vinhos «artificialmente velhos.»

Não visando lucros neste negocio, cedel-as-ei pelo mesmo preço que me custáram...cheias.

Outro sacrificio!

E. ROUÉDE.

SPORT

Recebemos um exemplar do *Relatorio* da Sociedade Jockey Club a contar de Julho de 1884 a Dezembro de 1885.

E' um trabalho importantissimo que faz honra ao intelligente 1º secretario Dr. Pinheiro Junior e que demonstra inquestionavelmente os relevantes servicos que ao paiz tem prestado aquella benemerita sociedade.

Basta dizer que de 1883 a 1885 distribuiu ella em premios a avultada quantia de 225:550\$, e isto sem ter o menor auxilio, quer da Municipalidade quer do Governo geral.

No *Stud-Book* da mesma sociedade inscreveram-se, até 31 de Dezembro de 1885, 414 productos nacionaes, sendo todos ou de meio ou de puro sangue e até á mesma data 76 animaes estrangeiros de puro sangue, importados por proprietarios ou por criadores.

Estes Algarismos falam muito alto e em favor do Jockey Club, a quem cabe a maior gloria no visivel melhoramento da raça cavallar.

Muito a contragosto divergimos da opinião do *Jornal do Commercio* quando lastimou que tão distincta sociedade continuasse a manter uma casa de apostas.

Sejamos practicos reconhecamos que, senlo impossivel pralmbir o jogo entre particulares, muito acertadamente andou o Jockey Club e todas as sociedades congeneres obrigando-o a deixar de si um vestigio de utilidade.

Não fosse a casa das apostas seria impossivel ás sociedades de corridas darem premios animadores de tão importante industria.

Com premios reduzidos não era provavel que o Sr. Barão de Piracicaba obtivesse o *Sans-Pareil*, que o Sr. Condeheiro Antonio Prado comprasse o *Osmán*, que o Sr. Barão da Vista Alegre mandasse vir *Lawcaster*, que o Sr. Lisboa importasse o *Bolívar*, que o Sr. Lemgruber nos apresentasse *Damieta*, que a Coudellaria Americana mantivesse o *Tailtefer*, que o Sr. José Julio desse grandes quantias pelos melhores productos nacionaes; finalmente, que todos os proprietarios e criadores impatassem capitães mais ou menos elevados na obtenção de parelheiros dignos de figurar nos hippodromos europeus.

Visto, pois, não terem o menor auxilio muito avisadamente tem andado as nossas sociedades de corridas, a cuja simples iniciativa devemos os progressos de que dá esplendida prova o *Relatorio* que acabamos de elogiar.

Devido ás grandes chuvas que houve domingo passado, foram trasladadas para amanhá as corridas do Prado Villa Isabel.

Chamamos a attenção dos amadores para a nossa ultima pagina, onde encontrarão o esplendido programma em que dá principio á primeira corrida d'este anno o Prado Villa Isabel e desejavamos emittir nossa opinião dando palpites acertados, mas não nos atrevemos, visto ter havido transferencia.

A medida tomada pelo Prado Villa Isabel, de accordo com o art. 55 de seu regimento interno, estabelecendo o premio de 200\$ aos jockeys que melhor comportamento tiverem tido durante o anno, é digna de toda menção, e estamos certos que as outras sociedades tomarão em consideração o alcance d'essa medida, visto ser um meio de tolher abusos e irregularidades de que algumas vezes são victimas muitos proprietarios, e ao mesmo tempo estimular da parte dos jockeys o cumprimento de seus deveres.

L. M. BASTOS.

A VIDA ELEGANTE

Apezar dos chuviscos que nestes ultimos dias têm enflaxado os transeuntes por essas ruas da cidade, as gentis frequentadoras do Club de S. Christovam, caprichosamente preparadas, deixaram as suas casas no sabbado á noite e foram até aos salões d'aquella sociedade, onde se effectuava uma magnifica *soirée* e tinha lugar o empossamento da nova directoria.

As danças, como é costume no Club de S. Christovam e nos demais clubs que sabem divertir os seus socios e convidados, prolongaram-se até pela madrugada na mais perfeita alegria, apezar da tristeza da noite.

A nova directoria do Club de S. Christovam, que deve servir no corrente anno, foi recebida com geraes applausos, proferindo algumas palavras com referencia á mesma o Sr. Dr. João Lara, vice-presidente da directoria passada e ficou assim constituída:

Presidente, Dr. Francisco da Silva Cunha; vice-presidente, Dr. José Maria Mendes Gonçalves; Le secretario, João Paulo Pimentel; 2.º dito, Viriato Felippe de Carvalho Rodrigues; thesoureiro, Luiz Ribeiro Guerra; 1.º procurador, Francisco José de Puga Garcia; 2.º dito, José Luiz Gomes Braga Assumpção.

Muitas venturas e muitos bailes é o que lhes deseja o

Lorgnon,

THEATROS

O *Biloutra*, a revista de 1885, de Arthur Azevedo e Moreira Sampaio, tem feito prezas no Lucinla. É um nunca acabar. Que bilontragem! To las as noites ha questões na porta do theatro porque todo o mundo quer bilhetes e no theatro, infelizmente para o Braga Junior, não cabe todo o mundo. Ah! se coubesse... que fortuna, seu Braga!... Você poderia cantar á vontade:

Povinho, vem commigo já
O que eu te dou ninguém te dá,
Nem te dará!

O sympathico e distincto actor Machado fez beneficio na quarta feira, no principio Imperial, com a popularissima

opereta *D. Juanita* e com a comelia em 1 acto *Amor e veneno*.

Além disso o beneficiado cantou a conconeta *Rondelini-Rondelinao*, escripta pelo nosso collega do *Diario de Noticias*, Oscar Pederneiras e postrem musica pela estimada maestra D. Francisca Gonzaga.

Como se vê, o Machado teve dedo para a sua festa artistica e não houve, com certeza, quem não accudisse ao chamado do Machado.

Realizou-se no dia 9 na Phenix Dramatica o beneficio da talentosa actrizinha Corina Dias. Subiu á scena *O Fogo do Céu* e uma comelia em 1 acto que diziam ser escripta pelo Dr. Luiz Guimarães Junior, mas que não o é. A comedia intitula-se *A Educanda*: uma menina enlutra a mãe que só tem beijos para lhe dar, obriga o tio, um velho tolo amigo das suas como li la les, a fazer de soldado, a saltar uma corda, a dançar uma polka e finalmente a calir num fadinho repenica lo.

A actrizinha Corina tomou conta do papel de educanda e fel-o com muita expressão. Por isso recebeu por parte dos espectadores muitos applausos e muitos *bouquets*. Recitou tambem umas quadrinhas do nosso companheiro Henrique de Magalhães.

A MULHER-HOMEM

Promette para hoje um quadro novo: — *Um maxixe na Cidade Nova*.

Deve lembrar-se o leitor de que no segundo acto, no 7.º quadro, Diógenes entra de bigode e pera, acompanhando uma mulatinha de curgo e que, dizendo-lhe esta que vai para um baile na Cidade Nova, Diógenes declara que — «está calido no maxixe!»; sahindo depois ambos com esse destino.

Pois é esse maxixe representado no quadro novo. O Vasques, de capadocio, cantará um lunlú de fazer chorar de gosto, o Guilherme cantará umas cousas electro-hilariantes e, por fim, to los, dançando e cantarão um bellissimo tango de D. Francisca Gonzaga.

Tem novo quadro to los os elementos para agradar ao publico. É o que esperamos ha de acontecer.

Amcu.

O CABOCLÓ

Na noticia que, no passado numero demos desta peça de Aluizio Azevedo e E. Roule, que vai ser levada á scena pelo Vasques, para seu beneficio, promettemos dar proxinamente o seu enredo. A este respeito recebemos uma carta dos auctores, que em seguida publicamos.

Sentimos não poder offerecer aos leitores a promettida novidade, que certamente muito lhes agradára, mas, confessando-o, têm razão os auctores em não desejar que seja desde agora conhecido o entredo do seu drama.

Eis a carta:

Rio de Janeiro, 11 de Fevereiro de 1885 — Valentim — Em a noticia que no ultimo numero do teu jornal delicaste ao *Caboclo*, e por cujas palavras de louvor nos achamos summamente penhorados, prometteste aos teus leitores dar-lhes no seguinte numero o entredo desse drama.

Até isto é justamente o que não nos convem de fórma alguma e o que te pedimos para não fazer.

É sempre prejudicial a todo e qualquer trabalho dramático a divulgan-

sação do seu enredo antes de ter sido a obra representada; porque, das duas uma: ou a peça é original, e nesse caso a publicação do enredo rouba ao publico a surpresa que lhe estava reservada; ou a peça não tem novidade alguma e então, com publicar-se o entredo nada mais se consegue do que prevenir contra ella o espirito publico e antecipar-lhe a que la.

« Ora, hás de confessar que não teremos muito empenho em abreviar a queda do *Caboclo* e muito menos desejamos que semelhante queda venha a desmentir o que *A Semana* prophétisára sobre elle. Preferimos até que não nos des uma palavra de elogio a respeito do drama enquanto não se souber ao certo qual será o seu destino perante S. Ex. o Publico, porque, nosso amigo, não faltará por ali quem se lembre de emprestar ás tuas palavras uma intenção commercial de louvores trocados. E, para sermos *amolados* a este respeito, basta já o muito que temos sido até hoje por aquelles a quem nunca deste um elogio.

Teus amigos — *Emilio Roxede* — *Abuzio Azevedo*.

P. TALMA.

COLLABORAÇÃO

(A ARTHUR MENDES)

Dites-lui... qu'en mourant je le nommais encore!...
L'amirne (*Sapho*; elegia)

Naquelle dia, o dia foi rompendo
Mais seductor que em outro qualquer dia;
E Sapho a seu amor só ia vendendo,
Cega de a ver só vendo o que não via!

O vendaval de Lesbos, se detendo,
Por mais ouvir-lha as magoas que lhe ouvia,
Parava; ora acalmado, ora fervendo
O mar, sob a Leucade, outras gemia;

E a vaga, em pó, subindo o escolho duro,
Fiz-lhe as quentes lagrimas levando
Sobre o aljofir que o sol dava lhe puro.

— Phion... — por fim ge me de amara lo,
Foi para o mar... E o mar, ten-lo a no e curo
Perolifero braço, a foi levando...

Setembro—1885

EDMUNDO DE BARROS.

FACTOS E NOTICIAS

O Club dos Fenianos, um dos melhores clubs carnavalescos que temos nesta heroica cidade de S. Sebastião, abre hoje os seus novos e opulentos salões para receber os seus convidados e socios. Para isso annuncia-nos um baile de truz! Ah, doidas sylphides! Ah! cripinhos de massada! Ah abysmos!... Ha o diabo! Pois ao diabo as maguas! Lá estaremos senhores *fenianos*... para receber, além das amabilidades e cortezias da directoria, e com especialidade do Albatroz, vosso digno secretario, uma taça de champagne, para esgotal-a á vossa saude e ás vossas prosperidades...

Até logo.

Está n'arte o poeta Soares de Souza Junior, distincto collaborador d' *A Semana*.

Realiza-se hoje a partida do corrente mez do Grupo Familiar, de Niecheroy

Foi transferida para a proxima quinta-feira no juizo do 8º districto criminal a exhibição do autographo da gazetilha do *Jornal do Commercio* em que foi, a pedido ou ordem da policia, injuriado brutalmente e accusado o Sr. João Clapp como gerente da *Perseranca Brasileira*, de haver procedido menos lisamente quanto ao peculio de uma escrava; accusação da qual aquelle cavalheiro plenamente se defendeu com declaração escripta do proprio senhor da escrava.

E' de crer que ainda d'esta vez seja apresentado pelo *Jornal* como responsável pela *Gazetilha* o conhecido e já famoso Romão José de Lima.

Por isso é que o *Zig-Zag*, da *Gazeta* chama collega ao Romão!

Inaugurar-se-á no dia 19 do corrente no theatro Polytheama a grande *kermesse* promovida pelo *Sport-Club* em favor do Lyceu de Artes e Officios, a benemerita instituição de ensino gratuito que necessita de novos recursos pecuniarios para fazer obras de que não pode prescindir.

A *kermesse*, que promete ser brilhantissima, deverá encerrar-se a 6 de Março.

FALLECIMENTOS

Falleceu o distincto engenheiro Luiz Monteiro Caminho, inspector dos engenheiros centrais do Sul. Era um funcionario zeloso activo e cavalheiro muito estimavel pelos seus dotes de espirito e coração.

Temos tambem a registrar o fallecimento do Sr. Manoel Gonçalves Coelho Junior, 1º official da secretaria de Estado dos negocios da Guerra.

RECEBEMOS

—*Jockey-Club*—Relatorio dos trabalhos sociaes d'este importante club, apresentado á assemblea geral na sessão ordinaria de 29 de Dezembro de 1885 pelo 1º Secretario, José Rodrigues de Azevedo Pinheiro, junior.

—*Corymbo*—ns. 7 e 8—Revista mensal dirigida pela distincta escriptora rio-grandense D. Revocata H. de Meilo. Como sempre—sentillante e digna de leitura.

—*These de Concurso* á cadeira de portuguez do 2º ao 5º anno do Externato do Imperial Collegio D. Pedro II, apresentada por Viriato de Souza Guimarães.

—*Correio da Europa*—(Edição para o Brazil) 7º anno n. 2—

—*O Gaturamo*— n. 13—Saltitante como elle só.

—*These* do Dr. Alfredo Gomes á cadeira de portuguez do 2º ao 5º anno do Externato do Imperial Collegio de Pedro II.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Portuguez, francez e Inglez—Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Dr. Henrique de Sá, especialista de syphilis e molestias das crianças.—Rua Primeiro de Março, 22 (consultas do meio-dia ás 2 horas)—Residencia: Rua de S. Clemente, 165 A.

QUEM QUER RIR-SE?

COMPREM O

BISBILHOTEIRO FAMILIAR

DE

A. XAVIER DE ASSIS

A' venda em todas as livrarias a 1\$000

CHRONICA FRANCO-BRAZILEIRA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

EM PARIZ

REDACÇÃO—CHEFE: Lopes Trovão.
ADMINISTRADOR: F. Castelli.

ASSIGNATURAS PARA O BRAZIL

Um anno.	10\$000
Seis mezes	6\$000

Tomam-se assignaturas e annuncios no escriptorio DA SEMANA.

DR. GONZAGA FILHO

CONSULTORIO E RESIDENCIA

Rua Visconde de Inhaúma, 61

CONSULTAS DE 12 ÁS 3 DA TARDE

Especialidades:

Febres em geral, molestias pulmonares e do coração.

TYPOGRAPHIA

A typographia d'A SEMANA, ultimamente montada, dispondo de uma boa escolha de typo inteiramente novo, aceita quaesquer encomendas de obras, poesias, annuncios, etc. etc.

PREÇOS BARATISSIMOS

TRATA-SE NO ESCRIPTORIO DA EMPREZA

36 Travessa do Ouvidor 36

Esquina da rua do Ouvidor

DR. RRAUJO FILHO

MEDICO PARTEIRO

RESIDENCIA

Rua do Visconde do Rio Branco n. 36

MOLESTIAS DA PELLE E SYPHILIS

ESPECIALISTA

DR. SILVA ARAUJO

RUA DA URUGUAYANA, 57

de 12 ás 3 horas da tarde

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRECÇÃO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Theroza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

OBRA S

à venda no escriptorio desta folha:

DE VALENTIM MAGALHÃES

QUADROS E CONTOS

por 2\$000.

COLOMBO E NENÊ

poemeto, 1\$000.

DO MESMO E FILINTO D'ALMEIDA:

O GRAN GALEOTO

tradução do drama de Echegaray, 1\$000.

DE ALFREDO DE SOUZA

AURORAS

versos, 2\$000.

DE L. MURAT:

QUATRO POEMAS

versos, 1\$500.

DE AMERICO LOBO:

EVANGELINA

tradução do poemeto de Longfellow, 2\$000.

DE PEDRO AMERICO

O Holocausto

romance, 2\$500

PRADO VILLA-ISABEL

PROGRAMMA CERAL

PARA A

PRIMEIRA CORRIDA QUE DEVE REALIZAR-SE

AMANHÃ, DOMINGO 11 DE FEVEREIRO DE 1886

Primeiro pareo — ANIMAÇÃO — Distancia 1.000 metros — Inteiros e eguas nacionaes até meio sangue — Premios 300\$ ao primeiro e 80\$ ao segundo.

Nº	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	<i>Bitter</i>	Preto.....	4 annos	S. Paulo.....	55 kilos	Azul e estrellas côr de ouro	E. M.
2	<i>Nicoafy</i>	Castanho....	3 »	Paraná.....	59 »	Encarna lo e ouro.....	M. P.
3	<i>Druid</i>	Tordilho....	3 »	R. de Janeiro.	50 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
4	<i>Biscaia</i>	Alazão.....	3 »	S. Paulo.....	49 »	Ouro e facha.....	Freitas & Guimarães.
5	<i>Africa</i>	Preto.....	7 »	Paraná.....	54 »	Encarna lo branco e ouro..	L. V.
6	<i>Guanaco</i>	Alazão.....	7 »	Idem.....	55 »	Vermelho e preto.....	Coud. Ypiranga.
7	<i>Aranha</i>	Idem.....	4 »	S. Paulo.....	52 »	Vermelho.....	Idem.
8	<i>Bonita</i>	Idem.....	4 »	Idem.....	52 »	José Machado.
9	<i>Dinorah</i>	Castanho....	3 »	R. de Janeiro.	51 »	Verde e amarello.....	Coud. Independencia.
10	<i>Pretoria</i>	Libuno.....	5 »	S. Paulo.....	56 »	Azul e creme.....	A. Caparica.

Segundo pareo — CONCILIAÇÃO — Distancia 1.609 metros — Animaes de menos de meio sangue — Premios: 250\$ ao primeiro e 70\$ ao segundo.

1	<i>Eucharis</i>	Tordilho....	5 annos	Paraná.....	57 kilos	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
2	<i>Sultão</i>	Libuno.....	3 »	Minas Geraes	48 »	Grenat e azul.....	J. F. Vaz.
3	<i>Savana</i>	Castanho....	4 »	Rio Grande...	59 »	Ouro e cinza.....	F. G.

Terceiro pareo INTERNACIONAL — Distancia 1.000 metros — Animaes estrangeiros até puro sangue — Premios: 400\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo.

1	<i>Pansy</i>	Zaino.....	2 annos	Río da Prata.	48 kilos	Azul e estrellas côr de ouro	A. E. de Oliveira.
2	<i>Garibaldi</i>	Alazão.....	6 »	Idem.....	60 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
3	<i>Gazida</i>	Idem.....	3 »	França.....	52 »	Azul e ouro.....	Coud. Luso.
4	<i>Victoria</i>	Zaino.....	2 »	Inglaterra...	47 »	Vermelho.....	Coud. Ypiranga.
5	<i>Sornette</i>	Idem.....	4 »	França.....	55 »	Grenat e azul.....	Coudelaria Paraíso.
6	<i>Curubayá</i>	Idem.....	5 »	Inglaterra...	57 »	Preto e encarnado.....	D. F. P.

Quarto pareo — VILLA-ISABEL — Distancia 1.300 metros — Inteiros e eguas nacionaes de meio sangue — Premios: 400\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo.

1	<i>Druid</i>	Tordilho....	3 annos	R. de Janeiro.	48 kilos	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
2	<i>Italia</i>	Castanho....	3 »	S. Paulo.....	47 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Luso.
3	<i>Africa</i>	Preto.....	7 »	Paraná.....	53 »	Encarnado, branco e ouro..	L. V.
4	<i>Aurora</i>	Alazão.....	3 »	S. Paulo.....	47 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
5	<i>Bonita</i>	Idem.....	4 »	Idem.....	50 »	José Machado.
6	<i>Dinorah</i>	Castanho....	3 »	R. de Janeiro.	49 »	Verde e amarello.....	Coud. Independencia.
7	<i>Pretoria</i>	Libuno.....	5 »	S. Paulo.....	53 »	Azul e creme.....	A. Caparica.

Quinto pareo — OMNIBUS — Distancia 1.609 metros — Animaes de puro sangue — Premios: 800\$ ao primeiro e 300\$ ao segundo.

1	<i>Curubayá</i>	Zaino.....	5 annos	Inglaterra...	56 kilos	Preto e encarnado.....	D. F. P.
2	<i>Françoise</i>	Alazão.....	3 »	França.....	50 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
3	<i>Gazida</i>	Idem.....	3 »	Idem.....	50 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Luso.
4	<i>Bella Alliança</i>	Idem.....	3 »	Inglaterra...	50 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
5	<i>Saphira</i>	Zaino.....	4 »	França.....	50 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Confiança.
6	<i>Bolívar</i>	Castanho....	7 »	Idem.....	57 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.

Sexto pareo — PROGRESSO — Distancia 1.609 metros — Inteiros e eguas nacionaes de meio sangue — Premios: 500\$ ao primeiro e 150\$ ao segundo.

1	<i>Bitter</i>	Preto.....	4 annos	S. Paulo.....	51 kilos	Azul e estrellas cor de ouro	E. M.
2	<i>Nicoafy</i>	Castanho....	3 »	Paraná.....	48 »	Encarnado e ouro.....	M. P.
3	<i>Alteza</i>	Libuno.....	5 »	S. Paulo.....	53 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
4	<i>Guanaco</i>	Alazão.....	7 »	Paraná.....	54 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
5	<i>Regalia</i>	Vermelho....	5 »	S. Paulo.....	57 »	Verde e amarello.....	Coud. Independencia.

Setimo pareo — CRIADORES — Distancia 1.300 metros — Animaes de menos de meio sangue — Premios: 200\$ ao primeiro e 60\$ ao segundo.

1	<i>Zizania</i>	Castanho....	4 annos	R. de Janeiro.	50 kilos	Azul e estrellas cor de ouro	E. M.
2	<i>Eucharis</i>	Tordilho....	5 »	Paraná.....	57 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
3	<i>Verbena</i>	Castanho....	3 »	R. de Janeiro.	47 »	Ouro e facha.....	Freitas & Guimarães.
4	<i>Buchinha</i>	Idem.....	3 »	S. Paulo.....	47 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
5	<i>Sultão</i>	Libuno.....	3 »	Minas Geraes	48 »	Grenat e azul.....	J. F. Vaz.
6	<i>Savana</i>	Castanho....	4 »	Rio Grande...	52 »	Ouro e cinza.....	F. G.
7	<i>Bucho</i>	Zaino.....	5 »	S. Paulo.....	54 »	Branco e encarnado.....	J. M.

OBSERVAÇÕES. — Roga-se aos Srs. proprietarios o obsequio de terem os animaes inscriptos no primeiro pareo ás 11 horas no ensilhamento. — R. DE CARVALHO, 2º secretario.

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 20 DE FEVEREIRO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 60.

REDACÇÃO E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, N. 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

SUMMARIO

Expediente.....	
Historia dos sete dias.....	J. DO EGYPTO.
Octaviano Hudson.....	V. MAGALHÃES.
Suicídio de uma familia.....	A. BATAILLE.
O rocim de Sancho.....	J. S. MONTEIRO.
Jornaes e revistas.....	M. VALENTE.
Sociedade internacional de estudos brazileiros.....	
Correio litterario.....	
Poesia e poetas.....	A. DE SOUZA
Cofre das graças.....	BIBIANO.
Louca de amor.....	B. DE OLIVEIRA.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Theatros.....	P. TALMA.
Paginas esquecidas, poe- sia de.....	B. GUIMARÃES.
Factos e Noticias.....	
Contos a premio.....	
Recebemos.....	
Anuncios.....	

EXPEDIENTE

GERENTE

F. D'ALMEIDA

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

ASSIGNATURAS

CORTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	1\$000
Anno.....	2\$000

Os senhores que tomarem uma assignatura d'A Semana por todo o anno le 1886 terão direito a um dos seguintes premios, á sua escolha:

VINTE CONTOS, POR VALENTIM MAGALHÃES.—Este livro, que se está imprimindo nas officinas d'A Semana, foi expressamente feito para ser distribuido como premio aos assignantes d'esta folha. Conterá mais de duzentas paginas em superior papel, com uma capa de fantasia.

NÃO SERÁ POSTO Á VENDA.

Assim, os que tomarem uma assignatura d'A Semana por um anno, e somente esses, terão direito a um exemplar

d'essa obra, que, a ser vendida não o seria por menos de 3\$000, o volume.

AURORAS, versos, por Alfredo de Souza; encadernação de luxo.

O HOLOCAUSTO, romance de Pedro Americo de Figueiredo.

MARGARITAS, poesias da distincta poetisa D. Adelfina Amelia Lopes Vieira; um bello volume.

Aos senhores assignantes de seis mezes daremos como premio QUATRO POEMAS, por Luiz Murat, um exemplar das AURORAS, brochado, ou TYPUS EM PROSA E VERSO, de A. Lopes Cardoso.

N. B.— Os senhores que assignaram A Semana por um anno, a terminar em Dezembro de 1885, receberão, segundo promettemos, um exemplar dos VINTE CONTOS.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Continúa na chefia de policia d'esta capocirosa cidade o Sr. desembargador Coelho Bastos, apesar da guerra desesperada, do tirotoio incessante furioso que diariamente lhe faz a imprensa, com uma unanimidade excepcional e que seria mortifera se contra outro coelho fosse dirigido; apesar dos artigos dynamiticos da *Gazeta da Tarde*; apesar das ultimas *Cousas Politicas*, da *Gazeta*, que termináram com este balazio: «Talvez ainda, o Sr. Coelho Bastos consiga dominar pelo terror; respeito, já deve ter perdido a esperanza de impor a quem quer que seja, que tenha um pouco de dignidade e algum conhecimento dos homens e das cousas do nosso tempo.»; apesar de todas as inequivocas provas de desagrado que lhe tributa a população cujas vidas e propriedades lhe estão confiadas; apesar de tudo, de tudo, de tudo— S. Ex. continúa no seu cargo.

Porque?

Pela razão justamente d'aquella guerra, d'aquelle artigo e do desagrado geral.

S. Ex. tem o apoio do Imperador e do Governo: dispensa, portanto, o da imprensa e o da Opinião Publica. Quanto mais esta lhe fizer caretas, quanto mais aquella o atacar e repellir, mais firme ficará S. Ex. na sua poltrona da rua do Lavradio. E' de todo o interesse do Governo desprestigiá a imprensa, mostrar que ella nada pôde e que neste paiz existe unicamente um poder: o Poder.

Conseqüentemente, tomem os meus collegas o seguinte conselho,—que con-

tra a desvantagem de ser nosso, tem a vantagem de ser gratuito—: calen-se, não censurem mais o Sr. chefe de policia, passem mesmo a elogial-o discretamente, com sábia e perspicua habilitade, e não de ver como S. Ex. abandonará a tóca, de que tem sido impossível até hoje desencafiá-lo.

Cessem os tiros os infatigaveis caçadores e d'aquelles bastos matagaes da policia ha de por fim—sahir coelho.

Do contrario, perderão toda a sua polvora e todo o seu latim.

A questão agora já é de—birra.

Enquanto os jornaes lhe gritarem: —«Saia!» S. M. e o Governo lhe dirão: —«Não saia!» E S. Ex. continuará.

Passemos todos a pedir-lhe meloriosamente: —«Não saia!» e os outros, então, radiantes de triumpho, lhe dirão: — Bem: agora pode sair.

E como dos males o menor: —passemos a implorar ao Sr. chefe: —

— Não saia, Exm. não saia!

Tranquillise-se a lavoura, se é que ainda precisa de se tranquillisar. O que não seria para aduirar. Desde o ministerio Saraiva que a pobre lavoura não faz outra cousa; é natural que se tenha habituado a — tranquillisar-se.

Final, um pouco mais de tranquillidade não pode fazer-lhe mal. Tranquillise-se, portanto, a lavoura mais uma vez: — o Sr. barão de Cotegipe não tenciona apresentar ao parlamento nenhum projecto sobre o elemento servil, como fizeram crer infundadas indiscrições da imprensa. Eis a declaração do Sr. presidente do conselho pelo seu respeitavel porta-voz — o *Diario Official*:

« Não tem o menor fundamento boato de que o Sr. presidente do conselho pretende apresentar na proxima sessão legislativa um projecto para a extincção do elemento servil dentro do prazo de cinco annos.

« Até hoje não ha motivo para que S. Ex. tenha mudado da opinião que enunciou na sessão de 21 de Setembro do anno passado. »

Tomará a imprensa juizo depois d'esta declaração?

O Sr. barão de Cotegipe até o dia 16 do corrente (o *Diario Official* esqueceu-se de marcar a hora e foi pena) não tinha motivo para mudar da opinião que enunciou na sessão de 21 de Setembro de 1885.

Não é possível que S. Ex. ainda venha a ter um motivo para mudar da tal opinião; mas não é provavel.

Se o elemento servil, faz muito empenho em que tal aconteça dirija-se ao Padre Eterno e peça-lhe com quanta contricção e *padres-nossos* tiver á mão que — forneça ao Sr. barão um motivo-sinho que o faça mudar de opinião, approximando-o do seu celeberrimo e tão esquecido — *póde, quer e deve*.

Quanto a nós apenas podemos dizer: — Amen!

Um homem chamado Athanasio Chuchú pôde ter talento inventivo, pôde in-

ventar qualquer coisa — menos uma espingarda. Pois foi exactamente a coisa unica que Sr. Chuchú não podia nem devia inventar, foi essa que elle inventou.

Como Athanazio, ainda poderíamos conceder-lhe que inventasse pr'ahi qualquer coisa: uma pomba para os callos, uma nova forma de guarda-chuva, ou uma nova marca de cigarros; como *Chuchú*, porém, S. S. não tinha direito a inventar coisa nenhuma que não fosse de cozinha: uma cacarola, uma escumadeira, um espeto para *roast-beef*... Mas uma espingarda! Isso nunca!

Remington, Krupp, Lafouchée, são nomes proprios de inventores de armas mortíferas.

Possuem o *onomatopéismo* conveniente. Mas Chuchú! Não podemos crer que uma espingarda — *Chuchú* possa matar dois mil e quatrocentos homens em uma hora, a não ser — de riso!

Pouco nos importam as noticias das folhas e a opinião dos competentes, que affirmam o contrario. Não, não é possível.

Athanazio e Chuchú! — não, não é possível!

Olhe, não tomariamos ao serio a sua terrível arma, embora nos estirasse com ella, «morto da Silva»

Pois mesmo depois de morto, continuariamos a bradar-lhe:

— Não, Chuchú, não! não é possível!

A Ilma. Camara acaba de exigir dos fabricantes de balas em carrocinhas mais 500\$ para o *Livro de Ouro*. Esses infelizes já pagavam á Camara 117\$600, sendo 10\$ pela licença para fazer e vender balas, 100\$ pela joia para estacionar com a carrocinha em ponto certo, e pelo carimbo e numeração da carrocinha — 7\$600. Pois a Ilma. achou pouco e, por sua alta recreação, decretou novo imposto, e este de 500\$; de forma que aquelle conhecido *Ré dei caramellieri*, que reina ali no largo de S. Francisco, se quizer continuar a fazer e vender as suas balas terá de *cuspir* nos cofres insaciáveis da Camara nada menos de — 617\$600. Miseros baleiros! Juntamos as nossas supplicas ás do *Jornal do Commercio*: — piedade para com aquelle pobre monarcha dos rebuçados. Donativos adquiridos á custa de verdadeiras extorsões, philantropia á força de violencia e illegalidade não são donativos nem philantropia.

S. M. a Imperatriz, cujo anniversario a Ilma. quer celebrar, libertando escravos, não ficará por certo contente ao saber que aquellas cartas de liberdade foram adquiridas á custa do suor e do assucar dos pequenos industriaes.

Suspenda a Ilma. a sua cruel tributação, que lhe offerecemos cousa melhor para compensar-lhe a falta. Ah! vai:

Imponha aquella taxa aos baleiros... da *Gazeta de Noticias*, *Lulú Senior*, *Decio*, *Zig-Zug*, *Lelio*, *João Bigode*, *Publicola*... et *réliqua* são fabricantes de balas muito mais procuradas e perigosas, — porque não é de assucar que principalmente são feitas, — do que as dos pobres confeiteiros ambulantes. Sejam elles os tributados. Paguem elles as favas, quer dizer: — as balas.

JOSE DO EGYPTO.

Publicaremos no proximo numero uma excellente carta do nosso distincto collaborador Emilio Rouède ao Sr. Felix Ferreira, a proposito do seu folheto sobre a «Sociedade Bibliographica.»

OCTAVIANO HUDSON

Repousa hoje no eterno somno um dos homens mais populares, mais vistos, mais conhecidos, e, não obstante, um dos mais obscuros e humilhes d'esta cidade.

Quem não conhecem o Hudson?

Quem ignorava que aquelle homem, já affastado da juventude, pallido, de grandes cabellos e grandes barbas descuradas, longa sobrecasaca de abas ao vento, olhos pensativos, physionomia ascética, bondosa, sempre activo e sempre discreto, surgindo em meio da indigencia e dos soffrimentos como um acaso providencial e desaparecendo como uma sombra, quem ignorava que aquelle homem era o Hudson, o poeta da *Musa do Povo*, o eterno pedinte em nome da infancia sem pão e sem luz?

Todos o sabiam e por isso estimavam-no todos.

Alguns riam-se d'elle.

Não de escarneo ou de mófa.

Riam-se, porque elle, coitado, com o seu legendario deslinho de roupas e com a sua completa indifferença por todas as galas da vida e com o seu absoluto desprezo pelas grandezas pequenas da vaidade e das falsas glorias, era um typo original, extraordinario, unico na sociedade em que vivia.

Todos o sabiam intelligente, laborioso e bom. E se despertava o riso era por ser inoffensivo. A sociedade teme e linsongea os máus, detesta-os; estima os bons, mas ri-se dos inoffensivos. Ora o Hudson era uma e outra cousa.

Por isso riam-se d'elle alguns, estimando-o todos.

A ignorancia, a fraqueza e o desvalimento tinham nelle o seu «irmão Ignacio.»

Pelas suas mãos honradas, sempre estendidas a esmolar, passaram muitos contos de réis, sem que d'ellas uma so moeda resvalasse para a sua algibeira sempre vazia.

Distribuiu fortunas pelos pobres — aquelle pobre.

Na sua modesta e nem sempre harmoniosa *Musa*, que elle chamou *do Povo*, porque por elle cantava e pedia, não deixou nunca de ecoar um soluço de desgraça nem um hymno de triumpho.

Com suas singelas sextilhas, apropriadas á intelligencia popular, prestou o Hudson muitos e bons serviços á Caridade e á Instrucção Publica.

Esta verdade não soffrerá com a recordação dos epigrammas e facécias com que foi muitas vezes alfinetada a *Musa do Povo*.

Apressemos-nos a registrar outra verdade que honra muitissimo a memoria do heroico e despretencioso trabalhador da imprensa, hoje sepulto.

E' esta: — Em meio das acensações e das pilherias de que foi victima por vezes, nunca a sua honestidade foi suspeitada, nunca o seu desinteresse foi posto em duvida.

De mocidade fogosa, talvez irreflectida algumas vezes, a sabia e dolorosa experiencia do tempo fez de Octaviano Hudson um homem util, menos para si que para todos, trabalhador indefesso e cidadão honrado.

Entre os innumerados beneficios que fez á infancia não póde ser esquecido o seu methodo de leitura, anterior ao de João de Deus, segundo creio, e de grandes vantagens practicas.

E' curioso o que vou dizer: — Não conheci pessoalmente o companheiro de lides jornalisticas que acaba de cahir. Não houve nunca oppertunidade que fizesse o nosso mutuo conhecimento.

Apenas uma vez troquei com elle duas ou tres palavras. Foi na festa do encerramento dos trabalhos do Instituto dos Sordos-Mudos, Hudson, admiradissimo pelas maravilhosas provas de lingoagem articulada, apresentadas, pelo Dr. Menezes Vieira, fez-me não sei que pergunta, á qual respondi.

E nunca mais trocámos palavra.

A occasião em que por mais tempo estive perto do Hudson foi no sabbado passado, em que cumpri o tristissimo dever de, representando esta folha, acompanhar o seu calaver ao derradeiro pouso.

O nome do fallecido *reporter* do *Jornal do Commercio* ha de ficar na historia do jornalismo brasileiro; não como o de um jornalista notavel, mas sim como o do homem da nossa imprensa que d'ella mais se aproveitou em beneficio de todos os que padecem fome de pão ou de luz, com especialidade das crianças, com as quaes repartia, christãmente, todos os thesouros do seu coração e todos os proventos do seu trabalho.

VALENTIM MAGALHÃES.

O enterro do antigo e probo auxiliar do *Jornal do Commercio* foi dos mais concorridos e dos mais significativamente pomposos a que temos assistido.

Além da imprensa da Corte, que se fez representar em sua totalidade pelos directores das folhas como por seus redactores e reporters, estiveram presentes numerosos amigos do finado, alguns de elevada posição social e politica, commissões representativas de varios estabelecimentos de Caridade e Educação etc.

O caixão ficou inteiramente coberto por grinaldas e coroas funebres, entre as quaes uma, de grande valor, enviada pela Exma. Sra. D. Amanda Parana-guá Doria; e entre as grinaldas via-se um livro symbolico, homenagem dos reporters, no qual, atravessado por uma

penna e um lapis, liam-se as palavras: *Trabalho, Peregrinas e Caridade*.

O rosto do finado foi coberto por um lenço de cambraia, de finissimas rendas, enviado para esse fim pela Exma. Sra. D. Leocadia de Araujo.

Do alto da lajeira do Barão de Guaratiba o caixão foi conduzido à mão pelos collegas da reportagem até à rua do Cattete: d'ahi levado a pequena distancia para o carro pelos Srs. Boccayva, Ferreira de Araujo, José do Patrocínio, Angelo Agostini, Valentim Magalhães e Luiz de Castro. No cemiterio levaram o caixão à carneira os Srs. Visconde do Parangará, conselheiro Doria, Dr. Cláudio Rosa, Souza Ferreira, H. Villeneuve e Bernardino Gonçalves. Junto da sepultura oraram os Srs. Achilles Varejão, Arthur Ferreira Vianna e Arthur Palmeira Ripper, alumno do collegio Amorim Carvalho.

Nesse enterramento honrosissimo, nos artigos de toda a imprensa, e com especialidade no artigo de fundo — homenagem rarissima — que lhe deu o *Jornal do Commercio*, em todas as manifestações de pesar pelo fallecimento de Octaviano Hudson se patenteou que esse homem, na sua obscuridade e na sua pobreza, era um dos mais dignos da estima e da consideração geraes que nunca lhe faltaram.

Por iniciativa do *Jornal do Commercio*, acha-se aberta na imprensa uma subscrição publica para collocação de uma lapide de marmore no tumulo d'aquelle que nson em vida do sympathico e honrado nome de Octaviano Hudson. Adherimos de coração a essa idéa, á qual offerecemos a fraqueza dos nossos recursos.

Na quinta feira, sétimo dia do pasamento do cantor das *Peregrinas*, reeson-se na igreja de S. Francisco de Paula uma solemne missa em que officiou o Exm. vigario geral do bispado, acolythado pelo Dr. Antonio Manoel dos Reis, e um rellactor da *Vanguarda*, servindo de presbytero assistente o Rm. padre Mutum.

Dez minutos antes da missa foi executada, no coro, á grande orchestra, sob a regencia do maestro Cavalier, a *Marche funebre*, do Sr. L. Lambert Filho, e durante o officio a *Elegie marche*, do Sr. L. Lambert.

A igreja estava repleta. Toda a redacção do *Jornal do Commercio*, a imprensa da Corte em sua totalidade, directores de estabelecimentos pios e educativos, professores e alumnos das escolas municipaes e numerosos amigos do finado, rendiam ao honesto e chorado apostolo da Caridade e da Instrucção o derradeiro preito de admiracão e sympathia.

A *Semana* fez-se representar pelo seu director.

SUICIDIO DE UMA FAMILIA

CASO HORROROSO!

Da *Gazeta dos Tribunes*, do *Figaro*, de 17 do mez passado, traduzimos a seguinte narrativa de um crime hediondo, inteiramente novo nos annaes

judiciarios, que envolve um dos mais dolorosos dramas reaes de que temos noticia, e que, se fora romance, seria considerado o cumulo do exaggero e da inverosimilhança.

Fale o chronista judiciario do *Figaro*:

«A imaginação dos romancistas nada conceberá de tão pungente como o drama da vi la real de que nos deu o desenlace o corrio de Quimper.

Francisco Paul, o accusado (Paul é o nome de familia), era um pobre cultivador, dos arrelores de Brest. Tendo obtido baixa do serviço militar em 1875, cazou-se. Tres fillos lhe nasceram e, no principio do ultimo outomno, a mulher de Paul achou-se grvida pela quarta vez.

Era desoladora a miseria d'esta familia. Todas as tentativas de melhorar de sorte feitas pelo chefe, falharam-lhe. Vio-se obrigado a fechar a sua miseravel taverna, depois de abandonar uma pequena quinta que não pudera continuar a cultivar por falta de recursos.

Acabrunhado pela fatalidade, sem dinheiro, sem pão, devendo 50 francos ao paleiro e não tendo por vestes senão miseraveis andrajos, Paul resolveu suicidar-se com sua mulher e seus tres fillos. Comprou com a ultima moeda de cinco francos que possuia um par de meias de lã e uns tamanquinhos para sua filha Maria Yvonne para quem não fizesse descalça a sua ultima caminhada e na manhã de 3 de Setembro, depois de feitos os adeuses ao resto da familia, o pa e a mãe partiram com os tres fillos.

Tomaram o caminho do mar, o caminho da morte!

Paulo levava no collo o pequeno, Eugenio Olivier, de tres annos; a sua mulher apertava ao seio a mais novinha, a pequena Maria Yvonne, enquanto seguita a pé entre os esposos a mais velha, Maria Francisca, de 5 annos.

Chegado perto dos roche los, no lugar denominado «Rhodi» Paul comprehendeu que, tanto a mulher como as crianças não poderiam descer á praia sem o seu auxilio; levou-as elle proprio até á beira da praia.

Um barco de pesca ancorava a alguma distancia, Paul fez sentar sobre as pedras a mulher e os fillos e esperou pacientemente a partida dos pescadores.

Quando a embarcação se fez ao largo, o desgraçado tomou nos braços o rapazinho, a mulher fez o mesmo com a pequenita Maria Yvonne, e dando cada um a mão á mais velhinha metteram-se pelo mar.

A maré baixava e tiveram de andar muito para chegar ao redemoinho que deveria tragal-os. Emfim, quebrou-se a cadeia funebre. A mãe, fulminada por uma congestão, cahiu, primeiro, com a pequenita que levava ao collo, arrastando consigo Maria Francisca, á qual dava a mão.

Instantes depois Paul abre os braços por sua vez e agarran lo o filho que se lhe estreitava desesperadamente ao pescoco, pree piton-o no abysmo.

So elle restava. Teve medo!
E, desambaraca lo então do cacho humano que arrastara consigo, recuou e alcançou rapidamente a praia. Foi encontra lo por alguns pescadores quasi exanime sobre o penhasco, o rosto de encontro á areia, chorando amargamente, e sperando — dizia elle — que a baixa-mar trouxesse á praia os quatro cadaveres.

— Eu quiz viver, exclamou o miseravel, quiz viver para que elles fossem enterrados em sagrado.

Auxiliaram-n'o a levar as desgraçadas victimas á igreja da villa. Depois o pa e foi entregar-se expontaneamente á policia.

Esse desesperado acaba de responder ao jury de Finistere, accusado de haver assassinado sua mulher e seus tres fillos. O jury teve em sua presença um homem cuja dor compungia e que reclamava para si a pena de morte em gritos angustiosos:

«Senhoi presidente—respondeu Paul ao Conselheiro Perussel, que dirigia os debates — eu sou mais desgraçado do que o foram meus fillos e a minha pobre defuncta. Tire-me a vida: mandae-me atar de mãos e pés e lancar-me ao mar. Não tenho medo da morte. Matar-me, mas não me tortureis, não me fatiguis com perguntas, que vos não responderei mais.»

A accusação foi feita pelo Sr. Fretan I, procurador da Republica, que pediu a pena ultima.

Mas, abalado pela commovente defeza do advogado Cormier, que allegou a irresponsabilidade e a loucura, o jury bretão reconheceu circumstancias atenuantes e concedeu-lhe, em vez da pena de morte — triste graça! — a pena de trabalhos forçados por toda a vida.

ALBERT BATAILLE.

O RUCIN DE SANCIO

Vivi a vida austera e nobremente etc, sentindo, como um rei seu regio farlo, dura albarda a pizar-me o dorso pardo, duro freio a trilhar-me o beigo quente.

Prático, digno, o miserando nardo da estrophe alada, vii la e fremente, não preferi jamais ao brando carlo — ao banal nos dictames de um prudente.

Morro, mas fica a minha essencia pura. «O sabio não vae todo á sepultura», embora esboie o derradeiro alento.

Renaço eterno em outros... Não recio que se apaguem os echos do meu seio em quanto houver no mundo um parlamento.

J. DE SOUZA MONTEIRO.

JORNAES E REVISTAS

Acaba de entrar no seu terceiro anno de existencia *A Illustração*, revista de Portugal e do Brazil, de que era director e hoje é director-proprietario o Sr. Mariano Pina.

O n. 1.º do 3.º anno é interessantissimo. Dâ-nos o retrato de D. Fernando, — o fallecido rei-artista, cuja memoria tanto tem sido ultimamente arrastada pelas ruas da amargura, — um excellente retrato; gravuras do Palacio das Necessidades, do Castello da Pena, um retrato de D. Maria II, primeira esposa d'el-rei D. Fernando, finnaes de D. Alfonso XII e uma admiravel gravura,

reproduzindo um trecho do magnifico quadro de Ribot—*Os velhos pergaminhos*.

Da *Chronica*, em que Mariano Pina delinea com felicidade o perfil do fallecido monarca portuguez, transcrevemos o seguinte trecho que é mais uma prova de que D. Fernando era uma grande alma de artista e auctoridade competentissima em coisas de bellas-artes.

Mariano Pina encontrara-se com elle na «Exposição das 100 obras primas do seculo XIX» na Galeria Georges Petit e examinava os quadros expostos em companhia do chronista: «Foi nessa tarde—diz este—que eu admirei em D. Fernando o amator entusiasta de obras d'arte e o grande conhecedor de quadros.

«De cada uma das obras expostas, conhecia a origem e a historia. A primeira vista, sem precisar recorrer ao catalogo, como qualquer *expert* de pintura, reconhecia pelas paredes as piazagens de Diaz, de Daubigny, de Rousseau, de Corot ou de Courbet. Não porque elle os tivesse visto já em alguma exposição ou galeria,—porque muitas pertenciam a colleccionadores inglezes, austriacos, americanos, muitas tinham vindo de Londres, de Vienna, de New-York,—mas porque reconhecia por seu caracter de personalidade, pelo seu estylo, pela sua *maneira*, como se diz nos ateliers, os auctores.

«É o mesmo que entrar numa bibliotheca, encontrar espalhadas paginas de livros differentes, e reconhecer nessas paginas, sem titulo e sem assignatura, os auctores, as paginas que foram escriptas por Julio Diniz, Camillo, Rebello da Silva, Teixeira de Vasconcellos, Chagas ou Ramalho.

«E assim ia apontando todas as telas, uma a uma, sem hesitar, sem se enganar nunca, como se fossem quadros da sua galeria, que elle estivesse habituado a ver todos os dias. E não só reconhecia pela pintura o artista, mas, o que ainda é mais,—qualidade preciosa e rara num colleccionador que não vivia em Paris, em pleno meio artistico—determinar na série de quadros de cada artista em exposição, os que pertenciam á primeira ou á ultima *maneira* do pintor.»

Felicitamos o illustre director d'*A Illustração* por haver esta gloriosamente entrado em seu terceiro anno.

Temos sobre a meza o n. 21 d'*O Domingo*, a nossa congenere collega de S. João d'El-Rey. Graças aos indefessos esforços de seus redactores, os talentosos e pertinazes moços Jorge Rodrigues e José Braga, aquelle hebdomadario,—que nos fez a honra de nos tomar por modelo, ao vir á luz,—tem conseguido galgar todas as barreiras, vadear o dormente Amazonas da indifferença publica, varar todas as difficuldades, e ahí va elle, intrepidamente, na sua bella carreira. Eis as impressões que nos deixou este numero:

É criterioso e bem lançado o artigo de Jorge Rodrigues sobre o excellente livro de Luiz de Andrade *Quadros de hontem e de hoje*. Donicio Gama, novo collaborador d'*O Domingo*,—com o qual terá este, ao que parece, muito a ganhar,—assigna uma interessante conto *As calças do Manoel Dias*, gracioso e escripto com estylo desprezencioso e correcto.

A treplica que nos *Primeiros espinhos* dá J. R. ao seu talentoso collega Alfredo Pujol, a proposito de um conto do Sr. Tancredo de Mello, ha tempos

publicado n'*O Domingo*, é sensata, commedida e, sobre todas, tem a rara qualidade de ser extremamente delicada. Assim, de facto, é que devem discutir collegas que se respeitam mutuamente, e aos seus proprios nomes. Todavia, nesse artigo, encontramos alguma cousa pouco digna de nelle figurar—por não ter nenhuma importancia para os leitores. Tal é a parte relativa ao director d'*A Semana*. Dá-nos este procuração bastante para declarar-o, agradecendo, com tudo, penhoradissimo, tantas e tão grandes provas de benevolencia sympathia. Esteudem-se os poderes da dita procuração a nos auctorisar a responder ao Sr. J. R. que V. M. não tem effectivamente *olhos inquietos*, porque o diabo da myopia deu-lhe aos olhos,—que mesmo antes d'isso não eram espantosamente bellos—uma melancolica fixidez distrahida, que tem, comtudo, a vantagem de fingir ser o bem conhecido *ar abstracto e meditativo do genio*; e ao Sr. Pujol que o director d'*A Semana* não pertencia nos sandosos tempos da sua meninice ao numero dos *petizes* mais arreliados do *sante monton* e da *cabra-céga* e mais ferozmente apaixonados pelo salutar exercicio de extrahir *significados*.

Foi razoavelmente travesso e discretamente estudioso.

Fica, por esta forma, elucidado, para tranquillidade dos posteror, esse importantissimo ponto da biographia do nosso constituinte.

Quanto ao artigo critico sobre as *Cancões da aurora*,—de que tratou no ultimo numero d'esta folha o nosso collega Alfredo de Souza—devemos francamente manifestar o nosso desagrado. Foi injustissimo o critico para com o merecimento do livro do Sr. Francisco Lins. Os seus versos não são primorosos, é certo, mas muito acceptaveis e auspiciosos.

Não merece nenhuma poesia do volume a dura qualificação de *ultimo disparate em verso*. Os que o critico citou ironicamente como «um primor de metrificacão» são correctos como em geral—o são as *Cancões da aurora*. É cruelmente injusta a asserção de que «rara é a poesia do livro a que falte um attentado contra a grammatica ou contra o bom senso.»

Releia o critico desprezenciosamente o livro, despido de tão excessivo rigor, e ha de arrepender-se do que escreveu sobre o volume de estréa do jovem poeta mineiro, cujo nome lémos pela primeira vez na capa do seu livro.

Para terminar:—*A Semana* fez reparo no verso errado que se encontra na poesia do Sr. J. Rodrigues publicada no n. 18, porque o proprio Horacio não perdoaria a um poeta de talento e de futuro como o auctor das *Fugitivas*—versos errados.

Abre o n. 22 do mesmo periodico com um artigo, não assignado, em resposta ao que nesta folha escreveu Alfredo de Souza sobre as *Cancões da Aurora*, do Sr. Francisco Lins.

Este numero não desmerece dos anteriores, sendo como elles interessante e muito variado.

Estando já escripta e composta a noticia sobre o n. 21 d'*O Domingo*, que achua publicamos, somente no proximo numero poderá o nosso collega replicar ás observações do, por demais severo, critico d'*O Domingo*.

M. VALLATE.

Sociedade Internacional de Estudos Brazileiros

Eis o que sobre esta sociedade diz *Le Petit Journal* de 21 de Janeiro:

«Realizou-se, hontem, no *Lion d'Or*, o primeiro banquete da «Sociedade Internacional de Estudos Brazileiros.»

«Esta sociedade, novamente fundada pelo Sr. Sant'Anna Nery, tem por fim cimentar os laços que unem o Brazil á França, tanto sob o ponto de vista litterario e scientifico como sob o commercial e industrial.

«Os diversos *toasts* dos Srs. Araujo, Oliveira, Barral e outros, tiveram todos por fim manifestar aquella idéa.

«O presidente da sociedade, M. Levasseur, membro do Instituto, enunciou que: «os francezes mais que outros povos tinham grandes interesses no Brazil, interesses de que não sabiam aproveitar-se; a nova sociedade que se forma terá por fim principal por seu contacto directo e constante as duas nações e dar um impulso poderoso e fructifero ás letras, ás artes, ao commercio, á industria de nossos compatriotas no Brazil, e reciprocamente.»

«Não podemos deixar de applaudir o fim d'esta «Sociedade Internacional» e fazemos votos pelo seu bom resultado.»

Eis uma oportunidade excellente para dizer á França o que a respeito de propriedade litteraria e artistica se faz e se pensa no Brazil e o que nos convem, a nós e a ella, fazer para modificar o lamentavel estado actual.

CORREIO LITTERARIO

ERRATA

Além d'outras incorrecções typographicas mais graves, deram-se as seguintes no ultimo artigo d'esta secção:

«Cumpre que um rico saiba ser» em vez de—*o saiba ser*; e, na mesma phrase, enrequecido» por—*enriquecido*;

«que ha falta de symetria na construcção do setimo terceto...», em vez de—*ultimo terceto*,

Dentre os titulos das poesias citadas, «Noé» em lugar de *Nor*.

POESIA E POETAS

Quantas vezes,—ao tomarmos da penna que tem de trasladar para o papel as cousas que, sob o impulso de uma impressão, geraram-se no nosso cerebro e que não mais podem ali viver,—não meditamos nestes versos profunda-

mente serio que Boileau, o grande satyrico francez, escreveu no começo da sua maravilhosa *Arte Poetica*:

« C'est en vain qu'un Parnase un temeraire
auteur

Pense de l'art des vers atteindre la hauteur:
« S'il ne sent point du ciel l'influence secrète,
« Si son astre en naissant ne l'a formé poète,
« Dans son geine étroit il est toujours captif;
« Pour lui Phebus est sourd et Pégase est
etif.

E' que temos obrigação de respeitar publico que lê, que pensa e que, de volta de seus labores politicos ou de outra qualquer natureza, cuida ainda, por distracção ou sympathia, do movimento intellectual do nosso paiz.

Todo escriptor, para merecer tal nome, precisa ter, alem de uma boa dose de talento, de observação e de estudo, esta qualidade: —senso. Não basta saber encher tirns de papel com cadeias quasi infinitas de periodos; é preciso que pulpite nesses perios los alguma coisa que se imponha—a ideia; alguma coisa que brilliance e encanto — a forma. Escrever, escrever sem outro fito, é não passar além do *Words! Words! Words!* de Shakespeare.

O Sr. Oscar de Amaral acaba de oferecer-nos um volume do seu ultimo poema—*Norival*, que conta nada menos de 391 oitavas em alexandrinos; sendo 36 pertencentes a uma parte, que se intitula *Carta-Prologo*, e as demais a 11 cantos, com os seus respectivos e classicos argumentos.

Norival é um poema simples, tão simples que seriamos muito capazes de dizer que nada tem de poema, embora o seu auctor viesse provar-nos o contrario, lembrando-nos a prolixidade dos seus alexandrinos.

Isto não quer dizer que *Norival* seja indigno de leitura. Não. Nestes ultimos tempos nada tem apparecido, no nosso pequeno mercado litterario, de tão recommendavel nem de tão desopilante como o poema do Sr. Oscar. E' uma obra excepcional. O Sr. Oscar é verdadeiramente um moço de muito talento poetico. O seu *Norival* vale tudo; ha nelle paginas que arrebatam, que levam, por mais melancolico e dyspeptico que estejamos, o nosso espirito ás regies douradas da alegria, provocando-nos o riso, quando não a gargalhada gostosa e franca.

Com que habilidade o Sr. Oscar soube descrever, pintar-nos o seu *Norival*—o heros do poema! Como interpretou a admiravelmente a escola realista, que tem dado a Emilio Zola muitos inimigos e muito nome, e legado a este seculo algumas obras que hão de viver muitissimo tempo!

O auctor do *Norival* tem na verdade um temperamento desenvolvidissimo de artista. Prova-o este seu ultimo trabalho.

Ah, Sr. Oscar, quando tiver a infelicidade de avisinhar-se da morte, d'esta morte que o Sr. diz que é um

..... ignorado e terrivel problema,
Que do primeiro ser foi o primeiro thema,
Que riu-se da razão, e intelligencia humana,
Matando um velho aqui, la um moço, inhumana,

Alem uma criauga: tudo assim caprichosa
Sem logica á colher o botão, ou a rosa,

exclame como o filho de Agrippina:
« Que artista vae perder o mundo! »

Exclame e desapareça, até que a posteridade, lendo os seus versos, lhe faça justiça: mandando-o direitinho para a immortalidade.

Não julgue que o ourico da ironia deixou nestas nossas palavras as suas puas agudissimas, com o unico fim de magoal-o.

Não, Sr. Oscar! Aqui não ha ironia; ha simplesmente a manifestação pallida do assombro que nos causou o seu livro.

Assombro este que nos obriga a dizer francamente que achamos delicioso este verso:

Filho do proprio pae, o que não cabe a todos;
.....

immortal esta oitava:

Os calculos do lar feitos a luz da vela,
Das que vem dar a luz a mulher na vieilla
Do pequeno arraial, no coração d'Amunha
Sorte araloga teve á do ovo da gallinha.
Elle vê Norival, um rapaz, como é rudo!
E na facha infantil elle está cabelhudo,
Descarnado e chorão; realidade fria
E crua, a quem seiscou fogosa poesia!

sorpreendente esta outra:

Um anno se escon n'ampulheta da chapa.
Passara Norival a se nutrir de papa,
Engordar e crescer; já não era o menino
Que enojado sahio dos unhas do divino.
Que prazer encaral-o! Andava a quatro pés,
Orgulhecendo o Costa, em quem, de quando
em vez,

A' noite, por descuido, uma ... innocente,
Dava no leito em que dormiam juntamente.

magnificamente sentencioso este verso,
pelo qual *Lulú Senor*, *Ignotus e Filindal*
hão de dar o cavaquinho:

O homem gordo, mamãe, é uma mosca morta;
.....

esplendida, simplesmente esplendida
esta oitava:

Ao despertar o sol, em toda a natureza,
Dizem observações ter tudo mais firmeza,
Mais viço, mais vigor; que qualquer órgão
são, ..

originaes estes versos, com recheio á
franceza:

Ah! se *femme souvent varie* um innocente
E fraco bacharel, um pobre adolescente,
Varie plus vite encor!

magnificos estes:

Vão elles da innocencia ao peccado divino
Sem quasi transição; os muros escalando
No immediato dia ao que erão puro e brando.

e como todo o poema se orna com joias semelhantes ás que acabamos de transcrever, terminaremos com estes versos que nos deixaram, principalmente o

(*) Supprimimos por delicencia a innocente coisa dada pelo *Norival*.

(**) Não; é impossivel transcrever o resto. Remettemos o leitor curioso e herico á pagina 38, recommendando á sua temeridade as interiores, com especialidade a 28, oitava XVI e ... todas as outras do livro.

ultimo, boqui-abertos, quedos, mudos de admiração:

Fallava portaguez, elle fô observando,
Portuguez do Brazil, ha monioso e brando,
E sonoro ambem; lingua que ainda um dia
Fallará a maior nação da geographia.

Decididamente não é possivel regatear applausos e cumprimentos ao Sr. Oscar de Amaral. Queira pois o illustre e operoso vate receber os nossos sinceros parabens e dar um abraço, por nossa parte, no seu editor, que é um homem de coragem, pois não teve receio de imprimir bons versos num paiz como este, onde todo o mundo, desde o Sr. Pedro II até o Nunes Garcia, é poeta.

ALFREDO DE SOUZA.

COFRE DAS GRAÇAS

Dois preciosos trechos de duas provas escriptas de exame de portaguez, na Instrucção Publica.

« O enterro é uma das cousas principais do corpo humano, sem a qual não poderíamos aturar um cadaver. »

« Se o corpo está na igreja, rodeado de seus antigos amigos, renhendo a devida homenagem, sua familia debauche do maior pranto lastima a per la incencível. »

É illicantes, ein? Garantimos a authenticidade das immortaes tolices supra-transcriptas.

Conversavam dois rapazes.
Chega-se o barão T, um velho que ainda tem espirito; e pergunta:

— E' segredo?
— Não; conversavamos sobre a —
mulher.

— Ah; responle o barão, sorrindo;
isso é quasi sempre assumpto publico.

— Que diabo é isto?
— E' um galope obrigado a guizos.
— Sim? e' certo um galope... *quizado*...

BIBIANO.

LOUCA DE AMOR

Bella, arrancando o seu cabelo de ouro,
Ella passa; o olhar em torvelinho
Afuzila igneas chammas, e do ninho
Dos olhos vóa o dolorido chôro.

Vêde-a: lá vae! Não tarda o sorvedouro
Tragal-a; as aguas em redomoinho
Apresentam-lhe a fauce—antes caminho
Da morte, e gemem num convulso côro.

Torce ollegante as mãos, e divindade
Estranha evoca... e tomba no profundo
Medonho abysmo... Eterna escuridade!

Louca de amor: achásseis lá no fundo
D'esse horroroso barathro a piedade
Que não pudéstes encontrar no mundo:

BERNARDO DE OLIVEIRA.

SPORT

Com grande concorrência e no meio da melhor ordem, realizaram-se no ultimo domingo as primeiras corridas do Prado Villa Isabel, que continúa a firmar os seus créditos de sociedade habilmente dirigida por uma directoria merecedora de geraes elogios.

O programma, que era excellente, teve o seguinte resultado:

No 1º pareo correram os 1.000 metros 9 animaes de meio sangue e a victoria parecia certa para *Dinorah*. No entanto, por uma pequena facilidade do jockey d'esta, *Guanaco* ganhou por cabeça, tendo feito a corrida em 67 segundos, montado pelo honesto jockey Antonio Branco. A *poule* deu \$24\$000 e foi justissima a decisão dada pelo juiz de chegada.

Os 1.609 metros do 2º pareo foram ganhos em 112 segundos por *Eucharis*, seguida de perto por *Savana*. *Sultão* fez uma corrida excellente e com a qual geralmente não contavam.

Correram no 3º pareo (1.000 metros) *Garibaldi*, *Sornette* e *Curubaiá*, sahindo victoriosa esta ultima, em 66 segundos, montada pelo jockey Antonio.

No 4º pareo (1.300 metros) correram 7 meio-sangues, sahindo victorioso em 87 segundos *Druid*, que fez uma bonita entrada no final da corrida, montada pelo jockey Lausinho.

Em 106 segundos *Bolívar* venceu os 1.600 metros do 5º pareo, alcançando *Curubaiá* o segundo lugar. *Bolívar*, montado pelo jockey Arthur, estava aligeirado e fez bonita corrida.

Correram no 6º pareo (1.600 metros) *Bitter*, *Alteza* e *Guanaco*, tornando a ganhar este ultimo em 110 segundos.

No 7º pareo (1.300 metros) a sahida foi muito desfavoravel a *Savana*, que ainda assim alcançou o 2º lugar, sahindo victoriosa *Eucharis*, em 90 segundos.

As 6 1/4 terminou o divertimento e so para as 6 1/2 começou a chover, quando já todo o povo estava nos bonis.

Entre os 3º e 4º pareos, os jockeys Manoel Rodrigues Camargo, Luiz Fiusa e Jorge Luff receberam a quantia de 200\$000 cada um, como gratificação pelo bom comportamento que tiveram durante o anno passado; e de litão a tiracollo, com as cores da sociedade, apresentaram-se na raia e receberam applausos do publico.

Louvores ao Prado Villa Isabel por tão acertada medida e fazemos votos para que as outras sociedades copiem-lhe o exemplo.

A 15 do corrente celebrou o *Jockey Club* uma assembléa geral, na qual foram proclamados socios benemeritos os Exms. Srs. Conselheiro Antonio Prado, Barão de Piracicaba e Dr. Carvalho de Menezes.

Nessa mesma secção tomou a palavra o talentoso Dr. Pinheiro Junior, que brilhantemente defendeu a directoria transacta das acusações de haver muito dispendido com a imprensa em publicações.

Em phrase elegante e criteriosa, demonstrou que na prosperidade das nossas sociedades de corridas muito tem concorrido o jornalismo, defendendo-lhes os direitos e pondo em sahencia os importantes serviços que ellas prestam ao melhoramento da raça cavallar.

Apertamos a mão do distincto orador,

Deve amanhã realisar-se mais uma importante corrida no *Hippodromo Guanabara*. E' de esperar que ella desafie grande concorrência, attendendo-se a que nos diversos pareos acham-se inscriptos animaes bem preparados, conhecidos e em grande numero.

Eis os nossos palpites: no 1º pareo *Savana*; no 2º *Druid*; no 3º *Garibaldi*; no 4º *La Ferthé*; no 5º *Nicoafé*; no 6º *Savana*.

L. M. BASTOS.

THEATROS

Aos artistas do *Theatre Français* foi lida por Octave Feuillet a sua nova peça—*Chamillac*.

Pailleron, o apreciado auctor de «*Le monde ou l'on sennuye*» fez já a *Claretie* a leitura dos primeiros actos da sua nova comedia—*Souris*, cujo principal papel será confiado a Delaunay.

A empresa do Principe Imperial levou á scena no sabbado ultimo a apparatusissima magica do escriptor portuguez Aristides Abranches—*As tres rocas de crystal*.

A concorrência foi muito boa, coisa que não deveria descontentar o Sr. Souza Bastos, que não poupou esforços e dinheiro para a montagem das *Tres Rocas*.

O desempenho por parte de todos os actores agradou muito; tornando-se saliente porem o distincto actor Moutedonio no papel de Thesaur... (a palavra é muito comprida) que foi esplendido!...

A mesma empresa promete-nos para breve mais uma *reprize* da notavel opereta *Mam'zelle Nitouche* secundada por uma grande festa promovida por todos os artistas e empregados do theatro em homenagem á graciosissima actriz Pepa, que se acha, felizmente, restabelecida da molestia que a accommetten ha alguns dias.

O maxixe na Cidade Nova, o quadro novo da *Mulher-Homem*, fez revolução no Sant'Anna...

Pudéra, se o Diogenes, a Mulatinha do caroco e a Opinião pintam o caneco!... Decididamente *A Mulher-Homem* não sahirá tão cedo do palco do Sant'Anna.

O publico assim quer, e o Heller, que não deixa de querer, está só a dizer-lhe:

*Toma conta de mim p'ra você
P'ra lavá, p'ra engommá, p'ra cozê...*

O Biloutra continúa a navegar em mar de rosas.

A empresa da Phenix Dramatica... está ás cristas com a artista Fauny Vernault e vice-versa...

Ai gentes!... Que *questá*!

P. TALMA.

PAGINAS ESQUECIDAS

Desencavámos algures, para regalo dos leitores, os seguintes engraçados versos produzidos em hora de desfazio pela musa travessa e facil do sauloso Bernardo Guimarães:

PARECER E EMENDA DA COMMISSÃO ECLESIÁSTICA SOBRE A FREGUEZIA MADRE DE DEUS DO ANGÚ.

Diga-me cá, meu compadre,
Se na sagrada escriptura
Já encontrou por ventura
Um deus que tivesse madre?
Não pode ser o Deus-padre,
Nem tão pouco o filho - Deus
De que falam taes judeus.
Só se for o Espiritito—Santo;
Mas este mesmo, no entanto,
De que assim hoje se zomba,
Segundo os calculos meus
Deve ser pombo e não pomba.
P'ra haver um deus com madre
Era preciso um deus—femea,
Mas isto é forte blasphemia:
Que horrorisa mesmo a um padre:
Por mais que a heresia ladre,
Este dogma tão crú
Da um deus de madre e de angú
Não é obra de christão,
E não passa de invenção
Dos filhos de Belzeluth.

E se ha um Deus do angú,
Pergunto: porque razão
Não ha um Deus do feijão,
Seja elle cosido ou crú?
Do feijão se faz tutu,
Que não é mau bocadinho,
E, não se seja mesquinhu!
Como o feijão se u gordura
E' cousa que não se atura,
—Deve haver Deus do toucinho.

D'esta trij lice alliança
Nascera uma trindade,
Com que toda a hu nanidade
Ha de sempre encher a puça.
Porem para segurança,
Como angú é dura massa,
E o feijão não tem graça
Regado com agua fria,
Venha para a companhia
Tambem o Deus da cachaca!
Mas, segundo a opinião
De uma minha couadre,
Não pode haver Deus com madre,
Nem de angú, nem de feijão
Tent ella toda a razão,
Segundo os principios seus,
Que são conformes aos meus:
Isto é questão de pan-lla
Não deve Deus entrar nella:
E nem ella entrar em Deus.

Vae, portanto, offerecida
Uma emenda suppressiva:
Supprime a madre—que é viva—
Fica o angú—que é comida.
A commissão convencida
Pelos conselhos de um padre,
Que conversou co' a couadre,
Propo que e desde este dia
Cante-se o tal freguezia
A do Angú de Deus—seu Madre.

Sala das Commissões, 20 de Setembro de 1883

PADRE KERDOLE,
OTTONI,
R. DA LUZ.

FACTOS E NOTICIAS

Partio para a Italia, na semana passada, o illustre pintor Pedro Americo com sua Exma. familia. Infelizmente o seu precario estado de saude obriga-o a abandonar a sua patria, e a trabalhar no Estrangeiro.

No illustre auctor da *Batalha de Avahy* desejamos todas as felicidades, e que inteiramente se restabeleça da enfermidade de que foi soffrendo.

Partio para o Rio-Grande do Sul o Dr. Francisco Pessanha, ultimamente nomeado 2.º cirurgião militar na guarnição d'aquella provincia.

JOANNA

Aos horrorosos soffrimentos infligidos pela sua *senhora*, succumbio no dia 14 a escravidada Joanna. No necroterio foi-lhe feita a autopsia pelos Drs. Thomaz Coelho e Aviran, medicos da policia, e o resultado do exame cadaverico foi já publicado em todas as folhas, o que nos dispensa de reproduzir esse horror.

Tendo o Sr. João Clapp, presidente da Confederação Abolicionista, pedido auctorisação para ser feito o enterro por conta d'esta benemerita associação, e tendo-lhe sido concedido, sahio o corpo ás 5 1/2 da tarde do dia 15 para o cemiterio de S. João Baptista, acompanhado por membros da Confederação, com o respectivo estandarte, e por varios representantes de alguns jornaes.

A *Semana* fez-se representar pelos nossos collegas Filinto d'Almeida e Henrique de Magalhães.

A beira da sepultura o Sr. José do Patrocínio pronunciou uma breve e brilhantissima oração, que emocionou fundamentalmente os assistentes.

Foi este o epilogo sombrio do pavoroso drama da Praia de Botafogo, drama que só por si não chega a constituir uma scena da sanguinolenta e interminavel tragedia da escravidão.

OS FENIANOS

Foi, como se esperava, edenico, ri-bombastico e inenarravel o grande baile dado pela directoria do Club dos Fenianos para inauguração dos seus salões. O salão, cuja decoração ainda não está concluída, é enorme, singela mas elegantemente ornado, um dos melhores da Corte. A concorrência foi grande e as dansas animadissimas; muitas damas *travesties*; flores, luzes, champagne... Uma festa de primeira ordem. Estiveram presentes, correspondendo ao convite que lhes fez a amabilissima directoria, muitos representantes do nosso jornalismo e da nossa litteratura; uma brilhante reunião de homens de espirito, que em muito animou as palestras e o brilho geral da festa. Este facto muito honraria os creditos dos *Fenianos*, se d'isso precisassem. Parabéns aos alegres e distinctos rapazes.

No dia 21 do corrente inaugurar-se-á no theatro Polytheama a grande kermesse em favor das obras do Lyceu de Artes e Officios.

O Congresso Litterario Gonçalves Dias realisono hontem uma esplendida sessão solemne commemorativa do 3.º anniversario da sua fundação.

FALLECIMENTOS

Falleceu na provincia do Rio Grande do Sul, aonde fora pedir allivio aos seus padecimentos, Dantas Junior, o espirituoso rapaz que por tanto tempo foi redactor da *Revista Illustrada* e collaborador de varias folhas. Era um moço estimavel, alegre e digno de apreço pelas suas qualidades de espirito e de caracter.

Causou geral desgosto o passamento do Sr. Barão da Laguna, almirante e senador do imperio. O finado era um homem illustre a todos os respeito e com quantos amigos e admiradores contava provou-o o seu enterramento, cujo prestito era formado por quasi 150 carros. A imprensa foi unanime em render ao fallecido almirante todas as homenagens a que só fazem direito os cidadãos benemeritos.

A *Semana*, associando-se a ellas, apresenta as suas condolencias à consternada familia do venerado morto.

Falleceu tambem na semana transacta o Sr. Celso Galli, gerente do acreditado jornal francez — *Le Sud-Americain*.

Pezames aos nossos collegas e à familia do fallecido.

CONTOS A PREMIO

(Vide o n. 47 d'A *Semana*)

Recebemos mais os dos seguintes Srs. Amilcar Xarpot, Tic-Tac e Carlos Magno.

O prazo para o recebimento dos contos encerrar-se-á irrevogavelmente no ultimo dia d'este mez.

RECEBEMOS

— O *Ramalho* n. 1—Revista litteraria, dedicada ás moças ouro-pretanas. O nosso novo colleguinha, entre outras cousas do seu artigo de apresentação, diz que pouco se importa com os suicidios, incendios, crimes e flagellos de toda a casta— Faz muito bem. O que o nosso colleguinha deve fazer é tratar de ser agradavel aos seus leitores e ter vida muito, mas mesmo muito longa.

E' o que lhe desejamos.

— Do sr. José de Mello o fasciculo n. 50 do Cadastro da Policia, e o folheto intitulado *Historia do theatro em Portugal*, da excellente *Bibliotheca do Povo e das Escolas*.

— A *Distracção* n. 70.

— O *Mequetrefe*— n. 308—Na primeira pagina deu-nos um bello typo da actualidade — *Hygiene e lixo*; na pagina central trata com espirito e bons desenhos da celebre questão dos engraxates, da falta d'agua, da circular do Rapa-ropa, mandando acabar com os capoeiras, e de outras bellezas... e na ultima

pagina apresenta-nos os inauguradores da empresa *lucrativa e de consumo economico no Rio de Janeiro*. Quanto ao texto, já se sabe, bom como sempre.

— A *Estação* n. 3, anno XV. Alem de bellissimos figurinos traz este numero um caprichoso retrato da distincta cantora Alice Pasca, e uma gravura representando as ruínas do templo de Metaponto.

A parte litteraria vem, como sempre, scintillante. Ha nella trabalhos firmados por Machado de Assis, Lucio de Mendonça, Alfredo Ancora e uma chroniqueta, devida á penna de Eloy, o heroe.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Portuguez, francez e Inglez — Professor Rodolpho Parciuncula. Recados nesta folha.

Dr. Cyro de Azevedo. — Advogado. Das 10 ás 4 horas. — Becco das Cancellas n. 2.

Dr. Henriqué de Sa, especialista de syphilis e molestias das crianças. — Rua Primeiro de Março, 22 (consultas do meio-dia ás 2 horas) — Residencia: Rua de S. Clemente, 165 A.

DR. GONZAGA FILHO

CONSULTORIO E RESIDENCIA

Rua Visconde de Inhaúma, 61

CONSULTAS DE 12 ÀS 3 DA TARDE

Especialidades:

Febres em geral, molestias pulmonares e do coração.

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

DR. ARAÚJO FILHO

MEDICO PARTEIRO

RESIDENCIA

Rua do Visconde do Rio Branco n. 36

HIPPODROMO GUANABARA

PROGRAMMA DA QUINTA CORRIDA

EM 21 DE FEVEREIRO DE 1886

Primeiro parco — NICTHEROY — 850 metros — Animas de menos de meio sangue — Premios: 200\$ ao primeiro e 50\$ ao segundo — Entrada 10\$000.

N.º	NOMES	IDADE	PELLO	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Zizana.....	4 annos	Castanho	R. de Janeiro.	52 kilos	Azul e estrellas cõr de ouro.	E. M.
2	Savana.....	4 »	Castanho	R. G. do Sul..	52 »	Ouro e cinza.....	F. G.
3	Buchinha.....	3 »	Castanho.....	S. Paulo.....	49 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
4	Baguassú.....	6 »	Rosilho.....	Paraná.....	55 »	Vermelho e facha preta....	A. P.
5	Sultão.....	3 »	Libuno.....	Minas Geraes	50 »	Grenat e azul.....	J. F. Vaz.
6	Guacho.....	2 »	Chita.....	R. G. do Sul..	45 »	Preto e br. e bonet enc.e br.	A. M.
7	Cruzeiro.....	3 »	Rosilho.....	Minas Geraes	50 »	Encarna lo e amarello.....	H. C.
8	Ganoso.....	5 »	Alazão.....	R. de Janeiro.	55 »	J. C. V.
9	Ella.....	3 »	Tordilho.....	R. de Janeiro.	49 »	Encarnado e facha preta....	S. A.
10	Pampetro.....	2 »	Alazão.....	R. G. do Sul..	45 »	Azul e branco.....	Joaquim A. Silva.
11	Didi.....	3 »	Pampa.....	S. Paulo.....	53 »	Encarnado e azul.....	Carlos Coutinho.

Segundo parco — CONDE DE HERZBERG — 1.009 metros — Inteiros e eguas do paiz até 3 annos — Premios: 350\$ ao primeiro e 80\$ ao segundo — Entrada 15\$000.

1	Aurora.....	3 annos	Alazão.....	S. Paulo.....	51 kilos	Vermelho.....	Coud. Ypiranga.
2	Druid.....	3 »	Tordilho.....	R. de Janeiro.	52 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
3	Vampa.....	3 »	Zaino.....	R. G. do Sul..	52 »	Grenat e azul.....	Coud. Paraiso.
4	Nicoafi.....	3 »	Castanho	Paraná.....	50 »	Encarnado e ouro.....	M. P.
5	Regina 2ª.....	2 »	Idem.....	R. de Janeiro.	44 »	Encarnado e branco... ..	Luiz Vaz.

Terceiro parco — HIPPODROMO GUANABARA — 1.750 metros — Animas de qualquer paiz — Premios: 500\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo — Entrada 25\$000.

1	Bella Alliança.....	3 annos	Alazão.....	Inglaterra....	51 kilos	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
2	Frauçoise.....	4 »	Idem.....	França.....	54 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
3	Garibaldi.....	6 »	Idem.....	Rio da Prata.	59 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
4	Bovita.....	4 »	Idem.....	S. Paulo.....	49 »	Ouro.....	José Machado.
5	Jaguary.....	5 »	Castanho	S. Paulo.....	54 »	Encarnado e branco.....	L. V.

Quarto parco — INTERNACIONAL — 1.000 metros — Animas estrangeiros até 3 annos — Premios: 350\$ ao primeiro e 80\$ ao segundo — Entrada 15\$000.

1	La Ferthé.....	3 annos	Alazão.....	França.....	53 kilos	Encarnado e facha preta...	S. A.
2	Bella Alliança.....	3 »	Idem.....	Inglaterra....	55 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.

Quinto parco — PROGRESSO — 1.450 metros — Animas do paiz. de meio sangue — Premios: 350\$ ao primeiro e 80\$ ao segundo — Entrada 15\$000.

1	Bitter.....	4 annos	Preto.....	S. Paulo.....	51 kilos	Azul e estrellas cõr de ouro	E. M.
2	Aranha.....	4 »	Alazão.....	S. Paulo.....	49 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
3	Aurora.....	3 »	Idem.....	S. Paulo.....	46 »	Vermelho e facha preta....	Coud. Ypiranga.
4	Alteza.....	5 »	Libuno.....	S. Paulo.....	52 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
5	Bonita.....	4 »	Alazão.....	S. Paulo.....	49 »	Ouro.....	José Machado.
6	Principe Alberto.....	7 »	Zaino.....	Paraná.....	54 »	Azul e branco.....	José Guimarães.
7	Nicoafi.....	3 »	Castanho	Paraná.....	50 »	Encarnado e ouro.....	M. P.
8	Africa.....	7 »	Preto.....	Paraná.....	51 »	Encarnado branco e ouro..	L. V.

Sexto parco — ANIMAÇÃO — 1.450 metros — Animas de menos de meio sangue — Premios: 300\$ ao primeiro e 60\$ ao segundo — Entrada 15\$000.

1	Didi.....	3 annos	Pampa.....	S. Paulo.....	46 kilos	Encarnado e azul.....	Carlos Coutinho.
2	Savana.....	4 »	Castanho.....	R. G. do Sul..	51 »	Ouro e cinza.....	F. G.
3	Buchinha.....	3 »	Idem.....	S. Paulo.....	46 »	Vermelho.....	Coud. Ypiranga.
4	Eucharis.....	5 »	Tordilho.....	Paraná.....	51 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
5	Sultão.....	3 »	Libuno.....	Minas Geraes	48 »	Grenat e azul.....	J. F. Vaz.

Nictheroy. 15 de Fevereiro de 1886.

O 2º secretario, DR. T. GOUVEA.

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 27 DE FEVEREIRO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 61.

REDACÇÃO E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, N. 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

SUMMARIO

Expediente.....	
Historia dos sete dias.....	V. MAGALHÃES.
A imprensa e o Dr. Poli.....	ALBERTO TORRES
Carta ao Sr. Felix Ferraz.....	E. ROUEDE.
O Báltador de rubins.....	A. MENDES.
Jornaes e revistas.....	M. VALENTE.
O septipatha.....	DR. H. DE SA'
A villa elegante.....	LORGNON.
Sahar a vitor.....	O BILAC. !
Poesia e poetas.....	A. DE SOUZA
Defesa dos cogumelos.....	DR. F. PESSANHA.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Theatros.....	P. TALMA.
Factos e Noticias.....	
Correio.....	HENRICO.
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

GERENTE

F. D'ALMEIDA

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

ASSIGNATURAS

CORTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

HISTORIA DOS SETE DIAS

A semana pertenceu toda, por bem dizer, ao famigerado Dr. Poli.

Neste momento o nosso gratuito e ingratisimo offensor está a bom recato, havendo conseguido, com o auxilio da policia de um passaporte para a Europa, dado pelo consul italiano, pôr-se a coberto de provaveis desforços d'este nosso admiravel povinho, que somente sente o cheiro da mostarda depois que a imprensa lhe tem atafuhlado as narinas com grande porção d'ella.

Dispensamo-me de tratar d'esse triste assumpto porque dois dos mais distinctos collaboradores d'A Semana honram-na hoje com artigos sobre elle.

Apenas porei em relevo uma circumstancia, a capital, a que constitue a face

única da questão, pela qual deve ella ser considerada, no seu estado agudo, e que escapou ao lustrado e joven collega Dr. Alberto Torres, no artigo que adiante se vai ler.

Não se deve tratar de verificar se ha ou não ha razão e justiça em alguns topicos da atrabiliaria correspondencia do Dr. Poli para a *Patria Italiana*; mas, unicamente, attender a que a intenção d'esse hospede foi *insultar-nos*, a que elle não nos fez critica: fez-nos *injuria*, a que elle procurou cobrir-nos de ridiculo e de odiosidade, e onde? na Republica Argentina, em terra de inimigos nossos.

Supportar nas faces a mancha e a pancada da mão enlameada d'esse estrangeiro e apertar-l'ha depois, com a mesma cordialidade, não seria magnanimidade: seria impudor; não revelaria a sublimidade do perdão; mas somente—despatriotismo.

Infelizmente nos não temos sequer a virtude de simular que consideramos nossas, particularmente feitas a cada um de nos, as injurias assacadas contra a nossa patria.

Honra seja ao digno moço, conhecido nesta cidade pelo seu espantoso talento e pelas hilariantes *saitties* do seu espirito, que, primeiro de todos, foi, sosinho, a casa do insultador, apresentando-se ao *medico*, como gravemente affectado de *patriotite aguda*, para poder dizer ao *homem* que elle havia procedido torpemente, insultando o paiz que o hospedou e em que ha tanto tempo ganha tranquillamente a sua vida.

A questão, parece-me, felizmente está concluida.

O Dr. Poli vai partir pela catada, abandonando, *bon gré, mal gré*, ste repugnante paiz de *quadrumanos, asnos e veliacos*.

A sua diatribe nenhum mal nos poderá fazer porque toda a colonia italiana contra ella protestou, e porque aquelle pobre *septipatha* funambulesco não tem nome com que possa impor e auctorisar as necias arremettidas do seu furor...

E nós, embora um tanto tarde e um tanto irreflectidamente, teremos cumprido o nosso dever de filios d'esta terra, que poderá ser detestavel, mas que é *nossa*.

Será difficil, ousou crelo, que appareça de futuro outro Dr. Poli.

Desalteremo-nos de tão espinhoso e comburente assumpto entrando no Asylo dos Meninos Desvalidos, um dos estabelecimentos publicos que mais honram o Brazil.

Em boa hora elevou o Sr. ministro do imperio,—que cada vez mais se recommenda ao nosso respeito e a gratidão patria—em boa hora elevou S. Ex. o numero de asylados, que era de 300, a mais cem.

Foi agradabilissima a festa realisada no dia 24 do corrente para inauguração da officina de lutoeiros, officina montada com apparatus, machinas e organização que a fazem a primeira do Brazil.

Falta-me infelizmente o espaço preciso para dar conta da excellente impressão que me deixou aquella visita. Mas *A Semana* subscreve totalmente os elogios, não excessivos, que fez toda a imprensa ao Asylo e ao seu illustrado e amavel director, e de coração associase ás festas que ella está organisando afim de, com o seu producto, desempenhar-se de antigo compromisso: a fundação de uma officina typographica no Asylo dos Meninos Desvalidos.

O generoso publico não regateará aos promotores d'esse grande melhoramento a sua protecção e a sua sympathia, pois que, fazendo-o, trabalhará em favor d'elle proprio.

Os protegidos de hoje são os protectores de amanhã.

Quem poderá recusar uma particula do seu superfluo ou sacrificio de um pouco do seu necessario para colaborar na abençoada obra de dar por mãe a orfãos—a Patria, e por protector a desprotegidos—o Trabalho?

Ninguém.

Ah, leitora gentil, nós, os da imprensa, podemos immodestamente assegurar-lhe, desde já, que V. Exa. ha de desejar outras occasiões de valer aos desvalidos para gosar de novas festas, tão bellas e originaes como as que lhe preparamos.

E não é que a Illustrissima Camara acabou, a rogo da policia, com as *poules*!

Desisto de discutir a justiça e a conveniencia d'esta medida.

A Semana ha de fazel-o por outra penna, mais entendida na materia.

Apenas arrisco esta observação:

Tem graça, tem muita graça que o governo acabe com o *jogo das poules* e continue a multiplicar o *innocente e honestissimo* passatempo das loterias.

Olhem que tem graça isto, tem muita graça!

A *Historia* começou em Poli e acaba em poule:—Poli e poule.

— Pois pule o Poli!

VALENTIM MAGALHÃES.

A IMPRENSA E O DR. POLI

Pobre e desgraçado sujeito!

Nunca o typo inoffensivo do boie expiatorio teve uma encarnação tão viva e tão lamentavel, como neste infeliso pobre diabo!

Todas as coleras que nos aticavam na alma contra os nossos anonymos calumniadores, toda a nossa furia e toda a nossa indignação, desabaram agora sobre esse infeliz que teve a inconsciente sinceridade de deitar o nome embaixo das porcarias que nos quiz lançar.

E, francamente, neste chorrilho de diatribes e descomposturas que tem provocado o simplório artiguete do Dr. Poli, no jornal *La Patria*, nem eu sei se mais admire o ingenuo furor da imprensa fluminense, se a expositanea dedicação de alguns estrangeiros que protestam contra a injustiça do espectacular escriptor *septipatha*.

Mas que diabo querem os jornaes? Mas que pensam os nossos bondosos hospedes?

Pois isso que escreveu o Dr. Poli, na sua linguagem insolente de *lazzaroni* não é exactamente o que dizem e escrevem todos os brasileiros, em estilo mais ou menos pornographico, quando propalam, no estrangeiro, que a nossa sociedade está em plena dissolução de costumes, que a nossa instrucção está abaixo da instrucção da Cafraria, que o nosso commercio está fallido, que as nossas instituições são *chinós* feitos para inglez ver, que não temos caracter, que não temos hora nacional, enfim?

Não é isso mesmo que dizem, todos os dias, os nossos consules, diplomatas, titulares, dandys e escriptores quando viajam a Europa, e comparam com os paizes do velho mundo esta mesquinha patria—a patria natural da febre amarella, do patronato, dos *fagundes* e a patria adoptiva dos charlatães e das *cocottes* sem cotação nos mercados europeus?

Não é isso mesmo que diz o Imperial Senhor, nas palestras intimas com as celebridades europeas, quando faz crer que—á excepção d'elle—o augusto, o incomparavel, o delicioso, o magnanimo Senhor, que é o unico litterato de merito, o unico homem de sciencia, o unico trabalhador, o unico espirito adeantado, o unico abolicionista e o unico republicano d'esta horda de barbaros—nos todos, os brasileiros, somos uma sucia de papalvos sem forças, sem espirito e sem honra?

Pois não é isso mesmo?

Mas, então, porque todo esse gasto de tinta e de colera, de estilo e de indignação, pelo inoffensivo despeito de um charlatão maniaco, que vinga as suas amarguras de curandeiro sem clientes a bordoadas sobre as costas largas do nosso paiz prudente e commendador?

Não é logico, senhores jornalistas, não é sério.

O Dr. Poli é um typo genuino de pantomimeiro explorador, e, como tal, só é nocivo para os individuos que confiam na efficacia miraculosa dos seus elixires.

Dar-lhe outro valor, julgal-o capaz de nos desprestigiari, é despir-lhe o manto de guizos da *reclame* charlatanesca, e investil-o de toga. Quem sabe se, acossado pela magresa dos ganhos, nesta terra, e conhecendo a amavel *birra* que nos têm os Argentinos, não lhes lança ás boccas o mel, que pretende depois substituir pelos seus sanctos elixires?

Mas querem os meus compatriotas esbordoal-o, deporl-o, matal-o, só por isso?

E' preciso, de uma vez, assignalar a nossa posição para com os estrangeiros...

De accordo. Que cada um que aqui chegou gose livremente das nossas riquezas, dos nossos direitos e da nossa hospitalidade, mas que respeite as nossas instituições e que concorra para o engrandecimento d'esta patria, que é nossa e que será d'elles.

Guerra, portanto, a todos os rotineiros que se oppoem á immigração, guerra ao escravismo, guerra aos calumniadores que nos assoalham e nos deshonram no estrangeiro: eis o que cumpre fazer.

Mas quem são os rotineiros, quem

são os escravistas, quem são os calumniadores?

Será o Dr. Poli algum d'elles?

Não; não foi aquelle artigo sensaborão e futil que preveniu contra o Brazil o espirito estrangeiro; não foi elle, o misero *caboclo* italiano, que affastou para o prata a multidão de colonos que para aqui vinham.

Antes d'esse pobre diabo, e com mais prestigio, têm-nos deshonrado muitos outros:—o Imperador, com a opposição pertinaz a todas as reformas livres, a todos os estímulos progressivos; os nossos estadistas, os nossos senadores e os nossos deputados, firmando a existencia do elemento servil, sustentando esta dependencia oppressiva da igreja e do estado, projectando a celeberrima escravidão chinesa, e deixando em abandono millares de colonos que para aqui vieram confiando na hospitalidade americana... e outros, e muitos outros.

A estes, sim, é que cumpre guerrear, a ferro e fogo, sem treguas e sem piedade.

Emquanto não houver no nosso caracter energia bastante para essa lucta, emquanto não abandonarmos, de todo, esta negligencia pelo nosso decoro e pela nossa reputação de povo civilizado—é ridiculo indignarmo-nos contra a cohorte impotente e fatua de todos os *Polis* que nos insultam.

24 de Fevereiro de 1884.

ALBERTO TORRES.

Carta ao Illm. Sr. Felix Ferreira

Illm. Sr.

Tendes em mim um dos vossos mais entusiastas admiradores. Pessoalmente não vos conheço; e nesta occasião felicito-me por isso; porque os elogios sinceros que vos dirijo são devidos ao vosso real merecimento e não á sympathia que provavelmente me inspirareis se eu tivesse a honra de entreter-vos com relações de amizade. Admiro-vos, digo, porque em nosso bello paiz é tão raro encontrar um homem que tenha a coragem de abrir caminho átravez da floresta do indifferentismo brasileiro, (e vos sabeis o quanto são espessas as florestas do Brazil) que quando encontro um homem de tal coragem não posso deixar de lhe apresentar as minhas mais calorosas felicitações. Aceitai-as, pois, porque partem do coração.

A idéa que tivestes de congregar os trabalhadores da intelligencia e de lhes facilitar os meios de discutir e defender seus interesses moraes e materiaes, é verdadeiramente digna de ser muito apreciada e de ser tomada em grande consideração por aquelles que dão a fórma ao *pensamento* «os escriptores» e aquelles que o multiplicam e distribuem—«os typographos e os livreiros.»

Parece-me, todavia, que para obter a realisação do vosso util projecto bastaria apresental-o, e que não era necessario anticipar as discussões que terão seu logar, natural e logicamente, no seio da sociedade que desejamos todos ver proxicamente crear-se. Vós publicaes as vossas opiniões particulares e combateis aquellas que não são vossas. Dizeis na columna nove do voso folheto: «O Brazil so teria que perder com um tratado litterario com a França...» Escreveis isto antes da organização da «Sociedade Bibliographica Brasileira.»

Permitti-me que vos responda tambem antes de sua formação, e crêde que se combato o paragrapho transcripto das vossas «Considerações» é porque isso me interessa directamente.

Poderia, como Camillo Castello Branco, referindo-se aos detentores da propriedade, (1) pôr fem practica a maxima predilecta de Francisque Sarcey, (2). Abstenho-me de o fazer porque não gosto de palavrões e porque, quanto a mim, a razão e o bom direito não se acham geralmente do lado daquelle que fala mais alto, nem d'aquelle que atira a injuria mais forte. Não, não tomarei esse caminho; quero unicamente fazer-vos saber que: Se supprimis os auctores dramaticos nacionaes, effectivamente o Brazil nada tem a ganhar num accordo com a França em materia de propriedade litteraria; porem que enquanto França Junior, Arthur e Aluizio Azevedo, Araujo, H. Chaves, V. Magalhães, Q. Bocayuva, Sizenando Nabuco, F. d'Almeida, Sampaio, Patrocinio, com outros, vós talvez e eu, existirmos *haverá uma parte do Brazil que tem a perder com o systema em vigor.*

Falo-vos dos auctores dramaticos, porque sob o meu ponto de vista são elles que mais se devem queixar da ordem de cousas actual, visto que nada ganham com a venda de suas obras, mas sim com a representação d'ellas; e tambem porque eu pertenco a essa familia. E' verdade que sou o mais pequeno, o ultimo nascido, e talvez por causa d'isso o mais ousado; mas que quereis? pertenco a esse numero, é justo, portanto, que tambem eu queira o meu *logar ao sol*, e que advogue o direito que tenho á vida.

Para vos demonstrar que não sois justo quando dizeis que: O Brazil so teria a perder com um tratado litterario com a França, permitti-me submetter-vos este raciocinio: Supponhamos que tendes uma peça dramatica na vossa pasta e, o que é muito natural, desejaes fazel-a representar; apresental-a-eis a um theatro, será aceita, mas tendes de esperar a representação das peças estrangeiras então em scena; depois a d'aquellas que estão em ensaios; em seguida a d'aquellas que estão na copia; finalmente tendes de esperar que não haja mais peças francezas nos archivos do theatro; porem, como por falta de uma convenção com a França, nunca chegará essa occasião, vos que esperaveis vossos direitos de auctor para satisfazer as necessidades quotidianas, vós *auctor original*, sereis obrigado a fazer-vos traductor. E ali não terminarão ainda as vossas provações, porque então tratar-se-á de andar depressa, de ser o primeiro a chegar; já não será mais uma questão de originalidade, de imaginação e de talento, mas sim um pugilato de actividade e de rapidez.

A menos que, todavia, conteis entre os vossos amigos um actor de influencia sobre a companhia, que imponha e monte a vossa peça para seu beneficio; porem isto é una excepção e uma *pechincha* rara.

E' fora de duvida que se as emprezas theatraes ou os traductores tivessem de pagar direitos aos auctores francezes, as traducções seriam em menor numero porque seriam mais custosas.

Notae que eu não censuro os directores do theatro; elles fazem bem, a lei os auctorisa, seriam realmente, d'uma simplicidade elemental se montassem peças nacionaes de um éxito problematico, quando sabem que «O

(1) «Narcoticos» Volume 2º Pag. 7.

(2) «J'appelle un chat un chat».

príncipe Zilah, por exemplo, foi muito apreciado em Paris, não faço *reclame*. Estão no seu direito; aproveitam-n'o e têm razão.

— Somos tão poucos! direis.

— Mas como quereis que augmentemos se, no estado actual das cousas, não nos é permittido viver?

— Mas isso não é razão; os industriaes achavam-se em muito pequeno numero no Brazil, e, para lhes tornar a vida possível, implantou-se um systema inteiro de proteccionismo, que favorece o productor em detrimento do consumidor. Então, porque nos, operarios do pensamento, não aspirariamos ás mesmas prerogativas que aquelles que trabalham a madeira e o ferro?

— E' precisamente para tratar estas questões que eu desejo vos reunir, ides me dizer.

— Reuni-nos, então, mas não creeis opiniões *a priori*; reuni-nos e discutamos, porque se vos vos arrogaes o direito de me dizer, fora do seio d'esta associação, ue dois e dois fazem quatro, eu, seguindo o vosso exemplo, responder-vos-ei que podem fazer cinco e dois, depende isso da collocação dos algarismos.

— Sendo o mais difficil reunir-nos, reunamo-nos; as discussões não faltarão.

— Escrevendo de boa fé estas poucas linhas, provo que tomo um grande interesse pelo vosso projecto, e se discutio uma phrase d'elle, é porque ella me toca de perto. Quanto á sua parte practica, isto é, quanto ao projecto dos estatutos da sociedade, não posso deixar de vos reiterar minhas felicitações as mais sinceras.

De V. S., etc., etc.

E. ROUËDE

N. B.— Excusado é dizer-vos que, desde que o Dr. Valentim Magalhães me offerece as columnas d'*A Semana*, para dirigir-vos esta carta, tem-n'as elle tambem á vossa disposição, caso seja eu merecedor de uma resposta.

O BRITADOR DE RUBINS

VERSÃO DE R. PORCIUNCUA

Vi uma vez um louco britando pedras na orla de uma estrada. Não por officio: por loucura.

Uma por uma, ia tomando as pedritas, batia-lhes com o martello, e, muito rapidamente, com um ar de anciedade, examinava os destroços, virava-os e revirava-os e depois atirava-os fóra, com um gesto de desanimo.

— Que está procurando nessas pedras? perguntei-lhe.

— O veio do ouro, que ellas deveriam conter, respondeu-me. Mas não o acho nunca, ah! nunca!

— Compadeci-me d'elle.

— Isso é muito triste, disse-lhe.

— Interrompeu o trabalho.

— Muito mais triste era isso quando, em vez de ser um britador de pedras da estrada, eu era um britador de rubins. Ia de mulher em mulher, cheio de tristeza e de colera. Tomava-lhes os corações, corações de moças, ou de esposas ou de cortezãs. Eram todos vermelhos, mas duros e gelados, simi-

lhantes a rubins crusos; e era em vão que, batendo-lhes com o meu, fazia abrirem-se aquelles corações. nunca achei nelles o veio do amor que eu procurava, não, nunca, ah! nunca!

CATULLE MENDES.

JORNAES E REVISTAS

Eil-o, finalmente, o primeiro numero d'*A Quinzena*, o periodico litterario que noticiamos devia apparecer em Vassouras, sob a redacção dos distinctos e jovens homens de letras Alfredo Pujol e Jorge Pinto.

Traz a data de 29 de Fevereiro, consta de 8 paginas, magnificamente impressas nas famosas officinas typographicas dos Srs. Lombaerts & C. No formato, na distribuição das materias e em varias outras particularidades materiaes, como na indole e intuitos, é *A Quinzena* tão parecida com *A Semana* que não trepidamos em, com grande gosto e sem modestia, consideral-a nossa filha; e, como tal, havemos de estimal-a com toda a cordialidade e de protejel-a com a fraqueza dos nossos recursos.

Em meio das difficuldades e dos desgostos de toda sorte que nos têm assaltado em caminho, consola-nos e recompensa-nos o espectáculo dos brilhantes fructos do nosso trabalho, representados no apparecimento de periodicos de indole e feição semelhantes ás nossas. Hontem foi *A Revista dos Novos*, em S. Paulo, e *O Domingo*, em S. João d'El-Rey, e mais longe, na cidade do Porto, alem do Atlantico, *A Semana*; hoje é *A Quinzena*, em Vassouras, não contando outros que estão promettidos. A nossa collega é homonyma de Portugal, dirigida por Alberto Bessa, transcreve em todos os seus numeros varios dos nossos trabalhos.

Na Bahia fundou-se tambem uma admiravel *Revista Popular*, sob a direcção do illustrado Dr. Benjamin Franklim.

Não ousamos affirmar que fossemos tambem nos a causa indirecta, o elemento inspirador do apparecimento d'esta; mas registramos o facto de haver nascido depois de nos, contrastando este auspicioso movimento, esta imprevisita florescencia litteraria com a geral apathia e o completo estagnamento anterior.

A que outra melhor paga poderamos aspirar?

A falta de espaço não nos permite tractar hoje do primeiro numero d'*A Quinzena*.

Limitamo-nos a dizer que é magnifico, admiravel, soberbo e a transcrever o seu opulento summario. No proximo numero conversaremos mais longamente a respeito d'este collega que nos honra e que nos deslumbra.

Eis o summario:

« *Expediente*; Nós, J. Pinto e A. Pujol; *Os nossos collaboradores*, A redacção; *Mundo interior*, Machado de Assis; *O ideal da Condessa*, Valentim Magalhães; *A Venus de Vienna*, Raymundo Corrêa; *O Palhaço*, Julia Lopes; *A Lesbia*, Lucindo Filho; *Os votos de Estacio*, Lucio de Mendonça; *Olhando a corrente*, Olavo Bilac; *A Velha*, Adelina Vieira; *As Vocações*, Hippolito Pujol; *Tardes de Abril*, S. de Souza Junior; *Canto do Hiawatha*, Americo Lobo; *Notas e Noticias*. »

Ypsilon—jornal alphabetico carnavalesco do Club dos Democraticos. O seu primeiro artigo, intitulado *A Serio*,

refere-se á nossa folha, mas refere-se com tanta gentileza e galhardia, que não temos remedio senão dedicar-lhe algumas palavras.

Primeiramente, damo-nos os parabens por havermos censurado um outro jornal do mesmo club, porque o *Ypsilon* apparece-nos agora limpo das maculas que afeivavam o outro. Ganharam os jornalistas carnavalescos, ganhou o club, e ganhamos nós a satisfação de ver os nossos desejos coroados de bom exito.

Agora um reparo: Não é nosso collega de relacção, nem jamais escreveron uma linha na *Semana*, o cavalheiro que em 1879 escrevia no Club dos Democraticos sob o pseudonymo de *Filet aux champignons*.

Devemos advertir que nessa época nenhuma sociedade carnavalesca tinha jornal seu. Aquelle pseudonymo apparecia assignando os *puffs* nos jornaes diarios.

Foi outro—e esse é que escreve hoje nesta folha—que em 1880 fundou nos Tenentes do Diabo o *Diabo da Meia Noite*, primeiro jornal que em clubs d'aquelle genero teve uma periodicidade regular.

Nos jornaes redigidos por ou sob a direcção de *Belfogor*, nunca foram publicadas obscenidades, como será facil verificar nos archivos d'aquella sociedade. Não seriam de uma candura evangelica os jornaes escriptos pelo nosso companheiro; não levariam ninguém para a beatitude celestial da promessa divina, de accordo; mas tambem não davam logar á intervenção moralisadora das auctoridades do quartirão.

O chronista do *Ypsilon* é carnavalesco novel, pouco abeberado na historia pantagruelica, extravagante e exquisitissima do reino fulgurante e eterno do deus Momo.

Queira emendar a mão, e, mais uma vez, receber os nossos cordiaes cumprimentos e os protestos da nossa sympathia ao jornal e ao Club.

M. VALENTE.

O SEPTIPATHA

A imprensa transcreve e commenta com brio e dignidade uma correspondencia da *Patria Italiana*; a mocidade offendida reune-se para deliberar; a porção mais escolhida do povo revoltase, e a classe medica, representada pelos que se encarregam de manter a lei que regularisa o exercicio da nobre profissão neste paiz, deixa correr a indignação levantada, porque tem certeza que tudo acabará pelo esquecimento, em beneficio ainda do offensor.

Será, por ventura, isso alguma cousa nova para este paiz que tem sido o campo de vastas e proveitosas explorações de aventureiros, que, repletos de grossos capitaes, demandam novas terras, deixando nesta o cunho da ingratição do atrevimento?

Por certo que não.

O que mais nos deve admirar é que, existindo a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, donde todos os annos saem moços distinctos e habeis, que encontram difficuldades em ter clinica, por causa de sua modestia, o que mais nos deve admirar é que, havendo a Inspectoria Geral de Hygiene, se conta que um J. B. Poli faça annuncios extravagantes para chamar a concorrência dos que se apresentam como pobres aos profissionaes honestos e de merito, e que não recusam dispender

quantias exorbitantes para entregar-se a pretendida sciencia d'esse Dulcamara. Ainda mais.

E' do regulamento da Inspectoria Geral de Hygiene que o medico clinico não pode ter pharmacia nem fornecer aos seus doentes medicamentos que elle manipule; e, no emtanto, ha amos já que o septipatha da Rua do Sacramento clinica, sem que uma receita sua conste dos livros de qualquer pharmacia, pois elle os vende aos seus doentes, ou os dá gratuitamente em dias determinados, como coasta dos seus annuncios.

O Sr. J. B. Poli faz muito bem em tratar-nos como se lê na sua correspondencia para a *Patria Italiana*, porque temos sido nos que fornecemos meios para que elle seja hoje atrevido.

A mocidade academica de 1878 e 1879, da qual já sahiram importantes ornamentos da nossa sociedade, deve lembrar-se do modo humilde pelo qual apparecem aqui o Sr. J. B. Poli, com pretensão de defender these de sulliciencia para exercer a proffissão no Imperio. De chapéu na mão, e quasi de joelhos no terra, .. vimos muitas vezes na 4ª enfermaria de medicina do hospital da Misericordia, na occasião em que o sabio mestre conselheiro Torres Honnem enthusiasmava os seus alumnos como as suas proveitosas lições. Depois, nos salões da Faculdade de Medicina, em conversacom os alumnos revellava a maior ignorancia dos conhecimentos medico-cirurgicos e dos mais rudimentares principios de anatomia e de physiologia; e com a maior desfaçatez e vimos sustentando uma these mediocre, em frente áquella congregação que contava mestres de intelligencia pujante e de illustração vastissima.

O resultado, porém, foi que o Sr. J. B. Poli sahiu habilitado a clinicar em nosso paiz, retirando-se para o interior, onde esteve alguns mezes locupletando as algibeiras á custa do seu charlatanismo.

Em 1880 appareceu em plena capital do Brazil, onde existia uma Junta Central de Hygiene Publica que lhe consentiu os rifos de seu tambor e o som das campainhas que elle agitava com força, chamando a freguezia á sua tenda da Rua do Sacramento, para experimentar os prodigios da sua septipathia.

Hoje, já com alguns contos de réis no bolso, insulta o paiz que o acolheu, o povo que o enriqueceu e esta mocidade briosa que tem sempre o coração aberto para todos os nacionaes e estrangeiros.

E mesmo assim, sem que ninguem lhe peça que fique, como diz a *Gazeta de Noticias*, o tal Poli mostrava querer permanecer ainda no paiz que elle appellida — dos quadrumanos!

As Faculdades de Medicina do Imperio devem lembrar-se que a velha Europa, quando lá vão vizital-a ainda mesmo os vultos mais importantes na sciencia medica do nosso paiz não lhes dá a importancia que nós conferimos aqui, na maior parte das vezes, a aventureiros!

DR. H. DE SÁ.

A VIDA ELEGANTE

No subbado transicto os salões do Grupo Familiar de Nictheroy encheram-se de flores... quero dizer — de moças, e houve ali o que se pôe chamar *uma soirée deslumbrante*.

A mais selecta sociedade de Nictheroy tomou parte naquella festa esplên-

dida, que por muito tempo será lembrada.

Foi grande a affluencia de sorios e convidados, não deixando de haver aquella ordem do costume, que tanto distingue a digna directoria do Grupo.

As danças, já se sabe, terminaram pela madrugada, e eu vi desfilar saudoso aquelle bando multicolor de bellezas paradisiacas para somente vel-o, — vejum so! —, d'aqui a um mez, quando tiver logar a proxima partida.

Eis o que foi d'esta vez o concerto organizado pelo Grupo Familiar, (leiam e admirem:)

Estiveram acima de todo elogio e foram applaudidas com verdadeiro entusiasmo as peças cantadas pelas Exmas. Sras. D. D. Francisca Soares de Freitas, Josephina Bastos de Souza, Luiza Dias Louzada, Alice Vianna, Anna Pinto Thompson, Conceição Soares de Souza, Eliza de Agostini Arnaud, Anna Romana Soares de Souza, Luiza Lopes Soares de Souza, Jacyntho Alzira de Sá

Eugenia Passos de Sá, com acompanhamento pelo Sr. Genaro Arnaud. Tomaram parte tambem, sendo recebidos com bastantes applausos, e executando peças de Cavallini, Rossini, H. Herz, Donizetti, A. Pazzi, Campana, A. Napoleão, C. Gounol e Pacini, as Exmas. Sras. D. D. Eliza Rosa de Andrade, Maria Eliza de Andrade e os Srs. Dr. Julio Clemente de Faria, Horacio Lemos, Motta Mello, Raphael Agostini e Antonio Bruno de Oliveira.

Parabens á directoria do Grupo Familiar pela sua magnifica festa de sabado.

Acabamos de receber, um elegante cartão, convite do «Club Engenho Velho» para o baile á fantasia que se ha de realizar nos seus salões na noite de 8 de Março.

Isso é que vale ser uma festa! Vou encomendar a minha fantasia.

LORGNON:

SAHARA VITÆ

Lá vão elles, lá vão! O céu se arquea
Como um tecto de bronze infinto e quente.
E o sol fuzila, e fuzilando ardente,
Criva de flechas d'aço o mar de areia.

Lá vão com os olhos, onde a sede atea
Um fogo estranho, p. ocurindo em frente
Esse oasis do amor que, claramente,
Asem, bello e falfaz, se delicia.

Mas o Simoun da morte sopra. A tromba
Convulsa envolve-os, mata-os e applacada
Sobre si mesma roda e exhausta tomba...

E o sol de novo no igneo céu fuzila...
E sobre a geração exterminada
A areia dorme placida e tranquilla.

OLAVO BILAC.

POESIA E POETAS

RESPOSTA AO «DOMINGO»

Tendo nós no n.º 58 d'esta folha e neste logar escripto um pequeno artigo de recepção ao livro de poesias que sob o titulo *Cancões d'Aurora* publicou em Onro Preto o Sr. Francisco Lins, a quem não conhecemos pessoalmente. *O Domingo*, elegante e magnifico hebdomadario que apparece em S. João d'El-

Rei, accusou-nos de bondadosos e terminou o seu longuissimo artigo pedindo provassemos que o Sr. Lins é correcto na forma.

Verdadeiramente, quando escrevemos semelhante artiguinho, não nos passou pela memoria a ideia de que as nossas palavras iriam ser analysadas, commentadas e até autopsiadas, pois tratavamos de dar juizo sobre poesias de principiante intelligente e muitissimo esperançoso, como o é o Sr. Lins, digno, portanto, de toda animação.

Assim mesmo não fomos tão bondadosos para com o novel poeta, como julga *O Domingo*. Chegámos a dizer que as suas *Cancões* tinham defeitos; que das 27 poesias que contem o livro apenas 3 nos agradaram; chegámos a indicarlhe, para que facilmente se corrigisse em futuras composições, certas maculas de uma quadrinha da *Tempestade*, e terminando pedimos que o Sr. Lins trabalhasse e estudasse.

Creemos com isto tel-o recebido, não com indulgencia nem com uma «boa e excessiva vontade capaz de encontrar vocação decidida para a arte» aonde a não ha, mas simplesmente com animação, pois não seria justo recebello com indifferentismo ou com adjectivos pingando ironia e indelicadezas, cousas aliás pouco dignas de nós e muito menos de quem, como o Sr. Lins, remettendo á *Semana* o seu primeiro livro, vinha pedir-nos nossa opinião e conselhos.

O Domingo, como citassemos no nosso artiguinho o soneto *Judeu Errante*, encetando a sua critica, disse que o assumpto d'este soneto pertence ao numero das *velharias*, tanto tem sido elle — assumpto — explorado.

Sorprenheu-nos de véras esta exigencia critica d'*O Domingo*.

Velharia? Concordamos. Mas o que ha de novo sob o sol? O que é que se canta hoje que já não tenha sido cantado ha muito?

O amor, que ainda nos nossos tempos tem servido de motivo a primorosas composições, é velhissimo assumpto. A lagrima, apezor da analyse chimica porque passou, analyse esta cantada num esplendido soneto pelo auctor das *Blasphemias*, foi, é, e cremos que será, fonte purissima de inspiração e motivo para muito mimo litterario. A mulher, quer ella seja endeusada e poue em throno feito de nuvens e cherubins como na *Divina Comedia* do Dante, quer seja envolvida pela noite tristissima dos vicios como *Imperia*, é um assumpto que cheira ao po dos seculos e no emtanto não houve e não ha quem deixe de tanger as cordas de sua lyra ante essa *velharia*. O Céu serenamente azul e profundamente mysterioso o mar, o infinito monstro, o pérfido abyssmo, inconstante e profundo como o coração humano; a terra com todos as suas pradarias, com todos os seus encantamentos; o sol, a lua, os lyrios, tudo isso emfim que nos prende e nos arrebatá quer pela fascinação do brilho, quer pela vivacidade da cor ou pela delicadeza do perfume, não pertencerá ao numero das *velharias*?

Ha nada de mais velho e de mais explorado?

De certo que não! e, no emtanto, estas *velharias* servem ainda de assumpto a muita obra prima e serão sempre novas quer retratadas na prosa ou no verso conforme a *maneira* e o grau de impressionabilidade d'este ou d'aquelle escriptor. Não ha assumpto velho, mas unicamente — poetas novos.

No soneto *Defronte da estante*, tambem citado por nos, *O Domingo* mostrou-nos que o Sr. Lins conhece pouco a lingua, pois para indicar diversas relações de logar, serve-se somente dos adverbios

aqui e ali. Ora Deus nos perdoe! Que o Sr. Lins tem descuidos grammaticaes, estamos de accordo, mas que *O Domingo*, por uma simples repetição de adverbios ajunze dos conhecimentos que qualquer cidadão tenha d'esta ou d'aquella lingua, isso é que não podemos comprehendêr. Entim...

Não comprehendemos tambem o interesse que tem *O Domingo* em receber de uma maneira tão pouco amavel *As Cancões d'Aurora*. Não satisfeito com avivar uma por uma as maculas do livro do Sr. Lins, chegou até a descobrir outras e outras. Assim é que d'esta quadra:

«Cheguei-me vagaroso ao branco leito
Daquella virgem loira e languinosa;
E quiz depor-lhe um beijo sobre as faces
Manchadas de carmim, de côr de rosa.»

O Domingo diz:

«Imagine-se o effeito que produziria
numa virgem loira e LANGUINOSA (!) que,
para dormir, tivesse a extravagante
idéa de manchar as faces de carmim e cor
de rosa! Horresco!»

A vista d'isto nós, que não tínhamos descoberto nada de ruim naquelles versos, tratámos de nos guiar pelos asser-tos d'*O Domingo*.

Saltou-nos logo á vista por causa do gripho a — *virgem loira*. Que quereria dizer aquelle italico?

Em seguida encheu-nos o olhar o ver-saete de *languinosa*, mas ahi apenas encontrámos um neologismo infeliz e mais nada.

E em peccado de neologismos... ou-sará o critico d'*O Domingo* atirar a primeira pedra?

Por fim chegamos ao *manchar as faces de carmim, de côr de rosa*. Eureka! disse-mos satisfeitißimos...

Verdadeiramente *O Domingo* tem catadupas de razão. E' de má effeito, até ante-hygienico uma virgem manchar as faces de carmim para dormir.

Mas... nova desillusão! não foi isso o que o Sr. Lins disse. O novel poeta pinta-nos a seu modo umas faces coradas como o carmim ou como a rosa.

Ah como nos entristeceu este rasgo de critica d'*O Domingo*! São cousas.

E cousas que lastimamos sinceramente, porque um livro de estréa, e mormente quando o seu auctor, como o Sr. Lins, revela inspiração, não pode, não deve ser analysado por aquella forma. A missão do critico ahi é aconselhar e aninar, simples e unicamente.

O Domingo que nos desculpe agora esta verdade: foi injusto para com *As Cancões d'Aurora*. Livro de estréa, repetimos, não poderia satisfazer *in totum* as exigencias do seu (e do nosso tambem) paladar litterario, tão affeito aos *acepipes* banvilianos; mas está longe de merecer a critica acerba que lhe fez o illustrado collega.

Terminando, agradecemos ao *Domingo* a delicadeza dos adjectivos não merecidos com que honrou, no seu artigo, o nosso obscuro nome, e esperamos que não prolongue esta pequena discussao, que está pedindo o seu ponto final.

Por nossa parte elle ahi fica.

ALFREDO DE SOUZA.

DEFEZA DOS COGUMELOS

A. PELIPPE L. PALETTA

«Ruim como um cogumelo!»

«Aquelle typo é como os cogumelos: vive na lama; bem mostra que é tão ruim quanto elles!»

E por ahi vac-se assim diariamente

augmentando a má fama dos cogumelos.

Que injustiça! exclama a Botânica.— Pois que! então são isso os *champignons*? Eu direi (continua) onde ha cogumelos não ha podridão. E' certo que elles apparecem, multiplicam-se e vivem onde um foco de podridão se desenvolve, mas sua presença aqui é como a do ferro em braza que mata um cancro, ou como a da aurora que espanta a noite e a da agua que a sede estanca ou limpa e lava o que impolluto não está.

Numa carteira de notas de nossos tempos academicos (calou-se a Botânica) encontra-se a seguinte verdade, referida não sabemos por quem:— os cogumelos influem energicamente para a decomposição dos corpos organicos, mas realizam essa decomposição sem desprendimento de gases mephticos, e acceleram tal phenomeno, dando em resultado productos de fermentação.

Sem elles, pois, não existiriam os liquidos alcoolicos, nem mesmo a cerveja — essa eterna productora de ataques de estupidez — que com seus pobres cinco por cento de alcool tanto consumo tem no mundo civilisado.

A esse outro cogumelo — o esporão de centeio — quantas mães de familia não devem a vida quando, no critico e laborioso momento physiologico, ao exercer, rem a sagrada função da maternidade — uma grave hemorragia vem, complicando o caso, ameaçal-as de morte?

E tambem quão interessantes não são essas microscopicas mucidineas e mucorinas que, por preferirem para sua alimentação as materias vegetaes são chamados pelos botanicos — *pequenos corvos vegetaes*?

Bellinck, citando Leveillé, diz que em 1856 vendiam-se de cogumelos em Paris, so no mercado d'aquella cidade (afora o que se comia salgado, em conservas etc.) 6000 francos, além do que se comprava em estabelecimentos hortícolas.

Essa importancia commercial ainda sobresahe com saber-se que em Mery-sur-Oise as plantações de cogumelos abrangiam (hoje muitissimo mais) 45 kilometros, vendendo-se ali para mais de 2000 kilos.

No estudo botanico d'esse vegetal ha interessantes phenomenos que não cabem nos estreitos limites d'estas poucas linhas.

Ha cogumelos luminosos, phosphorescentes, principalmente quando aquecidos.

Onde ha luz ha risos e não crimes, e, deante d'elles, como explicar-se a rebarbativa e desdenhosa idéa de comparar-se um máu sujeito com as excellentes e varias qualidades de tão precioso vegetal?

Mas, pelo que dizendo vimos, vemos que os cogumelos são polymorphos. Ha grandes e ha infinitamente pequenos; d'entre os ultimos alguns são malignos, porque são productores de molestias.

Hallier escreveu uma memoria sustentando ser o cholera-morbus produzido por um cogumelo.

A *tinha favosa* e as diferentes variedades de *herpes* desenvolvem-se á custa delles,

Triste reverso de medalha a que uma boa parte da humanidade (*va victis!*) se não pode furtar. Mas não são estes — os invisiveis — os taes que vivem na lama...

Rio, Novembro de 85.

DR. FRANCISCO PESSANHA.

SPORT

Realisaram-se no ultimo domingo as corridas do *Hippodromo Guanabara* e todos os jornaes que noticiaram o divertimento foram unanimes em preferir que elle houvesse sido transferido por causa do máu tempo. Verdade seja, que desviaram toda a culpa de sobre a digna Directoria, atirando-a para os proprietarios que reunidos resolveram fazer os seus animaes correr.

Não temos a pretensão de ser o que melhor pensa, mas não nos podemos furtar a emittir nossa franca opinião. Para nós nenhuma culpa tiveram, nem a distincta sociedade *Hippodromo Guanabara* nem os proprietarios. Quando estes ao meio dia conferenciaram e resolveram dar a corrida, se é verdade que choviscava, parecia provavel que d'ahi a pouco o tempo iria limpar e só fiados nisto tomaram aquella resolução.

Começato o divertimento, como interrompê-lo, sem com isso trazer grandes perdas para a sociedade e para elles, proprietarios? Nesta questão de corridas devemos sempre tornar saliente que não existe a menor subvenção nem do Governo nem da Municipalidade, o que obriga muitas vezes a fazer-se não o que é melhor, mas o que menos prejuizos pode acarretar.

O desastre acontecido com a egua *Bella-Alliança* não teve a importancia que lhe querem dar, embora todos lastimemos a perda de um excellente puro sangue e estejamos desconfiados de que houve um pouco de atropellação no jockey que montava *Bonita*. Mas estes desastres são muito communs nas corridas disputadas e se a raia não estivesse alagada talvez todos se limitassem a mencionar o deploravel incidente. Com as raias em perfeito estado tem-se visto *Africa, Talisman, Mandarin, Nicoafi, Speciosa, Almirante*, etc calirem, sem que por isso sejam accusados nem jockeys, nem proprietarios, nem directorias.

Ainda uma vez repetimos: o *Hippodromo Guanabara* e os proprietarios não tiveram culpa da chuva manter-se impertinente e do divertimento não ter corrido como seria para desejar.

Os animaes inscriptos no 1º pareo (350 metros) foram divididos em duas turmas, correndo na 1ª *Zizaina, Buchinha, Sultão, Cruzeiro e Didi* e na 2ª *Savana, Ganso e Pampeiro*. Na 1ª turma *Buchinha*, apesar de ter tomado a ponta e de ter condições para ganhar, foi soffreada pelo jockey Gustavo, o que fez com que sahisse victorioso *Sultão*. *Didi* tambem entrou no conselho dos bispos, na phrase humoristica do collega que redige esta secção na *Gazeta de Noticias*. Na 2ª turma venceu *Savana*, chegando em 2º logar *Ganso* e distanciado *Pampeiro*, que tanto tem de grande quanto de bacanarte.

No 2º pareo apenas correram *Aurora, Vampa e Nicoafi*, sahindo vencedor este ultimo que fez os 1.000 metros montado pelo jockey Arthur.

Correram no 3º pareo *Bella Alliança, Francoise, Jaguary e Bonita*; o tiro era de 1.750 metros e *Francoise* foi a primeira a chegar ao vencedor, tendo cahido desastradamente e pouco depois fallecido *Bella-Alliança*. *Jaguary* e *Bonita* foram distanciadoss.

Aproveitamos a occasião para aconselhar ao proprietario do *Jaguary* que o faça correr por um jockey, pois a *pericia* do menino que o monta ficou em evidencia desle um celebre pareo no *Hippodromo Fluminense* em que elle andou no pescoco da *The Witch*, eac não eac, e sem saber o que fizesse das reatas.

Jaguary deveria ter facilmente tirado o 2º premio.

No 4º pareo *La Ferthé* não tendo competidora levantou a metade do premio.

No 5º pareo (1.450 metros) *Bitter*, *Alteza*, *Bonita*, *Príncipe Alberto* e *Nicoasi* disputaram a carreira sahindo vencedor o ultimo.

Finalmente no 6º pareo *Savana* mostrou sua superioridade sobre *Eucharis* e bateu-a valentemente nos 1.450 metros, apezar da protecção de *Sultão*.

Desculpem os Srs. proprietarios mais uma rabecada contra o famoso *conselho dos bispos* e se convençam de que com os *concharos* estão cavando a sua propria ruina. O povo anda muito escarmentado; já a ultima corrida do *Prado Villa-Isabel* apenas a *poule* deixou pouco mais de 5.000\$, e o *Hippodromo Guauabara* nesta ultima corrida fez pouco mais de 2.000\$. O resultado é que os premios forçosamente tendem a diminuir, sendo os mesmos proprietarios de animaes os unicos que com isso devem soffrer.

Os leitores d' *A Semana* devem estar contentissimos; na verdade lhes demos os seguintes palpites para o *Hippodromo Guanabara*: no 1º pareo *Savana*; no 2º *Druid*; no 3º *Garibaldi*; no 4º *La Ferthé*; no 5º *Nicoasi*; no 6º *Savana*; ora *Druid* e *Garibaldi* não correram e todos os outros ganharam!!!

Deve realizar-se amanhã a 2ª corrida do *Prado Villa-Isabel*.

O programma é importantissimo e em todos os sete pareos é difficil a escolha. Em todo caso, attenção ao tiro, pezo, estado dos animaes, etc ariscamos os seguintes palpites: No 1º pareo *Buchinha*; No 2º *Druid*; No 3º *Curubaid*; No 4º *Guanaco*; No 5º *Corubaid*; No 6º *Dinorah*; No 7º *Savana*.

L. M. BASTOS.

THEATROS

Esta semana foi verdadeiramente de rosas para os emperezarios do *Lucinda* e *Príncipe Imperial*. Souza Bastos, para solemnisar a reaparição da actriz *Pepa*, ornamentou luxuosamente o seu theatro, e, alem de dar-nos mais uma *reprize* da *Mam'zelle Nitouche*, lardeou-a de lindissimas conçonetas, cantadas, pelas distinctas actrizes *Rose Meryses*, *Manzoni* e *Oudin*. O publico não faltou a esta esplendida festa e não regateou applausos, flores e mimos.

O *Braga Junior* teve na segunda-feira, no *Lucinda*, a festa dos actores do *Biloutra*, que foi brilhante.

A actriz *Villiot* volta para o *Sant'Anna*, que continúa a levar com successo *A Mulher-Homem*, para a qual está preparando um novo *jongo*, do mesmo auctor do primeiro, e algumas surpresas mirabolantes.

E, por falar em *Sant'Anna*, não podemos deixar de manifestar a má impressão que nos causou a retirada do Sr. *Polero* e de *Mme. Henri*: Talvez que tenham ainda de se arrependar. Em todo caso é para sentir a ausencia d'esses excellentes cantores na companhia do *Heller*.

E para terminar temos a dizer que no *Recreio* tem apparecido a *Fé*, *Esperança* e *Caridade* e reaparecido, com enchanetes, já se sabe, o monumental — *Conde de Monte Christo*.

P. TALMA

FACTOS E NOTICIAS

TENENTES DO DIABO

A sessão preparatoria de hoje ha de ser como *Diogenes*, na *Mulher-Homem*: —levadinha da breca.

Crêdo! só o pensar no que vai ser na *Caverna* a noite de hoje dá tremeliques á penna e põe formigueiros nas barriguinhas das pernas.

Olhem, o melhor ó lerem o *puff* dos bravos *Tenentes* na nossa ultima pagina, que está realmente — *parallelipipedico*!

Hurrah! — pelos *Tenentes*!

OS FENIANOS

Hoje — ultima audiencia no tribunal da *Galhófa*, que será tão deslumbrante, *peripathetica*, *clarino* — *pifaro* — *zabumbastica* como as anteriores. *Evolé!* *Padre Lineu!* *Sylphides*, *Hethairas*, *Penelopes* do goso, que não findaes nunca de tramar a doirada teia dos vossos feitiços, encantadoras *perdições* dos marmanjos — *fenianos* ou não —, ao *champagne*, á *folia*, ao *cancan*! *Evolé!*

A commissão nomeada pelo Sr. ministro do imperio para organizar o plano de reforma da instrucção publica encarregou de illustre pedagogo, Exm. Sr. barão de *Macahúbas*, que d'ella faz parte, de escrever o projecto de reforma do ensino primario e secundario. S. Ex. já iniciou o seu importantissimo trabalho.

Regressou de *Cabo Frio* com sua Exma. familia o nosso estimado collaborador *Luiz Gonzaga Duque-Estrada*. Vae *A Semana* enriquecer-se novamente com os bellos artigos sobre *Bellas Artes*, que tão a contragosto, interrompimos.

Está inteiramente restabelecido da gravissima febre de que foi acommettido, o nosso estimado collaborador *Alberto de Oliveira*, o grande poeta dos *Sonetos* e *Poemas*.

Acha-se fuccionando novamente o *Instituto Abilio*, que, por uma leviana ordem de um delegado da *Inspectoria Geral de Hygiene*, foi mandado fechar pelo facto de haver fallecido de febre amarella um alumno d'aquelle Instituto... em casa de sua familia! O illustre presidente barão de *Ibituruna*, mandou abrir o collegio logo que soube do facto, dispensando mesmo a visita minuciosa do estabelecimento, a que, não obstante, foi forçado pelo director do collegio. Tivemos occasião de visital-o tambem e não encontraríamos palavras para descrever o asseio, a ordem, a disciplina, a salubridade e o bom gosto que se encontram, em alto grau, nesse notavel estabelecimento de educação, incontestavelmente um dos mais completos e dos mais importantes do *Brazil*.

Este pequeno incidente desagradavel foi mais uma victoria para os illustres directores do *Instituto Abilio*.

Felicitamol-os.

CORREIO

— *Sr. K. Rioca*. — Se é que a sua poesia « Os teus olhos » está na altura da beleza dos olhos da bella, a unica conclusão que se pode tirar, é que a sua diva tem os olhos vesgos. Sim, uns olhos que inspiram versos cambaios, olham por força para *ante-hontem*. Imagine o leitor n'os olhos que, na opinião do vate de *Muzambinho*, são como *rubins no eco pregados*! Conclue o poeta dizendo que por elles daria... o céu, a razão. Nada mais facil do que a gente dar o que não possui. Tenha paciencia, meu boim Sr. *Carioca*, mas... d'esta vez não pode ser.

— *Sr. Augusto Guimarães*. — Vejamos o seu sonetinho *Ajojo*:

Que cabelo formoso
Os teus hombros ondula!...

Horresco! Não posso continuar; a grammatica está de joelhos a pedir misericordia! Isto por ventura algum dia foi lingua de branco?!

Passemos ao final de sua producção poetica:

« Oh!... não, ó donzella...
« Tu és de mais bella
« Para ser da terra!... »

Não posso deixar de exclamar, parodiando o excelso cantor:

« Ah! não, ó poeta!
« Es de mais pateta
« Pra entrar n' *A Semana*! »

E passe por lá muito bem.

— *Sr. João da Silva Loureiro*. O seu soneto, á parte alguns defeitos, não é o que se pode chamar verdadeiramente um soneto detestavel; tem algumas cousas boas. Quer me parecer porém que, desde que não pode figurar com uma poesia de primeira ordem, é de pouca vantagem para si, publicar uma defeituosa. Quem poria mata caça, não sabe d'isto? Continue a trabalhar e sobretudo a limar o mais possivel, o que fizer, que não deixará, com certeza, de ser contemplado.

Sr. L. A. — A idéa do seu soneto.

A *Pesca* não é má, e seria com certeza publicada a sua producção, se tivesse sido tratada como convem, e como o ordena o modo no *Codigo poetico*. Maneje melhor a metrificação, salve-se dos escolhos das cacophonias, que chugará sem muito custo ao porto appetecido. Quem o avisa seu amigo é.

— *Srta. D. Geraldina Machado Gama*.

A sua poesia « *Musa da alegria*, » não veio senão derramar tristeza sobre minh'alma! Comquanto V. Ex. me diga que em sua musa não ha de haver talvez « ningo de soluços » eu não posso deixar de confessar que « minh'alma é triste como a rola afflicta! » Continúa V. Ex. dizendo que em sua musa, além de não haver enthusiasmos, não ha tambem « *dynamites russos*! »

Ora, minha senhora, para que ha de V. Ex. querer mudar o sexo á *dynamite*?! Quer queira, quer não queira, esta coisa combustivel, que nas campanhas destroe esquadras de guerreiros, ha de ser sempre tão feminina, como as lyricas donzellas que destroem pelotões de rimas. Euilhm, minha senhora, não podemos publicar a sua *Musa*; e sabe porque? Por ser alegre de mais.

— *Sr. Ali-Babô*, (O. P.) A sua poesia « *A mulata*... » (como este maganão gosta de cantar as mulatas.) sim, como ia dizendo: a sua poesia « *A mulata* » (esta sera tambem como a da *Mulher-Homem*: de earoco no pescoco?)... a sua poesia... (imaginem uma mulata que, no dizer do *Trovador*, *destina catita, como no lago a reioz pata*)... a sua mulata... não é bastante clara, portanto hea condemnada á escuridão do ostracismo. E adensinho, maganão!....

Sr. L. B. — Abaixo de sua poesia: *Lendo a Odyssea*, encontrei este — « P. S. E' minha primeira tentativa; devo continuar ou não? » Resposta: Trate primeiro que tu lo de assinar termo de bem versejar; do contrario da *Apollo* cae-lhe em cima, que é uma desgraça! A seguir o mesmo caminho errado da *Odyssêa* é preferivel que vá tratar d'outro officio!

Eis a nossa opinião rude e franca!
Tudo se pode hoje aturar, menos versos de pe quebrado.

HENRICO.

PRADO VILLA-ISABEL

PROGRAMMA CERAL

PARA A

SEGUNDA CORRIDA A EFFECTUAR-SE

DOMINGO 28 DE FEVEREIRO DE 1886

Primeiro parco — CONCILIAÇÃO — 1.000 metros — Animaes de menos de meio sangue — Premios 200\$ ao primeiro e 60\$ ao segundo

Nº	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Buchinho.....	Castanho	3 annos	S. Paulo.....	49 kilos	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
2	Aymoré.....	Castanho	5 »	Idem.....	59 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança..
3	Eucharis.....	Tordilho.....	5 »	Paraná.....	56 »	Branco e preto.....	Oliv. Junior & Lopes.
4	Bucho.....	Zaino	5 »	S. Paulo.....	55 »	Branco e encarnado.....	A. J. M.
5	Sultão.....	Libuno	3 »	Minas Geraes	59 »	Grenat e azul.....	J. F. Vaz.
6	Guacho.....	Chita	2 »	R. G. do Sul..	45 »	Preto e branco e bonet enc..	A. M.
7	Orione.....	Alazão.....	4 »	Rio da Prata.	59 »	Azul e encatuido.....	A. J.
8	Didi	Pampa.....	3 »	S. Paulo.....	49 »	Encarnado e azul.....	Carlos Coutinho.
9	Verbena.....	Castanho	3 »	R. de Janeiro.	40 »	Ouro e facha.....	Coudelaria S. Cruz.

Segundo parco — ANIMAÇÃO — 1.000 metros — Inteiros e eguas nacionaes até meio sangue — Premios: 300\$ ao primeiro e 80\$ ao segundo

1	Aranha.....	Alazão.....	4 annos	S. Paulo.....	52 kilos	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
2	Aymoré.....	Castanho	5 »	Idem.....	57 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança..
3	Druid.....	Tordilho.....	3 »	R. de Janeiro.	50 »	Encarnado e preto.....	Oliv. Junior & Lopes.
4	Bonita.....	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	52 »	Ouro.....	José Machado.
5	Africa.....	Preto	7 »	Paraná.....	54 »	Encarnado e branco.....	L. V.
6	Regina II.....	Castanho.....	2 »	R. de Janeiro.	44 »	Idem.....	Idem.
7	Pretoria.....	Libuno	5 »	S. Paulo.....	56 »	Azul e creme.....	A. C.

Terceiro parco INTERNACIONAL — 1.000 metros — Animaes estrangeiros até puro sangue. Premios 400\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo

1	Garibaldi.....	Alazão.....	6 annos	Rio da Prata.	58 kilos	Encarnado e preto.....	Oliv. Junior & Lopes.
2	Françoise.....	Idem.....	4 »	França.....	54 »	Idem, idem.....	Idem.
3	Curubaid.....	Zaino.....	5 »	Inglaterra...	59 »	Preto e encarnado.....	D. F. P.
4	Camelia.....	Alazão.....	2 »	França.....	48 »	Ouro e facha.....	Coud. Santa Cruz.

Quarto parco — METROPOLITANO — 1.609 metros — Inteiros e eguas nacionaes — Premios: 600\$ ao primeiro e 150\$ ao segundo

1	Nicoafi.....	Castanho.....	3 annos	Paraná.....	49 kilos	Ouro e encarnado.....	J. & P.
2	Guanaco.....	Alazão.....	7 »	Idem.....	52 »	Vermelho.....	Coud. Ypiranga.
3	Druid.....	Tordilho.....	3 »	R. de Janeiro.	50 »	Encarnado e preto.....	Oliv. Junior & Lopes.
4	Jaguary.....	Castanho	5 »	S. Paulo.....	54 »	Encarnado, branco e ouro..	L. V.

Quinto parco — OMNIBUS — 1.609 metros — Inteiros e eguas de todos os paizes — Premios: 800\$ ao primeiro e 300\$ ao segundo

1	Bolivar.....	Castanho	7 annos	França.....	59 kilos	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
2	Françoise.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	52 »	Encarnado e preto.....	Oliv. Junior & Lopes.
3	Curubaid.....	Zaino.....	5 »	Inglaterra...	55 »	Preto e encarnado.....	D. F. T.

Sexto parco — VILLA-ISABEL — 1.300 metros — Inteiros e eguas nacionaes de meio sangue — Premios: 400\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo

1	Douro.....	Alazão.....	7 annos	R. de Janeiro.	54 kilos	Verde e ouro.....	José Lopes da Costa.
2	Nicoafi.....	Castanho	3 »	Paraná.....	48 »	Ouro e encarnado.....	J. & P.
3	Bitter.....	Preto.....	4 »	S. Paulo.....	51 »	Azul e estrellas cor de ouro	E. M.
4	Aranha.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	49 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
5	Alteza.....	Libuno.....	5 »	Idem.....	52 »	Encarnado e preto.....	Oliv. Junior & Lopes.
6	Bonita.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	49 »	Ouro.....	José Machado.
7	Africa.....	Preto.....	7 »	Paraná.....	52 »	Encarnado e branco.....	L. V.
8	Dmorah.....	Castanho	3 »	R. de Janeiro.	48 »	Verde e amarello.....	Coud. Independencia.

Setimo parco — CRIADORES — 1.609 metros — Animaes de menos de meio sangue — Premios: 250\$ ao primeiro e 70\$ ao segundo

1	Didi	Pampa.....	3 annos	S. Paulo.....	46 kilos	Encarnado e azul.....	Carlos Coutinho.
2	Eucharis.....	Tordilho.....	5 »	Paraná.....	51 »	Encarnado e preto.....	Oliv. Junior & Lopes.
3	Sultão.....	Libuno	3 »	Minas Geraes	48 »	Grenat e azul.....	J. F. Vaz.
4	Savana.....	Castanho.....	4 »	R. G. do Sul..	49 »	Ouro e cinza.....	F. G.
5	Pampeiro.....	Idem.....	2 »	Idem.....	45 »	Preto e encarnado.....	Joaquim A. Silva.

OBSERVAÇÕES — Roga-se aos Srs. proprietarios o obsequio de terem os animaes inscriptos no 1º parco, as 11 horas precisas no ensilhamento.

RAUL DE CARVALHO, 2º secretario,

T. D.

S. E. C. TENENTES DO DIABO

SEXTA E ULTIMA SESSÃO PREPARATORIA

HOJE, SABBADO, 27 DE FEVEREIRO, HOJE

Terminação da grande e hyperbolica symphonia carnavalesca, para dar logar á

ENTRADA TRIUMPHAL

do immenso, do espantoso, do deslumbrante, do archi-pilherico e tres mil vezes immortal

DEUS MOMO!

Vinde adoral-o, cachopas!
De joelhos, raparigas!
Vinde entoar as cantigas
Do amor, ao tinir das cópas!

Evolé! pela Folia!
Evolé! pela Loucura!
Esmaltemos de alegria
Os trances da vida escura!

Eia! atiremos aos ventos,
Eia! atiremos aos mares,
Com os ultimos lamentos
Os derradeiros pezares!

Hoje, por ser o ultimo baile *avant le grand jour*, vae ser um baile de **ARROMBA!**
Cada perna, no giro das valsas de Strauss e de Metra, tomará a fôrma exquisita e original de um

SACA-ROLHAS

O sabre famoso do general Fritz, da **GRANDE DUCHESSE DE GEROLSTEIN**, depois da derrota, será um simples e triste fuso comparado ás pernas elegantemente espiraladas dos filhos e das

FILHAS DO DEUS MOMO

Tudo que a divina arte de Cimarosa tem de mais harmonioso, de mais celestial, de mais terno, de mais vibrante, de mais **CHIC**.

PSCHUTT.

V'LAN

AH

E BÉCARRE

tudo nos fará ouvir a incomparavel e olympica banda do famoso

ELIAS DA PRAIA-GRANDE

Gloria ao Deus immortal, que entre flores e estrellas
Surge ao mundo sómente em tres dias do anno!
Venham, pois, adoral-o as bacchantes mais bellas:
Sobrehumano prazer d'este genero humano!

Na Caverna Plutão, entre fulgidas gemmas,
Irradiando o fulgor do seu genio immortal,
Ha de ás nymphas cantar assombrosos poemas
Em honra ao Deus famoso, em honra ao Carnaval!

ORA VEJAM VOCÊS!...

DR. MADRUGADA, 1º SECRETARIO

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 6 DE MARÇO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II-N. 62.

REDACÇÃO E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, N. 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

SUMMARIO

Expediente.....	
Historia dos sete dias.....	J. DO EGYPTO & C.
Conselheiro Martim Francisco.....	
O ideal da condessa.....	V. MAGALHÃES.
Poules.....	CATÃO.
Jornaes e revistas.....	M. VALENTE.
O cabelo da morta.....	A. MENDES.
Aqui, ali, acolá.....	ALFINETE.
Correio litterario.....	L. DE MENDONÇA.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Um quadro.....	A. A. L. VIEIRA.
As mãos.....	L. DE MENDONÇA.
Sob as oudas.....	E. DE BARRAS.
Theatros.....	P. TALMA.
Factos e Noticias.....	
Conselhos salutaes.....	DR. SAHEN.
Correio.....	ENRICO.
Recebemos.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

GERENTE

F. D'ALMEIDA

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

ASSIGNATURAS

CORTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

HISTORIA DOS SETE DIAS

Bate nos á porta o Carnaval, o Deus estonteador e zabumbatico, que interrompe um pouco a monotonía que impera, de parceria com o Sr. D. Pedro II, nestas paragens *carioquenses*, com o estrugir dos seus tempestuosos bombos, o chocalhar dos seus guizos retinintes e o estridulo vozeio dos seus cornetins rauci-troantes e ensurdecedores.

O' vós que sentis o visgo nojento d'este verme corrosivo que se chama:—o tédio, empeçonhar-vos a alma; bardos chorosos, em cujos corações a la-

muria se aninha como nos verdes musgos das arvores se aninha o canôro passarinho; mancebos lyricos e empaltecidos, que, com os olhos voltados para o zimbório azul onde *papá* Jehovah, de quando em vez, faz ouvir o seu pigarro tempestuoso, ainda lamentaes ao piano as ingratições da virgem dos vossos sonhos; ó almas tristes como a rola afflicta, mandae ao diabo a *melanrolia*, e atirae-vos ao Carnaval!

D'aqui por pouco tereis ante vós, abertos de par em par, os seus porticos dourados. Ah! vereis em doudas cabriolas, languidas como as hauris do Oriente e mais formosas que as circassianas, as gentis filhas do grande Momo, o orgiaco Deus, a *polichinellichinica* magestade que, durante tres dias, fará d'esta pacata Sebastianopolis nada mais nada menos que a Babylonia dos antigos tempos.

O *Castello*, a *Caverna* e o *Phanteon* (sic) dos *Progresstas* flammejarão diabolicamente, ao estrugir de um archi-fornidoloso *Zé-preira*.

O' diabo! agora vemos que estavamos fazendo um *puff*, um legitimo *puff* carnavalesco, d'esses com que as sociedades *momisticas* annunciam as suas deslumbrantes festas, como o dos *Tenentes do Diabo*, que se pode ler hoje na nossa ultima pagina...

Desculpem, leitores pios. Mas que fazer? A cidade na semana que devêramos historiar, foi toda de preparativos carnavalescos; bombos, caixas e zabumbas *zép'reiraram* com desespero, annunciando a proxima batalha; tudo foi mascaradas, narizes, barbas, roupas sarapintadas, phantasticas, sem senso commum..-

E, no entanto, alguns assumptos graves esperavam o commentario da nossa penna procveta...

Para que a transicção não seja muito violenta falemos do Entrudo.

O Sr. Dr. chefe de policia empregou as classicas medidas e circulares afim de impedir o grosseiro e endefluxante divertimento.

Não sabemos que peso terão taes medidas no espirito publico e se o réles Entrudo desmentirá ou não o que os auctores d'*O Bilontra* o fizeram dizer d'elle mesmo: «Estou na massa do sangue nacional». O certo é que todos os annos o chefe de policia emprega as mesmas medidas repressivas e cada vez mais desenfreado se apresenta o Entrudo.

Este anno, porém, parece que o tal amiguinho será mais commedido e menos porcamente máu, pois que nos anteriores, na hora em que estamos, já não havia nariz honesto nem respeitavel cartola que não tivesse recebido o beijo inesperado e humido de um limão de cheiro... insupportavel.

Dever-se-á attribuir tão grato acontecimento ás *medidas* dos bons desejos do Sr. Coelho Bestos? Duvidamos; em todo caso, bonnissimo será realisem-se os desejos das suas *medidas*.

E' tempo de morrer o Entrudo, para que o Carnaval resuscite. E, pelo que se

diz, resuscitará, pois que varias sociedades farão passeata solemne, com riquezas ideaes e riquissimas *ideias*.

Não, positivamente não achamos meio de tratar dos assumptos serios:—Da admoeção amigavel, amigabilissima, feita pelo Sr. Chefe de Policia ao redactor da *Voce del Popolo*, por ordem do Sr. ministro da justiça, convidando-o a moderar a sua linguagem acerca do nosso paiz. Diremos somente que *legem habemus* e que taes admoeções *amigaveis* são attentorias da liberdade de imprensa;

Do triste caso da algos das pobres escravizadas Eduarda e Joanna, uma senhora moça, rica e bella, que infelizmente não soube ou não pode fazer brilhar essas qualidades, esses dons, com a luz da bondade. Por mais que nos commiseremos do estado d'essa senhora, não nos devemos esquecer que ella é uma criminosa, de um duplo crime hediondo e provado, commetido longamente, dia a dia, em duas crianças, fracas de corpo e da peor das fraquezas: eram escravas!

Nem d'esses casos, nem de outros como esses tão importantes, como o grande emprestimo de 6 milhões de libras, tão favoravel e habilidosamente levantado em Londres pelo governo, e que fez logo subir o cambio e descer as libras—trataremos hoje.

Sentimos na massa encephalica o aboletamento do microbio carnavalesco.

E' a febre de Momo que ahi vem, mais furibunda que a amarella.

Contra essa não ha Inspectoria de Hygiene que possa valer.

E o melhor barão de Ibituruna contra o *micrococcus momisticus* é cada um em sua casa com sua mulher e seus filhos. E' o que vamos fazer.

JOSÉ DO EGYPTO & C.^a

CONSELHEIRO MARTIM FRANCISCO

Foi geral a consternação causada pelo passamento do Conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada, no dia 2 do corrente, em S. Paulo.

Falta-nos espaço para dizer do que foi na vida publica e particular esse illustre brasileiro.

Intelligencia superior, extremamente lucida e complexa, illustração solida e variadissima, character nobre, generoso e inflexivel no cumprimento de deveres, coração franco e bondoso—eis resumido em quatro palavras o que foi esse digno herdeiro do nome immortal dos Andradas.

O Conselheiro Martim Francisco havia sido eleito deputa lo á Assembléa Geral dias antes do seu lamentado fallecimento.

Propugnou sempre pelas idéas liberaes adiantadas, embora houvesse de attender por vezes ás conveniências politicas, que entravam frequentemente a marcha progressiva dos programas liberaes.

As saudades que deixa a todos que o conheceram perdurarão longamente.

A' sua illustre e consternada viuva, a seus filhos e a seus genros Drs. Theophilo Dias e Silva Jardim envia *A Semana* sentidos pesames.

O IDEAL DA CONDESSA

Quem a via, áquella formosa loira—loira como Titania e branca como Amphitrite—a correr loucamente, desesperadamente, atraz das aventuras galantes, arrostando com a maledicencia e a calumnia os justos reparos do mundo, quem a via nessa galopada festiva pela existencia fora, dizia com apparente razão que a condessa andava á caça como Diana, mas acreditava que do amor; e ahí o erro. A condessa andava á caça, mas de um ideal, do seu ideal.

Quem o diria?!...

Fossem dizelo ao seu ultimo amante, áquelle guapo mancebo moreno e rico, que ella foi descobrir não sei onde, cujos presentes aceitava desdenhosamente, sem lhes tocar, e cujos bigodes crespos beijava com ardor; e elle, ouvindo que a condessa buscava nelle—não dinheiro nem prazer—mas um ideal, elle riria, riria perdidamente, com a boa risada ingenua da estúpida. Porque é preciso dizelo:—o bello mancebo moreno e rico era estúpido como uma bota velha, apezar da intelligencia que parecia brilhar nos seus olhos negros e da sua larga fronte emoldurada em pretençiosa cabeleira á menestrel.

Mas ninguem lho disse, nem elle, sequer, desconfiou.

Por isso imagine-se o seu espanto quando, ao encontrar-se com a condessa em um dos corre lores do Lyrico,—para onde haviam marcado *rendez-vous*, devendo conduzi-la á casa apos o espectáculo,—a formosa rapariga passou por junto d'elle com a altiva e fria magestade de uma estatua, respondendo com quasi imperceptivel aceno de cabeça ao cordial e apressurado cumprimento do amante.

Pobre rapaz! Quedou se perplexo, tremulo, assombrado, conservando por alguns segundos,—nos olhos a imagem d'aquella bello corpo que se afastava, arrastando com olympica serenidade a longa cauda do custoso vestido;—e nas narinas affiantes o quente perfume lascivo que se exhalou do seu collo branco de pomba amorosa, ao passar por elle.

A' sahida, em frente ao portão do imperial theatre, quando, depois de havel-a leito tomar o coupé, ia entrando para sentar-se ao seu lado, a portinhola fechou-se com impeto, batendo forte, e ouviu a voz crystallina da condessa, que lhe atirava, recostando-se nas almofadas, estas duas palavras terribes:

— Boa noite.

A carruagem partio celerè, tirada pela impaciencia fogosa dos cavallos; a condessa aconchegou-se a um canto, e, torcendo nervosamente as luvas, cuspiu pela portinhola esta injuria, como se ella pudesse ir bater nas faces do desampontado rapaz:

— Estúpido!

Antes de proseguir direi que era tão condessa aquella mulher como eu sou condessa.

Chamavam-na condessa porque para que o fosse apenas lhe faltava sobre os flavos cabellos perfumados uma pequenita coroa condal, pois tudo o mais que é preciso a uma condessa, digna do titulo, ella o possuia affarta:—belleza, elegancia e espirito.

Não me pergunte o leitor mais nada sobre a condição e o passado d'essa mulher. Fora indiscreto; peor: fora ocioso.

Dias depois tinha a condessa conquistado novo amante: um advogado moço, intelligente e bonito. Estava muito contente.

Para encurtar o tempo em que o esperava, deitava-se na *chaise-longue*, e, cruzando as roseas mãosinhas sobre os olhos semi-cerrados, esquecia-se a construir mentalmente naquella penumbra cor de rosa o irisado castello novo dos seus sonhos, onde o advogado campeava como senhor e amante.

Por nenhum outro como por aquelle homem havia sentido tão subita e tão violenta paixão. Oh! adorava-o! Como era distincto, delicado, affavel, insinuante, sympathico! Aquelle havia de comprehendê-la e de lhe dar a felicidade que ella inutilmente a tantos outros havia pedido e que julgava merecer. Aquelle havia de encontrar em seu espirito e em seu coração as delicadas teclas jamais tocadas, e nellas havia de acordar as melodias suaves, as opulentas sonoridades que deviam, tarde ou cedo, embalar a existencia d'ella e a de um homem na ineffavel delicia da felicidade absoluta. Coitada! Offerecera-se abnegadamente, com sublime impudencia, a quantos julgára capazes de comprehender-lhe o coração, de descobrir o mundo ignoto e riquissimo, a virgem America que ella possuia no seio, á espera de um Colombo genial, que tardava tanto! E todos elles, todos, passaram por ella deixando-lhe no espirito, como recordações, os vestigios sangrentos do seu egoismo insaciavel e da sua vaidade satisfeita, sem que houvessem deixado na sua carne moça e ardente a saudade de um unico beijo!

Pobre condessa! O seu advogado, com todas as bellas apparencias de distincto, de superior, era tão trivial, tão chato e, porque não dizelo? tão pulha como os negociantes, os medicos, os engenheiros, os jornalistas e os litteratos que o haviam precedido na perfumada e capitosa alcova d'aquella mulher infeliz. Ao fim de um mez estava farta e devolveu-lhe o ultimo bracelete com um bilhetinho em que havia esta eloquentissima palavra: *Basta*.

Havia cahido a condessa na crise melonha de desanimo e tristeza que sempre se costumava seguir a esses desmoronamentos, quando lhe foi apresentado um moço, romancista de grande nome, muito mais conhecido por elle do que pessoalmente.

Uma felicidade para o rapaz, porque a sua pessoa não tinha absolutamente nada de notavel, capaz de impressionar alguém, e muito menos uma mulher como a condessa.

Esta admirou-se muito ao conhecê-lo, e, como o príncipe de Palermo ao conhecer Boccaccio, estive para exclamar:

— Pois este é que é aquelle?!

A primeira impressão foi, portanto, lamentavel.

Depois que Alberto partio—chame-mos-lhe Alberto—ella ficou por muito tempo a pensar na insignificancia da sua figura, no commum da sua fala e das suas manieras.

Que vulgar!

E sua vulgaridade preocupava-a.

— Não será este com certeza; pensava tristemente.

Lembrou-se então de que lhe havia concedido licença para ir visital-a em dia proximo. E esqueceu-o.

Mas no dia marcado lembrou-se de que elle havia de procural-a, e esperou-o. Embalde: o romancista não appareceu.

— Grosseirão! Obrigam-me a ficar em casa toda uma noite a esperal-o!

Irritou-se, injuriou-o e tomou-se de um vivo desejo de encontral-o para agradecer-lhe a descortezia.

Perguntou por elle; deram-lhe as peiores informações: era orgulhoso, fátuo, indifferente a tudo que não fosse os seus interesses ou os seus trabalhos litterarios.

Tão más informações picaram fortemente a curiosidade da condessa. Seria elle tudo aquillo? Como vérifical-o? Foi facil: Alberto voltou. Não se desculpou da descortezia praticada, talvez á espera de que a condessa lh'a lembrasse.

Esta, porém, estava muito preocupada com estudal-o.

Esperava que elle lhe falasse de litteratura, que lhe impingisse algumas paginas do seu romance ultimo, ainda inédito. Nova decepção. Alberto falou-lhe de muitas cousas, menos dos seus livros, nem estadeou pedanterias litterarias.

Disse mal, muito mal das mulheres. O que mais impressionou a condessa foi o dizer-lhe que a mulher, em geral, decide-se sempre pelo peor, que tem um especial pendor para os imbecis; tudo resultado da falsa comprehensão que ella tem do que seja a superioridade no homem. E dizendo taes horrores das mulheres, não exceptava aquella com quem conversava! A condessa defendeu-se galhardamente. A proporção que falava, notou a surpresa e o prazer que se estampavam na physionomia do seu interlocutor; mas este não teve uma exclamação, não lhe fez um elogio.

Ao despedir-se, duas horas depois, beijou-lhe as mãos e prometteu voltar.

Foi então que se lembrou a condessa de que elle nem uma so vez lhe dissera que a amava!

Dois mezes depois, acreditava a condessa haver encontrado por fim o seu ideal naquelle vulgarissimo rapaz.

Mas—cousa singular!—não se sentia feliz.

Andava inquieta, nervosa, ora triste, ora alegre; mas de uma alegria e de uma tristeza excessivas, pouco naturaes. Faltava-lhe o que quer que fosse, exactamente quando nada lhe devia faltar. Que seria? Alberto amava-a discretamente, com muita dedicacão, muita meiguice e um pouco de tristeza, e talvez tambem com um pouquinho de desconfianca.

Ella acreditava adoral-o; jamais sentira por ninguem o que sentia por elle.

E, contudo, não estava satisfeita.... Nunca se havia julgado tão infeliz.

Resolven distrahir-se, atordoar-se, curar aquelle novo mal que lhe devorava a tranquillidade e a alegria.

Logo em uma das primeiras vezes em que voltou á vida mundana dos concertos, dos espectaculos e dos saráus, encontrou... ora quem havia de encontrar? — o advogado, o tal a quem ella havia cuspido aquella injuria: Estúpido!

E' indescriptivel a commoção que a sua vista lhe causou. Foi como a entrada triumphante de um grande ar puro em pulmões oppressos e offegantes.

Irresistível augeio de possuí-lo de novo apoderou-se d'ella. E seu coração, palpitando descompassado, segre lava-lhe:

— Volta a elle: nelle encontrarás o teu ideal.

Obedeceu aos conselhos do coração.

Oh! com que prazer sentiu-se de novo sacudida, atormentada na luta dolorosa de duvidas e de esperanças em que se passava d'antes a sua existência!

E o advogado voltou, e com elle voltaram as sensações, os desejos, as esperanças e os desesperos da confessa.

Alberto adivinhou tudo, e fez ponto final naquella incidente amoroso, escrevendo-lhe a seguinte cartinha:

Con tessã.

«Felicito-a, porque a vejo novamente feliz, e felicito-me a mim, por haver-lhe proporcionado o meio de descobrir onde estava a sua felicidade.

«Veja V. Ex.: julgava que era de um ideal que precisava a sua vida, quando apenas era — de *procural-o*. Olhe, peço-lhe um ultimo favor. E' este: Quando tiver de despedir o F. para buscar em X. o tal ideal que V. Ex. não deve encontrar para ser feliz, não se equivoque ao escrever a primeira vogal da famosa palavra *Basta*, trocando-a por outra.

«Commisere-se dos infelizes que têm a desgraça de parecer *superiores*.

«E perdoe o mal que lhe fez o mais pulha dos seus a lairadores,

Alberto.»

A confessa passou esta carta ao advogado, que estava com ella na occasião.

Elle leu-a, sorriu-se e disse-lhe, entregando-lh'a:

— Que idiota!

A confessa teve um fremito de raiva e de indignação; viu sobre a mesa papel e um lapis, sobre aquelle traçou com este, nervosamente, esta palavra: — *Besta*, e sahio da sala como um tufão.

Oito dias depois, procurava encontrar *seu ideal* em um commedatior bem apessoado e meio pelintra — a flor dos commedatioros — que adorava os romances de Montepin e começava a criar barriga.

VALENTIM MAGALHÃES.

POULES

Em todos os tempos tem havido divertimentos populares, e estes tem soffrido modificações, segundo o maior ou menor estado da civilisação.

Povo é povo; é uma perfeita mixtura de todas as classes sociais, sendo a maior das utopias traçar-lhe uma qualquer determinada norma de procedimento e copiando-a do *Flos sanctorum*.

Todos os grandes legisladores têm respeitado o gosto popular e consentido nos divertimentos que lhe são predilectos. E não vale nisso o menor favor, pois quem trabalha, quem paga impostos, quem obedece às conveniências geraes, tem o direito de espairecer um pouco, de rir, de impressionar-se agradavelmente, de enthusiasmar-se, de divertir-se.

Que o povo fluminense goste das corridas de cavallos não ha a menor duvida, e só contestal-o-á o legislador abstracto, que não se der ao trabalho de ser naturalista, de sahir do gabinete e de ir observar a alegria geral nas festas dadas em nossos melhoes hippotromos.

Será um gosto estragado e que reclame correção ante o seculo que atravessamos? Certamente que não, pois esse mesmo gosto de ver correr bons cavallos existe nos paizes os mais cultos.

Não acreditamos que um governo intelligente ouse levantar a mão contra esse popularissimo divertimento, para esplendor do qual *varios e importantes capitaes* se acham em gyro.

E dizemos isso porque a Municipalidade, dando a mais desastrada prova de ineptia, procurou ha pouco celebrar-se, remetendo ao abalisto ministro do Imperio uma envenenada postura.

O *Jockey-Club* comprehendem-lhe logo o mortal alcance, e reunido em conselho, foi prompto em declarar que suspenderia suas corridas, e a essa benemerita sociedade deve o paiz o florescente estado em que se acha a industria de criação de animaes superiores.

A *poule* é o sangue das sociedades que se empenham nessa patriótica empreza. Não ha vexame nenhum em declaral-o alto e bom som: o sangue, é a vida; já que o Governo e a Municipalidade não podem com as avultadas despezas de importantes premios, os unicos e paizes de fazer aquella industria desenvolver-se.

So confundem a *poule* com o *jojo de taboagem* um espirito muito curto e trapalhão. A differença é enorme. Quem se senta em frente de uma roleta, de uma mesa de cartas, de papoões de vispora, etc. e arrisca qualquer capital é um vicioso, *que só é levado pela esperanza do ganho e nisso resone todo o seu pernicioso divertimento*. Guerra a esses jogos ruinosos, estupidos e facéis, tão facéis que a toda hora qualquer os pode ter a mão!

A *poule* não é isso. Não sendo absolutamente obrigatoria, é para quem a compra mais um incentivo de attenção, de acompanhar com interesse uma lucta, um spectaculo grandioso em que varias machinas animadas, e que representam muitos cuiados e esforços, vão bater-se, guiadas pela mestria do homem e no meio de inesperados accidentes.

E' um divertimento digno de ver-se, de ser apreciado; todos gostam d'elle, todos o applaudem, todos, velhos e moços, ricos e pobres, homens e senhoras; todos se enthusiasmam, o povo inteiro o procura, alegre e espontaneamente.

¶ Que tem a *poule*? O facto de custar dinheiro? Mas não custa dinheiro a

simples entrada? e quem a compra não resolve antes e não preferio trocar uma parte do seu trabalho por algumas horas de prazer? Que tem que o preço seja 10\$? Acaso todos não sabemos que o que menos possue não a compra ou conforma-se com a metade, um quarto, um decimo d'ella, procurando socios? Que tem o legislador com um ou outro desmiolado que exhorbite? A extinção da *poule* dar-lhe-á juizo? Ou elle irá amanhã perder na loteria o que realmente não pole?

O assumpto é clarissimo, visto com olhos reflectidos e humanos. Com os olhos enfumaçados da moral abstracta, da confusão proposital das questões... pole o governo matar as sociedades de corridas e roubar ao povo um dos seus divertimentos predilectos.

Não é de esperar que tal aconteça, em quanto for presidente do conselho o Barão de Cotegipe, ministro do Imperio o Barão de Mamoré e ministro da Agricultura o conselheiro Antonio Prado.

CATÃO.

JORNAES E REVISTAS

A *Gazeta de Noticias* publicou no dia 25 do passado o seu «3º supplemento litterario.» Não é inferior aos primeiros. Traz duas produções notaveis; uma em prosa: *Viver!* — uma soberba allegoria da vida, dialogada entre Ahasverus e Promethen, original, primorosa e profunda como quanto sae da penna de ouro de Machado de Assis; a outra é uma paraphrase homometrica de um «canto nocturno» de Giacomo Leopardi, o genial poeta italiano, feita pelo fino e eruditissimo escriptor Ruy Barbosa, que não sabemos tão apparentado com Apollo. Além d'esses trabalhos, fizeram-se notar o primeiro artigo de um estudo critico, por Araripe Junior, do moderno e importante livro politico de Franz von Holtendorff, e um bom soneto de Castro Fonseca. Longe estão, contudo, ainda os supplementos litterarios da *Gazeta* de corresponder á importancia d'esta folha e ao que com os seus elementos nos poderia e certamente ha de dar ainda.

Parece-nos improprio d'estas publicações, que so deviam ser destinadas á litteratura amena, a inserção de longos trabalhos scientificos, em artigos que *continham*, principalmente porque não se pode saber quando *continuarão*, pois que entre um e outro *supplemento* medeia muito tempo, o bastante para fazer esquecer capitulos anteriormente lidos. Sobretudo fora para desejar trabalhos menos longos para que maior variedade houvesse.

E' merecedora a *Gazeta*, não obstante, de toda a animação e dos applausos de quantos prezem as Lettras.

O n. II da *Revista Popular* (Bahia; director Dr. B. Frauklin) traz excellentes artigos sobre finanças, biologia, agricultura, ethnographia, industria, etc. e o começo de uma interessante novella de Ch. Epheyre — *O Mirosauris*. Trata em artigo de fundo das questões de limites do Brazil com a coloma fran-

ceza, começando por estas criteriosas palavras: «É de uma politica sabia e previdente resolver em paz qualquer questão que para o futuro possa trazer vexames ás gerações que nos succederem. A questão de limites do Brazil com a Guyana Franceza está nestes casos, e S. Ex. o Sr. Presidente do Conselho, que em boa hora tratou de resolver a questão das Missões, não deve deseurar-se tambem de estabelecer definitivamente as nossas fronteiras do Norte; é necessario fechar aquella porta sempre aberta a um conflicto possível.»

Terminamos esta breve noticia, advertindo o collega de que tem sido muito irregular a remessa da *Revista*, tanto que nos falta o n. 10 e só muito tarde recebemos os numeros 8 e 9.

Suspendeu sua publicação *O Domingo*, aquella recente e excellente revista litteraria que via a luz em S. João d'El-Rey, redigida pelos jovens e promissores homens de letras—Jorge Rodrigues e José Braga. Na circular em que nos communicam essa desagradavel nova dizem os nossos collegas:

«Circumstaneias imperiosas forçamos a interromper a publicação d'*O Domingo*. Procurando sempre manter o programma, que nos impuzemos, lutando contra as numerosas difficuldades e os repetidos obstaculos que se oppõem ás emprezas d'esta ordem, temos consciencia de havermos enviado todos os esforços a nosso alcance para nos desempenharmos devidamente do compromisso que contrahimos para com os nossos assignantes.

«O que temos feito, porem, até então, muitas vezes com sacrificios não pequenos, tornar-se-ia penosissimo, si não impossivel, d'ora avante, pois a doença grave e rebelde, que ha muito afflige a um de nós, impede sejamos dous a dirigirmos uma empreza cujo bom exito depende do concurso de forças que se auxiliem reciprocamente.»

Nós, que com tanta alegria e tantos applausos vimos nascer *O Domingo*, registramos o seu desaparecimento—praza aos céus que temporario—com profundo e sincero desprazer, pois era um periodico que a todos os collegas honrava.

Aos seus redactores, com os pesames pela suspensão d'*O Domingo*, apresentamos a offerta das columnas d'*A Semana*, onde serão recebidos—sempre que o desejem—com toda a cordialidade e muito contentamento.

Promettemos em o nosso numero ultimo occupar-nos de novo com o primeiro numero d'*A Quinzena*, a recentissima publicação dos Srs. Alfredo Pujol e Jorge Pinto.

Abre com um soneto inédicto de Machado de Assis—*Mundo interior*, um primoroso soneto, primoroso no fundo como na forma, original na idéa, que é profunda e triste,—como quantas luminosamente brotam d'aquelle cerebro raro,—imprevisto no desfecho e ricamente rimado.

Havemos de honrar com elle as columnas do proximo numero d'*A Semana*.

Do conto de Valentim Magalhães—*O ideal da Condessa*—ajuizarão os leitores, pois hoje o transcrevemos.

Raymundo Corrêa traduzio *A Venus de Vienna*, de Armand Sylvestre, com a fidelidade, o esmero, a delicadesa, o extremoso amor artistico que tem sobejamente provado em quantas poesias tem trasladado para a lingua vernacula.

O Polhaço é um delicioso contosinho infantil, d'esses que só a gentilissima

escriptora D. Julia Lopes sabe ideiar e escrever e cuja leitura não deleita unicamente as erianças, pois são verdadeiras joias litterarias.

A traducção do Carme V de Catullo honra o seu auctor, o erudito jornalista Dr. Lucindo Filho.

Gracioso e delicado o « esboço d'assumpto para versos lyricos, de Lucio de Mendonça. Magnifico o soneto de Olavo Bilae, um poeta muito moço, que dia a dia se agiganta.

O poeta, *olhando a corrente*, chama a attenção da amada, pede-lhe que a contemple, « crespa, turva, a rolar... », que ouça as pragas e as imprecções medonhas, o soluçar, as blasphemias que « sobem rugindo d'essas negras vagas, » e diz-lhe porfim:

«Vê: Teus juramentos

Lá vão, lá vão levados os meus sonhos,
Lá vai levado o do nosso amor.»

Apenas nos desagradou o *enjambement* do ultimo verso do primeiro terceto com o primeiro verso do segundo. E' melhor evitar esse recurso de estrophe a estrophe, usando d'elle unicamente entre versos da mesma estrophe.

A velha é um lindo conto infantil, como os sabe fazer D. Adelinia Lopes Vieira.

Onze columnas e tanto são occupadas por um grande trecho da traducção inédicta que fez do «Canto do Hiawata» de H. Longfellow, o Dr. Americo Lobo, que já traduzio com felicidade a *Evangelina*.

Agradou-nos sobremaneira: pelo cuidado com que é colhido o pensamento do auctor e pelo esmero do verso, que é o exámetro, rimado arbitrariamente, sem divisão de estrophes. Mas não devia *A Quinzena* ter inserido tão longo trecho, pois veio essa circumstancia prejudicar a variedade das materias, preterindo outras.

Por esta rapida apreciação fica visto que se *A Quinzena* conseguir equiparar ao primeiro os numeros subsequentes, dar-nos-á Vassouras quinzenalmente uma publicação de primeira ordem, de que deverá orgulhar-se a nossa Litteratura.

M. VALENTE.

O CABELLO DA MORTA

Terra, jamais do seu cabelo, quando
Passar o tempo, os fios d'ouro feitos,
Entre os vermes, no termino execrando,
D'este sepulchro conterás! Tirei-t'os...

Toma o seu corpo só, em que perfectos
Dotes da Natureza estão brilhando;
Seus olhos ali tens—dois sóes desfeitos,
E tens sua bocca num sorriso brando;

Seu morto coração immaculado,
As suas mãos de neve, o rosto amado,
Os labios, onde está da morte o sello...

Tudo ali tens na eterna sepultura,
Terra; ali tens a morta creatura.
Mas deixa-me fiar o seu cabelo!

ARTHUR MENDES.

Fevereiro de 1886.

AQUI, ALI, ACOLÁ

A attenção de toda a cidade de Paris estava ás ultimas datas inteiramente absorvida no mysterioso assassinato do prefeito de *L'Eure*, Mr. Barrême, em um wagon do trem de ferro da companhia do Oeste.

O assassino havia comprado um bilhete de ida e volta para Mantes e entrado com a sua futura victima para o mesmo compartimento do carro. Era um homem de apparencia tranquillizadora, decentemente vestido e que não havia despertado suspeitas nem no proprio Mr. Barrême, que não duvidou viajar ao seu lado.

O crime foi commettido sem o minimo rumor e o assassino desapareceu como por encanto, sem que até hoje tenha sido possível descobri-lo. Todos os jornaes parizienses tratam em variados artigos, assignados pelos mais conhecidos chronistas como Sareey, Millaud, René Martin etc. d'esse exquisito e até hoje inexplicado crime.

Por alguns é elle attribuido a um *bonnetteur*, cavalleiro de industria que corresponde, mais ou menos, ao nosso jogador de *vermelhinha*, mas essa hypothese não é plausivel porque o assassino não tinha apparencias de *bonnetteur*. A opinião do Sr. Macé, antigo chefe de Segurança, em Paris, de ha muito retirado á vida privada, mas grande auctoridade em taes assumptos, e que o crime envolve um drama intimo que difficilmente será conhecido, talvez uma vingança, mas de character particular.

Toda a imprensa reclama contra o systema por que são construidos os wagons francezes e pede que sejam mudados pelos que se usam nos Estados Unidos, na Alemanha, na Suissa e na Russia: vastos salões-omnibus, sem separação, facilitando a communicação constante entre todos os carros, desde machina aos carros de bagagens.

Em taes carros os crimes de assassinato e roubo são quasi impossiveis, por causa da continua vigilancia dos empregados da estrada e da communicação franca dos passageiros.

Curiosissimo—esse crime.

ALFINETE.

CORREIO LITTERARIO

«PAMPANOS», POESIAS DE RODRIGO OCTAVIO.—RIO DE JANEIRO, 1886.—121 PAGINAS.

Bonito livrinho, magnificamente impresso na excellente typographia dos Srs. Leuzinger & Filhos. Abre-se, lê-se todo sem enfado; versos correctos e espontaneos, metrificação facil, rimas, senão ricas, pelo menos abastadas, bom-senso, toda a grammatica desejavaavel. Entretanto, acaba-se de ler toda a colleção sem uma surpresa, sem o deslumbramento de uma imagem nova, sem a necessidade de reler uma estrophe que impressione e fique cantando na memoria, sem o arrepio que põe na espinha dorsal do amator a obra d'arte em que faisca, de improviso, uma seintillação do ideal.

A conclusão obrigatoria é que o Sr. Rodrigo Octavio é, por enquanto,

um poeta mediocre, ainda que, parece-nos, não deva ficar ali; sabe-se quanto é hoje difficil, sob o actual diluvio de versos, que chovem de toda parte, estimar ou supportar, sequer, a mediocridade na poesia.

Se, comtudo, o leitor não se quizer lembrar de que está deante de um poeta novo, de quem devéra esperar emoções novas, inspirações virgens, e contentar-se com o verso bem melido e regularmente rimado, encontrará neste livro mais de uma pagina feliz: *Um poema* é um bonito conto, que ainda pertence ao cyclo poetico de Byron, tão admirado, outr'ora, entre nós, nos reflexos do nosso Alvares de Azevedo; *Scena hespanhola* são versos descriptos com algum colorido; *Crepusculo* é uma scena bem delineada, onde a tristeza do ideal nunca attingido doo na alma do poeta saciado do gozo terrono; *Onze de Maio* possui o religioso encanto do amor e da saudade filiaes; nas *Trévas* ha lindos effeitos de luz; *Os seios* têm muito calor de mocidade; no *Idyllio pagão* ha bellos versos harmoniosos; *O sineiro*, se se lhe desconta a infeliz cacophonia d'este verso:

«A lapide que Agar estava-lhe occultando» é um singelo conto, bem e commovedoramente contado; *A tempestade* tem mais de um traço vivo, o que não se encontra no *Combate*.

Em summa, num ponto de vista muito relativo, de quem não tenha grandes exigencias estheticas, o livro do Sr. Rodrigo Octavio pôde ser acolhido com agrado e sympathia. Diremos até que, pondo de parte os *Sonetos e Poemas* de Alberto de Oliveira,—livro, esse, de verdadeiro poeta,—ainda não tivemos occasião de receber, nesta secção d'*A Semana*, nenhuns outros versos meliores, nem tão bons como estes dos *Pampanos*; mas, por isso mesmo que o seu auctor demonstra ter merecimento, rigorosa probidade litteraria, muito cuidado na execução, certo alinhamento em estreita, julgamos que é direito da critica pedir-lhe mais originalidade, mais esquecimento do seu eu, que transborda da parte do livro a que chamou *Extremos*, e que é muito inferior ás outras, e, finalmente,—para transcrever o que mais nos agradou no volume,—que nos dê muitas outras composições dignas do quadro a que poz como titulo—*Nas margens do Parahyba*, e que recorda o epitheto inolvidavel com que o eloquente Joaquim Nabuco estygmatisou o nosso rio fluminense—*O rio da escravidão*:

Que esplendida paisagem! Sonno lento,
Deslisa o Parahyba tremulante;
Um manto azul se n'fim, o firmamento,
A terra, um grande valle deslumbrante.

Os passaros em bando a cada instante
Curveteiam; nas arvores o vento
Brinca, e tudo parece a triunphante
Incarnação de alegre pensamento.

E enquanto a natureza regorgila
Em festas, e da abobada infinita,
Como limpida fonte, jorra a luz,

Ao sol abraçador do meio dia
Vae descendo arquejante a serrama
A lila dos escravos semi-nús.

Vê-se que quem escreve versos d'estes
possue elementos para, com algum
alento mais, vir a ser ainda um poeta
digno do seu tempo.

Valença, 22 de Fevereiro.

LUCIO DE MENDONÇA.

SPORT

Realizaram-se no ultimo domingo as corridas do *Prado Villa Isabel*. A concurrencia foi numerosissima, tendo a melhor ordem presidido a todo o divertimento, que terminou ás 6 1/2 horas da tarde.

No 1º pareo (1.000 metros) correram 9 animaes, cabendo a victoria, em 70 segundos, a *Aymoré*, seguido de *Eucharis*, carregando aquelle o peso de 59 kilos e tendo sido montado pelo jockey Arthur.

Aproveitamos a occasião para fazer justiça a este ultimo, que na verdade vae fazendo grandes progressos.

No 2º pareo (1.000 metros) não tendo corrido *Regina II*, apresentaram-se na raia 6 animaes, tornando a sair victorioso, em 67 segundos, *Aymoré*, seguido de *Africa*.

No 3º pareo (1.000 metros) *Curubaidé*, montado por Firmino, bateu, facilmente *Garibaldi* e *Françoise*, tendo esta ultima aliás feito bem soffrivel carreira, que lhe valeu o 2º logar. O tempo da corrida foi de 66 segundos.

No 4º pareo (1.600 metros) houve uma bonita lucta entre *Nicoafi* (jockey Arthur) *Druid* (jockey Lausinho) *Jaguary* (jockey Firmino) *Guanaco* (jockey Antonio Branco.) Saliu vencedor, em 109 segundos, o velho *Guanaco*, que continúa a lembrar-se de seus bons tempos. A palle rendeu 36\$000.

No 5º pareo (1.600 metros) bateram-se *Bolívar*, *Françoise* e *Curubaidé*. Esta ultima (montada por Firmino) fez uma esplendida corrida e por um triz que bate a *Bolívar*, que, esporeado e tocado, foi obrigado a ganhar em 104 segundos. A primeira vez que se encontrarem, tendo *Bolívar* de carregar mais 2 kilos, parece muito provavel que venha a victoria a pertencer a *Curubaidé*.

No 6º pareo (1.300 metros) apresenta-ram-se na raia *Douro*, *Nicoafi*, *Bitter-Aranha*, *Alteza*, *Bonita*, *Africa* e *Dinorah*. Não houve meio de haver uma boa sahida, e por umas tres ou quatro vezes alguns jockeys partiram sem ordem do juiz. O resultado é que a directoria acabou annullando o pareo, no que procedeu com todo o applauso do publico. Consta, porém, que diversas multas foram impostas a todos os jockeys, e a falar verdade achamos isso um pouco rigoroso, pois afinal de contas já os proprietarios haviam sido prejudicados na annullação do pareo e são elles os que terão de pagar aquellas mesmas multas.

No 7º pareo (1.600 metros) correram *Didi*, *Sultão*, *Pampeiro*, *Savana* e *Eucharis*. Foi um pareo animado lissimo, em que *Savana* conseguiu bater *Eucharis* em 112 segundos.

Acha-se annunciada para o dia 14 do

corrente a 3ª corrida do *Prado Villa Isabel*.

O programma consta de 7 pareos, em tudo identicos aos da 2ª corrida.

E' de esperar que haja muitas inscricções e que o divertimento d'esse dia desafie numerosa concurrencia.

L. M. BASTOS.

P. S. — No proximo numero publicarei um artigo apreciando a postura municipal prohibitiva das *poules* e a posição em que se collocou o Sr. Dr. Costa Ferraz, apresentando-a.

L. M. B.

UM QUADRO

A FILINTO DE ALMEIDA

Ninguém passava ali. Era tão longe da estrada aquelle oasis encantado! cercado de montanhas magestosas, esse valle de amor, cheio de rosas, era ninho de um par enamorado, ou retiro de monge?

Via-se o colibri beijando as flores da purpurea epomea; a abelha inquieta, libando o doce mel de uma violeta, occulta sob a folha; e as revoadas das pombas, pelo azul, talvez caçadas de mysticos muros.

Das palmeiras, a brisa mollemente os leques balançava; as trepadeiras, que em festões pelos troncos se enroscavam, as florinhas, ás mil, arremessavam pra matizar alfombras feiticivas, de esmeraldas óment.

Ouvia-se o rumor de quedas d'agua, mas não se via mais que lymph pura, serpando entre florida verdura. Os cantores da selva, as meigas aves, entoavam uns canticos suaves, de muito amor ou magua!

Ao pôr do sol, a voz de um sino ao longe, triste, cortando os ares esmorece....

E os dois passaram juntos, graciosos, mudos, embevecidos... vagarosos...

Era um ninho de amor, que o mundo esquece, não retiro de monge.

ADELINA A. LOPES VIEIRA

AS MÃOS

Nasceram gémeas, cresceram ao lado uma da outra, na communhão do calor do mesmo berço e do mesmo collo e das mesmas caricias maternas.

A mão direita revelou-se desde cedo irmão da esquerda; do par, é o homem; já nos primeiros mezes, era quem premia, com suave pressão, o seio que nutria o corpinho fragil e, pois, também a pequenina irmã menos habil, que em taes momentos descansava merte. Depois foi sempre mais forte, mais activa, mais agil, mais emprehendedora, mais industriosa, mais rapida e mais energica; o principal e o mais rude do trabalho, a iniciativa em todas as occasiões, pertenceu-lhe sempre: é quem escreve, quem segura o livro e o folhêa, quem maneja o pincel e o escope, quem applica o bisturi, quem er-

que o martello e a picareta, quem torce a verruca, quem desembalucha e vibra a espada, quem desflecta a arma de fogo, quem sustém e arranca o anzol do pescador, quem aguilhoa os bois, quem fustiga ou refreia os animaes do tiro, quem dirige a enxada e a loice, quem mais forte ao remo impelle o barco; e quem manipula, quem corta, quem rasga, quem rega, quem semea, quem colhe; ella é que nega, que intima, que impõe, que subjuga, que arrebita e que restitue, que contem e que repelle, que salva e que precipita, que esbofetão e que afaga, que assassina e que abençoa.

Entretanto, a mão esquerda, a *irmã*, a vizinha do coração, mais fraca, mais tímida e recatada, apenas observa ou, quando muito, auxilia, coopera, intervem secundariamente, no seu destino de mulher.

E' verdade que às vezes, — nos ambidextros e nos cauhotos, — a mão esquerda exerce as funcções da companheira; mas a excepção corresponde às mulheres-homens, que por ali ha, na historia e na vida domestica, e ainla confirma a justeza da analogia.

Porisso, e por merecida compensação, cabem à mão direita as preceleacias; na etiqueta, indica a posição mais nobre; na linguagem tropologica, exprime a distincção, a primazia, a força, o poder, a personalidade inteira.

E' pela mão que começa para o amor a deliciosa tomada de posse, — a não ser que comece pelo pé, nos mysterios de debaixo da mesa, como se vê entre Mario e Coseta. Mas esta ultima forma é excepção, a que eu chamaria portuguezia, se não tivesse em memoria o suave exemplo parizienuse; a regra é a outra forma — *la main dans la main*, como nos versos lyricos. Assim, classico olhar entre os namorados, olhar essencialmente cumprido, é bem nua *longa manus*, como na lieção de direito.

E quando de simples namorado se tem de passar à mais grave posição de noivo, ali vem a graciosa synecdoche: pede-se a mão da bem amada, para dizer que se quer a dona da mão.

Da soberania da mão dá testemunho a pratica das feiticieiras que dizem a *buna dicha*; lêem nella e não na face, a despeito da sua maior nobreza, nem nos olhos, com tola a sua reputação de «espelho da alma.»

A mão é para a alma melhor cousa do que essa patetica de espelho: é o agente de sua immedata confiança, é o chefe do poder que executa o que o cerebro legisla.

Braço e cabeça, costuma dizer-se; mas, braço, por causa da mão: braço sem mão, que vale?

Nas linhas da mão sabia tambem ler o feiticieiro que se chamava Theophilo Gautier. Ha nos *Esmaltes e Camaféis* um admiravel estudo de mãos: o divino bruxo vê cousas estranhas nas linhas de uma palma de mão moldada em gesso, palma que é «livro branco onde Venus traçou signaes que o Amor só pode lêr tremendo»; e na mão cortada de Lacenaire vê que «todos os vicios traçaram com as garras, nas linhas d'aquella pelle, me lanhos hierogliphos, que o carrasco leu correntemente.»

O aperto de mão, ainda que hoje tão trivializado, que bella affirmacão de cordealida de! que eloquente modo de exprimir affeição!

A luva, que recata a nobreza da mão, que a isola da vulgaridade do contacto de outras, é um preito da civilização a esta privilegiada parte do corpo humano. E' o pergaminho d'esta aristocracia.

Eterna symbolisação da força e da graça, a mão direita e a mão esquerda vem junctas, achegadas, desde as tre-

vas da vida... intima; depois, na peregrinação da existencia, reune-se nos momentos das profundas e das apaixonadas emoções, — na supplica, na oração, no entusiasmo e no desespero; e, por fim, no dia solemne em que a figura humana restitue ao vasto laboratorio da terra os atomos emprestados, lá estão, frias sobre o peito do morto, aproximadas como se formaram, enlaidadas como irmãs, que são, as extremas gémeas.

Valença, 1885.

LUCIO DE MENDONÇA.

SOB AS ONDAS

(A TIMOTHED DE FARIAS)

... Et il se gardait bien de ne pas ouvrir les yeux.

H. Heine

«A sonhar, a querer—jamais querdo,
Vivemo já seu vi tao,—spina o mundo,—
«Afogou-se... Um de meos... Viu perdido
Talvez o bello Ideal... — Do mir ao fundo

Sigamos o bohem o. Lá, no erguido
Claro bosque, lá onde o rubicundo
Coral cres ce, um jardim vê-se florido,
E das ondinas ouve-se o jocundo

Riso. Ellas vão e vem, nas pequeninas
Mãos mil flores e perolas trazendo.
Avistando-o a descer, — nuas, divinas,

Correm... vão vel-o. O triste, revivendo,
Abre os olhos...mas oh! —vão-se as ondinas...
E elle a pedir— Não fujam!... vae morrendo.

1836

EDMUNDO DE BARROS

THEATROS

A novidade da semana em materia theatral foi o *Casamento do Bilatra com a Mulher-Homem*, no Principe Imperal.

Somos suspeitos para dizer mal d'esta peça em 2 actos, que o Sr. Souza Bastos, ou o auctor, intitulou revista das revistas.

Por esta razão, preferimos dizer apenas que ella tem graça, ou antes chalaga e pilheria espessa, *sal-grosso*, como se diz entre bastidores.

Está ensaiada com certo capricho e bem encenada. A musica, tirada quasi toda das outras duas revistas, foi bem escolhida e bem ensaiada pelo maestro Francisco de Carvalho.

O desempenho é regular, destacando-se os actores Montedonio, Machado e Corrêa. O primeiro recita com multissima graça uma *serra* no 1º acto.

No mais, podemos dizer que a nova revista do anno pertence a um genero a que se poderia chamar — comedias para homens.

Nos dias de carnaval descansam as empresas theatraes. Toavia o Santa Anna prepara a nova opereta em 3 actos, de Arthur Azevedo — *A Donzella Theodora*.

Esta peça tem uma bella musica do Dr. Filinto Milanez, um amador de muitissimo talento. Os ensaios vão muito aliantados; a peça deve subir á scena no dia 12.

No theatro Sant'Anna haverá 3 bailes carnavalescos nos dias 7, 8 e 9—o

que possa haver de mais *chic*, deslumbrante, phantasmagorico e *parallépipedo*. Em summa: tres «patusecalas de repica-ponto», como diz o Diogenes no *Marive da Mulher-Homem*.

E tudo por 1\$000 de entrada!

P. TALMA

FACTOS E NOTICIAS

A cerca das experiencias feitas com osapparelhos telephonicos de Van Ryselbergue, na cidade de Paraty, diz a *Tribuna* d'essa cidade:

«Esteve nesta cidade o Illm. Sr. Dr. Leperre, engenheiro, com os apparelhos telephonicos simultaneos de invenção de Mr. Van Reyselbergue, sabio belga, e a convite do nosso amigo o Sr. Ferreira, telegraphista desta cidade, compareceram na estação telegraphica algumas pessoas gradas do logar para assistirem á experiencia dos referidos apparelhos em communicacão directa d'esta cidade para a estação central da Corte, que dista d'aqui 360 kilometros ou 60 leguas pela linha telegraphica, servindo-se o mesmo Dr. Leperre de uma so linha telegraphica, na qual funcionaram ao mesmo tempo os apparelhos telegraphicos Morse e telephonicos, chegando a ouvir-se distinctamente as vozes de alguns dos dignos membros da directoria dos telegraphos, os Srs. vice-director Dr. Lossio, chefes Francisco de Faria, Hermogenes, Pimentel, Pinto, Affonso Sá, chefe da contabilidade, e o Dr. Antonio de Senna, introductor do systema no Brazil, e o Sr. Seoaime.

«Ouvimos tambem as vozes de uma pequena caixa de musica, collocada no apparelho da estação central, onde tambem foi ouvida uma pequena variação de flauta, que tocou-se na estação d'esta cidade por occasião da mesma experiencia.»

Era de Queiroz, o emiuentissimo escriptor portuguez, acaba de dizer adeus ao celibato.

Casou-se no dia 10 do passado com a Exma. Sra. D. Emilia de Rezende. Effectuou-se a cerimonia na capella da Sra. condessa de Rezende, prima da noiva, servindo de testemunhas esta Sra. e a Sra. condessa de Covo e os Srs. conde de Rezende e Ramalho Ortigão.

Parabens ao grande romancista e á sua esposa.

Faz hoje annos a Exma. Sta. D. Maria J. de Magalhães Castro.

Chegou do Norte vinlo estabelecer-se neste capital, o Dr. Alcibiades Furtado, a lvogado e distincto poeta.

GRAMMATICA MUSICAL

Apparecerá brevemente á luz um importante trabalho do maestro Miguel Cardoso, lente de musica na Escola Normal da Corte, intitulado — *Grammatica musical ou Tratado analytico de musica*, que servirá de compendio para os alumnos da mesma escola.

Folgamos em dar esta noticia porque essa obra vem, indubitavelmente, preencher uma lacuna existente na arte musical entre nos; estamos certos que muito util será a todos quantos artistas e amadores cultivam a divina arte de Beethoven.

Está na Corte, de volta da Bolívia, onde é conselheiro do Imperio, e para onde regressará, exgota lá a licença com que veio, o Sr. Victor da Cunha, que muito trabalhou na nossa imprensa.

FALLECIMENTO

Tem corrido aziago o anno novo para o *Jornal do Commercio*. Hontem—o fallecimento de Oclaviano Hudson; —hoje o de Eugenio Adet.

Deu-se esta tristissima occurrencia no dia 1 do corrente.

Chegado, havia menos de um mez, da Europa, aonde fora a visitar sua mãe, foi Eugenio Adet acometido de uma febre typhica, que zombou de todos os envidados medicos e de todos os desvelos. Era sub-gerente do *Jornal do Commercio*, logar que havia pertencido a seu fallecido e honrado paé. Nesse encargo portou-se sempre de modo a não permittir nenhuma censura. Era muito estimado e sympathisado geralmente.

Ao seu enterro concorreu toda a imprensa, havendo *A Semana* comparecido na pessoa do nosso collega Henrique de Magalhães.

Pezamos á familia e aos ex-companheiros de trabalho do mallogrado Eugenio Adet.

CONSELHOS SALUTARES

AOS HEMORROIDARIOS

Chegon-nos ás mãos um numero do *Journal de médecine de l'Algérie*, d'onde extrahimos a noticia seguinte, que achámos curiosa e de utilidade para os que são atormentados por tal molestia:

«Um homem de 36 annos soffria, ha quatro já, de tumores hemorroidaes internos, com fluxo sanguinolento e purulento e quasi continuos, dores horribes ao evacuar, insomnia, etc.

«Quanto ao moral: hypochondriaco, indifferente a tudo, até para seus proprios negoçios, enfim: muitissimo desgostoso.

«Fui consultado depois de muitos outros honrados collegas, recitei a melhor medicação classica a meu vêr: *pitulas de cremor de tartaro e enxofre com infusões de millefolio* (Teissier). Quinze dias depois, o nosso doente considerava-se o ser mais feliz da terra.

«Estou curado—disse-me elle.

«O remedio que dei-lhe foi soberano?—perguntei.

«Qual! Nem mesmo mandei-o fazer! O que tomei foi um que me aconsellou uma boa mulher, que já eurous mais de cem pessoas que soffriam como eu.

«Mostrou-me então uma tisana espessa de *consólida maior*, da qual bebia dois litros por dia.

«Despedi-me do homem feliz, que ria-se um pouco de mim... Ha humilhações que deviamos saber tragar calados!...

«Tres annos depois dizia-me esse doente que nunca mais sentira a menor dor nem o reaparecimento da molestia. Elle attribuirá isso á sua tisana, da qual fazia uso 3 a 6 dias por mez. O seu jardim achava-se já cheio d'essa planta!»

Ali fica a noticia. Experimentem a receita e dêem-nos conta do resultado. No proximo numero faremos uma apreciação sobre o facto.

DR. SAHÉN.

CORREIO

— Sr. *Abel Maria da Gama e Silva*.— Diz V. S. na sua carta aproveitar-se do direito que tem, como assignante d'á *Semana*, para fazer publicar a poesia junta, do seu amigo o Sr. Auto de Magalhães.

Vejo que V. S. está inteiramente equivocado. Nunca declarámos terem os assignantes o direito de publicar nesta folha poesias ou artigos. Não quer isto dizer porém que deixemos de publicar qualquer coisa que nos seja remetida por algum assignante, desde que o mereça. Intelectualmente é impossível a publicação da poesia do Sr. Auto; está metrificada com alguma regularidade mas trata de um assumpto por demais vulgar. Queira, portanto, desculpar-nos, não só o poeta, como V. S. que não o apresentou.

— Sr. *J. M. O.*—O seu sonetinho... é assim... assim. Muito *assim*, *assim*, mesmo; mas mesmo muito! Hoje um soneto, —principalmente de poeta desconhecido,— para que mereça as honras da leitura, meu bom senhor, é necessário que seja feito com todos os preceitos da arte; que seja bem metrificada, que tenha forma, estylo, correção grammatical, enfim: tudo! Do contrario e chover no molhado. Ora o seu sonetinho não é lá para que dignos... portanto...

— Sr. *M.*—Se o S. S. é proprio a confessar que foi grande ousadia de sua parte servir-se das palavras de G. Jinguero para fazer alguns mais versos, que lhe nelas eu então dizer? Isto é uma máfia, continua o amigo, e com mais acoz o unico recurso e ter paciencia! Esta não lembra ao diabo!

Eu entendo que o unico recurso, em tal caso, é dizer ao illustre cavalheiro que o *Semana* não é precisadamente o edificio da Praia Vermelha.

Duchas, meu amigo, duchas e sobretudo muita discrição, e ficar certo que isso reaparecerá como por encanto.

— Sr. *B. S. F.*—Na carta que acompanha o seu soneto «*Inscendel*» diz V. S.: «Não me negue esse prazer de publicar o soneto, ainda que, para isso, seja preciso corrigi-lo. Foi muita graça! Ora, seu homem, pois se S. S. conhece que elle precisa de correção, como é que pode que o publicamos? D'mas pátisco e esta pílula: ainda que para isso seja preciso corrigi-lo; como se dissesse: seja preciso escangalhar-o, erral-o, deformal-o.

Isto tem mais graça que uma grossa de *clowns*.

«Corrija-o, diz mais o versificador, rogo-lhe, mas... *passa-o* publicar, sim?»

Ah! *rosnice* pede com tanta ternura que a gente não *arresiste* nem a páu! La va obra!

INSENSIVEL

«Quando eu te vi, senhora, não amava, 1.
Não sabia mesmo o que era amor!—2.
Mas ao ver o teu perfil encantador, 3.
Venturoso senti que te adorava!

«Quiz fugir-te... (4) porém tão preso estava—
Embebiado a te olhar com tanto ardor,
Tão ebrio dos teus olhos ao fulgor (5)
Que em vez de te fugir... mais te buscava.

Foi preciso fallar-te...»— E eu aproveitei o ensejo, enquanto vi o poeta absorto a fallar com o anjo dos seus pensamentos, para por aqui muito pela calada o ponto final:—

— Sr. *Armando de Castro Lisboa*. Que o Sr. tem um nome poetico, e uma verdade; mas d'ahi a considerar-se livre das musas vae grande distancia. Não se é Apolo assim com duas raizes e meia (certas), e muito menos. Fique certo, com 14 ver-os... errados. Hoje quebrar todos os pes de um soneto é barbaridade que leva um poeta á pena ulla.

(1) Sim senhor, boni-t-o-to!

(2) Nem metrificação.

(3) Não r. parem se este verso tem uma syllaba de mus, e que elle tractou como moleque fino que é, de aboanhar a que falta ao visinho do 2º andar.

(4)... mas não pude, o virgem!

(5) Olhos embebedantes... tem *cachaça* co n toda a certeza. E disse.

Eu estou aqui a arder em desejos de dar o seu soneto; *Um typo religioso*. Espero que tome em consideração a minha phrase; arder em desejos; imagine agora o senhor, e não o calor que faz presentemente, o supplicio que é fou a curtir por sua causa, (moralto), qas... está tão aleijadinho, o pobre, que huir com elle é, com certeza, escangalhado de todo.

Contudo, v. S. não se portou a mi alguma coisa do que elle tinha de melhor;

«Do templo então as portas de par em par
s'abrem»

Isto é com certeza um novo plural de *sabre*, arranjado pelo poeta; em todo caso é uma novidade. Não salda que o salde e ferro para toda a obra; a gente pucha-o da barba do bom senso e é, ali, mas nada menos, que um substantivo; de repente porém amassao e ed-o transformado (isto n'um caso de necessidade) em um verbo reflexivo. E assim por deante.

Continuem os:

«Parece *qu'assim*...»

Isto é com certeza diminutivo de *cação*; se o não é, parece.

Mais uma perola:

«Roubando, *par'ir* vender...»

Está *par'ir* faz-me parar, vecado. Demais, se a coisa acaba em roubo, não é *comigo*. Se se publicar o seu soneto, a arte poetica apita pelo policia e o pobrezinho tem de se ver em papos de aranhas.

Ja vê que não é possível. Assim o ordenam a decencia e o sugeo publico.

ENRICO.

RECEBEMOS

— *Revista Ilustrada*.— n. 117.— Como sempre—magnifica.

— *Relatorio da Associação Gremio Litterario á assemblea geral ordinaria*.

— *Dramas modernos*, de E. Richeliongr. Fasciculo n. 1; nova publicação d' a casa David Corazzi, destinada a largo successo.

— *Correio da Europa*, edição do Brazil, n. 3. Muito bom.

— *Estado Financeiro e commercial do Brazil em 1885*.

— *Diccionario Grammatical*, destinado a auxiliar os e estudantes nos exercicios de analyse etymologica e logica da lingua portugueza, por Felisberto Rodrigues Pereira de Carvalho.

— *Relatorio da Imperial Associação Typographica Fluminense*, dos exercicios de 1883—1884 e 1884—1885, apresentado á Assembleia geral pelo conselho administrativo.

— *Ha alguma novidade?* polka (com certeza chorada!) por Cesario Villela. Quem sabe se não é das toas de fazer a gente sentir formigueiros nas pernas?... Os *maestros* que respondam.

— *Mistilneas*, versos do Sr. Rodolpho Paixão. Vamos lê-los e dar mais tarde a nossa opinião.

— *Romanceiro portuguez* por J. Leite de Vasconcellos; editado por David Corazzi.

— *Memorias de um sapatinho*; editor Thomaz de Mello; encarregado da venda no Rio de Janeiro—Jose de Mello, da casa filial de David Corazzi. Tem um livro uma bella capa desenhada por Bortaldo Pinheiro. Quanto ao que é e ao que vale, fale por nos Fernando Leal, que o preficou; *memorias de um sapatinho, meus senhores e minhas senhoras, é uma das obras mais escandalosas que se tem escripto desde que neste mundo se faz litteratura pornographica* E.e. Deve ir reunir-se aos *Pomos d'Era*; so pode ter entrada nos quartos dos rapazes solteiros e nos *boudoirs* das *caudales*.

Mas para esta quadra canicular convem: é *freca* como uma cajada.

— *Da febre amarella endemo-epidemicna na cidade do Rio de Janeiro*; pelo Sr. Bento de Azevedo Maia Rubião.— Lemtamo-nos a agradecer, pois que não ha absolutamente novidade neste trabalho. Tudo quanto está escripto já se acha assignado ha muitos annos em varias theses e monographias de valor.

T. D.

S. E. G. TENENTES DO DIABO

DUAS ENORMES, DESLUMBRANTES, REPIMPONETICAS E OLYMPICAS

FESTAS CARNAVALESICAS

DOMINGO 7 E TERÇA-FEIRA 9 DE MARÇO

ENTRADA TRIUMPHAL E FULGURANTE DO DEUS MOMO!

Vós bem o conheceis, o Deus Momo, o gigante Olympico e tremendo, o pae das divindades; Sobrinho de um irmão do Jupiter Tonante, Sogro de Leucothoe, Siryx e outras deidades.

Foi elle que, escalando o Olympo luminoso, Deoses tristes virou, de uma vez, de cangalhas; E a rir, a rir, a rir, a rir, a rir de goso, Travou contra a Tristeza as mais rudes batalhas.

Tudo vence este Deus domingo e terça-feira,
O espirito espivita, aguçando o pernil,
Seu arauto, o paucudo e pandego Zé-P'reira,
Affirma que elle tem a frescura de Abril.

Os dois mais sumptuosos, repicaponticos e parallelipipedicos

BAILES A' FANTASIA

que nunca sonhou a mente escaldada, grandiosa e estupenda de **SARDANAPALO**, o homem-deus de **BABYLONIA**. As feericas e deslumbrantes **FILHAS DO PRAZER** virão, em choréas lucidas, aos magotes, com cardumes de **NYMPHAS**, multidões de **NAYADES**, rondas de **AMADRIADES** rodopiar em

WALSAS ELECTRICAS

E para que venham todas as semi-deas, aqui se lhes dirige a

CANTATA 69

O' Camélias, ó flores viçosas,
Bellas filhas do mundo pagão;
Semi-déas—inveja das rosas,
Vinde encher este vasto salão.

Proserpina de flavos cabellos,
Que um diadema de pedras comporta,
Hade pôr-vos do barathro os sellos,
Hade vir esperar-vos à porta.

Baccho, o heroe que heroínas enthrona,
Vem tambem contemplar-vos, houris:
Novo thyrsos de prata comprou na
Rua de S. Francisco de Assis!

Guarda d'honra de Satyros ledos,
De capripedes Faunos bregeiros,
Vos dirão das paixões os segredos
Rodopiando nas danças ligeiros.

E mais tarde a esplendente apotheose,
De mil sóes ao immenso clarão,
Quando Baccho injectar-vos a dose,
Então hade mostrar-vos Plutão!

Todo o brilho da troça moderna
Vem doirar o cariz do Deus bello!
Nestas noites a luz da Caverna
Hade a Aurora metter num chinello!

FOLIÕES!

Famosos e immortaes **TENENTES!** espera-vos o

PARAISO NA TERRA

tal como o não imaginaram Dante, nem Milton, nem Mahomet, os paradisiferos mais notaveis de toda a historia.

O paraizo da esplendorosa **CAVERNA** terá todas as impensadas fulgurações que o genio divino dos deuses do Olympo grego e do Eden da mythologia scandinava creou para eterno recreio e perenne **GOSO DOS ELEITOS**.

Lembrae-vos, gigantes da Alegria, que ha um dia pavoroso no anno, um dia terrivel, igual áquelle do qual o poeta dizia: «**O dia em que eu nasei morra e pereça**», um dia nefasto e maldicto que se chama na geringonça romana

QUARTA-FEIRA DE CINZA!

Aproveitae o tempo e vinde sacudir os musculos no delirio das mais deslumbrantes **FESTAS D'ESTE SECULO**. Repeti com enthusiasmo os hymnos da Loucura; entoae com fervor a antiphona do Prazer e dizei com o bardo sadino:

«Agora temos festa! A ella! a ella!
Que as horas do prazer vôam ligeiras»

Cá vos espera de braços abertos o vosso

DR. MADRUGADA, SECRETARIO

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 13 DE MARÇO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 63.

REDACÇÃO E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, N. 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

SUMMARIO

Expediente.....	
Historia dos sete dias.....	FILINDAL.
As sociedades de corridas e as poulas.....	L. M. BASTOS.
Os teus olhares.....	H. MAGALHÃES.
O maior sonet sia francez	V. MAGALHÃES.
O Volapuk.....	ARARIPE JUNIOR.
A vida elegante.....	LORGNON.
Bellas Artes.....	A. PALHEIRA.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Theatros.....	P. TALMA.
Contos a premio.....	
Colre das graças.....	BIBIANO.
Jornaes e revistas.....	M. VALENTE.
Receitas culnariarias.....	GARRION.
Recebemos.....	
Tratos à bola.....	FR. ANTONIO.
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

GERENTE

F. D'ALMEIDA

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

ASSIGNATURAS

CÔRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

HISTORIA DOS SETE DIAS

CARNAVAL

O deslumbrante carnaval do Rio de Janeiro, ha quatro annos supplantado e vencido pelo entrudo grosseiro e pullha, parece querer voltar ao seu antigo esplendor.

Effectivamente o carnaval d'este anno esteve muito superior aos dos tres ultimos annos. Os brutalissimos limões de cheiro, brinquedo barbaro e pernicioso, acossados pela policia, refugiaram-se para os arrabaldes, e ahi mesmo appareceram em pequena quantidade. Reinou a bisnaga nas ruas principaes e um ou outro limão que appareceu vi-

nhu envergonhado de tristissimo papel que representava quem o jogava.

Para este bom resultado concorreram muito as medidas tomadas pelo Sr. Dr. Coelho Bastos e o pedido que a Junta de Hygiene dirigio á população.

As ruas por onde haviam de passar as sociedades carnavalescas enfeitaram-se gallardamente, alfombrando-se de folhas de mangueira e illuminando-se á noite, menos com os arcos de gaz do que com os formosos olhos das moças fluminenses.

No domingo apenas sahiram as sociedades *Congresso dos Socialistas e Progressistas da Cidade Nova*. Levam alguns carros de critica executados com felicidade e muitos socios fantasiados com riqueza e gosto.

Brillhou a *Estudiantina de Salamanca*, tocando e cantando com muita correção grande numero de peças hespanholas que o publico applaudia ruidosamente.

Um grupo de rapazes, na maior parte coristas dos nossos theatros, tambem cantou e dançou em frente ás redacções dos jornaes o bellissimo *Jongo dos sezaenarijos, da Mulher-Homem*.

Houve alguns mascaras avulsos fantasiados com espirito, grande quantidade de princezes mudos, e muitissimos dominós.

A terça-feira é que, como sempre, foi o grande dia, o mais animado e concorrido. Muitas familias moradoras nos arrabaldes esperam pelo terceiro dia para virem á cidade ver o carnaval, por serem geral no terceiro dia que se apresentam as sociedades de primeira ordem, que são, afinal de contas, o encanto das festas carnavalescas.

Neste anno sahiram duas sociedades — *Os Democraticos* e os *Fenianos*.

Os Democraticos passaram primeiro pela rua do Ouvidor. Iam verdadeiramente deslumbrantes aquelles alegres e delicados foliões. Isso, porém, a ninguém espantou, porque sempre que os endiabrados Democraticos se apresentam em publico, fazem-no tão brillantemente, com tanta graça e bom gosto, que deixam na sombra quasi todas as outras sociedades. Assim aconteceu d'esta vez. A palma da victoria coube ainda este anno, incontestavelmente, aos Democraticos. Poucas vezes elles se têm apresentado com tamanha e tão notavel superioridade. E' desnecessario, para nós que tractamos tarde do assumpto, fazer a enumeração e descripção parcial das criticas, allusões e allegorias do brillante prestito d'esta sociedade. Notaremos apenas a maneira felicissima e completa porque foram tratadas as questões das barraquinhas do Mercado e dos vinhos falsificados.

Não se poderia exigir mais graça e mais espirito. Aquelles burricos carregados de hortaliças de todo o genero, o carro do pepino, o barco de Paquetá com os hortaliçeiros vestidos a caracter, eram de um effeito extraordinariamente hilariante. O que tambem revellou o refinado bom gosto dos Democraticos foram os carros allegoricos, principal-

mente o que representava um vaso de amores-perfeitos, todo cheio d'aquellas bellas flores, dominadas por um *amor-perfeito* animado, representado por uma formosa morena de grandes olhos pretos.

Bellissimo tambem o carro de Juno, tirado por dois perús, idéa graciosa e allusão delicada, visto que a deusa era representada por uma formosissima peruana de riso divino e um par de olhos negros como a noite, grandes e brillantes como duas estrellas, olhos que obrigaram o Corpo de Bombeiros a estar de promptidão, por se temer que de um momento para outro elles incendiassem a cidade, como iam incendiando os corações. Juno deve ter ficado satisfeitissima no Olympo por ter sido representada na terra por uma rapariga ainda mais formosa do que ella, pobre deusa ciumenta, que para reter o seu Jupiter nunca descobrio o segredo d'aquelle sorriso, a alvura d'aquelles dentes e o fogo negro d'aquelles olhos!

Muito gratiosos tambem o *Lago encantado*, onde num pequeno barco se ostentava uma bella feiteira com um barqueiro muito gentil e muito bem vestido; — e *Essencialmente agricola*, um grande ananaz, em cuja rama uma bella cigana rufiava animadamente um adufe.

Completava as allegorias uma imponente *Apotheose á Liberdade*: Sobre um magnifico pedestal sentava-se uma soberba mulher, vestida com o traje caracteristico da Republica, com um barrete phrigio sobre a bella cabeça que atirava sobre as espaduas uma pesada nuvem de cabellos pretos.

Tal foi o magnifico e deslumbrante prestito dos famosos Democraticos que se podem gabar este anno da mais estrondosa victoria.

Em seguida passaram os Fenianos, cujo prestito começava por um esplendido carro, representando uma grossa columna de prata, sobre a qual ia um socio soberbamente vestido de *Lohengrin*, empunhando o glorioso estandarte do Club. A' volta d'esta columna gyravam todas as loterias do Imperio, esmagando o Commercio, a Industria, a Agricultura, a Arte e a Sciencia. E' um dos mais bellos carros que temos visto em carnaval. Seguiam-se a este muitos carros allusivos a acontecimentos do anno, alguns tractados com graça, como o da *Juncta do Couce*. Não comprehendemos a allusão ás *revistas* do anno: Um enorme principe Obá e uma conhecida parteira representavam o primeiro — *O Bilontra* e a segunda — *A Mulher-Homem*; mas cumpre notar que o principe Obá não entra na espiituosa revista de Arthur Azevedo e Moreira Sampaio, mas sim na *Mulher-Homem*. Emfim, elles que assim o fizeram é porque lá teriam as suas razões. Das algibeiras d'estes dois personagens sahiram os quatro auctores das duas revistas — falando ás massas.

Duas idéas prejudicaram altamente o brillantismo do prestito dos Fenianos: uma allusiva ao Sr. José do Patrocínio e outra allusiva á Perseve-

rança Brasileira e ás caixas libertadoras.

Um jornalista como o nosso collega da *Gazeta da Tarde* está sempre acima das offensas que lhe queiram fazer sociedades carnavalescas; mas a allusão era tão injusta, tão grosseira, tão baixa que deve ter indignado mesmo os inimigos do notavel batalhador da liberdade dos escravos. O outro carro, allusivo ás caixas libertadora, sera simplesmente vil e indigno de rapazes que se presem; encerrava uma injuria torpissima, que ninguem tem o direito de lancar ás associações que tanto trabalham por lavar do solo d'este paiz a negra nodosa da escravidão.

Muito estranhámos que os nossos collegas da imprensa diaria não hajam profligado estas duas revoltantes allusões, como reclamava a solidariedade da imprensa.

Não seremos nós quem se esqueça d'esse dever e o nosso vehemente protesto ali fica lavrado com a maior indignação.

Magnificos, sumptuosos, os bailes das das sociedades carnavalescas. Tenentes, Democraticos e Politicos esmeraram-se este anno nos adornos dos seus salões, que estavam realmente fericos. Houve *fantasias* riquissimas, de muito bom gosto e algumas de muito espirito. Em todos os tres clubs appareceram mascaras scintillantes, que trouxeram numa roda viva os socios e os convidados.

E' incrível e inenarravel a alegria dos bailes carnavalescos nas sociedades: atravez do brilho opalino do *champagne*, radium os sorrisos das filhas da Loucura, e ao estalar das garrafas e ao tinir das taças de cristal misturam-se as gargalhadas argentinas e vibrantes das Evas d'aquelles Paraisos.

Nos Tenentes deu-se entre um bello dominó e o nosso intimo amigo F. um episodio galante, digno da chronica.

F. conversava numa roda de amigos quando a elle se dirigio o dominó, pelo braço de um distincto homem de letras, e o cumprimentou espiritualmente.

Do rosto do dominó apenas se podiam ver os formosos olhos azues, porque a bocca e o mento eram cuidadosamente occultos pelo leque. As mãos, pequenissimas, estavam calçadas por justissimas luvas cor de creme. F., parecendo-lhe reconhecer a dama, disse-lhe que só a *mataria* em verso—e escreveu-lhe a seguinte quadra:

« O que em vós se vê, senhora,
Revela serdes tão bella,
Que, se vos não sois a *Aurora*,
Deveis ser parenta d'ella. »

Não acertara o nosso amigo.

A incognita, depois de o trocar com muita graça, pediu o papel e o lapis, e escreveu:

« Tu dizes que eu sou *Aurora*;
Nisto vae engano ou dolo.
Eu é que posso affirmar
Que és pelo menos *Apollo*. »

Continuou o tiroteio. F. respondeu:

« Se vós me chamaes *Apollo*,
Vossas chufas nisto parem:
Não acho no *Olympo* grego
Deusas que se vos comparem. »

E o dominó:

« Sim, senhor! Bonitos versos!
Não julgue agora que minto...
Só pode escrever assim
Camões, Bocage ou Filinto. »(*)

(*) Referia-se, sem duvida, a Francisco Manoel, na Arcadia—Filinto Elysis.

F. Esta quadra, porém, foi escripta quando o dominó, sempre acompanhado pelo cavalheiro, já estava á meza da ceia. Esquecera-se de occultar a formosa bocca, e, como não pode haver num baile duas boccas como aquella, o dominó foi reconhecido. Então F., triumphante, escreveu:

« Vossa bondade conceda
Que um vate vos chame *Joia*.
Filha de Tyndaro e Leda—
Foi so por vos que ardeu Troia! »

Esava morto o mascara e realizado o talvez mais interessante episodio d'este carnaval.

No baile dos *Tenentes* havia fantasias de um luxo oriental, e *toilettes* riquissimas. Foi unanimemente proclamada rainha do baile de terça-feira uma deslumbrante turca, *signora* H. L., uma clara, alta, de enormes olhos verdes rasgados, de largas espaldas alvissimas e cintura de vespa, cabeça correctissima e collo esplendido. Trajava um bello vestido de setim preto, com rendas e vidrilhos, e corpette decotado, sem mangas, deixando ver os dois braços admiraveis, que serviriam de modelo a um esculptor que tentasse restaurar a *Venus de Milo*. Soberba e fascinadora creatura!

Houve tambem bailes á fantasia em todos os theatros, sendo para notar o do theatro S. Pedro de Alcantara pelo luxo, pela concurrencia e pelo esplendor da ornamentação.

Tal foi o Carnaval de 1886, que se não foi tão luxuoso e brilhante como os antigos, foi um dos melhores que ultimamente se têm feito, e dá-nos direito a esperar para o anno proximo um carnaval sumptuoso e extraordinario.

Assim seja.

FILINDAL

As sociedades de corridas e as poules

Só a maior ignorancia fará com que haja quem não veja e não reconheça, que a prosperidade em que se acha a criação de cavallos de sangue em varias provincias do Brazil, e exclusivo resultado dos serviços importantes que a essa mesma industria, têm prestado as nossas sociedades de corridas.

Se alguma devemos exceptuar é o chamado Prado Guarany que indubitavelmente apenas constituiu-se para desmoralisar os beneficos esforços de todas as outras.

Na verdade, ninguem soube nem sabe quaes foram os socios, quaes os estatutos, quaes os serviços daquelle celebre Guarany. Pelo contrario, é publico e notorio, que o Sr. Dr. Costa Ferraz, apresentando-se como presidente, accumulava os cargos de secretario, thesoureiro, juiz de pezagem, juiz de partida, juiz de chegada, arbitro em summa dessa escandalosa roleta, cujo producto ninguem sabe por onde se repartio.

Foi preciso que o povo, no meio do maior tumulto e indignação, resolvesse, arrancando a cerca e estragando o tal *marixe*, lavar a *postura* de que o Prado Guarany estava extinto e desempregados os que viviam á custa de suas falsas *poules*.

Com o maior pasmo vimos que na Camara Municipal, o mesmo Sr. Dr. Costa Ferraz, fundador e membro do conselho do Jockey-Club apresentou uma postura que não só seria a ruina desse Jockey-Club, do Derby, do Prado

Villa Izabel, mas tambem é um gratuito insulto atirado a todas as sociedades sérias de corridas, no seio das quaes figuram cavalheiros distinctos, pessoas graladas e honestos cidadãos.

Na verdade, querer acabar com a *poule*, quando é esta que tem sustentado todos os progressos da industria de criação cavallar no paiz, é confundir a *poule* do celebre Prado Guarany, cuja porcentagem entrava em bolsinhos invisiveis, com a *poule* das sociedades constituídas e que têm permitido a sustentação de premios cada vez mais importantes, e dos quaes têm dependido as numerosas acquisições de todos os animaes estrangeiros puros sangues que têm sido importados de ha dez annos para cá.

Em todos os paizes civilizados as suas grandes cidades contam varios hippodromos e é sabido que o Governo e a Municipalidade, em vez de pretender mata-los, conferem avultados premios com o fim de animar a industria pastoril. So aqui no Rio de Janeiro o Sr. Dr. Costa Ferraz (que bem conhece esse assumpto) onsa, despeitado pela extincção do velho Guarany, embarçar os grandes serviços d'aquellas distinctas sociedades.

Isto não é uma brincadeira e hoje que avultados capitaes estão collocados nessa importante industria, não é de esperar que pequeninas represalias consigam com promettel-os.

Acha-se felizmente na pasta da Agricultura o talentoso, illustrado e muito competente conselheiro Antonio Prado, um dos mais importantes criadores de S. Paulo, e que não consentirá na ruina com que ameaçam as nossas sociedades de corridas.

Nesta questão os mal intencionados sempre procuram desconcertar os que pensam com calma, observando que é preciso acabar com o jogo. Se a postura do Sr. Dr. Costa Ferraz isso conseguisse, seriamos o primeiro a apertar-lhe a mão e esperaríamos uma nova aurora, acabando-se de uma vez com as loterias, casas de roletas, *barraquinhas do Campo*, etc., etc. Mas tudo isso é um sonho: nenhum governo tem força para prohibir o popular divertimento de corridas. Desde que o povo ali se apresente ha de fazer as suas apostas, ha de jogar do mesmo modo; so desse jogo nenhum beneficio resultará para a importante industria que em tão adiantado ponto se acha.

O verdadeiro, pois, é manter-se o direito da casa das apostas nas sociedades perfeitamente constituídas e destinadas ao apuramento da raça cavallar. Nas sociedades de corridas a pé, nas de regatas, nas *barraquinhas do Campo*, etc., etc., a postura prestaria serviços, visto que ninguem pode seriamente confundir o fim d'estas com o d'aquellas benemeritas sociedades.

Se por qualquer circumstancia o Governo, não attendendo aos beneficos prestados por essas associações bem constituídas, baixar a manutenção dessa penosa e fatal postura, ellas terão que, inevitavelmente, soffrer uma liquidação immediata. Seria bem triste que essas sociedades como o Jockey-Club, Derby-Club, Prado Villa Izabel e outras, que têm empatado grandes capitaes, com grandes sacrificios, e baseados em mera iniciativa particular, venham a ser aniquiladas por uma *simples e insultuosa postura*, redigida por um vereador que não soube collocar-se, ao menos por coherencia de principios, na altura em que toda a sinceridade e gratidão o deveriam distinguir.

Os criadores e proprietarios, esses, que a todo o momento esperavam ver os seus sacrificios e grandes esforços pelo melhoramento da raça cavallar,

coroados pelo Governo e pela Municipalidade tiveram como recompensa aquella *vergonhosa postura*, que importa, nada menos que o completo desaparecimento de todas as sociedades de corridas.

Não podemos crer, que o governo tendo questões de tão grande importância, e estudar e resolver com calma e com o devido cuidado, como sejam as do Elemento Servil, as da Reforma Judiciaria, as das Correntes de Emigração, as do Territorio das Missões, as das Redes de Estradas de Ferro, as da Igreja e do Estado, as das Finanças e etc. etc. tenham vir inesperadamente tolher e embargar a prosperidade, o progresso de *associações perfeitamente constituídas, moralizadas e administradas* por cavalheiros honestos e bastante independentes.

Terminando, pois, aproveitamos a occasião para ainda uma vez fazer um appello a todas as dignas directorias e a todos os dignos proprietários: fujam de conchavos, de decisões injustas, elevem o divertimento á sua verdadeira utilidade. So assim poderão contribuir para acelerar aquella importante industria, proporcionando ao publico excellentes diversões verdadeiramente eguaes ás de Londres e Pariz.

L. M. BASTOS

OS TEUS OLHARES

Em te vendo o goso é tanto,
E' tal o goso em te ouvindo,
Que em vez de rir, quasi o pranto
Verto dos olhos. Sentindo

De teu olhar, que enlouquece,
A chamma captivadora,
Meu coração esmorece
E rola a teus pés, senhora.

Como esse olhar me perturba!
As tuas pupilas pretas,
Valem mais que toda a turba
Dos rutilantes planetas!...

Têm voz, mas voz que extasia!
Têm arreboes e alvoradas
É toda a grata magia
Das noites enluaradas.

Os teus, destruindo a calma
Aos meus olhares tristonhos,
Vem conversar com minha alma,
Diluvia-la de sonhos!

Não ha mais remedio agora...
Pois ardo, mulher divina,
Numa paixão que devora,
Num amor que desatina!

Nada fará que se acabe
Esta paixão desabrida!
Talvez não me ames... quem sabe?!
Mas eu, amo-te, querida,

Com tal Ego, que o mais forte
Despreso, archanjo dilecto,
Talvez possa dar-me a morte,
Mas não matar este affecto!

Chamma que, p'ra alimentar-se,
Não precisa d'outra chamma...
Que ha de explosir e elevar-se
Mesmo sob o mar que brama!...

Sinto o coração febreiro!
Ai! ver-te essa face pura,
Não é prazer: é tormento,
Não é tormento: é loucura!

No chão, vê-se te sepultas,
Sebe aos céos ou baixa aos mares,
Que, nem mesmo assim, te occultas
Aos meus sedentos olhares.

Quando meu labio procura
Cobrir d'oscuros ardentes
O teu, foges... Que tortura!
Mas, que importa que te ausentes,

Amor? Se a to lo o momento,
Mesmo quando te não vejo, —
Beija-te o meu pensamento,
Abraça-te o meu desejo?!

Quiz occultar bem no imo
Do peito, o amor que me mata;
Quiz ser surdo ao doce mimo
Da tua voz, que arrebatá;

Fugir-te; — se é que se alcança
Fugir ao sonho, fugir
Ao sol, fugir á esperanza
Fugir á flor, ao porvir;

A tudo quanto ha no mundo,
Quanto ha nos céos e nos mares
De sublime e de profundo,
Mas... quem foge aos teus olhares?

Quem... não delira, não sente
O venlaval dos desejos,
A enorme borrasca ardente
Do amor, — que aneia por beijos, —

Rugir dentro em si, ao echo
De tua voz — sacra harmonia?
Ninguem, meu anjo; se pecco
Em te amar, quem deixaria

De assim peccar? Pois se eu vejo
Que o céu brilha em tua frente!...
Quem no labio der-te um beijo,
Terá transposto o horizonte,

Por traz do qual os luares
Fulguram... por traz do qual
Da alvorada os nenuphares
Enchem Deus de luz irial!

Vés, meu doce amor? Que aneiros!
Quero... — escuta por quem és: —
Viver de amor em teus seios,
E morrer de amor a teus pés!

HENRIQUE DE MAGALHÃES

Rio, 27 de Outubro de 1885.

O MAIOR SONETISTA FRANCEZ

Não é Laconte de Lisle, o impecavel escultor do puro verso francez, o impassível sonhador do Passado, o poeta

dos Tempos e dos Astros mortos, o grande cantor dos *Poemas barbaros* e dos *Poemas antigos*; não é Theodore de Banville, o pelotiqueno maravilhoso dos rythmos, o metrificador exímio que faz jôgos malabares com os metros e deslocacões assombrosas com os hemistichios, o parnasiano caprichoso das *Odes juvambulescas*, o idolatra da Rima; não é tampouco François Coppée, o grandioso poeta dos humildes, o sublime cantor da Simplicidade e da Pureza e do Sacrificio, o glorioso continuador da immensa obra de Victor Hugo; não é Richépin, nem Rollinat, nem Sully-Prudhomme, nem Clovis Hugues, nem Des Essarts, nem Armand Silvestre, nem Catulle Mendès.

O maior sonetista francez é José Maria de Heredia (Jér. José Maria de Heredia), para que se o não julgue algum patricio nosso.)

E' poeta pouco lido entre nos, mesmo porque não tem escripto muito, não sendo na propria França o seu nome dos mais conhecidos.

Tem publico pouca coisa, sendo sua maior obra a traducção em verso da *Veridica historia da conquista da Nova Hespanha* pelo capitão Bernal Diaz del Castillo (4 vols. Lemerre.)

E' um poeta «a um tempo quasi inédito e quasi celebre», como diz Jules Lemaitre no soberbo estudo critico que lhe dedicou em o n. 25 do anno passado da *Revue Bleue*.

De Heredia está ha muito tempo promettido um volume de sonetos: — *Trophéus*.

Theophilo Gautier disse-lhe uma vez: «Heredia, eu gosto de ti porque tens um nome sonoro e exotico e porque fazes versos flexiveis como lambrequins heraldicos.»

«O que principalmente distingue Heredia — escreve Lemaitre — é a procura da extrema precisão no extremo esplendor. Elle juntava á ebriedade dos sons e das cores o gosto de uma forma cuja brevidade, exactidão e plenitude lembrassem de alguma sorte os nossos escriptores classicos. Sonhava um mundo de imaginação num limitado numero de versos, absolutamente perfectos; queria encerrar os sonhos de um deus em pequenas copas delicadamente esculpidas. Por isso foi que a forma do soneto — que exige a sobriedade e quasi tambem a perfeição — que não tem o direito de ser mais ou menos bom, mas que deve ser soberbo ou primoroso (*exquis*), sob pena de deixar de ser — foi por isso que a forma do soneto seluzio e impoz-se a Heredia. É de facto elle não tem feito mais que sonetos, e é, seguramente, com o poeta das *Epreuves*, e em um genero inteiramente diverso, o nosso maior sonetista.»

«Estes sonetos — continua o summo critico — que, como todos os sonetos, apenas têm quatorze versos, mas que contém tantas cousas como se tivessem não quatorze mas sessenta versos, — são combinações sabias, subteis, complicadas, com artificios e segredos que a principio nem se podem suspeitar.»

Em seguida classifica-os em tres grupos: primeiro, os de pura descripção, paisagens bretons, japonezas etc., ao segundo pertencem os sonetos mythologicos; o terceiro grupo contém os sonetos inspirados pela prodigiosa historia dos conquistadores da America.

Na impossibilidade de acompanharmos o illustre critico em todo o seu admiravel estudo, passamos a trasladar para as nossas paginas dois dos mais bellos sonetos do maravilhoso poeta.

Primeiramente o delicioso soneto, a pequena obra-prima que se intitula

RECIF DE CORAIL

Le soleil, sous la mer, mysterieuse aurore,
Et claire la forêt des coraux abyssins,
Qui mêle, aux profondeurs de ses tièdes bas-
sins,
La bête épanouie et la vivante flore.

Et tout ce que le sel ou l'iode colore,
Mousse, algue chevelue, anémones, oursines,
Couvre de pourpre sombre, en somptueux
ressins,
Le fond vermiculé du pâle madrépore.

De sa splendide écaille éteignant les émaux,
Un grand poisson navigue à travers les ra-
maux,
Dans l'ombre transparente indolument il
rêde.

Et brusquement, d'un coup de sa nageoire
en feu,
Il fait daos le cristal morne, immobile et bien
Courir un frisson d'or, de nacre et d'émé-
raude.

Não creio que o pintor mais delicado,
mais rico de cores, mais subtil nas mi-
nudecias do desenho e mais imaginoso
e exacto na idealisação e na execução
d'esse *recife de coral* pudesse dar-me a
impressão viva, palpitante, flagrante
que me dá o admiravel soneto de He-
redia.

Côr, luz, soon, movimento, tudo pos-
sue, tudo elle me transmittit por um
inexplicavel milagre da arte do verso.
Ficou-me na retina da memoria, inob-
litteravel, aquelle grande peixe de
escamas de ouro, *navegando* indolente-
mente na sombra transparente da agua
tranquilla, entre os ramos de coral, e
sinto ferir-me os olhos, nitidamente, as
rutillações de ouro, de nacar e de esme-
ralda que elle acende no cristal azul,
immoval, como apagado, com uma ra-
barada da sua barbatana em fogo.

Maravilhoso poema—este soneto!

No *Viell Orfèvre*, Heredia fez a sua
profissão de fé artistica: é o seu *Credo*
poetico.

Ougamol-o:

LE VIEIL ORFÈVRE

Mieux qu'aucun maître inscrit au livre de
maîtrise,
Qu'il ait nom Ruyz, Arphé, Ximeniz, Bacerril,
J'ai serti le rubis, la perle et le béril,
Tordu l'anse d'un vase et martelé sa frise.

Dans l'argent, sur l'email ou le paillon s'irise
J'ai peint et j'ai sculpté, mettant l'âme en
péril,
Au lieu de Christ en croix ou du Saint sur
le grill,
O honte! Bicchus ivre ou Danaé surprise.

J'ai de plus d'un es'oc damasquiné le fer,
Et, dans le vain orgueil de ces œuvres d'En-
fer,
Aventuré ma part de l'éternelle Vie.

Aussi, voyant moi âgé incliner vers le soir,
Je veux, ainsi que fit Fray Juan de Ségovie,
Mourir en ciselant dans l'or un ostensor.

Sublime artista! Considero-me feliz
porque posso comprehender o seu im-
mortal poemazinho, porque sinto a
delicia inenarravel da purissima aspi-
ração que lhe faz invejar a morte do
velho frade hespanhol:

«Explicar exculpando em ouro uma custodia»,

—quer dizer: um soneto, um dos seus
sonetos perfeitos, imperciveis, consola-
dores como todos os prodigios da
arte.

Comprehendo o grande poeta, e sinto-
me feliz, comprehendo-o.

Oh! quantas, quantas vezes não tem
perturbado o meu socego e enfebreido
o meu cerebro, o ideal absorvente e bem-
dito, o ideal delicioso e barbaro, de gas-
tar a mocidade e a vida trabalhando o
ouro da bella lingua que falo, lavrando
a phrase, embutindo a imagem, polindo

e repolindo a expressão, concertando
o rythmo, engastando a idéa, escre-
vendo, enfim, escrevendo livros em
que deixasse com o meu nome às letras
da minha patria todas as minhas ale-
grias e todas as minhas dores, toda
esta existencia que seria votada à reli-
gião do Pensamento e ao culto sacra-
tissimo da Forma, se eu não fosse
nascido num paiz de politicos, de buro-
cratas e de escravos! num paiz em que
a penna é o mais desconsiderado e o
menos productivo dos instrumentos de
trabalho.

Valha-nos, ao menos, a consolação
ineffavel de nos deliciar-mos com as
obras primas que a Litteratura fran-
ceza doa ao mundo, e que, como os
sonetos de José Maria de Heredia, são
eternos como o bronze e os astros.

VALENTIM MAGALHÃES

O VOLAPÛK

Os especialistas são de opinião que
constituindo a linguagem articulada
um producto espontaneo, inconsciente
da actividade humana, torna-se inutil
toda e qualquer tentativa no sentido
de universalisar uma das linguas exis-
tentes, ou de crear um systema de
symbolos phonicos, capaz de supportar
todas as resistencias physo-psichicas
dos povos conhecidos, — uma lingua
enfim que possa, não só satisfazer as
tendencias do chinês, como do inglez e
do hespanhol.

Essa opinião encontrava ampla justi-
ficação no malogro de tantas tentativas
até hoje feitas para dotar a humanidade
com um orgão de communicação com-
mum. Não ha quem ignore o que neste
sentido realisaram Leibnitz, Wilkins,
Bachmeier e outros. Diversos con-
gressos se tem reunido para resolver
essa questão; mas pena é dizer que
nem os esforços collectivos dos sabios
mais competentes chegaram a um re-
sultado definitivo. E porque?

Responde o Sr. Aug. Kerckoffs, pro-
fessor da *Escola dos estudos superiores*
commerciaes, de Constança (*) que pela
razão mui simples de que esses propa-
gandistas não prestaram attenção ao
lado pratico da questão, e «ou con-
struiram systemas pasigraphicos, uni-
camente comprehensíveis por meio da
leitura, ou então linguas somente ac-
cessíveis a intelligencias de primeira
ordem.»

Estas difficuldades, parece entretanto,
dando credito ao referido professor,
que foram afinal vencidas pelo emi-
nente polyglotta Seleyer, depois de um
profundo estudo de 29 annos.

O Volapük surge, portanto, do ce-
rebro de um sabio moderno como Mi-
nerva do cerebro de Jupiter.

Vejamos as suas crelencias, e se ha
fundamento em acreditar que d'esta
vez a *lingua universal* se vai tornar em
facto, dando lugar à creação de tantas
cadeiras de Volapük, à imitação da do
Sr. Kerckoffs, em Constança, quantos
collegios e escolas existirem espalhadas
pelo globo.

Seleyer começou por tomar como
base de seu trabalho certos caracteris-
ticos dos diferentes idiomas da Europa,
excluinto as difficuldades de pronuncia
que interessam ao inglez, ao francez e
à mor parte das linguas slavas; sim-
plificou a pronuncia e limitou as com-
binações grammaticas ao nucleo com-
mum de todas essas linguas; quanto

à accentuação, tão difficil de sustentar
de lingua para lingua, elle cortou o nó
gordio adoptando a franceza, no que, a
meu ver, andou com o maximo criterio;
pois que neste ponto conciliou o sel-
vagem com o civilisado. É sabido que
o tupy, bem como a mor parte das
linguas americanas, não soffrem o
accento senão na ultima syllaba (*).

No que respeita à construcção ainda
o sabio linguista aproximou uma das
linguas mais cultas da Europa, das
linguas rudes da America e da Africa,
— pela construcção directa.

Na parte morphologica a simplifi-
cação chega a seu auge.

Supprimem-se os generos artificiaes;
os adjectivos são invariaveis como no
inglez; um só paradigma para a con-
jugação dos verbos.

Nada mais logico, simples e bonito;
e o professor alludido chega a garantir
que para quem esteja familiarisado
com as linguas romanas não será ne-
cessario mais de um mez para aprender
o Volapük com auxilio do dictionario
de Seleyer e de qualquer uma das
grammaticas que não sido publicadas
na Allemanha.

Desde que manuseei a grammatica de
Kerckoffs convenci-me da possibili-
dade da propagação, e considerei-me
logo fervoroso adherente da nova lin-
gua.

Não obstante, não pequenas diver-
gencias surgiram-me no espirito no
momento em que fui obrigado a pensar
em uma tendencia, que se accentua, cada
vez mais, nas linguas do Occidente, e
que não foi perfectamente estudada no
Volapük.

Refiro-me à tendencia analytical d'es-
sas linguas.

Pois bem, Seleyer, apesar de ter in-
ventado uma lingua tão analytical como
as que mais o são presentemente, ce-
dendo talvez a preconceitos de escola,
deixou de dar ao Volapük toda aquella
elasticidade, de que dependerá talvez,
não digo a sua acceptação, mas a sua
conservação no mundo civilisado.

ARARIPE JUNIOR.

(Continúa).

(*) Baptista Caetano, *Estudo sobre o abanha-
ega*.

A VIDA ELEGANTE

O nosso illustre collega da *Gazeta de*
Noticias, Dr. Ferreira de Araujo offer-
receu no sabbado passado aos seus ami-
gos uma lindissima festa. Começou pela
representação de uma comedia tradu-
zida do allemão pelo nosso collega e
desempenhada por crianças com muito
chic e desembaraço. Em seguida foi dan-
sar quem quiz e ceiar quem tinha appe-
tite.

Usamos d'esta expressão porque não
havia propriamente *ceia*, mas sim mes-
sinhas espalhadas na sala do *buffet*—
que era completo—, onde a gente sen-
tava-se e fazia-se servir pelos criados
d'aquillo que mais lhe appetecia no
menu, elegantemente impresso.

Um serviço de primeira ordem, feito
com muito gosto e um grande *tic* de
originalidade.

O baile que em grande parte era tor-
mado por crianças phantasmadas, correu
animadissimo, terminando por um *cotillon*
soberbo, (terminando e um modo
de dizer porque o *cotillon* durou tres
horas, que foi dirigido com extrema
gentileza e habilidade pelo Dr. Si-
zenando Nabuco.

Uma festa principesca.

(*) *La langue commerciale universelle*, pag. 8.

Deslumbrantes, phantasticas donzelas pelos salões vagavam par a par. Esta era loira, aquella de olhos negros e cabellos tão negros como os olhos; era a Noite e a outra era a Folia. Ora uma Borboleta, as azas de ouro abrindo, caminhava sorridente; ora era uma Minerva que segnia entre duas formosas Vivandeiras, uma Minerva linda, encantadora; a Musica passava espalhando hymnos; lá se viam uma rica Pernamba e uma irrequieta Jardineira; e, finalmente, a Ramalheteira mais *chac* e mais alegre d'este mundo, rescendia naquella Paraíso.

Um Torcautor, um Hespanhol, um Figaro, um *Clava*, um Pierrot Japonéz e um Donna-lor de léras eram o perfeito contraste de toda aquella multidão que me arrebatava no Club do Engenho Velho, segunda-feira à noite, no baile á fantasia que esta sociedade realizou com todo o brillantismo que era de esperar.

Ea, que lá estive mettido na minha fantasia, de todos desconhecendo, so tenho palavras de louvor para dirigir á digna directoria do Club do Engenho Velho, que se eleva dia a dia, procurando os mais agradaveis divertimentos para os seus socios e convidados e trazendo aos seus salões pessoas da nossa mais selecta sociedade.

A *Semana* agradece ao Club do Engenho Velho o convite que lhe foi enviado.

Tivemos um convite para baile á fantasia de sabbado do Congresso Gymnastico Portuguez e por isso passámos alguns momentos de satisfação nos salões d'esta conhecida sociedade, apreciando elegantes fantasias e espirituosos fantasmatos, que em grande numero abrilhantavam uma magnifica festa, que por muito tempo decerto sera lembrada.

As danças terminaram pela maltrugada, despedindo-se todos bastante saudosos do baile do Congresso.

Nos, não só agradecemos o convite em riquissimo cartão que nos mandaram, como também declaramos que saímos bastante penhorados pela delicada recepção que nos fizeram e pela gentileza com que fomos tractados.

LORGNON

BELLAS ARTES

SALÃO VIEITAS

Logo á entrada, não sei se por acaso ou se por premeditação, vê-se sobre uma columna de marmore negro um busto em bronze, cinzelado por Bernadelli.

É o retrato da fallecida esposa de Luiz Guimarães Junior.

Nada posso dizer da copia, da semelhança do retrato. Na producção, na parte que importa directamente ao esculptor e que se chama—expressão e *ostylo*—encontro tudo que se pôde exigir: anatomia, movimento e corte. Aquella doce phisionomia, a maneira graciosa de pousar a cabeça; os secos cabellos amarelados; o meigo olhar contemplativo que o artista tão bem conseguiu esculpir e espiritualisar no bronze, deviam ser peculiares á bem amada do poeta. O idolo do auctor dos *Corymbos* me parece aquelle que ali vejo:—alma seduzida pelo esplendor das finas pedrarias das estrophes; creatura boa, apaixonada e carinhosa, em cujo olhar o sonhador esposo aspirava o languesciente aroma das illuções.

Isto conseguiu Bernadelli no bronze. Porém quanto não teria conseguido no marmore? A mão nervosa e segura de um artista pôde arrancar da massa rebelde e sonora do bronze as peregrinas formas de Venus, mas que lucta obscura e persistente não é precisa para isso conseguir! O modelado macio, a pureza das linhas nas formas femininas, surgem mais rapidas e mais bellas no marmore.

O bloco ao principio rujo, é depois de talhado leve, quasi que sensível. Do bronze, sugeito ao poder de um artista surge o heroe. É d'esse metal, em cujo resistente corpo o cinzel, acerta golpe de martello, tira uma nota agúta ou profunda, como destaca os sons de uma symphonia marcial, que se devem fazer as estatuas dos gigantes, a luz figura dos guerreiros. Mas o marmore e a pedra obrigada do esculptor.

Notae com attenção, notae com olhar de artista como a luz mais voluptuosamente se derrama sobre o marmore. Quanta solução não ha na palidez das pedras de Carrara! Quanta transparencia num simples bloco donde surgem, como maravilhas, as pudibundas formas das Graças, de Cupoia; o dorso macio e quente da deusa, de Mêlicis!

Creio, e ninguém me arreia d'esta crenga, que se o busto da esposa de Guimarães Junior fosse cinzelado em marmore, a expressão melhor seria. Não obstante este meu modo de pensar e ver, reconheço nesse trabalho de Bernadelli todas as qualidades que formam uma obra esplendida.

Decio Villares, depois de uma ausencia de dois ou tres annos, expõe isto quadros. Excepção feita de dois pequenos estatuas retratos os seus quadros são visões subteis durante um sonno de embriaguez de opio. Pobres creaturas! A vossa vida é ephemera, vaga inutil como um globo de escuma!

Hoje sois uma visão vaporosa, uma chimera de idealista; amanhã sereis apenas agua, talvez nada! Miseras nevoas!

Anoedo expõe um retrato, feito em Paris. É um pequeno quadro admiravelmente pintado. O Silva Pinto, o retratado, é um guapo mancebo de vinte e tantos annos, elegante, e muito commodamente assentado sobre o divan de pelucia *gréat* de uma sala de espera. O quadro não apresenta pretensões de empastelamento, nem é corrido, escovado, massador. Observa-se convicção na maneira de fazer. A tinta é posta ao primeiro golpe, de sorte que os tons ficam simples e seguros; e, no entanto, tudo é tocado com o maior cuidado, tudo é observado com minuciosidade. Recommendo este trabalho aos nossos artistas.

A Exma. Sra. A. de Andrade nos apresenta uma—*mesa de compras*—estudo *d'après nature* executado com muito talento e observação: Sobre a mesa de pinho está o samburá ou le uma posta de carne-verde se ostenta prometida lora de succulentos *roas-beffs* como se fosse um trophée erguido á Physiologia do Gosto de Brillat Savarin; em torno do samburá: frescos legumes de um verde vivo, uma gorda gallinha pi sacrificada á panella, formam o appetitoso contingente de um jantar, cujo successo seria cauto em sextilhas e sonetos pelos discipulos de Muger. A Exma. Sra. Andrade mostra-se de um espirito superior, e lucado á modernia, tomamlo para assumpto do seu quadro essa abundante mesa de cozinha.

Provavelmente da cozinha da bella habitação de V. Ex. Oh! V. Ex. é muito feliz!...

Castagnetto, sempre activo e sempre sincero nas suas impressões, nos apresenta tres marinhas que muito recomendam o seu nome.

SALÃO DE WILDT

Estudos de payzagem pelo Sr. Ribeiro, um discipulo apaixonado do G. Grimm. É preciso que o joven payzagista abandone a maneira do mestre e trabalhe para ser pessoal. Por enquanto na lá mais lhe poderei dizer.

Triller expoz dois estudos da natureza brasileira que me darão assumpto para o proximo sabbado. Preciso meo conversar com ella um tempo.

ALFREDO PAHETA

SPORT

Realizam-se amanhã no Prado Villa Izabel corridas importantes, constando de pareos to los elles compostos de bons animaes e mais ou menos conhecidos.

Chamamos a attenção dos ama lores para a nossa ultima pagina, onde encontrarão o esplendido programma. Esperamos grande concurrencia e felicidade na execução do mesmo.

Tenho sido muito felizes os palpites que lemos para a corrida passada, findos n'isso emittimos os seguintes para amanhã: No 1º pareo *Savana*; no 2º pareo *Agnoré*; no 3º pareo *Curubaiá*; no 4º pareo *Macaró*; no 5º pareo *Bolivar*; no 6º pareo *Guanaço*; no 7º pareo *Savana*.

L. M. BASTOS.

THEATROS

Nesta semana não houve nenhuma novidade theatral porque os theatros estiveram em preparativos afin de receber os folios carnavalescos.

No Lucinda continua o *Bilontra*. A 16, segundo o que se propala e annuncia, dará este teatro uma recita em beneficio do maestro Cardim.

Com a *Fé, Esperança e Caridade* e a comedia *A senhora está deitada*, fez beneficio no Recreio Dramatico o actor Teixeira.

Brevemente dar-nos ha o Dias Braga, o decantado *Principe Zilah*.

O corajoso Capitão Martinez, cujo arrojo tem boqui-aberto todo este agricola Imperio, subindo aos ares a fazer diabruras de gymnastica, como quem está resolvido a trazer lá das alturas um farrapo de nimbus ou uma tira pratica de cumulus, para enchugar os suores frios que a sua coragem faz verter nos seus espectadores, este heroe mais cheto de valentia talvez, do que os antigos campeoes mata-mouros, está a construir um novo balão de dous mil e trescentos metros cubicos de

capacidade a que elle dará por baptismo o nome de *Rio de Janeiro*, em honra à cidade onde começou tão caipora e onde acabou por obter — mais justo e ruidoso successo.

Profaças e agradecimentos sem conta ao assaz corajoso aeronauta!

Effectuar-se-ha, hoje, no Sant'Anna a primeira da nova opereta de Arthur Azevedo—*A Donzella Theodora*, cuja musica, que é original do Dr. Ablon Milanez, vai, de certo, agradar muitissimo ao nosso publico, a julgar pelos poucos trechos que tivemos a dita de ouvir anticipadamente.

É um novo maestro que surge, e que merece ser bem acolhido, pois tem talento e aptidões musicas.

P. TALMA.

CONTOS A PREMIO

Está encerrado o prazo de recebimento dos contos.

Foram em numero de 24.

Os ultimos recebidos foram os dos Srs. Amileu Xarpot, Tie-Tac, Carlos Magno, Coronel Marrison, Rodolpho Corrêa e L. A.

Estão nomeados para julgar lores dos contos do nosso certamen os Srs. Aluizio Azevedo, Raul Pompeia e Araripe Junior.

COPRE DAS GRAÇAS

Vieram annunciar a Alexandre Dumas que havia morrido o Sr. de Baour Lormian.

— Ainda!? — exclamou Dumas.

Na secção paga do *Diario Popular*, de S. Paulo, em um dos ultimos numeros encontrámos a seguinte publicação:

MALVADEZ

Sob esta epigrapho noticiaram o *Diario Popular* e *Provincia de S. Paulo* o facto de ter eu untado com kerosene dous cachorros, deitando-lhe depois fogo, etc.

O facto, que é real, é de si tão barbaro que eu me julgo incapaz de o praticar, accrescendo que á hora em que elle deu-se não estava em minha casa, como posso provar.

Não sei de onde nasceu tal boato, nem como se me fez cargo dessa malvadez, contra a qual protesto, por serem outros os meus sentimentos humanitários.

Espero que os que leram aquella noticia e esta reclamação me farão justiça.

S. Paulo, 9 de Fevereiro de 1883.

ANTONIO FERNANDES PIRES.

Impagavel este Pires!

Declara que o facto de haver elle untado de Kerosene dous cachorros e de os haver acendido depois é real, mas que é de si tão barbaro que elle não se julga capaz de o praticar e depois que não sabe de onde partio tal boato. A vista d'isso somos forçados a crer que quem matou os cães não foi o Pires; foi o Baeta.

BIBIANO

JORNAES E REVISTAS

Importantissimo o n. 8 da *Chronica Franco-Brazileira* que se publica em Paris sob a direcção do Dr. Lopes Trovão, o nosso estimado e saudoso collega.

O artigo principal, por elle escripto, a proposito da Sociedade Internacional de Istos los Brasileiros, de cuja recente fundação demos noticia, é verdadeiramente notavel. Diz sem rebuço nem temores toda a verdade acerca do papel que representam os brasileiros em Paris e do modo porque ali se conduzem, e bem assim da conta em que são tidos pela imprensa franceza. Na impossibilidade, que lamentamos, de transcrever todo esse brilhante e vigoroso trabalho, damos d'elle em seguida alguns extractos:

«Dous são os grupos principaes em que se divide a colonia brazileira em Paris: — grupo fixo e grupo fluctuante — Este fracciona-se em estuudiosos que trouxeram por fim se especializar n'um ramo scientifico ou artistico, em representantes do commercio encarregados temporariamente de qualquer transacção, em doctores que vieram se tratar com professores de nome e em indivíduos que reservaram uma certa somma das suas economias expressamente para visitarem a grande cidade e proverem os prazeres de todos os generos que ella proliga a todas as bolsas, a todos os gostos, a todos os temperamentos. — Aquelle decompõe-se em desventurados que se arruinaram no luxo e no jogo e que vergonhosos de irem na patria ostentar o espectáculo da propria decadencia aqui vivem de expedientes licitos ou illicitos, em commissarios de negocios por via de regra de pequena monta, em estuantes que visam o obtinimento de uma profissão liberal e em capitalistas que digerem por diversos modos as suas rendas. Em torno d'estes dous grupos e communicando-se com ambos elles, gravitam os correspondentes e os ex-correspondentes do nosso jornalismo, os quaes mais ou menos honestamente, menos ou mais independentemente, conforme o caracter de cada um, tiram da propria penna os recursos de subsistencia.

«Releva, porém, accentuar que, apesar de agrupados — estes pela identidade de mister, — aquelles pela determinação assentada de se domiciliarem aqui, — aquelles outros pela intenção executiva de regressarem á patria, nos, encellados nas nossas preoccupações agraveis ou penosas, formamos uma massa de população desconnexa, heterogenea, onde do desconhecimento mais radical da noção grandiosa de solidariedade nacional resultou a autonomia de classes e d'esta antagonismo individual.

«Em que pezo a quem pezo, a verdade é esta: os brasileiros, em Paris, evitam-se cavilosamente. Quando o pobre procura o rico é para lhe supplicar uma assistencia que nem sempre consegue. Se o rico se dirige ao pobre que nunca o occupou é para lhe enviar convites de... enterro. Muitos ha que se encontrando quotidianamente no mesmo sitio chegam mesmo a não se comprimentarem, não obstante se conhecerem sobejamente. Como que em todos elles predomina o proposito de não parecerem compatriotas.

«De resto, somos o typo d'estrangeiro que, em Paris, mais depressa e facilmente se desnacionaliza: per lemos

(*) O *Gil Braz* definiu as recepções brazileiras em Paris nas seguintes palavras: *Recepção brazileira — Chô, alguns biscoitos e muita intriga.*

todas as nossas francas expansões indígenas sem adquirirmos a fina discricção-lo francez bem educado. A força de pretendermos nos tornar distinctos, fazemo-nos ridiculos pela affectação dos gestos e das attitudes, pelo artificio das maneiras e das expressões, pela exaggeração posta n'uns trajas dentro dos quaes nos sentimos como uma criança escoliotica entre os arrochos de um collete orthopedico. Quando attingimos a este gráu de metamorphose... não supportamos mais a leitura dos jornaes do nosso paiz, achamos que falta á nossa lingua opulentissima uma certa ductilidade para se aaptar ás subtilizas do pensamento moderno e tufanos o labio um sorriso acilulado de piedosa ironia sempre que ouvimos invocar nome celebre de um brazileiro na sciencia, nas letras, nas artes, na politica.

«Ha, porém, um ponto que, com acirrar as nossas rivalidades pessoas, não deixa, entretanto, de denunciar a nossa comunidade ethnologica: é a presumpção de *fazer figura*. Esta concisa expressão, já hoje consagrada no «codigo do chic», quer dizer: ostentar grandeza, fazendo valer titulos nobiliarios que nem todos temos e apparentando habitos dispendiosos que so podem ser mantidos por aquelles que vivem nas abastanças da fortuna. Pois bem: a custo de tanto praticarmos estas duas condições indispensaveis para *fazer figura*... chegamos á perfeição de as transformar na mais forte impulsão emotiva da nossa personalidade moral, contra a qual nem mesmo a modestia de condição de uns e a seriedade de posição de outros podem mais offerrecer resistencias.»

No artigo *Opinião da imprensa sobre a Chronica Franco Brazileira* Lopes Trovão, agradecendo os numerosos elogios que á sua folha têm sido feitos pela imprensa franceza, hespanhola, portugueza e brazileira, diz que apesar disso e contrastando com isso — nem os correligionarios, nem os amigos, aos quaes remetten a *Chronica*, lhe têm dispensado auxilio, que aliás prometteram e que «nas listas de assignantes vindas do Brazil aquelles correligionarios e amigos figuram numa proporção deploravelmente abaixo de minima.»

Duas causas podemos apontar a esse triste facto que somos os primeiros a lamentar; e são estas: a) *A Chronica* é um jornal sério, honesto, patriótico; b) *A Chronica* não tem feito rufar os tambores da *réclame*. Pornographia e *potada*; com estes dous elementos viveria aqui vida folgada e milagrosa.

M. VALENTE

RECEITAS CULINARIAS

PALMITO À FERREIRA DE ARAUJO

Faça-se ferver em caldo, a parte tenra de dois ou tres palmitos, friture-se-os, e deixe-se escorrer em um panno.

— Tire-se de uma terrina de *foie gras truffé*, de Strasburgo, a gordura (encontram-se estas conservas em casa da Viuva Henri) faça-se frigar nesta gordura o figado, o coração, os miollos, a moella e o sangue de um frango. Frigido isto, tire-se do fogo e pique-se miu linho, depois de se ter já addicionado o *foie gras* de que foi retirada a gordura. Misture-se tudo isto com o palmito, ajun-

tando-se-lhe dois ovos crús — duas ou quatro colheres de sopa de pão ralado, tempere-se e faça-se ligar bem toda esta massa, introduza-se este recheio no ventre do frango, cerque-se este de tiras de toucinho inglês, ponha-se no forno e de vez em quando, com a garfura que está depositada no fundo da cacarola reguese o frango, tire-se este do forno, retire-se-lhe o toucinho e para verificar se está no seu ponto enterre-se nas suas partes mais carnudas um garfo: se sair sangue, deve voltar ao forno e se sair um liquido claro e transparente, pode ser posto na mesa; e mais mala.

Com certeza não é este o modo mais simples de comer palmito, mas crêde, caríssimos leitores que também não é o peor

CABRION.

Resposta ao Sr. K. Z. (Porto Alegre) se for mulher, vinho de Santa Cruz de Tenerife (Canarias); se for homem— Xerez secco.

C

RECEBEMOS

— Da « Agencia Commercial Portugueza » (de Laureço Marques de Almeida) os 3 primeiros fascículos d'os *heróis do trabalho*, obra importantíssima de biographia e historia, de Gastão Tissandier, vertida livremente e muito augmentada pelo professor Ricardo Jorge. Cada fascículo vem acompanhado de uma nitida e bem elegante gravura, fora do texto; e:

— *Guia portatil do viajante em Portugal*, e itinerarios descriptivos, historicos e artisticos das viagens circulatorias em Hespanha e França, 274 paginas, com uma excellente carta-roteiro, gravada a quatro cores. Prece-nos não deixar coisa nenhuma a desajar, e por isso o recomendamos aos Srs. viajantes.

— *A luz electrica*, por Thomaz Satter de Souza; Editor David Corazzi.

— *O Cherubim*, dedicado ao bello sexo (ai! gentes!); ns. 24 e 25 traz este um bello soneto medito de Luiz Dellino.

— *Le Sud-Americain*, 2º anno, n. 31. Bom, como sempre.

— *O Beija-flôr*, n. 4; passarinho... quero dizer, jornal tambem do bello sexo. N'isto mesmo está o seu elogio; por isso nada mais acrescento.

— *A Distração*, ns. 72 e 73. Traz e-te finas gravuras, muito bem acabadas, feitas no atelier artistico do Sr. Paulo Rubin.

— *Extremosa*, polka para piano, pelo Sr. Viriato Teixeira da Rocha, auctor de celebre *Quero chorar mas não posso*. As composições do Sr. Viriato distinguem-se sempre pela sua *dansabilidade e dão pancas* nos bailes.

— *O Mequetrefe*, n. 400. Na primeira pagina o retrato do mallogrado engenheiro Luiz Caminho I; na ultima o incidente Poli; um burro a metter as botas (os senhores bem sabem quaes são as botas dos burros) no pobre Brazil, e por baixo do desenhado estas quadrinhas:

« Septipatha Dulcamara,
Porco, mundo charlatão,
Não te quebramos a cara,
Pra não sujarmos a mão.

Mas ora adeus! acabou-se!
Razão pra zangas não ha:
Recebamos este couce
Conforme a besta que o dá. »

— *Revista do Retiro Literario Portuguez*; anno IV, n. 41 e 42. Muito interes ante.

— *O 28 de Novembro*, n. 6; orgão da commissão eleita no comicio popular de Guimarães para tratar de desanexar aquella cidade do districto de Braga e anexal-a ao

do Porto: questão que traz num roda viva braceirenses e vimaranenses e que deu pretexto a ultima mudança de gabinete.

— *O Americano*, anno I, n. 1, publicação sem anal. Traz o retrato do Duque de Caxias. Do seu artigo—programma:

« Vimos hoje tomar logar entre os batalhões da imprensa. Não nos movem paixões partidarias; não elevamos uma bandeira de combate politico.

O titulo d'esta folha é um programma completo: na imprensa será o que na vida dos povos é o *quaker*—o trabalhador. »
Seja bem vindo e viva longa e folgadamente.

— *Estadantona*, anno I n. 9. Pequeno jornal, publicado em Padua, impresso em papel vermelho e azul, todo cecio e festivo, em homenagem ao 3º anniversario da Villa de Santo Antonio de Padua.

— *Revista de engenharia*, anno 89, n. 132. É já ocioso recomendar esta publicação tão brilhantemente dirigida pelo Dr. Jose Americo dos Santos.

— *Indicador Santista*, 3º anno; fundado por Arthur Bastos, Adalberto Lima e Jorge Behu, organizado por Vicente de Carvalho e Adalberto Lima, proprietario d'este senhor e Anthero Moura.

Traz um fino retrato de Arthur Bastos. Tem 300 paginas, uma boa parte litteraria, variada e escolhida, e quantas indicações uteis se desejem de Santos.

Desejamos a esta excellente publicação o exito a que tem direito.

— *A Semana*, do Porto, anno I, n. 6; director Alberto Besa. Amena e variada leitura.

— *Echo das damas*, n. 10. *Prazer* das damas devia chamar-se o interessante periodico de D. Amélia C. da S. Couto.

TRATOS Á BOLA

Mais vale tarde que nunca.

É fido neste proverbio assaz conhecido, que me animo a apresentar-me de novo, mais tansurado que nunca, aos meus caros devotos. Não penses, porém que é instigado pelos vossos bellos olhos, o meus amaveis marmaljos, que sorjo do toco; não. O que me leva a lancar mão da penna, para cumprir o sagrado dever de sarrabiscar por aqui abaixo estas mal tracadas linhas, é o desejo enorme que me anda a pruir o coração, como um enpin d'aminho o cerne de um tronco frondoso, de erguer a minha debil voz ante as encantadoras leitoras que se dão ao trabalho de dar tratos á bola.

Ai! que se não fossem as leitoras, vocês não me pilhavam, não, mas é o mesmo! La tratar, sim, mas era de fazer os meus jejuns e de resar os meus padre—nossos.

Demais a mais houve uma benemerita tratista que se lembrou de dirigir uma deliciosa epistola cá ao *déas*, p'ello a continuação da *tratologia*. E de tres *não-me-dêres* recheiou a sua cartinha, que, se lhe não fizesse a vontade, não faria senão provar á face do mundo que não tenho entranhas, ou que sou possuidor de uns bofes de tigre! Lonje vá o agouro! Então quem!? Eu, que para derreter-me todo em lamurias diante de um qualquer anjo terrestre não preciso se não do tempo necessario para dizer-se: *agua vai*.

Dado este cavaco, que já não é nada curto, passo sem mais tir-te nem guarte, aos mysterios da logographice; começarei por este logographo da Sra. D. Josephina B.

LOGOGRAPHO

(Por syllabas)

A quarta com a primeira
É um querido arrabalde,
Mas repetindo a terceira
É tolo em qualquer idade,

A primeira com a quarta
É pra pedra, ou do sapato,
Porém terceira com quarta
É mui redonda: isto é facto.

Juntai prima com segunda
É nossa preposição;
Mas segunda apos primeira
É jogo de occasião.

Tudo qu'ato eu disse em cima
É a mais pura verdade;
Sou pequena narradora
D'algunha moraldade.

ANTIGA

Em aperto é o que diz o bilontra,—2
É verbo do prazer,—2
Da ignorancia é o contra.

NOVISSIMAS

2—2—Este homem, não tem a grossura desta mulher.

—1—2—2— Este adverbio aceso, seria uma mulher da Biblia se mudasse de genero este edificio antigo.

—1—2—1— No tribunal não nega não adoece o que é do jornal.

QUEBRA-CABEÇAS

Nantes, Bahia, Trindade, Tavira, Elvas, Sapopemba, Malta, Urandia, Almodovar, Alcaer.

Formar com estes nomes, postos em columna, um sobrenome.

Terminando, peço aos meus illustres tratistas que me conjuntem com a sua valiosa collaboração. Terei infinito prazer e ficarei eternamente grato (além de recomendar-lo a Deus nas minhas orações, áquelle que me enviou boas charlas e melhores logographos e tudo o mais concernente a esta espede de distracção.

Estão reservados uns premios succulentos aos 2 primeiros decifradores. E até mais ver.

FR. ANTONIO

ANNUNCIOS

JONGO

dos pretos sexagenarios da revista

A MULHER-HOMEM

POR

HENRIQUE DE MAGALHÃES

A venda na Confeitaria
Castellões e no escriptorio d' *A Semana*,

POR

1\$500

João Baptista A. Marques

ADVOGADO

RUA DA QUITANDA N. 34

PRADO VILLA-ISABEL

PROGRAMMA GERAL

PARA A

TERCEIRA CORRIDA A EFFECTUAR-SE DOMINGO 14 DE MARÇO DE 1886

Primeiro parco — CONCILIAÇÃO — 1.000 metros — Animaes de menos de meio sangue — Premios 200\$ ao primeiro e 60\$ ao segundo

N.º	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Zaire.....	Gateado.....	4 annos	Paraná.....	53 kilos	Azul e amarello.....	J. C.
2	Buchinha.....	Castanho	3 »	S. Paulo.....	49 »	Vermelho.....	Coud. Ypiranga.
3	Verbena.....	Castanho	3 »	R. de Janeiro.	49 »	Ouro e facha.....	Coudelaria S. Cruz.
4	Didi.....	Pampa.....	3 »	S. Paulo.....	49 »	Encarnado e azul.....	Carlos Coutinho.
5	Eucharis.....	Tordilho.....	5 »	Paraná.....	56 »	Encarnado e preto.....	Oliv. Junior & Lopes.
6	Tching-Tching-Buug..	Alazão.....	5 »	R. G. do Sul..	55 »	Ouro e encarnado.....	D. A.
7	Savana.....	Castanho	4 »	R. G. do Sul..	51 »	Ouro e cinza.....	F. G.
8	Guacho.....	Chita.....	2 »	Idem.....	45 »	Preto e branco e bonet azul	A. M.

Segundo parco — ANIMAÇÃO — 1.000 metros — Inteiros e eguas nacionaes até meio sangue — Premios 300\$ ao primeiro e 80\$ ao segundo

1	Aurora.....	Alazão.....	3 annos	S. Paulo.....	45 kilos	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
2	Bonita.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	52 »	Ouro.....	José Machado.
3	Catita.....	Castanho.....	2 »	R. de Janeiro.	44 »	Azul.....	Freitas Guimarães.
4	Aymoré.....	Castanho.....	5 »	S. Paulo.....	56 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
5	Alteza.....	Libuno.....	5 »	Idem.....	56 »	Encarnado e preto.....	Oliv. Junior & Lopes.
6	Aurelia.....	Alazão.....	3 »	R. de Janeiro.	51 »	Azul e grénat.....	Antonio E. de Oliveir.

Terceiro parco — INTERNACIONAL — 1.000 metros — Animaes estrangeiros até puro sangue. Premios: 400\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo

1	Garibaldi.....	Alizão.....	6 annos	Rio da Prata.	53 kilos	Encarnado e preto.....	Oliv. Junior & Lopes
2	Françoise.....	Alazão.....	4 »	França.....	55 »	Idem, idem.....	Idem.
3	Curubaia.....	Zaino.....	5 »	Inglaterra.....	61 »	Preto e encarnado.....	D. F. P.
4	Sornette.....	Zaino.....	4 »	França.....	55 »	Grenat e azul.....	Coudelaria Paraiza.

Quarto parco — METROPOLITANO — 1.609 metros — Inteiros e eguas nacionaes — Premios: 600\$ ao primeiro e 150\$ ao segundo

1	Macaré.....	Alazão.....	4 annos	S. Paulo.....	51 kilos	Ouro e facha.....	Cou l. Santa Cruz.
2	Guanaco.....	Alazão.....	7 »	Paraná.....	56 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
3	Druid.....	Tordilho.....	3 »	R. de Janeiro.	50 »	Encarnado e preto.....	Oliv. Junior & Lopes.
4	Sans Souci.....	Castanho	5 »	Minas Geraes	54 »	Azul e grénat.....	H. O.

Quinto parco — OMNIBUS — 1.609 metros — Inteiros e eguas de todos os paizes — Premios: 800\$ ao primeiro e 300\$ ao segundo

1	Bolivar.....	Zaino.....	6 annos	França.....	61 kilos	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
2	Guribaldi.....	Alazão.....	6 »	Rio da Prata.	55 »	Encarnado e preto.....	Oliv. Junior & Lopes
3	Françoise.....	Alazão.....	4 »	França.....	52 »	Idem.....	Idem.
4	Curubaia.....	Zaino.....	5 »	Inglaterra.....	55 »	Preto e encarnado.....	D. F. P.

Sexto parco — VILLA-ISABEL — 1.300 metros — Inteiros e eguas nacionaes de meio sangue — Premios: 400\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo

1	Guanaco.....	Alazão.....	7 annos	Paraná.....	54 kilos	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
2	Aurora.....	Alazão.....	3 »	S. Paulo.....	46 »	Idem.....	Idem idem.
3	Biscuia.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	46 »	Ouro e facha.....	Coud. Santa Cruz.
4	Bonita.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	49 »	Idem.....	José Machado.
5	Druid.....	Tordilho.....	3 »	R. de Janeiro.	50 »	Encarnado e preto.....	Oliv. Junior & Lopes.
6	Africa.....	Preto.....	7 »	Paraná.....	52 »	Encarnado e branco.....	L. V.
7	Bitter.....	Preto.....	4 »	S. Paulo.....	51 »	Azul e grénat.....	H. O.
8	Nicoafi.....	Castanho	3 »	Paraná.....	48 »	Ouro e encarnado.....	J. & P.
9	Vampa.....	Castanho	3 »	Rio Grande..	48 »	Grenat e azul.....	Coudelaria Paraizo.

Setimo parco — CRIADORES — 1.609 metros — Animaes de menos de meio sangue — Premios: 250\$ ao primeiro e 70\$ ao segundo

1	Zaire.....	Gateado.....	4 annos	Paraná.....	51 kilos	Azul e amarello.....	J. C.
2	Didi.....	Pampa.....	3 »	S. Paulo.....	46 »	Encarnado e bonet azul...	Carlos Coutinho.
3	Eucharis.....	Tordilho.....	5 »	Paraná.....	54 »	Dito idem preto.....	Oliv. Junior & Lopes.
4	Sirodio.....	Castanho	5 »	R. Grande ...	54 »	Ouro e encarnado.....	J. G.
5	Savana.....	Castanho	4 »	Idem.....	51 »	Cinza e ouro.....	F. G.
6	Sultão.....	Libuno.....	3 »	Idem.....	48 »	Branco, preto e encarnado.	Major Fridolin.

OBSERVAÇÕES — Roga-se aos Srs. proprietarios o obsequio de terem os animaes inscriptos no 1º parco, as 11 horas precisas no ensilhamento.

RAUL DE CARVALHO, 2º secretario.

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 20 DE MARÇO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 64.

REDACÇÃO E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, N. 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

SUMMARIO

Expediente.....	
Banquete litterario,.....	
Historia dos sete dias.....	FIJINDAL.
O Voiapuk.....	ARARIPE JUNIOR.
Mundo Interior, soneto..	M. DE ASSIS.
Poules.....	CATÃO.
O retrato da avó.....	JULIA LOPES.
Um soneto.....	V. M.
Se se morre de amor.....	C. DE AZEVEDO.
Allucinado, soneto.....	C. FONSECA.
A naja do Cabo.....	F. DUMOTEIL.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Da Montanha, soneto....	H. MAGALHÃES.
Jornaes e revistas.....	M. VALENTE.
Factos e Noticias.....	
Theatros.....	P. TALMA.
Recebemos.....	
Correio.....	ENRICO.
Anuncios.....	

EXPEDIENTE

GERENTE

F. D'ALMEIDA

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

ASSIGNATURAS

CORTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

Os senhores que tomarem uma assignatura d'A Semana por todo o anno de 1886 terão direito a um dos seguintes premios, á sua escolha:

VINTE CONTOS, por VALENTIM MAGALHÃES.—Este livro, que se está imprimindo nas officinas d'A Semana, foi expressamente feito para ser distribuido como premio aos assignantes d'esta folha. Conterá mais de duzentas paginas em superior papel, com uma capa de fantasia.

NÃO SERÁ POSTO Á VENDA.

Assim, os que tomarem uma assignatura d'A Semana por um anno, e sóuente esses, terão direito a um exemplar d'essa obra, que, a ser vendida não o seria por menos de 3\$000, o volume.

AURORAS, versos, por Alfredo de Souza; encadernação de luxo.

O HOLOCAUSTO, romance de Pedro Americo de Figueiredo.

MARGARITAS, poesias da distincta poetisa D. Adelina Amelia Lopes Vieira; um bello volume.

Aos senhores assignantes de seis mezes daremos como premio QUATRO POEMAS, por Luiz Murat, um exemplar das AURORAS, brochado, ou TYPOS EM PROSA E VERSO, de A. Lopes Cardoso.

N. B.— Os senhores que assignáram A Semana por um anno, a terminar em Dezembro de 1885, receberão, segundo promettêmos, um exemplar dos VINTE CONTOS.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Tem havido nesta semana o mais intenso calor do anno. Isto não é novidade que mereça alvissaras, mas a chronica, sempre conscienciosa como ordena a clapa, deve registrar o facto. A cidade está ameaçada de uma deflagração geral. Para se incendiar esta Sodoma não é precisa a colera divina: basta que o calor vá augmentando na progressão d'estes ultimos dias. E se o calor apenas trouxesse como cortejo á sua alta magestade o suor e o somno, ainda se poderia desculpar aos rheumaticos a alegria com que o acolhem. Mas o maldicto, este anno, mais do que nos ultimos, trouxe-nos a terrivel febre amarella, tão forte e quasi tão fulminante como a de 73. Quando o paiz se vir livre d'esta imlemente rainha do obituario, o Rio de Janeiro será uma cidade suportavel. Por enquanto só é feliz quem pode ir para Petropolis ou Friburgo.

Os desventurados que, como o chromista, são obrigados a residir nesta fornalha, andam por aqui cheirando a carne assada, como dizia o nosso incomparavel e saudosissimo Arthur de Oliveira, no perene fogo de artificio da sua linguagem.

Quem lucra com este tempo são as fabricas de gelo e os fabricantes de legitimas bebidas falsificadas. S. M. El-Rey Fritz Mack na la em jubilo! Que o diabo leve a incognoscivel substancia verde e a Junta de Hygiene!

O que o publico quer é beber, pouco lhe importa a qualidade da bebida, contanto que seja fria; depois, o gelo é o grande nivellador: irmana tudo. Vae-se lenir a sede insaciavel que só o gelo por instantes mitiga. Que importa que o Xerez seja hespanhol ou brasileiro, que o Vermouth seja de Torino ou da rua do Passeio?

Viva pois Fritz Mack que fornece a baixo preço abundante pretexto para o consumo do gelo. Arde a gnella nacional, e para este incendio é mais efficaz a intervenção de Mr. Cailteau do que a do Sr. coronel Neiva.

O Dr. Gusmão, 3º delegado de policia, remetteu no dia 12 ao Dr. Juiz do 9º districto criminal os autos do inquerito que iniciou sobre o caso das infelizes escravas Joanna e Eduarda. O relatorio apresentado pelo Dr. Gusmão, publi-

cado no Jornal de 13, é uma peça importante. Desvendam-se ali as circumstancias minimas d'esse horrivel drama da escravidão. Na impossibilidade de reproduzir aqui todo o relatorio, transcreveremos apenas o depoimento de Maria Joanna, ex-criada de Francisca da Silva Castro:

« Disse que Eduarda e Joanna eram conservadas por D. Francisca da Silva Castro, presas no quarto em que esta sempre permanecia, sem terem consentimento de transpor os limites do mesmo; que D. Francisca mandava-as despir e applicar-lhes sobre o corpo nu chicotadas até que as duas infelizes ficassem em estado lastimavel, atando-lhes os braços com cordas, e assim conservando-as por muito tempo e sem tomarem alimento, que afinal lhes era dado, collocando-se-o sobre o chão, afim de que Joanna e Eduarda, de bruços, o apanhassem com a bocca.»

Francisca da Silva Castro está na casa de detenção, presa á ordem e á disposição do Dr. Juiz do 9º districto criminal.

O Dr. Sizenando Nabuco, advogado da Confederação Abolicionista, deu queixa contra a criminoso, como incurso nos crimes previstos nos arts. 193 (homicidio) e 205 (offensas phisicas graves.) O Juiz mandou autoar os papeis e dar vista ao Dr. promotor para additar, se lhe parecer, por parte da justiça.

As creaturas mais felizes d'esta epoca e desta cidade — são os peixes. Gozam a magnifica frescura das aguas do Guanabara e tem a protecção da Junta de Hygiene. Imagine o meu numerooso leitor que a referida Junta mandou lançar aos peixinhos 15.000 saccoes de arroz que encontrou no trapiche Freitas, e grande quantidade de carne da Nova Zelaudia, que apanhou no trapiche Bastos. Estes generos alimenticios já não estavam dignos do estomago humano, mas todos sabem que os peixes não são de grandes escrupulos em questões de bocca. São até capazes de devorar a carne que ás 2 da tarde desce no matruco de Santa-Cruz para a cidade.

Agora o que naturalmente vae acontecer é nós comermos esse mesmo arroz e essa mesma carne nas pessoas d'esses mesmos peixes.

Em todo caso, parabens á Junta de Hygiene.

No dia 14 completou sessenta e quatro annos de idade S. M. a Imperatriz. Houve grandes solemnidades, sendo a melhor e a mais louvavel a que foi realizada pela Camara Municipal, que libertou 178 escravos, cujas cartas de alforria foram entregues aos libertandos pela mão tantas vezes abençoada da virtuosa e veneranda senhora.

Macahé é uma cidade original e muito adiantada, tão adiantada que A Semana tem lá 2.000 assignantes. Ali é que se sabem conciliar as coisas. Em toda a parte os demagogos, quer sejam repu-

blicanos, quer sejam socialistas, canceram-se em idéas subversivas de esca-cha-pecegueiro, e afistalam-se em demagogia phrígia, bradante, vindicativa, micheliana. Em Macahé não. Naquellas plagas bemdicitas os conspiradores não enristam o chuçõ revolucionario dos *sans-culottes* nem embolam a dynamite fermidolosa dos nihilistas russos. Não, senhores. Em Macahé, os conspiradores muito accomodatícios á tyrania do clima que veda excessos phisicos, quando têm que atacar as instituições e derruir os systemas vigentes, quando lhes appeteece succudir o jugo dos tyranos e reivindicar os sagrados direitos do pooooovo, nesses terriveis momentos estupefacientes os conspiradores de Macahé — tangem lyra! O club dos *giron-dinos* e a *montanha* de Macahé tem o nome quasi sentimental e quasi feroz de — *Lyra dos Conspiradores*.

E são terriveis, os conspiradores lyricos de Macahé. Inventaram um meio de acção que tem escapado a todos os revolucionarios da historia.

Começaram as suas operações contra a dynastia bragantina e contra a monarchia brasileira, pedindo ao Imperador dinheiro para a instrucção publica! Pedindo, caro leitor pedindo! E o Imperador deu 100\$000 á *Lyra*. E os conspiradores aceitaram! O processo d'estes carbonarios é engenhoso: elles pedem dinheiro ou offercem hymnos á monarchia; a monarchia, naturalmente, prefere dar o dinheiro; o caso repete-se, repete-se, repete-se, até que a monarchia esgotada empobrecida, sem uma de X, declinará do governo do estado e deixará o campo livre aos conspiradores e á lyra.

Engenhoso e terrivel.

O Sr. ministro do Imperio, sempre solícito em melhorar os serviços publicos do seu ministerio, dirigiu á Camara Municipal um aviso, em que ordena se « mande proceder com urgencia aos melhoramentos imprescindiveis nos edificios especialmente destinados á matança do gado e ao deposito das rezes abatidas em Santa Cruz, augmentando-se os tendaes como condição para o indispensavel esfriamento da carne antes de ser levada aos wagons que a conduzem; e que, montado ali o apparelho de luz electrica que por ordem d'este ministerio será remettido e a que servirá de motor a machina a vapor que já funciona no matadouro, providencie a Ilma. Camara de modo que, começando a matança do gado a conveniente hora da tarde, conforme a estação, seja a carne depositada nos wagons a tempo de poder ser entregue ao consumo ás 5 horas da manha.

« Este ministerio solicitará do da agricultura as providencias necessarias, não só para que sejam convenientemente modificados os carros que transportam a carne e augmentado o seu numero, como para que, combinado o respectivo horario com o dos outros trens da estrada de ferro D. Pedro II, façam elles a viagem de Santa-Cruz á estação de S. Diogo no menor tempo possivel. »

Estas medidas são urgentissimas e ha muito tempo que são reclamadas pela imprensa. Agora, com o excesso de calor, ellas têm-se tornado imprescindiveis e inadiaveis, porque a carne que vem do matadouro chega sempre quasi toda estragada.

Ora o bife é sagrado; neste poncto creio no accordo de todas as religiões. Haja, pois, respeito ao bife e não se tolere carne menos *cotholica* do que o *Apostolo* e a *Vanguarda* — que têm cheiro... de santidade.

FILINDAL

BANQUETE LITTERARIO

Realizou-se na noite de 18 do corrente, no hotel do Globo, o annunciado banquete offerecido a Luiz Guimarães por alguns de seus muitos admiradores e amigos.

Estavam presentes: Dr. Joaquim Nabuco, Machado de Assis, Barão de Paranapiacaba; Dr. Carlos de Laet, (*Jornal do Commercio*), Dr. Fernando Mendes, (*A Vanguarda*), Dr. José Americo dos Santos, (*Revista de Engenharia*), Rodolpho Bernardelli, Arthur Azevedo, Ernesto Senna, (*Diario de Noticias*), Alfredo Gonçalves, (*Gazeta de Noticias*), Gustavo de Mesquita, Quintino Bocayuva, (*Paiz*), Rodrigo Octavio, Belmiro Salgado, Luiz de Andrade, Angelo Agostini, (*Revista Illustrada*), Dr. Mariano da Silva, Dr. Silvino de Almeida, Luiz A. A. de Carvalho Junior e Valentim Magalhães, (*A Semana*).

Antes da noticia d'essa bellissima festa, permitta-se-nos uma explicação necessaria.

A *Semana*, comparecendo ao banquete offerecido a Luiz Guimarães pela imprensa, por admiradores e amigos do poeta dos *Sonetos e Rimas* deu-lhe a mais elevada prova da consciencia que tem dos seus deveres, como unica folha exclusivamente litteraria que nesta capital se publica, pois que, magoada e offendida ainda com a immerecida desconsideração com que a ferio o laureado poeta, tudo esqueceu deante do dever de associar-se áquella justa homenagem a quem tão dignamente tem sabido representar no Estrangeiro o Brazil litterario e politico.

O nosso sentimento partio da inexplicavel excepção em que S. Ex. collocou *A Semana*, não nos visitando, nem nos enviando o seu cartão, tendo tido essa delicadeza para com todos os nossos collegas diarios, havendo nós, entretanto, noticiado como elles a sua chegada nos termos os mais delicados e gentis que nos foi possivel.

D'esse desagrevol incidente tratou em o n. 54 o nosso companheiro Filinto d'Almeida (*Chico Férula*).

Rigorosamente, não se nos podia negar, em tal situação, o direito de não comparecer á festa; pois tinhamos o de julgar que a nossa presença lhe devia ser, senão pouco agradavel, ao menos — indifferente, á vista do seu anterior procedimento para conosco. Não quizemos, porém, e em boa hora assim pensámos, — responder a essa offensa — involuntaria talvez — senão manifestando ao illustre escriptor o altissimo apreço em que temos o seu talento, o seu nome e os serviços que ás nossas Lettras tem prestado na Europa — fazendo-as estimar e honrar nas produções da sua pena diamantina; e quizemos aproveitar o ensejo para provar a Luiz Guimarães que nós, embora feridos pelo seu des- apreço, não nos furtámos ao dever do reconhecimento dos seus grandes titulos de litterato.

Em boa hora o fizemos; taes foram as mostras de consideração, de gentileza e de sympathia que elle nos deu na sua festa, que felizmente fomos forçados a acreditar que em outra circumstancia que não na proposital desconsideração deviamos procurar as causas do acto, que mais nos maguou por vir de quem vinha.

A festa do dia 18 foi uma festa de confraternisação e de inteira cordialidade.

Entraram naquelle salão alguns homens que tinham ou julgavam ter motivos para se não estimar — sahiram todos, porém, como bons camaradas e amistosos companheiros.

Esse milagre devemo-lo principalmente a Luiz Guimarães, esse espirito eleito e nobilissimo que tem o condão de criar amigos, e de semear sympathias, como semcia porolas e cria primores.

Falta-nos espaço para uma noticia circumstanciada e completa; por isso nem podemos publicar a lista dos brindes, que foram numerosos e applaudidissimos.

O primeiro brinde a Luiz Guimarães foi erguido por Joaquim Nabuco e o ultimo pelo barão de Paranapiacaba.

Valentim Magalhães saudando o auctor dos *Sonetos e Rimas*, em nome d'*A Semana* leu, a pedido do Sr. Luiz de Carvalho Junior, um bello soneto do heroe da festa, soneto conhecido de mui poucos, e que foi vivamente applaudido. Arthur Azevedo tambem leu um bonito soneto improvisado por elle sobre o cartão do *menu*, soneto que foi tambem coberto de applausos.

Depois do banquete, Joaquim Nabuco fez a leitura de uns bellissimoos versos francezes com o titulo *Epicteto* em que o poeta profíga inspiradamente a escravidão no Brazil que elle chama — *houille vivante*.

A festa teve fim á meia noite, concorrendo todos os presentes, por instancias de Joaquim Nabuco em fundar um club ou associação litteraria que comemore aquella esplendida festa de homens de lettras.

Para esse fim se effectuará uma reunião no dia 25, na redacção d'*OPaiz*.

Oxalá fosse possivel realizar essa utopia.

Seria esse o mais bello e mais honroso adeus que poderíamos dar ao glorioso poeta brasileiro.

O VOLAPÜK

II

Adoptando a definição mais consentanea com o espirito moderno, direi que a grammatica é a classificação dos factos da linguagem. (1)

Se essa classificação dá-se em ordem chronologica ou segundo a evolução natural, temos a grammatica historica; se em ordem synchronica, a grammatica comparada; se na razão da progressão intuitiva passamos ao methodo grammatical, arte ou grammatica applicada.

As duas primeiras classes interessam tão sómente aos homens de sciencia; a ultima é a que se dirige ao povo.

Sendo a subordinação d'esta ás duas primeiras uma coisa manifesta, o que resulta d'ahi é que existirão tantos methodos quantos os pontos de vista de escolas.

Ora, o Sr. Scleyer, auctor do *Volapük*, construindo uma lingua nova, sob o plano de uma grammatica logica, deduzida de factos observados, foi obrigado a cingir-se a um systema, dando portanto ao producto de seu trabalho uma direcção rigorosa.

Vejam os defeitos do seu ponto de partida.

O *Volapük* é uma lingua boppiana, isto é, funda-se sobre a coordenação dos factos da linguagem creada pelo notavel glottologo allemão, apenas modificada por Schleicher, Max Muller e outros.

No fundo, o systema repousa em um vicio de exclusivismo, que está em via de ser condemnado e remettido para o

(1) « Grammatica é a exposição methodica dos factos da linguagem. »

Julio Ribeiro, *Grammatica Portugueza*, 1; Whitney, *Essentials of English Grammar*, 4-5.

muscu da sempre nova e sempre velha sciencia da linguagem.

A ideia de que as raizes correspondem a cathogorias do pensamento e que, por uma força de aglutinação renovadora, conseguiram dar às linguas a feição actual, é um falso presupposto que não pode sustentar-se por tantos annos se não por uma illusão scientifica, que a pouco e pouco se vae dissipando.

Preoccupados com os phenomenos objectivos, receiosos da metaphisica e empenhados em dar as suas conclusões o maximo rigor scientifico, Bopp e os seus discipulos concentraram todos os seus esforços na estrutura material da palavra, desprezando os phenomenos que não tivessem corpo; e por este modo deploravel reduziram a glottica a simples observação do phonetismo.

Pela phonica tudo se explicava. A sciencia no fim de certo tempo tornou-se uma cousa esteril.

O que devia succeder, succedeu.

Appareceu a reacção. Havia já phonetica de mais. Era indispensavel entrar em um caminho novo e aproveitar tanto material laboriosamente condensado em uma comparação de ordem superior. Começou o estudo comparativo e paralelo dos phenomenos externos da linguagem com os internos.

Surgio então uma nova camala de glottologos, que, inspirando-se nos sabios conselhos de Spencer (2) a exemplo de Littré, que já produzira Brachet (3), e até certo ponto Breal (4), foi fecundando o novo methodo de estudos, e terminou pelo movimento dos *Jung-Grammatiker* na Allemanha. (5)

Não bastava estudar a influencia da palavra material sobre o pensamento, como fez Max Muller (6); era urgente compor o quadro estatistico e comparativo da pressão psychica exercida sobre a propria estrutura physica da phrase e da palavra.

As linguas progredem em virtude de duas forças coordenadas e diferenciadas pela disposição dos orgãos da palavra que se inclinam para estas ou aquellas degenerescencias, segundo a variada combinação dos factores ettonicos e mesologicos, de um modo fatal, e tambem pela disposição do espirito sempre activo o creador, que, sujeito às leis psychologicas da analogia, muitas vezes o faz saltar por cima de certas tendencias phoneticas e interromper a genealogia, dando a historia da palavra uma direcção completamente nova.

E' entre estes dois polos que a esphera da linguagem percorre a sua ecliptica.

O resto dos phenomenos deduz-se de meras determinantes, as quaes de um modo claro e comprehensivo vão gerar toda essa variedade de formas que constitue a belleza dos idiomas, desde o inglez sobrio e ultra logico, até o *patois bigarré* falado nos theatros comicos do Brazil.

ARARIPE JUNIOR.

(2) *Primeiros principios*, § 39, 112; *Psychologia* § 392-395, 445, 494.

(3) *Dictionnaire etymologique*, *Introd.* XXI.

(4) *Mélanges, Idées latentes de la langage* 295,

(5) «No momento em que escrevem diz o descrente S. Reinach (*Philol. class.* 2º vol., *Appendice*) 1884—a antiga linguistica está por tal modo abalada e a nova tão fluctuante, que julgamos mais seguro, no texto d'este manual, acompanhar Bopp e Curtius de preferencia aos *Junggrammatiker*.»

(6) *Nouvelles leçons*, V, 2.º

MUNDO INTERIOR

*Ouço que a natureza é uma lauda eterna
De pompa, de fulgor, de movimento e lida,
Uma escala de luz, uma escala de vida
Do sol à ultima luzerna.*

*Ouço que a natureza, —a natureza externa,—
Tem o olhar que seduz e o gesto que intimida,
Feiticeira que ceva uma hydra de Lerna
Entre as flôres da bella Armida.*

*E contudo, se fecho os olhos e mergulho
Dentro em mim, vejo à luz de outro sol outro
abysmo,
Em que um mundo mais vasto, armado de outro
orgulho,*

*Hôta a vida immortale e eterno cataclysmo.
E, como o outro, guarda em seu ambito enorme
Um segredo que attráe, que desafia e dorme.*

MACHADO DE ASSIS

POULES

Admittamos que o criterioso ministro do Imperio claudicasse e resolvesse subscrever a pueril postura sobre *poules*, unanimemente approvada pela nossa municipalidade! Vejamos as infalliveis consequencias:

1ª O *Jockey-Club*, o *Derby-Club* e o *Prado Villa-Isabel*, sociedades benemeritas e legalmente constituídas, liquidariam, fechariam suas portas;

2ª Sobre as ruinas, ou antes sobre a extinção de taes sociedades, *levantar-se-ia, com ares de innocencia e de utilidade, a mais desbragada especulação.*

Por outras palavras: desapareceriam as sociedades, compostas de distinctos cavalheiros e administradas por directorias independentes; surgiriam esses finorios *empresarios* de que nos fala com tanta reprovação o pranteado visconde do Rio Branco.

Sempre que um divertimento cae no agrado do publico, é inevitavel que o primeiro ardiloso o explore em proveito seu. O calculo é facillimo e seguro. Dirá com seus botões esse mesmo aventureiro:

— Achei! Vou rasgar uma raia, construir archibancadas, promover inscrições, fazer corridas sem as prohibidas *poules*! Não posso perder: o povo gosta do divertimento e até vae em numero de 4.000 assistir ao capitão Martinez elevar-se em seu aerostato. Ora bem: 2.000 entradas a 1\$, terei 2.000\$; com mais 4.000\$ de 2.000 archibancadas, chegarei a 6.000\$. Magnifica idéa: 3 premios de 100\$ e 4 de 50\$, gastarei 500\$ e terei 7 pareos sem as prohibidas *poules*, annunciando que não ha cartões de *poules* e que as guerreio! Dou 500\$ a porteiros, bilheteiros, etc. e ganharei, limpinhos, 5.000\$ mais ou menos...

E o aventureiro, tomando o lugar das sociedades desinteressadas, dissolvidas pela municipalidade, comparará victo-

rioso e até irá pedir que os previdentes edis abrihantem a festa, dando-lhe a honra de servirem de juizes de partida, de chegada, de pesagem, etc.

Que importa que com premios de 100\$ e 50\$ só se inscrevam cavallos de tilbury e velhos bacamartes? O aventureiro dirá — *que com o tempo pretende augmentar os premios; o povo jogará, fará suas apostas como se visse correrem Atalanta, Damietta, Boreas ou Sibylla!*...

Eis o que infallivelmente acontecerá, se a previsão do abalado ministro do Imperio descer até a myopia da nossa municipalidade.

Fez muito bem *Petronio*, quando, com toda a vantagem, confundiu a intriga de que S. M. o Imperador era um apolo-gista da celeberrima postura.

O nosso monarcha é homem de estudos serios, tem viajado e aprendido muito para não agasalhar utopias, nem medidas de effeito contrario.

Na verdade, a extinção da *poule*, nas sociedades regulares e bem dirigidas, como o *Jockey-Club*, o *Derby-Club* e o *Prado Villa Isabel*, determinando-lhes a morte, deixará o campo livre aos *empresarios*, a qualquer que tenha um pouco de ambição pecuniaria.

O simples producto das entradas poderá dar grandes lucros aos aventureiros; não chegará, porém, para que aquellas patrioticas sociedades distribuam premios, capazes de desenvolver no paiz a importante industria pastoril.

E o peor—é que havendo (sem *poules*) corridas de cavallos pungas e de imprestaveis ronceiros, não terá o governo força para prohibir as apostas entre particulares!

A municipalidade, desfechando o canhão e pensando que atirava ao alvo, deve hoje estar corridissima e convencida de que sahiu-lhe o tiro pela culatra.

CATAO.

O RETRATO DA AVÓ

AO MEU AMIGUINHO TIM-TIM

O pequeno Heitor, lindo como os amores, alegre como um gorgeio, lembrou-se um dia de uma aventura galante. Tinha elle então tres annos. Estava só, completamente só; a mãe, no interior, dava ordens a uma criada nova.

Em fraldinha de camisa, com os mimosos pés assetinados nus, e os cabellos soltos, vio pela fresta da porta do quarto o *violoncello* encostado numa parede da sala.

Que tentação! Poderia livremente tocar, tanger aquellas cordas, tirando uns sons melodiosos que fariam chorar de commoção a mãe e receber por 1500 beijos, applausos e doces!

Feita esta hypothese não hesitou mais o meu querido Heitor. Vio-se no grande espelho do guarda-vestidos. Que era indecente o ir tocar descalço... lá isso era! Oh! mas ali estavam as botas do papae! Excelente! e Heitor calçou-as. Depois pensou, e bem, que não estava completo; poz então no narizinho uns olhos escuros e na cabeça, deitado para traz, um grande chapéu alto.

Lá se foi o nosso heroe aos trambulhões até ao instrumento, que, impassível, mudo, parecia esperal-o. Sphynge curiosa!

Heitor estendeu a mãosinha gorda e branca para o arco, olhou triumphante para o retrato da avó, unica espectadora, e deu começo á symphonia. Principiou mausamente, depois foi num crescendo orchestral, wagneriano, atordoador, impossivel! Com os olhos fechados apertadamente, movia o corpo, entusiasmado, gritando na sua meia lingua:—Muito bem!

Alvorçada com a bulha, a mãe correu á sala, e, ao ver aquelle figurão gracioso, só se lembrou de uma cousa: da zanga do marido ao encontrar desafinado o *violoncello*.

Cega pelo desespero, correu para o filho, tencionando punil-o.

Vendo-a, a criança, assustada, apontou para o retrato da avó, desculpando-se assim:

— Vóvo pedio!

A boa senhora então, commovida, contemplou o retrato da mãe e achou-o tão meigo, tão cheio de candida expressão, que parecia mesmo dizer-lhe:

— Perdôa-lhe! Eu estava a gostar de ouvir-o...

JULIA LOPES.

UM SONETO

ATTRIBUIDO A BAZILIO DA GAMA

Em o n. 50 d'esta folha publicámos um lindo soneto arcadico, de auctoría incerta, mas que por varios homens de Lettras, entre os quaes o Dr. Joaquim do Carmo, que ha annos o decorara como tal, era attribuido ao nosso grande épico Bazilio da Gama.

Pedimos por essa occasião a quantos pudessem auxiliar-nos a descobrir o verdadeiro auctor do referido soneto que o fizessen. Amavel anonymo nos indicou que no «Almanach Litterario» de José Maria Lisboa (S. Paulo) para 1879 se encontra o dito soneto attribuido a Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadella. De facto, á pagina 75 encontra-se o disputado soneto precedido d'estas palavras:

« Poucos conhecem o mimoso soneto, que abaixo publicamos, devido á inspiração do illustre general Gomes

Freire de Andrade, conde de Bobadella.»

Mas o soneto não é, em varios pontos, identico ao que por nós foi publicado. Tem alguns versos mais correctos e outros positivamente errados, alem de mudanças de palavras e troca de versos.

Damol-o em seguida, tal como lá está, para que seja comparado com o que demos em o nosso n. 50. Agóra mais complicada está a questão, pois nenhuma prova da authenticidade da auctoría deu o almanach e consta muito pouco dos foros poeticos do famigerado Bobadella.

Pelimos concorram para resolvel-a quantos possam fazel-o.

Eis o soneto publicado no almanach.

Mimoso pintasilgo, flor vivente,
Sonóio ribeirinho, aima do prado!
Não cantes, lisongea um desgraçado;
Não corras, acompanha um descontente.

Se ahi nesse raminho alegremente
Cantando, zombas de meu triste fado,
Se aqui, por entre seixos debruçado,
Murmuras, rindo de quem chora a sente,

Ah! tem lastima de mim, e em breve espaço
Voa, corre a saber do bem que adoro,
Sem que os longes te sirvam de embarço.

Para o que, doce Orpheo, crystal sonóio,
Voa tu com as penas, que aqui passo,
Corre tu com as lagrimas que aqui choro.

Provavelmente os versos primeiro do primeiro terceto e ultimo do segundo, medonhamente errados, não o foram pelo auctor, pois, alem do cuidado com que naquelle tempo se cultivava a forma da poesia, especialmente do soneto, quem escreveu esses 12 versos, correctissimos, não perpetraria aquelles dois aleijões.

Foi sem duvida corruptélla da transmissão oral ou erro de copia.

Fosse o que fosse, o certo é que temos um bello soneto, attribuido a dois auctores, sem que por enquanto tenhamos elementos bastantes para saber qual delles é o verdadeiro *pac* d'este puro primor arcadico.

V. M.

SE SE MORRE DE AMOR

Vinha descendo a noute. Os ultimos leitões da grande enfermaria esbatiam-se na sombra, e na brancura dos lençoes, mal se divisavam os doentes n'uma rijesa de mortos.

Era muito o silencio e a sombra da noute trazia um tedio, um abatimento, um não sei que a esmaecer o espirito, causando tristeza.

De vez em quando lá no fim da sala agitavam-se lençoes, e um vulto secco, erguendo-se lentamente com uns modos tristes e cansados, flocava as mãos espalmadas no colchão e tossia nos solavancos, um arquejar arrastado.

Sombras enchiam os cantos: como que se fechavam no tecto umas cortinas levemente escuras, dando á sala um ar de cemiterio, exilando da vida aquelles vultos estirados sob lençoes n'uma rijesa de mortos.

O *Propheta* sentindo correr-lhe o tronco o formigar lancinante que o atormentava quasi o dia todo, gaguejava com muito esforço umas blasphemias, após um accesso em que vira cascatas de rubis, moedas de ouro novo cahindo de um grande cofre aberto, soldados de prateada armadura e grandes plumas no capacete, curvados em reverencia.

A sua bella cabeça de moeda romana destacava-se do travesseiro meio erguido, qual figura de esbranquiçada terra-cota em moldura de gesso branco. Sobre a camisa do uniforme cahia em leque a grande barba prateada; desciam-lhe até os hombros os cabellos, em desalinho artistico.

Estava ali ha muito tempo com uma myelite chronica sob a forma de sclerose em placas, e d'ahi o seu ar—meio idiota; a rijesa absoluta dos membros inferiores.

Os olhos num movimento constante, da esquerda para a direita, numa inquietação desvairada e contristadora, despediam olhares fracos, e tremiam, tremiam muito quando se fitavam nas sombras que enchiam os cantos.

Todos os dias á hora da visita, elle erguia um pouco a bella cabeça para responder ao *adjuncto*, e gaguejando, arrastando os termos, separando as syllabas com muito causação na voz, mal podia dizer que ia «no mesmo.»

E os *internos* observavam-n'o, meio erguido sobre os cotovellos, agitando a cabeça num mover curto e repetido, como se tivesse frio, muito frio; e sempre com muita séde, viam-n'o firmando-se num lado, levar á bocca o copo, meio de agua, movendo o braço agitadamente, num rythmo precipitado, crescente á medida que o avisinhava dos labios esticados naquelle esforço doudo, vendo derramar-se o liquido, até levar o vidro aos dentes e como que mordel-o para beber o resto.

Após tamanho esforço cahia-lhe a branqueada cabeça sobre o travesseiro, e os olhos, movendo-se da esquerda para a direita, iam-se humedecendo até que lagrymas desciam pela face escondendo-se na prateada barba.

Soffrera muito, e ainda na força da vida sentira em derredor de si o merencorio silencio, o isolamento enorme causado pela successiva morte dos que amava.

A estremecida amante, o melhor culto de sua existencia toda, finara-se-lhe nos braços após demorado soffrer. Fora morrendo aos poucos; a sorrir, pensando em viver, como todos os tuberculosos; os grandes olhos pretos muito vivos, a fital-o numa fulgurancia de amor.

Pouco depois perdeu o filho, a loura criancinha tão parccida com a amante, e a quem fitava enamorado, recordando naquella miniatura sorridente o estremecido semblante da mulher que fora a sua unica religião, o melhor culto de sua vida inteira.

Pregou-se-lhe no espirito o intenso pezar, a magoa cheia de blasphemias, de arrojadas coleras e tranquillidade marasmatica. E via a todo o instante a amante e o filho, e os via mortos, gelidos, ao sahirem de casa nos esquifes, ou ao expirarem recebendo-lhes a derradeira caricia.

Foi-lhe pesando a vida; e isolando-se na sua dor tão grande, nem sentia a miséria; e aquella magoa longa, o seu cutilado unico, levou-o ao hospital.

Naquelle dia o *adjuncto* notou aos internos que elle não podia durar muito. Erguendo um pouco abella cabeça e doudejante o olhar, tremendo muito, disse arrastando a voz, cortando as syllabas numas contracções fatigadas:

— Deixe-me morrer...

E agitando a barba longa e branca, pediu:

— Dê-me alguma cousa que me mate logo.....

Por isso é que ao cair da noite, na grande sala da enfermaria, o — Propheta — como lhe chamavam os internos, gaguejando blasphemias, quasi a morrer, fitava, com olhar tremulo, o tecto, parecendo-lhe que se fechavam umas cortinas levemente escuras.

CYRO DE AZEVEDO

ALLUCINADO

Je boirai le vin et la lie,
O Furie aux cheveux flottants!
(Theodore de Banville)

Quizera vel-a nua, inteiramente nua,
Como à bella Phryné o Areopago absorto,
E, ao poderoso influxo erotico da sua
Grega nudez, atear o amor que em mim stá morto,

Quizera amal-a então d'esse outro amor que estia
Nas arterias do fauno horrendo, zambro e torto,
E, incitado ao ardor de uma volupta crua,
Minh'alma entorpecer num sensual conforto;

Pois que o primeiro amor, casto e ideal, deixou-me
Triste allucinação cruel que se não some:
Torturando-me o ouvido as unicas pa' cadas

Do coração que amou; e eu, que sem tregoa as ouço,
Cuido serem, qual preso a andar n'um calabouço,
Do espectro d'esse amor as lugubres passadas!

CASTRO FONSECA

A NAJA DO CABO

Annuncia-se a proxima chegada de uma *naja* africana ao Jardim das Plantas.

Este terrível reptil tornou-se, felizmente, rarissimo, mesmo nos arredores do Cabo, onde se encontra ainda sua formidável especie, destinada a reunir-se, dentro em pouco, na noite das elades, a tantos animaes horriveis, para sempre desaparecidos.

O comprimento d'esta serpente attinge quasi tão quinze pés; sua grossura é egual á de um braço de Hercules. E' talvez o mais venenoso e o mais terrível dos reptis, se exceptuarmos d'esse numero o «ferro-de-lança» da Martinica.

O effeito de seu veneno é fulmiante! O homem uma vez mordido está perdido: cae e morre.

Nenhuma serpente salta tão depressa, nem tão alto como a «naja do Cabo.» E' uma flecha que parte do meio das hervas e que mata ferindo. Com este monstro só ha uma probabilidade de salvação: — a amputação immediata do membro mordido.

De ordinario, a serpente leva a prudencia até a pusillanidade, escou-

de-se ou fuge, depois de ter dado a morte. Assim procedem as crotales e as cobras, o «ferro-de-lança», a vibora indiana e a cobra-coral.

De modo muito diverso procede a «naja do cabo». Na sua raiva irresistivel e no seu encarniçamento assustador, colla-se á sua victima, segue-a, persegue-a, bloqueia-a, aterroriza-a, fascina-a, estreita-a em mortal abraço, depois de a ter fulminado com seu veneno, que ella cospe a dez passos de distancia.

O furor da *naja*, que o sabio naturalista Francklin chama *splugtang*, é de tal sorte tenaz e violento que ella deixa muitas vezes um de seus dentes envenenados no objecto que acaba de morder.

Um dia, um official inglez, costeando dentro de um phaeton um espesso capoeirão, cerca de vinte leguas do Cabo foi repentinamente atacado por uma *naja* enorme, a que, sem duvida, perturbara a sesta.

Contra a serpente, que se arremessára a elle silvando, descarregou em vão seu revólver e com toda a força do braço fustigou o cavallo desatinado.

Acreditou-se por um momento livre do seu hediondo inimigo; mas, diminuindo a corrida vertiginosa do cavallo, viu, a quinze ou vinte passos distante do carro, o reptil, encarniçado a perseguil-o com incrível furor.

Não era ao cavallo que queria fazer mal a immunda serpente, mas sim ao homem; ao homem que a vê, estorcendo-se de raiva, silvando ao longo do caminho, descrever curvas vertiginosas e ameaçadoras ao redor das rodas e bater, de quando em quando, nas paredes do carro com sua horrível cabeça.

Duas vezes a *naja* se precipita á frente do cavallo, que corcoveia... e o carro, levado aos solavancos sobre a estrada accidentada, está prestes a virar.

O official, conservando sempre o seu sangue-frio, guiá com mão firme o brioso animal e o carro parte com prodigiosa rapidez.

Mas a serpente lá está sempre, ora adeante, ora atraz, ora á direita, ora á esquerda; e, em uma ondulação immensa, em um supremo arroubo de colera, seu corpo viscoso e tremente se alonga para o viajante como um braço gigantesco ou plaina-lhe sobre a cabeça como uma espada.

Tres tiros de revólver (os ultimos!) não attingiram o alvo, na carreira, aos solavancos do carro: e o implacavel reptil, que esse barulho assusta tanto como o estalido da capsula de uma bala, redobra de agilidade e de colera, como se previsse a probabilidade de lhe escapar a victima.

Já a cabeça chata e larga, dardejando uma lingua de fogo, roçou mais de uma vez o uniforme do official, sempre calmo.

Mas o cavallo, extenuado de cansaço e paralisado pelo terror, afrouxou o galope, para, cambaleia, vae cahir, e o viajante, vendo-se irremediavelmente perdido, atira a capa sobre a *naja*, que nella se enrosca, enquanto que o official salta vivamente fora do carro, só tendo por arma um junco do Senegal.

O que será d'elle? Foge a tola a brida para o capoeirão, apanhan lo pelo caminho cuormes pedras para se defender ainda, até o fim, numa luta suprema.

A *naja* acaba de abandonar o carro, que o cavallo virou, ao cahir. Desem-

baraca-se do manto que a cobria e, ondulante, arroja-se sobre o official, que, encostado a uma arvore, prepara-se para se defender, ás pedradas, contra o monstro.

Mas as pedras lançadas, fora de tempo, não tocaram a serpente, que se enroscou sobre si mesma, prompta para o ataque.

O inglez continuou de correr com desesperado ardor. Em breve chegará ao capoeirão, onde, por uma tatica habil e desvios enganadores, terá talvez a felicidade de escapar ao monstro. Van esperanza! uma segunda vez a *naja* se lança em perseguição da victima, ganha terreno, chega; lá está ella: dir-se-ia que, em vez de rojar, nada sobre a areia; a cabeça chata se levanta terrível a dois pés acima do sólo e os silvos sinistros, entrecortados de uma especie de soluço atterrador, sahem-lhe da guêla escancarada, immunda.

Fascinado talvez, o official pára e se apoia, cambaleando, num arbusto.

O que podia elle contra seu maldado destino? Neste instante, porém, dois hottentotes, armados de lanças, irrompem do bosque, voam em socorro do inglez e abatem a cabeça do reptil.

O official salvou-se, mas... no dia seguinte enlouqueceu!

FULBERT-DUMONTEIL

SPORT

Realizaram-se no ultimo domingo as corridas no Prado Villa Isabel. A concurrencia foi numerosa, apezar da importante festa dada pela Camara Municipal, que devia ter desviado grande quantidade de diletantes.

Eis o resultado:

No 1º pareo (1000 metros) correram *Zaire, Verbena, Guacho, Didi e Savana*, que sahiu victoriosa, fazendo uma bonita corrida em 70 segundos, seguida de perto por *Didi*.

No 2º pareo (1000 metros) tomaram parte *Aurora, Bonita, Alteza, Catita e Aymoré*. Sahiu victorioso este ultimo com bastante facilidade, demonstrando ter conservado sempre a mesma apurada velocidade, em 67 segundos.

No 3º pareo (1000 metros) bateram-se *Garibaldi, Françoise e Curubaí*, que, apezar dos 61 kilos de peso, mostrou gran le superioridade sobre os seus competidores, fazendo o tiro em 66 segundos.

No 4º pareo (1600 metros) apresentaram-se na raia *Druid, Guanaco, Sans-Souci e Macareu*. Depois de algumas sahidas falsas, o jockey Fiusa, que montava *Macarué*, disparou e percorreu a dita distancia, ficando parados os seus competidores. Havendo grandes reclamações dos proprietarios e do povo em ter sido ou não confirmada a sahida, a directoria reuniu-se e resolveu muito acertadamente anullar a corrida.

No 5º pareo (1.609 metros) correram *Garibaldi, Françoise, Curubaí e Bolivar*, que mais uma vez mostrou ser um animal superior, percorrendo o tiro em 104 segundos com 61 kilos, seguido de perto por *Curubaí*.

No 6º pareo (1.300 metros) inscreveram-se *Guanaco, Biscaia, Druid, Vampa, Aurora, Bitter, Bonita e Nicaofi* que fez uma brilhante corrida (montada pelo jockey Arthur) baten lo os seus competidores em 86 segundos, seguido por *Druid*, que ultimamente tem desmerecido.

No 7º pareo (1.600 metros) bateram-se *Zaire, Sultão, Savana e Eucharis*, que

sahiu victoriosa em 112 segundos, demonstrando que suas forças rivalisam com as de *Savana*. *Eucharis* nos pareceu mais bem tratada do que nas corridas anteriores.

O divertimento correu na melhor ordem e apenas houve um chicote sem importancia entre dois jockeys que andavam de ponta.

As corridas de amanhã no *Hippodromo Guanabara* devem desafiar grande concurrencia, visto que o programma é um dos melhores que tem apresentado essa sociedade.

L. M. BASTOS

DA MONTANHA

Um dia, por escarpas e caminhos
Zigue-zagantes, atravez da matta,
Attingimos a serra, para os ninhos
Colher das aves do palmar na spatia.

No céu corriam nuvens côr dos linhos.
Ao explisir na sua queda, a catarata
Lançava aos ares laminas de prata...
E ao seu ribombo e á voz dos passarinhos,

Eu e a bella,— em thalamo aromatico
De humida relva,— doudos de alegria,
Banhados pelo sangue auri-prismatico,

Que em nós golphava o sol já na agonia:
—Prégamos as paixões ao Mundo extactico
Lá do pulpito azul da serrania!...

1884.

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

JORNAES E REVISTAS

Temos sobre a nossa mesa de trabalho o segundo numero da brilhante revista de Vassouras, *A Quinzena*, que em nada se mostra inferior ao seu numero de estreia, que foi um verdadeiro triumpho.

E como não obtel-o se esta elegante folha, que, pela vez segunda, nos vem honrar com a sua vizita, tem sido e continuará, com certeza, a ser collaborada pelas nossas mais fulgurantes pennas?!

Neste numero ainda mais se accentua o proposito que tem *A Quinzena* de tomar por modelo *A Semana*. E' para nos uma grande satisfação e inda maior consolo ver que neste paiz, onde a litteratura é para muitos um verdadeiro espantallo, tem a nossa folha servido, ao menos, para isto: para acender em alguns moços,—que têm para empunhar uma pena a mesma coragem que seria precisa nos tempos idos para empunhar uma lança ou um chifarote, para accender no peito d'esses valerosos campeões—o santo fogo do entusiasmo pelas letras, ao ponto de os levar a emprehender a penosissima tarefa de fundar folhas litterarias.

Em nós, que ha mais tempo nos fatigamos nos esforços da crua pelja, encontrarão os redactores d'*A Quinzena*, sempre a nossa dextra estendida para os animar e amparar, caso o desanimo lhes sobrevenha.

E' variadissimo e numerozo o sumario do segundo numero da bella revista.

Além da « Historia da Quinzena », bello artigo firmado por Jorge Pinto,

traz a « Educação Nacional » de Alberto Brandão; uma pequena poesia, boa como tudo quanto saio da penna de Henri Heine, traduzida por Augusto de Lima; « Amar é viver », lindo conto de Henrique de Barcellos; um elegante artigo de Domiciano Pinto, intitulado: « A bico de penna », uma bella versão de uma phantasia de Ivan Tourguéneff, brilhantemente feita por Alfredo Pujol, e grande numero de outros artigos, como de bellos versos de Elio Mario (traducção), Lucindo Filho (idem) de Alberto de Oliveira, Jorge Rodrigues e Ovidio Mello.

Mil parabens á auspiciosa collega.

Começou a publicar-se na capital de Goyaz o *Brazil Federal*, sob a redacção do illustrado e talentoso Dr. Guimarães Natal. E' orgão de idéas adeantadissimas.

Mil felicidades ao digno collega.

M. VALENTE

FACTOS E NOTICIAS

A convite da direcção da Companhia Santa Cruz, assistimos á experiencia que fez dentro da nossa bahia o novo vapor *Sepeitiba*, que a companhia mandou construir na Allemanha.

E' um vapor magnifico para o fim a que se destina, que é fazer a navegação entre o porto de Sepeitiba e a cidade de Paraty, com escalas por Itacurussá, Mangaratiba e Angra dos Reis. Viagem esta que deve ser feita apenas em 6 horas.

O vapor é de aço galvanizado, tem de comprimento 32 metros e 90 centímetros, de largo 5, m 90; a profundidade do porão é de 1, m 90; de bocca 1, m 90 e de calado um metro.

Está dividido em dois salões, tendo um de 1ª classe e outro de 2ª, que acomodam 100 passageiros. Estes dois salões são, especialmente o de 1ª, luxuosos e elegantes. Apenas notámos que são um pouco escuros e parcamente ventilados.

Com uma velocidade de 12 milhas por hora fez o *Sepeitiba* pequena viagem de recreio, partindo do caes das marinhas ás 11 e 15 minutos da manhã com direcção á formosissima ilha de Paquetá, e d'ahi até proximidades da ilha Raza, d'onde regressou, chegando ao ponto da partida ás 2 1/2 horas da tarde.

Entre os convidados, além dos representantes da imprensa, achavam-se S. Ex. o Sr. Conselheiro Costa Pinto, presidente da provincia do Rio de Janeiro, Rodovalho, secretario da mesma provincia, chefe de esquadra conselheiro Antonio Manoel Fernandes, directores da companhia e outras pessoas gradas. Em viagem foi servido um escolhido *lunch*, durante a qual trocaram-se diversos brindes.

Aos incançaveis e persistentes directores da companhia, Srs José Teixeira Pires Villela e Frederico Antonio Steckel, enviamos ainda uma vez nossos cumprimentos, desejando á mesma todas as prosperidades de que é merecedora. Que S. Ex. o Sr. Conselheiro Costa Pinto, presidente da provincia, dispense á companhia todo o seu auxilio e protecção, facilitando-lhe os meios de vida e o apoio de que se tem feito merecedora.

ASYLO DOS MENINOS DESVALIDOS

Na ultima reunião dos representantes da imprensa acordaram estes na publicação do protesto, que em seguida

se vae ler e que tem sido publicado em todas as folhas:

« Os representantes da imprensa que promovem as festas para a criação de uma officina typographica no Asylo dos Meninos Desvalidos, declaram que jamais foram consultados nem nenhuma interferencia têm na kermesse que se projecta organizar no theatro Recreio Dramatico, declinando de si toda e qualquér responsabilidade em relação á referida kermesse, da qual já SS. AA. Imperiaes mandaram retirar os seus nomes.—*Jornal do Commercio, Gazeta de Noticias, Gazeta da Tarde, O Paiz, Diario de Noticias, A Vanguarda, A Semana e Revista Illustrada* »

O Dr. Daniel de Almeida, director do Asylo, fez identica declaração.

Que exemplo este para futuros *kermesseiros*!

Ora queira Deus que aproveite a lição.

FALLECIMENTOS

Falleceu inesperadamente na segunda-feira o Sr. José Augusto da Fonseca Ramos, antigo despachante geral da Alfandega e empregado da casa Monteiro, Hime & C.

O seu enterro foi acompanhado por grande numero de amigos profundamente penalizados com a irreparavel perda.

A familia do finado as nossa sinceras condolencias.

O ACTOR FOITO

Falleceu na madrugada de 17 este estimado e talentoso artista do theatro Sant'Anna.

Soccumbio em 5 dias á terrivel epidemia reinante.

Foito era um actor de merecimento e viéra como primeira figura da companhia portuense da Sra. Irene Manzoni. Extincta aquella companhia, contractou-se no theatro Sant'Anna, onde estreiou na opereta *Amar sem conhecer*, fazendo em seguida o papel de rei Carapetão 1002 na revista *A mulher-homem*.

No delirio da febre, o desditoso artista cantava as coplas da entrada de Carapetão no prologo da revista.

Era um bom rapaz e um bom companheiro, e soube, em menos de um anno que aqui esteve, captar as sympathias do publico, que o estimava e applaudia sempre o seu trabalho consciencioso.

Ao enterro do mallogrado artista compareceu grande numero de collegas e de amigos, todos commovidissimos pela perda do companheiro leal, morto em pleno vigor da existencia, cheio de esperanças e de futuro.

Foito morreu com 41 annos de idade.

O Dr. João Alves Meira passou pelo desgosto de perder uma filhinha, de poucos mezes de idade.

As nossas condolencias.

Deu-se tambem na semana finda o passamento do honrado commerciante Commendador José A. Gonçalves Santos.

THEATROS

Esta semana foi magra, excessivamente magra de acontecimentos theatraes. Não, que nem todo o dia é dia santo.

O que houve de novo, foi unicamente o novo quadro, ou o epilogo do *Biloutra*, e *A Donzella Theodora* do nosso infatigavel Arthur Azevedo, que, ainda um

pouco aturdido pelos applausos que tem obtido com o *Bilontra*, mal podendo respirar, atira para o palco do Sant' Anna com uma nova peça.

Sim, senhor; andar assim que é bom andar.

D'essa *première* só poderemos dar noticia no proximo numero.

Como haviamos annuciado no nosso passado numero, foi, como de facto, nesta semana o beneficio do maestro Cardim, que recebeu calorosos applausos todas as vezes que a orchestra executou as peças de sua composição.

Phenix Dramatica. Este theatro que continua imperterrito e firme como um rochedo a brandir o seu espadagão de pau pintado—parecendo querer, de manto sobraçado, guindar-se de um pincho às alturas para esbofetear as estrellas—, deu aos seus *habitués*, lá para o começo da semana, o regalo de um authentic *Pedro Sem*, d'aquelle *Pedro Sem* que encheu de assombro e arrancou tão sentidos prantos aos lagrimaes dos nossos avós.

No Principe Imperial, o *Bilontra* e a *Mulher-Homem* vão gosando a sua lua de mel. Continuam em boa camaradagem, como se fossem casadinhos de pouco.

Além d'este consorcio, mais fresco que uma salada de alface, da-nos a appetitosa e galante *Mam'zelle Nitouche*.

No Recreio continua a peregrinação d'*As duas orphãs*, em procura de seus paes.

Den-nos tambem O *Domador de feras*, drama mais cheio de rugidos e arregaños que as feras que tem no titulo, e promette-nos para breve a *reprise* d'*As ruínas do Castello-Negro*, e em seguida o tão apregoado *Principe Zilah!*

Elle que venha!

E nada mais.

P, TALMA

RECEBEMOS

— *A Estação*, de 15 do corrente. Sempre repatorio precioso de moldes, de figurinos e de todos os graciosos nadas que fazem o feminino encanto. Do supplemento recommendam-se uma linda canção de O. Bilac e a chroniqueta de Eloy, o heróe.

Dos mesmos editores d'*A Estação*, os Srs. Lombaerls & C.:

— *A mãe de familia*; 3º anno n.º 1 a 4. É um jornalzinho utilissimo para a educação da infancia e hygiene da familia. Recommendamos muito *A mãe de familia* ás... mães de familia.

— *As Memorias de Judas*; de F. Petrucci de la Gattina, vertidas para a lingua portugueza por M. C. da Rocha. Editores—Laemmert & C. Fasciculos 1 a 5. Cada fasciculo tem 32 paginas; publica-se aos sabbados. Por enquanto não é possível dizer do que seja esta obra; mas pôde-se afirmar que é interessantissima.

— *Revista dos Constructores*; publicação mensal, sob a direcção e redacção do engenheiro Ernesto da Cunha de Araujo Vianna; n.º 2, anno 1. Traza de architectura e engenharia, hygiene e practica das construcções.

— *Guia da exposição permanente da Bibliotheca Nacional*.

— *Catalogo da exposição permanente dos cimelios da Bibliotheca Nacional*; publicado sob a direcção do bibliotecario Dr. João de Saldanha da Gama. Um grosso volume, contendo nada menos de mil cincoenta e tantas paginas de optima impressio. O papel d'esse

bello e utilissimo livro é superior. Está dividido em diversas secções: sendo a 1ª de impressos e cartas geographicas; são representadas n'esta secção todas as cidades e todos os artistas que se distinguiram na arte typographica. A 2ª secção é de manuscritos; cita verdadeiras joias da antiguidade p.omanadas das pennas de oiro de Alexandre Rodrigues Ferreira, Arruda Camara e outros. A 3ª e de estampas, onde vêm representadas diversas escolas de pintura, como sejam a italiana, a allemã, a hollandeza, a flamenga, a ingleza, a hespanhola, etc, etc; e termina, emfim, por uma secção de numismatica, a cargo do illustrado Sr. Dr. La. Islau Netto.

Ein conclusão: um livro importantissimo, que muito honra o illustre director da Bibliotheca Nacional.

— *O Mequetrefe*, n. 401—vem, como sempre, a scintillar de espirito e graça. Traz na sua quarta pagina de desenho um retrato do conhecido e sympathico maestro Gomes Cardim. Não fez com isto o collega senão conquistou as boas graças de Euterpe; que ella lhe agradeça.

— *A Illustração*, a elegantissima e graciosa revista franco portugueza, dirigida por Mariano Pina; n.º 2 do 3º anno. Mais uma vez vem a galante collega encher-nos de satisfação com a sua radiosa presença. Parabens.

Traz na 1ª pagina a figura esbelta e fascinadora de uma bella mulher de carnagem soberba. Traz mais alguns bons desenhos do rei-artista que ha pouco se finou, o Sr. D. Fernando; um quadro de Leon Lhermitte: *Serões de Inverno e La Esperanza*, habanera tocada pela Estudantina Hespanhola. O texto consta, alem da chronica de M. Pina, da descripção das gravuras, de um artigo de Theodoro de Banville—«Os anemicos»— e de ligeiras poesias de diversos auctores.

— *O Bilontra*; *Dança dos negros* ou jongo do 3º acto, applaudida composição de Gomes Cardim. Propriedade da Agencia Musical de D. Machado & C.

— *Suspensão injusta*, petição ao Illm. Sr. Inspector da Thesouraria de Fazenda de S. Paulo, por José Leão.

— *Frisos de luz*. Livro d'2 versos de Azouvedo Junior. Depois de lido daremos a nossa opinião.

— *Alvorada*, organo do collegio Conceição; N. 1. Saudamos a colleguinha.

— *União medica*, revista mensal; a no 6º, fasc. 2.

— *Revista do Observatorio*, publicação mensal do Imperial Observatorio do Rio de Janeiro. Anno I, n.º 3.

A collega, que costuma ver de perto o espumear dos sons, fazemos os nossos sinceros cumprimentos.

— *Discurso* pronunciado no acto solemne da collação do grão ao doutorandos de 1885, pelo Dr. Henrique Avelino Mendes. Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

— *Revista de Guimarães*, publicação da Sociedade Martins Sarmento. Volume III, n.º 1, Portugal.

CORREIO

— Sr. *Francois Bouvreuil*. Li a sua *visão* e fiquei boqui-aberto, pasmo! Aquillo é o que se chama papalina em materia de poesia, e o mais são historias!

Pois, sim senhor, é mesmo um soneto de encher a menina do olho. Se quem faz o quillo não tem direito á posteridade, o melhor caminho a seguir é deixar de ser genio e ir plantar... não direi batatas, mas pés... de cenouras. E'; que o bonito, não resta duvida nenhuma; mas tambem o que não padece duvida, é que não podemos publical-o; com verdadeira dor de coração o confessamos. Depois, tem sabiá o seu soneto, e isto de sabiá já está, tão vsto n'este paiz essencialmente subió!.. Além do que, o Sr. commeteu uma falta imperdoavel: não plantou na sua joia poetica a palmeira que servisse de pouso ao termo passariuho, que eu cantava com os seus maviosos carnes os ovidos romanticos. Os seus versos têm sabiá, é uma verdade, mas não tem a impressivel palmeira! Pois é lá possível conceber-se sabiá sem palmeira? Oh! isto não; o que dirão os nossos irmãos de além mar! Nem quero pensar em tal! Tanto assim que passo a concluir aqui, pondo de parte, cheio de pesar, o seu gracioso sonetinho.

— Sr. *Alberto Pimentel*. O seu soneto « O castello teudal »— não é mau, tem cousas— agradaveis. Vamos ver se lhe podemos arranjar um lugarzinho na collaboração, sim? E' ter paciencia; nada se perde em esperar.

— Sr. *J. do Costa Sampaio*. Com que quer S. S. escrever a *Historia dos sete dias para a Semana*? Prestimoso cidadão, com muito praser aceitaríamos o seu valiosissimo offerecimento, senão tivéssemos a nosso dispor as pennas de Filindal e de José do Egypto, promptas sempre a pôr em pratos limpos todos os acontecimentos semanais.

E lançaríamos mão com muito maior praser dos seus prestimos historiographicos, porque ao menos, assim, a sua prosa burguesa, quero dizer: despida de certas *nicos* grammaticaes, e com oitros pelos dominios do estylo de chinelos de lã e calças de enfiar— esta sua prosa de ceremoniosa, emfim, viria livrar-nos de uma vez para sempre da phraseologia semsaborona que, mediante um tostão exporta hebdomadariamente para as paragens cerebraes da brasileira gente, a celeberrima firma Filindal & C. Depois Sr. Sampaio, vossa mercê começou a tornar-se sympathico cá para a gente, desde que confessou usar do pseudonymo Silvio Livio. Ora digam-me lá se esta onomatopéia disfarçada em nome de plumitivo mortal, não merece ser guindada ás armações da lua?! Merece, sim senhor; não merece ella outra coisa! O que eu acho, porem, é que o Sr. Sampaio, desde que não pode historiar os sete dias d'*A Semana*, deve aproveitar as suas aptidões *cantuanos* fallando das aventuras dos 7 infantes de Lara, compondo mesmo aquella conhecida trova popular importada de Portugal: «Os 7 estrellas vão altos...» ou mesmo relatando os escoucinhanentos d'aquelle sete patas que d'aqui se muscou ha pouco ainda. Quando nada d'isto queira fazer pinte ao menos o sete, já que sympathisa com este algarismo; pois quer me parecer que foi somente um certo pendor para este fatidieo numero que fez com que vossa mercê tivésse a idéa de fazer o historico d'este espaço de tempo, durante o qual o Padre Eterno fabricou sem formões, nem rebotes, a bola terraquea e fez de barro... não um cachimbo ou uma panella, como era de presumir, mas um mono de carne e osso, do qual temos a honra de ser filbos.

Toda esta tirada significa que não aceitamos a sua historia.

ENRICO

ANNUNCIOS

JONGO

dos pretos sexagenarios da revista

A MULHER-HOMEM

POR

HENRIQUE DE MAGALHÃES

A' venda na Confeitaria Castellões e no escriptorio d'*A Semana*,

POR

1\$500

RELOJOARIA

DE

ALFREDO CEZAR DA SILVEIRA

Casa acreditada para concertos de relógios

67 Rua da Assembléa 67

DR. ARAUJO FILHO

MEDICO PARTEIRO

RESIDENCIA

Rua do Visconde do Rio Branco n. 36

HIPPODROMO GUANABARA

PROGRAMMA CERAL

PARA A CORRIDA A REALIZAR-SE

DOMINGO 21 DE MARÇO DE 1886

PORTO DAS NEVES, NICTHEROY

Primeiro pareo—NICTHEROY—1.000 metros—Animaes de menos de meio sangue—Premios : 200\$ ao primeiro e 50\$ ao segundo.—Entrada 10\$000

N.º	NOMES	IDADE	PELLO	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	<i>Ella</i>	3 annos	Tordilho....	R. de Janeiro.	51 kilos	Encarnado e amarello.....	S. H.
2	<i>Buchinha</i>	3 »	Castanho	S. Paulo.....	51 »	Vermelho.....	Coud. Ypiranga.
3	<i>Savana</i>	4 »	Castanho	R. G. do Sul..	55 »	Ouro e cinza.....	F. G.
4	<i>Tufão</i>	2 »	Castanho	R. de Janeiro.	50 »	Verde e ouro.....	J. L. da Costa.
5	<i>Sirodio</i>	5 »	Castanho	R. G. do Sul..	56 »	Encarnado e ouro.....	D. A.
6	<i>Pampeiro</i>	2 »	Castanho	Rio Grande..	50 »	Encarnado e preto.....	J. A. Silva.
7	<i>Didi</i>	3 »	Pampa.....	S. Paulo.....	51 »	Encarnado e azul.....	Carlos Coutinho.
8	<i>Moema</i>	4 »	Zaino.....	Idem.....	53 »	Encarnado e facha preta...	C. C.

Segundo pareo—CONDE DE HERZBERG—1.000 metros—Inteiros e eguas nacionais de meio sangue—Premios : 300\$ ao primeiro e 80\$ ao segundo—Entrada 15\$000

1	<i>Nicoafi</i>	3 annos	Castanho	Paraná.....	54 kilos	Encarnado e ouro.....	J. & P.
2	<i>Bonita</i>	4 »	Castanho	S. Paulo.....	53 »	Ouro.....	José Machado.
3	<i>Aurora</i>	3 »	Alazão.....	Idem.....	53 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
4	<i>Pirata</i>	3 »	Tordilho....	R. de Janeiro.	52 »	Ouro e encarnado.....	D. A.
5	<i>Alteza</i>	5 »	Libuno.....	S. Paulo.....	55 »	Preto e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.

Tercero pareo—INTERNACIONAL—1.000 metros—Animaes estrangeiros até puro sangue—Premios : 350\$ ao primeiro e 80\$ ao segundo—Entrada 20\$000

1	<i>La Ferthé</i>	3 annos	Alazão.....	França.....	52 kilos	Encarnado e amarello.....	S. A.
2	<i>Flora</i>	6 »	Castanho....	Rio da Prata.	56 »	Azul e encarnado.....	José Machado.
3	<i>Africana</i>	2 »	Zaino.....	Idem.....	50 »	Verde e ouro.....	J. L. da Costa.
4	<i>Victoria</i>	2 »	Zaino.....	Inglaterra...	50 »	Vermelho.....	Coud. Ypiranga.
5	<i>Gazida</i>	3 »	Alazão.....	França.....	52 »	Azul e amarello.....	Coudelaria Luso.
6	<i>Françoise</i>	4 »	Alazão.....	Idem.....	54 »	Preto e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.

Quarto pareo—PROVINCIA—1.500 metros—Animaes de meio sangue—Premios : 300\$ ao primeiro e 80\$ ao segundo—Entrada 15\$000

1	<i>Flora</i>	6 annos	Castanho....	Rio da Prata.	57 kilos	Azul e encarnado.....	José Machado.
2	<i>Guanaco</i>	7 »	Alazão.....	Paraná.....	54 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
3	<i>Garibaldi</i>	6 »	Alazão.....	Rio da Prata.	50 »	Preto e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.

Quinto pareo—HIPPODROMO GUANABARA—1.750 metros—Animaes de qualquer paiz—Premios : 500\$ ao primeiro e 150\$ ao segundo—Entrada 25\$000

1	<i>Malstrom</i>	3 annos	Castanho	Inglaterra...	50 kilos	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
2	<i>Victoria</i>	2 »	Zaino.....	Idem.....	46 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
3	<i>Gazida</i>	3 »	Alazão.....	França.....	48 »	Azul e amarello.....	Coudelaria Luso.
4	<i>Françoise</i>	4 »	Alazão.....	Idem.....	52 »	Preto e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.

Sexto pareo—EXPERIENCIA—1.450 metros—Animaes do paiz, de meio sangue—Premios : 300\$ ao primeiro e 80\$ ao segundo—Entrada 15\$000

1	<i>Nicoafi</i>	3 annos	Castanho....	Paraná.....	52 kilos	Encarnado e ouro.....	J & P.
2	<i>Bonita</i>	4 »	Castanho....	S. Paulo.....	50 »	Ouro.....	José Machado.
3	<i>Aurora</i>	3 »	Alazão.....	Idem.....	48 »		
4	<i>Italia</i>	3 »	Castanho....	Idem.....	48 »		
5	<i>Douro</i>	7 »	Alazão.....	R. de Janeiro.	54 »	Azul e amarello.....	Coudelaria Luzo.
6	<i>Alteza</i>	5 »	Libuno.....	S. Paulo.....	52 »	Verde e ouro.....	J. L. da Costa.
						Preto e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.

Setimo pareo—ANIMAÇÃO—1.500 metros—Animaes do paiz, de menos de meio sangue—Premios : 250\$ ao primeiro e 60\$ ao segundo—Entrada 15\$000

1	<i>Didi</i>	3 annos	Pampa.....	S. Paulo.....	48 kilos	Encarnado e azul.....	Carlos Coutinho.
2	<i>Buchinha</i>	3 »	Castanho....	Idem.....	48 »		
3	<i>Serodio</i>	5 »	Castanho....	R. G. do Sul..	51 »	Ouro e encarnado.....	D. A.
4	<i>Savana</i>	4 »	Castanho....	Idem.....	50 »	Ouro e cinza.....	F. G.

Nictheroy, 15 de Março de 1886.

O 2º secretario, DR. TOPQUATO DE GOUVÊA

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 27 DE MARÇO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. H—N. 65.

ESCRITÓRIO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

SUMMARIO

Expediente.....	
Historia dos sete dias....	FILINDAL.
Versos de.....	JUÃO DE DEUS.
Jornaes e revistas.....	M. VALENTE.
As sociedades de corridas e as «ponles».....	L. M. BASTOS.
Enfermidades estylis- ticas.....	ARARIPE JUNIOR.
Letras.....	M. CARNEIRO.
Teus labios.....	A. DE SOUZA.
Bellas Artes.....	A. PALHETA.
Parnaso alegre—«Se Deus quizer.....».....	?
Theatros.....	P. TALMA.
A' memoria de Adelino Fontoura.....	A. SILVA.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Factos e Noticias.....	
Tratos á bola.....	FR. ANTONIO.
Recebemos.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

GERENTE

G. CABRAL

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

ASSIGNATURAS

CORTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

A redacção, gerencia e officina d'A SEMANA mudaram-se para a rua do Carmo n. 36.

Assumio a gerencia d'esta folha o Sr. Guilherme Cabral, passando a occupar-se exclusivamente da redacção o nosso companheiro Filinto d'Almeida.

A exemplo do que fizemos no anno passado, abrimos de abril a dezembro, uma assignatura de nove mezes pelo preço de 6\$000, dando nós, a esses assi-

gnantes os mesmos premios a que têm direito os assignantes de anno, com excepção do livro *Vinte Contos*, que é exclusivamente para estes, que deverão recebê-lo por todo o mez de abril.

Aos nossos numerosos assignantes do interior que tomaram assignatura por todo este anno pedimos desculpa de lhes não havermos remettido o n. 54, por ter-se esgotado a edição d'esse numero.

Mas essa falta será remediada, pois tencionamos reimprimil-o o mais breve possivel, enviando-o a todos os assignantes d'este anno que o não tenham recebido e aos noyos que desejem ter a collecção completa.

Pedimos ao Sr. Aprigio Carlos de Macedo, de Santos, o obsequio de saldar as suas contas do anno passado com esta folha.

Os senhores que tomarem uma assignatura d'A *Semana* por todo o anno de 1886 terão direito a um dos seguintes premios, á sua escolha:

VINTE CONTOS, por VALENTIM MAGALHÃES.—Este livro, que se está imprimindo nas officinas d'A *Semana*, foi expressamente feito para ser distribuido como premio aos assignantes d'esta folha. Conterá mais de duzentas paginas em superior papel, com uma capa de fantasia.

NÃO SERÁ POSTO Á VENDA.

Assim, os que tomarem uma assignatura d'A *Semana* por um anno, e somente esses, terão direito a um exemplar d'essa obra, que, a ser vendida não o seria por menos de 3\$000, o volume.

AURORAS, versos, por Alfredo de Souza; encadernação de luxo.

O HOLOCAUSTO, romance de Pedro Americo de Figueiredo.

MARGARITAS, poesias da distincta poetisa D. Adelina Amelia Lopes Vieira; um bello volume.

Aos senhores assignantes de seis mezes daremos como premio QUATRO POEMAS, por Luiz Murat, um exemplar das AURORAS, brochado, ou TYPOS EM PROSA E VERSO, de A. Lopes Cardoso.

N. B.—Os senhores que assignaram A *Semana* por um anno, a terminar em Dezembro de 1885, receberão, segundo promettemos, um exemplar dos VINTE CONTOS.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Reina ainda, com o mais tirannico absolutismo, S. M. a Febre Amarella, de quem é primeiro ministro e chefe do seu poder executivo o Sr. barão Vomito Preto, commandante em chefe das legiões de *criptococcus xantogenicos* e outros microbios cultivados paternalmente pelo Dr. Freire.

Ao intensissimo calor dos ultimos dias, succedeu hontem uma chuva providencial, que talvez preste mais serviços á saúde publica do que toda a Junta de Hygiene com os seus carregamentos de acido phenico. Mas o melhor é não tractarmos mais da febre amarella, que aterrorisa menos pela sua gravidade do que pelo numero de casos.

Desde que ella produz tantas lagrymas não deve servir de assumpto a esta secção alegre. Deixemol-a, pois, no seu terrivel trabalho de ceifeira de vidas e procuremos no vasto noticiario da semana algum motivo para o nosso sorriso habitual.

Mas tambem é difficil sorrir. Por toda a parte desastres, roubos, sovas homericas, rixas, balhas, infortunios! Sebastianopolis precisa benzida, como diria um membro do Instituto historico.

As alegrias da semana foram todas para a bella e pittoresca Petropolis, onde no domingo se abriu a 6ª exposição agricola e horticola, com assistencia de S. S. M. M. e A. A. imperiaes, e discurso do Sr. Conde d'E u. Entre os productos expostos neste certamen agricolo e horticolo, figuram, como no anno passado, varios queijos, manteigas, cal, amostras de granito e marmore. Lamentamos que não figure tambem o Sr. Saraiwa, como o mais extrenuo defensor da lavoura.

Ante-hontem, 25 de Março, foi o 2º anniversario da redempção do Ceará festejado com muita pompa pela Confederação abolicionista.

Quem poderá livrar tambem das horrosas e continuas seccas aquella infeliz provincia! Ainda no dia 22 o *Jornal do Commercio* publicou uma carta do Aracaty em que se diz que este anno a secca está com «perspectivas e com aspecto muito peor do que as tres reunidas de 1877 a 1879.

Apesar das tristezas da semana, com boa vontade sempre se arranja um casinho picaresco para desfastio. Tal o caso dos 50 porcos removidos do seminario do Rio Comprido para o deposito publico.

O *Jornal*, commentando o facto, escreve esta phrase sybilina e ambigua: «Realmente é caso para pasmar o que faria tanto porco no seminario.»

Não seremos nós quem vá indagar do que fariam os porcos naquella casa sancta. Isso não. Ha coisas neste mundo

em que se não deve bulir. E os clérigos têm tanto amor aos seus porcos que estão impedindo a sua remoção d'elles do deposito publico. Querem disputar o seu direito. Vae ser uma questão interessante; de um lado padres e porcos do outro a justiça publica.

Deve ser uma porcaria engraçada.

A monarchia desmoralisa-se.

Antigamente o facto de um principe raptar uma donzella era uma honraria para a familia da raptada. Hoje está tudo mudado. Já não vale nada ser principe, visto que o nascimento altissimo não cohonestá patifarias e torpezas. Ainda no ultimo folhetim, *Ver, ouvir e contar*, se narram os casos escandalosos do principe Napoleão, o Plonplon das chronicas *boulevardieres* com a famosa Cora Pearl, a Nana do segundo imperio preconizada nos poemas eroticos da decadencia, do momento lugubre do esphacelamento moral e social da França abjecta de Napoleão. Agora, entre nós, um principe de opera buffa, typo genuino e acabado da caricatura da rua, africano de nascença e brasileiro naturalizado, alferes do exercito e chefe supremo da sociedade da rua do Senhor dos Passos, tenta raptar uma donzella, de nome Loa, filha da preta Maria da Conceição.

E sua alteza o principe Obá II d'Africa foi á polieia, e vae, naturalmente, ser processado.

E Offenback já não existe para immortalisar com o seu genio sublime, com o seu riquissimo riso christalizado em sons, as monarchias contemporaneas!

Horror, horror!

FILINDAL

VERSOS DE JOÃO DE DEUS

EXPRESSAMENTE ESCRIPTOS
PARA «A SEMANA» (*)

Oh quem me dera embalado
Nesse berço vaporoso,
Nuvens do céu azulado,
Onde os meus olhos repouso,
Já de tanto olhar cançado!

De tanto olhar á procura
D'um bem que o fosse deveras
D'uma paz, uma ventura,
D'essas venturas sinceras,
Se as pôde haver sem mistura!

Mas ha, sem duvida! Creio
Nesta ambição eutranhavel!
Ha por força um rosto, um seio
De amor e graça ineffavel,
Donde sempre este amor veiu...

Este amor que a voz me prende,
Nuvens do céu azulado!
E a vós, lampadas que accende,
Depoi do sol apagado,
Quem... de quem tudo depende!

JOÃO DE DEUS

(*) Estes versos que já havíamos promettido ha muito tempo, devemoi-os ao Sr. Emygdio Monteiro, nosso correspondente em Lisboa, que pediu ao grande poeta das *Flores do Campo* versos ineditos para *A Semana*, pedido a que elle accedeu bondosamente, escrevendo para a nossa folha as delicadissimas quintilhas que se vão ler.

N. da R.

JORNAES E REVISTAS

Na *Gazeta de Campinas* do dia 23 do corrente publicou um bello artigo a scintillante escriptora, antes fina cinzeladora de joias litterarias, a Exma. Sra. D. Julia Lopes; um d'esses artigos preciosos rescentes de encantadora bondade e de cujo processo simples, só ella possui o segredo, precioso escripto de rutilas phrases facetadas com o cuidado com que o lapidario prepara as gemmas de que se adornam os nimbos dos santos e os deademas reaes, e a que ella deu por titulo esta simples palavra — *Até...*

E' uma sentida despedida da elegante estylista ás senhoras campineiras, que tiveram de ver partir esta adoravel pensadora, que com sua prosa sobria e tão casta, que traz-nos á idéa o aroma das violetas e dos jasmims immaculados, levou-lhes de certo á alma por vezes a esperança e o bem estar que transcendem de seu espirito de moça com as deliciosas *illuminações* que tem dado á publicidade.

No seu artigo ella, em meio da saudade que já de ante-mão começa a lancinar-lhe a alma, diz que a maior magua que vae acompanhá-la na sua viagem á Europa, é lembrar-se que na terra que durante tanto tempo illuminou com o sol de sua graça e do seu talento fica a chorar consternada uma pobre senhora porque a Justiça enclausurou no fundo de um calabouço o seu desditoso marido, sobre quem pesa a imputação de um homicidio, o réu José Pinto de Almeida Junior.

Fecha, pois, o seu artigo a Sra. D. Julia Lopes pedindo indulto para esse desgraçado.

Que melhor cartão de despedida poderia deixar ás suas amigas?!

D'este modo mostrou a nossa joven contista que, se tem uma intelligencia não vulgar, tem ao serviço d'essa intelligencia, um coração de ouro, uma alma sempre propensa ao Bem e inclinada a minorar as angustias dos pobres desherdados da Fortuna.

Ventos prosperos tragam em breve ao seio da patria essa encantadora poetisa da prosa, da prosa que, aqui no Brazil, não despirá os crepes da saudade, com que se vae cingir, enquanto não raiar a alvorada da sua volta.

Muito bom o 4º supplemento litterario da *Gazeta de Noticias*. O trecho d'*A Reliquia*, o novo romance do grande Eça de Queiroz, que naquella folha deve ser publicado, é adoravel de colorido, de graça e de vigor descriptivo. Não demore a *Gazeta* a sua publicação por que os *gourmands* litterarios, excitado o appetite com aquella *próva* do prometido manjar, estão anciosos por elle. Que grande, que bello, que extraordinario livro não ha de ser *A Reliquia*!

Terpsychore, o conto de Machado de Assis, é um primor de estylo, e mais agrada por excepcionalisar-se dos contos a que nos tem acostumado o nosso eminente collega, nos quaes ha sempre uns laivos negros de pessimismo ou scintilla doentamente uma gotta de aureo venero. *Flumen Senior* que a *Gazeta* recommendára muito na vespera do dia do supplemento — sahio-nos muito pi-fiosinho, Deus louvado! O conto — *O saber não occupa lugar* não tem originalidade, nem grammatica; apenas um pouco de graça d'essa grossa graça que delicia o *Zé Bóbo* que se ri aos domingos com *Os trinta botões* ou *O Recrutamento na aldeia*.

O famigerado Dr. Sylvio Romero assenta a ultima das suas tremendas

sóvas no *joli petit savant* (sic) Ladislau, director do Museu Nacional; do qual ainda diz que é: — *audaciosissima incarnação da fofice brasileira*, um magico, incapaz de escrever 20 linhas certas em francez, meu mastigador da propria lingua, plagiador de Hartt, auctor de *captam-gagens*, absolutamente ignorante, espirito rombo, pesadão, mal preparado, sem sciencia technica e sem philosophia, soffredor de um *egotismo* incuravel etc. etc. ... Isto é que é uma senhora descompostura. Safa!

O que achamos exquisito é que figure, tractando, além d'isso de sciencia, em um supplemento *litterario*.

Bem escripta a carta do Sr. R. de S. Paio «a uma senhora» sobre as *Memo-rias de Judas* de Petrocelli Della Gattina.

Inintelligivel o soneto do Sr. Silva Ramos; miseravelmente imitado o do Sr. Silva Tavares do soneto publicado pelo primoroso poeta Raymundo Corrêa em o numero 42 da *Gazetinha* (21 de Fevereiro de 1882) intitulado *No sarão do Conde*. No do nosso companheiro Henrique de Magalhães o 3º verso do 1º quartetto deve lêr-se:

Em que se folga, em que se ama, em que se sonha.

A empalmação do terceiro se, devida á revisão, tornou errado o verso.

Em summa: muito digno de lêr-se o 4º supplemento litterario da *Gazeta*.

Que não tarde o quintº.

M. VALENTE.

As sociedades de corridas e as poules

Em todos os paizes adeantados do mundo, onde as instituições e associações perfeitamente constituidas, se levantam baseadas em mera iniciativa particular, tendo em mira um fim humanitario e de utilidades especiaes, os governos e as municipalidades, em vez de pretender extingui-las, trilham o caminho do progresso, dando-lhes o impulso necessario a conseguir fazelas chegar aos seus fins.

Em nosso paiz onde ellas se geram com grandes sacrificios e sómente devido a grandes esforços particulares, o governo e a municipalidade devendo protegê-las procuram embaraçá-las, justamente quando ellas têm chegado ao seu maior auge.

Infelizmente n'este estado se acham as nossas sociedades de corridas, quando com grandes sacrificios foram se levantando e mostrando ao governo e á municipalidade, quanto era necessario a formação de associações d'este genero entre nós, e quaes os fins a que eram destinadas foi bastante para que d'elles até hoje, recompensa alguma tivessem recebido.

As sociedades de corridas que se levantaram entre nós como o *Jockey Club*, *Derby-Club*, e outrs que chegaram ao ponto em que estão collocadas, seriam por ventura creadas para mero divertimento? Sem duvida que não.

A criação d'essas associações teve um fim exclusivamente de utilidades, economisando ao governo desvios de suas attribuições mais importantes e de interesses, evitando distracções dos cofres publicos e dos elementos necessarios e indispensaveis, urgentemente mais applicados a outros misteres que promptamente exigiam as condições do nosso paiz. Entretanto o governo em vez de despertar e dar impulso a essas associações que em nada affectam a sua moralidade e que pôde tirar d'ellas resultados aproveitaveis, adormeceu, oscillando em manifestar-se deixando-as n'um *statu-quo permanente* em

ocasiões de principiarem a funcionar. Qual a razão de todos esses obstáculos e desses abalos causados a essas associações perfeitamente constituídas?

A *poule* ou casa das apostas legalmente constituída e escrupolosamente dirigida por cavalheiros honestos, independentes e respeitáveis.

Diversos artigos tem apparecido na imprensa desenvolvendo esse assumpto e classificando-o do melhor modo a destruir toda e qualquer má intensão tributada a essa *casa de apostas ou poules* estabelecida em nossas sociedades de corridas.

A *poule* ou *casa de apostas* adoptada em nossas corridas foi creada debaixo de bons auspícios e visando o beneficio futuro em favor da propria associação e procurando evitar disturbios constantes entre os amadores desse util divertimento. Assim as sociedades estabeleceram uma concentração de apostas numa só localidade baseadas em todos os meios licitos e proporcionando ao publico todas as vantagens de commodidade em manifestar as suas opiniões durante o divertimento.

Portanto as sociedades, garantindo essas quantias de todas as naturezas que ali eram accumuladas momentaneamente, estabeleceram tirar d'ellas a insignificante e insensível porcentagem de 10% em beneficio da propria associação, o que foi perfeitamente sem a menor reclamação acceto pelo publico, e n'essas condições adquiriu ha muitos annos a posse da *casa das apostas ou poules*.

Não podia deixar de nos causar admiração a camara municipal ou melhor alguns de seus membros, que bem de perto conheciam todos esses misteres, como o Sr. Dr. Costa Ferraz, membro e fundador do *Jockey Club*, o Sr. Dr. Claudio da Silva membro pertencente á administração passada da mesma sociedade, affrontarem-na com uma *postura*, *omissa*, sem *redacção*, *impossivel* e até *insultuosa*, baseados no despeito e na parcialidade de factos particulares.

Felizmente, porém, para essas associações, resta a gloria de terem-se creado e mantido sem que o menor auxilio do governo e da municipalidade desse impulso para seu engrandecimento.

L. M. BASTOS

ENFERMIDADES ESTYLISTICAS

DA NOVA GERAÇÃO

SUMARIO — Os d'spojos de V. Hugo — Antropomorphismo litterario; hypertrophia da metaphora; perluxidade epithetica; excessos na amplificação; desproporção na antithese. — Desequilibrio psychico entre a forma e o pensamento; esbatimento exagerado na descripção; phrase causativa. Defeitos de metrica na linguagem. — Causas — Zola e Richepin. — Guerra Junqueiro e Ramalho Ortigão. — Seus representantes no Brazil.

« Extraordinaria coisa, diz Flaubert, a dose de pouca fé na felicidade com que nasci! Logo em creança tive um presentimento completo da vida. Senti como que um cheiro nauseabundo de cosinha escapando-se de um cano de esgoto. Não é preciso já ter comido para saber que é para causar vomitos.»

Nestas palavras encontra-se resumida toda a vida litteraria doentia e nervosa do infeliz autor de *Bovary*. Estylo sublime e tarturado... mas á custa de quanto soffrimento!

Balzac, planturoso, cheio de vida e de amor pela realidade, sem as contor-

ções que produz a contemplação de certos aspectos da natureza humana, é incontestavelmente preferivel.

Embora com um pé no romantismo e outro no futuro, elle soube ser mais homem do que quantos o succederam e o imitaram. A verve era o seu segredo e a imaginação o seu motor.

Deste potente engenho para cá, porém, quantas escolas tem surgido! quantos dispartes litterarios accumulados! Com que variedade de fios e matizes se tem tecido essa tela a que damos o nome de litteratura moderna!

Na França, entre o auctor da *Comedia Humana* e o dos *Chatimeys*, que de pretenções apparecidas! que de theorias e rhetoricas montadas, desmontadas!

No meio de tudo isto ha, porém, uma coisa que sempre sobrenada e não mente nunca. E' o talento: é o genio litterario. Pouco importa que Flaubert, inspirando-se na sua indole e na observação do que o seu genio especial lhe indicava, produzisse um typo agonizante como a da infeliz Bovary.

Elle o fez com um brilhantismo nunca visto: é quanto basta; mas o que não é curial é que procurem imitar as suas intenções organicas. Pouco importa que Zola, encontrando afinidades entre a sua e a indole d'aquelle mestre, entrasse triumphalmente na arena da neo critica, dando-se como musa a indignação e a vingança. Zola fel-o a proposito, no tempo e no lugar aonde sua voz podia ser legitimamente ouvida e reverenciada. O exito o justifica; mas o que não se justifica é que fóra d'esse meio, tentem vibrar uma corda *á marselheza*, só comprehensivel pelo dilettantismo do povo de cujas fibras foi construido o instrumento em que o mestre se exercitava.

Seja, porém, como for, com escolas ou sem ellas, é inevitavel que a critica de vez em quando lance um olhar retrospectivo sobre essas operações collectivas da arte humana.

Se a selecção é a vida, tambem é a morte. Depois do satanismo de Byron, e da uncção poetica de Chateaubriand, dois filhos do mesmo pae, apenas diferentes por temperamento, malcreado um e sonso outro, não houve poeta que tanto suggerisse filiações no mundo litterario como V. Hugo. Elle, a *ode ambulante e multiforme*, tocou em todos os sentimentos do seculo e exhibio-os com a mais alta scenographia. O grão magico, porém, tinha um defeito immenso que não vem ao caso aqui explicar, porque seria necessario subir o rio da critica genealogica, — o defeito de só jogar com dois elementos litterarios, a allegoria e o contraste, duas formas da metaphora e da amplificação perigosissimas, toda vez que se não tem genio para se não cahir na sensaboria.

V. Hugo injectou esse veneno em alta dose nas veias das gerações que se succederam. Nos paizes latinos desde 1830, atravez das tendencias de optimistas, de pessimistas, de dilettantes, romanticistas, realistas, impressionistas, naturalistas, etc., etc., tem sido a nota hugoana a que tem predominado.

E' inutil fugir; d'aqui, d'alli, desfilado qualquer poeta, no fundo é V. Hugo.

E Baudelaire? E' Hugo com a mascara de Edgar Poe. E Lecomte de l'Isle? Hugo com a sobriedade de um erudicto philosopho. E Coppée? Hugo em miniaturas. E Richepin? Hugo no deboche, Hugo embriagado e obsceno.

E assim todos, salvo as tendencias que vivem presas e enjauladas á espera de um *fiat* obscuro.

Pois bem: essa selecção hugoana, um choque com as operações do espirito

moderno, tem degenerado num patois litterario, que não pôde constituir ainda uma lingua forte, logica e concisa.

O genio de V. Hugo decompondo-se no animo d'esses novos espiritos que ainda conservam as feições do pae inteiras, tem dado nos ultimos dez annos productos que arrepiam os cabellos. Imagine-se uma igreja catholica paramentada para os grandes effeitos de uma festa religiosa, que de subito, ao som das trombetas do carnaval, fosse invadida pela rapaziada burlesca dos cafés, e se deixa despojar das ricas alfaias, custodias, castiças de prata, opas, balandras, e todo o residuo de uma gigantesca accumulção. Uns escalarium os altares e sobraçando imagens sahiriam a adoral-as no canto dos botequins; outros, envergando as capas de arpege, iriam ás *maisons dorées* affectar um estylo sublime ao lado das *cottes*; outros, mais audazes, pondo as mitras á cabeça atirar-se-hião aos ineetings de verbo alto a prophetisarem coisas funambulescas.

Eis em traços rapidos, o quadro da divisão d'esse *novo imperio de Alexandre*.

O que resta saber é se decahimos ou nos levantamos.

Ha quem affirme que as epocas chamadas da decadencia são mais ferteis em engenhos do que as que se gloriam de seculos historicos.

(Continúa.)

ARARIPE JUNIOR.

LETRAS

Com esta epigraphe por sub-titulo tem escripto o Sr. Manoel Carneiro (*) para *A Evolução*, periodico de Campos umas cartas muito interessantes. Da 8ª extrahimos os seguintes topicos, em que são apreciados alguns dos colaboradores d'*A Semana*, que agradece ao amavel correspondente as palavras com que a distinguio.

«Aqui, no centro da vida do paiz, o movimento litterario tem a intermittencia morbida de um organismo doentio.

Para tornar uma verdade pratica a ideia e o empenho de que se carregou, a *Semana*, o moderno jornal litterario por excellencia, tem necessariamente agido com todas as coragens esforçadas para ser, nesta época actual, o que é, — o melhor jornal litterario que se tem publicado no Brazil.

Neste momento cheio de anormalidades viciosas, em que o utilitarismo, as especulações de todo o genero ensaiam o vôo incerto, e o tendão duro dos mais obscuros interesses contrae-se para estender-se muito mais ainda, abraçando nesse cordão a patria, o futuro, as aspirações immaculadas do bello e da luz, as letras nacionaes, como as deusas errantes das lendas, vagam com o olhar entristecido e incerto no silencio infinito do azul, como se buscassem nas scintillações de alguma estrella a esperanza de um futuro mais glorioso, melhores dias coroados pelo sol louro das conquistas ideaes do encantamento e do amor.

Actualmente, podemos dizel-o, é nenhum o movimento litterario entre nós.

Os prèlos imprimem cartões de visita

(*) Cremos ser um homonymo do principal redactor do *Diario de Noticias*.

ou rotulos e cartazes. As musas caladas dormem no silencio abandonado dos sonhos, e se alguma produz alguma cousa, parece que, indignada desse abandono que nos invade, guarda-a consigo no fundo da sombra, como uma reliquia santa.

Apenas a musa biliosa do jornalismo gesticula todos os dias, com um entusiasmo fatigado, proferindo apostrophes e censuras, amargas como o fel, violentas como o incendio, contra os homens que erram, as instituições caducas, o rei machiavelico e velhaco, os homens de libré pagos pela nação para nada fazerem quando não furtam milhões.

Hoje, entre nós como em toda parte, o jornal tende a absorver o livro. Poucos livros se publicam porque poucos se escrevem. E morrem todos os dias homens do maior vulto sem deixarem um documento duradouro do que estudaram, do que trabalharam, do que fizeram. Ao passo que uma série de artigos de maior importancia e do maior valor, onde se desenvolvem idéas e se discutem principios do maior alcance moral, desaparecem e vão-se com a vida ephemera, unica que podiam ter como sorte desconsolada e atroz.

Dizem os persas que o homem que morre sem deixar um filho, uma arvore plantada e um livro escripto não soube cumprir a sua missão nesta vida. Aqui acontecê-d a toda a hora.

Valentim Magalhães, o incansavel trabalhador, deve publicar muito breve um livro de *Vinte contos*, que esperamos com anciedade.

Para nós, de todos os moços desta nova geração litteraria elle é aquelle que com maior affinco e mais apaixonada dedicação entrega-se ás letras nacionaes. Todos os dias progride num afan glorioso e incansavel. Hoje é um stylistista primoroso que ha aprendido nas lições dos grandes mestres da escola moderna a grande arte de—saber dizer.

O livro *Sonetos e poemas* de Alberto de Oliveira é para nos um dos melhores livros de versos que se tem publicado nestes dez ultimos annos. E' um poeta de primeira força. A tempera fina do aço com que escreve, imprime nos seus versos o timbre sonoro e mystico da nova escola.

Se continuar a trabalhar, porque é muito moço ainda, tem de tornar-se em muito pouco tempo um dos maiores vultos da poesia contemporanea.

Póde dar o braço, desaffrontadamente ao Dr. Luiz Delfino, que foi ultimamente reputado por alguns o primeiro poeta brasileiro.

Alfredo de Souza publicou as *Auroras*. E' um livro delicado onde se revela, nos vinte e poucos annos de hoje, um aleitado poeta de amanhã.

Tem muito merito e não tem pretensões esturdias. Ao contrario, em vez do enfatuamento fófo e improficuo de certos verzejadores, procura no aconchego dos confrades, nas observações dos amigos e dos mestres a escola sadia, que o applaude com restricções e o guiará sempre com arrebatamentos de sympathia.

Está no prélo um livro de Bellas-Artes de uma das figuras mais originaes dessa geração. E' o Sr. Luiz Gonzaga Duque Estrada. E' Luiz Gonzaga e não faz versos nenhuns. Em compensação tem dentro d'alma toda a poesia sentimental, todo o amor puro do triste poeta mineiro.

Duque Estrada tem uma predilecção decidida pelas Artes. Pintura e esculptura especialmente. Procura o convívio

de todos os artistas. Quando está num *atelier* percebe-se que elle está muito a seu gosto. Não é pretencioso. Timido como uma moça bem educada, merecerá antes censuras como optimista do que como critico violento. A sua critica é branda, e parece antes feita de velludo e arminho, onde o auctor, que esperava encontrar espinhos, refestela-se, deita-se, respira satisfeito e ri-se para aquelle rosto pallido, aquella barba á Christo tecida de finos cabellos louros.

E' um typo *sui-generis*; e sem conhecer o seu livro posso garantir-lhe que ha de ser muito modesto, muito delicado e ao mesmo tempo muito original.

MANOEL CARNEIRO

TEUS LABIOS

A cór que tens nos teus labios
Foi ás amóras roubada.
Que venham dizer os sabios
Qual a mão sancta, ignorada,
Que, desprezando as auroras,
Roubou a cór ás amóras
Para dar cór aos teus labios!

Ah! como se purp. rejam
Quaes duas pet'las de rosa!
Ha labios que só desejam
Estar en:re elles, formosa.
E ha beijos, de um'alma louca,
Que appetecem tua bocca—
Duas pet'las que se beijam!

Labios assim tão macios,
Nunca vi, tão delicados!
Semelham mimosos fios
De seda junctos, ligados,
Tão bellos, tão purpurinos,
Tão delicados, tão finos,
Esses teus labios macios!

Se fallas... Ah! se perfuma
A vóz que entre elles assoma;
E nenhuma flór, nenhuma,
Pode egualal-a no aroma!
Que labios os teus! Iuvejo
Não ser palavra ou bocejo
Que ahí vive e se perfuma!

Modestos quaes violetas,
Foram feitos simplesmente
Para ser por borboletas
Beijados, unicamente!
Mas no entanto, oh! crueldade!
Alguem, que escolheres, ha-de
Beijal-os... como a violetas!

A cór que tens nos teus labios
Foi ás amóras roubada.
Que venham dizer os sabios
Qual a mão sancta, ignorada,
Que, desprezando as auroras,
Roubou a cór ás amóras
Para dar cór aos teus labios!

1886

ALFREDO DE SOUZA.

BELLAS ARTES

Ha oito mezes, pouco mais ou menos, por uma manhã taciturna de Agosto, estando eu á espera de um bond na Praia de Botafogo, vi a meu lado um sujeito louro, vermelho e de olhos azues.

E' um allemão. Pensei; e, depois de ter notado a caixa, o cavalette e guarda-

sol de panno amarello que elle trazia numa maxilla pendurada aos hombros, não me restou a menor duvida a respeito do individuo: era artista, e com certeza o Tridler cuja chegada ao Rio de Janeiro, foi annunciada pela *Gazeta de Noticias*.

Um artista novo é, para nós, sempre uma boa nova. De mais a mais ainda não temos no paiz um payzagista que saiba ver bem a natureza. Uns subordinam a grandeza das nossas bellas matas a uma medida usuraria e ridicula; outros são frios e descuidados; estes fazem uns quadros duros, chatos, impossiveis; aquelles arranjam uma cór agradável e vão enchendo a bel-prazer os pontos luminosos do quadro para fazer chic, e, os mais corajosos, preparam uns formidaveis pastelões que baptisam com o pomposo nome de—*realistas*.

Ah! razão bastante tinha Ruskin quando dizia: «Cada herva, cada flor dos campos tem a sua belleza distincta e perfeita, tem a sua forma, a sua expressão.» E' precisamente, esta forma, esta expressão, esta belleza distincta e perfeita que os nossos paysagistas não sabem ver.

E Tridler nesses tres ultimos quadros expostos conseguiu vencer as difficuldades que têm escapado a seus collegas? Não é facil a resposta.

As obras que nos apresenta são pequenos pedaços da natureza em que só ha pedaços dignos de nota. O todo, o conjuncto harmonico do sujeito, lhe escapou.

Na vista da praia de Copacabana, um dos mais agradaveis entre os tres quadros, o que mais interessa pelo desenho, pela cór, pela verdade é uma parte do ultimo plano: a montanha que se avista ao fundo e uma parte de mar azul, encrespando vagas sobre a areia amarellada e humida da praia. Os primeiros palmos não correspondem ao ultimo, são descurados, e tem pouca intensidade de colorido. A montanha ao fundo muito estudada em todos os detalhes, rigorosamente observada, tira toda a importancia do primeiro plano.

Os outros dois quadros (*casa De Wilde*) são mais felizes nesse ponto. Um representa uma ladeira macadãmisada, banhada de sol. Uma preta quitandeira vem descendo por ella em passadas longas, gingadas. De um lado passa um encanamento d'agua, com seu velho paredão arruinado, pallido, cheio de lepra verde de musgos, e chagas de um vermelho sujo, abertas pelo desabamento da calça. A' esquerda, á flauda de um morro, erguem-se construcções esguias, e ao fundo, para alem de um renque de coqueiros, vê-se uma parte da cidade, o amontoado de paredes brancas, telhados vermelhos, agulhas de torres.

Apezar do vigor com que é pintado o primeiro plano, o ultimo lhe tira a metade da força pela nudez com que é tratado.

O terceiro quadro é uma nesga de mar que vem soluçar deante da antiga montanha escarpada, nua, melancolica, tristissima. Sobre ella apenas medrada uma vegetação sem cór, miseravel, doentia, infeliz. Duas figurinhas de mulher, uma toda vestida de preto, assenta-la sobre umas pedras; outra em pé, enfronhada em seu vestidinho azul marinho, tendo á cabeça largo chapéo de palha cor de canario, olham para o mar, que vem de longe, rolando vagas, espumando, cahir á praia como uma vencida escrava arrojada aos pés do orgulhoso arabe vencedor.

A maneira de Tridler accusa um perfeito conhecedor da execução. As suas tintas são lançadas com uma simplicidade extraordinaria, porém muito se-

gura, e o desenho é feliz, ligeiramente marcado a ponta de lapis, em um, dois, tres tempos.

Mas, para mim, falta ao artista o que mais almiro, mais estimo e considero ao paysagista — o sentimento. E' esse poder maravilhoso de nos impressionar, de nos despertar recordações agradaveis, de nos fazer sentir a natureza como a natureza é, quo fal-o superior. Se lho falta esse poder, se lhe falta o poder creador para verificar a sua obra, fazendo palpar nella a sua alma, é porque elle sabo apenas pintar. Entendem mal o realismo na arte.

A *vaga*, de Courbet, é uma obra realista, e de uma tocante simplicidade: Céu e mar. No horisonte cresce uma nuvem parda e immensa, tomando todo o comprimento do quadro. O oceano rôla, magestoso, uma enorme *vaga* para a praia onde descançam dois bateis abandonados. O quadro é isto e nada mais.

Mas quanta expressão, quanta energia, quanto movimento nessa enorme *vaga*!

Meia hora em frente do quadro, e de ante de nossos olhos começa a revolver-se o oceano, o murmuroso monstro cheio de assombros, cheio de mysterios. No crescer da *vaga*, na pulverisação alvissima da sua espuma, ouvem-se gemidos, soluços, queixas de uma multidão de victimas; porém o monstro subverte, corcoveia, espoja-se a roncar. Ha no espaço um frio silencio de medo. Trememos porque a onda ao rojar-se parece a fauce escancarada de uma fera. Depois o inconsciente bruto se arrasta pela areia, lamben-lo-a, submisso, baixo, covarde, para de novo se levantar, com o felino salto de um tigre batido na solidão das inatas.

Veja-se ainda o realismo nas *paysagens* de Corot e de Jules Dupré. Que differença fazem disso que por aqui se baptisa com o nome de — *paysagem realista*!

E' que o erro dessa leviana denominação parte da confusão que fazemos entre a maneira de pintar e a maneira de sentir, de ver e comprehender a natureza.

Tridler pinta bem, muito bem, affirmarei. E, se bem que lhe falte muito para ser bom artista, não é menor do que os *paysagistas* que actualmte vivem no Rio de Janeiro. Ao contrario — a sua estatura senão passa, pelo menos, se nivela com a destes.

ALFREDO PALHETA

PARNASO ALEGRE

Se Deus quizer...

Lembras-te quando, ha tres vezes,
Nos vimos a vez primeira,
Bella mulher?
«Hei de amar-te a vida inteira»
Disseste; e eu disse tres vezes:
—Se Deus quizer.

Conto eu te achava formosa,
Como adoravel me achavas,
De amor a arder!
Amar-me sempre juravas,
Sem dizeres, cuidadosa:
—Se Deus quizer.

«Sabes? Amo-te!» dizia,
«Nunca este amor chammejante
Ha de morrer!»
E eu baixinho, delirante
Com tuas feticarijas:
—Se Deus quizer

Uma paixão de tal sorte

Que assim te falei, querida:

«E-ther! Est-er!

«Teu amor é a minha vida!

«Ai, sem elle eu quero a morte...

(...se Deus quizer.)

«Eu quero na chamma infinda

«D'este Vezuvio hemdicto

«Arder, arder...

«Como Plinio— que bonito!—

«Morrer nelle espero ainda,

(Se Deus quizer.)

«E's tão loira como a aurora

«E mais do que a aurora és bella,

Alta—mulher!

«Sou treva: serás estrella!

(Nisso, uma voz, lá de fora:

—Se Deus quizer.)»

Beijando-me os olhos ternos

Em uns divinos languores,

De enlouquecer,

Suspiraste: «Estes amores

Serão como Deus eternos...»

(Se Deus quizer.)

Agora vê tu, formôsa:

Já não me amas! Quem *havêra*

De tal dizer?...

Nunca mais a primavera

Ha de voltar a esta rosa...

Se Deus quizer.

Sem que o teu amor desperte,

Sem dizer tir-te nem guar-te,

—Tu has de ver:—

Eu hei de sempre adorar-te,

Eu jamais hei de esquecer-te,

(Se Deus quizer...)

Março—1886.

THEATROS

SANT'ANNA

A primeira representação d'*A Donzella Theodora* foi irrevogavelmente um *successo*, senão de *guichet*, com certeza — de estíma.

Arthur Azevedo fez um libreto simples, engenhoso e engraçado, com o cunho especial do fino espirito com que vêm marcadas quantas peças saem das mãos do applaudidissimo comediographo.

Abdon Milanez — um engenheiro *de-placé*, entersachou esse libreto de adoraveis trechos de musica. Uma estrêa triumphal, brilhantissima — a d'este joven compositor.

Não ha da musica d'*A Donzella Theodora* um só trecho que se possa dizer feio ou vulgar.

Eis os que mais agradaram, e são realmente bellos:—No primeiro acto:—Walsa entre Abulkasim e Theodora; Coplas do intendente e coro:

Trago aqui bago,
bago, bago...

Marcha e côro de entrada do Sultão.

Sultão, tão, tão...

O bellissimo, o grandioso côro, quando Miramolim ergue o véo de Theodora:

Allah, que grande formosura!
Que celeste creatura!

No 2º acto: Aria de Theodora e coro:

Dizem que matas, Saudade,
Saudade, não matas não!

duetto de Abulkasim e Donzella; côro dos dansarinos hespanhóes (bisado com estrépito), tango 'ou cousa que o valha) cantado pelo marquez de las Cuevas e Sierra Morena: *Eu tenho chorado tanto* (bisado com entusiasmo) côro de taças e coplas do marquez. *E' beber, é beber.*

No 3º acto ha um tango bonito e um delicado duetto de Abulkasim e Theodora.

Toda a musica é muito original e admiravelmente adaptada ás situações dramaticas; o que constitue uma das mais admiraveis qualidades do estrêante maestro.

O desempenho, embora não houvesse sido *hors ligne* pois a peça parece ter sido ensaiada e posta em scena sem entusiasmo, foi regular e satisfatorio. Mattos, que por morte do mallogrado Poito, teve de se encarregar do papel de intendente, apenas tendo 4 dias para estudal-o, apresentou um typo magnifico e sahio-se *à merveille* da incumbencia; Guilherme deu-nos um excellente sultão, bizarramente caracterizado; Arêas foi um bom marquez hespanhol, talvez um *poquito* exaggerado, mas cantando com fogo e *salero*; Mesquita foi bem; as Sras. Delmary e Dolores pouco deixaram a desejar. Permittir-me-a a Sra. Dolores Phebo que eu respeitosa-mente lhe diga que é encantadora na sua incarnação de Donzella Theodora, e que não podiam os auctores desejar outra mais bella, mais mimosa, mais *sympathica*!...

Os vestuários são esplendidos, característicos e opulentos, os côros em geral afinaram e a instrumentação, que por vezes é sobeja de notas metálicas, abafando as vozes, é em geral boa.

Uma bella *première*.

E' de crer que com esta *Donzella* se case o gosto publico, e do consorcio nasçam muitas receitas gordas para o Heller.

Amen!

O casamento do *Bilontra* e da *Mulher Homem* continúa a dar boas casas ao Principe Imperial. Causa esta com que o Souza Bastos não dá o *cavaco*.

No Lucinda.—Faustino, o muito conhecido *Bilontra*, anla em marê de rosas e de felicidades: casou-se com uma velha rica e fez-se *industrial*. Não admira: o Faustino já era um distincto cavalheiro... de industria.

Dias Braga deu-nos *As ruinas do Castello Negro*, *O Domador de Firas* e outros dramalhões que têm custado aos seus frequentadores muita lagrima e tristeza!

Ah!... e o *Principe Zilah*... quando nos dará o ar de sua graça?... Ah! sim, é hoje. Então, até logo.

O capitão Martinez não poude realisar a sua ascenção de despedida ao Rio de Janeiro no balão dito.

Ficará para quando a chuva der licença.

Em Junho achar-se-á nesta heroica cidade a companhia do theatro *D. Maria II*, de Lisboa.

Traz um magnifico elenco, d'entre as actrizes destacam-se as Sras. Virginia, Carolina Falco, Amelia da Silva; d'entre os actores João Rosa, Augusto Rosa, Silva Pereira, Baptista Machado e L. Valle.

O repertorio é magnifico, muito escolhido e tem algumas peças não conhecidas do nosso publico.

Bellissimo elenco; é verdade! mas é

de sentir a falta da distinctissima actriz, Rosa Damasceno e dos actores Antonio Pedro, Brazão e Pinto de Campos. Ingratos! ficaram-se por lá e nós aqui na admiral-os... por hypothese.

O VASQUES

No dia 6 de Abril fará beneficio no theatro Sant'Anna o nosso hilariante e sympathico Vasques, que, com a sua immensa *terce*, como com uma varinha magica, faz esvoaçar nos labios de quantos o apreciam o riso franco, arrancando esplosões de estrepitosos applausos dos mais difficeis de contentar.

Qual o tedio, qual a melancholia que resiste á graca, á jocundidade invenivel do talentoso artista?

Pois bem, este *santo Antoninho onde te porci* do publico do Rio de Janeiro, vae beneficiar-se no dia 6 de Abril; o que equivalle a dizer aos seus apreciadores que vão nessa occasião ter, não um simples espectáculo, mas uma noite cheia, uma festa brilhante, rica de attractivos e sorpresas agradaveis.

A peça que escolheu para, valendo-se d'ella, fazer mais uma vez irradiar a sua habilidade artistica, na noite de sua festa, foi o drama de Aluizio Azevedo e Emilio Rouede, que se intitula— *O caboclo*.

E' com um papel dramatico, pois, de transições violentas e lances tragicos, que vae d'esta vez deliciar o publico o grande artista.

Estou certo que como sempre tem feito, este bom povo fluminense correrá pressuroso ao Sant'Anna no dia 6 de Abril para coroar de applausos sinceros e fervorosos o seu actor favorito.

P. TALMA.

A' Memoria de Adelino Fontoura

Foste tambem por entre as incertezas,
As misérias e as dores d'este mundo;
Ora do mal entrando o valo fundo
Ora do amor as floridas devezas.

Sondaste ao céu as vastas profundezas,
O berço e a cova—circulo profundo
De um mesmo abysmo placido e iracundo
Que cria e que devora as suas presas.

Foste, poeta, cantando delirante
Por essa negra estrada incomprehendida,
Nem te seguira a peregrina amante...

E emfim, pallida a fronte qual ferida
Por luz estranha, subito, offegante,
Desceste a escarpa do final da vida.

85.

ALBERTO SILVA

SPORT

Com bastante concurrencia e na melhor ordem realisaram-se no domingo passado as corridas no Hippodromo Guanabara, tendo o seguinte resultado:

Disputaram o 1º pareo (1000 metros) *Moema, Tufão, Didi, Serodio e Savana* que apezar de sahir com bastante atrazo conseguiu vencer os seus competidores em 71 segundos, chegando em segundo lugar *Serodio*.

Correram no 2º pareo (1000 metros) *Bonita, Aurora, Pirata, Alteza, Nicoafi* que facilmente sahiu vencedor em 70 segundos, demonstrando estar melhor

tratado. Coube o segundo lugar *Alteza*.

Inscreveram-se no 3º pareo (1000 metros) *Flora, La Ferthé, Françoise e Gazida*, que por diversas vezes tendo-se negado a sahir conseguiu finalmente o jockey Manoelzinho fazel-a partir e ganhar em 71 segundos, seguida de *Françoise*.

Lutaram no 4º pareo (1500 metros) *Flora, Guanaco e Garibaldi* que sem difficuldade percorreu a distancia em 103 segundos, chegando em 2º lugar *Guanaco*.

No 5º pareo (1750 metros) apresentaram-se apenas *Françoise e Gazida* que novamente sahiu victoriosa em 124 segundos. Este pareo que era um dos mais interessantes do programma deixou de ter a importancia desejada que teria se *Victoria e Malstron* tivessem competido, o que sentimos sinceramente.

No 6º pareo (1450 metros) *Douro, Aurora, Bonita, Alteza e Nicoafi* foram os competidores. *Nicoafi* pela segunda vez mostrou superioridade sobre os seus competidores percorrendo o tiro em 102 segundos, chegando em 2º lugar *Alteza*.

No ultimo pareo (1500 metros) *Savana* facilmente pela segunda vez sahiu victoriosa em 110 segundos, chegando em 2º lugar *Serodio*. Tambem correu *Buchinha*.

Realisam-se amanhã no *Prado Villa Isabel* corridas constando de um programma, que incontestavelmente este anno, é um dos melhores que se nos tem apresentado, estando nelle inscriptos animaes novos e todos elles importantes, que pela primeira vez vão estréar nesta raia.

Desejamos bastante concurrencia e felicidade na execução do programma, onde os amadores indubitavelmente acharão niargem para as suas apostas.

L. M. BASTOS.

FACTOS E NOTICIAS

Partiram hoje com destino a Londres o Sr. Dr. Valentim José da Silveira Lopes, estimadissimo e illustre medico portuguez ha muitos annos residente em Campinas, levando em sua companhia sua Exma. senhora e suas duas filhas solteiras, as Exmas. Sras. DD. Julia e Alice Lopes. Lemos em todos os jornaes de Campinas e da capital de S. Paulo extensas noticias das significativas e extraordinarias demonstrações de apreço feitas ao Dr. Lopes e á sua Exma. familia por occasião de sua partida. Grande numero de amigos e admiradores acompanharamos até Jundiáhy; as despedidas foram commoventes e dolorosas, dando uma alta idéa do gráu de estima e de consideração em que sempre foi tido o Dr. Valentim Lopes e sua dignissima familia.

A *Semana* apresenta-lhes os cordiaes e sinceros votos de felicidade, desejando-lhes excellente viagem e todas as venturas na Europa, d'onde espera vel-os regressar, ao fim de alguns mezes; e á sua illustre e gentilissima collaboradora D. Julia Lopes pede que a honre, de quando em quando, com algumas das suas impressões de viagem.

Jorge Rodrigues, o esperançosissimo e joven ex-director do *Domingo* continúa enfermo, tendo o desgosto de ver affectada da mesma pertinaz e dolorosa doença a sua Exma. esposa. A ambos desejamos sincera e ardentemente promptas melhoras, seguidas de completo restabelecimento.

LUIZ MURAT.

Recebeu na academia de S. Paulo o gráu de bacharel em direito este nosso estimado collega da *Gazeta da Tarde* e prestante collaborador d'*A Semana*.

Abrem-se-lhe agora as portas largas da vida practica, phrase esta que é o terror, dos academicos.

O talento, a illustração e o character de Luiz Murat garantem-lhe um futuro brilhantissimo.

Desejamos-lh'o cordialmente.

Está na Côte, de volta de sua escursão artistica pelo Norte, o conhecido e talentoso actor Eugenio de Magalhães, inteira e felizmente restabelecido da explosão de que foi victima e que o fez soffrer immensamente. Eugenio do Magalhães teve a fantasia de se fazer photographar pouco depois do desastre; vimos um d'estes retratos e condoemos do estado a que ficou reduzido o bello rosto do applaudido artista. Felizmente nenhum vestigio d'essa catástrophe lhe ficou. Felicítamol-o.

SOCIEDADE DOS HOMENS DE LETTRAS

Realisou-se no dia 24 do corrente a installação d'esta sociedade pelos escriptores e jornalistas que offereceram o banquete a Luiz Guimarães. Presidio este, nomeando uma commissão directora composta dos Srs. Drs. Joaquim Nabuco e Carlos de Laet e do Sr. Quintino Bocayuva. Foram encarregados de apresentar as bases da associação os Srs. José do Patrocínio, Dr. Fernando Mendes de Almeida, Luiz de Andrade e Valentim Magalhães.

A commissão vae convocar para breve uma segunda reunião, á qual serão convidados todos os nossos homens de lettras, se for possivel.

Irá d'esta vez por deante a velha e boa idéa?

Veremos, depois... *parlaremos*.

ASYLO DOS MENINOS DESVALIDOS

Reunidos os representantes da imprensa no dia 23 do corrente, para continuarem a tractar dos meios de dotar aquelle asylo com uma officina profissional de typographia, nomearam a seguinte directoria: presidente Dr. Luiz de Castro, vice-presidentes, Quintino Bocayuva e Dermeval da Fonseca, secretarios Dr. Fernando Mendes e Ernesto Senna, thesoureiro, Dr. Ferreira de Araujo; conselho consultivo José do Patrocínio, Drs. Paranhos Pederneiras e Valentim Magalhães. Hoje terá lugar uma nova reunião.

S. PAULO

Club dos Girondinos

Dizem-nos que esteve imponente a festa com que esta distincta sociedade solemnizou, em 20 do corrente o decimo anniversario de sua installação.

Os salões do club, esplendidamente adornados, estavam repletos de distinctas familias, sendo notavel o enthusiasmo que sempre presidio até final e a gentileza com que os dignos directores do club tractaram os numerosissimos convidados.

Deu principio á festa a colocação do retrato do 1º presidente d'esta sociedade, o Sr. Alberto Pereira Leite. Delicada attenção da actual directoria áquelle prestimoso socio.

Seguiu-se um brilhante concerto, no qual tomaram parte as Sras. Pons, Girandon, Stupakoff, Bastiani, A. Leal e distinctas amadoras.

Terminou esta encantadora festa, com um magnifico baile, que até o final se manteve no maior entusiasmo. Via-se em todos os semblantes a completa satisfação. Também poucas festas se tem realisado, em S. Paulo, com egual brilhantismo.

Consta-nos que esta distincta sociedade pretende, em breve, organizar novo concerto e baile.

A' briosa directoria d'este club as nossas sinceras felicitações.

TRATOS Á BOLA

Primeiro decifrador — o Sr. Pépe; segundo — o Sr. José Tapioca.

Fizeram jus aos meus parabens os benemeritos:—*D. Josephina B., Boccacio*, (que mandou as suas adivinhações num *chic* e perfumado cartão; bravos!), *Lut Sflume* (que deitou decifração rimada, que, por falta de espaço, deixa de sair), *Friccinal Vassico*— (antigo campeão que não abandona as fileiras com duas razões e meia... D'esta vez, meu amigo, chuche a minha benção e lamba o beijo, e finalmente... mais ninguém. Os mais, fizeram fiasco.

Eis as decifrações:

Do Logogripho:— *parabola*

Da antiga:— *livraria*;

Das Novissimas:— 1^a—*Josephina*; 2^a—*Capitolio*, 3^a—*Redacção*.

Da quebra-cabeças:— *Bustamante*... Mil agradecimentos aos senhores tratistas que tão bondosamente mandaram-me difficuldades. Deus vos queira pagar.

E agora lá vae tratada nova:

PERGUNTAS ENYGMATICAS

I

Qual o objecto de montaria que, ás avessas, nos entra pelo nariz?

II

O que é do viajante que, pelo avesso, vemos no theatro?

LOGOGRIPHO

(Por letras)

Contra o frio é bom remedio—8, 11, 3, 4, 5, 1, 7.

O que a chuva faz prever—8, 7, 10, 10, 11.

A's bolsas constante assedio—3, 2, 1, 11, 1, 7.

Stá na esquadra, é bem de ver—8, 7, 3, 11.

Da estupidez bella imagem—3, 11, 1, 2.

Onde Deus Padre escreveu—1, 2, 3, 11, 7.

O que geme na ramagem—5, 11, 10, 2.

E mata, que o digo eu—8, 9, 1, 4, 10, 10, 11.

Este, mando, significa—3, 7, 8, 9, 10, 11.

De venenoso reptil—8, 11, 3, 5, 2.

Grandes peccados explica—8, 2, 5, 6, 4.

Este poeta gentil!—2, 10, 3, 4, 5, 1, 11.

Estudo para alcançal-a—3, 11, 5, 10, 7.

Sem d'esta porta transpôr;—1, 7, 3, 4, 5, 6, 2.

Como se perdesse a falla—8, 2, 10, 11.

Ouvindo o teu nome, amor.—8, 7, 5, 10, 11, 1, 2.

Acabou-se a trapalhada;

Quereis mais combinações?

E' santo le vedada a entrada

Aos que não amam. Sabeis?

Vós todos o encontrareis

Dentro em vossos corações.

NOVISSIMAS

I

2—2— Faz o pintor, esta côr, e esta ave.

II

2—2— O animal é animal e é animal.

III

1—2 A favor do peso annuncia.

Fausto Junior.

ANTIOA

Passa fora, seu tratante!—2

Tremendo quer se esconder,—2.

E' defeito, petulante,

Só com os outros parecer.

Josephina B.

E... disse.

Agora, mais uma vez rogo á brilhante pleiade dos meus dilectos charadistas, que me coadjuve com a sua imprescindivel collaboração.

Amen.

E adeusinho.

PREMIOS

Ao 1^o ou 1^a (tomara que seja alguma yayá decifradora, uma tetca de produzir estalidos de lingua no céu da bocca; ao que vier em 2^o lugar, já se sabe: uma coisita marca x-p-t-o, boa como 3 pregos e meio.

E agora, leitor amigo, beijos nos pequerruchos e para si o limitado pretexto de quem se assigna com estima e consideração.

De Vmc.

Att.^o Venerador e muito obrigado.

FR. ANTONIO

RECEBEMOS

— *Club Athletico fluminense, Relatorio* que tem de ser apresentado á Assembléa Geral, dos Srs. accionistas, na reunião ordinaria de 31 de Janeiro de 1886; pelo presidente Antero Pereira de Araujo Bessa.

— *27 de Fevereiro*, numero especial, de Santos; folha propagadora da fulgurante idéa da abolição dos escravos e escripta expressamente para commera a sociedade abolicionista, que, com o mesmo titulo da folha, acaba de ser fundada em Santos por cavalheiros distinctos ou, para melhor dizer: por verdadeiros patriotas, que desejam ver, de uma vez para sempre, banida do nosso paiz essa infamia nojenta e degradante que se encapa com o nome de escravidão. Parabens á nobre sociedade!

— *Echo das damas*, órgão dedicado aos interesses da mulher; Anno II, numero 12. Dedicado, como confessa no seu frontespicio, ao sexo amavel, andou mal este jornal christando-se com o nome de Echo, elle que devia em falta de nome mais euphonico, mais fulgurante, mais digno das divinas creaturas de quem é representante, tomar para si o nome de *Jóia*. Mas quer se alcunhe de echo ou de outra qualquer coisa, para mim ha de ser sempre jóia; pelo inenos este numero, que traz engastado em si um brilhante de primeira agua, delicadamente facetado pela amestrada mão de Julia Lopes:— *O Tamahco*.

Em todo este numero nota-se qualquer coisa parecida com a brancura das brentanbas, o aroma das violetas, e a doce harmonia que se evola dos femininos labios. Não fosse elle das damas! O bello conto da Sra. D. Julia Lopes, foi transcripto creio que da «Gazeta de Noticias.»

— *Margarida Nobre*, romance do Sr. Dantas Barreto. Um volume de 273 paginas. Com quanto nos desagradasse um pouco a grammatica com que o Sr. Dantas abriu o seu livro, não é isto razão bastante para que num dos numeros seguintes deixemos de fallar d'elle menos de corrida. depois de o termos lido e analysado calma e justamente.

— *Anuario*, publicado pelo imperial Observatorio do Rio de Janeiro, contendo (se-

gundo diz no seu frontespicio) dados astronomicos sob. e o calendario, systema solar, tabellas de meteorologia, chimica e physica, etc.

Foi-nos enviado pela Revista do mesmo estabelecimento. E' es. e anno, ao qual e' dedicado, a 2^a vez que sae tão util publicação, que allia a boa impressão a um papel em nada inferior a esta.

— *O Cherubim*, periodico semanal dedicado ao bello sexo. Anno II. n. 27. Tão pequerrucho e já com dois annos de idade.

Não admira; tambem o amor ha de ser sempre aquelle *bebê* traquinas que as meninas conhecem tão bem. D'esta vez vem o interessante joraiinho, a qual mais catifa que das outras! Pois se elle é a teléa das moças.

— *Revista da Secção da Sociedade de Geographia de Lisboa*, no Brazil. Director Dr. Antonio Zifferino Candido. Novembro e Dezembro—1885.— 2^a serie n. 3.

— *Aos bons Alhos*, pequena collecção de poesias por José de Souza Lima Junior. Bem impresso.

— *As memorias de Judas*, de F. Petruccelli de La Gattina; vertidas para a lingua portugueza por M. C. da Rocha. 6^o fasciculo.

— *Eleições liberaes e eleições conservadoras* por Joaquim Nabuco. Propaganda liberal—serie para o Povo.— Terceiro opusculo.

— *Revista Popular*, publicação hebdomadaria, pertencente a uma associação. Redactor principal, Dr. Benjamin Franklin. Anno I, serie II. Numero 13. Como sempre nitidamente impressa e transbordante de coisas utilissimas.

— *O irmão perdido*, 400 leguas atravez do Amazonas (viagens imaginarias aos mundos habitados e inhabitados) romance no genero de Julio Verne. Fasciculo 1.

— *A murgadinha*, polka para piano, dedicada ao Sr. Bernardo Pires Velloso Sobrinho por. Electo Tavares. Seria capaz de dizer perolas a respeito d'esta producção musical, se algum piano bemfazejo a executasse ao puncto de poder eu estreitar nos braços uma cintura de sylphide e do sabir por um salão afóra dando que fazer ás pernas, tendo reclinada sobre o bombo uma bella cabeça de madama. Ai! gentes...

— *Empregos e officios de Justiça*, ou Regulamento a que se refere o Decreto n. 9420 de Abril de 1885. Contendo os regimentos dos Tabelliaes, escriptaes, etc; com a integra da toda a legislação referente aos mesmos assumptos, tudo organizado e annotado pelo Juiz de Direito Cassiano C. Tavares Bastos. Mais de espaço fallaremos detidamente d'esta util publicação.

ANNUNCIOS

JONGO

dos pretos sexagenarios da revista

A MULHER-HOMEM

POR

HENRIQUE DE MAGALHÃES

A' venda na Confeitaria Castellões e no escriptorio d'A Semana,

POR

1\$500

RELOJOARIA

DE

ALFREDO CEZAR DA SILVEIRA

Casa acreditada para concertos de relógios

67 Rua da Assembléa 67

PRADO VILLA-ISABEL

PROGRAMMA GERAL

PARA A

QUARTA CORRIDA A EFFECTUAR-SE

DOMINGO 28 DE MARÇO DE 1886

AO MEIO DIA EM PONTO

Primeiro pareo — CONCILIAÇÃO — 1.450 metros — Animaes de menos de meio sangue, que ainda não tenham ganho. Premios: 200\$ ao primeiro e 60\$ ao segundo.

Ns.	NOME	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Verbena.....	Castanho	3 annos	R. de Janeiro.	46 kilos	Ouro e facha.....	Coudelaria S. Cruz.
2	Savaninha.....	Castanho	2 »	Idem.....	43 »	Encarnado, branco e ouro..	J. C.
3	Zaire.....	Gateado.....	1 »	Paraná.....	51 »	Azul e encarnado.....	J. C.
4	Guacho.....	Chita.....	2 »	R. G. do Sul..	45 »	Preto, branco e bonet azul	A. G. Machado.
5	Sultão.....	Libuno.....	3 »	Minas.....	48 »	Encarnado, preto e branco.	Major Fredolin.
6	Didi.....	Pampa.....	3 »	S. Paulo.....	46 »	Encar. preto e bonet azul..	Carlos Coutinho.

Segundo pareo—ANIMAÇÃO—1.450 metros—Inteiros e eguas nacionaes até meio sangue. Premios: 400\$ ao primeiro 100\$ ao segundo.

1	Druid.....	Tordilho.....	3 annos	R. de Janeiro.	52 kilos	Encarnado e preto.....	Oliv. Junior & Lopes.
2	Africa.....	Preto.....	7 »	Paraná.....	52 »	Encarnado, branco e ouro..	L. V.
3	Nicoafi.....	Castanho	3 »	Idem.....	48 »	Azul e amarello.....	Jaganes & Peres.
4	Aymoré.....	Castanho	5 »	S. Paulo.....	54 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
5	Pretoria.....	Libuno.....	5 »	Idem.....	52 »	Azul e crème.....	A. Caparica.
6	Bitter.....	Preto.....	4 »	Idem.....	51 »	Azul e grénat.....	Eugenio Mariz.

Terceiro pareo—PRODUCTOS—1.000 metros—Inteiros e eguas nacionaes de 2 annos. Premios: 400\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo.

1	Plutão IIex-Rondello	Douradilho..	2 annos	S. Paulo.....	45 kilos	Encarnado e preto.....	Manoel da C. Lima.
2	Regina II.....	Castanho	2 »	R. de Janeiro.	42 »	Encarnado, branco e ouro.	J. C.
3	Celeste.....	Castanho	2 »	Idem.....	42 »	Idem idem.....	J. C.
4	Catita.....	Castanho	2 »	Idem.....	42 »	Azul.....	F. Guimarães.

Quarto pareo—METROPOLITANO—1.609 metros—Inteiros e eguas nacionaes. Premios: 600\$ ao primeiro e 150\$ ao segundo.

1	Macaré.....	Alazão.....	4 annos	S. Paulo.....	51 kilos	Ouro e facha.....	Coud. Santa Cruz.
2	Sans Souci.....	Castanho	5 »	Minas.....	54 »	Azul e grénat.....	H. O.
3	Talisman.....	Alazão.....	6 »	S. Paulo.....	56 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.

Quinto pareo—OMNIBUS—1.800 metros—Inteiros e eguas de qualquer paiz. Premios: 1.000\$ ao primeiro e 300\$ ao segundo.

1	Françoise.....	Alazão.....	4 annos	França.....	49 kilos	Encarnado e preto.....	Oliv. Junior & Lopes.
2	Taillefer.....	Zaino.....	5 »	Idem.....	54 »	Encarnado e mangas azues.	Coud. Americana.
3	Bolívar.....	Castanho	6 »	Idem.....	56 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.

Sexto pareo—INTERNACIONAL—1.000 metros—Inteiros e eguas de qualquer paiz, até puro sangue. Premios: 400\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo.

1	Malstrom.....	Castanho....	3 annos	Inglaterra...	53 kilos	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
2	Dr. Jenner.....	Zaino.....	3 »	Rio da Prata.	51 »	Grénat e ouro.....	Coud. Luso-Platense.
3	Fanfarron.....	Alazão.....	4 »	França.....	58 »	Encarnado e preto.....	Oliv. Junior & Lopes.
4	Madama.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	52 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.

Setimo pareo—VILL-ISABEL—1.000 metros—Inteiros e eguas nacionaes de meio sangue. Premios: 400\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo.

1	Druid.....	Tordilho.....	3 annos	R. de Janeiro.	50 kilos	Encarnado e preto.....	Oliv. Junior & Lopes.
2	Biscaia.....	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	52 »	Ouro e facha.....	Coud. Santa Cruz.
3	Aurelia.....	Alazão.....	3 »	R. de Janeiro.	51 »	Azul e grénat.....	Eugenio Mariz.

OBSERVAÇÕES—Principiando impreterivelmente as corridas ao meio-dia em ponto, pede-se aos Srs. proprietarios para terem os animaes inscriptos no primeiro pareo, ás 11 horas precisas no ensilhamento, sendo considerados excluidos os que a essa hora não estiverem no Prado.

RAUL DE CARVALHO, 2º secretario

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 3 DE ABRIL DE 1886

VOL. II-N. 66.

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

SUMMARIO

Expediente.....	
Historia dos sete dias....	FILINDAL.
1802.....	E. RENAN.
Casos patiscos.....	FISCHIO.
Carnaval da Historia.....	P. VÉRON.
Versos num album.....	H. MAGALHÃES.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Dois mundos.....	A. MENDES.
Theatros.....	P. TALMA.
A cantora Julieta Rey...	J. DE ARAÚJO.
Factos e Noticias.....	
O clinif.....	BARÃO RECIAME.
Correio.....	ENRICO.
Recebemos.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

GERENTE

G. CABRAL

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

ASSIGNATURAS

CÔRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

A redacção, gerencia e officina d'A SEMANA mudarão-se para a rua do Carmo n. 36.

Assumio a gerencia d'esta folha o Sr. Guilherme Cabral, passando a occupar-se exclusivamente da redacção o nosso companheiro Filinto d'Almeida.

A exemplo do que fizemos no anno passado, abrimos de abril a dezembro, uma assignatura de nove mezes pelo preço de 6\$000, dando nós a esses assignantes os mesmos premios a que têm direito os assignantes de anno, com excepção do livro *Vinte Contos*, que é exclusivamente para estes, que deverão recebê-lo por todo o mez de abril.

Aos nossos numerosos assignantes do interior que tomaram assignatura por todo este anno pedimos desculpa de lhes não havermos remettido o n. 54, por ter-se esgotado a edição d'esse numero.

Mas essa falta será remediada, pois tencionamos reimprimil-o o mais breve possivel, enviando-o a todos os assignantes d'este anno que o não tenham recebido e aos novos que desejem ter a collecção completa.

Partio no dia 1 para Santos, de onde seguirei para a capital e d'all para diversos pontos do interior da provincia de S. Paulo, o nosso companheiro Leonel Guerra.

O Sr. Leonel vai encarregado de tratar de todos os negocios d'«A Semana» naquella provincia, onde procurara dilatar a circulação e firmar as sympathias de que a nossa folha ja, felizmente, ali goza.

Compram-se exemplares dos ns. 54, 55 e 56 d'«A Semana».

Com o proximo numero começaremos a publicar uma secção especialmente dedicada ás senhoras, em que uma applaudida escriptora, de raro talento, tratará de modas, *menage*, *soirées* de todo quanto interesse ás nossas amáveis e — sem modestia — numerosas leitoras.

Pagar-nos-ão estas de sobra o mimo que lhes preparamos recommendando *A Semana* a todas as suas amigas.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Com a mudança benéfica da temperatura descreceu o furor assassino da febre amarella e diminuiu o numero dos nosquitos, que nos ultimos tempos sugavam com despiédosa inclemencia o sangue generoso do carioca.

Dois bens emanados de uma só causa, é facto registravel para a chronica.

Evidentemente, do que a nossa cidade mais necessita é de um rigoroso serviço de hygiene, materia para a qual tem olhado com desvellada attenção o Sr. Ministro do Imperio. Comtudo, e apesar d'isso, como os esforços tendentes a melhorar a salubridade da capital nada pôdem conseguir no sentido de melhorar igualmente a temperatura abrasadora do verão, bom seria aproveitar a boa vontade do Sr. Barão de Mamoré para o fim de, por uma vez, se tratar definitivamente do arrasamento, ha tantos annos projectado, dos morros do Castello e de Sauto Antonio, o que, sem duvida, muitissimo contribuiria

para tornar a cidade mais ventilada, mais arejada, e, por consequencia, mais salubre. Infelizmente, ainda na semana passada, foi cremos que rescindido o contracto celebrado entre o governo e o Sr. Fernandes Pinheiro para o arrasamento do primeiro d'aquelles morros, onde agora a imperecivel exploração do fanatismo religioso intenta construir uma gruta para a celebração da indecorosa boneca de Lourdes, com fim de restabelecer naquella montanha da ignorancia as antigas e quasi extinctas procissões de idiotas fanatizados.

Ora se o morro, de pé, hade servir para depauperar a saude do espirito, melhor será que, arrasado, sirva para retemperar a saude do corpo.

Comquanto seja dos ultimos dias, cabe o primeiro logar da chronica á louvavel resolução da camara municipal, tomada em sessão do dia 1º do corrente:

« Crear um imposto de 2:000\$ sobre cada escravo que entrar para o municipio neutro, excepção feita dos que vierem por motivos de successão directa necessaria;

« Convidar a todos os cidadãos brasileiros e aos estrangeiros residentes na Côrte e seu municipio para se esforcarem com o intuito de obter o maior numero possivel de libertações por generosidade dos senhores e iniciativa particular;»

« Solicitar do governo imperial e do poder legislativo a approvação das medidas tendentes a realizar no menor lapso de tempo possivel a libertação dos escravos do municipio neutro;

« Solicitar o generoso concurso da imprensa e das corporações sitas no municipio.

« O regulamento para a cobrança do imposto sobre os escravos que derem entrada no municipio será organizado pela camara e sujeito á approvação do poder competente.»

Não temos senão louvores para esta utilissima resolução da camara, que as camaras provinciaes deveriam imitar, pois que assim prestariam assignalado serviço á causa sancta da abolição dos escravos.

No dia 30 do passado devia ter sido aberta em todo o imperio a nova matricula de escravos e o arrolamento especial dos libertos que houverem adquirido esta condição pelo facto de terem attingido á idade de 60 annos. Tanto a matricula como o arrolamento serão encerrados em 30 de Março de 1887:

Publicando a tabella da depreciação annual do valor dos escravos, faz o *Jornal* de 31 judiciosas considerações acerca da data em que deve principiar a contar-se a depreciação, que o *Jornal*, com boa razão, entende que deve principiar desde já. O artigo termina por estas palavras, ás quaes damos sinceramente os nossos melhores applausos:

« As questões relativas ao estaod servil interessam a um milhão de homens, e ao que ha mais sagrado para

o homem—o direito ou a esperança da liberdade, abreviar ou retardar o advento d'este direito ou a realização d'esta esperança, é incontestavelmente objecto de alta importância.»

Não somos nada neste mundo. Já nem nos vale o talento, a illustração, a bondade, o caracter!

Até o Sr. Dr. Paulo de Frontin, um moço que reúne enfiadas todas aquellas qualidades, até elle foi victimado por uma manifestação por parte dos seus discipulos que neste anno completaram o curso da Escola Polytechnica. Foi no sabbado passado... e servio de theatro ao crime o salão do Derby-Club. Os jornaes não assignalam o numero dos *malfeitores*, mas narram a scena commoedora, que se passou mais ou menos assim:

O Dr. Frontin preparára um *lunch*, ou «um profuso copo de cerveja», como ainda ha pouco disse uma folha de *Campinas*. *Elles* appareceram como por encanto, e, depois de haverem espetado dentro da orelha inerme da victima um discurso acerado e erriçado de adjectivos, enfiaram-lhe no *idex* um *anginho*... perdão!—um *annel* de engenheiro, barbaramente cravejado de brilhantes!

O Dr. Frontin, felizmente, reagiu, e, num supremo esforço, botou-lhes tambem um discurso que os arrasou.

Circumstancia tocante:

Não houve retrato a oleo.

Emfim, como não houve retrato a oleo e ninguem succumbio na refrega, nós abraçamos d'aqui cordialmente o illustre Dr. Frontin e os seus distinctos discipulos de 1885.

Levantou-se um emprestimo interno.

O Sr. ministro da fazenda mandou abrir uma subscrição publica, no Banco do Brazil, para um emprestimo ao Thezouro Nacional, da quantia de cincoenta mil contos nominaes, em apolices de um conto de réis e de quinhentos mil réis, vencendo o juro de 5% ao anno, pago semestralmente, a contar de 1 de Janeiro ultimo.

Esta cobreira, com os seis milhões de libras do ultimo emprestimo externo, fazia-me cá um arranjo... mesmo sem os seis milhões de libras... ainda que não fossem os 50 mil, mas só os 50 contos... Emfim, sejamos rasoaveis e magnanimos—até os 50 mil réis me serviam cá para certas coisas.

Se o Banco do Brazil quizer ser um bonito rapaz e se prestar a abrir tambem, em meu favor, um emprestimosinho de cincoenta mil réis, em apolices de 10000 réis e 500 réis por cabeça, a 5%, a contar de 1 de Janeiro até... até quando quizer—pôde contar com um amigo para a vida e para a morte.

Eu cá sou assim; amigo do meu amigo como seiscentos diabos.

FILINDAL

1802

“A proposito,” declamado na scena da Comedia Franceza em 26 de Fevereiro de 1886, 84° anniversario do nascimento de Victor Hugo.

DIALOGO DOS MORTOS!

A scena passa-se no bosque de Campos Elyseos, reservado ás sombras immortaes da Comedia franceza. Luz doce e um pouco triste. Solo florido, prados de asphodelos. Dois bancos de marmo e antigo.

Corneille, Racine, Boileau, Voltaire, Diderot e outros. Vestem á moda do seu tempo. Todas as cores empalidecem e fundem-se

em um tom esbranquiçado, que faz parecem-se os personagens com sombras, como estatuas de marmore vivas. Vão e vêm, dois a dois, ou em grupos, lentamente, conversando com um tom grave.

Apparece na scena um geniosinho alado:—Camillus.

Camillus, entrando, depõe sobre o banco da Esquerda alguns livros e uma especie de boletim que põe os bemaventurados ao corrente das coisas da terra.

CAMILLUS

Vão chegar os nossos grandes mortos. (*Camillus percorre rapidamente o boletim.*)

Paris, 1802... Boletim litterario: *Atala*. Boletim politico: Marengo, Hohenlinden (*Trom de artilheria ao longe*) Mesmo no paiz dos bemaventurados deseja-se ouvir os ruidos da terra. Estas immortaes sombras da Comedia franceza que se acostumaram a reunir-se aqui para conversar sobre as bellezas eternas, fatigar-se-iam da gloria e da paz de quê gosam, se, cada dia, por ordem do Genio supremo, eu não lhes trouxesse noticias de Paris. O que admiro nestes puros espiritos é como se transformam conservando-se sempre os mesmos. Os seculos os engrandecem, os tranquilisam e deixam-n'os, todavia, taes como foram. Eu, que os conheço, sei muito bem que elles rejuvenescem. Amam, mais do que nunca, o que amavam, e, no entanto, cada vez mais se alarga o horizonte dos seus pensamentos. Chamam aquelles que devem continual-os e parecem unicamente preocupados pelo futuro. Quem sabe se os votos e os presentimentos dos genios não créam a realidade?

Affasta-se. Voltaire e Diderot entram e passeiam no 2º plano. Voltaire detem-se junto dos livros deixados no banco da Esquerda e folheia um d'elles, sorrindo. Corneille e Racine entram ao mesmo tempo e sentam-se no banco da Direita.

RACINE

Sim, admiro esta nova geração e creio que esquecerei os excessos de ha dez annos, caro Corneille, em lembrança dos heroes de hoje. Hei de amar este seculo recém-nato, sahido do sangue e das lagrimas, e que um Deus ignoto dirige talvez. Dizei-me, porém, grande sombra querida, não reparastes ainda em uma cousa? O seculo já tem dois annos e, no entanto, os seus destinos litterarios são ainda obscuros. A vida, o calor, a luz parece haverem desertado da lingoo que nós amamos. Não vos amedronta esta esterilidade?

(*Ouve-se novo trom e o canto:*

Eia, avante, marchemos!
As montanhas passemos,
Corramos á victoria!)

CORNEILLE

Oh, não, caro Racine; não, alma doce e gentil. Este ruido é para mim um bom e seguro presagio. Minha velha familiaridade com os heroes enche-me de esperança. Os grandes seculos produzem sempre poetas dignos d'elles. A aureola da Poesia e a aureola da Gloria compoem-se dos mesmos raios. Jamais houve em nossa querida França uma victoria sem genio que a cantasse. E' grande a minha expectativa. (*Redobra o ruido dos tiros*) Oh, como isto é de bom agouro! Sinto que é preciso um novo poeta. E' grandioso o que se está passando, e parece-me que os poetas nascidos nesta borrasca lhaõ de ter peitos de ferro e vozes de bronze. Os heroes são nossos confrades: um verso sublime é, na ordem da harmonia, o que é uma grande audacia no terrivel jogo das batalhas. Em que insipidez cahio a nossa arte! Quebrou-se a velha lyra! Nosso

verso, em que se repercutiam mil trovões, é hoje uma triste matraca de som aspero, secco e duro. Para este seculo nascido ha pouco eu quero um poeta sonoro, que saiba exprimir a queixa immensa da Terra subindo para o Infinito. Quero ouvir em seus bellos versos o echo dos ruidos que cercaram o seu berço, as fulgurações electricas do raio misturando-se com os profundos rugidos do vulcão, o zumbido de *Nôtre Dame*, acompanhado do canhão, da trombeta e do tambor.

RACINE

Tambem eu peço a alma, caro Corneille. O poeta que deseja grande e sonoro, quero-o eu terno e bom. Quero que elle saiba dizer-nos o que ha nas lagrimas e nas preces de uma mulher. Outr'ora, quando Mlle. de Champmeslé chorava por mim, eu commovia-me demasiado para poder analysar as suas lagrimas. Amo mais do que nunca a minha Bérenice; creio que bastem os sentimentos simples e grandes, mas admitto todas as variações no eterno duo do amor. Os thezouros de encanto, de doçura, de bondade, de ternura que existem no coração feminino, são minas de ouro inexgotaveis. Oh! quem poderá sondar novamente esse abysmo? Quem poderá traduzir a amante, a donzella, a esposa, a mãe? Quem porá mão, segura e tremula a um tempo, sobre estes mysterios, em que dorme o segredo de toda a sabedoria? Faço votos por um poeta de coração; devam embora os seus cantos ser diversos, quanto se queira, dos meus. Não me julgues insensível ás lutas dos gigantes que se disputam a sorte do mundo. Mas não quero uma França de alma ressequida. Quero que o coração e a imaginação tenham a sua desforra. Saúdo o dia em que deva reabrir-se a fonte das lagrimas! (*Durante estas ultimas palavras Boileau aproxima-se*) Ah, eis Boileau. E' elle quem reina presentemente, ao que se diz. Elle, pelo menos, deve estar contente.

BOILEAU

Contente! Contente dos que me trahem, dos que falseiam a minha doutrina, dos que me não comprehendem bem. Tua alma virginal, caro Racine, é a unica capaz de taes illusões. E' realmente triste a sorte de nós outros immortaes. Temos o ar de dizer eternamente o que dissemos para um passageiro momento. Muda o mundo e os nossos livros não mudam! Ha quem pretenda continuar-nos e ser para nós mais do que somos nós mesmos! Fazem com os nossos escriptos a guerra ao que amamos. Acontece muitas vezes serem os que nos combatem aquelles mesmos que sustentariamos se nos fosse dado voltar á terra dos vivos.

(*Voltaire e Diderot cessam de passear neste momento.*)

VOLTAIRE

Parece-me, Diderot, que Boileau está prophetisando... Ouçamos.

BOILEAU

Sim, é singular a nossa condição, de nós—mortos. Vemos perfeitamente o que teriamos de mudar em nossas obras se revivessemos. Uma porção de cousas que acreditavamos impossiveis—realisam-se. Quizeramos juntar uma atenuação, corrigir um asserto. Eu tive razão no meu tempo, sim, tive razão: reconheço-o; mas seculo e meio mudam tanta cousa! O campo do espirito, tal como eu julgava vel-o de meu jardim d'Auteuil, era um vergel; hoje é o mundo inteiro, com suas montanhas,

seus rios e suas florestas. Que de traços não teria a accrescentar! Que de pontos a precisar! que de vistas a ampliar!

VOLTAIRE.

E eu então! Pobres mortos, condemnados ao silencio, assistimos á nossa anatomia sem podermos protestar!

BOILEAU

Sobretudo, sem podermos dar explicações, caro Voltaire. Eu quizera que o morto submettido á disseccção pudesse falar. Quando vejo o que em meu nome tem sido feito, estou com aquelles mesmos que vão combater-me. O que contra mim se vae dizer, dil-o-ia eu proprio e ainda com mais força. En o sonho, eu o chamo com os meus votos a esse poeta, alto como os Alpes, largo como o Oceano, cuja alma seja o teclado do Universo, o vasto eymbalo em que tudo retina. Quando soar esse clarim do pensamento, quando uma nova escola, decuplando o campo da poesia, souber illuminar com o mesmo raio o homem e a natureza, oh! acreditae que então sacrificarei contente o *Mont-Adule* e os seus canhões. O mal que de mim se disser, desde já o perdoo. A immortalidade torna indulgente. Nesta grande paz que nos cerca somos indifferentes aos epigrammas; não é assim?

(Sorriso de assentimento em todos os immortaes.)

VOLTAIRE

Bravo, Nicolau. Nicolau tem sempre razão. Vou preparar-me para curiosas conversões litterarias. Não tem limites a minha boa vontade. Sabeis o que neste momento se publica em Paris? (*Toma o volume de sobre o banco.*) Escutae, escutae... (*Lê alto:*) «*Atala, ou os amores de dois solvagens no deserto*» (*Ri-se*) O amor com o deserto para embelezal-o! Oh! que idéia!

(*As sombras mostram grande curiosidade e passam o volume umas ás outras.*)

RACINE

O amor é bom em toda parte. Lerei este livro com delicia. E talvez a balbuciação de uma escola, que ha de encontrar um forma nova para o sentimento e a paixão. Quando eu era moço sabia de cor *Thaïs* e *Chariclée*.

VOLTAIRE

Quantas surpresas se me preparam! Estou para tudo apparelhado. Estes dois jovens selvagens parecem-me presagiar mais de uma temeridade. Os Campos Elyseos fizeram-nos tolerantes, a todos nos. Ouvirei com deferencia paradoxos que outr'ora teriam excitado a minha bilis. Não gracejemos muito, comtudo. A França continúa, atravez de mil eclipses, uma obra de razão e direito que importa ao mundo inteiro. A essa obra estamos todos subordinados. Fora o genio que não serve ao progresso da razão e da humanidade! Não permitto ao poeta que tambem eu evoco separar sua causa da causa da justiça e do povo; quero que a sirva. Fiz mais no meu tempo do que Luthero e Calvino. Que elle faça mais do que eu, e, se viver como eu oitenta annos, sejam seus cabellos brancos tão gloriosos como os meus. A sympathia é um dos signaes da Verdade e um dos dons da França. O meu poeta deixará para outros o deslem do profano vulgar. E preciso que o amem; que d'um ponto a outro do mundo, se interessem por tudo quanto elle pense e faça; que elle forneça a pobre humanidade aquillo de que ella

mais precisa: um objecto de admiração e respeito. Quero que os seus funeraes sejam um signal dos tempos, que a sua apothose seja a obra das multidões. Elle começará por amaldiçoar-me. Que m'importa?! Estou certo de que ha de acabar por amar-me. A superstição e o absurdo são monstros sempre promptos a empolgar a humanidade enquanto dorme. São precisos guardas escolhidos, sempre vigilantes. Não é, Diderot?

DIDEROT

Sim, grande mestre; nós tivemos razão. Eu amava a verdade até a febre; a grande paz d'estes legares acalmou-me. As nossas faltas foram as da idade de ferro que atravessámos. Eu entrevi admiraveis desforras para o espirito. O que é claro é que se está preparando um século singular. Como hei de amal-o! Não sei se vingará todas as suas ambições, mas sou pelos ousados. Audaciosos de toda especie que heis de encher o seculo nascente, saído-vos! Do retinir das vossas afoitezas prevejo saltarem mil verdades. Como nos vae ser agradável contemplar do seio de nossa paz essas grandes lutas! Somos nós que agiremos nesse mundo; elle viverá de nós e per nós. Se se cumprissem os nossos votos, vejo quatro poetas que illuminariam este novo seculo com raios muito diversos:—o «poeta sublime» que deseja Corneille, o «poeta da piedade» que pede Racine, o «genio largo e profundo» que sonha Despréaux, o «patriarcha, amigo dos homens» que imagina Voltaire. Quatro poetas de primeira ordem num seculo! E' muito.

RACINE

Não ha limites para os milagres do espirito. Os destinos da terra são talvez regidos pelos desejos do Céu. (*Camillus entra apressado.*)

CAMILLUS

O Genio supremo ouviu o que dissestes e a todos quatro attendeu. O dia de hoje será um dia de festa para a França, um dia em que ella saudará uma alta imagem e deplorá corôas sobre uma larga fronte. Appareceu-me um nome luminoso. Um só nome! Os vossos quatro poetas estão confundidos em um só genio, que será—grande, tocante, vasto e bom. (*Espanto geral.*)

Neste momento as nuvens que cobrem o fundo da senea dissipam-se e deixam ver o busto de Victor Hugo, cereado por todas as sombras immortaes, que agitam palmas em torno de sua cabeça.

BOILEAU

Tudo o que faz o Genio supremo é bem feito.

DIDEROT

Oh! que bellas tempestades as que vão rugir sob esse cráneo! Que festas da intelligencia em preparação! Ahi tem o seculo com que alegrar toda a existencia!

CORNEILLE, a Racine

Bem vos dizia eu, querido irmão em harmonia, que esta geração teria o seu poeta e que ha no mundo uma fonte inexgotavel de amor, de força e de genio:—a França!...

As sombras bemaventuradas desfilam, dando signaes de contentamento, ao som da artilheria e do zumbir de *Notre Dame*. Ouvem-se, ao longe, as trombetas que soam:

«E' nossa a victoria!»

ERNESTO RENAN

Traducción de Valentim Magalhães

CASOS PATUSCOS

Deram-se os vivos competentes, na forma do costume, e, presentes suas magestades, suas altezas, suas excellencias e suas senhorias, distribuiram-se os premios, botou-se discurso, giraram-se walsas, entrancharam-se quadrilhas—e fechou-se a exposição agricola e horticola de Petropolis.

Isto diz, com pompas de rhetorica o *Diario de Noticias*, que está ficando quasi tão patusco como a extincta *Folha Nova*, e dil-o resumidamente o *Jornal do Commercio*. O *Jornal* dil-o resumidamente, é verdade; mas sabe-se lá se quando o *Jornal* resume não é para mostrar melhor a pontinha do dente da sua troça? Do que foi a exposição de Petropolis como certamen de productos agricolas, como centro de emulação e como factor de progresso; o que d'ella se pode induzir em prol do adeantamento dos processos, do desenvolvimento de certas especies agricolas: o bem que ella veio fazer á nossa agricultura tão depauperada, á nossa lavoura tão mesquinha, tão deficiente, tão incompleta, tão atrasada, que nada produz com regularidade, (á excepção do café), que não experimenta nada e que nada emprehende—isso é que nenhum jornal nos diz, podemos affirmar-o, apesar de termos lido sómente as noticias do *Jornal do Commercio* e do *Diario*.

E se os jornaes nada nos dizem é porque a exposição petropolitana nada significou e nada produziu de bom, de aproveitavel, de profeno.

Ella não foi mais do que um pretexto para dois discursos do Sr. Conde d'Eu, um baile de crianças á fantasia, uma reunião familiar, como diz o espantoso correspondente do *Diario de Noticias*, e um centro de convergencia para a sociedade fluctuante e um tanto pelintra de Petropolis, da Petropolis das festas officiaes e palacianas, não da Petropolis dos bailes populares e dos ranchos de crianças vermelhas como alvoradas e loiras como as deusas do norte, das crianças que passam pela manhã, descalças mas frescas e limpas, de sacco o tiracolo—para as escolas publicas.

O *Jornal*, que sabe esconder a hypocrisia numa maseara de sinceridade, e que por esse processo capcioso e original consegue ser sincero sem o parecer—o *Jornal* deu-nos como unico commentario ao facto civilizador e democratico da exposição de Petropolis, as seguintes quatro linhas:

«Está terminada a exposição d'este anno. O maior chamariz foi uma onçatigre e um macaco, que chama para junto da gaiola muitas senhoras e até teve flores.»

Ora ahi está qual foi o maior chamariz de uma exposição agricola e horticola—um macaco!

E este patife de macaco chamava para juncto da gaiola muitas senhoras e até teve flores, segundo o testemunho insuspeito do *Jornal*.

Agora o que nós desejamos saber é de que processo se serviria o mono para chamar as senhoras. Nós jamais confiaríamos tranquillamente na discricção de um macaco. Estamos habituados a admirar nestes quadrumanos muita graça, mas sempre atravez de muita inconveniencia. Desde que a natureza negou ao nosso intelligente pae natural a faculdade da palavra, elle atirou-se ao gesto com um tal denodo e uma tal gana, que conseguiu uma certa expressão e uma grande vehemencia na manifestação dos pen-

samentos que lhe povoam o espirito on das paixões que lhe agitam a alma.

E eis tudo. Não foram os productos da horticultura e da riquissima flora de Petropolis que attrahiram as elegantes visitadoras da exposição. Foi uma onça-tigre e foi um macaco. Isto, como resultado pratico de uma exposição já é alguma coisa. E as senhoras admiravam tanto o mono que até lhe atiravam flores, como se faz aos grandes artistas nos momentos de entusiasmo das plateas. Mas que faria este grande artista quadrumano, depois de chamar as senhoras, para lhes arrancar a sua preciosa admiração e as suas bellas flores? E' aqui que está o mysterio. E' isto o que as folhas não explicam para tranquillidade do historiador do futuro, que hade ficar com aquelle macaco atravessado na garganta, sem saber que lhe faça, ou que papel lhe dê entre as couves tronxudas e os lactícnios petropolitano, postos em exposição sob a egide augusta do *cavaignac* do Sr. Conde d'Eu.

E viva o progresso!
E viva o macaco!

FISCHIO.

CARNAVAL DA HISTORIA

ELZEVIR — Joalheiro de livros.

VICTOR MANOEL — Henrique IV traduzido em italiano.

EMPEDOCLES — Se realmente este philosopho se lançou no Etna foi então elle o inventor da cremação.

EPIMENIDES — Diz a historia que elle dormira cincoenta annos seguidos em uma caverna.

De que sessão academica poderia ter elle sahido com semelhante somno?

ERARD — Piano pae.

Pena é que tivesse tantos filhos.

ESCHYLO — O creador da tragedia. Julgou com isso prestar um serviço á humanidade!

Morreu, dizem, porque uma aguia lhe quebrou uma tartaruga sobre a cabeça.

Pobre tartaruga!

ESCULAPIO — Deos da medicina. Plutão fel-o fulminar por Jupiter porque elle resuscitava um morto.

Os discipulos de Esculapio tem dado a morte a tantos vivos que Plutão deveria ter previsto esta copiosa compensação e dar-se por satisfeito.

ESOPHO — Celebre concorda a quem a posteridade tem feito assignar muitas fabulas que não lhe pertencem.

Contrafeito antes, contrafeito depois. E' demais para um só homem.

ESTHER — Uma velhaca para os orthodoxos, visto que desposou um rei divorciado.

Isto indica que a mesma pessoa pode ter apothose em nome do velho testamento e ser vilipendiada em nome do novo.

Eis o que faz respeitar-se as affirmações religiosas.

EVANGELHOS — Contos moraes.

FABRICIO — Salvou a sua patria e morreu pobre.

O contrario duas vezes de muitos guerreiros.

FARENHEIT — Inventor de um thermometro que tem tantos grãos como o vicio e a virtude reunidos.

(Continúa.)

PIERRE VERON.

VERSOS NUM ALBUM

(Á EXMA. SRA. D. ALICE LOPES)

I

P'ra que um album de menina
Se possa esmaltar de versos,

E' necessario

Que se tenha uma penna diamantina,
Que nelle entorne, como num sacrario,
Mimos diversos.

Penna-buril que, eximia, saiba
Lavar a ode sonora
Ou terna egloga que caiba
Em rubra petala de rosa;

Que o madrigal sem esforço
Buril e tenha o segredo

Das rimas cerulas,

Que descem pelo avelludado dorso

Da es' rophe, como um corrego de perolas

D'aureo penedo;

E que os aljofres da orvalhada
E o odor dos cravos e baunilhas
Junte ao carmin da madrugada
E d'isto faça redondilhas.

II

Mas com penna d'esta ordem

Balda de aromas e cores

Como fazer que transbordem

D'ella nitidos sons, conchas de flores?

Fazer cousa que se leia,
Em mim, é fazer milagre;
Em falta de uma epopeia

Deixa que toscos versos te consagre.

Que eu entre, cabeça nua,—
Neste palacio encantado,
Que por palhetas de lua

E pingentes de sões vejo adornado;

Onde tange a juventude

A partitura das aves,

— Como num aureo alaúde,—

Da alegria nos crotalos suaves;

Onde walkirias doudejam,

Quando do Prazer r'udia

A gambiarra, e murmuram

Crystallinas cascatas de l'armonia;

Deixa que, triste homenagem

Nesse altar que brilha em festa

Deponha um ramo selvagem

Que não possue valor e que só presta

P'ra recordar a quem se vae, deixando

A sangrar de saudade os corações,

A quem se vae,—da patria recordando,

Um nome, como o meu, sem pretensões.

II. DE MAGALHÃES

SPORT

Estiveram bastante animadas as corridas do ultimo domingo no *Prado Villa Isabel*. Foi numerosa a concurrencia, o que era de esperar, pelo programma que incontestavelmente era excellente pelos animaes superiores que nelle foram inscriptos.

Eis o resultado:

Os 1450 metros do 1º pareo foram disputados por Sultão, Guacho, Zaire, Verbena e Didi que aproveitando-se da renhida luta entre Zaire e Sultão que era o favorito, saiu victoriosa, em 103 segundos, contra a expectativa geral. Coube o 2º lugar a Sultão. Zaire ainda d'esta vez, não quiz dar o tiro... Esperemos.

Nos 1450 metros do 2º pareo correram Africa, Pretoria, Druid e Nicoafy, que fez uma brillante carreira, percorrendo facilmente o tiro em 98 segundos, seguido por Druid.

No 3º pareo (1000 metros) dos animaes inscriptos apenas correram Plutão II e Catita, que, esbarrada a todo o instante, venceu em 74 segundos. Plutão II não quiz mostrar-se muito, pouca importancia ligou á corrida. Consta que os proprietarios são compadres...

No 4º pareo (1609 metros) saiu victorioso Talisman em 107 segundos com facilidade, demonstrando ter conservado a mesma vitalidade do anno passado. Sans-Souci, que chegou em 2º lugar, apesar de mauco, bateu Macaréu, que fez triste figura.

O 5º pareo (1800 metros) foi disputado renhidamente por Taillefer e Bolivar que até 1600 metros pareceu lutar, porém ao virar a recta de chegada, Taillefer mostrou grande superioridade sobre o seu competidor, vencendo-o facilmente em 124 segundos com grandes applausos dos diletantes. Não correu Françoise.

Correram os 1000 metros do 6º pareo Fanfaron, Dr. Janner, Madama e Mastroton que sem grande esforço venceu os seus competidores em 67 segundos. Chegou em 2º lugar Fanfaron.

No ultimo pareo (1000 metros) a corrida foi feita somente entre Aurelia e Biscaia que facilmente venceu em 68 segundos, parecendo ser um meio sangue regular. Não correu Druid.

A's 5 1/2 horas terminou o divertimento, nada deixando a desejar, tendo a boa ordem se mantido, sem que a menor irregularidade a tivesse perturbado.

Estão annunciadas para amanhã as corridas do *Derby-Club*. Na verdade dá começo esta distincta sociedade á sua 1ª corrida d'este anno, apresentando-nos um programma que indubitavelmente é digno de todos os elogios, constando de sete pareos, todos elles compostos de animaes superiores e novos, demonstrando exuberantemente animação e boa vontade dos proprietarios de animaes da distincta directoria do *Derby-Club*.

Os leitores d'esta secção encontrarão na nossa ultima pagina o esplendido programma, onde poderão palpitar á vontade, o que tambem desejavamos fazer, porém devido a não querermos ficar mal e á difficuldade de acertar, não emitimos os nossos palpites. Desejamos, pois, felicidades áquelles que isso conseguirem.

L. M. BASTOS.

DOIS MUNDOS

Tão grandes e tão lindos como aquelles
Olhos que a bella tem da cor do mar,
Nunca verei, distante ou perto d'elles!
Olhos assim jamais hei de encontrar!

Quanta grandeza occulta existe nelles
Talvez! Quanto Deus soube trabalhar!
Dois mundos ali estão feitos com elles:
A luz lá está sublime a fulgurar;

Dois céos, dois sões, dois mares finalmente.
Vejo nos olhos d'ella tão somente,
Apaixonado, immerso em puro amor.

E como o insecto alado pelo espaço,
Pequeno, ás vezes junto d'elles passo,
Ouvindo d'esses mundos o rumor.

ARTHUR MENDES.

27 de Março de 1886.

THEATROS

O PRINCIPE ZILAH

A companhia do Recreio Dramatico deu-nos no sabbado passado a primeira do *Principe Zilah*, peça em 4 actos, de Julio Claretie, afamado chronista parisiense e director da Comedia Franceza. A traducção portugueza é do Sr. Luiz de Castro Junior.

O *Principe Zilah* não tem nenhuma novidade theatral, condimento que sempre se espera das modernas peças francezas; nenhuma theoria nova, nenhuma these imprevista, nenhum arrojo de acção, nenhum paradoxo de moral social. O entrecho, além de velho e unito tractado em theatro, confunde-se repetidas vezes com o da *Fernanda*, de Sardou e com o da *Denise*, de Dumas filho. A logica da acção é sacrificada ás necessidades do desenvolvimento um tanto absurdo do drama, as situações são, em geral, falsas, e os personagens velhos. Entretanto a peça agradou em Paris. Porque? Naturalmente porque é uma peça parisiense, porque está escripta com a elegancia, a correcção e o espirito dos incomparaveis chronistas francezes. Ora são exactamente estas qualidades as que se não podem apreciar na detestavel traducção do Sr. Luiz de Castro Junior. O espectador curioso que quizer perceber alguns dos finissimos requintes de linguagem, tem de se dar ao penoso trabalho de retraduzir a peça para francez, adivinhando, por uma singular gymnastica de espirito, como estará escripta na lingua do original a phrase que em portuguez, no portuguez arbitrario e archi-novo do Sr. Castro Junior, não consegue comprehender.

Perdidos, pois, os elementos de successo e de agrado do drama, intrinsicamente, no desenvolvimento da sua acção tão simples, complicada apenas pelo absurdo das situações, e pela falsidade dos caracteres insustentaveis dos seus personagens, restaria para prender o espectador—um desempenho irreprehensivel. Não o teve *O Principe Zilah*.

Devemos, comtudo, exceptnar do descalabro geral a Sra. Helena Cavalier, que deu muito relevo ao papel de Marsa—a cigana, representando-o com distincção e uma certa originalidade, e vestindo-se com esmerada elegancia, luxo e bom gosto.

É este de certo um dos papeis que mais se compadecem com a sua indole artistica, e a que ella, se um dia for melhor secundada, poderá ainda dar mais realce e mais desenvolvimento.

Dias Braga não tem no principe Zilah um dos seus melhores papeis; não conseguiu dar ao seu estranho personagem o ar aventureiro e guerreiro, um tanto amoroso e um tanto heroico, que o auctor quiz que fosse o idolo de um povo e o symbolo de uma raça.

O actor Maia, cujas aptidões muito se têm desenvolvido neste theatro, conseguiu fazer com uma certa discrição o sympathico papel do Conde Varhely. Todavia é bom dizer-se que este papel está inteiramente fora da sua indole, e que mal se comprehende, mesmo nos artistas de excepcional talento, que se faça em uma noite o tio vegete das *Tres mulheres*, em outra o laçao das *Ruinias do castello negro* e se vá depois representar com distincção Thouvenin ou Varhel.

Agradou o Sr. Rangel na parte de velho general. Impossivel o Sr. Lisboa na de Miguel Menko. Detestavel e insupportavel a Sra. Balbina na da Marquiza, que é uma personagem genuina-

mente parisiense e que ella fez parecer uma das nossas burguezas mais chatas da Praia Formosa.

Os outros papeis não têm importancia, o que equivale a dizer que não foram compromettidos.

Os *Milayres de Santo Antonio* tem causado um verdadeiro furor de entusiasmo á platêa da Phenix Dramatica.

O publico que tem accorrido a ver a famosa oratoria de Braz Martins é tanto, que a empresa vae comprar o prelio visinho para mandar alargar o theatro.

Chegou da Europa o intelligente empresario Celestino da Silva, que traz um bandão de novidades theatraes. No dia 9 de Maio deve chegar a companhia Furtado Coelho, que estreará com o *Demi-monde*; em seguida virá tambem a celebre companhia do theatro D. Maria II, de Lisboa.

Ambas estas companhias são trazidas pelo benemerito Celestino associado ao famoso Braga Junior.

Realizar-se-á no dia 16 do corrente o beneficio do talentoso—tão talentoso quanto applicado e modesto—artista Phebo, com a *Mulher-Homem*, em que tem um papel que muitos e merecidos applausos lhe tem valido.

O ultimo acontecimento theatral de que nos falam os jornaes francezes é—1892, o curto «a proposito», escripto por E. Renan, a pedido de J. Claretie, o administrador da Comedia Franceza, para festejar a 25 de fevereiro ultimo o anniversario natalicio de V. Hugo. Até hoje sogosavam da honra d'essas festas sollemnes Molière, Racine e Corneille. V. Hugo foi, pois, mais feliz do que Voltaire, Beaumarchais, Marivaux e Musset, que ainda, com grande injustiça e ingrato esquecimento, não tiveram aquellas commemorações annuaes. Tendo-se excusado Leconte de Lisle, o novo academico, de escrever o elogio de V. Hugo, com o pretexto de ser candidato ao seu *fautouil*, recorreu Claretie a Renan. O autor da *Vida de Jesus* é um prosador insigne, um historiador, um critico eminente, um sabio profundo e um profundo philologo, mas não auctor dramatico. Elle proprio o confessou sinceramente. D'ahi não ter o seu elogio dialogado as condições precisas para agradar *theatralmente*. É uma pequena peça litteraria de fino lavor, propria para ler-se.

Proporcionamos hoje esse raro e delicado regalo aos nossos leitores, publicando-a.

Nem o talento, o prestigio e a proficiencia dos interpretes gloriosos de 1892 os Srs. Got, Febyre, Worms e Mmes. Reichenberg e Barbet puderam dar-lhe vida, calor, brilhantismo. Por isso a platêa escutou-o respeitosa mas reservadamente, sem enthusiasmo e um tanto decepcionada.

Mas isso nada depõe contra o seu valor litterario. É uma pagina digna de seu assumpto, cuja leitura *A Semana* offerece na certeza de que hão de agradecer-lha os leitores.

Obteve regular successo nos concertos no Chatelet *Rubezahl* legenda symphodica, musica de Georges Hue, poema de Gastou Cerfberr e C. de l'Eglise. Um critico musical abalizado, Ely-Edmond Grimard diz que *Rubezahl* revela grande sciencia de architectar accordes mas que são rari nantes as idéas naquelle tempestuoso *mare magnum* de harmonias.

A CANTORA JULIETA REY (*)

A tua doce voz, vibrante de harmonia,
E cheia de meiguice,
Faria Deus no céu sorrir com bonhonia,
Se um anjo a possuísse.

Porque então junto a si, o bom Deus sentiria
Numa mesma canção
O aroma dos jasmíns, a voz da cotovia
E o humano coração.

E elle que é paternal, elle o sabio profundo,
Em intimo prazer,
Veria palpar tudo que encerra o mundo
Numa voz de mulher.

A um sorriso de Deus, pelos immaculados
Astros, á tua voz
Brilharia um clarão... Mas nós—desventurados!—
O que faremos nós?...

Porto, 1886.

JOAQUIM DE ARAÚJO

(*) Os versos que vão ler-se são pela primeira vez publicados com o nome do auctor, que a peido do seu amigo visconde de Pereira Machado os improvisou para o beneficio da grande cantora Julieta Rey uma hora antes do espectáculo começar.

FACTOS E NOTICIAS

Partio no dia 1º para Campinas, onde vae assumir a redacção e administração do *Diario de Campinas*, o nosso estimado collaborador Jose Felipe Pestana, a quem a nossa folha deve involvidaveis serviços, que, com o abraço da despedida cordialmente agradecemos.

O Sr. Pestana, tento de fixar residencia naquella cidade, levou consigo sua Exma. familia.

Desejamos-lhe todas as felicidades de que o seu bello caracter e a sua lucida intelligencia o tornam digno.

O excellente e brilhante *Diario Mercantil* de S. Paulo, á imitação do que uzam muitos jornaes da Europa, resolveu dedicar exclusivamente a litteratura a primeira pagina dos seus numeros do domingo.

Começou no domingo passado este melhoramento. Os artigos são de Bulhão Pato e Jeanne Thida e as poesias são de Richepin, Luiz Delfino, Raymundo Corrêa e Gaspar da Silva.

Damos parabens ao publico de S. Paulo por ter um jornal que, como o *Diario Mercantil*, sabe servir a todos os seus interesses materiaes, moraes e espirituaes.

Partio para Lisboa, com dest.no, á ligação brazileira de que é secretario o nosso illustre poeta Luiz Guimarães Junior.

Deve ir contente com os seus amigos o mavioso cantor dos *Sonetos e Rimas*, taes foram as merecidas provas de apreço, de sympathia e de consideração que recebeu em sua patria.

Silva Pinto, o energico e affeito polemista portuguez, acaba de publicar no Porto o *Terceiro livro de combates e criticas* (1874).

Occupar-nos-emos d'elle proxima-

LYCEO DO ENGENHO VELHO

Este benemérito estabelecimento effectuou no ultimo sabbado a festa da distribuição dos premios aos seus alumnos. Depois de uma brilhante allocução lida pelo distincto presidente o Sr. Comendador Antonio Arnaldo Vieira da Costa, este cavalheiro passou a presidencia da reunião ao Rev. padre Escaligerio Maravilha, da redacção do *Apostolo*, que distribuiu os premios pelos alumnos recitando a cada um uma maxima ou sentença moral adequada. Em seguida a Exma. Sra. D. Adelina Vieira, nossa distincta collaboradora, recitou uma poesia com aquelle encanto e graça que a tornam a nossa mais notavel recitadora. Recitaram tambem poesias os Srs. Olavo Bilac e Oscar Rosas.

FALLECIMENTOS

Falleceu na tarde de terça-feira, apcz longos e dolorosos soffrimentos, o estimado actor Mauro de Bellido, um bello talenteo rapaz que fez parte de varias companhias dramaticas, representando sempre cuidadosamente os seus papeis e muitas vezes com apreciavel distincção e talento.

O actor Mauro era um actor estimadissimo pelas suas grandes qualidades de cavalheiro probo e digno.

Deixa em sérios embataços sua viúva e filhos, a quem enviamos as nossas condolencias.

No dia 31 do passado falleceu o conselheiro José Norberto dos Santos, desembargador da Relação da Corte.

Era nascido na freguezia de Campo Grande e contava 75 annos. Era muito estimado pelas suas excellentes qualidades e como juiz sempre fóra muito considerado e respeitado.

No Rio Grande do Sul falleceu o illustre deputado obolicionista Dr. Severino Ribeiro.

Está de luto a illustre familia do Sr. Conselheiro Affonso Celso. Falleceu hontem um filho de S. Ex. o estudante do sexto anno medico, João Affonso de Toledo Figueiredo.

A toda a familia do mallogrado moço e especialmente ao nosso estimado collaborador Dr. Affonso Celso Junior as nossas profundas condolencias.

Falleceram tambem o Dr. Miranda Castro, a baroneza de Paquetá.

O ELIXIR

Acabavam de soar 8 horas da noite, quando Ernesto, atirando o ultimo beijo á sua adorada Alzira, que o viera acompanhar á porta, sahio d'aquelle modesto chalet que era para elle um ninho encantado.

Havia já um anno que este mancebo —aima entrajada pelas louçanias da chimera— deparara, em uma festividade religiosa, com um par de luminosas estrellas que, exiladas do Firmamento, tiubam vindo servir de adorno ao rosto radiante de juvenildade e de

graça de uma dama, que outra não era senão aquella Alzira, que o viera trazer á porta e que era, então, sua noiva.

D'ali por bem pouco deveriam estar casados.

Os paes de Alzira estavam satisfeitos.

No dia seguinte ao da visita á Beatriz dos seus sonhos de Dante em miniatura, Ernesto tencionava partir para o interior, afim de entender-se com seus paes acerca do seu casamento.

Afinal chegou o momento fatal! Mas, como partir, aquelle pobre enamorado, sem beijar mais uma vez as nácaradas faces da sua querida?!

Ao pensar nisto, sentia a ponta aguda da saudade vibrar-lhe nos refolhos do coração, como se fosse o gume frio de uma adaga.

Revestio-se, porém, de coragem e... partio; mas, com tanta infelicidade que, apenas chegado ao lar, enfermou de uma febre palustre que o prendeu ao leito durante mezes. Restabelecido, volta a ver a dama dos seus scismares.

Dirige-se a sua casa. Mas antes de aportar á Chanaan dos amores, antes de penetrar na doira da redoma, onde, —exuberante de seiva,— enchia-lhe os olhos de delicias divinas aquella esplendida tulipa animada, que elle idolatrava com toda a sua alma; ao passar em frente á Igreja de S. Francisco, que vê aberta e illuminada sem saber porque, entra.

Protedia-se ao ceremonial de um casamento; approxima-se e, oh! fatalidade! O que se lhe hade apresentar ante os olhos?... A sua adorada noiva casando-se com outro!...

Acto continuo, a repellar os cabellos, fulo de cholera, de ciúme, de mil desencontrados sentimentos, atira-se para a rua, entra em seguida em uma loja de armas, compra uma faca e vae occultar-lhe a lamina inteira nas entranhas, quando alguém sustem-lhe o braço.

— Quem é o miseravel que quer continuar a chumbar-me ao cepto torturante da existencia?

— Eu, o Alfredo. Vem d'ahi e conversemos. Para estarmos mais á vontade entremos num restaurante. Bem; agora diz-me o que te levava ao suicidio.

Em duas palavras Ernesto conta-lhe tudo.

— Insensato! Pensas no suicidio, porque não conheces um delicioso maná, que nos faz anar a vida com o amor que o avarento vota aos seus thesouros. *Cerveja Einbeck* para dois.

— Mas que droga é esta? Isto, conduzirá por ventura á morte?

— Nada! Isto traz o esquecimento das maguas; dá alegria, appetite e saude de ferro. Behe e veras.

Esgotada a primeira garrafa, já Ernesto pensava, não mais em matar-se, mas, sim, em conquistar novas Beatrices. D'ahi por diante tornou-se o mais alegre dos companheiros. Tudo isto devido á efficacia da divina e corroborante *Einbeck*.

BARÃO RÉCLAME

CORREIO

— Sr. Carlos C. Aranjó Gondim. — Quer que sejamos frances? Não gostamos nada, mesmo nada, da poesia — Tijuca — que V. S. nos apresenta como sendo da Tijuca de Alencar. Se assim fosse, este parto litterario que, a bem da verdade devemos confessar que não é positivamente o que se chama um bom successo, não viria senão confirmar aquella conhecida phrase — da montanha que pario um rato! Pois mesmo o auctor das *Minas de Prata* e de tantas outras

joias de elevadissimo valor, ia lá dar-se ao trabalho improffico de produzir tão tacanha poesia? Ainda se não houvesse naquelle filho de paes incognitos um bracinho aleijado para comprovar que não da alta estirpe litteraria á que pertencia Alencar, mas sim da plebe baixa proveiu o pobre engeitado, eu não duvidaria da perflhação que lhe dá V. S.; mas tropego como se apresenta este pobre cotado, não posso deixar de pôr em duvida a sua procedencia. Aquillo tanto pode ser de Sanchão, como de Paulo, como de Martinho. Falta nelle o ar phisionomico, a nobresa de character de seu illustre pae. Entendo que publicar aquella poesia com a assignatura do «minente romancista, que por manietado pela friez do tumulo não poderá defender-se da auctoridade d'este aborto artistico, será lançar um salpico enodante no manto lenteoulado e fulgurante com que a fama e a gloria impercível lhe circumdaram as largas espaduas. Eis porque com grande sentimento deixamos de satisfazer o pedido do nosso estimavel assignante.

— Sr. Almeida. O Sr. sempre me ahio um malfasejo marca X! E' verdade! Ha creaturas neste mundo que têm com ras caninanas no lugar onde deveriam ter os bofes!... Cruzes! Perdoe-me a confiança e a franqueza, mas o senhor está no numero d'estes espantarrantes Ferrabrazes! Pois não é que o Sr. Almeida sae-se da dos seus cuidados para querer vir perturbir a imperial d'esta e mesmo arrancar um feixe das augustas barbas do deusor perpetuo do Brazil?!... Ora isto dá-se? O diabo não come pimenta!

Ora o que pensam os meus leitores que diz lá nas suas — *Pretensões* o vate Almeida? que pergunta pela *chave* que eu te dei para guardar ou solta por ahi o *Pirolito* que bate, que bate? Qual carapuças! Estão-se ninando!... Diz nada mais nada menos que isto (arripiam-se-me os cabellos!):

« Eu pretendia, embora para experiencia Que pusessemos á margem o Bragança! » Provavelmente para que, uma vez ahi, começasse o Bragança a cantar compungido, com tremiliqueiras na voz e languores na menina do olho:

« Estando eu na margem do rio. Chorando as minhas misérias... » Mas o que eu acho de um arrojio hymalnic e dynamico é isto d'elle chumar o Monarcha de Bragança!... assim sem mais ceremonias. Ora isto! O Bragança!... Como se dissesse para ahi: — o Manel da Boiça, o Jica Perreccão ou o Chico Pendurado! Meu bom amigo, será mais facil subir pelos arcos... já não direi o balão Julio Cezar, mas o proprio edificio da Candelaria, do que nós publicamos o seu soneto nihilistico. Deus nos defenda! Nada! que *A Semana* não é nenhum covil de conspiradores, de poetas imperitorcidas! E passe por lá muito bem.

— Sr. M. Pinto Neves. E' tão raro, mesmo tão raro recebermos poesias boas, que sentimos encontrar no seu soneto, que aliás não é máu, umas pequenas incorrecções metricas. Teriamos praser em dal-o na Collaboração, pois ha n'ella idéa, ligação, grammatica; está bem rimado e estão perfeitamente observadas as regras soneticas, emquanto á collocação das rimas; mas o que o prejudica é nada menos de dois versos errados com que nelle deparamos; são estes os: — 1º do segundo quarteto, e 2º do primeiro tercetto. Isto faz com que não o possamos publicar. Agora se o Sr. quizer dir-se ao trabalho de apperfeiçoal-o, não lereimos duvida em pol-o em letra redonda.

ENRICO

RECEBEMOS

— Da acreditadissima casa *Au Petit Journal*, dos Srs. H. Nicoud, & C. — *Revue Politique et litteraire*, ns. 1 a 11 do 6º anno (1886). Esta admiravel revista, em nada inferior á *Revue des deux mondes* ou á *Nouvelle Revue*, é indispensavel a quantos se interesse n' pelas Letras francezas. *Le salon de la Mode* e *Le Printemps* correspondentes aos dias 1 e 3 do corrente. De forma que o Sr. Nicoud realiza o milagre de distribuir aqui no dia 31 de março jornaes que hão de apparecer em Paris a 1 e 3... de Abril!

Decididamente este amabilissimo Mr. Nicoud é feiticeiro! Que actividade! que rapidez! Isto é que é um agente de jornaes... O mais são historias!

— *A Estação* XV. anno. n. 6. Fulgurante como uma joia e digna sempre de figurar

nos boudoirs perfumados das damas galantes. Traz, engastada na parte litteraria, uma gemma finissima trabalhada por Alberto de Oliveira e que, sob a forma de soneto, tomou o nome de «Rio Azul». isto não fallando, alem de outras cousas, na chroniqueta sempre interessante de *Eloy o heroe*, e nos bellos figurinos que exhibe d'esta vez.

— *O Mequetrefe*, n. 403 Na primeira pagina o retrato do conhecido e estimado proprietario da alfaiataria *Estrella do Brazil*. Bons e engraçados desenhos. Texto—engraçado e bom.

— *Revista illustrada*, Anno XI, 429. O que traz de melhor, pondo de parte as suas sempre jocosas e bellas paginas de caricatura, é um fugitante soneto de Luiz Guimarães, já bastante conhecido.

— *Relatorio do anno social de 1885* apresentado á Assembléa geral dos socios, em 13 de Março de 1886, pelo Conselho administrativo. Associação Geral de auxilios mutuos da E. F. D. P. II.

— *Vozes livres*. Poesias de Chichorro Junior. Na secção «poesia e poetas» fallaremos d'este livro.

— *Revista dos novos*, publicação mensal; Director João Feliciano. Semestre II. Traz bons artigos litterarios e alguns versos bonitos. Parabens.

— «Gil Braz de Santilhana»—edictor David Corazzi—fasciculos ns. 21 e 25.

ANNUNCIOS

Julio Cezar Tavares Paes encarrega-so de liquidarões amigaveis ou judicias na cidade de Muzambinho e seu termo.

F. Navarro de M. Salles—encarrega-se de defezas perante o jury. Muzambinho—Minas.

J. M. Villas Bôas da Gama—dentista—extrahe dentes sem dôr. Muzambinho—Minas.

Augusto Luzi—incumbe-se gratuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

Dr. Arthur Paoliello,—Medico—Especialidade: partos e molestias do utero. Muszmbinho—Minas.

F. L. STRONG

CIRURGIÃO DENTISTA

RUA SETE DE SETEMBRO, 51

Instrução Primaria e Secundaria

PIANO E CANTO

D. Maria José de Albuquerque Camara

Tem ainda algumas horas disponiveis para o ensino d'aquellas materias.

RECADOS NESTE ESCRITORIO

CHRONICA FRANCO-BRAZILEIRA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

EM PARIZ

REDACOR—CHEFE: Lopes Trovão.

ADMINISTRADOR: F. Castelli.

ASSIGNATURAS PARA O BRAZIL

Um anno. 10\$000
Seis mezes . . . 6\$000

Tomam-se assignaturas e annuncios na livreria LOMBAERTS & C.

EXTERNATO HEWITT

FUNDADO EM 1870

HORARIO DO MEZ DE ABRIL

CURSO PREPARATORIO

PROFESSORES	MATERIAS	HORAS	Lessons in Portuguese; lições de italiano e allemão
			PARA O ESTUDO DE INGLEZ
			<i>The Graduated English Reader</i> ou Estrada Suave, para o perfeito conhecimento da lingua ingleza, mediante excerptos escolhidos e gradativamente coordenados dos melhores auctores inglezes e norte-americanos, para uso de seus discipulos, por James E. Hewitt, com introdução litteraria pelo illustrado lente de inglez Alfred Alexander.
			EM CASA DO AUCTOR
			EM NAS PRINCIPAES LIVRARIAS
			A' NOITE AULAS COMMERCIAES
			Lino Gomes..... Portuguez..... 6-7
			F. D. Mouren.... Francez..... 7-8
			James E. Hewitt. Inglez pratico... 7-8
			E. Gabalda..... Escripuração mercantile francez..... 7 1/2 ás 9
			Leitura, calligraphia e contabilidade
			O director, James E. Hewitt
Araujo Vianna.....	Rhethorica...	9-10	
Dr. F. Amarante....	Geographia..	10-11	
Dr. Corrêa do Lago.	Historia.....	10-11	
Araujo Vianna.....	Latim.....	11-12	
Dr. F. Amarante....	Historia.....	11-12	
João Nazareth.....	Curso annexo	11-12	
F. D. Mouren.....	Francez.....	11-12	
James E. Hewitt....	Inglez.....	12-1	
J. D. da S. Ramos...	Portuguez...	12-1	
Dr. Aquino Fonseca.	Philosophia..	12-1	
James E. Hewitt....	Inglez.....	1-2	
Dr. Z. de Oliveira..	Geometria...	1-2	
Dr. Aquino Fonseca.	Geographia..	1-2	
Bac. Ed. Benet.....	Francez.....	2-3	
Dr. Z. de Oliveira..	Aritmetica..	2-3	
Dr. Aquino Fonseca.	Historia.....	2-3	
Bac. Ed. Benet.....	Latim.....	3-4	
Dr. Z. de Oliveira..	Algebra.....	3-4	
João Nazareth.....	1º anno E. P.	6 7	

134 RUA DO ROSARIO 134

PHENIX DRAMATICA

EMPRESA DRAMATICA—DIRECÇÃO SCENICA

DO

ACTOR GALVÃO

HOJE

Sabbado, 3 de Abril de 1886

GRANDE SUCESSO

5ª representação da grandiosa peça sacra em quatro actos e oito quadros, toda ornada de musica, visualidades, tramoias, de Braz Martins, intitulada

OS MILAGRES

DE

SANTO ANTONIO

TOMA PARTE TODA A COMPANHIA

Scenarios, vestuarios e adereços tudo novo e deslumbrante. Coros a 30 vozes. Marchas e harmonias ensaiadas a capricho pelo maestro Celestino.

Numeroso pessoal de comparsaria sob a direcção do Sr. Basilio.

Toda a imprensa é unanime em elogiar o desempenho e o luxo com que acha-se montada esta peça.

PREÇOS — Camarôtes 6\$; ca leiras numeradas, 1\$; entradas geraes, 500 rs.

*Amanhã, domingo, 4 de Abril—Ao meio-dia

GRANDE MATINEE

Às 8 horas da noite

OS MILAGRES DE SANTO ANTONIO

JONGO!

dos pretos sexagenarios da revista

A MULHER-HOMEM

POR

HENRIQUE DE MAGALHÃES

A' venda na Confeitaria Castellões e no escriptorio d'A Semana,

POR

1\$500

RELOJOARIA

DE

ALFREDO CEZAR DA SILVEIRA

Casa acreditada para concertos de relógios

67 Rua da Assembléa 67

João Baptista A. Marques

ADVOGADO

RUA DA QUITANDA N. 31

DERBY-CLUB

GRANDE CORRIDA A REALISAR-SE

DOMINGO 4 DE ABRIL DE 1886

A'S 11 1/2 HORAS DA MANHÃ EM PONTO

PRIMEIRA CORRIDA DO ANNO

Primeiro pareo — INITIUM — Distancia 1.000 metros — Poldros e poldras nacionaes de 2 annos — Premios: 500\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo.

N.º	NOME	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Guacho.....	Chita.....	2 annos	R. G. do Sul..	47 kilos	Preto e br. e bonet enc.e br.	A. M.
2	Remember.....	Castanho	2 »	R. de Janeiro.	47 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
3	Reporter.....	Zaino.....	2 »	S. Paulo.....	47 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
4	Catita.....	Castanho	2 »	R. de Janeiro.	47 »	Azul.....	F. Guimarães.

Segundo pareo — COSMOS—1.000 metros — Inteiros e eguas de qualquer paiz — Premios: 600\$ ao primeiro e 150\$ ao segundo.

1	Cheapside.....	Alazão.....	3 annos	Inglaterra....	50 kilos	Encarnado, branco e ouro..	L. V.
2	Charybides.....	Castanho	3 »	Idem.....	52 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
3	Phryné.....	Idem.....	4 »	Idem.....	53 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
4	Gladiador.....	Idem.....	3 »	Idem.....	51 »	Setim br. e manchas violetas	M. U. Lemgruber.
5	Nauti.....	Zaino.....	5 »	Idem.....	55 »	» » » pretas.	Idem.
6	Swamp.....	Castanho	3 »	Idem.....	50 »	Branco e verde.....	C.
7	Coupon.....	Alazão.....	3 »	França.....	51 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.

Tercero pareo — PROGRESSO—1.450 metros. Cavallos e eguas nacionaes até meio sangue — Premios: 500\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo.

1	Douro.....	Castanho	7 annos	R. de Janeiro.	54 kilos	Verde e ouro.....	J. L. da Costa.
2	Peralta.....	Idem.....	3 »	Paraná.....	49 »	Preto e branco.....	C. P.
3	Catana.....	Douradilho..	3 »	S. Paulo.....	47 »	Encarnado e ouro.....	J. W.
4	Pretoria.....	Libuno.....	5 »	Idem.....	52 »	Azul e crème.....	A. C.
5	Guanaco.....	Alazão tost..	7 »	Paraná.....	54 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
6	Dinorah.....	Castanho.....	3 »	R. de Janeiro.	49 »	Verde e amarello.....	Coud. Independencia.
7	Lucifer.....	Vermelho.....	4 »	S. Paulo.....	52 »	Azul e palha.....	J. L.
8	Baiocco.....	Castanho.....	4 »	Idem.....	52 »	Encarnado e preto.....	Oliv. Junior & Lopes.
9	Africa.....	Preto.....	7 »	Paraná.....	52 »	Encarnado, branco e ouro..	L. V.

Quarto pareo — DERBY-CLUB — 1.450 metros — Inteiros e eguas nacionaes de puro ou meio sangue — Premios: 1:000\$ ao primeiro e 200\$ ao segundo.

1	Sans-Souci.....	Castanho.....	5 annos	Minas Geraes	51 kilos	Azul e grénat.....	H. O.
2	Pery.....	Idem.....	6 »	S. Paulo.....	51 »	Setim br. e manchas pretas.	M. U. Lemgruber.
3	Sylvia II.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	50 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
4	Talisman.....	Idem.....	6 »	Idem.....	54 »	Idem idem.....	Idem.

Quinto pareo—EXCELSIOR—1.450 metros—Inteiros e eguas nacionaes até 3 annos—Premios: 1:000\$ ao primeiro e 200\$ ao segundo.

1	Aurora.....	Alazão tost..	3 annos	S. Paulo.....	47 kilos	Vermelho.....	Coud. Ypiranga.
2	Dinorah.....	Castanho	3 »	R. de Janeiro.	49 »	Verde e amarello.....	Coud. Independencia.
3	Diva.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	49 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
4	Sybilla.....	Zaino.....	3 »	S. Paulo.....	51 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
5	Eolo.....	Idem.....	3 »	Idem.....	49 »	Idem, idem.....	Idem, idem.
6	Carmen.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	49 »	Azul e grénat.....	H. O.

Sexto pareo—RIO DE JANEIRO—1.609 metros—Inteiros e eguas de qualquer paiz—Premios: 1:000\$ ao primeiro e 250\$ ao segundo.

1	Bolívar.....	Castanho.....	6 annos	França.....	54 kilos	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
2	Malstron.....	Idem.....	3 »	Inglaterra....	49 »	Havana e branco.....	Idem.
3	Taillefer.....	Zaino.....	5 »	França.....	54 »	Enc. e mangas azues claras	Coud. Americana.
4	Damietta.....	Castanho	5 »	Inglaterra....	52 »	Setim br. e manchas pretas.	M. U. Lemgruber.
5	Creusa.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	50 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.

Setimo pareo—E. DE FERRO D. PEDRO II—1.000 metros—Cavallos e eguas de qualquer paiz, de menos de meio sangue—Premios: 250\$ ao primeiro e 50\$ ao segundo.

1	Tufão.....	Castanho	2 annos	R. de Janeiro.	47 kilos	Verde e ouro.....	J. L. da Costa.
2	Aymoré.....	Idem.....	5 »	S. Paulo.....	56 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
3	Verbena.....	Idem.....	3 »	R. de Janeiro	50 »	Ouro e faixa.....	Coud. Santa Cruz.
4	Sultão.....	Libuno.....	3 »	Minas Geraes	51 »	Azul e estr. encarnadas....	J. F. Vaz.
5	Didi.....	Pampa.....	3 »	S. Paulo.....	50 »	Azul e encarnado.....	Carlos Coutinho.
6	Savana.....	Castanho	4 »	R. G. do Sul..	53 »	Rosa e grenat.....	F. G.
7	Zaire.....	Gateado.....	4 »	Paraná.....	54 »	Azul, encarnado e faixa....	J. C.
8	Zizaina.....	Castanho.....	3 »	R. de Janeiro.	50 »	Cereja, verde e amarello...	Rocha Maia
9	Pampeiro.....	Idem.....	2 »	R. G. do Sul..	47 »	Preto e encarnado.....	Joaquim A. da Silva.
10	Serodio.....	Idem.....	5 »	Idem.....	56 »	Ouro e encarnado.....	D. A.

N. B. — Os animaes inscriptos no 1º pareo deverão achar-se no prado ás 11 horas,

A. CEZAR LOPES, 2º secretario

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 10 DE ABRIL DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 67.

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

SUMMARIO

Expediente.....	L. DE MENDONÇA.
Correio litterario.....	A. VIEIRA.
Poemas femininas.....	A. PALHETA.
Emygdio Mouteiro.....	E. R. E. A. A.
Bellas Artes.....	ARARIPE JUNIOR.
Gazetilha litteraria.....	SAINT BEUVE.
«O Gaboto» e «O drama	P. TALMA.
Novo».....	A. PARAISO.
Enfermidades estylicas.....	M. RAMALHO.
Paginas esquecidas («O so-	I. DO SOUTO.
neto»).....	L. M. BASTOS.
Theatros.....	BARÃO RÉCLAME.
Morto, poesia.....	
Amor.....	
Saudade, soneto.....	
Sport.....	
O Euterio.....	
Factos e Noticias.....	
Recebemos.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

GERENTE

G. CABRAL

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

ASSIGNATURAS

CÔRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

A redacção, gerencia e officina d'A SEMANA mudaram-se para a rua do Carmo n. 36.

Assumo a gerencia d'esta folha o Sr. Guilherme Cabral, passando a occupar-se exclusivamente da redacção o nosso companheiro Filinto d'Almeida.

A exemplo do que fizemos no anno passado, abrimos de abril a dezembro, uma assignatura de nove mezes pelo preço de 6\$000, dando nós a esses assignantes os mesmos premios a que têm direito os assignantes de anno, com excepção do livro *Vinte Contos*, que é exclusivamente para estes, que deverão recebê-lo por todo o mez de abril.

Sr. J. S. P.—Itatiba. Seu debito começou no 1.º de Outubro de 1885. O Sr. Dolivaes Nunes, em S. Paulo, ou o nosso agente Leonel Guerra estão autorisados a receber taes importancias.

Sr. A. C. S.—Leopoldina. Tem razão. Está quite até 31 de Dezembro do corrente anno, pelo recibo n. 3548.

CORREIO LITTERARIO

«MARGARIDA NOBRE», ROMANCE POR DANTAS BARRETO; 276 PÁGS; PORTO-ALEGRE; 1886.

Livro ruim, mal concebido e mal escripto; não tem grammatica, não tem logica, não tem naturalidade, não tem imaginação, sequer,— não tem nada que preste.

O Sr. Dantas Barreto escreve phrases como estas: «havia passado tres annos», «era tão agradável as conversas», «a mãesinha só tivera ella, que representava a alegria, a animação do casal», «não me mandes a justiça em casa». Creio que basta para dar idea da sua correcção grammatical.

Os caracteres dos seus personagens não têm coherencia.

Margarida Nobre, a protagonista, é uma rapariga honesta que casa sem grande inclinação para o noivo, é certo, mas que depois adúltera como quem nunca tivesse feito outra coisa; e quando o amante a abandona, para ir ser esposo de outra, resiste ao ciúme, à necessidade de vingança, aos appetites accosos do seu temperamento de nymphomaniaca,— heroismo inesperado em creatura tão perdida, que levava a desfaçatez ao ponto de ir sósinha ao quarto do amante, um quarto de hospedaria, e ficar uma tarde à sua porta, num corredor que servia a muitos quartos de estudantes, ouvindo a pô firme as facécias e os convites dos rapazes.

A perdição de Margarida não tem nem sombra de naturalidade. Octavio Feuillet diz, no *Monsieur de Camors*, que a queda das mulheres honestas é rápida; mas esta Margarida nem se pôde dizer que tivesse cahido; o que ella fez, foi atirar-se. D'entre os dois, foi ella quem verdadeiramente seduziu o amante. Da primeira vez que o pobre rapaz lhe vae à casa, ella já o recebe no alto da escada, «com as mãos enlaçadas na altura do ventre»; depois, na sala, sem mais nem menos, entra a «sentir uns arrepios nervosos, tremem-lhe as carnes, estranha-se», «nunca soffrera d'aquillo!», «não se pôde conter, estremece, dilatando o olhar, mordendo o labio inferior». O outro, o honesto don Juan, resiste-lhe como um José do Egypto; queixa-se até, ameaça-a, emprega todos os meios de a conter num procedimento mais decente, diz-lhe: «que a sua presença produzia-lhe essa excitação (pag. 77) incommoda... Estava arrependido de ter ido: retirava-se para nunca mais voltar...» E' preciso que ella lhe dê garantias de o não agarrar aos beijos: «— Já não tenho cisa alguma, podes ficar tranquillo» (pag. 78). É a uma declaração d'amor muito piegas e muito tola que o mau sujeito lhe recita, a timida senhora responde-lhe «que sim, que guardaria o cantinho que o outro lhe pedia; mas que elle não se alterasse tanto, não era preciso...» (pag. 89).

Não era preciso, de certo; nem era preciso que lhe pedisse cantinho algum.

Outro typo muito mal conduzido é o d'esse conquistador conquistado. E' rapaz de grande intelligencia e d'altos sentimentos, tão pundonoroso que, quando resolve cortar a carreira academica, recusa a mezada que o pae lhe fornecia.— E depois vae viver à custa da amante, em casa sustentada por ella.

Outro bem digno de figurar com esses é o marido de Margarida; ama-a com tanta abnegação que ainda a aceita quando sabe que está num leito do hospital da Misericordia, depois de regeitada pelo amante e de enterrado o filho que d'este houvera; e, entretanto, quando, ao voltar do Ceará, encontra vazio o lar domestico, lá deixa na Côte a mulher nos braços do outro e vae-se pacatamente para o sul, nomeado comandante d'um navio. E' certo que pensou em procura-la: «entretanto sentia que era preciso vê-la, fixa-la bem. Vingarse-ia com isso; não lhe faria mal nenhum. Mas onde encontrá-la? onde?» Sim, onde? diga-me o leitor; depois, entre a necessidade de «ver-la, fixa-la bem» e a conveniencia de aceitar o commando de um navio, um espirito sensato não hesita muito tempo; o homem não hesitou e foi-se embora.

Como fórma, o livro tem coisas d'este quilate: «movendo-se com gestos de quem espera», «com os dedos entrelaçados entre si, estirava os braços quasi horizontalmente».

Amostras do seu talento descriptivo: «Os gallos batiam as azas implumadas com abundancia, cantavam de espaço a espaço; as gallinhas e os frangos piavam nos poleiros (esqueceu-se dos pintos!)».— «E suspirando, com o cotovelo do braço direito sobre o braço da poltrona, apoiando a cabeça inclinada nas costas da mão direita...»

Aprel um desgraçado que se vê nestes apuros para descrever uma attitude tão commum, tão vista e tão singela, deve, sem mais reflexão, eximir o seu pobre cerebro aos tormentos da linguagem escripta!

Este mau livro tem, além de todas as suas infelicidades, a pretensão atrevida de ser realista, e cahe na pornographia nua e reles das lithographias que andam pelas paredes de certas casas ou debaixo dos travesseiros dos collegias viciosos e dos velhos gaiteiros.

As paginas 141 e 151 deixam prevér o proximo destino d'este romance pifio: ir, muito brevemente, para o rol das leituras para homens, nos annuncios dos modestos livreiros que o Sr. Dantas Barreto designa pelo seu nome chulo, que elle escreve com todas as letras da palavra composta, à pagina 46 do livro, na fresca sem—ceremonia com que trata os leitores.

Margarida Nobre pôde ainda ter algum successo de livraria— na rua da Urugayana ou de S. José, entre caixeirinhos de treze annos.

Valença, 30 de março.

LUCIO DE MENDONÇA.

PALESTRAS FEMININAS

Acertando a honra que me faz a illustrada redacção d'A *Semana*, convidando-me para tratar, em uma secção especial, de assumptos que interessem directamente ás senhoras, principio hoje, rogando a todas as minhas gentis leitoras benevolente indulto para as innumeradas faltas em que, com certeza, incorretei.

O pedido que me foi feito pelos amáveis redactores da nossa mais florescente folha litteraria, trouxe-me á memoria, — não digo bem: não poderia nunca esquecel-os — avivou-me o desejo de satisfazer os rogos de umas encantadoras e bem queridas amigas, residentes n'uma capital de provincia, onde são rainhas pelo espirito, belleza, graça e bondade. Pediram-me ellas instantemente que as fizesse eu estar sempre em dia com tudo que as pudesse interessar: modas, litteratura, *soirées*, anedotas, hygiene e educação infantil, receitas culinarias etc., etc. A minha indolencia habitual, já agora incorrigivel, fez-me addiar o prazer que teria em obedecer-lhes, até que se me apresenta agora occasião de, sem esforço, suavemente, dirigir-lhes por intermedio d'A *Semana*, de que são assignantes, as informações que desejam.

Laura, Julieta e Luizinha. — Estou a vê-las ao receberem o n. 67 d'A *Semana*. Julieta, a loira e scismadora Julieta, é a leitora; Luizinha, a mais formosa morena que conheço, fixa os olhos negros e brilhantes, nos labios da irmã, para adivinhar-lhe as palavras antes de pronunciadas. Laura, n'uma cadeira de balanço, tendo no collo o seu gentil bebê, escuta indolentemente, seguindo com a vista a pequenina *Lili* que brinca sobre o tapete. Essa, apezar dos seus floridos 25 annos e da sua belleza de estatua grega, é toda amor materno, e sorri apenas aos gritos de entusiasmo da travessa Luizinha. Contentarei a todas, falando a cada uma do que mais a interessar, sem esquecer *Lili* e *bebê* e a boa tia Helena, a cuidadosa e magica *menagère*, que sabe prender-nos á mesa um tempo infinito, sentindo-nos tão bem, que nos parece terem tido razão os antigos gregos e romanos que faziam das horas das refeições as mais felizes e proveitosas da vida. Esquecer a tia Helena! Eu! Quem sabe como ella agrupar as flores nas cantoneiras, dispor com mais arte as fructas nas fruteiras de crystal, dar fórmas caprichosas aos alvissimos guardanapos, imaginar doces mais exquisitos e saborosos, iguarias mais raras e appetitosas! Ao vê-la, — com o seu avental branco enfeitado com rendas, o vestido escuro e redondo, o passo miudo e ligeiro, as mãos sempre occupadas, mas brancas e diaphanas, e aquelle sorriso bom e satisfeito; sempre a lidar, leve como uma borboleta, e sem manifestar o menor cansaço, — temos tentações de prendel-a nos braços e beijar-lhe respeitosa e a fronte clara e pura, emmoldurada pelos magnificos cabellos castanhos, onde começam a apparecer brilhantes fios de prata.

Porque não casaria a tia Helena? Onde se encontraria mais sollicita dona de casa, mais doce esposa e dedicada mãe? Não sei. Passam os homens, vão pela felicidade sem darem por ella, e vão buscar longe, através de perigos e dores cruciantes, martyrios e desillusões.

E' assim a vida.

Quanta violeta perfumosa pisamos inconscientes na estrada, para ferir-mos as mãos ao colher a flor do espinheiro que, se a alcançamos, se desfolha!

Um dia, entrei de manso; eram 6 horas da manhã, uma manhã radiosa de Abril! Fazia 14 annos Luizinha, a rainha das morenas, e eu queria surprehendel-a ao acordar... quem eu surpreendi foi a tia Helena que, imóvel, absorta deante do berço de *Lili*, deixava correr livres e silenciosas, as lagrimas da sua mocidade perdida.

Chorava (quem sabe?), a santinha, as alegrias de esposa e mãe que lhe tinham sido negadas. Sahi cautelosa, sem que ella me visse, e horas depois, ao almoço, eu via nos seus olhos mais luz e alegria do que no sol de Abril que nos inundava, entrando pelas largas janellas do jardim, e nas canções e zumbidos de mil avesinhas e insetos que libavam o mel da madre-silva em flor. E' que aquella alma privilegiada vive da vida das sobrinhas, ri ou chora com ellas, e as tres formosas estavam alegres, alegres!...

Foi longa a apresentação, curto tem de ser, pois, o cumprimento de uma das partes do meu programma. Falemos ligeiramento de modas; sim? Terminarei descrevendo para Julieta e todas as loiras formosuras que me lerem, um vestido para assistir a jantares ou visitas. Vestido de cachemire azul turqueza, saia redonda, segunda saia do mesmo comprimento, armada em pregas de 22 cent. de largura, guarnecida com uma larga barra de pellucia da mesma cor. O corpo quasi sem abas, e estas forradas com uma tira de pellucia; é franzido adeante e aberto, completado por um amplo collarinho á maruja. Cinge a cintura, por baixo da aba do corpinho, uma fita de velludo n. 12, ou um cordão grosso da mesma cor, que vae dar um laço ou nó sobre a saia, do lado esquerdo; querendo-se, póde a segunda saia ser suspensa d'esse lado pelo laço ou nó, fazendo um graciosissimo regaço.

Para Luizinha e todas as tentadoras morenas, esta *toilette* deverá ser branca, com pellucia cor de rosa pallida, ou toda cor de rosa. Nos cabellos fitas das cores das *toilettes*.

Para Laura, como para todas as jovens mães, não aconselho o cabeção á maruja, e como tirando-o perde este modelo muito da sua graça, descreverei outro não menos distincto e elegante: Vestido de cachemire crême. Na saia um estreito *plissé*, tunica á franceza, quasi do comprimento da saia, tendo o panno de traz muito farto em pregas fundas; dos lados da tunica grandes reversos de pellucia um pouco mais escura que a cachemire, presos atraz, sobre o puff, por grande laço de fita; a frente da tunica tem em baixo uma barra de pellucia de 20 cents. de largura. Enfeitando o collarinho afogado e mangas justas, um vize de pellucia e contas baças, da cor do enfeito. Essas mesmas contas servirão de abotoadura.

Para *soirée*, saia á camponesa, de setim branco, levemente arreçada dos lados, corpo de setim igual, decotado, atacado na frente com cordões, sobre uma camisinha de *surah* franzida, um pouco aberta no pescoço e cercada por uma renda franzida artisticamente, mangas até ao cotovello, de setim igual ao do corpo. No lado esquerdo do peito e nos cabellos uns ramos de *paquerettes*. (Margaritas sylvestres).

Outro: — Vestido de setim preto. A saia coberta de arreços em *paniers* de renda hespanhola, bordada a contas lapidadas, pretas. Corpo aberto a fio direito, de alto a baixo, na frente, orlado de um lado e outro com as mesmas contas lapidadas, camisinha enchendo o espaço da abertura do corpo de renda franzida, presa no meio do peito e na

cintura por presilhas de fita, terminando em roseta sobre o lado esquerdo. Diadema de ouro nos cabellos.

Estou certa que com qualquer d'estas *toilettes* ficareis encantadoras e irresistiveis, e que concorro para accender chaminas devoradoras e quem sabe, se mortaes?!

Um conselho aos inflammaveis: Não olhem para nenhuma das leitoras d'A *Semana*, pelo menos sem olhos escuros, depois que ellas tiverem posto em pratica os conselhos que lhes dei; senão...

Como esta secção é destinada ás senhoras, tenho plena certeza que não haverá augmento no consummo de olhos escuros, porque não creio que haja leitora tão corajosa que se anime a fazer lêr á sempre crescente cohorte dos seus admiradores o conselho acima.

D'essas piedosas e gentis leitoras e das minhas amigas Laura, Julieta, Luizinha e tia Helena, despeço-me eu, saudosa, até sabbado que vem.

ADELINA A. L. VIEIRA.

EMYGDIO MONTEIRO

Este nosso estimado e distincto correspondente em Lisboa não tem continuado a nos enviar as suas magnificas correspondencias sobre arte e litteratura por haver sido obrigado, por morte de sua mãe, a sahir de Lisboa e a occupar-se com a administração da casa e direcção do inventario. Felizmente, segundo communicou ao director d'esta folha, em breve começará a nos remetter artigos de uma serie que projecta fazer sobre os mais notaveis livros portuguezes recentemente publicados — *Velhice do Padre Eterno*, *A Hollanda* e outros, e um estudo sobre a exposição do *Grupo do Leão* d'este anno, á semelhança do que fez nestas paginas sobre a exposição do mesmo grupo no anno passado.

Promette-nos, além d'isso, excerptos de trabalhos ineditos, em prosa e verso, da mocidade litteraria de Portugal.

Esta promessa já a começou elle a cumprir, enviando-nos uma poesia de João de Deus, escripta expressamente para A *Semana*, e que publicamos em o n. 65.

Creemos que os nossos leitores folgarão muito com a noticia, que lhes damos, de que vão recommençar n'A *Semana* as correspondencias do illustre critico Emygdio Monteiro.

BELLAS ARTES

SALÃO VIEITAS

Retrato do Exm. Sr. ... por Décio Villares.

Ao fundo carmim e vermelho, depois uma figura, em busto, vestida de preto, o pescoço nú, serpenteado por um fio de perolas, provavelmente de Ceylão; olhos e cabellos negros, e rosto unctado de *cold-cream* e pó de arroz Grunder.

Décio é teimoso! Ninguém o convince de que a pintura decorativa tem a sua applicação especial, e que elle está enveredado em mau caminho. Que fazer? Está no seu sangue aquelle sentimento votado aos amores idyllicos, ás flores vaporosas. *Mais ça fait toujours plaisir aux dames*, dizia Prudhomme.

Pois bem; por amor ás damas seja sempre assucarado e vaporoso, e se quizer fazer da sua pessoa os objectos queridos de seus quadros, tome, duas vezes por dia, chá de petalas de violeta, nutra-se de nenuphars em calda, e suba ás nuvens duas vezes por semana. E' remedio infallivel..

Ah! ainda mais: leia o extase de Santa Thereza de Jesus.

Belmiro expõe um estudo—uma rapariga parisiense, vestida de azul marinho, chapéo de palha de grandes abas: colhe flores no campo.

Dizem os especialistas de molestias pulmonares que o ar do campo é salutar para os pthísicos; esqueceram-se os sabios de nos dizer se os aleijados obtêm curativo miraculoso em pleno campo, aspirando a fragancia dos prados.

A parisiense, de Belmiro, é aleijada dos braços, defeito que, de fôrma alguma, a impede de ser uma parisiense.

Tyrteo era côxo, e por isso não deixava de ser grego.

Eu prefiro a este estudo um quadrinho seu, em que um menino cabeçudo e em mangas de camisa, pausa para ser retratado. Sim, senhor; é bem *d'après-nature!*

Oú est Baron?!

O Vieitas metteu tanta cousa no salão que a gente não sabe onde ha de pisar. Columnas, banquetas, armações, biombo, estatuetas, molduras, tapetes, vasos, panoplias... por todos os lados, em toda parte.

E dizem que no meio d'essa multidão de productos industriaes e de objectos d'arte, está um Baron, original. Baron não é qualquer cousa como muita gente pôde julgar. E' um artista consciencioso, da nova geração franceza, que tem conquistado, com os seus quadros, uma reputação bellissima.

O original que se acha no salão Vieitas, atirado a um canto, entre oleographias e insignificantes gravuras, merecia alguma consideração, porque, realmente, é um *quadro*.

Desenho, colorido e estylo alli estão demonstrando um artista de merito, que será collocado entre os melhores do seu tempo e da sua escola.

GLACE ELEGANTE

Dois retratos a oleo por Oscar Pereira da Silva— Eu lhe aconselho todo o cuidado com os seus trabalhos. Procure, já que é artista, amar a sua arte, e fazer sympathico o seu nome. Quando tiver trabalhos do valor d'esses que ahi estiveram expostos, guarde-os na sua officina, em um canto em que não possam ser vistos por suas visitas.

As imprudencias teem feito muito mal a solidas reputações artisticas, e, por consequencia, imagine quanto damno não causarão áquelles que apenas principiam a fazer um pequenino nome.

ALFREDO PALHETA

GAZETILHA LITTERARIA

De Monteiro Ramalho, o elegante escriptor portuguez, collaborador d'esta folha e correspondente da *Gazeta de Noticias*, recebemos as *Historias da montanha*, cuja publicação annunciámos em tempo,

E' um livro de 254 paginas, nitidamente impresso em excellente papel, editado pelos Sr. Lugan e Genelioux, successores de Ernesto Chardron. Contem 34 *historias*—pois que assim chama o auctor aos seus bellos contos— das quaes a primeira, *Em wagon*, foi publicada nesta folha.

Monteiro Ramalho é um estylista. Trabalha a sua escripta com o cuidado e o amor de um verdadeiro artista.

Proximamente se occupará o director d' *A Semana* com as *Historias da montanha* em artigo especial e desenvolvido. Por hoje apenas recommendamos a sua leitura, transcrevendo em outro lugar uma das suas mais encantadoas peças—*Amor*.

A *Empreza Litteraria Fluminense*, de que é director o ex-jornalista portuguez Silva Lobo, concluiu a publicação d' *Os Miseraveis*, de Victor Hugo, bem traduzidos e bem impressos, publicação feita em 33 fasciculos. Foi uma excellente idea e d'esta reedição do assombroso romance do immortal genio francez.

Da traducção que havia, aliás excelente, feita no Maranhão ha muitos annos, mui poucos exemplares podem se encontrar. Fazia-se pois necessaria uma reedição d'essa obra. Fel-a a *Empreza litteraria* e da maneira a mais brilhante.

Continuando na sua faina edictora principiou agora a publicar, tambem em fasciculos, *Nossa Senhora de Paris*, o mais famoso romance de V. Hugo, depois d' *Os Miseraveis*.

Recommendamos aos nossos leitores estas publicações como as anteriormente feitas pela *Empreza Litteraria*.

Outras publicações muito recommendaveis:

Os heróes do trabalho, grande obra de Gastão Tissandier, vertida livremente e consideravelmente augmentada pelo escriptor portuguez Ricardo Jorge, acompanhada de muitas e boas gravuras. E' edictada pelos Srs. Alcino Aranha & C., do Porto; As *Memorias de Judas* por Petruccelli Della Gattina, edictora a casa Laemmert; e o *Gil Braz de Santilhana*...

Não... Esta já não precisa de recommendações.

Já está publicado o 4º numero dos «Serões de S. Miguel de Seide», do assombroso Camillo Castello Branco. Summario: «A Fidalguinha» (poesia), Carta aos «Serões de S. Miguel de Seide», Questões de vida e morte (III) e Visita a um azilo de criminosos alienados» Têm tido immensa procura os *Volcões de lama*, do mesmo auctor. A *Semana* espéra poder occupar-se proximamente com as admiraveis recentes produções do glorioso prosador portuguez.

O Caboclo e o Drama Novo

A respeito do nosso drama *O Caboclo*, dedicado ao eminente artista Vasques, entende o *Jornal do Commercio*, a *Gazeta de Noticias*, a *Gazeta da Tarde* e a *Evolução* que essa peça é inspirada no *Drama Novo*, de D. Manoel Tamayo, cujo pseudonymo é Joaquim Estebanez.

Os dois primeiros d'esses jornaes, aos quaes agradecemos reconhecidos as generosas e animadoras frases que nos dedicam, uzam, todavia, para sustentar semelhante affirmação, de palavras mais

ou menos delicadas e que em nada podem offender a nossa susceptibilidade de auctores; ao passo que os outros dous, esquecendo por um momento a sua reconhecida e habitual gentileza, servem-se das seguintes expressões em referencia ao nosso trabalho:

«O drama, diz a *Gazeta da Tarde*, tirou o seu entravamento de um outro hespanhol—*O Drama Novo*...»

«O drama é conduzido do mesmo modo que o de Estebanez.»

«A adaptção ao nosso meio foi boa.»

«Mas, nem por ser *calcado* sobre o outro...»

A *Evolução* vae mais longe e diz que o *Caboclo* é uma *imitação*, é uma *reprodução*, uma *parodia* e, emfim, que é *perfeitamente equal* ao *Drama Novo*.

Em resposta a tudo isto não oppomos por ora uma palavra, oppomos factos: o applaudido artista Dias Braga, a cujo cargo está a empreza do *Recreio Dramatico*, encarregou-se, a nosso pedido, de representar no seu theatro, o mais breve que lhe fôr possivel, o bello *Drama Novo* de Tamayo.

Será o publico quem decidirá, pelo seu proprio julgamento, se o *Caboclo* é *calcado* ou é *parodiado* d'aquella famosa peça hespanhola.

Ah! mas depois do confronto, quando estiver provado que o *Caboclo* não é o que dizem aquelles criticos, e sim uma obra original, como affirmamos; então, tenham SS. SS. paciencia, mas nós, usando dos nossos direitos, passaremos a criticar por nossa vez o que S. S. SS. avancaram a respeito do *Caboclo*, e procuraremos pôr a descoberto os mysteriosos phenomenos que determinaram tão estranha maneira de ver e de julgar um trabalho litterario.

E' preciso notar que nós, longe de nos revoltarmos contra a critica, aceitamos de braços abertos, desde que ella seja desapaixonada e justa, e tanto assim que só temos palavras de agradecimento para os outros jornaes que tractaram do nosso drama.

Igual dever nos assiste de enviarmos d'estas columnas um abraço ao Vasques, pedindo-lhe que o transmita aos seus companheiros de arte, que tomaram parte no *Caboclo*.

EMILIO ROUEDE.

ALUIZIO AZEVEDO.

ENFERMIDADES ESTYLISTICAS

DA

NOVA GERACÃO (1)

SUMMARIO — Os despojos de V. Hugo — Antropomorphismo litterario; hypertrophia da metaphora; perluxidade epithetica; excessos na amplificação; desproporção na antithese. — Desequilibrio psychico entre a fôrma e o pensamento; esbatimento exagerado na descripção; phrase causativa. Defeitos de metrica na linguagem. — Causas — Zola e Richepin. — Guerra Junqueiro e Ramalho Ortigão. — Seus representantes no Brazil.

(Continuação)

Sem ter-me deixado entrar no amago das minhas ideias, um distincto critico d' *O Paiz* interrompeu-me, achando contestaveis as proposições por mim emitidas relativamente a V. Hugo.

Em primeiro lugar, não pretendi combater a *hugolatria*; apreciei-a como um facto consummado, que teve sua razão de ser, em seu tempo. Em segundo, não confundi o temperamento do poeta da *Legenda dos seculos* com os de Lecomte, Baudelaire, Coppée e outros. Com effeito, cada um d'esses individuos tem seu character accentuado. Não

tomei o ponto de vista dos temperamentos; tomei sim o da *influencia educacional* ou de escola; coisa muito diversa. E todo o mundo sabe que os caracteres mais oppostos podem pelas circumstancias commungar á mesma mes.a. O que succede é que muitas vezes uma natureza visivelmente realista vê-se pela força do tempo a adoptar canones idealistas e vice versa.

Zola, por exemplo, aproxima-se mais de V. Hugo do que quem mais o possa ser. Entretanto os seus processos são inteiramente oppostos ao mestre.

Quando me referi a V. Hugo condensei nelle toda a ultima phase do Romantismo. Sobre o que não resta duvida é que por isso mesmo foi que esse poeta exerceu uma obsessão que ainda hoje actua no mundo; até num «poeta livre» de Inglaterra, o grande Swinburne.

Dirigi a minha attenção para aquillo que mais facilmente cae sob o dominio da observação commum—os effeitos de educação litteraria.

Eis tudo.

Continuando:

Dizia eu que ha quem pense que as épocas de decadencia são mais fertéis do que qualquer outra em engenhos. Não é sem fundamento que assim pensam certos criticos. Bourget, por exemplo, é de opinião que «os cidadãos de uma decadencia são inferiores como operarios da grandeza do paiz, mas é incontestavel a sua superioridade como artistas do interior de sua alma.»

«Pela palavra—decadencia, accrescenta elle, designa-se de ordinario o estado de uma cidade que produz um grande numero de individuos incapazes de trabalhos attinentes á vida commum.»

Para chegar a essa conclusão Bourget parte da theoria que considera a sociedade como um organismo, resolvendo-se em uma felleção de organismos menores, que por sua vez resolvem-se em uma felleção de células.

«O individuo, continúa o mesmo, é a cellula social. Para que o organismo total funcione com energia, é necessario que os organismos componentes funcionem tambem com energia, mas subordinada; e para que estes organismos menores funcionem com energia, é necessario que as células componentes do mesmo funcionem mas com energia subordinada. Se a energia das células liberta-se, os organismos que compõem o organismo total cessam parallelamente de subordinar sua energia á energia total, e a anarchia que se estabelece constitue a decadencia do conjuncto. O organismo social não escapa a esta lei, e elle entra em decadencia immediatamente que a vida individual se exaggerou sob a influencia do bem estar adquirido e da hereditariadade. Uma lei igual governa o desenvolvimento e a decadencia d'este outro organismo que se chama linguagem. Um estylo de decadencia é aquelle em que a unidade do livro se decompõe para deixar logar á independencia da pagina, em que a pagina se decompõe para deixar espaço á independencia da phrase, e a phrase á independencia da palavra.»

O conceito é mais que verdadeiro, e resulta do proprio methodo dos mestres da critica contemporanea.

Se, por exemplo, manusearmos os 2º e 3º volumes da *Historia da Litteratura Romana* de S. Teuffel, veremos como e porque a decadencia que se seguiu ao imperio foi mais propicia do que o proprio seculo de Augusto ao appare-

cimento de homens como Tacito, Juvenal, Lucrecio, porventura as organizações litterarias mais energicas que nos apresenta a antiguidade, sem excepção mesmo da Grecia.

O phenomeno mais curioso que ha a observar nesses periodos é o desenvolvimento da litteratura *poissarde*, ao lado dos productos verdadeiramente geniaes, e a difficuldade que o vulgo encontra em, dadas certas circumstancias, distinguir o falso do verdadeiro.

Nestas condições, a litteratura que se tornou classica divide-se em formas divergentes, do mesmo modo que as linguas, cujo desenvolvimento as acompanha. Vem-se então tres especies de auctores que se cruzam em suas pretensões diversas e formam uma dissonancia ás vezes horrivel:—o erudito rhetorico, que mantem os canones intactos; os independentes, que tem força para agitar-se nesse meio dissoluto, sem perderem a inspiração, nem as verdadeiras tradições; finalmente os indisciplinados, que, fora de qualquer regime, mas destituídos de orientação, atiram-se com sua mediocridade atraz de um jargão sem nome, immodesto e detestavel. As obras d'estes ultimos pullulam e afogam o seculo.

Quando tomei V. Hugo como ponto de partida para a apreciação da nova phase litteraria do occidente foi justamente convencido de que nenhum poeta mais do que elle, em seu tempo, teve qualidades e viveu em condições para exercer em tamanho grau uma absorção capital. De 1830 para cá, pois, o auctor dos *Chatiments* é todo o Romantismo, até mesmo com suas evoluções parciais.

A grande orchestra litteraria foi regida por esse mestre dos mestres. Nunca conseguiram arrancar-lhe a batura da mão; e se alguns instrumentos novos e dissimulantes se insinuaram sob o seu regime, acaso passaram despercebidos para uns e detestados para outros.

O seu prestigio durou de mais, e até prejudicou a expansão de verdadeiros genios.

Sobra de razão teve, portanto, Zola em consideralo um rochedo posto no meio da estrada a embaraçar as aspirações da nova geração.

É—coisa extranha!—morreu o grande homem e ainda influe! Litterariamente falando, já elle tinha morrido havia muitos annos, desde que começara a escrever a *Arte de ser avô*, e no entretanto o cadaver d'esse velho, como o do Antar da lenda arabe, em pé, encostado ao seu cavallo Abjir, junto á entrada do desfiladeiro, continúa ao longe os beduinos que á tração o haviam ferido, até que a formosa esposa houvesse chegado a salvo á tenda de seus paes.

Hugo, ferido pelas settas envenenadas de Darwin, conserva-se, não obstante, de pé, impedindo que a sua musa, a musa do Romantismo, fosse conspurcada á sua vista.

Aproximam-se agora do desfiladeiro os audazes beduinos. Tomba o esqueleto; mas ainda assim ha um pavor inspirado por este grande morto.

Mas, em summa, em que consistiu a lingua falada por este divino?

Definil-a-ei em duas palavras.

V. Hugo pertencia pela raça e pelo temperamento á ordem dos prophetas, isto é: tinha uma natureza capaz de todas as intuições, mas impotente para o mínimo esforço de analyse.

Nunca o auctor da *Legenda dos seculos* conseguiu verificar suas ideias, uem abandonal-as e tornar a chegar a ellas pelos processos da observação. A consequencia necessaria d'isso foi que,

desde o momento em que a sua alma chegou ao maior grão de intensidade possível, o homem, não achiando a explicação dos phenomenos que se passavam na camara escura do pensamento, tirou uma conclusão!

— Eu sou um inspirado!

É inutil dizer o que foi este homem na segunda parte de sua vida. Não ha quem não tenha assistido ás suas missas pontificaes.

Essas ceremonias, ou antes—a publicação de suas obras, não consistiam senão na exhibição colossal das cores e das riquezas prismaticas que o seu genio inconscientemente cõlhêra em viagens mentaes diversas, através da Biblia, do Oriente, da Edade Media etc., etc.

Tudo quanto de rico, grandioso, monstruoso e abstruso se encontra nestas provincias do pensamento, seu espirito agglutinou e polarisou, depois de filtrado pela amplificação e pela metaphora.

(Continúa.)

ARARIPE JUNIOR

PAGINAS ESQUECIDAS

O SONETO

Ao nosso amavel assignante R. de V. agradecemos a feliz lembrança de nos remetter uma copia do bello soneto em que Sainte-Beuve fez, ha não poucos annos, a apologia do soneto, que Boileau chamava com razão um longo poema, quando bem feito. Eil-o:

Ne ris point des sonnets, ó critique moqueur:
Par amour autrefois en fit le grand Shakspeare;
C'est sur ce luth heuroux que Peirarque soupire,
Et que le Tasse aux fers soulage un peu son cœur;

Camoens de son exil abrève la longueur.
Car il chante en sonnets l'amour et son empire;
Dante aime cette fleur de myrte, et la respire,
Et la mêle au cyprès qui ceint son front vainqueur.

Spenser, en revenant de l'île des fées,
Exhale en l'ings sonnets ses tristesses chères;
Milton chantant les siens rani-tait son regard;

Moi, je veux rajourir le doux sonnet en France:
D'ailleurs, le premier, l'apporta de Florence.
Et l'on en sait plus d'un de notre veux Ronsard.

SAINTE-BEUVE

THEATROS

O CABOCLO

Em beneficio do Vasques deu-se terça feira no Sant'Anna a primeira representação d'*O Caboclo*, drama em 3 actos, original dos Srs. Aluizio Azevedo e Emilio Rouede.

Por já o terem feito as folhas diarias, dispensamo-nos de relatar aqui o entreticho da nova peça dos festejados auctores dos *Venenos que curam*. Diremos somente do seu merito litterario, que, entretanto, não pôde ser devidamente apreciado numa simples noticia.

O naturalismo no theatro é uma das maiores aspirações da litteratura moderna, aspiração difficilima de realizar

por estar o theatro singularmente preso a convenções e porque as platéas, ávidas de emoções violentas, de floreios de linguagem e de tropos imaginosos e guindados, a que as habituou a litteratura romantica, recusam aceitar como a mais elevada expressão da arte a calva realidade fria da verdade.

Ora como na comedia da vida o drama não é mais que um accidente; quem quizer ser verdadeiro no theatro não pôde fazer quatro ou cinco actos de scenas emocionaes, cheias de transportes e de explosões de paixão. Zola conseguiu muito com *Therexa Raquin*, mas não conseguiu tudo. Das peças modernas, a que, a nosso ver, realiza com maior exactão esta aspiração do naturalismo é a *Frou-Frou* de Meillac e Ilalovy. Perfeitamente; no meio da comedia simples da vida surge inesperadamente o drama, determinado por circunstancias occasionaes e justificado logicamente pelo desenho previo dos caracteres em acção, pela estuda da fatalidade dos temperamentos e pelos vicios da educação. *Frou-Frou* é o modelo mais acabado e mais perfeito d'este genero de peças, embora se diga que os auctores, ao escrever aquelle primor, não tiveram intenções naturalistas. O mesmo aconteceu a Gustavo Flaubert com *Mme. Bovary*.

O *Caboclo* é uma peça sem pretensões. Os auctores, embora apresentassem personagens verdadeiros, não se preocuparam com estudos de caracteres. A preocupação unica é a da crise do drama, e o desenlace final é preparado desde as primeiras scenas; a acção é puramente episodica e não determinada pelo temperamento dos personagens. Ha, porém, em toda a peça um largo sopro de verdade, e nalgumas scenas os auctores revelam as suas excellentes qualidades de observadores; principalmente no primeiro acto, na scena entre o caboclo e Luiza, e, no segundo, entre Luiza e Quiteria, que é realmente primorosa.

O que tambem é muito para notar e louvar é a maneira nova que os auctores descobriram para fazer saber ao marido o adulterio da mulher. Para isso foi aproveitado com muita felicidade, depois de passado pela peneira imitativa de Virgilio Gonçalves Dias, o episodio grego de Stratonicia. A scena é de um effeito imprevisito, inteiramente novo em theatro e bellissimo; esta scena dá ao *Caboclo* um grande valor e revella a um tempo a habilidade dos auctores e o cuidado que empregaram no tractamento do assumpto capital da peça. São egualmente muito bem aproveitadas no terceiro acto as scenas do *Othelo*, postas em acção na realidade, pela identidade da situação do caboclo com a do tragico moiro de Venezia, cujo papel elle tinha de representar nessa noite no theatriinho particular da fabrica do patrão.

As folhas diarias disseram—umas que *O Caboclo* é calcado, outras que é imitado, e ainda outras que é parodiado do *Drama Nuevo* de Estebanez.

Devemos dizer que não conhecemos o *Drama Nuevo*; mas pelo que d'elle sabemos parece-nos poder affirmar que não ha entre as duas peças a menor afinidade. Em todo caso, como a peça hespanhola vae ser brevemente representada no Recreio Dramatico, o publico verá se houve justiça naquelles assertos da imprensa diaria.

O que podemos assegurar sem ambages é que *O Caboclo* é um bello drama, e que ha nelle muita verdade, muito boas situações, e que é um grande passo dado pela nossa litteratura dramatica no anfractuoso terreno do naturalismo no theatro.

Aos applausos que o publico e nos

demos aos auctores na noite da primeira representação, ajunctamos agora as nossas cordiaes e sinceras felicitações pelo seu bonito e valioso trabalho.

Agora o desempenho.

A joven actriz Dolores tem no papel de Luiza talvez o melhor do seu repertorio.

Difficilmente haverá quem faça aquelle papel com mais simplicidade e mais naturalidade; o typo é magnificamente sustentado desde o começo até o final; sendo verdadeiramente notavel a entrada do terceiro acto, antes da conversação rapida com Flavio, enquanto Luiz, occulto atraz dos bastidores, assiste á prova do crime da esposa; é tambem de uma grande felicidade o gesto a um tempo de terror e de supplica, de imploração e de pavor, na scena ultima com Luiz, quando recua até ao estrado em que vae ser estrangulada.

Isabel foi tambem muito feliz no papel de D. Quiteria.

Lisboa fez com distincção e uma apreciavel sobriedade o papel de Virgilio Gonçalves Dias, typo que os auctores cuidaram muito e que sahio verdadeiramente bom.

Mattos e Phebo, tiveram scenas muito boas, e o primeiro sustentou sempre com graça e naturalidade o papel de Domingos Alves.

Mesquita, no papel de Flavio, sempre muito duro e muito secco; é um rapaz bem aproveitavel se conseguir um dia dar mobilidade ao rosto inflexivel e inexpressivo.

Os demais, feitos por Silva, Athaide e André, são muito insignificantes.

Muito propositalmente deixamos o Vasques para o fim d'esta noticia. E' já muito sabido que os ultimos são os primeiros. E bastaria, para fazer o seu elogio, dizer-se que elle, o grande comico, conseguiu emocionar vivamente a platéa numa scena tragica. Resumiremos dizendo que o que nos impressionou peor foi a sua attitude na scena do terceiro acto entre Luiz, Virgilio e os dois *biloutras*, quando o caboclo já depois de vestido tem de ir fazer o *Othelo*; e que o que mais nos agradou foi a primeira scena tragica com Luiza, tambem no terceiro acto, e a scena anterior com Flavio. Vasques revellou neste difficil papel, não o comprometendo, todos os recursos do seu grande talento artistico e todos os conhecimentos da sua arte. Se o caboclo não é um papel perfeito, é todavia notabilissimo, attendendo-se a que Vasques é um actor comico, baixo comico, talhado para os papeis burlescos. Conseguir nessas condições uma esplendida ovação como a que Vasques teve na noite da sua festa, é sem duvida conseguir muito e o extraordinario artista deve estar satisfeito.

Nós apertamos lhe effusivamente a mão.

Abdon Milaez, o inspirado auctor da musica da *Donzella Theodora*, está escrevendo uma marcha para a grande festa que a imprensa vai effectuar em beneficio do Asylo dos meninos desvalidos.

Foi muito boa a ultima ascensão do Capitão Martinez no seu balão *Relampago*. Com elle subio a actriz Anna Leopoldina, que mostron muita intrepidez, e que estava esplendidamente vestida de Mephistopheles.

O Capitão Martinez já está em S. Paulo, onde fará algumas ascensões.

Vamos ter um horror de beneficios.

No dia 12 é no Lucinda, o de Rosa Villiot. O programma está por enquanto em ségreo, mas dizem sér maravilhoso e cheio de surpresas.

No dia 15 é, no mesmo theatro, o do grande Peixoto.

E' no dia 16 o do estimado actor Phebo, no Sant'Anna. Representa-se a *Mulher-Homem*, onde Phebo tem um papel muito apreciavel.

No mesmo dia 16 faz tambem beneficio, na Phenix Dramatica, o actor Teixeira, um rapaz de bastante habilidade, que se acha muitissimo doente. Representa-se *Os Milagres de Santo Antonio*, a comedia *O Diabo atraz da porta*, e a Sra. D. Luiza Leonardo canta uma cançõneta comica.

O *Babolin* está annunciado no Lucinda para a semana proxima.

Já chegou a grande companhia coreographica do Ferrari. Deve estrear brevemente.

O *José do telhado* vae ser hoje substituido no Recreio pela comedia franceza *Ver para crer*.

Deu-se hontem no Sant'Anna a recita dos auctores da *Donzella Theodora*, Arthur Azevedo e Abdon Milanez.

Foi uma bonita festa.

P. TALMA.

MORTO

Fuerte e frio, sem calor, gelado,
Repousa no meu peito o coração,
Que tanto soube amar...
Ha muito que eu o sinto amortalhado
Num manto d'indifferença, e desde então
Deixei-me de sonhar.

Mas qual um outro Lazaro, criança,
Talvez resuscitasse o pobresito
A uma vida melhor,
Se a doirar-lhe este leite de granito
Lhe mandasses um raio só d'esperança,
Um raio só de auor...

Porto, 1886.

ALBERTINA PARAIZO

AMOR

(DO NOVO LIVRO « HISTORIAS DA MONTANHA »)

Era a hora em que o ar está penetrado de perfumes embriagantes, e em que pelos caminhos andam nuvens tremulas e diaphanas de microscopicos insectos, dansando na luz amortecida. Perto de sumir-se, gloriosamente, o sol

espallava pelas encostas verdejantes infinitas prodigalidades d'um ouro tenue, e ia ao longe ferir no rio manso e limpido estranhos effeitos de joalheria divina, onde a saphyra, o topazio, e a transparente esmeralda se atropellavam raivosamente, n'uma louca rivalidade de deslumbramentos. No céu iam já surgindo debilmente umas tintas esparsas d'acafrão, e a terra afogueada via bem, sob a pompa flammeante e triumphal do sol, que aquelle era o seu ultimo e delirante espasmo de prazer. Entretanto, a passarada feliz ostentava-se pelo espaço em esvoaçamentos convulsos, o gaio berrava pelos pinheirões silenciosos arrenegadamente, e uma voz distante, fresca e intensa atravez da voluptuosa serenidade das cousas, garganteava a largo folego uma cantiga amorosa.

Esperando pacientemente a sua namorada, sentado sob uma grande carvalheira arredondada e cicante, o Silverio audacioso afagava com delicia a idéa irritante e consoladora de lhe furtar traiçoeiramente um primeiro beijo saboroso.

A immensa fogueira do sol ia-se tornando sanguinolenta, e do rio tinham já desaparecido gradualmente os espelhamentos maravilhosos, enquanto que pelo fundo do estreito valle subia a sombra, ligeiramente brumosa, e um grosseiro cabeça começava a ataviar-se galantemente de vaporosas côres de rosa.

Enfão a Rita, uma bella rapariga de cabellos negros, vivas côres sadias e seio opulento, chegou inesperadamente ao pé da carvalheira; e o Silverio, despertando, ancioso, precipitou-se vorazmente ao encontro d'ella, segurou-a com uma foga brutalidade, apertando-a contra o peito, e pregou-lhe demoradamente o desejado beijo na face rubra de surpresa e de revolta,—ao mesmo tempo que o sol no horisonte, abraçado n'uma concupiscencia, pousava soffregamente os labios de fogo sobre a nuca virginal da montanha.

MONTEIRO RAMALHO.

SAUDADE

De ti fala-me a brisa suspirosa
Na ramagem sombria que balança;
Ouço-te a voz sentida, dolorosa,
Como no dia da fatal mudança.

Vejo-te a imagem; siga-a—luminosa
Apparição divina, que me lança
Entre nuvens purissimas de rosa,
Phantastica visão de uma esperança.

Tudo de ti me fala: o vento em côro,
Das ondinas tristissimas o choro,
Postas á margem tresca da lagóa...

A dor desta saudade me consome.
Cantam as aves o teu doce nome,
Teu doce nome aos meus ouvidos sóa.

ISABEL DO SOUTO

SPORT

Com bastante animação e extraordinaria concurrencia realiso o Derby-Club no domingo passado a primeira corrida d'este anno, apresentando-nos um esplendido programma composto de animaes superiores e novos, tanto nacionaes como estrangeiros, que pela

primeira vez iam mostrar as suas forças.

Alguns pareos que eram importantes e muito duvidosos; não só pelo tiro como pela egualdade das forças dos animaes, perderam um pouco o merecimento, devido exclusivamente á falta sensível de parceiros que nelles se tinham inscripto.

Na verdade, divergimos inteiramente da opinião do nosso collega d'O Paiz que manifestou completa indiferença de não ter influido absolutamente a falta de animaes superiores, como Damietta, Coupon, Nana, Gladiador, Cheapside e Pery, reconhecidos parceiros superiores em tiros especiaes, na realisação e embellesamento do programma que inquestionavelmente soffreu abalos sensiveis com a ausencia d'estes animaes de puro sangue.

Apreciadores de corridas bem disputadas, como somos, não podiamos deixar de sentir a falta de animaes superiores que alterariam indubitavelmente o resultado de muitos pareos.

Eis o soluçào d'elles:

No 1º pareo (1000 metros) correram Remember, Guacho e Reporter, bonito meio sangue, sahiu facilmente vencedor em 72 segundos, seguido por Guacho. Remember fez triste figura, pareceu-nos ter mancado durante a corrida.

No 2º pareo (1000 metros), dos sete animaes inscriptos apenas correram Phrynéa, Swamp e Charybdes que percorreu facilmente o tiro em 64 segundos, seguida por Swamp. Phrynéa ficou parada.

Havendo, como de costume, grandes reclamações, injustas todas as vezes que se dão factos d'esta ordem, que são naturalmente susceptiveis de acontecer, deliberou o conselho dos juizes reunir-se e julgar nulla a corrida.

Não queremos ter a pretensão de sermos melhores juizes, mas em todo caso, declaramos sinceramente ter sido urca resolução, apezar de bem intencionada, prejudicial para a sociedade, que se verá na necessidade de annullar uma corrida, sempre que um animal favorito ficar na partida, precedente este que trará serias consequencias para o futuro.

Supponhamos o contrario: Phrynéa sahe vencedora. Charybdes fica parada: eis a corrida valida, por não haver tumultos e reclamações do povo e não ser animal favorito. Não habituemos o povo a ser o que, justamente, não pode e não deve ser...

O 3º pareo (1450 metros) foi disputado por Peralta, Catana, Pretoria, Dinorah, Africa e Guanaco que venceu em 104 segundos sem grande difficuldade. Chegou em 2º logar Africa. Lucifer e Bayocco não correram.

Os 1450 metros do 4º pareo foram disputados por Talisman, Sans-Souci e Sylvia II que bateu com facilidade os seus competidores, percorrendo o tiro em 99 segundos. Coube o 2º logar a Sans-Souci. Talisman fez má figura por não estar apurado. Pery não correu.

No 5º pareo (1450 metros) sahiu vencedora em 98 segundos Sibylla, tendo soffrido um pequeno susto que pregou-lhe Diva (montada por Hinds) obrigando-a a esticar-se. Carmen continua a dar desgostos a seu proprietario.

No 6º pareo (1609 metros) correram Malstron, Bolivar, Taillefer e Creusa, que deixando-se ficar de alcance e aproveitando a terrível lucta que travaram Bolivar e Taillefer, conseguiu ao virar a recta de chegada travar nova lucta com o valente Taillefer e sahir vencedora em 106 segundos, contra a espectativa geral, mostrando ser um animal superior e de futuro. Coube o 2º logar a Taillefer. Malstron não se esforçou

por ter mancado durante a corrida. Damietta não correu.

O ultimo pareo (1000 metros) foi ganho com toda a facilidade pelo veloz Aymoré, em 72 segundos, seguido de Savana. Zaire ainda d'esta vez não quiz atirar ao alvo. Tambem correram Serodio, Pampeiro, Didi, Verbena e Zizaina.

Realisam-se amanhã corridas no Prado Villa Isabel. E' de esperar grande concurrencia, pelo esplendido programma que deverá atrahir muitos diletantes.

Chamamos a attenção dos amadores para a nossa ultima pagina, onde encontrarão o excellente programma, que necessariamente é digno de nelle se palpar a vontade. Meditem, pensem, estudem e acertem. Eis o que desejamos.

L. M. BASTOS

O ENFERMO

Para o triste doente a chaven de salsaparilha com leite, que todas as manhãs lhe trazia á cama a carinhosa esposa, tinha o mesmo aspecto cruel que poderiam ter antigamente para o supplicado os instrumentos de tortura da Inquisição.

E se fosse só aquillo! mas era tambem o sublimado corrosivo, e mais o xarope de Ricord... enfim, o diabo em pilulas, em xaropadas, em unguentos, em mil formas enfastiantes! Mas como tudo isto era-lhe ministrado para que lhe voltasse a saude, que remedio se não resignar-se?!

Causava horror o vel-o!

Um dia, para desentorpecer as pernas, sahiu a dar um pequeno passeio, e, ao passar em frente á Alfaiataria Estrella do Brazil, á vista do aspecto imponente da grande officina, lembrou-se de entrar e mandar fazer um terno de casimira. Em boa hora o fez, pois que desde que enfiou no corpo a fatiota, que ficou-lhe ao pintar, começaram a desaparecer-lhe as empignas, o rheumatismo que lhe roia os ossos, enfim, uma bella côr rosada substituiu-lhe a cor oleosa do rosto escaveirado e elle tornou-se inteiramente outro homem, com um appetite capaz de engulir um boi pelas galhadas.

Depois d'isto acho que não andará mal avisada a Junta de Hygiene se aconselhar aos doentes que mandem aviar as receitas de seus medicos na bem conhecida Alfaiataria e se aconselhar aos medicos que formulem assim as receitas para os seus doentes:

TOME

Uso externo:
Soluçào de cheviot—quanto baste para cobrir um par de gambias.

Emplasto de casimira inglesa com 6 botões—á formula—para comprimir o thorax.

Elasticotina. 1 metro e tanto.

Botões. 30

Misture, e enfe o terno.

DR. FULANO

Experimente, quem precisar, da receita e verá que não o enganou o

BARÃO RÉCLAME

FACTOS E NOTICIAS

OLEO VELOCIFERO PARA MACHINAS
Do Sr. J. J. G. Borlido, fabricante, recebemos uma lata do Oleo Velocifero de sua invenção, destinado á lubrificação de machinas.

Não tivemos ainda occasião de fazer experiencia d'este novo producto da industria nacional, que, entretanto, nos parece excellente, pela sua cor brilhante e qualidades unctuosas.

Accresce que o Sr. Borlido vende o seu oleo por preço inferior ao dos productos congêneres estrangeiros.

Ao digno fabricante agradecemos a lata com que nos presenteou, e, depois de procedermos á necessaria experiencia, daremos a nossa opinião.

O «PACHIDERME»

Os Srs. Roude e Aluizio levaram antehontem a algumas folhas diarias, inclusive o *Jornal*, a seguinte declaração, que foi hontem publicada na secção paga das ditas folhas:

«O CABOCLO» E «O DRAMA NOVO»

A nosso pedido, a empresa dramatica dirigida pelo applaudido actor Dias Braga vai levar á scena do seu theatro, com preferencia a outra qualquer peça, *O Drama Novo* de Manoel Tamayo.

Assim crenos ter respondido á *Gazeta da Tarde* e á *Evolução*.

Veja-se na *Semana* de amanhã o artigo que ahí apparecerá com o mesmo titulo d'este.

EMILIO ROUDE.
ALUIZIO AZEVEDO.»

Sabem o que fez o *Jornal*, o famigera dissimó *Pachiderme*? Publicou a declaração, mas cortando-lhe o ultimo periodo, sem o consentimento dos auctores d'ella. Nem mesmo nos *A pedidos* consente o bruto que se faça uma referencia á *Semana*, a não ser para offendel-a.

Naturalmente achou aquillo *réclame* e não quer fazer-nos *réclame* nem nos *A pedidos*!

Como é pequenino este immenso mastodonte!

RECEBEMOS

— Dos Srs. H. Nicoud & C., os activissimos e pontualissimos agentes de jornaes estrangeiros: *La revue bleue*, de 20 de março, e *Le Printemps* e *Le salon de la mode*, de 16 de abril aquelle e de 10 de abril—este. Isto é que é andar ligeiro! Quem quizer ler hoje os jornaes de depois d'amanhan dirja-se au *Petit Journal*.

— *Casuarinas*, poesias de C. A. Miller. Depois falaremos.

— *Corriere di Roma*. Dezembro, 36. Este numero é todo em honra á Duse-Chechi—homagem brilhantissima a este scintilante talento dramatico—cujas encomios deveriam ser feitos com uma adjectivação tecida de fagulhas de estrellas, coruscações de sóes e purpuras de alvoradas. Vem enriquecido de finas gravuras, representando a sublime artista nos papeis com que tem maravilhado as platéas dos paizes que tem tido a ventura de fitar, deslumbrados, est: brilhantissimo astro do palco. Traz, alem de bellos trechos em prosa e de varios sonetos primorosos, uma esplendida e longa poesia de G. A. Casario, intitulada: *Alla Duse*.

Nós, que já sentimos a delicia de sua voz enthusiasadora e sympathica, possuimos de verdadeiro jubilo vendo os lo ivores moreldissimos com que a luminosa Roma aureolou o nome de sua dilecta e insigne artista. Nunca é demasiado o preito que se rende ao verdadeiro genio.

ANNUNCIOS

Portuguez, francez e Inglez
— Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

CLUB BEETHOVEN

ACADEMIA DE MUSICA

A directoria do Club Beethoven pelo presente faz publico que, attendendo á conveniencia de alargar-se a esphera da arte musical e de dar maior impulso ao estudo e á execução das composições dos grandes mestres antigos e modernos, resolveu abrir um curso gratuito, no edificio do Club, com o titulo de *Academia de Musica*, para alumnos, que de outro modo não possam adquirir uma educação sa e solida de musica.

Esta Academia, modelada pelas da Europa, fica sob a direcção do Sr. R. J. Kinsman Benjamim, vice-presidente e director dos concertos do Club, auxiliado pelo corpo docente abaixo mencionado.

Os Srs. paes, que quizerem matricular os seus filhos, devem dirigir-se pessoalmente ou por escripto ao mesmo Sr. director, que lhes fornecerá as explicações necessarias.

Não se requer nenhum estudo anterior de musica. Os alumnos devem ser do sexo masculino, maiores de 9 annos, e possuir o ensino de primeiras letras.

A data da abertura das aulas será annunciada.

Os alumnos terão entrada livre em todos os concertos do Club.

A matricula fica aberta desde o dia 10 do corrente em diante, das 8 ás 10 da noite, na secretaria do Club—n. 62, rua da Gloria.

CORPO DOCENTE

Aula de violino.....	Sr. Otto Beck.
» de viola.....	» Luiz Gravenstein.
» de violoncelo.....	» Frederico Nascimento.
» de contrabaixo.....	» J. Martini.
» de piano-forte.....	» Arthur Napoleão.
» » »	» Alfredo Bevilacqua.
» » »	» J. Queiroz.
» » »	» R. Eichbaum.
» » »	» P. Faulhaber.
» » »	» A Nepomuceno.
» de flauta.....	» Aug. Duque Estrada Meyer.
» de clarineta e fagote.....	» Domingo Miguel.
» de trompa.....	» J. R. Cortes.
» de acompanhamento.....	» A. Lebreton.
» de canto.....	» Gustavo Morretti.
» de solfejo.....	» J. R. Cortes.
» de composição, harmonia e contraponto.....	» Leopoldo Miguez, V. Cernicchiaro e Paul Faulhaber.
» de quartetto, cõro e ensemble.....	» Otto Beck.

Rio de Janeiro, 3 de Abril de 1886—C. de Ninimbu Junior, 1º secretario.



OLEO VELOCIFERO

cuidadosamente preparado de substancias puramente animaes para ser usado no machinismo o mais delicado, como podem certificar os innumerados estabelecimentos que d'ella fazem uso. Preço rezumido em relação a todos os outros conhecidos. Depois de experimentadas e reconhecidas as suas vantagens, será geralmente preferido a qualquer outro.

Limitando o nosso interesse a uma modica commissão, os preços dos demais generos que constituem o nosso ramo especial de negocio são extremamente vantajosos, podendo garantir que, em egualdade de circumstancias não temos competidor.

DEPOSITO GERAL

21 Rua do Rosario 21

PHENIX DRAMATICA

EMPRESA DRAMATICA—DIRECÇÃO SCENICA

DO
ACTOR GALVÃO

HOJE

Sabbado, 10 de Abril de 1886

GRANDE SUCCESSE

9ª representação da grandiosa peça sacra em quatro actos e oito quadros, toda ornada de musica, visualidades, tramoias, de Braz Martins, intitulada

OS MILAGRES

DE

SANTO ANTONIO

TOMA PARTE TODA A COMPANHIA

Scenarios, vestuarios e adereços tudo novo e deslumbrante. Coros a 80 vozes. Marchas e harmonias ensaiadas a capricho pelo maestro Celestino.

Numeroso pessoal de comparsaria sob a direcção do Sr. Basilio.

Toda a imprensa é unanime em elogiar o desempenho e o luxo com que achase montada esta peça.

PREÇOS—Camarotes 6\$; cadeiras numeradas, 1\$; entradas geraes, 500 rs.

Às 8 horas da noite

Amanhã, domingo, 11 de Abril.

10ª REPRESENTAÇÃO DE

OS MILAGRES DE SANTO ANTONIO

PRADO VILLA-ISABEL

PROGRAMMA

DA QUINTA CORRIDA A REALISAR-SE

DOMINGO 11 DE ABRIL DE 1886

AO MEIO DIA EM PONTO

Primeiro pareo—CRIADORES 1.450 metros—Animaes de meio sangue, até 3 annos—Premios: 200\$ ao primeiro e 60\$ ao segundo.

Ns.	NOME	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Verbena.....	Castanho	3 annos	R. de Janeiro.	46 kilos	Ouro e faixa.....	Coul. Santa Cruz.
2	Didi.....	Pampa.....	3 »	S. Paulo.....	48 »	Azul e encarnado.....	Carlos Coutinho.
3	Buchinha.....	Castanho.....	3 »	Idem.....	46 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
4	Sultão.....	Libuno.....	3 »	Minas Geraes	48 »	Grena te manchas azues....	J. F. Vaz.
5	Guacho.....	Chita.....	2 »	R. G. do Sul.	45 »	Preto, branco e bonet azul.	A. M.
6	Celta.....	Zaino.....	3 »	Paraná.....	48 »	Azul e ouro.....	R. da Silva.

Segundo pareo — ENSAIO — 1.450 metros — Animaes nacionaes até 3 annos, que ainda não tenham ganho—Premios: 400\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo.

1	Catana.....	Douradilho..	3 annos	S. Paulo.....	46 kilos	Geranium e ouro.....	J. W.
2	Aurora.....	Alazão tost...	3 »	Idem.....	46 »	Vermelho.....	Coud. Ypiranga.
3	Araby.....	Alazão.....	3 »	R. de Janeiro.	48 »	Ouro e encarnado.....	D. A.
4	Carmen.....	Idem.....	3 »	S. Paulo.....	48 »	Azul e grénat.....	H. O.
5	Scalchi-Lolli.....	Zaino.....	3 »	R. de Janeiro.	46 »	Ouro, encarnado e faixa....	D. A.
6	Peralta II.....	Castanho	3 »	Paraná.....	48 »	Preto, branco e encarnado..	C. P.

Terceiro pareo — EXPERIENCIA — 1000 metros. Eguas de qualquer paiz—Premios: 500\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo.

1	La Linda.....	Castanho	5 annos	Rio da Prata.	58 kilos	Geranium e ouro.....	J. V.
2	Pansy.....	Zaino.....	2 »	Idem.....	48 »	Cereja, verde e amarello...	R. M.
3	Victoria.....	Idem.....	2 »	Inglaterra....	48 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
4	Françoise.....	Alazão.....	4 »	França.....	56 »	Encarnado e preto.....	Oliv. Junior & Lopes.
5	Madama.....	Castanho.....	3 »	Idem.....	53 »	Azul, branco e encarnado..	Cruzeiro.
6	Charybades.....	Idem.....	3 »	Inglaterra....	53 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.

Quarto pareo — ANIMAÇÃO — 1.450 metros — Animaes nacionaes até meio sangue—Premios: 500\$ ao primeiro e 130\$ ao segundo.

1	Africa.....	Preto.....	7 annos	Paraná.....	53 kilos	Encarnado, branco e ouro..	L. N.
2	Nicoafi.....	Castanho	3 »	Idem.....	50 »	Azul e branco.....	J. & P.
3	Guanaco.....	Alazão.....	5 »	Idem.....	54 »	Vermelho.....	Coud. Ypiranga.
4	Bitter.....	Preto.....	4 »	S. Paulo.....	51 »	Azul e grénat.....	H. O.
5	Alteza.....	Libuno.....	5 »	Idem.....	53 »	Encarnado e preto.....	Oliv. Junior & Lopes.
6	Zaire.....	Gateado.....	4 »	Paraná.....	43 »	Encarnado e azul.....	J. C.
7	Aymoré.....	Castanho.....	5 »	S. Paulo.....	53 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
8	Mandarim.....	Rosilho.....	3 »	Idem.....	50 »	Grénat e manchas azues....	Coudelaria Paraizo.

Quinto pareo — SUBURBANO — 1.609 metros — Inteiros e eguas de qualquer paiz — Premios: 1:000\$ ao primeiro e 300\$ ao segundo.

1	Neva.....	Castanho	3 annos	França.....	51 kilos	Verde e amarello.....	Coul. Independencia
2	Françoise.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	52 »	Encarnado e preto.....	Oliv. Junior & Lopes.
3	Coupon.....	Idem.....	3 »	Idem.....	51 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
4	Bolívar.....	Castanho	6 »	Idem.....	61 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
5	Gaudriole.....	Idem.....	3 »	Idem.....	43 »	Havana e branco.....	Idem.
6	Dr. Jenner.....	Zaino.....	3 »	Rio da Prata.	49 »	Grénat e ouro.....	Coud. Luso-Platense.

Sexto pareo — METROPOLITANO — 1.800 metros—Inteiros e eguas nacionaes—Premios: 800\$ ao primeiro e 200\$ ao segundo.

1	Macaréu.....	Alazão.....	4 annos	S. Paulo.....	51 kilos	Azul e ouro.....	Coudelaria S. Cruz.
2	Sans-Souci.....	Castanho.....	5 »	Minas Geraes	51 »	Azul e grénat.....	H. G.
3	Tatiman.....	Alazão.....	6 »	S. Paulo.....	56 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
4	Sylvia II.....	Alazão tost...	4 »	Idem.....	53 »	Idem.....	Idem.

Setimo pareo — VILLA-ISABEL — 1.000 metros — Inteiros e eguas nacionaes de meio sangue—Premios: 400\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo.

1	Africa.....	Preto.....	7 annos	Paraná.....	54 kilos	Encarnado, branco e ouro..	L. V.
2	Biscaia.....	Alazão tost...	3 »	S. Paulo.....	51 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
3	Nicoafi.....	Castanho.....	3 »	Paraná.....	50 »	Azul e branco.....	J. & P.
4	Aranha.....	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	52 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
5	Dinorah.....	Castanho	3 »	R. de Janeiro.	51 »	Verde e amarello.....	Coud. Independencia.
6	Alteza.....	Libuno.....	5 »	S. Paulo.....	56 »	Encarnado e preto.....	Oliv. Junior & Lopes.
7	Pretoria.....	Idem.....	5 »	Idem.....	56 »	Azul e crème.....	A. C.
8	Yampa.....	Castanho esc.	3 »	Rio Grande..	50 »	Grénat e manchas azues....	Coudelaria Paraizo.
9	Yoon.....	Zaino.....	3 »	Paraná.....	50 »	Preto, branco e encarnado..	C. P.

OBSERVAÇÕES.—Principiando ao meio-dia em ponto as corridas, serão excluidos os animaes inscriptos no primeiro pareo, que ás 11 horas precisas não estiverem no ensilamento. RAUL DE CARVALHO, 2º secretario.

A SEMANA

A Redacção da *Gazeta do Povo*.

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 17 DE ABRIL DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 68.

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

SUMMARIO

Expediente.....	
Historia dos sete dias.....	FILINDAL.
Notas criticas.....	V. MAGALHÃES.
Deserto de gelo, soneto..	O. BILAC.
Palestras femininas.....	A. VIEIRA.
Correio litterario.....	L. DE MENDONÇA.
Jornaes e revistas.....	M. VALENTIM.
Parnazo alegre «A vis-sinha», soneto.....	FILINDAL.
Gazetilha litteraria.....	A. DE SOUZA.
Poesia e poetas.....	DIL. SAHÉN.
Conselhos salutaes.....	A. SILVA.
Grilhões celestes, soneto.	P. TALMA.
Theatros.....	L. M. BASTOS.
Sport.....	
Factos e Noticias.....	
Tratos á bola.....	FR. ANTONIO.
A boa e trella.....	BARÃO RÉCLAME.
Recebemos.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

GERENTE

C. CABRAL

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

ASSIGNATURAS

CÔRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000
PROVINCIAS	
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

A exemplo do que fizemos no anno passado, abrimos de abril a dezembro, uma assignatura de nove mezes pelo preço de 6\$000, dando nós a esses assignantes os mesmos premios a que têm direito os assignantes do anno, com excepção do livro *Vinte Contos*, que é exclusivamente para estes, que deverão recebê-lo por todo o mez de abril.

São agentes d'esta folha os Illms.Srs :
Em S. Paulo—Dolivaes Nunes.
Em Ouro Preto—Fabricio Ignacio de Andrade.
Em Campos— Antonio Ferreira Martins Filho.
Em Valença—Gomes Cardim.
Na Parahyba do Sul—Verissimo Pacheco.
Na Estação do Triumpho—Francisco Larangeira.
Em Sant'Anna de Macacá—João Pereira da Silva.
Na Estação do Bom-Jardim— Manoel Augusto Fernandes de Almeida.
Idem de Cordeiros—Ayres Farinha.
Em Santa Maria Magdalena— Deo-cleciano Pacheco de Lima.
Em Macahé—Leopoldino Pessanha.
No Entroncamento —Theotônio Gomes Braga.

Em S. Gonçalo, Campos — Lins de Oliveira Paes Leitão.
Em S. Fidelis—Alberto Veiga.
Em Miracema— Theophilo Ottoni Tostes.
Em Capivara—Pedro Polycarpo de Almeida.
Em S. José de Além Parahyba—Manoel Jacintho Barbosa.
Em Porto Novo do Cunha — Francisco Garcia da Rosa.
Em Campinas — João de Azevedo & C.
Em Santos— Marques & C.
Em Vassouras— Domiciano Pinto.

O Sr. Leonel Guerra é a unica pessoa por nós encarregada de agenciar assignaturas nas provincias, bem como de nomear agentes nas localidades onde ainda os não temos.

Sr. M. F.A.— Penha do Rio do Peixe.—Queira enviar-nos o sello correspondente ao porte do premio a que tem direito.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Principio hoje por dar sinceros parabens ao meu querido leitor pela temperatura actual. As ultimas chuvas, copiosissimas, refrescaram a athmosphera e já não é desagradavel, pela madrugada, o aconhego de um bom cobertor de lã.

O carioca escandecido e suarento exulta sempre com o advento da estação fria. E tem razão, o carioca.

O frio enrija a corpo para o trabalho e é com elle que vêm de Italia os rouxinões do Ferrari e do Ciacchi e as tibias arrebatadoras e encandeantes dos bailados de Mauzotti.

Vamos entrar nunha epoca soberbamente artistica e d'aqui a pouco vai abrir-se a valvula á rhetorica da cadeia velha.

Já se realizou ante-hontem a primeira sessão preparatoria, sob a presidencia do Sr. conselheiro Henriques.

Vae começar a cirandagem dos diplomas na eira do terceiro escrutinio. Bom será que depois de joeirado o trigo politico não fique muito joio no celeiro agosto e dignissimo da representação nacional.

Já na sessão de hontem se deu um caso interessante: Para as tres commissões de inquerito a sorte designou 26 deputados conservadores e apenas um liberal. Vae ser bonito.

Na audiencia de ante-hontem deu o Sr. juiz do 9º districto criminal por findo o processo da formação da culpa de Francisca da Silva Castro, a *ex-senhora* das pretas seviciadas Joanna e Eduarda.

Pois apezar d'este exemplo, ainda no dia 8 se apresentou á policia a preta

Josephia, escrava do commendador Antonio Maria Ulrich. A infeliz estava tola banhada em sangue e queixou-se de que é constantemente espancada.

No dia 11 apresentou-se tambem á policia a preta Rosa, de idade avançada, escrava de Joaquim Malafáia, que a espancava constantemente.

A estes monstros humanos nem mesmo a velhice os move á piedade.

O Sr. chefe de policia, que tanto tem feito em prol dos *senhores*, deve ao menos ser severo para aquelles que se tornam provadamente criminosos.

O leitor recorda-se sem duvida do clamoroso escandalo do Quixadá. Lembra-se certamente do relatorio do Dr. Aarão Reis, que a *Gazeta de Noticias* publicou e commentou com a necessaria severidade.

O chefe da commissão dos açudes do Quixadá era o engenheiro Jules Revy. Parece que este cavalheiro, aceito como justo e exacto o relatorio do Dr. Aarão, ficaria inutilizado para todos os effeitos da protecção official, ao menos dentro da orbita em que gravita a simples e pudica vergonha.

Pois quer o meu pieoso leitor saborear um boa pilheria? Aqui a tem.

Diz o *Jornal* de 11:
«A requisicão do ministerio do imperio foi posto á sua disposicão o engenheiro Jules Jean Revy, por ordem do ministerio da agricultura, para ser incumbido de commissão relativa a melhoramentos desta cidade, reclamados por exigencias da hygiene.»

Commentar isto seria o mesmo que ir visitar, por gosto, a... ilha de Sapucaia.

O serviço policial da corte pouco lucrrou com a substituição do picareco urbano pelo impertigado permanente. Ultimamente têm-se repetido as scenas do reinado offenbachiano do extincto mas immortal capitão Marques Sobrinho—o Vidigal contemporaneo.

Ha dias umas praças de policia, mesmo dentro da policia, espancaram ferozmente o preso José Machado; no dia 14 foram presos, por engano, dois cavalheiros distinctos; não chegaram a entrar na estação, porque em caminho encontraram o commandante, que verificou o engano e os mandou em paz.

Não podemos deixar de apresentar ao Sr. Dr. Coelho Bastos as nossas mais ardentes felicitações.

No caso das duas *cocottes* que se agatanharam, tambem ha muito para um libretto de opera buffa, onde a policia teria papel importante. Se Chica Walsa é personagem da *Maria Angú* do Arthur Azevedo, não era de extranhar que vissemos agora em scena uma Chica Polka esgrimindo a grampo, no palco de bastidores enxadrezados da rua do Lavradio.

Recommendo as coplas do futuro libretto ao talento pujante e característico de Abdon Milanez.

E adeus, amado leitor.

FILINDAL

NOTAS CRITICAS

(ESCRAVOS!) VERSOS FRANCEZES A EPICTETO, POR JOAQUIM NABUCO.

Duas palavrinhas á guisa de prefacão.

Neste pequeno e pittoresco chalet, conhecido no bairro da imprensa pelo nome — *A Semana*, abre-se hoje mais uma janella—para meu uso.

Nella debruçado, todos os sabbados conversarei com o leitor, despretenciosamente e familiarmente, sobre as impressões que me tenha deixado a leitura das obras litterarias do Brazil, de Portugal ou de França.

Creio que não é immodestia confessar um homem que é trabalhador, activo e muito occupado, — quando de veras é tudo isso. Pois eu o sou. Quando se é pobre não ha remedio senão trabalhar. Ora, não bastando o jornalismo e a litteratura para equilibrar o *budget* particular, é forçoso accumular com essas, outras occupaões. Litteratura e jornalismo são entre nós um *acheço*, quando muito.

D'ahi ser um homem advogado, jornalista, professor, comediographo... Consequencia: pouco, pouquissimo tempo para ler. Só a leitura dos jornaes come-nos a maior parte d'elle.

Em taes condições seja-se lá erudito e lido, e acompanhem-se os progressos das sciencias e todas as novidades litterarias!

Não podendo ler tudo, nem mesmo muito, limita-se a gente a ler — pouco, mas bom.

Não ha tempo a esbanjar com obras de *cacaracá*.

Pega-se de uma, lê-se uma pagina, — ás vezes basta um periodo —; é ruim? — pr'o lado! E passa-se a outra.

E' o que eu faço.

Pois d'essa parca leitura darei noticias todos os sabbados aos leitores d'*A Semana*, porque esta, afinal, tem o dever de pronunciar-se sobre os livros novos.

O titulo parece pretencioso: «Notas criticas.» Mas não é; dou-lhes a minha palavra honrada de que não é pretencioso.

E esta solemne declaração deve bastar.

Fecho o auto-loquio e metto, sem mais ceremonias, mãos á obra, quero dizer — ás obras.

Tenho sobre a minha meza, lidas, cuidadosamente anotadas á margem, as seguintes obras:

Escravos! versos francezes a Epicteto, por Joaquim Nabuco; *Historias da Montanha* por Monteiro Ramalho; *Serões de S. Miguel de Seide* (4 numeros) e *Volcões de lama* (romance) por C. Castello Branco; *La mer* (versos) de Jean Richépin e *Pages retrouvées*, de Ed. et J. de Goncourt.

Alem d'esses livros, tenho ha muito tempo ao lado da pasta, á espera de um artigo, que tive a imprudencia de annunciar *ha alguns mezes*, — antes de tel-o escripto — *A velhice do Padre Eterno*. Hei de escrevel-o ainda! Mas—por prudencia—não o inclúo na lista.

Tratarei hoje sómente dos *Escravos!* porque é curto o espaço de que disponho e a composição poetica de Joaquim Nabuco merece bem quatro tiras de almanço com letra munda.

Dos outros irei me occupando na ordem em que os alistei.

Os versos a Epicteto foram lidos pelo auctor no banquete litterario a Luiz

Guimarães, a 18 de março de 1886, quando—ao que declarou o poeta—ainda elle lhes não tinha dado a sua forma definitiva.

Fui dos que mais entusiasticamente os applaudiram.

Agora que estão impressos, descubro nelles alguns defeitos e encontro bellezas novas.

Precede-os um soneto a L. Guimarães, offerecendo-lhe os versos.

Não me agrada, nem como idéia nem como forma.

Como idéia, é obscuro, diffuso, sem pensamento fundamental. Os tercetos mal se comprehendem:

Eis o ultimo:

«A toi, donc, d'enrichir no're Langue, en ta

route...

«A nous, de recueillir ce Sang-la, goutte a

goutte,

«Et de le darder au Monde en langues de

Feu.»

Recolher o *sangue* dos escravos e dar-dejal-o ao mundo em *linguas de fogo* é demasiado hyperbolico.

Quanto á forma, tem versos desagradaveis ao ouvido; exemplo:

«Pour enfermer la honte amère qui ruisselle,

Passemos porém á poesia.

E' grandiosa, energica, inspiradissima. Tem alguns pensamentos nobilissimos e imagens extremamente felizes.

As quatro primeiras quadras, em que o poeta diz a Epicteto que a raça dos Humanos é ainda a mesma, feita da mesma argilla, qualquer que seja o esmalte que a revista, são realmente bellas:

«Je parle de la boue humaine, de la terre,
«D'un sortent, par milliers, nos cœurs, et nos
esprits.

A descripção da escravidão dos negros, da nossa escravidão, e o seu parallelo com a do tempo

«... où Neron sortait de la taverne
«Au flambeau resineux de l'Esclave... bru-
lant!

é feita por mão de mestre e com alma de apóstolo. Parece que o poeta escreveu-a com uma tinta composta de sangue, fel, trevas e lagrimas.

Hugoana—a comparação da Escravidão de hoje com uma grade mina de carvão:

«... la grande Houilliere...

«Souterraine, profoude, aux tenebreux ilots.

Quereis saber o que é essa massa escura de escravizados, que mancha o solo e o sol da nossa patria? Ouvi:

«On craint l'explosion de la Houille qui dort,

«Car cette masse inf'orme, au fond des gale-
ries,

«Où nul rayon ne perce, où ne souffle aucun
vent,

«Ces enfants tristes, ces jeunes femmes fle-
tries,

«Tout ce monde entassé... c'est du Charbon
Vivant!

Bravo! não se podia symbolisar melhor a nossa Escravidão: é hulha, é carvão vivo... mas dormente. Um dia, como nas minas do Voreux, soprará talvez o *grisou* da revolta, o carvão incendiar-se-á, explosará tremendamente! Se é que nesta hulheira ainda resta um leve sopro de *grisou*!

Termina esta soberba composição, que honra a poesia franceza, com esta invocação e supplica final a Epicteto:

«Fais au Brésil entier, Grand Esclave, une
aumône.

«Que ton esprit, brillan dans la nuit de l'er-
reur,

«Chasse encore une fois les ténèbres d'un
Trône,

«Jette encore un refletu front d'un Empe-
reur!

São tão grandes e tantas as bellezas d'esta poesia que quasi não ousou apontar-lhe defeitos e imperfeições. O mais frequente é a obscuridade do pensamento, muito complicado nos incidentes da enunciação; o que se pode verificar nas tres primeiras quadras da terceira parte: «Oh le Brésil entier... etc.»

Os dois versos acima citados: «...où Neron sortait» etc, traduzidos, dão isto: «em que Nero sahia da taverna ao *archote* do escravo, incendiado.» Devia o poeta ter empregado, em vez de «*au flambeau*»: «à la lumière ou à la clairté du flambeau, ou éclairé par le flambeau de l'esclave brulant»; pois, nem em francez nem em portuguez, se pôde correctamente dizer «sahir ao *archote*...» «*sortir au flambeau*.»

Os alexandrinos, todos correctos, (com excepção do seguinte, positivamente errado:

«Pas une conscience. Les voix so it des alar-
mes.»)

se algum senão apresentam, é, por vezes, a collocação da cisura, á moda de Richépin, e de outros em palavras que ficam assim destacadas forçadamente, cortando a natural sequencia da phrase. Exemplos:

«Et de le darder AU Monde en Langues de
Feu;

«Ces enfants tristes, CES jeunes femmes
flétries;

«La plus noble, la PLUS forte et la plus sévère

Isto, porém, nem mesmo «senão» pode ser considerado, se attendermos aos abusos que da cisura fazem alguns dos poetas francezes modernos, abusos que, afinal, deturpam e despedaçam todo o delicado apparelho do verso alexandrino, tão carinhosamente explicado por Banville no seu excellente *Petit traité de poesie française*.

Uma exquisitice notavel é o abuso que faz o Sr. Nabuco das letras maiusculas. Escreve Sang, Esclave, Trône, Soleil, Amoureux, Ombre, Vase, Hassard, etc... Este systema, que não é inteiramente novo, não tem outro merecimento a não ser o da modernice.

Terminando: *Esclaves!* é uma fulgurante composição poetica de largo follego, imaginosa, humanitaria e patriotica.

Palmas, portanto, ao nosso eximio poeta... francez!

VALENTIM MAGALHÃES.

DESERTO DE GELO

Sei de frias regiões situadas perto
Dos polos, onde eterno dorme o gelo—
Sem que um raio, a través do céu coberto
De nevoas, mande o sol para aquecel-o.

Nem estrellas, nem vida! Em tudo o sello
Da morte... Só, no interminio deserto
O urso branco de pé, ríçando o pello,
Abysma ao longe seu olhar incerto.

Tal minh'alma—deserto em cuja face
Dormente apenas ouve-se a infinita
Voz do vento passar num largo choro...

Vejo-te o riso e a primavera nasce.
Vejo-te o olhar e o sol, que n'elle habita,
Os gelos funde com seus raios de ouro.

OLAVO BILAC

PALESTRAS FEMININAS

Lili tem 28 mezes. É a criança mais linda que conheço. Ainda não vi, nem mesmo em chromos e phantasias, rosto tão angelico. Tem uns grandes olhos negros, expressivos e sonhadores, sombreados por longas, selosas e bastas pestanas; os cabellos loiros, finos, anelados e revoltos. É alva, tão alva que os lyrios amarelleciam de inveja, se pudessem vê-la; tem os labios vermelhos, nas faces rosadas umas covinhas graciosissimas. Deveria chamar-se Estella e Regina ou Angelica; mas quiz a minha Laura que a sua primeira filha tivesse o nome da madrinha, o meu, dizendo que só assim se consolaria da minha ausencia; e eu fiz-lhe a vontade.

Imaginei para a pequena Adelina uma saude e robustez extraordinarias, um vigor de corpo e de espirito excepcionaes, e escrevi rapidamente alguns conselhos que a joven *mamá* pôz conscienciosamente em pratica e que tem dado optimos resultados. *Lili* não teve até hoje a mais pequena febre; é gordinha e alegre como um anjo. *Bebé*, que tem já 6 mezes, está sendo educado pelo mesino systema, e os paes estão contentissimos. Hoje, para que todas as mães que lêem *A Semana*, tenham a ventura de que gosa a minha amada Laura, principiarei a guial-as no modo de educar physica e moralmente os seus anjos do lar — as criancinhas.

Começarei tornando minhas as sabias palavras do illustrado educador J. Lock: «*Não pôde haver felicidade no mundo sem que se tenha o espirito recto e o corpo são. Nada deixará de alcançar quem tiver estas duas vantagens e pouco ou nada conseguirá aquelle a quem faltar uma d'ellas.*»

Para que o corpo seja são é necessario, primeiro que tudo, que a criança não viva muito agasalhada e que se banhe diariamente em agua fria. Os banhos serão tepidos até um mez de idade, mais ou menos; depois completamente frios, frios mesmo no inverno. Assim, as crianças ficarão alegres e rosadas, e à mesa acharão os bifes sangrentos saborosissimos, os ovos e o leite deliciosos! Desde a mais terna idade deverão os pequeninos estar pouco cobertos; como as flores, carecem de banhar-se em ar puro; são esses os verdadeiros *banhos tonicos*. Os brincos e jogos da primeira infancia deverão ser o mais possivel ao ar livre. Diz um mestre de pedagogia moderna, B. Perez, no seu formoso livro — *L'education des le berceau*: — «*A agua e o ar devem representar um papel consideravel na hygiene infantil.*» Diz ainda: «*E' preciso que uma criança esteja muito doente para não ficar quasi curada com uma ou duas horas de passeio.*» É esta inteiramente a minha opinião; mas passeio no campo, respirando um ar vivificante, saturado das emanções saudaveis da vegetação. As crianças tratadas com excessivos cuidados, abafadas, sempre a fugir do ar e do sol, em continua dieta, tornam-se uns entesinhos doentios e enfezados, e mais tarde uns homens molles e imprestaveis. Disse o grande Plutarco: «*Ha paes que, por demasiado amor aos filhos, são os seus maiores inimigos.*» Lock, Rousseau e outros pedagogistas julgam que não devem as crianças fazer as refeições a horas certas, assegurando que o appetite dos pequeninos deve ser o relógio das mães. Herbert Spencer diz tambem que «*nunca as criancinhas terão indigestões se as deixarem comer emquanto tiverem vontade e de tudo aquillo que appetecerem.*»

Não penso, como estes grandes mes-

tres. Os meninos não têm discernimento para marcar um limite à natural gulodice, e do abuso podem provir serios incommodos; entretanto, eu deixaria que as crianças, comessem, com poucas excepções, e razoavelmente, de tudo o que comem os paes.

Tratemos agora do desenvolvimento esthetico e affectivo d'esses adorados e pequeninos seres.

A primeira de todas as condições para a educação esthetica desde o berço e a musica, o canto, per ser a voz humana o mais insinuante e doce dos instrumentos.

Laura tem educado *Lili* e *Bebé* desde os primeiros mezes, cantando, (mas cantando irreprensivelmente,) para adormecê-los, *berceuses* e romances, compostos por ella expressamente, singelos mas perfectos em melodia e rytmo. Canta unicamente para os filhinhos, com a expressão, cuidado e correcção com que cantaria num concerto, para ser ouvida pelas centenas de admiradores da sua prodigiosa e suavissima voz de soprano. Quando *Lili* começou a comprehender o que ouvia, juntou a joven mãe às mesmas melodias, uns versos simples mas ilucentes e correctos, versos que lhe falassem ao coração e despertassem o desejo de ser amada, isto é, de se fazer amar, de ser obediante, meiga, alegre e feliz.

Escolheu para algumas das suas deliciosas composições musicas versos meus, versos que me tinham sido inspirados por uma criança que adoro, e que hoje tem 14 annos, por minha irmã Alice.

Lili é um modelo de alegria e meiguice, o que quer dizer — uma criança adoravel.

Cabe aqui uma justa exclamação de B. Perez:

«*Enfant heureux, enfant sage.*»

Tem plena razão o illustre pedagogista. É o falar! ? Falando com as criancinhas, devemos ter na voz um timbre justo, afinado, e harmonisar os sons com os pensamentos e os sentimentos. Não calculam as mães quanto é prejudicial às criancinhas o costume das amas, de falar com os pequeninos sempre num tom chocado e piegas, errando propositalmente as palavras, como se tambem fossem crianças, mas crianças parvas, falseando-lhes assim o ouvido e o gosto! No bem falar está uma harmonia — a da alma, que é o maior segredo da verdadeira eloquencia.

Quando as crianças tiverem um anno, aconselho ainda às mães, irmãs ou tias, emfim às guardas d'esse desabrochar d'intelligencias, que lhes recitem bons versos. A opinião do illustrado philologo F. A. Wolff é que: «*Os versos são o principal auxiliar da educação.*»

Michel Breal diz tambem:

«*A poesia é o meio mais eficaz para fazer a criança conhecedora da sua lingua.*»

Mas que poesias se ensinam geralmente às crianças?

Fabulas, que ellas não comprehendem ou que implantam ideias falsas e de uma moralidade difficil de entender.

Não; tudo o que é phantastico e falso, as fabulas de Lafontaine como os contos de Perrault, devem servir apenas de entretenimento às crianças que já distinguirem perfeitamente a verdade da ficção; para os pequeninos até 6 annos, nunca.

Até hoje poucos têm sido os poetas que acertaram com o modo de escrever versos infantis. D'esses citarei apenas dois: V. de Laprade, que escreveu o lindissimo livro (um pouco triste) *Le liere d'un père*, — e L. de Ratisbonne, auctor da *Comedie enfantine*, que é um livro ideal! Ouçamos P. J. Stahl, que foi quem teve a honra e a ventura de prefaci- ar o livro encantador que Ratis-

bonne tinha escripto unicamente para as suas 4 filhinhas. Diz elle no prefacio da *Comedie enfantine*: «*A academia dá premios a livros de toda especie: livros de historia, de philosophia ou de sciencias; eu quizera que ella reservasse todos os annos uma de suas corôas, e a mais rica, para os livros, felizes! que devem encantar a infancia; quizera que ella assignalasse com extraordinarias ovações a passagem de uma d'essas aves raras: um livro verdadeiramente adoravel, para uso das criancinhas.*»

Foi plenamente satisfeito o desejo de Stahl. A *Comedie enfantine* foi coroada pela Academia franceza e a benevolencia da critica equalou o entusiasmo do publico. Theophilo Gauthier, o saudosissimo Th. Gaut., no seu relatório ao ministro da Instrução Publica sobre o progresso da poesia em 1868, disse: «*A musa de L. de Ratisbonne traçou com uma penna, que parece arraucada às azas de um anjo, e casto e ingenio repertorio da «Comedie enfantine», que as mães têm às crianças e que os paes levam para ler, encantados pelas delicadezas de uma arte que se occulta.*»

D'esse repertorio encantador traduzi eu alguns contos que terei o grande prazer de offerecer brevemente às minhas formosas e indulgentes leitoras, mães ou irmãs, conjuntamente com alguns outros originaes, que só terão o merito de fazer realçar a belleza aos que são pallidamente traduzi. Esses sim, podem e devem cantal-os e recital-os às criancinhas, adeantando immensamente a sua educação esthetica e affectiva.

Por hoje limito ao que escrevi os conselhos às mães, pois já bastante cansei a attenção das leitoras, que, com um suspiro de allivio, esfregam os olhos cheios de aborrecimento, mas ainda assim arrebatadores. Quando me parecer que descancaram bastante, continuarei o meu, sem pretensões, pequeno curso de pedagogia infantil.

ADELINA A. L. VIEIRA.

CORREIO LITTERARIO

«CASUARINAS», POESIAS DE C. A. MILLER; PELOTAS; 1886; 110 PÁGS.

Apri! como isto de versos vae decahindo! Só depois que assumi o encargo de lêr os livros litterarios offerecidos á *Semana*, quanto diabo de verso ruim, quanta peste detestavel!

O volume das *Casuarinas*, se pudesse soffrer classificação, ficaria a alguns graus abaixo do detestavel e do ruim; mas escapa, como os monstros, ao critério commum. Digo-lhes que é a peor cousa que, ha muitos annos, tenho visto com apparencias materiaes de poesia, senão é mesmo a peor que conheço. Peior, digo eu muito mal: peior importa comparação com outros objectos da mesma natureza, e esta cantiga que aqui está não se pôde comparar a nenhum outro producto da mania de ver-sejar.

Leiam-me só o primeiro verso de uma especie de geringonça com ares de querer justificar o titulo do folheto; o primeiro verso é isto:

«O' arbustos que viveis na solidão.»

Verso duro como pedra, obrigando um homem — para começar — a embeber com outra uma primeira vogal fortemente accentuada. Quer um conselho o possivel desgraçado que tenha, por qualquer Casuarria, como este meu, de ler as *Casuarinas*? Não embeba nada; mande, antes, que o auctor se vá em-

beber da...*Metrificação* de Castilho. Sim! de que servia fazer a gente este sacrificio logo ao primeiro passo, se, no correr de todo o volume, teria de encontrar mais versos errados do que versos certos?

Publicar um livro como este pôde ser apenas uma grande desgraça, e isso é com toda a certeza; mas offerecê-lo depois á imprensa é já um grande desafôro.

O sr. C. A. Miller deve-nos uma satisfação, que estamos promptos a aceitar—contanto que não seja em verso! Valença, 8 de abril de 1886.

LUCIO DE MENDONÇA.

JORNAES E REVISTAS

Bons, muito bons os ns. 3 da *Quinzena*. Falta-nos espaço para dizer d'elles quanto merecem. A collaboração escollidissima que tem essa nossa querida filha (já que por tal se dá) habilita-a a dar-nos de 15 em 15 dias verdadeiros bouquets de primores litterarios. Luiz Delfino, Raymundo Corrêa, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, Alberto Silva, assignam versos magnificos; Lucio de Mendonça, Visconde de Araxá, H. Pujol, Alfredo Pujol, Jorge Pinto subscrevem bellos trechos de prosa.

Continúe a *Quinzena* na radiosa carreira em que vae e só teremos braçadas de flores para saudar cada um de seus numeros.

O *Diario Mercantil*, a folha mais bem feita e mais sympathica de S. Paulo, completou ante-hontem dois annos de nascida.

Foram dois annos de triumphos. Dia a dia augmentam os titulos do *Diario* á estima e á consideração publica.

Além de muito noticioso, além de muito mercantil, é tambem muito litterario, muito mais litterario do que os diarios da Corte. Gaspar da Silva e Léo de Affonseca se muito têm trabalhado, devem contudo estar satisfeitos com o resultado dos seus esforços. Abraçamos jubilosamente os nossos estimados collegas.

M. VALENTE.

PARNASO ALEGRE

A VISINHA

Esta minha visinha é os meus peccados!
Cabellos pretos, olhos sciutillantes,
Que são como dois limpidos diamantes
Negros em marfim caudido cravados.

Os trausenntes, pallidos, pasmados,
Vendo-a—seguem a passos vacillantes,
E os meus canarios, jaldes e brilhantes,
Irrompem na loucura dos trinados.

Aos domingos empresta-lhe a visinha
D'ella,—menina loira e graciosa—
A *Semana*, que passa na cestilha

Preso ás duas janellas diferentes.
E ella sorri-se ao ler a minha prosa,
E eu serriro-me ao ver-lhe os altos dentes...

FILINDAL

GAZETILHA LITTERARIA

Vae entrar no prelo o novo livro de Raymundo Corrêa—*Versos e Versões*.
(Que venha e breve!

Está publicada *A Filha d'Africa*, antigo poemeto do Dr. Luiz Delfino, edição de Serafim Alves. Diremos d'elle no proximo numero.

Vão ser finalmente impressas as obras completas do Dr. Luiz Delfino.

O filho do illustre poeta, Dr. Thomaz Delfino, tomou a si o trabalho da publicação.

Está calculada em 60 a 70 volumes só a obra em verso, que será seguida de alguns volumes em prosa.

De mezes a mezes apparecerá um volume, ora de poemetos, ora de poesias soltas, ora de sonetos—cuja collecção consta de cerca de 800—ora dos grandes poemas.

O Dr. Thomaz Delfino, tomando a si publicação das obras do seu illustre pae, presta um relevantissimo serviço ás letras nacionaes. Agora vae o paiz julgar e apreciar devidamente o grande poeta da *Solenia Verba*, a quem será feita inteira justiça; pois se esta até hoje lhe tem sido negada é principalmente por ser conhecido de muito poucos o colossal trabalho d'aquelle estu-pendo ingenho.

Nos damos á litteratura brazileira os parabens por este grande acontecimento.

POESIA E POETAS

Sob o titulo *Mistilineas*, chega-nos de Porto-Alegre, onde foi impresso, um volume de versos, firmado pelo Sr. Rodolpho Paixão.

É um livro de 130 paginas, impresso sem cuidado e sem bellezas typographicas. Abre-o um prologo em que o poeta nos diz que «poesia sem fôrma e sem recato é um aleijão, como inutilidade é o verso piegas.»

Quem tiver amor á arte e tiver acompanhado o movimento litterario do nosso paiz ficará infallivelmente satisfeito com a leitura d'essas duas linhas, lerá soffregamente todo o prologo e irá preparando o espirito para saborear os mimos que se devem encontrar nas *Mistilineas*.

Bem. Eis a primeira parte: Tem por titulo—*Lyrios*.

A poesia *Ao trabalho* é bonita e seria correcta se o seu auctor não rimasse perolas com *cellulas*. É uma pena!

Os amores do fidalgo, (não sabemos se este trabalho é um poemeto; acreditamos-o antes um entre-acto dramatico-comico, pois termina com esta nota: *DESCRIPÇÃO DO PANNO*) não é máo, apesar d'esta descripção de pouco gosto:

Infiltram-se no ar cheiros de cerimonia
Aristocrata e fina.

d'este pseudo-alexandrino:

—Condessa? « Não » « Porque? » Visconde
eu cuidou

d'esta *idéa*... carnavalesca:

Viu-se um clarão nas alturas
—E' que o sol mandara as chaves
A' lua—nae das ternuras.

e por causa de uma rima em—*elhas*:
De cherubins beijando longas celhas!

Celhas? Diz o dictionario que temos na estante que esta palavra no singular significa vasilha de pau, cabellos das pestanas, e no plural, como a empregou o poeta, pellos ou sedas no fio marginal das folhas. Isto é com a botânica. cremos que os cherubins, uma das bellas creações da Biblia, nada têm com esta sciencia. Por tanto ha ali uma impropriedade que o Sr. Rodolpho Paixão não deveria commetter. A tanto não chegam as exigencias da rima.

As quadrinhas *Meu desejo* são dignas de um « muito bem. » A poesia *Elixir* é (quem sabe se a melhor de todo o livro!) muito boa.

As quintilhas *Dinizinho* são passaveis e o soneto *A mulher*, que fecha a primeira parte, com quanto não seja um mimo é recommendavel.

Voltemos, pois a folha. Eis a segunda parte: FACETAS.

O Inverno é um soneto em alexandrinhos. Abrem-n'o estes versos:

Demora pelo espaço um pardacento véo
Que lá de quando em vez arreganhando o
bojo,
A furto deixa ver o sol beijando o céo;

Isto pode ser muito bonito, mas declaramos que um « idolatra do bello e da correção » deveria dizel-o por outro modo, pintar-nos com outras cores esta nuvem pardacenta que de quando em vez escondia o sol.

Na Barraca é um outro soneto e infelizmente máo, muito máo. Fecha-o este terceto:

Ainda mais sabendo, o grosso panno:
Se é fado teu rallar o corpo humano,
A canelinha te aconselho estiques.

Ora um panno de barraca a esticar a canelinha!... Deveria ser muito original e mesmo bonito, mas até hoje os pannos ainda não se lembraram de semelhante cousa, nem mesmo os de barraca.

Ahi está uma composição que daria á critica muito panno... para mangas.

O Vapor e o Mar não é máo. O mesmo não podemos dizer do soneto *A um grillo*, onde, entre outros senões, ha este quarteto em que o poeta quebrou uma palavra para satisfazer a rima:

... pois tu enquanto eu philo
(Não te espantes, leitor, em grego tambem
rino)
Sophava attentamente em meu modesto
asylo,
Me reduziste a pó o sobretudoo opimo?

e pede-nos (somos tambem seus leitores) que não nos espantemos com tal rima. Ora Sr. Rodolpho Paixão!

O soneto *Despedida*, apesar da infelicidade que o seu auctor teve no termino é muito passavel.

Resposta a Gume ou « conto engraçado », como o subentitulou modestamente o poeta, pôde ser muito bom e mesmo engraçado. Mas nada avançamos a dizer sobre ella porque o Sr. Rodolpho abriu-a com uns versos brancos e fechou-a com versos rimados. Não a lemos. Este recheio fez com que olhassemos desdenhosamente para a poesia e nos deu a entender que o Sr. Paixão tratou-a com pouco amor. Portanto, já que este trabalho é a chave da segunda parte, passemos á terceira: QUADROS.

São oito sonetos simplesmente. Semelhant pequenas telas. Em uma, o pintor foi de uma execução cuidadosa e louvavel, em outras infeliz na combinação e gradação das cores, na distribuição da luz, no delineamento e successão dos planos. D'estes quadros destacamos o que se intitula *No Sul*; é um *d'après nature* soffrivel.

Entramos agora na ultima parte do livro *TURBILHÕES*.

O poeta dedicou-a ao Sr. seu pae.

Nesta parte apparece o Sr. Rodolpho como politico. Em quasi todas as suas poesias elle nos fala de Liberdade, de Tira-Dentes, de Gambetta, de St. Vê-se por estes versos que o Sr. Rodolpho é homem moderno, que vae na vanguarda das idéas novas.

Ha nestes *Turbilhões* uma poesia — *Philosophemos* que deveria figurar na primeira parte do livro. E' uma poesia, como se depreheende do seu titulo, philosophica; o assumpto é o muito conhecido *To be or not to be*. Tem a *Philosophemos* um defeito grave para nós: é ser escripta em versos brancos. O Sr Rodolpho deve saber que este genero de verso tão explorado pelos velhos mestres, morreu com elles.

Hoje em dia a rima faz parte da alma do verso; é o seu tono, é o complemento da sua harmonisação.

A rima é indispensavel a qualquer trabalho poetico.

São estas as impressões que nos deixaram as *Mistilíneas*, que, a falar verdade, não mereciam que d'ellas nos occupassemos tão longamente. Escrevemol-as com a sinceridade de quem, longe de qualquer paixão, só entende que se devem ás letras muita estima e respeito, embora tratando-se das nossas, que de dia a dia têm o dissabor de ficar sem alguns dos seus representantes, arrebatados pela maldicta politica ou atirados a commoda e burgueza posição de empregado publico, ou condemnados a viver de jantares alheios, mettidos nos sous palitots de côres duvidosas e já poidos nos cotovellos pelo muito uso. Tristissima quão verdadeira esta miseria da Litteratura nacional.

ALFREDO DE SOUZA.

CONSELHOS SALUTARES

AOS HEMORROIDARIOS

(Vide n. 62)

O empyrismo, que tantas vezes o clinico mais habil tem necessidade de aceitar, incitou-nos a experimentar os effeitos de tal medicação, á falta já de recursos therapeuticos sancionados pelas idicações formaes e preciosas.

Na ingrata profissão em que qualquer individuo inhabilitado tem a ousadia de querer ser medico, aconselhando para todas as molestias muitas vezes uma só substancia, pelo facto de ter dado resultado em um ou dois casos que lhe pareceram identicos, nessa profissão cheia de contrariedades e desgostos é forçoso por isso mesmo prestar ouvidos muitas vezes ás vulgaridades, estudal-as com attenção, sugoitando-as no dominio da observação e experiencia, tirar o que ha de charlatanesco e absurdo e dar-lhes o devido valor.

Foi o que fizemos, quando lemos o facto referido pelo «Jornal de medicina d'Algeria» e que demos aos leitores em um dos numeros passados d'*A Semana*.

Confessamos que não foi má a lição. Os unguentos, suppositorios, clysteres de acetato de chumbo, etc., etc., etc., tiveram de humilhar-se já em alguns casos perante a decoção de consolida maior simples ou adoçada com xarope da mesma planta.

Com effeito desde o seculo passado que sabemos ser o *synphitum officinale* mucilaginoso e ao mesmo tempo adstringente, correndo em 1747 a opiuição de que elle era util para os escarrhos sanguinolentos e as regras abundantes.

Empregamol-o, pois, como moderador de todas as hemorragias pathologicas.

DR. SAHEN.

GRILHÕES CELESTES

Como te adoro! E fujo-te no emtanto...
Se te vejo passar, esplendorosa,
Só lembro o espinho, deslembrando a rosa,
Troco o sorriso teu pelo teu pranto.

Quem ha no dôe esse teu labio santo,
E abra infinita noite pavorosa
A' aza que occultas, branca vaporosa?...
Penso. E a ideia de amor, brutal, que'r tanto!

Vaes perlustrar as rôridas campinas.
Flores sorriem, beijam tuas vestes
Como um milhão de boccas pequeninas;

O vento fala ao teu ouvido; agrestes
Genios suspiram tremulas surdinas...
E eu gemo sob os meus grilhões celestes!

1885.

ALBERTO SILVA

THEATROS

BABOLIN

A companhia Braga Junior deu-nos quarta-feira, no Lucinda, a primeira de *Babolin*, opera comica em 3 actos, traducção de Eduardo Garrido, musica de Varney.

A peça parece não ter agradado inteiramente, apesar das situações engraçadissimas e dos bons dictos do libreto. Embora tivesse muitos applausos, nenhuma scena provocou o entusiasmo do publico; houve, porém, uma circumstancia que explica, em parte a fr. esa: o theatro não estava cheio, talvez por causa do mau tempo, e todos sabem que para o entusiasmo corre muitissimo o numero dos espectadores.

A musica é graciosa e bonita, sem que tenha, comtudo, nenhum trecho verdadeiramente notavel.

As honras do desempenho couberam a Peixoto (Pascoal), e Gama (Karamatoff), que fizeram tudo o possivel para animar a peça. Peixoto foi um estalajadeiro impagavel, francamente burlesco, nalgumas scenas muito carregado. Gama foi um optimo general, um bello typo, caracterisado e representado com muita felicidade.

Blanche fez com bastante graça e desenvoltura o interessante papel de Elverina.

Hermínia muito bem na virtuosa Salomé, e Candelaria supportavel na princeza Miranella.

O tenor Eugenio cantou magnificamente o seu bonito papel de Goberto, e Germao fez com muita graça um insignificante papel de Sargento. Coros rasoaveis.

A peça está vestida apenas decentemente, e os scenarios não são inteiramente novos.

O publico, ainda que pouco numeroso, era escolhido.

Nos camarotes luzida sociedade, sendo para notar, em um dos da esquerda duas formosas moças, pertencentes a uma das nossas mais distinctas familias, iuteiramente vestidas de vermelho, um vermelho rubro, mistura de sangue e fogo, mais ruidoso do que uma descarga de artilheria.

Podia-se dizer d'ellas o que o Dante diz de Beatriz no canto XXX do *Purgatorio*:

Vestiti di color di fiamma viva.

Na noite de 15 estreiou n'*O Bilontra* a actriz Aurora de Freitas, no papel de *Jogatina*, creado e até então desempeñado pela actriz Rosa Villiot.

A sua substituta, a julgar pelos ruidosos applausos com que foi acolhida e saudada até o fim do espectáculo, agradeu geralmente.

Pode-se pois dizer que para o *Bilontra* raiou nova aurora. Nossos emboras ao gordo e felizado Braga Junior.

Brevemente far-se-á *réprise* d'*A Mulher-Homem* com uma extraordinaria novidade que se está activamente preparando. *Chut!*

Realizou-se hontem no Sant'Anna o beneficio do sympathico actor Phebo, com *A Mulher-Homem*. Phebo, no typo de Abolicionismo (Patrocínio) é realmente notavel. Isto e as muitas sympathias de que goza o actor Phebo explicam a concurrencia enorme de espectadores que o foram applaudir. Phebo apresentou uma surpresa, apparecendo de novo com ambos os braços; o que elle explicou com seguinte quadrinha:

« Sendo hoje a festa do artista
Phebo — Ora vejam vocês! —

« Os auctores da revista
« Deram-me o braço outra vez. »

Bonita festa e bem merecida a de hontem. Parabens ao Phebo.

Estamos em préa-mar de beneficios.

Tambem tiveram os seus—a interessante actriz Elvira e o sympathico actor Teixeira, que vae partir para a Europa, por estar muito doente.

Desejamos-lhe boa viagem e restabelecimento completo.

Já entrou em ensaios no Recreio *O Drama Novo*, de Estabanez.

A traducção é de Aluizio Azevedo, um dos auctores d'*O Caboco*, que foi accusado de ser imitado d'aquelle drama hespanhol.

Tem agradado muito no Recreio a comedia em 1 acto, de Labiche, traducção de Moreira Sampaio — *Ver para crer*.

E' um interessante episodio, cheio de situações originaes e engraçadissimas.

E' muito regularmente representada por Helena, Lisboa, Maia e Castro.

O Sant'Anna annuncia para hoje a *réprise* da *Niniche*, a hilarante comedia, que tamanho successo fez ha annos.

Na *Niniche* estreiará naquelle theatro a actriz Rosa Villiot.

No dia 30 do corrente realizar-se-á o beneficio da actriz Ignez Gomes. Ha perto de tres annos que o publico não tem tido occasião de applaudir essa intelligente actriz, em recita a seu beneficio. E' de esperar por isso que elle concorra á Phenix na noite de 30 para applaudil-a no *Rocantele*, em terceira recita, drama que ha muito tempo não se representa nesta Côte.

— CHAMILLAC —

Devia subir á scena da Comedia Franceza por todo o corrente mez esta nova peça de Feuillet, o velho mestre, de quem ainda ha pouco se leu um romance — *La morte*.

O pensamento da peça, que a principio

devia chamar-se *Les pharisiens*, é este: Chamillac—papel que será feito por Coquelin, senior, é um homem de caracter nobre, leal e independente, que, não podendo curvar-se e amoldar-se aos habitos de hypocrisia, ao despotismo das *conveniencias* e á tyrannia dos prejuizos, rompe com elles e procura viver como entende, honestamente mas com independencia, com toda a originalidade do seu character e do seu talento. Tal proceder *chóca*, arripia, enfurece os *pharisiens*, quer dizer—a sociedade, e entra com ella em guerra. Uma outra personagem o auxilia na campanha: uma menina frivola mas pura. Porfim, os dois cantam victoria. Como se pôde induzir por esta idéa de Chamillac, é esta uma peça firmada sobre a observação dos factos.

P. TALMA.

SPORT

Realizaram-se neste ultimo domingo as corridas do Prado Villa Isabel. Houve bastante concurrencia, o que era de esperar, pelo programma que sinceramente era digno de todos os elogios, não só pela sua organização como tambem pelos bons animaes que nelle se alistaram; mas ainda pela grande sympathia que a esta distincta sociedade tem o publico tributado.

Os pareos, que eram geralmente compostos de animaes novos e superiores, foram perfeitamente disputados e bastante applaudidos.

Eis o resultado:

No 1º pareo (1450 metros) correram *Buchinha*, *Guacho*, *Verbena* e *Sultão* que bateu os seus competidores em 104 segundos. Coube o 2º lugar a *Verbena*. *Didi*, que tambem correu, empacou ao sahir.

O 2º pareo (1450 metros) foi disputado por *Arabi*, *Carmen*, *Peralta*, *Catana*, *Scalchi-Lolli* e *Aurora* que sahio victoriosa em 98 segundos. Chegou em 2º lugar *Scalchi-Lolli*. *Carmen*, unico animal de sangue puro e de grande preço, está desmerecendo bastante e fazendo entristecer o seu proprietario.

Foi vencedora dos 1000 metros do 3º pareo, contra a expectativa geral. *Madama* em 66 segundos, habilmente dirigida pelo jockey Alcoba. *Charybdes*, que era a favorita, chegou em 3º lugar demonstrando grande indisposição. Consta ter mancado durante a corrida. Chegou em 2º lugar *Françoise*. Tambem correu *Pansy*.

No 4º pareo (1450 metros) lutaram *Zaire*, *Alteza*, *Bitter*, *Guanaco*, *Nicoafi*, *Africa* e *Aymoré* que ainda d'esta vez soube sustentar os seus creditos de velocidade, percorrendo a distancia em 98 segundos, sem grande esforço. *Guanaco* tirou o 2º lugar. *Nicoafi*, unico competidor forte deste pareo, cahiu durante a corrida, ficando o jockey levemente contundido.

No 5º pareo (1600 metros) apresentaram-se na raia 6 animaes, cada qual mais bonito e mais bem preparado: eis-os: *Neva*, *Françoise*, *Gaudriole*, *Coupon*, *Dr. Jenner* e *Bolívar* que apezar dos 61 kilos de pezo conseguiu em 105 segundos bater os seus competidores. *Dr. Jenner*, que durante toda a corrida esteve na frente, por um triz prega um rombo. *Coupon*, que pela primeira vez correu, teve grande desvantagem na sahida; assim mesmo tirou o 3º lugar demonstrando ser um animal de respeito. *Gaudriole* cahiu, nada soffrendo o jockey.

Os 1800 metros do 6º pareo foram renhidamente disputados por *Sans-*

Souci, *Macaré* e *Talisman* que devido a seu habil jockey conseguiu em 123 segundos bater *Macaré* que d'esta vez não quiz saber de tristezas...

No ultimo pareo (1000 metros) *Dinorah*, em 68 segundos bateu os seus competidores. Coube o 2º lugar a *Biscaia*. *Vampa* e *Nicoafi* não correram. *Ivon*, *Africa*, *Pretoria* e *Alteza* disputaram a bagagem.

Com um programma esplendido, realiza o Derby-Club amanhã a segunda corrida d'este anno. Na verdade, a organização d'esse programma, constando de oito pareos, cada um d'elles com animaes superiores e com as forças egualadas pela distancia, o que torna necessariamente difficil a luta, deverá seduzir uma extraordinaria concurrencia.

Em nossa ultima pagina acha-se impresso o importante programma onde os apaixonados poderão palpitar á vontade. Desejamos felicidades aos que nelle acertarem.

L. M. BASTOS

FACTOS E NOTICIAS

Chegou de Vassouras e veio residir na Corte, o Sr. Jorge Pinto, redactor da *Quinzena*, excelente folha litteraria que se publica naquella cidade.

CLUB ATHLETICO FLUMINENSE

Effectuaram-se no domingo passado as corridas annunciadas.

A concurrencia de espectadores, embora não tendo sido extraordinaria, era todavia escolhida entre a *élite* do sympathico bairro.

Nesse mesmo dia foi inaugurada uma enfermaria, cousa muito necessaria em semelhantes clubs. Infelizmente teve ella de ser utilizada momentos depois da sua inauguração.

Todos os pareos foram bem disputados; rendendo algumas *poules* quantias avultadas.

Parabens á directoria do Club Athletico Fluminense pela bonita festa de domingo ultimo.

O REPULSOR MECANICO

Os Srs. Heitor de Cordoville, Luiz Pamplona Corte Real e Hortencio de Cordoville, acabam de obter a garantia provisoria que a nossa lei de patentes de invenção concede aos inventores, para o seu apparelho destinado a evitar desastres nas linhas de carris urbanos e nas linhas ferreas.

Esse apparelho, á vista do desenho que os inventores nos mostraram e da descripção que d'elle fizeram, parece resolver de maneira definitiva o problema, sem duvida ponderoso, de evitar os desastres a que nos referimos, e que, para infelicidade nossa são frequentes. O apparelho differe inteiramente de todos os que tem sido até hoje apresentados, e é verdadeiramente scientifico, apezar da sua singeleza.

Fazemos, pois, votos para que a experiencia definitiva produza o bom resultado esperado.

O Club Beethoven acaba de fazer jus a uma nova e geral salva de palmas por parte de quantos presem o progresso das bellas artes entre nós. Referimo-nos a uma academia de musica fundada pelo Club Beethoven, que será dirigida pelo illustre professor Kismann Benjamin e em que leccionarão

varios dos nossos mais distinctos professores de musica.

Muito bem!

O Club das *Larangeiras* realizará no dia 24 do corrente um grande baile á fantasia, onde a riqueza e o espirito e o bom gosto se encontrarão—bailando. O nosso collega *Lorgnon* mandou fazer fatiota nova para essa noite.

Abre-se na proxima semana o «High-life's billiards» no antigo theatro S. Luiz. São seus proprietarios Costa Lima & Oliveira.

Por engano dissemos no nosso passado numero ser nacional o *Oleo Velocifero*, do Sr. Borlido. E' estrangeiro; podeis compral-o, portanto, nacionaes!

A proposito da estada do nosso agente geral em S. Paulo, deu o nosso distincto collega d'*O Diario Mercantil* a seguinte noticia, que muito agradecemos:

« A SEMANA »

« Está em S. Paulo o estimavel e intelligente moço Leonel Guerra, agente da magnifica revista litteraria *A Semana*, uma publicação credora, pelos titulos mais legitimos, do apoio do publico.

O Sr. Leonel Guerra vem angariar assignaturas para o interessantissimo hebdomadario.

Se o gosto pelas bellas letras estivesse um pouco mais apurado entre nos, nenhuma garantia de successo mais prompta e mais efficaz encontraria o Sr. Guerra, no desempenho da sua commissão, que o proprio nome da folha de que é representante.

Apezar, porém, da pouca impressão que neste paiz produzem as cousas litterarias, podemos garantir-lhe, pelo invejavel conceito em que é tida *A Semana*, que conseguirá em S. Paulo o mesmo triumpho que em idênticas circumstancias tem obtido em outros logares. »

Damos lugar á seguinte carta dos nossos dignos collegas d'*A Quinzena*:

« A QUINZENA E O CORREIO GERAL »

Avultado numero de exemplares d'esta nossa revista litteraria, lançados na agencia do Correio de Mendes, com destino a varias outras agencias d'esta provincia e das de S. Paulo e Minas Geraes, foi completamente extraviado no Correio da Corte. Pedimos ao Sr. Director d'essa repartição promptas providencias sobre o caso. Aos nossos assignantes e aos collegas que não receberam *A Quinzena*, pedimos a fineza de reclamarem-na á gerencia, na «Estação dos Mendes.»

Contamos que o digno Sr. Dr. Betim Paes Leme procederá de accordo com a gravidade do incidente. — *Jorge Pinto*, *Alfredo Pujol*.

TRATOS Á BOLA

Tiveram a dite de não errar a pondaria d'esta vez os Srs. *José Tapioca*, *Pépe*. Cabe portanto o 1º premio ao Sr. *Tapioca* e o 2º ao Sr. *Pépe*.

Mandaram tambem decifrações, mas não de todo certas, os Srs. *Lut*, *Sfume*, *D. Alexandrina Belleza*, *D. Guilherme B.* e o sympathico *Fricinal Vassico*.

Podem os felizardos que acertaram vir buscar os seus premios.

Por falta d'espaco não lhes digo hoje mais nada.

FR. ANTONIO.

A BOA ESTRELLA

Até aqui dizia-se de um homem feliz: —tem «bóa estrella». A tal estrella era invisível, mas nem por isso menos poderosa.

Tinha bóa estrella quem casava com mulher moça, bonita e rica, ou unicamente—rica; tinha bóa estrella quem tirava a sorte grande na loteria; quem cahia de um segundo andar, quebrando apenas... as pedras da rua; quem escapava de uma sogra... vermelha, ou de unia febre... amarella.

Emilia, dizia-se ter bóa estrella quem quer que fosse feliz.

Hoje só se póde verdadeiramente dizer quo tem boa estrella quem esteja sob a protecção e nas bóas graças (leia-se *roupas*) da *Estrella... do Brazil*.

E' lá que se veste o

BARÃO RECLAME.

RECEBEMOS

— *A Camelia*. Nunca pensou Guttenberg que a imprensa havia de produzir... camelias; S. Christovão o quiz, no entanto, e cá temos sobre a meza *A Camelia*, orgão recreativo que se publica no se bairro. *A Camelia* traz artigos firmados por *Gyra-Sol*, *Sensitiva*, *Madresilva*; e se não ha outras flores mais é talvez... por falta de espaço. Desejamos á *Camelia* muitas venturas e vida mais longa que a das... camelias.

— *O Luctador* n. 1. Orgão do Gremio Litterario. Octaviano Hudson. Achamos bom que os esperançosos estudantes que redigem o *Luctador*, façam os seus collaboradores entreter relações com o bom senso e com o dictionario de Castilho, para que o Sr. Job não nos dê mais versos como estes:

«Sabes, minha Maria, o que me eucanta?
O quo mais amo em tí, extasiado?
E' a graça gentil do penteado,
Da reluzente pasta como a anta. (?)»

— *O Contribuinte* n. 1. Publica-se na Parahyba do Sul duas vezes por semana.

— *O Isothermico* n. 1. Hebdomadario noticioso e recreativo, da cidade de Vassouras. O titulo é que não é lá muito para graças.

— *A Moreninha* n. 1. Jorualzinho dedicado ao bello sexo. O bello sexo que leia a *Moreninha* e depois, se puder, mande aos seus redactores... uma grammatica.

— *O Sport Fluminense* n. 1. Orgão dedicado ás sociedades de corridas.

— *Da Bibliotheca do Povo*, fasciculo n. 123. Este numero contém *O Brazil Independente*, por Pedro dos Reis.

— *O Corimbo* ns. 9 e 10. Revista mensal habilmente dirigida pela conhecida litterata D. Revocata de Mello. Sempre florescente.

— *A Distração*, n. 78.
— *Lingua Vernacula*, por José Ventura Boscoli, 2ª edição. Por occasião do apparecimento da primeira, occupámo-nos d'esta obra com louvor.

— *A Revista dos Constructores*, n. 3. Publicação mensal sob a redacção e direcção do distincto engenheiro Araujo Vianna.

— *Do Gil Braz de Santilhana* o fasciculo n. 27.
— *A Fanfarra* ns. 1, 2 e 3. E' um jornal academico que trata de sciencia e litteratura, imitando no formato e na impressão *A Semana*.

Que a mocidade academica cá da Corte não se metta muito com a litteratura, porque a Academia de Medicina tem uma aversão de todas os diabos ás letras. Cuidado com o Sr. de Saboia! Olhem que as bombas estouram... Mas não deixaremos por isso de desejar á *Fanfarra* que sõe gloriosamente por muitos annos e bons.

— *A Illustração*, n. 4 (3º anno) Bellissimas gravuras; texto variada e scintillante. Este e aquellas tratam dos ultimos assumptos litterarios, artisticos e sociaes. Parabens a Marianno Pina.

ANNUNCIOS I

Dr. João Botelho, medico e operador; molestias venercas, syphiliticas e das vias urinarias. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicações medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 51, por cima da antiga pharmacia Fragoso, das 12 ás 3 horas.

EXTERNATO HEWITT

FUNDADO EM 1870

HORARIO DO MEZ DE ABRIL

CURSO PREPARATORIO

PROFESSORES	MATERIAS	HORAS	Lessons in Portuguese; lições de italiano e allemão
			PARA O ESTUDO DE INGLEZ
			<i>The Graduated English Reader</i> ou Estrada Snavé, para o perfeito conhecimento da lingua ingleza, mediante excerptos escolhidos e gradativamente coordenados dos melhores auctores inglezes e norte-americanos, para uso de seus discipulos, por James E. Hewitt, com introduccção litteraria pelo illustrado lente de inglez Alfred Alexander.
			EM CASA DO AUCTOR
			E NAS PRINCIPAES LIVRARIAS
			A' NOITE AULAS COMMERCIAES
Araujo Vianna.....	Rhetorica...	9-19	Lino Gomes..... Portuguez..... 6-7
Dr. F. Amarante....	Geographia..	10-11	F. D. Mouren.... Francez..... 7-8
Dr. Corrêa do Lago.	Historia.....	10-11	James E. Hewitt. Inglez pratico... 7-8
Araujo Vianna.....	Latim.....	11-12	E. Gabalda..... Es cripturação (mercantile) 7-8
Dr. F. Amarante....	Historia.....	11-12	francez..... 7-8
João Nazareth.....	Curso annexo	11-12	
F. D. Mouren.....	Francez.....	11-12	
James E. Hewitt....	Inglez.....	12-1	
J. D. da S. Ramos...	Portuguez...	12-1	
Dr. Aquino Fonseca.	Philosophia..	12-1	
James E. Hewitt....	Inglez.....	1-2	
Dr. Z. de Oliveira..	Geometria...	1-2	
Dr. Aquino Fonseca.	Geographia..	1-2	
Bac. Ed. Benet.....	Francez.....	2-3	
Dr. Z. de Oliveira..	Aritmetica...	2-3	
Dr. Aquino Fonseca.	Historia.....	2-3	
Bac. Ed. Benet.....	Latim.....	3-4	
Dr. Z. de Oliveira..	Algebra.....	3-4	
João Nazareth.....	1º anno E. P.	6-7	

Leitura, calligrafia e contabilidade
O director, James E. Hewitt

134 RUA DO ROSARIO 134

PHENIX DRAMATICA

EMPRESA DRAMATICA—DIRECCÃO SCENICA DO

ACTOR GALVÃO

HOJE

Sabbado, 17 de Abril de 1886

1ª representação n'esta epocha e n'este theatre, do grandioso drama

OS DOIS PROSCRIPTOS

OU

A RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL

EM 1640

AMANHÃ

Domingo, 18 de Abril de 1886

A's 4 1/2 horas da tarde

GRANDE SUCCESSE.

14ª representação da grandiosa peça sacra em quatro actos e oito quadros, toda ornada de musica, visualidades, tramoias, de Braz Martins, intitulada

OS MILAGRES

DE

SANTO ANTONIO

TOMA PARTE TODA A COMPANHIA

Às 8 horas da noite

14ª REPRESENTAÇÃO DE

OS MILAGRES DE SANTO ANTONIO

DR. GONZAGA FILHO

CONSULTORIO E RESIDENCIA

Rua Visconde de Inhaúma, 61

CONSULTAS DE 12 ÀS 3 DA TARDE

Especialidades:

Febres em geral, molestias pulmonares e do coração.

JONGO

dos pretos sexagenarios da revista

A MULHER-HOMEM

POR

HENRIQUE DE MAGALHÃES

A' venda na Confeitaria

Castellões e no escriptorio d'*A Semana*,

POR

1\$500

MOLESTIAS DA PELLE E SYPHILIS

ESPECIALISTA

DR. SILVA ARAUJO

RUA DA URUGUAYANA, 57

de 12 ás 3 horas da tarap

DERBY-CLUB

GRANDES CORRIDAS EM 18 DE ABRIL DE 1886

AO MEIO DIA EM PONTO

Primeiro pareo — INITIUM — Distancia 1.000 metros — Poldros e poldras nacionaes de meio e puro sangue, de 2 annos — Premios 500\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo.

N.º	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Feiticeira.....	Alazão.....	2 annos	R. de Janeiro.	46 kilos	Grénat e rosa.....	Coudelaria Modesta.
2	Reporter.....	Zaino.....	2 »	S. Paulo.....	49 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
3	Condor.....	Vermelho.....	2 »	Idem.....	47 »	Idem idem idem.....	Idem idem.
4	Judia.....	Tord. negro..	2 »	Paraná.....	46 »	Ouro.....	Coud. Santa Cruz.

Segundo pareo — COSMOS — 1.000 metros — Inteiros e eguas de qualquer paiz — Premios: 800\$ ao primeiro e 200\$ ao segundo.

1	Charybdes.....	Castanho....	3 annos	Inglaterra...	55 kilos	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
2	Phrynéa.....	Idem.....	4 »	Idem.....	51 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.

Terceiro pareo — PROGRESSO — 1.450 metros — Cavallos e eguas nacionaes até meio sangue — Premios 500\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo.

1	Bitter.....	Preto.....	4 annos	S. Paulo.....	52 kilos	Azul e grénat.....	H.ºO.
2	Guanaco.....	Castanho....	8 »	Paraná.....	56 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
3	Aymoré.....	Idem.....	6 »	S. Paulo.....	56 »	Azul e branco.....	Coudelaria Alliança.
4	Baiocco.....	Idem.....	4 »	Idem.....	52 »	Encarnado e branco.....	Oliv. Junior & Lopes.
5	Catita.....	Idem.....	2 »	R. de Janeiro.	47 »	Azul.....	F. Guimarães.
6	Douro.....	Alazão.....	6 »	Idem.....	51 »	Verde e ouro.....	L. A. Ribeiro.

Quarto pareo — EXCELCIOR — 1.450 metros — Poldros e poldras nacionaes de meio e puro sangue, de 3 annos — Premios: 1:000\$ ao primeiro e 200\$ ao segundo.

1	Aurora.....	Castanho....	3 annos	S. Paulo.....	47 kilos	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
2	Sybilla.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	53 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
3	Eólo.....	Idem.....	3 »	Idem.....	49 »	Idem idem idem.....	Idem idem.
4	Scalchi-Lolli.....	Idem.....	3 »	R. de Janeiro.	47 »	Ouro e encarnado.....	D. A.

Pareo supplementar — LEMGRUBER — Animaes estrangeiros de qualquer idade — 1.609 metros — Premios: 600\$ ao primeiro e 150 ao segundo

1	Coupon.....	Alazão.....	3 annos	França.....	49 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
2	Madama.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	47 »	Idem idem idem.....	Idem idem.
3	Creusa.....	Alazão tost..	3 »	Inglaterra...	52 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
4	Fanfaron.....	Idem.....	4 »	França.....	52 »	Encarnado e branco.....	Oliv. Junior & Lopes.
5	Françoise.....	Idem.....	4 »	Idem.....	50 »	Idem idem.....	Idem idem.

Quinto pareo — DERBY CLUB — 1.450 metros — Inteiros e eguas nacionaes de meio e puro sangue — Premios: 1:000\$ ao primeiro e 200\$ ao segundo.

1	Sylvia II.....	Alazão.....	4 annos	S. Paulo.....	51 »	Azul, branco e encarnado.	Coudelaria Cruzeiro.
2	Talisman.....	Idem.....	6 »	Idem.....	51 »	Idem idem idem.....	Idem idem.

Sexto pareo — RIO DE JANEIRO — 1.609 metros — Inteiros e eguas de qualquer paiz — Premios: 1:200\$ ao primeiro e 300\$ ao segundo

1	Dr. Jenner.....	Zaino.....	3 annos	Rio da Prata.	49 kilos	Grénat e ouro.....	Coud. Luso-Platense.
2	Swamp.....	Castanho....	3 »	Inglaterra...	49 »	Vermelho.....	C.
3	Bolívar.....	Idem.....	6 »	França.....	56 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
4	Comtesse d'Olonne ..	Alazão.....	5 »	Idem.....	58 »	Havana e branco.....	Idem idem.
5	Taillefer.....	Zaino.....	5 »	Idem.....	56 »	Encarnado e mangas azues,	Coud. Americana.
6	Atalanta.....	Castanho....	5 »	Inglaterra...	54 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.

Setimo pareo — SEIS DE MARÇO — 1.450 metros — Animaes nacionaes até meio sangue que não tenham ganho no Derby — Premios: 400\$ ao primeiro e 80\$ ao segundo.

1	Peralta.....	Douradilho..	3 annos	Paraná.....	49 kilos	Preto, branco e encarnado.	C. P.
2	Nicoafi.....	Castanho....	3 »	Idem.....	49 »	Azul e branco.....	J. P.
3	Pampeiro.....	Idem.....	2 »	R. G. do Sul..	45 »	Encarnado e preto.....	J. de Almeida Silva.
4	Bonita.....	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	50 »	Ouro.....	José Machado.
5	Zaire.....	Gateado.....	4 »	Paraná.....	52 »	Azul e encarnado.....	J. C.
6	Africa.....	Preto.....	7 »	Idem.....	52 »	Encarnado, branco e ouro..	L. V.
7	Mavengo.....	Vermelho....	5 »	S. Paulo.....	54 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
8	Alteza.....	Libuno.....	5 »	Idem.....	52 »	Encarnado e branco.....	Oliv. Junior & Lopes.
9	Savana.....	Castanho....	4 »	R. G. do Sul.	50 »	Grénat e rosa.....	F. G.
10	Douro.....	Alazão.....	6 »	R. de Janeiro.	54 »	Verde e ouro.....	L. A. Ribeiro.
11	Biscaia.....	Id. tost.....	3 »	S. Paulo.....	47 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.

N. B. — Os animaes inscriptos no 1º pareo deverão achar-se no prado às 11 horas,

A. CEZAR LOPES, 2º secretario

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 21 DE ABRIL, DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 69.

REDACÇÃO E GERENCIA.—RUA DO CARMO N. 36

SUMMARIO

Expediente.....	FILINDAL.
Historia dos sete dias.....	Tób.
Politica e politicos.....	ARARIPE JUNIOR.
Enfermidades es ty li- sas.....	B. S.
Gazetilha litteraria.....	M. VALENTE.
Livros juridicos.....	P. TALMA.
Jornaes e revistas.....	L. M. BASTOS.
Theatros.....	ALFINETE.
Sport.....	BARÃO RECLAME.
Aqui, ali, acolá.....	
Casamento singular.....	
Factos e Noticias.....	
Recebemos.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

GERENTE

G. CABRAL

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

ASSIGNATURAS

CORTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

A exemplo do que fizemos no anno passado, abrimos de abril a dezembro, uma assignatura de nove mezes pelo preço de 6\$000, dando nós a esses assignantes os mesmos premios a que têm direito os assignantes de anno, com excepção do livro *Vinte Contos*, que é exclusivamente para estes, que deverão recebê-lo por todo o mez de maio.

Rogamos aos cavalheiros que têm recebido «A Semana» desde o principio do corrente mez o favor de nos devolverem a folha até o dia 1º de maio, caso não queiram honrar-nos com as suas assignaturas.

Sendo em quantilade superior ás nossas tiragens anteriores o numero dos nossos assignantes ultimamente inscriptos, não podemos por isso enviar-lhes collecções completas desde Janeiro.

Assim, rogamos aos cavalheiros que nos obsequiaram com as suas assignaturas pelo corrente anno, e que já as satisfizeram, a fineza de se considerarem assignantes por um anno, sim, mas a contar de 1 de Abril a 31 de Março de 1887, visto que com o augmento da

tiragem d'*A Semana* estamos habilitados a satisfazer os compromissos que contrahimos para com os referidos cavalheiros.

Aquelles, dos nossos assignantes, que não quizeram conformar-se com esta resolução, poderá receber *A Semana* desde 1º de Janeiro do corrente anno, sujeitando-se, porém, á falta de alguns numeros 1 folha, cuja edição esteja esgotada.

Compram-se nesta redacção exemplares do n. 6 d'*A Semana*, a 500 réis.

A SEMANA

Rio, 21 de abril de 1886.

Publicaremos em o numero de sabba-
da vindouro:

- *A conversão dos apólices*, por Tob.
- *Notas criticas* sobre as *Historias da Montanha*, de Monteiro Ramalho, por V. Magalhães;
- *Bellas Artes*, por Alfredo Palheta, sobre os ultimos quadros de Caron, Vasquez e Castagnetto.
- *Palestras femininas*, por D. Adelina Vieira; — *Grandes e pequenos*; poesia de Olavo Bilac.

Proximamente encetaremos a publicação de uma série de artigos sobre os nossos *Jornaes e Jornalistas*, estudo sobre a indole e feição de cada jornal e croquis humoristicos, mas fiéis, dos seus respectivos relatores. *A Semana* promette ser indiscreta, mas sempre gentil com os seus amaveis collegas. Começará pela *Gazeta de Noticias*.

Com a renovação do movimento politico recommençou com este numero a escrever n'*A Semana* sobre a politica e os politicos da nossa terra o nosso distincto collaborador Tób. Tób é o modesto pseudonymo de um co-redactor de um dos mais importantes diarios da Corte. A criteriosa observação dos factos e ao profundo conhecimento dos homens e das cousas politicas, reúne estylo facil e delicado humorismo; qualidades que explicam o grande successo dos seus artigos.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Ha quasi dezanove seculos que morreu no monte Calvario, perto de Jerusalem, aquelle que ainda hontem, sexta-feira, me obrigou a almoçar penitentemente o bacalháu do preceito

A sardinha, ennobrecida e ensoberbecida pela procura, penetrou triumphalmente no meu estomago imbelles.

Não podendo conciliar a religião com a dyspepsia, eu procurei, desesperado e faminto, o pão duro do exilio e o caldo negro de Sparta, á falta do bife pecca-

minoso, que me retemperaria a fibra embora me escangalhasse a alma...

Mas nada mais encontrei.

Aquellas comedorias, arrancadas sentimentalmente á despesa da Historia e elevadas pela rhetorica á cathgoria de tropos d'escabeche, de logares communs em conserva de vinagre, haviam sido retiradas da circulação para as provisões oratorias dos Srs. deputados que chegam.

Eu sempre fui religioso como um prego; mas esta coisa de me privarem do bem amado *filet*, de me privarem de assistir aos *Milagres de Santo Antonio*—por exemplo—pega que actualmente se representa na *Phonix* com grande successo, e que, segundo affirmava meu avô, é uma pega de encaminhar para o céu as almas transviadas pelo peccado; a tyrannia exercida sobre os meus direitos de cidadão, não me permitindo que receba nem saque dinheiro pelo correio na Sexta-Feira Maior; isto, estes preceitos religiosos incutidos á força na minha consciencia independente e emancipada—é o que eu não posso tolerar.

Christo morreu ha mil oito-centos e cincoenta e tres annos; d'elle nada mais resta do que a memoria da sua angeltude: respeitemos essa memoria, veneremos o seu nome, mas protestemos contra este regimen da estupidez secular, cuja crosta desnove seculos de luz, de combates, de luctas enérgicas, de uma perfuração constante a golpes da picareta da razão não tem conseguido destruir!

S. M. o Imperador visitou ha dias o fauoso lazareto da Ilha Grande, obra em que o Estado gastou cerca de mil e trezentos contos, e pela qual talvez não encontre hoje quem lhe dê mil e trezentos... réis.

Segundo resa um officio do Sr. ministro do Imperio ao engenheiro constructor, Dr. Paula Freitas, o joven lazareto está numa grande desolação; desolação sem gallicismo—que é a prior das desolações.

Esta obra do lazareto com a dos açudes de Quixadá são duas obras de que ha de ficar gloriosa memoria.

Cremos que o melhor que o Sr. ministro do Imperio tem a fazer é mandar ao engenheiro Jules Reyv concertar o lazareto e ao engenheiro Paula Freitas acabar os açudes. Assim se conciliam sem difficuldades os interesses... dos dois engenheiros.

Quanto á questão da *conversão* temos conversado...

Ella está ainda tão obscura, tão embrulhada, tão indistincta, que só d'aqui a oito dias, quando a profunda reflexão nos illuminar o espirito, trataremos d'ella, com aquella proficiencia que tem da lo á *Semana* a reputação de primeiro jornal financeiro d'este seculo.

O *Jornal* de 20 diz-nos, em uma noticia do Instituto dos bachareis em letras, que o Sr. bacharel Bomsuccesso começou a leitura das suas produções dramaticas.

Foi por isso que no dia 19 se espalhou

na cidade um grande terror panico. Com a leitura dos terriveis dramas do Sr. bacharel começou no paiz um movimento de emigração, e o paquete *Equateur*, sahido a 20, transportou para a Europa uma enorme legião de foragidos. O Sr. ministro da Justiça pediu a intervenção da policia, e o Corpo de bombeiros — a nossa melhor instituição — compareceu promptamente no logar do sinistro, conseguindo circumscrever aos socios do Instituto o fogo sagrado do dramaturgo.

A vizinhança desapareceu. Felizmente, o Sr. commendador Rosario, subdelegado, conseguiu catraflilar o turbulento.

Soubese mais tarde que o incendio foi pelas azas da brisa fagueira transportado ao Club dos Fenianos, comunicando-se ao sótão cujo telhado foi inteiramente destruido pelas scenas... perdão! — pelas chammas.

Andam infelizes, os Fenianos.

Depois de perderem o Carnaval perderam o tecto. Deus os abrigue e os fade melhor para o anno.

Dando conta da recente viagem do Imperador a Angra dos Reis, diz o *Jornal* que S. M., visitando a cadeia, viu um alienado.

O *Jornal* não nos diz mais nada; não nos illustra para a factura da critica da imperial excursão. Vio um alienado — e acabou-se!

De maneira que nós não poderemos saber — nunca o sabereis, ó posteror! — se S. M. encavalgou a augusta luneta no imperial nariz; se se deu ao incommodo de abrir a bocca, se o seu ar era recolhido e grave, se a sua attitude era contemplativa, se o seu gesto era comiserado — ao fitar no louco o sabio e perspicuo olho que tem telescopizado os astros distantes e sido o luminoso phanal d'esta patria.

Quando S. M. abre as camaras, a commoção de se achar em trages menores deante de gente embarga-lhe a vista, e S. M. nada mais vê do que a Fala do Throno. Por isso, S. M. nunca tinha visto nem um alienado. Agora cremos que S. M. não deixará de ir a Angra dos Reis, ver o pobre louco, ao menos uma vez por semana.

Quanto a nós, ousamos fazer a S. M. esta pergunta:

— E que tal? E' bonito?

Sim; porque se for bonito, nós, como bons subditos, tambem queremos.

Coisa engraçada deu-se com o Sr. de Vincenzi, ha dias. Aquelle Sr. possuia um bilhete da loteria do Ceará, que foi premiado com 25:000\$. Dirigio-se ao agente da referida loteria com o perfido intento de receber d'elle aquelle premio! Mas o agente, que não é nenhum tolo, recusou-se a pagalo.

Ao Dr. 3º delegado disse o agente que não pagava o bilhete porque não tinha dinheiro. Deserto! Se não tinha dinheiro, como havia de pagar? Tambem o Sr. Vincenzi é muito exigente; além de ter o bilhete premiado ainda queria receber o premio! E para que diabo queria o Sr. Vincenzi vinte e cinco contos? Talvez para arruinar a sua saude, cahindo na pandega...

Que exigencia de homem! Apre!

Este Sr. Vincenzi parece o meu alfaiate!...

FILINDAL

Não ha nada mais triste do que ter por obrigação fazer rir.

JULIA LOPES

POLITICA E POLITICOS

AS COMMISSÕES DA CAMARA. A CONVERSÃO DAS APOLICES.

A Camara está em ferias. Ou antes: estão em ferias as commissões de inquerito, porquanto até hoje, sabbado de alleluia d'este anno da graça, não ha ainda nem uma Excellencia positivamente reconhecida.

Eu, se fosse commissão de inquerito: — e é cousa de que Deus Nosso Senhor me ha de livrar — não me limitaria, principalmente nas condições actuaes de caras novas, a contar o numero de votos que tal candidato teve em Santo Antonio da Pedrinha Velha, e menos a julgar da regular constituição da mesa parochial com tantos juizes de paz e tantos supplementes ou eleitores mais velhos ou mais novos.

O mais importante trabalho, e o unico acceptavel para uma commissão que quizesse abrir verdadeiro inquerito sobre a politica e os seus representantes, era saber — por exemplo — a razão pela qual este paiz, do pé para a mão, despiu a camisa do liberalismo e envervou as ceroulas de honesto e parato representante do partido da ordem.

Não medeiou grande espaço de tempo entre a penultima e a ultima eleição. Naquella a opinião publica affirmava pela bocca das urnas que no eleitorado não havia quociente para mais de 46 conservadores, que o resto do dividendo era todo liberal e da mais pura agoa. Nesta, na ultima, o eleitorado manda para mais de 100 conservadores e faz com que os liberaes dêem em pantanas.

Ora, como o corpo eleitoral é o mesmo, sem soffrer alteração alguma, o espirito mesquinho de um burguez como eu tem direito de perguntar á medicina politica do paiz — como é que se operou essa transformação no organismo do factor dos deputados, e, principalmente, se a sua natureza, em identicas condições de necessidades exsudagativas — as eleições — e apto para a receptividade de um mesmo e necessario medicamento — o voto — ora sua conservadores, ora sua fora liberaes.

Como é que o eleitor forma a sua opinião? Porventura o honrado juiz de paz de Xiririca que entendeu com o conselheiro Martim dever aproveitar os elementos democraticos da Constituição, teria reformado as suas crencas para aceitar com o Sr. Cochran a lei organica de 1834, tal qual como ella se acha, com todos os pontos e virgulas? O eleitor da freguezia dos Barretos que dizia com o Sr. Prudente de Moraes que a verdadeira felicidade d'este paiz está na republica, vira agora de plano para canonisar o Sr. Visconde de Pinhal, como o Santo dos Santos do liberalismo e da escravocracia?

Ou será preferivel aceitar como caso julgado, sem appellação nem agravo, que aquelle honesto juiz de paz, como este honrado eleitor, não sabe nem que ha Constituição ou lei organica, quanto mais elementos democraticos que precisam de desenvolvimento; ou interesses conservadores que necessitam, para uns, de estabilidade, e, para outros, de aniquillamento?

Seja como for, o caso é que as commissões de inquerito prestariam muito melhor serviço tratando d'estas cousas mais pelo fundo, do que limitando-se a affirmar o direito dos seus amigos contra o direito dos seus não amigos.

A diminuição do juro das apolices é facto que tambem merece occupar logar nesta secção.

Entre as innumeradas questões que a operação provoca, não é de menor monta essa que ahi vac abaixo.

E' sabido que ha muito sujeitinho que não se casa tanto pela mulher com quem se casa como pelo dinheiro que ella lhe traz. Esse cobre entra-lhe nos calculos da vida futura, porque — *o teu amor e uma cabana* — é desprendimento só proprio de noivos e nunca de maridos.

Contra esses sujeitos, especuladores da peor especie, ha a providencia do pae e do tutor, que, uma vez que não podem fazer uso das suas respeitaveis bengalas, lançam mão do recurso das escripturas anti-nupciaes.

A apolice, quando faz parte d'essas escripturas, tem a natureza dos bens de raiz, e o marido contenta-se com as rendas sem poder bulir no capital.

Figure-se agora o regalo que a conversão vac dar a esses maridinhos. Não ha um só d'elles que accete os novos titulos.

E' claro que aquelles titulos, perdendo a sua natureza de inamovibilidade, perdem tambem o seu destino de segurança.

Desde que eu, marido, posso, como administrador dos bens do casal, optar pelos 5% ou pelo dinheiro, está sabido que opto pelo dinheiro, e ainda mais sabido está que em vez de gastar a renda, gasto de então em deante o capital.

Preciso de um consentimento expresso de minha mulher para converter a apolice em bellas notas do thesouro: mas haverá cousa mas facil do que aproveitar um bom momento da cara metade — e ha tantos bons momentos! — e obter esse consentimento?

Não vejo nem no decreto, nem no regulamento disposição que impeça isto. E, portanto, lemito-me a dar os meus parabens ao Sr. ministro, ao paiz e áquelles maridos.

Principalmente áquella especie de maridos.

TOB.

ENFERMIDADES ESTYLISTICAS

DA

NOVA GERAÇÃO (1)

SUMMARY — Os d'spojos de V. Hugo — Antropomorphismo litterario; hypertropia da metaphora; perluxidade epithetica; excessos na amplificação; desproporção na antithese. — Desequilibrio psychico entre a forma e o pensamento; esbatimento exaggerado na descripção; phrase causativa. Defeitos de metrica na linguagem. — Causas — Zola e Richepin. — Guerra Janqueiro e Ramalho Ortigão. — Seus representantes no Brazil.

(Continuação)

E' bastante conhecido o phenomeno pelo qual no principio se denunciou a actividade intellectual do homem. — o antroponomorphismo. Embora não fosse o unico propulsor do desenvolvimento psychico, — na epocha em que a attenção se dispersava, desconnexa e incoherente, incapaz ainda das differenciações, que hoje accentuam a potencia scientifica do homem, comtudo, o antroponomorphismo constituiu um dos mais fecundos e eloquentes mananciaes de ideias e futuras coordenações mentaes. As sensações produzidas pela influencia do mundo externo, combinando-se com os productos do animismo, deram occasião a toda essa floração confusa, variada, que o critico muitas vezes contempla abysmado e pasmo.

(1) Vide *A Semana*, ns. 65 e 67.

Não ha instrumentos de analyse para o tempo em que provavelmente o homem confundia em um mesmo bloco, em uma mesma illusão aquellas suas accões — o sujeito e objecto; a physiologia só dá conta, por analogias descobertas na criança e no selvagem africano inferior, do periodo em que o mortal, emergindo d'esse chaos psychico, ora deixa-se arrastar pela violencia das impressões originadas dos phenomenos exteriores, ora pelas convulsões que o pesadelo e a nevrose, desencadeando no intimo d'alma, tentavam projectar fóra. Esse duplo movimento, a que Oliveira Martins nos seus *Mythos Religiosos*, ou antes, Spencer e Lubbock, nos seus trabalhos antropológicos dão o nome de familias de mythos paralelos, acompanhou todos os povos durante os cyclos mythicos respectivos. O espirito humano, porém, representado pelas nações civilisadas, não perdeu o vinco dos moldes primitivos. Ainda hoje essa tendencia de sissiparidade, perfeitamente caracterisada no *folk-lore*, phenomeno de supernaturalismo, persistencia tradicional, mantido por uma lei já verificada em zoologia, apresenta-se de um modo assaz apreciavel nas composições litterarias as mais suspeitas de independencia e insurreição. No meio da maior variedade de caracteres e temperamentos litterarios, é facilimo determinar até que ponto este ou nquelle typo fez regresso ao molde primitivo, enfileirando-se inconscientemente ou entre os *assombrados* isto é, os que olham de mais para os duendes que existem dentro de si, ou os *maravilhados* que conversam com os astros e transportam as vacas de Caco para o céu em forma de nuvens.

Quem, comparando Flaubert com V. Hugo, não reconhecerá que o primeiro seria uma victima do animismo e o outro do anthropomorphismo, se ambos vivesses em estado selvagem nos bosques da Africa ou das ilhas oceanicas?

Pois bem: é para essas influencias capitais que chamo a attenção agora, porque d'ellas deriva toda a intelligencia do methodo de critica adoptado. Ellas são a chave de muito segredo, que nem mesmo a analyse exaustiva do caracter dos escriptores consegue desvenhar. Basta muita vez um accidente morhido, em combinacão com o exaggero de qualquer d'estas direcções do espirito humano, para explicar um livro aparentemente inexplicavel.

V. Hugo foi um espirito desvaireado pelo sentimento anthropomorphico, tanto quanto é possivel admittir-se essa influencia no seio da educação scientifica moderna. A estrutura das suas ideias podia ainda sob a pressão da disciplina educacional ter cedido á experiéncia, que reduz tudo ao minimo; o seu estylo, porém, subjugado soberanamente pela vivacidade das imagens que lhe incutia a contemplação do kosmos, resente-se d'esse vicio na mais alta escala, o qual no segundo periodo de sua vida transformou-se numa quasi enfermidade. A metaphora hypertrophiou-se, ankylosou-se e a abstracção permanentemente veio a tornar-se para elle um estado incommodo, se não mesmo impossivel. E' assim que o mestre escreve e não consegue mais sahir de paginas d'este sabor:

«O gaiato de Pariz é respeitoso, irónico e insolente... Com delovah presente subiria, a pés juntos, os degraus do paraizo... Brinca na enxurrada e ergue-se *rebellião*; a sua desfaçatez persiste em frente da metralha; era um grito, torna-se um heroe... Este filho do lameiro, é tambem filho do ideal...»

«O gaiato é uma *graca* para a nação, e ao mesmo tempo uma *doença*; doença

que é preciso curar; como? por meio da luz...»

«Pariz é o tecto do genero humano... Apesar de tudo Pariz é um bom rapaz. Aceita soberanamente tudo; não é difficil no que respeita a Venus, a sua Calypigia é Hottentote; comtanto que ria, amnistia sempre;... Pariz é tao litterario que não tapa o nariz de Bazilio e escandalisa-se tão pouco com a oração de Tartufo, como se espanta do *soluo* de Priapo. No perfil de Pariz não falta a mais ligeira feição da face universal...»

«Pariz mostra sempre os dentes; quando não ralla, ri... O fumo que se eleva acima dos seus telhados são as ideias do Universo.»

Propositamente escolhi estes trechos dos *Miseraveis* por ser a primeira obra que elle publicou no seu segundo periodo litterario, quando ainda não tinha chegado aos excessos do *Homem que ri* e dos *Trabalhadores do mar*.

Está bem visto que de um artista nascido no seculo XIX não é de esperar-se a crenga absoluta no producto da metaphora; mas o que é fora de duvida é que para naturezas como a de V. Hugo as imagens acabam por tornar-se uma obsedação, em processo exclusivo de pensar, de reflectir. Ao auctor dos *Miseraveis* Pariz não podia apresentar-se senão na forma concreta, como um mytho. Desle que o espirito se desprendia da concreção e passava ao detalhe, poeta expirava, a inspiração estava morta. Neste facto caracteriza-se todo o phenomeno que assignalei.

Ha um historiador actualmente em voga, o auctor da vida de Jesus, em quem já foi notada essa particularidade, apesar de ser um espirito fortalecido em todos os estudos do seculo XIX. Renan, ao contrario de Michelet, não pode comprehender uma epocha, nem estudala, sem personificala em um vulto grandioso. O complexo não existe deante de intelligencias taes. Roma em certo tempo é Marco Aurelio. A Judéa, o Nazareno.

A approximação d'estes typos exclarece melhor o meu conceito.

Como immediata consequencia da hypertrophia da metaphora, surge a perluxidate epithetica.

Quem tem noções de linguistica sabe a importancia que o epitheto exerce na linguagem. Ainda hoje degladiam-se os sabios sobre saber o que foi que appareceu primeiro, se o substantivo ou o epitheto — adjectivo, — questão bem semelhante á da precedencia do ovo ou da gallinha. Não me occuparei com isto por ser coisa ociosa; mas em todo caso convem precisar os termos do debate. Os linguistas mais adiantados, estão de accordo no seguinte: que, segundo o principio universalmente reconhecido de que o mundo, tanto no todo, como em suas partes, marcha do homogeneo para o heterogeneo, no começo, do mesmo modo que a intelligencia, a palavra, sua legitima expressão, não devia passar de uma coisa amorpha, indistincta, inarticulada. E' assim que Sayce — *Principios de Philologia*, sustenta que a linguagem humana *começou pela phrase*, isto é por uma especie de bloco indefinido, do qual gradualmente se destacaram a palavra, tal como nós actualmente a conhecemos, e consecutivamente as partes do discurso. Os francezes dariam a essa palavra holophrastica o nome de *grouillement*. Ora, admittida esta hypothese, a unica consentanea com a theoria evolutiva, o que se segue é que nada mais absurdo do que questionar sobre precedencias. A sissiparidade explica tudo. O que havia, antes de se accentuarem os phenomenos

grammaticaes? Uma tendencia diffusa para a expressão do sentimento ou da ideia. Apenas operou-se o processo de differenciação, coevo com o de articulação, que se acha perfeitamente explicado pela theoria de Striker, em seu livro *A Linguagem e a musica* no que elle denomina revivescencia de *imagens motrizes*, surgiram as partes essenciaes do discurso, as unicas que no estado rudimentar do pensamento, eram compatíveis com a actividade humana: o sujeito — objecto (substantivo primitivo) e a relação manifestada pela incorporação de um objecto a outro objecto em vista da preponderancia de caracteres, (o adjectivo, ou attributo.)

No principio das sociedades essa agglutinação, que começou logo ao desbrochar do pensamento, teve uma notavel influencia na direcção das crencas e na formação das religiões; exaggerando-a por ventura e dando-lhe uma falsa interpretação, Max Muller chegou a sustentar como a unica origem dos mythos.

Não ha quem hoje, observando uma criança fallar, não repare que, quando ella quer exprimir uma qualidade, cuja força significativa ainda não se destacou abstractamente em seu espirito, não faz outra coisa se não reunir ao signal que se liga ao objecto conhecido o outro que indica o novo objecto. As duas imagens desde este momento fundem-se no espirito do infante, e as duas palavras, reagindo uma sobre outra, agglutinam-se para nunca mais se desunirem. O adjectivo está presente, porque em todo este processo inconsciente o que se evidencia é que não é da semelhança que nasce a nova creação, mas da differença dos dois objectos, differença esta que, ao mesmo tempo que é a base logica do pensamento, pois pensar é comparar, é a da formação da linguagem.

Homem-cavallo, diz o menino em seu jargão monosyllabico, querendo fallar de um individuo que o impressionou correndo muito ligeiro. E o que é certo é que o que se afirmou em seu intellecto foi a differença que vae de um individuo pouco corredor para o quadripede veloz por natureza. O residuo que fica d'essa reacção consolida-se no adjectivo qualificativo.

Na desordem, entretanto, das linguas em seu periodo de formação, nota-se um phenomeno singular, que é a tendencia do adjectivo assim uma vez articulado em tomar a posição do sujeito-objecto. Neste facto apparentemente insignificante, e não obstante de um alto alcance para a sciencia da critica, reside a origem da maior parte dos erros da humanidade. Elle no principio perturbou a linguagem em sua formação. Em epochas posteriores perturbou, sob formas varias, a religião e a sciencia; e ainda hoje actua na complexidade do desenvolvimento das litteraturas.

Victor Hugo encontrou na lingua franceza grande disposição para esse desvio, apoderou-se d'elle e exaggerou-o quanto poudo.

Darmesteter já estudou o facto em sua obra intitulada *Formação das palavras compostas*, pag. 214, sob a designação de *composição por apposição*.

«Victor Hugo, (diz Ayer, *Grammatica historica da lingua franceza*, pag. 327) em sua ultima maneira fez um uso excessivo d'este processo de composição, juntando dois substantivos, dos quaes um transforma-se em epitheto do outro, como se vé no ultimo trecho das *Contemplações*: o mundo castigo, o astro espirito e o archanjo sol, o cavallo-Brunehaut e o chão Fredegunda, o fumo Erostat e a chamma-Vero, o vulcão Alarico. Esta especie de compostos lembra os compostos por apposição, com a differença en-

tretanto de que nelles um dos dois termos é um nome concreto e o outro abstracto, ou pelo menos concreto empregado metaphoricamente, de tal modo que as duas palavras reunidas apresentem ideias de ordens differentes: o mundo castigo, o chão Fredegunda. A simples opposição ao contrario, reúne duas ideias do mesmo character, sempre simples, como: *couve-flôr*, ou abstractas como: *processo crime*.

O abuso ou o desenvolvimento irregular d'essa tendencia tem tido crises na historia que são conhecidas pelas denominações de *Euphuismo*, essa mania plantada na Inglaterra, durante o seculo 16º por John Lily, e o *Gongorismo*, reincidencia da mesma molestia que teve successo na Hespanha quasi pela mesma epoca.

(Continúa.)

ARARIPE JUNIOR

Um grande historiador é um romancista da verdade, e um grande romancista é um historiador que inventa.

THIERS

GAZETILHA LITTERARIA

A noticia que demos em nosso ultimo numero acerca da proxima publicação das obras completas do Dr. Luiz Delfino foi-nos comunicada pelo proprio filho do illustre poeta, nos termos mais ou menos, em que a publicamos.

Tem, portanto, todo o cunho de veracidade.

A 30 do mez passado foi posto á venda o primeiro volume das obras posthumas de V. Hugo. Chama-se *Theatre en liberté*. Contém varias peças todas em verso, das quaes só uma, na opinião do proprio auctor, representavel: *Grand Mère*, comedia em um acto.

LIVROS JURIDICOS

« RESTITUIÇÃO IN INTEGRUM »

Não são muitos, entre nós, os homens que, sahindo diplomados das nossas Faculdades de Direito, entregam-se mais tarde á cultura d'esta sciencia nobillissima.

A não serem os trabalhos do senador Candido Mendes, dos conselheiros Lafayette e Ribas, e as meditadas obras de Teixeira de Freitas, não muitas outras se podem apontar nas estantes como produções de espirito scientifico de juristas nossos, sem contarmos, para lamentar, os erros obsoletos que por algumas d'ellas se encontram, e que são o resultado do influxo de uma legislação de seculos passados... que ainda nos rege.

As vetustas — *Ordenações* — consolidadas mais pela vontade dos principes que pela sciencia de letrados, são já em Portugal, sua patria, curiosidade archeologica e mero objecto de estudo quando se trata das origens e da bibliographia da legislação portugueza; porém, entre nós, só se conseguiu banir o livro 5º, substituido felizmente pelo codigo criminal de 1830, e os outros quatro livros são ainda a nossa legislação civil!

Ha, porém, quem reaja, e por estudos proprios, prepare a formação de leis adequadas ao nosso tempo e á nossa patria.

Entre esses, e ao lado dos illustres nomes que acima citámos, é de justiça collocar o do conselheiro Almeida Oliveira, que, além de outros, deu á publicidade o resultado de seus estudos sobre um dos mais bellos remedios da jurisprudencia — a restituição *in integrum*.

Seu livro, — onde o assumpto é minuciosamente tractado em duas partes, sendo a primeira contida na orbita do Direito Romano, é a segunda a exposição de tudo o que em nosso Direito existe sobre a restituição, — é digno de ser lido e apreciado por todos os que cultivam a sciencia juridica.

Não é leitura para principiantes, para neophytos do Direito; antes sua forma, por demais concisa, requer no leitor o habito do foro e o conhecimento scientifico já desenvolvido.

É util, porém, nas questões que frequentemente se aventam perante os nossos tribunaes, e em que, em defesa dos interesses dos menores e de todos aquelles que a elles são equiparados por lei, tem de ser invocado o beneficio da restituição.

Discute a theoria e dá tambem sucintamente a forma do processo.

Parabens a quem, não se deixando absorver pelas seducções de uma politica enfezada como a nossa, ergue a vista mais alto e leva o seu material á continuação do edificio das nossas leis.

Outro livro juridico muito bom e muito recomenavel é o « Empregos e Officios de Justiça » pelo juiz de direito, Cassiano C. Tavares Bastos.

Organizado mui methodicamente, contendo toda a legislação referente aos tabelliães, escrivães, contadores, partidores, distribuidores e officiaes de Justiça, completado por um indice alfabético, perfeitamente organizado, annotado copiosa e lucidamente, trazendo todo o texto do Regulamento n. 9420, de 28 de Abril de 1885, preenche este livro inteiramente os fins a que se destina e é realmente indispensavel a todos os officiaes do foro.

B. S.

Ter cincoenta mil libras de renda não é mau. Mas nem todos as podem ter. Ganhe cada um seu pão como puder. O importante é ter que comer.

FR. SARCEY

JORNAES E REVISTAS

Algumas das poucas pessoas que entre nos se preocupam com cousas de arte e litteratura perguntam-nos quem é o auctor das cartás publicadas na *Gazeta da Tarde* sob o titulo geral de — *Alma morta*. Vamos satisfazer essa justissima curiosidade.

O escriptor d'esses admiraveis artigos, exuberantes de talento, de observação e de leitura, esplendidos capitulos de um possivel livro de esthetica moderna, em que á originalidade affoita e coruscante da ideia sempre se juncta a originalidade improvisa e caprichosa do estylo, o escriptor d'essas bellas e preciosas paginas é — Raul Pompeia.

Moco tão modesto quanto talentoso, trabalhador e digno, ha nelle o casulo, já entreaberto, de um pensador notavel e de um estylista eminente.

Entrou para a redacção da *Gazeta da Tarde* o joven escriptor Figueiredo

Coimbra, o applaudido auctor da linda comedia — *A carta anonyma*.

São d'elle os artigos *Por um oculo*, assignados Gil.

É verdadeira a noticia dada pelo *Diario* de haver sido dispensado do logar de correspondente da *Gazeta de Noticias* em Paris o Sr. Marianno Pina.

Podemos affirmar que não influio nessa exoneração — que lamentamos — a recente polemica havida entre o Sr. Xavier de Ricard e Pina, a proposito da maneira porque este tratou dos deputados francezes da extrema esquerda.

A *Gazeta* ainda não assentou na escolha do seu novo correspondente.

O n. 15 da *Revista Popular*, que na Bahia se publica sob a excellente direcção do Dr. Benjamin Franklin não desmerece dos anteriores; é como elles variadamente util e interessante. O principal artigo, encabeçado: *A nova Assembleia* diz duras mas verdadeiras verdades sobre o estado miserrimo das finanças da provincia e aconselha aos *Lycurguinhos* da terra do *carurú* que «dediquem dois mezes aos interesses da provincia» pois «ainda ficam com os dez restantes para descomporem-se á altura dos principios dos dois partidos que alternadamente nos governam.» Bom conselho que, por ser conselho e bom, ha de ser desprezado.

Muito criteriosas as observações do Dr. Remedios Monteiro sobre «Educação e instrucção popular.»

Apenas duas lacunas encontramos na *Revista Popular*: a falta de uma secção de critica em que fosse apreciado o nosso, aliás pequeno, movimento litterario e scientifico, com especialidade na provincia em que ella se publica, de forma a lhe comunicar um tom de actualidade mais pronunciado; e alguma cousa de risonho e leve, que enflorasse a tranquilla severidade das locubrações scientificas da *Revista*.

Terminando, transmittimos ao leitor um utilissimo aviso que, nella se nos deparou: — Não faça uso das conservas de tomate porque «os tomates dão frequentemente logar a um acido susceptivel de combinar-se com os metaes que entram na solda das latas e formam com elles um sal eminentemente toxico.»

Vade retro, conserva de tomate!

Em um dos seus proximos numeros publicará *A Illustração* (Paris; director M. Pina) um retrato do nosso grande Rodolpho Bernardelli executado com extrema felicidade por Belmiro de Almeida, que será acompanhado por um extenso artigo do nosso distincto collaborador L. G. Duque-Estrada sobre o auctor do assombroso grupo — *Christo e a Adultera* e sobre esta obra immortal.

Esperamos anciosamente esse numero d'*A Illustração*.

M. VALENTE.

THEATROS

Reentrou para a excellente companhia do Sant'Anna a graciosa e sympathica actriz Rosa Villiot.

Estreiou na *Niniche*, a famosa comedia-vaudeville que tanto successo fez ha seis annos na Phenix. A distribuição da *Niniche*, — exceptuando o papel do feroz hespanhol, que foi agora feito com muita distincção pelo Phebo — foi a mesma da primeira epocha.

Rosa Villiot representou com a antiga correcção e graça o papel da pro-

togonista. Vasques foi um Gregorio malicioso e levado da breca.

Guilherme de Aguiar tem no conde de Corniski uma das suas mais brilhantes e admiráveis creações artisticas; absolutamente correcto, grave, distincto, original, soberbamente e sobriamente comico, o Korniski que nos dá Guilherme de Aguiar é um dos mais notaveis trabalhos que se têm visto nos nossos theatros. Toda a imprensa lhe tecer os maiores elogios, especialmente *O Paiz*, e o grande artista mereceu todos sem restricções.

Vá o publico ver a *Niniche*, que, além de apreciar uma esplendida comedia, apreciará o bellissimo trabalho do Guilherme, digno a todos os respeito dos mais phreneticos applausos.

Tambem é digno de nota o papel do Visconde, desempenhado com muita graça pelo Lisboa, um actor de muito merecimento, de grande valor, que trabalha com igual distincção em todos os generos theatraes.

Conforme ordena a Santa Madre Igreja, não houve espectáculo hontem e ante-hontem em nenhum theatro.

Para hoje está annunciada a estréia das companhias lyrica e coreographica dirigidas pelo cav. A Ferrari.

No papel da princesa Jogatina, no *Bilontra* tem continuado a agrandar a gentil actriz Aurora de Freitas, que o foi representar tendo apenas quatro ensaios e estando bastante doente.

Na proxima semana faz beneficio no Lucinda o sympathico actor Colás.

O beneficiado offerce em primeira representação a opereta em 3 actos *Meus olhos / meu nariz / minha bocca!*

O Dias Braga, empregario do Recreio, esteve com a febre amarella. Felizmente já está restabelecido e cremos que se nos apresentará na proxima semana na primeira do *Drama Novo*, de Estebanoz, traducção de Aluizio Azevedo.

Fez um grande successo de bilheteria na Phenix Dramatica o antigo drama-lhaço em 5 actos—*Os dois proscriptos, ou a restauração de Portugal em 1640*.

O Galvão tem sido applaudidissimo no seu velho e querido repertorio. Anda em maré de felicidades o Galvão; ainda ha poucos dias lambeu-se com um premiozinho de loteria.

Tambem, depois que Santo Antonio o obrigou a rapar o bigode, era justo que os céus lhe concedessem uma compensação.

Doviam ter embarcao em Lisboa a 23 do corrente, com destino a este Corte, Furtado Coelho e Lucinda Simões, que vêm dar alguns espectaculos no theatro Lucinda, incorporando aqui companhia.

No dia 4 de Maio fará beneficio no theatro *Phenix Dramatica* o estimado actor Flavio, com as hilariantes comedias *O doutor Grama* e *Um medico a pau* em que o Flavio piuta o padre.

Relembramos ao leitor que o beneficio da actriz Iguez Gomes se realisará no dia 30 do corrente, na *Phenix*, com o grande drama *Rocambolo*.

Affonso Daudet está agora trabalhando exclusivamente em uma peça que elle destina ao Odeon, para o pro-

ximo inverno, e que terá por titulo *Norte e Sul*. Não tem collaborador.

Já devia ter sido cantada na Opera Comica de Paris a nova obra do maestro Lecocq — *Plutus*, libreto de Alberto Milland e Gastão Jollinet. *Plutus* é uma adaptação em verso da peça, do mesmo titulo, de Aristophanes e já foi representada (a adaptação) em 1873, no Vaudeville, sob a direcção do Sr. Carvalho, que hoje dirige a Opera Comica. E' de crer que agora, com a musica de Lecocq, *Plutus* agrade muitissimo.

P. TALMA.

E' perigoso dar toda a razão ao vulgo, tão perigoso como não lhe dar nenhuma.

V. M.

SPORT

Com regular concurrencia e alguma animação realisou o Derby-Club no domingo passado a segunda corrida d'este anno. O programma, que era excellente, constou de oito pareos, em geral compostos de animaes superiores, que pela primeira vez se batiam em tiro curto.

Alguns pareos perderam o valor por terem sido compostos exclusivamente de animaes do mesmo proprietario; outros foram victimas de incidentes desagradaveis, mas muito communs em corridas de cavallos.

E's o resultado:

O 1º pareo (1000 metros) compunha-se de quatro animaes; mas apenas correram *Condor*, *Felicidade* e *Reporter*, que depois de fazer algumas salidas falsas, fracturou uma das pernas, ficando completamente inutilisado.

Havendo grandes reclamações de toda natureza, resolveu a directoria annullar o pareo.

Damos um voto de pezar á distincta Coudelaria Cruzeiro pela perda de um dos seus melhores productos nacionaes de meio sangue.

No 2º pareo (1000 metros) bateram-se as duas egoas inglezas *Charybdes* e *Phrynia* que, apezar de sahir um pouco atraza la, venceu a sua competidora em 61 segundos.

O 3º pareo (1450 metros) foi ganho por *Aymoré* em 100 segundos. Coube o 2º logar a *Bayocco*. Tambem correram *Douro*, *Bitter* e *Guanaco*.

No 4º pareo (1450 metros) sahira victoriosa com grande facilidade *Sybilla*, em 100 segundos. Chegou em 2º logar *Aurora*. A bagagem coube a *Schalchi-Lolli* e *Eolo*.

No 5º pareo (1600 metros) luctaram *Fanfaron*, *Françoise*, *Madama*, *Creúza* e *Coupon*, que fez uma brilhante corrida em 107 segundos, batendo *Creúza*, que era o animal favorito. *Creúza* foi pessimamente dirigida pelo seu jockey, que aliás tem boa reputação (Hinds).

No 6º pareo (1450 metros) inscreveram-se *Talisman* e *Sylvia II*, ambos de um só proprietario. Fizeram um gallope para garantir o premio.

O 7º pareo (1600 metros) foi, com alguma facilidade, ganho por *Comtesse d'Olonne* em 107 segundos, por não ter estabelecido lucta. Chegou em 2º logar *Bolivar*. *Atalanta* foi vergonhosamente derrotada, por não estar convenientemente tractada. *Dr. Junner* e *Sucamp* vieram na bagagem. *Tullefer* não correu.

No ultimo pareo correram nove animaes. *Douro* venceu os 1450 metros em

104 segundos seguido por *Alteza* e *Africa* que chegou em 3º logar. Tambem disputaram esse pareo *Savana*, *Zaire*, *Bonita*, *Marengo*, *Pampeiro* e *Peralta*. *Nicoafi* e *Biscaia* não correram.

Um pouco tarde terminaram as corridas, sem que a menor perturbação se houvesse manifestado.

Com programmas esplendidos realisam amanhã o Prado Villa Isabel e o Hippodromo Guanabara as suas corridas. Na verdade não sabemos qual dos programmas preferir.

Sentimos que essas duas distinctas sociedades não tivessem chegado a um accordo, transferindo nma d'ellas o divertimento, o que seria muito razoavel, evitando por essa forma prejuizos mutuos.

Realizando ambas a execução dos seus programmas, desejamos que a concurrencia se divida igualmente, satisfazendo a boa vontade das distinctas directorias.

Chamamos a attenção dos amadores para as nossas ultimas paginas, onde encontrarão impressos os programmas, que sinceramente são dignos de ter feliz exito. Palpitem á vontade e acertem. E' o que desejamos.

No dia 20 do corrente reuniram-se em assemblea geral os socios do Jockey Club e resolveram por grande maioria, demittir de membro do conselho administrativo da mesma sociedade o Sr. Dr. Costa Ferraz, por ter apresentado na Cumara Municipal, a tal *celeberrima postura*, que, se fosse executada, seria a morte de todas as sociedades de corridas.

Na mesma assemblea teve o Sr. Dr. Costa Ferraz 12 votos contra 17, de conformidade com os estatutos, para a eliminacão de socio da mesma sociedade.

L. M. BASTOS

AQUI, ALI, ACOLÁ

Está em Paris o celebre Listz, o extraordinario pianista, o famoso «Conego d'Alberno». Tem 75 annos. «Listz é talvez d'este seculo, com excepção de Byron e Lamartine, o homem que mais successos femininos tem obtido»; escreve um chronista francez.

Uma baroneza abandonou tudo para acompanhal-o. Uma outra constituiu-se seu anjo da guarda, pretendendo ter sido enviada pelo céu para protegelo contra todo mal.

Uma vez, tendo-lhe cahido uma luva ao chão, foi ella disputada ferozmente por algumas mulheres, que a dividiram em pequenos pedacos, levando cada uma d'ellas o seu, gloriosamente, como se fora uma reliquia. De Mme. d'Agoult teve um filho e duas filhas, que foram por elle mesmo educados.

O mais velho, Daniel Listz, é morto. Morreu muito moço. Tocava Chopin tão bem como seu pae. Das duas filhas falleceu uma, Blandina, que havia desposado Emilio Olivier. A outra, Cosima, casou em primeiras nupcias com o celebre pianista Hans de Bulow e em segundas com o grande Ricardo Wagner.

Um detalhe pouco conhecido: A mãe dos filhos de Listz, Mme. d'Agoult, era uma escriptora distincta, que teve mesmo certa celebridade. Sob o pseudonymo de Daniel Stern publicou varias obras; entre as quaes uma *Historia de 1848*, uma *Historia da Hollanda*, e um

romance famoso *Nilda*, em que Listz é retratado sem muita benevolencia.

Listz é pobre. Tem ganho, no entanto, milhões ao piano. Mas é muito caritativo e por isso não enriquece.

Paris recebeu-o com enthusiasmo.

O illustre musico fora ao Chatelet assistir á execucao do seu poema symphonico — *Os preludios*. Foi recebida a sua entrada no salão por uma triplice salva de palmas e, após a audicao, tão entusiasticos foram os applausos que Listz, commovido, agradeceu-os chorando.

Listz amou sempre o publico de Paris. Quando está em França, elle que tem condecorações de todos os paizes, usa somente, sobre a sua longa sotaina preta, inteiramente e correctamente abotoada, a roseta da *Legion d'Honneur*. Mas na Allemanha não usa condecoração nenhuma.

Fôí um grande triumpho para o grande e venerado compositor e pianista a sua ida á França.

A viuva do general Grant recebeu do elictor das *Memorias Militares* de seu marido nu milhão de francos. Assim como quem diz: — 450 contos! A primeira edição foi de 325 mil exemplares. Que ediçãozinha!

ALFINETE.

«Teine unicamente as pessoas que eu amo.»

Divisa da actriz.

REJANE

CASAMENTO SINGULAR

Aninha era das Larangeiras a flor, e, a falar a verdade, suspirava dia e noite pelas flores da larangeira.

No entanto, se não era a vontade de casar, tambem não eram noivos o que lhe faltava. Mas a todos *dava de taboa*.

Apresentou-se o Dr. Tibáu, um advogado de talento e *cavaignac*: regeitou-o.

Veio depois o commendador Sergio, um commendador sem barriga nem suissas, mas, em compensação, com muitas apolices, — genero que, apesar do decreto da conversão, ainda não é para desprezar.

Pois Aninha desprezou-as e ao commendador subjacente.

Surgio então o *Jójoa*, um gentil filhote de senador: — nova *taboa*!

Ninguém podia atinar com a causa occulta d'aquella pertinaz recusação.

O *papá*, intimamente assustado, entrou a desconfiar que a *pequena* queria ficar para tia. Um dia, enfim, Aninha despeitorou ineigamente o encantado, o almejadissimo *sim*.

Felizardo chamava-se *ofelizardo*.

Bom moço, trabalhador e honesto. Mas, verdadeiramente, nem bonito, nem talentoso, nem abastado. Mas elegante, lá elegante era elle!

O pae, embora um tanto desconcertado, consentio no enlace.

Oito dias depois d'este, não mais podendo resistir ao cupim da curiosidade que lhe roia o interior, abraçou Aninha com ternura e perguntou-lhe qual a verdadeira razão porque ella, entre tantos outros mais vantajosos, havia preferido o Felizardo.

— Eu lhe digo, *papá*, responleu a galante esposadinha, é porque elle se vestia na grande, na inimitavel alfaiataria *Estrella do Brazil*!

BARÃO RECLAME.

FACTOS E NOTICIAS

CLUB TIRADENTES

Commemorando o anniversario da morte de Tiradentes, o Club que adoptou para seu o nome do martyr da nossa independência realisou no Recreio Dramatico a 21 do corrente uma sessão solemne.

Foi orador official o Sr. Quintino Bocayuva; e além de S. Ex. falaram José do Patrocinio, Vicente de Souza, Cyro de Azevedo, Luiz Nobrega, Romualdo de Oliveira, etc.

O auditorio, composto de grande numero de cavalheiros e Exmas. familias da sociedade fluminense, não regeitou applausos aos oraderes.

Chegou de Minas o nosso estimado collaborador Dr. Affonso Celso Junior. S. Ex. trouxe o seu diploma de deputado geral pelo 2º districto d'aquella provincia.

Chegou de S. Paulo, com sua Exma. esposa, o nosso distinctissimo collaborador Dr. Luiz Murat.

Comprimntamol-o cordialmente, de columnas e braços abertos.

O Club Beethoven está promovendo uma grande exposição artistica, cujo producto é destinado a occorrer ás despezas da fundação de uma academia da musica, que aquella benemerita sociedade pretende fundar.

Os delicados e espirituosos Democraticos Carnavalescos, os gloriosos triumphadores do carnaval de 1886, dão hoje no sen feérico *Castello* um inadjetivavel baile á fantasia.

Parte depois d'amanhã para a França a gentilissima actriz-cantora Mlle. Rose Meryss.

Boa viagem e breve regresso lhe desejamos.

Um dos estabelecimentos de pura iniciativa particular que, sem subsidio algum do governo, tem sabido prosperar é a Fabrica Orphanologica de Flores, de propriedade dos Srs. Ribeiro de Carvalho & C.

Uma rapida visita a esse estabelecimento, actualmente em via de grandes melhoramentos, dá-nos uma perfeita idéa da intelligencia e perseverança com que é dirigido. Concluidos esses melhoramentos, daremos aos nossos leitores uma desenvolvida noticia da organização e methodo de trabalho da referida casa.

FALLECIMENTOS

Falleceu no dia 11 a Exma. Sra. D. Alice Cesarina Senna de Andrade, irman do nosso collega do *Diario de Noticias* Ernesto Senna.

Ao nosso collega apresentamos sinceras condolencias.

Tambem falleceu no dia 18, em S. Paulo, a Exma. Sra. D. Gertrudes do Amaral Fontoura, mãe do illustre advogado e homem de letras Dr. Ubaldo do Amaral.

Os nossos pezames.

Falleceu no dia 17 o antigo contador do thezouro nacional Antonio José de Castro, pae do Sr. Dr. Antonio José de Castro, distincto medico d'esta Corte.

ANNUNCIOS

Dr. João Botelho. medico e operador; molestias veneroas, syphiliticas e das vias urinaarias. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicações medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 51, acima da antiga pharmacia Fragozo, das 12 ás 3 horas.

Portuguez, francez e Inglez — Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta lolla.

Dr. Cyro de Azevedo. — Advogado. Das 10 ás 4 horas. — Becco das Cancellas n. 2.

F. L. STRONG

CIRURGIÃO DENTISTA

RUA SETE DE SETEMBRO, 51

Lindolpho Coimbra — Bacharel em bellas artes: photographo, chímico e oleographo. Rua de Santo Antonio — Santos.

PHENIX DRAMATICA

EMPRESA DRAMATICA — DIRECÇÃO SCENICA

DO

ACTOR GALVÃO

HOJE

Sabbado, 24 de Abril de 1886

Penultima representação do grandioso drama-sacro

OS MILAGRES

DE

SANTO ANTONIO

Seguir-se-á um esplendido baile de mascarar

A's 8 1/2 horas

Amanhã, Domingo, 25 de Abril

A's 4 1/2 horas da tarde

Representação do notavel drama

OS DOIS PROSCRIPTOS

OU

A RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL

EM 1640

A's 8 1/2 horas da noite

Ultima representação do drama sacro

Os Milagres de Santo Antonio

Seguindo-se um esplendido

BAILE DE MASCARAS

PREÇOS DO COSTUME

HIPPODROMO GUANABARA

SETIMA CORRIDA EM 25 DE ABRIL DE 1886

AO MEIO DIA EM PONTO

Primeiro pareo — NICTHEROY — 850 metros — Animas de menos de meio sangue que ainda não tenham ganho — Premios: 200\$ ao primeiro e 50\$ ao segundo. Entrada 10\$000

Ns.	NOMES	IDADE	PELLO	NATURAL.	PEZOS	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Pelotas.....	5 annos	Zaino.....	Paraná.....	56 kilos	M. R. Santos.
2	Moema.....	4	Idem.....	S. Paulo.....	53	Encarnado.....	C. C.
3	Tufão.....	2	Castanho.....	R. de Janeiro.	50	Verde e ouro.....	J. L. da Costa.
4	Pampeiro.....	2	Idem.....	Rio Grande...	50	Encarnado e preto.....	J. A. Silva.
5	Zizania.....	3	Idem.....	R. de Janeiro.	51	Cereja, verde e amarello...	V. M.
6	Buchinha.....	3	Idem.....	S. Paulo.....	51	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
7	Verbena.....	3	Idem.....	R. de Janeiro.	51	Ouro.....	J. J. F. G.
8	Faustinho.....	5	Cambráia.....	Minas Geraes	56	Grénat e ouro.....	A. P.
9	Apanage.....	4	Zaino.....	Rio Grande...	54	Ouro.....	J. Maximo Miranda.
10	Ella.....	3	Tordilho.....	R. de Janeiro.	51	Vermelho e amarello.....	S. A.
11	Guacho.....	2	Chita.....	Rio Grande...	50	Preto e branco.....	A. M.

Segundo pareo — CONDE DE HERZBERG — 1,450 metros — Inteiros e eguas nacionaes de meio sangue — Premios: 300\$ ao primeiro e 80\$ ao segundo. Entrada 15\$000

1	Douro.....	6 annos	Alazão.....	R. de Janeiro.	54 kilos	Verde e ouro.....	L. A. Ribeiro.
2	Nicoasi.....	3	Castanho.....	Paraná.....	56	Azul e branco.....	J & P.
3	Pirata.....	3	Tordilho.....	R. de Janeiro.	50	Ouro e encarnado.....	D. A.
4	Pojucan.....	5	Alazão.....	Idem.....	51	Azul, branco e estrellas enc.	B. J. L. Sabary.
5	Aurora.....	3	Idem.....	S. Paulo.....	48	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
6	Catita.....	2	R. de Janeiro.	48	Azul.....	F. Guimarães.
7	Sartarelle.....	5	Preto.....	Paraná.....	54	Geranio e ouro.....	J. W.
8	Vampa.....	3	Zaino.....	Rio Grande...	52	Preto e branco.....	A. M.

Terceiro pareo — HYPPODROMO GUANABARA — 1,800 metros — Animas de qualquer paiz — Premios 500\$ ao primeiro e 120\$ ao segundo. Entrada 25\$000

1	Dr. Jenner.....	3 annos	Zaino.....	Rio da Prata.	55 kilos	Grénat e ouro.....	Coud. Luso-Platense.
2	Guanaco.....	7	Alazão.....	Paraná.....	54	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
3	Victoria.....	2	Zaino.....	Inglaterra.....	51	Vermelho e preto.....	Idem idem.
4	The Witch.....	4	Idem.....	Idem.....	55	Encarnado, branco e ouro.	R. V.
5	Fanfarron.....	4	Alazão.....	França.....	57	Encarnado e preto.....	Oliv. Junior & Lopes.
6	Bonita.....	4	Idem.....	S. Paulo.....	50	Ouro.....	J. Maximo Miranda.
7	Gazida.....	3	Castanho.....	França.....	53	Azul e amarello.....	Coudelaria Luzo.

Quarto pareo — ANIMAÇÃO — 1,000 metros — Animas até meio sangue que ainda não tenham ganho — Premios 300\$ ao primeiro e 80\$ ao segundo. Entrada 15\$000

1	Mascotte.....	4 annos	Tordilho.....	R. de Janeiro.	53 kilos	Ouro e encarnado.....	D. A.
2	Dr. Jenner.....	3	Zaino.....	Rio da Prata.	57	Grénat e ouro.....	Coud. Luso-Platense.
3	Africana.....	2	Idem.....	Idem.....	54	Azul, branco e estrellas enc.	J. L. Costa.
4	Douro.....	6	Alazão.....	R. de Janeiro.	55	Verde e ouro.....	L. A. Ribeiro.
5	Pensy.....	2	Zaino.....	Rio da Prata.	54	Cereja, verde e amarello...	V. M.
6	Alteza.....	5	Libuno.....	S. Paulo.....	55	Encarnado e preto.....	Oliv. Junior & Lopes.
7	Verbena.....	3	Castanho.....	R. de Janeiro.	51	Ouro e facha.....	J. J. F. Guimarães.
8	Biscaia.....	3	Alazão tost...	S. Paulo.....	51	Ouro.....	Idem idem.
9	Aurelia.....	3	Alazão.....	R. de Janeiro.	51	Azul e grénat.....	Antonio E. Oliveira.
10	Bonita.....	4	Idem.....	S. Paulo.....	53	Ouro.....	J. Maximo Miranda.
11	Flora.....	5	Castanho.....	Rio da Prata.	60	Encarnado e azul.....	Idem idem.
12	Aranha.....	4	Alazão.....	S. Paulo.....	53	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
13	Saltarelle.....	5	Preto.....	Paraná.....	56	Geranio e ouro.....	J. W.
14	Catana.....	3	Douradilho...	S. Paulo.....	51	Preto e bonet encarnado...	J. W.

Quinto pareo — INTERNACIONAL — 1,000 metros — Animas estrangeiros até puro sangue — Premios: 350\$ ao primeiro e 80\$ ao segundo. Entrada 20\$000

1	Diana.....	2 annos	Alazão.....	França.....	54 kilos	Grénat e our.....	Coud. Luso-Platense.
2	The Witch.....	4	Idem.....	Inglaterra.....	58	Encarnado, branco e ouro..	R. V.
3	Fanfarron.....	4	Idem.....	França.....	59	Encarnado e preto.....	Oliv. Junior & Lopes.
4	Douro.....	6	Idem.....	R. de Janeiro.	56	Verde e ouro.....	L. A. Ribeiro
5	Camelia.....	2	Idem.....	França.....	54	Ouro.....	J. J. F. Guimarães.
6	Flora.....	5	Castanho.....	Rio da Prata.	60	Encarnado e azul.....	J. Maximo Guimarães
7	Victoria.....	2	Zaino.....	Inglaterra.....	54	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
8	Gazida.....	3	França.....	60	Azul e amarello.....	Coudelaria Luso.
9	La Ferthé.....	3	Alazão.....	Idem.....	56	Vermelho e amarello.....	S. A.
10	La Linda.....	5	Castanho.....	Rio da Prata.	60	Geranio e ouro.....	J. W.

Sexto pareo — EXPERIENCIA — 1,500 metros — Animas do paiz, de meio sangue — Premios: 300\$ ao primeiro e 80\$ ao segundo. Entrada 15\$000

1	Nivoafy.....	3 annos	Castanho.....	Paraná.....	50 kilos	Azul e branco.....	J. & P.
2	Africa.....	7	Preto.....	Idem.....	52	Encarnado, branco e ouro..	L. V.
3	Alteza.....	5	Libuno.....	S. Paulo.....	52	Encarnado e preto.....	Oliv. Junior & Lopes.
4	Biscaia.....	3	Alazão tost...	Idem.....	48	Ouro.....	J. J. F. Guimarães.
5	Guanaco.....	7	Alazão.....	Paraná.....	54	Vermelho e preto.....	Coudelaria Ypiranga.
6	Aurora.....	3	Idem.....	S. Paulo.....	48	Vermelho.....	Idem idem.
7	Saltarelle.....	5	Preto.....	Paraná.....	54	Geranio e ouro.....	J. W.

O 2º secretario, DR. T. GOUVEA,

PRADO VILLA-ISABEL

PROGRAMMA

DA SEXTA CORRIDA A REALISAR-SE

DOMINGO 25 DE ABRIL DE 1886

AO MEIO DIA EM PONTO

Primeiro pareo — CONCILIAÇÃO — Distancia 1.800 metros — Animaes de menos de meio sangue — Premios: 200\$ ao primeiro e 60\$ ao segundo — Entrada 10\$000.

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Vampa.....	Castanho	3 annos	R. G. do Sul.	46 kilos	Preto, branco e encarnado.	Coudelaria Paraiço.
2	Diva.....	Alazão.....	3 »	R. de Janeiro.	46 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
3	Araby.....	Idem.....	3 »	Idem.....	46 »	Ouro e encarnado.....	D. A.
4	Scalchi-Lolli.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	44 »	Idem idem.....	Idem.

Segundo pareo — ENSAIO — 1.450 metros — Animaes até 3 annos, que ainda não tenham ganho. — Premios: 400\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo, Entrada 20\$000

1	Sultão.....	Libuno	3 annos	Minas Geraes	48 kilos	Azul e manchas encarn....	J. F. Vaz.
2	Savana.....	Castanho.....	4 »	R. G. do Sul..	49 »	Rosa e Grenat.....	F. G.
3	Zaire.....	Gateado.....	4 »	Paraná.....	51 »	Azul e encarnado.....	J. C.
4	Eucharis.....	Tordilho.....	5 »	Idem.....	52 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
5	Serodio.....	Castanho	5 »	R. G. do Sul..	51 »	Ouro e encarnado.....	D. A.

Terceiro pareo — OMNIUM — 1.450 metros — Inteiros e eguas de qualquer paiz — Premios: 500\$ ao primeiro e 150\$ ao segundo.

1	Madama.....	Castanho	3 annos	Inglaterra....	49 kilos	Azul e ouro.....	Coudelaria Cruzeiro.
2	Phryné.....	Idem.....	4 »	Idem.....	52 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
3	Sornette.....	Zaino.....	4 »	França.....	52 »	Preto, branco e encarnado..	C. P.
4	Dromede.....	Idem.....	3 »	Idem.....	55 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.

Quarto pareo — ANIMAÇÃO — 1.609 metros — Animaes nacionaes até meio sangue — Premios: 500\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo.

1	Baiocco.....	Castanho.....	4 annos	S. Paulo.....	57 kilos	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
2	Druid.....	Tordilho.....	3 »	R. de Janeiro.	52 »	Idem.....	Idem idem.
3	Aymoré.....	Castanho.....	5 »	S. Paulo.....	51 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
4	Mandarim.....	Rosillo.....	3 »	Idem.....	48 »	Preto, branco e encarnado..	Coud. Paraiço.

Quinto pareo — OMNIBUS — 2.300 metros — Inteiros e eguas de qualquer paiz — Premios: 1:200\$ ao primeiro e 300\$ ao segundo.

1	Curubaiá.....	Zaino.....	5 annos	Inglaterra....	51 kilos	Preto e encarnado.....	D. F. P.
2	Bolivar.....	Castanho	6 »	França.....	55 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
3	Creusa.....	Alazão.....	4 »	Inglaterra....	52 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.

Sexto pareo — METROPOLITANO — 2.300 metros — Inteiros e eguas nacionaes — Premios: 1:000\$ ao primeiro e 300\$ ao segundo

1	Talisman.....	Alazão.....	6 annos	S. Paulo.....	54 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
2	Macaré.....	Idem.....	4 »	Idem.....	49 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
3	Sans-Souci.....	Castanho.....	5 »	Minas.....	56 »	Azul e grénat.....	H. O.

Setimo pareo — VILLA ISABEL — 1.000 metros — Inteiros e eguas nacionaes de meio sangue. que ainda não tenham ganho este anno. Premios 300\$ ao primeiro e 90\$ ao segundo.

1	Peralta II.....	Douradilho..	3 annos	Paraná.....	50 kilos	Preto e branco.....	C. P.
2	Pretoria.....	Libuno	5 »	S. Paulo.....	56 »	Cinza.....	A. C.
3	Bitter.....	Preto.....	4 »	Idem.....	55 »	Azul e grénat.....	H. O.
4	Baioco.....	Castanho.....	4 »	Idem.....	59 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes

OBSERVAÇÕES

Os animaes inscriptos no 1º pareo devem achar-se no ensilhamento ás 11 horas em ponto. Por deliberação da directoria, foi alterada a collocação dos dois primeiros pareos na ordem em que se acha publicado o programma. — RAUL DE CARVALHO, 2º secretario.

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 1 DE MAIO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 70.

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

SUMMARIO

Expediente.....	
Historia dos sete dias.....	FILINDAL.
A conversão das apolices.	TÓB.
O senador Silveira Lobo.	
Palestras femininas.....	A. VIEIRA.
Pequenos e grandes.....	O. BILAC.
Notas criticas.....	V. MAGALHÃES.
Politica e politicos.....	TÓB.
A vida elegante.....	LORGNON.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Gazetilha litteraria.....	
Andorinhas.....	A. LOBO.
Theatros.....	P. TALMA.
Factos e Noticias.....	
Recebemos.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

GERENTE

G. CABRAL

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

ASSIGNATURAS

CÔRTE	
Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000
PROVINCIAS	
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

A exemplo do que fizemos no anno passado, abrimos de abril a dezembro, uma assignatura de nove mezes pelo preço de 6\$000, dando nós a esses assignantes os mesmos premios a que têm direito os assignantes de anno, com excepção do livro *Vinte Contos*, que é exclusivamente para estes, que deverão recebê-lo por todo o mez de maio.

Rogamos aos cavalheiros que hoje comecem a receber «A Semana» o obsequio de nol-a devolverem até 7 do corrente mez, no caso de não quizerem honrar-nos com as suas assignaturas.

Sendo em quantidade superior às nossas tiragens anteriores o numero dos nossos assignantes ultimamente inscriptos, não podemos por isso enviar-lhes collecções completas desde Janeiro.

Assim, rogamos aos cavalheiros que nos obsequiaram com as suas assignaturas pelo corrente anno, e que já as satisfizeram, a fineza de se considerarem assignantes por um anno, sim, mas a contar de 1 de Abril a 31 de Março de 1887, visto que com o augmento da tiragem d'A *Semana* estamos habilitados

a satisfazer os compromissos que contrahimos para com os referidos cavalheiros.

Aquelles, dos nossos assignantes, que não quizerem conformar-se com esta resolução, poderão receber *A Semana* desde Janeiro do corrente anno, sujeitando-se, porém, á falta de alguns numeros da folha, cuja edição esteja esgotada.

Compram-se nesta redacção exemplares do n. 6 d'A *Semana*, a 500 réis.

Sr. A. P. B.—S. Paulo.—O Sr. Doli-vaes Nunes está autorizado a cobrar as nossas assignaturas.

A SEMANA

Rio, 1 de maio de 1886.

Publicaremos no proximo numero :
— *Cartas de Lisboa*, do nosso correspondente, o illustre escriptor Emygdio Monteiro.

Esta carta traz uma magnifica revista retrospectiva das obras ultimamente publicadas em Portugal.

— *Bellas Artes*, de Alfredo Palheta sobre Caron, Vasquez e Castagnetto. Este artigo não pode, como devia, ser publicado neste numero por se haver quebrado um *paquet* na paginação da folha.

— *O cygne*, soberba poesia de Sully Prudhomme, magnificamente traduzida por Alberto de Oliveira ;

— *Entre poetas* ; versos de D. Adelina Vieira, Arthur Azevedo, Luiz Murat, a proposito de uma *lettre de faire part*.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Foi com uma copiosissima chuva que começou esta semana. Chuva devastadora e assassina, deixou de si a triste memoria de duas mortes e muitos desabamentos.

Todavia, forçoso é confessarmos que foi benéfica a mudança da temperatura, pois que os ultimos dias têm estado deliciosos de frescura e as noites já se têm dado ao luxo excessivo de serem frias.

A proposito da chuva de domingo contaram-nos um interessante episodio:

Naquelle dia varias senhoras, para se abrigarem da tempestade, invadiram o Club Beethoven. Todos sabem quanto aquelle club, tão masculino quanto musical, evita o contacto do bello sexo, e o horror que ali ha pelo aspecto elegantemente burlesco de uma simples *tour-nure*. Os estatutos do Beethoven ergueram uma barreira de gelo entre os dois sexos; ha um paragrapho constantemente a gritar:—«Bani a mulher ! Evitae a mulher !»

Imagine-se, pois, o alvoroço, o espanto, o pavor e o panico de que ficaram possuidos os inuptos socios do ele-

gante club ! O Sr. barão de Vasconcellos Rodolpho, mal apontaram no alto da escada as plumas dos primeiros chapéus de senhora, agarrou pela casaca o Sr. Roberto Benjamin e arrumou-o cuidadosamente na gaveta da secretária presidencial. Aconteceu, porém, que o arco da rabeça do illustre director dos concertos ficou com uma pouta de fóra.

E' preciso notar que todos os socios desapareceram como desaparece Rocamboles nos romances de Ponson — como por encanto.

As damas abrigadas, não encontrando viv'alma, e cedendo á indiscreta curiosidade feminina, que deu a Goldoni uma comedia e a Usilio uma opera buffa—*Le donne curiose*—escoldrinharam todo o edificio. Desarrumavam as musicas, deram batalhas de xadrez, despenduraram uns cincoenta retratos de Beethoven, desafinaram o piano, fizeram o diabo ! Por fim, não tendo mais nada em que bulir, deram com a ponta do arco do Sr. Benjamin ; verem-n'o e começaram a puxar por elle—foi tudo obra de um momento. O Sr. Kinsman, lá dentro, agachado e dobrado, mal podendo ageitar os tacões das botas, que são enormes, agarrava-se ao arco com desespero. Afinal, não podendo mais sustentar a lucta, poz-se a gritar. Foi arrombada a gaveta e sacado o Sr. Roberto. Então as damas fizeram-lhe uma grande ovação, e uma d'ellas disse-lhe com o mais encantador dos sorrisos:

— Roberto escondido com o arco de fóra ! Para outra vez tenha mais cuidado.

O Sr. Benjamin, attonito, pasmo, estarrecido, não tendo mais nada que fazer—desmaiou. Hontem ainda estava de cama o illustre amator de musica classica. O seu medico, muito solícito, prohibio-o de ver senhoras durante dois mezes. Com este severo regimen é provavel que no fim d'aquelle prazo possamos manifestar ao Sr. Roberto Benjamin o retrato a oleo do nosso jubilo.

O Imperador, querendo manifestar o profundo respeito e veneração que consagra á sexta-feira sancta, e usando da attribuição que lhe confere o art. 101, § 8º da Constituição, perdoou a diversos sentenciados e commutou as penas de outros.

Entre os perdoados figura Joanna Lahore, sentenciada pelo crime de offensas physicas graves, que consistio na deformação e desfiguração de uma rapariga bonita, que vivia da sua belleza, sobre o rosto da qual a criminosa lançou vitriolo.

Esta desgraçada, perseguida pelos remorsos e depois de ter visto uma vez na prisão o rosto deformado da sua victima—enlouqueceu.

Ao ser posta em liberdade foi recolhida á casa de uma familia caridosa que procura restituil-a á razão.

A proposito d'este factio, borbulhou inflammada a rhetorica d'O *Paiz*, num artigo sentimental como a rola afflicta e lyrico mais do que a bonina do Prado,

sobre cujas petalas simples escorrem como perlas soltas e húmidas as candidas e prateadas lagrymas do diu-culo, antes que o arrebol deixe entre-ver nas franjas do horizonte longinquo a aurora, com os dedos cor de rosa ras-gando o immaculado azul do firmamento!

Oh! O Paiz!...

O *Jornal* de 26 dá na gazetilha a seguinte noticia:

«Xadrez—RECTIFICAÇÃO—No final da partida jogada entre o Sr. Napoleão Jeolás e um amator, o C preto deve ser branco. Conserva-se na casa em que está.»

Nós não commentaremos este escan-dalo. O *Jornal*, que até então era para nós o grande rochedo da seriedade pa-tria, decahiu agora inteiramente do nosso conceito. Que! pois o grande órgão, que nem sempre se digna de tra-ctar das altas questões do paiz, vae agora ali assim para a praia do Peixe declarar que o Sr. Napoleão de Tal deve ter o C. branco e não preto!

Isto, além de ser um grave attentado á liberdade individual, que dá ao cida-dão o direito de ter o C. da cor que quizer, é uma entrada pouco decente nos dominios da pornographia.

Nada! O *Jornal* não tem o direito de metter o nariz onde não é chamado.

Chegou no dia 28 o general Arredondo e a sua commitiva, estado-maior, ou o que quer que seja.

Dizem as folhas que á chegada foi um official do ministro da Guerra partici-par ao general que elle e os seus companheiros podiam desembarcar li-vramente.

Arredondo queixa-se, sobretudo, da auctoridade militar de Sant'Anna do Livramento, que os deteve em carcere dois dias sem lhes dar alimentação.

O illustre revolucionario oriental já não pedia liberdade propria, já não exi-gia a libertação da patria, já não tinha sede de justiça, já não queria a reivin-dicação dos direitos conculcados; e que elle queria, exigia e pedia—era um bife!

Tirassem-lhe tudo: as honras milita-res, as condecorações, a gloria de cau-dillo, a fama de patriota, mas, com os demonios! trouxessem-lhe—carne as-sada!

Uma batata frita, um prato de feijão preto, um pouco de mocótó ou um pou-co de esparregado com ovos, pôde em semelhantes occasiões ser a synthese e o resumo de todas as aspirações hu-manas.

Após dous dias de abstinencia com-pleta, eu profiro, como Esaú, um prato de lentilhas ao reino de Israel, ou *deux œufs à la coq* ao throno da Russia.

Felizmente, o general Arredondo veio encontrar reformado e todo pintado de novo, com uma onça de barro muito bo-nita e grande arvoredo de cimento, com begônias plantadas nos troncos—o *Restaurante da Cascata*, onde o Brito sacode o insecto importuno com uma pera ho-merica, e onde o José Maria dá bifes á gente com a mesma liberalidade tran-quilla com que um relógio dá horas—dandó-se-lhe corda.

Os ultimos dias foram ensanguenta-dos por varios crimes que nos abste-mos de commentar, por nos parecer que esta secção deve ser um pouco mais in-cruenta do que a lucta travada no thea-tro publico dos *apedidos* entre os Drs. Dermeval da Fouseca e João Botelho.

Lucta cruenta, na verdade! Lucta que daria a Chivot e Duru um optimo libreto e ao Bordallo uma bella pagina; lucta que, sendo incruentas todas as

luctas travadas naquelle *bois de Vin-cennes* da Imprensa, veio mais uma vez provar que—não ha regras sem excepção.

Os crimes de maior vulto foram os dos dous maridos que mataram as res-pectivas mulheres. Um foi movido por ciumes, infundados, ao que parece; ou-tro teve da esposa a confissão do adul-terio.

Mata-a, ou ella te matará, disse Dumas.

Provavelmente o infeliz nunca leu os paradoxos moraes-sociaes do grande comedigrapho; mas obedeceu simples-mente ao impulso do seu tempera-mento.

Não é antipathico este criminoso. A mulher insultou-o atrozmente e lan-çou-lhe ao rosto, com o maior cynismo, a lama da sua deshonra. Elle não pre-meditou o crime; pegou de uma faca e foi ferindo. O proprio numero de gol-pes explica o seu desvairamento e de-nuncia o seu desespero.

O adulterio, crime irremediavel, pôde e deve merecer uma penna incommu-tavel.

Gema por momentos a sociedade, mas viva o Brio!

Ora ahi está o que é a gente metter-se em funduras! atirei-me ao paradoxo e á rhetorica como se fora um príncipe... do Paiz!

FILINDAL.

A CONVERSÃO DAS APOLICES

Acaba hoje o prazo concedido aos fe-lizes possuidores de apolices, para de-clararem, perante o Thesouro, que op-tam pelo seu dinheiro ou pela nova taxa de 5%. Acredito que o Sr. conse-lheiro Beltsario deve estar seriamente preocupado com o grande numero de reclamações que lhe foram apresen-tadas; não sei ao certo quantas até hoje, mas posso garantir que até quarta-feira attingiam á pasmosa somma de... duas.

Duas reclamações já é grande cousa; cada reclamação, porém, pode, por sua vez, referir-se a grande numero de apolices, e foi o que aconteceu na emer-gencia actual. O leitor sabe que a nossa responsabilidade em apolices—nossa é um modo de dizer—é de TREZENTOS E SESENTA E TANTOS MIL CONTOS. Pois bem; a quantia reclamada até quinta-feira não attingiu aquella somma, mas pouco faltou: o Thesouro recebeu pedidos no valor de DEZOITO CONTOS. Consigno, pois, o facto, accentuando a imprudencia do ministro que fez conversão nas actuaes condições, sujeitando o credito do Es-tado a tão phenomenal e enorme cor-rida de capitães.

Se, como operação financeira, a con-versão deu este resultado, como oper-ção chimica o resultado foi ainda mel-hor. A conversão foi o reagente das drogas da imprensa, e por ella e com ella, ficou bem liquida, claramente vi-sivel, a natureza dos precipitados.

Dous órgãos de publicidade, órgãos da democracia mais pura e que repre-sentam o que ha de mais adiantado em materia democratica, porque são de-claradamente republicanos, atacaram a operação financeira do Sr. ministro da fazenda, e ambos pela principal razão de que essa operação constituia um ata-que á propriedade. Aproximaram-se nesse ponto das razões de opposição de um outro órgão, que representa idéas que devem ser diametralmente oppo-sitas a todas as tendencias democraticas, e consequentemente contrarias ás d'a-quelles dous jornaes a que nos referi-mos. Esta questão da conversão rea-

lisou este phenomeno não commum e pelo menos exquisitissimo na vida da imprensa: a identificação do pensa-mento genuinamente e necessariamente conservador com o de dous outros or-gãos declaradamente republicanos e consequentemente democraticos.

E note-se que isto não é um questão de detalhe de orçamento ou de finanças, em que opiniões, subordinadas a um mesmo criterio philosophico, podem va-riar sem contradicção de principios, e em que a apreciação de adversarios naturaes pôde ser homogenea. A con-versão das apolices representa, nas nos-sas condições, uma questão fundamen-tal, com linha divisoria perfeitamente estabelecida, que põe de um lado os interesses conservadores em defeza da propriedade, da renda sem trabalho e sem risco, da contribuição geral do im-posto para garantia do capital privile-giado, da vadiacção do dinheiro, e do outro lado o jogo dos interesses demo-craticos atacando o capital immobili-sado, reduzindo—enquanto não pôde annullal-o—o monopolio do dinheiro, fa-zendo decrescer o juro das fortunas inertes para provocar a especulação franca nas industrias e no commercio livre—arriscado mas reproductor,—pre-tendendo fazer de cada capitalista um industrial, e inudando o assassinato do dinheiro commettido pela arma da apolice, na actividade do beneficio do capi-tal dynamico, favorecendo as empresas industriaes, desenvolvendo as fabricas, prolongando as vias-ferreas, auxiliando o trabalho publico, que é a garantia da prosperidade, em todas as suas formas e em todas as suas aspirações.

Entretanto, quando um ministro con-servador arranca mais de tres mil con-tos do abdomen dos capitalistas, tres mil contos que eram pagos pela ma-greza dos contribuintes; quando um representante dos interesses aristocra-ticos faz mais pela democracia do que sete annos de liberalismo; nós vemos o tiroteio em toda a linha da imprensa, numa liga hybrida de conservatorismo e republica, combatendo o acto do mi-nistro: o conservador, porque ataca a propriedade e expolia os possuidores; os republicanos—um, porque entende que a democracia bem entendida é a que respeita e exige que se respeite os contratos do estado; outro, fazendo questão da moeda recebida e da moeda em que se vai pagar a apolice—todos, em absoluto ou relativamente, fazendo questão de propriedade.

Vista a especie d'esta propriedade e vista a especie do contracto pela qual o estado a garantiu, comprehende-se que não está no papel de defensora da de-mocracia a imprensa que a defende. A negação d'essa garantia é a dispersão do capital accumulado, se os possui-dores das apolices exigissem o seu di-nheiro—hypothese melhor que não ficaria nas gavetas dos proprietarios e procuraria naturalmente caminho das industrias; e essa negação, no caso da accettazione do novo juro—hypothese peor—traz ainda assim o beneficio do menor onus do thesouropublico na responsabilidade dos premios.

E' escusado entrar na questão dos prazos, tão brilhantemente elucidada pela poderosa penna de um escriptor da imprensa neutra; o prazo foi re-gular e se não dá tempo a alguns dos possuidores para fazerem as suas recl-amações, esses retardatarios encontra-rão no jogo da praça a satisfação dos seus capitães.

Demais, essa questão seria extempo-ranea, tratado o assumpto hoje que é exactamente o dia termino do prazo e em que os efeitos da operação são já conhecidos.

A questão da moeda não tem tambem

a menor razão de ser. Os compradores das apólices de 1827 para completarem o conto de reis com que as adquiriram doram oitavas de ouro valendo 2\$500, e entretanto a oitava de ouro vale hoje 4\$. O juro de 6% que elles recebiam com o cambio baixo, é inferior ao juro de 5% á taxa de hoje. E demais, desde que o estado se vê em melhores condições pecuniarias faz como qualquer outro devedor e paga o juro menor que lhe é possível.

A especie em que se faz o resgate é a moeda corrente, em que o estado recebe os impostos e paga as suas contas.

A conversão trará naturalmente reforma na legislação civil e são innumeráveis as hypothèses que neste sentido se apresentam. Ora são os bens vinculados a escripturas de dotes e administradas por maridos; ora são os legados em uma vida que terão de passar a terceiros; ora são os bens de orphãos; ora os de corporações de mão morta, todos representados por titulos que tinham a natureza de inalienabilidade e que ficam com destino mudado, na opinião de alguns e contra a opinião de outros.

Isto é necessariamente um mal e o apontamos com toda a franqueza. Mas minore-o quem poder, que nos não nos mettemos nisso—primeiro por causa da nossa reconhecida modestia, e em segundo, terceiro ou quarto logar por outras razões não menos convincentes.

TOB.

SENADOR SILVEIRA LOBO

Tem justamente causado profunda magua em todo o paiz o passamento do illustre homem politico Francisco de Paula da Silveira Lobo, a 25 do passado.

Foi deputado por Minas em quatro legislaturas, era senador do imperio desde 22 de Julho de 1868 o servio como ministro da marinha no gabinete Marquez de Olinda.

Silveira Lobo era um talento e um character.

Sua eloquencia fogosa e masculina como a sua probidade e independencia, conservar-so-iam inobliteravelmente na memoria da patria, se esta patria tivesse memoria para os homens que a honram e que a servem com amor e fidelidade.

Nos ultimos tempos de sua vida declarou-se francamente republicano.

Honra á sua memoria.

PALESTRAS FEMININAS

CHOPIN

Frederico Chopin! Poeta immortal da musica! quantas horas de gosote devemos, nós que te sabemos ouvir, nos que sen inos contigo a febre da inspiração que te arrebatava, nós, que comprehendemos os extasis d'essa alma apaixonada, ardente e receptiva, as delicadezas d'esse temperamento todo amor e poesia! Chopin! Como as tuas inimitaveis composições revelam o estado angustioso de filho da Polonia moribunda!

Que magia melancholica mas suavissima em tudo o que escreveste! Felizes esses que te puderam ouvir; para elles deviam soar até á ultima hora da

vida os sons celestiaes do teu piano! Eu adivinho-te, espirito creador e unico! e amo-te.

Muitas vezes, ao ouvir tocar as valsas, as mazurkas, os nocturnos e alguns dos estudos de Chopin, esqueço o mundo e imagino-me longe, na poetica casa de Nohant, onde o genio viveu os mais inspirados annos da sua curta e dolorosa existencia; se ouço os *preludios* ou as *polcas*, principalmente as 2ª e 3ª, penso estar na abbadia do Waldemosa, —onde nos claustros desertos desenhava o luar as sombras phantasticas dos ramos das arvores,—a ouvir o poeta, ora arrebatado, ora commovoute, ora funebre, ora suave, retratando no que tocava a su'alma agitada, mixto de receio pueril e virilidade pujante, de amor e duvida. Sempre sublime! Desde criança, foi para mim o mais poderoso dos encantos ouvir as musicas de Chopin. Lembro-me que um dia, teria eu 9 annos, deram-me uma boneca quasi da minha altura, com um enxoval completo, que movia o pescoco, sabia dormir e acordar, dizer *Papá* e *Mamá*, emfim: uma menina... quasi. Passei a tarde em contemplação, extatica, ante a realização de um dos meus mais ardentes votos: a posse de uma filha assim obediente, e quando, pela triceutesima vez, a beijava embevecida, a minha S., minha primeira e sempre chorada amiga, sentou-se ao piano e principiou a tocar a valsa n. 3 de Chopin; dei-xei de beijar a boneca e, sem consciencia, ergui-me para ir ouvir de perto a deliciosa valsa, fazendo resvalar do collo a filhinha, que se teria partido, se minha irmã, que ali estava ha muito em adoração, a não amparasse.

Dei-xei-lh'a, eu, que até então não consentira que lhe tocassem, e esquecia-a completamente durante todo o tempo em que a minha angelica S. tocou produções de Chopin.

Essa, podia sentir vibrar na su'alma, poetica por excellencia, a alma sonhadora de Chopin; essa, artista e pianista insigne, tinha-o comprehendido.

Teria eu quinze annos quando li o adoravel romance de Alphonse Karr — *Sous les tilleuls*. Emquanto lia as ultimas paginas d'esse poema em prosa, minha irmã (a mesma que salvara a *bebê* de porcelana de uma morte inevitavel) tocava o 1º nocturno de Chopin.

Chorei muito! De então para cá não posso ouvir a tocante melodia, sem recordar-me da pallida Magdalena e vel-a, sósinha, na sombria alea de tilias, onde tanto amou!

Ha 3 ou 4 annos, numa noite medonha, eu estava só, num entorpecimento de corpo e alma, que não é vigilia nem somno, e olhava sem ver, pela janella aberta, para os clarões dos relampagos, que davam ás nuvens escuras aspectos varios de castellos em ruinas, de combates de titans ou monstros imaginarios, quando o som de um piano veio interromper o pesado silencio que precede sempre a tempestade. Tocavam o *Impromptu* posthumo de Chopin! Eu nunca tinha ouvido essa obra prima, e fiquei absorta, bem acordada, mas julgando sonhar, e murmurei: Chopin!

Que affecto e que desesperança naquella poema ideal! Que supplica e que amor no — *andante*, que duvida e que esperanza no — *allegro*, que angustia no final!! E' essa, certamente, a mais expressiva musica do poeta; nella retrata-se toda a verdade d'aquella natureza privilegiada, toda a força do imenso-anor que o matou. Sempre que ouço esse immortal poema musical, soffro, mas soffro deliciosamente uma saudade indefinida de um tempo que não vivi, de um amor que não foi meu. Levei á minha Julieta este *Impromptu* e

ella interpreta-o como se tivesse recebido a alma do grande mestre, com aquelle embalar doce num *rallentando* que ninguem imita, que Chopin denominou *tempo rubato*, que delicia arrazando os olhos d'agoa. Poucos, poucos, quissimos podem interpretar Chopin, porque para comprehender-lhe os segredos, é preciso ter um temperamento impressionavel em extremo, um sentir a um tempo feminino e varonil, mais lyrico que real, puro e voluptuoso, ardente e receioso.

São quasi sempre mulheres as mais aptas para traduzir-lhe os sentimentos. Se elle era todo coração!

Os compositores que Frederico Chopin preferia eram Hummel e Mozart. A este ultimo, diz Franz Listz, chamava elle « o typo ideal do poeta por excellencia. »

E' sempre a dor a maior inspiradora do poeta, talvez porque o verdadeiro poeta, com a sua insaciavel sede do impossivel, com as suas aspirações para o sublime e perfeito, crea e vivimenta dores que o minam e torturam. O facto é que é martyr, e só com essa condição inspirado! Chopin foi desgraçado; criança ainda viu a sua querida Polonia vencida, morta! Partiu para Paris deixando em Varsovia toda a sua alma; paes, irmãos e noiva, a formosissima Constantia Gladhowska, o seu primeiro amor, que pouco tempo depois casou com outro. Em Paris pareceu sorrir-lhe de novo a ventura, porque amou uma compatriota, a encantadora Maria W. e foi amado; eram noivos e proxima estava já a felicidade, quando Maria trocou as glorias do artista por uma coroa, desposando um conde. Abatido por esta nova e pungente desillusão, entregou-se Chopin inteiramente á arte. Um dia, chuvoso e triste em que elle, natureza de sensitiva, estava numa disposição de espirito sombria e inquieta, nada o podia distrahir, não conseguiu compor, nem ler. A's 10 horas da noite lembrou-se que era dia de recepção da Condessa de C. e foi lá.

Esperava-o em casa da condessa, o mais forte amor da sua vida, impellido o destino para o incendio! incendio, que, depois de anreolar-lhe a fronte com os mais fulgentes raios da sua gloria, o consumio.

Encontrou nessa noite o jovem musico, a mulher que deveria fazel-o esquecer todos os soffrimentos passados; mas, que procelloso amor aquelle!!

Um anno depois do primeiro encontro, a debil saude do poeta estava alterada; partio com ella para o meio-dia e só voltou a Paris quando parecia restabelecido. Os trabalhos da arte e as noites deliciosas, passadas a tocar para os intimos, fizeram-lhe voltar os symptomas assustadores da enfermidade que tão cedo o devia arrebatat. Era nessas noites ideaes, que os amigos, os seus verdadeiros admiradores, lhe arrancavam o mais puro, o melhor da sua inspiração, todo o seu genio! Era nessas reuniões intimas, diz George Sand « que depois de ter mergulhado o auditorio num profundo recolhimento ou em dolorosa tristeza, (porque a sua musica punha-nos na alma um desanimo atroz, principalmente quando elle improvisava) olhava de repente para o espelho, e ageitando o cabello e a gravata, mostrava-se subitamente transformado em ingleza sentimental e ridicula ou em sordido judeu. »

O seu talento para imitações era estupendo e desde criança se revellara grande caricaturista; mas tudo o que fazia, mesmo comico, tinha um que de triste e desalentado.

Amava excessivamente as flores, pre-

ferindo as violetas, das quaes tinha sempre um ramo ao pé de si.

Os seus amigos, cobriram-lhe o leito de morte de flores, e é entre ellas que repousam os restos do artista sublime, no cemiterio do Pere Lachaise, no canto denominado — dos poetas, ao lado de Cherubini e perto de Boieldieu, Gretry e outros.

Nesse canto, destinado á poesia e á musica, ha sombra e perfumes; a vegetação é densa e a folhagem das arvores cruza-se, formando uma abobada de verdura, cheia de estremecimentos da aragem e das azas dos passaros, rouxinões e calhandras que alli vêm na primavera saudar os cantores adormecidos, seus irmãos.

ADELINA A. LOPES VIEIRA.

PEQUENOS E GRANDES

Heureuse au fond du bois la source, pauvre et pure!
LAMARTINE

Olha: Era um tenue fio
D'agua apenas. Cresceu, tornou-se em rio
Depois. Roucas as vagas
Engrossa agora, e é turbida, é bravo,
Roendo penedos, atagando plagas...

Humilde arroio brando!
Nelle, no entanto, as flores, inclinando
O debil caule, inquietas
Miravam-se e em seu claro espelho o bando
Revia-se, das l'ves borboletas.

Tudo, porém: cheirosas
Plantas, curvas ramadas, amorosas
Brisas da tarde, ninhos
Suspensos no ar bailando ao vento, rosas,
Lyrios alvos, gorgear de passarinhos,

Tudo, tudo perdido
Atraz deixou. Cresceu... Desenvolvido
Foi alargando o seio,
E do alpestre rochedo, onde nascido
Tinha, crespo e brutal descendo veio.

Cresceu... Atropelladas,
Soltas, grossas as ondas apressadas
Estendeu largamente
Tropeçando nas pedras espalhadas,
No galope impetuoso da corrente.

Cresceu, é poderoso:
Mas enturba-lhe a face o lódo ascoso;
E' grande, é largo, é forte:
Mas de parcos colinhado, caudaloso,
Leva nas dobras de seu manto a morte!

Implacavel, violento,
Rijo o vergasta o latego do vento...
Sobre elle em vão cahindo,
Das estrellas do calmo firmamento
Bateu os raios tremulos luzindo.

Nada reflecte, uada!
Com o surdo estrondo espanta a ave assustada;

E' negro, é turvo agora!
— Onde a vida de outr'ora socegada?
Onde a humildade e a limpidez de outr'ora?

Honem que o povo aclama!
Semi-dens poderoso, cuja fama
O mundo com vaidade
De echo em echo no seculo derrama
Aos quatro ventos da celebridade!

Tu, que humilde nasceste,
Fraco e obscuro mortal, tambem cresceste
De victoria em victoria,
E hoje, inflado de orgulhos, ascendeste
Ao solio excelso do esplendor da gloria!

Mas, ah! fesses teus dias
De fausto, entre essas pompa's luzidas,
— Rio soberbo e nobre! —
Has-de chorar o tempo em que vivias
Como um arroio socegado e pobre!

OLAVO BILAC

NOTAS CRITICAS

« HISTORIAS DA MONTANHA » POR MONTEIRO RAMALHO. I VOL. 254 PAGS. PORTO. LIVRARIA LUGAN & GENELIOUX.

Livro alegre, fresco, viridante, luminoso e sonoro — porque não direi tambem «hygienico»? — é este.

Livro feito de sol, de aguas cristallinas e musicas, de atmospheria purissima, dos cheiros acres e selvaticos da flora montanheza, da verdura indomita e triumphal dos mattagaes, da gralhada hilariante do passaredo, do rubro sangue lascivo e generoso dos camponios rudes, do halito quente, offegoso, anciado de desejos, das cachopas tronchudas e frescas como repolhos de *minhanzinha*, vermelhas e tentadoras como cerejas bicaes; e dos beijos estralheados, cluchurreados longamente nas reintrancias providenciaes dos fraguados ou nos moitães discretos...

Livro feito de mocidade, de saúde, de desassombro e de petulancia; em que se encontram revoltamente todas as bellas brutalidades divinas da Natureza. Não ha nestas paginas alagadas de sol, vibrantes de risos, a negra macula de uma maldade, o angulo de sombra de uma tristeza, a ruga de uma hypocrisia, o borrão de uma mentira.

Livro sincero e bom.
Com *mél dianhos!* livro hygienico — já cu o disse lá em cima.

Que mais querem?
Que saudades me trouxe o conto *Rapaziada!* A sua leitura foi para mim toda uma resurreição. Revivi o anno e pico que da minha meninice passei na terra de meu pae. E tudo relembrou-me: a pobre aldeia minhota; o assalto ás *frutias*; a famosa indigestão que apanhei com um fartão de nozes verdes e broa doirada; a horrente escola, com o respectivo mestre, estupidarrão e peruetá; — oh! que maravilhas fiz eu na taboada! — as esfolhadas ao luar; o trambolhão que dei morro abaixo, dentro de um cortiço de barrella, — e a fenda que me abrio na cabeça; — a ascensão, engarupado, ao morro de Santa Quitéria, em noite de festa e de fogo preso; a romaria ao Bom Jezuz do Monte; as consoadas do Natal; a sêga do linho; as batalhas com projectis de neve... Enfim: todos esses poucos mezes de vida farta e larga, em meio de uma natureza tão outra da do meu Brazil, revivi-os na leitura d'este formoso livro.

Quanta observação verdadeira e delicada no assalto ás pinhas, nas fanfurias do *Joaquim da Colla*, no abandono do *Zé da Margarida*, nos trances do seu transviamento no matto, nos amores do *Fagulhu* e da *Angelica*.

E como essas da *Rapaziada* são quasi todas as paginas do volume. Falta-me espaço para uma analyse demorada.

Ha paginas curtas, pequeninas, que são primorosas de idéia e de acabamento: tres são o *Amor*, *A queda*, *Na*

esfolhada, *O tunnel*, *Bacchante*, *Briga d'amor*, *Paschoa florida*, *Dansa das flores*, *Manhan primaveral*...

Em absoluto, apenas um conto desagradou-me: *O sonho*. E' demasiado grosseiro no pensamento e *grivois* nos detalhes.

Monteiro Ramalho é um escriptor impressionista. Deve trabalhar como Claudio Lantier, — personificação do pintor Manet, — no ultimo romance de Zola — *L'oeuvre*.

E' um revolucionario do estylo. Escreve a largas pennadas, instantaneas, violentas, decisivas, sempre em busca da *mancha*.

D'ahi — muitos effeitos admiraveis de verdade, prodigiosos de força, opulentos de colorido; maravilhas da arte de escrever, que transmittem ao leitor o assumpto em flagrante, com todas as suas cores, formas, sons, perfumes, — com toda a sua vida, em summa; mas tambem, por vezes, deploraveis obscuridades, emmaranhamentos indestrinçaveis de phrases, neologismos impossiveis, locuções hybridas, inintelligiveis, grandes borrões violentos, em que não se pôde reconhecer a *impressão* buscada pelo pintor.

Para exemplos dos citados effeitos magnificos, recommendo toda a descripção que ha na *Rapaziada*, a da passagem d'*O tunnel*, a da *Bacchante*, a das fructas n'*A queda*, a das flores na *Dansa das Flores*, toda a parte descriptiva e pinturesca d'*O pomo prohibido* e muitas outras paginas. Exemplos dos citados defeitos encontram-se tambem em paginas varias; por vezes logo depois de trechos singularmente bellos.

Ha phrases assim: «*estremecimentos baços de zinco*», «*comboio hilariante*», «*a chamma folgando de braço dado com o vento sylvestre*», «*cegueira corredora*», «*tremoras cortantes*», «*terror lépido*» etc...

Abusa do participio presente dos verbos e especialmente de *cantar*, *dansar*, *trepidar* e *zumbir*. Tem d'estes neologismos: *cocegar*, *cocegoso*, *musicar*, *celeroso*, *celerosamente*, *variolar* (como verbo) *tremulejar* etc...

A Monteiro Ramalho, para ser um escriptor tão grande como o podem fazer seu talento e seu poder de observação, falta apenas, como a Fialho d'Almeida, uma qualidade, que é preciosa: — a sobriedade.

Virá brevemente, estou certo.

Isso porem não obsta a que o livro *Historias da montanha* seja um dos mais originaes, mais opulentos e mais sinceros ultimamente produzidos em Portugal.

Rio, abril 1886.

VALENTIM MAGALHÃES.

POLITICA E POLITICOS

Apenas um escandalo, na pacata semana da camara. O Sr. Anysio, aquelle mesmo Sr. Anysio, em quem o senador Luffayete achou certa paridade com o companheiro... de Buridan, chamou *miseria*, *vingança mesquinha* e quejandas cousas pouco amaveis a um parecer da primeira commissão de inquerito. Reclamaram os membros d'esta commissão, e entre elles o Sr. Gonçalves Ferreira, que não só reclamou como ainda por cima disse ao Sr. Anysio:

— Miseravel será elle!

Felizmente ficou nisto a historia.

O resto d'esta chronica (?) vac ser uma simples carta de nomes.
Estão baptisados e chrysmados para

todos os efeitos, inclusivamente o de receberem os 50% diários, os seguintes cidadãos:

Passos Miranda, Coelho Rodrigues, Barão de Canindé, Jaguaribe Filho, Alvaro Caminha, Tarquinio Amarantho, Henriques, José Soriano, Lucena, Araçagy, Leitão da Cunha, padre João Manoel, Portella, Alcoforado Junior, Rosa e Silva, Gonçalves Ferreira, Moreira de Mendonça, Lourenço de Albuquerque, Freire de Carvalho, Olympio de Campos, Duque Estrada Camara, Costa Pereira, Fernandes de Oliveira, Bulhões Carvalho, Castrioto, Belisario, Bezamat, Alfredo Chaves, Pereira da Silva, Andrade Figueira, Rodrigo Silva, Cochrane, Torres Portugal, Gomes de Castro, Corrêa de Araujo, Ferreira de Aguiar, Carlos Peixoto, Silva Brandão, Euphrasio Corrêa, conego Xavier da Silva, Cantão, Mac-Dowell, Silva Maia, Dias Carneiro, Ribeiro da Cunha, Simplicio de Rezende, José Pompeu, Elias de Albuquerque, Pedro Beltrão, Henrique Marques, Bento Ceciliano, Bernardo de Mendonça, Oliveira Ribeiro, Barão de Gualy, Araujo Pinho, Accioli Franco, Ferreira Vianna, Thomaz Coelho, Cunha Leitão, Antonio Prado, Ulhoa Cintra, Taunay, Silva Tavares, Candido de Oliveira, Aureliano Mourão, Christiano Ribeiro da Luz, Soares, Barão do Diamantino, José Luiz Coelho de Campos, Barão da Villa da Barra, Lacerda Werneck, Pinto Lima, conego Aguiar, Anysio, Duarte de Azevedo, Sebastião Mascarenhas, Barão da Leopoldina, Olympio Valladão, José Marcondes de Andrade Figueira e Pedro Muniz Barreto de Aragão.

Na hora do expediente o Sr. Antonio de Siqueira fartou-se de fallar contra o coronel Cavalcanti, garantindo à camara que este coronel é o terror de Paracatú e outras localidades do 13º districto de Pernambuco, por onde S. Ex. se julga eleito.

Se os crimes imputadas pelo Sr. A. de Siqueira ao coronel Cavalcanti são da natureza d'aquelles que S. Ex. attribuiu aos maltrapilhos que o vaiaram no tempo do gabinete Dantas — é caso de uma pessoa ficar de sobre-aviso.

Mais nomes para concluir:

Ficaram fazendo parte da comissão que tem de saber de S. M. o dia e hora para abertura das camaras os Srs.: Cantão, Diamantino, Canindé, Mattoso Camara, Freire, Elias, S. Fernandes, Coelho e Campos, Soriano, Dias Carneiro, Alvarocaminha, Carlos Peixoto, C. de Oliveira, Fernandes da Cunha Filho, Coelho Rodrigues, Pinto Lima, Bulhões Carvalho, Araujo Pinho, B. de Mendonça, Olympio de Campos, Henrique Marques, Passos Miranda e Mascarenhas.

E mais não disse.

T.O.B.

A VIDA ELEGANTE

A ultima semana foi de bailes á fantasia: em Petropolis, em Friburgo, em casas particulares, no Club Piracungua, no Club das Laranjeiras.

O d'este excellente Club, que cada vez mais accentua os creditos de que merecidamente goza de sociedade absolutamente de primeira ordem, esteve deslumbrante, magnifico, verdadeiramente esplendido.

Entre as innumeradas e riquissimas fantasias que ali estavam notamos — e como não haviamos de notar! — a da Exma. Sra. D. Alice de Vasconcellos, que teve a gentileza e o bom gosto de reproduzir a *toilette* com que se apresenta a *Semana* na *Mulher-Homen*.

A MME. ALICE DE VASCONCELLOS

Agradece e comprimenta

A SEMANA

Quizeramos citar todas as fantasias que vimos, mas não temos o necessario espaço. Temol-o porém, para em duas linhas darmos sinceros parabens á directoria do elegante Club.

Esteve magnifico o 89º concerto do Club Beethoven, realisado no dia 28 do passado.

De dia para dia firma esta distincta sociedade os seus creditos de bememerita.

Damos os parabens á digna directoria e particularmente ao Sr. Roberto Benjamin, o director dos concertos.

LORNON.

SPORT

O tempo apesar de pela manhã mostrar indícios de transtornar-se, o que mais tarde succedeu, não impediu que o *Prado Villa Isabel* tivesse uma extraordinaria concurrencia: o que era de esperar, não só pelo programma, que em geral era bom, mas também pela confiança e imparcialidade com que a distincta directoria costuma externar as suas acertadas resoluções.

Baseados nesta apreciação, não podemos deixar de manifestar, com a independencia que nos caracteriza, os nossos sinceros parabens a essa criteriosa sociedade pela feliz aquisição de uma administração que até hoje tem sabido represental-a, elevando-a á altura das mais fortes neste genero, sem possuir os elementos indispensaveis para disputar o merecimento que indubitavelmente não lhe pode ser negado.

O divertimento correu na melhor ordem, sem que perturbação alguma se tivesse manifestado, e os pareos foram bem disputados.

Eis o resultado:
No 1º pareo (1450 metros) correram *Araby*, *Schalchi-Lolli* e *Diva*, que foi vencedora em 102 segundos, seguida de *Schalchi-Lolli*.

O pareo dos pungas (1800 metros) foi ganho por *Savana* em 130 segundos, batendo galliardamente os seus competidores *Sultão Eucharis*, *Zaire* e *Serodio* que teve o 2º logar.

O 3º pareo (1450 metros) foi disputado por *Diomedes*, *Madama* e *Phrynea*, que facilmente venceu, em 93 segundos, seguida de *Madama*.

No 4º pareo (1609 metros) sahiu vencedor, com uma esplendida corrida em 107 segundos o *temível* punga *Aymoré*, derrotando a *Druid* e *Bayoco*, ambos de meio-sangue, chegando este ultimo em 2º logar.

O 5º pareo (2300 metros), que era o mais importante do dia, desmereceu com a retirada de *Bolivar*, que mancou. Em 157 segundos *Creuza* bateu facilmente *Curubará*.

No 6º pareo (2300 metros) obteve o valente *Talisman* mais um triumpho, batendo *Macarê* e *Sans-Souci*, em 157

segundos, tendo sahido 100 metros atrás. Na verdade, se não fosse a superioridade do *Talisman* e de seu habil jockey, teria perdido. Cuidado com as saídas... *Sans-Souci*, apezar de mauco, ia pondo o negocio a perder; chegou em 2º logar.

O ultimo pareo (1000 metros) foi renhidamente disputado por *Bayoco* e *Pretoria* que sahiu vencedora em 68 segundos, apenas pela cabeça, devido á pericia do jockey Arthur. Também correram *Peralta* e *Bitter*.

O *Hippodromo Guanabara* também deu corridas. A concurrencia foi muito limitada, e, além de tudo isso, as chuvas fizeram-lhe guerra, impossibilitando a realização do programma.

A distincta directoria, tendo empregado todos os esforços e boa vontade para que as corridas tivessem bom exito, foi infeliz, porque viu-se na necessidade de suspendel-as á vista de copiosas chuvas e de a raia estar muito alagada depois de realisado o 4º pareo, no qual foram victimas de alguns desastres muitos animaes.

Eis o resultado:

No 1º pareo (850 metros) venceu *Verbena* em 61 segundos, chegando em 2º logar *Moema*. Também correram *Gualcho*, *Pampeiro*, *Buinha* e *Zizania*.

No 2º pareo (1150 metros), venceu *Vampa* em 103 segundos. *Saltarelle* chegou em 2º logar, *Douro* em 3º. *Nicoaji*, *Catita*, *Pirata* não correram.

No 3º pareo (1800 metros) sahiu vencedor em 123 segundos *Fanfaron*; *Gazidi* em 2º; *Guanaco* em 3º; *Dr. Jenner* não correu. *Bonita*, e *Victoria* vieram na bagagem.

O 4º pareo (1000 metros) foi ganho por *Pensy* inesperadamente. Neste pareo houve diversos animaes que cahiram e outros que abutroaram. *Saltarelle* em 2º; *Aranha* e *Africana* pranchearam. Os outros sumiram-se... finalmente, foi um angú! Felizmente, desgraça alguma séria houve a lamentar-se.

O *Prado Villa Isabel* realisa amanhã, 2 de Maio, mais uma corrida, constando de um programma, que pela sua organização teve muito boas inscripções.

Em nossa ultima pagina acha-se elle impresso, onde poderão os amadores palpitar á vontade. Acertem e sejam felizes. E' o que desejamos.

L. M. BASTOS

ANDORINHAS

Que me dizeis, fagueiras andorinhas,
em vosso chilrear mimoso e brando?
Ha que tempo vaeis as noites minhas,
debaixo de meus tectos aninhando?

Como uma frota de emplumadas linhas,
minha existencia protegeis em bando;
filhas do sol e da manhã ramhas,
meu nome ás auras murmuraes, voando!

Se pelo azul deixaeis de amor os ninhos,
cortando os claros céos em torvelinhos,
eu vejo e sigo vossas danças vivas,

e atiro ao doulo turbilhão, nos ares,
os meus sorrisos com os meus cantares,
andorinhas, celestes fugitivas!

AMÉRICO LOBO

GAZETILHA LITTERARIA

A infatigavel casa editora do Sr. Garnier acaba de publicar *As castellãs de Croix-Mort*, traducção do ultimo romance de G. Ohnet *Les dames de Croix-Mort* pelo conhecido litterato Visconti Coaracy.

Facto que demonstra a intelligente actividade do Sr. Garnier: a traducção do livro de Ohnet foi posta á venda ao mesmo tempo que o original; ao passo que a obra ia sendo publicada na *Revue des deux mondes* ia sendo aqui traduzida e seguidamente impressa.

Sabe-se o que são os romances de Ohnet, o famoso auctor do *Maitre de forges* e do *Serge Panine*.

Em o nosso n. 31 reproduzimos, subscrivendo-as, parte das considerações criticas do eminente critico Julio Lemaitre sobre o talento e as obras de Ohnet.

O illustre critico Adolpho Brisson, tratando d'este livro diz, «A imaginação do Sr. Ohnet é fraquissima, vulgar; incapaz de crear um personagem original ou de combinar uma situação nova.

«Por outro lado é quasi nullo o seu poder de observação. O Sr. Ohnet não sabe ver nem analysar. Emfim, por cumulo de desgraça, sua penna não conhece nenhuma das delicadezas que constituem a de um verdadeiro escriptor. Elle escreve como fala qualquer pessoa... que fale mal.»

Brisson termina dizendo: «Seu ultimo romance é quasi tão ruim como *La Grande Marnière*, tão mal escripto como este e ainda menos interessante. Os assignantes da *Revista dos Dois Mundos* devem ter experimentado uma decepção!»

O que se lhe não pôde negar, entretanto, é que elle é *maitre de son métier*, conhece o seu publico e para elle especialmente escreve, pouco lhe importando o que possa dizer a alta critica.

Cada um de seus novos livros é um ruidoso e rendoso successo. Assim foi com *La grande Marnière*, assim está sendo com *Les dames de Croix-Mort*, assim ha de ser com *Volonté*, o romance em que elle actualmente trabalha.

A traducção é esmerada; a impressão boa.

Tudo assegura uma extraordinaria venda á *Castellãs de Croix Mort*.

O edictor Serafim Alves acaba de publicar *A Filha d'Africa*, poemeto do Dr. Luiz Delfino, impresso na *Revista Popular*, no anno de 1862.

No curto prefacio diz o edictor:

«E' uma das numerosissimas poesias da mocidade do laureado cantor da *Solemnia Verba*. Como tal, não é isenta de defeitos e incorrecções. Seu illustrado auctor, não tenlo bastantes lazeres para refundil-a, ou, pelo menos, limal-a — só consentio nesta edição pondo-a na dependencia da declaração que acabamos de fazer.»

E acrescenta:

«Uma das razões que nos induziram a esta publicação foi o desejo de reivindicar para o illustre poeta catharinense a gloria de ter sido um dos primeiros a por a sua lyra sonerosa ao serviço da grande causa do Abolicionismo, cantando nella as desgraças dos miseros africanos escravizados.»

Esta composição, uma das mais antigas, revela a extraordinaria pujança do estro de Luiz Delfino, dá uma bella amostra do extraordinario folego da sua inspiração. Tem estrophes admiraveis, umas pela grandeza épica do pensamento, outras pela originalidade, imprevisão, e brilhantismo das imagens;

mas tambem muitos descuihos de forma, muitas imperfeições, desculpaveis naquelle tempo, em que o culto da forma não tinha, entre nós, tantos e tão extremados devotos.

Luiz Delfino, como cantor dos escravos, precedeu Castro Alves. Foi isto principalmente o que se quiz provar com a publicação d'*A filha d'Africa*.

Levadas em conta aquellas imperfeições, que o auctor é o primeiro a reconhecer mas que infelizmente não poude corrigir, este poemeto honra, ainda hoje, a musa potentissima do illustre poeta.

THEATROS

IMPERIAL THEATRO

Estrearam na noite de 25 do corrente as companhias lyrica e coreographica de que é empresario o Sr. Ferrari.

Concurrencia pouca, alguma curiosidade e muita desconfiança.

A companhia lyrica cantou *Le donne curieuse*, peça extrahida de uma comedia de Goldoni, musica do maestro Usilio. Comedia mediocre e musica idem, com excepção de alguns trechos muito agradaveis.

Do desempenho destacaram-se o baixo comico Carbonetti, que é um consumado artista, com excellente voz e grande veia comica, e foi verdadeiramente o successo da noite, e a Sra. Mancini, que num papel de *soubrette* conquistou, graças á sua bella voz e gracioso desembaraço, as geraes sympathias.

Os demais artistas agradaram pouco.

Em compensação o grande bailado *Brahma* agradou muito. Embora não tenha as proporções do *Excelsior* nem a sua grandiosa concepção, nem o seu numerosissimo pessoal, é muito espectacular, ricamente encenado, opulentamente vestido o esculpulosamente ensaiado. A bailarina Sra. Limido Giovanini é uma celebridade notabilissima. Aquilo é que é dansar, o mais são historias! A Sra. Torri dansa tambem admiravelmente e o bailarino foi igualmente muito applaudido.

Quantas pernas, santo Deus!

Passemos adiante.

Na quinta-feira deu-se a terceira do *Brahma* e a primeira da celebre opera buffa, em 3 actos, de Donizetti—*D. Paschoale*.

O entreecho d'esta opera é simples, mas muito gracioso, e a musica é lindissima, talvez um pouco menos ligeira e facil do que convém ao genero; são dignos de menção especial o duetto do tenor e baixo no primeiro acto; o grande quartetto de tenor, baritono, baixo e soprano, do segundo; o coro de abertura e a esplendida sorenata de tenor do terceiro, que é de um effeito surpreendente.

Foi regular o desempenho d'esta peça, em que foram confirmados os creditos do Sr. Carbonetti como artista de muito merecimento.

Estreou o tenor Emiliani, que tem uma voz pouco volumosa mas muito bem timbrada e agradável. O publico acolheu-o com um certo entusiasmo que o artista mereceu logo no bello duetto da entrada, do primeiro acto.

A Sra. Mancini esteve muito boa no primeiro acto; infelizmente enrouqueceu deploravelmente no tercetto do segundo, o que a obrigou a supprimir o duetto do terceiro com o baixo.

Esteve feliz nessa noite o baritono Sr. Reynaldi, que cantou satisfatoriamente a sua parte.

A orchestra portou-se gallardamente. Pareceu-nos que o desempenho d'esta bella opera só não foi inteiramente

bom por falta de ensaios, pois a cada passo se notava a vacillação dos artistas.

O publico, pouco numerozo, applaudiu-a muito.

No dia 27 fez beneficio no Lucinda o actor Colás.

Deu-se a primeira do vaudeville em 3 actos, de Chivot e Duru—*Meus olhos! Meu nariz! Minha bocca!*

A peça tem um entreecho muito original e engraçadissimo, mas é vasada nos primeiros moldes do vaudeville, que na-la mais era do que a farça baixa e burlesca com musica.

Escripta hoje pelos mesmos auctores seria uma bella comedia ligeira.

A musica, do finado maestro Colás, pae do beneficiado, não nos pareceu ser das meliores que escrevem o notavel e originalissimo auctor da *Vespera de Reis*; todavia tem trechos muito agradaveis de ouvir-se, entre os quaes um bello concertante no 2º acto.

O desempenho foi um pouco menos que regular. A peça resontio-se da falta de ensaios, o que deu em resultado uma deploravel desafinação.

Colás conseguiu agradar no seu papel de pianista infeliz, mas conseguiu-o á custa de muitos esforços.

Peixoto, que já agora é um actor notavel, fez com extraordinaria graça o seu papel, embora o *carregasse* muito, o que, entretanto, não é censuravel, desde que se tratava de uma farça de gosto antigo.

Martins tambem agradou bastante no seu papel de vegete.

Santos Silva e Germano, dois bons typos que apparecem sempre junctos, conseguiram não desagradar.

A actriz Aurora de Freitas fez discretamente o seu papel de *cocote*, ainda que lhe faltasse um pouco da vivacidade que convém ao genero.

Felicidade, Blanche e Candelaria pouco mais poderiam fazer do que fizeram.

Dos demais artistas, em papéis insignificantes, edos coros uada temos que dizer.

Foi transferido para segunda-feira, 3, o beneficio da actriz Ignez Gomes, na Plenix.

Dá-se a primeira do grande e conhecido drama *Rocamboles*, extrahido do popularissimo romance de Poussou, que espantou por dilata-los annos o leitor numerozo e imbelles do *Jornal do Commercio*.

Estreia neste espectáculo a actriz E. Bernachi, fazendo o papel de Mme. Fippart, mãe do funigerado bandido.

O papel de Baccarat é pela primeira vez feito pela beneficiada.

Chegaram hontem da Europa os artistas Furtado Coelho e D. Lucinda Furtado Coelho.

Estrearão brevemente no Lucinda com o *Demi-Monde*.

No Recreio deu-se hontem a primeira d'*Os seis degraus do crime*, grande drama malhaçarro em 3 actos e seis quadros, do repertorio de João Caetano.

Deve ter sido um successo.

No Sant'Anna tem continuado o successo da *Niniche* e da *Donzella Theodora*. Brevemente a companhia Heller dar-nos-á a grande magica de Eluardo Garrido—*A corça do bosque*.

P. TALMA,

FACTOS E NOTICIAS

Assombrosos e feericos os bailes dos *Tenentes do Diabo*, dos *Democraticos* e dos *Políticos*, realizados no sabbado da alleluia!

Os salões das tres distinctas sociedades, arreiados de tudo que o bom gosto, a riqueza e a elegancia têm inventado de mais vistoso e de mais deslumbrante, regorgitavam de povos e páras. As fascinadoras filhas do deus Momo, tendo previamente arrebatado ao Olympo tudo quanto por lá havia de graça e belleza, apresentaram-se armadas com aquelles sorrisos que desgraçam foliões e arruinam banqueiros, mas que são para o curto dia da vida uma sumptuosa aurora fugaz e brillante, irisada da intensa luz dos primeiros sonhos e emperolada pelo benéfico orvalho de uma noite limpida e estrellada.

O nosso habilissimo collaborador artistico, Valentim Figueiró, acaba de expor em uma das *vitrines* dos Srs. Leuzinger & Filhos um bello quadro com varios specimens de trabalhos calligraphicos applicados a cartões de visita, participações de casamento, etc.

Do inerecimento d'estes trabalhos pôde facilmente conhecer quem attender á minuciosidade, nitidez e variedade de côres com que são escriptos e ornados os differentes caracteres, quer os de simples fantasia, quer os que recordam as antigas fôrmas do abcdario.

São, enfim, positivos resultados de um aturado estudo e de um goste aprimorado.

FALLECIMENTOS

Falleceu a bordo do *Galicia*, sendo seu corpo lançado ao mar, nas alturas de Cabo Frio, o joven José Bonifacio Bueno de Andrada, addido á legação brasileira em Vienna, filho do finado conselheiro Martim Francisco.

Pezames á illustre familia, para a qual tão rude tem sido ultimamente a sorte.

Em Petropolis falleceu no dia 25, repentinamente, o antigo despachante da Alfandega José Martins de Moraes Junior.

Na mesma data e nesta cidade falleceu o 1º annista de Medicina Francisco Andrade Joaquim Netto.

No dia 27 falleceu o Rvm. Monsenhor Francisco da Silva Telles, tio do nosso collega do *Diario de Noticias*, Ernesto Senna, a quem damos os nossos sinceros pesames.

Tambem no dia 27 falleceu o antigo professor de latim e philosophia Manoel Antonio de Godoy Kelly Botelho.

No dia 29 falleceu a Exma. Sra. D. Joanna Edeltrudes de Oliveira, virtuosa senhora, tia do conhecido clinico Dr. Moncorvo de Figueiredo, a quem apresentamos as nossas condolencias.

Falleceu tambem no dia 29 o capitão reformado Henrique Christiano Benedicto Ottoni.

RECEBEMOS

Dos Srs. H. Nicoud & C. *Le Printemps*, de 10 de Maio. O *Printemps* tem um serviço especial para o Brazil, combinado com o Sr. Nicoud, de fôrma que a folha é aqui distribuida antes que o seja em Paris. Quer dizer: não ha agente de jornaes estrangeiros a qui que possa levar as lampas ao Sr. Nicoud. *La Revue Bleue*, ns. 13 14 e 15, de 27 de Março, 3 e 10 de Abril. Excellentes.

— *Correio da Europa*, de 14 de Abril — Entre outros, traz um bello retrato do sabio Pasteur.

— Os fasciculos ns. 10 e 12 das admiraveis *Memorias de Judas*.

ANNUNCIOS

Dr. João Botelho, medico e operador; molestias venereas, syphiliticas e das vias urinarias. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicações medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 51, por cima da antiga pharmacia Fragoso, das 12 ás 3 horas.

ALFREDO CESAR DA SILVEIRA
RELOJOEIRO

Participa aos seus amigos e freguezes e ao publico em geral que mudou a sua officina da rua da Assemblêa n. 67 para a rua de S. José n. 51, em frente á da Quitanda, onde continúa a concertar relogios por modicos preços e affiançados.

51 RUA DE S. JOSÉ 51
Em frente á rua da Quitanda
RIO DE JANEIRO

DERBY-HOTEL

5 RUA SETE DE SETEMBRO 5

O proprietario deste estabelecimento garante bom serviço, boa qualidade e preços moderados.

Grande salão reservado para familias

E
UM BOM TERRAÇO

MATHEUS FURTADO RODRIGUES

RIO DE JANEIRO

Portuguez, francez e Inglez
— Professor Rodolpho Porciuncula. Re-
calos nesta folha.

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRETDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

EXTERNATO HEWITT

FUNDADO EM 1870

HORARIO DO MEZ DE ABRIL

CURSO PREPARATORIO

PROFESSORES	MATERIAS	HORAS	Lessons in Portuguese; lições de italiano e allemão
			PARA O ESTUDO DE INGLEZ
			<i>The Graduated English Reader</i> ou Estrada Snavé, para o perfeito conhecimento da lingua ingleza, mediante excerptos escolhidos e gradativamente coordenados dos melhores auctores inglezes e norte-americanos, para uso de seus discipulos, por James E. Hewitt, com introdução litteraria pelo illustrado lente de inglez Alfred Alexander.
			EM CASA DO AUCTOR
			EM NAS PRINCIPAES LIVRARIAS
			A' NOITE AULAS COMMERCIAES
Araujo Vianna.....	Rhethorica...	9-19	Lino Gomes..... Portuguez..... 6-7
Dr. F. Amarante....	Geographia..	10-11	F. D. Mouren.... Francez..... 7-8
Dr. Corrêa do Lago.	Historia.....	10-11	James E. Hewitt. Inglez pratico... 7-8
Araujo Vianna.....	Latim.....	11-12	
Dr. F. Amarante....	Historia.....	11-12	E. Gabalda.....
João Nazareth.....	Curso annexo	11-12	Es scripturação (mercantile) francez..... 7 1/2 ás 9
F. D. Mouren.....	Francez.....	11-12	
James E. Hewitt....	Inglez.....	12-1	Leitura, calligrapia e contabilidade
J. D. da S. Ramos...	Portuguez...	12-1	O director, James E. Hewitt
Dr. Aquino Fonseca.	Philosophia..	12-1	
James E. Hewitt....	Inglez.....	1-2	
Dr. Z. de Oliveira..	Geometria...	1-2	
Dr. Aquino Fonseca.	Geographia..	1-2	
Bac. Ed. Benet.....	Francez.....	2-3	
Dr. Z. de Oliveira..	Aritmetica..	2-3	
Dr. Aquino Fonseca.	Historia.....	2-3	
Bac. Ed. Benet.....	Latim.....	3-4	
Dr. Z. de Oliveira..	Algebra.....	3-4	
João Nazareth.....	1º anno E. P.	6-7	

134 RUA DO ROSARIO 134

PRADO VILLA-ISABEL

PROGRAMMA

DA PRIMEIRA CORRIDA EXTRAORDINARIA A REALISAR-SE EM 2 DE MAIO DE 1886

Primeiro pareo — CONCILIAÇÃO — 860 metros — Animas de menos de meio sangue — Premios: 200\$ ao primeiro, 80\$ ao segundo e 50\$ ao terceiro.

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PEZOS	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETÁRIOS
1	Savana.....	Castanho.....	4 annos	R. G. do Sul.	52 kilos	Rosa e Grenat.....	F. G.
2	Didi.....	Pampa.....	3 »	S. Paulo.....	49 »	Encarnado e mangas azues.	Carlos Coutinho.
3	Serodio.....	Castanho.....	5 »	R. G. do Sul.	55 »	Ouro e encarnado.....	D. A.
4	Zaire.....	Gateado.....	4 »	Paraná.....	53 »	Azul e encarnado.....	J. C.
5	Sultão.....	Libuno.....	3 »	Minas Geraes	50 »	Azul e grénat.....	F. Vaz.
6	Pampeiro.....	Castanho.....	2 »	R. G. do Sul.	45 »	Encarnado e preto.....	J. A. Silva.
7	Tufão.....	Idem.....	2 »	R. de Janeiro.	45 »	Verde e ouro.....	M. J. Andrade
8	Verbena.....	Idem.....	3 »	Idem.....	49 »	Amarello e azul.....	Coud. Santa Cruz.
9	Zizania.....	Idem.....	3 »	Idem.....	49 »	Cereja, verde e amarello...	V. M.
10	Barbara.....	Rosilho.....	4 »	Rio Grande..	52 »	Verde e amarello.....	Coud. Independencia.

Segundo pareo — ENSAIO — 1.000 metros — Inteiros e eguas nacionaes até 3 annos, que ainda não tenham ganho — Premios: 400\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 50\$ ao terceiro.

1	Violeta.....	Castanho....	3 annos	R. de Janeiro.	49 kilos	Havana e branco.....	Coudelaria Alliança.
2	Catana.....	Douradilho..	3 »	S. Paulo.....	47 »	Geranium e ouro.....	J. W.
3	Peralta II.....	Castanho....	3 »	Paraná.....	48 »	Preto, branco e azul.....	C. P.
4	Feiticeira.....	Alazão.....	2 »	R. de Janeiro.	42 »	Rosa e grenat.....	Coudelaria Modesta.
5	Araby.....	Idem.....	3 »	Idem.....	48 »	Ouro e encarnado.....	D. A.

Terceiro pareo — JAMES LUFF — 1.000 metros — Animas estrangeiros que ainda não tenham ganho — Premios: 400\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 50\$ ao terceiro.

1	Dr. Jenner.....	Zaino.....	3 annos	Rio da Prata.	51 kilos	Granada e ouro.....	Coud. Luso-Platense.
2	Martin.....	Castanho....	3 »	França.....	53 »	Azul, ouro e encarnado...	Coudelaria Cruzeiro.
3	Charybdes.....	Idem.....	3 »	Inglaterra...	52 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
4	Françoise.....	Alazão.....	4 »	França.....	55 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
5	Swamp.....	Castanho....	3 »	Inglaterra...	52 »	Verde.....	C.
6	Camelia.....	Alazão.....	2 »	França.....	47 »	Amarello e azul.....	Coud. Santa Cruz.
7	Pansy.....	Zaino.....	2 »	Rio da Prata.	45 »	Cereja, verde e amarello...	V. M.

Quarto pareo — ANIMAÇÃO — 1.609 metros — Animas nacionaes até meio sangue — Premios: 500\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

1	Aymoré.....	Castanho....	5 annos	S. Paulo.....	53 kilos	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
2	Cettivoaio.....	Idem.....	3 »	Idem.....	48 »	Havana e branco.....	Idem, idem.
3	Druid.....	Tordilho....	3 »	R. de Janeiro.	52 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes
4	Baiocco.....	Castanho....	4 »	S. Paulo.....	57 »	Idem.....	Idem idem.
5	Pretoria.....	Libuno.....	5 »	Idem.....	52 »	Cinza.....	A. C.

Quinto pareo — OMNIUM — 1.450 metros — Animas de qualquer paiz — Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 90\$ ao terceiro.

1	Dr. Jenner.....	Zaino.....	3 annos	Rio da Prata.	49 kilos	Grana la e ouro.....	Coud. Luso-Platense.
2	Coupon.....	Alazão.....	3 »	França.....	51 »	Azul, ouro e encarnado...	Coudelaria Cruzeiro.
3	Malstron.....	Castanho....	3 »	Inglaterra...	51 »	Grenat e perola.....	Coudelaria Alliança
4	Gaudriole.....	Idem.....	3 »	França.....	49 »	Azul e ouro.....	Idem idem.
5	Fanfanon.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	54 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
6	La Linda.....	Castanho....	5 »	Rio da Prata.	53 »	Geranium e ouro.....	J. W.

Sexto pareo — VILLA ISABEL — 1.000 metros — Inteiros e eguas nacionaes de meio sangue, que não tenham ganho este anno. Premios: — 300\$ ao primeiro, 90\$ ao segundo e 50\$ ao terceiro.

1	Aurelia.....	Alazão.....	3 annos	R. de Janeiro.	51 kilos	Azul e grénat.....	A. E. de Oliveira.
2	Mascote.....	Tordilho....	4 »	Idem.....	51 »	Ouro e encarnado.....	D. A.
3	Catana.....	Douradilho..	3 »	S. Paulo.....	49 »	Geranium e ouro.....	J. W.
4	Araby.....	Alazão.....	3 »	R. de Janeiro.	50 »	Ouro e encarnado.....	D. A.
5	Alteza.....	Libuno.....	5 »	S. Paulo.....	56 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
6	Africa.....	Preto.....	7 »	Paraná.....	54 »	Encarnado e branco.....	L. V.
7	Bonita.....	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	52 »	Grenat e our.....	José Machado.

Setimo pareo — CONSOLAÇÃO — 1.000 metros — Animas de menos de meio sangue, que não tenham ganho — Premios: 150\$ ao primeiro, 50\$ ao segundo e 30\$ ao terceiro

1	Quem Diria.....	Ruço pedrez..	5 annos	R. de Janeiro.	55 kilos	Rosa e grenat.....	Angelo.
2	Faustinho.....	Ruço.....	5 »	Minas Geraes	55 »	Grenat e ouro.....	A. P.
3	Zaire.....	Gateado.....	4 »	Paraná.....	53 »	Azul e encarnado.....	J. C.
4	Guacho.....	Chita.....	2 »	Rio Grande...	45 »	Preto, branco e encarnado..	A. M.
5	Pampeiro.....	Castanho....	2 »	Idem.....	45 »	Encarnado e preto.....	J. A. Silva.
6	Tufão.....	Idem.....	2 »	R. de Janeiro.	45 »	Verde e ouro.....	M. J. Andrade.
7	Verbena.....	Idem.....	3 »	Idem.....	49 »	Amarello e azul.....	Coud. Santa Cruz.
8	Zizania.....	Idem.....	3 »	Idem.....	49 »	Cereja, verde e amarello...	V. M.
9	Barbara.....	Rosilho.....	4 »	Rio Grande...	54 »	Verde e amarello.....	Coud. Independencia.

OBSERVAÇÕES. — Principiando ao meio-dia em ponto as corridas, serão excluidos os animas inscriptos no 1º pareo que as 11 horas precisas não estiverem no ensilhamento. RAUL DE CARVALHO, 2º secretario,

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 8 DE MAIO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 71.

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

SUMMARIO

Expediente.....	
Historia dos sete dias.....	FILINDAL.
Dr. Quirino dos Santos...	
Contos a premio.....	
Politica e politicos.....	Tób.
Entre poetas:	
Soneto de	V. MAGALHÃES.
» »	A. AZEVEDO.
» »	A. VIEIRA.
» »	L. DE MENDONÇA.
Cartas de Lisboa.....	E. MONTEIRO.
Jornaes e revistas.....	M. VALENTE.
Palestras femininas.....	A. VIEIRA.
Bellas Artes.....	A. PALHETA.
O Cysne.....	A. DE OLIVEIRA.
Theatros.....	P. TALMA.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Factos e Noticias.....	
Recebemos.....	
Annuncios.....	

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CORTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

A exemplo do que fizemos no anno passado, abrimos de abril a dezembro, uma assignatura de nove mezes pelo preço de 6\$000, dando nós a esses assignantes os mesmos premios a que têm direito os assignantes de anno, com excepção do livro *Vinte Contos*, que é exclusivamente para estes, que deverão recebê-lo por todo o mez de maio.

Rogamos aos cavalheiros que começaram a receber «A Semana» em 1 de corrente mez, o obsequio de nol-a devolverem até o dia 15, no caso de não quererem honrar-nos com as suas assignaturas.

Sendo em quantidade superior às nossas tiragens anteriores o numero dos nossos assignantes ultimamente inscriptos, não podemos por isso enviar-lhes colleções completas desde Janeiro, mas sim de Abril.

Assim, rogamos aos cavalheiros que nos obsequiaram com as suas assignaturas pelo corrente anno, e que já as satisfizeram, a fineza de se considerarem assignantes por um anno, sim, mas a contar de 1 de Abril a 31 de Março de 1887, visto que com o augmento da tiragem d'A Semana estamos habilitados a satisfazer os compromissos que contrahimos para com os referidos cavalheiros.

Aquelles, dos nossos assignantes, que não quizerem conformar-se com esta resolução, poderão receber A Semana desde Janeiro do corrente anno, sujeitando-se, porém, à falta de alguns numeros da folha, cuja edição esteja esgotada.

Compram-se nesta redacção exemplares do n. 6 d'A Semana, a 500 réis.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Delicioso tempo! Dias frescos e secos, noites levemente frias, não muito claras mas prodigiosamente estreladas. Quem não se deitar muito tarde e levantar-se cedo quanto pôde gosar indo até um arrabalde, a pé, depois do indefectivel e gostoso banho frio, seguindo o lado do sol nascente, a que cendo-se ligeiramente aos primeiros raios tepidos do grande astro amigo, chefe supremo e respeitado da immensa dynastia da Luz, protector da miseria e pae amoravel da Natureza!

Começou o reinado nocturno do cobertor e já se vae notando na face lisa da flanelia a ruga do primeiro arrepio do anno.

Viva o inverno!

Perdoem-me os rheumaticos e os gottosos, mas no Rio de Janeiro a estação supportavel e agradável é esta que causa na Europa o terror do pobre e o regalo do rico. Perdoem-me os rheumaticos e os gottosos...

Viva o inverno!

Devemos dar parabens ao Governo por ter agraciado o grande Pasteur com a gran-cruz effectiva da ordem da Rosa.

O sabio professor, de quem um dos mais conhecidos e notaveis medicos d'esta Corte ainda ha pouco me dizia que era um dos maiores e melhores benefeitores da humanidade, merece incontestavelmente todas as distincções.

O Governo vae mandar á França estudar juncto do sabio chimico, o Dr. Augusto Ferreira dos Santos. E' possível que seja justa a nomeação do Dr. Santos para aquella incumbencia; mas entendo que o Governo devia nomear tambem para o mesmo fim o Dr. Domingos Freire, que tem feito estudos especiaes e profundos no mesmo terreno das experiencias de Pasteur. Que fossem os dois.

Muito engraçada a questão da Casa de Saude Santa Thereza! O juiz, Dr. Mar-

tins Torres, prova que essa casa existe, nomeando peritos para procederem nella a uma vistoria judicial, e o Dr. Barão de Ibituruna, inspector geral de hygiene, diz por escripto que «tal casa não existia mais, que fora fechada por ordem da Inspectoria e que duvidava da competencia d'aquelle juizo em questões de hygiene.»

De maneira que, no entender do Dr. Barão, não ha appellação das decisões da Inspectoria de Hygiene?

Isto, quando não tivesse outra coisa, tem graça. E' quanto basta para ser registra-lo na chronica.

A meu respeito escreveu Eloy o heroe no *De Palanque*, do *Diario de Noticias* de hontem a seguinte injustiça:

«Ao meu amigo Filindal, espirituoso chronista da Semana, deve-se, creio, o descredito em que cahiram as manifestações de apreço. Na realidade raro é o sabbado em que a *Historia dos sete dias* não faça troça aos discursos, retratos a oleo e pennas de ouro, que pareciam ter penetrado definitivamente nos nossos costumes.»

Mas isto é uma clamorosa injustiça, repito.

Eu, que ha vinte e oito annos espero ser manifestado, desacreditar as manifestações! Mas, meu caro Eloy, eu digote o que já alguém escreveu: ou tu não me tens comprehendido ou eu não me tenho feito comprehender. O meu fim unico ao registrar na *historia* as varias manifestações da semana, não é desacreditar-as—é fomental-as. A manifestação, principalmente a manifestação a oleo, é uma iustituição nacional respeitavel, tão respeitavel e nacional como o capoeira e o feijão preto com carne secca e toucinho de Minas.

Effectivamente o caso do Dr. Taunay é engraçadissimo. Aquelle apreciavel homem de letras e de notas foi alvo (Nota que este vocabulo serve aos manifestados e às balas; equiparam-se em linguistica as manifestações às pistolas!) de uma significativa manifestação de apreço, nas vesperas da sua partida para o Paraná; agora, ao voltar, suppoz que lhe fariam a mesma pilheria e tractou de salvar-se pelo telegrapho. Fez muito bem. Duas manifestações na vida do homem, seria demasiado, poupemos aquelle bravo da Laguna, de quem a patria pode esperar ainda muitos tropos e muitas *chopinianas*.

Quem no dia 29 do passado foi surpreendido e padeceu uma das mais characteristics e risonhas manifestações foi Dr. Francisco Augusto de Almeida, subdelegado, já se sabe, da freguezia de S. Christovam. Eu transcrevo singelamente a noticia que d'este feroz attentado deu o *Jornal* de 2:

«A's 8 horas da noite precedidos (os seus numerosos amigos) da S. Musical Club Flor de S. Christovão, dirigiram-se á sua residencia e ahi, depois de uma allocução do Sr. Augusto Alberto Leal da Cunha, foram-lhe entregues um relógio de ouro chronometro, corrente e meda-

lha com brilhantes, de que eram portadoras duas meninas, alumnas do collegio Santa Isabel, atirando no acto da entrega sobre o mesmo senhor, outras meninas, folhas de rosas desfolhadas.

O Dr. Almeida agradeceu a manifestação que acabava de receber, e, depois de haverem orado alguns dos presentes, offereceu aos manifestantes um profuso copo d'agua, no qual se trocaram muitos brindes.»

Commovente aquillo da Flôr de S. Christovam e das outras meninas atirando, sobre o mesmo senhor, *folhas de rosas... desfolhadas!*

Eu,—e mais não foi nada commigo,— confesso que ainda tenho os olhos rasos de agua.

Esta foi completa l

Coisa dolorosa, porém, tenho notado nas manifestações ultimamente feitas.

Está cahindo em desuso o retrato a oleo. Isto é o que me entristece. Agora o reinado é dos relógios com inscripção. Emfim, como eu não sou palmatoria do mundo, se não me quizerem offerecer «o a oleo», contento-me com o relógio e a cadeia de ouro. Cã estou ás ordens dos Srs. manifestantes. (Rua do Carmo 36, sobrado). Não tenho ainda preparado o *profuso* do estylo... mas isso, se não for muito numeroso e aplestico o meu amigo, sempre se ha de arranjar.

Em sessão do dia 4, a Academia Imperial de Medicina eliminou do quadro dos seus membros o Sr. Dr. Vieira de Mello.

Este facto parece-nos gravissimo; mas esperamos que o Sr. Dr. Vieira de Mello se justificará plenamente, destruindo as allegações que deram causa ao procedimento da Academia.

Um horror de cometas! Infelizmente não pôdem ser vistos a olho nú. Mas eu tenho um binoculo de theatro que vale bem dois telescopios. Ainda hontem, era meio dia, e, por engano, dei com elle no meu proprio nariz... Pois, senhores, —parece incrível!—vi as estrellas!

Com o meu binoculo observei o cometta *Brooks* e acho-me habilitado a contestar o telegramma de Kiel, que diz estar elle nesta posição:

R=23h10m50s D. N.=26°12'29"

Isto é: dentro do quadrilatero de Pegaso.

Contesto. Hontem, depois da meia noite, a posição do *Brooks* era a seguinte:

=A, b, c, d=e, f; 1, h 2, 3, g, h, i, 4^m, 5, 6, 7°, j, =k, 8°, 9, 0°, t, m.

Pouco depois oscillou para a, e; i= o, u, y; isto é: na orelha esquerda do Rocinante, entre a quarta e a meia partida, descahindo de quando em quando para entre as

=10 e as II.

Responda o Sr. Dr. Cruls.

FILINDAL.

DR. QUIRINO DOS SANTOS

A 6 do corrente falleceu na capital de S. Paulo este conhecido e estimado homem de letras e notavel advogado.

Homem de talento superior, o Dr. Francisco Quirino dos Santos desde o seu tempo de academico dedicou-se á imprensa e redigio com brilhantismo varios jornaes da capital, fundando mais tarde com o Sr. José Maria Lisboa a *Gazeta de Campinas*, hoje de propriedade de Carlos Ferreira.

As nossas letras devem ao illustre morto bellos trabalhos apparecidos em diversos diarios e um livro de poesias intitulado *Estrellas Errantes*, que mereceu os maiores elogios por parte da imprensa nacional e portugueza e um honroso artigo de apreciação firmado por Pinheiro Chagas.

Como advogado o Dr. Quirino dos Santos era muito conceituado, e como politico deixa na pequena, mas valerosa, fileira do partido republicano um claro difficil de ser preenchido.

Sobre a sepultura do mallogrado cidadão atiramos d'estas columnas as nossas saudades, dando á patria e á sua Exma. familia sinceros pezames.

CONTOS A PREMIO

Proximamente publicaremos o resultado do julgamento dos contos que para este certamen foram por nós recebidos.

Os julgadores Srs. Aluizio Azevedo, Raul Pompeia e Araripe Junior estão concluindo o seu trabalho.

POLITICA E POLITICOS

A Camara e o Senado elegeram as suas commissões e estão funcnionando regularmente. Já ouviram a fala imperial e estão aptos para trabalhar nas reformas que Sua Magastade pediu, e que não são poucas.

Sua Magestade deseja—reforma judiciaria; revisão da lei eleitoral; alargamento das franquezas municipaes; codigos criminaes e do processo para o exercito; medidas garantidoras do equilibrio financeiro e melhoria do meio circulante; reforma do ensino publico em seus diversos gráus; etc., etc., etc.

Se a camara, como boa e fiel subdita, quizer rezar pela cartilha que lhe deu o imperial falante, pôde realmente fazer muita cousa. Que assim proceda, mas para bem; porque se as *emendas* sahirem más é preferivel que nos contentemos com... os *sonetos*.

Presidente da camara — o Sr. Andrade Figueira. O governo achou honroso meio de tapar com rolha dourada a bocca do eterno pessimista que vê tudo negro, o que não convinha de modo algum ao gabinete, e principalmente ao Sr. ministro da Fazenda.

O resto da mesa ficou composto dos Srs. Gomes de Castro, Villa da Barra e Mac-Dowel, 1º, 2º e 3º vice-presidentes; Coelho Rodrigues, Cochrane, Coelho e Campos e Portugal, 1º, 2º, 3º e 4º secretarios; Accioli Franco e Jaguaribe, secretarios.

Os Srs. Leitão da Cunha e Ribeiro da Luz, filhos do governo, que estavam na mesa provisoria, foram alijados.

A maioria da Camara commetteu já um verdadeiro escandalo, para comecar.

Foi reconhecido deputado pelo 1º districto de Matto-Grosso o Sr. commendador Eusebio Antunes, que, por signal, tem um nome que é de commendador... de romances.

Não discuto a maioria do commendador, nem a pureza de Eusebio, nem os direitos do Antunes. Para mim tudo isso é ponto liquido. A questão é que S. Ex. era incompativel por ser director de uma companhia subvencionada na provincia por onde foi eleito.

A Camara, porém, rejeitou a emenda do Sr. Lourenco de Albuquerque que falava da tal incompatibilidade e... rco-nheceu o commendador...

Alegra-te, Eusebio!
Pula, Antunes!

Muito mais escrupulosa em materia de incompatibilidades é a assembléa provincial de Santa Catharina, que excluiu do recinto da *salinha* nada menos de quatro liberaes, por serem incompativeis... com os conservadores.

Denunciou estes factos á Camara o Sr. Candido de Oliveira.

A *salinha* julgou aquelles deputados não deputados, porque:

O primeiro—tinha sido delegado de policia havia 9 mezes;

O segundo—era director do Lycen de Artes e officios do Desterro, instituição particular que nem sequer paga o director;

O terceiro—tinha sido ajudante de ordens da Presidencia;

O quarto — era coronel da guarda nacional!

Se fosse esta lei, estranha, theoría da assembléa applicada ao quarto candidato, e se ainda estivesse na pasta da justiça o Sr. Prisco—certamente não haveria no Brazil cidadão apto para o cargo de deputado:— tudo seria coronel da guarda nacional.

O Sr. Andrade Figueira, segundo dizem, vae comecar o seu programma de economias pela dispensa de todos os redactores de debates.

Como se sabe, tinham sido dispensados todos os antigos redactores, Meirelles, Lima e Balduino, sendo nomeados os Srs. Felix Ferreira, Caldeira, Siqueira e tenente Carvalho, que escapou á rasoura.

Não ficam tambem estes, o que deu logar a que o Sr. Meirelles escrevesse a seguinte quadra:

Carvalho sahiu chorando,
Distilla pranto o Caldeira,
O Felix foi infeliz,
Não foi feliz o Siqueira.

Perverso, este Meirelles!

TOB.

ENTRE POETAS

LETRE DE FAIRE PART

E vae assim a gente envelhecendo!
Hontem ainda os infantis brinquedos,
As corridas, o assalto aos arvoredos,
E os mestres e o collegio — monstro horrendo

Como estão longe os brincoes e os folguedos!
Da Vida o monte vamos já descendo,
Ao som do Mar das Lagrimas, batendo
Do Infortunio nos rispídos fraguados.

Eia, valor! Que a honra não tropece,
Não vá na lama o «nome» escorregar,
E pela Vida o labutar não cêsse!

Envelheçamos... proveitadamente.
Por isso, participo-te, contente,
—Que canta mais um anjo no meu lar.

27—1—86

VALENTIM MAGALHÃES

A essa participação responderam Arthur Azevedo, D. Adelina Vieira e Lucio de Mendonça pela seguinte forma :

*Fui alegria que de ti se apossa,
E de sorrisos o teu lar guarnece,
E a honesta forja do labor te aquece,
Essa alegria não é tua : — é nossa.*

*Porém releva que aceitar não possa
Pensamento que teu não me parece :
Um filho, dizes tu, nos envelhece...
Pelo contrario ! Um filho nos remoeça !*

*E então quando, meu poeta, o filho é filha,
(Caso em que estás, moço papae ditoso),
A nossa estrella com mais força brilha !*

*Cresça a menina, e quando, ebria de goso,
Pisar um dia do hymeneu a trilha,
Vá pela mão de um principe formoso.*

ARTHUR AZEVEDO

*«Envelheçamos... proveitosamente !...»
Eu, maninha roseira entristecida,
Sem perfume nem flor, quasi sem vida,
Ouvi dizer ás auras, brandamente :*

*«Que fazemos aqui ? Que indefnida
Tristeza nos invade ? Alegremente
Voltemos para a luz, que o rescedente
Florido jasmineiro nos envida.*

*Alem, rumores d'azas, borboletas,
Abelhas, colibris. Viver ! Amar ! !
Aqui, silencio e treva. Ha dores quietas !*

*Tu és o jasmineiro fulgurante !
Que sejam para ti gloria incessante
—Os dois anjos que cantam no teu lar.*

28—1—86.

ADELINA A. LOPES VIEIRA

*Favor da sorte é ir envelhecendo
Assim, porque velhice sem brinquedos
De filhos é qual, núu de arvoredos,
Erma tapera, de silencio horrendo.*

*Velho, remoçarás entre os fulgedos
Da próle amada. Deixa que desceudo
Vá o rio da vida e vá batendo
Ora em margem florida, ora em fraquedos.*

*«Go ahead !» que ainda que tropece
O pé, não fará mal escorregar,
Desde que o nobre progredir não cesse.*

*Eis ! prosegue... proveitosamente.
E perfume-te a vida, ó pae contente,
—A novu flôr aberta no teu lar !*

Valença, 30 de abril de 1886.

LUCIO DE MENDONÇA

CARTAS DE LISBOA

EXPLICAÇÃO — REVISTA RETROSPECTIVA.

A maneira extremamente benevola e lisonjeira como foram acolhidas pela *Semana* as minhas *Cartas de Lisboa* impõe-me como um dever o explicar aos seus leitores a interrupção e falta prolongada dos meus singelos e desbotados artigos.

Poucos dias depois de ter remetido ao director d'*A Semana* a minha segunda carta, um telegramma enviado da minha aldeia fazia-me abandonar a

capital para ir receber, se ainda fosse tempo, as ultimas vontades de minha mãe. Pouco se fez tardar o receiado acontecimento, do qual, por circumstancias de familia, me sobrevieram encargos, que me têm impedido até hoje de exercer o honroso e immerecido lugar de que me incumbi.

Como vêem, se os leitores pouco perderam porque só lhes faltou a minha prosa, eu perdi muito — e, infelizmente, para todo o sempre.

Voltando a occupar o meu lugar de chronista da vida litteraria e artistica portugueza, não devo esquecer que terminei a carta precedente annunciando o apparecimento da *Velhice do Padre Eterno* e dando a entender que falaria da obra na carta seguinte. E apesar de isso já ir longe, não me julgo menos obrigado a expor a minha opinião sobre o novo trabalho do nosso grande poeta.

Mas falando d'aquella, devo também falar de outras dignas de menção que têm apparecido depois d'ella até hoje. E' o que vou fazer na seguinte revista retrospectiva das publicações e acontecimentos artisticos, que julgo mais interessantes, e de alguns dos quaes depois irei falando mais desenvoldidamente, pouco a pouco, e á medida que escrever dos ultimos acontecimentos. Assin temos :

PUBLICAÇÕES

Jesus de Nazareth, poemeto por Eugenio de Castro, um joven poeta, uma criança que assigna poesias que parecem de Junqueiro. Envio um extracto do poema e mais tarde direi do poeta.

Historia da Luzitania e da Iberia desde os tempos primitivos ao estabelecimento definitivo do dominio romano, sendo uma parte fundada em documentos até o presente indecifráveis, por João Bonança. —

Prospecto. Como os leitores devem saber, trata-se d'uma obra que custou ao seu auctor doze annos de trabalho; que a Academia das Sciencias, reunida em sessão especial, e depois de ouvir os relatorios de uma commissão de membros nomeada para a examinar, julga digna de publicação; que na opinião de especialistas fixa o valor dos caracteres celtibericos; para cuja publicação se organisou uma commissão de membros da Academia das Sciencias, homens de letras, jornalistas, deputados e financeiros; finalmente uma obra que, a serem verdadeiras as affirmações do auctor, vae fazer uma verdadeira revolução nas sciencias historicas, elucidando algumas e reconstruindo outras sobre novas bases.

Nos tempos que vão correndo, a obra do Sr. João Bonança, com ser notabilissima, não é extraordinaria. A quantas descobertas d'essa ordem não tem dado nascimento o nosso seculo ! Mesmo entre nós, ainda não ha muitos annos que João de Deus descobriu a *Cartilha Maternal*.

Tambem não é extraordinario que o governo, depois de ouvir o parecer favoravel da Academia das Sciencias, não desse á obra a protecção que o auctor pedia. Essas coisas dá-as elle aos seus amigos, aos seus diplomatas, que, como o Sr. Mendes Leal, não fazem nada; mas não se dão aos trabalhadores obscuros como o Sr. Bonança.

Mas o que é extraordinario — e para lhes dizer isto é que eu falei do prospecto — é que se dê o seguinte facto : Os sabios do curso superior de letras, cujas especialidades eram mais affectadas pela obra do Sr. Bonança, têm-lhe movido uma guerra surda e só contida nos limites da *decencia*, pretendendo

por todos os meios impedir o sua publicação.

Sabios d'esta casta, sabios que querem ter a sciencia em monopolio, é que julgo não ha senão n'este abençoado paiz !

E' triste mas justa esta observação : Os nossos escriptores de mais merecimento, os primeiros, os de cima, detestam-se, geralmente, uns aos outros.

Como a terra é de cegos, todos elles querem ter só um olho.

A Hollanda, pelo Sr. Ramalho Ortigão. Desta obra do eminente chronista da *Gazeta de Noticias* direi algumas palavras em artigo especial.

Politica e economia nacional, por Oliveira Martins, volume que faz parte da já numerosa *Bibliotheca de sciencias sociaes*, a mais importante publicação ha muitos annos emprehendida em Portugal, e que o Sr. Oliveira Martins, sózinho, vae augmentando de anno a anno com uma erudição, uma superioridade de vistas e uma constancia no trabalho realmente notaveis e rarisimas em terras meridionaes. E cito a obra sómente para manifestar aqui a minha profunda sympathia e veneração pelas qualidades de talento, sciencia e caracter do illustre escriptor, que é hoje certamente um dos homens de quem tem a esperar a politica portugueza, pois, como sabem, elle perteuce actualmente ao partido progressista e é redactor da *Provincia*.

O Minho pittoresco, por José Augusto Vieira, publicação de luxo, illustrada, emprehendida pelo livreiro Antonio Maria Pereira, um dos nossos mais illustrados editores. D'esta obra disse Camillo Castello Branco que *é a mais levantada obra que ainda se nos offereceu das bellezas do paiz*.

Lyra meridional, versos por Antonio de Azevedo Castello Branco, que deu lugar á publicação de um opusculo de seu tio Camillo, e que, portanto, ainda que não tivesse outro, já tinha muito merecimento.

Curso de historia da litteratura portugueza, por Theophilo Braga. Mais uma historia da nossa litteratura a accrescentar ao *Manual* do mesmo incansavel escriptor, á sua historia n'ns vinte volumes, á de Camillo e Andrade Ferreira etc. Vê-se que não é por falta de historias da litteratura portugueza que nós a não conhecemos.

Quando teremos nós um editor que tenha o arrojo de publicar edições baratas e decentes dos nossos classicos, dos nossos mestres ?

Parece incrivel mas é assim : nem dos *Lusiadas* possuimos uma edição barata e apresentavel, analoga ás edições Charpentier, C. Levy, Dentu, etc. As que ha nesse genero são francezas !

Em summa, bem fez o Sr. Theophilo Braga em condensar num volume a sua grande historia da litteratura, um cahos em que a gente chegava a perder-se desorientado naquella barafunda de ideias e de factos, de philosophia e de erudição. A sua obra, que representa um trabalho colossal, não tem senão a ganhar com isso e nada a perder.

Garcia da Orta e o seu tempo, pelo Sr. Conde de Ficalho. Como se vê, os ultimos mezes têm sido fecundos em publicações valiosas de toda a especie. Esta do illustre professor, que é tambem um litterato distincto como sabem os leitores d'*A Semana*, é digna de menção, não só por ser um curioso estudo da renascença portugueza e por dar a um dos seus mais iusignes representantes o lugar que lhe é devido, como por ser impresso em papel de linho, accusando a tendencia, que se accentua ha alguns tempos na livraria portu-

guezia, para as edições elegantes, agradáveis à vista.

Combates e criticas, por Silva Pinto—3º volume. Anunciando-se para breve o apparecimento do 4º volume, falarei então desta obra do vigoroso polemista.

Volcoens de lama, por Camillo Castello Branco. Mais extensamente direi do novo romance do mestre de S. Miguel de Seide.

Historias da Montanha, por Monteiro Ramalho. Conhecendo de muito perto o autor deste livro, que tambem não é desconhecido para os leitores da *Gazeta de Noticias* e do *Occidente*, posso, como poucos, escrever delle e da sua obra. Isso farei brevemente.

RELIÇÕES E TRADUÇÕES

Musa em ferias, por Guerra Junqueiro, 2ª edição. Oxalá que seja mais correcta que a primeira...

Mysterio da estrada de Cintra, por Eca de Queiroz e Ramalho Ortigão, 2ª edição (em volume), muito superior à primeira, notavel pelo prefacio em que os autores fazem umas affirmações pouco justas para a nova geração litteraria e bastante pretenciosas para elles. Porque, emfim, não se fazem revoluções todos os dias; e, se é certo que elles fizeram uma, tambem não o é menos que, se elles a não fizessem, faziam-na outros.

E' a historia do Sr. Fontes e dos caminhos de ferro.

Tudo isto, a noticia e o resto, vem a proposito, não da edição que é já de ha bastante tempo, mas da carta escripta por Camillo ao editor e publicada nas *Novidades* em principios de fevereiro, se me não engano, e que eu cortei e juntei ao meu exemplar.

Gil Braz de Santilhana, por Lesage, traducção de Julio Cesar Machado, edição illustrada com gravuras e chromos. Não tinhamos até agora uma edição decente do *Gil Braz*, como a não temos egualmente de nenhum outro classico estrangeiro, com excepção do *D. Quichote* e da *Atala*; e todavia algumas más edições que existem têm procura e pagam-se bem no mercado, o que prova que o que é bom sempre se vende. E' que os nossos editores preferem publicar más traducções de más obras, que lhes custam menos dinheiro do que custaria uma boa traducção de uma boa obra.

E' por isso digno de todo o louvor o arrojado Sr. Corazzi, que incumbio a traducção do *Gil Braz* ao Sr. Julio Cesar Machado, de todos os nossos escriptores o que, pelo conhecimento da lingua e pela analogia da indole litteraria, melhor podia traduzir a obra prima de Lesage.

Não podemos louval-o egualmente pela escolha da illustração, que não prima pelo bom gosto, como todas as que sahem de Barcelona. Na livraria franceza, que desde a celebre edição romantica illustrada por Jean Gigaux até as bellissimas edições Lemerre e Jouaust, tem feito innumeradas e magnificas edições do *Gil Blas*, decerto o nosso editor encontraria coisa melhor. Quanto a mim, acho mais arte n'uma vinheta de Gigaux do que em toda a edição hespanhola.

Othelo, o mouro de Veneza, de W. Shakespeare, traducção de D. Luiz de Bragança. Esta traducção foi analysada por Camillo num opusculo que tem por titulo *Esboço de critica*. Tem, pois, esse merecimento, semio tiver outro.

Versos de Bernardim Ribeiro, edição prefaciada e dirigida pelo Sr. Xavier da Cunha, impressa em caracteres elzevirianos, em papel de luxo, com cercaduras granadas. E' uma bella edição que honra a typographia elzeviriana que a imprimio e os seus editores.

Fabulas de La Fontaine, edição illustrada por Gustavo Doré. E' pena que as bellas illustrações de Doré sirvam de afomosear as traducções dos principaes poetas portuguezes e brasileiros. Como se La Fontaine pudesse ser traduzido por quaesquer poetas principaes!...

Maravilhas da sciencia, de Luiz Figuier. Em vulgarisação scientifica ainda ha poucos annos nada tinhamos. Mas o mercado vae renascendo. Pena é que, em vez de principiarem por obras caras, não principiasssem pelas baratas; porque, geralmente, quem pôde comprar uma traducção cara, pôde comprar o original.

Vejo que me fui alongando demasiadamente, sem tenções nenhumaes disso. Fica pois para a proxima carta a revista do movimento artistico, a *Velhice do Padre Eterno* e as *Historias da montanha*.

EMYGDIO MONTEIRO

JORNAES E REVISTAS

Entrou para a redacção d'*O País* o illustre homem de letras e politico Dr. Joaquim Nabuco, que nelle fará a critica dos trabalhos parlamentares.

Parabens aos *paizes* (jornal e imperio).

No dia 1º começou a publicar-se diariamente o excellente jornal *L'Italia*, que, sob a criteriosa e intelligente direcção do Dr. J. Fogliani, ha tres annos se publicava semanalmente.

O facto de se tornar diaria uma folha semanal bem claramente demonstra as suas boas condições de prosperidade e o augmento crescente da sympathia publica.

L'Italia, redigida com singular brilhantismo, muita isenção e criterio, é sem duvida um dos melhores jornacs das colonias italianas da America.

Tractando sempre com verdadeiro patriotismo dos interesses dos seus compatriotas aqui residentes e fazendo justiça ao nosso paiz, *L'Italia* merece de todos a protecção e a coadjuvação que, esperamos, não lhe serão negadas.

Quanto a nós, como bons e affieçosos collegas, saudamos effusivamente o illustre e sympathico Dr. Fogliani por esta nova e importante conquista do seu trabalho, do seu talento e dos seus esforços.

Entrou para a redacção do *Diario de Noticias* o Sr. Paula Ney, um moço cujo talento não necessita da adjectivação amistosa destas occasiões, pois que todos lh'o reconhecem e lh'o apreciam.

Damos parabens ao *Diario* por esta brilhante aquisição.

M. VALENTE.

PALESTRAS FEMININAS

MODAS

Respondo à gentilissima carta que, de uma das encantadoras assignantes d'*A Semana* recebi domingo (Disse encantadora, porque o é, forçosamente, quem tem o bom gosto que revela a minha mysteriosa impaciente.) Diz a graciosa missiva:

«Pois que! Ha tanto tempo sem falar em modas!»

Imaginc,—e comprehenderá o meu desassoço—, que tenho de assistir no corrente mez de Maio, a tres casamentos, um baptisado, dois jantares de anniversarios e á *soirée* por occasião de uma manifestação ao Conselheiro N.N, e que contando com os seus conselhos, não renovei a assignatura dos jornaes de modas, e contractei costureiras, para me confeccionarem as *toilettes*, em casa, à minha vista, e não haver assim a menor mudança nas suas indicações. Hontem fui para a *Notre Dame* muito cedo, mandei comprar *A Semana* para escolher, immediatamente, sedas, velludos, rendas e flores, e eis que, chegada a folha, tão anciosamente esperada, deparei com — Chopin! Gosto immenso de musica, admiro Chopin, toco o *Impromptu* em *dó menor*, de que lala tão entusiasticamente... mas, palavra, preferia... modas. Se ainda fosse verão em Petropolis, facilmente arranjariamos *toilettes* de campo; mas agora!

Falle-nos de modas, sim? aconselhe-nos, soccorra-nos!

Dizem que o azul me vae deliciosamente (E' loura, exclamei.) que o *grénal* me torna mais bella (Então é morena, pensei) mas a cor de rosa ou de violetta tambem me ficam a matar. Gosto de varios tons do verde e do *beige* (Então não é morena tambem.)

Deve ser como a Estélla, do *D. Jayme*, que tinha olhos scintillantes como estrellas, e *levemente* morena a face pura.

Adivinharia?

A minha linda faceira fez mal em não renovar as assignaturas dos jornaes de modas, principalmente os da casa *Nicoud*, que são esplendidos, mesmo porque não poderei indicar scite *toilettes* (tantos são os convites que aceitou) que venham em belleza as dos ultimos numeros do *Salon de la mode* e do *Prin-temps*.

Experimentemos todavia:

Para jantar: 1º Saia de *moire* violetta clara, orlada por um estreito *plissé* de setim *prune*. Colette de seda *prune*, um pouco aberto, com reversos de setim da mesma cor. Corpo casaca, de velludo *prune*, tendo as abas abertas a começar de 20 cent. abaixo da cintura—e forradas de setim igual ao dos reversos. A saia deverá ser bastante ampla. Enfeitando os cabellos — um pente de coral em forma de diadema.

2º Saia de *faulle* *crème*, com avental de largos folhos de renda hespanhola, levantados sobre o quadril esquerdo; corpo de bico adiante e atraz, de velludo *cerise*, aberto e enfeitado com uma *écharpe* de «setim-maravilhoso» da mesma cor do velludo, que, partindo do hombro esquerdo, vae formar *pannier* sobre o quadril direito, prendendo-se de um modo gracioso sobre o *pouf*. Prendem a *écharpe*, no hombro e na cintura, rosetas de velludo *cerise*. Roseta igual para o cabello.

Para casamento: 1º Saia de *gros grain* azul pallido *glacé*, tunica de gaze *broché* guarneçada com rendas de Chantilly; corpo de *gros grain* com uma *berthe* de renda de Chantilly, presa no hombro esquerdo por um grande laço de fita ottomana. Luva *gris-perle*. No peito e no cabello ramos de *myosotis*.

2º—Saia de setim *rubis*, orlada por um *plissé* esticito e uma larga tira em bicos, assentando sobre o *plissé*; tunica de renda preta, ampla e arregaçada dos dois lados, formando largas pregas redondas, na frente; esta tunica cobre a saia até aos bicos; corpo decotado em bico, de setim preto, bordado de ramos *rubis*, curto na frente, mas formando atraz tres grandes e fundas pregas que formam o *pouf* e acompanham a saia até abaixo. Uma grinalda de flores de romã desce do hombro esquerdo a prender os apanhados da tunica do

lado direito. Flores de romã no cabello; luvas pretas; collar de rubins.

3º— Vestido à princeza, decotado, de *moire* rosa pallida, coberto por outro, *collant*, de rendas *point d'Alençon* creme, aberto do lado direito quasi até à cintura e levemente arregaçado do lado esquerdo por um ramo de rosas *sylvestres*. Raimo egual nos cabellos. Luvas creme róseo.

Para baptisado: Saia de *lampás* peito de *róla*, em pregas, aberta do lado e atacada com cordões *marron* sobre rendas *ficelle*. Corpo franzido adeante, tendo um outro meio corpo, decotado em quadrado, de *ottoman*, lisa *marron* atacado com cordões eguaes aos da saia; mangas de *lampás* com canhões de *ottoman marron* e cordões. Collar *Medicis mordoré*; pente egual ao collar, no cabello.

Para *soirée* (a da manifestação): Saia de merino branco; tunica *drapée*, guarnecida de pregas e contas de vidro transparentes. Corpo de setim branco, decotado, com suspensorios presos sobre os hombros por grandes laços de fita branca, sobre uma camisinha de renda. Mangas de renda, presas nos cotovellos por laços de fita. Diadema de prata.

Seguirá estes modelos a minha gentil desconhecida? Não a poder eu ver! Assignou a carta com uma simples inicial—V! E' vago! mas facil me será reconhecê-la, pelo pasmo que vae causar, pelo encanto irresistivel com que prenderá todos os que tiverem a ventura de admirar-la em todas essas festas, das quaes vae ser a rainha.

ADELINA A. LOPES VIEIRA.

BELLAS ARTES

No salão Vieitas exposição de novos estudos do infatigavel Castagnetto; no antigo salão De Wilde exposição dos ultimos estudos de Caron e Vasquez.

Ambos ainda são fracos, tímidos, indecisos.

Foram, no Rio de Janeiro, discipulos de George Grimm, e seguiam à risca os preceitos do mestre. Colorido, desenho, expressão eram do mestre e religiosamente respeitadas.

A não ser em uns pequenos senões, perceptíveis sómente a vista bem educada, pequena era a differença entre os estudos dos dois discipulos e os estudos do mestre.

Vasquez, apezar de tudo, tinha o que se chama em terminologia de *atelier* — um pouco mais de fundo — isto é: sabia jogar melhor os tons e dar grandeza à perspectiva aerea. Em todo o demais, em tonalidade geral, no conhecimento do claro escuro e manejo das tintas simples era egual ao inseparavel companheiro de trabalho. Agora, foram invertidos os papeis: Caron se nos apresenta mais observador da perspectiva aerea, mais feliz no tom.

Qual a causa d'essa notavel transformação?

Talvez tibieza de Vasquez para os estudos; talvez pouca habilidade sua para a observação da natureza européa.

Ao certo, difficil é dar a causa. Entre os vinte seis estudos dos dois payzagistas, doze de Caron e de Vasquez quatorze, são mais dignos de nota um de cada qual.

O de Caron, representa um recanto de natureza, à margem de um lago coberto de *neuphars*. Não é uma obra de valor. Não. Muito longe está de ser uma obra boa; é simplesmente soffrivel como estudo. A parte do lago, no plano esquerdo, onde se projecta a intensa sombreados arvoredos do fundo, é tratada com facilidade — tem alguma

transparencia e volume, além de manear, um tanto larga no processo de tocar. O fundo é mal tocado — as massas são chatas, de sorte que todo o fundo mal se destaca do horisonte. A parte illuminada do lago está fraquissima, posto que se conheça pelo passar e repassar do pincel, pela accumulção dos tons, o esforço dispendido pelo alumno para conseguir o effeito justo.

De Vasquez o melhor estudo é uma pequena tela, a terceira do lado esquerdo da parede em que estão pregadas. E' um canto de bosque, solitario, batido de sol. Se as manchas e massas têm sido mal empregadas por Caron, em Vasquez ellas estão ainda peiores. Chatas, esparramadas, inuteis, collam-se ao fundo como pincelladas inconscientes de um amator pedante. As grandes massas illuminadas que observamos na natureza, ao fundo das payzagens, têm relevos; entre ellas e o horisonte ha sempre uma camada de ar que nos traz a idéa da distancia. E é precisamente a perspectiva aerea que está fallando a Vasquez. Os troncos de arvores, troncos retorcidos de annosos carvalhos, que se notam neste pequeno estudo, são pintados com muito facilidade e por uma maneira muito simples. Um pouco de cor e um pouco de elegancia, porém, em um ponto de facil execução, rocommendam esse estudo.

Quem analysar com attenção os estudos dos dois estudantes verá claramente a indecisão pela qual estão passando. A maneira de Grimm é uma, a maneira de Hanoteau, o actual professor d'elles, é outra. O primeiro usa e abusa das tintas simples, faz as manchas e as detalha ao correr da mão, sem caracterisar a vegetação; vê o oca em duas gradações por toda parte, lambe os céos com *ultramar*, e, não conhecendo o movimento das nuvens, abandona a relação que entre ellas existe com as partes sombreadas da vegetação. Hanoteau é de maneira differente. Procura os effeitos, os tons, a cor. Em 1865 o seu *Coin de Parc* fazia successo no Salão. Era de uma sincera impressão o seu quadro; admiravel em colorido e em frescura.

Houve, portanto, uma transição no estudo dos dois artistas. Não que ella seja proveniente da differença de natureza; isso seria facil de conhecer; houve uma transição na maneira de vêr e na maneira de pintar, que ainda não lhes é certa.

Por emquanto os seus estudos não merecem elogios. Aqui, faziam melhores, com a unica differença da cor e do traço.

Houve uma coincidencia entre a exposição dos estudos dos discipulos de Hanoteau e a dos quadros de Castagnetto.

E é a seguinte:

Vasquez e Caron começaram a estudar ao mesmo tempo que começou Castagnetto; tiveram os tres o mesmo professor, e juntos frequentaram a Academia, segundo creio.

Castagnetto abandonou o professor e a Academia, arrumou o cavalete, encheu de *tubos* a muxilla e partiu para uma curta e simples viagem á volta... das nossas praias. Vasquez e Caron continuaram a estudar com George Grimm, e depois partiram para a França.

Agora os dois enviam estudos d'além-mar, e Castagnetto à custa dos seus esforços, nos apresenta estudos feitos no Rio de Janeiro, que são muito superiores aos dos discipulos do auctor do *Paradis des Oies*.

Parece-me que nesta coincidencia, ha as irradições de uma verdade. A portentosa Europa e necessaria á educação completa do artista; mas sem ir às plagas do velho mundo muito

póde fazer quem possua talento e trabalhe com dedicacão. Nem ha negar.

Os seis quadros que Castagnetto expõe no salão Vieitas não têm a pretensão de ser obras acabadas; são estudos feitos *d'après nature*, porém á quisa de *poehades*. Trabalhos simples, de dois, tres dias. Mas, quanta expressão nesses empastellamentos, quanta individualidade nesses borrões desprentenciosos!

Um d'elles representa um pedaço do arsenal de guerra, visto da praia de Santa Luzia. Ao fundo, longe, muito longe, rola o mar as vagas, e vem, tumultuoso, irriquiêto, espojar-se á praia em um indolente e bruto espreguiçar.

O sol banha a natureza. Os telhados, e as paredes caiadas das officinas do arsenal, illuminadas pela luz sonora, parecem dilatar no quadro um longo riso de força, deante do mar que geme na reia. Da chaminé das officinas sobe ao espaço uma tenue columna de fumo, que vem das entranhas encandescentes das machinas a vapor. No mar deslizam velas pandas, e em terra, na serena tranquillidade de um dia feliz, pescadores vagarosos passam, amassando a areia, com as armas da sua industria ao hombro.

Um outro quadro, propriedade do Sr. Henrique Chaves, é um melancolico e *saudoso* ponto, banhado pelas aguas pallidas de uma nesga de mar. No primeiro plano, uma porção de pedras soltas forma como que um cabo onde treme um arbusto isolado e triste. Depois ha um breve espaço de terra, sobre o qual vêm-se edificadas duas casas em forma de rusticos *chalets*. De um lado passa a estrada, escarpada, margeada de altas arvores. Vão por ella caminhando algumas pessoas. Do lado opposto, no plano esquerdo, um monte de pedras agudas; depois, a perder de vista, uma ponte, e depois... depois o infinito.

E' de um sentimento indescritivel esse quadro. Ha no horisonte não sei que de vago, de suave, de triste e tocante, que nos fere o coração, e nos traz à memoria, os isolados sitios onde deixámos com a ultima inconstancia da mocidade o nosso sentimentalismo puro e adoravel. Na escarpa, uma luz amortecida de sol que se esvae envolve as figuras em tons dourados e leves, pondo na ramagem do fundo um tom macio de pello. E, nas pedras do primeiro plano, o arbusto medrado parece chorar o desalento do dia, que morre sob a cupula immensa de um céu silencioso, e inerencorico.

Dos tres estudos menores que estão expostos é mais digno de nota um intitulado — creio — *Golpe de vento*. Uma nuvem parda corre batida para o sul; o mar encrespa o dorso, e as embarcações, pequeninas, arqueam de bom-bordo, inclinando as velas largas e enfunadas. O movimento foi bem estudado e executado com felicidade.

A impressão que nos causa é exacta; percebe-se bem a passagem tempestuosa do vento uivando.

De todos esses ultimos estudos de Castagnetto sómente um é máu — Efeito do luar na praia de Santa Luzia. — A noite que tantos effluvios derrama nas estrophes dos poetas, é avára para com os pintores; raros são os que lhe têm conquistado a posse dos segredos. Mas o que fica fora de duvida é que os estudos de Castagnetto, feitos por sua exclusiva dedicacão á arte, sem um guia, sem um mestre de merecida importancia, e longe dos grandes e acreditados centros artisticos, são superiores aos dos dois jovens payzagistas.

E é para coroar os seus visiveis e felizes esforços que não lhe nego elogios.

ALFREDO PALHETA.

O CYSNE

(SULLY PRUDHOMME)

Calmo, do espelho azul d'agua profunda e calma
 A' face, errando, os pés, languido, o cysne espalma,
 E deslisa. Da neve os raros frocos brancos
 Lembra o fino frouxel que lhe amacia os flancos.
 Linea véla parece a aza que ao vento brande,
 Esvelto, e ora retrae, ora sacode e expande.
 Entre as nymphéas indo, o alvo pescoço apruma,
 Colhe-o apos, some-o n'agua, estende-o sobre a espuma,
 Curva-o molle e gracioso, e amphora antiga imita.
 Dos pinheiros ao longo, onde o silencio habita
 E a paz e a sombra, vae morosamente: á esteira,
 Que atraz fica, semelha ondeante cabelleira
 A verde hervagem fresca a palpar. A gruta,
 Que a alma attrae do poeta e a voz da tarde escuta,
 Praz-lhe, e a fonte que, além, salta, murmura e hólha.
 Vendo-as, tardo se arrasta. A's vezes uma folha
 Leve cae do salgueiro e, abandonada á leve
 Queda, roça-lhe, muda, as plumas cor de neve.
 Caminha agora ao largo: o implexo da ramagem
 Deixa e a parte procura onde o esplendor selvagem
 Diz melhor com o fulgir d'agua anilada e pura...
 Do lago é a parte mais azul que elle procura.
 Lá discorre... a scismar, sobre as ondas serenas,
 Entrega á luz do sol a brancura das penmas.
 Depois, quando em redor confundem-se,—calhando
 A noite,—do amplo lago as margens, e no infundo
 Horisonte ha somente um ponto avermelhado;
 Quando tudo quedou, quando no illimitado
 Do céu paira da lua o disco enorme, albente;
 E a luciola accende o olhar phosphorescente,
 E nem o menor sopro o debil junco embala:
 O cysne, sob a luz d'essa noite de opala,
 Em seu lago sombrio, emfim, descança; e, acaso,
 Visto de alguém, assim, lembra de prata um vaso...
 Põe sob a aza a cabeça, os olhos somnolentos
 Fecha, e dorme, feliz, entre dois firmamentos.

ALBERTO DE OLIVEIRA

THEATROS

IMPERIAL THEATRO

O esplendido bailado *Brahma*, cuja musica é lindissima, e onde o publico tem admirado a mais extraordinaria e correcta bailarina que tem vindo ao Brazil, a Sra. Giovanini, continúa a ser phreneticamente applaudido pelo resumido numero de espectadores que tem affluído ao imperial theatro.

Entretanto o Sr. Ferrari não tem poupallo esforços para agradar ao nosso publico. Em doze dias deu-nos tres operas buffas de primeira ordem.

A terceira, *Le precauzioni*, em 3 actos, de Petrella, foi representada na quinta feira e agradou muitissimo.

A musica, muito original e graciosa, é de um agradabilissimo effeito, sendo verdadeiramente notavel a do segundo acto.

O desempenho foi optimo por parte do Sr. Carbonetti, que apresentou um bello typo burlesco de criado lorpa, muito bom por parte da Sra. Mancini, regular por parte dos Srs. Reynaldi e Baldassarini.

A Sra. Luttichau não conseguiu agradar no papel de Mimosa, e a Sra. Giani, *mezzo soprano*, não tem voz nem geito para a scena. O mesmo acontece ao tenor Sr. Contarini, mancebo muito acanhado e de pouca voz.

Apezar, porém, d'estes senões, a peça agradou, e seria provavelmente um successo se o theatro estivesse cheio.

A Empresa resolveu abaxiar os preços emquanto se representar o *Brahma*. Hoje já as cadeiras e varandas custam somente 58, os camarotes de 1^a 258, os

de 2^a 208, as cadeiras de 2^a 38 e as entradas e galerias 18000.

Quarta-feira, dizem-nos, será a primeira exhibição do famoso bailado *Excelsior!*

O Sr. Ferrari resolveu fazer representar pela sua companhia *A Donzella Theodora*, a lindissima partitura de Abdon Milanez, libreto de Arthur Azevedo.

E' caso para darmos agradecimentos ao Sr. Ferrari e parabens ao publico e aos auctores.

O Sant'Anna remontou *O Boccacio*, fazendo Rosa Villiot o papel de protagonista. Estreiou na famosa opereta, no papel de Beatriz, a Sra. Rosina Bellegrandi, que o fez com certa distincção e o cantou com muito mimo e com uma correcção a que não estavamos habituados. A Sra. Bellegrandi tem uma bonita voz, singularmente agradável. Quando perder um certo acanhamento, que a tolhe, será uma artista muitissimo apreciavel e auxiliará efficaçmente a boa *troupe* do Heller.

A Sra. Isabel Porto arranhou um bello typo para a Petronilha, que era um dos melhores papeis da saudosa Henry.

Nino fez aceitavelmente o papel de Lelio.

Villiot não precisava fazer muito para nos dar um Boccacio melhor do que o que nos dava Rosa Meryss; falta-lhe, porém, a bella voz d'aquella artista e é unicamente por isso que esta substituição não é um grande successo para Villiot.

Furtado e Lucinda estreiam terça-feira com o *Demi-Monde*.

O Recreio deu-nos um assombro de 40 annos, em 5 actos e 6 quadros: *Os seis degráus do crime*, peça que, dizem os coevos, era uma das glorias de João Caetano.

O desempenho foi afinado pelo merito da peça, que não é pequeno. Uma serie de assombros. Dias Braga, Maia, Castro, Domingos, Helena, Elvira e Bertha, todos muito bem, dando aos seus papeis relevo e voz.

O publico, que foge das boas peças modernas, deve affluir ao Recreio, contribuindo assim para que a importancia da arte dramatica entre nós comece a subir... estes seis degráus abandonados.

Na Phenix houve tambem *O Rocambole*, sendo a primeira em beneficio da actriz Ignez Gomes, que fez o principal papel, cabendo o da viuva Fippart á Sra. Bernacchi, que estreiou auspiciosamente. Galvão fez o protagonista com aquelle *aplomb* e brio das suas antigas glorias.

O Heller annuncia para este mez *A corça do bosque*, grande magica em 15 quadros, do Eduardo Garrido.

No Lucinda ha hoje a primeira do *Boccacio*, fazendo o protagonista a Sra Irene Manzoni.

P, TALMA

SPORT

O exemplar do *Relatorio de 1885 a 1886* com que nos mimoseou o Prado Villa Izabel, e que acabamos de ler, prova exuberantemente a prosperidade e as boas condições em que se acha esta distincta sociedade de corridas.

Na verdade é um trabalho importante e digno de ser apreciado, que faz honra ao intelligente 1^o secretario Paiva Junior, demonstrando inquestionavelmente os immensos serviços que ao paiz tem prestado aquella benemerita sociedade.

Pelo balancete apresentado vemos claramente quanto tem prosperado aquella sociedade, dispenlendo a favor do apuramento da raça cavallar sommas avultadas no valor de 87:675\$, quantias essas que nesse anno foram conferidas em premios e absorvidas por diversas importantes coudelarias.

O deficit que ain la apresenta, no valor de 40:000\$, torna-se insignificante deante de tão bons resultados e da boa administração que criteriosamente tem dirigido aquella sociedade, a qual em tão curto espaço de tempo, luctando com as maiores difficuldades, quer pela sua posição topographica, quer pela deficiencia de transporte, tem podido sustentar a sua elevada posição ao lado dos mais fortes concorrentes.

Com grandes esforços e innumeradas difficuldades se tem criado entre nós associações d'esse genero, baseadas unicamente em mera iniciativa particular, sem que, no entretanto, o Governo e a Municipalidade se tivessem dignado de auxiliá-las. Pelo contrario, tem procurado embaraçá-las, justamente quando ellas, lançando mão de todos os recursos e resistindo a todos os sacrificios, esforçavam-se por fazer sobressahir o seu merecimento e utilidade.

Felizmente para essas associações, resta o palraão de gloria de terem-se creado unicamente baseadas em pura iniciativa particular.

Apezar das copiosas chuvas que desabaram durante a semana passada, felizmente no domingo o tempo tornou-

se bom e bastante fresco, dando logar a que o *Prado Villa Izabel* effectuasse a sua primeira corrida extraordinaria com um esplendido programma constando de sete pareos, todos elles de tiro curto e compostos de animaes superiores, que, equaladas as suas forças pela distancia, tornaram os pareos interessantes e perfeitamente disputados.

Na verdade, o modo imparcial com que a distincta directoria d'essa sociedade organisa os seus programmas, ora modificando-lhes as condições, ora diminuindo-lhes os tiros, tem merecido a sympathia de todos os proprietarios que, baseados em alguma probabilidade, concorrem com os seus animaes, procurando pela equaldade dos tiros obter qualquer resultado.

No 1º pareo (860 metros) inscreveram-se dez animaes, dos quaes correram apenas oito, sendo os seguintes: *Pampeiro, Verbena, Zizania, Serodio, Sultão, Barbara, Savana, e Zaire*, que afinal deu o tiro de ha muito esperado, percorrendo a distancia em 59 segundos, seguido de perto por *Verbena*; *Barbara* em 3º e *Savana* em 4º contra a expectativa geral.

No 2º pareo (100 metros) correram *Feiticeira, Catana, e Peralta* que inesperadamente bateu os seus competidores em 70 segundos, estabelecendo na recta de chegada forte luta com *Catana*, que teve o 2º logar. *Violeta* não correu; *Araby* desgarrou.

No 3º pareo (1000 metros) saliu victoriosa, facilmente, em 61 segundos, *Charybdes*. *Françoise* fez boa corrida e chegou em 2º; *Dr. Jenner* em 3º; *Swamp*, animal de boa filiação, fez má figura, apesar de bastante castigada pelo seu jockey. *Camelia* e *Pansy* não correram. *Martin* é um animal novo e por enquanto ainda nada pôde fazer.

No 4º pareo (1609 metros) ainda o *temível pinga Aymoré* bateu os seus competidores de meio sangue, em 108 segundos. *Druid* está querendo lembrar-se de seus bons tempos; teve o 2º logar; *Bayoco* ainda continúa a fazer má figura em 3º; *Pretoria* e *Cettywaio* vieram na bagagem.

No 5º pareo (1450 metros) *Coupon*, animal superior e bem montado (Alcoba), bateu gallardamente os seus competidores, em 98 segundos; *Fanfaron* chegou em 2º logar, apenas perdendo por um corpo; *Maelstron* e *Gaudriole* fizeram má figura; consta ainda não estarem bem afiadados; *Dr. Jenner* perdeu toda a sciencia.

No 6º pareo (1000 metros), em 69 segundos, *Bonita*, contra a expectativa geral, venceu os seus competidores; chegou em 2º *Alteza*; em 3º *Africa*; em 4º *Aurelia*; *Catana, Araby* e *Mascotte* vieram na bagagem.

No ultimo pareo (1000 metros), *Zaire* novamente em 71 segundos e com alguma facilidade, venceu os seus competidores, seguido de perto por *Verbena*; em 3º *Guacho*. Tambem correram *Faus-tinho, Quem diria* e *Zizania*.

Terminou ás 6 1/2 horas o divertimento, correndo sempre tudo na melhor ordem e com grande animação.

Com um programma excellente, realisa amanhã o *Derby-Club* a terceira corrida d'este anno. Indubitavelmente, o conteúdo d'este programma deverá attrahir grande concurrencia pela inscripção de animaes nacionaes superiores, que pela primeira vez se encontram para experimentar as suas forças.

Em nossa ultima pagina se acha impresso o programma, onde os diletantes poderão palpitar á vontade. Acertem.

E' o que desejamos.

L. M. BASTOS

FACTOS E NOTICIAS

Realizou-se no dia 3 do corrente, na matriz de Nossa Senhora da Gloria, o consorcio do Sr. O. de Niemeyer, amannense da inspeccao geral de saude dos portos, com a Exma. Sra. D. Virginia Cardoso, neta do fallecido negociante José Carvalho de Souza Figueiro.

Foram padrinhos por parte da noiva, a Exma. Sra. D. Clara Carvalho de Souza Marques e o Sr. Manoel José da Cunha Osorio Junior; e por parte do noivo, o estimado capitalista Sr. João Teixeira de Souza.

Aos felizes noivos os nossos sinceros parabens.

Chegaram da Europa no dia 30 do passado o Sr. Dr. Joaquim Pinto Netto Machado, director da segunda directoria da Secretaria do Imperio, sua Exma. Sra. e seu filho Dr. Joaquim Quintanilha Netto Machado, que fez em Paris, com o sabio professor Benier, o curso de molestias da pelle e syphilis.

Comprimetamol-os cordealmente.

FALLECIMENTOS

No dia 1 falleceu em S. Paulo o estimado medico Dr. Arsenio de Souza Marques.

Com a idade de 66 annos falleceu em Minas o distincto e importante capitalista João da Matta Machado, pae do conselheiro Dr. Matta Machado.

Nesta corte falleceram a 3 do corrente o maior do corpo de engenheiros José Tiburcio Pereira Magalhães, a 5 o condeitado capitalista José Frankliu Diniz Junqueira e a 7, victima de febre amarella, o Sr. Emilio Courrage, thezoureiro do Consulado de Portugal.

Succumbio a uma lesão do coração, no dia 5, o distinctissimo engenheiro Dr. Honorio Bicalho.

Por sua reconhecida illustração, pela sua competencia profissional e pelo bello desempenho que dava ás commissões de engenharia de que fôra por diversas vezes encarregado pelo governo, o Dr. Honorio Bicalho era respeitado como notabilidade e as suas opiniões sempre tiveram grande conceito.

Como chefe da directoria das Obras Publicas, o Dr. Bicalho foi commissionado para estudar e resolver o importantissimo problema do franqueamento da barra do Rio Grande do Sul, e nessa espinhosissima missão o illustre engenheiro deu ainda sobejas provas do seu grande saber, vendo os seus estudos e projectos laureados pelo especialista europeu, o Sr. Caland, que, a convite do governo, viera examinar o mesmo problema.

A patria perde no Dr. Honorio Bicalho, de quem muito tinha ainda que esperar, pois ainda era moço, um dos seus mais distinctos servidores.

Depois de longos soffrimentos, falleceu ante-hontem o Sr. Oscar Bernardelli, um artista de muito merito e pae dos estimados artistas Rodolpho, Felix e Henrique Bernardelli.

A Rodolpho Bernardelli, a seus irmãos e a toda a sua Exma. familia — os nossos pezames.

RECEBEMOS

— *Revista de Engenharia*—Anno VIII n. 115
— *Revista Popular*—Anno I, n. 15.
— *Revista da Observatorio*—n. 4.

— «A travessia e exploração geographica do continente africano feita por Capello e Irens.» Exposição proferida pelo illustrado Dr. Joaquim Abilio Borges em sessão da Sociedade de Geographia de Lisboa no Rio de Janeiro.

— *Elisir da vida ou longevidade conferida pelo uso diario do succo de limão*, por John Dowsley. Util folheto.

— Os dois primeiros fasciculos d' *A Louca*, de E. Richebourg. Publicação da «Bibliotheca da Imprensa.»

— *Operario*—publicação quinzenal que apparece em Campos.

— *Distração*—n. 79.

— *Lampejos ephemeros*—livro de versos do Sr. Ernesto Silva. Porto Alegre. Tratará d'este livro o nosso distincto collaborador do *Correio Litterario*.

— *Revista Financiera*, de Buenos Ayres. Magnifica publicação semanal.

— *La Tribune des Peuples*. 1º anno, n. 1. Janeiro 1886 (Paris.) E' mais um orgão internacional. Sua divisa é: «Faire penser.» E' uma tribuna aberta a todos os cidadãos do mundo. Dará conta do movimento social nas cinco partes do mundo. Traz um energico e longo artigo de E. Reclus sobre a propriedade, um curio-o artigo scientifico «A transusão» e um extenso «movimento social» em que tambem o Brazil é contemplado acerca da quest.ão abolicionista. E' um bom orgão de propaganda revolucionaria.

— «*Relatorio e Synopse* dos trabalhos da Camara dos Srs. deputados na sessão do anno de 1885, contendo o andamento de todos os projectos e pareceres, discussão especificada do orçamento e prorogativas, projectos sobre o elemento servil desde 1871 até 1885, sessões secretas, decisões da camara dos Srs. deputados na verificação dos poderes, diferentes documentos, quadros estatisticos e outros esclarecimentos; organizados na secretaria da mesma Camara.» Este importantissimo trabalho, de vantagens incontestaveis, honra sobremannera o seu organizador, o Sr. conselheiro Jorge Dodswort, director d'aquella secretaria.

— *Perolas e diamantes*, versos de Renato da Cunha. Porto Alegre. Falaremos a respeito no *Correio Litterario*.

— *Primeiras lições de cousas*, de N. A. Calkins; versos e adaptação (da 40ª edição americana) pelo conselheiro Ruy Barbosa. Obra importantissima, de que diremos depois.

— *Cavatinas*; versos de Sales Barbosa. Bahia.

— *A lucta dos vicios*, poema por Placido de Abreu. Do merito d'este livro dirá posteriormente o illustre redactor da secção *Correio Litterario*.

— *Bernardo, o assassino*; romance de Edmond Barbée; traducção da *Etoile du Sud*. Vamos lê-lo

— *O crime de Botafogo*, defeza apresentada no processo instaurado contra D. Francisca da Silva gastro, pelos seus advogados Ignacio Antonio d. Assis Martins e Candido Luiz Maria de Oliveira. Fraca defeza.

— *A Illustração*, 3º anno, n. 5. Magnificas gravuras, entre as quaes o retrato de Adeline Patti; fac-simile do *Diario de Noticias*, de Lisboa, com o retrato do seu redactor principal, Eduardo Coelho; um bello retrato do fallecido actor Santos, uma interessante pagina de Mars: «Bailes das crianças» etc. Texto variado, curioso, agradavel.

— *Gil Braz*, fasciculos ns. 28 e 29.

ANNUNCIOS

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

DERBY-CLUB

GRANDES CORRIDAS A REALISAR-SE

DOMINGO 9 DE MAIO DE 1886

AO MEIO DIA EM PONTO

Primeiro pareo — EXCELSIOR — Distancia 1,609 metros — Poldros e poldras nacionaes, de 3 annos — Premios: 1:000\$ ao primeiro, e 200\$ ao segundo.

N.º	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	<i>Diva</i>	Alazão.....	3 annos	R. de Janeiro.	49 kilos	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
2	<i>Sybila</i>	Zaino.....	3 »	S. Paulo.....	55 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
3	<i>Eólo</i>	Idem.....	3 »	Idem.....	49 »	Idem.....	Idem idem.
4	<i>Aurelia</i>	Alazão.....	3 »	R. de Janeiro.	47 »	Azul e grénat.....	A. E. de Oliveira.

Segundo pareo — COSMOS — Distancia 1,450 metros — Inteiros e eguas de qualquer paiz — Premios: 800\$ ao primeiro, e 200\$ ao segundo.

1	<i>Coupon</i>	Alazão.....	3 annos	França.....	49 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
2	<i>Aspazia</i>	Castanho.....	4 »	Inglaterra....	50 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
3	<i>Françoise</i>	Alazão.....	4 »	França.....	50 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
4	<i>Charybdes</i>	Castanho.....	3 »	Inglaterra....	47 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
5	<i>Scylla</i>	Idem.....	3 »	Idem.....	47 »	Havana e branco.....	Idem.

Terceiro pareo — INITIUM — Distancia 1,000 metros — Poldros e poldras nacionaes de meio e puro sangue, de 2 annos — Premios: 500\$ ao primeiro, e 100\$ ao segundo.

1	<i>Condor</i>	Castanho.....	2 annos	S. Paulo.....	47 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
2	<i>Zephyro</i>	Alazão.....	2 »	Idem.....	47 »	Idem idem idem.....	Idem idem.
3	<i>Hypomenes</i>	Idem.....	2 »	R. de Janeiro.	47 »	Ouro e encarnado.....	D. A.
4	<i>Feiticeira</i>	Idem.....	2 »	Idem.....	46 »	Grénat e rosa.....	Coudelaria Modesta.

Quarto pareo DERBY-CLUB — Distancia 1,609 metros — Inteiros e eguas do paiz — Premios: 1:000\$ ao primeiro, e 200\$ ao segundo.

1	<i>Sylvia II</i>	Alazão.....	4 annos	S. Paulo.....	54 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro
2	<i>Sybila</i>	Zaino.....	3 »	Idem.....	55 »	Idem idem idem.....	Idem idem.
3	<i>Boreas</i>	Castanho.....	4 »	Idem.....	56 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
4	<i>Cambro</i>	Tordilho.....	4 »	Idem.....	52 »	Encarnado e preto.....	Mario de Oliveira.

Quinto pareo — PROGRESSO — Distancia 1,609 metros — Animaes de paiz até meio sangue — Premios: 500\$ ao primeiro, e 100\$ ao segundo.

1	<i>Druid</i>	Tordilho.....	3 annos	R. de Janeiro.	49 kilos	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
2	<i>Cettiwaio</i>	Castanho.....	3 »	S. Paulo.....	49 »	Havana e branco.....	Coudelaria Alliança.
3	<i>Douro</i>	Alazão.....	5 »	R. de Janeiro.	54 »	Verde e ouro.....	L. A. Ribeiro.
4	<i>Bonita</i>	Idem.....	4 »	S. Paulo.....	50 »	Grénat e ouro.....	José Machado.
5	<i>Aymoré</i>	Castanho.....	5 »	Idem.....	54 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança

Sexto pareo — RIO DE JANEIRO — Distancia 1,750 metros — Inteiros e eguas de qualquer paiz — Premios 1,200\$ ao primeiro, e 300\$ ao segundo.

1	<i>Fanfaron</i>	Alazão.....	4 annos	França.....	52 kilos	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
2	<i>Bolívar</i>	Castanho.....	6 »	Idem.....	54 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
3	<i>Gaudriole</i>	Idem.....	3 »	Idem.....	47 »	Idem idem.....	Idem idem.
4	<i>Phrynéa</i>	Idem.....	4 »	Inglaterra....	52 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
5	<i>Comtesse d'Olonne</i> ...	Alazão.....	5 »	França.....	52 »	Havana e branco.....	Idem Alliança.

Setimo pareo — SEIS DE MARÇO — Distancia 1,450 metros — Animaes nacionaes até meio sangue, que não tenham ganho no Derby — Premios: 400\$ ao primeiro, e 80\$ ao segundo.

1	<i>Zaire</i>	Gateado.....	4 annos	Paraná.....	52 kilos	Azul e encarnado.....	J. C.
2	<i>Pampeiro</i>	Castanho.....	2 »	R. G. do Sul..	45 »	Preto e encarnado.....	J. de Almeida Silva.
3	<i>Ivon</i>	Zaino.....	3 »	Paraná.....	49 »	Idem.....	C. P.
4	<i>Italia</i>	Castanho.....	3 »	S. Paulo.....	47 »	Azul e amarello.....	Francisco Iorganes.
5	<i>Bonita</i>	Alazão.....	4 »	Idem.....	50 »	Granada e ouro.....	José Machado.
6	<i>Tufão</i>	Castanho.....	2 »	R. de Janeiro.	45 »	Azul e branco.....	M. J. Andrade
7	<i>Alteza</i>	Libuno.....	5 »	S. Paulo.....	52 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes
8	<i>Intima</i>	Castanho.....	5 »	Idem.....	52 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
9	<i>Catana</i>	Dourado.....	3 »	Idem.....	47 »	Geranium e ouro.....	J. W.
10	<i>Pretoria</i>	Libuno.....	5 »	Idem.....	52 »	Cinzento.....	A. C.

N. B. Pede-se os Srs. proprietarios de animaes inscriptos no 1º pareo, o obsequio de os apresentar no ensilhamento ás 11 horas da manhã.

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 15 DE MAIO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 72.

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

SUMMARIO

Expediente.....	FILINDAL.
Historia dos sete dias.....	TÓB.
Pólitica e políticos.....	G. GAMA.
Prosas simples.....	V. MAGALHÃES.
Tercetos antigos.....	A. L. VIEIRA.
Palestras femininas.....	F. D'ALMEIDA.
A' partida, soneto.....	C. DE AZEVEDO.
«Defesa Alberico».....	E. DE CASTRO.
«Natus est Jesus», versos	L. M. BASTOS.
Sport.....	F. TALMA.
Theatros.....	R. PORCIUNCULA.
Jornaes e revistas.....	
Num album, versos.....	
Factos e Noticias.....	
Recebemos.....	
Annuncios.....	

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÓRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

A exemplo do que fizemos no anno passado, abrimos de abril a dezembro, uma assignatura de nove mezes pelo preço de 6\$000, dando nós a esses assignantes os mesmos premios a que têm direito os assignantes de anno, com excepção do livro *Vinte Contos*, que é exclusivamente para estes, que deverão recebê-lo por todo o mez de maio.

Sendo em quantidade superior ás nossas tiragens anteriores o numero dos nossos assignantes ultimamente inscriptos, não podemos por isso enviar-lhes collecções completas desde Janeiro, mas sim de Abril.

Assim, rogamos aos cavalheiros que nos obsequiaram com as suas assignaturas pelo corrente anno, e que já as satisfizeram, a fineza de se considerarem assignantes por um anno, sim, mas a contar de 1 de Abril a 31 de Março de 1887, visto que com o augmento da tiragem d' *A Semana* estamos habilitados a satisfazer os compromissos que contrahimos para com os referidos cavalheiros.

Aquelles, dos nossos assignantes, que não quizerem conformar-se com esta resolução, poderão receber *A Semana*

desde Janeiro do corrente anno, sujeitando-se, porém, á falta de alguns numeros da folha, cuja edição esteja esgotada.

Compram-se nesta redacção exemplares do n. 6 d' *A Semana*, a 500 réis.

Os Srs. assignantes que tiverem direito a premios são rogados a enviarnos o competente sello para a prompta remessa dos referidos premios.

A SEMANA

Rio, 15 de maio de 1886.

Com o proximo numero devemos distribuir aos Srs. assignantes um supplemento commemorativo do primeiro anniversario da morte de Victor Hugo (23 de Maio). O trabalho artistico é de Valentim de Figueiró e Belmiro de Almeida.

Acreditamos que essa pagina de homenagem, pela originalidade da sua concepção e pelo seu esmerado acabamento artistico, agradará geralmente.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Eu venham para cá os senhores russos contar-nos historias de frio! Frio é isto que nós temos sentido nos ultimos dias, ou, melhor—nas ultimas noites.

Pela manhansinha já se bate o queixo no banheiro e os cordões d'agua transcolados pelo ralo do chuveiro parecem-se muito com fios de gelo. Mas que delicias depois da friura glacial do banho! A reacção é mais rapida e mais benéfica; o corpo entrija-se para a grande lucta do dia e o trabalho fatiga menos.

Um Christiano Ottoni é que a cousa não esteve para graças: 5 graus abaixo de zero é já um friosinho que deve ser prohibido pelo governo, porque nos desmoraliza perante a Europa culta, arrebatando-nos a nossa justa reputação de paiz quente.

Que diabo! Se o Brazil perder a febre amarella e o calor perderá as unicas cousas verdadeiramente apreciaveis que possui—excepção feita do Castro Urso, que tambem não hade ser eterno.

De todas as agitações que tem soffrido o paiz até hoje, a que, na verdade, mais o agitou e fez tremer foi o terremoto.

Eu sei que a Europa não me vae acreditar, eu sei; mas nos tivemos tambem o nosso terremotozinho. Terremotosinho, gosto—porque o diminutivo compadece-se mais com a verdade historica. Não foi um terremoto sério, a valer, como os que a Hespanha teve na

anno passado o que originaram o *bando precatório*; foi um arrepio da terra, um espirro geologico, uma constipação da natureza, talvez com o fim perverso de espantar o sabiá canoro que andava sempre nos galhos das laranjeiras a acordal-a e nas paginas da poesia lyrica a adormecer-nos.

Já foi assentada a lapide tumular no jazigo de Octaviano Hudson. Terminou-se a obra piedosa dos seus amigos. No sopé de uma cruz tosca de mármore foi gravada a seguinte inscripção:

«E o pranto enxuguei das criancinhas
Que de frio choravam.

Musa do Povo.

Os gatunos agora affeioaram-se aos ancos. Aos roubos commettidos ha pouco tempo no Banco do Brazil e no *London and Drazilian*, succedeu-se na semana passada outro no *English Bank*.

Não pensam mal os hourados gatunos. Se forem catrafillados, quando chegarem a comparecer no jury já estão affeitos aos bancos... dos réus.

Eu queria calar-me, mas não posso. A hydra da anarchia gerou o dragão da impiedade. A heresia invade triumphantemente o templo do Senhor. Conspurca-se o local sagrado, e o atheismo tripudia macabro sobre as aras sacrosantas onde, ao som piedoso das antiphonas, o sacerdote unguido ergue a particula benta da purissima eucharistia.

Já não são sublelegados, fiscaes e inspectores de quarteirão as victimas offerecidas em holocausto ao furor dos barbaros indigenas. Não. D'esta vez foi um respeitavel sacerdote da doce religião do Cordeiro. Foi o Sr. Conego João Aureliano Corrêa dos Santos, vigario de Nictheroy.

Pela noticia que do monstruoso factoden o *Jornal* de 9, depreheende-se que o attentado foi mais ou menos assim: Uma horda de heresiarchas, tendo adrede e com premeditação encomendado ao pintor Petit o instrumento do supplicio, dirigiram-se, acompanhados de algumas senhoras, á casa do Sr. coneego e penduraram-lhe o retrato a oleo na sala! Depois do que, sem dô nem compaixão, atiraram-se calamitosamente ao copo d'agua—e comeram-no.

O *Jornal* acrescenta lugubrememente que o monstro a oleo era de tamanho natural. Mas não pára aqui a perversidade nictheroyense: além de ser a oleo, e de ser de tamanho natural, ainda estava ricamente emmoldurado!

Factos d'esta ordem não se commettam—registram-se.

Noticia de sensação:

Foi preso o bilontra. Mas o bilontra legitimo, o vero auctor do baronato de Villa-Rica, o immortal e já celebre Manoel José de Lima e Silva.

Esta prisão é uma calamidade para o paiz. O *Fajardo* nacional, ao menos, teve espirito. Quem devia soffrer era o lorpa que lhe deu credito e que queria nobresa a tres contos por cabeça... de burro.

Para os Pelludos os Faustinos. A Justica o que devia fazer era dar uma medalha de merito ao tal Lima e Silva. Um homem que extrahе, sem dor, tres contos de réis a um pelludo, o que merece é a pasta da Fazenda, não é a masmorra escura.

O *Jornal* de 12 dá esta interessante noticia:

«GRACA PONTIFICIA. — S. S. o Papa Leão XIII agraciou o Sr. Visconde de Santa Cruz com a commenda da ordem de S. Gregorio Magno, por serviços prestados á religião e á humanidade.»

Agora ha dois: O outro é o Sr. Malvino Reis, ex-candidato á deputação geral.

Como demonio saberá o Papa dos serviços que aqui prestam á humanidade os cidadãos philantropos?

Leão XIII devia agraciар o Sr. Visconde pelos serviços prestados á nobre classe caixeiral. Isso, sim, que seria graça merecida—e engraçada.

O abuso das loterías fructificou, como era de esperar. Depois do famoso escandalo da loteria do Grão-Pará,—a vergonheira da loteria do Ceará, cujo thezoureiro se recusa formalmente a pagar os premios dos bilhetes.

De maneira que para os idiotas que habitualmente compram *inteiros* ou *meios* chega a ser uma grande felicidade o sabirem-lhes brancos. Poupam assim a terrivel commoção de ganharem um premio que não receberão jamais.

Dois suicidios esta semana.

O primeiro foi o do marchante Julio Augusto Serpa, por causa de atrazos commerciaes.

O segundo foi o do Sr. Leão Porto, que, pelas cartas que deixou, vé-se que era pessoa intelligente.

A commiseração e á consternação que sempre estes factos nos causam valeu este infeliz com uma declaração despreoccupada, escripta com apparente tranquillidade. Este, ao menos, teve espirito.

Emquanto não chegam as innumeradas companhias lyricas, dramaticas e hypicas annunciadas, vae-nos deliciando o Sr. Ferrari com bellas operas buffas italianas e francezas.

O *Brahma* agrada cada vez mais a quem o vé muitas noites. Não é só o bailado que agrada muito, é tambem a bella musica, do maestro Dall'Argine, sempre nova, cheia de originalidade, e principalmente a prodigiosa e vertiginosa bailarina Giovanini, um assombro de pernas electricas, rijas como o aço e correctas como as das estatuas gregas. A Giovanini é uma creatura delgada, *mignonne*, que não é formosa, mas que tem graça, garridice e donaire para vinte formosuras celebres. A dançar é apenas incrível, estupendamente correcta. A ponta do seu terrivel pé casa-se tão bem com a musica, que ao espectador attento parece que ella está dançando sobre um teclado mysterioso, tangendo ella propria as notas, ferindo com o pé os instrumentos, tal a precisão, a nitidez, a admiravel certeza do seu passo! Não exaggeramos.

A grande porção de publico de bom gosto que ainda não foi ver o *Brahma* não imagina a que bellissimo espectáculo artistico deixa de assistir.

Na recita de quinta-feira, em que todo o trabalho da Giovanini foi novo, vimos cahir do bolso de um espectador um papelinho cor de creme. Não resistimos ao furto. Abrimol-o, e lemos as seguinte quadrinhas, que servem para terminar suavemente esta massuda chronica da semana:

Ao pé de ti Therpsychore
Não passa de um penedo!
Tu, sim, é que és sylphidica
Dos pés no aéreo enredo.

Se rodopias celere,
Juncta do teu senhor.
Tu vences a Titania
Do poeta de Strafford!

Na loira deusa aligera
Entronca a tua origem;
Tão vaporosa e rapida
E's a mulher-vertigem!

FILINDAL

POLITICA E POLITICOS

Os corpos politicos d'este leal paiz estão em perfeito estado de saude e inteiras condições de calma e de tranquillidade. O pulso marca 37; nenhum calor a mais nem a menos do que a temperatura natural.

Deus os guarde, para bem.

Os principaes themas da discussão tem versado sobre questões de intervenção no pleito eleitoral, e não ha duvidar que os liberaes têm sido faceis de contentar em suas exigencias. Taracatú continúa em pé para a gente de Pernambuco; a gente da Bahia trata ainda de Ilhéos. Fala a opposição; o governo explica-se. E depois d'isto não ha mais nada—pode-se tocar o hymno pela felicidade publica.

É natural a posição assumida pelos liberaes, tanto na camara, onde estão em pequeno numero, como no senado, onde estão em maioria. Em todas as questões de intervenção no pleito, é largo o tiroeteio opposicionista, mas quando se trata de discussão mais seria, e por enquanto seria só foi a da lei de forças, os liberaes têm sempre meios de coadunar as queixas com as necessidades... do governo. Vemos no senado a promessa da lei de meios feita por um dos mais notaveis chefes da opposição; e vemos na camara o Sr. Candilo de Oliveira declarar que não requer o adiamento da discussão da proposta sobre forças de terra, porque era — materia urgente...

E diga-se com toda a franqueza, uma vez que foi S. Ex. o unico opposicionista que, na camara, fez propriamente discurso: o seu discurso não foi lá essas cousas, para não dizer a cousa que elle foi. Um homem que como S. Ex. tem agora a responsabilidade de representar um partido em opposição, tem o dever de ser autes de tudo o que ha de mais violento, de mais incansavel, de mais vehemente, do que parecer tibio, descendente, cordato, bom companheiro e bom amante dos principios constitucionaes. Quem sente esta cordura, esta regra das conveniencias, quer por temperamento e por indole, quer por questão de proxima eleição senatorial, quem assim é, faz como aquelle grande parlamentar que o leitor talvez não conheça e que se chama o Sr. Silva Maia, do Maranhão — fica calfado.

Sente-se na atmospheria do parlamento o completo quebrantamento das forças de opposição. O partido liberal ainda não convalesceu sufficientemente

da desorganização geral que soffreu, ainda não quebrou o torpor de que está atacado. Elle soffre ainda d'aquella horrorosa molestia mental que produz desejos de cousas desconhecidas e indefiniveis... O partido liberal não sabe o que quer, cousa muito perigosa em opposição. Naquelle é a esterilidade; nestes é a indecisão.

Ao lado d'isto vé-se o partido conservador doente tambem... de excesso de saude. A maioria enorme d' tudo quanto o governo quer, e a minoria, se não declara dar tambem tudo, pelo menos não faz grande opposição. D'isto resulta que o aspecto do parlamento é o de uma casa escolar, onde cada um dá a sua lição porque é obrigado a dal-a.

Tudo morto.

E o chronista, que nada mais tem a dizer, e que até podia nada ter dito, despede-se por hoje.

TOB.

PROSAS SIMPLES

Com este titulo despretencioso e sympathico, chega-nos do Porto um livro de Guilherme Gama, um rapaz de 24 annos, filho do grande escriptor portuguez Arnaldo Gama. Cremos ser o seu livro de estreia. Mas que livro! que estreia!

Uma estreia, que é uma sagração, uma victoria radiosa.

Um livro delicioso, bellissimo, extraordinario!

Prosas simples, realmente, mas da simplicidade grandiosa e sublime da Natureza, da Verdade e do Bello.

Mais, muito mais do que poderiam dizer os nossos elogios, dirão do valor d'estas *Prosas simples* — ellas mesmas.

Leiam as que em seguida transcrevemos e facilmente ajuizarão do escriptor que se está fazendo o modesto rapaz que tão galhardamente sustenta e honra o glorioso nome de seu pae:

NA CATHEDRAL

Desejava ser o morto por quem os seus labios balbuciam e os seus olhos se enchem de lagrimas.

De preto, toda de preto, está ajoelhada deante do Santissimo, com os olhos meio cerrados, languidos, a alma voejando por payzagens que devem ser celestialmente formosas. Tão bella como estatua italiana, está ajoelhada deante do Santissimo, as mãos postas, a bella cabeça inclinada, e reza—porque os seus labios balbuciam.

Enternecem-na a meia luz da cathedral e o silencio das longas naves. Julga-se muito sósinha num bosque onde rosas brancas se beijam. Na sua alma cõe docemente o orvalho da saudade, a luz da cathedral enternece-a e sente que a apertam os braços do pobre morto por quem os seus olhos se enchem de lagrimas.

Depois, com fundas olheiras, de preto, toda de preto, desce a igreja até á porta, onde lhe offereço a agua benta:

— Ah! — murmuro — quem me dera ser o morto por quem os teus labios balbuciam e os teus olhos se enchem de lagrimas!

ALPHA E OMEGA

Ha tres annos que o velhito jaz na sua cadeira de rodas. A ferrugem do tempo enferrujou-lhe por tal forma as

pernas que vae em braços para a cama e vem em braços para a cadeira. No entanto, o seu rosto é prazenteiro e o seu espirito alegre.

Fala-vos da sua mocidade como quem lê saudosas paginas de memorias. Para elle são dias de contentamento quando as aves começam de novo a cantar, ou quando o pecegueiro, que lhe fica de frente da janella, principia, em Março, a florir. — Ah! vem a primavera: diz elle ás crianças, a quem aquece as mãos com o pouco calor que ainda lhe resta.

Imaginae pois que a neta acaba agora mesmo de ser mãe.

— Louvado seja o nome de Nosso Senhor.

Entre o seu quarto e o d'ella ha um continuo vae-vem. E' o pae que chega radiantissimo, o abraça e lhe diz:

— Meu pae, é um rapaz.

E elle forceja por erguer-se:

— Tragam-m'ó.

Logo uma neta, que o beija muito:

— Como elle é bonito, vovo: cor de leite, tacadinho de rosa nas faces.

Pouco depois é o neto poeta:

— Oh! se o visse! é um anginho sem azas, que cahio do céu a dormir.

— Tragam-m'ó; tragam-m'ó.

E assim tres dias a fio, constantemente, constantemente.

Na alegria do que nasce esquecem o que está no fim. Que maldade!

O entredado sente bem que a cadeira é uma prisão.

— Tragam-m'ó; tragam-m'ó.

O coração, traz-traz, bate apressado; avivam-se-lhe os olhos; desrugam-se-lhe as faces; movem-se-lhe as pernas; não dorme de noite: é a vida dos ultimos annos que elle está a viver em poucas horas. Acudam-lhe com o bisneto pequerrucho, tragam-lh'ó, tragam-lh'ó, senão arrastará a cadeira até ao quarto onde a mãe o esconde no seu egoismo santo de mãe.

Então ouve-se um barulho lá fora. — E' elle, diz-lhe o coração que é elle. Prepara as mãos para a benção, enche a bocca de risos e de beijos, estende os braços para o receber.

— E' elle, é; descance, meu amiguinho.

Abre-se a porta. A ama com o pequeno, pae, tias, primas, avós, amigas, senhoras, vizinhas, creados e pastores entram pelo quarto dentro.

— Cá o tem; dizem em coro.

O bisavo perde a fala, estende os braços, tremem-lhe as mãos e o queixo. O pae põe-lh'ó no regaço.

— Ah! Ah!

Não diz mais nada. As lagrimas são quatro a quatro, e ao mesmo tempo que os olhos choram riem-se os olhos, riem-se os labios, riem-se as rugas, riem-se as mãos, as repas brancas, o velho todo. A tremer, chega-o á bocca a beijal-o. Colloca-o deante de si:

— Oh! Como és bonito!

Poisa-lhe a mão sobre a cabecinha desnudada e pede ao Senhor que mande sobre elle a sua benção de bondoso pae.

E todos riem e todos choram.

Mas tirem-lh'ó, tirem-lh'ó.

Se o pae não vae tão depressa lá ia a criança ao chão. Os braços do velho caem-lhe sobre o regaço; a cabeça poisa-se-lhe de vagar no espaldar de estofado; os olhos fecham-se-lhe, os labios entreabrem-se-lhe e balbuciam uma coisa santa qualquer; sorri-se; torna-se mais pequenino e morre.

Oh! meu Deus!

E todos choram.

Então os corações esmagados, dilacerados, vão deitar a criancinha no berço e vêm vestir o bisavó para o deitar no sepulchro.

GUILHERME GAMA

TERCETOS ANTIGOS

Ah! qui peut l'approcher et ne le vouloir pas.

RICHEPIN—La mer.

Já não vale negar: Quero-te, sim, formosa;
Quero-te, meu amor, quero-te doadamente!
Como cousa fatal porém deliciosa.

Quero-te agora e logo e sempre e eternamente,
Emquanto eterno for este desejo ancioso
Que os olhos me humedece e põe-me a voz tremente.

Quero-te a rosea bocca, o labio voluptuoso,
Colmeia de coral de mil beijos—abelhas
Do Hymetto, num cardume ethereo e harmonioso,

Fazendo o mel do amor com as flores vermelhas
Que brotam do meu sangue ao fogo dos desejos,
Qual, do vento ao soprar, de uma braza as centelhas.

Quero a colmeia—a bocca, e as abelhas—os beijos.
Quero velas, deixando os favos delicados,
Meus labios procurar em tremulos alejos.

E os teus olhos, mulher, os teus olhos banhados
D'esse humido luar dos olhos de Heloisa:
Radiantes de desejo e de gozo enublados.

Quero o negro amavio estranho, que electriza,
Vindo dos olhos teus—abysmos encantados—
Cujo profundo olhar entonteece, escraviza,

Attrac, dementa, absorve os corações turbados.
Entrego-lhes o meu: tomem-no, palpitante,
E calcine-o o fulgor dos teus olhos amados!

Que mysterios, amor, no teu olhar brilhante!
Moram no teu olhar a bondade e a malicia,
A ternura, o capricho e a ironia ultrajante;

Ora têm o sarcasmo, ora têm a caricia...
Lampejos de paixão e setas de desprezo...
Deliciosa tortura e suprema delicia!

Ai! d'elles fujo em vão, que nelles estou preso:
Mas o carcer bendigo e quero o soffrimento
Do fogo que me abraza, em teus olhos acceso.

Teus cabellos... Que assombro e que deslumbramento!
Desnastra sobre mim a loira cabelleira:
Não sei que haja outro céu, nem outro firmamento!

Que eu me deite e repouse á sombra hospitaleira
Do teu cabelo, como á de aureo baldaquino,
Embalado em tua voz, ó loira feiticeira!

Tua voz! Onde se ouvie jamais tão crystalino,
Tão limpido, tão doce e tão sonoro canto?
Do canto da tua voz, é cada nota um hymno!

Quero o teu seio, quero... Esenta, meu encanto,
Não prosigo; bem vês: se eu fora dizer tudo
Que de ti quero, louco, e como o quero e quanto,

Não acabára nunca! O olhar não fala: é mudo;
E diz no entanto mais que todos os poemas!
Da minha lyra, pois, cale-se o verso rudo.

Teça-te o meu olhar as rutilas estémmas
Que merece e que exige a tua formosura,
Que as flores sobrepuja e empallidece as gemmas!

Eu quero do teu corpo a tepida brancura,
Teu coração, tu'alma e tua vida, ó flor!
Quero-te toda sempre... Esplendida loucura!
Já não vale negar. Quero-te, meu amor!

VALENTIM MAGALHÃES

PALESTRAS FEMININAS

O LAR

O lar é o imperio da mulher: ali é completo o seu dominio, e um encanto o ser vasallo.

Mas nem todos os lares preudem, nem todas as mulheres sabem attrahir e encantar.

Algumas conheço eu, (infelizes!) que se queixam com amargura de que os maridos preferiam passar os domingos em casas de estranhos, nos clubs e hotéis dos arrabaldes, a passal-os no aconchego da familia.

Têm razão, mas, pobresinhas, não comprehendem que são ellas as principaes culpadas d'esse desapego do lar.

Disse isto mesmo, ha dias, a uma amiga, casada ha dois annos, que lamentava a ausencia do esposo, quasi todos os domingos, unicos dias em que poderiam estar juntos. Fitou-me um instante e perguntou-me admirada:— «O que faço eu, para que elle se aborreça da minha companhia?» — Nada, respondi; e eis ali o teu erro. Se toda a semana trabalhasses, para que nas poucas horas em que teu marido está em casa, o seu olhar repousasse, com satisfação, sobre tudo o que o rodeasse; se tudo fosse bello, asseado, harmonico; se as flores estivessem artisticamente dispostas nos vasos; as fructas nas fructeiras, formando pyramides appetiveis e perfumadas; as caldeiras arrumadas de forma a convidarem ao repouso, á conversa intima, ou á leitura dos albums, revistas, almanachs e jornaes graciosamente atirados sobre a mesa da salta; se ao olhar para ti, logo de manhã, teu esposo te visse alegre, activa, dando as ordens precisas para que sejam fresquissimos os ovos do almoco, macio o *filet*, tudo tu mesma, com um cestinho, ao pomar colher as fructas que na vespera assignalarias; depois, providenciando para que seja posta a mesa, como se esperasses visitas, isto é, com toalha e guardanapos alvissimos, o vinho em garrafas de crystal, os talheres brilhando como espelhos, tudo symetrico, gracioso, saudavel! se os teus canarios, fartos e alegres, acompanhassem com os seus crystallinos trinados a refeição, frugal embora, mas deliciosa,—dize, filhinha, como poderia deixar o teu paraiso o homem que nelle se sabia rei e rei amado!

Experimenta: ergue-te cedo, lava um pouco mais, e verás que não cangas, antes se te apagarão essas olheiras, que a tristeza e o tedio desenharam no teu rosto, minha gentil desalentada de vinte annos!

O trabalho, filha, o trabalho é a recompensa do pobre. E então quando trabalhamos para agradar ao ente amado, onde poderemos encontrar maior ventura?!

E é assim. Quasi todas as desavenças domesticas provem da falta de ordem no arranjo da casa. É uma sciencia o *ménage*. As donas de casa ricas, raramente o sabem ser; fiain-se nos famulos, ou dão ordens sem methodo, contrariando hoje o que mandaram hontem, com exigencias e ralhos escusados e inuteis: e os servos dormem ou intrigram. Saber mandar é ainda mais difficil do que saber servir.

São quasi sempre mais attraentes as casas dos... «remediados.»

O luxo é vantajosamente substituido pelo bom gosto. É a *ménagère* solícita, quem arruma os armarios e gavetões, onde o linho alvissimo perfuma o ar com as frescas e sãs emanações de jasmims, alfazema, adocim, rosas, enfim

de toda a especie de plantas balsamicas, que em pequenos *sachets*, aromatisam a roupa branca. Ali, cada cousa tem o seu lugar distincto. Rumas de guardanapos, cuidadosamente dobrados, occupam uma prateleira ou gaveta, outra está cheia de toalhas de mesa, outra de lençoes, etc., etc., até os pannoos de pratos e de cozinha, mareados e numerados, ostentam, no lugar competente, uma alvura deslumbrante. As moringueiras, guarnecidas de vermelhas e luzidias moringas, cheias de agua fresca; as cantoneiras e jardineiras da sala de jantar euteitadas de *caladiums* e begonias; as gaiolas dos canarios suspensas entre as cortinas de anagem das janellas, d'onde os tenores atados cantam as cavatinas da alegria, dando gritinhos de satisfação ao banharem-se e sacudirem ao sol da manhã as penhas de ouro; os bandos de pombos que vem pousar nos peitoris das janellas, á espera das costumadas migalhinhas de pão; o vir argentino das crianças que, depois do banho frio e do passeio matinal, voltam cheias de appetite; tudo conviã ao almoco, á palestra, ao riso!

Quem poderá resistir á socegada affectação de um tal interior? O' minha saudosa tia Helena, modelo da ordem e da graça! foi conhecendo-te, que senti poder que tem a verda leira *ménagère* sobre todos os que a rodeiam.

Para o jantar, tinhas sempre uma surpresa, um prato de tua invenção, uma *delicia* culinaria! Quantas vezes, complacente e boa, me explicaste o modo de preparar essas maravilhas?!

Para que melhor possam avaliar o teu merito, minha incomparavel *ménagère*, consente que escreva aqui algumas das tuas simples, mas sabias receitas.

Principiemos pela:

TIGELLADA DE PEIXE

Cose-se bem qualquer peixe e depois de cosido destia-se, firando-se-lhe todas as espinhas. Faz-se um refogado, com banha de porco, sal, cebola, salsa, coentro, pimentas do reino e verde, muito tomate, azeitonas e uma colher bem cheia de azeite doce; junta-se a este refogado o peixe desfiado e deixa-se ferver por algum tempo, devendo ficar com bastante molho. Feito isto, deita-se no fundo de uma cassarola uma camada de farinha de mandioca, em cima da farinha uma camada do peixe, depois outra de farinha, outra de peixe, continuando assim, até acabar o peixe, de modo que a ultima camada seja de farinha. Vae ao forno, ou deixa-se a cassarola sobre a chapa do fogão, coberta com uma tampa cheia de brazas, até torrar a farinha.

MOQUENCA DE MIUDOS DE GALLINHA

Cortam-se os miudos de gallinha em bocadinhos, refogam-se com salsa, cebola, ovos (na proporção de um para os miudos de uma gallinha) pimenta e banha. Junta-se-lhe um pouco de farinha de mandioca peneirada, quanta baste, para se poder dar ao guizado o feitio de bolinhos; enrolam-se estes em folhas de bananeira, tendo o cuidado de atar bem as estremidades da folha com linha. Põe-se depois a frigr os bolos, até que a folha de bananeira murche de todo. Servem-se as *moquencas* nas mesmas folhas.

Termino com uma excellente e economica sobre-meza que a tia Helena denominou.

PUDIM BARATO

Um pires de batata ingleza cosida e bem amassada, um pires de assucar, uma chicara de leite, meio pires de farinha de trigo, uma colher manteiga, quatro ovos bem batidos, tendo o cuidado de bater as claras em separado. Vae ao forno numa forma bem untada de manteiga.

Garanto ás minhas queridas leitoras, excellentes *ménagères* sem duvida, que se fizerem experiencia das tres receitas que com tanto prazer lhes offereço, ouvirão dos esposos, entre sorrisos de animação, (e de estomagos satisfeitos), palavras meigas, e conseguirão prendel os a seu lado... á meza.

ADELINA LOPES VIEIRA.

Á PARTIDA

Foi-se a minha alma! Em triste soledade,
De crua dôr as lagrimas vertendo,
Quasi sem vida aqui fiquei vivendo
No manto envolto negro da Saudade.

Anrea illusão da minha mocidade!
Partiu! Aquelle grande monstro horrendo,
De azas de ferro e de bramir tremendo,
Poz-nos, entre vós dois, a immensidade!

Em vão, da praia, agito o branco lenço!
O céu abraça o mar ao longe, e vejo
So atravez do pranto o Nada immenso.

Applica o vento e o mar, Sol beufasejo,
Protege aquella por quem vivo e penso,
Unico bem da Terra que eu desejo!

Março 27, de 86.

FILINTO D'ALMEIDA

DEFESA ALBERICO

Ao director d'esta folha dirigio o nosso collaborador Dr. Cyro de Azevedo a seguinte carta:

«VALENTIM. — Venho fazer acto de contricção:

Cham em peccado dando publicidade á—Defesa Alberico—com a presumpção estroina de haver feito cousa de algum realce, discutindo em phrase expontaneamente litteraria, these nova e scientifica.

Não foi diminuta culpa essa de profundar cousas de medicina-legal, em estylo superior ás orações dos rabulas que se caracterisam de defensores.

Aqui acceto a reprimenda francamente editada por estimavel homem de letras, accusando-me de preocupação litteraria, quando «os jurados, afirma com injustiça o honrado critico, apenas leem as folhas diarias.»

Para que hei de calar o crime?! Considero a tribuna judiciaria uma das mais bellas e nobres creações da civilisação. E quando ali me apresento, não só para ganhar os magros cobres do cliente, esqueço-me de que é melhor ser commum no argumentar, rasteiro no dizer. E deixo-me levar, tomado de um prazer estranho, vivissima alegria da intelligencia, regalo do meu temperamento esfomeado de lueta; tomado de um aneio de espalhar idéas, de espantificar essa pseudo-philosophia em que se

inspiraram nossas leis, de levantar o decabido sacerdocio forense, estudando o assumpto sob o ponto de vista pratico e scientifico.

Em me vendo na tribuna,—perdoem-me os burguezes—, domina-me um sentimento esthetico semelhante ao que assoberba o poeta, a *impressão*, como lhe chama Leconte de Lisle, e que rejuvenesce o sabio, e alenta e inspira o musico e o escriptor. Cedo, e tu me comprehendes, ao deslumbramento que me salta o espirito quando discuto these scientificas ou litterarias.

É um vicio entre nós, sei, mas olha, tenho-me dado bem com elle. Cliente que se me entrega, Alberico á parte, vai certo para a rua, mas grato o estylo litterario, mau grato o veso de fazer applicações scientificas.

Não vejas, no que ali fica, despeito contra o sympathico *Eloyo Heroe*, que, exemplificando o meu phrasado domingueiramente vestido, publica trecho ao alcance de qualquer leitor de jornaes. Nem ha resabio de colera contra a exquisites de *A Vanguarda* chamando de ultra romantica uma demonstração physio-psychica.

Pois se eu até achei graça na ultra montanice d'este bomroso periodico, dando-me qualidades de feiticeiro, a estontear o publico e trazel-o ensandecido em extasi admirativo ás terras do mafarrico, de Belzebuth!

Reparo apenas na ausencia de critica ao cabimento ou dislate da theoria scientifica atrevidamente sustentada. Não que eu esperasse patente de invenção, mas tinha o direito, e guardei a esperanca, de contar com sympathia ou válida contradicta. E, agora me espanto, nem simples referencia á porção mais nobre do trabalho!

Ahi tens o que vale atirar-se a gente a publicar defesas onde se discutem *umas tantas cousas de medicina legal*.

Valha-me a contricção e sirva-me de penitencia o desembolço inutil do prego do folheto.

Teu

CYRO DE AZEVEDO.

NATUS EST JESUS...

(DO POEMEMA: «JESUS DE NAZARETH»)

Do luar alvinitente
A serena claridade,
As cabras de Galaad
Partiam tranquillamente.

As borboletas saudosas
Assim diziam de leve:
«Deixae-nos dormir, ó rosas,
Nesses calices de neve!»

O vento, ao longe, soltava
Amargas queixas secretas,
E a lua as crystallisava
No sacrario das violeas.

As tristes canções eolias
Das loucas, fimebres harpas,
Ou morriam nas magnolias,
Ou na relva das escarpas.

E áquella pallida luz,
Que manava pelo ceu,
Maria então concebeu
O pequenino Jesus.

Não ha lirio ou canto d'ave,
As'ro d'ouro esmorecido,
Que seja assim tão suave
Como elle era adormecido.

E que languida expressão
Tão doce e tão delicada!
'Stou que a luz da madrugada
Não era tão linda... Não!

E apesar de ser tão lindo,
E de ser filho de Deus,
Aquella pomba dos ceus,
Aquella criança loura,
Não teve as bódas reaes;
Nasceu numa mangedoura,
So nente para mostrar
Que todos somos eguaes!

Se me lembro, ó sonhos meus,
D'aquella criança loura,
D'aquelle filho de Deus
Nascido na mangedoura,
Fico-me abysmado, e seismo
No lirio que de-abrocha
Nos alcantis d'uma rocha,
Nas profundezas do abysmo!...

EUGENIO DE CASTRO

SPORT

Estiveram esplendidas as corridas do *Derby Club* neste ultimo domingo. O programma, que era excellente, foi perfeitamente executado, sem que reclamação alguma se houvesse manifestado, quer por parte do publico, quer por parte dos distinctos proprietarios de animaes.

Os pareos, que se compunham geralmente de animaes superiores, foram bem disputados e com grande animação applaudidos pelos dilettantes.

Eis o resultado:

No 1º pareo (1600 metros) sahio victoriosa em 110 segundos, e com facilidade, *Sibylla*, seguida de perto por *Divi*. *Aurelia* chegou na bagagem. *Eolo* não correu.

No 2º pareo (1450 metros) correram *Françoise*, *Coupon*, *Aspazia*, *Scylla* e *Charybdes*, que bateu os seus competidores em 95 segundos, fazendo uma brilhante e inesperada corrida. *Scylla*, animal novo, que pela primeira vez se nos veio mostrar, chegou em 2º lugar. Consta ser animal superior e de futuro. *Coupon*, que era o favorito, chegou em 3º, tendo grande desvantagem na partida, o que tornou facil a victoria de *Charybdes*. A antiga e veloz *Aspazia* fez triste figura. *Françoise* chegou na bagagem; está se acabando com o mau trato.

No 3º pareo (1000 metros) venceu em 71 segundos *Feiticeira*, por ter desgarrado *Condor*, apesar de toda a pericia e prevenção do habil jockey Alcoba. *Zephyro* não correu. *Hippomenes* chegou em 2º lugar.

No 4º pareo (1600 metros) apenas apresentaram-se *Sylbia* e *Sibylla*, que galoparam para levantar o premio, vencendo no galope esta ultima. *Boreas*, por ter sido atacado de um forte garrotinho, não pode experimentar as suas forças com as duas fortes competidoras *Sylbia* e *Sibylla*; o que sentimos não se ter effectuado. *Cambro* não correu.

No 5º pareo (1600 metros) ainda o temivel punço *Aymoré* bateu galhardamente os seus competidores, animaes de meio sangue, em 112 segundos. *Druid* fez todos os esforços, mas d'esta vez ainda não poude bater o seu terrivel adversario: teve o 2º lugar. *Douro* o 3º; *Bonita* o 4º, e *Cettinaio*, distanciado.

No 6º pareo (1750 metros) com bastante facilidade *Comtesse d'Olonne*, em 115 segundos, venceu *Phrygia*, a competidora mais forte d'este pareo. Na verdade *Comtesse* é um dos melhores animaes que possui a importante Coulelaria Alliéca, não só pela filiação como pela superioridade em qualquer tiro. *Bolivar* não correu. *Taafaron* em 3º; *Gautriole*, este anno tem feito má figura; quer nos parecer que não desejam ainda forgala.

No ultimo pareo (1450 metros) correram dez animaes, sahindo victoriosa d'entre elles *Catana*, em 102 segundos, seguida de perto por *Intima*, que apenas perdeu por cabeça, e logo em seguida *Zaire*, que tambem queria dar sorte: Alteza em 4º, em 5º *Pretoria*. Tambem correram *Ivon*, *Pampeiro*, *Italia*, *Tufão*, e *Bonita*, que ao partir atirou fora o jockey, que ficou levemente contundido.

As 6 horas terminou o divertimento, sem que irregularidade alguma tivesse perturbado a ordem.

Com um esplendido e importante programma estreia amanhã a distincta sociedade *Jockey-Club*. Na verdade, o programma é inquestionavelmente merecedor de todos os elogios, não só pela sua organização como pelos animaes de primeira ordem que nelle se alistaram.

Os pareos que são em numero de sete foram perfeitamente preenchidos, constando todos elles de animaes superiores e novos, que pela primeira vez vão-nos mostrar as suas forças.

Fazemos sentir aos dilettantes a vantagem e grande margem que offerece esse programma para nelle palpitarem a vontade. Chamamos a attenção para a nossa ultima pagina, onde se acha elle impresso.

L. M. BASTOS

THEATROS

Estreou no dia 12, no Lucinda, a companhia dirigida pelo notavel artista Furtado Coelho.

A peça de estreia foi o conhecido e apreciadissimo *Demi-Monde*, onde a Sra. D. Lucinda tem um dos seus melhores papeis.

O theatro estava inteiramente cheio e os dois excellentes artistas foram, como sempre, muito bem recebidos pelo publico e applaudidos com enthusiasmo. O Sr. Ferreira (*Nanjac*) apresentou-se de *cavaignac*. Foi a grande novidade da *reprise*.

Montem deu-se *O romance de um moço pobre*. Peua é que a empreza dos Srs. Braga Junior & C., não nos dê por enquanto nenhuma peça nova.

Nesta semana o Sr. Ferrari deve ter ficado um pouco mais contente com o publico, pois que a concurrencia ao Imperial Theatro tem sido maior.

Terça-feira a companhia de opera buffa representou *Fra Diavolo*, a conhecida e celebre opera de Aubert.

Attendendo ao exiguo espaço de que dispomos, abstemo-nos de fazer aqui apreciação da partitura, trabalho a que já se deram as folhas diarias. Entendemos que d'esta peça, já consagrada pela critica e pelo tempo, a imprensa não precisa dizer senão que agradaram ou que não agradaram.

Quanto ao desempenho, são outros os nossos deveres. E' desta vez folgamos de juntar ao nome de Carbonetti o do baixo Viviani, que secundou muito bem aquelle notavel artista e excellentemente cantor.

Não é para o tenor Chinelli o papel de *Fra Diavolo* que, francamente, foi sacrificado, sendo pouquissimos os trechos em que conseguiu agradar ao publico.

Da Sra. Tescher podemos dizer a mesma cousa. Salvante a aria do segundo acto, que foi cantada com um certo mimo e graça, todo o papel está mal com a Sra. Tescher.

Da Sra. Luttichaud e do Sr. Reynaldi nada ha que dizer senão que foram infelizes nos seu typos de inglezes burlescos.

Emfim, na bella partitura de Auber, os que agradaram sem restricções foram os Srs. Carbonetti e Viviani. Se nella podessemos ter ouvido as vozes da Sra. Mancini e do Sr. Emiliani, *Fra Diavolo* seria um grande successo.

O *Brahma*, o esplendido e deslumbrante *Brahma*, firmado nas pernas de aço da estupenda e incrível bailarina Giovannini. é que em cada noite mais agrada ao publico.

Por termos assistido muitas vezes ao *Brahma* temos notado que a musica d'este bailado, original do maestro Dall'Argine, é de uma excepcional belleza, que a critica não appreciou devidamente; ha trechos verdadeiramente notaveis, preciosos, e de uma grande variedade. E' uma musica deliciosa, encantadora.

No espectáculo de quinta-feira todo o trabalho da Sra. Giovannini e do primeiro bailarino foi inteiramente novo.

Giovannini esteve maravilhosamente na noite. Custa a imaginar-se tão caprichosos e tão complicados volteios, tamanha e tão espantosa gymnastica de choreographia, tanta graça de gestos e tal gallardia de meneios. E' deliciosa a impressão esthetica que o admiravel trabalho da Giovannini produz no espectador de olhar educado e fino, que nunca supoz que a arte da dança podesse ser elevada a tal altura, a tão extraordinaria perfeição.

Giovannini é positivamente uma grande artista.

O Sr. Gado tambem esteve muito feliz nessa noite.

Ambos foram estrondosamente applaudidos.

O Sant'Anna tem continuado a revelar o *Boccaccio* com a *Niniche*, enquanto prepara *A corsa do bosque*.

Montem deu-nos *Os Mosqueteiros no Convento*.

Contractada para a excellente companhia do Heller, chegou nesta semana Cinira Polonio, que deve estreiar brevemente na *Chanson de Fortunio*, bellissima opereta em um acto, do immortal Offenbach.

Foi uma magnifica aquisição que fez a empreza do Sant'Anna.

No Recreio *Os seis degraus* têm continuado a deliciar os amantes das grandes peças emocionaes.

A empresa Dias Braga ensaia com furor *A filha do mar*, grande drama, de maior espectáculo, ha tempos representado com immenso successo, no S. Pedro, pela companhia do Valle.

E, para acabar com chave de ouro: Chegará a Corte ainda neste mez a celeberrima Sarah Bernhardt.

P. TALMA.

JORNAES E REVISTAS

Começou a publicar-se em S. Paulo, no dia 8, *O Provinciano*, sob a redacção dos Srs. Bueno de Andrade, Theophilo Dias e Martim Francisco.

« O apparecimento do *Provinciano* exprime a necessidade de arregimentação das forças do partido liberal, no momento presente dispersas e descoordenadas, » diz o seu artigo de apresentação, firmado por aquelles tres escriptores.

E', pois, um novo organo do partido liberal, embora no cabeçalho diga que o é dos « interesses da provincia de S. Paulo. »

Em todo caso, liberal ou não, é um jornal bem escripto. O primeiro numero traz muitas noticias, um bom artigo sobre a falado throno e um bello trecho do *Ahasvero* de Theophilo Dias.

Saudamos cordealmente o novo collega, ao qual desejamos todas as venturas de que são dignos os seus illustrados redactores.

Deve apparecer por todo este mez em S. Paulo, uma nova folha semanal — *O Monitor* — de propriedade dos Srs. Navarro de Andrade e Dolivaes Nunes, e redigida pelo primeiro.

Os seus intuitos são principalmente commerciaes; a assignatura é barattissima.

Os tres diarios de Campinas — *Gazeta*, *Correio* e *Diario*, do dia 7, vêm todos tarjados de preto pela morte do Dr. Quirino dos Santos, e trazem sentidos artigos sobre o doloroso acontecimento, firmados pelos principaes jornalistas locais.

Muito boa a pagina litteraria do *Diario Mercantil* (S. Paulo) do domingo ultimo. Traz versos de Gaspar da Silva e um estupendo e fulgurantissimo artigo de Camillo Castello Branco, sobre Shakespear.

Radiante o n.º 5 d'*A Quinzena*. Boa chronica de Pulcino; artigo de critica de A. Pujol; tres continhos de Bauville; artigo sobre a reforma do ensino medio, e varios outros artigos em prosa, todos bem escriptos; em verso da-nos dois bellos contos infantis de Ratisbonne, brilhantemente traduzidos pela nossa gentil collaboradora D. Adelina Vieira; um soneto de Luiz Delfino; uma poesia de Luiz Murat; outra de Soares de Souza Junior; e a continuação d'*O Canto do Hiawata*, de Longfellow, traducção de Americo Lobo.

Emfim, um numero radiante!

F.

NUM ALBUM

(LORD BYRON)

Um nome sendo escripto em pedra tumular
Faz ás vezes parar alguem ao ir passando;
Quando fores tambem este livro folheando
Possa o meu atrahir-te um complacente olhar.

E ao ser lido algum dia este nome por ti,
Quando sobre elle houver o tempo decorrido
Recorda-te de mim qual de um morto esquecido
De quem o coração fica enterrado aqui.

R. PORCIUNULA

1882.

FACTOS E NOTICIAS

Está na Corte o Sr. João Duque, socio da acreditada casa de Campinas *Notre Dame de Paris*, um formidavel emporio de modas e quinquilharias, que tem hoje a reputação invejavel de uma das mais importantes casas commerciaes do imperio.

O Sr. Duque vem fazer aqui sortimento das ultimas novidades de Paris e de Vienna. Campinas vae ficar deslumbrada.

O habilissimo e conhecido professor de dezenho Braz Ignacio de Vasconcellos, offereceu-se gratuitamente á Associação Promotora da Instrucção para ensinar dezenho de figura e ornato em uma das escolas nocturnas d'aquella benemerita associação.

Casou-se no dia 8, em S. Paulo, o poeta Wenceslau de Queiroz com a Exma. Sra. D. Adelaide Diniz dos Santos.

Foram padrinhos: por parte da noiva o illustre philologo Julio Ribeiro e por parte no noivo o nosso collega do *Diario Mercantil*, Gaspar da Silva.

Aos ditos noivos desejamos todas as venturas de uma perenne lua de mel.

Partio para Campos no dia 14 do corrente commandando a força policial, que naquella cidade vae substituir a força de linha, o capitão Fernando Pinto de Almeida.

Realizaram-se no dia 9 do corrente no Club Athletico Fluminense as corridas annunciadas.

Poucas vezes temos visto neste Club tão brilhante concurrencia.

Bem disputados foram os bons premios no crescido numero de pareos.

Magnifica a festa de domingo.

Desde o dia 3 do corrente que funciona na villa de Capivary, na antiga casa da camara, uma bella *kermesse* popular, effectuada a esforços dos Drs. juiz municipal, e Liborio Seabra, alferes Lima Junior e outros, destinado o seu producto a beneficiar o cemiterio da dita villa. O fim é funebre mas é louvavel. O povo de Capivary não quer mais pedir esmolas á camara e ao governo provincial. Faz muito bem o povo de Capivary.

FALLECIMENTOS

Falleceu em Itaparica, na Bahia, o illustrado medico e excellent jornalista Dr. Benjamin Franklim de Almeida Lima. O finado era o principal redactor da *Revista Popular*, excellent hebdomadario de largas vistas sociaes e brilhantemente escripto.

Com a perda do Dr. Benjamin Franklim, perde a provincia da Bahia um dos seus mais notaveis homens de letras e o jornalismo brasileiro um dos seus membros mais illustrados e conspicuos.

A' redacção da *Revista Popular* enviamos as nossas sinceras condolencias pelo desastre enorme que acaba de soffrer.

Temos que lamentar tambem a morte de outro prestimoso collega da imprensa, o Dr. Antonio Lara da Fontoura Palmeiro, jornalista liberal de Porto Alegre, onde falleceu.

O Dr. Palmeiro escreveu largos annos na *Reforma* artigos energicos e criteriosos, que lhe grangearam boa reputação de jornalista politico.

Na capital da Bahia falleceu, no dia 1, o capitão-tenente reformado Francisco Jeronymo Gonçalves, que foi um dos bravos da guerra do Paraguay.

Era official do couraçado *Rio de Janeiro*, quando fôz este submergido por um torpedo; foi immediato da *Ivahy*; tendo sido ferido na passagem de Augustura.

No dia 10 falleceu em Nictheroy o capitão Aureliano de Mattos Travassos.

No mesmo dia falleceu nesta Côte D. Carolina Roquette, esposa do Sr. Orlando Baptista Roquette e directora do Collegio Juvenil, de S. Francisco Xavier.

No dia 11 falleceu o Capitão de fragata reformado Antonio Joaquim de Santa Barbara.

No mesmo dia falleceu em Nictheroy o 5º annista de medicina Adolpho March, filho do popularissimo medico Dr. Guilherme Taylor March.

RECEBEMOS

— «Os ciganos no Brazil» por Mello Moraes filho, offerta do auctor. D'elle diremos posteriormente.

— *A Estação*, ns. correspondentes a 15 e 30 do passado. Magnificos figurinos, bons supplementos litterarios, em um dos quaes vem a *Castillane, ballet de Massenet*.

— *Defesa Alberico* (2ª) por Cyro de Azevedo. Falta-nos hoje espaço para a noticia que este importante trabalho merece.

— *Revista de engenharia*, n. 136.

— *Relatorio dos trabalhos sociaes relativos ao anno de 1885*—Prado Villa Isabel.

— *A louca*— Fasciculos n. 3 e 4.

— *A escola*— Poesia; Rio Grande do Norte.

— *União Medica*— Fasciculo 3, Anno VI.

— *Plantas uteis dos campos de Portugal*, Fasciculo da 16ª serie do 6º anno da Bibliotheca do Povo e das escolas.

— *A sombra de Tira-Dentes e Nunes Machado*, Poesias do Conselheiro Pedro Luiz.

— *Revista dos Novos*— Semestre 2º, n. 2; S. Paulo.

— *Revista Financiera*— Buenos Ayres.

— *Revista Republicana*— S. Paulo.

— *A mocidade*— n. 2 Orgão dos alumnos do Collegio Pujol— Me ides.

— *O Pharos*— n. 98 do anno II— Neste numero inaugurou este excellente periodico unia pagina litteraria semanal. (Juiz de Fora).

— *El Eco de Espana*— n. 65 Anno 2º

— *Distracção*— n. 81.

— *A Camelia*— n. 2.

— *O Paiz*— Orgão que veiu à luz em Manaus. Prosperidades.

— *Equador*— Publicação litteraria, quinzenal que appareceu no Recife.

— *O Seculo XIX*— n. 1 S. João do Rio Claro.

— *O Mequetrefe*— Excelente o n. 405.

— *Revista Illustrada*— n. 431 Magnifico.

— *Cabrion*— Publicação illustrada. Porto Alegre.

— De Pernambuco tres publicações quinzenaes litterarias— *A Tribuna Academica* ns. 1 e 2; *Revista academica* n. 1 e *Equador* n. 1. Em todas estas publicações nota-se um pouco a influencia produzida pela *Semana*. Encontramos nas tres folhas artigos bem redigidos. A's tres collegas prosperidades.

— *Revista Popular*— n. 16. Bahia.

— *O Despertador*— n. 1. (Campanha) Semanario recreativo, litterario e noticioso. Muita vida.

— *Distracção*, n. 82.

— *Revista do Observatorio* Anno 1, n. 5.

— *Librações* Poesias de Furtado de Mendonça.

— *As memorias de Judas*— Fasciculo n. 13.

— *Caminhos de ferro*— «Bibliotheca do povo e das escolas» 6º anno, 16ª serie.

— *Beethoven*— «Biographias dos homens celebres dos tempos antigos e modernos» n. 17.

— *Sociedade do Rio de Janeiro*, 2º fasciculo das cartas de um diplomata, que têm sido publicadas na *Gazeta da Tarde* e que consta serem do puho do conhecido Dr. G. R. M.

— Fasciculo 87— do «Dicionario Universal Portuguez», a colossal publicação que, a

ser concluida, immortalizará o nome do seu edictor, Zeferino de Albuquerque, e será o maior monumento da Litteratura portugueza.

— *Le salon de la mode e La Revue Bleue*, ultimos numeros, pontualmente distribuidos pela casa H. Nicoud & Cª.

ANNUNCIOS

ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o *Café Oriente*, da fabrica a vapor de Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25
9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta— annuncio.

MOLESTIAS DA PELLE E SYPHILIS

ESPECIALISTA

DR. SILVA ARAUJO

RUA DA URUGUAYANA, 57

de 12 ás 3 horas da tar de

F. L. STRONG

CIRURGIÃO DENTISTA

RUA SETE DE SETEMBRO, 51

Dr. João Botelho, medico e operalor; molestias veneraeas, syphiliticas e das vias urinarias. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicações medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 51, por cima da antiga pharmacia Fragozo, das 12 ás 3 horas.

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÂRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Tereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

Lindolpho Coimbra— Bacharel em bellas artes: photographo, chinico e oleographo.

Rua de Santo Antonio—Santos.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

F. Navarro de M. Salles.—encarrega-se de defezas perante o jury. Muzambinho—Minas.

J. M. Villas Boas da Gama.—dentista— extrahie dentes sem dor. Muzambinho—Minas.

EXTERNATO HEWITT

FUNDADO EM 1870

HORARIO DO MEZ DE ABRIL

CURSO PREPARATORIO

PROFESSORES	MATERIAS	HORAS	Lessons in Portuguese; lições de italiano e allemão
			PARA O ESTUDO DE INGLEZ
			<i>The Graduated English Reader</i> ou Estrada Suave, para o perfeito conhecimento da lingua ingleza, mediante excerptos escolhidos e gra lativamente coordenados dos melhores auctores inglezes e norte-americanos, para uso de seus discipulos, por James E. Hewitt, com introdução litteraria pelo illustrado lente de inglez Alfred Alexander.
			EM CASA DO AUCTOR
			E NAS PRINCIPAES LIVRARIAS
			A' NOITE AULAS COMMERCIAES
Araujo Vianna.....	Rhetorica...	9-19	Lino Gomes..... Portuguez..... 6-7
Dr. F. Amarante....	Geographia..	10-11	F. D. Mouren.... Francez..... 7-8
Dr. Corrêa do Lago.	Historia.....	10-11	James E. Hewitt. Inglez pratico... 7-8
Araujo Vianna.....	Latim.....	11-12	E. Gabalda.....
Dr. F. Amarante.....	Historia.....	11-12	Escreituração (
João Nazareth.....	Curso annexo	11-12	mercantil e)
F. D. Mouren.....	Francez.....	11-12	francez..... (
James E. Hewitt....	Inglez.....	12-1	671/859)
J. D. da S. Ramos...	Portuguez...	12-1	
Dr. Aquino Fonseca.	Philosophia..	12-1	
James E. Hewitt....	Inglez.....	1-2	
Dr. Z. de Oliveira..	Geometria...	1-2	
Dr. Aquino Fonseca.	Geographia..	1-2	
Bac. Ed. Benet.....	Francez.....	2-3	
Dr. Z. de Oliveira..	Arithmetica..	2-3	
Dr. Aquino Fonseca.	Historia.....	2-3	
Bac. Ed. Benet.....	Latim.....	3-4	
Dr. Z. de Oliveira..	Algebra.....	3-4	
João Nazareth.....	1º anno E. P.	6-7	

Leitura, calligraphia e contabilidade
O director, James E. Hewitt

134 RUA DO ROSARIO 134

JOCKEY-CLUB

PROGRAMMA GERAL DA PRIMEIRA CORRIDA

A EFFECTUAR-SE NO PRADO FLUMINENSE

DOMINCO, 16 DE MAIO DE 1886

A'S 11 1/2 HORAS EM PONTO

Primeiro pareo — CRITERIUM — Poldros e poldras nacionaes, de 2 annos, meio sangue — Distancia 1,000 metros — Premios: ao primeiro 600\$, ao segundo 200\$, e ao terceiro 100\$ — Inscricção 30\$.

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PEZOS	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Chapeco.....	Vermelho.....	2 annos	Paraná.....	50 kilos	Branco e estrellas azues...	Coud. Guanabara,
2	Plutão II.....	Douradilho...	2 »	S. Paulo.....	50 »	Preto branco e encarnado.	M. da Cunha Lima.
3	Judia.....	Tordilho.....	2 »	Paraná.....	49 »	Amarello e azul.....	Coud. Santa Cruz,
4	Hyppomenes.....	Alazão.....	2 »	R. de Janeiro.	50 »	Ouro e encarnado.....	D. A.
5	Feiticeira.....	Idem.....	2 »	Idem.....	49 »	Granada e rosa.....	Coudelaria Modesta.
6	Monitor.....	Idem.....	2 »	S. Paulo.....	50 »	Azul, branco e encarnado..	Idem Cruzeiro,

Segundo pareo — INTERNACIONAL — Animacs de todos os paizes e de puro sangue, até 1 annos — Distancia 1.609 metros — Premios: ao primeiro, 1:000\$: ao segundo, 300\$: e ao terceiro, 150\$ — Inscricção para estrangeiros 80\$ e para nacionaes 40\$.

1	Phryné.....	Castanho.....	4 annos	Inglaterra....	52 kilos	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
2	Gaudriole.....	Idem.....	3 »	França.....	48 »	Azul e ouro.....	Idem Alliança.
3	The Witch.....	Alazão.....	4 »	Inglaterra....	52 »	Encarnado, branco e ouro..	Idem Paulista.
4	Gladiador.....	Castanho.....	3 »	Idem.....	50 »	Branco e pintas violetas...	M. U. Lemgruber.
5	Icaria.....	Idem.....	3 »	50 »	Branco e pintas pretas....	Idem, idem.
6	Cheapside.....	Alazão.....	3 »	Inglaterra....	48 »	Encarnado, branco e ouro.	Coudelaria Paulista.
7	Fanfaron.....	Idem.....	4 »	França.....	51 »	Encarnado e branco.....	Oliv. Junior & Lopes.
8	Speciosa.....	Idem.....	4 »	Inglaterra....	51 »	Azul e granada.....	Coud. Internacional.

Terceiro pareo — GUANABARA — Animacs nacionaes de 4 annos e mais — Distancia 1.609 metros — Premios: ao primeiro, 1:000\$: ao segundo, 300\$: e ao terceiro 150\$ — Inscricção 50\$.

1	Boreas.....	Castanho.....	4 annos	S. Paulo.....	54 kilos	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
2	Pery.....	Idem.....	6 »	Idem.....	51 »	Branco e pintas pretas....	M. U. Lemgruber.
3	Electrica.....	Alazão.....	6 »	Idem.....	51 »	Branco e pintas violetas...	M. U. Lemgruber.
4	Macaré.....	Idem.....	4 »	Idem.....	52 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
5	Talisman.....	Idem.....	6 »	Idem.....	60 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.

Quarto pareo — YPIRANGA — Animacs nacionaes de 3 annos — Distancia 1.609 metros — Premios: ao primeiro, 1:000\$: ao segundo, 300\$: e ao terceiro 150\$ — Inscricção 50\$

I	Aurora.....	Alazão.....	3 annos	S. Paulo.....	48 kilos	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
2	Divã.....	Idem.....	3 »	R. de Janeiro.	50 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
3	Dora.....	Idem.....	3 »	S. Paulo.....	52 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
4	Araby.....	Idem.....	3 »	R. de Janeiro.	50 »	Ouro e encarnado.....	D. A.
5	Regina.....	Douradilho...	3 »	S. Paulo.....	50 »	Preto, branco e encarnado.	Coudelaria Paraíso..
6	Aurelia.....	Alazão.....	3 »	R. de Janeiro.	48 »	Azul e granada.....	A. E. de Oliveira.
7	Sybila.....	Zaina.....	3 »	S. Paulo.....	52 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
8	Eglo.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	50 »	Azul, branco e encarnado..	Idem.
9	Pirata.....	Tordilho.....	3 »	R. de Janeiro.	50 »	Verde e ouro.....	M. J. A.

Quinto pareo — 2º CRITERIUM — Poldros e poldras nacionaes de 2 annos, até puro sangue — Distancia 1,000 metros — Premios ao primeiro, 600\$: ao segundo, 200\$ e ao terceiro, 100\$ — Inscricção 30\$.

1	Plutão II.....	Douradilho...	2 annos	S. Paulo.....	50 kilos	Preto, branco e encarnado.	M. da Cunha Lima.
2	Dandy.....	Vermelho.....	2 »	Idem.....	52 »	Verde e amarello.....	F. V.
3	Remember.....	Castanho.....	2 »	R. de Janeiro.	51 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
4	Lancaster.....	Alazão.....	2 »	Idem.....	50 »	Granada e rosa.....	Coudelaria Modesta.
5	Monitor.....	Idem.....	2 »	S. Paulo.....	50 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
6	Condor.....	Idem.....	2 »	Idem.....	50 »	Idem idem.....	Coudelaria Cruzeiro.

Sexto pareo — JOCKEY-CLUB — Animacs de todos os paizes e idades — Distancia 1.609 metros — Premios: ao primeiro, 1.200\$, ao segundo, 300\$ e ao terceiro 150\$ — Inscricção para estrangeiros 100\$ e para nacionaes 50\$.

1	Comtesse d'Oboune...	Alazão.....	5 annos	França.....	51 kilos	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
2	Neva.....	Castanho.....	3 »	Idem.....	50 »	Granada e ouro.....	Coud. Luso-Platense.
3	Domitella.....	Idem.....	5 »	Inglaterra....	52 »	Branco e pintas pretas....	M. U. Lemgruber.
4	Nani.....	Zaino.....	5 »	Idem.....	51 »	Branco e pintas violetas...	Idem.
5	Taillefer.....	Idem.....	5 »	França.....	51 »	Encarnado e mangas azues.	Coud. Americana.
6	Dr. Jenner.....	Idem.....	4 »	Rio da Prata.	52 »	Granada e ouro.....	Coud. Luso-Platense.

Setimo pareo — MAJOR SUCKOW — Animacs nacionaes de meio sangue — Distancia 1.450 metros — Premios: ao primeiro 600\$, ao segundo 200\$, e ao terceiro 100\$ — Inscricção 30\$.

1	Guanaco.....	Alazão.....	7 annos	Paraná.....	54 kilos	Vestimenta vermelha.....	Coudelaria Ypiranga.
2	Leon.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	50 »	Preto, branco e encarnado.	T. P.
3	Alteza.....	Libuna.....	5 »	S. Paulo.....	52 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.
4	Pirata.....	Tordilho.....	3 »	R. de Janeiro.	50 »	Verde e ouro.....	M. J. A.
5	Americana.....	Idem.....	3 »	Idem.....	48 »	Branco e pintas pretas....	M. U. Lemgruber.
6	Dinorah.....	Castanho.....	3 »	Idem.....	48 »	Vermelho e amarello.....	F. da Silveira.
7	Douro.....	Alazão.....	6 »	Idem.....	51 »	Verde e ouro.....	José Guimarães.
8	Bonita.....	Idem.....	4 »	S. Paulo.....	50 »	Encarnado e azul.....	José Machado.
9	Africa.....	Preto.....	7 »	Paraná.....	52 »	Encarnado branco e ouro..	Coudelaria Paulista.
10	Druid.....	Tordilho.....	3 »	R. de Janeiro.	50 »	Encarnado e branco.....	Oliv. Junior & Lopes.
11	Pretoria.....	Libuno.....	5 »	S. Paulo.....	52 »	Cinzenta.....	A. C.
12	Mascote.....	Tordilho.....	4 »	R. de Janeiro.	50 »	Ouro e encarnado.....	D. A.
13	Italia.....	Alazão.....	3 »	S. Paulo.....	48 »	Azul e amarello.....	Coudelaria Luso.
14	Vampi.....	Castanho.....	3 »	R. G. do Sul.	50 »	Azul e manchas eucarnadas	Idem Paraíso.
15	Catua.....	Douradilho...	3 »	S. Paulo.....	48 »	Geranium e ouro.....	J. W.

OBSERVAÇÕES — Os animacs inscriptos no primeiro pareo, deverão se achar no ensilhamento as 11 horas em ponto, Typ. d'A Semana, rua do Carmo n. 36, sobrado.

A. PINHEIRO JUNIOR, 2º secretario.

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 22 DE MAIO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 73.

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

SUMMARIO

Expediente.....	
Victor Hugo, soneto.....	F. D'ALMEIDA.
Victor Hugo.....	A REDACÇÃO.
Historia dos sete dias.....	FILINDAL.
Correio litterario.....	L. MENDONÇA.
Os teus olhos, soneto.....	F. COIMBRA.
Bellas Artes.....	A. PALHETA.
Abril, poesia.....	L. MURAT.
Paginas esquecidas: A Comedia.....	
Sport.....	L. M. BASTOS.
Jornaes e revistas.....	M. VALENTE.
Vel-a, soneto.....	R. OCTAVIO.
Theatros.....	P. TALMA.
Factos e Noticias.....	
Recebemos.....	
Annuncios.....	

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÔRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

Vendem-se exemplares do nosso supplemento de hoje, (homenagem a V. Hugo), em papel superior, no escriptorio e em todas as agencias d'esta folha — a 500 rs.

A SEMANA

Rio, 22 de maio de 1886.

Publicaremos no proximo numero:

- *O bilboquet*, espirituosissimo artigo de E. Rouede;
- *Sarah Bernhardt*, biographia humoristica, por Touchatout;
- *Enfermidades estylisticas*, (continuação) por Araripe Junior;
- *No capitolio* (A V. Hugo) poesia de João Ribeiro, que não nos foi possivel inserir neste numero;
- *A guitarra de D. Juan*, soneto de J. de Souza Monteiro;
- *Um enterro*, pequeno conto de Guilherme Gama;

Temos tambem para publicar muito breve um bello conto — *A comedia do amor* — do joven e talentoso escriptor Alcindo Guanabara, nosso collega na *Gazeta da Tarde*.

VICTOR HUGO

Tinha a homérica tuba e a frauta virgiliana;
Foi o Eschylo audaz da tragedia franceza;
Enfrentou e abateu a infame realza;
Vibrou todos os tons da lyra soberana!

Trovador e guerreiro, alma doce e spartana,
Era Jesus perdoando e amparando a fraqueza,
Ou era Juvenal— flagelando a torpeza;
Golfio do pensamento e da palavra humana!

Quando elle erguia a voz, o Universo, tremendo,
Pasmado, fitava-o! Quando a theorba d'ouro soou
Os Castigos, a Franca onvio o estrondo horrendo

De um throno a desabar! A luz e a flôr cantou,
Endeou a mulher; e este velho estupeou
Foi como ninguem foi,— um terrissimo avô!

FILINTO D'ALMEIDA

VICTOR HUGO

Faz hoje um anno que falleceu em Pariz o mais assombroso genio do século.

A *Semana*, folha litteraria, que teve no Brazil a iniciativa de uma grande homenagem ao sublime poeta, por occasião de seu fallecimento, e que lhe dedicou um numero especial, a *Semana* não podia deixar passar despercebida a data de 22 de Maio de 1886, primeiro anniversario da morte do immortal cantor da *Legende des siècles*.

Commemora-a, portanto, na medida de suas forças, publicando um supplemento illustrado, caprichosamente trabalhado por Valentim de Figueiró, o fantasioso e habilissimo calligrapho, e Belmiro de Almeida, um dos mais esperançosos dos nossos jovens pintores.

Figueiró escreveu com varias e lindissimas letras de toda especie o soneto que obteve o primeiro premio no concurso aberto por esta folha, no anno passado, e que, por isso, foi escolhido para a homenagem de hoje. Belmiro fez o bello retrato que se vê emmoldurado no grande O do verso: « O gigante maior etc... »

Além d'isso encontram-se nesta pagina os titulos de todas as obras do poeta, as datas do seu nascimento e de sua morte, o *fac-simile* da sua assignatura, bem como o da do auctor do soneto e outros detalhes interessantes.

Não sabemos se este trabalho,—com que modestamente rendemos preito á

memoria do grande homem que deu seu nome ao século, no dia anniversario de seu passamento,—agradará aos nossos assignantes, que com elle brindamos; em uma cousa, porém, ousamos modestamente crer: é que o nosso supplemento tem o grande merito da originalidade, que se fora das manifestações com polvanthéa retrato lithographado.

Seja, porém, como for, ali fica o nosso preito, que, se outra cousa não demonstrar, demonstrará a nossa boa vontade.

A REDACÇÃO

HISTORIA DOS SETE DIAS

Semana chôcha, estúpida, incolor. Não é que falte assumpto a um chronicista desesperado; isso não. Mas os factos occorridos são de uma tal chateza que, por muito espremidos, não espiiram pinga visível de interesse para o leitor risonho d'esta secção, acostumado ás fulgurantes e rechinantes girandolas de espirito que eu, como um nababo, enfasiado e perdulario, atiro todos os sabbados á sua avidéz insaciavel de risos.

O tempo, que tem continuado fresquissimo, está ao pintar para bailes e partidas familiares. Os theatros, apezar dos ingentes esforços dos empregarios, ficam vazio quasi todas as noites. Será porque o publico esteja reservando os seus capitaes para as companhias estrangeiras que estão a chegar? Deve ser isso.

Vamos ter:

Sarah Bernhardt;
Companhia do D. Maria, de Lisboa;
Companhia do Principe Real, de Lisboa;

Companhia lyrica do Rossi, de São Paulo;

Duas companhias do Ciacchi;

Companhia lyrica do Ferrari;

Companhia gymnastica dos irmãos Carlo;

E, talvez, Adelina Patti.

Ora, vindo tudo isto só neste anno, e ainda com as duas ou tres companhias permanentes, o publico deve estar verdadeiramente perplexo. Todos sabem que no Rio de Janeiro não ha dinheiro para estes excessos de arte. O publico tem de escolher, e, d'essa escolha, attendendo-se á variedade das opiniões, resultará que nenhuma das companhias tirará resultado da penivel viagem ao Brazil.

A Sarah Bernhardt, a maior celebridade actual dos theatros europeus, faz-se pagar por bom preço para se vir arriscar *aux sauvages* e á febre amarella; de maneira que o Ciacchi, o grande, o incrível, o incomparavel e quasi divino Ciacchi, — empresario que ainda nos hade trazer do Olympo o proprio Jupiter para cantar o *Orpheu nos Infernos* — o Ciacchi vê-se obrigado a exigir 50\$ por um camarote e 12\$ por uma cadeira de quem quizer vêr o grande astro da scena franceza, a famosa dona Sol, a estupenda Margarida Gautier—o fio de cabelo da tragedia moderna, a finissima e quasi imponderavel agulha dramatica do *Porte Saint Martin*.

E' uma lavoira muito delicadinha, a do nosso café. O *Diario de Campinas* prevê que a safra do anno proximo deve ser quasi nulla, por causa da geada que tem cahido na provincia de S. Paulo.

O *Pharol*, de Juiz de Fóra, conta tambem coisas incriveis a respeito do frio que tem havido por lá.

Com que prazer a população da Côte trocára o calor que a afflige quasi todo o anno por aquelle gelo de 2 centímetros de espessura, de que nos fala tão magoado o *Pharol*!

O *Jornal* enthusiasvou-se tanto com a noticia da fundação da «Liga da *toilette Nacional*» fundada em Londres pela Viscondessa de Haberton, que a deu duas vezes—na segunda e na terça feira.

Esta associação pretende abolir todos os postigos e todos os exaggeros das *toilettes* femininas.

Decreta a morte dos penteados e dos saltos altos, da *tournure*, do espartilho, das tranças postigas.

Embora á primeira vista pareçam ridiculos estes decretos, achamos que elles são dignos de ponderação.

Os tacões altos e o espartilho têm occasionado uma multidão de molestias ás senhoras.

Ainda ha alguns annos o famoso museu Hartkopff, aberto á rua do Ouvidor, expunha, primorosamente trabalhado em cera, um corpo de mulher, com o ventre aberto, deixando vêr os horri-veis estragos e as deformações causadas em varios órgãos pelo espartilho.

A abolição, pois, dos tacões *Luiz XV* e do espartilho deve ser aconselhada até pela hygiene.

As *tournures*, a que nós chamamos pittorescamente *tundás*, são de um ridiculo só desculpavel pela generalidade do uso; senhoras ha que as possuem de tal amplitude, que poderiam transportar pelas ruas a prole, commodamente sentada naquellas poltronas.

O desespero da moda ainda no anno passado foi pedir emprestado aos usos da morte um elemento para os enfeites. Referimo-nos ao galão doirado e prateado com que as senhoras enfeitavam saias e paletots, e que lhes dava um

aspecto vago o detestavel de esquifes ambulantes. Nunca se vio semelhante exaggero de máu gosto, nunca a Moda se mostrou mais impotente de invenção e nunca a mulher se mostrou mais banal e mais passiva, em aceitar as determinações absurdas da sua rainha sagrada e consagrada, da sua tyranna doida, da sua deusa terrivel e brilhante, soberbamente olympica mas coroada por uma areola de contos insoliveis, de lagrimas de adulterio, de desesperos conjugaes e de escandalos publicos—a que ella sacrifica muitas vezes a sua saude, a sua ventura, a sua graça natural e o inimitavel encanto da sua simplicidade nativa.

Demonio! esquecia-me que a Moda tem cá por casa quem trate d'ella, quem a defenda e quem a censure.

— Perdão, Exma. Sra. D. Adelina Vieira!

Mea culpa, mea maxima culpa!

Soube-se nesta semana, com immenso pasmo, que o governo portuguez descobrio mais um membro do *Centro Commercial de Molhados*, d'esta Côte, que ainda não fora condecorado.

Vel-o, pois, e arrumar-lhe p'ra ali com a de Villa-Viçosa foi tudo obra de um momento. O recem agraciado,—saibam-n'o todos e ninguem o esqueça — é o Sr. thezoureiro do referido Centro, Casimiro Alves Abranches.

Consta-nos que alguns amigos do distincto e emerito thezoureiro, entusiasmados, vão lhe offerer o retrato da commenda da citada villa—a oleo.

Deve ser uma manifestação de alar-mar a cidade.

Agora cremos que o *Centro* pôde ficar tranquillo e o governo portuguez socegoado — não ha mais nenhum *central* sem pendureza. E' impossivel que ainda falte algum!

Tem-se fallado na retirada do Sr. Junqueira do ministerio da Guerra. Accusam-no de alterado nas suas faculdades mentaes e dizem que ellé tem qualquer coisa amollecida lá por dentro. Se for o miolo pouco importa. Num guerreiro o que se quer é audacia, intrepidez e bravura. O Sr. Junqueira á frente dos exercitos hade ser um demonio! Está-se vendo, aquillo não falha. Não lhe eviteis os discursos e vereis o tombo que levas! Um horror de homem, aquillo!

O Dr. Lacerda, o benemerito descobridor da propriedade anti-ophidica do permanganato de potassa, communicou ao *Jornal* a noticia de dous casos de hydrophobia curados com o mesmo medicamento. O Dr. Lacerda pede cães damnados, para as experiencias.

Acautellem-se os Srs. alfaiates...

Não se falla senão do casamento do principe portuguez D. Carlos com a filha dos condes de Paris, que se deve effectuar amanhã. A *Gazeta* fez um figurão, publicando um enorme telegramma de Lisboa, dando conta da chegada dos principes e dos representantes das monarchias europeas,

O escandalo do Quixadá teve mais um capitulo:

O presidente do Ceará pediu providencias ao Governo e reclamou contra o facto de haver o thezoureiro da pantagruelica commissão dos açudes tomado conta dos dinheiros destinados ás despezas da mesma, sem ter prestado a devida fiança na thezouraria da provincia, conforme exige a lei.

Sim, Sr. presidente; muito bem. Só-

mente, ou nós não percebemos nada d'esta trapalhada do serviço publico, ou a culpa é toda da thezouraria, que deu o dinheiro sem receber a fiança. O criminoso não é o thezoureiro, é a thezouraria — ou então Calino está positivamente e definitivamente morto para todos os effeitos da porvoice e do disparate.

FILINDAL

Em amor não ha ninguem que seja pequeno.

V. HUGO

CORREIO LITTERARIO

QUATRO LIVROS DE VERSOS

Aqui estão a pedir noticia quatro livros de versos, quatro de uma assentada!—*Perolas e Diamantes*, de Renato da Cunha, Porto Alegre, 1886, 120 pags.; *Lampejos Ephemeros*, de Ernesto Silva, Porto Alegre, 1886, 200 pags.; *A lucta dos vicios*, de Placido de Abreu, Rio de Janeiro, 1886, 174 pags.; e *Cavatinas*, de Sales Barbosa, Bahia, 1885, 146 pags. Heim? 640 paginas de versos?! *Excusez du peu!*

Calcule o leitor paciente quanto tempo consumiu-se na elaboração de tanto verso! quanto dinheiro dispendeu-se na publicação de tantas paginas! quanta papel, quanta tinta, quanta liora nocturna em vigilia!

Quatro volumes, attendendo-se ao preço exorbitante por que ficam entre nós as impressões typographicas, devem ter custado, á média de conto de réis por livro, em edição de 1.000 exemplares cada um, a somma total de quatro contos de réis!

Poupo-me o trabalho de contar o numero de versos; mas é seguro que ha alguns milheiros d'elles!

Continúe a imaginar o leitor paci-entissimo quatro mancebos, certamente muito estimaveis todos elles sem a sua qualidade de trovadores. Deixaram por momentos, que, somados, representam largas horas,—o seu estudo ou os seus prazeres innocentes; privaram-se, talvez, da companhia de um velho pae sensato e amigo, de um bom amigo discreto, de uma encantadora namorada sensivel, e lá se foram prender ao supplicio da mesa e da rima, com os olhos postos no tecto do quarto inundado de fumaças de cigarro, pallidos, nervosos, arquejantes, no mal-estar da inspiração.

E para qué, Deus clemente?! Para que viessem ao mundo estas duzias e duzias e centenas e milhares de linhas mais ou menos curtas, com o melancolico destino de engrossar a onda enorme, escura e ingloria da vasta publicidade, onde tão raros nomes sobrenadam por innumerados que se vão perder no insondavel esquecimento!

Mas, emquanto passam por nós, que os contemplamos tristemente, á margem, demos um olhar mais demorado a cada um dos mesquinhos moribundos.

— *Perolas e diamantes*, modesto titulo!

O Sr. Renato da Cunha metrificca facilmente e com poucas incorrecções; mas, ainda no tocante á forma, colheria grande proveito de contentar-se com o vocabulario existente, e que não é tão pobre que esteja a exigir neologismos a cada passo. Consta, pelo contrario, que é riquissimo, de sorte que não ha remedio senão concluir que a culpa é unicamente deste vate quando não acha, na lingua em que escreve, o termo que o estro lhe pede. Eis algumas das suas dadas á lingua de Camões:

«empallorecer, fremitar, torver, amarantadas (adj.), nevacento, cerulino, bramejante, deslutar, fenecer (como v. act.), jasperino, torvente, lusorio, alhambrado, delirar (como v. act.), negrento, nacarino».

Precisando de rima para «esconde» e tendo de qualificar a belleza da primavera, lembra-lhe o epitheto «loura», mas como assim não lhe dá a rima, põe-lhe, sem reais embaraço, o adjectivo em francez e diz:

Quando do inverno no manto
Perdendo a belleza blonde
Tristemente, sem encanto,
A primavera se esconde...

Não é caso unico este, nas *Perolas e Diamantes*, de intercalar-se sem necessidade e sem graça um termo francez: ao soneto de fl. 87 põe-se por titulo—*Douleur*: no mesmo soneto, em vez de dizer que «vaga tristemente ao luar», prefere o auctor esta forma:

Au clair de lune eu vago tristemente.

Pouca imaginação e ainda menos sentimento. Que ha de ser sem isso, um livro de poesia lyrica?

— O Sr. Ernesto Silva, dos *Lanpejos Ephemeros*, verseja com uma facilidade admiravel; parece até que o difficil para elle ha de ser, quando lhe cae uma penna entre os dedos e teu papel diante de si, escrever outra cousa que não sejam versos. Cavalga o Pégaso com a naturalidade com que qualquer de nós senta se numa cadeira, e lá vae! Se em caminho escancarara-se algum hiato, não olha a isso, e vae por deante:

A quem apenas dão um misero salario.
.....
O espaço onde elle viu o fero Adamastor.

E muitos, muitissimos outros: é o vicio mais frequente da sua metrificacão.

E no phrenesi da carreira atropella ás vezes a grammatica e diz:

Enquanto sobre a terra houverem Julietas
e esquece-se de que em portuguez não ha imperativo com forma negativa, e deixa escapar:

Não blasphemae assim,
ou
Mas não zombie de quem...

Outras vezes perde a conta das syllabas, o que lhe acontece muito por causa de umas perversas consoantes que soam enganadoramente como syllaba distincta quando, na triste realidade, não são mais do que partes de syllaba que já entrou em conta: por exemplo:

Era seu norte o drama, os rythmos da Grecia.
.....
Gritos, imprecações, palavras abscuras.
.....
Mas este amor vulcanico,
— *Um Etna terrivel*.

O Sr. Ernesto Silva, que não deixa de ser imaginoso, tem, contudo, o infurto de emittir mais *bombas* do que imagens aceitaveis. Isto, por exemplo na poesia *A Eschola*, é bomba e bomba muito ôcca:

A escola que é um lar, que symbolisa o berço,
O lar que é uma escola e symbolisa a crença!

Recitado em sessão magna do Club Caixeiral, pode produzir um effeito dos dias; mas aqui assim, na pagina fria do livro...

Faça-se-lhe, entretanto, a devida justiça: o Sr. Ernesto Silva é o melhor dos quatro auctores que hoje estamos lendo; já dissemos que tem o verso facil e imaginoso; tem tambem rimas

novas, sendo para lastimar que, no empenho de as produzir, altere, ás vezes, a quantidade das syllabas e obri-gue o leitor a ler Seneca e Gladstone com o accento predominante na penultima syllaba.

São dignos de transcripção estes singelos e fortes versos — *A um operario*:

Dormes na vasta officina,
Magro velho proletario,
Cangaste o braço na sina
Do teu martello lendario.

A tua cabeça branca
Pendida sobre a bigorna,
E' como uma luz que espanca
As trevas de o ocio entorna.

Descança, velho, descança,
Mas não esqueças a prole,
De quem tu és a esperança,
Que não tem que n'a console.

O' nobre heroe do trabalho,
Deus te ha de abençoar!
Vae, ergue o pesado malho,
Que falta pão no teu lar.

Este livro é primorosamente impresso nas officinas typographicas da *Federacão*.

— O Sr. Placido de Abreu, auctor de muitos outros livros publicados, que em boa hora declaramos não ter lido, se com esses não adquiriu ainda reputação litteraria, cremos piamente que não será com *A lucta dos vicios* que a conquistou. Este livro é uma collecção de máus versos, alguns estropiados, outros com uma syntaxe phantastica, como estes:

O grande figurão que surge de repente
E que ninguém conhece o seu antecedente,

todos, mas todos, com o proposito, nunca attingido, de se parecerem com os versos da *Morte de D. João*, possuindo algum desgarro de forma, mas sem valentia nem nobreza.

Livro, além de tudo, horriavelmente impresso.

— Baste-nos dizer que as *Cavatinas*; do Sr. Salles Barbosa, são um livro fraquissimo... Mas isto só, sem mais desenvolvimento nem prova, pôde parecer má vontade. Tenham a paciencia de ler estes versos, colhidos ao acaso do folhear:

E consigo pensou de já ser tempo agora...

Mas, esse par encantado
De mãos lidalgas, tão bellas,
Se não é um par de estrellas
— E' de rubins, lapidado!

Vae na conquista de loiros,
Quer ser de iacto heroina...

... Façamos das auroras
A aguia da jornada...

Não era má vontade, dizer só aquillo, não acham?

Vou ler *Os ciganos no Brazil*, um livro de Mello Moraes Filho, que o correio me traz agora mesmo.

Bem mereço uma leitura amavel, justos céus!

Valença, 7 de Maio.

LUCIO DE MENDONÇA

Ser amado é ter o olhar claro e decisivo, a fronte alegre, o espirito prompto, o coração forte, a alma muito alta.

V. HUGO.

OS TEUS OLHOS

Como são perdidos, enganadores
Esses teus olhos, minha bella amante!
Seduz-me o brilho intenso e penetrante
D'esses teus olhos arrebatadores!

Os teus olhares neste mesmo instante
Abertamente dizem-me, traidores!
Que a mim sómente adoras. E, inconstante,
Vives, meu bem, mercadejando amores!

Inda que eu tenho esta certesa ingrata,
Quero illudir-me: encara-me de frentej
Com teu sorriso que enlouquece e mata!

Olha-me sem re, embora, ebrio de amor,
Eu sinto um dii, allucinadamente,
Queimar-me a chamma dos teus olhos, flor!

FIGUEIREDO COIMBRA

Maió, 1886.

BELLAS ARTES

CASA MONCADA

Estudos do Sr. Irineu de Souza, e uma payzageu de A. Parreiras.

Para o Sr. Irineu chegar á mediocridade precisa estudar ainda muito. En, nas suas condições, desanimava.

A payzagem do Sr. Parreiras (Petropolis) tem um pouco de observação e de trabalho. O logar é bem escolhido, o colorido tem alguma frescura, porém o verde!... Pobre verde anemico! Ah! Sr. Parreiras, por piedade, alimento o misero com mais um pouco de soiva. As parreiras são... generosas!

Tambem se o senhor quizesse estudar a luz com mais cuidado, seria bom. Diderot já dizia no seculo passado: «Fazer branco e fazer luminoso são cousas muito diversas.»

A' LA GLACE ELEGANTE

Dois pratos em molduras de *pelluce jaune sienne*. O primeiro é original de Oscar Pereira da Silva, e intitula-se *Antes de sahir*. Duas bonecas de biscuit em um fundo de sala, pintado a pata de mosca. Detestavel.

O segundo é um estudo de payzagem, por A. Parreiras. Colorido fraco, abuso do branco nas partes luminosas, pouco desenho e nenhuma expressão, formam este infeliz estudo.

Retrato a crayon, por Antunes. Está condemnado á multa de Thebas, de que nos fala Guizot.

SALÃO VIEITAS

Retratos do Sr. *** e da Exma. Sra.***, por Decio Villares, um bello talento corrompido.

O Sr. ***:—Ai! pobre de mim! a omnipotencia de um artista, no extasi de seus sonhos, transformou-me em sorvete de creme.

A Exma. Sra.***:—Auras sussurrantes, philtros suavissimos, tepidos mysterios do luar, nevoas e sonhos, esperai! eu vou convosco para os páramos azues!

O Sr. ***:— (A' parte Maldicta casaca! parece de papelão.

(O artista [trocando] a [palha] pelo bandedim.)

« Como tremem cristalinos
Os aljofares do réo,
Como treme a flor na haste
Assim minha alma tremeu. »

Na vitrine da *Livraria Faro & Nunes* R. Bernardelli expoz uma estatueta intitulada *Huc!* É uma negra crioula da Bahia, trazendo à mão um pequeno balão de fructos, que num aleman gracioso, faz aquella exclamação.

Essé genero de escultura reclama, como a caricatura, muita espontaneidade e simplicidade. Não é, por consequente, de facil execução; é necessario para elle penhor natural, inclinação de génio, especial sentimento.

A estatueta de Bernardelli sob o ponto de vista de espontaneidade não satisfaz. Vê-se claramente que por alli andou a mão de um grande artista acostumado a procurar o rigoroso modelado das formas. É mais: typo da crioula não é feliz; pouco possui de gracioso. Em télo caso, um trabalho desses não dá nem tira glorias a um mestre.

ALFREDO PALHETA.

ABRIL

Abril desponta, o ceo de astros se apinha,
O bosque se orna de festões e de hera...
E anda no espaço, como uma andorinha,
Garrula e perfumada a primavera.

Ainda traz das pracinhas do Levante
Borrifada de perolas a França,
Pende-lhe do hombro a chlamyde fluctuante
E o valle pinta de ouro e de esperança.

Desdobram-se por sobre a serra
Nevoas errantes, tremulas, suspensas...
Foge das almas a melancolia...
Voltam às almas as antigas crenças...

Cada collina toma um novo aspecto,
E ha crepusculos pelos arvoredos...
Está de aroma e de sol o val replecto,
E o azul de pombas... e a alma de segredos...

As borboletas andam no ar paitando
Como suspensa rede ao sol aberta...
E depois segue o vagaroso bando
Pela campina florida e deserta.

E fogem para climas mais risonhos,
Como fugiram para uma outra esphera,
As nossas illusões e os nossos sonhos
Antes do outomno e antes da primavera.

Eu distraído vou por entre as flôres
Busca a sombra de uma laranjeira,
E ali entre os aligeros cantores,
Se eu a pudesse ter a vida inerte...

Ah! se eu pudesse como d'antes vel-a
Reclibada ao meu hombro e silenciosa,
Preso aos meus braços como ao ceo a estrella,
Ou como ao ramo a folha perfumosa;

Todas as cousas se transformariam
Numa alegria immensa, indefinida...
E as auras e os crepusculos sorririam
Azas de ouro e de neve abrindo á vida!

LUIS MURAT

Se não houvesse o amor não valeria
a pena ter nascido.

V. NUGO.

PAGINAS ESQUECIDAS

Completam-se amanhã cinco annos que falleceu *A Comedia*.

Lembram-se... ou melhor: sabem o que foi *A Comedia*?

Foi um jornal diario (*diario!*) temerariamente fundado em S. Paulo por Valentim Magalhães e Silva Jardim, então academicos. A folha teve a rara impudencia de durar seis mezes, de 2 de Março a 23 de Maio de 1881.

Ha ainda, estamos certos, alguém que se lembre da petulante, vivida e alegre *Comedia*. Nasceu e morreu com muita originalidade e algum espirito.

Algum tempo antes de expirar o pequenito e hilariante diario paulista, foi Silva Jardim substituido na redacção por Eluar do Prado, um adoravel espirito de rapaz, observador, travesso, e por vezes ferino.

Do que foi essa folha... de rosa, tão cedo e tão alegremente sacudida pelo vento e por elle atirada, num rolupio rapido, á funda grotta em que jazem, fecundando com o seu apodrecer o solo uberrimo de Guttenberg, tantos e tantos jornaes, daremos ideia, reproduzindo nesta secção, destinada ao resuscitamento das paginas esquecidas, alguma cousa do primeiro e alguma cousa do ultimo numero d'*A Comedia*.

Eis o seu artigo de apresentação:

NÓS

Todos temos lido os bons romances burguezes, em que o enredo é a vida, a alma da historia.

Não gostamos então que venha o visinho impertinente, alardeando erudição de Ponson e de Dumas, dizer-nos se o cavalheiro Armando den ou não a estocada prometida no donzel Y, ou se raptou D. Leonora Sanchez.

Assim acontece com *A Comedia*. Está aberta a scena: as luzes esclarecem o salão, e que talvez o leitor aprecial-a, apalpa-a, estuda-a, e — pretensão de auctor! — admira-a.

Contar-lhe a historia futura, o programma, o itinerario, o enredo, é vulgarisimo; achatal-a, diminui-a. Nunca!

Não temos programma, temos actores: o publico e nós. O mundo de todos e o nosso mundo. Como tola a comedia acaba em casamento, esperamos que, pela lei dos absurdos inevitaveis, nesta não se dê o contrario; antes comecemos nós e o publico amando-nos, gostando-nos, a 10rs. por entrevista, e enlacemo-nos numa união productiva, financeira, monetaria.

Subio o panno; venha da plateia o applauso ou a patearia: nunca o publico o faça, porém, á moda dos chins, isto é: nunca nos volte as costas.»

Agora a apresentação em verso:

« NOSSO MANIFESTO

Ansiosa, elegre, cheia
A plateia,
Ao apito soberano
Sobe o panno!

E a comedia da Alegria
Principia,
Deslumbra-lo de repente
Toda a gente.

Sois vós mesmos os actores,
Meus senhores,
E é palco enorme, profundo
Este mundo.

A Morte, *ingenua* caída,
A embrulhada
Desenreda, e, á luz da rampa,
Abre a campa.

A' scena, burguez ricoço,
De cachiço!
Airosa, gentil morena,
Eia, á scena!

Dansem sob e sobre flores
Os amores!
D. Quichote, Sancho Pansa,
Sus! á dansa!

Vem, ó Musa abençoada
Da Risada!
Canta, canta, canta, canta,
Pinta a manta!

Vem, consciencia dos edis,
Vem e diz
Se não merece piedade
A cidade!

Vinde todos, vinde todos,
Como doudos,
Dar bons dias á *Comedia*,
Fresca e nédia.

Tem sorrisos, tem pilherias
Muito serias!
Apenas não tem bastantes
Assignantes...

V. M.»

O ultimo numero, que foi o 67, appareceu largamente tarjado de negro, vinlo artigo de funto (... da cova) precedido por um emblema funebre: uma ega com tocheiros, e sendo os artigos espaçalos por lagrimas... de tinta preta.

Esse numero, escandalosamente mortuario, foi collaborado por Fontoura Xavier, Raul Pompeia, Raymundo Correia, Augusto de Lima, Luiz Murat, Raulolpho Fabring, alem de Eduardo Prado e Valentim Magalhães, *proprietarios* inconsolaveis.

Foi escripto por aquelle o artigo ultimo:

« Nós hoje fallecemos.

Ao darmos esta noticia aos nossos leitores pedimos-lhe desculpa por esta falta involuntaria.

Não diremos que o paiz cobre-se de luto, nem tampouco que nas fileiras da imprensa abre-se um claro, que difficilmente será preenchido.

Na la d'isso. Morremos sem mais cerimonia. dá na outra vila, traçamos este artigo de fundo, que é mesmo do fundo da sepultura. Faltariamos, porém, á mais comessinha delicadeza para com a memoria dos illustres finados, se não lhes traçassemos um sentido necrologio.

Uhm! Uhm!...

Nós curvamo-nos compungidos em frente do nosso tumulo, e, se não estivessemos metti-los dentro d'elle, deporiamos um osculo sobre a lapidé fria que cobre os nossos restos.

Nos vivemos, escrevemos e morremos.
Viver! escrever! morrer! talvez ser tolo!

Um de nós foi poeta; o outro cousa nenhuma. Immensa superioridade!

A sorte, porém, egualou-nos, dotando ambos com uma myopia digna de menção.

Quem é myope, vê pouco. Foi por

isso que não vimos a minima necessidade de dizer adeus aos nossos leitores.

Abstemo-nos d'este adeus porque, de sentimento, seríamos capazes de morrer outra vez, contrariando o principio do *Non bis in idem*.

Depois, o leitor ha de estar numa posição difficil e incommoda, no terreno das supposições e da curiosidade.

Um pé aqui, outro acolá, um para cá e outro mais longe.

Mas é inutil a gymnastica do seu espirito de leitor para descobrir a causa da nossa morte.

Esta causa é a seguinte: — Falta de vida.

Que diz, Sr. leitor?

Confesse que sósinho não atinava. »

Não foi somente nesse artigo e por essa forma que o publico paulistano foi chamado—tolo. Na impossibilidade de transcrever muitos d'esses escriptos *funebres*, em prosa e verso, inserimos o soneto em que o fundador d'A *Comedia* chorou-lhe o passamento.

Eil-o :

« Morres, filha, e ao descer á terra ingrata e fria,
 Causas um grande abalo a pansa dos burguezes.
 Diz um, irado: «E eu que assignei por seis mezes!»
 Outro diz: «Eu pensei que a *Comedia* rendia...»
 Que assignou sem pagar o burguezio esquece!
 É hoje que o mundo vil retrai-se da scena,
 E a dourada alegria em teu lado emmudece,
 E, que elle diz: «Tão bella e tão boa! que pena!»
 Foste travessa, alegre, e rispi-la tambem;
 Mas foste sempre justa, independente e honra-la.
 Como quem sonha e ri, mas não deve a ninguém!
 Morres como a bohemia aos clarins da alvorada:
 Guitarra ao peito, a fronte enfeitada de flores,
 Bando á Morte, ao Destino, ao Throno, aos devedores!
 S. Paulo, 23 de Maio de 1881.
 VALENTIM MAGALHÃES.

SPORT

Com uma importante e esplendida corrida, estreou no domingo passado o Jockey Club, apresentando-nos este anno um programma perfeitamente organiado e composto de sete pareos, que foram totalmente preenchidos com os melhores parelheiros, quer estrangeiros, quer nacionaes, de que são possuidoras as nossas mais importantes coudelarias, que, exuberantemente, vieram provar os immensos servicos que a esta industria tem prestado as nossas benemeritas sociedades de corridas.

Com a independencia e imparcialidade com que estamos habituados a externar as nossas opiniões, não podemos deixar de expendel-as, quando se nos offerece a precisa occasião.

O Jockey Club é inquestionavelmente a mais importante sociedade de corridas que entre nos se tem creado, não só pela sua posição topographica, como tambem pelos elementos pecuniarios de que dispõe, e mais ainda, a unica que,

vencendo as maiores difficuldades, creou o seu *Stud-Book*, base indispensavel para a creação, filiação e para *segurança de nacionalidade* de nossos parelheiros.

Apezar de reunir todos esses elementos para constituir-se uma associação independente, teve a necessidade immediata de suspender o seu programma de corridas com avultados prejuizos no fim do anno passado.

Um grande descontentamento das coudelarias as mais importantes e de diversos proprietarios deram causa á crise a que não pou le resistir aquella benemerita sociedade, devilo exclusivamente á inscripção de animais estrangeiros no *Stud-Book*, como nacionaes, com todos os documentos exigidos o habilmente preparados a resistir a qualquer protesto que a elles se apresentasse. O que resultou para o Jockey Club a enfadada questão da egua *Icaria*, animal visivelmente, pela sua constituição e traços caracteristicos, de um perfeito *tres quartos de sangue* do Rio da Prata, inscripto e apresentado como oriundo do Rio Grande do Sul!

Tendo tomado grandes proporções esta importante questão, teve o Jockey Club, por si só, de syndicar rigorosamente d'esse suspeitado *contrabando cavallar*, habilmente preparado, e a infelicidade de sancional-o á vista dos documentos que não puderam ser nulficados.

Este anno abrem-se as inscripções para a primeira corrida d'essa sociedade e encerram-se, reaparecendo a egua *Icaria* alistada, sem nacionalidade e sem filiação, em um dos pareos!

Aqui ficaremos, aguardando a occasião competente para melhor fundamentarmos a nossa apreciação e discutirmos rigorosamente esta desarrazoada solução sobre tão importante questão.

Eis o resultado das corridas:
 No 1º pareo (1000 metros) em 60 segundos venceu facilmente *Monitor* os seus competidores. É um dos melhores productos de meio sangue que possui a importante Coudelaria Cruzado. Em 2º lugar chegou *Feticicira*; em 3º *Plutão*; em 4º *Chapeco*; em 5º *Audia*. *Hippomenes* não correu.

No 2º pareo (1600 metros) saiu victoriosa com grande facilidade *Phrygia* em 108 segundos, seguida por *Gaudriole*; *Gladiador* em 3º. *Icaria*, *The Witch*, *Speciosa* e *Fanfaron* vieram em grande bagagem. *Cheapsid* negou a partida.

No 3º pareo (1600 metros) o valente *Boreas* em 100 segundos sahio victorioso de *Talisman*, que sahio com desvantagem e ao mesmo tempo carregou 60 kilos; foi caipora desta vez; teve tudo contra si, partida, pezo e valente adversario. *Macaré*, aproveitando a infelicidade de *Talisman* quiz divertir-se, fazendo uma bonita corrida, perdendo o 2º lugar apenas por cabeça. *Pery* e *Electrica* não correram.

No 4º pareo (1600 metros) ainda *Sibylla* divertio-se com os seus competidores em 109 segundos e no freio... para não perder a freguezia. Em 2º *Diva*; em 3º *Aurora*. *Dora*, *Regina*, *Araby*, *Aurelia* vieram na bagagem. *Pirata* e *Eolo* não correram.

No 5º pareo (1000 metros) *Monitor* novamente, em 71 segundos, bateu os seus competidores, mostrando grande superioridade. *Plutão II* chegou em 2º; em 3º *Dandy*. *Condor* continuou a desgarrar.

No 6º pareo (1600 metros) correram *Neva*, *Damietta*, *Nandá*, *Dr. Jenner* e *Constance d'Olomue* que em 108 segundos, e não querendo distanciar os seus competidores, baten-os com immensa facilidade. *Damietta* fez tristissima figura, deixando os seus predilectos de cara á banda. *Nandá* ainda bateu *Damietta*. *Taillefer* não correu, anda fugindo... *Dr. Jenner* e *Neva*

são dois bacamartes que disputaram rohadamente a grande bagagem.

No ultimo pareo correram treze animaes, sahindo victorioso *Druid* em 1450 metros, em 103 segundos; em 2º *Dinorah*; em 3º *Guinaco*. Tambem correram *Iron*, *Alteza*, *Catana*, *Italia*, *Bonita*, *Africa*, *Douro* e *Americana*.

As 5 horas terminou e divertimento, tendo havido grande concurrencia e boa ordem.

Estão aunnunciadas para amanhã as corridas do *Derby Club*. O programma, que é excellente, compõe-se de sete pareos, todos elles com animaes regulares e, mais ou menos, com as forças egualadas, o que tornará interessante o resultado de cada um d'elles.

Chamamos a attenção dos amadores para a nossa ultima pagina, onde encontrará o esplendido programma, que é merecedor de ser estudado minuciosamente para nelle acertarem de principio a fim. E' o que desejamos.

L. M. BASTOS

JORNAES E REVISTAS

Está publicado o n. 6 d'A *Quinzena*, uma *filha* que nos ensoberbece e honra. Este numero recommenda-se especialmente pela parte em verso.

Alberto de Oliveira, Raymundo Corrêa, Olavo Bilac e Jorge Rodrigues assignam magnificos versos. A Olavo Bilac cabem, no entanto, as honras, pois *A morte de Tapir* é uma bella poesia, rica de pensamento e de forma; pena e que acabe de modo tão explorado:

« Nesse momento
 Despontava o luar no curvo firmamento. »

A *Quinzena* prosegue na util e louvavel tarefa de exterminar os litteratillos ociosos e insignificantes que infestam o jornalismo provinciano, depois de enxotados da capital. Um d'esses conhecemos que procura impingir como proprios uns bonitos sonetos... do pai, fallecido ha annos. Nunca te doam as mãos, filha.

A *Illustração*, n. 6 do volume 3º (3º anno) traz entre outras gravuras soberbas, um bello retrato da symphatica e elegantissima princeza D. Amelia de Orleans, noiva do joven principe portuguez D. Carlos; uma reprodução da *Gazeta de Noticias*, acompanhada do retrato do seu redactor chefe, Dr. Ferreira de Araujo. Texto variado e escripto a primor.

M. VALENTE.

VEL-A...

Vel-a, era encher minha alma de alegria,
 Inundal-a de luzes e de festas;
 Era apagar da minha vida as mestas
 Horas terriveis de melancholia.

Vel-a, era achar-me em meio das florestas,
 Livre e feliz,— que louca phantasia! —
 Dos passaros ouvindo a symphonia,
 Coberto o chão de rosas e de giestas.

Vel-a, era ver o sol, a primavera;
 Brilhando em prismas rutilantes; era
 Sentir a vida envolta em doce alma.

Mas, hoje ao vel-a, vem-me á nieia a lua...
 O morto amor, a imagem que fluctua
 Entre as nuvens da noite da minha alma.

RODRIGO OCTAVIO

THEATROS

IMPERIAL THEATRO

A companhia Ferrari deu-nos segunda-feira a *filha do regimento*, opera de Donizetti, antiga conhecida do nosso publico, que, por varias vezes e por varias companhias, a tem apreciado.

O desempenho dado agora á partitura de Donizetti pela companhia italiana, se não desagradou inteiramente, tambem não satisfez. Aos artistas italianos falta para este genero de peças a extraordinaria vivacidade e a desenvoltura dos francezes, o que faz com que, embora muitas vezes cantem melhor, não agradem tanto.

Da companhia Ferrari o artista que mais se amolda ao genero é, sem duvida, Carbonetti—e esse não entra na *Filha do Regimento*.

Comtudo, devemos fazer justiça á Sra. Mancini, que representou regularmente e cantou muito bem a parte da protagonista, e ao Sr. Emiliani (tenor) que tambem cantou satisfactoriamente a parte de Tonio.

O Sr. Reynaldi, apesar dos seus esforços, não conseguiu agradar no papel de Sulpicio.

Deu-se com a *Filha do regimento* o que já se tem dado com outras peças na companhia italiana: falta de afinação no conjuncto, o que naturalmente é devido á insufficiencia de ensaios, pois que o Sr. Ferrari não faz representar cada peça mais de tres vezes.

No ultimo acto os artistas estavam visivelmente atrapalhados, e o ponto berrava destemperadamente, tal como nunca ouvimos nenhum outro. Se a peça fosse mais duas ou tres vezes, de certo que estes senões desappareceriam. Os coros e a orchestra não se portaram de todo mal.

Emfim, a *filha do regimento*, partitura delicada, mimosa, cheia de inspiração e de melodia, é digna de ouvir-se, mesmo quando não tenha um desempenho optimo.

Na quinta-feira deu-se a segunda representação, que esteve immensamente superior á primeira. Mancini cantou admiravelmente e representou de um modo notavel o papel da protagonista. O publico applaudiu-a com grande enthusiasmo e fez bisar alguns trechos.

Estiveram tambem muito melhores os Srs. Emiliani e Reynaldi. Bons a orchestra e os coros.

O *Brahma* continúa a agradar immensamente. A Sra. Giovanini é cada vez mais phreneticamente applaudida no seu estupendo e phenomenal trabalho.

O publico que frequenta o Imperial Theatro tem-na applaudido com tal delirio, que a *Gazeta* de 19, não encontrando mais adjectivo para qualificar-o disse que os novos passos da Giovanini provocaram os mais *enthusiasticos* applausos de toda a platéa.

O adjectivo é novo, ainda que seja velha a *asma* do enthusiasmo.

O Sr. Ferrari, desejando levar á scena, no Polytheama, a *donzella Theodora*, abriu uma assignatura de quatro recitas, a preços baixos, na casa Castellos. Se até o dia 24 o resultado da assignatura for hesitante, teremos a magnifica partitura de Abba Milanez cantada pela excellente companhia italiana.

Agora, que está á prova o auxilio que o publico pode prestar a um grande talento brasileiro, é que se vae ver como proce-de o nosso decantado patriotismo.

A companhia Ferrari representa hoje a bella opera *Le Precauzione* e mais uma vez o esplendido bailado *Brahma*.

Hoje, com a *Niniche*, representa-se no Sant'Anna a *canção de Fortunio*, para estréa da actriz cantora Cenira Polonio, que fará o principal papel na bellissima opereta em 1 acto de Offenbach.

E' tambem hoje no Recreio a primeira da grande peça maritima em 1 prologo e 4 actos — *A filha do mar*.

Esta peça, que, ha annos, quando representada no S. Pedro, teve um immenso successo, deve levar agora enorme concorrência ao Recreio.

Na quarta-feira, 26, deve chegar Sarah Bernhardt. Ciacchi — o empresario electrico — já chegou ante-hontem e abriu uma assignatura de 15 recitas, aos seguintes preços:

Frisas e camarotes de 1ª ordem, 50\$; camarotes de 2ª ordem, 25\$; cadeiras de 1ª classe, 12\$; galerias nobres, 10\$; cadeiras de 2ª classe, 8\$.

E' *salgadito*, é; mas—que diabo! — só ha uma Sarah Bernhardt!...

Estamos tambem ameaçados de ter por cá a celebre Adelina Patti, para o mez proximo. Realmente ha de ser difficil ao nosso publico ter admiração que chegue para tantas celebridades.

Felizmente a *Gazeta* já inventou os applausos *enthusiasticos*; senão não sabemos que aconteceria.

A viuva do famoso Bargossi escreveu a um dos redactores d'esta folha participando-lhe a intenção em que está de vir fazer uma corrida aqui, com seu filho Victorio, de 18 annos, digno representante d'este casal de andarilhos. Bargossi morreu pobre, e essa corrida será um justo e necessario auxilio para sua viuva.

A companhia Fuitado Coelho representa hoje no Lucinda a *Fédora*, que no anno passado obteve grande successo.

O Principe Imperial chrisinou-se; chama-se agora Eden Fluminense e reabre-se hoje para a apresentação de uma companhia de novidades, dirigida pelo actor Flavio Wanleck.

Os preços são os da bem conhecida e já acreditada *meia porção*.

Dois beneficios na proxima terça-feira, 25: o do estimado maestro Francisco Gomes de Carvalho, no Recreio Dramatico, com um magnifico espectáculo concerto e o dos actores Cunha e Raul, na Phenix, com o nunca assás visto *Rocamboles*.

No Recreio tambem nesta semana faz beneficio o Juca, fiscal do theatro.

P. TALMA

FACTOS E NOTICIAS

Partiram no dia 20 para a Europa os Srs. Alexandre Ribeiro e Joaquim Guimarães, conhecidos negociantes de papel, nesta Corte.

Vão ambos fazer sortimento na Alemanha e em França de tudo quanto haja por lá de bom, de novo, de interessante e de bello no ramo de commercio a que se dedicaram e em que, naturalmente, hão de enriquecer se os nossos desejos se realizarem.

D'aqui a meros de 6 mezes vae esta cidade do papellorio (*Papellopolis*) ficar deslumbrada, inundada, succumbida sob uma avalanche multicolor de papel, *enveloppes*, e objectos de escriptorio e fantasias epistolares.

Bom viagem e breve regresso.

O excellente *Club de Botafogo* dá hoje um sarau-concerto, que certamente será tão brilhante e concorrido como os anteriores.

CLUB DOS POLITICOS

Com a pompa do costume nos bailes que realisa este club e com extraordinaria concorrência de socios, convidados e convidadas, effectuou a nova directoria a sua festa de posse.

A julgarmos por ella será pequeno e bem pequeno o salão para contero numero crescido de pares dos futuros bailes.

Foi maravilhoso, de slumbrante, oriental o baile de sabbado passado.

E' diminuto o numero dos *nomes* adjectivos encomiasticos para descrever a *soirée* dos Politicos.

Parabens e agradecimentos á nova directoria.

FALLECIMENTOS

Falleceu no dia 19 do corrente, com 22 dias de idade apenas, uma filhinha do director d'esta folha.

Infelizmente não puderam cumprir-se os votos auspiciosos tão alegremente e tão amistosamente feitos nos bellos versos com que alguns poetas, amigos de Valentim Magalhães, responderam á sua festiva *Lettre de faire part*.

A morte de um anginho, como esse que acaba de fugir á ferrea prisão da Vida, não devéra ser pranteada como caso triste. E' inutil, no entanto, procurar convencer as pobres mães, feridas por transe d'esses, de que teve razão o poeta quando disse:

« Não perturbeis as timidas crianças
No pequenino tumulto risonho:
Felizes os que vivem como espr'anças,
Ditosos os que morrem como um sonho.

Valentim Magalhães e sua senhora agradecem de coração as demonstrações de sentimento que pela perda da sua filhinha lhes foram dadas, tanto quanto as de jubilo pelo seu nascimento.

DR. LIMA BARROS

Victima de uma tuberculose pulmonar, que de ha muito o affigia, falleceu nesta capital este estimado e conhecido engenheiro.

O Dr. Eduardo de Lima Barros era um moço que se impoz á nossa consideração e estima não só pelas suas bellissimas qualidades de cavalheiro, como tambem pelas de homem de sciencia e cultor das letras.

Nomeado ajudante de engenheiro fiscal da Companhia «City Improvements» soube elle, com independencia notavel, dar por varias vezes provas de suas habilitações e capacidade scientificas. Como cultor das letras legou-nos uma traducção da *Piedade Suprema* de Victor Hugo.

Por esse trabalho pôde-se avaliar ainda uma vez o gráu de talento do finado. Nota-se em muitos trechos a lucta, o desespero que se travaram na alma do seu auctor para cingir-se ao original, luta de que sahio muitas vezes victorioso.

E' que não é facil passar para o nosso bello idioma a sonoridade bronzeada dos versos do Mestre, fazer-nos sentir como elle nos faz, a arrogancia, a pujança, a sublimidade das suas composições.

Foi, pois, uma perda sensivel, muito sensivel, para a engenharia e para as letras patrias.

Ao Exm. Sr. Commendador Lima Barros, zeloso e intelligente funcionario publico, pae do fallecido — as nossas condolencias.

Falleceram :

No Rio Grande do Sul—o Sr. Antonio Leite Brazil, capitão do 4º regimento de cavallaria; na Bahia — com a avancada idade de 104 annos a Sra. D. Anna Joaquina Mauricio Wanderley, viuva do capitão-mór Christovão de Barros Rego Falcao, ultimo morgado de São Bento do Caiarã; nesta Corte—o estimado escrivão da 2ª vara civil Sr. Balbino José da França Ribeiro; em Cantagallo — o importante lavrador Francisco Corrêa da Rocha; em Taubaté—o Sr. Antonio Affonso Vieira, agente consular de Portugal naquella cidade.

A 19 do corrente falleceu nesta Corte ás 4 horas da tarde o Sr. Pedro Miller, auxiliar da reportagem do *Jornal do Commercio*.

Deixando livres todos os seus escravos falleceu na cidade Visconde do Rio Branco, o tenente-coronel José Joaquim do Nascimento.

RECEBEMOS

- *Gil Braz de Santilhã*, fasciculo n. 30.
 - *A mãe de família*— n. 9, 8º anno.
 - *A omeleta*— ns. 8, anno 1.
 - *O sagalume*— n. 1 e 2. Porto Alegre. Publicação periodica, litteraria.
 - *Alvorada*— n. 5.
 - *Correio da Europa*— n. 9. Lisboa.
 - *Discursos pronunciado em defesa do Sr. Dr. Firmino de Souza Martins* pelo conselheiro Franklin Dória. E' um trabalho que honra o illustre advogado.
 - *Revista de Guimarães*, publicação da Sociedade Martins Sarmento volume III; Porto.
 - *Revista dos constructores*, Anno 1º n. 1. Cada vez mais se recommenda.
 - *Revista de engenharia*— n. 137.
 - *Gazeta academica*— Bahia, n. 4.
 - *Introdução ao systema metrico* por Castorino Farla. Livrinho util, que revêla estudo e intelligencia.
 - *Do Amazonas ao Rio da Prata* pelo auctor do *Pavilhão Negro*. E' digno de ler-se este ligeiro, mas energico trabalho.
 - *Ephemerides*— Versos por Mucio de Rivalva. Bahia.
 - *Hymno da Escola Normal da Corte*, pelo maestro M. Cardoso.
 - *Distracção* n. 83.
 - *El Foro*, boletim de Jurisprudencia, da republica de Costa Rica. Tomo III; ns. 71 e 72.
 - *L'Etatle du Sud*, 2ª serie, n. 90 (De 6 a 20 de maio.)
 - *Memorias de um condemnado*, romance de Aluizio Azevedo. Este romance, primitivamente publicado na *Gaz. Unha* de risonha memoria, foi agora, depois de refundido pelo auctor, reeditado pelo *Liberál-Mineiro*, que o deu, primeiramente, em folhetim. E' um grande volume de 300 paginas, nitidamente lapresso. Pretende-nos occupar-nos das *Memorias* em artigo especial.
 - *Revista Illustrada*, n. 432 Engraçadas caricaturas e bellos desenhos sobre assumptos um pouquinho... passados.
 - *A força do acaso*, drama em um acto por B. de Souza Campos.
 - *Projecto de Colonisação e industria pastoril* apresentado á Camara dos deputados, por João Wetso.
 - *União Médica*, anno 6º, fasciculo n. 4.
 - O primeiro fasciculo das *Fabulas de La Fontaine*, e bellissima edição da casa David Corazzi de Lisboa As fabulas são traduzidas pelos principaes poetas portuguezes e brazileiros e finamente illustradas pelo grande Gustavo Doré. A obra será acompanhada de estudos criticos de Theophilo Braga, Ramalho Ortigão e Pinheiro Chagas.
 - Assigna-se na casa José de Meilo — Quilanda 38— a 600 reis.
 - *Cabrio*, n. 4 (Porto Alegre) traz na primeira pagina um retrato do mallogrado Dr. A. Lara da Fontoura Palmeiro. Nas outras e no texto muitas referencias honrosas á plastica da actriz Julia de Castro. Porto Alegre, no que parece, está inflamada pela belleza d'aquella senhora a ponto de não respeitar as conveniencias.
- Pobre Porto Alegre!

ANNUNCIOS

DR. ARAUJO FILHO

MEDICO PARTEIRO

Residencia

Rua do Visconde do Rio Branco n. 36

ALFAIATARIA AURORA DO RIO

FREIRE & COELHO

131 RUA DO HOSPICIO 131

ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o *Café Oriente*, da fabrica a vapor de Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25

9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta— annuncio.

ALFREDO CEZAR DA SILVEIRA

RELOJOEIRO

Participa aos seus amigos e freguezes e ao publico em geral que mudou a sua officina da rua da Assembleia n. 67 para a rua de S. José n. 51, em frente á da Quitanda, onde continúa a concertar relógios por modicos preços e afiançados.

51 RUA DE S. JOSÉ 51

Em frente á Rua da Quitanda

RIO DE JANEIRO

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

CLUB OLYMPICO GUANABARENSE

NICTHEROY

29 RUA DE SANTA ROSA 29

PROGRAMMA

PARA A CORRIDA EXTRAORDINARIA

A REALIZAR-SE

NO DIA 23 DE MAIO DE 1886

- 1º Pareo—150 metros—Corrida rasa para socios que nunca levantaram premio, sem vantagens, 17 inscriptos. Premios: uma corrente de ouro e platina para relógio.
- 2º Pareo—120 metros—Corrida rasa para meninos de 7 a 12 annos, com vantagens, 29 inscriptos. Premios: ao primeiro um anel de ouro com rosalina ao segundo uma guarnição para punhos; ouro e rubim.
- 3º Pareo—200 metros—Corrida rasa para homens, com vantagens, 28 inscriptos. Premio: um faqueiro de christoffe com 27 peças.
- 4º Pareo—120 metros—Corrida rasa para meninas de 7 a 12 annos, com vantagens, 17 inscriptas. Premios: á primeira uma pulseira de ouro, moedas antigas, á segunda um alfinete de ouro com perolas.
- 5º Pareo—150 metros—Corrida com obstaculos, para homens, sem vantagens, 15 inscriptos. Premio: uma guarnição para camisa, de onix, ouro e perolas.
- 6º Pareo—500 metros—Corrida em velocipedes, para meninos, com vantagens, 8 inscriptos. Premio: um alfinete para gravata, ouro e granada.
- 7º Pareo—1,000 metros—Corrida rasa para homens, com vantagens, 23 inscriptos. Premios: ao primeiro uma medalha de ouro commemorativa, ao segundo uma medalha de prata commemorativa.
- 8º Pareo—1000 metros—Corrida em corda, para meninas de 8 a 12 annos, sem vantagens, 12 inscriptas. Premio: uma pulseira de ouro, perolas e rubins.
- 9º Pareo—100 metros—Corrida rasa em tres pernas, para homens, sem vantagens, 5 inscriptos. Premio: um alfinete para gravata; ouro, coral e brilhantes.
- 10º Pareo—100 metros—Saccos mysteriosos, sem vantagens, 26 inscriptos. Premio: uma cigarreira e phosphoreira de prata filagrana.

O primeiro pareo terá logar ás 11 horas precisas, e nenhum direito a reclamação terão os Srs. inscriptos, se não comparecerem no edificio social a tempo de tomar parte no referido pareo.

Haverá bonds e barcas a toda hora.

J. DE CASTRO, 1º secretario.

DERBY-CLUB

GRANDES CORRIDAS A REALISAR-SE

DOMINGO 23 DE MAIO DE 1886

A'S 11 1/2 HURAS EM PONTO

Primeiro pareo — EXCELSIOR — Distancia 1,609 metros — Poldros e poldras nacionaes, de 3 annos — Premios: 1:000\$ ao primeiro e 200\$ ao segundo

N.º	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Sybila	Zaino	3 annos	S. Paulo.....	59 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
2	Eólo.....	Idem.....	3 »	Idem.....	49 »	Idem, idem, idem.....	Idem, idem.
3	Americana.....	Tordilho.....	3 »	Idem.....	47 »	Branco e pintas pretas.....	M. U. Lemgruber.
4	Aurelia.....	Alazão.....	3 »	R. de Janeiro.	47 »	Azul e grenat.....	A. E. de Oliveira.

Segundo pareo — COSMOS — Distancia 1,450 metros — Inteiros e eguas de qualquer paiz — Premios: 800\$ ao primeiro e 200\$ ao segundo

1	Phrynéa.....	Castanho	4 annos	Ingllaterra....	50 kilos	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
2	Bolívar.....	Idem.....	6 »	França.....	54 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
3	Scylla.....	Idem.....	3 »	Ingllaterra....	47 »	Havana e branco.....	Idem idem.
4	Satam, ex-Neva.....	Idem.....	3 »	França.....	49 »	Grenat e ouro.....	Coud. Luso-Platense.
5	Gladiador.....	Idem.....	3 »	Ingllaterra....	49 »	Branco e pintas pretas.....	M. U. Lemgruber.

Terceiro pareo — LEMGRUBER — Distancia 1,450 metros — Poldros e poldras nacionaes de 3 annos — Premios: 600\$ ao primeiro e 120\$ ao segundo

1	Régina.....	Douradilho...	3 annos	S. Paulo.....	49 kilos	Preto, branco e encarnado.	Coudelaria Paraiso..
2	Dora.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	51 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
3	Diva.....	Idem.....	3 »	R. de Janeiro.	49 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
4	Catana.....	Douradilho...	3 »	S. Paulo.....	49 »	G ranium e ouro.....	Coudelaria J. W.
5	Druid.....	Tordilho.....	3 »	R. de Janeiro.	51 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.

Quarto pareo — DERBY-CLUB — Distancia 1,609 metros — Inteiros e eguas do paiz — Premios: 1:000\$ ao primeiro e 200\$ ao segundo

1	Boreas.....	Castanho.....	4 annos	S. Paulo.....	54 kilos	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
2	Sylvia II.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	52 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
3	Electrica.....	Idem.....	6 »	Idem.....	52 »	Branco e pintas pretas.....	M. U. Lemgruber.

Quinto pareo — E. F. D. PEDRO II — Distancia 1,609 metros — Inteiros e eguas de qualquer paiz — Premios: 600\$ ao primeiro e 150\$ ao segundo

1	Gaudriole.....	Castanho.....	3 annos	França.....	47 kilos	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança
2	Gazida.....	Idem.....	3 »	Idem.....	47 »	Azul e amarello.....	Souza Liberal.
3	Madama.....	Idem.....	3 »	Idem.....	47 »	Azul, b. e enc., boné amarel	Coudelaria Cruzeiro.
4	Coupan.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	51 »	Azul, branco e encarnado..	Idem idem.

Sexto pareo — RIO DE JANEIRO — Distancia 1,750 metros — Inteiros e eguas de qualquer paiz — Premios: 1:200\$ ao primeiro e 300\$ ao segundo

1	Charybdes.....	Castanho.....	3 annos	Ingllaterra....	51 kilos	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
2	Comtesse d'Olonne ...	Alazão.....	5 »	França.....	58 »	Havana e branco.....	Idem idem.
3	Talisman.....	Idem.....	6 »	S. Paulo.....	56 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
4	Icaria.....	Castanho.....	3 »	Idem.....	51 »	Branco e pintas violetas....	M. U. Lemgruber.
5	Nauá.....	Zaino.....	5 »	Ingllaterra....	56 »	Branco e pintas pretas.....	Idem.

Setimo pareo — SEIS DE MARÇO — Distancia 1,450 metros — Animaes nacionaes, até meio sangue, que não tenham ganho no Derby — Premios: 400\$ ao primeiro e 80\$ ao segundo

1	Italia.....	Castanho	3 annos	S. Paulo.....	47 kilos	Azul e amarello.....	Coudelaria Luso.
2	Ivon.....	Zaino.....	3 »	Paraná.....	49 »	Preto, branco e encarnado.	C. P.
3	Zaire.....	Gateado	4 »	Idem.....	52 »	Azul e encarnado.....	Paulo Soares.
4	Alteza.....	Libuno.....	5 »	S. Paulo.....	52 »	Verde, encarnado e branco.	R. M.
5	Biscaia.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	47 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
6	Bonita.....	Idem.....	4 »	Idem.....	50 »	Encarnado e azul.....	José Machado.
7	Americana.....	Tordilho.....	3 »	R. de Janeiro.	47 »	Setim br. e manchas pretas.	M. U. Lemgruber.

A. CEZAR LOPES, 2º secretario.

Em virtude do que ficou deliberado em sessão de directoria, chama-se a attenção do respeitavel publico para a taboleta que sera affixada no Derby a qual marcará a hora em que sera realizado cada pareo — M. LAURIANO, 1º secretario.

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 29 DE MAIO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 74.

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	V. MAGALHÃES.
História dos sete dias.....	A. REDACÇÃO.
Contos a premio.....	TOB.
Política e políticos.....	G. GAMA.
O enterro.....	A. WOLFF.
Sarah Bernhardt.....	V. F.
Gazetilha litteraria.....	E. ROUEDE.
Sarah Bernhardt (Un songe).....	J. DES. MONTEIRO
A Guitarra de D. Juan, soneto.....	FR. SARCEY.
O piano.....	E. ROUEDE.
O bilboquet.....	TOUCHATOUT.
Sarah Bernhardt.....	J. RIBEIRO.
No Capitolio, poesia.....	ARARIPE JUNIOR.
Infermidodes estylisticas	L. M. BASTOS.
Sport.....	P. TALMA.
Theatros.....	
Factos e Noticias.....	
Recebemos.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÔRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

Nas livrarias dos Srs. Faro & Nunes, Garnier, Laemert; nos cafés da Imprensa e Brazil, e em todas as nossas agencias estão a venda exemplares do supplemento illustrado do n. 73 d' *A Semana*, a 200 reis cada um.

Os Srs. assignantes que tiverem direito a premios são rogados a enviarnos o competente sello para a prompta remessa dos referidos premios.

Compram-se nesta redacção exemplares do n. 6 d' *A Semana*, a 500 réis.

A exemplo do que fizemos no anno passado, abrimos de abril a dezembro, uma assignatura de nove mezes pelo preço de 6\$000, dando nós a esses assignantes os mesmos premios a que têm direito os assignantes de anno, com excepção do livro *Vinte Contos*, que é exclusivamente para estes, que deverão recebê-lo por todo o mez de maio.

HISTORIA DOS SETE DIAS (*)

SARAH BERNHARDT

As duas celebridades parisienses, mas também universaes, que mais me faziam pungir o desespero de não poder ir á grande capital do mundo eram — V. Hugo e Sarah Bernhardt.

Hoje, aquelle é morto e esta acaba de chegar ao Brazil.

Comprehendo a anciedade e o enthusiasmo com que grande parte da nossa população correu ao caes e ao mar, indo ao encontro da gloriosa actriz, cujo nome, por uma honra especial e rara fluctuava ás aragens guanabarenses, sob o vasto docel risonhamente azul do nosso formoso ceu, na flammula do mastro grande do *Cotopaxi*. Comprehendo-o porque tambem por esse enthusiasmo e por essa anciedade fui levado a bordo do paquete, impaciente como todos por ver e admirar essa mulher excepcional, essa mulher unica, que, reunindo em seu corpo fragillimo e esbelto todos os talentos da Arte, realiza o mesmo phenomeno do diamante, que em uma de suas pequeninas facetas enfeixa todos os raios do sol.

Ao vel-a, tão simples e tão tranquilla, em sua elegante *toilette* de viagem, passeando os seus languidos olhos « azul escuro, longamente fendidos mas pouco abertos » pelo vastissimo espelho ondulante do Atlantico, lembrou-me rapidamente a vida solar d'essa mulher,—vida cheia de auroras, de refulgencias meridianas e de occasos ruidosos e ephemeros,—recapitulei, num relampago mental, a sua existencia fulminea:—luminosa, retumbante, torturada e angulosa como uma faisca electrica, retalbando o céu com golpes de fogo; e comparando o seu nome de guerra, esse nome extraordinario, imenso, que ha dez annos offusca, sacode, ensurdece Paris e occupa a attenção do mundo, comparando esse nome e essa existencia com a debil, risonba e tran-

(*) Não sei se por saberem que estava para chegar a eminente actriz franceza, os acontecimentos desta magra vida fluminense encolheram-se, retrahiram-se e não se dignaram de fornecer assumpto aos chronistas. De forma que foi Sarah Bernhardt a « historia dos sete dias »; foi ella o assumpto oulminante, o assumpto unico.

Tratar d'ella, portanto, é o dever do historiadór da semana, pois que ella encheu toda a semana.

V. M.

quilla mulber que ali estava sentada numa cadeira de bordo, comendo uvas, cujos bagos negros engastavam-se por um instante na sua « bocca graciosa, de labios rubros e finos, que deixam ver o magnifico e terrivel deslumbramento de alvissima dentadura » (*) como contas de onyx em golpes de coral, exclamei commigo, num grande brado mudo, que ecoou longa e profundamente na vasta solidão do meu espirito:

— Tu não és Sarah Bernhardt, não és unicamente uma mulher de genio. Tu és a grande Força, a creadora omnipotente, a eterna consoladora, a grande, a divina, a sacrosanta Arte!

Salve! Ruido e Luz do espirito, Rebellada sublime, Revolucionaria invencivel e bemdicta, que com o teu fraco pulso de mulher hasteias e plantas o pavilhão do Bello nos escombros fumegantes do mundo em ruinas! Ave, Ars!

E o meu espirito, ante a collaboradora illustre de Shakespeare e de Victor Hugo, ajoelhava-se, extactico, como um sacerdote da velha Hellade ante a belleza impeccavel e varonil de Pallas.

VALENTIM MAGALHÃES

(*) Theod. de Banville—*Camées parisiens*.

CONTOS A PREMIO

A commissão julgadora dos contos do concurso por nós aberto, entregou-nos a classificacão resultante do seu julgamento. E' a seguinte:

— *Primeiro logar*.— O RETARDATARIO: auctor—*Concorrente n. 0*, conto publicado no n. 56 d' *A Semana*.

— *Segundo logar*.— CONTO A PREMIO: auctor—*Coronel Marrioni*.

— *Terceiro logar*.— A REHABILITAÇÃO: auctor—*W*.

Os dois ultimos contos premiados, serão publicados proxivamente.

Logo que chegemos a saber quaes os escriptores que se occultaram modestamente sob aquelles pseudonymos, far-lhes-emos entrega dos respectivos premios, publicando os seus nomes.

A REDACÇÃO

O mais seguro meio de cada um amar verdadeiramente a sua patria é amar simplesmente—a sua profissão.

R. ORTIÇÃO

POLITICA E POLITICOS

De ha muito tempo dá-se na nossa politica um phenomeno já hoje incontestavel, e cuja explicação pôde ser dada por maneiras diversas. O Imperador tem influencia certa nos negocios publicos e a sua voz é ouvida e acatada e executada pelos nossos homens de Estado. Muitas vezes nem é necessario Sua Magestade dar o nome aos bois, para que a sua gente saiba o que o Imperador pretende.

E' facto publico e notorio que Sua Magestade, em conferencia de ministros, disse que *não tinha estudado a eleição do 2º districto do Maranhão*, e foi reconhecido o Sr. Domingos da Silva, conservador, contra o conselheiro Almeida Oliveira; é sabido mais—que Sua Magestade disse que considerava o Sr. José Marianno eleito desde o primeiro escrutinio, e não ha quem aposte contra o reconhecimento do deputado pernambucano. Agora é bom vêr o que Sua Magestade *não disse*, e que ainda assim devia ser entendido por aquelles que o cercam.

Sabe-se que muito poucos são actualmente os homens que consagram verdadeira amizade ao Imperador, e aos quaes Sua Magestade publicamente corresponde. O rei está ficando isolado. Ha, porém, em torno de Sua Magestade ainda algumas dedicações, que queremos acreditar sinceras, e entre essas figuram os Srs. Bom Retiro e Paranaçu. Além d'estes viscondes, não conheço outro politico cegamente affecto a Sua Magestade: toda essa gente que o acompanha, desde o veador até o medico, é gente insignificante, que faz consistir a sua submissão nos crachás que a monarchia lhe pode dar. No dia em que elles não poderem mais usar da farda agaloada e das veneras brilhantes, a pessoa de Sua Magestade valerá tanto para elles como um dois de páus; e não seja esta phrase levada á conta de desrespeito ás nossas instituições juradas.

Não é preciso mais para que se comprehenda que Sua Magestade procura ser o mais agradável possível áquelles poucos homens que o veneram particularmente. Assim se explica como Sua Magestade, tão parco de atenções para com os mais eminentes patriotas d'este paiz, tem-n'as dispensado a mancheias áquelles dois viscondes que especificamos, e principalmente ao Sr. visconde de Paranaçu, chegando mesmo a comparecer a uma festa particular de S. Ex.

Seria preciso, pois, que Sua Magestade dissesse que lhe era agradável o reconhecimento do Sr. Doria Genro e do Sr. Paranaçu Filho, para que os seus homens assim o tivessem entendido e fizessem executar? Necessariamente não; isso era a cousa que entrava pelos olhos.

E' verdade que a tal qualificação de Correntes e Parnaguá é uma fraude tão grosseira que entra tambem pelos olhos do menos atilado. O proprio juiz de direito, que qualificou em Correntes 260 eleitores, requereu e obteve a extinção do foro d'este termo—porque não pôde achar em todo elle 50 cidadãos com as condições necessarias para serem... jurados! De quatrocentos e tantos processos eleitoraes d'aquelles dois termos... não ha nem noticia, e para explicar a ausencia d'esses processos o juiz inventou uma historia digna do barão de Munkausen: naufragou n'um rio o estafeta que conduzia esses QUATROCENTOS E TANTOS PROCESSOS NUMA UNICA MALA DE COURO! Só se salvaram do naufragio oitenta e tres processos, e estes estão quasi todos escriptos pela mesma letra—que é a do promotor

publico—e os papeis, apezar de terem cahido n'agua, estão limpos como se sahissessem agora mesmo da casa do livreiro!

Tudo isto é exacto, mas não é menos certo que essas eleições já têm sido approvadas para reconhecimento do Sr. Doria, e que Parintins podia ser annullada para reconhecimento do Sr. Paranaçu—o filho e o genro de um dos dois melhores amigos do Sr. D. Pedro II.

Explique estas cousas quem quizer. Será isto o prenuncio da independencia do corpo legislativo, ou será antes a accentuação de um fraccionamento d'esse corpo que já não tem hoje nem ao menos aquella commum solidariedade de obediencia á vontade imperial?

A Camara bem procedeu annullando as eleições de Parnaguá e Correntes, sendo discutivel se bem procedeu reconhecendo o Sr. Jayme Rosa. O mais natural seria mesmo mandar proceder a nova eleição.

Aquella comarca, porém, ficou em condições especialissimas, quanto ao eleitorado, e isto motivou hontem na Camara uma interpeção do Sr. Candido de Oliveira ao Sr. ministro do imperio.

O deputado mineiro discutiu largamente a questão, e o Governo, pela bocca do Sr. ministro, respondeu: que o Governo nada tem que vêr com materia eleitoral e que abster-se-á, como lhe compete, de intervir nesta questão. Os poderes verificadores decidirão como julgarem de direito nas eleições em que concorrerem esses eleitores sobre os quaes versou a interpeção. Ouvida esta sensata resposta do Governo, falaram os Srs. Affonso Celso Junior, Coelho Rodrigues, Alves de Araujo e Bulhões Carvalho.

T' B.

UM ENTERRO

Lá em baixo, na outra margem, agita-se um lenço branco. A barca vae rio acima. Sentados nas suas bordas, os camponeses vão cabisbaixos e tristes, e sobre um banco, no meio, vae o caixão do anjinho todo coberto de rosas e tão bellamente morto que parece que está dormindo.

O cemiterio fica acolá, mais adeante, mesmo á beira da agoa. A barca vae rio acima. Nas pedras verdes das margens choramingam as aguas claras; e o ultimo raio de sol, d'um terno alaranjado, fura atravez da folhagem que faz abobada ao rio, e beija a face ao anjinho, morto tão bellamente no seu caixão todo coberto de rosas.

Os camponeses vão silenciosos e tristes:—Ah! lá em baixo, na outra margem, agita-se o lenço branco, esse pobrelenço branco que deve estar tão molhado!

Muito chegada á terra, por baixo das grandes arvores, a barca vae rio acima. Crianças e raparigas correm a ver o enterro e, da margem, enchem de folhas de rosas, de beminequeres e de cravos a barca que vae seguindo.

E são tantas as raparigas e as crianças que atiram folhas de rosas, de beminequeres e de cravos que o esquife des-

apparece e só fica a face do anjito sorrindo tão bellamente! Os camponeses vão silenciosos e tristes. Lá em baixo, na outra margem, agita-se o lenço branco... e a barca vae rio acima.

GUILHERME JGAMA

SARAH BERNHARDT

Quando, nos tempos futuros, algum grave philosopho escrever uma grossa e pesada obra sobre o estado dos espiritos na segunda metade d'este seculo, elle ha de esbarrar a cada instante com a figura invasora d'esta grande tragica d'esta encantadora mulher. A conclusão será forçosamente esta:

— Esta actriz, que conseguiu que se lhe perdoassem todas as suas extravagancias e que durante tantos annos abusou da gloria parisiense sem fatigal-a nunca, é porque tinha realmente um talento enorme, extraordinario.

ALB. WOLFF.

GAZETILHA LITTERARIA

Dos Srs. Silveira & Guimarães recebemos um prospecto da grande edição de luxo, formato *in-folio*, do notavel romance de José de Alencar—*O Guarany*. Todos sabem que *O Guarany* é uma das melhores obras da litteratura nacional e que, por isso, bem merece ter uma edição como as que os paizes cultos da Europa dedicam sempre ás grandes obras dos seus escriptores primazes.

Esta edição vae ser impressa nas grandes e caprichosas officinas dos Srs. Moreira, Maximino & C. e todos os capitulos do romance serão illustrados por finas gravuras em madeira, o que tornará a obra ainda mais interessante. Além do luxo da impressão, a edição dos Srs. Silveira & Guimarães será prefaciada pelo nosso grande Machado de Assis, o herdeiro virtual de José de Alencar na culminancia das lettras brasileiras.

Esta obra só poderá ser adquirida por assignatura, e para isso os editores resolveram publical-a em fasciculos quinzenaes, o que facilitará a sua aquisição ás muitas pessoas que, tendo muito gosto, têm pouco dinheiro.

Esperamos ansiosamente a grande obra do Mestre.

O romance de Edm. Tarbée — *Bernardo, o assassino* (que aliás devia chamar-se *Bernardo, o innocente*) offerece aos apreciadores do romance genero Montepin agradável e vasta leitura. Pena é que a traducção não fosse mais esmerada.

Muito digno de possuir-se e, principalmente, de ler-se o *Almanach Litterario do Diario Mercantil*, de que nos foram gentilmente offerecidos alguns exemplares pelos seus organisadores, os redactores d'aquelle diario—Gaspar da Silva e Léo d'Affonseca.

Incontestavelmente não temos tido até hoje muitos almanachs cuja parte recreativa tenha sido organizada com

tanto gosto litterario e tão fino criterio selectivo. Abre o almanach um bem acabado retrato do Conselheiro João Alfredo, acompanhado de extenso artigo biographico por José Avelino.

Ao jornal que tão bellamente se estréia na publicação de almanachs só temos a dizer isto:

— Queira continuar.

V F

SARAH BERNHARDT

(UN SONGE)

Chaque fois que je pense à Sarah Bernhardt, mon imagination abandonne les choses réelles pour se jeter dans un monde tout à fait phantasmagorique.

Elle arrivait hier, et, comme de juste, j'ai battu la breloque toute la nuit.

En ai-je vu des *Fédora* valsant avec des *Ophelia*, et des *Dona Sol* à cheval sur des *Ciacchi*; mais entre les mille hallucinations qui m'ont assailli, aucune ne vaut celle-ci:

Il faisait nuit; la baie de Rio, couverte de peaux de tigres, était éclairée par des esclaves enduits de résine, brûlant mal et fumant beaucoup, tout comme sous Néron; autour de la statue equestre de D. Pedro I (*D. Pedro n'y était pas*) une immense vertigole tournait avec une rapidité vertigineuse; cet enorme cercle était formé par: Cesar, Victor Hugo, le Chimborazo, la Venus de Milo, l'Himalaia, Jesus Christ, le colosse de Rhodes, Shakespeare, Michel Ange et son Moïse et enfin par Sarah Bernhardt; et ils tournaient... tournaient...

Les esclaves s'éteignirent, puis tout disparut... Au bout d'un moment je vois Sarah Bernhardt sur le cheval de bronze du premier Empereur s'éloigner au galop, en disant: «Décidément je pars, ça sent trop l'esclave ici.....»

Et la comète de Fabry envoyait un requerimento au palais de S. Christovani pour faire rester Sarah Bernhardt.

EMILE ROUEDE.

27—5—86.

A GUITARRA DE DON JUAN

Lá se esperguiça, languida e dolente, por entre os roseiras a serenada. Impregnou-a o condão de ignota fada dos sensuaes perfumes do Oriente.

Paíra como a neblina lentamente pela aragem da noite balouçada... Que crepitar de beijos na ramada! Que soluçar de oudinas na corrente i

As doces peccadoras que condemnas, nos doudos turbilhões, a eternas penas, fugiram, Dante, á vingadora garra.

E as vivas cordas ternamente unidas, gemem nuas, cançadas, doloridas, as arrastadas notas da guitarra...

J. DE SOUZA MONTEIRO

O PIANO

Hoje em dia, bem o sabem, o piano é uma franco-maçonaria, é uma religião.

Todas as nossas mulheres sabem tocar piano e algumas com um grão de *virtuosidade* realmente admiravel.

Uma das cousas que mais me pasmam em a nossa civilização moderna é este respeito universal ao piano.

Elle constitue a parte fundamental da educação de todo o sexo feminino, e a maioria dos homens, mesmo, se querem parecer bem educados, devem saber tocar o seu bocado de piano.

Vejo, com estupefacção mesclada de horror, raparigas que têm uma aluna, passar quatro ou cinco horas por dia a batar nas teclas.

Se ao menos ellas aprendessem piano para dar lições d'elle mais tarde, se fosse um ganha-pão que ellas preparassem para o futuro, teria uma explicação e uma desculpa essa mania do piano.

Mas não; são moças do *high-life* que sacrificam á moda.

E' indispensavel que qualquer meunina seja de primeira força ao piano. Obrigam-na a fazer exercicios durante dez annos, até o dia do seu casamento: — nesse dia ella fecha o seu piano para todo o sempre.

Ha verá nada mais insensato? Ha verá nada mais ridiculo?

FR. SARCEY.

Paris, Abril—1886.

O BILBOQUET

Hoje, que os eruditos e os sabios se occupam de questões ponderosas, tão importantes como as de desencavar a origem dos proverbios e descobrir por quaes combinações de factos e de palavras chegaram os homens a formar phrases tão complicadas como esta: *Gato escaldado de agua fria tem medo*, seja-me licito, a mim,—que não tenho absolutamente a pretensão de encarar as cousas d'este mundo pelo seu lado serio—dizer algumas palavras acerca do *bilboquet*, de sua origem, de sua historia atravez dos tempos préhistoricos, dos seus progressos, e, finalmente, da sua utilidade em o nosso meio intellectual.

Antes de tudo, consintam, caros leitores, que lhes explique o que vem a ser o *bilboquet*, porque é possível que neste bello paiz, em que floresce a escravidão, haja ainda alguém que o ignore.

O *bilboquet* é simplesmente isto: uma bola furada, presa por um barbante a um pequeno pão com uma extremidade pontuda que entra no buraco da sobre-dita bola. Cada vez que, lançada a bola ao ar, se consegue enfiar a ponta do pão no buraco, tem-se vencido a difficuldade d'este jogo.

Isto posto, eu continuo.

Como o está indicando o seu proprio nome, *bilboquet* vem do *volapuk*: — «*bil*, bola, e *boquet*, páosinho para enfiar no buraco da bola.»

Quanto a isto não ha nenhuma duvida.

Sobre a sua origem, não estão os auctores inteiramente de accordo. Segundo Veuilbot, que colloca o «Paraizo terrestre» no lugar onde se acham as pyramides do Egypto, o *bilboquet* servira de innocente distracção ao fallecido Sr. Adão e á sua digna consorte; e facil é de comprovar isto ao ver-se ainda hoje gravados entre os hieroglyphos d'aquelles monumentos pharaonicos *OO* e *II*, servindo os *OO* de bolas e os *II* de cabo do *bilboquet* adamita.

O padre Lacordaire, uma das columnas da igreja romana, não está de accordo com o notavel jornalista ultramontano; julga ser o *bilboquet* um instrumento de supplicio africano, importado como brinquedo pelos nossos primeiros viajantes; suppõe elle, seguindo as narrações de Mackinston e Mickmack, celebres exploradores do seculo VI, que quasi descobriram as nascentes do Nilo, que «se infligia aos criminosos indigenas a pena de enfiar com um pão uma bola atravessada por um buraco que o cacique da tribu atirava ao ar; se o condemnado não a enfiava, afim de lhe fazer comprehender a theoria d'este exercicio—empalavam-n'o. A deducção é logica, porque o pão de empalcação não á mais do que o cabo de um terrivel *bilboquet*.

O celebre pregador accrescenta, como prova, em apoio do que diz, que os *favoritos*, isto é, os *mignons* de Henrique III e o proprio Henrique III eram de rara habilidade no maneo d'este instrumento; é com uma exactidão de raciocinios e uma surpreendente pureza de linguagem que, de deducção em deducção, elle chega a provar a analogia que existe entre os *mignons* da victima de Jacques Clement e o *bilboquet* africano...

A idade média quasi nada nos diz sobre o *bilboquet*. As cruzadas, de um lado, e as discussões theologicas, do outro, absorvem toda a attenção d'esta epocha feudal; todavia encontramos num manuscripto, existente na cathedral de Tours,—que Bernardo Palissy quebrou uma das suas mais bellas *faïences* deixando cair a bola do seu *bilboquet*.

Com a Renascença o *bilboquet* realquire o seu antigo prestigio; encontramol-o nos *ateliers* dos pintores mais afamados—Perugino, Guercino, Vinci e Raphael Sanzio eram de muita força; e é fora de duvida que foi examinando a bola do seu *bilboquet* que Miguel Angelo achou a imponente forma da cupola de S. Pedro de Roma.

Além d'isso lê-se na *Revista das Bellas Artes* da epocha, que se acha nos archivos secretos do Vaticano, o seguinte entrelinhado:

«*Sancti Petri Vaticanis in Romæ ecclesie cimborius magnificus sani esset si fosse originalis seu auctoris Michaelis Angelici; porém, o tal cimborii ideam primordiale foi com certeza inveni architectus contemplando seu bilboqueti bolam.*» Isto é claro e convincente....

Não tenho a pretensão de fazer os meus leitores seguirem o *bilboquet* atravez das edades antigas e modernas; não! Sómente, antes de terminar este resumo historico, dir-lhes-ei:

—que foi deixando cair sobre um dos seus calos a bola do seu *bilboquet*, que Newton descobriu as leis da gravitação; e não, vendo cair uma maçã da arvore, como affirmam certos auctores mal informados; que, para demonstrar o movimento rotatorio da Terra, Galileu se serviu da bola d'este instrumento; e, enfim: que a Terra não é, talvez, senão a bola de um immenso *bilboquet* cujo cabo o Padre Eterno segura, o que pode explicar muitos phenomenos ignorados até hoje.

« Cada vez que o Creator errasse o buraco do *bilboquet*, a terra experimentaria um abalo, e isso explicaria de um modo simples a causa dos tremores de terra.» (1)

A historia moderna d'este delicioso passatempo tem sido tratada por sabios de grande merito para que eu acrescente aos seus trabalhos a menor das considerações; Littré e Augusto Comte nas suas obras intituladas: «Da influencia do *bilboquet* sobre o temperamento dos povos latinos» e «Do *bilboquet* considerado como agente do desenvolvimento da intelligencia humana» disseram tudo quanto se podia dizer sobre este assumpto. Tambem não faço mais que trasladar do que elles disseram alguns fragmentos de uma observação justissima.

Diz Littré: « O jogo do *bilboquet*, paralyzando o movimento molecular do encephalo e abalando o principio da força bruta do organismo, produz um repouso á intelligencia e dá-lhe novos poderes creadores.»

Ouçamos A. Comte: « O repouso intellectual occasionado pelo exercicio do *bilboquet* é uma causa positiva do renouamento das idéas e da sua profundeza.»

E ainda, noutra logar: « O buraco da bola de um *bilboquet* é o objectivo do cabo, assim como a emissão da idéa mãe não é mais que o objectivo do homem, considerado este como cabo de um *bilboquet* cuja bola seria a cabeça.»

... Sim, caros leitores; quando vos virdes atrapalhados para escrever um artigo (como este, por exemplo) ou com um qualquer trabalho intellectual e que experimentarídes difficuldade em fazer produzir a vossa musa; empunhae o *bilboquet*, joga-o durante meia hora e vereis as idéas affluirem com maravilhosa rapidez.

Quantas vezes vi eu em Pariz, em casa de Meissonnier, seus discipulos Ruiperez, Escosura, Zamacois e outros tirarem os melhores effeitos de colorido para os seus quadros de *genero* da bola dos seus *bilboquets*!

Quem hoje ignora que as mais bellas paginas de Chateaubriand (que era um forte *bilboqueteiro*) são devidas ao seu *bilboquet*? e, enfim, sem ir tão longe, aqui, no Rio, n' *A Semana*!?

Porque é ella lida, apreciada e estimada por todos? E' claro como agua: ide á redacção e vereis de vez em quando um dos seus redactores abandonar a penna e tomar o *bilboquet*; vereis Valentin Magalhães procurar uma palavra, uma phrase, um termo, impacientarse e acabar por fazer alguns *passes de bilboquet* e assim achar as idéas novas que lhe faltavam.

Sabei, enfim, que os mais bellos versos do Filinto d'Almeida sahem do buraco do seu *bilboquet*.

Agora ficam todos conhecendo a causa do successo d' *A Semana*.

Seja-me permittido terminar este artigo do modo porque o fazem os eruditos:

O dia em que o *bilboquet* for um instrumento universalmente conhecido será o do advento do reinado da intelligencia sobre a materia.

E. ROUEDE

(1) L. Figuiet — *Du bilboquet avant la création du monde.*

Quando um amante saciado principia a esgaravamar solecismos e barbarismos na declamação da mulher que o adora, essa mulher está perdida para todos os effeitos.

CAMILLO C. BRANCO

SARAH BERNHARDT(*)

(TRADUÇÃO DE V. MAGALHÃES)

Artista dramatica franceza, nascida em..... a.... de 181.....

Estas duas lacunas não de parecer sem duvida aos leitores muito exquisitas e, sobretudo, muito lamentaveis. Deploramol-as tanto como elles; mas resta-nos a satisfação da certeza que temos de que, quanto ao logar e á data do nascimento da encantadora pensionista da Comedia Franceza, nenhum outro biographo está mais bem informado que nos.

Explicuemos porquê. Na epocha em que Mlle. Sarah Bernhardt devia ter vindo ao mundo—1814.mais ou menos (2)—sua mãe viajava frequentemente, e a criança era tão pequena, tão pequena, que ella deu-a á luz.... sem sentir.

Foi somente algum tempo depois, quando o corpo da menina tomou mais alguma consistencia, que sua mãe deu com ella, vendendo-a pela primeira vez, uma manhã, a brincar dentro de um dos seus agulheiros, e ponde ir fazer á *mairie* as declarações legaes, excepto as de logar e dia do nascimento, que ella não poude precisar.

Sabe-se pouquissimo da sua infancia. Apenas que era muito intelligente e que desde cedo revelou vivas disposições para o theatro.

Muito travessa, não gostava de ficar nos quartos. Varias vezes, apezar de seus paes a fecharem á chave, ella conseguiu escapar-se. Foi preciso calafetar as fechaduras e as fendas das portas.

Sarah Bernhardt estreiou-se no Gymnasio, onde foi desde logo notada pelo encanto e pela distincção da sua pessoa.

Em breve era geralmente considerada a actriz mais fina de Pariz.

Em 1862 Sarah Bernhardt appareceu na Comedia Franceza, em que representou, com successo, *Ephigenia* e *Valeria*. Foi curta a sua passagem pela rua Richelieu.

Pretendem alguns auctores que nessa epocha a sympathica actriz, que era de constituição delicada, tivesse tido, e em pouco tempo, varias *fluxions de poitrine*, mas é opinião geral que—*il ne lui en est rien resté.*

Uma d'essas doenças poz em perigo a sua existencia. Os jornaes annunciaram que ella estava presa de um violento delirio; mas o *Tintamarre* tranquillizou os amigos da joven artista, assegurando que ella, espirital como era, so podia ser atacada de uma especie de delirio: — *o delirium tremens.* Effectivamente, em pouco estava restabelecida e voltava ao theatro.

Durante dez annos, fez numerosas e brilhantes creações no *Odéon* e no Gymnasio. No *Odéon*, sobretudo, conquistou uma grande reputação, interpretando, com equal felicidade, os papeis do repertorio antigo e do repertorio moderno. *Phedra*, *O testamento de Cezar Girodot*, *O rei Lear*, *O drama da rua da Paz*, *O bastardo*, *Ruy Blas* foram para ella outros tantos triumphos. Mas foi *Le passant*, peça de Coppée, que a poz definitivamente em relevo—nunca o publico a tinha visto assim.

A 6 de Novembro de 1872, Mlle. Sarah Bernhardt reentrou, de vez, para a

(1) Deixámos na lingua original todas as phrases intencionaes, com trocadilho ou *calambour* por não ser possivel traduzil-as e não desejar-mos que se perdessem.

(2) Acreditmos que muito menos do que mais.

NOT. DO TRAD.

Comedia Franceza; mas, d'esta vez, pela grande porta. Teria passado por ella, muito á sua vontade, se não levasse consigo um talento e uma reputação já enormes. Com tal bagagem a porta foi apenas — justa.

Desempenhou naquelle palco, com uma graça original, o papel de Junia em *Britannicus*, e— contraste inaudito! —mezes depois, alcançava um verdadeiro successo no imperioso papel de Dalila.

Em meados do anno de 1873 Mlle. Sarah Bernhardt teve um grande desgosto. Um cãozinho havanez, seu, que ella muito estimava, deixou-a, indo refugiar-se em casa do Sr. Dumaine. Era verão, o sol estava ardentissimo: Mlle. Sarah Bernhardt tinha o costume de ir passear todos os dias, ao meio-dia, nos Campos Elyseos, com o seu cãozinho. Ora Mlle. Sarah Bernhardt não fazia bastante sombra ao pobre animalzinho. D'ahi a sua fuga, que, como já dissemos, entristeceu profundamente sua dona.

Ella encerrou-se em casa por espaço de mais de seis mezes, durante os quaes recusou-se a receber quem quer que fosse. Se alguma visita importuna conseguia forçar a entrada, tinha a actriz um meio de, ainda assim, escapar-lhe: enfiava-se em uma capa de guarda-chuva e conservava-se encostada a um canto, immovel, esperando que a visita, depois de ter inspecionado a antecamara, se convencesse de que ella ali não estava e batesse em retirada.

Um dia descia Mlle. Sarah Bernhardt de sua casa, quando ouviu subir as escadas uma de suas amigas, que vinha vê-la. Como escapar-lhe? Encontrada na escada, não poderia impingir a péta de haver sahido! De repente, teve uma inspiração.... Arrancou vivamente o cordão da campainha da porta, dependurou-se no logar d'elle e esperou.

A amiga chegou, agarrou com uma das mãos Mlle. Sarah pela cintura, fez soar a campainha sem dar pela substituição do cordão, e entrou, enquanto lhe dizia a criada: «*Admira-me quando tenha encontrado minha ama na escada.*»

Uma criação que valeu á deliciosa artista os elogios unanimes da imprensa foi a de *L'Absent*, de M. Manuel.

Ella fazia admiravelmente esse typo tocante de joven viuva. A melancolia, a voz um pouco triste, mas penetrante e harmoniosa — a honestidade... tudo, enfim, que Mlle. Sarah Bernhardt possui de encanto, de doçura, de persuasão, achou naquelle delicado papel a mais feliz das molduras.

A encantadora actriz não tem menos espirito do que talento, e disso deu varias provas.

E' sabido que durante muito tempo o *Tintamarre*, com uma irreverencia quasi escandalosa, fez o que se chama uma *serra (scie)* a Mlle. Sarah Bernhardt a proposito da sua... esbelteza.

Todos os domingos... era aquella certeza.... o *Tintamarre* trazia a seu respeito uma duzia de dictos — pelo menos — alguns dos quaes bem pouco engraçados, por signal.

Um dia, por exemplo, dizia: Mlle. Sarah Bernhardt é uma excellente camarada: não faz sombra a ninguém.»

E mais esta: «*Depuis que Mlle. Sarah Bernhardt est allé consulter son docteur à propos d'un peu de bronchite, ses camarades ne l'appellent plus que l'os sculpté.*»

No domingo seguinte annunciava *Tintamarre* que «Mlle. Sarah Bernhardt, passando na calçada da rua Vivienne, desapparecera, de repente, pelo orificio da chapa de um esgoto.» e, pouco de-

pois, que «o ponto do Theatro Francez a tinha atirado ao chão *soprando* um pouco mais forte.»

Briollet chegou a dizer «que uma noite ella havia escapado a quatro malfeitores que não tinham conseguido *lui mettre le couteau sur la gorge.*»

Dentro em pouco taes gracejos tornaram-se insupportaveis; a tal ponto que alguns amigos de Sarah, admirados de que ella os aturasse, aconselharam-lhe que procurasse por-lhes um paradeiro. Ao que ella retrucou com esta nobre e espirituosa resposta: *Laissez faire les petits journaux. Je ne suis pas une femme qu'on veze.*»

Das creações importantes de Sarah Bernhardt uma das ultimas é o seu papel no *Sphinx*, em que foi admiravel pela extrema doçura e energia com que o representou.

Pode-se dizer que, á parte a agonia ruidosa de Mlle. Croizette — que foi mais o que se chama um *pétard* de que um successo de talento — couberam a Mlle. Sarah Bernhardt as honras d'essa peça.

Nos dramas *Fille de Roland*, de H. Bornier e *Rome Vaincue*, de Parodi, obteve ella novos successos.

Emfim, a sua creação de Dona Sol, no *Hernani*, levou ao cumulo a sua immensa reputação.

A exposição do balão captivo, no pateo das Tulherias, em 1873, augmentou a sua popularidade.

Ella fazia regularmente tres e quatro ascensões por dia, tendo concluido com o director d'aquelle aerostato um singular arranjo.

Sabe-se que aquelle balão apenas podia levar quarenta pessoas em cada ascensão. Mas, quando ella estava presente, elle suspendia mais uma pessoa, pois tambem se fazia embarcar a eminente actriz — para annullar o peso do quadragesimo primeiro viajante.

O que, porém, deveras intrigava os papalvos é que nunca a viram entrar na barquinha pela plataforma para osse fim destinada: — é que ella subia sempre por uma escadinha especial que o director lhe tinha mandado arranjar no interior do cabo que prendia o balão.

Mlle. Sarah Bernhardt fez tambem uma ascensão em balão livre — o que não fez subir o preço do gaz. Em seguida a essa viagem, publicou um livro encantador, que intitulou «Impressões de uma cadeira.»

Esta cadeira era a em que a graciosa actriz estava assentada durante o trajecto. *Inutile de dire qu'elle n'était pas cannée.*

Recentemente, deixou a Comedia Franceza, de que era socia, em seguida ao que se costuma chamar — uma *cabçada*, que mereceu geraes censuras.

Foi condemnada á indemnisação de cem mil francos, que ella foi ganhar na America, onde a cobriram de ouro — *ce qui n'est pas assés.*

Attribuem-lhe muitas excentricidades; entre outras a de dormir em um esquite que, durante o dia, lhe serve de caixinha ás suas agulhas de *tricot*.

Um dia, poz em grande anciedade todo o pessoal da casa de banhos da rua de Roma, descendo pelo buraco da banheira a tomar o seu *coupé*, que a esperava á porta do estabelecimento.

No physico Mlle. Sarah Bernhardt é uma mulher graciosissima, de olhos humidos e andar ondulante. Os cabellos, sempre emmaranhados; não porque d'elles não cuide, mas porque sempre que tenta pentear-se não o pôde conseguir: todo o seu corpo passa, a cada penteadella, entre os dentes do pente.

Em horas de lazer entrega-se á esculptura; mas tem um desespero: *ne pouvoir se faire un médaillon en relief.*

Tem o espirito agudo; tanto como os cotovellos.

Talento sóbrio e fino, ella evita, como se tivesse fogo nas saias, os actores *qui brûlent les planches.*

Modestissima — o successo não a engrossa.

Ses effets au theatre ont une grande ampleur; mais, pour la ville, elle en a de beaucoup plus étroits.

Son rêve est d'être, en soir d'émeute arrêtée par erreur et élargie le lendemain.

Outubro—1881.

NOTICIA COMPLEMENTAR

(DATAS A PREENCHER)

Mlle. S. B. volta á França em 18... e reata a serie de seus triumphos. Um jornal annuncia a 18... o seguinte: «*Mlle. Montiland part en Turquie et Mlle. Sarah Bernhardt en Grèce.*» Ninguém acredita.—A 18... descendo as escadas, deixa cair sobre ellas um punhado de nozes seccas. Chegando em baixo encontra a sua porteira assustada, e que lhe pergunta: «*Ah! mon Dieu! Mlle! Vous êtes vous fait mal!*» A pobre porteira pensou ter ouvido um ruído de ossos, quebrando-se. — Finalmente, morre, em 19... estrangulada por uma *ouvreuse* do *Vauverville*, que, tendo-a confundido com a sombrinha que ella levava, deu o cartão do numero á sombrinha e suspendeu Sarah Bernhardt, pelo pescoço, a um dos cabides do vestibulo.

TOUCHATOUT.

A comédia é a arte de fazer rir com orthographia: *O vaudeville* é a arte de fazer rir sem orthographia. O drama é a arte de se fazer representar por Sarah Bernhardt.

LABICHE

NO CAPITOLIO

—A V. HUGO—

*Vamos fazer-lhe a estatua! a voz do mundo brada.
Para fazer-lhe o torso, os pés, os braços, o hombro,
E' preciso a montanha, é necessario o assombro.*

*Calculo a sua voz se escuto na explanada
As vozes do tufão colericas e graves
Irem diminuindo até um canto de aves.*

*Para formar a fronte augusta do Poeta
E' preciso reunir a luz que o sol espanta,
Dê que surgiu na terra a geração humana;*

*Mais a curva d'um astro e mais a linha recta
Que, de certo, traçou nos páramos azues
A palarra de Deus ao dizer:— fiat lux.*

*E' possível assim esculpturar-lhe o craneo:
Tanta constellação o fulgura e reveste
Que para o mundo da Arte é a abobada celeste.*

*E aquella bocca rubra onde o bater titaneo,
Da Idéa— a martellar sobre a bigorna ardente,
Faz saltar comburida a fagulha candente.*

*Será de bronze? o bronze é todavia escasso!..
Mas elle surgirá do cahos, dos cataclismos,
Como os mundos que vêm da forja dos abyssos.*

*Ninguém sabe senão que elle encherá o espaço.
Quando a pupilla aclára os cantos do Universo
Co'a asperesa da luz e a penumbra d'um berço.*

*Cresce como a trez de tempo cresce um mytho...
'Stando á frente do sol, sob seus raios louros,
A sombra irá enchenda os seculos rindouros.*

*E a grande monumento erguido no infinito
Terá por pedestal a Terra ajoelhada.
A estatua ja está feita! a voz do mundo brada.*

*Na grande combustão da natureza inculta
E' que o supremo herbe sae feito da fornalha
Pela revolução ou por uma batalha.*

*Elle caminha, sae, cresce, recresce, avulta,
Vára o céu e o penetra, a immensidade arrasa...
Pois contra o espaço existe uma só cousa: uma aza.*

*1 atada estrofe eu vi cantanda como um sino,
Que plangia no alto e rinha das alturas
Parc alcançar melhor as gerações futuras.*

*Ella trazia na aza o pollen peregrino
Rompendo as multidões, aquelle pollen que ha-de
Fecundar no futuro a flor da Liberdade.*

*E elle— o grande— de pé, austero, emocionado,
Estendia no espaço ajá tremula e mansa
Mão que era uma ponte entre o crime e a esperança.*

*No seo colossal do futuro assombrado
Ha-de sulcar a historia o luminoso ciuto
Circumscrevendo a luz d'esse vulcão extinto.*

Maio—85.

JOÃO RIBEIRO

ENFERMIDADES ESTYLISTICAS (1)

SUMMARY.—Os d'apoios de V. Hugo—Antropomorphismo litterario; hypertropia da metaphora; perluxidade epithetica; excessos na amplificação; desproporção na antithese.—Desequilibrio psychico entre a forma e o pensamento; esbatimento exaggerado na descripção; phrase causativa. Defeitos de metrica na linguaagem. — Causas — Zola e Ricbepin. — Guerra Junqueiro e Ramalho Ortigão.—Seus representantes no Brazil.

(Continuação)

Voltaire, que apezar de muito fecundo,—muito gaulez, usou de um estylo perfeitamente sóbrio; censurando o premio de amplificação que se costumava dar nos collegios de França, disse uma vez que esse uso não tinha por outro fim se não ensinar a arte de ser diffuso, quando o que se deveria ensinar era a condensar o pensamento e a tornar a phrase forte e energica.

Ninguém estragou mais a amplificação do que V. Hugo. Em grande parte se pode explicar esse vicio pelo gosto immoderado que se apoderou d'este artista pelo estylo biblico.

O genio semita no poema de Job, nas lamentações de Jeremias, nas propheticas de Isaias tinha o seu caminho traçado e deixava-se impulsionar por umas certas exaggerações espontaneamente nascidas da situação do povo hebreu e da indole da lingua que se falava no deserto. As manifestações estylísticas, d'este povo porém, transplantadas para o francez e por um poeta egual ao dos *Chatiments* não devia produzir senão a inchação. Faltava-lhe o essencial, a dynamica de um sentimento correspondente.

Diz Renan (*Origem da linguaagem* p.191), que a lingua hebraica, por ser um idioma «que pintava os objectos por

1. Vide ns. 65, 67 e 69 d'A Semana.

suas qualidades sensíveis, quasi destituido de syntaxe, sem construcção, privado d'essas conjunções variadas que estabelecem entre os membros do pensamento as relações mais delicadas, tornava-se eminentemente propria para as *energicas declamações* dos Videntes e para a pintura de impressões fugitivas; mas era impossivel a toda especulação philosophica. D'ahi a conclusão de que seria tão difficil obter um Aristoteles ou um Kant com semelhante instrumento, como conceber um poema de Job escripto nas nossas linguas metaphisicas e reflectidas.»

«As linguas semiticas, diz ainda o mesmo escriptor, são além d'isto sem perspectiva, não soffrem agudezas, não tem meias tintas ou claro-escuros, e desconhecem esses longos espiraes de phrases (*circuitus, comprehensio*, como os denominava Cicero) dentro dos quaes os gregos e os latinos reuniam com tamanha arte os multiplos detalhes de um só pensamento.»

«Fazendo succederem-se umas a outras proposições, empregando como unico artificio a simples copulativa — e —, que era o segredo do periodo e supria todas as mais conjunções, os semitas desconheciam quasi a arte de subordinar os membros da phrase, sem inversões, não conheciam outro processo senão o da juxtaposição das ideias, ao modo da pintura bysantina.»

Ora, de posse de uma lingua assim organizada e vivendo sob o clima das regiões da Arabia ou do Egypto, profugos e batidos na vastidão monotona do deserto, o hebreu para cuja concentração de ideias tudo concorria desde a religião até as mais insignificantes circumstancias da vida exterior, o hebreu devia ser o amplificador por excellencia.

Quando se tem uma ideia fixa o unico processo litterario possivel é a repetição da imagem com maior intensidade. Figure-se uma corda a vibrar sem interrupção augmentando sempre e sempre o diapason, e ter-se-a esse processo.

O sentimento monosthetico do semita no deserto; a sua condição excepcional, não só de raça como de povo, permitia perfeitamente essa tensão desesperada, sem romper-se a corda, nem nullificar-se a impressão de quem lê o poema biblico.

E' assim que desde o «Nú sahi do ventre de minhamae e nú tornarei para lá», o livro de Job é um crescendo horrivel de desesperações e tentações a contrastarem com a paciencia do homem cheio de Deus e para elle voltado, e que só acaba deante do semblante d'aquelle que «todo o alto vê, que é o Rei de todos os filhos da soberba, de baixo de cujas pegadas brillará a luz e que reputará o abysmo como cheio de cans».

Veja-se agora o que podia resultar d'este processo transportado para outro scenario por um genio fertil, pujante, imaginoso como o de V. Hugo.

O resultado seriam aquelles interminaveis capitulos dos *Miseraveis* visando um unico effeito final e os ainda mais interminaveis do *Homem que ri*, no fim dos quaes se encontra uma surpresa — *Gwinplaine*, isto é um livro torturando-se a cada palavra, a cada pagina, a cada capitulo, perdendo a complexidade natural do assumpto, para condensar-se numa figura obsedante.

E' preciso concordar que um facto d'esta ordem num artista de nota não se pode explicar senão por uma equivocação de intuitos. A natureza humana não permite essas congeries despropositadas, e a imaginação, sentindo-se fatigada, a todo o instante tenta libertar-se de um tamanho peso, procurando

novos horisontes, aspectos differentes, contrastes, porém multiplos e variados, mesmo porque é da comparação que surge a fecundidade da propria intelligencia.

Quando o leitor acha-se por esse modo gasto e extenuado o poeta passa a tomar um tom emphatico; e a emphase é o suicidio do estylo, o symptoma mais evidente de que as relações psychicas entre um e outro estão inteiramente cortadas, isto é, que o artista tem perdido o ponto de vista necessario para a produção dos effeitos que visa, e portanto deixado de falar a lingua unica pela qual se deve fazer comprehender.

Não é este um phenomeno que tenha passado despercebido aos rhetoricos da antiguidade, e vemos que Longino, no seu tratado do *Sublime*, reparando a grande tendencia que os oradores gregos tinham para essa insobriedade, estabeleceu uma distincção entre o sublime e a amplificação, que andava muito confundida pelas escolas, e fez reconhecer que uma representa para o outro o mesmo papel que a alma para o corpo.

A amplificação, ensinavam os escriptores d'aquelle tempo, é um discurso, pelo qual sedá grandeza ao assumpto de que se trata. Longino contestava, e com razão, esse preceito, declarando que nem a multiplicidade, nem a grandeza inculcada, conseguia dar elevação a aquillo que de si mesmo não a tinha.

Assim, portanto, o poeta ou orador que não possuia na occasião o calor natural e apropriado ao seu auditorio tentava embalde encolerisar-se, *mudar de cor o gesto*, porque, não correspondendo esses artificios a um estado de consciencia reciproco, não podiam, como bem diria um philosopho moderno, provocar as associações de ideias indispensaveis ao phenomeno da esthesia.

(Continúa.)

ARARIPE JUNIOR

SPORT

Realizaram-se com bastante concurrencia no domingo passado as corridas do *Derby-Club*. O programma, que em geral era bom, foi perfeitamente preenchido com animaes superiores, que deviam ter experimentado as suas forças, se alguns d'elles não tivessem declarado *forfait*, o que tornou um pouco fraco o programma e sem o devido valor muitos pareos.

A distincta directoria, para evitar que as corridas terminassem sempre muito tarde, adoptou uma medida muito regular, marcando tempo determinado para cada intervallo de um pareo a outro e d'esse modo estabeleceu a boa ordem, terminando o divertimento mais cedo.

Eis o resultado.

No 1º pareo (1600 metros) correram *Eolo, Aurelia, Americana e Sibylla* que facilmente, em 112 segundos, venceu os seus competidores, seguida por *Aurelia*; em 3º chegou *Americana*. *Eolo* na bagagem.

No 2º pareo (1450 metros) dos animaes inscriptos, apenas correram *Gladiator e Phrynia* que em 94 segundos e no freio bateu o seu competidor. Não correram *Bolivar, Scylla e Satan—ex Neva*. Nada influiu a falta d'este, visto ser um grande bacamarte e animal defeituoso das mãos.

No 3º pareo (1450 metros) sahiu vencedora *Diva* em 100 segundos, com alguma facilidade. *Druid* fez regular cor-

rida e teve o 2º lugar; *Dora* teve o 3º *Regina* o 4º e *Catana* a bagagem.

No 4º pareo (1600 metros) bateram-se renhidamente *Sylvia e Boreas* que em 106 segundos conseguiu bater a sua terrivel adversaria em tiro de milha. *Electrica* ficou distanciada.

No 5º pareo (1600 metros) sahiu victorioso *Coupon*, em 108 segundos, perdendo *Gaudriole* apenas por cabeça. *Madama* em 3º. *Gazida* não correu.

No 6º pareo (1750 metros) correram somente *Nana, Charybdes e Contesse d'Olomne*, que com toda a facilidade sahiu victoriosa em 119 segundos, seguida por *Charybdes* que fez uma brilhante corrida neste tiro. *Talisman* não correu. *Nana* teve o 3º lugar. *Icaria* falleceu na vespera.

O ultimo pareo (1450 metros) foi ganho inesperadamente por *Bonita*, em 101 segundos, chegando em 2º *Americana*; em 3º *Alteza*. Tambem correram *Ivon, Zaire, Italia e Biscaia*.

Com um programma regular, realiza amanhã o *Prado Villa Isabel* mais uma corrida. O conjunto do programma é de animar os dilettantis d'este divertimento.

Chamamos a atenção para a nossa ultima pagina, onde se acha elle impresso.

Estudem, pensem e tenham bons palpites.

L. M. BASTOS

THEATROS

O Sr. Ferrari, um dos emprezarios benemeritos, deu-nos terça-feira a primeira exhibição do *Excelsior*, o famoso bailado de Manzotti, que o publico fluminense tanto applaudo ha tres annos.

O *Excelsior* d'agora parece-nos mais brilhante, ou porque realmente o seja, ou porque o tempo tenha apagado na nossa memoria os esplendores do passado.

Dizem-nos pessoas que têm visto na Europa os varios bailados modernos, que nenhum é comparavel ao *Excelsior* em brillantismo e em concepção.

E assim deve ser. A concepção do *Excelsior* é grandiosa. Estão ali representadas em danças, em scenas mimicas e em scenarios as mais notaveis conquistas da civilisação.

A musica, menos bella que a do *Brahma*, é comtudo mais ruidosa, mais estrepitante, de estylo mais largo, ainda que menos melodioso.

O desenvolvimento do seu bellissimo entrecho dá margem aos mais complicados movimentos coreographicos e ás mais bellas combinações de cores e de linhas.

Estreiou o Sr. A. Bonesi, que é um bailarino de primeira ordem, muito moço, extraordinariamente nervoso e rapido em todos os seus movimentos.

Executou um rodopio vertiginoso, de corpo inclinado, de uma maneira admiravel. O publico, entusiasmado, fel-o bisar este passo arriscadissimo e applaudo-o estrondosamente.

Limido Giovanini é uma bailarina maravilhosa!

A execução da sua parte no *Excelsior* é simplesmente inadjectivavel. O nosso publico nunca vio e nunca esperou ver tanta graça juncta a tamanha perfeição! E' positivamente sylphidica, aérea e vaporosa, a Giovanini! No passo a dois, no segundo acto, elle corre todo o tablado, serpenteando nas pontas dos pés e inclinando ligeira e graciosa-

mente o dorso para traz, num passo miudinho e tremulo, de um effeito arrebatador. Giovanini é um assombro de correcção, de elegancia e de graça.

O publico fez-lhe, com toda a justiça, uma verdadeira ovação, uma ovação estrepitosa, como ha muito tempo se não via nos nossos theatros.

A concorrência foi grande e é de esperar, á vista do entusiasmo do publico, que o *Excelsior* se demore muito tempo em scena. E' o que desejamos ao Sr. Ferrari, que bem merece resarcir com o *Excelsior* os prejuizos das operas buffas.

Tivemos no Recreio a primeira d'A filha do mar. A peça é já conhecida do publico e bastará dizer que, no seu genero, é uma das mais bem feitas e que maior margem offerecem para effeitos scenicos e dramaticos.

Estreiou o actor Eugenio de Magalhães, ha muito tempo affastado do nosso publico que o applaudo ruidosamente, e com justiça, pois que no papel de Conde de Rosberg tem este bom artista um dos seus trabalhos mais correctos. Foi uma boa acquisição que fez o Sr. Dias Braga, pois agora poderá remontar o antigo repertorio da empresa, que, por falta de um bom galan, estava um tanto abandonado.

Dias Braga fez muito bem o seu papel de capitão do baleeiro e o Sr. Maia satisfaz no sympathico papel do piloto Pedro.

A Sra. Helena foi uma magnifica Luiza e a Sra. Leolinda uma soberba e altiva Condessa de Ipsal. Ambas distinctas nos seus papeis.

A Sra. Balbina fez o que poude no papel da Velha Marqueza; melhor seria se podesse fazer-se mais velha e mais doente.

Rangel e Domingos... regularmente, embora este falseasse um pouco o seu typo no primeiro acto, levando-o para o lado comico.

Os scenarios são muito bons, cabendo menção especial ao navio armado e completo, com amurada de frente, do terceiro acto, que faz um bellissimo effeito. A aurora boreal com que termina este acto é bellissima e honra o amestrado pincel do Sr. Coliva. Muito bons tambem os dois scenarios do ultimo acto.

A peça agradou extraordinariamente, e pela concorrência que tem tido, é provavel que seja por muito tempo um successo de bilheteria.

Foi contractada neste theatro a actriz Maria Augusta, que fez parte da extincta companhia Manzoni.

No Lucinda, a companhia Furtado Coelho representou com successo a *Fédora* e deu-nos a primeira do *Mestre de Forjas*, o conhecido drama de Ohnet.

A companhia parte na proxima semana para o norte.

Les princes s'en vont! Morreu o Principe Imperial... Descancem os Srs. monarchistas: do Principe apenas appareceu o nome. O theatro lá está no mesmo logar e chama-se agora — *Eden Fluminense*.

Pois naquella Eden está uma companhia de variedades, dirigida pelo projecto actor Flavio Waudeck, que toda as noites representa comedias, operetas, vaudevilles, cançonetas, o diabo a quatro!

A actriz-cantora Placida tem leito um furor diabolico com umas cançonetas francezas levadinhas da breca.

Na quarta-feira, 26, o *Cotopari* trouxe-nos a grande Sarah Bernhardt. Foi uma multidão enorme de curiosos, de jornalistas e de actores ao desembarque da extraordinaria actriz franceza, cujo nome nos ultimos quinze annos as cem tubas da fama têm apregoado ao mundo.

Deve estreiar na proxima semana, no S. Pedro, com a *Fédora*, de Sardou.

O Ciacchi está radiante e orgulhoso por ter conseguido trazer ao Brazil a primeira actriz actual da Europa.

E a Sarah sorprende-nos agradavelmente: não é tal feia, nem velha, nem magra, como a *blague* franceza nos fazia crer.

Não vá agora o leitor pensar que ella se parece com a Sra. Henry ou com a Sra. Isabel Porto. Sabem com quem ella se parece? E' com a Sr. Helena Cavalier.

Ou então, se estamos enganados, é a Sra. Cavalier que se parece com ella.

A companhia de opera buffa, do Sr. Ferrari, por causa das exhibições do *Excelsior* foi traballar agora no Polytheama. Estreiou neste theatro quinta feira, com a opera *Papá Martin*, de Cagnoni, que foi muito bem cantada por Tescher, Luttichau, Carbonetti, Emiliani, Reinaldi e Reggioni.

O libreto d'esta opera, de acção toda dramatica, é extrahido de um velho drama francez, do qual Cesar de Lacerda extrahio tambem o *Trabalho e Honra*.

A musica é boa e agradou muito.

Agora esperemos pacientemente que terminem os ensaios da *Donzella Theodora*, para admirarmos a bella partitura de Abdon Milanez.

CINIRA POLONIO

Estreiou-se na noite de 25, no theatro Sant'Anna, na *Canção de Fortunio*, a deliciosa opereta em um acto, para a qual Offenbach escreveu a sua mais delicada e mimosa musica. Agradou geralmente a nossa gentil patricia, que durante cinco annos esteve em Pariz.

Sua voz é pouco volumosa, mas suave e afinadissima, muito educada, cantando com rigorosa correcção. Principalmente na celebre canção: «Esta mulher, por quem me atrevo a suspirar...» que foi cantada com inexcédível mimo e extrema doçura, foi a estreiante ruidosamente applaudida. Teve numerosas chamadas e applausos entusiasticos.

O publico sahio satisfeito do theatro; quer dizer: — nessa noite o Heller devia ter entrado satisfeito em casa.

Parabens á empresa do Sant'Anna pela acquisição de Cinira Polonio.

Fora injustiça não dizer que a Sra. Delmary cantou e disse a sua parte com muita graça e correcção, que o Sr. Lisboa foi um bom Fortunio e Mattos um engraçado Friquet.

O Heller está dando a ultima demão á *Corça do bosque (La biche au bois)* Será desempenhado pela Sra. Dolores Phebo o papel da protagonista.

Vimos uma noite d'estas o Jacintho a ensaiar um dos bailados o com tal geito que não nos admirariamos se o Ferrari o houvesse contractado para ensaiar o *Excelsior*.

Grandes deslumbramentos e enormes risadas se preparam ao publico no novo arranjo do Garrido. *Venga pues!*

Tivemos o prazer da visita da distinctissima actriz Celestina de Paladini Andô, que nos trouxe a agradável surpresa de uma carta de seu marido, o eminente artista dramatico Flavio Andô.

E' provavel que a Sra. Paladini se contracte na empreza do theatro Recreio Dramatico, que terá assim feito uma acquisição magnifica para o seu elenco.

P. TALMA

FACTOS E NOTICIAS

CLUB OLYMPICO GUANABARENSE

Esplendidas as ultimas corridas realizadas pelo Club Olympico Guanabarense. Dia formosissimo, grande concorrência e muita animação em todos os pareos, que foram brilhantemente disputados pelos distinctos amadores que tomaram parte nessa diversão.

A digna directoria, como sempre, foi incansavel em amabilidades para com os seus convidados, fazendo com que em todo o divertimento reinasse a mais franca alegria.

Parabens pelo resultado das corridas.

Acha-se aberta até o dia 31 do corrente na photographia do Sr. Pacheco uma exposição de quadros do Sr. Antonio Parreiras, um joven pintor de muito talento.

Convidamos o leitor a visitá-la.

RECEBEMOS

— *Le printemps*, 21^o anno, n. 9—(correspondente a 1 de junho, futuro) com esplendidos figurinos das ultimas modas parisienses. *La revue bleue*, ns. 18 e 19 do 6^o anno, correspondentes a 1 e 8 do corrente; no ultimo dos quaes se lê um artigo de Léo Quesnel sobre o *Curso de Litteratura*, de Theophilo Braga, artigo muito honroso para o sabio escriptor portuguez.

ANNUNCIOS

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o *Cafe Oriente*, da fabrica a vapor de Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25
9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a espectiva taboleta— annuncio.

PRADO VILLA-ISABEL

PROGRAMMA

DA SETIMA CORRIDA A REALISAR-SE

DOMINGO 30 DE MAIO DE 1886

AO MEIO-DIA EM PONTO

Primeiro pareo—CONCILIAÇÃO—1.000 metros—Animas de menos de meio sangue, que ainda não tenham ganho esta distancia—Premios: 200\$ ao primeiro, 80\$ ao segundo e 50\$ ao terceiro,

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	<i>Didi</i>	Pampa.....	3 annos	S. Paulo....	49 kilos	Encarnado e azul.....	Carlos Coutinho.
2	<i>Verbena</i>	Castanho ...	3 »	R. de Janeiro.	49 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
3	<i>Fustinho</i> ,.....	Ruço.....	5 »	Minas Geraes	55 »	Grénat e boné azul.....	A. P.
4	<i>Serodio</i>	Castanho ...	5 »	R. G. do Sul.	55 »	Encarnado e ouro.....	D. A.
5	<i>Pampeiro</i>	Idem.....	2 »	Idem.....	45 »	Verde e ouro.....	J. A. Silva.
6	<i>Tufão</i>	Idem.....	2 »	R. de Janeiro.	45 »	Preto e encarnado.....	M. J. de Andrade.
7	<i>Zizania</i>	Idem.....	3 »	Idem.....	49 »	Cereja, verde e amarello...	V. M.
8	<i>Guacho</i>	Chita.....	2 »	R. G. do Sul..	45 »	Preto, branco e encarnado.	A. M.
9	<i>Sultão</i>	Libuno.....	3 »	Minas Geraes	50 »	Grénat e manchas azues...	F. Vaz.

Segundo pareo—PRODUCTOS—1.000 metros—Potros e potrancas nacionaes de 2 annos, de meio ou puro sangue—Premios: 400\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 50\$ ao terceiro,

1	<i>Judia</i>	Tordilho....	2 annos	Paraná.....	44 kilos	Azul e amarello.....	Coud. Santa Cruz.
2	<i>Pip</i>	Pampa.....	2 »	S. Paulo....	45 »	Azul e branco.....	B. V.
3	<i>Hyppomenes</i>	Alazão.....	2 »	R. de Janeiro.	45 »	Encarnado e ouro.....	D. A.
4	<i>Feiticeira</i>	Idem.....	2 »	Idem.....	44 »	Grénat e rosa.....	Coudelaria Modesta.
5	<i>Plutão II</i>	Douradilho..	2 »	S. Paulo....	45 »	Encarnado e preto.....	M. da C. Lima.

Terceiro pareo—ENSAIO—1.450 metros—Inteiros e eguas nacionaes de 3 annos, que ainda não tenham ganho—Premios: 400\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 50\$ ao terceiro,

1	<i>Dora</i>	Alazão.....	3 annos	S. Paulo....	46 kilos	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
2	<i>Catana</i>	Douradilho..	3 »	Idem.....	46 »	Geranium e ouro.....	J. W.
3	<i>Ivon</i>	Zaino.....	3 »	Paraná.....	48 »	Preto branco e encarnado..	C. P.
4	<i>Regina</i>	Castanho ...	3 »	S. Paulo....	46 »	Azul e branco.....	F. G.
5	<i>Araby</i>	Alazão.....	3 »	R. de Janeiro.	48 »	Encarnado e ouro.....	D. A.
6	<i>Italia</i>	Douradilho..	3 »	S. Paulo....	46 »	Grénat e manchas azues....	Coudelaria Paraizo.

Quarto pareo—SUBURBANO—1609 metros—Animas de todos os paizes—Premios: 800\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro,

1	<i>Fanfaron</i>	Alazão.....	4 annos	França.....	54 kilos	Branco e encarnado.....	Oliv. & Lopes.
2	<i>Malstron</i>	Castanho....	3 »	Inglaterra... 51 »	»	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
3	<i>Satan (ex-Néva)</i>	Alazão.....	3 »	França.....	51 »	Grénat e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
4	<i>Cheapside</i>	Idem.....	3 »	Inglaterra.... 49 »	»	Encarnado branco e ouro..	Coudelaria Paulista.
5	<i>Coupon</i>	Idem.....	3 »	França.....	51 »	Azul, branco e encarnado..	Idem Cruzeiro,

Quinto pareo—EXPERIENCIA—1.000 metros—Animas estrangeiros, que ainda não tenham ganho—Premios: 400\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 50\$ ao terceiro,

1	<i>Norma</i>	Zaino.....	3 annos	Inglaterra .. 52 kilos	»	Branco e estrellas azues...	Coud. Guanabara.
2	<i>Diana</i>	Alazão.....	3 »	França.....	52 »	Grénat e bonet ouro.....	Coud. Luzo-Platense
3	<i>Dr. Jenner</i>	Zaino.....	3 »	Rio da Prata. 51 »	»	Grénat e ouro.....	Idem idem.
4	<i>Pansy</i>	Idem.....	3 »	Idem.....	50 »	Cereja, verde e amarello...	V. M.
5	<i>Françoise</i>	Alazão.....	4 »	França.....	55 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.
6	<i>Martin</i>	Castanho....	3 »	Idem.....	53 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
7	<i>Africana</i>	Zaino.....	2 »	Rio da Prata. 45 »	»	Azul e branco.....	O. L. C.

Sexto pareo—ANIMAÇÃO—1.609 metros—Inteiros e eguas nacionaes até meio sangue.—Premios: 500\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro,

1	<i>Aymoré</i>	Castanho....	6 annos	S. Paulo....	55 kilos	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
2	<i>Bonita</i>	Alazão.....	4 »	Idem.....	52 »	Azul e encarnado.....	J. Machado.
3	<i>Regalia</i>	Vermelho....	5 »	Idem.....	56 »	Branco e encarnado.....	Mario de Oliveira.
4	<i>Mandarim</i>	Rosilho.....	3 »	Idem.....	48 »	Grénat e manchas azues....	Coud. Paraizo.
5	<i>Intima</i>	Castanho ...	5 »	Idem.....	52 »	Encarnado e ouro.....	D. A.
6	<i>Savana</i>	Idem.....	4 »	R. G. do Sul.. 49 »	»	Grénat e rosa.....	F. G.

Setimo pareo—VILLA ISABEL—1.000 metros—Inteiros e eguas nacionaes de meio sangue—Premios: 400\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 50\$ ao terceiro,

1	<i>Pretoria</i>	Libuno.....	5 annos	S. Paulo....	58 kilos	Cinzento.....	A. C.
2	<i>Bonita</i>	Alazão.....	4 »	Idem.....	54 »	Azul e encarnado.....	J. Machado.
3	<i>Biscaia</i>	Idem.....	3 »	Idem.....	51 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
4	<i>Druid</i>	Tordilho....	3 »	R. de Janeiro.	50 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
5	<i>Alteza</i>	Libuno.....	5 »	S. Paulo....	56 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.
6	<i>Africa</i>	Preto.....	7 »	Paraná.....	54 »	Encarnado e branco.....	Coudelaria Paulista.
7	<i>Mascote</i>	Tordilho....	4 »	R. de Janeiro.	54 »	Encarnado e ouro.....	D. A.

OBSERVAÇÕES.—Principiando ao meio-dia em ponto as corridas, serão excluidos os animas inscriptos no primeiro pareo, que as 11 horas precisas não estiverem no ensilhamento.

RAUL DE CARVALHO, 2º secretario,

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 5 DE JUNHO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 75.

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	FILINDAL
História dos sete dias.....	TÓB.
Política e políticos.....	R. CORREA.
A Horacio Flacco, soneto	P. TALMA.
Theatros.....	A. GUANABARA.
A Comédia do Amor.....	A. L. VIEIRA.
Palestras femininas.....	E. DE BARROS.
Nossos olhos, poesia.....	A. PALHETA.
Bellas Artes.....	A. MENDES.
No meu presente, soneto.	L. M. BASTOS.
Sport.....	
Factos e Noticias.....	
Recebemos.....	
Anuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÔRTE

Trimestre.....	28000
Semestre.....	48000
Anno.....	88000

PROVINCIAS

Semestre.....	48000
Anno.....	88000

Nas livrarias dos Srs. Faro & Nunes, Garnier, Laemmer; nos cafes da Imprensa e Brazil, e em todas as nossas agencias estão á venda exemplares do supplemento illustrado do n. 73 d'«A Semana,» a 200 reis cada um.

Os Srs. assignantes que tiverem direito a premios são rogados a enviarnos o competente sello para a prompta remessa dos referidos premios.

Compram-se nesta redacção exemplares do n. 6 d'«A Semana,» a 500 reis.

A exemplo do que fizemos no anno passado, abrimos de abril a dezembro, uma assignatura de nove mezes pelo preço de 68000, dando nós a esses assignantes os mesmos premios a quem têm direito os assignantes de anno, com excepção do livro *Vinte Contos*, que é exclusivamente para estes, que deverão recebê-lo por todo o mez de maio.

Deixaram de ser agentes d'«A Semana,» em Campinas, os Srs. João Azevedo & C. a quem a empresa d'esta folha agradece os valiosos serviços que lhe prestaram.

Substituem-n'os os Srs. Moreira & Irmão..

Foi exonerado do cargo de agente geral d'esta folha o Sr. Leonel Ayres Guerra, que se acha actualmente em S. Paulo.

A esse nosso ex-agente foram retirados todos os poderes que lhe haviamos dado para nos representar fóra da capital do imperio.

D'ora avante devem os Srs. sub-agentes e todas as pessoas que tiverem negocios com esta folha dirigir-se directamente ao gerente.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Sarah Bernhardt! Sarah Bernhardt! Eis o grande nome e o grande assumpto.

A celebre actriz franceza empolgou todo o enthusiasmo publico e concentrou todas as atenções. Na minha qualidade de critico subalterno e de chronista da semana, declaro-me perplexo para tratar de Sarah como actriz, embora esteja também atrapalhado para tratar d'ella como assumpto.

Estou atrapalhado para encaral-a sob este ultimo ponto de vista, por me não haver a *Semana* comettido a tarefa de me *attachar* á grande artista.

Nesta especialidade ninguém levou nem leva as lampas ao *Paiz*. Este excelente e conspicuo *diario* organizou um serviço de informações de Sarah Bernhardt, verdadeiramente superior a todo elogio. *Attachou-lhe* um *reporter* especial, imprimio-lhe um retrato, e todos os dias nos dá noticias do *Turco* e das excursões venatorias e cynegeticas da grande actriz.

Graças ao *Paiz*, a gente sabe a que horas a Sarah almoça, janta, ceia, acorda e dorme.

E não é só isto. O *Paiz* informa-nos de que ella caça com *fuzil*, o que dá a entender que petisca lume com uma espingarda.

Alem d'isso O *Paiz* suscitou uma questão interessante, que ha de ficar na chronica pittoresca d'estes bons tempos: — a questão *mademoiselle-madame*.

Sobre esta importante questão desaccordaram-se os criticos; um opinava que Sarah, apesar de ser casada, devia ser tratada por *mademoiselle*; objectavam outros que o tratamento devido a Dona Sol era de *madame*. Com estes ultimos estavam de accordo todos os lexicóns francezes. O que apenas faltava para acabar com as duvidas era a opinião da propria Sarah. Essa opinião não se fez esperar: em todos os annuncios da empresa Ciacchi, na distribuição dos papeis, pôde ler-se: — «La Princesse Fedora Romazoff — Mme. Sarah Bernhardt; Marguerite Gauthier — Mme. Sarah Bernhardt.»

Ora, está claro, se Mme. não quizesse ser tratada assim, não consentiria que assim a tratasse o seu empresario.

Está, pois, para o publico, cortada a questão de meio a meio.

— *Nous vous en remercions, Madame.*

Houve nesta semana tres conflictos interessantes: do Dr. Erico Coelho com o Dr. Pedro Paulo; do Senador Silveira Martins com o deputado Lucena, e do Dr. Joaquim Nabuco com o padre João Manoel, deputado.

O primeiro, travado entre os dois illustres lentes de obstetricia da Faculdade de Medicina, teve por causa a *Chronica da Semana da Gazeta* de domingo ultimo. Foi uma questão particular discutida em publico — o que muitas vezes tem acontecido — e deu em resultado a renuncia do Dr. Pedro Paulo ao seu logar de lente substituto da Faculdade.

Em toda a questão foi o que houve mais para lamentar.

Os estudantes de medicina perderam um mestre illustre e habilissimo, e o Sr. Dr. Erico Coelho nada ganhou com a cousa. — *Cousa* é expressão do seu artigo publicado hontem.

Foi mais patusco o conflicto Gaspar-Lucena.

O deputado disse o diabo do senador, e o senador, retaliando, chamou... chamou... Ora adeus! chamou *burro* ao deputado.

Para isso, como *burro* não é expressão parlamentar, o Sr. Silveira Martins servio-se do velho processo politico: correu ao La Fontaine:

*Un petit bout d'oreille echappé par malheur...
Decouvert le fourbe et Perreur...*

depois disse que estava vingado pelo discurso do Sr. Lucena.

«Era natural. Como Lucena ha Lucena: e elle, por aquella metamorphose (a de «certo animal que vestio a pelle do leão»), tomou a forma primitiva, deitou as orelhas sobre o cogote, encolheu-se todo e deu com os pés para traz.»

Mais claro do que isto nem a tinta preta. O parlamentarismo brasileiro, no seu templo mais venerando e mais augusto, no recinto da ancianidade politica, foi honrado pela presença de um dos mais conspicuos personagens de La Fontaine. As *Fabulas* passaram a ser a maior necessidade do Parlamento. O Governo deve fazer da edicção de luxo de David Corazzi uma grande encomenda para as duas camaras.

Destá maneira illustrar-se-ão os dignissimos representantes em La Fontaine e não se repetirá o caso triste do Sr. Anizio.

O conflicto Nabuco-João Manoel não teve ainda decisão.

Está dependente da resposta que o primeiro der ao artigo de ante-hontem do segundo. Essa resposta foi hontem anciosamente esperada e não appareceu. Veremos se apparece hoje e se o conflicto, para gaudío da chronica, se prolonga pela semana que vae começar.

— Qual é o cumulo do roubo?

— E' roubar a policia.

Pois foi o que quasi aconteceu no sabbado passado, segundo uma noticia, sem grammatica, dada pelo *Jornal de domingo*:

« TENTATIVA DE ROUBO — Nem a propria policia respeitam os gatunos.

« Hontem, pela manhã, appareceu forçada a porta de uma saleta do 2º andar da repartição da policia, que communica para o cartorio do escrivão da segunda delegacia.

« O gatuno começou o seu trabalho e não o terminou, talvez por medo de ser presentido. A tranca que estava de traz da porta foi arrancada do lugar; a porta, em que *havião* visiveis signaes de violencia, e que estava fechada pelo lado de dentro do cartorio, estava fechada.»

Este facto é muito mais importante do que á primeira vista parece. Elle demonstra claramente que os honrados gatunos não tem nenhum respeito á policia, ou que na policia ha gatunos.

Não está segura a segurança publica. Eu ainda tenho esperança de vir a saber que o Sr. Dr. Coelho Bastos se foi queixar ao celebre *Carrapeta* de que lhe furtaram a carteira. E será o *Carrapeta* quem tomará conhecimento do facto e dará providencias afim de ser capturado o gatuno, isto é — o permanente.

E não houve mais nada digno de nota. Continúa em ebulição o assumpto Sarah Bernhardt, o assumpto — *monstro*. Agora perseguem-na, além do já celebre *attachado*, os microbios do calembourg. Temos ouvido os conhecidos *sara-pintada, saracura, sarabanda* e, ainda hontem, no bonde, um conhecido me disse que não iria nunca ao S. Pedro de Alcantara, para não ver — *assar* a Bernhardt!

Commovente e doloroso!

Eu aconselho, gratuitamente, resignação, muita resignação...

FILINDAL

POLITICA E POLITICOS

As occurrencias da semana politica quasi que se condensaram no senado; e, d'entre essas, avulta o projecto que o Sr. senador Dantas apresentou, decretando a libertação dos escravos no periodo certo de cinco annos.

Antes de me occupar d'este assumpto, passarei em revista os outros pequenós acontecimentos, deixando o melhor e maior para o fim d'estas observações com que faço jus a eminente logar na politica futura.

Entrou em discussão na Camara a falla do throno. O Sr. Affonso Celso Junior disse com muita verdade que esta discussão é uma das nugas mais ridiculas d'esta curiosa engenhoca a que vulgarmente chamam *systema representativo*. A *falla* é escripta pelo ministerio, — a resposta é dictada pelo mesmo ministerio; variam apenas os órgãos vocaes, que, para a primeira, é Sua Magestade, e para a segunda, é a Camara. De modo que as duas imagens empregadas por aquelle distincto moço deputado são de uma oxactidão profunda; a Camara faz o papel de *phonographo*, porque a resposta que dá não é só pelo theor da pergunta, como é do inteiro theor; a Camara e Sua Magestade fazem os papeis de *titeres* de theatro que recebem voz para a per-

gunta e para a resposta de um só ventriloquo — o ministerio.

Na discussão d'esta *falla*, fallaram pela opposição os Srs. Candido de Oliveira e Affonso Celso Junior; representando sua propria peaoa, o Sr. Rodrigues Junior, que continuou a affirmar que é liberal de todos os tempos (e é bom que S. Ex. o repita, para vér se ainda ha alguém que o acredite); e pela maioria... o Sr. barão de Cotegipe, duas vezes!

E' notavel este facto, e cae bem ali aquelle ponto de admiração. Pois em uma Camara como esta, cheia de tantos e tão entusiasticos amigos do Governo, não ha nem uma debil e fraca voz que se levante no momento solemne para defender em toscas phrases a resposta á falla do throno? Pois *obrigam* assim o Sr. presidente do conselho a tomar a palavra em dois dias seguidos? Pois vae realmente acontecer este curioso facto, excepção nos annaes parlamentares, de ficar encerrada uma falla do throno sem que fallasse um só membro da maioria?

Parece, entretanto, que tudo isto tem explicação natural: O Sr. Ferreira Vianna é o relator da resposta; a S. Ex. competia fallar em primeiro logar depois do membro da opposição que fallasse em seguida ao Governo — e esse logar foi tomado pelo Sr. Cotegipe. Ao Sr. Andrade Figueira deram a rolha da cadeira presidencial; a rolha do Sr. Ferreira Vianna é a verborraghia do presidente do conselho.

Vamos agora ao projecto do Sr. senador Dantas.

O mecanismo d'este projecto é facil: extingue a escravidão em cinco annos; extingue a obrigação de serviços dos ingenuos no mesmo prazo.

A *Semana*, quando convidou a occupar esta secção o humilde *Tob*, signatario d'estas linhas, teve a gentileza de deixar-lhe liberdade de opiniões pessoais. Vem a proposito esta declaração para que não pensem que a illustrada direcção superior d'esta folha concorda com as observações que vou fazer; não sei se ella concorda ou deixa de concordar.

Para mim o projecto do illustre senador tem não poucos defeitos. Em primeiro logar, esta questão de abolição não é uma questão de arithmetica. Eu compreendo uma lei abolindo immediatamente a escravidão, mas não sei o que quer dizer isto de dar prazo de quatro ou cinco ou de seis annos, sem razão que justifique esse tempo.

Cinco annos dados ao lavrador, para preparar a transicção, é um prazo tão inutil como seria o prazo de dez ou de dois annos. O lavrador ha de manter o *statu quo* até a vespera da abolição, para no dia seguinte ficar na mesma inercia em que anteriormente estava.

Dadas certas condições no estado da sociedade, a revolução inesperada, produzida por uma libertação immediata, havia de causar muitos males, — mas á tona d'esse mar appareceriam grandes beneficios. O facto traria por sua natureza a necessidade de quebrarmos esta preguiça, esta indolencia, que são parte integrante do nosso funcionamento. Esperar, porém, cinco annos, ou dois ou dez, contar com esse facto determinado — isso faria uma situação muito mais perigosa do que a libertação immediata.

O projecto applica ainda os 5% de impostos addicionaes, votados na lei do elemento servil, á despeza publica do Estado, e assim tambem desvia o sacrificio feito pela nação em favor da

liberdade dos escravos. Estes ficariam ainda prejudicados com aquelle projecto, e principalmente os sexagenarios, obrigados á prestação de serviços durante um certo tempo, sempre menor de cinco annos.

A Camara reelegueu hontem a sua mesa, e assim cahiram por terra os boatos que corriam a respeito do Sr. Andrade Figueira.

Em todo caso, S. Ex. ficou sabendo que ha 14 correligionarios desgostosos: 7 que votaram em branco e 7 que votaram no Sr. Gomes de Castro,

T.O.B.

A Horacio Flacco

Julgo eu que, sem tua sabia e conselheira Muza, mais invejavel é... (não digo Que o dom de até no ardor, provento amigo, Ser sempre a mesma: — sóbria e verdadeira;

Nem digo, que esse engenho e essa maneira Com que ella das virtudes o aureo trigo Ceifado ao campo do bom senso antigo, Pingue, abastoso e ubérrimo, joeira...)

Mais invejavel digo que é, e julgo A sciencia não vulgar de, em companhia D'ella, e olvidado do profano vulgo,

Dentro em ti proprio, acháres essa pura Paz de espirito e essa intima alegria, Que, de balde, entre os homens se procura.

RAYMUNDO CORRÊA

THEATROS

SARAH BERNHARDT

Por occasião da partida da eminente artista para este paiz, foi elle honrado por dois distinctos jornalistas francezes com a qualificação de *pays de sauvages*; qualificação, que, longe de nos attingir, como offensa, não nos surpreendeu por não ser nova.

Se é certo que a vida litteraria e artistica de um povo é a mais importante e a mais significativa manifestação do seu adeantamento social e do estado de sua civilização — e é esse um ponto incontroverso — não pôde o Brazil, sem grande injustiça, ser considerado — paiz selvagem. Deixo de parte a comprovação d'este asserto quanto á vida litteraria, por não ser opportuna. Em materia de theatro, especialmente, a platéia do Rio de Janeiro tem dado sempre e sempre provas inequivocas de que sabe distinguir o que é bom do que é máu, não constando até hoje que algum artista verdadeiramente notavel tenha passado por aqui sem receber a homenagem devida ao seu merecimento. Salvini, Rossi, Taborda, Brazão, Antonio Pedro, Andó, Ristori, Paladini, Pezzana, Tesserò, Emilia das Neves, Lucinda Simões, Duse, Checchi, para só me referir a artistas dramaticos, receberam no palco fluminense com as ovações da platéia a consagração feita aos seus talentos nos seus paizes e nos estrangeiros.

Nem um d'esses artistas poderia, sem feiissima ingratição e clamorosa injustiça, partir do Brazil considerando-o — um paiz de selvagens.

A vinda a elle d'essas notabilidades prova mesmo o contrario, pois nem

um artista do merecimento d'aquelles que deixei mencionados procura um paiz onde saiba que possa ser desconsiderado e incomprehendido.

Se alguma censura nos pode ser feita neste assumpto, é ella a do escrupulo e do rigor, ás vezes excessivos, com que recebemos e julgamos os artistas estrangeiros que nos visitam.

O nosso publico, ao ouvir o estrugido das trombetas da fama com que lhe annunciam de alem do Atlantico a vinda de uma colebridade, põe-se de sobre-aviso, retrae-se em prudente reserva, e recusa-se altivamente á compra de nabos em sacco, como vulgarmente se diz.

Provas d'esses assertos foram: o triumpho alcançado aqui pela grande Duse Checchi, que viera modestamente, desprezada dos tamborins da *réclame*, e que conseguiu impor-se-nos unicamente pelo seu prodigioso talento e pelo seu merito real; e agora, — Sarah Bernhardt. Esta artista, — acclamada por toda a Europa e por parte da America como a figura mais notavel do theatro contemporaneo; cujo nome tem hoje reputação universal, e tão grande que um collega nosso ha dias negou ao Brazil o direito de fazer-lhe a critica, impondo-lhe o dever de applaudil-a sem exame, como um dogma que não pode ser acceito com discussão, — Sarah Bernhardt encontrou em o nosso publico o mesmo publico precauto, reservado, criterioso e prudente, que correu pressuroso, em massa, ao theatro, enchendo-o completamente, — mostrando assim que sabia que especie de artista ia ver, — mas que manifestou não julgar conveniente, ainda d'essa vez, admirar *por conta*, antes de conhecer.

São os applausos conscientes, providos da audição attenta, do exame desprevenido e sério, são esses applausos os que devem lisongear artistas como Sarah Bernhardt.

Em summa: — o publico fluminense mostrou-se na altura de receber a grande artista e ha de provar-lhe que as palmas e as flores d'estes *selvagens* valem tanto como as da fulgurosa Pariz. E estou certo que Sarah Bernhardt, ao terminar a sua estação nesta capital, ha de estar fatigada de agradecer á nossa platéa flores — que elle não barateia, — palmas, que só o enthusiasmo lhe arranca.

FÉDORA

Foi com esta peça do mestre Sardou que se estrejou aqui, na penultima e na ultima vez que veio ao Brazil, Lucinda Simões; foi com a *Fedora* que se estrejou Duse Checchi, foi com a *Fedora* que se estrejou Sarah Bernhardt; ainda na *Fedora* apresentou-se-nos — proxima a actriz Virginia, da companhia do theatro de D. Maria II.

A' vista d'isso fica sendo a *Fedora* a peça de exame — como bem lhe chamou a *Gazeta de Noticias* — das artistas dramaticas que nos procuram, como o tem sido o *Kean* para os actores. E ella tem para isso todas as qualidades; mas especialmente para n'ella estrejar-se Sarah Bernhardt, pois que para ella foi escripta expressamente, preparando-lhe o auctor no papel da princeza russa uma justa e esplendida *lupa* para o seu extraordinario e peregrino talento artistico.

A entrada de Sarah no palco do theatro S. Pedro fez percorrer galerias, camarotes e platéa um frêmito susurrante de commoção: a todos impressionou vivamente; e uma tempestade de palmas têt-a-ia saudado se as suas primeiras manifestações não houvessem sido abafadas pelos psios de alguns pe-

dantes que não admittêm applausos sem sua permissão, — como bem observou Arthur Azevedo.

Os espectadores soffreram, vendo a grande artista, uma enorme surpresa... agradável.

A desbragada e incorrigivel *blague* franceza havia-nos acostumado á ideia de que Sarah era uma mulher magrissima, *indecotavel*, feia e avelhentada. Pois a Sarah que ali estava, decotada esplendidamente, era inoça, tinha carnes, tinha rosto cheio, espaduas razoavelmente roliças e — cóllo!

A sua physionomia, sem ser bella, é extremamente agradável á vista: um bello typo judaico, de linhas puras e distinctas, o nariz de um talhe hebraico, um nariz formosissimo, os olhos pequenos mas vivissimos, expressivos e impressionáveis e uma bocea adoravel: — nacarina porta de uma gruta encantada, guarnecida e guardada por dentes alvissimos e perfeitos, na qual brincam sorrisos angelicos e faiscam ironias, como fagulhas de rubins ao sol; gruta, em cujo interior mora uma sereia invisivel, de voz maravilhosa, que tem todas as musicas, desde o arrulho das rolas e dostrilos dos rouxinoes até ás dos ventos tempestuosos que sibillam, vergastando as arvores, e ao surdo rugir das vagas em furia, rebentando em bofetadas na areia.

Oh! a voz de Sarah, a famosa *voix d'or*!

Todos esses encantos — de que poucas noticias exactas tinhamos — completam-se com a cabelleira loira, esplendidissima, que parece feita pelas mãos de Penelope com os mais delicados e mais finamente luminosos raios do sol. Juntae a tudo isso uma elegancia *equise*, maneiras distinctissimas, e um *ar* de meiguice e de dignidade ineffaveis, e tereis comprehendido a emoção, a surpresa, o *hébètement* inesperado, a tal surpresa, *emfim*, de que vos falei.

Logo ás primeiras palavras conquistou todas as sympathias.

Não tenho espaço para acompanhar todo o trabalho da eximia actriz na *Fedora*. Direi por isso apenas que no minimo gesto, na maneira de dizer a mais simples phrase, de modular a mais ligeira palavra, na mais leve expressão physionomica, no mais breve sorriso, revela-se artista consummadissima, incedivel, artista em toda a significação da palavra. Como ella *ouve*! Como que se lê, gradualmente, nos traços de seu rosto e na expressão de seus olhos, a gestação das idéias e dos sentimentos que lhe vão produzindo as cousas que ella está ouvindo.

Inenarravel a luta do pezar pela morte de Wlademiro e com desejo de vingal-o; a voz com que fulmina o covarde, (como ella rugé aquella palavra — *lâche!*) que matou o seu noivo; a raiva e a resolução com que jura vingar-lhe a morte, e o ulular horrifico com que o pranteia ao sentil-o cadaver; inenarravel o conflicto entre o asco e o aneio vindicativo por Loris, o assassino de seu noivo, ea crescente, inexplicavel e irremediavel *sympathia* — germen fecundo de um amor immenso — que, com pasmo e indignação d'ella mesma, percebe que vaé sentindo por elle; inenarravel o movimento de nojo e odio com que *limpa* da luva o beijo de Loris; inenarravel a morte pelo envenenamento — *emfim*: todo o seu trabalho na *Fedora* é uma verdadeira maravilha artistica, impossivel de descrever-se.

Apenas uma restricção, ou antes uma observação, a que só darei character de definitiva, depois de ouvir Sarah em outras peças: — notámos que a impressão geralmente causada pelo seu

trabalho foi a da admiração « sem enthusiasmo »; o assombro « sem sensibilisamento, » que os espectadores, em sua maioria, não se commoveram.

No dia seguinte, 2, apresentou-se-nos a grande artista em

A DAMA DAS CAMELIAS

É facil de imaginar a anciedade com que a platéa a esperava nesta peça, que é a pedra de toque de todas as grandes actrizes e em que, ha um anno, se tanto, nos arrebatou, nos fez delirar de enthusiasmo, a genial Duse-Checchi.

A altiva Romazoff desapareceu para dar logar á travessa, á meiga, á risonha, á sublime impudica — virgem de coração — á infeliz Margarida Gauthier. Que transformação! Ao vel-a entrar, — admiravelmente vestida, braços e hombros nus, risonha, voluvel, olhos, labios e voz de uma frescura de flores e de gorgeios d'aves em madrugada de primavera, — ninguem se lembrou de certo, de que Sarah pudesse ter mais de 20 annos.

Encantadora na scena da ceia e no dialogo com Armando.

Todo o primeiro acto foi um mimo!

As scenas que mais impressionaram foram: — cito apenas algumas — a conferencia com o velho Duval, a da carta a Armando, a sahida para o jardim, disfarçando as lagrimas com sorrisos, a grande scena do quarto acto e todas as do quinto. Em todo este ella foi prodigiosa, sublime!

Que agonia! que morte! que estupefaccão! Fui ahi, somente ahi, que Sarah tomou inteiramente posse do publico. Mas conquistou-o devéras, definitivamente.

Um triumpho completo.

Ouso observar, no emtanto, contestando o propecto critico do *Jornal do Commercio*, que nesta peça Sarah sacrifica por vezes a natureza aos effeitos puramente artisticos, produzindo o bello, mas com o sacrificio do *verdadeiro*.

Exemplos: — a sahida do terceiro acto; feita por aquella fôrma é inverosimil, pois Armando perceberia o que nella havia occulto de terrivel, e impedil-a-ia; a morte, em pé, encostada a cabeça ao hombro do amante, pois que, além de não ser verosimil que se morra do peito com força bastante para suster-se em pé, — o corpo, apenas tornado cadaver, devia tombar sobre si mesmo, desamparado, pois todos os membros distendem-se, affrouxam-se em abandono geral de massa inerte, logo em seguida á morte, só vindo depois a rigidez cadaverica; e mais — o abster-se de tossir durante toda a peça.

Nestes pontos Duse Checchi foi com certeza mais humana, mais verdadeira, embora menos artistica no effeito; porquanto, em fundo, parece-me que a verdadeira arte, mesmo a dramatica, é a que reproduz a verdade, a que imita a Natureza, com a subjectividade particular do artista.

Se não fosse o incidente lamentavel que se deu nesse spectaculo, não me referiria á companhia com que veio a grande Sarah, pois a referir-me a ella seria somente para dizer mal, muito mal. Mas aquella circumstancia obriga-me a isso.

Desde a primeira noite que o Sr. Felipe Garnier (que foi, ou é ainda, da *Comedia Franceza*) desagradou soberanamente. Todos acharam, com o meu collega Arthur Azevedo, que no papel de Loris Ipanoff « não vale dois caracteres: falta-lhe alma, falta-lhe distincção, falta-lhe paixão... faltam-lhe bigodes. »

Quando o vio entrar, um espectador murmurou ao ouvido do companheiro:

— O Loris, não podendo vir, mandou o criado.

Este dito de espirito synthetisa o que foi o desastrado Sr. Garnier na *Fedora*.

Pois, senhores, o homem — parece incrível! — ainda conseguiu ser peior na *Dama das Camélias*. Que Arnando Duval!

O desgosto do publico foi crescendo, acompanhado por surda indignação, que irrompeu violentamente, em forma de assobios e rufos de bengalis e tacões, no terceiro acto; manifestação essa em que só as galerias tomaram parte, embora os espectadores da plateia fossem tambem do parecer de que é insupportavel o Sr. Garnier.

A pateada foi depois coberta por applausos quando o homem voltou á scena para continuar o seu infeliz trabalho.

Esse incidente foi muitissimo commentado. Lamentamol-o como todos; mas temos alguma cousa a oppor aos que reprovaram a pateada pela rasão de que o publico apenas foi ao «S. Pedro» para ver Sarah Bernhardt; que a empresa, não lhe tendo prometido senão Sarah Bernhardt, não tem elle o direito de exigir da empresa senão — Sarah Bernhardt. Não é tanto assim. A Sarah Bernhardt que vemos trabalhando com o Sr. Garnier não é, não pode ser a mesma Sarah que trabalhava em Pariz com Bertou e Damala, pois que o trabalho de um artista depende sempre do do collega com que joga as scenas. Duse Checchi não seria, trabalhando com o Sr. Garnier, o mesmo que se nos mostrou representando com Andô; nem Sarah, representando com este, seria o que é trabalhando com o Sr. Garnier. Affirmar o contrario fora affirmar que ella trabalharia com equal brilhantismo se, em vez do Sr. Garnier, tivesse por companheiro um bonéco de cera e pau, de dar corda pelo umbigo.

Portanto, o publico, a quem a empresa prometteu a Sarah authentica, completa, unica, a Sarah de Pariz, tem o direito de exigir que ella trabalhe com qualquer outro actor (não pede Bertou nem Damala) menos *felippe* que o Sr. Garnier.

Quanto ao resto da companhia e á *mise en scène*, subscrevo *in integrum* a opinião do commedido e prudente *Jornal do Commercio*:

«Dos artistas que cercavão antehontem a celebre actriz franceza, nenhum delles se mostrou acima do mediocre. Garnier, que dizem ser um laureado do conservatorio de Pariz e que mereceu a honra de letras capitaes nos programmas, pareceu-nos, pelo menos antehontem, a mais perfeita e absoluta negação da arte dramatica. A sua emphase academica, a monotonia das suas inflexões, o metal da voz e o desagradavel da figura estabelecerão uma nota discordante que desagradou a todos.

Pelo que respeita a scenario e accessorios, erão irrisorios, pobres, mesquinhos e de máo gosto: mas Sarah Bernhardt, como todas as obras primas da pintura, brilha com grande esplendor, apesar da mesquinhez do quadro que a emoldura!»

Admira como Sarah, que é tão exigente, que mandou fazer um camarim largo, forral-o de seda e mobilal-o com luxo, sugeita-se a representar com *mise en scène* tão pobre e accessorios tão descurados.

Doeu-nos vel-a na *Dama das Camélias* com flores — camélias inclusive — de panno!

Que deliciosas noites não passariamos se a grande Sarah representasse com Flavio Andô, sendo a *mise en scène* de Furtado Coelho! Que noites!

Mas... não sonhemos impossiveis.

Contentemo-nos com Sarah Bernhardt, *sólita, sólita*, como mol-a dão, que não nos contentaremos com pouco.

No Polytheama a companhia de opera buffa do Sr. Ferrari, depois do *Papá Martin*, ainda não nos deu peça nova.

Deu-nos, porém, uma triste novidade: não representará *A Donzella Theodora*, de Abdon Milanez.

Não sabemos qual o motivo que levou o Sr. Ferrari a tomar essa resolução; cremos, porém, que foi a indiferença do publico pelos espectaculos da sua excellente companhia.

Seja por que for foi muito grande a decepção que soffremos, nós todos que desejavamos ouvir, cantada por cantores, a bella e delicada partitura do nosso joven compositor.

Damos ao publico sinceros pezames por este acontecimento e recommendamos-lhe que quando apparecer por ahí algum outro Poli aproveite-o bem para mostrar, de uma maneira energica mas economica, o seu *ac ysolado patriotismo*.

E' preciso não deixar arrefecer o jubilo verde e amarelo.

Felizmente *A Donzella Theodora* continha a agradar no Sant'Anna, onde tem um desempenho muito rasoavel. Ultimamente tem sido representada com *A canção de Fortunio*, a delicadissima opereta de Offenbach, deliciosamente cantada pela Sra. Cinira Polonio, que é em cada noite mais applaudida pelo publico, que d'esta vez tem sabido fazer justiça a um bello talento nacional.

O *Excelsior*, firme nos pés prodigiosos da Giovanini, continua a deslumbrar os espectadores do Imperial Theatro.

Giovanini tem tido verdadeiras ovacões em todas as noites.

E são merecidas. Aquella famosa bailarina é um assombro inclassificavel entre os prodigios da arte, que ella parece ultrapassar, a poder de perfeição e de graça.

Ainda se conserva e se conservará na scena do Recreio *A Filha do mar*. O Dias Braga, com nma solicitude de todos os diabos pelo gosto do publico, já está preparando uma nova peça em 5 actos — *O az de páus*, escripta por um sobrinho do grande D'Ennery, que, ao que nos dizem, sae ao tio.

Disse-nos tambem um indiscreto que brevemente será representado neste theatro o famoso drama *D. Cezar de Bazan*.

E depois d'isto o publico, se for capaz, que não vá ao Recreio!...

Na Phenix temos tido o *Rocamble* e *A honra de um taverneiro*, peça do Vasques. Com ella fará brevemente beneficio a antiga Sra. Eliza, que nos dará tambem — *Um par de pés*.

P. TALMA

A COMEDIA DO AMOR

O AMANTE

Não, não foste tu que me seduziste... Nem bello és! Brilhas, mas com o brilho estúpido do diamante, que não tem consciencia de seu valor. A belleza está na consciencia. Saber que se vale muito é ser bello. Sempre a satisfação moral. No moral, reside tudo; o physico não vale nada. Não, não me enamorei de ti. E's pretencioso pensando que serviste á tua ama; serviste tanto como

os quadros que ella tem em sua sala, o sapato que ajusta o seu mimoso pé. Como ornamentação sim, como attractivo não. Um olhar não me prende, quer parta de uns olhos de mulher e banhe-me d'um banho electrico de amor, quer parta de uns olhos de facinora e me envolva n'um protesto de vingança. E' a parte espectacular que eu desprezo. Dramas, desejo-os a nú; odeio o apparatus.

Se amo aquella a quem pertences, faço-o, não por ti, mas apesar de ti. Que tenhas esta forma e este brilho ou outros quaesquer, me é totalmente indifferente. Eu amal-a-ia sempre, porque o moral me agrada. O que me seduz é a alma, e eu concebo a alma sem o corpo. Concebe-se a flor sem o vaso. E quando a flor é bella e digna de ser apreciada toda a gente o faz, quer o vaso que a contem seja de barro, quer seja de porcellana da China. Não, meu orgulhoso amigo, tu foste o vaso a que nem sequer attendi.

OS OLHOS

Mentes. Não se resiste ao meu brilho, que, aliás, é consciente. A prova de que o é, está nisto: — que te comprehendo e te respondo. Podia calar-me e fazer como fazem os olhos vulgares, pretos ou castanhos, verdes ou azues, que ornem o rosto de todas as mulheres: lançar-se um olhar. Em um olhar, não vae uma simples resposta: vae todo um systema, uma theoria completa. Mas prefiro explicar-me: porque quero que todos ouçam, todos, o nariz, a bocca, os cabellos, o ventre, a coxa, o pé. São meus collaboradores na obra de tua apprehensão e a elles cabe parte da gloria.

Dizia, pois, que mentes. A tua theoria é falsa e ridicula. Isso de flor e de vaso é muito velho: já o diziam poetas de 1830; não vale a pena combatel-o, E' a tua nota lyrica; guarda-a.

Não acontece isso com o teu modo de pensar sobre o physico. Para ti, o physico é o — scenario dispensavel, porque é materia inconsciente. Mas na materia reside a vida. A vida é isto: amar. E só se ama a materia. A vida assenta nesta tripode: amar, desenvolver, anniquilar. E tudo isso é materia, pura ou transformada, statica ou dinamica. Amar é o supremo gozo, é o amalgama dos dois sexos na bestialidade brutal e natural dos animaes. Desenvolver é o trabalho do corpo em virtude de si mesmo, é o brotar da ~~nova~~ carne, informe a principio, segmentada depois, repartida em seguida, origem d'um braço aqui, esboço d'um ventre acolá. Anniquilar é o termino d'essa materia, filha do gozo, creada no gozo, morta para gozo dos outros, dos infinitamente pequenos, que obedecem á lei geral, tripudiando deliciosamente na chaga roida em peitos de cadaveres. A vida é, pois, a materia; seu fim o gozo. Tu vives, logo és materia, logo tendes para o gozo. E' logico.

AS ORELHAS

Apoiado!

O AMANTE

Calae-vos. Sois estupidas como estúpida é a vossa collocação no rosto. Nada tendes de bello e tendes tudo de dispensavel. (Aos olhos) Continuae. Sois uns doudos, mas não importa, quero ouvir-vos.

OS OLHOS

Mentes, pois, dizendo que desprezas o corpo e adoras a alma. Disseste mais que não sou bello, não tenho consciencia. Ainda uma vez mentiste. O bello tem sempre consciencia de que o é. A adúltera de Bernadelli erguer-se-ia do marmore se alguém dissesse que era

feia. Tolera-se que se proclame a falsidade, nunca a fealdade. A teta ri, o marmore agita-se, a palavra move-se quando são verdadeiramente bellas e o beocio os insulta achando-as disformes. E' proprio de sua natureza. A carne não, a carne faz melhor: attrae o imbecil e fal-o experimentar a sensação do realmente bello, obrigando-o a gozar a sensação de si mesmo. Transforma o beocio num abutre, a intelligencia num estomago. Vinga-se, obrigando-o a saciar-se. E' um homem intelligente a quem um asno insulta; dá-lhe a unica cousa de cuja apreciação o julga capaz: um jantar que lhe provoque indigestão. Tu és o asno, eu farto-te de carne. Toma! A unica cousa que te seduzio, em que te peze, foi o deslumbramento d'esta carne, a excitação irresistivel d'este corpo. Toma-o! Goza-o! Nisso está a vida. Historias tudo o mais; as philosophias são estupidas. Só existe o gozo; gosa!

O AMANTE

Não. A alma está acima da materia. A alma revive, furta-se á decomposição, evola-se e vae de novo animar outro corpo. Como isto é soberbo! Quebra-se o vaso, obtem-se outro: a flor lá está, sempre viva, sempre pura. Luz que bruxoleia sempre, quebre-se embora o lampadario! Nisso está o bello, pois que para que alguma cousa o seja, carece de ser eterna. E este caracter só o tem a alma...

A PERNA

E esta linha esplendida que me modela! Burile-a Praxiteles e, seculos depois, tu a contemplarás, tu a sentirás excitando-te os sentidos, fazendo-te o sangue affluir á garganta como um punho, tal como neste momento. Continúa.

O AMANTE

(Comsigo) E' curioso. Sinto-me entibiar. Aquella perna dansa-me na cabeça, excita-me, como se eu bebera falerno em casa de Aspasia! (Aos olhos) Só a alma é eterna, portanto só reside o bello na alma, porque a alma é a virtude é para mim a virtude é a synthese de tudo. A virtude é o caracter. Em que a materia se pôde equiparar ao caracter? Onde a firmeza, a rijeza de que elle se orgulha?

OS SEIOS

Em nós. Vê: somos mais rijos, mais firmes que todos os caracteres. Nenhum ha que resista a este tom carmineo, a este avalludado mais macio que o do pecego. Toca-nos com os labios e sentirás o choque de uma pilha electrica. Porque somos uma pilha: em vez de zinco e potassio, materia e gozo — a synthese da vida. Tu mesmo estás subjugado, prostrado... Não nos dobramos. Os caracteres dobram-se. Temos esta superioridade.

O VENTRE

Olha-me. Admira esta curvatura e busca na alma a suavidade d'este contorno, a maciez d'este tom que eu possuo. Vê em que parte d'alma existe a brusca chafradura que aqui está, ladeada d'estas duas coxas que emergem brancas como o leite, embriagadoras como o vinho, esplendidas como o Bello...

O COLLO

Offusco-te. Que virtude existe que se possa comparar a mim? Onde opulencia como a que ostento? Deslumbro-te, bem o vejo! Cerras os olhos? Levas as mãos á cabeça? Entonteco-te? Coitado! (Sorrindo) Se isto tudo te pertence!... Gosa!

OS CABELLOS

Devem ser muito bonitos os cabellos da alma! Dize-me: são escaletas ou brancos? Os da carne, digo-t'o eu já: são estes. Negros como o odio, sedosos como o carinho. E sobre tudo longos. Vês? Eva já não carece da folha de parreira. Aperta-a contra ti: a cascata dos cabellos cobrila-a voluptuosamente.

A BOCCA

Beija-me. Nunca provaste o mel do Hymeto? Beija-me. Tenho no friso levemente rubro de meus labios, todos os sentimentos, bons e maus, grandes e mesquinhos, productores de heroes e de villões, factores de acções grandiosas e vis. Depende de quem une os seus aos meus labios. Recêbe com isso uma dupla excitação: moral e carnal. Sou precursora do amor e da acção. Experimenta; beija-me.

O AMANTE

E' exquisito: cala-se a alma e o corpo grita! (Sorpreso) Que é isso? Ouço gritos vermelhos, clamores rubros! Ah! a besta da carne berra!

(Os olhos, a perna, o seio, os cabellos, a bocca dansam deante da Imaginação do Amante uma dansa voluptuosissima. Cantam canções obscenas. Ha uma embriaguez de carne e vinho. Scintillações vibrantes atravessam-lhe a vista.)

O CORPO DA MULHER AMADA

Vem, amado! Quero, nova Abisag, aquecer este David, envelhecido pela philosophia. Vem, amado! Contorço-me no ante-gosto do prazer. Tudo é carne e gozo. A alma é importuna e inutil. Por ventura proporciona o prazer? Demos-lhe, quando muito, o logar de accessorio, de ornato. E' um bonito movel, mais nada. Fazer do culto pela alma o objectivo da existencia não é loucura, é ridiculo. Tudo se resume nisto: um corpo como eu. Vem, amado! Entrego-me palpitante: satisfaze-me.

O AMANTE

Eu era tolo. A alma seduziu-me, o corpo enlouquece-me. Residem o senso e a reflexão, monotonos e profundos, naquella; o gozo e a sensualidade, transitorios e deliciosos, neste. Ora, gozemos por hoje! A vida não é a virtude; é a apothese da carne. Olhos, tendes razão. Materia e gozo, eis a synthese da vida. Corpo, satisfazo-te. Juizo, particula divina, cala-te.

Animalidade, entrego-me. Berra, monstro de carne!

(Lança-se voluptuosamente ao corpo, aperta-o num longo amplexo animal).

Janeiro—1886.

ALCINDO GUANABARA

PALESTRAS FEMININAS

LIGA DA «TOILETTE» NACIONAL (*)

Na *Historia dos sete dias* do n. 73 d'A *Semana*, Filindal, com o espirito fulgurante e inexgotavel que todos lhe conhecemos, falou na fundação, em Londres, da «Liga da Toilettte Nacional.»

Rematou as suas judiciosas reflexões, lembrando que é meu o encargo de falar em modas nestas columnas, e eu apresso-me em oblecter á interpeção, dizendo algumas palavras rela-

tivas á projectada revolução na elegancia feminina.

A Viscondessa de Haberton, acompanhada por algumas formosas, elegantes e sensatas senhoras da aristocracia de Londres, intenta abolir os exaggeros e postigos da moda, formando para esse fim uma *Liga* soberana, donde espera ditar leis á despotica rainha. Conseguirá alguma coisa? Não sei.

Algumas senhoras terão razão para oppor uma resistencia tenace aos decretos racionais da *Liga*. Todos sabemos que muitos corpos desgraçados conseguem arremedar a elegancia com o auxilio do espartilho; e claro está que o salto á Luiz XV parece diminuir consideravelmente os pés; mas a maior parte, (com certeza todas as leitoras d'A *Semana*,) deformam-se por moda, e muito ganhariam em deixar admirar, libertas do espartilho, (instrumentos de tortura semi-selvagens) as suas formas ideaes.

Mas para supprimir os espartilhos, augmentando a elegancia, seria preciso remontarmos ao seculo V, ao tempo dos Gaulezes, ás amplas e graciosas tunicas e chlamydes de linho, seda, púrpura e ouro; aos longos e transparentes véus, como unico adorno sobre os cabellos soltos ou em tranças; ou mesmo a mais tarde, aos Merovingios, Carlovingios e Capetos, isto até aos principios do XIV seculo (porque em 1350 começaram a ser usados os cabellos postigos, a que se seguiram os *vertugadins*, as *crinolines*, os *espartilhos*, as *collettes*, as *moscas*, etc., etc.)

Que deslumbrantes eram as mulheres de então!

As tunicas, fluctuantes ou justas, realçavam-lhes a belleza das formas, de linhas curvas e suaves; os mantos, presos nos hombros, ou ao peito por colxetes ou cadeias de ouro, davam-lhes um todo magestoso; os diademas sobre os cabellos soltos; os véus, os cintos, as joias riquissimas, tudo concorria para aformosear a mulher!

Hoje, comparadas com esses esplendores, são bem pobres as nossas *toilettes* de luxo.

Não eram conhecidos então postigos, apertos e arcos; os cabelleireiros não existiam; quando muito, prendiam as mulheres as tranças opulentas numa rede de tenuissimos fios de oiro.

Se a Viscondessa de Haberton pudesse fazer reviver as modas que usavam as formosas patricias gallo romanas! As tunicas e meias tunicas, presas unicamente nos hombros, por broches de camapheus, esmeraldas, saphiras ou rubins; as chlamydes de seda violeta, azul ou púrpura, que, com tanta graça as envolviam; os véus bordados a palhetas de oiro e prata ou perolas, — presos no cabello com fitas, ou finos diademas de diamantes!

Se fossem adoptados, de novo, os cothurnos (riquissimas botinas sem salto—*peribarides*); então sim, affirmo que se abandonariam as *tournures* e os *puffs*, as cinturas exageradamente finas, e o calçado, que obriga as gentilissimas damas do nosso tempo a parecerem procurar continuamente no chão alguma cousa, que não perderam, e a dar saltinhos pretenciosos, para conservarem o equilibrio.

Não me parece que consiga grande mudança na vaidade feminina a «Liga da «Toilettte» Nacional.»

Estabeleceu, ha muito, a moda que a perfeição não tem por modelo as virgens de Raphael e Murillo ou a Venus de Milo; que o bello é transformar em linhas rectas as curvas e ondulações naturaes. Os espartilhos têm a vantagem de dar ao corpo da mulher, que se aperta de mais, a forma de um perfeito triangulo, desproporcionando-

lhes os contornos: usam as mangas franzidas e alteadas nos hombros, para tornal-os tambem rectos, e esconder o delicioso arredondado do principio do braço; nos braços, cobre-os a moda inteiramente, com mangas justas e luvas enrugadas; enfim, os pés são umas terríveis torturas, que fazem das senhoras de *tom*, umas verdadeiras martyres... sem canonização.

Mas... se é moda, se todas se vestem assim, se a *tyranna* consagrou todos estes absurdos anti-hygienicos, concordemos tambem nós, por enquanto, com o gosto molerno, sempre com a esperança na Viscondessa de Haberton, Deborah libertadora da mais bella metade do genero humano—a mulher.

Para provar ás minhas leitoras a minha perfeita adhesão ás modas parisienses, (pobresinhas! talvez julgassem ter perdido a chronista actual, por ter ella abraçado completamente as ideias da *Liga!*) vou dar-lhes um modelo para uma *toilette* digna de realçar-lhes a belleza natural, na primeira noite em que forem admiradas, admirando e applaudindo o talento phenomenal de Sarah Bernhardt:

Vestido de *faulle* escaurlete.

Saia com *paniers* de renda preta ou *creme*, farto puff em pregas, da mesma renda. Corpo aberto, com reversos de setim irmanado, deixando ver um *fichu* de rendas cruzadas em pregas.

Chapéu de renda igual, com plumas escaurletes e pretas ou *creme*.

Luvias altas, pretas ou *creme*.

Que lindas ficarão!

ADELINA LOPES VIEIRA.

NO MEU PRESENTE

Venho do meu passado - céu de neve,
Sem estrellas, limpido céu do dia,
Por onde andou minha alma - pomba leve,
Vendo de longe o mundo que a não via.

No meu presente estou. Quanta alegria!
Que grande céu é este azul, que deve
Conter alguma esplendida magia?
Uma estrella, talvez, que fuja breve?

Mas, Deus! vejo essa esplendorosa estrella!
Te, ho-a junto de mim, posso prendel-a!
Oh quanto é bom o céu do meu presente!

—Filha, essa estrella és tu, que vens agora,
Depois que o céu do dia foi-se embora,
Fulgir no céu da noite resplendente.

ARTHUR MENDES.

27 de Abril de 1886.

BELLAS ARTES

« A' LA GLACE ELEGANTE »

Retrato do Sr. ... por Oscar Pereira da Silva.

Respeitavel boneco de pão, bezuntado de oca. Uma *bota* detestavel.

Augusto Duarte—Retrato de uma menina, com um passarinho ás mãos.

Maldicta foi a idéa do artista metter tão gorda pequerrucha em uma tela tão acanhada. A pequena parece, ali, fructo secco acondicionado em caixa de papellão. A cabeça não é má, o colorido é limpo e vivo, e o olhar tem brilho. Mas o corpo, as mãos!.. Em

todo caso... *le mauvais même a ses labeurs.*

Steffen. — Retrato de Sarah Bernhardt (*cópia de photographia*). Ao meu ver aquillo é prospecto de cartaz illustrado.

Para esquina de ruas vale alguma cousa.

A. Parreiras. — Estudos de paysagens. O joven artista trabalha muito.

Raros são os dias em que deixa de expôr estudos novos. Felizmente tem revelado talento e applicação, porém envolve os seus estudos em tons fracos que se fossem desfeitos em agua darian «branco de prata» a valer! é a anemia da cor. Em alguns, d'entre os ultimos, ha bem observados estudos de pedras.

SALÃO VIEITAS

Castagnetto. — Incomparavel laborioso, Expõe novos estudos de mariuha, que não desmentem o vigor de seus pinceis e o sentimento artistico da sua crescente individualidade.

Belmiro. — *Fundo de quintal*, quadro impressionista.—Não se vê céu nem arvores—apenas quatro paredes brancas. Encostada ao muro do fundo, uma caixinhola de tuboas, *walter closet*. Um aprendiz de pintor, em mangas de camisa, mexe a colla em um velho tacho de cobre, posto ao lume. Enquanto o pequeno, assentado no banco de pinho, aprrompta a tarefa, o gallo espenheja-se no gallinheiro, remendado e pobre, que fica do lado opposto. E elle, o aprendiz, pobresinho! vae mexendo lentamente a colla, com uma enorme paciencia obrigada.

Não ha assumpto mais simples e mais rapidamente apanhado.

O pequeno é o que chamam os amadores— especie de gastronomos na pintura—um bom pedaço. E' aquillo que ali está; e nem erá possível ser de outra forma. Sinto muito não ter espaço para fallar d'esse pequenino quadro tão sincero e tão discordante do que se faz e se tem feito por aqui.

Mas... o tempq urge.

ALFREDO PALHETA.

NOSSOS OLHOS

A M...

Os colibris vão das rosas
Voando por longes céus,
Mas voltam logo aos esfolhos
Das mesinas flores graciosas...
São duas rosas teus olhos,
São dous colibris os meus.

Pede a relva suspirosas
Aragens... não escarcéus
Do vento que a deixa, aos molhos,
Beijando terras lodosas...
Das virações de teus olhos
Precisa a relva dos meus.

Mas como ao sol vão as rosas
Pedindo lhes rasgue os véus
Da noite, embora em desfolhos,
Mais tarde as deixe, saudosas...
Oh! dá-me o sol de teus olhos!..
Ha tanto orvalho nos meus!..

E como as ondas ditosas
Buscando vão dois illéus,
Embora contra os escolhos
Quebrem-se logo, ruidosas...
Nos dois rochedos— teus olhos
Quebrem-se as ondas dos meus

E como as do mar chorosas
Phalanges, buscando os céus,
Ulúluu...sóbem abrolhos...
Recúam silenciosas...

Longe do azul de teus olhos
Geme o oceano dos meus!

EDMUNDO DE BARROS

SPORT

Com extraordinaria concurrencia e grande animação, realisou no domingo passado o Prado Villa Isabel as suas corridas. O programma, que em geral se compunha de animaes bons, constou de sete pareos, sendo elles perfeitamente preenchidos e renhidamente disputados.

Eis o resultado:

No 1º pareo (1000 metros) correram nove animaes, sahindo vencedor d'entre elles *Didi*, em 70 segundos. *Serodio* teve o 2º lugar. *Verbena*, que venalmente foi corrida pelo jockey Fiusa, teve o 3º lugar. *Sultão* chegou em 4º lugar. Tambem correram *Tufão*, *Guacho*, *Pampeiro*, *Faustininho* e *Zizaina*, que atirou fora o jockey durante a corrida.

No 2º pareo (1000 metros) *Feiticieira*, em 71 segundos, bateu *Plutão II*, que chegou em 2º lugar, apezar de pessimamente corrido pelo jockey, que jámais teve semelhante profissão. *Judia* em 3º *Pip* em 4º lugar.

No 3º pareo (1450 metros) bateram-se renhidamente *Araby*, que teve o 2º lugar, e *Catana*, que, em 98 segundos, sahio victoriosa, apezar de mal corrida. *Ivon* teve o 3º lugar, *Italia* veio na bagagem. *Dora* não correu.

O 4º pareo (1609 metros) foi disputado por *Satan*, *Cheapside*, *Fanfarron* e *Coupon*, que, em 106 segundos, obteve a victoria. *Fanfarron* chegou em 2º lugar. *Cheapside* teve o 3º lugar, mostrando visivelmente poder fazer melhor corrida, se não fossem as instrucções que o jockey recebeu... *Satan*, um dos peiores animaes de corrida que apparecem pelos nossos hippodromos, carregou a bagagem. *Malstron* não correu.

No 5º pareo (1000 metros) correram *Diana*, *Pansy*, *Dr. Jenner* e *Françoise*, que, em 66 segundos, e carregando muito mais pezo, bateu o bacamarte *Dr. Jenner*, que teve o 2º lugar. *Pansy* o 3º. *Norma*, *Martin*, *Africana* não correram.

No 6º pareo (1609 metros) mais uma vez *Aymoré*, em 107 segundos e sem ser tocado, sahio victorioso. *Bonita* fez boa corrida e está melhorando; teve o 2º lugar. *Mandarin* o 3º. *Intima* e *Savana* vieram na bagagem. *Regalia* não correu.

No ultimo pareo (1000 metros) *Druid* fez uma boa corrida, vencendo os seus contendores em 68 segundos. *Biscaia* perdeu o feitio, chegou em 2º. Tambem correram *Mascotte*, *Africa*, *Alteza* e *Pretoria*. Não correu *Bonita*.

Cedo terminou o divertimento sem que a boa ordem fosse perturbada.

Estão annunciadas para amanhã as corridas do Derby Club. O programma, que é regular, compõe-se de oito pareos, todos compostos de bons animaes, em grande numero e com as forças mais ou menos equaladas pela distancia, o que tornará necessariamente difficil a luta entre elles, e os pareos bem disputados.

Sentimos sinceramente que no programma não figurem os valentes e conficcidos bons parceiros das distinctas e importantes coudearias Alliança e Cruzeiro. Esperamos que para outra vez não tenhamos de ver passar por esse desgosto a distincta sociedade do Derby Club, que é merecedora dos melhores auxilios.

Chamamos a atenção dos amadores para a nossa ultima pagina, onde encontrarão o programma, que indubitavelmente é digno de nelle se palpitar. Acertem. E sejam felizes.

L. M. BASTOS

FACTOS E NOTICIAS

Amanhan o *Club Athletico*, que tão boas sympathias tem conquistado da gente de bom gosto, proporcionará aos seus socios mais uma festa.

Como se vê pelo programma annuciado na competente secção, haverá oito parcos, d'entre os quaes se destaca o de velocipedes, no qual o famoso amador, L. de Azevedo, se propõe a correr dentro de uma hora 30 kilometros.

A função, por conseguinte, não pode ser mais attrahente e é de suppor que as formosas *habitues* do *Club Athletico* não deixarão de abrilhantal-o com a sua presença.

Escaravelho já não é d'este mundo. Vae rolar as suas *maçans* na Europa. Sobre a memoria da *Psychologia da Imprensa* vertamos... lagrimas.

RECEBEMOS

- *Correio da Europa*— n. 10.
- *A nossa gente pequena*— ns. 8 e 9. Orgão destinado á mocidade methodista.
- *Noventa e tres*— Orgão do Gremio litterario Victor Hugo (installado no Collegio Pujol em Mendes).
- *Equador*— n. 3 Recife.
- *Decimo Districto*— n. 1 Valença.
- *Pharos*— n. 115 Juiz de Fora. Este numero dedica uma pagina litteraria á memoria d' V. Hugo.
- *Methodista catholico*— n. 9.
- *O Mensageiro*— n. 2 Maranhão.
- *Revista de Hygiene*— n. 1, anno 10.
- *A martyr*— romance de d'Ennery Tradução de Oscar Pederneiras— Vamos lê-lo.
- *Os Rodrigues do Imperio*. Ceará.
- *União Médica*— Fasciculo 4, anno VI.
- *Distração*— 84.
- *Verdades em therapeutica* por A. J. da S. Braga Junior.
- *A Estação*— de 31 de maio. Rica de figurinos e moldes muito elegantes; supplemento com bellas gravuras, bella prosa de Machado de Assis e Eloy, o heróe e bellos versos de Alberto de Oliveira.
- *A mão de familia*— n. 19 Não nos cansaremos de recommendal-a ás mães de familia.

ANNUNCIOS

Lindolpho Coimbra— Bacharel em bellas artes: photographo, chímico e oleographo.
Rua de Santo Antonio—Santos.

Dr. Cyro de Azevedo.— Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas u. 2.

F. Navarro de M. Salles.— encarrega-se de defezas perante o jury. Muzambinho— Minas.

J. M. Villas Bôas da Gama.—dentista— extrahes dentes sem dór. Muzambinho—Minas.

Dr. João Botelho. medico e operador; molestias veneroas, syphiliticas e das vias urinaarias. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicções medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 51, por cima da antiga pharmacia Fragoso, das 12 ás 3 horas.

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO
PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o *Café Oriente*, da fabrica a vapor de Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25
9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a espectiva taboleta— annuncio.

DR. ARAUJO FILHO

MEDICO PARTEIRO

Residencia

Rua do Visconde do Rio Branco n. 36

F. L. STRONG

CIRURGIÃO DENTISTA

RUA SETE DE SETEMBRO, 51

CLUB ATHLETICO FLUMINENSE

6 RUA DO CONDE DE BOMFIM 6

GRANDE FESTA EM 6 DO CORRNETE

PROGRAMMA

- 1º Pareo—160 metros—Corrida rasa para moços de 13 a 16 annos com vantagens. Premios: 1º um relógio de ouro meio patente, corda pelo pé. 2º Um album de madeira esculpida—13 inscriptos.
- 2º Pareo—150 metros—Corrida rasa para meninos de 8 a 12 annos, com vantagens. Premios: 1º Uma escravanhina de prata de lei. 2º Uma pasta de pellucia e bronze esmaltado—31 inscriptos.
- 3º Pareo—1,500 metros—Velocipedes para homens, com vantagens. Premios: 1º Um alfinete com brilhantes e saphira para gravata. 2º Um alfinete com rubim para gravata—6 inscriptos.
- 4º Pareo—180 metros—Corrida rasa para socios que ainda não levantaram premio. Premios: Um alfinete com brilhantes e coral rosa para gravata—24 inscriptos.
- 5º Pareo—600 metros—Velocipedes para meninos, com vantagens. Premios: 1º Uma guarnição com brilhantes. 2º Um alfinete com perolas e rubins para gravata—8 inscriptos.
- 6º Pareo—600 metros—Corrida rasa para homens, com vantagens. Premios: 1º Um alfinete Bargossi com brilhantes. 2º Uma bengala de ebano com castão de prata—38 inscriptos.
- 7º Pareo—6.000 metros—Grande pareo CLUB ATHLETICO FLUMINENSE—Corrida rasa para homens. Premios: 1º Uma medalha de ouro commemorativa. 2º Medalha de prata idem. 3º Medalha de cobre idem—19 inscriptos.
- 8º Pareo—30.000 metros—Velocipedes para homens—3 inscriptos. Premios: Medalhas de ouro commemorativas.

ALBERTO WELLISCH, 1º secretario.

AVISO

O 1º pareo principiara impreterivelmente ás 11 1/2 horas da manhã. Tendo se recebido algumas inscrições de pessoas estranhas ao Club, ficam as respectivas joias á disposição de quem as enviou, visto como a directoria só accceita inscrições de socios.

DERBY-CLUB

GRANDES CORRIDAS A REALISAR-SE

EM 6 DE JUNHO DE 1886

AS 11 1/2 HORAS EM PONTO

Primeiro pareo — DERBY-CLUB — 1.750 metros — Inteiros e eguas do paiz — Premios: 1:000\$ ao primeiro e 200\$ ao segundo.

N.º	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Intima.....	Castanho.....	5 annos	S. Paulo.....	52 kilos	Encarnado e ouro.....	D. A.
2	Guanaco.....	Alazão.....	6 »	Paraná.....	54 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
3	Alteza.....	Libuno.....	5 »	S. Paulo.....	52 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.

Segundo pareo — INITIUM — 1.200 metros — Potros e potrancas nacionaes de 2 annos — Premios: 600\$ ao primeiro e 120\$ ao segundo.

1	Feiticeira.....	Alazão.....	2 annos	R. de Janeiro.	46 kilos	Rosa e grenat.....	Coudelaria Modesta.
2	Flotsan.....	Zaino.....	2 »	S. Paulo.....	47 »	Vermelho.....	A.
3	Plutão II.....	Douradilho... 2 »	Idem.....	Idem.....	47 »	Velludo azul e grenat.....	Lazaro Lima.

Terceiro pareo — LEMGRUBER — 1.450 metros — Animaes estrangeiros que não tenham ganho no Derby — Premios: 600\$ ao primeiro e 120\$ ao segundo.

1	Cheapside.....	Alazão.....	3 annos	Inglaterra....	47 kilos	Encarnado, branco e ouro..	Coudelaria Paulista.
2	Gazida.....	Idem.....	3 »	França.....	47 »	Azul e amarello.....	Idem Luso.
3	Victoria.....	Zaino.....	2 »	Inglaterra....	43 »	Vermelho.....	Idem Ypiranga.
4	Satan.....	Castanho.....	3 »	França.....	49 »	Grenat e ouro.....	Idem Luso-Platense.
5	Frangoise.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	50 »	Verde, branco e encarnado.	Idem R. M.

Quarto pareo — DR. FRONTIN — 1.609 metros — Animaes do paiz até puro sangue, que não tenham ganho no pareo Derby-Club — Premios: 800\$ ao primeiro e 160\$ ao segundo.

1	Macaréo.....	Alazão.....	4 annos	S. Paulo.....	51 kilos	Azule ouro.....	Coud. Santa Cruz.
2	Boyardo.....	Idem.....	4 »	Idem.....	52 »	Branco e estrellas azues...	Idem Guanabara.
3	Africa.....	Preto.....	7 »	Paraná.....	52 »	Encarnado, branco e ouro.	Idem Paulista.
4	Electrica.....	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	54 »	Enc., mangas azues e faixa.	C. M.
5	Diva.....	Idem.....	3 »	R. de Janeiro.	54 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
6	Baioco.....	Castanho.....	4 »	S. Paulo.....	52 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.

Quinto pareo — PROGRESSO — 1.609 metros — Animaes até meio sangue — Premios: 600\$ ao primeiro e 120\$ ao segundo.

1	Bonita.....	Alazão.....	4 annos	S. Paulo.....	50 kilos	Azul e encarnado.....	J. Machado.
2	Intima.....	Castanho.... 5 »	Idem.....	Idem.....	52 »	Ouro e encarnado.....	D. A.
3	Regalia.....	Vermelho.... 5 »	Idem.....	Idem.....	54 »	Branco e encarnado.....	Mario de Oliveira.
4	Druid.....	Tordilho.... 3 »	R. de Janeiro.	49 »	Idem.....	Idem.....	Oliv. Junior & Lopes.
5	Aurora.....	Alazão..... 3 »	S. Paulo.....	47 »	Vermelho.....	Idem.....	Coudelaria Ypiranga.
6	Mandarim.....	Rosilho..... 3 »	Idem.....	49 »	Azul e manchas encarnadas	Idem Paraiso.	
7	Serodio.....	Castanho.... 5 »	R. G. do Sul..	54 »	Azul e branco.....	Idem.	J. Joppert.

Sexto pareo — RIO DE JANEIRO — 2.000 metros — Inteiros e eguas de qualquer paiz — Premios: 1:200\$ ao primeiro e 300\$ ao segundo.

1	Dr. Jenner.....	Zaino.....	3 annos	Rio da Prata.	49 kilos	Grenat e our.....	Coud. Luso-Platense.
2	Fanfarron.....	Alazão..... 4 »	França.....	52 »	Branco e encarnado.....	Idem.	Oliv. Junior & Lopes.
3	Taillefer.....	Zaino.....	5 »	Idem.....	54 »	Encarnado e mangas azues	Coud. Americana.
4	Phrynéa.....	Castanho.... 4 »	Inglaterra....	52 »	Ouro e branco.....	Idem Fluminense.	
5	Damietta.....	Idem.....	5 »	Idem.....	52 »	Encarnado e ouro.....	P. F.

Setimo pareo — SEIS DE MARÇO — 1.450 metros — Animaes do paiz até meio sangue, que não tenham ganho no Derby — Premios: 400\$ ao primeiro e 80\$ ao segundo.

1	Villa Nova.....	Zaino.....	3 annos	Paraná.....	49 kilos	Azul, branco e amarello...	Coud. Esperança.
2	Biscaia.....	Alazão..... 3 »	S. Paulo.....	47 »	Azul e amarello.....	Idem.	A. S. S.
3	Africa.....	Preto.....	7 »	Paraná.....	52 »	Encarnado, branco e ouro.	Coudelaria Paulista.
4	Araby.....	Alazão..... 3 »	R. de Janeiro.	49 »	Ouro e encarnado.....	Idem.	D. A.
5	Aranha.....	Idem.....	4 »	S. Paulo.....	50 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
6	Aurora.....	Idem.....	3 »	Idem.....	47 »	Vermelho e preto.....	Idem, idem.
7	Pretoria.....	Libuno..... 5 »	Idem.....	Idem.....	52 »	Cinzento.....	Idem.
8	Nicoafy.....	Castanho.... 3 »	Paraná.....	49 »	Azul e amarello.....	Idem.	A. C.
9	Peralta II.....	Idem.....	3 »	Idem.....	49 »	Azul e amarello.....	J. P.
10	Ivon.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	49 »	Preto, encarnado e branco.	C. P.
11	Alteza.....	Libuno..... 5 »	S. Paulo.....	52 »	Azul e manchas encarnadas	Idem.	Idem.

Oitavo pareo — ESTRADA DE FERRO PEDRO II — 1450 metros — Animaes de menos de meio sangue — Premios: 300\$ ao primeiro e 60\$ ao segundo.

1	Didi.....	Pampa.....	3 annos	S. Paulo.....	47 kilos	Encarnado e azul.....	Carlos Coutinho.
2	Zaire.....	Gateado..... 4 »	Paraná.....	52 »	Azul e encarnado.....	Idem.	Coud. Amadores.
3	Sultão.....	Libuno..... 3 »	Minas Geraes	49 »	Grenat e manchas azues...	Idem.	F. Vaz.
4	Eucharis.....	Tordilho.... 5 »	Paraná.....	57 »	Branco e encarnado.....	Idem.	Oliv. Junior & Lopes.
5	Zizaina.....	Castanho.... 3 »	R. de Janeiro.	47 »	Cereja, verde e amarello...	Idem.	V. M.
6	Savana.....	Idem.....	4 »	R. G. do Sul.	50 »	Granada e rosa.....	Idem.
7	Orione.....	Alazão..... 6 »	Rio da Prata.	47 »	Azul e ouro.....	Idem.	Coud. Santa Cruz.
8	Verbena.....	Castanho.... 3 »	R. de Janeiro.	54 »	Azul e amarello.....	Idem.	Idem.

Pelo 2º secretario, MARCOS DE MELLO.

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 12 DE JUNHO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 76.

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

SUMMARIO

Expediente.....	FILINDAL
Historia dos sete dias.....	V. MAGALHÃES.
Sels de Junho.....	TÓB.
Politica e politicos.....	L. MURAT.
Onde ella está? poesia....	L. DE MENDONÇA.
Correio litterario.....	LORGNON.
Vida elegante.....	V. F.
Jornaes e revis-tas.....	S. DE S. JUNIOR.
Meu castello, soneto.....	ARARIPE JUNIOR.
Enfermidades estylisticas	P. TALMA.
Theatros.....	L. M. BASTOS.
Sport.....	M. V.
Gazetilha litteraria.....	
Factos e Noticias.....	
Annuncios.....	

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CORTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

Compram-se nesta redacção exemplares do n. 6 d'A Semana, a 500 réis.

A exemplo do que fizemos no anno passado, abrimos de abril a dezembro, uma assignatura de nove mezes pelo preço de 6\$000, dando nós a esses assignantes os mesmos premios a que têm direito os assignantes de anno, com excepção do livro *Vinte Contos*, que é exclusivamente para estes, que deverão recebê-lo por todo o mez de maio.

Deixaram de ser agentes d'A Semana, em Campinas, os Srs. João Azevedo & C. a quem a empresa d'esta folha agradece os valiosos serviços que lhe prestaram.

Substituem-n'os os Srs. Moreira & Irmão.

Foi exonerado do cargo de agente geral d'esta folha o Sr. Leoni Ayres Guerra, que se acha actualmente em S. Paulo.

A esse nosso ex-agente foram retirados todos os poderes que lhe haviamos dado para nos representar fora da capital do imperio.

D'ora avante devem os Srs. sub-agentes e todas as pessoas que tiverem negócios com esta folha dirigir-se directamente ao gerente.

A SEMANA

Publicaremos no proximo numero:

— *Força indomita*, conto, por Cyro de Azevedo.

— *Pallida Maria*, poesia, por Machado de Assis.

— *Palestras femininas*, sobre educação, por D. Adelina Vieira.

— *Canção*, por Olavo Bilac.

— *Bellas Artes*, sobre a exposição de quadros do Sr. Parreiras, por Alfredo Palhet.

— *Notas criticas*, sobre as ultimas produções de Camillo Castello Branco, por Valentim Magalhães.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Tivemos na semana alguns factos dignos de chronica; isto é verdade, e a verdade manda Deus que se diga. Obedecemos ao poder divino. Sarah Bernhardt continua a ser assumpto obrigado de conversações e de chronicas, mas, como hoje a nossa secção de theatros vem assás desenvolvida, não falaremos de Sarah nem mesmo para registrar o esplendido triumpho que a sublime artista alcançou quarta-feira em Frou-Frou. P. Talma, que tem talento como seiscentos diabos, chimpulle um elogio desabotinado, que parecerá tocar as raízes do exaggero aos infelizes que não assistiram aquella grande maravilha de arte, aquelle espantoso prodigio de interpretação!

O poder do genio é absorvente; entretanto Sarah Bernhardt, artista genial, não conseguiu absorver inteiramente o enthusiasmo do nosso publico por duas razões: a primeira é a desafinação constante dos artistas com ella, a segunda é que o phenomenal trabalho de Sarah escapa, por virtude da sua altissima sciencia de interpretação e das suas finissimas delicadezas de desenho á comprehensão de uma grande parte dos espectadores.

Não cabe ao chronista despretencioso e incompetente discutir os dois assertos que lhe parece tradazirem fielmente a verdade. E' uma convicção pessoal em que não ha visos de immodestia, pois que, se nos não julgamos collocados entre os espectadores de maior intelligencia, tambem não nos julgamos entre os de menor. O meu visinho da esquerda, como da direita, como o fronteiro, pensam exactissimamente como nos; mas por serem homens prudentes e pacatos, não o declaram nem que os rachem. Nós, ao contrario, expomos-nos, procuramos o perigo, queremos o abysmo!

Decididamente atravessamos uma época de pendencias medicas. A commissão de peritos nomeada pelo Sr. Juiz do 9º districto criminal, para dar parecer medico-legal sobre o estado mental

de Francisca da Silva Castro, já publicou o resultado dos seus estudos. O relatorio do Dr. Teixeira de Souza é uma peça importante, que revela muito estudo e prova a competencia do habil medico. Nesse relatorio negr-se a *hysteria major* e por consequencia a loucura da inliciada.

Isto vae de encontro ao parecer de outros medicos; d'ahi a provavel pendencia scientifica. Neste conflicto já entrou ante-hontem o Dr. Figueiredo Magalhães, o Jupiter da medicina internacional, com algumas razões de peso. Mas ainda isso não é o peor; o peor é a ameaça que o Dr. Figueiredo faz ao publico, com um latim do Dr. J. Guerin, de começar a publicar hoje uma sorie de artigos sobre o assumpto.

Emquanto o publico sofre a calamidade seja-nos licido transcrever do relatorio do Dr. T. de Souza o seguinte periodo, que encerra a conclusão negativa do parecer:

« No colhido pela justiça, na formação da culpa, não se nos depara acção isolada, impregnada daquelle attributo especial instantaneo, brusco, irresistivel, electrico, por assim dizer, que modela as excitações destruidoras de origem essencialmente hysterica e epileptica; nem tão pouco o caracteristico deductivo com que revestem-se os impulsos produzidos sob convicções falsas ou delirantes e proprio ás formas geraes e parciaes da loucura. »

Muito interessante e cada vez mais complicado está o caso do espolio do Visconde de Souza Carvalho. Pessoas que nelle figuram como devedoras têm apparecido a negar as dividas, affirmando possuirem documentos comprobativos.

Debate-se esta grande questão: Souza Carvalho morreu pobre ou rico?

Nós, como não somos herdeiros do illustre finado, pouco nos importamos com isso; á Justiça, porém, cabe averiguar e esclarecer com cuidado os mysterios d'este caso estranho.

Entre os factos emocionaes da semana figura um envenenamento por ingestão de tripas, a borlo da barca ingleza *Arabella*, e uma horrivel scena de sangue, um duplo assassinato, occorrido na noite de 7, á rua do Jogo da Bola n. 21; dizemos duplo assassinato porque os peritos da policia declararam que os ferimentos de Rossi, uma das victimas, não podiam ter sido praticados por elle proprio.

Abstemo-nos de expor e commentar este facto, pois que os jornaes de terça, quarta e quinta-feira o narram com toda a minuciosidade.

Sobre este caso e sobre o outro do envenenamento, egualmente duplo, aguar demos as ultimas indagações da policia.

Vieram-nos tambem nesta semana as primeiras noticias escriptas do casamento do principe portuguez D. Carlos com a princeza D. Amelia de Orleans.

O que neste facto mais nós fez crescer agua na bocca foi a lista dos presentes de nupcias que receberam os felizes conjuges, publicada ante-hontem pelo *Paiz*, jornal sempre cuidadoso em transmittir ao publico boas e desenvolvidas noticias do estrangeiro.

Na relação dos altos personagens que enviaram presentes aos noivos não vimos o nome de S. M. o Imperador. Admirámo-nos. Diga-se a verdade — admirámo-nos. S. M., tio-avô do noivo, mostrou-se de uma sovinnice lastimavel. Mas talvez ainda seja tempo de reparar a desatenção. S. M. pode dar um presente bom e baratinho, que seja ao mesmo tempo uma lembrança do paiz. Por vinte mil réis S. M. poderia arranjar um bom papagaio, por exemplo, que dissesse com aquella graça dos papagaios: *Quem passa, meu loiro? E' o rei de Portugal que vai á caça!*

A não preferir o papagaio, poderia S. M. mandar um saguisinho, um côco da Bahia; uma lata de goiabada de Campos (que o Sr. Poly-Malvino lhe forneceria por baixo preço); um sabiá-larangeira, ou mesmo uma bengala de Petrópolis; qualquer coisa, emfim, que lhe não desmantelasse as finanças, mas que attestasse ao real sobrinho a consideração e a estima do imperial tio.

Aqui estamos nós que, quando o José do Egypto se amarrou nos doces laços, como os tempos já então andavam bueños como espetos, lhe mandámos de presente — um charuto e uma caixa de phosphoros de cera, dos melhores. Não nos ficou muito caro o presente e o noivo fumou tres ou quatro dias, lembrando-se sempre com lagrymas de jubilo, a cada fumaça, do profundo affecto e da entranhada *aquella* que o liga para todo sempre ao

FILINDAL

SEIS DE JUNHO

Nas paginas tristes da historia politica do Brazil a data de SEIS DE JUNHO fulgurará como um phanal de salvação nas trevas espessas e soturnas da noite negra do nosso tempo, noite cortada pelos sinistros sibilos do chicote dos *senhores* e pelos gemidos angustiados dos escravos.

O conselheiro Dantas quiz fazer com que o Brazil deixasse de figurar nos dictionarios geographicos como — *pays de l'esclavage*, e quiz insufflar a alma de uma grande idéa christã neste Lazaro irresuscitavel — o partido liberal.

Não poudo. Era natural. Honremos o vencido, glorificando-lhe a fulgentissima queda. Quêda como a do sol, que tomba e submerge-se no crepusculo, deixando a saudade da luz.

O nome do senador Dantas ha de — como o sol — resurgir um dia — no dia eterno da immortalidade.

6 de Junho de 1886.

VALENTIM MAGALHÃES.

POLITICA E POLITICOS

Ha tres factos importantes occorridos durante a semana politica: depurações, o discurso do Sr. Ferreira Vianna, e a retirada do ministro da guerra.

Até agora — e nisto sei que estou em desacordo com muita gente — tenho visto nas deliberações da camara con-

soantes á verificação de poderes a accentuação de um relativo espirito de justiça. O Sr. Paranaguá Filho não era deputado; nem o Sr. Prisco; nem o Sr. Franklim Doria; e estas tres foram as unicas contestações serias que appareceram. O Sr. João Penido, liberal, foi reconhecido contra a candidatura de um importante chefe conservador de Minas; o Sr. Ribeiro de Menezes, tambem liberal, foi reconhecido contra a candidatura de um estimado conservador de Alagoas; o Sr. Affonso Celso Junior, adversario da situação, foi igualmente reconhecido, tendo apenas uma maioria de 11 votos sobre o seu competidor Sr. Manoel Fulgencio, conservador.

Não sei as razões que o Sr. Salgado tinha para pedir a annullação de cerca de duzentos votos ao seu competidor Sr. Seve Navarro, e não dou opinião a respeito. Mas o reconhecimento do Sr. Paulino Irmão do Ministro da Marinha, foi um acto de verdadeira depuração praticado contra o deputado legitimamente eleito, o Sr. Camargo.

Tratava-se de uma simples anteposição de nomes em 102 cedulas dadas ao candidato liberal na segunda secção de Santa Christina, 1º districto do Rio Grande do Sul. Diz-se que esse engano foi propositalmente feito por um chefe liberal traidor, o coronel Santos; mas a camara devia saber que se esse chefe distribuiu cedulas contendo nome errado, pelo menos o eleitor levava-as ás urnas na convicção de que votava no Sr. Camargo.

A maioria perdeu a sua força moral praticando semelhante attentado; e quanto á posição do Sr. Paulino Irmão eu nada tenho a dizer: desde que S. Ex. se apresentou contestando o direito do Sr. Camargo e porque estava disposto a assumir o papel que hoje desempenha — o de deputado eleito por obra e graça da consideração que a camara tem pelos negocios da marinha.

O discurso do Sr. Ferreira Vianna é o discurso de um convertido. S. Ex. comprehendeu que a religião catholica permite e louva aquelles que em tempo se arrependem dos seus peccados. Já não é mais Savonarola, é vigario da capella imperial. O Cezar caricato de outrora é o vigario temporal por força do direito divino; o Principe Conspirador que merecia as apostrophes valentes do valente orador, deixou de conspirar desde que chamou os conservadores ao poder.

Um collega diario disse que os collegas do Sr. Ferreira Vianna, quando S. Ex. falla, ficam na posição de marrecos espiando uma aguia. Na ultima sessão essa attitude tinha explicação de alta monta: a camara devia sentir o gostoso frêmito de uma assembléa catholica assistindo á conversão de S. Paulo.

Que frei Ferreira viva durante largos annos, para felicidade do seu partido, em nome do Padre, do filho, do Sr. Andrade Figueira e do espirito monarchico-constitucional que o illumina.

O Sr. Junqueira sahio finalmente, após tantos boatos de que sahia, quantas declarações em contrario da *Evolução*.

Dizia-se que o nomeado era ora este senador, ora aquelle deputado.

Entretanto o Sr. Coelho Rodrigues, de quem ninguém fallava, é que, segundo corria com insistencia, vestiria a farda dourada.

Bem bom para S. Ex.

TOB.

ONDE ELLA ESTÁ ...?

A' MINHA TIA, A EXMA. SRA. D. CANDIDA
MARRETO PEDROSO—

Não sei... porem a todo o instante a avisto
Ri e me acena, como á noite o dia...
E se apresenta como Jesus Christo
No sacramento da Eucharistia.
Que edade tinhas quando te levaram
Para a camara escura e mysteriosa?
Quantos foram os anjos que pegaram
No teu feietro, como o de uma rosa?

Todos choraram quando abandonaste.
O teu ninho de pennas reluzente!...
Inopinadamente o illuminaeste,
Escurecendo-o inopinadamente!
E' dos anjos viver no firmamento,
Como uma estrella ou como um arrebol!
Eu bem notei que no teu s'himento,
Como uma umbella, estava aberto o sol!

Uma corôa virginal doirava
A tua fronte, como um diadema,
E a viração, que as veigas perfumava,
Perfumava-te as mãos, nessa hora extrema.
Ha flores nesse mundo onde hoje habitas,
E valles e florestas estreladas?...
Que canções as espheras infinitas
Estão cantando ao sol, nas maltrugadas?...

Acaso é o céu alguma biblia aberta,
Onde eu não lei, mas onde tu lês?
Acaso a aurora, logo que desperta,
Vae ler contigo o livro que relês?...
Olha! A tua mãe pergunta-me tudo isto!...
Quer que lhe falle só d'este mysterio:
Se esta custodia azul encerra o Christo,
E se vamos alem do cemiterio...

Tudo, como uma porta de granito,
Fêcha-se ás minhas interrogações!
Ah! como eu acho pavoroso o mytho
Impenetravel das religiões!...
Será possivel que depois de tanta
Solidão, tanta lagryma vertida,
Caia murcha a noss'alma, como a planta
Que o sol do inverno veio achar sem vida?"

Misero aquelle que ainda crê e espera!
A mudez hybernal da treva immensa
E' o sepulchro da ultima chimêra,
E o involtorio final da ultima crença!...

LUIZ MURAT

CORREIO LITTERARIO

«OS CIGANOS NO BRAZIL», POR MELLO
MORAES FILHO; RIO DE JANEIRO, 1886;
B. L. GARNIER, EDITOR; 204 PÁGS. —
RESPOSTA A «ALCESTE.»

O Dr. Mello Moraes Filho, litterato laborioso e conhecido, depois de haver, o anno passado, collegido e dado a lume, com o titulo de *Cancioneiro dos Ciganos*, interessantes especimens da poesia popular dos ciganos da Cidade Nova, torna agora ao assumpto, que parece-lhe ser dilecto, e publica, com pequena alteração do summario annunciado, o livro que se promettia num artigo do Sr. Sylvio Romero, estampado nas ultimas paginas d'aquelle outro volume.

Pelo titulo — *Os ciganos no Brazil*, esperavamos estudo mais extenso; mas o novo livro tracta ainda especialmente dos ciganos no Rio de Janeiro.

E' uma noticia historica das origens d'essa raça, sua transplantação para o Brazil e, principalmente, seu estabelecimento na capital, seus costumes e superstições; noticia succinta, mas em estylo ameno, colorido, imaginoso, como convém ao assumpto, senão mais do que convém.

Tem, com certeza, seu peculiar encanto essa raça vagabunda, que leva por toda parte o culto de suas tradições, a que não falta poesia, as suas superstições, ás vezes ingenuas, o seu vestuario, entre ostentoso e miseravel, mas sempre pictoresco. Nem é a primeira vez que vemos um coração de artista apaixonando-se por ella, que tantas obras d'arte tem inspirado.

Por isso e por devida deferencia ao sympathico auctor do livro, não lhe agüaremos o amor com que tracta o seu assumpto, recordando agora, a proposito d'elle, os meirinhos da cidade e os barganhistas de animaes das nossas estradas do interior.

Ao seu estudo ajuncta o Dr. Mello Moraes Filho nova colleção de poesias ciganas, onde, como no *Cancioneiro dos ciganos*, ha, d'envolta com muito cascalho inutil, algum ouro de bom quilate. Assim, estas quadras e outras poucas:

A Morte viu-me chorando :
-- Tu quem és? me perguntou ;
-- Sou a Desgraça ; me acolhe !
A Morte r.u-se e passou.

Se com meu pranto eu pudesse
Recobrar o que perdi,
Chorava até desfazer
Os olhos com que nasci.

No meu visinho *Vassourense*, um letrado amavel, que toma o nome de *Alceste*, dirige-me um folhetim a proposito d'esta secção d'*A Semana*.

Tem a bondade de saudar-me pelo meu ultimo artigo, mas quizera que eu « não censurasse unicamente a pleiade de poetas que fazem versos errados. »

Licença para um parenthezes antes de tornar conhecido aqui todo o desejo de *Alceste*.—No artigo a que se refere, como em outros d'esta secção, não se restringe a minha censura á forma metrica dos poetas do que dou noticia: em mais de um caso tenho confessado que sabem metrificar.

Alceste quizera mais que eu anni-quilasse de uma só vez a horda dos que fazem versos certos, de accordo rigorosamente com a metrica moderna.

Isto assim, sem o complemento de outros periodos que se seguem, daria a entender, como eu a principio entendi, que o meu amavel folhetinista é dos inimigos incondicionaes da poesia; mas não, felizmente. Diz depois que quer poesia com verso certo e, além d'isso, com inspiração, com alma. Ora valhanos Deus! isso sim! não é por ahi nenhum barbaro como se estava receiando: e até um critico muito razoavel.

Mas ainda depois é que *Alceste* desvenda todo o seu pensamento: do que elle não gosta nada—é do soneto moderno. Acha que se tem abusado d'essa forma de um modo pavoroso.

Tem-se abusado, tem, *Alceste*; mas que entre os nossos modernos sonetistas ha alguns que devem escapar á tua maldicção, se justo, ha. Lembra-te de Machado de Assis, de Luiz Delfino, de Raymundo Corrêa, de Alberto de Oliveira, e, — para que a justiça acabe, pelo menos, por casa, — de Valentim Magalhães e Filinto d'Almeida, em alguns dos seus sonetos.

Agora ha um ponto em que has de permittir-me que não estejamos absolutamente de accordo: que possa ser eu o exterminador do soneto.

Não, *Alceste* amigo, com grande pejo o revelo: eu não sou o anjo de pureza, ou, sequer, o peccador arrependido que imaginas: eu não só já fiz versos, como dizes, mas ainda, quando o diabo quèr, os faço. E sonetos até, ó bom *Alceste*! sonetos de quatorze versos, como os outros!

Depois do escandalo d'esta confissão, podes fugir de mim como da peste, mas o que já não podes é esperar d'aqui remedio contra o teu pesadelo em quatorze linhas.

Mas agora noto, e torno a enrubeçer, que *Alceste* deu-me *senhoria* e eu, nesta sem cerimonia de prosa litteraria, o venho tractando por tu. Descupe-me S. S., se ainda pôde desculpar ao

De S. S.

Criado muito desacreditado,

LUCIO DE MENDONÇA

Valença, 6 de Junho.

A VIDA ELEGANTE

No sabbado passado passei uma noite deliciosa.

Dividi-a com os bailes da *Société de Gymnastique Française* e com o sarau concerto do Club do Engenho Velho.

Naquelle prendeu-me a gentileza da directoria, encadeando-me com mil amabilidades. Mr. Nicoud, da importante casa *Au Petit Journal*, taes cousas fez que me obrigou a dansar. Apresentou-me a algumas das mais distinctas senhoras e quando dei por mim, no torvelhu das dansas, era mais de meia noite! Fiz como *Cendrillon*, mas sem o auxilio de fada: desapareci.

Voei para o Club do Engenho Velho. Um sarau feérico, inenarravel. Tudo — flores, risos, harmonias, encantos, delicias.

Fazia as honras da casa o distincto cavalheiro, director do Club, Dr. Claudio da Silva que se não me fez dansar com todas as damas e exterminar completamente o *buffet*... não foi por culpa d'elle.

Uma noite cheia!
A'S. de G. *Française* e ao Club do Engenho Velho os meus agradecimentos, pela agradabilissima noite que me proporcionaram.

No sabbado vindouro grande festa no Club Beethoven, que realizará pomposamente o seu 100º concerto. Assistirão S. S. M. M. e A. A. Imperiaes e nenhum membro do nosso *high-life* dará ponto.

Na execução do programma, pichosamente organizado, tomarão parte os *virtuosi* do Club e alguns dos nossos mais afamados amadores. Vae ser concerto... & C.!

A nossa « vida elegante » com tantos bailes e concertos de primeira ordem, com a prodigiosa Sarah Bernhardt, com *Excelsior*, com a companhia de opera buffa e com a expectativa da do theatro D. Maria II, de Lisboa, não pode queixar-se de não ter com que occupar as suas noites.

Quanto a mim, confesso-o: nunca dei tanto trabalho, como agora, á minha casaca e nunca fui tão estimado pela *Luarvia Parisiense* e pelo Jacques da casa *Leques e Luvas*!

Adeus, leitora: — vou deitar elegancia para ir beijar a mão de *Dona Sol*.

LOGNON.

JORNAES E REVISTAS

Magnifico o n. 8 do terceiro anno da *Illustração*, a bella revista publicada em Pariz por Mariano Pina.

Na primeira pagina dá-nos uma deliciosa gravura de primavera — *As andorinhas*, que é um primor de desenho, de um encanto inexprimivel. Nas outras paginas dá-nos: um bello retrato de Lopes de Mendonça, o celebrado auctor do *Duque de Vizeu*; uma gravura das — *Grèves em França*; duas da — *Revolução na Bélgica*; tres reproduzindo dois typos e uma scena do *Duque de Vizeu*; um bellissimo *Retrato de mulher*, cópia de um quadro de Chaplin; *Antes do « Salon »*, a entrada dos quadros; e *A vaccina contra a hydrophobia*, quadro representando o laboratorio vaccinico de Pasteur.

O texto, brillantissimo, abra dor uma espirituosa chronica de M. Pina, e traz um bello conto de Teixeira de Queiroz (Bento Moreno) — *A postura dos ovos*; artigos de Camillo, Ramalho Ortigão, Maria Amalia e Fialho de Almeida.

Um numero esplendido.

O MONITOR

No dia 30 do passado começou a publicar-se em S. Paulo *O Monitor*, chronica dos factos, de propriedade dos Srs. Dolivaes & Navarro e redigido pelo Sr. Navarro de Andrade, ex-redactor da *Provincia de S. Paulo*.

E' um periodico especial de noticias e de annuncios. Nao oito paginas do 1º numero ha um noticiario abundantissimo e interessante. Não traz artigo de fundo, o que deve ser uma delicia para o leitor paulistano, acostumado a longas estopadas politicas pelos seus diarios.

Parabens e longa vida ao novo collega.

O Club Republicano Rio Grandense começou tambem no dia 30 do passado a publicar um órgão, sob o titulo de *Revista Federal*, e destinado á propaganda das idéias republicanas. E' redigido por uma commissão constituída pelos Srs. Alvaro Chaves, Paula Maiwald e Romaguera Corrêa.

Do seu artigo de apresentação destacamos os seguintes trechos:

« A analyse criteriosa de factos passados e actuaes para confirmação de nossas doutrinas, e a noticia do movimento republicano nacional e estrangeiro serão assíduos meios, com que procuraremos levar a convicção ao animo dos leitores. »

« Confiamos no vigor dos principios, em cujo terreno collocaremos sempre as discussões, o que importa banir d'estas columnas a linguagem da descortezia e da indignação pessoal. »

Em Porto Alegre appareceu no dia 1 do passado o primeiro numero de uma folha litteraria *A Batalha*. E' seu redactor o Sr. Renato da Cunha.

Parece-nos um jornal interessante. Original é elle com toda a certeza. Se não veja-se:

« E' insania talvez o apparecimento da *Batalha*. »

« Não importa. »

Sim; talvez seja insania... mas, como a redacção não se importa com isso, para que diabo nos havemos nós de importar?

Na sua rhetorica de fundo a nova collega diz que — « atravessará impavida pela escabrosa senda a que se propõe, deixando de parte as tolices

parvas*das>nullidades insignificantes. »

Não seria mau que a *Batalha* tivesse um curto armistício para poder, agora no principio, reformar a sua grammatica, que é peregrina, e pentear o seu estylo, que é levado da breca.

Quanto á intenção dos seus dizeres estapafurdios — as nullidades insignificantes que lh'a agradeçam, emquanto não apparecem nullidades importantes para applaudir-lh'a.

Cumprimentamos o honrado collega.

Está muito bom, muito variado e interessante o n. 7 d'A *Quinzena*, publicado em Vassouras no dia 1.º A *Quinzena* é, incontestavelmente, uma folha das que mais honram o jornalismo provinciano. Tem uma redacção cuidadosa e intelligente e uma collaboração constante dos nossos primeiros escriptores.

Eis o summario no n. 7:

«—Expediente; O conselheiro Moraes e Valle; Um disticho, Machado de Assis; Embriaguez do céo, Luiz Del-fino; Livros e folhetos, A. de Olivera e Lucindo Filho; Canção das perolas, Luiz Murat; Impressões litterarias, Cyro de Azevedo; Quadro religioso, Guilherme Gama; A Italia e os italianos, H. de Barcellos; Comedia da morte, Moraes Silva; Revista dos jornaes, J. P.; Pensamentos e reflexões, Visconde de Araxá; Notas e noticias. »

Por circumstancias de força maior, havia-se interrompido a publicação da *Chronica Franco-Brazileira*, excellente publicação de Paris, dirigida pelo Dr. Lopes Trovão. Felizmente foi apenas de dois mezes essa suspensão, e a *Chronica* reapareceu, cheia de força e bons desejos. No n. 10, (de 5 de Maio) são especialmente dignos de ler-se os artigos de Alfredo Marc sobre «A emigração para o Brazil» e «La reaction et le voyage imperial» Em ambos lêem-se boas, embora duras, verdades sobre os nossos homens e as nossas cousas. Além d'esses, traz excellentes artigos scientificos, litterarios e noticiosos.

E' redactor-correspondente da *Chronica Franco-Brazileira* no Brazil o director d'A *Semana* e seus agentes os Srs. Lombaerts & C., que recebem assignaturas ao preço de 10\$ por anno e 6\$ por semestre.

Deixou de escrever no *Diario de Noticias* o nosso estimado collega Arthur Azevedo, que n'aquella folha redigia a secção humoristica *De palanque*. A causa sabida d'essa lamentavel retirada foi a recusa por parte do director do *Diario* de um *De palanque*, (dias depois publicado na secção livre da *Gazeta de Noticias*) em que Sarah Bernhardt era muito elogiada. O publico terá certamente saudades de *Eloy*, o heroe.

O *Centro Abolicionista Seis de Junho* publicou neste dia um jornal com o titulo: «Seis de Junho, homenagem ao benemerito gabinete Seis de Junho». Traz escriptos de Ferreira de Araujo, J. Nabuco, Cyro de Azevedo, Valentim Magalhães e outros escriptores. E' uma homenagem merecidissima.

O ultimo n. da *Revista Illustrada* está de uma chibança e de um *chic* merecedores de noticia especial, n'esta secção. Ha muito tempo não fazia o lapis de Angelo Agostini um retrato tão finalmente trabalhado e de tão cuidadoso acabamento como o de Sarah Bernhardt, estampado na primeira pagina d'este numero da *Revista*.

Nas outras, numerosas e miudas caricaturas á penna a proposito de *omnibus rebus* e de mais algumas; especialmente o commendador Malvino e Sarah. Oh! céus que effeito o do *accouplement* casual d'estes dois nomes!

Do texto, que é muito bom, recomendam-se os artigos *Impressões litterarias* e *Notas politicas*.

Deixaram a redacção da *Gazeta da Tarde* os nossos collaboradores Drs. L. Murat e Raul Pompeia.

Pezames á *Gazeta da Tarde*.

No dia 6 do corrente completou o *Diario de Noticias* o seu primeiro anno de existencia.

Cunprimentos ao estimavel collega.

V. F.

MEU CASTELLO

Senhora, entrae. Vereis illuminado
O vestibulo; sob as arcarias
Desdob. ar-se em testões as phantasias
Que julgo serem mais do vosso agrado;

Das setteiras as rosas do vallado
Debruçam-se em risonhas laçarias;
Dá passagem ás franças alegrias
A ponte, que por vósjeu hei baixado.

Ouvi lá dentro, ouvi, a sonora
Canção dos meus amores: se formosa
Achais esta vivenda, deslize

Esse meigo sorrir que é minha aurora,
Senhora castellar; e como agora
Ja vistes meu castello... e .trae, entrae.

SOARES DE SOUZA JUNIOR.

ENFERMIDADES ESTYLISTICAS (*)

SUMMARIO.—Os d'spoios de V. Hugo—Antropomorphismo litterario; hypertrophia da metaphora; perluxidade epithetica; excessos na amplificação; desproporção na antithese.—Desequilibrio psychico entre a forma e o pensamento; esbátimento exaggerado na descripção; phrase causativa. Defeitos de metrica na linguagem. — Causas — Zola e Richopin. — Guerra Junqueiro e Ramalho Ortigão.—Seus representantes no Brazil.

(Continuação)

A amplificação bem entendida pode considerar-se a palheta onde esse pintor chamado poeta combina as suas tintas, accommoda os seus pinceis e prepara os seus effeitos.

Ella, portanto, pode abranger todos os tropos, todas as figuras, todos os recursos do estylo. Protheu na phrase, de sua estrutura original depende quasi a feição de quem escreve.

Quem houver percorrido uma longa galeria de quadros terá por força notado de uns specimens para outros, se não mesmo de grupos para grupos, uma singular differença, não tanto no modo de dispor as figuras na tela como no colorido, no sombreado, na particularidade do tom.

Ha composições que parecem envolvidas por um nevoeiro de um tenue azul. Aquellas ali, ao contrario, apezar de representarem, por exemplo, o cre-

pusculo tropical, em que tão bellamente incidem os tons arroxeados, surgem feridas por clarões sinistros, avermelhados, cujo foco não se encontra na payzagem, mas que parece existir fora da tela. Aquell'outras, em que pese ao sol a pino que fulmina as arvores e os rochedos, apresentam ao espectador aspectos sombrios, tristes, linhas escuras, recessos mysteriosos, aonde a vista não acha senão um dia como pretexto á perspectiva de uma noite e sem luar.

Taes differenças chegam muitas vezes a tomar proporções incommodas ao olho do observador; e se elle for mais do que um observador, se for um critico d'arte, dirá logo, folheando o seu *Fromentin*, que se trata de um abuso de cores ou de algum vicio oriundo da confusão da arte do claro escuro com o colorido.

Resultados semelhantes se descobrem n'essa outra tela a que damos o nome de discurso.

Ha escriptores, ha poetas que, por mais talento que tenham, nem sempre conseguem manter o rythmo das cores. E como existem cores mais apropriadas do que outras para a representação de certos sentimentos que lhes são mais familiares do que outros, eil-os a subordinarem desordenadamente todas as suas combinações a essa onda de tinta que se derrama, por assim dizer, pela palheta, invadindo todas as intenções do pincel e cbsedando o espirito do proprio espectador.

Sempre extremado em seus processos amplificadores, quando -V. Hugo deixa a metaphora abater-se, quando as suas enormes figuras estoiram no espaço e esvaem-se como pesadélos, recomeçam umas agudezas não sei se mais incommodativas: as hyperboles e as antitheses paradoxaes!

O facto é tão verdadeiro e reconhecido que um dos seus maiores adoradores, Edmundo de Amicis, (*Retratos litterarios*, p. 11) ousa dizer que nestes momentos «não é a palavra do homem que nós ouvimos, mas o ulular ou o balbuciar do furioso. Periodos enormes desencadeiam-se sobre periodos enormes como um desfazer de massas de neve, obscuros e pesados; outras vezes são pequenos incisos sobre pequenos incisos, cerrados e violentos como granizo, e os absurdos, as palavras ócas, as *doidas hyperboles* e os *pedantismos* acotovellam-se, tumultuam, confusamente.»

Ainda neste ponto o mestre affiou o gume do seu estro nas paginas das *Esripturas Hebraicas*, lição sob muitos aspectos perigosissima, lição que quasi perdeu o genio de um orador portuguez, o padre Vieira, transtornando um grande estylo, convertendo a eloquencia em uma manta de retalhos só digna das arlequinadas das feiras.

(Continúa.)

ARARIPE JUNIOR

THEATROS

Tivemos segunda-feira, no Polytheama, *Crispino e la comare*, a conhecida e apreciada opera-buffa dos irmãos Ricci.

Infelizmente, o espectáculo não correu com a habitual regularidade, por causa de uma indisposição da Sra. Mancini, indisposição que lhe velou quasi inteiramente a voz. A's primeiras manifestações de desagrado da plateia o Sr. Carbonetti deu uma satisfação ao publico, que lh'a acceptou com palmas, e o espectáculo continuou.

As honras da noite couberam aos

(*) Vejam-se os ns. 65, 67, 69 e 74.

Srs. Carbonetti e Regianni, que nos deram dois bellos typos. O *trio* do segundo acto, cautado por estes dois artistas e pelo Sr. Reinaldi, barytono, agradou muito.

A fama da peça levou ao Polytheama muito maior concurrencia do que a que temido neste theatro a companhia Ferrari.

Restabelecida a Sra. Mancini, que, no genero, é uma cantora de primeira ordem, *Crispino e la comare* deve agradar extraordinariamente.

G. LIMIDO

Na terça-feira, no Imperial Theatro, com o *Excelsior*, fez beneficio a primeira bailarina, a Sra. Giovanini Limido, uma nervosa endiabrada, que tom nos pés o que em geral os grandes artistas têm na cabeça — o genio!

A Sra. Giovanini dançou maravilhosamente — *maravilhosamente* não dá ainda uma idéa exacta do que faz Giovanini! — a sua parte no bailado. Além dos passos da peça, a beneficiada dançou uma *escosseza* deliciosa, com um garbo e uma elegancia de que só ella tem o segredo. Já c temos dito e repetimol-o agora: Giovanini é uma artista estu-penda.

Neste genero ha na Europa apenas quatro celebridades incontestes — são a Cornalba, a Zuch, a Bella e a Giovanini. As outras serão talvez mais bellas mulheres, mas, com certeza, nenhuma é mais correcta nem mais graciosa artista.

O theatro estava repleto e a beneficiada teve uma grande ovação á sua entrada no segundo acto: o palco ficou atapetado de flores e pelo espaço voavam, soltas de um camarote do proscenio, revoadas de pombos e outros passaros pequenos, todos com bonitos laços de fitas de cores. Dos camarotes, das cadeiras, das varan-las e das galerias os applausos foram calorosissimos, pagando assim o publico a Mlle. Limido-Turbilhão em palmas o que ella lhe proporciona todas as noites em goso artistico.

No ultimo quadro do segundo acto as danças caracteristicas das quatro nações foram substituidas por gracioso bailado dançado por duas lindas crianças, que foram muito applaudidas.

No final houve muitissimas chamadas á Giovanini, que foi estrondosamente victoriada.

O publico soube fazer justiça ao grande merito d'esta artista excepcional.

No Sant'Anna faz-se hoje *reprise* da portentosa e deslumbrante revista — *A mulher—homem*.

Amanhã repete-se.

O Heller dá mais alguns espectaculos com *A Mulher-Homem* só para attender a um sem numero de pedidos que lhe têm dirigido a população d'esta Córte e de algumas provincias — Hontem, na Bolsa, offereciam-se em leilão cadeiras e camarotes a preços fabulosos.

Vão ser duas enchentes quasi perigosas.

A policia vae reforçar hoje e amanhã a guarnição do theatro.

PALADINI

Estava annunciado para esta semana, mas só subirá á scena no Recreio Dramatico na quarta-feira, o grande e espectacular drama de D'Ennery — *Maria Joanna, a mulher do povo*.

Deu causa á transferencia o cuidado do Dias Braga, em bem montar esta peça, por isso que os scenarios hão de ser todos novos e estão commettidos ao habil pinçel de Coliva.

Estreiará nesta a grande Celestina de Paladini Andô, um nome de fama europeia, uma reputação que o nosso publico já teve occasião de applaudir neste mesmo papel de Maria Joanna.

Temos mais uma grande actriz a admirar.

Até quarta-feira.

Será no dia 18, na Phenix, o beneficio da actriz Elisa de Abreu. Representa-se *A Honra de um taverneiro* e, pela beneficiada, a scena comica *Um par de pés*.

Com o fim de fazer uma excursão artistica pelo norte do imperio, a companhia Furtado Coelho parte no dia 10 para Pernambuco.

Depois da viagem os artistas Lucinda e Furtado fixarão residencia nesta Córte.

No dia 9 embarcou em Lisboa, no paquete *Magelan*, com destino a esta capital, a excellente companhia dramatica do theatro D. Moria II.

Vém os artistas Virginia, Falco, Amelia da Silveira, João Rosa, Augusto Rosa, Silva Pereira e Baptista Machado.

A peça de estreia será a *Fedora*, de Sardou.

FROU-FROU

«É deliciosa esta comedia de Meilhac e Halevy. Sem grandes complicações de enredo, que são o maior defeito das de Sardou, não precisa dos detestaveis recursos das *ficelles*, e os seus cinco actos deslisam naturalmente, sem constrangimento e sem scenas forçadas. Os dois primeiros actos são francamente de comedia e servem para a demonstração do caracter da protagonista; no terceiro começa o drama, que se desenvolve como um resultado fatal d'aquelle caracter e d'aquelle temperamento, a um tempo leviano e arrebatado, inconsequente e caprichoso.»

Eis o que a respeito de *Frou-Frou* escrevemos na *Semana* de 25 de Julho do anno passado, quando esta peça foi representada pela companhia Rossi—Duse Checchi.

Naquelle occasião pareceu-nos inexcusable o desempenho dado pela Duse ao difficillimo papel de Gilberta. Como estavamos enganados! Duse apenas nos entremostrou a frivola personagem de Meilhac e Halevy. Mas quem poderia imaginar, depois de ver a Duse, — um talento enorme, uma alma extraordinariamente vibratil e sentimental, uma organização artistica culminantemente nervosa, fazendo qualidades dos puros defeitos, transcendendo do seu temperamento individual o temperamento das suas personagens, assimiprolando os seus typos em vez de se lhes adaptar, emprestando-lhes a sua ternura e dando-lhes as suas lagrymas — quem poderia imaginar, então, que esta Sarah Bernhardt era o assombro que é? quem pensaria no prodigio de arte que nos sorprehendeu e espantou quarta-feira, a todos os que tivemos a ventura de a ouvir e de a ver no estouvamento gracioso do primeiro acto; na ingenuidade e na frivolidade do segundo; nas lagrymas, no desespero e no arrebatamento do terceiro; no desanimo do quarto; na doce agonia e suave morte do quinto?!

Certo que ninguem, que ainda a não tivesse visto, julgaria que a arte de representar pudesse attingir tão elevado grau, que o esforço humano pudesse chegar até aquelle cumulo, e que o talento de uma debil mulher a fizesse galgar todos os precipicios para lá dos quaes demora a extrema barreira inul-

trapassavel da arte, ponto divisorio entre o sublime e o ridiculo, pinaculo e culminancia a que só pode subir o genio humano nas mais prodigiosas ascensões da manifestação artistica!

Foi preciso que viesse esta actriz — assombro para podermos comprehender absolutamente o que é a arte da interpretação e da reprodução dos caracteres, das dores, dos desesperos e das paixões humanas!

Nos dois primeiros actos Sarah Bernhardt encantou-nos pela simplicidade, pela extrema graça, pela naturalidade e pela correção com que desenhou, desde os traços mais vigorosos até os ultimos esbatimentos de sombra, o delicioso typo da leviana Frou-Frou.

No terceiro, arrebatou-nos até ao delirio d'aquella formidavel explosão de palmas com que todo o theatro a victoriou no final. Realmente, nunca vimos uma grande scena, como aquella, tão genialmente representada e jogada. Frou-Frou, cedendo em sua casa á irman o seu logar de *menagère*, de esposa e de mãe, apostropha-a violentamente, com toda a energia da face occulta do seu caracter extremado, com todo o espantoso arrebatamento de que são susceptiveis as indoles frivolas em momentos de desespero — e sae para seguir o antigo namorado que não deixou nunca de sollicital-a.

No quarto acto o papel de Frou-Frou é passivo; o acto pertence ao marido, e o trabalho de Sarah, por ter sido in-criveiramente prejudicado pelo Sr. Fraiser, não pou le ser apreciado.

No quinto acto, Gilberta entra para implorar perdão e morrer juncto do marido e do filho. Magistral a scena da morte. Já o dissemos — a agonia de Frou-Frou é ligeira e doce; a dor da morte suavisa-lha a presença das pessoas amadas, que ella de ha muito não via reunidas. Morre pedindo que lhe vistam o seu mais bello vestido, um vestido branco, bem alegre, bem garrido, e todos hão de ver como ella irá bonita, muito bonita para o tumulto... E morre, como uma ave mansa, exhalando em todos os tons o seu apellido, para mostrar que na morte, como na vida, ella é a Frou-Frou, sempre Frou-Frou.

Delicioso, indiscriptivel, inenarravel este trabalho!

Estreiou nesta peça Mlle. Jeanne Malvau, no papel de Luiza. É uma actriz distincta e inquestionavelmente a segunda figura da companhia. Já o seu typo e a sua voz são extremamente agradaveis. O papel de Luiza foi magnificamente desempenhado, e a maior prova do merito de Mlle. Malvau, tivemosol-a venho-a sustentar gallardamente com Sarah a grande scena do terceiro acto, no fim da qual foi notavel a maneira por que se atirou, desesperada, á porta que a irman lhe fecha ao sahir. Todo o papel, porém, foi feito com muita egualdade, naturalidade e correção. Trabalho digno de apreço e de nota.

Mlle. Vallot fez o que pode no papel de baroneza de Cambri, e agradou principalmente por ajudal-a a sua natural belleza.

Agora, o que pareceu uma grande troça do *regisseur*, quem quer que elle seja, foi ter confiado ao Sr. Fraiser o difficil papel de Sartorys. Mil vezes o antes Sr. Garnier! E certo que o papel de marido de Gilberta melhor cabia ao Sr. Garnier do que o de Loris ou o de Arnaudó Duval.

Para Sartorys — Fraiser só temos um adjectivo: — hediondo!

Este Sr. Fraiser tem muito mais defeitos do que o Sr. Garnier, sem possuir

nenhuma das suas qualidades. Detestável.

Com uma certa distincção foi feito pelo Sr. Decori o papel de Valréas. Esteve bem na scena do ensaio, no segundo acto; teve uma pessima sahida no terceiro e fez muito bem todo o quarto.

Outro artista que ainda agradou em *Frou-Frou* foi o Sr. Angelo, embora pouco á vontade no papel do pae Bri-gard.

Quem tambem conseguiu desagradar inteiramente foi o Sr. Fournier, no papel de barão de Cambri. Este senhor nem figura tem para aquelle papel.

Em resumo: *Frou-Frou* foi um grande triumpho para Sarah Bernhardt e uma esplendida apresentação de Mlle. Malvau.

Parabens a ambas... e ao Ciacchi.

ADRIANA LECOUVREUR

Acabo de chegar do theatro S. Pedro de Alcantara.

Tenho as mãos doloridas de dar palmas e todo o meu corpo ainda frene sob a indizível impressão de máguia e horror que me fez a estupenda artista na scena da morte.

Extraordinario poder—o do genio!

Neste momento Sarah Bernhardt, quebrada de fadiga, mas risonha e tranquilla, ceia em companhia de seu filho e de seus companheiros no *Grande Hotel*, ou, no seu quarto, faz a sua *toilette* da noite prestes a adornecer serenamente do bom somno reparador de quem trabalhou de véras, consciente do valor de seu trabalho... E nem mais se lembra de que, ha bem pouco, era a commovente e desgraçada Adriana.

E, no entanto, eu, espectador, estremeço ainda, ouvindo-lhe a voz despedaçadora, vendo-lhe o gesto desvairado, soffrendo dos seus soffrimentos! e, jornalista, obrigado a fazer o *compte-rendu* da representação, mal seguro a penna nos dedos tremulos, esmagado sob o peso do seu talento enorme, eu, assombrado, nervoso, incerto, não sei, não sei absolutamente que hei de escrever do seu admiravel trabalho!

Aquillo não se descreve: vê-se, admira-se, e applaude-se, se a commoção porventura concede forças para tanto!

O talento d'esta mulher é um immenso diamante, perfeita e maravilhosamente lapidado pela arte, mas cujas faces são innumeraveis, tendo cada qual sua luz propria, sua fulguração diferente. Nem é possível contal-as—nemao menos descrever o seu brilho e a sua cor.

Primeiro foi *Fédora* — alma terrível na vingança e sublime no amor; depois *Margarida*, coração virginal, inexgotável de purissimo affecto, devotado até ao sacrificio e votado ao infortunio; em seguida *Frou-Frou*, cabeça leve e formosa como irisada bolha de sabão, alma, no entanto, immaculada e boa; e hoje é *Adriana*, a actriz de genio que hasteia na arte, galhardamente, a auriflamma da verdade, a mulher altiva e terna, sacrificada covardemente por uma rival indigna. Amanhã será *Theodora*, a imperatriz-comediante, lasciva e cruel, astuciosa e amante... Depois *Dona Sol*... Ah! insensato! queres contar as mil facetas do diamante?!

Adriana Lecouvreur é um velho drama de Scribe e Legouvé, hoje apenas accetável pela sua admiravel feitura, pelo fino espirito e pela mestria com que são dialogadas e travadas as scenas. Falta-lhe sentimento e poucas situações tem verdadeiramente dramaticas. Felizmente a do desfecho é bastante para que uma artista como Sarah Bernhardt

revéle e patenteie largamente, offuscantemente, todos os seus recursos emocionaes.

Mas não foi somente na grande scena capital que ella se mostrou, mais uma vez, artista consummada e genial: foi desle que deu o primeiro passo e pronunciou a primeira palavra em scena. Não teve um gesto nem uma inflexão que não fosse admiravel de correcção e de verdade.

Não tenho tempo nem espaço para os detalhes. Todo o papel foi interpretado e conduzido de maneira incrivelmente bella.

A scena do terceiro acto com a princeza de Bonillou, quando lhe facilita a fuga; o duello terrível de ironia e desprezo que trava com ella no quarto acto, lançando-lhe com os versos da *Phédra* (admiravelmente recitados) o opprobrio á frente, *qui ne rougit jamais*, as mesuras com que se retira, e toda a agonia e morte, no quinto acto, são — para não citar todos — modelos perfectos da arte de representar.

Ha muito tempo não viamos em theatro tão profunda commoção como a que causou esta pungentissima luta contra a morte inevitavel, no momento mesmo em que acabava de alcaçar a felicidade suprema, em que era a noiva do seu adorado Mauricio!

Todo o seu trabalho pode ser qualificado n'esta unica palavra: perfeito!

A Sra. Malvau firmou os seus creditos de excellente artista, ganhos no papel de Luiza em *Frou-Frou*, na interpretação que deu ao da princeza. Secundou valentemente a sua gloriosa companheira e compartilhou com justiça e honra das palmas com que o publico delirantemente a applaudo.

O Sr. Lacroix foi bem, mesmo muito bem, no papel de Michonet. É mais um bom artista da companhia que tivemos o gosto de conhecer. O Sr. Decori não comprometteu o papel de principe Bouillon. Em nenhum dos outros, aliás sem importancia, — com excepção do de Conde Mauricio, — houve materia para menção especial.

Sarah Bernhardt consegue, em cada noite, sobrepujar-se a si propria, os appausos vão subindo ao delirio, á loucura, e a companhia vae conquistando agora rapidamente a estima do publico.

Auguramos, portanto — sem receio de engano — nunca vistas enchentes ao S. Pedro de Alcantara.

Hoje, em recita extraordinaria, *A Dama das Camélias*.

E brevemente — *Theodora*.

Um pedido, para terminar: — que se repita o *Frou-Frou*. Desespera-nos a idéa de não ver novamente a grande Sarah no papel de *Frou-Frou*.

P. TALMA

SPORT

Realizaram-se com grande animação e bastante concurrencia as corridas do Derby-Club no domingo passado. O programma, que se compunha de oito pareos, foi bem organizado e regularmente preenchido por numerosos parelhinhos, de todas as qualidades, tornando d'esse modo os pareos bem disputados.

Notámos, entretanto, nesse programma, a falta sensível de muitos parelhinhos importantes, quer nacionaes, quer estrangeiros, pertencentes ás distinctas coudelarias Alliança e Cruzeiro, que deviam ter sido inscriptos em diversos pareos e os tornado mais impor-

antes com a presença d'esses animaes superiores, que inquestionavelmente attrahiriam maior numero de apaixonados d'esse divertimento.

Diversos motivos, justos ou injustos, deram logar a um resentimento das importantes coudelarias acima mencionadas, para com a distincta directoria do Derby-Club.

Com a independencia e sinceridade com que estamos habituados a discutir imparcialmente questões de qualquer natureza, pretendiamos pelas informações conceituadas que nos foram dirigidas fazer a nossa apreciação, sobre esse *est. emecimento*, mas não o fazemos por falta do preciso espaço.

Esperamos que a distincta directoria do Derby-Club e as importantes coudelarias dignamente se harmonisem, chegando a uma solução lisongeira para todos, embora tenha havido razões plausiveis.

Eis o resultado das corridas:

O 1º pareo (1750 metros) foi disputado por *Intima*, *Alteza* e *Guanaco*, que, apesar de ser um meio sangue de longa idade, ainda conserva a mesma vitalidade, vencendo os seus competidores em 122 segundos; *Intima* chegou em segundo e *Alteza* em 3º lugar, fazendo triste figura.

No 2º pareo (1200 metros), sahio victorioso facilmente em 85 segundos *Flotsam*, demonstrando ser um producto superior a todos os meios sangue de dois annos que actualmente se apresentam em nossos hippódromos. Sua brilhante carreira, feita em 86 segundos com peso excessivo, sahindo atrasado e pelo meio da raia, mostra que o valente animal difficilmente encontrará competidor nestes proximos tempos. *Feiticeira* teve o segundo lugar, fazendo boa corrida. *Plutão II* chegou em terceiro, demonstrando falta de bom tratamento.

No 3º pareo (1450 metros), ganhou *Françoise* em 98 segundos, fazendo boa carreira, apesar do excessivo peso; *Cheapside* teve o segundo lugar, mostrando não estar bem preparada, visto ser superior a *Françoise*. *Victoria* teve o terceiro lugar, quasi nos prega um susto. *Gazida* o 4º. *Satan* não correu. Se corresse ficaria distanciado. Como animal de corridas é bacamarte.

No 4º pareo (1609 metros), bateram-se *Africa*, *Boyardo*, *Diva*, *Macaré* e *Bayoco* que, apesar de muitas sahidas falsas e manhas, foi pelo jockey obrigado a sair e tomar a dianteira, vencendo os seus competidores em 107 segundos, contra a expectativa geral. *Macaré*, animal de sangue puro, chegou em segundo lugar. *Diva* teve sahida muito desfavoravel: chegou em terceiro lugar. *Electrica* parou logo depois de partir, mancou pelos couces que lhe deu *Bayoco* ao disparar. *Boyardo* e *Africa* chegaram na bagagem.

No 5º pareo (1609 metros), correram *Mandarim*, *Aurora*, *Bonita* e *Wid*, que em 111 segundos e com alguma facilidade bateu os seus competidores. *Bonita* chegou em segundo lugar; está melhorando. *Mandarim* e *Aurora* ficaram distanciadados. *Regalia*, *Intima* e *Serodio* não correram.

No 6º pareo (2000 metros), correram *Damietta*, *Fanfaron*, *Taillefer* e *Phryné*, que desde o pulo e facilmente, bateu os seus competidores em 132 segundos, tempo em que até hoje animal algum tem corrido aquella distancia. *Taillefer* correu sem estar convenientemente tratado e sentia-se um pouco das mãos: teve o segundo lugar. *Damietta*, animal vencedor do Grande Premio, cada vez mais se desmoralisa pela falta de tratamento; obteve com difficuldade o terceiro lugar. *Fanfaron* o 4º lugar. *Dr. Jenner* não correu. Este tem mais con-

figuração de animal de carro que de corridas e na verdade tem provado ser legitimo bacamar-te.

No 7º pareo (1450 metros) inesperadamente os mestres e os grandes palpitistas foram derrotados pela velha Africa, que em 100 segundos sahi victoriosa, distribuindo aos seus predilectos o amavel rateio de 612\$. *Nicoafy* e *Biscaia*, ambos favoritos, chegaram ao poste quasi juntos, tendo o 1º o segundo lugar e o 2º o terceiro.

Tambem correram *Ivon*, *Peralta II*, *Aurora*, *Aranha*, *Villa-Nova* e *Araby*, *Alteza* e *Pretoria* não correram.

No 8º pareo (1450 metros), venceu facilmente, em 101 segundos, *Zaire*; seguido de perto por *Savanna*. *Eucharis* em 3º. *Sultão* em 4º. Tambem correram *Didi*, *Orioni* e *Verbena*. *Zizaina* não correu.

A's 5 1/2 horas terminou o divertimento sem que a boa ordem fosse perturbada.

Com um magnifico programma effe-ctua amanhã as suas corridas a benemerita sociedade Jockey-Club. Na verdade o programma é excellente e digno de ser apreciado pelos devotos do deus Palpite. Vide a nossa ultima pagina.

O Sr. Frederico Schmit, estimavel negociante d'esta praça, recebeu ha dias um importante sangue puro francez, destinado especialmente a disputar o nosso Grande Premio.

Consta pertencer este lindo parselheiro á distincta coudelaria Cruzeiro. Os nossos parabens.

L. M. BASTOS

GAZETILHA LITTERARIA

O conhecido litterato Sr. Lopes Cardoso, auctor do apreciado livrinho *Typos em prosa e verso*, leu em dias da semana transacta a alguns amigos e homens da imprensa uma peça allegorico,—fantastica intitulada *Progrebior!* Os tres principaes personagens são tres diabos: o diabo classico (Satan), o diabo romantico (Mephistopheles) e o diabo moderno ou scientifico (Trabalho). Mephistopheles vence seu pae—Satan e mais a avó—Theologia, e o ultimo, vence a ambos. Em fundo é a luta do Obscurantismo e da Luz, luta vencida pelo Trabalho com o auxilio da Imprensa, a prodigiosa força reformadora do seculo XIX.

A peça é dividida em tres partes e scripta com grande energia e muita imaginação, e alentada sempre por idéias adeantadas e generosas. O auctor dedicou-a á Imprensa do Brazil.

Pela particula que da offerta nos cabe—mil obrigados.

Já está á venda em nossas principaes livrarias *O Anti-Christo*, o esperado grande poema de Gomes Leal.

N'0 Paiz do 9 do corrente veio publicada a saudação redigida e dirigida pela conhecida escriptora D. Guiomar Torrezo a *Madame royale la princesse Marie Amélie d'Orleans* em nome das senhoras portuguezas. A carta é scripta em francez, mas em um francez de pouco mais ou menos.

Exemplos: *«embellie de tous les splendeurs», «larmes semblables au rosée», «au nom de les femmes portugaises».*

E' possivel, é mesmo muito provavel, quasi certo, que por tão pavorosas cincas na lingua de Racine e Renan seja somente responsavel a «revisão» d'0 Paiz.

Oh! estes revisores!.. têm as costas largas.

M. V

FACTOS E NOTICIAS

Fomos honrados com a visita do respeitavel sacerdote e proecto escriptor padre Senna Freitas, que está, de passagem, nesta cidade.

Cumprimentamol-o com a sympathia que nos despertou a sua pessoa e a consideração que ao seu talento e á sua illustração tributamos.

O illustre educador barão de Macahubas encetou na sexta-feira passada uma nova serie de conferencias explicativas do seu methodo de leitura. Convidamos a ir ouvir-as quantos se interessam pela nossa instrução publica.

Falleceu em avançada edade o Dr. Josino do Nascimento Silva, inspector da Instrução Publica da provincia do Rio de Janeiro.

Foi uma perda sensivel.

CLUB ATHLETICO FLUMINENSE

No dia 6 do corrente realizou este Club, que cada dia maior numero de sympathias adquire, uma esplendida festa.

Além dos pareos de corridas a pé, havia para attrair a attenção e a curiosidade dos espectadores, uma corrida de velocipede — com a distancia de 30 kilometros, em uma hora e cinco minutos.

O habil e distincto velocipedista Sr. L. Azevedo fez essa corrida em menos tempo do que o marcado. Esse *tour de force*, que nos annaes do sport velocipedico fluminense se tornará memoravel, foi effectuado pelo Sr. Azevedo em 57 minutos, menos oito que o tempo marcado.

Deante d'este arrojio sem exemplo, todo o publico que na sua maior parte ali fora attrahido por esse pareo, applaudo frenetico e entusiasmado o joven velocipedista.

Todos os outros pareos, quer os de corridas a pé quer os de velocipedes foram bem disputados por numerosos competidores.

A concorrência, com quanto mais crescida que a habitual, era, todavia, pequena em vista dos extraordinarios pareos que ali se realizaram.

Parabens ao publico que teve o bom gosto de ali se achar, ao exímio velocipedista e ao Club Athletico pela festa de domingo.

Foram-nos mostrados alguns cortes de lã e de seda de uma só cor, borda los á machina com dezenhos de flores, fructos, folhas e iniciaes, na fabrica do Dr. Fernando de Albuquerque, em S. Paulo, unica no seu genero.

O trabalho é magnifico, em nada inferior talvez, ao que nos vem da Europa. Na casa *A's Parasitas* estão expostos alguns specimens.

Regressaram ha dias das provincias do Rio de Janeiro e de Minas-Geraes as irmãs de caridade Maria de Jesus Tavares e Anna Evaristo Duarte, que andam angariando donativos para o patrimonio de um dos dezoito estabelecimentos de caridade fundados pelo Dr. Ibiapina, o asylo de meninos do Crato.

Pedimos para essas respeitaveis e sympathicas senhoras a protecção publica, pois é das mais dignas de auxilio a caridosa obra pela qual esmolam.

Uma irmã do actor Eduardo Brazão casou-se com o Sr. Manoel Damasceno, filho da actriz Rosa Damasceno.

Assim ficará a noiva sendo irmã-enteadada do actor Brazão, a actriz Rosa Damasceno sogra-cunhada da irmã do actor Brazão, e este, padraστο-cunhado do Sr. Manoel Damasceno.

ANNUNCIOS

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Tereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o *Café Oriente*, da fabrica a vapor de Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25

9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a espectiva taboleta—annuncio.

DR. ARAUJO FILHO

MEDICO PARTEIRO

Residencia

Rua do Visconde do Rio Branco n. 36

Dr. João Botelho, medico e operador; molestias venereas, syphiliticas e das vias urinares. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicações medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 51, por cima da antiga pharmacia Fragozo, das 12 ás 3 horas.

Augusto Luz,—incumbe-se gratuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

Dr. Arthur Paoliello,—Medico—Especialidade: partos e molestias do utero. Muszmbinho—Minas.

JOCKEY-CLUB

PROGRAMMA DA SEGUNDA CORRIDA

A EFFECTUAR-SE NO PRADO FLUMINENSE

DOMINGO, 13 DE JUNHO DE 1886

AO MEIO DIA EM PONTO

(A's 12 horas) — 1º pareo — 1º CRITERIUM — 1,300 metros — Poldros e poldras nacionaes, de 2 annos, de meio sangue — Premios: 800\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

N.º	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Monitor.....	Alazão.....	2 annos	S. Paulo.....	50 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
2	Flotsam.....	Zaino.....	2 »	Idem.....	50 »	Vermelho.....	Alfredo Pinheiro.
3	Plutão II.....	Douradilho...	2 »	Idem.....	50 »	Velludo azul e grenat.....	Lazaro e Lima.
4	Feiticeira.....	Alazão.....	2 »	R. de Janeiro.	49 »	Rosa e grenat.....	Coudelaria Modesta.
5	Pip.....	Pampa.....	2 »	S. Paulo.....	50 »	Azul e branco.....	B. V.
6	Tamoyo.....	Castanho....	2 »	Idem.....	50 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.

(A's 12 e 3/4 horas) — 2º pareo — INTERNACIONAL — 1.800 metros — Animaes de todos os paizes e de puro sangue, ate 4 annos — Premios: 1:200\$ ao primeiro, 300\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro.

1	Peruana.....	Zaino.....	3 annos	Inglaterra...	53 kilos	Azul, ouro e bonet verm...	Ayrosa & Rocha.
2	Coupon.....	Alazão.....	3 »	França.....	55 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
3	Cheapside.....	Idem.....	3 »	Inglaterra...	53 »	Encarnado, branco e ouro.	Coudelaria Paulista.
4	Phrynéa.....	Castanho....	4 »	Idem.....	55 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
5	Speciosa.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	55 »	Azul e grenat.....	Coud. Internacional.
6	Macaréu.....	Idem.....	4 »	S. Paulo.....	52 »	Azul, ouro e faixa.....	Coud. Santa Cruz.
7	Fanfaron.....	Idem.....	4 »	França.....	57 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes
8	Gaudriole.....	Castanho....	3 »	Idem.....	53 »	Havana e branco.....	Coudelaria Alliança.
9	Scylla.....	Idem.....	2 »	Inglaterra...	53 »	Azul e ouro.....	Idem idem.

(A' 11/2 hora) — 3º pareo — GUANABARA — 1,800 metros — Animaes nacionaes de 4 annos e mais — Premios: 1:200\$ ao primeiro, 300\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro

1	Sylvia II.....	Alazão tost...	4 annos	S. Paulo.....	50 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
2	Pery.....	Castanho....	6 »	Idem.....	54 »	Branco e pintas pretas....	M. U. Lemgruber.
3	Sans Souci.....	Idem.....	5 »	Minas Geraes	54 »	Azul e grenat.....	Coud. Internacional.
4	Boreas.....	Idem.....	4 »	S. Paulo.....	54 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.

(A's 2 1/4 horas) — 4º pareo — YPIRANGA — 1,800 metros — Animaes nacionaes de 3 annos — Premios 1:200\$ ao primeiro, 300\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro

1	Sybilla.....	Zaino.....	3 annos	S. Paulo.....	50 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
2	Campineira.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	48 »	Vermelho.....	Coud. Ypiranga.
3	Niroafi.....	Castanho....	3 »	Paraná.....	50 »	Azul e branco.....	Georganes & Peres.
4	Diva.....	Alazão.....	3 »	R. de Janeiro.	50 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
5	Carmen.....	Idem.....	3 »	S. Paulo.....	50 »	Azul e grenat.....	Coud. Internacional.
6	Regina.....	Douralilho..	3 »	Idem.....	50 »	Encarnado e manchas azues	Coudelaria Paraíso

(A's 3 horas) — 5º pareo — 2º CRITERIUM — 1,300 metros — Poldros e poldras nacionaes de 2 annos, ate puro sangue — Premios: ao primeiro, 800\$ ao segundo, 200\$ e 100\$ ao terceiro.

1	Monitor.....	Alazão.....	2 annos	S. Paulo.....	50 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
2	Piutus.....	Idem.....	2 »	Idem.....	52 »	Idem, idem,.....	Idem idem.
3	Flotsam.....	Zaino.....	2 »	Idem.....	50 »	Vermelho.....	Alfredo Pinheiro
4	Jadia.....	Tordilho negr	2 »	Paraná.....	49 »	Azul e ouro.....	A. S. S.
5	Dandy.....	Vermelho....	2 »	S. Paulo.....	52 »	Verde e amarello.....	F. Vianna.

(A's 3 3/4 horas) 6º pareo — JOCKEY-CLUB — 2,000 metros — Animaes de todos os paizes e idades — Premios: 1.500\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo, e 200\$ ao terceiro

1	Plutão.....	Alazão.....	6 annos	França.....	54 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
2	Tastlefer.....	Zaino.....	5 »	Idem.....	56 »	Encarnado e mangas azues.	Coud. Americana.
3	Naná.....	Idem.....	5 »	Inglaterra...	56 »	Branco e manchas pretas...	M. U. Lemgruber.
4	Gladiador.....	Castanho....	3 »	Idem.....	50 »	Branco e manchas violetas.	Idem.
5	Charybdes.....	Idem.....	3 »	Idem.....	48 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
6	Comtesse d'Olonne ...	Alazão.....	5 »	França.....	58 »	Havana e branco.....	Idem idem.

(A's 4 1/2 horas) — 7º pareo — MAJOR SUCKOW — 1,609 metros — Animaes nacionaes de meio sangue — Premios 800\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro

1	Aurora.....	Alazão.....	3 annos	S. Paulo.....	48 kilos	Vermelha.....	Coudelaria Ypiranga
2	Guanaco.....	Idem.....	7 »	Paraná.....	54 »	Vermelha e facha.....	Idem idem.
3	Boyardo.....	Idem.....	4 »	S. Paulo.....	54 »	Branco e estrellas azues....	Idem Guanabara
4	Bayoco.....	Castanho....	4 »	S. Paulo.....	56 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
5	Bonita.....	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	50 »	Encarnado e azul.....	José Machado.
6	Regalia.....	Vermelho....	5 »	S. Paulo.....	56 »	Branco, encarnado e facha.	Mario de Oliveira.
7	Douro.....	Alazão.....	6 »	R. de Janeiro.	58 »	Verde e ouro.....	L. da Costa.

OBSERVAÇÕES — Os animaes que correm pela primeira vez devem se achar no ensilhamento as 10 1/2 horas, a fim de serem examinados.
Os pareos serão realizados impreterivelmente nas horas marcadas.

A. PINHEIRO JUNIOR, 2º secretario.

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 19 DE JUNHO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 77.

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	FILINDAL
Historia dos sete dias....	
Silves.re de Lima.....	
Questão grammatical....	
Paléstras femininas.....	A. L. VIEIRA.
Gazetilha litteraria.....	M. V.
Força indomita.....	C. DE AZEVEDO.
Perguntas sem resposta,	
poesia.....	M. DE ASSIS.
Canção, poesia.....	O. BILAC.
Theatros.....	P. TALMA.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Factos e Noticias.....	
Recebemos.....	
Correio.....	ENRICO.
Annucios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CORTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

Compram-se nesta redacção exemplares do n. 6 d'A Semana, a 500 réis.

Foi exonerado do cargo de agente geral d'esta folha o Sr. Leonel Ayres Guerra, que se acha actualmente em S. Paulo.

A esse nosso ex-agente foram retirados todos os poderes que lhe haviamos dado para nos representar fora da capital do imperio.

D'ora avante devem os Srs. sub-agentes e todas as pessoas que tiverem negocios com esta folha dirigir-se directamente ao gerente.

A SEMANA

Quinta-feira, 24 do corrente, daremos um supplemento de quatro paginas, não só para compensar os Srs. assignantes do espaço occupado a mais este numero pelos annucios, como para termos o prazer e a honra de assistir ao fim do mundo — visto que, por circunstancias independentes da nossa vontade—não pudemos assistir-lhe ao prin-

cipio, pois para esse dia foi marcada a morte da terra.

A abundancia de originaes obriga-nos a transferir para o n. 78 a publicação dos artigos *Bellas Artes* (sobre o Sr. Parreiras) por Alfredo Palheta e *Notas Criticas* (sobre C. C. Branco) de Valentim Magalhães.

Mil desculpas, leitores.

HISTORIA DOS SETE DIAS

E que nos dizem os queridos leitores do friosinho que temos gosado este mez? Um prazer! E o caso é que o hynverno accentua-se magnificamente; está um hynverno europeu, com chuva de vez em quando, e frio secco depois da chuva. Bem bom.

Já uma vez nos vimos forçados a dizer umas coisas desagradaveis ao nosso patriotismo, com respeito á *Donzella Theodora*, a bonita partitura de Abdou Milanez, que o Ferrari não pode levar á scena por não ter o publico tomado assignaturas de quatro recitas, em numero sufficiente para occorrer ás despesas da montagem da peça e aos gastos extraordinarios da companhia de opera buffa italiana. E para aquelle fim não havia a desculpa que ha com a companhia Sarah Bernhardt; não. Para as quatro recitas da *Donzella Theodora* as cadeiras custavam apenas 4\$000. A face artistica do nosso patriotismo ficou assim claramente demonstrada... e desmoralisada.

Agora, por uma noticia do *Jornal* de 12, vemos que não ha patriotismo mais palavroso do que o nosso.

E' o caso que ha 14 annos organizou-se nesta Corte uma commissão para o fim de promover, por meio de subscrição popular, a construcção de um monumento á memoria dos bravos que pereceram na gloriosa batalha naval de Riachuelo, e que até agora, apesar dos seus esforços, não conseguiu extrahir do patriotismo verde e amarello summo sufficiente á realisacão do seu empenho. Sensatamente resolveu a referida commissão entregar as quantias recebidas ao Sr. Senador Corrêa, afim de que este senhor institua na Associação Promotora da Instrucção, de que é presidente, premio ou premios que, com a denominação—Memoria aos fallecidos em Riachuelo—sejam distribuidos aos alumnos que mais se distinguirem durante o anno.

Ahi ficam, pois, registradas duas provas do acrysolado patriotismo do nosso povo.

Tem soffrido golpes mortaes a dynastia dos Obás d'Africa. Sua Alteza

Obá II, vulgo alferes Galvão, anda ultimamente a imitar os principes escandalosos e arruaceiros da Edade Media. O *Jornal do Commercio*, diario insuspeito de vociferacões demagogicas, organ monarchico e conservador, respeitador de todas as casas reinantes e de todas as auctoridades por direito divino, chamou-o, ha dias, *turbulento incorrigivel* e noticiou constar-lhe que o illustre princez vae ser obrigado a assignar termo de bem viver.

Que vergonha para a rua do Senhor dos Passos!

Todos sabem que ascendeu aos conselhos da Corôa e sobraçou a pasta da Marinha o Sr. deputado Samuel MacDowell, um verboso de *cavaignac*, catholico, apostolico e romano como seiscientos diabos. Antes, porém, da ascensão d'este nosso senhor, varios jornaes disseram estar indicado para a referida pasta o Sr. deputado Coelho Rodrigues. E vae o Sr. Coelho Rodrigues toma o pião á unha, e, cheio de uma nobilissima isempção, declara o seguinte, nos jornaes de 13:

« Declaro, a bem da verdade, que não recusei, nem me foi offerecida a pasta da guerra, e que, salvo caso de força maior, não recusaria meu concurso ao actual gabinete. »

Está claro. Pois o Sr. Rodrigues, salvo caso de força maior, podia lá recusar o seu valioso concurso ao actual gabinete!? Desde que se appelle para o patriotismo de um deputado, com pasta ou posta á vista, não será o Sr. Coelho que recuse o seu etc., etc.

Até nós, que não somos deputado nem coelho, se nos offerecerem uma pasta, pôde o gabinete ficar certo de que não recusaremos o nosso concurso, nem outra qualquer coisa que ao precitado gabinete apraza exigir do nosso ardor ministerialista. Juramol-o sobre o *Almanak Laemmert!*

O Sr. Dr. Betim Paes Leme, director geral dos correios, acaba de vencer uma terrivel campanha: por decreto de 12 foi exonerado do cargo de contador da directoria o Sr. Joaquim Francisco Lopes Anjo. O Sr. Anjo, ao que nos dizem, era um empregado de notavel merecimento, mas nunca, nas suas manifestações affectivas, mostrou ao Dr. Betim nem ao menos uma aza do seu appellido. Para o Sr. director geral este Anjo foi sempre um demonio. Agora, desazado pelo lapis fatidico, passou á cathegoria lastimavel de anjo cahido. Que o Deus Todo Poderoso e Todo Barbado de S. Christovam o rehabilite e o reerga até ao céu do seu merito, é o que lhe desejamos.

Por outro lado—parabens ao Sr. Dr. Betim.

Muito engraçada uma publicação feita no *Jornal* de 14 pelo Sr. deputado A. de Siquelra! Começa assim: « Só no Brazil, onde a *politicagem* tem prostittuido as melhores instituções e obliterado as nocões do justo e honesto, é possivel... etc.

Isto, dicto pelo deputado que não hesitou em abandonar o ministério Dantas, exactamente no momento em que a victoria de uma idéa dependia do seu voto; isto, escripto por um *politico* que apanhou o pretexto de uma *vaia particular* para passar-se para a opposição, que até então combatera—hão de nos conceder, ao menos, que lhe achemos graça. Que diabo! as leis do paiz não nos permitem achar-lhe outra coisa...

Feriu-nos profunda e dolorosamente um telegramma de S. Paulo, publicado no dia 16 pelo *Diario de Noticias*. Não discutiremos a brutal redacção d'esse telegramma, pois que o verbo empregado para designar a acção narrada repugnaria a quem, com a devida reserva, quizesse ainda respeitar a terrível desgraça de um confrade, não já de um amigo. O momento não é para delongas de controversia e somos forçados a acreditar que não teve nenhuma intenção menos generosa quem redigiu o telegramma. Referimo-nos ao drama em que figura como protagonista o escriptor Silvestre de Lima, jornalista e poeta de não vulgar merecimento, e homem de espirito fino e coração bondoso, alma grande e generosa, caracter recto, firme e nobillissimo. Este infeliz rapaz, no dia 6 do corrente, sem duvida levado por imperiosos motivos, e em companhia de um irmão, matou um seu tio paterno, na cidade de Passos, em Minas.

A nós jornalistas, seus collegas; a nós rapazes, seus amigos; a nós que temos certeza de que Silvestre de Lima não é um criminoso vulgar e que só praticaria aquelle crime, — se foi elle quem o praticou — forçado, obrigado, violentado a fazel-o por uma circumstancia que o ha de plenamente justificar e absolver; — a nós cumpre-nos lastimar este grande infurtonio, abstendo-nos quanto possivel de comentar um facto cujas causas não conhecemos ainda e reservando-nos para quando chegarem as primeiras noticias escriptas com o preciso desenvolvimento.

Ninguém mais do que nós lastima, leitor amigo, o não podermos terminar hoje esta chronica com o sorriso habitual, pois que a um chronista alegre não se poderá negar com justiça, ao menos uma vez, o desafogo consolador de uma lagryma.

FILINDAL

SILVESTRE DE LIMA

Sobre a tristissima occurrencia da morte de Pedro Gomes de Sant'Anna, praticada por seu sobrinho Silvestre de Lima na cidade de Passos, em Minas, pessoa, ha poucos dias chegada d'aquella localidade, deu-nos as succintas informações seguintes:

Silvestre e um seu irmão, de genio violento, viviam de lha muito em extrema miseria e num continuo desespero, devido á falta de meios para a propria subsistencia, etc. Seu tio Pedro, a pessoa mais abastada da Ventania, logar em que reside a familia, ha muito que perseguia não só os dois sobrinhos como o pae e mais familia d'este, seu irmão. Pedro devia-lhes dizem-nos que nove contos, do inven-

tario de sua esposa, fallecida ha dois annos, e quando elles procuravam, apertados pela miseria, receber o que lhes pertencia, seu tio negava-se a satisfazel-os e maltratava-os. Por fim, num dia em que os dois irmãos foram exigir o que lhes pertencia e sendo-lhes mais uma vez recusado pelo tio, elles disseram-lhe:

— Pense bem.

Pedro não se importou da ameaça e d'ahi a pouco, estavelo sentado em uma sala de sua casa, ao meio dia, foi surpreendido por seus dois sobrinhos, que lhe desfecharam, ao mesmo tempo, dois tiros, a que elle succumbio immediatamente.

Nada mais sabemos senão que Silvestre era muito estimado na Ventania e em Passos, e que seu tio Pedro Gomes tinha fama de avaro e de homem pouco escrupuloso em questões de rectidão e de honestidade.

Que Silvestre, ha pelo menos anno e meio, estava desgostosissimo com a sua familia e se queixava amargamente da falta de probidade do tio, prova-o uma carta recebida pelo nosso compaheiro Filinto de Almeida, em Janeiro do anno passado, carta que transcreveremos no supplemento d'A Semana que será publicado na quinta-feira, 21.

Acreditamos que essa carta seja um valioso documento para a defeza do nosso inditoso amigo.

QUESTÃO GRAMMATICAL

No supplemento illustrado ao n. 11 d'A Estação, no primeiro capitulo do seu novo romance, *Quincas Borba*, escreveu Machado de Assis:

— « Tu e o medico são dois empulhadores de marca maior... »

E, mais adiante:

— « Quero ver só até que ponto o medico e tu são dois mariolas. »

Machado de Assis conhece a nossa lingua como quem mais a conheça. E' escriptor correctissimo, que nunca se descuida da vernaculidade nem dormita em syntaxe.

Assim, elle, que tão clara e directamente atacou os velhos preceitos grammaticaes que mandam collocar, nos citados casos, o verbo na segunda pessoa do plural (*Tu e o medico sors dois empulhadores; o medico e tu sors dois mariolas*) é porque teve e tem para isso as suas razoes.

Expomos a questão aos especialistas.

Muito desejáramos ouvir a respeito a auctorizada palavra dos Srs. Julio Ribeiro, Pacheco Junior, Carlos de Laet, Fausto Barreto, Dr. Castro Lopes, Dr. Velho da Silva, Dr. Jacy Monteiro e outros de reconhecida competencia.

Publicaremos com grande prazer as suas communicações.

PALESTRAS FEMININAS

PEDAGOGIA INFANTIL

Ha dois mezes, offereci ás minhas gentilissimas leitoras alguns conselhos, para auxiliá-las na educação physica e

affectiva das criancinhas. Prometti continuar, e, como o prometido é devilo, apresso-me hoje a pagar a minha divida, conforme os pouquissimos recursos de que disponho.

Tratavamos, se bem me recorde, da educação esthetica e affectiva dos pequeninos, e acabei recommendando ás mães que cantassem ou recitassem a seus filhos boa musica e versos correctos, intelligiveis e de interesse para elles.

Difficilmente fallará mal quem tiver o ouvido educado pela poesia, e é evidente que os que sabem sentir e comprehender a poesia e a musica — são bons e affectuosos.

A musica e a poesia são os melhores preparadores do coração, e rarissimas vezes uma criança, embalada pelas duas sublimes irmãs gemcas da arte, deixará de ser meiga e compassiva.

Na poesia, propositamente feita para a infancia, os pequeninos reconhecem-se e desejam imitar, na bondade e graça, os herões dos contos que ouvem. E' necessario pois que esses contos sejam naturalissimos e contenham sempre um ensinamento, um castigo ou uma recompensa.

E' imprescindivel a verosimilhança; por isso condemno, absolutamente, as fabulas e as narrações phantasticas, mesmo as de grande fundo moral, para uso da primeira infancia.

Onde estará a utilidade de ensinar hoje a uma criança coisas que se tem de desmentir amanhã? E, se dizemos ao noso filhinho, — que se sensibilisa e chora — com a sorte do *cordeiro* comido pelo *lobo* (por este o accusar injustamente de lhe turvar a agua que bebia,) ou que lamenta a morte da *Chapeusinho vermelho*, devorada pelo *urso* metamorphoseado em *Avósinha*, — que não chore, que tudo isso é falso e que elle bem vê que os animaes não fallam, como tentaremos fazel-o acreditar depois, que Adão foi feito de barro e Eva de uma costella? A criança, ouvindo a historia da *serpente* que se enroscou á arvore da sciencia do bem e do mal para tentar a mulher, exclamára: « Que tolices! Que pétas! Uma cobra falando com uma mulher de costella. »

Os milagres, os mysterios e todos os dogmas, que a Igreja ordena se acreditem, teriam para as crianças o mesmo valor das fabulas, que ouviram e decoraram. Diz Herbert Spencer que a criança, como o selvagem, cré em tudo o que lhe contam, por mais absurdo que pareça, e aceita todas as explicações, por mais ineptas que sejam. Adopto a opinião de um dos primeiros pedagogistas modernos; acrescento, apenas, que a criança cré cegamente, enquanto a sua imaginação se não resente, depois que os paes assustados pelos symptomas de uma sensibilidade doentia, explicam a impossibilidade das ficções que tanto a commovem, a criança em nada mais cré de sobrenatural.

Diz Fenelon que: « A curiosidade na criança é uma tendencia da natureza, que vae como que ao encontro da instrucção. »

A mais complexa, e ao mesmo tempo mais natural função da mãe educadora, está em satisfazer essa infallivel curiosidade.

Principia aos dois annos a tarefa de responder e exemplificar.

Qual deve ser o primeiro sentimento implantado pela mãe na alma do filho idolatrado?

A Caridade.

A mãe, levando ao cõllo ou pela mão o seu *bébé*, deve parar para ensinal-o a afagar o cãozinho favorito, o gato nédio e manso que dorme ao sol, voluptuosamente, a cabrinha que fornece

o leite para o almoço; deve levá-lo ao jardim, para o fazer deitar migalhas de pão aos cygnes ou aos peixinhos vermelhos, milho aos pombos e folhas da alluce aos canários, — que têm as suas prisões douradas presas aos troncos das palmeiras ou penduradas nos caramanchões do madre-silvas e jasmims. Conseguirão assim desenvolver na alma do seu anjinho a sympathia que as crianças tão facilmente sentem pelos animaes.

Ahi tendes um principio de caridade, da verdadeira caridade, que nada espera em troca do beneficio feito.

Pensam erradamente a maior parte dos paes que, para cusinar aos filhos pequeninos a compaixão, basta entregar-lhes uma moeda qualquer e dizer-lhes: «Vae dar este dinheiro áquelle pobresinho que ali está.»

A criança entrega a moeda, umas vezes com vontade de guardá-la para si, outras, (por felicidade as mais frequentes) com a mais completa indifferença.

Se antes de a fazerem portadora da esmola, lhe tivessem explicado o que é a miseria; se a tivessem feito comparar o seu bem estar, as roupas sempre alvas e quentes, a cama tofa, a casa clara, espaçosa, e confortavel; tudo o que a rodeia, enfim, com o viver miseravel dos mendigos, os andrajos repugnantes, a esteira de palha infecta, o cubiculo nauseabundo em que vegetam e se estorcem, com que prazer não entregaria o pequenino a moeda, destinada a alliviar uma pena, a levar um raio de sol áquelle trevosa morada!

A caridade, mas a caridade comprehendida e consciente, é o melhor meio de crear na criança uma grande riqueza de imaginação e de beneficencia.

Diz Rousseau que não devemos fallar de Deus a uma criança senão quando ella mesma sentir a necessidade de fallar-nos d'Elle.

Assim é — a criança não pôde comprehender Deus, o mysterio, o Invisível, mas amal-o á na Caridade e sentil-o á na satisfação de fazer — bem.

Quando a sua razão quizer conhecê-lo já a Caridade, isto é: — a virtude que encerra em si toda a religião — a terá familiarisado com Elle, e nada do que aprender o assustará.

O essencial é não mentir nunca respondendo ás perguntas, muitas vezes embaraçosas, das criancinhas.

O que diremos, quando for de todo impossivel responder ao que perguntam? Nunca é impossivel dizer a verdade a uma criança; a dificuldade está em saber dizê-la; mas se, por systema, não quizerem explicar qualquer pergunta, é preferivel que lhe digam: «Meu filho não tens ainda idade, para comprehenderes o que estas perguntando.»

Nada mais. Mentir é sempre um prejuizo: além de incutir ideias falsas, pode fazer perder a confiança na veracidade de todas as outras explicações.

Termino, por hoje, com as sabias palavras de Mme. Daniel Stern: *A tarefa da educação basé-se em incutir a criança a querer livremente o que é bom ou necessario que ella faça.*

ADELINA LOPES VIEIRA.

GAZETILHA LITTERARIA

A *Martyr*, romance de D'Ennery, traduzido por Oscar Pederneiras é, no seu genero (o nome do auctor dispensa explicar qual o genero) um dos melhores. Tem um bello enredo, com a complicação sufficiente para interessar sem confundir, muitos episodios curiosos e passagens commoventes. O typo

do protagonista, que se sacrifica para salvar a honra de sua mãe, sacrificando a propria e a vida, é extremamente sympathico e tocante.

Apenas o desenlace do romance é um tanto frio, pouco esperado. A traducção é correcta e fluente.

Joaquim Nauco está escrevendo uma peça em um acto, em versos francezes, para ser representada por Sarah Bernhardt e Mme. Malvau.

Parte da comedia, que terá para mais de trezentos versos, já se acha escripta. Nos, como todos os frequentadores do theatro S. Pedro, esperamola ansiosamente.

M. V.

FORÇA INDOMITA

.....
E tinha de enflorar os labios com sorrisos, dar á physionomia esse ar, levemente picante, de graça e malicia, de atrevimento garoto. Tinha de emprestar ao olhar um langnor, um derreio lubrico, opulento de offerta, de mistura com a frieza sadica que esvoeja pelo rosto das impudicas.

O estado de seu espirito, a natureza do affecto que a occupava, envolto em um lyrismo harmonioso e azul, arredava-a dos vestuarios de muita vista.

Sentia um pendor exquisito para os vestidos simples, desejava um lar á virgem: — Um vestido á princeza, de fustão branco, pregueado na cintura, e escorrendo pudicamente até os sapatinhos de salto raso.

Sonhava, para sahir, um vestido simples, redondo, sem grande pouff, de mangas estreitas, prendendo o punho na orelha da luva de dois botões. E, no entanto, no seu guarda-vestidos de espelho á *Psyché*, só havia saias adamacadas, de seda e nobreza, corpetes do velludo e setim.

Em vez do sonhado chapéu de feltro cinzento, com uma só pluma, volteando a copa, era forçada a usar extravagante toucado de seda escosseza, gorros de palha com plumas, chapéus á pastora com fructos e flores, feltros arrebitados e vistosos.

Tudo isso a desconsolava depois que conhecera o amante, a quem namorara em silencio, havia um mez.

Revoltava-se contra a sua existencia de *horizontal*, aborrecia os conhecidos, achando-os vulgares, insupportaveis. Pensava na linguagem sonora e imaginosa do amante, um novato — que ainda acreditava em amor e entregava-se com toda a exuberancia de seu temperamento emocional, comparando-a á conversa banal, molhada em luxuria rancida, dos que a rodeavam nos theatros.

Via-o sequioso de affecto, eloquente, romanesco, fidalgo no sentir e dizer. Comparava esse encanto novo e infuido, a que a levava o enamorado, com o azedume e o vazio do convivio de rapazes e velhos esgalfados, exigindo proezas sadicas.

Com que prazer, com que resfolegar delicioso, atirava-se ao peito do amante, dizendo-se saudosa, fazendo umas perguntas meigas, numa infantilidade cheia de alegria!

Junto d'elle perdia os mollos livres, era discreta no falar, considerando um deboche certas historietas ambiguas, muito bem veladas, que lhe contava ás vezes.

Agitavam-n'a em certos dias nmas convulsões demoniacas, e quando o sentia sob a impressão de sua febre, abria-lhe chagas de fogo com os labios quentes, nos cabellos, nas palpebras,

nas mãos e na bocca. Era a musica sonnosa dos grandes beijos loucos, a embriaguez deliciosa que ella tanto amava.

Outras vezes, tomada de um acanhamento estranho, dan-lo-lhe o goso de um sentimento inesperado, retrahia-se, fechava o collo soluçante com os braços, para entregar-se como donzella enamorada, timida e pudica.

E tudo isso foi-se perdendo dia a dia; o saboroso encanto da novidade, esse ideal dos organismos gastos, foi morrendo a pouco e pouco.

Já não lhe vinham fremitos ao machucar os labios na face do amante; tinha uma saudade vaga, como que vinda de muito longe, dos esgares dos outros homens. Ás vezes até tinha raiva de si mesma ao achá-lo muito grave, fino de mais. Pesava-lhe aquella superioridade.

Já carocia de estimular-se, e como que batia-se contra o cansaço crescente, a seu pezar insinuando-se-lhe pelo affecto, deslocando-o, arrastando-o a duvidas e desconfianças.

Entrou em periodo de inquietação, de coleras subitaneas, de abatimentos inexplicaveis, accendendo-se em ciume mal o via fitar outra mulher; em espasmos nervosos, atirava-se-lhe nos braços, soluçante, gritando-lhe ao ouvido que o amava, muito, muito. Outras vezes passava muito bem tres e quatro dias sem vel-o, lembrando-se do ausente com largas intermitencias.

Sem querer e sem sentir, foi-se-lhe extinguindo o amor. Incommodava-a o recato que mantinha a seu lado; desejava-o mais vulgar, anciaava por uma grosseria; irritava-o no desejo de ouvir-lhe uma palavra dura, de ver-lhe um gesto violento. Sabia-o de genio impetuoso, e quizera vel-o selo brutal, arroxando-lhe os pulsos, ou esmagando-a com uma obscenidade.

E tudo quebrava-se de encontro á gentileza altiva do amante, fazendo-a chorar de despeito com um olhar frio e prescrutador; olhar que ella nunca recebeu sem baixar a fronte, sentindo pesarem-lhe as palpebras num entorpecimento exquisito.

Por qualquer motivo frivolo arranjava indignações que duravam alguns dias, terminando em humilhantes mostras de entranhadissimo affecto. Se por acaso elle a via com outros, ruborisava-se toda, desejando fugir, e mais tarde, ao vel-o, supplicava-lhe perdão e explicava-lhe:

— Tu sabes: não tenho outro remedio, sou forçada; não contava encontrar-te. Perdoa.

Momentos havia em que desejaria vel-o para alardear amisedas, para insultal-o com a *rôda* eufameante que a cercava.

Sentia porem que elle a dominava. Bastava ouvir-lhe a voz; toda a raiva dos arrufos fundia-se-lhe num beijo ao escutar-lhe a explicação da injustiça do ciume.

Desejava no omtanto romper, tinha medo e ancia; uma fadiga enorme apossava-se de seu espirito.

Um dia agarrou se ao primeiro pretexto, provocou uma tempestade de zelos, e excitada pela emoção que enfim se convencera possuir, atirou-lhe, numa injuria brutal e reles, todo o seu enjeo, ou todo o seu despeito.

E aquelle lyrismo, aquella flor mesquinha que lhe rebentara n'alma, desfolhou-se, sem ella mesma o sentir, levada ao tedio d'aquellas cousas, boas no principio, por uma força estranha e poderosa, que a atirava ao lodo da existencia de *momentanea*.

CYRO DE AZEVEDO.

PERGUNTAS SEM RESPOSTA

Venus formosa, Venus fulgurava
No azul do céu da tarde que morria,
Quando á janella os braços encostava
Pallida Maria.

A ver o noivo, 'pela rua umbrosa,
Os longos olhos ávidos enfia,
E fica de repente côr de rosa
Pallida Maria.

Correndo vinha, no cavallo baio,
Que ella de longe apenas distinguia,
Correndo vinha o noivo, como um raio...
Pallida Maria.

Tres dias são, tres dias são apenas,
Antes que chegue o suspirado dia,
Em que elles porão termo ás longas penas...
Pallida Maria.

De confusa, naquelle sobresalto,
Que a presença do amado lhe trazia,
Olhos accesos levantou ao alto
Pallida Maria.

E foi subindo, foi subindo acima
No azul do céu da tarde que morria,
A ver se achava uma sonora rima,
Pallida Maria.

Rima de amor, ou rima de ventura,
As mesmas são na escala da harmonia;
Pousa os olhos em Venus que fulgura
Pallida Maria.

E o coração, que de prazer lhe bate,
Acha no astro a fraterna melodia,
Que á natureza inteira dá rebate,
Pallida Maria.

Maria pensa: «Tambem tu, de certo,
« Esperas ver neste final do dia,
« Um noivo amado, que cavalga perto,
« Pallida Maria? »

Isto dizendo, subito escutava
Um estrepito, um grito e vozzeria,
E logo a frente em ancias inclinava,
Pallida Maria.

Era o cavallo, rabido, arrastando
Pelas pedias o noivo que morria;
Maria o viu, e desmaiou gritando.
Pallida Maria!

Sobem o corpo, vestem-lhe a mortallia,
E a mesma noiva semi-morta e fria,
Sobre elle as flores do noivado espalha..
Pallida Maria.

Cruzam-lhe as mãos na derradeira prece
Muda, que o homem para cima envia,
Antes que desça á terra que apodrece,
Pallida Maria.

Seis homens tomam 'do caixão fechado
E vão leval-o á cova que se abria;
Terra e cal e um respasso recitado...
Pallida Maria.

Quando, tres soes passados, rutilava
A mesma Venus, ao morrer do dia,
Tristes olhos ao alto levantava
Pallida Maria.

E murmurou: «Tens a expressão do goivo,
«Tens a mesma roaz melancolia;
Certamente perdeste o amor e o noivo,
« Pallida Maria? »

Venus, porem, Venus brilhante e bella,
Que nada ouvia, nada respondia;
Deixa rir ou chorar numa janella
Pallida Maria.

CANÇÃO

Tenho frio! ardo em febre!
O amor me acalma e ondouda! o amor me eleva e abate!
Quem lia que os laços, que me prendem, quebre?
Que singular, que desigual combate!

Não sei que hervada frêchia
Mão certa e fallaz me cravou, com tal geito
Que, sem que eu a sentisse, a estreita brechia
Abriu, por onde o amor entrou meu peito.

O amor me entrou tão cauto
O incauto coração, que eu nem suppuz que estava,
Ao recebê-lo, recebendo o arauto
D'esta loucura desvairada e brava...

Entrou: e, apenas dentro,
Deu-me a calma do céu e a agitação do inferno...
E hoje—ai! de mim!—que dentro em mim concentro
Maguas e gostos num luctar eterno!

O amor, senhora, vêde:
Prendeu-me. Em vão me estorço, e me debato, e grito;
Em vão me agito na apertada rede:
Mais me embaraço quanto mais me agito!

Falta-me o senso: a esmo,
Como um cêgo, a tactear, busco não sei que porto.
E ando tão diferente de mim mesmo,
Que nem sei se estou vivo ou se estou morto!

Sei que entre as nuvens paira
Minha fronte, e meus pés andam pisando a terra;
Sei que tudo me alegre e me desvaira,
E a paz desfructo, desfructando a guerra.

E assim peno, e assim vivo:
Que diverso querer! que diversa vontade!
— Se estou livre, desejo estar captivo!
— Se captivo, desejo a liberdade!

E assim vivo, e assim peno:
Tenho a bocca a sorrir e os olhos cheios d'agua;
E acho o nectar n'um calix de veneno,
A chorar de prazer e a rir de magua!

Infinda magua! infindo
Prazer! pranto gostoso e sorrisos convulsos!
— Como é melonho assim viver, sentindo
Azas nos hombros e grilhões nos pulsos!

THEATROS

Nesta semana a grande Sarah Bernhardt não nos deu nenhuma peça nova.

Na segunda feira tivemos a segunda de *Frou-Frou*, na quarta feira a segunda de *Adrienne Lecourreur*, sexta-feira a terceira de *Frou-Frou*. Hoje Sarah Bernhardt representará a famosa *Phedra*, de Racine, em que nos dizem ser assombroso o seu trabalho.

PALADINI

Terça-feira, no Recreio Dramatico, estreiou a notavel actriz italiana Celestina de Paladini Andó, que o nosso publico já por varias vezes teve occasião de apreciar.

A peça escolhida foi a *Maria Joanna*, *mulher do povo*, de D'Ennery, peça tambem muito conhecida.

E' tarefa difficil o dizer-se do desempenho dado por Paladini ao papel de Maria Joanna. Se o fim do auctor da peça foi, como parece, fazer chorar os espectadores, Paladini auxiliou immensamente D'Ennery, pois que fez chorar a valer. As scenas mais notavelmente desempenhadas foram a do enfeitamento, no terceiro acto e a da simulada loucura, no quarto. A Sra. Paladini fala o portuguez quasi correctamente, falseando apenas uma ou outra inflexão.

Dias Braga deu-nos um Bertrand sufficientemente bebado e pulha para a regeneração do quinto acto.

Maria fez bem o papel de Remy, um nza negra, *bilontra* dos quatro costados.

Estreiou tambem nesta peça a Sra. Amelia Bellido, no papel de Sophia. Os outros papeis, por insignificantes, não tiveram desempenho digno de nota.

O publico, que enchia litteralmente o theatro, applaudo muito Paladini e os seus companheiros.

O scenario do terceiro acto, pintado pelo Sr. Coliva, e que representa o hospicio dos enfeitados e uma rua de Pariz, é de um bello effeito, e mostra mais uma vez o valor do pincel do habil scenographo.

No Sant'Anna deve subir hoje á scena a graciosa e delicada opereta de A. Adam, letra de Leon Battu — *Violeta e o seu boneco* (*Les Pantins de Violette*). O papel de Violeta é desempenhado pela Sra. Cinira Polonio, que tanto tem agradado no de Valentin da *Cancão de Fortunio*; o boneco (Pierrot) é feito pela Sra. Rosina Bellegrandi; e o feiticeiro Alcofribas pelo Mattos.

E' de esperar que as duas gentis cantoras deem um desempenho *hors ligne* aos seus papeis e mais uma vez arrebatem os habituaes espectadores do Sant'Anna.

A traducção foi feita por Arthur Azevedo, e basta.

A grande magica de Eduardo Garri lo *A Corça do Bosque*, só poderá subir á scena no dia 31 do corrente.

O Heller anda atrapalhado com os deslumbraamentos que a peça exige. A despeza de montagem está orçada em mais de vinte contos de reis.

Tambem vae ser obra assejada.

Es.á annunciada para a proxima semana a estreia da companhia lyrica italiana do Sr. Claudio Rossi, no D. Pedro II.

Está aberta a assignatura para 20 recitas, nas quaes a empresa se obriga a fazer cantar 14 operas, tres completamente novas para a Corte. Estas são: *Maïon Delorme*, *Hamlet* e *Julietta e Romeu* (de Gounod). Entre as 11 a escolher-se, cantar-se-ão o *Guarany* e *Salvador Rosa*, do distincto maestro Carlos Gomes.

As outras serão escolhidas entre as operas de maior exito nesta cõrte, como sejam: *Huguenottes*, *Gioconda*, *Aida*, *Hebréa*, *Fausto*, *Favorita*, etc.

A companhia é composta de artistas de 1ª ordem, como se verá pelo seguinte elenco: Primeiros sopranos dramaticos: N. Bulicloff, C. Di-Monale, I. Mejer; meio soprano, Melea-Mey; contralto, E. Mantelli; soprano ligeiro, G. Reggeani; tres primeiros tenores: Bertini, Figner e Calioni; dois primeiros barytonos: Lheric e Zardo; primeiros baixos: C. Roveri e N. Limonta.— Artistas comprimarios de ambos os sexos, etc. Regentes e directores da orchestra: L. Miguez e C. Superte.— Mise-en-scene, scenario e vestuario de todas as operas, completamente novos e feitos expressamente para a empresa em Milão.

Despedio-se do nosso publico na quarta-feira a companhia de opera buffa italiana que partio no dia 17 para o Rio da Prata. O ultimo espectáculo foi em beneficio do baixo Carbonetti, um artista distinctissimo a quem o publico soube fazer justiça, enchendo inteiramente o Polytheama na noite do seu beneficio.

Tambem no dia 17 e para o mesmo destino partio a companhia coreographica, que nos dilcion tantas noites com o *Brahma* e o *Excelsior*. Lá se foi a portentosa Giovanini Limido, a bailarina que primeiro mostrou ao Brazil o que é a arte da dança. O delirante entusiasmo com que ella foi aqui sempre applaudida e especialmente na noite da sua festa, bem demonstra que nunca nos esqueceremos dos bellos espectaculos que nos proporcionou.

P. TALMA

SPORT

Em consequencia do tempo chuvoso no ultimo domingo, foram transferidas para amanhã as corridas do Jockey Club. O programma, que é excellenté, compõe-se de sete pareos, em geral compostos de parrelheiros importantes que com a transferencia, ficarão mais bem preparados e inquestionavelmente deverão bater-se reuhidamente, tornando o resultado dos pareos bastante interessante.

Devem tambem estar esplendidas as corridas que se vão realizar amanhã na raia do Derby-Club. Apresenta-nos esta distincta sociedade um programma bem organizado, constando de oito pareos totalmente preenchidos por animaes superiores e de forcas mais ou menos eguaes, que indubitavelmente tornarão os pareos perfeitamente disputados.

Estão impressos em nossas ultimas paginas os esplendidos programmas d'essas distinctas sociedades de corridas que são dignos de todos os elogios e de serem apreciados pelos amadores do sport. Ambos offerecem grande margem para se consultar o deus Palpite.

Estão annunciadas para o dia 21 do corrente as corridas do Prado Villa Isabel. As inscripções encerram-se hoje á tarde.

Desejamos que o programma se organise com bons parrelheiros.

L. M. BASTOS

FACTOS E NOTICIAS

Não é verdade — como correu geralmente e foi crido — que se tivesse casado o grande escriptor portuguez Camillo Castello Branco com a sua antiga e estremeçada companheira D. Anna Placido.

Sabemos-o por havermos lido tal desmentido em uma carta de Camillo, escripta a um seu amigo intimo, desmentido formulado nesta curta phrase cathgorica: « Não estou casado. »

No dia 13 falleceu em Rezende o Sr. capitão Antonio Diogo Barboza Lima, antigo e conceituado fazendeiro d'aquelle municipio.

O finado era pae do nosso collega Dr. Ezequiel Freire, actual correspondente em S. Paulo da *Gazeta de Noticias*.

Ao illustre poeta das *Flôres do Campo* enviamos as nossas sinceras condolencias.

Falleceu no Rio Parlo o conhecido poeta Manoel de Almeida Coelho Margarida, auctor de quatro volumes de versos, intitulados *Flôres incultas*.

Margarida era um pobre trabalhador, analphabeto, porém dotado de uma elevada intuição poetica.

Com os seus versos harmonisa-se bem a modesta sinceridade do titulo; são na verdade flores incultas, mas onde não raro se encontra o perfume de uma boa alma e a prova de um bello talento, que a absoluta falta de instrucção não deixou que se desenvolvesse para melhor fructificar.

Como repentista, Margarida chegou a ser notavel, pela facilidade com que encontrava a rima e pela promptidão com que vestia e adornava o pensamento.

Casa-se hoje com a Exma. Sra. D. Albertina Correia de Mattos Velloso o Sr. Arthur Higgins, professor de gymnastica da Escola Normal e de outros estabelecimentos de educação.

Os nossos parabens.

Casou-se em Campinas no dia 2, o Sr. Pedro de Almeida Pacheco Magalhães com a Exma. Sra. D. Guiomar Bellinfanti Magalhães.

Desejamos-lhes felicidade.

INSTRUÇÃO POPULAR

O Sr. barão de Macalubas iniciou, ha dias, no Lyceu Litterario Portuguez um curso, nocturno e gratuito, de leitura para adultos inteiramente analphabetos. Havia mais de 60, alguns maiores de trinta e quarenta annos. Assistimos a uma lição. Era a oitava. Pois, o resultado foi pasmoso! Aquelles pobres homens leram facilmente nomes polysyllabos, sem o minimo esforço de soletração. O methodo empregado pelo Sr. barão funda-se no que ha de melhor nos de João de Deus e Castillo, modificados pela experiencia e estudos

de S. Ex.; e é, mais ou menos, o mesmo applicado com tanto proveito pelo philantropico Octaviano Hulsón, de saul dosá memoria.

Depois de haverem lido os nomes dos jrmes da Corte e dos jornalistas presentes e os dizeres de varios cartões, suspenheu-se a lição em meio de geral contentamento.

Incalculavel serviço prestará S. Ex. á instrucção popular, se continuar, como cremos, esse utilissimo curso.

Fizeram-se representar as relacções das principais folhas diárias e *A Semana* pelo seu director.

S. M. o Imperador assistirá á lição de segunda-feira.

RECEBEMOS

— *Excusões civis, commerciaes e hypothecarias*— José Maria Vaz Pinto Coelho.

— *A Illustração*— 3º anno ns. 7 e 8 Magnificas gravuras, copias de quadros expostos no actual Salon; dignos de leitura os artigos do texto.

— *Clementina*— Valsa para piano, por Faustino Guimarães.

— *Capa elegante*— Habanera, por João Moreira da Cunha.

— *Discurso pronunciado na sesso de 5 de Abril de 1885*— pelo Dr. Raymundo José Vieira da Silva, deputado á Assembléa provincial do Rio de Janeiro.

— *A Louca*— Emilio Richebourg— Fasciculos 7 a 12.

— *O Sonho do Monarcha*— Poemeta abolicionista por Marques de Carvalho; Recife. Ideias grandiosas em versos nios.

— *Alfredo d'Escagnolle Tannay*— Esboço característico por Carlos Von Koseritz.

— *Relatorio da Direcção da Companhia Martins Sarmento*, Porto.

— *Revista popular*— Anno 1; n. 18.

— *Revista de Engenharia*— Anno VIII; n. 138.

— *O exterior do cavallo*— Bibliotheca do povo e das escholae.— Anno VI; 16ª serie, 127.

— *Supplemento litterario* ao numero 22 do *Tymbaribá*, Rezende. Collaboram neste numero Narcisa Amalio, Ezequiel Freire e Raymundo Correa; equivo de a dizer-se "ue e magnifico o supplemento do *Tymbaribá*."

— *Revista Académica*, N. 2, Recife.

— *A Quinzena*— n. 7, Vassouras— Este numero é, como todos os outros, digno de ler-se attentamente.

— *A Batalha*— n. 2— Porto Alegre.

— *Revista Financiera*— Anno 2—n. 78; Buenos Ayres.

— *O Mequetrefe*— n. 497, Espirituoso e alegre como sempre.

— *O Merito*— n. 1; anno 1º, Orgão litterario, recreativo e scientifico dos alumnos do Collegio S. Pedro de Alcantara. Parabens aos moços que tão bem se estrelam.

— *O Progresso*— n. 1; anno 1º, Collegio S. Pedro de Alcantara. Mais modesto que o seu collega *O Merito* e como elle redigido com grammatica.

— *O Asterisco*— n. 1; anno 1º, Orgão litterario e humorístico do 5º anno do internato Pedro 2º— Bem escripto; parabens e venturas.

— *A Martyr*— romance de D'Ennery, traducção de Oscar Pederniras; editor B. L. Garnier. Daremos noticia mais circumstanciada d'á *Martyr* depois que a tivermos lido.

— Da acreditadissima casa *Au Petit Journal*, (H. Noud & C.)— *Le Printemps*, bello jorral de modas, n. 10, 16 de junho; *Revue Bleue*, n. 20, de 15 de maio.

CORREIO

Sr. *Syrus Benetico*— rio grandense. Mesmo que o Sr. não declarasse onde perden o seu umbigo, eu não deixaria de adivinhar, attendendo ao idioma de que se serve a sua musa quando esorre a inspiração sobre o papel.

Se ella não se serve do cassange serve-se com certeza do idioma de vacca. Aquillo e puro gaúcho. E' escripto em genuina lingua do Rio Grande. Metrificas versos assim e... morrer, eis a minha unica a-pragação d'aqui por diaute.

O seu soneto:— *São... (original o adinho do versista até nos rotulos da mercaderia)... e opulento; tem inspiração que te leia rito... Abaixo da seu soneto encontro este:*

«N. B.— Sr. Enrico.— Aponle-me os erros do meu trabalho, senão... Senão, o Sr. desanda-me por ali mais um soneto dos laes, não é verdade? Não creio que a sua barbaridade chegue até este ponto. O Sr., afinal de contas, cecio que foi feito do mesmo barro que Adão e não tem dentro de si nenhum ligão de jivali, nem nenhuma en-tranha de crocodilo e que, portanto, não commetterá semelhante attentado ao socco publico! Fique certo de que não será preciso tanto, para que S. Pedro me escancare as portas do céu affirm de que en vá, já de todo alliviado da murchilla dos meus peccados, ouvir de perto o coro dos ruffas (inclusive aquelle que faz tremer a terra na Rua de S. José).

Mais na a leitura de soneto seu e estarei... canonisado. Agora, fallando com sinceridade: Se eu soubesse que Deus me deixava viver tanto tempo como Mathusalem, apontaria, então, os erros do seu trabalho; convicto de que teria com que me occupar enquanto me restasse um sopro de vida; mas do contrario não, pois tenho certeza que por muito que vivesse, a morte me viria surpreender ainda atolado no meio das suas asneiras. Acho que é melhor não lhe bulir e que o Sr. deve ir cantar a outra freguezia.

— Sr. Joaquim Ramos Coelho.— Quando a gente faz alguma coisa que dá ares com o sonetillo que nos remette e que se intitula: *Chrono*, mette esta coisa muito caladinho na pasta... que digo en? Nada... que ali podia ser descoberto o aleijão poetico e lido por algum amigo. No bñdú, mas bem lá para o fundo, animado pela risonha esperança de que as traças benevolas façam mais tarde ou mais cedo a sua critica destruidora. Publicar é que nunca! A gente ou escreve obra que se possa ler ou não escreve nada. Corrja-se, faça poesia bem rimada e bem metrificada, oule, transpareça inspiração e onde fulgura algum estylo e, então, venha bater-nos á porta, que o receberemos de braço aberto, como costumamos fazer com todos que tem verdadeiro talento e sabem respeitar a Arte.

ENRICO

ANNUNCIOS

DR. ARAUJO FILHO

MEDICO PARTEIRO

Residencia

Rua do Visconde do Rio Branco n. 33

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRECCO TOR

E. GAMBARO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Theroza

Pole ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o *Café Oriente*, da fabrica a vapor de Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25

9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta— annuncio.

PRADO VILLA ISABEL

PROGRAMMA

DE INSCRIPÇÃO PARA A OITAVA CORRIDA, A REALIZAR-SE NO DIA

24 DE JUNHO DE 1886

- 1º Parco**—CONCILIACÃO—1.450 metros— Animaes de menos de meio sangue— Premios: 200\$ ao primeiro, 60\$ ao segundo e 40\$ ao terceiro.
- 2º Parco**—PRODUCTOS—1.000 metros— Poldros e poldras nacionaes de 2 annos, de meio ou puro sangue—Premios: 500\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 50\$ ao terceiro.
- 3º Parco**—INTERNACIONAL—1.300 metros— Animaes estrangeiros que ainda não tenham ganho— Premios: 400\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.
- 4º Parco**—ANIMACÃO—1.800 metros— Inteiros e eguas nacionaes até meio sangue—Premios: 500\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 90\$ ao terceiro.
- 5º Parco**—SUBURBANO—1.800 metros—Animaes de qualquer paiz—Premios: 800\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.
- 6º Parco**—METROPOLITANO—2.300 metros— Inteiros e eguas nacionaes— Premios: 800\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.
- 7º Parco**—VILLA-ISABEL—1.450 metros—Inteiros e eguas nacionaes de meio sangue que não tenham ganho este anno—Premios: 400\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 50\$ ao terceiro.

OBSERVAÇÕES

Nenhum parco se realizara sem que tres proprietarios pelo menos, inscrevam animaes.

Os animaes inscriptos no 4º parco não o poderão ser no 7º. As inscripções encerrar-se-ão hoje, as 7 horas da tarde.

O 2º secretario, RAUL DE CARVALHO.

DERBY-CLUB

PROGRAMMA DA 6ª CORRIDA A REALIZAR-SE EM 20 DE JUNHO DE 1886

N.º 113/1 — 1º parca — SEIS DE MARÇO — 1.150 metros — Animacs do paiz até meio sangue, que não tenham ganho no Derby-Club — Premios: 400\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 50\$ ao terceiro.

N.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL	PEZO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Verbena	Castanho	3 annos	R. de Janeiro	47 kilos	Azul e amarello	A. S. S.
2	Iron	Zaino	3 »	Paraná	49 »	Preto, branco e encarnado	C. P.
3	Peralta II	Castanho	3 »	Idem	49 »	Azul e manchas encarnadas	Idem.
4	Vampa	Zaino	3 »	R. G. do Sul	49 »	Preto e encarnado	Courelaria Paraizo.
5	Aleza	Libano	5 »	S. Paulo	52 »	Verde, branco e encarnado	A. R.
6	Pretoria	Idem	5 »	Idem	52 »	Cinzentos	A. C.
7	Sarlarelle	Preto	5 »	Paraná	54 »	Geranium e ouro	J. W.
8	Nicoafi	Castanho	3 »	Idem	49 »	Azul e branco	Y. P.
9	Villa Nova	Zaino	3 »	Idem	47 »	Azul, branco e amarello	Cond. Esperança.
10	Basalto	Castanho	4 »	S. Paulo	52 »	Branco e encarnado	Oliv. Junior & Lopes.
11	Cambro	Tordilho	4 »	Idem	52 »	Branco encarnado e facha	Mario de Oliveira.
12	Biscaia	Alazão	3 »	Idem	47 »	Azul e ouro	Cond. Santa Cruz.
13	Aurora	Idem	3 »	Idem	47 »	Vermelho	Courelaria Ypiranga.

N.º 12 1/2 horas — 2º parca — DERBY-CLUB — 2.000 metros — Inteiros e eguas do paiz — Premios: 1:000\$ ao primeiro, 300\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro.

1	Macaré	Alazão	4 annos	S. Paulo	51 kilos	Azul e ouro	Cond. Santa Cruz.
2	Saus-Souci	Castanho	5 »	Minas Geraes	53 »	Azul e grenat	Cond. Internacionl.
3	Pery	Idem	6 »	S. Paulo	53 »	Setim br. e manchas pretas	M. U. Lemgruber.
4	Sarlarelle	Preto	5 »	Paraná	54 »	Geranium e ouro	J. W.
5	Bafoco	Castanho	4 »	S. Paulo	52 »	Branco e encarnado	Oliv. Junior & Lopes.
6	Douro	Alazão	6 »	R. de Janeiro	54 »	Verde e ouro	José Guimarães.
7	Guanaco	Alazão tost.	7 »	Paraná	54 »	Vermelho	Courelaria Ypiranga.

N.º 1 1/1 horas — 3º parca — LEMGRUBER — 1.609 metros — Poldros e poldras nacionaes de 3 annos, que não tenham ganho este anno no parca Excelsior — Premios: 800\$ ao primeiro, 300\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

1	Diva	Alazão	3 annos	R. de Janeiro	49 kilos	Ouro e branco	Cond. Fluminense.
2	Regina	Douralilho	3 »	S. Paulo	49 »	Azul e manchas encarnadas	Idem Paraizo.
3	Vampa	Zaino	3 »	R. G. do Sul	49 »	Preto, branco e encarnado	Idem, idem.
4	Biscaia	Alazão	3 »	S. Paulo	47 »	Azul e ouro	Cond. Santa Cruz.
5	Druid	Tordilho	3 »	R. de Janeiro	51 »	Branco e encarnado	Oliv. Junior & Lopes.
6	Dinorah	Castanho	3 »	Idem	47 »	Verde e amarello	F. S. B.
7	Dora	Alazão	3 »	S. Paulo	49 »	Azul e ouro	Cond. Santa Cruz.

N.º 2 horas — 4º parca — COSMOS — 1.609 metros — Inteiros e eguas de qualquer parca — Premios: 800\$ ao primeiro, 250\$ ao segundo e 120\$ ao terceiro.

1	Cheapside	Alazão	3 annos	Inglaterra	47 kilos	Encarnado, branco e ouro	Courelaria Paulista.
2	Dignitaire	Idem	3 »	França	49 »	Preto, branco e encarnado	Cond. Paraizo.
3	Françoise	Idem	4 »	Idem	59 »	Verde, branco e encarnado	A. R.
4	Camélia	Idem	2 »	Idem	43 »	Azul e amarello	Cond. Santa Cruz.
5	Speciosa	Idem	4 »	Inglaterra	52 »	Azul e grenat	Cond. Internacionl.
6	Gladiador	Castanho	3 »	Idem	49 »	Setim br. e manchas pretas	M. U. Lemgruber.
7	Fanfaron	Alazão	4 »	França	52 »	Branco e encarnado	Oliv. Junior & Lopes.
8	Victoria	Zaino	2 »	Inglaterra	47 »	Vermelho	Courelaria Ypiranga.
9	Aspasia	Castanho	4 »	Idem	50 »	Ouro e branco	Cond. Fluminense.

N.º 2 3/1 horas — 5º parca — RIO DE JANEIRO — 2.000 metros — Inteiros e eguas de qualquer parca — Premios: 1:500\$ ao primeiro, 400\$ ao segundo e 200\$ ao terceiro.

1	Atalanta	Castanho	6 annos	Inglaterra	52 kilos	Ouro e branco	Cond. Fluminense.
2	Navi	Zaino	5 »	Idem	52 »	Setim br. e manchas pretas	M. U. Lemgruber.
3	Taillefer	Idem	5 »	França	54 »	Enc. e mangas azul claro	Cond. Americana.

N.º 3 1/2 horas — 6º parca — PROGRESSO — 1.609 metros — Animacs do paiz até meio sangue — Premios: 800\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

1	Africa	Preto	7 annos	Paraná	52 kilos	Encarnado branco e ouro	Courelaria Paulista.
2	Mandarim	Rosilho	3 »	S. Paulo	49 »	Azul e manchas encarnadas	Cond. Paraizo.
3	Pretoria	Libano	5 »	Idem	52 »	Cinzentos	A. C.
4	Druid	Tordilho	3 »	R. de Janeiro	51 »	Branco e encarnado	Oliv. Junior & Lopes.
5	Lucifer	Vermelho	4 »	S. Paulo	52 »	Azul e púrpura	J. L. L.

N.º 4 1/1 horas — 7º parca — INITIUM — 1.200 metros — Poldros e poldras nacionaes de 2 annos — Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro.

1	Judia	Tordilho	2 annos	Paraná	46 kilos	Azul e ouro	Cond. Santa Cruz.
2	Pampeiro	Castanho	2 »	R. G. do Sul	47 »	Preto e encarnado	Joaquim de A. Silva.
3	Pluado II	Douralilho	2 »	S. Paulo	47 »	Azul e encarnado	Lazaro & Luna.
4	Dandy	Idem	2 »	Idem	47 »	Verde e amarello	F. Vianna.
5	Favrita	Baio	2 »	R. de Janeiro	46 »	Azul e branco	João M. S. Barry.
6	Friticeira	Alazão	2 »	Idem	46 »	Grenat e rosa	Courelaria Moesta.
7	Chapeco	Vermelho	2 »	Paraná	47 »	Branco e estrellas azues	Cond. Guanabara.
8	Relampago	Tordilho	2 »	Idem	47 »	Azul branco e amarello	Cond. Esperança.
9	Onir	Castanho	2 »	S. Paulo	47 »	Branco e encarnado	Oliv. Junior & Lopes.
10	Tufão	Idem	2 »	R. de Janeiro	47 »	Verde e ouro	M. J. Andrade.

N.º 5 horas — 8º parca — ESTRADA DE FERRO D. PEDRO II — 1.150 metros — Animacs de meios de meio sangue — Premios: 300\$ ao primeiro, 50\$ ao segundo e 10\$ ao terceiro.

1	Zizania	Castanho	3 annos	R. de Janeiro	47 kilos	Encarnado, branco e ouro	Cond. Paulista.
2	Zaire	Gatão	4 »	Paraná	54 »	Azul e encarnado	Cond. Amadores.
3	Eucharis	Tordilho	5 »	Idem	53 »	Grenat e perola	A. & F.
4	Didi	Pampa	3 »	S. Paulo	47 »	Encarnado e azul	J. Machado.
5	Savana	Castanho	4 »	R. G. do Sul	59 »	Grenat e rosa	F. G.
6	Barbara	Rosilho	4 »	Idem	50 »	Preto e encarnado	J. S.

OBSERVAÇÕES. — Os animacs inscriptos no primeiro parca devem apresentar-se no ensilhamento as 11 horas da manhã em ponto.

A. CESAR LOPES, 2º secretario.

JOCKEY-CLUB

PROGRAMMA DA SEGUNDA CORRIDA

A EFFECTUAR-SE NO PRADO FLUMINENSE

DOMINCO, 20 DE JUNHO DE 1886

AO MEIO DIA EM PONTO

(A's 12 horas) — 1º parco — 1º CRITERIUM — 1.300 metros — Poldros o poldras nacionaes, de 2 annos, de meio sangue — Premios: 800\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

N.º	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Monitor.....	Alazão.....	2 annos	S. Paulo.....	50 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
2	Flotsam.....	Zaino.....	2 »	Idem.....	50 »	Vermelho.....	Alfredo Pinheiro.
3	Plutão II.....	Douradilho..	2 »	Idem.....	50 »	Vellulo azul e grenat.....	Lazaro e Lima.
4	Feiticçira.....	Alazão.....	2 »	R. de Janeiro.	49 »	Rosa e grenat.....	Coudelaria Modesta.
5	Pip.....	Pampa.....	2 »	S. Paulo.....	50 »	Azul e branco.....	B. V.
6	Tamoyo.....	Castanho....	2 »	Idem.....	50 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.

(A's 12 o 3/4 horas) — 2º parco — INTERNACIONAL — 1.800 metros — Animas de todos os paizes e de puro sangue, até 4 annos — Premios: 1:200\$ ao primeiro, 300\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro.

1	Peruina.....	Zaino.....	3 annos	Inglaterra....	53 kilos	Azul, ouro e bonet verm...	Ayrosa & Rocha.
2	Coupon.....	Alazão.....	3 »	França.....	55 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
3	Cheapside.....	Idem.....	3 »	Inglaterra....	53 »	Encarnado, branco e ouro.	Coudelaria Paulista.
4	Phrynée.....	Castanho....	4 »	Idem.....	55 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
5	Speciosi.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	55 »	Azul e grenat.....	Coud. Internacional.
6	Macaréo.....	Idem.....	4 »	S. Paulo.....	52 »	Azul, ouro e faixa.....	Coud. Santa Cruz.
7	Fanfaron.....	Idem.....	4 »	França.....	57 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes
8	Gaudriote.....	Castanho....	3 »	Idem.....	53 »	Havana e branco.....	Coudelaria Alliança.
9	Scylla.....	Idem.....	2 »	Inglaterra....	53 »	Azul e ouro.....	Idem idem.

(A' 11/2 hora) — 3º parco — GUANABARA — 1.800 metros — Animas nacionaes de 4 annos e mais — Premios: 1:200\$ ao primeiro, 300\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro

1	Sylvia II.....	Alazão tost..	4 annos	S. Paulo.....	50 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
2	Pery.....	Castanho....	6 »	Idem.....	51 »	Branco e pintas pretas....	M. U. Lemgruber.
3	Sans Souci.....	Idem.....	5 »	Minas Geraes	54 »	Azul e grenat.....	Coud. Internacional.
4	Boreas.....	Idem.....	4 »	S. Paulo.....	54 »	Azule ouro.....	Coudelaria Alliança

(A's 2 1/4 horas) — 4º parco — YPIRANGA — 1.800 metros — Animas nacionaes de 3 annos — Premios: 1:200\$ ao primeiro, 300\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro

1	Sybilla.....	Zaino.....	3 annos	S. Paulo.....	50 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
2	Campineira.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	48 »	Vermelho.....	Coud. Ypiranga.
3	Niroafi.....	Castanho....	3 »	Paraná.....	50 »	Azul e branco.....	Georganes & Per...
4	Diva.....	Alazão.....	3 »	R. de Janeiro.	50 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
5	Carmen.....	Idem.....	3 »	S. Paulo.....	50 »	Azul e grenat.....	Coud. Internacional.
6	Regina.....	Douradilho..	3 »	Idem.....	50 »	Encarnado e manchas azues	Coudelaria Paraíso

(A's 3 horas) — 5º parco — 2º CRITERIUM — 1.300 metros — Poldros e poldras nacionaes de 2 annos, até puro sangue — Premios: ao primeiro, 800\$ ao segundo, 200\$ e 100\$ ao terceiro.

1	Monitor.....	Alazão.....	2 annos	S. Paulo.....	50 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
2	Plutus.....	Idem.....	2 »	Idem.....	52 »	Idem, idem.....	Idem idem.
3	Flotsam.....	Zaino.....	2 »	Idem.....	50 »	Vermelho.....	Alfredo Pinheiro
4	Jadia.....	Tordilho negr	2 »	Paraná.....	49 »	Azul e ouro.....	A. S. S.
5	Dandy.....	Vermelho....	2 »	S. Paulo.....	52 »	Verde e amarello.....	F. Vianna.

(A's 3 3/4 horas) 6º parco — JOCKEY-CLUB — 2.000 metros — Animas de todos os paizes e idades — Premios: 1.500\$ ao primeiro, 400\$ ao segundo, e 200\$ ao terceiro

1	Plutão.....	Alazão.....	6 annos	França.....	54 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
2	Taillefer.....	Zaino.....	5 »	Idem.....	56 »	Encarnado e mangas azues.	Coud. Americana.
3	Naná.....	Idem.....	5 »	Inglaterra....	56 »	Branco e manchas pretas..	M. U. Lemgruber.
4	Gladiador.....	Castanho....	3 »	Idem.....	50 »	Branco e manchas violetas.	Idem.
5	Charybdes.....	Idem.....	3 »	Idem.....	48 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
6	Comtesse d'Olonne	Alazão.....	5 »	França.....	58 »	Havana e branco.....	Idem idem.

(A's 4 1/2 horas) — 7º parco — MAJOR SUCKOW — 1.609 metros — Animas nacionaes de meio sangue — Premios: 800\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro

1	Aurora.....	Alazão.....	3 annos	S. Paulo.....	48 kilos	Vermelha.....	Coudelaria Ypiranga
2	Guanaco.....	Idem.....	7 »	Paraná.....	54 »	Vermelha e facha.....	Idem idem.
3	Boyardo.....	Idem.....	4 »	S. Paulo.....	54 »	Branco e estrellas azues....	Idem Guanabara
4	Bayoco.....	Castanho....	4 »	S. Paulo.....	56 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes
5	Bouita.....	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	50 »	Encarnado e azul.....	José Machado.
6	Regaliá.....	Vermelho....	5 »	S. Paulo.....	56 »	Branco, encarnado e facha.	Mario de Oliveira.
7	Douro.....	Alazão.....	6 »	R. de Janeiro.	58 »	Verde e ouro.....	L. da Costa.

OBSERVAÇÕES — Os animas que correm pela primeira vez devem se achar no ensilhamento as 10 1/2 horas, affim de serem examinados.

Os parcos serão realizados impreterivelmente nas horas marcadas.

A. PINHEIRO JUNIOR, 2º secretario.

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 24 DE JUNHO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

Supplemento n. 3

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

O fim do mundo..... V. MAGALHÃES.
Silvestre de Lima.....
Theatros..... P. TALMA.
Sport.....
Anuncios.....

O FIM DO MUNDO

*Dies iræ, dies illa
Solvet seculum in favilla...*

Hoje é hoje— costuma dizer o vulgo quando quer significar que é chegado emfim o dia de um acontecimento notavel, ou de ha muito esperado.

Pois bem: — Hoje é hoje!

S. João Baptista encontrou-se com o Corpo de Deus:— o mundo vae acabar.

Assim o prophetisou ha muitos annos o sabedorão Nostradamus, um barra que entendia de astros mais ainda que o nosso Imperador, e lia o futuro do mundo na face dos planetas com facilidade maior e mais profunda convicção do que o Sr. Ferreira Vianna lê o futuro da nossa politica nas caras dos ministros novos.

Pobre leitor! Quando, logo mais, tomares o bonde do Sacco do Alfes talvez que, sem o adivinhares e sem que o saiba o proprio cocheiro— tentas tomado o bonde... para o outro mundo.

Dentro em pouco iremos todos plantar batatas... na lua.

A terra, esta velha bola de sabão que ha meia duzia de milhões de seculos Sua Omnipotencia Deus Unico houve por bem soprar no Infinito pelo immensuravel e velho canudo com que insuflou a vida no ventre do misero Adão — que antes d'isso não era mais do que um vasio pucaro de barro com pés e braços— a vaidade no coração de Eva, a harmonia no papo das aves, o trovão ua guéla dos leões e a morte na bocca das serpes,— a terra está aqui, está estoirando no ar com todos os seus habitantes — inclusive a formosa leitora, que me lê distrahida, com o pensamento algures, — e este seu criado, que nem mesino por meio do terror consegue captivar-lhe a attenção.

Aquelle maluco Nostradamus— dizem falar quem fala!— sabia ás vezes o que dizia, e nas celeberrimas *Centurias* encontra-se mais de uma verdade, confirmada pelo tempo.

O mundo vae acabar. D'aqui a momentos, talvez, teremos o prazer de viajar pelos espaços, cada qual mon-

tado no estilhaço do planeta que houver podido apanhar.

Longe de mim jurar nas asserções da *sciencia* de Stoffer, Regiomontanus, Thomaz de Pizão e do citado Nostradamus, protegido de Catharina de Medicis.

Mas, não obstante, a prophencia d'este confessor dos astros, pela qual, ao que parece, deve o mundo — *pafl!* — rebentar, hoje mesmo, dá-me que pensar.

O leitor não dirá nada a ninguem? Jura-o?

Pois saiba, então, que eu creio firmemente nessa cousa. Está por poucos momentos a existencia da Terra.●

Além da auctorizada palavra de Nostradamus, tivemos ha pouco ali no céu do Sr. Dr. Cruls e de Sua Magestade o Imperador nada menos de tres luminosos nuncios da proxima catastrophe.

Tres! Nem mais nem menos: tres! O *Brooks*, o *Fabry* e o *Barnard*.

Que cousa ruim poderiam vir annunciar esses tres cometas?

O apparecimento de uma nova especie de febre?

Impossivel! No Brazil todas as febres estão de ha muito aboletadas; apenas, os meios— como fazem os vereadores ás ruas— mudam-lhes os nomes de vez em quando— para variar.

Nova emissão de papel moeda?

Verdadeiramente, isso não seria um mal. Visto que não ha nenhuma esperanza de ter a gente dinheirinho em ouro, e como sempre é melhor tel-o em papel (é mais commodo) do que em sola ou em ferro, como antigamente, — venha elle, ainda em papel! Mas não consta que no grande plano de reformas economicas do Sr. Conselheiro Belisario entre essa amavel calamidade.

Abandonemos hypotheses.

Se a desgraça porvindura não fosse de « primeira ordem », uma legitima desgraça « *Vae tudo raso* », (marca registrada) bastaria um cometa a annuncial-a.

Desde que foram tres é porque a noticia que nos vinham trazer era a do—fim do mundo.

Além dos tres caudatos avisadores, tivemos ha pouco tempo um terremoto— muito significativo, uma inundação respeitavel e uma bella ressaca: *terra marique* — a annunciar-nos o fim do mundo.

Tudo está velho (*nihil sub sole novum*). A terra, decrepita, agonisa, e em breve irá, como diz o poeta Leconte de Lisle, secundar com a sua podridão os sulcos celestes e preparar a germinação de mundos novos.

Não, decididamente não ha duvida nenhuma: o mundo está para acabar.

Se é o Terremoto o incumbido, como executor das Altas Justicas, d'essa delicada missão, o Terremoto não terá muito que fazer. Tudo está abalado, tudo treme; o mundo oscilla, como dizia o pancudo Luthero, sentindo oscillar a barriga.

Um piparote do dedo da Providencia (*Zé Bento fecit*) e... catrapuz! era um dia um grão de areia chamado Terra.

A' vista disso, meus senhores, como tristezas não pagam dividas nem con-

seguem riscar o que no *Memorandum* do Eterno está escripto, e como talvez não possamos nunca mais entregar-nos ás delicias do bife — vamos jantar.

Não é bom viajar com o estomago vasio.

E se não nos virmos mais, caro leitor, adeus, até outro... mundo!

VALENTIM MAGALHÃES

SILVESTRE DE LIMA

Em o nosso ultimo numero prometemos transcrever neste supplemento uma carta de Silvestre de Lima. Cumprimos hoje a nossa promessa. Essa carta é datada da Ventania a 14 de Janeiro de 1885. Silvestre partira d'aqui para Minas a 24 ou 25 de Agosto do anno anterior, e, quatro mezes depois, como se vê da carta, já estava desgostoso da familia e quasi desesperado pelas intrigas de aldeia que o envolviam. Essas intrigas recrudesceram naturalmente e, apoz anno e meio de sofrimentos e de paciencia, determinaram sem duvida, o tragico desfecho que nos surpreendeu e penalizou a todos os que conheciam o moço escriptor.

Não façamos, porém, juizos temerarios ácerca d'este tristissimo caso e aguardemos mais amplos esclarecimentos para julgarmos o procedimento de Silvestre de Lima.

Supprimimos da carta alguns trechos de maior intimidade que não têm relação com o facto de que presentemente se tracta.

Eil-a:

« Vou agora dizer-te summariamente — porque de outra maneira não te escreveria em um seculo — que me tem acontecido depois que te deixei, a ti, que és o unico idiota que me tem amado sinceramente neste val de lagrýmas, e ao Rio de Janeiro, que é o unico trecho do Brazil conhecido, habitavel. Já deves ter comprehendido pela introdução qual a vida que tenho passado... É realmente triste, meu bom, meu querido amigo! E se ainda não descri da existencia e não descri sufficientemente para acreditar no suicidio, é porque ainda me restam tu, com o teu coração, e os demais collegas, com a sua bondade e com o seu espirito, quero dizer — ainda ha neste deserto povoado um oasis, para o qual podem voar esperanças, como as andorinhas no hynverno, as minhas alegrias e os meus pensamentos sequiosos... Emfim, desculpa o prologo e escuta:

« Como tu sabes, vim a Minas com o feto exclusivo de reunir um pequeno capital que me garantisse uma viagem

a Pariz. Chegando, achei meu pae arruinado, e, segundo esperava, bastante aborrecido por eu não haver tirado a minha carta. Demónio de carta, vae! Além d'isso, as intrigas não têm faltado de todos os lados — por motivos que vae comprehender d'aqui a pouco — e a esta hora só espero a decisão dos meus negocios para abandonar a minha familia — para sempre...

« Quanto a meu tio, já cortámos inteiramente as nossas relações pessoais. Communiquei-te ali que era herdeiro no espolio de minha tia, do qual meu tio, membro do casal e como tal igualmente herdeiro da maior parte, é, além d'isso, inventariante. Já se tinha começado a fazer o inventario, e só esperavam por mim para concluí-lo e proceder a partilhas. Assim aconteceu effectivamente; mas tal foi a velhacaria de meu tio que eu resolvi romper com as conveniencias da familia e tentar contra elle uma acção judicial. Comecei por colleccionar provas para annullar o testamento de minha tia, que é um papel, apenas, — devo observar-te, — e mais para demonstrar que meu tio sonnegou ao inventario para cima de trinta contos. Isto feito, isto é — annullado o testamento e demonstrado que o espolio fora com effecto desfalcado d'essa quantia, nós, eu e meus quatro irmãos, herdeiros da terça, passaríamos a ser herdeiros da meação, e, em vez de onze, receberíamos cincoenta contos.

« Conclusão: Já tinha dado os primeiros e os mais importantes passos para encetar a alludida acção.

Recebo, porém, uma carta de meu pae, chamando-me à ventania a toda a pressa, e não imaginas o opposição que vim encontrar: metade da familia, inclusivamente minha avó, uma velha de noventa annos, em guerra declarada contra mim; meu pae — a quem encheram os ouvidos de calumnias a meu respeito, — muito indisposto; intrigas aos barris, ameaças pessoas aos cantaros!.. Lixo e mais lixo!..

Creio que nestas vinte leguas em circunferencia não se occupam hoje senão de mim, e, com franqueza, não sei se terei forças para esbofetear tanto intrigante...

O teu pobre e saudoso amigo
Silvestre de Lima.»

THEATROS

SARAH BERNHARDT

Foi noite de festa e de triumpho a de 21 do corrente no theatro S. Pedro.

Sarah e a sua companhia representaram *Phèdre*, a celebre tragedia de Racine, considerada, depois de *Athalie*, a sua obra prima; e das quatorze ou quinze representações realisadas até hoje nenhuma foi tão entusiastica e francamente applaudida.

Phèdre começou a agradar desde o levantar do panno, logo que, feito de todo o silencio e applicada a attenção do publico, começaram a ser ouvidos os bellos versos de Hippolyto (Garnier) no dialogo com Thérémène (Fournier).

A entrada de Phèdra, quasi moribunda de mágnua e fraqueza, toda envolta em custosas vestes brancas, os braços nus, languidamente acostada em (Euone (Mme. Renard) causou a mais lisongeira e sympathica impressão. E quando os alexandrinos admiráveis do poeta que mais religiosamente venerou

e honrou a lingua franceza e mais a enriqueceu e polio, de quem Victor Hugo escreveu: «*Racine contient l'augelas*», (*) quando os admiráveis versos de Racine começaram a voar da bocca de sereia da grande actriz, como um bando de passaros melancolicos, vagarosos:

«*N'allons point plus avant, Demeurons, chère Euone, Je ne me soutiens plus...*»

começou a ebriz inenarravel, o delizioso encantamento dos espectadores.

E' inimaginavel a maneira porque Sarah Bernhardt recita, mas especialmente o verso. Cada palavra tem a sua inflexão, o seu gesto, o seu olhar proprio; cada syllaba, das doze de que se compõe cada alexandrino, é dita, *exhalada*, soluçada ou rugida com precisão e verdade absolutas, que revêlam um estudo completo e um talento de comprehensão e de interpretação assombroso.

Ao terminar o primeiro acto todo o theatro prorompeu em applausos e victoriou estrolosamente Sarah Bernhardt e Garnier, sem especialisar as salvas de palmas que, no correr do acto, lhes foram dadas.

Estava garantido o successo de *Phèdre*. Effectivamente de acto em acto crescia o enthusiasmo do publico e ao fim do derradeiro expluiu uma das maiores ovações a que temos assistido.

Bem a mereceram Sarah, Garnier, Malvau, Fournier e Decori.

Apreciaremos de fugida o desempenho dado por esses actores aos seus respectivos papeis.

A interpretação do de Phèdra, «*La fille de Minos et de Pasiphaé*» (um dos mais curtos e mais bellos alexandrinos da lingua franceza) veio provar que Sarah Bernhardt no drama, na comedia ou na tragedia é sempre uma grande artista, mas que é na tragedia que ella o é — absolutamente; que Sarah é uma actriz especialmente — tragica.

Da tragedia tudo lhe vae admiravelmente: — as attitudes vistosas e nobres, os gestos largos e imperativos, os arranques de desespero, os gemidos, os arquejos e os rugidos crebros, todas as paixões extremadas, tangidas em sua maior tensão emocional.

As suas condições phisicas auxiliam-na poderosamente: — a estatura elevada, o porte erecto e esbelto, os braços longos, a cabeça dominativa e de perfil agudo, *tranchant*, o olhar — ora chispante e severo, ora sombrio e *noyé*, — a bocca expressiva, em que se aninham igualmente bellas phrases viperinas do sarcasmo e do odio como os sorrisos ineffáveis do amor.

Além do que, devemos dizel-o com franqueza, ou antes: repetil-o sem receio, pois já o dissemos — falta à grande actriz — não inteiramente, é certo — esse poder inexplicavel de communicar a commoção a alma dos espectadores, de fazel-os soffrir, anciar e chorar com as máguas e os infortunios das personagens que representa, fazendo-os sentir os seus sentimentos.

A tragedia offerece meios mais energeticos e emicazes do que o drama para conseguir aquelles effectos, pois neste as paixões não são levadas como naquella ao seu grau maximo de intensidade.

Ora na reprodução d'estas paixões é que excelle o temperamento artistico de Sarah Bernhardt. A prova de que não estamos em erro temol-a no facto de que na *Phèdre* Sarah alcançou triumpho muito mais ruidoso do que nos dramas anteriormente representados.

As scenas em que mais enthusiasmo a platêia foram a segunda do segundo

(*) Celebré grammatico francez do XVII seculo.

acto, em que declara a Hippolyto o seu culpado amor, arrancando-lhe a espada para suicidar-se; a sexta do quarto acto, em que amaldiçoa e repelle a trahidora (Euone); (com tanta vehemencia a executou que teve um passageiro deliquio, dando uma quèda, felizmente sem gravidade), e a scena da morte.

A falta de espaço obriga-nos a resumir o muito que teriamos a dizer sobre o trabalho de Sarah no papel de Phèdra. Foi estupendo.

Garnier deu-nos um admiravel Hippolyto. O seu physico, a sua voz, o seu temperamento artistico e a sua escola fazem-n'o um artista exclusivamente de tragedia.

Recitou correctissimamente e bem mereceu os freneticos applausos que teve, especialmente na scena 5^a do 2^o acto, quando declara o seu amor a Aricia, a scena seguinte com Phèdra e a grande scena com Thèseu, no quarto acto, em que fez uma sahida magnifica.

E' de lamentar, especialmente em relação ao Sr. Garnier, que a companhia não houvesse estreiado com a *Phèdre*.

O Sr. Decori deu-nos um Thèseu «temte não caias», sob cujas barbas de vez em quando, descobria-se o frivolo visconde de Valreas, da *Frou-Frou*. Conseguiu, comtudo, fazer bem algumas scenas e uma boa sahida no 1^o acto.

Mas não lhe podemos perdoar os enxertos de lavra propria que introduzio nos versos de Racine, estropiando-os. Assim foi que neste verso: «*Mais ce coupable amour, dont il est devoré*» encaixou um *dis moi*, produzindo este aborto:

«*Mais, dis moi, ce coupable amour dont il est devoré...*»

Verdade é que quasi todos os artistas modificaram um ou outro verso, o que talvez se possa explicar por haver diversas variantes de alguns versos da *Phèdre*.

O Sr. Fournier não fez bem o papel de Thérémène. Recitou em geral incorrectamente e sem realce. Mas salvou-se com a narração da morte de Hippolyto, a que soube dar energia e sentimento.

A Sra. Renard deixou muito a dezejar no papel de Euone.

A Sra. Malvau tirou quanto pode da sua parte de Aricia, recitando-a com energia e, em geral, correctamente.

O *ensemble* foi aceitavel. O publico sahio muito satisfeito e com as mãos roxas e as luvras rebentadas de muito applaudir.

Uma noite cheia a do dia 21 no S. Pedro: — cheia de palmas, de flores, de *bravos* e de... espectadores. E' de esperar que seja acompanhada de muitas outras eguaes.

« VIOLETA E O SEU BONECO »

A scena passa-se na ilha de qualquer coisa, em epoca indeterminada mas longinqua. Devemos suppor que a acção seja preadamita, porque o feiticeiro Alcófribas não é senão o velho Cupido disfarçado em Dr. Fausto. Violeta é a flor animada da ilha e Pierrrot, que se diz filho do feiticeiro, é um mancebo tão gentil quanto se pode imaginar que o seja a Sra. Bellegrande. Violeta, casta como a flor do seu nome, apenas tinha a intuição dos dois sexos, por sempre ver aos pares os insectos e os passaros. De homem nem noticias, nem, ao menos, o conhecimento da palavra. Mas Pierrrot chega e Violeta encontra o que lhe faltava; no vacuo do seu coração madduro pôde emfim expandir-se o sentimento latente. A puberdade impele-a para o mancebo, que é realmente um encanto, um demónio de rapaz *chic*, que tanto inflamma os camarotes como a platêia, e que dança o *rigodon* de tal jeito que até faz tremer o proprio Sr.

Dr. Hermenegildo no camarote da policia.

A peça, apesar dos seus trinta annos, é delicada e a musica muito bonita e graciosa.

Cinira Polonio, (Violeta) cantou admiravelmente a aria dos canarios, e se não cantou egualmente bem toda a sua parte foi porque na primeira noite estava adoentada. Sahiam-lhe veladas as notas médias, embora lhe sahisses vibrantes e frescas as agudas e com uma relativa pureza as graves. Todo o papel de Violeta foi feito com muita ingenuidade e muita graça, e a estrepante da *Canção de Fortunio* mostrou-se já senhora e dominadora do palco do Sant'Anna.

A Sra. Bellegrande fez um bello Pierrot, cantando muito bem e dançando com graça os paços do *rigodon*.

Mattos foi um Alcófribas impagavel e um Cupido ainda melhor do que Alcófribas.

A mimosa opereta de Adam agradou muitissimo e é de esperar que a tenhamos muito tempo ainda no Sant'Anna.

P. TALMA.

SPORT

Com um excellente programma realiza hoje o Prado Villa-Isabel a sua 8ª corrida d'este anno. Nos diferentes pareos, que são sete, estão inscriptos os melhores parceiros dos nossos clubs de corridas, o que deixa prever o interesse e animação que a festa de hoje provocará.

Recommendamos, pois, o programma inserto na 4ª pagina d'este supplemento.

O Club Olympico Guanabarense, que ainda no ultimo domingo proporcionou aos seus socios uma brilhantissima corrida, annuncia já para o dia 4 de Julho a sua 5ª festa deste anno, com um programma repleto de attractivos para os amadores que habitualmente abrihantam as corridas de tão distincta sociedade. Aos velocipedistas recommendamos o pareo de 4.000 metros.

Com grandes corridas a pé e em velocipedes e com diferentes trabalhos gymnasticos, tambem terá logar no dia 29 do corrente uma magnifica festa promovida pela digna directoria do Club Athletico Fluminense. Tocará durante a corrida a banda do Corpo Policial de Nictheroy.

ANNUNCIOS

Dr. João Botelho, medico e operador; molestias venereas, syphiliticas e das vias urinarias. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicções medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 51, por cima da antiga pharmacia Fragozo, das 12 ás 3 horas.

CLUB OLYMPICO GUANABARENSE

NICTHEROY

29 RUA DE SANTA ROSA 29

PROGRAMMA

DE

INSCRIÇÃO PARA A 5ª CORRIDA, A REALIZAR-SE
NO DIA 4 DE JULHO DE 1886

- 1º pareo—160 metros—Corrida rasa para meninos de 7 a 12 annos, com vantagens.
- 2º pareo—150 metros—Corrida rasa para socios que ainda não levantaram premio.
- 3º pareo—840 metros—Corrida rasa para homens, com vantagens.
- 1º pareo—130 metros—Corrida rasa para meninas de 7 a 13 annos, com vantagens.
- 5º pareo—280 metros—Corrida rasa para moços de 13 a 15 annos, sem vantagens.
- 6º pareo—1.120 metros—Velocipedes para meninos, com vantagens.
- 7º pareo—300 metros—Corrida rasa para homens, sem vantagens.
- 8º pareo—4.000 metros—Velocipedes para homens, com vantagens.
- 9º pareo—1.000 metros—Corrida rasa para homens, com vantagens.
- 10º pareo—150 metros—Corrida com obstaculos para homens, com vantagens.

As inscrições recebem-se na rua dos Ourives n. 58 e no buffet de S. Domingos, até o dia 26 do corrente, ás 6 horas da tarde.

Os menores devem indicar a idade e a altura metrica.

Os senhores que não forem socios pagarão 5\$ por cada pareo em que se inscreverem.

O 1º SECRETARIO, J. DE CASTRO

CLUB ATHLETICO FLUMINENSE

6, RUA DO CONDE DE BOMFIM 6

GRANDE FESTA EM 29 DO CORRENTE

ÁS 11 1/2 HORAS EM PONTO

Corridas a pé e em velocipedes

EXERCICIOS GYMNASTICOS

Tocará a excellente banda do Corpo Policial de Nictheroy

ENTRADA GERAL 1\$. -- ARCHIBANCADA 2\$.

AVISO

Os senhores socios terão entrada com o recibo d'este mez.

o primeiro pareo principiara impreterivelmente ás 11 1/2 em ponto.

ALBERTO WELLSCH—1º Secretario.

FABRICA DE FLORES ORPHANOLOGICA

38 RUA DO PASSEIO 38

PROPRIETARIOS---RIBEIRO DE CARVALHO & C.

Tem sempre um grande sortimento de flores para festas de igrejas e outras solemnidades, capellas e coroas de saudades, vidrilhos e perpetuas para finados, e flores finas para enfeites de cabello, de vestidos e de chapéos de senhoras.

Deposito Central---Rua da Quitanda, 133 A, (sobrado)

PRADO VILLA-ISABEL

PROGRAMMA DA 8ª CORRIDA A REALIZAR-SE

NO DIA 24 DE JUNHO DE 1886

AO MEIO-DIA EM PONTO

Primeiro pareo—CONCILIAÇÃO—1.150 metros—Animaes de menos de meio sangue—Premios 200\$ ao primeiro, 60\$ ao segundo e 40\$ ao terceiro

N.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PEZO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Didi.....	Pampa.....	3 annos	S. Paulo.....	48 kilos	Encarnado e azul.....	J. Machado.
2	Eucharis.....	Tordilho.....	5 »	Paraná.....	56	Encarnado e preto.....	A. & F.
3	Zaire.....	Gateado.....	4 »	Idem.....	51 »	Azul e amarello.....	J. C.
4	Buchinha.....	Castanho.....	3 »	S. Paulo.....	46 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
5	Savana.....	Idem.....	4 »	R. G. do Sul..	49	Ouro e cinza.....	F. G.

Segundo pareo—PRODUCTOS—1.000 metros—Poldros e poldras nacionaes de 2 annos, de meio ou puro sangue—Premios: 500\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 50\$ ao terceiro.

1	Flotsam.....	Zaino.....	2 annos	S. Paulo.....	43 kilos	Vermelho.....	Alfredo Pinheiro.
2	Judia.....	Tordilho.....	2 »	Paraná.....	42 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
3	Plutus.....	Douradilho..	2 »	S. Paulo.....	45 »	Azul, branco e encarnado..	Idem Cruzeiro.
4	Feiticeira.....	Alazão.....	2 »	R. de Janeiro.	44 »	Rosa e grénat.....	Idem Modesta.

Terceiro pareo—INTERNACIONAL—1.300 metros—Animaes estrangeiros que ainda não tenham ganho—Premios: 400\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

1	Africana.....	Zaino.....	2 annos	Rio da Prata.	44 kilos	Verde e ouro.....	T. S. C.
2	Diana.....	Alazão.....	3 »	França.....	49	Grenat e bonet ouro.....	Mario de Souza.
3	Gaudriole.....	Castanho.....	3 »	Idem.....	49	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
4	Pansy.....	Zaino.....	2 »	Rio da Prata.	44 »	Cereja, verde e amarello....	V. M.
5	Aracapuçá.....	Alazão.....	5 »	Inglaterra.....	45 »	Branco e preto.....	Sociedade Animação.
6	Dr. Jenner.....	Zaino.....	3 »	Rio da Prata.	49 »	Granada e ouro.....	Raul de Aguiar.
7	Victoria.....	Idem.....	2 »	Inglaterra....	46 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
8	Camelia.....	Alazão.....	2 »	França.....	46 »	Azul e amarello.....	Coud. Santa Cruz.

Quarto pareo—ANIMAÇÃO—1.800 metros—Inteiros e eguas nacionaes ate meio sangue.—Premios: 500\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 90\$ ao terceiro.

1	Bonita.....	Alazão.....	4 annos	S. Paulo.....	49 kilos	Azul e encarnado.....	J. Machado.
2	Aymoré.....	Castanho.....	5 »	Idem.....	51 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
3	Regalia.....	Vermelho.....	5 »	Idem.....	56 »	Branco e encarnado.....	Mario de Oliveira.
4	Guanaco.....	Alazão.....	7 »	Paraná.....	54 »	Encarnado branco e ouro..	Coudelaria Ypiranga.

Quinto pareo—SUBURBANO—1.800 metros—Animaes de qualquer paiz.—Premios: 800\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

1	Fanfaron.....	Alazão.....	4 annos	França.....	54 kilos	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
2	Satan.....	Castanho.....	3 »	Idem.....	51 »	Grénat e ouro.....	Oscar Machado.
3	Françoise.....	Idem.....	4 »	Idem.....	52 »	Verde, branco e encarnado.	R. N.
4	La Linda.....	Idem.....	5 »	Rio da Prata.	53 »	Geranium e ouro.....	J. W.
5	Plutão.....	Alazão.....	6 »	França.....	57 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
6	Atalanta.....	Castanho.....	6 »	Inglaterra...	55 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
7	Madame.....	Idem.....	3 »	França.....	49 »	Azul, branco e encarnado..	Cruzeiro.

Sexto pareo—METROPOLITANO—2.300 metros—Inteiros e eguas nacionaes—Premios: 800\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

1	Sans-Souci.....	Castanho.....	5 annos	Minas Geraes	56 kilos	Azul e grénat.....	Coud. Inter nacional.
2	Talisman.....	Alazão.....	6 »	S. Paulo.....	58 »	Azul, branco e encarnado.	Coudelaria Cruzeiro.
3	Boreas.....	Castanho.....	4 »	Idem.....	49 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.

Setimo pareo—VILLA ISABEL—1.450 metros—Inteiros e eguas nacionaes de meio sangue, que ainda não tenham ganho este anno—Premios: 400\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 50\$ ao terceiro.

1	Africa.....	Preto.....	7 annos	Paraná.....	52 kilos	Encarnado, branco e ouro.	Coudelaria Paulista.
2	Regalia.....	Vermelho.....	5 »	S. Paulo.....	57 »	Branco e encarnado.....	Mario de Oliveira.
3	Baioco.....	Castanho.....	4 »	Idem.....	53 »	Idem.....	Oliv. Junior & Lopes.
4	Bitter.....	Preto.....	4 »	S. Paulo.....	51 »	Azul.....	N. P. S.
5	Ivon.....	Zaino.....	3 »	Paraná.....	48 »	Preto, branco e encarnado.	C. P.
6	Mandarim.....	Rosilho.....	3 »	S. Paulo.....	50 »	Azul e manchas encarnadas	Coudelaria Paraizo.
7	Sarjabelle.....	Preto.....	5 »	Paraná.....	56 »	Geranium e ouro.....	J. W.
8	Dobro.....	Alazão.....	7 »	R. de Janeiro.	54 »	Preto e encarnado.....	José Guimarães.
9	Aranha.....	Idem.....	4 »	S. Paulo.....	49 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.

OBSERVAÇÕES—As corridas principiãrão ao meio-dia em ponto, impreterivelmente, e terminãrão as 4 3/4.

Principiando ao meio-dia em ponto as corridas, serãrão excluidos os animaes inscriptos no 1º pareo, que as 11 horas precisas não estiverem no ensilhamento.

RAUL DE CARVALHO, 2º secretario.

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 26 DE JUNHO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 78.

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	
Historia dos sete dias.....	FILINDAL
Questão grammatical —	
Carta de.....	FACHECO JUNIOR.
Crianças!.....	G. GAMA.
Jornaes e revistas.....	M. V.
Parenthèses de luz, soneto	J. DE ARAUJO.
Casos patuscos.....	FISCHIO.
Aqui, ali, acolá.....	PASSEPARTOUT.
Serenada, poesia.....	ALBERTO SILVA.
Cofre das graças.....	BIBIANO.
Antes da missa.....	L. G. D. ESTRADA
Carnaval da historia.....	P. VEHON.
Bellas Artes.....	A. PALHETA.
Dupla aurora, soneto....	B. DE OLIVEIRA.
Gazetilha litteraria.....	V.
Sport.....	
Theatros.....	P. TALMA.
Factos e Noticias.....	
Correio.....	ENRICO.
Recebemos.....	
Anuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CORTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

Compram-se nesta redacção exemplares do n. 6 d'A *Semana*, a 500 réis.

Foi exonerado do cargo de agente geral d'esta folha o Sr. Leonei Ayres Guerra, que se acha actualmente em S. Paulo.

A esse nosso ex-agente foram retirados todos os poderes que lhe haviamos dado para nos representar fora da capital do imperio.

D'ora avante devem os Srs. sub-agentes e todas as pessoas que tiverem negocios com esta folha dirigir-se directamente ao gerente.

Sr. Mendonça Junior — S. Paulo. — Queira dizer-nos todo o seu nome, porque temos nessa capital mais de um assignante com os mesmos appellidos de V. S. A sua carta é laconica em phrases mas, em compensação, abundante em dinheiro, o que lhe agradecemos. Infelizmente, sem elucidarmos

qual foi o Mendonça Junior que nol-o enviou, não poderemos extrahir o respectivo recibo.

Resolvemos suspender, do proximo numero em diante, a remessa d'A *Semana* a todas as folhas que — do imperio como do Estrangeiro — comnoseo não o têm permutado.

Remettel-a-emos, porém, a todos os collegas novos que nos honrarem com a sua visita e aos antigos que comnoseo entrarem a permutar.

Aos senhores assignantes em atrazo que até 31 de Julho proximo não saldarem os seus débitos será suspensa a remessa da folha, irremissivelmente.

«VINTE CONTOS»

Ha dez mezes annunciou *A Semana* que daria como premio aos seus assignantes de anno um exemplar de um novo livro do director d'esta folha, livro intitulado *Vinte Contos* e que já estava no prelo. Entretanto, até hoje não foi cumprida ta. promessa, sem que, comtudo, deixassemos de continuar a fazel-a.

Muitos dos Srs. assignantes devem ter julgado isso uma péta, armala, como cavilosa arapuca, para apanhar assignantes.

E não seremos nós quem lhes diga não terem razão para estarem zangados. Mas tambem nós as temos tido para, de modo tão estranhavel, deixar em aberto promessá, ha tanto tempo feita.

Uma d'ellas, a principal, é que o livro tem sido composto na officina da folha. Ora esta apenas tem elementos para dar pontualmente, todos os sabbados, *A Semana*, e o encargo da publicação do livro, que não é pequeno, veio asoberbal-a de modo não previsto.

D'ahi a excessiva demora que têm tido os *Vinte Contos* em saltar do nosso modesto prelo para as mãos impacientes dos nossos queridos assignantes.

Mas hoje podemos felizmente dizer-lhes, muito séria e cathegoricamente, que— até o dia 15 DE JULHO, o mais tarde, deverá começar a entrega e remessa de um exemplar do livro de Valentim Magalhães VINTE CONTOS a todos aquelles senhores que, tendo tomado uma assignatura annual, por todo o anno de 1885 ou de 1886, e não tendo recebido anteriormente outro

premio, e não estando em débito com a empreza, nos remetterem a importancia de 200 reis (ou o sello correspondente) para o porte postal, ou que vierem reclamar o dito premio ao nosso escriptorio.

Terá tambem direito ao referido livro quem tomar uma assignatura de anno, de Julio d'este a Junho do porvindouro.

A obra não será pósta à venda.

Perderá o direito do receber-a o assignante que até 30 de setembro do corrente não nos tiver remittido o sello ou a importancia do porte, ou não tiver vindo reclamar-a do gerente.

Para evitar equivoocos, aliás pouco explicaveis, mais uma vez declaramos que somente são considerados assignantes de anno— e como taes crédores do dito premio— os cavalheiros que houverem tomado assignatura de um anno, e não os que hajam reformado suas assignaturas de trimestre ou semestre durante um anno.

Isto posto, somente nos resta pedir desculpas aos nossos caros assignantes annuaes da involuntaria, embora excessiva, demora, e que, já agora, tenham a sancta paciencia de esperar até o dia 15 do futuro mez.

A EMPREZA

A SEMANA

A lista, já numerosa, dos nossos collaboradores juncta-se agora mais um, de quem *A Semana* tem muito a esperar.

E' Garcia Monteiro, o actual correspondente da *Gazeta de Noticias* nos Estados Unidos.

Encetará a sua collaboração em nossa folha com *O cura*, magnifico poemeto em endecassylabos, que faz parte de um seu livro de versos que será brevemente publicado no Porto por Joaquim de Araujo, o applaudido poeta da *Lyra Intima*, dedicado amigo de Garcia Monteiro.

Daremos *O cura* no proximo numero, se nos for possivel.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Estamos em plena ebulição artistica. Sarah Bernhardt enche com o seu enorme talento o vasto palco do S. Pedro; hontem estreiou-se com a *Aida*, no D. Pedro II, a companhia lyrica italiana dirigida pelo scenographo Claudio Rossi, e deve estreiar-se hoje no Recreio a companhia dramatica portugueza do theatro D. Maria II. Parece-nos que

no Rio de Janeiro nunca houve num mesmo anno tantas novidades theatraes e de tal vulto. A companhia Sarah Bernhardt está julgada; resta-nos julgar a companhia portugueza e a lyrica italiana. De ambas, porém, são assás lisongeiros as noticias que temos. Vamos gosar noites verdadeiramente deliciosas, no doce e suavissimo encantamento da Arte, a grande, a nobre, a eterna consoladora das agruras da vida! Eia, leitores! E' preparar os *cobres* para os bilhetes e as mãos para os applausos.

Ora graças á Providencia divina, que já temos um escandalo digno, pelo menos, de nota, se á nossa policia não approuver julgar o digno de outra qualquer coisa. Já o leitor, com a sua perspicacia esmiuçadora, adivinhou que nos referimos ao conflicto Noirmont—Sarah—Garnier—Maurice Bernhardt!

Pois acertou, Sr. pio, benevolo ou querido leitor. E notar-lhe-ei, de passagem, que muito temos que agradecer aos heroes d'este conflicto:

O marasmo e o quietismo invadiram a nossa cidade, pacata entre as pacatas. Foi preciso que viesse um denodado grupo de estrangeiros, mais ou menos illustres, insuflar um pouco de vida á nossa capital morta.

A comedia d'este caso já se distendeu por tres actos... de heroismo: Acto 1.º Na caixa do S. Pedro— Aggressão de Sarah Bernhardt por Mme. Noirmont. A offensora, segundo a narração de alguns jornaes, depois da aggressão, é offendida por sua vez, com a circumstancia aggravante de o ser de encontro a uma parede, posição bastante inconveniente para uma dama que não queira furtar-se ás confabulações da malicia. Este acto terminou na estação de policia da rua do Hospicio.—Acto 2.º Scena I, no palco do mesmo theatro: insultos soprados em voz de *ponto* a Adrienne Lecouvreur. Scena II, na caixa: aggressão de Mme. Noirmont por Sarah Bernhardt; esta chicoteia aquella no rosto, e, em seguida, vem morrer desesperadamente no 5.º acto da *Adrienne*, envenenada pelo perfume das flores da princeza de Bouillon. Intervem a auctoridade; nada faz por não haver flagrante: volta tranquilla para o camarote da policia. O Mundo applaude.—Acto 3.º— na rua do theatro.— Varios auctores, isto é— varios jornaes affirmam que Mme. Noirmont é agredida e esbordada pelo joven Mauricio e pelo secretario de Mme. Sarah; opinam outros que foi Mme. Noirmont quem agrediu com um guarda-chuva os dois cavalheiros, dizendo que havia de esbofetear a todos que, na noite do conflicto do acto 1.º, a maltractaram de encontro á tal parede da já notada inconveniencia. Aqui a critica pôde objectar que só a uma senhora franceza occorreria a idéa de se servir de um guarda-chuva para *esbofetear* alguém.

Agora, para o quarto acto, diz-se que ha dois processos interessantes em perspectiva. Do quinto acto é que nada se sabe por enquanto, mas é de esperar que se venha a saber muita coisa.

Nos cá estamos, apercebidos das nossas melhores gargalhadas, para applaudir os arrojos d'estes distinctos artistas. Bom será que esta comedia, até hoje incruenta, não degenerere em tragedia, porque entre nós não será facil encontrar quem a ponha em bons versos francezes.

Pois, senhores, se o mundo se acabou não o parece. Isto hoje está como ante-hontem. A redacção d'*A Semana* cá está ainda no predio nº 36 da rua do Carmo;

o infatigavel gerente G. Cabral lá está na outra sala a receber o *cobre* das assignaturas, pela mesma barateza de oito mil réis por anno, que é uma dor d'alma, e ainda com direito a um premio precioso... Tudo nos mesmos logares, com o mesmo aspecto anterior, na marcha monotonica da antiga regularidade. Só o que houve de extraordinario foi a publicação de mais um supplemento d'*A Semana*, a mais interessante folha litteraria que se publica na America do Sul. Este facto causou um certo abalo na população; mas esse abalo passou com a amenidade da leitura.

E, entretanto, estava prophetisado e anunciado para quinta-feira o fim do mundo!

Esta calamidade, atirada aos povos por um aruspice ou áugur de meia tigella, vingára calar, mais do que se pensa, no animo fraco do populacho ignorante; o terror do fim reforçara-o a repetida apparição de cometas e o recente tremor de terra, sentido em varias localidades da provincia do Rio. Macrobios amigos disseram-se entre lagrymas o derradeiro adeus, e namorados sem ventura trocaram sorridentes o ultimo beijo,— felizes por deixarem para sempre este val de desgraças, onde os paes tyrannos têm bengalas e os amantes sem ventura tem costas mais sensiveis que os corações.

Eu, por mim, como sei que hei-de morrer, mais dia menos dia,— porque esta *historia dos sete dias* hade-me acabar com a carcassa—já estava a impar de satisfacção por ir deixar de ser roido pelo diabo negro da duvida, e já tinha combinado com o José do Egypto, com o Talma e com outros rapazes cá do peito um programma de ultima hora, digno de ser impresso em letras d'ouiro, como um *menu* para paroxismos.

Nos iamos banquetear-nos opiparamente, ali ao *Louvre* ou ao *Bragança*; procediamos em seguida á execução de todas as agradaveis coisas a que o mundo chama *loucuras da mocidade*... e depois viriamos todos morrer de sucia, aqui no escriptorio, lendo os mais bellos versos do Camões, do Dante, do Shakespeare, do Molière, do Hugo e de outros grandes poetas, antigos e modernos. Não nos foi dada, porém, esta suprema ventura. Todos burlados, nos e o publico. Felizmente não chegámos a fazer a despeza do banquete...

Agora, Nostradamus que caia na asneira de nos apparecer— corremol-o a cachações.

Ante-hontem, com o ceremonial do estylo, sahio a procissão de *Corpus Christi*. Este prolongamento ridiculo do carnavalesco tinha o seu principal atractivo na marcial e imponente figura do São Jorge de latão, atarrachado ao silhão de um rossim quixotesco, bamboleando-se automaticamente de traz para deante e da esquerda para a direita, em harmonia com os passos do bruto. Agora, sem o veneravel e patusco padroeiro de Inglaterra, a procissão referida tornou-se um espectáculo chocho e sem encanto de especie alguma. Acompanharam-na seis irmandades e tres ordens terceiras, que formavam, com a tropa e a padaria, um prestito numeroso mas pouco brilhante. Para estas patuscadas eu prefiro os Democraticos e os Tenentes do Diabo.

Os jornaes de hontem publicaram a promoção dada pelo Dr. Ed. Teixeira de Carvalho Durão, 1.º promotor publico, no processo instaurado contra Francisca da Silva Castro. E' uma peça de extraordinaria importancia, que mi-

tissimo honra o joven 1.º promotor publico da Corte. Na impossibilidade em que estamos de a transcrever n'*A Semana* por ser assás longa, recommendamos a sua leitura a todos que se interessam por estas coisas da Justiça, maxime, quando se tracta de crimes como do da accusada.

A promoção termina com este periodo:

« Opinando pela pronuncia da ré nos arts. 193 e 205 do codigo, attendemos aos interesses da humanidade e aos da Justiça. »

Applaudimos sinceramente o Dr. Eduardo Durão pelo seu importantissimo trabalho, a um tempo prova de interessado estudo do processo e de independencia de caracter.

Até sabbado.

FILINDAL

QUESTÃO GRAMMATICAL

(Vide o n. 77 d'*A Semana*)

Do illustre philologo Pacheco Junior recebeu o director d'esta folha a carta que em seguida publicamos com todo o prazer. Aguardamos agora o parecer das outras auctoridades para que appellamos e tambem o do *appellado*, o nosso eminente collaborador Machado de Assis.

Eis a carta:

« Respondo á pergunta d'*A Semana*, pelo muito que te prezo e não por sentir-me ainda beliscado pelo gosto ás polemicas, que hoje terminam sempre no desembestamento selvagem de adjectivos percucientes, epithetos em recova e genialmente plebeos.

« Feliz aquelle a quem so atrellam o cognomento de *besta*, e cujo contendor, depois de desafogar a raiva com desaforos o diatribes, não lhe esmecha o craneo ou visita as costas com um latego mais contundente que o das laraxas.

« Venhamos porém ao caso. Pedes a minha opinião sobre a tal *questão grammatical*: dar-t'a-hei francamente, posto o meu obscurantismo faça grande contraste com os nomes arrolados na tua caravana philologica.

« No latim, sempre o verbo concorda com o sujeito que tem prioridade, e ainda trago grudado no cerebro um exemplo excerptado de Cicero:—*Si TU et Tullia VALETIS, EGO et suavissimus Cicero VALEMUS*.

« Si do tronco, alongarmos os olhos pelos galhos esnocados, veremos no francez, hespanhol, italiano, portuguez, a regra tambem a regeitar inflexa as phrases do nosso Machado de Assis—*tu e o medico são dous empulhadores, o medico e tu são dous mariolas*.

« E' uma invenção que os *neo-grammaticos* explicam por um acrobatismo. Obtemperam elles que á pergunta—*quem são os dous pulhas?* a resposta—*tu e o medico* inclue o verbo *são*, do mesmo modo que se diz—*fui eu quem* QUEBROU, etc... :

« Quasi desquadrilhei de riso quando ouvi a um collega nosso esta explicação, dada com tanta seriedade que me pareceu pathologica.

Redargui todavia que então tambem deviamos dizer—*tu e eu são, elle e nós são*... Entaramelou-se a lingua ao nosso philologo, que entrou depois a corcovear pela theoria evolutiva e synthese subjectiva de Aug. Comte com tão exagerado estherismo, que de todo perdi o fio da discussão.

« Ao passo que os proselytos enleados pelo nosso festejado folhetinista assim defendem o nooterismo com taes dislates, os mestres e aprendizes philologos berram contra o destempero grammatical e juram cortar os voadouros ao neologismo indisciplinado, para que se não torne a escrophula hereditaria.

« *Dura lex, sed lex*: não devemos refugar ao cabresto da disciplina grammatical, cujo fundamento é a logica, cumprindo outrosim advertir que a syntaxe particular, com quanto mais pertença ao dominio da esthetica ou da rhetorica, acha-se todavia subordinada á syntaxe geral, e é d'ella corollario.

« Tenho, porém, para mim que Machado de Assis não toscanejou.

« Nas phrases supracitadas, o verbo deve ir para a 2ª pessoa do plural, porque *tu+elle = vós*, i. e., subentende-se o pronome da 2ª pessoa do plural, que em francez emprega-se claramente: — *Le docteur et toi vous êtes deux belîtres marouffes...*

« Mas no portuguez (é aqui que bate o ponto), esse pronome foi supplantado na linguagem familiar e popular pela forma engorovinhada, atrophiada, — *você*; e si *vós* pede o verbo na 2ª pessoa do plural, *voçês* obriga-o á 3ª (*voçês, tu e o medico, são dous malandrins; tu e o medico, voçês ambos, são dous trocistas*).

« Machado de Assis não entrou ainda para a grande enfermaria dos philologos, mas incontestavelmente escreve com correcção e logica.

Isto é o que se chama metter em paz amantes desavindos, e sempre apurado no despalante cathedratico e de membro fundador do Instituto Philologico!

« Peziste-me duas linhas; mando-te duas folhas. Desculpa o palavrório, e aceita um aperto de mão do teu amigo affeçoado e sincero admirador,

PACHECO JUNIOR.»

CRIANÇAS!

Como a rosa a que pezessem azas ou avesita que pilhou a porta da gaiola aberta, a pequena corre, estrada fóra, a buscar o remedio para a mãe que está doente.

Leva os olhitos vermelhos. Chorou muito ao pé da cama onde a pobre mãe soffre tanto! Mas ella disse-lhe: — Eu não te morro, filhinha. O remedio que vaes buscar dar-me-ha logo saude.

Oh! como ella irá depressa para que sua mãe lhe não morra! Leva os olhitos vermelhos e corre, corre pela estrada como rosa que a pozessem azas.

No caminho dá um suspiro: ai! como os passaritos cantam cá fóra e as borboletas brancas se beijam! Como o dia está bonito, tépido, florido, e o remedio que vaes buscar dará logo saude a sua mãe!

A aragem affaga-lhe o cabello, e como avesita que pilhou a porta da gaiola aberta, corre, corre estrada fóra.

Lá deante encontra um amigo que, de sacca na mão, vaes choramingar, para a aula.

— Olé, diz ella.

— Olá, diz elle.

E contam as suas maguas. Ella tem

a mãe doente, — coitadinha! — Vaes pelo remedio á aldeia. Elle vaes para a escola onde o mestre, o Coxo, (ella conhece) o que tem oculos azues, dá palmatoas las e berra. E dizem ambos:

— Oh! que tristeza é a vida!

E por entre os dois infelizes passa uma borboleta iriada, espanejando as azas.

— Eh! Ih! Que linda!

Elle toma o chapéo, atira para o chão os livros, e zás-traz, corre, salta, apanha, apanha.

Ella poisa a garrafa, tira o lenço, pilha, pilha.

E lá vão os dois, bosque dentro, donde sae toda a manhã um alegre trinar de gargalhadas, porque só tarde se lembraram da mãe que espera o remedio e do Coxo, de oculos azuos, que dá palmatoadas e berra.

GUILHERME GAMA

JORNAES E REVISTAS

A *Gazeta de Noticias* publicou nos dias 21 e 22 do corrente o primeiro artigo do seu novo correspondente nos Estados Unidos — o Sr. Garcia Monteiro.

E' um joven poeta e prosador portuguez que ha alguns annos reside nos Estados Unidos, e' pouco conhecido por enquanto, mas a sua grande intelligencia, espirito observador e estylo agradável fal-o-o dentro em breve estimado pelos leitores da *Gazeta* e d' *A Semana*, onde começará a collaborar proximamente.

Trata nessa correspondencia o Sr. Garcia Monteiro da guerra ultimamente accendida na Federação Americana contra os chins, e da surda e crescente luta do trabalho com o capital. São mui sensatas as observações com que acompanha a narração dos factos, e expendidas em estylo facil e espirituoso.

Crêmos poder felicitar a *Gazeta de Noticias* pela aquisição do seu novo correspondente na União Americana, o qual, pelo que d'elle temos lido e sabemos, nos é extremamente sympathico.

Já não faz parte da redacção do *Diario de Noticias* o Sr. Paula Ney. Pezames ao *Diario*.

A *Gazeta de Noticias* não pode dar o supplemento litterario que havia annunciado para o dia de S. João porque, segundo declarou, só lhe tinham sido remettidos contos e versos. Não desanime a *Gazeta*. Queira devêras publicar bons supplementos litterarios e dal-os-á magnificos. Bastará, para tal conseguir, que se dê o trabalho de — querer.

O *querer* é para a *Gazeta* o que é o *poder* para o Sr. Silveira Martins: — é poder.

Temos sobre a mesa o n. 11 da *Chronica Franco-Brazileira*.

Continúa a tratar criteriosa e profisientemente dos interesses brazileiros em França, em lingua franceza, e dos interesses francezes no Brazil, em portuguez.

Lopes Trovão e Alfredo Marc são competentissimos para o desempenho dessa tarefa, que, aliás, não é facil.

Com o proximo n. 12 terminará a *Chronica* o seu primeiro semestre.

A este respeito inserio a seguinte declaração.

«Com a proxima publicação do 12º numero, termina a *Chronica Franco-Brazileira* o seu primeiro semestre. Parece justo que, ao entrar no segundo semestre, procuremos saber com quantos assignantes nos é possível contar, d'entre os muitos cavalheiros a quem temos enviado ininterrompidamente o nosso quinzenario. Assim, seja-nos permittido pedir-lhes para se dirigirem n'este sentido aos Srs. Lombaerts & C. — *Chronica Franco-Brazileira* — F. Castelli, administrador — Lopes Trovão e Alfred Marc, redactores.»

PARENTHESSES DE LUZ

(V.)

Quando ella passa, tímida, hesitante,
Banhada a fronte num clarão benedito,
Vem até mim um echo murmurante,
Que não é d'este mundo em que eu habito.

Ao fulgor do seu pallido semblante
Sinto na alma como um infinito...
Meu doido coração, amplo e gigante,
Surge das trévas em que jaz proscripto.

Quando ella passa tímida, a meu lado,
Todo o aroma do candido passado
Palpita e brilha, rapido, fugace;

E as aves choram, tristes e saudosas
De quando vinham surprehender as rosas
Que lhe eu traçava no pallor da face...

9 de Abril de 1885.

JOAQUIM DE ARAUJO.

CASOS PATUSCOS

Para inferir da média do criterio com que a nossa apregoada *élite* julga dos trabalhos artisticos contamos aos leitores os dois seguintes factos authenticos:

Um dos *habitués* do S. Pedro, convencido da propria autoridade artistica, em *grand tenue*, verberava os empresarios da *tournee* Sarah Bernhardt pela «pobresa franciscana» dos scenarios, lamentando que todos os cinco actos da *Phèdre* se representassem com o *mesmo* scenario.

S. S. ignora a famosa «unidade de logar» da tragedia grega e de quantas verdadeiras tragedias se escreveram ou possam escrever-se; ignora tambem que nas *matinées* do Theatre Francez os cinco actos de *Phèdre* são representados de fio a pavio, apenas com ligeiros momentos de descanso, erguendo-se o panno para o 1º acto e cahindo somente depois do derradeiro.

O segundo caso é mais significativo ainda e muito mais engraçado.

Vão sentados num bond da *Fabrica* os Srs. Drs. Mattoso da Camara e Bulhões Carvalho (ambos deputados) e mais dois amigos, que não perderão pelos nomes.

Entre outras cousas diz Mattoso:

— Sabem? fui ver hontem a *Phèdre*.

— E então? perguntou-lhe Bulhões.

— Não desgostei. O Garnier—duro e berrador como o diabo.

— E a Sarah?—inquiriu Bulhões.

— Não andou mal,— respondeu, imperturbavel, Mattoso — mas declamou horrorosamente.

Não desmaies, leitor. Juramos te que o Exm. Sr. Dr. Mattoso da Camara, deputado geral pelo Espirito Santo, disse ao seu collega que Sarah Bernhardt DECLAMOU e HORROROSAMENTE na *Phèdre*.

Irrribus, Mattoso!

Verdade é que quem o conheça não se espantará, pois bem sabe que elle não é mais que um deputado, e que, em questões de arte não, passará nunca Mattoso da... Camara.

FISCHIO

AQUI, ALI, ACOLÁ

É provavel que já se tenha realisado na Academia Franceza a recepção de Leconte de Lisle, o successor de Hugo. Fora escolhido para pronunciar o discurso official Dumas filho.

O outro immortal, ultimamente eleito, Eduardo Hervé, devia ser recebido por Maxime du Camp.

Nos ultimos dias do mez passado devia ter tido lugar a inauguração da estatua de Lamartine, obra de Vasselot, sendo o pedestal do architecto Hardy.

Esperou-se que o prefeito do Senna consinta em que seja collocada no *square Spontini*, em frente do chalet em que morreu o auctor do *Jocelyn*, e que seja o seu nome dado ao dito *square*.

Excavações feitas recentemente na *Acropole de Athenas* deram a descoberta de seis estatuas de marmore mutiladas, de uma epocha anterior á de Phidias. Nenhum museu da Europa possuiemarmores d'esse periodo da arte grega.

O inventario dos papeis de V. Hugo acaba de dar lugar á descoberta de um drama do Mestre, *Deux jumeaux*, que se julgava perdido. Foi encontrado por A. Vacquerie, um dos testamentarios do poeta, com o titulo de *Comte Jean*, mas infelizmente incompleto, pois so foram achados tres actos d'essedrama, que devia ter quatro.

A subscrição aberta em França para a fundação do Instituto Pasteur attingia até 21 do mez passado 250,000 francos (mais de 100 contos) dos quaes 40 mil foram subscriptos pelo Banco de França. As nações visinhas vão associar-se a essa grande obra humanitaria.

PASSEPARTOUT

A SERENADA

A SOARES DE SOUSA JUNIOR

Das arcadas transparentes
Dos longes mundos ideaes
Sahe m visões resplendentes,
Immortals...
Da flauta nas notas de oiro,
Dansauo, libram-se em córo.

O firmamento está mudo,
Toda a terra é soli lão;
Ha escadas de velludo
Na auptidão;
E as visões, em brandas hordas,
Pisam do violão nas cordas.

E essas sombras de Julietas,
Que, á doce luz do luar,
Andam perdidas, inquietas,

Branças no ar,
Descansam as mãos de opalas
Da flauta sobre as escalas.

E os genios de horas nocturnas,
Que pra t ntar coraçõ s
Surgem das ignotas furnas,

Aos millhões,
Do violão nos sons afflantes
Falam aos tristes anantes.

Por sobre arcaes chrystallinos
Ha niveas tendas nos ceus;
De cherubins peregrinos

Louros veus...
E a flauta é a voz de uma fã la,
Da nite pelã calada...

Soluga o violão profundo...

Da flauta tremula sae
Um terno, dorido, fundo,
Saudoso ai...

E a seronada desperta
O valle e a mitta deserta.

Fala nuns palacios bellos
De diamantes a fulgir,
Onde anjos de aureos cabellos

Vão ferrir,
Dansando, rindo, ditosos,
Os mandolins mysteriosos.

E conta que ás horas mortis
Da noite, nos ceus azues,
Os anjos abrem-lhe as portas

A' ampla luz...
Que a lua é um lago de prata
Que infundos rios desafi...

Dos quaes as igneis estrellas
São os fulgidos bateis...
Rios de margens tão bellas,

Seu parceis!
Por onde os anjos, em bando,
Passam, resvalam cantando:

Mis que, se o sol resplandece
Taes palacios, nos seus mil
Bateis argentados vê-se

Lá, febril,
Dos anjos o povo lindo
Ir-se fugindo... fugindo...

Parara a flauta. Calou-se
O violão. De uns taquaraes
Subira um cantico doce
De sabias...

.....
Como uma ilha dourada
Surgiu al mã alvorada...

ALBERTO SILVA

COFRE DAS GRAÇAS

Henrique IV, avistando de uma das janellas do palacio um dos seus capellães, que acariciava de muito perto uma creadinha, chamou-o para dizer missa.

O padre desculpou-se dizendo — que acabava de comer uma fructa. — « Ah! era por isso, disse Henrique IV, que eu vos vi sacudir a arvore, com tanta vivacidade!

Uma provinciana, franceza, escreveu a Mme. de Cornuel pedindo-lhe, com instancia, que lhe arranjasse um professor que tivesse taes e taes aptidões

e qualidades. Seguiu-se uma lista, que não acabava mais. Mino. de Cornuel respondeu:

«Senhora, tenho procurado por toda parte o professor nas condições que exigis.

Ainda o não encontrei, mas continuarei a buscal-o com ardor, e prometto-vos que logo que o encontrar... caso-me com elle.»

O respeitavel e reverendo conego X conversa com um rapaz. Poç um movimento machinal abre a caixa do rapé e oferece uma pitada ao seu interlocutor. Este:

— Obrigado; graças a Deus não tenho esse vicio.

— Ora, responde o conego sorrindo, o rapé não é vicio.

— Porque?

— Porque o Sr. não toma rapé.

Passava na rua do Ouvidor uma ex-horizonta pelo braço do marido.

— Conhece? perguntou alguém ao nosso collaborador Raul Pompeia.

— Conheço:—é a viúva do Publico...

No *Derby-Club*, uõ ensilhamento:

— *Dignitaire*, cores do jockey: preto, branco e encarnado. Deve ser aquelle.

— Não pode ser; aquelle só tem na vestimenta encarnado e branco. Falta a cor preta.

— Está na cara do jockey. Repara.

Effectivamente, o jockey era um crioulo.

BIBIANO.

ANTES DA MISSA

(A VALENTIM MAGALHÃES)

Manhã alegre como uma canção.

A symphonia da luz, triumphal, vibrante, sublime, voa no espaço—dentro em pouco o sol irá pelo azul acima, derrainando tons e sonoridades em toda a Natureza, que desperta. Voeja, douda de prazer, de um para outro lado, no alto, no solo, nos lyriaes selvagens, nos fétos luxuriantes da encosta, no velludo das montanhas—uma frescura doce e amenisante, suavissima nota d'essa musica matinal.

Foi-se a madrugada, foi-se o ennoivoamento do despontar da aurora. E' dia. Surge radiante, colorindo o immenso espaço, o sol, e derramam-se na atmosphera aromas idéaes, subtis e tonificantes emanações do matto, ebriantes exhalações de um mundo de floras. E' dia. Das sombras tibias do arvoredo ala-se a passarinhada garrula, movendo azas de uma pennugem tenra, e vae-se, vae-se para além, para longe, chilreando alegremente, volteando pelo ambiente luminoso.

Escorrem das folhas dos tinhorões, da ramagem vicejante, o orvalho em gottas, enchendo de rumor um isoladamente: tremem hastes delgadas, filamentos de hera, raminhos engoitados de velhos arbustos doentios, arruinados pela lepra do musgo. Ao desmoronamento do orvalho, ao ruido dos selxos imperceptiveis e das folhas pardas que tombaram da cabelleira das arvores, assustam-so insectos noctivagos, pyrilampas cansados, pequeninos devassos que vivem das trevas. A noite, um seculo para os infinitamente pequenos, deixou oceanos nas plantas. E agora todo esse mundo freme, torado de luz, todo esse universo brilha e apparece e desencanta-se ao despontar do dia que vem, não sei d'onde, alastrando-se pela vasta paysagom, desenhando nitidamente contornos asperos de troncos,

ennastradas delicadezas de ramos, fôfas e mysteriosas massas de folhagem.

Começa a faina. Na encruzilhada apparecem animacs chouteiros, trazendo sobre o dorso pendentes cangallias. A *madrinha*, timindo os guizos, trôta á vanguarda, e após seguem os da tropa, cabisbaixos, orclhas álerta, e andar de ancas derrêadas. Debaxo das patas da tropa ficou o chão coberto de cadaveres de activas formigas, que se iam em busca de novo local para uma babilonia de metro quadrado.

Borboletas— azul e ouro voltejam no ar, descem ás plantas, pousam de flor em flor, abaixam, levantam o vôo e fogem. A payzagem é mais vasta ainda; o céu, muito alto, tem a maciça luminosa do setim; e nas sinuosidades da planície, perto de capoeirões viçosos, na frisa dos atalhos por aqui e por lá abertos, vêm-se telhados de vivendas, sapês de chôças, chamines que fumegam frouxamente.

Foi a esta hora que o padre Ricardo, o bom, o venerando vigario da aldêa, começou a se vestir para ir á matriz rezar a missa dominical.

As janellas do quarto, abertas para fora, deixavam-n'o admirar a feliz entrada da manhã. No jardim, em frente da casa, desabrochavam rosas purpúrinas e brancas; rixoras de meigo vermelho esbatido, begoneas esgaldadas e de um branco transparente, murteiros em flôr, enchiam o lugar de pequeninas moutas paradisiacas, perfumando o ar, sorrindo aos olhos d'elle, que ia reparando, attentamente, as suas bellas plantas, tão estimadas e tão vicejantes!

Ouvia-se o repicar festivo dos sinos da matriz. O eco cantava ao longe, poético e risonho, esmorecendo lá do outro lado, onde o céu se perdia e a terra parecia lndar. Uma cousa chama a attenção do reverendo— é um petiz que vai passando pelo caminho da *porteira*, em companhia de uma rapariga.

As perninhas do pequeno mal sustinham os seus passos. A rapariga interessava-se por elle, tomava-lhe a mãosinha, dizia-lhe alguma cousa suave; e elle, coitadito, todo abysmado na touca e na véstia de flanela, ia tropego, bulindo nas folhas que ficavam ao seu alcance.

O vigario sorriu, flectando o olhar nos dois.

Depois enfiou a sotaina, tomou da bengala de peroba com que firmava os seus passos, um pouco mais firmes que os do pequeno, e sahiu. Os sinos da matriz repicam festivamente.

Apenas o pequeno vio perto de si o corpanzil do reverendo Ricardo, começou a sorrir, estendendo-lhe os braciños. E do chão, quasi tão pequeno como as hervas, abria e fechava a bocca— uma rosa— querendo modular uma palavra. O padre tomou-o nos braços, levantou-o ao peito, chegando ao rosto d'aquella criança o seu rosto de velho. Brilha-lhe limpidamente nas faces, nos olhos, na bocca emmurcheda, o reflexo de uma intima alegria deliciosa. Sentou-o sobre o braço, afastando a cabeça, para ver-lhe bem a facesinha alegre, os olhos azues e luminosos, a boquinha macia e fresca. E o pequeno, irradiante, refestelado sobre o braço do reverendo, numa linguagem de anjo, deliciosa de graça e de suavidade musical, balbucialora, chamou-lhe— *vôvô!*

O reverendo beijou-o na bocca e disse-lhe adeus. Deixou-o em pé no chão, a moyer os dedos pequeninos e chapudos, sorrindo.

— Adeusinho, a leusinho!

Os sinos da matriz repicavam festivamente.

L. G. DUQUE-ESTRADA

CARNAVAL DA HISTORIA

FAUSTINA. — Contam-se duas impra-trizes d'este nome.

Provaram ambas nas possoas de seus augustos, que ha logar sobre a mesma cabeça para uma corôa e para mais alguma cousa.

FETICHISMO. — Alcinha de inimidade que as religiões dão umas ás outras.

FLEURY (Cardeal). — Preceptor de Luiz XV.

Se julgarmos a arvore pelo fructo...
FLORA. — Deusa que o Naturalismo substituiu por um empregado da casa Domange.

FLORIAN. — Já eram conhecidos os *dragões de virtude*. Este ex-official inventou o *dragão de sentimentalidade*.

Um rebuçado de altea cheio de fitas.

FONTANES. — Cortezão que fez do ministerio da instrucção o ministerio da Adulação publica.

Como se quer que as tradições de necedade não se percam em França, deram o seu nome a um Lyceu.

FONTENELLE. — Aquelle de todos os academicos que mais serios esforços fez para justificar o nome de *immortal*. Morreu de cem annos.

FOUCHÉ. — Lambia, conforme as circumstancias, a guilhotina ou as botas dos soberanos.

FRA-DIAVOLO. — Celebra bandido executado uma vez em Napojes pelo carasco e duas mil vezes por todas as orchestras da Europa.

A primeira d'estas execuções só a elle foi dolorosa. As seguintes foram-n'o muitas vezes para os espectadores.

FRANCO-MAÇONARIA. — Pedreiros que deyeriam chamar-se antes demolidores. Não é censura que lhes faço... Ao contrario.

FRANKLIN. — Ensinou os homens a livrarem-se da tyrannia e do raio. Não é culpa sua se a liberdade e o pára-raios não são mais conhecidos.

PIERRE VERON

BELLAS ARTES

EXPOSIÇÃO A. PARREIRAS

O Sr. Antonio Parreiras, um dos mais trabalhadores discipulos de G. Grim, fez no dia 1º do corrente uma exposição das suas paizagens, no atelier Pacheco.

Nada menos de quinze quadros, e na maior parte — telas de grandes dimensões, foram expostos. Em primeiro logar, o que mais nos agrada, é o que tem por assumpto o antigo palacio imperial, em Petropolis. Esta paizagem, vasta e simples, está pintada com alguma energia e sinceridade: "Um velho casarão abandonado á força destruidora do tempo, domina uma extensão silenciosa, invadida pela hcrá que urde e ergue-se livremente do solo sem cultivo. Nas visinhanças, ao fundo copam-se com docel, pendem em franças, vegetaes de um verde ligeiramente esbranquiçado. E o casarão ao lado, com a sua frente avarandada, de columnas de pedra e cal, desbotadas pelo bater das chuvas, enfrenta com a natureza, mudo, estragado, ferido no reboco das paredes, nas antigas vidraças que per-

manecem fechadas, como um velho pcrvertido, andrajoso e leproso, contemplando a honesta tranquillidade de uma existencia feliz. O céu é alto, de um azul melancholico; nuvens brancas desgrenham-se lá por cima, vagarosas, em demanda do sul.

O segundo, classificado pela nossa impressão, é a *Ilha da Francisca* — um canto de ilha, sob nm céu vasto e pallido. Desenham-se vagamente no fundo proemincncias asperas e montanhas. Dentre os massigos de vegetação apparece o tecto de uma casinha de pescadores, don le se evolva, para o ambiente sereno, tenuc columna de fumo alvo. Em baixo, na costa arenosa em que ha durczas de pedras negras e musgosas, o mar move de vagar o dorso nu, de um puro colorido de céu limpo, ao cahir da tarde. No alto da costa, onde começam a vicejar plantas rasteiras, despontam orgulhosamente para o ar coqueiros esguios e recurvos, outros firmes e altivos, em moita, sustentando em grande altura folhas compridas e delgadas como pennas de um espadador.

Foram esses dois quadros os que mais directamente nos transmitiram a sinceridade, a fidelidade do artista. Não que a sua technica seja diferente em os outros; não é. A sua maneira de ver e de fazer é a mesma em todos os trabalhos, mas, representando todas as obras expostas a mesma hora e tendo quasi o mesmo colorido, uma ou duas que sejam vistas retiram a impressão das que restam. Nada, absolutamente nada tenho que ver com a escolha do assumpto, porque isto não entra na competencia da critica; e, posto que partidario convicto da necessidade de figuras na payzagem, não lhe perguntarei por qual razão deixa de animar os seus quadros. Questões d'este valor debatem-se em occasiões mais opportunas, e com espaço. O que tenho com o artista, e o que posso lhe perguntar é por que motivo include em uma exposição de quinze quadros, obras de uma tonalidade uniforme? E' que da'hi resulta uma desvantagem — pequena importancia offerecida pela exposição.

Para o individuo que vai comprar um quadro, ou notar o que mais lhe agrada para depois fazer preço de compra, esse defeito é infimo; porém para aquelles que vão admirar as obras d'arte de um artista na multipla manifestação do seu talento, e avaliar das condições em que esse artista se acha para interpretar com fidelidade a natureza, em todos os seus aspectos, esse defeito é grande e reprovavel. Concorde que o artista ame e adore a luz de uma determinada hora do dia; Corot tinha predilecção pelas madrugadas nevontas; mas com o que me não posso conformar é com esse colorido que ahi vejo esbranquiçado, fraco, anemico e indigno da proverbial pujança da vegetação brasileira.

Pondo de parte o colorido—os quadros de Antonio Parreiras podem ser considerados felizes manifestações de um principiante, e principiante que tem talento.

A maneira de fazer o arabesco, de enche-lo, de distribuir as manchas, de contornar as massas, é, vê-se bem, de G. Grimm, o mestre. Falta-lhe, porém, o vigor, a certeza, a solidez brusca do professor allemão; entretanto quem faz assim em principio melhor fará mais tarde.

L' esperar.

ALFREDO PALHETA.

DUPLA AURORA

A noite expira. Em tintas purpurinas
Os dia rompe. Na azulada umbella
Os astros morrem tremulos... E ella
Me diz, voltando as humidas retinas

Para mim, para o alto das collinas:
—Olha a aurora que nasce, como é bella!
Rembrant desenha nesta immensa teta,
Seu pincel entre as nuvens matutinas

Corre, as coccineas cores espargiudo,
E o céu e os montes rapido color!...
Mas para mim, que a estava, absorto, ouvindo,

Preso, embalado em sua voz, ness'hora,
Dos seus olhos no fundo céu, luzindo,
Maior, mais bella despontava a aurora!
1884.

BERNARDO DE OLIVEIRA

GAZETILHA LITTERARIA

O applaudido poeta Jorge Rodrigues, que se retirára para o Espirito Santo em busca de melhoras á sua saúde, seriamente compromettida, vae fazer imprimir nas excellentes officinas d'A Provincia, o seu segundo volume de versos: — « *Manhans d'Estio.* »
Esperamol-o com anciedade.

Já foi publicado o livro de versos de João Saraiva, *Serenatas*, de que demos em o nosso n. 35 um bello soneto — *Mors sancta*. Esperamos poder occupar-nos proximo com esse livro, trasladando d'elle alguns versos.

Brevemente virão á luz em Portugal dois livros de dois jovens poetas: — um é o da nossa collaboradora Albertina Paraiso, o outro de Alberto Brandão. Publicaremos alguns versos d'elles, até hoje inéditos. Também está prestes a apparecer uma segunda edição da *Lyra Intima*, de Joaquim de Araujo.

SPORT

Não podemos dar hoje noticia desenvolvida acerca das corridas realizadas ante-hontem no Prado Villa Isabel, por indisposição do nosso collaborador effectivo, L. M. Bastos, encarregado d'esta seccão.

Ainda assim, diremos aos nossos leitores, em resumo, o resultado das corridas:

1º Pareo — Em 1º logar *Zair.e* — Poule 15\$800.

2º Pareo — Em 1º logar *Judia* — Em 2º *Plutus*. — Poule, 181\$600!

3º Pareo. — Ganhou *Dr. Jenner*, dan lo o rateio de 80\$000 !!

4º Pareo. — Chegou *Aymoré* em 1º logar, dan lo a poule 14\$100.

5º Pareo. — Venceu *Satan*, rateiando 515\$300 !!!

6º Pareo. — Não se realisou por não se terem apresentado os animaes para elle inscriptos.

7º Pareo — Em 1º logar chegou *Mandarin*. Em 2º *Douro*. Poule 140\$000 !!!

Os certeiros perderam que se regalaram. Venceu, como nas ultimas do Derby, o deus Azar. E jogar ás cegas, *pradistas!*

Amanhã realiza o Jockey Club as

grandes corridas que têm sido transferidas por diversos motivos. Interessantissimo o terceiro pareo. Não será, pois, para admirar que o elegante prado reuna amanhã tudo o que ha de mais distincto no sport fluminense. Bons palpites e melhor resultado é o que desejamos aos amadores que consultarem a nossa 8ª pagina do hoje. Apeguem-se com Santo Acaso.

Não se esqueçam os nossos leitores de que no Club Athletico Fluminense haverá bellas corridas no proximo dia 20. Têm elementos magnificos para attrahir uma enorme concurrencia.

THEATROS

SARAH BERNHARDT

No 3. Pedro, a *troupe* Sarah Bernhardt dá-nos hoje um espectáculo variado e interessantissimo: — 2º e 3º actos de *Frou-Frou* — um dos melhores papeis de Sarah; — o drama em 1 acto, em verso, de André Theuriot — *Jean Marie*; e a deliciosa comedia em 1 acto, em verso, de François Coppée — *Le passant*.

A companhia parte para S. Paulo, interrompendo por agora as recitas do assignatura, que na volta completará com a *Theodora* e *Le maitre de forges*.

Nesta semana tivemos no Recreio A *estatu de carne*, fazendo a Sra. Paladini os papeis de Maria e Noemia Keller. A peça é bem conhecida do nosso publico que a aprecia não sabemos por que. Não chega a ser um drama e como comedia é apenas irrisoria. O conde Santa Rosa e um imbecil acabado e os outros personagens são ainda mais parvos do que elle. E' um pouco mais verdadeiro o papel de Noemia, e nelle, representado em italiano, provou a Sra. Paladini o seu merito, muito prejudicado sempre que representa em portuguez.

Em todo caso, foi uma triste idéia a da mistura das linguas. Isto faz-se quando não ha outro recurso; mas quando o artista não precisa appellar para essa calamidade, quando mesmo annuncia que para outra vez não appellará — é imperdoavel.

Como, porém, é notavel o trabalho da Sra. Paladini, devemos suppor que a *Estatua de carne* ainda leve gente ao Recreio, ou antes — ao Lucinda, que é para onde vae trabalhar a companhia Dias Braga.

No Recreio Dramatico, por não ter podido obter o S. Pedro, estreia hoje a excellente companhia dramatica do theatro D. Maria II, de Lisboa.

A grande reputação, tantas vezes apregoadada da companhia portugueza determinou, uma desusada anciedade da parte do nosso publico de constatar o merecimento dos artistas da primeira scena de Portugal.

Os nomes de Virginia, de João e Augusto Rosa são ha muito conhecidos no Brazil, onde tem chegado a fama dos seus grandes triumphos. Além d'estes nomes ha na companhia outros de artistas já nossos conhecidos, como Silva Pereira, Baptista Machado, Ferreira e Carolina Falco.

A estreia é com *A Estrangeira*, peça em 5 actos, de Dumas Filho.

COMPANHIA LYRICA ITALIANA

Esta companhia, recommendada por um relativo successo, estreou-se hou-

tem no Pedro II com a *Aida*, a famosa opera de Verdi.

A hora em que escrevemos, depois do terceiro acto, não nos permite alongar-nos. Diremos apenas da impressão produzida no publico pelos artistas: — por enquanto quem tem francamente agradado, e com justiça, é a Sra. N. Bulicioff, que em uma voz potente, fresca e bem timbrada. A Sra. Medea Mey, comquanto não tenha desagrado, não tem tido applausos francos.

O tenor Caglioni, que substituiu Bertini, teve algumas palmas no primeiro acto, na *Celeste Aida*; d'ahi por diante não tem agradado; a sua voz é fraca e o canto pouco expressivo. No final do primeiro quadro Bulicioff muito applaudida. O primeiro terminou friamente, sem uma palma.

No segundo acto Medea conseguiu alguns applausos no ducto com Bulicioff, mas o successo, ainda quo pequeno, foi d'esta. No quinteto do 2º quadro Bulicioff foi muito applaudida; o final foi vibrante e expressivo. No fim d'este acto houve algumas palmas, poucas, que foram abafadas pelos *scius* da galeria. Coros, regulares; Corpo de baile, mau. Muito bons scenarios.

Orchestra magnifica, regida por L. Miguez, que foi recebido por uma salva de palmas. Theatro quasi cheio. Publico muito reservado. Discute-se muito Medea Mey. Baritono Zardo e baixos Limonta e Rovori, não agradaram.

No terceiro acto a galeria deu alguns signaes de despreço a Caglioni. Zardo e Bulicioff muitissimo applaudidos no final. Bulicioff cantou deliciosamente, com muito sentimento, a aria *O patria mia*. E' uma cantora distinctissima; tem uma voz bellissima e canta com muita arte. Agradou o terceiro acto.

Espera-se que Medea se rehabilite no quarto acto do meiu desastre dos anteriores.

P. TALMA

FACTOS E NOTICIAS

O Sr. Balthazar de Sá Carvalho e sua senhora D. Julia de Sá Carvalho deram na casa de sua residencia, na noite de 20 do corrente, uma esplendida *soirée* para festejar o casamento de sua enteada e filha D. Albertina Corrêa de Mattos Vellozo com o Sr. Arthur Higgins e tambem o baptisado da menina Laura, irman da noiva.

Foi servida uma profusa ceia, a que não faltaram brindes entusiasticos, e dansou-se anima lissimamente até ao amanhecer. Toda a familia foi de inexcusavel gentileza para com os convidados, que eram em grande numero.

O nosso estimado collaborador Dr. Luiz Murat fez offerecimento ao nosso commum e desditoso amigo Siivestre de Lima dos seus serviços profissionaes afim de produzir a sua defeza no processo a que terá de responder como co-auctor do lamentavel delicto que tanto tem compungido os seus affeccionados como quantos o conheceram.

Honra esse acto sobremaneira os sentimentos do joven advogado, que a um dever de amizade promptamente sacrificatudo sem desgosto nem constrangimento.

Chegou da Europa, com sua Exma. esposa, no dia 23 do corrente o Sr. Elycio Mendes, co-proprietario da *Gazeta de Noticias*, após uma ausencia de quatro annos.

Estão hospedados em casa do Sr. Dr. Ferreira de Araujo, onde residirão enquanto não montarem casa. Compriamentamol-os.

Está gravemente enfermo o Sr. Angelo Fernandes de Souza, pae do nosso companheiro Alfredo de Souza.
 E' de coração que lhe desejamos promptas melhoras.

CORREIO

— Sr. Dr. E. F. M. Com que temos um douto pela proa, hein? Perfeitamente. O que lraz S. S. ? Ah! bem vejo, é uma poesia. Vem-lhe-a. Chi! mas está tão aleijadinha! Ora o Sr. assigna-se como doutor; muito bem. Se o é em medicina, devia applicar um caustico de metrillcação na paralytia do seu orificio, e dar-lhe em seguida as pastilhas do Dr. Bom-Senso que, talvez assim pudessem apparecer. Se é formado em direito não tem razão de formar cousas tortas. Já vé que... Bemalé a mal! isto de pombas, e logo aos parás; e tristes e gemedoras ainda por contrapeso, é uma coisa tão melancolisante, meu querido Sr. doutor, que até nem lhe digo nada. Sabe de uma cousa? As suas pombas estão mais pedindo a pannela que publicação. Olhe: quer um conselho? Quando tiver pombas, em vez de mettel-as na gaiola da redondilla, coma-as com arroz que tira melhor proveito. Sou um seu criado.

— Sr. José Bernardo dos Santos Leal. Pelo dedo se conhece o gigante, assim como se conhece pelos olhos quem tem lombrigas. Não se fazia preciso o Sr. declarar em sua carta, porque, sendo ella vista mesmo por um oculo, a meia legua de distancia, a gente ficaria conhecendo que o Sr. é realmente « novel nas lidas literarias », com um só; nas que tem 2 tt, então não falemos! Não vá o Sr. ter ficado com o tal t, subtrahido ao adjectivo litterarias, na altura da frente inspirada. É coisa tão vulgar! Olhe, meu bom amigo: só na sua carta, composta de 95 palavras, o Sr. errou, sabe quant s vezes? 95 multiplicadas por 4, ou sejam 380 vezes. Já é alguma coisa. Cada palavra, portanto, empregada pelo Sr. nada mais é que um vi-vi-ro contendo 4 bem nutridos bicharocos. Um prodigio! O Sr. escreveu cousas assim: oado, sonneto (horresco!), cujoito (virgem santissima!), apreciação (quem me acode!), pródigo (credo em cruz!), tão bem hardé (São Bento, meu santinho!), espiração (valham-me as onze mil virgens!), a de ter (agnus Dei qui tolis peccata mundi, miserere nobis!) corrige (ui!!!...), publicar (ai! não posso mais! estou morto!). Se eu possuísse por ahí a heroicidade de Napoleão o grande, sempre me animava a pegar no seu sonneto (!), mas, não a tendo, deixo-o no tinteiro.

— Sr. A. do O. Não é de admirar que tenhamos um trovador do O, desde que possuímos também uma Nossa Senhora do mesmo lugar ou antes da mesma vogal. E' que este Sr. é do mesmo O da senhora, salvo s. ja. — Foi-se, eis o titulo do... (aposto que os leitores já sabem o que é)... soneto do Sr. da referida letra. Isti: foi-se é o mesmo que dizer escofedeu-se, abriu pannos, bateu o arco, paz-se na pyra, deu ás de Villa Diogo, azulou, abriu o chambre, etc.

Agora o m:olo:

« Que puro amor!... Uma loucura
 « Aquillo que eu ledo amamentara! »

Al! que no fim de contas o homem me sne ama de leite. Ora bolas! Ou bem que se seja Honero ou bem que se seja Anná Thereza. Que Maria Francisca emballe o Janico e deixe-se de mexer na lyra de Filinto Elysio. Desmame a sua loucura e depois venha falar-nos.

ENRICO

RECEBEMOS

— Dos Srs. H. Nicoud & C. os pontualissimos agentes de jornaes, *La Revue Bleue*, n. 21 (26 de maio) Traz, entre outros, um interessantissimo artigo: « Deux grands poètes ennemis: V. Hugo e Racine » por Paulo Stapfer.

— Da Agencia Commercial Portuguez: os fasciculos de n. 7 a 12 d'Os heróes do trabalho, maguillca obra de Gastão Tissandier, traducção do Ricardo Jorge. Cada fasciculo traz uma boa gravura sobre madeira. E' muito recomenavel esta obra.

— A Restauração de Portugal, opusculo historico, publicado sob os auspicios da Com-

missão Central Primeiro de Dezembro de 1649 e dirigido por L. A. Palmeirini. E' collaborado por muitos dos mais illustres e populares escriptores portuguezes, e, na parte artistica, pelos afamados desenhistas e gravadores Caetano Alberto e Manoel de Macedo. E' editado a empreza do *Occidente*. Entre as gravuras, quasi todas cópias de outras da epocha da Restauração, destaca-se um bello e grande retrato de D. João IV. A impressão é luxuosa e de muito gosto.

Ao Sr. Visconde Sanches de Baena, um dos collaboradores do Opusculo, agradeceos penhoradamente a offerta que de um exemplar nos fez.

— *Fabulas de LaFontaine*. 1.º e 2.º fasciculos. Illustrações de Gustavo Doffé. Traz tres fabulas o 1.º fasciculo; *A cigarrá e u formiga*, *O lobo e o cão* e *O velho e a morte*, sendo a primeira traducção de Bocage, a segunda de Francisco Palma e a terceira de Couto Guerreiro. E' editor d'esta importantissima obra, dirigida em Pariz por E. Garrido e M. Pina, o Sr. David Corazzi, d: que é representante no Brazil José de Mello.

— *Historia de Gil Braz de Santilhana*, fasciculo n. 31 com um bello chromo.

— *O Mequetrefe*— Como sempre, com bons desenhos e excellente texto.

— *O Equador*— Revista no formato d'A Semana; publica-se no Recife.

— *Tribuna Academica*— Periodico de oito paginas, tal como a Semana; publica-se tambem no Recife.

— *Revista do Imperial Observatorio*,— n. 6 Traz um bem elaborado artigo do erudito Sr. L. Cruls, sobre o terremoto de 9 de Maio.

— *A Mãe de familia*, n. 10.

— *Os crimes de um marquez*— Romance do Sr. João Samuel.

— *Embryões*— Volume de versos do Sr. Dias Barreto. Abre com estes dois hendecasyllabos de Lucio de Mendonça:

« Eu da gloria nas coróas não áspiro.
 Ide, pillinas ñores peregrinas. »

A secção *Correio Litterario* dá a respeito.

— *Amuletos*— Poesias do Sr. Samuel Martins. Daremos opinião proxinamente.

— *O Sul de S. Paulo*— Obra de mérito, devida á penna do Dr. Jaguaribe Filho.

— *O macho e a fema*— Fasciculo n. 128 da «Bibliotheca do Povo e das Escolas»

— *Mimosa*— Polka para piano, composição do Sr. Faustino Guimarães.

— Ita « Agencia portugueza » de Lourenço M. de Almeida: *Othelo*, o mouro de Veneza, de W. Shakespeare, traducção de D. Luiz de Bragança esboço de critica por Camillo C. Branco, e *German*, drama em 5 actos, em verso, por Abel Accacio. Ambas estas obras foram editadas pela « Livraria Civilisação », de Eduardo da Costa Santos (Porto.)

— *A Estação*, numero correspondente a 15 do corrente. Variados e magníficos figurinos, numerosos moldes, excellentes informções sobre modas. No supplemento illustrado Machado de Assis enceta a publicação de *Quincas Borba*, romance em continuacão ás *Memorias posthumas de Braz Cubas*, a obra prima do pri-

meiro dos nossos actuaes homens de letras.

— *A Illustração*, n. 9 do 3.º volume. Traz na primeira pagina um bonito retrato de S. A. R. o principe D. Carlos, o casadinho de fresco e uma admiravel grande gravura de Baudouin do retrato que da encantadora principia Izabel de Orleans, irman da noiva, fez o grande pintor Chap'in. Texto variadissimo.

— Dos Srs. H. Nicoud & C., *Revue Politique et Litteraire* n. 22, *Le Printemps* n. 11. Sempre pontual a casa *Au Petit Journal*.

— *Revista de engenharia* n. 139.

— *Revista popular* n. 20 — Bahia.

— *Equador* n. 5 — Recife.

— *Tribuna academica* n. 5 — Recife.

— *União medica*, fasc. 5, anno VI.

— *Pronincianas*— Poesias por Bernardo Taveira Junior. Rio Grande do Sul.

— *Faisca*— N. 14, anno 1.º — Semanario illustrado que se publica no Rio Grande do Sul.

ANNUNCIOS

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBARO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Theroza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o **Cafe Oriente**, da fabrica a vapor d Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25
9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta— annuncio.

CLUB ATHLETICO FLUMINENSE

6 RUA DO CONDE DE BOMFIM 6
GRANDE FESTA EM 29 DO CORRENTE

ÁS 11 1/2 HORAS EM PONTO

Corridas a pé e em velocipedes
EXERCICIOS GYMNASTICOS

Tocarà a excellente banda do Corpo Policial de Nictheroy

ENTRADA GERAL 1\$. -- ARCHIBANCADA 2\$.

A VISO

Os senhores socios terão entrada com o recibo d'este mez. O primeiro pareo principiará impreterivelmente ás 11 1/2 em ponto.

ALBERTO WELLSCH— 1º Secretario.

JOCKEY-CLUB

PROGRAMMA DA TERCEIRA CORRIDA

A EFFECTUAR-SE NO PRADO FLUMINENSE

DOMINGO, 27 DE JUNHO DE 1886

GRANDES PREMIOS--YPIRANGA E CRITERIUM

1º pareo—(às 12 horas)—MAJOR SUCKOW— Animacs nacionaes de meio sangue — Distancia 1,800 metros—Premios: ao primeiro 1:000\$: ao segundo 300\$ e 150\$ ao terceiro—Inscrição 50\$

N ^o	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Nicoafy.....	Castanho	3 annos	Paraná.....	50 kilos	Azul e branco.....	J. & P.
2	Paulicéa.....	Idem.....	3 »	S. Paulo.....	43 »	Encarnado, branco e ouro..	Coud. Paulista.
3	Regalia.....	Vermelho	5 »	Idem.....	52 »	Branco encarnado e facha..	Mario de Oliveira.
4	Boyardo.....	Castanho	4 »	Idem.....	52 »	Idem e estrellas azues....	Coud. Guanabara.
5	Baiocco.....	Idem.....	4 »	Idem.....	52 »	Idem e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
6	Sartarelle.....	Preto.....	5 »	Paraná.....	56 »	Geranium e ouro.....	J. W.
7	Guanaco.....	Alazão tost... 7	»	Idem.....	51 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga

2º pareo—(às 12 e 3/4 horas)—GUANABARA— Animacs nacionaes de 3 annos e mais— Distancia 2.000 metros—Premios: ao primeiro 1:500\$ ao segundo 400\$ e ao terceiro 200\$—Inscrição 75\$.

1	Sylvia II.....	Alazão.....	4 annos	S. Paulo.....	51 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
2	Boreas.....	Castanho.....	4 »	Idem.....	56 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
3	Douro.....	Alazão.....	6 »	R. de Janeiro.	56 »	Verde e ouro.....	José Guimarães.
4	Guanaco.....	Alazão tost... 7	»	Paraná.....	51 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga

3º pareo—(à 1 1/2 hora)—GRANDE YPIRANGA— Animacs nacionaes de 3 annos— Distancia 2.000 metros—Premios: ao primeiro 2:000\$: ao segundo 500\$ e ao terceiro 250\$—Inscrição 100\$.

1	Diva.....	Alazão.....	3 annos	R. de Janeiro.	50 kilos	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
2	Druid.....	Tordilho.....	3 »	Idem.....	50 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
3	Aurora.....	Alazão.....	3 »	S. Paulo.....	48 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
4	Sybilha.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	52 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.

4º pareo—(às 2 1/4 horas)—GRANDE CRITERIUM—Poldros e poldras nacinaes de 2 annos— Distancia 1,609 metros—Premios: ao primeiro 1:500\$: ao segundo 500\$ e ao terceiro 250\$—Inscrição 75\$.

1	Dandy.....	Vermelho.....	2 annos	S. Paulo.....	50 kilos	Verde e amarello.....	F. Vianna.
2	Plutão II.....	Douradilho.. 2	»	Idem.....	48 »	Velludo azul e grénat.....	Lazaro & Lima.
3	Flotsam.....	Zaino.....	2 »	Idem.....	48 »	Vermelho.....	A.
4	Monitor.....	Alazão.....	2 »	Idem.....	48 »	Azul branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
5	Condor.....	Idem.....	2 »	Idem.....	48 »	Idem.....	Idem.
6	Tamoyo.....	Castanho.....	2 »	Idem.....	48 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.

5º pareo—(às 3 horas)—JOCKEY-CLUB—Animacs de todos os paizes e idades—Distancia 2,500 metros—Premios: 2:000\$ ao primeiro; ao segundo 500\$ e ao terceiro 250\$—Inscrição 150\$ e 75\$

1	Fanfaron.....	Alazão.....	4 annos	França.....	50 kilos	Branco e encarnado	Oliv. Junior & Lopes.
2	Plutão.....	Idem.....	6 »	Idem.....	52 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
3	Comtesse d'Olonne... 5	Idem.....	»	Idem.....	53 »	Havana e branco.....	Coudelaria Alliança.

6º pareo—(A's 3 3/4 horas)—DEZESSEIS DE JULHO— Animacs de qualquer paiz até 3 annos— Distancia 1.450 metros—Premios: ao primeiro 800\$: ao segundo 200\$ e ao terceiro 100\$—Inscrição 50\$ e 25\$.

1	Dignitaire.....	Alazão.....	3 annos	França.....	50 kilos	Preto, branco e encarnado.	Coud. Paraizo.
2	Satan.....	Castanho.....	3 »	Idem.....	50 »	Grénat e boné ouro.....	Arthur de Aguiar.
3	Victoria.....	Zaino.....	3 »	Inglaterra... 48	»	Vermelho.....	B. B.
4	Coupon.....	Alazão.....	3 »	França.....	50 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
5	Scylla.....	Castanho.....	3 »	Inglaterra... 48	»	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
6	Frou-Frou.....	Zaino.....	2 »	França.....	46 »	Havana e branco.....	Idem.

OBSERVAÇÕES—Os animacs inscriptos para o 1º pareo devem achar-se no ensilhamento às 11 horas em ponto.

Os animacs que pela primeira vez correm no Prado Fluminense, tem de ser examinados pela respectiva comissão, segundo determina o código de corridas, e devem se achar no ensilhamento às 10 1/2 horas.

Os bilhetes distribuidos e vendidos para a corrida de 13 do corrente dão entrada nesta corrida.

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 3 DE JULHO DE 1886

VOL. II-N. 79.

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	FILINDAL
Historia dos sete dias.....	A. L. VIEIRA.
Palestras femininas.....	J. VILLA MARIA.
Questão grammatical.....	H. DE MAGALHÃES.
Seu lenço, soneto.....	FISCHIO.
Casos patuscos.....	BIBIANO.
Cofre das graças.....	G. MONTEIRO.
Um cura, poesia.....	V.
Gazetilha litteraria.....	P. TALMA.
Theatros.....	P. VERON.
Carnaval da Historia.....	L. M. BASTOS.
Sport.....	R. SYLVIA.
Tratos e bóla.....	
Factos e Noticias.....	
Recebemos.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÔRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

HISTORIA DOS SETE DIAS

Que a « historia dos sete dias » d'A *Semana* nunca foi escripta de modo a satisfazer todas as exigencias dos leitores, que, naturalmente, querem nella encontrar elegancias de estylo, fluencia de linguagem, um pouco de grammatica e muitas pilherias — isso obriga-me a confessal-o a minha reconhecida modestia.

Todavia, devo dizer que muitas vezes lhes tenho dado tudo quanto posso extrahir das minhas variadas aptidões litterarias. (O leitor tem cinco minutos para admirar mais uma vez a minha supradita reconhecida modestia...) Hoje, porém, um singular embotamento de espirito, determinado por grande fadiga de corpo, priva-me de liberalizar aos meus captivantes leitores as galanices fulgurantes da minha prosa. Imagine-se que volto de uma viagem ao centro de Minas, viagem de tres dias de caminho de ferro, á grande celeridade, celeridade que attingio a 72 kilometros por hora!

A *Semana* foi honrada pela directoria da Companhia Estrada da Ferro Leo-

poldina com um convite para assistir á inauguração do prolongamento da linha até Piranga e á do novo ramal do Pomba. Iam suas magestades imperiaes e d'ahi a irregularidade da viagem, porque o imperador queria vér tudo e de tudo indagar em toda a parte.

Estou antevendo a cara do leitor, assustado por temer que eu lhe vá dar a estopada da narração da viagem. Pois descanse, que o não aggredirei de tal modo; isso fica para um artigo especial do proximo numero. Justifico o meu procedimento: consignei o facto da inauguração do prolongamento da Leopoldina, por ter sido um dos mais importantes da semana. Isso, que pareceu um incidente, foi praticado de animo feito e resolução desesperada... mas previa.

Partio no domingo para S. Paulo a grande e illustre Sarah Bernhardt.

Por este motivo acalmou-se a vozeria ácerca do conflicto Noirmont. Ainda bem. Depois da exigencia de setenta contos, como indemnisação da pancadaria que allega a queixosa ter apanhado, esta questão descera ao extremo circulo infernal do ridiculo. A Sra. Noirmont não se importa de apanhar bordoadas com tanto que lhe paguem. Armazem de pancadas, consoante a propria confissão e queixa, ella encarega-se de receber as sevicias, os soccos e as chibatadas de quem mais dér. Põe a integridade do seu vulto em almôda. Tem resignação de sobra para soffrer a ira e a colera de quem quer que seja. Isto é original e patusco, mas aqui no Rio de Janeiro não péga. E' bom, mas é muito caro. Setenta contos é uma fortuna, e se houvesse quem os offerecesse para ter o prazer de prodigalizar sopapos, haveria por cá muita gente para os apanhar.

O caso é que a Sra. Noirmont conseguiu meia hora de ruido com o escandalo que provocou. Quem procedeu menos acertadamente e com verdadeira infantilidade em tudo isto foi o nosso publico. Elle discutio a coisa como se a coisa tivesse importancia. Houve quem por causa d'isso se lembrasse de propôr a varios amigos uma pateada a Sarah Bernhardt, como se o publico, para julgar a artista precisasse ou devesse medir os actos da mulher. O publico nada tem que vér com a vida particular dos artistas. O que se passa entre bastidores não é da competencia do espectador. Se Margarida Gauthier e Armando Duval se amam apaixonadamente em scena, que nos importa que Sarah e Garnier se insultem e se engaiñhem na caixa?

Não vamos ao theatro julgar a senhora Sarah Bernhardt, vamos julgar a actriz Sarah Bernhardt.

A não attendermos a este vulgar principio, principalmente tractando-se de Sarah Bernhardt — que tambem é pintora e esculptora — poderiamos cahir no excesso de dizer, depois de assistirmos ao colossal trabalho da *Phedre*, que Sarah Bernhardt *desempenhou* muito mal vista da bahia de Botafogo,

ou que disse pessimamente o busto em gesso do nosso velho imperador.

Talvez que para muitos espiritos rebeldes ao soberano dominio do talento isto não chegue a ser um disparate. Talvez... Nós é que não tencionamos penetrar nessas pavorosas cavernas da imbecilidade humana.

Facto de conclusões semelhantes ás d'aquelle que acabamos de tractar deuse na noite de quarta-feira, no theatro D. Pedro II. Tambem ali o publico exorbitou dos seus direitos pateando escandalosamente o maestro Superti, por elle ter tomado o logar de regente da orchestra, até então occupado pelo maestro Leopoldo Miguez. Espalharase que o maestro Miguez despedira-se do seu honroso logar por causa de intrigas armadas pelos professores da orchestra e isso foi bastante para levar o publico das galerias a desfeitear um artista de merecimento. Não teve rasão o publico; e ainda menos a teve para patear o Sr. Rossi, quando este veio declarar que tinha uma carta do Sr. Miguez em que este se despedia de regente por lhe não permittir a sua saude continuar nessa posição. Ora, desde que o publico soube que o Sr. Miguez se despedio por falta de saude, devia aceitar aquelle que o empresario designara para substituil-o. Além d'isso o Sr. Rossi podia mesmo ter despedido, desde que o fizesse com delicadeza, o maestro Miguez. E' possivel que os serviços do nosso illustre compatriota não conviessem á empresa. Havia mesmo um motivo mais positivo: todos os jornaes haviam notado no maestro Miguez defeitos de regente; acusaram-no de falta de energia na direcção dos professores e de outras trapalhadas technicas de que não entendemos patavina. Sendo assim, e considerando-se os jornaes orgãos da opinião publica, poderia o Sr. Rossi ter substituido o maestro Miguez em attenção ao proprio publico.

E note-se que uma despedida d'esta ordem não importa desconsideração ao despedido. Sabemos que ha grandes musicos que são pessimos regentes. A reputação artistica do Sr. Miguez, confirmada por notabilidades europeia, nada soffreria com isso. Depois, um empresario pôde despedir ou admittir quem quizer.

O direito do espectador não pode passar da exigencia de bons espectaculos: o publico pode e deve exigir que a orchestra seja bem dirigida; se o não era pelo Sr. Miguez, visto que os jornaes o censuravam, o publico devia censurar o empresario quando verificasse que o novo regente era peor que o primeiro. Reproval-o e desfeiteal-o *á priori*, sem ter assistido ao seu trabalho, é, pelo menos, uma iniquidade. E esta iniquidade resulta da interferencia que o publico quer ter nas questões de bastidores e nos negocios internos da empresa.

Foi de 174 o quociente dos votos para a eleição municipal. Este numero é

bastante eloquente para a apreciação da lei Saraiva.

No momento, porém, nada temos que ver com isso. Foram eleitos em primeiro escrutínio apenas cinco vereadores, cremos que todos abolicionistas. Mas o facto mais eloquente foi o da eleição do Sr. José do Patrocínio, redactor da *Gazeta da Tarde*, candidato abolicionista e republicano.

José do Patrocínio é a consubstanciação da idéa abolicionista; a sua eleição importa uma grande victoria do partido da abolição dos escravos. Ainda bem que o povo poude dar uma manifestação positiva das suas opiniões. Este importante caso, muito mais politico do que parece, alegrrou-nos immensamente e damos sinceros parabens ao eleitorado da Côte pela sua nobre isempção.

E agora, que já enchi 11 tiras, posto-que as deixasse vazias de interesse, deponho resolutamente a penna, cofio o bigode, enxugo a fronte suarenta, deixo a retorta do trabalho honrado—e vou-me á brisa faguira que está ali fóra perpassando entre a folhagem do arvoredor, onde o sabia sempre canoro, desata em notas suavissimas a sonora melancolia da tarde.

Ai, que poesia!

FILINDAL

A verdadeira sciencia e a verdadeira religião são irmãs gêmeas, e a separação de uma da outra provoca fatalmente a morte de ambas.

HUXLEY.

PALESTRAS FEMININAS

AS FLORES

As maiores alegrias de uma casa são as crianças e as flores.

Infelizes os que não podem ou não sabem assistir ao desabrochar d'essas duas odorosas existencias!

Como deve ser insípida, triste mesmo, uma habitação sem jardim, sem um quadrado de terra, onde se possa cultivar, ao menos, uma roseira?

Flores! Muitos vos cultivam mas nem todos vos entendem.

A's flores são: a primeira alegria da infancia, o primeiro perfume da adolescencia, a primeira ambição da noiva, o symbolo do amor, a mensageira da esperanza ou da saudade, o adorno do tumulo!

A's veze e mesmo, a sua chegada annuncia o eterno luto!

Um facto: O noivo de uma amiga que perdi, disse-lhe ao despedir-se para uma viagem—com que esperava prender a vida, que ameaçava fugir-lhe—apezar da suprema ventura de ser amado: «Não choreis ainda; de hoje a tres mezes receberás flores; se forem rosas, engrinalda-te, ri, serão o prenuncio da volta, da felicidade sem termo, e quero, ao chegar, prendel-as ao teu vestido de noiva... mas... se forem *martyrios*, chora então, e pede a Deus, anjo, pelo teu noivo morto!» Partiu. Tres mezes depois chegou o promettido symbolo. Que bater de coração! que pallidez e que indecisão. que lagrimas e que sorriso, ao abrir a mysteriosa caixa que o continha!

As flores eram... *martyrios* e a virgem chorou, chorou... durante sete

annos, não passando um só dia sem beijar e contemplar aquelles tristes e resignados mensageiros da morte!

Deus, compadecido, chamou a si a minha doce amiga; e é consolador pensar que hoje a enfeitam as rosas brancas e puras da eterna primavera, ao lado do noivo idolatrado!

Outro facto não menos tocante: Tenho uma outra amiga que, ha oito annos, cultivava uma roseira na janella do quarto em que lhe morreu a mãe, porque a santa senhora conservava ali aquelle arbusto desde que perdera o esposo, que, ao sentir-se morrer, lhe pedira que pela ultima vez enfeitasse as tranças com uma rosa igual á que tinha naquelle formoso dia em que juraram amar-se... e expirara, murmurando:

«Como és bella assim!» Branca tinha então nove annos; hoje tem 20, e essa herança de amor já é venerada pelos seus dous filhinhos, que intitularam a roseira do quarto da avósinha—Roseira da Saudade.

Quem ha que não tenha estremecido e sentido mesmo humedecerem-se-lhe os olhos, ao encontrar, religiosamente guardadas, murchas flores, de tempos mais felizes, recordando—uma, um triumpho, outra, uma despedida cruel e ás vezes eterna!

As flores, companheiras do berço ao tumulo, fazem-nos sorrir ou chorar, mas consolam sempre.

Chamei resignado o *martyrio*, por parecer ter elle comsigo uma lição de paciencia.

O povo achou-lhe no seio a imagem da mais sublime das resignações; viu em seus estames e pistillos, a corôa de espinhos, as chagas e os cravos do immaculado Martyr do Oolgotha.

Tem o *martyrio*, a suave e dolorida cor do goivo, da saudade e da violeta, flores cujos perfumes subtis nos dão como que a promessa de uma nova vida de indefinida doçura.

Vós todas que sois formosas, quantas vezes não tereis atirado para o fundo do vosso primoroso cofre de joias—perolas, rubins, esmeraldas e diamantes, por julgal-os pallidos adornos para os vossos vestidos de baile, substituindo-os brilhantemente por um ramo de rosas, vermelhas ou pallidas? Quantas vezes ainda, ao esperardes uma pessoa amada, não tereis escolhido as flores mais mimosas, do vosso jardim, as primeiras violetas para lhe alegrar e perfumar a alcova!

Eu, de todos os sabios e colleccionadores, os que melhor comprehendendo são os botanicos. Os naturalistas matam para conservar, os botanicos dão vida. Aos numismaticos, mineralogistas e antiquarios nem sequer admiro.

Sei bem, encantadoras leitoras, que gostaes de flores, mas peço-vos que vos não limiteis a admirar-as de longe, ou a deixal-as murchar num precioso vaso da China, sobre o marmore do vosso toucador; cultivae-as também: vereis com que riqueza de côres e aromas, vos pagarão ellas os vossos cuidados.

A's vezes foge-nos o somno, e começamos a desejar erguer-nos do leito, para respirar mais livremente. Abrimos uma janella que deita para o jardim e, debruçadas, encontramos em cada flôr uma amiga prompta a entreabrir, para nos inebriar, a mystica caçoula dos seus mais reconditos e divinaes perfumes; e ora o heliotropo, o ixora, a madre-silva, o jasmim, ora a violeta, a rosa, a magnolia e a saudade cantam poemas, que já sabemos, mas que nos enlevam e acalman.

Quem vos não ama, oh flôres, a vós que sois os sorrisos encantados da Natureza em festa!

ADELINA LOPES VIEIRA.

QUESTÃO GRAMMATICAL

(Vide ns. 77 e 78)

O Sr. J. Villa Maria, habil e modesto professor de lingoas, enviou ao director d'esta folha a carta que em seguida publicamos, sobre a interessante questão suscitada por uma phrase do illustre escriptor Machado de Assis.

Eis a carta:

«A *Semana*, illustrado jornal de que V. S. é muito digno director e proprietario traz, no seu numero proximo passado, entre outros escriptos uteis, que são todos os d'essa folha, uma questão de grammatica, despertada por um trecho do mestre Machado de Assis; e esse jornal, assiduo em disseminar o interesse litterario, e sem duvidar da illustração do grande escriptor, offerece á apreciação de illustres philologos duas phrases curiosas, desejando ouvir de suas opiniões abalisadas um juizo de judiciosa critica. Sem parecer philaucioso, mas sim, por desejar merecer o conceito de V. S. e firmar meus creditos como trabalhador diligente na ardua tarefa do magisterio, ousou pedir-lhe dignar-se de incluir minha humilde individualidade na ultima classe dos que se animarem a provar que *A Semana* constitua uma de suas leituras uteis e scientificas.

Machado de Assis, gloria da litteratura brasileira, desprezando a velha usança prescripta pelos antigos grammaticos, que mandam observar á risca as regras de syntaxe latina, a que se filiam as linguas portugueza, franceza e outras do mundo civilisado, o fez com muita authoridade e gosto.

No primeiro caso teve em vista a excepção da regra de concordancia do verbo com o sujeito claro quando ha um termo ou mesmo uma phrase que o resume; exemplo: *O céu, a terra, os espiritos, deve tudo ter tido um principio. A perseguição, o terror, a morte, a descrença, DESFIGURAR A RELIGIÃO DE Christo* foi quanto conseguiu a ceguira do jesuitismo.

No primeiro exemplo o termo *tudo* resume o sujeito composto, no segundo a oração infinitiva *desfigurar, etc.*, resume também o sujeito composto. As duas phrases de Machado de Assis são: *Tu e o medico são dois empulhadores e tu e o medico são dois mariolas.*

Evitou elle a pronuncia seguida de dois vocabulos homophonos, uma vez que com elegancia podia dar para sujeito do verbo o termo *ambos*, que fica subentendido resumindo os sujeitos em uma e outra oração. Em francez Machado de Assis diria semelhantemente: *Toi et le medecin sont deux grands menteurs, toi et le medecin sont deux grands crocheteurs*, ficando subentendido o termo *tous les deux*.

Em italiano *Tu ed il medico sono dus gran mentitori* subentendendo-se *tutti due*.

Podendo mesmo dar-se aqui, como chave de ouro, o que prescreve o eximio escriptor francez J. Rousseau—*Œuvres complètes*, Tomo IV, pag. 554:—«Não se trata de discutir a legitimidade da phrase de uma lingoa quando se fala ou escreve, e desde que se seja intelligivel tem-se chegado ao fim que é—ser comprehendido;— com uma phrase clara e elegante muito melhor se chegará ao fim proposto.» Rousseau vae mais longe, e affirma a necessidade de se violar as regras da grammatica para se tornar mais luminoso na expressão e censura o purismo d'estes pedantes lin-

guísticos que se fazem vestaes escrupulosas das duras leis da grammatica, em detrimento do bom gosto da linguagem.

Terei muito prazer, julgar-me-hei muito honrado com a acquiescencia de V. S. em publicar a minha humilde opinião.

Côrte, 20 de Junho de 1886.

J. VILLA MARIA. »

SEU LENÇO

Eureka! tenho em meu poder seu lenço,
Da purissima côr da Honestidade.
Trapo gentil, tu tens o effluvio intenso
De seu lab'io—primor de virgindade!

Por seu pranto infantil—liquido incenso—
De unguido ser houveste a flicidade;
E que dormiste muitas vezes penso
De seu seio na doce cavidade.

O' mimo de brentanha e reuda fina,
Sinto sua alma em ti,—ó prenda rica,—
Que me ebrias em ondas olorosas...

Pois é um aroma a alma feminina.
Rescendes a violeta:—odor que indica
O espirito das castas e formosas.

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

CASOS PATUSCOS

Eu parto para a Fortaleza, capital do Ceará—(se Deus não mandar o contrario)—no primeiro chavêco que para lá abrir o panno.

Adeus, meus amigos, adeus!

Excusado é tentarem deter-me neste acto—não de desespero: de justa curiosidade.

Que vou fazer ao Ceará—perguntam-me. E' natural a curiosidade de saber que diabo vou eu fazer á capital da provincia cujas entranhas ainda estremecem da honra e do prazer de haverem parido *Zé, Zé Pompeu, Zé—Grupo, Grupo—Zé*; curiosidade tão justa quanto a que para lá me empurra por sobre os verdes mares bravios.

Não se perca em conjecturas ninguem. Por muito, por mais que parassem não poderiam nunca adivinhar.

E para evitar cephalalgias e as drogas correlativas, eu vou em tres palavras.—*systema fogo, viste, linguica!* (o Dr. Castro Lopes já nos teria explicado a origem d'este dicto vulgar? não me lembro...) *linguica*, dizia eu, explicar-lhes o que vou fazer ao Ceará.

Vou... Não; o melhor é en dar-lhes logo aqui a causa das causas que me estimulam a falar, quero dizer a partir.

E' o seguinte telegramma, transmitido da dita Fortaleza pelo bem conhecido serviço especial d'*O Paiz*:

« FORTALEZA, 30 de Junho.

O presidente Barradas, achando-se em difficuldades para conciliar os dois grupos amigos, mas reciprocamente hostis, em que se acha dividida a assembléa provincial, procurou conciliá-los por meio de um arranjo.

Tendo falhado esse recurso, resolveu adiar a reunião da assembléa para Setembro, communicando essa resolução presidencial ás duas mesas organisadas pelos deputados em dissidencia.»

Sabem com certeza agora o que me leva á Fortaleza:— Vou vêr com os meus olhos, com estes olhos, que me deram Deus e meu pae—ainda mais este do que aquelle—com estes, emfim, que a terra ha de comer, vou vêr os dois « grupos amigos, mas reciprocamente hostis, em que se acha dividida a assembléa provincial » e tambem vou ver Barradas, o barra, que teve a sublime idéia de um arranjo para conciliá-los.

Comprehendem o meu empenho extraordinario em vêr tudo isso.

E' possivel que algum dos meus semelhantes, principalmente se for correspondente d'*O Paiz* algures, tenha visto dois homens—já não exijo dois grupos: sou generoso!—amigos, mas, ao mesmo tempo—*hostis*, e—*reciprocamente*—o que mais é.

Eu, confesso o envergonhadissimo, eu nunca vi; assim, como nunca vi calças pretas—brancas, fitas azues—amarellas, bolas-quadradas, quadradinhos-relondos, imberbes-barbados, calvos-cabelludos, botas.... de entrada baixa etc....

Hóstis, diz o meu velho *Magnum Lexicon* que significa inimigo—como substantivo; e que *hostilis*, e—adjectivo,—quer dizer—inimigo, de inimigo. E d'essa opinião—que patifes!—são tambem Vieira, Moraes, Aulette, Faria e outros dicionaristas que não puderam prevêr o telegramma do correspondente d'*O Paiz*.

Dois amigos... *hostis*! oh! cumulo dos cumulos!

E além d'isso—reciprocamente! Sim, se os diabos fossem *hostis*, mas não *reciprocamente*, quer diser: cada um inimigo de si proprio, embora um do outro... Mas reciprocamente... Horror! Imagino as difficuldades em que se vio Barradas para conciliar aquelles amigos, irreconciliavel e reciprocamente inimigos.

Adeus, meus amigos, vou vêr-os e abraçar, admirar, contemplar, amar, idolatrar—o Barradas, e—por contrapeso—o correspondente d'*O Paiz*, especialmente *attaché* ao serviço telegraphico d'aquella folha na Fortaleza. Se eu não voltar, sabe-o, amigos meus:—morri de espanto.

FISCHIO

COFRE DAS GRAÇAS

Sobre a chegada de Sarah Bernhardt publicou um jornal de S. Paulo o seguinte:

«Ella desembarcou e veiu para o Grande Hotel, onde hospedou-se no rico *landeau* de um capitalista d'esta cidade, juntamente com seu filho e uma dama de companhia.»

Sarah Bernhardt hospedada com seu filho e uma dama de companhia em um rico *landeau*—tem graça!

Nathaniel Lee auctor de muitos dramas, (e de quem a Inglaterra não honrou muito a memoria,) acabou a existencia, no hospital dos doudos, em Londres.

Foi ahi que elle compoz a celebre tragedia—*As Rainhas rivaes*.—Escrevia elle essa obra, uma noite, á luz do luar, quando uma nuvem transparente lhe embaciou a claridade. Nathaniel exclamou imperiosamente:—«Jupiter! levanta-te e espevita a lua!»

A nuvem foi se condensando, até que a lua desapareceu inteiramente. Disse então o louco, ás gargalhadas:—Es-

touvado! disse-lhe que a espevitasse, e elle apagou-a!

Distracção de um advogado: Estava o Dr. J., em seu escriptorio, fazendo uma petição; de repente lembrou-se de que precisava mandar buscar uns sapatos que encomendara para a noite d'aquelle dia. Pegou da penna e escreveu este bilhete ao sapateiro: «Sr. Fulano. Queira ter a bondade de mandar os meus sapatos pelo supplicante.»

BIBIANO

UM CURA

A VALENTIM MAGALHÃES

Acabára-se a festa friamente.
Mesmo o santo era fraco mitagreiro.
A aldeia toda entrava novamente
No seu pobre socego domingueiro.

Era um dia de julho. O padre cura,
Ladeira acima, guarda-sol armado,
Ia arrastando a indomita gordura,
Alagado em suor, desesperado!

Davam-lhe ainda os impetos da zanga
Que mal poude abafir durante a festa;
E assoprava, limpando com a manga
O carão arroxeadado, a larga testa.

Foi o caso:—O vigario, homem frenetico,
Numa questão chamara-lhe *ordinario*,
E elle, bravo, a escumar, cego, apopletico,
Enviara-lhe á cara um breviario!

O sachristão ficou muito enfiado,
A tremer. Que vergonha num tal dia!
Foi fechar logo a porta com cuidado:
Não passasse a questão da sachristia.

O vigario ameaçou, mas teve medo;
Socego pouco a pouco e não fez caso.
O cura parecia-lhe um rochedo;
Um muro seu deixava tudo raso.

Seguiu-se a festa—uma semsaboria.
O povo nunca viu tal pasmaçeira.
E o senhor padre cura que teria?
Berrava o cantochão d'uma maneira!...

Tal fóra o caso. O cura ia a arrastar-se
Como um teixugo. Ao vê-lo, a *Benzedeira*
Veiu ao portal falar-lhe em confessor-se,
Por ter comido carne sexta-feira.

Elle chamou-lhe bruta. Era um peccado!
Fez-lhe um sermão, citando S. Gregorio;
Recomendou-lhe juizo, mais cuidado,
Se não queria ir ao Purgatorio.

E, seguindo, aculira-lhe uma ideia:
Ir visitar o Vasco—o patuscão.
Achou-o mal, de cama. Numa ceia
Apanhara uma forte indigestão.

—«Então que é isso?» E o cura, afogueado,
Limpava o suor.—«Comi, bebi á toa...»
E, com um riso lórpa e debochado:
«Pequei, hein?»—«Qual historia! Deus perdoe.»

—«Ben! Nesse caso fico mais contente.»
E o cura:—«Que calor! Que fogo! Sufa!...»
O Vasco disse á criada seccamente
Que lhe trouxesse um copo e tal garrafa.

Elle estava doente: não bebia.
Mas o cura... Que sede resoluta!
E o Vasco, a ir-se:—«Como a theologia
Ensina a pôr uma garrafa enxuta!...»

Porém o cura ergueu-se: — A fome obriga.
Sopa fria não era saborosa.
Esperava-c'ha muito a rapariga,
Uma fresca moçoila vigorosa.

Era a sua alegria e mais a mula...
Vida tris'e! Depois de dizer missa,
Ora nos braços tumidos da Gula,
Ora nos doces braços da Preguiça!...

II

Oigo dizer a gente malfazeja
Que este cura nasceu para soldado;
Que é um vexame a Santa Madre Igreja
Ter um padre tão bruto e tão tapado;

Que elle diz missa á pressa, engole tudo;
Que ao latim mais difficil faz caretas;
E já gritou um dia, carrancudo,
Que queria bem cheias as galhetas;

Que, indigno, fulmina os detractores,
E invoca o inferno, o codigo, a cadeia;
Mas—ainda suando dos furores—
Vae descoser depois na vida alheia;

Que elle chama ao amor abertamente
« Sentimento diabolico, damninho, »
E vivem por-re, miseravelmente,
Filhos d'ele, que o tratam por *padri ho*;

Que não teme afirmar uma mentira;
Que cubiça o alheio e sente inveja;
Que uma simples questão accende-o em ira
E promette sopapos e pragueja;

Que elle leva uma vida libertina
E coma com bestial glotoneria;
Que é já de fu-ta-cô-ras a batina;
Que ha de leval-o ao diabo a apoplexia!

Uma folha já disse com arroj.
Numa local sacrilega de apupo:
Aquelle santo cura traz no bojo
Os peccados mortaes postos em grupo!»

E a mesma ainda disse: (Custa a crer!
— Como se um enxovalho só não baste.)
« Este padre-elephante ainda ha de ser
Içado para o pulpito a guindaste!»

Já que assim livremente se diz isto
Contra um homem que lida a bem de Deus,
Vou defender o apostolo de Christo.
Oçam-me agora os novos phariseus:

III

Se elle gosta de vinho, se elle come
Com uma gana soffrega, ruidosa,
E' que o latim catholico faz fome,
E a barriga d'um padre é milagrosa...

E não são necessarios bons pulmões
Para andar nesta azafama sem fim:
Dizer missa, cantar, berrar sermões,
Encomendar defuntos em latim?

Elle aconselha esmolas e cilícios,
Vida santa—e tudo isto é sem disfarce;
Porque se elle se espoja em certos vicios...
E' porque tem na mão com que salvar-sc.

Se elle é tambem lascivo como um gato,
Não vos deve imporfar o que elle faz:
Ouv-i-o só... Que preceito de sensato
D'aquelle sabio e santo Frei Thomaz!

Tem filhos, é verdade; nem eu nego
Que vivem como sapos numa poça...
Pois se o pobre mal ginha (O que é ser cego!)
Para si, para a mula e para a moça!

Abandona-os e deixa-os aos vae-vens,
A' miseria; porém, se algum morrer,
Encomenda-o de graça. E quanto ás mães,
Vae-lhes cuidando da alma. Bem fazer!

Se elle se irrita, é para que se veja
A indignação de Christo na doutrina...
Muitas vezes um padre, se esbraveja,
Quer imitar a colera divina.

E se elle deu na cara do vigario,
Não vejo agora nisso um máu exemplo;
Antes foi bom. O Martyr do Calvario
Azorragou os vendilhões do templo.

Concluindo, é preciso que eu vos diga:
Se elle vae anafando sempre, em risco
De vir a ficar todo—uma barriga,
E' com bom fim, é para bem do aprisco:

— E' que, empenhado vigorosamente
Em vencer dos atheus a « negra horda, »
Prova o poder de Deus, mostrando á gente
Até que ponto um animal engorda.

GARCIA MONTEIRO.

GAZETILHA LITTERARIA

Estamos auctorizados a noticiar que
no dia 8 do corrente apparecerá nesta
Côrte uma nova folha litteraria.

Terá por titulo *A Vida Moderna*; ti-
tulo escolhido ha annos pelo saudoso
Arthur de Oliveira para um periodico
de que apenas publicou... o prospecto.
A Vida Moderna será dirigida por Luiz
Murat e Arthur de Azevedo e redigida,
além d'esses, por Jorge Rodrigues, Sou-
res de Souza Junior, Raul Pompeia e
Moreira Sampaio. Será editada pela
casa Lombaerts & C. Esperamola com
braçadas de flores.

Depois de uma alegre, uma triste no-
ticia:

Desappareceu *A Quinzena*, aquella ex-
cellente collega, que se dizia filha d'*A
Semana* e que tanto prazer lhe dava
sempre que lhe apparecia.

Teve vida curta, mas honrosa, digna
e brilhante.

O ultimo acontecimento litterario
em Paris foi a appareção de *La Fin de
Satan*.

Em 1857 Victor Hugo assignalava,
no prefacio da *Legende des Siècles*, o laço
que, em seu pensamento, ligava o seu
poema « a dois outros poemas *quasi
terminados*, que lhe eram, um o desen-
lace e o outro o começo: *La Fin de
Satan, Dieu.* »

Continuava dizendo:
« O auctor não vê difficuldade nenhu-
ma em entremostrar, desde já, que es-
boçou na solidão uma especie de poema
d'uma certa extensão, onde se reflecte o
problema unico, o *Ser*, sob a sua tri-
plice face: *A Humanidade, o Mal, o Infinito*;
o progressivo, o relativo, o absoluto;
naquillo que se poderia chamar tres
cantos: *Legende des siècles, Fin de Satan,
Dieu.* »

Desde 1854, Victor Hugo com effeito
tinha começado a trabalhar em *Fin de
Satan* e escreveu quasi todo o drama
extra-humano, — *Hors de la terre* e todo o
primeiro livro — *La Guerre*.

Em 1860 continuou esta obra e escre-
veu-lhe o segundo livro — *Le Gibet*.

Não teve tempo o poeta de escrever o
terceiro livro, *La Prison*, que compre-
hendia tres partes: *Les squelettes, Camille
et Lucile* e *La Prise de la Bastille*.

Mas o conjuncto da epopéa não appa-
rece menos completo em suas vastas
proporções, e cada uma das partes ter-
minadas, *Nemrod, Jésus-Christ*, forma
um todo tão completo que não se en-
contra egual em nenhum dos dramas
que temos das trilogias incompletas de
Eschylo.

V.

THEATROS

RECREIO DRAMATICO

Companhia do Theatro D. Maria II,
de Lisboa

Com uma concorrência enormissima
estreiou-se no sabbado, no theatro Re-
creio Dramatico, a excellente companhia
do theatro D. Maria II, de Lisboa.

E' preciso dizer, antes de tudo, que a
primeira companhia dramatica de Por-
tugal, que é unia das melhores e mais
completas da Europa, não veio toda ao
Brazil. Dos primeiros artistas da com-
panhia, d'aquelles a que a fama dos
seus triumphos mais tem doirado e re-
petido o nome, ficaram em Lisboa —
Brasão, Antonio Pedro, Pinto de Cam-
pos e Rosa Damasceno.

Os que vieram, porém, têm sufficiente
merito para constituir um agradável
ensemble e representar brillantemente,
senão todas, a maior parte das peças
do repertorio d'aquelle theatro; não
falando de Virginia e dos Rosas, que
são artistas notaveis.

Somos dos que acharam mal esco-
lhida *A Estrangeira* para peça de estréia.
Esta comedia de Dumas filho é, a nosso
ver, a mais insignificante, a mais mal
feita e a mais falsa de todas as peças do
glorioso auctor do *Demi-Monde*. Não
tem acção dramatica; não tem situações
onde a vehemencia de qualquer paixão
possa impressionar pelo poder absor-
vente da verdade os nervos do especta-
dor. Além da falta de interesse epis-
dico, parece-nos *A Estrangeira* mal tra-
balhada, singularmente artificial, com
defeitos de officio, que não estamos
habituaados a notar nas comedias do
grande escriptor francez. Ha, por ve-
zes, dialogos enormes e fatigantes, cujo
interesse, apesar do espirito sempre
brilhante da phrase, não chega a de-
leitar o espectador. Tal o dialogo do
começo do primeiro acto, entre Mau-
riceau e Remonin, por exemplo. Raro
se encontra nos cinco longos actos d'*A
Estrangeira* uma situação verdadeira
ou, ao menos, verosimil. Os perso-
nagens, máu grado a singularissima
logica de Dumas filho, não vingam at-
tingir a feição de homens da actuali-
dade. Mistress Clarkson é tão falsa
como Mister Clarkson; são dois perso-
nagens de fantasia; tanto mais para
notar quanto em um d'elles busca o
auctor personalisar a raça nova, acti-
vissima, e perfeitamente pratica da
grande União Americana.

De resto, o assumpto que nas peças
de Dumas é de uso chamar-se *these*, não
tem originalidade nem grande inter-
resse.

A Estrangeira salva-se apenas pelo
brilhantismo da linguagem e pela con-
stante torrente d'aquelles encantadores
absurdos que se chamam paradoxos.
Fôra d'isso, pôde-se capitular-a de—es-
plendente banalidade em cinco actos.

Como dissemos, pareceu-nos infeliz a
escolha d'esta peça para estréia da
companhia, porque, tirante o Sr. Au-
gusto Rosa, que tem um bom papel,
todos os outros artistas não têm nella
trabalho sufficiente para uma clara
manifestação dos seus dotes e recursos
artisticos.

Comtudo vê-se que Virginia é uma
actriz muito distincta, tem uma voz
bellissima, bemsoaute, musical, muito
agradavel de ouvir-se; representou de
uma maneira sempre correcta o seu
typo de burguezinha altiva e digna,
mettida pela imbecillidade do pae no
meio de uma nobreza de papelão, baixa
e indigna. Pareceu-nos ser a sobrie-
dade a qualidade principal d'esta sym-
pathica actriz. Faz o que entende que

deve ser feito e nada mais; o quarto acto, por exemplo, dá-lhe ensejo para mais vehemencia e arrebatamento; ella, porém, prefere ser energica na simples e vibraute emissão da palavra, a exagerar-se em grandes gesticulações, a que, geralmente, em scenas taes recorrem artistas de menos comprehensão da verdade da arte moderna.

Augusto Rosa tem o primeiro papel da peça, — o Duque do Septmonts, um fidalgo blasé, cynico, embotado por orgias, depauperado e corrupto, mas sempre orgulhoso, correcto e elegante... por tradição de familia. Augusto Rosa representou admiravelmente este personagem; imprimio-lhe um requinte exquisito de galanteria canalha em todos os seus movimentos, acções e gestos. Só não lhe podemos perdoar o trazer ao peito grandes rosas... de panno! Rosas de panno aqui onde as ha tão bellas nos jardins. A flor de panno em um homem é uma cousa — tristissima.

Se se nos permite, faremos a este excellente actor uma ligeira observação; e fazemol-a porque entendemos que a artistas da ordem dos do theatro D. Maria deve-se-lhes dizer tudo, por isso mesmo que tudo se exige d'elles: — Numa scena do quarto acto, cremos, em uma phrase no dialogo com a duqueza, emprega o duque este adjectivo *machiavellico*. O Sr. Rosa pronunciou — *mastavellico*.

E' um erro. O adjectivo é formado do nome do grande publicista Machiavel, celebre auctor das *Decadas sobre Tito Livio* e da *Educação de um principe*. Machiavel era florentino; portanto, o seu nome, ou o substantivo e o adjectivo d'elle formado, deve ser sempre pronunciado, respeitando-se o valor do *ch* na lingua italiana — *Machiavel, machiavelismo, machiavellico*.

João Rosa, no insignificante papel de Gerard, soube impor-se completamente ao nosso publico, representando com extrema correcção e muito sentimento; vê-se que é um artista de primeira ordem, que sabe *dizer, estar e ouvir*, sem esforço e sem embaraços. Anciamos por vel-o em papel digno do seu alto merito para lhe fazermos a devida justiça.

São tambem dignos de menção os actores Antunes, que fez com muita distincção a parte do Dr. Remonin, e J. Costa que fez com muita graça o velho pae Maurisseau.

Da Sra. Carolina Falco não obtivemos tudo quanto esperavamos da sua reputação; o momento, porém, não é para ajuizar-nos d'ella; devemos esperar por uma peça em que esta actriz tenha um papel compativel com os seus recursos artisticos, pois que neste do *Mistress Clarkson* está inteiramente deslocada.

Muito apreciavel e gentil pareceu-nos a Sra. Amelia da Silveira; fez muito rasoavelmente o seu papel de marquezeta de Palmiêres.

Baptista Machado fez um aceitavel *Mister Clarkson*.

A *mise-en-scene* é magnifica e de um capricho a que no Rio de Janeiro só a soube elevar Furtado Coelho.

A traducção da peça, que não sabemos de quem é, não nos pareceu lá muito feliz.

Ha phrases como esta, onde a grammatica passa tão de fugida que apenas lhe podemos lobrigar a cauda do sollecismo: — *Estou habituado a tratarem-me melhor*.

Eis o nosso juizo, a respeito da companhia do theatro D. Maria e da peça que lhe servio de estreia.

Agora só nos resta dar parabens à empresa pelas enchentes que tem tido, e ao publico por ter logrado ensejo de

ver um luzido grupo de bons artistas, representando na nossa lingua tão bem como alguns dos melhores das companhias estrangeiras que nos têm visitado.

DORA

A nossa terrivel inimiga Falta de Espaço impede-nos de tratar hoje do desempenho d'esta comedia de Sardou, que a companhia portugueza representou ante-hontem.

Podemos dizer sómente que, á parte alguma indecisão e incerteza, foi magnifico o *ensemble*. Todos muito *afinadinhos*, como se diz em gyria de bastidor. Virginia e os Rosas foram, especialmente, applaudidos com entusiasmo.

Hontem segunda representação: segunda enchente do theatro.

Um bello successo.
No proximo numero falaremos mais de espaço sobre a peça e seu desempenho.

SARAH BERNHARDT

No sabbado passado deu-nos a companhia franceza a sua ultima récita, antes da partida para S. Paulo.

Representou dois actos de *Frou-Frou*, *Jean Marie*, drama em um acto, em verso, de André Theuriet e *Le passant*, dialogo em verso, em um acto, de François Coppée.

O theatro estava quasi vazio; mas a pouca gente que havia era da nata do nosso publico. Naturalmente por isso é que essa récita foi uma das mais applaudidas.

Jean Marie é uma obra prima. O assumpto é simplissimo, mas altamente dramatico e profundamente moral; não d'essa moral dos dramalhões, piegas e convencional, mas da verdadeira moral. Thereza não foge com o seu antigo namorado, de quem é adorado e a quem adora, porque se tal fizesse mataria seu marido, o velho Joel para quem ella é o sol, a vida, o unico pensamento, que procura todos os meios de lhe dar em paz, em conforto, em encantos o que lhe não pode dar em mocidade; Joel que foi o protector, o salvador de sua familia e o noivo escolhido por sua mãe. Thereza resiste heroicamente ao seu immenso amor e deixa partir João Maria para talvez jamais vel-o. E dedica-se toda, toda, com sublime resignação, ao seu marido, o bom e velho Joel.

Que drama admiravel em toda essa singela historia! Que lição magnifica de moral!

E demais — que versos!

Não sabiamos que Theuriet havia escripto tão bellos versos. Elle é sobretudo conhecido como romancista.

Um mimo; superior mesmo a *Le passant*. Sarah desempenhou *à ravir* o papel de Thereza, com tanto sentimento e tanta delicadeza que commoveu o e encantou toda a plateia. Que artista, que artista! Garnier foi perfeitamente no papel de João Maria. Não só o recitou mas tambem o fez muito bem. Teve uma bella entrada em scena, de volta da sua longuissima viagem, e uma admiravel sahida.

Lacroix representou com grande verdade e correcção o seu commovente papel de Joel.

Um triplice triumpho.

Um accidente imprevisto, e que podia ter desastrosas consequencias se não lhe acudissem a tempo, inutilizou o *maillot* do elegante *costume* com que Sarah representava *Le Passant*. D'ahi o resolver a empresa substituil-o por mais um acto de *Frou-Frou*. Grande numero porem de espectadores, tendo á frente Arthur Azevedo, foi pedir á

grande actriz que se dignasse de representar o *Zanetto, en femme*, fosse como fosse, contanto que não deixasse de recitar os versos de Coppée.

Accedeu a gentilissima senhora, dando com isso a mais alta prova de consideração, cortezia e boa vontade à plateia do Rio.

Arthur Azevedo communicou de um camarote o pedido e a acquiescencia — sendo esta recebida com innumeras palmas — e pouco depois subia o panno.

Mlle Malvau fazia a *Sylvia*, a terrivel *aventurière* veneziana, e fel-a esplendidamente.

Sarah appareceu em *toilette* mixta, meio menestrel e meio mulher. A maior prova da superioridade d'esta mulher excepcional está em que, vestida de modo tão extravagante, não despertou o riso em ninguem. Dentro em poucos minutos não havia quem pudesse ver que aquelle Zanetto vestia... saia: — estavamos todos deslumbrados pelo brilho dos olhos, dos sorrisos e dos cabellos e adornamentos pela musica da voz da grandissima artista.

Ao terminar o delicioso dialogo, rompeu uma estrondosa ovação; houve muitos chamados á scena e uma copiosa chuva de... chapéus sobre o palco.

Sarah estava fatigada, fatigada de trabalhar e de agradecer os applausos, mas tambem estava contente.

Que a consolo da pouca concorrência aos seus espectaculos aquella homenagem estrondosa, prestada pelo que ha de mais distincto na população da Corte e depois da audição das duas peças mais delicadas, mais subtilmente litterarias.

Seja esse o consolo da eminente interprete de Racine e Hugo e a justificação do povo fluminense.

Sarah estreiou-se em S. Paulo, na *Fedora*, a 29 do passado.

Ella, que havia tido uma recepção principesca, ao saltar do trem na *gare*, ás cinco e meia da tarde de 28, teve no palco uma recepção nunca vista na Paulicéia.

Os fluminenses não souberam receber a grande Sarah Bernhardt com a terça parte, sequer, do entusiasmo e da gentileza com que a recebeu S. Paulo.

Raras flores teve ella aqui; raras flores e raras «enchentes»

Fi la Côte!

Hurrah por S. Paulo!

Não tem fundamento o boato de que Sarah não pretende voltar á Côte, indo directamente de Santos a Buenos Ayres. Não procede a razão de não ter a empresa ganho dinheiro, porque ella espera ganhar-o e muito, o que é natural, com a *Theodora*, cujos scenarios e accessorios chegarão brevemente.

Dadas as cinco recitas em S. Paulo e duas em Santos e Campinas, estará de volta a adoravel Dona Sol.

A Côte, se quizesse penitenciar-se das passadas faltas, devia correr em pezo ao S. Pedro na primeira representação dos espectaculos da nova serie e fazer a Sarah uma ovação na altura de seu merecimento — quer dizer: assombrosa, fantastica, que desse brado pelos tempos e pelos mares fora.

Vamos, minhas senhoras, preparem flores.

Vamos, senhores, *un bon mouvement*: desmintamos Lemaitre, provando-lhe que não somos tão selvagens como elle diz.

Lembre-mos que temos feito ovações extraordinarias a artistas muitissimo inferiores a esta que nos honra e delicia actualmente.

Não deixemos que S. Paulo nos metta assim, tão vergonhosamente—num chillo.

THEATRO D. PEDRO II

Estreou-se na quarta-feira, com a *Aida*, o tenor Bertini. Sem pretendermos adiantar consa alguma ao que a respeito disseram os nossos collegas da imprensa diaria, diremos, ainda assim, que o Sr. Bertini terá de recorrer ao seu homonymo da *Herva Homeriana* a ver se consegue a extensão de voz necessaria á clave que adoptou... nos programmas. Se não nos fallia o ouvido e se nos é permittida a classificação, diremos que o annuciado tenor é um barytono-cantante; o que, entretanto, nada prejudica muitas qualidades artisticas, que o estreante possui.

A representação do *Fausto*, na segunda-feira, foi um triumpho para a empresa.

Estrearam-se os Srs. Figner, tenor; e a Sra. Mantelli, contralto. Figner, tem uma bella voz, embora de pouca extensão. Mantelli é uma artista distinctissima, com uma voz poderosa, de admiravel timbre; sabe dar uma singular expressão ao canto e é abundante de sentimento. Não é, porém, no papel insignificante de Siebel que a devemos apreciar. Esperemos pela *Marion Delorme*, que se canta hoje. Sabbado tractaremos mais demoradamente d'esta gentilissima cantora.

P. TALMA.

CARNAVAL DA HISTORIA

FREDERICO, o grande — Houve escriptores francezes que disseram d'elle todo o bem em que eu não acredito.

Melhor para elle; peor para elles.

FRERON — Jornalista que foi mosqueado por Voltaire de feridas mortaes... de que tem vivido a sua memoria.

FURIAS — Desagradaveis personagens da mythologia, que foram substituidas nos nossos tempos pelas beatas, pelas sabichonas, pelas sogras, etc.

GABRIEL (anjo) — Emissario de azas, que interveio n'uma situação... interessante.

GALENO — Aquelle que diz não quando Hippocrates diz sim.

Os medicos conservaram piedosamente esta tradição de tocante confraternidade.

GALILEO — Foi encarcerado por ter constatado que um outro commettera uma falsificação em *Esripturas*.

Exemplo amavel da justiça pontifical.

GALLAND — As suas *Mil e uma noites* deram quasi tantos resultados como as de uma *cocotte* da moda.

GALICANOS — Sujeitos que se julgavam livres porque substituíam as cordas pelos cordeis.

GARNERIN — O aeronauta que melhor se soube servir do para—quedas.

As suas experiencias não serviram aos auctores dramaticos.

GAULTIER (abbade) — Deu por excepção o máu exemplo de trabalhar em propar a instrução.

GENGIS-KHAN — Barbaro que procedeu, quando victorioso, quasi tão ferozmente como se fosse civilisado.

GERMANICUS — Os principes quando têm tantas virtudes vivem pouco.

Os seus collegas supprimem-n'os para evitar a comparação.

PIERRE VERON.

SPORT

JOCKEY-CLUB

Effectuou no dia 27 do mez passado a execução do programma da terceira corrida d'este anno, com os dois grandes premios—*Ypiranga* e *Criterium*. As corridas estiveram animadas, reinando durante o divertimento a boa ordem, e os pareos foram todos perfeitamente disputados. O programma constou somente de seis pareos, todos elles preenchidos por parceiros de nomeada e quasi todos já conhecidos dos sportmen.

Sahiram vencedores:

No 1º pareo Bayoco, que em 123 segundos bateu facilmente os seus competidores. Nicoafi fez boa corrida: teve o 2º logar. Os outros vieram muito atrasados.

No 2º pareo (2000 metros) Boreas, o mais valente producto nacional, batendo a sua terrivel adversaria Sylvia II, que, corrida de alcance, obrigou-o a chegar ao poste em 135 segundos e fazer algumas *escripturas* por causa das duvidas. Guanaco não correu.

No 3º pareo (2000 metros) ganhou o *Grande Premio Ypiranga*.— Sibylla, em 140 minutos, com immensa facilidade.

No 4º pareo (1609 metros) *Grande Criterium*, em 114 segundos, com alguma facilidade Monitor, que demonstrou ser um meio sangue de futuro e de muito fundo. Flotsam em 2º logar.

No 5º pareo (2500 metros) venceu em 170 segundos e no freio a valente Comtesse d'Olonne. Fanfaron teve o segundo logar.

No 6º pareo (1450 metros) bateram-se renhidamente Scylla e Coupon, que, ao virar a recta de chegada, tomou a frente, mas ao chegar, Satan emparelhou-se com elle e estabeleceu nova luta chegando ambos muito juntos ao poste. O juiz de chegada, pela mira, deu como vencedor Satan, em 95 segundos. Satan é animal muito inferior a Scylla e Coupon. São felicidades cavallares.

A's 4 3/4 horas terminaram as corridas.

DERBY-CLUB

Com um esplendido programma e muito variado realisou no dia 29 do mez passado o Derby-Club a sua 1ª corrida extraordinaria. Os pareos, que foram em numero de oito, ficaram completamente preenchidos por parceiros de todas as classes e foram entusiasticamente disputados. A concurrencia foi extraordinaria, reinando durante o divertimento a mais pacifica ordem e havendo muita regularidade nas horas marcadas para cada pareo ser effectuado Terminou com dia claro o divertimento, apezar de serem numerosos os pareos.

Venceram:

No 1º pareo (1450 metros) Savana, em 102 segundos, mas por *patota* e *muito visivel*, Savana não alcançou, deram-lhe o 1º logar. Zaire teve o 2º logar venalmente; o jockey que o montava soffreu-o e deixou Savana passar. Consta que a digna directoria multou o proprietario do cavallo Zaire, para que factos d'essa ordem não se repitam em desabono da sociedade.

No 2º pareo (1750 metros) a briosa Diva, em 120 segundos, tendo corrido de alcance.

No 3º pareo (1609 metros) bateram-se terrivelmente as duas egoas inglezas fazendo uma velocidade de 102 segundos n'este tiro, tempo que nunca animal algum fez, nem mesmo o Sans-Pareil. Plurynéa e Charybdes foram as glorias do dia, ganhando a 1ª apenas

por cabeça, e teve melhor salida. Os outros animaes ficaram distanciados.

No 4º pareo, (1609 metros) em 112 segundos, Mandarin, Nicoafi, que era o favorito, mostrou estar correndo um pouco constringido pelo jockey, que tal, etc: ... e teve o 4º logar. Teve o 2º logar Biscaia, que tambem não mostrou boas disposições a ganhar. Queriam todos o Mandarin na ponta..... Aurora, com tanta tristeza, sumiu-se. Araby tratou de colher, pelo caminho as malas que havia.

No 5º pareo (2000 metros) Comtesse d'Olonne, em 132 segundos, com bastante facilidade. Gaudriole fez má figura, continúa a desgarrar, cousa que adquiriu ha certo tempo para cá.

No 6º pareo (2000 metros) o valente Boreas, em 136 segundos, que apenas fez um passeio apressado.

No 7º pareo (1609 metros) em 114 segundos, Boyardo, que ha muito tempo não dava um ar de sua graça.

No 8º pareo (1450 metros) em 100 segundos, Intima, fazendo boa corrida, seguida por Iyon.

Não tivemos hoje espaço sufficiente para um *compte-rendu* mais detalhado.

Estão annunciadas para amanhã as corridas do Jockey Club, que deviam ter sido effectuadas a 13 do passado. O programma soffreu augmento para mais um pareo e assim offerece maior margem para os palpitistas certeiros. Cuidado! o deus Azar está terrivel!

L. M. BASTOS

TRATOS Á BOLA

Ha muito que não inseriamos esta secção por ter o seu redactor, o mirabolante e aphorismatico Frei Antonio, se recolhido á cella (com c, senhor typographo!) Mas uma interessante e intelligente senhora, uma das mais jovens e bellas flores do nosso *high-life*, offereceu-nos no ultimo baile do *Club do Engenho-Velho* umas charadinhas graciosas. Aceitámol-as. Aqui vão ellas. Quem as matar, receberá de premio um livro, mas um livro bom *como quê*. Obri-gados a *Rhêa-Sylvia*.

Quem as decifra terá um bom premio.

Atenção:

CHARADAS

E' esta criada
Catita, faceira,
Que vejo na bica
E' sempre a primeira—1

Aguarda seu noivo
Que traja a capricho,
E faz-lhe presente
Da pelle d'um bicho.—2

Em paga elle quer
Um beijo lhe dar,
Porém ella foge
E põe-se a gritar,

Que nome lhe chama
Não posso dizer.
Decifra a charada
Que o has de saber.

2—1—1—1—1 Cessa de passeiar!
Estuda nos livros esta letra ingleza,
que é a base das contracções, e está sob os nossos pés.

1—2 E' branca a arma indigena de que usão os criminosos.

1—2 De duas uma, ou não está na morte, ou não tem certeza.

2—2 E' caprichosa e forte para representar.

RHÊA SYLVIA.

FACTOS E NOTICIAS

Pelo Sr. Firmino Bevilacqua foram nos enviados dois trabalhos de grande merecimento e de grande utilidade para as escolas. O primeiro é um grande quadro synoptico demonstrativo das horas nas principaes cidades do mundo quando é meio dia no Rio de Janeiro; e o segundo é uma bella photographia onde se acha cercado de relógios o retrato de S. A. Imperial, sem que saibamos por que razão. Nesses relógios, além das horas comparadas de todas as capitaes das provincias do imperio, lê-se qual a capital, a população, a fundação e a exportação da provincia que cada um representa.

Ao lado d'esse trabalho achia-se a petição dirigida pelo auctor ao corpo legislativo para que seja elle adoptado nas escolas.

E' de muita utilidade, como dissemos acima, e especialmente para as escolas primarias porque assim mais facilmente poderão as crianças comprehender as differenças de latitude entre as diversas provincias.

Oxalá que alcance o seu desideratum quem pelo seu estudo e boa vontade se torna credor de todas as protecções.

A bordo do *Magellan* chegou de Portugal o Sr. major Chaves de Aguiar, membro e representante da empresa do *Diccionario Encyclopedico Portuguez Illustrado*.

Este cavalheiro vem ao Brazil diffundir essa obra, que se nos antolha da maior utilidade, se attendermos á vastidão do programma do *Diccionario* e ás vantagens que proporciona ás pessoas que desejarem adquiril-o.

Vê-se de um prospecto que temos á vista que o custo de cada fasciculo de 48 paginas, formato grande, bom typo e bom papel, é, para o Brazil, de mil réis, sendo gratis os fasciculos que excederem os 60 em que a obra está calculada; gratis serão tambem os atlas que se distribuirem no fim da publicação de cada um dos tres volumes em que se divide o diccionario, devendo estar todo concluido em Julho de 1889.

Desejamos ao Sr. major Chaves de Aguiar boa compensação aos esforços que vae empregar para a propaganda do *Diccionario Encyclopedico Portuguez*.

CLUB ATHLETICO FLUMINENSE

No dia 29 do passado effectuou este club mais uma de suas tão sympathicas festas.

Esta, devido talvez ao grande numero de diversões do dia, não teve a concurrencia das anteriores; no entanto viam-se ali os *habitués* d'este genero de divertimentos e muitas familias.

Os pareos a pé foram renhidamente pisputados por habeis corredores, e os em velocipede que, parece-nos, cahiram de vez no gosto do publico, effectuaram-se na melhor ordem, tornando-se notavel entre esses pareos o 8º, em que o habil velocipedista L. Azevedo bateu o seu competidor, a quem dera 310 metros de vantagem.

Parabens ao club, aos vencedores e ao publico que teve o bom gosto de lá ir.

RECEBEMOS

— *A Propaganda*, ns. 1 e 2, órgão republicano que enceta a sua publicação na cidade de Juiz de Fora. Muitos assignantes.

— *Revista Republicana*, n. 5, S. Paulo.
— *O Relampago*, ns. 1 e 2. Publicação quinzenal. Estação do Commercio.
— *Zig-Zag*, n. 17. Publicação hebdomadaria, S. Gabriel. Rio Grande do Sul.

— *A Luta*, n. 1. Porto Alegre. Revista mensal. Parecida com *A Semana*; parabens e prosperidade.

— *O Herito* n. 2. Publicação quinzenal dos alumnos do collegio S. Pedro de Alcantara. Bem escripto, e se não o houvessemos cumprimentado ao darinos a noticia do seu primeiro numero, fal-o-iamos agora. Continuem...

— *Revista de engenharia*. Anno VIII, n. 140.
— *Brazil Federal*, n. 5. Goyaz; órgão do grupo republicano.

— *Discurso* proferido na camara dos deputados em 24 de Maio de 1886 pelo Dr. Franklin Doria.

— *Revista de Guimarães*, vol. III, fasc. n. 3.

— *A Illustração* n. 10, 3º anno. Se nos fosse possível dizer alguma cousa sobre o que sentimos ao ver e ler cada numero d'esta excellente publicação, merecer-nos-ia o n. 10 alguns adjectivos que ainda não tivéssemos usado.

Traz este numero duas magnificas gravuras de dois quadros ora expostos no *Salon*; a primeira a *Orpha*, de Henner, é deliciosa; a segunda é *O acordar de Julieta*, de Albert Maignan, é empougnant. A chronica feita por Mariano Pina, é o que costumam ser as chronicas d'este espirituoso jornalista, que nella trata do drama em verso, *Germano*, do Sr. Abel Acacio, drama este que não chegou a subir á cena; é uma verladeira critica, pois que o auctor d'ella, confessando-se amigo do dramaturgo, não deixa de lhe apontar sinceramente os defeitos do seu trabalho.

Além d'esse, ha um outro artigo critico de *Figaro* e bonitos versos de Joaquim de Araujo — *Fabulas de Lafontaine*, fasc. 3; vol. 1. «O leão e os outros animais», por Fernando Leal; «o bebado e sua mulher» por E. A Vidal; «o leão que vai á guerra» por Filinto Elyzio. — *O Mequetrefe*, n. 499. Espirituoso como sempre.

ANNUNCIOS

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o *Cafe Oriente*, da fabrica a vapor do Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25
9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta—annuncio.

CLUB OLYMPICO GUANABARENSE

NICTHEROY

29 RUA DE SANTA ROSA 29

PROGRAMMA

DA

QUINTA CORRIDA, A REALIZAR-SE
NO DIA 4 DE JULHO DE 1886

- 1º pareo—160 metros—Corrida rasa para meninos de 7 a 12 annos, com vantagens. — Premio: Uma medalha de prata — 10 inscriptos.
- 2º pareo—150 metros—Corrida rasa para socios que ainda não levantaram premio. — Premio: Uma medalha de prata e ouro — 12 inscriptos.
- 3º pareo—840 metros—Corrida rasa para homens, com vantagens— Premio: Uma medalha de ouro — 23 inscriptos.
- 4º pareo—130 metros—Corrida rasa para meninas de 7 a 13 annos, com vantagens. — Premio: Uma medalha de ouro — 8 inscriptos.
- 5º pareo—280 metros—Corrida rasa para moços de 13 a 15 annos, sem vantagens. — Premio: Uma medalha de prata dourada — 8 inscriptos.
- 6º pareo—1.120 metros—Velocipedes para meninos, com vantagens.— Premios: Uma medalha de prata dourada — 7 inscriptos.
- 7º pareo—300 metros—Corrida rasa para homens, sem vantagens.— Premios: Uma medalha de prata dourada — 11 inscriptos.
- 8º pareo—4.000 metros—Velocipedes para homens, com vantagens — Premio: Uma medalha de ouro — 3 inscriptos.
- 9º pareo—1.000 metros—Corrida rasa para homens, com vantagens. — Premio: Uma medalha de ouro com brilhantes—20 inscriptos.
- 10º pareo—150 metros—Corrida com obstaculos, para homens, com vantagens. Premio: Uma medalha de prata — 15 inscriptos.

O primeiro pareo terá lugar ás 11 horas precisas, e nenhum direito terão a reclamações os Srs. inscriptos, se não comparecerem no edificio social a tempo de tomar parte no referido pareo.

O 1º SECRETARIO, J. DE CASTRO

Haverá bonds e barcas a toda hora.

JOCKEY-CLUB

PROGRAMMA DA SEGUNDA CORRIDA

A EFFECTUAR-SE NO PRADO FLUMINENSE

DOMINGO, 4 DE JULHO DE 1886

TRANSFERIDA DE 13 DO PROXIMO PASSADO

1º pareo — (às 11 3/4 horas) — YPIRANGA — 1.800 metros — Animaes nacionaes de 3 annos — Premios: 1:200\$ ao primeiro, 300\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro

N.º	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Sybilla.....	Zaino.....	3 annos	S. Paulo.....	52 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
2	Aurora.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	50 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga
4	Diva.....	Idem.....	3 »	R. de Janeiro.	52 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.

2º pareo — (às 12 1/2 horas) — 1º CRITERIUM — 1.300 metros — Poldros e poldras nacionaes de 2 annos, de meio sangue — Premios: 800\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro

1	Monitor.....	Vermelho....	2 annos	S. Paulo.....	50 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
2	Flotsam.....	Zaino.....	2 »	Idem.....	50 »	Vermelho.....	A.
3	Plutão II.....	Douradilho..	2 »	Idem.....	50 »	Azul e grénat (velludo)....	Lazaro e Lima.
5	Pip.....	Pampa.....	2 »	Idem.....	50 »	Azul e branco.....	B. V.
6	Tamoyo.....	Castanho....	2 »	Idem.....	50 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança

3º pareo — (à 1 hora) — GUANABARA — 1.800 metros — Animaes nacionaes de 4 annos e mais — Premios: 1:200\$ ao primeiro, 300\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro

1	Sylvia II.....	Alazão tost..	4 annos	S. Paulo.....	52 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
2	Douro.....	Alazão.....	6 »	R. de Janeiro.	54 »	Verde e ouro.....	L. da Costa.
4	Boreas.....	Castanho....	4 »	S. Paulo.....	56 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.

4º pareo — (à 1 3/4 horas) — INTERNACIONAL — 1.800 metros — Animaes de qualquer paiz, de puro sangue, até 4 annos — Premios: 1:200\$ ao primeiro, 300\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro

3	Cheapside.....	Alazão.....	3 annos	Inglaterra....	48 kilos	Encarnado, branco e ouro.	Coudelaria Paulista.
4	Phrynéa.....	Castanho....	4 »	Idem.....	50 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
5	Speciosa.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	50 »	Azul e grénat.....	Coud. Internacional.
7	Fanfaron.....	Idem.....	4 »	França.....	52 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
8	Gaudriole.....	Castanho....	3 »	Idem.....	48 »	Havana e branco.....	Coudelaria Alliança.
9	Scylla.....	Idem.....	3 »	Inglaterra....	48 »	Azul e ouro.....	Idem idem.

5º pareo — (Supplementar — (às 2 1/2 horas) — FERREIRA LAGE — 1.450 metros — Animaes nacionaes de meio sangue — Premios: 500\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro. — Inscricção, 25\$000.

1	Favorita.....	Baio.....	2 annos	R. de Janeiro.	46 kilos	Verde e ouro.....	José Maria Savary.
2	Ivon.....	Zaino.....	3 »	Paraná.....	50 »	Azul e manchas eucarnadas	C. P.
3	Peralta II.....	Castanho....	3 »	Idem.....	50 »	Preto, branco e encarnado.	Idem.
4	Catana.....	Douradilho..	3 »	S. Paulo.....	48 »	Preto e encarnado.....	J. W.
5	Saltarelle.....	Preto.....	5 »	Paraná.....	54 »	Geranium e ouro.....	Idem.
6	Intima.....	Castanho....	5 »	S. Paulo.....	52 »	Ouro e encarnado.....	D. A.
7	Paulicéa.....	Idem.....	3 »	Idem.....	48 »	Encarnado, branco e ouro..	Coud. Paulista.
8	Aurelia.....	Alazão.....	3 »	R. de Janeiro.	48 »	Azul e grénat.....	Antonio E. Oliveira.
9	Aranha.....	Idem.....	4 »	S. Paulo.....	50 »	Vermelho.....	Coud. Ypiranga.
10	Nicoafi.....	Castanho....	3 »	Paraná.....	50 »	Azul e branco.....	J. P.

6º pareo — (às 3 1/4 horas) — 2º CRITERIUM — 1.300 metros — Poldros e poldras nacionaes, de 2 annos, ate puro sangue — Premios: 800\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

1	Monitor.....	Vermelho....	2 annos	S. Paulo.....	50 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
2	Putus.....	Idem.....	2 »	Idem.....	52 »	Idem.....	Idem.
3	Flotsam.....	Zaino.....	2 »	Idem.....	50 »	Vermelho.....	A.
4	Judia.....	Tordilho neg.	2 »	Paraná.....	49 »	Azul e ouro.....	A. S. S.
5	Hyppomenes.....	Alazão.....	2 »	R. de Janeiro.	50 »	Ouro e encarnado.....	D. A.
6	Feticieira.....	Idem.....	2 »	Idem.....	49 »	Rosa e grenat.....	Coudelaria Modestia

7º pareo — (às 4 horas) — JOCKEY-CLUB — 2.000 metros — Animaes de qualquer paiz — Premios: 1:500\$ ao primeiro, 400\$ ao segundo e 200\$ ao terceiro

1	Plutão.....	Alazão.....	6 annos	França.....	54 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
2	Bolívar.....	Zaino.....	6 »	Idem.....	56 »	Havana e branco.....	Coudelaria Alliança.
3	Dr. Jenner.....	Idem.....	3 »	Rio da Prata.	50 »	Grénat e boné ouro.....	Raul de Aguiar.
5	Charybdes.....	Castanho....	3 »	Inglaterra....	48 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.

8º pareo — (às 4 1/2 horas) — MAJOR SUCKOW — 1.609 metros — Animaes nacionaes de meio sangue — Premios: 800\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro

1	Druid.....	Tordilho.....	3 annos	R. de Janeiro.	54 kilos	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes
2	Guanaco.....	Alazão.....	7 »	Paraná.....	54 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga
3	Biscata.....	Idem.....	3 »	S. Paulo.....	48 »	Azul e encarnado.....	Coud. Santa Cruz.
4	Bayoco.....	Castanho....	4 »	S. Paulo.....	56 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
5	Bonita.....	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	50 »	Azul e encarnado.....	J. Machado.

OBSERVAÇÕES — Os animaes inscriptos para o 1º pareo devem achar-se no ensilhamento às 10 3/4 horas em ponto.

J. MADUREIRA, 1º secretario.

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 10 DE JULHO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 80.

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

A' PRODIGIOSA E SUBLIME ACTRIZ

SARAH BERNHARDT

HOMENAGEM D'« A SEMANA »

SUMMARIO

Sarah Bernhardt.....	A REDACÇÃO.
Au génie! poesia.....	V. MAGALHÃES.
Fédora, soneto.....	O. BILAC.
Comprehensão dramatica portugueza.....	V. M. E F. A.
R. F. Leopoldina.....	F. DE ALMEIDA.
Crepusculos.....	A. DE SOUZA.
Theatros.....	P. TALMA.
Iluminação interior, so- neto.....	L. DELFINO.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Eduardo Coimbra, soneto	J. DE ARAUJO.
Correio litterario.....	L. DE MENDONÇA.
A vingança da porta, so- neto.....	A. DE OLIVEIRA.
Aqui, ali, acolá.....	PASSEPARTOUT.
Factos e Noticias.....	BIBIANO.
Cofre das graças.....	K. LIGULA.
Tratos á bola.....	
Annuncios.....	

SARAH BERNHARDT

Rio, 9 de Julho

E' hoje a festa de Sarah Bernhardt. Sentimo-nos tristes ao escrever estas palavras... Digamos porque. Porque nós, a grande cidade do Rio de Janeiro, a capital do imperio, uma das primeiras da America, não saberemos prestar á gloriosa e genial artista que nos honron, visitando-nos, não saberemos prestar-lhe hoje, a noite de sua festa artistica, uma homenagem digna do seu altissimo merecimento e dos nossos fóros de povo intelligente e civilisado.

Acabamos de receber—com vergonha e dô registramol-o—uma tremenda lição da bella cidade de S. Paulo, que continúa a honrar as suas tradições de cidade dos academicos. Se não fóra esse doloroso mas merecido ensinamento talvez que Sarah Bernhardt não tivesse hoje mais de meia duzia de bouquets...

Seja como for, *A Semana* que desde o principio, se curvou assombrada ante o seu prodigioso talento, coopera, na estreita medida de suas forças, para o cetro de applausos, para a chuva de flores e para a aureola de luzes com que ha de ser hoje saudada a maior figura do theatro francez contemporanea—de dicando-lhe este numero, em que dois poetas brasileiros ousam render-lhe preito na formosa lingua da eminente interprete de Racine, Corneille e Victor Hugo, e offerecendo-lhe como recordação modesta d'*A Semana* um exemplar do seu numero de hoje, impresso em seda.

Perdôe-nos ella a pobreza d'estas homenagens, attendendo á sinceridade dos sentimentos com que lh'as offerece

A REDACÇÃO.

AU GÉNIE!

Il faudrait au soleil l'hommage de l'étoile!
Pour éclairer la route où s'avance le Beau
Il faudrait élever le splendide flambeau
Qui fait voir aux humains la vérité sans voile.

Pour couronne au printemps il faut avoir des fleurs,
Des rayons, des oiseaux, brillant dans la rosée...
Car le soleil, brulant dans sa voûte dorée,
Veut un humble cortège immense de splendeurs,

Et le printemps, le dieu des lilas et des roses,
« La jeunesse de l'an », l'âme des floraisons,
Veut des roses, des lys, des joyeuses chansons,
Enfin, de la gaieté dorant toutes les choses.

Or, le génie est plus encor que le printemps,
Et plus que le soleil: — c'est le vrai Dieu du monde.
Comme une source d'or, éternelle et profonde,
Il coule vers la gloire, en traversant les temps.

Donc, pour te saluer, femme adorée, charmante
Et douce DONNE-SOL, créatrice de l'Art,
Pour couronner de vers ton nom: Sarah Bernhardt,
Il faudrait évoquer la grande lyre absente!...

Rio, 9 de Julho de 1886.

VALENTIM MAGALHÃES.

FÉDORA

À SARAH BERNHARDT

Ange! femme! démon! Au fond de tes prunelles
Gronde et se tord l'enfer comme une mer en feu,
Et le ciel rayonnant sourit tranquille et bleu,
Plein de nuages d'or, plein d'étoiles et d'ailes.

Tour à tour saréssante et blasphème, ta bouche
A le trait du dédain et le trait de l'amour;
Et ta fiévreuse main sait semer, tour à tour,
Le généreux pardon, la vengeance farouche.

Ange! femme! démon! songe de Poe! Ta voix
Chante, pleure, dit—meurs! — et—je t'aime! — à la fois...
Elle a plongé sans peur au fond hideux de l'âme...

Tu sais tous les secrets des abîmes du cœur,
O toi, qui sais mêler, pour montrer ta douleur,
Le cri d'une lionne aux sanglots d'une femme!

Junho, 86.

OLAVO BILAC.

A SEMANA

Por absoluta falta de espaço, inconveniente agravado pela necessidade de tirar parte da nossa edição na noite do beneficio de Sarah Bernhardt, a quem é dedicado este numero, não pudemos inserir hoje a *Historia dos sete dias* e a critica da peça *O Marquez de Villemér*, representada quinta-feira ultima no Recreio Dramatico, além de outras secções do costume.

Esperamos ser-nos-ão relevadas estas involuntarias faltas.

Companhia dramatica portugueza

A redacção d'*A Semana* acaba de sofrer d'esta excellente companhia uma desatenção que a maguou.

Até hoje o nosso despretencioso jornal tem merecido de todas as companhias estrangeiras que nos tem visitado a honra de um convite, pelo menos para a primeira representação de cada peça. A companhia de que é director o Sr. João Rosa, já para a sua estréia só nos enviou um bilhete de orchestra depois de lh'o havermos reclamado por carta, certos de que tinha havido apenas um perdoavel esquecimento. Agora, para a *première do Genro do Sr. Poirier* a empresa resolveu não convidar *A Semana*.

Nada diríamos, e,—por cumprirmos os nossos deveres para com o publico, dando-lhe a critica das peças representadas,—comprariamos sem protesto um logar no theatro, se a companhia houvesse procedido igualmente com todos os jornaes. Mas assim não aconteceu, e é d'esta odiosa exclusão que nos queixamos. Acresce que nenhum motivo demos á companhia portugueza para este inqualificavel procedimento.

Não nos sendo licito acreditar que um brilhante grupo de artistas, dirigido por um cavalheiro de talento e educação esmerada, chegando á capital de um paiz amigo, commettesse a grosseria de desconsiderar a unica folha exclusivamente litteraria que nelle encontrou, folha que lhes foi delicadamente offerecida apenas chegaram, tractámos de procurar um motivo sério que justificasse tal acção.

Não o encontramos.

Na apreciação que escrevemos d'*A Estrangeira*, tractámos delicadamente todos os artistas, fazendo-lhes os merecidos elogios. Sòmente ao Sr. Augusto Rosa, — a quem, aliás, distinguimos ainda mais do que aos outros,—pedimos permissão para lhe corrigir um erro de pronuncia. O Sr. Rosa pronuncia — *maziavellico*; procurámos cortezmente convencel-o de que deveria pronunciar — *makiavellico*, e demos-lhe as razões que nos induziam a pensar assim. Foi este o unico senão que notámos no desempenho da *Estrangeira*.

Poderá ter sido esta insignificante observação a causa do posterior procedimento da companhia para conosco?

Não queremos acreditar-o.

A um homem superior, a um actor de talento como o Sr. A. Rosa nunca podem maguar as observações da critica meditada e honesta, quando formuladas com delicadeza.

Artistas illustrados e educados, como os do theatro D. Maria II de Lisboa, são, pela elevação de espirito que devem ter, obrigados a considerar a litteratura dos paizes que visitam. Ora, *A Semana* é no jornalismo d'esta córte a genuina representante da litteratura brazileira. Esta opinião não vingaria salvar-se da pécha de vaidosa, se fosse nossa; mas não o é. É a opinião de toda a imprensa do paiz, que repetidissimas vezes nolo tem dicto; opinião conquistada e justificada pelos nomes dos nossos collaboradores, nomes dos mais illustres da litteratura nacional.

Sendo assim, de um grupo de artistas que só representa peças finamente litterarias, não pôde a litteratura brasileira sofrer uma desatenção, sem protesto.

Ahi fica pois o nosso, elaborado sem rancor e sem odio, apenas com o sentimento que nos provocou o acto do Sr. João Rosa, responsavel moral e immediato do procedimento da companhia dramatica portugueza.

Os recursos materiaes d'*A Semana* são pequenos, mas não tanto que lhe não permitam comprar um bilhete de cadeira, para cumprir o dever que tem de dar aos seus assignantes noticia circumstanciada das peças representadas no theatro Recreio.

Assim é que neste numero damos a apreciação do *Genro do Sr. Poirier* e no proximo daremos a do *Marquez de Villemér*.

Esta circumstancia nada influirá sobre a nossa critica. Estamos acostumados a absoluta independencia de juizo, pois nunca considerámos como obsequio o offercimento de convites para espectaculos publicos.

Esta independencia continuará a ser escrupulosamente mantida, embora se dê presentemente a circumstancia contraria.

Em todo caso, cumpre-nos agradecer cordialmente a nunca esperada gentileza do Sr. João Rosa.

VALENTIM MAGALHÃES.

FILINTO D'ALMEIDA.

ESTRADA DE FERRO LEOPOLDINA

A parte technica e a lista das pessoas gradadas que foram assistir á inauguração das novas estações d'esta importante estrada de ferro, já são assumptos esgotados pelas folhas diarias.

Cabe á *Semana* tractar da parte pittoresca e impressionista da excursão. Vou

pois, em breves linhas, «a grande velocidade,» tentar descrevel-a.

O trem imperial partio da estação da E. F. D. Pedro II as 6, 50 da manha. As ultimas nevoas matutinas esvalham-se no horisonte e o dia despontava fresco e limpo.

Minutos depois, na plataforma da imperial quinta entraram Suas Magestades Imperiaes e os seus semanarios.

Ao chegar á estação de Belem, parou o comboio, e serviram-nos café e chocolate.

A's 9, 10 chegámos á Barra do Pirahy, de onde partimos cinco minutos depois. Em seguida foi-nos servido um lauto almoço em um wagon-salão, todo enfeitado de espelhos e flores. Durante o almoço, para commodidade de S.S. M.M. e dos convidados, o trem diminuiu sensivelmente a marcha, o que causou um atraso de quasi meia hora. Depois do almoço, para resarcir o tempo perdido, o trem accelerou a marcha e foi galgando vertiginosamente as distancias, attingindo uma velocidade de 72 kilometros por hora entre Santa Fô e Chiador. Isso é que foi o diabo! Os solavancos dos wagons e a athmosphera densissima de poeira perturbaram-nos desgraçadamente a digestão e houve quem sentisse o conhecido e bem desconceituado enjoo de bordo. Foi um horror! Os jornalistas, que tinham de transmittir os primeiros telegrammas e expedir as primeiras cartas da estação de Entre Rios, viam-se bambos para escrever sobre as pequeninas mezas de bordo. Os lapis saltavam-lhes de quando em quando, e o papel em um minuto ficava todo coberto de pó. Muito sujas deviam essas cartas ter chegado aos seus destinos.

Quem naquelles angustiosos momentos se tornou benemerito da gratidão universal foi o Sr. Dr. Bittencourt, que fornecia tinctura de camomilla e granulos dosimetricos de coassina e cafeina aos excursionistas afflictos. Que o ceu lhe pague em venturas o que elle nos deu liberalmente em drogas. Foi o Alcides da nausea. Benções celestiaes para elle, ó familias dos viajores! A mim quem me indicou esta Providencia foi o Sr. Saturnino Gomes, cavalheiro estimabilissimo, director da Sociedade Central de Immuigração. Offereci-lhe o meu bilhete e o meu coração. O bilhete, vi que o aceitou; o coração, não sei ainda.

Chegámos por fim a Porto Novo, á 1/2 hora da tarde. Ahi houve a baldeação para os elegantes wagons da Companhia Leopoldina, que estavam todos catitas, enfeitados de verde e amarello, e alguns atapetados. São uns carros elegantes e confortaveis, com assentos estofados, de palhinha, semelhantes aos da estrada de ferro do Norte. Foi um alivio!

A marcha na via ferrea da Leopoldina, de bitola estreita, foi menos celere e a poeira não chegava a incommodar ninguém. Apesar de estarmos todos, pelo menos, fatigados, podémos apreciar a esplendida payzagem que aos nossos olhos se ia desenrolando como um interminavel panorama de theatro. Florestas virgens, grandes mattas, campos enormes, valles e serranias. Aquella zona é quasi toda cultivada. D'ali por deante a viagem tornou-se agradável, iniciaram-se relações, as physionomias perdiam gradualmente o abatimento dos primeiros incommodos, animavam-se as conversações, louvava-se a extrema delicadeza da directoria da Leopoldina, discutiam-se as instituições, confabulava-se sobre politica, sobre sciencia, sobre arte. N'um grupo de homens maduros abordava-se a questão da abo-

lição dos escravos. Ouvi — entre indignado e risonho, — um homem de côr sufficientemente escura para dever pugnar em favor da raça escravizada, dizer que « os abolicionistas nem ao menos queriam reconhecer que o escravo é uma propriedade! » Coube-me por sorte dormir no mesmo aposento em que dormiu este homem. Soube mais tarde que era um fazendeiro de Santa Fé, senhor de grande escravatura e millionario. Parece, entretanto, que é homem empreheendedor; ouvi-o dizer que ia estabelecer um engenho central em Santa Fé.

Entre Porto Novo e Rio Branco tem a estrada Leopoldina vinte estações; porém o comboio parou apenas em cinco, sendo que na chova da fazenda do Pantano, pertencente ao Sr. barão de S. Geraldo, estava posta uma meza, onde havia café em profusão, algumas fructas e muitos doces com o sabor característico e delicado dos que são feitos em casa.

Na estação do Recreio vimos a figura interessante e curiosa de um subdelegado primitivo, de largo fitão bicolor, bordado, a tiracollo, ostentando deante do povo pasmado a magestade do seu poder e o prestigio da sua força.

Depois das 4 1/2 da tarde chegámos a Cataguazes. O comboio devia demorar-se ali apenas dois minutos, mas o Sr. Cabral pediu ao Imperador que fosse assistir á benção do seu engenho central, pedido a que o Imperador accedeu, e isto atrazou-nos em cerca de vinte minutos. Também, os que entraram no bonito estabelecimento do Sr. Cabral, tiveram a ventura de ver uma mineira esplendida, typo genuino da bella provincia, alta, morena, de grandes olhos castanhos, faces rosadas, collo alto, formas suavemente redondas, orelhas pequeninas e rubras. Um encanto! a que sua magestade volveu um olhar profundo e cheio de imperial doçura.

D'ali seguiu o trem em marcha mais accelerada. A's 9 horas da noite começou a apparecer gradualmente aos nossos olhos um maravilhoso espectáculo. Vimos ao longe uma especie de ilha de fogo cambiante, que tomava no espaço todas as *nuanças* do azul e do vermelho; ao meio d'esta ilha phantastica esguichava, como um repuxo de enorme força, uma infinita multidão de foguetes, que estoiravam no ar em lagrymas de toda côr. A' volta d'este portentoso ninho de fogo, o fumo circulava em nimbos prodigiosos, na opacidade dos quaes brilhava internittentemente o vivo clarão de uma bomba. Do alto, um intenso fóco de luz electrica jorrava os seus poderosos raios até ao comboio distante. A' proporção que o trem se aproximava, aquella grande massa ignea e informe ia-se desmanchando em linhas symetricas, o fumo descodensando-se, e accentuando-se o perfil de um grande estabelecimento. Era o Engenho Central do Rio Branco, propriedade de uma sociedade anonyma de que é presidente o Sr. Dr. Mello Barreto, que tambem o é da Companhia Leopoldina.

É curioso e digno de ver-se este importantissimo estabelecimento. Ha nelle um systema completo dos mais complicados e modernos machinismos destinados ao fabrico rapido do assucar e um interessantissimo triplice apparelho de distillação. A canna é con luzida á moenda sobre um longo estrado mecanico de rotação continua, e sob o cylindro compressor jorra uma verdadeira cachoeira de caldo. O Imperador, a sua comitiva, alguns convidados e eu percorremos todo o edificio, vimos todos os machinismos e salvámos o Sr. conde de Aljezur, que ia

ficando comprimido entre um wagon de bagaço de canna e o ante muro da moenda. Bebemos alguns copos de *garapa*, gentilmente offerecidos pelo engenheiro-director, e partimos para a cidade do Rio Branco, a um kilometro de distancia. Era ali que deviamos pernoitar. Chegámos quasi ás dez horas. O povo agglomerava-se na estação e nas ruas adjacentes, em grande massa. Ao apparecerem suas magestades, rompeu o indefectivel hymno nacional e levantaram-se alguns vivas, pouco correspondidos, valha a verdade. Havia um grande aperto, e com dificuldade pudemos atravessar a estação e esgheirar-nos por uma porta lateral, sobre a qual se ostentava um caixão coberto de papel cor de rosa, onde, a lettras de cliapa, se via o seguinte distico, destacado por uma luz interior:

A. S. S. M. M. E A. A. I. I.

Da estação dividio-se o prestito em dois grupos. Um, composto por suas magestades, comitiva, senadores e directoria da Leopoldina, dirigio se para a casa do Sr. Engenheiro Lynch, chefe do Engenho Central já citado e homem de espirito singularmente empreheendedor. Lá os esperava um opiparo jantar, servido pela importante casa Carceler, do Sr. J. J. Ferreira.

Era naquella casa que suas magestades deviam pernoitar. O salão principal estava adornado com grande luxo e muito bom gosto, assim como os aposentos destinados aos monarchas, onde havia todo o conforto, riqueza e luxo.

O outro grupo, muito mais numeroso, dirigio-se para um espaçoso armazem onde está estabelecido o engenho hydraulico de preparar café, de propriedade do mesmo Sr. Lynch. Uma extensa mesa, elegantemente armada e cheia de flores, alongava-se ao lado direito do pavimento.

Jantámos, como se pôde jantar á meia noite, depois de uma viagem fatigantissima. O *menu* era excellentissimo, mas o que principalmente mereceu a ternura dos convidados foi a qualidade e a variedade dos vinhos. Finos, magnificos.

O Sr. Ferreira conquistou a immortalidade com algumas garrafas de exquisito e delicioso *Sauterne* com que regámos um peixe assado, tão fresco, tão fresco — que ainda nos veio nadando no estomago.

Presidio a esta meza o Sr. Dr. José Arthur de Murinelly, director da companhia, estando tambem presentes — o Sr. Domingos Seára, membro do conselho fiscal, e varios engenheiros da Estrada. Levantaram-se tantos brindes quantos permittia a conveniencia e a hora.

Depois do jantar começou um drama, que poderemos intitular — *A lucta das camaras* — Foi contra-regra d'esta imprudente peça o Sr. Placido Monteiro, gentilissimo empregado da companhia. Felizmente, a habilidade e extrema delicadeza do contra-regra fizeram com que o drama não terminasse em tragedia. O Sr. Placido dividio em turmas os convidados e distribuio-as por varios habitantes da cidade, que se prestaram graciosamente a acoutar os forasteiros. Para casa do Sr. José Calazans, digno escrivão de orphãos do termo, fomos dez pessoas. Dividimo-nos por tres aposentos, um separado e dois junctos. No primeiro ficaram tres jornalistas mineiros, redactores do *Echo da Lavoura* e da *Folha de Minas*; nos outros dous ficamos — eu, o Dr. Dias da Rocha, medico, os engenheiros da estrada de ferro D. Pedro II Aguiar Moreira e Andrade Pinto, commendador Couto Soares, empregado superior do Thesouro, o já alludido fazendeiro de

Santa Fé e um outro cavalheiro que não conheço. Eram quasi tres horas da noite quando nos deitámos. A's seis o fazendeiro e o desconhecido seguiram viagem, e os cinco restantes resolvemos ficar no Rio Branco até á volta do trem inaugural, que áquella hora partio para o Piranga e de lá até ao extremo da linha construida, juncto as nascentes do Rio Doce, do qual rio S. M. o Imperador, sequioso, bebeu dois copos d'agua, com grande pasmo dos circunstantes e gaudio dos reporters, que nunca viram um imperador beber tanto.

Os que ficámos resolvemos, como era natural, percorrer a cidade. Depois de tomarmos o café matutino e um copo de leite que a solicitude do amavel dono da casa conseguiu arranjar-nos com muito custo (o que nos pareceu incrivel em Minas), e que nos dividimos fraternalmente por tres amadores, sahimos em companhia do Sr. Calazans, que nos servio de ciceroni.

Na rua foi-nos apresentado o Sr. Capitão Joaquim Pereira de Mello, delegado de policia, que tambem se prestou gentilmente a acompanhar-nos. Graças a estes dois cavalheiros, vimos quasi toda a cidade — e não toda, porque a sua area é muito grande, embora sejam poucas as habitações; disse-nos o Dr. Arthur Moura, melico local, que a sua casa, estando a um kilometro do centro, está ainda dentro da cidade.

Na praça 23 de Setembro, que é a principal, está situada a matriz e pouco acima a casa da camara. Vimos nesta praça uma casa de porta e janella, dentro de cuja sala, ao fundo, estavam pendurados varios arccios. Nos dous humbraes da porta lêmos, pintado a correctas lettras de oleo, este letreiro:

ENTRADA PARA O VISPORA

Do lado de dentro, debruçado á meia porta, estava o Sr. Dr. Antonio Cesario de Faria Alvim, juiz de direito da comarca, que nos foi apresentado.

Estranhando nós ao delegado de policia aquella publica ostentação do jogo tão perseguido na Côte, disse-nos elle que aquillo era uma boa fonte de renda para a camara municipal. Entroolhámos-nos admirados e risonhos, mas não assombrados: quando resolvemos ficar n'aquellas paragens, resolvemos egualmente não nos assombrar de nada. Proseguimos. D'ali a instantes entramos processionalmente na sala das sessões da camara. Limpinha e pobrinha. Depois, o nosso Virgilio officioso fez-nos descer, novos Dantes, por varios degrãos de uma gemonia pavorosa, ao fundo do edificio em ruinas, onde só por um milagre de equilibrio não fomos precipitados, como os criminosos romanos, até á gehenna do rez do chão, sobre cuja entrada seria licito gravar o celebra lo verso do Florentino:

Lasciate ogni speranza...

Chegámos á cadeia. 15 presos. Um d'elles, rapaz de 18 ou 20 annos, estendeu-me uma carta. Desculpei-lhe a orthographia phantastica porque elle pedia uma esmola. Interrogado, disse estar preso porque lhe imputavam o furto de um cavallo. Demos-lhe algum dinheiro para que elle o distribuisse por todos os companheiros e voltámos á luz: sahimos.

Da cadeia fomos á escola. Victor Hugo desfiaria aqui, a proposito, um rosario de luminosas antitheses; eu não. Prefiro proseguir *terre à terre*. A escola, unica da cidade, é de meninas. Dirige-a a Sra. D. Maria de Medeiros. O termo médio da frequencia é de 20 alumnas,

mas naquella dia, em consequencia dos festejos só compareceram 18. Notámos que as meninas, em geral, tinham boa letra e não eram mal educadas.

Em um livro que nos apresentou a directora escrevemos algumas palavras que todos assignámos, e partimos em direcção da matriz.

(Continúa)

FILINTO D'ALMEIDA.

CREPUSCULOS

*Le crépuscule est triste et doux
comme un adieu.*

F. COPPÉE

Foje o dia. De encontro á columnata
Velha de um templo, agora derruido,
Cravam-se as frechas, tremulas de prata,
Do sol, quasi cahido.

Move a ramagem vivida o bafejo
Do vento fresco que transpoz a serra;
Ouve-se o quebro do espumoso beijo
Do mar, bordando a terra.

Ao pouso vêm, que a noite os agasalha,
Bandos d'aves, o espaço desfazendo;
E vae canção de escravo que trabalha
Pelos ares morrendo...

Mão invisível todo o ambiente cobre
Com um finissimo véu, que empallidece
A' proporção que o occaso do sol encobre
E a terra se entristece.

E' a agonia da luz profunda e triste;
Se brinca um raio em meio d' verdura,
E' a saudade do sol que ainda persiste,
Saudade que não dura!

Assim a vida de illusões formosas
Vae noss'alma doirando cada dia,
E os sorrisos rebentam como rosas
Nos nossos labios—pouso da alegria.

Os nossos corações palpitam, cheios
Do perfume do beijo das venturas,
E ha ciúmes então, vozes, receios
Pela creatura, flor das creaturas,
Anjo ou mulher, que vive nos amando,
Bella, ideal, de affagos nos cobrindo,
Que vimos uma vez rindo e cantando,
Que sempre nos quer ver cantando e rindo.

Assim a vida! mas um dia a sorte,
Deixando-nos a sós ante a procella,
Faz-nos pensar na escuridão da morte;
E eis o nosso céu sem uma estrella,
E o nosso coração triste e sombrio,
Vago, deserto, sem a luz de um sonho,
Geme agoirento como geme o rio,
De rocha, em esconso concavo, medonho!

E tarde, quando do soffrer na calma,
Meditamos no bem d'aquella idade,
Brinca um raio de luz dentro em noss'alma:
E' a saudade, a saudade!...

1886

ALFREDO DE SOUZA

THEATROS

LE MAITRE DE FORGES

A grande Sarah fez uma criação admiravel no papel de Clara de Beaulieu, que aqui pela primeira vez representou, um papel muito mal desenhado em estylo ultra-réles, o mesmo em que é escripta toda a peça, uma das mais de-testaveis do moderno theatro francez.

No 5º acto, quando cae ferida pela bala da pistola do duque de Bligny, teve uma queda estupendamente bella, como effeito theatral e verdade. Mais uma fulgentissima estrella para a via lactea gloriosa da sua carreira artistica. Garnier fez o papel de Derblay com muita distincção — mesmo um pouco mais do que era natural — e mereceu applausos geraes na grande scena com Clara, no segundo acto. Os demais artistas (Lacroix e Mlle. Malvau com especialidade), representaram a satisfazer.

RECREIO DRAMATICO

Companhia do Théâtre D. Maria II, de Lisboa

DÓRA (*)

No dia 1 do corrente deu esta companhia a segunda recita de assignatura, com a primeira representação da peça, em 5 actos, de Sardou — Dóra.

O nosso publico já a conhece por haver-a visto desempenhada pelas companhias em que trabalharam Brazão e Paladini e pela da Sra. Tessero. Excusado é, pois, contar-lhe o que ella é. Além de que, faltar-nos-iam, provavelmente, para isso tempo e... paciencia.

Dóra é uma das mais brilhantes e mais artificiosas comedias do inimitavel auctor d'Os Intimos.

As *ficelles*, que não são poucas nem todas finas, são manejadas e entretecidas com espantosa habilidade, e movimentam a comedia com tanta subtilidade, tanta graça e tão surpreendentemente, que o espectador o mais ferozmente hostil ao genero sentir-se-á encantado.

O desempenho foi o mais satisfactorio possivel.

As representações d'esta companhia primam sobretudo pela harmonia do conjunto, pela homogeneidade do desempenho.

Na de Dóra — descontada certa indecisão que se notava no travamento dos dialogos, aliás explicavel por ser uma *premiere* e pelas condições perturbadoras do espectáculo em theatro aberto e repleto a mais não poder, — pouco houve a censurar quanto ao *ensemble*. Todos *afinadinhos*; como se diz em gyria de bastidores.

João Rosa, que desempenhava pela primeira vez o papel de Maurillac, fez-o de modo extremamente correcto, dizendo com muito sentimento as scenas mais dramaticas.

Virginia foi uma Dóra muito terna, gentil, encantadora.

Augusto Rosa fez um magnifico Faverolle.

As scenas em que mais se distinguiram esses artistas foram, — entre outras, a da declaração de casamento de Maurillac a Dóra, jogada com muita sinceridade entre João Rosa e Virginia; a da explicação entre Maurillac, Tekli (Baptista Machado) e Faverolle, magnifico trabalho artistico, de admiravel precisão e naturalidade, que foi applaudidis-

(*) E ta noticia não poude ser publicada em o numero passado por falta de espaço.

N. R.

simo; a grande scena do quarto acto entre Maurillac e Dóra, e a esplendida scena da *ratoeira*, no 5º, entre a condessa Zicka (Carolina Falco) e Faverolle. Aquella artista, que havia feito quasi inaceitavelmente o seu papel foi neste acto merecedora de geraes applausos. Uma das causas de não agradar geralmente a Sra Falco são as suas *toilettes* mirabolantes, de possimo gosto, embora ricas. Augusto Rosa fez com muitissima graça toda essa parte do seu papel. Amelia da Silveira foi uma elegantissima e enfeitante princeza Bareatine.

Antunes foi um barão de Kraft irreprehensivel; Costa um Toupin hilariante. D. Luiza Lopes satisfaz no papel de marquez. Todos os restantes artistas concorreram para o bello exito de Dóra. Antes de terminar, notaremos o abuso que fazem todos esses artistas da luva. No quarto acto a marquez e sua filha, estando em casa, indo jantar, estão de luvas até meio braço. E' pouco natural.

*

« O GENRO DO SR. POIRIER »

A mesma companhia deu-nos terça-feira esta esplendida comedia de Augier e Sandeau. A peça, que é um primor de naturalidade e de graça, foi pela primeira vez representada em Pariz, em 8 de Abril de 1851, no Gymnasio. Aqui já ella tambem tem sido representada, o que nos pôde desculpar, com a falta de espaço, de lhe agora não fazermos a critica.

O desempenho que teve a famosa peça de Augier e Sandeau foi muito bom e, sobretudo, muito igual e afinado; notando-se, ainda mais do que no das outras peças, a agradável harmonia do conjunto.

Sahio-se magnificamente o Sr. João Rosa das difficuldades do papel de Gaston. Este excellente artista, de uma sobriedade que ás vezes parece exagerada, nunca poderá ser accusado de excessos de declamação. Se não possui o mesmo fogo, o mesmo brilhantismo de outros artistas que temos visto do seu genero, a todos excede em correcção no dizer e em justeza no agir. Talvez que o possamos achar um Marquez de Presle um pouco pesado, mas isso, quando fosse um defeito, deveria ser levado á conta da sua natureza physica. A scena do terceiro acto com o sogro, no sofá da esquerda, foi desempenhada magistralmente, de uma maneira superior e notavel. A mesma qualidade principal do Sr. Rosa — a sobriedade, obrigamos, talvez, a ser no papel de Gaston um pouco menos estouvado do que convinha áquelle caracter leviano e frívolo. Devemos dizer que este foi o papel mais cuidadosamente feito pelo Sr. João Rosa no Rio de Janeiro.

Silva Pereira, se não é o ideal dos *Poiriers*, satisfaz inteiramente a nossa platéia, já muito habituada á graça especial d'este artista tão estimado e tão conhecido por ella.

O papel do duque de Montmeyran não offerece ensejo para brilhar o talento do Sr. Augusto Rosa, que o fez, entretanto, com a maior distincção e elegancia, e que o disse correctamente.

O Sr. Costa, artista muito engraçado e discreto, representou com muita naturalidade o papel do velho Verdet.

Virginia fez adoravelmente a boa burguezinha Antonieta, sobresahindo o seu trabalho do quarto acto, na altiva dignidade com que fala ao marido, no grito trahidor que solta, ao vel-o partir para o duello e na maneira por que disse a phrase: — « Agora, vá bater-se. »

Os Srs. Bravo, Ferreira, Sulivan e Valle, em pequenos papeis, fizeram tudo que podiam fazer.

MARION DELORME

Do esplendido drama de Victor Hugo extrahio auctor italiano um insignificante libretto de opera, que o finado compositor Ponchielli emoldurou nas galas esplendentes do seu bello talento.

Criticos *scientificos* e *diletanti* classificam diversamente a importante partitura e degladiam-se com o fim de provar que ella é inferior á *Gioconda*, do mesmo auctor, como se isso entrasse nas ideclinaveis obrigações da critica.

Nós não somos criticos; confessamos rudemente e lealmente que da arte musical não temos conhecimentos sufficientes para uma apreciação valiosa da bella opera de Ponchielli.

Portanto, diremos com toda a franqueza que ella nos agradou muitissimo, que por vezes nos deliciao o ouvido com magnificos trechos, e que lhe achamos uma forte accentuação de grandeza, digna de acompanhar as scenas largas e dramaticas da acção, principalmente no 4º acto. Pareceu-nos pouco italiana a musica da *Marion Delorme*; o que temos ouvido de musica alleman faz-nos acreditar que na sua derradeira obra o maestro de Cremona começava a enveredar pelas margens do Rheno, em busca do seu ideal artistico. Pareceu-nos; como tememos dizer uma barbaridade, nada affirmamos sobre este ponto.

O que, porém, podemos affirmar sem hesitação é que a peça, á vista dos applausos que teve, agradou ao publico. Para uma opera conhecida esses applausos seriam insufficientes para a garantia do successo; mas para uma opera nova, inteiramente desconhecida entre nós, e descontada a habitual reserva e desconfiança do nosso publico, os applausos foram mais que os necessarios para demonstrar o agrado que a sua musica mereceu.

Quanto ao desempenho, é que sentimos estar em desacordo com os nossos collegas: pareceu-nos muito abaixo do valor da peça.

Se a Sra. Medea Mey se pôde mostrar mais artista e mais cantora do que nas outras peças em que tem cantado, ainda assim não conseguiu ter em todos os 4 actos a desejavel afinação. Merece muitos louvores a parte dramatica; ahi sim, a Sra. Medea mostrou-se actriz de recursos e de talento.

Esteve infelicissimo o tenor Figner, que tão bem cantou o *Fausto* e a *Favorita*. O pequeno volume da sua voz não se compadece com a largueza do seu papel na *Marion*. Além d'isso deu-nos um typo detestavel, com um *cavaignac* implicantissimo.

Quem muito nos agradou, tanto no canto como na parte dramatica, foi o barytono Lherie. Deu-nos este excellentissimo artista, sem duvida o primeiro da companhia, um Saverny muito bom de ver-se e de ouvir-se.

Brilhou no pequeno papel de Lelio a gentil *primadonna* Mantelli. Tem uma voz bellissima, potente e sonora, e quanto a afinação é o que se pode desejar. Cantou com muita expressão e graça a sua aria do segundo acto e a canção do terceiro.

Esteve muito bom o Sr. Röveri, e digno de applausos calorosos na aria do terceiro acto.

A orchestra e os coros também cumpriram cuidadosamente os seus deveres.

Hontem cantou-se o *Rigolletto*, de que falaremos no proximo numero.

PHENIX DRAMATICA

Este theatro está destinado a renascer mais vezes das proprias cinzas do que a ave que lhe deu o titulo. Agora é o actor Galvão, rodeado de

um grupo de modestos mas trabalhadores artistas, que está encaminhando para ali um publico que presa muito a bolsa e que quer ver bons espectaculos. Com intervalos relativamente pequenos, vai sempre o Galvão pondo em scena peças novas, sendo a ultima *O Mil trovões*, de Baptista Machado, que tem atrahido enorme concurrencia áquella casa de espectaculos.

Boa *mise-en-scene*, bom desempenho e boa escolha das peças, tudo por pouco dinheiro, não será caso para que o publico vá ali passar em revista um enorme repertorio?

Se querem melhor, só mais caro...

ILLUMINAÇÃO INTERIOR

My love, give me thy lips,

Shakespeare—King Henry V.

Fitas d'ouro bordando o morro e a encosta...
Vestido argenteo que a cinge, e ondula e bolha...
Igneas rosas que o ceu sobre elle esfolha...
E ante isso a alcova, a um claro-escuro exposta.

Tens medo? o amor d'este silencio gosta...
Que suor frio a tua fronte molha...
Encosta a bocca á minha bocca, encosta...
Oh! que o beijo murmure apenas, olha...

Baixo, caricias; ouvem-nos fazel-as;
Põe o d'ado de rosa ao labio, aurora;
Deuses e deos, passae, passae, sem vel-as.

Luz, fica á porta, espera-nos lá fora;
Rolae ao fundo de minh'alma, estrelas,
Onde ella está, onde a festojo agora.

LUIZ DELFINO,

SPORT

Apezar do tempo chuvoso realison o Jockey-Club o seu programma do dia 13 do mez passado, neste ultimo domingo. As corridas em geral estiveram animadas, não obstante a pouca concurrencia que d'esta vez foi bastante sensivel. Os pareos foram regularmente disputados e sahiram vencedores os animaes mais ou menos conhecidos como superiores.

Sentimos profundamente ainda ter de censurar factos que affectem a moralidade d'essas associações seriamente constituidas e que tenham vindo publicamente confirmar a execução d'elles.

A catastrophe visivel que se deu no 6º pareo entre os animaes *Monitor*, *Plutus* e *Flotsam* encheu-nos de grande consternação.

Antes de finalizar o pareo já se sabia perfectamente que alguma cousa succederia durante a corrida e que *Flotsam* não levava ordens de bater *Plutus*, e que portanto *Monitor* dava-lhe a preferencia como vencedor. Mas não esteve pelos autos o joven Gustavo jockey do *Flotsam* que inesperadamente venceu os seus competidores.

Aconselhamos aos proprietarios independentes que se deixem d'essas combinações, que não só lhes são prejudiciaes como tambem ás sociedades que com tantos sacrificios conferem sommas avultadas em premios, estimulando a seriedade e o devido respeito que a ellas deve ser tributado.

Passemos ao resultado dos pareos:

No 1º pareo (1800 metros) sahio vencedora em 128 segundos, facilmente, *Sibylla*. *Aurora* em 3º. *Diva* teve o 2º lugar.

No 2º pareo (1300 metros) correram *Pip*, *Plutão II*, *Flotsam* e *Monitor*. Estes dois ultimos disputaram o pareo muito bem, vencendo *Monitor* apenas por cabeça (com esforço ficticio) em 91 segundos. *Flotsam* teve o 2º, *Plutão* o 3º e *Pip* o 4º.

No 2º pareo (1800 metros) bateram-se *Gaudirole* que teve o 4º, *Fanfaron* o 8º, *Cheapsride* a bagagem e *Scylla* que teve o 2º lugar, fazendo boa corrida, apezar de *Phrynia* ter sabido muito adeantada e vencer a distancia em 120 segundos. *Speciosa* não correu.

O 3º pareo não se effectuou.

No 5º pareo (1300 metros) apenas correram *Aurelia* que teve o 5º lugar, *Aranha* o 6º, *Peralta II* o 4º, *Intima* o 3º, *Nicoasfo* o 2º, porque tambem levou ordens para não ganhar, e *Ivon* o 1º em 100 segundos. *Sartarelle*, *Galana* e *Favorita* não correram.

No 6º pareo (1300 metros) foram á raia *Judia*, *Hippomenes*, *Monitor*, *Plutus* e *Flotsam* que contra a vontade do proprietario ganhou a corrida em 91 segundos e por combinação por elle declarada para não bater *Plutus* animal destinado ao 1º lugar, por arranjo. *Judia* teve o 2º lugar, *Monitor* o 3º e *Hippomenes* o 5º. Enfim, foi um pareo muito triste.

No 7º pareo (2000 metros) venceu facilmente em 135 segundos *Charybdes*. *Plutão* teve o 2º e *Bolivar* o 3º. *Dr. Jenner* continua a desmoralisar o nome do descobridor da vaccina.

No 8º pareo (1600 metros) em 112 segundos venceu *Bayocco* no freio, mas *Druid* tambem veio no freio ao lado de *Bayocco*. Quem não entende, diria: houve *tamandua*! mas o *Bayocco* até hoje tem mostrado ser superior a *Druid*. *Guanaco* teve o 3º. *Bonita* e *Biscaia* não correram.

No dia 6 do corrente esta distincta sociedade reuniu-se em assembléa geral e elegeu para as quatorze vagas de membro de conselho os distinctos socios—*Dr. Gaudie Ley* com 105 votos; *Joaquim Lameiras* com 83; *Dr. Carlos Sampaio* com 92; *José Gonçalves* com 163; *Belmiro Rodrigues* com 104; *Conde de Herzberg* com 100; *Erico Pena* com 162; *Domingos Guimarães* com 156; *Valentim da Fonseca* com 135; *Dr. A. Pinheiro* com 98; *José Joaquim Lobato* com 87; *Dr. Julio Ottoni* com 92; *Dr. Santos Titara* com 96; *Henrique Possolo* com 101—e assim ficaram preenchidas todas as vagas. Parabens ao Jockey Club.

Desejamos que entre novamente em prosperidade.

Estão annunciadas para amanhã as corridas do *Derby Club*. O programa é estupendo e realmente digno de ser elogiado.

Deve ser brilhante a corrida do grande premio *Derby Nacional*. Inscreveram-se neste pareo os primeiros e os melhores productos nacionaes!

Desejamos uma enchente real. O Deus Azar os esperará.

L. M. BASTOS

O defeito intellectual mais commum é a falta de juizo. A sociedade, em geral, não ignora só a educação do juizo, mas tambem até essa ignorancia.

FARADAY.

EDUARDO COIMBRA (*)

VERSOS ESCRITOS DEPOIS DO ENTERRO DO
MALLOGRADO MOÇO

*Impossivel? Nem sei; mas eu vi-te gelado,
Pallido, inerte, morto, os olhos já sem cór...
Dixias 'inda ha pouco: — E' breve o meu noivado,
Não tarda a vir a Morte, a Noiva, o meu Amor!*

*E chegou finalmente o instante desejado,
Ou temido talvez, meu pobre sonhador...
O luar, commovido e triste e macerado,
Nos ciprestes chorava a sua immensa dôr.*

*Nós dissemos-te adeus! beijámos-te chorando...
Um Christo glacial, os olhos alongando,
Tremia quando ouviu fechar o teu caixão,*

*Ao rythma virginal da simples elegia
Que a uma santa criança, inanimada e fria,
Entoava soluçante o nosso coração.*

JOAQUIM DE ARAUJO

(*) O auctor d'este soneto, em menos de 15 dias, abria com um prologo o livro dos *Dispersos*, de Eduardo Coimbra e fechava, por piedoso encargo da familia, o caixão do moço poeta, morto aos 16 annos de idade!

N. DA R.

Dae-me a «educação» que eu mudarei
a face da Europa em menos de um se-
culo.

LTZ. NBIEI

CORREIO LITTERARIO

« OS CRIMES DE UM MARQUEZ. »

O Sr. João Samuel, de Cataguazes, escreveu em 1834 e publicou este anno, em nitida impressão da typographia Lombaerts & C., um romance de 107 paginas, dividido em duas partes.

Após os titulos, a declaração de que «são reservados os direitos do auctor» e tres dedicatorias, o Sr. João Samuel consigna estas tres linhas á indulgencia do leitor:

« Contando apenas 15 annos, não poderia apresentar ao publico mais do que este meu pequeno e insignificante trabalho. »

Ha aqui, evidentemente, da parte do estreiante, uma falsa idéia preconcebida: que tivesse o dever de apresentar qualquer trabalho ao publico; que o publico tivesse o direito de lhe exigir a apresentação do que quer que fosse.

Publicou a sua historietta porque muito de sua vontade o quiz; tão criança a escreveu porque entendeu que já a podia escrever.

E' certo que Victor Hugo tinha, pouco mais ou menos, essa idade quando se estreou no romance com o *Han d'Islande*; mas não é menos certo que havia qualquer differença entre o menino que assombrou a Chateaubriand e o nosso precoce novellista.

Digamos desde já, para allivio da consciencia, que o sr. João Samuel ainda não está bem corrente na grammatica portugueza; diverte-se um pouco com a syntaxe quando diz, pela bocca de um conde, á pag. 17 do livro: «—Então vá, que eu fico te esperando», ou quando, á pag. 21, obriga um visconde a dizer: «—Foi a casa de Adriano e chamet-the como o senhor disse»; mostra haver passado a velocipede pelo

capitulo da pontuação quando, á pag. 51, escreve d'esta maneira: «Quando o Marquez e seu cumplice chegaram á porta, aquelle tocou a campainha, nem bem tinlia sahido o som quando appareceu um criado, isto prova que pelo barulho que fez a carruagem, ficou admirado porque quasi nunca apparecia alguém lá, o criado chegando olhou para o Marquez».

Como romance, isto é, como observação, como desenvolvimientto logico de factos e de caracteres, como reprodução artistica de scenas da vida humana,—ou, admittido que se quizesse filiar ao genero romantico, como concepção de entidades á feição de sua phantasia, como conjuncto de idealisações mais ou menos estheticas—o livrinho do sr. João Samuel é uma infantilidade de principio a fim.

Os seus personagens, que na pequena novella, se multiplicam a olhos vistos, como se se reproduzissem por scissiparidade, surgen, declara-se-lhes a idade (num encantador estylo de obituario ou de qualificação de testemunhas), dão meia duzia de passos, dizem outras tantas phrases e morrem como moscas.

Na primeira parte, em 32 paginas, morrem oito; na segunda, 64 paginas, morrem mais cinco. E' um morticínio, uma epidemia. Isto não é um romance: é um cemiterio.

Para este funebre resultado contribuem as seguintes causas declaradas: um parto, «uma grande paixão», uma grande orgia com phytica final, um susto, um envenenamento, um duelo, «uma furiosa crise de loucura», uma facada e um tiro de revólver.

Entre as singularidades dos incidentes, ha estas duas, dignas de ficarem collocadas em responsencia: um pae que possui mais de cinco millhões, e que dá ao filho, para um passeio pela Europa, um milhão; um fidalgo, que, em recompensa de serviço importante do seu criado grave e de confiança,—o qual, em acto de lh'o prestar adeantára do seu bolso quinhentos réis,—retribue-lhe tudo com uma nota de dez tostões.

O nome de João Samuel vae para o meu canhenho: não me torna a apanhar este mancebo, ainda que viva muitos outros quize annos e chegue a escrever como Daudet ou Eça de Queiroz.

Valença, 23 de junho de 1836.

LUCIO DE MENDONÇA

Em vez de ser irreligiosa a Sciencia, o desprezo da Sciencia é que é irreligioso.

SPENCER.

A VINGANÇA DA PORTA

Era um habito antigo que elle tinha:

Entrar dando com a porta nos batentes.

—« Que te fez esta porta? » A mulher vinha

E interrogava. Elle, cerrando os dentes:

—« Nada! Traze o jantar. » Mas á noiteinha

Calmava-se. Feliz, os innocentes

Olhos revê da filha, e a cabeceinha

Lhe affaga, a rir, com ambas as mãos trementes.

Uma vez, ao tornar á casa, quando

Erguia a aldraba, o coração lhe falia:

—« Entra mais devagar... » Para, hesitando...

Nisto nos gonzo range a velha porta,

Ri-se, escançara-se... E elle vê na sala

A mulher como douda e a filha morta!

ALBERTO DE OLIVEIRA

AQUI, ALI, ACOLÁ

As visitas ao Pantheon, por occasião do primeiro anniversario da morte de Victor Hugo, não provocaram nenhum incidente curioso.

O numero de visitantes não subiu a quinze mil. Temia-se uma affluencia muito maior, e, em vista d'isso, foram tomadas precauções especiaes. Foram porem absolutamente inuteis, e o papel da policia limitou-se a moderar de vez em quando o zelo mercantil d'uma multidão de veudithões, que offereciam ruidosamente ao publico lembranças, retratos de Hugo e emblemas commemorativos de toda especie.

Na manhã de sabbado o Sr. e a Sra. Lockroy, acompanhados dos netos do poeta, Georges e Jeanne Hugo, chegaram em primeiro lugar e ficar um cerca de uma hora na crypta funeraria.

Poucas corôas, no maximo umas dez, foram depositas sobre o ataude nos dois dias de exposição.

Nenhuma d'estas corôas foi levada por delegações. As deputações, cuja vinda fora annunciada, não appareceram.

As diversas homenagens prestadas á memoria do poeta foram todas particulares.

A's cinco horas e meia fecharam-se as portas do Pantheon e as trezentas ou quatrocentas pessoas que ainda estavam presentes nessa occasião retiraram-se tranquillamente.

Já fora notado o mesmo esquecimento e a mesma indifferença para com os tumulos de Thiers e Gambetta, que tiveram uma tão grande popularidade quando vivos.

Les absents ont toujours tort.

A vinte de Agosto próximo completará cem annos o decano dos sabios francezes, o Sr. Chevreul.

Os membros da commissã da «Associação Geral dos Estudantes» lembraram-se, por causa das ferias universitarias, que conviria celebrar o centenario do velho sabio no dia 1 ou 2 de Agosto.

Um busto em bronze do Sr. Chevreul deve ser adquirido por subscrição, e dar-se-á um *punch* ministro no jardim do Luxemburgo, illuminado a *giorno*.

Cada estudante deverá apresentar o seu cartão para ser admittido; pagará dois francos á entrada e será portador de um lampeão que servirá para a illuminação do jardim.

Conta-se com uns quinze mil manifestantes.

Eis uma festa que não requer grande organização e que promette ser tão alegre quanto original.

O volapuck tem concorrentes. ¹

O *nal-bino*, uma nova lingua inventada por uma liegense, é, parece, simples, facil e harmoniosa.

Se cada um deve crear uma lingua universal, seria mais sensato não aprendermos nenhuma d'ellas e estudarmos unicamente a lingua de nossos paes.

PASSEPARTOUT

FACTOS E NOTICIAS

CONGRESSO GYMNASICO PORTUGUEZ

A directoria d'esta associação offereceu no ultimo sabbado uma bella *soirée* áquelles de seus consocios que mais a têm auxiliado em promover.

realisar as differentes diversões que têm tido logar na mesma associação.

O salão principal achava-se elegantemente ornado, e cerca de duzentos pares tomaram parte nas danças, que se prolongaram animadamente até á madrugada do domingo.

Antes do baile foram exhibidos por alguns socios diversos trabalhos de gymnastica e esgrima, seguindo-se-lhes uma profusa ceia, em que foram trocados os mais affectuosos brindes entre a digna directoria, representada pelo seu presidente, Sr. commendador Leite de Carvalho, os socios do club e os representantes da imprensa.

COFRE DAS GRAÇAS

O Sr. barão W. tem um filho *qui fait la noce* sempre que pôle. Um dia, ao entrar em casa ás 3 horas da madrugada, é recebido pelo barão, que lhe diz severamente:

— Então, que hora é esta de se recolher um filho-familias, um moço que se présa?

O rapaz desculpou-se como poudé e recollheu-se ao quarto. Na noite seguinte deu-se o inverso:— O barão recolhia-se ás 4 horas, sendo recebido pelo filho, que lhe disse com seriedade caricata:

— Então, que hora é esta de se recolher um pae de familia, um ancião que se présa?

O barão encarou o rapaz, mordeu o bigode e por fim disse-lhe:

— E' para veres o que são os máus exemplos. Estás me pando a perder, Joãozinho.

BIBIANO

GAZETILHA LITTERARIA

Está publicada uma segunda edição, refundida e muito augmentada, da *Grammatica Portuguesa* de Julio Ribeiro.

São seus edictores Teixeira & Irmão, de S. Paulo. Foi impressa no Porto e tem 360 paginas.

Mais de espaço nos occuparemos com esta importantissima grammatica, que mereceu de André Lefèvre, Theophilo Braga, conselheiros Viale e Ruy Barbosa as mais lisongeiras palavras de elogio.

O distincto moço Sr. Alfredo de Paiva vaé proximamente fundar em Petropolis um periodico mensal, de caracter litterario, o qual será por elle dirigido sob o titulo—*Gazeta Litteraria*, e que terá a collaboração de muitos dos nossos mais estimados escriptores. Seja bem vinda a futura collega, á qual desde já almejamos vida prospera, longa e honrosa.

V.

TRATOS Á BOLA

Muitos decifradores se apresentaram a disputar o nosso premio, *bom como quê*. Infelizmente, embora quasi todos acertassem, não podíamos premiar os esforços de todos, porque ha só um premio, e esse pôde vir recebê-lo o Sr. AVECÊ que foi o primeiro que nos visitou.

Só erraram os *Srs. Elmano Arievio, Guilhermino França e Laurindo de Souza.*

Eis as decifrações: *Bilontra, Paralelipipedo, Calceta, Duvida, Mulher-Homem.*

Acertaram tambem: *Pepe, D. Josephina B., Nemo de Sapucaia, Honorio Esteves, D. Cacilda da Silveira, D. Gusman Moraes y Tulipano, Palmyra Borba, Zé dos Pasteis, Um charadista da roca, Frinical Vassico, Fausto Junior, Mané Quim e a Exma. Sra. D. Maria E. da Cruz Almada, a distincta auctora da polka José do Egypto.*

Com os *tratos* de Frei Antonio os nossos tratistas eram menos felizes que com a gentil *D. Rhéa-Sylvia*. E' que o frade era mais cruel...

Inserimos em seguida algumas charadas que nos foram gentilmente offerecidas pelo Sr. *K. Ligula*. O primeiro decifrador exacto abiscoitará um premio de arromba.

Eil-as:

Só na China é que se vê—1
Um vestuario exquisito—2
Pois trazendo o cavalleiro
Fica-lhe muito bonito.

Deslisa, á lua, serena,—2
Lembrando uma ave mimosa—2
Não ouves? Pois olha, é pena...
Oh! que musica maviosa!

Parte o meio que verás—1
Como ella logo te aquece—1
Mas se tu fores cantando—1
A primeira te carece...—1

CONCEITO

No verão é p'occupada...
Se é melhor que limonada!

2—2—Na cosinha, na cosinha, na cosinha.

1—1—Sendo ruim, na China, que pena, homem!

1—1—2—Esta virtude é esta flor na terra é mulher.

1—2—No jury, no telhado, no mar.

K. LIGULA.

ANNUNCIOS

Dr. João Botelho, medico e operador; molestias venerreas, syphiliticas e das vias urinarias. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicações medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 51, por cima da antiga pharmacia Fragoso, das 12 ás 3 horas.

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31. do meio-dia ás 2 horas.

Lindolpho Coimbra—Bacharel em bellas artes: photographo, chímico e oleographo.
Rua de Santo Antonio—Santos.

Dr. Arthur Paoliello.—Medico—Especialidade: partos e molestias do utero. Muszumbinho—Minas.

Augusto Luz.—incumbe-se gratuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzumbinho—Minas.

F. L. STRONG

CIRURGIÃO DENTISTA

RUA SETE DE SETEMBRO, 51

TELEPHONES

E

CAMPAINHAS ELECTRICAS

Faz-se todo e qualquer trabalho, garantido e por modico preço

RUA DOS GUSMÕES, N. 10—S. PAULO

Joaquim Francisco Lima.

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o *Café Oriente*, da fabrica a vapor do Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25

9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta—annuncio.

CLUB OLYMPICO GUANABARENSE

NICTHEROY

29 RUA DE SANTA ROSA 29

As corridas annunciadas para o dia 4, e que não se realizaram em consequencia do máo tempo terão logar

Domingo, 11 de Julho de 1886

O 1º SECRETARIO, J. DE CASTRO

DERBY-CLUB

PROGRAMMA DA SETIMA CORRIDA A REALIZAR-SE EM 11 DE JULHO DE 1886

A'S 11 3/4 HORAS DA MANHÃ EM PONTO

GRANDE PREMIO DERBY-CLUB

A's 11 3/4—1º pareo—LEMGRUBER—1.450 metros—Poldros e poldras estrangeiros, de 2 annos—
Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 50\$ ao terceiro.

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Africana.....	Zaino.....	2 annos	Rio da Prata.	43 kilos	Verde e ouro.....	D. Olga L. da Costa.
2	Frou-Frou.....	Idem.....	2 »	França.....	43 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
3	Camelia.....	Alazão.....	2 »	Idem.....	43 »	Azul e grénat.....	Coud. Santa Cruz.
4	Castiglione.....	Zaino.....	2 »	Idem.....	45 »	Azul e amarello.....	Idem.
5	Pansy.....	Idem.....	2 »	Rio da Prata.	43 »	Cereja, verde e amarello....	V. M.
6	Diana.....	Alazão.....	2 »	França.....	43 »	Grénat e boné ouro.....	Oscar Machado.
7	Echeron.....	Zaino.....	2 »	Idem.....	45 »	Grénat e rosa.....	Coudelaria Modesta.

A's 12 e 30 minutos da tarde—2º pareo—SEIS DE MARÇO—1.450 metros—Animaes do paiz até meio sangue, que ainda não tenham ganho no Derby—Premios: 400\$ ao primeiro, 80\$ ao segundo e 40\$ ao terceiro.

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Sartarelle.....	Preto.....	5 annos	Paraná.....	54 kilos	Geranium e ouro.....	J. W.
2	Aurora.....	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	50 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga
3	Paulicéa.....	Castanho.....	4 »	Idem.....	50 »	Encarnado, branco e ouro.	Coudelaria Paulista.
4	Araby.....	Alazão.....	4 »	R. de Janeiro.	52 »	Ouro e encarnado.....	D. A.
5	Tufão.....	Castanho.....	3 »	Idem.....	49 »	Verde e ouro.....	Andrade.
6	Biscaia.....	Alazão tost... 4 »	4 »	S. Paulo.....	50 »	Azul e amarello.....	Coud. Santa Cruz.
7	Americana.....	Tordilho.....	4 »	R. de Janeiro.	50 »	Encarnado, branco e preto.	M. L. de Carvalho.
8	Lucifer.....	Vermelho.....	5 »	S. Paulo.....	54 »	Azul e palha.....	J. L. L.
9	Iron.....	Zaino.....	4 »	Paraná.....	52 »	Preto, branco e encarnado.	C. P.
10	Peralta II.....	Castanho.....	4 »	Idem.....	52 »	Azul e manchas eucarnadas	Idem.
11	Villa-Nova.....	Zaino.....	4 »	Idem.....	50 »	Azul, branco e amarello....	Coud. Esperança.
12	Pampeiro.....	Castanho.....	3 »	Rio Grande...	49 »	Preto e encarnado.....	Joaquim de A. Silva.

A' 1 1/4 horas—3º pareo—COSMOS—1.609 metros—Inteiros e eguas de qualquer paiz—Premios: 800\$ ao primeiro, 250\$ ao segundo e 120\$ ao terceiro

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Scylla.....	Castanho.....	3 annos	Inglaterra....	49 kilos	Havana e branco.....	Coudelaria Alliança.
2	Charybdes.....	Idem.....	3 »	Idem.....	49 »	Azul e ouro.....	Idem.
3	Phrynéa.....	Idem.....	4 »	Idem.....	56 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
4	Nandá.....	Idem.....	5 »	Idem.....	56 »	Setim br. e manchas pretas.	M. U. Lemgruber.

A's 2 horas—4º pareo—RIO DE JANEIRO—2.000 metros—Inteiros e eguas de qualquer paiz—
Premios: 1.200\$ ao primeiro 400\$ ao segundo e 200\$ ao terceiro.

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Speciosa.....	Alazão.....	4 annos	Inglaterra....	50 kilos	Azul e grénat.....	Coud. Internacional.
2	Satan.....	Castanho.....	3 »	França.....	49 »	Grénat e bonet ouro.....	Mario de Souza,
3	Plutão.....	Alazão.....	6 »	Idem.....	54 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
4	Comtesse d'Olonne ...	Idem.....	5 »	Idem.....	54 »	Havana e branco.....	Coudelaria Alliança
5	Atalanta.....	Castanho.....	6 »	Inglaterra....	52 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.

A's 3 1/2 horas—5º pareo—PROGRESSO—1.609 metros—Animaes do paiz até meio sangue—
Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Guanaco.....	Alazão tost... 7 annos	7 annos	Paraná.....	54 kilos	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga
2	Africa.....	Preto.....	8 »	Idem.....	52 »	Encarnado branco e ouro..	Coudelaria Paulista.
3	Druid.....	Tordilho.....	4 »	R. de Janeiro.	56 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
4	Aymoré.....	Castanho.....	6 »	S. Paulo.....	56 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
5	Mandarim.....	Rosilho.....	4 »	Idem.....	54 »	Preto branco e encarnado..	Coud. Paraíso.
6	Vampa.....	Zaino.....	4 »	Rio Grande...	52 »	Azul e manchas encarnadas	Idem idem.
7	Bayoco.....	Castanho.....	5 »	S. Paulo.....	56 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
8	Boyardo.....	Alazão.....	5 »	Idem.....	56 »	Branco e estrellas azues....	Coud. Guanabara,

A's 3 3/4 horas—6º pareo—GRANDE PREMIO DERBY-CLUB—3.200 metros—Inteiros e eguas do paiz—Premios: 5.000\$ ao primeiro, 1.200\$ ao segundo, 600\$ ao terceiro e 300\$ ao quarto.

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Sybilla.....	Zaino.....	4 annos	S. Paulo.....	47 kilos	Azul, br. enc. e faixa preta.	Coudelaria Cruzeiro.
2	Sylvia II.....	Alazão.....	5 »	Idem.....	49 »	Idem idem idem.....	Idem idem.
3	Talisman.....	Idem.....	7 »	Idem.....	52 »	Azul, br. encarnado e faixa.	Idem idem.
4	Boreas.....	Castanho.....	5 »	Idem.....	57 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
5	Pery.....	Idem.....	6 »	Idem.....	52 »	Encarnado, branco e preto.	M. S. Ferreira.

A's 4 horas e 30 minutos—7º pareo—HANDICAP—1.750 metros—Animaes de todos os paizes—
Premios: 800\$ ao primeiro, 250\$ ao segundo e 120\$ ao terceiro

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Victoria.....	Zaino.....	3 annos	Inglaterra....	47 kilos	Vermelho.....	B. B.
2	Cheapside.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	50 »	Encarnado, branco e ouro..	Coud. Paulista.
3	Macaréo.....	Idem.....	5 »	S. Paulo.....	48 »	Azul e amarello.....	Coud. Santa Cruz.
4	Coupon.....	Idem.....	3 »	França.....	61 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
5	Boltvar.....	Castanho.....	6 »	Idem.....	58 »	Havana e branco.....	Coudelaria Alliança.
6	Gaudriole.....	Idem.....	3 »	Idem.....	56 »	Azul e ouro.....	Idem.
7	Aspasia.....	Idem.....	4 »	Inglaterra....	60 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
8	Dr. Jenner.....	Zaino.....	3 »	Rio da Prata.	52 »	Granada e bonet ouro.....	Arthur Aguiar.
9	Dignitaire.....	Alazão.....	3 »	França.....	49 »	Preto branco e encarnado..	Coudelaria Paraizo.
10	Fanfaron.....	Idem.....	4 »	Idem.....	54 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes

A's 5 horas—8º pareo—EXCELSIOR—1.450 metros—Poldros e poldras nacionaes de 3 annos—
Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Flotsam.....	Zaino.....	3 annos	S. Paulo.....	49 kilos	Vermelho.....	A.
2	Zephiro.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	49 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
3	Judia.....	Tordilho neg. 3 »	3 »	Paraná.....	47 »	Azul e amarello.....	Coud. Santa Cruz.
4	Pip.....	Pampa.....	3 »	S. Paulo.....	49 »	Azul e branco.....	B. V.
5	Feticceira.....	Alazão.....	3 »	R. de Janeiro.	47 »	Grénat e rosa.....	Coudelaria Modesta.
6	Oniz.....	Castanho.....	3 »	S. Paulo.....	49 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 17 DE JULHO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 81.

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

SUMMARIO

Expediente.....	
Política e políticos.....	TOB.
Contos e premio.....	
Companhia dramatica portugueza.....	V. M. E F. A.
No Calvario, soneto.....	V. DE CARVALHO.
E. F. Leopoldina.....	F. DE ALMEIDA.
Musica e musicos.....	GALLI-LÉO.
Jornaes e revistas.....	M. V.
Uma quadra de.....	A DO QUENTAL.
Theatros.....	P. TALMA.
Suspiros, versos.....	A. PARAISO.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Factos e Noticias.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÔRTE	
Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000
PROVINCIAS	
Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

Aos senhores assignantes em atraso, que até 31 do corrente não saldarem os seus debitos, será suspensa a remessa da folha.

Estamos suspendendo a remessa d'A *Semana* a todas as folhas que — do imperio como do Estrangeiro — comnosco não têm permutado.

Remettel-a-emos, porém, a todos os collegas novos que nos honraram com a sua visita e aos antigos que comnosco entrarem a permutar.

Está concluida a impressão dos *Vinte Contos*, mas com o trabalho de brochar e de imprimir a capa, o livro só poderá começar a ser distribuido d'aqui a mais alguns dias.

POLITICA E POLITICOS

Se o voto do Senado na fala do throno tivesse sido proposto na camara dos deputados, o Sr. Cotegipe estaria a esta hora no seu terraço, sem as graves preocupações de governo, a ver descandadamente com o seu oculo de longa mira a nossa esquadra de callhambeques e tartarugas. O resto do ministerio estaria tambem fora do encargo dirigente; o Sr. Prado iria continuar proveitosamente a sua politica negativa de immigração na simples cadeira de deputado; o Sr. Mamoré veria correr o marfim sobre a hygiene publica; o Sr. Alfredo Chaves deporria as dragonas de general; o Sr. Mac-Dowell continuaria a fazer as orações que lhe ensinou o Sr. Siqueira Mendes; o Sr. Joaquim Delfino rejuvenesceria no pimpolho que tem na Camara; e o illu-trado Sr. Belisario deixaria—quem sabe se com prazer?—

a pasta onde tão boa administração poderia fazer se não encontrasse resistencias pequeninas de amigos e altas imposições do alto.

Mas o senado não faz politica. Assim o temos entendido no systema parlamentar; assim o entendeu o Sr. de Cotegipe,— que disse não sujeitar-se a imposições do Senado, e que seria governo enquanto tivesse a *confiança da Corôa*, vendo-se por isto que S. Ex. faz tanto caso da propria Camara, como da primeira camisa que vestio.

Vejamos, porém, os termos em que corre a questão, e vejamos como fica collocado o Governo depois do voto do Senado. O Governo escreveu a fala com que a phonographia imperial deleitou o ouvido das camaras reunidas. N'essa fala dizia-se que « a lei de 28 de Setembro de 1885—(lei que até na data foi um violento attentado contra a memoria do illustre estadista Visconde do Rio Branco) foi fiel e lealmente executada. » Agitou-se na camara a questão do regulamento que baixou para a execução da tal lei, e ficou sabido que havia senadores e deputados que entendiam que o Governo roubou o direito de libertar-se o escravo pela lei de 1831, supprimindo dolosamente da lista da matricula a declaração da naturalidade; que o Governo roubou ainda o escravo em 15 mezes de liberdade, mandando criminosamente que a depreciação se fizesse da data da matricula, em vez da data da lei; que o Governo roubou ainda o direito de liberdade do escravo, oppondo obices ao generoso movimento libertador da Côte, abrindo o porto da cidade de S. Sebastião ao commercio negro da provincia do Rio; que, finalmente, o Governo violou a prescripção do direito que manda entender em favor da liberdade os pontos omissos da lei, tornando expressa disposição de demora para a escravatura aquillo que era disposição omissa, que devia favorecer a libertação dos escravos. Os senadores e deputados que assim entendiam, podiam julgar que o Governo era tudo, menos fiel, menos leal.

O Senado, em virtude da emenda apresentada ao projecto de resposta á fala do throno, supprimio aquelle topico a que acima alludimos, e d'essa suppressão ha duas consequencias.

Primeira, que o governo mentio á Corôa e obrigou a Corôa a mentir, lendo semelhante declaração á assembléa geral; segunda, que o Governo não tem executado leal e fielmente a lei de 28 de Setembro.

O Senado não é corporação politica. Os eleitos dos partidos militantes, ao transporem os humbraes d'aquella Sibiria, deixam cá fóra o rotulo com que se distinguiam. Portanto, politicamente falando, esse voto, entende-se, não podia influir na vida do gabinete. Mas quem nega o effeito moral de semelhante affirmação, solemnemente effectuada por meio de uma votação dada por uma corporação altamente collocada e creada para fazer parte da assembléa geral pela Constituição politica do Estado?

Esse valor moral ha de perdurar sempre. O seu effeito já calou no animo publico e todo o publico sabe que o Senado disse que o o Governo foi desleal e infiel na execução da lei do elemento servil. Quando a commissão levar a Sua Magestade a resposta á sua fala, Sua Magestade saberá tambem que o Governo fez o rei mentir, dizendo uma cousa inexacta. E por maior que seja a vida d'este gabinete— nunca ha de ser esquecido que o Senada brasileiro affirmou, pelos meios de que dispunha, aquillo que na linguagem commum é a mesma cousa que dizer-se particularmente a um individuo:

— Você é um larapio, um infiel e um desleal.

A Camara— um, dois, tres, passe!— tirou da carteira de José Marianno o seu diploma e passou-o para o bolso do Sr. Theodoro Machado.

Chamamos para o facto a attenção do subdelegado de policia da freguezia de S. Jesé.

Péga!

TOB.

CONTOS A PREMIO

São já por nós conhecidos os auctores do 2º e 3º contos premiados, que se haviam modestamente encapuchado em pseudonymos.

Coronel Marrioni, a quem coube o segundo premio, é o Sr. Manoel Carneiro, um joven escriptor de talento, que é homonymo do director do *Diario de Noticias*; e W é a nossa gentil e saudosa collaboradora D. Julia Lopes.

Publicaremos os seus contos nos dois proximos numeros.

Companhia dramatica portugueza

Na terça-feira tivemos a satisfação de receber a visita do sympathico director d'esta companhia, o notavel actor João Rosa, que, acompanhado por seu irmão Augusto Rosa, nos veio gentilmente explicar a sua posição na companhia que dirige.

O Sr. João Rosa é, como os demais artistas d'aquella companhia, simples contractado de uma empresa. A sua direcção é exclusivamente artistica, e, por isso, não pôde elle ser responsavel pelos actos da empreza contractante.

Nós, porém, ao formularmos a nossa reclamação do numero passado, guiámo-nos pelos annuncios da companhia,

nos' quaes não apparece outro nome senão o do Sr. João Rosa, sem declaração de que elle seja apenas director scenico.

Acceitamos, entretanto, as delicadas explicações do Sr. Rosa e damos por terminado este incidente, do qual tirámos o proveito de verificar que não nos enganavamos quando julgavamos os irmãos Rosa cavalheiros de fina educação e extremada gentileza.

A' empreza da companhia dramatica portugueza não farenos reclamação alguma.

VALENTIM MAGALHÃES.
FILINTO D'ALMEIDA.

NO CALVARIO

A VALENTIM MAGALHÃES

Conta a lenda que no momento pavoroso
Em que a alma do Christo alou-se d'esta vida,
Sentio-se estremecer a terra commovida,
E a noite abriu no espaço o crépe luctuoso.

Como que immensa dôr unanime assaltava
A natureza toda; e, extraordinariamente,
O mar, o proprio mar, o eterno combatente,
Ungio de piedade a voz roufenha e cava.

O drama do Calvario, a merencoria scena
Do Christo que morria, angelica assucena,
Ante os olhos da Mãe, as pedras commovia;

Commovia o oceano, o espaço... Unicamente
Dos carrascos a-turba olhava indifferente
O'cadaver do Christo e o pranto de Maria...

VICENTE DE CARVALHO,
Santos.

ESTRADA DE FERRO LEOPOLDINA

(Conclusão)

Pelo caminho foi-nos dizendo um dos moradores do logar que a escola não tinha mais alumnas, por serem muitos paes contrarios, em politica, ao partido do mauido da professora. Abstivemo-nos prudentemente de commentar esta perniciosa e patusca influencia da politica na instrucção primaria, por nos tranquillisar o nosso informante, dizendo-nos que já se estava preparando uma moça do outro partido para prehencher a vaga da primeira cadeira. Escola publica do sexo masculino não ha nenhuma no Rio Branco.

Entrámos na igreja. Pobre e desolada matriz! Nunca vi um templo catholico tão desataviado e tão nú. Paredes de madeira lisa pintada de branco, tecto abobadado, egualmente branco, com a tincta resequida e estalada, cheio de largas nodoas da agua infiltrada pelos intersticios das taboas desconjunctadas; assoalho velhissimo e esburacado, apenas com algumas taboas novas na parte superior da nave. Para o pulpito sobe-se por uma escada portatil. O altar môr é occupado por S. João Baptista. Aos dois lados do altar môr, ha, sobre peanhas toscas, duas imagens de sanctos. Uma d'ellas, a da direita, causou-nos certa estranheza: era de rosto trigueiro, e as mãos, uma das quaes tinha apenas dois dedos, estavam inteiramente negras. Oscillámos entre S. Francisco Xavier e S. Benedicto; mas o sachristão, que

acompanhava no exame, esclareceu-nos, solicito: era S. Francisco. As mãos estavam ennegrecidas pelo acido das velas de cera. Era o demonio, o acido das velas; que reparassemos no tecto do altar môr: estava tambem quasi preto pela acção do mesmo acido.

Este sachristão, muito orgulhoso do seu templo, disse-nos ser quem imbrincava a igreja nas occasioes de festas solemnes. Era á sua habilidade que se devia aquella exquissita ornamentação dos castiços de madeira chata recortada e uns florões de papel de cores e doirado que enfeitavam uma especie de jarras, onde havia flores do mesmo papel.

As imagens do culto não eram lá muito bonitas, mas havia duas, ennichadas na sachristia, que eram famosas. Serviam para as procissoes e estavam sobre os respectivos andores. Fomos vel-as. Descerrada a cortina, appareceu-nos, ajoelhado sobre o andor, um Senhor dos Passos desgraçadissimo. Era macerrimo, muito chagado, e com uma grande mancha de vermelhão da China juncto do olho esquerdo. Ao lado d'esta imagem havia outra, da Senhora das Dores: Uma dona Ignez de Castro, erecta, hirtada sobre o mesmo andor, numa attitude de phantasma; tinha o rosto branquissimo, mais alvo ainda do que o setim que a vestia, porque d'esse, ao menos, compadecera-se a poeira dos annos.

Ficámos satisfeitos das imagens do templo, pois nenhum de nós tinha feitiço de iconoclasta. Depois, o sachristão mostrou-nos o lustre. Bonita e grande peça de pingentes prismaticos de vidro branco, offerta de um fazendeiro dos arredores.

Passámos, no fim, a examinar o sachristão. Muito curioso. Um velho de cerca de sessenta annos, mas ainda agile forte, muito trefego e vivo. Estava de chinellos e em mangas de camisa. Moreno, magrinho, com a barba de um branco arruivado, toda crescida, mas amarrada em nô por baixo do mento. A grandes instanciaes nossas elle retirou-se para desatar o nô e appareceu-nos em seguida com a barba solta, escorrida em seis longas madeixas delgadas, onde se esbatia o colorido ambarino que medeia entre o loiro velho e o branco. Os filamentos das seis falripas confinavam com o baixo ventre, quando esticadas pela mão cariciosa do sachristão; soltas, encolhiam-se como pequenas serpentes, no ondeado da compressão habitual.

Dissemos-lhe que aquellas barbas deviam ter arrastado muitos corações na sua mocidade. Luzio-lhe chispante e victorioso um olhar introspectivo, em que se adivinhava o orgulho de um Lovelace de igreja, não acabado ainda pelas inclemencias do deus vendado e vendido, que nestes climas torridos tem sempre a frecha combusta para o incendio perpetuo dos corações.

Despedimo-nos do Sr. Sebastião Ferreira de Mesquita—que tal é o nome do interessante funcionario da matriz do Rio Branco—e sahimos. Fomos d'ali á casa do Sr. Bittencourt, proprietario de uma fabrica a vapor de desfiar fumo, fabrica que não pudémos visitar por estar fechada naquelle dia. O Sr. Bittencourt offereceu-nos café e licores. Foi em sua casa que conhecemos o Dr. Arthur Moura, rapaz novo e já distincto medico.

Da casa do Sr. Bittencourt voltámos á nossa, isto é—á do Sr. Calasans, para descansar um pouco, até á hora do jantar. Tomámos de novo café e deitámos-nos.

A's cinco horas sahimos, para ir jantar com o Sr. Ferreira, que já nos

déra um optimo almoço, bem regado de vinhos velhos, especialidade que hade inalterar o Sr. Ferreira ao coronal da gloria immarcessivel. Aqui soffremos uma desillusão. O jantar preparava-se para a chegada do trem inaugural, e o demonio só estaria de volta de Piranga ás 11 1/2 da noite. Nos, tendo circuitado a cidade e dormido como boas pessoas fatigadas de nada fazer, acordámos com fome. Um de nós conhecia convenientemente o Sr. Torres, chefe da cozinha. Apellámos todos para a piedade christã do digno Vatel, exhortando-o com ardor convicto á pratica da primeira das obras de misericordia. Torres, muito occupado no seu ministerio, refogava tomates, aos quaes dava mais attenção do que a nós. Todavia, como não é de entranha insensivel, commoveu-se, e propoz-nos um menu de sopa *Julienne* e assados frios. Acceitámos sem commentos...

A unica mesa que havia, estava occupada pela familia do Dr. Araujo Viana, que tambem ficára na cidade e se sugeitára ao mesmo regimen de assados frios. Tivemos de tomar a sopa, de pé, com o prato na mão. Depois, o doceiro do Sr. Ferreira, João Salermo, rapaz muito delicado e gentil, mesmo muito mais do que se pudéra exigir da côr escura do seu pigmento, improvisou-nos, com um taboleiro e uma barrica, uma mesa de campo... sem cadeiras. A falta de talheres obrigou-nos a comer com a mão o *roast-beef*, o *gigot* e o porco assado, acamados entre duas fatias de pão, que nós iamõs rilhando como a situação permittia. Em seguida, o Sr. Salermo fez-nos um delicioso café, depois do qual fomos ainda dar um passeio, voltando á noite para casa, de onde sahimos á hora da chegada do trem. Chegou ás 11 1/2. A' meia noite jantámos de novo, á mesa geral, onde encontrámos as mesmas pessoas da vespera. Acabado o jantar fomo-nos deitar sem medo nenhum das dyspepsias e das indigestões. Dormimos regaladamente, sem protestos nocturnos dos assados e das gelatinas ingestas.

A's seis horas da manhã seguinte (1 de julho) partimo-nos do Rio Branco em direcção á cidade do Pomba, cuja estação iamõs inaugurar.

Chegámos, sem nenhum episodio, á estação de Guarany ás 8,40. Ali S. M. quiz ir ver a povoação, para a qual nos dirigimos a pé. Vendo, porém, que era longe, e não querendo demorar o trem, o imperador voltou á estação. S. M. andou saracoteando de um lado para outro, até que, na face posterior do edificio, S. M. offendeu gravemente duas paredes, praticando uma acção contra a qual o proprio becco das Cancellas se insurgio ha dez annos, impondo municipalmente a multa de dez mil reis aos desrespeitadores da salubridade publica. E' que S. M., defensor e guarda das leis pela Constituição, mal se apanha em Minas, manda para o diabo não só a mesma Constituição, como o acto addicional e tudo o mais que se opponha á liberdade physiologica da sua economia. E faz bem, o imperador. Nada de sustar as correntes impetuosas... da opinião.

A's 10 horas chegámos á estação do Pomba. Esperava-nos um almoço opparo, servido pela casa Castellões.

A' mesa tomaram a presidencia, como sempre, S. S. M. M. Trocaram-se os brindes do estylo e o redactor do *Pombense* fez um bonito discurso, saudando a directoria da Companhia Leopoldina pelo grande impulso que acabava de dar ao progresso da localidade, e á imprensa da Côte em nome da confraternisação jornalística.

Terminado o almoço, fomos visitar a cidade, a meio kilometro da estação

Estava toda enfeitada e garrida, e o caminho que a ella nos conduzia era ladeado por dois renques de bambús folhudos, assim como quasi toda a linha da estrada, juncto das innumeradas estações.

A cidade do Pomba, muito risonha e alegre, está situada numa pequena elevação, tem muitas casas, e lembra no aspecto e na limpeza as pequenas cidades do norte de S. Paulo, com as quaes, em geral, não se parecem as de Minas.

Sahimos do Pomba ao meio dia e chegámos ás 4 1/2 á estação da Serraria, término d'aquelle ramal, onde nos passámos para os carros da Estrada D. Pedro II, que nos deviam conduzir á Corte.

A estação de Entre Rios, onde nos esperava um optimo jantar, servido pela casa Paschoal, chegámos ás 5 horas. Fomos para a mesa do hotel fronteiro á estação.

Jantar abundante; falta de menus impressos, o que deu logar a varias discussões. Numa elegante fructeira de crystal havia, entre varias fructas crystallisadas, uma porção de *marrons glacés*. Ora eu dou o cavaco pelos *marrons glacés* e tinha d'olho uns dois ou tres. Pois, senhores, tenho tido muitas desillusões na vida, mas como a que então soffri não espero tornar a soffrer! Eu acariciava com olhar ternissimo os *marrons* que estavam do meu lado, antegostando o doce prazer que sentiria ao comel-os. A minha natural delicadeza, porém, oppunha-se a prevenções inopportunas.

Imagine-se o meu desgosto, a minha decepção, o meu espanto, quando, logo depois do *foie gras*, olhando enternecido para a fructeira, não vi nem sequer um *marron*! Estavam todos em mãos dos meus visinhos, menos tolos do que eu, confesso-o. Não se descreve a minha dor nem as lagrymas do meu paladar.

Restava-me o consolo dos fios d'ovos e das fructas séccas. Consolei-me, e sahi. Aquelle jantar devia ser o meu tormento: já depois da sopa me haviam servido vinho do Porto por Madeira, e depois do peixe *rhum* por vinho do Rheno! Imagine-se!

Além de tudo, o imperador tinha pressa; como é servido antes de todos, acaba primeiro. Levantou-se da mesa e foi para o trem, que devia partir immediatamente, o que obrigou muitas pessoas a perderem o jantar.

A's 8 da noite, pouco mais ou menos, chegámos á Barra do Pirahy, onde um carro especial, armado de poderosa luz electrica, esperava o imperador, que ia visitar os tunnels. S. M. foi só com a directoria da Estrada; nem ao menos fez convidar o Sr. conselheiro Christiano Ottoni, engenheiro constructor dos tunnels, que nos acompanhava. Esta desatenção do imperador foi muito commentada e censurada.

D'ali a pouco, juncto do primeiro tunnel, nós, que nos demoráramos cerca de meia hora na Barra, encontráramos o carro da luz electrica. O imperador passou-se para o wagon do comboio geral, onde também ficára S. M. a imperatriz— e partimo-nos definitivamente para a Corte.

Chegámos ás 11 1/2 da noite, tendo deixado na plataforma da imperial quinta Suas Magestades e a sua comitiva.

Forçoso é confessar que chegámos todos fatigadissimos, meio mortos de cansaço e de somno. Sem o imperador, a viagem, embora nos custasse mais um dia, teria sido muito mais agradável e muito menos fatigante. Mas o im-

perador, desaffeito de todos os habitos de cortezia e de delicadeza, sem a menor consideração pelas pessoas que se lhe approximam, obrigou-nos áquelle vertigem de papa-leguas, de que a fama lhe tem urdido os florões da sua coroa imperial.

Isto, porém, valeu de alguma coisa: Todos ficaram com a certeza de que não têm mentido os que têm censurado a irrisoria educação de S. M. Ninguem o imaginava tão burguez e tão deselegante. A tão apregoada democracia de S. M. consiste em comer com a faca, como os caixeiros da travessa do Commercio, e em vestir-se, az vezes menos decentemente que os porteiros das secretarias do Estado.

Um facto nos surpreendeu immensamente: O imperador não gosa de nenhuma popularidade em Minas! Não havia nenhum enthusiasmo pela sua chegada. Neste ponto foram falsas as referencias publicadas aqui nos telegrammas dos jornaes diarios. Nas estações os vivas a S. M., levantados pelos empregados, nem sempre eram correspondidos; e quando o eram eram n'o friamente, e ainda assim, algumas vezes divididos pelo Sr. Dr. Pederneiras, representante do *Jornal do Commercio*, que os agradecia muito comovido, mas declarando sempre que o imperador era o outro, aquelle que lá ia adiante, mais velho e menos garboso.

O que havia era grande curiosidade de vel-o. Os povos queriam observar se o seu imperador estava *mais acabado* ou *mais forte*. Mesmo no Rio Branco, em cuja estação se reuniu toda a população da cidade, o enthusiasmo foi quasi nullo. Em Guarany, poucos habitantes se descobriram á sua passagem; de tres cavalleiros que chegavam apenas um correspondeu ao cumprimento que lhes dirigio o imperador.

O que houve foi muito hymno nacional. Em todas as estações, ao approximar-se o comboio, rompia o hymno. Se o trem parava, á partida havia hymno outra vez! Foi um horror! Nunca imaginámos que aquella musica triturrante tomasse tão variadas formas e tão extravagantes sons.

Cada charanga o executava a seu modo. O hymno tornou-se feroz e martyrisante. Aquellas notas percucientes, agudissimas, perfurantes, tangidas pelos mais dissonantes pratos e soprados pelos mais irritados pistões, entravam-nos pelos ouvidos como pequenas balas de aço gelado!

E' preciso ir com o imperador a Minas para se calcular o effeito terrivel do hymno nacional na alma dos forasteiros inermes!

Eu ainda me lembro d'elle com terror. Se me restasse um raio de crença para rezar, eu diria assim a oração dominical:

... « Livrae-nos, Senhor, dos nossos inimigos e do hymno nacional! Amen. »

Quem sempre foi de uma extrema delicadeza e de uma inteira correcção foi a dignissima directoria da Leopoldina. Os Srs. Drs. Mello Barreto, Arthur Murinelly e barão de S. Geraldo foram sempre muito gentis e attenciosos com os seus convidados, que tão boas recordações trouxeram d'aquelle esplendida festa.

Por mim e pel' *A Semana*, que eu representava, agradeço áqueles distinctissimos cavalheiros, bem como ao Sr. Domingos Seára, membro do conselho fiscal, todas as gentilezas com que me distinguiram.

FILINTO D'ALMEIDA.

MUSICA E MUSICOS

THEATRO LYRICO

A *Gioconda*, opera de Ponchielli, que se cantou, quarta feira ultima, no Imperial theatro D. Pedro II e com grande concurrencia de *dilletanti* curiosos de ouvir uma de suas operas hoje mais predilectas, se não foi *più bella*, *più sublimada ancor* do que de outras vezes a temos ouvido naquelle theatro e capaz de enthusiasmar aos mais exigentes, foi, em todo o caso, interpretada discretamente e satisfaz áqueles que, não accetando o systema de comparação, recebem os artistas conforme suas qualidades, sem se importarem que fulano cantasse melhor na estação passada, cicrano fosse mais dramático, etc.

Comecemos pelo fim.

A orchestra, (como o leitor sabe) que tem feito das suas, durante a temporada, portou-se regularmente na execução da difficil *partitura*, não obstante algumas vezes, passando-lhe pela idéia que não era o Sr. Toscanini que a dirigia, zás, lá vinha um pistou com uma nota falsa, uma trompa que no *attacco* era incerta. . .

Os côros estiveram bons, bem bons, e, se alguma cousa insignificante houve, não devemos levá-la em conta, porque entre nós dão-se operas com dois ou tres ensaios pela exigencia do publico em querer ouvir tres operas novas por semana.—D'ahi a falta de tempo necessario para a certeza do *ensemble*, d'ahi os desastres que algumas vezes somos obrigados a presenciar em partituras que em outras partes fazem carreira, dando doze e mais representações consecutivas.

Uma opera não é qualquer comedia, em que o actor não tem mais do que estudar o papel e represental-o conforme seu talento e escola; não. A opera é tudo isso e muito mais ainda, porque o artista que a representa deve ser dramático, ter boa voz, emittil-a correctamente e aproveitá-la no colorido, sem fazer, contudo, exaggeros em certas notas agudas, prolongando-as de tal forma que fatiguem o auditorio, mas que acredita agradar aos que ouvem-n'o em um *andante* com indifferença absoluta, para só applaudil-o na cadencia final de uma *cabaletta*, quando, depois de ter camiuhado a passos largos e incertos para o proscenio, dá a *dominante* sustentada e com força, revolvendo-a naturalmente, ora com expressão de raiva, ora de amor.

As Sras. Bulicoff, Mey e Mantelli interpretaram conscienciosamente as partes de que se encarregaram, esforçando-se cada uma por mostrar seus excellentes dotes artisticos; e se, em alguma occasião, o effeito não foi o esperado, sua causa, crémos, é devida em parte ao que já dissemos, e mais ainda ao nosso clima que, tendo declarado guerra ao larynge da Sra. Mey, prohibe-lhe de usar da sua esplendida voz com toda a facilidade de emissão.

Cumpre-nos dizer porém que a aria do *suicidio*, no quarto acto, e o *tercetto* do primeiro, concorreram bastante para o bom exito do spectaculo.

O Sr. Lhérie deu-nos um Barnaba *comme-il-faut* e, cantando a barcarola do segundo acto com grande felicidade, foi applaudido merecidamente.

O Sr. Figner interpretou com muito sentimento a *romanza* de Euzo pelo que obteve uma grande salva de palmas.

O Sr. Roveri é um *basso* que nos satisfaz:— consciencioso, bella voz, dramático, tudo nos leva a acreditar-o artista feito.

O bailado... esse, coitado, pela incerteza no *passo* das coreographas, foi

assim, assim, e não satisfizes desorte alguma; mas, em compensação, os scenarios são esplendidos e a *mise-en-scène* muito acceitavel.

CLUB BEETHOVEN

A feliz idéa que este Club teve de convidar o barytono Zardo para tomar parte no 101º concerto, que se realizou na noite de ante-hontem, foi coroada dos melhores resultados.

O salão regorgitava de socios e convidados anciosos, não sómente por ouvir o distincto artista, mais tambem o *ottetto* de flautas, tão annunciado.

O Sr. Zardo, cujas qualidades artisticas já foram apreciadas pelo nosso publico em algumas operas que tem cantado no Imperial Theatro, fez prodigios não só na romanza *Casto fior de miei sospir*, de Massenet, como na esplendida melodia de Rotoli *mia sposa sarà la mia bandiera*, pelo que teve estrondosa ovação do auditorio, que exigió *bis* na segunda peça que cantou.

O effeito produzido pelo *ottetto* de flautas, executado por distinctos amadores—que o Sr. Duque Estrada, com tanta paciencia e capricho ensaiou, proporcionando assim uma bella novidade, foi o mais agradavel possivel. Havia uma certeza tal na execução a não deixar nada a desejar. Um aperto de mão ao Sr. Duque Estrada e a seus discipulos pela difficuldade que venceram.

O Sr. Ragusa executou bem as peças de que constára o programma, se bem que a emoção da estréia não deixasse fazer realçar sua nitida dedilhação.

Todos os outros artistas e amadores que tomaram parte no concerto sahiram-se galhardamente de sua incumbencia.

GALLI-LEO.

JORNAES E REVISTAS

Publicou-se no sabbado passado o primeiro numero d'A *Vida Moderna*, cujo summario é o seguinte:

O nosso cartão (artigo de apresentação) L. M.; *Uma execução em Pekim*, J. d'Arnoux; *Chronica Fluminense*, Arth. Azevedo; *Sonilo*, A. Silva; Rubores (conto), A. Guanabara; *Os nossos poetas* (critica), L. Murat; *Theatros*, Cratchit; *Sport*, Max; *Declarações necessarias*, Max.

Traz na primeira pagina uma interessante gravura.

Desejamos ao novo collega todas as prosperidades.

UMA QUADRA

DE BODENSTEDT (*)

Se queres conhecer o homem e o mundo,
Do proprie coração observa o fundo;
Mas foge de te ouvir e de te ver,
Se a ti mesmo te queres conhecer.

ANTERO DO QUENTAL

(*) Devemos o prazer de publicar estes poucos versos, inteiramente inéditos, ao nosso distincto collaborador portuguez Joaquim de Araujo, que os encontrou, por acaso, num album.

N. DA R.

THEATROS

RECREIO DRAMATICO

Companhia do Theatro D. Maria II, de Lisboa

Na quinta-feira, 8, a excellente companhia do theatro D. Maria II, de Lisboa, deu-nos *O Marquez de Villemér*, a esplendida comedia em 4 actos, de Georges Sand.

O Marquez de Villemér é uma das mais bellas comedias que temos visto. O seu entrecho é simplissimo e o desenlace adivinha-se desde o segundo acto; isto, porém, não prejudica o interesse do espectador, tal a naturalidade das situações e o vivacissimo espirito da linguagem. Ha muita verdade em toda a singella acção d'este primor da comedia moderna. Se exceptuarmos aquelle desmaio de Urbano, prolongado por uma noite inteira, cremos ser impeccavel todo o trabalho de observação e de verosimilhança da grande escriptora francesa. E que adoraveis typos nos apresenta! O duque de Aleria é uma delicia! Nunca vimos mais bem reproduzido pela penna de um escriptor o typo do bohemio parisiense, cheio de originalidade e de espirito, de frivolidade e de inconsequencia, mas com um coração de oiro, justo e bom, amovel e terno.

Quasi tão felizes como o do duque são todos os typos d'esta delicadissima e primorosa comedia.

Não temos tempo nem espaço para dar ao leitor uma idéa da bonissima impressão que nos deixou *O Marquez de Villemér*.

O desempenho foi digno da peça. Coube a maior parte dos applausos do publico ao actor Augusto Rosa, que representou admiravelmente o papel do Duque. Deu-lhe um relevo magnifico e uma interpretação magistral, sublinhando com extrema graça e naturalidade a torrente de espirito do seu personagem.

O Sr. João Rosa representou tambem notavelmente o seu tristonho papel de protagonista. Disse-o com inteira correção e muito sentimento.

Virginia (Saint Geneix) foi de uma grande naturalidade e simplicidade no seu bello typo de burguezinha educada e austera.

Muito bem a Sra. Falco no papel da velha fidalga, a que ella imprimio toda a nobreza, altivez e correção convenientes.

Muito rasoavel a Sra. Luiza Lopes, e muito fraquinha para as exigencias da ingenua a Sra. Alexandrina.

Silva Pereira quasi não tem que fazer no papel de Conde Duniêres.

Os outros papeis não têm importancia registavel.

A peça agradou extraordinariamente o publico applaudio-a como devia.

*

30 FOURCHAMBAULT

Ao actor João Rosa ouvimos em poucas palavras todo o elogio d'Os *Fourchambault*.

— E' uma peça escripta com muita honradez.

E é. Simples, logica, sincera, sem *fictelles* nem ratoeiras á emoção, de grande fundo dramatico, esta peça é reputada uma das mais perfeitas de Augier e das mais notaveis do moderno theatro francez.

João Rosa teve ante-hontem, no papel de Bernard, a primeira occasião de fazer valer inteiramente os seus grandes recursos artisticos. Fel-o admiravelmente; vendo-se que elle estava perfeitamente incarnado no perso-

nagem. A caracterisação era magnifica, e no gesto como na voz e na maneira de dizer reconheciam-se nelle o rude e honradissimo homem de negocios, de casca um tanto grossa mas de coração delicado.

Augusto Rosa foi um Leopoldo elegante, frivolo na apparencia, mas de alma boa e generosa. A grande scena do quinto acto entre os dois irmãos (irmãos na peça e fóra d'ella) foi executada magnificamente, com grande naturalidade e muito sentimento. Faz bem á gente ver uma scena representada assim, por dois artistas de tal merecimento. Costa deu um perfeito *Fourchambault*, muito *bem posto*, de carne e osso; Antunes foi um barão de Ros-tiblois elegante, especulador, espertalhão e todo mellurias; achamos apenas que elle carregou um pouquinho no typo.

Amelia da Silveira, que não parecia saber muito bem o seu papel de *Joseph Letellier*, fel-o a contento geral. Achamol-a um pouco deslocada nelle; a sua physionomia maliciosa, *pétillante* de graça, prejudicava a compostura sisuda e melancolica que deve ter a pobre orphan. A Sra. Luiza Lopes deu-nos uma acceitavel mãe Bernard; estava bem caracterizada. D. Carolina Falco, *toilettes* á parte, foi a desejavavel Mme. *Fourchambault*:— esbanjadora, invejosa, futil, másinha.

A Sra. Alexandrina fez-nos a impressão de que era a criadinha da *Dóra* que ali estava, a fingir de Branca. E que mal vestidinha, meu Deus!

O desempenho, emfim, descontados alguns *caroços* e uma ou outra *péga*, foi inteiramente satisfatorio. A isso já nos acostumou a excellente companhia que ora trabalha no *Recreio*.

SARAH BERNHARDT

Partio no domingo para Buenos Ayres, no *Britania*, a portentosa actriz franceza.

Na sexta-feira fez o seu beneficio com a *Theodora*, de Sardou, peça que entre nós conseguiu agradar quando representada o anno passado pela companhia Rossi.

Agora, pela companhia franceza, a *Theodora* quasi não foi representada. Todos sabem que a tragedia de Sardou pouco mais é do que um magnifico pretexto para esplendores de *mise-en-scène*. Pois foi exactamente o que não houve. Os scenarios eram na maior parte emprestados pelo Sr. Heller e produziram um deploravel desconchavo scenico.

No desempenho, além do papel da protagonista, que é um assombro de arte, representado pela grande actriz, só foi digno de nota o Sr. Garnier que, ainda assim, não obscureceu com elle o seu bello trabalho do *Hyppolite* da *Phèdre*. Seria injustica não citarmos tambem a Sra. Malvau, actriz de muito merecimento, que agradou sempre em todos os papeis que aqui representou. Os demais artistas, mesmo os Srs. Angelo e Decori, estiveram á quem das exigencias dos seus papeis.

Além da pessima montagem da peça, houve naquella noite um verdadeiro delirio de ovações, o que fez para correr muito arrastada a representação. Os estudantes de S. Paulo, no seu ultra fogoso entusiasmo, quasi desmantelaram o theatro!

As flores choviam copiosamente no palco, e por vezes Sarah Bernhardt foi inundada de petalas, que um patusco de quando em quando lhe despejava de um açafate sobre a cabeça.

As acclamações foram enormes e re-tumbantes.

Durante o spectaculo, que não ter-

ntnou por doença e fadiga de Sarah, ella foi chamada á scena trinta e cinco vezes!

O espectáculo acabou ás 2 1/2 da madrugada.

No sabbado, Sarah Bernhardt substituiu felizmente a *Theodora* pela *Phedra*, o que encheu de jubilo a melhor parte dos seus admiradores. A immortal tragedia de Racine teve nessa noite um desempenho como ainda aqui não tivera. Sarah esteve prodigiosa! Não ha penna que possa descrever aquelle estupendo e assombroso trabalho! Estas explosões geniaes do talento humano, na sua mais espantosa manifestação artistica, guardam-se religiosa e imperecivelmente na memoria, como nos sacrarios de ouro e pedrarias se guardam as reliquias materiaes de um culto! Garnier, para se lhe fazer o maior elogio, basta dizer que secundou admiravelmente a sua gloriosa collega.

Foram recitadas varias poesias a Sarah Bernhardt, entre as quaes uma do actor Vasques, que fez muito bom effeito.

Dizem-nos que a genial artista voltará d'aqui a um mez para representar o *Hernani* e a *Theodora* com todo os scenarios da Porte Saint Martin, de Paris.

SANT'ANNA

Quarta-feira, 14, deu finalmente este theatro a primeira da annunciadissima *Corça do bosque*, a encantada magica arranjada de *La biche au bois* por Eduardo Garrido e Aristides Abranches.

Não é brincadeira montar *A corça do bosque* e montal-a da forma por que o foi. Oremos que as canceiras e os sacrificios do Heller serão largamente compensados pelas receitas da *Corça*.

Ha muito que elle nos havia acostumado, desde os saudosos tempos da *Phenix*, a ver em seu theatro peças montadas com um luxo, um apuro e um bom gosto extraordinarios, ineguaiveis, nunca excedidos.

Pois ainda assim, o publico ficou, na quarta-feira, deslumbrado, tonto, perplexo, embasbacado ante a maravilhosa e realmente... fantastica mise-en-scène da *Corça*.

Scenarios, vestimentação, accessorios e adereços são tudo o que se possa imaginar de mais brilhante, de mais rico, de mais original e chic.

Quasi toda a scenographia é do Sr. Carrancini; mas o Sr. Frederico de Barros pintou duas bellas scenas — «os jardins do rei Carambola» e o bosque do 7º quadro, executado com muita verdade, largueza e cuidadoso acabamento.

O Sr. Carrancini fez scenarios deslumbrantissimos, que collocam o seu nome entre os dos mais celebres mestres de scenographia. D'esses scenarios, são principalmente dignos de menção — «o bosque de palmeiras de ouro e prata», um primor de fantasia e colorido; o «reino amarelllo», e o 15º quadro, a apothose, um assombro de perspectiva, de luz, de cores, de deslumbramento. Só apontamos estes scenarios... para não menciónal-os todos, pois para isso falta-nos espaço.

E' inegavelmente um mestre o Sr. Carrancini.

A peça agradou muito. E' magica; e isto dispensa-lhe a critica, porque todas as magicas se parecem umas com as outras e sobretudo com *A pera de Satanaz*, que é a rainha-mãe... nas magicas. E' magica arranjada pelo Garrido — quer dizer com muitas pilherias e calimburgos, nem sempre finos nem engraçados, e alguns disparates engraçadissimos — tal a mosca que continuamente persegue o Pelicano.

O publico rio a bom rir, e se o fez é

porque achou que a *Corça* tem graça; e isto é o que se quer.

O desempenho foi em geral muito bom.

Guilherme de Aguiar, o grande Guilherme, — parece incrível! — conseguiu ainda crear um novo typo de rei bisborria, apresentando um Carambola XXX impagavel, com uma cara indiscriptivamente patusca. Sustentou todo o papel juntando á sua muita graça natural e communicativa a sua reconhecida sobriedade e correcção.

Vasques foi um Gyra-Sol hilariante. Lisboa arranjou um typo pandego e exquisito a valer.

Pinto, caracterizou-se como costuma: admiravelmente, fazendo um membrudo e assustador Menrour.

A Sra. Dolores Phebo foi uma encantadora princeza Desejada, vestida com *toilette* tão simples quanto elegante e bella.

A Sra. Villiot representou magnificamente o principe Malmequer da Secia. São de grande riqueza e finissimo gosto as duas *toilettes* que exhibio.

A Sra. Delmary foi uma soberba e fogosa Aika, elegante e opulentamente trajada. Os demais artistas auxiliaram poderosamente aquelles no exito que teve a *Corça*.

Os coros — na forma do costume: dando quato podem. A orchestra portou-se bem, embora sacrificasse, por vezes, a belleza da musica por causa da instrumentação, que em geral é de ensurdecer... surdos, e do andamento vivissimo com que são regidos quasi todos os trechos.

Todas as tramoias e visualidades foram executadas com rapidez e limpeza, realmente admiraveis em uma primeira representação.

Em duas palavras: — um successo!

Lê-se no jornal parisiense *Le nouveau monde*, de 10 do mez passado:

«La comtesse Polonio, une aimable musicienne, bien connue du tout — Paris artistique, a debuté au théâtre Sant'Anna, de Rio de Janeiro, le 25 mai dernier dans la *Chanson de Fortunio*. Son succès a été très vif et les journaux brésiliens que nous recevons font le plus grand éloge de son talent.»

A *Condessa Polonio*, a que se refere a folha franceza, é, como já o terão comprehendido os leitores, a gentil cantora Cynira Polonio.

Foi-lhe dada ha annos aquella elegante alcunha, pela qual é conhecida em Paris, por Luiz Besson, chronista theatral de *L'Evenement*. Nos compliments, madame la Comtesse!

Tivemos hontem tres primeiras representações: *Mme. Boniface*, pela companhia franceza de opereta e opera comica do Sr. M. Grau; *Hamlet*, pela companhia lyrica italiana; e *A Dama das Camélias*, pela companhia Dias Braga.

Como *A Semana* se imprime aos sabbados de manhan, muito cedo, não é possivel darmos apreciação das peças representadas nas sextas-feiras. No proximo numero, pois, tractaremos das tres *premières* de hontem.

Hoje representam-se:

No S. Pedro — *Mme. l'Archiduc*.

No D. Pedro II — *Gioconda*.

No Recreio — *Os Fourchambault*.

No Lucinda — *A Dama das Camélias*.

No Sant'Anna — *A Corça do bosque*.

No Principe — *O povo e o throno*, e a *Mariquinhas dos apitos*.

P. TALMA

SUSPIROS

Andam dispersos no espaço,
Abandonaos, perdidos,
Os meus suspiros trementes,
Do fundo d'alma nascidos.

Abre-lhes, pois, o ten peito;
Finda assim o meu penar,
Que em outro peito não pôdem
Abrigo os tristes achar...

ALBERTINA PARAIZO.

Porto.

SPORT

Esplendido dia encoberto, fresco e especialmente apropriado para corridas, teve a distincta sociedade *Derby Club* a felicidade de apanhar para realisar o estupendo programma do *Grande Premio Derby Nacional*, domingo passado.

A concurrencia foi extraordinaria, enorme. Todos admiravam os muitos e grandes melhoramentos, a belleza das construcções e a magnifica raia, tendo os maiores elogios ao *Derby Club* e ao seu illustrado presidente, Dr. Frontin.

Como admiradores do que é bom e moralizado ficamos sinceramente satisfeitos e possuidos de verdadeiro entusiasmo ao assistirmos á brilhante corrida do pareo *Grande Derby Nacional*. A alegria, o contentamento da grande multidão ali reunida, a ordem respeitada até ao final, a animação constante, tudo isso reunia naquelle dia o *Derby Club*. As archibancadas completamente cheias e rigorosamente adornadas da nossa melhor sociedade, apresentavam um aspecto imponente deante do esplendo panorama que a todo momento fascinava os olhos dos espectadores d'este brilhante divertimento.

A's 3 3/4 hora marcada, apresentaram-se na raia os valentes e lindos puros sangues nacionaes *Pery*, *Sibylla*, *Sylvia II*, *Talisman* e *Boreas* que foram a causa das maiores sensações, das legitimas emoções e do maior entusiasmo.

Ao signal dado partiram esses valentes parelhinhos, disputando palmo a palmo a victoria. *Sylvia II* e *Sibylla*, mais velozes, tomaram a frente, deixando em sua retaguarda o musculoso *Boreas*. *Talisman* e *Pery* observavam de alcance a lucta. Ao passar o poste de 2000 metros *Boreas* estabeleceu renhida lucta com *Sylvia II* e *Sibylla* e difficilmente conseguiu passal-as... Ao chegar ao poste de 2500 metros *Talisman* offereceu lucta a *Boreas* e conseguiu passal-o, tomando uma deanteira regular, parecendo-nos enfracuecer *Boreas* que perdeu terreno. Mas, foi uma illusão: *Boreas*, tomando novo folego, ao entrar na recta de chegada emparelhou com *Talisman*, e com alguma facilidade conseguiu passal-o, deixando-o logo a dez corpos de distancia e obtendo a victoria dos 3200 metros, em 223 segundos, no meio das mais estrondosas manifestações.

Talisman fez uma brilhante corrida e estava perfeitamente preparado; teve o 2º premio, e *Pery*, com difficuldade, o 3º. *Sylvia II* e *Sibylla* demonstraram não aguentar tiro longo e por isso ficaram distanciadas.

Os proprietarios da Coudelaria Alliança foram calorosamente applaudidos. Os nossos parabens.

O resultado dos outros pareos foi o seguinte:

No 1º pareo (1450 metros) *Pansy* em 102 segundos venceu os seus competidores, seguida de perto por *Camelia* que teve o 2º lugar. *Echeron* o 3º.

Tambem correram *Frou-frou*, *Africana*, *Diana* e *Castiglione*.

No 2º pareo (1450 metros) foi vencedora em 101 segundos e com grande surpresa *Paulicéa*, dando o appetitoso rateio de 305\$000! Teve o 2º lugar *Biscaia*; 3º *Ivon*.

Tambem correram *Sartarelle*, *Aurora*, *Americana*, *Villa Nova* e *Pampeiro*. *Lucifer* mancou durante a corrida. *Araby* e *Tufão* não correram.

No 3º pareo (1609 metros) venceu em 106 segundos *Phrynéa*, apesar de *Charrybdes* ter sahido um pouco adeantada. *Scilla* teve o 3º. *Nana* o 4º.

No 4º pareo (2000 metros) *Satan* em 135 segundos venceu os seus competidores; está melhorando, apesar de ser um animal defeituoso, de palheta esquerda. *Plutão* fez boa corrida e fará, mais tarde, ainda melhor; teve o 2º lugar. *Speciosa* o 3º. *Atalanta* fez triste figura, chegou n'uma bagagem medonha, o que não podemos comprehender. *Comtesse d'Olonne*, adoeceu.

No 5º pareo (1609 metros) venceu em 112 segundos *Bayocco*. *Druid* chegou em 2º. *Guanaco*, que teve o 3º, se em vez de correr por dentro, corresse por fora, talvez obrigasse *Druid* a fazer outra figura. *Africa* ficou parada. *Aymoré* não correu por doente. *Mandarin*, *Vampa* e *Boyardo* chegaram em ultimo lugar.

No 7º pareo (1750 metros) coube a victoria a *Coupon* em 118 segundos; *Fanfaron* chegou em 2º; *Dignitaire*, animal novo, ainda não está em condições de fazer boa corrida: teve o 3º lugar. *Bolívar*, *Gaudriole* e *Aspasia* chegaram embolados. *Cheapside*, *Victoria* e *Dr. Jenner* na bagagem. *Macaréu* não correu.

No 8º pareo (1450 metros) *Flotsam* com bastante facilidade bateu os seus competidores em 104 segundos. Teve o 2º lugar *Pip*, 3º *Onix*. *Judia*, *Zephiro* e *Feticheira* chegaram na bagagem.

Devem estar esplendidas amanhã as corridas no Jockey Club. O programma é attrahentissimo.

Esta sociedade commemorou hontem, com uma sessão solemne, o seu decimo oitavo anniversario.

L. M. BASTOS

FACTOS E NOTICIAS

Os estudantes de S. Paulo que, em numero de 120, vieram á Corte assistir ao beneficio e á partida de Sarah Bernhardt, sempre cavalheirosos e delicados, nomearam uma commissão para comprimentar as redacções dos jornaes e fazer-lhes as suas despedidas. Foi com extremo prazer que recebemos a visita d'essa commissão, composta dos Srs. Gabriel Junqueira, Aquilino do Amaral Filho e Ernesto Ramos. Os briosos e distinctos moços partiram todos no dia 12 para S. Paulo.

Voltou tambem para essa cidade no dia 15, o nosso estimadissimo collega do *Diario Mercantil*, Gaspar da Silva, que para o mesmo fim havia vindo á Corte.

Tivemos occasião de admirar um novo trabalho do habilissimo calligrapho Valentim de Figueiró, nosso collaborador artistico. E' o diploma de socio honorario da «Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro» conferido a S. A. R. o Sr. Conde d'Eu.

Os dizeres do diploma são feitos em caracteres diversos de letras, das usadas de 1373 a 1500, e todas ornadas com illuminuras e flores de lys, coloridas a muitas côres, sobresahindo a prata e o ouro. E' um primor de concepção e maravilhosa a delicadesa, o mimo, a originalidade com que foi executado.

Não sabemos porque um calligrapho tão distincto não foi ainda nomeado para algum estabelecimento publico de educação.

Naturalmente por isso mesmo, por ser distincto.

Receberam-se em matrimonio, em Mendes, no dia 7 do corrente o Sr. Enrico Borgongino e a Exma. Sra. D. Alzira de Lima Borgongino; havendo servido de padrinhos: da noiva, o Sr. Victor Mendes e a Exma Sra. D. Emilia Pegado, e do noivo o Dr. Jeronymo de Cunto. Parabens.

Por ter estado enfermo, felizmente sem gravidade, o nosso collaborador Alfredo Palheta, é que não temos publicado a estimada secção *Bellas-Artes*.

Tivemos occasião de examinar toda a parte já impressa da *Grammatica Musical* do proecto maestro Miguel Cardoso, professor de musica na Escola Normal; e podemos afirmar que até hoje não se publicou neste genero nenhum trabalho comparavel a esse. Pareceu-nos completo. Em principios de Agosto deverá ser posto á venda.

COLLEGIO MENEZES VIEIRA

No dia 6 de julho, sendo este o do anniversario natalicio da Exma. Sra. D. Carlota Menezes Vieira, a intelligente e sollicita fundadora e directora do excellente *Jardim da Infancia* d'este collegio, seu esposo, o illustrado director do collegio, e benemerito mestre de linguagem articulada dos surdos—mudos, offereceu aos paes de seus muitissimos alumnos e aos seus numerosos amigos uma brilhante festa.

A concorrência era immensa, e tal a quasi não se poder respirar no salão-mór, aliás muito vasto.

Presidiu a sessão commemorativa o Sr. Visconde de Paranaguá, que a abriu com um pequeno discurso apologético dos reconhecidos merecimentos da Exma. Sra. D. Carlota Menezes Vieira; falou em seguida o sympathico e esclarecido professor de mathematicas, alferes Ulysses Cabral, sendo entregues áquella senhora muitos brindes de valia e numerosos e bellos *bouquets*. Falou por ultimo o Dr. Menezes Vieira, muito commovido, declarando que o melhor dos seus triumphos como educador o deve á sua querida e incansavel companhia.

Em seguida teve lugar o concerto, que foi excellentemente executado, e cujo programma não inserimos por faltarnos o preciso espaço.

Terminou a festa por animadissimo baile.

Nossos cumprimentos á illustre continuadora, em nossa patria do venerando Frœpel.

Partiu no dia 9 para S. Paulo o Sr. Boaventura de Sá, socio da importante casa commercial de Miguel Cardoso & C., d'aquella praça.

Matriculou-se no primeiro anno do curso de Direito de S. Paulo o Sr. Alfredo Pujol, distincto moço, de muitas

esperanças, que foi redactor d'A *Quinzena*. Será seguramente um dos estudantes que mais honrem a actual geração academica da Paulicéa.

Acha-se na Corte, chegado de Lisboa, o distincto poeta portuguez Antonio Feijó, auctor do apreciado livro *Lyricas e Bucólicas*.

14 DE JULHO

A festa franceza do 14 de Julho foi esplendidamente celebrada pela Sociedade Franceza de Gymnastica com um grande baile, que esteve muito animado e concorridissimo, e por magnifico concerto no Polytheama, onde a *Marselheza* foi soberbamente executada por 300 musicos.

Cantou a Sra. Preziosi, a notavel artista da companhia Grau. Depois do concerto houve lauta ceia, á qual se seguiu um deslumbrante baile.

Foi uma festa bellissima, como são todas as organisadas pela illustre colonia franceza do Rio de Janeiro.

COLLEGIO INTERNACIONAL

Este excellente estabelecimento de educação, fundado e dirigido pelo Sr. Gambaro commemorou no dia 14 o sexto anniversario de sua criação com uma missa solemne na igreja de S. Francisco de Paula.

A's 10 horas chegaram os alumnos, em numero de 70 (numero que não foi maior por causa do mau tempo), uniformizados e em forma, com as suas espingardas escolares ao hombro, e o estandarte do collegio e varias bandeiras hasteadas. Acompanhava-os a excellente banda do arsenal de guerra, que tocou durante o officio. A concorrência era grande. Estamos certos de que se repetirá muitas vezes esta solemne e festiva, pois que a este excellente collegio está reservada vida longa e prosperissima.

GRANDE KERMESS

Amanhã, 18 do corrente, á uma hora da tarde, abrir-se-á, no salão principal do Cassino Fluminense a kermesse promovida por S. A. Imperil, a Sra. Condessa d'Eu em beneficio do Asylo Agricola, inaugurado pela Associação Promotora da Infancia Desamparada. O nome da augusta promotora da kermesse é a sua melhor garantia e maior *réclame*.

Entre as barracas mais bem ornadas e mais attrahentes destaca-se a de Mme. Netto Machado, em que, entre muitos outros objectos de valia, encontram-se uma estatueta de Bernadelli e um quadro de Victor Meirelles.

A entrada amanhã será de 500 rs.

EXPERIENCIA CAVALCANTI

Em dias da semana passada e com alguma concorrência realizou-se mais uma experiencia do aparelho Cavalcanti, destinado a evitar as proezas dos assassinos bem conhecidos sob o nome de — bonds.

O seu inventor, não contente com as provas dadas com o manequim que lançara aos trilhos, sujeitou-se a si e a um seu filho ás mesmas provas ficando, felizmente, demonstrada a efficacia de um tal systema.

Oxalá que o seu inventor veja dentro em pouco applicado a todos os bonds esse preservativo que garantirá tantas vidas.

Assistiram a essa experiencia sua magestade o imperador, que se mostrou satisfeito, representantes da imprensa e muitos convidados e curiosos.

JARDINS DA



INFANCIA

PROPAGANDA FRÖBEL

« Il dépend de la génération présente que la génération qui viendra après elle trouve sous ses pas ou des roses ou des épines.

MME. MARENHOLTZ BULOW»

O que é o jardim da infancia ?

É uma instituição que tem por fim educar meninos de 3 a 6 annos de idade, aproveitando as aptidões, modificando a índole, formando o caracter, despertando e auxiliando o desenvolvimento das faculdades physicas, moraes e intellectuaes.

Porque se chama jardim ?

Porque as crianças, os vossos filhinhos, flores mimosas do vosso amor, exigem nesse periodo da existencia a mais desvelada cultura.

Que vantagens offerece ?

A criança desde os primeiros mezes aprende muito pela vista e pelo ouvido. A mobilidade dos olhos, a curiosidade physionomica demonstram que a todos os instantes aquelle cerebrosinho trabalha. E quão duradouras são as impressões que recebem? Em certos casos, quão perniciosas para o futuro ?!

Crear um meio, um ambiente em que esteja isenta d'essas causas, evitar a acção corruptora dos máos exemplos, gradual e harmonicamente provocar as faculdades moraes, exercitar o debil organismo, transformar e aproveitar certos instinctos, dirigir o desenvolvimento da intelligencia: — taes são as vantagens que offerece o jardim da infancia.

Será necessario no Brazil ?

Muito breve, a mulher brasileira, deixando de ser *senhóra*, limitar-se-ha ao papel de *senhóra*; será auxiliar do esposo, irá ao trabalho pedir os meios para a subsistencia do casal. Nesse dia as creches e os jardins da infancia serão indispensaveis.

Na classe pobre, as mães que vivem nos cortiços, entregues á lida quotidiana, á lavagem e ao engomado não têm tempo para cuidar dos filhos. As crianças vagueam pelos pateos e pelas ruas, expostas a mil accidentes, adquirindo máos habitos, preparando-se para a garotagem.

Na alta sociedade, os espectaculos lyricos, os passeios á rua do Ouvidor, as estações em Petropolis e Friburgo não permitem que as crianças recebam todo o desvello de que carecem. Se não vagueam pelas ruas, vivem com os famulos e com os escravos, companhia ainda mais pervertedora.

Qual a importancia do jardim em relação á escola primaria ?

É immensa. O professor encontrará o terreno desbravado. A missão do mestre, com ser espinhosa, tornar-se-ha menos ardua e o resultado mais rapido e seguro.

É uma instituição nova ?

Em 1771, Oberlin, natural de Strasburgo, parochio de Ban de la Roche, cantão Schirmeck, fundou aos 27 annos de idade, com o auxilio de sua dedicada esposa Salomé Witter, o primeiro estabelecimento d'este genero.

Actualmente a Allemanha, a Inglaterra, a Suissa, os Estados-Unidos, a França, a Italia, a Belgica, a Hollanda, Portugal, a Confederação Argentina possuem instituições identicas.

Que aprenderá vosso filho ?

Aprenderá a fallar, a corrigir-se da gagueira, do tatibitismo, do sibillatismo, do perdigotismo, de certos caoethes; aprenderá a observar, servir-se dos sentidos, exercer a attenção, comparar, formular juizos; isto é, pensar, raciocinar, associar idéas, cultivar e enriquecer a memoria.

Fará exercicios que fortifiquem o corpo, trabalhos manuaes de construcção, de desenho, de moldagem.

Aprenderá principalmente a amar e praticar o bem!

Será castigado corporalmente ?

O castigo corporal, remedio extremo, especie de cauterio potencial, de exito duvidoso, indicado mui rara e cautelosamente, seria requinte de crueldade applical-o ás criancinhas, quando todos os dias a influencia do meio accentua-se, debellando verdadeiras diatheses moraes, pondo em duvida a hereditariedade para o vicio.

A que horas deve vir para o jardim ?

Em materia de educação, o exemplo é tudo. Se desejamos que os futuros cidadãos restabeleçam o imperio da lei, é necessario dar o exemplo, obedecendo á lei do collegio ou da escola.

Nada escapa á perspicacia da criança.

Como deve trajar ?

Evitem-se os extremos: nem o embohecimento mulheril, nem o desalinho vulgarmente chamado philosophico.

Roupas folgadas, de lã ou de brim de cor branca, cinturão envernizado, chapozinho de palha, uma pequena mala a tiracollo, eis o homemzinho preparado, se tiver as unhas aparadas, os cabellos curtos, rosto e mãos bem lavados, dentes limpos.

Não vos esqueçais de que um simples volver de olhos sobre a criança dá idéa exacta do que vale a familia a que pertence.

É permitido trazer alguma cousa para «fazer as onze» ?

De certo. Duas fatias de pão com manteiga, um pouco de marmelada, meia duzia de biscoitos ou um bife é quanto basta a esses passarinhos, que menos comem que debicam.

Nada de fructos, em geral colhidos fóra do tempo, amadurecidos á força.

De que modo os pais nos auxiliarão ?

desafiando a criança a contar os trabalhos do dia, o que viu, o que fez, o que aprendeu. Compreende-se que este passatempo (*cuidadosamente afastado o espirito do mezerico, da denuncia ou da calumnia*) é um poderoso incentivo. O pequenino sentir-se-ha lisonjeado pelo interesse que a familia consagra aos seus progressos.

Nos dias de descanço muito convém os passeios aos arrabaldes; o ar dos campos, a pureza das aguas, os risinhos panoramas, a variedade na alimentação actham favoravelmente sobre o physico e o moral.

Relações entre o pai e o educador.

Devem basear-se na mais perfeita sinceridade; são duas forças que convergem para um mesino fim: — transformar a criança em cidadão util á patria, á familia e a si proprio.

Desde que desaparece a confiança, as forças tornam-se divergentes em desproveito do educando.

A escolha de um collegio tem acompanhado as variantes da moda. Vae isto de harmonia com a nossa índole, um pouco voluvel, e os males, infelizmente, mui tarde se reconhecem.

Visite-se o Collegio, converse-se com o director, indague-se dos amigos que só dizem bem e dos inimigos que só dizem mal, procure-se o meio termo e depois... entregue-se o filho com a mesma confiança com que se entrega ao medico um doente querido.

De feito, do educador não menos confiais: vosso filho é o depositario do vosso nome, da vossa honra, do nome, da reputação de vossa familia!...

PROGRAMMA DO JARDIM DA INFANCIA

DE 3 A 6 ANNOS DE EDADE.

GYMNASTICA INTELLECTUAL. — Discernir e comparar a cor, a fórma, a extensão, a quantidade, a temperatura, o som, o cheiro, o sabor dos objectos.

LINGUA MATERNA. — Por meio dos dons de Fröbel (corpos, superficies, linhas e pontos) das lições de cousas, (o nome da criança, idade, nome dos pais, logar em que reside, principaes partes do corpo humano, animaes e plantas mais conhecidos e uteis, objectos relativos á alimentação, vestuario, habitação, transporte), divisão do tempo, hora, dia, semana, mez, anno, estação, frio, calor, flores e fructos, — partes da escola, principaes ruas e praças, terra e agua, sol, nascente, poente, contos, historietas, fabulas á vista de estampas.

EDUCAÇÃO PHYSICA. — Cantos em coro, marchas, jogos, imitativos do trabalho do marceneiro, do ferreiro, do agricultor, do remador, etc, etc.

EDUCAÇÃO MORAL. — Pelo exemplo — aquisição de bons habitos, aproveitamento dos instinctos, extirpação dos defeitos e pequeninos vicios.

COLLEGIO MENEZES VIEIRA -- RUA DOS INVALIDOS, 26

JOCKEY-CLUB

PROGRAMMA DA QUARTA CORRIDA

A REALIZAR-SE NO PRADO FLUMINENSE

DOMINGO, 18 DE JULHO DE 1886

1º pareo — (às 12 horas) — **GUANABARA** — Animas nacionais de 4 annos e mais — 2.500 metros — Premios: ao primeiro 2:000\$; ao segundo 500\$ e ao terceiro 250\$ — Inscrição 100\$

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	<i>Boreas</i>	Castanho....	5 annos	S. Paulo.....	52 kilos	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
2	<i>Talisman</i>	Alazão.....	5 »	Idem.....	54 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
3	<i>Pery</i>	Alazão.....	6 »	Idem.....	56 »	Encarnado, branco e preto.	M. S. Ferreira.
4	<i>Diva</i>	Castanho....	4 »	Minas Geraes	47 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
5	<i>Carmen</i>	Idem.....	4 »	S. Paulo.....	47 »	Azul e grénat.....	Coud. Internacional.

2º pareo — (às 12 3/4 horas) — **FERREIRA LAGE** — Animas nacionais de meio sangue que não tenham ganho este anno — 1.300 metros — Premios: ao primeiro 600\$ ao segundo 200\$ e ao terceiro 100\$ — Inscrição, 30\$.

1	<i>Douro</i>	Alazão.....	7 annos	R. de Janeiro.	54 kilos	Verde e ouro.....	J. L. C.
2	<i>Peralta II</i>	Castanho....	4 »	Paraná.....	52 »	Preto branco e encarnado..	
3	<i>Ni-roafi</i>	Idem.....	4 »	Idem.....	52 »	Azul e branco.....	J. P.
4	<i>Eolo</i>	Zaino.....	3 »	S. Paulo.....	50 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
5	<i>Africa</i>	Preto.....	8 »	Paraná.....	52 »	Encarnado, branco e ouro..	Coudelaria Paulista.
6	<i>Regalia</i>	Vermelho....	6 »	S. Paulo.....	52 »	Branco e encarnado.....	Mario de Oliveira.
7	<i>Bonita</i>	Alazão.....	5 »	Idem.....	52 »	Azul e encarnado.....	J. Machado.
8	<i>Bitter</i>	Preto.....	5 »	Idem.....	51 »	Azul.....	H. J. da Silva.
9	<i>Americana</i>	Tordilho....	4 »	R. de Janeiro.	50 »	Encarnado, branco e preto.	M. L. de Carvalho.
10	<i>Intima</i>	Castanho....	5 »	S. Paulo.....	52 »	Ouro e encarnado.....	D. A.
11	<i>Mascotte</i>	Tordilho....	5 »	R. de Janeiro.	52 »	Azul e branco.....	D. A.
12	<i>Biscaia</i>	Alazão tost..	4 »	S. Paulo.....	50 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
13	<i>Sartarelle</i>	Preto.....	5 »	Paraná.....	51 »	Geranium e ouro.....	J. W.
14	<i>Aranha</i>	Alazão.....	5 »	S. Paulo.....	52 »	Vermelho.....	Coudelaria Mirim.

3º pareo — (à 1 1/2 hora) — **DEZESSEIS DE JULHO** — Animas de qualquer paiz até 3 annos — 1.609 metros — Premios: ao primeiro 1:000\$; ao segundo 300\$ e ao terceiro 150\$ — Inscrição para estrangeiros 80\$ e para nacionais 40\$.

1	<i>Gaudriole</i>	Castanho....	3 annos	França.....	48 kilos	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
2	<i>Scylla</i>	Idem.....	3 »	Inglaterra...	48 »	Havana e branco.....	Idem idem.
3	<i>Dr. Jenner</i>	Zaino.....	3 »	Rio da Prata.	50 »	Grénat e ouro.....	Oscar Machado.
4	<i>Camelia</i>	Alazão.....	3 »	França.....	58 »	Azul pavão e grénat.....	Coud. Santa Cruz.
5	<i>Dignitaire</i>	Idem.....	3 »	Idem.....	50 »	Preto, branco e encarnado.	Coudelaria Paraizo.
6	<i>Coupon</i>	Idem.....	3 »	Idem.....	50 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
7	<i>Gladiator</i>	Castanho....	3 »	Inglaterra...	50 »	Setim br. e manchas pretas.	M. U. Lemgruber.
8	<i>Victoria</i>	Zaino.....	3 »	Idem.....	48 »	Vermelho.....	Coud. Mirim.

4º pareo — (às 2 1/4 horas) — **YPIRANGA** — Animas nacionais de 3 annos — 2.000 metros — Premios: ao primeiro, 2:500\$; ao segundo 600\$ e ao terceiro 300\$ — Inscrição 100\$.

1	<i>Monitor</i>	Castanho....	3 annos	S. Paulo.....	50 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
2	<i>Plutus</i>	Idem.....	3 »	Idem.....	52 »	Azul, br. encarnado e faixa.	
3	<i>Pip</i>	Pampa.....	3 »	Idem.....	50 »	Branco e azul.....	B. V.
4	<i>Flotsam</i>	Zaino.....	3 »	Idem.....	50 »	Vermelho.....	Coud. Mirim.
5	<i>Onix</i>	Castanho....	3 »	Idem.....	50 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes

5º pareo — (às 3 horas) — **MAJOR SUCKO W** — Animas nacionais de meio sangue — 2.000 metros — Premios: ao primeiro, 1:000\$; ao segundo 300\$ e ao terceiro 150\$ — Inscrição 50\$.

1	<i>Douro</i>	Alazão.....	7 annos	R. de Janeiro.	56 kilos	Verde e ouro.....	J. L. C.
2	<i>Yvon</i>	Zaino.....	4 »	Paraná.....	52 »	Azul e manchas encarnadas	C. P.
3	<i>Nicoafi</i>	Castanho....	4 »	Idem.....	52 »	Azul e branco.....	J. P.
4	<i>Paulicéa</i>	Idem.....	4 »	S. Paulo.....	50 »	Encarnado branco e ouro..	Coud. Paulista.
5	<i>Druid</i>	Tordilho....	4 »	R. de Janeiro.	52 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
6	<i>Guanaco</i>	Alazão tost..	7 »	Paraná.....	54 »	Vermelho.....	Coud. Mirim.
7	<i>Bayoco</i>	Castanho....	5 »	S. Paulo.....	54 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.

6º pareo — (às 3 3/4 horas) — **JOCKEY-CLUB** — Animas de todos as paizes e edades — 2.500 metros — Premios: ao primeiro, 2:000\$; ao segundo 500\$ e ao terceiro 250\$ — Inscrição para estrangeiros 150\$ e para nacionais 75\$.

1	<i>Satan</i>	Castanho....	3 annos	França.....	48 kilos	Granada e ouro.....	Mario de Souza,
2	<i>Cu-ubaid</i>	Zaino.....	5 »	Inglaterra...	49 »	Preto e encarnado.....	D. F. P.
3	<i>Plutão</i>	Alazão.....	6 »	França.....	52 »	Azul branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
4	<i>Phrynéa</i>	Castanho....	4 »	Inglaterra...	51 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
5	<i>Fanfaron</i>	Alazão.....	4 »	França.....	50 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
6	<i>Speciosa</i>	Idem.....	4 »	Inglaterra...	47 »	Azul e grénat.....	Coud. Internacional.
7	<i>Naná</i>	Zaino.....	5 »	Idem.....	49 »	Setim br. e manchas pretas	M. U. Lemgruber.

7º pareo — (à 4 1/2 horas) — **INTERNACIONAL** — Animas de todos os paizes e de puro sangue, ate 4 annos — 2.000 metros — Premios: ao primeiro, 1:500\$; ao segundo 400\$ e ao terceiro 200\$ — Inscrição para estrangeiros 100\$, para nacionais 50\$.

1	<i>Aspasia</i>	Castanho....	4 annos	Inglaterra...	52 kilos	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
2	<i>Creusa</i>	Alazão.....	4 »	Idem.....	52 »	Ouro, branco e faixa.....	Idem idem.
3	<i>Scylla</i>	Castanho....	3 »	Idem.....	50 »	Havana e branco.....	Coudelaria Alliança.

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 21 DE JULHO DE 1886

VOL. II-N. 82.

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	FILINDAL
Historia dos sete dias.....	A. L. VIEIRA.
Paletas femininas.....	R. OCTAVIO.
A morte do soldado, poesia.....	PACHECO JUNIOR.
Noticia bibliographica...	S. PRUDHOMME.
A Pasteur, soneto.....	V. MAGALHÃES.
Au génie! poesia.....	GALLI-LÉO.
Musica e musicos.....	P. TALMA.
Theatros.....	ALB. BRAMÃO.
Separacão, poesia.....	M. V.
Jornaes e revistas.....	L. M. BASTOS.
Sport.....	FR. SIMPLICIO.
Tratos á bóla.....	
Factos e Noticias.....	
Recembens.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÓRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

Rogamos ao nosso assignante, Sr. Dr. Urbano de Gouvêa, o favor de nos indicar a sua residencia definitiva, afim de lhe podermos remetter *A Semana* com regularidade.

Estamos suspendendo a remessa d'*A Semana* a todas as folhas que — do imperio como do Estrangeiro — comnosco não têm permutado.

Remettel-a-emos, porém, a todos os collegas novos que nos honrarem com a sua visita e aos antigos que comnosco entrarem a permutar.

HISTORIA DOS SETE DIAS

O meu querido leitor descansou regaladamente duas semanas! Eu não lhe impingi esta mal alinhavada chronica nos dois ultimos numeros d'este importante semanario. Devo, porém, confessar-lhe, á puridade, que eu ainda mais me regalei com esse descanso... Falta de espaço, accumulo de mate-

ria, estopada do meu melhor collega e amigo, que, além de andar tres dias na pandega, de sucia com o imperador, pelas terras do Sr. Cesario Alvim, ainda em cima encheu quarenta tiras de papel, descrevendo a viagem á volta de um queijo em 72 horas;—taes foram as causas que deram motivo... Perdão!—taes foram os motivos que deram causa a que eu, estando de assumpto prompto e espirito aguçado, não derramasse por estas columnas abaixo as catadupas de espirito e as brucacas de sal attico com que costume de deliciar os leitores d'*A Semana*, quatro vezes por mez, sempre sorridente e alegre, como um bom rapaz que, marchando para a gloria e para a immortalidade, vae pelo caminho dando uns piparotes na pança monumental do burguez.

E, todavia, eu tinha na semana passada um dever de consciencia a cumprir: Era deitar uma fala ao honrado Sr. conselheiro Theodoro Machado.

Posto que adiado, o assumpto não perdeu ainda a actualidade, e por isso, compadecendo-me do meu leitor indefeso, o que eu vou fazer é deitar a dita fala... um pouco mais curta do que me pediam que fosse os meus instinctos de fera bravia e o meu genio indomavel e terrivel como seiscentos diabos!

Todo o mundo sabe (1) que eu sou conservador desde os bicos dos sapatos até á copa do chapéu. A verdade d'esta solemne asseveração pôde ser confirmada tanto pelo meu sapateiro: como pelo meu chapelleiro. Em politica eu sou intransigente como o Sr. Felicio dos Santos, e quem duvidar tem que se haver com o meu genio e com os meus instinctos acima adjectivados.

E', pois, como conversador que eu me dirijo ao meu illustre correligionario conselheiro Theodoro Machado (2) para lhe dizer aqui em particular que aquillo do 3º escrutinio é uma patifaria, maior da marca, e que, assim como S. Ex.—se por acaso tivesse a desgraça de ser subdelegado— não accitaria um relógio de ouro, que lhe quizessem offerer numa *manifestação*, desde que soubesse que esse relógio pertencia a outro individuo, a quem fora exturquido; tambem não deve aceitar o diploma que uma votação parlamentar deshonrada teve a pouca vergonha de lhe offerer.

Direi mais ao meu eminente compatriota que a justa reputação da seriedade, da hombridade, da honradez, da honestidade e do brio de S. Ex. nunca lhe permittirá que vá ao thesouro do Estado receber o subsidio que as urnas da briosa provincia de Pernambuco outhorgaram ao Sr. José Mariano. Se S. Ex. tal fizesse—o que repellidos como affrontos do seu elevado character—S. Ex. teria de córar deante do empregado pagador d'aquelle repartição.

(1) Vide Larousse, *Encyclopedia do Riso e da Galhofa*, letra O: Opiniões politicas de Filindal.

(2) Não lhe ponho o nome todo, por ser muito comprido: Theodoro Machado Freire Pereira da Silva!

Além d'isso, no exercicio dos seus sagrados direitos parlamentares, teria de tremer muitas vezes a propria consciencia de S. Ex.

Eu não morro de amores pelo Sr. José Mariano,— em quem, aliás, reconheço talento e patriotismo — porque elle é liberal, quero dizer:—uma peste, como todos os liberaes que têm o defeito de não ser conservadores; mas digo isto porque o Sr. Theodoro Machado é cá do troço do meu partido, que é o partido da gente séria e honesta, embora gema o Sr. Saraiva que monopolisou toda a seriedade e honestidade que no paiz havia disponível.

Entretanto, faço ao Sr. conselheiro a justiça de acreditar que estas minhas palavras serão inuteis, porque S. Ex. pensa exactamente como eu penso, e não aceita de modo nenhum a vergonhosa dadiva da camara dos deputados.

A respeito do celebre processo dos vereadores suspensos tem continuado o summario de culpa, isto é—a eterna inquirição de testemunhas.

Este processo é da familia dos interminaveis, e quando o tal *summario* se concluir já não existirá, por certo, nenhum dos delinquentes. Repousarão todos na fria campa, sob a pedra tumular que lhes hade pesar igualmente sobre os corpos e sobre o processo.

A procrastinação d'esta causa publica talvez ainda venha a ser um escandalo maior que o das *preferencias*... Talvez!

O que acima prognostico ao processo dos vereadores está-se traduzindo em facto consummado no processo do celebre crime da Penha. Já morreram Vicente *Calças-largas* e Manoel Pereira Ramos, ambos indiciados como co-auctores d'aquelle crime.

A justiça divina precede muitas vezes acertadamente a justiça dos homens.

Os Srs. Drs. Candido Coelho e Azevedo Pimentel, peritos nomeados para analysar os productos da fabrica Fritz Mack & C. já apresentaram o seu parecer ao Sr. Barão de Ibituruna.

D'esse parecer infere-se que a mysteriosa *substancia verde* é venenosa, que o arseniato de sodio é muito venenoso tambem, mas que os Srs. Fritz Mack & C. não empregam aquelles toxicos nos productos da sua fabrica e tinham-nos apenas como objectos de mera fantazia, *bibelots* alchimicos de *arte-hermetica*, pontos de partida para a descoberta da pedra philosophal, iniciação da firma commercial nas combinações mysteriosas de Rogerio Bacon, Cagliostro e Casanova. Chega a ser commovedora a innocencia dos Srs. Fritz Mack & C.!

Ha nesse parecer uns topicos interessantissimos:

« Quanto aos xaropes de ananaz e de orchata e á genebra, o vicio dos rotulos está em não especificarem que estas bebidas são artificiaes. »

Eu sempre queria que me dissessem

se ha xaropos e genebra que não sejam artificiaes.

Estarão os peritos persuadidos de que os xaropos e a genebra nascem da terra já feitos e engarrafados?

Continúa o parecer:

« Quanto ao vinho do Porto, por isso que o contheúdo da respectiva garrafa não é só vinho de uva, podemos affirmar que o rotulo não corresponde ao contheúdo. »

Mas se não é só vinho de uva o que a garrafa contém, façam-nos o favor de dizer que vinho é esse que Fritz vende como vinho do Porto.

E' verdade que eu já ouvi dizer, uma vez, que o melhor vinho do Porto era o moscatel de Setubal!

A' exposição sul-americana, que se deve inaugurar em Berlim a 1 de Setembro, não pôde o Estado promover a sua representação official, por falta de meios; mas o Sr. ministro da Agricultura, de accordo com o Centro da Lavoura e do Commercio, pediu a concorrência das provincias. Ao appello do Sr. ministro foi a provincia do Espirito Santo a primeira a corresponder.

Veremos se as outras provincias estarão dispostas a levar ao estrangeiro a fama dos seus productos.

O grande acontecimento da actualidade é a *kermesse* do Cassino Fluminense, promovida por S. A. a princesa imperial, em benefício da Infancia Desamparada.

E' verdade que os tempos andam bicudos; mas é tal a graça, a formosura e a gentileza das vendedoras, que a gente sempre hade encontrar no fundo da respectiva gaveta umas moedinhas disponiveis para a compra de uma rosa, menos perfumada do que o sorriso que nol-a offerece.

S. A. está fazendo jus ao appellido de sua augusta prima a Sra. D. Maria Pia, de Portugal, cognominada pela pieguice peninsular — *Anjo da Caridade*.

E' certo o dictado: Por bem fazer mal haver!

Haja Sua Alteza por bem livrar-se d'aquella denominação lyrica, que muito o merece a generosa acção que está praticando.

São estes os votos de

FILINDAL

PALESTRAS FEMININAS

A NOIVA

E' de erer que muitas das minhas benevolas leitoras sejam noivas. Cedo por isso ao desejo de publicar aqui a resposta que enviei a uma das minhas mais formosas amiguinhas, residente em S. Paulo, de uma carta em que essa gentil criança me participou o seu proximo casamento:

«Minha amada Cecilia.— A tua carta fez-me scismar longas horas, com uma suavidade, um bein estar indiscriptivos.

Via-te passeando na avenida de palmeiras da tua chacara, encostada ao braço do teu ditoso noivo; cerrava os olhos para te ver melhor e ouvia o roçar do teu vestido branco nas folhas soccas das amendoeiras, que o vento trouxera para atapetar-te o caminho; parecia-me ver-te colher aqui uma violeta, que passava dos teus labios aos d'elle, ali uma margarita, que ambos

desfolhaveis sorrindo e interrogando-a, anciosos...

Que feliz tempo esse por que estás passando! Não apresses o fim d'esse encantador romance, peço-l'o.

Enganas-te, Cecilia: julgas conhecer a vida, tu, que ainda não soffrestes!

Dizes-me na tua gentilissima carta: «Arthur é um coração nobre e generoso! Nunca surpreendi em seus olhos um momento de distracção ou frieza, nunca um gesto de enfado ou fadiga, nunca um sorriso contrafeito. Acha-me encantadora e ama-me; oh! ama-me deveras, com todas as forças de uma alma ardentissima.

«Lembras-te das nossas conversações intimas na rede, nas frias e neblinosas noites de inverno, quando buscavamos encontrar defeitos uma á outra? Lembras-te que me achaste alguns e que eu (ninguem nos ouvia) concordei contigo? Pois vê, Arthur não me encontra nenhum; para elle sou a perfeição, a mulher unica; fica extatico se canto, acompanhando-me na harpa; applaude enthusiasmado, se ao piano toco Chopin ou Beethoven. E' celebre! a minha infantilidade incuravel, os meus ciumes e arrufos, até a ironia que, mau grado meu, magoa muitas vezes pessoas que tanto estimo, são para Arthur qualidades, encantos que o tornam o mais invejavel dos noivos. Que doçura de genio tem elle!! Verás. Em eu sendo sua mulher, não serei contrariada na minima vontade, serei rainha absoluta, e os meus gostos e caprichos serão satisfeitos antes mesmo de manifestados.»

Talvez te illudas, minha doce Cecilia. E' delicioso acreditar que sómos adoradas sobre todas as cousas, e os gestos de desagrado dos que nos amam facilmente se disfarçam.

E' que a occasião de reprimir os actos da mulher escolhida não é o noivado, mas depois...

Todos, ou quasi todos os leões assemelham-se ás pombas quando requestem, e não serias tu por certo, inexperiente coração de 18 annos, que poderias levantar o véu do disfarce amavel que te inebria e lisongeia.

Admiras-te e abres desmedidamente os grandes e negros olhos, assustada com o que estás lendo; não é assim?

Adivinho que dizes, interrompendo a leitura: «Não conhece o meu Arthur».

Não preciso conhecê-lo, filha, para dizer te que elle, como todos, ha-de contradizer-te muitas vezes, contrariar-te algumas, e aconselhar-te, — apoutando-te os teus pequeninos defeitos, — innumeradas.

Resigna-te desde já, a modificar um quasi nada o teu programma de um futuro azul sem fim; verás que, por ter aqui e alem umas pequeninas nuvens brancas como flocos de espuma ou véus de desposada, não deixa o teu céu de ter todo o esplendor da maior das venturas, — o resplendente sol do amor!

Um arrufo, — nuvensinha — depois, o beijo — o sol, mais brilhante que nunca, fazendo scintillar como diamantes as gottas do orvalho da alma, as pequeninas lagrimas de ciume ou despeito, presas nos teus longos cilios.

Está em tuas mãos obstar a que as nuvensinhas vaporosas se condensem e conduzam no seio a tempestade.

O que é preciso para isso? Muito pouco: Amar. Amar sem um pensamento alheio a esse affecto absorvente, amar procurando nas festas, nas vigílias, no somno — agradar ao esposo, sempre casta, sempre meiga e imaginosa, sempre desvellada e alegre, elegante no vestir, nas maneiras, no gesto e no fallar; corrigindo esses senões que encontramos juntas nas neblinosas noites de inverno, que não esqueci, que não esquecerei nunca.

Pensam muitas meninas que provam saber ser esposas abaudonando, depois de casadas, o estudo e o espelho.

Que camiinho eriado tomam para o coração do marido essas pobres sacrificadas!

Como esperar conservar uma affeição, se despojamos dos attractivos que o faziam adoravel, o objecto que a causou e alimentou? E' evidente que se um homem escolheu para companhia da sua vida uma mulher elegante, graciosa, prendada, se esse homem se orgulhava com as palmas arrancadas pelo talento de cautora ou pianista da noiva que adorava, sentirá, pouco a pouco, que o invade o frio da indifferença ao pé da esposa descuidada e negligente, que passa os dias inteiros sem chegar ao espelho, envolta em um *peignoir*, com os cabellos presos ao acaso; que conserva fechado o piano; dizendo pretenciosamente aos que lhe perguntam porque não toca ou canta mais: — Já não preciso agradar.

E o marido? Não tem a mulher casada o dever de agradar ao marido? Não precisa ella estar sempre preparada para sustentar com vantagem o exame a que elle inconscientemente a sujeitará todos os dias?

Aqui tens tu, minha encantadora Cecilia, em poucas palavras o teu programma:

Casando, não te vulgarises, conserva para o teu incomparavel Arthur o encanto do desconhecido; continúa, mesmo com sacrificio, se Deus te conceder a benção da maternidade, a cultivar o espirito, tocando no piano ou na harpa as melodias que o extasiam, o que sejam os teus quadros sempre, para elle, verdadeiras surpresas geniaes. Prometto-te eu, assim, uma eternidade de amor.

Pedes-me que escolha para mim o melhor dos teus quadros que conheço, ou escolha assumpto que me agrade; prefiro esperar a escolher. Queres? — pinta, e farné-ás feliz, o teu quarto de solteira, num dia claro de Abril; — as janellas abertas deixando entrar alguns ramos da hera que cobre completamente a parede, do lado do jardim; a estante, vergando ao peso dos teus livros; as rendas do cortinado, deixando entrever a cama, alva de neve; a rede onde, sentadas bem junctas, conversavamos tantas vezes do teu auspicioso porvir; tudo, tudo; não esquecendo mesmo as cantoneiras de ébano, cheias de pequeninos nadas, de mimos de bronze e Sevres, e a gaiola dourada do teu tenor alado.

Um ultimo conselho:

Sé activa e energica com justiça, no governo do teu paraíso, a tua casa; sé condescendente sem fraqueza, meiga sem importunação, e depois, e sempre em meio da tua infmita ventura, pensa, um minuto apenas, na tua dedicada e velha amiga

Adelina. »

ADELINA A. LOPES VIEIRA.

A MORTE DO SOLDADO

Como em cima de um leito
De purpura, o soldado agonizando
Estava, aberto o peito
Em chaga, que ia o sangue derramando.

Subito se acalmava,
Após esforço extremo e extremo arranco,
E o sangue espadanava,
Rubro, tingindo o seu cabello branco.

Soluçava, gemia,
 E nos seus olhos quasi se apagando,
 Como uma flôr, se via
 A derradeira lagrima boiando.

Quiz falar, um gemido
 Do seu peito sibiu, rouco, profundo,
 Como se um som, partido
 De uma cisterna lobioga do fundo.

Tentou erguer-se ainda
 Mas de novo cahiu prostrado o velho.
 A aurora, longe, linda,
 Derramava nos ceus um tom vermelho.

Delirando agitava
 A mão, qu'il se uma espada elle ngitasse,
 Crendo estar, como estava
 Ha pouco, heroico, do inimigo em face.

E do inimigo a lança
 Sentiu varar-lhe o peito: o sangue corre
 Aos borbotões, balança,
 Agita o corpo ainda uma vez... e morre.

S. Paulo—1896.

RODRIGO OCTAVIO,

NOTICIA BIBLIOGRAPHICA

A PROPOSITO DE UM NOVO LIVRO DO SR. GUILHERME BELLEGARDE

Em Setembro proximo passado escrevi um folheto intitulado — *Questão phascologica*, cujas tonalidades ridentes — como declarei no breve proloquio — não pretendiam magoar quem quer que fosse. (1)

Nesse opusculo, que todavia representa justificado desforço, lê-se uma carta por mim endereçada ao distincto glottologo Lameira de Andrade, da qual excerpto os lanços que seguem por virem muito ao caso:

« E' agora andaço nesta cidade inculcarem-se os meus heroicos conterraneos possuidores de mais linguas mortas que qualquer armazem da rua do Rosario; rebuscadores de etymologias estapafurdias no lixo acamado desde os tempos genesicos; excavadores de archaismos nos cadeixos sepultados no pó do esquecimento, nessas necropoles litterarias — *cagasebos* de alcunha; respigadores de formas intermediarias e divergentes; roedores de todas as especies de raizes.

« Não pôde aspirar a cousa alguma, nem alcatruzar-se a altos cargos, quem não apresenta breve philologico.

« Quando nas férias vieres até cá, terás frouxos de riso vendo-os passear pela rua do Ouvidor das duas para as tres, com os olhos cravados no chão (talvez com receio lhes aconteça o mesmo que ao mathematico de Seneca) sobraçando alguma semsaboria classica do seculo XV, e um fasciculo da *Romania*, a passo tardo, boviao; impando de opilação como quem acabou de embuchar a introdução ao dictionario de Vieira, um capitulo de Th. Braga, e por cima do tudo isso — um nabo aferventado ou um pepino crú.

(1) O sumario deste folheto, escripto em tom de festa, não obstante a seriedade do assumpto, porque eu queria que elle fosse lido por todos, pelo publico seasato e pelo lorpa, é o seguinte:

Feijão e phaseolus. Guerra civil pouco civil. — Virgilio restaurado. — Farfalharias de rixa velha. Trovoada de asneiras. — Rascão metido a trinchante mór. *Asinus asinum fricat*. — Sinceridade no falar e um aperto de mão. *Maxima debetur puero reverentia*.

« A' especie de namoradores pataratamente inoffensivos, que o vulgo arrola no seu vocabulario methaphorico sob o nome de *azeiteiros*, pertencem tambem certos philologos subalternos, que, perguntados p. ex.: d'onde se deriva o artigo o, respondem no aprumo solemne da audacia cathedratice desorientada — de *illo*, de *hoc* e de *eo*, ainda talvez do grego *ho* ou do arabe *al*, e quiza do arameano *aleph* emphatico! São namoradores vitalicios, que requestam todas as raparigas da freguezia, em todas se derriçam, mas não casam com ellas, porque... « só pôdem amar dentro dos limites da castidade. »

Já lá vae quasi um anno que escrevi esta carta, e ainda hoje o genero que mais afflue ao nosso mercado litterario é o philologo: uns — *pur-sang*, genuinos; outros — falsificados, coatrabandos de pacotilha, productos da fabrica Fritz & Mack.

Mais. Como sóe sempre acontecer, os generos d'esta ultima especie são os mais procurados e festejados, quer seja pela barateza, quer pelos *puffs*, com grande bimbalhada, estrallidar de gyrandolas e rotulos myrabolantes.

D'entre essa mó de paparretas, invejados philologos ou chrisimados em glottologos só por terem encerebrado a grammatica de B. J. de Oliveira e farejado a de J. Ribeiro e a miuha *Phonologia*, destaca-se, porém, um pequeno grupo muito merecedor de gabos e reverencias. Escusado era citar os nomes de Julio Ribeiro, Alfredo Gomes, João Ribeiro, X. Pinheiro, C. de Laet, Barreto, Bellegarde, Macedo Soares, Baptista Caetano, Lameira, sendo este ultimo o que mais me obriga a sinceras curvaturas de espinha, depois que Manuel de Mello, de saudosissima memoria para todos os que com elle tiveram estreita privaaça, alistou-se « na tacita phalange dos mortos », quando cuidava em deixar-nos, em letras de fôrma, o fructo das fartas messes que tão arduamente e tão criteriosamente eacelleirára.

Como disse Rocha Pitta: — os obsequios não devem vir divorciados da verdade.

Em um outro artigo occupar-me-hei dos mais recentes escriptos do Sr. Lameira; agora limito-me a dar noticia de uma nova producção do muito conhecido escriptor — o Sr. G. de Bellegarde, auctor dos *Subsidios litterarios*, obra que, para vergonha nossa, não passou do 1º alentado volume, porque alguns idiotas com fumos de ladinos, declararam que esse immenso repositorio de notas representava inutil e salôbra farragem, respigos banaes feitos no ceno litterario accumulado no dobar de quatro seculos! E a lá só em dous pés tanto juizo!...

O Sr. Bellegarde, porém, é d'aquelles para quem — « ingratições da patria não desobrigam de a bem servir »; e agora, em volume 8º fr. com cerca de 300 paginas, vae mimoscar-nos com um novo trabalho sobre a lingua vernacula.

Serve de epigraphe ao livro a phrase de J. Grimm: — « a minha divisa é mais aprender do que ensinar »; a obra constará de uns cem artigos, talvez.

Li alguns d'elles; achei-os bons para os que sabem, excellentes para os que aprendem. Senti todavia não houvesse o auctor entrado um pouco mais pelo estudo historico comparativo, um pouquinho que fosse.

Permitta-me agora o Sr. Bellegarde alguns ligeiros reparos.

Tambem considero erro o emprego

de *desperceber* por *desaperceber*; mas o fazerem engano os menos lettra los entre os dois verhos, achá explicação na antiga dupla forma verbal — *perceber* e *aperceber*, com a mesma significação.

Não gosto de *abreviar*, não obstante tel-o empregado o visconde de Castilho. Prefiro o nosso *abeberar*, e *abebedador*, *bebedouro*, ás formas *abreviar*, *abrevedar*, *abrevadero*, que mais vestem cores castelhanas.

Quanto ao *enforçar esperanças*, não me parece a phrase muito de notar, e crescido é o numero dessas modificações logicas do dominio da morphologia e etymologia, que constituem o sogundo aspecto das palavras. Dizemos — *perder a cabeça*, *apalpar fome*, *apanhar uma febre*, *comer syllabas*, etc..., e podemos tambem dizer — *abafar*, *sonhar*, *matar*, e até *quilhotinar esperanças*.

Estas mudanças de applicações mais ou menos fundadas na analogia, são alterações espontaneas e fecundas da vida intellectual dos povos: constituem riquezas em todas as linguas, e dão á phrase mais vigor e laconismo. (1)

Ao artigo referente ao *jubileo*, eu acrescentaria o chiste do padre Manuel Bernardes: — « para se comporem dous vilões teimosos, será necessario que passem dous jubileus. » (2)

Tambem nunca sympathisei com o tal *cenegoso*, apesar de empregado reiteradas vezes por Latino Coelho, que tão puritana e limpamente escreve portuguez.

E' uma importação de Hespanha, d'onde não tarda a vir o *cenegal*.

Temos: *ceno* — lodo, lama, vasa, lutulencia, nocteiro, atoleiro, lameiro, lodçal, lenteiro, pantano, tremedal, lamarão, lamaçal, brejo, paul;

Cenoso — lamacento, lodoso, vasoso, lamarento, lamoso, paludoso, lutulento,...

Fui sempre dos que entre nós mais pugnam com esforço contra o abastardamento do falar nativo; mas, com o meu mestre o coaselhiero J. F. de Castilho, regeito da lingua o exclusivismo de nacionalidade, a vernaculidade escrupulosa, ciumenta, e aceito o vocabulo se é necessario, « se no exprimir a idéa leva melhora, se não é filho do alvitre estúpido, e se emfim por ser conterraneo toma devidamente o geito, a queda, o soar dos com que ambicioaa viver. » E embirro com o tal *cenegoso*, por desnecessario e não levar melhora no exprimir a idéa, ao passo que empregarei os verbos *voluir* ou *evoluir* sem nenhum escrupulo, apesar de estigmatizados por dous dos nossos melhores professores de grammatica portugueza, e de preferencia a *voluir*, posto que tambem da mesma estirpe (mas da 1ª conjugação) e já empregado por escriptor portuguez de excellente uota.

Derivam-se os nossos vocabulos — *ceno* e *cenoso*, do latim *coenosus* e *coenus*, cujo emprego não é abonado somente por Cicero, mas tambem por Virgilio, Lucrecio Ovidio, Horacio, Suetonio, Plauto, mesmo no sentido metaphorico. *Coenulentus* e *coenositas* é que raro se encontram.

Já vae longo este artigo, cujos ligeiros reparos não tendem a desluzir o trabalho do Sr. Bellegarde, desvanolizar-lhe os credits de litterato e lexicographo. Cerro-o, pois, felicitando o erudito homem de lettras por mais essa producção de merito incoatestavel, e outrosim... por haver achado editor.

PACHECO JUNIOR.

(1) Vide Pacheco Junior, *Gramm. historica* (formação da lingua portugueza.)

(2) *Nova Floresta*.

(3) Revista Brasileira, Imprensa Industrial, G. de Noticias, Cruzeiro, cartas lexicologicas etc.

A PASTEUR (*)

Au temps d'Hercule, au temps des robustes heros,
La nature indomptée attaquait l'homme en face;
L'homme, à son four, puisant dans sa viguer l'audace,
Etreignait, front à front, le lion le plus gros.

Il conquit sur la brute, au dehors, le repos,
Mais dans son propre corps un fléau plus tenace
A, depuis, pénétré sans bruyante menace,
Pour lui livrer combat, cette fois eu champ clos:

La maladie, obscure e traitresse ennemie,
E'tend et fait sevir sa puissance, affermie
Par l'âpre e long travail de son venin vivant;

Mais tu le prends au piège ou ton flambeau l'accule:
Ton souple et fort génie, ô bienfaiseur savant,
De cette hydre invisible est le nouvel Hercule!

SULLY-PRUDHOMME.

(*) Este magnífico soneto foi recitado por Mlle. Weber, do *Odéon*, no grande concerto realisado no *Trocadero* em favor do « Instituto Pasteur. » De encontro a estes admiraveis versos apologeticos quebram-se os dentes das invectivas gratuitas de Rochefort e outros.

N. da R.

AU GÉNIE!

Il faudrait au soleil l'hommage des étoiles!
Pour éclairer la route où s'avance le Beau
Il faudrait élever le splendide flambeau
Qui fait voir aux humains la vérité sans voiles.

Pour couronne au printemps il faut donner des fleurs,
Des rayons, des oiseaux, brillants dans la rosée...
Car le soleil, brûlant dans sa voûte dorée,
Veut un humble cortège immense de lueurs,

Et le printemps, le dieu des lilas et des roses,
« La jeunesse de l'an », l'âme des floraisons,
Veut des roses, des lys, des joyeuses chansons,
Enfin, de la gaieté dorant toutes les choses.

Or, le génie est plus encor que le printemps,
Et plus que le soleil: — est le vrai Dieu du monde.
Comme une source d'or, éternelle et profonde,
Il coule vers la gloire, en traversant les temps.

Donc, pour te saluer, femme adorée, aimante
Et douce Dona Sol, créatrice de l'Art,
Pour couronner de vers ton nom: Sarah Bernhardt,
Il faudrait évoquer la grande lyre absente l...

Rio, 9 de Julho de 1886.

VALENTIM MAGALHÃES.

Reproduzimos estes versos porque a precipitação e a pressa com que foi com posto e impresso o nosso ultimo numero, afim de podermos distribuil-o na noite de sexta-feira, 9, deram causa a serem publicados com algumas incorrecções, que agora não apparecem. Rogamos aos collegas que por veniura os tenham transcripto o obsequio de reproduzil-os taes como vão hoje publicados.

N. DO A.

MUSICA E MUSICOS

OS HUGUENOTES NO IMPERIAL
THEATRO D. PEDRO II.

Dar uma noticia exacta e minuciosa da representação que, na quarta feira ultima, se deu d'esta famosa *partitura* de Meyerbeer, a predileta do nosso publico, é tarefa assás difficil para as nossas forças; tanto mais quanto os collegas diarios a esta hora já terão informado o publico de tudo quanto se passou. Sendo obrigado, entretanto, para satisfação ao patrão e ao publico, a externar a nossa opinião, nos limitaremos a falar por alto de tal assumpto, já que a falta de espaço a isso nos obriga.

A Sra. Mantelli, cuja voz é agradávelissima, deu-nos um gracioso e sympathico pagem, capaz de ser *pageado* pela multidão de expectadores que a applaudio na canção (ou cousa que o valha) do 1º acto, e que pediu *bis* quando cantou o *rondó* do 2º acto, que pode chamar-se a pedra de toque para as artistas que o interpretam perante o nosso publico, aliás bastante exigente.

A Sra. Bulicoff foi uma Valetina... igual a outras que já temos tido em companhias de primeira ordem.

A Sra. Di-Monale infundio tal respeito ao publico, que ficou uma cousa pela outra: nem applauso nem... O Sr. Lhérie deu-nos um conde de Nevers cuja nobreza se percebia pela maneira conscienciosa porque interpretou a sua parte.

O Sr. Roveri... ora, que diabo devemos dizer mais d'este artista que comprehende tão bem todos os papeis de que se encarrega?

O Sr. Limonta houve-se bem discretamente na parte do governador do Louvre.

Os coros algumas vezes trabalharam para comprometter-se. O bailado..... dançou-se.

A orchestra, com quanto habilmente dirigida, não perde seus maos habitos de fazer coisas que o publico dispensaria de bom grado; e a prova é que o *bombardon*, em certa hora, querendo patentear sua habilidade, deixou o tubo do instrumento cheio de saliva, de sorte que o *dito cujo instrumento* fez umas coisas que a gente não sabia se eram nota de musica ou... outra coisa.

I primi saranno gli ultimi.

Queremos falar do Sr. Bertini, tenor que quiz ser julgado pelo publico fluminense, não obstante dizerem-lhe que poderia comprometter-se.

A plateia desde o 1º acto sentia cegas de manifestar seus sentimentos de desafecto ao Sr. Bertini, sem levar em linha de conta que a *romanza* foi bem cantada e que ter falseado a sua voz no *attaco* da nota final, é uma infelicidade que pode acontecer a qualquer.

Pois bem; esse ensaio de desagrado, continuando sempre, foi fazendo um *crescendo* que no fim do 4º acto, apenas dado o grito de alarma por uns tantos, transformou-se em confusão de assovios, flores, applausos—uma cousa de que apenas se deprehendia... que era um grande aborrecimento.

Por essa occasião nos retirámos para nossa casa observando, porem, que toda aquella balburdia levava até ao proscenio, onde se destacava o vulto do Sr. Bertini de mãos dadas com a Sra. Bulicoff, o seguinte endereço: *vai a quem toca.*

Para terminar, um episodio interessante a respeito do tenor:

Quando o Sr. Bertini, em phrase sentida, disse: *lasciami partir*, um visinho nosso de bella apparencia e que ouvia a opera com toda a attenção, disse entre dentes, mais ou menos, estas palavras:

Lù el pó andaa. Ora, não sabendo que diabo seja este dialecto, nem tão pouco o que queria aquelle cavalheiro dizer em sua meia lingua, fizemos a traducção fóra da letra—*pode ir e não volte.*

GALLI-LEO.

THEATROS

S. PEDRO

Companhia de opereta franceza

MME. BONIFACE

No dia 6 estreiou-se no S. Pedro a companhia de opereta e opera comica franceza, do Sr. M. Grau, empreza do grande Ciacchi. Cantou-se a esplendida opereta de Lacomme — *Mme. Boniface*. A musica d'esta opereta é lindissima e lembra muito a do hilariante Offenbach. O libretto é delicioso de graça e demalicia.

O papel de protogonista foi magnificamente cantado por Mlle. Zelo-Duran, uma das mais graciosas e gentis cantoras francezas que temos visto. A sua voz, muito vibrante e sonora, é de um timbre agradabilissimo e de bastante extenção. Além dos seus dotes naturaes, tem Mlle. Duran uma extraordinaria graça de attitudes e de gestos, que muito contribue para o

brilantismo e para a constante malicia do personagem.

O Sr. Mezières, actor de uma infinita graça e de uma grande correcção, desempenhou admiravelmente o papel de Boniface. O duetto do 2º acto com a esposa e todo o terceiro, principalmente a leitura da carta, foram verdadeiros primores de naturalidade e de graça.

O Sr. Jourdan (barytono), o Sr. Fromant e o Sr. Moreau são também bons artistas e fizeram muito bem os seus papeis.

A Sra. Benezi fez com muita ingenuidade, embora com pouca voz, o papel de Isabelle. Os demais artistas e os coreosportaram-se irreprehensivelmente.

MME. L'ARCHIDUC

No sabbado, 7, esta excellente companhia deu-nos *Mme. l'Archiduc*, a bella opera buffa de Offenbach.

Estreiou-se a já nossa conhecida Mlle. Preziosi, que canta agora na sua lingua, o que faz sobresalhir muito as suas bellas qualidades artisticas. Mlle. Preziosi voltou-nos mais artista e melhor cantora. Desempenhou muitissimo bem o papel da protagonista e foi obrigada a bisar alguns trechos, que cantou com muita desenvoltura e graça.

Nesta peça estreiou-se o 1º tenor Sr. Maurice Minart, que tem uma bella voz e canta com sufficiente correcção. O Sr. Moreau foi um bom Archiduque e o Sr. Jourdan um conde muito razoavel.

Mlle. Nordall foi um gracioso e gentil capitaine Fortunato. Tem uma bonita voz e cantou com muito mimo a sua parte. Mlle. Benesi e Caro contribuíram para o bom desempenho, assim como os coros, que são excellentes.

LE PETIT DUC

Terça-feira, 20, primeira do *Petit Duc*, de Lecocq. Um esplendido successo. Mlle. Zelo-Duran deu-nos um duque de Parthenay admiravel. Cantou com muita graça, suavidade e nitidez, sendo obrigada a bisar as coplas da *paysanne*, e fazendo todo o papel com muito garbo e uma elegancia *esquise*. Moreau apresentou um Frimousse impagavel. Jourdan fez e cantou muito bem a parte de Montlandry; a actriz Delorme tem voz fraca, mas não comprometteu a parte de Diane de Chateau Lansac. Os demais artistas secundáram perfeitamente aquelles. A orchestra sempre digna de louvores, e os côros afinadissimos. Scenários bons, vestuários ricos. Conjuncto esplendido. Em summa: — Um *Petit Duc* como nunca tivemos.

Ante-hontem repetio-se, repetindo-se o successo.

LA PERICHOLE

A *Perichole*, dada na quarta-feira, foi mais um grande successo para a companhia. A graciosa opera burlesca de Offenbach teve um desempenho admiravel. Preziosi, Mezières, Minart, Moreau e Desclos tiraram immenso partido dos seus engraçados papeis.

Preziosi cantou notavelmente, com grande correcção e mimo, toda a sua parte.

O Sr. Minart teve no papel de Pequillo occasião de mostrar todos os seus recursos de actor e de cantor; a sua voz, de extraordinaria extensão, encontrou naquelle papel ensejo para se mostrar inteiramente. A aria do terceiro acto, na prisão, foi admiravelmente cantada.

A peça está montada com muito luxo e ensaiada e marcada a primor.

O publico rio-se a mais não poder e pediu *bis* de um grande numero de trechos.

A *Perichole* foi um esplendido triumpho para a magnifica companhia do Sr. Grau, que está fazendo uma carreira brilhantissima, graças ao grande merecimento de todos os seus artistas, côros inclusivê, e ao cuidado que se nota na montagem das peças.

LUCINDA

DAMA DAS CAMELIAS

Os artistas de reputação collocam ás vezes a critica em terriveis collisões! A Sra. Paladini, actriz de incontestavel talento, pôe-nos agora em serios embaraços para dizermos do seu desempenho da *Dama das Camélias*. Não sabemos realmente que dizer, sem molestar a distincta e grave senhora.

Já em 1876, quando a Sra. Paladini estava em pleno apogeu da sua gloria de artista, Silva Pinto, um dos mais illustrados criticos de Portugal, escrevia a proposito da *Dama das Camélias*: «A Sra. Paladini não teve, não soube ter os fremitos convulsivos da Margarida Gautier na definição dos esplendores dolorosos e ephemeros da vida da cortezan.» (*)

Agora, decorridos dez annos, a Sra. Paladini tem ainda, para o desempenho d'aquelle papel de moça, a desvantagem da sua idade.

O desempenho dado por Eugenio de Magalhães e Dias Braga, aos papeis de Armando e Jorge Duval, agradou muito. Maia, Castro, Balbina e Maria Augusta, em papeis secundarios, também satisfizeram plenamente.

Neste theatro vae entrar em ensaios *A Martyr*, drama de D'Ennery, vertido por Henrique Chaves.

PRINCIPE IMPERIAL

A companhia dramatica que trabalha neste theatro, sob a direcção dos artistas Pestana e Lisboa, representou hontem, pela primeira vez, o drama de Casimire Delavigne, *Luiz XI*, para estréa do actor Colantoni Rossi.

E' de crer que, á vista da novidade, *Opovo e o throno* fique retirado de scena por muito tempo. *Luiz XI* repete-se hoje e amanhã.

PHENIX DRAMATICA

Em 1ª representação deve subir á scena, muito brevemente, o *Espectro*, drama de grandes effeitos, que a empreza d'este theatro está montado cuidadosamente, confiando num franco successo.

RECREIO DRAMATICO

A primeira representação da *Fédora*, annunciada para quinta-feira, foi transferida, por doença da distincta actriz Virginia.

Devem chegar até o fim do mez ainda umas poucas de companhias theatraes, Companhia do theatro Principe Real: de Lisboa, que estreiará com a *Morte Civil*, no Principe Imperial;

Companhia gymnastica e hippica dos irmãos Carlo, que vae trabalhar no Polytheama;

Uma companhia japoneza;

(*) Silva Pinto. — *Controversias e estudos litterarios*. Porto. 1878.

Uma companhia de papagaios cantores;

E, se tiver theatro, o que será difficil. uma companhia de zarzuela hespanhola.

E' uma passagem de toda a Europa theatral pelo Brazil selvagem.

Pezames ao theatro nacional.

P. TALMA

SEPARAÇÃO

Quizera ouvir, em noite silenciosa,
Quando, uma a uma, as illusões desprezadas,
Uma musica triste e vaporosa,
Como Chopin a quiz ouvir, morrendo.

Essa musica triste e compungente,
Que desejara, á noite, ouvir a sós,
Devia ser cantada docemente,
A' minha angustia, pela tua voz.

E' que, embora me seja muito amargo
Ouvir teus cantos, que já não são meus,
Sou como o nauta ao ir para o mar largo:
Gosto de um lenço que me diga adeus!

BERNARDO LUCAS.

Porto.

JORNAL E REVISTAS

O n.º do *Correio da Europa* correspondente a 23 do passado é magnifico. Traz na primeira pagina o retrato do illustrado auctor dos *Subsidios Litterarios*, o Sr. commendador G. Bellegarde acompanhado de extenso artigo biographico por Manuel F. da Silva. Subscrevemos d'elle, sem restricções, os seguintes periodos:

« Modestissimo na sua vida, despido de ambições e de inveja, o nosso biographado é um dos caracteres mais respeitadas entre os funcionarios e os homens de letras do seu paiz.

« Intelligencia activa e curiosa, tem-se entregado a trabalhos de investigação na litteratura, que tornam notaveis e dignas de leitura muitas das produções firmadas com o seu nome.

« Eminentemente progressista, não perde occasião de manifestar as suas sympathias por todas as causas que interessam o bem da humanidade, »

Uma qualidade apenas esqueceu-se de mencionar o biographo: — a esmeradissima educação do nosso confrade, a quem ninguem sobrepuja em cortezia, amabilidade e gentileza.

Traz ainda este numero, além de outros, o retrato de Lino de Assumpção, com uma carta biographica do Sr. Antonio Ennes; o da actriz Virginia, acompanhado por um artigo da rabugenta e antipathica *bas-bleu* Guiomar Torreção, e o do infeliz rei — suicida Luiz II, da Baviéra.

Os tres primeiros d'estes retratos são muito fieis.

M. V.

SPORT

Em consequencia do máu tempo foram transferidas as corridas do Jockey Club, que deviam ter tido lugar no domingo passado, para o proximo mez de Agosto, em dia que a directoria designar, de accordo com o artigo 73 do codigo de corridas.

Estão annunciadas para amanhã as corridas do Prado Villa Isabel.

O programma é esplendido, não só pela sua organização, como também pelos bons animaes, que nelle se alistaram.

Os pareos, são em geral bemprehendidos e mais ou menos as distancias ao alcance de todos os parceiros, que podem estabelecer porfiada lucta.

Esperamos grande enclente e felicidade na execução do excellente programma.

L. M. BASTOS

TRATOS Á BOLA

Antes de apregoarmos d'aqui, do alto d'estas columnas, lidas e relidas por todos os povos, qual o nome do felizado que a abiscoitou o tão cubicado premio (pois foram muitos os pretendentes) do nosso numero ultimo, é—nos forçosos chamar a cascudos o Sr. K. Ligula.

Sabem os senhores o que fez este K. Ligula? Fez uma cousa que a Policia não perdoa: furtou.

Oh!.. Oh!..

Ah! Sr. K. Ligula, estavamos com o apito á bocca quando nos lembrámos que para os larapios de trabalhos alheios, como o Sr., não ha pena no nosso paiz—a não ser o desprezo dos que trabalham e estudam para dar á publicidade cousas originaes. Isso naturalmente pouco vale para o sr. O desprezo!... Ora! O desprezo dos que estudam, dos que trabalham!.. E' uma cousa atoa. Quem se importa lá com litteratos??

E' uma verdade. Mas nós, que assim não pensamos, sentimos o rubor subir ás faces á proporção que liamos a carta dos Srs. Costa & Pereira auctores d'O Recreio dos Salões.

Mil graças, Srs. Costa & Pereira; os Srs. prestaram-nos um grande obsequio apontando-nos este Sr. K. Ligula como um refinado e esperto peralta. Mil graças. Deus os cubra de felicidades, e que nas noites de Santo Antonio, S. João, S. Pedro e Sant'Anna a população d'este Imperio esgote pelo menos 500 edições do seu livrinho. E' o nosso desejo. Quanto ao tal K. Ligula, que, com habilidade de larapio, illudionos, sentindo immensamente não podermos fazel-o consul, como aquelle rei seu homonymo ao seu cavallo, deixamolo em paz e ás moscas.

Ah! esquecia-nos dizer-lhe que os Srs. Costa & Pereira puzeram em nosso escriptorio á disposição do Sr. K. Ligula um exemplar d'O Recreio dos Salões onde Sua Gatuneria filou as charadas que nos impingio.

Coube á Sra. Cacilda da Silveira o premio dos tratos ultimos. Venha buscar-o Exma.

Para hoje damos aos nossos conhecidos e velhos tratistas os seguintes tratos que nos foram offertados pelo nosso tão gorducho, como delicioso e modesto amigo Frei Simplicio.

Eilas:

MODERNAS

- 1—2—Esta letra commum é do mar.
1—2—Aqui esta ilha é nome.

EM QUADRO

Boa ou má, perdida ou não,
So vivo nas noites bellas.
De carne secca... Perdã!!
Nos templos haveis de vél-as!

TELEGRAPHICAS

- 1—1—Pala é pedra.
1—1—Rama e de linho.
1—1—Roma é panno.

PERGUNTA

Qual o verso de uma oitava de Camões, que se escreve com sete *aa*, um *b*, um *d*, dous *ee*, um *g*, um *i*, um *m*, um *n*, tres *oo*, dois *rr* e sete *ss*?

Parece difficil, pareco... Mas juralhes que é facillimo. Lembrem-se do ovo de Colombo.

Decifrem, tudo, tudo, mas mesmo tudo, e o primeiro decifrador ganhará um bellissimo premio, o segundo um exemplar do supplemento d'A Semana a Victor Hugo.

FREI SIMPLICIO

(Na ausencia de Fr. Antonio)

FACTOS E NOTICIAS

Casou-se hontem o nosso estimadissimo e illustrado collega Urbano Duarte, redactor d'O Paiz, com a Exma. Sra. D. Adelia Larangeira.

Foram padrinhos: por parte do noivo os Srs. Eduardo Paixão e Dr. Joaquim Dias Larangeira; e por parte da noiva o Sr. major Timotheo de Souza Spinola e a Exma. Sra. D. Ursula de Souza Spinola.

Desejamos aos felizes noivos todas as venturas de que as suas elevadas qualidades os tornam dignos.

BANQUETE POLITICO

A minoria liberal da Camara dos Deputados offereceu ante-hontem um jantar, no hotel do Globo, ao Dr. José Mariano, como solemne protesto contra o esbulho que da sua cadeira de legitimo representante do 2º districto de Pernambuco lhe foi escandalosamente feito naquella casa do Parlamento.

A's 6 1/2 horas, achando-se presentes os Srs. senadores Luiz Felipe e Soares Brandão e os Srs. deputados Lemos, Affonso Celso Junior, Candido de Oliveira, Alves de Araujo, Joaquim Pedro Soares, Sebastião Mascarenhas, Cesario Alvim, Pacifico Mascarenhas, Paula Primo e Beltrão; Dr. Joaquim Nabuco pelo Paiz, José do Patrocinio pela Gazeta da Tarde, Luiz de Andrade pela Revista Illustrada, João Chaves pela Gazeta de Noticias e Valentim Magalhães por esta folha, começou o banquete, cuja presidencia foi dada ao Dr. José Mariano, que tomou assento, em poltrona especial, entre os dois referidos senadores.

Servido o primeiro Champagne, ergueuse o Sr. Candido de Oliveira, que briudou o Dr. José Mariano em nome da minoria liberal; S. Ex. respondeu agradecendo a manifestação que lhe era feita pelos seus amigos e collegas da minoria liberal e brindando-os.

Houve ainda os seguintes toasts:

Do Sr. Alves de Araujo, á opposição liberal do senado; do Sr. conselheiro Soares Brandão, á opposição da camara; do Sr. Affonso Celso Junior, á imprensa; de Valentim Magalhães, em nome da imprensa, ao Dr. José Mariano; do Sr. Lemos, á provincia de Pernambuco; do Sr. Joaquim Nabuco, ao partido liberal, fazendo votos para que a minoria da camara encontre algum meio de proteger o direito do cidadão eleitor; do Sr. Cesario Alvim, aos deputados liberaes depurados e á provincia de Pernambuco; do Sr. Luiz de Andrade, á imprensa mineira; do Sr. Sebastião Mascarenhas, aos Srs. conselheiros Camargo, Doria, Paranaguá, ao Sr. Antonio de Siqueira e ás outras victimas da prepotencia e da brutalidade numerica; do Sr. Joaquim Pedro, ao exercito e á armada; do Sr. Pacifico Mascare-

nhas, á magistratura brasileira; de Valentim Magalhães, á provincia de Minas, representada nobremente nas pessoas dos deputados presentes da minoria liberal e especialmente na do seu amigo e collega Affonso Celso Junior, por ser a provincia primeiro banhada pelo sangue de um martyr da nossa liberdade, e que, com Pernambuco e Rio Grande do Sul, mais têm trabalhado e trabalhará por ella; do Sr. Beltrão ás provincias do imperio e á sua federação; do Sr. Paula Primo, á provincia de Pernambuco na pessoa do Sr. senador Luiz Felipe; do Sr. senador Luiz Felipe, ao partido liberal da Parahyba; do Sr. José do Patrocinio á honestidade do partido liberal, na pessoa do Sr. senador Dantas.

Encerrou os briudes erguendo o de honra, a S. M. o imperador o Sr. senador Luiz Felipe.

Foi uma significativa e brilhante demonstração de apreço e estima ao illustre deputado pernambucano e a mais amistosa despedida de S. Ex. que deve seguir hoje para a provincia que tanto honra e que tanto o estremece.

JOCKEY-CLUB

Esteve magnifica a festa commemorativa do 18º anno da criação da mais antiga e da mais importante das nossas sociedades de corridas. Começou pela sessão solemne, que foi presidida pelo Dr. Alba de Carvalho, tendo por secretarios os Srs. Dr. A. Pinheiro Junior e Henrique Possolo.

Por parte do conselho da sociedade criou Sr. Dr. Carlos Carvalho, que tornou saliente a necessidade da criação do Stud-Book official e de um codigo de corridas.

Usaram ainda da palavra os Srs. Henrique Possolo, socio fundador; Dr. Moreira Pacheco, pelo Derby Club; Raul de Carvalho, pela Sociedade Prado Villa Isabel; commendador Rodart, pelo Hippodromo Guanabara; Dr. Pederneiras, pela imprensa, e Paulo Pfaltzgraff, por parte dos socios.

Levantada a sessão passaram todos para a sala do buffet, que era profuso, delicado e magnificamente servido; um serviço que honrava a confeitaria Guimarães. Tocou a excellente banda do Asylo dos Meninos Desvalidos. A directoria - amabilissima. Muita alegria e muita cordialidade.

Uma festa *comme-il-faut*.

GRANDE KERMESS

Foi magnifico o concerto de ante-hontem, habilmente organizado pelo Sr. White, que, como os Srs. Arthur Napoleão, Nepomuceno, Bernardelli, Gravenstein e Cerrone, foi applaudidissimo. Agradou muito a aria da opera *Lo Schiavo*, do nosso Carlos Gomes, que foi cantada a primor pela Exma. Sra. Dodsworthli.

Hoje ás 7 horas da noite reabrem-se os salões do Cassino Fluminense e a brilhantissima feira em beneficio da infancia Desamparada continuará com tanto entusiasmo como nos dias anteriores, devendo terminar amanha com um grande leilão e um baile. Já se apuraram mais de 20 contos.

INDUSTRIA NOVA

Do Sr. Tiburcio Furtado de Mendonça recebemos varias amostras de fibras textis, extrahidas das folhas da *acrocopia-scrocapia* (coqueiro do catharro) e da bananeira.

As fibras do coqueiro dão uma materia muito semelhante á lan de car-

neiro e as da bananeira dão outra muito semelhante á seda.

Sendo o nosso paiz abundantissimo d'aquellas plantas, facil é calcular as vantagens que podem tirar d'estes productos as industrias dos tecidos.

A seda da bananeira é muito forte, muito brilhante e muito clara; notando-se que o Sr. Tiburcio não pode aqui preparar ainda completamente as fibras, por não haver no paiz machinismos apropriados e lhe faltarem capitaes para a montagem de uma fabrica.

A barateza da materia prima deve animar os Srs. capitalistas a arriscarem alguma cousa na tentativa de uma industria nova, cujos resultados são evidentes e seguros.

Além dos tecidos que se podem fabricar com aquellas fibras, ha ainda o fabrico do papel, industria que nunca foi tentada no Brazil, onde o consumo do papelorio é enorme, e onde, como em nenhum outro paiz, sobram os recursos da materia prima, pois que, além das fibras agora extrahidas pelo Sr. Tiburcio, temos uma incrível quantidade de cipós que dão magnificas fibras textis.

O Sr. Tiburcio, que tem privilegios concedidos pelo governo para a sua industria, tenciona organizar uma companhia que lhe faculte os meios necessarios á realização dos seus desejos.

Vamos, Srs. capitalistas, um bom movimento!

As amostras estão no nosso escriptorio, á disposição de quem as quizer examinar.

Ao Sr. H. Pujol, director do Collegio Pujol, em Mendes, dirigio o Sr. Brito Cunha, secretario da Secção da Sociedade de Geographia de Lisboa no Brazil, o seguinte officio:

« Secção da Sociedade de Geographia de Lisboa no Brazil, Rio de Janeiro, 14 de Julho de 1886.

Ao Sr. Pujol, director do Collegio Pujol, em Mendes—Cumpro com o dever de levar ao conhecimento da V. que a commissão nomeada pela Secção para julgar do merecimento dos alumnos que no anno passado obtiveram o gráu de distincção nos exames geraes de geo-

graphia, prestados perante a Inspectoria Geral de Instrução Publica do Municipio Neutro, procedeu no dia 7 do corrente á prova final, que constou de uma prova escripta sobre pontos particulares formulados na occasião. Essa prova, como V. já está informado, foi exigida pela Secção áquelles alumnos que quizessem concorrer ao premio annual instituido por ella.

A commissão, tendo devidamente considerado as provas dos dous alumnos que se apresentaram, julgou hontem, com a maxima isenção e imparcialidade, a innegavel superioridade, em materia de geographia, do alumno do collegio tão distinctamente dirigido por V., o Sr. Luiz Francisco da Silva, conferindo-lhe *por unanimidade* o premio annual. O premio deve ser conferido em sessão solemne da Secção, á qual assistirão S. M. o Imperador e S. A. R. o Sr. conde d'Eu, em dia que será préviamente indicado por S. M. o Imperador, depois do dia 18 do corrente, que opportunamente communicarei a V.

Deus guarde a V.— O secretario, Eduardo A. de Brito Cunha.

RECEBEMOS

— Da acreditada e pontualissima agencia de jornaes dos Srs. H. Nicolad & C. — *La Revue Bleue*, ns. 23, 24, 25 e 26, correspondendo aos dias 5, 12, 19 e 26 de Junho; e *Le Printemps*, n. 12, com a data de 16 do corrente.

— *O Merito* n. 3.
— Fasciculo n. 88 do importantissimo *Diccionario Universal Portuguez*.

— *O Reverbero* n. 13.
— *O Pygmen* n. 9.
— Do Sr. Alfredo Pinto um exemplar da sua conferencia sobre o 5.º anniversario do fallecimento de E. Littré, pronunciado em Pernambuco, no Gabinete Portuguez de Leitura.

— *El Foro* ns. 73, 74, 75 e 76. Boletim de Jurisprudencia que se publica na Republica de Costa Rica.

— *O Eclipse do Patriotismo*, um opusculo de 16 paginas, pertencente á série para o povo de *Propaganda da Verdade*. Bem escripto.

— *A Bevisinha* (Pernambuco) N. 1. Desejamos á nossa interessante colleguiça muitas e muitas prosperidades.

— *Burgos Agricolas*, por Manoel Gomes de Oliveira. Recommendamos muito a leitura d'este folheto. Nelle, com excellentes razões e solidos argumentos, propõe-se aquelle compatriota, bem conhecido pelas suas importantes empresas, a fundar por si ou por empresa ou companhia que organize, com o capital de 20 mil contos, vinte «burgos agricolas» no mini no, em varias provincias, sendo cada burgo constituido por mil familias de lavradores proprietarios, constantes de immigrantes idoneos, convidados directamente da Europa, e de nacionaes que, como taes, ahise quizerem estabelecer. A petição ao Governo é acompanhada pelo projecto em que o Sr. Oliveira desenvolve e fundamenta todo o seu plano dos Burgos Agricolas.

— *Arithmetica elementar illustrada*, ensino theoretico e pratico, pelo conceituadissimo professor Trajano; 2ª edição. Esperamos poder mais de espaço tratar d'esta importante obra, aliás muito conhecida. A sua excellent cartunagem foi feita no Asylo de Melinos Desvalidos.

— *A Estação*, numero de 30 de Junho. Muitos e elegantes illustrinos na parte litteraria um bello soneto de Lucio de Mendonça, além da continuação de *Cuincas Borba* e da *Chroniqueta de Eloy, o heroe*.

— *Revista Popular* (Bahia) n. 21.
— Da casa editora David Corazzi: 2 volumes da *Bibliotheca do Povo e das Escolas*; *As ilhas adjacentes*, *Desenho e pintura*; *Fabulas de Lafontaine*, fasc. n. 4. (*O leão e o Mosquito*, por José Ignacio de Araujo, *O lobo e o grou*, por Malhão e *Os animaes enfermos da peste* por Machado de Assis; e os fascs. n. 32 e 33 da *Historia de Gil Braz de Santilhana*.

— *Tratado Elementar de Philosophia*, por Paul Janet, seguido da *Historia da Philosophia*, por P. F. A. Jaffre vertido em vernaculo. Tomo 2º (moral, metaphisica e theodicéa.) Editores B. L. Garnier & C. Diremos d'esta obra posteriormente.

— *A Vida Moderna*, n. 2. Magnifico.

ANNUNCIOS

Dr. João Botelho, medico e operador; molestias venereas, syphiliticas e das vias urinarias. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicções medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 51, por cima da antiga pharmacia Fragoso, das 12 ás 3 horas.

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

HOTEL CENTRAL

1º e 2º andar 9 RUA MUNICIPAL 9 1º e 2º andar

(ESQUINA DA DOS BENEDICTINOS)

No dia 31 do corrente abrir-se-á este novo estabelecimento, especialmente montado para servir as casas de commissões e commercio das ruas Municipal, dos Benedictinos e circumvisinhas, e ao publico em geral. Para esse fim está montado com tudo o que é preciso, sendo a cosinha confiada ao projecto mestre culinario João José Torres, ex-chefe (aposentado) das cosinhas da Casa Imperial. Completo sortimento de bebidas de qualidade e marcas garantidas. O serviço da distribuição de almoços e jantares será feito por carta. Preços commodos, o mais possivel. Incumbese tambem do serviço completo para almoços, jantares, banquetes festivos e inauguraes.

5 RUA PRIMEIRO DE MARÇO 5

Proprietario da antiga —CONFETARIA IMPERIAL

JOSÉ JOAQUIM FERREIRA

PRADO VILLA-ISABEL

PROGRAMMA DA NONA CORRIDA A REALIZAR-SE NO DIA 25 DE JULHO DE 1886

AO MEIO-DIA EM PONTO

Primeiro pareo—CRIADORES—1.609 metros—Animaes de menos de meio sangue—Premios: 200\$ ao primeiro, 50\$ ao segundo e 30\$ ao terceiro.

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Morena.....	Alazão.....	4 annos	S. Paulo.....	49 kilos	Encarnado e azul.....	J. Machado.
2	Tardia ex-Bella Yády	Zaino.....	5 »	Paraná.....	52 »	Azul e amarello.....	A. P.
3	Zaire.....	Gateado.....	4 »	Idem.....	51 »	Azul e encarnado.....	Coud. Amadores.
4	Savana.....	Castanho.....	5 »	Rio Grande...	54 »	Grenat e rosa.....	F. G.
5	Serodio.....	Idem.....	5 »	Idem.....	54 »	Azul e grénat.....	Carlos Joppert.
6	Sultão.....	Libuno.....	4 »	Minas Geraes	51 »	Azul e branco.....	J. F. V.
7	Eucharis.....	Tordilho.....	5 »	Paraná.....	54 »	Azul e ouro.....	A. & F.

Segundo pareo—ENSAIO—1.450 metros—Inteiros e eguas nacionaes de 3 annos—Premios: 400\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

1	Chapeçó.....	Vermelho.....	3 annos	Paraná.....	48 kilos	Branco e estrellas azues...	Coud. Guanabara
2	Favorita.....	Baio.....	3 »	R. de Janeiro.	46 »	Preto e encarnado.....	José M. Sabary.
3	Judia.....	Tordilho.....	3 »	Paraná.....	46 »	Azul e grenat.....	Coud. Santa Cruz.
4	Odalisca.....	Pampa.....	3 »	S. Paulo.....	46 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.
5	Oniz.....	Castanho.....	3 »	Idem.....	48 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
6	Feiticeira.....	Alazão.....	3 »	R. de Janeiro	46 »	Grénat e rosa.....	Coudelaria Modesta.
7	Pip.....	Pampa.....	3 »	S. Paulo.....	48 »	Azul e branco.....	B. V.

Terceiro pareo—INTERNACIONAL—1.300 metros—Animaes de todos os paizes—Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 90\$ ao terceiro.

1	Madame.....	Castanho.....	3 annos	França.....	52 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
2	Diomedé.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	54 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
3	Pansy.....	Idem.....	3 »	Rio da Prata.	50 »	Cereja, verde e amarello...	V. M.
4	Speciosa.....	Alazão.....	4 »	Inglaterra.....	55 »	Azul e grénat.....	Coud. Internacional.
5	Camelia.....	Idem.....	3 »	França.....	52 »	Idem, idem,.....	Coud. Santa Cruz.
6	Cheapside.....	Idem.....	3 »	Inglaterra...	52 »	Encarnado, branco e ouro.	Coudelaria Paulista.
7	Dr. Jenner.....	Zaino.....	3 »	Rio da Prata.	52 »	Grenat e bonet ouro.....	Oscar Machado.
8	Françoise.....	Alazão.....	4 »	França.....	55 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.
9	Victoria.....	Zaino.....	3 »	Inglaterra...	52 »	Vermelho.....	Coud. Mirim.
10	Plutão.....	Alazão.....	6 »	França.....	60 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
11	Gaudriole.....	Castanho.....	3 »	Idem.....	52 »	Havana e branco.....	Coudelaria Alliança.
12	Aymoré.....	Idem.....	5 »	S. Paulo.....	53 »	Azul e ouro.....	Idem idem.

Quarto pareo—SUPPLEMENTAR—1.800 metros—Animaes do paiz, que ainda não tenham ganho o pareo Metropolitano—Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 90\$ ao terceiro.

1	Macaréó.....	Alazão.....	5 annos	S. Paulo.....	54 kilos	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
2	Paulicéa.....	Castanho.....	4 »	Idem.....	48 »	Encarnado branco e ouro..	Coudelaria Paulista.
3	Pery.....	Idem.....	5 »	Idem.....	54 »	Encarnado, branco e preto	M. S. Ferreira.
4	Carmen.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	49 »	Azul e grénat.....	Coud. Internacional.
5	Sybilla.....	Zaino.....	4 »	Idem.....	49 »	Azul, branco e encarnado..	Idem Cruzeiro,

Quinto pareo—SUBURBANO—1.800 metros—Animaes de todos os paizes—Premios: 800\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 120\$ ao terceiro.

1	Fanfarron.....	Alazão.....	4 annos	França.....	51 kilos	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
2	Dr. Jenner.....	Zaino.....	3 »	Rio da Prata.	46 »	Grénat e boné ouro.....	Oscar Machado.
3	Coupon.....	Alazão.....	3 »	França.....	48 »	Azul, branco e encarnado.	Coudelaria Cruzeiro.

Sexto pareo—EXPERIENCIA—1.450 metros—Animaes nacionaes de meio sangue, que não tenham ganho nesta distancia—Premios: 400\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

1	Peralta II.....	Castanho.....	4 annos	Paraná.....	51 kilos	Preto, branco e encarnado.	C. P.
2	Ivon.....	Zaino.....	4 »	Idem.....	51 »	Azul e manchas encarnadas	C. P.
3	Araby.....	Alazão.....	4 »	R. de Janeiro	51 »	Azul e branco.....	D. A.
4	Intima.....	Castanho.....	5 »	S. Paulo.....	52 »	Ouro e encarnado.....	D. A.
5	Bonita.....	Alazão.....	5 »	Idem.....	52 »	Encarnado e azul.....	J. Machado.
6	Biscaia.....	Idem.....	4 »	Idem.....	49 »	Azul e grénat.....	Coud. Santa Cruz.
7	Bitter.....	Preto.....	5 »	Idem.....	54 »	Azul e amarello.....	H. J. da Silva
8	Africa.....	Idem.....	8 »	Paraná.....	52 »	Encarnado, branco e ouro..	Coud. Paulista
9	Pretoria.....	Libuno.....	5 »	S. Paulo.....	52 »	Cinzeno.....	A. C.
10	Americana.....	Tordilho.....	4 »	R. de Janeiro.	49 »	Encarnado, branco e preto.	M. L. de Carvalho.
11	Douro.....	Alazão.....	6 »	Idem.....	54 »	Verde e ouro.....	José Guimarães.

Setimo pareo—CONSOLAÇÃO—1.000 metros—Animaes de qualquer paiz, que não tenham ganho este anno—Premios: 400\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

1	Verbena.....	Castanho.....	4 annos	R. de Janeiro	47 kilos	Azul e grénat.....	Coud. Santa Cruz.
2	Pansy.....	Zaino.....	3 »	Rio da Prata.	53 »	Cereja, verde e amarello...	V. M.
3	Speciosa.....	Alazão.....	4 »	Inglaterra...	60 »	Azul e grénat.....	Coud. Internacional.
4	Africana.....	Zaino.....	2 »	Rio da Prata.	47 »	Azul e branco.....	José A. Guimarães.
5	Bitter.....	Preto.....	5 »	S. Paulo.....	55 »	Azul o amarello.....	H. J. da Silva.
6	Cheapside.....	Alazão.....	3 »	Inglaterra...	55 »	Encarnado, branco e ouro..	Coud. Paulista.
7	Echoron.....	Zaino.....	2 »	França.....	51 »	Grénat e rosa.....	Coudelaria Modesta.
8	Fanfarron.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	59 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
9	Plutão II.....	Alazão.....	6 »	Idem.....	61 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
10	Scylla.....	Castanho.....	3 »	Inglaterra...	55 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.

OBSERVAÇÕES—As corridas principiarão ao meio-dia em ponto, impreterivelmente, e terminarão ás 4 3/4.

Os animaes inscriptos no 1º pareo devem achar-se no ensilhamento, ás 11 horas em ponto.

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 31 DE JULHO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 83.

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	A REDACÇÃO.
Litteratura Portugueza..	FILINDAL
Historia dos sete dias.....	TOB.
Politica e politicos.....	V.
Gazetilha litteraria.....	OLAVO BILAC.
Ouvir estrelas! (soneto)..	M. CARNEIRO.
Contos a premio.....	B. S.
Jurisprudencia.....	F. D'ALMEIDA.
Soneto (Stecchetti).....	MARIO
Notas bibliographicas....	FACHECO JUNIOR.
Errata.....	GALLI-LÉO.
Musica e musicos.....	H. DE MAGALHÃES
Dia trevozo.....	M. V.
Jornaes e revistas.....	P. TALMA.
Theatros.....	J. DE ARAUJO.
Numero do Intermezzo..	L. M. BASTOS.
Sport.....	FR. ANTONIO.
Tratos á hólá.....	
Factos e Noticias.....	
Anuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÓRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

Sr. E. Borges. — S. Paulo. — Póde V. S. satisfazer a sua assignatura ao nosso correspondente, o Sr. Dolivaes Nunes. Os premios ser-lhe-hão remetidos pelo correio.

Estamos suspendendo a remessa d'A *Semana* a todas as folhas que — do imperio como do Estrangeiro — comnosco não têm permutado.

Remettel-a-emos, porém, a todos os collegas novos que nos honrarem com a sna visita e aos antigos que comnosco entrarem a permutar.

Aos senhores assignantes em atrazo, que até 31 de Agosto não saldarem os seus debitos, será suspensa a remessa da folha.

LITTERATURA PORTUGUEZA

E' com grande contentamento e legitimo orgulho que vemos augmentar em rapida progressão a notoriedade d'A *Semana* em Portugal e com ella o apreço e a sympathia a esta folha, que, — bem ou mal, mas com louvavel ousadia e verdadeira heroicidade — representa o movimento litterario e artistico do Brazil. Raro é o paquete que nos não traga algumas das novas obras portuguezas, especialmente enviadas por seus auctores a esta folha.

Depois d'A *Hollanda*, da *Velhice do Padre Eterno* e da *Lyra Intima* — para apenas citar as mais importantes — recebemos as ultimas producções de Camillo Castello Branco, As *Historias da Montanha*, as *Prosas simples* e, ultimamente, *Germano* (drama em verso, de Abel Accacio), *Serenatas* (versos de João Saraiva) e *Agrestes* (contos de José Fontes). *Beldemonio* (Ed. de Barros Lobo) enviou-nos tambem a collecção do primeiro trimestre d'O *Arauto*, gracioso hebdomadario, muito maior de valor que de tamanho, e o Sr. Zeferino de Albuquerque todos os fasciculos publicados da sua monumental *Encyclopédia das Encyclopédias*.

A *Semana*, desvanecida com tamanhas distincções, devêra pagal-as de prompto com a moeda empregada nestas transacções litterarias: — a apreciação critica desinteressada de todos esses trabalhos. Mas nem isso nos tem sido inteiramente possivel, porque as dimensões da nossa folha, tornam-se, dia a dia, mais exiguas ante a abundancia de *originaes* que para ella affluem, d'aqui como de Portugal.

Com os nossos cordiaes agradecimentos, hajam todos os nossos amaveis confrades, auctores d'essas publicações e os das que nos forem offerecidas a fineza de receber as nossas desculpas e o humilde e envergonhado pedido de esperarem resignadamente que a feroz senhora *Falta de Espaço* nos permita dizer de cada um d'esses livros a nossa desauthorizada mas sincera opinião, em poucas palavras. Diremos de todos — com alguma demora mas absoluta isenção de espirito.

A REDACÇÃO

HISTORIA DOS SETE DIAS

Devo começar esta chronica felicitando mais uma vez o carioca pelo bellissimo e agradável tempo de que temos ultimamente gosado.

Em seguida, cabe-me informar os nossos numerosissimos e distinctissimos assignantes de que ainda nesta semana continuou, no juizo do 5º districto criminal, a inquirição de testemunhas no famoso processo dos vereadores.

Foram inquiridas mais seis!

Eu só queria que me dissessem como é que se consegue arranjar tantas testemunhas... E, afinal, se este processo tiver fim, hão de ver que nada se decide, que os delinquentes hão de ficar impunes, e que nunca se chegará a saber que fim levou a *milhança* que muita gente pagou e ninguem recebeu.

Muito terei que rir na minha velhice, se não acabar antes d'este sexquipedal e ultra-patusco processo!

As folhas da semana noticiam mais uma aventura do altissimo principe Obá II d'Africa, alferes honorario do exercito brasileiro e uma das maiores curiosidades d'este paiz, depois do Castro Urso, da luxuriante vegetação, do imperador e do sabiá!

Até o *Jornal do Commercio*, que, — de pachiderme fossil da monarchia — se transformou em papagaio demagogo, — até o *jornal* arrepia o pello do illustre principe, chamando-o, mais uma vez, *turbulento incorrigivel!*

Deram-se nesta semana mais tres ou quatro desastres causados pelos terribes *bonds*. Um d'esses desastres occasionou a morte de uma senhora; i4to, porém, comquanto não seja mais do que uma continuação das desgraças causadas por esses vehiculos, não conseguirá ainda demover os poderes publicos do criminoso desleixo a que se têm abandonado com relação aos *bonds*.

Estes perigosos racha-canelas andam frequentemente á disparada pelas ruas estreitas; não têm nenhum apparelho preventivo dos esmagamentos, apezar de se haverem inventado dez ou doze, e, em geral, servem pessimamente o publico.

Os da empreza Jarris Urbanos, por exemplo, são detestaveis. Têm um horario irregularissimo, conductores mal educados e mal vestidos, ás vezes medonhamente sujos, e além d'estas calamidades, como são de bitola estreita, sujeitam os passageiros a uma horrivel tortura, ensardinando quatro em cada banco, onde, a rigor, cabem tres!

E' necessario e urgente que se estabeleça um regulamento especial para os *bonds*, que a policia se encarregará de fazer cumprir com energia, para bem do carioca afflicto e ventura geral

da humanidade em transitio para a Cidade Nova e para o infeliz Sacco do Alferes.

O Sr. Dr. Pereira Lopes, presidente da Camara Municipal soffreu quinta-feira, na propria sala dos despachos da presidencia, uma *manifestação* de apreço... e de preço.

Os empregados municipaes, depois de terem comprado um relógio de ouro, com corrente e medallia cravejada de brilhantes, incorporaram-se e foram áquella sala pendurar tudo ao collete de S. S. Como estava na casa da camara, o Dr. Lopes não pôde offerecer-lhes o copo d'agua do estylo; então tomou uma d'estas resoluções que nos accodem nos momentos perigosos da vida, commoveu-se muito e... força é dizel-o! — e abraçou os offertantes, sendo também abraçado por alguns collegas que estavam presentes.

Eu admitto tudo e tenho, por vezes, demonstrado que sou transigente; mas o que não posso admittir é que se faça a alguém uma *manifestação* sem o competente retrato a oleo.

Se a moda do « a oleo » acaba, façam-me o favor de dizer que diabo ha de fazer d'oravante o afamado pintor Petit?

O *Jornal de 24* transcreve muito admirado, do *Journal de la jeunesse*, a noticia de que ha em Chicago, U. S., uma fabrica de ovos artificiaes.

Ora que admiração! Eu muito me admiro de que o *Jornal* se admire!

Quando estive na Hespanha, — isto foi ali por 1863, pouco mais ou menos — visitei em Valladolid uma grande fabrica de gallinhas artificiaes, protegida pela rainha Isabel. Estas gallinhas eram tal qual como as animaes: cacarejavam, punham ovos, criavam e faziam muitas outras coisas. Ensopadas de cabidella eram deliciosas, e assadas pareciam perús! A fabrica era a vapor e produzia diariamente seis mil frangos, tres mil gallinhas e mil e quinhentos gallos. Offercia ainda outras vantagens. As côres das pennas faziam-se á vontade dos freguezes, assim como a raça; e aquelles que as quizessem já assadas ou ensopadas, não tirham mais do que pagar a differença do preço.

Naquelle tempo, o director da fabrica, D. Carapetueño de las Mejillas Rubias, estudava o fabrico dos perús e dos marrecos, e chegou mesmo a presentear-me com um pequeno *canard*, muito bonito, de cabecinha doirada, que eu conservei muito tempo em cima de uma *etagère*, como enfeite, e que mais tarde, quando elle já era crescido, comi com arroz.

Que admira, pois, que haja nos Estados Unidos, paiz das maravilhas maravilhosas, uma fabrica de ovos, quando ha mais de vinte annos que existe na Hespanha uma fabrica de gallinhas?

Este jornal tem sempre umas tolices!..

Francisca da Silva Castro foi, afinal, pronunciada no dia 28 pelo integro e distinctissimo Dr. Martins Torres, juiz do 9º districto criminal.

Ante-hontem, dia anniversario da Sra. princeza D. Isabel, a camara municipal distribuiu mais sessenta cartas de liberdade, que foram entregues aos libertandos pela princeza festejada.

O Sr. Pereira Lopes, no discurso que pronunciou « fez sentir quanto o regulamento da lei de 28 de Setembro de

1886 (placa), veio paralyzar os esforços da municipalidade para a libertação do municipio ».

Edificante e sabia lei!
Illuminados e grandecissimos Lycurgos!

Fazem uma lei contra a escravidão e não conseguem mais do que paralyzar a liberdade!

A *Gazeta* diz que o imperador, ao despedir-se do presidente da camara, proferio as seguintes palavras: « *Os meus sentimentos são muito conhecidos. Prosigam.* »

Mas conhecidos por quem, santissimo Deus?

Ah! já sei, já sei: Os sentimentos do imperador são muito conhecidos... por S. M. a imperatriz.

Deve ser isso.

FILINDAL

POLITICA E POLITICOS

José Mariano foi-se embora; acabaram-se os *meetings* da côrte, mas em compensação tivemos noticia de um *meeting* na Bahia, e de outros em Pernambuco.

Para mim o *meeting* não tem absolutamente o caracter de um protesto em nome de uma convicção; para mim o *meeting* é apenas o symptoma de uma alteração pathologica. Compreende-se logo que eu falo somente em relação ao Brazil; quanto aos outros paizes só sei o que lá se faz pelo que leio, e tenho lido que ali os *meetings* dão em resultado a accentuação de convicções antigas e a absorpção de novas convicções, quer por meio da palavra vibrante de um orador apaixonado, quer por meio de um socco opportuna e valentemente applicado á cabeça refractaria de um ouvinte.

Tem mesmo havido mortes, facadas, ferimentos graves e ferimentos leves, intervenção da tropa e da policia. Isto, no estrangeiro; que nós por aqui, graças a Deus, não temos semelhantes barbaridades.

O *meeting* no Brazil pôde ser considerado como um espectáculo, sempre bem concorrido, pela exclusiva razão de que a entrada é gratuita.

Para que elle tenha uma significação positiva e séria, falta apenas uma coisa séria — é o povo sério, ou — antes convicto.

Na galeria da Camara eu vi um moço de 20 annos gritar:

— Viva José Mariano! na occasião em que a Camara nomeava deputado o Sr. Theodoro Machado.

Pois bem; chegou um policia e sacudiu o entusiasta por um braço. E o entusiasta, muito pallido e muito medroso, declarou logo que não foi elle, que elle não tinha dito nada!

O povo ouve e applaude o orador. Dá-lhe apoiados «muito bem.» Quando elle acaba o discurso, bate calorosas palmas.

Mas, sahindo d'ali, o povo toma o bond e vae para sua casa, pacatamente, como se nada tivesse havido.

O povo que protestou contra o esbulho de José Mariano é capaz de pedir uma carta de empenho ao Sr. Theodoro Machado para obter do ministro um empenho que pretenda.

Ainda está bem viva na imaginação

publica a campanha republicana encetada no ultimo pleito eleitoral.

O povo corria em massa a ouvir os oradores. Muita gente sahio d'ali com as mãos inchadas de bater palmas.

Bastava que a quarta parte dos ELEITORES que applaudiram Quintino Bocayuva votasse no illustre jornalista, que elle sahiria eleito.

Entretanto foram eleitos pelos tres districtos tres conservadores, em primeiro escrutinio.

E, depois d'isto, digam-me para que valem os *meetings*!

O governo manifestou suas idéas a respeito de reforma municipal:

— Quer um prefeito nomeado pelo governo para executar de accordo com o governo as deliberrações da Camara que o Governo julgar boas.

Bem bom.

Salva-se ao menos o principio da authoridade.

T. O. B.

GAZETILHA LITTERARIA

«SONETOS E POEMAS»

Visto estar quasi esgotada a primeira edição dos *Sonetos e Poemas*, o esplendido volume de versos do nosso grande Alberto de Oliveira, vae entrar brevemente no prelo a segunda edição.

E' o caso de se dar parabens ao publico, que soube d'esta vez cumprir o seu dever para com o brilhantissimo e inspirado auctor das *Canções romanticas* e das *Meridionaes*.

V.

OUVIR ESTRELLAS!...

Estrellas, que todos as veem...
PADRE ANTONIO VIEIRA

— Ora! (*l'reis*) ouvir estr'ellas! Certo
Perdeste o senso! — E eu vos direi, no instante,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto,
E abro a janella, pallido de espanto.

E conversamos toda a noite, enquanto
A Via Lactea, como um cofre aberto,
Scintilla... E, ao vir o sol, saudoso e em prante
Inda as procuro pelo céu deserto.

Direis agora: — Treloucado amigo!
Que conversas com ellas? que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo? —

E eu vos direi: — Amae para entendel-as...
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrellas!

OLAVO BILAC.

Desde este numero adoptamos por systema remetter a nossa folha, gratuitamente, a todas as pessoas ás quaes houver referencia — de elogio ou censura nas paginas d'*A Semana*.

As que, por ventura, forem omittidas — e nunca o será nenhuma por vontade nossa — terão o direito de reclamar de nós um exemplar do numero da folha em que forem mencionadas ou servirem de assumpto á critica.

CONTOS A PREMIO (*)

Casamento e mortalha no céu se talha—Com teu amo não jogues as péras—D'onde não se espera, d'ahi que vem—O perdão é a mais nobre e a mais completa das vinças—Mais vale tarde do que nunca—Quem não ama, não vive.

I

No dia seguinte, depois das bodas, por volta das onze da manhã, assentado na beira da marquezia, com o braço passado por cima do pescoço da mulher, roçando-lhe os beiços pela cara, aspirando o cheiro do pó de arroz que ella puzera na vespera, mordendo-lhe a ponta da orelha, e rindo-lho muito perto da bocca, dizia o Chico Teixeira: — Ora veja vossé!.. Quem diria que nós havíamos de vir a casar por fim. As birras do teu velho, o teu namoro com aquelle official de marinha, casamento tratado com aquelle bilontra do teu primo... e afinal...

Ella ria, com a cabeça baixa, os olhos humidos, como se gostasse de ouvir aquillo. Depois, sem levantar os olhos, olhando-lhe para os cordões da ceroula de pendurados:

— Eu tambem já tinha perdido a esperança. A's vezes me aborrecia daquella vida de solteira, amuava-me, chorava, revoltava-me contra mim mesmo. A culpada era eu. Etinha vontade...

E mirando as pontas dos dedos do marido, queimados do cigarro, apertando-os com preguiça, ouvia-o dizer:

— De que?...

— Nada. E minha avó incommodava-se ás vezes de vér-me assim e dizia-me: « Filha, porque te afliges?... Eu sei bem o que te falta. Não é com lagrimas que isso se arranja. Descança; o que fôr teu ás tuas mãos ha de vir. Casamento e mortalha no céu se talha. E enfadava-me ainda mais aquella pachorra de velha.

— Mas agora...

— Agora!.. e olhou-o voluptuosamente, com a bocca entreaberta, e um risosinho fino na ponta dos labios.

Elle poz-lhe a mão na face, fê-la voltar a cabeça conchegando-a para si e beijou-a fartamente no meio da bocca. No relógio da torre, fora, bateu monotonamente a badalada das onze e meia.

São muito curtas as luas de mel... muito! para quem é empregado, tem o serviço do escriptorio que so atraza, um patrão que franze a cara, que pôde fazer uma observação mais dura, uma insolencia, que, repellida como deve de ser, custa-nos sempre o olho da rua. E' preciso muito geito com esses bichos, muito!...

Agora que a gente tem familia, casa de aluguel, prato para dois, os vestidos da mulher, agora... muito geito... muito. E' preciso paciencia, soffrel-os bem, alguns desaforos bem bons, com cara alegre e o coração cá dentro que só Deus sabe. Casado, e sem emprego, no Rio de Janeiro, n'um tempo d'estes!.. Antes ir a gente para ahi atirar-se ao caes. Nada de muita demora cá em casa a beijocar a mulher. Não falta tempo. Muito geito, muito agrado com o homem.

Segundo guarda-livros, duzentos paus! Em sabindo ou morrendo o primeiro, aquelle quizileiro grisalho da escrevaninha do canto, já se sabe, cá o Chiquinho lá está, com duzentos paus mais, por cima. Então é que a mulher ha de ir ao theatro, ás corridas, commigo, a pequenassinha pela mão, sim, a pequenassinha que ella ha de ter, ha de...

(*) Vide o n. 81 d'A Semana.

N. da R.

Então é que ha de ser um vidão!

Isso de intrigas, de pirras com os patrões, de palavras malcriadas, isso não! Que vale agora andar a gente a brigar, a resingar, a fazer-lhes picardias, a vér-lhes a cara amuada, para ir parar um dia no andar da rua, ficar ás moscas, rua do Ouvidor abaixo e acima, sem um nickel para o bond! Nada. Vamos, atural-os com paciencia e tóca para lá. Faça elle o que fizer, empregado é empregado. E' muito velho o rifão: *Com teu amo não jogues as péras.*

A gente é quem padece. Os antigos eram muito sabidos nestas cousas.

Amanhã é segunda-feira. Casamo-nos na quinta; (E contava nos dedos) um, dois, tres, e com o domingo, quatro. Quatro dias de amor já chegaram bem. Isto não vai a matar. Segunda-feira, escriptorio *me fecit.*

Assim racionava o Chico Teixeira, um domingo pela manhã, antes d'almoço, estirado no canapé da sala, a contar os dedos dos pés.

Começaram então a deslizar os primeiros tempos de casada d'aquella pobre e formosa rapariga, com a monotonia sedica de um casal de muitos annos. O Chico sahia cedo para o escriptorio.

Durante o dia a insipidez da costura, no silencio da casa, a determinação do jantar, a voz estridula da cosinheira enxotando um gallo que entrara pela cosinha ou o tic-tac-tic-tac no bife batido sobre a mesa gordurosa e negra.

A's quatro horas o jantar, logo que o marido entrava da rua, aborrecido do trabalho, com a canisa suada e o dedo sujo de tinta, no canto da unha, na mão direita. Depois do jantar, uma chegada á janella, a monotonia triste da rua. Ao cahir da noite o toque desafinado de uma sanfona á porta de algum açogue, ou o latido do cão da venda proxima, compassado, estúpido, semsaborão. O chá ás oito horas, a regularidade pezada da vida, a cama, e tóca a dormir até o dia seguinte.

A unica pessoa que a visitava, ás vezes, era o doutor, o Eduardo Pimentel, que havia sido companheiro do Chico no collegio, formado havia dois annos, muito amigo d'elle, que o chamava ás vezes para assuas enxaquecas ou para as herysipelas da criada.

Quando o Chico Teixeira casou-se foi o doutor o convidado para testemunha do seu casamento. D'nsou diversas vezes com a noiva, e mostrou-lhe com toda a delicadeza, esmeradamente, as atenções que lhe podia inspirar uma rapariga nova e formosa com dezoito annos apenas. A's vezes, quando o Teixeira voltava do escriptorio, lá encontrava o seu medico, que não lhe levava nada pelos serviços, a quem era muito obrigado, e tinha muito prazer em vel-o em sua casa.

— Tinha vindo saber da saude da sua amiguinha. Havia dias que não a via... E jantava com o ajudante de guarda-livros.

Depois que o doutor sahia, elle sentava-se no canapé de palhinha da sala de jantar, ao lado da mulher, e dizia-lhe:

— E' um dos meus melhores amigos! Companheiro de infancia, estimo-o como a um irmão. A mulher ficava calada, continuando o seu *crochet* de linha branca, com o tic-tic miudo da agulha, picando a ponta do dedo, como se não ouvisse o que elle dizia.

E falava da vontade que tinha de terem uma filha, uma menina, sim, havia de ser uma menina. E lastimava que estivessem casados havia anno e meio e ella não estivesse grávida ainda.

(Conclue no proximo numero.)

MANOEL CARNEIRO.

JURISPRUDENCIA

Ha pouco tempo ainda, noticiavamos o apparecimento de um trabalho juridico—*A restituição in-integrum*—publicado pelo sr. conselheiro Almolda Oliveira, e por essa occasião lamentámos o abandono em que andam no Brazil os assumptos pertencentes á nobilissima sciencia do Direito.

Hoje é-nos dado o prazer, não de noticiar um novo trabalho d'esse genero, mas uma victoria forense, digna de algum respeito, obtida pelo illustrado advogado Dr. João Baptista Augusto Marques.

E agora, como no dia em que nos referimos á *Restituição in-integrum* lamentaremos, como brasileiros, que emquanto os nossos juristas escavam velhas ordenações que Portugal já regeitou, os seus collegas de Lisboa não tem mais que abrir o seu magnifico e quasi completo Codigo Civil.

Comprehendemos as difficuldades com que teve de lutar o Dr. João Marques.

Basta-nos lembrar que era o *desideratum* da causa—declarar nullos uns tantos contractos, feitos com todos os sacramentos, e nulla uma sentença do juizo da 1ª Vara Civil d'esta Corte.

Era, pois, uma acção rescisoria — e todos que cultivam o Direito, sabem quanto é difficil obter de outro juizo a revogação e declaração de nullidade de sentença proferida por um collega, perante o qual correu a causa primitiva os termos regulares, defendendo-se as partes, esgotando-se de ambos os lados todo o arsenal dos recursos!

Pois foi isso o que obteve o Dr. João Marques por acção rescisoria em que foi autora D. Maria Carolina Ribeiro Fleiuss e réu o menor Victor Fleiuss.

As razões com que, em grau de appealação, o illustrado advogado demonstra que deve ser confirmada a sentença rescisoria que obteve são um notavel trabalho de jurisprudencia, e fazem honra aos credits de seu auctor.

Corte, 14 de Julho de 1886.

B. S.

SONETO

(STECCHETTI)

Eu não quero saber qual seja agora
O beijo que vos dei na coma ondeada,
E nem se o vosso coração, senhora,
E' coração de sancta ou de damnada.

Que me importa saber se acaso havia
Só mentiras no que me promettestes?
De que serve fazer a anatomia
A' quella hora de amor que vós me destes?

Não me importa que houvesse misturada
Ao vinho que b'bi droga traiçoera,
Vosso vinho era bom—gostei, mais nada.

Não quero, pois, saber quanto sois casta.
Amámos a valer uma hora inteira,
Fomos felizes quasi um dia, e basta.

FILINTO D'ALMEIDA.

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

GRAMMATICA PORTUGUEZA POR
JULIO RIBEIRO

Recebemos a reedição da *Grammatica portugueza* do Sr. Julio Ribeiro, cuja leitura, por muito a vulto, nos tolhe—se não fosse bastante a estreiteza do

espaço e do tempo— de fazermos uma critica detida d'esse trabalho, que tanto encarentou a capacidade e o credito do seu autor.

O rapido confronto das duas edições evidenciou-nos logo que esta, alem de dilatada, é mais correcta, pelo que mais se torna merecedora de gabos.

O nosso juizo não coincide com a opinião do Sr. J. Ribeiro em muitos pontos: acreditamos, porem, que, das grammaticas portuguezas de que temos noticia para uso das classes superiores, é essa a melhor, porque, rompendo com a tradição, faz coar uma restea da luz do bom senso pelas trevas das antigas regras. que o estudante era obrigado a encerebrar com essa docilidade machinal, estúpida de que nos falla Bréal, e não com a obediencia de quem não subordina a razão ao despotismo do *magister dixit*.

Em trabalhos d'esse genero, faltando-nos tantos mananciaes, já é muito para encarecel-os quando as rosas velam os espinhos. Foi o que conseguiu o Sr. J. Ribeiro, a quem só censuramos aqui o não ter citado a opinião de alguns escriptores brasileiros que mais per-lustraram o districto philologico com trabalhos de merecimento. Era uma cortezania, uma justiça; era tambem uma prova de patriotismo porque mostrava ao velho Portugal que no Brazil ha outros professores que estudam com amor e proveito a liugua vernacula, comquanto « não tentem ensinar aos seus naturaes o que de outrem não puderam aprender. »

Tem-se controvertido muito o merito da *grammatica* do Sr. J. Ribeiro; mesmo no collegio Imperial dividem-se as opiniões. Seria mais proveitoso que aquelles que a condemnabam abertamente satisfizessem ao nobre pedide do autor, constante das linhas com que antiprefaciou o seu livro: — « Peço á critica illustrada e honesta o que ella me não pôde recusar— toda a severidade para com esta grammatica. Não é um orgulho tolo que me leva a fazer tal pedido: é o desejo de melhorar o meu trabalho em bem dos que estudam portuguez. »

La critique est aisée et l'art est difficile, disse o poeta Destouches.

E' mais facil ser fiscal de freguezia philologica, desinfector da Junta da Hygiene grammatical, do que escrever uma grammatica, ainda mesmo com muitas desviações do certo e frandulagens, — dizemos nós.

Agradecendo ao excellentissimo professor a offerta do livro, damos-lhe os nossos mais sinceros emboras pela re-edição, o que já não é pequeno galardão nesta terra de letras magras e de grammaticos gordos.

MARIO

ERRATA

Do nosso illustrado collaborador, o professor Pacheco Junior recebemos as seguintes linhas:

«No meu artigo publicado no ultimo numero d'este hebdomadario, escaparam á revisão varios erros, que por saltarem immediatamente aos olhos dispensam corrigenda, com excepção de um: — 3^a col. 1. 80 — *desvanolisar-lhe*. Escrevi *desvalorisar-lhe*.

Aproveitando o ensejo, aponto aqui os auctores latinos a que me refri, alem de Cicero— citado pelo Sr. Bellegarde, que empregaram a palavra *caenum*, no sentido proprio ou metaphorico. Não quero que alguma alminha

liliputhiana me accuse ou julgue capaz de improbidade litteraria. Cic. *Tusc.* e *Verr.*; Plauto. *Most.* 1. 3. 133, *Poen.* 1. 2. 93. 4. 2; Luc. 6. 977; Virg. *Georg.* 449; *Ov. M.* 1. 418; Hor. S. 2. 7. 27; *Suet.* *Vit.* 17. — Plauto *Bac.* 3. 1. 17; Luc. 3. 77; Liv. 10. 15. — *Pulchrum ornatum turpes mores pejus coeno collinunt*— Plauto; *ut eum ex lutulento coeno propere hinc ciciat foras* (sc — ex amore meretricum), id.; *ipsei se in tenebris volvi coenoque queruntur*; *ex coeno plebeio consulatum extrahere* Liv. »

PACHECO JUNIOR

MUSICA E MUSICOS

SALVATOR ROSA

Imperial Theatro D. Pedro II

Muito regular a representação que teve logar quarta-feira, 28 do corrente.

Parecia-nos que sendo exhibição de uma opera de compositor nacional que no estrangeiro goza de uma justa fama de maestro de *primo cartello*, devia ter grande concurrencia, mas enganamos-nos, porque o theatro tinha pouco mais de meia casa.

A execução correu sem desastre nenhum, excepção feita de alguns *pequenos senões* entre orchestra, coro e baile, elementos estes que n'esta temporada têm concorrido para algum descontentamento por parte do publico.

O Sr. Callioni, que, por obsequio, se prestou a fazer a parte de protogonista, interpretou-a bem e satisfez aquelles, ainda repito, que não querem saber de comparações.

Os demais artistas de que já tivemos occasião de falar apreciando a nosso vér suas qualidades artisticas, em nada desmereceram; pelo contrario, houveram-se de maneira louvavel.

A Sra. Meyer, que cantou com muita expressão a canção do 1^o acto, recebendo por isso applausos merecidos, exonerou o publico do conceito pouco lisongeiro que fez a seu respeito quando se estretiou, e se bem que a sua voz nos parecesse um pouco debil para aquelle grande recinto, em todo caso não achamos que por isso lhe venha mal: pôde-se ter voz pequena mas cantar-se bem.

Os scenarios são bons e de bom effeito, á excepção do do primeiro quadro que não nos mostrou nada de... bem feito.

GALLI-LEO.

DIA TREVOSO

Rola no espaço a tempestade em furias:

E' a pugna feroz dos elementos!

Passa o pampeiro proferindo injurias!

Rola no espaço a tempestade em furias!...

Qual em mim a procella das luxurias

Rola ás vezes, assim, negros momentos!

Rola no espaço a tempestade em furias:

E' a pugna feroz dos elementos!

O ar é frio, o azul do céu turbou-se;

A chuva, gotta a gotta, cae sonora...

Só tem calor teu seio e labio doce:

O ar é frio, o azul do céu turbou-se.

P'ra teu semblante cuida que mudou-se

Da Natureza o encanto, pois, lá fora

O ar é frio, o azul do céu turbou-se;

A chuva, gotta a gotta, cae sonora...

Como ha de a luz pratear campos e valles,
Se eu tenho a luz captiva entre os meus braços?
Se estás aqui, ourando-me dos males,
Como ha de a luz pratear campos e valles?
Que dia!.. O vento quebra á flor o oalix,
Vergasta o bosque! Ha treva nos espaços..
Como ha de a luz pratear campos e valles,
Se eu tenho a luz captiva entre os meus braços?...

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

JORNALS E REVISTAS

Um dos melhores o n. 11 (do 3^o volume) d'A *Illustração*. Entre as gravuras recommendam-se pela importancia dos assumptos e primorosa execução artistica: « Os principaes presentes offerecidos em Paris a S. A. R. a Princeza Amelia do Orleans », « O actor João Rosa », e a reproducção de dois importantes quadros do *Salon* d'este anno. No texto uma critica de Mariano Pina d'O *Anti-Christo*, de Gomes Leal e « O baile dos Marquezes », por Abel Accacio.

Figaro, o critico litterario d'A *Illustração* é demasiado severo e por vezes injusto em suas apreciações. Foi cruel com as *Historias da montanha*, negando-se a reconhecer em Monteiro Ramalho as qualidades de prosador que elle possui e dizendo ser o seu livro — o mais melancólico que elle, *Figaro* tem lido. Agora, nova injustiça é mais revoltante, com as *Prosas simples*, de G. Gama, um livro justamente qualificado de « encantador » pelo Sr. Ramalho Ortigão e que *Figaro* rapa sem piedade, a navalhada de critica, e que *Figaro* diz parecer-lhe « um livro de notas de um reporter », escripto em « estylo telegraphico ». O engraçado é que tem a petulancia de transcrever dois continhos deliciosos, accrescentando muito seriamente: « Francamente, isto não é nada ». *Figaro* é dos que ainda se preocupam com o assumpto; elle quer assumpto, assumpto como o diabo! Não se recorda dos preceitos de Flaubert, para quem tudo, tudo, quer dizer qualquer insignificancia, nada, era assumpto de sobra sob a perna de um escriptor verdadeiramente digno de tal nome. *Figaro*, como critico, é dos taes que arrancam coiro e cabelo: não é critico, é barbeiro.

Temos o n. 12 da excellente *Chronica Franco Brasileira*, publicada em Paris, sob a direcção do Dr. Lopes Trovão. Sentimos sinceramente que uma folha tão interessante e tão util não tenha encontrado aqui a protecção que merece. D'este numero recommenda-se especialmente o artigo: — *Pasteur e D. Pedro II*, em que Lopes Trovão reprova o agraciamento do sabio francez antes de conhecido o resultado dos estudos que dos seus processos foi fazer a Paris o medico commissionado especialmente para esse fim e, principalmente, que a gran-cruz tenha sido dada a Pasteur em nome do Imperador. E' um artigo energico e vibrante, terminando com estas palavras:

« Continue, pois, o Sr. D. Pedro—lastimavel victima da nevrose chronica da celebridade — a tentar a arriscada escalada da gloria, agarrado ás abas da modesta casaca dos sabios e calcando aos pés o prestigio das mesmas corporações scientificas officiaes do seu paiz, que d'estas terá sempre os applausos da subserviencia e d'aquelles a piedade que nos inspiram os enfermos incuraveis. »

No artigo *Pela sciencia* diz o Dr. Argemiro de Castro, — no que concorda com o que a respeito expenderam a *Gazeta de Noticias e A Semana*:

«... Assim, se nos fóra permittido, lembrariamos ao governo o nome do Dr. Domingos Freire, que, sem duvida nenhuma, é de toda a corporação docente dos cursos medicos do Brazil o que mais competentemente se habilitou, pelos seus estudos especiaes, a seguir com aproveitamento e a julgar com criterio os processos hydrophobifugos do grande mestre.»

São tambem muito interessantes os artigos *Em jangada* de F. Dumonteil, *La parole imperiale* de Alfr. Marc, *L'Esclavage e Nouvelles brésiliennes*. A *Chronica* está prestando em França grandissimos serviços ao Brazil. Não nos cansaremos de repetil-o, bem como que se tomam assignaturas d'ella na casa Lombaerts & C., rua dos Ourives n. 7.

Foram publicados os ns. 5 e 6 da *Revista dos Constructores*, fundada e dirigida pelo illustrado engenheiro Ernesto da Cunha de Araujo Vianna. É uma publicação unica no seu genero e redigida de modo a preencher completa, e brilhantemente o seu programma: — architectura e engenharia; hygiene e pratica das construcções. Rivalisa esta revista com as melhores que do mesmo genero se publicam na Europa. Cada numero traz mais de 20 paginas, muitos desenhos technicos, bellamente gravados sobre madeira pelo habil gravador Alfredo Pinheiro, e muitos artigos de utilissima leitura. O n. 5 recommenda-se especialmente pelo artigo e pelos desenhos relativos á escola da Imperial Fazenda de Santa Cruz e pelo mappa da rede dos caminhos de ferro da companhia Leopoldina, trazendo tambem os retratos (muito bem executados) dos seus directores, Drs. Murinelly, Mello Barreto e Barão de S. Geraldo.

Abre o n. 6 com um magnifico artigo de Carlos de Laet sobre o malogrado engenheiro Lima Barros e traz uma excellente gravura representando o Posto Fiscal da Alfandega do Rio de Janeiro (projecto Del Vecchio.)

Para recommendar ás classes interessadas a *Revista dos Constructores* não serão nunca demasiados todos os elogios.

M. V.

THEATROS

S. PEDRO

Companhia de opereta franceza

LA MASCOTTE

Foi um novo triumpho para a já bem recommendada *troupe* Grau-Ciacchi a execução da deliciosa partitura de Audran.

A casa estava repléta; era natural, pois a peça é muito conhecida a estimada do nosso publico, que a obrigou a centenário no Sant'Anna para proveito do Heller e gloria de Guilherme de Aguiar, Vasques e Henri. Pôde-se dizer que Mlle. Preziosi não *faz* mas *veste* o papel de Bettina, pois que este lhe *vae*—como uma luva. Além de cantal-o com mimo, graça e... voz (cousa rara) accentuou o comico com louvavel sobriedade. Jourdan foi um magnifico Pipó. O famoso e formoso duetto do *glú-glú-mé!* foi cantado pelos dois de modo inexcedível, com extrema delicadeza e impecavel afinação. Foi bisado e applaudidissimo.

Mezières deu-nos um Laurent XVII engraçadissimo; Moreau um perfeito Roco, o Sr. Fromant um acceitavel principe e Mlle. Nordal uma interessante princeza.

Os coros em geral bons, á excepção do dos pagens que desagradou. Encenação pobre, mas vestuarios muito decentes.

*

LA FILLE DE MME. ANGOT

A mesma companhia deu-nos segunda feira *La fille de Mme. Angot*, a esplendida opereta de Lecocq.

O desempenho, se exceptuarmos o Sr. Fromant, para quem o papel de Pomponnet tem difficuldades invenciveis—foi magnifico.

Bastará dizer que a graciosissima Zelo Durau fez uma Clairette deliciosa, cheia de malicia e de graça, cantando admiravelmente e representando com grande talento; que Preziosi deu-nos uma Mlle. Lange soberba, interessantissima, de grandes maneiras e bella voz; que o impagavel Mezières, nm actor de primeira ordem, fez um Larivaudière hilariante como nunca vimos outro; e que Minart, um tenor de muito merito, cantou a parte de Ange Pitou com mnita correcção e muita voz.

Desclos fez um Trenitz engraçado e leve como ums penna.

Os coros estiveram numa das suas melhores noites e a orchestra não deu o menor escandalo.

O duetto da *pension*, no segundo acto, foi admiravelmente cantado, com extraordinario mimo e *entrain* por Zelo e Preziosi, e o duetto da briga, no terceiro, foi executado com tanto primor e graça, que o publico fel-o bisar e applaudi-o entusiasticamente.

Agradou tambem muito e foi bisada a originalissima e engraçadissima dança *La fricassé*, do terceiro acto.

Emfim, a *Angot* foi um dos melhores espectaculos que nos tem dado a excellente companhia franceza do Sr. Grau.

O theatro estava completamente cheio.

RECREIO DRAMATICO

Companhia do Theatro D. Maria II, de Lisboa

D. CEZAR DE BAZAN

A representação d'este velho drama de D'Ennery e Dumanoir não foi dos maiores triumphos da companhia. O drama, escripto para o actor Fred. Lemaître, só tem verdadeiramente um papel: o do protagonista. E d'essas peças como *Kear*, *Morte Civil*, *Fédora* e outros, especialmente feitos para que um actor patenteie todos os seus recursos.

O papel de D. Cezar foi aqui, ha muitos annos, representado, e admiravelmente, pelo nosso grande João Caetano. Augusto Rosa, desempenhando-o, conseguiu mostrar que é artista consumado, de largo folego e bello futuro. Mas, francamente, deixou alguma cousa a desejar. Fez um D. Cezar elegante, brioso, cavalheiresco, mas demasiado dramatico. Aquelle *hidalgo* era sobretudo um pandego; pandego distincto, de bom coração e boa cabeça, incapaz do mal pelo mal, mas essencialmente pandego. Um *Gavroche* fidalgo — eis o que elle era. Augusto Rosa den-lhe pouca alegria, pouca vivacidade, pouco «*tanto se me dá como se me deu*». Na scena do 5º acto, com o rei, descobrio-se ao entrar, e descoberto continuou, mesmo depois de entrarem outros personagens. Ora no primeiro acto havia dito D. Cezar — e é sabido—que como gran-

de de Hespanha não se descobria deante d'el-rei. Toscanejou, portanto, nesse ponto o distincto actor. Teve, não obstante, situações em que foi muito feliz, dizendo muito correctamente todo o papel.

João Rosa foi um máu D. Carlos II; digamol-o francamente. Via-se que estava a contra-gosto no papel. Achamos de pessima lembrança as luvas de pellica branca que traz fechadas na mão direita, no 5º acto. Taes luvas, e trazidas por aquella modernissima forma não vão bem com o rigor historico da vestimentação da peça. A Sra. Amelia da Silveira provou mais uma vez que é actriz de talento, estudiosa, amante da sua arte. Fez com muita distincção o papel de Lazarillo. A voz do actor Antunes é o que se pode chamar «uma voz rebuçado»; muito boa para papeis comicos, de velhos gaiteiros en sujeitos hypocritas, mas um tanto ingrata para os do genero de D. José de Cordova que, embora tenha seu pouco de hypocrita, contem alguns lances de energia dramatica. Fel-o porém com correcção e garbo. Costa é inimitavel nos *vegetes*. Ainda o provou fazendo o Marquez de Montefior.

D. Luiza Lopes apresentou um typo de engraçadissima fealdade. Da Sra. Carolina Falco fazendo a «formosissima e joven Maritana» — o melhor é não dizer nada.

A empreza annunciou: «O scenario é todo novo, pintado pelos scenographos Rossi e Coliva.» Pura peta. Todo o scenario é velho. A scena do 1º acto é do drama *Maria Joanna* representado pela companhia Dias Braga; a do 2º acto é da opereta *La Perichole*, cantada pela *troupe* da Sra. Manzoni; os do 3º e 4º têm servido em quasi todas as peças da companhia dirigida pelo Sr. J. Rosa. Apenas é novissimo o do 5º acto, que é... o mesmissimo do quarto.

Os vestuarios, porém, são luxuosos e perfeitamente a caracter.

PRINCIPE IMPERIAL

LUIZ XI

O actor Colantoni Rossi desempenhou o papel do protagonista d'este drama com bastante intelligencia e estndo, se bem que tivesse de arcar com as escabrosidades do papel e com o confronto dos seus gloriosos antecessores naquelle trabalho. De scenas bastante violentas, o drama presta-se a que se possa por elle aquilatar o merecimento do actor que tiver de reproduzir o personagem do velho rei de França; e é por isso que, longe de querermos fazer ao estudioso artista imerecidos elogios, não podemos deixar de applaudir a maneira discreta por que elle se houve nesse arriscado tentamen.

Razoavelmente montada, a peça foi muito applaudida.

*

Companhia do theatro Principe Real, de Lisboa

A MORTE CIVIL

A estréia d'esta companhia na noite de 29 do corrente foi das mais brilhantes e mais auspiciosas a que temos assistido. Os merecimentos dos artistas que a compõem não haviam sido annunciados pelos tamborins da *réclame*. Veio modestamente, como quem pretende dar muito mais do que o que promette. E assim foi. O publico, que se lembrava de Salvini na *Morte Civil*, foi para o Principe com a pulga atrás da orelha, dizendo com os seus bem conhecidos botões: «Ora o Alvaro, que vimos aqui, a declamar ferozmente com a Emilia Adelaide, mettido a fazer o pa-

pel de Conrado l... » Enganou-se o publico, enganou-se a nossa e a geral expectativa. A companhia estrejou-se como se costuma dizer: — com o pé direito.

O commovente e vigoroso drama de Giacometti foi representado por todos os artistas de modo a não se perder nenhuma das suas bellezas. Alvaro foi um admiravel Conrado.

Fez este artista muitos e enormes progressos. Veio mais correcto na dicção e no gesto, menos declamador, mais elegante no vestir e no andar. Em tudo, emfim, mostrou logo da primeira entrada em scena que muito havia estudado e aprendido durante a sua ausencia do Brazil.

A melhor qualidade do actor Alvaro é o sentimento, o calor, a vida com que interpreta os seus papeis. As phrases saem-lhe quentes, communicativas, sentidas. O espectador sente-se penetrado por ellas e começa a viver da vida do personagem, participando viva e intimamente dos seus prazeres e dos seus pezares. Essa qualidade era no actor Alvaro muitas vezes um defeito, porque elle a distendia demasiado, exaggerando no sentimento e no vigor dos lances mais dramaticos. Hoje ella está educada, e apenas uma cousa a impede de brilhar inteiramente, como qualidade superior e completa: o desagradavel ruido que faz, rythmicamente, a aspiração do ar, sorvido em haustos longos e impetuosos. Este defeito, que é grave, pode, parece-nos, ser corrigido pelo talentoso e applicado artista, que não tem o direito de tel-o.

O successo do actor Alvaro começou logo que elle entrou, pois apresentou uma caracterisação magnifica, uma cabeça admiravelmente artistica, de martyr e sonhador.

Nas scenas com Rosalia e Adda, e na scena da morte — que foi muito bem feita — Alvaro mostrou-se nos um grande actor. Não é qualquer artista bom (não dizemos *mediocre*) que diz e faz taes scenas com tanta alma e tanta verdade. Não procuremos comparar o trabalho de Alvaro com o de Salvini. Rossi, Salvini, Sarah... são *excepções*; representam de modo excepcional.

Se o papel de Conrado houvesse sido pela primeira vez representado antehontem, aqui, elle tel-o-ia creado, alcançando enorme successo.

O actor Polla revelou-se artista de primeira ordem, provecissimo, dos que sabem o que fazem, desde as primeiras palavras. E' naturalissimo na gesticulação e no dizer, *intenciona* admiravelmente todos os dictos, é sobrio, distincto, correcto, consciencioso em todo o seu trabalho. Infelizmente tem voz má, o seu larynge ha muitos annos que está estragado. Não fosse este insuperavel defeito e seria um actor completo no seu genero. A Sra. Adelina Abranches representou notavelmente o papel da menina Adda. Tem dezoito annos e é uma actriz de primeira ordem, uma das mais importantes figuras da companhia. Fez uma ingenuasinha deliciosa, com incomparavel graça e profundo sentimento. A Sra. Maria das Dores tambem fez jus aos applausos entusiasticos do publico, tendo feito muito bem a grande scena do perdão, com o marido, no 4º acto. Este acto foi representado de maneira notavel por todos os artistas.

Os actores Gil e Brandão deram todo o relevo aos seus papeis, desempenhando-os com grande correcção e naturalidade.

O spectaculo terminou pela baixa comedia — *Milagre de Santo Antonio*, que é das taes que só visam fazer rir as pedras. A Sra. Adelina mostrou nella a face comica do seu talento, agradando immensamente. Costa, Ferreira, Senna

e a Sra. Elvira Costa tambem agradaram muito.

Concluindo: — não podia a companhia do theatro Principe Real, de Lisboa, estreiar melhor.

Um franco e ruidoso successo. Aos sympathicos artistas e delicados cavalheiros muitos parabens.

Hontem representou-se *Magdalena*, drama de Pinheiro Chagas, em que tem o principal papel a actriz Margarida Cruz, que agradeceu muito.

A Comedia Franceza aceitou uma peça de Jean Aicard. Intitula-se *Le père Lebonnard*. E' um drama intimo, em 4 actos, em verso.

François Coppée retirou-se para Mortefontaine, onde trabalha num grande drama destinado ao Odéon. Não é ainda conhecido o titulo, mas é já sabido que a intriga é das mais sombrias, e que o fogo e o sangue desempenharão nelle um grande papel, tal qual como nas peças de Bouchardy — aparte o estylo, naturalmente.

NUMERO DO « INTERMEZZO »

(HEINE)

Minhas canções, tão jovias outrora,
Têm o escuro veneno a alimental-as.
Na flor da minha vida, còr da aurora,
Derramaram veneno as tuas falas.

Minhas canções são, pois, envenenadas!
Mou peito, cheio d'uma escura dôr,
E' um ninho de viboras damnadas,
Em que tu sobresaes, meu doce amor...

1886 - Maio.

JOAQUIM DE ARAUJO

SPORT

Realizaram-se com bastante concurrencia no domingo passado as corridas no Prado Villa Izabel. O programma, que era excellente, constou de sete pareos que foram perfeitamente preenchidos por parelheiros de reconhecida superioridade.

Eis o resultado :

No 1º pareo (1609 metros) *Zaire*, em 112 segundos, sahio victorioso. *Tardis* teve o 2º logar. *Savana* o 3º. *Eucharis*, *Sultão*, *Serodio* e *Morena* vieram na bagagem.

No 2º pareo (1450 metros) em 103 segundos *Feiticeira* brilhantemente bateu os seus competidores, correndo de alcance. *Chapeco* teve o 2º logar e *Pip* o 3º tendo ambos durante a corrida estabelecido grande luta. *Favorita*, *Judia*, *Onix* e *Odalisca* vieram na bagagem.

No 3º pareo (1300 metros) *Plutão* em 83 segundos venceu os seus valentes competidores n'este tiro. *Gaudriole* teve o 2º logar. *Dr. Jenner* o 3º. Tambem correram *Diomede*, *Madame*, *Speciosa*, *Aymoré*, *Françoise*, *Camelia* e *Cheapside*. *Victoria* e *Pansy* não correram.

No 4º pareo (1800 metros) *Sibylla* a muito custo bateu *Pery* que além de mancar durante a corrida, teve sahidas falsas que o fatigaram bastante. *Carmen* e *Paulicéa* chegaram na bagagem. *Macaréu* não correu. A corrida foi feita em 124 segundos.

No 5º pareo (1800 metros) *Coupon* com alguma facilidade, em 120 segundos, ba-

teu *Dr. Jenner* que chegou em 2º e *Fanfaron* que teve o 3º.

No 6º pareo (1450 metros) correram dez animaes, sendo um parvo bem disputado. Diversos parelheiros bateram-se brilhantemente, sahindo vencedora em 98 segundos *Biscaia*. *Iron*, que foi muito guerreado teve o 2º logar. *Araby* o 3º. Tambem correram *Americana*, *Bitter*, *Africa*, *Peralta II*, *Douro*. *Intima*, *Pretoria* e *Bonita* não correram.

No 7º pareo (1000 metros) dos animaes inscriptos apenas correram *Speciosa*, *Fanfaron*, *Cheapside* e *Scylla* que em 66 segundos sahio victoriosa. *Speciosa* teve o 2º logar. *Fanfaron* o 3º. *Cheapside* ao receber o grito de partida empacou.

Com um programma importante e perfeitamente organizado realiza amanhã o Jockey Club o grande premio.

Na verdade, o pareo « Jockey Club » ficou constituido com a inscripção de doze animaes de primeira ordem e mais ou menos preparados a disputar esse importantissimo premio, que nos vem mostrar o grande impulso que tem tomado as nossas sociedades de corridas em tão curto espaço de tempo. Parabens ao Jockey Club.

Eis os valentes parelheiros que tomam parte no importante pareo do grande premio :

Carmen, *Gladiador*, *Damiatta*, *Plutão*, *Curubaid*, *Comtesse d'Olonne*, *Taillefer*, *Atalanta*, *Satan*, *Boreas*, *Phrynea* e *Dignitaire*.

Incontestavelmente é a primeira vez que se nos apresenta um pareo tão brilhante e composto de tantos animaes de primeira ordem. A luta deve ser renhida e difficilmente pederemos saber qual o vencedor.

L. M. BASTOS

TRATOS Á BOLA

Frei Antonio vendo, cá do seu solitario claustro, que uma galante senhora illuminou, por instantes, com os esplendores da sua garridica este triste cubiculo, em que outr'ora fazia as suas semanaes genuflexões charadisticas; do mesmo modo que o meteoro esclarece, fugazmente, com sua luz radiosa, as grutas sombrias: satisfeito com tamanha honra, põe de lado as bentas contias e empunha a penna com a emphase com que um velho general empunha o chanfalho de seu papae o passa a mostrar que ainda se lembra do seu tempo. Salta um fricassé de frescas charadas para os antigos *traistas*! Aquelle que desembrulhar o mysterio do *Adivi-charalogogriphonicancia* empolgará um premio marca barbante com berliques e berloques, de X. P. T. O. London e de repica ponto e rufos de tambores por contrapeso, capaz de aguçar a curiosidade até das onze mil virgens ursulinas, de Santa Maria Magdalena, de S. Bento — o advogado dos engasgados, de Santo Antonio dos Pobres... emfim, de toda a Côte celestial. Lá vae :

LOGOGRIPO

(por lettras)

(A Luiz Herdy)

Uma villa do Brazil, 3, 7, 6, 2, 1, 5.
Com este bello arvoredado, 4, 2, 3, 4, 5.
Dá uma fructa sublime,
Mas, cujo nome é... segredo.

O Satanaz.

1—1—1— Não é boa em cima do coração esta proposição de mulher.

1-1— Prende o pronome que distingue o homem.

2-2— Este adverbio latino eu já disse que é de homem.

Qual a fructa que, pelo avesso, introduz-se no nariz?

ANTIGA

Põe-lhe adiante um l e na botica
Vel-a-eis mas sem l haveis de a ter de
graça—1
Quem a tem livre de penhora fica
E fica como Job um filho da desgraça—2

E emtanto ornato ella é
Das ricas damas, olé!

E agora recebei a minha benção e *ita colomy*... quero dizer: *ita missa est*.

FREI ANTONIO.

Venceram as dificuldades dos Tratos ultimos a Sra. *Josephina B.* e os Srs. *Mané Quim, Tico-Tico, Violino, Madruga, Gaspar e D. Quichote*. Os conhecidos traxistas *Beija-Flor e Rimança* só não acertaram com a decifração do terceiro verso da *Em quadro*.

A Sra. *Josephina B.* e *Mané Quim* podem vir receber os seus premios, pois além de chegarem em primeiro logar, disseram acertadamente que as modernas eram *Caalla e Camillo*, as telegraphicas: *Lage, Maca e Lona*; que a pergunta era: —*As armas e os barões assignalados* e que a em quadro era:

A L M A
L U A R
M A L A
A R A S

F. A.

FACTOS E NOTICIAS

No dia 27 houve sessão do Instituto Philologico em presença de S. M. o Imperador.

O dr. Alfredo Gomes—uma das glorias do nosso magisterio, não obstante o verdor dos annos, leu um trabalho, de reconhecido merito, sobre o accento tonico.

Tonico ou atono, sempro ouvi dizer que o rabo é o peor de esfolar. E, de feito, o dr. Gomes, tendo tido a infeliz idéa de rematar o seu trabalho com a exhumação da questão phaseolica, cahiu de chofre uma tormenta estherica acompanhada de trovões de raivas senis, que foi um deus nos accuda. Bem aconselhado andou o digno presidente fazendo do dr. Fortunato um isolador accidental.

Depois de passar o panico geral, foi tambem geral a deflagração do riso, e o concilio philologico perdoou ao agastado e intangivel adversario do *Fabianus*, desencavado por Diez, o esquecimento das devidas condicionaes da boa educação, pelo gosto que lhe deu com a leitura de uma ode de Horacio, chistosa e limpamente vertida para o gallegiano por um poeta conterraneo de Carvajal e Rosalia Castro.

Com o fim de restabelecer as relações, o professor Alexander declarou que na proxima sessão lerá um trabalho sobre analyse relacional.

Imagino como não gargalharia o dr. C. L. se nessa occasião, em torpor hipnotico, ouvisse o espirito de Grimm bufar-lhe no ouvido a procellosa tempestade philologica no agre de favas.

CLUB OLYMPICO GUANABARENSE

As corridas d'este club, que por causa das chuvas foram varias vezes transferidas, effectuaram-se, graças ao sol, em 25 do corrente.

Devido, talvez, ás festas de egual genero havidas no mesmo dia, não vimos ali a concurrencia costumada; em todo caso era ella bastante crescida e composta da fina *élite* nitheroyense.

Os valentes corredores inscriptos disputaram corajosamente os excellentes premios, e no pareo de velocipedes, um dos mais bellos, ficou ainda vencedor o eximio velocipedista L. Azevedo, apesar das grandes vantagens dadas ao seu competidor.

Parabens á amavel e distinctissima directoria do Club Olympico Guanabarense pela bella festa de domingo, e pezames áquelles que tiveram o máu gosto de não ir a ella.

O maestro Miguel Cardoso resolveu finalmente escrever para o theatro.

Amigos seus nos informaram de que a opera comica que está escrevendo é de uma originalidade a toda prova; que tem lindos *duettos*, scenas dramaticas, etc., e que o *ensemble* é de effeito sorprendente pelo conjuncto contrapontistico por que é trabalhado.

Felicitemos desde já o empresario que tiver a felicidade de obter esta nova producção.

Não nos quizeram dizer nem o nome do auctor do libretto nem o titulo da opera. Paciencia. Em todo caso somos os primeiros a dar esta noticia que muito agradará não só aos frequentadores de theatro como aos que se sentem ufanos quando um patricio apresenta-se trabalhando para distinguir-se nas artes ou nas sciencias.

Os alumnos da Imperial Academia de Bellas Artes inauguram amanhã ás 11 horas, no edificio da mesma academia, uma exposiçáo dos seus trabalhos.

O Club Beethoven effectuou hontem o seu 102º concerto, que esteve, como todos, magnifico.

O Club dos Politicos, a alegre e brilhante sociedade carnavalesca, abre hoje os seus salões para uma *soirée* esplendida como as que estamos habituados a admirar naquelle magico recinto do prazer, ninho encantado da voluptuosa e doida alegria da juventude.

Faz hoje annos a Exma. Sra. D. Maria Stael, filha do Dr. Pedro Fiel M. de Bittencourt. A' joven e gentil senhora — parabens.

O actor Vasques lerá hoje, á uma hora da tarde, no escriptorio d'esta folha, a nova peça de Aluizio Azevedo (ornada de musica) *Os sonhadores*, ha poucos dias concluida.

CLUB ATHLETICO FLUMINENSE

Realizou-se domingo, e com extrordinaria concurrencia, a festa que este club annunciara.

A *great attraction* do dia eram as corridas que haviam de ser effectuadas pela viuva Bargossi e seu filho Victor.

Infelizmente para elles, foram batidos a primeira por uma gentil criança de

10 annos e o segundo por tres competidores.

Foi uma surpresa... desagradavel para todos, principalmente para a viuva e filho do famoso andarilho. Esperamos, porém, que elles saberão tirar desforra de tão triste... surpresa.

O conhecido proprietario da boa e antiga Confeitaria Imperial, inaugura hoje com um lauto e festivo jantar o seu novo estabelecimento—*Hotel Central* á rua Municipal n. 9. O *menu*, elegantemente impresso, promette petisqueiras finas, á franceza. Agradecemos, de coração e estomago, o « *Filet piqué à la Semana* » com que nelle nos distinguio, e promettemos honral-o dignamente, com abundancia de gratidão e de... papete.

CAMARA MUNICIPAL

Depois dos discursos, do estourar das girandolas, do hymno nacional e de tudo mais que é de estylo em ceremonias officiaes, inaugurou-se hontem ás 2 horas da tarde, com a assistencia de S. M. o imperador, de suas altezas e de grande numero de convidados, a escola de Santa Isabel, no matadouro de Santa Cruz.

A creação d'este estabelecimento de educação é uma ideia que honra sobre maneira a nossa edildade, pois a infancia d'aquelle logar até hoje tem vivido completamente nas trevas. Uma escola em Santa Cruz era uma necessidade palpitante e urgente, como o é a creação de outras muitas em um paiz como o nosso, onde as escolas nunca são de mais.

Honra, pois, á camara municipal que, não satisfeita com libertar infelizes escravos, como ainda ante-hontem, que libertou 60, dota o municipio com mais um foco de luz.

A festas semelhantes assistiremos sempre com grande jubilo.

FALLECIMENTOS

Falleceram esta semana os illustres e estimados clinicos Drs. Paula Costa e Barão de Maceió e o conhecido poeta Verissimo do Bomsuccesso.

ANNUNCIOS

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior continua a receber cobranças por porcentagem rasoavel. Cidade de Ouro Fino, Minas.

ALMANACH MUSICAL

POR

DOMINGOS MACHADO

Contendo os nomes de todos os artistas e amadores da corte e de todas as provincias, ornado com uma interessante parte litteraria. Primeiro trabalho neste genero que se tem publicado no Brazil. Acha-se á venda á rua da Alfandega 71, ou Gonçalves Dias 40.

Agencia Musical

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F. Leopoldina. Minas.

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

JOCKEY-CLUB

PROGRAMMA DA CORRIDA DO GRANDE PREMIO NO PRADO FLUMINENSE

DOMINGO 1 DE AGOSTO DE 1886

Honrada com as augustas presenças de Suas Magestades e Altezas Imperiaes

(A's 11 1/2 horas) — 1º pareo — MAJOR SUCKOW — Animas nacionaes de meio sangue — 1,800 metros — Premios: ao primeiro 1:000\$, ao segundo 300\$ e ao terceiro 150\$ — Inscrição 50\$.

N.º	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	<i>Druid</i>	Tordilho....	4 annos	R. de Janeiro.	52 kilos	Branco e listão encarnado.	Oliv. Junior & Lopes.
2	<i>Bayoco</i>	Castanho....	5 »	S. Paulo.....	56 »	Branco e bonet encarnado...	Idem.
3	<i>Guanaco</i>	Alazão.....	7 »	Paraná.....	54 »	Vermelho.....	Coud. Mirim.
4	<i>Douro</i>	Idem.....	7 »	R. de Janeiro.	54 »	Verde e ouro.....	J. L. C.
5	<i>Nicoafi</i>	Castanho....	4 »	Paraná.....	52 »	Azul e branco.....	J. P.
6	<i>Ivon</i>	Zaino.....	4 »	Idem.....	52 »	Encarnado, branco e preto.	Coudelaria Paraizo.
7	<i>Paulicéa</i>	Castanho....	4 »	S. Paulo.....	50 »	Encarnado branco e ouro..	Coud. Paulista.

(A's 12 1/4 horas) — 2º pareo — INTERNACIONAL — Animas de todos os paizes e de puro sangue até 4 annos — 2,500 metros — Premios: ao primeiro 2:000\$, ao segundo 500\$ e ao terceiro 250\$ — Inscrição para estrangeiros 120\$, para nacionaes 60\$.

1	<i>Speciosa</i>	Alazão.....	4 annos	Inglaterra....	48 kilos	Azul e grénat.....	Coud. Internacional.
2	<i>Fanfaron</i>	Idem.....	4 »	França.....	50 »	Branco e bonet encarnado..	Oliv. Junior & Lopes
3	<i>Coupon</i>	Idem.....	3 »	Idem.....	48 »	Azul branco e encarnado...	Coudelaria Cruzeiro.
4	<i>Scylla</i>	Castanho....	3 »	Inglaterra....	46 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
5	<i>Aspasia</i>	Idem.....	4 »	Idem.....	48 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.

(A' 1 hora) — 3º pareo — GUANABARA — Animas nacionaes de 4 annos e mais — 2,000 metros — Premios: ao primeiro 1:500\$, ao segundo 400\$ e ao terceiro 200\$ — Inscrição 75\$

1	<i>Carmen</i>	Alazão.....	4 annos	S. Paulo.....	50 kilos	Azul e grénat.....	Coud. Internacional.
2	<i>Sylvia II</i>	Idem.....	5 »	Idem.....	54 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
3	<i>Macaréo</i>	Idem.....	5 »	Idem.....	54 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz,
4	<i>Diva</i>	Idem.....	4 »	R. de Janeiro.	50 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.

(A' 1 3/4 horas) — 4º pareo — YPIRANGA — Animas nacionaes de 3 annos — 1,609 metros — Premios: ao primeiro, 1:000\$, ao segundo 300\$ e ao terceiro 150\$ — Inscrição 50\$.

1	<i>Oniz</i>	Castanho....	3 annos	S. Paulo.....	50 kilos	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
2	<i>Monitor</i>	Idem.....	3 »	Idem.....	52 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
3	<i>Feticeira</i>	Alazão.....	3 »	R. de Janeiro.	48 »	Grenat e rosa.....	Idem Modesta.
4	<i>Flotsam</i>	Zaino.....	3 »	S. Paulo.....	50 »	Vermelho.....	Coud. Mirim.
5	<i>Odalisca</i>	Pampa.....	3 »	Idem.....	48 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.
6	<i>Dandy</i>	Vermelho....	3 »	Idem.....	52 »	Verde e amarello.....	F. Vianna.

(A's 2 1/2 horas) — 5º pareo — DEZESSEIS DE JULHO — Animas de qualquer paiz, até 3 annos — 1,609 metros — Premios: ao primeiro 1:000\$, ao segundo 300\$ e ao terceiro 150\$ — Inscrição para estrangeiros 80\$ e para nacionaes 40\$.

1	<i>Diomede</i>	Zaino.....	3 annos	França.....	50 kilos	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
2	<i>Coupon</i>	Alazão.....	3 »	Idem.....	50 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
3	<i>Pancy</i>	Zaino.....	3 »	Rio da Prata.	48 »	Cereja, verde e amarello...	V. M.
4	<i>Gaudriole</i>	Castanho....	3 »	França.....	48 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
5	<i>Scylla</i>	Idem.....	3 »	Inglaterra....	48 »	Havana e branco.....	Idem idem.
6	<i>Victoria</i>	Zaino.....	3 »	Idem.....	48 »	Vermelho.....	Idem idem.
7	<i>Peruana</i>	Idem.....	3 »	Idem.....	48 »	Az. e ama.; b. enc. e azul...	J. Rocha.

(A's 3 3/4 horas) — GRANDE PREMIO JOCKEY-CLUB — Animas de todos os paizes e idades — 3,200 metros — Premios: ao primeiro 12:000\$, ao segundo 3:000\$, ao terceiro 2:000\$ e ao quarto 1:000\$ — Inscrição para estrangeiros 500\$ e para nacionaes 250\$.

1	<i>Carmen</i>	Alazão.....	4 annos	Inglaterra....	52 kilos	Branco, preto e faxa.....	M. U. Lemgruber.
2	<i>Gladiador</i>	Castanho....	3 »	Idem.....	53 »	Branco e roxo.....	Idem.
3	<i>Damietta</i>	Idem.....	5 »	Idem.....	59 »	Branco e preto.....	Idem.
4	<i>Plutão</i>	Alazão.....	6 »	França.....	57 »	Azul, branco e encarnado...	Coudelaria Cruzeiro.
5	<i>Curubaia</i>	Zaino.....	5 »	Inglaterra....	54 »	Preto e encarnado.....	D. F. P.
6	<i>Cont. d'Olonne</i>	Alazão tost...	5 »	França.....	54 »	Havana e branco.....	Coudelaria Alliança.
7	<i>Taillefer</i>	Zaino.....	5 »	Idem.....	57 »	Encarnado e mangas azues.	Coud. Americana.
8	<i>Atalanta</i>	Castanho....	6 »	Inglaterra....	54 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
9	<i>Satan</i>	Idem.....	3 »	França.....	53 »	Grénat e bonet ouro.....	Mario de Souza.
10	<i>Boreas</i>	Idem.....	5 »	S. Paulo.....	52 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
11	<i>Phrynea</i>	Idem.....	4 »	Inglaterra....	52 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
12	<i>Dignitaire</i>	Alazão tost...	3 »	França.....	53 »	Encarnado, preto e branco.	C. P.

(A's 4 1/2 horas) — 7º pareo — CONSOLAÇÃO (HANDICAP) — Animas de todos os paizes — 1,609 metros — Premios: ao primeiro 1:000\$, ao segundo 300\$ e ao terceiro 150\$ — Inscrição para estrangeiros 80\$ e para nacionaes 40\$.

1	<i>Speciosa</i>	Alazão.....	4 annos	Inglaterra....	60 kilos	Azul e grénat.....	Coud. Inter nacional
2	<i>Fanfaron</i>	Idem.....	4 »	França.....	62 »	Branco e bonet encarnado..	Oliv. Junior & Lopes.
3	<i>Diomede</i>	Zaino.....	3 »	Idem.....	56 »	Branco e listão encarnado..	Idem.
4	<i>Naná</i>	Idem.....	5 »	Inglaterra....	59 »	Branco e preto.....	M. U. Lemgruber.
5	<i>Talisman</i>	Alazão.....	6 »	S. Paulo.....	58 »	Azul, branco e encarnado.	Coud. Cruzeiro.
6	<i>Dr. Jenner</i>	Zaino.....	4 »	Rio da Prata.	60 »	Grénat e ouro.....	Oscar Machado.
7	<i>Camelia</i>	Alazão.....	3 »	França.....	55 »	Azul e grénat.....	Coud. Santa Cruz.
8	<i>Norma</i>	Zaino.....	3 »	Inglaterra....	55 »	Branco e estrellas azues...	Coud. Guanabara.
9	<i>Bitter</i>	Preto.....	5 »	S. Paulo.....	50 »	Azul e amarello.....	H. J. da Silva.
10	<i>Françoise</i>	Alazão.....	4 »	França.....	58 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.
11	<i>Diva</i>	Idem.....	4 »	R. de Janeiro	52 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 7 DE AGOSTO DE 1886

VOL. II-N. 84.

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	JULIA LOPES.
Do Rio a Londres.....	F.
Jornaes e revistas.....	F. D'ALMEIDA.
A uns olhos, versos.....	A. PALHETA.
Bellas Artes.....	NUNO RANGEL.
Magia, soneto.....	M. CARNEIRO.
Contos a premio.....	P. TALMA.
Theatros.....	H. DE MAGALHÃES.
O cingulo vivo, soneto...	L. M. BASTOS.
Sport.....	
Factos e Noticias.....	ENRICO.
Correio.....	
Recebemos.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÔRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

SR. AMARAL JUNIOR.—Pilar de alagoas.— Enviando-nos V.S. 10\$ fica paga a sua assignatura até 30 de Junho de 1887.

SR. S. CAMARGO FREITAS.—S. Carlos do Pinhal.—Pode V.S. remetter-nos em carta registrada, com valor declarado, a quantia de 10\$ pela sua assignatura do corrente anno. Ser-lhe-ha enviado o premio «Vinte Contos».

SR. C. O. CARNEIRO.—Campos.—A assignatura, d'ora em diante, custa 5\$ por semestre. Tem, pois, V.S. de enviar-nos mais 1\$.

SRS. BACELLAR & IRMÃO.—Bahia.—Em vista do augmento do preço das assignaturas têm V.V. S.S. de enviar-nos ordem para 5\$ e não para 4.000.

Aos senhores assignantes em atrazo, que até 31 de Agosto não saldarem os seus debitos, será suspensa a remessa da folha.

A SEMANA

Tendo sido magrissimos os sete dias ultimos não lhes escreverá a historia o illustrado Thierry cá de casa—*Filindal*. Além de que temos falta de espaço—como o diabo!

Por isso tambem não damos *Tratos á bola*. No proximo numero publicaremos a continuação da *Revista retrospectiva* das letras e artes em Portugal pelo nosso illustre correspondente em Lisboa, Emygdio Monteiro, a continuação do estudo *Enfermidades estylisticas* por Araripe Junior e uma bella poesia *A mulher do marujo* pelo nosso grande poeta Alberto de Oliveira.

DO RIO A LONDRES

Oh! minha terra amada, acolhe as palavras que te envio, sempre cheia de amor e de saudades.

Ao deixar-te, eu, encostada é amurada do vapor, que me havia de trazer a plagas estrangeiras, olhava a través das lagrymas para as tuas montanhas enormes, luxuosas de vegetação, erguidas entre o azul do ceu e o do mar, inundadas de luz dourada e quente, e pensava:—Ahi fica a melhor parte da minha vida, toda a meninice e parte da minha mocidade...

Via-me em Friburgo, no *Chateau*, erguido entre pomares, ninho saudoso onde não deixei pennas e d'onde tão pequenina sahi. mas que me vinha á memoria nitidamente, numa lembrança suave e acariciadora. Foi ali que balbuciei as primeiras palavras no aconchego do collo materno; foi ali que dei os primeiros passos, guiada pelas mãos previdentes e bondosas de minha irmã mais velha; foi ali que aprendi as letras, sentada nos joelhos de meu pae! Como não havia de sentir saudades?

Oh! Friburgo, como me vem á memoria, como me alegra a lembrança dos meus folguedos ali! O recanto do jardim, onde fazia os grandes banquetes de bonecas... A espera de Mme. Grip ou de Mme. Cardinaux, que deviam trazer manteiga fresca logo de manhã cedo, e que eu esperava prompta, com a minha tigella de leite natoso e a fatia de pão abiscoitado, ainda quentinho do forno... E as idas ao pomar, onde, sem caridade, as minhas companheiras mais velhitas e com mais força portanto, batiam com bambús nas pitangueiras luzentes, esmaltadas de fructinhas es-carlates, que se espalhavam no chão d'onde as juntávamos?... E os pinheiros do caminho do *Chalet*, enormes, elevando a sua rama verde-negra d'entre as arvores em redor?... E as acacias, mais adeante, amarellas e roxas, perto do riacho que descia soluçante entre gra-

mados e pequenos bosques até lá em baixo, ao rio...

Que differença haverá em tudo aquillo! Fiz bem em nunca mais lá voltar.

A alteração notada num logar amado, como que se nos afigura um sacrilegio. Embora deixasse eu em ruinas o meu primeiro ninho, havia de sentir uma decepção triste ao encontral-o, quando o procurasse num palacio moderno e confortavel! O passado, esse nunca mais se encontra, eu sei; a vida é como a agua de um rio, que vae e não volta mais; mas há um prazer indefinido em pisar a gente, depois de muitos annos, as taboas que pisou em criança, e em pascer os olhos nas paredes da sua antiga habitação, dizendo:—Está tudo tal e qual!

Depois d'essa quadra bonançosa, dos primeiros cinco annos de minha vida, vinha-me ao pensamento a capital do imperio, terra onde nasci, onde todas as alegrias tive, onde tão feliz fui! Depois... a serra de S. Paulo, a cidade em que morei, onde acordava ouvindo os cantos dos meus saudosos canarios, a que respondiam lá fóra as andorinhas, que iam pousar na janella de meu quarto, entre as hastes floridas das angelicas e as brilhantes folhas dos crotons... E o panorama que d'essa janella eu destructava! Campinas, meia encoberta de um lado pelas cazuarinas do mercado, deitada entre duas colinas, numa linha curva, inundada da luz branda e doce da manhã, destacada entre os campos e o arvoredo pelo desmaiado azul do ceu, trazendo-me á lembrança um esmalte fino, completo, nitido, feito numia mimosa concha azul; depois as horas de estudo e as de trabalho, a sala de costura, a voz sonora de uma de minhas irmãs recortando no ar uns trinados alegres; as musicas estudadas a quatro mãos com outra, as visitas de uma amiga intima; a chegada do carteiro com as cartas e os jornaes da Corte; os risos expansivos de meus sobrinhos... á noite o serão, todos á roda da mesa, as senhoras *tricotando* ou bordando, os homens fazendo e desfazendo *pacencias*, e em frente a uma de nós, sobre o pauno cinzento da mesa, aberto um livro, que é lido em voz alta e com immenso interesse ouvido: *D. Quixote de la Mancha*, por exemplo, o delicioso livro de Miguel Cervantes, tão originalmente bello!

Depois... oh! a fantasia volta aos mesmos sitios d'onde partio. Vê as alegres manhãs de Dezembro... o nosso jardim... vê... Mas o vapor abala-se e vae singrando as aguas da esplendida bahia do Rio de Janeiro; a pouco e pouco desvanece-se no horizonte esta ou aquella montanha... o dia vae descahindo, uma aragem forte secca-nos os olhos cansados de chorar, e a voz prudente de uma santa e desvellada amiga aconselha-nos a que nos vamos sentar num canto agasalhado.

No dia immediato balançava-se o vapor entre ceu e agua. Nem uma sombra no horizonte indicadora de terra!

Entre os passageiros do *Arauca*, vi-nham só duas familias brasileiras a

uma portugueza; todos os mais eram inglezes, ou australianos. As senhoras sempre preparadas como para passeio, de chapéus com flores e luvas de pellica, passeavam a passos largos pelo tombadilho.

Eu julgava as inglezas pouco ou nada accessiveis; tinha-as em conta de inatacaveis e não me atreveria nunca a dirigir-me directamente a qualquer d'ellas. Abri, pois, o meu livro, *Tartarin sur les Alpes*, que mãos queridas me haviam dado no apartamento, e puz-me a ler. Estava ainda no primeiro capitulo, quando uma voz estranha me interrompeu a leitura.

Era uma senhora ingleza que, curiosa, veio fazer-me algumas perguntas a respeito do Brasil. Respondi-lhe da melhor vontade e estabeleceu assim relações; á noite tinha conversado já com muitas e muitos d'elles e acompanhado ao piano um cantor nas suas musicas.

Os inglezes não cantam geralmente senão no seu idioma.

Os seus romances têm todos como que o mesmo rythmo, são monotonos, são pallidos e tristonhos. Durante os dezoito dias que vivi a bordo ouvi cantos inglezes, irlandezes e sobretudo escossezes; italianos, francezes e allemães, nunca! E' que os inglezes, em geral, detestam as linguas estrangeiras, a julgar pelo pouco que as estudam. Ha um certo egoismo activo no modo porque declaram que só em inglez cantam, que só inglez leem e que só inglez falam. Esmeram-se, educam-se na sua lingua materna; nós, mais superficiaes talvez no estudo da nossa, procuramos aprender as alleias e conseguimos, ás vezes, cousa espantosa e realmente triste! saber mais a fundo uma lingua estrangeira, do que a que temos por dever sagrado conhecer bem!

Apezar dos concertos e dos bailes, em que os cavalheiros se apresentavam *en grande tenue*, da leitura do jornal, ás segundas feiras; dos diversos jogos, da delicada attenção da officialidade para com os passageiros; e da bibliotheca do vapor, que não era má; apezar de todas as vantagens, emfim, enfastiavamme horrorosamente a longura d'aquelles dias e d'aquellas noites!

Tinhamos já bastante tempo de viagem, quando chegámos a Tenerife.

Ver terra alegre o navegante; é um consolo, um refrigerio, um descanso. Ainda mal se divisavam além as montanhas da pittoresca ilha, confundida no horizonte com as nuvens azuladas, e já nos, de binóculo em punho, numa anciedade desculpavel, punhamo-nos a olhar para ella, com sympathia, com alegria, mesmo!

O Pico de Tenerife estava encoberto pela neblina. Fazia frio, muito frio.

Viam-se de um lado as montanhas cobertas de neve, do outro cobertas de vegetação, e em baixo, á beira mar, a casaria irregular da ilha, edificada no estylo hespanhol. A cercar o *Arauca*, logo que este aportou, affluam os botes dos mercadores de fructas, aves, chocolate e fumo, falando todos muito e muito alto, zangando-se entre si, olferecendo aos viajantes tudo o que traziam, em repetidas supplicas.

Aquelle quadro animado e brilhante, a terra, a neve, o arvoredo, a gente de outro typo e de outra lingua muito diversa da que ouviamos desde pela manhã até á noite a bordo, quebrou a monotonia dos dias passados entre céu e agua, com vento contrario, cortante e frio. A vida no mar é agradável para quatro ou cinco dias, mas deveras fatigante para muitos.

Eu gosto d'ella, note-se. Sentia-me bem, seguindo á noite a marcha das

estrellas, recostada na cadeira de vime, em cima, no tombadilho; gostava de vér a esteira branca feita pelo movimento do vapor; agradava-me a convivencia dos companheiros e sentia-me forte; mas, mesmo assim, desejava-me em terra, gozando outros espectaculos variados e novos.

Poz-se de novo em marcha o grande *Arauca*, para Plimouth.

Passámos bem perto de S. Vicente, a triste e arida ilha, mas não parámos ahí.

O resto da viagem correu maravilhosamente. A bahia de Biscaia—a tão temida bahia, foi para nós gentilissima: mar sereno, transparente, liso, foi todo um madrigal lisongeiro, fez-se lago para a passagem do *Arauca*.

As gaiotas,—nunca vi tantas!—cercavam em banhos bulhentos o paquete, refletindo-se na agua os seus vôos. Os bem cultivados campos dos baixos montes de Plymouth prenderam-nos a attenção, bem como as fortalezas á beira mar e sobre as collinas, sentinellas altivas destacando-se do suave colorido dos prados e do fundo pallido de uma manhã de hynverno.

Só no dia seguinte deviamos chegar a Londres, e só no dia seguinte chegámos. O Tamisa, cuja entrada me impressionou agradavelmente, não nos deixou ir até á grande cidade, tão baixa tinha a maré. Desembarcámos, pois, em Gravesend, triste bairro de operarios das doccas; ahí tomámos o comboy. Minutos depois passávamos por entre uma multidão de chaminés, e, ao entardecer, em uma tarde chuvosa e fria, chegámos á grande, á immensa capital do mundo commercial, á opulentissima Londres.

Lisboa, 28 de Junho de 1886.

JULIA LOPES.

JORNAES E REVISTAS

L'Italia, o magnifico diario italiano redigido pelo illustrado Dr. J. Fogliani, um escriptor distinctissimo, de grande independencia de caracter e de notavel talento, recebe sempre *A Semana* com singular distincção e gentileza. No seu numero do dia 2, depois de delicados e generosos elogios, que agradecemos reconhecidissimos, incita-nos *L'Italia* a que escrevamos desenvolvidas apreciações dos livros que recebemos, e especialmente do livro de Camillo Castello Branco—*Historias da Montanha*.

Errou d'esta vez o nosso gentil collega. O livro *Historias da Montanha* não é de Canillo; é de Monteiro Ramalho, e já tractámos d'elle em o nosso n. 70. Temos, é verdade, muitos livros a criticar; mas para que esse serviço seja feito com regularidade, falta-nos tempo e espaço. Só com vagar poderemos cumprir esse dever.

F.

A UNS OLHOS

(CAMPOAMOR)

Mais doces deveis ser
Se me tornardes a olhar,
Porque é maldade, a meu ver,
Sendo fontes de prazer
Cauzar-me tanto pezar.

Não comprehendo— e nisto peno! —
Que minha sorte cruel
Faça que esse olhar sereno
Só p'ra mim seja veneno,
Sendo para todos mel.

Bem cruéis estaes ficando
Não querendo que eu vos queira;
Meu amor não tolerando,
Mataes-me; -- e eu, não vos amando
Morro da mesma maneira!

Se amando posso offender-vos,
Vingança podeis tomar;
Porque é força fazer ver-vos
Que, ou não deixo de querer-vos,
Ou me acabais de matar.

Se por meu amor medita
Fôr a vingança, que horror!
Sinto a minh' alma rendida:
Pois é mui pouco uma vida
Para vingar tanto amor!

Porque este amor egualdade
A nenhum outro concede;
Tal é sua intensidade
Que penso, ai de mim! que excede
Mesmo a vossa crueldade.

São, por Deos! duros azares
Darem-me os vossos desdens
A cento e cento os pezares,
Podendo dar-me aos milhares,
Sem os pezares, os bens!

E me é dobrado tormento,
E mais importuna dôr
Ver vosso contentamento
De ter, para um só, rigor,
Sendo brandos para um cento.

E' injusto por demais
Que tenhues, olhos serenos,
A quem, de amor sem signaes,
Vos ama menos — em mais;
E a mim, que amo mais — em menos.

Mas é, pezar de mortal,
Vosso languido desdem
Tão doce... tão celestial...
Que sempre reveste o mal
Com as lisonjas do bem.

Oh! se a vossa luz querida,
P'ra allivio da minha sorte,
Me fosse beila homicida!
Quem não trocará sua vida
Por uma tão doce morte!...

En, que estou de angustias pleno,
Nada julgo mais cruel
Do que esse olhar tão sereno
Ser só para mim veneno,
Sendo para todos mel.

1885.

FILINTO D'ALMEIDA.

BELLAS ARTES

EXPOSIÇÃO ORGANISADA PELOS ALUMNOS DA IMPERIAL ACADEMIA DE BELLAS ARTES.

A exposição inaugurada no dia 1 de Agosto, pelos alumnos da Academia foi a primeira tentativa que nesse genero se fez no paiz. Alem de ser um emprehendimento, é uma prova do quanto se dedicam ao estudo, e do interesse tomado pela profissão que abraçaram.

Todos os trabalhos expostos, ou quasi todos, foram feitos fora da Academia; e isto equivale a dizer que esta exposição é o mais forte e o mais arrojado protesto contra a dictadura academica. Entre os expositores alguns figuram que são de uma independencia intellectual verdadeiramente revolucionaria. A banalidade official que qualquer lente de sobrecasaca preta

pôde chamar esthetica, a velha esthetica das academias, não transparece ahí senão por pequenos e pallidos reflexos, em uma ou outra obra.

Não vamos pedir a quem apenas começa e se apresenta modestamente com o titulo de alumno, vitalidade de toque, grandeza de composição, nem tão pouco aturada observação de tudo quanto diz respeito á arte moderna. Contentam-nos com a sinceridade da manifestação artistica que, cada qual, imprimio em obra sua. E é isto prova de pendor para a profissão que seguiram.

Mas o que é certo e o que é indiscutível é que a presente exposição veio prometter por uma maneira clara, positiva, simples, uma nova época para a arte brasileira, e uma geração de pintores e esculptores capaz de vencer a infecundidade pretenciosa do nosso tempo.

Entre os alumnos os que se distinguem por maior independencia, são dignos de louvores os Srs. Bento e Isaltino Barbosa, pintores; e Emmanuel Lacaille, esculptor. O Sr. Isaltino Barbosa expõe dois bons estudos a fusin, e um pequeno quadro impressionista. Este quadro, que está ainda muito longe dos da escola de Manet, tem entretanto um grande caracter de independencia, de arrojo, de intrepidez.

É um canto de sala—Encostada á parede, com muita naturalidade, um pequeno rabujento choramiga, talvez porque o papae esqueceu-se de trazer as bonéas promettidas. Como se vê, o assumpto é o mais simples, o mais natural e, também, o mais comico possível. Feito a golpes de pincel, sem outra preocupação senão a de *agarrar* bem a impressão, o effeito que nos transmite é, se me consentem dizer— completo.

O Sr. Bento Barbosa expõe nove trabalhos que são irrecusaveis provas de uma didicida, delicadissima, vocação artistica. Elle ha de ser, espero convictamente, um dos nossos maiores artistas. As caricaturas que expõe sob o titulo— se me não illude a memoria— *Ao correr da penna*, são, no genero, o que de melhor se pôde desejar. A expontaneidade do traço e o grande *houmorismo* com que tempera as exaggeradas figuras lembram aquelle tão querido e tão ingrato Raphael Bordallo Pinheiro que, depois do mestre Luigi Borgomainero, foi quem melhor, no Brasil, representou a arte de Daumier e Gavarny. Peço ao leitor que não me julgue exaggerado na comparação que faço entre as caricaturas de Bento Barbosa e as de Bordallo Pinheiro. Detesto as comparações banaes, balofas, idiotas, que todo o sujeito que se mette em assumptos de bellas-artes arrauja, estonteadamente, para disfarçar a ignorancia. Quando ouço um d'esses gatos pingados da critica chamar ao Sr. Victor Meirelles Ticiano brasileiro, e ao Sr. Pedro Americo rival de Vernet, confesso com toda a franqueza—tenho impetos de enforçar o doudo em um lampeão de esquina para que a multidão o veja morto e ridiculo, como um Judas de palha.

Volvamos ao assumpto: As caricaturas de que fallo, e que todos podem ver na sala da presente exposição, são de um comico irresistivel. A facilidade está caracterizada na nervosa rapidez com que foi guiada a penna. O traço sae-lhe expontaneo, alegre, trocista do bico da penna, ou da ponta do lapis, como a gargalhada chega involuntariamente aos labios de um folgasão. Actualmente eu só conheço um caricaturista, digno d'esse nome, que possuía tão notavel facilidade: é Belmiro d'Almeida.

(Continúa.)

ALFREDO PALHETA

MAGIA

Estudo ha muito tempo as bruxarias,
E sei que as snas leis mysteriosas
São feitas por satanicas harpias
Nas profundas cavernas horrorosas;

E sei que as negras sombras tenebrosas
São almas que, entre esciras ventanias,
Da noite pelas horas devidosas,
Andam gemendo em tristes agonias.

Sei que existe um e-pirito infernal
Que preside aos fantasticos enguiços,
Entre espiraes de fumo abrazador;

• Só não sei o principio original
De uns estranhos e limpidos feitiços
Que ha nos olhos gentis do meu amor.

Porto.

NUNO RANGEL.

CONTOS A PREMIO (*)

Casamento e mortalha no céu se talha—Com teu amo não jorges as péras—D'onde não se espera, d'ahi é que vem— O perdão é a mais nobre e a mais completa das vinganças— Mais vale tarde do que nunca— Quem não ama, não vive.

(Conclusão)

Iam-se os dias. O grisalho rabugento do escriptorio não morria, não deixava o emprego. E elle enfadava-se de ver-se eternamente subalterno do velho, e, o que é mais: dos velhos duzentos mil réis.

Uma manhã levantou-se á hora do costume e sentado no canapé esperava pela mulher que lhe fóra buscar o café. Puchou para si a caixinha da costura que estava sobre o sofá, e poz-se a mexer machinalmente, por desfastio, naquelles pequenos objectos.

Carreteis, colchetes, novellos, um coração de seda verde com alfinetes, um dedal de prata com o fundo de massa avermelhada fingindo granada, uma agulha espetada n'um carretel de linha preta, quatro amostras de chita, e ia revolvendo aquillo com uma indifferença fastidiosa e morna.

Entre aquelles objectos encontrou um cartão branco, nitido, com este nome impresso—*Dr. Eduardo Pimentel*— e por baixo—*Medico*— e depois, no corpo branco do cartão, com tinta preta, muito fresca ainda, lia-se claramente, em uma letra ligeira, muito miúda: *Amanhã ás 11 horas.*

Que queria dizer aquillo? Não havia ninguem doente em casa. Demais, o doutor não costumava avisar das visitas antecipadamente. Por um cartão!.. de vespera!..

E uma nuvem escura passou-lhe por deante dos olhos, por aquella imaginação torturada, devorada pela preocupação ansiosa de decifrar aquelle mysterio. Tinha lido muitos romances de esposas infieis, que deshonram os maridos, mas nunca lhe havia passado pela imaginação que sua mulher fosse capaz de... Não. Não era possível. E demais quem? O doutor, que tinha sido sempre seu amigo?.. Entretanto, aquelle cartão..

Ouvio passos no corredor. Metteu o cartão no bolso e empurrou a caixa da costura para o logar em que estivera. Tomou o café sem levantar os olhos para a mulher, poz o chapéu, desceu a

escada, e foi pela rua fóra, com o cigarro acceso, remoendo aquella idéia.

Seria possível que o doutor... Não. Em quem confiar então... se os amigos eram assim?... A duvidar de tudo... Mas o cartão?! E era verdade que o doutor affagava muito a sua amiguinha, como elle a chamava, mostrava muito interesse por ella, gostava de fallar-lhe em segredo, e rir-se com ella no vão da janella. Por diversas, por muitas vezes tinha-o encontrado em sua casa sem haver doentes. Agora as que não encontrava! E o doutor devia ter mais que fazer do que visitar amigos. Ah... as vezes é assim. Não se desconfia nada, tem-se muito boa fé, e está-se com o diabo em casa. Nunca suspeitára nada, porque elle mostrara-se sempre seu amigo. Quasi sempre é assim mesmo: *D'onde não se espera d'ahi é que vem.* Mas agora desconfiava, oh! se desconfiava d'elle! E havia de saber por força o que significava aquillo.

No escriptorio mesmo, deante do *Razão* e do *Diario*, com a penna entre os dedos, parado, os olhos sobre o papel, sem ver coisa nenhuma, silencioso, ficava durante muito tempo a remoer aquelles pensamentos que o confundiam, que o incommodavam, que lhe roubavam a paz do coração.

Estava determinado. O plano estava feito. Ás onze horas... E olhava para o cartão, que tirára do bolso, seguro pelas pontas dos dedos... Ás onze horas vou á casa. Pôde ser que sim... pode ser que não...

E começou a escrever os seus algarismos. De quando em vez levantava a cabeça, olhava para o relógio, e ficava com os olhos pregados nos ponteiros, como se contasse os minutos. Quando deram onze horas elle largou a penna, esqueceu os livro abertos sobre a meza, tomou o chapéu e sahio. A porta de casa cambaleou como um bebedor e hesitou em subir. Por fim elle montava os degraus, agarrado ao corremão. Na sala de jantar não estava ninguem. Começou então a andar de vagar, sem fazer ruido. Foi á sala de visitas; ainda ninguem. Mas ouvia-se qualquer coisa ali perto, no seu quarto de dormir. Quasi lhe falhava a coragem. Avizinhou-se da porta, abriu os braços. Fixou as mãos nos humbraes, como para não cahir, e com o chapéu no alto da cabeça, tremulo, abaixou-se e pôz-se a espiar pelo buraco da fechadura. Não tinha duvida nenhuma!.. O doutor atava a gravata deante do espelho. Sua mulher, era ella claramente, ella... em saias brancas, abotoava o corpinho, muito corada. E, com a vista turva, as pernas frouxas, pôz-se a tremer. Deu uns passos para traz, pallido, com os labios contrahidos, e conseguiu fugir d'ali, onde parecia que estava pregado, a fugir, como se fosse elle o criminoso!

Quando chegou á sala de jantar, tirou o chapéu e sentio uma aragem que entrava pela janella refrescar-lhe um pouco aquelles pensamentos medonhos.

Sentia que lhe faltava coragem para matar aquelle homem. Tinha vontade de se affastar d'ali, para nunca mais voltar, sem que ninguem o visse, sem que ninguem o soubesse, testemunha muda da sua vergonha. Tinha um pezo immenso no peito, que lhe tirava a liberdade de respirar. Infames! E o doutor?.. Talvez se enganasse. Não tinha podido ver bem pelo buraco da chave. O seu amigo?!.. Mas quando voltou-se deu com os olhos no chapéu que estava em cima de uma cadeira, um chapéu de pello, alto, que elle conhecia, de forro azul, e, collado no fundo, um cartão branco, com o nome do doutor, igual ao que tinha na algi-

(*)Vide o n. 83 d' *A Semana*.

beira. A prova estava ali, evidente, palpavel. E sahio, pallido o tremulo, agarrando-se pelas cadeiras, pela parede, pelo corremão da escada até sahir na rua.

Naquelle dia não voltou mais ao escriptorio. Vagou abaixo e acima, sem consciencia, pelas ruas cheias de povo, parando pelas portas, pelas vitrines, com um ar aparvalhado e o chapéu no alto da cabeça.

Estava no proposito de não voltar mais á casa. A mulher que deshonra seu marido... Aquelle amigo infame, que o illudira... ah! tinha vontade de estrangular-o. Se o encontrasse... E ao mesmo tempo sentia que não teria animo para isso. Devia-lhe obrigações. Mas... Nunca, nunca lhe perdoaria. Tinha-o illudido, abusado da boa-fé, tinha-o enganado. Era demais! O *perdão* era para outras cousas. Para factos d'esses, não! E, sim, é a *mais nobre e a mais completa das vinganças*. Sabia muito bem d'isso, mas tinha necessidade de vingar-se. Uma infamia d'estas não fica assim.

Entrou em um *café*, sentou se machinalmente, queria beber qualquer coisa, cognac... E começou a encher o calice e a esvasial-o, com a garrafa ao pé, repetidamente, como se quizesse embebedar-se. E com a cabeça enterrada entre os punhos cerrados, pensativamente, com o calice deante, elle considerava no silencio: como o haviam trahido! E sua mulher, que estimava tanto, para quem trabalhava o dia todo, deixára-se seduzir... seduzir, com certeza! E ha quanto tempo?... Como o havia enganado aquelle homem!! Mas agora não o enganaria mais. Agora conhecia-o perfeitamente; se o conhecia!.. Mas já era tarde, muito tarde. Já o tinha deshonrado. Era tarde e... antes nunca o soubesse, nunca! Aqui não se podia dizer que *antes tarde do que nunca*. Não! nesse caso, não. Antes nunca o soubesse, antes morresse illudido, ignorando tudo aquillo!

E bebia mais ainda, com a mão tremula e uma soffreguidão nervosa.

Um d'estes dias vi-o passar, com o facto ensebado, a face cava e amarella, cambaleando, por uma travessa escura.

E dizem aquelles que o conhecem de mais perto que sempre que ouve falar no amor, abre na bocca o riso amarellado dos tristes, e com os olhos humidos, exclama:

— Ah! o amor. Muito bom! *Quem não ama não vive*. E entretanto, ora veja você! aquelle que ama é justamente o que traz a morte—dentro do coração!...

MANOEL CARNEIRO.

[Coronel Marrioni.]

THEATROS

S. PEDRO

Companhia de opereta franceza

«LA BELLE HÉLÈNE»

E' esta, sem duvida, uma das melhores operetas de Offenbach e um dos librettos mais burlescos e *grivois* de Meillac e Halévy. E' um libretto tão fresco e tão levado da breca, que levou o Sr. O. Guanabarino, critico musical d'*O Paiz*, a descompor os auctores, Offenbach e o proprio Conservatorio Dramatico, isto depois de ter sido a peça centenaes de vezes representada

aqui de ha quinze annos a esta parte! E' verdade; nunca se vio um critico tão candido, tão indignado, tão ruborizado e tão... ingenuo!

Nada! meus senhores pudibundos, convençam-se de que ninguem vae assistir a uma opereta para aprender moral domestica, mas somente para se divertir e alegrar por uma noite.

La Belle Hélène teve um bom desempenho. Preziosos fez com muita graça e malicia o papel de protogonista e cantou-o com muita garridice e desenvoltura.

Mezières deu-nos um Chalcas hilariante, magnifico, de um grande vigor comico, quasi perigoso—porque muita gente adoeceu de tanto rir!

Moreau foi um Menelau impagavel, molieresco, resignado, ridiculo até o extremo.

Minart deu um optimo Páris. Cantou muito bem toda a sua parte e foi obrigado a bisar as coplas da entrada do terceiro acto.

Nordall fez um gracioso Oreste, embora estivesse ainda um pouco fraca a sua voz.

Valot, Vinchon, Desclos, Salvator e còros, estiveram bons e afinados.

Scenario deploravel.

*

«LE JOUR ET LA NUIT»

A graciosa opereta de Lecocq proporcionou um novo triumpho á companhia do sr. Mauricio Grau. *Manola* encontrou uma deliciosa interprete na Sra. Zelo-Duran, que deu ao seu personagem um coloridissimo relevo, pondo em evidencia as subtilzas extremamente correctas da sua bem educada voz. No 2º acto, na scena com Minard, foi tão brilhantemente cantada a *romanza*, tão artisticamente feitos os *smorzando*, os *crescendo* e os *trinados*, que o publico, num impeto de franco entusiasmo, pediu *bis* d'aquelle trecho. Estas manifestações repetiram-se no 3º acto, sendo a distinctissima cantora alvo dos mais phreneticos applausos.

Mezières, com a sua extraordinaria veia comica, deu-nos um ministro inimitavel.

A Sra. Nordall, no duetto dos rouxinos cantou com nitida e segura emissão de voz, partilhando em boa quantidade dos applausos do publico.

Minart e os demais artistas foram tambem muito victoriados, pois todos porfiaram em manter no desempenho da peça um bellissimo conjuncto.

A peça está luxuosamente vestida e encenada, sendo de esperar que nas subsequentes representações o publico encha o theatro que lhe proporciona tão bellos espectaculos.

RECREIO DRAMATICO

Companhia do Theatro D. Maria II, de Lisboa

«FÉDORA»

No sabbado passado vimos mais uma edição da *Fédora* de Sardou.

Dispensamo-nos de considerações sobre a peça, que nos parece mediocre, e sobre o papel da protogonista, irizado de difficuldades adrede escriptas para mais uma vez ser posto á prova o phenomenal talento de Sarah Bernhardt.

Não participamos da opinião geral que repelle os confrontos de artistas, porque entendemos que, desde que um artista se abalança a representar um papel especialmente escripto para outro e em que esse outro é um prodigio, dispõe-se tacitamente aos perigos da comparação. Todavia, procuramos esquecer-nos das outras *Fédoras* que temos visto, para julgar a actriz Virginia,

que, sem duvida, não foi a peor.

Esta distincta actriz tem, a nosso ver, um defeito capital: Só representa quando fala. Enquanto espera a *deixa* dos seus interlocutores, fica para ali impassivel, indifferente a tudo e a todos, e esquece-se de que o seu personagem tem de ser agitado, sacodido impressionado pelo que vê e pelo que ouve. Na *Estrangeira*, por exemplo, a duqueza de Septemonts assiste com uma impassibilidade de estatua, com uma indifferença de manequim a toda a longa e terrivel narração, commovedora e tragica, da americana liberta, e quando solta a exclamação: — «Que horror!», está tão horrorizada e tão emocionada como se assistira a uma scena de comedia de Hannequin!

Dos cinco papeis até agora aqui representados por Virginia foi o da *Fédora* aquelle em que este defeito menos appareceu. Até o final do segundo acto Virginia nada fez de notavel.

Não estava ali a princeza russa, princeza de raça, descendente de reis, mulher distinctissima, elegante e educada, mas nervosa, de grandes paixões violentas, extremada no amor e no odio, implacavel perseguidora do assassino de seu noivo, tendo abandonado por vingança a sua natural altivez de fidalga e o seu legitimo orgulho de mulher, até o extremo de deixar a patria e fazer-se espia, servindo no Estrangeiro ás maquinações da politica imperial para satisfação do proprio ran-cor. Não; até o fim do segundo acto Virginia não conseguiu esboçar o seu personagem. A vehemente exclamação final: — «Assassino, tenho-te nas minhas mãos!» não foi digna de uma primeira actriz.

No terceiro e quarto actos esteve muito melhor; foi quando pareceu tomar a sério o seu papel. Ouvio muito bem no terceiro acto a dolorosa narração de Loris e foi sufficientemente implorativa e amorosa na supplica da ultima scena. No quarto acto, ainda que no semblante e no gesto não pudesse manifestar toda a lucha dos sentimentos que a agitam, toda a dor e todo o remorso, teve momentos muito felizes, e foi notavel na scena do envenenamento, *fallendo* uma morte admiravel, mais *trabalhosa* ainda do que a de Sarah Bernhardt no mesmo papel, diga-se a verdade.

Emfim, Virginia é uma Fedorasinha muito burgueza, mas o seu trabalho é digno de vêr-se e de notar-se, porque representa um grande esforço, uma lucha contra o seu temperamento artistico, pouco nervoso e muito frio.

Quem nos deu um magnifico Loris Ipanoff foi o Sr. João Rosa. Sempre distincto, sempre acabrunhado pelas dôres do exilio e do infortunio domestico. Fez admiravelmente, com fogo e vehemencia, a declaração a *Fédora* no segundo acto; e esteve muito feliz, embora um tanto academico e talvez exorbitante, na scena final do terceiro. No quarto acto fez muitissimo bem a leitura da carta e exprimio magistralmente a enorme dôr da noticia recebida. Nas scenas finaes retomou a sua habitual sobriedade e fel-as com alta correcção, sem grandes arranques de violencia.

Luiza Lopes e Baptista Machado, já foram julgados nos seus papeis, que ainda representam do mesmo modo—distinctamente. Os outros papeis da peça não têm nenhuma importancia e foram representados discretamente por Silva Pereira, Antunes, Costa, Ferreira, Sullivan, Valle, Bravo e Alexandrina.

O theatro estava repleto e a Sra. Virginia teve uma grande ovação no final da peça.

« PRINCEZA DE BÂGDAD »

A actriz Virginia fez na quarta-feira o seu beneficio com esta peça de Dumas Filho.

O nosso publico já perfeitamente sabe que *A Princesa de Bagdad* é uma peça monstruosamente absurda, falsa, sem pés nem cabeça; não tem logica, não tem observação, não tem verdade, não tem nada! É uma tentativa malograda de dramalhão, com duas scenas de effeito grosso. Indigna do autor do *Demi-Monde* e de tantos outros primores dramaticos. Fez muito bem a critica parizense arrasando a peça e o auctor.

O desempenho que a companhia do D. Maria II deu á *Princesa de Bagdad* foi muito regular.

A distincta actriz Virginia, por melhor que fosse a nossa vontade, não conseguiu impressionar-nos senão na scena final do ultimo acto, apesar de não ter dado ao seu trabalho toda a energia que a situação terminantemente exige. Da absurda grande scena do segundo acto pôde-se apenas dizer que não foi de todo mal feita. Mais uma vez observámos que a indole artistica da Sra. Virginia não se compadece com os grandes papeis. Os personagens violentos, explosivos, de fortes paixões, perdem grande parte da sua feição representados pela distincta actriz portugueza; o seu temperamento glacial repelle as explosões e não attinge nunca ao calor vulgar das situações altamente dramaticas. Ella commette o erro commum de adaptar o si mesma os personagens, em vez de procurar adaptar-se a elles, corporificando-os e animando-os com a vitalidade do seu talento e da sua arte. Em duas palavras: falta-lhe individualidade artistica, fallocem-lhe qualidades naturaes para os papeis do genero da Leonette e da princeza Romazoff.

João Rosa foi um optimo conde Hulme, representando-o com a costumada correção.

Augusto Rosa, embora pouco certo no papel de Nourvady, representou-o com distincção.

Silva Pereira e Baptista Machado estiveram muito bons nos papeis de Godlér e Trevelé. O Sr. Antunes fez um Richard muito discreto. Os outros papeis da peça são tão insignificantes que não merecem menção.

Na noite da primeira, a que não assistimos, a beneficiada teve uma grande ovação e recebeu presentes valiosissimos, que o seu bello talento lhe tem feito merecer.

PRINCIPE IMPERIAL

Companhia do theatro Principe Real, de Lisboa

Ha muito tempo não viamos a imprensa manifestar-se ácerca do merecimento de uma companhia dramatica com tamanho accordo de apreciações como a respeito d'esta. Têm sido unanimes os jornaes em affirmar que ella é composta de muitos artistas bons e de alguns de primeira ordem, collocando entre estes Polla, Alvaro, Margarida Cruz e Maria das Dóres.

Até agora sómente uma ou duas das figuras da companhia desagradaram inteiramente; mas a essas têm sido distribuidos papeis insignificantes, d'esses que a gyria dos bastidores chama — *pontas*. Uma companhia assim constituida, pôde, com alguma benevolencia, ser classificada — de primeira ordem, pois que as que são consideradas taes não se compõem sómente de notabilidades, sendo que em algumas não se encontra notabilidade nenhuma. Ora,

esta, além dos quatro principaes artistas mencionados, têm alguns realmente bons e outros muito regulares — como Adelina, Elvira, Costa, Branlão, Gil, Ferreira e Almeida. Em todos nota-se estudo, intelligencia e uma certa educação artistica, o que produz em resultado um bello conjuncto, a harmonia geral do desempenho; e é principalmente esta qualidade que faz o merecimento de um grupo de artistas.

Como nos falte espaço para tratar particularmente de cada uma das peças representadas durante a semana — pois foram na semana de seis: *Magdalena*, *A avó*, *A Morgadinha de Val Flôr*, *A Dama das Camélias*, *O Grande Galeoto*, *Maria Antonietta*, — resumiremos o nosso juizo ácerca do trabalho dos principaes artistas n'aquellas peças, synthetisando-o em um rapidissimo estudo sobre as qualidades que nellas revelaram.

POLLA

É o primeiro artista da companhia, apesar da rouquidão incuravel e chronica da voz. Mostrou que era artista provecissimo logo ao estreiar-se, no papel de Dr. Palmieri, da *Morte Civil*. Já tinhamos noticia excellente dos seus merecimentos; noticia que elle tem brilhantemente confirmado. É um artista absolutamente senhor de todas as difficuldades e segredos do theatro e sufficientemente illustrado e talentoso para interpretar os varios papeis de que se encarrega. Desempenhou notavelmente, com correção impecavel e grande sentimento, o papel de Leonardo, na *Morgadinha*, papel que aqui fôra muito bem feito pelo distincto actor Maggioli; com muita elegancia e dignidade o papel de duque no drama *A avó*; com muita graça os seus pequenos papeis da *Magdalena* e da *Morgadinha*, e com extrema correção, bella energia e sentimento profundo o de D. Julião, no *Grande Galeoto*, imitação liberrima do prodigioso drama de Echegaray, perpetrada por D. Guiomar Torrezão.

ALVARO FERREIRA

Voltou melhor artista, corrigido das demasias e imperfeições que antigamente inferiorisavam o seu trabalho. A respeito dos progressos que fez, dissemos o bastante em o nosso passado numero. Alberto de Magalhães (na *Magdalena*), Luiz Fernandes (na *Morgadinha*), Armando Duval (na *Dama das Camélias*) e Ernesto (no *Grande Galeoto*), todos estes personagens tiveram em Alvaro um interprete magnifico. Fez-se especialmente notavel nos papeis de Luiz Fernandes, que desempenhou com enorme sentimento e sobrio vigor, — á parte a risada do 3º acto, que não é do papel, — e no de Ernesto, em que — excepto a violencia escusada da scena final — deu corpo e vida á original criação de Echegaray. De tudo, porém, quanto fez o que mais nos agradou foi a morte na *Morgadinha*. Um trabalho estupendo, terrivel de verdade, digno de Rossi ou Salvini.

MARGARIDA CRUZ

Estreiou-se na sexta-feira passada, na *Magdalena*, tendo nos apenas podido dizer no numero passado que agradou muito. É moça, de estatura regular, magra, esbelta, elegante, extremamente nervosa. Tem uma physionomia distincta e agradável; *petillante* de graça e intelligencia. A voz, de pequeno volume, é limpida, rica de inflexões e muito ductil. Veste com apurado gosto. Tem muito pouco tempo de theatro; e esta circumstancia justifica as vacillações, incertezas que ainda se encontram no seu trabalho. Revelou, porém, desde a sua estreia que tem um bello talento e qualidades artisticas de primeira ordem.

Interpretou com real superioridade os papeis de *Magdalena* e *Morgadinha* — papeis primos-irmãos — de que o seu temperamento nervoso tirou magnifico partido.

N'a avó, no pequeno papel de Joanna, teve um momento felicissimo: aquelle em que surprehende a velha envenenando a agua que ia ser bebida por sua irmã. Aquelle grito, estrangulado, de assombro, aquella physionomia desvairada de horror, aquelle brado: *Não bebas!* são revelações de uma grande actriz. Mais alguns annos de palco esta erguer-se-á em toda a sua altura e em todo o seu esplendor. Fez uma Margarida Gauthier muito elegante, meiga, bondosa e soffredora. Dois grandes merecimentos tem esse seu trabalho: é original, fructo apenas de seu estudo, e sempre dirigido em busca da verdade, sacrificando a esta os effeitos scenicos. Fez muito bem os dois primeiros actos, a scena do 3º com o pae de Armando e depois com este, e as scenas finaes do 5º, sendo digna de nota a maneira porque imitou a tosse, os offegos, a suffocação e a morte suave, que caracterizam a tuberculose pulmonar.

MARIA DAS DORES

É uma excellente dama central. Boa presença, sympathica, voz agradável e forte, maneiras distinctas. Tem uma bellissima criação no papel de *A avó*, que, só elle, é bastante para sagral-a artista de primeira plana. O ataque de paralyisia, a entrada no quarto da netá, para envenenar-a, e a morte revelam prolongado e profundo estudo. Um trabalho notavel, em summa. Fez tambem com grande relevo os papeis de Rosalia, na *Morte Civil* e de Morgada, na *Morgadinha*.

*

— A actriz ADELINA é muito joven e tem grande vocação para o paico. Fez com muito realce e desembaraço os seus papeis n'a avó e na *Morgadinha* e com immensa graça o da comedia *Milagre de Santo Antonio*. Prefere os papeis comicos, gosta de cantar *Lili* e fadinhos de Lisboa. É muito digna de ser aproveitada.

— BRANDÃO, a quem o diabo do adipe vae comprometendo a arte, diz bem, é correcto, sobrio e conhece o palco ás pollegadas.

É o director da Companhia. Faz acceitavelmente todos os seus papeis e disse muito bem a falação á Gauthier no 3º acto da *Dama das Camélias*.

— GIL. Fez regularmente o abbade da *Morte Civil* e hilarientemente o Capitão-Mor, da *Morgadinha*.

— A actriz ELVIRA COSTA tem merecimento. Fez bem o papel de duqueza n'a avó. Não compromette nunca o ensemble.

— COSTA é muito correcto, diz bem, veste com elegancia e trabalha com cuidado. Apresentou um magnifico D. Severo, no *Grande Galeoto* e foi muito bem no galan da *Magdalena*. É páu para toda obra. Faz galans e vegetes, criados lorpas e fidalgos illustres; e tudo a contento geral.

— SENNA, FERREIRA E ALMEIDA auxiliam o trabalho dos seus collegas, não o comprometendo nunca.

*

Hoje e amanhã repetir-se-á o espectacularo drama *Maria Antonietta*, que muito agradou hontem.

No dia 15 deve effectuar-se no Lucinda uma *matinée* em beneficio da actriz Amelia Bellido, viuva do inditoso actor Mauro de Bellido. O programma do spectaculo não está ainda organizado, mas sabemos que trabalharão a

companhia Dias Braga e muitos artistas do Príncipe Real de Lisboa.

O theatro foi graciosamente cedido pelo Sr. Dias Braga.

As condições em que se acha a actriz Amelia Bellido, pobre e com dois filhos menores, devem ser incentivo à generosidade do publico, sempre prompto em proteger os que, trabalhando, appellam para a sua protecção.

No dia 29, á 1 hora da tarde realizar-se-á um grande espectáculo, organizado pelo infatigavel Vasques, no qual tomarão parte muitos artistas das duas excellentes companhias dramaticas portuguezas que actualmente trabalham no Recreio e no Príncipe.

O producto d'este espectáculo é destinado ás despezas do monumento que o Vasques projectou mandar erguer no tumulo do immortal João Caetano, a figura primacial do theatro brazileiro.

Não conhecemos ainda o programma da grande *matinée*; sabemos apenas que será orador official o Sr. Dr. Joaquim Nabuco, que accedeu com enthusiasmo ao pedido do nosso estimadissimo artista.

Aluizio Azevedo, um dos brilhantes auctores d'*Os Venenos que curam* e d'*O Caboclo*, leu, ha dias, no nosso escriptorio, a uma roda de escriptores e de amigos, a sua nova comedia em 3 actos — *Os sonhadores*.

A nova peça de Aluizio Azevedo é do genero das de Hannequin. Viva, complicadissima, cheia de situações comicas, de enredo original e curioso, pouco attendendo á verosimilhança da acção e dos caracteres.

O auctor destina-a ao theatro Santa Anna.

A notavel actriz Celestina de Paladini, que em breve se retira para a Europa, faz beneficio no Lucinda, no dia 12, com a primeira d'*O filho de Corralia*, conhecida peça de Delpit, que tanto successo obteve ha seis annos no Recreio.

A actriz Paladini é digna a todos os respetos da alta protecção do publico; esperamos, pois, que esta não lhe falte.

P. TALMA

O CINGULO VIVO

A ALBERTO DE OLIVEIRA

*Em meio ao parque nobre ha platanos galhosos,
Flores caramancheis, que as neblinas cravejam
De alfres; pavilhões, repuchos que despejam
Liquefcitos crystaes em tanques, onde, airosos,*

*Nadam cysnes e aonde os insectos voltejam;
Aves modulam, sobre os alendros rícosos,
Malagueñas, rondós, dhulias, scherzos maviosos.—
E á sombra dos ramaes, que balsamos porejam,*

*Ergue-se Venus petrea em meio da avenida.
Mas quem fita da deusa o corpo soberano,
Vê-lhe em volta da cinta, em marmore esculpida*

— Como um cingulo negro, — enroscada uma cobra:
Na obra mais gentil do estatuário humano,
Do Divino Estatuário a mais horrivel obra!

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

SPORT

E' inegavel que em nosso paiz já se vae manifestando algum enthusiasmo pelas corridas de cavallos, e que nestes ultimos tempos, grande impulso têm tomado todas as associações d'este genero, baseadas em pura iniciativa particular, que estimula, com avultados premios, essa importante industria, tão auxiliada pelos governos dos paizes adiantados.

Entretanto, o governo do nosso paiz, caminha indifferentemente nesse terno, sem animar essas associações, perfeitamente constituídas, creadas unicamente com o fim do apuramento da raça cavallar, que até hoje tem tido progressos espantosos, devido a grandes sacrificios d'essas benemeritas associações, a que o futuro fará justiça.

O Jockey-Club, que domingo passado colheu os maiores triumphos, apresentou-nos um programma perfeitamente organizado, demonstrando exuberantemente pela inscripção do pareo do Grande Premio, que o melhoramento da raça cavallar caminha rapidamente, sem que, entretanto, tenha até hoje recebido impulso quer do Governo geral quer da municipalidade.

No pareo Jockey-Club apresentaram-se doze parceiros de puro sangue, sendo onze estrangeiros e apenas um nacional, mas que soube sustentar com galhardia a classificação que antecipadamente lhe era conferida.

Encheu-nos de alegria vermos a grande multidão de todas as classes afluír com aqodamento e animar os sacrificios e grandes esforços do benemerito Jockey-Club.

Podemos calcular, quasi que sem errarmos, que quatorze mil pessoas tomaram parte nessa festa hippica, que indubitavelmente é a mais importante que em nosso paiz temos presenciado. As espaçosas archibancadas, inteiramente repletas, apresentavam um aspecto brilhantissimo deante do esplendido panorama de a Natureza desenrolava aos olhos dos innumerables espectadores.

O ensilhamento, o recinto dos carros, enfim as mais insignificantes dependencias do Prado notavam-se pela extraordinaria concurrencia, e difficilmente se estabelecia o transito, impedido pela immensa multidão que veio d'esta vez congratular-se com os legitimos triumphos, arduamente conquistados, do Jockey-Club.

Pouco antes de se realizar o pareo do Grande Premio, apresentaram-se Suas Magestades Imperiaes, sendo recebidas com todas as honras e hymno do estylo, e tomaram assento na sua archibancada.

Vimos com grande consternação que o chefe do Estado estremeceu quasi sempre que levava os olhos ao esplendido programma; naturalmente porque nelle não via o menor estimulo ao nosso sport por parte do Governo.

Neste interim apresentaram-se na raia os doze valentes parceiros puros sangue que iam disputar os 12.000\$ conferidos pela iniciativa particular.

Repentinamente, espirrou um dos camaristas. Iao Imperador dizer *Dominus tecum!* quando partiram os valentes parceiros, que, palmo a palmo, disputavam a victoria. *Boreas*, *Taillefer*, *Plutão* e *Atalanta* conservaram a vanguarda até 1.800 metros, seguidos por *Comtesse Damietta* e *Phrynéa*, que, ao passar os 2.000 metros, collocou-se na vanguarda de todos os seus competidores, mostrando egualdade e firmeza no seu galope. *Comtesse* procurava aproximar-se, mas as suas circumstancias de saude não

permittiram, e, mancando durante esse trajecto conservou, com grande difficuldade o 3º lugar, sendo batida ainda por *Satan*, que fez uma brilhante corrida.

Boreas, parceiro de puro sangue nacional, obteve o 6º lugar. *Gladiador* o 4º, 5º lugar. *Plutão*; *Dignitaire*, *Curubaiú*, *Atalanta*, *Damietta* e *Carmen* vieram em ultimo lugar *Taillefer*, um dos melhores parceiros que possuímos, não pôde bater-se com galhardia, devido a ter mancado logo nos primeiros 1.600 metros; assim mesmo correu até o fim. *Phrynéa*, percorrendo em 218 segundos os 3.200 metros, bateu galhardamente os seus competidores. Parabens á Coudelearia Fluminense. Eis o resultado dos outros pareos:

No 1º pareo (1.800 metros) *Druid*, em 120 segundos e com alguma facilidade, bateu os seus competidores. *Nicoafy* teve o 2º lugar; *Guanaco* o 3º; *Ivon* a 4º; e *Bayoco* o 5º, por se ter feito piegas na partida. *Douro* e *Paulicéa* na bagagem.

No 2º pareo (2.500 metros) *Scylla*, em 170 segundos, facilmente bateu os seus competidores. *Aspasia* teve o 2º lugar. *Cuopon*, que era o animal favorito, afrouxou, parecendo-nos indisposto, e chegou em 3º. *Fansarron* e *Speciosa* chegaram em ultimo.

No 3º pareo (2.000 metros) *Sylvia II*, com alguma difficuldade, sahio victoriosa, em 140 segundos. *Diva* fez boa corrida: teve o 2º lugar. *Macaréu* e *Carmen* vieram na bagagem.

No 4º pareo (1.609 metros) *Flotsam* mostrou alguma superioridade sobre *Monitor*, que, apesar de ter tomado grande deanteira, entregou-se ao chegar ao poste do vencedor, parecendo-nos completamente esgotado. Teve o 2º lugar. *Flotsam* ganhou em 112 segundos. *Feiticeira*, *Odalisca* e *Onix* ficaram muito distantes. *Dandy* não correu.

No 5º pareo (1.609 metros) *Gaudriole*, indevidamente, sahio vencedora em 107 segundos. *Scylla* chegou em 2º, porém muito soffreada, o que talvez não acontecesse se *Coupon* não tivesse negado a partida; *Diomede* o 3º; *Pancy*, *Pearuana* e *Victoria* vieram na retaguarda.

O 7º pareo (1.609 metros) foi muito bem disputado por *Fansarron* e *Nana*, que venceu em 109 segundos, o 3º lugar coube a *Speciosa*. *Talisman*, *Dr. Jenner*, *Françoise*, *Diomede* e *Camélia* vieram na bagagem. *Norma*, *Diva* e *Bitter* não correram.

Estão annunciadas para amanhã as corridas do *Derby-Club*. O programma é esplendido e merecedor de grande concurrencia. Os dilettaes acharão nelle grande margem para as suas apostas.

L. M. BASTOS

FACTOS E NOTICIAS

ANTONIO CANDIDO

Affirma um correspondente de Lisboa que vae abjurar dos votos sagrados o sr. padre Antonio Candido, lente da Universidade, deputado e orador progressista, para casar com a distincta escriptora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, viuva do saudoso poeta Gonçalves Crespo.

O padre Antonio Candido é uma notabilidade, e a sua abjuração deve causar grande escandalo entre o clero portuguez. *Helas! Les morts vont vite!*

O elegante Club dos Politicos offerceu no sabbado passado um deslumbrante baile aos seus socios e convidados. O brilhantismo d'essa festa sò

pôde ser comparado ao do esplendido baile dado pelo Club dos Democraticos, no sabbado anterior.

Foram dois bailes fulgurantissimos, concorridissimos, admirabilissimos!!!

HECTOR VARELLA

A este illustre jornalista e orador argentino será hoje offerecido no salão do Hotel Novo Mundo, ás 6 1/2 horas, um banquete por muitos representantes das letras, da imprensa, da politica e por admiradores e amigos.

A 31 do passado inaugurou-se com um festivo banquete o Hotel Central, á rua Municipal n. 9, de propriedade de Ferreira & C. Estiveram presentes muitos homens distinctos na politica, no commercio de café, na sciencia e no jornalismo. O Sr. barão de Martin brindou o Sr. Ferreira, respondendo-lhe em nome deste, agradecendo o comparecimento dos convidados, o director desta folha.

O nosso companheiro Filindal brindou, com estomago agradecido, o illustre Torres, o Vatel do Hotel Central.

O *filet piqué à la Semana* foi muito apreciado.

Pudéra não!

A distincta sociedade Congresso Gymnastico Portuguez dá no dia 14 um grande baile, commemorativo do seu anniversario.

Deve ser uma festa esplendida, como costumam ser todas as organisadas naquella sociedade.

FALLECIMENTOS

No dia 3 falleceu nesta Côte o notavel medico-operator e parteiro conselheiro Dr. Francisco Praxedes de Andrade Pertence. O Dr. Pertence era um notabilissimo homem de sciencia, professor emerito e sabio e cavalheiro de elevado caracter e grande coração.

No dia 1º falleceu o Sr. João José de Souza Silva Rio, apreciado escriptor humoristico, auctor de muitos trabalhos litterarios, e antigo jornalista de merito. Silva Rio, que falleceu com 76 annos de idade, assignava os seus trabalhos com o pseudonymo de Flumen Senius.

A seu filho, o Sr. Ernesto Rio, caricaturista conhecido sob o nome de Flumen Junius, apresentamos os nossos sinceros pezames.

CORREIO

Sr. ... Não só por falta de espaço, como tambem por acharmos tão fraquinho quanto estirado o seu conto,—que melhor devera intitular phantasia—, deixamos de inserir-o em nossa folha. Em nome do seu director, agradecemos-lhe o punhado de encomios com que vossa mercê o mimoseia na sua carta, chegando ao extrem de chrismal-o com o epitheto de *emblemata da litteratura*.

Tantas e tão fortes foram as ondas de rubor que a Modestia atirou-lhe ás faces, tão sensibilizado ficou, que entaramellou-se-lhe a lingua ao ponto de não poder dizer:—*agua quente!* Na sua já mencionada carta, offerece-se vossa mercê para nos transmittir, se o quizermos, noticias de Ouro Preto.

Comquanto julgemos que vossa mercê, na sua qualidade de triplice astro, esteja no mundo da Lua e deva por isso, dar-nos com mais razão noticias do «Fulguroso covil de soes e primaveras!» na phrase de um distincto poeta; comquanto assim pensemos,

não será de todo impossivel a publicação das suas noticias, desde que não venham por ahí fazendo gaifonas á grammatica, ostentando grandes joanetes de barbarismos; sem que tragam se quer um só trapo de interesse para com elle cobrirem as suas vergonhas.

Sr. A. Morillo.— Começa o Sr. dizendo na sua carta:— «Faço as minhas visitas e apresento respeitavelmente os meus cumprimentos.» E' tal qual como eu. Cá o degas tambem quando pôde dispor de si, enfia a fatiota melhor, dá sebo aos calcanhares e sae por esse mundo de Christo a fazer visitas que é mesmo um louvar a Deus! Emquanto a cumprimentos, já tenho o chapéu quasi roto de fazer barretadas a s amigos.

O seu soneto (soneto!) é tão morluario que, para o publicarmos, fóra necessario que tivéssemos um necroterio á mão. Agora, se o Sr. quer, sempre podemos mandal-o ali para o Cajú ou para o cemiterio de S. Francisco. E' como queira. Da maneira que elle está até nem precisa certidão de obito. Mande-nos as suas oitens.

Sr. L. A.— O soneto (mais outro!) de sua lavra, que nos enviou, não é máu; mas tem alguns versos que não me satisfazem inteiramente. Eis porque não o publicamos. Acho que este verso:

«E' sua mão, de Phydias primorosa
Qual creação etc.»

E' um pouco obscuro. E igualmente não me sóa bem este:

«Mas podendo meus beijos maculal-a etc.»

Apri more-o, pois, se lhe fór possivel, que, talvez, assim, o posamos publicar.

Sr. Lucas de Barros.— Acabo de ler o seu soneto (ainda!) *O teu vestido*—, depois de inteirado do que me diz na sua carta,— e por mais que esquadrinhe, que mecha, que escarafunche e que *esgarantimpicosisse*, não deparo com um guarda-roupa, com um cabide ou mesmo com um prego ferrugento; no qual possa pendurar a preciosa alfaiá rimada que nos remette.

Uma amostra do pano:

«Falta-me a voz e como que emudece
Ao ver-te assim, e um laço de boa fita...»

Isto é: fita que não falla mal do *tuyauté*, que não mette as botas nas rendas e nos entremeios, que cumpre com seus deveres, que não pisca o olho esquerdo aos babados, que não amarra o gato... e emfim:— uma fita bem comportada, que é o mesmo que dizer: boa. Comtudo não péga, não se amarra por cá.

ENRICO.

RECEBEMOS

— *Comoneana Brasileira* (Bibliotheca Escolar) homenagem a Camões, no tricentenario de sua morte, pelo Barão de Parana-piacaba. Obra de merito, com que nos occuparemos proximoamente.

— *A Luta*, n. 2. Porto Alegre.

— *Revista da Palestra Litteraria*, anno 2º, n. 2. Digno de encomios.

— *O Seculo XIX*. S. João do Rio Claro, n. 7 anno 1º.

— *O Esforço*. Bahia. Feira, anno 1º ns. 1 a 4. Ao collega que ora enceta a sua publicação desejamos que os seus *esforços* não sejam inuteis. Prosperidades.

— *O Tempo*, n. 1, an 1º. Revista artistica scientifica e litteraria e que é director chefe Max Fleuss, um moço de muitas esperanças, o que assegura a prosperidade da nova revista. Bons artigos contem este numero, alguns firmados por nomes já conhecidos. Vida de louros e longa.

— *Equador*, n. 6. Recife.

— *Revista Academica*, n. 6. Recife.

— *O Merito*, n. 4.

— *A Imigração*, n. 91. Anno III.

— *O Reactor*, n. 4, anno 2º. Piauly.

— *A Camelia*, n. 8.

— *Revista Financiera*, n. 86 e 87. Buenos-Ayres.

— *Estatutos da Sociedade Recreio Litterario*. Therezina.

— *Notizen uber die Provinz Espirito Santo*, por Joaquim Adolpho Pinto Pacca. Muito digno de ser lida por quem souber allemão. Asegura-nos alguém que o sabe que este folheto recommenda muito a illustração do seu auctor.

— *Corymbo*, n. 11 a 13. Rio Grande do Sul. Jornalzinho litterario redigido com muito

talento pela Sra. D. Revocata de Mello, poetisa e escriptora distincta.

— *A Amazona*. Edição especial em honra do Conselheiro Samuel Wallace Mac-Dowell. Uma polyanthea chibante com um bonito retrato. (Ser bonito o retrato não quer dizer que tambem o sejo o retratado.)

— *A Vida Moderna*. Muito mimoso o n. 3.

— *Revista*, n. 7 do Imperial Observatorio.

— *Estatutos da Academia de Musica do Club Beethoven*.

— *Appellação civil do juizo de direito da 1ª vara de Nictheroy*.

— *Revista do Instituto Historico do primeiro e segundo trimestres do corrente anno*.

Do editor Corazzi:

— *Historia da Grecia*, fasc. n. 31 da «Bibliotheca do Povo e das Escolas»; *Gil Braz de Santilhana*, fasc. n. 34 e 35; *Fabulas de La Fontaine*, fasc. n. 5 e 6, com os bellos desenhos de Doré, magnificamente gravados; *Illustração*. Vol. III, n. 12. Muitos desenhos relativos ao casamento do principe real.

— Da excellente casa *Au Petit Journal: Le Printemps* n. correspondente a 16 do passado. Esplendidos figurinos.

— *Patris!* discurso pronunciado na inauguração do Monumento aos restauradores de Portugal, pelo illustre orador portuguez conego Alves Mendes. Traz um bello retrato phototypico do auctor; a impressão é esplendida. Depois diremos d'esta notavel oração:

— *Revista de Engenharia*, n. 142, anno VIII.

— *Mozart*, fasc. n. 18 da collecção—*Biographias de homens celebres dos tempos antigos e modernos*, biographia esta, que, embora em resumo, é muito digna de ler-se.

— *Agua mineral de Carambú*. Recomendamos a leitura d'este folheto a todos que precisarem de ir a Caxambu.

— *O universalismo* por Joaquim Tamegão.

— *Almanach Musical de 1886*, por Domingos Machado. Muito util aos que tiverem relações com a musica ou com musicos.

— Bazes demonstrativas e projectos de estatutos para a fundação da Companhia Zootechnica Pastoral.

— *Corriere d'Italia*, ns. 1 e 2. Traz o n. 1 uma bella allegoria de G. Amato ao 50º anniversario da fundação do corpo dos Bersaglieri; e o n. 2 uma illustração: a abertura da 16ª legislatura do parlamento italiano. Prosperidades.

— *O Mequetrefe*, n. 411. O lapis do Netto continúa a pintar o sete... e commendadores.

— *El Eco de España*, n. 76. Anno II.

— *O Meteor*, n. 2. Anno I. S. Paulo.

— *A Imprensa*, n. 1. Anno I. Orgão litterario e recreativo. Milhões de assignantes.

— *O Sorriso*, n. 1. Anno I. Nictheroy. Periodico litterario dedicado ao bello sexo. Risonho porvir ao Sorriso.

— *O palladio*, n. 1. Anno I. Orgão litterario que principiou a sua publicação na cidade da Bagagem.

— *O Cataguazense*, n. 1. Anno I. Cataguazes.

— *Correio de Portugal*, n. 256. Anno VI. Montevideo.

— *O Ensaio*, n. 1. Anno I. Publicação quinzenal que vê a luz em S. Paulo.

— *O Relampago*, anno I, n. 2. Orgão da nossa visinha, a agencia commercial portugueza, de Lourenço Marques d'Almeida.

— *A distração*, n. 91.

ANNUNCIOS

Advogado.— O Dr. João Marques mudou seu escriptorio para a rua 1ª do Março n. 23.

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

DERBY-CLUB

PROGRAMMA DA OITAVA CORRIDA A REALIZAR-SE NO DIA 8 DE AGOSTO DE 1886

GRANDE PREMIO DERBY-NACIONAL

Ao meio-dia—1º pareo—SEIS DE MARÇO—1.450 metros—Animas do paiz até meio sangue, que ainda não tenham ganho no Derby—Premios: 100\$ ao 1º, 80\$ ao 2º e 40\$ ao 3º

1	Americana.....	Tordilho.....	4 annos	Rio de Jan...	50 kilos	Branco, preto e encarnad..	M. L. de Carvalho.
2	Aurora.....	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	50 »	Vermelho.....	Coudelaria Mirim.
3	Aranha.....	Idem.....	5 »	Idem.....	52 »	Vermelho e preto.....	Idem, idem.
4	Pristoria.....	Libuno.....	5 »	Idem.....	52 »	Azul e havana matizada...	A. C.
5	Eolo.....	Zaino.....	4 »	Idem.....	52 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
6	Sartarelle.....	Preto.....	5 »	Paraná.....	54 »	Geranium e ouro.....	J. W.
7	Yvon.....	Zaino.....	4 »	Idem.....	52 »	Preto branco e encarnado..	C. P.
8	Peralta II.....	Castanho.....	4 »	Idem.....	52 »	Azul e manchas encarnadas	Idem.
9	Araby.....	Alazão.....	4 »	Rio de Jan...	52 »	Ouro e encarnado.....	D. A.
10	Verbena.....	Castanho.....	4 »	Idem.....	50 »	Azul e encarnado.....	Coud. Santa Cruz.
11	Biscaia.....	Alazão tost... 4	»	S. Paulo.....	50 »	Azul e ouro.....	Idem idem.
12	Villa-Nova.....	Zaino.....	4 »	Paraná.....	50 »	Azul, branco e amarello..	Idem Esperança.

A's 12 3/4 horas—2º pareo—EXCELSIOR—1.450 metros—Poldros e poldras nacionaes de 3 annos, que não estejam inscriptos no pareo Derby Nacional. Premios: 500\$ ao 1º, 100\$ ao 2º e 50\$ ao 3º.

1	Onix.....	Castanho.....	3 annos	S. Paulo.....	49 kilos	Preto e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
2	Jenny.....	Vermelho.....	3 »	Idem.....	47 »	Vermelho.....	Coud. Mirim.
3	Feiticeira.....	Alazão.....	3 »	Rio de Jan...	47 »	Grénat e rosa.....	Idem Modesta.
4	Condor.....	Idem.....	3 »	S. Paulo.....	49 »	Azul, branco e encarnado..	Idem Cruzeiro.
5	Chapeco.....	Vermelho.....	3 »	Paraná.....	49 »	Branco e estrelas azues...	Idem Guanabara
6	Odalisca.....	Pampa.....	3 »	S. Paulo.....	47 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.
7	Pip.....	Idem.....	3 »	Idem.....	49 »	Ouro e rosa.....	B. V.
8	Condor.....	Zaino.....	3 »	Paraná.....	49 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
9	Judia.....	Tord. negro.. 3	»	Idem.....	47 »	Azul e rosa.....	A. S. S.
10	Relampago.....	Tordilho.....	3 »	Idem.....	49 »	Azul, branco e amarello...	Coud. Esperança.
11	Galgo.....	Zaino.....	3 »	S. Paulo.....	49 »	Azul, branco e grénat.....	S. M.

A' 1 1/2 hs.—3º pareo—COSMOS—1.750 metros—Inteiros e eguas de qualquer paiz—Premios: 800\$ ao 1º, 250\$ ao 2º e 120\$ ao 3º.

1	Dignitaire.....	Alazão.....	3 annos	França.....	51 kilos	Preto, branco e encarnado.	C. P.
2	Aspasia.....	Castanho.....	4 »	Inglaterra...	52 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
3	Speciosa.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	52 »	Azul e grénat.....	Idem Internacional.
4	Coupon.....	Idem.....	3 »	França.....	53 »	Azul branco e encarnado..	Idem Cruzeiro.
5	Gladiador.....	Castanho.....	3 »	Inglaterra...	51 »	Branco e roxo.....	M. U. Lemgruber.
6	Scylla.....	Idem.....	3 »	Idem.....	49 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
7	Dr. Jenner.....	Zaino.....	4 »	Rio da Prata.	52 »	Grénat e bonet ouro.....	Raul de Aguiar.
8	Diomedes.....	Idem.....	3 »	França.....	51 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.

A's 2 1/4 hs.—4º pareo—PROGRESSO—1.750 metros—Animas do paiz até meio sangue—Premios: 600\$ ao 1º, 120\$ ao 2º e 60\$ ao 3º.

1	Guanaco.....	Alazão tost... 7	annos	Paraná.....	56 kilos	Vermelho.....	Coudelaria Mirim.
2	Aymoré.....	Castanho.....	5 »	S. Paulo.....	54 »	Azul e ouro.....	Idem Alliança.
3	Boyardo.....	Alazão.....	5 »	Idem.....	54 »	Branco e estrelas azues...	Idem Guanabara.
4	Gaporal.....	Alazão tost... 4	»	Idem.....	52 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.
5	Batoco.....	Castanho.....	5 »	Idem.....	60 »	Branco e bonet encarnado..	Oliv. Junior & Lopes
6	Druid.....	Tordilho.....	4 »	Rio de Jan...	52 »	Branco e encarnado.....	Idem.

A's 3 hs.—5º pareo—RIO DE JANEIRO—2.400 metros—Inteiros e eguas de qualquer paiz—Premios: 1.500 ao 1º, 400\$ ao 2º e 200\$ ao 3º.

1	Phriná.....	Castanho.....	4 annos	Inglaterra...	48 kilos	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
2	Plutão.....	Alazão.....	6 »	França.....	52 »	Azul, branco e encarnado..	Idem Cruzeiro.
3	Naná.....	Zaino.....	5 »	Inglaterra...	50 »	Branco e preto.....	M. U. Lemgruber.
4	Curubaiá.....	Idem.....	5 »	Idem.....	50 »	Preto e encarnado.....	D. F. P.
5	Satan.....	Castanho.....	3 »	França.....	47 »	Grénat e bonet ouro.....	Mario de Souza.

A's 3 3/4 hs.—6º pareo—GRANDE PREMIO DERBY-NACIONAL—2.000 metros—Poldros e poldras nacionaes de 3 annos, já inscriptos—Premios: 3.000 ao 1º, 800\$ ao 2º, o 3º salva a entrada.

1	Plutus.....	Zaino verm.. 3	annos	S. Paulo.....	52 kilos	Azul, br. encarnado e faixa.	Coudelaria Cruzeiro.
2	Monitor.....	Castanho.....	3 »	Idem.....	52 »	Idem, idem, idem.....	Idem, idem.
3	Plutão II ex Rondello...	Douradilho... 3	»	Idem.....	52 »	Velludo azul e grénat.....	Lazaro & Lima.
4	Blair Athol.....	Alazão.....	3 »	R. de Janeiro	52 »	Joaquim F. de Moura
5	Flotsam.....	Zaino.....	3 »	S. Paulo.....	52 »	Vermelho.....	Coudelaria Mirim.
6	Remember.....	Castanho.....	3 »	R. de Janeiro	50 »	Ouro e branco.....	Idem Fluminense.
7	Lancaster.....	Idem.....	3 »	Idem.....	52 »	Idem idem e faixa.....	Idem, idem.
8	Famalicao.....	Idem.....	3 »	S. Paulo.....	52 »	Ernesto Ascoly.
9	Dandy.....	Vermelho.....	3 »	Idem.....	52 »	Verde e amarello.....	F. Vianna.

A's 4 1/2 hs.—7º pareo—DERBY-CLUB—2.000 metros—Inteiros e eguas do paiz—Premios: 1.000\$ ao 1º, 250\$ ao 2º e 120\$ ao 3º.

1	Diva.....	Alazão.....	4 annos	R. de Janeiro.	50 kilos	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
2	Sylva II.....	Idem.....	5 »	S. Paulo.....	54 »	Azul, branco e encarnado..	Idem Cruzeiro.
3	Boreas.....	Castanho.....	5 »	Idem.....	58 »	Azul e ouro.....	Idem Alliança.

A's 5 hs.—8º pareo—LEMGRUBER—1.609 metros—Animas do paiz, até meio sangue, que não tenham ganho este anno o pareo Progresso—Premios: 500\$ ao 1º, 100\$ ao 2º e 50\$ ao 3º.

1	Orpheo.....	Preto.....	5 annos	S. Paulo.....	54 kilos	Vermelho e faixa branca...	Coudelaria Mirim.
2	Bitter.....	Idem.....	5 »	Idem.....	54 »	Azul e amarello.....	Hermenegildo J. Silva
3	Zaire.....	Gateado.....	5 »	Paraná.....	54 »	Azul e encarnado.....	Coudelaria Amadores
4	Nicoafy.....	Castanho.....	4 »	Idem.....	52 »	Azul e branco.....	J. & P.
5	Sartarelle.....	Preto.....	5 »	Idem.....	54 »	Geranium e ouro.....	J. W.
6	Catana.....	Douradilho... 4	»	S. Paulo.....	50 »	Preto e encarnado.....	Idem.
7	Ivon.....	Zaino.....	4 »	Paraná.....	52 »	Preto, branco e encarnado.	C. P.
8	Intima.....	Castanho.....	5 »	S. Paulo.....	52 »	Ouro e encarnado.....	D. A.
9	Regalia.....	Vermelho.....	5 »	Idem.....	54 »	Branco e encarnado.....	Mario de Oliveira.

Os animas inscriptos no 1º pareo devem ser apresentados no encilhamento às 11 horas

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 14 DE AGOSTO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 85.

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	
Os nossos originaes.....	A REDACÇÃO
Historia dos sete dias.....	FILINDAL.
Visconde do Bom Retiro.....	
Rachel, soneto.....	V. DE CARVALHO.
Jornaes e revistas.....	F.
Gazetilha litteraria.....	A.
Ao «Tim-Tim», poesia.....	A. DE SOUZA.
Cartas de Lisboa.....	E. MONTEIRO.
Bellas Artes.....	A. PALHETA.
Soneto (de Stecchetti).....	F. D'ALMEIDA.
Theatros.....	P. TALMA.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Tratos á bóia.....	FR. ANTONIO.
Factos e Noticias.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CORTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

OS NOSSOS "ORIGINAES"

De ha muitos mezes que são insufficientes as dimensões d'A Semana para attender á quantidade dos « originaes » com que a honram os seus muitos colaboradores e mesmo aos trabalhos dos seus redactores. Cremos que, se em vez de oito tivesse a nossa folha dezeseis paginas, assim mesmo, continuaria a luta homérica que aqui se trava, e que nos consterna, entre a abundancia da collaboracão e o tremendo monstro *Falta de Espaço*. D'ahi a « caixa dos originaes » constantemente repleta, o paginador a regeitar materia, os colaboradores attribuindo-nos, injusta mas naturalmente, pouca vontade de acolhel-os e nós—immersos no desespero!

Esta luta chegou a tal ponto que tomámos a seguinte heroica resoluçãõ:—Catalogar aqui as riquezas do nosso

precioso escriptorio (caixa dos originaes,) e pedir humildemente aos nossos colaboradores e aos nossos assignantes a sufficiente paciencia para esperar a sua gradual publicacão. Antes de fazel-o, lembraremos que todos estes escriptos são inéditos, especialmente destinados á *Semana*, que se confessa confusa e penhoradissima. Começemos pela

PROSA

Enfermidades estylisticas, (continuaçãõ) por Araripe Junior; *Crise*, conto por Alcindo Guanabara; *A Velhice do Padre Eterno*, por Emygdio Monteiro; *Notas Criticas*, (C. C. Branco—Ultimas obras) por Valentim Magalhães; *Prosas simples*, de G. Gama, por Filinto de Almeida; *A Rehabilitaçãõ* (conto) por D. Julia Lopes; *Os nossos cemiterios*, por Alfredo de Souza; *Livros e Opusculos*, dois excerptos da obra que com esse titulo vae proximamente dar a lume o Sr. Guilherme Bellegarde; *Amor de Lazaro*, conto por Viriato Guimarães; *Bellas Artes*, sobre quadros da Sra. D. Abigail de Andrade e do Sr. Langerok, por A. Palheta; *O volapük*, por F. Sarcey, traducçãõ d'A Semana; *Correio*, por Enrico; *A memoria do coração* por Catulle Mendes, traducçãõ de R. Porciuncula. E outros, outros...

POESIA

Temos em o nosso precioso escriptorio, á espera do momento em que devem honrar as nossas columnas versos dos seguintes poetas:—brazileiros:—Raymundo Corrêa, Olavo Bilac, Alberto e Mariano de Oliveira, L. Murat, Alcibiades Furtado, Americo Lobo, Henrique de Magalhães, Alfredo de Souza, Arthur Mendes, Vicente de Carvalho, Alberto Silva, Izabel Soufo, J. Moraes Silva, Soares de Souza Junior, Edmundo de Barros, Arthur Duarte, João Aranha; portuguezes:—Joaquim de Araujo, D. Albertina Paraiso, Alberto Bramão, Bernardo Lucas e Alfredo Alves.

Este accumulõ de originaes causanos ainda este prejuizo:—privar-nos da collaboracão de muitos escriptores estimados que, sabendo da falta de espaço que nos tortura, se abstêm de escrever para *A Semana*.

Esperamos, no emtanto, do favor publico—que nos não tem faltado até hoje—poder obviar a tantos obstaculos—crescendo, crescendo cada vez mais...

A REDACÇÃO

HISTORIA DOS SETE DIAS

« PAIZ »

Si le « Brésil » pouvait connaitre votre prix...

« GAZETA »

Si le siècle rendait justice aux beaux esprits...

« PAIZ »

En carrosse doré vous iriez par les rues.

« GAZETA »

On verrait le public vous dresser des statues.

Foi assim que, como as de Trissotin e Vadius nas *Femmes savantes* de Molière, começaram as relações do *Paiz* com a *Gazeta de Noticias*.

*

« GAZETA »

Vous donnez sottement vos [qualité; aux autres.

« PAIZ »

Fort impertinement vous me jetez les vôtres.

« GAZETA »

Allez, petit grimaud, barbouilleur de papier.

« PAIZ »

Allez, rimeur de balle, opprobre du métier.

Ma plume t'apprendra quel homme je puis être

« GAZETA »

Et la mienne saura te faire voir ton maître.

E' neste pé que estão essas relações agora, no momento em que escrevemos esta abominavel chronica da semana.

Conflicto de vaidades e choquo de interesses, estas luctas, se são desagradaveis porque sempre nellas se vé uma tal ou qual explosão de rancor por muito tempo contido, têm a grande utilidade de desembugar a franqueza e fazer saber ao publico o que realmente pensam no imo peito uns dos outros os grandes directores da opinião. Quem, em toda esta questãõ, está mais gravemente compromettido é o Sr. Quintino Bocayuva, o illustre redactor principal d'*O Paiz*. O artigo da *Gazeta* de hontem e a propria declaracão do propecto jornalista, n'*O Paiz* de ante-hontem, bem clara e positivamente demonstram que o Sr. Bocayuva foi *atirado ás urtigas* pelo patrão.

Não é a primeira vez que este deploravel factõ se dá na nossa imprensa e o caminho que o desconsiderado—ainda desconsiderado involuntaria e irreflectidamente—tem a seguir em tal emergencia, já foi apontado e demarcado por outro jornalista, ha um anno e pouco. Do procedimento d'esse outro jornalista, insinuado e tacitamente indicado pelo proprio Sr. Quintino Bocayuva, que foi parte importante no incidente occorrido então, parece que deve decorrer agora logicamente o procedimento do redactor chefe d'*O Paiz*, se tal é com effeito naquelle jornal a posicão do Sr. Quintino. Todavia, como nem todos pensam da mesma maneira e como cada qual pode entender a seu modo a susceptibilidade e a dignidade pessoal, talvez haja uma ou mesmo muitas tan-

gentes para uma resolução diversa e para um procedimento diferente.

Nós somos insuspeitos no julgamento d'esta questão, porque, se a *Gazeta* nos prende a sympathia e a gratidão, prendem-nos ao *Paiz* eguaes sentimentos e commungamos com elle das mesmas idéas sociaes e das mesmas aspirações politicas.

Acção bella e de notavel interesse para os effeitos da propaganda abolicionista do Brazil, foi a que, na noite do seu beneficio, praticou a gentil cantora Nadina Bulicoff. Sabendo que alguns dos seus numerosos admiradores pretendiam offerecer-lhe naquella noite uma joia de valor, encontrou no seu generoso coração de mulher e na sua grande alma de artista a abnegação sufficiente para transformar os diamantes em preço de cinco pessoas e as notas da sua privilegiada garganta em doces cantos de liberdade. Se esta bellissima acção fosse imitada por todos os artistas que recebem presentes de grande valor nos seus beneficios, quantas lagrymas seriam enxugadas e quantas cadeias da escravidão seriam despedaçadas no Brazil! As sobras dos ricos dão muitas vezes para a felicidade dos pobres.

« Quando ti specchierai, ti dica il core
« Che una perla rapita ai tuoi capelli,
« Solo una perla può salvar chi muore.
A piedosa verdade d'estes admiraveis versos de Stecchetti, ficou salientemente provada com a generosa acção da grande cantora russa. Bem hajam aquelles que, mesmo sem sacrificio, espalham o bem e acodem á maior miseria dos tempos modernos.

A eleição de senador por Minas tem demonstrado que não é graude a influencia do partido conservador naquella vasta provincia. Até ao que hontem se sabia, os nomes mais votados, com maioria consideravel, eram os dos Srs. Cesario Alvim, Carlos Affonso e Candido de Oliveira, todos liberaes dos quatro costados.

Na Corte e nas provincias do norte menor é ainda a influencia do partido que está no poder, depois do escandalo praticado com José Mariano.

E como o Sr. Theodoro Machado destruiu num momento todas as minhas illusões! E' verdade! Elle lá está repimpado na cadeira do outro. Pois que lhe faça muito bem e lhe dê muito gosto c assento...

No sabbado passado deu-se uma engraçadissima scena de entremez na estação de policia da rua do Marquez de Pombal. Foi uma balburdia. O subdelegado brigava com o commandante da estação, e o major fiscal do corpo militar de policia, chamado pelo telephone, quando procurava serenar os animos, foi preso... pelo subdelegado. Que havia de fazer o major? E' muito simples: prendeu tambem o subdelegado. E ora ahí está como duas auctoridades se podem prender mutuamente, para divertimento das multidões e espanto do carioca pasmado!

Não sabemos que resolveu neste tremendo conflicto o Sr. chefe de policia; sabemos, porém, o que elle devia fazer: Era dar o commando geral da policia ao alferes da estação, promover o major a tenente coronel, dar uma delegacia ao subdelegado—e pôl-os todos tres, por oito dias, na vitrine do *Colosso de Rhodes*, para que o povo os admirasse bem. Depois do que, S. S., tendo-lhes adrede pregado ao peito uma pendureza qualquer de Christo, delicadamente e urbanamente os mandaria todos, de sucia e de braço dado, na doce paz da reconciliação,—à fava!

FILINDAL

VISCONDE DO BOM RETIRO

Após dolorosos e prolongados soffrimentos, expirou ante-hontem o Dr. Luiz Pedreira do Couto Ferraz, visconde do Bom Retiro.

Com magua profundissima foi recebida esta lutuosa noticia. O visconde do Bom Retiro era um brasileiro que, despido de ambições moldadas no egoismo individual e tacanho, poz ao serviço d'este Imperio toda a opulencia do seu invejavel talento e da sua respeitabilissima erudição.

A politica de campanario, a nossa politicagem, este asqueroso polvo que com os seus tentaculos tem sugado e enlameado a alma de muitos cidadãos, não poudo captivar a d'aquelle cuja perda hoje nos enluta. Homem superior, alou-se á illuminada esphera do Bem, e de lá via serenamente,—como a um exercito a marchar muito em baixo, na bruma,—o doido desfilar dos nossos partidos politicos, que se guerreiam, envolvidos pela nuvem negra das paixões pessoas e egoisticas.

Muito fez o visconde do Bom Retiro no magisterio, no Parlamento, na Administracção, nos conselhos da Corôa. Aproximou-se do throno, não attrahido pelo iman das altas posições concedidas áquelles que se aclimam á athmosphera da realza, mas simplesmente, unicamente para melhor servir a causa da patria.

E servio-a.

O Sr. D. Pedro II perdeu nelle um dos seus poucos e verdadeiros amigos e um dos seus mais dedicados servidores; e talvez tenha que lamentar no intimo da sua alma a falta d'aquelle benefica influencia nos negocios administrativos.

Não podiamos concluir melhor esta rapida noticia do que repetindo as palavras de Sua Magestade junto do leito em que agonizava o seu devotado e illustre amigo:

— E' a consciencia mais pura que tenho conhecido.

Pezames á patria.

RACHEL

A FILINTO D' ALMEIDA

Volvo, saudoso e alegre, a este ermo, de onde Sahi criança e onde não mais volvêra:
A ultima flor da minha primavêra
Morta, sob estas arvores se esconde.

E ainda hoje tudo que com os olhos sonde:
Arvores, sombra, os muros cheios de héra,
Tudo lembranças na minh' alma géra,
Tudo a reminisceucias me responde.

Tudo acho o mesmo... Unicamente aquella
Arvore, em cujo dorso o nome d'ella
Tremulamente as minhas mãos gravaram,

Perdeu as letras com o correr dos annos...
E esse nome que os annos lhe apagaram
Não m'o apagaram da alma os desenganos.

VICENTE DE CARVALHO.

JORNAES E REVISTAS

GAZETA DE NOTICIAS

Ha onze annos completos, no dia 1 de Agosto de 1875, appareceu nesta capital uma pequena folha, que se apresentava modestamente, é certo, mas com uma feição inteiramente nova e desconhecida do jornalismo nacional de então. A *Gazeta de Noticias*, ideada na alegre redacção do mais hilariante, do mais patusco, do mais gracioso e do mais satyrico jornal illustrado que jamais houve no Brazil, resentia-se do character despreoccupado e mordaz do papá *Mosquito*, o que não admira, visto que os seus redactores eram os mesmos da importante folha caricata: Ferreira de Araujo, Elyσιο Mendes e Manoel Carneiro. A esta feição alegre, e, digamol-o francamente, um tanto futil, deveu a *Gazeta* o seu exito e os primeiros successos alcançados.

Povo superficial e pobre, precisava de um jornal leve e barato.

O *Jornal do Commercio* era o unico jornal de importancia; mas a sua prosa era então ainda mais espessa e mais pesada do que é hoje, e, além disso, custava cada folha *meia pataca!*

Havia, pois, necessidade de um jornal cujo preço estivesse ao alcance de todas as bolsas e cuja leitura não esmagasse de todo a paciencia da gente.

Foi o que, nitida e claramente, comprehendem os tres redactores da *Gazeta de Noticias*; e fizeram, por consequencia o jornal de que o povo tinha necessidade.

Trabalharam muito, venceram enormes difficuldades, sustentaram uma lucta terrivel contra o despeito de uns, a má vontade de outros e a inveja de terceiros; mas, afinal, a posição sympathica e popular em que se collocaram na celebre questão do drama *Os Lazaristas*, acabou por tornal-os vencedores. D'ahi para cá a vida da *Gazeta* tem sido uma serie ininterrompida de esplendidos triumphos.

Releva notar que a *Gazeta* conservou, com pequenas modificações, a sua feição primitiva, mas ampliou os seus ideaes, firmou a sua orientação, creou e consolidou as suas bases moraes pelo respeito publico e as materiaes pela fortuna adquirida, e discutiu sempre com a mais louvavel isempção todas as questões sociaes e politicas, não faltando nunca com a palavra do seu conselho ou da sua meditação, quando se tractava de defender ou guiar o animo publico, encaminhar a opinião transviada, profligar os abusos do poder, atacar os maus e proteger os fracos.

Se a *Gazeta* tem tido erros, resgata-os largamente a grande somma de serviços que tem prestado, tanto ao paiz como a instituições particulares e a obras de utilidade geral.

Foi na *Gazeta* que verdadeiramente se fez jornalista o Dr. Ferreira de Araujo, — que é hoje um dos pouquissimos homens de imprensa dignos do nome de jornalistas, — e cujo alto espirito, grande talento e rara isempção em politica lhe dão um seguro e limpido criterio para julgar dos homens e das cousas d'esta terra, onde todos, ou quasi todos, têm um ponto de vista—ou rotineiro pelo estacionamento e pela tradição, ou acanhado pelo exclusivismo das idéas politicas.

A *Gazeta de Noticias* muito deve tambem a litteratura nacional, pois que as suas columnas estiveram sempre francas e abertas para receber as produções de todos os engenheiros, conhecidos ou desconhecidos, mestres ou neophyts, prosadores ou poetas.

A importancia de que hoje gosa a

Gazeta de Noticias não precisamos nós affirmar-a. Todos a conhecem, todos a sentem e bem a demonstra o facto de ser o jornal de maior circulação do Imperio, pois que, podemos garantil-o, a sua tiragem é em quasi todos os dias superior a 24,000 exemplares, embora conserve ainda este numero no alto das suas columnas.

A *Semana* serve-se d'esta occasião para, felicitando cordialissimamente o director e os actuaes redactores da *Gazeta de Noticias* pelo seu undecimo anniversario, manifestar-lhe a sua consideração, o seu alto apreço e a sua profunda sympathia.

F.

GAZETILHA LITTERARIA

Com o titulo— *Camoneana Brasileira, homenagem a Camões no tricentenário de sua morte*, publicou o Sr. Barão de Paranapiacaba um opusculo de 156 paginas, destinado a servir nas escolas de instrucção primaria,

Consiste o trabalho do illustre homem de letras em um resumo, em versos de variado metro, dos oito primeiros cantos dos *Luziadas*.

Não atinamos bem qual seja a utilidade pratica d'este trabalho. Podemos, porém, asseverar que elle representa um grande esforço e uma alta e perfeita comprehensão do grande poema immortal de Camões.

Os versos do poeta brasileiro são sempre fluentes, puros no metro, ricos na linguagem, nobre e tersa e vernacula.

Não menos importancia que o trabalho dos versos tem o das notas explicativas de cada canto. Estas notas, eruditissimas, recolhem o transumpto do que ha de melhor, escripto sobre as passagens do poema e estão cheias de considerações e reflexões originaes, que revelam cuidado extremo e que são illustrativas de muitas obscuridades, invencíveis á penetração dos alumnos das escolas, para os quaes o Camões estreme é sempre uma tortura e um pezadelo.

Acreditamos que o livro será adoptado para as escolas primarias, que bem o merece a vernaculidade da sua linguagem, para exemplo da arte de bem escrever, e porque as suas notas dão-lhe não vulgar importancia pelas boas lições que encerram.

A.

AO « TIM-TIM »

(IMPROVISO NO DIA DE SEUS ANOS)

*Amigos, como é bello em meio da existencia,
Cheia de odios e fel, de parcas alegrias,
A gente approximar-se, um dia, da innocencia
E d'entre a nossa noite exaltar os seus dias!*

*Faz tanto, tanto bem! A noss' alma, ferida
Pelo embate da sorte, ala-se alegremente,
E brilha como a estrella, e julga que esta vida
E' de amor um poema, eterno e refulgente.*

*Por isso é que hoje aqui me levanto, pedindo
Aureas frêchas ao sol, perfumes às violetas,
Para versos fazer eguaes, no azul infindo,
Aos sues, e á primavera, ao lyrio e às borboletas.*

*Mas como tudo é vão! As rimas que compon ho
São como a minha lyra humillima, tacanha,
Passa-me a inspiração, rapida como um sonho;
Meu verso é como a flor aos pés de uma montanha!*

*Pois bem; pequena flor, é d'ouiro o teu destino:
Vaes ser feliz emfim: vaes morrer, desfolhada,
Aos pequeninos pés d' este anjo pequenino,
Que é de um formoso dia a limpida alvorada.*

Rio, 11 de Agosto de 1886.

ALFREDO DE SOUZA.

CARTAS DE LISBOA

CONTINUAÇÃO DA REVISTA RETROSPECTIVA; — THEATROS.

Quando principiei a escrever a revista retrospectiva de que me occupi na carta precedente, tencionava fazer uma simples resenha do movimento litterario e artistico, relativo ao tempo decorrido até então desde que fui obrigado a interromper as minhas correspondencias para *A Semana*; mas, insensivelmente, fui-me estendendo e de tal maneira que, tencionando ainda escrever mais extensamente sobre a *Velhice do Padre Eterno*, nem mesmo terminei a revista retrospectiva, deixando de fallar sobre theatros e bellas artes.

Para não adiar mais uma vez o meu estudo sobre o livro de Guerra Junqueiro, escreverei hoje de theatros somente, deixando a revista artistica para uma das correspondencias mais proximas.

THEATROS

Do movimento theatral pouco tenho que dizer, infelizmente.

Todos sabem que o theatro portuguez é... o theatro francez.

Entre nós chama-se ladroeira a exploração que no Brazil se faz da litteratura portugueza; escrevem-se artigos e folhetos em que abundão phrases proudhonianas e em que se dizem coisas desagradaveis ao Sr. D. Pedro II; mas ao mesmo tempo acha-se que é muito mais commodo traduzir do francez um drama ou um romance e publical-o ou fazel-o representar sem licença do autor, do que escrever ou pagar um trabalho original. O que o Brazil faz com a nossa litteratura, fazemol-o nós com a litteratura franceza,— e com a mesma sem-ceremonia.

E' verdade que já se fez peor; já não é raro entre nós pagarem-se os direitos de autor ou editor. Mas quer em produções litterarias e dramaticas, como em musicas e estampas, e até em pintura e aguarella, ainda por cá se faz muita ladroeira, que é o termo; tratam-se as obras francezas como verdadeira roupa de francezes.

Os nossos dramaturgos, isto é: os individuos que entre nós escrevem para o theatro, preferem traduzir a inventar. Estão fóra da corrente naturalista por que está passando em todas as suas manifestações a arte de todos os paizes a que chamamos civilizados. Elles não pensam de modo algum em dar ao publico uma scena da vida contemporanea, nem pensam numa representação historica mais ou menos interessante; não fazem a peça decorativa, nem a scena de costumes nacionaes. Elles vão simplesmente a qualquer loja de livros usados, escolhem meia duzia de peças, á rasão de 40 rs. cada uma, vão para sua casa lél-as commodamente, depois do café, e d'ahi a tempo apparece nas esquinas o annuncio

de mais uma imitação ou traducção, nem sempre declarada, e o publico vae assistir a uma peça do theatro francez contemporaneo, ou, mais raramente, a uma imitação, no genero de Goldoni, das velhas fargas hespanholas ou do theatro portuguez de ha 50 annos.

De resto, ha a *revista do anno*, o genero mais apreciado do publico, chegando uma no anno passado a contar 250 representações.

São multiplas certamente as causas d'este estado de coisas; mas a mais importante, e que seria bastante por si só, é sem duvida, a egualdade da remuneração (a differença é insignificante) com que as emprezas theatraes, incluída a do theatro normal, acolhem indifferentemente um original ou uma traducção. Dada esta circumstancia, é claro que ninguem que não trabalhe por amor da arte, irá escrever uma peça original. Ora é sabido que, em toda parte, são poucos os que trabalham por amor da arte, mesmo onde as obras d'arte são pagas condignamente.

O que predomina, pois, nos palcos portuguezes é o theatro francez. E tão habituadas a elle estão as emprezas que um novo, um desconhecido, que se lhes apresente com um original debaixo do braço tem quasi a certeza de ser mal recebido e tem de vencer mil difficuldades para ver a sua peça em scena.

Assim se explica que a empreza do theatro D. Maria, onde ha actores de muito talento e arrojio, que não recuam deante de Shakespeare, regeitasse o anno passado *A Perola*, do Sr. Marcellino Mesquita, uma estreia magnifica de um moço de talento, depois representada com successo num theatro de segunda ordem. O caso mereceu á imprensa uma formidavel decompostura que aquelle senhor lhe deu, nas *Novidades*, e em que lhe disse coisas duras, mas quasi sempre justas.

Ha pouco tempo deu-lhe outra ainda mais forte o Sr. Abel Accacio, a quem ella recusou o drama em verso—*Germano*— e á qual a empreza respondeu, nos mesmos termos, chegando os contedores a usar de armas pouco limpas, e terminando a questão pouco dignamente,— á bengala.

Um theatro normal muito pouco normal, como vêm. Porque não pôde servir de desculpa ao procedimento da empreza, que tem obrigação de se respeitar, a circumstancia de ter razão, ainda que a tenha. E julgo que tem, quanto ao merecimento do drama, a avaliar por alguns excerptos que a empreza publicou em sua defeza e pelas mais obras que conheço do Sr. Abel Accacio, que me parece um talento desnordeado.

Em todo caso, é inadmissivel o rigor da empreza para com o *Germano*, que, boa ou má, era uma obra d'arte portugueza, desde o momento em que aquelles senhores não têm duvida em representar *Um drama no fundo do mar*.

Mas a empreza faz o que quer, porque ninguem lhe toma contas das suas acções. O governo não se importa com o theatro normal porque não vae lá: o seu theatro é S. Carlos, o theatro aristocratico, ao qual dá um subsidio de 25 contos por anno.

Ora o theatro de S. Carlos é um theatro de opera italiana, e é um theatro para aristocratas, um theatro para ricos. Pois, quem quer regalar-se a ver bellas mulheres e ouvir boa musica, que pague, que é o que se faz em toda parte.

Se S. Carlos tem subsidio, com muito mais direito o deve ter D. Maria, que tem obrigação de representar o theatro nacional.

A empreza tem de fazer despesas im-

portantes para pôr uma peça em scena dignamente; e a rosceta é pequena. E' claro que, não fazendo elles reduções nos seus ordenados—e isso não é de esperar—os autores das peças é que o pagão.

Para esse subsidio tem o governo uma somma importante na verba que no orçamento vem marcada para essa escandalosa cousa a que se chama: *aposentação dos actores*.

Escandalosa, digo, — porque o é. A uns senhores que passaram a sua vida a ganhar ordenados de generaes, porque contribuíram para educar ou divertir o publico, dão-se-lhes uns 728000 mensaes para passarem o resto dos seus dias em descanso; e aos que fizeram as obras que elles representaram faz-so-lhes um beneficio, quando estiverem na miseria. A'quelles que representam para distrahir os que têm dinheiro dá-se-lhes dinheiro para viverem sem trabalhar: o o que se dá ao autor de uma centena de livros que têm distrahido, que têm consolado muitos milhares de pessoas? O que se dá, por exemplo, ao venerando mestre de S. Miguel de Seide? Dá-se-lhe um titulo, e se quizer pagar as suas dividas que venda a livraria. (1) Pois não têm muito mais direito á reforma, isto é: ao descanso garantido no futuro, á paz dos ultimos dias, ao patrimonio dos filhos, aquelles que passaram a sua vida a trabalhar para a felicidade dos contemporaneos e dos vindouros, talvez miseravelmente, muitas vezes mal vestidos e mal alimentados, vendo as riquezas triumphantes, assistindo de longe aos prazeres dos outros, trabalhando na sombra e no isolamento, passando despercebidos, e ás vezes desapreciados até aos ultimos annos da vida, mas deixando para todo o sempre uma bella obra d'arte, um poema, um romance, uma melodia, um quadro ou uma estatua, que não de fazer a admiração e o encanto de quantos as conhecerem; e aquelles que de qualquer modo fizeram dar um grande passo ao progresso dos conhecimentos e da felicidade humana, aos que fizeram as grandes descobertas ou resolverem os grandes problemas da industria e da sciencia?

Houve um Alexandre Herculano que escreveu a *Historia de Portugal* e uma carta despedindo-se da Academia das sciencias? Pois a sua obrigação era trabalhar, era combater até á ultima hora, (2) mesmo quando lhe negassem os meios de o fazer. O que é que lhe deram? Nada. Até lhe negaram o direito de ir descansar na sua aldeia, cuidando da sua lavoura. (3)

O que deram a Julio Diniz, que fez as *Pupillas do Sr. reitor* e a *Morgadinha dos cannaviaes*? Já algum dos illustres paes da patria falou em se dar alguma cousa a esse gigante de trabalho que se chama Theophilo Braga, ou a João de Deus, que fez as *Flores do campo* e fez a *Cartilha maternal*?

Não. Que se façam actores, se quizerem: para esses e que está a vida.

Mas agora reparo que já me alarguei de mais. Que demonio de penna a minha!...

Tudo isto veio para dizer que a respeito de theatros só tenho a registrar duas peças verdadeiramente notaveis; *A Perola*, do Sr. Marcellino Mesquita, e *O Duque de Vizeu*, drama historico, em verso, do Sr. Lopes de Mendonça.

D'este já sabem que é o maior successo theatral dos ultimos annos; que a

imprensa foi quasi unanime em lho tecer os mais levantados louvores; que se escreveu que é a melhor peça representada desde o *Fr. Luiz de Sousa*; que o seu drama já foi qualificado de poema; que o seu auctor tem sido extraordinariamente victoriado; que S. M. El-rei lhe conferiu, em homenagem, o habito de S. Thiago; etc., etc.

Por isso se vê que o drama do Sr. Lopes de Mendonça tem merecimento real, porque não agitaria a tal ponto a opinião publica, se o não tivesse. Mas devo dizer que ó fora de duvida que o entusiasmo seria muito menor se estivessemos habituados a ver mais amudadamente boas peças theatraes. Em terra de cegos quem tem um olho é rei.

Como obra litteraria, o drama do Sr. Mendonça está abaixo dos elogios que lhe têm sido feitos, sem, contudo, ser uma obra inferior. Como obra theatral, sim; o Sr. Lopes de Mendonça mostrou-se dramaturgo de largo futuro. No encadeamento dos successos, no achado das situações, o Sr. Mendonça parece um auctor experimentado e conhecedor de todos os segredos e *ficelles* do officio. *O Duque de Vizeu* foi um grande encontrão dado na semsaboria e na insignificancia do theatro portuguez: commoveu a Opinião, — o que é dizer tudo.

E' uma obra d'arte; é obra de um verdadeiro litterato, que tem a sustentar o bom nome que herdou de seu tio, o illustre folhetinista, e a honrar o nome glorioso da familia a que se uniu. Como sabem, o Sr. Lopes de Mendonça é casado com uma filha de Manoel Maria Bordallo Pinheiro, o pae da trindade de artistas que todos admiramos. Além disso, elle é membro de um pequeno grupo de escriptores e artistas que têm ponto de reunião no café *Leão d'ouro*, onde se fala de arte o se bebe cerveja alegremente todas as noites, café cuja physionomia eu lhes descreverei talvez um dia, quando tiver vagar. O Sr. Lopes de Mendonça nada tem de commum com esses vendilhões do templo, que enxameão o nosso mercado litterario. E' um convicto.

EMYGDIO MONTEIRO

BELLAS ARTES

EXPOSIÇÃO ORGANISADA PELOS ALUMNOS DA IMPERIAL ACADEMIA DE BELLAS ARTES.

(Continuação do n. 84)

O que falta ao Sr. Bento Barbosa é uma observação superior, que penetre até o intimo dos individuos, que os vires pelo avesso, de dentro para fóra, apanhando-lhes o traço moral com a mesma expressão e firmeza que o traço physico deformado pela satyra. Se para a *charge* uma das primeiras necessidades é o *ehic*, a expontaneidade, a rapidez do desenho, o bom movimento, a vida e a graça do traço e do contorno, não é parte secundaria a orientação intellectual do artista, a sua educação, porque para interpretar com exactidão os costumes e o temperamento de um povo não basta saber desenhar e fazer gibosidades.

Um caricaturista que, para ridicularisar um nescio, desenha-o com cabeça de burro, faz de sua obra a mais viva critica da sua propria pessoa, mostrando pobreza de espirito, isto é: falta de educação e de talento. Assim, para que o joven artista venha a ser o que tão claramente promete nessas provas expostas, não desprezar os bons mestres, estudando-lhes a intensidade do

pensamento, a subtiliza da ironia, o processo do analyse dos pontos vulneravos dos costumes da sociedade com a qual viveram e da época em que trabalharam.

Carracho, Kaulbach, Hogarth, Cru-leshank, Rowlandson, Charlet, Grandvillo, Cham, Gavarni e Daumier devem ser os guindadores do joven caricaturista; não ha, no genero, meliores mestres para quem deseja ser mais alguma cousa do que rabiscador de figurinhas.

Não se illuda o Sr. Barbosa: a caricatura tem uma missão tão seria como a do jornal. Um simples traço, uma figurinha corunda, bojudá, plantada em duas patas de mosca, sorrindo para nós com a bocca desmesurada e os olhos arregalados, pôde estragar para todo o sempre uma reputação, reduzi-la a pó, a escuma, a nada!... E' preciso ver e analysar com muita perspicacia, e criticar com uma prodigiosa ironia que se interne, firme e aguda, até o fundo das chagas, sem prejudicar caracteres dignos de ostima e veneração.

Além d'essa collecção de caricaturas o intelligente alumno expõe alguns quadros pintados com certa largueza, tornando-se notaveis pelo vigor e expressão duas cabeças a *pastel*. Os alumnos Arthur Lucas, Pinto Gouvêa, Alberto Delfino e Jubim apresentam estudos a *fusin*, que mostram trabalho e sentimento artistico dos seus auctores, particularmente a cabeça de Longfellow, trabalho d'esse ultimo alumno, que tem muito boa expressão e é feita por uma maneira simples e algum tanto larga.

O alumno Eduardo de Sá é o que maior numero de trabalhos expoz. Entre os quadros de fructos destaque dois — Melancia e Romãs — que têm bom colorido e parecem estudados *d'après nature*. Reparando-se com attenção nos seus vinte e dois quadros, uma impressão boa nos fica dentro d'alma: o Sr. Eduardo de Sá é um alumno laborioso e intelligente. De trabalho a trabalho, vae-se encontrando melhor desenho, maior cuidado de perspectiva e de colorido, que nos faz acreditar no proximo apparecimento de um artista consciencioso. Uma das tres miscellaneas expostas prova bem que elle se dedica com decidida vontade ao estudo da pintura. No meio da teta figura um gesso, envolvido por um véu de gaze cor de rosa. No fundo, no pedestal da estatua, dobram-se diversos pannos; um galho de trepadeira serpenteia em torno do pedestal e perde-se, por entre as dobras de um panno azul, para o fundo da teta.

A luz que a banha foi distribuida com alguma pericia; unicamente parece-me demasiada para o relevo do grupo que o alumno procurou vencer pelas duas cores claras — branco e rosa — que chamam a attenção do espectador. De resto, ha certo gosto artistico na reunião dos objectos, porém na combinação das cores acho-o burguez.

Rosa, azul e branco — assim reunidos... Mas, neste caso, o melhor é esperar que o artista appareça.

(Continúa)

ALFREDO PALHETA

A mulher boa, meiga, mas ignorante, pode — ainda assim — tornar o lar domestico num asylo casto, numa enseada tranquilla. A mulher doce, carinhosa, mas instruida, de talento, com a dupla chamma immaterial do amor e da intelligencia a flammejar-lhe no coração e no cerebro, essa tornará o recinto da familia prestigioso como um templo, invencivel como as mais roqueiras cidadellas.

VISCONDE DE BENALCANFOR.

(1) Vide *Narcóticos*, 2º vol.

(2) *As Farpas*, 1877; tomo X.

(3) *Ibidem*.

SONETO

(STICCHETTI)

Ninguém pode dizer quanto eu amei
Esta mulher, á cêra semelhante,
Em quem nunca um sorriso divisei,
Que nunca chora, e se abandona amante?

Quanta vez aos seus olhos implorei
Um só ralo de luz de amor brilhante!
Quanta vez a alma, em vão, lhe procurei
Nos beijos que me dava a cada instante!

E quanta vez no seu secreto leito
Este fogo fatal que me devora,
Louco, tentei comunicar-lhe ao peito!

Quanta vez amaldiçoei, na hora
Da dor, em sangue o coração de-feito,
Este espectro de amor, que inda amo agora?

25 de Julho, de 1886.

FILINTO D' ALMEIDA.

THEATROS

RECREIO DRAMATICO

Companhia do Theatro D. Maria II, de Lisboa

«O DUQUE DE VIZEU»

Não ha ouvido de critico, por mais apurado e affeito ao juizo instantaneo e immediato de uma peça theatral, que possa julgar com segurança consciante uma obra tragica em verso, assistindo uma unica vez á sua recitação sobre um palco. E' o que nos acontece a nós, que, ainda assim, não somos criticos, com relação ao *Duque de Vizeu*.

Tanto quanto pudémos na terça-feira apreciar esta notavel e grande peça, representada pela companhia D. Maria II, ella pareceu-nos ter altissimo merecimento litterario. Notámos-lhe elegancia, formosura e pureza de linguagem; os versos pareceram-nos de inteira correccão metrica, grande sonoridade rythmica e com uma corta nobreza de rimas, coisa que rara vez se encontra nos grandes poemas dramaticos como é *O Duque de Vizeu*. Satisfeito deve estar sem duvida o Sr. Henrique Lopes de Mendonça, — herdeiro do nome e titulos litterarios de seu tio, o chorado e elegante folhetinista da antiga *Revolução de Setembro*, — pela unanimidade dos louvores da critica portugueza, aos quaes se ajunctam agora os da critica brasileira, tão exalçadores uns como outros.

Digamos, comtudo, já que não regateamos elogios ao bello trabalho do poeta portuguez, as desagradaveis impressões que nos causou por vezes no seu drama a falta da verdade historica.

Para a urdidura da intriga politica precisou o auctor de dar uma amante ao Duque de Vizeu. Era natural que inventasse de sua fantasia uma mulher qualquer, pois não é crível que um mancebo nobre, rico, leviano e enfatuado aquelles tempos, não tivesse ao menos uma aventura de amor; o que é censuravel é ter-lhe o poeta dado a Margarida Tinoco, mulher que todos os historiadores e chronistas accusam mancebo do bispo de Evora, D. Garcia de Mendonça. Parece-nos que melhor avisado seria o poeta se desaproveitasse na acção aquelle Diogo Tinoco, irmão de Margarida, que foi na verdade o pri-

meiro delator da conspiração, mas que morreu logo depois, para aproveitar D. Vasco Coutinho, irmão do encomendador de Cesimbra D. Guterres Coutinho; o qual D. Vasco, como segundo delator, tomou no caso importancia maior do que a que teve Diogo Tinoco.

Deste modo, podendo dar outros amores ao Duque para os effeitos da urdidura e interesse affectivo da acção dramatica, guardaria o respeito devido á tradiçã e á historia, mesmo porque o dito Tinoco falleceu muito antes do assassinato do Duque, logo depois de lhe serem dadas pelo rei as mercês de cinco mil cruzados em ouro, e seiscentos mil réis de renda em beneficios logo nomeados, o que faz crer que o rei D. João não poupou o frasco de veneno a que allude o poeta no 5º acto.

Assim ficou desaproveitado o grande typo de D. Vasco Coutinho, que para o drama tinha ainda o interesse de ser inimigo do rei, que depois o cumulou de beneficios e de honrarias, e que, afinal, foi o verdadeiro causador da morte do duque, porque era quem, por meio de Antão de Faria, avisava D. João de todos os passos e projectos dos conspiradores.

Desattendendo-se, porém, da condição historica do drama, a obra do Sr. Henrique de Mendonça resulta limpa de qualquer pécha e desinquinada de imperfeições vultosas.

Os caracteres estão, a nosso ver, magnificamente desenhados. O typo de Dom João II, é soberbo de verdade, e pena é que o poeta não entresachasse na acção alguns actos da sua habilissima politica de ardis, o que daria mais egualdade e mais rigor historico ao acto dramatisado. Acto que, como o do assassinato juridico do Duque de Bragança, fazia parte do plano geral da sua politica interna, á qual, talvez com boas intenções, elle por vezes sacrificou os seus affectos e as suas conveniências pessoais. Ora, como d'essa politica dimanava, ainda que incipiente e embryonaria, uma das conquistas da democracia: o abatimento da nobreza feudal, que foi a grande obra do reinado de D. João II, isto attenuaria um pouco os crimes do rei, no drama, como de facto os attenuou na Historia. Tirante esta falta, o caracter do principe antes *habil* que *perfeito*, deve ter sido como nol-o apresenta o poeta.

Assim os outros personagens, sendo para notar, sobre todos, o infante Dom Manoel, que em duas scenas o poeta conseguiu pintar perfeitamente. Está ali o principe irresoluto, covarde e villão, que se não peja de receber os bens de seu irmão, outorgados pelo proprio assassino que lh'os confiscara; está ali o traco odio, que aceitou da noiva a condição ante-nupcial da expulsão dos israelistas do reino, com a torpe confiscação dos bens e roubo das crianças a titulo de piedade christã.

Diogo Tinoco é que não foi, talvez, o que nos apresenta o poeta. No drama este personagem é um homem do povo; ora o redondissimo Rezende diz no cap. LIII da chronica de D. João II: El-rei foi primeiramente avisado d'este caso por Diogo Tinoco, *homem fidalgo*, a quem o bispo d'Evora, por ter por manceba uma Margarida Tinoco sua irmã, a que queria muito grande bem, e por confiar muito n'elle, lhe deu d'isso parte; por onde se vê que Tinoco não era do povo e que não soube da conspiração pela irman, mas pelo proprio bispo.

Apezar d'isto, a peça tem bellos lances dramaticos, scenas de grande emoção e effeito, rasgos soberbos de talento; tudo bastante para dar ao Sr. H. de Mendonça foros de fidalgo nas lettras portuguezas, especialmente no ramo thea-

tral, tão arçado de espuihos, tão embaraçado de difficuldades. Que se não poderá esperar de um poeta que, como promicia do seu talento dramatico, nos dá uma obra de primeira ordem, como incontestavelmente é *O Duque de Vizeu*? No vastissimo e glorioso campo da historia patria ha muitos dramas sepultos, a que o Sr. Lopes de Mendonça pôde, já agora, deve insufflar a vida do seu grande talento. Devenos esperar estes milagres do auctor do *Duque de Vizeu*.

Agora o desempenho.

Destacou-se, logo nas primeiras scenas, o importantissimo vulto de João Rosa no deslumbrante vestuario de D. João II. Esplendida e soberba enação e, sem duvida, a do grande rei, para a gloria do notavel artista portuguez. Poucas vezes temos visto no palco uma interpretação.

Tão perfeita, tão acabada, tão correcta, tão extraordinariamente verdadeira e humana; poucas vezes temos visto *river* um personagem arrancado aos profundos sarcophagos da Historia, com tamanha intensidade de vida, com tão flagrante vigor de acção, com tão maravilhosa verdade! O typo de Dom João II que nos dá João Rosa é um milagre de interpretação, um assombro de rigor artistico.

E' profundamente consolador para a critica, como se honra e préza de ser a nossa, — o poder dar tão d'alma e tão convictamente, como hoje damos, os *bravos* que um notabilissimo e superior trabalho d'arte lhe provoca, e que a propria emoção pessoal, num êsto de entusiasmo, obriga a soltar como o melhor dos applausos e o mais seguro dos julgamentos. O papel de D. João, tal como o fez João Rosa, basta para collocar este artista no plano dos primeiros do seu tempo, com tanto talento, com tanta egualdade, com tanta arte foi representado.

Não podemos dizer o mesmo do Sr. Augusto Rosa, a quem não temos poucado elogios. Este artista não tem, a nosso ver, nenhuma qualidade para o drama; é actor comico e, no seu genero, correcto como poucos. Não podra, pois, fazer mais do que fez no papel do duque de Vizeu, que em Lisboa foi feito por Brasão. E' louvavel o seu esforço, mas pouco apreciavel o seu trabalho.

Virginia recita muito bem os versos, e faz uma boa Margarida; foi notavel em algumas scenas, principalmente nas amorosas, a que muito se presta o harmonioso e dulcissimo timbre da sua voz, que ella sabe repassar de ternura e ungr de fundo sentimento.

A punhalada que vibra no proprio peito é que nos pareceu dever ser mais rapida e mais forte. A mesma falta de vigor na acção do golpe notamol-a em João Rosa quando mata o Duque.

Não comprehendemos que a Sra. Virginia entro em todos os actos, que são passados em tres logares differentes — Santarém, Palmella e Setubal — sempre com o mesmo vestido.

Dizem-nos que a critica portugueza teceu grandes elogios á Sra. Amelia da Silveira no papel da rainha D. Leonor. Como não queremos discordar dos collegas de Portugal, acceitaremos sem reluctancia a rainha que nos dá a gentilissima actriz.

Falco faz uma magnifica infanta D. Beatriz; tem a necessaria serenidade e altivez.

Antunes, Baptista Machado e Silva Pereira, fazem muito bem os seus papeis de Bispo de Evora, Diogo Tinoco e Antão de Faria. A Sra. Alexandrina... representa D. Manoel.

Os demais artistas não têm papeis mencionaveis.

A peça está vestida com muita riqueza e rigor historico. A corôa real que a rainha traz na cabeça, no 5º acto, apesar de ser muito bonita, parece-nos que não é da época. Os scenarios, tirante o do segundo acto, que é magnifico, não merecem senão censuras á descuidada empreza que, tendo ganho desabotinadamente com esta companhia, não teve o capricho de encenar bem, nem, ao menos, uma peça espectacular e lucrativa como *O Duque de Vizcu*.

*

Fez hontem beneficio neste theatro o archi-sympathico e distincto actor Baptista Machado. Representou-se a *Fedora*; Augusto Rosa recitou admiravelmente o engraçado monologo *Os gatos* e o beneficiado o seu conhecido e muito applaudido *Um idylio*. Flores, applausos, abraços, felicitações e presentes—nada d'isto faltou ao heroe da festa que de muito mais ainda é merecedor.

Realisa-se amanhã, ao meio dia, no theatro Lucinda uma escolhida *matinée* em beneficio da estimada e talentosa actriz Amelia Bellido, viuva do saudoso actor Mauro.

E' de esperar que a beneficiada tenha uma *casa* magnifica pois além das sympathias que gosa do nosso publico concorrem para a execução do variado programma da sua festa os distinctos artistas Alvaro Ferreira, Polla, Baptista Machado e as actrices Cinira Pollonio, Adolina Abranches, Bellegrandi, Rosa Villiot e outras.

PRINCIPE IMPERIAL

Companhia do theatro Principe Real, de Lisboa

MARIA ANTONIETTA

O successo alcançado pela *Maria Antonietta* na sexta-feira transacta prolongou-se por algumas noites. Era justo. A peça teve um desempenho geral muito bom, afinado e egual; está bem vestida e cuidadosamente ensaiada. Que a Sra. Margarida Cruz não podia satisfazer inteiramente no desempenho do difficil e especialissimo papel da orgulhosa e bella filha de Maria Thereza, sabiam-n'o todos que a conheciam, pois lhe faltam as condições physicas para isso. E' de estatura exigua, e sobremodo debil e delicada, sem a potencia de voz e a largueza solemne de gestos que são imprescindiveis ao grande papel creado pela genial Ristori. Não obstante, conseguiu com a força do seu incontestavel talento dar brilho e realce a algumas scenas, especialmente a da despedida de Luiz XVI, a que imprimio muita energia e sentimento, sendo ruidosamente applaudida. Polla deu-nos um admiravel Luiz XVI, revelando-se de novo artista superior, provecissimo, de primeira ordem. Caracterisação, gesto, voz, attitudes—nada lhe faltou.

Via-se ali, por um d'esses extraordinarios milagres de arte, o rei timido, indeciso, desanimado e bonacheirão quasi endeusado na peça de Giacometti, que devia com a sua cabeça pôr o ponto final nos crimes e nas fraquezas da monarchia em França. Fez as scenas da despedida e da prisão com enorme sentimento e profunda verdade. Alvaro foi um Lafayette fogoso, intrepido, sympathico e devotado. Costa fez um admiravel Malheserbes, digno, solemne, venerando, bondosissimo. E' artista de grande merecimento. Gil foi um inexcedivel Simão, verdadeiro até á repugnancia. E' o melhor dos papeis

que até hoje tem feito aqui. DD. Maria das Dores, Mathilde, Elvira, e Adolina e os Srs. Brandão, Almeida, Pedro Nunes, e os demais artistas foram todos muito acceitavelmente nos seus respectivos papeis.

P. TALMA

SPORT

Realisaram-se com grande concurrencia no domingo passado as corridas do *Derby Club*. O programma, que era esplendido, constou de oito pareos perfeitamente preenchidos por parelheiros de merecimento.

O pareo do Grande Premio Derby Nacional foi perfeitamente disputado pelos melhores productos nacionaes de tres annos que em nossos hippodromos se têm apresentado. Convidando notar entretanto que um dos productos que neste pareo se alistou e correu tornou-se visivelmente conhecido por muitos proprietarios e amadores como animal francez, ha algum tempo importado para um dos melhores estabelecimentos d'este ramo de industria. Eis o resultado dos pareos.

No 1º pareo (1450 metros) correram doze animaes dos quaes apenas quatro tiveram classificação. *Ivon* em 99 segundos bateu os seus competidores. *Villa Nova* fez boa corrida chegando em 2º lugar. *Biscata*, que deveria ser a vencedora, chegou em 3º lugar, o que não pudemos comprehender a não ser por *musica*. *Peralta II* teve o 4º lugar. Tambem correram *Americana*, *Araby*, *Eolo*, *Verbena*, *Sartarelle*, *Pretoria*, *Aranha* e *Aurora*.

No 2º pareo (1450 metros) *Feiticeira* em 103 segundos bateu os seus adversarios. *Galgo*, que chegou em 2º lugar, deveria ter ganho se o jockey não o tivesse soffreado propositalmente para dar entrada a *Feiticeira*. *Chapeco* chegou em 3º, *Pip* em 4º; *Condor* empacou ao sahir. *Onix*, *Odalisa* e *Jenny* não correram. *Judia* e *Relampago* vieram na bagagem.

No 3º pareo (1750 metros) *Coupon* fez uma brilhante corrida, batendo os seus competidores em 115 segundos. *Scilla* chegou em 2º, parecendo-nos indisposta. *Dignitaire* chegou em 3º lugar; ainda não está em condições de fazer boas corridas. *Speciosa* continua a dar desgostos ao seu proprietario: teve o 4º lugar. *Diomedes* veio na bagagem. *Aspasia*, *Gladiador* e *Dr. Jenner* não correram.

No 4º pareo (1750 metros) o valente *Druid* em 120 segundos venceu os seus adversarios. *Boyardo* fez boa corrida: chegou em 2º. *Bayocco* tem feito triste figura e ainda continua; teve o 3º lugar. *Aymoré*, *Guanaco* e *Caporal* vieram na bagagem.

No 5º pareo (2400 metros) *Phrynéa*, a vencedora do Grande Premio, estava perfeitamente em condições de disputar com adversarios muito fortes, mastal não succedeu; bateu no freio e com immensa facilidade a *Satan* e *Curubaíá* que disputaram o 2º lugar, que coube a *Satan*. A corrida foi feita em 159 segundos. *Nana* e *Plutão* não correram.

No 6º pareo (2000 metros) o grande Premio *Derby Nacional* foi ganho pelo *Flotsam* em 142 segundos. Este producto, de tres annos, é um dos melhoes que se tem apresentado em nossas raias. Fez uma brilhante corrida, batendo-se galhardamente, desde o pulo de sahida até 1400 metros com *Monitor* que pouco tempo sustentou a luta, cedendo logo terreno a *Flotsam* que abriu luz, vencendo com facilidade os seus adver-

sarios. *Plutus* chegou em 2º, batendo *Monitor*. *Dandy* e *Plutão II* ficaram distanciados juntamente com *Famalido*, que correu propositalmente em condições de nada poder fazer.

Consta ser um animal o estrangeiro. *Remember*, *Lancaster* e *Blair-Athol* não correram.

No 7º pareo (2000 metros) *Boreas* venceu com alguma facilidade em 134 segundos a *Sylvia II*, que fez uma brilhante corrida, chegando em 2º. *Diva* ficou distanciada.

No 8º pareo (1609 metros) *Nicoasi* não entendendo de *musica*, tocou de ouvido em 110 segundos e bateu os *ministros*. *Ivon* teve o 2º lugar, *Bitter* o 3º, *Intima* o 4º. Vieram na bagagem—*Zaire*, *Regalia*, *Sartarelle*, *Orpheu* e *Catana*.

Com um programma regular realisa amanhã o *Jockey Club* as suas corridas, e esperamos que esta sociedade tenha bom exito na realização do programma que pelo valor dos premios era merecedor de melhoes inscrições.

Sentimos com sinceridade vermos as outras sociedades annunciarem os seus programmas com promios inferiores e serem melhor succedidas nas suas inscrições, o que não podemos comprehender; e, assim, desejamos que o *Jockey Club* para outra vez procure estudar a conveniencia de redução dos premios!!.

L. M. BASTOS.

TRATOS Á BOLA

Decifraram as charadas dos ultimos tratos os Srs.: *Carapetao*, *Avêcê*, *Felicissimo Caipora*, *Fausto Junior*, *Fricinal Vassico*, *Mané-Quim*, *Josephina B*, *Pêpe*, *Cacilda da Silveira* e *Beija-Flor*, e não acertaram os Srs.: *Um charadista da roça*, *Zé dos Pasteis* e *Oidivo*.

Abiscoita o premio o Sr. *Carapetao* que veio em primeiro lugar.

Eis as decifrações:—do logogrifio: *Cambucá*, das charadas: *Mathilde*, *Nome e Benedicto*; da pergunta: *Rapé* e da antiga: *Granada*.

E lá vae nova fornada. O *topetudo* que a puser em trocos miudos, terá, como sempre, um premio *chicanista*, cheio de requiffes e circumstancias.

Procura-o na fouca, procura-o no face;—
No fogo, de certo, niuguem pode achal-o.—
E' terra brazileia (porém terra fraca),
Por outra: cidade que tem peixe gallo.

Se tem «n» em vez de «o» é mulher.—3
Este é medico só de polypo.—2
Ponha mais um só «s» e ha de ter
Outra bella cidade, seu typo.

1—2—Só o tymbaleiro tem esta fazenda que tine.

1—2—A base, no alto, come-se.

LOGOGRIFIO POR LETRAS

Comquanto coma,—1,2,5,6.
Suja é derrete;—5,4,1,2.
Tem agua, toma.—5,6,3,4,5,6.

Que isto vos fique em lembrança,
Leitor dilecto:
Vi na mão de uma creança
Este objecto.
Que na náu se mette—5, 6, 1, 2.

Agora, para finalisar, um problema sinho de *kekereké*, que se deve considerar como carta fóra do baralho; isto é, como não fazendo parte das charadas acima. Quem o decifrar lamber-se com o diploma de *muquiche* ou de *topetudo-mór* (diploma este que já foi mais

de uma vez conferido por esta secção), e mais com o imperio da China, de vendagem.

PROBLEMITO

Comprando-se sardinha e meia por 30 réis, por quanto se deverão comprar 25?

E agora: T-o — to, laranjeira:
Quem não quizer dar topada não ande de carreira.

(Ecclesiastes. Liv. XXXIII.
Vers. 3, 25.)

E... *Dominus vobiscum, et cum cacholis vestris. Amen.*

FREI ANTONIO.

FACTOS E NOTICIAS

O Club Olympico Guanabarenses annuncia para amanhã esplendidas corridas. E de esperar que não falte animação. Que o tempo não lhe pregue alguma peça é o que desejamos.

Chegou da Bahia o distincto actor Boldrini. Veio a esta capital para organizar uma companhia dramatica e com ella percorrer o Sul.

Matrimoniou-se nesta corte com a Exma. Sra. D. Catharina Brando o Sr. Dr. Francisco D'Agostino. Parabens.

Efectua-se amanhã, com a assistencia de Suas Magestades e Altezas, o concerto organizado pelo Club Beethoven em beneficio do Asylo da Infancia Desvalida da Candelaria. Consta-nos que é magnifico o programma.

Sob o titulo *Bouquet Litterario* apparecerá brevemente uma collecção de escriptos em prosa e verso, organizada pelo Sr. Manoel Ignacio da Silva Teixeira.

O Sr. José Gonçalves dos Santos acaba de abrir na sua confeitaria á Rua do Ouvidor n. 105 um salão de tiro ao alvo, com entrada gratuita.

Os Srs. Gil & C., por intervenção do seu representante o Sr. A. J da Camara, enviarão-nos algumas garrafas de vinho Açôr, produzido na ilha de S. Miguel.

E de sabor muito agradável, ligeiramente alcoolico e, sobretudo, muitissimo puro. Alguns dos nossos medicos o recommendam como excellente estomacal, recommendação que ratificamos gostosamente. Gostosamente é o adverbio unico que deviamos empregar, tratando de um vinho tão... gostoso.

FALLECIMENTOS

Com a idade de 21 annos falleceu na madrugada de 11 do corrente o Sr. Augusto Argemiro de Senna, irmão do nosso estimavel collega Ernesto Senna, do *Diario de Noticias*.

Nossos pezames.

Falleceu n'esta corte o coronel de 2ª classe Francisco Egydio Moreira de S. Pedro, chefe da 2ª secção da repartição do ajudante general.

Falleceu em Saquarema a respeitavel mãe do Sr. Saturnino de Azeredo. Sinceros pezames a seus filhos.

Falleceu em Mendes, a 6 do corrente, victima de uma cachexia palustre, o intelligente e activo engenheiro Dr. Victor Pujol.

Moço ainda, distinguu-se o finado em muitos e importantes trabalhos, confiados á sua immensa pratica pelos governos geral e provincial.

Além de varias explorações, estudos e projectos de que foi incumbido, construiu algumas estradas de ferro, entre as quaes a *E. F. Pirahyense*, onde, ao lado do benemerito brasileiro Coronel Joaquim Ovidio, desenvolveu toda a sua actividade em beneficio da difficil empreza.

Actualmente trabalhava em um importante projecto de uma estrada de ferro que, partindo de Barra Mansa, fosse ao Sul de Minas.

Lamentando o prematuro fallecimento do distincto moço, enviamos as nossas condolencias a seu irmão, o Sr. Hippolyto Pujol.

ANNUNCIOS

Dr. João Botelho, medico e operador; molestias venereas, syphiliticas e das vias urinaarias. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicções medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 51, por cima da antiga pharmacia Fragoz, das 12 ás 3 horas.

Dr. Netto Machado medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

Portuguez, francez e Inglez — Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o Café Oriente, da fabrica a vapor do Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25
9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

Em todas as casas que tiverem a respectiva táboleta— annuncio.

CLUB OLYMPICO GUANABARENSE

NICTHEROY

29 RUA DE SANTA ROSA 29

PROGRAMMA

Da sexta corrida, a realisar-se no dia 15 de Agosto do corrente anno

- 1º pareo—200 metros.—Corrida rasa, para socios, que não levantaram o primeiro premio este anno. Premio: um alfinete de coral com brilhantes. 5 inscriptos.
- 2º pareo—140 metros.—Corrida rasa, para meninas de 8 a 12 annos, com vantagens. Premios: á primeira, um broche de ouro e perolas; á segunda, uma pulseira de ouro com perolas. 9 inscriptas.
- 3º pareo—560 metros.—Corrida rasa, para homens já vencedores em qualquer club de pareos de 500 metros para cima, sem vantagens. Premio: um porta-cigarros de prata e ouro. 9 inscriptos.
- 4º pareo—1120 metros.—Velocipedes para meninos, com vantagens. Premio: um relógio (Remontoir). 6 inscriptos.
- 5º pareo—150 metros.—Corrida rasa, para moças de 14 annos para cima, com vantagens. Premios: á primeira, uma pulseira de ouro e rubins; á segunda, uma pulseira de prata e ouro. 4 inscriptos.
- 6º pareo—300 metros.—Corrida rasa, para homens, com vantagens. Premio: um despertador de nickel dourado. 16 inscriptos.
- 7º pareo—200 metros.—Corrida rasa, para moços de 12 a 15 annos, com vantagens. Premio: um relógio. 7 inscriptos.
- 8º pareo—1400 metros.—Corrida rasa, para homens, com vantagens. Premio: um par de botões para punhos, ouro e brilhantes. 14 inscriptos.
- 9º pareo—140 metros.—Corrida rasa, para meninos de 7 a 11 annos, com vantagens. Premio: ao primeiro, uma guarnição completa para camisa; ao segundo, um par de botões para punhos, ouro e perolas. 9 inscriptos.
- 10º pareo—280 metros.—Corrida com barreiras, para homens, com vantagens. Premio: uma corrente de ouro. 13 inscriptos.

O 1º pareo terá logar ás 11 horas precisas, e nenhum direito a reclamação terão os Srs. inscriptos, se não comparecerem no edificio social a tempo de tomar parte no referido pareo.

HAVERÁ BONDS E BARCAS A TODA HORA

O 1º SECRETARIO, J. DE CASTRO

JOCKEY-CLUB

PROGRAMMA DA QUINTA CORRIDA

NO PRADO FLUMINENSE

DOMINGO 15 DE AGOSTO DE 1886

(A' 12 horas) — 1º pareo — GUANABARA — Animaes nacionaes de 4 annos e mais — 2.500 metros — Premios: ao primeiro 2.000\$ ao segundo 500\$ e ao terceiro 250\$ — Inscricção 100\$

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Talisman.....	Alazão.....	6 annos	S. Paulo.....	54 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
2	Boreas.....	Castanho.....	5 »	Idem.....	52 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
3	Diva.....	Alazão.....	4 »	R. de Janeiro.	47	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.

A's 12 3/4 horas — 2º pareo — FERREIRA LAGE — Animaes nacionaes de meio sangue, que ainda não tenham ganho este anno — 1.300 metros — Premios: ao primeiro 600\$, ao segundo 200\$ e ao terceiro 100\$ — Inscricção 30\$

1	Peralta II.....	Castanho....	4 annos	Paraná.....	52 kilos	Preto, branco e encarnado.	C. P.
2	Nicoafi.....	Idem.....	4 »	Idem.....	52 »	Azul e branco.....	J. P.
3	Caporal.....	Alazão tost... 4 »	»	S. Paulo.....	52 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.
4	Biscaia.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	50 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
5	Pretoria.....	Libuno.....	5 »	Idem.....	52 »	Idem e havana.....	A. C.
6	Bitter.....	Preto.....	5 »	Idem.....	54 »	Idem e emarello.....	H. J. da Silva
7	Intima.....	Castanho.....	5 »	Idem.....	52 »	Ouro e encarnado.....	D. A.
8	Araby.....	Alazão.....	4 »	R. de Janeiro.	52 »	Granado e lyrio.....	Mario de Almeida.
9	Bonita.....	Idem.....	5 »	S. Paulo.....	52 »	Azul e encarnado.....	José Machado.

(A's 1 1/2 horas) — 3º pareo — INTERNACIONAL — Animaes de todos os paizes e de puro sangue, até 4 annos — 2.000 metros — Premios: ao primeiro 1.500\$; ao segundo 400\$ e ao terceiro 200\$ — Inscricção para estrangeiros 100\$, para nacionaes 50\$.

1	Coupon.....	Alazão.....	3 annos	França.....	50 kilos	Azul, branco e encarnado...	Coudelaria Cruzeiro a.
2	Phrynéa.....	Castanho.....	4 »	Inglaterra....	55 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
3	Scylla.....	Idem.....	3 »	Idem.....	48 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
4	Gaudriole.....	Idem.....	3 »	França.....	48 »	Havana e branco.....	Idem idem.
5	Satan.....	Idem.....	3 »	Idem.....	50 »	Granat e bonet ouro.....	Mario de Souza,

(A's 2 1/4 horas) — 4º pareo — YPIRANGA — Animaes nacionaes de 3 annos — 2.000 metros — Premios: ao primeiro, 2.500\$; ao segundo 600\$ e ao terceiro 300\$ — Inscricção 100\$.

1	Dandy.....	Vermelho.....	3 annos	S. Paulo.....	52 kilos	Verde e amarello.....	F. Vianna.
2	Galgo.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	50 »	Azul, branco e grénat.....	S. M.
3	Monitor.....	Castanho....	3 »	Idem.....	50 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
4	Plutus.....	Idem.....	3 »	Idem.....	52 »	Azul, branco, enc., e faixa.	Idem idem.
5	Plutão.....	Douradilho..	3 »	Idem.....	50 »	Velludo, azul e grénat.....	Lazaro & Lima.

(A's 3 horas) — 5º pareo — MAJOR SUCKOW — Animaes nacionaes de meio sangue — 2.000 metros — Premios: ao primeiro 1.000\$; ao segundo 300\$ e ao terceiro 150\$ — Inscricção 50\$.

1	Boyardo.....	Alazão.....	5 annos	S. Paulo.....	54 kilos	Branco e estrellas azues...	Coud. Guanabara
2	Nicoafy.....	Castanho....	4 »	Paraná.....	52 »	Azul e branco.....	J. P.
3	Regalia.....	Vermelho....	5 »	S. Paulo.....	52 »	Branco e bonet encarnado..	Mario de Oliveira.
4	Druid.....	Tordilho....	4 »	R. de Janeiro.	52 »	Branco e lista encarnada...	Oliv. Junior & Lopes.

A's 3 3/4 horas — 6º pareo, suplementar — EXPERIENCIA — Animaes de todos os paizes — 1.609 metros — Premios: 800\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro — Inscricção 50\$ para estrangeiros e 25\$ para nacionaes.

1	Dr. Jenner.....	Zaino.....	4 annos	Rio da Prata.	57 kilos	Grénat e bonet ouro.....	Oscar Machado.
2	Dignitaire.....	Alazão.....	3 »	França.....	55 »	Preto, branco encarnado..	Coudelaria Paraizo.
3	Sylvia II.....	Idem.....	5 »	S. Paulo.....	60 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
4	Sybilla.....	Zaino.....	4 »	Idem.....	54 »	Azul, branco, e enc. e faixa	Idem idem.
5	Victoria.....	Idem.....	3 »	Inglaterra....	53 »	Vermelho.....	Coud. Mirim.
6	Aspasia.....	Castanho....	4 »	Idem.....	55 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.

(A's 4 1/2 horas) — 7º pareo — DEZESEIS DE JULHO — Animaes de qualquer paiz, até 3 annos — 1.609 metros — Premios: ao primeiro 1.000\$, ao segundo 300\$ e ao terceiro 150\$ — Inscricção para estrangeiros 80\$ e para nacionaes 40\$.

1	Peruana.....	Zaino.....	3 annos	Inglaterra....	48 kilos	Az. e ama.; b. enc. e azul...	J. Rocha.
2	Coupon.....	Alazão.....	3 »	França.....	50 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
3	Scylla.....	Castanho....	3 »	Inglaterra....	48 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
4	Satan.....	Idem.....	3 »	França.....	50 »	Grénat e bonet ouro.....	Mario e Sousa.

OBSERVAÇÕES — Previno aos jockeys que deverão apresentar-se ao peso conveniente-mente vestidos, de accordo, com a inscricção e pontualmente ao toque da sineta, e que infracção será punida com as penas do codigo.

Rio, 11 de Agosto de 1886.

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 21 DE AGOSTO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 86.

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	V. MAGALHÃES.
O duello e a imprensa...	Jorge Rodrigues.....
No outono, seneto.....	R. CORREA.
Palestras femininas.....	A. A. L. VIEIRA.
Duellos.....	X.
A mulher do marujo, poesia.....	A. DE OLIVEIRA.
Contos a premio—A reabilitação.....	JULIA LOPES.
Gazetilha litteraria.....	S.
Cofre das graças.....	BIBIANO.
Genio nativo, soneto.....	ISABEL SOUTO.
Aqui, ali, acóia.....	PASSEPARTOUT.
Bellas Artes.....	A. PALHETA.
Theatros.....	P. TALMA.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Factos e Noticias.....	FR SIMPLICIO.
Tratos á bóia.....	
Recebemos.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CORTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

O DUELLO E A IMPRENSA

Todos os amigos do Dr. Ferreira de Araujo,— que são muitos,— e as pessoas que de nome o conhecem,— que são todas,— quando viram que elle não respondia pela *Gazeta de Noticias* ao violentissimo artigo do proprietario d'O Paiz, o Sr. commendador Reis, publicado a 14 do corrente, adquiriram desde logo a certeza de que o brioso jornalista pediria pelas armas uma satisfação a quem havia firmado esta offensiva phrase: « Na redacção da *Gazeta de Noticias* não ha um cavalheiro a quem se possa offerecer ou de quem se possa aceitar uma reparação de honra. »

Tal certeza decorria naturalmente do conhecimento que todos tinham do character do Dr. Araujo, sabendo-se de ante-mão que elle, embora não esteja o duello nos costumes do paiz, ao duello

unicamente poderia recorrer, em desaggravo da sua e das pessoas dos seus companheiros, pois não desceria nunca a empregar, para esse fim, a força do seu pulso, em plena rua, com intimo e largo jubilo dos gulosos de escandalos.

Assim pois, a noticia de se haver effectuado o encontro, se a todos interessou,— a ninguem surpreendeu.

Ninguem tampouco se admirou de haver o Sr. commendador Reis accettato o duello com as condições em que lhe fora proposto, porquanto de todo o seu artigo e especialmente do trecho: « As unicas armas que sabem manejar são a pedra, enquanto podem correr, ou o punhal, se lhes é permittido por surpresa aggreir a victimá dos seus odios », transparecia claramente a intenção de provocar a solução definitiva, solemne e cavalheirosa, de um encontro por outras armas que não a pedra ou o punhal.

Innumeros e desencontradissimos foram e têm sido os comentarios sobre esse grave acontecimento, que absorveu todas as attentões nesta semana. A maioria tem-se pronunciado contra o duello, taxando-o de uso barbaro, improficuo como reparação, e ridiculo.

Não procedem taes objecções. A prova de que o duello não é uso barbaro está em ser elle adoptado pelos povos mais civilizados, não obstante a severidade das leis que o reprimem, não existindo, exactamente, naquelles, que, como o nozso, ainda estão, mais ou menos, incultos.

Um cavalheiro educado e correcto não se sugoita ao ridiculo esmagador das vias de facto em publico, com os comicos incidentes das roupas rotas, do chapéu combalido, das ecchymoses do murro e da intervenção policial.

A sorte das armas em um combate singular é incerta; muitas vezes é victima o offendido; bem o sei. E a prova ainda a tivemos agora: O Dr. Araujo foi o menos protegido do acaso, que lhe deu a posição mais desfavoravel, e cuja pistoia falhou. Mas na aggressão por vias de facto encontram-se os mesmos inconvenientes; pois no caso de ser o insultado o mais forte, o insultado, aggreindo-o em desaffronta, póde ter a certeza de apanhar, sobre a injuria, uma boa sova, sahindo afinal injuriado, batido e coberto de ridiculo. Para o Publico— esse feroz animal domestico — quem tem razão é sempre quem tem mais força.

A' vista d'isto parece que só ha um recurso: o assassinato. Solução deshonrosa que é muito mais perigosa, e muito mais barbara do que o duello.

Longe estou de aconselhar esta ou aquella a quem quer que seja. Cada homem é o unico juiz de sua propria honra e dignidade; no intimo tribunal da consciencia deve julgar das offensas que lhes forem feitas. Como, porém, ha na vida, ainda a mais prudente e honesta, situações violentas, que demandam soluções de excepcional energia, parece-me util debaterem-se estes graves assumptos com desprevencão e cuidado. E' c que, pela minha parte, procuro fazer.

Ha casos extraordinarios em que se não deve recorrer ao duello; nos quaes, desgraçadamente, a gravidade da offensa á honra e circunstancias supervenientes apontam uma unica desaffronta:— matar. Mas em todos aquelles em que o offendido tenha, para desaggravar-se, de expor-se a accrescentar á dor do insulto a vergonha de ser offendido physicamente, deve ser o duello adoptado.

O que eu não posso comprehender, o que me enche de pasmo é que se ache comico (*comico!*) o facto de se encontrarem dois homens face a face, com duas armas de fogo apontadas de um para outro, a poucos passos de distancia... da morte. Aham talvez muito mais digno e muito mais solemne o engalfinhamento na rua, sopapo para cá, bengalada pr'a lá, apitos, sangue, gallos na frente, compressas de amica e comentarios alegres dos noticiaristas falhos de assumpto!

Onde me parece indispensavel o duello é entre os homens da imprensa. Facto curioso, este: Um jornalista não supportará que um collega lhe diga na face uma phrase offensiva do seu character; e consente, no emtanto, que elle, pela imprensa, na grande publicidade, lhe atire ao rosto as mais pungentes injurias, os mais percucientes doestos, limitando-se a retrucar-lhe com equal violencia, até o ponto de ceder por falta de desaforos ou vencido pelo... can-saço!

Isto é vergonhoso, é triste; e é preciso que acabe.

O Dr. Araujo, desafiando a um duello o Sr. commendador Reis, e este, accettando-o, firmaram um precedente francamente louvavel e com o qual a imprensa terá muito a ganhar em moralidade.

E' preciso que se passe a dar algum valor á letra de forma e que se termine, por uma vez, com a vergonhosa impunidade até hoje mantida para as injurias e aggressões á honra—pela imprensa.

Esta, porém, não será digna, aqui, da missão que se propoz realizar, emquanto nella persistirem esse parasita immundo e damnhinho—o *testa de ferro*, e essa anomalia monstruosa, que só no Brazil se encontra,—a *publicação a pedido*.

Oxalá quizessem os nossos grandes orgãos de publicidade firmar entre si um solemne convenio para expulsarem e varrerem de suas columnas esses dois elementos corruptores, estancando essas fontes, de receita, é certo, mas principalmente— de vergonha e desmoralisação! Desde que todos os jornaes o fizessem, nenhum perderia em proventos e a bella e grandiosa instituição ganharia tudo!

E nunca mais teriamos a magua de ver um homem como o Dr. Ferreira de Araujo sentar-se á barra de um tribunal, como réu, e arriscar a sua vida em duello, por arrostar honradamente, intrepidamente, com todas as consequencias, de, acompanhando os seus collegas, manter o *apedido* e o *testa de ferro* em seu magnifico jornal. A tranquillidade

e a vida de um jornalista como o redactor chefe da *Gazeta de Noticias* são por demais preciosas para serem expostas e perturbadas em emergencias como aquellas.

O momento é opportuno para meditar e resolver sobre todas essas questões. Aproveitemo-lo, pois.

Rio, 20—8—86.

VALENTIM MAGALHÃES.

JORGE RODRIGUES

Victima de uma tísica pulmonar succumbio na cidade da Victoria o esperançosissimo poeta Jorge Rodrigues, filho do desembargador Rodrigues, actual presidente da provincia do Espirito Santo.

O distincto e operoso moço foi fundador e director d'O *Domingo*, importante hebdomadario que, á feição d'esta folha, era exclusivamente consagrado ás lettras, e que appareceu em Setembro do anno passado em S. João de El-Rei.

Jorge Rodrigues deixa, além de um volume de poesias intitulado *Fugitivas*, muitos trabalhos poeticos esparsos em varias folhas; d'entre elles alguns de incontestavel merecimento e que patenteam cabalmente o quanto era lucido e largo o espirito do joven poeta.

Ultimamente cuidava Jorge Rodrigues de reunir os seus versos novos e publical-os em um segundo livro que fez annunciar sob o titulo *Manhãs de Estio*.

Não-lhe foi dada semelhante alegria. Antes das suas *Manhãs* veio a morte arrebatall-o para a noite intermina do Nada.

Levou-o, deixando-nos feridos pela saudade e pela dolorosa magua d'esta lamentavel perda.

Ao respeitavel pae do mallogrado moço — os pezames d'*A Semana*.

NO OUTONO

A ardencia em vão te applaca ao labio lindo
Esso angelico sopro e halito ameno;
—Vento autonal de longes campos vindo,
Cheios de fresco, de cheiroso feno—;

Antes, sob o anilado espaço infindo,
Vissemos nós, verdes, em flor e em pleno
Ar, humidadas do choro do sereno,
As lrangeiras virginaes sorrindo;

Antes, da primavera o sol, que amamos,
Seus dardos a partir contra os abrolhos,
Que a rocha viva brota, hispidos, brutos;

E, em vez dos fructos de ouro, que ha nos ramos,

Antes, querida, vissem nossos olhos
As flores, que eram berços d'esses fructos.

RAYMUNDO CORREA.

PALESTRAS FEMININAS

PEDAGOGIA INFANTIL

Disse na minha ultima palestra sobre — pedagogia infantil — que « mentir ás crianças e sempre um prejuizo; além de incutir idéas falsas, pode fazer perder a confiança na veracidade de todas as outras explicações ». Acrescento hoje que o sermos apanhados em mentira é o inicio da falsidade, propensão fatal e innata nas criancinhas.

As crianças aprendem a mentir desde que principiam a entender o que vêm e ouvem; as mães e as amas enganam-nas promettendo-lhes, para que se calem, passeios e gulodices que não tencionam proporcionar-lhes, ou castigos que não infligem, e todos sabemos que aquelles pequeninos seres reflectem e deduzem.

Diz Montaigne que « a teima e a mentira crescem na criança, tanto quanto ella ». Para que esse natural pendor se desenvolva, basta que o pequenino repare que o enganam com promessas; que dizem teem-se acabado os bolos e amendoas para que elle não abuse comendo mais do que convem; que o distrahem para que elle não veja sahir a mamã, etc.

Aconselha nos Fenelon, que não finjamos para sócegar ou persuadir as criancinhas.

Tem razão o mestre; fingindo, ensinamos a nossos filhos a astucia que elles não mais esquecem.

O exemplo é tudo nestes casos.

A nossa franqueza e verdade obrigará o anginho a ser verdadeiro e franco, ás vezes mesmo franco de mais, porque a criança não conhece conveniencias, diz em geral tudo o que pensa, sem pensar o que diz. Adoráveis indiscripções essas, que nos permitem ler claramente na alma dos nossos amados discipulos e dirigir proficuamente a educação que desejamos dar-lhes.

Desde a idade de um anno sente a criança que nem tudo o que fazemos e dizemos, com referencia a ella, é real, e começa por sua vez a tentar empregar a finura que é intuitiva em toda a organização animal, e ali a temos a occultar-se para fazer aquillo que lhe prohibimos; a tirar sorrateiramente dos armarios fructas ou doces, prompta a lançar a culpa ao gato ou aos famulos.

Depois de manifesta a tendencia fatal, que faremos nós, mães ou educadoras?

Corrigil-a, mostrando não crer em mais nada do que diz o *pequeno mentiroso*, dizendo-lhe: — Não creio; o menino mentiu uma vez, pôde estar mentindo agora.

Saber que o não crém é um dos maiores castigos para uma criança educada.

Tudo induz a criança a tentar illudir-nos: são as principaes causas a preguiça, a desobediencia e a inveja, defeitos ingenuos de todas essas encantadoras innocencias. Exemplo:

Dizemos a uma criança entretida a um canto, a enfileirar soldados de chumbo ou a fazer um acampamento com cartas de jogar: — Meu amor, vae buscar um livro que deixei ficar, ha pouco, sobre o piano. O pequenito ergue-se a custo, vagarosamente, dá, com evidente preguiça, dois ou tres passos no corredor, pára instantes, e volta dizendo não ter encontrado livro algum sobre o piano, aparadores ou cadeiras da sala (isto para que o não mande a mamã voltar a procural-o.)

Outro: A mamã: — Filhinho, vae chamar o jardineiro. Filho: — Vou já, mamã; deixe-me primeiro acabar de arrumar esta paciencia. Mamã: — Lulú, acabaste a tua paciencia e advirto-te de

que não abuses da minha, faze o que te mandei. — Filho: — Já não sei o que foi. E principia outro quadro. Mamã: — Chamar o jardineiro. — Filho: — E para que, mamã, queres tu falar com o jardineiro?

E' claro que a criança tenta com perguntas e demoras ver se consegue retardar o momento de obedecer.

Chamemos ciume, sim? em vez de inveja, ao terceiro incentivo da mentira e injustiça infantil: — Violeta viu um dia que a sua mamã beijava havia alguns segundos o Baby sem parecer notar que ella ali estava, o disse, com os olhos cheios de lagrymas zelosas: — Ah! mamã, sabes? Baby foi hoje muito máu: atirou uma grande pedra ao teu canario que o ia matando ». Tinha apenas nove mezes o accusado, que nada mais sabia do que beijar os que o beijavam.

Violeta, a loira calumniadora de tres annos, foi privada das caricias da sua mamã durante toda a tarde, e foi ao calumniado, que a não entendia, que ella pediu publicamente perdão do aleive. Assim o determinou a mamã.

Empreguemos sempre, em vez de correctivos violentos, a justiça e a bondade e alcançaremos tudo que quizermos da criança que educamos.

Reprehender com brandura, mostrando claramente a dôr que nos causa o precisar fazel-o, produz vivissima impressão na nossa adorada delinquente.

Evitemos, com o maximo cuidado, ralhar por faltas commettidas involuntariamente. Ha, entretanto, mentiras (quem o poderia crer?) que devemos louvar; são essas as dictas para desculpar alguém que amamos. Para um exemplo dou, reverente, a palavra a Luiz de Ratisbonne, transcrevendo aqui o delicioso conto que, com o titulo: *Mensonge charmant*, faz parte da adoravel collecção — *Comedie enfantine*.

«Le mensonge est affreux! Honte à celui qui ment!
A moins que ce ne soit pour excuser son père.
Marcel un jour mentit, par extraordinaire,
Et ce fut un mensonge adorable et charmant.
Le méchant Valentin, dans un transport de rage,
Se jette sur Marcel et le mord au visage.
Marcel crie: Au secours! Le père accourt et dit:
«Qu'as tu?»

— Moi! rien du tout, fait Marcel interdit,
En essuyant le sang qui rayait sa figure
—Ce sang n'est pas venu tout seul, je me figure.
D'où te vient cette marque à l'oreille?»

—De rien? —De rien!
—De rien? c'est merveilleux! Mais je vois un va-
rien
Qui saura m'expliquer, je crois, cette merveille.
—C'est moi-même, papa! J'ai mordu mon oreille!
—Cher enfant, dit le père en l'embrassant, c'est fort.
Tu devais pour cela faire un étrange effort,
Car tu n'as pas la bouche aussi grande que l'âme!
Il partit, mais l'auteur de la morsure infâme
En face de Marcel sentit son coeur alors
Mordu par une dent terrible: le Remords.»

E' ainda perdoavel a mentira dicta para fugir a uma reprehensão ou castigo; ainda assim devemos acostumar as crianças, a confessar o que fizeram, para serem perdoadas, sem comtudo levar ao extremo a tolerancia, que os animaria a commetter maiores faltas, certos da impunidade que a sua franqueza compraria, recebendo ás vezes elogios — merecidos antes de ser a franqueza premeditada — pelo seu justo horror á mentira. O facto de ser franco não deve assegurar perdão completo, e sim attenuar na proporção da franqueza, a reprehensão merecida.

Não perguntemos nunca de chofre e com ar severo a uma criança que commetteu uma falta:

— Quem fez isto? Foste tu? Porque a criança assustada negará inevitavelmente e aprenderá a mentir.

Termino por hoje, com uma sabia reflexão de J. J. Rousseau, do seu famoso livro — *Emile ou l'Education* —: « Não ha nada mais indiscreto do que perguntar a uma criança, em face e de

repente:—Foste tu? principalmente se a criança é culpada; porque, se ella cre que sabeis tudo, verá que lhe armais um laço e esta idéia a indisporá certamente contra vós: e se cre que nada sabeis, dirá consigo: Para que hei de descobrir a minha falta? e ahí tendes a primeira tentação de mentir, causada pela vossa imprudente pergunta.»

ADELINA A. LOPES VIEIRA.

DUELLOS

Sobre este assumpto, que foi o da semana, vem a proposito o seguinte, que extrahimos de um jornal francez:

«O facto mais saliente da semana foi o duello do general Boulanger, ministro da guerra, com o Sr. Lareinty, senador.

Sabe-se que o general Boulanger tinha, da tribuna do Senado, qualificado de insolente a carta do Duque d'Aumale dirigida ao presidente da Republica.

O Sr. Lareinty respondeu-lhe que era cobardia atacar um ausente. O general Boulanger julgou que o epitheto de cobarde, applicado a um ministro da guerra, exigia uma reparação pelas armas—e um duello á pistola ficou decidido.

Neste duello, os dois adversarios deram eguaes provas de coragem.

Diversas versões houve sobre este duello. Limitarnos-emos a publicar a acta redigida pelas testemunhas, pois unicamente ella tem character de authenticidade.

«Pariz, 17 de Julho de 1886.

De accordo com as disposições determinadas na acta de 16, realisou-se o encontro esta manhã, ás nove horas, no parque de Chalais, em Meudon. As armas, depois de preparadas e carregadas, foram tiradas á sorte e entregues aos adversarios que se collocaram na distancia convencionada e atiraram ao signal dado. Nenhum d'elles foi ferido.

Depois do tiro, verificou-se que a pistola do Sr. Ministro tinha fallado; as testemunhas, julgando que as condições tinham sido lealmente preenchidas, declararam a honra satisfeita. Os dois adversarios approximaram-se e apertaram as mãos.

Assignaram:

General Frébault. — General Espivent
— De La Ville boisnet. — General Lecointe
— Hervé de Saisy.»

Como se acaba de ver, ha mais de uma coincidência entre aquelle duello e o que acaba de se realizar entre nos.

Aurelien Scholl, fez, entre outros, os seguintes espirituosos commentarios: «Engraçado haver sido exactamente a pistola do Sr. ministro da guerra a que fallou. Eis um accidente que deve dar uma bem triste idéia do nosso material bellico no Estrangeiro.

Uma pistola official, uma pistola destinada a um alto personagem, uma pistola carregada por um official de artilharia, uma pistola que reúne todas as garantias e que, no momento dado, faz fiasco—como um discurso de Turquet!

O culpado d'isso foi, naturalmente, o Sr. Pasteur. O heroe das subscrições publicas assustou por tal forma as populações com os boatos calunniosos que tem feito correr sobre a hydrophobia, que as testemunhas entregaram ao Sr. Boulanger uma pistola de cão... açaimado.»

X.

A MULHER DO MARUJO

O amante—homem do mar, bebado sempre—em viúdo
A' terra, lá se fica a resmungar, dormindo,
Modorrando onde affouto a amarra da catraia
Prendêra. E' um como esvão no penhascal da praia
Rude o abrigo que o tem. Ella, de desabado
Chapéu de couro secco, o jaquetão breado,
Com os sapatos brutaes brutalmente maichando,
Sae, as casas, a rua, idiotamente olhando.
Dizem se a vêm assim:—«E' marinha e pobre!»
E acontece que alguém de azinhavrado cobre
Põe-lhe ás vezes, passando, uma moeda no sacco.
A' noite volta á praia, e procura o buraco
Da pedra, o anfracto escuso, a cavidade bronca
Onde, babada a bocca, o homem arqueja o ronca.
De quando em quando o mar incha e o penedo alaga,
Rôla, estrondando rouca, enraivecida a vaga,
E elle dorme... Ella, emtanto, ao lado já deposto
Tendo o sacco, a cerviz, o acobreado rosto
Inclina, e fica a ver quando o marido á fala
Torna, acordando ali para afinal beijal-a.

ALBERTO DE OLIVEIRA.

CONTOS A PREMIO (*)

A REHABILITAÇÃO

(Mais vale tarde do que nunca)

Pelas penedias escabrosas da villa, donde sanira havia vinte annos, lá ia o velho Simão montado na mula pachorrenta e docil, assidua viajora d'esse caminho traçado na montanha.

Alugara-a em baixo, no sopé da serra, a um caboco de voz arrastada e mascula, grande cabelleira negra, alto e musculoso, barba á nazarena, curta e rala, morbidez no olhar e face á cinta.

O caboco não o enganara: o animal era bom; pizava com firmeza, alitava as orelhas ao menor rumor, desviava-se das ribanceiras, que desciam da estrada barrenta, secca e batida do sol, á grota sombria, mysteriosa, rumorejante d'agua a correr, soluçando entre pedras limosas e troncos cobertos de musgo. Os seixos, deslocados pelas patas da mula, rolavam pela ladeira ingreme, uns após outros; o velho Simão, com grande chapéu de Chile a sombrear-lhe o rosto vermelho de cansaço, a bolsa a tiracollo, o casaco de brim manchado de suor, os olhos cerrados á muita claridade do dia azul e quente, o velho Simão não parava um momento, e no seu cerebro as idéias, succediam-se, perdendo-se umas após outras, como os seixos do caminho.

Eram quatro horas quando viu ao longe a casaria da villa.

Chegára a um ponto de paragem, onde navia sombra e um regato, que serpeava alegremente num tapete de relva; deu réleas ao animal, que, curvando o pescoço, bebeu soffregamente da agua em que o arvoredo estenlia a mancha negra das frondes.

O velho tirou o chapéu, limpon a fronte humedecida, aspirou aquelle suave frescor, que vinha perfumado da floresta, e estendeu a vista para além, para a villa, que se elevava risonda, florida, como um presepe armado pela mais crente devota.

Sahira d'aí havia vinte annos, por uma noite escura e triste como uma enxovia, perseguido e acabrunhado. Nem uma estrella, nem um canto, a não ser o das corujas pousadas nos galhos d'essas mesmas arvoredos, que estavam agora cheias de aves gorgeadoras e felizes!

Lembrava-se tão bem de tudo!

(*) Este conto obteve o 3º lugar no concurso por nós aberto.

N. DA R.

A mulher amaldiçoava a sua sorte, apertando ao peito o filho recém-nascido, que chorava por não encontrar o leite, que o desespero seccara; a filha mais velha tinha febre, e gelada, coitadinha, e a tossir muito!...

Elle supplicava de mãos postas que tivessem paciencia; ao que a mulher respondia com uma ironia e a filha com um soluço. Que noite interminavel fóra aquella!

Nem um amigo! Fugira como um assassino, elle, que estremecia de horror quando qualquer criança atravessava com um alfinete o delicado corpo de uma borboleta!

—Ah! que se eu não tivesse mulher e filhos... matava-me! dizia elle, nessa noite tragica, com as mãos crispadas.

Qual tinha sido o seu crime?

Fallira: dera grande prejuizo á gente principal da terra; ameaçaram-n'o com a prisão e anonymamente com a morte.

O ultimo, o unico recurso que se lhe apresentou foi esse, tão ignominioso— a fuga; fugio.

No outro dia, na villa, choveriam sobre seu nome todas as accusações, todos os epithetos infamantes. Havia de ser assim; e, afinal, elles teriam razão; isso é que lhe doia muito— o elles terem razão!

Ah! que se não fossem a mulher e os filhos... repetia elle a todo o instante.

Eram passados vinte annos; no entanto, aquella noite sentia-a ainda a obumbrar-lhe o espirito.

E' que lhe tinha deixado na alma toda a sua escuridão e o tetrico piar das corujas!

Durante esse intervallo trabalhou muito, o pobre Simão; economison moeda a moeda; fez-se avarento, o infeliz!

Os filhos não tinham aspirações, a mulher acabára resignando-se, elle não; instigava-o um pensamento unico, redobrava de actividade á proporção que diminuia de forças.

Um dia entrou radiante de alegria em casa. A mulher parou de coser, a filha de engommar, interrogando o velho ansiosamente. Elle chorava e ria, o poltrão! Agruparam-se attonitos ao redor d'elle, que aclarou o mysterio da sua alegria, dizendo que já tinha com que pagar aos seus credores!

No outro dia, ao despontar da aurora, poz-se a caminho por aquellas montanhas; descera-as a tactear nas trevas, estremecendo de medo ao menor rumor da folhagem, com a alma pequena, o passo vacilante, o corpo enfraquecido;

e tinha então menos vinte annos! Agora palpitava-lhe jubiloso o coração ao subir aquella mesma serra, á clara luz do sol brilhante e puro, a sancta, a divina luz!

Sentia uma força, um vigor estranho; sorria, admirava a natureza, via cousas que não vira havia vinte annos, vinte annos em que trabalhou dia a dia com os olhos fitos no mesmo ponto — a sua reabilitação.

De porta em porta bateu o velho, pagando com lealdade as suas dividas. Ninguém o esperava já, por isso admiravam-se, manifestando-lhe abertamente o seu espanto, ao que elle respondia satisfeito: *mais vale tarde do que nunca.*

Finda esta missão, voltou o honrado homem ao seu lar. Pelo caminho ia gozando de um sentimento novo, suave, festivo, como o que experimentaria um galé a quem tivessem dado a liberdade.

Cantavam as aves, punha-se o sol, doirando a ramaria das mattas, e elle ia, o velho, com a fronte levantada, o sorriso nos labios: sabia, oh! se o sabia! que havia de encontrar em casa a pobreza, mas a sua consciencia sorria-lhe, mas voltava honrado, mas podia agora morrer abençoando os filhos, que haviam de respeitar-lhe a memoria, e abençoal-a tambem.

Ah! a honra, a honra é uma cousa sancta!

Quando o velho Simão chegou a casa esperavam-no alegremente todos. Nem fome, nem miseria; elle nada viu senão os braços das filhas, que se lhe estendiam saudosos e o sorriso da esposa, terno, acariciador.

Então, por uma transposição subita, lembrou-se do que pensára naquella terrivel noite: Se não tivesse mulher e filhos... matava-me! e afastando essa recordação amarga, fitou feliz o olhar naquelles rostos amados, assim como o nauta deve olhar para o pharol que o salvou do naufragio, guiando-o como uma boa estrella...

JULIA LOPES.

(W.)

GAZETILHA LITTERARIA

Já entrou nos prelos da livraria Mattos Moreira, em Lisboa, o formoso livro—*Contos Infantis*, em verso e prosa, sendo os em verso originaes de D. Adalina A. Lopes Vieira e os em prosa de sua irman D. Julia Lopes.

O altissimo valor litterario d'este livro já o publico o terá avaliado, porque alguns d'aquelles contos têm sido publicados na *Semana*, da qual são collaboradoras assiduas as duas gentilissimas auctoras, e em varios outros jornaes.

Podemos affirmar que o livro é precioso, como obra d'arte e como obra didactica, destinada ás escolas, onde muito servirá para a educação moral e desenvolvimento intellectual dos alumnos e alumnas.

Esperamol-o com anciedade.

Vae entrar no prelo das primorosas officinas de Moreira Maximino & C. o livro de versos do nosso collega Filinto d'Almeida—*Aquarellas*.

S.

COFRE DAS GRAÇAS

A' grave partida de honra cujo desfecho feliz a todos satisfez, não faltaram tambem os commentos humoristicos.

Damos em seguida alguns dos dictos de espirito a que deu logar esse duello:

— Com que então, está lavada a honra?

— Pudéra: na Ilha d'Agua!

— Vê tu que caiporismo do Dr. A: a pistola d'elle negou fogo.

— Constipou-se; era natural: naquella ilha...

— Pois o que me admira é que ella, tendo-se constipado, não espirrasse...

— Terrivel testemunha—o Sr. G. F. Propoz que os adversarios atirassem tres vezes, a 30, a 25 e a 20 passos. O diabo do homem, ao que parece, queria por força que houvesse naquelle encontro de honra—um cadaver.

— Pois era facil: se me tivesse faldado, podia ter-lhe mandado um, ou mais. *Cadaveres* é o que me não falta!

— Eu sou pelos duellos. Vivam as ameixas de fogo!

— Mas porque?

— Olha: o nome é uma voz com que se dá valor ás cousas e a *ameixa* uma fructa com que se dá valor aos nomes... feios.

— Que farias tu no caso do R. se o teu antagonista te pedisse que te retratasses?

— Corria logo á casa do Pedro da Silveira.

— Para que?!...

— E' boa: para me retratar!

Na *Maison Moderne*:

— Vae agora cahir em moda o duello.

O Fortes:

— Qual! Isto não é povo para duellos. (Apontando para as mesas, cheias:) Um povo que se arruina em cerveja e comidas frias!...

BIBIANO

GENIO MATUTINO

Segue... na margem glacial do rio Pára e contempla a agua crystallina, Pensa, e, sorrindo, lentamente inclina O dorso, tóca da corrente o fio.

Beija-lhe a fronte o vendaval, tão frio! Pende o lirio coberto de neblina... E ella sae a passio, tão franzina! Pisando a margem glacial do rio.

Emquanto o dia dorme, ella, scismando, Centempia tudo; o passo retardando, Percorre o bosque tremulo, sombrio...

Mas quando vem do sol a luz doirada, Desapparece a matutina fada Que brinca á margem glacial do rio.

24 - 5 - 86.

IZABEL SOUTO.

AQUI, ALI, ACOLÁ

Nova homenagem prestada ao methodo de Pasteur.

Os jornaes inglezes publicam uma carta, que lhes foi dirigida de Paris, pelo Dr. Charles R. Drysdale, medico director do hospital livre metropolitano de Londres, sobre o methodo da Pasteur contra a raiva.

O Dr. Drysdale em consequencia de operações feitas sob suas vistas e dos resultados obtidos, declara que não pode já haver a menor duvida acerca de sua efficacia.

« Considero a questão como perfeitamente resolvida, diz o medico inglez, e aconselho a todas as pessoas mordidas a se submeterem ao tratamento facil do Sr. Pasteur. »

Só em França, nos corticos da democracia, contestam ainda a gloria do illustre sabio.

Deibler, o carrasco francez, deve estar inquieto. Dentro em pouco, sem duvida, um engenheiro electrico substitui-o-á.

O senador Charton vae de novo apresentar a sua proposta para ser empregada a electricidade nas execuções capitaes. Pedirá tambem o illustre senador em ordem do dia para que seja adoptado o seu projecto relativo á suppressão da publicidade das execuções.

Dois casamentos de sensação em Paris: o de uma filha do Sr. Laurent Pichat com o Sr. Risler, irmão de Mme. Jules Ferry; e o de uma sua sobrinha com o Sr. A. Hovelague, presidente do conselho Municipal.

Por Sully-Prudhomme foi offerecido á Academia Franceza o primeiro exemplar de um novo volume de poesias de que elle é auctor, intitulado *Prisme*.

Foi já publicado o primeiro numero da revista *O Volapuk* dirigida pelo Sr. Kerckhoffs que valentemente responde ás criticas que fizeram os adversarios do *Volapuk*.

PASSEPARTOUT

BELLAS ARTES

EXPOSIÇÃO ORGANISADA PELOS ALUMNOS DA IMPERIAL ACADEMIA DE BELLAS ARTES.

(Conclusão)

O alumno Fabricio Gomes apresenta dez quadros, em que se nota pequeno desenvolvimento de vocação artistica, porém muito estudo das perspectivas: A *Janella* (efeito de planos intermedios) o *claustr* (estudo das tres posições de anguló) e uma paisagem (aquarella) provam claramente que é a prespectiva o seu principal cuidado. E' auctor dos quadros 70 a 74 o Sr. Augusto Quintella. Promette ser um bom retratista, porque nessas produções ha alguma observação da vida, desenho feliz e colorido agradável. Entre os seus trabalhos expostos destaca-se um perfil, a lapis, muito bem concluido.

Os Srs. Duniense e Rocha são, tambem, dois caprichosos estudantes que vão fazendo os expositores de trabalhos a fusin.

Nesta exposição distingue-se o Sr. Pinto Bandeira que me parece mais um

artista produzindo sob a sua immediata responsabilidade, do que um alumno cujos senões estejam ao abrigo do ensino. As suas payzagens mostram ter o payzagista pertencido á legião de George Grimm, aquella corajosa e intelligente legião de estudantes, devotada á observação da natureza. Dois estudos do natural, e uma habitação á margem do Rio Caloába são d'entre os seus nove quadros, os que mais me agradam. O Sr. Fiusa Guimarães dedica-se, também, ao estudo da payzagem, e um quadrosinho que expõe representando a raiz de um tronco—põe em evidencia o interesse que o intelligente alumno toma pelo estudo da natureza. Não me esqueço de mencionar aqui o Sr. Sebastião Fernandes que expoz duas *academias* e um retrato á *crayon*, dignos de louvores.

Em esculptura os tres expositores satisfazem amplamente a confiança que depositavamos no professorado do Sr. R. Bernardelli.

O alumno Emmanuel Lacoille apresenta um esboço de cabeça de moço, em barro, feita em algumas horas, porém expressa com certo vigor e ousadia, não vulgares em quem é ainda guiado nos estudos. O Sr. Benevenuto Berna apresenta um pequeno busto, em barro, estudo do natural. Aquelle rostosinho de mulher bonita, mimoso e garrido, parece acabado com enorme predilecção. O contorno geral do busto é *chic* e feliz. Um busto em gesso, e um baixo relevo (perfil) em gesso, que figuram nos cantos da parede do fundo, são do alumno Xisto Messias, estudante que não se desvia do vasto e sereno caminho por onde seguem seus collegas. Com alguns estudos de architectura, do Sr. J. L. Berna, fica completo o numero dos trabalhos colleccionados nessa exposição.

Concluindo este artigo, traçado ao correr da penna, creio que cumpri com o meu dever.

Não foi intuito meu criticar as obras expostas, nem vislumbre de critica se percebe nas phrases que ali ficam. O que tentei e o que julgo ter feito—foi concorrer conforme permittiam as minhas forças e pedia o facto, com phrases de animação para louvar o empreendimento que fizeram. Se nesse rapido correr da penna algum respingo houve desagradavel aos alumnos da Academia, peço desde já m'o relevem, porque não partio de premeditação ou maldade minha.

Agosto de—86.

RECTIFICAÇÃO

No n. 85 da *Semana*, artigo—*Bellas Artes*—2ª columna da pagina 4 (264) linha 26. Onde se lê *não desprezar*, deve-se ler: é preciso não desprezar.

ALFREDO PALHETA

THEATROS

RECREIO DRAMATICO

Companhia do Theatro D. Maria II, de Lisboa

O beneficio do joven Silva Pereira, que se realisará quarta-feira, vai ser um grande acontecimento theatral.

Imagine o publico: O nosso querido artista, que, apesar de o ter prostrado um pouco uma impertinente doença, conserva todo o viço e toda a frescura dos seus eternos vinte annos, faz bene-

ficio com a primeira representação d'*O mestre de forjas*, o conhecido e apreciadissimo drama de Georges Ohnet.

Consta que o Farani mandou vir da Europa, de proposito, para os admiradores de Silva Pereira lhe oferecerem naquella noite, um grande caixão de joias do mais apurado e exquisito gosto.

PRINCIPE IMPERIAL

Na quinta-feira faz beneficio neste theatro o actor Colantoni Rossi, artista que, apesar de novo, tem revelado muito talento e grande esforço de vontade para progredir na sua arte.

A peça escolhida foi *Luiz XI*, drama de grande espectáculo, pela primeira vez representado em portuguez neste theatro, fazendo o beneficiado o importante papel do protagonista.

*

Companhia do theatro Principe Real, de Lisboa

«A PEROLA»

Esta peça, original portugueza, em 5 actos, do joven escriptor Marcellino de Mesquita, tem bellas qualidades e enormissimos defeitos. É a historia da ligação condemnavel de um estudante com uma *cocotte* que morre tísica. Falta-nos espaço para analysal-a. O primeiro acto é bom, tem *verve* e originalidade. Mas os quatro seguintes decahem, são arrastados, chochos, falhos de situações dramaticas.

Mas, de quando em quando, é a banalidade da peça atravessada pelo relampago de um bello dicto, de um conceito original e brilhante. A scena entre o Rebello e o filho é natural, e bem feita; tem novidade a scena entre a mãe de Perola, esta e o criado Domingos amante d'aquella. A peça fez escandalo em Lisboa, onde foi verberada por muito *realista*. É do que ella pouco tem, fora a pretensão de pareci-o. Mas é innegavel que foi escripta com desassombro, por um talento desordenado, mas forte, e sequioso de originalidade.

Tem typos desenhados com felicidade: a velha Perez, que vive de explorar a honra da filha, a menina Julieta, que ama secretamente o estudante e morre envenenada pela impotencia d'esse amor ignorado e não correspondido, e o velho Frederico Rebello.

Fecha com uma phrase extremamente feliz, cuja crueza e justificada pelos factos anteriores:—«Agora enterrem-na, ein?!...»

Mas a impressão geral é péssima. Como estréia a promessa vale muito.

Os artistas Polla, Alvaro, Margarida, Maria das Dores e Adelina representaram satisfactoriamente os seus respectivos papeis, tendo especialmente agradado: Polla, na scena com o filho, no 2º acto, Margarida e Maria das Dores na scena de escaudalo do penultimo acto, e Adelina, ainda neste quando vem offerecer dinheiro a João. Os demais artistas concorreram para a harmonia do conjuncto.

Esta companhia, que partio na quinta-feira para S. Paulo, não teve aqui o successo que merecia. Em compensação a barraca do Polytheama é pequena para conter todas as noites, os sequiosos de palhaçadas e cabriolas velhissimas. Por esta forma fazemos jus á bella designação de—povo de *cavalinhos*.

*

Partio para S. Paulo, deixando verdadeiras saudades, a companhia dramatica portugueza que, sob a direcção do distincto actor Gil, deu nesta Corte uma boa serie de espectaculos.

Não precisamos recommendar á illustre paulicéa a companhia Gil, pois que ella saberá, como tem dado provas, fazer justiça á bella *troupe* que vai visital-a.

Desejamos muitas flores e muitissimas palmas ás distinctas actrices Margarida, Maria das Dores, Adelina e Elvira e não menos applausos aos actores Gil, Polla, Alvaro, Branão e Costa.

S. PEDRO

Companhia de opereta franceza

«LA JOLIE PARFUMEUSE»

Não foi um triumpho para a excellente companhia a execução da deliciosa partitura de Offenbach.

Zelo-Duran foi uma encantadora Rose Michon, cantou com muita graça e mimo. Moreau foi um magnifico La Cocardiére. Nordall fez o que poude no papel de Babolet. Fromant agradou pouco e os demais artistas não agradaram nada. *N'en parlons plus*.

SANT'ANNA

Na quinta-feira representou-se o *vaudeville* em 1 acto *Não entre*, traducção de Arthur Azevedo.

Agradou muito a peça e a interpretação, que foi confiada a Rosina Bellegrandi, Cinira Polonio, Mattos e Mesquita. A musica é muito graciosa e foi bem montada.

LUCINDA

Reprise d'*O filho de Coralía*, grande successo de Eugenio de Magalhães.

Neste theatro fará beneficio proximoamente a actriz D. Maria Augusta.

O grande festival organizado pelo Vasques para commemorar o anniversario da morte de João Caetano, terá lugar no domingo, 29.

Tem trabalhado no D. Pedro II uma companhia japoneza que dizem ser muito boa.

A companhia equestre dos irmãos Carlo, no Polytheama, tem desagradado completamente. É uma *troupe* muito chimfrim. Não trouxe d'esta vez novidade nenhuma e está com menos e peiores artistas do que tinha no anno passado.

Os primeiros espectaculos foram muito concorridos; mas a concorrência tem diminuido gradualmente porque além de pessima, a companhia apresenta sempre os mesmos trabalhos.

Sardou trabalha actualmente em peça destinada ao theatro *Porte Saint Martin*. É um drama burguez, tirado da sociedade contemporanea e que exigirá luxuosa *mise en scène*.

Diz um jornal de Paris, *Nouvel Monde*, que Sardou está agora estudando tenazmente composição para escrever, elle mesmo a musica das suas peças.

Vamos ter *vaudevilles* de Sardou, com musica... de Sardou.

ERRATA

Por terem salido deploravelmente errados os seguintes topicos da apreciação que d'O Duque de Vizeu publicamos no numero passado, reproduzimos agora com as necessarias correções:

Destacou-se, logo nas primeiras scenas, o importantissimo vulto de João Rosa no deslumbrante vestuario de D. João II. Esplendida e soberba criação é, sem duvida, a do grande rei, para a gloria do notavel artista portuguez. Poucas vezes temos visto no palco uma interpretação, tão perfeita, tão acabada, tão correcta, tão extraordinariamente verdadeira e humana; poucas vezes temos visto viver um personagem arrancado aos profundos sarcophagos da Historia, com tamanha intensidade de vida, com tão flagrante vigor de acção, com tão maravilhosa verdade! O typo de Dom João II que nos dá João Rosa é um milagre de interpretação, um assombro de rigor artistico.

E' profundamente consolador para a critica, — sincera como se honra e presa de ser a nossa, — o poder dar tão d'alma e tão convictamente, como hoje damos, os bravos que um notabilissimo e superior trabalho d'arte lhe provoca, e que a propria emoção pessoal, num esto de entusiasmo, obriga a soltar como o melhor dos applausos e o mais seguro dos julgamentos.

P. TALMA

SPORT

Com regular concurrencia e alguma animação realisou o Jockey Club no Domingo passado a sua quinta corrida annual, com um programma regularmente organizado, constando de sete pareos que foram perfeitamente preenchidos por parceiros superiores, mais ou menos conhecidos, mas que d'esta vez mostraram grande melhoramento em diversos pareos em que se alistaram, percorrendo os tiros com bastante velocidade, apesar da raia estar um pouco pezada pelas chuvas da vespera.

Esse o resultado de cada um d'elles:

No 1º pareo (2500 metros) *Boreas* com muita facilidade venceu os seus adversarios, demonstrando cada vez estar mais bem preparado, percorrendo o tiro em 174 segundos no freio. *Talisman* teve o 2º lugar e *Diva* o 3º a muito custo; quasi fica distanciada.

No 2º pareo (1300 metros) apesar do mestre da musica ter exercitado bem a orchestra *Nico-fy* desafinou contra a vontade, percorrendo o tiro em 91 segundos, batendo os seus competidores. *Bitter* bem quiz entrar, mas a *Biscaia* que é triumpho, cortou-lhe a vaza chegando em 3º lugar e obrigando *Nico-fy* a estacar-se. Os minestras perderam o modo de andar.

Tambem correram *Peraíta II*, *Araby*, *Intima*, *Bonita*, *Pretoria* e *Caporal*.

No 3º pareo (2000 metros) *Phrynéa*, que era a favorita, perdeu vergonhosamente e debaixo de muito chicote, pela impericia do jockey, dando grande desgosto aos seus predilectos que d'esta vez ficaram de cara à banda. *Scylla* em 134 segundos sahiu victoriosa, fazendo uma brilhante corrida e batendo os seus competidores, que pareciam ser muito mais fortes. *Satan* teve o 3º lugar, perdendo apenas por cabeça o 2º. *Phrynéa*, *Scylla* e *Satan* chegaram embolados. *Coupon* fez corrida de alcance; não se quiz estafar; teve o ultimo lugar entre estes. *Gaudriole* não correu.

No 4º pareo (2000 metros) correram *Monitor*, *Galgo*, *Dandy* e *Plutus* que em 147 segundos bateu os seus competidores. *Dandy* teve o 2º lugar, fez boa

corrida e conservou-se quasi sempre na ponta. *Galgo* chegou em 3º lugar, mostrando ser um producto de esperanças; ainda não estava afiado. *Monitor* fez triste figura: chegou na bagagem. Estranhamos bastante este animal ter ultimamente desmerecido, porquanto achamos ser um animal de boa musculatura e com muito bons traços de parceheiro superior. *Plutus II* não correu.

No 5º pareo (2000 metros) *Druid*, que ainda está dando sorte, venceu seus adversarios em 140 segundos. *Nico-fy* chegou em 2º lugar. *Regalia* bem quiz lembrar-se de seus tempos, mas o *Nico-fy* obrigou *Druid* a deixar a conversa. *Boyardo* chegou na bagagem.

No 6º pareo (1600 metros) bateram-se *Sylvia II*, *Dr. Jenner*, *Sibylla*, *Aspazia* e *Dignitaire* que a todo custo, em 110 segundos, bateu a *Aspazia* que fez triste figura devido à impericia do jockey. *Aspazia* é animal d'este tiro muito veloz; teve o 2º lugar. *Sibylla* chegou em 3º. *Dr. Jenner* em 4º, *Sylvia II* na bagagem. A salida neste pareo foi pessima. *Victoria* não correu.

Neste pareo durante o trajecto da corrida houve grande chicoteamento entre os jockeys da *Aspazia* e *Dignitaire*; o que deu talvez causa à derrota da *Aspazia*; mas a directoria energicamente tomou conhecimento deste incidente, castigando rigorosamente os jockeys, desqualificando os animaes, perdendo elles o direito aos preínios.

No 7º pareo (1600 metros) *Coupon* em 113 segundos obteve a victoria, no freio. *Satan* chegou na retaguarda d'este, por musica. Vimos que *Satan* não fez esforços para ganhar; visto que o jockey trouxe-o quasi sempre preso pelo freio. Recomendamos esse facto à digna Directoria.

Peruana e *Scylla* não correram.

Realiza amanhã o Derby-Club a sua corrida, com um esplendido programma perfeitamente organizado, constando de oito pareos, cada qual preenchido por parceiros superiores, que, com as forças equaladas pela distancia, deverão travar portuada lucta e tornar os pareos muito interessantes.

Em nossa ultima pagina se acha impresso o importante programma, onde os amadores poderão á vontade palpitar. Tinhamos em vista dar a nossa opinião relativamente aos vencedores de cada pareo, mas com o receio de errarmos pela dificuldade de acertar, não nos animamos a emitir os nossos verdadeiros palpites.

L. M. BASTOS.

FACTOS E NOTICIAS

DUELLO

Na quarta feira, das 2 para as 3 horas da tarde, encontraram-se na illha d'Agua o Sr. Dr. Ferreira de Araujo, jornalista, co-proprietario e redactor-chefe da *Gazeta de Noticias* com o Sr. commendador João José dos Reis Junior, commerciante o proprietario d'O *Paiz*, para um duello á pistola, duello cujas condições foram anteriormente estipuladas pelas respectivas testemunhas — Dr. G. Fogliani e capitão de mar e guerra José Marques Guimarães, pelo Dr. Araujo, e Barão de Jacaguay e capitão-tenente José Victor de Lãmure pelo Sr. commendador Reis.

Preenchidas as formalidades do estylo os dois cavalheiros atiraram. A arma do Dr. Araujo, porém, uegou

fogo, e a do Sr. Reis disparou, perdendo-se, felizmente, a bala sem ferir seu adversario.

As testemunhas deram por fuido o combate e por satisfeita a honra.

Assim terminou o desagradavel incidente.

Partio ante-hontem para Buenos Ayres o illustre orador e jornalista argentino D. Hector Varella. S. Ex. leva talvez muitas saudades dos numerosos amigos que aqui soube conquistar, mas certamente não levará tantas quantas as que lhes deixa.

Chegou na quinta-feira a esta cidade o Sr. Cassio Farinha, redactor do sympathico jornal brasileiro *A Patria*, que se publica em Montevidéo. Cumprimo tamol-o.

LYCEU LITTERARIO PORTUGUEZ

Este importantissimo Lyceu solemnisou no dia 21 do corrente, ás 8 horas da noite, com a assistencia de suas magistrades e altezas imperiaes, o seu 13º anniversario.

E' uma data esta de orgulho e satisfação para os fundadores e bemfeitores do Lyceu Litterario Portuguez, que terido por missão desenvolver o ensino e a instrucção sem distincção de nacionalidades.

Os premios correspondentes ao annifindo serão distribuidos durante esta solemnidade, aos alumnos que mais distinguiram; far-se-ão as entregas das medalhas philantropicas e serão inaugurados os retratos das Exmas. Sr. Condessa de S. Salvador da Mattosinhos, Viscondessa de Amoroso Lima, Viscondessa de S. Thiago de Riba d'U, Viscondessa de Wildick, de D. Maria Teixeira Rodrigues e de D. Izabel L. G. Roque de Pinho.

Noticiando esta festa, que promett ser esplendida, enviamos á actual directoria do Lyceu os nossos mais sinceros cumprimentos.

Esteve brilhantissima a *soirée* com que o Congresso Gymnastico Portuguez solemnisou o seu 13º anniversario na noite de 14. Antes das danças muitos socios exhibiram perfectos trabalhos de gymnastica e esgrima, seguindo-se-lhe uma lauta e delicada ceia, durante a qual foram trocados amistosos brindes entre os convidados e a directoria do Congresso.

No baile tomaram parte mais de duzentos pares, dançando-se até á madrugada, sempre com grande animação.

Tambem esteve presente S. Ex. o Sr. ministro de Portugal, conselheiro Nogueira Soares.

O distincto pintor Parreiras teve a gentileza de vir mostrar-nos uma payzagem que lhe fora encomendada pelo Imperador. Representa um trecho de Jurujuba. E' um dos mais bellos trabalhos do joven payzagista. O colorido sobrio, verdadeiro, cuidadoso; a maneira é larga, franca, alliando a essas qualidades grande delicadeza de toque e perfeito acabamento. Um trabalho magnifico.

No dia 17 ás 8 horas da noite, na sala das sessões da Secção da Sociedade de Geographia de Lisboa no Brazil, effectuou-se a distribuição dos premios concedidos por aquella benemerita Sociedade aos alumnos que, nos exames geraes de 1885, se distinguiram em geographia.

Os dois ultimos premios foram ad-

distribuidos: O grande premio honra ao alumno Luiz Francisco Silva, do Collegio Pujol, (Diploma honra com medalha de ouro) e um grande premio (um album) ao alumno de Coelho, do Collegio Abilio. Os premios sãõ distribuidos por S. M. o Imperador, com assistencia de S. A. R. o conde d'Eu, ministros de Portugal de França e muitas outras pessoas notórias.

A Provincia jornal do Recife, acaba de enriquecer a nossa lingua com mais um vocabulo *Theodoriano*; é o nome que actualmente aos gatunos; o termo, que é expressivo e tem graça, foi naturalmente inspirado pela ligeireza de que foi victima o diploma de deputado do Dr. José Mariano.

Brilhantissima, a festa do Cassino, do domingo passado. O Club Beethoven, pedido, organisou-a; a Infancia Deslida da Candelaria, era o objecto da caridade.

Roberto Benjamin e Otto Bech regeram uma magnifica orchestra de sessenta professores; tomaram parte no concerto (cantando) Mlle. Meyer. e os Sr. Zardo e Figner; (tocando) Otto Beche Alfredo Bevilaqua. A orchestra tocou quatro peças.

Não é preciso dizer mais nada. A corte dos artistas e amadores? Basta citação dos seus nomes. O nome das obras? Quem foi lá, sabe quaes foram; quem não foi, será crueldade dizel-o, será augmentar a afflicção ao afflicto. Parabens ao Club.

FALLECIMENTO

Falleceu no dia 18 a esposa do Dr. Benedicto Raymundo da Silva, lente da Escola Normal.

TRATOS À BOLA

Carissimos irmãos. Aqui estou com a minha prosa estopante e massuda e com os meus *tratos* capazes de transformar as vossas luminosissimas bolas. Não vos amofineis, pela ausencia do venerando Froi Antonio. O bom do frade comeu (devo ser franco) tanto de outras cousas mais na sexta-feira ultima e tanto se empanturrou de deliciosos e escolhidos vinhos, que quasi foi dar com a sua religiosa e reverendissima pança no Outro Mundo — este celebre paiz que está muito mais proximo d'este do que se pensa e que desejáramos todos conhecer... apenas de nome.

Dado este pequeno cavaco, tenho a honra de dizer-vos que acertaram com as decifrações das *tratices* ultimas os conhecidos e respeitabilissimos muquiches (assim os diplomou Frei Antonio) que de ha muito são os *ais Jesus* do meu illustre e reverendo collega: D. Camarinal Vassico, Um charadista da roça. Dr. K. 7. *Zé dos Pasteis*, Porto e Malheiros, Maria E. da Cruz Almada, Nemo, C. H., Augusto Cesar II, Aveç, Cacilda da Silveira, Mané Quim, Alexandre Bellora, D. Gusman Morales y Tubipan. Law II, Pepe, Fausto Junior, Josephina B (que mandou as suas decifrações em verso e perguntou-nos por D. Pastel) K — ran — A. A. — Retilha e o Sr. Zé Narigudo, que não acertou com o *problemito*.

Fricinal Vassico pode vir receber o seu premio chicanista. Felizardo!.. Descubro-me ante o ditoso muquiche. Eis as decifrações: Das charadas: Cabo-

Froi, *Therexopolis*, *Tympano* e *Pepino*; do logogrifo: *Boneca* e do difficulosissimo *problemito*: 500 Réis.

Agora, meus carissimos irmãos tendes aqui muito panno para mangas; é dar *tratos à bola*, e para consolo dos vossos *desesperos* dedico-vos estes *tratos*:

A elles, pois:

ANTIGA

Assim faz quem faz caricias—1
Ser baixo ninguém me faz —2
Na «Gazeta de Noticias»
Mudei de nome. Que mais?

TIBURCIANAS

1—2— Sus! que esta margem é actor.
2—2 Com café tapo e destapo.
2—2— A frente alumia no mar.

PERGUNTAS

Qual o nome de um poeta brasileiro que se escreve com as seguintes letras: *aaacdeeiinnoorssttv*?

Qual a musica que é de milho no engenho?

Qual a nota que no telhado corre?

E mais nada por hoje.

O primeiro decifrador ganhará um bellissimo premio que nos foi dedicado por uma gentil moreninha, e o segundo uma collecção do primeiro trimestre do nosso 2º anno.

Felicidades, carissimos irmãos, eis o que vos deseja, abençoando-vos,

FREI SIMPLICIO

RECEBEMOS

- *Revista Philotechnica*, n. 1 Util publicação mensal do Instituto Philotechnico.
- *Gli Italiani al Brasile*, 1º numero. Periodico dedicado aos interesses da colonia italiana em S. Paulo.
- *Revista dos Novos*, n. 4, semestre 2º. Publicase em S. Paulo. Traz um sumario bastante variado, onde se vêm os nomes d'alguns dos nossos mais distinctos homens de letras.
- *A Instrucção*, n. 1. Periodico publicado em Petropolis quinzenalmente.

— *Revista do Club Academico*, n. 1. Traz máns artigos e pessimos versos. Os nossos sentimentos:

— *Alcoradas*, volume de poesias da Exm. Sra. D. Luiza Cavalcanti filha.

— *A Morgadinha*, n. 1. Periodico que se diz litterario e recreativo. Pois sim.

— *A Dhalia*, n. 1. Jornalzinho vermelho e ruim como o diabo.

— *O Estudo*, orgão do Club Litterario Diegues Junior.

— *A Illustração*, n. 13, 3º anno. Texto, como sempre, composto de bons escriptos; excellentes desenhos. O da primeira pagina representa uma procissão do Corpo de Deus em Sevilla. Magnifico este numero d' *A Illustração* de Mariano Pina.

ANNUNCIOS

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o *Café Oriente*, da fabrica a vapor do Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25
9 C LABGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta— annuncio.

A NOVIDADE DA ÉPOCA

A criação de LIGIER,

de MODENA,

e ERNESTO ROSSI

A OBRA PRIMA DE C. DELAVIGNE

QUE NUNCA TINHA SIDO TRADUZIDA EM PORTUGUEZ

LUIZ XI

Drama immortal, em 5 actos, que se representará pela ultima vez na

QUINTA-FEIRA, 26 DO CORRENTE

NO THEATRO PRINCIPE IMPERIAL

A'S 8 HORAS

E' um bonito trabalho artistico, difficilimo e importante, que merece a protecção do illustrado Publico Fluminense.

DERBY-CLUB

GRANDES CORRIDAS A REALIZAR-SE NO DIA 22 DE AGOSTO DE 1886

AO MEIO-DIA EM PONTO

Ao meio-dia—1º pareo—SEIS DE MARÇO—1,450 metros—Animaes do paiz até meio sangue que ainda não tenham ganho no Derby—Premios 400\$ ao 1º, 80\$ ao 2º e 40\$ ao 3º

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES E VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Caporal.....	Alazão.....	4 annos	S. Paulo.....	52 kilos	Verde, branco e encarnado.	R. M.
2	Peralta II.....	Castanho.....	4 »	Paraná.....	52 »	Azul e manchas encarnadas	C. P.
3	Galgo.....	Zaino.....	3 »	S. Paulo.....	49 »	Grénat, branco e azul.....	S. M.
4	Aranka.....	Alazão.....	5 »	Idem.....	52 »	Vermelho e preto.....	Coudelaria Mirim.
5	Sartarelle.....	Preto.....	5 »	Paraná.....	54 »	Geranium e ouro.....	J. W.
6	Americana.....	Tordilho.....	4 »	Rio de Jan... 50 »		Branco, preto e encarnado.	M. L. de Carvalho.
7	Villa-Nova.....	Zaino.....	4 »	Paraná.....	50 »	Azul, branco e amarello...	Coud. Esperança.
8	Biscaia.....	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	50 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
9	Genny. ex-Guanan...	Vermelho.....	4 »	Idem.....	50 »	Vermelho.....	J. Lemos.

A's 12 3/4 hs.—2º pareo—VELOCIDADE—1,000 metros—Animaes estrangeiros—Premios: 600\$ ao 1º, 150\$ ao 2º e 80\$ ao 3º.

1	Gaudriole.....	Castanho.....	3 annos	França.....	52 kilos	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança
2	Madama.....	Idem.....	3 »	Idem.....	52 »	Azul branco e encarnado...	Coudelaria Cruzeiro
3	Pancy.....	Zaino.....	3 »	Rio da Prata. 50 »		Cereja, verde e amarello...	V. M.
4	Françoise.....	Alazão.....	4 »	França.....	55 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.
5	Cheapside.....	Idem.....	3 »	Inglaterra... 52 »		Encarnado branco e ouro..	Coudelaria Paulista
6	Pleíades.....	Zaino.....	5 »	Rio da Prata. 56 »		Azul e encarnado.....	J. Machado.

A' 1 1/2 hs.—3º pareo—COSMOS—1,750 metros—Inteiros e eguas de qualquer paiz—Premios: 800\$ ao 1º, 250\$ ao 2º e 120\$ ao 3º.

1	Coupon.....	Alazão.....	3 annos	França.....	51 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro
2	Scylla.....	Castanho.....	3 »	Inglaterra... 47 »		Azul e ouro.....	Idem Alliança.
3	Satan.....	Idem.....	3 »	França.....	49 »	Grénat e bonet ouro.....	Mario de Souza.
4	Gladiador.....	Idem.....	3 »	Inglaterra... 49 »		Setim, br. e manchas pretas.	M. U. Lemgruber.

A's 2 1/4 hs.—4º pareo—PROGRESSO—1,609 metros—Animaes do paiz até meio sangue—Premios: 600\$ ao 1º, 120\$ ao 2º e 60\$ ao 3º.

1	Ivon.....	Zaino.....	4 annos	Paraná.....	52 kilos	Azul e manchas encarnadas	C. P.
2	Regalia.....	Vermelho... 5 »		S. Paulo..... 54 »		Branco e bonet encarnado...	Mario de Oliveira.
3	Druid.....	Tordilho... 4 »		R. de Janeiro. 56 »		Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lop
4	Aymoré.....	Castanho... 5 »		S. Paulo..... 56 »		Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança
5	Biscaia.....	Alazão... 4 »		Idem..... 50 »		Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.

A's 3 hs.—5º pareo—LEMGRUBER—1,450 metros—Potros e potrancas nacionais de meio sangue de tres annos, que não tenham ganho no Derby—Premios: 400\$ ao 1º, 80\$ ao 2º e 40\$ ao 3º.

1	Condor.....	Alazão.....	3 annos	S. Paulo.....	49 kilos	Azul, br. encarnado e faixa.	Coudelaria Cruzeiro
2	Monitor.....	Castanho.....	3 »	Idem.....	49 »	Azul, branco e encarnado.	Idem idem.
3	Galgo.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	49 »	Grénat, branco e azul.....	S. M.
4	Famalicão.....	Castanho... 3 »		R. de Janeiro. 49 »		Azul e amarello.....	Ernesto Ascoly.
5	Vibora.....	Zaino.....	3 »	S. Paulo.....	47 »	Vermelho.....	J. Lemos.
6	Condor.....	Castanho... 3 »		Paraná..... 49 »		Azul e grénat.....	Coud. Santa Cruz.

A's 3 3/4 hs.—6º pareo—RIO DE JANEIRO—2,400 metros—Inteiros e eguas de qualquer paiz—Premios: 1:500\$ ao 1º, 400\$ ao 2º e 200\$ ao 3º.

1	Plutão.....	Alazão.....	6 annos	França.....	54 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro
2	Dignitaire.....	Idem.....	3 »	Idem.....	49 »	Preto branco e encarnado..	Coud. Paraizo.
3	Scylla.....	Castanho... 3 »		Inglaterra... 46 »		Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança
4	Dr. Jenner.....	Zaino.....	4 »	Rio da Prata. 50 »		Grénat e bonet ouro.....	Oscar Machado.
5	Curubaid.....	Idem.....	5 »	Inglaterra... 51 »		Encarnado e preto.....	D. F. P.
6	Naná.....	Idem.....	5 »	Idem.....	51 »	Setim br. e manchas pretas.	M. U. Lemgruber.

A's 4 hs. e 20 m.—7º pareo—AMADORES—1,609 metros—Animaes do paiz, de meio sangue—Premios: 400\$ ao 1º, 80\$ ao 2º e 40\$ ao 3º. (Este pareo effectua-se em beneficio da familia do anado jockey James Loff.)

1	Aurelia.....	Alazão.....	4 annos	R. de Janeiro. 50 kilos		Encarnado.....	M. Z. M.
2	Bonita.....	Idem.....	5 »	S. Paulo..... 52 »		M. B.
3	Bitter.....	Preto.....	5 »	Idem..... 54 »		Vermelho e branco.....	E.
4	Regalia.....	Vermelho... 5 »		Idem..... 54 »		Branco e encarnado.....	M. O. J.
5	Intima.....	Castanho... 5 »		Idem..... 52 »		Ouro e encarnado.....	S. L.
6	Ivon.....	Zaino.....	4 »	Paraná..... 52 »		Azul e grénat.....	E.
7	Nicoafy.....	Castanho... 4 »		Idem..... 52 »		Azul e branco.....	D.
8	Orpheu ex-Sirôco...	Preto.....	5 »	S. Paulo..... 54 »		P.
9	Villa Nova.....	Zaino.....	4 »	Paraná..... 50 »		Azul e amarello.....	E. A.
10	Judia.....	Idem.....	3 »	Idem..... 47 »		Grénat e perola.....	M. J. S. M.

A's 5 hs.—8º pareo—EXTRA—1,750 metros—Animaes de qualquer paiz—Premios: 1:000\$ ao 1º, 250\$ ao 2º e 120\$ ao 3º.

1	Boreas.....	Castanho... 5 annos		S. Paulo..... 56 kilos		Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança
2	Satan.....	Idem.....	3 »	França..... 53 »		Grénat e bonet ouro.....	Mario de Souza.
3	Sylva II.....	Alazão.....	5 »	S. Paulo..... 52 »		Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
4	Coupon.....	Idem.....	3 »	França..... 55 »		Azul, branco, encar. e faixa	Idem, idem.

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 28 DE AGOSTO DE 1886
DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 87

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N 36

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	
Historia dos sete dias.....	FILINDAL.
O duello e a imprensa.....	V. MAGALHÃES.
Mendes Leah.....	F.
A pena de arditos.....	L. DE MENDONÇA.
Uma resposta.....	V. MAGALHÃES.
Trova, poesia.....	A. DE SOUZA.
Cartas de Lisboa.....	E. MONTEIRO.
A Flavia, poesia.....	G. SASSETTI.
Jornaes e revistas.....	F. M.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Theatros.....	P. TALMA.
Factos e Noticias.....	
Recebemos.....	
Anuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS CÔRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

Aos nossos assignantes de Pernambuco rogamos a fineza de mandarem pagar as suas assignaturas ao Sr. Afonso de Souza e Vasconcellos, na rua do Marquez de Olinda, 14, de quem receberão os respectivos recibos.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Não se pôde ter espirito e graça neste paiz! Convenço-me d'esta verdade toda a vez que deixo de escrever esta fulgurante secção d'A Semana. A principio eu, cheio de uma hobre modestia, que me ficava muitissimo bem, acreditava ser um chronista insignificante e pensava merecer a eterna gratidão dos leitores quando deixasse de lhes impingir a minha prosa desataviada e semsabrona. Contra os factos, porém, de nada valem as convicções intimas. Agora, quando a historia não apparece, por falta de espaço e carencia de assumpto, chovem as reclamações! Os jornaes das provincias, honrados e queridos collegas, dizem com grossas lagrymas de tinta e, ás vezes, com a syntaxe embarçada pela commoção, que «Filindal d'esta vez não nos illuminau com as

irradiações da sua scintillante verde etc., etc.; malevolos, que não sabem que eu sou um dos maiores trabalhadores da rua do Carmo, levam à conta de mandriice a synalepha que lhes eu abro na leitura semanal. De forma que, ainda que a semana não haja tido historia, eu sou obrigado a escrever a historia da semana.

Decididamente sou um chronista celebre. Vou reclamar o meu logar no Figaro ou no Gil Blas e expulsar de lá os insignificantes Wolff e Grimsel. Contudo, obtido o meu cargo de chronista parisiense, e eu não serei ingrato a Matto Grosso o a Sergipe; não; de lá, da radiosa capital do riso, continuarei a derramar a luz do meu bestunto pelas longes terras da America.

Não ha nada peor neste mundo, ó carioca ingente que me lê! não ha nada peor do que ser grande homem. A celebridade traz encargos me louhos; quem é celebre precisa ser audaz e tem obrigação de ser mais original do que o proprio archiduque Ernesto. Imaginao, se pois, Victor Hugo deante dos subdelegados demittentes do Rio de Janeiro!

Imaginastes, cariocas? Pois aqui me tendes, a mim, successor virtual do grande Mestre no pinaculo do engenho humano, deante d'este famoso entremez policial que encheu de pavor os burguezes pacatos e que deu um raio de esperança a S. M. aos conhecidos gatunos. Aqui estou eu, dubitativo e perplexo, como o Pilatos no grandioso quadro de Munkakzy. No alto vejo Jupiter Delfino Ribeiro da Luz, armado das trenebundas portarias exonerativas; á direita um major-fiscal, inflamado e mavorico, prendendo um sublegado irroso e revoltado, que por sua vez o prende tambem. Por debaixo da meza da estação ergueira-se um alferes commandante, especie de Paris que lançou no Olympo o pomo da Discordia; ao fundo, entre os camponezes obrigatorios do 5º acto, estão enfileirados todos os subdelegados da Corte, cantando a meza voce o coro dos conspiradores da Mme. Angot. Tam-tam nos bastidores, tempestade aolongo; apoteose: Jupiter atira duas portarias, e os conspiradores do fundo descem ao primeiro plano e saltam das coxias para o bem conhecido olho da rua. Confusão, fogos de bengala e de reffle. Forte na orchestra. Cae o panno.

«—Que todos os escravos pertencentes a espolios de subditos portuguezes, e cuja liquidiação incumba aos respectivos consulados de Portugal no imperio do Brazil, serão remidos, sem prejuizo dos interessados, e de harmonia com a legislação brazileira.»

Eis a proposta apresentada pelo benemerito Sr. conde de S. Salvador de Mattosinhos, no dia 23, á commissão consultiva do consulado portuguez nesta Corte.

Esta simples proposta, altamente philantropica e humanitaria, veio não só salvar os cidadãos portuguezes aqui

residentes da pecha de escravistas, mas demonstrar mais uma vez as singulares qualidades do coração e do caracter civico do illustre commerciante, que tem sibilado pelo seu incessante e honrado trabalho e pelo seu grande merito elevar-se ás maiores dignidades e ás mais altas posições.

Realizada a grandiosa idea do illustre conde, muito ficará devido a S. Ex. a causa do abolicionismo no Brazil e a gratidão dos portuguezes, cuja colonia S. Ex. por tantissimas vezes tem representado com o maior lustre.

Não lhe regatearemos os nossos applausos, bem como aos Srs. conselheiros Nogueira Soares, Dr. Daniel da Silva Ribeiro e commendadores José João Martins de Pinho, Luiz de Faro Oliveira e Caetano Pinheiro da Fonseca, que acceitaram a proposta com enthusiasmo e constituiram, sob a presidencia de S. Ex., a commissão incumbida de a levar a effecto; não lhes regatearemos os nossos applausos, nós que, se temos por ventura erraço, orgulhamo-nos de ter sido sempre sinceros na manifestação do nosso pensamento e da nossa opinião.

Foi tambem facto digno de nota nesta semana a commemoração do anniversario do Lyceu Litterario Portuguez, celebrada com uma esplendida festa no dia 24. Depois do discurso do presidente, tomou a presidencia da sessão o Sr. ministro de Portugal e foram inaugurados os retratos das benemeritas senhoras condesa de S. Salvador de Mattosinhos, viscondessas de Amaro Lima, de S. Thiago de Ribad'Ul e de Wildiek e Exma. Sras. D. Maria Teixeira Rodrigues e D. Isabel Labourdonay G. Roque de Pinho.

Em seguida houve distribuição de medalhas de ouro, prata e cobre a varias senhoras e cavalheiros que têm prestado serviços ao Lyceu, e depois foram por S. M. o imperador entregues os premios aos alumnos.

Houve depois um brilhante concerto e em seguida discursaram varios cavalheiros, terminando a festa por uma lauta ceia.

Foi o 18º anniversario d'esta utilissima associação, que tão largamente tem espalhado no Brazil a grande luz da instrucção. Nunca serão demasiados os louvores tecidos ao Lyceu Litterario Portuguez.

Honra aos seus directores. Que elles recebam as saudações entusiasticas da chronica e os cumprimentos cordialissimos do chronista.

Digno de nota, creio que nada mais houve na semana, tirante a denuncia dada pelo deputado Coelho Rodrigues contra o conselheiro Carneiro da Rocha; isso, porém, pertence ao meu collega Tob, muito mais malandro do que eu.

Além do que, eu não tenho opinião formada sobre a questão. Na camara, como nos hotéis, eu hesito sempre entre o Coelho e o Carneiro. Resolvo a coisa, pois, como a resolveria no Globo:

Dê-mhe ambos... mas com batatas— com muitas e boas batatas.

FILINDAL

O DUELLO E A IMPRENSA

O meu artigo, sob este titulo, publicado em o numero passado, teve as honras da transcripção n' *O Paiz*, d'esta corte, e no *Diario Mercantil*, de S. Paulo, com palavras de elogio e assentimento; mas, por outro lado, valeu-me varias cartas, quasi todas anonymas e algumas pouco gentis; todas, porém, condemnando as minhas ideias no assumpto. D'ellas a mais importante foi a do Sr. D. S. P. J. que «acha sempre dispensavel o duello, sempre» e os duellistas «dois suicidas-homicidas.»

Releia S. S. attentamente o meu artigo anterior, que nelle encontrará resposta cabal ás suas objecções, que têm sido, de ha muito tempo, as de quantos combatem o duello.

Acreditará S. S. que a França, a Italia, a Allemanha, Portugal, os Estados-Unidos etc, não conheçam os males e os inconvenientes attribuidos ao duello?

E, no emtanto, esses paizes, incontestavelmente mais civilisados do que o nosso, ainda não descobriram até hoje cousa que pudesse vantajosamente substituí-lo. «O duello não se discute, impõe-se.» como disse a *Revista Illustrada*; «tolera-se como uma dura necessidade», como afirmou *L'Italia*.

D'essa carta, porém, destacarei um tópico que é característico:

«Para mim, o duello só não é comico, caricato e ridiculo — escreveu ferozmente S. S. — quando remata com a morte de um ou de ambos.»

E' isto; bem o dizia eu, sabbado passado. Toda a gente aqui acha o duello — uma palhaçada. Foi esta a impressão produzida na grande maioria pelo encontro de honra na Ilha d'Água. O maior numero dos — aliás, innumeraveis — commentarios foi desfavoravel tanto para os duellistas como para as testemunhas. Nada valeram contra a risada publica os nomes e os precedentes de honra e sisedez d'aquelles seis homens.

Faço minhas as seguintes palavras escriptas por um d'elles, o honrado e brioso jornalista e ex-militar, Sr. G. Fogliani com o n. 112 do seu excellente diario *L'Italia*:

«Naquella partida de honra estavam envolvidos, como testemunhas, tres officiaes superiores da marinha brasileira. O soldado, em todos os povos civilisados, é symbolo do valor e da honra.

«E que desgraçadissima opinião não teremos todos o direito de formar de uma população, cuja uma parte (digamol-o francamente) tem a desavergonhada coragem de pôr em duvida a seriedade, e a lealdade de uma partida de honra em que estiveram envolvidos tres officiaes superiores do seu exercito e da sua marinha?

«Se em um paiz se duvida da honra e da lealdade do seu proprio exercito e da sua propria marinha, que outra cousa encontraremos nelle de respeitavel e respeitado?

«E havemos de ser nós, os estrangeiros, que devamos tributar a merecida homenagem a essa marinha e a esse exercito? que devamos reivindicar-lhes a seriedade, a lealdade, a honra?...

«E reivindicar-as contra quem? Contra uma parte da propria população brasileira!

«E' extraordinario, é incrível, é estupefaccante!»

Que essas, nobremente indignadas, palavras façam corar as faces de quantos, levanamente, patuscamente, á brasileira, acharam o famoso encontro do dia 18 — uma farça.

Essa opinião, oh! vergonha! não foi só do vulgo, foi tambem da imprensa. Meia duzia de jornaes, nomeadamente o

Correio e a Gazeta de Campinas riram-se a perder, em artigos malevolos e entrelinhados.

A *Gazeta*, do que é director o Sr. Carlos Ferreira, um homem intelligente e que já não é criança, escreveu isto: «O que fizeram os Srs. Araujo e Reis, coripeus da imprensa fluminense, foi simplesmente uma farça, que no Brazil só pode causar aborrecimento em vez de riso.»

E o *Diario*, pela penna de *Hendebat*, transparentemente pseudonymo de seu director, *Henrique de Barcellos*, insinuou perfidamente: «A honra d'aquelles jornalistas ficou satisfeita, porque o diabo metteu-se de perneio e... bolio na escorva da arma do Sr. Araujo. Quem carregou as pistolas foi o Sr. barão de Jaceguay, distincto militar, tão brioso como pandego.»

Que esses meus illustrados collegas queiram responder, se pudérem, ás perguntas, acima reproduzidas, do illustre redactor de *L'Italia*.

Um hebdomadario distractivo d'esta corte fez mais ainda: cobrio o incidente de pilherias torpes, que não pouparam nenhum dos cavalheiros que tomaram parte no recontro.

Assim, pois, parte da imprensa — e nisso mostrou-se, por triste excepção, representante da opinião publica — não tomou a serio o duello entre os directores da *Gazeta* e d' *O Paiz*.

Agora, posso e vou concluir.

E concluo, reconsiderando o que neste logar expendi, sabbado passado, para declarar que acho o duello inaclimavel, extravagante, impossivel — no Brazil. E' pela seguinte razão — que constitue a objecção maxima, indestructivel, a unica que me não foi feita — porque o duello só existe e só pôde existir nos paizes em que se tem verdadeira comprehensão da honra e da dignidade pessoal e se adopta opinião diversa da dos brasileiros acerca dos meios de desagralval-as e conserval-as intactas e limpas.

Aqui pensa-se e diz-se que o Dr. Araujo teria defendido cabalmente a dignidade, a honra, o brio e o nome seu e dos seus companheiros de redacção — nada respondendo ao artigo ultimo do Sr. Commendador Reis, eucastellando-se neste commodo castello roqueiro — o desprezo.

Esta é a opinião geral, a opinião da maioria.

Ora, deante d'isto, fóra absurdo continuar a defender a necessidade do duello no Brazil.

Elle é desnecessario, pois temos outros muitos meios de desaffronta — em primeiro logar o desprezo; e depois — o apedido com a sua respectiva alma — o testa de ferro; a liquidacção á unha, na rua, ao solo coram populo, e, por ultimo, a sóva por encomenda, a celebre *casaca de pdu*, ou de aço, de que se encarregam baratinho conceituados alfaiates, matriculados, não propriamente no tribunal do commercio, mas no do jury.

Agora reconheço a intuitiva sabedoria com que imaginei, ha dois annos, a fundação de uma *agencia de sovas*. Como que, inscientemente, advinhava o que se está passando!

Ao desenvolvimento d'essa idéia, feito por mim em artigo publicado na *Gazeta de Noticias* de 18 de Novembro de 1884, me reporto, aconselhando a com fervor a todos quantos acham o duello comico e desnecessario.

No Brazil ha de sempre haver honra e dignidade emquanto houver os Romão José de Lima e os *Cá-te-espero*, — para defendel-as.

Abençoado e original paiz!

Do que tu precisas não é do duello, é de um Offenbach!

VALENTIM MAGALHÃES.

MENDES LEAL

Falleceu nodia 22, em Cintra, o grande escriptor portuguez José da Silva Mendes Leal Junior. Mendes Leal, prosador e poeta da gloriosa geração litteraria de Portugal, que teve por coripeus Herculano, Garrett e o mellifluo Castilho, foi um dos mais poderosos reformadores das letras portuguezas e um dos primeiros que enfrentaram com o classicismo triumphante, estabelecendo pouco depois de Garrett, as bases do romantismo em Portugal.

Onde, porém, melhor se encontrou o seu largo espirito foi no ramo theatral.

Antes dos vinte annos, em 1839, no theatro normal da Rua dos Condes, fazia representar o seu drama *Os dois Renegados*, peça emocional, de gosto antigo, de uma maneira toda portugueza, que se extinguiu com o advento da revolução litteraria cujo inicio foi a controversia azeda e vibrante da chamada escola coimbrã.

Os dois Renegados não é por certo uma obra de grande valor, mas pode-se afirmar que, no genero, é uma das melhores da epoca.

Este inicio prospero na litteratura dramatica fructificou com abundancia.

Mendes Leal enveredou mais tarde por todos os galhos d'esse ramo litterario.

Escreveu a tragedia, o drama e a comedia, parte em verso e parte em prosa. A sua tragedia em verso — *Viriato* é de um grande valor litterario e de uma profunda emoção dramatica.

Os primeiros amores de Bocage é uma peça primorosa, cheia de originalidade e de saber technico. *Os homens de marmore*, drama em 5 actos, abriu-lhe as portas da Academia Real das Sciencias de Lisboa. *Pedro*, drama moderno em 5 actos, foi sempre representado com successo, tanto em Portugal como no Brazil.

Além da especialidade theatral, o illustre escriptor tractou todos os generos de litteratura: romance, historia, poesia. Romances, deixa cerca de vinte; muitas memorias, biographias e estudos historicos. Ha d'elle varios pequenos poemas, impressos em folhetos, e uma colleção de poesias — *Canticos*, publicada em 1858. Nesse volume ha composições de grande merito, muitas das quaes alcançaram muita popularidade, como a *Ave, Cesar!* feita á morte de Carlos Alberto, *Napoleão no Krentim*, *O pavilhão negro* e outras.

Morreu com 66 annos de idade, em pleno vigor do seu grande talento.

F.

A PENA DE AÇOITES

O recente e ominoso factio, occorrido na Parahyba do Sul, com escravos que cumpriram pena de açoites, dá oportunidade a esta rapida investigação juridica sobre a especie.

Parece que tal pena ficou implicitamente abolida de nossa legislação pela ultima reforma do elemento servil.

A lei n. 2370 de 28 de Setembro de 1885 diz, no art. 3º §. 10: «São libertos os escravos de 60 annos de idade, completos antes e depois da data em que entrar em execução esta lei; etc.»

E' a fixação, por lei, de termo, *dies certus*, chegado o qual para cada um dos individuos a que se refere a disposição, será elle liberto. Desde, pois, que começou a vigorar a lei citada, não ha no Brazil escravos, senão: *estado-livres, statuliberi*: «Statuliber est, qui statuum

et destinatum in tempus vel conlitionem libertatem habet»; fr. 1, pr. Dig., de *statuliberis* 40, 7. Tal tem sido a opinião defendida pelo Sr. conselheiro Affonso Celso.

Assim, concluimos, não ha hoje no Brazil delinquente passivel da pena de agotes, decretada pelo art. 60 do Cod. Criminal para o *reus que for escravo*.

O *statuliber* não é escravo, nem pôde senão impropriamente ser assim chamado.

«Os escravos, diz T. de Freitas, Consol. das L. Civ., not 1 ao art 42, *deixam de ser taes* pela alforria ou manumissão.

... Como a alforria pôde ser dada por *fidei commissum*, a prazo, ou debaixo de condição; ha um *estado medio entre a escravidão e a liberdade*; e os escravos, que se acham nesse estado, têm a denominação de *estados livres*».

E, para o effeito especial que nos interessa — a posição do *statuliber* perante a penalidade, releva notar que já no Direito Romano se mandava punir o *estado-livre* como se fora livre (l. 9, § 16 do Dig. de *penis*)—T. de Freitas, obra e lugar citados.

Por consequencia, não ha necessidade de reforma legislativa, como se projectou no sentido, para revogar o art. 60 do Cod. Criminal, já insubsistente depois da citada disposição da lei de 23 de Setembro do anno passado.

Bastava que o malsinado regulamento da tímida e acanhadissima reforma tivesse querido, como cumpria expressar-lhe esta consequencia inevitavel para o nosso processo criminal. Ainda assim, a questão é só de applicação de lei: basta que o poder judiciario tenha a coragom de o comprehendêr.

Valença, 7 de Agosto de 1886.

LUCIO DE MENDONÇA.

UMA RESPOSTA

O Exm. Sr. conselheiro Silveira Martins, discutindo no Senado, na sessão do dia 24 do expirante, o orçamento do ministerio do Imperio, fez, entre outras, a seguinte censura ao Exm. Sr. ministro do Imperio:

«Em Minas, que outr'ora gozava da fama de ter bons professores de latim, já não existem latinistas de par com os progressos da moderna sciencia da linguaagem, nem com os progressos da pedagogia. Pouco ha, aliás, que estranhar nisso, pois que o honrado ministro do Imperio, mesmo aqui na Corte, toma um bacharel em direito, o Sr. Valentim Magalhães, e o nomeia professor de pedagogia—isto é, da materia que em Cœnigsberg foi professada pelo grande Kant, philosopho tão notavel que, para achar-se outro maior, cumpre na serie historica remontar até ao famoso Aristoteles. O nomeado é moço intolligente, dado a lides de imprensa; mas por isto mesmo não era o mais proprio para o paciente e aturado labor de pedagogista, nem tinha a experiencia do ensino requerida para o desempenho de tal magisterio.»

Minha resposta, que será curta, constará de tres partes:

I Quem me nomeou professor de pedagogia e methodologia (4ª cadeira da 2ª serie) da Escola Normal foi, é certo, o Exm. Sr. barão de Mamoré, em Agosto de 1885; mas eu já havia sido nomeado professor substituto d'essa cadeira pelo Sr. conselheiro Francisco Antunes Maciel, a 2 de Junho de 1884.

Creio que o illustre senador forma a

respeito do criterio, prudente e illustração do distincto ex-ministro do Imperio o mais elevado e lisonjeiro conceito. Se eu tinha habilitações para desempenhar o lugar de substituto, era licito crer que tambem as tinha para proprietario da cadeira.

II Certamente que se o illustre ministro, quando me nomeou para aquella cadeira, se houvesse lembrado que a mesma cadeira havia sido occupada pelo grande Kant, não me teria nomeado; mas ousou crêr, sem immodestia, que teria deixado a cadeira vaga, pois não sei que tenha o Brazil a honra de possuir nenhum Kant.

III O facto de eu ser, na opinião de S. Ex., «moço intelligente e dado a lides de imprensa» não contra-indica o exercicio do magisterio, mesmo na cadeira de pedagogia. Quanto a se tenho ou não tenho a precisa experiencia de ensino nada posso dizer. Parece-me, entretanto, que S. Ex. só poderia accusar-me de não tê-la, se já me houvesse dado a honra de ir ouvir-me.

A minha aula é ás segundas, quartas, e sextas-feiras, ás 7 horas e 10 minutos da noite.

Considerar-me-ia honradissimo com a visita de S. Ex., tivesse embora de, no dia seguinte, ouvido pedir a minha exoneração por incompetente.

E' isto apenas o que tenho a responder ao illustrado e glorioso representante da provincia do Rio Grande do Sul no Senado.

27—8—86

VALENTIM MAGALHÃES.

TRÓVA

Sorrio porque sorris;
São eguaes as nossas vidas;
Sou feliz porque és feliz z;
Almas não ha tão unidas:

Se choras, meus olhos choram;
Se folgas, folgo, meu beu;
Se os teus olhos me namoram,
Namoram-te os meus tambem.

De amor a mesma taiz
Fez uma das nossas vidas;
Sou feliz porque és feliz,
Almas não ha tão unidas!

1886.

ALFREDO DE SOUZA.

CARTAS DE LISBOA

«A VELHICE DO PADRE ETERNO»

Um estudo critico devidamente desenvolvido sobre o novo volume do Sr. Guerra Junqueiro, convenientemente exemplificado, mostrando o lugar que elle veio occupar na obra do poeta, o que nelle ha de antigo e o que nelle ha de novo, occuparia muitas folhas de papel e não é para se fazer em publicações da indole d'*A Semana*.

Direi pois a minha opinião o mais syntheticamente possível, fundamentando-a o mais resumidamente que puder.

Principio por dizer que o livro não corresponleu á expectativa geral, foi uma decepção. Para isso concorreu muito a ansiedade com que era esperado ha muitos annos, a admiração e louvores com que ha muito tempo se

anunciava a sua proxima publicação, as phrases entusiasticas espalhadas por alguns felizes da intimidade do poeta, enfim a prolongada demora do parto. Historia do rato e da montanha, que, mesmo que parisse um leão, sempre pareceria um rato.

A obra foi acolhida com uma indiferença claramente pronunciada. A imprensa pouco disse, alem dos adjectivos obrigados quando se falla do auctor. E no mundo litterario a impressão geral foi que a nova obra de Junqueiro era inferior ás antecedentes, como que um *fracasso*.—Você leu? perguntava-se.—Li algumas folhas... e larguei. Fraco... fraco... E ficou isso assentado. Ninguém, depois, tinha a coragem de dizer: li tudo; li e ganhei; tem coisas magnificas.

Compreende-se facilmente que assim acontecesse. O nosso pequeno mundo litterario compõe-se geralmente de sujeitos que lêem muito, mas estudam pouco; que pensam e sentem pelos livros que lêem a prova d'isso é a falta de personalidades na nossa litteratura. Ora estes sujeitos principiarão naturalmente a ler o livro pelo principio, assim como eu; não acharam mau, mas tambem não viram nada de novo, de extraordinario; e disseram como eu: *c'est connu*. Lêram mais algumas paginas e a impressão foi a mesma: *sabido, sabido*... Lêram ainda mais adiante, ao acaso, e principiarão a aborrecer-se, como eu, com aquella terminologia que, á força de repetida, já implica com os nervos, como succede com essas arias que cada anno caem no agrado do publico e vão passando do theatro para as bandas regimentaes, para os pianos, para o assobio dos garotos, até chegarem ao realjo ambulante; a consciencia e a justiça; os 6000 annos; os chacaes rimando com cristaes, e as crianças com pombas mansas; os adjectivos em *ente* com os adverbios em *mente*; aquelles typos já muito antigos e safados—o Torquemada, o cura Santa Cruz, a Benoiton, o pallido Jesus; o *assim* como de V. Hugo, muito mal soante; a repetição de duas imagens no mesmo verso separadas pela cisura e de muitos adjectivos reclamados pela grande medida do alexandrino, que, por ser pouco portuguez, demanda mais perfeição do que qualquer outro. Junte-se a isso a má impressão produzida pela feição material do livro (porque tudo influe) e pelo exaggerado do preço em relação com a qualidade inferior do papel e da tinta e com a incorrecção typographica; junte-se mais a decepção produzida no publico pela mudança do titulo á ultima hora (tanto que o titulo corrente é ainda *A Velhice de Jehovah* até pags. 24) e mais ainda por lhe darem em vez de um poema que elle esperava, uma collecção de poesias, algumas já conhecidas, escriptas em periodos muito differentes, e pertencentes a uma obra que só ficará completa num segundo volume. Junte-se mais a impressão de tedio produzida pela falta de variedade na ideia, pela banalidade de argumentação de muitas composições e até pela inferioridade esthetica de algumas, e parecerá natural que aquelles que, como eu, lêram até ao *Eurico*, inclusive, arru-massem a obra e viessem dizer aos amigos:—Fraco, fraco...

Essa foi a primeira impressão. Mas eu não me fio em primeiras impressões, principalmente quando ellas não são favoraveis.

Por isso continuei a leitura até ao fim e, ainda mais, li a obra segunda vez. E foi assim que a minha primeira opinião se modificou consideravelmente, como ha de modificar-se a de todos aquelles que fizem como eu.

Para lhes dizer a minha opinião sobre a *Velhice do Padre Eterno* considerarei a obra sob dois pontos de vista: o fundo e a forma. Considerada sob o ponto de vista da ideia a *Velhice do Padre Eterno* é uma collecção de poesias que, directa ou indirectamente, têm o mesmo fim: matar o catholicismo. Matam-no em nome da justiça, em nome da razão, em nome da verdade.

Sob esse ponto de vista a obra é effectivamente fraca. As 50 poesias da obra, que o auctor diz serem 50 balas que vão bater no mesmo alvo, desconfio que lhe hão de fazer pouco damno, ao alvo, se tiverem tolas a mesma força d'estas do primeiro volume.

Um seculo depois de Voltaire, a uma geração educada pela philosophia moderna, no ultimo quartel d'um seculo que fez a sciencia das religiões, a uma mocidade que mais ou menos len Renan, Maury, Draper, Max Muller, Buchner, Michelet, Proudhon e os mais até Yves Guyot; que mais ou menos leu Comte, Littré, Ribot, Saisset, Vacherot e Darwin, Stuart Mill, Spencer, a uma mocidade, emfim, educada pela sciencia moderna vem o Sr. Junqueiro trazer para lhe arrancar do coração algumas raizes que ainda lá houvesse de catholicismo, a religião que ella na maior parte bebeu com o leite, composições como a *Semana Sancta*, *Parasitas*, *O Papão*, *O Baptismo*, *Eurico*, *O Dinheiro de S. Pedro*, *Antonelli*, *Ladainha moderna*, e tantas outras...

Ninguem se admiraria de ver essas composições no *Seculo* ou em certos periodicos anti-catholicos que se vendem nos kiosques, onde tambem se vendem coisas obscenas. Mas de um talento como o Sr. Junqueiro são de estranhar coisas d'estas:

Ao povo, esse animal que o Padre Eterno monta,

e

Eu lembrei-me de vós, funambulos da cruz
Que andaes pelo universo ha mil e tantos annos
Exibindo, explorando o corpo de Jesus.

e

Baptisae: arrancaes d'um anjo um satanz,
Desinfectae Ariel banhando-o em agua-raz
De igreja e no latim que um malandro espectorator,

e mais

N'uma tarde d'outono, a somnolento trote,
Um macho conduzia em cima do albardão,
O muitissimo illustre e digno padre João.
Ao entrarem na aldeia os dois irracionaes,

e mais esta, *Ao Nuncio Masella* :

O Padre Eterno est' coberto de masellas
E tu (tu nome o attesta, ó boizo) és uma d'ellas,

e est'outra

O Padre Santo, que é um padre divertido,
Mandou escripturar então por um cornaca
Uma igreja a um bordel e um Christo a uma barraca

e ainda esta

Indo dormir talvez, oh pandega, oh delicia!
Jesus c'oa Magdalena—á esquádra de policia,
e mais esta, para fíndar :

Uma loba empenhou um dia de Tartufo,
E Antonelli nasceu c'este consorcio buffo.

Não, meus senhores, o livro do Sr. Junqueiro não vem fazer nenhuma revolução nas crenças dos seus leitores. Pelo fundo, a obra nova do grande poeta não valô nada. E de certo que, se a sua propaganda tivesse algum effeito, seria contraproducente. As folhas catholicas é que podem tirar d'ella um grande partido: é excellente para ellas avigorrarem as crenças dos que ainda as têm e para lhes disputar o odio contra o espirito moderno.

De resto ninguem crê, julgo eu, na sinceridade do poeta. Elle não escreve aquellas coisas porque a convicção ou a necessidade da lucta o obriguem a isso. Já vae longe o tempo de Voltaire e mesmo de Michelet.

Vejamos agora a obra pelo lado da forma.

Ninguem dirá com verdade que o Sr. Guerra Junqueiro é correcto. A sua poesia não tem parentesco nenhum com a do Sr. Gonçalves Crespo ou João Penha. A característica da inspiração do Sr. Junqueiro é a imaginação; uma imaginação exuberante de meridional, junctamente com a analyse fria e caustica da razão. A sua poesia não tem a serenidade correctiva, a cinzeladura artistica dos parnasianos; não tem a philosophia profunda de Anthero do Quental, que vive, meditativo, isolado, fora por assim dizer do seu tempo e da vida moderna, num mundo seu, um mundo que ainda ha de vir.

O Sr. Guerra Junqueiro não vé o mundo subjectivamente, como João de Deus, outro contemplativo, vivendo tambem num mundo à parte, mas vivendo mais pelo sentimento, enquanto Anthero vive mais pela razão. A poesia do Sr. Junqueiro é inteiramente objectiva. As suas poesias lyricas, mesmo, são de um lyrismo objectivo, um lyrismo scientifico, um lyrismo de imagens, onde não apparece o sentimento. O Sr. Junqueiro é um poeta que canta o que vé, que canta o mundo moderno como elle é a superficie. Nas suas obras reflecte-se a alma do seu tempo; mas a vida d'ellas não é a vida de quem toma uma parte activa nas luctas do seu tempo, mas sim a vida reflectida de quem lê, descansado em sua casa, as obras dos luctadores, de quem conhece a sciencia e a litteratura do seu tempo. A sua paixão é uma paixão ficticia, que lhe dá a sua imaginação poderosa de meridional.

Por isso um assumpto insignificante toma, quando tractado por elle, uma importancia inesperada, enorme; amplificado, engrandecido ao atravessar-lhe o cerebro potente, desenvolve-se em catadupas gigantes que correm desordenadas, ingentes, temíveis.

D'ahi a sua incorrecção e d'ahi a sua força.

Essa me parece ser a feição, a essencia, o genio da poesia do Sr. Guerra Junqueiro: a grandeza, a exuberancia, a força.

Já nos seus livros anteriores não seria difficil descrever as influencias estranhas (Baudelaire, Musset, Gautier, Hugo) esse indicio da personalidade do poeta. Mas, para quem ler a *Velhice do Padre Eterno* até ao fim, essa personalidade ficará claramente manifesta, como já o estava para aquelles que conhecem um poemeto que corre manuscrito e que só poderá ser impresso nas imprensas de Cythera.

O Sr. Junqueiro vé sempre grande.

Por exemplo:

...entre o abysmo do oceano,
Vendo rolar, rugir os glaucos vagalhões
Como uma cordilheira herculea de mon'as-

Com jaulas colossaes de bronze nas entras, nhas,
E um domador lá dentro a chicotear trovões;

Outro:

Noite sinistra e má. Nuvens esverdeadas
Corriam pelo ar como grandes manadas
De bufalos;

Ainda outro:

A's vezes um fragor rouco de temporal
Quer bramir aavez do Himalaia nasal
Do abbade, mas achando os dois tuneis do

Enturidos de esterco infecto e de simonte,
Retrocede e lá vae por outro sorvedeiro
Expluir — com profundo e tremebundo es-

toiro !...

De resto a grande superioridade do poeta é a imagem. Como incisivo, cortante, synthetico só conheço que se lhe possa comparar a prosa de Camilo e as legendas de Gavarni.

Tem algumas admiraveis.

Não posso furtar-me a mostrar-lh'as.

Uma:

...e a crença é como a hera
Que sustenta e dá ainda um tom de primavera
Aos velhos torreões gothicos a cahir; vera

Outra:

A consciencia não é a besta d'uma nora.
Lembrae-vos que o Progresso é um carro
sem travão,
E que apagar em nós o facho da razão
E' o mesmo que apagar o sol quando flameja,

Com o apagador de lata d'uma igreja;

E só esta mais:

As arvores, de luz inda doiradas,
Sobre os montes longinquos, solitarios,
Tinham tomado as fórmis rendilhadas
Das plantas dos herbarios.

Quem pois lesse o livro todo mudaria inteiramente a opinião produzida pela leitura das primeiras paginas. A *Ladainha moderna*, a *Circular*, a *Locomotiva*, a *Hydra*, a *Ladainha*, *Phantasmas*, o *Genesis*, mas sobre todas a *Sesta do Sr. abbade*, são magnificas, são de primeira ordem.

A ultima é extraordinaria. Lembra os desenhos de Daumier e não conheço nada de comparavel senão o Rabelais.

E' unico.
Guerra Junqueiro é não só o primeiro poeta moderno da península, mas, como poeta satyrico, é, em minha opinião, o primeiro de todos os tempos e de todos os paizes.

EMYGDIO MONTEIRO

A FLAUTA

Cala essa flauta, pastor !...
A cada nota que arranca
D'esse instrumento mavioso,
Não vês meu peito saudoso
Gemer por intensa dor ?
Não vês na lagryma ardente,
Neste suspiro abafado,
Pela agonía exalado,
Uma lembrança pungente ? !...
Siu; amargores libados
Na taça dos desenganos...
Sonhos por mim suspirados
Que não apagam os annos ! !...

Perdão ! prosegue, pastor !
Quero aspirar o perfume
D'esse passado de dor...

Então um vago queixume
Na tua flauta querida,
Oi um adeus de despedida,
Mas não um canto de amor !...
E quando, voltando ao nada,
Eu jouver, inanimada,
Sob o chão que o orvalho beija,
E a tanue brisa bafeja;
Repete a canção sentida,
Modula uma triste endeixa.
E minh'alma, então, descrida
Ouyirá da flauta a queixa !...
GUILHERMINA SASSETTI.

JORNÁES E REVISTAS

A excellente fôlha que se publica na capital de S. Paulo ha alguns mezes sob o titulo *O Monitor*, distinguio-nos em o seu n. 20 com a benevola e honrosissima noticia que em seguida transcrevimos, reconhecidos e lisongeados:

«*A Semana*»:— Aqui está um jornal que hade por força fazer acreditar em milagres. Entre nós, um jornal litterario, que não dura como as rosas de Malherbe, ou quando muito que não morre do mal dos sete dias, é um prodigio; toca as raias da phenomenalidade.

Quando *A Semana* apparecen, apesar do notavel talento e da actividade nunca desmentida de Valentim Magalhães, apesar dos seus brillantes collaboradores, pouco se dava por ella. Tinha defeitos que faziam desconfiar: não trazia artigos politicos, não insultava ninguem, occupava-se de assumptos espirituaes e de alto bom gosto, tinha verba, tinha graça, tinha delicadeza no dizer, e—perigoso indício— não tinha erros de portuguez. Estava ali estava morta.

Não obstante, *A Semana* atravessou os duros primeiros mezes de existencia e atravessou-os sorrindo ás caréas da burguezia que floresce nos *apellidos* e d'elles se deleita. Completou o seu primeiro anno, cumprindo a risca um programma difficil, e está hoje desembarçada e tranquilla para uma viagem de longo curso.

É verdade que a marinagem é firme, faz frente á tempestade, e sabe que o piloto não adormece no leme: e é por isso que a vemos chegar todos os domingos como uma mensageira de terras alegres, cheia de frutos delicados e saborosissimos, que nos compensam do alimento do jornalismo quotidiano com a sua sôpa, vacca e arroz da politica e da samsaboria.

O numero que temos presente, de 21 de Agosto, abre logo por um esplendido artigo sobre o *Duello e a Imprensa*, firmado por Valentim Magalhães. Não é de certo em vista d'elle que Ramalho Ortigão retirará a opinião que manifestou a algum sobre o distincto jornalista brasileiro.

Seguem-se *Paléstras femininas*, *A reabilitação* (conto), artigos sobre bellas artes e theatros (dos meliores que se publicam na Corte), poesias, noticias e a secção de perguntas e charadas. Falta d'esta vez a *Historia dos sete dias*, onde Filinto d'Almeida, um escriptor de elite, costumou os leitores á familiaridade do seu espirito parisiense.

Numa palavra, um numero interessantissimo.

Agradecemos a visita do nosso collega fluminense.»

Os nossos estimados collegas do *Diario Mercantil* de S. Paulo, reproduziram no seu n. de 25 do corrente o nosso artigo *O duello e a imprensa*, fazendo preceder á transcripção, na vespera, as seguintes honrosas palavras:

«O ultimo numero do excellent periodo *A Semana* traz um judicioso artigo de Valentim Magalhães, intitulado *O duello e a imprensa*.

«Pensando exactamente como o brillante escriptor sobre a soluçào do conflicto travado entre a *Gazeta de Noticias* e o *Paiz*; e sobre a necessidade do duello, como um poderoso meio de regenerar a imprensa, reproduzimos amanhã esse notavel artigo, que responde ás vulgaridades reeditadas a proposito do reconto na *Ilha d'Agua* e aos commentarios sandios e malevolos que esse facto suscitou.

«O dr. Ferreira de Araujo,—escreve Valentim Magalhães—desafiando a um duello o sr. commendador Reis, e este, acceitando-o, firmaram um precelente francamente louvavel e com o qual a imprensa terá muito a ganhar.

«Inteiramente de accordo.»

Está acima de todo elogio o n. 437 da *Revista Illustrada*.

Na primeira pagina um magnifico e primoroso retrato do final visconde do Bom Retiro, cuja perda hade chorar por longo tempo muitas familias que nelle tinham o seu unico protector; na 2ª pagina um fina e pungente satyra aos protectores de animaes irracionais; a 3ª é uma bella pagina representando o duello entre os directores da *Gazeta de Noticias* e d'*O Paiz*; a ultima é dedicada á caridosa e eminente cantora Nadina Bulicoff. Texto variado e bom.

Um numero soberbo, este.

F. M.

SPORT

Realisaram-se no domingo passado, as corridas do Derby Club, apesar do tempo chuvoso e da raia estar completamente alagada... A concurrencia foi muito diminuta e o programma deixou de ter a devida importancia, pela falta de muitos parceiros que nelle se haviam alistado, mas cujos proprietarios temeram fazer correr em uma raia tão alagada e com um dia inteiramente chuvoso. Nem tanto nem tão pouco. Felizmente, incidente algum houve a lamentar-se.

Os pareos foram regularmente disputados, porem a maioria em mau tempo, isto é, tendo os parceiros percorrido os tiros com pouca velocidade.

Eis o resultado:

No 1º pareo (1450 metros) dos animaes inscriptos apenas correram *Villa-Nova*, *Aranha*, *Caporal* e *Biscaia*, que em 101 segundos venceu os seus competidores, que pouca importancia tinham. *Caporal* teve o 2º lugar *Villa-Nova* o 3º, e *Aranha* a bagagem, affrouxando completamente. *Peralta II*, *Saltarelle*, *Galgo*, *Americana* e *Genny* não correram.

No 3º pareo (1000 metros) correram *Pleiades*, *Gaudriole*, *Pancy*, *Françoise*, *Madama* e *Cheapside* que tendo sahido um pouco atrazada, por ser manhosa, venceu com facilidade em 68 segundos, seguida por *Madama* que teve o 2º lugar. *Françoise* chegou em 3º. *Gaudriole* fez figura triste e foi mal corrida chegando em 4º. *Pancy* e *Pleiades* chegaram na bagagem.

No 3º pareo (1750 metros) *Satan* com facilidade em 121 segundos bateu *Coupon* e *Scylla* que chegou em 2º lugar, *Coupon* teve o ultimo lugar. *Gladiador* não correu.

No 4º pareo (1609 metros) *Druid* em mau tempo e ainda com facilidade venceu os seus adversarios em 115 segundos. *Regalia* chegou em 2º lugar. *Biscaia* em 3º e *Ivon* em 4º. Este pareo não foi disputado, foi a galope. *Aymore* não correu.

No 5º pareo (1450 metros) *Galgo* com immensa facilidade e em mau tempo venceu os seus competidores, em 116 segundos. *Vibora* chegou em 2º. *Condor* em 3º e *Famalicão* propositalmente, sem estar preparado, se alistou, e correu a galope. «Cautella que ha mouros pela costa...» *Monitor* e *Condor* não correram.

No 6º pareo (2400 metros) *Scylla* fez uma brillante corrida, debaixo de uma boa carga d'agua, lutando com *Dignitaire* que chegou em 3º lugar, comple-

tamente esgotado. *Scylla* venceu em 179 segundos. *Curubaí* chegou em 2º, *Platão* em 1º e *Dr. Jenner* em 3º quer dizer—na bagagem. *Nandi* não correu.

O 7º pareo (1600 metros) foi addiado para a primeira corrida que realisar esta sociedade.

No 8º pareo (1750 metros) *Coupon* em 126 segundos sahio victorioso, seguido por *Sylvia II* que teve o 2º lugar. *Boreas* chegou por ultimo fazendo a má corrida.

Com um programma esplendido, realisa amanhã o Prado Villa-Isabel as suas corridas. Desejamos feliz exito na execuçào do seu programma que inquestionavelmente é digno de ser apreciado pelos amadores d'este util divertimento.

Em nossa ultima pagina se acha elle impresso. Os dilettantes poderáo á vontade artiscar os seus palpites.

L. M. BASTOS

THEATROS

RECREIO DRAMATICO

Companhia do Theatro D. Maria II, de Lisboa

O MESTRE DE FORJAS

Silva Pereira, o nosso velho e sempre querido Silva Pereira, que é uma das figuras mais sympathicas da companhia do D. Maria, fez quarta-feira a sua festa artistica com a primeira d'*O Mestre de Forjas*, a detestavel e tão apreciada monstruosidade em 5 actos, de George Ohnet. O beneficiado escolheu aquella peça por saber que ella é uma das mais queridas do nosso publico e porque, estando doente, como está, nella apparecia num papel bom sem muito trabalho.

Do desempenho pouco ha que dizer em bem.

O beneficiado fez com graça e naturalidade o papel de Moulinet. João Rosa deu-nos um magnifico Felippe Derblay. Baptista Machado fez como fazia o barão de Prefont. Tudo o mais foi infeliz. Virgínia não estava á vontade na pelle de Clara de Beaulieu. Arrastou o seu papel sem relevo nenhum por aquelles actos fora, tendo apenas uma ligeira scintillação no terceiro, na scena com o duque de Bligny.

Antunes foi um infelicissimo duque... Bem a Sra. Amelia da Silveira no papel de Valentina, que nós conheciamos por Athenays.

A Sra. Alexandrina fez uma Suzanninha de agua morna.

Ferreira, Valle, Costa e os outros artistas tiveram pequenos papeis sem importancia.

Deve sér segunda-feira, no D. Pedro II o beneficio dos irmãos Rosa. Representa-se nessa noite *A sociedade onde a gente se aborrece*, a estimada e bella comédia de Pailleron. Ao que nos dizem haverá nesta peça dois grandes attractivos:

Fará o papel de Suzanna, em especial obsequio aos beneficiados, a ex-actriz D. Sara da Silva, que o representava tão galantemente na companhia Furtado Coelho; e Vasques, o nosso grande Vasques fará o insignificante mas gracioso papel do poeta tragico do primeiro acto.

Deve ser uma festa esplendida e, certamente, nessa noite o publico manifestará aos dois excellentes artistas portuguezes o alto apreço em que tem o seu merito e as suas qualidades de cavalheiros.

S. PEDRO

Companhia de opereta franceza

Zelo Duran, a graciosissima cantora da companhia franceza, fez beneficio no sabbado passado, com um acto de *Mme. Boniface*, outro de *Le jour et la nuit* e outro de *Boccace*.

Foi um bello espectáculo em que a beneficiada foi ruidosamente applaudida e abundantemente presenteadada, sendo por vezes o palco juncado de flores.

*

Faz beneficio hoje neste theatro a graciosa e distincta cantora Preziosi, cantando o papel de Wladimir Dimitrowich na bella opereta *Fatinizka*, papel que é creação d'ella. Parte do beneficio é destinado a redimir alguns escravizados.

SANT'ANNA

De passagem nesta capital, apresentaram-se ao publico fluminense, na noite de 25, no Sant'Anna, o tenor Aramburo e a soprano ligeiro Sra. Gambogi.

Aramburo cantou *La mia sposa sarà la mia bandiera*, do maestro Rotoli, a ballata *Questa è quella*, do *Rigoletto*, e a *Ave Maria* de Luzzi.

A Sra. Gambogi cantou um trecho da *Semiramis*, *Bel raggio*, *Lusinghler*, a *Ave Maria* de Gounod e um andante com variações, de Pietro Rode.

Aramburo, justificou a fama que tem de notabilidade no mundo artistico europeu.

*

Realiza-se amanhã neste theatro a grande *matinée* organizada pelo Vasques para commemorar o anniversario do fallecimento do grande actor João Caetano dos Santos, de cuja memoria é elle o mais fervoroso respeitador.

O Sr. Dr. Joaquim Nabuco encarregou-se do elogio de João Caetano.

O programma é magnifico, attrahentissimo, como todos os organisados pelo Vasques.

POLYTHEAMA

A estafada companhia de cavallicoes dos irmãos Carlo continúa a dar funcções suporiferas; sempro o mesmo programma e rara é a noite em que se não dá um pequeno desastre. A concorrência diminue gradualmente.

E' natural

Brevemente teremos um concerto magnifico, organizado pelo Sr. Ottolini de Veiga, basso portuguez que ha alguns mezes está nesta corte. O Sr. Ottolini é sobrinho do maestro Visconde de Arneiro, o apreciado auctor da opera *La Derelyta*, que tão apreciada foi em Lisboa.

O programma e o local do concerto não estão ainda determinados.

O actor Bernardo Lisboa fez beneficio hontem no Principe Imperial com a espectacular peça em 5 actos e 6 quadros, de D'Ennery — *A supposta adultera*.

A peça, que é de grandes effectos dramaticos, foi muito applaudida e o actor Lisboa muito festejado.

Acha-se impresso nitidamente o graciosissimo libreto da opereta *A Donzella Theodora*, um dos mais espirituosos de Arthur Azevedo.

O producto d'esta edição, que foi feita pelo Sr. Gaspar de Souza, revertirá em favor dos cofres da Imperial Associação Typographica Fluminense.

O merecimento litterario da peça, o primoroso trabalho da impressão e o seu philantropico destino recomendam sobejamente *A Donzella Theodora*.

P. TALMA

FACTOS E NOTICIAS

No domingo passado realisou o Sr. dr. L. H. Pereira de Campos mais uma das suas apreciadas conferencias sobre Instrucção Publica.

Occupou-se S. S. com as Escolas Normaes, mostrando profundo estudo, idéias praticas e sensatas e erudição variada.

Perorou consagrando sentidas palavras de magua e saudade ao passamento do Visconde do Rio Branco.

Foi muito applaudido.

A *Gazeta Mineira*, que se publica em S. João d'El-Rey, consagra a primeira pagina do seu n. 159 á memoria do distincto poeta Jorge Rodrigues.

D'entre os artigos insertos neste numero destacam-se os dos Srs. J. Netto e José Braga que, com o estimavel poeta, fora fundador d'*O Domingo*, e por iniciativa do qual foi prestada aquella justa homenagem.

CLUB GYMNASICO PORTUGUEZ

Com extraordinaria concurrencia de socios, familias e convidados, realizou esta distincta sociedade, no sabbado ultimo, uma esplendida *soirée*, como inicio dos trabalhos da directoria ultimamente eleita.

O Club Athletico Fluminense dá amanhã uma grande corrida.

FALLECIMENTOS

FALLECERAM:—A 21, em Juiz de Fora, o Dr. Leonel Jaguaribe, medico distincto, filho do Sr. senador Jaguaribe; a 22, na Corte, o conselheiro Paiva Teixeira, ministro do Supremo Tribunal de Justiça; no Porto, o Sr. Alfredo José Rebello, filho do consul brasileiro naquella cidade e distincto quartannista de Direito em Coimbra.

RECEBEMOS

— *Historia de Gil Braz de Santilhana*, fasciculo n. 37 e *Fabulas de Lafontaine*, fasciculo n. 8; editor David Corazzi.

— *Onze de Agosto*, polka habanera por D. Maria E. da Cruz Almada: S. Paulo. Offerecida á academia de S. Paulo, cuja fundação naquella dia se commemora annualmente. Sem mesmo ouvir-a, podemos assegurar que é uma bonita polka, porque a distincta auctora entende do riscado.

— *Litré*, commemoração do 5º anniversario da sua morte. 1881-1886 pelo Dr. Lycurgo Santos. S. Paulo.

— *Revista Federal*. Publicação do Club Republicano Rio Grandense. Magnificos artigos de Alvaro Chaves, Pauli Maiwald, Roma-

guera Corrêa, Dr. Ennes de Souza e Dr. Lucio de Mendonça. D'este, data venia, transcrevemos o curto e luminoso artigo sobre *A pena de açoites*.

Da casa « Au Petit Journal » *Le Printemps*, n. 15 do 21º anno. Muitos e lindos figurinos. Ha ali um certo *paillason Léda* encantador!

ANNUNCIOS

Dr. João Botelho, medico e operador; molestias venericas, syphiliticas e das vias urinares. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicações medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 51, por cima da antiga pharmacia Fragozo, das 12 ás 3 horas.

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

Portuguez, francez e Inglez
— Professor Rodolpho Porciuncula. Reçados nesta folha.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

ALMANACH MUSICAL

POR

DOMINGOS MACHADO

Contendo os nomes de todos os artistas e amadores da corte e de todas as provincias, ornado com uma interessante parte litteraria. Primeiro trabalho neste genero que se tem publicado no Brazil. Acha-se á venda á rua da Alfândega 71, ou Gonçalves Dias 40.

Agencia Musical

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO
PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o *Café Oriente*, da fabrica a vapor do Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25

9 C LABGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta—annuncio.

COLLEGIO PUJOL

NA

FREGUEZIA DOS MENDES, ESTAÇÃO DA E. DE F. D. PEDRO II

DIRIGIDO POR

HIPPOLYTO GUSTAVO PUJOL

« Dae-me a direcção do ensino durante um seculo e eu mudarei a face do mundo. »

LEIBNITZ

« Ha mais luz nas vinte e quatro letras do abecedario do que em todas as constellações do firmamento. »

GUERRA JUNQUEIRO

O COLLEGIO PUJOL, ha 18 annos fundado e dirigido pelo professor Hippolyto Gustavo Pujol, sob sua immediata responsabilidade, tem por fim a educação physica, moral e intellectual dos alumnos que lhe são confiados.

Collocado em um dos sitios mais saudaveis da provincia do Rio de Janeiro, a pequena distancia da Córte, offerece o Collegio Pujol as melhores condições hygienicas que se possam desejar para um estabelecimento d'essa ordem, já quanto aos ares purissimos do local, já quanto á excellencia do edificio.

A valiosa cooperação de professores illustrados e a pratica do magisterio, que temos exercido durante 20 annos no Brazil, nos habilitam a corresponder á confiança dos Srs. pais de familia, confiança plenamente justificada pelo crescido numero de alumnos que este Collegio tem preparado para todas as Academias do Imperio, onde muitos d'elles têm contribuido para levantar os creditos do Collegio Pujol.

PLANO GERAL DE EDUCAÇÃO

EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA — O constante empenho do director terá sempre e especialmente em vista a educação moral e religiosa. A educação moral fórma o character, nos dirige e faz fructificar a educação physica e intellectual. Sejam quaes forem os meios empregados para purificar e ennobrecer as inclinações de nossos alumnos, para lhes ensinar seus deveres, ficaria nossa obra incompleta se não viesse a educação religiosa pôr-lhe remate, como escola de moral e fonte de felicidade, pois o homem só pela religião chega á plenitude do character moral que pertence á humanidade.

EDUCAÇÃO PHYSICA — A Gymno-physica é uma das condições de uma boa educação, havendo estreita connexão do physico com o moral.

A gymnastica tem decidida influencia sobre o character infantil.

A organização viciosa e a saude quebrada perturbam os trabalhos do espirito e imprimem nos sentimentos intimos um selo de corrupção.

EDUCAÇÃO INTELLECTUAL — Em todo systema de educação um principio unico e absoluto predomina: é estudar a indole e a natureza moral dos discipulos. Esta é a base do systema de educação adoptado no Collegio Pujol.

Um bom methodo deve marchar do simples para o composto, do concreto para o abstracto, do particular para o geral, baseando-se sobre os methodos dos pedagogistas allemães Grassnam, Harnish, Spiess, Wurst, Denzell, Kellner, cujos manuaes de *intuição* tanto andiantaram na Allemanha a pedagogia.

Decide o methodo do bom exito do ensino, porque é guia do estudo; é o methodo o itinerario da instrucção.

A alma do nosso methodo é a *intuição*, sendo nosso mestre o benemerito Pestalozzi.

Esse methodo offerece a *cousa* em lugar da *definição*, a *realidade* em lugar das *formulas*, os *factos* em lugar das *convenções*. Tira a *intuição* o véo que a linguagem e signaes de convenção lançaram sobre a Natureza, e põe o menino em presença do que existe, recorrendo á observação, obrigando o espirito a reflectir, excluindo a vã sciencia que só assenta em palavras e a imitação de trilha que repete mecanicamente o que aprendeu.

O estudo da lingua vernacula é um dos ramos de educação litteraria que mais prende a attenção do director, por ser este estudo a base essencial para o desenvolvimento de todos os conhecimentos humanos.

Aprendendo mal a lingua vernacula o menino começa a falsificar seu juizo. A grammatica não é arte de luxo: é a primeira educação do pensamento. Aprender a bem falar, é aprender a reflectir.

PROGRAMMA DE ESTUDOS

Compreende 4 cursos:

- 1º—Curso primario do 1º gráo.
- 2º—Curso primario superior.
- 3º—Curso secundario.
- 4º—Curso accessorio.

Nos dois ultimos cursos estão comprehendidos todos os preparatorios exigidos para a matricula nas diversas academias do Imperio, bem como um curso sobre noções elementares de Historia Natural, Physica, Chimica, Hygienic, Musica vocal e instrumental, Gymnastica e Desenho.

O enxoval fica á vontade dos pais.

Não se exige joia de entrada.

As pensões começam no dia da matricula, sendo pagas por trimestre andiantado.

PENSÕES

Internos.....	40\$000	mensaes
Externos (curso primario).....	6\$000	»
Externos (curso secundario).....	12\$000	»
Roupa lavada.....	6\$000	»
Uso e conservação do material escolar e gymnastico.....	2\$000	»
Piano.....	8\$000	»

O Curso de Gymnastica é obrigatorio.

O ensino de Musica (banda collegial) e Gymnastica é gratuito.

Cada alumno deverá ter seu correspondente na Córte, podendo, entretanto, ser pagas as pensões aos Srs. Ferreira Mondego & C., rua do Hospicio, 38.

As pensões não soffrem desconto em caso algum, excepto quando se tratar de molestia longa, que prohiba a frequencia por mais de um mez.

O director, H. G. PUJOL.

PRADO VILLA-ISABEL

PROGRAMMA DA DECIMA CORRIDA

A REALIZAR-SE EM 29 DE AGOSTO DE 1886

AO MEIO-DIA

1º pareo — CRIADORES — 1.350 metros — Animaes de menos de meio sangue, que não tenham ganho — Premios: 200\$ ao primeiro, 50\$ ao segundo e 30\$ ao terceiro,

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	<i>Dr. Canivete, ex-Nema</i>	Alazão.....	7 annos	Rio Grande...	54 kilos	Vermelho e branco.....	Carlos P. Barbosa.
2	<i>Zizavia</i>	Castanho....	4 »	R. de Janeiro	49 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.
3	<i>Tufão</i>	Idem.....	3 »	Idem.....	48 »	Verde e amarello.....	J. Andrade.
4	<i>Pampeiro</i>	Idem.....	3 »	Rio Grande..	48 »	Idem, idem,	Joaquim A. Silva.
5	<i>Boleiro</i>	Idem.....	3 »	Idem.....	48 »	Azul e manchas encarnadas	C. P.
6	<i>Verbena</i>	Idem.....	4 »	R. de Janeiro	49 »	Azul e ouro.....	J. J. de F. Guimarães.
7	<i>Tejo</i>	Pampa.....	5 »	S. Paulo.....	54 »	Ouro e encarnado.....	A. M.

2º pareo—ENSAIO—1.450 metros—Inteiros e eguas nacionaes de 3 annos—Premios: 400\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

1	<i>Pip</i>	Pampa.....	3 annos	S. Paulo.....	43 kilos	Ouro e rosa.....	B. V.
2	<i>Flotsam</i>	Zaino.....	3 »	Idem.....	48 »	Vermelho.....	Coudelaria Mirim.
3	<i>Condor</i>	Castanho....	3 »	Paraná.....	48 »	Azul e grénat	J. J. de F. Guimarães.
4	<i>Onix</i>	Idem.....	3 »	S. Paulo.....	48 »	Branco e bonet encarnado..	Oliv. Junior & Lopes.
5	<i>Feiticeira</i>	Alazão.....	3 »	R. de Janeiro.	48 »	Grénat e rosa.....	S. M.

3º pareo—INTERNACIONAL—1.450 metros—Animaes de todos os paizes—Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 90\$ ao terceiro

1	<i>Françoise</i>	Alazão.....	4 annos	França.....	55 kilos	Verde, branco e encarnado.	R. M.
2	<i>Nana</i>	Castanho....	5 »	Inglaterra..	58 »	Branco, e m. violetas.....	J. H.
3	<i>Sylvia II</i>	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	51 »	Azul, branco e encarnado.	Coud. Cruzeiro.
4	<i>Madama</i>	Idem.....	3 »	França.....	52 »	Idem, idem.....	Idem, idem.
5	<i>Diomede</i>	Zaino.....	3 »	Idem.....	54 »	Branco e bonet encarnado..	Oliv. Junior & Lopes
6	<i>Dr. Jenner</i>	Idem.....	4 »	Rio da Prata.	55 »	Grénat e bonet ouro.....	Raul de Aguiar.
7	<i>Cheapside</i>	Alazão.....	3 »	Inglaterra..	52 »	Encarnado, branco e ouro.	Coudelaria Paulista.
8	<i>Gaudriole</i>	Castanho....	3 »	França.....	52 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.

4º pareo—PROGREDIOR—1.609 metros—Inteiros e eguas nacionaes até meio sangue—Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 90\$ ao terceiro

1	<i>Druid</i>	Tordilho.....	4 annos	R. de Janeiro	55 kilos	Branco e bonet encarnado.	Oliv. Junior & Lopes.
2	<i>Intima</i>	Castanho....	5 »	S. Paulo.....	52 »	Ouro e encarnado.....	D. A.
3	<i>Regalia</i>	Vermelho....	5 »	Idem.....	56 »	Branco e listão encarnado.	Mario de Oliveira.
4	<i>Calote</i>	Castanho....	4 »	Idem.....	51 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.

5º pareo—SUBURBANO—1.800 metros—Animaes de todos os paizes—Premios: 1:000\$ ao primeiro, 250\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro

1	<i>Satan</i>	Castanho....	3 annos	França.....	53 kilos	Grénat e bonet ouro.....	Mario de Souza.
2	<i>Coupon</i>	Alazão.....	3 »	Idem.....	53 »	Azul, branco e encarnado..	Coud. Cruzeiro.
3	<i>Pleiades</i>	Zaino.....	5 »	Rio da Prata.	57 »	Encarnado, e branco.....	J. Machado.
4	<i>Françoise</i>	Alazão.....	4 »	França.....	52 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.

6º pareo—EXPERIENCIA—1.450 metros—Animaes nacionaes de meio sangue, que não tenham ganho nesta distancia—Premios 400\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

1	<i>Caporal</i>	Alazão.....	4 annos	S. Paulo.....	51 kilos	Verde, branco e encarnado.	R. M.
2	<i>Bonita</i>	Idem.....	5 »	Idem.....	52 »	Grénat e ouro.....	José Machado.
3	<i>Douro</i>	Idem.....	7 »	R. de Janeiro	54 »	Verde e amarello.....	José Guimarães.
4	<i>Araby</i>	Idem.....	4 »	Idem.....	51 »	Grénat e lyrio.....	Mario de Almeida.
5	<i>Ivon</i>	Zaino.....	4 »	Paraná.....	51 »	Preto, branco e encarnado.	C. P.
6	<i>Peralta II</i>	Castanho....	4 »	Idem.....	51 »	Azul e manchas encarnadas	Idem.
7	<i>Bitter</i>	Preto.....	5 »	S. Paulo.....	54 »	Azul e rosa.....	Hermenegildo J. Silva
8	<i>Pr cloria</i>	Libuno.....	5 »	Idem.....	52 »	Azul e havana.....	A. C.
9	<i>Americana</i>	Tordilho....	4 »	R. de Janeiro	49 »	Branco, preto e encarnado.	M. L. de Carvalho.

7º pareo—ANIMAÇÃO—1.000 metros—Eguas de qualquer paiz, que não tenham ganho este anno—Premios: 500\$ á primeira, 125\$ á segunda e 75\$ á terceira

1	<i>Pansy</i>	Zaino.....	3 annos	Rio da Prata.	54 kilos	Cereja, verde e amarello...	V. M.
2	<i>Nana</i>	Castanho....	5 »	Inglaterra..	61 »	Branco e m. violetas.....	J. H.
3	<i>Sylvia II</i>	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	53 »	Azul, branco e encarnado..	Coud. Cruzeiro.
4	<i>Norma</i>	Zaino.....	3 »	Inglaterra..	56 »	Branco e estrellas azues...	Coud. Guanabara,
5	<i>Aspaside</i>	Castanho....	4 »	Idem.....	59 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
6	<i>Cheapside</i>	Alazão.....	3 »	Idem.....	56 »	Encarnado branco e ouro..	Coudelaria Paulista.
7	<i>Gaudriole</i>	Castanho....	3 »	França.....	56 »	Azul e ouro	Coudelaria Alliança.

OBSERVAÇÕES — As corridas principiãrão ao meio-dia em ponto, impreterivelmente, e terminãrão as 4 3/4.

O animal *Dr. Canivete* é montado pelo seu proprietario.

Os animaes inscriptos no 1º pareo devem achar-se no ensilhamento às 11 horas em ponto.

Typ. d'A Semana, rua do Carmo n. 36, sobrado.

RAUL DE CARVALHO, 2º secretario.

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 1 DE SETEMBRO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 88.

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	V. MAGALHÃES.
Piedade, patricios!.....	TOB.
Politica e politicos.....	R. CORREA.
Teitor, poesia.....	ARARIPE JUNIOR.
Enfermidades estylisticas	
Entrada na floresta. Natureza	
Interrogada, sonetos.....	LUIZ DELFINO.
A vida elegante.....	LORGNON.
Jornaes e revistas.....	A. S.
Troca de scenarios, soneto.....	H. MAGALHÃES.
Poesia e poetas.....	A. DE SOUZA.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Theatros.....	P. TALMA.
Factos e Noticias.....	FR. SIMPLICIO.
Tratos á bôla.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÔRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

Aos nossos assignantes de Pernambuco rogamos a fineza de mandarem pagar as suas assignaturas ao Sr. Afonso de Souza e Vasconcellos, na rua do Marquez de Olinda, 14, de quem receberão os respectivos recibos.

PIEIDADE, PATRICIOS!

A *Gazeta de Noticias* de ante-hontem transcreveu na secção *Theatros* e... um trecho da *Semaine Dramatique* de Jules Lemaitre, no *Journal des Debats*, de 12 de Julho, sobre a estada de Sarah Bernhardt no Brazil, prefaciando-o com este aviso salutar:

«As palavras do conhecido critico francez apenas demonstram a sua ignorancia sobre as cousas do Brazil, ignorancia que de resto é muito commum por esse mundo fóra.»

O resultado d'esta prevenção foi seguro: armei-me logo de prévia e truculenta indignação contra aquelle diabo francez, ou antes: contra aquelle fran-

cez do diabo, que havia tido o *topête* de chamar «paiz de selvagens» a este bello paiz de escravos, quando para elle veio a Sarah Bernhardt. E li,—rugindo em furia, fuzilando coleras,—todos aquelles desaforos; sim, li-os!

Devorados elles, reuni em conclave toda a gente cá de casa e convidei-a — a indignar-se commigo, de sucia. O Filinto, esse, foi logo: entrou a enrubeecer de raiva como um rábano pudibundo e difficilmente conseguimos impedir que elle fosse ali á capital do mundo arrancar as orelhas do Julio. O Alfredo de Souza atirou-se, como gato a bofes, a uma resma de tiras, imbelles e alva como o cordeiro pascal, que lhe estava em frente, e, num abrir e fechar d'olhos, desfechou conta o desgraçado chronista pariziense tres poemas e meio, dos quaes o primeiro começava assim:

«Oh infame Lemaitre! oh! vil calumniador!»

O Mendes, secretario, atrapalhou-se em meio de uma carta, mandando ao beuemerito assignante a quem estava escrevendo esta amabilidade: «Havemos de fazer-lhe engulir estas injurias, rabisador ignobil!» O Porciuncula ergueu-se lepidio, como se jamais houvesse coxeado, e entrou a floretar um guarda-chuva, com intrepidez, na direcção de Pariz.

Estando fóra o Henrique, mandei-lhe este telegramma:

«Henrique. Tinguy. Lemaitre desaforo Brazil. Indigna-te. Nós todos indignados já.»

D'ali a pouco — horror! — chegava todo o corpo de bombeiros: a nossa indignação havia incendiado... a rua do Carmo inteira! Todos os sapatos e presuntos dos nossos visinhos ardião, esturravam-se no fogo do patriotismo!

E em meio de tão ardente calamidade consternava-me esta idéia:—No emtanto a estas horas o patife está comendo tranquillamente, no *Vachette* ou no *Bignon*, os tantos centenares de francos que lhe pagou o *Journal des Debats* pelo malsinado artigo em que elle disse o diabo de nós!

Ah! maldicto! Mas Deus é grande! mas o olho da Providencia não dorme, e o dedo do Destino bem sabe o que faz!

Deve declarar que este pensamento, religioso e doce como os pasteis de Santa Clara, acalmou, como por encanto, o pavoroso incendio da nossa indignação e... botas adjacentes. E, deixando então de arder, entrámos a reflectir.

Verdade, verdade—ora vejam o que é a gente pensar com prudencia e calma! —verdade, verdade, nem por isso foi lá muito injusto nem muito cruel o insignificante collaborador da *Revue Bleue*, o desconhecido auctor d'Os *Contemporaneos*, o obscuro critico de Renan, Lecomte de Lisle, Zola, Coppée, Goncourt, Daudet, e outros que taes. Afinal que disse elle? Vejamos.

—Que «o nosso imperador é muito pacato e desilludido, que é imperador porque não pôde ser outra cousa, que gosta de Pariz, que foi conviva de Victor Hugo, e que assistio a todos os espectaculos da Sarah.» Mas, que diabo!—tudo isso é a pura verdade!

—Que «todas as noites houve ovacões furiosas, explosões de enthusiasmos tropicaes». Mas ainda isto, embora seja um pouco exaggerado — o que, aliás, é em nosso desabono—ainda isto não é mentira.

—Que «homens de uma riqueza ridicula, que possuem minas de ouro e prata e milhares de hectares de canna de assucar, homens de grandes soças pretas, cobertos de pedras preciosas, como os idolos, esperavam Mme. Sarah Bernhardt á sahida do theatro e estendiam os lenços no chão, com medo de que a poeira sujasse as pés de Phédra ou de Theodora. E os bons negros, fulminados de admiração, olhavam para ella com os seus olhos de agatha.»

O que ha de mais aqui é devido ao estylo, porque em funio ha uma boa porção de verdade. A parte as minas de ouro e prata e os milhares de hectares de canna de assucar e as pedras preciosas—*canards* que os estrangeiros facilmente e naturalmente engolem porque só nos conhecem de longe, atravez de lendas e informações suspeitas,—o resto, principalmente as soças protas, parece-me razoavel, admissivel. Lemaitre apenas soube dos lenços; não lhe chegou a noticia das outras peças de vestuario de que se despiu a admiração indigena para saudar o genio.

Não soube que a rapaziada atirou chapéus, paletots e colletes á scena; que fez tapete para a actriz dos sobretodos e fraques; não soubo que em S. Paulo houve um entusiasta que não tendo mais que atirar-lhe—á excepção das calças, que, não por decencia, mas por medo da policia, conservou—atirou-se-lhe, a si proprio, estendeu-se-lhe aos pés, dizendo-lhe com a voz humida de supplica e os olhos humidos de emoção: —«Passe, madama; pôde pizar!» e que a gentil Dona Sol saltou, piedosa, por sobre o corpo d'aquelle fanatico, lançando-lhe á cara um punhado de violetas. Que diria então Lemaitre se tal houvesse tambem sabido?

Mas vamos adeante. Disse mais o vil calumniador;

—Que «a cidade do Rio de Janeiro não é bonita: casas azues e vermelhas e pouco limpas; ruas sem serem calçadas, cortadas em todos os sentidos pelos *rails* dos *tramways*; passeios estreitos, cheios de buracos e de negras em saias brancas, vendendo umas cousas sem nome; uma multidão matizada e mal cheirosa e d'onde a todo momento sahe uma facada, sem motivo, unicamente por prazer. Mas a natureza é admiravel em torno d'aquella miseria humana.»

Não podemos razoavelmente exigir que todos achem o Rio uma bonita cidade. Temos casas azues e tambem vermelhas, lá isso temos; nem todas são de um asseio positivamente hollandez. As ruas são em geral calçadas; mas—ai de nós—são tão mal calçadas que fora preferivel que Lemaitre tivesse razão. «Passeios estreitos...» Aqui entre nós, que ninguem nos ouve, os nossos passeios não peccam por demasiado largos. Não direi que sejam estreitos... isso não!

Mas tambem não direi que sejam... larguissimos. Quanto aos buracos... E se passassemos adiante?... «Negras em saias brancas»... tambem ha d'isso por cá, com esta differença: que as saias nem sempre são brancas; o que lhes tira muito do pittoresco, «Cousas sem nome» é que não. Ellas vendem a bella banana, o abio, o abacate, a manga, a laranja, o araçá, o sapoti, o abricó, o cajá, o cajú, o angú, o dendê, o cús-cús, a pamônia, o bijú, o pé de moleque, a baba de moça, a pipoca, a mãe benta, o puxa-puxa e outras bem conhecidas *gosturas*. Saiba o Sr. Lemaitre os nomes das taes cousas que as nossas negras vendem, em saias... de tolas as cores. Saiba-o e envergonhe-se da sua ignorancia!

Quanto á multidão, manda a verdade que acceitemos o qualificativo *matizada* e repillamos, em parte, o *malcheirosa*. Poderemos negar, primeiro: — que ás vezes sae da multidão uma facada, sem motivo, unicamente por prazer? — segundo: — que taes facadas costumam sahir da multidão *matizada*; terceiro: poderemos jurar que essa dita *matizada* multidão — cheira bem? Ein? Que dizem? Vamos, sejamos patriotas: neguemos tudo isso, neguemos os matizes, o mau cheiro, as facadas; juremos a Lemaitre que não é aqui, no Brazil, mas em Pariz que existe o capoeira — *le capoeira*.

Aquella «miseria humana» é que é um pouco difficil de roer. Mas, emfim, como o bom do homem declara que elle e os seus patricios são ignorantes («ignorantes como somos, imaginarios» etc) sejamos piedosos, perdoemos-lhes, a Lemaitre e aos outros, tantos e tão fortes desalóros.

Vamos, senhores meus patricios, um pouco de compaixão: — não arrasemos Pariz, não exterminemos a França, não estripemos Lemaitre!

VALENTIM MAGALHÃES.

POLITICA E POLITICOS

A interpeção do Sr. Matta Machado fez toda a luz sobre a questão, conhecida e intrincada, da estrada de ferro Victoria a Natividade,

Essa interpeção deu ensejo a explicações do Sr. presidente do conselho, e, aproveitando-me senão das palavras do illustre senador, ao menos das suas

Na quinta-feira entrou em discussão na camara dos deputados a interpeção Matta Machado sobre o negocio Wharing Brothers, os da estrada de ferro Victoria a Natividade. Deproposito eu aguardei a palavra do governo nesta questão para illustrar o publico com as valiosissimas razões da minha penna intelligente. Assim vê o povo, que avidamente procura e lê esta secção, que Filindal, o intrigante fazedor de umas chronicas inspidas, não teve razão alguma em dizer que por malandrice é que não escrevi a *Politica e Politicos* para a *Semana* da semana passada, falta que causou estranheza — atesto-o sob palavra de honra — a mais de cinco pessoas.

Depois d'esta ligeira resposta, que devo, não a Filindal, mas ao publico, passo a tratar, com aquella mestria do costume, dos altos negocios do estado. E a *Filindal*, que está agora escrevendo versos em italiano, disse pura e simplesmente — *Lasciati ogni speranza, o voi chi entrate*, phrase que, segundo me disseram, quer dizer em bom portuguez — Quem tem telhados de vidro, não atira pedras aos do visinho.

declarações, historiarei primeiramente o facto.

Em 1882 Wharing Brothers obtiveram do governo imperial privilegio com garantia de juros para construcção de uma estrada de ferro da Victoria a Natividade, na provincia do Espirito Santo.

Posteriormente, attendendo ás precarias condições do thesouro publico, devidas em grande parte á larga politica de melhoramentos materiaes, iniciada pelo ministerio Rio Branco, o governo teve autorisação da camara para entender-se com os respectivos concessionarios afim de parar, ou antes de não iniciar as obras, cuja conclusão não fosse de immediata e urgente necessidade.

Os contractantes da estrada de ferro Victoria a Natividade tinham apresentado um orçamento absurdo, pedindo a quantia de 16 mil contos para a construcção de 210 kilo metros de via ferrea, o que dava uma media de 209 contos de réis por metro!

Com este orçamento as nossas finanças iriam de vez pelos ares.

O governo mandou examinar essa peça; o exame foi feito por um engenheiro nacional e este reduziu a 15 mil contos o calculo dos concessionarios. Nesta base foi tambem calculada a indemnisação e o governo e Wharing Brothers entraram em accordo para rescindirem a concessão primitivamente feita. O contracto de rescisão de 18 de Abril de 1885 estipulava para Dezembro d'esse anno o pagamento de 70.000 libras aos concessionarios, dava-lhes facultades para levantarem immediatamente a caução de 5.000 libras que, como garantia da execução do contracto de concessão haviam depositado na delegacia do thesouro em Londres; e estabelecia mais duas clausulas de pouco interesse.

Na lei do orçamento de 1885 foi revogado o contracto de 18 de Abril. Aproximando-se a data primeiramente marcada para recebimento das 70.000 libras, Wharing deram aviso á secretaria do thesouro. Foi-lhes ahí dicto que a lei revogara o contracto. Wharing entenderam-se com a casa Rotschild e estes banqueiros dirigiram-se ao Sr. barão de Penedo communicando-lhe que protestariam publicamente contra a falta do compromisso do Estado; os banqueiros diziam que esta occurrencia seria de pessimos resultados para o credito do Brazil.

O Sr. Penedo telegraphou ao Sr. Cotegipe nesse sentido, e o Sr. Cotegipe respondeu-lhe que nada podia fazer, que a questão dependia do parlamento.

O ministro inglez, nesta corte, em repetidas reclamações instava com o governo para obter qualquer resposta a respeito d'esta materia. O governo porém sempre disse ao ministro inglez que nada podia dizer, uma vez que a questão só devia ser resolvida pelo parlamento.

O Sr. ministro da Inglaterra, tendo de retirar-se no dia 9 d'esta corte, instou com o governo por uma resposta, e, no dia 7 enviou-lhe uma nota muito atrevida e muito malcriada. O governo manteve as anteriores respostas, e o Sr. de Cotegipe mandou ao ministro grosseiro uma nota muito energica, pela qual ficam perfectamente salvos os brios nacionaes.

Depois d'isto foi pedido e votado pela camara o credito de 70.000 libras, e o Sr. Coelho Rodrigues denunciou o ministro da agricultura Carneiro da Rocha, que lavrou o contrato do 18 de Abril.

Se ha historia que dispense commentarios, é esta. Basta a communicação dos factos para que possamos rezar

contractos o *mea culpa* por mais este erro, que não é unico nem será o ultimo na nossa administração financeira.

Agora veja o leitor que a questão não ficou de todo clara:

O Sr. ministro da agricultura, Antonio Prado, qualificou de immoralidade o acto do ex-ministro.

O Sr. presidente do conselho acha que esse acto foi revestido de toda a lealdade.

O Sr. Costa Pereira sustenta que o acto da camara, no anno passado, revogou completamente o decreto de 18 de Abril.

O Sr. de Cotegipe acha que apezar d'essa revogação ficava de pé o contracto.

Quando se votou este anno o credito, approvado com os votos de tres ministros, fallou-se em *questão de confiança*.

O Sr. presidente do conselho disse que não fazia d'isto questão de confiança, deixando inteira liberdade aos seus amigos.

O Sr. Coelho Rodrigues apresenta uma denuncia contra o ex-ministro Carneiro da Rocha.

O Sr. de Cotegipe nem sequer alludiu a essa denuncia, deixando mesmo transparecer que achava razoavel o acto do ex-ministro.

Basta a aproximação d'estas tantas cousas contradictorias para que se veja que nesta questão, entre o presidente do conselho actual, entre os seus collegas, entre o ex-ministro, entre a minoria e a maioria, entre o denunciante e o denunciado — o unico coherente foi o Sr. presidente do conselho. E fora d'elles todos o unico pratico foi John Bull.

TO'B.

TEMOR

Esses momentos breves

De ventura, e em que um raio doce aclara

Um trecho á tua tenebrosa vida,

Saboreal-os deves;

Esses momentos de fugaz ventura.

— Esta é como exquisita fruta rara,

Por muito rara, muito appetecida;

Fruta, cujo sainete pouco dura,

Saboreada com vagar, embora;

Deleita o gosto, assim saboreada,

Porem, soffregamente devorada,

Machuca e sangra a bocca que a devora.

Que esse labio sorria,

Emquanto a dôr sopita não desperta,

Nem vem do intimo goso, que elle cala

Discreto e silencioso,

Nenhum rumor alegre despertá-a.

Como um vinho acre-doce, da alegria

Ao saibo ás vezes mêscle-se o amargoso

De uma tristeza incerta

E vaga... Aos tristes disfarça-a custa;

Pois, por um só prazer, mesquinho e raro,

A desventura cobra-se tão caro,

Que aos tristes o menor prazer assusta!

RAYMUNDO CORREA.

Respeitem o dinheiro, não caiam na criança de desdenhal-o—como os poetas. O dinheiro é a nossa coragem e a nossa dignidade, de nós, escriptores, que temos necessidade de ser independentes, para tudo dizer. O dinheiro faz-nos os chefes intellectuaes do seculo, isto é—os representantes da unica aristocracia possivel.

EMILIO ZOLA.

ENFERMIDADES ESTYLISTICAS

DA
NOVA GERAÇÃO

SUMMARY.—Os despojos de V. Hugo—Antropomorfismo litterario; hypertrophia da metaphora; periuixidade epithetica; excessos na amplificação; desproporção na antithese.—Desequilíbrio psychico entre a forma e o pensamento; esbatimento exaggerado na descripção; phrase causativa. Defeitos de metrica na linguagem.—Causas—Zola e Richopin.—Guerra Junqueiro e Ramalho Ortigão.—Seus representantes no Brazil.

(Continuação)

Compreende-se perfeitamente como Moysés e Isaias, só pelo artificio do contraste, conseguissem attingir esse tão preconizado sublime biblico.

Chateaubriand cita alguns versiculos caracteristicos do ultimo, e procura com alguma habilidade decompôr a estrutura da phrase do propheta.

«A terra cambaleará como um homem ebrio e será arrebatada pelos ares como tenda armada para uma noite» (Is, cap. XXIV, v 20).

O critico classifica isto de sublime por contraste, e acrescenta que todo o effeito nasce nesse trecho dos movimentos contrarios que recebe o espirito, vendo essa esphera terrestre, que «nos parece tão vasta, desdobrada no espaço como se fosse um pequeno pavilhão, e logo depois arrebatada com a maior facilidade pelo *Deus forte*, que a armou, e para quem a duração dos seculos não passa de uma noite rapida» (*Genio do Christianismo*, II, l. 5^o cap. 4^o).

A concepção semita, o sentimento particular entranhado no coração do propheta hebreu, a fixidez d'aquella imaginação que obrigava Job a fallar, com a convicção que resulta dos factos reaes, no horror de uma visão nocturna e num espirito que passava por diante de seu rosto fazendo erriçar de horror os cabellos e a carne; tudo isto é sufficiente para explicar a intensidade do phenomeno.

O mundo invisivel dos espiritos era uma realidade para estes homens; e o Deus dos exercitos, que se annunciava no cume da montanha, entre raios e trovões, existindo apenas no recondito das almas e no mais profundo dos espiritos, avultando sempre, e tão dilatado como dilatada é a imaginação perdida nos vastos desertos da Arabia; esse Jehovah terrivel excedia a tudo, e zombava das mais sagradas enormidades da natureza, porque o seu nome proprio era—Assombro. Ora, o sublime por antithese, que não venha sellado com esse profundo sentimento suggerido pela concepção semitica, não pôde deixar de dissolver-se e dissipar-se; faltar-lheá o elemento essencial que é a comprehensão do phenomeno. Consequentemente virá a declamação, o vasio, a caricatura em lugar da grandeza.

Victor Hugo, impulsionado pelo genio de sua raça a um naturalismo claro, brilhante, sumptuoso, depois de havel-o exaggerado na ode até chegar aos vicios que indiquei, pensou em traduzil-o num estylo antagonico e impossivel. «Um livro aonde ha phantasmas, disse elle, é um livro irresistivel.» O declive foi rapido e a vertigem precipitou-o no incongruente.

Imagine-se um poema vedico vasado nos moldes da poetica de Ezequiel ou de S. João. E' o cahos litterario, porque os apocalypses mal podem conter as orgias da imaginação indo-germanica. O encontro de estylos tão oppostos deveria produzir a confusão e a diffusão. Nem o abraço sensual com a natureza que nos absorve e com quem nos confundimos, nem a repulsa de uma sub-

stancia desconhecida que se rebella e que reage. Semelhante antagonismo de raça não impedio que o pantheista enclausurasse sua inspiração genial dentro de um prophetismo artificial. D'ahi o theismo incoherente, incoercivel, que caracteriza as produções de todos os poetas, participantes da mesma indole, que não souberam, como Gœthe, guardar diante dos mysterios da natureza aquella calma olympica, aquella sobrançeria scientifica, que trasluz no *Fausto*.

Ao lado do auctor da *Legenda dos Seculos* agrupam-se Landor, Carlyle, João Paulo Richter e Quinet,—desencadeamentos de um mesmo symptoma, fructos de um metaphisicismo sem nome, que tenta explodir através dos sonhos da civilização occidental.

Sobram exemplos, na ultima parte da obra do grande poeta francez, do quanto o possuio essa molestia; facto que teria sido sufficiente para arrastalo ao ridiculo se as suas azas não o salvassem do precipicio.

Como classificar, por exemplo, phrases eguaes a estas?—«O eu latente do infinito, eis o que é Deus.»—«Deus é o invisivel evidente.»—«O mundo condensado, eis Deus.»—«Deus dilato, eis o mundo.» (*William Shakespeare*, p. 27.)

Não ha quem não tenha presentes os topicos das repetidas cartas humanitarias que o poeta, depois que, como Jeremias, foi habitar nos rochedos de Guernesey, começou a escrever a proposito de tudo.

«Habitamos,—diz elle, dirigindo-se a lord Palmerston, sobre a execução de Tapner,—habitamos, eu e vós, no infinitamente pequeno.

Eu não passo de um proscripto, mas vós sois um ministro.

Sou cinza; sois pó. Podemos fallar de atomo para atomo. De um nada para outro nada, é permitido dizer algumas verdades...O que vale um homem enforcado! Um cordel que se puxa, uma viga que se desprende, um cadaver que se sepulta; eis tudo.

Guernesey, Tapner, é preciso um microscopio para vér tudo isto.

Senhores, este cordel, esta viga, este cadaver, este mão patibulo, imperceptivel, esta miseria—é a immensidade.

E' a questão social... mais ainda, é aquillo a que não se pode dar o nome da terra... O assassino, que entre a manhã e a tarde se converte no assassinado, eis o que é pavoroso;—uma alma que se evola segurando a ponta da corda da forca, eis o que é formidavel.»

A qualidade que os povos teutonicos mais apreciam em um poeta, afirma Philaréte Chasles (*Estudos sobre a litteratura ingleza no seculo XIX* pags. 89) é a energia, ou, como melhor o exprimio Coleridge—a intensidade do pensamento, do sentimento e da paixão. Essa intensidade, que não é tão escassa como talvez se presuma entre os povos vizinhos, não faltou de todo ao genio de V. Hugo. Latino, por indole, e, principalmente por educação, mais em contacto com as influencias do ensinamento catholico do que qualquer poeta do norte, o auctor da *Notre Dame de Paris* foi verdadeiramente grande quando, desferindo os primeiros vãos, sua alma, no remigio da inspiração primitiva, procurou orientar-se na luz que vinha do seu berço oriental.

Não me refiro a essa série brilhante de dramas, que constitue por ventura um dos maiores padroes de gloria do poeta, produções de um periodo durante o qual os canones de uma escola nascente e a reacção de um publico intelligente deram a verdadeira medida ao seu talento, mas ao *Han d'Islandia* e á *Notre Dame*, obras em que sua ima-

ginação revolta arroja-se livre e franca numa eloquente expansão da vida universal. Personificações das forças da natureza, desenvolvimentos factos e grandiosos da existencia, aqui os personagens tomam proporções propriamente vedicas. Mergulhando no *bas-fond* da idade media, quando elle volta á superficie é trazendo essas figuras admiraveis que traduzem o destino dos povos e o *ananké* da humanidade. João Frolo, Quasimodo, a Esmeralda, Trouillefeu destacam-se do fundo do lameiro humano como verdadeiras transformações da animalidade intellectualizada. O solitario de Jersey, porém, não tardou em converter todos estes entes multiformes em demônios biblicos. Toda essa natureza orgiatica, afundando-se na bolgia apocalypticica, a pouco e pouco foi assumindo sua alma nas obscuridades de quem clama fóra do deserto.

A *Legenda dos seculos* marca o ponto em que a veia naturalista do poeta torceu para o abysmo e o arrastou para a velha idéia da redempção da humanidade.

«Exibir em uma especie de espelho, declara elle prefaciando a obra, sombrio e claro essa grande figura, una e multipla, lugubre e radiante, fatal e sagrada—o Homem; eis o pensamento do qual brotou a *Legenda dos seculos*...

A expansão do genero humano de seculo em seculo, o homem subindo das trevas para o ideal, a transfiguração paradisiaca do inferno terrestre, a eclosão lenta e suprema da liberdade, direito nesta vida, responsabilidade na outra; uma especie de *hymno religioso* de mil estrophes, contendo em suas entranhas uma fé profunda, e no apice uma exaltada prece; o drama da criação illuminado pela face do Creador,—eis o que será, depois de terminado, este poema em seu complexo.»

Disse em começo que o auctor dos *Châtiments* não passava de um grande espirito desvaído pelo sentimento anthropomorphico que tornara-se, na segunda parte de sua obra litteraria, uma quasi enfermidade.

Esta proposição está perfeitamente justificada em quanto ao primeiro ponto pela enormidade de suas creações; a superfectação semitica explica razoavelmente o vasio da metaphora hypertrophiada e da antithese sem vida real. E eis o resultado de um esforço esteril empregado unicamente em canalisar tendencias objectivas exaggeradas através de formas litterarias só proprias para exprimir esse profundo animismo de que são os prophetas hebreos os mais eloquentes e por ventura os mais inimitaveis interpretes.

(Continúa.)

ARARIPE JUNIOR.

ENTRADA NA FLORESTA

Ha uma nodoa branca na verdura:
Um novo aroma bom a selva exhala:
Troncos, de pé!... Quem vae, quem vae busca-la?
Honra-vos, bosque, a sua formosura!

Eil-a ahí.— Esta matta ou treme ou fala:
Tem cada galho um extase; ternura
A sombra; o sol ebria-se a fital-a,
Num voluptuoso espasmo de ventura.

Traçam-lhe um nimbo os passaros; de esguetla
Olha-a um fauno; enche-a a luz de pedrarias;
O ar a oscula, a aquece, a faz vermelha.

Mettem-se em lichens d'oiro as penedias;
Para ouvir-a, o grotão lhe estende a orelha;
Cantam, para embatal-a, as ramarias.

NATUREZA INTERROGADA

Rosas, jasmims, bons dias; açucenas,
Festas e sóes; rir, minhas feitiças!
Rolae, brincaes, voejas... mas vede... asneiras
Em cima d'ellas, não, gentis phalenas.

Alegres todas, rancho de pequenas!...
Margaridas, corymbos das balseiras,
Grotas do bosque, relva das clareiras,
Luz perfumada das manhãs serenas,

Sombra doce do tremulo arvoredo,
Rio a cantar ás costas do fraguado,
Veiga e ceu, ninhos, passaros, rosaes...

Rosaes, passaros, ninhos, ceus e veiga,
Sede-me bons, falae: quando ella chega,
Que faz ella? que diz?... que diz? que faz?...

LUIZ DELFINO.

A VIDA ELEGANTE

Esta secção, encarregada de dar contas ao publico do que vae pelos salões das nossas sociedades recreativas, não tem apparecido porque eu, respeitabilissimas leitoras, tenho andado com um rheumatismo amolador, impossivel, pavoroso. Finalmente, o meu magnanimo e dedicado medico, recorrendo á sua intelligencia pouco vulgar, resolveu passar-me uma receita de dança, e aconselhou-me que não perdesse a *soirée* de sabbado do Club do Engenho Velho. Pois não lhes conto nada; decididamente d'ora em diante, logo que me doam as canellas, estou dando que fazer ao *pharmaceutico* Strauss. Dançei e fiquei bom; é o que lhes digo. Jamais hei-de perder uma só *soirée* para as quaes *A Semana* recebe sempre uns convites irresistiveis em magnificos cartões multicores.

Pois o Club do Engenho Velho proporcionou-me no sabbado uma noite inolvidavel. A principio declaro que vi estrellas dentro de casa, taes eram as dores que me assaltavam os ossos; mas depois, eram walsas, polkas e quadrilhas umas atraz das outras, e agora estou convencido de que era um dia um rheumatismo.

Abençoado medico e abençoado Club do Engenho Velho!

Agora que já sabem o motivo pelo qual esta secção não tem visto a luz da publicidade, e desde que recomenço a minha vida dançante, ahí vae o que foi a lista de sabbado do Club do Engenho Velho, — a primeira dada pela nova directoria.

Foeti uma festa digna dos mais sinceros encomios e que me obriga a dizer, de mão na consciencia, á nova directoria: «Sim, senhores, sahiram-se, Srs. estreantes!»; ou por outra: «Entraram muito bem!» Realmente houve o bom e o melhor. A par de um serviço cuidado e appetitoso, uma amabilidade sem limites e muitas e animadas danças, depois de um bem organizado concerto, em que tomaram parte as Exmas. Sras. Emina Weguelin, Maria de Freitas, Senhorinha e Julieta Bevilacqua, Maritana e Manuelita Antão de Vasconcellos, Annita Werneck, Seraphina de Freitas e Mathilde Figueiredo e os Srs. Frederico do Nascimento, Cernichiaro, A. Bevilacqua e Antonio Spinelli.

A nova directoria do Club do Engenho Velho felicita *A Semana* na pessoa do ex-rheumatico e sempre grato

LORNON.

JORNÁES E REVISTAS

O nº 3 d'A *Luta*, revista mensal que se publica em Porto Alegre, sob a direcção dos Srs. Domingos Nascimento, Alcantara Junior, Salles Brazil, Marques da Cunha e Theotônio Araujo, traz magnificos artigos, sendo o primeiro um apello ao povo riograndense para auxiliar a publicação do monumental *Diccionario Geographico do Brazil* do Dr. Moreira Pinto. O Sr. Alcides Cruz dedica um artigo, extremamente amavel, ao director d'A *Semana*. Rebatendo a estafada e pueril balella do *Elogio mutuo*, diz judiciosamente o Sr. Alcides Cruz: «Os invejosos, os calumniadores e os ignorantes chacoteiam, diffamam e malbarateiam a ligação e solidariedade que existe entre aquelles moços, (refere-se aos que constituem o grupo de redactores e colaboradores d'A *Semana*) não se lembrando, porem, que nos paizes cujos homens de letras têm as mesmas ideias, o mesmo entusiasmo por tudo que é genial, seja uma teta, seja um bronze, seja um livro, que têm o mesmo desprezo por tudo que é pequenino e chato — elles se reuñem e se animam mutuamente.» Aó benévolo articulista os nossos cordiaes agradecimentos.

A. S.

TROCA DE SCENARIOS

A FILINTO D'ALMEIDA

Vivia um pobre juncto a um rico. Um dia,
O rico pede ao pobre que, mediante
Bóia esportula, fosse, num bibrante
Que offendera-o, cravar lamina fria.

E consumada foi a morte impia,
Que o mysterio occultou; mas, não obstante,
O argentario ficou, desde esse instante,
Possesso de terror pela enxovia!

E o pobre, então, tornou-se um sorvedoiro
Do rico. Em paga do segredo horrendo,
Baixelas e crystaes, moedas de oiro

E alfaias, pouco a pouco foi levando:
E p'ra a miseria o rico ia descendo,
Emquanto o pobre a pompa ia galgando.

1885

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

POESIA E POETAS

«ALVORADAS» POESIAS DA SNRA. D. LUIZA CAVALCANTI FILHA.

Exma. Sra. — Vão como carta as minhas palavras sobre o seu livro. Esqueça-se do signatario d'estas linhas e julgue que quem escreve a V. Ex. é uma amiga, uma confidente sincera dos seus segredos e das suas intimidades.

As *Alvoradas* de V. Ex. não têm a frescura benéfica e poetica do despertar dos bons dias, d'estes dias que se envolvem soberbamente na clamyde faustosissima da luz, fariscando ar e espreguicando-se por sobre rubicundas e aloiradas nuvens.

As suas *Alvoradas*, são simplesmente uma promessa. Já não é pouco. As pa-

tricias de V. Exa., as mulheres brasileiras, — têm por habito guardar modestamente, como violetas, todo o brilho dos seus talentos, ou então trazel-os como aquellas flores que fogem ao sol só desabrocham quando a lua, tremulamente ascendendo por traz os montes, enruga a superficie polida dos lagos, aclarando-os como aos vegetaes que dormem rodeados pela nuvem dos seus aromas.

V. Ex. fez muito bem em publicar o seu livro e muito mal em entregal-o á protecção critica do Sr. F. de Paula Pires. Este Sr., pelo que deixa ver das suas duas palavras, é mais photographo que conhecedor de cousas litterarias, e para confirmação do que avança estão os periodos em que elle descreve V. Ex. aos seus leitores e o que elle diz dos versos de V. Ex.

A critica, Ex. Sra., quando longe dos zollos, é o juiz supremo. Em cada sentença que lavra ella dá um conselho e em cada applauso uma animação convicta.

Poderia levar a critica ás suas *Alvoradas*. Mas para que? Para apontar os defeitos do seu livro, que não são poucos? Para exaltar os seus bons trabalhos, que são alguns? Tarefa honrissima para mim, mas inutil.

V. Ex. reconhecerá mais tarde o valor das suas *Alvoradas*. Então, quando for a arte mais idolatrada, como espero, por V. Ex. e o verso ainda mais cuidado, o Outomno chegará á elegante poetisa das *Alvoradas* e com elle, ah promissorias flores! os vossos fructos de ouro surgirão como estrellas.

Por ora *A Semana* sauda em V. Ex. a distincta poetisa de amanhã.

ALFREDO DE SOUZA.

SPORT

Estiveram esplendidas as corridas realisadas no Prado Villa Isabel no ultimo domingo. O programma, que era excellente, compoz-se de sete pareos, perfeitamente preenchidos por parelheiros superiores; quer nacionaes, quer estrangeiros, que travaram porfiada luta.

Eis o resultado de cada um d'elles:

No 1º pareo (1350 metros) correram Tejo, Pompeiro, Zizaina, Dr. Canivete, Bolero e Verbena que, facilmente, em 104 segundos, sahiu vencedora. Bolero, animal novo e ainda não bem preparado, fez boa corrida e chegou em 2º lugar. Pompeiro em 3º. Tufão não correu. Os outros ficaram distanciados.

O cavallo Dr. Canivete foi montado pelo amador Carlos Pereira Barbosa, que fez a triste figura de, montando um animal muito ordinario, numa corrida de jockeys, chegar em ultimo lugar, distanciado e ridicularizado pelo publico, que o mimoseou com estrondosos assobios. Parabens, Sr. Barbosa Canivete. Para tal cavallo, tal amador!...

No 2º pareo (1450 metros) sahiu vencedora Feitiçeira, em 100 segundos, e, com facilidade; Pip fez boa corrida chegando em 2º, Onix chegou em 3º, parecendo-nos esgotado. Ainda não está afiado e é muito novo. Condar ficou distanciado. Flotsam não correu.

No 3º pareo (1450 metros) correram Françoise, Nana, Dr. Jenner, Madama, Cheapside, Diomede e Silvia II, que fez uma brilhante corrida, em 94 segundos, tendo uma pessima sahida, correndo pelo lado de fóra da raia, e tendo competidores estrangeiros. Diomede fez muito boa corrida; chegou em 2º lugar. Cheapside chegou em 3º. Os demais parelheiros chegaram distantes, não tendo,

por isso, classificação. *Gaudriole* não correu.

No 4º pareo (1609 metros), *Druid*, em 110 segundos zombou dos seus competidores, vencendo-os com muita facilidade. *Intima* chegou em 2º e *Calote* na bagagem, caloteando o Zê-povinho. *Regalia* não correu.

No 5º pareo (1800 metros) *Coupen*, em 123 segundos, bateu *Satan* que fez triste figura, affrouxando logo que fez 1200 metros. Estava pessimamente tratado. *Françoise* chegou em 3º. *Pleiades* não correu.

No 6º pareo (1450 metros) venceu *Bitter* com facilidade em 93 segundos. *Americana* chegou em 2º e *Peralta II* em 3º; *Ivon* chegou em 4º. Neste pareo fizeram musica para *Bitter*. *Ivon*, que devia ter lutado com elle, deixou-se ficar na reguarda.

O que é certo, é que *Bitter* sem musica, havia de ganhar: fizeram os *minéstras*. gasto com a musica sem necessidade. Tambem correram *Caporal*, *Bonita*, *Douro*, *Araby* e *Pretoria*.

No 7º pareo (1000 metros) *Silvia II* tornou a bater, em 63 segundos, os seus competidores, animaes estrangeiros. Foi uma victoria esplendida, depois de lutar com *Cheapside* que chegou em 2º lugar. *Nana* em 3º, *Pansy* em 4º. *Aspazia* desgarrou na partida, sahindo afinal quando os seus competidores ja iam longe, e chegou em ultimo lugar. *Norma* e *Gaudriole* não correram.

Com um magnifico programma realisa amanhã uma esplendida corrida o Jockey Club.

Esta sociedade, que até certo tempo tinha sustentado o seu programma annual com muitos premios bons, lutava sempre com difficuldade em preencher diversos pareos, apezar dos vantajosos premios que conferia, estimulando assim a concorrência para ter boas inscripções; entretanto foi obrigada hoje a reduzir os seus premios e assim obter um programma amplo e preenchido por numerosos parelheiros de todas as qualidades. Está provado pois que os proprietarios não gostam de premios de alta cifra, mas sim de pequena; portanto poesiga o Jockey Club d'esse modo que terá sempre numerosos parelheiros a esticar-se em sua espaçosa raia.

L. M. BASTOS.

THEATROS

D. PEDRO II

Companhia do Theatro D. Maria II, de Lisboa

Foi na terça-feira o beneficio dos dois distinctissimos e sympathicos artistas João e Augusto Rosa.

Representou-se a magnifica comedia de Pailleron—*A Sociedade onde a gente se aborrece*.

Esta comedia não offerece ensejo para apparecerem os dois notaveis artistas em todo o brilho do seu talento. João Rosa não está a gosto no papel de Bellac, que é uma caricatura de Caro, e Augusto Rosa não se ageita lá muito bem com os galans. Não puderam, pois, sobresahir, e quem os não houvesse visto em outras peças não poderia naquella noite julgar do alto merito artistico dos dois beneficiados.

Virginia fez bem o papel de Joanna Raymond. Falco devia fazer bem a duqueza de Reville se soubesse o seu papel. Luiza Lopes procurou ser nobre e severa.

Quem teve as honras do desempenho foi sem duvida a ex-actriz D. Sara da Silva, que representa de uma maneira encantadora, cheia de ingenuidade e graça, o papel de Suzanna de Villiers. D. Sara prestou-se a tomar parte na comedia, em attenção aos beneficiados. Com a falta d'esta intelligente actriz, que em pouco tempo fez uma brilhante carreira e que tinha ainda um esplendido futuro artistico, muitissimo perde o nosso pobre theatro.

Amelia da Silveira fez com muita distincção o papel de Lucy, embora, como devia, não viciasse a pronuncia.

Silva Pereira fez um engraçadissimo poeta tragico, apresentando um bello typo.

Baptista Machado, Antunes, Ferreira e Valle, fizeram bem os seus papeis secundarios.

Alexandrina, Elvira e Umbelina estiveram detestaveis, quasi caricatas.

Num dos intervallos Augusto Rosa recitou admiravelmente parte da esplendida poesia de Guerra Junqueiro *O metro*, e pena foi que a não recitasse toda, tal como vem agora na *Velhice do Padre Eterno*, onde o poeta lhe accrescentou um magnifico final, profundamente commovedor e dramatico. Rarissimas vezes temos visto recitar tão simples e tão correctamente uma poesia, e esperamos que Augusto Rosa nao nos deixará sem nos dar ainda uma vez *O metro* todo, por inteiro.

O publico, que enchia completamente o theatro, festejou muito os distinctos artistas, e no seu camarium foram-lhes offerecidos muitos presentes, alguns de grande valor e todos de fino gosto.

SANT'ANNA

No domingo passado, realizou-se a grande *matinée* organizada pelo Vasques para commemorar o anniversario da morte de João Caetano, sendo o producto destinado á erecção de um monumento que perpetue a memoria do grande actor nacional.

O programma, que era magnifico foi executado com pequenas alterações.

Ao subir o panno, viram-se duas alas de artistas, em grande *toilette*, e d'entre elles destacou-se o Sr. Dr. Joaquim Nabuco, a quem pelo Vasques foi dada a palavra para fazer o elogio de João Caetano. O Dr. Nabuco, conquanto não estivesse nos seus dias mais felizes, fez um bello discurso, accentuando os traços principaes da vida do grande actor, terminando por aconsellar a creação de uma escola dramatica, como o melhor e mais proficuo monumento que pode ser erigido á memoria do artista primaz do theatro brasileiro. Depois do discurso seguiu-se a parte dramatica. A Sra. Virginia recitou com muito mimo e distincção uma poesia do Vasques. Augusto Rosa e Carolina Falco representaram a interessante comedia *Bric-à-Brac*. João Rosa disse admiravelmente o monologo de Carlos V do *Hernani*. Silva Pereira fez uma scena comica muito engraçada. Baptista Machado recitou o seu—*Um idyllo*.

Rosina Bellegrandi e Rosa Villiot cantaram admiravelmente, com muitissima graça e rigorosa afinação, o duetto do terceiro acto do *Boccacio*. Mme. Delmary cantou muito bem uma bella walsa. Bellegrandi, Cinira, Mattos e Mesquita representaram a espirituosa opereta e 1 acto *Não entre!* Finalisou o pomposo espectáculo pela scenacomica do Vasques—*Viagem á roda do mundo a pé*.

O theatro estava todo enfeitado e embandeirado, tendo em cada columna tres escudos com titulos das peças

representadas por João Caetano. No palco, ao fundo, sob um docel, via-se o busto do grande tragico.

Damos ao Vasques os mais calorosos parabens pelo esplendido exito da festa, que mais uma vez veio provar as sympathias que o publico lhe tributa, enchendo litteralmente o theatro toda a vez que elle appella para a sua generosidade.

*

O Heller continua a obrigar a Sra. Dolores a transformar-se em *Corça do Bosque* ás seis horas da noite em poncto, auxiliado pelo influxo magico da formosa Furibunda, que, por ser fada de vara inteira, tem um poder irresistivel, que tudo vence e domina.

Entretanto vae preparando *O heróe á força*, letra de Arthur Azevedo e musica de Abdou Millanez.

S. PEDRO

Companhia de opereta franceza

Com a *Fatiniza*, a bella opereta de Suppé, encerrou a excellentes companhia franceza a serie dos seus espectaculos nesta cidade.

Fatiniza é uma peça bem conhecida do nosso publico. Foi ha quatro annos representada pela Companhia do Sant' Anna, onde não agradou, talvez por não poderem os artistas d'aquelle theatro, que na maior parte não são cantores, arcar com as difficuldades da bellissima partitura de Suppé.

A peça foi agora muito bem cantada e representada.

Perziosi deu grande relevo ao papel do protagonista e cantou-o admiravelmente.

Nordall fez muito bem o papel de Lydia.

Mezières, o mais notavel artista da companhia, apezar de não ter voz, deunos um ferocissimo e engraçadissimo general Echetchatchefe.

Moreau fez um Pachá impagavel e Minart um *reporter* muito gracioso.

Os demais artistas concorreram todos para o notavel brilho da representação e os coros estiveram, como a orchestra, irreprehensiveis.

A primeira representação foi em beneficio de Preziosi, que teve uma casa cheia e recebeu innumerous ramos de flores e muitos presentes.

Metade do producto do espectáculo, 600\$000, foi pela beneficiada generosamente offerecida á Confederação Abolicionista para a libertação de escravos.

Acto digno e louvavel, que revela os altos sentimentos da gentil cantora e é já fructificação da bellissima iniciativa da grande Nadina Bulicioff.

A segunda representação foi em beneficio do *premier comique*, Mr. Moreau, e com ella fez as suas despedidas a companhia de opereta franceza, que este anno nos trouxe o incrível, o incomparavel e o delicado rei dos empresarios—o Ciacchi!

*

Segunda-feira, no S. Pedro, realiza-se o grande espectáculo em beneficio do Azylo Agricola de Santa Isabel.

A companhia do Sant'Anna representará *O caboclo*, o magnifico drama de Aluizio Azevedo e E. Rouede.

Rosina Bellegrande e Rosa Villiot cantarão o celebre e bellissimo duetto do 3º acto do *Boccacio*; Mattos fará *O fuzileiro apaixonado*; Delmary, cantará a walsa de *Vensano*; Baptista Machado recitará um dos seus monologos; Mattos cantará a cançoneta comica de B. Machado *A minha familia*, e Vasques

fechará o esplendido programma recitando a poesia de sua composição — *O anjo da caridade*.

Pois não se está vendo que este programma foi organizado pelo demónio do Mattos?

E foi.

PRINCIPE IMPERIAL

No sabbado fez beneficio o actor Bernardo Lisboa com a primeira d'A *supposta adultera*, drama terrível de D'Ennery. A peça agradou muito e o desempenho foi regular.

A sympathica actriz Julia de Lima faz brevemente o seu beneficio com um bello espectáculo variado.

LUCINDA

Emquanto a companhia japoneza joga o pião e se abanica, o Dias Braga vae ensaiando *A martyr*, de D'Ennery, versão de Henrique Chaves, para estreia da nossa muito apreciada e conhecida actriz Ismenia, que por tanto tempo privou o nosso palco do seu bello talento.

POLYTHEAMA

A medonha companhia de cavallinhos dos irmãos Carlo continua a fazer dormir todas as noites os raros espectadores que se querem aborrecer indo ao Polytheama.

FACTOS E NOTICIAS

A *Societè Française de Gymnastique* dá hoje uma grande festa nos seus salões.

Vimos uma caixa de phosphoros amorphos dos fabricantes Albona e Romagna, tendo em uma das faces a seguinte inscripção, aolado de emblemas do jornalismo:

« JORNAL DO COMMERCIO
RECEBEM-SE ANNUNCIOS
DE ESCRAVOS FUGIDOS
Rua do Ouvidor 61 »

Quem teria encommendado e pago essa original e pouco honrosa *réclame*?
Responda o *Jornal*.

Muitos amigos do Snr. commendador Oliveira Rosario Filho, dirigiram-se no ultimo sabbado em bonds illuminados a *giorno*, e com musica, á bella residencia d'aquelle cavalheiro, afim de o cumprimentarem pela sua recente eleição para o cargo de vereador da Camara Municipal da Córte.

Em nome dos manifestantes orou o Dr. R. de Sá Valle, que concluiu o seu discurso, entregando ao Snr. commendador Rosario sete cartas de liberdade, dadas a outros tantos escravos que acompanharam a manifestação, cartas que S. S.ª distribuiu, commovido. Em nome da commissão tambem foi entregue ao Snr. Rosario um elegante cartão de ouro, com um brilhante em um dos angulos e inscripção adequada ao dia.

O salão principal, repleto de distinctissimas familias, transformou-se em

sala de baile, dançando-se animadamente até hora adiantada da noite.

Uma profusa e delicada ceia foi pretexto para que se trocassem os mais cordeaes brindes entre as pessoas presentes, tendo o Snr. commendador Rosario e sua Ex.ª consorte, pela sua amabilidade e delicadeza, feito jus ás boas recordações que todos trouxeram de tão sympathica e animada festa.

FALLECIMENTOS

Falleceu nesta córte na noite de 1 do corrente o Sr. conde de Mesquita. O finado era, além de cavalheiro distinctissimo, um dos mais importantes capitalistas da nossa praça. Durante a sua existencia fez doação de importantes quantias a estabelecimentos pios e estas acções despertaram ao redor do seu nome grandes sympathias e trouxeram-lhe por actos de sua magestade o imperador varios titulos, d'entre elles o de conde com que ultimamente fora agraciado.

Pezames á sua familia.

Falleceu no dia 30 do mez passado e sepultou-se na carneira n. 706 do cemiterio de S. João Baptista a Exa. Sra. D. Adelaide Pinheiro Guimarães.

A finada era geralmente estimada pelas suas bellissimas qualidades e, além de immorredoras recordações, deixa, como unica riqueza aos seus inconsolaveis filhos, intacto e respeitado o nome do seu glorioso marido, a quem tanto devemos, não so por serviços prestados no Paraguay como ás letras — o Dr. Pinheiro Guimarães. Este nome é para ella a sua unica religião e o seu eterno conselho.

Ante a sepultura da virtuosa senhora curvamos-nos respeitosamente.

Pezames á sua familia.

TRATOS Á BOLA

Acertaram com as decifrações das *tratices* ultimas os Srs.: *Carepetão, Heitor Maximiano, Mané-Quim, Josephina B, Fausto Junior, Fricinal Vassico, K. Retilha e Cacilda-da Silveira*. O Sr. K. Ramello não acertou com a terceira pergunta e Dr. K. Brito não decifrou a primeira pergunta.

DECIFRAÇÕES

Da antiga—*Rialto*; das tiburcianas — *Taborda, Sacarrotha e Caravella*; das perguntas — *Antonio de Castro Alves, Rebolo e Regato*.

PREMIOS

Compete a *Carapetão* o primeiro, e o segundo, que é uma collecção do 1º trimestre do nosso 2º anno, a *Fausto Junior*.

Para hoje temos as seguintes *tratices*:

TIBURCIANAS

2—2—Procura o Boreas no moinho.
2—2—Tome esta nota. Oh, chuva!...
2—2—1—Esta raiz em Portugal é nota e prego.

EM QUADRO

Para cobrir eu fui feita,
Feitas somos de metal.
No navio é que se ageita
A sorte infame e fatal.

PERGUNTAS

Qual o proverbio muito conhecido que se escreve com as seguintes letras:—
a-a-a-a-ã-c-c-c-ç-e-e-g-m-m-m-n-o-o-o-o-q-t-t-u.

O primeiro decifrador terá direito a uma assignatura de semestre d'A *Semana*; o segundo a um supplemento illustrado d'A *Semana*.

FREI SIMPLICIO

ANNUNCIOS

Dr. João Botelho, medico e operador; molestias venercas, syphiliticas e das vias urinarias. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicções medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 51, por cima da antiga pharmacia Fragoso, das 12 ás 3 horas.

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

Augusto Luzo,— incumbe-se gratuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

ALFAIATARIA AURORA DO RIO

FREIRE & COELHO

131 RUA DO HOSPICIO 131

TELEPHONES

E

CAMPAINHAS ELECTRICAS

Faz-se todo e qualquer trabalho, garantido e por modico preço

RUA DOS GUSMÕES, N. 10—S. PAULO

Joaquim Francisco Lima.

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o *Café Oriente*, da fabrica a vapor do Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25

9 C LABGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta— annuncio.

DERBY-CLUB

GRANDES CORRIDAS EM 8 DE SETEMBRO DE 1886

Ao meio-dia — 1º pareo — VELOCIDADE — 1.000 metros — Animaes até meio sangue — Premios: 100\$ ao primeiro, 80\$ ao segundo e 40\$ ao terceiro.

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIO
1	Regalia.....	Vermelho....	6 annos	S. Paulo.....	55 kilos	Branco e bonet encarnado..	Mario de Oliveira.
2	Intima.....	Castanho....	5 »	Idem.....	55 »	Ouro e rosa.....	D. A.
3	Ivon.....	Zaino.....	4 »	Paraná.....	54 »	Azul e manchas encarnadas	C. P.
4	Camaquan.....	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	51 »	Vermelho.....	J. Lemos.
5	Verbena.....	Castanho....	4 »	R. de Janeiro	53 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
6	Mandarim.....	Rosillo.....	4 »	S. Paulo.....	51 »	Preto branco e encarnado..	Coudelaria Paraiço.
7	Aerolitho.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	51 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
8	Boyardo.....	Idem.....	5 »	Idem.....	56 »	Branco e estrellas azues....	Coud. Guanabara,
9	Aurelia.....	Idem.....	4 »	R. de Janeiro	53 »	Azul e grénat.....	A. E. Mariz.
10	Aranha.....	Idem.....	5 »	S. Paulo.....	55 »	Vermelho e preto.....	Coudelaria Mirim.
11	Zaire.....	Gateado.....	4 »	Paraná.....	54 »	Verde e encarnado.....	Idem. Amadores.

A's 12 3/4 horas — 2º pareo — LENGRUBER — 1.450 metros — Animaes estrangeiros que não tenham ganho os pareos «Rio de Janeiro e Cosmos» — Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro.

1	Plutão.....	Alazão.....	6 annos	França.....	56 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coud. Cruzeiro.
2	Françoise.....	Idem.....	4 »	Idem.....	54 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.
3	Gaudriole.....	Castanho....	3 »	Idem.....	49 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
4	Dignitaire.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	54 »	Preto, branco e encarnado.	Idem. Paraiso.
5	Dr. Jenner.....	Zaino.....	4 »	Rio da Prata.	52 »	Grénat e bonet ouro.....	A. de Aguiar.
6	Diomede.....	Idem.....	3 »	França.....	51 »	Branco e bonet encarnado..	Oliv. Junior & Lopes
7	Cheapside.....	Alazão.....	3 »	Inglaterra....	49 »	Encarnado branco e ouro..	Coudelaria Paulista.

A' 1 1/2 hora — 3º pareo — Dr. FRONTIN — 1.450 metros — Animaes nacionaes que não tenham ganho o pareo «Derby-Club» — Premios 800\$ ao primeiro, 160\$ ao segundo, e 80\$ ao terceiro.

1	Monitor.....	Castanho....	3 annos	S. Paulo.....	49 kilos	Azul, branco e encarnado.	Coud. Cruzeiro.
2	Nicoafi.....	Idem.....	4 »	Paraná.....	54 »	Azul e branco.....	G. P.
3	Aymoré.....	Idem.....	6 »	S. Paulo.....	58 »	Azul e ouro.....	Coudelaria. Alliança.
4	Regina.....	Douradillo..	4 »	Idem.....	52 »	Azul e manchas encarnadas	Idem. Paraiso.
5	Paulicéa.....	Castanho....	4 »	Idem.....	52 »	Encarnado, branco e ouro.	Coudelaria Paulista.
6	Druid.....	Tordilho....	4 »	R. de Janeiro	54 »	Branco e bonet encarnado.	Oliv. Junior & Lopes.
7	Baioco.....	Castanho....	5 »	S. Paulo.....	54 »	Branco e mangas encarnad.	Idem. idem.
8	Cavour.....	Zaino.....	6 »	R. de Janeiro	56 »	Amarello.....	A. S. S.
9	Biscaia.....	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	52 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa. Cruz.
10	Jenny.....	Vermelho....	4 »	Idem.....	50 »	Vermelho.....	J. Lemos,
11	Vibora.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	47 »	Idem e preto.....	Idem.
12	Diva.....	Alazão.....	4 »	Rio de Jan...	54 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.

A's 2 1/2 horas — 4º pareo — EXCELSIOR — 1.609 metros — Poldros e poldras nacionaes de 3 annos — Premios: 800\$ ao primeiro, 160\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro.

1	Plutus.....	Castanho....	3 annos	S. Paulo.....	51 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coud. Cruzeiro.
2	Odalisca.....	Pampa.....	3 »	Idem.....	47 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.
3	Doge.....	Castanho....	3 »	Idem.....	49 »	Verde, branco enc. e faixa.	Idem.
4	Ibiguara.....	Idem.....	3 »	Idem.....	49 »	Vermelho.....	Coudelaria Mirim.
5	Galgo.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	49 »	Branco, grénat e azul.....	P. M.

A's 3 horas — 5º pareo — Derby-Club — 1.609 metros — Inteiros e eguas de paiz — Premios: 1:000\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

1	Talisman.....	Alazão.....	5 annos	S. Paulo.....	54 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria. Cruzeiro.
2	Sylvia II.....	Idem.....	7 »	Idem.....	54 »	Idem e faixa.....	Idem.
3	Boreas.....	Castanho....	5 »	Idem.....	58 »	Azul e ouro.....	Idem. Alliança.
4	Pery.....	Alazão.....	7 »	Idem.....	54 »	Branco, preto e encarnado.	M. S. Ferreira.

A's 3 3/4 hs. — 6º pareo — RIO DE JANEIRO — 2.000 metros — Inteiros e eguas de qualquer paiz: — Premios: 1:500\$ ao 1º, 400\$ ao 2º e 200\$ ao 3º.

1	Scylla.....	Castanho....	3 annos	Inglaterra....	47 kilos	Azul e ouro.....	Coudelaria. Alliança.
2	Satan.....	Idem.....	3 »	França.....	51 »	Grénat e bonet ouro.....	Mario de Souza.
3	Curubayá.....	Zaino.....	6 »	Inglaterra....	52 »	Preto e encarnado.....	D. F. P.
4	Phrinéa.....	Castanho....	4 »	Idem.....	54 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.

A's 4 hs. e 20 m. — 7º pareo — AMADORES — 1.609 metros — Animaes do paiz. de meio sangue — Premios: 400\$ ao 1º, 80\$ ao 2º e 40\$ ao 3º. (Este pareo effectua-se em beneficio da familia do finado jockey James Loff.)

1	Aurelia.....	Alazão.....	4 annos	Rio de Jan...	50 kilos	Encarnado.....	M. Z. M.
2	Bonita.....	Idem.....	5 »	S. Paulo.....	52 »	M. B.
3	Bitter.....	Preto.....	5 »	Idem.....	54 »	Vermelho e branco.....	E.
4	Regalia.....	Vermelho....	5 »	Idem.....	54 »	Branco e encarnado.....	M. O. J.
5	Intima.....	Castanho....	5 »	Idem.....	52 »	Ouro e encarnado.....	S. L.
6	Ivon.....	Zaino.....	4 »	Paraná.....	52 »	Azul e grénat.....	E.
7	Nicoafi.....	Castanho....	4 »	Idem.....	52 »	Azul e branco.....	D.
8	Orpheu ex-Siróco...	Preto.....	5 »	S. Paulo.....	54 »	P.
9	Villa Nova.....	Zaino.....	4 »	Paraná.....	50 »	Azul e amarello.....	E. A.
10	Judia.....	Idem.....	3 »	Idem.....	47 »	Grénat e perola.....	M. J. S. M.

A's 5 hs. — 8º pareo — SEIS DE MARÇO — 1.450 metros — Animaes do paiz até meio sangue, que não tenham ganho no Derby — Premios: 400\$ ao 1º, 80\$ ao 2º e 40\$ ao 3º

1	Caporal.....	Alazão tost...	4 annos	S. Paulo.....	52 kilos	Verde, branco e encarnado.	R. M.
2	Peralta II.....	Castanho....	4 »	Paraná.....	52 »	Azul e manchas encarnadas	C. P.
3	Catita.....	Idem.....	3 »	Rio de Jan...	47 »	Azul.....	F. Guimarães.
4	Pirata.....	Tordilho....	4 »	Idem.....	52 »	Verde e ouro.....	L. A. R.
5	Americana.....	Idem.....	4 »	Idem.....	50 »	Branco, preto e encarnado.	M. L. de Carvalho.
6	Aldace.....	Vermelho....	4 »	S. Paulo.....	52 »	Vermelho.....	J. Lemos.
7	Vibora.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	47 »	Idem e faixa.....	Idem.
8	Villa-Nova.....	Idem.....	4 »	Paraná.....	50 »	Azul, branco e amarello...	Coudelaria Esperança
9	Araby.....	Alazão.....	4 »	R. de Janeiro	52 »	Grénat e lirio.....	Mario de Almeida.

A. CESAR LOPES, 2º secretario

JOCKEY-CLUB

PROGRAMMA DA CORRIDA NO PRADO FLUMINENSE DOMINGO 5 DE SETEMBRO DE 1886

O 1º pareo terá logar ás 11 3/4 e os outros com intervallos de 3/4 de hora

11 3/4 horas—1º pareo — FERREIRA LAGE—Animaes de meio sangue, que não tenham ganho este anno — Distancia 1.450 metros — Premios: ao primeiro 500\$, ao segundo 200\$ e ao terceiro 100\$.

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Catita.....	Castanho.....	3 annos	R. de Janeiro	48 kilos	Azul.....	F. Guimarães.
2	Americana.....	Tordilho.....	4 »	Idem.....	50	Branco, preto e encarnado.	M. L. de Carvalho.
3	Araby.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	52	Granada e lirio.....	Mario de Almeida,
4	Intima.....	Castanho.....	5 »	S. Paulo.....	52	Ouro e encarnado.....	D. A.
5	Douro.....	Alazão.....	7 »	R. de Janeiro.	54 »	Verde e ouro.....	J. Guimarães.
6	Caporal.....	Alazão tost..	4 »	S. Paulo.....	52	Verde, branco e encarnado.	R. M.
7	Biscaia.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	50	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
8	Vibora.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	50	Vermelho.....	J. Lemos.
9	Aldace.....	Vermelho.....	4 »	Idem.....	52 »	Vermelho e faixa.....	Idem.
10	Boyardo.....	Alazão.....	5 »	Idem.....	51 »	Branco e estrellas azues...	Coud. Guanabara.
11	Bitter.....	Preto.....	5 »	Idem.....	54	Azul e rosa.....	H. J. da Silva.
12	Aranha.....	Alazão.....	5 »	Idem.....	52	Vermelho e preto.....	Coudelaria Mirim.
13	Peralta.....	Castanho.....	4 »	Paraná.....	52 »	Encarnado, preto e branco.	C. P.
14	Mandarim.....	Rosilho.....	4 »	S. Paulo.....	52	Azul e manchas encarnadas	Coudelaria Paraiso.
15	Regalia.....	Vermelho.....	5 »	Idem.....	52	Branco e encarnado.....	Mario de Oliveira.
16	Villa-Nova.....	Zaino.....	4 »	Paraná.....	50 »	Azul e amarello.....	Coud. Esperança.
17	Paulicéa.....	Castanho.....	4 »	S. Paulo.....	50	Encarnado, branco e ouro..	Coudelaria Paulista.

2º pareo — JOCKEY-CLUB — Animaes de todos as paizes e edades — 2.000 metros — Premios: ao primeiro, 1:200\$, ao segundo 300\$ e ao terceiro 150\$

1	Curubaiá.....	Zaino.....	5 annos	Inglaterra..	54 kilos	Preto e encarnado.....	D. F. P.
2	Scylla.....	Castanho.....	3 »	Idem.....	52 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
3	Phrynéa.....	Idem.....	4 »	Idem.....	54 »	Ouro e branco.....	Idem Fluminense.
4	Naná.....	Zaino.....	5 »	Idem.....	58 »	Violeta e branco.....	M. U. Lemgruber.

3º pareo — YPIRANGA — Animaes nacionaes de 3 annos — 1.609 metros — Premios: ao primeiro 600\$, ao segundo 200\$ e ao terceiro 100\$.

1	Catita.....	Castanho.....	3 annos	R. de Janeiro.	48 kilos	Azul.....	F. Guimarães.
2	Monitor.....	Idem.....	3 »	S. Paulo.....	52 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
3	Plutus.....	Idem.....	3 »	Idem.....	50 »	Azul, br. encarnado e faixa.	Idem, idem.
4	Galgo.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	50 »	Azul, branco e grénat.....	S. M.
5	Feiticeira.....	Alazão.....	3 »	R. de Janeiro.	48 »	Grénat e rosa.....	Coudelaria Modesta.
6	Excelsio-ex Condar.	Zaino.....	3 »	Paraná.....	50 »	Azul e ouro.....	Cond. Santa Cruz.
7	Vibora.....	Idem.....	3 »	S. Paulo.....	52 »	Vermelho.....	J. Lemos-
8	Pip.....	Pampa.....	3 »	Idem.....	50 »	Ouro e rosa.....	B. V.

4º pareo — GUANABARA — Animaes nacionaes de 4 annos e mais — 1.609 metros — Premios: ao primeiro 1:000\$ ao segundo 250\$ e ao terceiro 100\$.

1	Cavour, ex-Ld-Byron	Zaino.....	5 annos	R. de Janeiro.	54 kilos	Ouro, azul, branco e enc.	A. S.
2	Bayoco.....	Castanho.....	5 »	S. Paulo.....	60 »	Branco, mangs. e boné enc.	Oliv. Junior & Lopes.
3	Sybila.....	Zaino.....	4 »	Idem.....	54 »	Azul branco e encarnado...	Coudelaria Cruzeiro.
4	Sylvia II.....	Alazão.....	5 »	Idem.....	60 »	Azul, branco, encar. e faixa	Idem idem.
5	Boreas.....	Castanho.....	5 »	Idem.....	58 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança

5º pareo — MAJOR SUCKOW — Animaes nacionaes de meio sangue — 1.609 metros — Premios: ao primeiro 600\$, ao segundo 200\$ e ao terceiro 100\$.

1	Nicoafy.....	Castanho.....	4 annos	Paraná.....	52 kilos	Azul e branco.....	J. P.
2	Caporal.....	Alazão tost..	4 »	S. Paulo.....	52 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.
3	Jenny.....	Vermelho.....	3 »	Idem.....	48 »	Vermelho.....	J. Lemos-
4	Yvon.....	Zaino.....	4 »	Paraná.....	52 »	Encarnado, preto e branco	C. P.
5	Druid.....	Tordilho.....	4 »	R. de Janeiro.	56 »	Encarnado e branco.....	Oliv. Junior & Lopes.

6º pareo — INTERNACIONAL — 1.750 metros — Animaes de todos os paizes de 3 e de 4 annos que ainda não tenham ganho este anno — Premios: 800\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

1	Wamp.....	Castanho.....	3 annos	Inglaterra....	48 kilos	Verde.....	C.
2	Françoise.....	Alazão.....	4 »	França.....	50 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.
3	Coupon.....	Idem.....	3 »	Idem.....	50 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
4	Carybdes.....	Castanho.....	3 »	Inglaterra....	48 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
5	Diomede.....	Zaino.....	3 »	França.....	50 »	Branco e bonet encarnado..	Oliv. Junior & Lopes.
6	Speciosa.....	Alazão.....	4 »	Inglaterra....	50 »	Azul e grénat.....	Coud. Internacional.
7	Creuza.....	Idem.....	4 »	Idem.....	50 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
8	Dignitaire.....	Idem.....	3 »	França.....	50 »	Encarnado, preto e branco.	Coudelaria Paraiso
9	Cheapside.....	Idem.....	3 »	Inglaterra....	48 »	Encarnado branco e ouro..	Coud. Paulista,

7º pareo — DEZESEIS DE JULHO — (Handicap) — Animaes de todos os paizes e idades — 2.000 metros — Premios: ao primeiro 800\$, ao segundo 200\$ e ao terceiro 100\$

1	Garibaldi.....	Alazão.....	6 annos	Rio da Prata.	61 kilos	Branco, mangs. e boné enc.	Oliv. Junior & Lopes.
2	Diva.....	Idem.....	4 »	Rio de Jan...	50 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
3	Plutão.....	Idem.....	6 »	França.....	65 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
4	Gaudriole.....	Castanho.....	3 »	França.....	60 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
5	Naná.....	Zaino.....	5 »	Idem.....	62 »	Violeta e branco.....	M. U. Lemgruber.
6	Diomede.....	Idem.....	3 »	Idem.....	58 »	Branco e boné encarnado..	Oliv. Junior & Lopes.

A directoria reserva a si o direito de dividir o 1º pareo em douscaso não haja retiradas de animaes.

Os proprietarios das eguas Catita e Vibora deverão apresental-as no prado às 11 horas da manhã, para serem examinadas pela commissão,

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 11 DE SETEMBRO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 89.

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	MARCOS VALENTE
Historia dos quinze dias..	A. A. L. VIEIRA.
Paléstras femininas.....	V. DE CARVALHO.
Nos olhos de Maria, soneto.....	A. S.
Jornaes e revistas.....	BIBIANO.
Cofre das graças.....	C.
Musica e musicos.....	V. MAGALHÃES.
Ausencia, poesia.....	A. PALHETA.
Bellas Artes.....	E AUGIER.
Uma carta de.....	A. DE SOUZA.
Poesia e poetas.....	LORGNON.
A vida elegante.....	A. MENDES.
Penas, soneto.....	M.
Um soneto attribuido a B. da Gama.....	PONSARDIN.
A vida alegre.....	A. SILVA.
Teu jardim, soneto.....	P. TALMA.
Theatros.....	
Factos e Noticias.....	
Recebemos.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÓRTE.

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

—Sr. Aprigio Carlos de Macedo—Santos.—Diga-nos V. S. se as folhinhas de Santos ainda não marcaram o dia 6 de Setembro de 1886, data em que devia ter sido realisada umas das suas muitas promessas.

A SEMANA

Os senhores assignantes de anno, da Côte, que estejam quites com a empreza, podem vir, munidos dos seus recibos, do dia 15 de corrente em diante, receber um exemplar do livro *Vinte Contos*, de Valentim Magalhães, premio a que têm direito.

Os que estiverem em debito, saldando-o, também receberão o dito premio.

Nesse mesmo dia começaremos a remessa do livro a todos os assignantes das provincias que, estando quites, nos tenham enviado ou enviarem o porte para a remessa pelo correio (200 rs.)

Aos nossos collegas provincianos supplicamos humildemente o delicado obsequio de, quando nos derem a honra de transcrever em suas columnas cousas nossas, declararem a procedencia d'essas cousas, ou, pelo menos, conservarem os nomes de seus auctores. Não nos pôde ser agradável, como facilmente se comprehende, vermos o producto dos nossos continuados e extraordinarios esforços adornando e abastecendo os collegas, sem uma simples referencia á nossa folha. Isso tem um unico nome, que não diremos qual seja. Mas aos poucos collegas que se têm, a tal respeito, constituido excepções agradecemos penhorados as suas provas de deferencia e apreço.

Uma indisposição de saúde do nosso estimado collaborador L. M. Bastos priva-nos hoje da sua auctorizada apreciação sobre as ultimas corridas do *Jockey-Club*, *Sport Fluminense* e *Derby-Club*, na sua secção do *Sport*.

Pedimos muitas desculpas d'esta involuntaria falta.

A REDACÇÃO

HISTORIA DOS QUINZE DIAS

Uff! Começou perfeitamente D. Estio. Vamos ter um verõesinho de se lhe tirar o chapéu e... a camisa. Lavadeiras, medicos, boticarios, botequineiros e gatos pingados, — parabens.

Chegou-vos o tempo de enriquecer. Auguro-vos, ante as primeiras «perolas da minha transpiração», (E' para substituir o velho «suor do meu rosto», que não tem nada de poetico) auguro-vos abundantissima colheita de roupas sujas, de doentes, de tisanas, de cajuadas e de defunctos. D. Estio vem acompanhado, neste como nos outros annos, de um pagem feminino muito menos gentil que o dos *Huguenotes*: — A Morte.

A questão E. F. Victoria á Natividade — Waring Brothers—Mac-Donell — Coelho Rodrigues—Matta Machado—Cotegipe—Carneiro da Rocha vai doce-

mente entrando na pacatez consoladora e petrificante da—*consummação dos factos*. Mais oito dias e será — préhistorica. Ao artigo de *Tob* sobre este assumpto, publicado em o nosso passado numero, apenas accrescentaremos isto: Abençoados os povos que não tem memoria! Abençoados o Brazil!

Aquelle que se chamou em vida Conde de Mesquita e que a memoria do Illm. Sr. José Povo conservará sob a designação aurisonante de *Conde de Quinze Mil Contos*, confundido com o Conde de Monte Christo em uma nuvem fantastica de notas do Banco e libras esterlinas, occupou grandemente, quasi exclusivamente as attentões e os jornaes durante os ultimos dias, não pela lembrança dos beneficios que prodigalisou, das qualidades do seu character, dos seus titulos, enfim, á sympathia e á gratidão do citado Sr. José. Não; mas pelo sentimento, ou melhor pelo instincto feroz da curiosidade. Em todos os espiritos bailava, como um diabo tysico, este ponto de interrogação: — «Quem se abotoará com toda aquella dinheirama? Quem?» E, corria gente, como formiga, para o Juizo da Provedoria a consultar o testamento do conde como se fosse a lista da loteria — como bem observou *Eloy*, o *heroe*. Ah! os mortos vão depressa! Mas o dinheiro d'elles não vai mais devagar; e com esta certeza consolam-se, perfidamente, os que tiveram «bilhete branco» no testamento do inditoso Crésus do Andaraby.

Ainda venho a tempo de saudar o joven senador Taunay, junctando ás braçadas de flores com que o povo saudou a sua entrada na Siberia algumas singelas phrases de sincero parabem. S. Ex. naquelle recinto dá-nos o pittoresco effeito de um canario, loiro como o ambar, pouzado em um ramo esfolhado de paisagem alpina, em grande inverno, acordando os écos fundos e dormentes das solidões geladas com vibrantes cavatinas alegres.

Ahi eu comprehendo o voto de opposição do tio Martinho! Elle representa a natural antypathia do sorvete pela braza, a repulsão do kagado pela lebre, o temor do cario de bois pelo comboio electrico.

— Paciencia, meus velhos, paciencia! E' fazer cara alegre e receber o menino. Foi isto o que maliciosamente quiz dizer o Acaso, esse Gavroche impalpavel, pondo na commissão de siberianos que recebeu Escragnolle Chopin o mesmo azedo tio Martinho.

Que engraçado e que profundo — o Acaso! Ah! se eu o pudesse apanhar para chronista d' *A Semana*!

Mas cuidado, canario, não emudeças também! Enrouquece-se tão facilmente no Polo Norte! Esqueça-se o novo senador, em nome da patria, que tanto de S. Ex. ainda espera em glorias e serviços; esqueça-se de que já não precisa trabalhar, de que adquirio o direito — á velhice.

Algum dos senhores poderá infor-

mar-me que fim levou aquelle nosso auri-verde Patriotismo, que em todos os *setes* ia ali para o Rocio ver as fortalezas de sarrafos e panninho, ouvir o hymno, beliscar as do *caroco*, enfluxar-se, matar o bicho, aliviar os bolsos do Proximo e ver raiar a aurora da Independencia com cantorias cá em baixo e tiros de peça lá em cima, no morro de Santo Antonio?

Pobre Patriotismo! Morreu com o Gambôa. O Gambôa é que era o Patriotismo Brasileiro. Acabou-se o Gambôa, acabou-se tudo: — foguetes, hymno, meninas verdes e amarellas, romper d'alva, brava gente; «morrer pelo Brazil...» tudo, tudo! Além do poeta Nunes *Gambôa*, só nos resta, ai de nós! — o collegio Moretz Sohn. Eu me explico.

O unico raio de patriotismo que bruxoleou tímido no dia memorando da nossa libertação politica foi o *Sete de Setembro*, órgão da «União Litteraria» do Collegio Moretz Sohn, de S. Paulo, e do qual, *Sete*, é redactor chefe o Sr. Joaquim P. F. Mendes. E' um jornalzinho de palmo e pouco de altura sobre meio palmo de largura, com o titulo impresso a tintas verde e amarella.

Salve, auri-verde filhote de Guttenberg, que vens substituir o benemerito Gambôa, impedindo assim que d'este torrão benedito desapareça a sagrada planta do Patriotismo. Salve!

Felizmente a Camara Municipal não deixou cair em completo esquecimento o nosso pobre *Sete*, o nosso *ex-Sete*, — porque elle hoje, coitado, não é mais *Sete*, é 0 — festejando-o do melhor modo: libertando escravos. Commemorou assim a nossa independencia com a independencia de alguns d'aquelles com cujo suor e com cujo sangue se argamassarão os alicerces d'esta nação.

Entre os libertandos havia dois de cor branca e decentemente trajados. Este facto fez pascar e consternou o bondoso coração da Serenissima Princesa, que se recusava a crer no que viam seus olhos, e encheu de dó os peitos dos assistentes. Este facto foi muito espirituosa e sensatamente commentado por *José Telha* nos *Macaquinhos no sótão da Gazeta*.

Diz elle excellentemente:

«O que é a gente ter juizo! Um doudo qualquer pensaria que um escravo preto e andrajoso deve inspirar mais pena que um ou dous escravos brancos, correctamente vestidos.

«Loucura! a gente de juizo olha para um preto como se olha para um burro de bond; se se tem ao mesmo tempo juizo e bom coração, faz-se ao preto o que fez ao burro a sociedade protectora de que são chefes os Sr. senadores Correia e Nunes Gonçalves.

«Mas, quando se vê um escravo branco, a gente de juizo fica como quando ha bexigas em casa do visinho; sente-se um arrepio de frio, e quando se diz do doente — coitadinho! — o que se pensa principalmente é em não lhe passar ao alcance das pustulas.

— Então, tambem eu, pensam as almas caridosas, podia ser escravo! Que triste cousa é a escravidão!

«Que as almas caridosas se tranquilisem! Aquella honraria de causar sensação na festa municipal, sendo escravo e branco, só se consegue á custa de tres ou quatro gerações de escravas, que deram aos senhores tudo quanto podiam dar: até filhos para vender.»

Bravos, *Zé Telha*, isto é que é dizer muito em poucas palavras.

São espantosos os progressos da gatinagem nacional. Em Minas roubaram actas que foi uma desgraça; mais

de cem. Mas em Pernambuco, onde, pelo que se vê, os gatunos são muito mais praticos, roubaram cousa melhor: — dinheiro, dinheirinho de contado. Uma bagatella, cerca de mil contos.

E' innegavel que o *trabalho* foi executado com perfeita limpeza, o que muito deve honrar a industria nacional no Estrangeiro: — nem arrombamento, nem violencia alguma. Com o dinheiro os gatunos empalmaram tambem uma sentinella, mas não se sabe ainda ao certo para que fim.

Mas isso, bem considerado, não é cousa que nos deva incomodar. O Sr. ministro da fazenda acaba de receber de Londres 500 contos em ouro. Mande-os vasar uos cofres da Thesouraria Provincial do Recife, peça á Camara um novo impostosinho, sobre o uso do palito, por exemplo, para completar a quantia roubada e não falemos mais nisso.

A ordem é rica e os frades são poucos.

Somos um povo bellico: Provámo-lo ante-nontem com os exercicios militares. Que bravura, que intrepidez, que tino militar! D'isso é que precisamos. Dê-mos diariamente exercicios militares para assustar *los argentinos* e dar que fazer aos soldados, que passam vida folgada e milagrosa. E' matando alguns d'elles de fome, de insolação, de fadiga e um pouco tambem — a tiro, que conseguiremos preparar-nos para o que dêr e viêr. Elles constituem, além d'isso, uma innocente brincadeira. E' innegavel que o nosso povo precisa muitissimo de brincadeiras innocentes. Façamol-o brincar com soldadinhos... de carne e osso.

E tremla el Plata!

MARCOS VALENTE

PALESTRAS FEMININAS

FUTUROS

N'um recanto sombrio do vasto jardim de Albertina conversavam as tres, e tão entretidas e preocupadas estavam que não me sentiram chegar. Ao aproximar-me, ouvi estas palavras de Amelia: «Juro que assim será.» e logo as risadas argentinas de Carmen e Albertina, que diziam: «Não jures, isso é impossivel; aposto que ainda nos virás pedir que te desobriguemos do juramento...»

Cheguei-me então, pedindo para ser ouvida na questão que tanto as affastára de nós a tarde inteira, e Carmen, a mais travessa das tres, rindo muito, respondeu-me:

— Imagine que fallavamos do futuro, do nosso indeterminado futuro.

— Cor de rosa, não é assim?

— Não sei. Albertina diz que casa e funda a sua felicidade no amor; Amelia diz que não casará nunca, para viver para os irmãos e pae; eu não caso porque não quero; só aspiro á completa liberdade.

— Vejamos as razões d'esses irrevogaveis futuros. Attenção; vou começar o interrogatorio. Falla primeiro, Albertina; sei que já tens noivo.

— Tenho, mas mesmo que o não tivesse ainda, asseguro que me casaria cedo, porque para mim é o casamento a maior, a unica aspiração da mulher. Amo meu noivo, que me ama, adorarei meus filhos. Vê tu se é possivel que a tistez ou o tédio achem aberta a porta do meu lar, sendo elle guardado por tão

fortes e tantos affectos. Não compreendendo a ventura d'outra forma; a quietação! o amor!

— Muito bem. E tu Carmen?

— Eu? Não creio na felicidade que nos encadeia; não terei nunca os pulsos algemados. Que é o esposo? um senhor; os filhos, que são? Deveres e dores sem termo, torturas sem compensação bastante. Oh! ser livre, pensar, aprender amar em liberdade! eis a suprema aspiração da vida. Sou rica e intelligente, de nada mais preciso. Nasci aguia, quero elevar-me ás nuvens, sem que o mais tenue fio me prenda as azas, sem saudades da terra.»

— Tu és então a liberdade. Tu, minha loura Amelia, que dezejas ser?

— O Sacrificio. Perdi minha mãe, o pranto cegou meu pobre pae e tenho quatro irmãos pequenos. Quem os acalentaria á noite, quem os educaria, quem levaria pela mão ao cemiterio o velho sem luz? Quem poderia ser a um tempo para esses infelizes mãe irmã e filha? Se eu os esquecesse um instante, se me prendesse um novo amor, quem velaria por elles? Não pode ser, bem veem. Sacrifico-me sem pena, sou feliz mesmo, porque imagino no conforto e nas alegrias de pae e irmãos um mundo infinito de recompensas. Carmen e Albertina não me comprehendem porque ainda não soffreram.»

— Admiro-te Amelia, mas não creio, como as nossas amiguinhas, que te bastem os amores de hoje e as benções dos teus; a natureza, ou antes: os teus 20 annos, têm exigencias e surpresas, que não saberás dominar. Ainda se não fosses bonita... mas assim, com esses olhos de um azul tão limpid, o com as esplendidas tranças de ouro que te chegam quasi aos pés... Olha, filha, caminhar descalça e offegante sobre espinhos e rochas aridas e ardentes, quando de um lado e outro avistamos alfombras flacidas, e floridas sombras perfumadas, arroyos crytalinos, bosques murmuros, harmonias mysteriosas, reduções irresistiveis, é impossivel. mesmo para um anjo como tu. Não creio não desejo mesmo que se cumpra d'esse modo o teu futuro.»

— Nem eu! Nem eu! exclamaram as outras duas formosas crianças.

As minhas leitoras têm certamente curiosidade de conhecer as tres amigas e o motivo que me leva a contar-lhes o que conversavam tão mysteriosamente no recanto sombrio do jardim de Albertina.

Albertina é minha prima, não sei em que grau.

Carmen é filha de um diplomata argentino distinctissimo; perdera a mãe em Buenos Ayres e o pae trouxera-a estão para a companhia de uma tia viuva, edosa, rica e nobre, que ficou louca por ella; obedecia-lhe a todos os caprichos de moça formosa e de hespanhola impetuosa e ardente. Conhecera Albertina no collegio e desde então eram amigas intimas.

Amelia fora visinha de Albertina; das janellas da casa modesta em que habitava devassava os jardins de Albertina e fizeram conhecimento entre flores e sorrisos, trocando beijos nas azas das borboletas. Amelia seguia muitas vezes, com inveja, os brincos e as alegrias das duas descuidosas meninas, e desejava estar ao lado d'ellas, correndo pelas extensas ruas de mangueiras, mas... tenha a mãe entrevada e os irmãosinhos pequenos; o pae era typographo, sabia cedo para a officina, e ella alli ficava, a sorrir tristemente e a cantar umas musicas doloridas para adormecer Isaura, que ainda não linha um anno.

Um dia, 15 de Agosto, Carmen e Alber-

tina colhiam violetas para enfeitar e perfumar o altar da Virgem da Gloria, quando Amelia abriu uma janella, gritando com voz dilacerante: — Minha mãe morre, soccorro! — As duas crianças ergueram-se rapidamente, deixando cair dos regaços as flores colhidas, e, sem uma palavra, transpuzeram correndo o espaço que as separava da casa da moribunda. Foram meigas, sollicitas, angelicas, como se de ha muito se visitassem. Mandaram chamar um medico, um padre e o esposo, mas todos chegaram tarde. Albertina abraçou-se então estreitamente a Amelia, quasi leuca de dor, enquanto Carmen, mais energica e animosa, dava ordens, afastava as criancinhas do leito funebre, procurava nas gavetas, cuidadosamente arrumadas, as roupas que deviam vestir a morta. Por fim, cobriram-lhe o corpo com as violetas que destinavam ao altar da Virgem.

Companheiras e consoladoras da consternada Amelia, tornaram-se amigas inseparaveis, e, sempre unidas, só em um ponto discordavam: no modo de comprehender a felicidade.

Durava ha tres annos esta intima harmonia, quando as surpreendi no jardim, fazendo planos e protestos de futuro. Foi isto em Dezembro de 1881. São passados quasi 5 annos.

Quereis saber agora as gentis leitoras d' *A Semana* como se realisaram as aspirações das tres graciosas amigas que lhes apresentei?

Albertina era noiva, amava e ambicionava viver unicamente para o esposo e os filhos. O noivo era um rapaz da moda, com algum espirito. Uma tarde, depois de, ao lado de Albertina, ter dado mostras de uma paixão incandescente, de ter pedido—como um favor do céu—a noiva a rosa branca que ella prendera á cintura; depois de lhe ter beijado respeitadamente as opulentas tranças escuras, comparando-a aos anjos, ás ondinas, ás estrellas; depois de lhe ter jurado uma eternidade de amor, encontrou uma viuva com 50 dezembros, mas tambem com 50 contos que lhe pagou as dividas e o tornou o mais caricato e causticado dos esposos.

Albertina, por sua vez, despeitada, accitou, apesar dos conselhos de toda a gente que a estimava, a mão de um negociante de café, riquíssimo, bom homem, mas que a não entendia nem entende, a quem não ama nem amará nunca. Para maior desmentido da sorte não teve filhos.

Viaja constantemente, para distrahir-se; possui belleza, elegancia, instrucção, espirito e riqueza, mas o que não tem é o lar guardado pelos santos e fortes affectos de esposa e mãe.

Carmen.— a Liberdade, personificada na mais linda morena que conheço —, entregou os pulsos voluntariamente ás algemas que temia. Casou com um advogado celebre, que tem muito talento mas ainda muito mais ciúme. Já tem tres filhinhos, sendo os dois primeiros duas lindas meninas gêmeas, que são ailhadas de Albertina e Amelia. Não tem um so momento de liberdade a minha irrequeira captiva.

E Amelia? Essa, — a que mais desmentimos, dando como irrealisavel o seu programma de futuro —, foi a unica a cumpril-o. Dá lições de piano e cantos e, nas poucas horas vagas, educa os irmãosinhos. O velho pae já sorri satisfeito ao ouvi-la cantar ou ensinar musica á mais novinha, a Isaura, que ainda não tem 11 annos.

O futuro! Quem pa lerá prevel-o?... Eu, que vivo rodeada de criancinhas,

muitas vezes me esqueço a contemplal-as, perguntando a mim propria o que lhes guardará o futuro, e penso que talvez as que me parecem mais felizes, as mais intelligentes, serão as menos amadas.

Como deve soffrer um coração de mãe ao imaginar que talvez não tenha vida para acompanhar os filhos de sua alma, nas lutas desconhecidas e sempre assustadoras do futuro!

ADELINA A. LOPES VIEIRA

NOS OLHOS DE MARIA

A ALFREDO DE SOUSA

Quando esse olhar ingenuo eu fito, quando A vista embebo nesse olhar mavioso, Parece-me que vejo um delicioso Quadro a meus olhos se desenrolando.

E' numa terra em flor, onde, abanando A's virações o leque bolicoso, Viça a palmeira sob o ceu radioso, De agreste aroma os ares perfumando.

Vejo um bosque onde a luz da madrugada Filtra, em fios rarissimos coada, Entre folhas e flores do arvoredo;

E sobre um tronco, e descuidada, vejo, Paulo e Virginia desfolhando um beijo, Ambos amando, e a sós, e ambossem medo...

VICENTE DE CARVALHO.

JORNÁES E REVISTAS

Revista Federal—N. 4, anno 1o.—Cada vez impõe-se mais á estima e consideração publica esta importante revista, Organ do Club Republicano, Rio-Grandense, tem ella ornado as suas columnas de luminosos artigos contra as instituições do regime monarchico. Este numero traz um vigoroso artigo—*Herança Fatal*, assignado pelo Sr. Romaguera Correa, uma boa *Chronica Política* e varios trabalhos, por Ubaldino do Amaral (U. A.), Bartholomeu Brazil e outros conhecidos escriptores.

O Sr. Mathias Carvalho assigna um *Banquete funebre* em ver lade pouco appetitoso.

Tem, alem de outras, estas exquisitesas coisas: « os cordões patibulares do Vicio, » ir « nã e crã, ao ultimo jazigo, » « oritus da maldade » etc...

Achamos nesta excellente *Revista* uma lacuna importante: o summario, que é indispensavel em publicações d'esta natureza.

— *Fabulas de La Fontaine*, fasc. n. 9. Não podemos deixar de dar os nossos emboras á casa editora David Corazzi, pela publicação d'esta importantissima obra. Este fasciculo traz, alem de delicadas gravuras de Gustavo Doré, interpretando o assumpto de cada fabula, cuidadosas traduções de diversos escriptores, entre as quaes uma devida a penna do immortal Bocage, Tambem nelle figura o nosso companheiro Filinto de Almeida, que traduzio a bella fabula do *Veado enfermo*.

Gazetinha—N. 1. Bemvinda seja a collega, de Juiz de Fóra. A sua estreia é verdadeira e auspiciosa e promette-dora.

Que assignantes não faltem á amavel collega; cá pela nossa parte repetimos o seu brado:

«... assignaturas, meus senhores, assignaturas! mesmo porque, entre tantos engraçados sem graça, não poderemos nos continuar assim tão engraçados... de graça.»

Aparto e vida longa!

A. S.

COFRE DAS GRAÇAS

Divisa dos agiotas:
Atenum cuique.

Quando cá estava a Sarah:

No saguão do theatro Saint'Anna conversava um grupo, em que o Vasques tambem estava, ácerca de Sarah Bernhardt.

Chega um sujeito, e vindo do que se tractava, perguntou ao popular artista:

— E' exacto que a Sarah apanhou uma bofetada da Noirmont?

— Não sei; respondeu serenamente aquelle.

— E que a Sarah depois metteu-lhe o chicote?

— Tambem não sei.

— E' certo tambem o que se diz das relações d'ella com... (e disse-lhe um nome ao ouvido.)

— Tambem não sei; respondeu ainda o Vasques.

— E' ser certo que ella em Paris foi amante do Richem?

— Tambem ignoro isso.

Mas agora permitta-me—continuou o Vasques—que eu lhe faça tambem algumas perguntas. Foi ver a Sarah na *Fedora*?

— Não, senhor.

— E na *Dama das Camélias*?

— Tambem não.

— E em *Frou-Frou*?

— Tambem não.

— E na *Phédra*?

— Tambem não.

— Então em que peça a viu?

— Eu ainda a não vi.

— Ah! bem me estava parecendo; concluiu o Vasques, e deu-lhe as costas.

— Era um prégador admiravel e fecundissimo. Consta que sobre um so assumpto — A Virgem Maria — fez nada menos de 40 sermões.

— E' espantoso; porque raro é o prégador que não tenha feito um só sermão sobre 40... assumptos.

— Ah! meu amigo! Estou afflictissimo: minha mulher está para dar á luz e eu não sei que medico hei de chamar.

— Chama o Dr. Bom Successo.

Na representação da *Maria Antonietta*: — Com a degolação do Luiz XVI pode-se dizer que a monarchia foi decapitada.

BIBIANO

Nada é mais bello que Deus, e depois de Deus nada é mais bello que uma alma, e depois de uma alma nada é mais bello que o pensamento, e depois do pensamento nada é mais bello do que a palavra.

PADRE SENNA FREITAS.

MUSICA E MUSICOS

A primeira sessão de musica de Camera da-lá no salão do Conservatorio pela Sociedade de Quartetto do Rio de Janeiro deixou entrever um largo horizonte para o desenvolvimento da bella arte de Mendelssohn, de Schumann e de tantos outros illustres mestres.

Ao quartetto da sociedade basta apenas uma recommendação: é dizer os nomes dos estimados artistas que o compoem: — primeiro violino Sr. V. Cernicchiaro, segundo violino Sr. Max Lichteinstein, viola Sr. Guilherme de Oliveira, violoncello Sr. J. M. Campos.

Auxiliam o quartetto, como executantes, os Srs. L. Rossi (canto) e Jeronymo de Queiroz (piano).

O programma da primeira sessão foi cuidadosamente organizado e a sua execução brilhantissima; e não permitindo a falta de espaço, que sempre nos afflige, que relatemos desenvolvimentos que foi o concerto, destacaremos o *Tema con variazioni*, de Bolzoni, e o *Quintetto*, de Jadassohn, para dizermos que são duas das peças que com mais *bravura* temos ouvido desempenhar no Rio de Janeiro.

Parabens aos eximios organizadores da sociedade, pelo brilhante successo que obtiveram.

O salão estava repleto do que de mais distincto tem a sociedade fluminense, achando-se tambem presentes S. S. M. M. e A. A. Imperiaes.

C.

AUSENCIA

*Deixar de ver-te um dia e de falar-te
E' para mim como se o sol fugisse
Do mundo e inteiramente se extinguisse
A luz, que a vida leva a toda parte.*

*E' como se uma subita tristeza,
Um luto immenso, funebre, medonho
Como a nuvem de trévas de um máu sonho,
Amortalhasse toda a Natureza.*

*Preciso de teus olhos em meus olhos,
De tuas mãos nas minhas mãos, querida,
Preciso de tua vida em minha vida:
— Carinhoso luar beijando escóthos.*

*E assim me vou neste embrocamento,
Sem poder ter uma esperança ao menos,
Nem mesmo a de beijar-te esses pequenos
Pés, que são meu encanto e meu tormento.*

VALENTIM MAGALHÃES.

BELLAS ARTES

Por mais generoso que considere o leitor, não posso crer que a falta d'esta secção, a unica a não corresponder á merecida consideração e estima de que gosa *A Semana*,*) lhe tenha causado surpresa, ou a melhor dizer, saudades.

Comtudo eu teria, pelo menos, conquistado esta sympathia pela pertinacia com que, todos os sabbados apresentava as minhas mal alinhadas linhas

(*) Não apoiado.

N. DA R.

de critica, encimadas pelo pomposo titulo de *Bellas Artes*. Ao menos, esta consolação.

Mas dois sabbados não são dois seculos; e as lettras patrias pôdem d'ora avante exultar de contentes polo meu reaparecimento.

Dispensando desde já as manifestações a oleo.

Venhamos ao assumpto: A Exma. Sra. D. Abigail de Andrade.—talento de primeira agua e que, com decidida vontade, procura elevar o seu melodioso nome, (nome que na historia de Israel representa a sympathica e bondosa esposa de Nabal) ao lado dos de Nelie Jacquemart e Barillot, de Laielle e Mme. Carolus Durand, de Louise Obbema e Mlle. Gardner,—expõe dois retratos na casa Costrejan.

São dois bustos de meninos, pintados com algum maneirismo, porém de bello effeito pela tonalidade do colorido. O desenho das duas cabeças pareceu-me feliz, comquanto os bustos sejam racheiticos, e pouco vigorosos no traço. Demais, peço licença á Exma. artista, para notar falta de expressão, quero dizer: de vida. Vejo bem que foram acabados com incontestavel cuidado, que a côr foi procurada com o mesmo interesse que a anatomia; mas, ou os modelos não se prestaram á sessão, ou a sympathica artista não se preoccupou muito com a *physionomia* dos graciosos retratados. Considero difficuldade, entre todas as difficuldades da arte, o apanhar bem, com exptaneidade e firmeza, a graça, o encanto, o *ar*—como vulgarmente se diz—de um rosto; particularmente de creança cujos traços physiomicos ainda não estejam accentuados. E, notando esta falta, em vista do que acabo de dizer, não é intuito meu fazer cahir sobre as habilitações artisticas da Exma. pintora uma censura de peso. A Exma. Sra. D. Abigail de Andrade tem dado provas exuberantes do valor dos seus pinceis. Elles são uma promessa de futuras joias entre as mais bellas da pintura brasileira.

No Salão Vieitas* expõe Langerok um grande estudo á *gouache*: paisagem do Brazil. Posto que affectados, as mais das vezes, os pinceis d'este artista são de um impertinente *chic* que lembra a jovialidade artistica das phantasias de Watteau e Boucher.

No quadro exposto, rompendo as grandes massas de vegetação, veem-se golpes de luz admiravelmente conduzidos por effeitos simples, que são de uma terrivel difficuldade nesse genero de pintura. A vegetação está pintada com largueza, com observação, temperadas por petulantes pincelladas, ás soltas, como se a mão do artista fosse, de improviso, tremida por um rapido choque nervoso. As massas de folhagem curvam-se voluptuosamente, em franças bastas, para o solo, juncado de folhas seccas, atapetado de heras vigorosas. Retorcidos galhos de arvores fortes, espiras tortuosas de cipós, filamentos de parasitas, folhas esguias e asperas de bromelias, pedras musgosas, dispersas por aqui e por ali, occupam este immenso espaço, cheio de ar. Duas figurinhas pintadas com excessiva garridice, animam este bello estudo, apezar de um tanto convencional.

Langerok procura muito o *chic* porém, sem duvida alguma, é o paisagista mais delicado e o mais dotado de sentimento que possuimos actualmente. Desenha com immensa habilidade e graça, e pinta como um colorista de fina tempera.

ALFREDO PALHETA

UMA CARTA DE E. AUGIER

E' sabido que este celebre dramaturgo francez não escreve ha muito tempo.

E pelas razões que elle dá na seguinte carta, dirigida a um amigo, deprehende-se que este descanço tem sido proposital.

Eis a carta:

« Meu caro amigo. Aprendi por experiencia que ninguem sabe parar a tempo: uns acabam muito cedo; outros muito tarde.

E' escolher.

Quanto a mim, decidi-me a parar muito cedo.

Quero dizer-vos o que me levou a isto.

Era eu moço, estava no começo dos meus *successos*, quando um dia me achei no gabinete de um amabilissimo director de theatro.

Durante a nossa conversação um creado trouxe-lhe um cartão de visita.

Depois de lê-lo, mostrou-se amuado e exclamou:

— Não estou em casa! que me deixe em paz esse velho massante!

Lancei os olhos sobre o cartão: era de Eugenio Scribe! o homem que mais triumphos tem alcançado em nossos tempos; e era esse homem, esse mestre de theatro, que se recebia assim!

Jurei então a mim mesmo que semelhante cousa nunca se daria commigo!

Não quero que um director de theatro mande-me dizer pelo seu creado que não está em casa! E eis ahí, porque a minha resolução é irrevogavel.

Hoje vivo; e mais nada.

O theatro não me dá mais prazeres.

Assisti á *reprise* da *Aventureira*, e confesso-vos que os ensaios aborrecem-me, fatigam-me, irritam-me; não trabalho mais.

Não tenho filhos, amo extremosamente a minha mulher, como convem a um bom sexagenario, e ambos nós, como já chegámos ao crepusculo da vida, aguardamos em piedoso recolhimento a vinda da noite.

EMILE AUGIER.»

POESIA E POETAS

Sombras e sonhos — Versos do Sr. Frederico Junior.

Prefaciando o seu livro, diz o Sr. Frederico:

« As sombras que sinto por sobre minha intelligencia, apezar dos sonhos, não de glorias, mas de amor pela litteratura, não teriam coragem bastante para virem á luz da publicidade se á (1) isto não me levasse a instancia de alguns amigos (2) que, illudidos pela amizade com que me honram, acreditam ter esse meu pequeno livro algum merecimento, quando eu sou o primeiro a reconhecer a sua nullidade.» (3)

Nullidade? Ora essa! Para que tanta maldade comsigo, Sr. Frederico?! O Sr. com certeza, é um homem de *maus bófes* como é um poeta de *maus versos*. E depois d'isso ainda nos pede indulgencias como se deprehende d'este seu topico:

(1) Sempre o eterno a. Quando aprenderão os poetas noveis... em grammatica a não accentuar a preposição a?

(2) Sempre os amigos! Que embirração a d'esta gente!

(3) São menus os italicos.

NN. DO A.

« Assim, pois, sêde indulgente para commigo, e tereis a gratidão eterna do vosso

Frederico Junior »

Garantimos-lhe, carissimo Sr. Frederico, que pretendiamos ter uma parcella da sua *gratidão eterna*, mas á vista d'aquella sua *maldade* não a queremos, nem que d'ella dependesse a glorificação d'*A Semana*.

Nada, Sr. Frederico, dê-nos antes a sua ingratiidão eterna por quantos mezes quizer.

Dê-nol-a porque vamos transcrever textualmente a melhor peça do seu livro:

Soneto

Bem como n'um deserto a fonte pura
Rebenta-se propicia aos viajores
Exhaustos da fadiga e dos rigores
Do sol que sóbe a sideral planura.

Nos desertos da vida em que se apura
O peito humano nas cruentas dores,
Nós te encontramos, como orvalho as flores
Nos dando o bem com paternal doçura.

Em ti, o pobre, o pequenino, os grandes
Encontram sempre o carinhoso abrigo
Fontes em jórros de perenne luz.

E vão subindo da existencia os andes
A doce sombra do teu seio amigo
Vencendo os males corregando a cruz.

Aparte este Soneto, que é ouvível, podiam, Sr. Frederico, fazer em sombras as suas *Sombras e Sonhos*, que não lembram, nem por sonhos o livro que, com o mesmo titulo, publicou, ha bastantes annos, o Dr. Teixeira de Mello.

Amuletos — E' um folheto de 47 paginas, contendo 22 poesias.

Pouco temos que dizer sobre este livro do Sr. Samuel Martins, terceiro annista de Direito.

Se o vate Samuel não commettesse cousas d'estas:

Saem-te assim d'essas formas
Essências, ondulações,
Como saem d'um thurybulo
Nas horas das Orações. »

e não trouxesse novidades d'este quilate:

« Então eu pude sondar
O seu mysterio profundo:
Aquelle aroma do lenço
Não era essencia do mundo. »

e não fizesse endecasyllabos assim:

« Sempre em roda de ti ignota »

e nem brigasse com a grammatica como no soneto—*Confidencia*, cujo assumpto é—« una Rosita que tem ao pé da janella um mirrado pé de rosa, que é por ella regado todas as manhãs e da qual Rosita

Anciosa espreitava todo o dia
A progressão mui lenta d'um botão
Que entre a folhagem, rubro, parecia
Os labios d'ella, feitos d'um clarão

etc.» (E' muito interessante e divertido este soneto!), teria o Sr. Samuel as nossas palmas e dariamos ouvidos aos seus assertos sobre critica de alta poesia, taes como estes:

« Eis pois como entendo a poesia futura: nascendo de uma emoção forte, produzida por esta ou por aquella razão,

mas sempre real, intima e verdadeira, assim como a percebem Guimarães Junior, Caldeira, Papança e João de Deus.»

Nós é que não percebemos nada de bom nos *Amuletos* do vate Samuel.

Com certeza estes *Amuletos* não preservarão a litteratura nacional de bruxarias e malefícios.

Com certeza.

ALFREDO DE SOUZA.

A VIDA ELEGANTE

SOCIÉTÉ FRANÇAISE DE GYMNASTIQUE

Quando se annuncia qualquer festa nos salões d'esta distinctissima agremiação de uma boa parte da colonia franceza no Rio de Janeiro, nada mais é preciso dizer-se para que se saiba que tal festa deve ser esplendida. Ainda no ultimo sabbado foi ali commemorado o anniversario da proclamação da republica em França, com um deslumbrante baile a que assistiram muitos socios, familias e convidados, dansando-se com ininterrompida animação até á madrugada de domingo.

Continuadas amabilidades da digna directoria, dos iniciadores do festejo e de todos os associados, fazem com que o feliz possuidor de um convite para tão brilhantes reuniões não mais esqueça as agradabilissimas horas que alli passou.

Saudamos a distincta associação e congratulamo-nos com todos os que tiveram a ventura de compartilhar do prazer que proporcionam aos seus convidados os amáveis membros da Sociedade Franceza de Gymnastica.

LORGNON.

PENAS

Procura em toda parte o teu olhar uuzente,
P'ra dar-me luz á vida, e o teu olhar, que é d'ella,
Não sei por onde brilha, afflicto e descontente
A procural-a inquieto, ancioso porveal-a.

Antes eu fosse a noite e fosses uma estrella!
Ao menos sobre a treva a tua luz fulgente
Teria, a derramar-se esplendorosamente,
Para apagal-a Deus e Deus para accendel-a.

Triste separação? Triste desejo o nosso!
Tu não me podes ver, e eu quero mas, não posso,
Ver teu semblante claro e teus negros cabellos!

Teus olhos, flôr, que são dois olhos seductores,
Longe dos meus, estão tristes, indagadores,
Doudos por ver-me enquanto estou doudo por vel-os!

Junho de 1886.

ARTHUR MENDES.

UM SONETO

ATTRIBUIDO A BASILIO DA GAMA

Em o n. 12 do *Corymbo*, interessante revista que se publica na cidade do Rio Grande, de propriedade e redcção de D. Revocata de Mello, escreveu o Sr. F. de Paula Pires, acerca do disputado soneto o seguinte:

« Em 31 de agosto de 1884 a *Penna*, jornal que se publicou nesta cidade,

reproduzio em suas columnas o bello soneto que se segue com o nome do laureado Camões. E dá em seguida o soneto por nos publicado, apenas modificado no primeiro quarteto, e em um ou outro verso mais. Transcrevemol-o em seguida, tal qual vem no *Corymbo*. Comparem os curiosos com o que demos em o n. 50, com o que trasladamos, em o n. 64, do Almanak Litterario de J. M. Lisboa (S. Paulo) para 1879.

Eis textualmente o inserto no *Corymbo*, publicado em 1884, na *Penna*:

Alegre pintasilgo-flôr virente,
Saudosa fontesinha, alma do prado,
Não cantes, lisongeia um de-graçado
Não corras, acompanha um descontente.

Se ahí n'esse raminho, docemente
Cantando zombas de meu triste fado,
Se aqui entre estas penhas, sem cuidado,
Murmuras rindo do que chora ausente,

Tem lastima de mim... e em breve espaço
Voa e corre a saber de um bem que adoro
Sem que ao longe te sirvam de embarço.

Para que doce Orpheu -chrystal sono ro,
Voa tu com as penas que aqui passo!
Corres tu com as lagrimas que choro ? »

Retomando a palavra, conclue por esta forma o Sr. Paula Pires:

« Resta, pois, além de muito mais, para elucidar-se a duvida, que os illustres redactores da extincta *Penna*, nomeadamente os Sr. Luiz Carlos Nassot e Alfredo Ferreira Rodrigues, bondosamente declarem como e de que maneira tiveram conhecimento do soneto em questão, dando-lhe publicidade com o laureado nome de Camões.

Li todas as poesias lyricas do grande poeta e não deparei entre ellas o famigerado soneto. Creio ter contribuido, inda que pouco, para o fim em que tanto é louvavelmente se empenha a *Semana*.

Pelotas, 11 de Maio de 1886.

F. DE PAULA PIRES. »

Apresentam-se, portanto, tres paes ao famigerado soneto: Bazilio da Gama, Gomes Freire de Andrade e Camões.

Qual o verdadeiro?

E' o que resta elucidar. Continuamos ás ordens dos amadores de excavação es litterarias.

M.

A VIDA ALEGRE

CLUB DOS POLITICOS

Sò o *volapuk* com os seus novos adjectivos poderia fornecer-nos, se o soubessemos, alguns qualificativos mirabolantes para o baile dado por este Club no dia 6.

Esplendido... maravilhoso... são bem pobres para designar tanta coisa atordoadora. Luzes... flores... *horizontaes*, dignas do Oriente e vaporosas como Walkyrias; amabilidade, espirito, tudo o que encanta a vista, o coração e o estomago, havia em profusão.

Parabens, muitos parabens aos incansaveis e bellos rapazes que formam o grupo da directoria.

POUSARDIN

TEU JARDIM

Ah! como é bom ter-se em frente
Da casa em que nós moramos
Um claro jardim florente,
Um verde mundo de ramos!

A D'OLIVEIRA.

No alto, defronte d'esta sala escura,
Tens teu jardim: que esplendida paisagem!
De tarde, ao contemplar-te ali, tão pura,
Entre os milhões de rosas e a folhagem,

Atravez da hederosa curvatura
D'esta janella, creio entre celagem
De anjos, ver, n'uma artistica moldura,
Da Virgem Santa a celestial imagem.

A's vezes passa estrepitoso o vento...
Nuvens de ramos rasgam-se, e as mais bellas
Flores se esfolham, fuges, e um moimento,

Ao te sumires pelo meio d'ellas,
Soltas no ar, julgo alar-se ao firmamento
A Virgem sobre uma explosão d'estrellas.

ALBERTO SILVA.

THEATROS

S. PEDRO

Esteve acima da expectativa e de qualquer elogio a festa de caridade realizada em beneficio do Asylo Agricola de Santa Izabel, na noite de 6 do corrente. Essa festa teve os auspícios e a protecção da princeza imperial, que com seu esposo e a agustos paes assistiu a ella. O programma, em que bem se conhecia o sabio dedo do Mattos, qui *s'yconnaît*, foi magnificamente executado. O *Caboclo* agradou muito, sendo Vasques applaudido com enthusiasmo.

Baptista Machado recitou pela primeira vez o seu monologo em verso *Impressões de viagem*. É um primor de graça e delicadeza, delicadeza de forma e de pensamento, pois envolve um bello elogio à capital do Brazil, na qual só reconhece tres males: a febre amarella, o capoeira e o bilontra; os quaes, todos, dão facadas a febre amarella — na existencia, o capoeira — na barriga e o bilontra — na algibeira. Foi muitissimo applaudido. Mattos cantou com infinita graça *A minha familia*, cançoneta comica habilmente imitada do francez por Baptista Machado; e Vasques fechou com chave de ouro a esplendida festa, recitando uma bonita poesia de sua lavra — *O anjo da caridade*, por elle dedicada a S. A. a Princeza Imperial. O *vica* com que terminou a poesia foi dolorosamente correspondido.

E, a proposito, porque seria que o *Jornal do Commercio* omittio na noticia d'esse spectaculo a menção da poesia do Vasque? É exquissito: — uma poesia feita à princeza, expressamente escripta para aquella noite, que deu logar a uma ruidosa manifestação de apreço por parte da plateia, e o *Jornal*... moita. É exquissito...

RECREIO DRAMATICO

Tout à fait chic a *matinée* organizada pelos archi-sympathicos artistas Silva Pereira e Baptista Machado e realizada no dia 8.

Aquelles e mais o Mattos foram muito applaudidos em — *A minha idade*, Im-

pressões de viagem e *A minha familia*. A gentil actriz Amelia da Silveira disse com extrema graça *A lagartixa*, graciosissimo monologo comico de Pam Taramula. Ai! não ser eu o felizardo que matou a lagartixa!... Augusto e João Rosa recitaram admiravelmente — *O melro*, de G. Junqueiro, e *a Morte do atheu*, de J. de Seguiet. Vasques fez sir e bom rir com a sua impagavel *Viagem á volta do mundo a pé*. A poucas *matinées* temos assistido tão interessantes como essa.

*

Companhia do theatro D. Maria II, de Lisboa

--

Deu ante-hontem o seu ultimo spectaculo com o *Principe Lilah*, que, por signal foi um formidavel desastre, e partio hontem para S. Paulo esta companhia, que nos deixou magnificas impressões, não tão completamente boas como as que as *réclames* com que foi annunciada nos fizeram esperar, nas — ainda assim — magnificas. Sobre o merecimento d'este grupo de artistas e de cada um dos principaes, em particular, daremos proximo um artigo.

De S. Paulo irão a Campinas e provavelmente tambem a Santos e, no regresso, darão aqui mais seis spectaculos com (segundo suppomos) *Dyonisia*, *Duque de Vizeu*, *Marquez de Villemer*, *Dora* e duas peças novas.

P. TALMA

FACTOS E NOTICIAS

SATURNINO GOMES

Partio no dia 5 para Santos, onde foi fixar residencia, o Sr. Saturnino Gomes. São grandes os esforços que, como director e secretario da Sociedade Central de Imмиграção, fez este illustre e sympathico moço. Fixando agora residencia em Santos, estamos certos que, ainda que retirado da directoria da Sociedade Central de Imмиграção, não deixará elle de cooperar sempre com o seu valiosissimo auxilio pela sociedade brasileira que mais tem merecido as sympathias de nacionaes e estrangeiros.

Ao Sr. Saturnino Gomes desejamos — todas as prosperidades.

Tivemos o prazer de receber a visita do Sr. Dolivaes Nunes, conceituado negociante em S. Paulo e proprietario do novo e importante periodico *O Monitor*. *O Monitor* é uma verdadeira e completa «chronica dos factos», pois traz sempre um abundantissimo noticiario, redigido, não á *tesoura*, mas á *penna* e com espirito, — que é raro, e senso — o que é rarissimo, e boa syntaxe, — o que é phenomenal.

Espirito emprehendedor e adeantado, não podia o Sr. Dolivaes encontrar para pôr á frente d'*O Monitor* um jornalista mais intelligente nem mais activo do que o Sr. Navarro de Andrade, nome hoje muito conhecido e geralmente estimado.

A ambos e ao *Monitor* — tantas felicidades quantas merecem, quer dizer — todas as felicidades.

Casou-se no dia 7 d'este a Exma. Sra. D. Antonina Fernandes de Souza, irman do nosso companheiro Alfredo de Souza, com o Sr. Antonio Pinto Ferreira Morado Junior. Foram testemunhas:

por parte da noiva o Sr. commendador Felirerico Narbal Pamplona e a Exma. Sra. D. Maria Augusta Ferreira do Amaral; e por parte do noivo, o Sr. Antonio Pinto Ferreira Morado Junior.

A' noite receberam os noivos e suas familias as pessoas de sua amizade na casa de residencia do honrado tio da noiva, o Sr. Baptista Fernandes. Dausou-se animadamente, até ao amanhecer, apenas com uma interrupção para a ceia, que foi profusa e alegre e em que se trocaram muitos e entusiasticos brindes.

Aos noivos os nossos sinceros votos de felicidade.

Ao nosso estimado companheiro e aos seus dignos paes — muitos parabens.

O collegio S. Pedro de Alcantara vae abrir em breve um collegio filial em Petropolis, que será dirigido durante a estação calmosa pelo illustrado Dr. Zeferino Candido, e terá um corpo docente composto dos mais conhecidos e conceituados professores.

Acontecendo, muitos alumnos serem retirados no verão dos collegios da Corte, onde mais ou menos apparecem molestias, proprias da estação, esta nova vantagem que agora offerece o collegio de S. Pedro de Alcantara vae augmentar-lhe as já numerosas razões de estima publica. Por esta forma os paes, tendo seus filhos no mesmo collegio estarão tranquilos quanto á sua saúde. Excellente melhoramento, que a — todos aproveitará, inclusive — está claro ao Dr. Zeferino — que assim conseguirá escapar a este immenso forno da Corte.

Parte hoje para Ponta Grossa, provincia do Paraná, onde vae exercer o cargo de promotor publico, o Dr. Alcibiades Furtado, moço de grande talento e excellentes qualidades. Boa viagem e todas as venturas.

No dia 3 do corrente completou 54 annos de idade o nosso respeitavel e bondoso collega do *Jornal do Commercio* o Sr. Dr. Paranhos Pederneiras. A' noite reuniram-se em sua casa muitissimos amigos seus, pertencentes á nossa melhor sociedade, que foram manifestar-lhe a sympathia e o apreço que lhes elle merece. Depois de lrua ceia, dausou-se alegremente até muito tarde da noite. Felicitamos o nosso collega, a quem a idade não consegue envelhecer o espirito.

No dia 1º do corrente festejou o nosso prezado collaborador Dr. Henrique de Sá o 3º anniversario do seu filho primogenito com um lauto jantar, a que compareceram muitos amigos e que correu muito alegremente. Participamos do justo contentamento do illustrado Dr. Saken. Oh!... sem querermos, violamos o mysterio do pseudonymo em que se occulto auctor dos *Conselhos Surtures*, que, por signal, ha muito tempo não lão á *Semana* um ar da sua grã.

RECEBEMOS

— *Revista Illustrada*, n. 438. A primeira pagina trata com espirito do pagamento das libras pelo governo á casa Waring Brothers de Londres, na do centro, sob o titulo «Horrores do parti-o da *Ortem* (?)» o lapis do Angelo Agostini descreve as violencias e o assassinato commettido no Rio Grande e dos escravos Tradeu e Laurindo na Parahyba do Sul. O texto é, como sempre, variado e alegre.

— *Noventa e tres* n. 7 Publicação mensal do Gremio Victor Hugo, installado no Collegio Pujol, em Mendes. Bem escripto, bem impresso. este numero torna-se credor dos cumprimentos d'aquelles que comprehendem o quanto é difficil a vida da imprensa. Parabens e avante.

— *O Mequetrefe* n. 413. Mita graça, mas inintelligivel aquella bacia com botas, da primeira pagina.

— *O Pince-nez*, n. 3. Santos. Bons vidros, quer dizer, artigos de ver ao longe.

— Dos pontuas e zelosos agentes Srs. Nicoud & Comp. *Le Salon de la mode*, correspondente a 11 de Setembro. *Charmant!*

— Da casa edicta ra Laemmert & Comp. *O exercito do crime* por Alexis Bouvier. Tem uma bonita capa verde-ouro. Da obra falaremos depois.

— *Revista do imperial Observatorio*, n. 8, anno 1.

— *Gazeta Litteraria*, n. 1.

— *Folha de Sergipe*, de ns. 1 a 13.

— *O mequetrefe*, n. 412. Como sempre muito bem desenhado e com um texto magnifico.

— *Devaneios Litterarios*, de Galdino Loreto. Vamos lê-los.

— *Cabrio*, n. 14. Folha humoristica e illustrada. Publica-se em Porto Alegre.

— *Quinze de Agosto*, Numero unico, commemorativo do 40º anniversario da Bibliotheca Rio Grandense.

— *Revista de engenharia*, n. 143.

— *Estudos*, de Historia do Ceará por J. Catunda.

— *A Estação*, anno XV, n. 16. Bellos figurinos. Na parte litteraria traz, alem da continuação do *Quincas Barba* de M. de Assis, uma chroniqueta de Eloy o Heróe e umas magnificas quadrinhas de Carlos Coelho.

— Da casa Henri Nicoud & C. o n. 8. de importante jornal de modas— *Le Printemps*.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—**Rua do Carmo n. 36.**

Dr. João Botelho, medico e operador; molestias veneroas, syphiliticas e das vias urinaarias. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicações medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 51, por cima da antiga pharmacia Fragoso, das 12 ás 3 horas.

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

Augusto Luzo,— incumbe-se gratuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

Portuguez, francez e Inglez—Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

Dr. Cyro de Azevedo,—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

Imperial Fabrica de Cerveja e aguas mineraes—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fora.

Constructores de machinas e apparelhos para lavoura—Schubert Irmãos, Haas & C.—Juiz de Fora.

Relojoeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Photographo—Hygino Lopes—Barbacena.

Solicitador—Francisco R. de A. Novaes—Juiz de Fora.

Advogado.—O Dr. João Marques mudou seu escriptorio para a rua 1º de Março n. 23.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior continúa a receber cobranças por porcentagem rasoavel. Cidade de Ouro Fino, Minas.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F. Leopoldina. Minas.

Lindolpho Coimbra—Bacharel em bellas artes: photographo, chimico e oleographo. Rua de Santo Antonio—Santos.

Dr. Arthur Paoliello,—Medico—Especialidade: partos e molestias do utero. Muzambinho—Minas.

F. Navarro de M. Salles—encarrega-se de defezas perante o jury. Muzambinho—Minas.

J. M. Villas Bôas da Gama,—dentista—extrahe dentes sem dor. Muzambinho—Minas.

Dr. Henrique de Sá, especialista de syphilis e molestias das crianças.—Rua Primeiro de Março, 22 (consultas do meio-dia ás 3 horas)—Residencia: Rua de S. Clemente, 91.

Julio Cezar Tavares Paes encarrega-se de liquidações amigaves ou judiciais na cidade de Muzambinho e seu termo.

JONGO

DA

MULHER-HOMEM

POR

HENRIQUE DE MAGALHÃES

Acha-se á venda no escriptorio d'esta folha e no Café Brazil este famoso jongo, a

1\$500

Instrução Primaria e Secundaria

PIANO E CANTO

D. Maria José de Albuquerque Camara

Tem ainda algumas horas disponiveis para o ensino d'aquellas materias.

RECADOS NESTE ESCRIPTORIO

DR. GONZAGA FILHO

CONSULTORIO E RESIDENCIA

Rua Visconde de Inhaúma, 61

CONSULTAS DE 12 ÁS 3 DA TARDE

Especialidades:

Febres em geral, molestias pulmonares e do coração.

TELEPHONES

E

CAMPAINHAS ELECTRICAS

Faz-se todo e qualquer trabalho, garantido e por modico preço

RUA DOS GUSMÕES, N. 10—S. PAULO

Joaquim Francisco Lima.

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o **Café Oriente**, da fabrica a vapor do Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25

9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta—annuncie.

MOLESTIAS DE PELLE E SYPHILIS

ESPECIALISTA

DR. SILVA ARAUJO

RUA DA URUGUAYANA, 57

de 12 ás 3 horas da tarde

ALFAIATARIA AURORA DO RIO

FREIRE & COELHO

131 RUA DO HOSPICIO 131

PRADO VILLA-ISABEL

PROGRAMMA DA 11ª CORRIDA A REALISAR-SE NO DIA 12 DE SETEMBRO DE 1886

IAO MEIO-DIA EM PONTO

1º pareo—CRIADORES—1.450 metros—Animaes de menos de meio-sangue, que não tenham ganho este anno—Premios: 200\$ ao primeiro, 50\$ ao segundo e 30\$ ao terceiro.

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	<i>Buchinha</i>	Castanho.....	5 annos	S. Paulo.....	52 kilos	Vermelho.....	Coudelaria Mirim.
2	<i>Cartinoha</i>	Alazão.....	5 »	Rio Grande..	54 »	Encarnado e amarello.....	Carlos P. Barbosa,
3	<i>Guacho</i>	Chita.....	3 »	Idem.....	48 »	Azul e manchas encarnadas	A. M.
4	<i>Rigoletto</i>	Libuno.....	3 »	R. de Janeiro.	48 »	Verde e amarello.....	J. Guimarães.
5	<i>Serodio</i>	Castanho.....	5 »	Rio Grande..	54 »	Preto e encarnado.....	Carlos Joppert.
6	<i>Pampeiro</i>	Idem.....	3 »	Idem.....	48 »	Encarnado e preto.....	Joaquim de A. Silva.
7	<i>Eucharis</i>	Tordilho.....	6 »	S. Paulo.....	56 »	Havana e branco.....	A. F.
8	<i>Nemo</i>	Alazão.....	7 »	Rio Grande..	54 »	Encarnado e branco.....	J. B P.

2º pareo—ANIMAÇÃO—1.000 metros—Inteiros e eguas nacionaes de meio sangue que não tenham ganho este anno—Premios: 400\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

1	<i>Bayoco</i>	Castanho.....	5 annos	S. Paulo.....	61 kilos	Branco e bonet mangs., enc.	Oliv. Junior & Lopes
2	<i>Araby</i>	Alazão.....	4 »	R. de Janeiro.	53	Grenat e lyrio.....	Mario de Almeida,
3	<i>Aurelia</i>	Idem.....	4 »	Idem.....	54	Azul e grénat.....	A. E. de Oliveira.
	<i>Pirata</i>	Tordilho.....	4 »	Idem.....	55 »	Encarnado e preto.....	L. A. Ribeiro.
	<i>Americana</i>	Idem.....	4 »	Idem.....	52 »	Branco, preto e encarnado.	M. L. de Carvalho.
	<i>Oldace</i>	Vermelho.....	5 »	S. Paulo.....	54 »	Vermelho.....	J. Lemos.
	<i>Orpheo</i>	Zaino.....	5 »	Idem.....	55 »	Vermelho e preto.....	Idem.

3º pareo—INTERNACIONAL—1.609 metros—Animaes de qualquer paiz—Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 90\$ ao terceiro.

	<i>Garibaldi</i>	Alazão.....	6 annos	Rio da Prata.	58 kilos	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
	<i>Sylvia II</i>	Idem.....	5 »	S. Paulo.....	54 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
	<i>Exhibitor</i>	Zaino.....	3 »	Inglaterra.,	54 »	Grénat e bonet ouro.....	Arthur Aguiar.

4º pareo—VILLA ISABEL—1.300 metros—Inteiros e eguas nacionaes até meio sangue—Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 90\$ ao terceiro.

1	<i>Abrahy</i>	Alazão.....	4 annos	R. de Janeiro.	51 kilos	Grenat e lyrio.....	Mario de Almeida.
2	<i>Druid</i>	Tordilho.....	4 »	Idem.....	53 »	Branco e bonet encarnado..	Oliv. Junior & Lopes
3	<i>Biscaia</i>	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	40 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
4	<i>Baioco</i>	Castanho.....	5 »	Idem.....	56 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
5	<i>Aymoré</i>	Idem.....	6 »	Idem.....	55 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.

5º pareo—SUBURBANO—1.800 metros—Animaes de todos os paizes—Premios: 1000\$ ao primeiro, 250\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro.

1	<i>Espron</i>	Zaino.....	2 annos	França.....	48 kilos	Grenat e rosa.....	S. M.
2	<i>Conon</i>	Alazão.....	3 »	Idem.....	55 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
3	<i>Sybil</i>	Castanho.....	3 »	Inglaterra.....	49 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
4	<i>Dr. Jenner</i>	Zaino.....	4 »	Rio da Prata.	52 »	Grénat e bonet ouro.....	Raul de Aguiar.

6º pareo—PROGREDIOR—1.609 metros—Inteiros e eguas nacionaes de meio sangue que não tenham ganho este anno—Premios: 500\$ ao primeiro, 125\$ ao segundo e 75\$ ao terceiro.

1	<i>Paulicéa</i>	Castanho.....	4 annos	S. Paulo.....	49 kilos	Encarnado, branco e ouro..	Coudelaria Paulista.
2	<i>Ivon</i>	Zaino.....	4 »	Paraná.....	51 »	Preto, branco e encarnado.	C. P.
3	<i>Caporal</i>	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	51 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.
4	<i>Regalia</i>	Vermelho.....	5 »	Idem.....	56 »	Branco e encarnado.....	Mario de Oliveira.
5	<i>Boyardo</i>	Alazão.....	5 »	Idem.....	54 »	Branco e estrellas azues...	Coud. Guanabara.
6	<i>Douro</i>	Idem.....	6 »	R. de Janeiro.	54 »	Verde e ouro.....	Joaquim A. Silva.
7	<i>Intima</i>	Castanho.....	5 »	S. Paulo.....	52 »	Ouro e encarnado.....	D. A.

7º pareo—EXPERIENCIA—1.000 metros—Eguas de qualquer paiz que não tenham ganho este anno—Premios: 500\$ ao primeiro, 125\$ ao segundo e 75\$ ao terceiro.

1	<i>Cheapside</i>	Alazão.....	3 annos	Inglaterra.....	56 kilos	Encarnado branco e ouro..	Coud, Paulista,
2	<i>Carmen</i>	Idem.....	4 »	S. Paulo.....	53 »	Azul e grénat.....	Coud. Internacional.
3	<i>Africana</i>	Zaino.....	2 »	Rio da Prata.	50 »	Verde e ouro.....	L. da Costa.
4	<i>Peruana</i>	Idem.....	3 »	Inglaterra.....	56 »	Azul, ouro e encarnado....	J. Rocha.
5	<i>Gaudriole</i>	Castanho.....	3 »	França.....	56 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança
6	<i>Diana</i>	Alazão.....	2 »	Idem.....	51 »	Grénat e ouro.....	Oscar Machado.
7	<i>Pansy</i>	Zaino.....	3 »	Rio da Prata.	54 »	Cereja, verde e amarello,...	V. M.

OBSERVAÇÕES.—As corridas principiãrão ao meio-dia em ponto e termiharão às 4 3/4. Os animaes inscriptos no primciro pareo devem achar-se no ensilhamento às 11 horas em ponto.

RAUL DE CARVALHO, 2º secretario,

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO. 18 DE SETEMBRO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 90.

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	TOB.
Politica e politicos.....	F. D'ALMEIDA.
De S. Paulo.....	R. OCTAVIO.
A Divina Comedia, soneto	V. MAGALHÃES.
Notas criticas.....	B. LUCAS.
O morto, poesia.....	A. S.
Jornaes e revistas.....	J. DE ARAUJO.
Epistola ao Mar, soneto..	P. TALMA.
Theatros.....	A. MENDES.
Penas, soneto.....	L. M. BASTOS.
Sport.....	H. MAGALHÃES.
Covardia, soneto.....	FR. SIMPLICIO.
Factos e Noticias.....	ENRICO.
Tratos á Góla.....	
Correio.....	
Recebemos.....	
Anuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÓRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

« VINTE CONTOS »

Aos Srs. assignantes de anno, residentes na Corte, quites com a empreza, e que não tiverem recebido anteriormente outro premio, rogamos o favor de virem ou mandarem buscar o exemplar do livro **Vinte Contos**, a que têm direito.

Aos das provincias, nas mesmas condições, que nos enviaram ou enviarem o respectivo sello (200 réis) será sem demora remetido o livro, com o porte simples, podendo nós registral-o para aquelles que nos pagarem a importancia do registro.

Receberá um exemplar dos **Vinte Contos** quem tomar uma assignatura d'**A Semana** por um anno, em qualquer dos seguintes logares:
Rua do Carmo, 36

Livraria Faro & Nunes.

Livraria Laemmert.

Empreza Litteraria Fluminense, rua Sete de Setembro, 81, Charutaria do Cafe Brazil (com o Sr. Bittencourt).

Cafe Central, rua da Quitanda, esquina da do General Camara. e

Typographia Central, R. N. do Ouvidor, 7.

N. B. — Não se encontra á venda.

D'esta livro tiraram-se cem exemplares adornados com o retrato, em magnifica phototypia, trabalho do acreditado photographo Pedro da Silveira, e com a assignatura authographa do auctor, sendo a capa de papel especial.

São destinados estes exemplares á imprensa, aos collaboradores effectivos d'**A Semana** e a quem, d'ora avante, nos angariar cinco assignaturas de anno.

POLITICA E POLITICOS

Causou uma desagradavel surpresa o modo porque o Sr. barão de Cotegipe respondeu, na quarta-feira, á interpegação apresentada ha dias pelo Sr. deputado Affonso Celso Junior, a respeito de questões parciais que se prendem á grande questão do elemento servil. Causou surpresa somente o modo da resposta, porquanto a resposta não podia ser outra, desde que ella tinha de ser dada pelo Sr. presidente do Conselho, que é o mais directo e o mais genuino representante d'esta politica sem entranhas, que olha para o negro como para uma utilidade mechanica.

Mas S. Ex. não foi somente escravo-crata, (o que seria natural em S. Ex.) o nobre presidente do Conselho foi cruel. Desde as primeiras palavras do seu discurso, estranhando que a interpegação fallasse em *escravizado*, quando S. Ex. não conhece senão a palavra *escravo*; até á pilheria feita com a sorte d'esses desgraçados, até á confissão de que o Governo não se occupa da sorte dos ingenuos, até á odiosidade gratuitamente chamada contra todo o seu partido, em nome do qual S. Ex. falou, e para o qual revertem as suas palavras cruéis; em tudo isto vio-se no Sr. presidente do Conselho o proposito firme de fazer alarde de máns sentimentos, nem compatíveis com a sua illustração, nem compatíveis com o seu talento, e só compatíveis com as idéas retrogradadas que lhe formaram uma segunda natureza, e com a idade que lhe ossificou as qualidades de generosidade, innatas no espirito humano.

Escuso-me de reproduzir o discurso de S. Ex., discurso em que foram emitidas opiniões, mas não adduzidas razões. S. Ex. nem sequer entrou na questão juridica do *status liber*, deixando ao illustrado Sr. Dr. Coelho Rodrigues, um dos espiritos mais cultivados da Camara, a resposta áquella questão. Mas como chronista fiel, vou enlutar estas alegres paginas d'**A Semana**, e não posso deixar de fazel-o, com as opiniões do Sr. presidente do Conselho. É preciso que ellas sejam conhecidas.

Quanto á posição em que ficaram os escravos depois da lei de 28 de Setembro de 1883, que marcou praze para a extincção da escravatura:

O Sr. presidente do Conselho entende que nenhuma modificação soffreu a posição dos escravos. Não reconhece o *status liber*. O escravo continúa escravo como sempre.

Quanto ás penas exceptionaes do código criminal para applicação aos escravos delinquentes, bem como quanto ás penas da lei de 10 de Junho de 1885:

O Sr. presidente do conselho entende que essas penas subsistem, para todos os effectos, e que o negro continúa sujeito ao bacalhau, emquanto não houver lei em contrario, lei que será naturalmente a da... Morte, por decreto... divino.

Quanto á protecção que o Governo pretende dar aos ingenuos, e qual a posição em que está essa classe:

O Sr. presidente do conselho entende que a melhor garantia d'esses ingenuos é a generosidade dos senhores. Portanto, o Governo não cogita de semelhante questão.

Quanto á condição de naturalidade na matricula; se está em vigor a lei de 7 de Novembro de 1831; se a condição de africano, constante da matricula de individuos importado depois da lei, significa liberdade:

O Sr. presidente do Conselho entende que o collector deve limitar-se a copiar a matricula de 1871, nada tendo que ver com a condição de naturalidade. Não dá opinião sobre a lei de 1831, e acha que ao poder judiciario compete decidir as questões que a respeito forem suscitadas.

E aqui fica o que disse o Sr. barão de Cotegipe, presidente do Conselho, ministro de estrangeiros e senador do imperio.

Peis, sim senhor!...

TOD

DE S. PAULO

Venço a vadiagem de uma curta villegiatura e os rigores de um frio intenso, para não desacostumar os meus queridos leitores da minha prosa habitual. Ella ahí vac, pois, desataviada e simples, em singella toilette de viagem, levando á volta do pescoço um pequeno collar de impressões.

Certo que dos leitores d'A Semana poucos serão os que não conheçam S. Paulo, esta bella terra de bom clima, talvez um pouco inconstante, verdadeiramente, mas onde a febre amarella e outras que taes calamidades não logram penetrar, talvez com medo do pó da estrada, um pó avermelhado e finissimo, impertinente e feroz, que nos enche os pulmões e muda a cor ás golas dos nossos casacos. Aqui o frio enrija o corpo, espanta a preguiça e faz affluir o sangue ás faces. O frio d'estas ultimas noites tem sido intensissimo. Estamos em pleno reinado do sobretudo e do cache-nez. Até já o jornalista Americo de Campos tem razão para trazer a sua indefectivel manta sertaneja, sobre a qual heroicamente se dependura um cavaignac glorioso, cavaignac que ainda ha de fazer uma revolução em S. Paulo, quando apparecer um barbeiro assás intrepido para o rasoar de uma vez, á traição, iludindo o dono com boa proza barbeiril, ou cantando ao republicanismo paulistano a marsehesa da regeneração capillar, grito d'alma das barbas decentes, revindicação da liberdade do mento, protesto da supremacia dos bigodes!

Pois é verdade! Frio de rachar, frio penetrante como uma agulha, frio que nos faz admirar o cobertor de lã como a obra suprema do engenho humano. O banho de chuva passou aqui da cathogoria de goso hygienico á de remedio violento. Só eu, de quando em quando, me aventurei a elle, no que dou maior prova de coragem do que a que daria em ler de uma só vez, por inteiro, um microcosmo do meu amigo C. de L. ! Perdão! ha um outro desgraçado que tambem supporta todas as manhãs a agua fria de S. Paulo—e o Silva Pereira; esse, porém, mais infeliz do que eu, supporta-a por exigencia do seu medico e porque ainda quer conservar por muito tempo os vinte e cinco annos que Deus lhe deu ao nascer.

Depois que cheguei á formosa terra dos Andradas, o acontecimento de mais vulto foi sem duvida a festa da Penha.

Não se ria o meu leitor da rua do Carmo: foi a festa da Penha sim senhor. E' que o meu illustre carioca não imagina o que seja a festa da Penha em S. Paulo. Rio-se porque pensou na Penha do Rio de Janeiro, aonde se vae de casaco branco, chifre a tiracollo, em carroça affestoada de galhos e bandeirólas, como nas romarias populares da antiga metropole. Pois está muito enganado, e para provar-lhe o que affirmo basta dizer-lhe que os festeiros da Penha em S. Paulo são sempre membros da aristocracia e do alto commercio, honrando na egualdade dos intuitos as conquistas da democracia moderna, a grande niveladora das classes.

Os festeiros d'este anno foram: a Sra. condessa de Itú, D. Antonia de Queiroz Aranha, dr. Eleuterio da Silva Prado e o Sr. Alberto Pereira Leite, negociante. Cumpre dizer, porém, que as tres primeiras pessoas apenas contribuíram pecuniariamente para a grande festa. Foi o ultimo, o Sr. Alberto Leite, quem se encarregou de todos os trabalhos, quem tudo determinou e organisou. Para isso teve um trabalho

horroroso desenvolveu uma actividade espantosa, mas fez obra asseada. Conseguiu organisar uma festa como nunca se fizera em S. Paulo e que ha de ficar na memoria do povo para todo o sempre. Tambem o Sr. Alberto Leite é um homem extraordinario para estas coisas: seria muito capaz de organisar um banquete sem carne e sem perú ou um baile sem musica de especie nenhuma!

Este anno só os trens da estrada de ferro conduziram ao aprazivel arrabalde da Penha cerca de quatorze mil pessoas; accrescente-se a este numero o das que foram a cavallo e de carruagem, e teremos, talvez, dezesseis mil almas admiradas diante os esplendores da mais deslumbrante festa popular a que a provincia tem assistido!

E' uma multidão compacta, espessissima, ondeando na praça central, por detraz da igreja e nas ruas lateraes até aos campos cercados do fundo, onde se faziam sobre a relva, secca dos ultimos calores, os alegres e expansivos pic-nics, onde eu vi bellos typos de moças provincianas, sentadas no chão, em frente ás alvas toalhas desdobradas, sobre as quaes jaziam os cadaveres assados dos frangos e dos perús, esperando na sua tranquillidade de mortos o delicioso supplicio dos brancos dentinhos, agudos e ferozes, das donas e donzellas paulistas.

Todo o circuito que vae da estação do caminho de ferro até á ultima rua edificada estava magnificamente illuminado a luz electrica com as lampadas Maxim, da força de 30 velas cada uma. A maquina de electricidade do systema Weston, e o respectivo motor estavam collocados no quintal da casa do proprio Sr. Alberto Leite. Todo este difficil trabalho da iluminação, distribuição intelligente das lampadas e montagem das maquinas—foi executado pelo Sr. Abilio Marques, amador, homem de muito talento e superior illustração.

De dia houve visitação da igreja, onde um grupo de Exmas. amadoras, da capital, cantou correctamente a grande Missa de Carlos Gomes, acompanhadas por uma boa orchestra, regida pelo maestro Pons. Houve sermão, pregado pelo vigario geral. Em seguida, sahio a procissão, uma procissão modesta, com um só andor, o da padroeira festejada, carregado aos hombros de quatro senhoras da primeira sociedade paulista. Havia barracas de bibelots e brinquedos de crianças, e barracas de jogo, oh! muito jogo, um jogo desenfreado, a valer: roleta, buzio, cavallinhos, e mil outras caprichosas invenções destinadas a esvasiar *expon-taneamente* as algibeiras dos papalvos em proveito dos barraqueiros felizes. Em um coreto da praça tocou durante toda a festa, graciosamente, a banda do Club Gymnastico Portuguez, regida pelo maestro amador Augusto Portugal, um musico de grande talento, absorvido á arte pelo commercio.

O que, entretanto, com a luz electrica constituia o principal attractivo da festa—era o fogo de artificio, fabricado pelo famoso Daniel de Camargo, de Taubatê, que é, sem a menor duvida, o primeiro pyrothenico do Brazil. E' realmente incrivel o que este notavel artista consegue na sua especialidade! Tudo o que a pyrothechnica tem de mais caprichoso, de mais exquisito e de mais deslumbrante; as mais variadas combinações de jorros e de cores; de transformações opticas; de repuchos igneos; de circulos gyranes; de efeitos de luz,—que ora se esbate do mais vivo para o mais brando, em gradações vagarosas, ora passa rapidamente do branco opalio para o

extremo rubro, ou do amarelo desmaiado para o azul ou para o roxo escuro—de balões transparentes; que, depois de terem gyrado presos aos postes, soltam-se e vao por eeses ares num rodopio vertiginoso e reclinante, mostrando, por efeito de luz interior, um bello cambiante de colorido, jorrando um fogo intenso e vivissimo, até se desfazerem em chuva de oiro e de estrelas de todas as cores, que descem lentamente, transformando-se de espaço a espaço, ora vermelhas, ora azues, ora verdes, ora amarellas; todos os deslumbramentos, enfim, d'esta arte de foguetaria, no que ella tem de mais perfeito e de mais acabado, de mais deslumbrante e de mais admiravel;—tudo eu vi na esplendida festa popular de S. Paulo e tudo foi feito por um homem de talento, por um artista humilde, só conhecido e apreciado nesta provincia! Note-se que não falei dos foguetes e dos morteiros, peças poderosas, que sobem rectamente a enorme altura e rebentam no ar, ora em chuva de oiro e de estrelas cambiantes, ora em cobrinhas de fogo, que rabeiam em ondulações graciosas, ora em balõesinhos de um intenso poder illuminativo, que por espaço de um minuto pairam no ar, produzindo um grande clarão semelhante a um fóco de luz electrica.

Para que nada faltasse a esta festa popular, houve tambem uma correria da policia, que, denodadamente, montada em fogosos ginetes, espaldeirou o povo inerme e espalhou o terror entre os romeiros pacatos; estes, indignados, responderam com algumas pedradas que, infelizmente, não offenderam nenhum valente da tropa. Isto, porém, foi batalha de alguns minutos apenas e desde que o commandante, por exigencia dos festeiros, fez retirar o marcial piquete, serenar os animos e tudo correu em santa paz até á meia noite, hora em que o ultimo trem conduziu os nltimos romeiros.

Houve tambem um lamentavel desastre, devido sómente á imprudencia da victima: uma mulher, ao querer entrar num wagon, com a onda do povo que o tomava de assalto, perdeu o equilibrio na plataforma e cahiu entre dois carros. No momento da queda, bateu com a cabeça nas ferragens e teve uma commoção cerebral, de que resultou a morte instantanea. E' triste isto, mas ninguem poderia prever tal incidente, estando o comboyo parado, como estava.

Finalmente, e para não fatigar mais o leitor, que, por desgraça sua, me tenha acompanhado atéqui, direi que esta festa da Penha em S. Paulo foi a mellhor festa popular a que tenho assistido, e que por largo tempo hei de conservar na memoria a impressão d'aquelle fogo de artificio, d'aquella luz electrica, d'aquella funda alegria do povo, de todas as classes e de todas as cathogorias, que affluio ao local, e da delicada e gentil amabilidade do festeiro principal, que, além de nos dar uma esplendida ceia, ainda nos emprestou o gradil do seu jardim, de onde eu e alguns companheiros intrepidos, encarpitados e suspensos como os paes-avós da Humanidade, assistimos ao fogo, á luz electrica e á pancadaria da policia.

FILINTO D'ALMEIDA

O MORTO

A JOAQUIM DE ARAUJO

Aquella, que, lembrando a estatua fria,
Em tempo me gelava o coração,
Não sei porque, mas res ilveu-se um dia
A offertar-me de esposa a nivea mão.

E eu, que julgava até na dôr ser forte,
Vencido pelo meu contentamento,
Vi de longe, a acenar-me e a rir, a Morte
E, cahindo, fiquei sem movimento.

Creram-me morto, e desprendeu-se o pranto
Estava inerte, mas ouvia tudo.
Ninguém sabe dizer, ai! quanto, quanto
Soffria por me vêr inerte e mudo.

Ouvi fallar da minha sepultura,
Ouvi pregar as taboas do caixão,
Mas nada me causou tanta amargura,
Como a falla da noiva, ao coração.

Estava ao pé de mim. Dizia: — « A Morte
Levou-te o noivo, coração liberto!
E foi talvez melhor, que o teu consorte
Não era para ti mais que um deserto. »

Nisto senti correrem-me na face
Duas lagrimas, frias como o gelo,
E ergui-me, triste como se affastasse
Um estranho e horrivel pesadello.

Todos se ergueram, mas sem dar um passo.
Só minha Mãe, liberto do desgosto,
Me envolveu, anciosa, num abraço,
E me limpou as lagrimas do rosto!

Porto

BERNARDO LUCAS.

NOTAS CRITICAS

É notabilissimo o discurso que, com o título *Patria!* devia ser pronunciado pelo seu auctor, o illustre pregador portuguez, conego Alves Mendes, na inauguração do monumento aos restauradores de Portugal, e que os edictores Alcino Aranha & Cia. do Porto (*) publicaram em elegante opusculo, cuidadosamente impresso.

Abre com esta explicação: « Este discurso foi composto para ser pronunciado gratuitamente em Lisboa, no solemne *Te-Deum* por occasião da grande festa que se projectava para inaugurar o monumento commemorativo da restauração da patria. *Alts* emergencias imperiosas, que não importa referir nem commentar aqui, estorvarem a solemniidade do *Te-Deum* e fantasmagorisaram com soberana conspicuidade, a 28 de Abril corrente, uma festa civica de tal feitio, que tudo aquillo pareceria prehistorico se não fosse *historia* e descambria no inverosimil se não fosse real... Não se recitou, pois, o discurso; mas estampa-se tal qual devia recitar-se.»

Foi pena que se não houvesse recitado, pois não podia tão grandiosa commemoração ser celebrada de maneira mais brilhante, mais digna nem mais solemne do que com esta altissima composição oratoria, que lembra, para egualar-se-lhes, as mais famosas de Bossuet, Massillon e Bourdaloue.

Ha muito não liamos uma peça d'este genero escripta com tão profundo sentimento patriótico, com tantas e tão fulgentes imagens, com tanta independencia de pensamento, com tanta energica phrase e com tão castiça, vernacula e castigada linguagem.

A excellente phototypia que orna o volume mostra-nos Alves Mendes um homem de cincoenta annos, de larga fronte escampada e olhos contemplativos. Mas esta oração tem o fogo, o sangue, a vida de um moço em todo o exuberar da seiva dos vinte annos. Um tópico, ao acaso, para servir de exemplo:

« Oh! quando contemplo estes côus inundados de ether e estas serras talha-

das de marmore; quando apercebo estas aguas tão remançosas e estas costas tão recortadas; quando remiro estes mares em que o sol fabrica filigranas de ouro, e estes rios em que a lua bórda arabescos de prata; quando aspiro estas ares deliciosos e absorvo estas exhalações salinas; quando escuto a nota metallica dos hymnos patrioticos e o echo vibrante das canções populares; quando se me deparam maravilhas taes, digo: eu amo allucinadamente esta terra, que assim concretisa o meu espirito e espiritalisa o meu coração! e se, ao vir á luz, Deus me houvera consultado sobre o ponto da minha morada, teria escolhido logo esta gleba querida, esta gleba incomparavel, onde nasci humilde mas contente, e onde quero morrer obscuro mas honrado — porque as minhas ossamentas, depositadas em terreno estrangeiro, ainda que o fossem num sarcophago de malachite incrustado de brilhantes, estariam mais desprezadas e mais frias do que adherentes aos seios tepidos da terra-patria, embora só tivessem por passamanes os carolos do ermo, por prantos os orvalhos da auróra, e por jazida a mais raza e a mais bronca sepultura.»

Com esta imaginação, com este sentimento, com esta elevação de linguagem foi escripto todo o discurso. Fazendo a rapidos traços valentes a historia das grandezas e das miserias de Portugal, depois de haver affirmado, comprovando-o, que « as expedições portuguezas parecem inverosimeis, á força de inexequiveis: e parecem sobrehumanas, á força de reaes », depois de haver desvelado o immenso painel das glorias luzitanas, commove-se, com patriótica indignação, pela decadencia, pelas desditas da patria amada sob os sessenta annos da dominação castelhana, e exclama: « Não reproduzirei agora esse quadro apocalyptic, digno em tudo dos relevos de Buonarotti ou dos tercetos do Dante. Não espertarei muito essa horrivel tragedia que, na sua lancinante tristeza, exigiria soluções de Job ou thronos de Jeremias. Se eu intentasse effeitos oratorios, servir-me-hia o assumpto á maravilha. Mas não tenho essa vaidade: e, que a tivesse, nunca, por altas razoes de patriotismo e por altissimas razoes de prudencia, um tal quadro deveria ser nuamente exhibido aqui.»

Um exemplo da altiva e honesta imparcialidade do orador historiographo encontra-se, entre muitos, no seguinte trecho referente ao Brazil:

« Os Brazis, abriram os seus fartos veios auriferos para engalanar a mãe-patria, mas a mãe-patria pouco se differencava da mumia recamada de joias; era antes o aro espelento de uma corôa que o invólucro fulgurante de uma alma. Frotas e frotas abicavam ahí, dia a dia, abarrotadas de ouro e pedrarias. Esse ouro foi a nossa ignominia e a nossa ruina. Para catalo manchámos as primeiras paginas virginaes da historia da America. Para reunil-o immolámos, aos milhares, innocentes indios; implantámos naquella Eden purissimo uma arvore venenosa e maldita, que lá não existia — a arvore da escravidão; e tornámos-nos fautores e cumplices no mais horrendo de todos os crimes e no mais infando de todos os traficos — o trafico da carne humana. Por esse ouro faiscante e fugidio abandonámos o modesto e eterno ouro do trabalho. D'esse ouro se nos forjaram novas cadeias. Tranbaldados com esse ouro estivemos — em consecutivos reinados — indolentes e estereis dentro do sacco do absolutismo.»

Detenhamo-nos, resistindo ao vivo desejo de trasladar punhados, d'este monte de pedrarias e de ouro em pó.

Patria! é uma peça oratoria notabilissima a todos os respeito e o seu auctor, se já não fora illustre, conquistaria com ella os fóros de um dos mais talentosos, energicos, illustrados e independentes pensadores do Portugal de hoje. Saudamol-o com admiração e entusiasmo.

Em um elegante voluminho de 30 paginas fez imprimir o Dr. Lycurgo dos Santos (S. Paulo) o artigo que, no dia 2 de junho do corrente, publicou no jornal *A provincia de S. Paulo* para commemorar o 5º anniversario da morte do grande Littré. É um trabalho curto mas digno de leitura pelo talento e illustração que condensa e pela alta admiração que pelo mestre revelada parte do auctor. A ella attribuímos unicamente o haver chamado Littré, (desde a capa do opusculo) *chefe* da *Philosophia Positiva*, o que me parece injusta obliteração da obra de Augusto Comte, que foi o creador e o chefe da *philosophia* de que Littré não foi mais do que convencido e laboriosissimo propagador e discipulo. Ninguém talvez admirará Littré mais do que o auctor d'esta noticia, mas — *quod Cezaris Cezari*.

A parte esta observação, que de certo me será relevada, tem o opusculo merecimento como *biographia* e critica da vida e obra de Littré, de quem com verdade disse o Dr. Lycurgo: « Não se pode exigir de um só homem nem mais sciencia nem mais erudição » e mais: « toda a sua longa e honrada vida foi um combate incessante em prol da sciencia, uma luta indefessa em prol da verdade. » Remata o seu rapido trabalho sobre aquelle « santo que não cria em Deus », exalçando este voto: « Que a memoria veneranda do mestre faça congregar sempre os discipulos verdadeiros em torno dos sãos principios da *Philosophia Positiva*, e que a mocidade estudiosa de todos os paizes e as futuras gerações o tomem para modelo de sua vida moral e intellectual, repetindo-lhe com gratidão e justiça as celebres palavras de Dante a Virgilio (*Dell' Inferno*, C. I. V. 85):

« Tu sé lo mio maestro, él mio autore »

Prosiga o illustrado escriptor paulista no seu benemerito empenho de commemorar annualmente e de maneira tão digna o nome e a obra de um dos mais nobres, honrados e admiraveis trabalhadores do seculo.

V. MAGALHÃES

A DIVINA COMEDIA

A XAVIER DA SILVEIRA

Penetra-se a floresta escura, cheio
De assombros e os cabellos irriçados.
Plangente soluçar, plangentes brados
Do silencio mortal ouvem-se em meio.

Surgem a cada passo os enroscados
Anéis de uma serpente; horrendo e feio
Monstro, de fulva escama, em bruto anceio,
Roja-se e morde os solos abrazados.

Mas sempre vê-se dos horrores perto,
Como um ceruteo ceu, limpido, aberto,
O meigo olhar de Beatriz serena;

Que é como um astro em luminoso esmaio
De piedade, de amor, que é como um raio
De esperança, que brilha e nos acena.

S. Paulo, 1886.

RODRIGO OCTAVIO.

(*) A' venda nesta Corte, na Agencia Commercial Portugueza, R. do Carmo, 40.

JORNÁES E REVISTAS

E' com desvanecimento e jubilo que, dia a dia, registramos os progressos que vae fazendo a nossa folha na consideração, na sympathia e no apreço da imprensa e dos escriptores de Portugal. Agora é *O Occidente* que nos penhora com a sua gentileza e benevolencia. Em o N.º ultimo d'essa excellente publicação escreveu o conhecidissimo jornalista Gervasio Lobato:

« Fallámos na nossa ultima chornica dos actores portuguezes no Brazil. Hoje temos informações mais minuciosas acerca da recepção que ahi lhes fizeram o publico e a critica, graças á amabilidade d'um distincto jornalista brasileiro, que não conhecemos pessoalmente, mas cujo brilhante talento é ha muito tempo nosso conhecido, que nos enviou o seu jornal, jornal de que tínhamos ouvido falar muitas vezes, citar com elogio, mas que nunca nos chegára ás mãos.

« Chama-se Valentim Magalhães esse nosso illustre confrade do Rio de Janeiro, e a *Semana* o jornal que ha dois annos elle dirige com um alto criterio artistico e um bello gosto litterario moderno.

« A *Semana* é um jornal pequeno muito elegante no formato, na disposição typographica, na direcção litteraria, e que, se pelo nome do seu redactor, pela boa escolha dos seus artigos tem o condão de nos interessar sempre a nós, como obra d'arte, actualmente tem, alem d'esse interesse, o de nos pôr ao facto do que pensa, do que julga, do que diz e do que faz o publico e a critica brasileira acerca dos nossos artistas dramaticos mais estimados, d'aquelles que occupam o primeiro theatro do nosso paiz.

« Por todos estes motivos, folheámos avidamente os numeros da *Semana* que recebemos, e em cada pagina, em cada columna encontramos cousas interessantes para nós lisboetas que frequentamos theatros, que lemos livros, que ouvimos musica, que applaudimos artistas.

« E um d'esses primeiros encontros interessantes foi um retrato de Guerra Junqueiro, o primeiro retrato bom, verdadeiramente bom, verdadeiramente verdadeiro, do granda poeta da Morte de D. João.

« E' um retrato bom e um grupo excêntrico, extravagante, phantastico.

« Por baixo tem este distico estranho e commercial.

GUERRA JUNQUEIRO & C.

« A Companhia é um volumoso e amplo abbade minhoto, de soutaina, chapéu abacial, grande cacete ferrado, cara redonda, enorme, fradesca. Ao lado d'esse abbade d'oculos, na mesma pose d'ordem de marcha, encostado tambem ao seu cacete ferrado, está Guerra Junqueiro, muito pequeno, ao pé d'aquella volumosa montanha de carne, fazendo lembrar aquelle grupo extravagante que aqui ha tres annos se mostrava na feira de Belém por um pataco—*Et hombre niño y la niña colossal*.

« Esse retrato, que a *Semana* reproduziu n'uma bella lithographia, creio que é completamente desconhecido em Portugal. Eu pelo menos nunca o tinha visto, nem d'elle ouvira falar.

« Guerra Junqueiro mandou-o em photographia a Luiz d'Andrade, um distincto escriptor portuense que ha annos segue no Brazil brilhantemente a sua carreira litteraria com o pseudonimo de Julio Verim, e que conta n'um artigo, que na *Semana* acompanha o retrato de Guerra Junqueiro & C., a historia d'esse singular grupo.

« Essa historia é uma *partida* bohemica do grande poeta da Morte de D. João.»

E o illustre escriptor, depois de contar essa interessante historia, continua a sua «pequenina viagem atravez da *Semana* brasileira» elogiando ora um artigo, ora uma poesia, e nella colhendo noticias de artistas e factos que interessam a sociedade lisboense.

Agradecemos, penhoradissimos, tão finas provas de distincção e sympathia por parte de um periodico tão importante e de um escriptor tão notavel como sejam *O Occidente* e Gervasio Lobato.

Trouxe-nos o paquete ultimo o n. 14 do 2º anno da importante revista — *Chronica Franco — Brasileira* que se publica em Pariz sob a direcção do nosso distincto e illustre compatriota Dr. Lopes Trovão.

Além de varios artigos e das — *Choses du Brésil en Europe* em que são tratados com verdadeira independencia elucidez pelo Dr. Lopes Trovão os assumptos, politicos ou não, que mais se salientaram no nosso paiz, traz este numero um bom artigo de A. M. versando sobre trabalhos parlamentares, onde o articulista trata com bellas palavras da eleição de José do Patrocínio ao cargo de vereador.

Em o n. 498 da *Revista Illustrada* o prodigioso lapis de Angelo Agostini illustra a *trapalhada* das 70.000 libras e, sob o titulo: *Os horrores do partido da Ordem*, os factos, vergonhosos e attentatorios á Civilisação, que se deram no Parahyba do Sul.

Quanto ao texto, além do *Correio Politico* firmado por Julio Verim, apparecem as secções do costume.

O Esforço, que se publica na Feira (Bahia), no seu n. 101, além de um variado noticiario e de trazer dois bellos sonetos de Narciza Amalia e Guerra Junqueiro, mimozeou-nos com gentilissimas palavras. Entre outras amabilidades, diz o nosso estimavel collega:

« O bem elaborado hebdomadario tem conquistado as maiores adhesões e merecidos elogios, não só de toda a imprensa d'este paiz como da estrangeira, com preferencia de Portugal, onde, alem de ser recebido com geral satisfação, tem collaboradores distinctos.

Agradecemos a *O Esforço* as suas manifestações de sympathia.

O gentil *Echo das Damas* augmentou de formato. Parabens.

A. S.

EPISTOLA AO MAR

A VALENTIM MAGALHÃES

Tu, que banhas as illas e os rochedos,
Pomba e leão, cordeiro e jaguar,
Que profundos, incognitos segredos
Guardas em ti, maravilhoso mar! ?

Eu, que nestes mi-serrimos degredos
Interrogo os mysterios do luar,
E oço ainda, atravez dos arvoredos
Os propheticos druidas a cantar,

Eu, que te adoro, ó sonhador sagrado !
Em vão procuro em ti o illuminado
Palacio de columnas de marfim,

Onde habitam as timidas ondinas,
E sobre cujas torre: cristalinas
Esvoaçaria o meu sombrio « spleen

Junho, 1886.

JOAQUIM DE ARAUJO

THEATROS

Estamos na quadra das vaccas magras. Tambem, com franqueza, era tempo de descansar um bocado. O publico já estava fatigado de gastar dinheiro com tantas companhias e novidades theatraes e os jornalistas e criticos estavam tambem exhaustos de... tinta e adjectivos.

Estamos, pois, em baixa-mar de espectaculos. Apenas temos novidades velhas — pois que as novidades aqui, entro este povo versatil, voraginoso, desmemoriado, não têm tempo sequer de serem... novos: envelhecem logo que nascem, ou antes: já nascem velhas. Temos *A corça do bosque* no Sant'Anna, enquanto o Heller prepara o *Heróe á força*, libreto de Arthur Azevedo, musica de Abdon Milanez, que, por signal, é lindissima; *O Bilontra* no Lucinda; os espectaculo, mesmíssimos sempre, da estafada e rées companhia dos Irmãos Carlo; de vez em quando *A filha do mar* e *O Conde de Monte Christo*, no Recreio, que está preparando *A martyr!* — o famigerado drama pe Deannery para estréia da actriz Ismenia.

Espera-se a companhia do Principe Real, de Lisboa, de volta da sua triumphal excursão pela provincia de S. Paulo e... mais não disse.

Depois de repetidos banquetes luculianos — jejum quaresmal... fora do convento, bem entendido, porque os jejuns conventuaes matam... de indigestão.

Companhia do theatro D. Maria II, de Lisboa

A companhia portugueza dirigida pelo actor João Rosa estreiou-se em S. Paulo com o drama *Dyonisia*, o seu maior successo. A concorrência foi apenas regular e o agrado produzido pela companhia, não obstante os telegrammas expedidos pela empreza para os jornaes da Corte — que piedosamente os publicam — esteve longe de attingir o delirio. Um justo apreço; mais nada. Apenas em um jornal, na *Gazeta do Povo*, encontramos entusiasmo desmedido pelos artistas, chegando ella a expellir este disparate:

« E' a primeira vez que vemos em S. Paulo um grupo de artistas tão distincto, e, si desse grupo destacarmos a actriz Virginia e os actores João Rosa e Augusto Rosa, poderemos avançar que a França os possue eguaes, porém não superiores.»

A apostar em que o auctor d'esta heresia não se suicidou de envergonhado!

O Monitor tem dado as apreciações mais bem traçadas, com mais apuro litterario, mas tem-se deixado talvez cegar um pouco pela sympathia que innegavelmente despertam e merecem aquelles, aliás excellentes, artistas. Sómente o *Diario Mercantil* tem, a nosso ver, feito critica, elogiando sem restricções o que sem restricções merece elogios, como o trabalho dos Rosas e de Virginia na *Dyonisia*, e admirado com as devidas reservas aquillo que sem reservas pede uma admiração — em termos, como no *compterendu* da *Fedora*, em que disse o collega:

« O successo do desempenho d'esta peça cabe ao actor João Rosa; é um magnifico Loris Ipanoff: elegante, correcto, distinctissimo, calmo nas scenas de dissimulação, vehemente nas scenas de amor e de odio.

« Virginia é uma *Fedora* apenas accetavel; entretanto faz muito bem toda a scena final, que termina por uma morte de grande effeito.»

Pensa comnosco.

Felizmente para os fanaticos da troupe do D. Maria, dos seus grandes fiascos ella só exhibirá em S. Paulo *A Estrangeira*. A sociedade onde a gente se aborrece, a *Princesa de Bagdad*, o *Mestre de Forjas*, *D. Cesar de Bazan* e o *Principe de S. Paulo*, somente nós, é que tivemos a honra de nos embasbacarmos deante d'elles. S. Paulo teve exactamente os maiores triumphos da companhia, á excepção da referida detestavel *Estrangeira*. E' natural, portanto, o seu entusiasmo; mas nisto, como nas demais, deve haver um certo *modus*. Quer dizer: elogiemos *Virginia* e os *Rosas*, mas deixemos em paz *Sarah Bernhardt*, *Got*, *Delaunay*, os *Coqualin*, *Baretta*, *Broizetta*, *Reichemberg*, *Mounet-Souilly* e outros que laes actores francezes, que não são tão facéis de ser *enchinellados* como á *Gazeta do Povo* se afigura. E mais ainda, lembremo-nos que lá ficaram a trabalhar em Portugal, artistas que se chamam—Antonio Pedro, Brazão, Pinto de Campos, Rosa Damasceno, Joaquim de Almeida e outros que não são para shi—quaesquer *cravos de defuncto*.

P. TALMA

PENAS (*)

Presumo em toda parte o teu olhar uizente,
Pra dar-me luz á vista, e o teu olhar, que é d'ella,
Não sei por onde brilha, afflicto e descontente,
A procural-a, inquieto, ancioso por vel-a.

Antes eu fosse a noite e fosses uma estrella !
Ao menos, sobre a treva, a tua luz fulgente
Teria, a derramar-se esplendorosamente,
Para apagal-a Deus e Deus para acendel-a.

Triste separação ! Triste desejo o nosso !
Tu não me podes ver, e eu quero, mas não posso,
Ter teu semblante claro e teus negros cabellos !

Teus olhos, flor, que são dois olhos seductores,
Longo das meus, estão, tristes, indagadores,
Daudos por ver-me, enquanto estou doudo por vel-os !

Junho, 1886.

ARTHUR MENDES.

(*) Republicamos este soneto por haverem escapado nelle alguns erros graves de revisão.

M. da R.

SPORT

Estiveram magníficas as corridas realisadas no domingo, no *Prado Villa Isabel*. O programma, que era excellento, constou de sete pareos, preenchidos por parrelheiros superiores, que travaram porfiada luta, tornando as corridas interessantes e os pareos perfeitamente disputados. Eis o resultado de cada um d'elles :

No 1º pareo (1450 metros) sahio vencedor *Pampeiro*, em 104", seguido de perto por *Serodio*, que, apesar de manco, fez boa corrida e teve o 2º lugar. *Cartolina* chegou em 3º. *Vemo* em 4º. Também correram *Buchinha* e *Guacho*. *Eucharis* e *Rigoletto* não correram.

No 2º pareo (1000 metros) *Bayocco*, depois de muitas manhas, afinal partiu e bateu os seus competidores em 68". *Americana* chegou em 2º lugar. *Orpheu* em 3º. *Araby* em ultimo. *Aurelia* e *Aldace* cahiram ambas ao passarem a segunda curva, ficando o jockey *Roche*, que montava esta, muito contundido. *Pirata* não correu.

No 3º pareo (1609 metros) *Garibaldi* venceu em 113" *Exhibitor*, que poucos esforços fez para disputar este pareo, mas demonstrou ser um parrelheiro regular, que mais tarde mostrará suas forças. *Sylvia II* não correu.

No 4º pareo (1300 metros) *Druid* facilmente bateu os seus adversarios, percorrendo o tiro em 86", seguido bem de perto pelo *Araby*, que chegou em 2º lugar, fazendo muito boa corrida. *Bayocco* chegou em 3º, depois de haver dado grande massada ao juiz de partida. *Biscaya* chegou por ultimo. *Aymoré* não correu.

No 5º pareo (1800 metros) bateram-se somente *Dr. Jenner* e *Echoron*, que inesperadamente venceu, o seu competidor que era o favorito, em 133" *Dr. Jenner*, alem de ser um parrelheiro muito ordinario, foi poupado pelo jockey nos primeiros 1200 metros, mas ao finalizar a corrida afrouxou inteiramente e deixou-se bater por um animal de dois annos. *Coupon* e *Scylla* não correram.

No 6º pareo (1609 metros) *Boyardo* fez uma boa corrida, vencendo os seus competidores em 111". *Ivon* chegou em 2º e *Intima* em 3º. Também correram *Caporal*, *Regalia*, *Douro* e *Paulicéa*.

No 7º pareo (1000 metros) sahio victoriosa, em 67", *Cheapside*, cremos que bem contra a sua vontade. *Africana*, que não quiz saber de *musicas*, foi arrebatando as cordas da rabéca e pôz os *Jucas* de cara á banda; quem não entende de *musica* não toca. *Perúano* seguiu a muito custo em 2º lugar, seguida pela *Africana*, que teve o 3º, depois de espalhar os *musicos*.

Tambem correram *Carmen*, *Diana*, *Pancy*. *Gaudirole* não correu.

Realisa amanhã o *Derby Club* uma esplendida corrida com um excellento programma, perfeitamente organizado e preenchido pelos melhores e mais valentes animaes, que deverão fazer magníficas e interessantissimas corridas, não só pelos tiros em que foram inscriptos como tambem pelas forças egualadas, mais ou menos, pela distancia.

Consultem a nossa ultima pagina e sejam felizes.

L. M. BASTOS

COVARDIA

Casaste aos meus os olhos teus lascivos...
Eramos sós, e eu, tremulo, a fitar-te,
Nada te disse; e, então, por toda parte
Seavam d'aves threnos plangitivos.

Por sob a espuma alvissima dos crivos
Ouvia o farto seio a latejar-le...
E não tive a coragem de afogar-te
Num turbilhão de beijos explosivos!...

Sentindo a carne a mendigar o goso,
Eu deixei-te fugir! e só mui tarde
Lembrei-me de prender-te o corpo airoso!

Para que serve um peito que não arde?!
Com o azorrague de um desdem furioso
Fustiga-me este coração covarde!...

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

FACTOS E NOTICIAS

Depois d'amanhã, 20, é o anniversario natalicio da nossa gentilissima collaboradora D. Adeline Amelia Lopes Veira, a talentosa auctora das *Palestras*

Femininas. *A Semana*, em falta de perolas e rubins, derrama-lhe aos pés, agradecidamente, uma grande braçada de flores.

Installaram-se hontem os cursos practicos da Escola Normal no Museu Escolar, com a presença do Sr. Conde d'Eu e do Conselho Director da Associação Mantenedora do Museu. Oraram os Srs. Valentim Magalhães e Theophilo das Neves Leão. Daremos mais ampla noticia no proximo numero.

O nosso companheiro Filinto d'Almeida tem sido immensamente obsequiado em S. Paulo.

No dia 10, os conhecidos Drs. Francisco d'Agostino e Mello e Oliveira ofereceram-lhe no Grande Hotel um esplendido jantar a que, entre outros amigos, assistiram Gaspar da Silva, Baptista Machado, Silva Pereira e Léo d'Alfonseca. O nosso collega regressará no dia 21 do corrente.

Pelo distincto clinico Dr. Oscar Bulhões foi amputado na Santa Casa de Misericordia de ambas as pernas um neto do general Tiburcio, menino que apenas conta 5 annos de idade.

Graças ao apparelho cirurgico, constante de pernas e pés mechanicos, de aço e correias, com todos os movimentos e flexões, mandado fazer por Sua Magestade o Imperador nas officinas de J. M. Saldanha & C., e á invejavel pericia do illustre clinico, está hoje restituído á familia do saudoso militar a gentil criança, que pôde andar desembaracadamente, como no tempo em que, em vez das de aço, tinha as suas pernas de carne e osso.

Registrando com verdadeiro prazer este duplo milagre cirurgico e mecanico, acceitem o illustre clinico Dr. Oscar Bulhões e a casa Saldanha os nossos emhoras.

Temos em nosso escriptorio, á disposição de quem deseje examinal-as, tres photographias — apresentando a criança amputada; com o apparelho applicado; e com este occulto sob as roupas, vestida e calçada, tal como a vimos ante-hontem, na rua do Ouvidor, sobraçando muitos brinquedos e caminhando com desembaraço.

No dia 14 d'este partio para a Parahyba do Sul, onde vae residir por algum tempo, o nosso estimado collaborador Rodolpho Porciuncula.

Felicidades por lá, tantas quantas as saudades que audam cá por casa do jovial e prestimoso Porciuncula.

Em 9 do corrente chegou da Europa, onde foi fazer sortimento e buscar novidades para a sua papellaria, o estimado commerciante da nossa praça o Sr. Alexandre Ribeiro. Andou de passeio pela França e pela Allemânia com o Guimarães dos *Tenentes do Diabo* e dos chromos, e voltou féro e prazenteiro, trazendo apos si um sortimento de tudo quanto ha de mais *chic* e melhor em artigos de escriptorio, desenho e fantasias papellescas. Neste paiz, patria do papellorio, quem mais papel lhe dá mais bemerece d'elle. Saudamos, pois, o benemerito Sr. Ribeiro, que é o «Alexandre, o Grande» da papellaria nacional.

Os Srs. A. de Carvalho & Gonçalves montaram na rua do Ouvidor n. 129 um importante, bem sortido e não menos alimenticio estabelecimento.

Fundou-se no municipio de Ubatuba, S. Paulo, uma importante associação denominada Centro Agrícola de Picin-guaba.

Do folheto — *Una favorevole occasione per gli emigranti agricoltori* que, em nome da directoria do Centro, nos remetteu o Sr. Carlo Usiglio, tivemos occasião de conhecer das vantagens proporcionadas por esta importante associação aos emigrantes que procurarem o seu auxilio.

Sendo S. Paulo uma das nossas provincias a que mais affluem os emigrantes, na maior parte italianos, estamos certos que o Centro Agrícola de Picin-guaba terá em breve prazo conquistado os fins a que se propõe, dentre os quaes o de desenvolver e aperfeiçoar o trabalho agricola.

Installou-se nesta Córte no dia 7 do corrente o Club Abolicionista Sete de Setembro. A sua directoria é formada pelos seguintes cavalheiros:

Presidente, Antonio Luiz Couto, vice-presidente, Francisco Dutra da Silveira, 1º secretario, José Francisco Pereira Lima, 2º secretario, Innocencio P. Castro Brito, thesoureiro, Rufino Sudré Peçanha e procurador, Jacintho José Teixeira.

FALLECIMENTOS

Temos a registrar, no dia 3 do corrente, o passamento da esposa do nosso estimado collaborador Dr. Tristão de Alencar Araripe Junior, cujo coração de estremo pae de familia tão duramente acaba de ser golpeado com a perda da virtuosa e bondosissima companheira, que deixa em triste orfanidade algumas crianças. A missa de septimo dia, hontem rezada, compareceram muitos collegas e amigos do Dr. Araripe e de sua Exma. familia. Damos-lhes sinceros e fundos peza-mes.

Falleceu em Alagôas o antigo deputado geral e illustrado agricultor Barão de Anadia, que se estreou na vida publica como membro do corpo diplomatico. Era um distincto e bon-doso cavalheiro.

TRATOS Á BOLA

Metteram o dente nos tratos ultimos os seguintes tratistas: *Soror Lucia* (que não matou a 2ª tiburciana), *Carapetão*, *Fausto Junior*, *Pepe*, *Fricinal Vassico*, *Alexandrina Bellora*, *Josephina B.*, *Um charadista da roça*, *Mané-Quim*, *Heitor Maximiano*, *Anvicor* e *Zé dos Pasteis*.

DECIFRAÇÕES

Das tiburcianas:—*Catavento*, *Bebado* (a esta charada o nosso revisor deu mais uma syllaba) e *Caraminhola*; da pergunta—*Quem não tem cão caça com gato* da em quadro:

C A P A
A R O S
P O P A
A S A R

PREMIOS

O primeiro pertence ao Sr. *Carapetão* e o segundo a *Fausto Junior*. Para hoje damos as seguintes tratices:

CHARADAS

Esta letra—1
Muito além—1
Com esta nota—1
Navio tem.

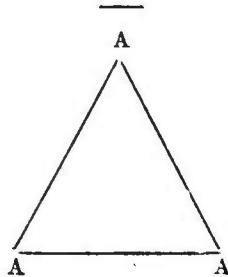
1-2-De vento na matta e no mar.

2-1-Rasa a musica esta medida.

PERGUNTAS

Que faz um animal quando está no sol?

Qual é a cidade que se come crúa e é capital de um paiz que se come assado?



Escrever nos lados d'este triangulo os nomes de uma mulher, de uma pedra e de uma planta que, tendo cinco letras, comecem e terminem pela letra repetida nos vertices d'este triangulo.

PREMIOS

Ao primeiro e segundo decifradores dois chibantes premios.

FREI SIMPLICIO

CORREIO

— *Sr. Sonjaj*. A sua *Conversa com minha filha* está longe de ser um primor. Mas tem algumas qualidades litterarias e não deslustrará as nossas paginas. Será proxicamente publicada, sob o titulo *A gloria*, passando o que V. lhe poz a servir de sub-titulo. Pôde continuar, querendo, mas attenderá a duas condições:—escrever curto, curtinho; e de uma banda só—como aquelle cachorrinho *Tótó* da cantiga popular:

«Tenho um cachorrinho
Chamado *Tótó*,
Todo malhadinho
De uma banda só.»

De uma banda só, sim?

— *Sr. Bértola*. Agradecemos-lhe, 1º: ser assignante d'*A Semana*; 2º: haver offerecido o seu *Phantastico* a um dos nossos companheiros de redacção. Mas... mas... não é possível dar-lhe ingresso. Desculpe-nos. Ha muita cousa incorrecta e fraca no seu trabalho, que se conhece ser de principiante. Exemplos «O bronze solitario da velha ermida acabava de soar as fatidicas badaladas etc.» Soar é verbo intransitivo. As badaladas é que soaram no bronze. «As velhas matronas exconjuravam o sanguinario Falstaff e benziam-se etc...» V. confundio Falstaff com Satanaz. Leia Shakspeare e reconhecerá que nada tem de sanguinario o pobre Falstaff, embora Shakspeare tivesse feito d'elle um bilontra descaradissimo.

Mas seria bastante o seguinte tópico do seu artigo para condemnal-o:«...Logo após, um doido fazia esgares de uma concepção impossivel, dos olhos sahiam chispas divinas, verdadeiros psalmos de uma philosophia profunda—era Augusto Comte.» Visto que cre em almas do outro mundo, tome cautêla—com a alma do fallecido *Centro Positivista*.

ENRICO.

RECEBEMOS

— Por intermedio dos acreditados agentes H. Nicoud & C. *Le salon de la mode* (18 setembro). É um dos melhores numeros; traz muitos figurinos e moldes para *toilettes de baile*, visita, passeio e noivado, e uns interessantes desenhos para guardanapos e sacos para lenços e outros objectos.

— *Guia dos Delegados Subdelegados*—pe Dr. Tavares Bastos.

— *Considerações* sobre o requerimento apresentado ao corpo legislativo pedindo concessões a favor do projecto de abertura de uma nova rua nesta capital por Giuseppe Fogliani e Dr. Ferreira de Araujo. Utilissimo e grandioso projecto.

— *Dissertação* do Snr. Max. Fleiss no concurso litterario effectuado no Club de Litteratura. Revela talento e estudo.

— *A Estação*—n. 17—anno XV. Recomendavel não só pelos seus elegantes figurinos como pelo texto. Traz este numero duas bellas gravuras: *Um café-concerto em Vienna* e a *Montagem de uma estatua em Gladenbeck*.

-- *A Distracção*—n. 100, anno 2º.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—*Rua do Carmo n. 36*.

Dr. João Botelho, medico e operador; molestias venereas, syphiliticas e das vias urinaarias. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicações medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 51, por cima da antiga pharmacia Frágoso, das 12 ás 3 horas.

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

Dr. Henrique de Sá, especialista de syphilis e molestias das crianças.—Rua Primeiro de Março, 12 (consultas de 1 1/2 ás 3 horas)—Residência: Rua de S. Clemente, 94.

Recebe-se uma menina para educar, dando-se-lhe o preciso.—Rua de S. Christovão, 71 A.

JONGO

DA

MULHER-HOMEM

POR

HENRIQUE DE MAGALHÃES

Acha-se á venda no escriptorio d'esta folha e no Café Brazil este famoso jongo, a

1\$500

A. CARVALHO & GONÇALVES

estabelecidos com armazem de molhados á rua do Ouvidor n. 129, em frente á Confeitaria Pascoal, chamam a attenção dos seus amigos e freguezos para o seu bom sortimento de generos, tanto por atacado como a varejo e para a sua modicidade nos preços.

ORIENTE

É geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o Café Oriente, da fabrica a vapor do Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25

9 C LABGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

Em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta—annuncio.

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

TELEPHONES

E

CAMPAINHAS ELECTRICAS

Faz-se todo e qualquer trabalho, garantido e por modico preço

RUA DOS GUSMÕES, N. 10—S. PAULO

Joaquim Francisco Lima.

O MONITOR

CHRONICA DOS FACTOS

PROPRIETARIOS

DOLIVAES & NAVARRO

ESCRITORIO E REDACÇÃO

59 RUA DE S. BENTO 59

S. PAULO

Agencia na Corte para assignaturas e annuncios—Becco das Cancellas, 1 D.

Pela sua assignatura baratissima «O Monitor» já alcançou grande e larga circulação nesta provincia, na Corte e em muitas outras localidades do imperio.

COLLEGIO

SÃO PEDRO DE ALCANTARA

EM PETROPOLIS

Reabrir-se-ha no dia 1 de Janeiro de 1887 este segundo estabelecimento, debaixo da direcção do Dr. A. Zeferino Candido.

O collegio da Corte continua, como até aqui, a cargo do director João Lopes Chaves e com o seu antigo pessoal.

As condições de admissão, preços, programma, methodos e disciplina são perfeitamente eguaes para os dous estabelecimentos. É facultativa a escolha do collegio para to los os alumnos.

No inverno descerão para o collegio da Corte, acompanhados pelo seu director e mestres, os alumnos de Petropolis, para continuarem sem alteração os seus trabalhos.

Informações, matriculas desde já, no Collegio S. Pedro de Alcantara, na Corte.

RUA DE S. CLEMENTE N. 30

Os DIRECTORES

A. Zeferino Candido.
João Lopes Chaves.

SPORT FLUMINENSE

PROGRAMMA DA 2ª CORRIDA EM 19 DE SETEMBRO DE 1886

A'S 7 HORAS DA MANHÃ, EM PONTO

- 1º pareo — EXPERIENCIA—Trote montado—2.000 metros—Animaes do paiz—Premios: 150\$ ao primeiro, e 30\$ ao segundo.
- 2º pareo — VILLA GUARANY — 800 metros—Animaes pelludos que ainda não tenham ganho este anno nos outros prados—Premios: 100\$ ao primeiro e 20\$ ao segundo.
- 3º pareo — CARRIS URBANOS—1.300 metros— Animaes de qualquer paiz—Premios: 200\$ ao primeiro e 40\$ ao segundo.
- 4º pareo — ENSAIO—600 metros—Animaes pelludos—Premios: 100\$ ao primeiro, 30\$ ao segundo e o terceiro livra a entrada.
- 5º pareo — SPORT FLUMINENSE—1.100 metros—Animaes do paiz até meio sangue—Premios: 200\$ ao primeiro e 40\$ ao segundo.
- 6º pareo — INDEPENDENCIA—1.100 metros—Animaes pelludos—Premios: 100\$ ao primeiro, 30\$ ao segundo e o terceiro livra a entrada.
- 7º pareo — MEMORANDUM—Andares 2.500 metros—Animaes de qualquer paiz—Premios: 200\$ ao primeiro e 40\$ ao segundo.
- 8º pareo — SETE DE SETEMBRO — 1.020 metros — Animaes até meio sangue — Premios: 200\$ ao primeiro e 40\$ ao segundo.

Rio de Janeiro, 15 de Setembro de 1886.

O 2º secretario, A. FERNANDES,

OBSERVAÇÕES

Os Srs. proprietarios poderão procurar os seus cartões de ingresso, bem como para jockeys e criados, nesta secretaria até a vespera da corrida, ás 8 horas da noite.

A companhia de Carris Urbanos terá carros especiaes com destino ao Prado, dos seguintes pontos: Barcas Ferry, por Hospicio e S. Diogo; Barcas Ferry, por General Camara, Gambóia e Sacco do Alferes; Ouvidor, por S. Diogo; S. Francisco de Paula, por Imperatriz, Gambóia e Sacco do Alferes.

A empresa Villa Guarany terá carros especiaes com destino ao Prado, dos seguintes pontos: Praia Formosa, Largo de Vianna, por Aurora, Pão Ferro e Duque de Saxe.

O 1º secretario, VIRGILIO GOMES DA SILVA NETTO.

DERBY-CLUB

PROGRAMMA DA 2ª CORRIDA EXTRAORDINARIA A REALISAR-SE NO DIA 19 DE SETEMBRO DE 1886

A's 11 3/4 horas—1º pareo—E. F. D. P. II—1.000 metros—Animas de menos de meio sangue, que não tenham ganho este anno—Premios: 250\$ ao primeiro, 50\$ ao segundo e 25\$ ao terceiro.

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIO
1	Pampeiro.....	Castanho.....	3 annos	Rio Grande..	51 kilos	Preto e encarnado.....	J. Guimarães.
2	Verbena.....	Idem.....	4 »	R. de Janeiro	53 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
3	Tardia.....	Zaino.....	5 »	Paraná.....	55 »	Azul e rosa.....	H. J. da Silva.
4	Eucharis.....	Tordilho.....	5 »	Idem.....	59 »	Perola e grénat.....	A. F.
5	Guacho.....	Chita.....	3 »	Rio Grande..	51 »	Grénat e manchas azues..	A. M.
6	Bolero.....	Castanho.....	3 »	Idem.....	51 »	Preto branco e encarnado..	C. P.
7	Alegria.....	Tordilho.....	5 »	R. de Janeiro	56 »	Verde e encarnado.....	Lazaro Ferreira.

A's 12 1/2 horas—2º pareo—VELOCIDADE—1.000 metros—Animas do paiz, que não tenham ganho este anno os pareos «Derby-Club e Progresso»—Premios: 500\$ ao primeiro, 80\$ ao segundo e 50\$ ao terceiro.

1	Monitor.....	Castanho.....	3 annos	S. Paulo.....	51 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro
2	Carmen.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	53 »	Azul e grénat.....	Coud. Internacional.
3	Mylord.....	Alazão tost... 5 »	R. de Janeiro	56 »	Branco e encarnado.....	L. A.	
4	Aranha.....	Alazão.....	5 »	S. Paulo.....	55 »	Vermelho.....	Coudelaria Mirim.
5	Ivon.....	Zaino.....	3 »	Paraná.....	53 »	Grénat e manchas azues... 4 »	C. P.
6	Regina.....	Douradilho.. 4 »	S. Paulo.....	53 »	Preto, branco e encarnado.	Coudelaria Paraizo.	
7	Sartarelle.....	Preto.....	5 »	Paraná.....	56 »	Geranium e ouro.....	J. W.
8	Aldace.....	Castanho.....	5 »	S. Paulo.....	55 »	Preto e branco.....	J. Lemos
9	Macaria.....	Alazão.....	5 »	Idem.....	56 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.

A' 1 1/4 hora—3º pareo—Dr. FRONTIN—1.609 metros—Inteiros e eguas do paiz, que não tenham ganho o pareo «Derby-Club»—Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

1	Sans Souci.....	Castanho.....	5 annos	Minas Geraes	56 kilos	Azul e grénat.....	Coud. Internacional
2	Diva.....	Alazão.....	4 »	R. de Janeiro	54 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
3	Druid.....	Tordilho.....	4 »	Idem.....	58 »	Branco e bonet encarnado..	Oliv. Junior & Lopes.
4	Cavour.....	Castanho.....	5 »	Idem.....	56 »	Amarello e encarnado.....	A. S. S.
5	Mandarim.....	Rosilho.....	4 »	S. Paulo.....	54 »	Preto, branco e encarnado.	Coudelaria Paraizo.
6	Bonita.....	Alazão.....	5 »	Idem.....	54 »	Azul e encarnado.....	J. Machado.
7	Boyardo.....	Idem.....	5 »	Idem.....	56 »	Branco e estrellas azues....	Coud. Guanabara.
8	Douro.....	Idem.....	7 »	R. de Janeiro	54 »	Verde e ouro.....	José Guimarães.

A's 2 horas—4º pareo—EXCELSIOR—1.609 metros—Poldros e poldras nacionaes de 3 annos—Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

1	Plutus.....	Castanho.....	3 annos	S. Paulo.....	53 kilos	Azul, branco e encarnado.	Coudelaria Cruzeiro.
2	Ibiguara.....	Idem.....	3 »	Idem.....	47 »	Vermelho.....	Coudelaria Mirim.
3	Pip.....	Pampa.....	3 »	Idem.....	49 »	Ouro e rosa.....	B. V.
4	Dandy.....	Vermelho.....	3 »	Idem.....	51 »	Grénat, azul e faixa branca	F. Vianna.
5	Odalisca.....	Pampa.....	3 »	Idem.....	47 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.
6	Flotsam.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	49 »	Vermelho e bonet preto....	Coudelaria Mirim.
7	Feticieira.....	Alazão.....	3 »	R. de Janeiro.	47 »	Grénat e rosa.....	S. M.
8	Galgo.....	Zaino.....	3 »	S. Paulo.....	49 »	Branco, grénat e azul.....	Idem.

A's 2 e 3/4 horas—5º pareo—LENGRUBER—1.450 metros—Inteiros e eguas de qualquer paiz, que não tenham ganho este anno os pareos «Cosmos e Rio de Janeiro»—Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro.

1	Gazida.....	Alazão tost... 3 annos	França.....	49 kilos	Branco.....	A. T.
2	Plutão.....	Alazão..... 6 »	Idem.....	58 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
3	Speciosa.....	Idem..... 4 »	Inlaterra....	52 »	Azul e grénat.....	Coud. Internacional.
4	Catita.....	Castanho..... 4 »	49 »	Azul.....	F. Guimarães.
5	Africana.....	Zaino..... 2 »	Rio da Prata.	47 »	Verde e ouro.....	D. O. L. da Costa.
6	Madama.....	Castanho..... 3 »	França.....	49 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
7	Digitaire.....	Alazão..... 3 »	Idem.....	51 »	Preto, branco e encarnado.	Coudelaria Paraizo
8	Cheapside.....	Idem..... 3 »	Inlaterra....	49 »	Encarnado, branco e ouro.	Idem. Paulista.
9	Swampa.....	Castanho..... 3 »	Idem.....	51 »	Verde.....	C.
10	Garibaldi.....	Alazão..... 6 »	Rio da Prata.	54 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
11	Exhibictor.....	Zaino..... 3 »	Inlaterra....	51 »	Grénat e bonet ouro.....	A. de Aguiar.
12	Dr. Jenner.....	Idem..... 4 »	Rio da Prata.	52 »	Grénat e ouro.....	Coud. Nitheroyense.
13	Françoise.....	Alazão..... 4 »	França.....	54 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.

A's 3 1/2 hs.—6º pareo—RIO DE JANEIRO—2.000 metros—Inteiros e eguas de qualquer paiz: —Premios: 1.200\$ ao 1º, 300\$ ao 2º e 150\$ ao 3º.

1	Curubayá.....	Zaino.....	3 annos	Inlaterra....	52 kilos	Encarnado e preto.....	D. F. P.
2	Satan.....	Castanho.....	3 »	França.....	51 »	Grénat e bonet ouro.....	Mario de Souza.
3	Phrynéa.....	Idem.....	4 »	Inlaterra....	56 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.

A's 4 1/4 horas—7º pareo—DERBY-CLUB—1.609 metros—Inteiros e eguas do paiz—Premios: 1.000\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

1	Bafoco.....	Castanho.....	5 annos	S. Paulo.....	58 kilos	Branco, mangs. e boné enc.	Oliv. Junior & Lopes
2	Sylvia II.....	Alazão.....	5 »	Idem.....	56 »	Azul, br. encarnado e faixa.	Coud. Cruzeiro.
3	Talisman.....	Idem.....	7 »	Idem.....	56 »	Azul, branco e encarnado..	Idem idem.
4	Druid.....	Tordilho.....	4 »	R. de Janeiro	58 »	Branco e bonet encarnado..	Oliv. Junior & Lopes.
5	Pery.....	Castanho.....	6 »	S. Paulo.....	56 »	Branco, preto e encarnado.	M. S. Ferreira.
6	Biva.....	Alazão.....	4 »	R. de Janeiro.	54 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.

A's 5 horas.—8º pareo—SEIS DE MARÇO—1.450 metros—Animas do paiz até meio sangue, que não tenham ganho no Derby—Premios: 400\$ ao 1º, 80\$ ao 2º e 40\$ ao 3º.

1	Monitor.....	Castanho.....	3 annos	S. Paulo.....	49 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coud. Cruzeiro.
2	Aurelia.....	Alazão.....	4 »	Rio de Jan... 50 »	Azul e grénat.....	A. E. de Oliveira.	
3	Americana.....	Tordilho.....	4 »	Idem.....	50 »	Branco, preto e encarnado.	M. L. de Carvalho.
4	Pampeiro.....	Castanho.....	3 »	Rio Grande..	49 »	Encarnado e preto.....	J. Guimarães.
5	Caporal.....	Alazão tost... 4 »	S. Paulo.....	52 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.	
6	Apparecida.....	Zaino.....	4 »	Rio de Jan... 50 »	Azul e rosa.....	Hermenegildo J. Silva	
7	Villa-Nova.....	Idem.....	4 »	Paraná.....	50 »	Azul, branco e amarello..	Coudelaria Esperança
8	Sartarelle.....	Preto.....	5 »	Idem.....	54 »	Geranium e ouro.....	J. W.
9	Orpheu.....	Idem.....	5 »	S. Paulo.....	54 »	Vermelho.....	J. Lemos
10	Pretoria.....	Libuno.....	5 »	Idem.....	52 »	Azul e havana.....	A. C.

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 25 DE SETEMBRO DE 1896

VOL. II—N. 91.

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	MARCOS VALENTE
Historia dos quinze dias..	V. M.
Notas bibliographicas....	F. D'ALMEIDA.
O espolio, poesia.....	JULIA LOPES.
Pariz.....	V.
Gazetilha litteraria.....	LUIZ DELFINO.
Tela apagada, soneto....	A GUANABARA.
Crise.....	A. PALMETA.
Bellas Artes.....	H. MAGALHÃES.
Parnazo alegre, <i>Cin e</i>	L. M. BASTOS.
Terra, soneto.....	P. TALMA.
Sport.....	B. RECLAME.
Theatros.....	I. SOUTO.
As camisas milagrosas....	
Jorge Rodrigues, soneto.	
Factos e Noticias.....	
Recemos.....	
Anuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CORTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

HISTORIA DOS QUINZE DIAS

Dê-se parabens, e muitos, o leitor por ainda abiscoitar mais esta vez a rica prosa diamantina e castiça do illustre escriptor abaixo assignado, em vez da macrológica chilra e parlapatona do meu collega *Filindal*.

Era elle quem, reassumindo este poste de supplicação da paciencia dos nossos leitores (innumeros, já se vê) devia historiar os tisticos quinze dias decorridos, pois já está de volta da sua vadiagem pelas terras do Amador Bueno. Como, porém, o infeliz se ache submetido a um rigoroso regime dietético, reconstituente do seu estomago, derrancado pelas muitas *mayonnaises* e pelo muito *foie gras* com que os seus amigos paulistas o empanturraram, na louvavel intenção de aliviar as lettras patrias, por meio de uma indigestão, de um dos seus mais indigestos cultores, eu, coudoio do seu estado, presto-me ainda hoje, com a gentileza que me

caracterisa e por obsequio ao *beneficiado*, a substituí-lo graciosamente.

Ganham com isto os leitores e, principalmente—elle, o *Filindal*.

Fraca semana foi a do nº 90 da *dicta*, tão fraca que, não querendo apegar-me ao velho assumpto da falta de assumpto—a deixei sem historia. Apenas cousas politicas; mas isso não é commigo, é lá com o *Tob*. Esta não foi, lá para que digamos, muito mais gorda. Em falta de gorduras de assumpto, *contemnos-lhe* os ossos dos raros acoteciamentos.

O *Jornal do Commercio* passou a perna aos collegas conseguindo publicar o testamento do Conde de Mesquita. Melhor fora para a memoria d'este que o não houvesse conseguido. Quantos commentarios desagradaveis, quantas accusações e censuras lhe ouvi formular! Algumas, por virem de pessoas siudadas, pareceram-me verdadeiras, plausiveis.

Ouvi contar, por exemplo, que de certa pessoa, a quem elle legou meia duzia de contos apenas, havia recebido, ha annos, pouco depois da morte do seu maior amigo, o Marquez de Bomfim, um envelope contendo cerca de 800 contos em letras do Banco, ao portador, deposito feito por este áquelle referido legatario e do qual *nenhum* documento havia.

Outra:—ao Sr. V. um dos amigos mais fieis e dedicados do Conde, que lhe prestou relevantissimos serviços como avaliador das joias do espolio d'aquelle citado « maior amigo », trabalho que fez de meia cara, deixou—*dois* contos de reis!

Ainda outra censura:—o testador não libertou nenhum dos legados da porcentagem do imposto de heranças e legados...

Enfim... muitas decepções, descontentamentos e censuras...

E' o que acontece sempre a quem tem de dispor de mais algumas *patacas* do que eu, que apenas tenho... meia.

Ruganei-me. Nós cá em casa, ha alguns dias, nadamos em contos.

Em cima de cada mesa e de cada estante encontram-se massas de contos, aos vinte em cada massa. Sim, *vinte* contos é o que agora cá por casa mais facilmente se depara a quem nella entra.

Mas todos nós somos generosos: damos, damos dado, mesmo dado de verdade,—como já fez ver o espirituoso chronista da *Gazeta de Noticias*,—damos um massa dos taes de vinte contos a quem se dignar de nos distinguir inscrevendo-se nosso assignante por um anno: 8\$000 para a Corte; 10\$000 para as provincias.)

Excusado é acrescentar que grande tem sido o numero d'essas pessoas de bom gosto, mas que estamos prevenidos para muito maior ainda, pois fizemos vasta emissão, de contos. Como fei este

—modestia na gaveta—um dos assumptos da quinzena, registramol-o.

Eleitores, na Corte alistados,
Eleitores de S. Sebastião,
Vou contar-vos um caso estupendo:
Eleitores, presta-me attenção.

Esta noite, era o gaz moribundo,
Coelho Bastos mandava fechar...
Eis na linda casinha que móio
Um sujeito penetra a dansar.

Abro um olho, espantado, patéta.
Sinimbiú: que sujeito surgiu?
Escancara-se a porta da sala...
Não fui eu, não fui eu quem a abrio!

Eis que o typo em meus braços se lança,
Feio typo com cara de chim;
Um nariz infinito me assombra
E se estica, a espirrar sobre mim.

A tremer, vira o gaz lamparina;
As bengaladas desmaiam no chão;
O tinteiro abre a boca, assustado;
Sinto alguém agarrar-me na mão.

Era esguio, subtil, narigudo,
Eleitores, o tal cidadão...
Vou contar-vos o caso estupendo;
Eleitores, presta-me attenção.

« Eleitor, por ventura cochilhas?
— Começou-me o typão a arengar —
« Ai não durmas; a urna te espera,
« E começa a chover circular.

« Do Mercado na rua não viste
« Um politico o sol «bumbrar»
« Não ouviste o Gambetta de Campos
« O seu verbo nas filhas botar?

« Tu não viste as gentis goiabeiras,
Sem goiabas, mandar para cá
« Goiabada e ainda mais goiabada,
« Que ninguém pode até *carculá*?

« E tu dormes aqui, descuridado?
« Cotegipe t'o veda, eleitor!
« E não sabes sequer, ó *marcado*,
Que o *Marrino* quer ser senador?

« Ouve a voz d'este teu candidato,
« Ouve a gaita chamando á eleição...
« Eduardo já fogem das urnas...
« O' Goiaba: o Senado, o' Cascão!

Outro caso solemnemente patusco foi a festa do Matadouro.

Os nossos vereadores pótem ter todos os defeitos, mas uma qualidade é forçoso reconhecer-se-lhes: amam a gloria, querem ir á Posteridade. Para isso não perdem occasião de fazer o munlo falar das suas illusterrimas pessoas.

Fazem festas e mais festas. Umás, uteis e louvaveis,—embora um pouco a custa dos seus administrados— como as de libertação de escravos; outras, farofeiras e vans, como a ultima, a da inauguração da enfermaria do Mata-

douro. A Camara gastou para mais de dois contos de réis, incommodou o Imperador e mais duzentas e noventa e nove e meia pessoas, e tudo isso para inaugurar uma enfermaria de doze leitos, em uma sala estreita e dois quartos estreitissimos, em má local, com tudo quanto ha de mais rococó e mais visto.

E a fome que nos fez rapar a todos? Eram duas horas da tarde, e do lanche nem esperanças! Todos lividos; senhoras desmaiavam, exaustas... O nosso respeitavel collega do *Jornal*, D. Pedro II *in absentia* do verdadeiro, segredou-me flebilmente esta quadra boca-gaena:

« Se alguma palavra digo,
« E o halito á bocca puxo,
« Sôbem-me as tripas e o buxo
« A escutar se mastigo...

Por fim, *Deo gratias!* servio-se o lanche... Servio-se em duas mesas, uma lá em cima, outra cá em baixo. Naquella aboletaram-se os vereadores e os seus amigos do peito; para esta foram mandados os convidados, inclusive os representantes da imprensa. Mas... naquella havia *gelatines, galatinines, mayonnaises, champagne...* ao passo que nesta... Modestos—os vereadores! Modestos e gentis.

Eis a razão porque não posso dizer do serviço, que foi fornecido pela casa Castellões, todas as maravilhas, porque com todas ellas não tive, obscuro conviva da mesa de baixo, a honra de travar relações. Todavia, do que comi e bebi devo dizer que era de superior qualidade; lá isso era!

Como *vermouth*—fôra do programma—tivemos o espectáculo da matança dos bois. Excelente *vermouth*, caramba! Aquillo é que foi uma cousa divertida! Um horror! que só tem uma atenuação:—o bife.

E, por falar em boi, no tecto da sala da escola, — em cujas paredes, entre outros, lia-se este pensamento do Imperador: « Os meus sentimentos são bem conhecidos; prossigam » (*sic*) — vêem-se, em estuque, cabeças de bezerro e galhas de boi, symbolos da instrução em uma escola de... Matadouro; o que suggerio ao nosso collega Oscar, do *Diario de Noticias* esta sensata observação:

— Para serem logicos deviam ornar a casa da matança e os curraes com livros, globos, pennas, mappas e outros symbolos da instrução.

Depois do lanche, dansou-se, á espera do trem que trouxe os convidados, que, per signal, voltaram *bem convidados* — ás oito e tanto da noite.

Mal tive o tempo preciso para sacudir das roupas a poeira e dos olhos o espectáculo dos bois abatidos á choupa e dos pastéis destrocados a garfo e correr ao theatro imperial, para assistir ao esplendido concerto do joveu e esperançossissimo compositor Carlos de Mesquita. Este, ao piano, e White—o Paganini americano,—ao violino, compensaram-me fartamente da festa do Matadouro, donde vim como os pobres fornecedores do bife urbano, quando para lá vão:— mais morto do que vivo.

MARCOS VALENTE

A verdade é como um grão imperceptivel; vóa no ar e vae cahir não se sabe onde. Enterram-n'a debaixo d'um monte de estreme; um bello dia ella surge como se fora uma herva. Alguem que passa, nota-a, apanha-a e mostra-a a todo o Universo,

ALFR. DE MUSSET

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

Alexis Bouvier é um dos romancistas francezes mais estimados do publico ledor do romance — folhetim. Menos banal e mais estylista do que Montepin, o inextgotavel, Bouvier sabe prender a attenção do leitor por meio de toda sorte de habilidosas peripécias e imprevisitas situações, umas tragicas, alegres outras, mas todas interessantes.

No romance *O exercito do crime*,—que desde o nome interessa — patenteia o auctor de *La Grande Iza* todos os seus recursos.

Recommendamos, pois, aos amantes do genero aquelle romance, edictado pela acreditada casa Laemmert e por ella posto á venda por preço ao alcance dos menos apatacados romancieiros.

Comprem e leiam *O exercito do crime* e dir-nos-ão depois—se os enganamos,

O *Guia dos delegados e subdelegados de Policia*, organizado pelo juiz de Direito Cassiano C. Tavares Bastos, e edictado pela casa Garnier, é um livro de geral utilidade e especialmente necessario ás auctoridades policiaes e aos advogados. Contém os formularios de todos os processos de policia, as attribuições dos delegados e subdelegados, a apresentação e processo da queixa, denuncia, a natureza e processo dos crimes affiançaveis e inaffiançaveis, especies de prisão etc, emfim tudo que diz respeito á policia, com o formulario individualuado das peças processuaes, numerosas e eruditadas notas e um indice alphabético das especies tractadas, alem do indice geral.

Obra utilissima, que muito se recommenda, tanto pelo seu objecto como pela proficiencia com que foi feita.

A importantissima casa Laemmert & C. acaba de edictar mais duas obras juridicas de subido valor. São ellas a quarta edição do *Codigo Commercial* do imperio do Brazil, cuidadosamente revista, mais correctea e consideravelmente augmentada, pelo eruditissimo jurisconsulto Desembargador Salustiano Orlando de Araujo Costa, e o 4º volume do *Projecto do Codigo Civil Brasileiro e Commentario* pelo notavel escriptor juridico Dr. Joaquim Felicio dos Santos.

O plano de annotação empregado na terceira edição do *Codigo Commercial*, que data de 1878, foi larga e proficuaamente modificado nesta, de modo a facilitar a consulta; as notas, se não augmentaram em numero, augmentaram de valor, pois foram enriquecidas por novas concordancias, commentarios e questões, sendo corrigidas nos pontos incertos e suppridas nos lacunosos. O appendice abrange todos os avisos, decretos e leis promulgadas de 1878 até o corrente anno, abrangendo o decreto n. 9.549 de 23 de Janeiro que regulamentou a execução da novissima lei sobre o processo civil, commercial e hypothecario. Alem d'estes melhoramentos apresenta outro esta edição no apuro com que foi impressa e que honra as officinas typographicas da casa edictora.

O grande trabalho do Dr. Felicio dos Santos só depois de concluido poderá ser devidamente julgado. Como se sabe, foi elle estudado por uma commissão de jurisconsultos, nomeada pelo Governo, commissão que julgou o projecto importantissimo subsidio para a composição definitiva do nosso encantado codigo civil.

Mas essa commissão foi dissolvida, e eis desaproveitado o trabalho immenso do illustre jurisconsulto mineiro. Quando se dignará o Sr. ministro da justiça de fazer qualquer cousa

(bóa, está visto) a respeito d'esta questão de Santa Engracia? Nem S. Ex. mesmo sabe...

Bem fez a casa Laemmert edictando o projecto de codigo civil do Dr. Felicio dos Santos, que servirá, com a *Consolidação* do Dr. Teixeira de Freitas, de luminoso guia neste *mare magnum* da jurisprudência e legislação civil, esparsa, extravagante, contradictoria, confusa, em que se debatem quantos entre nós tractam Direito.

V. M.

O direito e o dever são como duas palmeiras que só dão fructos quando crescem uma ao lado da outra.

LAMENNAIS

O ESPOLIO

A ti volta outra vez o que de ti me veio,
Do nosso antigo amor nada ha mais no meu seio,
Limpa agora, minha alma ha de outro amor sentir,
Como sente, e esperar um limpido porvir,
Tenho agora o que então me era apenas mostrado;
Hoje lava-me o olvido a nodoa do passado,

Nas cartas que escreven a tua mão gentil
Muita vez envolvi o coração febril,
Nem tu sabes, talvez, como elle palpitava
Quando eu, soffrego e ardente, as cartas desdobrava,
A ver se nellas vinha a sentença fatal
Que havia de extinguir o nosso amor ideal,
Ou o brando e loiro mel de exquisita doçura
De que se faz a estropho ao poema da ternura.
Quanta vez a minha alma assombrada ficou
Ao vêr que doído amor meu amor te inspirou!
Quanta vez o minaz e terrivel ciume
Ao volcão pretendeu apagar todo o lume!
Tudo que da maior paixão possa brotar:
A supplica, o desdem, a explosão... has de achar
Tudo, escripto por ti, nessas paginas francas,
Que melhor fôra ter deixado sempre brancas.
O que escreveste então vae agora raler,
E verás quanto vale uma alma de mulher
Quando o amor a domina e um grande sentimento
Faz que do goso em troca accite o soffrimento.
Hoje és apenas gelo, e já foste volcão:
Aprende a conhecer teu proprio coração,
Vendo o que elle escrevia e vendo o que elle escreve
Hoje, O amor da mulher é tão leve, tão leve,
Que o vento,— contra o qual lucta uma penna,— faz
Com que elle suba e desça e ande para traz
E para deante, e vá por cses ares fôra,
Vendo as trevas da noite e os fulgores da aurora,
Ora aos astros subindo, ora descendo ao pó,
Até que um dia, enfim, uma rajada só
O aniquille, o destrúa, o extinga inteiramente!

Ahi vão as provas, pois, do teu amor rehemente,
D'essa doída paixão que em tua alma nasceu,
Por minha alma passou e nas duas morreu.
Cartas, fôres, cabelo e até photographias,
Gosos, dôres crueis, tristezas, alegrias,
Tudo volta ao lugar de onde saíu. Ahi tens
Do morto amor a herança. Herdeira, accita os bens
Colhe o legado, ahi vae toda a fortuna; eis tudo!
Agora emmudeceste e eu tambem fiquei mudo.
Não existo p'ra ti: não existes p'ra mim:
Esqueceste, esqueci; somos livres, emfim!
Siga cada um de nós tranquillo a sua sorte,
E nem venha a saudade avivar esta morte,
Tudo isso que ahi rae é o espolio da paixão...

Abre-te agora á luz, meu triste coração!

S. Paulo, 11 de Setembro de 1886.

FILINTO D'ALMEIDA.

(Do *Diario Mercantil*)

PARIZ

Chegimos a Pariz, á bella, á ruidosa, á esplendida Pariz, em plena primavera.

Maio inundava a cidade com uma luz brilhante. A temperatura agradável, levemente fresca, attrahia para os boulevards e para os jardins a curiosa população pariziense.

Em nenhuma qualra do anno, dizem os francezes, ha tantos encantos na sua capital. Céu sem nuvens, aragens deliciosas e todos os divertimentos do inverno.

Não podia, portanto, ser mais bem escolhida a época da nossa primeira visita.

Entrando em Pariz, parecia-nos, a nós que nunca lá fomos antes, voltar a um lugar amigo, a um lugar onde parte da nossa vida se tivesse passado! Em cada bairro deparava-se-nos uma recordação... Tínhamos anciedade de ver certos edificios, certas ruas e praças, como se não só a curiosidade de os conhecer, mas as saudades d'elles nos mortificassem.

Como se explica esta anomalia?

Pela leitura, pela convivência com os auctores francezes que se têm imposto á nossa admiração.

A grande e bellissima cidade tem nos sido descripta tantas e tantas vezes, por tão diversas pennas, por tão habeis coloristas, que seria impossível, que seria ingratação até, não a conhecer já.

Por isso, em cada passeio viamos como que um lugar conhecido. Ainda mais: acompanhavamos muitas vezes com a vista um ou outro passeante que nos trazia á memoria, clara, distinctamente, os personagens dos livros que nos acompanharam e nos deleitaram durante muitas horas...

Nas Tulherias um velho caminhava, dando a mão a uma pequena, magra, de grandes olhos claros, rosto oval e pernas finas; olhavam-se com meiguice, a menina falava, o velho curvava a cabeça para ouvi-la...

Essa menina lembrou-me *Cosette* e esse velho, Jean Valjean...

Outra vez, passando por um banco do Jardim das Plantas, vimos ali, sentadas e em conversa íntima, uma velha magra e antipathica e um burguez de ar mysterioso... Naquellas duas creaturas, muito naturalmente inoffensivas o, talvez, marido e mulher, pareceu-nos reconhecer o Sr. Poiret e Mlle. Michonneau contractando trahir o forçado evadido — Vautrin, no romance de Balzac *Lepère Goriot*.

No boulevard, um rapaz novo, extravagante e pobremente vestido, parado em frente de um cartaz, a ler o annuncio do espectáculo, fez-me lembrar *Petit Chose*, o infortunado *Petit Chose*, pouco antes de ser surpreendido pelo bom irmão, o affectuoso Jacques...

A imaginação ia assim acordando todos os vultos das passadas leituras, fazendo-os palpitar, collocando-os no seu verdadeiro theatro, encarnando-os nessas pessoas que ali estavam deante de nós, sem nem de leve suspeitarem que eram observados com verdadeira attenção!

Não sabemos se succederá o mesmo a toda a gente, mas o que affiançamos ás leitoras é que essas palavras são o transumpto do que nos sentimos. A causa? A impressão da leitura, a curiosidade aguçada por ella.

Pariz é a cidade essencialmente artistica. A grande *coquette* que attrahe, que seduz, que enleia.

Tem o riso prompto, o espirito sagaz, fino, subtil, nervoso.

Todas as fascinações irresistiveis, todos os brillantismos da opulencia.

Falar detalhadamente de tudo o que mais nos impressionou nella, seria uma temeridade sem vantagens; as nossas descoloridas descripções entedariam as leitoras, que tantas vezes têm lido paginas soberbas a respeito da elegantissima capital franceza, *la plus gaie du monde*.

A arte, o gosto, o luxo, têm ahí o seu foco de irradição.

A mulher pariziense, o verdadeiro modelo da elegancia, tem, mais do que nenhuma, a arte de encantar.

Em toda parte onde as vimos, no baile, no theatro, na egreja, na avenida das Acacias, do Bosque de Bolonha, recostadas indolentemente nas fofas almofadas dos seus carros descobertos, as finas flores da aristocracia impoem-se pelas suas maneiras distinctas, finas e gentis; como se impoem nos boulevards, nos jardins, nos passeios ao cunpo as burguezas, pela sua vivacidade e graça natural.

Um dia, passeando comnosco sob os castanheiros floridos de Versalhes, a linda *ville des souvenirs*, dizia-nos uma pariziense *pur-sang* — «O primeiro dever da mulher é ser agradável á vista...»

— E comprehendem perfeitamente esse dever... as francezas; concluímos nos.

Elle respondeu com um sorriso, azeitando no peito o leuciuho de barra salpicada e aspirando o perfume dos lilazes que levava na mão.

E os lilazes? por toda parte os viamos: lilazes roixos, lilazes brancos, bellos de forma, deliciosos de aroma.

Não ha lugar em que as flores tenham como em Pariz tamanha adoração. Esse culto prova superioridade de gosto. O mercado de flores em Pariz attinge sommas fabulosissimas! Dão-se no boulevard *des Capucines* libras e libras por uns bouquets de rosas, umas corbeilles de encantadoras camelias e violetas aninhadas em musgo fresco e perfumado.

Assistimos á exposição de flores da primavera no jardim do Palacio da Industria. Encantadora!

Entre *muquet*, — a delicada flor que no Brazil chamamos campainhas de Maio e os inglezes Lily-May, que nasce espontanea nos campos de Minas, mas que julgo ser cultivada com desvello na Europa, — entre *muquet*, vaporosa, branca, de perfume subtil e doce, brillavam as collecções, ricas e variadas, de rosas, (todas já nossas conhecidas) petunias, amores-perfeitos lindissimos, orchideas brilhantes, opulentas pionias, as clematites pallidas e languidas e uma infinidade de outras flores.

Não ha exposição mais suavemente consoladora para o espirito do que uma exposição de flores.

A patria de Alphonse Karr, o grande amigo das rosas e das violetas, tributa ás flores uma admiração sem limites.

E' de uma poesia, de uma infantilidade commovente esse amor puro num povo tão agitado por paixões violentas, tão occupado com grandes espectáculos, tão febrilmente nervoso.

Mas é que o francez é requintadamente artista, e o verdadeiro artista adora a natureza.

Por isso, homens e senhoras agglomeravam-se extasiados, atirando ao ar as suas exclamações de entusiasmo em frente ás rosas, aos geranios, aos amores perfeitos, armados em almofadas, em grinaldas, em ramos, em cestas, em letras, etc. e apontavam com as phrases mais lisongeiras as orchideas brilhantes, as bellas parasytas, muitas das quaes tinhamos ali, no nosso jardim, vin-do-nos acordar n'alma a lembrança saudosa do nosso amado paiz...

(Conclue no proximo n.º)

JULIA LOPES

GAZETILHA LITTERARIA

Dentro de dois a tres mezes será posta á venda em Pariz uma nova collecção de poesias de Francois Coppée: *Arrière* — *Saison*, em que elle trabalha actualmente, nos Pyreneus, em Eaux-Bonnes, on le se está restabelecendo de uma affecção do larynge.

E' interessantissimo o novo livro de Gyp: — *Au tour du divorce*.

Um tremendo fiasco o ultimo livro de Rollinat — *L'abime*.

Um verdadeiro abysmo, a que rolou o auctor das *Névroses*, que, como se sabe foi inventado, por Alberto Wolff e lançado por Sarah Bernhardt, ou *rice-versa*. Eis porque forma termina o reputado critico Alolpho Brisson a sua apreciação sobre esse livro.

«E' provavel que o Sr. Rollinat, assignando estes prodigiosos versos se tenha rido d'entre a sua barba preta com idéia de mystificar e de espantar o burguez... O Sr. Rollinat é um homem d'espirito, que se compraz com emblemizar os seus contemporaneos; preferimos crer que assim seja. De duas uma: ou o Sr. Rollinat é um *fumista* que se diverte á custa do proximo, ou, se é sincero, é um pretencioso: um naufragado *bruté*. O dilemma é cruel mas absoluto. Escolha o Sr. Rollinat.»

C'est un peu trop dur, ça, sapristi!

E.

TELA APAGADA

Tecum vivere amem

HORAI.

Como isto oqui mudou!... Agosto, o anno passado,
Tinha mais sol, mais luz, mais color, menos frio;
Mas tudo o mais é o mesmo: a agua do mesmo rio;
A ponte de madeiro; as mangueiras, ao lado,

Telhas, grandes, em flor; o lance esburacado
Do muro, e o lichen nelle, e a avenca; e o luzidio
Lacrau, que salta, e vira, e já rolla ao desvio;
O cão ganindo; e a um canto, á esquerda, ao longe,
o prado;

Bambús em renque: em meio o caminho, e no espaço,
Longo do morro, ao fundo, a casa; e no terraço
Sobre o jardim, tolhando o ar scintillante, a imagem

De um onjo, — um aureo nimbo a cima, a olhar
humano,

Como jamais pintou Corregio ou Ticiano.
Quem, lerando-a, apauca a esplendida paisagem?!

LUIZ DELFINO

CRISE

Tinha tantas vezes ouvido dizer que as mulheres eram de uma perspicacia!.. Porque então não havia ella presente esse amor que cresceu no peito d'aquelle pobre rapaz, sem um incitamento, sem a minima animação? Como não o entendeu na perseguição constante de seus olhos, devorando-lhe o corpo, accesos como labaredas? Como não o traduzio naquelle eterno silencio de crente deante do fetiche adorado?

Mas era tão moça ainda! Como poderia entender aquelle mysterio do

coração alheio, se estava tão confusa, perdida no labirinto do proprio?

E, negligentemente reclinada sobre o sofá, as ondas do cabelo envolvendo-lhe o rosto, vermelho e fresco como petala de rosa, enchia-se de pejo e de orgulho, envergonhada por se sentir desejada de um homem, altiva por inspirar esse desejo. E punha-se a meditar, relembrando todos os actos d'elle, achando uma razão de ser para as minimas cousas que lhe passaram despercebidas e que lhe saltavam agora á memoria, engrandecidas e nobres de toda a magnitude do amor. Entendia todo o seu silencio, phrases apenas comegadas, deliciosos sorrisos levemente esboçados no córte dos labios, dourados de uma promessa louca de bigodes.

Mas tudo aquillo era tão differente do que ella havia lido nas paginas de seus romances! Tão differente d'aquelle cavalheirismo que sonhara, idyllios á luz da lua, cavalgatas velozes por paizes extranhos! Pois tudo quanto léra era falso?! Pois aquillo é que era o amor? Era aquelle prazer nunca confessado, aquelle soffrimento sempre taciturno, aquelle viver de um olhar casualmente lançado? Pois aquillo é que era o amor? Mas de certo era! Se todas as outras o diziam!... Porque não o acreditar? Não era sufficientemente bonita para inspirar um amor sincero? E, cheia de vaidade, punha-se a contemplar o corpo, um delicioso corpo de virgem, de Venus castamente branca, surgindo de um mar de fólhos e de rendas...

Tornava-se de uma alegria incomprehendida, vendo risos em todas as cousas, sentindo que se afogava tudo num diluvio azul de contentamento.

E, abrindo a janella de repente, recuou surpresa por ver aquella gargalhada das cousas todas, que diariariamente via embuçadas numa melancolia tristissima. Era um erguer de sol deslumbrante, uma dispnea de luz, ondas que vinham rumorejando pelo espaço e desdobrando a claridade como uma grande bandeira branca de paz, agitada sobre a terra. E a terra, ligeiramente dourada, tremia, como cheia de pejo por aquelle contacto do sol, por aquelle abraço voluptuoso de amante. Erguia-se do chão um grito agudo de prazer sensual, partido de todas as cousas, e perdendo-se no azul, escapando-se pelas agulhas finissimas das torres...

E contemplando aquillo tudo, ouvindo aquella canção, nova para ella, sentia o corpo palpitar tambem de modo extranho e a carne arrepiar-se-lhe toda, como se o sol lhe houvesse escandalosamente beijado a espadua. Subia-lhe pelo corpo uma baforada ardente, sentindo os seios atacados de todo o sangue que possuia e a cabeça tonta e os olhos perdidos naquelle redemoinhar doudo do céu, das casas, das torres que lhe passavam por deante amorosamente estreitadas.

Fugia para o seu quarto, sem comprehender bem o que lhe ia pelo corpo, aquella gritaria da carne tocada pela lembrança de um homem, irritando-se toda, inchando, convulsionando-se anciosamente pelo prazer promettido por esse contacto.

Pois o amor era aquillo? Pois só saber-se amada produzia todo aquelle soffrimento em que se extorcia? E era isso que os seus poetas diziam tão agradável, tão doce? Mentirosos, os poetas! Como ella padecia alli, Deus do céu!

Depois, pouco a pouco, foram-se acalmando as irritações, desfallecendo-se os rubores, e voltou-lhe o sorriso constante, que lhe suspendia levemente o labio e abria-lhe no mento uma covi-

nha galante. E com a calma voltavam todos os sonhos, o casamento apparecendo-lhe como um mysterio ardentemente desejado e o amor como um laço eterno que não entendia bem, mas em que se desejava prender. Voltava a pensar nelle, naquelle rapaz que a estremecia e tinha a fantasia de occultar a sua paixão, fugida ás vezes de seu peito em monosyllabos rapidos, como pequenos jactos de vapor escapando-se de uma caldeira. Rebellava-se contra o seu soffrimento e dizia a si mesma, baixinho, carinhosamente, que se enganara; não padecia por causa do amor, d'aquelle delicioso amor que lhe soltava n'alma bandos de sorrisos e afogava-lhe o corpo em um mar de contentamento innocente. E alegrava-se, via-se casada, apertada nos braços do marido, extranhamente sacudida por sentimentos que nunca lhe haviam abalado a alma.

E só com pensar em ser enlaçada por um homem, como se já sentisse o estreitar de seus braços, alvorçou-se-lhe todo o sangue e toda a carne.

Deitada sobre o seu leito, um pequeno leito de carvalho, finamente trabalhado, os olhos perdidos na cupola azul do cortinado, sentia virem em tropel as mesmas ideias dolorosas que lhe haviam contundido o espirito ao ver a alegria louca do sol naquella manhã. Sentia-se perturbada por pensamentos que lhe tumultuavam doudamente no cerebro, cousas que não entendia, mas que sahiam de seu corpo, que se erguiam de sua carne, palpitante, tremula. Era um protesto vehemente da animalidade contra a sua abstinencia de donzella, o direito do mais forte, por muito tempo preterido, impondo-se violentamente, fazendo-lhe arder o ventre, incendiando-lhe o cerebro. Toda ella tremia, agitando repetidas vezes a perna e o braço, os seios rijos, erguidos, como que prestes a escapar-se para a embriaguez deliciosa do ar e do céu.

Soavam-lhe ao ouvido musicas extranhas, mixtos de tambores e fanfaras, ensurdecendo-a, desvairando-a, arrematando-a da immobildade em que estava e atirando-a a regiões desconhecidas, onde trovões estalavam-lhe aos pés e punhados de estrellas scintillavam-lhe aos olhos.

E de subito, num alvoroço extremo, por uma contracção inesperada, toda a carne sublevou-se, dominou-a, dificultando-lhe os movimentos e fazendo-a revolutear, estreitada ao seu pequeno travesseiro azul, forrado de crivos.

E, numa grande crise de hysticismo, anniquillada, vencida, rolou do leito, contorcendo-se anciosamente no chão, deixando escapar do seio, entremeiados de lagrimas, gritos ferozes da carne vencedora, que cortavam o ar com a agonia pungente dos ais dos vencidos...

ALCINDO GUANABARA

BELLAS ARTES

A INVOCACÃO DE SANTA CECILIA, ESBOÇO DE PINTURA DECORATIVA-MURAL, PELO PROFESSOR ZEFERINO DA COSTA (*)

Guardaremos para mais tarde o estudo que pretendiamos fazer da pintura decorativa do templo do Santissimo Sacramento da Candelaria; por enquanto restringimo-nos á noticia do esboço decorativo para a parede do côro d'esse templo.

(*) A publicação d'esta noticia foi demorada pelo auctor.

Zeferino da Costa é um nome feito, é uma reputação. Antes de ser encarregado da pintura mural e decorativa do templo da Candelaria já era conhecido por trabalhos pequenos porém importantes. Aceitando o encargo de decorar os muros d'esse templo, cremos que nenhuma ousadia cometteu, porquanto soubêra conquistar pelo talento e pelas habilitações, o nome que ora possui e que parece crescer de dia para dia. A maior dificuldade que encontrava na realização da obra era o assumpto. Os assumptos sagrados, os assumptos biblicos, tratados por todos os artistas do Renascimento e pela maior parte dos artistas dos tempos modernos, nada offerecem de novo alem da maior ou menor habilidade na maneira de compor. Como concepção são ingratos. Por conseguinte não ha que esperar maravilhas sob este ponto de vista.

Na decoração d'esta parede encontrou Zeferino da Costa uma grande dificuldade a vencer: a acanhada architectura do templo, construido durante o dominio do estylo barroco. Esta parede, que se eleva a uma grande altura, tem tres janellas; uma ao centro, demasiadamente larga, e duas lateraes, demasiadamente estreitas. Nenhuma ornamentação, nenhuma columna quebra a rude simplicidade d'esta enorme massa de pedra e cal. Para decorala era preciso harmonisal-a com a nova ornamentação em marmore que apresentam as paredes, lateraes, e, para esse fim, Zeferino simula ali uma grande fachada de templo, tendo ao centro um corpo proeminente entre alas de pilastras terminadas em capiteis corinthios. As antigas janellas, por essa maneira, simulam elegantes porticos, bem combinados com o aspecto geral do templo. A architrave d'essa fachada é dividida, se me não engano, em tres faixas simples, o friso e a cornija respeitam a ornamentação classica da ordem. Por cima do templo, de um lado, á esquerda do espectador, tomba sobre a cornija uma colcha com as cores nacionaes; de outro lado, outra colcha com as cores da bandeira portugueza. Esta parte é dividida em quatro tribunas, duas á esquerda, duas á direita. E ao centro uma capella em forma de zimbório. Nas tribunas figuram personagens de diversas épocas, e representantes das irmandades existentes no paiz e bemfeitores da irmandade a que pertence o templo da Candelaria. No centro está Santa Cecilia e a sua córte, rodeada de anjos que descem entre nuvens das tranquillias paragens da bemaventurança.

E' esta concepção do delicado auctor do *Obulo da Viuva*. A pintura que elle nos apresenta é apenas um esboço, e, portanto, sujeita a muitas modificações e emendas. Achamol-a bem comprehendida na primeira parte, isto é, na correção feita ao defeito architectonico do edificio, porem na distribuição das tribunas sobre o simulado templo, na disposição dos grupos de representantes de irmandades, francamente, satisfaz-nos muito pouco. Os grupos dos anjos e das nuvens que conformam as linhas orbiculares da cupula ou da capella em que está Santa Cecilia são lançados com dextreza e felicidade. O effeito harmonisa-se perfeitamente com o plano da decoração geral do templo, e, com certeza, passado do esboço para obra, será um pedaço digno de admiração pela elegancia das linhas, e pela transparencia do colorido.

Nada mais podemos accrescentar a estanoticia. Não se critica um esboço, descreve-se; e muito particularmente quando elle está sob a responsabilidade de um mestre.

ALFREDO PALHETA

PARNAZO ALEGRE

CÉU E TERRA

A OLAVO BILAC

*Que fará Deus, agora, entre essas nuvens de ouro,
Ataridos do azul do céu, — esse thesour?
De asteroides? — Cá embaixo, entre os verdes folhedos
Salta de aves um bando em murmuros folgedos,*

*E zumba em de redor das flores o besouro;
Canta o pastor, levando o gado ao babedouro,
E o ceifeiro respira o aroma dos balseados
Segando o trigo; o rudo operario os rochedos,*

*Co'a bronca picareta em punho, arromba e arrasa;
O ferreiro, ao queimor da rubra forja em braza,
Arranca ao ferro, a arder, fagúllhas e estilhaços;*

*E a mãe, na choça, embala o filhinho nos braços...
E enquanto isto se passa e ha crimes na floresta,
Deus, — no seu parilhão, — talvez que durma a séta!*

HENRIQUE DE MAGALHÃES

SPORT

Com um dia esplendido e fresco realizou o *Derby Club* no domingo passado a 2ª corrida extraordinaria d'este anno, apresentando-nos um excellento programma, constando de oito pareos preenchido por parelhiers superiores que se bateram regularmente tornando as corridas bem interessantes.

Eis o resultado dos pareos:

No 1º pareo (1000 metros) *Tardia* facilmente, em 68 segundos, bateu os seus competidores. *Eucharis* em 2º lugar, demonstrando estar restabelecida. *Botero* em 3º tendo corrido regularmente. *Pampeiro*, *Guacho* e *Verbena* vieram na bagagem. *Alegria* não correu.

No 2º pareo (1000 metros) *Monitor*, em 65 segundos, fez esplendida corrida: derrotou os seus adversarios. *Regina* chegou em 2º parecendo-nos bem disposta. *Ivon* em 3º. Também correram *Aldace*, *Saltarelle*, *Aranha*, *Carmen* e *Marcão*, que fez triste figura, chegando em ultimo lugar.

No 3º pareo (1609 metros) correram *Mandarin*, que chegou em 4º, *Bonita* em 5º, *Cavour* em 6º, *Sans Souci* em 7º; *Druid* chegou em 3º, muito soffreado, e por grande musica e por isso foi multado o jockey em 300\$000. *Boyardo* em 2º, e *Diva*, que, em 109 segundos, foi a vencedora. *Douro* não correu.

No 4º pareo (1609 metros) *Dandy*, contra a expectativa geral, bateu os seus competidores, fazendo boa corrida em 109 segundos lutando quasi sempre, durante todo o tracto com *Galgo* que chegou em 2º e quasi venceu-o perdendo apenas por insignificante differença. *Odalisca* é animal novo, porem tem demonstrado ser bom, e mais tarde fará alguma surpresa. Chegou em 3º. *Plutus*, que era o favorito, fatigou-se com as muitas disparadas que deu na partida, sahindo finalmente na retardada e fez má figura, obtendo o 4º lugar. Também correram *Ibiguara*, *Pip*, *Feticivra* e *Flotsam*, que fez má figura por não estar preparado.

O 5º pareo (1450 metros) a directoria resolveu dividil-o em duas turmas, tirando á sorte os animaes e d'esse modo ficou a 1ª turma composta de *Dignitaire*, que fez boa corrida, em 96 segundos, batendo com alguma facilidade *Plutão* que chegou em 2º. *Francoise* em 3º — Também correram *Svamp* e *Gazida*.

No 2ª turma, venceram *Cheapside* em 97 segundos com muita facilidade. *Madama* chegou em 2º; *Speciosa*, em 3º. Também correram *Garibaldi* e *Catita*, que nos pareceu ter sido soffreado.

O 6º pareo (2,000 metros) não se realizou.

No 7º pareo (1609 metros) correram *Pery*, *Bayoco*, *Talisman* e *Sylvia II* que em 108 segundos sahiu victoriosa. *Talisman* chegou em 2º, *Bayoco* em 3º e *Pery* em 4º. Não correram *Druid* e *Diva*.

Neste pareo, tendo chegado ao conhecimento da directoria, com razão ou sem ella, que os animaes *Sylvia II* e *Talisman*, ambos do mesmo proprietario, fariam a corrida por combinação, vencendo aquelle que melhor conviesse, resolveu-nos ultimos instantes, o digno presidente o Sr. Dr. Paulo Frontin esperar a chegada de *Talisman* e *Sylvia II*, que corriam emparelhados, e bradar energicamente ao jockey que montava *Sylvia II*, considerada superior a *Talisman*, que vencesse o seu competidor. Obedecendo o jockey *Sylvia II* venceu com o esforço que fez poucos momentos antes de chegar ao poste do vencedor. Não sabemos se devido a esse brado energico realmente venceu *Sylvia II* ou se por ordem do proprietario... No amago d'essa questão não entramos; apenas lamentamos que factos d'essa ordem tenham prevenido o animo dos sportmen que de boamente e de boa fé arriscam o seu rico dinheirinho.

No 8º pareo (1450 metros) venceu *Monitor*, em 98 segundos, parecendo-nos tel-o feito folgadamente, seguido sempre pela *Americana* que chegou em 2º. *Caporal* chegou em 3º. Também correram *Orpheu*, *Villa Nova* e *Saltarelle*. Não correram *Pampeiro*, *Aurelia*, *Apparecida* e *Pretoria*.

SPORT FLUMINENSE

Com alguma concurrencia realizou no domingo passado esta sociedade as suas corridas, adoptando a medida de começar a execução do seu programma, ás 8 horas da manhã. Elogiamos essa feliz idéa, que indubitavelmente tem boa aceitação do publico que tanto ama esse util divertimento.

Eis o resultado das corridas:

No 1º pareo (trote montado, 2,000 metros) *Girafa*, obteve a victoria, chegando em 2º *Pery*. Também correram *Quim quim*, *Ruy-Blus* e *Temporal*; *Fantoche* não correu.

No 2º pareo (800 metros) *Serodio* venceu *Barbara* que chegou em 2º, e *Taquary* e *Dr. Cartolina* que vieram na bagagem.

No 3º pareo (1,300 metros) *Pansy* venceu *Pleiades*. *Peruna* não correu.

No 4º pareo (600 metros) *Eucharis* bateu *Barbara* que chegou em 2º, *Eliza*, *Buchinha*, *Serodio* e *Savana* que ficaram na bagagem.

No 5º pareo (1,100 metros) *Intima* teve o 1º lugar e *Egypcia* o 2º. *Doge* não correu.

No 6º pareo (1,100 metros) *Eucharis* novamente venceu e *Barbara* teve o 2º lugar. *Buchinha* também correu.

No 7º pareo (1,030 metros; andares) *Nêné* bateu *Boccacio* que teve o 2º lugar; correram *Trajan*, *Guanabara* e *Bacalhão*.

No 8º pareo (1,020 metros) *Intima* teve a victoria e *Pretoria* o 2º lugar.

Neste pareo ambos os jockeys d'esses animaes cahiram e, nada soffrendo, montaram novamente e continuaram a corrida.

Estão annunciadas para amanhã as corridas do Jockey-Club. O programma que é regular, está preenchido por poucos parelhiers, que inquestiona-

velmente tornarão os pareos bem disputados e interessantes, não só pela sua qualidade como também pelas distancias em que foram alistados. Desejamos bom exito á execução do programma.

O Sport Fluminense também realiza amanhã a 3ª corrida. Começará ás 8 horas da manhã, terminando ás 11. É natural que d'esta vez haja boa concurrencia; é o que desejamos.

L. M. BASTOS.

THEATROS

C. DE MESQUITA

Realizou-se no dia 20, no Imperial Theatro D. Pedro II o grande festival organizado pelo nosso compatriota Carlos de Mesquita que pela primeira vez, depois da sua ultima viagem á Europa, se apresentava ao publico.

Sala repleta; assistencia de S. S. M. M. e A. A. I. I. No programma figuravam tres composições do joven maestro: *Fantasia*, *Duetino* e *Suite (Prélude, prière et marche)*. Foi esta a que mais agradou pelas suas grandes qualidades de expressão e vigor; notando-se em todas pronunciada tendencia para a musica chamada scientifica, de que é Allah, Wagner, e Boito o seu propheta, e sendo todas muito applaudidas. Carlos de Mesquita tocou admiravelmente, com especialidade o hymno a Victor Hugo, de Saint-Saens, que, ouvido pela primeira vez nessa noite, obteve magnifico successo. Dos demais artistas que tomaram parte no concerto o mais festejado foi o incomparavel White, que tocou maravilhosamente a *Fantasia apaixonada*, de Vieux Temps, que foi obrigado a bisar. White recebeu tres salvos de palmas unanimes, entusiasticas, estrotondosissimos e bem merecidas.

Parabens ao nosso joven compositor pelos seus triumphos da noite de 20 do corrente.

S. PEDRO

De volta da sua excursão por S. Paulo estremo-se neste theatro, no dia 22, a companhia do Principe Real de Lisboa. Representou-se *Maria Antonietta*.

Hoje representa-se *As noites da India*. Brevemente *Frou-Frou*, para beneficio da actriz Margarida Cruz.

LUCINDA

Hoje, pela companhia Braga Junior — centenario d'*O Bilontra*, transferido de quinta feira por causa da chuva.

SANT'ANNA

A *Corça do Bosque*, Na proxima semana: *O heróe á força*.

RECREIO DRAMATICO

No dia 22 fez beneficio a actriz Maria Augusta. Esteve uma casa cheia e distincta. Representou-se — *As duas Orphãs*. Hoje — *A filha do mar*.

D. PEDRO II

A companhia do D. Maria II, que tem tido grande successo em S. Paulo, Campinas e Santos, representará na quarta-feira, 29, a celebre comedia em 3 actos, de Gondinet, *Clara Soleil*.

P. TALMA

AS CAMISAS MILAGROSAS

O Francisco Fortuna era um sujeito tão desafortunado, tão caipora, tão caipora, tão caipora, que foi alcunhado — *Chico Infortunio*. Raro o dia em que lhe não succedesse um desastre, uma calamidade, um caiporismo. Mas, de certo tempo a esta parte começou o desditoso a ser feliz, feliz como... como não sei que. Morreu-lhe a sogra, que era uma harpia, e elle herdou um fortunão; tirou a sorte grande do Paraná; curou-se da dyspépsia; a mulher entrou a engordar; o filho mais velho foi nomeado para uma secretaria; casou a filha com um molhadista apatacadissimo... Em summa: venturas sobre venturas... Mas d'onde lhe veio a *veia*?

Donde? De uma duzia de camisas que elle comprara na *Camisaria sem rival*, no Largo de S. Francisco de Paula, ao lado da igreja.

Não pensem que é mentira.

Não é. A prova estava que no dia em que o ex-*Chico Infortunio* vestia uma das outras camisas, não compradas ao antigo *Alabama*, succedia-lhe um desastre, agarrava-se-lhe a *macaca*.

D'ahi nunca mais vestir camisas de outra casa que não fosse a *Camisaria sem rival*.

Sirva de exemplo e lição proficua este extranho caso a todos os encaiporados.

BARÃO RÉCLAME

JORGE RODRIGUES

Enluta-se o horizonte, commovidas,
Emmudecem as aves na espessura;
Rolam notas no espaço, compungidas...
Soluça a brisa na floresta escura.

Tremem as folhas tristes, doloridas;
Em tudo vê-se o aspecto da amargura;
E do mocho umas notas condoidas
Annunciam o horror da sepultura.

E' que o poeta adormeceu. Cantando
Sobre o leito jazia, concertando
Triste a lyra de um eco tão sombrio!...

Choremos sobre a campa mal cerrada,
Lamentemos a morte inesperada...
Perdida a lyra das — « Manhãs de Estio. »

31 — 8 — 86

IZABEL SOUTO.

FACTOS E NOTICIAS

MUSEU ESCOLAR

Andou muito acertadamente o Sr. ministro do imperio, aproveitando os recursos que heje offerece o Museu Escolar, — unico do imperio, segundo cremos, — para auxilio e complemento do ensino normal.

Esse museu, se está longe ainda de competir com os melhores da Belgica e da Allemanha, já é, comtudo — graças á dedicação inflexivel da *Associação Mantenedora do Museu Escolar*, de que é digno presidente S. A. R. o Sr. Conde d'Eu, e, especialmente, do Sr. Conselheiro Dória, que o creou e por elle trabalha indefessamente, coajuvado por sua Exma. esposa, que é uma verdadeira benemerita da instrucção nacional, e pelo seu digno auxiliar Sr Lima

Franco —, comtudo, diziamos, já é um abundante e variado repositório de muito do que de melhor existe na Europa e na America em bibliographia pedagogica, mobílias e modelos escolares, material do ensino e tudo que diz respeito á instrucção em todas as partes do mundo.

Tão auspicioso estabelecimento jazia desaproveitado, mal conhecido, quasi inutil.

Felizmente, graças aos esforços da dita associação e do Sr. Conselheiro Dória, mandou o Governo que os professores da Escola Normal, especialmente o de Pedagogia e Methodologia, se aproveitassem do Museu Escolar para o ensino pratico elucidativo e comprobativo das disciplinas que leccionam.

No dia 17, na presença de S. A. o Sr. Conde d'Eu e do conselho director da referida associação e de muitas pessoas gradadas, teve logar a abertura dos cursos praticos do Museu, orando o professor de Pedagogia e director d'esta folha, que se occupou, em rapido estudo, com a utilidade d'esses estabelecimentos e especialmente do nosso, que, comquanto um ensaio, já pôde e deve prestar valiosissimos serviços ao ensino normal. Em seguida usou da palavra o Sr. Dr. Neves Leão, professor de corographia e astronomia.

S. A. encerrando a sessão, mais uma vez offereceu ao pessoal docente da Escola Normal os recursos do Museu e os serviços da associação que o mantem.

Repetindo uma expressiva phrase que ouvimos ao digno director da Escola Normal: « Agora é que verdadeiramente principia a funcionar esta escola », congratulamo-nos com elle, com o Sr. ministro do imperio, com a *Associação Mantenedora do Museu Escolar* e especialmente com os Srs. Conselheiro Dória e Lima Franco, a cujo devotissimo trabalho se deve estar o Museu Escolar no pé em que hoje se encontra.

Hontem, á uma hora da tarde, teve logar na Rua da Alfandega n. 87 a inauguração dos trabalhos da *Sociedade Cooperativa Universal* de que é fundador e director o Sr. A. Regnier. Esta utilissima associação tem por fim estreitar as relações commerciaes entre a França e o Brazil, promovendo exposições permanentes dos productos francezes no Brazil e dos brazileiros em França e facilitando a compra directa dos generos, á vista das amostras, pelo mais baixo preço, dispensando a commissão dos agentes intermediarios. (O fim d'esta sociedade, diz o prospecto, é associar todos aquelles que d'ella fizerem parte — capitalistas, fabricantes, representantes e directores até o menor de seus empregados. Ella estabelecerá um representante em cada uma das principaes cidades do Brazil »); o que já conseguiu nas de Bahia e Recife.

Nas salas, aliás insufficientes, achavam-se arrumadas as amostras das 24 fabricas francezas que já adheriram á associação. Era grande o numero dos convidados.

Estava presente o Sr. ministro de França. A imprensa fez-se representar: — o *Jornal* pelo Dr. Pederneiras, a *Gazeta de Noticias* pelo Dr. Araujo, o *Paiz*, pelo Sr. Quintino Bocayuva, o *Etoile du Sud*, pelo Sr. Morel e a *Semana* pelo seu director. Serviu-se ás duas horas um magnifico lunch. O primeiro brinde foi erguido á familia imperial e á imprensa pelo Sr. Regnier, ao qual respondeu o Dr. Pederneiras. O Sr. Morel saudou ainda a imprensa brazileira e o nosso director ergueu o seguinte brinde — *A' la France, a ce beau pays de talent et de liberté*, que foi calorosamente correspondido.

A *Sociedade Cooperativa Universal* desejamos todas as prosperidades que merece.

Os Srs. Florindo & Oliveira ha alguns dias que inauguraram, no largo de S. Francisco de Paula, sobre o telhado da casa n. 10, um systema de annuncios por meio de lanterna magica, com applicação de luz electrica, que tem chamado a attenção de muitissima gente, que, das 7 ás 9 horas da noite, enche o largo, de nariz para o ar, contemplando as bellas paizagens, as carrancas, os retratos, e lendo os annuncios que, alternadamente, apparecem e logo desaparecem na tela illuminada. As primeiras exhibições começaram por uma delicada « homenagem á imprensa », representando um bem disposto grupo de todos os jornaes da Côte.

Pela nossa parte, obrigados.

Este systema de annuncios, muito empregado em Pariz, produz magnificos resultados. Desejamo-l-os aos Srs. Florindo & Oliveira.

Alguns dos muitos amigos e admiradores de Machado de Assis, o nosso illustre collaborador, pretendem offercer-lhe, no dia 8 de Outubro um jantar, que terá o caracter de uma affectuosa festa intima.

Foi hontem o dia do anniversario natalicio da nossa saudosa e gentilissima collaboradora D. Julia Lopes, que ainda hoje illumina as nossas columnas com um brilhante artigo sobre Pariz.

Que a *Semana* lhe leve, a Lisboa, o sincero preito das nossas homenagens e os nossos votos cordealissimos de felicidade.

O excellente Club Beethoven deu no dia 22 o seu 105º concerto, sendo primorosamente executado o magnifico programma.

Realizar-se-á amanhã no Imperial Conservatorio de Musica o annuciado concerto do illustre violcellista Frederico do Nascimento. O programma é muito variado e composto de algumas peças pouco conhecidas aquit, sendo uma, de Rubinstein, inteiramente nova para os nossos dilettanti de boa musica.

RECEBEMOS

- *Revista de Engenharia*, Anno VIII, n. 145.
- A biblioteca do Povo — Opusculo n. 134, que trata de *Astronomia Photographica*.
- *A Faisca*, Anno I, n. 45 — Revista caricata que se publica na Bahia.
- *Revista do Ensino* n. 1 — Publicação quinzenal de interesse escolar, sob a direcção do professor Alcides Catão; muito util. Prosperidades.
- *A Gazetinha*, n. 2 — Revista quinzenal publicada em Juiz de Fora.
- *Discurso* do Dr. José Hygino Duarte Pereira em sessão litteraria da Faculdade de Direito do Recife.
- *Retratos a giz* — Livro de versos satyricos do Sr. Euclides Faria.
- *Revista do Observatorio*, fasc. n. 9.
- *Revista Federal* — Publicação do Club Republicano Rio Grandense para commemorar a data de 20 de Setembro.
- *O Mequetrefe* — Na primeira pagina traz um magnifico retrato do deputado geral, Dr. Araujo Pinho; contém alguns desenhos de espirito e um texto excellente onde assignam bons versos Raynundo Corrêa e Olavo Bilac.
- *Historia de Gil Braz de Santilhana*, fasc. n. 39 e 40.
- *Fabulas de La Fontaine* — fasc. n. 11.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Carmo n. 36.

Dr. Araujo Filho — Medico parteiro; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, n.º 36

Dr. João Botelho, medico e operador; molestias venercas, syphiliticas e das vias urinaarias. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicações medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 51, por cima da antiga pharmacia Fragozo, das 12 ás 3 horas.

ORIENTE

F' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o **Café Oriente**, da fabrica a vapor do Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25

9 C LABGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta— annuncio.

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

COLLEGIO
SÃO PEDRO DE ALCANTARA

EM PETROPOLIS

Reabrir-se-ha no dia 1 de Janeiro de 1887 este segundo estabelecimento, debaixo da direcção do Dr. A. Zeferino Candido.

O collegio da Côte continúa, como até aqui, a cargo do director João Lopes Chaves e com o seu antigo pessoal.

As condições de admissão, preços programmas, methodos e disciplina são perfeitamente eguaes para os dous estabelecimentos. E' facultativa a escolha do collegio para todos os alumnos.

No inverno descerão para o collegio da Côte, acompanhados pelo seu director e mestres, os alumnos de Petropolis, para continuarem sem alteração os seus trabalhos.

Informações, matriculas desde já, no Collegio S. Pedro de Alcantara, na Côte.

RUA DE S. CLEMENTE N. 30

Os DIRECTORES

A. Zeferino Candido.
João Lopes Chaves.

JOCKEY-CLUB

PROGRAMMA DA CORRIDA

QUE TEM DE REALIZAR-SE

DOMINGO, 26 DE SETEMBRO DE 1886

1º pareo—FERREIRA LAGE—1.450 metros

Ns.	NOMES	NATURALIDADE	PESO	PROPRIETARIOS
1	<i>Aldace</i>	S. Paulo.....	52 kilos.....	J. Lemos.
2	<i>Pip</i>	Idem.....	50 ».....	B. V.
3	<i>Douro</i>	Rio de Janeiro....	54 ».....	J. L. C.
4	<i>Feiticeira</i>	Idem.....	48 ».....	S. M.
5	<i>Araby</i>	Idem.....	52 ».....	Mario de Almeida.
6	<i>Intima</i>	S. Paulo.....	52 ».....	D. A.
7	<i>Mandarim</i>	Idem.....	52 ».....	Coudelaria Paraiso.
8	<i>Americana</i>	Rio de Janeiro...	50 ».....	L. M. de Carvalho.

2º pareo—INTERNACIONAL—1.609 metros

1	<i>Mastin</i>	França.....	55 kilos.....	Coudelaria Cruzeiro.
2	<i>Cheapside</i>	Inglaterra.....	53 ».....	Coudelaria Paulista.
3	<i>Speciosa</i>	Idem.....	59 ».....	Coud. Internacional.
4	<i>Curubaiá</i>	Idem.....	57 ».....	D. F. P.
5	<i>Macaréu</i>	S. Paulo.....	54 ».....	Coud. Santa Cruz.
6	<i>Fanfaron</i>	França.....	61 ».....	Oliv. Junior & Lopes.
7	<i>Swamp</i>	Inglaterra.....	53 ».....	C.
8	<i>Pery</i>	S. Paulo.....	54 ».....	M. S. Ferreira.
9	<i>Gazida</i>	França.....	53 ».....	A. F.
10	<i>Catita</i>	F. Guimarães.

3º pareo—YPIRANGA—1.450 metros

1	<i>Monitor</i>	S. Paulo.....	50 kilos.....	Coudelaria Cruzeiro.
2	<i>Ibiguara</i>	Idem.....	52 ».....	Coudelaria Mirim.
3	<i>Galgo</i>	Idem.....	50 ».....	S. M.
4	<i>Dandy</i>	Idem.....	52 ».....	F. Vianna.

4º pareo—MAJOR SUCKOW—1.609 metros

1	<i>Nicoafy</i>	Paraná.....	52 kilos.....	J. P.
2	<i>Baioco</i>	S. Paulo.....	60 ».....	Oliv. Junior & Lopes.
3	<i>Boyardo</i>	Idem.....	56 ».....	Coud. Guanabara.

5º pareo—GUANABARA—2.000 metros

1	<i>Talisman</i>	S. Paulo.....	60 kilos.....	Coudelaria Cruzeiro.
2	<i>Carmen</i>	Idem.....	50 ».....	Coud. Internacional.
3	<i>Boreas</i>	Idem.....	58 ».....	Coud. Rio de Janeiro.

6º pareo—JOCKEY-CLUB—2.500 metros

1	<i>Scylla</i>	Inglaterra.....	47 kilos.....	Coud. Rio de Janeiro.
2	<i>Dignitaire</i>	França.....	48 ».....	Idem. Paraiso.
3	<i>Phrinéa</i>	Inglaterra.....	54 ».....	Idem Fluminense.

7º pareo—16 DE JULHO—Handicap

1	<i>Plutão</i>	França.....	69 kilos.....	Coudelaria Cruzeiro.
2	<i>Curubaiá</i>	Inglaterra.....	63 ».....	D. F. P.
3	<i>Macaréu</i>	S. Paulo.....	58 ».....	Coud. Santa Cruz.
4	<i>Gaudriole</i>	França.....	60 ».....	Idem Rio de Janeiro.
5	<i>Diva</i>	Rio de Janeiro.....	50 ».....	Idem Fluminense.

OBSERVAÇÕES. — O conselho administrativo resolveu não permitir correr a egua Catita até ulterior deliberação.

Rio de Janeiro, 20 de Setembro de 1886.

O 1º SECRETARIO, H. G. POSSOLLO.

SPORT FLUMINENSE

PROGRAMMA DA 3ª CORRIDA EM 26 DE SETEMBRO DE 1886

Principiará ás 8 e terminará ás 11 horas da manhã em ponto

1º pareo — MEMORANDUM— 2.000 metros—Andares—Animaes de qualquer paiz, que ainda não tenham ganho neste Prado—Premios: ao primeiro 100\$ e ao segundo 30\$.

Ns.	NOMES	IDADE	PELLO	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIO
1	<i>Cervantes</i>	5 annos	Russo.....	Rio Grande...	»	Laço verde e amarello.....	C. R.
2	<i>Mascotte</i>	6 »	Rosillo.....	R. de Janeiro.	»	Laço azul e branco.....	J.M. S.
3	<i>Triumphante</i>	6 »	Tordilho.....	»	A.F.R.
4	<i>Boccacio</i>	6 »	Castanho.....	R. de Janeiro.	»	J.A.P. Cunha
5	<i>Bacalháo</i>	21 »	Oveiro.....	S.Paulo.....	»	Carlos Joppert.
6	<i>Trajano</i>	5 »	Russo.....	R. de Janeiro.	»	Idem.
7	<i>Talisman</i>	6 »	Castanho.....	S. Paulo.....	»	Azul e encarnado.....	J. J.

2º pareo — ENSAIO—1.020 metros—Poldros e poldras nacionaes até 3 annos—Premios: 200\$ ao primeiro e 40\$ ao segundo

1	<i>Hypomcnes</i>	3 annos	Alazão.....	Rio de Jan....	48 »	Grenat e lirio... ..	M. A.
2	<i>Kaly</i>	3 »	Castanho.....	Idem.....	48 »	Azul e rosa.....	H. J. da Silva.
2	<i>Pip</i>	3 »	Pampa.....	S. Paulo.....	50 »	Ouro e rosa.....	B. V.
4	<i>Atila</i>	3 »	Castanho.....	Paraná.....	50 »	Azul e grenat.....	S. O.
5	<i>Favorita</i>	2 »	Baio.....	Rio de Jan....	46 »	Encarnado e preto.....	José Guimarães.

3º pareo—PROGRESSO—1.300 metros—Animaes do paiz, de meio sangue, que ainda não tenham ganho neste Prado—Premios: ao primeiro 200\$ e ao segundo 40\$.

1	<i>Peralta II</i>	4 annos	Castanho.....	Paraná.....	52 »	Encarnado e ouro.....	M. A.
2	<i>Peralta</i>	5 »	Douradillo..	Rio de Jan....	51 »	Azul e rosa.....	H. J. da Silva.
3	<i>Italia</i>	4 »	Castanho....	S. Paulo.....	50 »	Idem e branco.....	S. C.
4	<i>Alegria</i>	5 »	Tordilho.....	Rio de Jan....	52 »	Verde e bonét carmezim...	L. Ferreira.
5	<i>Aurelia</i>	4 »	Alazão.....	Idem.....	50 »	Azul e grenat.....	A. E. de Oliveira.
6	<i>Verbena</i>	4 »	Castanho.....	Idem.....	50 »	Idem Idem.....	A. S. S.
7	<i>Bonita</i>	5 »	Alazão.....	S. Paulo.....	52 »	Idem encarnado.....	J. M. Miranda.
8	<i>Pandora ex-Egypt</i>	5 »	Russo.....	Rio de Jan....	52 »	Preto e encarnado.....	Carlos Joppert.
9	<i>Douro</i>	6 »	Alazão.....	Idem.....	56 »	Verde e ouro.....	J. A. S.
10	<i>Pirata</i>	4 »	Tordilho.....	Idem.....	52 »	Encarnado e preto.....	José Guimarães.

4º pareo—SPORT FLUMINENSE—1.600 metros—Animaes de qualquer paiz—Premios: ao primeiro 200\$ e ao segundo 40\$.

1	<i>Pleiades</i>	5 annos	Zaino.....	Rio da Prata.	51 »	Azul e encarnado.....	J. M.
2	<i>La Linda</i>	5 »	Castanho.....	Idem.....	52 »	Geranium e ouro.....	J. W.
3	<i>Flora</i>	5 »	Idem.....	Idem.....	52 »	Azul e encarnado.....	Antonio Moreira.
4	<i>Pancy</i>	2 »	Zaino.....	Idem.....	46 »	Cereja, verde e amarello...	V. M.

5º pareo — CORONEL BARRETO—1.100 metros—Animaes do paiz, de menos de meio sangue, que ainda não tenham ganho neste Prado—Premios: ao primeiro 150\$ e ao segundo 30\$.

1	<i>Tardia</i>	5 annos	Zaino.....	Paraná.....	52 »	Azul e rosa.....	H. J da Silva.
2	<i>Savana</i>	4 »	Castanho.....	Rio Grande..	50 »	Grenat e rosa.....	F. G.
3	<i>Barbara</i>	4 »	Rosillo.....	Idem.....	50 »	Encarnado e azul.....	F. S.
4	<i>Verbena</i>	4 »	Castanho....	Rio de Jan....	50 »	Azul e grenat.....	A. S. S.
5	<i>Pampeiro</i>	3 »	Idem.....	Rio Grande..	50 »	Encarnado e preto.....	José Guimarães.

6º pareo — CARRIS URBANOS — 1.020 metros — Animaes pelludos do paiz (sem mescla) — Premios: ao primeiro 150\$ e ao segundo 30\$.

1	<i>Bolero</i>	3 annos	Castanho....	Rio Grande..	50 »	Encarnado, preto e branco.	C. P.
2	<i>Africana</i>	4 »	Preto.....	Paraná.....	52 »	Azul e rosa.....	H. J. da Silva.
3	<i>Barbara</i>	4 »	Rosillo.....	Rio Grande..	50 »	Encarnado e azul.....	F. S.
4	<i>Serodio</i>	5 »	Castanho.....	Idem.....	51 »	Preto e encarnado.....	Carlos Joppert.
5	<i>Orione</i>	5 »	Alazão.....	Idem.....	51 »	Azul e grenat.....	A. S. S.

PAREO SUPPLEMENTAR — 2.000 metros — Amadores, trote montado—Animaes do paiz que ainda não tenham ganho neste Prado—Premios: ao primeiro 100\$ e ao segundo 30\$.

1	<i>Colibri</i>	5 annos	Ruço.....	Rio de Jan....	»	Laço branco.....	J. R.
2	<i>Sport</i>	Rosillo.....	Idem.....	»	Laço encarnado.....	M. F.
3	<i>Pery</i>	8 »	Castanho,..	Rio Grande..	»	J. R.
4	<i>Araúna</i>	8 »	Idem.....	Rio de Jan....	»	Branco azul e encarnado...	C. Marques.
5	<i>Trapicheiro</i>	5 »	Idem.....	Rio Grande..	»	C. O. P.
6	<i>Colibri II</i>	7 »	Zaino.....	Rio de Jan....	»	Laço rosa e branco.....	H. S.
7	<i>Banana</i>	8 »	Castanho....	Rio Grande..	»	Carlos Joppert.
8	<i>Duq. ex-Temporal</i> ..	7 »	Idem.....	Rio de Jan....	»	Laço azul.....	C. P.

Rio de Janeiro, 22 de Setembro de 1886.

O 2º secretario, A. FERNANDES.

OBSERVAÇÕES

Pede-se aos Srs. proprietarios dos animaes inscriptos no 1º pareo terem os mesmos animaes no ensilhamento as 7 1/2 horas em ponto, visto como o 1º pareo correrá as 8 horas impreterivelmente.

A directoria reserva-se o direito de dividir o 4º pareo, se heuver necessidade.

O 1º secretario, VIRGILIO GOMES DA SILVA NETTO.

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 2 DE OUTUBRO DE 1886

VOL. II-N. 92.

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	FILINDAL.
Historia dos sete dias.....	JULIA LOPES.
Pariz.....	F. D'ALMEIDA.
Trecho de carta.....	ALFREDO ALVES.
Visão antiga, poesia.....	V. M.
Notas bibliographicas.....	DR. SAHÉN.
Gazetilha medica.....	V. DE CARVALHO.
Fragmento, poesia.....	A. A. L. VIEIRA.
Palestras femininas.....	M. V.
Jornaes e revistas.....	B. DE OLIVEIRA
Morte de Heitor, soneto..	S.
Gazetilha litteraria.....	GALLI-LEO.
Musica e musicos.....	P. TALMA.
Theatros.....	L. M. BASTOS.
Sport.....	
Factos e Noticias.....	
Recebemos.....	
Anuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÔRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

Aos nossos assignantes em debito, que residem em Pouso Alegre e no Congonhal, rogamos a fineza de se dirigirem ao Sr. Francisco Ribeiro Pinto, na primeira d'aquellas localidades, o qual, munido dos competentes recibos, obsequiosamente se nos prestou a fazer a cobrança.

Estamos concluindo a remessa do premio *Vinte Contos* aos nossos assignantes de anno, do interior, que nos têm enviado os sellos para o respectivo porte.

A'quelles que ainda o não fizeram e que desejarem receber o premio, rogamos se sirvam habilitar-nos a fazer-lhes a referida remessa, enviando-nos os competentes sellos.

Receberá um exemplar dos *Vinte Contos* quem tomar uma assignatura d'*A Semana* por um anno, em qual-quer dos seguintes logares:

Rua do Carmo, 36

Livraria Faro & Nunes.

Livraria Laemmert,

Empreza Litteraria Fluminense, rua Sete de Setembro, 81. Charutaria do Café Brazil (com o Sr. Bittencourt).

Café Central, rua da Quitanda, esquina da do General Camara.

Typographia Central, Trav. do Ouvidor, 7.

Fonseca Braga & Filho, rua do Ouvidor, esquina da da Quitanda.

Charutaria do ponto dos bonds de Villa Izabel, e

Casa Dolivaes Nunes, em S. Paulo.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Eu devia começar esta chronica passando uma descompostura á Camillo, uma *camillária* treinandissima ao rabiscador Marcos Valente, que na minha auzencia deshonrou estas columnas honestas e limpas com a vasa da sua prosa e com o lodo dos seus versos; mas não me sinto com sufficiente fel para isso. Um malandro que, tendo-se encarregado de escrever a chronica da semana, faz o seu serviço de quinze em quinze dias, illudindo capciosamente os leitores e o patrão, — um malandro de tal jaez apenas merece o meu solemne desprezo.

Além d'isso eu acho-me nesta inefavel pacatez da rua do Carmo—o paraizo dos sapateiros, onde é licito aos moidores tocar rabecão de quando em quando.

Com estas simples palavras esmaguei o verme. Estou satisfeito como um sancto.

Tenho deante mim um folheto em que o Dr. Ferro Cardoso pergunta qual o « destino a dar-se ao canal do Mangue ». O Dr. Ferro Cardoso, se nem sempre é fiel á grammatica portugueza, é comtudo sempre fiel á sua idéia — e a sua idéia é que o canal do Mangue deve ser aterrado. Fala o Dr. Ferro em nome da civilisação e da hygiene, pois que na sua opinião o Mangue é a causa efficiente do nosso atrazo e da nossa febre amarella.

De accordo quanto á segunda affirmativa; mas este accordo nas premissas exige do meu juizo solução diversa da que o Dr. Ferro quer dar á questão: elle vota pelo aterramento, eu voto pela conservação. Porque, senhores, sejamos sinceros, com os diabos! se o canal do Mangue é o causador da febre amarella, devemos conservá-lo. Se dermos cabo d'elle, daremos cabo da febre amarella; ora eu sempre quero que me digam, com a mão no nariz, que será d'este grande Brazil no dia em que lhe faltar aquella *sympathica*

molestia. Pois não é a febre amarella, não é esse magnifico typho ictheroyde que nos dá reputação no Estrangeiro? Se ella nos faltar nunca mais a Europa culta se occupará de nos, ninguem mais falará do Brazil, o Brazil ficará reduzido a falar de si mesmo; por mais que nos agglomeremos no caos das marlinhas a berrar o hymno e a esguichar o café entre as estrophes da *brava gente*, ninguem voltará para nós o olhar expressivo e respeitoso com que presentemente nos fita o velho mundo. Estará tudo acabado. Ficaremos apenas com o Sur. D. Pedro I a cavallo no Rocio, em bronze, entre bixos mansos e bugres bravos, e com o Snr. polyarchicomendador Malvino Reis, numa curul do senado, em goiabada.

Não, patriotas! Nunca! Conservemos o canal do Mangue, que está o Dr. Domingos Freire ali assim no laboratorio de hygiene para recolher, cultivar e difundir o microbio.

O que o Dr. Ferro queria era tirar d'ali o canal e construir um mercado. Não era má, nem direi que se não faça isso. Tirem d'ali o canal, mas não acabem com elle. Levem-no, por exemplo, para um dos salões da Secretaria da Agricultura. Ou então, se lhes parecer mais conveniente para a politica conservadora, façam-no deputado; deputado? Não: Senador; elle já tem idade para isso.

No *Jornal* de 25 do passado relata o Dr. Silva Araujo os resultados que tem obtido do *acido gynocardico* no tratamento da morphéa. E' mais um relevante serviço que a medicina brazileira fica devendo ao eminente e illustre clinico. Só quem conhece, como eu conheço, o Dr. Silva Araujo, sabe que generoso coração, que bella alma e que forte espirito determinam os grandes resultados obtidos dos profundos estudos que elle tem feito das molestias da pelle. Não é só o amor da sciencia,—que nelle é antes veneração—é tambem o amor da humanidade que o faz estudar com tamanho afino as molestias da sua especialidade, e interessar-se tão extraordinariamente pelos seus doentes. Para prova d'isto, ali está a Polyclinica, grandiosa instituição que elle fundou e mantem com os maiores sacrificios e os mais ingentes esforços. E' que o Dr. Silva Araujo comprehende realmente como um sacerdocio a espinhosa e difficil profissão de medico.

Um par de bigodes a menos, e um par de azas a mais—e eis ali um anjo.

Estou furioso com o governo e com o imperador! E' verdade. E não o estou só porque se me tenia deramado um pouco de bilis; estou furioso porque o meu dever agora é estar furioso.

Imagine-se que no dia 21 do passado eu, particularmente, só tinha motivos de alegria. Acordára ao glorioso raiar da grande aurora das oito horas, e sentia no meu peito, a cantar uma cavatina triumphal, a cotovia de que fala Guerra Junqueiro no bronze im-

mortal dos seus versos. Toda a natureza me sorria e todos os seres vivos me pareciam bons e sagrados; encontrei no becco das Cancellas o Castro Urso, e o demônio do homem até me pareceu bonito! Era nesse dia o anniversario da pessoa mais cara ao meu coração, do ente para o qual, nas horas de tristeza ou de dôr, se volve o olhar da minha alma em busca de alegria e de conforto.

Pois bem!... Nesse dia, só porque em igual data de 1834 morreu um sujeito que eu nunca vi mais gordo, que foi, talvez, muito boa pessoa, mas que não tenho obrigação de venerar porque o não conheci, nem elle fez á humanidade nenhum bem que chegasse até mim; só porque morreu o tal Sr. D. Pedro I—o governo prohibio o riso, o imperador decretou a lagryma; e eu, que estava alegre como um papagaio á chuva ou como um canario ao sol, tive de ficar serio como um tabelião morto!

Que a familia do fallecido chore a sua morte—vá feito; mas que eu seja tambem obrigado a chorar-a, que me privem de ir acolá ao Sant'Anna rir-me com as engraçadas desgraças da *Corça do bosque*, e que me atordôem os ouvidos todo o dia com tiros de canhão e, ainda mais, que me façam pagar a polvora—isso é que me irrita e me faz ficar verdadeiramente furioso!

Se a familia do finado quer chorar, que chore; mas chore sósinha, por sua conta e á sua custa.

Mande que os navios de guerra vão ali para a quinta de S. Christovão disparar as peças só para ella e para os que d'ella vivem, mas não me amole, pela calva de Bismarck! Deixe-me em paz com a minha alegria sancta, com o meu riso mil vezes mais sincero do que as suas lagrymas, lagrymas vaidosas, que não são choradas no recolhimento augusto da dor e da saudade, mas em publico, só á vista da platéia, annunciadas a rufos de tambor, a toques de corneta e a tiros do canhão! Aquillo não é pranto nem é luto; são farfalhices da pragmatica idiota, bisalharias de etiqueta bysantina, usanças dos tempos nefastos do absolutismo, enxertadas exoticamente na civilisação, esta civilisação *manqué*, que dos tempos barbaros herdou o carnavaal para a religião e a monarchia para a politica.

Eu, cá por mim, a despeito das exigencias imperiaes e policiaes, hei de considerar sempre o 24 de Setembro como um dia abençoado e sancto, dia de prazer e de alegria, de satisfação, de orgulho, de contentamento; e hei de rir-me, rir-me bem alto, rir-me com toda a força, embora o governo arrebente e seiscentos demônios levem para as profundezas a policia com os mais terriveis coelhos e com os mais bastos *carniçacs*! Irra!

Houve tambem uma historia de testamento falso, ou coisa que o valha. Não sei bem em que pé está a questão. Se o testador me tivesse deixado alguma coisa, claro está que o testamento era verdadeiro e authentico; mas como o homem não se lembrou do illustre escriptor d'estas linhas—eu estou convencido intimamente que ali ha marosca. Sempre é bom averiguar quem são os herdeiros...

E' talvez um pouco tarde para dizer da nova Companhia do Gaz. O que posso afirmar é que ella começou mal, exigindo deposito prévio exactamente d'aquelles consumidores que não podem passar sem ella e que, portanto, são obrigados a pagar-lhe, por mais caloteiros que sejam.

Er fumo dare... escandalum!
Quem se deve estar lambendo com o primeiro fiasco da nova companhia é o Sr. Holman, gerente da antiga. Com certeza elle já murmurou consigo: «*Atraz de minha virrá quem boa me farrá!*»

FILINDAL

PARIZ

(Conclusão)

Ainda a respeito de flores, contaram-nos este caso, que prova até que ponto os francezes as admiram, e quanto exploram essa admiração, fazendo-as,—innocentes victimas—muitas vezes cumplices dos seus delictos... commerciaes.

Uma occasião, dizia-nos alegremente um espirituoso companheiro de hotel; um amigo meu encommendou, num dos mais afamados *restaurants*, por alto preço, um almoço, que devia offerecer a uma elegante baroneza estrangeira, curiosa de ver bem Paris, e a seu marido, o barão, grande conhecedor e esmiuçador de todas as subtilezas do bom gosto. Que nada falte, recommendava elle; os pratos mais exquisitamente saborosos, as fructas mais raras, os vinhos elicores mais delicados...

Foi tudo previsto, e estipulada a avultada somma de todas as gulodices que deviam figurar no almoço. O meu amigo retirou-se satisfeito, apezar de quasi arruinado...

Ao voltar a esquina lembrou-se, porém, de que se esquecera de alguma cousa, e voltando atraz recommendou que se não esquecessem de collocar na sala algumas flores.

— *Oui, Oui, monsieur*, responderam-lhe rapida e cortezmente; e elle saiu tranquillo.

A dizer a verdade tinha razão: uma mesa a que falte um ramo, é como uma ave a que falte uma aza, observava a pessoa que nos contava essa historia.

No dia seguinte, á 1 hora, a loira e esbelta baroneza desabotoava as luvas, prendia num botão do seu corpete de velludo escuro a ponta do guardanapo, sentando-se na florida e elegante sala reservada do *restaurant*.

Correu alegremente todo o tempo do almoço. Os pecegos e as uvas iam desaparecendo d'entre as rendas das fructeiras, os vinhos das garrafas de crystal. O barão, *bon causeur*, dizia historias espirituosas; a baronesa mostrava-se divertida e o meu amigo contentissimo.

Findo o almoço, separaram-se; os estrangeiros dirigiram-se para o Bosque de Bolohna, o meu amigo para o *comptoir*.

Depois de ter formulado um agradecimento muito lisongeiro pelo bom serviço, poz sobre a secretaria a quantestipulado na vespera.

— Perdão, notou o secretario, o Sr. esqueceu as flores...

— Ah! sim... e as flores?

Custaram-lhe tanto... respondeu no tom mais natural *le maitre d'hotel*.

O meu amigo soube então que as flores que haviam perfumado e alegrado, que perfumavam e que alegravam, que perfumariam e alegrariam ainda durante toda a tarde a elegante sala côr de perola do *restaurant*, eram duas vezes mais caras do que todos os pratos exquisitamente saborosos servidos no almoço, todas as fructas raras e todos os licores finos...

Fechado este aparte voltemos a falar do fino e apurado gosto do povo francez.

Era sempre um publico apreciador, expansivo, impressionavel o que viamos em frente aos bellos modelos do Luxemburgo, aos innumerados quadros do *Salon*, as esplendidas e inolvidaveis telas e estatuas do *Louvre*.

O *Louvre!* oh! minhas amigas! se eu vos pudesse dar uma simples idéia do deslumbramento que elle me causou! Que brilhantismo de pinturas... que opulencia de marmores!

Ainda ha bem poucos dias alguem, cujo espirito é muito superior ao nosso, considerava-nos, numa adoravel carta, felizes por termos ahi contemplado a *Venus de Millo*.

A encantadora *Venus!*

Ha tanta seducção para o espirito, ha tanto enlevo, tanto, que o tempo em Paris passa com uma rapidez vertiginosa.

Assistindo ao successo de Gayarre na Grande Opera, ou contemplando o magestoso tumulo de Napoleão I nos Invalidos; passando uma hora no café cantante dos Embaixadores, ou admirando concentradamente a magnificencia de Notre Dame de Paris; passeando no Trocadero, o delicioso Trocadero, ou indo por entre as sepulturas do Péré Lachaise, lendo os nomes dos escriptores e musicos que amamos desde que os lemos; assistindo ao *Excelsior* no *Eden theatre*, ou penetrando nas catacumbas do Pantheon, onde Victor Hugo repousa coberto de flores; indo rio acima até ao risonho parque de St. Cloud, ou assistindo a um drama moderno; fazendo oração na Magdalena, ou vendo um espectáculo do Hippodromo; caminhando nos *boulevards* e nas avenidas cheias de vida, de rumor de vozes e de alegria, ou entrando na Capella expiatoria; passeando nos bellos Campos Elyseos, ou nos jardins, onde as crianças riem alto, correndo, as senhoras fazem *tricot*, o sol brinca na relva por entre a ramaria e os *cysnes* deslisam mansamente na agua; contemplando todos os esplendores da arte e esses alegres trechos da vida parisiense, instrue-se, educa-se a gente e sente, o que já dissemos no principio d'este artigo: que não vê todas essas cousas pela primeira vez.

Numa occasião, em *Butte Chaumont*, fizémos notar a uma amiga um quadro, dizendo-lhe: — E' singular; já vimos isto!

Ella riu-se, e, fingindo acreditar, disse: — Ha muitas photographias de todos os recantos de Paris...

— Mas as personagens?

Contentou-se com encolher ligeiramente os hombros, sorrindo com a sua fina ironia... franceza.

Em frente aos nossos olhos, perto de uma rocha escarpada do pittoresco jardim, riam alegremente tres raparigas novas. Uma tinha um livro aberto nos joelhos, outra bordava; a do lado esquerdo, mais illuminada do sol, não prestava attenção a trabalho de especie alguma, fallando mais que as duas companheiras. A poucos passos d'ellas uns operarios de blusa de riscado azul, *bonet* deitado para traz, caximbo pendente do canto da bocca, olhavam altivamente para os passeantes; um d'elles lia alto um jornal, recostando-se indolentemente num banco. Entre as raparigas e elles ia uma velha pobre, dando a mão a uma menina de cabellos castanhos e olhos intelligentes. Por um rasgão do chapéu de sol passava um raio de luz, que tingia de uma côr amarellada a touca branca da velha...

Sim, nós já víramos aquelle quadro; mas em que paginas? Isso é que nos não lembrou na occasião.

Talvez que a minha leitora se ria igualmente, e levante os hombros num gesto de desdenhosa incredulidade... a esta impressão tão ingenua e lealmente revelada. Mas, se tem lido algum livro em que venham descripções da vida das ruas em Pariz, se se tem interessado pela pobre avó que leva carinhosamente a netinha ao passeio, onde ha musica, onde os operários á vontade se divertem conversando, onde as Mamãs levam os seus bebés para fazel-os respirar o ar perfumado e correr na areia, e onde as senhoras de vestido de seda sentam-se ao lado das de avental de chita, — se leu com attenção esses livros, ha de forçosamente comprehender-nos.

Quantas vezes não se dão na vida real factos extraordinarios com os quaes nos parece haver sonhado já?

Não será isso por ventura, muito mais complicado?

Como indcifraeis, respeitemos esses mysterios e calemo-nos por hoje a respeito de Pariz, a bella, a encantadora capital, de que se não sae sem tristeza, sem verdadeira pena... de a deixar!

Lisbóa—2 de Agosto de 1886.

JULIA LOPES.

TRECHO DE CARTA

S. Paulo, 21 de Setembro, 1886.

Hontem, segunda feira, voltei de Campinas, para onde partira no sabbado.

Na florescente cidade de Carlos Gomes, estive com pessoas queridas, tão queridas que os dois dias que lá passei pareceram-me dois minutos apenas. Comtudo, tive tempo para assistir, no domingo, ás corridas no Prado Campineiro, que, apesar do intensissimo calor do dia, fóram bastante concorridas. Apresentaram-se na raia parelheiros superiores, como diria o nosso Bastinhos, e lembro-me que no primeiro pareo *Guanaco* venceu *Gambetta*. Na manhã do mesmo dia fóra ver a famosa Matriz nova, que é realmente um templo digno de nota pela grandeza da sua simplicidade. Para dar uma idéia d'esta casa de religião baste dizer-te que se não veem allí os excessos de colorido e de doirados que affeiam todos os templos. Ali é tudo de madeira envernizada. A obra de talha é notabilissima e attesta o superior talento do artista obscuro que a executou. O altar-mór e os dois ultimos altares lateraes são verdadeiros primores de arte. Imagina uma cupula cheia de rendilhados, de festões e de florões trabalhadissimos, tendo no vertice um grande anjo de azas abertas, em posição de voar, soprando numa grande trombeta, tudo isto suspenso sobre columnas cannelladas, de plintos lisos e capiteis florejados, tudo de madeira escura, sem um doirado, sem uma côr viva, sem o menor adorno extranho á natureza da materia prima. E' impoente e grandioso! Os dois pulpitos são tambem obra rica: suspendem-se sobre uma meia columna de flores e arabescos finissimos, encostada á parede, e são igualmente de madeira escura, assim como os altares inferiores, notaveis pela artistica simplicidade da fórma. Ha tambem um organ lindissimo, que eu não pude ver bem por estar meio encoberto sob uma cortina. Disseram-me que este instrumento é um primor de arte. Não me demoro a descrever-te com minucias este esplendido templo porque numa carta seria massador.

As noites de sabbado e domingo passei-as no theatro Rink — um barracão pavoroso, onde as cadeiras de segunda

classe são bancos muito ordinarios, verdadeiros potros de suplicio, onde se assentam e soffrem dez ou doze desgraçados de cada vez. Este barracão está a servir de theatro, porque o antigo theatro S. Carlos foi demolido para se fazer de novo. Lá vi pela companhia portugueza a *Dionysia* e o *Marquez de Villemor*, que foram dois triumphos para os dois Rosas e para a Virginia.

Hontem voltei no trem da companhia Paulista que sae de Campinas ás 11 e 50 da manhã, e hontem mesmo assisti aqui em S. Paulo a uma festa magnifica: o baile do Novo Casino Paulistano, de que é thezoureiro o meu querido amigo Alberto Pereira Leite. Esteve neste baile uma sociedade escolhidissima. Senhoras e cavalheiros da maior distincção e da maior gentileza, enchiam o vasto salão. Dançou-se animadamente até alta noite e houve um bello serviço de *bufet*. Ali conversei largo tempo com a Exa. Sra. D. Maria Almada, aquella gentil senhora que já honrou *A Semana* com duas produções do seu talento musical.

Antes de ir a Campinas estive uma tarde no Museu Sertorio, onde admirei nas bellissimas colleções de raridades os ingentes esforços de um homem singular — o Coronel Joaquim Sertorio, cavalheiro de notavel affabilidade, proprietario do muzeu, ao qual tem dedicado toda a sua vida e todo o seu trabalho. Infelizmente, não pude ver tudo bem, porque para isso são necessarios alguns dias e o coronel Sertorio partiu no dia seguinte para Santos, o que me privou de voltar lá. Digo-te, entretanto, que é um muzeu curiosissimo, cheio de coisas bellas e raras, que tem algumas colleções superiores ás do Museu Nacional, como, por exemplo, a de numismatica. Tenciono vizital-o ainda algumas vezes, e então dart-ei uma noticia mais circumstanciada.

O prazo da minha villegiatura está a findar e preciso apressar-me para tornar á *retorta do trabalho honrado*.

Estes quinze dias que tenho passado em S. Paulo têm sido deliciosos e inolvidaveis. S. Paulo é um paraizo sem a serpente. Dias claros, frescos, limpidos, alegres. Hoje é que o tempo se traustornou de repente, e agora, á tarde, chove a cantaros. Bem bom para quem tiver de viajar amanhã pelas estradas de ferro — não haverá pó! Uma bemaventurança.

FILINTO D'ALMEIDA.

VISÃO ANTIGA

E' num salão. Ao longo das arcadas,
De finissimas curvas rendilhadas,
Admiram-se, pendentes,
Alguns antigos quadros carcomidos,
Representando vultos, esquecidos,
De nobres ascendentes.

Aqui, em dura posição severa,
Elevando; bem alto a fronte austera,
Vê-se um velho guerreiro.
Mais além, outro, joven, valoroso,
E', juncto d'um altar todo radioso,
Armado cavalleiro.

Um bello pagem, loiro e namorado,
Travesso, menestre, apaixonado,
Dirige o seu olhar
Para a face, gentil e deliciosa,
Da castellan, romantica e formosa,
Do vetusto solar.

Um Arcebispo, ancião encanecido,
Com semblante rugoso e dolorido,
De baculo na mão,

Parece inda escutar, extasiado,
O soluçar, dolente e requebrado,
D'uma velha canção.

Naquelle quadro avulta, em traço fino
Um luminoso rosto peregrino,
De gentil açafata,—
Com flores no bellissimo toucado,
E um sorriso, subtil e namorado,
Nos labios d'escarlata

Ah! que frescor mimoso e deslumbrante,
Mostra o formoso e pallido semblante
D'aquella fidalguinha!
Ella sorri, em doce e meigo enleio,
Collocando um jasmim no branco seio,
Com trémula mãosinha.

Quem lhe daria flor tão perfumada,
Que na bocca lhe poz, illuminada,
Uma expressão tão bella?
Foi esse gentil-homem, sorridente,
Que defronte contempla, moço e ardente,
O rosto da donzella?

Eu entrara, de manso, no salão.
Um dia em que meu pobre coração
Parecia chorar,
E julgue: distinguir, extasiado,
Um minuete, grave e compassado,
Dos tempos de Mozart.

O canto parecia espreguiçar-se.
Crescer, vibrar festivo e dissipar-se
Em requebros subtils.
Cantavam as fidalgas namoradas,
E os menestreis, de górras emplumadas.
Tangiam arrabis.

Era um canto dulcissimo, radiante,
D'uma rubra harmonia deslumbrante,
— Alegre e triumphal,
Com a graça, gentil e perfumada,
E a suave cadencia modulada
D'uma aria nupcial.

Então eu vi a fresca morgadinha,
No salão caminhar, bella, szinha,
Sem de leve tremer...
E ao fidalgo de fronte enamorada,
A sua mão, mimosa e delicada,
Foi logo offerecer.

Elle tomou-lhe a pequenina mão,
Levando-lh'a d'encontro ao coração,
Febri!, extasiado...
E então vi o Arcebispo, nesse instante,
Lançar a tão gracioso par amante,
A benção de noivado...

Porto — 1886.

ALFREDO ALVES

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

No dia 20 de Setembro, para commemorar o 51º anniversario da republica Rio-grandense publicou o Club Vinte de Setembro, de S. Paulo, um *Appello á Provincia do Rio Grande do Sul*, redigido pelo joven e talentoso academico Bartholomeu Brazil, irmão do valente orador e publicista republicano Dr. Assis Brazil. Tem o oppusculo 77 pags. O periodo final d'este trabalho dá completa idéia da sua indole e dos seus intuitos; por isso o trasladamos para aqui: «O unico recurso infallivel, fecundo, scientifico de que a provincia pode servir-se para conjurar os actuaes calumniadores, que ali proliferam de minuto para minuto, evitando as bruscas agitações e rasgando uma estrada recta para a paz, para a gloria, para a alegria, para as proximidades da perfeição, onde reina a trindade augusta — Sciencia, Industria, Arte: esse recurso está definido, é a — Republica Federal.»

V. M.

GAZETILHA MÉDICA

Esta secção, que offerecemos á classe distincta dos clinicos brasileiros, não pretende trazer-lhe novidades, nem criar escolas, fazendo a critica de tudo quanto appareça no exercicio da nobre e honesta profissão. Sendo pequeno o espaço para tal empreendimento, todos sabem tambem que *A Semana* é um jornal litterario e noticioso, que não quer entrar na lucta das magnas questões medico-cirurgicas.

Como, porem, estamos convencidos de que é difficil admittir que o medico, consagrado á sciencia pura ou á pratica profissional, possa ter tempo de lér ou mesmo percorrer o grande numero de publicações geraes e especiaes em que se acham disseminadas as memorias originaes brasileiras e estrangeiras, esforçar-nos-emos por colher o que encontrarmos pelos trabalhos publicados, de modo a dar ao profissional, todas as semanas, noticia sobre qualquer ponto relativo aos interesses da pratica medico-cirurgica.

Algumas vezes tambem poremos aqui á disposição dos profissionaes e dos assignantes d'*A Semana* um pequeno indice dos novos trabalhos que apparecerem sobre a vasta sciencia do sabio de Cós.

DIAGNOSTICO E CURABILIDADE DA PSEUDO-PARALYSIA SYPHILITICA

O *Progres médical* refere dois casos novos da molestia que Parrot denominou *pseudo-paralysis syphilitica* dos recém-nascidos, manifestação de syphilis hereditaria, que elle considera incuravel.

Os casos referidos por Parrot e sobre que elle fundou a sua descripção, manifestando-se pela impotencia mais ou menos completa dos membros, ás vezes com crepitação ossea e tumefacção ao nivel das articulações, terminaram todos pela morte.

Os novos casos referidos acima, pelo contrario, tiveram bom resultado, sujeitos ao tratamento especifico. As observações dos dois casos apresentados por Millard e Roques á sociedade medica dos hospitaes de Paris dão novo alcance á molestia descripta por Parrot e mostram a necessidade urgente de um reconhecimento cédo, de um bom diagnostico, não a confundindo com a paralysis infantil e com a osteomyelite, como tem acontecido, e de um tratamento especifico prolongado.

Como elementos de diagnostico não se devem desprezar em primeiro logar as declarações dos paes. Depois, a pseudo-paralysis syphilitica só ataca os recém-nascidos, desde o nascimento até os tres mezes, pouco mais ou menos, emquanto que as outras duas molestias não costumam apparecer tão cedo.

A pseudo-paralysis syphilitica começa pela impotencia de um membro, que mais tarde se generalizará (marcha inversa da paralysis infantil), ha dôres nuntas vezes, crepitações, indicando o descollamento epiphysario, a reacção electro muscular não é perturbada, o que não acontece na paralysis infantil, além dos accidentes syphiliticos concomitentes, que podem facilitar o diagnostico.

Explorando as articulações reconhece-se alguma tumefacção epiphysaria.

A osteomyelite é acompanhada de phenomenos inflammatorios locais e de reacção geral taes, que é difficil confundil-a com as lesões osseas da syphilis hereditaria.

O tractamento deve ser feito pelo xarope de Gibert, na dose de 1 colher de café por dia em leite.

Se houver intolerancia gastrica, pôde-se actuar por intermedio do leite da ama, dando-lhe todos os dias uma ou duas colheres de sopa do xarope.

Os banhos de sublimado corrosivo, na dose de 5 decigrammas a 1 gramma numa banheira de madeira, são grandes auxiliares do tratamento interno.

Esta medicação deve ser continuada por dois mezes, sem interrupção, suspendendo-se por alguns dias, para voltar a ella.

DR. SAHEN

FRAGMENTO

DE UMA CARTA

« Vivo aqui neste êrmo agreste
Entre passaros e rosas,
Beijando as letras graciosas
Da carta que me escreveste.

Quando é madrugada, saio
Pelos campos orvalhados,
A encher os pulmões cançados
Com toda a seiva de Maio.

E as aves pelas ramadas
Communicam-me á alma, rosa!
A alegria contagiada
De umas limpidas risadas.

Não trouxe livros: apenas
Leio, encantada chiméra,
O poema da primavera
Nas folhas das açucenas.

A orquestra dos passarinhos
Me extasia e me embebeda,
E em vez de Húgo e de Espronceda
Ouço as estrophes dos ninhos.

Volta-me o sangue: a alegria
Brota em meu peito doente
Como um lirio alvinizante
Numa caveira sombria;

E espero poder em breve
— Sadio, imtrepido, forte —
Minha existencia depôr-te
Nessas mãosinhas de neve...»

Santos.

VICENTE DE CARVALHO.

PALESTRAS FEMININAS

DÔRES

Foi a mais feliz das mulheres: formosa, intelligente e instruida, adorada pelos paes e pelo irmão, que a enchiam de carinhos; nada desejava, porque lhe advinhavam os desejos.

Passei ao lado da minha encantadora prima uns mezes divinos, embalada naquella amizade suave e vehemente, entre flôres, musica e beijos!

Porque passaram tão rapidos esses dias deliciosos ?!

Ao despedir-me da minha angelica Luizinha, disse-me ella, prendendo as minhas mãos, geladas, nas suas, que escaldavam:

— Como passarão para mim agora longos e tristes os dias, longe de ti! Vou soffrer muito, com a tua partida, muito!

Eu respondi-lhe, convicta:

— Sei que és sincera, meu anjo, mas não soffrerás, como pensas, com a minha auzencia; tens os beijos de tua sancta mãe, os cuidados infatigaveis de teu pae, os desvellos de todo instante de teu tão carinhoso irmão; todos os que te cercam, parentes e amigos, te estimam e festejam, e, além de todas estas poderosas consolações, de hoje a menos de um mez terás a teu lado, aqui onde eu costumava sentar-me, o teu formoso noivo, o homem que primeiro amaste e que te adora. A minha imagem visitar-te-á apenas nos curtos intervallos que medeião entre a prece e o somno, e não terás tempo para sentir o amargor da saudade. Dirás talvez: — « Que bom seria se a minha Adelina, a meu lado, gosasse tambem da minha felicidade! »

Respondeu-me;

— Não sei, talvez te enganes; quem te diz que serei feliz por muito tempo? O que sei é que, feliz ou não, teu nome estará sempre em minha alma e nunca te esquecerei.

São passados oito annos e realizaram-se plenamente as minhas previsões; mas, ai de mim! tinham tambem razão os seus presentimentos!

Um anno depois da minha partida, casou Luiza com aquelle que amava; um anno mais e tinha uma filha. Numa das suas cartas de então dizia-me ella:

« Sou feliz! A minha vida é um cantico de amor; meu marido ama-me cada vez mais; meus paes sempre os mesmos, sollicitos, fontes de inesgotavel meiguice; meu irmão, o coração que conheces, — adoravel! Como se tudo isto não bastasse, a minha filha estende-me os bracinhos, sorrindo.

« Tenho medo, porque me parece que não pode continuar por muito tempo uma ventura assim; para nada mais desejar na terra, só tu me faltas. »

Louquinha! pensei eu, ter medo! como se ella não merecesse todas as alegrias! A fatalidade é cega e implacavel; não escolhe: fêre, fêre sem dó...

A minha angelica amiguinha perdeu, em menos de cinco mezes, pae, mãe e filha!

Vós, que sois filhas e mães, avaliae, se o podeis, o que deveria soffrer aquella criança!

Ella, que, durante vinte annos, despertava com um beijo materno e adormecia depois de ouvir ao pae estas dulcissimas palavras: — Dorme em paz, querida filha; Deus te abençoe, anjo bom de teus paes!

Pobre anjo!

Muitas vezes disse eu á minha Luiza:

— Que podem mais desejar na vida teus paes? Amam-se como noivos e têm uns filhos como tu e teu irmão: intelligentes, bons, meigos, estudiosos, encantadores! Que sancto e nobre orgulho lhes deve encher o peito ao contemplar taes filhos! Eis a suprema ventura na terra! Eu não a conhecerei nunca!

— E eu? perguntou-me ella um dia;

— poderei ser mais feliz do que sou?

— Sim, respondi; quando fôres esposa e mãe, continuando a ser filha e irmã adorada.

— Isso, exclamou Luiza, seria o céu, e ninguém o merece.

A minha formosa prima conheceu esse céu; durante um anno foi filha e irmã extremecida, esposa e mãe! Mas que ephemero paraizo! Foi quasi uma esplendida miragem que se desfez em neblina.

Ha dois annos que chora os seus inolvidaveis amores a minha pobre amiga, e chorará eternamente.

Numa carta que recebi ha dias, dando-me parabens pelo meu anniversario, diz Luizinha:

« Ainda me não conformei com a morte de meus paes; de dia para dia cresce a saudade e é mais sensível a falta que me fazem. Que immensa e intraduzível dor me afflige ao pensar nos excessivos carinhos de meu lembrado pae, e no infindo amor com que minha sancta mãe estendia os labios para me beijar, quando já não podia falar! Perder tudo, tudo, em menos de cinco mezes! Ha dias em que receio enlouquecer! E' então que mais sinto a tua falta, minha extremosa amiga; as tuas palavras, unguidas de uma meiguice inexcedível, deviam trazer o balsamo vivificante a este pobre coração moribundo. »

Nunca! nunca se podem esquecer os beijos e carinhos de nossos paes. Todo o passado se resume n'elles; todas as dores se acalmam se os labios maternos roçam de leve em nossa frente; todas as dificuldades e trabalhos se simplificam e adoçam, se a voz paterna explica e anima; é para nós a maior das recompensas um sorriso ou um beijo!...

Tudo é luz, so pousa sobre nós o olhar de nossos paes.

Para cumulo da desventura, levou Deus á filha inconsolavel o seu primeiro beijo de amor — a sua gentil Angelita.

Foi medonho, não foi? Ver, por entre as nuvens do pranto da saudade dos paes, apagar-se a luz cariciosa d'aquelles olhos tão lindos, desbotarem pouco a pouco as rosas d'aquelles faces de neve, perderem a cor vermelha os labios d'aquelle risonho anjinho louro, e ouvir aquella flor, branca e perfumada como um jasmim, murmurar, num brando cicio de brisa: — Mãe!

Um filho! a alma inteira da mãe! um pequenino ser, que resume o immenso mundo!

Devia ser atroz! mas... vêm outros anjos, que com as róseas mãosinhas afastam para o lado a flôr que emmurcheceu, e conseguem, estendendo os bracinhos, sorrindo e balbuciando os nomes dos paes, fazer sorrir, feliz de novo, a inconsolavel mãe de hontem. Fica da estrella que se apagou um raio sereno e acariciador, que a visita em sonhos, por entre nuvens cor de rosa, côros celestiaes e rumor de azas.

Manoelzinho e Isolina têm a missão dulcissima de substituir Angelita. Mas quem poderá tomar na alma dos filhos um lugar que console, que mitigue a dôr pungentissima da perda dos paes?! Ninguem!

Oh! felizes, bem felizes os filhos que podem adormecer com a cabeça pousada no regaço materno, estreitar nos braços um pae amantissimo e sentir-se confortados com a bençã que, do perto ou de longe, lhe lançam os corações dos paes!

A morte de nossos paes é a maior das dores. Deus vos preserve, leitoras, de tão angustioso transe.

Vós, mães, conservae a vida e a força, para poupar a vossos filhos essa infinita agonia.

ADELINA A. LOPES VIEIRA

JORNAES E REVISTAS

O n. 277 d'*O Occidente*, a excellente publicação illustrada de Lisboa, que vae em seu nono anno de existencia, traz, entre outras gravuras e artigos, e um bello retrato do fallecido conselheiro Mendes Leal, e, acompanhando-o, a magnifica e fulgurante *Chronica Occidental*, do Gervasio Lobato, que tambem tracta de outro caso tris-tissimo—a morte desastrôsa da Exma. esposa do provector escriptor portuguez

Rodrigues Cordeiro, morte de que damos algumas informações em outro logar da folha.

O Occidente é periodico por tal fôrma conhecido e bem reputado que já dispensa qualquer encomio.

O n. 12 da nossa esperançosa collega *A Vida Moderna* é digno dos seus precedentes (sem calimburgo.) Passando sobre a gravura, que é de horripilante assumpto...

(E' um fraco d'esta *Vida* só dar gravuras de morte: degolações, facadas, feras, harpias... A ponto de já ouvirmos dizer a uma gentil senhora: — Tenho muito medo d'esta *Vida* porque só nos dá mortes.)

... encontramos texto variadissimo, do qual se destaca a humoristica e leve *Chronica Fluminense*, do nosso amavel e popularissimo collega Arthur Azevedo, a quem, aproveitando a oportunidade, cordialmente agradecemos as boas palavras com que acolheu os nossos pobres *Vinte Contos*. Não terminaremos sem comprimentar o Sr. Guimarães Passos pelo seu original e delicado lenço

« pando, enfunado, concavo de beijos »

Os triumphos da *Revista Illustrada* contam-se pelos numeros que publica. O ultimo, datado de 24 do corrente é um dos que mais honram o inesgotavel e benemerito lapis do Angelo Agostini. Ha nas paginas centraes umas caricaturas de senadores—impagaveis! principalmente as dos Srs. Dantas e Octaviano, commentando uma calinada do Sr. Viriato. Na ultima pagina reaparece o saudoso e patusco *Zé Caipóra*.

M. V.

Ha uma regra para avaliar dos livros como dos homens, mesmo, sem os conhecer: — basta saber por quem são amados e por quem são odiados.

JOSÉ DE MAISTRE

MORTE DE HEITOR

A OLAVO BILAC

Heitor vae arrastado, soltos os negros cabellos, roçando a poeira a fronte out'ora cheia de graça...

Ilyada — Canto XXII

Andromacha soluça; Hecuba, emtanto, O peito rasga em lugubres laamentos; Geme Cassandra, — que cruéis tormentos! — Erguendo aos céus o olhar lavado em pranto.

Priamo, o velho rei, cheio de espanto, Convulso brame, e arranca os nevoentos, Hirtos cabellos, que dispersa aos ventos, Pranteando o filho a quem amava tanto.

Boriçada do sangue das batalhas, A multidão vencida, a carne rôta, Chega, gemendo, á ciua das muralhas;

E vê no campo, longe, o herôe sagrado, — A alma de Troia —, em direcção da frota, Pelo carro de Achilles arrastado.

BERNARDO DE OLIVEIRA.

As unicas verdadeiras riquezas são: o trabalho, que dá o necessario, e a *philosophia*, que ensina a evitar o superfluo.

VOLTAIRE

GAZETILHA LITTERARIA

Os importantes edictores do Porto, Alcino Aranha & C. encetaram uma publicação monumental. E' uma edição rica do immortal romance de Cervantes *O engenheiro fidalgo D. Quixote de la Mancha*, trazido a vernaculo pelos viscondes de Castilho e de Azevedo, com um prefacio de Pinheiro Chagas, illustrada com os conhecidos primorosos desenhos de G. Doré, finamente gravados por Pisan, e acompanhada de chromos e aquarellas por Bordallo Pinheiro (Rafael).

O album-specimen, que temos á vista, expõe as condições de assignatura, que são muito razoaveis, e contem algumas das bellas paginas de Doré, fechando com varios exemplares de um chromo bellissimo de B. Pinheiro, destinados a receber os nomes dos subscriptores. E' agente d'esta obra notabilissima, na Côte, o Sr. Lourenço Marques de Almeida, *Agencia Commercial Portugueza*, R. do Carmo, n. 40.

S.

O reconhecimento é semelhante áquelle licor oriental de que falam os viajantes e que só se conserva em vasos de ouro: — perfuma as grandes almas e azeda-se nas pequenas.

J. SANDEAU

MÚSICA E MUSICOS

SOCIEDADE DE QUARTETO DO RIO DE JANEIRO

Foi um mimo a segunda sessão de musica de camera d'esta já distincta sociedade, effectuada no salão do imperial Conservatorio de Musica na noite de 27 do corrente, á qual, apesar do máo tempo, assistiram SS.MM.e AA.II, socios e convidados.

Todas as peças constantes do programma foram rigorosa e primorosamente executadas, recebendo os interpretes merecidos applausos.

Por indisposição do barytono L. Russo o publico perdeu mais esta occasião de ouvil-o e applaudil-o; mas, em compensação, o nosso distincto virtuosi J. Queiroz, como substituição ás peças de que se tinha encarregado aquelle barytono, executou *hors ligne* o *Presto finale* da *sonata apassionata* de Beethoven.

Quem é o pianista Queiroz e de quanto elle é capaz já todos sabem — executor correcto, consciencioso e cheio de vigor.

O que mais impressionou o publico e que deveras o enthusiasmo foi o *Momento musical* de Schubert, para instrumentos de arco. Que melodia inspirada e repassada de sentimento!

Ouvindo-se aquella pagina primorosa sente-se uma commoção agradável e a alma, concentrando todas as suas faculdades, escuta em extasis aquelle conjunto de delicias de que se a melodia é parte predominante não é menos importante a harmonia distribuida entre os outros instrumentos que a acompanham.

O quarteto da sociedade, cujo violino principal é o Sr. Cernicchiaro, de dia para dia se aperfeiçoa mais e estamos certos que em breve o teremos igual aos melhores que ha na velha Europa. Ao Sr. Cernicchiaro e seus companheiros enviamos um aperto de mão, acompanhado da seguinte palavra, que serve de guia a todos os artistas—avante!

GALLI-LEO

THEATROS

S. PEDRO

A companhia do Principe Real de Lisboa representou no domingo *As noites da India*, drama muito nosso conhecido.

Alvaro, no papel do pária; Pola, no do naturalista; Adelina, no de Marçal; Margarida no de Cecilia; Maria das Dores, no de Margarida e Gil no do rajah—estiveram todos á altura da sua reputação e agradaram muito.

*

Em beneficio do actor Alvaro subio quarta-feira á scena a estupenda tragedia de Shakespeare—*Othelo*, o *Mouro de Veneza*.

O desempenho, se na sua generalidade não esteve á altura da obra colossal do grande poeta inglez, foi, contudo, satisfactorio, principalmente por parte de Alvaro (*Othelo*) e Costa (*Iago*). Ora, quando nesta sublime peça não desagrada o desempenho d'estes dois papeis—está tudo salvo, porque os outros não têm importancia notavel. Alvaro foi muito feliz nas scenas violentas, mais do que nas de meditação e placidez. Foi bem representada a lenta invasão do ciúme naquella alma explosiva, e as imprecações do terceiro acto a *Iago* foram dictas com sufficiente calor. As scenas finaes foram todas muito bem feitas, e notavelmente a ultima, desde o salto de tigre sobre *Iago* até á degolação, que foi magnifica.

Costa não poderia fazer melhor do que fez o *Iago*; não é papel para a sua indole. Disse com muita verdade algumas phrazes intencionaes, e foi bastante feliz no dialogo final do segundo acto, com *Rodrigo*.

D. D. Maria das Dores e Margarida, representaram os seus papeis com a sua reconhecida intelligencia.

A casa estava quasi cheia e o publico applaudio phreneticamente o beneficiado em todos os actos, chamando-o repetidas vezes á scena.

*

Ante-hontem fizeram beneficio Maria das Dores e Pola com a comedia *A familia Mongrol*, e hontem Margarida Cruz com *Frou-Frou*. Foi regular o desempenho de ambas as comedias. Depois falaremos.

D. PEDRO II

Quinta-feira reestreeu-se a companhia do D. Maria com a *Clara Soleil*, de Gondinet.

RECREIO

Hoje *O Duque de Vizeu*.

P. TALMA

SPORT

Em consequencia do tempo chuvoso, no domingo passado foram transferidas para o dia 17 do corrente as corridas do Jockey-Club. O programma, que é excellente, será brevemente annuciado.

Com um esplendido programma, constando de oito pareos regularmente preenchidos por parelheiros superiores, realisa amanhã o Derby-Club o *Grande Premio Rio de Janeiro*: 8.000\$ ao 1º, 2.000\$ ao 2º, 1.000\$ ao 3º — 3200 metros, para animaes de todos os paizes.

Na verdade, o excellento program-

ma que nos apresenta esta benemerita sociedade, está perfectamente organizado e preenchido por animaes superiores, quer nacionaes quer estrangeiros que indubitavelmente, attendendo aos diversos tiros em que estão alistados, deverão travar renhida lucta, tornando os pareos interessantes e bem disputados.

Habituaados, como sempre, a animar todas as industrias e todas as associações bem constituidas, qualquer que seja o fim a que são destinadas, não podemos deixar de nos regosijarmos, com ver o adiantamento e grande impulso que tem tomado, em nosso paiz, o interesse pelo apuramento da raça cavallar, baseado unicamente na iniciativa particular, que affrontando todas as dificuldades, prosegue, mostrando ao Governo e á municipalidade, a necessidade e utilidade indispensaveis d'essa industria por elles gravemente despresada.

Parabens ao benemerito Derby-Club, importante associação perfectamente constituida e creada exclusivamente para aninação d'essa industria, que rapidamente caminha, sem auxilio governamental, animada pela iniciativa particular, que, com grandes sacrificios, confere avultados premios para estimulo do progresso, no apuramento da raça cavallar, necessariamente exigido em nosso paiz.

L. M. BASTOS.

FACTOS E NOTICIAS

Dizem jornaes de Lisboa ter fallecido, horrivelmente queimada, a Sra. D. Maria da Piedade, esposa do conhecido escriptor Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro.

A respeito d'este tristissimo caso diz Gervasio Lobato, no *Occidente*:

«A Sra. D. Maria da Piedade fôra no dia da catastrophe a um pateo onde nunca costumava ir, pateo para onde deitavam as janellas da casa de engommar.

Esteve vendo as obras que se andavam fazendo no predio, e conversando encostada á janella com uma criada antiga e muito intima da familia, que dentro de casa estava engommando.

Esteve conversando a respeito das obras: «que estavam quasi acabadas, e que ainda bem, porque ella estava muito melhor, e queria sahir d'alli para ir passear pela provincia.»

Depois andou mais um pedaço pelo pateo, mas quando, ao entrar em casa, atravessava uma cosinha, onde havia 9 ou 10 cantaros grandes cheios de agua, um criado que alli estava, vendolhe lume nas saias, disse-lhe:

— O' minha senhora! ollie que está a arder!

Ella assustou-se com isso, e deitou a correr por um grande corredor.

O criado, por um excesso de respeito de servical, que se comprehende num pobre camponio, não se atreveu a agarrar a sua patroa, e poz-se a gritar por soccorro.

Vieram os criados, e começaram a correr atraz da pobre senhora, atirando-lhe baldes de agua; ella porem, allucinada pelo terror, corria sempre; a corrente de ar que a sua corrida estabelecia mais ateava ainda o fogo, e quando por fim uma criada a agarrou, ficando tambem muito queimada, e a atirou ao chão, abafando o fogo com um cobertor, já a Sra. D. Maria da Piedade estava horrivelmente queimada, tendo apenas intacto o busto e a cara.

Chamado á pressa um medico, muito amigo da casa, constatou que o estado era desesperado, que as queimaduras occupavam mais de metade do corpo.

Veio ainda outro medico, mandou vir gelo, mas foi tudo inutil, e d'alli a poucas horas a desgraçada senhora succumbia á asphixia, tendo durante a sua dolorosa agonia murmurado apenas com um indizível terror da morte:

— Salvem-me! salvem-me! que não quero morrer!

Xavier Rodrigues Cordeiro, que adorava sua mulher, que não via outra coisa neste mundo, ficou como louco, e comprehende-se perfectamente esse estado.»

O estimado violoncellista Frederico do Nascimento organisou uma *matinée* concertante, que se realizou no ultimo domingo, no salão do Imperial Conservatorio.

O programma, cuja execução, em geral, foi como devia esperar-se dos comprovados conceitos de que gozam os artistas que n'elle tomaram parte, era cuidadosamente preparado, havendo summa felicidade na escolha das peças.

Auxiliaram o distincto artista, com grande brilhantismo, os Srs. Queiroz, Cernichiaro, Max-Lichtenstein, Guilherme de Oliveira, Campos, Alfredo Bevilaqua, Duque Estrada Meyer e L. Russo, sendo todos muito victoriados.

Assistiram ao concerto S. S. M. M. e A. A. I. I.

BENEFICENCIA PORTUGUEZA

Realizou-se no domingo ultimo a grande festa do 23º anniversario da fundação do hospital, mantido por esta benemerita sociedade.

A's 10 horas começou a missa solemne, officiado monsenhor Costa Honorato e orando ao Evangelho monsenhor Raymundo Brito.

No côro cantaram, além de outras senhoras e senhores a Exma. Sra. D. Isabel Wright uma *Ave-Maria*, composição do Sr. Miguel Cardoso, que regou a orchestra, o Sr. João Chaves o *Salutares* e o Sr. Cunha o *Laudamus* de Pinzarrone.

Depois da sessão solemne, aberta pelo Sr. côde de S. Salvador de Mattosinhos e presidida pelo Sr. ministro de Portugal, foram inaugurados o retrato da Sra. condessa de S. Salvador de Mattosinhos e os bustos de José Estevam, Passos Manuel, Saldanha, Bernardino Gomes, Ferreira Braga e Ferreira Borges, illustres cidadãos portuguezes, e tambem os dos Srs. Dr. José Marcellino, fundador da sociedade e Hermenegildo Pinto, fundador do hospital.

Em seguida foram distribuidas *cruxes humanitarias*, honra maxima que a sociedade confere, a varios socios, entre os quaes as Exmas. Sras. D. Rita Zenha e D. Maria Estevam da Silva.

Depois d'esta distribuição foram tambem distribuidos os premios aos alumnos do Asylo profissional, cuja banda de musica, em seguida, tocou o *Hymno infantil*, bonita composição do maestro Miguel Cardoso, professor de musica do Asylo.

Os convidados, numerosissimos, foram tractados com a costumada gentileza pela distincta directoria que lhes offereceu um delicado *lunch*.

O hotel Derby é um dos mais apropriados para a estação que se aproxima, porque tem um excellento terraço onde a viração é constante. Além d'isso boa cosinha, optimo serviço e preços moderados.

Recommendamo-l'o.

O Sr. Augusto Cambrão está tratando de levantar capitães para a fundação de uma grande fabrica de tecidos de lan, que se denominará "Estrella". A planta do estabelecimento, que será situado na praia do Arpoador, na chácara Leblon, — está exposta no salão da praça do Commercio.

FALLECIMENTOS

Na semana passada falleceu em Nitheroy o conhecido professor de linguas William Moore.

Era um cavalheiro intelligente e muito estimavel pelas belas qualidades do seu caracter.

No dia 23 falleceu o conhecido poeta Lins de Albuquerque.

Fôra redactor d'O Mequetrefe, d'O Cruzeiro e d'O Brazil.

RECEBEMOS

— *Le salon de la mode*, (25 de Setembro) um numero magnifico, pontualmente distribuido pela acreditada casa *Au Petit Journal*.

— *Discurso Academico*, pronunciado por Alvares da Costa, no dia 11 de agosto p. p. na sessão magna litteraria commemorativa do 50º anniversario dos cursos juridicos, no Recife. Trabalho de merecimento.

— *Destino a dar-se ao Canal do Mangue*, opinião do Dr. Ferro Cardoso.

— *Memoria de la Sociedad Española de Beneficencia* no Rio de Janeiro, pelo seu presidente Ramon Camano; e *Estatutos* da mesma benemerita e florescente sociedade.

— *Revista de Guimarães*, publicação da «Sociedade Martins Sarmiento», (Guimarães — Portugal) vol. III, nº 4 — julho, 1886. Traz um importante trabalho do grande philologo Adolpho Coelho — «Vestigios das antigas linguas da Peninsula Iberica»

— *Tachygraphia*, tractado modernissimo, caseado no systema seguido no parlamento portuguez e nas lições dos tachygraphos e professores La-Grange, coordenado por Verediano Carvalho; obra utilissima aos que se dedicam á arte especial de que tracta.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—**Rua do Carmo n. 36.**

Dr. Araujo Filho — Medico parteiro; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, nº. 36

Dr. João Botelho, medico e operador; molestias veneroas, syphiliticas e das vias urinarias. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicações medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 51, por cima da antiga pharmacia Fragozo, das 12 ás 3 horas.

O **Hotel Derby**, na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com aceio e optima cosinha. Esplendido terraço com caramanchões.

Dr. Arthur Paoliello, — Medico—Especialidade: partos e molestias do utero. S. José do Rio Pardo—S. Paulo.

F. Navarro de M. Salles — encarrega-se de defezas perante o jury. Muzambinho— Minas.

J. M. Villas Bôas da Gama, —dentista— extrahе dentes sem dor. Muzambinho—Minas.

Julio Cezar Tavares Paes encarrega-se de liquidações amigaveis ou judicias na cidade de Muzambinho e seu termo.

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

Augusto Luzo, — incumbe-se gratuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

Imperial Fabrica de Cerveja e aguas mineraes—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fóra.

Constructores de machinas e apparellhos para lavoura—Schubert Irmãos, Haas & C.—Juiz de Fóra.

O **cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior** continúa a receber cobranças por porcentagem rasoavel. Cidade de Ouro Fino, Minas.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F. Leopoldina. Minas.

Lindolpho Coimbra—Bacharel em bellas artes: photographo, chímico e oleographo.

Rua de Santo Antonio—Santos.

Dr. Henrique de Sá, especialista de syphilis e molestias das crianças.—Rua Primeiro de Março, 12 (consultas de 1 1/2 ás 3 horas) — Residencia: Rua de S. Clemente, 94.

Relojoeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Photographo—Hygino Lopes—Barbacena.

Solicitador—Francisco R. de A. Novaes—Juiz de Fóra.

Advogado.—O Dr. João Marques mudou seu escriptorio para a rua 1º de Março n. 23.

A. CARVALHO & GONÇALVES

estabelecidos com armazem de molhados á rua do Ouvidor n. 129, em frente á Confeitaria Pascoal, chamam a attenção dos seus amigos e freguezes para o seu bom sortimento de generos, tanto por atacado como a varejo e para sua modicidade nos preços.

TELEPHONES

E

CAMPAINHAS ELECTRICAS

Faz-se todo e qualquer trabalho, garantido e por modico preço

RUA DOS GUSMÕES, N. 10—S. PAULO

Joaquim Francisco Lima.

DR. GONZAGA FILHO

CONSULTORIO E RESIDENCIA

Rua Visconde de Inhaúma, 61

CONSULTAS DE 12 ÁS 3 DA TARDE

Especialidades:

Febres em geral, molestias pulmonares e do coração.

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA EXTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o **Café Oriente**, da fabrica a vapor do Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25

9 C LABGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

Em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta—annuncio.

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

COLLEGIO SÃO PEDRO DE ALCANTARA

EM PETROPOLIS

Reabrir-se-ha no dia 1 de Janeiro de 1887 este segundo estabelecimento, debaixo da direcção do Dr. A. Zeferino Candido.

O collegio da Côte continúa, como até aqui, a cargo do director João Lopes Chaves e com o seu antigo pessoal.

As condições de admisión, preços programmas, methodos e disciplina são perfeitamente eguaes para os dous estabelecimentos. E' facultativa a escolha do collegio para todos os alumnos.

No inverno descerão para o collegio da Côte, acompanhados pelo seu director e mestres, os alumnos de Petropolis, para continuarem sem alteração os seus trabalhos.

Informações, matriculas desde já, no Collegio S. Pedro de Alcantara, na Côte.

RUA DE S. CLEMENTE N. 30

Os DIRECTORES

A. Zeferino Candido.
João Lopes Chaves.

DERBY-CLUB

PROGRAMMA DA 11ª CORRIDA A REALISAR-SE EM 3 DE OUTUBRO DE 1886

GRANDE PREMIO RIO DE JANEIRO

HONRADA CCM AS AUGUSTAS PRESENÇAS DE SUAS Magestades e Altezas Imperiaes

A's 11 3/4 horas—1º pareo—SEIS DE MARÇO—1.450 metros—Animas até meio sangue, que não tenham ganho no Derby—Premios: 400\$ ao 1º, 80\$ ao 2º e 40\$ ao 3º.

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Odalisca.....	Pampa.....	3 annos	S. Paulo.....	47 kilos	Verde, bran. enc. e faixa...	R. M.
2	Caporal.....	Alazão tost..	4 »	Idem.....	52 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.
3	Orpheu.....	Preto.....	5 »	Idem.....	51 »	Vermelho.....	J. Lemos.
4	Favorita.....	Baio.....	2 »	R. de Janeiro	47 »	Verde e ouro.....	José Maria Sabary.
5	Villa-Nova.....	Zaino.....	4 »	Paraná.....	50 »	Azul, branco e amarello...	Coudelaria Esperança
6	Sartarelle.....	Preto.....	5 »	Idem.....	51 »	Geranium e ouro.....	J. W.
7	Pampeiro.....	Castanho....	3 »	Rio Grande..	49 »	Encarnado e preto.....	J. S.
8	Bolero.....	Idem.....	3 »	Idem.....	49 »	Encarnado, preto e branco.	C. P.
9	Americana.....	Tordilho.....	4 »	R. de Janeiro	50 »	Branco, preto e encarnado.	M. L. de Carvalho.
10	Serodio.....	Castanho.....	5 »	Rio Grande..	54 »	Encarnado e preto.....	Carlos Joppert.

A's 12 1/2 horas—2º pareo—EXCELSIOR—1.609 metros—Poldros e poldras nacionaes de 3 annos—Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

1	Dandy.....	Vermelho....	3 annos	S. Paulo.....	53 kilos	Ouro, verde e faixa euc....	F. Vianna.
2	Monitor.....	Idem.....	3 »	Idem.....	49 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
3	Plutus.....	Castanho....	3 »	Idem.....	53 »	Idem.....	Idem.
4	Galgo.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	49 »	Azul branco e grénat.....	S. M.

A's 11 1/4 horas—3º pareo—DR. FRONTIN—1.609 metros—Inteiros e eguas do paiz, que não tenham ganho o pareo «Derby-Club»—Premios: 600\$ ao 1º, 120\$ ao 2º e 60\$ ao 3º.

1	Boyardo.....	Alazão.....	5 annos	S. Paulo.....	56 kilos	Branco e estrellas azues....	Coude. Guanabara.
2	Aymoré.....	Castanho....	6 »	Idem.....	56 »	Preto e estrellas encarn....	Idem. Rio de Janeiro.
3	Macaré.....	Alazão.....	5 »	Idem.....	56 »	Azul e ouro.....	Idem Santa Cruz.
4	Diva.....	Idem.....	4 »	R. de Janeiro	56 »	Ouro e branco.....	Idem Fluminense.
5	Regina.....	Douradilho..	4 »	S. Paulo.....	56 »	Preto, branco e encarnado.	Idem Paraiso.
6	Mandarim.....	Rosillo.....	4 »	Idem.....	54 »	Grénat e manchas azues....	Idem idem.
7	Batioco.....	Castanho....	5 »	Idem.....	58 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.

A's 2 horas—1º pareo—LENGRUBER—1.450 metros—Inteiros e eguas de qualquer paiz, que não tenham ganho este anno os pareos «Cosmos e Rio de Janeiro»—Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro.

1	Françoise.....	Alazão.....	4 annos	França.....	56 kilos	Verde, branco e encarnado.	R. M.
2	Plutão.....	Idem.....	6 »	Idem.....	60 »	Azul, branco e encarnado.	Coudelaria Cruzeiro.
3	Speciosa.....	Idem.....	4 »	Inglaterra...	54 »	Azul e grénat.....	Idem Internacinal.
4	Swampa.....	Castanho....	3 »	Idem.....	51 »	Verde.....	C.
5	Pery.....	Idem.....	6 »	S. Paulo.....	51 »	Branco, preto e encarnado.	Manoel S. Ferreira.
6	Cheapside.....	Alazão.....	3 »	Inglaterra...	53 »	Encarnado, branco e ouro..	Coudelaria Paulista.

A's 2 3/4 horas—5º pareo—DERBY-CLUB—1.609 metros—Inteiros o eguas do paiz—Premios: 1:000\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

1	Boreas.....	Castanho....	5 annos	S. Paulo.....	58 kilos	Preto e estrellas encarn....	Coudel R. de Janeiro.
2	Sylvia II.....	Alazão.....	5 »	Idem.....	56 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
3	Carmen.....	Idem.....	4 »	Idem.....	50 »	Azul e grénat.....	Coudel. Internacinal.

A's 3 1/4 horas—6º pareo—GRANDE PREMIO—RIO DE JANEIRO—3.200 metros—Inteiros e eguas de qualquer paiz, de filiação conhecida—Premios: 8:000\$ ao primeiro, 2:000\$ ao segundo, 1:000\$ ao terceiro e o quarto salva a entrada—Entrada: 500\$ para animas estrangeiros o 400\$ para nacionaes.

1	Coupon.....	Alazão.....	3 annos	França.....	47 kilos	Azul, branco e encarnado...	Coudelaria Cruzeiro.
2	Phryné.....	Castanho....	4 »	Inglaterra...	47 »	Ouro e branco.....	Coudel. Fluminense.
3	Dignitaire.....	Alazão.....	3 »	França.....	47 »	Preto, branco e encarnado.	Coudelaria Paraiso.
4	Curubayá.....	Zaino.....	5 »	Inglaterra...	49 »	Preto e encarnado.....	D. F. P.
5	Scylla.....	Castanho....	3 »	Idem.....	44 »	Preto e estrellas encarn....	Coudel R. de Janeiro.
6	Satan.....	Idem.....	3 »	França.....	47 »	Grénat e bonet ouro.....	Mario de Souza.
7	Contesse d'Olonne.....	Alazão.....	5 »	Idem.....	49 »	Havana e branco.....	Coudelaria Alliança.

A's 4 1/2 horas—7º pareo—VELOCIDADE—1.000 metros—Animas do paiz de 4 annos e mais, que não tenham ganho este anno os pareos «Derby-Club o Progresso»—Premios: 500\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 50\$ ao terceiro.

1	Macaré.....	Alazão.....	5 annos	S. Paulo.....	56 kilos	Azul e ouro.....	Coude. Santa Cruz.
2	Nicoafy.....	Castanho....	4 »	Paraná.....	54 »	Azul e branco.....	J. P.
3	Aldace.....	Idem.....	5 »	S. Paulo.....	55 »	Preto e branco.....	J. Lemos.
4	Ivon.....	Zaino.....	4 »	Paraná.....	56 »	Encarnado, preto e branco.	C. P.
5	Regina.....	Douradilhó..	4 »	S. Paulo.....	53 »	Grénat e manchas azues...	Coudelaria Paraiso.
6	Douro.....	Alazão.....	6 »	R. de Janeiro.	56 »	Verde e ouro.....	J. Guimarães.
7	Bonita.....	Idem.....	5 »	S. Paulo.....	55 »	Azul e encarnado.....	José Machado.
8	Diva.....	Idem.....	4 »	R. de Janeiro	53 »	Branco e ouro.....	Coudel. Fluminense.
9	Carmen.....	Idem.....	4 »	S. Paulo.....	53 »	Azul e grénat.....	Idem Internacinal.
10	Sartarelle.....	Preto.....	5 »	Paraná.....	56 »	Geranium e ouro.....	J. W.

A's 5 horas—8º pareo—EXTRA—1.450 metros—Animas estrangeiros de 2 annos—Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro.

1	Frou-Frou.....	Zaino.....	2 annos	França.....	45 kilos	Preto e estrellas encarn....	Coudel R. de Janeiro.
2	Echoron.....	Idem.....	2 »	Idem.....	47 »	Azul branco e grénat.....	S. M.
3	Castilhone.....	Idem.....	2 »	Idem.....	47 »	Azul e grénat.....	Coudel. Santa Cruz.
4	Gabier.....	Alazão.....	2 »	Idem.....	47 »	Grénat e rosa.....	S. M.
5	Phénicia.....	Idem.....	2 »	Inglaterra...	45 »	Enc. e mangas azul claro...	J. S. Junior.
6	Africana.....	Zaino.....	2 »	Rio da Prata.	43 »	Verde e ouro.....	D. Olga L. da Costa.

A. CESAR LOPES, 2º secretario

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

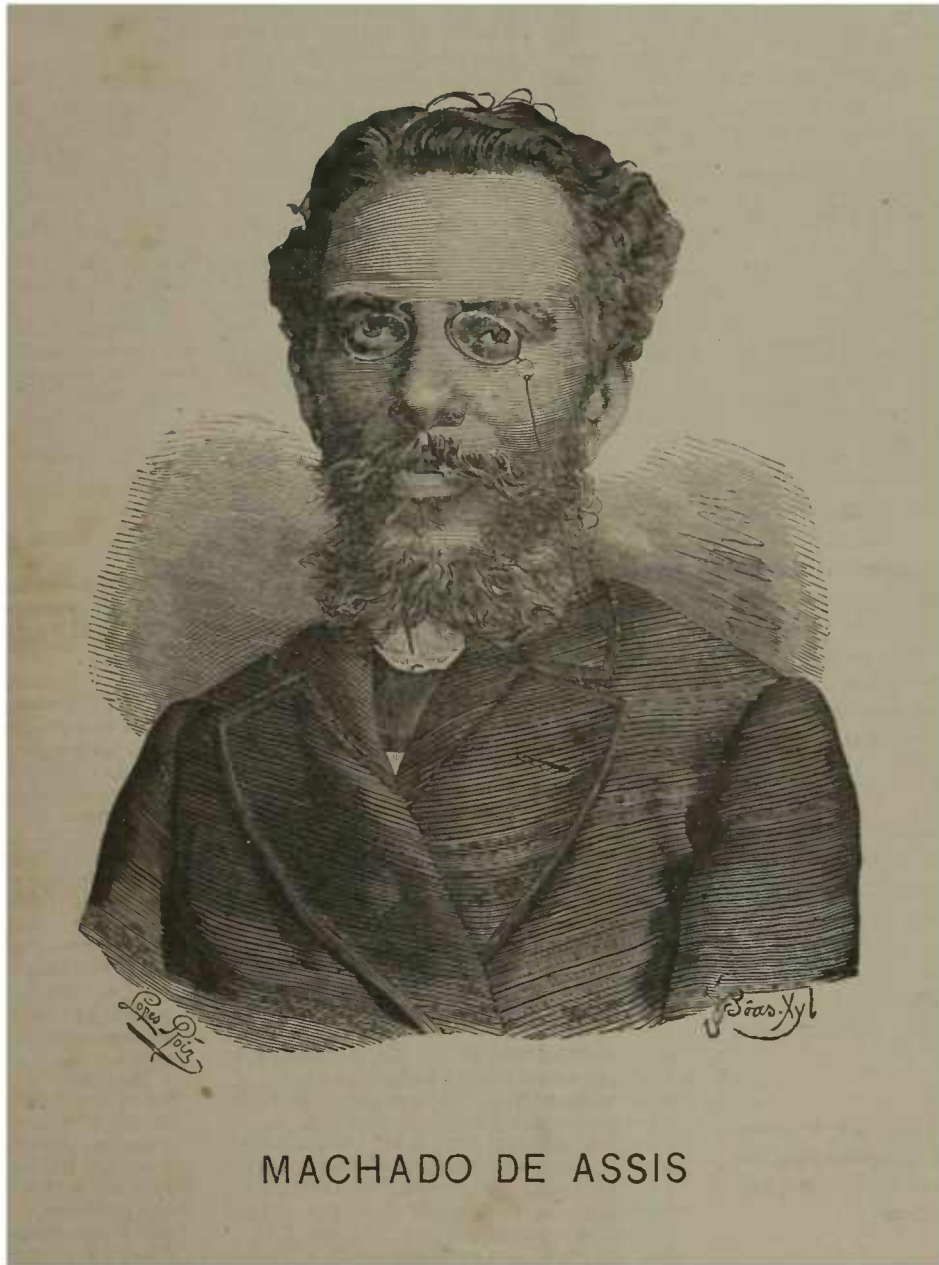
ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 9 DE OUTUBRO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 93.

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36



MACHADO DE ASSIS

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	
« A Semana ».....	A EMPRESA.
Machado de Assis.....	M. DE ASSIS.
Musa consolatrix, poesia.	
A Machado de Assis, soneto.....	V. MAGALHÃES.
Ode.....	F. D'ALMEIDA.
A Machado de Assis, poesia	A. DE SOUZA.
Política e políticos.....	T. B. II.
Aqui, ali, acolá.....	PASSEPARTOUT.
Theatros.....	P. TALMA.
Adoração, soneto.....	G. MONTEIRO.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÔRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

Aos nossos assignantes em debito, que residem em Pouso Alegre e no Congonhal, rogamos a fineza de se dirigirem ao Sr. Francisco Ribeiro Pinto, na primeira d'aquellas localidades, o qual, munido dos competentes recibos, obsequiosamente se nos prestou a fazer a cobrança.

Está concluída a remessa do premio *Vinte Contos* aos nossos assignantes de anno, do interior, que nos têm enviado os sellos para o respectivo porte.

A'quelles que ainda o não fizeram e que desejarem receber o premio, rogamos se sirvam habilitar-nos a fazer-lhes a referida remessa, enviando-nos os competentes sellos.

Receberá um exemplar dos *Vinte Contos* quem tomar uma assignatura d'*A Semana* por um anno, em qualquer dos seguintes logares:

Rua do Carmo, 36
Livreria Faro & Nunes,
Livreria Laemmert,
Empreza Litteraria Fluminense, rua Sete de Setembro, 18
Charutaria do Café Brazil (com o Sr. Bittencourt).

Café Central, rua da Quitanda, esquina da do General Camara.

Typographia Central, Trav. do Ouvidor, 7.

Fonseca Braga & Filho, rua do Ouvidor, esquina da da Quitanda.
Charutaria do ponto dos bonds de Villa Izabel, e
Casa Dolivaes Nunes, em S. Paulo.

A SEMANA

Constando-nos dizerem varias pessoas que não sabem a razão da desproporção existente entre o preço da assignatura d'*A Semana* (8\$000 por anno) e o da sua venda avulso (100 reis), vamos mostrar-las. Essas pessoas não se têm, ao menos, dado ao incommodo de ler as *Vantagens dos assignantes d'« A Semana »* que por muitas vezes temos publicado. Mais uma vez falas-emos desfilando solemnemente deante d'essas pessoas e de quantas analogamente preferem obter esta folha comprando-a avulso por não saberem o que ganhariam assignando-a.

A primeira vantagem dos assignantes é a dos

PREMIOS

Para os de anno: Um exemplar dos VINTE CONTOS, por Valentim Magalhães. — Este livro foi expressamente feito para ser distribuido como premio aos assignantes d'esta folha. Contém mais de duzentas paginas em superior papel. Não foi posto á venda.

Assim, os que tomarem uma assignatura d'*A Semana* por um anno, e sómente esses, terão direito a um exemplar d'essa obra, que, a ser vendida, não o seria por menos de 3\$000 o volume.

AURORAS, versos, por Alfredo de Souza; encadernação de luxo.

O HOLOCAUSTO, romance de Pedro Americo de Figueiredo.

MARGARITAS, poesias da distincta poetisa D. Adelina Amelia Lopes Vieira; um bello volume.

Para os de semestre: Um exemplar dos QUATRO POEMAS, por Luiz Murat, das AURORAS, brochado, ou dos TYPUS EM PROSA E VERSO, de A. Lopes Cardoso.

Essa é a primeira; mas, alem dos premios respectivos, têm os Srs. assignantes as seguintes vantagens, não proporcionadas ainda por nenhum jornal: — Têm direito á inserção gratuita de qualquer annuncio ou reclamação que não exceda de tres linhas, uma vez por mez.

— Têm igualmente direito a todos os supplementos que a folha publicar.

— Além d'isso, — e esta é a principal vantagem, — tem qualquer dos Srs. assignantes o direito de consultar a folha, por carta assignada, uma vez por mez, sobre qualquer questão, duvida ou emergencia juridica, medica, commercial, litteraria ou de qualquer natureza, que se revestir de caracter serio e cujo objecto for importante. Obriga-se a redacção a responder lhes por carta nos casos de urgencia, e pela folha nos outros. Para esse fim tem a folha advogados, medicos, commerciantes, em summa: — pessoas competentes, encarregadas de responder a todas as consultas, assumindo a responsabilidade dos seus conselhos. Outrosim promptifica-se a folha a ministrar aos Srs. assignantes todas as informações de que necessitarem. Este serviço, a que têm direito os Srs. assignantes, é igualmente gratuito. (*A Semana* é o primeiro jornal que o apresenta no Brazil.)

Para dar idéia da importancia e, principalmente, da realidade d'esta van-

tagem, damos em seguida a estatistica das consultas (não contamos os pedidos de informação e as questões de somenos valor) por nós recebidas e respondidas.

CONSULTAS

As 62 consultas de assignantes a que temos respondido são:

Juridicas.....	37
Medicas.....	9
Diversas.....	16

Das juridicas 22 foram respondidas por Valentim Magalhães, 6 pelo Dr. Araripe Junior, 5 pelo Dr. Brazil Silvado, 3 pelo Dr. Affonso Celso Junior e uma pelo Dr. Sizenando Nabuco.

As medicas foram attendidas pelo Dr. Henrique de Sá. E as restantes, sobre assumptos varios, por diversas pessoas da redacção ou da collaboração d'*A Semana*.

Julgamos ocioso encarecer a importancia d'este serviço. Qualquer assignante pôde utilizar-se d'elle. Nós offercemos-lhe o a todos, não tendo culpa de que poucos precisem ou queiram gosar d'essa vantagem.

Alem de tudo quanto deixamos elucidado para evidenciar a justa razão de ser o preço da assignatura desproporcional ao da venda avulso lembramos as despesas que temos com a remessa postal da folha, com a impressão dos endereços, com os empregados da expedição, com o trabalho e os encargos sobre que melhor poderia informar o nosso gerente.

Esperamos que, agora — e d'uma vez por todas — não se diga mais que mais vale comprar *A Semana* avulso do que assignal-a.

A EMPRESA.

MACHADO DE ASSIS

No dia 6 houve no hotel do *Globo* uma festa de um caracter novo entre nós. Era o 22º anniversario da publicação das *Chrysalidas*, primeiro livro de versos de Machado de Assis, o nosso primoroso escriptor; e esse facto servio de pretexto a alguns amigos e admiradores do incomparavel auctor de *Braz Cubas*, para lhe significarem o apreço altissimo em que o têm como escriptor e como cavalheiro. Para isso resolveram effectuar naquello hotel uma festa de caracter intimo, que consistiu de um fino e distincto banquete. As pessoas presentes eram designadas nos *menus* pela seguinte espirituosa maneira:

Machado de Assis (*Chrysalidas*), Ferreira de Araujo (*Lulu Senior*), Elycio Mendes (*Curso forçado*), Dermeval da Fonseca (*Rialto*), Arthur Azevedo (*Eloy, o heróe*), Belisario de Souza (*Gambetta de Icarahy*), Henrique Chaves (*Signaes de tachygraphia*), Alfredo Gonçalves (*Comendador Oliveira Rodrigues*), Carlos de Laet (*Microcosmo*), Castro Rebello Junior (*Livro de um anjo*), Raul Pompéia (*Canções sem metro*), Capistrano de Abreu (*Frei Vicente Salvador, tomo I*), Valle Cabral (*Frei Vicente Salvador, tomo II*), Filinto d'Almeida (*Filindal*), Valentim Magalhães (*José do Egypto*), Olavo Bilac (*Ou vir estrelas!*) e Paula Ney (*Ceará*).

Ao servir-se o *Champagne*, o Dr. Belisario de Souza, incumbido de saudar o grande escriptor, fez um brilhante discurso, declarando que a escolha do seu nome feita por uma assembléa de homens de letras era mais rasoavel do que poderia parecer. Elle vinha saudar

o Mestre das letras brasileiras, não em nome dos amigos presentes, mas em nome dos leitores ausentes; era como leitor que elle saudava com todo o enthusiasmo o burilador de tantas paginas admiraveis, o homem que tinha tido a rara coragem de seguir a sua vocação, caninhando sempre do fito ao alvo, atravez de todas as difficuldades e a despeito de todas as seducções dos desvios.

O discurso do Dr. Belisario, fluentissimo, vibrante de eloquencia, adoravel de simplicidade e de correccão, foi saudado por uma prolongada salva de palmas.

Em seguida o Sr. Elycio Mendes propoz que se não levantasse nenhum brinde que não fosse dirigido ao eminente escriptor que se festejava, o que rigorosamente foi cumprido.

Machado de Assis agradeceu a prova de alta consideração que recebia naquella momento, dizendo que aquella data seria para elle duplamente memoravel: festejava-se o anniversario do apparecimento do seu primeiro livro e... e o seu primeiro discurso.

Em seguida tiveram a palavra os Srs: — Valentim Magalhães, que leu um soneto dedicado ao Mestre, escripto na primeira pagina de um exemplar dos *Vinte Contos*, que em seguida lhe offereceu.

— Filinto d'Almeida leu uma Ode arcadica offerecida a Machado de Assis.

— Olavo Bilac leu uma bellissima poesia — *A Tentação de Xenocrates*, dedicada a Machado de Assis.

— Castro Rebello recitou um bello soneto.

— Arthur Azevedo leu algumas scenas da sua brilhante traducção da *Escola de Maridos*, de Molière.

— Filinto d'Almeida leu os seguintes espirituosos versos de Dermeval da Fonseca saudando o heróe da festa.

« AO CÔRTE DO MACHADO

O velho molde, antiquado,
D'inchada litteratura
Foi-se aos golpes do Machado
Vibrados por mão segura.

Romancista: fez *Helena*,
Fez tambem *Fayá Garcia*;
Pondo *Braz Cubas* em scena,
Fez tambem philosophia.

Fez *Phalenas* e fez *Chrysalidas*;
Fez versos a fundo;
Se na vesp'ra tem nascido...
Teria feito este mundo.

Poeta... sabeis que é raro
O que com elle se aggarre.
No lyrismo doce-amaro
Que o fez o nosso Gyarre...

Que elle é quasi este cantor
Sabe-o elle e elle o diz:
Pois se dá dós o tenor
Elle Machado... d' Assis, »

— Carlos de Laet, saudou Machado de Assis como artista da palavra, em nome do Sr. commendador Mafra.

— Valentim Magalhães leu uns versos de Alfredo de Souza em saudação ao Mestre.

— Raul Pompeia saudou Machado de Assis, defendendo a philosophia pessimista do grande escriptor.

— Em seguida, Arthur Azevedo saudou Machado de Assis em nome dos seus collegas da secretaria da Agricultura:

— Valentim Magalhães brindou-o em nome das duas actuaes folhas litterarias do Rio de Janeiro — *A Vida Moderna* e *A Semana*.

Durante o banquete foram lidos: Um cartão de cumprimentos de Alberto de Oliveira; uma carta de Manoel da Rocha; outra de Cyro de Azevedo; um telegramma de Raymundo Corrêa, dirigido a Machado de Assis, nos seguintes termos:

« Saudo-o e associo-me de coração aos que hoje lhe rendem merecida homenagem. »; outro de Lucio de Mendonça, assim concebido: « A's saudações que ora recebe, associo-me, caro Mestre, com grande enthusiasmo ».

O banquete terminou por outro magnifico discurso do Dr. Belisario de Souza.

Ao fraternal e brilhante ágape do dia 6, em honra de Machado de Assis, associa-se hoje gostosamente a *Semana* com a publicação de um retrato do glorioso Mestre e de todas as poesias a elle especialmente feitas e dedicadas, lidas no banquete.

Todas as honras e todas as homenagens merece o escriptor illustre, que tal se fez á força de talento e de trabalho, tendo partido de uma obscuridade honrosa mas desprotegida. Releia-se o seu primeiro livro, cujo 22º anniversario se festejou no dia 6: — encontrar-se-á nelle a originalidade, o senso litterario, o gosto artistico, o amor da Forma, a fidalguia da linguagem, a nobreza do sentimento, a espontaneidade e a nitidez de expressão que mais tarde, accentuando-se e desenvolvendo-se, deviam collocar o auctor das *Chrysalidas* na culminancia radiosa e inacessivel da nossa litteratura, que só poderia erradamente ser chamada — pobre, quando por ventura não possuísse, a enriquecel-a prodigamente, o poeta que escreveu *Chrysalidas*, *Phalenas* e *Americanas* e o prosador que deu a lume as *Memorias posthumas de Braz Cubas*, *A mão e a luva*, *Fayá Garcia*, *Papeis avulsos*, *Historias sem data* e outros primores; o jornalista que tem illustrado os pseudonymos de *Eleazar*, *Lélio*, e, actualmente, na *Gazeta de Noticias* o de *João das Régras*.

Machado de Assis é rigorosamente um — mestre. Foi da geração de Muzzio, Octaviano, Serra, Pedro Luiz, Alencar, Luiz Delfino, Gentil Braga... e é da geração de Lucio de Mendonça, Raymundo Corrêa, Alberto de Oliveira, Theophilo Dias, Olavo Bilac, Luiz Murat, José do Patrocínio, Arthur e Aluizio Azevedo, e tantos outros...

Dizer isto é fazer em poucas palavras a historia da sua carreira gloriosa e assignalar-lhe tacitamente o primeiro logar na assemblea dos escriptores brasileiros. E' o mestre; é o primeiro. E, considerado quanto á originalidade da sua obra, é o — unico.

Honremos, pois, o seu nome.

Posteriormente publicaremos a primorosa poesia de Olavo Bilac *A tentação de Xenocrates*, dedicada a Machado de Assis e cuja leitura encantou os convivas do banquete do dia 6,

MUSA CONSOLATRIX

(1861)

Que a mão do tempo e o halito dos homens
Murchem a flor das illusões da vida,

Musa consoladora,
E' no teu seio amigo e socegado
Que o poeta respira o suave somno.

Não ha, não ha contigo,
Nem dor aguda, nem sombrios crimes;
Da tua voz os namorados cantos
Enchem, povoam tudo
De intima paz, de vida e de conforto.

Ante esta voz que as dores adormece,
E muda o agudo espiuho em flor cheirosa,
Que vales tu, desillusão dos homens?

Tu que podes, ó tempo?
A alma triste do poeta sobrenada
A' enchente das angustias;
E, affrontando o rugido da tormenta,
Passa cantando, alycône divina,
Musa consoladora,

Quando da miulha fronte de mancebo
A ultima illusão cahir, bem como
Folha amarella e secca
Que ao chão atrai a viração do outomno,
Ah! no teu seio amigo
Acolhe-me, — e terá minha alma afflicta,
Em vez de algumas illusões que teve,
A paz, o ultimo bem, ultimo e puro!

(Das *Chrysalidas*)

MACHADO DE ASSIS.

A MACHADO DE ASSIS

Honremos altamente e-se que ensina
A subjugar os métrros revoltosos;
Esse que torna os ares sonorosos
Com a doce voz da lyra peregrina;

Esse que da Poesia os puros gósons
Liberalmente aos corações propina;
E tem da Fôrma a religião divina
Apostolado aos crentes sequiósos;

Esse que arranca aos rigidos vocábulos
A musica rebelde e fugidia;
Que da lingua os diamantes corta e lava

E tange á Rima os aureos tintinábulos.
Honra ao mestre da: Prôsa e da Poesia,
Ao vencedor da Idéia e da Palavra!

VALENTIM MAGALHÃES.

6 — Outubro — 1886

LYRA DA ARCADIA

ODE

AO AMIGO E MESTRE MACHADO DE ASSIS,
POR OCCASIÃO DO BANQUETE QUE LHE FOI
OFFERECIDO PELOS SEUS AMIGOS, EM O
DIA SEIS DE OUTUBRO, ANNIVERSARIO DA
PUBLICAÇÃO DAS SUAS «CHRYSLIDAS.»

Eu, que jamais cantei na lyra obscura
Merito falso, duvidoso nome;

Eu, que esta lyra pobre
Jamais tangi para exaltar vanglorias,
E que, á lisonja avesso, emmudecido
Prefiro estar a estar entoando loas
A quem não as merece;

Eu, affeito somente
A vibrar do laúde as cordas brandas
Para dizer de amor ou de ternura
Harmoniosos carmes;

Eu, para quem silvestre avena sóa
Melhor que a tuba sibilante e forte
De épicos feitos, de batalhas rudas;

Eu, que as Musas invoco
E invoco o cynthio Nume
— Que, no carro tirado da quadriga
Impetuosa e ardente, os céos percorre.
O diurno calor lançando á terra
E não raio trisulco
Tal como o Deus tonante, —
Só para as queixas d'alma dolorida,
Ou para as boas alegrias d'alma
Dizer em verso brando,
De flores frescas todo afestadoo,
Rescendente de aroma, enaltecido
De intimo sentimento;
Eu, que em trovas misturo
Risos e prantos, dores e prazeres,
E que só sei cantar de amor e flores,
— Hoje vibro da lyra a corda intacta
Do louvor — que o mereces,
Tu, altissimo vate,
E finio bardo, prosador excelso !

A tua lyra de oiro sonora
— Do estro brasileiro gloria imorredora,
Tua lyra inexhausta,
De cordas tersas, de afinadas cordas,
Vibra todos os sons aos Numes gratos.
E quando ao Pindo ascendes,
A turba dos poetas
Os instrumentos proprios dependura
Só para ouvir teu canto melindroso,
Delicadas endeixas,
Cultos sonetos, odes florejantes,
Riquissimos poemas, rendilhados
De finos arabescos e de rimas
Peregrinas e nobres,
De exquisitos conceitos,
De fórma casta, de Arte primoro a :
A tua inclyta penna
Que os versos borda, igual aos versos traça
Prosa fidalga, prosa ennobrecida
Pelo estudo cuidadoso da materna
Tão maltractada lingua.

O scepticismo, ás vezes,
Teus fulgurantes quadros ennegrece,
Mas, é tal o matiz de que os enfeitas,
E a gradação das côres
E' de tal jeito variada e rica,
Que a gente diz de si comsigo : « O Mestre
Sabe que o 'stylo é passaro canoro
Que só quer a plumagem
Do adjectivo sóbrio ;
O derramado 'stylo não lhe assenta,
Como o dizer perluxo lhe não cabe. »

Se os castiços vocabulos enliças,
Com tal dextreza o fazes,
Que nunca da teada
A urdidura se vê na trama fina.
A' tua voz um Duende azul, que embosca
Nos roseiras os sylphos,
Salta do livro, trasgueando em frente
Dos olhos pasmos do leitor sizudo.
São de vêr as diabruras do maroto
Do Trasgo imponderavel
E intactile, que já, folgando, avança
Em crebros passos, a compôr visagens ;
Já trasflorando vae com summo engenho
Atra philosophia
Entre cheirosas flores ;
Já de invenções originacs e noviss,
De inopinos assumptos não sabidos,
Ereas placas burila.
Parece-me, este Lemure, o teu genio
Operoso, cantor de Americanas
Lendas, que, das *Crysalidas*, *Phalenas*
Tiraste o derramaste
Por esse espaço infindo,
Como uma chuva de oiro e pedrarias
Qu'inda hoje os montes consagrados cobre
De luminosos, rutilos pingentes.

Por isso, aqui agora,
Neste agape fraterno,
De irmãos em letras contorneado, amigos
Todos, todos no mesmo lume accessos
Do louvor, do clogio, não comprado
Mas leal e sincero,
D'alma vindo e nascido ;
Por isso, avôco á Arcadia antiga as Musas
Dos maioraes das odes portuguezas
Para cantar de ti : Seja o Passado
Que o Presente proclame !
Eu, que sou do Futuro
Inda talvez, em duro verso e crespo
De loiros te engrinaldo a larga frente,
Cantor instructo, Conselheiro claro,
Sabio, consulto Mestre !

6 de Outubro de 1886.

FILINTO D'ALMEIDA

A MACHADO DE ASSIS

« Sinto que ha na minh'alma um vacuo immenso
e fundo »

Disseste ; e hoje, poeta, eu vejo que este Nada
De que falaste abrio-se, aos rês de uma alvorada,
Em rutilante mundo !

Mundo onde Metro impera, onde a Estrophe
domina,
Onde a Rima se fez em passaro doirado
E canta, reanimando, esplendida, divina,
O bello verso alado !

Mundo cheio de amor, onde é sempre a Palavra
Trabalhada a buril como as pedras preciosas,
Em que as Syllabas são facetas luminosas,
Onde o talento lavra.

Esplendoroso mundo ! A doce claridade
Da Inspiração—o Sol—banha—o a cada instante !
Mundo brotado á voz do Bem e da Verdade,
Invejavel, triumphante !

Mundo que te obedece, em que andas repartido,
Pois foste o creador d'esse immenso thezouro,
Que ha de falar de ti quando o teu plectro de ouro
Calar-se, adormecido !

6-10-86.

ALFREDO DE SOUZA.

POLITICA E POLITICOS

Tób, o nosso tão illustre quão vadio
collaborador, ficou, ao que parece, tão
exhausto de forças com o ingente
labor de votar no commendador Mal-
vino, que nos logrou com o promettido
artigo sobre os graves successos poli-
ticos da semana. Substituiu-o já é di-
fficil, mas substituiu-o á ultima hora é
quasi impossivel. Intental-o-emos, no
entanto, para não deixar de dizer
algo do que de politico se passou nos
sete ultimos dias—que foram essencia-
lmente politicos—do primeiro minuto
ao ultimo.

Tres foram, e importantissimas, as
questões que occuparam a opinião
publica: o conflicto militar, a eleição
para senador e a fusão das Camaras.
O conflicto militar está feio como o
conselheiro Henriques.

O *sabonete* passado pelo Sr. Alfredo
Chaves, nada bravo ministro da guerra,
no tenente coronel Madureira, por ha-
ver tido o desaforo de se defender pela
imprensa, levantou contra aquelle os
protestos de toda a classe militar rio-

grandense tendo á sua frente os generaes
Deodoro, visconde de Pelotas, barão de
Batovy, Resin, Pacheco e ainda outros.
O Sr. presidente do Conselho explicou
a cousa ao principio dizendo que os
telegrammas d'*OPaiz* eram legitimos ca-
nards. Mas o diabo foi que a *Gazeta de
Noticias* publicou tambem identicos te-
legrammas e que o Governo ainda não
conseguiu desmentil-os, osmagando-os
com outros de procedencia official.
A rapaziada da Escola Militar da Côte
protestou egualmente e adhere aos
seus camaradas de S. Pedro do Sul, o
que fez com que os officiaes Botafogo e
Alcino Braga fossem recolhidos ao Es-
tado Maior por haverem presidido ás
reuniões dos escolares e vão ser sujeitos
a julgamento militar. O interessante é
que o tenente coronel Madureira ser-
vio-se ainda da imprensa (n'a *Federa-
ção*) para protestar contra o ministro.
E que faz este ministro ?

Provavelmente, a esta hora — almo-
ça, ou então palita os dentes, ou en-
tão... Deixemos hypotheses; vamos
ao certo. E o certo é que o Sr. ministro
da guerra continua tranquillamente a
sel-o e que tudo o que tem feito para
salvar o altissimo prestigio do seu cargo
tem sido isto : — tres vezes tres, nove ;
noves fora : nada.

Com seiscentos milhões de granadas !
isto é que é um ministro enérgico.
Parece ter dynamite nas veias e polvo-
ra ingleza no cerebro. Irra !

A' hora em que escrevemos é este o
resultado da eleição :

F. Belisario.. .. .	6783
Andrade Figueira .. .	5901
Pereira da Silva. . . .	5066
Rodrigues Peixoto.. .	1596
Malvino Reis.	1531
Andrade Pinto.. . . .	1291
Pedro Gordilho.. . . .	908
Bezerra de Menezes.. .	877
Quintino Bocayuva.. .	405
Saldanha Marinho.. .	237
Rangel Pestana.	167

Este resumo é tirado da *Gazeta de No-
ticias* que fez neste negocio de eleições
o que em linguagem academica se cha-
ma um *brilhareto*, enchendo duas co-
lumnas de telegrammas e fazendo
uma apuração que mereceria nota dis-
tincta em exame de arithmetica.

Quanto a considerações de ordem po-
litica, a respeito d'este comicio, cifram-
se em poucas palavras: o Sr. Belisario
teve mais de seis mil votos e o Sr. Mal-
vino Reis teve mais de mil e quinhen-
tos; de onde se prova que o poder é o
poder e que ha na côte e provincia do
Rio mais de mil e quinhentos bem-
aventurados, com direito ao reino do
cêu.

Hoje ao meio-dia reunem-se em fusão
o senado e a camara, constituindo as-
sembléa geral escravocrata para o fim
especial de agadantar mais uns mezes
de liberdade dos escravos e ligar a
côte á provincia do Rio, firma com-
mercial de Macuco, S. Sebastião &
Monteverde, com casa de venda de es-
cravos, por atacado e a varejo.

Não ha duvida de que os additivos
do Sr. José Bonifacio serão rejeitados ;
o que é pena é que não façam parte da
meza, para maior solemnnidade, os Srs.
Martinho Campos, Sinimbu, Paulino,
Lourenço de Albuquerque e Andrade
Figueira.

E por fallar em Andrade Figueira,
uma ultima nota: o filho de S. Ex. vo-
tou na camara pelos additivos.

A SEMANA

329

Quando a gente pensava que no co-
ração d'aquelle moço fizeram explosão
os bons sentimentos, S. Ex. veio declara-
r que votou assim — não por ser abo-
licionista, mas por estar em opposição
ao ministerio...

Bem nos parecia isto: O Sr. Marcon-
des faz opposição.

Ninguém tinha percebido, e era pre-
ciso que elle o dissesse.

Ora viva, Sr. Marcondes!

Queira passar muito bem, Sr. Fi-
gueira.

TOB II

AQUI, ALI, ACOLÁ

« Está terminado o anno judiciario
de 1885—1886; escreve um jornal de
Pariz. Não foi tão fertil em causas
celebres como o anterior, 1881—1885, o
famoso anno do processo Pel, do pro-
cesso Marchandon, do caso Ballerich,
dos processos de Mme. Clovis Hugues
e de Mme. Francey.

Este anno figurará nas choronicas
judiciarias principalmente por cauza
dos processos politicos de Decazeville
e de Chateauvilain.

E será tambem conhetido como o
anno dos crimes impunes.

O Sr. Taylor não soube descobrir:
Nem o assassino da rua Caumartin;
Nem o assassino da rua Beaubourg;
Nem o assassino do negociante de
vinhos da rua « de la Gaieté »;
Nem o assassino da mulher espos-
tejada;

Nem a identidade da meúna da rua
de Veff-Bois;

Nem os assassinos do prefeito do
Eure, a cuja descoberta o Sr. juiz de
instrução, Féron, parece ter renun-
ciado, não obstante o simulacro de inque-
rito reaberto, ha dias, para dar, sem
dúvida, uma apparencia de satisfação á
imprensa.

Cá e lá... Consolemo-nos com isso dos
nossos mysteriosos casos do tenente
Lucas, do Castro Malta, do Apulcho de
Castro, do Russinho e outros.

A 15 do mez passado completou 79
annos o presidente da Republica Fran-
ceza, Jules Grévy.

Aqui está um que desmente aquella
sentença do Padre Antonio Pereira—
de que a velhice é doença.

Com a quantia de 40,000 rublos
(100,000 francos) ultimamente enviada
pelo Czar, sobe a 1.600,000 francos o
algarismo total das quantias subscri-
ptas de toda parte para o estabeleci-
mento do Instituto internacional para
o tractamento da raiva e que se intitu-
lará Instituto Pasteur.

O famoso *Nautilus*, ideado por Julio
Verne está em via de se tornar reali-
dade.

Trabalha-se actualmente, nos esta-
leiros de França, na construcção de um
barco submarino que terá a forma de
um fusão. A altura será de 1 metro e 80 e
o comprimento de 20 metros.

O seu calado é de 30 toneladas, e
pode supportar a marcha de 11 nós du-
rante tres horas, por meio de um motor
dynamo-electrico do systema do capi-
tão Krebs, motor que é posto em movi-
mento por accumuladores especiaes.

Está tudo previsto: Reservatorios de

ar comprimido permitem renovar a
athmosfera e regular a pressão inte-
rior; dois lemes; um vertical é outro
horisontal, movidos por machinas ele-
ctricas, facultam-lhe o seguir a rota de-
sejada em direcção e profundidade; lam-
padas incandescentes illuminam o in-
terior; enfim, um aparelho optico espe-
cial permite ver a que profundidade
se acha o barco. Estes novos barcos
submarinos prestarão não só muito
serios serviços em tempo de guerra,
mas poderão ainda servir ás explora-
ções scientificas.

Depois d'isto, digam-nos ainda que
não ha sciencia nos romances de Julio
Verne!

PASSEPARTOUT

THEATROS

COMPANHIA DO THEATRO D. MARIA II,
DE LISBOA

Em o nosso numero 89 promettemos
dar um artigo sobre o merecimento do
grupo de artistas do theatro D. Maria
II, de Lisboa, que entre nós acaba de
estar tres mezes.

Vamos desempenhar-nos d'esse com-
promisso, com a rapidez a que o nosso
pouco espaço nos obriga, mas com a
franqueza e a sinceridade de que temos
dado provas sobejas.

A impressão geral que aquelle grupo
de artistas nos produziu, se não foi
optima, devemos tambem dizer que não
foi má.

A febre de *réclames* que domina em
geral os emprezarios de companhias
estrangeiras é o que, quasi sempre, mais
as prejudica. As *réclames* insistentes e
pomposas fazem crear uma expectativa
muito elevada, a que nem sempre corres-
pondem as companhias ou os artistas
anunciados. Em coisas de theatro vale
muito mais a modestia; as companhias
que entre nós maior exito alcançam são
sempre as que foram menos annun-
ciadas, aquellas para as quaes não
ruflaram os tambores nem soaram os
clarins da *réclame*.

Ora o maior mal que, pelo lado ab-
stracto da arte, a empresa contractante
fez aos notaveis artistas portuguezes
que nos visitaram, foi annunciar os ir-
mãos Rosa e a actriz Virginia como os
primeiros artistas de Portugal e dal-os
como assombros de arte dramática,
sempre com adjectivos mirabolantes. O
brazileiro é naturalmente desconfiado
e arrenega-se quando lhe dão apenas
prata doirada tendo-lhe promettido oiro
de lei.

Certo que os dois irmãos João e
Augusto Rosa são artistas de mere-
cimento pouco vulgar; certo que são
actores educados e de talento; melhor
fôra, porem, que isto se não houvesse
dicto d'elles.

O publico reconhecera o seu merito
e preferiria, applaudindo-os, louvar a
empresa por os ter apresentado com
modestia e sem pretensões. Foi isto
o que aconteceu com o grande Flavio
Andó, que o Ciacchi não annunciou,
de quem nem ao menos mandou imprir-
mir o nome em letras grandes, e que,
entretanto, o publico distinguio entre
todos os da companhia Rossi-Duse-Chec-
chi, acima da propria Duse, talento
excepcional, encantadora organização
artística. E' que Andó impoz-se logo
pelo poder do seu grande talento, pelo
prestigio do seu admiravel conheci-
mento da arte, pelas excepcionaes

qualidades artisticas que adquirio á
força de estudo e de trabalho.

João Rosa é incontestavelmente a
primeira figura do grupo. Não é um
actor brilhante como Brazão, mas, nos
limites de uma sobriedade bem com-
prehendida, e que é a sua melhor quali-
dade, elle tem um grande sentimento,
sufficiente energia e justa expressão.
E' um artista que não tem nada de
mais, como, em geral, têm os grandes
talentos dramaticos; mas que tem tão
pouco de menos, que passa muito acima
das mediocridades rasoaveis que nunca
fazem nada bem feito nem mal feito.

Os seus principaes defeitos são ape-
nas physicos. Não sabemos que demo-
nio de geito dá á bocca, quando falla,
que todo o rosto se lhe contorce ligeira-
mente, o que é de um effeito desagra-
davel; além d'isso, nas scenas de arreba-
tamento e explosão, uma lastimavel
gagueira repentina embarga-lhe a pa-
lavra e vêm-se então os terrives esforços
que faz o excellente artista para lutar
contra esta verdadeira fatalidade.

Tirante isto, o olhar habituado a ver
artistas não se engana: está ali um
artista de primeira ordem, um erudito
da scena, um mestre. A sua voz, que a
muita gente tem desagradado, achamol-a
nós muito boa; é o que se pode cha-
mar uma voz de homem: grave, cheia,
sonora, bomsoante.

Falta-lhe, talvez, um pouco de dis-
tincção e de elegancia para certos papeis;
mas em outros—nos Gerard, nos Four-
chambault, nos D. João II, é um actor
completo, um artista por vezes admi-
ravel. Correcto, impeccavel no dizer,
justo na interpretação dos seus perso-
nagens, sobrio, muito sobrio, sacrifi-
cando quasi sempre o effeito á verdade,
só se lhe pode exprobrar que seja um
tanto academico em algumas scenas de
declamação, o que, entretanto, poucas
vezes se dá.

Em resumo: Se não tem um grande
talento, d'esta especie de talento que
extasia e encanta o espectador pelas
repentinias fulgurações, como o de Bra-
zão,—tem a intelligencia clara e lucida
e suppre pela sua muita sciencia sce-
nica o que a natureza lhe negou em
dotes artisticos.

Podé ser considerado artista de pri-
meira plana.

AUGUSTO ROSA. Rapaz muito bonito,
muito insinuante e extremamente sym-
pathico, de uma elegancia que a gor-
dura parece, infelizmente, começar a
destruir. Galan comico de primeira
ordem. Sobrio tambem, mas um pouco
menos do que seu irmão. Um tanto des-
cuidado no estudo dos seus papeis, mas
cuidadoso na interpretação dos seus
personagens. O seu principal defeito, o
unico digno de censura, é um certo ar-
rastamento nas phrases; interrompe de
quando em quando uma oração para
prolongar uma dada syllaba, o que é de
um effeito muito desagradavel. No
mais, dicção clara e limpida, muita
graça no dizer, dialogando sempre com
talento e expressão nos papeis ligeiros,
nos typos superficiaes ou futeis, e clau-
dicando muito nos raros papeis drama-
ticos que representa. Inexcedivel nos
Faveroles e nos Septmonts. Adoravel
actor de alta comedia.

Augusto Antunes, se não é um artista
de talento, é, todavia, actor intelligente
e tem sufficiente merito para trabalhar
ao lado dos dois Rosa.

Costa é um comico de muita graça e
fez entre nós uns *vegetes* bem feitos. E'

moço ainda e parece-nos ter muito futuro. Pena é que não tenha boa dicção.

Silva Pereira e Baptista Machado ha muito que estão julgados pelo nosso publico, que sempre os applaudio e considerou. Isto dispensa-nos de os julgar agora.

VIRGINIA é uma boa actriz, mas não tem o que em arte se chama—talento. A sua longa pratica da scena e as lições dos melhores mestres do theatro portuguez, recebidas durante muitos annos, não conseguiram fazer d'ella uma actriz de primeira ordem. Para isso tambem concorrem varias circumstancias de ordem physica. Virginia não tem figura para as grandes damas, nem temperamento para as grandes paixões.

A sua bonita carinha vulgar e pequena, a sua cór trigueira, o seu narizinho arrebitado, o seu buço e a sua baixa estatura, não se accommodam com as duquezas e com as princezas, com os typos litterarios da fidalguia, ultimos exemplares das raças nobres que se extinguem pela democratisação actual, personagens que os dramaturgos e as comediographos da França exploram com um certo furor, como quem sabe que é essa a unica gente em que ainda hoje se podem admitir umas tantas excentricidades de character, boas para a realisação, sobre a scena, dos paradoxos e das extravagancias das thezas da moderna comedia e do moderno drama francez. Virginia representou no Rio de Janeiro dez ou doze dos seus melhores papeis, e em nenhum se revelou artista superior. Falta-lhe originalidade, falta-lhe individualidade artistica, falta-lhe poder creador. Não houve uma unica scintilla de talento em toda a duzia de personagens representados por ella! Era sempre a mesma mulher, a mesma burguezinha interessante, quer fizesse a villan Margarida do *Duque de Viseu*, quer fizesse a princeza de Bagdad, quer fizesse a princeza Fédua Romazoff. Deve-se dizer que nenhum d'estes papeis foi comprometido até ao ponto de desagradar inteiramente; mas pouquissimos foram os representados com correcção. Tem dois defeitos capitais: não sabe ouvir e falta-lhe mobilidade physiologica.

A compensar estes defeitos ha qualidades que valeriam muito se fossem bem aproveitadas: Voz magnifica! de um timbre muito agradável, de uma sonoridade meiga e dulcissima, propria para cieiar palavras de amor, boa para traduzir sentimentos brandos e suaves; sobriedade e justeza de accionados, olhar expressivo e profundo; dicção pura, clara, admiravel.

Virginia suppriria todos os seus defeitos se tivesse somente esta qualidade — calor. Mas não tem. E' de uma frieza consternadora; falta-lhe a impressionabilidade até ao extremo de parecer que não tem nervos! Assim, quando o papel a obriga a estar silenciosa, ella é de uma lastimavel indifferença por tudo que se passa á volta de si, e, emquanto os outros estão agitados pela situação, ella deixa-se ficar impassivel, para ali, como se não assistisse á acção, como se d'aquella trapalhada toda, que se está passando na casa do Sr. Duque ou no jardim do Sr. Conde, não fosse nada com ella. Quando lhe toca a vez de falar, diz aquillo que decorou, faz as passagens e os remotes combinados no ensaio e vae-se embora muito satisfeita, com o seu passinho curto e firme de costureira galante. Raro lhe apparece um lampejo de energia,

raro se lhe vê no rosto mudo a expressão da dôr, do odio, ou da piedade, que as palavras estão indicando e que a situação da peça reclama e o auctor exige.

Actriz de habilidade.

Temos ainda as Sras. Carolina Falco e Amelia da Silveira.

De Falco diremos com franqueza que em nenhum papel nos agradou inteiramente.

E' actriz educada em escola diferente da dos Rosa e dos outros artistas da companhia; d'ahi o destaque, a *desafinação* que se nota sempre entre ella e os seus companheiros.

Não fala bem, veste-se muito mal, e no dizer é de uma egualdade de tons, de uma monotonia causativa. Não sabe ou não pode dar colorido ao que diz. Amor ou odio, explosão ou brandura, são por ella expressos sempre com a mesma voz arrastada, numa melopéa desagradavel e fatigante. *Passa*, entretanto, nas grandes damas centraes, em que a expressão dos sentimentos seja comedia e discreta, como, por exemplo, na velha Marquiza de Villemer.

Amelia da Silveira tem merecimento. E' uma rasoavel actriz. Desembaraçada e petulante, tem a linha graciosa e fidalga; diz com atrevimento e bastante correcção os papeis de dama ligeira. E' muito *chic*, muito elegante e veste-se muito bem, com simplicidade e bom gosto.

Ha muito a esperar d'ella, porque tem apenas cinco annos de scena.

Luiza Lopes tambem já foi julgada sufficientemente quando cá esteve com *L'Artado Coelho e Lucinda*.

Os outros artistas que compõem o grupo do theatro D. Maria, são todos principiantes. Maistarde, se voltarem ao Brazil, talvez que algum já seja digno de menção e de estudo especial. Por emquanto, não.

Agora, se nos tornarem a visitar os excellentes artistas que acabamos de julgar com toda a isenção, franqueza e sinceridade, sem prevençào, sem despeito e sem ambages, — o que desejamos é que venham por sua própria conta, ou, pelo menos, que os não deslustre um emprezario tão malcriado, tão grosseiro e tão pouco sério como o que este anno os explorou e, de algum modo, os sacrificou.

SANT'ANNA

«O HERÓE A FORÇA»

Hontem representou-se esta opereta em tres actos, poema de Arthur Azevedo e musica de Abdon Milanez.

A peça, que está muito bem ensaiada e montada com o bem conhecido capricho do Heller, agradou muito. O libreto tem muita graça e muito boas situações. O final do segundo acto é um quadro esplendido, vivo, animadissimo e brilhante. A musica é toda de bello effeito e muitos trechos são de uma melodia agradável e original.

O desempenho agradou plenamente. O publico applaudio com furor a peça, os auctores e os artistas.

RECREIO

Hoje — primeira d'A *Martyr*, grande drama de D'Ennery, traducção de Henrique Chaves. Estreia nesta peça a

distincta actriz Ismenia, que por tres annos esteve auzente da Corte.

Despedida das duas companhias portuguezas nesta semana.

A do theatro D. Maria II representou *Clara Soleil*, esplendida comedia de Gondinet, no genero das de Hannequin e de Nanjac. Comedia de situações engraçadissimas, de qui-pro-quos impagaveis.

O desempenho foi muito bom por parte de Amelia da Silveira, Falco, Silva Pereira, Augusto Rosa, Antunes, Baptista Machado e Costa.

Tanto na noite da primeira representação como na da despedida o theatro esteve quasi litteralmente cheio.

O publico rio-se a bom rir e applaudio muito a comedia e o desempenho.

A ultima peça nova que nos deu a companhia do Principe Real d' Lisboa foi a *Frou-Frou*, a deliciosa *Frou-Frou*.

Com pezar o dizemos: Nunca vimos por uma companhia regularmente organizada um tão pavoroso fiasco!

Todos, primeiros e ultimos, estiveram detestaveis. Já fomos dispostos a não reparar na Sra. Margarida Cruz, que, bem o sabemos, não pôde representar acceitavelmente um papel como o de Gilberta; mas dos outros artistas, alguns de elevado merecimento, é que não esperavamos tamanha calamidade.

Emfim, como tudo acabou, e como esta companhia nos deu algumas noites agradaveis—fica uma coisa pela outra.

As duas companhias portuguezas partiram no dia 6 a bordo do *Gironde*.

O concerto do Sr. Ottolini de Veiga, annunciado para o dia 14, só se realizardá a 21. Sabemos que haverá um programma attrahentissimo. Entre as varias peças haverá uma phantazia de F. do Nascimento para violoncello e orchestra e um duetto da *Linda de Chamounix* para barytono e baixo, cantado pelo Sr. L. Russo e o beneficiado.

No salão do Novo Cassino Fluminense dá a Sociedade de Concertos Classicos, no dia 11, um concerto a grande orchestra, cujo programma é verdadeiramente magnifico,

P. TALMA.

ADORAÇÃO

*Não tivesse o teu rosto delicado
Uma graça dulcissima e radiosa,
E essa divina bocca appetitosa
Não soubesse sorrir com tanto agrado;*

*E quando o teu cabello, desmanchado,
Inunda, em onda cheia, caprichosa,
A tua lactea brancura deliciosa,
Eu não ficasse louco, deslumbrado;*

*Bastara essa bondade de alma pura,
A honestidade dos teus olhos doces,
A tua voz repassada de ternura,*

*Para eu sentir o coração contente
Em amar-te. E's tão linda! e que o não fosses,
Adorava-te assim, perdidamente!*

GARCIA MONTEIRO

SPORT

Com grande animação e extraordinaria concorrência realisou no domingo passado o Derby Club o seu importante programma do grande Premio Rio de Janeiro—8:000\$ ao 1º; 2:000\$ ao 2º e 1:000\$ ao 3º, para animaes de todos os paizes.

Esta importante sociedade, que ha pouco tempo vimos formar-se, dispndendo grandes capitaes, já hoje está equiparada ás mais fortes de suas congêneres, conferindo como ellas avultadas sommas em premios.

A formação d'estas associações bem constituídas, que com grandes sacrificios chegaram á posição independente, baseada unicamente em pura iniciativa particular, vieram, inquestionavelmente, mostrar o grande impulso que nestes ultimos tempos tem tomado a criação de animaes de raça, que ha poucos annos era entre nós completamente desprezada, e o seria até hoje, se essas associações não tivessem affrontado todas as difficuldades, procurando por essa forma estimular a concorrência entre particulares, pelo melhoramento da raça cavallar, que o nosso governo olha com indifferentismo sem lhe prestar o minimo auxilio.

Parabens ao Derby Club.

Eis o resultado dos pareos:

No 1º pareo (1450 metros) *Odalisca*, em 97 segundos e com facilidade, bateu os seus competidores. *Americana* chegou em 3º; *Villa Nova* em 2º, fazendo boa corrida. Também correram *Orphcu*, *Caporal* e *Saltarelle*. Não correram *Favorita*, *Pampeiro*, *Bolevo* e *Serodio*.

No 2º pareo (1609 metros) *Monitor* em 112 segundos sahio vencedor, lutando durante a corrida com *Galgo*, que teve o 2º lugar. *Dandy* chegou em 3º fazendo má corrida. *Plutus* não correu.

No 3º pareo (1609 metros) *Diva* em 108 segundos bateu galhardamente os seus competidores. *Regina* que chegou em 2º está melhorando e mais tarde fará melhores corridas. *Bayoco* em 3º em má tempo, parecendo-nos ainda não estar restabelecido. Também correram *Aynaré*, *Boyardo*, *Mandarim* e *Macaréu*.

No 4º pareo (1450 metros) bateram-se *Françoise*, *Pery*, *Plutão* e *Cheapside*, que em 96 segundos, sahio facilmente vencedora, demonstrando grande velocidade e estar mais bem tratada. *Plutão* teve o 2º lugar e *Pery* o 3º. *Françoise* chegou na bagagem. *Speciosa* e *Swamp* não correram.

No 5º pareo (1609 metros) *Sylvia II* e *Boreas* travaram renhida lucta, chegando ambos tão juntos ao poste do vencedor que com difficuldade se pôde saber qual foi o vencedor. *Boreas*, finalmente foi aclamado victorioso em 107 segundos, apenas por uma insignificante differença. *Carmen*, que ficou distanciada, foi de encontro a muitas pessoas do povo que enthusiasmas invadiram a raia, contundindo a muitas de entre ellas. O jockey, que cahiu, nada soffreu.

O 6º pareo (3200 metros) o Grande Premio Rio de Janeiro—8:000\$ ao 1º; 2:000\$ ao 2º e 1:000\$ ao 3º, foi com immensa facilidade ganho pela valente *Phrynéa* em 214 segundos, tempo até hoje em nossos hippodromos desconhecido, apezar dos superiores parelheiros que nelles se tem apresentado.

Parabens ao distincto sportman o Sr. Barão da Vista Alegre pela esplendida victoria do melhor parelheiro que actualmente corre em nossos prados.

A excepção de *Satan*, que com insignificante differença e por benevolencia do jockey que montava *Phrynéa*, teve o

2º premio, escapando de ser distanciado, os demais parelheiros *Coupon*, *Scylla*, *Curubaú* e *Comtesse* ficaram distanciadados. *Dignitaire*, que de vespera mancou, não correu.

No 7º pareo (1000 metros) *Diva* novamente bateu os competidores em 65 segundos, fazendo uma brilhante corrida, e demonstrando alem de ser de tiro longo também de velocidade. *Regina* obteve o 2º lugar e *Douro* o 3º. Também correram *Ivon*, *Carmen*, *Aldace*, e *Macaréu*. *Nicoasy* e *Saltarelle* não correram.

No 8º pareo (1450 metros) *Frou-frou* em 100 segundos, e facilmente, bateu os seus adversarios. *Castillione* chegou em 2º. *Phénicia* em 3º fazendo regular corrida, em relação ao pouco tempo de tratamento e ser animal recém-chegado. Também correram *Echoron*, *Gabier* e *Africana*.

Com um esplendido programma, publicado em nossa ultima pagina realisa amanhã o Prado *Villa Izabel* as suas corridas. Desejamos feliz exito na execução do programma que indubitavelmente é digno da attenção dos amadores.

L. M. BASTOS

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã às 3 da tarde—Rua do Carmo n. 36.

Dr. João Botelho, medico e operador; molestias venericas, syphiliticas e das vias urinaarias. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicações medicas e cirurgicas de electricidade.—Rua dos Andradas, n. 51, por cima da antiga pharmacia Frágoso, das 12 ás 3 horas.

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Dr. Henrique de Sá, especialista de syphilis e molestias das criauças.—Rua Primeiro de Março, 12 (consultas de 1 1/2 ás 3 horas)—Residência: Rua de S. Clemente, 94.

Advogado.—O Dr. João Marques mudou seu escriptorio para a rua 1ª de Março n. 23.

A. CARVALHO & GONÇALVES

estabelecidos com armazem de molhados á rua do Ouvidor n. 129, em frente á Confeitaria Pascoal, chamam a attenção dos seus amigos e freguezes para o seu bom sortimento de generos, tanto por atacado como a varejo e para sua modicidade nos preços.

TELEPHONES

E

CAMPAINHAS ELECTRICAS

Faz-se todo e qualquer trabalho, garantido e por modico preço

RUA DOS GUMÕES, N. 10—S. PAULO
Joaquim Francisco Lima.

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

ORIENTE

F' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o Café Oriente, da fabrica a vapor do Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25

9 C LABGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta—annuncio.

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

COLLEGIO SÃO PEDRO DE ALCANTARA

EM PETROPOLIS

Reabrir-se-ha no dia 1 de Janeiro de 1887 este segundo estabelecimento, debaixo da direcção do Dr. A. Zeferino Candido.

O collegio da Côte continúa, como até aqui, a cargo do director João Lopes Chaves e com o seu antigo pessoal.

As condições de admisão, preços programmas, methods e disciplina são perfeitamente eguaes para os dous estabelecimentos. E' facultativa a escolha do collegio para todos os alumnos.

No inverno descerão para o collegio da Côte, acompanhados pelo seu director e mestres, os alumnos de Petropolis, para continuarem sem alteração os seus trabalhos.

Informações, matriculas desde já, no Collegio S. Pedro de Alcantara, na Côte.

RUA DE S. CLEMENTE N. 30

OS DIRECTORES

A. Zeferino Candido.
João Lopes Chaves.

PRADO VILLA-ISABEL

PROGRAMMA DA 12ª CORRIDA A REALISAR-SE EM 10 DE OUTUBRO DE 1886

1º pareo — CRIADORES — 1.000 metros — Animas de menos de meio sangue, que não tenham ganho — Premios . 200\$ ao primeiro, 50\$ ao segundo e 30\$ ao terceiro.

Ns.	NOMES	IDADE	PELLO	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIO
1	Moema.....	4 annos	Zaino.....	S. Paulo.....	52 kilos	Encarnado.....	C. C.
2	Ella.....	3 »	Tordilho.....	R. de Janeiro.	49 »	Encarnado e amarello.....	J. S. A.
3	Teriba.....	5 »	Alazão.....	Idem.....	55 »	João G. da Mot ta.
4	Guacho.....	3 »	Chita.....	Rio Grande...	50 »	Grénat e manchas azues..	A. M.
5	Africano.....	4 »	Preto.....	Paraná.....	53 »	Azul e rosa.....	Herm. J. de Souza.
6	Baraguy.....	4 »	Castanho.....	Idem.....	53 »	Branco e encarnado.....	Coudelaria Paraná.
7	Eureka.....	5 »	Tordilho.....	R. de Janeiro.	51 »	Escarlate.....	Herm. J. de Souza.
8	Lincol.....	3 »	Castanho.....	50 »	Manoel B. da Silva.
9	Boléro.....	3 »	Idem.....	Rio Grande...	50 »	Encarnado, preto e branco	C. P.
10	Favorita.....	3 »	Baio.....	R. de Janeiro.	49 »	Verde e ouro.....	D. B. M. C. B.
11	Nemo.....	7 »	Alazão.....	Rio Grande...	55 »	Encarnado e branco.....	J. B. P.

2º pareo — ENSAIO — 1.450 metros — Inteiros e eguas nacionais de 3 annos — Premios: 400\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

1	Chapécó.....	3 annos	Vermelho...	Paraná.....	48 kilos	Branco e estrellas azues...	Coud. Guanabara.
2	Pip.....	3 »	Pampa.....	S. Paulo.....	48 »	Ouro e rosa.....	B. V.
3	Monitor.....	3 »	Vermelho...	Idem.....	48 »	Azul, branco e encarnado.	Coudelaria Cruzeiro.
4	Kally.....	3 »	Castanho...	R. de Janeiro	48 »	Azul e rosa.....	Herm. J. de Souza.
5	Feiticeira.....	3 »	Alazão.....	Idem.....	48 »	Grénat e rosa.....	S. M.
6	Argentina.....	3 »	Castanho...	Idem.....	48 »	Grénat e azul.....	A. B.

3º pareo — ANIMAÇÃO — 1.000 metros — Inteiros e eguas nacionais de meio sangue que não tenham ganho este anno — Premios 400\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

1	Paulicéa.....	4 annos	Castanho.....	S. Paulo.....	52 kilos	Encarnado branco e ouro..	Coudelaria Paulista.
2	Onix.....	3 »	Idem.....	Idem.....	50 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
3	Ivon.....	4 »	Zaino.....	Paraná.....	53 »	Preto, branco e encarnado.	C. P.
4	Intima.....	5 »	Castanho...	S. Paulo.....	54 »	Ouro e encarnado.....	D. A.
5	Araby.....	4 »	Alazão.....	Rio de Jan...	53 »	Grénat e lirio.....	Mario de Aalmeida.
6	Apparecida.....	4 »	Zaino.....	Idem.....	52 »	Idem e branco.....	Herm. J. de Souza.
7	Douro.....	6 »	Alazão.....	Idem.....	55 »	Verde e ouro.....	J. Guimarães.
8	Sartarelle.....	5 »	Preto.....	Paraná.....	57 »	Geranium e ouro.....	J. W.
9	Villa-Nova.....	4 »	Zaino.....	Idem.....	52 »	Azul, branco e amarello...	Coud. Esperança.
10	Morena.....	4 »	Castanho...	Idem.....	52 »	Encarnado e preto.....	J. L. C.
11	Doge.....	3 »	Idem.....	S. Paulo.....	50 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.
12	Americana.....	4 »	Tordilho.....	Rio de Jan...	52 »	Branco, preto e encarnado.	M. L. de Carvalho.

4º pareo — GRANDE PROGREDIOR — 2.600 metros — Inteiros e eguas nacionais até meio sangue — Premios: 1:500\$ ao primeiro, 500\$ ao segundo, 300\$ ao terceiro e 150\$ ao quarto.

1	Boyardo.....	5 annos	Alazão.....	S. Paulo.....	52 kilos	Branco e estrellas azues....	Coud. Guanabara.
2	Druid.....	4 »	Tordilho.....	Rio de Jan...	49 »	Idem e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
3	Guanaco.....	7 »	Alazão.....	S. Paulo.....	52 »	Vermelho.....	Coudelaria Mirim.

5º pareo — SUBURBANO — 1.800 metros — Inteiros e eguas de qualquer paiz — Premios: 1:000\$ ao primeiro, 250\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro

1	Cheapside.....	3 annos	Alazão.....	Inglaterra...	49 kilos	Encarnado, branco e ouro..	Coudelaria Paulista.
2	Diomède.....	3 »	Zaino.....	França.....	51 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
3	Françoise.....	4 »	Alazão.....	Idem.....	52 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.
4	Plutão.....	6 »	Idem.....	Idem.....	57 »	Azul, branco e encarnado...	Coudelaria Cruzeiro.
5	Coupon.....	3 »	Idem.....	Idem.....	55 »	Idem.....	Idem.
6	Peruana.....	3 »	Zaino.....	Inglaterra...	49 »	Vermelho e branco.....	J. Rocha.

6º pareo — VILLA-ISABEL — 1.609 metros — Inteiros e eguas nacionais de meio sangue — Premios: 500\$ ao primeiro, 125\$ ao segundo e 75\$ ao terceiro.

1	Baioco.....	5 annos	Castanho...	S. Paulo.....	60 kilos	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
2	Mandarim.....	4 »	Rosilho.....	Idem.....	51 »	Grénat e manchas azues...	Coudelaria Paraiso.
3	Ivon.....	4 »	Zaino.....	Paraná.....	51 »	Preto, branco e encarnado.	C. P.
4	Intima.....	5 »	Castanho...	S. Paulo.....	52 »	Ouro e encarnado.....	D. A.
5	Araby.....	4 »	Alazão.....	Rio de Jan...	51 »	Grénat e lirio...	Mario de Almeida.
6	Douro.....	6 »	Idem.....	Idem.....	54 »	Verde e ouro.....	J. Guimarães.
7	Sartarelle.....	5 »	Preto.....	Paraná.....	56 »	Geranium e ouro.....	J. W.
8	Monitor.....	3 »	Vermelho...	S. Paulo.....	48 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
9	Caporal.....	4 »	Alazão.....	Idem.....	51 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.
10	Bonita.....	5 »	Idem.....	Idem.....	52 »	Azul e encarnado.....	J. Machado.
11	Biscaia.....	4 »	Idem.....	Idem.....	49 »	Azul e grenat.....	Coud. Santa Cruz.

7º pareo — EXPERIENCIA — 1.000 metros — Egus de qualquer paiz, que não tenham ganho este anno — Premios: 500\$ ao primeiro, 125\$ ao segundo e 75\$ ao terceiro.

1	Gaudriole.....	3 annos	Castanho...	França.....	53 kilos	Grénat e perola.....	Coud. R. de Janeiro.
2	Frou-Frou.....	3 »	Zaino.....	Idem.....	53 »	Idem Idem.....	Idem.
3	Peruana.....	3 »	Idem.....	Inglaterra...	53 »	Encarnado e branco.....	J. Rocha.
4	Swamp.....	3 »	Castanho...	Idem.....	53 »	Verde.....	C. de Oliveira.
5	Speciosa.....	4 »	Alazão.....	Idem.....	56 »	Azul e grenat.....	Coud. Internacional.
6	Africana.....	2 »	Zaino.....	Rio da Prata.	46 »	Verde e ouro.....	O. L. C.
7	Gazida.....	3 »	Alazão.....	França.....	53 »	Branco.....	A. T.
8	Pancy.....	3 »	Zaino.....	Rio da Prata.	51 »	Cereja, verde e amarello...	V. M.

OBSERVAÇÕES—As corridas principiãrão ao meio-dia em ponto e terminãrão ás 4 3/4. Os animas inscriptos no primeiro pareo devem achar-se no ensilhamento ás 11 horas em ponto.

RAUL DE CARVALHO, 2º secretario,

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

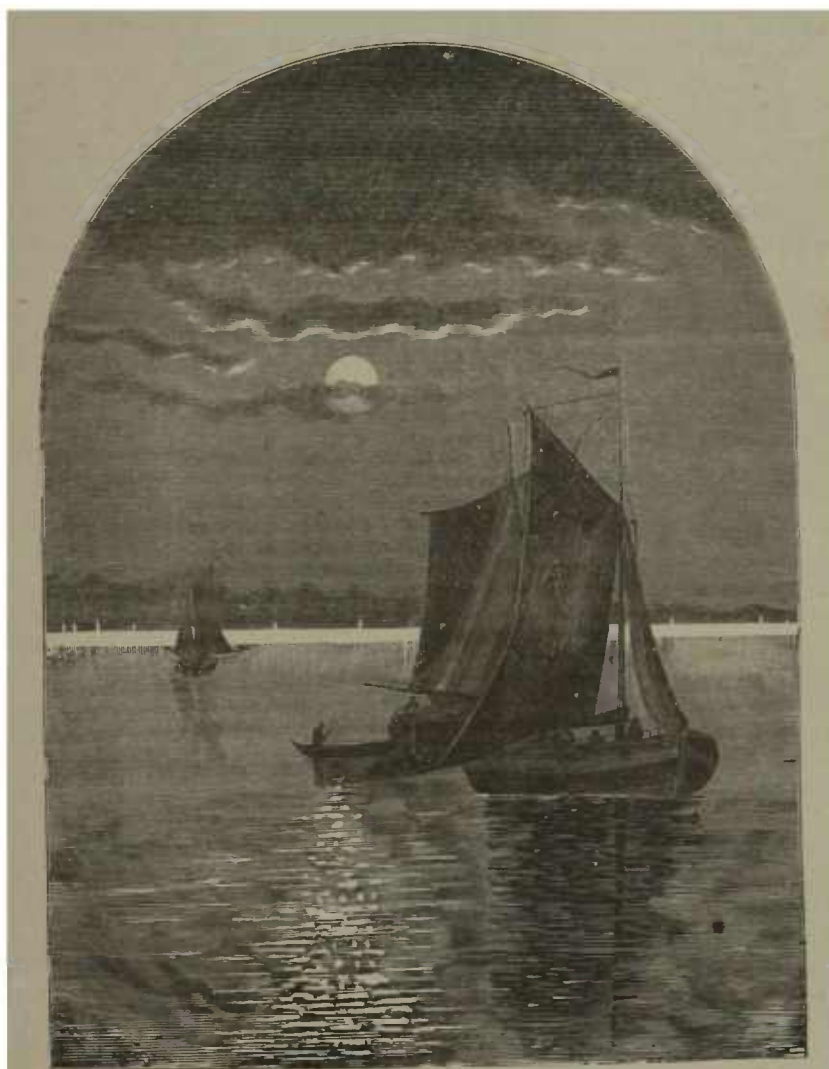
ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 16 DE OUTUBRO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 94.

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36



EFFEITO DE LUAR NA BAHIA DO RIO DE JANEIRO
DESENHO E GRAVURA DE ALFREDO PINHEIRO

REDACTORES
Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO
ARTHUR MENDES

GERENTE
G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	A REDACÇÃO
« A Semana ».....	FILINDAL.
Historia dos sete dias.....	R. CORREA.
Soror pallida, soneto.....	A. A. L. VIEIRA.
Palestras femininas.....	V. M.
Notas bibliographicas.....	O. BILAC.
Beijo eterno, poesia.....	M.
Jornaes e revistas.....	PASSEPARTOUT.
Aqui, ali, acolá.....	P. TALMA.
Theatros.....	H. MAGALHÃES.
Os olhos, poesia.....	DR. SAHEN.
Conselhos salutareos.....	L. M. BASTOS.
Sport.....	FR. ANTONIO.
Tratos à lóia.....	ENRICO.
Factos e Noticias.....	
Correio.....	
Recebemos.....	
Anuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CORTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

Aos nossos assignantes em debito, que residem em Pouso Alegre e no Congonhal, rogamos a fineza de se dirigirem ao Sr. Francisco Ribeiro Pinto, na primeira d'aquellas localidades, o qual, munido dos competentes recibos, obsequiosamente se nos prestou a fazer a cobrança.

Está concluída a remessa do premio *Vinte Contos* aos nossos assignantes de anno, do interior, que nos têm enviado os sellos para o respectivo porte.

A'quelles que ainda o não fizeram e que desejarem receber o premio, rogamos se sirvam habilitar-nos a fazer-lhes a referida remessa, enviando-nos os competentes sellos.

Receberá um exemplar dos *Vinte Contos* quem tomar uma assignatura d'*A Semana* por um anno, em qualquer dos seguintes logares:

Rua do Carmo, 36
Livraria Faro & Nunes,
Livraria Laemmert,
Empreza Litteraria Fluminense, rua Sete de Setembro, 1
Charutaria do Café Brazil (com o Sr. Bittencourt).

Café Central, rua da Quitanda, esquina da do General Camara.

Typographia Central, Trav. do Ouvidor, 7.

Fonseca Braga & Filho, rua do Ouvidor, esquina da da Quitanda.

Charutaria do ponto dos bonds de Villa Izabel, e

Filial da Casa editora David Corazzi, rua da Quitanda, 38.

Casa Dolivaes Nunes, em S. Paulo.

Sr. L. CAMINHA—Bananal de Magé—O premio *Vinte Contos* foi remetido a V. S. pelo correio de S do corrente.

A SEMANA

Quando appareceu *A Semana* — e ainda hoje, Deus louvado! — embirraram os povos em chameal-a *A Semana Illustrada*. Não havia meio de evitar essa calamidade!

E por mais que procurassemos provar que, embora illustrada — como toda folha que se preze — a nossa era *A Semana* — simplesmente, singelamente, sem mais na — os diabos dos povos continuaram a embirrar. Depois, entrámos a dar, de quando em quando, uma illustração, e, desde ahi, cessamos de protestar contra a confusão que faziam d'esta com aquella antiga e saudosa folha dos irmaos Fleiuss, que fez o encanto e a alegria dos nossos paes e da nossa infancia, porque desde que somos *Semana* e damos *illustrações* — que diabo! — havia rasão de se nos chamar *Semana*... illustrada.

Agora, menos ainda do que d'antes, podemos eviar essa qualificacão porque estamos habilitados a publicar frequentemente uma illustração, que será desenhada por alguns dos nossos mais reputados desenhadores e gravada sobre madeira pelo habilissimo xylographo Alfredo Pinheiro. Cremos que os nossos assignantes não levarão a mal que lhes offerçamos, de quando em quando, uma boa gravura de desenho original e bom.

Sim... esperamos que não se hão de zangar connosco por tão pouco...

Peia gravura que hoje damos, e que é uma bella prova de quanto está adelantada entre nos a arte xylographica e do grande merecimento do modesto artista encarregado de gravar os desenhos para a nossa folha, poderão os nossos assignantes avaliar das promessas que lhes fazemos.

Das nossas gravuras, porém, o grande successo vai ser a

GALERIA DO ELOGIO MUTUO

Ha muitos annos que, quando qualquer sujeito quer descompor um poeta ou um jornalista dos chamados *da nova geração*, o ultimo insulto que lhe atira é este: — « O Sr. Fulano faz parte da panellinha do *elogio mutuo*! ». E' esta sempre a extrema accusação, o derradeiro doesto, a phrase que resume todo o aviltamento do escriptor e todo o despreso de que o julgam digno.

Nenhum alma do diabo reflectio ainda no sentido d'essa phrase, no valor negativo d'essa accusação. E o mais estranho, o mais original, o mais espantoso — é que essa mesma phrase tem sido muitas vezes lançada mesmo por jornalistas, mesmo por poetas, mesmo por escriptores, emfim, contra escriptores.

Sentados no assás photographado penedo da Itapuca, tristonhos como Mario sobre as ruinas de Carthago, com

o queixo fincado na mão em concha e o cotovello espetado no rochedo agreste, quedamo-nos, ha dias, a meditar sobre o caso.

Favónios sopravam tépidos e a brisa vinha impregnada da frescura salina da barra. De repente, com o primeiro raio do sol nado, entrou-nos subitaa inspiração! E' isto. Vamos tornar o dicto certo.

E imaginámos estabelecer de uma vez para sempre a empírica e nebulosa instituição do Elogio Mutuo. O burguez ha de fazer-nos o favor de confessar que a maluquice podia nos dar para fazer coisa peor, mais calamitosa e mais terrivel. — Podia nos dar, por exemplo, — como já tem acontecido a alguns desalmados, — para fundar uma associação de soccorros mutuos. Confesse o carissimo burguez amigo que isso seria peor.

Pensar na coisa e tractar de a pôr em execução foi obra, — já se sabe — de um momento.

Para isso, pois, resolvemos abrir no proximo numero d'*A Semana*, a secção escandalosa que terá por titulo — *Galeria do elogio mutuo*.

Essa secção constará de biographias litterarias dos escriptores incursos na tal panellinha e da caricatura ou retrato do biographado. A biographia do jornalista A será escripta pelo poeta B e a do poeta B será escripta pelo jornalista A.

Por esta forma ficará estabelecido o louvor reciproco, o elogio mutuo verdadeiro, o unico verdadeiro e sem contrafacção, no qual o burquez deve, para não ser illudido, procurar na rolla a marca da fabrica, impressa a fogo, e a garantia official S. G. D. G.

A galeria começará pelo panegyrico do illustre escriptor e poeta Valentim Magalhães, escripto pelo poeta e escriptor, não menos illustre, Filinto d'Almeida.

As caricaturas serão desenhadas pelo grande caricaturista Bento Barbosa e gravadas pelo assombroso xylographo Alfredo Pinheiro.

Até sabbado.

Por lamentavel mas involuntario esquecimento não declaramos em tempo que o auctor do conto *O retardatario*, que obteve o primeiro premio no concurso por nós aberto, é o nosso prezadissimo collaborador Lucio de Mendonça. A' incognita, mas certamente gentil leitora que nos lembrou por carta aquella falta, indagando quem seria o victorioso *Concurrente* u. o agradecemos o ensejo que nos proporcionou de remedial-a.

A REDACÇÃO

HISTORIA DOS SETE DIAS

Pela ordem chronologica cabe aqui o primeiro logar á celebrada questão militar, que o nosso *Tob II* illuminou com as brilhantes fulgurações do seu assombroso talento (já que vamos inaugurar para a semana a *Galeria do elogio mutuo*, *Tob II* fica sabendo que me deve outros tantos adjectivos encomiasticos); mas, pela ordem da importancia que nos merecem a nós as questões sociaes — o que houve de mais importante nos ultimos quinze dias foi a apresentação, feita ao Senado pelo Sr. Conselheiro Diogo Velho, do projecto de lei sobre a propriedade litteraria.

A questão militar ia dando com o

Sr. Alfredo Chaves no ostracismo da ilha das Enxadas. A militança, que no fundo tinha razão, inflamou-se e começou num furor telegraphico verdadeiramente calamitoso. Aquillo é que foi quantia de telegrammas! A electricidade vio-se parva com o aço das espadas!

Felizmente para o exercito, para a armada, para o Sr. ministro e para todos nós — o governo emendou a mão e mandou suspender a execução dos avisos questionados. Assim, o ministerio conservou o Sr. Alfredo Chaves e não se estabeleceu no Brazil o deploravel systema dos *pronunciamientos*.

Verdade, verdade, os cabos de guerra deviam protestar contra os avisos vexatorios e não contra o ministro, que estava dentro da lei mandando-os executar.

Agora, o novo telegramma publicado nas folhas de hontem annuncia que o coronel Madureira recebeu a ordem do dia com a reprehensão originaria da contenda, e o conflicto parece reavivar-se, apezár da desairosa derrota do governo.

O projecto de lei do Sr. senador Diogo Velho estabelece o reconhecimento da propriedade litteraria e artistica. Depois da luminosa pagina de Alfonso Karr sobre o assumpto que elle resumiu nesta phrase axiomática — *A propriedade litteraria é uma propriedade* — nada mais pode soffrer a discussão d'este assumpto.

Dizem todos que é o imperador que não quer no Brazil essa propriedade. E' exquisito! S. M. julga-se dono da imperial quinta, dos imperiaes carros, dos imperiaes cavallos e das imperiaes canjas — que elle não ganhou com o suor do seu rosto, que não são uma justa compensação do trabalho que legitima a posse; e eu não me posso julgar dono, proprietario dos livros que escrevi, dos versos que compuz, dos productos sagrados da minha intelligencia, cujo cultivo me custou annos de estudo e sommas avultadas de dinheiro!

Mas S. M. tem razão: Elle mede a valia do labor artistico pela da quadrinha de Itu

— *O fiel povo ituano* —

pela traducção da ode de Manzoni e pela do *Pavilhão estrellado*. Quem escreveu aquelles monumentos de arte poetica de certo que os não quer para si. Não podem ser uma propriedade imperial, pertencem ao mundo pasmado. São de Itu, são da America, são da Ilha das Cobras, são do Novo Mundo, são do Becco dos Afflictos.

A proposito, convem dizer que em S. Paulo foi lembrada no dia 10, em uma festa litteraria havida em casa do Sr. Dr. João Mendes de Almeida, a creação de um instituto litterario que anime os homens de letras ao estudo da historia patria e outros assumptos de bellas artes.

O pretexto da festa foi a leitura de uma obra do Dr. João Mendes — *Algunas notas genealogicas*.

Estiveram presentes escriptores, poetas, jornalistas, lentes da Academia, homens, emfim, de nome conhecido, de todas as crenças e de todos os partidos politicos.

A *Provincia*, dando noticia da reunião, diz muito espantada:

« A' noite retiraram-se os convivas que representavam diversas opiniões politicas e philosophicas, que durante longas horas guardaram reciproca cordialidade e consideração. »

Pois será verdade? E' possivel que os cavalheiros ali reunidos, sendo de diversas opiniões politicas e philosophicas, guardassem, e durante longas horas! reciproca cordialidade e consideração?!

Nada! Eu não o creio. A *Provincia* occulta-nos alguma coisa.

O que naturalmente houve depois do banquete, foi isto, pouco mais ou menos:

Theophilo Dias, liberal, marinho pelo conservador João Mendes acima e metteu-lhe um desaforo na orelha esquerda; Julio Ribeiro, atheu, atirou com um presunto ao peito de Senna Freitas, padre; Americo Braziliense e Rangel Pestana, republicanos, atiraram-se de cabeça sobre Martin. Francisco e Brazilio Machado, liberaes. Depois de uma lucha tremenda, os poucos sobreviventes tractar-un de remover os cadaveres, do theatro da carnificina para o largo do Rosario, onde os corvos sollicitos os foram devorando pouco a pouco.

E venha-nos para cá a *Provincia* cantar lérias outra vez, ácerca da consideração e da cordialidade guardadas durante longas horas entre convivas que representavam diversas opiniões politicas e philosophicas...

Está definitivamente abolida a pena de açoites a que se condemnavam os captivos! A abolição teve o consento das duas camaras e teve, dizem que com gosto do imperador, a sanção imperial. Nada temos que elogiar, em bora estejamos num paiz em que bem pouca gente usa cumprir o seu dever; contudo, merece louvores o governo por ter tomado a si a tarefa de fazer passar a nova lei nas camaras.

O que é verdadeiramente inacreditavel e monstruoso, o que vexa e deslustra um parlamento inteiro é que haja dois homens com o embotamento e a obduração sufficientes para pedirem deante todos, á luz meridiana, a manutenção da barbara pena applicada aos escravos!

Isto é que é espantoso! E eu não resisto ao desejo de apontar aqui á execração da historia os nomes d'esses dois individuos: — Lourenço de Albuquerque e Lacerda Werneck.

Como veem, a chronica d'esta vez é pequena. Pequena e desengraçada. Mas tambem, com tamanha falta de espaço como ha de um homem ter graça?

FILINDAL

SOROR PALLIDA

*Bem haja inda esse raio solitario
Da luz, que, tanta, em mim resplandecia;
Esse que—unico e triste alampadario—
As ruinas d'esta alma inda alumia;*

*E a piedosa visão, que, ante o sacrario
Da antiga fé, ajoelha-se, sombria,
E, pelas negras contas do rosario,
O rosario das lagrymas desfia;*

*Bem haja essa, que, pallida e marmorea,
Do amor extincto inda soluça o nome,
Debulhando-lhe as syllabas ao vento;*

*E inda depõe no tumulo, onde a gloria,
O sonho, a vida, a luz... tudo se some,
Uma flor, uma phrase, um pensamento.*

RAYMUNDO CORRÊA.

PALESTRAS FEMININAS

AMOR CONJUGAL

Creio que poucas d'entre vós, minhas gentis leitoras, tereis lido os lindissimos contos de Paul Delair, intitulados *Contes d'á present*. São vinte e cinco contos, vinte e cinco poemas, vinte e cinco thesouros de mimo, correção e sentimento!

Ha muito tencionava falar-vos d'esse delicioso livro; tentei mesmo traduzir algumas das suas paginas luminosas e suavissimas, mas sempre uma ou outra occurrencia me obrigava a adiar a satisfação d'este desejo.

Escolhi entre todos para a nossa palestra de hoje, dia grato ao meu coração, o feliz thema: Amor conjugal — amor como o materno, feito de abnegação, paciencia e sacrificios, amenizado ás vezes por deliciosas compensações, mas onde a mulher mostra em toda a sua plenitude, a força d'alma, a delicadeza do sentir, a nobreza de caracter, a sciencia difficilissima da humildade sem servilismo, o saber desistir parecendo renunciar ao que alcançará depois pela brandura.

E' na vida conjugal, no modo pelo qual comprehende o papel de esposa e mãe, que a mulher patenteia, a maior parte das vezes, os mysterios do amor que ahe ou unia seus paes.

Mui raramente vemos esposas bruscas, seccas, intractaveis, grosseiras, se tiveram uns paes amigos, cordatos e affectuosos no tracto conjugal.

Não resisto a tirar um exemplo claro e bello de abnegação conjugal, do que deve ser o amor de esposa, de um dos bellos contos de Paul Delair.

Vou contar-vos, pois, aqui, em prosa humilde, o que nos conta o auctor em seus formosissimos versos intitulados

O CHALE

Eram felizes. Tinham, sommada a idade de ambos, cento e vinte annos, e á força de viverem um ao lado do outro pareciam-se como se fossem irmãos. João deixára a fabrica para descansar, emfim. Joanna tomava sosinha conta do *ménage*. Pouco tinham: dous ou tres livros, os moveis luzidios e com todos os angulos polidos e arredondados pelos annos, e um chale, um rico chale comprado com sacrificio e ventura por João, para o noivado; chale que ainda parecia tornar Joanna formosa e que no inverno impiedoso, estendido sobre o leito, dava calor aos sonhos d'esse ideal par de rolinhas.

João, inactivo, sahia a passeio pelo campo e sentia um ingenuo prazer em contemplar a natureza, os perfumes, os estremecimentos de azas das aves.

Um dia julgou sentir rangerem-lhe os ossos e ergueu-se como um luctador que estivesse por muito tempo curvado; então subio-lhe ao cérebro uma chamma molhada de ternura... de desejos... Durante esse relampago, passou por elle uma rapariga formosa... João seguio-a.

Algum tempo depois, as boas linguas, as officiosas amigas de Joanna, vieram dizer-lhe com a consternada voz das circumstancias:

— Joanna, teu marido tem uma paixão; engana-te. A noticia suffocou Joanna, mas a sancta velou de castidade o seu triste pensamento e respondeu... sorrindo:

— Quem quer o encontra, não é assim? Pois bem, elle volta á noite para mim, e eu tenho muita alegria em vê-lo para poder ralhar-lhe.

— Mas se elle ama outra!

— Ama-me, a mim, ainda mais; per-

doemos-lhe o seu erro, até que esse erro passe; e como, certamente, não terminará sem perturbações e dores, eu quero que elle me encontre então como hoje: sempre a mesma.

— Joanna, olha ao menos para as despesas; vê que as economias acabam; quem vos sustentará?

— Seja! Eu trabalharei. D'onde tirámos nós esse dinheiro? dos seus longos sudores... Vamos! pôde dispendê-lo; pertence-lhe. Agora devo eu ajudá-lo com o meu trabalho; tenho, graças a Deus, braços e olhos. Tudo se arranjará.

— Cuidado, Joanna! Repara que o teu relógio já está empenhado!

— Melhor! pôde lá ficar. Velha, para que me serve saber que hora vae soar? É sempre pouco mais ou menos a hora da minha partida.

É a velha esposa pensava, espreitando nos olhos do marido os progressos da dôr que o torturava:

— Pobre amigo! As raparigas são quasi sempre crueis para os velhos; querem o luxo e a satisfação dos mil nadas em que resumem a sua louca alegria. Como elle nada mais tem, a perversa trata-o mal.

Má! É capaz de matar-m'ô.

Nada mais resta. Não ha mais cousa nenhuma que empenhar, e João não ousa de modo algum apresentar-se em casa da sua bella; tem medo que ella, vendo-o, sem proveito, o receba com indifferença, ou—dôr peor ainda!—lhe ria em face. De repente o seu olhar torna-se fixo, espantado, procura em volta algum objecto; de subito, pâra, brilha, que vio?! O chale; o presente de noivado, sobre a cama que torna ainda brilhante com o seu humilde esplendor, sobre a cama que aquece como um ninho, quando a terra se cobre de neve.

O chale! É bello! Vale muito dinheiro... Joanna vê, comprehende aquelle olhar; oprime-a uma angustia atroz; estala-lhe o coração... Oh! Deus!

João hesita... calcula, talvez... sacode com energia na sombra a sua cabeça branca, e afasta das grandes flores amarellas do chale, os olhos humedecidos... fita-os no chão... depois sae, lentamente, com as mãos vazias.

Joanna fica só; chora sobre o leito respeitado:

— Ah! que medo tive! Meu Deus! se elle o tivesse levado! Tudo acabaria.

O meu chale! Elle não o levou... Como sahio tremulo, pallido! Como soffria! Ah! O velho amor venceu o outro... mas como aquelle coração sangrou!... Cruel! estou contente enquanto elle chora! Tem a cabeça tão fraca! quem sabe qual foi a idéia que o fez sabir agora... Iria a casa da... outra? Parecia louco... tenho medo! Se essa mulher o expulsar?! Pobre alma! talvez a dôr o faça querer morrer! João, João, para que me poupaste? Aqui tens, toma o chale, vae vendê-lo ou empenhal-o!

É tremendo, delirante, arranca do leito o chale, e sae.

Ei-la na rua. É elle! Uma porta aberta e uma janella illuminada prendem os olhos e a alma de João. Aquella janella parece uma ardente mancha cor de rosa, na fronte negra da noite. É a casa da... outra. Joanna, vae-te embora... elle sobe... vae-te, Joanna, que vergonha! vae gelar-te ali!... Que neve! que intenso frio! Todas as ossos estão transidos, todos os corações afogados... Os transeuntes semelham sombras que fogem, escondendo as cavidades dos olhos, cheias de chuva.

Que esperas, Joanna?

Não. Ella adivinhou. Expulsaram o infornunato velho. Eil-o que desce cambaleante, livido e como que insensível.

— Expulsal-o! Com um tempo d'estes! pois é possível? Oh! estas mulheres não têm coração!

Ao peso do hynverno e da idade—outro hynverno ainda mais sombrio e amargo—elle, como um cêgo, vae arrastando a sua agonía, ministro e subitamente curvo, castigado! Encosta-se ao muro, tomado do frio e do remorso, e exclama:

— Senhor! Senhor! piedade! a morte, a morte!

Nisto, sente cahir-lhe sobre os hombros regelados um longo e morno manto que uma mãosinha acariciadora lhe prende ao pescoço, cuidadosa... depois fazem-no entrar em casa.

Eis a esposa que, com um olhar joven e amante, curva sobre elle a sua cabeça branca, não como a neve, que traz o frio traidor e subtil, mas como a florida maceira de um Abril eterno. Ella sorri... encontram-se de novo as suas mãos frementes e eil-os, como no tempo dos primeiros ardores, envolvidos nas amorôsas pregas do chale qua elle não quiz vender. Olham-se. Ella é mais bella, ella é mais amada ainda que no tempo da sua plena juventude; elle sente-se bem! perdoado! feliz!

E ambos, mudos e unidos, choram longamente.

Aqui termina o conto. É bello! não é verdade? o vulto d'esta mulher purissima! Felizmente para nós, não temos sempre occasião de dar prova tal de amor e abnegação aos nossos esposos; mas devemos estar preparadas para sermos o seu amparo e a sua força.

Quanta vez um olhar cheio de doloroso perdão, faz voltar do trilho errado um coração que nos pertence e é toda a nossa ventura! É amando muito, amando como Joanna, que suavisaremos as agruras da nossa estrada, amenisada muitas vezes por deliciosas compensações.

ADELINA A. LOPES VIEIRA

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

Sob o titulo exquistorio de *Philocritica* (que deve significar *amor da critica*) publicou o Sr. Arthur Orlando, em Pernambuco, um volume de cerca de 230 paginas, elegantemente impresso, prefaciado por Izidoro Martins Junior, o poeta *scientificista* das *Visões de hoje*. Compõe-se de seis artigos—estudos, já anteriormente publicados na imprnsa pernambucana: *A alma da mulher russa*, *Theorias litterarias no Brazil*, *A Poesia Scientifica*, *Menores e loucos*, *Physophilia processual* e *Um rei philosopho*. É obra de não pequeno merecimento litterario e scientifico, escripta com independencia, illustração e bom senso. *Rara avis*, portanto.

Com o titulo *Poemas em prósa* traduzio Argymiro Galvão trinta pequenos contos e fantasias de Ivan Tourguéneff, e fel-os imprimir nitidamente, na cidade de Porto Alegre.

Chega-nos do Recife a segunda edição das *Visões de hoje* por Izidoro Martins Junior; vem completamente refundida e acrescentada de uma *Synthese artistica*.

A divisa do vigoroso poeta é *Laboremus et progrediamur*.

Todos estes trabalhos hão de ter apreciação especial, pois o seu merecimento pebe mais do que simples notas bibliographicas: pede *notas criticas*.

Já chegou de Lisboa a edição dos *Contos Infantis*, o bello livro das nossas Exmas. collaboradoras DD. Adelina Vieira e Julia Lopes.

V. M.

Morria-se de amor; vive-se d'isso.

LUCIO DE MENDONÇA.

BEIJO ETERNO

Quero um beijo sem fim
Que dure a vida inteira e applaque o meu desejo!
Ferve-me o sangue... Acalma-o com teu beijo,
Beija-me assim!
O ouvido fecha ao rumor
Do mundo e beija-me, querida!
Vive só para mim, só para a minha vida,
Só para o meu amor!

Fóra, repouse em paz,
Dormida em calmo somno a calma Natureza,
Ou se debata, das tormentas presa:
Beija inda mais!
E, enquanto o brando calor
Sinto em meu seio de teu seio,
Nossas boccas febris beijem com o mesmo anseio,
Com o mesmo ardente amor!

De arrebol a arrebol
Vão-se os dias sem conto, e as noites, como os dias,
Sem conto vão-se calidas ou frias!
Rutile o sol
Esplendido e abrasador...
No alto as estrellas coruscantes,
Tauxiando os largos céos, brilhem como diamantes...
Brilhe aqui dentro o amor!

Succeda a treva á luz...
Vête a noite de crepe a curva do horizonte,
Em veos de opala a madrugada aponte
Nos céos azues,
E Venus, como uma flor,
Paire a sorrir do Oriente á porta,
Paire do Occaso á entrada... A treva e a luz que im-
porta?
Só nos importa o amor!

Raive o sol no verão!
Venha o Outomno! Do Hynverno os frigidios vapores
Toldem o céu! Das aves e das flores
Venha a estação!
Que nos importa o esplendor
Da Primavera, e o firmamento
Limp, e o sol scintillante, e a neve, e a chuva, e o
vento?
Beijemo-nos, amor!

Beijemo-nos... Que o mar,
Nossos beijos ouvindo, em fasma a voz levante!
E cante o sol! a ave desperte e cante!
Cante o luar,
Cheio de um novo fulgor!
Cante a amplidão! cante a floresta!
E a Natureza toda em delirante festa
Cante, cante este amor!

A SEMANA

337

Rasgue-se à noite o véo
Das neblinas, e o vento inquiria o monte e o valle :
— Que beijo é aquelle? — E uma aurea estrella
falle
Do alto do céo
Ao mar, préza de pavor :
— Oves? que agitação é aquella? —
E o mar adoce a voz, e á curiosa estrella
Responda que é o amor...

E a ave, ao sol da manhã
A aza de ouro batendo, á estrella que palpita
Murmure, ao vél-a desmojada e afflicta :
— « Que beijo, irmã !
Pudesses ver com que ardor
Elles se beijam loucamente ! — »
E inveje-nos a estrella... e apague o olhar dormente,
Morta, morta de amor !

Dá-me um beijo sem fim,
Que dure a vida inteira e applaque o meu desejo !
Ferve-me o sangue... Acalma-o com teu beijo,
Beija-me assim !
O ouvido fecha ao rumor
Do mundo, e beija-me, querida !
Vive só para mim, só para a minha vida,
Só para o meu amor !

OLAVO BILAC.

JORNAL E REVISTAS

Temos o prazer de saudar um novo collega, o *Gryphus*, revista litteraria, humoristica e illustrada, cujo primeiro numero appareceu no dia 9 do corrente. E' redigido por Henrique Stepple e desenhado pelo Netto. Seu programma, resumio-o nesta quadra, que, como observou *Rialto*, não é no genero modestia propriamente uma violeta :

« A critica polida, a critica elegante,
« Que toma por legenda o classico *Ridendo*,
« Que tem na flor do labio um *gripho* hilariante,
« Eis, leitor, a missão que realizar pretendo.

No texto, diz que será o riso o seu companheiro de jornada e que, sem compromissos politicos, faz suas todas as grandes causas pelas quaes se bate a imprensa adeantada.

Os desenhos são dos melhores que tem feito o lapis do Netto e o texto alegre, leve e inoffensivo.

Desejamos ao *Gryphus* vida igual á de Chevreul.

M.

AQUI, ALI, ACOLÁ

Falleceu recentemente em Aden o celebre viajante francez Paulo Solillet, em consequencia de uma affecção adquirida nas suas explorações africanas, Abrio ao commercio francez Chóa, Obok e outras regiões da Abyssinia, e projectava ir do Senegal á Algeria por Tombuctú. Foi o terceiro dos tres unicos europeus que conseguiram penetrar no oasis d'In-Calahs. Os dois primeiros foram o commandante inglez Laing, em 1826, e o allemão Rolhfs.

A 17 do corrente será inaugurado no *square* Vintimille o monumento dedicado á memoria de Berlioz, cuja estatua foi executada por Alfredo Lenoir.

Os crimes multiplicam-se em Pariz. São numerosissimos os casos de reincidencia e os batoteiros (*souteneurs*). Os assassinos cada dia inventam um requinte inédito de perversidade. Ultimamente, na rua Albouy, foi encontrada dependurada a uma janella a cabeça de uma mulher. Um horror !

Graças a um mysterioso e maravilhoso elixir, de sua invenção, o viajante italiano Succì consegue passar longo tempo sem ingerir alimento, solido ou liquido, de nenhuma espécie. As ultimas datas estava elle no 80º dia de jejum absoluto, sem que nelle se pudesse observar o minimo signal de desfallecimento physico ou moral. Muitissimo teria que ganhar a sciencia com o estudo d'esse estupendo phenomeno.

PASSEPARTOUT

THEATROS

RECREIO

Ha muito tempo que o nosso theatro se resentia da falta de uma actriz de primeira ordem, que pudesse arcar com as damas galans do drama moderno. Agora, Ismenia, que ha cerca de quatro annos abandonára o palco fluminense, apresentou-se de novo e, com o primeiro papel de que se incumbio, reconquistou o seu posto de honra, o seu logar de nossa primeira actriz dramatica.

As principaes qualidades artisticas da Sra. Ismenia são o sentimento e o calor dramatico; e era isto exactamente o que nos faltava, o que nos faltou sempre no largo periodo da sua ausencia, mesmo quando a companhia do D. Maria II, de Lisboa, embasbacava os frequentadores do Recreio deante a Sra. Virginia, a quem elles, no excesso da inconsciente admiração, pediam bis nos finais de acto.

A *Martyr*, tirada por E. Tarbé de um romance de d'Ennery, conservou todas as excepçoes qualidades d'este dramaturgo excepcional, d'este incomparavel arranjador de entrecos e de situações dramaticas, as mais commovedoras e as mais imprevistas. D'Ennery tem num só acto do qualquer das suas peças lances e grandes scenas para tres ou quatro dramas de effeito !

A *Martyr* é uma das peças mais bem acabadas e mais perfectas do genero D'Ennery. O primeiro acto é o que se chama o acto da *exposição*; e esta é tão bem feita, que o espectador começa logo a entrever que ali se vae passar um drama de seiscentos diabos, porque aquella intriga de borracha, esticada por D'Ennery até ao quinto acto, ha de por força estalar ruidosamente ali pelas alturas do terceiro ou do quarto acto. Pois não, senhores. E' logo no segundo ! A situação complica-se por tal forma e de tal arte, que logo no segundo acto ha nada menos do que—uma mãe culpada, um filho arrependido, um marido ciumento, uma esposa accusada injustamente e que aceita a accusação para salvar a mãe, e mais um assassinato a tiro, á vista do espectador, uma scena de loucura, uma tremenda maldicção paterna... o demonio ! Materia para dois ou tres dramalhões de primeira ordem, tudo resumido num só acto, no segundo, em uma peça que só tem cinco. Imagine-se que *topete* é necessario ter-se para depois d'este acto

fazer mais tres sem que o espectador mande tudo aquillo á fava ! Pois D'Ennery e Tarbé fizeram os outros tres actos, e no fim ainda alguns espectadores queriam um epilogo—le quebra !

No quarto acto ha um acunulo tremendo de situações vehementes e o final é verdadeiramente bello e de uma fina observação psychologica !

Não relatamos aqui o complicadissimo entrecos da peça porque o leitor não deixará, por certo, de ir ao Recreio ver a *Martyr*, tão bellamente traduzida pelo nosso collega Henrique Chaves.

Além da extraordinaria belleza do drama, ha ainda o atractivo do bom e harmonico desempenho que lhe dá a companhia Dias Braga.

Ismenia faz de uma maneira superior e notavel o difficilissimo papel de Lourença (a martyr). O seu trabalho começa a destacar-se poderosamente desde a primeira scena com o irmão. Vê-se bem pela justeza das inflexões, pela natural propriedade do gesto e do accionado, pela convicção da phrase e pelo calor da enunciação, que a artista está na inteira posse e na perfeita comprehensão da sua personagem; depois, nas terriveis scenas de grande violencia que se succedem, o seu trabalho vae progressivamente augmentando de relevo e de vehemencia, até á grande transição da loucura, depois da maldicção paterna e subseqente scena final.

O trabalho de Ismenia no segundo acto é um dos mais difficéis e dos mais brilhantes que ultimamente temos admirado. E' mais do que notavel:—é soberbo, altamente dramatico, tem o quer que seja de excepcional e de magnifico !

No quarto acto são tambem admiravelmente representadas por ella as scenas com os paes; e a scena com a filha é jogada toda com adoravel delicadeza e com profundo sentimento, como a situação permite ou, melhor—exige. A grande scena com o ex-marido, que fecha o acto, foi executada com extrema habilidade, com grande calor, com abundancia de vida, e a bella phrase final, resumo de todos os encontrados sentimentos e da immensa ventura e paz de espirito que a determinam, foi admiravelmente dicta, demonstrando a alta comprehensão d'aquella parte estupendamente romantica da peça.

O quinto acto teve um desempenho igualmente notavel. Emfim: o papel de Lourença é, sem duvida, um dos melhores, mais perfectos e mais estudados que temos visto feitos pela excelente artista que o nosso publico vae ter occasião de admirar agora, e por muito tempo, esperamol-o.

Mas não é só o papel da protagonista que é bem desempenhado. A *Martyr* tem um desempenho muito bom, por parte de todos os artistas; todos muito afinados, muito certos, muito bem ensaiados.

Clementina fez encantadoramente o papel de Paulina. O segundo acto é todo seu. A scena com a madrastra foi feita com muito relevo e com muita altivez.

Helena Cavalier, no ingrato papel da falsa duqueza de S. Lucas, fez o que nelle era possível fazer. Foi dissimulada sempre e sempre correcta. Além d'isso, vestio-se admiravelmente em todos os actos, com muita elegancia e bom gosto; o que mostra a comprehensão que a artista teve da sua antipathica personagem.

Leolinda fez com muita distincção a sofredora Sra. de la Marche. As scenas do segundo acto, as do quarto e as do quinto foram representadas com expressão e talento.

Eugenio fez muito bem o papel de conde de Moray. É notavel o seu trabalho do segundo, assim como o do quarto acto em toda a scena com Lourença. A desesperada confissão, no final, foi feita com muito talento. Todo este difficil papel foi conduzido com habilidade e representado com distincção.

Dias Braga quasi nada tem que fazer no pequeno papel de almirante de la Marche. Contudo aproveitou bem as situações do segundo e do quarto acto.

Maia fez um optimo Elias Drack. Teve todo o aprumo do excentrico diplomata inglez e foi muito feliz nas scenas do segundo acto com Paulina e nas do quarto acto com os de La Marche e Lourença.

Castro tambem fez muito bem o seu pequeno mas importante papel de Roberto. Teve muita expressão e sentimento na bella scena com a mãe e nas seguintes com Lourença e Moray.

Domingos Braga esteve um bom *papete* no papel de Palmieri.

Rangel e Sepulveda, nos papeis dos criados Francisco e Maitar, secundaram bem os seus companheiros.

A peça está montada com muito apuro, com um certo luxo, e os scenarios, do Sr. Coliva, são bons e de bello effeito.

A traducção é fluente e correctá.

Emfim, a *Martyr* é um bello espectáculo e o Dias Braga encontrou peça para, com relação ás enclentes, substituir dignamente o *Conde de Monte Christo*.

SANT'ANNA

MME. DELMARY

Na terça feira, 12, realisou-se o beneficio de uma das mais amáveis, mais distinctas e mais sympathicas actrizes dos nossos theatros—Mme. Delmary Representou-se, em quarta representação, o *Heroe á força*, e, em seguida, houve um brilhante intermedio, no qual a beneficiada cantou—pela primeira e ultima vez—a valsa *Cor crudèle*, escripta pelo barytono Russo. A valsa não nos pareceu vulgar e a sua execução foi magistral. Foram muito applaudidos Mlle. Oudin, na valsa *A Primavera*, o tenor Nino em uma ariada opera *Esmeralda*, Mattos na cançoneta franceza, adaptada por Baptista Machado—*A minha familia*, e a Sra. Bellegrandi no romance da opera *Mignon*, que foi cantada com expressão e muito mimo.

A beneficiada recebeu innumeros *bouquets* e valiosos presentes, além de muito applaudida e festejada pelo publico. Foi uma justa homenagem á gentil senhora, e talentosa cantora que a todos captiva com a sua bondade e a extrema delicadeza das suas maneiras.

P. TALMA.

OS OLHOS

(SULLY-PRUDHOMME)

Azues ou pretos, bellos e adorados,
Olhos mil contemplaram o arrebol;
Hoje dormem nos tumulos gelados...
E emtanto, inda no céu ergue-se o sol!

As noites, mais que os dias agradáveis,
Têm dado encanto a inumeras retinas;
Brillam sempre as estrellas inmutáveis
Mas encheram-se os olhos de neblinas!

Que elles tenham perdido o olhar brilhante
Não é possível, não; não é possível!
Voltaram-se pr'a algum ponto distante;
Pr'aquillo que se chama o — invizível.

Os olhos — como os astros refulgentes,
Que embora os não vejamos, 'stão no céu —
Os olhos tambem têm os seus pontos,
Mas não morrem da morte sob o véu.

Amados, pretos ou azues, abertos,
Talvez, a alguma aurora extranha, infinda,
Da cova além, de terra já cobertos,
Os olhos, que fechámos, vêm ainda.

HENRIQUE DE MAGALHÃES

CONSELHOS SALUTARES

REMEDIO CASEIRO CONTRA O CANCER

Uma senhora respeitavel, fazendeira em Campos, muito curiosa em questões de medicina pratica e dada a curativos, durante inuitos annos, em grande numero de pessoas empregadas nas suas terras, na falta de um profissional, referio-nos que conseguiu curar dous casos de cancro, com o seguinte tractamento:

Cataplasma de folhas soccadas de heriva moura, feita em vinagre branco de Lisboa e pulverisada com uma pitada de arsenico. applica-se sobre a ferida, humedecendo-a constantemente com o mesmo vinagre, sem extrahil-a, até que caia.

A cataplasma adhére ao cancro, de tal modo que, ao cair, arrasta consigo todo o tecido alterado pela affecção.

Simple noticia, bem localizada nesta secção dedicada aos que soffrem,ahi fica registrada, deixando aos homens da sciencia o direito e a liberdade de investigar onde está a causa e a verdade da energia de tal medicação.

DR. SAHEN

SPORT

Apezar do tempo chuvoso, no domingo passado, o Prado Villa Izabel realisou as suas corridas com bastante concurrencia e animação.

Eis o resultado:

No 1.º pareo (1000 metros). vencedor *Africano* em 71 segundos, tendo partido um pouco atrazado, mas fez boa corrida lutando com *Bolero*, que chegou em 3.º sendo apenas por insignificante differença batido por *Guacho* que chegou em 2.º. Este pareo foi regularmente disputado. Tambem correram *Moema*, *Ella* e *Barraguy*. *Teriba*, *Eureka*, *Lincoln* e *Nemo* não correram.

No 2.º pareo (1450 metros). vencendo *Monitor* em 100 segundos, sem grande esforço. *Chapco* em 2.º e *Pip* em 3.º; *Feiteira* em 4.º

Tambem correram *Kaly* e *Argentina*. No 3.º pareo (1000 metros) correram *Onix*, *Paulicá*, *Apparecida*, *Ivon*, *Villa-Nova*, *Araby* e *Douro* que em 70 segundos bateu os seus adversarios, contra a expectativa geral. *Araby* chegou em 2.º porem esbarrado pelo seu jockey que propositalmente perdeu a corrida em favor de *Douro* que por patota obteve a

victoria. O Jockey do *Araby* foi suspenso por um anno. *Villa-Nova* chegou em 3.º e *Ivon* em 4.º; os outros parceiros chegaram na bagagem. Não correram *Americana*, *Saltarelle*, *Doge*, *Morena*, e *Intima*.

No 4.º pareo (2600 metros) venceu com facilidade em 181 segundos o valente *Druid*. *Boyardo*, que chegou em 2.º, fez boa corrida. *Guanaco* fez triste figura e ficou distanciado.

No 5.º pareo (1800 metros). venceu facilmente *Coupon*, em 126 segundos apezar de estar adoentado, proveniente de um resfriamento. *Plutão* chegou em 2.º seguido de *Diomedé* que fez uma brilhante corrida, batendo-se galhardamente com os seus adversarios, conservando-se durante a corrida quasi sempre na ponta. *Peruana* chegou em 4.º. Não correram *Françoise* e *Cheapside* que depois de pezado o jockey e terem-se vendido *poules* foi retirado pelo seu proprietario, que, não allegando motivo justificado, foi energeticamente punido pela digna directoria, com a multa de 500\$000.

No 6.º pareo (1609 metros) *Monitor* novamente bateu os seus competidores em 108 segundos, demonstrando estar bem tractado. *Araby*, que no 3.º pareo perdeu propositalmente fez melhor corrida chegando próximo a *Monitor*. *Bayoco* chegou em 3.º fazendo má corrida, apezar de ter sido pezado por *Ivon* que chegou em 4.º. Tambem correram *Mandarin*, *Caporal* e *Bonita*, *Biscaia*, *Intima*, *Douro*, e *Saltarelle* não correram.

No 7.º pareo (1000 metros) venceu com facilidade, em 67 segundos, *Gaudriole*. *Peruana*, chegou em 2.º parecendo-nos estar mais aligeirada. *Speciosa* e *Gazida* fizeram triste figura. *Pansy* ficou na partida, *Frou*, *Frou*, *Suamp* e *Africana* não correram.

Em nossa ultima pagina se acha impresso o excellente programma da corrida que o Jockey-Club realisará amanha.

L. M. BASTOS.

TRATOS Á BOLA

Pirilito que bate, que bate,
Pirilito que já bateu;
Quem gosta de mim é elle,
Quem gosta d'elle sou eu!

(Cancioneiro das freiras do Mosteiro da Chimarrita.)

Esta epigrapha quer dizer que retomo o meu posto de grão *tratista*, exonerando interinamente o meu jejuativo collega Fr. Simplicio.

As charadas passadas foram decifradas pelo Sr. *Carapetão*, e não acertaram os Srs. *Pépé*, *Sancho*, *A. Eloy* e *Anvicor*. Desde que se dá uma cousinha mais difficil ninguem acerta. *Proh-pudor!*

As decifracções dos *tratos* ultimos são estas:

Das charadas — *Calado*, *Perola* e *Covado*; das perguntas *Sombra* e *Lima* (Perú) os nomes do triangulo:



passando logo em seguida a desenrolar as charadas (quem as decifrar, bom premio hade chuchar.).

ANTIGA

Na tina da Samaritana
Haveis de achal-a até de sobra—1
Ella que é bicha d'agua, e mana
De um bicho feio como cobra!—1

Tão contrahida encontro-a hoje,—1
Quasi juntando a perna ao peito,
Que todo o mundo d'ella foge
E quasi eu fujo a dar conceito.

TIBURCIANAS

I
2—2— Na lagoa coisa nenhuma re-
fresca.

II
4—1— Quem pede faz chorar no fóro.

III
2—2— Curando o medico vóo.

PERGUNTAS

I
Qual a metade... do pé?

II
Que côr pinta o pintor nos ares?

III
Qual o verbo que, num certo tempo
de um certo modo carregado, *emfim*,
fica com penna e canta?
Até sabbado piedosos irmãos.

FREI ANTONIO

FACTOS E NOTICIAS

S. DE CONCERTOS CLASSICOS

O primeiro concerto com grande orchestra eralizado no dia 11, no salão do Novo Cassino, sob a direcção do projecto maestro e sublime violinista White, foi surprehendente, acima do que se esperava, e produziu geral enthusiasmo. O excellent resultado do primeiro concerto com grande orchestra deve ter animado o Sr. White à realisação de outros.

CORREIO

Sr. Alexandre Dias.—Eu só queria que me apontassem a pessoa que lhe foi dizer que a redacção d' *A Semana* é hospicio de alienados, para que o senhor mandasse para cá as suas *Rosas Loucas!* (*) Ora dá-se! Vejam só este terceto:

«As musas ouvindo-lhes a doce melodia
Baixam do azul dizendo:—São ricas de magia,
Poeta, as flores que o céu da poesia toucas.»

Toucas?
Era melhor que o homem dissesse:

Que o céu da poesia... *causticos na nuca.*

Com que então, meu caro Sr. Dias, na sua terra dizem que o senhor tem veia poetica, hein? e não dizem tambem que tem pancada na bola? Provavelmente foi vossa mercê o auctor d'esta quadripha popular:

(*) Offerecidas ao auctor do *Baile das Múscas*. Compreheide-se...

«Trepei no pé de tomate
P'ia colher um caixo d'uvas;
Vem o dono dos marmellos:
—Quem te deu estas goiabas?»

Foi com certeza. O seu soneto precisa mais mettido em uma camisola de força do que em letra redonda.

O senhor andaria muito bem se publicasse um intitulado *Rilhasoltes poetico*; no qual a gente encontrasse: *dhalias allucinadas, camelias idiotas, mangeronas pancadas, mangericoes com uma aduela de menos, cravos malucos e assim por deante.*

Boa noite e... banhos frios.
Sr. *Ali-babó-ló*.—SS. pelo modo porque se assigna parece ter vindo da terra dos traques! Ora que passasse muito bem! Vamos lá a ver o seu sonetinho. Intitula-se elle *A crioula* (maganão!) Começa por este modo:

«A crioula, meu Deus! era a alegria
De todos os rapazes da cidade!»

(inclusive o auctor, já se sabe) e acaba assim:

«Todos, todos, pai, mãe, mano e mana (ull!)
Da familia mais pobre ou mais rica
Rião ao ver a lustrada safardana!»

Que limpeza de soneto, hein?
Olha empreza Gary para um!

Sr. *Jaão Marques de Carvalho A. J. Mattos Junior*.—Uff! estou botando a alma pela bocca! O senhor, ao menos pelo comprimento do nome, já pôde dizer que é notavel! Já houve um bardo que se lembrou de dizer que o director d'esta folha é o emblema da litteratura; eis que vem agora Vmc. desgatilhar-lhe este elogio quando elle menos esperava: «*indefesso sacerdote das letras.*» Ora livre-se um homem de uma d'estas! Agora saibamos: Quem lhe foi dizer que *A Semana*, conforme o senhor se expressa na sua carta,—é um bello *jornal periodico e hebdomadario*? Ora esta não lembrava ao diabo! Daquelle Parã sempre sae cada cousa... Sim, porque o senhor, como o declara na sua carta é do Parã, não é verdade? Pois meu amigo, aqui, os poetas que desconjuntam versos e, como lá, vão ás ventas da syntaxe e trazem o senso em pandarécos, pagam pela publicação dos seus sonetos capengas, nos *apellidos*, nada menos de 48; e creia que é uma bagatella! Infelizmente... *A Semana* não tem secção publica onde poetas vadios possam verter... sonetos.

Sr. *Junio Senilis*.—Sentimos não poder dar publicidade ao seu conto:—*ts duas escravas*; porque, conquanto V. não disponha de estylo, como o que se requer dos que são verdadeiros escriptores, não pecca, contudo, pelo desrespeito á grammatica; como acontece quasi que geralmente. Demais a mais, é nobre e bonita, não obstante ser bem pouco original, a idéa do seu conto. Tivesse o senhor engalanado um pouco mais o seu estylo, tivesse-lhe incutido um pouco mais de vigor e feito em meia ou mesmo numa tira de papel oque fez em duas e meia que, então, outro gallo lhe cantara.

Sr. *B. L.*.—Na impossibilidade de dar á estampa a sua oitava em septissyllabos, fizemos d'ella exactamente o que o senhor nos aconselhou que fizessesmos na nota que a acompanhava.

Sr. *Edmundo de Barros*.—A terrivel falta de espaço faz com que, pelo menos presentemente, não possamos publicar a sua poesia: *Manhã de despedida*. Se fosse mais curta poderia inseril-a mesmo nesta secção; mas é um pouquinho longa. Em todo caso, por esperar não perde.

ENRICO.

RECEBEMOS

— *A Illustração*, 3º anno n. 16 Um bello retrato de Listz e outras excellentes gravuras. Texto esplendido.

— *Facetas*, livrinho minuscuro (*contos e versos*) por Gaspar de Barros Falcão (S. Paulo)

— *O Doceiro encyclopedico*, contendo receitas para a confecção de doces, pasteis, pudins, massas, pães de lot, bolos, licores, varopes, refrescos e sorvetes, por E. Ferreira; edictor Serailim Alves. A linguagem não é boa, a revisão do livrinho foi má, mas são excellentes e numerosissimas as receitas. Recomendamos este *Doceiro* ás doceiras.

— *Fabulas de Lafontaine*, fasc. n. 12, com que termina o 2º livro; *Bibliotheca do Povo e das Escolas*, n. 135, em que Antonio Maria Baptista tracta da *Civilidade*. E' edictora a casa D. Corazzi.

— Da casa sem rival dos Srs. Nicoud & Co. o n. 37 do 11º anno do jornal *Le salon de la mode*, que traz muitas e bellas cousas para o bello sexo.

— *A Estação*, n. 18 do 15º anno, excellentes e variados moldes, figurinos e padrões; o supplemento litterario traz uma linda gravura *Partida para a caçada*, um bello soneto de Luiz Dellino, umas bonitas trovãs ciganas e a interessante *chroniqueta de Eloy, o heróe*.

— *O Pifonista* — cançoneta comica por Alfredo Rocha.

— *Sons e Brados* — Versos do Sr. Claudino dos Santos.

— Do intelligente e esperanço compositor Francisco Braga, alunino do Asylo dos Meninos Desvalidos, recebemos um exemplar do bellissimo tango — *Boreas* e outro da deliciosa polka *Phrinéa*.

— *Relatorio do Banco do Brazil* — apresentado na assemblea ordinaria d'este anno pelo seu presidente Conselheiro Machado Coelho.

— *Historia de Gil Braz de Santilhana*, fasc. n. 42, primeiro do 2º volume (livro sexto.) — *Fabulas de Lafontaine*, fasc. n. 13, 1º do livro 3º. gravuras magnificas.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—**Rua do Carmo n. 36.**

Dr. João Botelho, medico e operador; molestias venereas, syphiliticas e das vias urinarias. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicações medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 51, por cima da antiga pharmacia Fragososo, das 12 ás 3 horas.

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

Dr. Araujo Filho — Medico parteiro; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, nº. 36

O MONITOR

CHRONICA DOS FACTOS

PROPRIETARIOS

DOLIVAES & NAVARRO

ESCRITORIO E REDACÇÃO

59 RUA DE S. BENO 59

S. PAULO

Agencia na Côte para assignaturas e annuncios—Becco das Cancellas, 1 D.

Pela sua assignatura baratissima «O Monitor» já alcançou grande e larga circulação nesta provincia, na Côte e em muitas outras localidades do imperio.

COLLEGIO
SÃO PEDRO DE ALCANTARA

EM PETROPOLIS

Reabrir-se-ha no dia 1 de Janeiro de 1887 este segundo estabelecimento, debaixo da direcção do Dr. A. Zeferino Candido.

O collegio da Côte continúa, como até aqui, a cargo do director João Lopes Chaves e com o seu antigo pessoal.

As condições de admissão, preços programmas, methodos e disciplina são perfeitamente eguaes para os dous estabelecimentos. E' facultativa a escolha do collegio para todos os alumnos.

No inverno descerão para o collegio da Côte, acompanhados pelo seu director e mestres, os alumnos de Petropolis, para continuarem sem alteração os seus trabalhos.

Informações, matriculas desde já, no Collegio S. Pedro de Alcantara, na Côte.

RUA DE S. CLEMENTE N. 30

Os DIRECTORES

A. Zeferino Candido.
João Lopes Chaves.

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

GRANDE FABRICA DE FLORES
RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C,
PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o Café Oriente, da fabrica a vapor do Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25

9 C LABGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta— annuncio.

Typ. d'A Semana, rua do Carmo n. 36, sobrado.

JOCKEY-CLUB

PROGRAMMA DA CORRIDA

A REALIZAR-SE

DOMINGO, 17 OITUBRO DE 1886

1º pareo—FERREIRA LAGE—1.450 metros—Animaos do meio sangue, que não tenham ganho este anno—Premios: 500\$ ao 1º, 200\$ ao 2º e 100\$ ao 3º

Ns.	NOMES	NATURALIDADE	PESO	PROPRIETARIOS
1	Catana.....	S. Paulo.....	50 kilos.....	J. W.
2	Odalisca.....	Idem.....	48.....	R. M.
3	Caporal.....	Idem.....	52.....	R. M.
4	Aurelia.....	Rio de Janeiro....	50.....	Antonio E. Oliveira.
5	Orpheu.....	S. Paulo.....	54.....	J. Lemos,
6	Guanaco.....	Idem.....	54.....	Coudelaria Mirim.
7	Morena.....	Paraná.....	50.....	J. L. C.
8	Peralta.....	Rio de Janeiro....	54.....	Herm. José da Silva.
9	Peralta II.....	Paraná.....	52.....	D. A.
10	Araby.....	Rio de Janeiro....	52.....	Mario de Almeida.
11	Bonita.....	S. Paulo.....	52.....	J. Machado.
12	Douro.....	Rio de Janeiro....	54.....	J. G.
13	Favorita.....	Idem.....	48.....	B. M. C. B.

2º pareo—INTERNACIONAL—1.609 metros—Animaes de puro sangue, que não tenham ganho este anno—Premios: 800\$ ao 1º, 200\$ ao 2º e 100\$ ao 3º

1	Peryl.....	S. Paulo.....	51 kilos.....	M. S. Ferreira.
2	Gazida.....	França.....	53.....	A. T.
3	Exhibitor.....	Inglaterra.....	55.....	I. S.
4	Curubaiá.....	Idem.....	57.....	D. F. P.
5	Speciosa.....	Idem.....	61.....	Coud. Internacional.
6	Diomedé.....	França.....	55.....	Oliv. Junior & Lopes.
7	Fanfaron.....	Idem.....	57.....	Idem.
8	Mastin.....	Idem.....	55.....	Coudelaria Cruzeiro.
9	Peruana.....	Inglaterra.....	53.....	J. Rocha.
10	Cheapside.....	Idem.....	53.....	Coudelaria Paulista.

3º pareo—YPIRANGA—1.450 metros—Animaes nacionaes de 3 annos—Premios: 700\$ ao 1º, 200\$ ao 2º 100\$, e ao 3º

1	Monitor.....	S. Paulo.....	50 kilos.....	Coudelaria Cruzeiro.
2	Pip.....	Idem.....	50.....	B. V.
3	Galgo.....	Idem.....	50.....	S. M.
4	Dandy.....	Idem.....	52.....	F. Vianna.

4º pareo—MAJOR SUCKOW—1.609 metros—Animaes nacionaes, que não tenham ganho os premios «Guanabara e Cruzeiro do Sul»—Premios: 600\$ ao 1º, 200\$ ao 2º, e 100\$ ao 3º

1	Regina.....	S. Paulo.....	52 kilos.....	Coudelaria Paraiso.
2	Druid.....	Rio de Janeiro....	58.....	Oliv. Junior & Lopes.
3	Carmen.....	S. Paulo.....	52.....	Coud. Internacional.
4	Baioco.....	Idem.....	60.....	Oliv. Junior & Lopes.
5	Diva.....	Rio de Janeiro....	52.....	Coud. Fluminense.
6	Boyardo.....	S. Paulo.....	56.....	Coud. Guanabara.
7	Ivon.....	Paraná.....	52.....	C. P.

5º pareo—EXPERIENCIA—1.450 metros—Animaos estrangeiros de 2 annos—Premios: 500\$ ao 1º, 200\$ ao 2º e 100\$ ao 3º

1	Africana.....	Rio da Prata....	46 kilos.....	Olga Lopes da Costa.
2	Castellone.....	França.....	48.....	Coud. Santa Cruz.
3	Phenicia.....	Inglaterra.....	46.....	J. S. Junior.
4	Gabier.....	França.....	48.....	S. M.
5	Frou-Frou.....	Idem.....	46.....	Coud. Rio de Janeiro.
6	Frontin.....	Idem.....	48.....	Idem.
7	Echoron.....	Idem.....	48.....	S. M.

6º pareo—GUNABARA—1.609 metros—Animaes nacionaes—Premios: 1:000\$ ao 1º, 300\$ ao 2º e 100\$ ao 3º

1	Sans-Souci.....	Minas Geraes....	56 kilos.....	Coud. Internacional.
2	Talisman.....	S. Paulo.....	60.....	Coudelaria Cruzeiro.
3	Boreas.....	Idem.....	60.....	Idem Rio de Janeiro.

7º pareo—VELOCIDADE—1.000 metros—Animaos de todos os paizos—Premios: 600\$ ao 1º, 200\$ ao 2º e 100\$ ao 3º

1	Cheapside.....	Inglaterra.....	58 kilos.....	Coud. Paulista
2	Speciosa.....	Idem.....	62.....	Idem internacional.
3	Sylvia II.....	S. Paulo.....	59.....	Idem Cruzeiro.
4	Satan.....	França.....	59.....	Mario de Souza.
5	Peruana.....	Inglaterra.....	58.....	J. Rocha.
6	Charibdes.....	Idem.....	58.....	Coud. Rio de Janeiro.
7	Biscata.....	S. Paulo.....	53.....	Idem Santa Cruz.

8º pareo—DEZESEIS DE JULHO—Handicap—2.500 metros—Animaos de todos os paizos—Premios: 800\$ ao 1º, 200\$ ao 2º e 100\$ ao 3º

1	Curubaiá.....	Inglaterra.....	63 kilos....	D. F. P.
2	Plutão.....	França.....	69.....	Coudelaria Cruzeiro.
3	Diva.....	Minas Geraes....	50.....	Idem Fluminense.
4	Gaudriole.....	França.....	60.....	Coud. Rio de Janeiro.

O 1º SECRETARIO, H. G. FOSSOLLO,

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 23 DE OUTUBRO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 93.

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

GALERIA DO ELOGIO MUTUO

I

VALENTIM MAGALHÃES

SUMMARIO

Expediente.....	
Galeria do elogio mutuo I	
Valentim Magalhães....	F. D'ALMEIDA.
Historia dos sete dias....	FILINDAL.
Politica e politicos.....	TOB.
Carta a Emygdio Montei-	
ro sobre A Velhice do Pa-	
dre Eterno.....	V. MAGALHÃES.
Anacreonte, soneto.....	W. DE QUEIROZ.
Notas bibliographicas....	V. M.
Jornaes e revistas.....	S.
Hyacintho, poesia.....	R. OCTAVIO.
A vida elegante.....	LORGNON.
Theatros.....	P. TALMA.
Parnazo alegre, Dorothéa..	M. DA HORTA.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Collaboração, As estrelas.	A. DE A.
Emfim! soneto.....	T. DE FARIA.
Factos e Noticias.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CORTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

Sr. M. G. M. Dantas. — Rio Grande do Norte. O seu pedido pôde ser satisfeito, mediante a quantia de 6000 rs.

Receberá um exemplar dos **Vinte Contos** quem tomar uma assignatura d'A Semana por um anno, em qualquer dos seguintes logares:

- Rua do Carmo, 36
- Livraria Faro & Nunes,
- Livraria Laemmert,
- Empreza Litteraria Fluminense, rua Sete de Setembro, 1
- Charutaria do Café Brazil (com o Sr. Bittencourt).
- Café Central, rua da Quitanda, esquina da do General Camara.
- Typographia Central, Trav. do Ouvidor, 7.
- Fonseca Braga & Filho, rua do Ouvidor, esquina da da Quitanda.
- Charutaria do ponto dos bonds de Villa Izabel, e
- Filial da Casa editora David Corazzi, rua da Quitanda, 38.
- Casa Dolivaes Nunes, em S. Paulo.

Eu deveria começar este artigo dizendo que elle é um genio; mas como calculo que elle tenha de dar esse mesmo qualificativo a alguem, deixo de lh'o dar a elle.

Espalhou-se nas vinte provincias do Imperio que elle nascera na villa viçosa do Rio Bonito. Quando o Rio Bonito e as Saquaremas circunjacentes souberam d'isto começaram a disputar entre si a honra do nascimento do grande homem. Este caso lembra caso identico succedido posthumamente a um fuão Homero, um mendigo cego, que deixou aos evos seguintes provindouros o mais opulento thezouro de riquezas e deluz que o ingenho humano tem produzido: *A Illiada*.

Sete cidades gregas avocaram a immortalidade do berço de Homero; sete villas disputam ainda a paternidade de Valentim Magalhães. Esta coincidência biographica dos dois poetas havia de ligal-os na tradição dos posterios talvez muito mais do que se pense, se eu não viesse de antemão decidir as duvidas da Historia.

Valentim Magalhães não nasceu em nenhuma das villas da provincia do Rio. Nasceu aqui mesmo na capital, na casa da rua do Conde d'Eu n. 18, casa que ainda não tem uma placa comemorativa do acontecimento—porque neste bello e ridentissimo paiz não ha justiça coeva para os escriptores e para os artistas.

Ha tambem muitas duvilas ácerca da sua idade. Querem uns que elle tenha quinze annos, outros que tenha doze, e ainda outros e outros que affirmam ter elle dezoito, dezenove, vinte.

Estão todos enganados. A criança tem vinte e oito annos: nasceu a 16 de Janeiro de 1859. (*)

Completo a parte biographica do meu artigo com dizer que elle é advogado, formado na Faculdade de Direito de S. Paulo em 21 de Novembro de 1881, que é professor emerito de pedagogia na Escola Normal, que é casado e que tem um filho de cinco annos, que é uma das mais encantadoras crianças que o mundo tem visto.

O escriptor e o poeta dispensavam bem o meu elogio, se eu não fosse insuspeito para fazer-lh'o por ser o seu

(*) Se alguem o quizer presentear nesse faustoso dia, pôde dirigir-se á redacção d'A Semana, rua do Carmo 36. Anno 88 — premio 20 contos.



mais intimo amigo e mais constante companheiro de trabalho.

Valentim Magalhães é um escriptor operoso e infatigavel. Trabalha sempre.

Como jornalista tem todas as grandes aptidões do officio, menos uma: a falta de sinceridade. A parte este defeito, tudo mais são qualidades: Vê bem e vê rapido; o seu espirito assimila e digere promptamente o acontecimento, de qualquer ordem que seja, e a deducção é immediata e é nitida. Tem um alto criterio social para o discernimento dos factos e dos successos; d'ahi a incisão, a concisão, a clareza limpida dos seus artigos e a justeza dos seus conceitos.

Escriptor maginoso, fluentissimo, dispondo de uma pasmosa ductilidade de estylo, adapta soberbamente a linguagem ao assumpto. Assim, parece não ter estylo proprio, accentualmente individual—mas tem-no. Isso conhece-se nos assumptos indeterminados e vagos e nos artigos de jornal. Quando phantasia, ou quando narra, o seu estylo é o estylo do seu caso, o estylo da sua obra do momento. Sentimental e dolorido, mas nobremente sentimental e altivamente dolorido, quando descreve desgraças ou dores; brilhante, faceto, espirituoso, satirante—quando o assumpto é comico ou

alegre; burlesco, exquisito, incoherente, coercível, — quando o assumpto é disparatado, quando é *charge*.

Para comprovar isto basta ler-se os *Quadros e Contos*, publicados em 82, e os *Vinte Contos*, publicados agora.

A sua prosa é sempre bella, sempre diamantina, sempre correcta e sempre original.

De um grande e intenso poder assimilador, elle medita pouco sobre o seu trabalho e o seu trabalho sae-lhe sempre perfeito. Finissimo e habilissimo observador, o seu olhar mergulha intrepidamente, sem scaphandro, a todos os pegos, a todos os abysmos da alma, e traz sempre á tona um sentimento, alvo ou negro, grande ou pequeno, que haja por lá e que elle escrupulosamente passa a estender sobre o papel, como quem desenrolasse uma peça de velludo ou de estameña. E onde não pode ir elle mesmo, vae a sua audacia. Imagina o que não vê, adivinha o que não conhece. E' o supremo e raro poder da intuição.

Honestissimo, sincero, intemerato, mas corajoso e audaz, a sua penna purifica-a nas suas bellas qualidades moraes e nos seus sentimentos antes de imbebel-a no veneno da tinta para a polemica ou para a satyra.

Sabe bem d'isto quem leu a preciosa collecção de artigos que, sob o titulo geral de *Notas á margem* publicou diariamente, durante anno e meio, na *Gazeta de Noticias*.

E', pois, um prosador distinctissimo, original e abundante como poucos tem tido o Brazil e como não ha muitos em Portugal.

Poeta, conheo-o mettido nesta calamidade quando, em 1879, fui pela vez primeira a S. Paulo. Elle fazia então o seu terceiro anno de Direito e tinha no prelo o volume dos *Cantos e Lutas*, livro ainda muito abeberado de *idéia nova*, de edeias modernos, do arsenal revolucionario de Junqueiro; mas correcto, inspirado, altivo, bem assoprado de liberdade e de justiça. Este livro fez-me escrever as primeiras tolices criticas com que barbarisei a *Gazeta da Noite* d'aquellas eras.

Nos intervallos da revisão dos *Cantos e Lutas*, acabava elle *A Vida de seu Juca*, parodia que, com o mano Henrique — outro demonio de talento original, brilhante, exquisito e complicado como um cipol de ouro fulvo — resolvera fazer á *Morte de D. João* do Junqueiro, que estava então no declinio da poderosissima influencia que exercera na poesia dos dois paizes portuguezes. Vi no seu quarto de estudante pobre esse hilariante kaleidoscopio de facecias e de disparates rimados.

A' parodia succedeu um poemeto delicioso, unido de sentimento purissimo, vivido na tristeza de uma desgraça de pessoa intima, adoravel de verdade, de observação e de poesia — *Colombo e Nêê*.

Depois d'isso tem escripto magnificos versos que dariam dois ou tres volumes; mas os raros edictores nacionaes têm horror á poesia e os volumes não se imprimem.

Muita gente pergunta — e eu mesmo já me tenho interrogado — por qual razão os versos de Valentim Magalhães, na sua maior parte, agradam um pouco menos do que a sua prosa. A questão é difficil de decidir. Supponho que seja por haver nelles menos expontaneidade e mais tortura artistica. Os versos d'elle são inspirados, correctissimos, melodiosos; mas não têm, talvez, a mesma intensidade de brilho, o mesmo

refrangible fulgor da prosa. Todavia, ainda ha pouco tempo, no concurso aberto pela *Semana* para um soneto a Victor Hugo, obtive o soneto d'elle o primeiro logar entre os dos nossos mais distinctos poetas. Isto, comquanto não queira absolutamente dizer que seja elle o primeiro poeta do Brazil, prova, em todo caso, que elle é dos primeiros, e que entre elles pôde algumas vezes ser o vencedor.

Por enquanto calo-me.

Se não disse tudo o que d'elle tinha a dizer, disse, entretanto, o bastante para cumprir o meu triplice dever de admirador, de amigo e de companheiro.

FILINTO D' ALMEIDA.

HISTORIA DOS SETE DIAS

O que é certo é que os sete dias não tiveram historia. Não ha duvida que foram infamemente roubados alguns queijos inermes; que o capoeira *Atacutudo* deu duas ou tres navalhadas no seu collega *Arranca-boses*; que a preta Maria engalfinhou-se com a preta Custodia; que José de tal embriagou-se e descompoz o rondante, etc., etc. Mas isto é a historia de todos os dias, são as locaes que as folhas diarias já vão despresando.

Vae ser hoje julgada Francisca de Castro, a barbara e deshumana senhora das pretas Joanna e Eduarda. O processo estará entregue aos juizes na hora em que o leitor se deliciar com esta semsaboria. Não temos que dizer por enquanto. Devemos esperar a sentença do honrado tribunal popular.

Mas vem a proposito fazer aqui algumas considerações a respeito do edificio da Camara Municipal, onde tambem funciona o tribunal do Jury. Não são reflexões christans as que vamos fazer, nem mesmo talvez sejam reflexões. Consignamos uma vergonha e baste.

O tribunal do Jury não pode funcionar hoje na sala das suas sessões, no edificio feito de proposito para esse fim ha dois annos ou tres, porque esse edificio não offerece condições de segurança para uma grande agglomeração de povo!

Sei que o leitor ingenuo não me acredita, mas é o mesmo: eu posso, felizmente, documentar a minha affirmativa. Tenho aqui para isso, no *Jornal do Commercio* de hontem, uma carta do Sr. ministro da justiça ao Sr. commendador J. J. Martins de Pinho, em que positivamente se consigna o facto:

« Não offerecendo a sala, em que actualmente funciona o tribunal do jury, a necessaria segurança para, sem risco de um desastre, proceder-se ao julgamento da ré Francisca da Silva Castro Magalhães, que notoriamente deverá atrahir numerosa concurrencia, tornando-se assim difficil evitar conflictos, que podem resultar do facto de só ser admittido limitado numero de espectadores, peço a V. S. como mui digno presidente do Lyceu Litterario Portuguez, o especial favor de ceder um dos salões do mesmo Lyceu para ahi ter logar o referido julgamento.»

Ora ahi está: E' o proprio ministro da justiça quem pede emprestado um edificio particular, para nelle funcionar o tribunal do Jury, que tem um proprio!

Mas, senhores administradores d'este paiz! onde diabo está o architetto que

construiu aquella gaiola? Pois o inepto não poderá ser responsabilizado por ter empregado manteiga em vez de cimento, goiabada em vez de pedra, angü em vez de madeira, fios d'ovos em vez de ferro na construcção d'aquelle monstruoso edificio?!

Ou estaremos nós sendo injustos, e tel-ó-ia o Governo convencido de que o projectado casarão, não era para a camara municipal nem para o Jury, mas unicamente para residencia do sabiá canoro que no tempo de Gonçalves Dias usava cantar nas palmeiras?

Se o homem foi convencido de que o edificio era para o referido sabiá, então a coisa está optima e o feliz passarolo pode saltitar á vontade pelos salões, que a casa não desabará com o seu peso.

Se, porém, não enganaram o homem, e elle sabia que aquillo era para supportar o peso de algumas pessoas, então o governo deve cassar-lhe os titulos que por ventura lhe deu e elle deve pedir ao mestre, que o ensinou a fazer gaiolas, o dinheiro que elle lhe pagou para aprender a fazer palacios.

E não é só o edificio do Jury que está rachado. Não, senhores; isto é o paiz das rachas. Rachou-se o reservatorio do Pedregulho e outros, rachou-se o edificio da camara municipal, rachou-se o edificio do correio e da caixa de amortização, rachou-se o edificio da typographia nacional, rachou-se o do lazareto da Ilha Grande; rachou-se tudo!

Inepcia, desidia, desmazello, incurria!

Do *reporter* que, por minha conta, mandei acompanhar SS. MM. na excursão a S. Paulo, recebi os seguintes telegrammas:

S. Paulo, 19, ás 6 1/4.

« Chegámos 5 horas, Imperador não podendo vir pé correu dentro wagon lado para outro toda viagem. Não cansado.»

Idem, 19, 7 horas.

« Visitámos typographia *Mercantil*. Imperador abraçou Gaspar e Léo, festa p'ra festa, ora muito bem, esses ossos. Alegria pandega cerveja.»

Idem, 20, 5 da manhan.

« Imperador encontrou Americo Campos, pediu manta museu Nacional, Sertorio protestou. Conflictio *Provincia e Popular* Pestana furioso. Navarro *Monitor* Virginia Sarah Bernhardt penna de ouro mostrou Imperador.»

Idem 21, 8 da noite.

« Espectaculo hoje S. José não houve companhia. Orchestra só, hymno Aratuna. Discursos Tres Rios Rodovalho grammatica diabo. Ardor monarchia fogo! Imperador: já sei.»

Idem 22, 4 da tarde.

« Fomos Ipiranga, monumento não racha. Imperador imitação Papae grita independencia morte. Hymno verde amarello jubilo *parasita* tableau!»

No proximo numero publicarei os mais que for recebendo durante a semana.

FILINDAL

Um crime chama por outro.

PADRE SENNA FREITAS.

POLITICA E POLITICOS

Em raras occasiões tem-se dado em nossa vida politica uma escolha senatorial que se preste a tão variados commentarios como a que recahiu sobre o Sr. conselheiro Candido de Oliveira. O facto não podia passar despercebido ao illustrado escriptor das *Cousas Politicas da Gazeta de Noticias*, e não passou; mas parece que, não attendendo a alguns elementos que se accumulavam em torno da occurrencia, aquelle criterioso artigo considerou apenas uma face da questão, tirando uma conclusão absolutamente logica quanto ás suas premissas; conclusão que pode ser a verdade, mas que tambem pode não ser.

Para o illustrado e distinctissimo jornalista a escolha senatorial foi uma transacção, em que de um lado o grande eleitor impunha a passagem do projecto abolindo a pena de açoites, e de outro o presidente do Conselho impunha a não acceitação do primeiro votado na lista, e que era o mesmo que, em 1871; num impeto fogoso de deputado novo, abalava o paiz com uma denuncia gravissima contra o mesmo homem que hoje preside ao Conselho de ministros.

Que a idéa da abolição da pena de açoites não podia pertencer ao actual ministerio, cuja feição é accentuadamente escravocrata, não ha a menor duvida; vejamos, porém, se para acceitá-la e fazer passar rapidamente nas camaras, tinha o Sr. presidente do Conselho necessidade de pedir a não escolha do Sr. Cesario Alvim.

Em primeiro lugar é preciso confessar que o illustre deputado mineiro já não é hoje o mesmo homem de 1871. Com a idade vem a experiencia, e a experiencia politica neste paiz embota muitos sentimentos, acalma muitas impetuosidades, modifica muitas naturezas. O Sr. Cesario Alvim entrou para a Camara com um prestigio que nenhum deputado teve; a sua eleição liquida esteve longos mezes na pasta da commissão de inquerito, e esta demora fazia perante o publico o effeito de ser o Governo um doente que adia a mais possivel a applicação cirurgica a que forçosamente se tinha de sujeitar. Tanto isto estava na consciencia de todos, que o Sr. Carlos Peixoto, poucos dias antes de ser S. Ex. reconhecido, disse em discurso na camara mais ou menos isto: «Estou certo que o Sr. Cesario Alvim já não é o mesmo partidario exaltado; não ha razões para a prevenção, etc.»

Quando S. Ex. foi reconhecido, a primeira vez que falou, um fremito de curiosidade percorreu todo o auditorio, e as pessoas presentes fizeram religioso silencio. O que foi a palavra de S. Ex. nessa occasião? Não precisamos dizelo; mas, mais do que o publico, devia o Governo ter ficado satisfeito com ella.

De então em diante quasi que passaram despercebidos os seus discursos. Como opposicionista, o Sr. Cesario Alvim foi muitissimo menos do que o Sr. Candido de Oliveira, do que o Sr. Affonso Celso Junior, do que o Sr. Affonso Penna. Na discussão das medidas financeiras, S. Ex. foi batido com facilidade pelo Sr. Belisario; S. Ex. não lançou mão do recurso parlamentar da interpellação, para enfrentar com o Sr. presidente do Conselho, o que era naturalmente esperado; S. Ex. levou a sua cordura de opposicionista ao ponto de propôr impostos; e na discussão da lei de terras, quando a opposição resolveu não falar mais, á vista de um encerramento que considerava acintoso, S. Ex. falou ainda, quebrando a

unidade de vistas da pequena representação liberal.

De modo que a posição de S. Ex. na Camara, se não foi *cordata* como a do Sr. Lourenço de Albuquerque, pouco faltou para o ser. E nestas condições a escolha de S. Ex. podia de algum modo affectar o Sr. presidente do Conselho? De certo que não. A prova d'isto está no unanime consenso publico admittindo que S. Ex. seria o escolhido, esquecendo-se, o publico, da presença do Sr. Cotegipe no ministerio, como o Sr. Cesario Alvim se esquecerá do prestigio que rodeava o seu nome e d'aquelles factos de annos passados.

Nestas condições o grande eleitor, pondo pela terceira vez á margem o nome do Sr. Cesario Alvim — e nas duas vezes anteriores o Sr. Cotegipe não era presidente do Conselho — fez ao Sr. presidente do Conselho a cousa mais desagradavel que se podia fazer a S. Ex. E de facto, depois d'aquellas occurrencias, o que aconteceu ao Sr. Cotegipe? Foi presidente do Senado, foi provedor da Misericordia, recusou o Conselho de Estado e é presidente do Conselho de ministros. Teve o Sr. Cesario Alvim quatro mezes como adversario politico, e de S. Ex. nada ouviu. O publico, como já dissemos, attendendo principalmente á posição do Sr. Cesario Alvim, julgava-o por força o escolhido; não porque S. Ex. forçasse o seu character mirando a senatoria, cousa que nem o publico nem nós acreditamos — mas porque parecia que S. Ex. adaptára á sua natureza a experiencia, que não é vicio de um, mas que é apanagio de todos os nossos homens publicos, e que leva ao Senado, á bemaventurança onde não se faz politica.

O grande eleitor, porém, deixando de escolher o Sr. Cesario Alvim, provoca a continuação das murmurações do povo. O povo acredita que o Sr. Barão de Cotegipe, como bom pontifice da sua escola, não fez questão da escolha senatorial; mas acredita tambem que o imperador, sem a menor suggestão, não quiz escolher aquelle candidato para dar ao Sr. Cotegipe uma prova da estima em que o tem.

Esta estima é que se parece muito com os cuidados do urso: ao Sr. Cotegipe nada pode ser mais desagradavel do que dizer-se que o imperador não escolheu o Sr. Cesario Alvim «para ser-lhe agradavel,» visto que isto é a sancção monarchica ás murmurações do povo.

Excluindo assim este candidato, vamos ver quaes as razões que S. M. teve para fazer a escolha que fez. E' bom não esquecer a incidencia da questão militar, questão que naturalmente influíu no animo do imperador, porque o imperador se alguma cousa teme e respeita, é o exercito.

Sua magestade tinha deante de si dois nomes: os dos Srs. conselheiros Candido de Oliveira e Carlos Affonso. Aquelle, nos ultimos dias de sessão, prestou seu apoio aos actos do ministro da guerra, e exigiu de S. Ex. que fizesse manter a disciplina do exercito. Foi S. Ex. ainda o auctor do aviso que mais restringia a liberdade dos officiaes, aviso cuja execução provocou os protestos dos militares. Ambos tinham sido ministros da guerra; mas havia uma differença: O Sr. Candido de Oliveira expediu avisos e sahiu do ministerio contando numerosos amigos nas diversas classes do exercito; e o Sr. Carlos Affonso com a questão Frias Villar tornou-se alvo de muitas antipathias entre os militares.

Demais o Sr. Candido de Oliveira não fez barulho, e o Sr. Carlos Affonso fez; e nestas coisas o imperador gosta muito do silencio. A publicidade é por elle

apreciada em casos especiaes só quando ella lhe presta para contar cousas de que sua magestade não pôde dizer já sei.

Ainda uma outra circumstancia poderosa. O ministerio Dantas, bem ou mal, fez ruido na Europa. O seu projecto, que era uma insignificancia perto d'este que acaba de passar, teve uma grande vantagem com as *tramoias* que não permittiram a sua discussão: tomou as proporções das cousas intangiveis, ficou apenas accentuada a sua principal medida, que era a boa, e todos os defeitos que por ventura tinha, foram olvidados, porque não foram discutidos. Mas o facto é que este projecto correu a imprensa européa, e o ministerio que o apresentou foi sempre considerado «o ministerio abolicionista.»

Sua Magestade gosta de armar ao effeito; e havemos de convir que ha de ser de muito boa impressão a successão d'estes telegrammas passados para o Estrangeiro: «Por influencia directa do imperador do Brazil, foi abolida a pena de açoites» e «Sua Magestade o imperador acaba de escolher senador por Minas o Sr. Candido de Oliveira, que fez parte do ministerio abolicionista.»

Agora se assim se passaram as cousas, como é que um ministerio retrogrado acceitou um projecto tão adeantado? Em primeiro lugar, Deus é Todo Poderoso: o que elle quer é o que se faz. O Sr. Cotegipe tem sido tudo, mas os seus collegas ainda têm muitos degraus a galgar. Ha uma lista senatorial com um nome de ministro. Ha senadores que querem ser presidentes do Conselho, e ha deputados que querem ser senadores. Nisto não vae dezar algum aos honrados cavalheiros ministros; é a regra geral da nossa politica. E como para todas essas ambições a vontade do Senhor é imprescindivel, repitamos com o versiculo da Biblia: — Adoremos o Senhor, e o obedecemos; porque elle é a sabedoria.

TOB.

CARTA A EMYGDIO MONTEIRO

SOBRE

"A Velhice do Padre Eterno"

Ha muito tempo, meu caro confrade, que eu tenho para com Guerra Junqueiro e os leitores d'*A Semana* uma divida a pagar: escrever d'*A Velhice do Padre Eterno*.

O titulo da divida com aquelle foi o me haver honrado com o offerecimento de um exemplar, que uma dedicatória do seu punho tornou para mim de valia inestimavel; para com este foi a minha obrigação de jornalista e critico. Razões varias, d'entre as quaes sobrelevava de importancia o justificado receio de dizer em publico acerca do valor litterario e philosophico de obra tão annunciada, tão esperada, tão discutida e tão grande, nas qualidades como nos defeitos. Mas o seu criterioso e brilhante estudo, meu estimado collaborador, veio fornecer-me ensejo para de uma só pennada cumprir tres deveres, como quem de uma só paulada estendesse mortos tres coelhos: — agradecer a Junqueiro a honra e o prazer da sua offerta, significar a V. o alto apreço e a viva sympathia em que tenho o seu talento de escriptor e as suas qualidades de cavalheiro e camarada, e desempenhar-me para com o publico d'*A Semana* do compromisso de lhe dizer o que penso da ultima obra

do seu predilecto poeta. Farei tudo isso em mui poucas palavras.

Estou de harmonia com V.— completamente ou quasi, — n) que escreveu d'A *Velhice do Padre Eterno*.

Tenho observado a respeito d'esta obra este facto pouco vulgar—um quasi completo accordo de opiniões entre os criticos que a têm julgado: — Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão, Mariano Pina, Teixeira Bastos, C. Castello Branco e V. têm sido todos contestes em afirmar a fraqueza philosophica do poema. Teixeira Bastos, que — injustamente, mas por obedecer às suas doutrinas philosophicas—colloca Anthero do Quental e Theophilo Braga, e talvez Gomes Leal, acima de Junqueiro, diz que: — «A *Velhice do Padre Eterno* não é um livro para ficar, para o futuro, é uma obra de propaganda revolucionaria, anti-clerical, que tira todo o seu valor da oportunidade com que veiu à luz.» E' isso mesmo.

Pinheiro Chagas mostrou com espirito e sensatez que Junqueiro, no final das contas, é um pacato e respeitoso crente de Deus, da immortalidade da alma, do inferno (a «jaula de ferro para a alma de Locusta») do céu (o «relicario de ouro para a de Platão»), da vida eterna... (*Amen!*)

C. Castello Branco prova com citações d'A *Velhice* que Junqueiro é «um *atheu* que crê em Deus e na immortalidade da alma, na benaventurança para os bons e nas penas eternas para os máos, que pede a Deus a sua divina compaixão para os que padecem e para os que delinqüiram; um *atheu*, finalmente, que recorre do fundo da sua alma a Deus pedindo-lhe vida para concluir a sua obra»; em summa um *atheu* como Voltaire, que mandou crigir uma igreja com a seguinte inscrição: «A Deus consagrou Voltaire» *Deo erexit Voltaire*.

O que elle não quer, o que elle não admite, o que elle combate com 50 balas, é o Vaticano, o Papa, a padraria, o confessorario, as confissões, os milagres; toda a sucia de Roma, emfim.

O livro de Junqueiro, disse-o V. muito bem, «não vem fazer nenhuma revolução nas crenças dos seus leitores. Pelo fundo, a obra nova do grande poeta não vale nada. E de certo que, se a sua propaganda tivesse algum effeito, seria contra-producente. As folhas catholicas é que podem tirar d'ella um grande partido: é excellente para ellas avigorrarem as crenças dos que ainda as têm e para lhes despertar o odio contra o espirito moderno.»

Onde elle é verdadeiramente original, immensamente novo, innegavelmente unico, é na maneira, no estylo. Aquella satyra nunca a fez Juvenal, nem Aristophanes, nem Barbier, nem Hugo, nem Richépin, nem Guilherme Braga. A satyra de Junqueiro é só d'elle; de ninguém mais.

A gargalhada de Junqueiro, — abalando os muros da Igreja como as trompas do exercito de David abalaram os muros de Jerichó — tem a altisonancia tragica de Shakespeare e o assobio implacavel de Gavroche; é a voz severa e potente de Victor Hugo, estridulando com as casquinadas de Aretino. Junqueiro é Voltaire arremangado, dedos na bocca, assobiando á thiára, ás batinas e aos solidéus.

Tem a pilheria tragica; é o Eschylo da trôga. Hamleto rufando com os tibias de Iorick na pança congesta de Tartufo. E' o Offenbach da Poesia. Que é *A Velhice do Padre Eterno*? *A Legende des Siècles*? Não: — a *Gran'Duchesse*... do Catholicismo. Só conheço um escriptor igual a Junqueiro, mas em prosa: — Camillo Castello Branco.

Ha em certos trechos da *Velhice* uma

condensação formidavel de bom humor e de bom senso; ha alexandrinos que estrallem com a abaladora força das gargalhadas de todo um magôte de garratos de aldeia vaiando um extemporaneo e antiquado chapéu alto. A *Velhice* é o riso de Rabelais ao serviço da indignação de Barbier.

E' isso o que faz a originalidade de Junqueiro e o raro valor da sua obra. A *Circular*, por exemplo, é uma cousa inimitavel, de uma excepcional intensidade de ironia, de uma inaudita originalidade. Só isto: *Deus & Filho*! Só isto vale por dez volumes de logica anticatholica, espessa, syllogistica, demolidora. Que endemoninhado bom humor e que dynamitica ironia não ha nisto:

« Agua de Lourdes, fresca. Em pipas, ao quartilho
« E em garrafa. Exigira mais *Deus & Filho*
« Na etiqueta, e na rolha, a fogo—Providencia»

Só conheço, em prosa, um trabalho que possúa essa força de critica, esse poder de graça: as *Farpas*.

A *Circular* é uma delicia; a gente lê-a e consola-se de quantos infortunios tenha tido ou venha a ter.

« A *Circular*, — escreve nos *Serões de S. Miguel de Seide* o insuspeito Camillo — tem uma espontaneidade humoristica, genial e preeminente, que não pode ser confrontada; porque é unica, estreme e tecida de irrisorios elementos da vida moderna.»

No genero da *Circular* ha *A vinha do Senhor*, *Calembour*, *Ladainha*, *A agua de Lourdes*, *A sêta do senhor abbade...* que V., como eu, ha de ter saboreado com intenso prazer.

Mas de todo o livro a peça capital, a que reputo de immensa valia, a composição mais forte, mais original, mais completa, mais brilhante, mais profunda de Junqueiro é exactamente uma de que V.— com certeza por esquecimento— não fez menção: *A valla commum*.

Tem cousas de mais; exageros, escabrosidades, impudencias de linguagem, idéias enojantes, excrecencias lastimaveis, que é forçoso admittir, pois são as manchas d'esse radiantissimo sol. Mas que versos, meu amigo! que originalidade prodigiôsa! que ironia feroz! que vigor de golpes! que graça! que inspiração! que audacia! que grandeza! Que poema! Nada conheço em poesia portugueza que, mesmo de longe, se pareça com isto:

« Valla commum — tasca nojenta,
« Me-a redonda sepulchral,
« Aonde a toalha crapulenta
« E' um lençol roto do hospital,

« E aonde as larvas proletarias
« Devoram — lugubres festins! —
« Craneos de heroes, ventres de párias,
« Carcassas podres de arlequins,

« Ao contemplar-te, ó libertina,
« Um nojo immenso me accomette:
« Tens a avides de Messalina
« Na bocca negra de Machbet!»

Que felicidade estupenda a d'estas quadras, na idéia como na forma:

« As guilhotinas homicidas
« Pelo carrasco, o fiel criado,
« Mandam-te o *lunch* ás escondidas,
« No seu *panier* ensanguentado.»

« Deus, que te fez sempre esfaimada,
« Deu-te tambem, pança gigante,
« Por cosinheiro Torquemada
« E Bonaparte por marchante.»

« E's magro e funebre molosso
« Ha milhões d'annos sempre a uivar:
« O' Guerra, traz-me o meu almoço!
« O' Peste, traz-me o meu jantar!»

« Em lagos rutilos de estanho,
« Bramindo pragas em latim,
« Milhões de herages tomam banho...
« Olhae que espiga um banho assim!»

« Estes, frigidoss em certans,
« Dentro do azeite que extravasa;
« Outros, perneando como rans,
« Na empalação d'um raio em braza.»

Longe iria eu se pudesse transcreever tudo quanto ha de bello e de grande nesta extraordinaria composição. Um assombro!

O que vale como lyrico o formidando poeta satyrico que de relance acabamos de ver, dil-o a primeira peça do livro: *Aos simples*. Traslado para aqui as poucas linhas com que a anotei, no meu volume: «E' admiravel esta poesia. Só ella bastaria para dar idéia do valor de Junqueiro como poeta lyrico. O seu lyrismo é puro, calmo, delicado, perfumoso, simples e commovente como a commovente simpleza d'essas boas almas ignorantes a que se dirige o poeta. E' uma magnifica peça de abertura este trecho de lyrismo virginal a este rispido livro de satyra violenta. Tem, comtudo, alguns defeitos de composição e muitos de forma.»

Outra peça admiravel de graça, de naturalidade, de pittoresco, de sentimento dramatico — *O melro*.

Para ser um livro de excepcional merecimento não precisava *A Velhice* de ter mais nada além de *Aos simples*, *A valla commum* e *O melro*.

... Oh! diabo! lá me vou eu alongando, a inundar *A Semana* e a aborrecer o meu amigo com as semsaborias d'esta carta.

Conclúo; e conclúo com duas palavras suas: *Guerra Junqueiro*, — que, se escrevesse em francez, honraria a poesia franceza, apezar da obra immensa de Victor Hugo, — é na poesia portugueza, como na poesia hodierna de todos os povos, mais do que notavel e extraordinario — «ó unico.»

Oitubro—1886.

VALENTIM MAGALHÃES.

ANACREONTE

A VALENTIM MAGALHÃES

Anacreonte parte para Athenas...

PLATÃO.

Mar jonio em fóra, á pópa da galera,
Medita o velho dos festins sagrados,
Entre velas de purpura, e dourados
Mastros, brilhando a um sol de primavera.

O manto ás auras solto, a barba austera
E os cabellos de essencias perfumados,
Leva uma eburnea lyra, — os seus cuidados—
Suspensa ao peito, e á mão um thyrsos de hera.

Rumo de Athenas leva. O mar frisando
Vae a galera, com festões virentes,
Emquanto, n'agua os corpos baloiçando,

Brincam Nereidas, a fitar, curiosas,
Anacreonte, á pópa, — as cans luzentes —
Coroados de pampanos e rosas.

WENCESLAU DE QUEIROZ.

(DO « Diario Mercantil »)

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

Está publicada a oitava edição do *Manual Mercantil* ou Encyclopedia elementar do Commercio Brasileiro, por Verediano Carvalho. 306 pags. Obra importantissima, indispensavel a quantos precisem de saber ou tractar de cousas relativas a commercio e especialmente á escripturação mercantil.

O facto de haver chegado á oitava edição, aqui, onde as obras raramente passam da primeira, fala mais alto em seu favor do que qualquer elogio nosso.

Elegante e delicadamente impresso em magnifico papel *chamois*, acaba de sair das officinas da casa Moreira Maximino & C. um novo livro (300 paginas) do Dr. Castro Lopes: «*Origens de anezins, proloquios, locuções populares, siglas etc.*» (1ª e 2ª serie) compõe-se de 47 artigos, na sua maioria publicados, com grande acceitação e applauso, no *Jornal do commercio* e no *O Paiz*. Abre o livro com prefacio erudito, pelo Sr. Commendador Bellegarde, o indefesso e numerosissimo subsidiario das nossas Lettras.

Tudo concorre para que dentro em pouco tempo se esgote a primeira edição das *Origens de anezins*.

Está no prelo da casa Castro Silva & C. um livro do Sr. Alfredo Camarate, redactor do *Jornal do Commercio*. O livro, que será feito numa edição elegante e primorosa, constará de artigos e folhetins sobre varios assumptos; tem um titulo original, chama-se:—*Et cetera*.

Tambem entrou nesta semana para os prelos da importante casa Moreira Maximino & C. o livro de versos do nosso companheiro Filinto d'Almeida.

Não terá o titulo de *Aquarellas*, como estava annunciado: chamar-se-á simplesmente:—*Lyrical*.

V. M.

No proximo numero publicaremos um magnifico artigo intitulado *Machado de Assis* (Notas e commentos a um seu admirador.) E' seu auctor um antigo e apreciadissimo collaborador d'*A Semana*, que, d'esta vez, occultou-se modestamente no pseudonymo de *Abel d'Alba*.

JORNAL E REVISTAS

No dia 16 entrou a *Gazeta do Povo*, folha que se publica na capital de S. Paulo, no seu oitavo anno de existencia.

Nascida de um modesto grupo de typographos, a *Gazeta do Povo* tem conquistado pouco a pouco, á custa dos esforços do seu proprietario, o Sr. J. da Veiga Cabral, a honrosa posição que hoje tem no jornalismo da florescente provincia.

Cumprimentamos cordialmente o seu proprietario e redactor.

A *Provincia de S. Paulo*, a exemplo do *Diario Mercantil*, excellente folha da mesma cidade, organisou um magnifico serviço de telegrammas da Córte. Concisos mas relatando todos os acontecimentos do dia, os telegrammas da *Pro-*

vincia deixam ver que são feitos por mão habil e bem informada.

E' um demonio — o *Diario Mercantil*: cada vez a melhor, mais inventivo, mais interessante, mais agradável. No seu n. de 19 do corrente publicou uma grande e bella poesia inédita de Anthero do Quental *A Fada negra* e no de 20 iniciou a publicação d'*A tenda do mestre Lucas*, romance original do illustrado e rijo escriptor padre Senna Freitas.

S.

HYACINTHO

A VALENTIM MAGALHÃES

No escuro peitoril da gothica janella,
Pendida a calva austera, Hyacintho, o monge, scis-
ma...

No seu fulgido olhar a lagryma revela
Que elle em recordações tristissimas se abysma.

Dos corvos a revoadada espalha-se no occaso
De negro pontilhando a purpura da tarde,
E o asceta piedoso, em triste sonho, acaso
Segue os corvos, acaso olha o horizonte que arde.

Os curvados festões das arvores ao vento
Oscillam; surdamente as folhas, como um hymno,
Como um canto remoto, entoam; o convento
Reverbéra a explosão do occaso purpurino.

No dobrado burel da cogula sombria
A barba nivea cae, assim como cascata
Muda e clara, em esconsa e negra penedia,
Se despenha no seio intrincado da matta.

O seu mystico aspecto e singular postura
Recordam de um propheta as tradições remotas,
Esperando que Deus faça brilhar na altura
A inspiradora luz das verdades ignotas.

Seu mysterioso olhar, de lagrymas coberto,
Brilha da extranha luz de uma lamina de aço
E revê como em sonho, um vaporoso e incerto
Bando de anjinhos nus atravessando o espaço.

Sonha. Em sonhos lhe corre a vida sileneiosa,
Nada lhe vem toldar a mystica poesia,
E a noite o encontra ainda entregue á mysteriosa
E calma adoração do terminer do dia.

S. Paulo, 1886.

RODRIGO OCTAVIO.

A VIDA ELEGANTE

O Congresso Brasileiro realizou no sabbado a sua partida do corrente mez com uma d'aquellas *soirées* do costume. Já se sabe que nada faltou aos seus socios e convidados, havendo da parte da directoria, composta de amaveis cavalheiros, as maiores attenções para com todos.

Senhoras das mais distinctas e elegantes da nossa sociedade enchiam os vastos e floridos salões, onde succediam-se as polkas, walsas e quadrilhas.

As danças foram precedidas de um magnifico e bem executado concerto em que tomaram parte as Exmas. Sras. DD. Corina Valeriano, Zulmira Seixas, Maria Avila, Emma e Carlota Kunhardt, Georgeana de Brito e os Srs. Alberto Motta, Oscar Feital e Carlindo Valeriano.

Só quando a aurora com os seus bem conhecidos dedos cor de rosa abria as portas etc. e tal, terminou a bellissima festa do Congresso Brasileiro, cuja directoria nos obsequiou com um convite que agradecemos.

LORGNON.

THEATROS

RECREIO DRAMATICO

Continúa o successo da *Martyr*, mas não tão grande quanto devia ser, pois ha muito tempo não viamos em theatro nosso, por companhia cá da terra, uma peça tão boa, com desempenho tão equal e tão brilhante e posta em scena com tanto luxo, cuidado e bom gosto. Era peça para enriquecer a empreza se o publico não estivesse cansado e, sobretudo, exausto pecuniariamente, sugado como foi por tantas companhias estrangeiras.

Mesmo assim, a *Martyr* promette dar ajuda muitas e gordas receitas á empreza. O trabalho primoroso e perfeito de Ismenia recebe todas as noites os merecidos applausos, de que justamente partilham Eugenio, Dias Braga, Maia, Domingos Braga, Castro, Leolinda, Helena, Clementina e os demais artistas.

LUCINDA

Chegou quarta feira das provincias do norte a companhia Furtado Coelho, e estreou-se quinta feira com o *Demi-monde*; hontem representou *O Leão Branco*, bella comedia de E. Blasco, na qual Lucinda tem uma das suas mais notaveis creações.

Agora sim; está exuberantemente provado que Lucinda Furtado Coelho é a primeira actriz portugueza da actualidade. A Sra. Virginia parece que não veio ao Brazil para outra coisa!

Emfim, foi bem bom que ella viesse: agora só os beocios se atreverão a fazer comparações temerarias.

Hoje representa-se a *Fedora*

RECREIO

No dia 27 faz beneficio o velho actor Paiva, com um espectaculo variado.

O Paiva, que já tão importante logar occupou no nosso theatro, é ainda um actor de merecimento e um cavalheiro de raras qualidades moraes, que o publico deve proteger concorrendo á sua festa artistica.

SANT'ANNA

O *Heróe á força* continúa a agradar muito. As honras do desempenho cabem inquestionavelmente a Vasques e Mlle. Rosa Villiot. Aquelle, faz todo o papel com muita graça e louvavel comediamento, tendo scenas magistraes como, por exemplo, a do mappa. Villiot realizou este prodigio artistico: tomou conta do papel (que, por motivo de molestia, não poudo ser feito pela sua primitiva destinataria a Sra. Cinira Pollonio), estudou-o em tres dias—musica e poema— e desempenhou-o, mas desempenhou-o esplendidamente, como se o houvéra estudado tres mezes: sem um *caroço*, com extrema gentileza, naturalidade e intelligencia. Pinto deu-nos um soberbo, um impagavel *Pantaleão de Aragão*. *Vomita-pragas*, foisoberbamente representado pelo sempre rijo e joven Aréas.

Os demais artistas e côros concorreram valentemente para o exito que vae alcançando a peça.

A proposito do *Heróe* aqui vae uma veridica e interessante anecdota: Em uma das primeiras representações, foi ao palco um sujeito e cumprimentou vivamente o Heller pela fidelidade com que foi reproduzida a paisagem do Jaboação, accrescentando:

— E' perfeita! Lá está a cascata, o rio, os coqueiros, a serra... Por que photographia foi reproduzida?

O Heller sorriu e... e disse que quem sabia d'aquillo era o scenographo. E' que a tal scena do *Jaboatão* era simplesmente uma da *Corça do bosque*, inteiramente imaginaria, por signal que ainda se vê no panno a abertura pela qual apparece, a seu tempo, a fada Furibunda.

Lê-se na chronica theatral do ultimo n. d'A *Vida Moderna*:

«Se a actriz Virginia é a Sarah Bernhardt portugueza, como quer o *Monitor*, de S. Paulo, a actriz Ismenia é a Ristori brasileira.»

Apoiadissimo, collega!

Tivemos o prazer de ver que foi muito apreciado o nosso artigo do numero 93 sobre a companhia dramatica do theatro D. Maria II, de Lisboa.

Entre as felicitações verbaes e escriptas que recebemos avultam duas cartas, uma do Sr. Dr. A. C. F., extraordinariamente lisongeira, e outra do Sr. F. M. o qual, felicitando-nos pela justeza do nosso estudo em geral nos diz que, entretanto, poderiamos ter sido mais benevolos com os excellentes artistas da companhia portugueza.

Responderemos ao Sr. M. que os artistas do theatro D. Maria não precisam de benevolencia. O seu merito salvaguarda os da necessidade de protecção. Além do que, — podemos affirmar-lhe altamente, — ninguém mais do que nós elogiou no Brazil os artistas João e Augusto Rosa, os que naquella companhia têm verdadeiro merito. Não accetámos a actriz Virginia como primeira actriz portugueza, porque de facto o não é, pelo menos emquanto existir Lucinda Simões, que tem um talento muitissimo superior ao de Virginia — concedendo que Virginia tenha talento, o que, francamente, negamos e negamos ainda.

Bem feitas ou mal feitas, podemos affirmar que nenhum jornal do Brazil fez criticas estudadas e escrupulosas como as d'A *Semana*.

Aconselhamos ao Sr. M. que releia o nosso artigo e verificará que não ha nelle nenhuma aspereza nem nenhuma malquerença contra qualquer dos artistas.

Nos *apellidos* da *Gazeta* tem apparecido uns artiguetes que, com o mesmo pretexto, nos injuriam, e outros que nos defendem e justificam, mas tão mal alinhavados uns como outros. Em um d'elles pretende-se intrigar-nos com a briosa colonia portugueza d'esta capital.

Está claro que não nos defendemos d'essas insensatas e calumniosas accusações. Quando nos referimos a frequentadores do Recreio que achavam sublime a actriz Virginia, é obvio que nos não referiamos aos espectadores em geral — que nem todos a achavam actriz espantosa — mas unicamente aquelles que nos finaes dos actos lhe pediam bis, pois são esses os admiradores incondicionaes, sujeitos que confundem um final dramatico de peça de Dumas com um *rondó* de Offenback ou de Lecocq.

Não podemos, pois, por havermos registrado um facto que milhares de pessoas presenciaram, ser accusados de offender a distincta colonia portugueza da corte.

Se ha folha que não possa ser suspeita aquella digna colonia, é, sem duvida, A *Semana*.

Mais uma vez repetimos: Nenhum jornal do Brazil elogiou mais rectamente do que nós os artistas que no grupo do

theatro D. Maria são dignos de elogios.

Só o que evitámos foi fazer mais uma vez rir o publico á custa da Sra. Virginia, não lhe chamando — Sarah Bernhardt portugueza; mesmo porque, como a Sarah prometeu voltar aqui, nós não queremos fornecer-lhe mais um elemento de *réclame*: o demonio da mulher era capaz de annunciar-se — a Virginia da Silva franceza.

P. TALMA.

A musica é o mais caro de todos os ruidos.

T. GAUTIER.

PARNAZO ALEGRE

DOROTHÉA

Eu amar-te? oh! pois não! essa é boa!...

Nem a ti, neni mulher de Pariz,
De Inglaterra, de Braga ou de Góia;
Tenho um gosto melhor, mais feliz!

A moçoila, que é minha sultana.
'Stá d'aqui retirada uma legua...
So p'ra vel-a, uma vez por semana
Me escarrancho no lombo da egua.

Mas não pensem que a Diva é d'aquellas
Que usam fôtos, *plissés*, casacão;
Traz as formas, rotundas e bellas,
Sob roupas de puro algodão.

E prepara *quibêes*, guisados;
Faz das almas amantes — petecas!
Quando cae num *batúque*, oh! peccados!...
Pula mais do que tres parerêcas!

O casebre da tal mocetona
E' coberto de fulvo sapé;
Quando brinca commigo, a Madona
Me belisca e me chama — *Mané*. —

Diz-me, ás vezes, num tom que enternece
E mais doce que um golle de matte:
— Como bate o seu peito! Parece
« Pírolito que bate, que bate... » —

E' capaz de matar jararacas!
Pisa forte, mais que um general!...
O seu chale de cinco patacas,
Faz o effeito de um manto real!

Uma tarde, cheguei (bem me lembro)
A' janella e encontrei-a já nella.
D'este dia (isto foi em Setembro),
Amo ella e hei de sempre amar elle.

Com seus dedos de mão de rainha,
E' famosa p'ra dar cafunés!
Seus tamancos, quando ella caminha,
Batem: — *téco! pé-téco!* nos pés.

Já eu disse-lhe: « Uns versos, na Côte,
Eu, com arte e rimados em *irte*,
Hei de cinco ou talvez *dez compor-te*;
Hei de amaí-te, querer-te, servir-te. »

Cá o *bibi* não adora a Cocóta;
Não é Combo o seu doce *ai!* *Jesus!*
Nem Milunga, nem Chica, nem Lóta
— Essa estrella que luz em Queluz. —

Quem eu amo está muito distante:
Para lá do Riacho dos Bagres.
Tem um nome *supimpa*, elegante:
— Dorothea dos Santos Milagres. —

MANOEL DA HORTA

SPORT

Eis o resultado das ultimas corridas no Jockey-Club:

No 1º pareo (1450 metros) *Araby*, com alguma facilidade, em 97 segundos, bateu os seus competidores. *Odalisca*, que sahiu bastante atrazada, chegou em 2º. *Orpheu* em 3º. Dos animaes inscriptos só não correu *Aurelia*.

No 2º pareo (1609 metros) *Cheapside*, em 107 segundos, sahiu victoriosa. *Curubaid* em 2º. *Fanfaron* em 3º. e *Speciosa* em 4º. *Pery* ficou na partida. *Gazida* e *Exibitor* não correram.

No 3º pareo (1450 metros) *Dandy*, em 100 segundos, venceu a *Galgo*, que nos pareceu mal preparado. *Pip* chegou em 3º. *Monitor* não correu.

No 4º pareo (1609 metros) havendo diversas sahidas falsas, provocadas pelos jockeys, em uma d'ellas partiram *Diva* e *Bayocco* e disputaram a corrida, vencendo o 1º. em 111 segundos, o que foi declarado sem effeito por não ter sido confirmada a partida.

Correram novamente *Boyardo*, que em 109 segundos venceu *Regina*, que chegou em 2º. e *Ivon* que chegou em 3º. *Bayocco* em 4º e *Carmen* na bagagem. *Druid* declarou *forfait* na vespera, e *Diva* o proprietario resolveu não a fazer correr novamente.

No 5º pareo (1450 metros) *Echoron* fez brilhante corrida, vencendo os seus competidores em 99 segundos. *Phénicia* em 2º e *Africana* em 3º.

No 6º pareo (1609 metros) *Boreas* venceu facilmente *Talisman* em 109 segundos. *Sans-Souci*, distanciado.

No 7º pareo (1000 metros) venceu *Charybdes* em 64 segundos. *Sylvia II*, que teve má sahida, chegou em 2º. *Cheapside* em 3º e *Speciosa* em 4º. *Satan* ficou na partida. *Peruana* e *Biscaia* não correram.

No 8º pareo (2500 metros) *Plutão*, apesar dos 69 kilos de pezo, venceu em 180 segundos. *Curubaid* chegou em 2º e *Gaudriole* em 3º. *Diva* não correu.

Realisa amanhã o Derby Club as suas corridas com um importante programma que necessariamente attrahirá grande concurrencia.

Consulte-se a nossa oitava pagina.

L. M. BASTOS.

COLLABORAÇÃO

ESTRELLAS

A VALENTIM MAGALHÃES

O ceu é turvo e pardacento como a lagoa onde se desmorona a ribanceira de argilla. O Sahara, vasto e nù, de uma aridez extensa. A tarde tomba... e a caravana descança.

A abobada etherea, essa cupola de um noivado eterno, vae-se colorindo de fogo, ora rosado e roxo, ora ennegrecido; sómente a estrella da tarde fulgura, branca como a gotta de orvalho [na petala da bonina.

O beduino arqueja de cansaço; seu peito, porém, bate com violencia; um suspiro rouba-lhe a palavra. Seu espirito embebe-se na lembrança do seu amor. Naquelle deserto de areia sómente a imagem d'ella não o abandona.

A noite chega e o esq̃aço se illumina.

Os outros contam as aventuras de ontem e desfolham os sonhos de outr'ora. Elle, porem, contempla a natureza e queda-se em melancholia. No seu coração surge a saudade e pelo azul derrama-se o luar...

No outro dia a caravana caminha. No rosicler do espaço ainda tremeluz a bella estrella da manhã. O caminheiro fita-a com esperança: — pensa na estrella que o espera e esquece por momentos a distancia que os separa.

Assim se passam mezes e mezes: — os dias rompendo com encanto, suavidade e luz, e desaparecendo lentos, tristes e saudosos. O deserto não se acaba; somente Vesper fulgura no céu e o beduino a contempla com extasis no olhar e saudade no coração.

Um Simoun terrível os surprehende á noite, quando os outros dormiam francamente e elle estava junto d'ella — falando da sua interminavel viagem, da saudade de morte, do seu amor ardente, abraçando-a, beijando-a... So-nhava!

No outro dia, quando Vesper surgiu irradiante illuminou com seu pallido reflexo muitos corpos sem vida!

... E o céu tornára-se escuro e pardacento como a lagoa onde se desmorona a ribanceira de argilla.

A. DE A.

EMFIM!

...com a respiração viva me aquecia o rosto...
J de Torres. (Lendas Peninsulares)

Vieste emfim!... Palpitas ao meu lado, Choras commigo de emoção... Vieste emfim! Mas fala... a tua voz celeste Sóa me doce como um threno amado.

Mas não... silencio... Que fulgor reveste O teu olhar! Venha-me d'elle o alato Som de tua alma: — o labio teu rosado, Que beijos dé-me, como nunca os deste!

Vieste emfim! Ah! Eu comprehendo agora O que é o amor, — esta risoulla aurora, Que enche-me o peito a transbordar! O amor!

Vieste emfim!... Nos braços meus te prendo, Todo o passado vendo em te revendo, Como és formosa! em te revendo, ó flor!

1886

TIMOTHEO DE FARIA

FACTOS E NOTICIAS

E. F. DE CANTAGALLO

No domingo, 17, foi solemnemente inaugurada na villa de Capivary, a estação d'esta estrada de ferro.

A's 7 1/2 da manhã sahio de Sant'Anna de Maruly o comboio, conduzindo o presidente da provincia Dr. Rocha Leão, o ex-presidente Dr. Cesario Alvim, representantes da Imprensa e grande numero de convidados. Em todas as estações havia povo agglomerado para saudar o trem na passagem e em algumas havia philarmonicas que tangiam o hymno.

A's 11 1/2 horas chegou o comboio a Capivary, em cuja estação provisoria o esperava grande numero de moradores do logar, com muitos foguetes e musica.

Na casa da camara da villa foi servido um abundante almoço. Houve muitos brindes e congratulações á digna empresa da estrada de ferro, aos engenheiros, ao Dr. Cesario Alvim, ao Dr. Rocha Leão, á Imprensa, ao qual respondeu, em nome d'esta, brindando ao futuro da E. F. de Cantagallo, o director d'esta folha, e outros ainda a varios cavalheiros presentes.

A's 2 1/4 partio o trem para Sant'Anna e ás 7 1/4 estavam todos os convidados na Côte.

Foi uma festa muito animada, e a população de Capivary deve estar tão satisfeita com o grande melhoramento que ora alcançou, como a empresa da E. F. de Cantagallo com a festa de progresso que proporcionou talvez a mil pessoas que foram até á villa.

ASYLO DOS MENINOS DESVALIDOS

Por Valentim Magalhães foram angariadas na freguezia do Espirito Santo e entregues ao thezoureiro da commissão da Imprensa encarregada de realisar festas para fundação de uma officina typographica no Asylo, as seguintes quantias, subscriptas pelos Exm. Srs.

Barão de Canindé.....	50\$000
J. J. Pereira de Moraes Teixeira	50\$000
Albino Joaquim da Silva.....	20\$000
José Ferreira Machado....	20\$000
Costa Moreira Gonçalves & C.	20\$000
Honorio Pinto de Magalhães...	20\$000

Este ultimo cavalheiro auxiliou muitissimo, com extrema gentileza e dedicação, a aquisição das ditas quantias.

Regressou, ha dias, de Lisboa o conhecido e estimado representante da casa David Corazzi no Brazil — o Sr. José de Mello. Veio ainda mais fero e forte do que foi. Apenas chegou inundou a cidade de mirabolantes réclames d'Os invisiveis de Lisboa, grande romance de Jayme Victor e Gervasio Lobato, que desde já recommendamos ao publico.

FALLECIMENTOS

Em S. Paulo falleceu o conhecido e antigo lente de rhetorica Dr. Paulo do Valle, auctor do drama *Caetaninho*.

Falleceu tambem o proecto professor Hilario Ribeiro, a quem muito deve a nossa instrucção publica, pois foi um dos seus mais intelligentes e indefessos propugnadores.

EXAMES DE PREPARATORIOS

Têm razão em suas reclamações os Sr. estudantes de preparatorios. Não é que não sejam acertadas as medidas tomadas pelo Sr. ministro do imperio; o que são é precipitadas, imprevistas, perturbadoras da ordem estabelecida e grandemente prejudiciaes para os estudantes que, não podendo contar com aquella bomba — embora devam sempre contar com isso — ficam no ar, com todos os seus planos de estudos interrompidos, inutilizados.

Fora justo que o novo regulamento só começasse a ter execução de novembro de 1887 em deante.

Vae apparecer um novo jornal diario. Será seu director o conhecido jornalista Dr. Augusto de Castro que ha muitos annos trabalha no *Jornal do Commercio* onde se popularizou com as *Cartas de um caipira*. Consta-nos que será fundado com o capital de 80 contos de réis.

Será publicado á tarde.

O nosso companheiro Arthur Mendes vae publicar proximoamente, com o titulo *Nevoas*, o seu primeiro volume de poesias.

ANNUNCIOS

ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o *Café Oriente*, da fabrica a vapor do Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25
9 C LABGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta — annuncio.

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

COLLEGIO SÃO PEDRO DE ALCANTARA EM PETROPOLIS

Reabrir-se-ha no dia 1 de Janeiro de 1887 este segundo estabelecimento, debaixo da direcção do Dr. A. Zeferino Candido.

O collegio da Côte continúa, como até aqui, a cargo do director João Lopes Chaves e com o seu antigo pessoal.

As condições de admissão, preços programmas, methodos e disciplina são perfeitamente eguaes para os dous estabelecimentos. E' facultativa a escolha do collegio para todos os alumnos.

No inverno descerão para o collegio da Côte, acompanhados pelo seu director e mestres, os alumnos de Petropolis, para continuarem sem alteração os seus trabalhos.

Informações, matriculas desde já, no Collegio S. Pedro de Alcantara, na Côte.

RUA DE S. CLEMENTE N. 30

OS DIRECTORES

A. Zeferino Candido.

João Lopes Chaves.

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA EXTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

DERBY-CLUB

PROGRAMMA DA 3ª CORRIDA EXTRAORDINARIA

A REALIZAR-SE

NO DIA 24 DE OUTUBRO DE 1886

A's 12 horas—1º pareo—SEIS DE MARÇO—1.450 metros—Animaes do paiz até meio sangue, que não tenham ganho no Derby—Premios: 400\$ ao primeiro, 80\$ ao segundo e 40\$ ao terceiro.

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIO
1	Villa-Nova.....	Zaino.....	4 annos	Paraná.....	50 kilos	Azul, branco e amarello...	Coud. Esperança.
2	Aranha.....	Alazão.....	5 »	S. Paulo.....	52 »	Vermelho.....	Coudelaria Mirim.
3	Apparecida.....	Zaino.....	4 »	Rio de Jan... 50 »	Ouro e encarnado.....	Mario de Almeida.	
4	Peralta II.....	Castanho.....	4 »	Paraná.....	52 »	Grénat e lirio.....	D. A.
5	Caporal.....	Alazão tost... 4 »	S. Paulo.....	52 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.	
6	Orpheu.....	Preto.....	5 »	Idem.....	54 »	Preto e branco.....	J. Lemos.
7	Americana.....	Tordilho.....	4 »	Rio de Jan... 50 »	Branco, preto e encarnado.	M. L. de Carvalho.	
8	Morena.....	Castanho.... 4 »	Paraná.....	50 »	Verde e ouro.....	J. L. C.	
9	Sartarelle.....	Preto.....	5 »	Idem.....	54 »	Geranium e ouro.....	J. W.

A's 1 2 e 3/4 horas—2º pareo—LEMGRUBER—1.450 metros—Inteiros e eguas de qualquer paiz, que não tenham ganho os pareos «Rio de Janeiro» e «Cosmos»—Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro.

1	Gaudriole.....	Castanho.... 3 annos	França.....	51 kilos	Encarnado e preto.....	Coud. R. de Janeiro.
2	Madama.....	Idem.....	Idem.....	51 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
3	Boreas.....	Idem.....	S. Paulo.....	54 »	Grénat e perola.....	Coud. R. de Janeiro.
4	Cheapside.....	Alazão.....	3 »	Inglaterra... 55 »	Encarnado, branco e ouro..	Coudelaria Paulista.

A 1 1/2 hora—3º pareo—EXCELCIOR—1.609 metros—Poldros e poldras nacionaes de 3 annos—Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

1	Dandy.....	Vermelho.... 3 annos	S. Paulo.....	53 kilos	Ouro e verde.....	F. Vianna.
2	Odalisca.....	Pampa.....	3 »	Idem.....	47 »	Verde, branco e encarnado.
3	Plutus.....	Castanho.... 3 »	Idem.....	53 »	Azul, branco e encarnado...	Coudelaria Cruzeiro.
4	Galgo.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	49 »	Azul branco e grénat.....

A's 2 1/4 horas—4º pareo—DR, FRONTIN—1.609 metros—Inteiros e eguas do paiz que não tenham ganho o pareo «Derby-Club»—Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

1	Ivon.....	Zaino.....	4 annos	Paraná.....	52 kilos	Preto, branco e encarnado.	C. P.
2	Regina.....	Douradilho.. 4 »	S. Paulo.....	52 »	Grénat e manchas azues...	Coudelaria Paraíso.	
3	Biscaia.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	50 »	Azul e ouro.....	
4	Diva.....	Idem.....	4 »	Minas Geraes 56 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.	
5	Druid.....	Tordilho.....	4 »	R. de Janeiro. 53 »	Branco e bonét encarnado.	Oliv. Junior & Lopes.	
6	Nicoafy.....	Castanho.... 4 »	Paraná.....	51 »	Azul e branco.....	J. P.	
7	Boyardo.....	Alazão.....	5 »	S. Paulo.....	56 »	Branco e estrellas azues...	Coud. Guanabara.

A's 3 horas—5º pareo—RIO DE JANEIRO—2.000 metros—inteiros e eguas de quaiquer paiz—Premios: 1:200\$ ao primeiro, 300\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro.

1	Peruana.....	Zaino.....	3 annos	Inglaterra... 47 kilos	Encarnado e perola.....	J. Rocha.
2	Catita.....	Castanho.... 3 »	Idem.....	47 »	Azul.....	F. Guimarães.
3	Satan.....	Idem.....	3 »	França.....	51 »	Grénat e bonét ouro.....
4	Coupon.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	49 »	Azul, branco e encarnado.

A's 3 e 3/4 horas—6º pareo—DERBY-CLUB—1.450 metros—Inteiros e eguas do paiz—Premios: 1:000\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

1	Sylvia II.....	Alazão.....	5 annos	S. Paulo.....	56 kilos	Azul branco e encarnado...	Coudelaria Cruzeiro.
2	Eólo.....	Zaino vermel. 4 »	Idem.....	52 »	Idem.....	Idem	
3	Pery.....	Castanho.... 6 »	Idem.....	56 »	Branco, preto e encarnado.	Manoel S. Ferreira.	
4	Boreas.....	Idem.....	5 »	Idem.....	56 »	Grénat e perola.....	
5	Carmen.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	52 »	Azul e grenat.....	

A's 4 1/2 horas—7º pareo—EXTRA—1.450 metros—Poldros e poldras estrangeiras de 2 annos—Premios 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro.

1	Phénicia.....	Alazão.....	2 annos	Inglaterra... 45 kilos	Vermelho e mangas azues.	J. S. Junior.
2	Pancy.....	Zaino.....	2 »	Rio da Prata. 45 »	Cereja, verde e amarello...	V. M.
3	Castellione.....	Idem.....	2 »	França.....	47 »	Azul e ouro.....
4	Gabier.....	Alazão.....	2 »	Idem.....	47 »	Grénat e rosa.....
5	Frontin.....	Zaino.....	2 »	Idem.....	47 »	Idem e perola.....
6	Echoron.....	Idem.....	2 »	Idem.....	47 »	Azul, branco e grénat.....

A's 5 horas—8º pareo—INITIUM—1.450 metros—Poldros e poldras de 3 annos que não tenham ganho no Derby—Premios: 400\$ ao primeiro, 80\$ ao segundo e 40\$ ao terceiro.

1	Relampago.....	Tordilho.....	3 annos	Paraná.....	49 kilos	Azul, branco e amarello....	Coud. Esperança.
2	Favorita.....	Baio.....	3 »	R. de Janeiro. 47 »	Verde e ouro.....	J. L. C.	
3	Hippomenes.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	49 »	Grénat e lirio.....	
4	Argentino.....	Castanho.... 3 »	Idem.....	49 »	Ouro e encarnado.....	Mario de Almeida.	
5	Onix.....	Idem.....	3 »	S. Paulo.....	49 »	D. A.	
6	Condor.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	49 »	Branco e encarnado.....	
7	Attila.....	Castanho.... 3 »	Paraná.....	49 »	Azul, branco e encarnado..	Oliv. Junior & Lopes.	
8	Pip.....	Pampa.....	3 »	Idem.....	49 »	Idem e ouro.....	
9	Chapécó.....	Vermelho.... 3 »	S. Paulo.....	49 »	Ouro e rosa.....	A. S. S.	
				Paraná.....	49 »	Branco e estrellas azues...	Coud. Guanabara.

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 30 DE OUTUBRO DE 1886

VOL. II-N. 96.

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	
Galeria do elogio mutuo II	
Filinto de Almeida.....	V. MAGALHÃES.
Historia dos sete dias.....	FILINDAL.
Bellas Artes.....	A. PALHETA.
José Bonifacio.....	V. MAGALHÃES.
» » poesia.....	F. DE A. E V. M.
Beijo mortal, soneto.....	A. A. L. VIEIRA.
Machado de Assis.....	ABEL D'ALBA.
Jornaes e revistas.....	S.
Canção.....	A. PARAISO.
Notas bibliographicas.....	F.
Theatros.....	P. TALMA.
A flor de sangue, soneti- lho.....	H. DE M.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Factos e Noticias.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CORTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000
[PROVINCIAS	
Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

Sr. C. DE A.—Rio Claro—Sendo as consultas regalia exclusiva dos assignantes *quites* da *Semana*, queira V. S. dizer-nos o numero do recibo que o colloca nessas condições.

Sr. T. O. TOSTES — Miracema — Afim de ser satisfeito o seu pedido, queira dizer-nos o numero do ultimo recibo em seu poder.

Sr. J. F. S. JUNIOR. — Nictheroy. — Diga-nos V. S. o meio por que poderemos cobrar a sua assignatura: O correio encontra sempre V. S. para lhe entregar a folha, mas o nosso cobrador não é tão feliz. Acresce que o recibo está em poder de V. S.

Sr. M. G. M. Dantas. — Rio Grande do Norte. O seu pedido pôde ser satisfeito, mediante a quantia de 6000 rs.

GALERIA DO ELOGIO MUTUO

II

FILINTO D'ALMEIDA

Este sugeito nasceu no Porto, a 4 de Dezembro de 1857. Aos 10 annos de idade mandou-o um tio para o Brazil, e cá ficou elle, lançado no labyrintho do commercio sem outras recommendações mais do que a sua exquisitissima cabeça cajuana e os seus fortes biceps de repazote robusto e são.

Caixeirou em muitas casas e em varios ramos de commercio; mas — e ainda ha quem não creia no dedo da Providencia! — era de preferencia em papelarias que se empregava esse futuro consumidor de papel. D'essas casas sahia por duas ordens de razões: — A principio por não poder aturar os desaforos e os barbarismos dos patrões e por levar frequentemente á cabeça dos companheiros mais graduados do que elle na hierarchia caixeirol, ora a noção da concordancia grammatical, quando claudicavam na vernaculidade ao transmittir-lhe as ordens do serviço, ora o cabo da vassoura ou a regua da pautação, quando claudicavam na cordura e civilidade exigiveis de quem tomou chá em criança. Depois entrou a sahir das casas de commercio para ir... jornalisar e litteratar.

Porque, a não ser o theatro, a unica cousa que realmente o occupava, interessava e seduzia na sua phase de caixeirol era — o jornal. Por isso quando não estava decorando, ás escondidas — e Deus sabe em que esconderijos! — o papel de Bonifacio, na *Morte do Gallo*, é porque estava escrevendo para *O Domingo*, um jornalzinho escripto e dedicado á illustre classe caixeirol; o que sempre acontecia a deshoras, depois que os patrões adormeciam. O dono d'*O Domingo* vinha buscar, depois de fechadas as portas, á casa Coursell, na rua da Alfandega, as tiras que o seu collaborador havia escripto na véspera, á luz parca do lampeão, diminuida para não acordar com o clarão os companheiros dormentes, e á poetica musica do seu dormir tempestuoso: uma *somnata* de... roncos!

Um dia Filinto foi ao patrão, e disse-lhe:

— Deixo hoje de ser seu empregado.

O patrão empallideceu... Pudéra! Aquelle rapaz era um verdadeiro iman á freguezia do varejo, que elle attrahia e retinha com a delicadeza do seu tracto e a communicativa alegria da sua conversa. A' custa de uma simples pilheria vendia o artigo mais caro do que outro qualquer, e isso sem difficuldade e sem que o freguez de tal desconfiasse.



— Mas porque é que sae?

— Eu... — e Filinto tomou um ar imperativo de embriionario Girardin — eu abandono o commercio...

— Ein ? ! !

— Entro para o jornalismo.

O patrão encarou-o, entre pasmado e condoido, embolsou-o do saldo que tinha na casa, abraçou-o e desejou-lhe venturas e juizinho, « muito juizinho, meu rapaz. » No dia seguinte o ex-caixeirol Filinto d'Almeida estava sentado gravemente á mesa de redactor d'*O Domingo*. Este jornal viveu um bom numero de domingos, graças ao prestigio que o seu redactor (*chapeau bas!*) gosava entre os seus antigos collegas.

A vida do jornalismo foi-lhe no começo como ainda o é, um pouco dura de roer. O illustre principe do jornalismo... caixeirol comia uma vez ao dia. Quando almoçava não jantava; e vice-versa. Elle procurava fazer crer ao seu estomago, quando jantava, que não teria appetite para almoçar no dia seguinte; e quando almoçava, que o havia feito com tal abundancia que jantar seria procurar uma apoplexia ou uma indigestão.

Acabado *O Domingo*, entrou Filinto para a *Gazeta da Noite*, d'esta ao fim de tres mezes voltou para o commercio, do qual sahio depois para ir fundar e

dirigir *A America*. Submerso este continente, tão promissor de riquezas, no grande mar da imprensa, volveu ainda Filinto ao saudoso e maternal balcão da casa do Coursell, que então gyrava sob outra firma.

E assim nessa dansa—do balcão de caixeiro para a mesa de redactor e d'esta para aquelle—tem vivido o meu pobre Filinto e viverá até que um dia, finalmente, um Villemessant cá da terra consiga reconhecer o valor d'este ductil, multiforme e incisivo talento de jornalista, e queira aproveitá-lo, compensando-lhe o trabalho na medida do seu valor.

Ainda ultimamente, em 1884, era elle a um tempo co-redactor do fallecido diário *Meio-Dia* e gerente da photographia Henschel.

Hoje está totalmente fora do balcão. E eu, o seu maior amigo e mais fervoroso admirador, tenho o orgulho e o contentamento de dizer que é na minha modesta folha que elle escreve, que elle é redactor d' *a Semana*.

Não se imagina o que vale este demónio em uma redacção.

Elle faz chronicas — e que chronicas ! as mais engraçadas e criteriosas que se lêem no jornalismo fluminense—; elle faz a local do momento — curta, incisiva, hilariante; elle faz critica, — critica de justiça e bom senso, sem farfalhices de erudição catalogica, nem pedantescos rigores; elle faz o artigo serio sobre o facto grave do dia; elle faz critica theatral, — e como poucos: com inteira isenção de juizo, completo conhecimento do theatro e admiravel precisão de analyse — é d'elle o que de melhor tem vindo nesta folha com a assignatura *P. Talma*; elle faz o necrológico, a troça em prosa e em verso, o artigo de censura e o artigo de applauso; elle faz o diabo; elle faz tudo o que um jornalista, que o seja, deve fazer, e tudo com a mesma facilidade e limpeza: com criterio, naturalidade e grammatica.

A grammatica é a sua mania. Nunca a estudou; e é por isso que a sabe como tresentos Corujas.

Digamolo já: Filinto não aprendeu grammatica porque nunca lhe ensinaram essa cousa. Nem essa nem nenhuma outra. Nunca lhe ensinaram nada. Mas elle ensinou os que nada lhe ensinaram; e ensinou-os aprendendo de tudo um pouco. Para isso conseguir tem duas forças enormes: um extraordinario poder de intuição e uma grande faculdade assimilativa. Filinto tem o faro da tolice, do erro, da impropriedade. Farisca-as de longe, como um perdueiro as perdizes. E além d'isso põe muito cuidado no que faz. Não se arisca em terreno que não conheça; nem avança um passo sem a certeza de que o não dará em falso. E' uma especie de Sarcey no tractar a lingua e no tractar os assumptos: é correcto e sensato. Mas leva-lhe vantagem na vivacidade do espirito e no brilhantismo da forma.

Ultimamente, com a poesia *Hosana!* e com a Ode a Machado de Assis, deu nova demonstração do muito que estuda, presa e conhece o ouro puro da lingua de Vieira e Camões.

Tem uma espantosa vocação para o estudo das lingoas vivas. Das mortas apenas tolera a do Rio Grande—com batatas. Adivinhou a pronunciaçao do francez, do hespanhol e do italiano. E quem o vir a dar á lingua com um certo amigo seu, legitimo teuto, ha de pensar que elle está falando a lingua de Schiller e Goethe, e que a conhece... como as suas tresentas gravatas!

Ha quasi cinco annos, dei-lhe este paternal conselho:

« Torce o pescoço ás musas, manda ensopá-las com batatas e offerece-as á tenia (ex-tenia, hoje, pois Filinto já conseguiu, ha muito, ver-se livre d'ella.) E' tempo de perdeses o habito de versificar e de adquirires o da Rosa.

Esse poeta que entre !

E que saia esse commendador ! » (*)

Conselho perdido inteiramente, pois que o homem continuou a tanger a lyra. E tanto, que já metteu no prelo o seu esperado volume de versos. Chamou-o simplesmente *Lyrica* de Filinto de Almeida. E' um livro de primeira ordem. Aquillo sim, é poesia: ali sente-se uma alma francamente inspirada e que canta as suas inspirações com a maxima sinceridade emocional e o mais religioso amor da forma. Versos sentidos, correctos e naturaes. O que lhes possa por ventura faltar em fulgurações de imaginação, sobra-lhes em delicadeza e variedade de sentimentos, frescura de rythmo e riqueza de rimas.

Filinto é o sugeito mais engraçado e mais alegre que eu conheço. Tem por divisa este paradoxo: « Quanto mais triste—mais alegre. » Não ha tristeza que o vença. E' esta a sua força, a sua clava herculana. Ai d'elle, se lhe faltar! E não lhe ha de faltar emquanto não lhe entrar pelo estomago esta calamidade que me devasta, que me amarella, que me enfunebrece: — a dyspepsia.

Filinto é, além do « triste mais alegre », o « preguiçoso mais trabalhador » que eu conheço.

Não tenho espaço para explicar mais este aparente paradoxo. Quem quizer que o entenda.

Assim como já não ha meio de vencer os povos de que a Sarah Bernhardt não é magrissima, nem é feia, tambem já não é possível desconvençel-os de que o Filinto tem uns pés enormes.

Pois bem: o seu coração é tão grande, tão grande que não caberia dentro de um dos seus sapatos !

E ahí fica um pouco do que penso sobre aquelle de quem digo, contente, como disse Sarcey de Edmundo About: « o meu querido, o meu bom, o meu inseparavel Filinto. »

VALENTIM MAGALHÃES.

A Galeria do Elogio Mutuo foi recebida e noticiada pelos nossos collegas diários pela maneira seguinte:

O Paiz :

« *A Semana* (n. 95) inicia uma nova secção sob a epigrapha — Galeria do elogio mutuo. Constará de pequenos perfis humoristico-biographicos de alguns dos nossos homens de letras, para escandalisar adrede aquelles que a todo o proposito, e ás vezes por mal contido despeito, atiram a pecha de « camaradagem mutua » a um grupo de moços talentosos e activos, que, prejudicando os seus interesses materiaes e assoberbando os preconceitos de uma sociedade exclusivamente mercantil, esforçam-se por impulsionar um pouco a nossa tão minguada litteratura.

Cada perfil é acompanhado de uma caricatura do biographado; a do presente numero é de Valentim Magalhães, por Filinto de Almeida. »

(*) *Gazetinha* n. 85, de 12 de Fevereiro de 1882. (*Typos e Typoes*, « Filinto de Almeida », por Vicente Mindello.)

N. do A.

A Gazeta de Noticias :

« *A Semana* enceta a sua serie das annunciadas patifarias, publicando a biographia e retrato de Valentim Magalhães, traçada aquella por Filinto de Almeida — ou em linguagem: o elogio mutuo desmascarado, desmascarando-se.

A verdade é que o biographador foi exacto e justo; porém a verdade verdadeira é que mais justo e exacto foi o lapis do desenhista: vestiu de paletot um cabide de braços e poz-lhe por cima uma mascara de seminarista. Ficou dos taes: « só falta falar. »

HISTORIA DOS SETE DIAS

O espolio da semana passada não foi lá muito alegre; e esta começou triste.

Já uma vez o disse e agora o repito: nesta secção risonha não cabem lagrymas. Mas, aos que sempre riem, aos que nos trazem o inestimavel consolo da alegria devemos por certo permittir a expansão dolorida de um sentimento pungitivo e amargo. Só quem não vio e ouviu José Bonifacio poderá ter ficado impassivel com a noticia da sua morte.

E eu vi aquella formosa cabeça de homem agitar-se na tribuna parlamentar, acompanhando em movimento harmonico o dulcissimo e vehemente concerto da sua voz! Eu tive a ventura de ouvir aquella palavra inspirada, aquella eloquencia arrebatadora e magica. aquelle formidando caudal sonoro, que ia do ouvido ao coração e ao espirito, commovendo-nos, agitando-nos, convencendo-nos, penetrando-nos com o seu alto ideal de Justiça, comunicando-nos a sua paixão, emprestando-nos a sua força, ungindo-nos da sua vibrante poesia !

Eu extasiéi-me naquella estranha harmonia, tremi de entusiasmo, chorei de commoção, por vezes me levantei arrebatado pela onda sonora d'aquelle verbo, por vezes fiquei suspenso d'aquelles labios frementes, onde parecia que uma aguia monstruosa estava cantando as variadas e mysteriosas cavatinas de um rouxinol !

Eu assisti á immensa solemnidade da memoravel oração de 28 de Abril de 79!

Tenho ainda bem presente na memoria a enorme explosão do entusiasmo das galerias e da propria camara, que unanimemente rebentou numa ruidosissima salva de palmas, quando o grande orador, dirigindo-se ao general Ozorio, então ministro da guerra, lhe disse :

« Eusou a gloria, venho do Paraguay; pousei um instante no campo da batalha de 24 de maio; atravesssei os banhados; dormi na barraca em que primeiro cravastes a vossa gloriosa lança; sentei-me sonhando ao vosso lado sobre os muros do Humaytá; inda hoje julguei descobrir-vos por entre os nevoeiros que desciam das cabeças dos montes e ouvir a vossa voz nas ventanias que atravessavam o rio; já não achei flores na solidão da morte para tecer-vos uma corôa; trago-vos um rosario de lagrymas; guarda-o para enfeitar a vossa espada; porém olhae— a banda que vos cinge não é cadeia de escravos, é flammula de homens livres. »

Nunca na minha vida ouvi palavras que mais me enthusiasmassem e commovessem. Por isso pago hoje aqui a minha divida de emoção com meia duzia de phrases pallidas, que me fellece o oiro do talento e a largueza do espaço para dizer do grande espirito que foi José Bonifacio de Andrada e Silva.

A chronica local da semana passada

encerrou-se com o tumultuário julgamento de Francisca de Castro.

Como o juiz appellou da sentença do jury, esta senhora está ainda sob a acção da Justiça. Longe de nós a idéa de querer a condemnação da ré sem provas concludentes dos delictos. Mas, se se nos permite uma observação desapassionada, sempre diremos que estranhámos a resposta do jury ao primeiro quesito, resposta que negou á ré a auctoria das sevicias nas pessoas de Joanna e Eduarda, depois da confissão da ré e da do seu marido.

Admittindo mesmo a attenuante ou irresponsabilidade da loucura da accusada, entendemos que o processo não estaria ainda terminado: porque se a accusada é louca, deve ter um responsável pelos seus actos, e esse responsável não poderia ser outro senão o marido, isto é — o homem que cohabitava o mesmo tecto. Isto é principio assente des de tempos immemoriaes. Já S. Paulo dizia no cap. I, v. 32 da *Epistola aos romanos*: « Os que fazem semelhantes cousas, são dignos de morte: e não somente os que estas cousas fazem, senão tambem os que consentem aos que as fazem. »

Certo que para isto seria necessario um segundo processo. Mas a hediondez do crime exige terminantemente a insistencia da Justiça.

O que, sobre ser clamorosamente injusto, nos pareceu inepto partindo de um advogado, foi a repetidissima apostrophe de delator que o Sr. Ignacio Martins atirou ao Sr. Sizenando Nabuco. Delator como? Delator é o que delata, e delatar, na accepção vulgar, é denunciar secretamente, occultamente, com fim doloso ou interesseiro.

Ora o Sr. Dr. Sizenando deu uma denuncia publica, não fez nenhuma delação á má parte, como quiz insinuar o advogado da ré, com o fim de provocar a antipathia dos juizes e do publico para o patrono das duas victimas.

Não, meus amados senhores; o Dr. Sizenando não era ali delator: era o advogado gratuito e absolutamente desinteressado do opprimido contra o oppressor, do fraco contra o forte, da victima contra o algoz, do escravo contra o senhor. A sua posição é que era a sympathica, é que era a nobre, é que era a justa; e não a vossa — que estaveis ali defendendo uma ré confessa, e defendendo-a por dinheiro e bom dinheiro.

A doutrina contida na vossa apostrophe insensata e nefanda não tem a menor valia; dado que a tivesse, o nobilissimo cargo de promotor publico seria o mais vil e o mais odioso dos cargos. Eo promotor não é delator — é denunciante. Elle não accusa por accusar. Accusa como advogado da Sociedade contra o crime, como defensor dos cidadãos honrados contra os delinquentes.

Este vergonhoso facto é em vós mais censuravel do que em outro qualquer, porque vós o praticades com sciencia e consciencia, por isso que conheceis o fundamento da doutrina juridica como doutores em Direito que sois.

Ainda ha pouco tempo nos referimos aqui ao patusco e assás debatido canal do Mangue. Agora lemos que o engenheiro Revy, aquelle engenheiro que se celebrou com o escandalo dos açudes do Quixadá, apresentou ao governo um projecto relativo ao sobredito canal e que nesse projecto o Sr. Revy propõe-se a tornar aquillo navegavel.

A vista d'isto eu nada mais farei do que dar os meus parabens ao Lesseps da Cidade Nova e aos povos do Aterrado. Ai, quem me dera poder embarcar para a Europa num transatlantico que fosse galhardamente do Rocio Pe-

queno, ao lado da rua do Visconde de Itauna, e enveredasse depois pela rua de Miguel de Frias até Lisboa ou Bordeaux!

Do meu reporter especial, que nas longes terras de S. Paulo segue e persegue o imperador, recebi uma interessante carta, que não publico por ser muito extensa, e os seguintes telegrammas:

S. Paulo, 21, 11 da noite.

« Imperador 10 da noite passei ou ilha Amores. Gravou nome bambú. Poetico.

S. Paulo, 22, 6 da manhan.

« Estamos partida Campinas, estação ingleza. Passagem gratis. Bem bom.

Jundiahy, 22, 8 da manhan.

Trem parou cinco minutos. Foguetes hymno. Subdelegado fitão vivas. Imperador enguliu seis pasteis fome não teve tempo inastigar. Partimos.

Campinas, 23, 3 da tarde.

Imperador visitou casa *Notre Dame*. Gostou. Perguntou Mathias, abraçou Diogo como vae essa força, beijou Duque. Ouviu piano fundos casa sublime. Recitou quadra Itu delirio. Comprou renda valenciana pequena, boa barata. Antonio alfaiate presenteou par calças.

Campinas, 24, 9 da noite.

Hospedados casa Tres Rios largo Rosario. Chá, biscoitos bisca e vispora vintem. Imperador infeliz bisca, feliz vispora, ganhou pataca. Protestos.

Campinas, 25, 1 da tarde.

Carlos Ferreira, Barcellos, Sarmento demagogia litteraria odio sonetos. Veja você, esta só pelo diabo!

Sabbado publicarei os que fôr recebendo durante a semana.

FILINDAL

BELLAS ARTES

Vinte oito estudos formam a pequena exposição realizada pelo pintor Baptista Castagneto, no Salão Vieitas.

Em Maio do corrente anno, quando elle fez uma exposição de seis quadros, nesse mesmo salão, escrevia o auctor d'estas linhas — que era para coroar seus visiveis e felizes esforços que não lhe regateava elogios. Hoje, mais do que nunca, estou satisfeito com a minha consciencia por haver escripto tal phrase. Artista ainda estreante que faz quadros como esses que ahí estão, tem um futuro seguro e largo; é uma realidade.

Castagneto vê rapidamente e é sincero na sua impressão; porém o que lhe falta é *ver tudo*, todos os accidentes da linha, da cor e da luz. Para isto possui elle um excellente orgão visual, mas faz-se preciso educal-o com assiduidade de trabalho, estudando um puncto tantas vezes quantas forem os aspectos que esse puncto apresente pelos efeitos de intensidade ou diminuição da luz, em determinadas horas do dia.

Em geral os artistas que estudam ao ar livre magoam-se quando se lhes nota um efeito falso de luz, qualquer fraqueza de forma ou de cor; e, no emtanto, são os primeiros a affirmar a difficuldade de pôr na tela toda a impressão absorvida na retina. Para ficar seguro do assumpto, para conhecer bem a physionomia do lugar que se tomou por *objecto*, Ruskin recommendava aos paesagistas que antes de começar o trabalho fizessem um pequeno furo de alfinete em um cartão e por elle fitassem o puncto escolhido; mas esse processo

parece-me ser de insignificante resultado. Tenho como mais efficaz o methodo de que acima falei, porque essa gymnastica, diariamente feita, acaba por habituar a vista a perceber, de uma só vez, a complexidade e os detalhes do puncto.

Mas... dizia eu: falta-lhe ver tudo, e esta falta leva-o ao commettimento de erros como o do quadro n. 4 (Praia de Jacuacanga) onde uma canoa enorme, em relação ás linhas predominantes e as do afastamento, produz um pessimo efeito; como o do n. 12 (Pontão da ilha do Moreno) em que a mancha de terra, á direita (terreno plano) está muito acima do horisonte, quando as peltras que figuram no centro do quadro têm a sua base duas ou tres linhas abaixo do horisonte.

Ainda é devida a esta falta a carencia de calor no colorido, posto que sejam da predilecção do artista as cores frias e os tons claros. Ao vigor do toque não corresponde a quentura da cor. Todos os quadros seus, junctos, apresentam uma sensivel falta de *brío* nas tintas, mesmo aquelles que parecem estudados á ampla luz dos dias caniculares.

Dizem os paesagistas que « a força dever quente faz-se frio. » Desculpa incongruente, se não for puerilidade.

Este defeito provem da simples necessidade de observação profunda, de exame nitido dos valores e dos complementarios. Para fugir da quédia é preciso que o artista saiba manejar as tintas, conhecendo bem o artificio da juxtaposição dos tons e o uso das *cores amigas*. E é este conhecimento dos segredos da palheta que forma e notabilisa os coloristas.

Pondo de parte esses senões, que, por figurarem em obra de quem muito ainda virá a ser, mereceram as ligeiras observações ali exaradas, a sua exposição deve ser considerada mais uma prova de estudo e de talento privilegiado.

Alí ha quadros que valem o quadruplo dos preços insignificantes em que foram estimados pelo auctor.

O n. 23 tem umas pedras tão bem pintadas como as melhores pedras pintadas por G. Grimm; a marinha (n. 21) é de uma tonalidade suave e leve, o pequeno barco ao centro do quadro dá um encanto todo sereno e feliz áquelle puncto ennevoadado e calmo. No n. 4, apesar da enorme canoa do primeiro plano, ha o efeito da maré-vasante traduzido com singeleza e fidelidade e no engenho da fazenda da Boa Vista a espontaneidade do toque harmonisa-se com a grande observação do natural; as paredes do engenho, as pedras musgosas e o terreno do primeiro plano são primorosamente pintados. O n. 11, efeito de céu nublado, a paesagem de Jacuacanga, o rancho da praia, são tres estudos dignos de muita attenção pela precisão dos efeitos; o n. 8, tem no primeiro plano um bonito estudo de gradação de verde e o « encanamento do engenho » é, para mim, o quadro de colorido mais brilhante. Este puncto, simples e encantador, forma uma preciosa obrasinha, observada com delicado sentimento. Por baixo do aqueducto, que faz lembrar as paesagens italianas, está manchada, com intraduzivel garridice, uma figurinha que se move lentamente em direcção da estrada. O céu é de azul intenso e luminoso, e a velha parede do engenho, estorroadada, ferida pelas intemperies, invadida pelas heras, erguida no triste solo pisado por escravos, recebe os beijos alegres de uma esplendida manhã de primavera.

Ao joven artista os meus parabens.

ALFREDO PALHETA

N.º-8 DE NOVEMBRO DE 1827

JOSÉ BONIFACIO

M.º-26 DE OUTUBRO DE 1886

Saudade immensa e immensa solidão!
J. Bonifacio. (*O Redivivo*)

Ai de nós! vão partindo, vão nos deixando, um a um, os poucos grandes homens d'este paiz, os raros brasileiros que deram tudo ao Brazil: em vida — o braço, o cerebro e o coração; na morte — a herança dos seus nomes e o exemplo das suas vidas.

Havia ultimamente dois homens — os dois ultimos robles do velho carvalho de heróes, devastado pela morte — dois homens que representavam nesta infeliz terra, estrangeira aos proprios filhos — a Luz, o Ideal, o Futuro. Eram José Maria do Amaral e José Bonifacio de Andrada e Silva. Dois poetas, dois patriotas. Duas grandes almas irradiantes e puras, que dominavam e illuminavam a patria como dois alcantís andinos de rija neve, rutilando ao sol da manhã, na solidão altissima da sua grandeza.

E todos quantos sonhamos a felicidade da patria; todos quantos carecemos de dilatar o espirito, abafado na mesquinhez d'este viver mercantil e politico, aspirando a largos haustos as almas immaculadas e sans dos poetas e dos heroes; todos quantos recusamos a genuflexão da idolatria aos pequenos « grandes homens » amassados em barro e ouro, sonóros porque vasios e óccos; todos quantos vemos um pouco além do caféiro e do pennacho dos Thiers de aldeia; todos nós, emfim, que entendemos não ser o negro, o café, a borracha e a canna de assucar as maiores riquezas do Brazil; todos nós gostavamos de erguer os olhos, o espirito e o coração para aquellas culminancias fulgidas e de nellas beber avidamente — luz para os olhos, verdades para o espirito, conforto e paz ao coração...

Dos labios d'aquelles homens nunca descia a mentira, nem cahia a injuria, nem manava o embuste: dos seus labios manava a consoladora poesia, cahiam as pérolas do perdão, da bençã, da exhortação, e descia serenamente, como um rio sagrado, a sancta Verdade immaculavel. Nos seus olhos, spasmados, abertos mas dormentes, nunca passava a imagem rubra da Vingança, nem as sombras aureas do Interesse e da Ambição, nem a nevoa escura do Egoismo. Nos seus olhos, limpidos e mansos, bailavam, como as nymphas nos lagos, as illusões e os sonhos; accendiam-se os ideaes; espelhava-se amorosamente a imagem da Patria...

Hoje, ai de nós! — no logar em que se erguiam os dois crystallinos vultos harmoniosos, ha sómente dois fóssos,

duas covas, duas boccas vorazes, escancaradas... Oh! a Terra é mãe piedosa, mas descaraoavel tambem: se abre por toda parte vulvas fecundas, parindo filhos, por toda parte abre tambem boccas nefandas para devoral-os...

Primeiro tombou José do Amaral, — esse volcão mascarado pelo inverno — tombou com um fracasso estranho e perlongado de canticos e soluços, como a palmeira que, com a queda, acorda e vibra no fundo do rio encantado todas as harmonias das grutas de rubis e cristal.

Um anno depois, agora, é o outro, é José Bonifacio que se despenha subitamente, inesperadamente, no pégo da Morte, espalhando em torno, em vibrações concentricas extensissimas, o espanto, o assombro, a dor estuporante e silenciosa...

Elle era o symbolo augusto de todas as opulencias, de todas as bellezas e de todas as pujanças da terra em que nasceu a sua alma, d'este Brazil inditoso, que elle ferventemente queria limpar do escarro torpe da Escravidão, fazendo-o digno da honra de pertencer á America. Elle era a corporificação singular do Talento, da Poesia, da Eloquencia, da Idéia, da Luz, em summa. Era um puro. Puro de coração, puro de espirito... Aquelle, nunca foi babujado por um sentimento baixo, nem perturbado por am palpito vergonhoso; este, nunca lampejou idéia, nem traba-

hou jamais que não fosse pelo Bem, pelo Bello e pelo Verdadeiro.

Elle honrou excelsamente a lyra, a tribuna, a imprensa, a cathedra; a béca de mestre, a farda de parlamentar e de estadista, a chlamyde de poeta, a casaca de cavalheiro e a blusa humilde de operario da Civilização. Honrou os avós e os paes; honrou os filhos; honrou a Patria e honrou o seculo.

Dias antes de morrer — presagio horrivel! — escrevera elle este primoroso soneto, que intitidou *Aspirações*:

« Quando eu morrer, ninguem venha chorar-me:
Lancem meu corpo á solidão sem termos;
Eu amo aquelles céus, aquelles ermos,
Onde a tristeza, Deus, vem consolar-me!

Lá, sinto ainda est'alma esvoaçar-me
Etherizada, e eu sonho a renascermos:
Eu e ella, ambos sós, ambos enfermos,
Eu morto já e ella a despertar-me!

Lá, fico aragem, folha, passarinho;
Lá, me transforma em éco a solidão,
E a natureza inteira abre-me o ninho.

O Deus de amor, o Deus da Creação,
Prinde minha alma aos musgos do caminho,
Derrete-me no espaço o coração!... »

Oxalá, poeta, patriota, apostolo, batalhador! oxalá que o teu coração se derretesse no espaço: — o espaço purificar-se-ia, e esta patria, inhalando a nova athmosphera, crearia um novo alento, uma alma nova, e realisaria, gloriosamente, todos os ideaes em cuja conquista gastaste as forças e bebeste a morte!

VALENTIM MAGALHÃES

Nelle a palavra tinha corpo e vida,
Agitava-se em estos e em transportes;
Audaciosa, ingente, convencida,
Erguia os fracos, dominava os fortes.

A sua voz, plangente ou rigorosa,
Vibrava sempre em nome de uma ideia,
Tempestuando irada e victoriosa,
Do entusiasmo da Justiça cheia.

Do phantastico mundo das chimeras
Vinha trazer uns echos não sabidos,
Uns propheticos sons de mortas eras,
Num concerto suavissimo, aos ouvidos.

E cantava! O poeta! — Como ao vento
A harpa eólea, acordando, resoava, —
A sua alma, dulcisono instrumento,
Tambem ao sopro do Ideal cantava.

A palavra extinguiu-se; a voz é morta:
Não mais o espaço e os corações agita.
Viuva do seu verbo, a Patria, absorta,
Nelle embalada ainda, ainda palpita!

Porém se a voz é morta, a sua essencia,
A alma d'aquelles sons, hoje dispersos,
Ficou, em sua limpida eloquencia,
Na musica divina dos seus versos!

26 de Outubro de 86.

FILINTO D'ALMEIDA.

VALENTIM MAGALHÃES.

BEIJO MORTAL

Veio pousar tremendo sobre as flores
que eu prendêra no peito, tão cançada
da lucta estranha em que hoje, desvaivada,
imbelle, se entregára aos seus rigores.

Veio pousar na rosa que de amores
pleno lhe dêra o seio n'alvorada
e que ella abandonára destumbrada
pela luz dos teus olhos tentadores.

E eu disse-lhe: Se pois tens da violeta
e da rosa as aromas, que t'importa
o fulgor de um olhar?» Ouvlo-me inquieta...

estremeceu... vi que hesitava, absorta...
subitamente a louca borboleta,
partio veloz, beijou-te e... cahio morta!

ADELINA A. LOPES VIEIRA

A mais compromettedora das ingenui-
dades é a do escriptor publico.

PADRE SENNA FREITAS

MACHADO DE ASSIS

(NOTAS E COMMENTOS A UM SEU
ADMIRADOR)

A proposito da festa litteraria dada a Machado de Assis, no recente anniversario das *Chrysalidas*, insere a *Provincia de S. Paulo*, com a assignatura de M. O., que não sabemos integrar, um artigo notavel pela grande cópia de conceitos inexactos, já quanto ao eminente litterato cujo nome o inspira e intitula, já acerca de nossa litteratura hodierna.

Diz que Machado surgiu na imprensa ao lado de Bocayuva e Saldanha, os dois valentes polemistas; na poesia, ao lado de Casemiro de Abreu, Octaviano e Gonçalves Braga; no romance, junctamente com Salvador de Mendonça; e a todos excedeu «na sinceridade do culto votado ás Musas, a todos superou pela sonoridade do estro e louçanias da linguagem.»

Só é exacto dizer que surgiu na imprensa ao lado de Bocayuva e Saldanha, porque com elles appareceu no jornalismo; mas, noticiarista e collaborador litterario, nunca os seguiu na discussão politica, e, como jornalista, não creou nome comparavel ao de Quiatino Bocayuva, nem parece que em qualquer tempo o ambicionasse.

A recordação dos poetas com que elle começou a florescer, se como enumeração é muito incompleta, como exemplificação não é das mais felizes.

Outra infelicidade de citação é dizer que Machado surgiu no romance junctamente com Salvador de Mendonça. Quando este publicou a *Marába*, seu unicoromance, já aquelle era romancista conhecido, pela *Resurreição*, se não quizermos falar no bellissimo volume dos *Contos Fluminenses*. *Yáya Garcia* e *A Mão e a Luva* é que são proximas coetaneas de *Marába*.

Os romancistas nossos que se affirmavam ao mesmo tempo que Machado de Assis,—sem pensar em Macedo, que já estava então em declínio, e em Alencar, que se mantinha no apogeu,—era Bernardo Guimarães, cujos romances posteriores ao *Ermão do Muquem* pu-

blicava, com os de Machado, o editor Garnier, e era Tauuay (Sylvio Dinarte), com a *Mocidade de Trajano* e a *Innocencia*.

O mais arbitrario de todos os juizos do artigo que apreciamos, é afirmar que «actualmente, Machado de Assis e Luiz Guimarães Junior são os dous chefes consagrados da litteratura brasileira.»

Associar ao nome de Machado de Assis, em tão elevado posto, o de L. Guimarães Junior é favor que não pôde passar sem protesto. Para o cobonestar, o como unico fundamento de tão arrojada opinião, o articulista apenas accrescenta que «os cantores das *Phalenas* e dos *Sonetos e Rimas* constituiram com as suas obras uma phase notavel na vida intellectual do Brazil.»

Ora os *Sonetos e Rimas*,—de certo o melhor e mais estimado livro de Luiz Guimarães,—são uma collecção de bonitos versos, sem duvida, mas de segunda ou terceira ordem, mesmo na actual poesia brasileira. Não pôdem, absolutamente, conferir ao auctor os fóros de chefe. Mais notaveis que os *Sonetos e Rimas* são os *Sonetos e Poemas*, de Alberto de Oliveira; são as *Symphonias*, de Raymundo Corrêa; são as *Fanfarras*, de Theophilo Dias. Mais poeta, que o apregoado Luiz Guimarães, mais artista na inspiração e na forma, é Olavo Bilac, nome que raiou para as letras ha menos de dous annos.

Nota-se no artigo de M. O. que dos livros de poesia de Machado de Assis parece esquecer as *Americanas*, a sua ultima collecção publicada, que nenhuma vez refere. Temol-as por inferiores ás *Phalenas*; mas não soffre contestação que ha tambem ali composições notabilissimas. E, entre os romances, tem o mau gosto de não indicar a *Mão e a Luva*, umprimor, talvez o mais perfeito de seus livros, a não serem as *Memorias de Braz Cubas*; prefere-lhe, segundo deixa entender, a *Resurreição* e *Helena*, obras mais fracas, embora as riquezas de estylo, que são communs a todas as produções do mestre.

Como lapso, é dos mais escandalosos o que o articulista commette quando diz que «é um verdadeiro crime de lesa-litteratura conservarem-se esparços pelas revistas e jornaes os deliciosos contos de Machado de Assis», e que «prestaria um relevantissimo serviço ás letras patrias o editor que os reunisse num elegante volume, salvando-os assim de morte certa e inevitavel». Dos contos, que o admirador mal informado deseja que se salvem colligidos num elegante volume, ha, felizmente, até a presente data, nada, menos de quatro volumes: são os livros intitolados *Contos Fluminenses*, *Historias da Meia-Noite* e *Papeis Avulsos*. e *Historias sem data*.

«... sobre a individualidade litteraria de Machado de Assis,—acrescenta M. O.,—digamos ainda uma vez o que outros mais competentes já disseram: no meio das escolas litterarias é elle um independente.»

«Bastante forte para caminhar por si mesmo, não imitando ninguem, o cantor das *Chrysalidas* não se deixa manietar pelos preconceitos de escola. Faz a penna correr ao sabor da propria inspiração e só attende ao meio em que vive. *D'ahi vem ser elle o mais legitimo representante da nossa litteratura.*»

Conclue-se que, no conceito de M. O., a nossa litteratura não se subordina a escola alguma. E antes já tem dicto que hoje a litteratura brasileira sagrou mestre a Machado de Assis, «e todos os neophytos seguem-lhe regularmente os passos.»

M. O. está em grande equívoco: a manifestação litteraria que se fez, ha dias, ao emerito poeta e romancista não significa isso, que seria, para muitos dos nossos jovens escriptores, renegar idéas que constantemente affirmam.

Na moderna litteratura brasileira, mormente no romance e no conto, ha uma accentuada feição naturalista, a que Machado de Assis é estranho, e que só muita myopia critica pode ainda agora desconhecer.

O que amigos e admiradores de Machado glorificaram nelle, foi a dedicação ás letras, o trabalho assiduo e fecundo, o talento brillantissimo, o estudo e a probidade, o muito, em summa, que tem dignificado, com o seu alto exemplo, a classe dos escriptores. Dos nossos homens de letras vivos é, de certo, o mais operoso e o mais illustre.

Tudo isto significou-se-lhe, ha poucos dias, bem claramente, de um modo honroso para elle e tambem meritorio para os que lhe fizeram esta justiça.

Mas, dado ao grande escriptor o que lhe pertence,—e isto se lhe deu com abundancia d'alma,—salve-se, para os que se podem illudir como M. O., a significação do acto: entre os que admiram Machado de Assis e ultimamente o festejaram, muitos ha que divergem de suas predilecções e de sua escola em litteratura.

Machado de Assis, no romance e no conto, cultivou sempre o genero psychologico, o mesmo que ultimamente em França vae tendo uma renovação de estima, mercê dos livros de um novo romancista de primeira ordem, Paul Bourget. Ora, no romance e no conto, a escola hoje preponderante entre os nossos jovens escriptores, é a naturalista, que vem de Balzac e Flaubert e tem como legitimos representantes vivos Zola, Daudet, Ed. de Goncourt e toda a phalange de discipulos, capitaneados por Guy de Maupassant.

Na poesia, é onde o espirito de Machado de Assis menos ha evoluído: se na prosa o culto de Garrett, o classicismo com certo desgarró e gentileza moderna, tem-se-lhe accentuado nestas ultimas feições, na poesia é ainda o mesmo fervoroso adorador dos modelos classicos, com leves toques de romantismo. E a nossa poesia de hoje é disputada por oppostas correntes do romantismo, do naturalismo, do parnasianismo e do classicismo. Está em plena anarchia.

Attenda bem M. O., e perceberá que, muito mais que Machado de Assis, os poetas nossos que tem agora mais imitadores são Luiz Delfino e Raymundo Corrêa.

Na succinta critica que faz á poesia de Machado de Assis, M. O. revela uma falta de observação espantosa. Diz que «seus versos são livres, soltos, inspirados, sentimentaes Eis o termo (resumo deploravelmente). Machado de Assis é antes de tudo poeta de inspiração e sentimento.»

Afóra a inspiração, parece que o critico tinha em vista Casimiro de Abreu, ou, com aquelle termo tambem e principalmente com elle, Alvares de Azevedo ou Castro Alves, isto é, os nossos grandes poetas com que menos se parece Machado de Assis, metrificador escrupuloso, obediensissimo ás regras, poeta sem larga inspiração nem altos vãos, cuidadoso de abafar com vigilante recato a corda sentimental, mas sempre airoso e nobre, distincto e elegante.

Elegante, é que é o termo para elle.

ABEL D'ALBA.

JORNAES E REVISTAS

Houve modificações na firma social e no pessoal da redacção do *Diario de Noticias*. Sahio o socio solidario Manoel Carneiro, passando a firma a ser «Ernesto Senna & C.» e o logar vago de redactor principal a ser occupado pelo antigo redactor Dr. Oscar Pederneiras.

E' curioso: o Sr. Manoel Carneiro tem o talento de crear folhas, de fundar jornaes, mas não tem o de nelles conservar-se. Quando a folha está quasi cheia de gaz e o favor publico, enfundando-a, vae lentamente suspendendo-a... zds: homem ao chão! E' o Sr. Manoel Carneiro que cahio da barquinha. Mas, mesmo sem elle, o balão ergue-se, paira e sóbe... e vae subindo...

Esta sahida trouxe logo uma reencontrada feliz: a do nosso saudoso collega *Eloy, o heroe*.

Começou a publicar-se em S. Paulo um periodico com o titulo — *O Domingo*.

E' jornal humoristico e vem, diz elle, preencher uma lacuna: oferecer pilherias e artigos ligeiros á população de S. Paulo, aos domingos.

Desejamos ao novo collega innumeráveis domingos de vida e de prosperidade.

Nem *A Semana* poderia deixar de querer bem ao *Domingo*.

Apparecerá em novembro proximo um novo periodico humoristico e illustrado: — *Rataplan!* — de propriedade de Lopes Cardozo & C. Será desenhado por Belmiro de Almeida e outros artistas de merecimento. Seja bem vindo!

S.

CANÇÃO

As crenças da minha infancia,
As minhas crenças d'outrora,
Exhalam toda a fragrança
Reverdecem agora.

São como as heras que enlaçam
As solitarias ruínas,
São como braços que abraçam
Numas caricias divinas.

O' crenças da minha infancia,
Minha alegria de então!
Da vossa doce fragrança
Enchei o meu coração.

Porto, 1886.

ALBERTINA PARAIZO

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

Do Sr. conselheiro Franklim Doria um opusculo com o titulo — *Discurso e poesia em homenagem a Camões no seu terceiro centenario*.

E' o discurso proferido pelo auctor na camara dos deputados, na sessão de tres de Junho de '80, em que foi apresentada a moção que considerou feriado o dia 10 de Junho d'aquelle anno.

A poesia é uma ode feita a Camões e publicada em o numero especial da extincta *Revista Brasileira*.

Tudo muito bom.

Tambem nos veio, da Bahia, um pequeno volume de versos — *Vespertinas*,

firmado por Baptista Massena. São versos de principiante, mas principiante esperançoso, como bem diz o prefaciador do livrinho, Xavier Marques.

O Sr. S. Adrecal mandou-nos um folheto com 32 paginas: *Desafinações*. Pretendem ser poesias epigrammaticas e satyricas. O auctor tem umas idéias ás vezes engraçadas, mettidas em pessimos versos, na maior parte errados e sem grammatica. Graça que não tem arte é graça desgraçada.

O Sr. José Carlos de Carvalho enviou-nos um folheto de grande utilidade pratica para os emigrantes. Intitula-se — *A provincia de S. Paulo no Brazil*.

E' uma demonstração critica e analytica das vantagens enormes que aquella provincia offerece aos emigrantes. As judiciosas considerações do auctor são baseadas nas estatisticas e no estudo de todas as condições climatologicas e rurales que S. Paulo offerece aos seus habitantes.

O livro é enriquecido por um bello mappa da provincia, feito de modo a mostrar ao emigrante toda a porção de terrenos despovoados.

E', pois, uma obra utilissima, de character positivo e scientifico, escripta em estylo claro e desataviado, cheia de tabellas e de calculos estatisticos, como convem ás obras de propaganda.

F.

THEATROS

S. PEDRO

Com uma casa quasi cheia deu o Conde Patrizio de Castiglioni na quinta-feira o seu primeiro espectáculo.

E' ocioso dizer-se o que vale o illustre prestigiador. O publico já tem tido muitas occasiões de admirar os seus trabalhos extraordinarios e sorprendentes. O programma foi muito variado e d'elle o que mais agradou, além das sortes de agilidade, foi a sessão illusionista dos espectros vivos e impalpaveis, que é realmente uma maravilha.

O Conde Patrizio é uma notabilidade e é, no seu genero de trabalhos, o melhor artista que temos visto.

Hoje novo programma.

SANT'ANNA

Quinta-feira o *Heróe á força* que continúa a agradar muito, foi reforçado pelo *vaudeville* em 1 acto *Musica classica*, traduzido do italiano pelo Sr. Azeredo Coutinho.

O libreto não é desengraçado e a musica não é má. O desempenho foi regular e a concurrencia foi pequena.

Hoje *A Corça do bosque*.

RECREIO

Está em ensaios a peça de grande espectáculo *O filho da noite*.

Hoje *A Martyr*.

LUCINDA

Na quinta-feira a companhia Furtado Coelho deu em primeira representação a *Seraphina*, de Sardou.

Repete-se hoje.

P. TALMA.

A FLOR DE SANGUE

Se os errantes
Beija-flores,
Que de olores
São amantes;

Que, arrogantes,
Dão ás flores
Seus amores
Petulantes,

Virem, bella,
Toda em fogo,
Tua bocca de rubis,—

Virão logo
Pousar nella,
Num enxame — os colibris.

H. de M.

SPORT

Apezar do tempo chuvoso no domingo passado as corridas do *Derby Club* estiveram animadas e bem concorridas.

Eis o resultado:

No 1º pareo (1450 metros) correram *Americana, Villa Nova, Orpheu, Peralta 2º, Morena, Caporal, Aranha e Aparecida* que em 103 segundos bateu inesperadamente ao seus competidores. *Orpheu* chegou em 2º e *Villa Nova* em 3º. *Saltarelle* não correu.

No 2º pareo (1450 metros) *Cheapside*, em 96 segundos, venceu com difficuldade *Boreas*, que apenas perdeu por cabeça. *Gaudriole* em 3º. *Madama* não correu.

No 3º pareo (1609 metros) *Odalisca*, em 109 segundos, bateu *Dandy*, que se fatigou muito com as diversas partidas falsas. *Plutus* e *Galgo* não correram.

No 4º pareo (1609 metros) os animaes conservaram-se quasi todo o trajecto juntos e em porfiada luta, vencendo *Druid*, em 108 segundos. *Biscaia* em 2º, *Boyardo* em 3º e *Diva* em 4º, com geral admiração!! *Ivon* e *Regina* vieram na retaguarda. *Nicoafy* não correu.

No 5º pareo (2000 metros) *Satan*, em 135 segundos, bateu *Catita*, que chegou em 3º. e *Peruana* que chegou em 2º, fazendo boa corrida. *Coupon* não correu.

No 6º, pareo (1450 metros) *Phenicia*, fez boa corrida, vencendo em 98 segundos os seus competidores. *Echoron* chegou em 2º, *Pansy* em 3º, *Gabier* em 4º. *Castillione* em 5º, e *Frontin* em 6º.

No 7º pareo (1450 metros) *Boreas* em 98 segundos venceu facilmente *Pery*.

Sylvia II, Carmen e *Eolo* não correram.

No 8º, pareo (1450 metros) *Hipomenes* em 100 segundos venceu os seus competidores. *Argentino* em 2º, *Pip* em 3º, *Chape có* em 4º. *Relampago, Favorita, Onix* e *Attila* chegaram na bagagem. *Condor* não correu.

Realisa amanhã o *Jockey Club* uma esplendida corrida, com um excellente programma perfeitamente organizado, no qual figura o Grande Premio Guanabara, para animaes nacionaes. Eis os parceiros que nelle se alistaram:

Boreas, Sylvia II, Sibylla, Pery e Sans-Souci.

Deve ser um pareo bem disputado e interessante, no tiro de 2000 metros em que se vão bater.

O programma em geral é attrahentissimo e terá certamente innumerables apreciadores.

L. M. BASTOS

FACTOS E NOTÍCIAS

JOSE' BONIFACIO

Foi imponentissimo o enterramento do grande brasileiro, a 27, no cemiterio da Consolação, sendo o coche funebre acompanhado por mais de 3 mil pessoas, e mais de 60 as corôas depostas sobre o feretro.

A imprensa da corte fez-se representar por alguns de seus redactores que se fizeram transportar em trem especial. Infelizmente nem o director nem nenhum dos redactores d' *A Semana* foi informado d'aquella excepcional homenagem da imprensa da corte.

Foi com profundo pesar que d'ella soubemos, lamentando não nos liaver sido dado tambem associar-nos a tão merecido preito. Para remediar essa falta telegraphou o nosso director a Gaspar da Silva, redactor do *Diario Mercantil*, rogando-lhe que representasse *A Semana* nas cerimoniaes funebres e apresentasse as suas profundas condolencias á familia do illustre morto. Innumeraveis têm sido as manifestações de pesar prestadas na corte e em S. Paulo como nas demais provincias.

Os Srs. Drs. Gavião, Leoncio de Carvalho e Brazilio Machado estão preparando uma grande sessão funebre.

Os estudantes de preparatorios da corte vão realizar tambem uma sessão funebre, amanha.

Gaspar da Silva lembrou-se com geral appiauso que se erigisse uma estatua ao grande cidadão e grande poeta.

As ultimas palavras pronunciadas em publico por José Bonifacio foram em viva: «á liberdade do povo!»; pois bem: que o povo lhe pague essa divida erguendo-lhe a imagem vasada em bronze para que elle possa continuar, eternamente, a viver no seio do povo.

FAGUNDES VARELLA

No dia 2 de Novembro proximo serão trasladados para o jazigo perpetuo, adquirido por iniciativa do Club Kean e do Congresso Guarany, no cemiterio de Maruhy, Nictheroy, os ossos do mallogrado poeta Luiz Nicoláu Fagundes Varella. O discurso official será pronunciado pelo Dr. Cyro de Azevedo.

H. BERNARDELLI

Inaugura-se hoje em uma sala da Typographia Nacional a exposição de pintura de Henrique Bernardelli.

O Sr. Silva Figueiró está promovendo a fundação de uma secção nesta capital, da *Union Ibero-Americana*, tendo-se realisado para esse fim uma primeira reunião que foi muito concorrida.

CONCERTOS

No dia 22 realisou-se o de Felix Bernardelli no salão do Conservatorio de Musica, que esteve repleto; uma enchente excepcional. O programma, cuja organização foi uma boa mostra do bom gosto artistico de Bernardelli, foi em geral magistralmente executado. Bernardelli tocou com extremada correção e vivo sentimento a *Elegia*, de Bazzini, e a *Danse Polonaise*, de Wieniawski, provando que o violino poucos segredos ainda tem para elle. A distincta amadora D. A. de Saldanha cantou com muito mimo *Amami!* - romanza

de Denza e outra de Bollo—*Speranza!* Os demais artistas, especialmente Nascimento, que tocou deliciosamente no seu encantado violoncello, foram applaudidos com entusiasmo. Uma bella festa.

A 25, no mesmo salão, realisou-se o grande concerto annual de Cernicchiaro, que agradou muito em uma *Ave-Maria*, de Bazzini e em uma bella peça de sua composição.

A Sra. Siebs cantou perfeitamente *Pietozo accento*, de Kilmann, (pseudonymo de Cernicchiaro). Todos os artistas que tomaram parte no concerto foram ruilôsamente applaudidos.

Este concerto não foi inferior aos que o distincto violinista tem offerecido aos seus muitos admiradores.

O Congresso Litterario Gonçalves Dias realiza no dia 9 de Novembro em uma das salas do externato Pedro 2º uma sessão solemne, commemorativa do passamento do grande poeta brasileiro Gonçalves Dias.

O orador d'esta solemnia é o conhecido e estimado poeta -- Olavo Bilac.

O illustrado e conhecido clinico Dr. Brissay, de volta de sua ultima viagem á Europa, reabriu seu consultorio á rua da Alfandega, n. 70.

O Sr. Leopoldo Heck enviou-nos um cartão specimen dos seus trabalhos de gravura. São admiraveis, perfeitos. Nem já era preciso este specimen para próva, pois que o Sr. Heck de ha muito gosa da merecida reputação de gravador inimitavel.

Com um grande festival commemora amanha a Real Sociedade Club Gynastico Portuguez, o seu 18º anniversario. Correspondendo á amabilidade do seu convite lá iremos felicitar a sua digna directoria.

FALECIMENTO

Em 26 do corrente, victima de uma tistica pulmonar, falleceu a Exma. Sra. D. Alice Clapp, filha do distincto abolicionista João Clapp, a quem com a sua Exma. familia damos os nossos sinceros pezames.

CLUB ATHLETICO FLUMINENSE

6 RUA DO CONDE DE BOMFIM 6

Grande festa em 31 do corrente

A's 11 1/2 EM PONTO

Corridas a pé e em velocipedes,

Exercicios gymnasticos,

Tiro ao alvo,

TOCARA' A EXCELLENTE BANDA DO CORPO POLICIAL DE NICTHEROY

ENTRADA GERAL 1\$—ARCHIBANCADA 2\$

Os Srs. socios têm entrada com o cartão de Outubro.

Arthur Soares, 1º secretario.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Carmo n. 36.

Dr. João Botelho, medico e operador; molestias venereas, syphiliticas e das vias urinarias. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicções medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 51, por cima da antiga pharmacia Fragoso, das 12 ás 3 horas.

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

Dr. Araujo Filho — Medico parteiro; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, nº. 36

Augusto Luzo.— incumbe-se gratuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

O Hotel Derby, na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com aceio e optima cosinha. Esplendido terraço com caramanchões.

F. Navarro de M. Salles — encarega-se de defezas perante o jury. Muzambinho—Minas.

J. M. Villas Boas da Gama, —dentista—extrahe dentes sem dor. Muzambinho—Minas.

Julio Cezar Tavares Paes encarega-se de liquidações amigaveis ou judiciaes na cidade de Muzambinho e seu termo.

Lindolpho Coimbra—Bacharel em bellas artes: photographo, chímico e oleographo. Rua de Santo Antonio—Santos.

Relojoefro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Photographo—Hygino Lopes—Barbacena.

Solicitador—Francisco R. de A. Novaes—Juiz de Fóra.

JOCKEY-CLUB

PROGRAMMA DA OITAVA CORRIDA

QUE TERA' LOGAR

DOMINGO, 31 DE OUTUBRO DE 1886

GRANDE PREMIO GUANABARA

1º pareo—YPIRANGA—Handicap—1.609 metros—Animaes nacionaes de 3 annos—Premios: 700\$ ao 1º, 200\$ ao 2º e 100\$ ao 3º

Ns.	NOMES	NATURALIDADE	PESO	PROPRIETARIOS
1	Tamoyo.....	S. Paulo.....	50 kilos.....	Coud. Rio de Janeiro.
2	Argentino.....	Rio de Janeiro...	52 ».....	D. A.
3	Pip.....	S. Paulo.....	52 ».....	B. V.
4	Odalisca.....	Idem.....	58 ».....	R. M.
5	Plutus.....	Idem.....	60 ».....	Coudelaria Cruzeiro.
6	Galgo.....	Idem.....	58 ».....	S. M.
7	Feiticeira.....	Rio de Janeiro....	54 ».....	S. M.
8	Dandy.....	S. Paulo.....	58 ».....	F. Vianna.
9	Attila.....	Paraná.....	52 ».....	Coud. Santa Cruz.

2º pareo—FERREIRA LAGE—1.450 metros—Animaes de meio sangue, — Premios: 500\$ ao 1º, 200\$ ao 2º e 100\$ ao 3º

1	Apparecida.....	Rio de Janeiro...	50 kilos.....	D. A.
2	Araby.....	Idem.....	54 ».....	Mario de Almeida.
3	Sartarelle.....	Paraná.....	54 ».....	J. W.
4	Catana.....	S. Paulo.....	50 ».....	J. W.
5	Ivon.....	Paraná.....	54 ».....	C. P.
6	Morena.....	Idem.....	50 ».....	J. L. Costa.
7	Orpheu.....	S. Paulo.....	54 ».....	J. Lemos,
8	Biscaia.....	Idem.....	52 ».....	Coud. Santa Cruz.
9	Paulicéa.....	Idem.....	52 ».....	Coudelaria Paulista.
10	Douro.....	Rio de Janeiro...	54 ».....	J. Guimarães.
11	Guanaco.....	Paraná.....	54 ».....	Coudelaria Mirim.
12	Nicoafy.....	Idem.....	52 ».....	J. P.
13	Caporal.....	S. Paulo.....	52 ».....	R. M.

3º pareo—INTERNACIONAL—1.609 metros—Animaes de todos os paizes—Premios: 600\$ ao 1º, 200\$ ao 2º e 100\$ ao 3º

1	Gazida.....	França.....	48 kilos.....	A. T.
2	Cheapside.....	Inglaterra.....	48 ».....	J. R.
3	Mastin.....	França.....	50 ».....	Coudelaria Cruzeiro.
4	Diomede.....	Idem.....	50 ».....	Oliv. Junior & Lopes.

4º pareo—VELOCIDADE—1.000 metros—Animaes de todos os paizes—Premios: 500\$ ao 1º, 200\$ ao 2º e 100\$ ao 3º

1	Gaudriole.....	França.....	52 kilos.....	Coud. Rio de Janeiro.
2	Cheapside.....	Inglaterra.....	52 ».....	J. C.
3	Speciosa.....	Idem.....	54 ».....	Coud. Internacional.
4	Curubaid.....	Idem.....	56 ».....	D. F. P.

5º pareo—EXPERIENCIA—1.450 metros—Animaes estrangeiros de 2 annos—Premios: 500\$ ao 1º, 200\$ ao 2º e 100\$ ao 3º

1	Africana.....	Rio da Prata....	46 kilos.....	O. L. C
2	Frou-Frou.....	França.....	48 ».....	Coud. Rio de Janeiro.
3	Gabier.....	Idem.....	46 ».....	S. M.
4	Echiron.....	Idem.....	50 ».....	S. M.
5	Amazonas.....	Inglaterra.....	48 ».....	L. & C.
6	Castellione.....	França.....	48 ».....	Coud. Santa Cruz.

6º pareo—GRANDE GUANABARA—2.000 metros—Animaes nacionaes—Premios: 5.000\$ ao 1º, 1.000\$ ao 2º e 500\$ ao 3º

1	Boreas.....	S. Paulo.....	58 kilos.....	Coud. Rio de Janeiro.
2	Pery.....	Idem.....	56 ».....	Manoel S. Ferreira.
3	Sylvia II.....	Idem.....	56 ».....	Coudelaria Cruzeiro.
4	Sybilla.....	Idem.....	54 ».....	Idem.
5	Sans-Souci.....	Minas Geraes....	58 ».....	Idem internacional.

7º pareo—HANDICAP—2.000 metros—Animaes de todos os paizes—Premios: 800\$ ao 1º, 200\$ ao 2º e 100\$ ao 3º

1	Curubaid.....	Inglaterra.....	64 kilos.....	D. F. P.
2	Bonita.....	S. Paulo.....	50 ».....	José Machado.
3	Plutão.....	França.....	75 ».....	Coudelaria Cruzeiro.
4	Talisman.....	S. Paulo.....	60 ».....	Idem.
5	Diomede.....	França.....	62 ».....	Oliv. Junior & Lopes.
6	Baioco.....	S. Paulo.....	55 ».....	Idem.
7	Boyardo.....	Idem.....	55 ».....	Coud. Guanabara.

O 1º SECRETARIO, H. G. POSSOLLO.

Typ. d'1 Semana, rua do Carmo n. 36, sobrado.

ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o Café Oriente, da fabrica a vapor do Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25

9 C LABGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta— annuncio.

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

COLLEGIO

SÃO PEDRO DE ALCANTARA

EM PETROPOLIS

Reabrir-se-ha no dia 1 de Janeiro de 1887 este segundo estabelecimento, debaixo da direcção do Dr. A. Zeferino Candido.

O collegio da Côte continúa, como até aqui, a cargo do director João Lopes Chaves e com o seu antigo pessoal.

As condições de admissão, preços programmas, methodos e disciplina são perfeitamente eguaes para os dous estabelecimentos. E' facultativa a escolha do collegio para todos os alumnos.

No inverno descerão para o collegio da Côte, acompanhados pelo seu director e mestres, os alumnos de Petropolis, para continuarem sem alteração os seus trabalhos.

Informações, matriculas desde já, no Collegio S. Pedro de Alcantara, na Côte.

RUA DE S. CLEMENTE N. 30

OS DIRECTORES

A. Zeferino Candido.
João Lopes Chaves.

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C,

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 6 DE NOVEMBRO DE 1886

VOL. II-X. 97.

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	
Galeria do elogio mutuo III	
Alberto de Oliveira.....	O. BILAC.
Historia dos sete dias.....	FILINDAL.
A José Bonifacio, poesia..	L. DE MENDONÇA.
Filinto d'Almeida (Notas complementares).....	V. MAGALHÃES.
Notas bibliographicas.....	F.
De Pariz a Madrid.....	JULIA LOPES.
Morenas, (cantares andaluzes).....	F. COSTA.
Bellas Artes.....	A. PALHETA.
Auzencia, soneto.....	F. D'ALMEIDA.
Jornaes e revistas.....	S.
Theatros.....	P. TALMA.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Trafos á lóla.....	FR. ANTONIO.
Factos e Noticias.....	
Correio.....	ENRICO.
Recebemos.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÓRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

SR. T. O. TOSTES — Miracema — Afim de ser satisfeito o seu pedido, queira dizer-nos o numero do ultimo recibo em seu poder.

SR. J. F. SA JUNIOR. — Nictheroy. — Diga-nos V. S. o meio por que poderemos cobrar a sua assignatura: O correio encontra sempre V. S. para lhe entregar a folha, mas o nosso cobrador não é tão feliz. Acresce que o recibo está em poder de V. S.

SR. G. O. CASTRO. — Piáu. — Queira V. S. dizer-nos o numero do recibo pelo qual se julga quite, afim de que lhe enviemos o premio que V. S. reclama.

GALERIA DO ELOGIO MUTUO

III

ALBERTO DE OLIVEIRA

Senhoras minhas, não acrediteis na calúnia!

Quem vos disser que o meu Alberto nasceu em Saquarema, ha vinte e oito annos, mente e calúnia este bonito rapaz e este poeta a leravel. Em Athenas é que elle nasceu, debaixo do céu purissimo da Hellade, que em seus versos revive.

Por lá viveu: andou pelo braço do amigo Theocrito, soprando a frauta maviosa entre os myrtaes, e, em punho o cajado de pastor, abeberando o seu rebanho de cabras na agua crystallina dos rios da Grecia; sua taça de ouro; a transbordar de espumoso licor de Cós, tocou muitas vezes o cyatho, que tremia ás mãos cansadas do velho e gamenho Anacreonte; ouviu as sabias lições da illustre Myrthes de Antholon; e Pindaro, que a principio o amava, detestou-o depois ciumento e irritado, quando o viu terçar gallardamente com bella Corina nos certames dos jogos Pythicos.

Seus versos disseram os feitos dos filhos heroicos da patria grega, como celebraram as graças das mulheres de lá.

Contam até que a formosa Lais... Adeante.

Não acrediteis na calúnia, senhoras minhas: Alberto não nasceu em Saquarema. Socegae, porém: porque floresceu na Grecia centenares de annos antes de Christo, nem por isso está velho e alquebrado; antes é o poeta mais bello de quantos amaes e decoraes: alto e esbelto como um Apollo de Belvedere, bigodes negros, constantemente atormentados pela mão nervosa, fronte larga e uns olhos, uns olhos...

Um dia, não sei como, Alberto, desertando a Grecia, veio atravez dos mares e dos tempos cantar no Brazil.

Veio e sentiu-se mal: faltou-lhe quasi o ar, faltou-lhe quasi a vida: cedo, porém, consolou-o o esplendor da natureza da America. D'ahi a singular união de inspirações gregas e americanas, que seus versos traduzem: saudades do bem passado, alegrias do bem presente. Falam dos dias de outrora *O Leque*, *Vaso Grego*, *Lendo os antigos* e, sobretudo, *A agonia do Heróe*; revela-se o amor, que hoje o prende ás cousas d'aqui, nas estrophes d'*A arvore* e d'*A borboteta azul*.

Mas a saudade persiste inapagavel, e, mais sincera que a alegria, lhe punge o coração, e arrebatá para os tempos que se fóram seu espirito finissimo, educado na austera correção da Arte grega. Por isto, nos versos de Alberto de Oliveira a idéa é por vezes a de um americano, mas a forma é sempre a de um grego: não diz com a belleza rude e a indomavel pujança da natureza da America esse estylo impeccavel, esse dizer sem macula, em que as palavras



são medidas e pesadas com o máximo scrupulo. Porque é esta a feição característica da poesia de Alberto; e — amolnem-se embora com isto os seus inimigos — sempre direi que conheço poetas brasileiros eguaes e porventura superiores a este em elevação de ideias e abundancia de imaginação; mas não sei de nenhum que tenha conseguido casar tanto e tão puro sentimento a tanta perfeição de estylo.

Ha versos nos *Sonetos* e *Poemas* que mais parecem joias de ouro fino, trabalhadas por eximio e paciente ourives.

N'A *agonia do Heróe* o apuro da linguagem é inexcedível: não ha em todo este longo e inspiradissimo poema um verso que careça de emenda, um vocabulo que não esteja empregado em sua mais vigorosa e verdadeira accepção.

Fazem-lhe d'isto um crime: bradam-lhe que segue caminho errado, sem ideal definido, rimando futilidades e *rebuscando* termos exquisitos; pedem-lhe que medite e cante a Justiça, a Razão, o Direito, a Verdade, o Progresso, a Civilisação e muitas outras cousas serias que se escrevem com letra maiuscula. O Alberto ouve os conselhos e as injurias, rumina o ponto, torce os bigodes, murmura de si comigo que esta vida é uma historia, e vae por diante, dando novo primor à architectura dos versos, assoalhando e remoçando mais um vocabulo esquecido.

Não ha desvia-o d'este caminho: e é a esta perseverança e ao seu talento extraordinario que deve a posição de Mestre que lhe reconhecem todos.

Sei de muita gente que ha de franzir os sobrolhos e rugir, com largos gestos de indignação, que isto é um desaforo, que n'ala mais faço que armar aos elogios d'elle, — elogiando-o. E' falso! Juro pelos olhos de Cleopatra e pela bocca de Helena que é falso! Verão que o ingrato é capaz de no proximo numero d'A *Semana* chamar-me feio e máu poeta. Pouco importa. Nem por tão pouco deixarei de afirmar que Alberto de Oliveira é um dos poucos artistas que sabem honrar a nossa mirrada litteratura: revelou-se com as *Canções romanticas*, affirmou-se com as *Meridionaes* e vingou a cumiada do renome com os *Sonetos* e *Poemas*.

E' um Mestre: e não quero, para que não pareça demasiado o elogio, dizer que logar lhe será assignalado entre os Mestres, quando vierem à estampa os duzentos sonetos de um poema ainda por limar e corrigir, e cujo titulo não me é permittido divulgar por agora.

E' isto o poeta... Do homem, do meu adorado Alberto que poderei dizer? Direi que é um coração purissimo e um caracter immaculado. Tem o direito de se trancar a sete chaves num orgulho justissimo, e não conheço ninguem mais amavel. Não sabe odiar; mas cautela... não insulteis a Fôrma!

Vive para as musas e para a familia — e nota que, vivendo para a familia, tem muita gente a quem dar a vida, porque conta dezeseis irmãos, quasi todos poetas de merecimento. Ainda assim, sobra-lhe coração para vos amar e servir, — damas de todas as edades, que morreis por elle, como uma certa pessoa que o adora e o tem por amigo sincero e mestre querido.

Amæ-o tambem! porque a lyra de ouro, que tão docil e sentida so revela ao tracto amestrado de seus dedos, é a vós que se dirige e ao serviço vosso que está.

OLAVO BILAC.

A sciencia é a religião do Futuro.

A. DUMAS filho.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Já eu estava a lamber-me todo de contente por não haver espaço para a chronica, quando o paginador me veio dizer que tinha apertado a inateria, e que, portanto, lhe pozesse para ali oito titras de *historia*. Malvado!

Estou agora como aquelle cadaver (salvo seja) do *Noivado do Sepulchro*, que olhou em roda e não achou ninguem. Parei, sentei-me, e com a penna maguada olhei em roda e achei quasi nada.

Emfim, como falei no *Noivado do Sepulchro*, vou passar pelos cemiterios, a correr, porque, apesar das flores e dos cyprestes que vicejam na cidade sagrada dos mortos, eu não me fio muito dos coveiros...

Eu sou, decididamente e convictamente, pela cremação dos cadaveres, ainda que protestem os alfaiates e os sapateiros. Nem compreendo que haja quem, tendo meditado um quarto de hora, prefira o apodrecimento subterraneo à purificação pelo fogo. Mas, enquanto a gente tiver de sujeitar-se à tyrannia das leis, que só nos dão aquelle meio de acabamento para os nossos mortos queridos, bom é que se mantenha o culto christão da necropole augusta, onde as nossas afeições estão sepultas com pedacos da nossa alma, que lá foram acompanhando com as derradeiras lagrymas as primeiras angustias da saudade inextincta.

O que me repugna é que esse culto me seja indicado pelo *Almanach* dos irmãos Laemmert e que a manifestação intima, espirital dos meus sentimentos tenha um dia marcado para as expansões. Se para os mortos de alguma coisa vale o pranto dos vivos, o que não creio, pobres dos que tiverem de esperar as lagrymas a que a *folhinha* abre a torneira. Não sei porque, mas não gosto de chorar de sucia. Repugna-me que se vá em romaria à casa dos mortos, exactamente como se vae à casa da senhora da Penha.

Se fôr preciso o aviso do almanach para eu me lembrar dos meus defunctos amados, é que o meu sentimento e a minha saudade por elles já de ha muito bateram as azas ideaes e se foram, como as illusões, mar em fóra do esquecimento.

Tem razão o meu querido *Eloy*, o *heróe*. Com referencia a este assumpto soltou José Telha na quinta-feira o macaquinho sentimental. Certo que escreveu uma bella pagina de estylo; mas, a respeito do criterio que usam ter os seus simõesinhos, não lhe posso dar os parabens d'esta vez.

Quem lhe poderá afirmar que a sepultura de Maria F. não tem sido muito mais regada de lagrymas, e muito mais ornada das flores purissimas do coração, do que a maior parte das que lá estavam alumiadas por vellas de cera e enfeitadas pelas flores de Mme. Rosenwald?

Tambem eu por lá tenho uma Maria, ha alguns annos, e nunca lhe levei flores artificiaes á modesta campa, nem no dia 2 de Novembro nem em dia nenhum. Entretanto, quizera que alguém tanto chorasse e sentisse a minha morte, quanto eu tenho sentido e chorado a da minha pobre Maria!

E' que para lhe levar flores á campa faltava-me a sinceridade da crença. O culto da sua memoria guardo-o e celebrou-o eu perennemente no meu coração, a campa onde a sua alma repousa na pureza impoluivel da immorreidra saudade.

Le roi s'amuse. Enquanto viaja pelo

interior de S. Paulo (de S. Paulo provincia, entenda-se) o imperador vae-se divertindo o mais que pode, e faz bem. De todos os seus divertimentos, o que chegou até nós, como um raio da graça divina, foram as quadrinhas de glosa ao motte dado pelo Sr. Saboia, o que tudo me foi transmittido pelo meu incomparavel *reporter*, assim como foi remittido á *Gazeta* pelo Serzedello.

Eis o motte:

« De Casa Branca a cidade
Alegre quem a visita,
Pois ao lado das *sorocas*
Ha muita moça bonita.»

Foi glosado pelos Srs. barão de Ivinheima, visconde de Paranaguá, D. Pedro II e barão de Saboia.

D'estes quatro cavalheiros o unico que tem fama de sabio, de litterato e de poeta — é o imperador. Pois bem; a quadra de S. M. é inquestionavelmente a peor, notando-se que as outras já são medonhas! Eis a imperial estrophe, destinada a servir de *pendant* á do «fiel povo ituano»:

« O poeta ve-se em apuros
Acha trocas e baldrocas,
Mas a rima não lhe agrada
Apezar de taes *sorocas*. »

Realmente é necessario ter muita ouzadia poetica para escrever isto em terras por onde andou o fallecido poeta Margarida. O imperador ficou com mais uma vergonha para o seu reinado, porque, além da desgraça dos versos, dá-se ainda a circumstancia de não ser glosa, como devia ser, ao terceiro verso do motte, que é muito diferente.

Agora, Srs. poetas medalhados e medalhões, ide lá para as palestras litterarias submeter ao alto criterio poetico de S. M. as vossas estrophes immortaes: elle, que faz d'aquillo, deve comprehender-vos optimamente.

Recebi nesta semana os seguintes telegrammas:

Itú, 2, 11 horas.

Sincero acolhimento fiel povo ituano gravado fica peito grato soberano.

Itú, 2. 1 da tarde.

Imperador visitou estabelecimentos muitos, menos collegio S. Luiz. Estranhesa publico.

Presidente municipal pasmado dá nariz subdelegado. Jesuitas furiosos fumando. Proposito mande cigarros.

Campinas, 30 de Outubro (Retardado).

Imperador assignou quinhentos mil estatua José Bonifacio por tio ter sido tutor seu. Povo registra admiração tutor, eu tambem.

Campinas, 30, 10 da noite (Idem).

Serzedello propoz imperador erigir tambem estatua tutor. Imperador disse já tem. Serzedello propoz chafariz. Imperador custou comprehender, depois zangado mandou Serzedello fava deu charutos. Serzedello pagode troça be-xiga.

FILINDAE

Muita gente em Pariz contenta-se com o espectáculo dos espectadores. Admirar uma parede, por detraz da qual se passa alguma cousa, é já para nós um objecto de muita curiosidade.

V. HUGO (N. D. de Pariz.)

A JOSÉ BONIFACIO

Viu-se emfim que era humano aquelle espirito :

A Morte o quiz provar,
E, temendo a protesto, impoz-lhe aos labios
O sello tumular.

O' revoltante iniquidade ! o Oceano
E' grande, abraça a Terra e a esfofeteia,
Lucta com o tórvo Céu, que o ehicoteia
Com os látigos do raio, e soberano
Triumpho e eanta indomito o selvagem.

O Céu é grande ; — imagem
Da eterna força nunca fatigada, —
Apenas aplazada

A tempestade, a dôr que ulula e chora,
Volta-lhe a azul puríssima alegria,
Riem-lhs as graças infantis da aurora,
Ou tem do occaso a ardente maravilha,
Ou dos astros a accessa pedraria.
O Rio é grande, e eterno o Rio corre.
O Sol é grande, e eternamente brilha.
— O Genio é grande, e morre !

Quando à tribuna olympico assomava
Como se o genio da eloquencia fóra,
Rápido o réo poderoso açava,
Águia, dos altos céus dominadora,
Já não ha que subir, sóbe avante,
Sóbe a perder-se à vista
Dos que a seguem attonitos, pasmados ;
E quando volta e quêda-se arquejante,
Traz na febre dos olhos desvaírados
Os clarões da conquista !

A aguia está morta ; no seu ninho alpestre
Pousou para morrer, entre o nevoeiro
Da terra idolatrada, O derradeiro
Hymno lhe canta agora a harpa sylvestre
Do Cubatão, tangida pelos ventos.
Exhala o mar soluços e lamentos
Pela deserto praia. No horizonte,
Como uma guarda de hora se perfila
A Cantareira.

A aguia está morta ; agora
Levante a negra iniquidade a fronte !
Roje a serpe tranquilla,
E o mêho insulte a aurora !

« Como um tambor ao fim d'uma batalha », (*)
Rompeu-se o altivo coração estoico,
Que pelo Bem pulsára em hesatino.
Nunca nas brancas dobras a mortalha
Outro envolveu mais puro e peregrino.
— Chora e abença, Patria, o filho heroico,
E tu, Justiça, o morto paladino !

Protege-nos d'além, sombra bemdieta !
Grande espirito, não nos desampares !
Tu, — como genio tutelar que habita,
Para os antigos, nos accêso lares, —
Na alma da mocidade
Brazileira, que te ouve eternamente,
Abrazada no amor da liberdade,
Teus culto eterno em ara sempre ardente !

Valença, Oitubro de 1886.

LUCIO DE MENDONÇA.

F (*) Guerra Junqueiro, Post-scriptum da Falla Commun.

FILINTO DE ALMEIDA

(NOTAS COMPLEMENTARES DO ARTIGO
DO N. 96)

Disse eu que Filinto possuia em
gráu elevadissimo o precioso dom da
intuição. Faltou-me o espaço para apre-
sentar de tal asserto a prova mais irre-
fragavel.

Em 1876 publicou Filinto d'Almeida,
no *Diario Popular*, na occasião em que
se annunciou haver Pio I. convocado
um conclave, a seguinte poesia :

O CONCLAVE

O herôe do Vaticano, o triste octogenario,
Cahio na prostração d'um extasi profundo :
E dizem até já qu'envolto n'um sudario
Vae relatar a Deus escandalos do mundo.

Mas antes de fazer a ultima jornada,
Confere com a Caixa as Vendas a dinheiro ;
Mas a escripturação vae tão atrapalhada
Que elle inda não lançou a escripta da Janeiro.

Dizem que consultou o Sr. Machado Reis,
Mas nada conseguiu de bom para o escriptorio.
Por isso, recorrendo ao código das leis,
Prepara á freguezia um conclave illusorio.

E S. Pedro, no céo, socio commanditario
Da casa commercial chamada Vaticano,
Está com seu receio: a escripta no *Diario*
Augura uma fallencia até ao fim do anno.

Portanto, inda hei de lêr no estabelecimento,
N'alguma taboleta, em letras de crystal :
— *Great attraction!* freguez ! Quarenta e dois
por cento !
Até ao fim do mez ! Liquidação final !

1876.

Aparte o valor artistico, têm estes
versos o tom dos de Guerra Junqueiro
n' *A Velhice do Padre Eterno*. Releia-se a
Circular e ver-se-á que elles têm mesmo
alguma coisa mais do que o tom da
poesia de Junqueiro em sua phase re-
cente: têm a idéa fundamental, o pen-
samento geral d'aquella composição,
magnifica de humour e de extravagante
originalidade.

Dez annos antes de haver Junqueiro
publicado a *Circular*, tinha Filinto con-
cebido a mesma exquisita organização
commercial do Vaticano, com identica
« liquidação » e semelhante falação aos
pios freguezes.

Esta adivinhação do Filinto é uma
rica amostra da pujança do seu talento
e do seu assombroso poder de intuição
— sensível, intellectual e moral.

Por mais um pouco teria este diabo
escripto a *Circular*.

E' que não pensou nisso. Foi pena.

Ultima nota ; nota que tambem me
diz respeito.

A muita gente tem interessado saber
como se realisa o trabalho da nossa
collaboração para o theatro, pois jun-
ctos temos trabalhado em cinco peças :
tres traduzidas — das quaes duas em
verso — e duas originaes. Nós mesmos
teriamos difficuldade em explical-o.
Os nossos espiritos afinam e concer-
tam-se por tal maneira que, á seme-
lhança dos irmãos Goncourt ou de
Meilhac e Halévy, conseguimos pensar
junctamente e junctamente escrever.

Uma collaboração intima, trausfusa,
completa, singular ; ao ponto de, pas-
sado algum tempo sobre o trabalho
feito, não podermos saber, nem elle nem
eu, o que d'elle veio nem o que de mini
partio. Acontece-nos com frequencia, no
trabalho, pronunciar simultaneamente
a mesma phrase ou a mesma palavra,
exprimindo um só pensamento.

Como nem um de nós tem a estulticie
de sustentar o seu amor proprio em
cozas litterarias, de modo a vencer o
outro, quando, em desaccordo de idéias
ou desencontro de phrases, reconhecemo-
mos, ou elle ou eu, que é o companheiro
quem tem razão, cedemos logo que nos
convencemos d'isso: cedemos para bem
de ambos. Tão unidos e confundidos

andamos em cousas theatraes que o
mundo dos bastidores difficilmente sa-
bem qual de nós é o Filinto nem qual
náo é o Valentim.

Nas lettras cá da terra creio que este
gongortismo não tem precedente. Oxalá,
como espero, que se prolongue por
muito tempo.

VALENTIM MAGALHAES.

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

Está publicada uma nova obra do
illustrado Sr. Guilherme Bellegarde.
Trata de lexicologia e intitula-se *Voca-
bulos e locuções da lingua portugueza*. É
um nitido volume de 180 paginas ;
edição da casa Alves & C., successores
de Nicolau Alves. Pode apreciação es-
pecial este importante trabalho.

F.

DE PARIZ A MADRID

Na ante vespera da nossa partida
de Pariz fomos dizer um adeus de des-
pedida ao Bois de Boulogne, esse saudoso
Bois, delicia de estrangeiros e de na-
cionaes.

O céo, banhado de azul, com uma
transparencia idealmente candida, abo-
bada encantadoramente o lindissimo
parque onde os pinheiros difundiam
o seu aroma resinoso e salio, e as
ramas lustrosas do arvoredo se embe-
biam de luz doirada e acriciadora.
Deixando o carro na curva de uma
arenida sombria, entramos no Jardim
de Acclimação e dirigimo-nos vagarosa-
mente para o *restaurant*. Enquanto o
diligente *garçon*, punha-nos sobre a
mesa os pastelinhos de crème e os copos
de *grenadine* gelada, olhávamos nós
para as ruas do jardim, onde as crian-
ças passeiavam, recostadas em carros
puxados por umas zebras elegantes, ou
encarapitados no dorso onduloso dos
camelos, ou repoltreados orgulhosa-
mente no enorme e vagaroso elephante.
Nas mesas do botequim conversavam e
comiam gulosamente homens, senhoras
e meninos, rindo despreoccupados.
Aqui um grupo de inglezes discutindo
acaloradamente a questão Gladstone ;
ali uns italianos cantando no seu
idioma uns elogios a *Fiorenza* ; acolá
uns hespanhoes atirando para o ar a
fumaça azulada dos seus charutos e
rufando com os dedos na mesa aquella
cançoneta de Robinson — *O' que bou
pays!* ; mais adiante dous chins, nas
suas tunicas de seda amarella e azul,
com os rabichos a tocar-lhes os calca-
nhares, e os olhos em amendoa, arre-
gacados ao canto, fitando embevecida-
mente umas francezas risonhas, que a
repetidas dentadas devoravam uns
doces de chocolate, rindo-se das ter-
nuras suspirosas dos languidos filhos
do Celeste Imperio...

Atravessámos de novo o jardim, pas-
sando pelas jaulas e pelo grande lago das
phocas, onde as crianças riam batendo
enthusiasmadas as palmas ao verem
surgir á flor das aguas as cabeças acha-
tadas d'esses amphibios de olhos escu-
ros e intelligentes.

Entrando de novo no carro, segui-
mos por bellas avenidas até á cascata.
Na mansidão do lago reflectia-se o céo
immaculado de nuvens.

Entre os carros postos em descanso
à sombra das acacias, e entre os que
se cruzavam com familias em todas as
dircções, passavam grupos curiosos.
Umás irmãs de caridade seguindo as
discipulas, uns estudantes alegres com

uns chapéus brancos de abas descahidas; e até um grande rancho de pessoas acompanhando uns noivos. Ella, a noiva, de branco, sustendo na mão enlucada a grande cauda do vestido, com o vaporoso véo a envolver-lhe o busto todo enfeitado de flores de laranjeira...

Ca n'est pas chic! é certo, mas é inquestionavelmente pittoresco para quem, simples espectador, presencia os mimosos detalhes d'essa encantadora tela viva e brilhante. — o Bosque na primavera, o Bosque onde a alta aristocracia dá os seus *rendez-vous*, e onde a burguezia passeia, até mesmo no dia de noivado! Do *restaurant* sahia um outro casamento. Entravam para um grande carro, especie de *char à bancs*, noivos e convidados. As gargalhadas retiniam metallicamente no ar; a noiva, corada e risonha, falava muito deitando a cabeça para traz; o noivo com um grande ramo ao peito, olhava triumphante de redor; e paes e padrinhos e amigos, vermelhos, alegres, amarrotados, sentavam-se, depois de grandes discussões, nos assentos de marroquim do carro, que partia, levando para longe o ruidoso bando, cujas vozes ouvimos ainda por muito tempo.

Quando voltámos pelos Campos Elyseos, para o hotel, indo atravessar ainda o elegante parque Monceau, ao vermos a mais bella parte de Pariz doia-nos na alma uma saudade grata a tantos esplendores.

No ultimo dia, depois de um almoço de despedida, entre amigos, dirigimo-nos ao *boulevard* St. Germain, á casa de uma das celebridades medicas actuaes, o Dr. Charcot. Emquanto esperavamos o nosso querido doente, que se demorava a conversar com o distincto medico francez, observávamos os objectos artisticos, as tapeçarias, os albuns, o parque visto atravez dos vidros da grande janella, onde desmaiava a luz; e aos nossos ouvidos soavam, vindos de diversos grupos, como na vespera, palavras inglezas, hespanholas, italianas e francezas, num mixto extravagante. Não ha, decididamente, terra mais visitada por estrangeiros! Quando sahimos, uma chuva fina cahia sobre o *boulevard* St. Germain. Chorava o céu de Pariz!

Na manhã seguinte levava-nos um carro á *gare* de Orleans, d'onde pouco depois partiamos com direcção a Bordeaux. Em pé, junto á janella do wagon, diziamos com o lenço o ultimo adeus á encantadora cidade que ia desaparecendo ao nosso olhar saudoso.

Fazia frio e era noite quando chegámos a Bordeaux. Atravessámos em carro fechado a cidade. A chuva batia nas vidraças, impedindo que vissemos alguma coisa das ruas. O cansaço, a humidade do tempo, convidavam-nos ao repouso; foi, pois, com verdadeira satisfação que nos sentámos recostadamente nos *fauteuils* de velludo vermelho do nosso quarto agasalhado pela alcatifa e por grandes reposteiros carmesim.

No dia seguinte, domingo, acordámos ao som repinicado dos sinos. A manhã estava de uma claridade suave, embora azul. Esperava-nos á porta um *landau* descoberto; sahimos. Em frente na igreja St. *Dominique* entravam os fieis para a missa; um bom ar de alegria inundava a rua. Percorremos vagorosamente as grandes avenidas ladeadas de arvoredos, onde o povo passeiava alegremente ao brando sol d'essa manhã de domingo. Seguimos depois pelo caes; no porto, um grande numero de embarcações; aqui enormes cascos de vapores em reparo, além o vozeoar alegre da marinhagem, lavando os convezes dos navios, a cantar. Nos pontos mais afas-

tados e silenciosos, pescavam á linha uns pachorrentos burguezes, com o rosto sombreado por grandes chapéus de palha, cachimbo na bocca e roupa clara. Passando pela grande ponte de dezeseite arcos, observámos d'ahi a vista da cidade á beira do *Garonne*, ou *Mr. le marquis a vu le jour*, como diz a canção que desde pequenas cantavamos e que iam mentalmente repetindo ao ver o rio nella falado e que ali estava rolando as suas aguas limpidas a nossos pés. Voltando ás ruas centraes, admirámos os elegantes e modernos edificios, o grande theatro, o jardim publico onde passeámos demoradamente, os mercados, curiosos pela animação, tamanho e accio (no das fructas comprámos os mais bellos e deliciosos morangos que em toda a vida temos coitado); o Arco do Triumpho, a cathedral e mais egrejas. Havia nesse dia um espectáculo interessante em Bordeaux — a feira de St. Fort.

(*Continúa.*)

JULIA LOPES.

MORENAS

(CANTARES ANDALUZES)

Por tres cousas me prendeste,
Mifha sereia pequena:
Por teres os olhos pretos,
Por alegre e por morena.

Esses teus olhos, morena,
Duas estrellas imitam,
Que se me fitam, me matam,
E morro, se me não fitam.

Bemdicto seja o sacario,
E bemdicto o altar e a cruz!
Bemditas sejam as mães,
Que dão morenas á luz!

Nasci branco e vou dizer
Porque estou moreno agora:
E' que adoro uma morena
Que me queima a toda a hora.

Ninguem ha que não conheça
Das morenas a virtude;
Aos saudaveis adoecem,
Aos doentes dão saude.

Viva tudo o que é moreno!
Viva o moreno sem arte!
Isto digo, pois me toca
Do que é moreno uma parte.

Podem beijos de morena
A quem uma vez os prova,
Atiral-o á sepultura,
Ou levantal-o da cova.

Moreno pintam a Christo,
E morena a Magdalena,
E' morena a minha amada...
Pois viva quem fôr morena!

Pela rua abaixo vêm
Uma guitarra de prata;
Vem tocando, vem dizendo:
«Uma morena me mata.»

Eu preclso divulgar,
Das morenas os segredos:
Quem tocar numa morena
Deve ate lamber os dedos.

Vem sahindo o sol dos sóes,
Vem sahindo a lua plena,
Vem sahindo os resplendores
D'uma carinha morena.

Quem o amor d'uma morena
Passa a vida sem provar,
Vae-se embora d'este mundo
Sem saber o que é amar!

FERNANDES COSTA.

Victima de uma terrivel affecção cardiaca, falleceu no dia 3, á uma hora da madrugada, o Sr. Angelo Baptista Fernandes de Souza, pae do nosso companheiro de redacção Alfredo de Souza.

O finado era ha muitos annos empregado na secretaria da policia de Nithe-roy, onde as suas excellentes qualidades de caracter lhe grangearam muitos amigos.

Ao nosso estimado companheiro e á sua Exma. familia damos, compungidos, sinceras e cordiaes condolencias.

Será resada a missa de septimo dia na proxima terça-feira, ás 9 horas, na igreja de S. Francisco de Paula.

BELLAS ARTES

EXPOSIÇÃO DE N. FACCHINETTI E HENRIQUE BERNARDELLI.

Na primeira sala á esquerda, da Imprensa Nacional, estão reunidos vinte quadros de Nicoláu Facchinetti.

São vinte miniaturas, pintadas com o paciente cuidado que caracteriza as obras d'este artista, coloridas com um esplendor fóra do vulgar, desenhadas com um escrupulo extraordinario, quasi que fatigante.

No genero miniatura têm, incontestavelmente, grande valor; mas, desde que sejam bem estudados, as primeiras qualidades que os distinguem — harmonia e riqueza da cor e das linhas — desapparecem deante da monotonia dos tons, que conservam, — quer nos primeiros, quer nos ultimos planos, — o mesmo vigor, a mesma intensidade.

E' inteiramente impossivel que o orgão visual de Facchinetti veja, desarmado, as distancias que em seus quadros vemos tão nitidas, tão acabadas. Para alcançal-as, o artista lança mão de lentes de augmento, que o obrigam a dar aos ultimos planos o peso dos primeiros, d'onde resulta um trabalho incalculavel para vencer os afastamentos, e por conseguinte, uma grande carencia de espontaneidade na pintura. Verdade é que nada temos com o tempo gasto pelo artista com a feitura da sua obra. Que leve tres annos a pintar um retrato, como Denner; ou trinta dias a concluir uma miniatura, como Meissonier; pouco se nos importa... Mas, levem o tempo que entenderem, satisfaçam as exigencias da arte!

Os quadros de Facchinetti, as mais das vezes, peccam por esse lado.

Reconhecemos, ao mais ligeiro golpe de vista, o artificial empregado pelo pintor para vencer tudo quanto escapou á sua faculdade de coordenação; e o trabalho que, a pouco e pouco, vae-se nos afigurando melhor, pela habilidade da sua technica, pelo calor do seu colorido, é, na sua complexidade, mais uma obra de paciencia, mais uma prova de infatigável cuidado do que uma simples obra d'arte.

Feita por esse systema—systema identico ao da confecção dos machinismos de pequenos relógios,—nenhuma parte da commoção sentida pelo artista, a obra possui. Torna-se, indubitavelmente, fria, embora correctá, inutil apesar de mui trabalhada.

Dir-se-á, deante d'essas pequenas stélas, que a natureza parou para o paizagista; tal é o ar affectado, tal é o *parti pris* que se lhes nota. E onde está o caracter da natureza brasileira n'esse uniforme rendilhado das folhas?

O detalhe, minuciosamente feito, mistura todas as formas; do meio d'aquellas massas feitas a bico de pincel e á ponta do canivete, não se distingue, á distancia, a diversidade dos vegetaes: é tudo semelhante. Repara-se, analisa-se, investiga-se com o maximo cuidado, e tudo, tudo, guarda a mesma proporção, contem o mesmo exagero.

A natureza para elle é impassivel, é uma estampa de academia. Alli está em sua frente, queta, silenciosa, inerte; sempre com o mesmo aspecto, sempre com os mesmos accidentes.

Arma o cavallete, e dia por dia vem copial-a, a uma determinada hora, sem que uma differença se lhe apresente e tinte, longamente, dentro em si, ao doidejar da sombra da mangueira sobre a campina, quando uma aragem passagreira, descendo das montanhas, sacode os vegetaes que a modona enervada do verão quedou por longo tempo.

Elle proprio, o artista, reconhece este defeito, e, para fugir da sua gravidade, despreza a paisagem pelo panorama.

(Continúa)

ALFREDO PALHETA

RECTIFICAÇÃO

Em o n. 96, artigo — *Bellas Artes*, 3º columna da pagina 351, linha 35, onde se lê e dos complementarios, leia-se: e das complementantarias.

AUSENCIA

A D. MARIA LUIZA DE ALMEIDA

Uma coisa, senhor, por certa asselle:
Que nunca amor se afina, nem se apura,
Emquanto está presente a causa d'elle.

Camões, Elegia.

Quando ella estava juncto a mim, dizia
A voz do meu amor: — Ama-l'a, e tanto
Que nem tu sabes, venturoso, quanto!
E eu dizia a mim mesmo que o sabia.

Em fogo ardendo a Natureza fria;
Em tudo succedendo o riso ao pranto;
Tudo banhado no suave encanto
Do seu olhar, por toda a parte eu via!

Oh! se a amava! se a amava! Mas naquella
Aurea quadra de amor, tendo-a presente,
Não me fulgia tanto a minha estrella.

Hoje é que eu sinto o meu amor vehemente;
Hoje, que ella está longe, ausente d'ella
Eu de mim mesmo penso estar ausente!

31 de Outubro, de 86.

FILINTO D'ALMEIDA.

JORNAES E REVISTAS

A *Tribuna do Norte*, jornal de Pinda-monhaugaba, na louvavel intenção de prestar homenagem á memoria de José Bonifacio, fez umas cousas muito engraçadas. Em meio da primeira pagina, tarjada, sob um emblema funebre, escreveu isto:

SILENCIUM VESTIS FACUNDIUS.
VESTIS! Ouvio cantar o gallo sem saber onde. E começou a noticia do passamento por esta forma:

«FALLECIMIENTO.—A hora que appareceos ja ninguem ignora o desaparecimento da scena do mundo do athleta da palavra, d'aquelle relampago do genio que se chamou José Bonifacio e que cognomisaram o lingua de prata.»
Textual e... hilariante!

Está publicado o n. 9, (30 de Outubro) da *Revista dos Constructores*, magnifica publicação, heroicamente fundada e mantida pelo Dr. Araujo Viana. Muitos e bons artigos technicos e excellentes gravuras sobre madeira pelo habil xilographo Alfredo Pinheiro.

S.

THEATROS

O estimadissimo actor Furtado Coelho foi no domingo victima de um ataque cerebral que o prostrou no leito durante tres dias. Felizmente, com grande regosijo de todos que o conhecem, a molestia não teve consequencias, e já na quarta-feira tivemos o prazer de o abraçar no nosso escriptorio, onde o felicitámos pelo seu rapido restabelecimento, felicitação que repetimos agora cordialmente.

LUCINDA

Recomeçaram neste theatro as representações da *Seraphina*, de Sardou.

Ensaia-se a *Causa celebre*, peça de D'Ennery, que ha seis annos foi representada no Sant'Anna, pela companhia do Guilherme da Silveira, com grande successo.

RECREIO

Continuam os ensaios do *Filho da Noite*, enquanto dura e se prolonga o successo d'*A Martyr*.

S. PEDRO

Os espectaculos do Conde Patrizio, o habilissimo prestigiador, têm levado a este theatro enorme concurrencia. Também ha razão para isso: o illustre prestimano e illusionista varia-os todas as noites e sempre para melhor.

SANT'ANNA

Heróe á força e *Corça do bosque* são as duas peças que estão em scena neste theatro.

Está em ensaios a *Befana*, opera-comica italiana, e *Pintar o padre*, opereta em 1 acto, de Castro Lopes filho e musica de Abdon Milanez.

Tem estado gravemente enferma a actriz Helena Cavalier, sem que, por

emquanto, tenha a enfermidade assumido caracter assustador. Muitas tem sido as démonstrações de apreço e sympathia que tem recebido durante a molestia a distincta actriz. Desejamos-lhe promptas e seguras melhoras.

P. TALMA.

SPORT

Estiveram animadas as corridas do Jockey-Club no domingo passado e os pareos foram regularmente disputados. Eis o resultado:

No 1º pareo (1.600 metros) *Dandy*, em 111 segundos, venceu *Galgo*, que chegou em 2º, *Plutus* em 3º e *Argentino* em 4º. *Atilla* e *Pip* vieram na bagagem. *Feiteira*, *Odalisca* e *Tamoyo* não correram.

No 2º pareo (1.450 metros) *Biscaia*, em 99 segundos, bateu seus competidores. *Nicoasfy* chegou em 2º e *Iron* em 3º. *Araby*, que era o favorito, negou a partida e sahiu com muito atrazo, chegando na bagagem juntamente com *Apparecida*, *Cabana*, *Orpheu*, *Paulicéa* e *Douro*. *Sartarelle*, *Caporal*, *Morena* e *Guanaco* não correram.

No 3º pareo (1.600 metros) correram *Peruana* que em 108 segundos foi vencedora e *Matin*, que chegou em 2º, *Diomedes* em 3º e *Gazida*, que ao sahir derubou o jockey.

No 4º pareo (1.000 metros) *Gaudriole*, em 67 segundos, bateu *Cheapside* que chegou em 2º, não parecendo muito indisposta e mal corrida. *Curubaú* e *Speciosa* chegaram na bagagem.

No 5º pareo (1.450 metros) *Gabier*, em 100 segundos, sahiu indevidamente vencedor, visto *Echoron* deixar-se bater, chegando em 2º. *Castillione* em 3º; *Amazonas*, mancou logo ao partir. *Africana* e *Froufrou* não correram.

No 6º pareo (2.000 metros) *Boreas* foi o vencedor, em 140 segundos, com immensa facilidade, tocando-lhe o Grande Premio de 5.000\$. *Sibylla* chegou em 2º, *Pery* em 3º, *Sans-Souci* em 4º. *Sylvia II* não correu.

No 7º pareo (2.000 metros) *Plutão*, apesar do peso de 75 kilos, ainda d'esta vez zombou dos seus competidores, batendo-os em 140 segundos. *Bayocco* chegou em 2º, *Boyardo* em 3º e *Diomedes* em 4º. *Curubaú*, *Bonita* e *Talisman* na bagagem.

Realizou o Derby-Club no dia 1 do corrente a sua 4ª corrida extraordinaria com bastante concurrencia e animação, apesar do tempo ameaçar chuva a cada instante.

Os pareos tornaram-se interessantes pela porfiada lucha que nelles travaram diversos parelheiros, que d'esta vez se apresentaram convenientemente tratados. Eis o resultado:

No 1º pareo (1.450 metros) *Peralta II*, em 104 segundos, bateu *Villa-Nova* e *Americana*, que affrouxaram na recta de chegada, chegando aquella em 2º e esta em 3º lugar. *Orpheu*, *Saltarelle* e *Peralta* chegaram na rectaguarda.

No 2º pareo (2.000 metros) *Regina* facilmente, em 143 segundos, bateu os seus competidores, que eram fracos. *Caporal* em 2º, *Regalia* em 3º e *Cavour* distanciado.

No 3º pareo (1600 metros) *Odalisca*, em 116 segundos, (má tempo) bateu *Galgo*, que desgarrou, e *Dandy*, que fez má corrida, devido ao jockey.

No 4º pareo (1.450 metros) *Echoron* fez brilhante corrida, sahindo atrazado, e venceu em 99 segundos *Phénicia*, que era a favorita, e chegou em 2º, *Pancy* e *Castillione* vieram em ultimo lugar.

No 5º pareo (1.750 metros) *Boyarado*, em 123 segundos, inesperadamente bateu *Druid*, que chegou em 4º e *Bayoco* em 2º, os competidores mais fortes deste pareo. *Aymoré* chegou em 3º. Os demais parelhinhos não tiveram classificação. *Biscaia* e *Douro* não correram.

No 6º pareo (1.600 metros) *Scylla*, em 108 segundos, com alguma facilidade venceu *Satan* que chegou em 2º, e *Cheapside* em 3º — *Exhibitor* e *Catita* na bagagem. *Peruana* e *Paulicéa* não correram.

No 7º pareo (1.450 metros) *Pip*, em 105 segundos, sabia vencedor de *Chapecó*, que propositalmente deixou-se vencer, sendo por isso multado o jockey em 200\$ *Favorita* e *Pampeiro* ficaram distanciados. *Tamoyo* não correu.

No 8º pareo (1.200 metros) *Eucharis* facilmente bateu os seus adversários, em 88 segundos. *Africano* chegou em 2º, *Botero* em 3º e *Baguassú* em 4º. *Guacho* e *Tufão* não correram.

Com um importante programma, em que ha dois esplendidos pareos de *handicap*, realiza amanhã o Prado Villa Izabel mais uma corrida que, indubitavelmente, é digna dos maiores elogios e da mais alta importância para os adeptos d'este util divertimento.

Em nossa ultima pagina, encontrarão o esplendido programma onde poderão á vontade consultar o deus Palpite.

L. M. BASTOS.

TRATOS Á BOLA

Sombra de páu não mata cobra.
(Provs. de Salomão)

Ora já se viu, em todo este valle de lagrimas, calumniador de marca maior do que este meu falsario collega, de gloriosa memoria, que se chama Frei Simplicio?! Dizei-m'o, se podeis, ó *tratistas* de todos os tempos e de todas as edades! Aquillo não é frade, não é nada! E' a intriga mettida numa sotaina!

Echamar-se Simplicio um semelhante velhacão! Que antlythese, minha Nossa Senhora das Candeias!...

Tambem não admira! se elle é da *Ordem dos Bilontritas*!

Dizer o tratante que me abarrotei, na sexta-feira ultima, de peixe e de outras cousas mais. Judas Iscariote! Dizer isto de um pobre frade, que vive com a barriga pegada no espinhaço, devido aos jejuns e á penitencia! Não vé que eu não sou como elle, que, em vez de atirar-se ás sardinhas, aos bariés, aos camboatás, aos acarys, em summa—aos peixinhos, atira-se com unhas e dentes aos *peixões*! Não vé!?... Uma vez, constou-me até que elle comera, sem que lhe estourasse o pandulho, uma baleia inteira com barbatanas, azeite e tudo! Pois se é do azeite mesmo que elle mais gosta! Baba-se por azeite, o *tranquibernas*! Emfim, ponhamos para o lado este biltre tonsurado, que será capaz de vender a Belzebuth, por meia pataca de goso, a comunidade em peso, e tractemos dos *tratos*.

Eis as decifrações dos do n. 94:
Da antiga:—*Tyranna*;
Das tiburcianas:—1ª *Limonada*; 2ª *Solicitador*; 3ª *Saracura*.
Das perguntas:—1ª *Meia*; 2ª *Pintarôzo*; 3ª *Sabia, Sabiá*.
Foram decifrados pelos seguintes devotos, cá do peito:
Fausto Junior, *Josephina B.* e *Fricinal Vassico* (Muito obrigado pela sua charada-acrostico.)

Não acertaram os Srs.: *V. Toledo*, *Florindo Flores*, *Frei Capuchinho*, *Aninha*, *Mirabelle*, *Juzokha* e *Jou-Jou*.

O Sr. *Fausto Junior* pode vir receber o seu premio.
E lá vae geringonça:

TELEGRAPHICA

1-1—Dumas amarra.

EM DUO

Sem que ande acompanhado,
Eu ando do nome ao lado.

NOVISSIMA

1-1-1-1—Com a pupilla, esta lettra e esta intorjeição da interjeição, está na terra.

ANAGRAMMA

Crio lei. Fis:—pim!...
(Nome de homem)

QUEBRA-BÓLAS

Oridia, Aurelia, Agueda, Eulalia, Guiomar, Gertrudes, Ignacia, Mafalda, Pertunda, Ricarda.
(Formar com as iniciaes d'estes um nome de terra.)

ANTIGA

Elle é um verbo que se encontra
Nalgumas coisas sem vida—2
E é muito bom de comer-se
Co'a comida esta comida. — 2.

Conceito

Entram nelle os passarinhos,
E' visto em muito logar:
Nos homens e nos theatros
E... etc.; é decifrar.

LOGOGRAPHO

Pode ser de pão—1,2,3,4,5,—pode ser do charco—6,7,8—
Pode ser cerveja—11,7,4,3,—fructa pode ser—11,2,8,5,8,7—
E animal—11,10,6,6,12—não molle—9,10,6,2.
Nada mais eu marco.
Deste páu mais nada posso vos dizer.

Dois premios *supimpas*, marca barbante, da prateleira de riba, aos dois primeiros *cueras* (não quero mais *muquiche*, arre! *seu Simplicio* das duzias!...), que... e tal etc. *poutinhos*...!
O primeiro premio é — vinte contos, muito bem contadinhos.

E, agora, adeusinho; até ás uvas.
Livrem-me deste supplicio:

—Frei Simplicio, —

Que me livram do Demonio.

FREI ANTONIO

Cafarnaúm (Ordem dos Macoteiros, na Ladeira da Pindahyba), em Novembro do anno do Senhor de 1896.

FACTOS E NOTICIAS

QUE PAPEL!...

E vae um dia o Guimarães, despede-se do Ferdinando, arruma o bento corpinho num beliche de transatlantico e dá com os ossos nas longes terras onde o Sr. de Bismarck dicta ao mundo as leis da tirannia e da força. Vae, anda, perlustra, saracoteia. Elle está em Hamburgo, elle está em Berlim, elle está em Vienna, elle chega a Pariz!

Pouco depois começa a chover na casa da rua do Ouvidor 35 o papel de cartas mais deslumbrador, mais ex-

quisito, mais original, mais bello e mais *chic* que o carioca tem tido a ventura de ver e de admirar!

Duas caixas que nós recebemos para amostra são de um eucanto, de uma bizzarria e de uma elegancia pasmosas! Não se imagina! O' leitor, se tens juizo e dinheiro disponiveis vae ali á papelaria monstro e merca uma caixa d'aquelle papel...

Por Jupiter! Asseguro-te vinte conquistas em dez dias!

Ou eu não saiba mais que a papelaria Guimarães & Ferdinando é ali na esquina da rua do Ouvidor e n. 35.

CLUB GYMNASICO PORTUGUEZ

Cerca de duas mil pessoas se agglomeravam nos salões do Club, na noite de 31, para assistirem á brilhantissima festa com que esta sociedade commemorava o 18º anniversario da sua installação.

A entrada do edificio, os salões e todas as dependencias do Club estavam caprichosamente ornametadas; não menos de quinhentas senhoras, ostentando riquissimas e variadas *toilettes*, emprestavam á festa um encanto indissolvel; boa musica, francas alegrias, muita amabilidade dos directores, — tudo isto fez com que a grandiosa festa sómente terminasse quando o sol... etc, e tal.

Nossos cumprimentos á digna directoria por mais este triumpho para os annaes do Club.

TENENTES DO DIABO

A flammejante sociedade não perde occasião de proporcionar a seus socios e a muitos convidados bellos ensejos para se ajuizar do progresso sempre crescente que ali se nota. Assim, pois, no ultimo sabbado, aproveitaram os «Tenentes» a distribuição dos premios aos vencedores do ultimo torneio de bilhar, para solemnizar a posse da nova directoria com uma animadissima *soirée* familiar, que só terminou ao amanhecer do domingo.

A nova directoria, que tem elementos para dignamente sustentar as gloriosas tradições dos «Tenentes», os nossos emhoras e os nossos agradecimentos pela delicadeza do seu convite.

CONGRESSO GYMNASICO PORTUGUEZ

A incansavel directoria d'esta associação, ultimamente re-eleita, obsequiou-nos com um convite para a *soirée* familiar que realiza hoje.

DEMOCRATICOS

Estes endemoninhados (e não fossem elles *Demo-craticos*!) preparam o «Castello» para offerecerem hoje aos *habitués* das suas reuniões uma festa de arromba, que ha de dar que fallar nas principaes capitães da Europa, taes como—Etiopia, Arabia, Persia e India!

CORREIO

Sr. V. de Toledo. — E' tal a delicadeza com que o Sr. se nos dirige, que daríamos mostra de grande maldade se com chufas lhe respondessemos. Quero crer que, sensato como se mostra ser, estimará que lhe fallemos com sinceridade. Pois é o que vamos fazer. Parece-me que maior obsequio nos deverá (se obsequio isto é) se não publicarmos o seu soneto: *Recordações*. V.ja se consegue mandar-nos cousa que brilhe mais pela forma e pela idéa, e, pelo menos, mais cuidada no metro, que ha de vel-a, com certeza, figurando na *Collaboração*. Em

attoução ao seu pedido havemos de remetter-lhe alguns prospectos para que nos arranje, conforme nos promete, assignantes ahi na E. do Banco Verde. Queira porém mandar dizer bem claramente para que ponto devem ser dirigidos os prospectos.

Sr. José Luiz dos Santos. — Realmente este mundo é um covil de calumniadores; tenho acabado de crer! E então ha cada linguazinha tão afiada, que muito melhor estaria nas mãos escanhoantes do um barbeiro, do que á sombra de qualquor céo de bocca! O que se tem dito da morte, Deus de misericórdia! Desde que o mundo é mundo a humanidade bate caixa por ahi a fora, dizendo que ella é parca! que é a magra! que é uma canastra de ossos, e mais *avantésma* e mais *phantasma* e anjo trevoso e macacôa e *tango-mango* e o diabo a cincuenta e cinco! E o bonito é que ninguem acertou. Eis, porém, que surge um poeta em pleno seculo da electricidade, unicamente para definir *comme il faut* o que é a morte. Demos-lhe a palavra:

«Morte!... Ladrão cruel que o fio brilhante do homem rouba que ao mundo solto, La va errando por um trilhão torto Depressa e com o passo scelerante!...

Isto é o segundo quarteto de um soneto que se intitula — *Amizade* — Ora quante larapio, quanto bate-carteira não terá sido catrafilado injustamente pela Policia! Sim, que ninguem lá sabia que a morte também tinha a habilidade de empalmar trancelins ou correntes de ouro, pois quero crer que outra cousa não seja aquelle *fio brilhante do homem* de que nos falla o Sr. José Luiz. Quem mais vive mais vê. Sei que (conforme o Sr. diz no seu cartão) em attenção ao amor que dispensamos ao engrandecimento da litteratura patria, devemos publicar o seu soneto; mas Sr. das Arabias, quero dizer: dos Santos, o Sr. diz taes cousas da Morte que tememos, publicando-as, que ella fique de candeias ás avessas conosco. Não temos nada feito. Nada! que uma inimiga d'estas pela prôa não é a marimba que o Sr. toca.

— **Sr. F. de Paula Pires.** — Pelotas. Lêmos o seu primeiro artiguito na *Discussão*, em resposta á critica que fez Alfredo de Souza, n'a *Semana*, ás *Alvoradas* de D. Luiza Cavalcanti Filha. V. S. não é de boa louça — como critico. Continue, no entanto, que nos diverte. Disse V. S., acabando, que na sua provincia «inda não houve quem se animasse a fundar um *gremio de elogios mutuos*.» Ora, seu Pires, o que V. S. queria era entrar para o tal *gremio*. Mas não abiscoita, não, caricatura e biographia na primeira pagina d'a *Semana*. Pois não! Rale-se, amigo; rale-se e rache!

— Exma. Sra. D. C. Só por falta de tempo e espaço temo-nos demorado a responder-lhe. A ballada de Goethe, traduzida por V. Ex. do allemão, é bellissima; a traducção de V. Ex., comquanto defeituosa (para exemplo este verso (?) detestavel: «Meu pae, meu pai, do rei dos ólmos as filhas») é digna da publicidade. Dar-lh'a-emos proxima-mente. Está satisfeita?

— **Sr. Marabelle.** Obrigado pelos elogios a esta humilde secção. Faz-se o que se pode... *Frei Antonio* receberá com muito prazer todo contingente com que V. S. se digno concorrer para o brilhantismo dos *Tratos á bóla*.

— **Sr. Um assignante d'A Semana.** O conto que obteve o primeiro premio (*O retardatario*) que foi conferido ao Dr. Lucio de Mendonça, foi publicado no nº 55, de 9 de Janeiro, sob o pseudonymo *Concorrente nº 0*.

— **Sr. J. S. de Rezende (Ouro Preto)** Recebemos, sim senhor. Será publicado quando houver espaço.

ENRICO.

RECEBEMOS

— Do Sr. M. Garcia Vieira, de S. Paulo — *Apologia*, grande valsa brilhante para piano, dedicada aos cidadãos A. Braziliense, Americo de Campos e Julio Ribeiro, com os retratos d'estes tres cavalheiros, lithographados no rosto. E' trabalho da importante casa J. Martin.

— *Defensa oferecida pelo advogado Sizenando Nabuco no summario de culpa promovido pelo English-Bank of Rio de Janeiro Limited contra Ignacio Marques de Gouveia.*

— *Gryphus*; nº. 2, texto variado e abundante, e bons desenhos do Netto.

— *O Occidente*; 9º anno, n. 279. Bellas gravuras e bello texto.

— *Revista do Observatorio*; anno I. n. 10.

— *Fabulas de Lafontaine*, fas. n. 11 e *Historia de Gil Braz de Santilhana*, fasc. n. 43.

— *A Vida Moderna*, n. 16.

— *Distracção*, n. 105.

— *Fortes cacetes*, polka, composta e oferecida por D. Maria Amelia Peixoto ao «Club B...»

— Da pontual e acreditada agencia de jornaes *Au Petit Journal — Le Salon de la mode*, n. 41, de 30 de Outubro.

— *O Occidente*, n. 280. Traz na primeira pagina os retratos da rainha de Hespanha e do pequeno alfonso XIII, que, por signal, é bem feiinho. Muito interessante a *Chronica Occidental*, de Gervasio Lobato.

— *Gryphus*, n. 3. Cada vez mais engraçados e mais finos os desenhos do Netto. Dê-nos mais d'aquellas *silhouettes* negras, genero allemão.

— *Revista Illustrada*, n. 411. um dos melhores.

— *Revista de Engenharia*, anno VIII, n. 148.

— *Gryphus*, anno I, n. 1.

— *A Estação*, anno XV, n. 20.

— *Estatutos da Sociedade de dança Recreio de Pitacicaba*.

— *União medica*, anno VI. ns. 8, 9 e 10, correspondentes a Agosto, Setembro e Outubro, jornal importantissimo de medicina, dirigido e redigido pelo Dr. Moncorvo.

— *A questão dos vinhos*, volumoso livro, de 369 pags., em que o illustrado Dr. Campos da Paz debate com a sua reconhecida proficiência a malfadada questão dos vinhos falsificados.

— *Os Invisiveis de Lisboa*, grande romance de Gervasio Lobato e Jayme Victor, edictado pela casa David Corazzi; fasciculo n. 1. Esta obra, que deve ser composta de 6 volumes, va ser illustrada por desenhos de Manoel de Macedo, executados pelos novos processos Iguio-Eberle e Gillot.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—**Rua do Carmo n. 36.**

Dr. João Botelho, medico e operador; molestias venericas, syphiliticas e das vias urinarias. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicações medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 51, por cima da antiga pharmacia Fragoço, das 12 ás 3 horas.

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

Corrêa da Silva & C. é a unica casa da barateza na Villa de Sapucaia.

Hotel das Familias dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

«O Município» — Redacção: DR. FORTUNATO MOREIRA E L. DE TOLEDO — Gerencia: WENCESLAU ROSA — CASA BRANCA.

ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o **Café Oriente**, da fabrica a vapor do Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25

9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta—annuncio.

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Theresa

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

COLLEGIO SÃO PEDRO DE ALCANTARA EM PETROPOLIS

Reabrir-se-ha no dia 1 de Janeiro de 1887 este segundo estabelecimento, debaixo da direcção do Dr. A. Zeferino Candido.

O collegio da Côte continúa, como até aqui, a cargo do director João Lopes Chaves e com o seu antigo pessoal.

As condições de admissão, preços programinas, methods e disciplina são perfeitamente eguaes para os dous estabelecimentos. E' facultativa a escolha do collegio para todos os alumnos.

No inverno descerão para o collegio da Côte, acompanhados pelo seu director e mestres, os alumnos de Petropolis, para continuarem sem alteração os seus trabalhos.

Informações, matriculas desde já, no Collegio S. Pedro de Alcantara, na Côte.

RUA DE S. CLEMENTE N. 30

OS DIRECTORES

A. Zeferino Candido. João Lopes Chaves.

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

PRADO VILLA-ISABEL

PROGRAMMA DA SEGUNDA CORRIDA EXTRAORDINARIA

A REALIZAR-SE

EM 7 DE NOVEMBRO DE 1886

AO MEIO DIA EM PONTO

1º pareo—CRIADORES—1000 metros—Animas de menos de meio sangue, que ainda não tenha ganho—Premios 200\$ ao primeiro, 50\$ ao segundo e 30\$ ao terceiro.

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIO
1	Bo'ero.....	Castanho	3 annos	Rio Gr. do Sul	50 kilos	Encarnado, branco e preto.	A. M. S. L.
2	Guacho.....	Chita	3 »	Idem.....	50 »	Grénat e manchas azues...	A. M.
3	Demonio.....	Zaino.....	3 »	S. Paulo.....	50 »	Branco e estrellas azues....	Coud. Guanabara.
4	Bariguy	Castanho.....	4 »	Paraná.....	53 »	Branco e encarnado.....	Idem Paraná.

2º pareo—ENSAIO—1.450 metros—Inteiros e eguas nacionaes de 3 annos. de meio sangue, que ainda não tenham ganho—Premios: 400\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

1	Galgo	Zaino.....	3 annos	S. Paulo.....	48 kilos	Azul branco e grénat.....	S. M.
2	Attila.....	Castanho	3 »	Paraná.....	48 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
3	Pip.....	Pampa.....	3 »	S. Paulo.....	48 »	Ouro e rosa.....	B. V.
4	Kally	Castanho	3 »	Rio de Jan...	48 »	Grénat e azul.....	Hermenegildo J. de S.
5	Odalisca.....	Pampa.....	3 »	S. Paulo.....	46 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.
6	Argentino.....	Castanho	3 »	Rio de Jan...	48 »	Grenat e lirio... ..	D. A.
7	Chapecó.....	Vermelho....	3 »	Paraná.....	48 »	Branco e estrellas azues...	Coud. Guanabara.

3º pareo—ANIMAÇÃO—1.000 metros—Inteiros e eguas nacionaes até 4 annos, que não tenham ganho este anno—Premios: 400\$ ao primeiro 100\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

1	Galgo.....	Zaino.....	3 annos	S. Paulo.....	50 kilos	Azul, branco e grénat.....	S. M.
2	Villa-Nova.....	Idem.....	4 »	Paraná.....	52 »	Azul e amarello.....	Coud. Esperança.
3	Ivon.....	Idem.....	4 »	Idem.....	53 »	Preto, branco e encarnado..	C. P.
4	Apparecida.....	Idem.....	4 »	R. de Janeiro.	52 »	Grénat e ouro.....	D. A.
5	Araby.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	53 »	Grénat e lirio.....	Mario de Almeida.

4º pareo—VILLA-IZABEL—1.800 metros—(Handicap) Inteiros e eguas nacionaes até meio sangue e de puro sangue que ainda não tenham ganho—Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

1	Druid.....	Tordilho....	4 annos	R. de Janeiro.	61 kilos	Branco e bonét encarnado.	Oliv. Junior & Lopes.
2	Boyardo.....	Alazão.....	5 »	S. Paulo.....	56 »	Branco e estrellas azues...	Coud. Guanabara.
3	Regina.....	Douradilho..	4 »	Idem.....	51 »	Grénat e manchas azues...	Coudelaria Paraiso.
4	Ivon.....	Zaino.....	4 »	Paraná.....	49 »	Preto, branco e encarnado.	C. P.
5	Bonita.....	Alazão.....	5 »	S. Paulo.....	48 »	Branco e preto.....	J. Machado.
6	Cavour.....	Zaino.....	5 »	R. de Janeiro.	51 »	Azul e encarnado.....	A. S. S.
7	Baioco.....	Castanho....	5 »	S. Paulo.....	58 »	Branco, mangas e bonét enc.	Oliv. Junior & Lopes.
8	Araby.....	Alazão.....	4 »	R. de Janeiro.	50 »	Grénat e lirio.....	Mario de Almeida.
9	Pery.....	Castanho....	6 »	S. Paulo.....	60 »	Branco, preto e encarnado..	Manoel S. Ferreira.
10	Biscaia.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	53 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.

5º pareo—THE VILLA-IZABEL GOLD CUP (Handicap)—2.600 metros—Animas de todos os paizes—Premios: 3.000\$ ao primeiro e um objecto de arte, 800\$ ao segundo e 400\$ ao terceiro.

1	Satan.....	Castanho	3 annos	França.....	62 kilos	Grénat e bonét ouro.....	Mario de Souza.
2	Dioméde.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	54 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
3	Curubaiá.....	Idem.....	4 »	Inglaterra....	55 »	Preto e encarnado.....	D. F. M.
4	Scylla.....	Castanho....	6 »	Idem.....	58 »	Grénat e perola.....	Coud. R. de Janeiro.
5	Sylvia II.....	Alazão.....	5 »	S. Paulo.....	52 »	Azul, branco e encarnado..	Idem Cruzeiro.
6	Coupon.....	Idem.....	3 »	França.....	62 »	Idem, idem, idem.....	Idem idem.
7	Diva.....	Idem.....	4 »	Minas Geraes.	47 »	Ouro e branco.....	Idem Fluminense.

6º pareo—EXPERIENCIA—1.000 metros—Eguas de qualquer paiz que ainda não tenham ganho este anno—Premios: 500\$ ao primeiro, 125\$ ao segundo e 75\$ ao terceiro.

1	Pancy.....	Zaino.....	2 annos	Rio da Prata.	48 kilos	Cereja, verde e amarello....	V. M.
2	Gazida.....	Alazão.....	3 »	França.....	53 »	Branco.....	A. T.
3	Speciosa.....	Idem.....	4 »	Inglaterra....	56 »	Azul e grenat.....	Coud. Internacional.

7º pareo—CONCILIAÇÃO—1.609 metros—Animas de menos de meio sangue—Premios: 250\$ ao primeiro, 60\$ ao segundo e 30\$ ao terceiro.

1	Eucharis.....	Tordilho....	5 annos	Paraná.....	56 kilos	Branco e encarnado.....	Coud. Rio de Janeiro.
2	Aymoré.....	Castanho	5 »	S. Paulo.....	60 »	Grénat e perola.....	Idem idem.
3	Savana.....	Idem.....	4 »	Rio Grande...	51 »	Azul, branco e grénat.....	F. G.
4	Zaire.....	Gateado.....	5 »	Paraná.....	56 »	Azul, e rosa.....	Coudelaria Amadores
5	Guacho.....	Chita	3 »	Rio Grande...	48 »	Grénat e manchas azues...	A. M.
6	Bolíero.....	Castanho	3 »	Idem.....	48 »	Preto, branco e encarnado.	C. P.
7	Tardia.....	Zaino.....	5 »	Paraná.....	52 »	Preto e listas encarnadas..	H. José da Silva.

OBSERVAÇÕES—As corridas principiãrão ao meio-dia em ponto e terminarão às 4 3/4. Os animas inscriptos no primeiro pareo devem achar-se no ensilhamento às 11 horas em ponto.

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 13 DE NOVEMBRO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 98.

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	
Galeria do elogio mutuo IV	
Olavo Bilac.....	A. DE OLIVEIRA.
Historia dos sete dias.....	FILINDAL.
Adormecida, soneto.....	L. GUIMARÃES.
De Pariz a Madrid.....	JULIA LOPES.
Notas bibliographicas.....	F.
Tempo ido, soneto.....	F. D'ALMEIDA.
Oliver Holmes.....	G. MONTEIRO.
Lila.....	M. CARNEIRO.
Jornaes e revistas.....	S.
Sicut serpens, soneto.....	H. DE MAGALHÃES
Bellas Artes.....	A. PALHETA.
O Ganges, soneto.....	W. DE QUEIROZ.
Theatros.....	P. TALMA.
Tratos á bóla.....	FR. ANTONIO.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Factos e Noticias.....	
Correio da Gerencia.....	
Recebemos.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÔRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS)

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

Rogamos aos Srs. Agentes do Correio a fineza de nos devolverem os exemplares d'A SEMANA que, por quaesquer motivos, não tenham sido entregues aos respectivos destinatarios.

Do proximo mez de Dezembro em diante suspendemos a remessa da folha áquelles dos nossos assignantes que não nos obsequiarem com suas respostas ás circulares que lhes temos endeçoado,

GALERIA DO ELOGIO MUTUO

IV

OLAVO BILAC

Foi na antiga rua da Vallá (Uruguayana) que nasceu este adoravel poeta. Era por um manhã do dia 16 de Dezembro de 1865; cantavam as aves que elle mais tarde devia cantar, as patativas e os pintasilgos, os canarios e os serradores, os colleiros, os avinhados selvagens e esse bom sabiá que por tanto tempo redobrou seus melhores gorgeios, empoleirado nas estrophes dos nossos poetas. Uma fala (contam que era Podaliria o seu nome) acercou-se-lhe do berço de recém-nascido, trez vezes benzeu-se e poz-se a tecer-lhe o destino:

— Será medico! exclamou radiosa. Grande papel lhe está reservado na sciencia de Asklepios, meu pai. Será obra sua a descoberta dos microbios do amor e outras affecções morbidas, a cura radical das bronchites chronicas e da tuberculose em qualquer periodo. Salve! pagé do Apilacurú do futuro!

Ja nisto, quando pela aberta janella, entre quatro borboletas azues que lhe faziam com as azas uma sorte de pallio, entrou, cavalgando uma brisa do Corcovado, a mais bella mulher de que falam os Perraults e os chronicistas de então. Fada tambem como a primeira, vestia-se como nunca o fizeram principes e rainhas das *Mil e uma noites*. Polymnia era o seu nome; acercou-se, como a outra, do berço do recém-nascido e poz-se a tecer-lhe o destino:

— Será poeta! exclamou radiosa— poeta como o foi Homero e Theocrito e Anacreonte. Cantará os heroes, cantará a mulher, cantará o amor. Será mais que Terpaniro, o lesbio, que Alceo, que Arion, que Ibycus e Stesichore, dará á lyra corlas já nuns ouvidas; da mistura de seus versos, como o fez Archiloco, nascerá uma nova harmonia. Salve! tres vezes salve!

Ja nisto, quando a interrompeu a primeira fada:

— Muito bem! era o que faltava, vires agora inverter as minhas palavras propheticas! Quem és tu?

— Bonito! tambem era o que faltava travar-me de razões contigo! Pois sabe lá que sou eu a que com oito companheiras irmãs, dança com pés de prata, em choréas levissimas, sobre as eminencias do Hélikon. Conheces o nome? Lé Hesiodo. Prenli o *phormynx* aos dedos dos primeiros cantores, aos aedos do cyclo homerico; figurei nos convívios pagãos, ennastrando de rosas as cabeças dos ephobos e citharedos; dormi com a gloria, vesti-me da



purpura dos triumphadores] de Illyon; fui eu quem lhes ergueu os arcos da victoria, quem o louro lhes offertou e a palma sagrada. Sou uma das filhas de Apollo, a inspiradora dos versos de Pindaro.

Ja nisto, quando a bôcca da criançinha sobre quem tinham de se decidir tão oppostos destinos, moveu-se, entre abriu-se risonha e, oh! assombro! começou de desferir um punhado de versos. Era uma ode aos bravos do Paraguay; celebrava o poeta-bebé a passagem de Riachuelo, que seis mezes antes, a 11 de Junho de 1865, (*) illustrara a marinha brasileira, como o maior feito de armas da America do Sul. Lá estava, na pompa heroica dos versos, a nossa esquadra guerreira, o *Amazonas*, o *Jequetinhonha*, o *Belmonte*, o *Iguatemy*, etc. Trôa o canhão, encrua-se o combate; no convés da *Parnahyba* tombam trez bravos: Marcilio Dias, Pedro Affonso e Grenhalgh. Empallidece o anjo da gloria, mas logo illumina-lhe o rosto o mais brilhante sorriso; é nossa a victoria! O *Amazonas* mette a pi que trez navios contrarios, fuge a catterva de paraguayos...

(*) Vide a guerra do Paraguay pelo 1.º tenente Jourdan.

O que, porém, naquella ode em botão, nos versos do reconhecido cantor, fazia pasmar era o apuro da Fôrma, a excellencia das rimas, o vigor das onomatopéas. Sentia-se bem que estava ali o futuro artista da *Delenda Carthago*.

Escusado é dizer que Podaliria, cabellos hirtos, pallida de terror, não se teve mais que não desapparecesse, como viera, sem se sentir.

E ahí está a criancinha que cresce e se desenvolve, vacia ás aulas, trôça com os camaradas, faz os preparatorios e um bello dia... entra na Escola de Medicina. Empurrou-o para lá com um puxão de orelhas a boa da fada, que teimou em querel-o melico, ajuizado, rico talvez, e Pasteur de mid descobertas.

Mas, entre uma e outra licção, entre o palrar dos lentos e a vozeria dos collegas, a musa sua amiga soprava-lhe a quando e quando um hemistichio aos ouvidos, um alexandrino, um soneto. Resultou d'isto que, por seu muito talento, o menino fadado não tem sido um máu estudante, mas no que se fez e no que é verdadeiramente grande é na Poesia. Dia a dia triumphava Polymnia, seduto-o, convence-o, e elle lá vae arrastado com ella e por ella.

Nessa lyra que todos conhecemos, encorloada como as que melhor disseram da Terra e do Céu, da mulher e dos anjos, nesse amado instrumento que elle tão bem sabe vibrar e a que devemos o *Beijo-Eterno*, a *Tentação de Xenocrates* e o *Sonho de Marco Antonio*, vejamos nós, seus admiradores, um presente de dcusa, vejamos a mão fidalga da musa que o serve, essa que sobre o seu berço foi a verdadeira apontando-lhe um destino que, se não escapa á indifferença dos homens, compensa-nos de sobra na elevação de sentimentos com que nos exalça e engrandece.

ALBERTO DE OLIVEIRA

HISTORIA DOS SETE DIAS

Estio! Estio!

Ha tres semanas que o jasmineiro do meu jardim começou de abrir ao largo sol comburento a nitida alvura deslumbrante da sua flor. O primeiro jasmin desabotoado encontrou á sua espera, como um grande seio aberto a todas as vibrações do amor, uma magnolia opulenta, em cujas petalas gloriosas vinha todas as manhãs uma borboleta amarella e negra trocar beijos apaixonados com outra azul e vermelha.

O jasminzinho, muito tímido nas suas primeiras horas de vida, foi pouco a pouco mostrando á magnolia o interior ardente da sua corolla, e ella, a orgulhosa rainha dos vergeis, lá em cima dos seus galhos gigantescos, olhava indifferente para o seu humilde companheiro solitario.

Depois, como o amor é pae da ousadia, o jasminzinho atreveu-se a dirigir-lhe uma *declaração*, que foi como uma supplica dentro de uma onda tenue de perfume. A magnolia sentio os primeiros fremitos... o outro continuou.

Horas depois eu vi perfeitamente que o jasmin voltava-se todo para o lado do sol, encrespava as petalas, alteiava a haste, e, num requiebro de amor, soltava no espaço a entontecedora cavatina do seu perfume; ao mesmo tempo a magnolia sacudia o casal importuno das borboletas e curvava-se toda, numa languida molleza, deixando descahir em plano horisontal uma petala, que, como uma orelha, aparava a

musica apaixonada e enebriante do namorado jasmin. Havia uma corrente fluidica de aromas entre as duas flores amorosas; sentia-se o espaço todo elevado naquella paixão que fazia corar as ixoras castissimas e arroxcar de indignação os manacás e as begonias.

Estio! Estio!

Sahi de casa. Cá fóra, na rua, o calor abrazava tudo. Cada burguez que passava parecia trazer na cabeça o reservatorio do Pedregulho, taes as bicas de suor que lhe escorriam da testa e iam irrigar a calçada.

Entrára positivamente o verão, este verão medonho, que nos traz sempre a preguiça e muitas vezes a febre amarella!

Parabens a Petropolis e a Friburgo, os dois oasis d'este Sahara povoado, onde nós, pobres beduinos sedentos, temos que ficar torrados porque não ha camellos que levem a nossa caravana até ao hotel Lohenroth ou até ao Palatinado.

E o caso é que a febre amarella está ameaçada de um grande desastre.

Ella já andava um pouco desmoralizada e aqui na capital já ninguem lhe dava importancia; tinha cotação nas provincias e no Estrangeiro, isso sim. Mas agora, que temos a risonha perspectiva do Cholera Morbus, que até tem nome em latim, nem no centro de Minas, nem no Estrangeiro, nem nas adjacentes se dará o menor credito, a minima consideração á nossa velha Amarella.

O cholera virá destronada completamente e nem lhe valerão os acreditados microbios do Dr. Freire!

Tambem, assim deveria ser. O cholera, vindo da Azia, soube fazer uma reputação europea. Deslumbrou Pariz e Marselha, assombrou a Italia e a Hespanha; da Hespanha, passando á America, era natural que começasse pelas republicas hespanholas. D'estas virá dar um gyro pittoresco até ao Canal do Mangue, enquanto o Sr. Révy o não absorve inteiramente com a sua insaciavel prespiração.

Conservando-se, assim mesmo desmoralizada, a febre amarella, se o cholera vier, o Rio de Janeiro poderá ser chamado cidade das Duas Delicias!

Já que me escorreu da penna o nome do Sr. engenheiro Révy, consigno aqui o meu protesto á cavilosa insinuação que a *Gazeta* de segunda-feira fez a este distincto cavalheiro.

Disse ella, a malvada *Gazeta*, que o Sr. ministro do imperio dissolvera a commissão medica encarregada de ir ás provincias do norte estudar o beriberi, porque os 300 contos concedidos pelo parlamento para a verba soccorros publicos *não chegaram senão para os estudos do Sr. Révy!* E acrescenta que pessoa de todo o conceito lhe affirmara que, no tocante á *defesa* d'esses 300 contos, o Sr. ministro « encontrou deante da sua boa vontade uma *Resistencia Superior* e contra a *Qual* nem os proprios governos podem nesta terra. »

As iniciaes maiusculas nessas tres palavras encerram outra insinuação não menos cavilosa atirada á Pessoa mais altamente collocada d'este paiz, Pessoa que anda agora de viagem por longes terras de S. Paulo. Escrever aquellas palavras com maiusculas no meio da oração não é somente um desaforo grammatical, é tambem uma representação subrepticia da conhecida phrase — Nasce de cima a corrupção dos povos.

Que a corrupção dos povos existe e

se faz sentir a todos os momentos, isso é facto incontestante, que nem Mephistopheles — o *espírito que tudo nega* — seria capaz de negar. Agora quanto ao nascedoiro, é coisa que não tem importancia apreciavel. Nasça de cima ou de baixo, a corrupção corrompe sempre. Ora como duas cobras não se engolem, ou, homœopathicamente, *similia similibus curantur*, entendamos que o Sr. Révy é o homem destinado a descorromper-nos por uma vez.

Não nos opponhamos, pois, a que elle, o benemerito engenheiro dos açudes do Quixadá, nos preste esse relevantissimo serviço, embora o beri-beri triumphará no Sul, se a negra Fatalidade o obrigar a transpor os portos que se lhe fecharam e, cortar com a sua razeira inclemente o cordão sanitario que se lhe estende nas fronteiras do Rio Grande.

FILINDAL

Temos hoje, pela primeira vez, o vivo contentamento de publicar uma composição inédita de Luiz Guimarães.

E' um bello soneto: *Adormecida*. Acompanhando-o, recebeu o director d'esta folha a seguinte amabilissima e altamente honrosa cartinha:

« Meu caro e brilhante Valentim.

« Lisboa, 13 de Outubro de 86.

« Ahí vae esse soneto inédito para a sua bella revista. Acolha-o com carinho. Mil confraternidades litterarias para a forte e elegante redacção d'*A Semana* e V., meu illustre collega, mui particularmente, accete todas as expressões de affecto

and something more

do patricio, amigo e leal admirador — *L. Guimarães.* »

De Lisboa não nos podia trazer o ultimo paquete cousa que mais agradavel e mais grata nos fosse do que os bellos versos e as affectuosas palavras do nosso laureado e sympathico Luiz Guimarães, que com tanta distincção representa e honra a Poesia brasileira em Portugal.

ADORMECIDA

Pallida, fria, exhausta, adormecida
Entre cambrasias — sob um véo rendado —
Teu corpo é como um corpo amortalhado,
Triste criança! triste Margarida!

Teu pequenino seio já caçado
Do negro affan da mundanaria lida,
Mal bate: é um seio gasto, apunhalado,
Morto na aurora, antes do sol da vida.

Sonhas talvez... E eu vendo-te alquebrada
Como a estatua da Infancia apedrejada
Pela dos homens impia mão traidora,

Penso nas santas benções carinhosas
De tua mãe cobrindo-te de rosas...
E não me atrevo a despertar-te agora.

LUIZ GUIMARÃES

DE PARIZ A MADRID

(Conclusão)

A' beira das calçadas de certas ruas estavam em exposição, á venda, tallies, lenços, jarras, ferraduras, fatos de homem, chales, colchas, tesouras, rendas, panellas, alguidares, loiças, cofres, ferrolhos, e muitas, muitas coisas agrupadas aqui e ali, ao lado de uma mulher de touca e avental, ou de um homem de blusa, que sorriam aos transeuntes, convidando-os a comprarem os seus artigos, cousas já usadas, já mesmo velhas na sua maior parte. Num largo mais adiante, vendiam carros, animaes, arrieiros, grandes molhos de vime, etc.

Era na igreja de St. Seurin, que mais brilho tinha a festa. A' porta do templo umas mulheres vendiam vellas e objectos de cera enfeitados com fitinhas es-carlatas e verdes; lá dentro, o povo agglomerava-se confusamente. As mães e as amas, com os seus grandes laçarótes de seda na cabeça, levavam as criancinhas para as pôrem, um momento ao menos, sobre o tumulo de St. Fort, o que, é do fé para ellas, que tão cheias de candura crêm na lenda, dar á suas pequenas e mimosas creaturas, força no corpo e no espirito, para a vida inteira!

Era tal a confusão, tanta a gente, que não lográmos aproximar-nos do tumulo do milagroso sancto; voltámos, passando com difficuldade por entre as mães anciosas de chegarem ao sitio onde dorme o lendario St. Fort, e as que vinham radiantes por delá trazerem os seus amados filhinhos.

No largo, em frente, grande e bello mercado de flores. Entre as barracas brancas, de lona, passava a chilreadora romaria das criaças, com direcção á igreja.

Demorámo-nos ahi. As senhoras bordelesas, vindas da missa, compravam vasos de *pensées*, de *petunias* e de roseiras floridas, e entrando nas suas victorias descobertas partiam rodeadas de flores. Os ramos, aninhados nuns cartuchos de papel branco, aromatisavam suavemente o ar.

Este quadro tinha um encanto indizível e poetico que nos sensibilizou. Crianças e flores, á luz de uma manhã serena, a confundirem-se entre risadas e perfumes! Quem se não sentiria agradavelmente commovido?

Ninguém...

Não esperávamos gostar tanto de Bordeaux, confessamos. E essa boa impressão seria devida a ter-mol'a visitado n'um dia excepcional de regosijo popular, em que tudo se patenteia risinho e feliz?

Não sabemos. O que é certo é que lá passámos um domingo delicioso, que não nos ha de esquecer nunca.

Quando embarcámos para Bayonna, onde deveríamos chegar em poucas horas, entrar ampara o nosso wagon quatro bordeleses—dois velhos e dois rapazes. Os velhos, negociantes de vinho, fallavam do seu commercio com unica-tivamente. Um dos rapazes lia silencioso a um canto, o outro fazia vibrar em cada estação, na sua trompa luzente de metal amarello, uma sonôra aria de caça, voltado para a floresta que margeia-vamos e onde haviam de ouvir os caçadores que perseguiram na matta as lebres e as perdizes. O sol dourava as cópas do arvoredo, onde a passarada gorgeava doidamente.

Bello trecho da viagem esse. A fadiga não teria tempo de se apoderar de nós. Chegámos a Bayonna sem cansaço. Na estação proxima soava estridulamente uma marcha tocada com valentia por

uma banda. O pevo juntava-se ao redor de um arco de cavallinhos de páu; os gritos e as risadas repercutiam-se estrondosamente.

Em Bayoma tudo era silencio.

Passeámos depois do jantar pelas ruas principaes e recolhemo-nos de novo ao hotel, onde passámos a noite, a ultima noite dormida em França, o agradável e encantador paiz!

No outro dia de manhã tomavamos o comboyo para Hespanha.

Em pouco tempo achámo-nos na terra das *malaguenas* e seguidilhas, onde gyra o pandeiro veloz e estalam requerebradamente as castanholas.

Logo na primeira estação invadio-nos o wagon um bando de padres faladores (para padres e soldados a Hespanha!) que estiveram todo tempo a elogiar a sumptuosidade de uma festa de igreja a que acabavam de assistir. Na segunda ou terceira paragem que fez o comboyo, numa estação risonha, cercada de eucalyptus, um grupo de hespanholas de mantilha, vestido preto e abanico, tagarellavam alto na *gare*, despedindo-se de uma tal D. Mercedes que embarcava para Madrid, repetindo-lhe muitas vezes — *adios, hija* e abraçando-a apertadamente. Ficámos entredidissimas a vel-as e a ouvir-as, até que de novo o comboyo partiu por entre as estradas floridissimas e silenciosas.

Bello paiz a Hespanha! bello e triste. Ha como que um desmoronamento de grandeza e sumptuosidade em tudo! Para quem vio os campos de Inglaterra e os de França, os de Hespanha causam impressão; parecendo e sendo uaturalmente mais férteis, são mais desaproveitados tambem. Os veios d'agua transparente regam cardos, urzes, e terras bravias, lambendo as collinas e estendendo-se preguiçosamente pelas planícies fóra.

A região do norte da Hespanha, é de uma belleza selvagem, agreste e encantadora.

Parámos nessa tarde em Burgos.

As bandas militares tocavam nos quartéis e em frente á Municipalidade atordoadamente. Nas janellas das casas principaes, fluctuavam as colchas do velho estylo, vermelhas e amarellas, de damasco de seda; a população esp-panejava-se alegremente pelas ruas. Perguntámos a rasão d'isso tudo. «E' que nasceu hoje em Madrid o nosso rei!» respondeu-nos orgulhosamente um hespanhol que nos indicou o melhor hotel do lugar. Findos os rapidos reparos de *toilette* de viajantes, fomos visitar a grande Cathedral de Burgos, concluida, creio, ha 700 annos, onde estão as cinzas do Cid, natural d'essa cidade, guardadas religiosamente num cofre seguro no alto de uma parede; e onde os enormes claustros abobadados inffundem uma religiosidade soturna na alma dos que os visitam.

Uma das mais celebres cathedraes do mundo, pela sua antiguidade, essa.

Voltámos de boa vontade, passando sob o grande arco de St. Maria, para o ar livre da avenida, onde as hespanholas passeavam desembaraçadamente, rindo e conversando com os seus moneios graciosos de cabeça e andar feiteiro e gentil.

Acabado o jantar, á noite, dirigimo-nos a pé para a estação.

Eram 8 horas; o trem partia ás 9 1/2; tínhamos tempo de ir vagarosamente pela grande rua guarnecida de arvôres, á beira do rio, onde a lua reflectia a sua doce luz esbranquiçada.

Havia naquella placidez, naquella quadro silencioso e mauo, uma poesia tamanha, um refugio tão sagrado e tão puro para o nosso espirito ha tanto occupado com scenas de outra natureza! havia tanta serenidade naquella mur-

murio blandicioso da agua rolanto entre seixos, illuminada e triste, que os nossos olhos se humedeceram, e as nossas almas, como as magnolias ao luar, abriram-se á saudade...

De madrugada passavamos pelo Es-curial e ás 7 horas da manhã desembarcámos em Madrid.

Lisbôa, 17 de Agosto de 1886.

JULIA LOPES.

Uma boa saude e a energia moral que a acompanha são os primeiros elementos da felicidade humana.

H. SPENCER.

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

Dr. Sr. Virgilio Vidigal appareceu na Victoria, Espirito Santo, um volume de versos, com o titulo de *Cantos e Prantos*.

Para um poeta de pouco ou nenhuma instrução, como dizem as noticias locais, os versos do Sr. Virgilio, se não lembram pela pureza da arte e da linguagem os do seu famoso homonimo do Lazio, revelam, entretanto, inspiração e trabalho.

Agora, o que o Sr. Virgilio pode aprender sem custo é um pouco de arte metrica, sem a qual não ha poesia digna d'esse nome. Depois de decorar as regras do Castilho, o Sr. Virgilio não escreverá mais alexandrinos sem hemistichio, como os do seu *Primeiro Canto*, onde, em vinte, ha apenas tres versos certos... por acaso.

Recebemos de Lisboa, enviado pelo nosso prestimoso collega Dr. Luiz Guimarães, um opusculo de 33 paginas, de Thomaz de Carvalho, intitulado—*Physiologia da paixão*.

De Aracaju foi-nos enviado um volume de—*Historias da epocha*, pequenos contos e fantazias interessantes, do Sr. Feliciano Prazeres.

Tambem nos foi remettido da Cachoeira, Bahia, um volume de versos, pelo seu auctor o Sr. Pacheco de Miranda, Filho. *Aerolithos* é o titulo do bello volume, impresso no Porto e ornado de uma magnifica phototypographia do poeta.

O Sr. Oscar Leal offereceu-nos um volume da sua *Viagem ao centro do Brazil*. E' um elegante livro, impresso em Lisbôa e ornado de um retrato do auctor.

#

Quando tivermos lido todos estes livros faremos as notas criticas que elles merecerem.

Por agora fallecem-nos tempo e espaço.

O Sr. Francisco Phaelante da Camara Lima, bacharel em Direito, compoz e publicou *O rei suicida*, poesia em versos alexandrinos.

Tem varios senões, e alguns graves; mas são em geral correctos e inspirados em mais de um ponto estes versos sobre o infeliz rei que,

«... sentindo em su'alma um sonho louro e vago,
Suicidou-se descendo ao fundo azul do lago.»

F.

TEMPO IDO

A D. MARIA DUQUE

Tresdobradas saudades sinto agora;
Da ausencia a dôr mais hoje me alanceia;
A alma, de sonhos de ventura cheia,
Lembra as felizes epochas de outr'ora.

Tempo feliz em que ella, ella, a senhora
D'este peito, ella, a candida sereia
Do mar d'est'alma que por ella anceia
Me encantava de amor co'a voz sonora!

Tempo feliz! Tempo ido, que não voltas!
Tempo do meu incomparavel goso,
Que vens, Memoria, agora recordar!

Tempo, aplaca-me as intimas revoltas,
Tu inda has de voltar mais venturoso,
Quando, mais venturosa, ella voltar!

30 de Outubro, de 86.

FILINTO D'ALMEIDA.

O grande mal d'este seculo é querer-se
gostar sem o incommodo de adquirir o
goso por meio do trabalho.

F. SARCEV.

OLIVER HOLMES

Vem já em viagem de Londres para os Estados Unidos o poeta norte-americano Oliver Holmes, que foi alvo das maiores atenções no mundo litterario da capital de Inglaterra. A imprensa lá tanto o cobriu de elogios que esteve quasi a asphyxial-o. Fizeram-lhe uma recepção brilhante e elle era digno d'ella. Holmes tem direito á homenagem devida á soberania do talento. Conta já setenta e tantos annos e, no declinar da vida, recebeu uma ovação que faria a felicidade d'um artista cheio de mocidade e com uma desmedida ambição de gloria.

Elle, comtudo, apesar de velho, mostra ainda possuir uma extrema delicadeza de nervos e havia de experimentar commoções já demasiado violentas para a sua idade.

Holmes é natural de Boston e eu pude apreciar de perto o desvanecimento, aliás justissimo, que os seus patricios sentiram com os elogios feitos pela imprensa ingleza. Que esses elogios viessem d'outro paiz seriam já motivo bastante para orgulho; porem partindo de Inglaterra têm valor duplo ou maior ainda. Não é necessario ponderar as razões.

Mas um contentamento, por mais airoso, mais nobre que seja, tem, no geral dos casos, o seu lado comico. Chegou tambem a ser encantadora a ingenuidade com que alguns jornaes americanos iam registrando, em forma de attestado, as classificações que a imprensa ingleza fazia ao seu illustre patricio: «Tal folha de Londres chama ao nosso poeta Holmes o Horacio dos Estados Unidos.» Depois: «Tal folha classifica o proeminente poeta Dr. Holmes o Virgilio norte-americano.» E isto era dicto n'esta forma simples; parecia significar: «Elles que o dizem é porque é certo, não é preciso dizer mais nada.»

Passado algum tempo houve um jornal, d'outra localidade, que se adeantou a dizer que Holmes não faria

bem em demorar-se em Londres, porque as mesmas folhas que o elogiavam passariam — por uma consequencia fatal, originada pelo fastio — a desdenhal-o, a ser-lhe desagradaveis; que, portanto, o melhor que elle fazia era safar-se a tempo.

As palavras eram outras, mas o sentido era este. Não parece fresco conselho? Ah! aquelle Lefebre quando escreveu o seu bello livro *Paris na America*, estava bem informado do que é a franqueza do journalismo americano.

Oliver Holmes está pois a chegar á sua patria, coberto de gloria, com o pensamento povoado de lembranças agradaveis. Como será doce para um temperamento impressionavel, como é o seu, ter os ultimos annos de existencia doirados pela recordação dos triumphos e da grande estima rendida por uma nação inteira!

Em Portugal e Brazil, este nome, apesar da grande celebridade que possui, não é conhecido, pelo menos no geral das pessoas que cuidam de coisas litterarias. Pode ser que estas linhas, que não passam d'uma noticia, despertem interesse por uma individualidade da patria de Edgard Poe, em quem tanto se tem falado. Holmes não é um vulto tão extraordinario, tão possante como elle, mas gosa d'uma maior fama entre os seus proprios conterraneos. E a razão é que os seus versos todos os leem com agrado; emquanto que a obra de Poe, é como um pesadello, uma monstruosidade para muitissimos dos que por casualidade o leem hoje.

Oliver Holmes tem varios livros publicados e entre elles um poema que fez epocha e que possui um titulo tão longo como o rumor que causou: é nada menos do que isto: *The Autocrat of the breakfast table*. Todavia as produções d'elle mais estimadas são os seus versos que tem sido reimpressos em muitas edições com o titulo singelo de *Poems*.

Hoje já elle pouco produz: está velho, cansado. Mas os seus versos são sempre lidos com o mesmo interesse, como se tivessem sido escriptos recentemente. Elles possuem um cunho moderno e hão de possuil-o sempre, porque toda a obra de arte feita com uma forte sinceridade e um talento excepcional fica impercível, eterna, como o amor, a tristeza ou a alegria.

O que é moldado em formas convencionaes, embora com uma grande riqueza de imaginação, dura apenas emquanto vigora a moda que estabeleceu essas fórmulas. E, tempo depois de cairem em desuzo, certos feitos litterarios causam quasi tanto espanto como uns chapéus altos disparatados, que na epocha propria foram um artigo de requintada elegancia e parecem hoje ridiculissimos. O que não obsta a que elles voltem a campo a seu turno. E' questão de deixar girar a roda. Do mesmo modo alguns feitos litterarios reaparecem, agradam como moda, e vão-se novamente quando surgem outros a supplantal-os pelo seu aspecto de novidade.

Desdenhando, porem, o convencionalismo, Holmes trabalhou dando largas ao seu talento e á sua alma arrojada. Percebe-se ao lê-lo que o seu proposito não era mais do que expandir o seu amor, a sua tristeza, o seu enthusiasmo, a sua alegria. De facto a sua colleção de versos comprehende os differentes modos de ser do seu temperamento. Não era um exclusivista da melancolia ou do riso, como tantos poetas. Elle escrevia segundo a impressão do momento, ora alegre, ora dominado por uma grande tristeza, ou com a alma transbordante de amor.

Eis o que é um verdadiero artista,

que primeiro que tudo diz o que sente, antes de cuidar do que pode o seu talento. A alma é que fala á alma. O grande publico quando lê um livro exige que esse livro o impressione d'um modo qualquer: ou que o commova ou que o alegre. Mas não é tanto o talento como a alma que produz esse effeito. E é por isto que as obras poderosamente sentidas firmam, e as obras exclusivamente bem executadas — deslumbram, mas passam.

GARCIA MONTEIRO

A felicidade não está no gosto de ter as cousas, mas no prazer de as alcançar.

RAMALHO ORTIGÃO.

LILA

A BORBOLETA AZUL

Tão azul, que parecia um fragmento de céu de primavera cahindo, cahindo, oscillante, á caricia folgadia do vento...

O dia todo, á luz loura e morna d'este sol de inverno, foi consagrado a este brinquedo de crianças — a caça das borboletas.

Ali está uma, branca, agarrada ao tronco com os pésinhos de arame, e um desenho chinez, muito fino, a bico de penna, sobre a brançura das azas.

Outra vem lá, descendo, pairando, fugindo, tão alegre, tão sã!... Olha!... como é fugitiva aquella!... Como finge pousar tantas vezes e não pousa nunca!

Vem, fechando as azas, descendo, como se viesse certa ali. De repente, arrependida, abre-as de novo, com muita graça, e como se risse, sobe, dando um volteio de bailarina com as azas abertas no ar. Louca!...

A menina de cabellos louros seguia-a com o sacco de filô no ar. Hei de apanhar-a, disse. E foi, com os cabellos voando, pizando com os pequeninos pés, atrás do pedacinho azul de céu que voava.

Como são bellos estes dezeseite annos que parecem dez apenas!...

Foi, com o branco filô cheio de ar. Approximou-se mais... mais. Eram duas borboletas. Azues ambas. Ambas com scintillações de ouro á luz morna do sol. A borboleta que voava pousou. A outra, a borboleta que tinha o véu de gaze, agitou-o ao ar e cobriu-a. — Preza! gritou-me com uma alegriasinha nervosa e triumphante.

Fui. Ella saboreava a victoria. A borboleta de azas azues voava e revoava doudamente dentro da gaze.

— Preza? perguntei-lhe.

— Preza, repetiu-me a rir. Tomei-lhe os cabellos de ouro com as pontas dos dedos e disse-lhe:

— Estão prezas as duas.

— Esta não voa, disse-me. Agarre aquella que tem azas.

Quiz tomar a borboleta. Mas ella estava soffrega. Até ali não tinha nenhuma igual. E esta era linda! E com os dedos cor de rosa e as unhasinhas muito brilhantes prendeu-a pelas pontas das azas. A borboleta debateu-se e as azas romperam-se ligeiramente.

— Ora!... disse-me. Que pena! Tão linda! Tão azul! Agora não a quero mais. Guarde-a para si. Tome-a. Está rota. E a brincar poz-m'a, a rir, dentro da minha caixa a tiracollo.

O sol ia entrando. A claridade ala-

ranjada dourava as arvores, os troncos, o ar, de uns tons muito suaves.

As borboletas iam-se recolhendo. Nem mais uma vinha voando ao alcance do nosso olhar.

Vamos, criança loura. Voltemos... Olha! A tarde vai-se. A tua caixa está cheia de borboletas. Voltaremos amanhã...

O crepusculo entristeceu-a um pouco. Já não corria, com aquella alegria que encherá o bosque aquelle dia todo.

Chegou-se-me; agarrou-me pela mão a dizer-me: Vamos... sacudindo a onda perfumada dos cabellos de ouro.

Fomos. E ella entrou em casa, ás ultimas luzes do dia, contando os triumphos da jornada.

Veio trazer-me depois um alfinete para a minha borboleta azul. Pediu-m'a, e com os dedinhos cheirosos atravessou-a de lado a lado.

Fui pregal-a sobre a parede branca do quarto. Estava viva. Agitava mollemente as azas, ligeiramente rôtas, como se tivesse alguma dor.

A noute descia, estrellada e fria.

Escou-se toda, serena, num longo somno de consciencia branca.

A's seis da manhã, através da vidraça descobria-se o dia nascente, confuso, na penumbra, sob o cinabrio do Oriente.

Abri levemente os olhos e vi, á claridade invasora, a meiga borboleta azul immovel, sobre a brancura do muro.

Creio que tornei a adormecer. Mas assim mesmo pareceu-me vel-a mover mollemente as azas e dizer numa linguagem apagada e saudosa umas palavras muito tristes.

« Vou morrer, dizia. Que noute de angustia esta, com o coração varado por este espinho da morte! Sinto-me exausta. E vou morrer saudosa ao despontar do dia. Eu anava as manhãs e o céu azul. Quando o dia vinha iam alegres por estes campos e estes herbados, voando, beijando-nos, sorrindo, beber as perolas orvalhosas da noute. Os poetas, essas almas candidas e doces como as estrellas, gostavam de ver passar o nosso bando voltijante e multicolor, á primeira luz do dia. As azas humidas dos herveas, brincando, subindo, voando, folgando, eramos o emblema das sanctas alegrias puras. Hoje vou morrer. Não mais minhas azas azues de vibrações de ouro levarão esses olhares pelo espaço fóra. Não mais esta mancha côr do céu matisará, com as mil cores das outras mil, o bosque, o herveçal em flor!

Varastes-me o coração ainda virgem. Nunca havia amado mais que esse ar branco do dia, o campo e o céu. E oxalá que aquella formosa criança loura, que matou-me as alegrias todas não sinta também um dia um maior espinho varar-lhe o coração. »

Agitou saudosamente as grandes azas como em um adeus, e ficou immovel e muda.

Quando o sol appareceu no céu e eu acordei de todo, vi que ella estava morta.

Toquei-a. E de suas azas immoveis, do pollen azul, senti exhalar-se o cheiro suave dos teus dedos de rosa, Lila!

Guardo-a ainda. E todas as manhãs, embora a morta não fale mais, fala-me o coração do teu porvir, criança! Borboletas ambas, quem me diz que um dia não serão eguaes os seus destinos? Lila!

MANOEL CARNEIRO

O trabalho é a lei do mundo moderno.
F. SARCEY.

JORNAES E REVISTAS

Appareceu o primeiro numero de um novo jornal illustrado, que se intitula — *Rataplam*. Na primeira e na dupla pagina central estabelece o habil caricaturista Belmiro de Almeida o programma da folha em espirituosas e bem desenhadas caricaturas. A ultima pagina é occupada por um bello retrato da Princeza Imperial, desenhado com muita delicadeza e correção pelo talentoso pintor Decio Villares.

O texto, que tambem é todo ornado de caricaturas de Belmiro, está muito leve e muito espirituoso.

E' proprietario do novo jornal o Lopes Cardoso, que transformou o seu kerosene inexplosivo nas mais explosivas gargalhadas.

Com todos os elementos de que dispõe o *Rataplam*, é de esperar que tenha uma vida longa e prospera.

E' o que lhe desejamos sinceramente.

S.

SICUT SERPENS

Pareces uma sancta, ó flôr amada...

E' teu olhar um quieto lago, aonde
Um par de negras perolas se esconde.
Pejo reçuma a tua tez rosada.

Mas se, do labio a camera sagrada
Consentires que alguém num beijo sonde,
Esse alguém ha de ver, — ó perfumada
Flôr, que que te aninhas em velludo e blonde, —

Esse alguém, pois, como eu, verá com pasmo
Que esse teu labio, colorido abysmo,
Guarda, sob a cortina de um sorriso,

Das viboras o forte magnetismo,
Da nevrse o torpor, da febre o espasmo,
Nectar fatal e tónico elixir.

HENRIQUE DE MAGALHÃES

BELLAS ARTES

EXPOSIÇÃO DE N. FACCHINETTI E HENRIQUE BERNARDELLI.

(Continuado do n. 97)

O panorama (julgo que a classificação não provocará arrepios aos versados em terminologia) tem o inconveniente de não accentuar a personalidade do artista. Requerendo observancia de todas as formas em um todo já de si complexo, obriga a um trabalho lento e fastidioso. Mas d'ahi não se conclue, é obvio, que toda a obra feita neste genero seja indigna de consideração. Quando não revele dotes artisticos fóra do commum, pelo menos, deixa visível bom conhecimento do desenho.

E' com esse genero que Facchinetti melhor se dá, e que, pela fidelidade da representação dos pontos, torna-se agradável á maior parte do publico; mormente quando esse publico não têm o seu sentimento esthetico assaz desenvolvido para saber aquilatar as verdadeiras produções da arte. Contudo, no genero a que se dedicou com a maior resolução até hoje conhecida entre os nossos artistas, estão expressas qualidades merecedoras de elogio.

A perspectiva aerea e a planimetria

assim como a luz, quer seja soberana, primitiva ou resvalante, são perfeitamente observadas, posto que para vencer as duas primeiras qualidades empregue grande artificio. As vistas de Theresopolis, uma vista da encada de Paquetá, e a palheta exposta com o titulo — *Da janella do meu atelier* — têm bastante valor pela feliz execução dos detalhes e pela harmonica tonalidade do conjuncto.

*

A exposição de quadros de Henrique Bernardelli, na segunda sala da Imprensa Nacional, forma um grande contraste com a antecedente.

Ahi tudo é forte, tudo é vigoroso. Facchinetti vê a natureza por uma janellinha de sotão, um pequeno oculo de parede; Bernardelli, ao contrario, olha para a natureza por uma grande janella aberta á luz, ao ar tonificante do campo. Os seus trabalhos inculcam um temperamento irrequieto, nervoso, soffrego de impressões, uma d'essas organizações athleticas, munidas de espadas largas, forte peito, musculos desenvolvidos e reforçados pelo hygienico exercicio das caminhadas ao ar livre. Em um canto da sala vê-se-lhe o retrato, esculpido em barro, ao correr do pulso, por seu digno irmão Rodolpho Bernardelli. Deve ser aquelle o artista. E' um forte, o olhar miúdo porém seguro, o pescoço rigidamente modelado, os labios carnudos, o bigode atrevido, arrebicado nas pontas, a barba rente ao rosto, o grande chapéo desabado posto á banda, dando-lhe á bella cabeça a tradicional arrogancia de um cavalheiro antigo.

Elle é a sua obra, cuja expressão é original, cheia de calor e cheia de forças. Apenas se entra nesta sala, dividida em tres partes por um biombo de velludo *grénat*, sente-se uma duradora impressão.

O primeiro quadro, á esquerda do espectador, é a *Tarantella*, excellente pintura de costumes, energica e real. A scena passa-se no interior de uma taverna. Duas raparigas, uma loura, outra morena, bombeiam-se ao ritmo da famosa dança napolitana. A loura, pletorica de lascivia, recua, meneando os quadris entumecidos, uma das mãos apoiada ao collete de belbutina escura, o braço direito no ar, tremelcando, triumphante, o pandeiro. Arfa-lhe o busto ligeiramente devassado pela imprudencia do corpete. Sente-se-lhe a macia redondeza do seio nú, que breve extasiará a vista do rapazão, saltando fóra das roupas, no primeiro movimento que ella fizer. E no seu olhar, nas suas faces, na sua bocca, estonteia uma ardente satisfação provocada pela excitação moral. A companheira, garbada e voluptuosa, segue-lhe os passos, fazendo negaças com o corpo. Tambem ella volita e quebra-se com faceirice nos meneios da dança; tambem possui philtros sensuaes no olhar negro e ardente!..

A rapariga que rifa o pandeiro, um magnífico typo de mulher do povo, queimado pelo calor do sol que estrelleja o azul das vagas de Sorrento, não pára e não cança. Ligeiros os dedos tamborilam no couro do instrumento predilecto. O nervoso movimento que faz para chocalhar o pandeiro desarranjou-lhe os cabellos bastos e pretos, que escondem o brilho insidioso dos olhos... porém, ella nem dá por isso! O pandeiro soluça e chocalha; o meneio dos dançantes é rapido e gracioso; lembra a curva das vagas nas noites de lua cheia... Que lhe importa que os cabellos se desmanchem! Ella está captiva de uma commoção superior. Palpita-lhe apressado o coração, sente nas veias um sangue inflammado

de amor, doudejam-lhe na phantasia insectos de rubius e esmeraldas, de sapphiras e diamantes feridos por um raio de luz estranha!... Nem sequer os ouvidos escutam o estalar dos beijos com que um rapazola peralta procura babujar o rosto de uma menina, a seu lado!

A alegria da dança propagou-se por todos os circumstantes. Até um velho freguez da taverna, no qual as quedas das illusões podem ser contadas pelas faltas dos dentes, sente as titillações do prazer, os suaves attritos das saudades sobre a aspereza d'aquelle espirito quilotado pelo alcool e pela longa vida perigosa do mar, e revê na scena que tem deante dos olhos um pouco do seu passado, em quanto uma pecurruca que lhe fica ao lado, trepada sobre o banco, recostada a uma meia parede, invejosa e sosinha, prevê um dia do seu futuro. Ao fundo, por traz do balcão, a taverneira levanta um filhinho aos braços, e, não tendo mais a quem dedicar as expansões da alegria, cobre-lhe o rostinho de caricias, acompanhando a cantar o rythmo languroso da dança dos *lazzaroni*.

(Continúa.)

ALFREDO PALHETA

Só se desgosta da vida quem não tem amor ao trabalho.

F. SARCEY.

O GANGES

Nos petreos flancos brota do Hymalaia :
Depois, dos indios o sagrado rio
Desce, e, ora espelhante, ora sombrio,
Entre florestas e juncáes s'expraia...

A natureza toda, quando raia
O sol, reflecte o seu espelho frio :
O elephante que vem beber, tardio,
Nelle, a Vishnú sauda sobre a praia.

Quando o indio sente-se morrer, procura
As suas margens, aonde a alma impura
Pura se torna, e sente fundas magoas...

Pois que do indio a esperança derradeira,
A suprema ambição da vida inteira,
— E' morrer contemplanado aquellas agoas...

WENCESLAU DE QUEIROZ.

THEATROS

LUCINDA

Hontem representou-se a peça em 6 quadros, de D'Ennery—*Uma causa celebre*.

S. PEDRO

Têm continuado a agradecer extraordinariamente os deslumbrantes espectáculos do Conde Patrizio de Castiglione, o habilissimo prestimano e illusio-nista.

SANT'ANNA

Vão muito adeantados os ensaios da *Befana*, nova opereta que ha de fazer grande successo, porque, alem de um libretto interessante, tem uma musica bellissima.

Faz beneficio no dia 15 a intelligente e sympathica actriz Dolores. Nessa noite será representada pela primeira vez a opereta em 1 acto — *A minha sombra*.

RECREIO

Prepara-se com afan *O filho da noite*. Entretanto, *A Martyr* continua ainda a ter grande successo.

Com o titulo *Folies Bresiliennes* inauguram-se hoje uns divertidos espectáculos na rua da Guarda Velha, n. 12 A.

P. TALMA.

Os paradoxos de hoje são as verdades de amanha.

E. LABOULAYE.

TRATOS Á BOLA

Decifrações das ultimas *tratheologias* (n. 97):

Da telegraphica, *nastro* (salva a cacophonia) : da em duo: — só-os ; da novissima, *vegetação* ; do anagramma, *Frei Simplicio* ; do quebra, *Maragogipe* ; da antiga, *alçapão* ; e do logogripho, *massaranduba*.

Ganhou vinte contos o Sr. *Petit-Pois*, unico que acertou com todas as decifrações.

D'esta vez *espicharam-se* os illustres *tratistas Pépe* (que apenas não desatou o *nastro*) *Fricinal Vassico* (que não vio a *vegetação*) e os *calouros Frei Capuchinho Primeiro* e *D. Monio*, que errou como o... demonio.

Falta-me espaço hoje para *tratear*. Mas convido-os para o n. 99: vão ver o que são uns *Tratos* de repica-ponto.

Até sabbado, meus amados irmãos.

FREI ANTONIO

Sómente se encontra a felicidade na companhia de uma boa mulher.

B. DE SAINT PIERRE.

SPORT

As corridas do Prado Villa-Izabel no domingo passado, estiveram extraordinariamente concorridas, apezar do forte calor que durante o divertimento reinou com bastanta intensidade. Os pareos foram bem disputados, havendo muito enthusiasmo em alguns d'elles.

Eis o resultado:
No 1º pareo (1.000 metros) *Guacho* em 71 segundos venceu *Bolero*, que perdeu por determinado proposito do seu jockey e tão visivelmente, que indignou

a maioria dos espectadores. A digna directoria tomou conhecimento do facto e consta ter procedido rigorosamente contra o jockey. *Bariguy* em 3º. *Demonio* não correu.

No 2º pareo (1.450 metros) *Odalisca*, em 96 segundos, facilmente venceu os seus competidores, que eram muito fracos. *Argentino* em 2º. *Attila* em 3º. *Chapeco*, *Galgo*, *Pip* e *Kally* não correram.

No 3º pareo (1.000 metros) *Araby*, em 67 segundos, venceu facilmente *Ivon* que chegou em 2º, *Apparecida* em 3º, e *Villa-Nova* em 4º. *Galgo* não correu.

No 4º pareo (1.800 metros—handicap) *Bayoco*, em 123 segundos, obteve uma brilhante victoria, lutando fortemente com *Pery*, cujo jockey atirou-se fóra, e com *Boyardo* que chegou em 2º, perdendo apenas por pouca differença. *Regina* chegou em 3º, devendo talvez vencer, se não fosse mal corrida. *Biscata* em 4º, *Bonita* distanciada. *Araby*, *Cavour*, *Ivon* e *Druid* não correram.

No 5º pareo (2.600 metros—handicap) *Satan*, em 175 segundos, aproveitando-se da porfiada lucta que travaram *Scylla* e *Coupon*, venceu com luz aberta os seus competidores. *Scylla* chegou em 2º, *Coupon* em 3º. *Diomede* e *Curubaité* chegaram por ultimo. *Diva* e *Sylvia II* não correram.

No 6º pareo (1.000 metros) *Pansy*, em 67 segundos, parecendo-nos mais bem preparada, venceu com facilidade *Spe-ciosa*, que chegou em 2º e *Gazida* em 3º.

No 7º pareo (1.600 metros) *Aymoré*, apezar dos 60 kilos e de ter sahido com muito atrazo, venceu facilmente em 108 segundos os seus competidores. *Zaire* em 2º, *Savana* em 3º, *Eucharis* em 4º e *Bolero* em 5º. *Tardia* e *Guacho* não correram.

As corridas de amanhã no Derby-Club devem ser esplendidas, pelo magnifico programma, que, indubitavelmente, é importante, não só pela disposição dos pareos como também pelos excellentes parceiros que necessariamente irão travar porfiada lucta nos diversos pareos em que se inscreveram. Parabens ao florescente e importante Derby-Club.

L. M. BASTOS.

FACTOS E NOTICIAS

Chegou segunda feira de S. Paulo o Sr. Boaventura de Sá, que vae brevemente abrir uma importante casa commercial naquella cidade.

Chegou segunda feira no *Sénégal* o nosso antigo collega Manoel da Silva Pontes, que volta agora de Shanghai, onde exerceu com brilhantismo o cargo de vice-consul do Brasil.

Cumprimentamol-o cordialmente.

A bordo do *Sénégal* regressou da sua viagem á Europa o estimadissimo Sr. Joaquim Guimarães, o sympathico e famoso papellista ali da esquina. Veio rijo, elegante, satisfeito e... morto por voltar para as longes terras donde veio. Trouxe consigo maravilhas no seu genero de negocio. Daremos d'ellas no proximo numero uma noticia. Comprimentamos o Guimarães.

CORREIO DA GERENCIA

SR. J. MAGNO — Côte. Temos colleções d' *A Semana*, do anno de 1885, elegantemente encadernadas, a 15\$000 cada uma.

SR. E. V. MACHADO — Santa Delfina. — O que V. S. nos diz é perfeitamente exacto.

Aos Srs. João Gomes Ribeiro, Ireneu Portugal e João Rodrigues de Brito rogamos o favor de prestarem attenção ao que lhes temos pedido.

N'este escriptorio compram-se exemplares dos ns. 1, 2 e 20 d' *A Semana*, a 500 rs. cada um.

Sr. M. Louzada — Cantagallo. — O recibo apresentado a V. S. está certo. Póde, pois, V. S. pagal-o.

SR. T. O. TOSTES — Miracema — Afim de ser satisfeito o seu pedido, queira dizer-nos o numero do ultimo recibo em seu poder.

SR. J. F. SA JUNIOR. — Nietheroy. — Diga-nos V. S. o meio por que poderemos cobrar a sua assignatura: O correio encontra sempre V. S. para lhe entregar a folha, mas o nosso cobrador não é tão feliz. Acresce que o recibo está em poder de V. S.

SR. G. O. CASTRO. — Piáu. — Queira V. S. dizer-nos o numero do recibo pelo qual se julga quite, afim de que lhe enviemos o premio que V. S. reclama.

RECEBEMOS

O Occidente — Revista illustrada de Portugal, de 11 de Outubro p.p.
Os invisiveis de Lisboa, — fasc. 11. 2.
Revista dos Constructores, n. 9.
Historia de Gil Braz de Santilhana, — fasc. n. 45 e 46.
Hymno da Associação Beneficente Homenagem ao Conde de S. Salvador de Mattosinhos.
Le Salon de la Mode, de que são correspondentes nesta côte os Srs. Henri Nicoud & C. n. 42 e 43, tendo este a data de hoje.
 — Dos mesmos *Le Printemps*, com data de 16 do corrente. Magnificos — todos.
O Gryphus, n. 5 — Como os anteriores, este numero contém apreciaveis desenhos e um texto variado e interessante.
Fabulas de Lafoiteine, fasc. n. 16.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—**Rua do Carmo n. 36.**

Dr. João Hotelho, medico e operador; molestias venereas, syphiliticas e das vias urinarias. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicações medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 51, por cima da antiga pharmacia Fragoso, das 12 ás 3 horas.

Advogado.— O Dr. João Marques mudou seu escriptorio para a rua 1^o de Março n. 23.

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

Corrêa da Silva & C. é a unica casa da barateza na Villa de Sapucaia.

Hotel das Familias dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

«**O Municipio**» — Redacção: DR. FORTUNATO MOREIRA E L. DE TOLEDO — Gerencia: WENCESLAU ROSA — CASA BRANCA.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbaena.

Imperial Fabrica de Cerveja e aguas mineraes—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fora.

Constructores de machinas e apparehos para lavoura—Schubert Irmãos, Haas & C.—Juiz de Fora.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior continúa a receber cobranças por porcentagem razoavel. Cidade de Ouro Fino, Minas.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F. Leopoldina. Minas.

DR. GONZAGA FILHO

CONSULTORIO E RESIDENCIA

Rua Visconde de Inhaúma, 61

CONSULTAS DE 12 ÁS 3 DA TARDE

Especialidades:

Febres em geral, molestias pulmonares e do coração.

GAZETA LITTERARIA

Director e Proprietario

ALFREDO DE PAIVA

REVISTA MENSAL — REDACÇÃO EM PETROPOLIS

Letras, Sciencias, Artes. Industria, Commercio. Collaborada por distinctos escriptores e homens de letras.

O 4^o numero sahirá em janeiro proximo futuro, constando d'ahi em diante de 8 pag. papel superior, nitida impressão. Serão distribuidos supplementos, gravuras, etc. aos assignantes.

E' correspondente da *Gazeta Litteraria*, em Paris, o Sr. A. d'Oliveira Costa, director do *Courrier de Paris* e socio da *Agence de Publicité E'trangère*.

ASSIGNATURAS

5\$000 por anno — 500 rs. n. avulso

(Pagamento adiantado)

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o **Café Oriente**, da fabrica a vapor do Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25

9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta— annuncio.

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

COLLEGIO

SÃO PEDRO DE ALCANTARA

EM PETROPOLIS

Reabrir-se-ha no dia 1 de Janeiro de 1887 este segundo estabelecimento, debaixo da direcção do Dr. A. Zeferino Candido.

O collegio da Côte continúa, como até aqui, a cargo do director João Lopes Chaves e com o seu antigo pessoal.

As condições de admissão, preços programmas, methodos e disciplina são perfeitamente eguaes para os dous estabelecimentos. E' facultativa a escolha do collegio para todos os alumnos.

No inverno descerão para o collegio da Côte, acompanhados pelo seu director e mestres, os alumnos de Petropolis, para continuarem sem alteração os seus trabalhos.

Informações, matriculas desde já, no Collegio S. Pedro de Alcantara, na Côte.

RUA DE S. CLEMENTE N. 30

OS DIRECTORES

A. Zeferino Candido.
 João Lopes Chaves.

DERBY-CLUB

PROGRAMMA DA 12ª CORRIDA A REALIZAR-SE EM 14 DE NOVEMBRO DE 1886

A's 11 1/2 horas — 1º pareo — ESTRADA DE FERRO D. PEDRO II — 1.200 metros — Animaes do paiz de menos de meio sangue, que não tenham ganho no Derby, — Premios: 250\$ ao primeiro, 50\$ ao segundo e 25\$ ao terceiro,

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIO
1	Sultão.....	Libuno.....	4 annos	Minas Geraes	54 kilos	Encarnado e preto.....	J. Ferreira Vaz.
2	Guacho.....	Chita.....	3 »	R. Gr. do Sul.	51 »	Grénat e manchas azues...	A. M.
3	Bolíero.....	Castanho.....	3 »	Idem.....	51 »	Encarnado e ouro.....	A. M. S. L.
4	Africano.....	Preto.....	4 »	Paraná.....	54 »	Azul, e rosa.....	H. José da Silva.

A's 12 1/4 horas — 2º pareo — SEIS DE MARÇO — 1.450 metros — Animaes do paiz até meio sangue, que não tenham ganho este anno no Derby-Club — Premios: 400\$ ao primeiro, 80\$ ao segundo e 40\$ ao terceiro.

1	Sartarelle.....	Preto.....	5 annos	Paraná.....	54 kilos	Geranium e ouro.....	J. W.
2	Dinorah.....	Castanho.....	4 »	R. de Janeiro.	52 »	Grénat e lirio.....	D. A.
3	Americana.....	Tordilho.....	4 »	Idem.....	50 »	Branco, preto e encarnado..	M. L. de Carvalho.
4	Pretoria.....	Libuno.....	5 »	S. Paulo.....	52 »	Azul e havana.....	A. C.
5	Condor.....	Castanho.....	3 »	Idem.....	49 »	Azul, branco e encarnado..	Coud. Cruzeiro..
6	Orpheo.....	Preto.....	5 »	Idem.....	51 »	Vermelho e boné preto.....	J. Lemos.
7	Vampa.....	Zaino.....	4 »	Rio Grande...	52 »	Grénat e manchas azues...	Coud. Paraíso.
8	Onix.....	Castanho.....	3 »	S. Paulo.....	49 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
9	Baccarat.....	Gateado.....	4 »	Idem.....	53 »	C. V. F.
10	Villa-Nova.....	Zaino.....	4 »	Paraná.....	50 »	Azul, branco e amarello...	Coud. Esperança.
11	Caporal.....	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	52 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.

A' 1 hora — 3º pareo — EXTRA — 1.200 metros — Poldros e poldras estrangeiros de 2 annos — Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro.

1	Alfredo.....	Castanho.....	2 annos	França.....	47 kilos	Grénat e manchas azues...	Coud. da Bocaina.
2	Frontin.....	Zaino.....	2 »	Idem.....	47 »	Idem e perola.....	Coud. R. de Janeiro.
3	Phénicia.....	Alazão.....	2 »	Inglaterra...	45 »	Encarnado e azul.....	J. Sampaio.
4	Pancy.....	Zaino.....	2 »	Rio da Prata.	45 »	Cereja, verde e amarello...	V. M.
5	Echoron.....	Idem.....	2 »	França.....	47 »	Azul, branco e grénat.....	S. M.

A' 1 3/4 hora — 4º pareo — COSMOS — 1.450 metros — Inteiros e eguas de qualquer paiz — Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro.

1	Cheapside.....	Alazão.....	3 annos	Inglaterra...	53 kilos	Encarnado, branco e ouro..	Coud. Paulista.
2	Couyon.....	Idem.....	3 »	França.....	49 »	Azul, branco e encarnado.	Idem Cruzeiro.
3	Exhibitor.....	Zaino.....	3 »	Inglaterra...	49 »	Grénat e boné ouro.....	Oscar Machado.
4	Scylla.....	Castanho.....	3 »	Idem.....	47 »	Grénat e perola.....	Coud. Rio de Janeiro.
5	Peruana.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	47 »	Azul e amarello.....	Martins Rocha.

As 2 1/2 horas — 5º pareo — EXCELSIOR — 1.609 metros — Poldros e poldras nacionaes de 3 annos — Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro,

1	Pip.....	Pampa.....	3 annos	S. Paulo.....	49 kilos	Ouro e rosa.....	B. V.
2	Monitor.....	Castanho.....	3 »	Idem.....	51 »	Azul, branco e encarnado..	Coud. Cruzeiro.
3	Dandy.....	Idem.....	3 »	Idem.....	53 »	Verde e amarello.....	F. Vianna.
4	Odalisca.....	Pampa.....	3 »	Idem.....	49 »	Verde, branco e amarello..	R. M.

A's 3 1/4 horas — 6º pareo — DERBY-CLUB (HANDICAP) — 1.700 metros — Inteiros e eguas do paiz — Premios: 1:000\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro,

1	Bonita.....	Alazão.....	5 annos	S. Paulo.....	45 kilos	Branco e preto.....	J. Machado.
2	Sans-Soucy.....	Castanho.....	5 »	Minas.....	50 »	Azul e grenat.....	Coud. Internacional.
3	Pery.....	Idem.....	5 »	S. Paulo.....	52 »	Branco, preto e encarnado.	M. S. Ferreira.
4	Talisman.....	Alazão.....	5 »	Idem.....	55 »	Azul branco e encarnado..	Coud. Cruzeiro.
5	Regina.....	Douralilho..	4 »	Idem.....	47 »	Grénat e azul.....	Coudelaria Paraíso.
6	Boreas.....	Castanho.....	5 »	Idem.....	65 »	Grénat e perola.....	Coud. Rio de Janeiro.

A's 4 horas — 7º pareo — GRANDE PREMIO PROGRESSO (HANDICAP) — 2.400 metros — Animaes do paiz, até meio sangue — Premios: 2:000\$ ao primeiro, 500\$ ao segundo e 250\$ ao terceiro.

1	Catana.....	Douradilho	4 annos	S. Paulo.....	47 kilos	Geranium e ouro.....	J. W.
2	Biscaia.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	52 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
3	Araby.....	Idem.....	4 »	R. de Janeiro.	51 »	Grénat e lirio.....	Mario de Almeida.
4	Nicoafy.....	Castanho.....	4 »	Paraná.....	55 »	Azul e branco.....	J. & P.
5	Ivon.....	Zaino.....	4 »	Idem.....	53 »	Preto, branco e encarnado.	C. P.
6	Baioco.....	Castanho.....	5 »	S. Paulo.....	60 »	Branco, mangase bonét enc.	Oliv. Junior & Lopes
7	Druid.....	Tordilho.....	4 »	R. de Janeiro.	65 »	Branco e bonét encarnado.	Idem idem.
8	Paulicéa.....	Castanho.....	4 »	S. Paulo.....	47 »	Encarnado, branco e ouro..	Coud. Paulista.
9	Zaire.....	Gateado.....	4 »	Paraná.....	49 »	Rosa e ouro.....	Coudelaria Amadores
10	Aymoré.....	Castanho.....	5 »	S. Paulo.....	51 »	Grénat e perola.....	Coud. Rio de Janeiro.
11	Boyardo.....	Alazão.....	5 »	Idem.....	58 »	Branco e estrellas azues...	Coud. Guanabara.

A's 4 3/4 horas — 8º pareo — RIO DE JANEIRO — 2.000 metros — Inteiros e eguas de qualquer paiz — Premios: 1:200\$ ao primeiro, 300\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro.

1	Scylla.....	Castanho.....	3 annos	Inglaterra...	47 kilos	Grénat e perola.....	Coud. Rio de Janeiro.
2	Plutão.....	Alazão.....	6 »	França.....	54 »	Azul, branco e encarnado..	Idem Cruzeiro.
3	Dignitaire.....	Idem.....	3 »	Idem.....	49 »	Grénat e manchas azues...	Idem da Bocaina.
4	Cheapside.....	Idem.....	3 »	Inglaterra...	47 »	Encarnado, branco e ouro.	Idem Paulista.

A's 5 1/4 horas — 9º pareo — LEMGRUBER — 1.450 metros — Inteiros e eguas de qualquer paiz que não tenham ganho este anno no Derby-Club — Premios: 500\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

1	Dioméde.....	Zaino.....	3 annos	França.....	49 kilos	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
2	Madama.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	47 »	Azul, branco e encarnado..	Cruzeiro.
3	Mastin.....	Castanho.....	3 »	Idem.....	49 »	Idem, Idem, Idem e facha.	Coud. Cruzeiro.
4	Exhibitor.....	Zaino.....	3 »	Inglaterra...	49 »	Grénat e bonét ouro.....	Oscar Machado.
5	Gaudriole.....	Castanho.....	3 »	França.....	47 »	Grénat e perola.....	Coud. Rio de Janeiro.
6	Gaxida.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	47 »	Branco.....	A. F.
7	Peruana.....	Zaino.....	3 »	Inglaterra...	47 »	Azul e amarello.....	Martins Rocha.
8	Catita.....	Castanho.....	3 »	Idem.....	47 »	Azul.....	Freitas Guimarães.

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 20 DE NOVEMBRO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 99.

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	
Galeria do elogio mutuo V	
Aluizio Azevedo.....	E. ROUEDE.
Historia dos sete dias.....	FILINDAL.
O mauri rei, poesia.....	J. DE S. MONTEIRO
Uma carta de.....	C. C. BRANCO.
Palestras femininas.....	A. A. L. VIEIRA.
Jornaes e revistas.....	S.
Estrada fluctuante, so-	F. D'ALMEIDA.
neto.....	PASSEPARTOUT.
Aqui, ali, acolá.....	C. DE AZEVEDO.
Crise.....	JOÃO RIBEIRO
18 de Novembro, poesia..	P. TALMA.
Theatros.....	L. M. BASTOS.
Sport.....	
Secção de honra.....	
Factos e Noticias.....	
Correio da Gerencia.....	
Recebemos.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÔRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

Rogamos aos Srs. Agentes do Correio a fineza de nos devolverem os exemplares d'A SEMANA que, por quaesquer motivos, não tenham sido entregues aos respectivos destinatarios.

Do proximo mez de Dezembro em diante suspendemos a remessa da folha áquelles dos nossos assignantes que não nos obsequiarem com suas respostas ás circulares que lhes temos ende-reçado.

GALERIA DO ELOGIO MUTUO

V

ALUIZIO AZEVEDO

Aluizio na s-cceu nessa ilha-sinha privilegiada que fica lá ao norte do Brazil; ilha que o Anil e o Bacanga fecham em murmurosa cadeia de prata, mas que avulta enorme no espirito dos brasileiros por que d'ella sahiram gigantes da estatura de Gonçalves Dias e Gomes de Sousa.

Trabalha desde os doze annos de idade para manter-se: foi mestre-escola, despachante da alfandega, guarda-livros, desenhista de jornal, scenographo, professor de desenho em casas particulaes, jornalista, retratista, e até gerente de um hotel, e tudo isto antes dos vinte annos de idade.

Então atirou aos quatro ventos o seu romance *O Mulato*.

O Mulato produziu uma reacção litteraria em todo o Brazil, e uma voz ergueu-se no Rio de Janeiro gritando:

—Romancista ao norte! (1)

Aluizio ouviu essa voz e arrojou-se de novo para o sul. Seu nome tinha sido escripto por todos os jornaes da côrte.

A sua provincia acompanhou-o com uma tempestade de benções e maldições; as benções eram dos moços, e o anathema era dos velhos escravocratas, e dos padres, a quem elle tinha combatido atrozmente, quer como romancista, quer como redactor do *Pensador* e da *Pacotilha*, jornaes fundados por elle mesmo em collaboração com outros rapazes.

O Mulato appareceu no Maranhão en-

(1) Urbano Duarte, folhetim d'O Globo de 1880.



tre luctas e polemicas de imprensa em que Aluizio occupava o logar mais saliente; nessa occasião elle soffria um processo com os seus companheiros de redacção; o povo da provincia o aclamava cheio de enthusiasmo. A edição do *Mulato* vendeu-se rapidamente, na redacção do *Pensador*, a tres mil réis o volume.

No Maranhão todos, todos, leram essa obra, que estava destinada a abrir a porta ao romance naturalista no Brazil.

So a *Civilização*, o jornal dos padres, a amaldiçoou. Como a *Civilização* não deve estar hoje envergonhada e arre-

pendida d'essa colera ridicula contra um adversario que, se a esporeou algumas vezes, foi sempre com esporas de ouro!

Foi com o producto do *Mulato* que Aluizio tornou ao Rio de Janeiro, encarando para o futuro com uma tranquillidade de heroe.

Ah! mas que duras decepções! Que dolorosas transigencias litterarias! Que sacrificio para não afrouxar nessa terrivel empreza de viver dos seus livros!

Aluizio nasceu pobre, nunca recebeu um só vintem por intermedio do governo ou coisa que o valha. Depois que se fez escriptor nunca dispendeu um real que não fosse ganho com as letras.

Imagine-se!

Mas só assim se explica como, ainda tao moço, já vé atraz de si uma esteira de trabalhos que parecem escriptos em uma longa existencia. Sem contar com as suas composições jornalisticas, lançadas dia a dia na provincia, em artigos de fundo, em chronicas, em folhetins; sem contar com os seus innumeros contos, que dão para dois ou tres bons volumes; sem contar com as suas poesias, que são muitas, Aluizio produziu nada menos de dezesete obras, das quaes algumas são de mui grandes proporções.

Em fins de 1879 publicou seu primeiro romance, *Uma lagrima de Mulher* e ja em 1880 surgia *O Mulato*, e logo em 1881 *Memorias de um condemnado*, ultimamente edictado pela casa Garnier; em 1882 *Mysterio da Tijuca, Casa de Orates e Flor de Lys* (de collaboração com seu irmão Arthur); em 1883 *Casa de Pensão e Philomena Borges*; em 1884 *O Mulato*, drama, e *Philomena Borges*, comedia, e *Mattos, Malta ou Matta*, romance; em 1885 *O Coruja*, romance, e *Venenos que curam*, comedia de collaboração commigo; em 1886 *O Caboclo*, drama, tambem commigo, *A adultera*, drama tambem commigo e que só agora vae ser representado, *Os Sonhadores*, comedia em tres actos que se acha a entrar em ensaios no *Sant'Anna* e *A filha do Conselheiro* que se está imprimindo na casa Moreira Maximino & C.

E' um trabalhador de primeira ordem, como se está vendo. Entre esses romances que ali ficam apontados destacam-se *O Mulato, Casa de Pensão e O Coruja*, que são mais que sufficientes para firmar a reputação de um escriptor e dar-lhe o titulo do primeiro romancista do Brazil.

E' nesses tres romances que Aluizio se revela tal qual é, e tal como ha de ser julgado no futuro; é nesses tres volumes que todo aquelle que, como eu, não procura no romance somente um producto da imaginação, senão um serio estudo social, um estudo dos homens e dos costumes, ha de ver no privilegiado escriptor maranhense um naturalista de raça, um realista original, não por systema, como tantos ha agora, mas por convicção, por temperamento e por uma especie de consequencia logica da sua sinceridade, da sua inteireza de caracter e da pujança da sua saude alegre e fecunda.

Ah! Quanto elle é diferente dos mãos, dos invejosos, dos macilentos roídos pelo odio!... Como elle é consciente da sua força e emancipado de pequeninas raivas covardes! Se lhe chamarem—burro—elle sorrirá; se lhe chamarem canalha, elle dará uma bofetada, mas não escreverá nunca uma mofina, nem abrirá uma assignatura ao adversario.

O seu talento eminentemente observador, o seu modo de ver e julgar com clareza e precisão, affastam-no do convencionalismo da phrase e da situação de

efeitos; é um pintor que escreve, tem uma bella comprehensão da luz, tem a vista dupla de um artista; a acção das suas obras basea-se principalmente no estudo sincero do natural; elle vé, sente e diz francamente o que vio; os seus personagens tem vida propria, mexem-se, caminham, sem auxilio dos cordeis d'esta ou d'aquella escola; são todos de carne e osso: o Raymundo do *Mulato*, o Amancio da *Casa de Pensão* e o Theobaldo do *Coruja* são conhecidos nossos, que nos acovelam todos os dias e a quem encontramos por toda a parte.

Aluizio não chama a si os seus personagens: vae sorprehendel-os onde elles estiverem; acompanha-os, persegue-os e copia-os tal qual os observa. E' curioso ver como o autor do *Coruja* dá caça aos typos: um dia o vi assentado á mesa com um velho e celebre ex-capoeira que em algum tempo dirigio as eleições aqui, muito empenhado em ouvir-o descrever uma eleição em que tomaram parte o Visconde do Rio Branco e o Sr. Conselheiro Octaviano Rosa; e, terminada a narração o vi partir de carreira para escrever as notas do que acabava de ouvir.

Estas notas eram destinadas aos *Brazileiros antigos e modernos*, serie de romances em que Aluizio se propõe estudar os costumes e os homens da geração que se vae e da que agora começa, e da qual serie *A filha do conselheiro* é uma especie de guarda avançada.

Para este romance, que ainda está no prelo, o nosso romancista estudou conscienciosamente os pormenores mais delicados da hysteria, cercandose dos auctores que discutem a molestia e consultando os medicos mais entendidos na materia.

Neste livro, a heroina, uma bella e ardente brasileira, contrariada em seus amores, honesta apezar d'isso, é accommettida violentamente por aquella enfermidade e crea na sua imaginação uma nova existencia que está em completo antagonismo com a sua vida real.

Uma obra prima, cheia de originalidade e resumbrante de poesia.

E' nessa obra que Aluizio mais prodigalisa o seu fogoso temperamento de brasileiro do norte; é uma obra escripta com ardor, vibrante, electrica, illuminada de vermelho, quente como os areiaes do Amazonas.

Nella descobre-se um bello progresso de forma e de concepção; mas, para que falar nisto, se as dimensões d'este jornal não me permittem dizer tudo o que tenho a dizer a respeito de Aluizio Azevedo?...

Não fecharei porém o meu artigo sem declarar que as suas produções, apezar do bom acolhimento que tem merecido do publico, ainda não foram por muitos analysadas como merecem, e entendo que isso se dá porque o auctor ainda vive e é um bom rapaz, sem pose, sem affectação, que ri e conversa com todo o mundo e não desdenha aceitar uma chicara de café do primeiro que se apresenta. Ah! se elle pudesse morrer por algum tempo, que grande serviço não faria ao seu prestigio litterario! E como não ficaria admirado quando, ao resuscitar, se visse um grande homem admirado e applaudido pela sua geração inteira!

Quanto ao physico Aluizio é um guapo mocetão: imagine-se um cavalheiro hespanhol, sem o chapéo de pluma, nem a espada á cinta, mas descido da *Batalha das Lanças* de Velasquez.

Eis Aluizio!

EMILIO ROUEDE

A sciencia é a religião do Futuro.

A. DUMAS filho.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Na minha chronica do numero passado consignei a entrada triumphal e definitiva do verão; agora, porém, sou obrigado a fazer justiça á temperatura que temos gosado nos ultimos dois dias. Se não temos tido frio, tambem o calor tem sido muito supportavel—o que já é um consolo. Segundo me dizem pessoas competentes, o cholera prefere a estação fresca para as suas visitas; se assim é, teremos de aceitar este anno o calor como uma providencia. Como elle, o calor, nos ha de trazer, provavelmente, a febre amarella, se impedir a entrada do cholera ficará uma epidemia pela outra.

Molestia por molestia antes a amarella do que o cholera. A amarella já nós a conhecemos bem, e já estamos tão acostumados com ella como com as constipações.

Agora, se a Providencia Divina,—que, segundo o formoso conselheiro Zé Bento, é quem manda as epidemias—consultasse a minha opinião, eu pedir-lhe-ia que voltasse o seu grande olho para o nosso lado e que com o seu conhecido D. do affastasse para bem longe os dois flagellos temiveis.

Quem, por emquanto, vae precedendo a Providencia é o Sr. ministro do imperio. Os telegrammas de Buenos-Ayres, que a principio, por meio de um diminutivo engenhoso, negavam que houvesse cholera por lá, são agora francos e positivos. Faz bem, pois, o Sr. de Mamoré com prevenir-se contra a invasão do cholera.

Se a fatal epidemia não cortar os cordões sanitarios e não forçar os portos, ficará provado que a providencia vale, pelo menos, tanto como a Providencia.

Um telegramma de Paris annunciou-nos no dia 12 a morte de Paul Bert, o eminente sabio e politico francez. Os ultimos annos têm sido fataes ás grandes glorias da França. Foi agora a vez do successor de Claude Bernard.

Esta morte, motivo de luto para a Sciencia actual, inspirou ao *Jornal do Commercio* palavras irritadas, sómente porque Paul Bert foi um grande inimigo do clericalismo! Que o *Apostolo* se incumbisse de execrar a memoria do illustre morto, era muito natural; estava no seu papel e nos seus principios; mas o *Jornal do Commercio*...

Emfim, como chegou da Europa papae Escaravelho, não são de estranhar estas opiniões rotineiras e ramerraneiras do grande orgão. A antiga *Psychologia* passou para a *Gazetilha* e para as *noticias varias*. O demonio do bicho quanto mais velho mais má lingua.

T'arrenego!

Chegou da sua grande excursão por S. Paulo S. M. Relampago II.

O imperador, que na grande provincia vio todas as opulencias e todas as miserias, que visitou palacios sumptuosos e cadeias tristissimas, colheria alguma noção nova para a direcção da canção do Estado? Deixar-se-ia compenetrar do espirito reformador e eminentemente progressista da provincia de S. Paulo?

Provavelmente, não. S. M. chegou ante-hontem e já hontem viu no *Jornal* a noticia de que se vae concluir em breve o observatorio de Lick, no monte Hamilton, California. Este observatorio possui o telescopio maior que se conhece, cujo objectivo é um crystal de 36 polegadas. Além d'isto, o observatorio de Lick dará hospitalidade a todos os

astronomos do mundo que desejem ir fazer os seus estudos no monte Hamilton, que tem uma posição excepcional. Esta noticia deve ter tocado fortemente a bossa scientifica de S. M. e dentro do pouco tempo teremos o imperador a caminho da California e veremos desvendados todos os mysterios sideraes. Venus não terá mais segredos para S. M. Lá está o observatorio, de graça, para o imperador, para elle que, só para observar Venus era capaz de pôr no prego o anel de Saturno.

A committiva de S. M. é que veio toda estrompada. O imperador não viajou, — voou pela provincia de S. Paulo. Os velhos veadores não trouxeram vida para mais de quinze dias; o Serzedello, da *Gazeta*, veio mais magro e declarou, delicadamente, que o imperador é um pau moral, formula que elle encontrou para chamar cacete ao imperador com todo o respeito que lhe merecem S. M. e as instituições.

O meu reporter gastou-se todo, por isso não me remetteu mais telegrammas. Coitado! aconteceu-lhe a desgraça da cadellinha do barão de Munkauzen: tanto correu, tanto correu que as pernas foram-se-lhe gastando, gastando, até que lhe ficou unicamente o tronco.

Agora vou ver se lhe arranjo umas pernas novas. Talvez o meu amigo Heller, do theatro Sant'Anna, me possa socorrer o homem. Foi elle mesmo, o meu reporter, quem se lembrou d'este recurso; diz elle que no Sant'Anna ha muitas que lhe servem perfeitamente. Eu d'isto não entendo.

FILINDAL

A bellissima poesia *O Mauro rei*, que hoje publicamos, foi traduzida expressamente para *A Semana*, do original allemão de Heine, pelo grande poeta dos *Sonetos* e dos *Poemas*.

José de Souza Monteiro, é uma das glorias da poesia européa contemporanea. Poucos poetas têm sabido trabalhar com tal pericia o ouro da lingua portugueza: é um artista impeccavel.

O Mauro rei pertence a uma serie de versões de Heine, que brevemente virão à estampa, colleccionadas em volume.

O MAURO REI

O moço rei demanda as Alpujarras invias.

A dor lhe estua inulta

e emmudecido peito. O gesto ancioso segue-lhe
a mausa turba turbada.

Transporta-se apoz elle em haqueneas timidias,
em liteiras cerradas

o feminal harem. Em tardos mús transportam-se
negrinhos e criadas.

Cem campeões leaes, em corredores arabes,
guardam as regias bellas.

Mas tremelhes o peito, os rudes membros tremem-
lhes,
sobre as douradas sellas.

Nem festival clarin, nem sonoro tympano,
nem canticos, nem risos.

Sómente, ao compassado andar das mulas, queixa-se
o tintinar dos guizos.

Na aguda cumeada, onde seus olhos turbidos
medem o val do Douro,
rendo subir no azul mirantes e pinnaculos
da Alhama, o triste Mouro

eleva-se no arção, e, a trasbordar de lagrimas
de dor e de saudade,
contempla no occidente, em ondas de ouro e purpura,
a imperial cidade.

Allah! não vê surgir da meia-lua islamica
a fórma enamorada;
mas o hispano balsão undante e d'entre flamulas
nas torres de Granada.

Ao doloroso aspecto, o peito em ancias arfa-lhe;
a tez dá face rude
banha-lhe o pranto á flux, como caual que em fre-
mitos
galga espumando o açude.

A impedernida mãe sobre a haquenea albissima
o attento ouvido estende:
sentindo-o soluçar aos céos tardias supplicas,
austera o reprehende:

« Rei Boabdil el chico, em femininas lastimas
carpes o captiveiro

De Alhama, que salvar não soube, em lueta inapavida,
o teu valor guerreiro. »

Ao barbaro rugir, deixa os cochins de subito
a meiga favorita;
ao côlo a arfar do amado, em offegante anhelito,
veloz se precipita:

« Rei Boabdil el chico, assim lhe diz, consola-te:
virente, immorredouro,
dos abysmos sem fim de teu destino eleva-se
a engrinaldar-te o louro.

Não só no vencedor de imprecivel gloria
replende o plenilunio:
corda amiga luz a frente a heroicas victimas,
aos filhos do infortunio.

Do fero campeão que sem pavor na patria
succumbe às mãos do fado,
resoa de cro em evo, entre perennes canticos
o nome abençoado. »

Do mauritano rei vencido denomina-se
ainda hoje a cumeada
d'onde, em ultima vez, o soluçante profugo
poude enxergar Granada.

O tempo, amigo e boni, perfee com fino escrupulo
a augusta profecia:
do pobre rei memora o fado triste a musica,
a hispana poesia.

E hade river por certo a leuda que ha já seculos
a Espanha absorta narra,
emquanto, Andaluza, em teus myrtas balsamicos
gerner uma guitarra.

JOSÉ DE SOUZA MONTEIRO

UMA CARTA

DE

C. CASTELLO BRANCO

Do eminente e celebre romancista portuguez recebeu o director d'esta folha a seguinte carta:

« Meu prezado collega.

Depois que recebi a sua carta, esperei o livro (*) sete dias, pensando que o funcionario postal, que o interceptára, depois que o lesse, o mandaria ao destinatario. O ladrão, porém, como gostasse do livro, ficou com elle. Este patife, visto pelo indulgente prisma litterario, é desculpavel.

(*) Refere-se ao livro *Vinte Contos*.

N. da R.

Mas fiquei triste. Eu tinha lido duas vezes os seus *Quadros e Contos*. Não carecia d's ultimos vinte para aquilatar a superioridade artistica de Valentim Magalhães; mas queria ter mais um dos poucos livros que se lhem duas vezes. Se me constar que elle se vende em Portugal, a infamia do ladrão é menos negra.

Tenho recebido a *Semana*. Quando a vista m'o permite, leio tudo, ou peço que me leiam os excellentes pedaços de poesia e de prosa que tanto dizem a favor d'esse paiz.

Logo que eu possa escrever—quão lo se discerrarem umas trevas que me innoitecem a alma ha seis mezes—hei de escrever para a *Semana* numa frioleira qu'ilquer.

Abraça-o o de V. muito grato admirador.—Camillo Castello Branco.

S. Miguel de Seide, 14, 10^a, 86. »

Que um homem honrado, mas pobre, affirme ás massas que Cacilhas se acha collocada em frente de Lisboa—o ninguém lhe dará crédito. Mas que appareça um patife, com uma fortuna de trezentos contos, afirmando ao publico que Cacilhas se acha em frente de Santarém, e todo o publico verá, positivamente verá, Santarém em frente de Cacilhas.

MARIANO PINA

PALESTRAS FEMININAS

PEDAGOGIA INFANTIL

Disse-vos já, queridas, leitoras, que o meio mais efficaz de tornar boa, compassiva, religiosa mesmo a criancinha, era a caridade, sendo esta explicada claramente. Volto hoje ao mesmo ponto por ter, ainda ha poucos dias, observado a educação religiosa que geralmente dão as mães aos pequeninos.

Uma menina de cinco annos tinha uma boneca em uma das mãos e com a outra afastava a irmansinha de trez, dizendo-lhe:

— Não te dou a boneca porque tu podes quebrala, e bem sabes que a Mãe diz sempre que o Papae do ceu odeia as meninas que quebram qualquer coisa; outro dia, quando quebraste o copo, não ouviste os trovões?

E a mais pequenina, assustada, foi sentar-se longe da fatal boneca, dizendo baixinho: — Não foi por querer.

Ahi tendes o meio que as mães com mais facilidade empregam para conter os filhinhos e obrigar-os a amar a Deus—o terror.

O invisível apavora; como quereis que uma criança mostre sympathia pelo mysterio?

Julgarão essas educadoras que os pequeninos cerebros não racioenam, não tentam prescrutar e comprehender o incomprehensivel?

Entre outros, um exemplo: Dizia um padre a um pequenito de seis annos que a terra, o mar, o ceu, os animaes, as plantas, tudo, tinha sido feito por Deus. O menino ouviu silencioso, mas quando o sacerdote terminou a enorme lista das obras do Creator, perguntou: — Sim; mas então Deus? quem o fez?

Levar estes anginhos á missa, ao *Te Deum*, aos sermões, que barbaridade!

Obrigar aquelles colibris a estar pousados, aquelles rouxinões a conservar-se mudos!

Prender as criancinhas, á noite, cheias de sonno e cansasso, a recitar orações que ellas nem d'ali a annos comprehenderão, mas que as torturam e enfadam, que formidavel erro!

Falo agora convosco, ó mães que julgaes fazer bem ensinando desde o berço aos vossos filhos o *Padre Nosso* e a *Ave Maria* e não sei quantas preces mais; ouvi-me e comparae:

Se para vos tem mais valor o symbolo que a verdade, se julgaes que as resas repetidas á força e machinalmente valem mais que as effusões do verdadeiro amor; se as praticas materiaes, as promessas, as ladainhas, as lamparinas nunca apagadas, vencem, para vós, as expansões do reconhecimento e do respeito ao Omnipotente; se a religião não está no vosso espirito mas nas manifestações ruidosas e externas, na adoração paga aos vasos dourados, ás tochas accensas, aos palmitos de flores de panno, aos altares cobertos de rendas, sustentando imagens cheias de lentejoulas ou pintadas de cores vivas: então, comprehendo que faleis em Deus a vossos filhos desde que nascem, para ensinal-os a anar d'este modo a Divindade; agora, se tendes mais a Deus no coração que nos labios, só falareis nelle ás crianças quando ellas já tiverem entendimento para comprehendel-o e forças para adoral-o.

A criança medita, observa e aprende continuamente, e é fazel-a perder um tempo preciosissimo empregando-o a recitar orações incomprehendidas.

Lucra muito mais brincando. Deixa-a brincar em completa liberdade.

Mas brincar como? com que? Como e com o que quizer.

Opiniões auctorizadas de Locke, Fenelon, Pe Girard, Mme. Necker, Herbert Spencer, Perez e outros, aconselham que deixemos as crianças escolher livremente os seus entretenimentos.

Não devemos incommodar-nos com os seus prazeres e jogos.

E' brincando que os pequenos revelam muitas vezes as suas inclinações. Fenelon diz mais, que «o nosso papel deve limitar-se a observar-os com rosto alegre e moderar-lhes os enthusiasmos quando exaggerados.»

Nem péas, nem excessos; uma liberdade vigiada. Os animaes sabem, mais do que nós, o que convém aos seus filhos.

Sigamos esta gatinha e os seus quatro filhinhos. Nasceram ha quinze dias, começam a brincar com as patinhas e os focinhos, dando uns nos outros pancadinhas e dentadas; a mãe observa-os com uma expressão meiga, uma attenção completa, mas observa apenas.

Mais tarde, quando os gatinhos souberem correr e agitar-se sem perigo, a mãe corresponderá a algumas das suas provocações, mas delicadamente, com uma reserva prudente, como quem teme assustar ou ferir.

Quando, emfim, os gatinhos fôrem gatos, vereis como que abandono a mãe responde ás suas caricias. como será a primeira a desafial-os para a brincadeira, pulando e estendendo-se deante d'elles, mordendo-lhes a cauda, etc.

Preoccupam-se muito as mães com a escolha de brinquedos para os filhos; deverão dar-lhes bonecas ou tambores, gaitas ou carrinhos?

Tudo isso é dispensavel.

Locke diz que «tudo o que estiver ao alcance da mão ou da bocca de uma criança lhe serve de brinquedo.»

Tudo o mais tem inconvenientes.

Se damos aos pequeninos, animaes de madeira ou papelão, erramos, porque não devemos consentir que, mesmo brincando, a criança bata num cão ou num cavallo, inda que sejam de madeira; se lhes fazemos presente de bonecas, obrigamos as pequenitas a estar sentadas, acalentando filhas imaginarias, em vez de aproveitarem o tempo correndo e aprendendo a sentir em plena natureza; se os bonitos que lhes

damos são tambores ou trombetas, aprendem a ser barulhentos e ensurdecem os de casa e...os vizinhos, que, não sendo seus paes, não têm obrigação de os supportar; se os mimos são soldados, fazemos d'elles uns petulantes que entendem levar tudo á baioneta; se... Emfim, quereis dar aos vossos filhos instrumentos de prazer? dae-lhes cordas para pular, arcos que os obriguem a correr, velocipedes, *bilboquets*, instrumentos de jardinagem, pois que assium lhes robusteceris o corpo e consequentemente lhes fortalecereis o espirito.

ADELINA A. LOPES VIEIRA.

ESTRADA FLUCTUANTE

A D. ADELAIDE GONÇALVES

*Esta distancia enorme, esta longura
Que separa um do outro continente,
Meu Pensamento galga-a de repente
Sobre a fluctuosa, liquida planura.*

*Ou seja claro dia, ou noite escura,
Lá vai elle vertiginosamente,
Como frecha em rectissima corrente,
Embeber-se em sua alma honesta e pura!*

*Logo a Saudade as azas dolorosas
Bate, e no mar estende num momento
Uma esteira de petalas de rosas;*

*E sobre ella, até mim, que a espero attento,
O meu anjo, a formosa das formosas,
Vem, conduzida pelo Pensamento.*

31 de Outubro de 86.

FILINTO D' ALMEIDA.

JORNAES E REVISTAS

Está magnifico o n. 2 do *Rataplam*, se excluirmos a pagina central, que não é boa. A primeira pagina está desenhada com graça e originalidade por Belmiro de Almeida e na ultima ha um soberbo e delicadissimo retrato da Sra. Condessa da Estrella, desenhado com muita fineza, correcção e elegancia, por Decio Villares.

E' um trabalho notavel, este magnifico retrato, e que nos revella no talentoso pintor uma rara aptidão para os retratos lithographados.

O texto está admiravel de graça, tanto nas leves e espirituosas caricaturas de Belmiro como na parte litteraria.

Um bello numero. Parabens ao Lopes Cardoso.

Publicou-se o n. 2 da *Revista da Pa-lestra Litteraria*. Traz muitos artigos de boa prosa e varios trabalhos em verso, principalmente os dos Srs. Albuquerque — Americo, J. Ricardo, Elisa e Leoncio. Além d'esta intelligente familia de Albuquerque, ha ainda outros prosadores e poetas de merecimento que firmam trabalhos na *Revista*.

De S. Paulo foi-nos enviado o primeiro numero de um semanario illustrado—O *Brazil Contemporaneo*, de que

é redactor o conhecido jornalista Navarro de Andrade.

Na primeira pagina traz uma boa photographia de José Bonifacio. No texto, além de duas bellas poesias do illustre morto, traz muito bons artigos litterarios.

Cumprimentamos o nevo collega paulista.

S.

AQUI, ALI, ACOLÁ

O celebre *jejuador* italiano Succi, de que falámos em o n. 94, deve ter começado em Pariz uma grande experiencia contractada com uma sociedade pariziense s b as seguintes condições:

1ª—De 1 de outubro a 5 de novembro ficaria Succi, á disposição da tal sociedade, mediante 25 francos por dia;

2ª—O jejum começaria em Pariz a 6 de novembro e duraria 30 dias inteiros. Succi receberia por essa experiencia 20.000 francos, sendo-lhe paga a metade no 15º dia e o resto no final;

3ª—O secretario de Succi teria um honorario de 20 francos por dia.

4ª—A sociedade pariziense depositaria em um banco 25.000 francos como garantia da execução do contracto.

Uma grande especulação com a curiosidade publica, como se está vendo. Prestar-se-á a auxiliar-a o corpo medico de Pariz?

Para o *fauteuil* da Academia Franceza vago pela morte do Conde de Falloux só se haviam inscripto até fins do mez passado dois candidatos: os Srs. Gréard e o Conde d'Haussenville.

Nemhum d'elles é realmente celebre. O melhor titulo litterario do primeiro é a *Moral de Plutarcho* e o do segundo a sua collaboração activissima na *Revista dos dois mundos*, além de um estudo da vida e obras de Saint-Beuve.

Inaugurou-se a 24 de outubro no *square Vintimille* a estatua de Berlioz, de que já havíamos dado noticia.

Foi uma festa imponente a que assistiram Gounod, Saint-Saens, Ambroise Tomas, Litolff, Holmes etc. O escultor Alfredo Lenoir recebeu das mãos do Sr. Ernesto Reyer, que representava o ministro das bellas artes, a cruz da Legião de Honra.

Falleceu em Pariz o principe de Brancovan, descendente dos ultimos *hospodares* da Valachia.

Era um completo cavalheiro, amante das letras e das artes. Havia dez annos que entretinha as melhores relações com os mais reputados escriptores e artistas de Pariz.

Aos seus famosos almoços dos domingos não faltavam nunca Massenot, Halévy, Caro, Paul Bourge e outras notabilidades.

A princeza tocava admiravelmente piano, fazendo nelle, mas só depois de muito instada, brilhantes improvisações.

Mlle. Simone Arnaud, auctora do drama *Os filhos de Jahel*, tem attrahido com o successo que obteve essa peça no *Odéon* a attenção da imprensa de Pariz.

Eis algumas informações sobre ella. Mlle. Simone (cujo verdadeiro nome—pois que aquelle é um pseudonymo—ignoramos) vive, com sua mãe e uma tia que tambem a adora, uma vida muito retirada e muito modesta.

E' poetisa inspirada, e compõe deliciosos trechos de musica, impregnados

do encanto e da expressão de Felicien David, seu mestre.

Além d'isso, seus conhecimentos da pintura fazem-na um critico distincto e de gosto seguro. « Sem deixar de ser mulher pelo coração — escreve um jornalista pariziense — Mlle. Simone revê-la um temperamento de certo modo masculino — em suas obras. Os homens e os acontecimentos nella encontram um juiz auctorisado e de rara sagacidade. »

Cremos que dentro em pouco Mlle. Simone Arnaud será uma das grandes celebridades femininas de Pariz — pela sua belleza e pelo seu multiple e extraordinario talento.

PASSEPARTOUT

CRISE

Analysando a situação politico-financeira da França, em notavel artigo reproduzido pel'O Paiz de 11, o Sr. Blowitz, correspondente do Times, assigna a crise industrial, considerando-a resultante do vicioso regimen administrativo d'aquella grande nação.

Aqui me separo do illustre correspondente, e attribuo o lamentavel estado a que chegou a industria franceza a motivos em muito superiores e mais largos que os indicados. A meracer o reparo do honrado critico, aos erros do governo republicano, estenda-se a reprimenda á Europa inteira, sem exclusão da propria Inglaterra, onde a revolta do operario offerece temeroso aspecto.

Outra é a eficiente da crise, e leis muito genericas, motivos de ordem social, tangem o movimento.

O extraordinario e miraculoso incremento da industria na sociedade moderna, escoadouro necessario da energia da humanidade que em época anterior corporificava-se no regimen militar, determinou esse periodo de dismantelo existente em todos os paizes.

O augmento enorme de população; as necessidades artificiaes nascidas do proprio estado social; a competencia complexa e rapidamente constituída entre as nações civilisadas, diminuindo os mercados consumidores pela posse de industrias similares; a descoberta ininterrupta de machinas de mais em mais perfeitas, isto é, augmentativamente economicas do trabalho do homem, trouxeram esta phase, cuja origem é na França, ao vér do Sr. Blowitz o desgoverno da republica.

De paiz a paiz, e na mesma terra, de cidade a cidade, estabeleceu-se a concurrencia, a excessiva procura de trabalho, a exuberante offerta da mercadoria — esforço humano.

O proletariado sempre e sempre a crescer, num como que germinar espontaneo, causa estes estremecimentos precursores de um abalo profundissimo que, marcando o terceiro momento revolucionario para a humanidade, ha de convulsionar toda a Europa.

A politica partidaria, muito presa a interesses individuaes, esquecida do futuro e ignorante das leis de sciencia social, favoneou em França esse rebolcar de aspirações operarias em antagonismo com a burguezia, em opposição ao capital.

Desencadeando forças que, uma vez desbridadas, não poderiam conter, os mediocres ambiciosos comaçaram de açular o operario, derramando o virus das theorias socialistas, e promovendo até indulto para os seus crimes.

D'ahi porém, a concluir-se, como o talentoso correspondente do prestigioso

diario londrino, que a fermentação operaria, vem de erro governativo, é larga a distancia. E tão grande ao ponto de suggerir-me esta nota explicativa ao substancioso artigo, antes que contradicta.

Estamos em um periodo de transição; movimento que se estende da philosophia á industria, a lastra por todos os paizes.

A crise financeira e industrial observada nos estados mais ricos e floresentes do Occidente, esse ferver de idéias socialistas sendo o principio de causalidade das agitações em França, Belgica e Inglaterra; essa miseria dia a dia avolumada; esse escumar de necessitados; tudo isso significa a universal crise social de que ha de ser passivel toda a Europa; signiíca a revolta do pobre depois das revoltas transactas do aristocrata e do burguez.

E se a Republica merecesse a censura do honrado escriptor, como decifrar identicos phenomenos de disequilibrio crescente na imperial Allemanha, e na real Inglaterra?

Valha este esboço de critica uma prova de que o correspondente do Times não accentuou devidamente a genese o principios constitutivos do problema industrial em França.

Acompanho o illustre escriptor no seu receio do futuro, e o principio de conservação social vae soffrer dura prova, embora, uma vez longe a borrasca, tudo se equilibre.

Em alguns paizes, onde as forças conservadoras são menores, quasi que se vae realizar o phenomeno da endo — genese de certas especies animaes inferiores: — o individuo abre-se, e, destruindo a sua individualidade, dissolve-se em seus filhos.

CYRO DE AZEVEDO.

Corte, — Novembro de 86.

18 DE NOVEMBRO

A FERNANDO DE SAMPAIO

Estes versos onde a rim
Está pepitando, a mado,
Como ave a cantar em cima
Do arvoredado,

Imaginei-os um dia
Não sei quando. (E nem se tracta
Quando se escreve poesia,
D'uma data.)

*

E' na verdade um tormento,
E para o qual ninguem olha,
Estar á mercê do vento,
E ser folha,

Que se desprende do galho
E perde esse amor profundo
Da patria, do sol, do orvalho
E do mundo. °

Como é doce o captiveiro !
Como é suave uma algema !
Fica, ó sonho derradeiro,
Neste poema !

Canta ! e dentro d'um quartetto,
Como se guiola fóra,
Suspira um canto dilecto,
Ri-te, chóra.

Eia, pois ! contempla a calma
Da mulher idolatrada,
O corpo de joelhos, a aimã
Ajoelhada ;

Pois que inopinadamente,
Curvo-me onde quer que a veja,
Como quando passo em frente
D'uma igreja.

Tal essa luz que em caminho
Da vida envolve-me e que eu
Julgo bóveda de ninho,
Ou do céu.

Quero ver-lhe as formas quando
Vém ante mim, assombrado ;
Clara a voz, o rosto brando
E maguado.

Vér-lhe a bocca onde o rumor
(Como nas rosas) diviso
Do invisível beija-flor
Do sorriso.

Vér-lhe a fronte onde eu sentia
O gelo que nella e-teve,
Pois que tão branca e tão fria
Só a neve ;

E a mão que em gentil desgarro
Sae de alvo braço... talvez
Lirio no bocal d'um jarro
Japonez.

Ver-lhe os cabellos chanfrando
A branca fronte sem véo,
Tal supponho a noite entrando
Pelo céu,

Se pode a noite funesta,
Rompendo a azulada umbella,
Passar atravez da fresta
D'uma estrella.

Neste mundo, quem me dera
Possuir esse ideal de amor !
Se canta — é ave. Se cheira,
— Uma flor.

Mas ave sem ter guarida,
E flór que não tem um ramo.
Minha vida, minha vida,
Como eu te amo !

Amal-a ! e mais do que tudo
A adorar, prostrar-se ao vel-a
Deante d'ella, ficar mudo
Deante d'ella.

Sei que estes versos brunidos
Como insectos d'ouro vão
Buscar os pet'los unguidos
De alva mão,

Zumbir-lhe por entre os dedos
Nas roseas unhas, e voar
Com as azas dos meus segredos
Terra e uar,

Hão de chegar algum dia
Não sei quando, e nem se tracta
Quando se escreve poesia
D'uma data.

— 1886 —

JOÃO RIBEIRO.

THEATROS

THEATRO BERNARDO GUIMARÃES

Na cidade de Muzambinho, em Minas, será brevemente inaugurado um elegante e bonito theatro, que se chamará: «Theatro Bernardo Guimarães». Esse theatro apresentará uma grande novidade, que é ter cada camarote, além do respectivo numero, o nome em letras de ouro, de um brasileiro notavel na sciencia, nas letras ou nas artes. Estão os camarotes, que são 33, dispostos em duas ordens, tendo a primeira dezeseite e a segunda dezeseis. Eis a relação d'esses nomes: — O camarote n. 1 tem o nome de José Bonifacio, os outros d'essa ordem, têm para a direita os seguintes nomes: José de Alencar, Castro Alves, Valentim Magalhães, Ferreira de Araujo, Carlos Gomes, Ruy Barbosa, Rodolpho Bernardelli, Alvares de Azevedo; e, para a esquerda: Joaquim Manoel de Macedo, Gonçalves Dias, Luiz Delfino, Quintino Bocayuva, Padre José Mauricio, José do Patrocínio, Pedro Americo, Gonçalves de Magalhães. Os da seguinte ordem são denominados por esta forma: á direita: Antonio José, Corrêa Vasques, Arthur Azevedo, Machado de Assis, Escragnolle Taunay, Alberto de Oliveira, Pinheiro Guimarães, Henrique de Mesquita; á esquerda: J. Penna, João Caetano, Aluizio Azevedo, Casimiro de Abreu, França Junior, Raymundo Corrêa, Montalverne e Abdon Milanez.

É uma idéa original e feliz.

Preparam-se grandes festas para a inauguração do theatro Bernardo Guimarães.

PHENIX DRAMATICA

Um grupo de modestos mas estudiosos artistas, tendo como guia o projecto Montedonio, instalou-se na Phenix Dramatica, pondo em scena, pela primeira vez nesta corte, *A mãe dos Escravos*, peça de combate e ainda com bastante oportunidade no Brazil, vasada nos mesmos moldes d'*A cabana do pae Thomaz*, que em tempo obteve um successo universal.

A empresa esmerou-se na *mise-en-scene* da peça, sobresahindo, na parte scenographica, a vista do vapor em viagem no Mississipi. O desempenho foi correcto, distinguindo-se nelle a actriz Julia de Lima e a actriz Luiza Leonardo, que cada vez mais revela a sua disposição para a arte, e os Srs. Montedonio, Mendes Braga, Lisboa, Teixeira e Portugal,

Montada como está, a peça promete fazer brilhante carreira e alcançar no velho theatro da rua da Ajuda successo egual ao da sua quasi contemporanea *A cabana do pae Thomaz*.

SANT'ANNA

Representou-se ante-hontem pela primeira vez a opera-comica fantastica *Befana*, em 3 actos, divididos em 8 quadros; poema do dramaturgo italiano Ricoveida traduzido livremente por Arthur Azevedo e musica do maestro Rotoli.

Não se pode dizer que tivesse sido um successo, em toda a extensão do termo; mas a impressão geral deixada no publico pela representação foi boa. O poema tem alguma graça e algum euredo; infelizmente a divisão dos actos é má, pois o primeiro é excessivamente longo e os dois ultimos demasiado curtos. A musica é muito agradável, tendo

alguns trechos realmente bellos. O desempenho foi, em geral, digno somente de elogios.

Areias fez muito bem o papel de Marin-Marimbello, apresentando um curioso e engraçado typo. Phebo caracterizou-se magnificamente, dando nos um Trifonio impagavel pela graça e pela exquisitez. Vasques fez o seu papel com o seu hilariante e irresistivel talento de sempre. Mme. Delmary cantou muito bem toda a sua parte, apresentando-se vestida com grande riqueza e extremo bom gosto.

O mesmo se pode dizer das Srs. Rosa Villiot e Cynira Pollonio, que cantaram com perfeita correcção o dueto do segundo acto. As Sras. Oudin e Dolores foram igualmente dignas de elogios. Coros regulares. Vestimentação rica. Scenário esplendido—de Carrancini. A cena do primeiro quadro e a apothose são primores artisticos. É de crer que a *Befana* dê muitas enchentes ao Heller, que bem as merece.

RECREIO

A empresa d'este theatro commemora hoje o 3º anniversario da sua fundação com um sumptuoso festival. O theatro foi, para esse fim, ricamente ornamentado; e além da *Martyr*, que se representará provavelmente melhor do que nunca, haverá musicas, illuminações, surpresas...

Uma noite de verdadeira festa. Cumprimos Dias Braga, que, pelos valentes esforços com que tem conseguido alimentar o gosto publico pelos espectaculos dramaticos, e pela seriedade e gentileza com que tem dirigido a sua empresa, é merecedor de todos os encomios.

Partio a 18 d'este para S. Paulo a companhia dramatica do artista Furtado Coelho, que estreará naquella cidade com o drama *Seraphina*.

Effectuar-se-á hoje no Imperial Theatro D. Pedro II o spectaculo, que em beneficio do Livro de Ouro promoveu a Illustrissima Edilidade d'este municipio.

Ao Sr. Dr. Pereira Lopes, digno presidente da Camara Municipal, agradecemos a offerta do convite que nos enviou.

No theatro Sr. Pedro de Alcantara, realisar-se-á no dia 1 de Dezembro, com o concurso de conhecidos artistas, um concerto vocal e instrumental, habilmente organizado pelo Sr. Ottolini Veiga.

P TALMA

SPORT

O Derby-Club realisou no domingo passado a sua 12ª corrida com a grande concurrencia e animação, que sempre se observam nas corridas d'este Club. Os pareos, que em geral, foram preenchidos por parceiros superiores, tiveram desfecho inesperado, pois que os animaes reconhecidos de maior força e velocidade foram derrotados. Infelizmente esta é a verdade, fructo das nossas observações.

Esperamos que a energica directoria do Derby ponha em pratica outros meios mais rigorosos para terminar com estas combinações escandalosas e frequentemente repetidas que affectam seria-

mente uma sociedade bem constituida e que deve esperar futuro brilhante. Eis o resultado dos pareos:

No 1º pareo (1200 metros) *Bolero*, em 90 segundos, bateu *Guacho*, que chegou em 2º, *Africano*, em 3º, e *Sultão*, em 4º.

No 2º pareo (1450 metros) *Orpheu*, em 102 segundos, venceu inesperadamente *Americana*, que chegou em 3º, por ter sahido com muito atrazo. *Caporal* em 2º, *Vampa*, em 4º. *Baccarat*, *Villa-Nova* e *Saltarelle* vieram na bagagem. *Dinorah*, *Pretoria*, *Condor* e *Onix*, não correram.

No 3º pareo *Phénicia*, com alguma facilidade bateu os seus competidores no tiro de 1200 metros. *Pancy* chegou em 2º, tocando *musica*... *Echoron* em 3º, *Frontin* e *Alfredo* na bagagem.

No 4º pareo (1450 metros) *Scylla*, em 95 segundos, e por *musica*, venceu *Coupon* que chegou em 2º, tendo sahido atrazado propositalmente; esta *musica* foi composta por maestro habil. *Cheapside* e 3º. *Peruana* em 4º. e *Exhibitor* na bagagem.

No 5º pareo (1609 metros) *Odalisca* em 108 segundos, e com alguma facilidade, venceu *Monitor*, que chegou em 2º. *Dandy* em 3º. e *Pip* na bagagem.

No 6º pareo (1750 metros—*handicap*) *Talisman*, em 123 segundos, venceu *Boreas*, que chegando em 3º. propositalmente, foi multado pela directoria em 350\$. *Regina*, que chegou em 2º, fez uma brilhante corrida perdendo de *Talisman* apenas por cabeça; quasi não quasi prega peça aos *musicos*. *Pery*, que chegou em 3º, atirou alguns couces em *Sans-Souci*, que, machucado, deixou de correr. *Bonita*, na bagagem.

No 7º pareo (2400 metros—*handicap*) *Druid*, em 170 segundos, valentemente venceu os seus competidores. *Nicoafy*, que chegou em 2º, fez boa corrida. *Boyardo* em 3º, *Aymoré*, animal reputado até hoje de tiro curto, desmentiu essa legenda, fazendo esta corrida quasi sempre na ponta, chegando em 4º. *Bayocco*, em 5º. *Catana*, *Biscaia*, *Araby*, *Pau-lícia* e *Zaire*, não tiveram classificação. *Ivon*, não correu.

No 8º pareo (2000 metros) *Scylla*, parceiro reputado mais forte neste pareo ainda assim sahio vencedor em 138 segundos, segundo constou, contra a vontade. *Plutão*, indigitado para ganhar, mancou durante a corrida e chegou em 3º. *Dignitare*, em 2º, e *Cheapside*, 4º. — Neste pareo os *musicos* não deram uma nota...

No 9º pareo (1450 metros) *Peruana*, em 98 segundos, bateu galhardamente os seus competidores. Esta victoria não era esperada. *Madama*, a favorita, chegou em 2º, e *Gaudriole* em 3º. Chegaram depois *Diomedé*, *Mastin*, *Catita* e *Exhibitor*. *Gazida*, não correu.

Devem ser esplendidas amanhã as corridas do *Jockey Club*. Os pareos estão regularmente constituídos com animaes de todas as forças e o programma em geral é bom.

L. M. BASTOS.

SECÇÃO DE HONRA

Como prova de reconhecimento ás pessoas que se dignaram de nos auxiliar com suas assignaturas des de a fundação d'*A Semana*, e que se acham quites para com esta empresa, começamos a publicar hoje, nesta secção de honra, uma relação dos seus nomes, á qual serão tambem adicionados os dos cavalheiros que, sendo igualmente

assignantes des de o inicio da publicação d'esta folha vierem ou mandarem quitar-se até 31 de Dezembro proximo futuro.

LEOPOLDINA

Lino R. R. Montes.
Dr. Americo Lobo.
Americo do Couto Souza.

VASSOURAS

Domiciano L. Pinto.
Dr. Francisco Teixeira Leite Guimarães.

RIO BONITO

Dr. Joaquim Victorio Ferreira Alves.
José Pereira dos Santos Sobrinho.
Antonio Alves Vianna.
J. J. S. Vieira.
Miguel Oliveira & C.
Silverio Martins Cardoso.
Dr. Manoel Portella.

SANTA ISABEL DO RIO PRETO

Gregorio Pereira de Souza.

LAPA DE CAPIVARY

Alferes Manoel Ferreira Lima Junior.
Capitão Antonio Augusto Alves de Mello.
Dr. Liborio José Seabra.
José Pinto Pinheiro.

SANTOS

Guilherme de Mello.
Pedro Vaz de Mello.
Francisco de Souza Martins.

S. PAULO

Boaventura de Sá.
Joaquim de Camargo Barros.
Antonio José de Araujo.
Manoel Garcia.
Antonio Ferreira Lobo Junior.

(Continúa.)

FACTOS E NOTICIAS

Effectuar-se-á a 23 do corrente, na vastissima sala do theatro D. Pedro 2º, a sessão publica e solemne do 30º anniversario da fundação da Sociedade Propagadora das Bellas Artes. Por esta occasião serão distribuidos aos alumnos e alumnas do Lyceu de Artes e Officios os premios a que fizeram jus pelas suas provas de aproveitamento durante o anno lectivo.

Partiram para a capital de S. Paulo o distincto maestro e apreciado auctor da *Grammatica Musical*, Miguel Cardoso e o Sr. Boaventura de Sá, que aqui esteve de passagem.

Os representantes do Sr. Augusto Bain offereceram-nos uma navalha mechanica com os seus competentes pertences.

Calcullem os nossos leitores que esta maravilha vae ser o terror de todos os Figaros que escanhoam a população barbuda, d'esta e de outras capitães, que se dá ao luxo de não usar cavaguac, suissas e outras calamidades capillares.

Com esta navalha pode qualquer mortal, por mais victima dos nervos que seja, barbear-se á vontade, sem receio de que a navalha — este instrumento que lambe, quando na mão de *guyamús*, a barriga do burguez pacato que vae socegradamente o seu caminho, possa retalhar-lho o rosto ou mandal-o d'este para outro mundo; pois que esta inoffen-

siva navalha é de fórma e uso inteiramente novos.

Não julguem os nossos leitores que esta navalha é uma armadilha honesta para aliviar-lhes um pouco as algibeiras, não, senhores. Compreem-na; passem-na pelos seus respeitaveis rostos e verão como, com tal maravilha, somos todos uns hab. lissimos e incomparaveis Figaros. Resta dizer somente que a casa é na rua da...

Não, isso seria muita *réclame*.

Na casa Leuzinger acha-se exposto o diploma de presidente honorario da sociedade de Geographia do Rio de Janeiro conferido a S. M. o imperador; trabalho do calligrapho illuminador Valentim de Figueiro. É uma verdadeira maravilha artistica. Faltando-nos espaço para analysal-a mesmo perfunctoriamente, apenas diremos que aquelle pedaço de pergaminho desenhado, colorido, illuminado pelo nosso distinctissimo collaborador artistico—a quem devemos o bello supplemento do primeiro anniversario da morte de Villugo — é, no seu genero, a composição mais delicada, mais bella, mais original e mais artistica que temos visto. S. M. bem podera gabar-se de que lhe fizeram um presente—régio.

O Sr. Carlos Moraes, proprietario da importante fabrica de luvas *A Nacional*, á rua da Uruguayana, n. 66, enviou-nos uma porção de lindos cartões-chromos, que agradecemos.

O nosso estimado collaborador Dr. Cyro de Azevedo foi convidado pelo Club Republicano de Campinas para ir áquella cidade fazer uma conferencia, continuando a serie em que já se fizeram ouvir Quintino Bocayuva e José do Patrocínio. O Sr. Conselheiro Saldanha Mariuho fechará a serie d'essas conferencias, neste anno.

Pedio exoneração do cargo de agente do Correio na Parahyba do Sul o Sr. Verissimo Pacheco.

Respeitando os motivos que levaram o Sr. Pacheco a dar esse passo, consignamos aqui o nosso reconhecimento áquelle cavalheiro pelos muitos e valiosos serviços que prestou á *Semana*, durante o tempo em que ali se encarregou dos negocios de nossa folha, serviços esses dignos de serem imitados, especialmente no que diz respeito a zelo e honestidade.

Com a Exma. Sra. D. Palmyra Paquet casou-se no dia 13 o estimado e distincto pintor Belmiro Barbosa de Almeida Junior.

Aos noivos desejamos, de coração, todas as felicidades.

Matrimoniou-se com a Exma. Sra. D. Josephina Alice Salles o Sr. Pedro Salles, no Espirito Santo de Pinhal. Desejamos-lhes muitissimas venturas.

O Sr. J. A. Ribeiro de Carvalho, activo e intelligente proprietario da importante Fabrica de Flores da rua do Passeio, teve, no ultimo domingo, o desgosto de perder seu innocente filho Antenor.

Acompanhamos o distincto industrial e sua Exma. esposa no profundo pezar que os magoa.

O telegrapho trouxe-nos a 14 do corrente a infausta noticia do fallecimento, no Ceará, do Sr. Mariano de Mello

Ney, pae do conhecido e estimado Paula Ney.

Acceite o nosso bom companheiro do *Diario de Noticias* e sua Exma. familia as nossas condolencias.

*

Rezou-se hontem ás 9 horas da manhã, na igreja de S. Francisco de Paula a missa de septimo dia.

Foi muito avultado o numero de assistentes, entre os quaes muitos de elevada posição social, que deram assim demonstração do pezar que sentiram com o golpe que tão cruelmente ferio o nosso sympathico e estimado collega.

CORREIO DA GERENCIA

Sr. J. MAGNO — Côte. Temos colleções d'*A Semana*, do anno de 1885, elegantemente encadernadas, a 15000 cada uma.

Aos Srs. João Gomes Ribeiro, Ireneu Portugal e João Rodrigues de Brito rogamos o favor de prestarem attenção ao que lhes temos pedido.

N'este escriptorio compram-se exemplares dos ns. 1, 2 e 20 d'*A Semana*, a 500 rs. cada um.

Sr. M. Louzada — Cantagallo. O recibo apresentado a V. S. está certo. Pôde, pois, V. S. pagal-o.

Sr. T. O. TOSTES — Miracema — Afim de ser satisfeito o seu pedido, queira dizer-nos o numero do ultimo recibo em seu poder.

Sr. G. O. CASTRO. — Piáu. — Queira V. S. dizer-nos o numero do recibo pelo qual se julga quite, afim de que lhe enviemos o premio que V. S. reclama.

RECEBEMOS

— *A Estação*, anno XV, n. 21.
— « Theatro Rio-grandense » — *O marido de Angela*, *Fructos da opulencia*, *Os impalpaveis*, comedias do Sr. Joaquim Alves Torres. 1 volume, impresso na typographia do *Jornal do Commercio* de Porto Alegre.

ANNUNCIOS

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31. do meio-dia ás 2 horas.

Dr. João Botelho, medico e operador; molestias venereas, syphiliticas e das vias urinaarias. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicções medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 51, por cima da antiga pharmacia Fragoso, das 12 ás 3 horas.

JOCKEY-CLUB

PROGRAMMA DA CORRIDA EXTRAORDINARIA

QUE SE DEVE REALIZAR

EM 21 DE NOVEMBRO DE 1886

1º pareo—FERREIRA LAGE—1.450 metros—Animaes de meio sangue. — Premios: 500\$ ao 1º, 200\$ ao 2º e 100\$ ao 3º

Ns.	NOMES	NATURALIDADE	PESO	PROPRIETARIOS
1	Odalisca.....	S. Paulo.....	48 kilos....	R. M.
2	Baccarat II.....	Idem.....	52 »	C. F.
3	Orpheu.....	Idem.....	54 »	J. Lemos,
4	Pirata.....	Rio de Janeiro....	52 »	Coud. Nitheroyense.
5	Intima.....	S. Paulo.....	52 »	Alice de Queiroz
6	Peralta II.....	Paraná.....	52 »	Berenice de Queiroz.
7	Bonita.....	S. Paulo.....	52 »	José Machado.
8	Vampa.....	Rio Grande.....	52 »	Coudelaria Paraizo.

2º pareo—INTERNACIONAL—1.609 metros—Animaes de qualquer paiz — Premios: 600\$ ao 1º, 200\$ ao 2º e 100\$ ao 3º.

1	Salvatus.....	França.....	50 kilos....	Cruzeiro.
2	Exhibitor.....	Inglaterra.....	50 »	Oscar Machado.
3	Diomedes.....	França.....	50 »	Oliv. Junior & Lopes

3º pareo — MAJOR SUCKOW — 1.450 metros — Animaes nacionais — Premios: 600\$ ao 1º, 200\$ ao 2º e 100\$ ao 3º.

1	Druid.....	Rio de Janeiro...	54 kilos....	Oliv. Junior & Lopes.
2	Biscaia.....	S. Paulo.....	54 »	Coud. Santa Cruz.
3	Araby.....	Rio de Janeiro....	54 »	Mario de Almeida.
4	Nicoafu.....	Paraná.....	52 »	Jorjanes e Peres.
5	Regina.....	S. Paulo.....	52 »	Coudelaria Paraizo

4º pareo—EXPERIENCIA—1.450 metros—Animaes estrangeiros de 2 annos e nacionaes de 3 — Premios: 700\$ ao 1º, 200\$ ao 2º e 100\$ ao 3º.

1	Castellione.....	França.....	53 kilos....	A. S.
2	Odalisca.....	S. Paulo.....	48 »	R. M.
3	Alfredo.....	França.....	53 »	Coudelaria Bocaina.
4	Echiron.....	Idem.....	53 »	S. M.

5º pareo — JOCKEY-CLUB—1.800 metros — Animaes de todos os paizes—Premios: 1.000\$ ao 1º, 250\$ ao 2º e 100\$ ao 3º.

1	Dignitaire.....	França.....	50 kilos....	Coudelaria Bocaina.
2	Scylla.....	Inglaterra.....	48 »	Coud. Rio de Janeiro.
3	Satan.....	França.....	50 »	Mario de Sousa.

6º pareo — EMULAÇÃO — 3.200 metros — Trote — montado por socios do Jockey-Club.

1	Bismark.....	França.....	Dr. Pinto Netto.
2	Fileuse.....	Idem.....	A. M.
3	Gentleman.....	Rio da Prata.....	Ad. Castro e Silva.
4	Galathéa.....	M. Sarmento.
5	Camomilla.....	França.....	José F. M. Guimarães.

7º pareo — HANDICAP — 2.000 metros — Animaes de todos os paizes—Premios: 800\$ ao 1º, 200\$ ao 2º e 100\$ ao 3º

1	Gaudriole.....	França.....	60 kilos....	Coud. Rio de Janeiro
2	Druid.....	Rio de Janeiro...	57 »	Oliv. Junior & Lopes.
3	Peruana.....	Inglaterra.....	60 »	J. Martins da Rocha.
4	Batoco.....	S. Paulo.....	53 »	Oliv. Junior & Lopes.
5	Mastin.....	França.....	58 »	Coudelaria Cruzeiro.
6	Dignitaire.....	França.....	64 »	Idem Bocaina.

Rio de Janeiro, 18 de Novembro de 1886. — O 1º SECRETARIO, H. G. POSSOLLO.

Typ. d' A Semana, rua do Carmo n. 36, sobrado.

ORIENTE

E' geralmuete conhecido como uma especialidade no seu genero o **Café Oriente**, da fabrica a vapor de Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25

9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta—annuncio.

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

COLLEGIO

SÃO PEDRO DE ALCANTARA

EM PETROPOLIS

Reabrir-se-ha no dia 1 de Janeiro de 1887 este segundo estabelecimento, debaixo da direcção do Dr. A. Zeferino Candido.

O collegio da Côte continúa, como até aqui, a cargo do director João Lopes Chaves e com o seu antigo pessoal.

As condições de admissão, preços programmas, methodos e disciplina são perfeitamente eguaes para os dous estabelecimentos. E' facultativa a escolha do collegio para todos os alumnos.

No inverno descerão para o collegio da Côte, acompanhados pelo seu director e mestres, os alumnos de Petropolis, para continuarem sem alteração os seus trabalhos.

Informações, matriculas desde já, no Collegio S. Pedro de Alcantara, na Côte.

RUA DE S. CLEMENTE N. 30

Os DIRECTORES

A. Zeferino Candido,
João Lopes Chaves.

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 27 DE NOVEMBRO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II-N. 100

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....
Galeria do elogio mutuo VI
Emilio Rouede.....
100.....
Historia dos sete dias.....
Mater, poesia.....
Notas bibliographicas.....
Poesia e poetas, «Sere-
natas».....
Penas de amor, soneto.....
Gazetilha medica.....
Jornaes e revistas.....
Inseparavel, soneto.....
Theatros.....
Versos a um velho.....
Sport.....
Secção de honra.....
Factos e Noticias.....
Correio.....
Correio da Gerencia.....
Recebemos.....
Anuncios.....

A. AZEVEDO.
A REDACÇÃO.
FILINDAL.
R. CORREA.
F.
A. DE SOUZA.
OLAVO BILAC.
DR. SAHEN.
S.
F. D'ALMEIDA.
P. TALMA.
A. MENDES.
L. M. BASTOS.

ENRICO.

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÔRTE

Trimestre..... 2\$000
Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

PROVINCIAS

Semestre..... 5\$000
Anno..... 10\$000

Rogamos aos Srs. Agentes do Correio a fineza de nos devolverem os exemplares d'A SEMANA que, por quaesquer motivos, não tenham sido entregues aos respectivos destinatarios.

Do proximo mez de Dezembro em diante suspendemos a remessa da folha áquelles dos nossos assignantes que não nos obsequiarem com suas respostas ás circulares que lhes temos endeçado.

GALERIA DO ELOGIO MUTUO

VI

EMILIO ROUEDE



Os homens de talento dividem-se em duas classes: os especialistas e os encyclopedicos. Aquelles canalizam toda a sua competencia e toda a sua seiva em uma só materia; estes deixam esgalhar o espirito para todos os lados, e cada ramo d'essa arvore intellectual representa um ramo do saber humano. Os primeiros são como as palmeiras: têm um só feitio, uma só linha, fecham-se no seu ideal como a palmeira no seu tronco; crescem imperturbavelmente, não ha furacão que lhes altere a marcha, nem temporal que lhes tolde o destino. Os outros não, os outros são feitos de fibras delicia-lissimas; são como as plantas, com as quaes nada podem os raios, mas que vergam ao menor sopro dos ventos; para ellas não ha feitio estabe-

lecido; seus galhos seguem a direcção dos vendavaes, que as agitam, ora se vergam por terra; ora se alçam, ora se cruzam e engranzam, comtanto que se voltem para a luz.

O que os especialistas ganham em profundeza, os outros ganham em extensão; os primeiros minam, os segundos derramam-se; os primeiros chegam á gloria ou á loucura, dominam por uma idéia fixa; os segundos, justamente ao contrario, fizeram de si o quartel general de todas as idéias e morrem desesperados por não attingirem nunca o ideal sonhado.

Emilio Rouede pertence a esta segunda especie de homens de talento; é um poderosissimo aparelho de assimilação, eternamente aberto para o mundo

ideal do espirito; cada manifestação do bello que lhe passou por deante dos olhos encontrou nelle um amante apaixonado; requestou as artes como um bandolero requesta as moças bonitas; não se quiz casar com nenhuma porque não tinha animo de abandonar as outras: foi simultaneamente o amante de todas ellas. Ora passava os dias com a Musica, ora com a Pintura, ora com a Litteratura, mas nunca ficou morando com nenhuma; sua alma bohemica frequentou as republicas da Arte como um viajante sem destino que espera no imprevisito descobrir a realisação de um vago ideal desconhecido.

Tão depressa foi pintor de marinhas, como foi compositor de musica; regente de orchestra, como foi escriptor e photographo e prestidigitador.

Tem uma grande facilidade para aprender bem tudo o que deseja. Um dia quiz ficar sabendo jogar esgrima, e não descansou enquanto não conseguiu atirar a espada e o florete com perfeição; entendeu que devia jogar o bilboquet, e desde então ninguem mais o excedeu nessa especialidade; quiz ser perito na arte culinaria, e foi; quiz fazer dramas, e fez; quiz inventar um processo de impressão typographica para desenhos, e inventou-o.

E' um demonio!

Imagine-se o espirito gaulez refinado na Hespanha durante oito annos; imagine-se um *Tartarin* depois de atravessar um bom periodo de revolução em Madrid, no qual elle tomou parte tão activa que sahio assignalado por uma cutilada na cabeça; imagine-se o francez mais meridional, mais incansavel no trabalho, mais original nos seus pontos de vista, e terão uma fraca idéia do que é esse espirituoso Rouede. a quem até hoje ninguem vio sem sympathisar com elle e com quem ninguem conversou sem fazer um grande dispendio de gargalhadas.

Quanto a mim, digo francamente que o acho nada menos do que um criminoso: com as valiosas qualidades intellectuales de que dispõe, Rouede devia por obrigação ter-se dedicado de corpo e alma a qualquer uma das muitas cousas para que elle tem talento.

Seria ainda maior se assim fizesse, porque ninguem possui concepção mais original, graça mais espontanea e mais facilidade na exposição.

Infelizmente, porém, elle tem talento de mais; tem talento para tudo e não pode de forma alguma resignar-se a uma especialidade.

ALUIZIO DE AZEVEDO.

100!

Cem numeros, leitor amigo, cem numeros completamos hoje. *A Semana* não é ainda uma folha centenaria; mas já é centi-numerica; o que não é pouco; o que já é muito; o que é muitissimo.

Se tivéssemos de renda semanal a renda *diaria* da ultima pagina do *Jornal do Commercio*, dariamos hoje um profuso *cópo d'agua*... de cerveja e vinhos (de uva), convidando os collegas da imprensa e os nossos benemeritos auxiliares a que viessem felicitar-nos effusiva e... espontaneamente.

Limita-se por isso *A Semana* a receber e agradecer, desde já, as saudações

sinceras de todos elles, com a modestia que lhe for possivel encontrar á venda no mercado... litterario, promettendo continuar a viver cada vez mais chibante e mais disposta para servil-os, se Deus lhe der saúde e... assignantes.

Não faremos hoje variações novas sobre o thema das difficuldades e dos sacrificios que temos arrostado e vendido para chegar até aqui. Elles devem ser do dominio publico. Não sabemos que haja presentemente no Brazil, nem mesmo em Portugal, nenhuma folha nas condições d'esta, com a sua duração.

Ha cem sabbados que, com uma pontualidade que tem desesperado varios chronometros humanos do commercio inglez d'esta praça, apparecemos ante os olhos avidos e a bocca aberta dos povos que se entregam ao luxo da lettra de forma.

Pederiamos provar tambem, por sentença de qualquer meritissimo juiz, que a edição ordinaria da nossa folha é de 4,500 exemplares, elevando-se de vez em quando, como hoje, a 5,321 e meio. Mas isso seria macaquear a nossa honrada e gentil collega que tem *Macaquinhos no sótão*. A imitação repugna-nos. A originalidade é o nosso scopo. Que o Brazil e a Europa nos acreditem sem outra prova mais que a nossa palavra honrada.

Fôra imperdoavel falta terminar estas mal traçadas linhas sem mais uma vez fazer publico que a assignatura d'*A Semana* custa por anno apenas 8\$000 para o municipio neutro e 10\$000 para os que o não são. Cada um d'esses assignantes abotoar-se-á com *Vinte Contos* de contado e que não foram postos á venda nos bancos de Laemmert, Garnier ou Serafim, nem em nenhum outro.

Fôra tambem falta grave não apresentarmos os nossos agradecimentos aos distinctos cavalheiros cujos nomes temos publicado e continuaremos a publicar na *Secção de honra* (Vide.)

E temos dicto.

A REDACÇÃO.

P. Scriptum:

Rua do Carmo, 36.

A. R.

HISTORIA DOS SETE DIAS

O que mais ruido fez nesta semana foi a historia do papelão do couraçado *Aquidaban*.

Eu a principio, no dia em que o *Diario de Noticias* denunciou gravemente a singular descoberta, fiz commigo mesmo as seguintes reflexões: Neste paiz de papel e scenographia não é de admirar que se mandem fazer couraçados de scenographia e papel... Sómente, para obter um resultado tão theatral não era preciso recorreremos aos estaleiros de Inglaterra; bastavamos ir ali á rua do Espirito Santo e encomendar o barco ao Dias Braga, que no drama *A filha do mar* apresen-

tou-nos um navio de repicaponto; seria mais commodo, mais barato e talvez a obra sahisse de melhores condições artisticas: serviria tanto para destruir a esquadra inimiga om tempo de guerra, como para *enterrar* uma peça maritima em tempo de paz, sendo que num caso, o navio receberia explosões de dynamite e noutro receberia explosões de palmas e bravos.

Depois lembrei-me ainda de outro recurso: o Governo conseguia o mesmo resultado com dois ou tres semestres do *Jornal do Commercio*: aquillo, bem dobradinho e acamado, era só dar-lhe o feitiço de barco; aquella prosa cerrada, espessa, impenetravel, resistiria melhor que o ferro e que o aço ás balas inimigas e ás abordagens de arma branca.

Mas não ha nada mais variavel do que o pensamento; mal tinha feito estas reflexões, um tanto sentimentaes e um tanto patuscas, quando me lembrei de que nos Estados Unidos ha verdadeiros navios de papelão, e que esta materia é hoje, até, creio que preferida para o fabrico de rodas de *wagons* e para outras applicações industriaes, em substituição do ferro. A ser assim, meditava eu, quem me diz que o papelão não seja mais resistente que o ferro, pela propria flexibilidade da sua natureza, e, por consequencia, de melhor proveito para o revestimento interno de um couraçado?

Interrompeu-me esta desordenada ordem de considerações um artigo do illustre professional Trajano de Carvalho, publicado no *O Paiz* de 25. Fiquei então sabendo que o papelão empregado chama-se papel *maché* e que é usado nos navios mercantes, para paineis de camara, e que nos navios de guerra emprega-se de preferencia á madeira « porque não se fende com as vibrações, percussões, mudanças de temperatura, etc, além de outras vantagens; no entanto que esse material, em paineis lisos, é mais caro do que a madeira. »

E conclue:

« Fica portanto sabido que não foi por fraude ou sordida economia que se empregou esse material. O que se fez no *Aquidaban* tambem foi feito no *Riachuelo*, e é o que farei e o que recomendo a S. Ex. (o ministro da marinha) que mande adoptar nos navios de guerra, que tiver de mandar construir. »

De maneira que nesta interessante questão de papel, só fez triste papel quem de bordo do *Aquidaban* trouxe a noticia do caso e a amostra que expoz o *Diario de Noticias*.

Não mais *choucoute!* deve ser o grito unisono dos Srs. allemães, agora, depois do caso de intero-colite de Cascadura.

Eu já desconfiava de que aquelle sabroso prato germanico era capaz de originar pavorosas revoluções, tanto sociaes como intestinaes; mas que elle se atrevesse a revolucionar a juncta de hygiene e a parodiá a cholerina, que é já uma parodia do cholera, isso é que nunca me passou pela idéia.

Eu sempre considerei o repolho como o Borgia das hortaliças e a salchicha como a Branvillier das carnes ensacadas. Quando pela vez primeira me apresentaram um prato de *choucoute*, que se compõe d'aquellas duas substancias toxicas, eu an lava desgostoso da vida e comi-o, comi-o com idéias de suicidio, comi-o como quem tomaria a barca de Nichtheroy ou um bond do Sacco do Alferes!

Entretanto não me aconteceu nada, absolutamente nada de anormal ou de estranho.

Agora, porém, que vemos as barbas

do visinho a arder, que sabemos da existencia do cholera em Buenos Ayres, não ha que fiar na *choucroute*; evitemol-a como o Canal do Mangue do cholera. Não mais *choucroute*, Srs. allemães!

A sentimentalidade lyrica da semana foi tangida pelo Sr. Arthur Gomes Ferreira que, talvez por não ter mais que fazer, raptou uma moça de uma fazenda do interior.

Certo que Arthur praticou um acto ignominioso e infamante, embora fizesse simultaneamente uma bella scena romantica.

Raptar uma donzella, seja-se principe ou cavador, não é um delicto irreparavel quando o raptor é solteiro; mas, segundo dizem as folhas de hontem, Arthur é casado, o que torna irreparavel o seu crime.

Existe, é verdade, a attenuante moral da paixão, quo é cega e irreflectida; ainda assim, porém, Arthur não poderá ser considerado um homem de bem. Mas, desde que o caso está affecto á policia, esta so pode proceder conforme ordena a lei. Ora, a lei diz explicitamente que Arthur não é criminoso, porque a raptada é maior e seguio o seu Arthur por livre vontade, sem a menor cocção. Elle quiz, ella quiz: elles quizeram. Lá se avenham. O que a policia não pode usar para com Arthur da violencia que tem usado: Para que conservar o homem preso, se elle, segundo a lei, não é criminoso, embora o não absolva o juizo do publico? Para que photographal-o, se elle não é gatuno e so aos gatunos é que é costume photographar?

A policia está, como quasi sempre, exorbitando e praticando uma violencia.

Em todo caso triste ha sempre uma face comica. A d'este é aquella *senhora edosa* de que falaram as folhas.

Este Arthur é um prodigioso heroe de romance: Ha apenas dois mezes que chegou da Bahia e já descobriu uma *senhora edosa* capaz de servir de tia a uma *Dulcinéa* apaixonada! Raro homem! Grande *bilontra*!

FILINDAL

MATER

(C. MENDES)

Deus, quando quiz fazer o homem, não foi buscar
A argilla de que o fez a um unico logar;
Para esse fim, buscou o barro, que disperso
Havia, pelos quatro extremos do Universo:
— Ao Sul, onde o brazeiro ardente do areal
Ao Capricornio fulge; a Leste, onde um sendal
De lux e rosas traja a natureza, e abate,
Roto em flores, no sólo, o esplendido açafate;
Ao Norte, onde, afiando as navalhas glaciaes,
Punge a invernada; e a Oeste, onde rugem brutaes
Tufões, e a rebombar rôlam, de fragua em fragua,
Nuens prenhes de fogo, e estoura a tromba de agua..
E assim ao Norte, a Leste, a Oeste e ao Sul, Deus quiz
Buscar a argilla, afim de que em nenhum paiz
Do Globo, e em parte alguma o pó da sepultura
Não desconheça nunca ao triste, que o procura;
Nem pergunte jamais a terra, com desdem,
Ao caçado viajor, quem é, nem d'onde vem;
Mas, como a um filho o accete, e, maternal, o acoitte
No seio, onde o homem durma « a eterna boa noite ».

RAYMUNDO CORREA.

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

Chegou de Lisboa e já foi exposto á venda o annuciado livro das nossas collaboradoras, D. D. Adelinha Amelia Lopes Vieira e Julia Lopes. A imprensa diaria recebeu esta pequena, mas—no seu genero—importantissima obra, com a devida homenagem ao seu merecimento. Os nossos leitores conhecem em parte os *Contos Infantis*, pois muitos d'esses primores viram primeiramente a luz nesta folha. E' de esperar que este delicioso livro tenha de publico o acolhimento a que tem direito.

Com elle se occupará brevemente *A Semana* em artigo especial.

O Sr. Barão de Paranapiacaba offereceu-nos o primeiro volume da sua versão das *Fabulas de La Fontaine*.

E' um trabalho pacientissimo, para o qual é preciso ser um poeta e um erudito. O illustre escriptor soube vencer todas as grandes dificuldades, e ahí temos nós em boa linguagem vernacula, em versos correctos e elegantes, os seis primeiros livros do grande poeta francez.

O 2º volume está no prelo. Aguardamol-o para mais demoradamente dizermos da obra.

Por agora felicitamos as letras patrias pelo grande serviço que acabam de receber do Sr. Barão de Paranapiacaba.

O Sr. Alfredo Alves enviou-nos do Porto um exemplar das suas *Folhas de hera*, elegantissimo volume de versos, prefaciado pelo nosso gentil collaborador Joaquim de Araujo.

O poeta das *Folhas d'hera* é um principiante de talento. Metrifica bem, tem uma certa segurança de linguagem e, por vezes, versos esplendidos. Falta-lhe, porém, uma grande qualidade — a originalidade. Sente-se na maior parte das suas poesias uma vivissima impressão de Gonçalves Crespo. Isto é natural em quem principia; tanto se deixa a gente enlevar por um mestre, que lhe segue os passos e assenta o pé nas mesmas pegadas.

Quando se libertar d'esta influencia estranha e trabalhar inteiramente por sua conta, o Sr. Alfredo Alves honrará com os seus versos a actual poesia portugueza.

De Campos remetteu-nos o Sr. Cecilio Lavra um volume do seu romance em verso *Angiolina*.

E' escripto em decasyllabos soltos. Infelizmente os defeitos de metrica começam logo no septimo verso:

« Nem uma lagrima siquer! Porem qu'importa »

e terminam no ultimo que, se não é errado, é deploravelmente fraco:

« No seio da infeliz — Angiolina! »

Ainda não tivemos tempo para ler todo o poema, que tem 98 paginas; não sabemos pois como está tractado o assumpto. Mais tarde veremos isso. F.

POESIA E POETAS

SERENATAS

Todas as vezes que tenho a fortuna de ler bons versos libo não sei que estranho e delicioso prazer. Parece-me que anjos mysteriosos osculam-me delicadamente a alma, e que tudo em

mim se purifica e se abre como uma camelia, em cuja corolla veio o orvalho despertar a vida que ahí adormecia tranquillamente.

Os bons versos vão-me ao intimo como encantadas e pequeninas frechas. Entra-me pelo coração toda a tristeza das suas maguas; vão-me rapidamente ao cerebro todo o irradiamento das suas alegrias. Vejo o que elles dizem e ouço o que elles sentem.

E' que a poesia, como bem diz Eugène Veron, é a mais humana e a mais completa de todas as artes. Com ella o espirito humano, como afirmou sabiamente Schiller, achura, por mais diversos que sejam os seus caminhos, meios ainda de se orientar e fugir ao frio glacial de uma velhice prematura. A poesia é aquella joven e formosissima Hebe que, no palacio de Jupiter, serve aos Deuses immortaes.

Feliz de quem sente em si a palpitación d'este que mysterioso que nasce com o homem e que fallo o possuidor affectivo do que é supinamento bello e religiosamente puro.

Poeta, para seres grande e para cantares, nada te falta! Os assumptos cruzam-se e encastellam-se como nuvens. Para cantar o homem canta-te a ti mesmo—os teus sonhos e os teus odios, tudo o que hoje te alegra, tudo o que amanhã te entristecerá. E terás, assim, tocando o coração humano, attingido a synthese do incomprehensivel. — E quando tudo te falte:

.... la nature est là, que t'invite et que t'aime.

Plonge-toi dans son sein qu'elle t'ouvre tousjours!

Quand tout change pour toi, la nature est la même:

Et le même soleil se leve sur tes jours.

A poesia, quer vistam-n'a como os romanticos, com uma «riqueza pobre» (permitta-se-me a exressão) de *ceus azues*, de *cicantes brisas edopa lida lua*, quer cubram-n'a, como deve ser, com as luxuosas vestes da palavra cinzelada, perfeitamente amoldada á idéa, como os parnasianos, será sempre a consoladora, o guia e a mais fiel companheira do homem.

Idolatro a poesia e bemdigo os bons, os grandes, os verdadeiros poetas.

Sejam estas palavras um desprentencioso anteloquo á opinião que vou expender sobre as *Serenatas* do Sr. João Saraiva, novel poeta portuguez que já tem por varias vezes honrado as columnas d'*A Semana* com trabalhos da sua lavra.

As *Serenatas* são um feixe de primeiros versos. E' um livro viçoso de mocidade, irisado de esperanças. Ha nelle collos de ondas azuladas que se encolhem, e que se encurvam para espumosamente se desdobrarem sobre praias de ouro; ha perolas que se escondem e se entremostrom felizes, nas suas delicadas conchas; ha nuvens de prata que erram sob um céu de turqueza; ha falas amorosas que se transformam em perfumado incenso e que em caprichosas espiraes se elevam e desaparecem em meio dos sonhos; ha segredos que, apenas revelados, embellezam-se e voam como borboletas que se desencazulam; e ha, finalmente, desejos que se confundem com o tremulo arrulo de pombos amorosos. Tudo isto é um trecho azulado da vida — é a mocidade.

E com effeito *Serenatas* é um livro de moço. Quem as escreveu tem a alma coberta pela poeira doirada e luminosa da primavera da vida. E' um sonhador. Bemdicos os que sonham assim:

CREPUSCULAR

Vejo poisar á tarde, se caminho
No mont' erguendo-me aos penhascos duros,
Duas pombas gentis, alvas de arminho,
Na seara loira das trigaes maduros.

Na curva azul-alaranjada e franca
O sol poente ensanguentado tomba...
Vês-me colher uma açucena branca,
Pensando em ti, meu coração de pomba!

E, quando a flôr collocas de mansinho
Das tranças fartas no aloirado abrigo,
As tuas alvas mãos, puras de arminho,
Lembram-me as pombas a poisar no trigo.

E' possível que alguns fanaticos notem
pobreza em o poeta ter repetido a rima
com que sonorisa a primeira quadra.
Eu vejo nesta repetição simplesmente
uma elegancia. Acho-a bonita.

E já que fui tirar esta pequena joia
ás *Serenatas*, julgo-me no dever de escol-
her e mostrar ainda outras aos meus
leitores.

Eis um delicioso

IDEAL CRUEL

Uma gentil princeza d'outras éras
Não tinha as formas ideaes, correctas,
Da que me inspira umas canções dilectas
E que conta dezoito primaveras.

A pedraria que um rajah encobre
Como um thesoiro fabuloso e raro.
Não tem valor algum, se eu a comparo
A' pedraria que ella, a rir, descobre!

Puz neste amor o meu maior disvelo...
Roubou talvez ás lyricas sereias
O seu cabello—uma doirada estriga!

Tem côr de neve e coração de gelo,
Essa em quem pulsa nas profundas veias
O sangue azul d'uma princeza antiga!

São feitos de verdadeiras e delicadas
perolas os versos d'este

COLLAR DE PEROLAS

Esse collar de perolas sem par,
Que te rodeia o collo assetinado,
Parece que rolou brando e magoado,
Dos teus formosos olhos ao chorar...

Foram rolando as lagrymas e acharam
O teu seio tão pallido e tão frio,
Que, apenas a mais limpida cahio,
As pobresitas, tremulas, gelaram!

Agora, que o Sr. Saraiva me perdoe
as seguintes pequenas observações,
crente de que não as faria se o seu
livro não me descortinasse todo o hor-
izonte illuminado e intermino do seu
bellissimo talento poetico: Na poesia
Primavera, onde a idéja fuzila como um
astro e o verso é facil e correntio, des-
agradou-me o agudo ligado á ultima
quadra, quando as anteriores são todas
breves; nas *Ruinias* dá-se o mesmo, es-
tando porem a quadra em agudo inter-
calada; nas quadrinhas *Morta* os
agudos são perfeitamente distribuidos
até que desaparecem totalmente na
ultima quadrinha, sem elegancia al-
guma. Ha alguns versos asperos e
outros demasiado frouxos, mas poucos.

A' parte estes senões, que em outros
versos o novel poeta portuguez com
certeza não deixará apparecer, só me
cumpre, em nome d'*A Semana*, recom-
mendando esta obra aos seus leitores,
dar parabens á litteratura portugueza
por mais esta diamantina penna que
tem ao seu serviço e saudar no bello
auctor das *Serenatas* o esplendido e cor-
rectissimo poeta de amanhã.

ALFREDO DE SOUZA

GAZETILHA MEDICA

EMPREGO DO SULFATO DE Q. Q. NA PNEU-
MONIA.

O Dr. Atkinson é de opinião, refere a
« *G. de Therapeutica* », que em quasi
todos os casos de pneumonia o empre-
go da quinina impede o progresso da
molestia e determina rapidamente a
sua resolução.

Consiste o tractamento em dar aos
adultos, de 3 em 3 ou de 4 em 4 horas,
segundo a gravidade do caso, 12 cen-
tigrammas de sulfato de q. q. addicio-
nados ao acido bromhydrico, e acres-
centar algumas gottas de tintura de
digitalis, se houver delirio.

Se ha depositos de grande quantidade
de uratos na urina, alterna-se a qui-
nina com o citrato de potassio.

O Dr. Stewart Locke tambem dá
grande valor ao uso do sulfato de q. q.
na pneumonia. Quando a febre excede
a 39º, elle emprega a quinina na dose
de 60 centigrammas á noite, e de 30
durante o dia. A dose deve ser augmen-
tada, se as precedentes não consegui-
rem abaixar a temperatura. E' impor-
tante, quando se administrar a qui-
nina pela bocca, em doses altas, fazel-a
tomar depois da refeição e dividir as
doses em intervallos de 20 a 30 minutos.
Quando houver intolerancia gastrica,
administra-se o medicamento pelo recto
ou pela via hypodermica.

DR. SAHEN

PENAS DE AMOR

*Em mim tambem, que descuidado vistes,
Encantado e augmentando o proprio encanto,
Tereis notado que outras cousas canto
Muito diversas das que outr'ora ouvistes.*

*Mas amastes, sem duvida... Portanto
Meditae nas tristezas que sentistes:
Que eu por mim não conheço cousas tristes
Que mais afflijam, que torturem tanto.*

*Quem ama inventa as penas em que vive;
E, em logar de acalmar as penas, antes
Busca um novo pezar com que as arove...*

*Pois sabei que é por isso que assim ando:
E' dos loucos somente e dos amantes
Na maior alegria estar chorando.*

OLAVO BILAC.

JORNALS E REVISTAS

Vem magnifico o n. 3 do *Rataplam*.
Caricaturas muito engraçadas e muito
bem feitas, com originalidade e estylo.
Na ultima pagina occupa o « *Pantheon* »
um admiravel retrato de D. Amanda
Paranaguá Doria, soberbamente dese-
nhado por Decio Villares.

Forma um volume de 260 paginas a
Revista trimestral do Instituto Historico,
correspondente ao 3º trimestre do anno
corrente.

S.

INSEPARAVEL

A D. ALICE LOPES

O' minha doce irman... Que digo? Minha?
Irman do sol é que tu és, graciosa,
Immarcessivel flor, purpurea rosa;
Brilhante colibri, meiga andorinha!

O' minha doce irman, que tão asinha,
Demandando a paragem deleitosa
Onde tudo que ha grande e bom se gosa,
Me deixaste a minh'alma tão sósinha;

O' minha doce irman, loira criança
Trefega e boa como nunca vi,
Luz promissora, candida esperanza;

O' minha doce irman, num ermo aqui
Fiquei, mas corre e vóa e não se cança
Meu pensamento sempre ao pé de ti.

21 de Novembro de 86.

FILINTO D'ALMEIDA

THEATROS

RECREIO

A empresa do Recreio Dramatico fes-
tejou com muito brilhantismo, na noi-
te de 21 do corrente, o seu terceiro an-
niversario.

O theatro estava caprichosamente
ornamentado e illuminado por mui-
tissimos balões venezianos e fôcos ele-
ctricos.

Durante um dos intervallos d'*A Mar-
tyr*, drama escolhido pela empresa para
a sua festa, orou o nosso collega da
Gazeta da Tarde José de Patrocinio em
resposta ás entusiasticas palavras dos
actores Abreu e Maia, que tiveram a
gentileza de atirar ao publico os bou-
quets que atapetavam o palco.

Por essa occasião foi distribuido o n.
7 do *Gryphus*, cuja pagina central era
uma homenagem de apreço ás actrizes
e actores e a alguns auctores e tradu-
tores de peças representadas pela mes-
ma empresa. Foi grave injustiça não
terem figurado nessa pagina alguns
actores a quem muito deve o *Recreio*,
especialmente Helena Cavalier e Euge-
nio de Magalhães e alguns auctores e
traductores como Henrique Chaves e
Azeredo Coutinho, mas especialmente
Aluizio Azevedo, auctor do unico dra-
ma nacional representado pela empresa.

Ao Dias Braga e a toda a empresa do
Recreio felicitamos com verdadeiro
jubilo.

PRINCIPE IMPERIAL

Uma nova companhia de opereta,
dirigida pelo actor Machado, represen-
tou no theatro Principe Imperial, na
ultima quarta-feira, o conhecido *Sino
do Eremitario*, em que outr'ora tantos
triumphos obteve a finada actriz Esther
de Carvalho.

Não faltaram applausos aos artistas
que se encarregaram dos principaes
papeis, — Marion Andréé, Manarezzi,
Machado, Dominique, — e o publico sahio
satisfeito com a encenação da peça,
que parece destinada a uma nova e bri-
lhante carreira.

A SEMANA

385

Pena foi que a orchestra e os côros intentassem divorcio por algumas vezes. O habil maestro Carvalho, porém, conduzirá todos a porto de salvamento.

Subio á scena em Paris, no Theatro Francez, em fins de outubro, a nova comedia de Richopin — *Monsieur Scapin*, em 3 actos. Tem duas grandes qualidades: — imaginação e alegria. É uma imitação da comedia italiana, porem modernizada e com uma bella execução poetica.

SANT'ANNA

A *Befana* tem continuado a agradar muito.

*

No dia 29, segunda-feira, representa-se mais uma vez a bella opereta de Abdou Milanez — *O heroe á força*.

Não é, porém, um espectáculo ordinario: a recita é do auctor.

Eis uma bella occasião para o publico manifestar ao joven maestro brasileiro a consideração em que o tem.

PHENIX DRAMATICA

A empreza d'este theatro dá amanhã de tarde um espectáculo em homenagem á estudiosa actriz Luiza Leonardo. Representa-se *A mãe dos escravos*, peça em que também muito se distingue o actor Pestana, no papel de Saint-Clair.

P. TALMA

VERSOS A UM VELHO

A FILINTO DE ALMEIDA

Quando ella o olhava, sobre a noite escura
Da sua vida, a luz dos olhos d'ella
Cahia como a luz sublime e pura
De esplendorosos céus, d'alguma estrella.

Ah! pobre velho e a tua filha é morta!
Vejo-a a dormir em thalamo enfeitado,
Enquanto um anjo a espera á grande porta
Do céu para acorda-la deslumbrado.

E tua filha, o' velho, é tão formosa!
A propria morte, ao vel-a assim sem vida,
De joelhos, curvada e respeitosa,
Talvez esteja, o' velho, arrependida!

Os seus cabellos loiros entre flôres,
Esparsos neste esquife que lhe deste.
São tão lindos e tão encantadores!
— Triste velho, que filha que tiveste!...

E essa lagryma enorme em tua face!
Choras e, certo, já choraste tanto!
Muitas vezes talvez ella chorasse
Com extremosa pena de teu pranto.

Eu vou leva-la á sepultura e, quando
Voltar, hei-de também sentir contigo
Uma grande saudade e, soluçando,
Meu pranto irei deixar em seu jazigo.

Mas, perguntas decerto: «Porque chora?
Porque é que o pranto nos seus olhos brilha?»
É que fugiu também a minha aurora,
É que eu amava a tua pobre filha!

ARTHUR MENDES

9 de Novembro de 1886.

SPORT

Realisou o *Jockey Club*, no domingo passado, a sua ultima corrida annual com bastante animação e regular concurrencia. Os pareos foram regularmente disputados. Eis o resultado:

No 1º pareo (1450 metros) *Odalisca*, em 101 segundos, venceu com facilidade os seus competidores. *Intima* chegou em 2º, *Peralta II*, em 3º, *Vampa*, em 4º, *Orpheu*, *Bonita* e *Pirata* vieram na bagagem. *Baccarat II* não correu.

No 2º pareo (1600 metros) *Salvatus*, em 110 segundos, venceu com alguma facilidade *Diomede*, que chegou em 2º, e *Exhibitor*, que é bacante. Por enquanto nada diremos relativamente ás suas forças.

No 3º pareo (1.450 metros) *Nicoast*, em 100 segundos, inãu tempo, e inesperadamente, venceu os seus competidores. *Araby* chegou em 2º e manco. *Biscaia* em 3º, *Regina* em 4º e *Druid* em ultimo lugar, por maroteira do jockey. O digno proprietario não se demittiu, como também participou á directoria e pediu punição. Consta-nos que o dito jockey será suspenso.

No 4º pareo (1.450 metros) *Odalisca*, em 98 segundos, confirmou a sua grande superioridade como animal nacional de meio sangue, derrotando parelheiros estrangeiros de puro sangue. *Echoron* chegou em 2º e completamente esgotado. *Castellione* na bagagem. *Alfredo* não correu.

No 5º pareo (1.800 metros) *Scylla* em 123 segundos, venceu *Satan*, que por conchavo estava designado para ganhar. Esta maroteira foi visivelmente posta em pratica, porem falhou, ficando os musicos a ver navios. *Dignitaire*, que chegou em 3º, ficou manco e naturalmente liquidado, visto já ter um dos tendões das mãos inutilizado.

No 6º pareo (3.200 metros) *Fileuse*, animal de trote e muito superior aos seus competidores, venceu facilmente, em 9 minutos e 20 segundos, montado pelo seu proprietario, o Sr. Alfredo Michel. *Galatêa* em 2º e *Gentleman* um pouco distante. Os tres amadores tiveram cada um uma joia. *Camomilla* e *Bismark* não correram.

No 7º pareo (2.000 metros, *handicap*) *Martin*, em 138 segundos, fez uma brilhante corrida. *Baioco* perdeu apenas por cabeça; chegou em 2º. *Dignitaire*, que chegou em 3º, sahiu da raia completamente manco da mão esquerda; já esperavamos este desgosto em alguma corrida forte. *Gaudriole*, *Druid* e *Peruana* chegaram distantes, não merecendo classificação.

Com um monumental programma, perfeitamente organizado e completamente preenchido por parelheiros superiores, de todas as forças e de todas as qualidades, realiza amanhã mais uma esplendida corrida o florescente Derby-Club.

O pareo Grande Premio — Cosmos Handicap — não poderia ser melhor preenchido; alistaram-se animaes de reconhecida filiação e de grande força, neste tiro de 2.000 metros.

Parabens ao Derby-Club.

L. M. BASTOS

SECÇÃO DE HONRA

Como prova de reconhecimento ás pessoas que se dignaram de nos auxiliar com suas assignaturas desde a fundação d'*A Semana*, e que se acham quites para com esta empreza, continuamos a publicar nesta secção de honra, iniciada em o n. 99, uma relação

dos seus nomes, á qual serão também adicionados os dos cavalleiros que, sendo igualmente assignantes desde o inicio da publicação d'esta folha, vierem ou mandarem quitar-se até 31 de Dezembro proximo futuro.

S. PAULO

Adriano Arnaldo Vieira.
Domingos José Coelho.
Alvaro de Araujo.
José Marcelino de Souza.
Bento Guimarães.
Gabriel Rebouças Lemos.
Agostinho de Souza Loureiro.
Joaquim Pires de Oliveira Dias.
Francisco de Arruda Machado.
Joaquim de Salles Pinho.
José Duarte Rodrigues (Commendador).
Arthur Corrêa de Moraes.
Alberto Pereira Leite.
Bernardino Pinheiro Torres,
Francisco Luiz da Silva.

PARAIBA DO SUL

Victor Gallo.
Bernardino Joaquim Pacheco.
Diogo Gomes Coelho Albuquerque.
Dr. Martinho de Freitas Vieira.
Dr. Henrique José de Mattos.
Conrado Jacarandá.

BARREIROS (PERNAMBUCO)

Dr. Caldas Barreto.

CACHOEIRA DE MACACU

Pedro Oliveira Marques.

REZENDE

D. Narciza Amalia.
Antonio F. Gonçalves Bastos.

(Continúa)

FACTOS E NOTICIAS

Regressou da sua viagem a Montevideu o illustre moço Dr. Affonso Celso Junior em companhia de seu pae.

FAIANÇAS—BORDALLO.

Na importante casa de porcelanas e christaes dos Srs. Cypriano & C., na rua da Quitanda, esquina da do Hospicio, acham-se expostos á venda alguns preciosos artefactos da fabrica de faianças das Caldas da Rainha, de que é director artistico o estupendo caricaturista Raphael Bordallo Pinheiro. São lindissimos os modelos e admiravelmente trabalhados.

Em todos elles, — nas grandes jardineiras e nos enormes vasos como nos pequenos cinzeiros e castiças, — admira-se finissimo gosto artistico, concepção variada, caprichosa e original, extrema graça e rara pujança de execução. As formas são o que se possa imaginar de mais bizarro, de mais gracioso e de mais delicado. Além de tudo isso nota-se ainda a escrupulosa fidelidade com que foram imitados do natural todos esses primores.

Conchas, flôres, molluscos, reptis, folhagens, insectos, fructas, emfim, todos os ornatos são de um naturalismo artistico surprehendente; forma, côr, aspecto, detalhes, tudo revela o amor da verdade, que é a característica dos grandes e verdadeiros artistas.

O barro, que é de superior qualidade, é perfeitamente cosido, afeiçãoado, vidrado e colorido.

Todas essas qualidades collocam as faianças—Bordallo entre as melhores que hoje se fabricam na Europa.

S. P. DAS BELLAS ARTES

Esta benemerita sociedade, cujo fim é sustentar o importante Lyceu de Artes e Officios, celebrou no dia 23, com uma esplendida festa, no theatro D. Pedro II, o seu 3º anniversario.

Depois que chegou a familia imperial foi aberta sessão, presidida pelo Sr. commendador Victorino de Barros, e em seguida a directoria procedeu á entrega dos premios aos alumnos e alumnas do Lyceu.

Por ser longa a distribuição, foi interrompida para dar logar a um bello concerto, em que tomaram parte Felix Bernardelli e Queiroz, tocando aquelle rabeça e este piano, ambos acompanhados pela orchestra, regida pelo maestro Gravenstein. Seguiu-se um côro cantado pela Sociedade Coral Franceza, e um solo de flauta pelo Sr. Gregorio do Couto. A meia noite terminou a esplendida festividade ao som do hymno nacional.

O theatro estava deslumbrantemente adornado de escudos, festões, bandeiras e grande quantidade de bicos de gaz.

A Bethencourt da Silva, o grande director do Lyceu, damos sinceros parabens pela maneira brilhante com que celebrou o anniversario da S. P. das Bellas Artes.

No dia 8 do mez de Dezembro effectuar-se-á em S. Paulo uma sessão civica, em homenagem á memoria de Senador José Bonifacio.

A commissão organisadora d'esta solemnidade, da qual é secretario o Dr. Clinaco Barboza, pretende publicar em folhetos os discursos que forem pronunciados por aquella occasião, expondo-os á venda, e converter o seu producto em cartas de liberdade.

Bellissima idéa.

Agradecemos o convite com que fomos honrados.

Partiu para Juiz de Fora, depois de uma curta estada nesta Côrte, o Sr. Dr. Feliciano Penido, juiz municipal naquella localidade.

COLLEGIO ABILIO

Os jornaes diarios foram unanimes hontem em censurar energicamente, alguns mesmo com violencia, o facto de haver sido castigado corporalmente no acreditado collegio Abilio um menino de 12 annos, filho do Sr. Reginaldo Gomes da Cunha, que mostrou as sevicias no corpo do menino aos redactores das folhas, dizendo haverem sido feitas com *chicote*. Esta noticia causou-nos grande estranheza pois sabemos, por haver-mos visto e por informações insuspeitas, que as unicas penas admittidas nesse collegio são — perda de recreios com trabalhos de escripta, privações de sahidas e censuras publicas ou particulares, não tendo o collegio *cafúa*.

Felizmente a explicação por elle enviada á imprensa, e que em seguida inserimos, explica o facto. Esta declaração está escripta com altiva serenidade, independencia e franqueza. Entre as palavras do menino, que disse ter sido o *chicote* a arma empregada, e a palavra de honra do Dr. Abilio, que com

ella nos affirma ter sido uma bengaliinha de junco, não hesitamos um só instante. Quem souber que monstrosinhos de perversidade se encontram em um collegio, entre as crianças de boa intole, comprehendendo o lamentavel assomo de colera e indignação do Dr. Abilio, talvez possa desculpar-lh'o.

Se os proprios paes não podem conter-se em taes circumstancias, como não desculpar um director de collegio a cujo cargo estão a instrucção e a moralidade de centenas de crianças?

Eis a declaração do Dr. Joaquim Abilio:

« AO PUBLICO

Não me incomodei com o procedimento que teve o Sr. Reginaldo Gomes da Cunha, dando publicidade ao facto do castigo physico, que infligi a seu filho, porque tal divulgação, ao passo que prejudica a SS. e principalmente ao menino, só aproveita aos meus creditos de zeloso educador.

Na corrupção dos costumes, que infelizmente lavra em nossa sociedade, só uma severidade exemplar pôde impedir certas offensas á moral.

Por isso é que no Collegio Abilio, onde a lei tradicional tem sido a abolição dos castigos physicos na educação dos meninos, ficaram elles reservados para os crimes contra a innocencia d'estes.

Assim vi praticar sempre meu venerando pae, sob cuja direcção me eduquei, e cujas lições e exemplos aprendi, sigo e seguirei sempre.

Fique, pois, bem assentado que applicarei sempre os castigos physicos aos alumnos que commetterem actos immoraes, proporcionando-os á gravidade d'estes e á idade dos delinquentes. Neste ponto, sou e serei sempre intransigente, como foi e é meu prezado pae.

A immoralidade não ha de reinar jámais no Collegio Abilio.

Ha cerca de quatro annos que dirijo o Collegio Abilio da Corte, e foi esta a primeira vez, que, indignado pelo cynismo do menino, me vi na dura necessidade de empregar o castigo physico, o qual, entretanto, não passou de duas ou tres vergastadas com uma bengaliinha de junco que se achava em meu escriptorio.

Já o anno atrazado, quando eu ainda não havia assumido a direcção total do Collegio Abilio da Corte, teve meu respeitavel pae de punir physicamente, por facto identico, a quatro alumnos, entre os quaes estava o filho do Sr. Reginaldo Gomes da Cunha.

Nunca em meu collegio se deram chicotadas, nem bofetadas ou ponta-pés, segundo falsamente referiu o menino Cunha aos jornaes d'esta cidade.

Não preciso de appellar para o testemunho de meus discipulos ou professores.

A despeito de tudo, devo declarar sinceramente que o filho do Sr. Reginaldo Gomes da Cunha, além da preguiça intellectual que o caracteriza, a ponto de, no espaço de mais de quatro annos, quasi nenhum adiantamento haver alcançado, tem se revelado um menino de má indole, attentas certas infracções graves de diversos generos, que ha commettido, e para com as quaes fui constantemente indulgente; e, se não fosse a minha grande condescendencia, já de certo o teria expulsado.

Desde que, porém, chegou a praticar os actos indecorosos, que eu e meu venerando pae procurámos a todo custo reprimir, cada um de nós, por sua vez, não se pôde conter.

O Sr. Reginaldo Gomes da Cunha, como pae, deveria ter procedido da mesma maneira.

Eis a exposição verdadeira do incidente.

Os Srs. paes que não approvarem este meu modo de educar, do qual jamais me affastarei, que me não confiem seus filhos.

Um director serio não pode deixar de ter rigor, bem entendido, para com os discipulos immoraes e insolentes. — Joaquim Abilio. »

CORREIO

— Sr. Mario. Vemos, pelas sextilhas que nos enviou, que o Sr., conforme lhe aconselhámos no numero 12 d' *A Semana*, (ha que tempo que foi isso!) tem estudado e trabalhado. Este trabalho seu, que temos presente, é sempre alguma cousa superior ao primeiro; comtudo, longe de nos a idéa de considerá-lo um primor. Para que se não entristeça de todo, de novo lhe aconselhamos que se atire ao estudo e ao trabalho com unhas e dentes, que, quando menos esperar... a posteridade será sua.

— Sr. Heitor Guimarães. A sua fantasia em prosa— *Origem dos astros*, com o sub-titulo de *Astronomophobia*, pecca sómente por não ter sido escripta com estylo e por se haver derramado por cinco longas tiras. Que ella é uma prova de que o Sr. possui imaginação e boa vontade, não resta duvida. Pudesse o Sr. dispor de louçanias de linguagem, que com esta idéa teria feito bichas. Tanto ella me agradou que não resisti á tentação de engaiolal-a num soneto.

Ahi vae, pois, a prosa da sua fantasia, que, por meio da phrase fatidica dos pelotiqueiros « 1, 2, 3... passe! », transformei em uma fantasia em verso:

ORIGEM DOS ASTROS

(Ao Sr. Heitor Guimarães)

Phæbo e Diana, — um casal de consortes; — adora Diana a Phæbo, porém Phæbo não ama a Diana... Acorrentado pela ambição deshumana, Almeja o fausto, quer brilhar mais do que a Aurora!

Vem um anjo e o conduz, pela amplidão sonora, Ao Azul, que, no brilho, imita a porcelana; Fal-o sol, e elle, audaz, verte a luz meridiana! E, longe, ao vel-o, a esposa, em dôr immersa, chora!..

Porém vindo-a a regar de pranto as faces bellas, Deus em Lua a transforma e na noite, a enclausura, Em volta d'ella jondo os filhos: — as estrellas.

E — enquanto lucta o sol contra a negra muralha Que a occulta, em vão, — de ródio, o pranto da amargura,

As flôres dos vergeis, ella, pallida, orvalha...

— Sr. Feanmore Noir. Tenha paciencia, meu amigo, mas-as suas definições não estão nada boas; não valem mesmo metade de dois caracões.

Desengane-se o Sr.: por mais que o queira, não dá para dictionario. D'ellas, todavia, é menos má a seguinte:

COSTUREIRA. Rapariga que nos descose a bolsa e nos alinhava o coração. Console-se com esta e dê-se por muito feliz! Porque esta mesmo... cala-te bocca!

— Sr. José Manoel de Mello. (S. Paulo.) Ia eu muito calmamente escorregando a vista pelo seu soneto, quando esbarrei com este verso:

Quero ver já cavada a sepultura.» — e senti então um tal nó na guela, que, se continuasse a ler, desataria num berreiro de todos os diabos!

— Sr. K. Rioca. (Musambinho) Saudades é o titulo da sua poesia... D'ella transcrevo esta quadra, quadrangularmente bella:

« Já o sol lá vai, nas purpuras dobras
De rosea nuvem, mergulhar sa idoso
Seus funereos raios, pouco a pouco morrer
Depois só vê-se um clarão formoso! »

— Sr. Leopoldo Eugenio. Sempre lhe digo que se a sua mercadoria for tão bonita como o seu nome, estará tudo arranjadinho da Silva. Vejamos. Furação é o titulo da coisa...

Basta esta amostrinha (para fazer espirrar):

« A manobra! grita em vão, ninguém acode.
O mar, a gente suas... »

Lá isto é verdade. Realmente a gente sua por todos os poros com semelhante estopada!

— Sr. Alberto Pimentel. Queira mandar-nos nova copia do seu soneto; pois que o maroto, da sala de espera, — onde aguardava o momento de penetrar no salão da *Collaboração*, — deu ás de Villa-Diogo sem mais cerimonia; desapareceu com a mesma rapidez com que o Galvão, mettido no pellego do mephistophelico Lusbel, desaparece nos *Milagres de Santo Antonio*. Não será máu, porém, se o meu amigo, antes de mandar de novo o seu *Castello Feudal*, lhe fizer alguns reparos nas ogivas, nos capiteis e mesmo no frontispicio. Enquanto á demora... que se lhe ha de fazer?! Não vê a falta de espaço? Ha de convir que um castello, e feudal ainda por cima, não se pode encaixar ahí em qualquer cantinho.

— Sr. Pedro da Matta Machado. (S. Paulo) O Sr. conhece aquelles versos do Nicoláu Tolentino:

« Vae misero » etc. e tal...?

Pois é com elles que lhe respondo.

ENRICO.

CORREIO DA GERENCIA

Sr. J. MAGNO — Côte. Temos colleções d'A Semana, do anno de 1895, elegantemente encadernadas, a 15\$000 cada uma.

Aos Srs. João Gomes Ribeiro, Ireneu Portugal e João Rodrigues de Brito rogamos o favor de prestarem attenção ao que lhes temos pedido.

N'este escriptorio compram-se exemplares dos ns. 1, 2 e 20 d'A Semana, a 500 rs. cada um.

Sr. L. DE CARVALHO—Curityba—Tem V. S. muita razão. O que nos diz é perfeitamente exacto.

Sr. J. G. L. DE CARVALHO—Vassouras—Vai pelo correio o premio *Vinte Contos*. A assignatura de V. S. venceu-se em 30 de Setembro do corrente anno.

Sr. B. C. PINTO—Barbacena—Sim, senhor. Custa 6\$000.

Sr. ALMEIDA—Jacarépaguá—Queira V. S. remetter-nos as folhas não reclamadas pelo Sr. Oliveira.

Sr. J. J. BRAGA—Estação de Caldas—Ignoravamos a existencia do recibo a que V. S. se refere, passado por um dos nossos ex-agentes. Tem, no entanto, todo o valor.

Sr. J. F. SA JUNIOR—Nitheroy—Foram tão gentis as explicações com que V. S. nos honrou, que seria uma indelicadeza não nos confessarmos eternamente... (pelo menos até ao fim d'este anno) reconhecidos por ellas. Aceite, pois, V. S. a nossa confissão de reconhecimento.

RECEBEMOS

— *Vergontear*, poesia de Juvenal Martins; edictor Serafim José Alves; fasciculo n. 1.

— *These de concurso*, para a cadeira vaga de Francez da Escola Militar, pelo Dr. Alfredo Gomes.

— *Processo de injurias* impressas, instaurado por Serafim José Alves contra o Dr. Joaquim José de Carvalho filho.

— *Discurso* do Dr. Joaquim Abilio Borges pronunciado para recepção do viajante africano John Payne na sociedade de Geographia do Rio de Janeiro.

— *Revista do Observatorio* anno 1º, n. 11, Novembro.

— *Fabulas de La Fontaine*, fascs. n. 17, 18 e 19 e *Gil Braz de Santilhana*, fascs. n. 17, 18 e 19, com um bello chromo. (Edictor — David Corazzi)

— Da casa *Au Petit Journal*, o ultimo n. do *Le Salon de la Mode*, correspondente ao dia de hoje.

Da casa edictora David Corazzi:

Mais dois volumes da benemerita «Bibliothéca do Povo e das Escolas: (135 e 137)». O *archilepago dos Açores* e *A unidade na Natureza*, aquelle por Julio de Castilho e este pelo professor Rodrigo de Boaventura Martins Pereira.

— *O Occidente*, n. 282; traz na primeira pagina o retrato de D. José III, cardeal patriarcha de Lisboa; muito boa a *Chronica Occidental*.

— *O Mequetrefe*, n. 420.

— *A Illustração*; n. 19 do 3º volume. Magnificas gravuras, principalmente a grande, central, *O filho do herde*, quadro de Fournier.

— Convite para assistir ás experiencias que se farão no dia 29, no Campo Grande, sobre o systema de artilharia Bang.

ANNUNCIOS

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúna, 31, do meio-dia ás 2 horas.

Dr. João Botelho, medico e operador; molestias venereas, syphiliticas e das vias urinarias. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicções medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 51, por cima da antiga pharmacia Fragoso, das 12 ás 3 horas.

GAZETA LITTERARIA

Director e Proprietario

ALFREDO DE PAIVA

REVISTA MENSAL — REDACÇÃO EM PETROPOLIS

Letras, Sciencias, Artes, Industria, Commercio. Collaborada por distinctos escriptores e homens de letras.

O 4º numero sahirá em janeiro proximo futuro, constando d'ahi em diante de 8 pag. papel superior, nitida impressão. Serão distribuidos supplementos, gravuras, etc. aos assignantes.

E' correspondente da *Gazeta Litteraria*, em Paris, o Sr. A. d'Oliveira Costa, director do *Courrier de Paris* e socio da *Agence de Publicité E'trangère*.

ASSIGNATURAS

5\$000 por anno — 500 rs. n. avulso

(Pagamento adiantado)

Toda a pessoa que agenciar 10 assignaturas terá direito a uma gratis.

ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade de seu genero o *Café Oriente*. A fabrica a vapor de Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25

9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta—annuncio.

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executa las com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

COLLEGIO SÃO PEDRO DE ALCANTARA

EM PETROPOLIS

Reabrir-se-ha no dia 1 de Janeiro de 1897 este segundo estabelecimento, debaixo da direcção do Dr. A. Zeferino Candido.

O collegio da Côte continúa, como até aqui, a cargo do director João Lopes Chaves e com o seu antigo pessoal.

As condições de admissão, preços programmas, methodos e disciplina são perfeitamente eguaes para os dous estabelecimentos. E' facultativa a escolha do collegio para todos os alumnos.

No inverno descerão para o collegio da Côte, acompanhados pelo seu director e mestres, os alumnos de Petropolis, para continuarem sem alteração os seus trabalhos.

Informações, matriculas desde já, no Collegio S. Pedro de Alcantara, na Côte.

RUA DE S. CLEMENTE N. 30

OS DIRECTORES

A. Zeferino Candido.
João Lopes Chaves.

DERBY-CLUB

PROGRAMA DA 5ª CORRIDA EXTRAORDINARIA A REALIZAR-SE EM 28 DE NOVEMBRO DE 1886

GRANDE PREMIO--COSMOS--HANDICAP

A's 11 1/2 horas — 1º pareo — ESTRADA DE FERRO D. PEDRO II — 1.200 metros — Animas do paiz de menos de meio sangue, excepto osque tenham ganho outros pareos — Premios: 250\$ ao primeiro, 50\$ ao segundo e 25\$ ao terceiro.

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIO
1	Bolíero.....	Castanho....	3 annos	R. Gr. do Sul.	53 kilos	Encarnado e ouro.....	A. M. S. L.
2	Zaire.....	Gateado.....	4 »	Paraná.....	54 »	Ros e ouro.....	Coudelaria Amadores
3	Savana.....	Castanho....	4 »	Rio Grande...	53 »	Grénat e rosa.....	F. G.
4	Tardia.....	Zaino.....	5 »	Paraná.....	55 »	Grénat e azul.....	H. J. da Silva.
5	Africano.....	Preto.....	4 »	Idem.....	54 »	Preto e encarnado.....	Idem.

A's 12 1/4 horas — 2º pareo — LEMGRUBER — 1.450 metros — Inteiros o eguas de qualquer paiz que não tenham ganho este anno no Derby-Club — Premios: 500\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

1	Madama.....	Alazão.....	3 annos	França.....	47 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coud. Cruzeiro.
2	Malstron.....	Castanho....	3 »	Ingl terra...	49 »	Grénat e perola.....	Coud. Rio de Janeiro.
3	Exhibitor.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	49 »	Grénat e bonet ouro.....	Oscar de Aguiar.
4	Caíta.....	Castanho....	3 »	47 »	Azul.....	F. Guimarães.

A' 1 hora — 3º pareo — VELOCIDADE — 1.000 metros — Animas do paiz até meio sangue — Premios: 400\$ ao primeiro, 80\$ ao segundo e 40\$ ao terceiro

1	Orpheo.....	Preto.....	5 annos	S. Paulo.....	56 kilos	Vermelho e bonet preto.....	J. Lemos.
2	Biscaia.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	53 »	Azul e ouro.....	J. Guimarães.
3	Vampa.....	Zaino.....	4 »	R. Gr. do Sul.	54 »	Grénat e manchas azues...	Coudelaria Paraiso.
4	Kally.....	Castanho....	3 »	R. de Janeiro.	50 »	Grénat e lirio.....	D. A.
5	Aymoré.....	Idem.....	5 »	S. Paulo.....	58 »	Grénat e perola.....	Coud. Rio de Janeiro.
6	Druid.....	Tordilho....	4 »	R. de Janeiro.	54 »	Branco e bonét encarnado.	Oliv. Junior & Lopes.
7	Sartarelle.....	Preto.....	5 »	Paraná.....	56 »	Geranium e ouro.....	J. W.
8	Paulicéa.....	Castanho....	4 »	S. Paulo.....	53 »	Encarnado, branco e ouro..	Coud. Paulista.
9	Ivon.....	Zaino.....	4 »	Paraná.....	56 »	Encarnado preto e branco.	C. P.

A' 1 1/2 hora — 4º pareo — EXTRA — 1.200 metros — Poldros e poldras estrangeiros de 2 annos — Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro.

1	Phénicia.....	Alazão.....	2 annos	Inglaterra...	48 kilos	Encarn. e mangas azues...	J. Sampaio Junior.
2	Frou-Frou.....	Zaino.....	2 »	França.....	46 »	Grénat e perola.....	Coud. Rio de Janeiro.
3	Echoron.....	Idem.....	2 »	Idem.....	47 »	Azul, branco e grénat.....	S. M.
4	Pancy.....	Idem.....	2 »	Rio da Prata.	46 »	Cereja, verde e amarello...	V. M.
5	Alfredo.....	Castanho....	2 »	França.....	47 »	Azul e preto.....	Coud. da Bocaina.

As 2 1/2 horas — 5º pareo — EXCELSIOR — 1.609 metros — Poldros e poldras nacionaes de 3 annos — Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

1	Monitor.....	Castanho....	3 annos	S. Paulo.....	51 kilos	Azul, branco e encarnado.	Coud. Cruzeiro.
2	Plutus.....	Idem.....	3 »	Idem.....	53 »	Azul branco encarn. e faixa	Idem.
3	Odalisca.....	Pampa.....	3 »	Idem.....	51 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.
4	Vibora.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	47 »	Vermelho e faixa.....	S. Lemos.
5	Flotsam.....	Idem.....	3 »	Idem.....	49 »	Vermelho.....	Coudelaria Mirim.

A's 3 1/4 horas — 6º pareo — DERBY-CLUB (HANDICAP) — 2.000 metros — Inteiros e eguas do paiz — Premios: 1.000\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

1	Talisman.....	Alazão.....	5 annos	S. Paulo.....	54 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coud. Cruzeiro.
2	Sybilla.....	Zaino.....	4 »	Idem.....	53 »	Azul branco e encarn. faixa	Idem Idem.
3	Regina.....	Douradilho..	4 »	Idem.....	46 »	Grénat e manchas azues...	Idem Paraiso.
4	Boreas.....	Castanho....	5 »	Idem.....	63 »	Grénat e perola.....	Coud. Rio de Janeiro.
5	Baioco.....	Idem.....	5 »	Idem.....	50 »	Bran. man. e bonet encarn.	Oliv. Junior & Lopes.
6	Pery.....	Idem.....	6 »	Idem.....	49 »	Branco, preto e encarnado.	Manoel S. Ferreira.

A's 4 horas — 7º pareo — GRANDE PREMIO COSMOS (HANDICAP) — 2.000 metros — Inteiros e eguas de qualquer paiz — Premios: 3.000\$ ao primeiro, 800\$ ao segundo e 400\$ ao terceiro; o quarto livra a entrada — Entrada: 200\$ para os animas estrangeiros e 150\$ para os nacionaes

1	Salvatus.....	Alazão.....	3 annos	França.....	51 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coud. Cruzeiro.
2	Cuonon.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	56 »	Azul bran. encarn. e faixa,	Idem.
3	Scylla.....	Castanho....	3 »	Inglaterra...	58 »	Grénat e perola.....	Coud. Rio de Janeiro.
4	Charybdes.....	Castanho....	3 »	Idem.....	52 »	Preto e encarnado.....	Idem.
5	Peruana.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	45 »	Azul amar. e bonet preto...	J. Martins Rocha.
6	Satan.....	Castanho....	3 »	França.....	58 »	Grénat e bonét ouro.....	Mario de Souza.
7	Cheapside.....	Alazão.....	3 »	Inglaterra...	48 »	Encarnado, branco e ouro.	Coud. Paulista.

A's 4 3/4 horas — 8º pareo — PROGRESSO (HANDICAP) — 1.750 metros — Animas do paiz até meio sangue — Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

1	Biscaia.....	Alazão.....	4 annos	S. Paulo.....	52 kilos	Azul e ouro.....	J. Guimarães.
2	Nicoafy.....	Castanho....	4 »	Paraná.....	57 »	Azul e encarna lo.....	Coudelaria Oriental.
3	Peralta II.....	Castanho....	4 »	Idem.....	50 »	Grénat e lirio.....	D. A.
4	Boyrdo.....	Alazão.....	5 »	S. Paulo.....	55 »	Branco e estrellas azues...	Coud. Guanabara.
5	Druid.....	Tordilho....	4 »	R. de Janeiro.	62 »	Branco, e bonét encarnado..	Oliv. Junior & Lopes
6	Catana.....	Douradilho..	4 »	S. Paulo.....	47 »	Geranium e ouro.....	J. W.

A's 5 1/4 horas — 9º pareo — SEIS DE MARÇO — 1.450 metros — Animas do paiz até meio sangue que não tenham ganho no Derby — Premios: 400\$ ao primeiro, 80\$ ao segundo e 40\$ ao terceiro.

1	Jenny.....	Vermelho....	4 annos	S. Paulo.....	50 kilos	Vermelho e bonet preto...	J. Lemos.
2	Condor.....	Castanho....	3 »	Idem.....	49 »	Azul branco e encarnado..	Coud. Cruzeiro.
3	Vampa.....	Zaino.....	4 »	Rio Grande...	52 »	Grénat e manchas azues...	Idem Paraiso.
4	Argentino.....	Castanho....	3 »	R. de Janeiro.	49 »	Grénat e lirio.....	D. A.
5	Caporal.....	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	52 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.
6	Americana.....	Tordilho....	4 »	R. de Janeiro.	50 »	Branco, preto e encarna lo..	M. L. de Carvalho.
7	Sartarelle.....	Preto.....	5 »	Paraná.....	54 »	Geranium e ouro.....	J. W.
8	Villa-Nova.....	Zaino.....	4 »	Idem.....	50 »	Azul, branco e amarello...	Coud. Esperança.
9	Baccarat.....	Gateado.....	4 »	S. Paulo.....	52 »	Rosa e ouro.....	C. & F.

Typ. d'A Semana, rua do Carmo n. 36, sobrado.

O 2º secretario, A. CEZAR LOPES,

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 4 DE DEZEMBRO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 101

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	
Galeria do elogio mutuo, VII	
Alcindo Guanabara.....	S. SOUZA JUNIOR.
Historia dos sete dias.....	FILINDAL.
Notas bibliographicas.....	F.
Ralo de sol, soneto.....	W. DE QUEIROZ.
Enfermidades estylisticas	ARARIPE JUNIOR.
Delicto mental, soneto...	F. D'ALMEIDA.
Bellas artes.....	A. PALHETA.
Jornaes e revistas.....	S.
O niuho, soneto.....	A. SILVA.
Theatros.....	P. TALMA.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Factos e Noticias.....	
Correio da Gerencia.....	
Recebemos.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CORTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

Rogamos aos Srs. Agentes do Correio a fineza de nos devolverem os exemplares d'A SEMANA que, por quaesquer motivos, não tenham sido entregues aos respectivos destinatarios.!

Do actual mez de Dezembro em diante suspendemos a remessa da folha áquelles dos nossos assignantes que não nos obsequiarem com suas respostas ás circulares que lhes temos mandado.

GALERIA DO ELOGIO MUTUO

VII

ALCINDO GUANABARA

Quer o leitor conhecê-lo? Pois fique um dia parado ali á porta do Paschoal, a observar os transeuntes. Conhecê-lo-á então, se por ali passar um rapaz alto, quasi tão alto como a torre da Candelaria; esguio, quasi tão esguio como um peixe-agulha; com um par de olhos vivos e humidos que estão muito lá para dentro do rosto, mesmo muito, brilhando, a pesar d'isso, atravez de um enorme e feio pince-nez; e uma barba curta que se biparte em pontas no queixo, como se para não quebrar a harmonia d'aquelle rosto anguloso fosse necessario que a propria barba tivesse arestas. De resto, para completar as informações, não é bonito como Adonis, nem feio como um satyro; porém mais satyro que Adonis, unicamente do ponto de vista da plastica, entenda-se; anda quasi sempre correctamente vestido de preto; e traz um sorriso triste a illuminar-lhe a fronte sombria, como pode uma lampada quebrar as tristuras das trevas de uma cathedral.

E' esse o nosso homem:— um rapaz que se fez velho; um coração de vinte annos que se amortalhou nos gelos dos cincoenta; um caracter altivo, servido por uma espinha dorsal sem flexibilidade; uma consciencia pura e finalmente uma intelligencia rara que ja sondou os sombrios tremedaes e os infectos pantanos da degradação humana. D'ahi aquelle sorriso eternamente triste e aquelle pessimismo scho-penhaneriano que é a nota dominante em tudo quanto diz e escreve.

Isto é o que conhecerá o leitor, que não pode de momento perscrutar os segredos mysteriosos d'aquelle alma. Para mim, que conheço A. Guanabara desde a sua infancia; para mim que sou quasi seu conterraneo, e que ando sempre com o meu escaphandro de analysador paciente a penetrar por esses mares do espirito humano, onde tenho visto muitas porolas occultas e muito occulto lodo; para mim, que com elle convivo, ha ali, na noite d'aquelle coração, uma aurora que de vez em quando rompe com um raio de luz a treva d'aquelle angustiada descrença.

Quanto a mim, o pessimismo de A. Guanabara, comquanto seja o resultado fatal de umas desillusões precoces, não conseguio ainda matar de todo a grande seiva d'aquelle espirito, que se evola de quando em vez para o infinito ideal da poesia, nem descolorir o claro azul d'aquelle imaginação, passageiramente envolta no crepe do scepti-



cismo. De-lhe a sorte aquillo de que elle tanto precisa:— as caricias do amor nos alegres recessos do lar; o doceconchego de alguém a quem porventura adore; e, em bella revoadas, como voltam as andorinhas que fugiram do inverno, voltar-lhe-ão á alma todas as crenças, todas as alegrias, e todas as aspirações.

A. Guanabara frequentava a escola de medicina e redigia um jornal de estudantes; um dia, a necessidade levou-o á *Gazeta da Tarde*, onde foi gentilmente recebido pelo provector José do Patrocínio, que lhe deu o modestissimo emprego de cortar noticias de outros jornaes. Guanabara, porém, estava destinado a ser na redacção d'aquelle folha um auxiliar poderosissimo do seu redactor-chefe. De facto, desde esse dia o seu talento—que tem as multiplas modalidades necessarias aos jornalistas de primeira agua, aos raros e privilegiados Girardins,—espraiou-se vigoroso e potente por todas as secções d'aquelle folha, desde o grave e emphatico artigo de fundo até á mais modesta noticia.

A. Guanabara é o que quer ser. Não lhe falta originalidade, nem estylo. E, o que é admiravel, não se deixa arrastar por uma sereia que lhe canta eternamente ao ouvido e que faria com

que elle perdesse a sua originalidade se o seu invejavel talento não a subjugasse o vencesse. Essa tentadora sereia é a admiravel faculdade que elle tem de assimilação, faculdade que, pela primeira vez, lhe foi notada por Luiz Murat,—um adoravel poeta, a quem Guanabara e eu estimamos como amigo e como um dos nossos primeiros artistas do verso.

Realmente é um phenomeno curioso, que eu tive occasião de observar muitas vezes! A. Guanabara escreve, quando quer, um artigo que todos vão jurar que é de quem elle queira imitar; ouve uma bella poesia de Luiz Murat, recitada pelo proprio poeta, e no dia seguinte nos mostra uns versos esplendidos que têm o cunho d'aquelle poeta e como que a sua marca de fabrica!

Qualquer outro que tivesse esse poder assimilador, facilmente se deixaria dominar, perdendo toda a sua originalidade, o seu *modus faciendi*. Pois elle, não. O que elle escreve, é d'elle; tem cunho proprio.

Estylista como poucos, tem escripto uns contos admiraveis! A *comedia do Amor* é um d'elles. Nesse mimoso conto ha muita imaginação e uma belleza de estylo surprehendente, além de muita observação. Contos para os quaes não encontro sufficientes adjectivos, que os gabei e que exprimam o prazer que tive quando os li. São, entre muitos outros: — *Uma sceptica*, *Crise*, *Louco*, *Amor*, e ... *Rubores*. Ah! este ultimo de que falo é um primor de graça e de delicadeza! um como pipillar de aves no seio virgem de uma floresta illuminada por uns diamantiuos raios de sol!

A. Guanabara, cujo talento tem de tudo, como a botica, não é somente um prosador sério. No seu proprio pessimismo elle encontra a dose de alegria com que escreve *au jour le jour* as suas magnificas *Teias de aranha*. Essa alegria não tem as expansibilidades ridentes da *verve pariziense*; é antes o triste *humour* de um filho da enfumada Albion. Por isso mesmo, no meio da gargalhada franca dos que cultivam o genero humoristico entre nós—Arthur Azevedo, Valentin Magalhães, Ferreira de Araujo, Filinto de Almeida e outros—o riso meio funebre, entre sarcastico e plangente, de A. Guanabara, tem mais originalidade e faz destacar perfeitamente o talento robusto do joven escriptor.

Tenho até aqui falado d'elle como prosador; pois fique o leitor sabendo que tambem é poeta, e poeta que não fica em ordem inferior. Elle com certeza protestará contra esta minha asserção, porque finge (juro que aquillo é fingido!) ter profunda aversão á Musa « *aux pieds qui scintillent.* »

Apezar de quantos protestos elle possa fazer, eu continuo a repetir que, além de um excellento prosador, o Guanabara um bom poeta, cuja imaginação anda ás vezes a viajar pelos plainos do ether, a pedir canções á lua, a contemplar o sol, a *ouvir estrellas*, para vir depois contar em magnificas estrophes o que viu e ouviu.

Ainda ha pouco tempo ella, a sua portentosa imaginação, fez uma viagem ao Egypto, e de lá nos trouxe, d'aquelle paiz da metempsychose e dos mysterios de Isis edo boi Apis, esta perla que aqui deixo como um luminoso ponto final.

Vamos, senhora, percorrer o Egypto
E visitar as mumias antiquadas;
Aqui tens, n'este livro bem descripto
Todo o viver das raças sepultadas;
Tens a religiã e tens o rito
D'essas populações embalsamadas;
Verás a crença estranha e o estranho mytho
D'essas vidas na morte conservadas;

Porem se não te agrada a digressão
Que te proponho, aqui tens o meu poito
E dentro d'elle tens meu coração:

Olha e verás a grande sepultura
Onde, num duradouro abraço estreito,
Jaz meu amor e minha desventura.

SOARES DE SOUZA JUNIOR.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Commemorando a entrada definitiva do Estio, eu descrevi ha dias, em toscas palavras...

— Não apoiado.

... o idyllo de um jasmim com uma magnolia, cantado na aria sentimental do perfume, em uma alea do meu jardim.

Pois, senhores, com prazer o digo,—estou roubado!

Ha já tres dias que uma chuva miudinha enlameia esta nobre cidade, e ha já tres noites que temos gosado uma agradavel frescura, uma boa frescura de opereta, cirandada no *conservatorio* do espaço.

Bem bom. Eu cá por mim prefiro este tempo inconstante áquelle terrivel calor de chumbo, que nos estava pesando como um fardo.

Juro pelos tres cabellos de Bismarck que não sei que hei de dizer do triste facto occorrido no collegio Abilio.

De um lado nm director de collegio, pessoa estimavel e estimada, que sempre deu provas de mansuetude e cordura, espancando uma criança; de outro lado nu pae expondo o filho espancado ás redações das folhas diarias e vindo em seguida para a galeria publica dos *Apedidos* prometter espatifar toda a gente que nao for da sua opinião.

O arduo e difficil dever de chronista obriga-me a registrar o facto; e a consideração que me mereceu ambas as partes d'esta questão obriga-me a esperar que o Dr. Abilio, a bem da immaculada reputação do seu collegio, reflicta sobre o seu acto e prometta não reincidir, e que o Sr. Reginaldo Gomes da Cunha, indignado com muita razão, aplique o seu furor, ponderando que a prudencia é boa conselheira e que a serenidade leva melhor e mais depressa á justiça do que a exaltação e a raiva.

Com um pouco de boa vontade pôde-se comprehender o acto censuravel do Dr. Abilio; desrespeitado, de qualquer maneira, pelo alumno, sahio fora de si, perdeu as estribeiras e deu-lhe duas ou tres lambadas, como elle mesmo disse, sem refletir em nada, no proprio momento do desacato, sem premeditação e sem calculo. O que se não pode comprehender é que uns cordeiros do Senhor, uns sacerdotes ungi-dos do oleo sagrado, uns homens que têm por profissão a piedade, por modo de vida o Bem espirital e por missão a caridade evangelica, submettao brutalmente, com premeditação, calculo e animo feito, uma pobre criança ao castigo inquisitorial da masmorra humida e fria e ao regimen estúpido e des-humano do pão e agua.

Pois foi o que fizeram, segundo narra a *Provincia do Rio*, os mansuetos padres salesianos a uma criança do collegio que a inepecia provincial consente que elles mantenham e dirijam em Nitheroy.

Eu não sou pae, pela, mais compre-

hensivel das rasões: não tenho filhos. Não dei até hoje motivos para isso, o que provará aos meus leitores que as minhas intenções são puras. Mas desejava ser pae do menino enclausurado no collegio dos salesianos: Com que prazer eu correria á bengala e expulsaria, ao menos por meia hora, os miseraveis vendilhões do templo! Ah! minha rica bengala, com que prazer!

Como de costume, a camara municipal celebrou no dia 20 anniversario do imperador, distribuindo cartas de liberdade. D'esta vez o numero de libertandos foi menor que das outras, foi de menos de metade das que no anno pasado foram distribuidas na mesma data.

Cincoenta para cento e trinta e tres já é diferença que demonstra ou que a camara não tem trabalhado com o mesmo ardor ou que a piedade publica tem diminuido sensivelmente. Em todo caso, antes cincoenta do que nenhuma.

O que eu não pude comprehender claramente foi a phrase que, segundo a *Gazeta* de hontem, proferio o imperador:

«— Agrada-me esta festa, effectuada para commemorar o meu anniversario; mas uma vez que ella é dada com essa intenção, eu gostaria que fossem libertados 61 escravos, pois tantos são os annos que conto. Espero, porém, que o anno que vem, havemos de fazer muitas, muitas libertações.»

Que a festa lhe tenha agradado e que S. M. desejasse que fosse de 61 o numero dos libertandos—compreende-se; o que se não comprehende é a oração final: «no anno que vem *havemos* de fazer muitas, muitas libertações.» Que quiz o imperador dizer com isso? Tencionará S. M., fazer decretar no seu proximo anniversario a libertação total dos escravos? Sim, porque, a não ser isso e não sendo S. M., nem mesmo a camara, quem faz as despezas das libertações, é incomprehensivel o em prego do verbo *haver* n'aquella pessoa—por um homem que deve saber grammatica.

Aquillo ali na Academia das Bellas Artes é uma patuscada maior da marca! Ninguem imagina.

E, bem pensado, não é de admirar que aquelle estabelecimento seja, como é, uma vergonha, porque quem o dirige, apezar de ser um homem serio e respeitabilissimo, entende tanto de Bellas Artes como o meu sapateiro. O que levou o governo a escolher para director d'aquella academia o Sr. conselheiro Nicolau Tolentino foi ter sido S. Ex. um exemplar inspector da alfandega. Mas, ainda assim, não é o velho conselheiro quem dirige a academia. Eu não queria dizer quem é que verdadeiramente a dirige para não dar cabo de todo o espanto dos meus leitores; mas agora as circumstancias obrigam-me. Saibam todos que o supremo poder da Academia das Bellas Artes reside na pessoa... do porteiro!

E' verdade, povos da America, é verdade. O porteiro é, de facto, o director da academia. Ainda agora elle deu d'isso prova bastante: E' costume antigo admitir á exposição dos trabalhos annuaes os alumnos amadores, não matriculados. Este anno, porém, o Pipelet da academia não esteve para isso e *determinou* que os alumnos não matriculados ficassem fora da exposição; accrescentando que isso é do regulamento.

Mas acontece que o unico exemplar que d'esse regulamento se suppõe que existe, está ferozmente encerrado no archivo da casa ou na arca do porteiro-

director, e não ha memoria de alumno que o haja visto, por mais que o tenha pelido e repellido.

Ora aquelles alumnos, não tendo para quem appellar das resoluções do porteiro, andam por ahi desesperados e lacrymosos.

Estão os papeis trocados. Em Eugenio Sue era Cabrion, o pintor, quem perseguia Pipelet, o porteiro. Na cava das Bellas Artes é Pipelet quem persegue os Cabrions!

Aquillo é odio de familia e de profissão—não cança.

Eu se fosse pintor e tivesse em minha casa um porteiro d'aquelle feitio — pinta-o na rua com duas pincelladas.

FILINDAL

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

O editor, Sr. B. L. Garnier enviou-nos um volume da 2ª edição dos *Elementos de Geometria* do A. M. Legendre, traduzidos da 23ª edição por B. Alves Carneiro.

É um volume de 310 paginas, e o facto de se haver esgotado a 1ª edição prova a excellencia d'esta obra.

Da Agencia Commercial Portugueza recebemos um volume de contos, editado no Porto pela Livraria Moderna. O auctor, Sá de Albergaria, é nome já conhecido nas letras portuguezas; o livro, que se intitula *Os meus peccados*, é escripto todo num tom alegre e despreoccupado, com graça e originalidade.

F.

RAIO DE SOL

*O seu raio primeiro o sol, por uma frêsta,
Das ramas atravez, — folhudas ramas, — cda...
Espia... docemente illumina a floresta:
A fera no covil o raio despertou-a.*

*Segundo-o, baila o insecto, o passarêdo vôa
Em torno, O raio d'ouro á liana em stôr empresta
O brilho; e na versada abobada resda
Um trecho musical de passaros em festa...*

*A vida vegetal, na matta verde-negra,
A quella tenue lux, ás subitas, se alegre...
— Assim ao crração sinto, num raio brando,*

*A vida reftuir, a alma enftorar-se toda,
Quândo, é meu casto amor, no lar, olhanda em roda,
Olho-te, e vejo então que estás sempre me olhando...*

WENCESLAU DE QUEIROZ.

ENFERMIDADES ESTYLISTICAS

DA

NOVA GERAÇÃO

SUMMARY.—Os despojos de V. Hugo—Antropomorphismo litterario; hypertropia da metaphora; perluxidade epithetica; excessos na amplificação; desproporção na antithese.—Desequilibrio psychico entre a forma e o pensamento; esbátimento exaggerado na descripção; phrase causativa. Defeitos de metrica na linguagem.—Causas — Zola e Richopin. — Guerra Junqueiro e Ramalho Ortigão.—Seus representantes no Brazil.

Vide *Semana* n. 65, 67, 69, 76 e 88.

(Conclusão)

Na opinião de Velleius Paterculus os genios e os talentos marham atravez dos seculos em esquadões. O uniforme portanto é obrigado, e o regimento toma a feição do general.

Victor Hugo teve a felicidade de pôr-se á frente de um d'estes esquadões. O movimento do romantismo foi então tão violento que todo o mundo teve de adoptar as cores adoptadas por este chefe.

Não quer isto dizer que eu pense como Carlyle que os heroes «são mensageiros nascidos da substancia intima das coisas e do coração do universo, enviados do fundo do infinito mysterioso para o fim de dar-nos noticias do abyssmo e revelar-nos a inspiração do Todo Poderoso.» (*On heroes I, 71*). Ao contrario, estou convencido de que existiam, com igual intensidade de faculdades, creadoras, muitos V. Hugos, ao tempo em que appareceu em França o auctor das *Odes e Balladas*. Circunstancias particulares, porem, o puzeram momento opportuno em evidencia; e como a attenção do publico, por uma lei psychologica que lhe é propria, difficilmente consegue dividir-se, succedeu com o poeta o que tem succedido muitas vezes: nelle se concentrou toda a admiração publica, e por conseguinte para as suas obras convergiram todos os esforços das faculdades imitativas dispersas na sociedade que o cercava. Transformadas em caracter predominante e cingidas por uma photosphera irriante, as suas qualidades imaginativas avolumaram-se, e os seus congenes obscurecidos pela irradiação do prestigio tiveram de conformar-se com essa supremacia imposta pelo tempo.

Diz Bagehot que «um dia, perguntando-se ao fundador do *Times* qual a razão por que todos os artigos d'este jornal pareciam sahidos da mesma penna, respondeu elle que porque sempre havia ali um redactor superior aos outros, ao qual todos imitavam.» (*Leis scientificas do desenvolvimento das nações*, 97.)

Esta marca de fabrica é o producto do gosto do publico, que no jornalismo faz selecção do talento que mais convem ou que mais lisongeia os seus gostos, e que portanto deve ser imitado.

Passando do grupo para a sociedade, o processo é o mesmo. Succedendo-se as epochas, succedem-se os gostos.

Este facto suggerio a Saint-Simon a seguinte reflexão: «As faculdades do homem vão umas atraz das outras, mas nunca se accumulam», e a Schlegel em sua *Historia da Litteratura* uma formula mais concreta: «Em cada seculo predomina uma das forças elementares da consciencia, da qual se faz uso mais frequente e que por isso vem a constituir a feição particular da epocha.»

Taine soube dizer estas coisas com mais clareza. Procurando a base de sua critica na biologia, e reconhecendo que não ha vida sem organismo, nem organismo sem subordinação, não lhe custou chegar á conclusão da existencia de um *character predominante* em todos os movimentos collectivos daintelligencia. Este ponto de vista encontra na 1ª parte de sua obra intitulada *Philosophia da arte* o mais satisfactorio desenvolvimento.

Fica portanto fora de duvida que o phenomeno indicado é mais uma resultante das disposições psychicas da multidão do que propriamente de uma virtualidade contida no individuo apontando com o dedo.

No que diz respeito a V. Hugo, que tendo o romantismo no periodo immediatamente anterior a 1830, seguido uma direcção inteiramente elegiaca, ordeira, auctoritaria, era tempo que as aspirações caracteristicas da epocha procurassem uma formula litteraria consentanea com a indole da reacção, e o auctor dos *Chatiments* deu-a tão completa quanto era possivel na esphera

que então se movimentava. Foi devido a esta circumstancia que o mesmo poeta chamou o romantismo do *liberalismo em litteratura*. A eloquencia e o verbo alto vinham perfeitamente de feição; as metaphoras retumbantes, as antitheses de seus versos, os paradoxos de sua prosa articulavam-se de um modo exacto, inilluvível, com as theorias, com os sonhos, com as accommodações politicas que andavam no ar. Sem este ambiente é bem provavel que a sua preminencia litteraria se tornasse uma coisa duvidosa.

A nova corrente esthetica percorreu entretanto o seu cyclo, e, amortecida a intensidade do movimento de 1830, perdeu-se na expansão o enthusiasmo dos imitadores, cessou o estado dythyrambico do publico. O meio começava a transformar-se.

Com a *Comedia humana* de Balzac, a *Madame Bovary* de Flaubert, o *Rouge et Noir* de Stendhal, sentio-se desde logo que a poetica do romantismo dispersava-se. Os livros d'aquelles auctores, por destoarem da magestosa organisação que o grande artista dera ao seu imperio, começaram a despertar curiosidades, deslocar adhesões e attrahir mesmo a attenção dos novos para obras de outros seculos, cujo sabor fora obscurecido pela immoderada paixão do ideal. E assim gradualmente se pronuncia a phase de decomposição do regimen hugoano, que acaso se reputou definitiva.

Não obstante, o prestigio d'aquelle estylo manteve-se por largo tempo. Tendo sido favorecido até certo tempo pela depressão napoleonica, ameaça prolongar-se como phenomeno do sobrevivencia, phenomeno que neste caso é tão real e apreciavel como nas linguas, nos mythos e em todas as manifestações sociologicas, em que fortemente se accentuam os caracteres biologicos.

«Uma immensidade de processos, diz Tylor (*La civilisation primitive*, t. I) de costumes, de modos de pensar são transportados pela influencia do habito para um estado social diverso do em que appareceram e permanecem como testemunhos de um estado intellectual e moral envelhecido de onde sahio o novo».

O que se dá no geral não ha motivo para que se não dê no particular, principalmente em materia de estylo, que, na educação litteraria, é o que de ordinario mais se arraiga. E como é preciso que a ideia se modifique primeiro para que a expressão correlativa appareça e adquira intensidade, força é que no seio das mais profundas reformas litterarias se encontre por muito tempo esse elemento perturbador de um estylo que acabou.

Segundo pensa Fustel de Coulanges e está hoje averiguado, o passado nunca morre completamente para o homem. «O homem pode esquecer-o, mas guardando-o sempre em si; por quanto, apesar da diversidade de aspectos, elle é o producto, o resumo de todas as epochas anteriores... O contemporaneo de Cicero, por exemplo, trazia a imaginação pejada de legendas; estas legendas lhe vinham detempos remotissimos e davam testemunho do modo de pensar d'esses tempos. O contemporaneo de Cicero servia-se de uma lingua cujos raliões eram infinitamente antigos; essa lingua, exprimindo pensamentos das idades transactas, modelava-se nelles, e conservava o vinco que se ia transmittindo de seculo em seculo. O sentido intimo de um radical podia muitas vezes revelar uma antiga opinião e um uso antigo. As ideias transformavam-se, a lembrança desvanecia-se, mas as palavras ficavam, documentos immoveis de crenças que

tinham desaparecido. Os ritos que o romano de então praticava eram portanto mais velhos do que elle, o que quer dizer que não correspondiam mais ás suas ideias» (*La cité antique*, 4 e 5.)

Estas opiniões autorisadas tornam bem sensível uma das leis que mais tem influido na marcha das litteraturas, na transformação das escolas e dos estylos, transformações que não podem ser bem comprehendidas sem o auxilio dos estudos sobre o *folk lore*, que é onde esses phenomenos de transmissão inconsciente se manifestam com mais nitidez (1).

Por uma lei de sobrevivencia, portanto indiscutível, o estylo de V. Hugo, ou melhor o estylo de 1830, continua, através de todas as tendencias, e apesar da força de individualidades revolucionarias do quilate de Zola, a manifestar-se nas produções actuaes.

E' mais facil transformar-se o moral de um litterato do que abolir as formulas com que elle desde pequeno se habituou.

Os revolucionarios de 1793, por exemplo, que aliás traziam o romantismo no bojo e que provocaram o desencadeamento de todas as forças espontaneas da raça, atiraram-se ao estylo classico, imitando a cada passo a *pose* dos Romanos, durante o Terror, recorreram á disciplina politica de Luiz XI e Richelieu, sem embargo do delirio de liberdade que havia em toda a parte e da declaração dos direitos do homem, que assombrava as mais solidas instituições.

Albert Sorel (*L'Europe et la Revolution Française*, 232) chega a denominar esse facto, devido á permanencia da impulsão, á tendencia dos habitos accumulados e á força da tradição, *O plagiato colossal* de um regimen derrocado. (2)

ARARIPE JUNIOR.

(1) Cf. Hæckel, *Histoire de la création*, 129; Darwin, *De l'origine des espèces*, 130. Puymaigre, *Le folk lore* 1—12. Th. Braga, *O povo português*, I, Introd.

(2) Cf. Taine, *L'ancien régime*, 241.

DELICTO MENTAL

A JOÃO DUQUE

Art. 16. São circumstancias aggravantes:

§ 1. Ter o delinquente committido o crime de noite, ou em logar ermo.

§ 8. Dar-se no delinquente a premeditação...

Cod. Crim. do Imp. do Brazil.

Todas as noites digo-lhe ao deitar-me:
— «Bóns noites, amor!» E o bello vulto
D'ella, que está de mim distante e occulto,
Vem repentinamente visitar-me.

E enquanto «in mente» lhe componho o
carne
Com que celebro ao meu amor o culto,
No coração castissimo sepulto
Dos meus sentidos o continuo alarme.

Evito assim ao pensamento enfermo
Uma torpeza, que seria um crime
Premeditado, á noite e em logar ermo.

E' que é tão puro o seu amor sublime
Que purifica o meu amor sem termo,
Este amor que me encanta e que me opprime.

5 de Novembro de 86.

FILINTO D' ALMEIDA.

BELLAS ARTES

EXPOSIÇÃO DE N. FACCHINETTI E HENRIQUE BERNARDELLI
(Conclusão)

Entre as vinte e oito telas expostas destacam-se duas cabeças de velho, vigorosamente pintadas; *Abril*, uma tela cheia de frescura e leveza, *Ao Sol*, *Ruínas de Revello*, *Barqueiro do Tibre*... E' desnecessario enaumerar. A obra, embora não accuse um mestre, é, hoje, grande promessa de um artista do futuro. Feita por uma verdadeira vocação artistica, illude muito, mormente aos julgadores inexperientes; mas uma analyse regular, e imparcialmente feita nos dá a conhecer certo maneirismo de toque, certa falta de precisão no empasteamento das tintas, como se a mão vacillasse na esgrima da espatula, e, para affectar largueza, fosse accumulando tinta e mais tinta. Ha empasteamentos feitos com tal fogo de espatula que surpreendem, porém os das telas de Bernardelli nem sempre são expontaneos e seguros. Vê-se-lhes, ás vezes, a passagem do pincel procurando o contorno, forçando o relevo, que não foram vencidos pela espatula. Acredito, perfeitamente, que esse defeito cessará depois de alguns annos de pratica, e tal é o enthusiasmo do joven artista pela arte, que estou mais que crente, estou convicto de, em breve tempo, vel-o pintar com uma firmeza notavel.

Noto, também, abuso de tons azues e de sombras violaceas, já nas figuras, já nas paizagens.

Para que houvesse uma rasão de ser na prodigalidade de sombras violaceas, seria preciso que os corpos illuminados fossem de uma determinada cor, isto é, amarella. Não me consta que outra qualquer cor reflecta sombras ligeiramente roxas. Se estas sombras são lançadas com colorido convencional para attenuar o vigor de algumas tintas, o abuso indica pobreza de paleta que, em um artista moderno, é falta gravissima.

Os tons azues nas paizagens não causam (ás vezes; faço notar) dainno maior do que o de esfriar muito o colorido; mas nas figuras são sempre de má effeito. Não se pode comprehender uma epiderme azulada senão pelas cores reflectidas de algum pannejamento muito illuminado, ou pela influencia de um sangue corrompido pela syphyles. Na *Offerenda a Flora*, por exemplo, nenhum pannejamento azul se reflecte nas espaldas nuas da figura, nem é possível admitir que o typo escolhido pelo artista tenha a pretensão de representar uma mulher necessitada dos cuidados da especialidade do Dr. Ricord.

O modelado de Bernardelli, que no pastel *Syria* parece attingir á perfeição, na *Mater* é fraco e descuidado. O hombro esquerdo d'essa figura accusa um grande erro de desenho pela falta de modelado que ha no panno em que o busto está envolvido; e o corpo do menino tem immensa falta de relevo.

Ha ainda um ponto para o qual chamo toda atenção do artista, se, por acaso, me considera digno de ser ouvido.

Entre os quadros expostos figuram alguns que estão em desharmonia com as aspirações estheticas do nosso tempo. Bacchanal, Depois da Bacchanal, Banhos Romanose Profano-Sacro, dão a conhecer extraordinaria facilidade e elegancia de traço; são pintados com uma tonalidade quente e feliz, mas desculpe-me a franqueza, são obras sem o minimo interesse, porque são inúteis. A arte moderna tem um destino a cumprir — é a cooperadora da organização social.

Toda obra que, nesta época, se fizer sem o cunho caracteristico do enorme movimento que se opera em todas as sociedades civilisadas, por melhor pintada que seja, teude, fatalmente, a cair e a desaparecer da chronologia dos productos artisticos do ultimo quartel do seculo dezenove. E é, precisamente, pelo motivo de estar posta na corrente das mais recentes idéas d'este seculo que a arte allemã vae conquistando uma importancia tão grande que, em poucos annos, a França terá uma competidora temivel.

Por este simples facto que ahí fica constatado sem esbanjamento de phrases, pôde o joven artista avaliar as condições em que se acha o sentimento artistico do tempo que atravessamos. Por conseguinte toda preocupação pelo *chie*, pela garridice do toque, pelos assumptos frivolos, é inutil.

Os pintores das *plaisanteries* tiveram sua época.

ALFREDO PALHETA

JORNAES E REVISTAS

— *O Occidente* n. 283 (Portugal), — além de uma sintillante *Chronica Occidental* devida á amestrada Penna de Gervazio Lobato, traz, na sua primeira pagina um magnifico retrato do Sr. Conde de S. Salvador de Mattosinhos. As demais paginas vêm ornadas de boas gravuras e de varios trabalhos em prosa, destacando-se d'entre estes um bellissimo conto firmado por Monteiro Ramalho.

— De S. Paulo chega-nos o n. 3 do semanario illustrado *O Brazil contemporaneo*. Orna a sua primeira pagina um retrato do barão de Souza Queiroz. Navarro de Andrade agradece por este numero aos seus collegas da imprensa paulista e fluminense a lisongeira recepção feita ao *Brazil Contemporaneo*. Foi apenas justa.

— *Correio da Europa* — anno 7^o n. 23. Esta importantissima revista quinzenal que se publica em Lisboa, firma-se cada vez mais no conceito do nosso publico. Neste numero, em nada inferior aos que temos recebido, são tractados, como sempre, com elevação de vistas e muitissimo talento, varios assumptos. D'entre os seus retratos sobresae o de Ruiz Zorrilla, chefe do partido republicano de Hespanha, e alma, diz o mesmo *Correio*, de todos os pronunciamentos militares que ali se têm realisado para derrubarem as instituições.

— *O Rataplam* — n. 4. Esplendido!!.. E' digno de nota o desenho da primeira pagina, onde com muitissimo espirito é tractada a eleição municipal. Agora se os nossos leitores querem rir, rir a bandeiras despregadas, é procurarem a pagina central e as demais que formam o texto, em que á chistosa prosa estão ligadas espirituosissimas caricaturas de Belmiro de Almeida.

No *Pantheon* devido ao lapis delicado e magistral de Decio Villares, figura um magnifico retrato do fallecido professor Dr. José Manoel Garcia.

O Zephyro — n. 1. Bemvindo seja o novel colleguinha: Recebemos-o de braços abertos, pois, embora o não acredite sua (chapa 1909) illustrada redacção, a *Zephyro* veio preencher uma lacuna, que é esta; Tinhamos o *Beija-flor*, a *Morequinha*, o *Colibri*, o *Papagaio* e cremos que o *Beija* também; só nos faltava o *Zephyro*. Temol-o agora.

Meigas brisas conduzam o *Zephyro* no mar da imprensa,

No n. 5 da *Revista do Ensino*, que se publica em Ouro Preto, de propriedade e direcção do professor Alcides Catão da Rocha Medrado, entre outros artigos salienta-se o que se intitula *Planos e architectura dos edificios escolares*, devido á penna do Sr. Dr. Paula Freitas, que é authority em tal assumpto.

S.

O NINHO

« Chamam-te mãe, oh! torpe Natureza!
« Dize-me que és toda amor, mas no teu seio,
« Na flor mais linda atroz veneno leio,
« E disfarça-se o lodo com a pureza.

« Tu coração é a turgida aspereza
« Da pedra fria; bebes da agua o veio
« Que deste á sede universal; e, cheio
« De força, o peito negas á fraqueza.

« És o mal, és a morte! » Mas, o agudo
Olhar voltando á curva do caminho,
Subito o ancião parou, sombrio e mudo....

Vira uma ruina entre o espinhal maninho:
Na brecha de um pilar, velho e desnudo,
Trilando, uma ave entresachava o ninho.

ALBERTO SILVA.

THEATROS

SANT'ANNA

Realizou-se na noite de 29 do passado a recita de Abdon Milanez com os dois primeiros actos do *Heróe á força*, uma grande marcha—*A Imprensa* e, a comedieta em dois quadros *Pintar o padre*, cujo libreto é do Sr. Domingos de Castro Lopes.

As composições do joven futuro maestro são todas inspiradas, faceis, agradáveis; revêlam todas muito talento. Por isso tanto a marcha como o *Pintar o padre* foram muito applaudidas.

Tinham razão os artistas do Sant'Anna para não quererem embaroar naquella galéra do Sr. Domingos de Castro Lopes. Aquillo não é libreto não é nada; aquillo é um bife em dois quadros, e bife de *chan de fora*. Dizemos que aquillo é um bife porque é pisado, repisado, batido e rebatido, monotona-mente, fastidiosamente.

Por mais que o desejem os espectadores, não ha meio de fazer o auctor deixar uma scena antes de tel-a moido a pancadaria de phrases e pilherias pesadas e rombas como massetes de cosinha. De espaço a espaço o homem pingou-lhe umas obscenidades, que agradáram aos apreciadores do genero, como era natural.

Muito desejaríamos poder desafinar no concerto harmonico de pancadaria com que foi recebido o libreto do *Pintar o padre*; mas, infelizmente, não foi isso possivel.

Fôra escandaloso fazer a essa cousa mais elogios que os que lhe fazemos aqui.

Agóra uma pergunta ao Sr. Abdon:— Como foi que S. S. se deu ao trabalho de casar a sua bonita musica com aquelle pavoroso libreto?

RECREIO DRAMATICO

O infatigavel Dias Braga não cessa de dar amiadadas novidades aos fre-

quentadores do seu theatro. Após o *sucesso* da *Martyr*, e como peça de oportunidade, representou-se no Recreio, na ultima quarta-feira, o drama de Leão Jonathan, traducção de Lino de Assumpção, *Os crimes da parteira*. Dizemos—de oportunidade, attendendo aos factos que ultimamente têm sido denunciados pelos jornaes portuguezes, a proposito dos crimes das parteiras lisboetas, factos esses que a imprensa fluminense tambem noticiou.

O drama tem situações para todos os paladares, desde as scenas mais dramaticas até ás do mais baixo comico, resentinlo-se, porém, do embaralhamento d'ellas.

Todavia prende a atenção; e o pacato burguez, que lá for com a mulher e as filhas, sahirá satisfeito por ver castigado o crime e premiada a virtude.

A traducção não parece ser do Sr. Lino. Vê-se que o sympathetic escriptor não empregou nella todo o seu *savoir faire*.

O desempenho foi francamente bom. Balbina (*Severa*), Ismenia (*Marta e Margarida*), Maia (*Paulo Mauclerc*), Dias Braga (*Savinieres*), Eugenio (*Pedro*) e Castro (*Chamarande*) são as principaes figuras da peça. Deram aos seus papeis a correcta interpretação que costumamos ver no Recreio.

Auxiliaram o desempenho do drama, com bastante discrição, embora em papeis secundarios, as actrizes Fanny e Elvira, que deram duas boas *cocottes* e os actores Rangel, Sepulveda, Bragança e Abreu.

O publico fez muitas chamadas aos artistas e retirou-se satisfeito; o que quer dizer que estes *crimes*, como em geral acontece, hão de dar dinheiro aos seus perpretadores.

O conhecido actor Boldrini organisou uma companhia dramatica que deve estreiar-se brevemente no Lucinda, com um repertorio inteiramente novo.

Fazem parte da nova companhia, além do director, artistas de merecimento. Por enquanto sabemos que estão contractadas as actrizes Margarida da Cruz, Clementina dos Santos e Maria Maia.

P. TALMA

SPORT

Estiveram esplendidas as corridas realisadas no domingo passado pelo benemerito Derby-Club. Os pareos foram perfeitamente disputados e com bastante animação applaudidos pelos dilatantes.

Eis o resultado:

No 1º pareo (1.200 metros) *Tardia* em 84 segundos venceu facilmente os seus competidores. *Savana* chegou em 2º lugar, em 3º *Bolero* e *Zaire* na bagagem e muito manco, o que já antes da corrida se previa. *Africano* não correu.

No 2º pareo (1.450 metros) *Madama* em 96 segundos venceu com facilidade. *Malstron* em 4º por ter mancado durante a corrida. *Catita* em 2º e *Exhibitor* em 3º.

No 3º pareo (1.000 metros) *Aymoré* em 65 segundos venceu com luz aberta os seus adversarios. *Druid* em 2º e *Biscaia* em 3º, *Vampa* em 4º. *Orpheu*, *Kally*, *Saltarelle* e *Paulicéa* não mereceram classificação. *Ivon* não correu.

No 4º pareo (1.200 metros) *Echoron* em 81 segundos derrotou os seus competidores, reputados mais fortes. *Phenicia* chegou em 3º e completamente esgotada. *Froufrou* em 2º, mas em boas condições... *Pancy* e *Alfredo* não correram.

No 5º pareo (1.609 metros) *Monitor*

em 110 segundos, inesperadamente, venceu *Odalisca*, que chegou completamente frouxa, parecendo-nos indisposta, ou mal preparada, apesar da pouca luta que teve com *Plutus*, que chegou em 3º, e *Vibora* em 4º. *Flotsam* não correu.

No 6º pareo (2.000 metros) *Sybilla* em 136 segundos fez brilhante carreira, batendo-se com adversarios muito fortes. *Boreas*, que chegou em 2º, perdeu, devido a *Talisman* ter-lhe feito uma guerra muito escandalosa e contra as leis do codigo das corridas, empurrando-o por diversas vezes para fora. *Regina* em 3º e em 4º *Talisman*; *Baioco* em 5º. *Pery* não correu.

No 7º pareo (2.000 metros) — Grande Premio Cosmos— (handicap). *Salvatus* em 133 segundos fez uma brilhante corrida, demonstrando ser um animal superior e ainda não estar convenientemente preparado. *Satan* fez boa corrida: chegou em 2º; *Peruana* em 3º e *Sylla* em 4º. *Coupon*, *Charybdes* e *Cheapside* não tiveram classificação.

No 8º pareo (handicap—1.750 metros) *Druid* em 120 segundos sahiu vencedor, travando renhida luta na recta de chegada com *Nicoafy*, que apenas perdeu por cabeça. *Biscaia* em 3º, *Boyardo* em 4º; *Catana*, e *Peralta* 2º na bagagem. Neste pareo os jockeys de *Nicoafy* e *Druid* chicotearam-se mutuamente e a directoria tomou conhecimento do facto.

No 9º pareo (1.450 metros) *Villa-Nova* em 98 segundos bateu os seus adversarios, depois de muitas sahidas falsas, defeito este dos jockeys quererem sempre partir antes do signal do juiz. *Argentino* em 3º, *Pampa* em 2º, *Americana* em 4º; *Jenny*, *Saltarelle* e *Baccarat II* na bagagem. *Condor* e *Caporal* não correram.

Com um programma excellente dará amanhã principio o Hippodromo Guanabara as suas corridas. Os pareos, que em geral estão preenchidos por parceiros de todas as qualidades, promottem ser bem disputados.

Esperamos que tenha feliz exito a execução do programma.

L. M. BASTOS

FACTOS E NOTICIAS

Partiu no dia 2 para Campinas a Exma. Sra. D. Adelina Amelia Lopes Vieira, que foi procurar no clima da bella cidade paulista lenitivo a uma doença pertinaz que a afflige.

A' nossa talentosa e distinctissima collaboradora desejamos prompto restabelecimento, para que volte breve a occupar o seu logar de honra nas columnas d'esta folha, que está por enquanto privada da scintillante prosa das *Palestras femininas*.

O Congresso Brasileiro effectua no dia 11 um grande sarau-concerto.

A Sociedade Franceza de Gymnastica realiza hoje a sua costumada *soirée* trimensal.

SÁ NORONHA

Realiza-se hoje ás 4 1/2 da tarde a cerimonia da trasladação dos restos mortaes do maestro Francisco Sá Noronha para o novo mausoléu mandado erigir no cemiterio de S. Francisco Xavier.

« A NACIONAL »

Parece um titulo de companhia de seguros, mas não é. É o titulo de uma fabrica de luvas, uma fabrica *chic*, uma fabrica modelo.

São seus proprietarios os Sr. Carlos

Moraes & C., que tiveram a gentileza de nos offerecer dois bellos pares das de *peau de Suède*, frescas, perfumadas e justas... como luvas.

Esta fabrica, pela perfeição e boa qualidade dos seus productos, está destinada a operar uma revolução nesta parte da America meridional onde, ainda ha bem pouco tempo, as luvas eram a ventura dos arrendadores de casas e a desgraça dos arrendatarios.

Para não fazermos *réclame* á esplendida fabrica de luvas, não diremos onde ella está situada. Os leitores que o quizerem saber devem dirigir-se á rua da Uruguayana n. 66.

Foi nomeado membro do Conservatorio Dramatico o illustre escriptor Machado de Assis.

Parabens aos nossos theatros.

O Sr. José Carlos de Carvalho convidou-nos, no dia 30 do passado, para assistirmos, a bordo do couraçado *Aquidaban*, ás experiencias do seu systema de «signaes electricos á noite.»

A experiencia a que se procedeu logo que chegou o imperador — deu os mais satisfactorios resultados. O systema do Sr. Carvalho é tudo o que pode haver de mais simples e pode ser manejado por qualquer marinheiro ignorante. Compõe-se de quatro lampadas de cores diversas, pependentes do laes de uma verga e de conductores postos em communicação com um pequeno aparelho com mostrador, que pode ser collocado em qualquer ponto do navio; nesse mostrador ha quatro pequenos manubrios sobre circulos de cores correspondentes ás das lampadas, de fórma que não ha mais do que mover o manubrio para accender ou apagar a lampada correspondente á cor. Por este simplissimo processo não pôde haver confusão nem demora na transmissão dos signaes, o que dá ao invento do Sr. Carvalho grande superioridade sobre todos osapparelhos congengeres até hoje conhecidos.

O conceituado Collegio Menezes Vieira realizará no dia 8 do corrente um grande festival para celebrar o encerramento dos trabalhos lectivos do 12º anno e distribuição dos premios.

Regressou ante-hontem de S. Paulo, com um pergaminho de bacharel em sciencias juridicas e sociaes enfiado em um canudo, o joven e sympathico cantor dos *Pampanos*, o poeta Rodrigo Octavio.

Casou-se em S. Paulo o Sr. José dos Santos Major com a Exma. Sra. D. Maria Emilia Teixeira dos Santos Major.

Chamamos a attenção dos nossos leitores para o annuncio de vinhos genuinos, marca *Cometa*, que são vendidos pelos Srs. Gaspar da Silva & Oliveira Pimentel, conceituados commerciantes d'esta praça.

FOLHINHAS E ALMANACKS

Com o fim do anno começa a variada e alegre chuva dos almanacks e das folhinhas. A casa Laemmert já *choveu* os muitos milhares das suas variadissimas folhinhas.

A livraria Garnier está innundada de almanacks, francezes, inglezes, allemães, hespanhães, portuguezes, de todos os feitios, de todas as cores, para todos os paladares.

Registramos hoje estes recebimentos: *Almanack do High-Life* (Porto). Além de uma cuidada parte de indicações uteis ao publico e de annuncios, offerece este almanack uma secção litteraria que

é interessante, mas pouco desenvolvida. Ornamentada versos de Guerra Junqueiro e na maior parte trabalhos devidos á penna do Sr. Brito de Barros.

Os Srs. Gouveia & Quirino, estabelecidos com casa de drogas á rua de S. Pedro n. 112, offertaram-nos dous bellos exemplares das suas folhinhas para 1887.

CORREIO DA GERENCIA

Aos Srs. João Gomes Ribeiro, Ireneu Portugal e João Rodrigues de Brito rogamos o favor de prestarem attenção ao que lhes temos pedido.

N'este escriptorio compram-se exemplares dos ns. 1, 2 e 20 d'*A Semana*, a 500 rs. cada um.

SR. M. OLIVEIRA. — Rebemos os numeros 1, 2 e 29 d'*A Semana*, que muito agradecemos.

RECEBEMOS

— *These* do Dr. Baptista Velloso. Disserta sobre a *Coqueluche*.
— *Revista de Engenharia* — n. 150.
— *Distração* — n. 109.
— *Relatorio* — da Veneravel Ordem terceira de N. S. do Monte do Carmo.
— *Vida e Fastos* — de D. Frei Miguel de Bulhões e Souza — Memoria Historica escripta pelo Dr. Cezar Augusto Marques.
— *Mirabeau* — Volume pertencente ás Biographias dos homens celebres, de que é editora a casa David Corazzi.

ANNUNCIOS

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

GRANDE FABRICA DE FLORES
RUA DO PASSEIO, 38
RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.
Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS
DEPOSITO
RUA DO OUVIDOR, 45
ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A
Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o *Café Oriente*, da fabrica a vapor de Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25

9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta—annuncio.

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

COLLEGIO SÃO PEDRO DE ALCANTARA EM PETROPOLIS

Reabrir-se-ha no dia 1 de Janeiro de 1887 este segundo estabelecimento, debaixo da direcção do Dr. A. Zeferino Candido.

O collegio da Côte continúa, como até aqui, a cargo do director João Lopes Chaves e com o seu antigo pessoal.

As condições de admissão, preços programmas, methodos e disciplina são perfeitamente eguaes para os dous estabelecimentos. E' facultativa a escolha do collegio para todos os alumnos.

No inverno descerão para o collegio da Côte, acompanhados pelo seu director e mestres, os alumnos de Petropolis, para continuarem sem alteração os seus trabalhos.

Informações, matriculas desde já, no Collegio S. Pedro de Alcantara, na Côte.

RUA DE S. CLEMENTE N. 30

Os DIRECTORES
A. Zeferino Candido.
João Lopes Chaves.

A NACIONAL

CARLOS MORAES & C

66, RUA DA URUGUAYANA, 66

Grande fabrica de luvas de pellica, pelle de suède, camurça, de fantasia e de seda.

EXECUTA-SE QUALQUER ENCOMENDA EM DUAS HORAS

RIO DE JANEIRO

DERBY-CLUB

PROGRAMMA DA 6ª CORRIDA EXTRAORDINARIA A REALIZAR-SE EM 8 DE DEZEMBRO DE 1886

AO MEIO-DIA EM PONTO

A's 12 horas—1º pareo—SEIS DE MARÇO—1.450 metros—Animaes do paiz até meio sangue que não tenham ainda ganho no Derby—Premios 400\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIO
1	<i>Peralta</i>	Douradilho ..	5 annos	R. de Janeiro.	51 kilos	Grénat e azul	H. J. da Silva.
2	<i>Pretoria</i>	Libuno	6 »	S. Paulo	52 »	Azul e havana	A. C.
3	<i>Baccarat II</i>	Gateado	4 »	Idem	52 »	Rosa e ouro	C. & F.
4	<i>Marengo</i>	Vermelho	6 »	Idem	51 »	Vermelho	Coudelaria Mirim.
5	<i>Jenny</i>	»	4 »	Idem	50 »	Vermelho e boné preto	J. Lemos.
6	<i>Argentino</i>	Castanho	3 »	R. de Janeiro.	49 »	Grénat e lirio	D. A.
7	<i>Vampa</i>	Zaino	4 »	Rio Grande	52 »	Grénat e manchas azues	Coudelaria Paraíso.
8	<i>Americana</i>	Tordilho	4 »	R. de Janeiro.	50 »	Branco, preto e encarnado	M. L. de Carvalho.

A' 12 3/4 horas—2º pareo—EXTRA—1.200 metros—Poldros e poldras estrangeiros de 2 annos—Premios: 500\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

1	<i>Pancy</i>	Zaino	2 annos	Rio da Prata.	46 kilos	Cereja, verde e amarello	V. M.
2	<i>Frou-Frou</i>	Idem	2 »	França	46 »	Encarnado e preto	Coud. Rio de Janeiro.
3	<i>Echoron</i>	Idem	2 »	Idem	49 »	Azul, branco e grénat	S. M.

A' 1 1/2 hora—3º pareo—LEMGRUBER—1.450 metros—Inteiros e eguas de qualquer paiz que não tenham ganho nos pareos Cosmos e Rio de Janeiro—Premios: 500\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

1	<i>Swamp</i>	Castanho	3 annos	Inglaterra	51 kilos	Verde	C.
2	<i>Exhibitor</i>	Zaino	3 »	Idem	53 »	Grénat e boné ouro	Oscar Machado.
3	<i>Madama</i>	Alazão	3 »	França	53 »	Azul branco e encarnado	Coud. Cruzeiro.
4	<i>Peruana</i>	Zaino	3 »	Inglaterra	53 »	Azul e amarello	José M. Rocha.
5	<i>Pery</i>	Castanho	6 »	S. Paulo	54 »	Branco, preto e encarnado	Manoel S. Ferreira.
6	<i>Caíta</i>	Idem	3 »	51 »	Azul	F. Guimarães.

A's 2 1/4 horas—4º pareo—VELOCIDADE—1.000 metros—Animaes do paiz até meio sangue—Premios: 400\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro

1	<i>Attila</i>	Castanho	3 annos	Paraná	51 kilos	Azul, grénat e amarello	A. S.
2	<i>Biscaia</i>	Alazão	4 »	S. Paulo	53 »	Azul e ouro	Coud. Santa Cruz.
3	<i>Villa-Nova</i>	Zaino	4 »	Paraná	53 »	Azul, branco e amarello	Coud. Esperança.
4	<i>Baioco</i>	Castanho	5 »	S. Paulo	56 »	Branco, e boné encarnado	Oliv. Junior & Lopes.
5	<i>Aymoré</i>	Idem	6 »	Idem	60 »	Encarnado e preto	Coud. Rio de Janeiro.
6	<i>Vampa</i>	Zaino	4 »	R. Grande	51 »	Grénat e azul	Idem Paraíso.

A's 3 horas—5º pareo—EXCELSIOR—1.609 metros—Poldros e poldras nacionaes de 3 annos—Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro,

1	<i>Galgo</i>	Zaino	3 annos	S. Paulo	49 kilos	Azul, branco e grénat	S. M.
2	<i>Condor</i>	Castanho	3 »	Idem	49 »	Azul, branco e encarnado	Coud. Cruzeiro.
3	<i>Plutus</i>	Idem	3 »	Idem	53 »	Azul, branco, encarn. e faixa	Idem.
4	<i>Odalisca</i>	Pampa	3 »	Idem	51 »	Verde, branco e amarello	R. M.

A's 3 3/4 horas—6º pareo—COSMOS—1.000 metros—Inteiros e eguas de qualquer paiz—Premios: 800\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro,

1	<i>Gatita</i>	Castanho	3 annos	55 kilos	Azul	F. Guimarães.
2	<i>Diomedé</i>	Zaino	3 »	França	56 »	Branco e encarnado	Oliv. Junior & Lopes
3	<i>Scylla</i>	Castanho	3 »	Inglaterra	55 »	Preto e encarnado	Coud. Rio de Janeiro.
4	<i>Charybdes</i>	Alazão	3 »	França	59 »	Idem idem	Idem.
5	<i>Talisman</i>	Idem	5 »	S. Paulo	56 »	Azul, branco e encarnado	Coud. Cruzeiro.
6	<i>Coupon</i>	Idem	3 »	França	56 »	Azul brau. encarn. e faixa	Idem.

A's 4 1/2 horas—7º pareo—PROGRESSO (HANDICAP)—1.609 metros—Animaes do paiz até meio sangue—Premios: 500\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 50\$ ao terceiro.

1	<i>Biscaia</i>	Alazão	4 annos	S. Paulo	51 kilos	Azul e ouro	Coud. Santa Cruz.
2	<i>Nicoafy</i>	Castanho	4 »	Paraná	57 »	Azul e encarnado	Coudelaria Oriental.
3	<i>Bonita</i>	Alazão	5 »	S. Paulo	45 »	Branco, e faixa encarnada	J. Machado
4	<i>Boyardo</i>	Idem	5 »	Idem	55 »	Branco e estrellas azues	Coud. Guanabara.
5	<i>Intima</i>	Castanho	5 »	Idem	47 »	Grénat e lirio	D. A.

A's 5 1/4 horas—8º pareo—ESTRADA DE FERRO D. PEDRO II—1.200 metros—Animaes do paiz de menos de meio sangue, excepto os que tenham ganho em outros pareos—Premios: 250\$ ao primeiro, 50\$ ao segundo e 25\$ ao terceiro.

1	<i>Boléro</i>	Castanho	3 annos	Rio Grande	53 kilos	Encarnado e ouro	A. M. S. L.
2	<i>Savana</i>	Idem	4 »	Idem	53 »	Grénat e rosa	F. G.
3	<i>Guacho</i>	Chita	3 »	Idem	51 »	Grénat e azul	A. M.
4	<i>Tardia</i>	Zaino	5 »	Paraná	57 »	Idem idem	H. J. da Silva
5	<i>Bariguy</i>	Castanho	4 »	Idem	54 »	Branco e encarnado	Coudelaria Paraná

Pelo 2º secretario, MARCOS DE MELLO.



MARCA COMETA

VINHOS E COGNACS

PUROS DE UVA

Escolhidos e acondicionados com a maior solicitude e a mais rigorosa fiscalização

MARCA REGISTRADA E GARANTIDA PELAS LEIS DO BRAZIL E DA FRANÇA

Bordeaux tintos		Bourgogne tintos	
S. Emilion.	2 annos	Chambertin	5 annos
S. Julien.	2 »	Pommard.	6 »
Chateau Margaux	2 »	Nuits	8 »
Chateau Lafite	4 »	Corton.	10 »
Pontet Canet.	5 »	Clos-Vougeot	12 »
Chateau Léoville	6 »	Richebourg	15 »
Grand Mouton (reserve)	9 »		
Chateau Rauzan.	10 »		
Branços		Branços	
Sauternes.	4 annos	Chablis.	6 annos
Haut Sauternes.	6 »	Montrachet	10 »
Chateau Yquem.	10 »		

Todos estes vinhos são expedidos em garrafas e meias garrafas revestidas de uma rede de arame, sellada no fundo, afim de impedir a violação da rolha.

CHAMPAGNE IMPERIAL (extra-fin)

Sec, Demi Sec et Doux

As garrafas d'estes vinhos são prateadas a fosco, para evitar a acção da luz

COGNACS

Imperial (extra-fin)	20 annos
Fine Champagne.	10 »
Creme de Cognac.	10 »

UNICOS DEPOSITARIOS E RESPONSAVEIS

GASPAR DA SILVA & OLIVEIRA PIMENTEL

57 RUA PRIMEIRO DE MARÇO 57

Encontram-se á venda nas casas de molhados, confeitarias, hotéis e cafés principaes.

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 11 DE DEZEMBRO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 102

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Redacção.....	FLINDAL.
Historia dos sete dias.....	V. MAGALHÃES.
Sancti Bonifacio.....	H. DE MAGALHÃES
Tempestade, soneto.....	CABRION.
Os alquilles.....	A.
Cartilha litteraria.....	G. MONTEIRO.
Uma dalgã; poesia.....	P. VERON.
Carnaval da historia.....	F.
Notas bibliographicas.....	I. SOUTO.
Desvendado, soneto.....	P. TALMA.
Castros.....	L. M. BASTOS.
Cartões e revistas.....	A.
Artes.....	L. G. D. ESTRADA
Aqui, ali, acolá.....	PASSEPARTOUT.
Tractos á bola.....	FR. ANTONIO.
Collaboração, Seguindo a corrente, soneto.....	J. S. DE REZENDE.
Factos e Noticias.....	
Secção de honra.....	
Correio da Gerencia.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÔRTE

Trimestro.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

Rogamos aos Srs. Agentes do Correio a fineza de nos devolverem os exemplares d'A SEMANA que, por quaesquer motivos, não tenham sido entregues aos respectivos destinatarios.

Do actual mez de Dezembro em diante suspendemos a remessa da folha áquelles dos nossos assignantes que não nos obsequiarem com suas respostas ás circulares que lhes temos ende-reçado.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Não houve nesta semana lá muita coisa digna da sublime prosa da *historia*; mas enfim, em tempo de secca sempre apparece um pingo d'agua para os sedentos, porque, aqui para nós, no Ceará não era a sede quem mais gente matava — era a fome.

O pingo d'agua a que me refiro é o espantoso caso do Sr. Arthur Gomes Ferreira, imaginosamente romantizado pelo Sr. Dr. Gusmão, que é uma especie de Ponson du Terrail da policia, — sabemol-o agora. E o caso é que eu devo ao Sr. Ferreira uma explicação, e estou resolvido a dar-lha á custa do Sr. 3º delegado, o qual me enganou e a todo o publico com a historia que para seu elogio proprio inventou, urdiu e descreveu, remetendo-a naquelle levantado estylo policial ás redacções dos jornaes.

Porque afinal, como muito bem está provando pelas folhas o patrão cá da canôa, não houve rapto, nem donzella menor, nem romance concatenado pela original maneira que todos lemos na semana passada. Houve, é verdade, uma aventura de novella, mas de novella vulgar, novella que o Dr. Gusmão transformou subtilmente em novello.

O delegado, tendo uma diminutissima comprehensão dos seus deveres de auctoridade, fez ao Sr. Ferreira, que se lhe apresentara espontaneamente, um interrogatorio risivel, e encafiou o homem no xadrez e do xadrez mandou-o para a detenção, tudo sem nota de culpa, contra as expressas disposições da lei, tractando-o sempre de um modo ridiculo e indigno de uma auctoridade superior. E deitou pilheria, o patusco delegado. Respondeu em linguagem de gyria, quando o Sr. Ferreira lhe pediu que lhe não publicasse o nome — « Que isso era exactamente o seu *filet*. »

O seu *filet*! Aqui temos nós um homem de trinta annos, mais ou menos, barbado, casado, proprietario, a ser o *filet* do Dr. Gusmão! Naturalmente, a intenção do 3º delegado era reduzir a bifés o malgrado Sr. Ferreira, que a mim não me consta que o *filet* sirva para outra coisa.

Reduzir um sujeito a bifés não seria serviço novo para a policia da Côrte.

Mas... deixemos em paz a tiste memoria de Castro Malta. Tambem o Fritz diz na *Gran-Duqueza*,

que aquelles patifes
em postas, em bifés
o q'riau fazer.

Mas na *Gran-Duqueza* aquelles bifés têm o môlho picante da musica immorttal de Offenback, que é só o que falta ao *filet* do Dr. Gusmão para que elle, *filet*, vá cahir estrondosamente na posteridade.

Do caso do Sr. Ferreira, tal qual se deu, não é preciso agora que eu escreva: elle está sendo narrado com toda a verdade e isenção em duas ou tres folhas diarias. O publico lel-o-á, sem duvida, e mais uma vez saberá como a policia respeita a lei e tracta os cidadãos.

Eu, por mim, fico-me com o terror que me produz o temeroso e indiscriptivel *cavaignac* do Dr. Gusmão, só comparavel ao que exorna o queixo auctoritario do Sr. Coelho Bastos.

Realizaram-se no dia 8, em S. Paulo, as solemnissimas exequias de José Bonifacio. Segundo dizem os extensos telegrammas da *Gazeta*, o theatro S. José estava ricamente ataviado para o acto. D'entre os discursos que foram pronunciados ou lidos, destaca-se, numa grande evidencia luminosa, o do Dr. Ruy Barbosa, que é um orador extraordinario, creio mesmo que o successor legitimo de José Bonifacio na oratoria brasileira. Pelo extracto que fez o correspondente da *Gazeta* vê-se que o discurso de Ruy Barbosa é uma peça de altissimo valor litterario, de um intensissimo poder de eloquencia. Foi tambem notavel o discurso do Sr. Conselheiro Dantas, que presidio a sessão.

Deve ter sido uma solemnidade imponentissima, apezar da brilhante ausencia do Sr. presidente da provincia, o qual talvez para não desrespeitar a religião dos partidos, deixou vazio o camarote presidencial, esquecido de que o grande espirito que ali se celebrava era muito menos politico do que orador, poeta e homem de coração. As exequias de José Bonifacio não tiveram, pois, a consagração official. Não importa isso. A presença do barão de Parnahyba não iria incutir mais respeito nem maior

entusiasmo pela sagrada memoria do excelso morto.

As folhas de hontem narram um caso digno de ser entresachado no *Hyssope* de Diniz: Um padre que na igreja do Sacramento atirou com o calice do vinho consagrado, que é o sangue do Christo, ás bitáculas do andador! Mas o andador não esteve pelos autos e desandou-lhe—dizem as folhas—uma roda de cachações.

E a causa? Pensa o leitor que foi pela má qualidade do vinho, por ser verde da Bairrada em vez de Porto fino, ou por ser Fritz Mack em lugar de Andressen? Qual! A coisa começou por uma discussão de character politico!

Eu e outros benemeritos da humanidade bem que temos clamado em prol da separação da Igreja do Estado. Estes dois poderes, antagonicos por mais que os queiram tornar harmonicos, desde que se encontram em discussão dão este resultado: o pugilato.

O padre quebrou o calice mas levou tambem a sua tarefa. Fica uma coisa pela outra. Agora o que nós precisamos de saber é se com a bella scena da igreja ficou provada a supremacia do partido conservador sobre a bandeira róta da *Reforma ou revolução*.

Porque, se isso não ficou sufficientemente provado, é indispensavel que se quebrem mais alguns calices e mais alguns... narizes. E se, por um acaso inesperado, o bispo não consentir que a coisa se decida na igreja, temos ali o Polytheama á disposição do clero partidario.

O cholera, na sua tremenda viagem pelo Prata, já passou de Buenos-Ayres para a formosa Montevideó. O maldicto vem-se aproximando de nós. Para Montevideó foi elle levado «por um estivador que rompeu o cordão sanitario», diz o telegramma.

Cá para o Brazil não lhe será preciso romper nenhum cordão—nem sanitario, nem umbilical. Logo que recebeu o fatal telegramma o Sr. ministro do Imperio tomou a precaução definitiva e sabia de... declarar infeccionado o porto de Montevideó.

Francaemente: Tão assignalado serviço preventivo tambem eu o poderia prestar ao paiz.

E, para que ninguem ouse duvidar da minha palavra honrada, ahí vae a respectiva declaração que nos ha de preservar da terrivel molestia asiatica:

Declara-se aqui, solemne e convictamente, por amor da patria e da humanidade, que o porto de Montevideó está infeccionado.»

Matei o cholera!

Tableau.

FILINDAL

JOSÉ BONIFACIO

Discurso lido pelo Dr. Climaco Barbosa na grande sessão commemorativa realizada no dia 8 do corrente, em S. Paulo.

SENHORES.

A redacção d'*A Semana* faz-se representar nesta grandiosa e bella homenagem a José Bonifacio com o unico intuito de juntar tambem a voz de sua saudade e de sua admiração ao grande concerto de dó, veneração e assombro que aqui se levanta como um turbilhão de incenso, que lhe beijará os pés na mansão altissima de sua gloria.

Se por ventura se tivesse de proceder em cada paiz civilisado do mundo á eleição de um homem para um congresso de Genios e se a igual eleição se procedesse em o nosso, seria José Bonifacio o eleito; mas eleito por aclamação e unanimemente.

De facto, senhores, quem melhor do que elle poderia representar o Genio d'esta nação? Que cérebro no Brazil contemporaneo se nos depara — mais vasto, mais lucido, mais complexo, mais potente, mais rico d'esse fluido immortal que divinisa os homens — do que o cérebro de José Bonifacio?

Examine a sua cabeça; contemple-a... Vêde: tem a doçura da de S. João e a tranquilla energia da de Jesus. E' uma cabeça de anjo, de apóstolo e de heróe. Tem a juba do leão, o olhar da aguia, a mansuetude do cordeiro. Uma cabeça para ser esculpida por Miguel Angelo e pintada por Ticiano.

Imaginae-a agora animada pela palavra. Que a vossa memoria, librando-se nas azas da saudade, suba a corrente insustavel do rio revolto e negro do Tempo, e, rompendo a calligem do esquecimento, vos reconduza a um d'aquelles dias memoraveis em que José Bonifacio orou. Que assombrosa, que estupenda transfiguração naquella cabeça!

O seu verbo ingente,—borbotando-lhe dos labios em catadupas de flores, de flammas, de pérolas; expluindo em feixes de raios; manando em regatos de mel; vibrando longamente como um embate de gladios de aço; cantando meiga, deliciosa, suavissimamente, como se lhe fosse o coração um ninho de rouxinões—na phrase de um poeta —; rebombando, depois, tempestuosamente como trovões em furia; soluçando, quebrada de dó e tristesa; soando, emfim, com toda a gamma da Natureza, e fazendo-nos crér na musica dos astros, na harmonia das estrellas; — o seu verbo transfigurava-lhe a cabeça, de instante a instante, ora ná de Cicero, fulminando Catilina; ora na de S. Paulo, apostolando o Christianismo; ora na de Sócrates, discorrendo serenamente sobre a immortalidade da alma, sentado no limiar da morte; ora na de Gabriel, an-

nunciando a proxima aurora da redempção dos homens: ora na de David, psalmodeando as glorias hebréas; ora na de Anacréonte, cantando o amor e a Natureza; ora, emfim, na do Christo, falando á Terra sobre cousas do Céu.

Sobre a formosissima cabeça d'esse homem—que ha de a Posteridade coroar de louros entre Petrarca e Péricles, no Panthéon,—choveram as lagrimas da Patria no horrivel trause de perdel-o; hoje,—emquanto sobre ella não se derrama, aureolando-a, o sol da Immortalidade, caiam rosas e lirios, *saudades* e violetas, todas as flores, lançadas por todas as virgens—será a homenagem ao poeta; pousem, beijando-a, as bençãos de todos os brasileiros — será o preito ao politico; e para ella ascendam, até fazerem-lhe um nimbo de luar, a veneração de todos os homens — será a homenagem ao cidadão, ao pae de familia, ao homem!

José Bonifacio é um sol que desappareceu, mas não se apagou. Mudou apenas de firmamento: abandonou o do mundo para brilhar no da Historia. Não ouvis, longe, muito longe, um clangor de fanfarras? não vêdes além, muito além, no horizonte do Tempo, uma doce luz indecisa?

E' o amanhecer de José Bonifacio no céu da Historia.

Ergamo-nos para saudar-lhe a aurora!

VALENTIM MAGALHÃES.

Rio, 6 de Dezembro de 1836.

A TEMPESTADE

A LUIZ DELFINO

*Cahia a chuva, a nevoa e a escuridão nocturnas;
Ribombava o trovão terrivel, retumbante;
Lugrubre, erguia o Mar vozerias soturnas,
Como a voz de um precito em sonho horripilante !...*

*Rugia o vendaval nas lobregas casurnas;
Rachava o raio ao meio as penhas; o ar afflante
Tinha a algidez da morte, e, do bosque nas urnas
Balsamicas, flammava o lampago offuscante!*

*E em meio ao cataclysmo atroz, numa cabana
Penetrava a enchurrada; e, de entre o pavoroso
E tetrico grasnar dos passaros sombrios,*

*No misero covil gemia a voz humana
Em (miserere) afflicto, em cantico piedoso...
Seguido do chorar dos murmuros rios!*

HENRIQUE DE MAGALHÃES

LES AIGUILLES

Em um dos ultimos numeros do *Pim-pão*, antigo jornal de Lisboa, encontramos o seguinte bocado de engraçadissimo francez, a proposito das celebres agulhas com que as parteiras portuguezas fabricavam os abortos que tanto têm dado que fazer á imprensa e ás auctoridades de Lisboa.

Aqui vae o tal francez. E'l-el-o e chorar por mais.

« LES AIGUILLES »

Les accoucheuses ont le diable au corps. Le Morales Sarment marcha à pas de chien, à cause des diableries pratiquées par ces créatures de mau- vaise mort.

Le Bailli se plaignit de ce qu'un certain nombre de sages femmes n'étaient pas des—femmes sages.

« Elles volent des soldats au roi », dit il au Morales Sarment.

Celui-ci se mit en campagne avec ongles et dents, et au bout de neuf mois il accoucha d'une demi-douzaine d'accoucheuses, armées d'aiguilles rouillées et d'un groupe de soupières et d'étalons réfractaires.

Il avait encore à accoucher de hauts personnages lorsque le duc perliquitrettes entra dans son cabinet avec la perruque à la bande et la moustache hérissée, en s'écriant :

« Cesse Grêle ! »

Le magistrat resta comme qui mange du coing vert et se fit blanc comme la chaux de la paroi.

« Comment faire alors ? » demanda-t-il.

« Il faut avorter coûte que coûte, » dit le perliquitrettes en lui montrant les aiguilles sauveuses.

L'opération eut lieu on ne sait pas comment, mais les mauvaises langues disent, et le Saccaron confirme, que les aiguilles ont servi pour les deux phœtidies impunis.

Voyez comme elles s'arment !

Le Morales Sarment alla chercher de la laine et resta tondu et le perliquitrettes, qui voulut être abeillu, resta avec la queue à brûler !

Coitadigne !

CABRION »

GAZETILHA LITTERARIA

« A FILHA DO CONSELHEIRO »

Acha-se no prelo, em casa dos Srs. Moreira Maximino. & C. a obra que Aluizio Azevedo acaba de escrever com aquelle titulo,

Esta trabalho vae abrir uma nova epocha litteraria na vida do nosso romancista ; é o primeiro escripto na sua nova maneira ; é já o puro naturalismo, completamente emancipado de todo e qualquer prejuizo ; não ha concessões ao publico nem armadilhas engatilhadas contra o leitor ; o que ha é muito escrupulo de forma, muita originalidade no dizer, muita concisão nas pinturas e principalmente muita sinceridade na exposição.

Ha em todo o livro um forte sopro de vida, um ar quente, uma grande luz que a tudo fecunda.

Para que o leitor faça idéia de quanto é moderna a forma da *Filha do conselheiro*, leia as seguintes pequeninas descrições.

Esta é a de um amanhecer no campo : « Despontava o dia. Tudo se enchia de vida ; as abelhas sahiam para as suas obrigações ; borboletas peraltavam já pelo ar, em troça, mexendo com as flores ; a pequenada dos ninhos reclamava o almoço e os paes andavam por fora a tratar da vida, afflictos, preocupados, mariscando na humidade da terra o pão-nosso da familia. O sol erguia-se como um patrão madrugador e activo, acordando toda a sua gente e chicoteando a golpes de

luz a matta inteira, folha por folha, para não deixar nenhum preguiçoso dormindo acoitado pela sombra. Uma nuvem doirada de lavadeiras doidejava por sobre os lagos, picando a agoa com a caula, de instante a instante, n'um frenetico crepitar de azas. »

E o livro é todo escripto neste estylo singelo e desaffectedo.

Agora é um crepusculo ; ouçam :

« Chegaram pouco antes do crepusculo. O sol acabava de retirar-se, mas a terra ainda palpitava na luz. As aves iam-se chegando aos seus penates ; toda a natureza se aninhava para dormir, só as vadias das cigarras continuavam espertas, a cantar, fazendo sobresahir o seu interminavel lá menor d'entre os pacatos bocejos da matta que se espreguiçava ali mesmo, coitada, a dois passos da casa, tranquillizada e submissa como um animal domestico. »

E por aqui vae Aluizio continuando a falar do crepusculo, a que elle chama hora sem dono, porque não pertence ao dia nem à noite.

Aguardamos ansiosos o apparecimento da obra, da qual não podemos fazer uma idéia justa e decisiva sem que a tenhamos lido attentamente, ou relido, o que será mais provavel.

Que os Srs. Moreira Maximino & C. que não nos detenham por muito tempo em sua casa a desejada filha do Sr. conselheiro.

A.

UMA FIDALGA

Quem a vê logo diz:— Aquillo é raça fina. Consta que o rei lhe escreve e tractam-se por tu. Um avô mesmo foi imperador da China ; Um outro, heróe do mar, fez viagens num bahu.

Se acontece passar, com ar serio, inflexivel, perto d'uns « incivis » que riem dos brazões, Deita-lhes um olhar que diz:— « Parece incrível Que Deus, tão nobre que é, creasse estes villões ! »

A alguém disse ella um dia:— « Hoje um simples-artista

Quer ser gente tambem ! Ah ! creia que me exalto Se vejo um sevandija, um vil boter na vista, Sem ter pejo de usar bengala e chapéu alto ! »

Já por aqui se vê que é fina como os galgos... Quando ella dá « soirées, » em que ha brilhantes galas,

Só, em vista d'un rol, genuinos pés fidalgos E' que podem pisar o chão das suas salas.

Mas ter sangue especial — eis o que mais a eleva. Ora esta convicção é grave e eu não a ataco ; Já se vê que não é sangue de Adão e Eva, E eu não creio tambem que seja de macaco.

E' talvez d'outro bicho ; ou d'outro Adão mais fino ; A questão é que elle é d'uma outra qualidade E outra cor. E' talvez um liquido divino... Pois que tenha este fluido alguma utilidade.

Pode ser un remedio, um caustico terrivel, E nisto lucra a sciencia e augmenta a drogaria. Talvez possa curar o cholera ; e é possivel Que sirva para a asthma, e cure a hydrophobia.

E o mais. Mas, se assim é, que sangue glorioso ! Os que o têm podem crer que todos hão-de amalos : Ter nas veias tal droga ! um liquido precioso Que faz crescer cabello e até cuir os callos !

Dizem que o da fidalga é sangue azul-ferrete ; Outros que elle é vermelho isto para indispol-a ; Mas, côr de caparosa, anil, ou de verdete, O certo é que ella tem o sangue... d'uma tola.

GARCIA MONTEIRO

CARNAVAL DA HISTORIA

(Continuação)

GESSLER—Estupido tyrannete a quem sou profundamente reconhecido por ter dado a Rossini um pretexto para escrever *Guilherme Tell*.

GIBALTAR.— A chave do meu mar ! diz o inglez.

GILBERT.— Mão poeta, celebre pelos seus males no fim da vida.

GLUCK.— Um dos primeiros que metteram a chave de sol na fechadura do drama.

GETUL.— Este sim ; trabalhou mais para a gloria da Alemanha do que o tal Sr. Krupp.

GOLDONI.— Equação.— Goldoni : Moliere ; Juvenal ; Frederico-Lemaitre. GOLDSMITH.— Inventor do laudano bento.

(Veja-se o Vigario de Wackefeld.)

GOLIAS.— E dizer-se que apezar do caiporismo d'este idiota, os governos continuam a crer que a força bruta leva vantagens ao espirito !

GOMORRHA.— Que pena que esta cidade fosse destruida !

O Sr. de Germeny não se acharia agora tão atropalhado na escolha d'um retiro.

GORITZ.— Ultima estação da estrada do direito divino. Não ha bilhetes de volta.

GRAÇAS.— Porque tres ? Quanto a mim agraca é uma.

GRACIOS.— Quantos, quantos brinquedos não tem quebrado essa terrivel criança que se chama Povo !

GRECIA.— Tudo ! Depois mais nada ! ...

GRECOURT.— Um diabetico da rima. GRESSET.— Compositor belga que o espirito da sua musica naturalisara francez muito antes da união imperial.

GRIMOD.— Assim como ha gente que fala pelo nariz, assim tambem este illustre glutão escrevia pelo ventre.

GNID.— Pintor celebre que foi calumniado, perseguido e arruinado por seu rival Caravaggio.

Oh ! ... A confraternidade artistica não data de hontem !

GUILLOTIN.— Apezar da concorrência, foi elle de todos os doutores, o que encontrou o caminho mais curto da medicina à morte.

GUISE (Duque de).— Francisco foi assassinado por um fanatico.

Henrique, seu filho, foi assassinado por ordem de Henrique III.

Eis o modo porque as religiões e as monarchias suavizam os costumes.

GUTTEMBERG.— Obrigado, *nydyd* ! GUATIMOZIM.— Soberano indio que Fernando Cortez grelhou para inicial-o nos encantos da cosinha civilisada.

Naquelle tempo os imperadores já não tinham sorte no Mexico.

GYGÉS.— Matou Candaule, desposou-lhe a viuva e viveu feliz, demonstrando d'este modo que a virtude é sempre recompensada.

Mas tambem que triste idéia que teve esse Candaule de mostrar-lhe a mulher completamente nua !

A iniciativa d'estas exhibições procede quasi sempre da propria mulher.

PIERRE VERON.

Por circumstancia independente de nossa vontade não podemos dar neste numero « *Galeria do Elogio Mutuo.* » Continual-a-emos no proximo numero com a caricatura do poeta Soares de Sousa Junior, que será biographado por A. Guanabara.

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

Da Agencia Commercial Portugueza recebemos um folheto em 4º, de 32 paginas, escripto por Camillo Castello Branco e intitulado—*A diffamação dos livreiros successores de Ernesto Chardron*, Porto.

Neste folheto o grande escriptor portuguez destróe, de uma maneira clarissima e irrefutavel, todas as accusações que os Srs. Lukan & Genelioux, successores do finado Chardron, lhe assacaram desleal e torpemente, por meio de um advogado pulha, em quem Camillo passa, em poucas palavras, uma d'aquellas formidolosas *sarabandas* que lhe valeam a reputação de Alcides da descompostura.

O folheto não tem outro fim senão provar a inteireza do auctor no tracto dos seus negocios commerciaes; e esse fim consegue-o Camillo de sobejo, provando com valiosos documentos a falsidade e a injustiça do libello de Lukan & Genelioux. Entretanto, tal é o poder do estylo do grande mestre que a gente lê sem o menor enfado, antes com delectosa satisfação, aquellas 32 paginas radiosas da intensa luz de talento que por ellas derrama o primeiro cultor da prosa portugueza.

Pinto, Leitão & C. E' este o titulo de uma comedia que os seus autores, J. F. Marques e M. J. Valladão, fizeram representar no Nucleo Dramatico de S. Christovão e Villa Isabel, e da qual nos offereceram um exemplar.

Comquanto não seja esta comedia um trabalho capaz de levar os seus autores á Gloria sem auxilio dos bonds da *Botanical Garden*, é, comtudo, no genero, uma comedia que deve fazer rir a qualquer burguez e para isso é ella como bem dizem os autores, um disparate — tragi — comico — lyrico, ou antes — amontoado de muitos dispartates.

F.

ESCREVENDO...

*Vou caminhando... Embalde olho e procuro
Luz que me guie pela estrada incerta;
De um lado lançam-me o sarcasmo impuro,
Do outro a trilha de rosas é coberta.*

*Páro indecisa:— Vejo tudo escuro...
Sei que avançando a desventura é certa;
Alguem:— Avante! acena-te o futuro—,
Mas o escarneo dos outros me desperta...*

*Quem ha que possa triumphar, sentindo
Do desanimo a voz, como voragem
Que vae-lhe o passo tremulo seguindo!?*

*Foje-me a força e me abandona a calma.
Nem mais um passo,— falta-me a coragem...
Deixem tranquilla repousar minh'alma!*

7—10—86.

ISABEL SOUTO

THEATROS

SANT'ANNA

Na segunda-feira passada teve lugar neste theatro o beneficio da actriz Dolores Phebo, representando-se *Befana* e,

pela primeira vez—*A minha sombra*, imitação de uma velha comedia hespanhola, com musica do professor Virgilio da Silveira.

Tem alguma graça e dictos felizes. A musica, quasi toda *dansante*—como se costuma dizer—é bonitinha, original, tendo um tango e uma walsa de bello effeito. Foi pena que a orchestra a sacrificasse tão cruel e desastrosamente. O desempenho foi geralmente bom, fazendo Mattos um magnifico typo.

A beneficiada recebeu muitas provas de apreço.

No dia 7 tornou a apparecer no palco do Sant'Anna o grande Guilherme de Aguiar, a quem uma implicante molestia obrigou a estar recolhido durante quasi tres mezes.

Foi no seu magnifico papel de sultão Mirabolim, da *Donzella Theodora*, que reapareceu o grande artista.

A empreza do Sant'Anna não se quiz dar ao incommodo de festejar o restabelecimento do assombroso Simão 40 e do inequalavel Gaspar dos Sinos; mas o publico recebeu-o com uma prolongada salva de palmas, applauso insufficiente para o extraordinario merito de Guilherme de Aguiar, mas que, em todo caso, foi uma espontanea manifestação da sympathia publica.

Nós, que jámais nos cansamos de admirar as esplendidas e repetidas creações artisticas de Guilherme de Aguiar, rejubilamos com o seu restabelecimento e damos os parabens ao publico por poder tornar a ver no palco do Sant'Anna um dos maiores artistas que têm pisado os palcos do Brazil.

RECREIO DRAMATICO

Continua com os *Crimes da parteira* e ensaia ferozmente o *Filho da noite*, uma peça phantastica, espectacular, levada da breca, que hade levar ao fundo da rua do Espirito Santo todo o Rio de Janeiro e Nictheroy.

P. TALMA

SPORT

A primeira corrida d'este anno realizada pelo Hippodromo Guanabara esteve extraordinariamente concorrida. Os pareos foram muito bem disputados, nada deixando a desejar aos amadores.

Eis o resultado:

No 1º pareo (3.200 metros)—Andares—*Nené* e *Pastor* travaram renhida luta, vencendo finalmente este, apenas por cabeça, em 8 minutos. *Boccacio* em 3º, *Alliança* em 4º, *Olga* em 5º e *Urso* em 6º. *Portento* e *Gambetta* não correram.

Havendo neste pareo grandes reclamações, aliás justas, á vista de uma escandalosa patota entre *Nené* e *Boccacio*, resolveu a directoria muito acertadamente annullar o jogo da *poule* e fazer-os correr novamente, quando obtiveram o resultado acima mencionado.

O 2º pareo (850 metros) a directoria dividiu-o em duas turmas: 1ª *Tardia*, *Savana*, *Balbina*, *Serodio* e *Pelotas*, venceu *Tardia* em 65 segundos, facilmente. *Savana* em 2º, e *Serodio* em 3º os outros não mereceram classificação. Na 2ª turma venceu, em 64 segundos, *Moema*; em 2º, *Bolero*; em 3º, *Ella*; em 4º, *Mephistofles*.

No 3º pareo (1.000 metros) venceu, em 72 segundos, *Pancy*; *Frontin* em 2º. *Castillione* não correu.

No 4º pareo (1550 metros) *Aymoré*, em 113 segundos, facilmente venceu *Intima*, que chegou em 2º. *Pirata*, em 3º, e *Bonita*, em 4º; *Ivon* em 5º. *Peralta* 2º, derrubou o jockey. *Bambú* em 6º; *Orpheu* e *Tardia*, não correram.

O 5º, pareo não se effectuou.

No 6º, pareo (1450 metros) *Argentino*, em 110 segundos, facilmente venceu *Judia*, que chegou em 2º; *Onix* em 3º e *Bolero* em 4º. *Capitão Martinez* não correu.

No 7º, pareo (1450 metros) *Aymoré*, novamente, em 103 segundos, sahi vencedor. *Garibaldi* em 2º; *Bonita*, em 3º; *Dr. Jenner*, em 4º. *Pancy* fez cair o jockey. *Bitter*, *Ivon* e *Pandora* não correram.

Estiveram magnificas as corridas do *Derby Club*, no dia 8 do corrente. A concorrência, como sempre, foi extraordinaria e grande a animação em todos os pareos, que foram regularmente disputados.

Eis o resultado:

No 1º pareo (1450 metros) *Argentino*, em 104 segundos, sahi vencedor. *Vampa*, em 2º; *Marengo* em 3º, *Peralta*, *Americana*, *Baccarat II* e *Pretoria*, chegaram nesta ordem. *Jenny* não correu.

No 2º pareo (1450 metros) *Peruana* e *Catita* travaram renhida lucta, vencendo esta em 95 segundos, por muito pouca differença. *Exhibitor* em 3º. *Swamp*, *Madama* e *Pery* não correram.

No 3º pareo (1000 metros) *Biscaia*, em 63 segundos, fez uma esplendida corrida, vencendo *Aymoré*, que chegou em 2º e esgotado. *Baiocco* em 3º; *Villa-Nova* em 4º; *Vampa* em 5º. *Attila* não correu.

No 4º pareo (1200 metros) *Pancy*, em 85 segundos, sahi victoriosa. *Echoron* em 2º e completamente manco. *Frou-frou* em 3º.

No 5º pareo (1000 metros) *Charybdes*, em 64 segundos, bateu os seus adversarios. *Scylla* em 2º; *Catita* em 3º e *Peruana* em 4º. *Talisan* e *Coupon* não correram.

No 6º pareo (1609 metros) *Intima*, em 110 segundos, inesperadamente bateu os seus competidores, que eram muito mais fortes. *Nicoafy*, pessimamente corrido, chegou em 4º; *Biscaia* em 2º e *Boyardo* em 3º. *Bonita* em 5º.

No 7º pareo (1200 metros) *Savana*, em 86 segundos, venceu *Tardia*, que propositalmente perdeu a corrida, chegando em 2º; *Guacho* em 3º; *Bolero* em 4º; *Bari-guy* em 5º.

No 8º pareo (1450 metros) *Odalisca*, em 102 segundos e no freio, venceu os seus competidores, que eram muito fracos. *Bitter* em 2º e *Darnon* em 3º. *Saltarelle* não correu.

Este programma soffreu alteração em alguns pareos, que foram novamente organizados, devido a ter havido muitos *forfait*, e ficaram constituídos como pelo resultado acima exposto.

Realiza amanhã mais uma corrida extraordinaria o benemerito *Derby Club*. O programma é regular e é de esperar grande concorrência e a animação do costume.

L. M. BASTOS

JORNAES E REVISTAS

O n. 279, de 8 do corrente, do *Diario Mercantil*, que se publica em S. Paulo, traz na sua primeira pagina um bellissimo retrato de José Bonifacio, devido ao caprichoso lapis de Decio Villares, acompanhado por umas bem lançadas linhas firmadas pelo distincto escriptor Julio Ribeiro. A pagina immediata é

toda ella tambem em homenagem ao grande cidadão, prehenchendo-a varios artigos e poesias de conhecidos escriptores e fragmentos em prosa e verso de José Bonifacio.

Veio-nos do Campos o primeiro numero de uma folha litteraria que, sob a redacção do Sr. Manoel Carneiro, um escriptor de talento, appareceu agora naquella cidade. Chama-se *Jornal do Domingo*, e os seus intuitos são puramente litterarios e artisticos.

O primeiro numero está bem escripto e traz uma brilhante collaboração.

Ao novo collega campista desejamos sinceramente longevidade fecunda e prospera.

Temos o n. 281 d'*O Occidente*. Dá o retrato do Conde de Valbom; vista da igreja da Trindade, do Porto; vistas de Villa Franca de Xira e da villa de S. Pedro do Sul; fachada do hospital da Mizericordia, da Figueira da Foz.

No texto sobresahe a bella chronica occidental de Gervasio Lobato.

Começou a publicar-se um jornalzinho de theatros, com o titulo—*A Platéia*. Parece que o novo periodico é bem intencionado, mas apparece lá na 3ª pagina um sugeito assignando com o pseudonymo Uerba (Annagramma de Abreu) uma poesia muito ruim, muito mal feita e, além de tudo, roubada. Essa poesia, intitulada—*Amor*, é do poeta platino E. Rivarola e foi traduzida ha uns bons dez annos por um nosso companheiro. A traducção, valha a verdade, é detestavel; mas o tal Abreu ainda a tornou peor, trocando algumas palavras aos versos.

Uma porcaria que o redactor da *Platéia* deve agradecer ao seu collaborador, depois de o mandar á fava.

epoca ficará o monumento á disposição do publico, sendo cremados nelle os restos das pessoas que houverem preferido este meio de acabamento. A experiencia durará dois annos. Se findo esse tempo a população houver-se manifestado pelo principio da cremação, dar-se-á fim ao monumento, que é de aspecto grandioso e bello.

Anda em maré de felicidade o Instituto de França. Ainda não entrou na posse da riquissima doação que lhe fez o duque d'Aumale e já se fala em um outro legado no valor de 800,000 francos feito á Academia para a fundação dos premios annuaes. Neste andar—acrescenta um chronista pariziense—será a Academia a mais rica das instituições francezas.

Nos não podemos dizer outro tanto. Quem ha por aqui que se lembre de legar ou doar ao nosso Instituto (Historico e Geographico)—ao menos—uma de X?

Muito se tem dicto e escripto sobre a saude do rei Guilherme, imperador da Allemanha. A verdade é que a sua mais grave, ou antes: a sua unica doença é a velhice (*Senectus est morbus*, dizia o padre Pereira, prevendo este caso). Ella é a causa do começo de paralyasia de que foi atacado o velho monarcha que com grande difficuldade consegue falar alguma cousa. S. M. pôde succumbir dentro de alguns mezes ou de alguns dias. Espera-se, comtudo, que verá o primeiro sol do anno de 1887.

Verificou-se pela estatistica official que nunca os cemiterios de Pariz foram tão visitados no dia dos mortos como neste anno. Calcula-se superior a trezentos mil o numero dos visitantes.

A 16 de Dezembro será recebido Léon Say na Academia franceza, em substituição de Edmundo About. Alem do elogio d'este, de verá o novo *immortal* fazer o de Jules Sandeau.

O exemplo de Succi vae-se multiplicando. De toda parte surgem jejuadores. Alem de Succi está em Pariz um tal Merlatti que já deu começo ás suas experiencias e ha um Simon em Bruxellas que se compromette a passar trinta dias sem comer e a fazer no 30º dia a pé, o trajecto de Bruxellas a Pariz. E, no emtanto, riam-se todos d'aquelle inglez que queria acostumar o cavallo ao jejum absoluto e continuo. O melhor que os Srs. economistas têm a fazer é—enforçar-se.

Facto curioso: Entre as damas protectoras da Liga contra a viviseccção figuram as filhas de Claude Bernard o creador da... viviseccção.

PASSEPARTOUT

TRATOS Á BOLA

Amaveis rapazes,
E vós, formosuras,
Envoltas nas gazes,
Nas sédas mais puras;
Princezas-princezas,
Jocundas senhoras
Que vindes ás vezes,
Tratistas caipóras,
Tratistas felizes,
Amigos das lyras,
Com grandes narizes,

Tratistas caipiras;
Muquiches e cuíras
De estridulas vozes,
Pimpões das taperas
Em pandegadas poses;
O' gentes preclaras
(Não fallo aos lapuzes,)
De cabeças raras,
Que lembram-me obuzes;

Tinguazibas e anões, blontras e bisnebas,
Bôhemios, menez-tres, funambulos, actrizes,
Macambuzios bocos e macoteiros tífias
De toda a idade e, emfim, de todos os paizes:

De Mem Pataca e Cintra,
Maças de D. Maria
E Freixo—de—espada—á—cinta
E Calla a Boca e Leiria;
Mais da Bica do Sapato,
Mais do Cabeço de Bola,
Da Porcalhota e do Crato,
De Tondela, de Mertola,
Fife, Fafe, Fão, Sinfaens,
Thomar, Thomascar e Tui,
Mata-Porcos, Mata-Cães,
(Logar onde nunca fui)

Beberibe, Chique-Chique,
Maçambaba, Moçambique:
Se quereis,
Vinde todos
(Vós não vindes?)
Que tereis,
Não apodos,
Porém brindes.

(Brindes... isto é: — premios *thesaurorocripsonicocrisidatitos, kalospintecromocrenevicos* e *antonibeatonichicos*, com os quaes só se hão de regalar os que primeiro chegarem.)

Para hoje temos cangical Começa a festa por um

LOGOGRIPO

Sim, tempera, — 1, 2, 3, — de cima —
1, 2, 3, 4, 11 — na cara — 3, 2, 7, 5, 11, —
Nella deita-se — 6, 8, 10, 2, — a moça
— 2, 3, 4, 5, 9, 8. — Se olhardes,
Bons tratistas, a coisa é bem clara,
Pulos dando vel-o-eis se pagardes.

ANTIGA

Dobre esta e conia que é coisa boa, — 1
Sem que esta dobre nelle se deite; — 2
Tem côr de neve, não da canôa
Mas sim da casa; tem côr de leite.

EM TERCIA

Fere o ouvido,
Colorido,
Tão temido.

NOVISSIMAS

1—1 Espia na palha enrugada,
2—1— Fardado, allumia coirado.
2—1— Cheia de annos, não longe tem malicia.

1—2—1—1— Com terfa, esta parte da musica, na matta não nega esta fanfurria.

1—1—1—2— Na gaveta encahaldo o adverbio não é serio por ser maganeira.

E tenho dito. Tratistas,
Que o Senhor queira encher as vossas algibeiras de certas cousas (mas, não da côr do estramonio, mas da lua) e vos dê saude, petisqueiras, que assim o pede o vosso amigo.

FREI ANTONIO.

Cafarnaum e... etc, etc de 1886.

FACTOS E NOTICIAS

SÁ NORONHA

Inaugurou-se no dia 4 do corrente, no cemiterio de S. Francisco Xavier, o tumulo de Sá Noronha.

A capella do cemiterio achava-se convenientemente ornamentada e a urna

BELLAS ARTES

UMA RESPOSTA

X—escriptor da *Revista Illustrada*, em o n.444 d'esta revista julgou-me companheiro seu, atirando-me, com pulso de aguadeiro, uma saravada de improperios.

X—illude-se. Não sou seu companheiro. Se quizer resposta ao rasteiro artigo que rabiscou, eu lh'a darei, porém com uma condição: Limpar-se.

Não lhe respondo letra a letra, porque o considero incapaz de hombrear-se com quem está acima, muito acima, de gente tão pequena e tão immunda.

Côrte, 10 de Dezembro de 86.

L. GONZAGA DUQUE ESTRADA.
(Alfredo Palheto)

AQUI, ALI, ACOLÁ

Em junho do anno vindouro deverá estar concluida a parte do monumento crematorio, que contem os fornos de cremação, começado em Julho d'este anno, no cemiterio do Pére-Lachaise. Foi adoptado o projecto Formigé. Nessa

funeraria descansava sobre uma eça. Após a traslalação dos restos mortaes do pranteado maestro para o tumulo, foi lido o elogio funebre de Sá Noronha devido à penna de Arthur Azevedo, que não poupou esforços para a erecção d'aquelle jazigo, tendo d'elle partido a idéia d'essa obra de justiça.

Toda a imprensa com excepção do *Jornal do Commercio*, actores e pessoas do povo fizeram-se representar naquella solemnidade, em tudo digna da memoria do saudosissimo maestro.

Da casa *Novo grão-turcô* recebemos tres bellos frasquinhos de perfume, proprios para trazer na algibeira. E' um mimo galante que aquella importante casa offerece aos seus numerosos freguezes.

Agradecemos,

Casaram-se quinta-feira, na igreja do Sacramento, o Sr. Adriano Corsino de Almeida Sampaio e a Exma. Sra. D. Francisca Corrêa Mendes, irmã do nosso companheiro Arthur Mendes.

Foram padrinhos: por parte da noiva o Sr. Dr. Mendes Gonçalves e sua Exma. esposa e por parte do noivo o Sr. Dr. Nabuco de Freitas.

Felicitemos os noivos e o nosso companheiro.

A 8 do corrente encerraram-se as aulas do collegio Menezes Vieira, com um grande festival. Depois da marcha *Oito de Dezembro*, composta pelo alumno Arnolpho Azeredo e executada pela banda do Asylo dos Meninos Desvalidos, seguiram-se os exercicios de manobras pelos meninos do curso primario, e os de ensino fröbeliano pelos alumnos do *Jardim da Infancia*, sob a habilissima direcção da Exa. Sra. D. Carlota Menezes Vieira esposa do director do collegio.

Teve tambem logar a recitação de poesias pelos alumnos; e o Sr. Dr. Menezes Vieira procedeu à leitura do relatorio dos trabalhos do collegio durante o corrente anno.

Deu fim à festividade a distribuição de premios aos alumnos que mais se distinguiram. Os premios foram entregues pelo Sr. Conselheiro Doria.

Das gentilissimas senhoras que fazem parte da directoria do *Club Hebe* recebemos um convite para assistir ao concerto que hoje se realiza no mesmo club.

Foi muito concorrido o baile da Sociedade Franceza de Gymnastica, realizado no ultimo sabbado. As danças prolongaram-se animadamente até à madrugada do domingo, retirando-se os socios e convidados bastante penhorados pela extrema gentileza da digna directoria.

FALLECIMENTO.

Na freguezia de S. Pedro de Guães, em Portugal, falleceu a Exm. Sra. D. Maria Luiza Ferreira, mãe do conhecido e estimadissimo negociante da nossa praça, o Sr. Francisco Ferreira Monteiro.

Ao distincto commerciante damos aqui a sincera expressão do nosso pezame pelo doloroso acontecimento.

COLLABORAÇÃO

SEGUINDO A CORRENTE...

— Vae seguindo a corrente... vae cançada,
Andando pelo prado a passo lento...
Arfam-lhe os seios. Diro pensamento
Negreja n'alma sua angustiada...

Fez-lhe no peito a dór sua morada,
— Nesse peito onde outr'ora um só tormento
Não cabia; onde outr'ora um doce aleuto
De esperança a trazia consolada.

Vae seguindo a corrente... — Pensativa,
Contempla o firmamento a fugitiva,
Com olhar merencorio, triste, afflicto...

Vae seguindo a corrente... vae— buscando
Um fim fatal ao seu soffrer infando,
— Um termo infando ao seu soffrer maldicto...

Ouro Preto — 1886.

JOSÉ SEVERIANO DE REZENDE.

SECÇÃO DE HONRA

Como prova de reconhecimento ás pessoas que se dignaram de nos auxiliar com suas assignaturas desde a fundação d'*A Semana*, e que se acham quites para com esta empreza, continuamos a publicar nesta secção de honra, iniciada em o n. 99, uma relação dos seus nomes, á qual serão tambem adicionados os dos cavalheiros que, sendo egualmente assignantes desde o inicio da publicação d'esta folha, vierem ou mandarem quitar-se até 31 de Dezembro proximo futuro.

REZENDE

J. Bettencourt.
Dr. José Pereira Leite Lisboa.
Antonio T. Gonçalves Bastos.
Dr. Carlos Augusto de Oliveira e Silva.

TANGUÁ

Francisco Martins Torres Braga.

MACUCO

Dr. Eduardo Teixeira de Carvalho.
José Rodrigues Dias.
Dr. Manoel Francisco Alipio.

NICTHEROY

Felippe Alves de Azevedo.
José Francisco de Sá Junior.
Leopoldino José da Cunha Junior.
L. L. Fernandes Pinheiro Junior.

ENGENHO NOVO

Viuva Forzani.

OURO FINO

Antonio Francisco Furtado de Mendonça Junior.

S. GONÇALO DO SAPUCAHY

Cezar Corrêa de Almeida.
Marcelino Borges Fleming.

CAMPOS

Alvaro Teixeira.

S. CARLOS DO PINHAL

João Arauha.

PÁTROCINIO DO MURIAHÉ

Vicente Severino de Vasconcellos.

S. JOSÉ DAS TABOAS

José Francisco Gaspar & Irmão.

ESTAÇÃO DE MENDES

Hypolito G. Pujol.

SANT'ANNA DE MACACU

S. Bravo.

ALEGRETE

Dr. João Francisco Machado da Silveira.

CAMPO DA GRAMA

José Furtado de Mendonça.

CONCEIÇÃO DE MATTO GROSSO

Francisco Freire de Mendonça.

CORREIO DA GERENCIA

Aos Srs. João Gomes Ribeiro, Ireneu Portugal e João Rodrigues de Brito rogamos o favor de prestarem attenção ao que lhes temos pedido.

N'este escriptorio compram-se exemplares dos ns. 1, 2, 20 e 94 d'*A Semana*, a 500 rs. cada um.

Sr. L. A. Mader — Capivary. — Para que V. S. fique quite até 31 do corrente mez, precisa mandar-nos mais 1\$000 reis.

Rogamos aos nossos assignantes de S. Geraldo, aos quaes nos dirigimos ultimamente por carta, o favor de nos responderem com a possivel brevidade.

ANNUNCIOS

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

Dr. João Botelho, medico e operador; molestias venericas, syphiliticas e das vias urinarias. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicções medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 51, por cima da antiga pharmacia Fragoso, das 12 ás 3 horas.

Dr. Henrique de Sá, especialista de syphilis e molestias das crianças.—Rua Primeiro de Março, 12 (consultas de 1 1/2 ás 3 horas) — Residencia: Rua de S. Clemente, 91.

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—**Rua do Carmo n. 36**,

Dr. Araujo Filho — Medico parteiro; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, n. 36

Julio Cezar Tavares Paes encarrega-se de liquidações amigaveis ou judicias na cidade de Muzambinho e seu termo.

O Hotel Derby, na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com acoio e optima cosinha. Esplendido terraço com caramanchões.

Lindolpho Coimbra— Bacharel em bellas artes: photographo, chimico e oleographo.
Rua de Santo Antonio—Santos.

Advogado.— O Dr. João Marques mudou seu escriptorio para a rua 1º de Março n. 23.

Corrêa da Silva & C. é a única casa da barateza na Villa de Sapucaia.

Hotel das Famílias dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Província de S. Paulo.

«**O Municipio**» — Redacção: DR. FORTUNATO MOREIRA E L. DE TOLEDO — Gerencia WENCESLAU ROSA — CASA BRANCA.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

Imperial Fabrica de Cerveja e aguas mineraes—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fora.

Constructores de machinas e apparelhos para lavoura—Schubert Irmãos, Haas & C.—Juiz de Fora.

O **cobrador** Bernardo da Silva Brandão Junior continúa a receber cobranças por porcentagem razoavel. Cidade de Ouro Fino, Minas.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F. Leopoldina. Minas.

J. M. Villas Bôas da Gama, —dentista— extrahe dentes sem dor. Muzambinho—Minas.

Rolooiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Photographo—Hygino Lopes—Barbacena.

Sollicitador—Francisco R. de A. Novaes—Juiz de Fora.

F. Navarro de M. Salles — encarrega-se de defezas perante o jury. Muzambinho—Minas.

" **Augusto Luzo,** — incumbe-se gratuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

Dr. Cyro do Azevedo, —Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

ALFAIATARIA AURORA DO RIO
FREIRE & COELHO
131 RUA DO HOSPICIO 131

Instrucção Primaria e Secundaria

PIANO E CANTO

D. Maria José de Albuquerque Camara

Tem ainda algumas horas disponiveis para o ensino d'aquellas materias.

RECADOS NESTE ESCRIPTORIO

DR. GONZAGA FILHO

CONSULTORIO E RESIDENCIA

Rua Visconde de Inhaúma, 61

CONSULTAS DE 12 ÁS 3 DA TARDE

Especialidades:

Febres em geral, molestias pulmonares e do coração.

ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o **Café Oriente**, da fabrica a vapor de Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25

9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta—annuncio.

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thoroza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

COLLEGIO SÃO PEDRO DE ALCANTARA

EM PETROPOLIS

Reabrir-se-ha no dia 1 de Janeiro de 1887 este segundo estabelecimento, debaixo da direcção do Dr. A. Zeferino Candido.

O collegio da Côte continúa, como até aqui, a cargo do director João Lopes Chaves e com o seu antigo pessoal.

As condições de admissão, preços programinas, methodos e disciplina são perfeitamente eguaes para os dous estabelecimentos. E' facultativa a escolha do collegio para todos os alumnos.

No inverno descerão para o collegio da Côte, acompanhados pelo seu director e mestres, os alumnos de Petropolis, para continuarem sem alteração os seus trabalhos.

Informações, matriculas desde já, no Collegio S. Pedro de Alcantara, na Côte.

RUA DE S. CLEMENTE N. 30

OS DIRECTORES

A. Zeferino Candido.
João Lopes Chavos.

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRIPTORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

GAZETA LITTERARIA

Director e Proprietario

ALFREDO DE PAIVA

REVISTA MENSAL — REDACÇÃO EM PETROPOLIS

Letras, Sciencias, Artes, Industria, Commercio. Collaborada por distinctos escriptores e homens de letras.

O 4º numero sahirá em janeiro proximo futuro, constando d'ahi em diante de 8 pag. papel superior, nitida impressão. Serão distribuidos supplementos, gravuras, etc. aos assignantes.

E' correspondente da *Gazeta Litteraria*, em Paris, o Sr. A. d'Oliveira Costa, director do *Courrier de Paris* e socio da *Agence de Publicité Etrangère*.

ASSIGNATURAS

5\$000 por anno — 500 rs. n. avulso

(Pagamento adiantado)

Toda a pessoa que agenciar 10 assignaturas terá direito a uma gratis.

TELEPHONES

E

CAMPAINHAS ELECTRICAS

Faz-se todo e qualquer trabalho, garantido e por modico preço

RUA DOS GUMÕES, N. 10—S. PAULO

Joaquim Francisco Lima.

MOLESTIAS DE PELLE E SYPHILIS

ESPECIALISTA

DR. SILVA ARAUJO

RUA DA URUGUAYANA, 57

de 12 ás 3 horas da tar de

A NACIONAL

CARLOS MORAES & C

66, RUA DA URUGUAYANA, 66

Grande fabrica de luvas de pellica, pelle de suéde, camurça, de fantasia e de seda.

EXECUTA-SE QUALQUER ENCOMENDA EM DUAS HORAS

RIO DE JANEIRO

DERBY-CLUB

PROGRAMMA DA 7ª CORRIDA EXTRAORDINARIA A REALIZAR-SE EM 12 DE DEZEMBRO DE 1886

AO MEIO-DIA EM PONTO

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIO
1º pareo — SEIS DE MARÇO — 1.450 metros — Animas do paiz até meio sangue que não tenham ainda ganho no Derby — Premios 400\$ ao primeiro, 80\$ ao segundo e 40\$ ao terceiro.							
1	<i>Pirata</i>	Tordilho.....	4 annos	R. de Janeiro	52 kilos	Grénat e perola.....	Coud. Nitheroyense.
2	<i>Baccarat II</i>	Gateado.....	4 »	S. Paulo.....	52 »	Rosa e ouro.....	C. & F.
3	<i>Sartarelle</i>	Preto.....	5 »	Paraná.....	54 »	Géranium e ouro.....	J. W.
4	<i>Americana</i>	Tordilho.....	4 »	R. de Janeiro	50 »	Branco, preto e encarnado.	M. L. de Carvalho.
5	<i>Vampa</i>	Zaino.....	4 »	Rio Grande..	52 »	Grénat e manchas azues...	Coudelaria Paraiso.
6	<i>Marengo</i>	Vermelho.....	6 »	S. Paulo.....	54 »	Vermelho.....	Coudelaria Mirim.
7	<i>Jenny</i>	Idem.....	4 »	Idem.....	50 »	Vermelho e boné preto....	J. Lemos.
2º pareo — VELOCIDADE — 1.000 metros — Animas do paiz até meio sangue — Premios: 500\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 50\$ ao terceiro							
1	<i>Aymoré</i>	Castanho.....	6 annos	S. Paulo.....	60 kilos	Encarnado e preto.....	Coud. Rio de Janeiro.
2	<i>Biscaia</i>	Alazão.....	4 »	Idem.....	55 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
3	<i>Baioco</i>	Castanho.....	5 »	Idem.....	56 »	Branco e boné encarnado..	Oliv. Junior & Lopes.
3º pareo — COSMOS — 1.000 metros — Inteiros o eguas de qualquer paiz — Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro.							
1	<i>Calita</i>	Castanho.....	3 annos	50 kilos	Azul.....	F. Guimarães.
2	<i>Charybdes</i>	Idem.....	3 »	Inglaterra...	56 »	Preto e encarnado.....	Coud. Rio de Janeiro.
3	<i>Coupon</i>	Idem.....	3 »	França.....	51 »	Azul, branco e encarnado..	Coud. Cruzeiro.
4º pareo — EXCELSIOR — 1.609 metros — Poldros e poldras nacionaes de 3 annos — Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.							
1	<i>Odalisca</i>	Pampa.....	3 annos	S. Paulo.....	51 kilos	Verde branco e encarnado.	Coudelaria Excelsior.
2	<i>Judia</i>	Tordilho.....	3 »	Paraná.....	47 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
3	<i>Monitor</i>	Castanho.....	3 »	S. Paulo.....	53 »	Azul branco e encarnado..	Coud. Cruzeiro.
4	<i>Plutus</i>	Idem.....	3 »	Idem.....	53 »	Azul bran. encarn. e faixa,	Idem.
5	<i>Argentino</i>	Idem.....	3 »	R. de Janeiro.	49 «	Grénat e lirio.....	D. A.
5º pareo — LEMGRUBER — 1.450 metros — Inteiros e eguas de qualquer paiz que não tenham ganho nos pareos Cosmos o Rio de Janeiro — Premios: 500\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.							
1	<i>Gaudriole</i>	Castanho.....	3 annos	França.....	49 kilos	Encarnado e preto.....	Coud. Rio de Janeiro.
2	<i>Cheapside</i>	Alazão.....	3 »	Inglaterra...	55 »	Encarnado branco e ouro..	Coud. Paulista.
3	<i>Garibaldi</i>	Idem.....	6 »	Rio da Prata.	54 »	Branco, e boné encarnado..	Oliv. Junior & Lopes
4	<i>Peruana</i>	Zaino.....	3 »	Inglaterra...	51 »	Azul e amarello.....	J. da Rocha,
5	<i>Madama</i>	Alazão.....	3 »	França.....	51 »	Azul, branco, encarnado...	Coud. Cruzeiro.
6º pareo — RIO DE JANEIRO — 2.400 metros — Inteiros o eguas de qualquer paiz — Premios: 1:500\$ ao primeiro, 400\$ ao segundo e 200\$ ao terceiro.							
1	<i>Scylla</i>	Castanho.....	3 annos	Inglaterra...	46 kilos	Preto e encarnado.....	Coud. Rio de Janeiro.
2	<i>Satan</i>	Idem.....	3 »	França.....	47 »	Grénat e boné ouro.....	Mario de Souza.
3	<i>Salvatus</i>	Alazão.....	3 »	Idem.....	47 »	Azul branco e encarnado...	Coud. Cruzeiro.
7º pareo — PROGRESSO (HANDICAP) — 1.609 metros — Animas do paiz até meio sangue — Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.							
1	<i>Druid</i>	Tordilho.....	4 annos	R. de Janeiro.	60 kilos	Branco e boné encarnado..	Oliv. Junior & Lopes
2	<i>Recife ex-Peralta II.</i>	Castanho.....	4 »	Paraná.....	45 »	Grénat e lirio.....	D. A.
3	<i>Boyardo</i>	Alazão.....	5 »	S. Paulo.....	53 »	Branco e estrellas azues...	Coud. Guanabara.
4	<i>Nicoafy</i>	Castanho.....	4 »	Paraná.....	54 »	Azul e encarnado.....	Coudelaria Oriental.
5	<i>Biscaia</i>	Alazão.....	4 «	S. Paulo.....	50 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
6	<i>Baiocco</i>	Castanho.....	5 »	Idem.....	54 »	Branco e boné e mangas enc	Oliv. Junior & Lopes.
8º pareo — EXTRA — 1.450 metros — Poldros e poldras estrangeiras de 2 annos — Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.							
1	<i>Alfredo</i>	Castanho.....	2 annos	França.....	45 kilos	Azul e preto.....	Coud. Bocaina.
2	<i>Phénicia</i>	Alazão.....	2 »	Inglaterra...	45 »	Encarnado e mangas azues.	Idem Brasileira.
3	<i>Frontin</i>	Zaino.....	2 »	França.....	45 »	Encarnado e preto.....	Coud. Rio de Janeiro.
4	<i>Pancy</i>	Idem.....	2 »	Rio da Prata.	43 »	Cereja e amarello.....	V. M.

Nota — O grande premio — EXTRA — 1.609 metros — Poldros e poldras estrangeiras de 2 annos — Premios: 2:000\$ ao primeiro, 600\$ ao segundo e 300\$ ao terceiro, realizar-se-á a 19 do corrente.

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 18 DE DEZEMBRO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 103

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....
Galeria do elogio mutuo, VIII
Soares de Souza Junior
Bocejo.....
Historia dos sete dias.....
José Bonifacio, exordio do
discurso do conselheiro
Notas bibliographicas....
A vida elegante.....
Extranho idyllo, soneto..
Jornaes e revistas.....
Dolora, poesia.....
Theatros.....
Sport.....
Factos e Noticias.....
Correio.....
Correio da Gerencia.....
Secção de honra.....
Recebemos.....
Annuncios.....

A. GUANABARA.
A REDACÇÃO.
FILINDAL.
RUY BARBOZA.
F.
LORGNON.
R. OCTAVIO.
S.
A. BASTOS.
P. TALMA.
L. M. BASTOS.
ENRICO.

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CORTE

Trimestre..... 2\$000
Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

PROVINCIAS

Semestre..... 5\$000
Anno..... 10\$000

Rogamos aos Srs. Agentes do Correio a fineza de nos devolverem os exemplares d'A SEMANA que, por quaesquer motivos, não tenham sido entregues aos respectivos destinatarios.

Do actual mez de Dezembro em diante suspendemos a remessa da folha áquelles dos nossos assignantes que não nos obsequiarem com suas respostas ás circulares que lhes temos endereçado.

GALERIA DO ELOGIO MUTUO

VIII

SOARES DE SOUZA JUNIOR

Ha cerca de seis mezes, Luiz Murat, que era então o meu ciceroni no mundo litterario, onde eu entrava sem saber porque, apresentou-me a um bonito rapaz, alto, moreno, de grandes bigodes e olhos negros, o rosto iluminado de um eterno sorriso alegre e festivo.

— O Sr. Soares de Souza Junior, disse Luiz Murat. E em seguida, acompanhou o meu nome com um ligeiro gesto, indicando-me.

Com grande espanto do nosso apresentante, que esperava ouvir as semsabor-nas palavras que é de uso trocar-se nessas occasiões, trocámos simplesmente um apertado abraço. Eramos conhecidos velhos! Travámos relações quando eu tinha para ahí uns dez annos. Moravamos então numa cidade do interior, na Parahyba do Sul, que é o berço do Soares. Por essa época, dirigia elle nessa cidade um jornal onde meu pae collaborava e em que eu desempenhava as importantissimas funções de entregador dos originaes paternos.

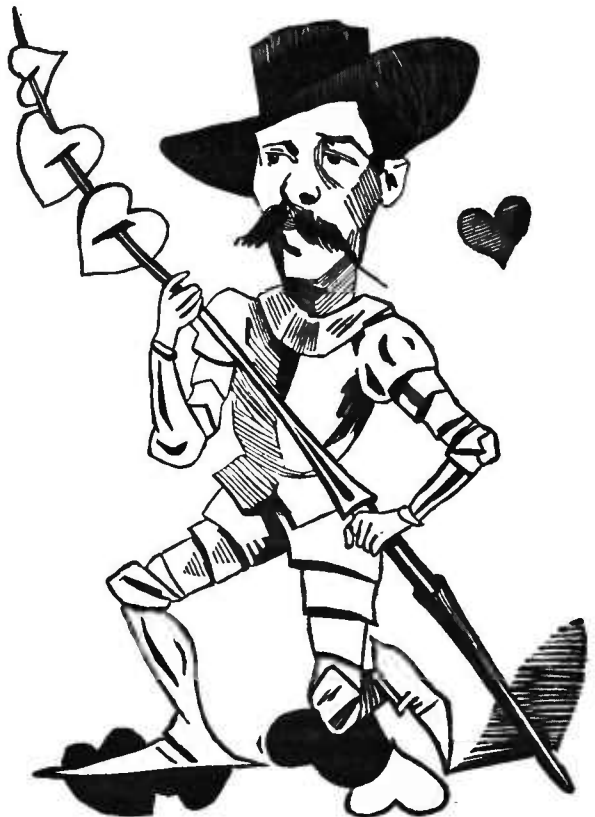
Como se vê, foi apenas um reconhecimento o que houve entre nós. E' possível que o Soares tivesse uma surpresa com me ver; eu não a tive absolutamente: o Soares de hoje é o mesmo Soares de ha dez annos passados.

Nenhuma modificação, nenhuma mudança; nada! O tempo não passa sobre elle, desvia-se cauteloso e deixa-o incólume. Conheci-o-ia, sem que m'o apresentassem: creio que ha de ser eternamente o rapaz que é, forte e robusto, alegre e expansivo.

Não conheço ninguem mais amavel que elle: E' capaz de todos os actos de heroismo para ser agradavel á pessoa com quem está! Convenci-me d'isso na noite do nosso encontro: o homem levou a sua abnegação a ponto de me achar sympathico!

Olhei-o com desconfiança: tinha o ar mais sincero que lhe era possível arranjar na occasião. Mais tarde obrigui-o a confessar que havia mentido, procurando ser amavel. Exprobrei-lhe acremente o seu procedimento; mas devo confessar que andou nisso uma pontinha de inveja: um sujeito que tem a rara qualidade de saber ser amavel, deve ser muito feliz.

As mulheres adoram os amaveis, os que sabem mentir opportuna e inoffensivamente, dizer coisas bonitas e sonoras que cahem nos ouvidos como gotas de um vinho capitoso que entorpece



os membros, afrouxa as energias e entrega-nos o corpo. E o Soares, mais que ninguem, tem essa rara qualidade.

O Soares adora Shakspeare. Creio que sou eu o primeiro que denuncia esse culto que, não sei porque, nunca foi confessado por elle.

Mas a prova de que o adora é que tem um casal encantador de filhos, que se chamam Romeu e Julieta. O pae morre de amores pelos filhos; o poeta estre-mece a criação de Shakspeare: poderia haver melhor meio de conciliar essas duas paixões?

Esse galante par, vigiado e protegido pelo amoroso olhar da esposa, é a felicidade do Soares.

Está nelle o segredo d'aquelle eterno sorriso que lhe povoa os labios, d'aquelle constante alacridade que me sorprehende diariamente, a mim que mal consigo arranjar um sorriso desgostoso e envergonhado!

Sorpreendi-lhe esse segredo um bello dia em que L. Murat e eu cahimos de improviso em casa d'elle, a exigir que nos desse de jantar. O patife estava tranquillamente a beijar os filhos, a se inspirar em seu amor de pae, a esposa ao lado, contente, satisfeito, sem se lembrar de que lá fora a vida rumo-

rejava, afogando a uns, trazendo sobre o dorso os que se puderam apegar a uma taboa!

Se eu, em vez de estar a falar da *Galeria do Elogio Mutuo*, estivesse de joelhos aos pés do *Apostolo*, confessando-me, diria com a maior compuncção: *Pater, peccavi!*

A negra inveja roçou-me a aza pelo peito; mas aquelle lar tão calmo, tão cheio de olhares carinhosos de mãe, satisfez por tal maneira ao meu temperamento de burguez, que explodi em contentamento, numa alegria desusada que foi naquella noite a pedra de escandalo dos amigos reunidos.

Des de esse dia comprehendi perfectamente essa alegria que o Soares anda semeando em torno de si; não só a comprehendi: creio tambem que a de-sejei sinceramente.

O Soares é, positivamente, o que se póde chamar: um forte.

Debaixo d'aquelle ar bondoso de resignado, é um luctador valente. De uma feita, a politica esteve quasi a arrebatá-lo das lettras que elle honra. Lembraram-se de o fazer deputado á Assembléa Provincial, e o Soares deixou-se fazer candidato; mas esqueceu-se de que aqui não é o eleitor que avalia das qua- lidades do candidato e dá-lhe espontaneamente o seu voto, mas é este que o vae solicitar á casa do eleitor. O Soares ficou descansado e deixou correr á revelia a eleição: ainda assim, perdeu-a por uma insignificancia: onze votos. No fim de contas, nem elle lamenta isso, nem nós: o Soares poderia ser um soffrivel arranizador de tricras eleitoraes; mas é, com certeza, coisa muito melhor: um optimo poeta.

Eu poderia ter poupado ao leitor o trabalho de supportar esta semsaboria até aqui, dizendo-lhe de principio que o Soares é isto: poeta, poeta, poeta!

Ninguem é mais poeta do que elle, nem com tanto amor, nem com tanto enthusiasmo.

Ama tanto a poesia, que se não contenta com ser um perito poeta; quer tambem que os outros o sejam! Acho-lhe uma graça extrema em querer impingir ao publico que eu—que só por milagre faço um verso certo—sou poeta tão bom como elle!

E' uma mania que, afinal de contas, não prejudica se não aos meus creditos litterarios, que são coisa bem hypothetica, benza-os Deus!

O leitor conhece de sobra quanto vale a Musa do Soares: Musa de ouro, Musa que ora arrebatá energica, vibrante, em apostrophes solennes, erguendo estrophes como quem ergue rijas pyramides de bronze; ora doce, suave, distilando uma brandura immensa, um pezar ou um contentamento tranquillo, calmo, resignado.

Ha tempos, eu li nesta folha mesmo um soneto que até hoje tenho de cór e que com certeza o leitor tem tambem: intitulava-se—*Olhar de minha mãe* e era repassado de uma saudade pungentissima, aljofrado das lagrymas do poeta que sentia partir-se-lhe o coração ao relembrar a sancta que lhe deu o ser. Creio que essa é a feição mais pronunciada, a inclinação poetica mais accentuada do Soares. Tenho-o visto energico e valente, doce e melancholico, alegre e scintillante; e com toda a franqueza, não me agradam tanto os assomos, como as queixas blandiciosas.

Annos passados, Soares publicou um volume de versos: *Canções dos Tropicos*. Ha muita cousa boa naquella livro de estreia, que não era apenas uma promessa, porém uma confirmação do seu

talento. De então por deante, Soares tem produzido grande quantidade de poesias, que andam por ahi enchendo jornaes quer periodicos, quer diarios.

A obra, porém, de maior folego de Soares é o seu grande poema: *A Raça Humana*, de que tem sido publicados varios excerptos que dão idéia do seu valor.

Ora grande e elevado, ora satyrico e mordaz, Soares empresta a esse poema todo o cunho de seu enorme talento, dá-lhe toda a sua individualidade, faz d'elle o corpo de delicto de sua personalidade. Esse poema não fica a dever nada a nenhum outro escripto em lingua portugueza, aquem ou além mar: é um trabalho que lhe ha de eternizar o nome e honrar a litteratura brasileira.

O poeta é tambem prosador. Não sei se menos prosador, que poeta. Dizem que dois proveitos não cabem num sacco: pois eu tenho o maior prazer em tornar publico que este, como todos os proverbios, mente com o maior descaro. Ahi estão os bellissimos contos publicados na *Vida Moderna* para attestar que o meu poeta é tambem, quando quer, um magnifico prosador.

Mestre Jaques é um conto esplendido, um dos melhores contos que tenho lido, pelo vigor do estylo, pelo colorido da narrativa, pela observação psychologica de que está cheio.

Mas o poeta está constantemente a trahir o prosador, a furar-lhe a pelle, a surgir de dentro d'elle: é um poeta sempre, quer escreva em verso, quer escreva em prosa.

Ahi estão os seus contos infantis para provar esta asserção: a *Princesa Flor das Giestas*, o *Palacio dos Corações* e outros e outros...

Pensam que é tudo? Enganam-se. Ha ali dentro uma pujante individualidade litteraria; não é so *conteur* e poeta: é tambem um comediographo. Não o conhecem ainda sob esta face, porque não é coisa facil chegar ao que pomposamente se chama o «theatro nacional.» Pois, por isso mesmo, dou sinceramente pezames ao theatro e ao publico, que não têm occasião de apreciar as joias, em prosa e verso que temos ouvido, nós os que privamos com este encyclopedico rapaz.

Mas esperemos que a barreira afrouxe e terá então o povo occasião de corroborar essas palavras que ahi ficam.

Estava longe de pensar que tivesse de dizer isso que ahi está. Sei bem que não disse tudo quanto vale esse rapaz eternamente alegre, contente, que por ahi anda despreoccupado, com os braços abertos a receber todo o mundo com festas.

Mas se isso lhe não agradar, tanto melhor! E' uma vingança que tomo da talumnia que elle me atirou, chamando-me triste, sceptico e não sei que mais, só porque não tenho em casa um Romeu e uma Julieta, encantadores, que me povõem os labios de sorrisos alegres e bulhentos!

ALCINDO GUANABARA

BOCAGE

E' no dia 21 o anniversario da morte de Manuel Maria Barbosa du Bocage, o grande poeta portuguez, fallecido em igual dia de 1805.

O proximo numero d'*A Semana* dará o retrato do grande sonetista, e publicará a proposito um artigo de Filinto de Almeida, e sonetos de Alberto de Oliveira, Olavo Bilace, talvez, de outros poetas.

A REDACÇÃO

HISTORIA DOS SETE DIAS

Com a chuva de ante-hontem refrescou-se um pouco a atmosphera. Felizmente. O calor estava ficando medonho! E' verdade que elle não veio fóra de tempo. Antes pelo contrario.

Eu sou infenso ao calor; mas confesso que nunca o temi tanto como agora, que temos o cholera na vizinhança, apezar de me terem dicto varias pessoas entendidas em coisas de medicina que o cholera não se desenvolve no tempo quente. Eu é que não creio nessa historia. Vi que o cholera atacou a França em pleno verão e que está agora, em pleno verão tambem, dizimando a população de Buenos-Ayres. Além d'este poderoso argumento, baseado em factos, sabemos todos que o cholera é originario da India, paiz quente como um prego... acceso.

Não me fio, pois, na balella de que a terrivel molestia só se desenvolve no tempo frio.

E, visto isso, abençoada seja a chuva, que de quando em quando vem suavisar um pouco as torturas a que o calor nos submette.

A semana passada terminou por acontecimento tristissimo: a desastrosa morte do 1º tenente Antonio Gonçalves Rosas e os ferimentos graves de um cabo de marinheiros de bordo do *Aquidaban*.

O primeiro tenente Rosas, official bravo e distincto, deixou mulher e seis filhos privados do unico arrimo que possuíam: o trabalho do marido e do pae.

A tantissimas vezes provada, generosidade da marinha brasileira não se fez esperar para soccorrer a desditosa familia do companheiro morto em serviço, e organisa subscripções que devem ter bom resultado; Dias Braga, o sympathico empresario do Recreio Dramatico, tambem movido á piedade pelo fatal acontecimento, offereceu generosamente o espectaculo do dia 22 no seu theatro, para beneficio da infeliz familia.

Falta que o governo imperial, para quem neste caso a caridade é um dever, institua uma pensão á viuva do soldado morto desastrosamente no seu posto, em serviço da patria.

A respeito da policia, da nossa extravagante policia, ha noticias aterradoras!

Com o regimen Coelho Bastos já ninguem sabe que medidas de segurança particular havemos de adoptar contra os agentes da segurança publica. Eu por mim estou convencido de que o que nos resta fazer de mais prudente é de mais logico é implorar a protecção dos Exms. Srs. gatuños e crimidóses de toda especie. Que elles se amerceiem de nós e nos livrem... da policia.

Amen.

Está decidida a viagem do Sr. Conde

d'Eu e de sua augusta esposa á Europa.

As folhas já noticiaram que foram concedidos seis mezes de licença ao primeiro d'aquelles futuros «augustos viajantes».

O imperador arranhou no velho mundo a reputação de grande sabio e de primeiro astrónomo do mundo! Para adquirir esta fama, S. M. não fez mais nada, que nos conste, do que descobrir algumas estrellas naquelles saudosos tempos em que ellas se descobriam no Alcazar da rua da Valla, a dez tostões por noite, com dez cançonetas grivoises de quebra. Havia nesse tempo muitos astrónomos. Uns descobriam *estrellas*; outros faziam precisamente o contrario.

Se todos elles fossem á Europa e conversassem com os astrónomos a respeito da sua especialidade, eu sempre quizera ver se não teriamos por cá, pelo menos, uns dois mil primeiros astrónomos do mundo, na apinião dos mesmíssimos Wronski e Adam Prazmowski, que deram aquella reputação científica a S. M. (*)

Ora como, sendo tão facil de adquirir, é tão util e tão galante ter-se aos quarenta annos uma reputaçãozinha de primeiro sabio, primeiro astrónomo, ou primeiro qualquer coisa, emfim, do mundo, eu tomo a liberdade de lembrar ao Sr. Conde d'Eu que se não esqueça de tractar d'isso na Europa.

Que sua alteza nos volte, pelo menos, primeiro conde do mundo.

Talvez que essa reputação seja um pouco mais difficil de arranjar do que a de primeiro astrónomo ... mas, que diabo! é justo que a gloria e a fama universal nos custe alguns sacrificios.

Eu, se algum dia fór a Pariz, hei de trazer de lá o titulo de primeiro chronista ou de primeiro sapateiro do meu tempo, ainda que para isso seja obrigado a pagar dez bocks por dia ao Rochefort, ao Wolff e ao Scholl, ou ao Meliès e ao Joly.

Mas voltar da capital do mundo e das ilhas adjacentes sem a minha reputação de primeiro chronista, isso — *iche!* nem que me escachem!

O conflicto militar do Rio Grande teve agora a sua repercussão no Maranhão. Telegrammas de 15 e 16 narram que, tendo o presidente d'aquella provincia dirigido um officio de reprehensão ao commandante do 5º batalhão, este lhe devolvera o officio em termos desrespeitosos. Após o incidente, houve uma manifestação militar contra o presidente.

E' o systema dos *pronunciamentos* que começa, e tomará incremento se o governo não se resolver a adoptar medidas energicas no sentido de evitar esta desgraçada indisciplina.

Nós não somos a favor nem contra os militares; mas entendemos que quem se submete á profissão das armas deve saber que se vae sugeitar cegamente aos regulamentos e ás leis, talvez tyrannicas, talvez oppressivas, da disciplina.

Que diabo! quem não quizer andar sujo, não vá ser carvoeiro.

Tambem no presidio de Fernando de Noronha houve conflicto entre sentenciados e tropa, recusando-se esta a cumprir as ordens do director e exigindo castigo corporal para os sentenciados.

E' a lava do vulcão rio-grandense

(*) V. *Gazeta de Noticias* de 11 do corrente, 2ª columna da 2ª pagina, artigo intitulado «O primeiro astrónomo do mundo.»

que se derramou pelas outras provincias.

No principio d'este mez recebi pelo correio, dentro de um envelope aberto, um pequeno cartão de visita em que estavam impressas estas tres iniciaes cabalisticas:

P. L. M.

e por baixo, em manuscripto: — a agradecer.

Intrigou-me muito o bilhetinho. Torturei immensamente a memoria, e a imaginação durante cinco minutos; a ver se me lembrava de algum nome a que coubessem as tres iniciaes impressas, ou se interpetrava o mysterio sem duvida contido no bilhete; mas vendo que nada podia induzir, deixei-me d'isso.

No dia seguinte, outro cartão; d'ahi a dois dias outro, e assim por deante, até que junctei sete cartões eguaes. Calculei então que fosse *réclame* para qualquer coisa. Sei agora que o era effectivamente.

P. L. M. é um romance de Xavier de Montepin, que vae publicar a acreditada casa edictora de David Corazzi, de Lisboa, aqui representada pelo Sr. José de Mello, um homem capaz de intrigar o proprio Padre Eterno com as *réclames* de publicações.

Fique sabendo o Sr. Zé que me deve cinco minutos de tranquillidade de espirito.

E olhe que eu, quando se tracta de cobrar o que me devem, sou peor do que um alfaiate!

FILINDAL

JOSÉ BONIFACIO

EXÓRDIO DO DISCURSO PRONUNCIADO PELO EXMO. SR. CONSELHEIRO RUY BARBOSA, COMO ORADOR OFFICIAL, NA GRANDE Sessão COMMEMORATIVA REALIZADA EM S. PAULO A 8 DO CORRENTE.

O Sr. Conselheiro Ruy Barbosa honrou a nossa folha enviando-nos o exórdio do seu monumental discurso sobre José Bonifacio. A *Semana* é o primeiro jornal que o publica. Ao illustre orador agradecemos a elevada honra com que nos distingue.

SENHORES

Morto, parece ainda maior do que vivo l dizia Henrique III, compassando com os olhos o corpo do duque de Guise. E' a mesma impressão que nos saltá deante d'esta sombra, emquanto procuramos calcular o que era José Bonifacio pelo que com a sua ausencia deixámos de ser, e tentamos medir o gigante pelo vasto rasgão sombrio que o seu desaparecimento abriu no disco da patria.

Não se tracta, porém, Srs., de tomar as dimensões a um tumulto. Quem aliás o poderia, quando, a cada momento, o coração cresce, e se entorna em lagrymas? Vive o homem continuamente no meio da morte, sitiado por ella de todos os lados, e não ha, todavia, nada tão inverosimil, para os que estremeceram uma creatura humana, como essa realidade funesta. A resurreição não é privilegio da fé: não se deu somente para o amor das mulheres de Galiléa, ante a grota funeraria do Christo, aberta e vazia. Bem doces devem de ter corrido os dias áquelle a quem ainda não se offerceu a provação de lutar com a incredulidade pertinaz da affeição dilacerada, contra a evidencia de uma perda irreparavel;

e, ainda após essas resistencias e esses combates, muitas das almas menos fracas não se resignam á sobrevivencia, sem certo sentimento de vaga confiança numa illusão querida, que a piedade lhes entretém contra decepções successivas. Os moços, as mulheres, os crentes, os desventurados tem sempre os seus redivivos. Parecem-nos a essas aves de grandes travessias, que seguem as náuz de oceano em oceano, e vagam sobre as ondas em vastos grupos rumorosos, de onde algumas d'ellas, ás vezes, inesperadamente desaparecem, arrastadas pelo invisivel. Arrebatou-as o esqualo, que nunca mais as restituirá. Mas no dia seguinte, ao nascer do sol, quando o bando dizimado levanta o vôo no espaço, que está elle buscando, lá de cima, no fundo do horizonte? O barco, de que a noite o separára na vespera? Ou o albatroz perdê-lo, que a vaga lhe roubara?

Emtanto, não vimos aqui reanimar com mãos religiosas o lar apagado, nem verter a poesia da saudade sobre uma campa bemdicta. A imagem d'este homem, nos corações com quem se repartiu a sua vida, não passará como tantas, de que disse o cantor das *Orientaes*:

Qui peut savoir combien toute douleur
s'émousse
Et combien, dans nos cœurs, un peu d'herbe
qui pousse
Efface de tombeaux?

Quando a natureza clemente estender neste sepulchro o frouxel verde e macio de lichen, como almofada para um coração que se partio de amar muito, o musgo, que veste as covas de esperança, não se nutrirá, na soledade, do orvalho das noites indifferentes, mas da humidade de uns olhos fleis e da brandura de uns dedos assetinados pela bondade, acariciando, na pedra, a fronte resfriada, que ella abriga.

A esses tocam os ritos da familia e da amizade.

Nós vimos render-lhe a homenagem civica: vimos encostar o ouvido á sepultura ainda quente, e escutar o testamento da sua aspiração derradeira.

Esta cerimonia augusta, sagrada, resume-se nisto: a evocação de um exemplo.

Se quizerdes contemplar a irradiação de uma estrella na sua pureza e serenidade, haveis de procurar um cimo elevado, ou as altas regiões calmas do Equador, quando a atmosphaera não for ondulada pelos ventos, e o astro pairar acima do horizonte. Eutão a intermittencia das scintillações, que eram efeitos atmosphericos, cessa de turbar-vos, e o foco resplandece na quietude da sua limpidez. Assim a lição d'essas existencias superiores não brilha sobre nós em toda a firmeza da sua claridade; emquanto não chegamos á culminação definitiva na transparencia de além-tumulo e na paz divina da morte.

Ha, no systema do Universo, astros sem parallaxe, a que as operações da nossa uranometria embalde^o tentam precisar o diametro, o volume, as distancias reaes. José Bonifacio pertence a essa região vedada ao rigor dos processos geometricos.

Sabe-se que é um mundo de primeira grandeza, como Antares, ou Canopus; mas o seu tamanho é incommensuravel, e ninguem numeraria quantas unidades parallacticas o separam da ordem vulgar, no systema em que se movem os nossos interesses.

O espectro estellar, podereis tirar-lh'o, se buscardes a intuição geral de sua vida na unidade sublime do seu fim.

Mas, se fechardes os olhos, e procurardes fóra das impressões de hoje,

na retina ainda deslumbrada, a imagem luminosa da vida que hontem se refrangia em manifestações tão diversas, julgareis assistir ao capricho de um devaneio de fadas, como se nos passasse por baixo das palpebras ora a poeira celeste de uma nebulosa; ora as vibrações de um astro multiplo, com os seus dias rubros, as suas noites esmeraldinas, as suas auroras azuladas; ora o rolar de uma pedraria de sóes cambiantes desde o granate e o rubi até o topazio, a saphira e a opala das estrellas coloridas.

Se, nesta individualidade, havia um só homem pela integridade moral, que é a conciliação suprema entre as variações da nossa contingencia, muitas eram as vocações facetadas nesse talento.

Poeta, orador, mestre, estadista, lidou com a sociedade de seu tempo pelos órgãos de relação mais sensíveis que ligam o homem á vida intellectual, na civilização coetanea: pelo ideal, na lyra; pela eloquencia, na tribuna; pela mocidade, na cáthedra; pela controversia, na imprensa; pela politica, no parlamento. Todos os logares que occupou, rutilam ainda hoje da luz deixada por elle. Assim, essas radiosas povoadoras do espaço ethereo, cujas distancias se medem por milhares de milhões de raios terrestres, se um cataclysmo da criação inteira podesse apagal-as, revestindo de noite impenetravel o ceu e a eternidade, continuariam, todavia, depois de extinctas, a ser vistas por nós durante myriadas de gerações.

Discipulo, como fui, de José Bonifacio, seria orgulho, se não fosse gratidão, vaidade, se não fora dever, dar-vos aqui testemunho do seu magisterio. Foi em 1868, quando comecei a ouvi-lo. Vinha elle d'essa memoravel sessão parlamentar, em que a omnipotencia da coroa, por imperscrutavel mysterio de sua graça, houve por bem, depois de Humaitá, victimar á rehabilitação de Timandro o partido de cujas sympathias populares o dynasta se valera para a campanha do Prata.

Quando José Bonifacio assomou na tribuna, tive pela primeira vez a revelação viva da grandeza da sciencia que abraçávamos. A modesta cadeira de professor transfgurava-se; uma espontaneidade, esplendida como a natureza tropical, borbullhava d'ali nos espiritos encantados; um sopro magnifico animava aquella inspiração caudal, incoercível, que nos magnetisava de longe na admiração e no extasi. Lembra-me que o primeiro assumpto do seu curso foi a *retroactividade das leis*. Nas suas prelecções, que a hora interrompia sempre como dique importuno, a summa philosophia juridica, a jurisprudencia romana, os codigos modernos, a interpretação historica, o direito patrio passavam-nos pelos olhos em quadros incomparaveis, inundados na mais ampla intuição scientifica, impellidos por uma dialectica irresistivel. Era uma memoria miraculosa, uma d'essas memorias capazes de reconstituir, como a de Scaligero, a *Illiada* e a *Odysséa*, como a de Macaulay o *Paraiso Perdido*, como a de Pascal tudo o que elle tivesse lido uma vez; arrastava em catadupa — leis, datas, factos, brocados, algarismos, idéas, fragmentos minimos de minerio precioso e enormes massas alluviaes de saber, que não se imagina como aquelle Niagara pudesse carrear, sem alteração da sua magestade, nem prejuizo da sua limpidez.

Que vos direi do orador? A sua eloquencia creio que nunca encontrou negadores. A nevoa, de que alguns a increpavam, poderia semelhantemente arguir-se ás mais lucidas manifesta-

ções da natureza. Chega mesmo a ser nos grandes quadros do universo condição necessaria da diaphaneidade e da luz. Nas telas de Turner, cujo pincel debuxou « o Apocalypse do firmamento » os quadros mais formosos pela intensidade dos raios solares e pela serenidade da abobada azulada, nas altas regiões celestes onde habitam os cirrus, acima das maiores altitudes europeas, é da distribuição das nuvens superiores que recebem a graça, a expressão, os contrastes artisticos da verdade.

Imaginem um lance de serros alpestres, quando o dia surge dos espigões alcantilados: os grupos colossaes de sombras que rolam para o oriente, vão abysmar-se no oceano crepuscular; os geleiros serpeiam, alvejando pelas encostas; os picos solitarios, inflammando as primeiras restees de sol os cabeços de neve, accendem abaixo de si uma alvorada no cimo de cada penhasco; o nevoeiro se evola das avalanches, e o rosicler dos longes silenciosos atoga-se na purpura do horizonte; incendio immenso, por entre o qual se esgarçam as brumas da voragem, em quanto as cataractas detonam no fundo dos algares, e o azul infinito sorri contemplativamente de cima. Dir-se-ia que ha, em certas almas extraordinarias, paragens como essas de onde se despenhava a palavra de José Bonifacio, a bater de fraguado em fraguado, a resoar de quebrada em quebrada, a chispar de aresta em aresta, a iriar-se de raio em raio do sol, até se espriiar, estuando, na imensa bacia de sua foz.

*Monte decurrens, velut amnis imbres,
Quem super notas aluere ripas,
Tervet, immensusque ruit profundo
Pindarus ore.*

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

Temos, do Sr. José Joaquim do Carmo Gama, natural de Minas Geraes, um volume dos seus *Segredos d'alma*, poesias, com uma carta-prologo do Sr. Dr. J. C. de Moraes Carneiro.

O Sr. Carmo Gama, é um poeta piedoso e christão, tocado do sentimento poetico da religião e da natureza, como declara no prologo.

As suas poesias não contradizem o sentir do poeta: são da natureza e da religião.

A Arte e a grammatica soffrem de quando em quando, mais vezes mesmo do que as que fora para desejar, mas o auctor encontra para isso uma justificativa historica:—O Christo tambem soffreu.

Pois se aquelle homem-sancto, cheio de perfeições e de virtudes, soffreu, que muito é que soffram egualmente a sciencia da lingua e a Arte?

O Sr. A. Vaz Pinto, offereceu-nos um exemplar do seu romance historico do tempo colonial—*Coração de ferro. Intendente dos diamantes*, em dois volumes, de perto de trezentas paginas cada um.

É uma obra de merito, que tem, alem do valor litterario da narrativa romantica, o valor da investigação historica e do detido estudo dos costumes da época. O estylo é sobrio e correntio e a novella interessante e bem urdida.

Falta-nos espaço para darmos d'esta obra o estudo critico amplo que ella merece.

O Sr. B. L. Garnier, edictor, enviou-nos um exemplar do romance de Geor-

ges Ohnet—*Lise Fleuron*, traduzido pelo Sr. Visconti Coaracy.

Ohnet é um escriptor feliz. As suas obras, apezar de cruelmente fustigadas pela critica franceza, têm todas grande successo de livraria. *Lise Fleuron* passa por ser uma das melhores; agora traduzida pelo Sr. Coaracy, tem mais um atractivo para os amadores do genero e deve ter uma venda enorme.

É o que desejamos ao edictor.

Do Porto recebemos um volume do *Almanach das senhoras portuenses, para 1887 (2º anno)*, organizado pela nossa talentosa collaboradora D. Albertina Paraizo.

Além de minuciosas noticias e informações locaes, tem este livro uma muito recommendavel parte litteraria, na qual, a par de nomes laureados de escriptores portuguezes, figuram muitos dos mais estimados litteratos brazileiros.

É, no genero, uma obra muito bem feita, que recommenda o talento e a habilidade da illustre auctora.

O Sr. Cantanhede de Moraes acaba de publicar em um bello livro, impresso na Imprensa Nacional, as *Noções de tachygraphia*, ensinada pelo conspicuo professor Sebastião Mestrinho em varias provincias do Norte.

Não entendemos da materia e por isso abstemo-nos de dar opinião.

Digam os entendidos se é bom ou mau o methodo do professor Mestrinho.

Da empreza edictora do *Diario de Noticias* recebemos o 1º volume das *Memorias d'um medico*, de Alexandre Dumas, obra que tem uma reputação universal.

F.

A VIDA ELEGANTE

CLUB HEBE

Realizou esta encantadora sociedade, o seu segundo sarau a 11 do corrente, com o seguinte programma:

Fantasia de L. Bassi, para clarineta, pelo Sr. Horacio de Lemos; *Noi ci amavamo tanto*, aria de soprano, de Palloni, pela Sra. D. Lia de Lellis, acompanhada pela Sra. D. Aurora de Lellis; *Lucrezia Borgia*, duetto para harpa e piano, de Oberthur, pelas Sras. D. D. Rita Duarte e Maria Eliza de Andrade; *Aida*, romance de tenor, pelo Sr. Raphael Agostini; para Saxophone, *L'oi seau-mouche* de Bouillon, pelo Sr. Horacio de Lemos; e uma poesia, recitada ao piano, pelo Sr. Ernesto Andrade. O distincto pianista o Sr. Angelo Maneja, prestou-se a acompanhar todas as peças. Terminou, o magnifico concerto ás 10 1/2 da noite, quando foi servido o chá. Seguiram-se logo as danças, muito animadas, que se prolongaram até muito tarde. No grande salão achavam-se muitissimas e interessantes senhoras e distinctos cavalheiros. A sociedade, que se compõe de mais de cem socios, está muito bem organizada e perfeitamente dirigida.

A directoria, toda composta de senhoras, foi de uma encantadora e exquisita amabilidade para com todos os seus convidados.

CONGRESSO BRAZILEIRO

Foi enorme a concorrencia na noite de 11 aos esplendidos salões d'esta distincta sociedade.

A SEMANA

409

O sarau começou por um concerto magnífico, em que tomaram parte muitos amadores e amadoras de talento. Todas as peças foram muito applaudidas pelo brilhante auditorio que enchia o salão. Terminado o concerto começaram com grande entusiasmo as danças que só terminaram ao amanhecer. A directoria, como sempre, foi prodiga de obsequios e amabilidades aos seus numerosos convidados.

LORGNON.

EXTRANHO IDYLIO

A FILINTO DE ALMEIDA

*Tremulos dedos na harpa, olhos no ceu, tangia
No instrumento canção de uma musica extranha,
Uma loura criança e presa de tamanha
Commoção, que do olhar o pranto lhe corria.*

Margem do Rheno. Em baixo ás rechans da montanha

*A agua cantava, em cima o nevoeiro cobria
O cumo alvo de neve e em torno a nostalgia
Do triste e escuro ceu da hyvernosa Allemanha.*

*Noite calma, profunda e silente era aquella...
Na proxima floresta o vento não cantava;
Somente a harpa a chorar entre os dedos da bella!*

*Porfim calou-se; então da matta silenciosa,
Alma do morto amante, um rouzino vibrava,
Como em resposta ao canto, uma canção saudosa.*

S. Paulo — 1886.

RODRIGO OCTAVIO.

JORNALS E REVISTAS

Pelo illustre escriptor juridico Dr. Carlos Perdigo fomos brindados com a colleção dos numeros da sua excellente *Revista Juridica* publicados de 15 de Julho a 15 do corrente. Esta publicação é seguramente a melhor que no genero possuímos porque não se limita a enfeixar sentenças, acórdãos, agravos, actos judiciaes, emfim; mas debata-os, estuda-os á luz da nossa legislação, e com a maxima independencia e franqueza se pronuncia sobre a importancia dos julgados e sobre a justiça ou injustiça dos julgamentos em todas as instancias.

Todas as questões importantes que entendem com o nosso Direito acham guarida e aprofundado estudo no espirito do esclarecido redactor da *Revista*. Assim é que nos ultimos numeros se encontram proficentemente tractadas as especies juridicas do roubo na thesouraria de Pernambuco, da pronuncia por estellionato do gerente do Banco Inglez e um longo estudo, ainda não concluido, da grave e momentosa questão dos vadios e mendigos.

É digno de louvor o governo imperial por estar auxiliando a publicação d'esta notavel revista de Direito e Legislação. Ella é indispensavel a todos os advogados, juizes e homens do foro em geral. Cada numero tem mais de 150 paginas, custando, no entanto, a assignatura apenas 24\$000 por anno. Attendendo a isso e a ser a impressão excellente e superior o papel, pode-se considerar modico o preço da assignatura e ao alcance da bolsa de quantos tenham interesse na leitura da *Revista Juridica*.

O ultimo numero d'O *Occidente* traz na primeira pagina um magnifico retrato do notavel escriptor Antonio Ennes, bibliothecario-mor da bibliotheca publica de Lisboa.

S.

DOLORA

Junctos estando, em mim ella pensava,
Sorrindo sem cautella
Com o mais da gente que conosco estava :
E eu me esquecia d'ella.

Distante estou, ella ficou distante :
Meu coração padece -
Agora; em pranto lembro-a a cada instante:
E ella de mim se esquece.

1886.

AUGUSTO BASTOS.

THEATROS

SANT'ANNA

Continua ainda o successo da *Befana*. Ensaia-se com presteza *O Carioca*, revista, por Arthur Azevedo e Moreira Sampaio. Deve subir á scena na noite de 31 do corrente.

RECREIO

Deve ser hoje a primeira d'O *filho da noite*, grande drama phantastico e maravilhoso que deve acabar de enriquecer o Dins Braga.

Este excellente artista, director da empresa, offereceu espontaneamente um espectáculo para beneficio da familia do desditoso tenente Rosas, morto no terrivel desastre do *Aquidaban*.

É uma acção meritoria, altamente louvavel, que prova os bons sentimentos da sympathico director do Recreio.

PRINCIPE IMPERIAL

A empresa do Machado, agora reforçada com a entrada das artistas Manzoni e Jeanne de Kailus, está representando com successo os inesgotaveis *Sinos de Corneville*.

PHENIX DRAMATICA

A empresa d'este theatro atirou-se ao repertorio antigo e não se tem dado mal. Representa successivamente *A Nova Castro*, *Os dois proscriptos*, e está agora ensaiando um novo drama phantastico — *O espectro*.

LUCINDA

Na segunda-feira entra em ensaios a peça de estréa da companhia Boldrini. O titulo da peça é *Um vicio de educação*, drama em 5 actos do commendador Achille Montignani, traducção dos Srs. Dr. Agrippino e Victor Lobato, ambos do Maranhão. Consta-nos que esta peça foi traduzida tambem em Lisboa e foi representada pela 1ª vez no Theatro Principe Real, em beneficio da actriz Margarida da Cruz, que vae fazer agora o mesmo papel.

No Brazil representou-se no theatro da Paz, no Pará, com grande exito.

Dizem folhas de Lisboa que a excelente actriz Ismenia vae ser contractada

num dos primeiros theatros d'aquella capital.

Entre essas folhas figura o conceituado *Diario de Noticias*, que diz o seguinte:

« Estã-se representando no theatro Recreio Dramatico, no Rio de Janeiro, com grande successo, o magnifico drama de D'Ennery, *Martyr*, traducção do nosso estimado collega Henrique Chaves, redactor da *Gazeta de Noticias* d'aquella cidade. O papel de protagonista tem sido admiravelmente desempenhado pelo distincto artista brasileira Ismenia dos Santos, a quem a imprensa brasileira tece os mais justos elogios.

A Sra. Ismenia dos Santos tenciona vir proximamente para Lisboa, e dizem-nos que será escripturada n'um dos nossos theatros.»

Ganharão com isto, se fôr certa a noticia, os theatros de Lisboa, onde a Sra. Virginia é primeira actriz, — e perderemos nós, porque Ismenia não tem, positivamente, quem a substitua nos nossos theatros.

Amanhã, realizar-se-á no Polytheama Fluminense em beneficio e por despedida — de Mme. Bargossi um espectáculo muito attrahente, composto de sete pareos, corridas a pé e a velocipede, em que tomnrão parte muitos amadores, Mme. Bargossi e seu filho. Haverá tambem o jogo do *croquet* e uma tumbola em que será sorteado um rico annel. Mme. Bargossi merece a protecção do publico.

P. TALMA

SPORT

O Derby-Club realisou no domingo passado a sua 7ª corrida extraordinaria com um programma importante e habilmente organizado.

Eis o resultado do pareos:

No 1º pareo (1.450 metros) *Vampa* em 99 segundos venceu os seus competidores. *Americana* chegou em 2º lugar. *Marengo* em 3º. *Pirata*, *Baccarat II*, *Jenny Sartarelle* chegaram nesta ordem.

No 2º pareo (1.000 metros) *Biscaia* em 64 segundos venceu, sem deixar duvida, *Aymoré*, reputado muito superior neste tiro. *Baiocco* em 3º e um pouco manco.

No 3º pareo (1000 metros) *Coupon* em 63 segundos, bateu neste tiro *Charybdes* que chegou em 2º; *Caíta* em 3º.

No 4º pareo (1609 metros) *Monitor* em 109 segundos, fez boa corrida e venceu os seus competidores. *Odalisa* tem desmerecido ultimamente, chegou em 2º e completamente esgotada. *Argentino* em 3º. *Plutus* e *Judia* chegaram na bagagem.

No 5º pareo (1450 metros) *Cheapside* com muita facilidade em 96 segundos obteve a victoria. *Madama* em 2º, *Gaudriole* em 3º. *Peruana* e *Garibaldi* chegaram nesta ordem.

No 6º pareo (2400 metros) *Salvatus* e *Scylla* fizeram nma brilhante corrida e muito disputada na recta de chegada, vencendo *Salvatus* em 163 segundos e apenas por cabeça. *Satan* que corria de alcance, ficou alcançado.

No 7º pareo (1.609 metros) handicap, *Druid* em 110 segundos venceu os seus competidores que desta vez quasi fazem surpresa. *Nicoaf* que chegou em 2º perdeu apenas por meia cabeça. *Biscaia* em 3º e por diminuta differença. Estes tres parelheiros chegaram mnito juntos. *Boyardo* e *Peralta* chegaram em ultimo lugar. *Bayocco* não correu.

No 8º pareo (1.450 metros) *Phénicia* facilmente em 97 segundos sahi victoriosa. *Pancy* em 2º; *Alfredo* em 3º e um pouco esgotado, não parecendo parelhinho de futuro. *Fronin* em 4º.

A 8ª corrida extraordinaria desta benemerita sociedade realisa-se amanhã. O programma é importantissimo e os pareos estão preenchidos por parelhinhos de nomeada. E' de esperar porfiada luta em muitos delles. Emfim, uma corrida de estrondo.

L. M. BASTOS

FACTOS E NOTICIAS

O Club Beethoven realizou hontem mais uma das suas excellentes reuniões.

Esteve, como todas, brilhantissima.

JOSÉ BONIFACIO

Recebemos de S. Paulo uma carta circular da Commissão Central encarregada de promover a subscrição popular para o projectado monumento a José Bonifacio, convidando-nos a auxiliar-a nesta capital com os seguintes collegas da imprensa:

Jornal do Commercio, Paiz, Gazeta da Tarde, Gazeta de Noticias, Rio de Janeiro, Diario de Noticias e Revista Illustrada.

Pela nossa parte não pouparemos esforços para auxiliar os collegas em tão justa homenagem.

Recebemos um gracioso convite para a reunião familiar que se realiza hoje na « Sociedade Recreativa e Auxiliar S. José. » Esta associação tem ultimamente progredido bastante, quer em numero de socios, quer em concorrência de Exmas. familias ás suas reuniões, devido isto aos esforços dos incansaveis Srs. Antonio Pereira de Mello e J. J. da Silva Guimarães, dignos secretario e thesoureiro da sociedade, á qual tem dedicado a sua intelligencia e actividade.

A nossa visinhança pilhou hontem um grande susto. Não foi, porém, nossa a culpa. Foi dos Srs. E. de Saint Denis & C. que tiveram a amabilidade de nos enviar duas garrafas do excellente *Champagne* GEORGE GOULET (REINES.)

Recebel-as e abril-as foi obra de um momento: as rolhas saltaram; o estampido produziu-se; a visinhança alarmou-se; e nós... de cópos em punho; saboreámos o precioso liquido. E' na verdade um dos melhores, senão o melhor *Champagne* que tem vindo ao nosso mercado: de uma cor amarelada, muito espumante, *sec*, e sobretudo gratissimo ao paladar.

Emfim: — é um vinho, ou, melhor, um nectar *tout á fait pschutt!*

O Club do Engenho Velho dará no dia 24 do corrente o seu 45º sarau-concerto.

Por lamentavel esquecimento deixámos de noticiar em o numero passado a brilhante festa de distribuição de premios e abertura das férias no conceituado « Collegio Ferreira Pinto » para meninas. Foi uma festa escolar interessante como poucas e que deixou patente o aproveitamento das alumnas.

O professor Dr. João Kopke, que tão bella reputação de educador deixou na provincia de S. Paulo, e que hoje dirige a « Escola Primaria Neutralidade », sita á rua dos Voluntarios da Patria,

n. 10, procederá hoje na dicta escola á primeira experiencia do Electro-didacolo, aparelho destinado ao ensino objectivo da leitura. Agradecemos-lhe o convite que nos enviou.

O Sr. Barão de Macahubas enceta hoje, no quartel do Campo da Acclamação, as provas do seu methodo de leitura em 15 licções.

O distincto negociante Sr. commendador Lino Rodrigues Nobrega, festejou no dia 12 do corrente o 14º anniversario de sua interessante filha Idalina com um magnifico sarau dançante, a que concorreram muitas familias da nossa primeira sociedade.

Hontem commemorou o Club Beethoven o anniversario natalicio do immortal maestro, realisando o seu 106º concerto, composto unicamente de trechos de Beethoven. Findou o concerto o presidente do Club, Dr. Ferreira Vianna, fez um discurso apologetico do grande genio musical da Allemanha.

O Instituto Historico e Geographico e Etnographico do Brazil commemorou no dia 15 do corrente o anniversario de sua fundação, com a presença de S. M. o imperador, orando o presidente Dr. Joaquim Norberto e Dr. Franklin Tavora, que fez o elogio dos socios fallecidos durante o anno.

FALLECIMENTOS

Falleceu na sexta-feira da semana passada a Sra. D. Amelia Corrêa Vasques, esposa do popular e estimadissimo actor Vasques.

No dia 16 resaram-se missas por sua alma, ás quaes assistio grande numero de collegas e amigos do viúvo.

Damos-lhe pezamos sinceros.

Falleceu ultimamente em Lisboa o conselheiro Augusto Carlos da Costa Camarate, director de contabilidade do ministerio dos negocios estrangeiros.

O conselheiro Camarate era tio do nosso colega do *Jornal do Commercio*, Alfredo Camarate, a quem damos sinceros pezames.

CORREIO

Sr. Zarr — Provavelmente o meu amigo não teve em mira, remettedo-nos a sua versalhada, senão provar o quanto é perito em dizer destampatorios e quebrar pés... de versos. Nisto ninguem lhe leva a palma, pode crer. Mas entendo que o Sr. lucraria muito mais se pegasse no seu aborto poetico e o fosse expôr numa feira, pagando meio tostão a cada curioso que o quizesse admirar. A curioso, que trouxesse familia grande, o Sr. poderia dar muito bem pataca e meia e dois vintens; certo de que elle não havia de regatear. A's crianças e aos cegos, entrada gratis. Assim lavrava um tento; publicar é que não vale a pena. *Tento esquecer...* é o titulo da sua paralytica oitava. E' mesmo o que deve fazer: tente esquecer brisas e chupa-flores o trate de ir dormir na cama, que é logar quente; não obstatenser, talvez, o Sr. uma das glorias da Praia Grande.

Sr. Catas Alta. — Estou vendo que tambem vossa-mercê é primoroso em quebraduras de versos. Cá no meu fraco bestunto, porém, entendo que seria de muito mais vantagem, não só para v. m., como para a Humanidade, se o amigo em vez de quebrar versos fosse quebrar... pedras. E olhe que isto lhe havia de dar muito menos com o pãu na paciencia e livral-o muito

mais da *quebradeira*... propria. Infeliz soneto! como vem fracturado e chagado de asneiras, coitadinho! Nem titulo sequer tem, o caipora! Vejam só como elle manqueja das patas trazeiras:

« Pedro segundo contente
Com a força de tal ministro
Teve um momento innocente;

Fez d'elle um segundo Christo
E do meio de muita gente
Diz Bocaiuva — que é isto?!... »

Como isto é especulundrifico! A gente não pesca nem patavina! Mas nisto mesmo é que está a originalidade do Thebas: em não se fazer entender pela Humanidade ignara!

Pedaço de bregeiro! Fino como lâ de kagado!...

Porque isto de versos intelligiveis e bons a gente encontra por ahí ás carradas; mas erradinhos da Silva e Souza como estes, a gente não acha nem com um prego... nem com dois... que digo eu? nem mesmo com um kilo de pregos accesos! Um conselho, Sr. Catas: tanja o seu urucungo lá no seu canto e guarde bem guardadas as suas preciosidades e deixe-se de andar a semear porcos a perolas!

ENRICO.

CORREIO DA GERENCIA

Aos Srs. João Gomes Ribeiro, Ireneu Portugal e João Rodrigues de Brito rogamos o favor de prestarem attenção ao que lhes temos pedido.

N'este escriptorio compram-se exemplares dos ns. 1, 2, e 20 d'A *Semana*, a 500 rs. cada um.

Sr. L. A. Mader — Capivary. — Para que V. S. fique quite até 31 do corrente mez, precisa mandar-nos mais 1\$000 réis.

Rogamos aos nossos assignantes de S. Geraldo, aos quaes nos dirigimos ultimamente por carta, o favor de nos responderem com a possivel brevidade.

Identico pedido fazemos aos nossos assignantes de Cantagallo.

Aos cavalheiros que, por intermedio dos nosos agentes, nos honrarem com as suas assignaturas, rogamos a fineza de dirigirem suas reclamações á gerencia da folha, quando não a recebam com a punctualidade necessaria.

SECÇÃO DE HONRA

Como prova de reconhecimento ás pessoas que se dignaram de nos auxiliar com suas assignaturas desde a fundação d'A *Semana*, e que se acham quites para com esta empreza, continuamos a publicar nesta secção de honra, iniciada em o n. 99, uma relação dos seus nomes, á qual serão tambem adicionados os dos cavalheiros que, sendo igualmente assignantes desde o inicio da publicação d'esta folha, vierem ou mandarem quitar-se até 31 de Dezembro corrente.

CONCEIÇÃO DE MATTO GROSSO

José Francisco Pereira de Mendonça.

ESTAÇÃO DE BELEM

Vicente Rodrigues da Silva.

CONCEIÇÃO DA ESTRADA NOVA

Alfredo Barbosa de Toledo.

YPANEMA

Capitão Dias da Costa.

Martim Francisco G. Martins.

BARBACENA
Camillo de Assis.
S. FRANCISCO DE PAULA
(CANTAGALLO)
José Narciso dos Santos Luzes.

GOYAZ
Dr. Joaquim Xavier Guedes Natal.
Torquato Ramos Caiado.
Capitão Austriclino Villarim.

SAPUCAIA
Paulo Joaquim de Oliveira.
Dr. Joaquim Mauricio Abreu.

SANTO ANTONIO DE PADUA
Joaquim Cezar Junior.
Antonio José Pinheiro Filho.
Dr. Mello e Cunha.
Antonio Leite Monteiro de Barros.
Arthur de Mello.

THEREZOPOLIS
Constantino Luiz Fisher.

ESTAÇÃO DO ESTEVES
Antonio Manoel de Menezes.

MACEIO'
Americo Almeida Guimarães.

SANT'ANNA DOS TOCOS
Vigario Antonio José de Sá-Chemen.

NICTHEROY
Custodio José Vieira.
Felisberto Rodrigues de Carvalho.

ESTAÇÃO DO COMMERCIO
Matheus Soares Cordeiro.

BAHIA
Manoel Antonio Affonso Reis.

RECEBEMOS

— A *Distracção* — anno 3. n. 111.
— A *Estação* — anno XV — n. 23. Traz este numero uma bellissima variedade de figurinos. A sua parte litteraria, alem da continuação do *Quincas Borba* de Machado de Assis, e de uma *Chroniqueta* de Eloy, o *Heroe*, tem uma boa gravura intitulada *Na porta da igreja* e um bello soneto — *Rio Abaixo*, de Olavo Bilac.

ANNUNCIOS

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

Dr. João Botelho, medico e operador; molestias venereas, syphiliticas e das vias urinarias. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicções medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 51, por cima da antiga pharmacia Fragozo, das 12 ás 3 horas.

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDÒ POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

A NACIONAL

CARLOS MORAES & C

66, RUA DA URUGUAYANA, 66

Grande fabrica de luvas de pellica, pelle de suéde, camurça, de fantasia e de seda.

EXECUTA SE QUALQUER ENCOMMENDA EM DUAS HORAS

RIO DE JANEIRO

ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o *Café Oriente*, da fabrica a vapor de Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25
9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta—annuncio.

COLLEGIO SÃO PEDRO DE ALCANTARA EM PETROPOLIS

Reabrir-se-ha no dia 1 de Janeiro de 1887 este segundo estabelecimento, debaixo da direcção do Dr. A. Zeferino Candido.

O collegio da Côte continúa, como até aqui, a cargo do director João Lopes Chaves e com o seu antigo pessoal.

As condições de admissão, preços programmas, methodos e disciplina são perfeitamente eguaes para os dous estabelecimentos. E' facultativa a escolha do collegio para todos os alumnos.

No inverno descerão para o collegio da Côte, acompanhados pelo seu director e mestres, os alumnos de Petropolis, para continuarem sem alteração os seus trabalhos.

Informações, matrículas desde já, no Collegio S. Pedro de Alcantara, na Côte.

RUA DE S. CLEMENTE N. 30

Os DIRECTORES

A. Zeferino Candido.
João Lopes Chaves.

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encommendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

GAZETA LITTERARIA

Director e Proprietario

ALFREDO DE PAIVA

REVISTA MENSAL — REDACÇÃO EM PETROPOLIS

Letras, Sciencias, Artes, Industria, Commercio. Collaborada por distinctos escriptores e homens de letras.

O 4º numero sahirá em janeiro proximo futuro, constando d'ahi em diante de 8 pag. papel superior, nitida impressão. Serão distribuidos supplementos, gravuras, etc. aos assignantes.

E' correspondente da *Gazeta Litteraria*, em Paris, o Sr. A. d'Oliveira Costa, director do *Courrier de Paris* e socio da *Agence de Publicité Etrangère*.

ASSIGNATURAS

5\$000 por anno — 500 rs. n. avulso

(Pagamento adiantado)

Toda a pessoa que agenciar 10 assignaturas terá direito a uma gratis.

SOCIEDADE

RECREATIVA E AUXILIAR SÃO JOSÉ

REUNIÃO FAMILIAR

Sabbado, 18 de Dezembro HOJE Sabbado, 18 de Dezembro

COMEÇARÁ ÁS 9 HORAS DA NOITE

A directoria roga aos Srs. socios e convidados o seu comparecimento, bem como o de suas Exuas. familias, afim de mais brilhantismo ter esta reunião.

O secretario, ANTONIO MELLO

DERBY-CLUB

PROGRAMMA DA 8ª CORRIDA EXTRAORDINARIA A REALIZAR-SE EM 19 DE DEZEMBRO DE 1886

AO MEIO-DIA EM PONTO

N ^o .	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIO
A's 12 1/4 horas — 1º pareo — SEIS DE MARÇO — 1.450 metros — Animaes do paiz até meio sangue que não tenham ganho no Derby — Premios: 400\$ ao primeiro, 80\$ ao segundo e 40\$ ao terceiro.							
1	Chapécó.....	Vermelho....	3 annos	Paraná.....	49 kilos	Branco e estrellas azues...	Coud. Guanabara.
2	Condor.....	Castanho....	3 »	S. Paulo.....	49 »	Azul, branco, encarnado...	Coud. Cruzeiro.
3	Caporal.....	Alazão tost...	4 »	Idem.....	52 »	Verde, branco e encarnado.	Coudelaria Excelsior.
4	Baccarat II.....	Gateado.....	4 »	Idem.....	52 »	Rosa e ouro.....	C. & F.
5	Aldace.....	Douradilho..	4 »	Idem.....	50 »	Preto e ouro.....	J. V.
6	Marengo.....	Vermelho....	6 »	Idem.....	54 »	Vermelho.....	Coud. Mineira.
7	Sartaralle.....	Preto.....	5 »	Paraná.....	54 »	Géranium e ouro.....	J. W.
8	Guacho.....	Chita.....	3 »	Rio Grande..	49 »	Grénat e manchas azues...	A. M.
9	Americana.....	Tordilho....	4 «	R. de Janeiro.	50 »	Branco, preto e encarnado.	M. L. de Carvalho.
10	Lucifer.....	Vermelho....	5 »	S. Paulo.....	54 »	Grénat e lirio.....	M. C.
11	Jenny.....	Idem.....	4 »	Idem.....	50 »	Vermelho e boné preto....	J. Lemos.
12	Pirata.....	Tordilho....	4 »	R. de Janeiro.	52 »	Branco e azul.....	Coud. Nitheroyense.
A's 12 3/4 horas — 2º pareo — COSMOS — 1.000 metros — Inteiros e eguas de qualquer paiz — Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro.							
1	Cheapside.....	Alazão.....	3 annos	Ingllaterra...	52 kilos	Encarnado branco e ouro..	Coud. Paulista.
2	Coupon.....	Castanho....	3 »	França.....	53 »	Azul, branco e encarnado..	Coud. Cruzeiro.
3	Charybdes.....	Idem.....	3 »	Ingllaterra...	56 »	Preto e encarnado.....	Coud. Rio de Janeiro.
A' 1 1/2 hora — 3º pareo — PROGRESSO (HANDICAP) — 1.609 metros — Animaes do paiz até meio sangue — Premios 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.							
1	Aymoré.....	Castanho....	6 annos	S. Paulo.....	50 kilos	Preto e encarnado.....	Coud. Rio de Janeiro.
2	Boyardo.....	Alazão.....	5 »	Idem.....	52 »	Branco e estrellas azues.....	Coud. Guanabara.
3	Nicoafy.....	Castanho....	4 »	Paraná.....	54 »	Azul e encarnado.....	Coud. Oriental.
4	Biscata.....	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	50 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
5	Druid.....	Tordilho....	4 »	R. de Janeiro.	62 »	Branco e boné encarnado..	Oliv. Junior & Lopes
A's 2 1/4 — 4º pareo — EXCELSIOR — 1.609 metros — Poldros e poldras nacionaes de 3 annos. — Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.							
1	Flotsam.....	Zaino.....	3 annos	S. Paulo.....	49 kilos	Vermelho.....	Coudelaria Mirim.
2	Monitor.....	Castanho....	3 »	Idem.....	55 »	Azul branco e encarnado..	Coud. Cruzeiro.
3	Condor.....	Idem.....	3 »	Idem.....	49 »	Idem.....	Idem.
4	Odalisca.....	Pampa.....	3 »	Idem.....	51 »	Verde, branco e encarnado.	Coud. Excelsior.
5	Galgo.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	49 »	Azul, branco e grénat.....	S. M.
A's 3 horas — 5º pareo — RIO DE JANEIRO — 2.400 metros — Inteiros e eguas de qualquer paiz — Premios: 1:500\$ ao primeiro, 400\$ ao segundo e 200\$ ao terceiro.							
1	Diomede.....	Zaino.....	3 annos	França.....	50 kilos	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes
2	Coupon.....	Castanho....	3 »	Idem.....	50 »	Azul, branco e encarnado..	Coud. Cruzeiro.
3	Salvatus.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	52 »	Azul, branco e encarnado..	Idem idem.
4	Boreas.....	Castanho....	5 »	S. Paulo.....	54 »	Encarnado e preto.....	Coud. Rio de Janeiro.
5	Scylla.....	Idem.....	3 »	Ingllaterra...	49 »	Preto e encarnado.....	Idem.
A's 3 3/4 — 6º pareo — LEMGRUBER — 1.609 metros — Animaes do paiz que não tenham ganho outro pareo além do SEIS DE MARÇO — Premios: 500\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 50\$ ao terceiro.							
1	Baccarat II.....	Gateado.....	4 annos	S. Paulo.....	52 kilos	Rosa e ouro.....	C. & F.
2	Villa-Nova.....	Zaino.....	4 »	Paraná.....	50 »	Azul, branco e encarnado..	Coud. Esperança.
3	Vampa.....	Idem.....	4 »	Rio Grande..	52 »	Grénat e manchas azues...	Coudelaria Paraiso.
4	Recife.....	Castanho....	4 »	Paraná.....	52 »	Idem, idem e lirio.....	D. A.
5	Orpheu.....	Preto.....	5 »	S. Paulo.....	54 »	Vermelho e boné preto....	J. Lemos.
A's 4 1/2 — 7º pareo — GRANDE PREMIO EXTRA — 1.609 metros — Poldros e poldras estrangeiros de 2 annos — Premios 2:000\$ ao primeiro, 600\$ ao segundo, 300\$ ao terceiro — O quarto livra a entrada.							
1	Castillione.....	Zaino.....	2 annos	França.....	45 kilos	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
2	Frou-Frou.....	Idem.....	2 »	Idem.....	43 »	Encarnado e preto.....	Coud. Rio de Janeiro.
3	Babylone.....	Castanho....	2 »	Idem.....	43 »	Verde, branco e encarnado.	Coud. Excelsior.
4	Gabier.....	Alazão.....	2 »	Idem.....	45 »	Grénat e rosa.....	S. M.
5	Africana.....	Zaino.....	2 »	Rio da Prata.	43 »	Verde e ouro.....	D. Olga L. da Costa.
6	Phénicia.....	Alazão.....	2 »	Ingllaterra...	43 »	Encarnado e mangas azues.	Coud. Brazileira.
7	Alfredo.....	Castanho....	2 »	França.....	45 »	Grénat e rosa.....	S. M.
8	Olinda.....	Zaino.....	2 »	Ingllaterra...	43 »	Ouro e rosa.....	Coudelaria Cruzeiro.
9	Pancy.....	Idem.....	2 »	Rio da Prata.	43 »	Cereja, verde e amarello...	V. M.
A's 5 1/4 — 8º pareo — DERBY-CLUB (HANDICAP) — 1.750 metros — Inteiros e eguas do paiz — Premios: 1:000\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.							
1	Boreas.....	Castanho....	5 annos	S. Paulo.....	60 kilos	Preto e encarnado.....	Coud. Rio de Janeiro.
2	Talisman.....	Alazão.....	5 »	Idem.....	52 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
3	Sybilla.....	Verm. zaino..	4 »	Idem.....	53 »	Idem, idem, idem e faixa...	Idem idem.
4	Regina.....	Douradilho..	4 »	Idem.....	45 »	Grénat e manchas azues...	Idem, Paraiso.

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 25 DE DEZEMBRO DE 1886
DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II-X. 104

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36



MANOEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE

(NA ARCADIA ELMANO SADINO)

Nasceu a 15 de Setembro de 1765 e morreu a 21 de Dezembro de 1805

(Dezenho de Bento Barbosa, gravura de Alfredo Pinheiro.)

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	F. D'ALMEIDA.
Bocage.....	A REDACÇÃO.
O retrato de Bocage.....	
Variedade dos effeitos de amor, soneto.....	BOCAGE.
Jornaes e revistas.....	S.*
A Bocage, soneto.....	O. BILAC.
A vida elegante.....	LORGNON.
Bocage, soneto.....	A. DE OLIVEIRA.
Tritão, idyllio maritimo..	BOCAGE.
A Bocage, soneto.....	F. D'ALMEIDA.
Theatros.....	P. TALMA.
Conjurao Anard, soneto	BOCAGE.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Elmani tabernula, soneto	R. CORREIA.
Correio da Gerencia.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÔRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

BOCAGE

A narração minuciosa da vida de Manoel Maria de Barbosa da Bocage teria de ser um longo martyrologio e uma brilhante glorificação. Fallece-nos competencia e não nos sobeja espaço para, num artigo de jornal, escrever da vida e obras do grande poeta.

Feito com o fim de commemorar a data da sua morte, este artigo dará de Bocage as noticias mais importantes da sua vida e procurará reivindicar para o potentissimo engenho do bardo sadino a gloria de poeta de primeira ordem, de maior cantor portuguez do seculo XVIII, que ainda hoje ha quem lhe negue.

Para demonstrar cabalmente a grande superioridade de Manoel Maria sobre os seus contemporaneos, e mesmo sobre os vates arcadicos que o antecederam no mesmo seculo, seria necessario um longo estudo comparativo, baseado, sobretudo, na confrontação critica de Garção, Diniz, Quita e Francisco Manoel — os coripheus da poesia arcadica — se a posteridade já não tivesse outhorgado ao pujante burlador de Tritão, ao doce e mavioso poeta da *Saudade Materna*, ao admiravel e portentoso cantor de *Leandro e Hero*, as palmas do vencedor com as corôas da popularidade e os louros immarcescíveis do renome.

As lettras portuguezas estavam no periodo da sua maior decadencia. Com

a morte de Garção e o abandono de Diniz e Quita morrera a velha Arcadia. Emmudecidos o satyrico formidavel do *Hyssope* e o lyrico suavissimo das derradeiras bucolicas portuguezas de merito, não havia no Parnaso luso vislumbre de engenho alevantado que se librasse a alturas de regeneração litteraria e artistica.

Poetastros enfadonhos e de vôo curto, restos da fria mas grande opulencia das velhas lettras, aventuravam ás Marcias desnalgadas um ou outro soneto mauco de idéa e de metro, uma ou outra cantata á imitação das deliciosas do Garção, cheia de rancido sabor classico mesclado de dicção franceza, sem sombra de conceito poetico.

A sociedade abastardava-se como as lettras sob o regimen fanatico de Maria I, e debaixo da inconfidencia inquisitorial do intendente de policia Pina Manique, o fundador do terror *papelístico* em l'ortugal, como lhe chama Theophilo Braga.

Foi neste meio, impropicio a audacias de imaginação, que Bocage nasceu na villa de Setubal, aos 15 de Setembro de 1765. Seu pae, José Luiz Soares de Barbosa, bacharel em canones, poetara no seu tempo, e sua mãe, D. Mariana Joaquina Xavier Lestof du Bocage, pertencia á familia franceza d'este nome e era segunda sobrinha da celebre poetiza Marie Anne Le Page du Bocage, traductora do *Paraiso* de Milton, imitadora da *Morte de Abel* de Gessner e auctora da tragedia *As amazonas* e do poema epico em dez cantos *A Columbiada*, que lhe mereceu a corôa de louros de Voltaire e o primeiro premio da academia de Rouen. Fontenelle fala com muitos gabos d'esta senhora illustre, e Propiac, no seu *Plutarque des jeunes demoiselles* (Ed. de 1825, v. I, pag. 261), tece grandes elogios ao seu talento e ensina-nos que ella pertenceu com lustre ás academias de Roma, de Bolonha, de Padua, de Lyon e de Rouen.

Manoel Maria vinha, pois, de dois troncos illustres por saber e lettras; com a educação materna obteve a primeira instrucção e foi o pae quem lhe ensinou o francez. Aos quatorze annos concluiu os estudos secundarios e classicos. Aos quinze assentava praça no regimento de Setubal e aos dezeseite transferia-se para a armada real na qualidade de guarda marinha. Aos vinte e um partia para India a bordo da nau de viagem *Nossa Senhora da Vida*, que por causa de uma tempestade, suppõe-se, arribou ao Rio de Janeiro, onde Bocage, apesar de estar aqui pouco tempo, foi muito festejado pela colonia e protegido pelo vice-rei Luiz de Vasconcelos e Souza.

A India, onde chegou a 29 de Outubro de 86, foi para elle uma atrocissima desillusão. Elle, que partira para Goa tocado pela gloria excelsa de Camões, que admirava e imitava, chamava-lhe pouco tempo depois:

« Terra sem lei, madrastra de poetas,
Estuporada mãe de gentes baças ».

E' que Bocage ainda lá soffreu mais do que Camões. Foi encontrar uma sociedade decadente e corrompida por intrigas e vicios de toda sorte. Por lá andou vagabundo, doente, miseravel, até que fugio e poudo voltar para Lisboa, onde chegou em Agosto de 1790.

Em 1791 publicou o 1º volume das suas *Rimas*, os *Queixumes do pastor Elmano*, e os *Idyllios maritimos*. Nesse mesmo anno entrou para a Nova Arcadia, com a qual rompeu furiosamente em 1793.

Em dez de Agosto de 97 foi preso, estando já refugiado a bordo da corveta *Aviso*, que partia para a Bahia, por ordem do intendente Pina Mani-

que, que o mandou metter no segredo do Limoeiro, de onde, em 7 de Novembro, foi transferido para os carceres da Inquisição. Em 17 de Fevereiro do anno seguinte passavam-no para o mosteiro de S. Bento e d'ali, em 23 de Março, para o mosteiro das Necessidades.

Obteve a liberdade, por lhe não acharem no processo motivos para condemnacão e por ter a protecção do ministro José de Seabra da Silva.

Em 1801 acceitou a proposta que lhe fez o naturalista brasileiro padre José Mariano da Conceição Velloso para, mediante o ordenado de 24\$000 réis, fazer as traducções de varios poemas didacticos — *Os Jardins*, de Delille; *As Plantas*, de Castel; *A Agricultura*, de Rosset; e *O Consorcio das flores*, epistola, de Lacroix, — trabalho monstrososo e penosissimo, de que elle se sahio com um brilhantismo que não encontra emulo em toda a historia da litteratura portugueza, e que é uma das corôas mais resplandecentes e legitimas da sua gloria de poeta.

Neste ponto são acordes os tres biographos consultados por nós—Castilho José, Rebello da Silva e Th. Braga.

O primeiro escreve: « Em multiplices titulos assenta a gloria de Bocage, mas em nenhum com mais razão do que no primor das suas versões ».

No prologo da sua traducção de Ovidio, á qual incorporou o que Elmano traduzira do sulinonense, exclama Castilho Antonio: « Este sim; que era digno de traduzir Ovidio. » E referindo-se ás qualidades que em Bocage concorriam para o bom exito de tal empresa, ennuméra: « Estylo terso e nobre; linguagem pura e clara; dicção concisa e ornada; versificação deliciosa, como nenhuma, nem antes, nem depois d'elle, ainda entre nós appareceu. »

Além dos poemas francezes, traduzio varios poetas latinos e italianos.

Por causa do prologo que escreveu para a traducção das *Plantas* rompeu com elle o Padre José Agostinho de Macedo.

Em 1804 publicou o 3º tomo das *Rimas*, e em 1805 declarou-se a doença que o havia de levar ao tumulo, uma aneurisma nas carotidas. Nesse mesmo anno ainda publicou os *Improvisos* e os *Novos Improvisos*, escriptos já durante a enfermidade.

A 21 de Dezembro de 1805, sua irman D. Maria Francisca cerrava-lho para sempre os olhos, em um casebre da travessa de André Valente, em Lisboa.

E' tão complexa, tão variada, tão desigual e, relativamente, tão extensa a obra de Bocage, que o julgar-a e critica-la não é para um artigo de revista litteraria, onde o resumo obrigado tyrannisa as expansões necessarias da critica. E' tarefa para livro não pequeno, que talvez escrevamos um dia, quando para isso houver lazer e edictor.

D'esta missão já de algum modo se desempenhou o Sr. Th. Braga, escrevendo a *Vida e epoca litteraria* do grande poeta, e subordinando o seu trabalho a um rigoroso methodo scientifico, dividindo periodos, fixando datas e tirando inducções voliosissimas para o estudo da individualidade litteraria de Manoel Maria.

Escriptor eminentemente pessoal, poeta completamente subjectivo, elle deixou na sua obra, mais do que nenhum outro, os elementos mais seguros para a investigação e para o estudo do seu caracter moral e litterario. Bastaria para isso o soneto em que se retrata a si proprio, se não offerecesse outros elementos na maior parte das suas composições:

Magro, de olhos azues, carão moreno,
 Bem servido de pés, meão na altura,
 Triste de facha, o mesmo de figura,
 Nariz alto no meio, e não pequeno;

Incapaz de assistir num só terreno,
 Mais propenso ao furor do que á ternura,
 Bebendo em niveas mãos por taça escura
 De zelos infernaes lethal veneno;

Devoto incensador de mil deidades
 (Digo, de moças mil) num só momento,
 Inimigo de hypocritas e frades:

Eis Bocage, em quem luz algum talento;
 Sahiram d'elle mesmo estas verdades
 Num dia em que se achou mais pachorrento.

Dizem mais esses quatorze versos
 do que um volume de estudo in luctivo.
 Além do retrato physico do primeiro
 quarteto, o poeta e o homem está ali
 todo, inteiro, completo.

Que elle era incapaz de assistir num
 só terreno, prova-o a singular instabi-
 lidade da sua vida e o tamanho das
 suas composições. Trefego e soffrego,
 não podia demorar-se a escrever longos
 poemas. De imaginação vivíssima, elle
 resumia na sua forma predilecta — o
 soneto, o poema que a mente lhe creava
 instantanea, ou as poesias mais exten-
 sas sahiam-lhe intoiras e promptas,
 como a Minerva de Jupiter, de um só
 jacto, no delirio da improvisação, como
 um grande peso de oiro derretido, der-
 ramalo sobre o papel que havia de
 atravessar os annos. Foi assim que
 elle, á meza de um botequim, dictou
 em 3 horas e o morgado de Assentiz
 escreveu, a mais formosa, a mais vi-
 brante e a mais violenta satyra que
 possui a lingua portugueza e por ventu-
 ra as linguas cultas da velha Europa
 — *A pena de Talião*. Aquelles 367 versos
 admiraveis, diamantes sem macula,
 foram dictados numa d'aquellas «prom-
 ptas explosões do enthusiasmo» em tres
 horas apenas, incluídas as notas, e es-
 magaram para todo sempre o padre
 José Agostinho de Macedo, a uma sat-
 yra do qual victoriosamente respon-
 diam.

E tudo mais nelle era assim, rapido,
 fugaz, prompto, vertiginoso. Foi as-
 sim a sua vida e é assim a sua obra.

Tambem se vê bem claramente que
 foi mais propenso ao furor do que á
 ternura; bradam-nos alto as luctas
 com os novos arcades, as satyras vio-
 lentas a personagens da India, que lhe
 valeram uma deportação, e alguns ver-
 sos ás suas amadas, nos quaes demon-
 strava beber, servido por mãos niveas
 em taça escura, o lethal veneno do
 ciúme infernal que elle descreveu repe-
 tidamente em varios logares.

Foi tambem inimigo de hypocritas e
 frades, o que lhe valeu o processo civil
 e ecclesiastico baseado na epistola sub-
 versiva da «Pavorosa illusão da eter-
 nidade», uma obra prima, cheia de ex-
 traordinario vigor, de má doutrina mor-
 ral, é verdade, mas onde, cremos que
 pela vez primeira em Portugal e mesmo
 na peninsula, ecoava a liberdade que
 em França estava sendo firmada nas
 bases sanguinolentas do Terror, e onde
 as então chamadas *idéias francezas* re-
 percutiam no scepticismo voltaireano
 d'aquelles ardentes versos tão cheios
 de bellezas e do atrevimentos, audacias
 que no regimen cesario da epoca ti-
 nham á espreita o olho feroz de Mani-
 que.

Naquelle tempo, aspirar á liberdade
 era já um crime; e Bocage aspirava á
 liberdade e á queda do despotismo. E'
 facil de vér quantos vóos lhe sustou o
 regimen da rainha boçal o insana, o
 systema inquisitorial da administração
 publica. Elle não cantava as idéas mo-
 dernas, por temor; o meio social, além
 de estreitissimo, era estúpido e retro-
 grado. Dil-o elle mesmo neste expan-
 sivo soneto:

« Liberdade, onde estás? Quem te detoura?
 Quem faz que o teu influxo em nós não caia?
 Porque (triste de aim!), porque não raia
 Só na esphera de Lysia a tua aurora? »

« Da sancta redempção é vinda a hora
 A esta parte do mundo que desmaia;
 Oh! venha... Oh! venha, e tremulo descaia
 Despotismo feroz que nos devora! »

« Eia! acode ao mortal, que frio e mudo
 Occulta o patrio amor, force a vontade,
 E em flugir, por temor, empenha o estudo. »

« *Movam nossos grilhões tua piedade;*
 Nós n'um nimen tu és, e gloria, e tudo,
 Mãe do geuio e prazer, oh Liberdade! »

O defeito capital de Bocage foi o seu
 desmedido orgulho, a sua illimitada
 vaidade, defeito de que decorreram to-
 dos os outros que lhe conturbaram a
 reputação.

Mas a immodestia num homem de
 superior talento, so pode ser levada á
 conta de defeito, é pueril que se lhe
 chamie má qualidade; nelle o orgulho
 era a consciencia do seu valor, da ma-
 nifesta superioridade sobre os poetas
 contemporaneos seus inimigos.

Este sentimento nasceu-lhe da admi-
 ração que des de a infancia o cercara,
 pois que elle mesmo disse:

« Versos balbuciei co'a voz da infancia;
 Vate nasci, fui vate inda na quadra
 Em que o rosto viril, macio e tenro,
 Siuelha o mimo de virginea face. » (1)

Depois, atrevez das duras vicissitu-
 des e provações da vida atribuladissi-
 ma, nunca lhe faltou o applauso e a li-
 sonja que lhe coroavam sempre com ar-
 ruído os triumphos de inegalavel
 repentista.

Os defeitos litterarios que mais acre-
 mente lhe aponta a critica, tanto actual
 como coeva, são a hyperbole e a anti-
 these. Hoje, depois que Victor Hugo
 fez d'esses dois defeitos as principaes
 qualidades, senão unicas, da sua im-
 mensa obra romantica; agora, que o
 auctor dos *Mizeraveis* e da *Legenda dos
 seculos* deixou esses dois defeitos como
 base de um processo litterario, tanto no
 verso como na prosa, a critica honrará
 Bocage nas qualidades d'esses defeitos,
 — dos quaes elle, aliás, não abusou tanto
 como Hugo, — ao menos em attenção á
 circumstancia apreciavel de que o hyper-
 bolic e antithetic auctor do *Hernani*
 e da *Marion* é o maior poeta da
 França de todos os tempos.

Estes defeitos eram em Bocage gera-
 dos da propria indole, do seu tempe-
 ramento artistico. Para elle não havia
 assumptos pequenos. (2) Como depois
 em Victor Hugo, na sua imaginação
 portentosa o sapo fazia-se estrella e a
 aranha formava o sol. O seu talento e
 o seu sentir poetico eram lentes fortis-
 simas que tudo engrandeciam ao seu
 olhar interior. Elle era tão grande na
 expressão epica da o'le 1.^a Ignacio da
 Costa Quintella, como no mellifluo
 soneto

Se é doce no reccate, ameno estio.

D'ahi a hyperbole.

(1) Prologo á traducção das *Plantas*, de
 Castilho.

Deve haver uma variante d'estes versos,
 pois que no vol. 3 do *Parnaso Lusitano*, em
 nota á *Pena de Talião*, são assim transcriptos:
 « Vate nasci; fui vate inda na quadra,
 « Em que o vello viril macio e tenro
 « Semelha o mimo da virginea face.

Parece-nos aqui mais bem expresso o pen-
 samento do poeta.

(2) « De todos os poetas do seculo anterior
 e dos principios do actual, o seu valido (das
 musas), o seu eleito foi Elmano: Dis-eram-
 lhe segredos que os outros não souberam;
 prendaram-no com o *maravilhoso dom de engran-
 decer o assumpto*. R. da Silva, Ob. de Bocage,
 edição de Innocencio F. da Silva, vol. 6, pag.
 370.

Nada via em a natureza que fosse
 mesquinho ou indigno, e as coisas ou
 aspectos relativamente pequenos ser-
 viam-lhe para fundo de qua lhos admi-
 raveis, ou para fazer pela comparação
 o augmento do que já era grande á seus
 olhos.

D'ahi a antithese, que nelle vem a
 ser um desdobramento, uma consequen-
 cia natural da hyperbole.

Na effervescencia dos primeiros
 annos, diz Rebello da Silva, enthusi-
 asta e cantor arrebatado, transportou
 para o verso o natural violento e insof-
 frido, que foi em parte o incentivo dos
 milagres d'aquella ardente phantasia,
 e que era na existencia pratica o cruel
 inimigo do seu socego, e o precipicio
 facil do mais espantoso talento. Olhado
 de cima, e fóra da rigorosa analyse, os
 raios, que despede, cegam e paralisam
 a critica.

« ... Em Bocage ha duas physiono-
 mias, que se distinguem, e dois poetas
 que se contradizem. O repentista e o
 grande auctor. O primeiro altea-se e
 precipita-se, paira sobre as nuvens,
 e arrasa a terra, conforme a vehemen-
 cia da exaltação, e o instantaneo vigor
 do impeto. O segundo, apaixonado e
 magestoso, teve lagrymas para a dor,
 rasgos profundos para o ciúme, sue-
 piro para a ternura, desenho e colorido
 para as paixões ».

« Os defeitos foram os excessos das
 suas qualidades ». (1)

Tal é, em resumo, a opinião do dou-
 tissimo critico sobre Bocage. O que
 espanta é que, dizendo tudo isto e
 muito mais, hesite em dar ao cantor
 sublime da *Medea* o primeiro logar
 entre os poetas da sua epoca! (2)

Nós pensamos que, exceptuado Ca-
 mões, que é o maior poeta dos tempos
 modernos, não ha na litteratura por-
 tugueza poeta comparavel a Bocage.
 E' certo que não escreveu a tragedia
 nem a epopéa, generos pelos quaes
 melhor se mede o folego de um grande
 poeta, principalmente durante o cyclo
 da poesia classica; hoje, porém, vemos
 que para um poeta ser grande e alcan-
 çar a fama universal não é preciso der-
 ramar-se em longos assumptos que
 demandem ainda mais longas compo-
 sições; e mesmo entre os antigos temos,
 além de outros, o eloquentissimo exem-
 plo de Petrarca, celebre pelos seus 297
 sonetos feitos em vida e á morte de
 Laura, e não pelos seus outros poemas
 ou pelas obras philosophicas e sociaes
 que escreveu.

Temos que se é legitima a gloria e a fa-
 ma universal de Petrarca, mais legitima
 é, sem duvida, a gloria de Bocage pelos
 sonetos que escreveu. Rebello da Silva,
 referindo-se á superioridade de Bocage
 neste genero de poesia, chama-lhe o Pe-
 trarca portuguez; Castilho José escreve:
 « Mais poderíamos, para honrar Pe-
 trarca, chama-lo o Bocage italiano, do
 que, para honrar Bocage, designal-o
 pelo Petrarca portuguez. »; Garrett,
 pouco affeiçãoado a Bocage, escreve, com
 referencia ao uosso poeta: « Dos sone-
 tos ha grande copia que não tem equal
 nem em portuguez, nem em lingua
 nenhuma; de uma força, de uma valen-
 tia, de uma perfeição admiravel. (3);
 Rebello da Silva diz: « O soneto, essa
 forma estreita e ardua, ninguém a pos-
 suio como Elmano, e neste genero riva-
 lisa com os primeiros da Europa, sendo
 sem contestação o primeiro entre os
 nossos. » (4).

Castilho José enthusiasinou-se tanto
 pelo soneto bocagiano, que chegou a

(1) R. da Silva.

(2) Obr. cit. pag. 371.

(3) Bosqueja da hist. da Poesia e Liagua
 port. no vol. I do *Parnaso Lusitano*, pag. LVI.

(4) Est. Litt. app. ao vol. VI das *Obras de
 Bocage*, pag. 338.

escrever esta verdadeira hyperbole: «... Bocage, cujos piores sonetos (quasi diriamos) egualam os melhores de Camões!».

Isso não. Camões é o unico poeta que não pôde, mesmo no soneto, ser vencido por Bocage, a não ser no numero. Quem escreveu o *Alma minha gentil*...; quem encerrou em quatorze versos o episodio biblico de Jacob e Rachel — *Sete annos de pastor Jacob servia*; quem trasflorou nesse pequeno poema todo o desespero tremendissimo do capitulo III do livro de Job — *O dia em que eu nasci morra e pereca* — não pôde ser excedido e ainda não foi egualado.

Nem isso é necessario para a gloria de Bocage. Ter Camões por unico rival é titulo de immortalidade que só Elmano alcançou.

Tirante, pois, o genial Camões, não ha em sonetos poeta que se lhe compare. E se todos os criticos estão de accordo em que o soneto é um longo poema, porque havemos de exigir de Bocage mais titulos para o applauso da Pósteridade? Disse Boileau:

«Un sonnet sans défaut vaut seul un long poeme: Mais en vain mille auteurs pensent y arriver; Et cet heureux phénix est encore à trouver»

Deante os sonetos de Bocage Boileau não hesitaria. Estava achada a phenix!

Passemos, portanto, em claro as numerosas poesias que a Manoel Maria serviram de credenciaes para o juizo definitivo da Pósteridade; esqueçamo-nos das inegualaveis cantatas, das formosas canções, das valentes satyras, das suavissimas elegias, dos portentosos idyllios, das soberbas odes — e proclamemo-lo, só pelos seus 375 sonetos (1), sem receio e sem duvidas, o maior genio da poesia portugueza depois de Luiz de Camões.

Muito foi o que nos deixou o poeta; mas, se a morte o não levasse aos quarenta annos, nessa quadra da vida em que o espirito, enriquecido pelo estudo, pelo exame da obra feita e pela experiencia, costuma repousar e recolher-se para, por meio da extrema contensão das suas forças, abalançar-se a trabalhos de vulto, certo que o vate dos idyllios e das cantatas soberbas nos legaria o poema que, segundo a affirmação do seu amigo Pato Moniz, já imaginara e começara.

A critica nada tem que ver com o que o escriptor não fez; mas todos os que têm estudado essa individualidade extraordinaria e singular são acordes em que a obra da plena maturidade intellectual de Bocage seria uma obra prima. Elle mesmo, nas horas do derradeiro desalento, sentia que começava para o seu estro a quadra das supremas aspirações; dil-o num soneto, que nenhum dos seus criticos cita para a confirmação d'esta conjectura, ou antes indução geral:

«Cantor, que a fronte erguia engrinaldada Com vosco, idalias c'róas, myrtho, e rosas, Que vio por mão das tagides formosas; D'aljofares a lyra e d'oiro ornada:

Mente, d'ethereos dons abrilhantada, Que solta em produções, louçans, pomposas, Surgio, voou com azas luminosas Ante o bando, que vae de rojo ao nada:

Estro, opulento do phebéo thezouro (Já dos épicos sons talvez no ensaio) Ouvia sair das trévas triste agouro:

(1) São 375 os sonetos da edição Innocencio, e é igual o numero dos da ed. Th. Braga.

Bocage, porém, devia ter composto muitos mais, e sabe-se mesmo que os compoz. Cremos que, sem receio de errar, se pôde calcular em 500 o numero dos sonetos que escreveu Elmano.

Seu fado o fulminou, bateu-lhe o raio A'sombra tua (ai dôr!) lá mesmo, oh louro! Chora-e, Amores! Tagides, chora-e-o!

Existencia batida por todos os temporaes, minada por todos os desgostos, exacerbada por todas as dôres, pungida por todas as decepções e por todas as injustiças, — a obscenidade foi o seu protesto, como muito bem diz Th. Braga. Mergulhou-se no vicio, mas inundado pela gloria, lisongeadado pela admiração, as suas virtudes supplantaram triumphantemente os seus erros, e o periodo longo da sua molestia, foi a era da contricção, do arrependimento, da regeneração moral. Soube morrer o que viver não soube.

Perdoemos-lhe, pois que, como disse o divino epico florentino

«Un bel morir tutta la vita onora.»

Não nos é possivel dizer aqui a respeito do bardo sadino nem a decima parte do que quizeramos dizer; assim, para rematar com fecho de ouro este rapidissimo e desalinhavado estudo, transcrevemos parte das sublimes palavras de Alexandre Herculano no *Elogio Historico* do amigo de Bocage, Sebastião Xavier Botelho, lido em sessão do Conservatorio Real de Lisboa:

«Na litteratura dos arcades, como nas litteraturas da época de D. João III e da época de Augusto, a poesia tinha sido essencialmente cortezan, aristocratica, activa. Os pastores da *Arcadia* nunca assistiram aos mais sublimes espectáculos do universo, nunca sentiram no coração essas paixões violentas que devoram as existencias. Que sabiam elles dos campos de batalha, das sedições, dos grandes crimes e das virtudes? Elles ignoravam o que são lagrymas de desterro, o que são contentamentos de tornar a ter patria. Odios, fanatismos politicos, ancia de gloria popular, ambições, miserias humanas, não existiam para elles. Os mares e os seus terrores, as solidões profundas das serranias, o ruído das torrentes, o sibilar dos ventos por garras bravias, não imaginavam o que fosse as procillas emfim da natureza, e as mais terriveis ainda do espirito, em que parece delectar-se o poeta d'este seculo grave e triste, — porque o converterdam á melancolia e ao cogitar profundo os seus destinos solemnes, — tudo isso era alheio á suave existencia dos arcades. Sacerdotes, magistrados e servidores do Estado, o seu monte Menalo era uma sala adornada de sedas e razes; a sua lyra ou rabil uma penna muitas vezes doirada; as suas inspirações uma vasta erudicção. Assim os affectos e imagens dos seus poemas vacillavam entre a frieza e trivialidade, e a exaggeração e mentira, porque para elles as paixões e a natureza estavam nos livros. Os livros foram o seu universo.

«Bocage porem não era arcade. Era um homem do povo que alimentava no espirito todas as paixões violentas, e muitas vezes freneticas e desregradas do vulgo; e como o vulgo, ajunctava a feios vicios nobres e generosas virtudes. Era o trovador, que improvisava os seus mais admiraveis versos no meio das multidões, á luz do sol ou dos astros da noite, nas orgias das cidades, nas festas campestres, em todos os logares, a todas as horas. Depois de Camões, Bocage foi o nosso primeiro poeta popular: como Camões foi pobre, foi criminoso, e foi malfadado; adormeceu, como elle, muitas vezes, no balçoar das vagas do oceano, e como elle orvalhou de lagrymas o pão do desterro, e veio morrer na patria sobre a enxerga da miseria. Semelhante ao enfermo do Evangelho, passou pela terra, abandonado, pobre, nu; mas como os antigos romeiros trovadores, animou ou commoveu

os animos das classes não privilegiadas, ás quaes tres seculos tinham feito esquecer que a poesia era tambem e principalmente para ellas.

«Bocage é o typo mais perfeito da sua escola, e de feito devia sê-lo. Ella popularisou a arte, porque poetou principalmente para o povo, e embalou ao mesmo tempo com as melodias da linguagem, com o sonoro do metro, essas almas rudes, mais attentas á harmonia da forma que ao poetico do pensamento.»

Estas bellissimas palavras fazem poderosamente resaltar a physionomia litteraria de Bocage, d'entre os segundos arcades o poeta mais popular, por isso que foi o mais humano, o mais pessoal, o que melhor pintou as paixões tumultuosas e descreveu os variados aspectos da natureza, que elle via nos campos e nos mares, e não estudava nos livros como os frios cantores da bucolica do seu seculo.

FILINTO D'ALMEIDA.

O RETRATO DE BOCAGE

O retrato de Bocage que hoje damos na primeira pagina foi desenhado pelo Sr. Bento Barbosa, um desenhador de largo futuro, e gravado pelo Sr. Alfredo Pinheiro, o artista que entre nós mais tem trabalhado para o desenvolvimento da xilographia.

A estes nossos dois intelligentes e dedicadissimos collaboradores temos que agradecer — e agradecemos profundamente penhorados, — o effizax auxilio que nos têm graciosamente prestado.

A elles devemos as boas paginas artisticas que ultimamente temos dado e ainda o bello retrato que exorna hoje a nossa primeira pagina.

Fique, pois, consignado aqui, no ultimo numero do segundo anno d'*A Semana*, o protesto sincerissimo da nossa gratidão pelos excellentes serviços que nos têm prestado os Srs. Alfredo Pinheiro e Bento Barbosa.

Por causa da modesta commemoração que hoje fazemos de Bocage, tivemos de guardar para o proximo numero varios artigos e noticias que deviam sair neste. O mesmo aconteceu á *Historia dos sete dias*.

A REDACÇÃO

Variedade dos efeitos d'Amor

Nascemos para amar; a humanidade Vae, tarde ou cedo, aos laços da ternura: Tu és doce attractivo, oh formosura, Que encanta, que seduz, que persuade:

Enleia-se por gosto a liberdade; E depois que a paixão na alma se apura, Alguns então lhe chamam desventura, Chamam-lhe alguns então felicidade:

Qual se abysma nas lobregas tristezas, Qual em suaves jubilos discorre, Com esperanças mil na idéa accezas:

Amor ou desfalece, ou pára, ou corre; E, segundo as diversas naturezas, Um porfia, este esquece, aquelle morre.

BOCAGE.

A BOGACE

... no pego impuro das orgias
Mergulhavas, afflicto e descontente,
E, quando á tona vinhas de repente,
Cheias as mãos de perolas trazias:

Tu, que do amor e pelo amor vivias,
E que, como de limpida nascente,
Dos labios e dos olhos a corrente
Dos versos e das lagrymas vertias:

— Mestre querido / viverás, enquanto
Houver quem tracte o magico instrumento,
E preze a lingua que prezavas tanto,

E enquanto houver num ponto do Universo
Quem ame e sóffra, e amor e soffrimento
Saiba cantando traduzir em verso.

OLAVO BILAC.

A VIDA ELEGANTE

Tivemos occasião de assistir domingo
passado a uma *soirée do Progresso de
Catumby*, e folgamos em declarar que a
impressão que de lá trouxemos foi a
mais agradável, tanto nos penhoraram
os inestimaveis obsequios a nós dis-
pensados pelos cavalheiros a quem está
confiada a directoria d'esse attrahente
club.

Fazemos os melhores votos para que
o *Progresso de Catumby* continue a me-
recer como até aqui as nossas sympa-
thias e o gentil acolhimento do bello
sexo.

A Sociedade Recreativa e A. S. José
deu no ultimo sabbado a sua costumada
partida mensal. Com grande affluencia
de convidados prolongaram-se as dan-
ças até á madrugada de domingo, dis-
pensando a gentilissima directoria as
mais cordeas amabilidades a todos
os que ali foram, especialmente aos
representantes da imprensa.

A ella os nossos agradecimentos pelas
distinções com que fomos obsequiados.

LORGNON.

BOGAGE

Essa vida que, errando, em *Lysia* outr'ora,
Viveste, alma de angustias consumida,
Que diversa te foi d'esta outra vida
Que em luz mais bella te avorece agora!

Do atro bulcão que os céos te encheu na aurora
Livre, a *Gloria* irrompeu, vencendo a lida
Mundana, e agora esplende e te convida
A voar, cantando, os seculos em fóra.

Ódio, inveja, calumnia, os mãos, o inferno,
Quanto o genio no mundo nos consome,
Tudo atraz te ficou com as proprias penas;

E do lodo em que andaste ao dia eterno
Chegas, soltando as letras de teu nome
« Em climas de ouro, em regiões amenas. »

ALBERTO DE OLIVEIRA.

JORNAES E REVISTAS

Eis como nos recebeu o *Correio de
Campinas* em seu numero de sabbado:

« *A Semana* — Temos presente o nu-
mero de 15 de Dezembro.

Traz, entre outros, um bello figurino
colorido mostrando as mais modernas
formas de chapéus para senhoras nesta
estação ».

Decididamente esta maneira de rece-
ber-nos é nova, muito nova, novissima!
A Estação, jornal de modas, é que não
ha de gostar nada d'esta recepção, pois
aquellas linhas ficavam-lhe a matar.

S.

TRITÃO

(IDYLLO MARITIMO.)

A' foz do Tejo, em bronca penedia,
Minada pelas ondas salitrosas,
Prisioneiro de amor, Tritão gemia.

Luziam-lhe as espaduas escamosas,
Sustentava o maritimo instrumento,
O buzio atroador, nas mãos callosas:

Conchas da cor do liquido elemento
Parte do corpo enorme lhe vestiam,
Igual na ligeireza ao proprio vento:

Da barba salsas gottas lhe caíam,
E nos olhos, que amor afogueiava,
Em borbotões as lagrymas ferviam.

Lilia, que um bosque proximo habitava,
Lilia, a napeya desdenhosa e bella,
Amorosos clamores lhe arrancava;

Um dia a vio da praia, e só de vel-a
Seu coração feroz enfeitado,
Voou, gemendo, para os olhos d'ella.

Das entranhas do pelago salgado,
Louco de amores, louco de saudades,
O queixoso amador tinha saltado.

Do pae, que ahafa as negras tempestades,
Já seu voraz tormento era sabido,
E das outras equoreas divindades.

De aereas esperanças illudido,
Gran'tempo seu espirito saudoso,
Rastejando a cruel, vagou perdido:

Gran'tempo glórias vans sonhou teimoso,
Antes que desse fructuosa entrada
Ao acre desengano o peito ancioso.

Já pela transparente immensa estrada
No coche rutilante o sol corria
Após a aurora candida e rosada:

Quando, envolto nas sombras da agonia,
Ao vento derramava o deus amante
Taes queixas, que eu, não longe occulto, ouvia:

Lilia! Lilia! ah cruel! ver um instante
Teus olhos garços, tuas louras tranças
Para meu lenitivo era bastante.

Ardo, choro, e não vens, e não te amanças?
Oh céos! talvez nos braços cabelludos
De vil bicorneo satyro descañas!

Fera, peor que os jacarés sanhudos,
Rirás, talvez, com elle, em quanto abalo
Com meus suspiros os penhascos mudos!

Ah! de zelos freneticos estalo,
E doces illusões desvanecendo,
Na desesperação o inferno egualo.

Quantas serpes contém seu bojo horrendo
Vêem cravar-me o lethral, maligno dente
Pelas entranhas que me estão fervendo.

Como te soffre o céo, como consente
Que ultragem teus desdens a prole augusta
Do nunien que maneja azul tridente:

Não ponderas quem sou, barbara injusta!
Se o meu rendido amor te não commove.
Nem meu grande poder sequer te assusta!

No mar á minha voz tudo se move:
Eu aos deuses undivagos intimo
Altos decretos do ceruleo Jove.

De Eólo as furias em tão pouco estimo,
Que até na horrivel, sinuosa gruta
Com cem cadeias os tufões lhe opprimo.

Muge o mar, treme a terra, o ceo se enluta
Apenas, tempestade apragoando,
Este meu buzio concavo, se escuta.

Tambem, se quero, os duros sons lhe ahrando;
E os magos versos do cantor de Thracia
Vou no rijo instrumento arremedando.

E desprezas-me ainda, e tens a audacia
De rejeitares com suberbo enfado
O filho de Neptuno, e de Salacia?

Em que, nympha cruel, te desagrado?
Que te afugenta? As lucidas escamas,
As verdes conchas de que estou forrado?

Pois isto, que, por feio, em mim desamas,
E que te obriga a nunca me escutares,
Gera em mais docil peito ardentes chamas.

Oh quantas vezes sae dos vitreos lares
Só para ver-me Arginia, que em se rindo,
Enfrea os ventos, agrilhóo os mares!

A Doris, á benigna mãe fugindo,
Brando afago me traz no lacteo rosto:
O teu, vaidosa, o teu não é mais lindo!

Mas a esses doces mimos sempre opposto,
Acha meu coração, que foge d'ella,
E vem sacrificar o amor ao gôsto.

Dehalte a triste nympha se desvella
Em finezas e em lagrymas, que tndo
Engeito por amar-te, ó dura! ó bella!

Cum semblante enrugado e carrancudo,
Lhe atalho os ternos ais, e se porfia,
Ou as costas lhe volto, ou fico mudo.

Oh pasmo! Nem Proteu pensar devia,
Que eu por uma campestre semidea
A prole de Nereu desprezaria!

Mas ah! já sinto amor, que me refreia
A petulante voz. Não mais, perdóo
A' desesperação, gentil napea.

Para meus braços amorosos vóo,
Vóo, e verás então, que alegres hymnos
Meu rude buzio, respirando, entóo.

Depois de ouvires os meus sons divinos,
Mergulhando commigo, irás sem medo,
Aos magestosos paços neptuninos:

Lá no seio de um concavo rochedo
Jaz de meu pae a esplendida morada,
D'onde, para te ver, sai tão cedo:

De ouro, e saphyras altamente cobrada,
E de instrosas conchas de mil céos
Com mimoso artificio variada,

Attrairá teus olhos, e os Amores,
Que te acompanham, lograrão, pasmados,
Mais prazer entre as aguas, que entre as flores.

Ali sobre diaphanos estrados,
Oh Lília! a par de Thetis e Amphitrite
Repousarão teus membros delicados.

Em honra tua festival convite
Farei aos patrios deuses: o meu gosto
Nos mesmos immortaes inveja excite:

Meu venerando pae, no solio pôsto,
Com grave riso e placida alegria
A senil ruga alizará no rosto!

Rebros coraes, fulgente pedraria
Te oferecerá nos candidos regaços
A chusma das nereidas á porfia:

Aquella mesma, que em gostosos laços
Pertende unir-me a si, teus olhos vendo,
Conflo, que te aperte entre seus braços:

Tanto poderás! Ah! vem correndo,
Que já seus raios de oiro o sol dardeja
Do ethereo carro, o mundo esclarecendo:

Punge os ethontes, como que deseja
A quêda anticipar nas aguas, onde
De perto, nymphã, tuas graças veja.

Vem, pois, encanto meu, vem, corresponde
Ao fervoroso amor, em que me inflammo;
Sae d'entre a basta selva, que te esconde.

Mas ai, que em vão te rogo, em vão te chamo
Nem fazes caso de meu ser divino
Nem das lagrymas tristes, que derramo:

Peito isensibil, peito diamantado
As maviosas preces da ternura
Não amaciam teu rigor ferino:

Ah! basta de cegueira e de loucura,
Basta de suspirar, paixão funesta:
Quem ha de numa penha achar brandura?

Viboras, que jazeis nessa floresta,
Vingae-me, envenenae c'o tenue dente
A ingrata que me foge, e me detesta:

Sinta rubidas ancias, como sente
Meu triste coração de amor ferido,
Atassalhado de peor serpente...

Mas não: fúrias do inferno, eu vos convido;
Sois mais dignas de mim: de vós se vale
Um deus irado, um deus escarnecido:

Rebentae de vulcão que o mundo abale,
E a peste, que exhalae do peito horrendo,
O ferreo coração de Lília rale.

Calou-se; e do alto escolho á pressa erguendo
O formidavel corpo, inda mais alto,
E as negras mãos frenetico mordendo,

Por entre as ondas se abysmou de um salto.

BOCAGE.

A BOCAGE

Zoilos, tremei! Posteridade, és minha!
Bocage.

Harpa, arrabil, tiorba, lyra, a-vi-ri-ri
Tudo em teus cantos por igual feriste.
Ora alegre, ora altisona, ora triste,
Sorrio-te sempre a divina Camena.

Palpate o fundo abysmo á dor terrena,
Tocaste a gloria póstera, e sentiste
Que, quando á lama o vôo desferiste,
A alma inocua voltára mais serena.

Do tropel das paixões a guerra crua
Sofreste-a, versos desparzindo a esmo,
E foi-te unico allivio o céu da Arte;

Mas hoje, enfim, Posteridade é tua,
Pois que tão grande foste que nem mesmo
A propria Morte conseguiu matar-te.

21 de Dezembro, de 1886.

FILINTO D'ALMEIDA.

THEATROS

PRINCIPE IMPERIAL

O actor Machado deu-nos mais uma edição dos *Sinos de Corneville*, para o que augmentou a sua *troupe* com as atrizes cantoras Irene Manzoni e J. de Kailus.

Manzoni, apesar da enfermidade que já muito tempo a afastou dos nossos palcos, apresentou-se com a sua sempre bella voz de contralto, dominando os *ensembles* e vencendo todas as difficuldades da graciosa partitura de Planquette.

Jeanne de Kailus conduziu muito regularmente o papel de Germana, sendo, porem, para sentir que, na parte musical, a emissão da voz se ressentisse um pouco da falta de exercicios ou, talvez, das conhecidas commoções da estrea.

Machado, com a sua correcta interpretação do papel de Gaspar, a que de ha muito nos habituou, recebeu do publico calorosas demonstrações de apreço ao seu trabalho.

Dominique e Nunes agradaram tambem.

Os coros portaram-se bem; e a orquestra, regida pelo maestro Carvalho, foi merecedora dos mais francos elogios.

Assim, e magnificamente encenada, a conhecida operetta promete fazer uma nova e bella carreira.

RECREIO DRAMATICO

Guardamos para o proximo numero a noticia sobre o *Filho da Noite*, drama representado ante-hontem pela companhia Dias Braga.

Nesta peça reapareceu a distincta actriz Helena Cavalier, que estivera gravemente doente.

P. TALMA

CONJURO A ANARDA

Mimosa, linda Anarda, attende, attende
A's doces magras do rendido Elmano;
Co'um meigo riso, co'um suave engano
Consola o triste amor que não te offende:

De teus cabellos ondeados pende
Meu coração, fiel para seu damno;
Co'a luz dos olhos teus Cupido ufano
Sustenta o puro fogo, em que me accende;

Causa gentil das lagrymas que choro,
A tudo te antepõe minha ternura,
E quanto aqoro o céu, teu rosto adoro:

O golpe, que me deste, amima e cura...
Mas ai! Que em vão suspiro, em vão te imploro:
Não pertence a piedade á formosura.

BOCAGE.

SPORT

Esteve esplendida a 8ª corrida extraordinaria realizada pelo Derby-Club no domingo passado. O programma, como sempre, bem organizado, obteve inscripções dos melhores parceiros; sendo os pareos perfeitamente disputados. Eis o resultado:

No 1º pareo (1.450 metros) *Americana* obteve a victoria em 107 segundos, máu tempo. *Caporal* em 2º, *Peralta* em 3º e *Saltarelle* em 4º. *Baccarat II*, *Jenny*, *Marenge* e *Condor* que desgarrou, chegaram na bagagem. *Chapeco*, *Aldace*, *Guacho* e *Lucifer* não correram.

No 2º pareo (1.000 metros) *Charybdes*, em 66 segundos, venceu os seus competidores, principalmente *Coupon* que chegou em 2º, *tocando em clave de sol...* *Cheapside* em 3º.

No 3º pareo (1.609 metros) *Nicoaf*, em 110 segundos, venceu os seus adversarios. *Druid*, apesar do pezo, podia fazer melhor corrida, pois chegou em 3º logar... *Boyardo* em 2º, *Biscaia* em 4º e *Aymoré* em 5º.

No 4º pareo (1.609 metros) *Monitor*, em 115 segundos, venceu *Odalisca*, que decididamente não pôde vencerlo em tiro algum. *Condor* desgarrou e *Judia* chegou em 3º. *Galgo* e *Flotsam* foram retirados de vespera.

No 5º pareo (2.000 metros) houve renhida luta, de principio a fim, entre *Salvatus* e *Scylla*, que demonstraram exuberantemente ser parceiros superiores, disputando palmo a palmo a victoria que coube a *Salvatus* em 167 segundos, apenas por cabeça. Foi uma bonita corrida e em bom tempo, visto a raia estar pezada, pelas chuvas da vespera. *Coupon* negou a partida. *Boreas* e *Diomedé* vieram em grande bagagem.

No 6º pareo (1.609 metros) *Vampa*, em 117 segundos e facilmente, obteve a victoria. *Villa-Nova* em 2º, *Recife* em 3º e *Orpheu* em 4º. *Baccarat II* não correu.

No 7º pareo (1.609 metros) *Phenicia*, em 113 segundos e com alguma facilidade, obteve a victoria. *Alfredo* em 2º, parecendo-nos animal de futuro (e não o contrario como por engano sahio impreso no *sport* passado). *Paney* em 3º, *Frou-Frou* em 4º. *Olinda*, *Africana* e *Babylone* chegaram nesta ordem. *Castillione* e *Gabier* não correram.

No 8º pareo (1.750 metros) *Boreas*, em 122 segundos, obteve mais uma brilhante victoria, lutando palmo a palmo com *Talisman*, que chegou em 3º e com *Sibylla*, que chegou em 2º. *Regina* che-

gou em 4º lugar. Boreas carregou mais 8 kilos que os seus competidores.

A 9ª corrida extraordinária desta sociedade, e última deste anno, realiza-se no dia 26 do corrente, com um importante programma, perfeitamente organizado e composto de oito pareos inteiramente preenchidos por parceiros superiores. Atendendo ás distancias em que for em ajustados deverão travar porfiada luta, tornando as corridas interessantes.

Desejamos que esta benemerita sociedade, terminando este anno a sua ultima corrida, tenha feliz exito na execução do seu programma e que nos apresente para o anno vindouro corridas importantes como até agora.

L. M. BASTOS

ELMANI TABERNULA

Libemos

Almo, rubro licor, que gera os risos,
E a memoria tenaz de acerbos males
Apaga...

(BOCAGE)

Aqui, nem tenue lagryma a esmeralda

Mitar the turbis mais; nem mais the doa

O estarro com que a inveja lhe enodda

Os louros, que ornata-lhe a cabeça;

Do ideal, que a vasta fronte a veder-lhe escalda.

A sede aqui leuir busque; e a zangria

Beba aos oopos; e exultar e cante a na,

E os odios finalmente esquia.

Censurem-no hamens de propecta edade;

D'eduhê-o a hypocrisia; e, por maldade,

O vulgacha escarinho mofe;

Que importa? se elle ao menos sente

Aqui, bafar-lhe o coração contente,

E o coração contente lhe encha a estrophe.

RAYMUNDO CORREIA.

CORREIO DA GERENCIA

Aos Srs. João Gomes Ribeiro e Ireneu Portugal rogamos o favor de prestarem attenção ao que lhes temos pedido.

Neste escriptorio compram-se exemplares dos ns. 1, 2, 20, 56 e 101 d'A Semana, a 500 rs. cada um.

Sr. L. A. Mader — Capivary. — Para que V. S. fique quite até 31 do corrente mez, precisa mandar-nos mais 18000 réis.

Rogamos aos nossos assignantes de S. Geraldo, aos quaes nos dirigimos ultimamente por carta, o favor de nos responderem com a possivel brevidade.

Idêntico pedido fazemos aos nossos assignantes de Cantagallo.

Aos cavalheiros que, por intermedio dos nossos agentes, nos honzarem com as suas assignaturas, rogamos a fineza de dirigirem suas reclamações á gerencia da folha, quando não a recebam com a pontualidade necessaria.

ANNUNCIOS

Dr. Netto Machado (medico e cirurgião.) Esp. Molestias da pelle e Syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhatina, 31, do meio-dia ás 2 horas.

Dr. João Botelho, medico e operador: moléstias venereas, syphiliticas e das vias urinarias. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicações medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 51, por cima da antiga pharmacia Fragoso, das 12 ás 3 horas.

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRECÇÃO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu género o Café Oriente, da fabrica a vapor de Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25

9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta—annuncio.

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

GAZETA LITTERARIA

Director e Proprietario

ALFREDO DE PAIVA

REVISTA MENSAL.—REDAÇÃO EM PETROPOLIS.

Letras, Sciencias, Artes, Industria, Commercio. Collaborada por distintos escriptores e homens de letras.

O 4º numero sairã em janeiro proximo futuro, constando d'ahi em diante de 8 pag. papel superior, nitida impressão. Serão distribuidos supplementos, gravuras, etc. aos assignantes.

E' correspondente da Gazeta Literaria, em Paris, o Sr. A. d'Oliveira Costa, director do Courrier de Paris e socio da Agence de Publicité Étrangère.

ASSIGNATURAS

50000 por anno — 500 rs. n. avulso

(Pagamento adiantado)

Toda a pessoa que agenciar 10 assignaturas terá direito a uma gratis.

ESTERNATO JOÃO DE DEUS

ENSINO PRIMARIO E SECUNDARIO

60 RUA SETE DE SETEMBRO 60

HORARIO

CURSO PRIMARIO

Leitura, calligraphia, contabilidade, arithmetica pratica, portuguez (2ª classe), francez (2ª classe), inglez (2ª classe), geographia do Brazil, noções de geographia geral, historia do Brazil, geometria elemental, cosmographia, desenho linear e elementos de sciencias naturaes. 9—3

CURSO SECUNDARIO

Portuguez	12—1
Francez	12—1
Inglez	12—1
Latim	9—10
Italiano	9—10
Alemão	11—12
Geographia	1—2
Historia	2—3
Arithmetica	10—11
Algebra	1—3
Geometria	11—12
Rhetorica	7—2
Philosophia	1—2
Trigonometria	3—4
Curso annexo	2—3
Sciencias naturaes	3—4

As aulas re-abrem-se no dia 8 de Janeiro.

O secretario,

Alfredo Coutinho

A NACIONAL

CARLOS MORAES & C

66, RUA DA URUGUAYANA, 66

Grande fabrica de luvas de pellica, pelle de suêde, camurça, de fantasia e de seda.

EXECUTA-SE QUALQUER ENCOMENDA EM DUAS HORAS

RIO DE JANEIRO

Exm. - Sr. D. Josephina Sarmento. Campinas

DERBY-CLUB

PROGRAMMA DA 9ª CORRIDA EXTRAORDINARIA A REALIZAR-SE EM 26 DE DEZEMBRO DE 1880

(ULTIMA D'ESTE ANNO)

AO MEIO-DIA EM PONTO

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PEÑO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIO
A's 12 1/4 horas - 1º pareo - SEIS DE MARÇO - 1.450 metros - Animaes do paiz até meio sangue que não tenham ganho no Derby - Premios: 400\$ ao primeiro, 80\$ ao segundo e 40\$ ao terceiro.							
1	Caporal.....	Alazão tost...	4 annos	S. Paulo.....	52 kilos	Verde, branco e encarnado..	Coudelaria Excelstor
2	Aldace.....	Douradilho..	4 »	Idem.....	50 »	Azul marinho e ouro.....	J. IV.
3	Marengo.....	Vermelho....	6 »	Idem.....	54 »	Vermelho.....	Coudelaria Mirim.
4	Sartarelle.....	Preto.....	5 »	Paraná.....	51 »	Géranium e ouro.....	J. W.
5	Condor.....	Castanho....	3 »	S. Paulo.....	49 »	Azul, branco e encarnado..	Coud. Cruzeiro.
6	Chapécó.....	Vermelho....	3 »	Paraná.....	49 »	Branco e estrellas azues....	Coud. Guanabara.
7	Jenny.....	Idem.....	4 »	S. Paulo.....	50 »	Vermelho e bonét preto.....	J. Lemos.
8	Morena.....	Castanho....	4 »	Paraná.....	50 »	Verde e ouro.....	J. L. da Costa.
9	Lucifer.....	Vermelho....	5 »	S. Paulo.....	51 »	Azul e palha.....	J. L.
10	Pretoria.....	Libuno.....	6 »	Idem.....	52 »	Azul e havana.....	A. C.
11	Pirata.....	Tordilho....	4 »	R. de Janeiro.	52 »	Azul e branco.....	Coud. Nitheroyense.
A's 12 3/4 horas - 2º pareo - VELOCIDADE - 1.000 metros - Animaes do paiz até meio sangue - Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.							
1	Druid.....	Tordilho....	4 annos	R. de Janeiro.	54 kilos	Branco e boné encarnado..	Oliv. Junior & Lopes
2	Vampa.....	Zaino.....	4 »	Rio Grande..	54 »	Grénat e manchas azues....	Coudelaria Paraiso.
3	Nicoafy.....	Castanho....	4 »	Paraná.....	54 »	Encarnado e azul.....	Coud. Oriental.
4	Intima.....	Idem.....	5 »	S. Paulo.....	55 »	Grénat e lirio.....	Mario de Almeida.
5	Aymoré.....	Idem.....	6 »	Idem.....	60 »	Encarnado e preto.....	Coud. Rio de Janeiro.
6	Villa-Nova.....	Zaino.....	4 »	Paraná.....	53 »	Azul, branco e amarello..	Coud. Esperança.
7	Boyardo.....	Alazão.....	5 »	S. Paulo.....	56 »	Branco e estrellas azues..	Coud. Guanabara.
8	Biscaia.....	Alazão tost..	4 »	Idem.....	57 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
9	Dinorah.....	Castanho....	4 »	R. de Janeiro.	53 »	Grénat e lirio	F. S. V.
A' 1 3/4 hora - 3º pareo - LEMGRUBER - 1.450 metros - Inteiros e eguas de qualquer paiz que não tenham ganho os pareos RIO DE JANEIRO e COSMOS - Premios: 500\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.							
1	Regina.....	Douradilho..	4 annos	S. Paulo.....	50 kilos	Grénat e manchas azues....	Coudelaria Paraiso.
2	Peruana.....	Zaino.....	3 »	Inglaterra...	52 »	Azul, branco e grénat.....	S. M.
3	Catita.....	Castanho....	3 »	Idem.....	53 »	Azul e amarello.....	J. Rocha.
4	Cheapside.....	Alazão.....	3 »	Inglaterra...	53 »	Idem.....	F. Guimarães.
5	Dr. Jenner.....	Zaino.....	4 »	Rio da Prata.	56 »	Encarnado branco e ouro..	Coud. Paulista.
A's 2 1/2 horas - 4º pareo - EXTRA - 1.450 metros - Poldros e poldras estrangeiros de 2 annos - Premios: 500\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo, 60\$ ao terceiro							
1	Daybreak.....	Castanho....	2 annos	Inglaterra...	45 kilos	Azul, ouro e branco.....	Julio O. C. Vieira.
2	Pancy.....	Zaino.....	2 »	Rio da Prata.	45 »	Cereja, verde e amarello....	V. M.
3	Phentria.....	Alazão.....	2 »	Inglaterra...	45 »	Encarnado e mangas azues.	Coud. Brasileira.
4	Diana.....	Idem.....	2 »	França.....	43 »	Grénat e bonét ouro.....	Arthur Aguiar.
5	Alfredo.....	Castanho....	2 »	Idem.....	45 »	Azul e preto.....	Coud. Bocaina.
A's 3 1/4 horas - 5º pareo - DERBY-CLUB (HANDICAP) - 1.609 metros - Inteiros e eguas do paiz - Premios: 1:000\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.							
1	Nicoafy.....	Castanho....	4 annos	Paraná.....	45 kilos	Azul e encarnado.....	Coudelaria Oriental.
2	Boreas.....	Idem.....	5 »	S. Paulo.....	61 »	Encarnado e preto.....	Coud. Rio de Janeiro.
3	Talisman.....	Alazão.....	5 »	Idem.....	51 »	Azul, branco e encarnado..	Coud. Cruzeiro.
4	Sybilla.....	Zaino.....	4 »	Idem.....	52 »	Idem, idem, idem e faixa...	Idem idem.
A's 4 horas - 6º pareo - EXCELSIOR - 1.750 metros - Poldros e poldras nacionaes de 3 annos. - Premios: 1:200\$ ao primeiro, 250\$ ao segundo e 120\$ ao terceiro.							
1	Odalisca.....	Pampa.....	3 annos	S. Paulo.....	47 kilos	Verde, branco e encarnado.	Coud. Excelsior.
2	Flotsam.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	49 »	Vermelho.....	Coudelaria Mirim.
3	Dandy.....	Vermelho....	3 »	Idem.....	51 »	Ouro e verde.....	F. Vianna.
4	Monitor.....	Castanho....	3 »	Idem.....	49 »	Azul, branco e encarnado..	Coud. Cruzeiro.
5	Plutus.....	Idem.....	3 »	Idem.....	51 »	Idem idem idem e faixa...	Idem idem.
6	Galgo.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	49 »	Idem idem e grénat.....	S. M.
A's 4 3/4 horas - 7º pareo - COSMOS - 1.609 metros - Inteiros e eguas de qualquer paiz - Premios: 1:000\$ ao primeiro, 250\$ ao segundo e 120\$ ao terceiro.							
1	Dio mede.....	Zaino.....	3 annos	França.....	49 kilos	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes
2	Caribdes.....	Castanho....	3 »	Inglaterra...	47 »	Encarnado e preto.....	Coud. Rio de Janeiro.
3	Scylla.....	Idem.....	3 »	Idem.....	47 »	Preto e encarnado.....	Idem idem.
4	Salvatus.....	Alazão.....	3 »	França.....	49 »	Azul, branco e encarnado..	Coud. Cruzeiro.
5	Coupon.....	Castanho....	7 »	Idem.....	53 »	Idem idem e faixa.....	Idem idem.
A's 5 1/2 horas - 8º pareo - DR. FRONTIN - 1.450 metros - Poldros e Poldras nacionaes que não tenham ganho no Derby - Premios: 400\$ ao primeiro, 80\$ ao segundo e 40\$ ao terceiro.							
1	Famalicão.....	Castanho....	3 annos	R. de Janeiro.	49 kilos	Azul e amarello.....	Ernesto Ascoly.
2	Condor.....	Idem.....	3 »	S. Paulo.....	49 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
3	Chapécó.....	Vermelho....	3 »	Paraná.....	49 »	Azul e branco.....	Coud. Guanabara.
4	Attila.....	Castanho....	3 »	Idem.....	49 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.

A. CEZAR LOPES, 2º secretario.





